TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Dunquerque do Mediterrâneo . . «*Retreat to Victory*» 1
A alma pode tornar o corpo doente . . . . *Your Life* 6
O Mouro e a cascata . . . . «*Terre des Hommes*» 9
Campanha anti-submarina no Atlântico *por W. L. White* 11
Rádio-enigmas do mês 17
Verão os seus olhos a mesma imagem? . *Cosmopolitan* 18
Prisioneiro da Amazônia . . . . . *Cosmopolitan* 22
Aproveite a minha experiência . . *por Alfred E. Lyon* 27
O instinto sexual como arma de guerra . *por G. Herald* 29
Anton, o amigo de todo mundo . . . *por Stefan Zweig* 32
Na vanguarda da Cirurgia . . *por Lois Mattox Miller* 35
Conversa fiada de terra e mar 39
Cuidado com os consertos do automovel *por R. W. Riis* 41
Você é bom fisionomista? 46
O urgente assalto aéreo à Alemanha . . *por W. B. Ziff* 47
O avião de guerra de 1943 . . . . *por Ralph Wallace* 53
Um cadaver à mesa . . . . . *Saturday Review* 59
Podemos ensinar os meninos a viver 63
O fraco que se fez forte . . . . . *New Yorker* 65
Como frutifica a imaginação . . . . . *Harper's* 69
Já conheço o gosto da vingança . . . . . *Collier's* 72
Progressos na luta contra a paralisia infantil
I—Nova luz sobre a sua propagação . . «*Hygeia*» 76
II—A Irmã Kenny triunfa . *por Lois Mattox Miller* 79
Anatomia da coragem . . . . . *Scribner's* 83
Walt Disney, o pai do Camondongo . . . *This Week* 86
Quantos anos viverá o senhor? . . *American Mercury* 90

Seção de Livros
Sabotagem! A guerra secreta *por M. Sayers e A. E. Kahn* 93
O homem que matou Lincoln *por P. V. D. Stern* 109

JANEIRO DE 1943

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de 2$000. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de 20$000 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Miguel A. Citro & Filhos, Praça João Lisboa, 195, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Veloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luís Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre Octavio Sagebin, Rua, 7 de Setembro, 805, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo III, No. 12 — [*Marca Registrada* *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Janeiro de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Gerente Geral: A. L. Cole. *Subgerentes:* Marvin McCord Lowes, Roberto C. Sánchez, Fred D. Thompson, Jr.

Gerente Geral das edições internacionais: Barclay Acheson

Copyright 1942 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos de Autor. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMDPDLH 1893

JANEIRO de 1943

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III — No. 12

Dunquerque do Mediterrâneo

(Condensado de «Retreat to Victory»)

Por Allan A. Michie

O autor achava-se em Alexandria durante a evacuação de Creta, e acompanhou depois os evacuados aos seus acampamentos de repouso. Assim, pôde ouvir dos mesmos, em primeira mão, a fiel narrativa da famosa batalha.

REALIZADA a evacuação da Grécia, o Alto Comando Britânico tinha que resolver sem demora quanto à defesa de Creta. Podia tê-la abandonado a Hitler, sem dar um tiro, e salvando milhares de vidas. Mas preferiu combater, e forçoso é reconhecer que a batalha de Creta se tornou um episódio vital, na grande ação de retardamento com que, desde Dunquerque, os ingleses vinham detendo o passo do inimigo. A marcha dos nazistas para a Índia, no verão de 1941, ficou prejudicada; e o seu ataque, em junho, contra a Rússia, se teria lançado mais a tempo, caso houvesse ocorrido sem luta a ocupação da ilha.

A resistência britânica enfraqueceu a *Luftwaffe* justamente no momento em que a produção de aviões, inglesa e americana, alcançava o nivel da alemã. Para vencer, Hitler viu-se obrigado a não poupar esforços, e o certo é que, finda a campanha, Creta parecia um cemitério da aviação nazista, com uns 200 bombardeiros e aviões de combate postos abaixo, e cerca de 250 aeroplanos de transporte de tropa igualmente destruidos.

Mais de 17 mil nazistas foram mortos ou feridos; vinte e cinco por cento, pelo menos, dos paraquedistas mais treinados com que contava o nazismo, pereceram na ação. A Primeira Divisão de paraquedistas, aliás ao tempo a única do exército alemão, ficou tão sacrificada, que não pôde tomar parte nas operações da Rússia senão em fins de setembro, quando atacou, sem resultado, a Criméia.

Sem embargo, Creta ficou sendo o caso mais expressivo que a atual guerra até então revelou, de superioridade ou predomínio da aviação sobre a marinha, da força aérea em face à naval. As perdas dos ingleses e seus aliados foram das mais severas: cerca de 15 mil mortos, feridos, ou deixados na ilha, vale dizer quase 50 por cento do total da força, enquanto, na evacuação de Dunquerque, se perderam apenas 12, e na da Grécia 25 por cento. A tonelagem britânica perdida ao largo de Creta foi doze vezes a que se perdeu na evacuação da Grécia: quatro cruzadores e seis destróieres foram postos a pique.

Os ingleses pouco se haviam preparado para a defesa da ilha. Nada mais do que três batalhões—2.400 homens, aproximadamente—lá estacionavam; e, desde que se não podia dispor de canhões anti-aéreos e aviões, para defender devidamente os três aeródromos já existentes, a construção de novas bases aéreas só viria facilitar ao inimigo as suas operações de desembarque.

Com a evacuação da Grécia, tinham-se transferido para Creta cerca de 32 mil homens. O comando da defesa—já de antemão condenada—foi atribuido ao major general Bernard Cyril Freyberg, de 52 anos de idade, e herói veterano da primeira guerra, que havia sido, aos 27 anos, o mais jovem general de brigada do exército britânico.

Às tropas de Freyberg, como ao seu chefe, não faltavam têmpera e ânimo. Dispunham de muito pouco; quase não tinham equipamento pesado: alguns tanques ligeiros, e um punhado de canhões 75, tomados aos italianos. Até às vésperas do ataque, havia ainda 400 homens que nem carabinas tinham.

Ao tempo da batalha de Creta, a Real Força Aérea contaria, no muito, no Proximo Oriente, com uns 50 aviões de combate, capazes de entrar em ação. No dia propriamente da invasão, não havia em Creta um só avião inglês que saisse ao encontro dos nazistas. Aliás, sem apoio anti-aéreo, os que porventura houvesse, estariam de fato ao desamparo. Durante a batalha, alguns aviões de combate foram mandados do Egito, que era a base mais próxima, para proteger a evacuação. Chegaram com gasolina apenas suficiente para 10 minutos de vôo. Não havia viagem de volta. Os pilotos tinham instruções para combater até que se acabasse o combustivel, e depois descer em para-quedas, e aguardar a captura. Os mais felizes conseguiram cair no mar nas proximidades de navios ingleses, de modo que puderam ser pescados e retomar a luta.

A invasão teve começo com um *blitz* que deflagrou ao alvorecer de 20 de maio. Um estrondo, sempre crescente, encheu os ares. Uma grande mancha, cada vez maior, estendia-se pelo céu. Era a frota aérea alemã. Rapidamente desceram, tão certos estavam de que encontrariam pequena resistência. Primeiro, da altura de uns 600 metros, os grandes bombardeiros, Dorniers e Heinkels, vomitaram suas bombas. Na esteira deles apareceram os Stukas, bombardeando em mergulho, próximo de terra. Depois, onda sobre onda de Messerschmitts; baixaram até quase roçar nas oliveiras, fazendo cair sobre tudo, indiscriminadamente, o fogo de seus canhões e metralhadoras.

A cena se repetia, como se não tivesse fim: primeiro bombardeiros, em seguida bombardeiros de mergulho, e por último, aviões de combate. As tropas aliadas, metidas nas trincheiras, mantinham-se agarradas à terra. Nada podiam fazer.

Durou a rajada uma hora. Seguiu-se como que uma trégua. Mas logo atroou os ouvidos um novo barulho. Era o ruido dos motores de imensos aviões de transporte—Junkers e Focke-Wulfs—que, chegando a certa altura, abriam as suas portas, e despejavam as cargas que traziam. De cada avião, desciam 30 atacantes, em para quedas que chegavam a terra em 25 segundos, mais ou menos. Atrás e acima destes, outros tantos ondeavam suspensos de grandes canastras que, vistas no ar, a descer, pareciam balões de brinquedo, aliás em profusão.

Atrás dos aparelhos de transporte, vinham, rebocados do continente, planadores negros, que eram deixados perto da costa—alguns equipados de motores externos, que os levavam até a praia, outros que vogavam, em silêncio, conduzidos pelo vento a colinas do litoral, ou mantendo-se, como podiam, nas praias.

As forças inglesas estavam prontas, e à espera. Nas proximidades de Canéia, desembarcaram, em alguns minutos, cerca de 3 mil paraquedistas nazistas. Antes que os seus pés tocassem a terra vermelha de Creta, muitos deles estavam mortos. Soldados da Nova Zelândia, ageis como meninos a matar passarinhos com bodoques, esgueiravam-se entre as árvores, atirando com vantagem. À tarde, veio outra onda de paraquedistas, mas, ao fim daquele dia, cerca de 80 por cento dos nazistas que ousaram descer em Creta estavam mortos, feridos, ou presos.

Todavia, perto do aeródromo de Malemi, várias centenas de alemães conseguiram entrincheirar-se num leito de rio seco, apoiados nos morteiros e metralhadoras, que trouxeram nos seus aviões. Os ingleses, não tendo como trazer os seus canhões de campo, afim de utilizá-los no local, em vão se esforçaram por desalojá-los. Resultou que os paraquedistas, assim entrincheirados, e aos quais vieram juntar-se mais algumas centenas, que desceram com precisão no dito leito de rio, puderam guardar em seu poder o aeródromo, o tempo bastante para o desembarque de milhares de homens, vindos igualmente em aviões.

Por volta dos 12 horas daquele primeiro dia, estabeleceram os alemães os seus quartéis-generais na prisão de Creta e no hospital, em barracas, que havia nos arredores de Canéia. De acordo com o que informaram nazistas capturados, os paraquedistas tinham instruções para fazer do hospital o seu primeiro objetivo, sendo o mesmo indicado no mapa como «acampamento britânico». Ou o serviço de reconhecimento alemão deixou de consignar as grandes cruzes vermelhas que assinalavam as barracas, ou os nazistas suspeitaram de que os ingleses utilizavam o hospital para nele ocultar forças armadas.

Logo no início do ataque, circulou entre os ingleses que os paraquedistas alemães, para estabelecer a confusão, usavam uniformes britânicos. A realidade dos fatos, conforme esclareceram três soldados envolvidos nos mesmos, é que os nazistas, receando que os neozelandeses atacassem o hospital, puseram na frente os feridos ingleses, e assim marcharam para um lugarejo, no alto, onde pretendiam reunir-se a novos paraquedistas, que alí deveriam chegar. Protegidos assim pelos feridos, puderam avançar algumas centenas de metros, através dos bosques de oliva, até que as patrulhas de infantaria, gente, com efeito, da Nova Zelândia, começaram

a perseguí-los. Os feridos ingleses, sob o risco de receber, dos nazistas em agitação, um tiro pelas costas, entraram a ajudar os atacantes, dando-lhes conselhos oportunos: «Cuidado! Jerry (nome genérico dado aos alemães) pode ver você, de lá.» «Meta-se por detrás daquele morro.»

Os franco-atiradores da Nova Zelândia foram dando cabo dos *jerries*, dos quais somente escaparam os que, não pouco assustados, apelaram para as pernas, voltando, a correr, para a área do hospital.

A invasão no segundo dia foi em maior escala, e soberbamente preparada, em todas as minúcias. Cada paraquedista conduzia, desde fuzil metralhadora e granadas de mão, até equipamentos especiais, como fossem duas pequenas latas amarradas ao peito, contendo vitaminas e medicamentos estimulantes, blocos de papel e lapis, paus de chocolate, papel higiênico, e preventivos contra a contaminação por doenças venéreas. Os nazistas, visivelmente, vinham dispostos a permanecer. Ordens e instruções apreendidas continham referências explícitas à quinta coluna local: «Elementos da quinta-coluna, dos quais alguns são naturais de Creta, se darão a conhecer às tropas alemãs pela senha *Major Brock*.»

Os para quedas eram de diferentes cores. O do oficial inferior a cargo de cada grupo era em geral de quadros brancos e pardos, em xadrez, e os soldados, uma vez desembarcados, procuravam ir ao seu encontro, no ponto em que houvesse descido. Os que conduziam munições eram vermelhos; cor de rosa e azul e branco, respectivamente, os que transportavam material médico e gêneros alimentícios. Assim por diante. As forças paraquedistas, que precisavam de mais provisões de um determinado carater, estendiam no chão, como sinal, para quedas da cor indicativa do suprimento que se reclamava, e este vinha do ar, sem demora. Um destacamento neozelandês apreendeu o código de sinais, caido de um para quedas, e usando convenientemente do mesmo, recebeu, em recompensa, uma chuva de rádios, munições e artigos médicos.

Na maior parte da ilha, os paraquedistas, no segundo dia, foram dominados tão rapidamente como no primeiro. Entretanto, os de Malemi lograram avançar a posições que envolviam todo o aeródromo. Aviões transportando tropas começaram então a chegar. Dúzias deles escangalharam-se de encontro à praia que formava um lado do aeródromo, ou ao cair no próprio aeródromo. Não ligavam, porem, os nazistas, maior importância às perdas de homens ou material. Avião após avião descia, deixava em terra a sua carga, e, envolto numa nuvem de pó, tornava a subir, não raro levando a bordo feridos alemães. Ao anoitecer, já eram muitos milhares os soldados do Reich, que mantinham, através da extrema oriental do aeródromo, uma linha de cinco a seis quilômetros de profundidade.

Àquela noite, os observadores, das margens, tiveram ensejo de presenciar o impressionante espetáculo da esquadra inglesa em ação. Poderosos holofotes dos navios de guerra britânicos varriam a esteira das águas, à procura de um grande número de caiques e outros pequenos navios gregos de navegação costeira, que deviam constituir, ao que colhera o serviço de informações da marinha britânica, uma frota alemã de invasão. Em seguida, grandes canhões abriram fogo, e bombas incendiárias cruzaram o espaço como uma enfiada de candentes bolas rubras. Tanto que os holofotes descobriam navios alemães, os canhões voltavam a falar. Finalmente, as luzes banharam o mar num pleno círculo: nada, já agora, restava, senão dois navios a arder, um dos quais rebentava intermitentemente numa série de explosões.

Na manhã imediata, não havia no mar tranquilo nenhum sinal de vida. Duvido muito que, dos 5 mil, que a tanto se regista haver montado o efetivo dos invasores, tenha escapado maior quantidade do que apenas algumas dezenas.

Pela madrugada do terceiro dia, os ingleses contra-atacaram em Malemi. Os alemães tinham-se instalado em casas, e os neozelandeses aproximaram-se, armados de baionetas, canhões Bren e granadas. Com eles iam cretenses, que desenvolviam a sua carga por entre gritos enfurecidos e pavorosos de guerra. Muitos nazistas abandonaram as armas, e procuraram fugir. Alguns se esconderam debaixo das camas, e pediram misericórdia, ao ser descobertos.

Com uma tenacidade de ferro, os homens da Nova Zelândia foram tomando as casas uma a uma, até que entraram na posse de toda a localidade. Eis, porem, que se fez dia, e, com o sol, não tardaram a chegar os aviões alemães. Stukas, em grande número, martelaram os defensores com o mais intenso e vivo fogo aéreo que a ilha havia sofrido até então. À tarde, aviões de transporte—um, de três em três minutos—despejavam tropa em Malemi. Desembarcaram, nestas condições, cerca de 35 mil homens. Os nazistas abriram fogo com os morteiros de 5 e 6 polegadas, talvez a sua arma de maior eficiência; enquanto, dos seus aviões, lançavam pequenas e terriveis bombas de fragmentação, cujos efeitos se faziam sentir por uma larga área. Os defensores da ilha abrigavam-se como lhes permitiam as circunstâncias—no meio das oliveiras, em baixo dos carvalhos, nas rasas valas à beira das estradas.

Os alemães tinham tempo e aviões de sobra para bombardear a torto e a direito. Tudo o que se movia—homens, mulheres, crianças, cabras, carneiros—tudo foi varrido a metralhadora, até que cessasse de mover-se. Os três principais centros urbanos de Creta—Canéia, Cândia e Retimon—sofreram um bombardeio praticado com precisão matemática, por todos os lados e diagonalmente, de modo a não ficar pedra sobre pedra.

Após doze dias da maior peleja braço a braço que a guerra testemunhara, teve começo a evacuação. Tropas inglesas, neozelandesas, e naturais do lugar, entraram a galgar os montes em busca do sul da ilha e dos navios britânicos. Dias seguidos, ajudaram-se uns aos outros da melhor maneira possivel, volvendo-se uns para dar luta aos *jerries*, enquanto outros iam ganhando distância. Serras a subir e a descer; gargantas ásperas a atravessar. A princípio, ainda havia uma pilhéria, uma cantiga, ou um comentário oportuno, a amenizar as agruras; mas, depois, o silêncio da fadiga, que vinha chegando ao extremo. Para o fim, talvez por causa das perdas, o ataque aéreo alemão arrefeceu.

Na noite de 19 de junho, os retirantes, exhaustos, eram recebidos a bordo de destróieres ingleses, ancorados na pequena baía de Sphakia. Quando a última pequena embarcação deixou a praia, centenas, quiçá milhares de soldados

aliados combatiam ainda nas colinas, alguns como uma retaguarda voluntária, outros que nem sequer tinham notícia da ordem de retirada.

À data em que escrevo estas linhas, ainda bravos soldados, aos quais se unem camponeses fiéis, mantêm-se ocultos, durante o dia, nas serras, para à noite dedicar-se a obras de sabotagem contra os alemães e os italianos. Os ingleses no Oriente Médio não deixam porventura ao abandono esse núcleo de resistência. Frequentemente, na escuridão da noite, submarinos e hidroplanos britânicos vão ter àquelas costas, para evacuar mais alguns, e levar, ao mesmo tempo que provisões, sabotadores treinados.

A alma pode tornar o corpo doente

(Condensado de «Your Life»)

Por Elsie McCormick

Graças a pesquisas recentes, as Escolas Médicas estão ensinando aos alunos como descobrir e evitar estados mentais que causem doenças orgânicas.

HÁ mais de dez anos que um grupo de médicos notáveis vêm investigando a estranha influência que o estado de espírito exerce sobre o organismo. Chegaram eles a resultados mais concludentes do que se poderia ter suspeitado, isto é, verificaram que as condições mentais podem ter influência nas funções físicas normais, diminuindo nossa resistência à infeção, e, mais importante ainda, podendo causar transtornos físicos em orgãos vitais. O dr. Flanders Dunbar e seus colaboradores estudaram, no Hospital Presbiteriano de Nova York, 1.500 pacientes que sofriam duma extensa variedade de doenças. Em mais de metade dos casos, o substrato da doença era uma causa emocional.

No Hospital Johns Hopkins, o dr. G. Canby Robinson examinou cincoenta indivíduos que se queixavam de náuseas ou de dores no estômago; em seis casos, apenas, encontrou ele causa física que explicasse os sintomas. Os restantes eram casos de indivíduos que «adoeciam de apoquentação». Num dos pacientes os sintomas tinham começado anos antes, no dia em que perdera o emprego. Uma senhora confessou que os seus sintomas apareceram depois de ter ouvido uma palestra pelo rádio, acerca do cancer do estômago. Poucas doenças podem mostrar, mais do que as úlceras do estômago, a estreita correlação que existe entre o psíquico e o somático. (1)

No Hospital de Nova York, o dr. Harold Wolff examinou 205 pacientes para ver como os estados emocionais

(1) Vd. *Cura mental da úlcera gástrica*, em Seleções de novembro de 1942.

influiam na produção de ácido clorídrico, o qual agrava as úlceras do estômago. Durante o exame conduzia ele a conversa para assuntos que julgava suscetiveis de causar preocupações. A quantidade de ácido aumentava quando se discutiam falencia comercial ou carreiras fracassadas. Chegou mesmo a duplicar, num caso em que a matéria ventilada foi a infelicidade doméstica.

Um estudo das colites muco-membranosas, realizado no Hospital Geral de Massachúsetes, mostrou que 92% dessas doenças são produzidos por preocupações. Um doente sofrera de ataques diários de colite, durante dois meses, quando ia para o trabalho. Ao ser-lhe tomada a história clínica, explicou que o seu gerente, um camarada, tinha sido substituido dois meses antes por outro, um ranzinza. Mudando de emprego, curou-se o paciente. Uma enfermeira que sofria de severa colite membranosa curou-se no dia em que o seu casamento com um rapaz de religião diferente acabou por merecer o perdão da família.

De há muito se sabe que num indivíduo encolerizado se eleva extraordinariamente a pressão arterial. Agora suspeitam os médicos que um acesso de cólera incubada é responsavel pelo estado de hipertensão crônica, de «hipertensão essencial» uma forma de elevação da tensão que não tem causa física aparente. Compreenderemos a importância dessa descoberta, quando nos lembrarmos da quantidade de mortes de indivíduos de mais de 50 anos, devidas a distúrbios decorrentes de elevação da pressão arterial.

Nos últimos anos, pesquisadores vêm estudando centenas de casos crônicos de hipertensão arterial, e apuraram que todos eles apresentam o mesmo caracter. Os pacientes, aparentemente, mostram-se calmos, mas, debaixo daquela máscara, oculta-se a agitação. Quando ensinados a dominá-la, a pressão sanguínea cai logo, como que por encanto.

Um sujeitinho mirrado, que fazia parte duma associação operária briguenta, apenas sofria de hipertensão durante o período em que não havia greves. No momento em que a greve se declarava, assim lhe era permitido dar pasto à sua ira, insultando os furagreves, a sua pressão sanguínea voltava à normalidade.

Estudiosos interessados no assunto verificaram que a tuberculose nos indivíduos nervosos tem curso mais rápido do que nas pessoas de ânimo tranquilo; que muitos casos de diabéticos são constituidos de indivíduos que sofreram abalos morais; que os ataques de artritismo acompanham paralelamente as preocupações que surgem na vida do paciente; que as contrariedades aceleram a cárie dentária. Há outras doenças a ser estudadas sob esse ponto de vista. Mas já se conhece muita coisa que permite aliviar tanto sofrimento desnecessário.

O dr. Dunbar e seus colaboradores trataram 121 doentes do coração, e passaram de 1 a 36 horas a examiná-los, investigando as suas preocupações, e mostrando-lhes quais os meios de vida que lhes trariam tranquilidade. As lesões que já existiam no coração não podiam desaparecer, mas em quase todos os casos os sintomas dolorosos foram aliviados e a história dos pacientes, seguida durante anos, não revelou reprodução dos ataques.

Pesquisa recente mostrou que os estados de preocupação e sublimação dos indivíduos são tão importantes quanto

as análises químicas e exames de raios X. As Escolas Médicas modernas dão cursos intensivos sobre o estado mental nas suas relações com as doenças, e uma nova medicina chamada «psico-somática» (do grego «mente» e «corpo») vem sendo praticada. Algumas vezes o conflito emocional tem raizes tão profundas, que o doente deve ser tratado por um psiquiatra. Mas um clínico com conhecimentos «psico-somáticos» logo descobre o ponto fraco, ainda quando o paciente cuidadosamente o esconda. O médico deve ser atento e cuidadoso. Não lhe é estranho que a maioria das pessoas tende a ocultar suas preocupações nos recônditos do espírito. Sabe que, se não dermos expressão conciente ao que nos vai no íntimo, o nosso organismo o exprimirá em termos materiais, de sofrimento físico. Trazendo à tona o mistério, poderá aliviar-nos, antes que a lesão se tenha declarado nos nossos orgãos vitais.

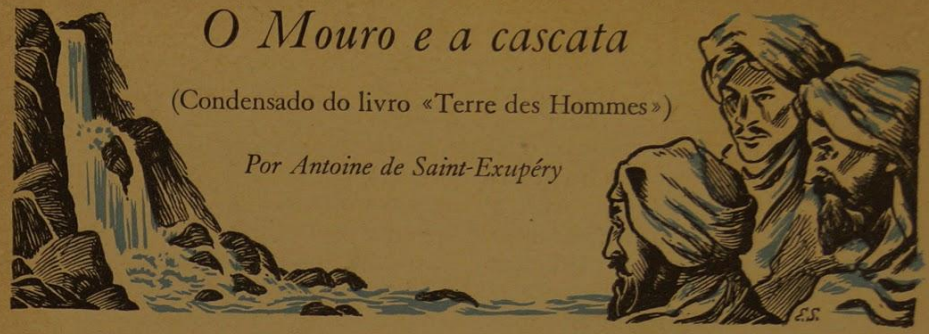
Naturalmente, há problemas que não podem ser resolvidos pela medicina psico-somática. Inúmeras doenças não são causadas por estados mentais. Por outro lado, algumas dificuldades, de natureza física ou econômica, nem sempre são faceis de remover; em tais casos, o médico moderno auxilia seu cliente a encarar o problema de frente, tratando de buscar compensações para o que não puder ser corrigido. Quando paramos de lutar contra o inevitavel, libertamos reservas de energia que nos habilitam a criar uma vida mais rica, ainda quando nos encontremos em más condições de saude.

Jovens médicos nos dias que correm são capazes de atuar em casos diante dos quais a velha escola se revelaria impotente. Depois que médicos à antiga não haviam podido curar uma garotinha que estava a sofrer de vômitos persistentes, foi consultado um joven médico, recentemente formado na escola médica de Cornell. O laboratório não revelou nenhuma enfermidade intestinal. Eis, porem, que uma boa conversa com a criança denunciou haver nela um incômodo estado moral. Num momento de zanga desejara a morte do professor. Três dias depois, morria este do coração. A menina, convencida de que o seu desejo fora a causa do óbito, apareceu com uma dor de estômago, que só desapareceu quando o médico a convenceu de que não era ela absolutamente responsavel pela morte do professor.

«Mais uma vez,» escreve o dr. Franz Alexander, «o paciente, como um ser humano que é, com as suas preocupações, temores, esperanças e desesperos, passa a tornar-se objeto legítimo de interesse médico, não apenas como possuidor de orgãos, mas como um todo individual.» Os médicos modernos insistem em que é mais importante conhecer a espécie do paciente que é portador da doença, do que a espécie da doença de que o paciente é portador.

❡ O SARGENTO instrutor estava comandando uma esquadra de recrutas, que pela primeira vez entravam em exercício. Finalmente, exasperado com o seu alinhamento irregular, deu-lhes ordem de alto e gritou: «O que é que vocês têm? Não sabem como se perfilar? Recuem todos, e vejam a linha que fizeram».

—*Pathfinder*



O Mouro e a cascata

(Condensado do livro «Terre des Hommes»)

Por Antoine de Saint-Exupéry

QUANDO PILOTO da linha francesa do Saará, estive algum tempo aquartelado em Port Etienne, na orla de uma região do deserto ainda insubmissa. Port Etienne nem chega a ser cidade: há uma paliçada, um hangar, e umas quantas casas abarracadas de madeira, para abrigar as tripulações francesas.

Uma vez por outra os mouros aventuravam-se até a paliçada, na esperança de comprarem açucar, panos de algodão, chá e outros artigos. Às vezes era mesmo algum chefe, homem de influência entre os naturais, e nunca perdíamos a oportunidade de metê-lo num avião, para o levar a ver um pedaço de mundo... Ao fazê-lo, nosso intento era amansá-los, quer dizer, amolecer um pouco o feroz orgulho desses ásperos filhos do deserto. Guerreiros do Islã, para quem só Alá é Deus, era mais por despreso do que por ódio que eram levados a disparar as armas contra os nossos aviões, ou a chacinar os «infiéis» que a sorte forçava a aterrar por acidente nos territórios que o Deus de Maomé lhes dera de presente.

Três desses chefes mouros foram certa vez a França em aviões nossos. Conversei com eles no seu regresso. Não se deram ao trabalho de ocultar a gélida indiferença em que os tinham deixado a torre Eiffel, os grandes transatlânticos, as locomotivas. Concordavam que a França tinha muito de admiravel—mas não, precisamente, essas coisas estúpidas, grosseiras, forjadas no ferro. Havia melhor, muito melhor do que isso. Havia, por exemplo, o circo.

«As mulheres francesas,» diziam eles com mal contida admiração, «são capazes de saltar de pé de um cavalo para outro, a galope!»

Dito isto, ficavam a refletir em silêncio. E depois: «O senhor pegue um mouro de cada tribu. Leve ele a ver o circo. E verá que nenhuma tribu tornará a guerrear com os franceses...»

Tinham visto em França pastagens onde todos os camelos de todas as suas tribus poderiam pastar à larga! Havia florestas em França! E os franceses tinham vacas que davam leite, como fontes de maná!

Tudo isso os impressionara profundamente. E lembro-me de ver esses chefes, sentados à entrada das tendas, falando para a multidão atenta e absorta dos seus homens, sentados em círculo, fascinados pela maravilhosa narrativa dessas viagens a paises distantes, que pareciam sair das *Mil e Uma Noites*...

Alí estavam aqueles homens que nunca na sua vida tinham visto uma árvore, um rio, ou uma rosa... Que só através do Alcorão tinham a idéia fantástica de jardins sulcados de águas finas, que tal é para eles o Paraiso. Naquele deserto que é sua terra, o Paraiso

só pode ser ganho duramente, morrendo de um tiro dos infiéis, ao cabo de anos de uma existência de esforço e miséria. E o Senhor, ao garantir aos franceses todos esses tesouros paradisíacos, não lhes exigia em troca nem o sacrifício da sede permanente, nem sequer o de suas vidas em combate... Tais eram os pensamentos que os chefes agora murmuravam em tons de confidência, para os seus homens perplexos.

«O Deus dos franceses... sabem vocês? É mais generoso com os franceses, do que o Deus dos mouros é com os mouros...»

Tinham-lhes proporcionado uma ida aos Alpes, e o guia conduzira-os junto duma cascata majestosa. Água! Água a cair rugindo, pulverizada, irisada na luz do sol! Quantos dias penosos de marcha nas areias do deserto lhes eram necessários, a eles, para alcançar um poço, um furo humilde aberto no chão, à sombra de meia dúzia de palmeiras!... Água! Água que valia quanto pesava em ouro! Água milagrosa, de que basta uma gota para arrancar às areias a verde centelha de erva... Tribus há que marcham 300 quilômetros, e mais, para colher um pouco de erva quando Alá lhes faz a graça da chuva Em dez anos não caira uma gota de água sobre Port Etienne

—Vamos, são horas de partir! dissera o guia. Mas os mouros nem tugiram. Alí estava Deus manifestando-se na Sua Magnanimidade; não seria de bom agouro voltar-lhe as costas sem mais nem menos.

—Bom, isso não tem mais que ver, disse o guia, impaciente. —Vamos embora!

—Temos que esperar, responderam.

—Esperar o que?!

—Esperar que isto se acabe...

Teimavam em esperar que Deus, cansado do Seu capricho, suspendesse as águas da cascata. Ah, bem que eles sabiam quanto Deus é avaro de mercês, quão depressa Ele se arrepende dos favores que dispensa! E esperavam que as águas da cascata perdulária secassem de repente.

—Mas há mais de mil anos que estas águas correm sem parar! disse o guia...

E foi por isso que, em Port Etienne, eles não ousaram insistir demasiado no caso da cachoeira: havia certos milagres de que era melhor nem falar. Melhor até nem neles pensar—porque, à força de matutar, um homem acabaria não percebendo mesmo nada deste mundo de Deus...

Nesta idade da máquina

¶ Tony, popular sanfonista de Union Square, deixou as suas funções de *moedor* de harmônica para ser empresário. Sorridente e amavel, com o chapéu estendido ao público, lá vai ele empurrando um carrinho infantil sobre o qual instalou um pequeno rádio. Com o fio de terra arrastando no passeio e uma antena montada no guidão, ele transmite um encantador programa de jaze de um hotel elegante da cidade... —*Survey Graphic*

¶ Como a Marinha Americana conseguiu reduzir o número de torpedeamentos nas águas dos Estados Unidos.

Campanha anti-submarina no Atlântico

Por W. L. White

Ao tempo da 1ª guerra mundial, os submarinos alemães surgiram pela primeira vez ao largo da costa atlântica dos Estados Unidos na primavera de 1918; desde esse momento até o armistício, e apesar dos esforços em contrário de dez destróieres americanos, cerca de seis submarinos alemães afundaram um total de cem navios.

Desta vez os alemães começaram logo em janeiro de 1942 a expedir submarinos para as águas da América, em grupos ou «alcatéias» que chegavam a contar 47 unidades. Em sete meses, esses salteadores do mar puseram a pique cerca de 500 navios. E a Marinha dos Estados Unidos não dispunha de destróieres em número bastante para fazer frente a essa traiçoeira campanha, pois que os destróieres da esquadra do Atlântico não tinham mãos a medir com o policiamento anti-submarino da rota marítima que liga a América à Inglaterra e ao norte da Rússia, para o transporte de cargas indispensaveis à defesa dessas nações. E era imperioso que cumprissem tão importante missão.

O sinistro anúncio da campanha submarina produziu-se logo ao iniciar-se o ano, quando os primeiros torpedos alemães explodiram surdamente ao largo da Terra Nova; a 11 de janeiro, o cargueiro *Cyclops* era afundado em frente do Massachúsetes, e, em rápida sucessão, vários outros navios se perderam na zona de Long Island, parte da qual pertence à cidade de Nova York...

A primeira medida que a Marinha tomou, foi definir como «Fronteira Marítima do Leste» uma faixa do Atlântico que se estende do Canadá ao norte da Florida, com algumas centenas de milhas de largura, oceano a dentro, e nomear o vice-almirante Adolphus Andrews chefe duma organização embrionária, destinada a proteger a navegação nessas águas. O resultado foi que, conquanto nos primeiros sete meses de 1942 os submarinos inimigos tivessem afundado 481 navios no Atlântico, ao norte do Equador e a oeste de uma linha tirada da Groenlândia até o bojo do Brasil,—só 104 foram afundados na faixa da «ESF» (fronteira marítima de leste), ao longo da qual passa a maior parte da navegação do Atlântico ocidental.

O almirante Andrews tem hoje 62 anos de idade; na qualidade de comandante da força de patrulha, e de chefe da Escola de Submersiveis de New London (Connecticut), tornara-se autoridade em guerra submarina. Sabia que a velocidade dos submarinos alemães fora aumentada pelo menos para 20 nós, desde a outra guerra, e que eles hoje oferecem um rijo casco duplo, formado de duas chapas de aço, entre as quais transportam óleo combustivel. A não explodir a uns poucos metros do moderno submarino alemão, a bomba de profundidade limitar-se-á a perfurar aquí e alem o casco exterior do barco, deixando-o praticamente intacto.

Em 1918 pode-se dizer que o ataque de um submarino se revestia de toda a graça do minuete de antanho... Começava habitualmente por um discreto tiro de aviso à vítima, sempre à luz do dia, e o navio quase nunca era metido a pique enquanto a tripulação não estivesse seguramente instalada nos seus botes salva-vidas. Bem em contraste com isso, quase todos os ataques de submarinos da guerra atual têm tido lugar de noite, e raramente com qualquer aviso prévio, ainda o mais sumário.

Para fazer face ao número formidavel de submarinos inimigos, em 1942, o almirante Andrews não tinha em janeiro desse ano nenhum destroier, e dispunha de menos de doze caça-minas (do tipo velho, 110 pés de comprimento), três iates capazes de navegar no alto-mar, cinco «eagle-boats» da colheita de 1918, quatro dirigiveis não rígidos (os «blimps»), e menos de uma dúzia de barcos guarda-costas para serviço de todo o ano, que pudessem ser dotados de canhões ligeiros e abastecido com bombas de profundidade. Andrews dispunha tambem de alguns bombardeiros militares, aos quais faltava de começo experiência de manobras sobre o mar. Aprenderam porem rapidamente, e o comando da «ESF» não regateia hoje louvores aos altos serviços que os aviadores do exército lhe têm prestado na emergência.

Sobre essa fraca força caiu todo o peso da ofensiva alemã, que veio rolando pela costa do Atlântico abaixo. Os aviões da Marinha andavam ocupados nas frentes da Austrália, das ilhas Havaí, das Aleutas, da Islândia, e só meia dúzia deles havia disponiveis para operações na costa do Atlântico. Sessenta proprietários de aviões particulares organizaram mais tarde, voluntariamente, a Patrulha Costeira Civil, e passaram a operar como patrulhas de observação ao longo de certos trechos do litoral.

À medida, entretanto, que o comando da «ESF» organizava as nossas fracas e variegadas defesas, as perdas de navios cresciam de mês para mês. Em janeiro os alemães afundaram 33 navios no Atlântico ocidental; em fevereiro a coisa peorou—foram para o fundo 59 navios!

A única solução—bem o sabia o comandante-chefe da defesa costeira—estava em escoltar os navios, mas a carência de destróieres tornava de todo impraticavel a idéia dos comboios marítimos. A costa dos Estados Unidos, ao norte do cabo Háteras, apresenta bons portos de abrigo situados a 120 milhas uns dos outros—que é aproximadamente a distância que o cargueiro comum pode vencer no curso de um dia. Ora, uma vez que o maioria dos ataques de submarinos se verificavam de noite, os navios receberam instruções no sentido de se acolherem a esses portos durante as horas de escuridão.

Porem os portos se tornam raros e pouco fundos desde o cabo Háteras aos recifes da Florida, e em geral têm capacidade para poucos navios apenas. Por essa razão, a partir da inauguração do novo regime—navegação durante o dia e fundeação durante a noite—na primeira semana de fevereiro o torpedeamento de navios peorou consideravelmente na zona ao sul do cabo Háteras. O norte achava-se em certa medida protegido, visto o comando da «ESF» ter conseguido obter alguns navios de escolta, e porque os «saltos» diurnos dos navios, de porto em porto, usufruíam a vantagem não só das patrulhas aéreas, mas igualmente da companhia dos poucos navios de escolta que, à falta de melhor expressão, os «comboiavam».

A «ESF» passou em seguida a exercer autoridade sobre toda a navegação. Até aquí a Marinha tinha poderes, apenas, para traçar e recomendar rotas patrulhadas; se o comandante dum navio não estivesse disposto, por qualquer razão, a seguir a rota aconselhada, poderia desprezar as advertências da Marinha, e seguir o curso que fosse do seu capricho: e muitos assim fizeram. Mas, em março, as rigorosas prescrições da Marinha sobre iluminação de navios, precauções diversas, e rotas, tornaram-se obrigatórias para todos os navios de bandeira americana, e capitão que faltasse ao rigoroso respeito das mesmas e perdesse o seu navio, perderia igualmente a carta de comando.

A despeito de tudo isso, as perdas de navios em março pularam para 64. O número de torpedeamentos ao largo do cabo Háteras era confrangedor; urgia tomar medidas. Se não existiam bons fundeadouros abaixo de Norfolk, cumpria corrigir a natureza por meio de obras adequadas. E foi nessa ordem de idéias que se organizaram mais ao sul ancoradouros protegidos por meio de redes, minas e balisas, à distância de umas 120 milhas entre si. Um navio mercante que chegasse às alturas de Norfolk, depois do meio-dia, não era autorizado a ir meter-se por seu próprio alvedrio na armadilha mortal do cabo Háteras, ao escurecer; era, ao contrário, detido alí até o dia seguinte, à hora em que pudesse prosseguir viagem sob a proteção dos aviões. Depois, ao lusco-fusco desse mesmo dia, poderia tornar a parar num local devidamente protegido.

O resultado foi que a cifra dos navios afundados em abril caiu para 58. Precisamente nesse mês, a situação na zona da Islândia melhorou tanto, que foi possivel distrair dalí alguns destróieres (menos de uma dúzia, em todo caso, e dos tipos antigos, com quatro chaminés) para proteção do litoral dos Estados Unidos, e a «ESF» começou então a organizar convenientemente os seus comboios marítimos.

No mês de maio os submarinos atacaram com requintada fúria, atirando com 109 navios para o fundo; mas, de todos eles, apenas quatro foram a pique nas 1.200 milhas da costa confiadas à proteção do comando da «ESF».

Para por cobro à carnificina dos torpedeamentos, os navios receberam ordem de esperar nos portos até que fosse possivel organizar os comboios. O primeiro destes largou de Norfolk a 14 de maio, para Key West, na Florida. À testa, nos flancos e à retaguarda da procissão, circulavam os rápidos e bem armados navios de escolta. Cruzaram em perfeita segurança ao largo do cabo Háteras e para alem dos improvisados ancoradouros noturnos, agora abandonados, a não ser por um ou outro navio de pouco andamento, que não possa marchar em conserva com o comboio. Desde essa data, o comboio tem andado como uma lançadeira, indo e vindo a intervalos de poucos dias. E, dos meados de maio para cá, a «ESF» tem dirigido o comboiamento de mais de 2.000 navios, *dos quais só quatro foram metidos a pique*.

Tendo estudado esta nova situação, Berlim preparou suas contra-medidas: os periscópios que antes tinham pululado ao largo do cabo Háteras, passaram em junho a congregar-se em cardumes em frente ao delta do Mississipi, que não tinha defesas, e ao largo de Trinidad e das Ilhas da Virgem. Quase todos os

104 navios nesse mês afundados, o foram nessas águas. Muitos dos vapores que se destinam ao Próximo Oriente têm de fazer escala em portos do Golfo do México, ou das Antilhas, para receberem combustivel e abastecimentos para a longa jornada até à Cidade do Cabo, na África do Sul. O alto comando nazí, coordenando a sua companha submarina no mundo ocidental com as ofensivas de verão contra o Egipto e o Cáucaso, estava-se esforçando por cortar os «vasos de comunicação» das Nações Unidas com Alexandria e a Rússia Meridional.

A intenção dos Estados Unidos, entretanto, era estender a sua proteção naval até mais longe, em direção ao sul. A «ESF» acabou por conseguir reunir algumas dúzias de navios de escolta, de modo que o primeiro comboio naval pôde fazer-se ao mar a 1 de julho, de Key West para a Trinidad, ao mesmo tempo que prometia para breve a necessária proteção aos navios que sulcassem o Golfo, pelo menos até Galveston, no Texas. Em fins do mesmo mês, o número de navios afundados em toda a área noroeste do Atlântico caía para 54 apenas. E desses, só três foram torpedeados em águas da «ESF».

A Marinha tem sido criticada por não fazer uso dos pequenos iates e outros barcos particulares de recreio; pretendem os seus donos e protagonistas, que, em face da crise provocada pela campanha submarina, os Estados Unidos deviam fazer o mesmo que a Inglaterra em Dunquerque: mobilizar todos os pequenos navios disponiveis.

Ora a evacuação de Dunquerque, segundo pensa a Marinha, foi exclusivamente um problema de transporte, à solução do qual os pequenos navios se adequavam na perfeição; ao passo que, hoje, se necessita de navios que sejam suficientemente grandes para fazer-se ao mar, e dar caça aos submarinos, destruindo-os. Esses navios devem estar aptos a realizar uma perseguição através de mares bravos, carregar canhões tão possantes como os de 5 polegadas de que estão armados os submarinos, e esquivar-se rapidamente ao abalo de suas próprias bombas de profundidade, com presteza bastante para não ficarem com a quilha em frangalhos.

A maioria das embarcações particulares não se prestam à luta contra submarinos. Mas a «ESF» nem por isso deixou de requisitar 1.200 delas, que têm prestado excelentes serviços como unidades de patrulha. E há hoje uns 350 pequenos barcos na Reserva de Guarda-Costas, muitos deles pilotados pelos próprios donos, patrulhando dia e noite o litoral. A «ESF» mantem igualmente uma frota de rebocadores de salvação, que já têm rebocado para os portos mais de 50 navios danificados por torpedos, e que assim foi possivel salvar e reparar.

No vasto gabinete de trabalho da «ESF» vê-se uma longa mesa que é o «fulcro» da defesa contra submarinos. Em frente dessa mesa encontra-se um imenso mapa de encosto de aço, representando o litoral do Atlântico. Sobre esse mapa, e aderentes a ele por meio de magnetismo, encontram-se pequenos emblemas ou símbolos de metal, em várias cores e feitios, que representam navios isolados, comboios, barcos de escolta artilhados, e aviões em patrulha ou prontos a entrar em patrulha.

Junto à longa mesa estão sentados os dois oficiais de marinha encarregados dos aviões navais e dos barcos de escolta, e o oficial do exército que controla

as muitas dezenas de aviões militares com base nos campos costeiros de aviação. De olhos sempre fitos no mapa, os três homens falam continuamente ao telefone.

Aquele disco verde ao largo do cabo Háteras é um comboio de vinte navios que se dirige para o sul. As marcas de cor indicam o número de barcos de escolta e o seu tipo: destróieres, traineiras ou corvetas.

Perto do primeiro mapa encontra-se outro, muito semelhante, sobre o qual se vêem marcas amarelas, que simbolizam os submarinos inimigos. O comando da «ESF» sabe a qualquer momento quantos submarinos inimigos andam rondando as águas da América, e os técnicos encarregados desses mapas podem dizer-nos com um mínimo de possibilidade de erro a posição de cada submarino.

É evidente que os comandantes dos submarinos inimigos conhecem palmo a palmo as águas da América, pois manobram com a maior facilidade por entre os escolhos de Nantucket e outros dificeis acidentes da costa. Semeiam minas à entrada dos nossos portos, e distribuem-nas através de pontos estratégicos das nossas estradas marítimas. Graças à força de caça-minas da «ESF», porem, até hoje só um navio foi ao fundo por obra desses «ovos» da morte.

O mapa sobre o qual se vão marcando as posições dos submarinos inimigos está a cargo de um tenente, rapaz de olhos perspicazes, que é o perito em submarinos da «ESF». Vê-se no mapa uma marca amarela que o tenente batizou com as iniciais «AOX». As primeiras notícias relativas a este submarino, quando ele saiu de um porto da França, vieram acaso de um avião inglês de patrulha que o viu submergir, ou talvez de algum destroier canadense que lhe ouviu as hélices por meio dos aparelhos de escuta.

Pela sua posição era facil perceber que o AOX estava seguindo a rota do Atlântico setentrional, mais curta; quer isso dizer, talvez, que não se trata de um dos grandes submersiveis alemães de 750 toneladas, habitualmente expedidos na viagem mais longa às Antilhas, mas de um dos de 500 toneladas, que são os empregados para raides às costas dos Estados Unidos. Para economizar combustivel, o submarino viria singrando a velocidade moderada de cruzeiro, a mais econômica, de maneira a poder estacionar o máximo de tempo—duas semanas, aproximadamente—em águas americanas, e ainda conservar combustivel bastante para regressar à sua base. Conhecendo essa velocidade, os oficiais do gabinete de trabalho vão empurrando a marca AOX através do Atlântico, polegada a polegada, sobre a rota presumivel do submarino, e todos os navios mercantes que possam cruzar-lhe o caminho são prudentemente avisados, para que se desviem dele.

Pelo exame do mapa, os oficiais do gabinete de trabalho sabem que o AOX deverá estar à vista da terra da América no dia 28 de julho. A 29 recebem o primeiro alarme da sua presença, quando um avião civil da Patrulha Costeira o força a submergir, assustado, ao largo do cabo Henrique. A 31 é avistado por um «blimp». Em seguida é atacado e talvez danificado por um avião B-17 da Patrulha Militar, que anda em serviço ordinário, e tinha sido avisado para ficar de olhos bem abertos. A 2 de agosto, finalmente um destroier ataca-o com bombas de profundidade.

Duas horas depois o AOX aproa ao

mar largo, emerge para cuidar das feridas que recebeu, e é atacado por um avião militar A-29.

Em seguida um caça-submarinos que singra para o norte, num comboio, avista-o. A 4 de agosto um destroier que segue noutro comboio capta o ruido das hélices do submarino, persegue-o e ataca-o, mas não informa quaisquer resultados positivos.

A 5 de agosto o submarino é novamente localizado. Os aviões e uma corveta varejam toda aquela zona, sem resultado. A 6 de agosto, porem, o AOX aproxima-se do cabo Henrique e lança um torpedo contra um barco-tanque que se tresmalhou do seu comboio. O torpedo falha, e antes que o AOX possa tomar posição para lançar segundo torpedo, um avião guarda-costa surge-lhe por cima, e o «porco» afocinha e mergulha de novo... O avião faz sinais a um iate convertido em caça-submarinos, que capta o rumor das hélices do inimigo e o ataca. As bombas de profundidade trazem algum óleo à superfície, e a partir desse momento não há mais vestígios do AOX. Mas essa prova não é bastante positiva para se dar o submarino como afundado. A 7, a 8, a 9 de agosto, não há sinais do AOX: é quase certo que o iate o meteu a pique. Mas os homens do gabinete de trabalho não se fiam. Uma vez que o período de estacionamento do submarino em águas americanas se devia estender até 10 de agosto, a marca continua a figurar no mapa, e começa-se a traçar o curso do seu regresso a França no dia 11.

O comando da «ESF» não olha para esses mapas com óculos cor de rosa. Decerto (dir-nos-ão) julho foi melhor que junho—somente se perderam 54 navios contra os 104 perdidos o mês passado, e quase nenhum foi atacado nas estradas patrulhadas pela «ESF». (Desde 20 de abril à data em que escrevemos, só um barco-tanque de combustivel foi torpedeado na área da «ESF».) Mas quando esse comando recebe congratulações por um trabalho bem executado, é sempre com cara severa.

A tarefa não será perfeita, afirma-se alí, até o dia em que *todos* os navios forem comboiados, porque os alemães procurarão sempre atacar no ponto mais fraco—e os pontos fracos não faltarão ainda por muitos meses... A chacina se irá deslocando meramente para o largo do mar das Antilhas, ao longo da costa da América do Sul; por outro lado, talvez que os submarinos, em alcatéias como os lobos, caiam sobre os comboios navais, como sucedeu no inverno passado ao largo da Islândia.

É claro que o comando da «ESF» se orgulha da obra realizada, porque há hoje nas águas da «ESF» tantos submarinos quantos havia no tempo, ainda não distante, em que todas as semanas eram torpedeados navios às dúzias ao largo do cabo Háteras.

Os nazís estão construindo submarinos mais depressa do que os americanos os podem afundar, e os «U-boats» continuarão a infestar as águas do Novo Mundo enquanto os aliados por meio de bombardeamentos, não reduzirem a cisco as fábricas de submersiveis, ou não construirem bastantes navios fortes, e rápidos, para navegação em todas as condições, com que dêem caça à praga dos submarinos e os destruam no seu próprio elemento, limpando os mares desse terrivel inimigo.

Rádio-enigmas do mês

ESTA SEÇÃO encerra algumas das perguntas mais complicadas que ultimamente têm sido feitas aos amadores do gênero, nos programas de enigmas ou quebra-cabeças de rádio. O leitor tem direito a 5 pontos se responder corretamente a uma pergunta. Se alcançar um total de 75 pontos, enfileira com os sabidos; 60, já será excepcional; 50, acima do comum. Para as respostas, v. pág. 26.

1. Por que motivo um detective não aceitaria a seguinte explicação?—Certa senhora, ao sonhar que se afogava, assustou-se tanto, que morreu de síncope cardíaca em pleno sono. *—Double or Nothing, MBS*

2. Quase todos nós o usamos diariamente em nossa casa. Se comprássemos uns 46 quilos dele, teríamos aproximadamente 40 quilos de água, quase 2 quilos de gordura, 2 quilos de caseina, cinzas e albumina; e cerca de 2 quilos e ¼ de açucar. De que se trata? *—Dr. I.Q., NBC*

3. Cinco automoveis estão alinhados, para-choque contra para-choque. Quantos para-choques se tocam, na realidade? *—Dr. I.Q., NBC*

4. Alem dos Estados Unidos da América do Norte, que nações da América se chamam tambem oficialmente «Estados Unidos»? *—Dr. I.Q., NBC*

5. Quais as grandes cidades do continente americano em que se encontram os seguintes hotéis: (1) Bolivar, (2) Waldorf-Astoria, (3) Prado, (4) Carrera, (5) Copacabana? *—Take It or Leave It, CBS*

6. Os sinos das igrejas inglesas não tocam desde o começo da guerra. Só há uma razão pela qual, em tempo de guerra, eles poderiam repicar. Qual é ela? *—Dr. I.Q., NBC*

7. Por que motivo é que uma bandeira leva mais tempo a ser hasteada a meio-pau, do que a ser içada no topo do mastro? *—Bob Hawk Quiz, CBS*

8. Quando chamamos «vergôntea» da família a um ancião preeminente, queremos dizer que ele é o fundador da família, um descendente da família, ou o «carneiro-preto» da mesma? *—Dr. I.Q., NBC*

9. Entre que paises estão situadas as Cataratas do Iguassú? *—Double or Nothing, MBS*

10. Atualmente as damas do pronto-socorro para vítimas de raides aéreos levam no seu saco de urgência um fornecimento de baton, mas têm ordem de não o usarem nos próprios lábios. Para que serve então? *—Dr. I.Q., NBC*

11. Duas moedas, juntas, perfazem mil e quinhentos réis, mas uma não é de mil réis. Que moedas são? *—The Answer Man, MBS*

12. Britânia é o nome poético da Inglaterra, Erin o nome poético da Irlanda. Qual é o nome poético dos Estados Unidos? *—Dr. I.Q., NBC*

13. Quais os três paises do mundo que têm maior população? *—Dr. I.Q., NBC*

14. Ao caminhar pela rua com um soldado, o paisano deve ir-lhe à esquerda ou à direita? *—Quiz Kids, NBC*

15. Os nossos aviadores militares e navais, durante os exercícios, atiram sobre alvos brancos, rebocados por outros aviões. Acabado o exercício, como é que os examinadores sabem qual o piloto que disparou o tiro mais certeiro? *—Dr. I.Q., NBC*

16. Qual destes homens famosos é o mais novo: o Presidente Roosevelt, o general MacArthur, ou o Primeiro Ministro Churchill? *—Dr. I.Q., NBC*

17. Como é que seria possivel cobrar uma conta de treze mil réis sem receber nenhuma nota de mil réis nem moedas? *—People Are Funny, NBC*

18. O sr. Alves e a esposa têm sete filhas e cada uma delas tem um irmão. De quantas pessoas é formada a boa família Alves? *—Dr. I.Q., NBC*

19. Diga quais os 5 paises da Europa que ainda permanecem neutrais. *Are You a Genius?, CBS*

20. Nome, no Alasca, está mais próxima de Chicago ou da Noruega, por linha aérea direta? *The Quiz Kids, NBC*

Diagnóstico e cura de um estranho defeito visual que é causa de dores de cabeça e nervosismo.

Verão os seus olhos a mesma imagem?

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Por Albert E. Wiggam

Graças a uma notavel descoberta sobre o olho humano, feita no Instituto Oftalmologico de Dartmouth, em Hanover, no Novo Hampshire, está sendo possivel curar centenas de doentes que sofriam de dores de cabeça, nervosismo, indigestão e outros incômodos. O que aí se descobriu foi que a muitas pessoas (tanto às que usam óculos como às que não os usam) sucede um fato curioso: as imagens levadas ao cérebro pelos dois olhos são diferentes em tamanho e feitio.

Chamou-se «anisocônia» (do grego, significando «imagens desiguais») a esse defeito. As suas consequências são variadas: muitas crianças têm dificuldade em aprender a ler; muitos adultos, mesmo excepcionalmente inteligentes, não conseguem compreender com clareza o que lêem; várias pessoas, cujo trabalho exige intenso esforço visual, confundem-se e cometem erros; é provavel que a anisocônia provoque tambem acidentes, até agora inexplicaveis, no manejo de máquinas e automoveis.

Alem de revelar a existência desse defeito, os cientistas do referido Instituto (auxiliados, aliás, pela *American Optical Company*) conseguiram tambem preparar lentes especiais que o aliviam. Há seis anos que se vêm curando pessoas de várias profissões, condenadas, de outro modo, a abandonar suas carreiras; assim, têm podido continuar trabalhando diversos contadores, estenógrafas, professores, e até médicos, inclusive alguns oculistas eminentes... O tratamento estendeu-se tambem aos estudantes que, vítimas de anisocônia, tinham notas baixas, e agora, curados, fazem melhor figura na escola. No meu próprio caso, tais descobertas trouxeram-me um alívio verdadeiramente milagroso, após 30 anos de constantes dores de cabeça e de olhos, e de uma série interminavel de consultas aos melhores oculistas.

No presente momento, só se podem fazer exames corretos para diagnosticar a anisocônia no próprio Instituto de Dartmouth, e em algumas clínicas de Boston, Nova York, Saint Louis e Baltimore, já aparelhadas para o tratamento. Há a esperança de que tais clínicas possam ser instaladas, dentro em breve, pelo mundo todo. O material necessário custa cerca de 3.000 dólares (ou seja, uns 60 contos) e os oculistas têm que receber treino especial. Os especialistas em doenças dos olhos já podem diagnosticar, embora sem a precisão desejada, mas em todo caso serão capazes de orientar os doentes, dizendo-lhes se vale ou não a pena viajar até um dos lugares acima mencionados, afim de encetar tratamento de anisocônia.

Por mais estranho que pareça, quem descobriu a anisocônia não foi um oculista. Há vários anos, um jovem advogado de Boston, Adelbert Ames Junior, resolveu fechar o seu escritório, para se dedicar a pintura. Sendo de natureza inclinado aos estudos científicos, preocupava-se com saber como é que, realmente, vemos as coisas em torno de nós, isto é, como serão na verdade as imagens que a máquina do cérebro fotografa com a lente dos olhos. Verificando que pouco se sabia a esse respeito, começou a fazer experiências com lentes e máquinas fotográficas. Após a Grande Guerra, seguiu para Dartmouth, afim de trabalhar com o professor Charles Proctor, especializado em física matemática e ótica. Auxiliados por um técnico-desenhista da Kodak, orientaram seus esforços no sentido de obter uma lente que posta numa máquina fotográfica, produzisse exatamente os mesmos efeitos (quanto a distância, profundidade e tamanho dos objetos) que produz a lente do olho. Munidos de tal instrumento, levaram até mais longe as suas investigações e, intrigados com o fato de que diferentes pessoas vêem de maneiras diversas, passaram a medir, cuidadosamente, os distúrbios funcionais da visão, estabelecendo a sua correlação por meio de complicados gráficos.

Foi então que o dr. Walter B. Lancaster (hoje médico-chefe do Dartmouth) enviou-lhe um doente e que vinha sofrendo havia anos, de violentas dores de cabeça, náuseas e nervosismo. Os cientistas do Dartmouth descobriram que havia uma diferença entre as imagens que o cérebro do enfêrmo recebia dos olhos. Prepararam então uma complexa combinação de lentes, espelhos e prismas, para que o cérebro recebesse uma única imagem, fundida; resultado: desapareceram imediatamente quase todos aqueles sintomas! Mediante esse aparêlho, o doente podia usar os olhos à vontade, tanto tempo quanto quisesse, sem dificuldade.

Esse foi o incidente que trouxe inesperada, nova e, por assim dizer, dramática importância ao trabalho dos investigadores de Dartmouth, e que os levou aos aperfeiçoamentos atuais; já hoje se pode medir com precisão a diferença entre as imagens do olho direito e as do olho esquerdo; graças, tambem, a esse primeiro caso, conseguiram manufaturar o tipo simples de lente que estou, no momento, usando. Após aquele primeiro êxito, parte dos esforços dos pesquisadores do Instituto foram transferidos da ótica fisiológica ao estudo e tratamento dos olhos, e fundou-se então a Clínica Ótica do Dartmouth. E isso se deu porque, evidentemente, em seguida àquele primeiro triunfo, surgiram muitos outros doentes para se tratar.

Há muito se suspeitava que as duas imagens captadas pelos olhos não eram idênticas; mas, visto não se haverem descoberto músculos ou nervos cuja função pudesse ser a de igualar as imagens, julgava-se, sem maiores dúvidas, que o cérebro se incumbia de eliminar a desigualdade, embora não se soubesse de que maneira. Os casos estudados no Instituto deram, entretanto, confirmação ao seguinte fato: nas pessoas, cujas imagens visuais são muito diferentes uma da outra, dá-se continuamente, a não ser durante o sono, um conflito violento, quer se fixem os olhos em objetos próximos, quer em objetos remotos; esse conflito, porem, não tem lugar nos olhos, *mas no cérebro;* era uma luta constante, para igualar as duas imagens, luta essa que muitas vezes causava distúrbios sérios.

São bastante complicados, em sua maioria, os instrumentos e os processos empregados para medir as imagens desiguais. Há, no entanto, dois sistemas bem simples, que podem dar uma idéia geral do que seja a técnica seguida.

O primeiro chama-se «campo inclinado»: consiste numa mesa comprida, coberta de pequenos objetos, propositadamente parecida com uma estrada de cascalho ou de pedrinhas desiguais. Essa mesa pode ser inclinada em todas as direções, e essa inclinação é medida. O médico pede ao doente anisocônico que coloque a mesa em nivel; e o enfermo, bastante surpreendido, verifica que o não consegue, ficando a mesa, no fim, sempre em ângulo.

O outro sistema consiste num quarto, que eu chamo «de caçador», cujas paredes, teto e soalho são cobertos de folhas; vêem-se tambem arbustos e outros objetos. A quem sofra de anisocônia, o teto parecerá inclinado para baixo, o chão dará a impressão de estar em ângulo, e assim tambem as paredes e os cantos. Mas o mais espantoso é que, por mais forte que seja a anisocônia, no momento em que o doente sai desse quarto para outro, ou para a rua, passa a ver tudo normalmente, em tamanho e posição naturais.

Isso mostra que aprendemos a julgar tamanho, feitio e posição dos objetos *pela experiência*. Assim, tudo nos parece normal nos lugares a que estamos acostumados; mas se temos anisocônia, e nos vemos em locais estranhos, com ângulos, linhas e objetos que desconhecemos, a doença se revela. Sucede que havíamos colocado as cousas em seus lugares de acordo com as «fotografias» registradas no cérebro.

Para fazer experiências com esses fatos surpreendentes, os cientistas do Instituto de Dartmouth fizeram lentes que provocam anisocônia artificial. Qual é o resultado? Um córrego poderá darnos a impressão de estar subindo por um morro acima; estando num automovel, em estrada que não conheçamos, uma colina baixa, em frente, nos parecerá altíssima, e uma pouco íngreme nos parecerá inclinadíssima, e alem disso será impossivel guiarmos em linha reta... Daí a probabilidade de que a anisocônia seja parcialmente responsavel por vários acidentes inexplicaveis, de automovel ou de aeroplano.

Há pouco tempo apareceu na clínica da Universidade de Washington, em Saint Louis, um rapaz que, tentando sempre fazer exame para obter brevê de aviador civil, não o conseguia, por aterrar o seu avião em posição oblíqua. Deram-lhe lentes corretoras da anisocônia, e daí a um mês o conquistava.

Um fato que tem sempre preocupado os médicos é que certas pessoas, com «vista cansada», peoram muitas vezes, apesar de usarem óculos excelentes, destinados a melhorar-lhes a agudeza da visão. Para esse fato, a anisocônia fornece uma explicação: se as imagens transmitidas ao cérebro pelos olhos são diferentes uma da outra, os óculos, que acentuam a nitidez dessas imagens, só poderão intensificar o conflito travado no cérebro para igualar as ditas imagens. Quanto melhores forem os óculos, peores as consequências para o doente!

A descoberta da anisocônia talvez contribua bastante para explicar aquilo que tantos médicos têm diagnosticado como doenças «imaginárias». Cerca de metade dos pacientes tratados em clínicas anisocônicas já haviam sido classificados de neuróticos por especialistas competentes. Alguns tinham até estado em casas de saude para observação e tratamento de moléstias nervosas!

A maior parte dos casos de vista cansada podem ser curados por meio de lentes comuns, cuidadosamente escolhidas. Segundo o dr. Wendell Hughes, que tem vasta experiência em matéria de anisocônia, e cuja opinião é apoiada pelo dr. Lancaster, cerca de dois por cento dos casos de vista cansada só se curam tratando a anisocônia. E visto que há centenas de milhares de pessoas com vista cansada, esses «dois por cento» constituem um bom número, para quem o tratamento da anisocônia é indispensavel.

Quanto à maior ou menor frequência desse defeito, examinaram-se 153 crianças de escola, cuja leitura era demasiadamente vagarosa. Mais ou menos a metade delas apresentava anisocônia, em grau já bastante adiantado. Examinou-se tambem todo o corpo discente do colégio de Dartmouth, em 1940; dos 636 rapazes, 63 tinham anisocônia em grau suficiente para causar sintomas diversos, desde a lentidão na leitura até cousas mais sérias, tais como perturbações nervosas graves. E calcula-se em milhões o número das vítimas desse curioso e perturbador defeito.

❡ Em Birmingham, Alabama, os carros de patrulha da polícia receberam a seguinte ordem, pelo rádio: «Carro X-Y-3, carro X-Y-3, siga para a Terceira Avenida—uma mulher nua à solta... Todos os demais carros permaneçam em suas rondas! Por ora, é só!»

—*Time*

¶ *Uma surpreendente história da selva brasileira—nos moldes em que o jovem Kipling a teria contado.*

Prisioneiro da Amazônia

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Por Evelyn Waugh

EMBORA McMaster tivesse vivido no Amazonas cerca de 60 anos, ninguem suspeitava sequer da sua existência, a não ser umas poucas famílias de índios Shiriana. Plantara a sua casa numa pequena savana areenta, de uma légua talvez de comprimento, que a floresta cingia estreitamente. O rio que lhe regava as terras não figurava em nenhum mapa; é que violentas torrentes o tornavam intransponivel, em certos trechos, durante quase todas as estações do ano.

A casa de McMaster era mais ampla que as dos índios, seus vizinhos, porem, no estilo, similar ao delas—teto de palha de palmeira, paredes baixas, de taipa, chão de terra batida. Possuia ele umas doze cabeças de gado franzino, uma plantação de mandioca, e, finalmente, uma espingarda, a única existente no lugar. As poucas mercadorias que lhe vinham do mundo civilizado, passavam de mão em mão, por uma série de mercados onde eram disputadas em doze línguas.

Um dos índios, um dia, veio avisá-lo de que um homem branco se aproximava da floresta: vinha só, e parecia muito doente. McMaster, partindo em busca do desconhecido, foi encontrá-lo sentado no chão, já próximo à savana. O estrangeiro, descalço e sem chapéu, trazia os pés inchados e feridos, e os olhos devorados pela febre. Pusera-se a falar comsigo mesmo, em meio do delírio que o prostava. Silenciou, porem, quando viu que McMaster se lhe dirigia em inglês.

—Estou exhausto, disse então. —Não posso mais andar. Chamo-me Henty, e há vários meses que não me alimento direito.

McMaster levantou-o do chão, e, amparando-o com firmeza pelo braço, guiou-lhe os passos lentamente em direção à fazenda.

—Deite-se aquí na rede. Vou buscar-lhe alguma coisa.

Pela aparência e modo de falar, pareceu a McMaster que o inesperado visitante alí viera ter em alguma expedição científica mal fadada—o que Henty, mais tarde, confirmou.

McMaster lhe deu numa cabaça uma infusão de ervas. Henty bebeu-a, estremecendo um pouco, devido ao gosto extremamente amargo. Bebeu, porem, até o fim, e caiu logo num pesado sono.

A cura processou-se lentamente. Dias de lucidez, a alternarem com dias de delírio. McMaster trazia-lhe a infusão, com infalivel regularidade.

—Na floresta tem remédio para tudo, explicou ao enfermo. Minha mãe era índia e me ensinou várias receitas.

—Mas o senhor não é inglês? perguntou-lhe Henty.

—Meu pai era. Veio para a Guiana Britânica como missionário, mas a busca do ouro arrastou-o até aquí. Viveu, então, com minha mãe. As mulheres da tribu Shiriana são feias, porem muito dedicadas. Viví com muitas delas. Quase todos os homens e mulheres que moram na savana são meus filhos. É por isso que me obedecem—por isso e graças à espingarda. Meu pai tinha instrução. O senhor sabe ler?

—Claro que sim.

—Nem todo o mundo tem essa sorte. Eu não sei.

Henty sorriu, como que a desculpá-lo. —As oportunidades serão poucas, por aquí.

—Diz bem; é isto mesmo. Mas eu tenho muitos livros. Há cinco anos, havia aquí um inglês—preto, mas educado em Georgetown. Até morrer, lia-me um pouco, todo dia. O senhor vai poder fazer o mesmo assim que melhorar.

—Com muito gosto.

—Sim—vai ler para mim, repetiu McMaster, com um gesto da cabeça.

Como Henty houvesse passado seis ou sete dias consecutivos sem febre, McMaster lhe disse: —Acho que agora já pode examinar os livros.

Num canto da cabana havia uma espécie de sotão. McMaster encostou uma escada à parede e subiu. Havia alí, no chão, um monte de pequenos pacotes enrolados em pano, folha de palmeira e couro cru.

McMaster desembrulhou um deles. Era uma velha edição de *Bleak House*.

—Qualquer um serve para começar.

—Gosta de Dickens?

—Se gosto? É mais do que gostar. São os únicos livros que já ouví ler. Meu pai lia para mim e mais tarde tambem o negro. Agora quero que o senhor leia. Já ouví eles uma porção de vezes, mas não me canso. Tenho aquí todos os livros de Dickens. Leva-se muito tempo para ler todos eles—mais de dois anos.

O velho era um ouvinte incomparavel. Escarranchava-se na rede, em face a Henty, fixando nele os olhos, e seguindo-lhe as palavras com o movimento dos lábios. Ria gostosamente a todas as passagens engraçadas, enquanto as descrições comoventes lhe arrancavam lágrimas, que, deslisando pelo rosto, vinham umedecer-lhe a barba.

Ao chegarem à altura do segundo volume, o prazer que a leitura dava ao velho começou a desvanecer-se, e Henty, por seu turno, já se sentia bastante forte, de modo que lhe pesava ficar por longo tempo inativo. Falou mais de uma vez em partir, mas McMaster parecia não lhe dar atenção.

Um dia, folheando as páginas do livro que ainda restavam por ler, disse Henty: —Ainda falta um bom pedaço. Mas espero terminar antes da minha partida.

—É claro, disse McMaster.—Não se preocupe com isso.

Pela primeira vez notou Henty alguma cousa de ameaçador no modo de falar do velho. Aquela tarde, ao jantar, uma leve refeição de farinha e carne seca, voltou Henty a tratar do assunto.

—É natural que eu pense—disse ele a McMaster—no meu regresso. —Como é que se pode arranjar uma embarcação o mais depressa possivel? Estou cativo de sua gentileza, mas...

—Meu amigo, qualquer dos serviços que eu tenha prestado a você está amplamente pago pela leitura que você fez para mim. Não fale portanto mais disto.

—Mas eu tenho que pensar em partir.

—É, respondeu McMaster.—O negro era assim, tambem. Só pensava nisso

todo o tempo. Mas ficou até morrer.

No dia seguinte, voltou Henty a bater na mesma tecla.

—Perdoe-me, McMaster, mas sou obrigado a insistir. Quando posso arranjar uma canoa?

—É cousa que não existe aquí.

—Mas os índios podem fazer uma.

—É melhor esperar pelas chuvas. Agora o rio não está bastante cheio.

—E quando será isso?

—Daquí a um mês ou dois.

Haviam já concluido a leitura de *Bleak House*, e estavam perto do fim do *Dombey and Son*, quando cairam as chuvas.

—Agora é tempo de preparar a viagem.

—Nem pense nisto—é impossivel. Os índios não fazem canoas durante a estação chuvosa; é uma de suas superstições.

—Você me devia ter dito.

—E não disse? Então foi esquecimento.

Havia decorrido quase um ano que Henty deixara os penates, e o seu prognóstico sombrio de exílio permanente veio a tornar-se mais agudo quando, entre as páginas de *Martin Chuzzlewit*, encontrou um documento escrito a lapis em caracteres irregulares:

«Ano de 1919

«Eu, James McMaster, do Brasil, juro a Barnabás Washington, que se ele concluir a leitura deste livro, *Martin Chuzzlewit*, eu deixarei que ele parta, logo em seguida.»

Seguia-se um forte X, traçado a lapis, e, mais abaixo: *McMaster fez esta marca. Assinado Barnabás Washington.*

—McMaster, disse Henty,—devo falar francamente. Você salvou a minha vida. Quando eu regressar à civilização, tratarei de recompensá-lo da melhor maneira possivel. Mas, no momento, você está me retendo contra a minha vontade. Peço-lhe que me ponha em liberdade.

—Ora, meu amigo; você não está sofrendo constrangimento algum. Irá quando quiser.

—Como posso ir sem seu auxílio? Juro-lhe que chegando a Manaus arranjarei alguem pago por mim, que venha ler para você todos os dias.

—Mas eu não preciso de outra pessoa. Você lê tão bem!

—Pois hoje foi a última vez que eu li.

—Espero que não, respondeu McMaster polidamente.

Naquela tarde, ao jantar, só veio à mesa um prato de carne seca com farinha. O velho comeu sozinho. Henty, reclinado na rede e mergulhado num profundo silêncio, olhava o teto, pensativamente.

No outro dia, ao almoço, havia ainda um prato só, no lugar de McMaster. Este, enquanto comia, pusera sobre os joelhos a espingarda. E Henty, diante daquilo, prosseguiu a leitura de *Martin Chuzzlewit*.

Semanas e semanas decorreram sem que surgisse um raio de esperança. Leram *Nicholas Nickleby*, *Little Dorrit* e *Oliver Twist*. Mas, lá um dia, apareceu na savana um estrangeiro, capataz de raça mista. McMaster mostrou-se aborrecido ao receber o homem; deu-lhe farinha e carne seca; porem, ao cabo de uma hora, fê-lo seguir viagem. Henty, durante aquele tempo, conseguira, contudo escrever seu nome num pedacinho de papel que logrou entregar ao viajante.

Nasceram-lhe esperanças, desde então. O capataz—Deus sabe quando—chegaria a uma aldeia brasileira, anunciando a descoberta que fizera. Provavelmente, àquela altura, já se teriam organizado patrulhas de socorro em busca da expedição perdida; era possivel que, de um dia a outro, vozes inglesas ressoassem na savana. Não conseguiu permanecer atento às páginas que lia; pôs-se, num vago devaneio, a imaginar os menores detalhes do regresso—roupas novas, telegramas de congratulações, carne fresca e legumes da estação.

McMaster, porem, interrompeu-lhe o sonho:

—Você quer me fazer o favor de ler de novo esta passagem? É das que eu gosto mais.

E as semanas se foram sucedendo. Nada indicava que o socorro esperado estivesse em caminho, mas Henty suportava cada dia na esperança do dia de amanhã. Mostrou-se até mais cordial para com o seu carcereiro, e não se opôs a reunir-se a ele quando, após uma longa conferência com um dos índios seus vizinhos, McMaster decidiu organizar uma festa.

—É um dos maiores feriados do lugar, explicou a Henty. Iremos celebrá-lo na cabana deste meu amigo, que fica do outro lado da savana.

Os índios já lá estavam, reunidos em torno da fogueira. Puseram-se a cantar, em coro, e uma enorme cabaça, contendo um líquido qualquer, foi passando em redor, de boca em boca. Trouxeram duas taças especiais para Henty e McMaster.

—Você tem que beber o conteudo inteiro, sem mudar nunca a posição da taça. Assim ordena a etiqueta do lugar, explicou McMaster.

Henty tragou, sem nem lhe sentir o gosto, a escura beberagem que lhe deram. Esta não era tão ruim quanto parecia à primeira vista, embora fosse espessa e pastosa. Reclinando-se, depois, na rede, sentiu um bem estar indescritivel. Era provavel que uma patrulha de socorro já tivesse partido ao seu encontro—estando, talvez, àquele mesmo instante, a meio caminho. Sentou-se tomado, no entanto, de uma vaga e agradavel sonolência. A cadência monótona dos cantos tinha um ritmo igual e embalador de ladainha. Henty fechou os olhos, lentamente, pensou na casa, na mulher, e adormeceu.

Ao despertar, ainda se achava na cabana do índio. Viu, pela posição do sol, que ia morrendo a tarde. Procurou o relógio e descobriu, surpreso, que já o não trazia no pulso.

Doía-lhe a cabeça, e receou que a febre o tivesse de novo acometido. Ao por os pés no chão, notou que andava com dificuldade. Quando atravessou a savana, viu-se mais de uma vez obrigado a parar. Ao chegar, finalmente, à casa de McMaster, encontrou-o sentado, à sua espera.

—Ah, meu amigo, você está atrasado, desta vez, para a leitura. Daquí a pouco não há mais luz. Como está se sentindo?

—Pessimamente. Aquela beberagem me fez mal. Nunca, na minha vida, dormí tanto.

—Sabe quanto? Dois dias.

—Dois dias? Não é possivel!

—É verdade, sim senhor. Dormiu mesmo a valer. Foi pena, porque não pôde ver as suas visitas.

—Visitas?

—Pois é. Estive muito entretido enquanto o senhor dormia. Recebí três homens que vieram de longe. Foi pena que você não visse. Eles tambem sentiram muito, pois estavam doidos para ver você. Mas que é que eu podia fazer? O seu sono era tão profundo... Como

tinham vindo de tão longe somente para isto, dei a eles uma lembrança—o seu relógio. Queriam levar qualquer cousa para a sua mulher, que oferece uma grande recompensa a quem der notícias do senhor. Ficaram muito satisfeitos com o relógio.

Não acredito é que apareçam novamente por aquí; vivemos tão longe de tudo, tão retirados do mundo, que o prazer que temos é o da leitura cotidiana. Não,— não creio, de fato, que os visitantes apareçam outra vez.

Bom, vou buscar uma infusão que fará você ficar bom de novo. Na floresta há remédio para tudo; uns que fazem dormir e outros que fazem despertar. Hoje não lemos Dickens,— mas amanhã, e depois de amanhã e nos dias seguintes. Que tal se lêssemos de novo *Little Dorrit*? Há passagens, alí, que nunca posso ouvir sem lágrimas!

Respostas aos «Rádio-enigmas do mês»

(*v. Pág. 17*)

1. Porque uma dama que morreu de síncope durante o sono, não pode contar a ninguem o que sonhou.
2. De leite.
3. Quatro.
4. Estados Unidos do Brasil, da Venezuela, do México.
5. (1) Lima, (2) Nova York, (3) Barranquilha, Colômbia, (4) Santiago do Chile, (5) Rio de Janeiro.
6. Invasão.
7. Porque se deve içar a bandeira até o topo do mastro, deixá-la um instante alí, e depois arriá-la a meio-pau.
8. Descendente.
9. Entre a Argentina e o Brasil.
10. Para fazer na testa das vítimas certos sinais indicativos do tratamento (injeção antitetânica, torniquete, etc.)
11. Uma moeda de mil réis e outra de quinhentos. Uma delas não é de mil réis, conquanto a outra o seja.
12. Colúmbia.
13. A China, a Índia e a U.R.S.S., pela ordem indicada.
14. À esquerda, para dar ao soldado a liberdade de saudar os oficiais com a mão direita.
15. As balas dos diversos pilotos são pintadas de cores diferentes, que deixam a sua marca no alvo.
16. O Presidente Roosevelt, que tem 60 anos; MacArthur tem 62, e Churchill 67.
17. Recebemos quatro notas de 2 mil réis e uma de 5.
18. Dez: o Alves e a esposa, as sete meninas e um rapaz, visto que cada irmã têm o mesmo e um só irmão.
19. Espanha, Portugal, Suíça, Suécia e Eire.
20. Nome está mais perto da Noruega.

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

— 13 —

Lê-se nos seus olhos

Por Alfred E. Lyon

O CAIXEIRO de uma loja de Montreal, homenzinho de ar modesto que conhecí durante muito tempo somente como o sr. Mathew, exerceu profunda influência na minha vida. Tinha eu apenas 19 anos e acabara de chegar de Londres com idéias fantásticas para enriquecer depressa. Tudo quanto possuia eram um elegante sobretudo e cinco dólares. Estava contente com o emprego de caixeiro de uma loja, a seis dólares por semana e comissão sobre as minhas vendas. Chita era fazenda que eu não distinguia de seda; e, nada sabendo da arte de vender, procurava fingir que era um perito.

Para o meu espírito inexperiente, a melhor técnica consistia em usar superlativos; por isso exagerava as qualidades da mercadoria até chegar à deformação da verdade, garantindo a resistência de fazendas sobre as quais não tinha informação alguma; e socorria-me da minha loquacidade para persuadir os fregueses, levando-os a comprar. Tal tática valeu-me excelentes resultados.

Ainda assim, verificava que aquele simplório do Mathew vendia mais do que eu. Interroguei-o a propósito.

—E porque os fregueses acreditam em mim, respondeu-me ele.

Surpreendido, objetei:

—E porque é que não hão-de acreditar tambem em mim?

—Não se esqueça, meu caro, de que, seja você o que for, o que você é lê-se nos seus olhos.

Foi um choque para mim. Pela primeira vez me ocorreu que a honestidade não era apenas deixar de furtar dinheiro, que não era um vago ideal de que falavam os professores e os pais, e sim, na verdade, uma coisa real na vida cotidiana.

Comecei a imitar Mathew, e fiquei admirado ao verificar o meu êxito. Minhas vendas aumentaram. Certo dia, uma senhora, de aspecto modesto, pôs-se a encomendar artigos de alto preço, um tanto impensadamente, ao que me pareceu. Minha comissão seria enorme, mas, seguindo o preceito de honestidade integral aprendido com Mathew, levei a freguesa a examinar fazendas mais baratas, e pensar sobre a compra, em conjunto, até o dia seguinte. Entretanto, ela comprou mesmo o que havia escolhido e, com surpresa para mim, pagou tudo na mesma hora.

Vinte e quatro horas depois, surgiu na loja o marido da freguesa, e ofereceu-me um lugar de vendedor com um ordenado quatro vezes maior do que o que eu tinha. Era negociante de diamantes, e, quando lhe disse que não entendia patavina do ramo, respondeu-me que isso não tinha importância, porque eu já havia aprendido o princí-

ALFRED E. LYON, nascido em Londres há 50 e poucos anos, há 25 anos é cidadão norte-americano.

É hoje vice-presidente executivo da Philip Morris & Company, Inc., e seus métodos nos últimos sete anos elevaram os lucros da companhia de 418 mil a 7 milhões de dólares.

pio fundamental da arte de vender. Compreendí então em sua plenitude o valor da lição que recebera de Mathew. Nunca houve período da minha vida em que eu deixasse de lhe ser grato por ela.

Vendí diamantes durante vários anos. Reinava muita má fé nos negócios de diamante por atacado, naquela época, e o preceito de Mathew serviu para que me colocasse em sólida posição.

Uma vez, estava exibindo amostras a um grande joalheiro de Toronto, que era surdo. Difícil de contentar, ele me havia pedido que lhe trouxesse mais amostras, no mesmo dia e no dia imediato. Receoso de que acabássemos perdendo o negócio, o vendedor que estava comigo me disse, fiado na surdez do joalheiro:

—Mostre a ele de novo uma das primeiras coleções dizendo que é remessa nova.

Tomei de um pacote e expliquei ao freguês ranzinza:

—Eu podia apresentar-lhe isto como um sortimento novo, o que não é exato. O senhor já viu ontem estes diamantes. Mas, como estou certo de que eles têm os quilates e a lapidação que o senhor deseja, peço-lhe que torne a examiná-los agora.

Rápido como um relâmpago, o joalheiro fechou o negócio.

—Estão comprados!

E daí por diante foi um ótimo cliente.

Vim mais tarde para Nova York, e conseguí lugar numa grande companhia, como vendedor. Minha zona era a parte baixa do lado leste, a peor da cidade. As perspectivas de negócios, aí, não eram animadoras. Vendia-se pouco. Os concorrentes estavam firmemente instalados. O produto que eu representava era bom, mas não muito superior aos de outras marcas. Contudo, não me esquecí das palavras de Mathew, e elas me conservaram a coragem. Tive êxito ainda dessa vez.

Tempos depois, fui promovido a chefe de vendas; mais tarde, a gerente da firma. Hoje, tenho sob minhas ordens mais de 650 vendedores. E nas minhas reuniões com eles, frequentemente me vejo a parodiar o preceito de Mathew:

—Se vocês não estão sendo bem sucedidos, façam um exame de conciência. Nunca serão campeões de vendas enquanto seus olhos não mostrarem que vocês são honestos!

A ubiquidade de Churchill

¶ Quando Winston Churchill esteve em Washington, pela última vez, um amigo mostrou ao Primeiro Ministro a fotografia de seu neto, publicada pela revista *Life*.

—Interessante, comentou o amigo.

—É, concordou Churchill.

—E o mais estranho é que se parece com você...

—Não há nada de estranho nisso, replicou Churchill.—De fato, *todos* os bebês se parecem comigo.

Leonard Lyons, *N.Y. Post*

O instinto sexual como arma de guerra

(Condensado do «American Mercury»)

Por George W. Herald

Um dos aspectos do vasto programa de purificação racial dos nazís, é conservar quase um milhão e meio de prisioneiros franceses, todos na força da vida, afastados de suas mulheres.

Nos tempos antigos, os exércitos consideravam as mulheres das regiões conquistadas como presas legítimas. Mas atualmente, na Europa, se está dando ao processo o carater de método de conquista. Sob a direção da *Rassenpolitisches Amt* de Hitler—o seu Serviço de Política Racial—a arma sexual vai sendo usada deliberadamente para destruir algumas nações e «arianizar» outras.

O chefe deste Serviço, o professor dr. Walther Gross, no número de outubro de *Raça*, a sua publicação oficial, consubstanciou nestes termos a política nazista sobre o assunto: «Nossa vitória só será duradoura se de fato, entre os nossos vizinhos, se criarem, em número bastante, homens que se liguem à Nova Ordem, antes e acima de tudo, pelo sangue. Providenciar, com segurança, para que tal se consiga, é a mais importante das nossas tarefas.»

Para desempenhar devidamente a missão que lhe foi atribuída, o Serviço de Política Racial dividiu a Europa em três seções: Nórdica, Latina e Eslava. Nesta última, o programa consiste não só em deter a fecundidade dos poloneses, tchecos, sérvios, russos, e outros povos eslavos, mas, quanto for preciso, exterminá-los. Escreve o prof. Gross: «Os poloneses, os tchecos, e os sérvios perderam o direito de governar-se a si mesmos. Cada aumento que se verifique, por via de natalidade, entre estes povos parasitários, seria nocivo ao interesse geral. Adotamos, por conseguinte, medidas radicais, para reduzir os nascimentos entre eles ao mínimo.»

Na Polônia, por exemplo, uma mulher não pode dar à luz sem a prévia permissão do governo-geral nazista, e, na grande maioria dos casos, essa permissão é recusada. A lei prescreve o aborto, impondo sanções severas aos transgressores. E grande número de homens eslavos têm sido separados das esposas, como um meio de apressar o extermínio da raça.

Abriu-se recentemente uma exceção para as moças de Tatras, região acidentada da Polônia. Os nazistas declararam-nas arbitrariamente «germânicas», e puseram muitas delas em um «campo de reprodução para melhoramento da raça nórdica», situado perto de Lodz, onde as obrigam a cohabitar com rapazes alemães.

Os húngaros e os eslovacos, considerados pelo professor Gross como «povos racialmente capazes de desenvolvimento», são tambem utilizados como «reprodutores», em experiências análogas. Jovens escandinavas, aliás em contingentes numerosos, têm sido en-

Membro do corpo redacional de *Le Petit Parisien*, George W. Herald serviu no exército francês até que o mesmo foi desmobilizado. Veio há cerca de um ano para os Estados Unidos.

caminhadas para a Áustria, como para a Hungria e a Eslováquia, «afim de aí entrarem em relações com indivíduos destes paises», enquanto, em compensação, moças húngaras e austríacas se transplantam, ou antes, são transplantadas para o Norte. Acrescenta o professor Gross: «Naturalmente, os resultados de semelhantes esforços não se podem ainda apreciar. Temos, porem, dado provas de que, na luta pela formação de raças mais apuradas, não recuamos diante de inovações radicais.»

Sob o controle nazista, a mocidade «nórdica» está recebendo uma nova educação sexual, à base de nudismo, e usada como recurso para o aumento da natalidade.

A despeito do emprego, no caso, de um jargão científico, o certo é que a propaganda posta em prática redunda principalmente em pura pornografia mascarada de arte. O ano passado, em Mônaco, conseguí, mediante gorjetas, assistir à exibição preparatória do que o nazismo tinha de mais novo no ramo de filmes «educacionais». A assistência constava de oficiais superiores alemães e um punhado de seus satélites, de paises ocupados.

O primeiro filme intitulava-se «Epílogo Olímpico». Revivendo supostamente a Grécia clássica, apresentava um grupo de adolescentes, rapazes e raparigas, que, após um dia de exercícios rítmicos no estádio, desafogavam os nervos numa espécie de *garden-party* dionisíaco. Quem já viu alguma vez revistas pornográficas com pretensões artísticas, poderá fazer uma idéia do que era a tal película. Outra, «domingo de Verão», salientava o contraste entre o domingo, à moda antiga, numa casa de família da classe média, e a alegria da vida ao ar livre dos jovens nazistas emancipados, a recrear-se, quase todos nus, à beira de um límpido lago.

Após a exibição, o dr. Hans Endres, de Heidelberg, perito em questões raciais à maneira nazista, esclareceu-nos: «Estes filmes se destinam à propaganda, na Europa, de um novo modo de vida. As novas gerações devem aprender a gozar os prazeres naturais, sem o constrangimento do pudor que lhes impunham velhos preconceitos. Será esse o único meio de, pelo aumento da nossa população nórdica, atingirmos, mais ou menos, um renascimento europeu.»

Fui informado de que deveriam aparecer, em série correspondente a um plano de conjunto, 45 filmes daquele gênero, alguns tendo em vista, particularmente, os meios militares—para levantar o «moral» dos soldados alemães, onde quer que se achassem, na Europa.

«Na França,» regista o dr. Gross, «os nossos soldados têm tido o maior êxito junto à população feminina. Naturalmente, nem sempre as jovens que com eles entravam em contacto eram as mais convenientes, sob o ponto de vista racial. Tivemos portanto que reorganizar pela base a vida amorosa no país.»

A manutenção em cativeiro de 1.350.000 prisioneiros franceses—o que representa um quarto da população masculina, entre os 20 e os 40 anos—obedece, em boa parte, ao diabólico intuito de conservá-los afastados de suas mulheres. O resultado é que uma quantidade cada vez maior de francesas, moral e materialmente exhaustas pelo rigor de tantas provações, se rende aos conquistadores. Um quadro da desgraça de París por estes tristes dias é o dos cafés em redor da Praça da República, onde

bandos de raparigas que trabalham em lojas e escritórios se encontram com soldados alemães. Muitas delas, com a fome em casa, não vacilam em se entregar a troco de comida, ou dos meios de obtê-la.

Eis aquí outro processo empregado para «reorganizar basicamente a vida sexual na França». Durante muitos meses, «comissões médicas» alemãs examinavam mocinhas, alunas de escolas públicas, sob pretexto de verificar-lhes o estado de nutrição. Logo depois do exame, ordenava-se a algumas delas que se apresentassem, em tempo próprio, à Repartição Alemã de Saude, em París, onde, ao chegarem, eram alojadas em excelentes acomodações nos melhores bairros da cidade. Cada dia, certo número de tais moças, oriundas de várias procedências, era submetido a novo exame. Ao se despirem para o mesmo, não lhes passaria pela cabeça que, através de um vidro escuro, as estavam observando jovens oficiais alemães, os quais, em seguida, faziam as suas escolhas, ficando à disposição de cada um a respectiva escolhida. Declarada a gravidez, era a moça mandada para casa, com instruções para trazer as autoridades germânicas devidamente informadas, sendo-lhe assegurada a necessária assistência médica e financeira. Escusado será acentuar que os precedentes raciais de cada uma das «eleitas» foram cuidadosamente investigados, de modo a não haver dúvida de que o seu sangue merecia a honra que se lhe ia conferir.

São cousas, na verdade, todas estas, que seriam inacreditaveis, se não fossem, alem do mais, ostensivamente preconizadas em considerações «científicas» da ordem das que aquí reproduzimos de um artigo do dr. Albert Dupré, sob o título «A vida sexual num mundo nórdico», e dado à estampa na *Revista Médica Alemã*, em seu número de março de 1941: «Todas as mulheres deveriam ser examinadas, para que se verificasse se estavam, ou não, em condições de ter filhos. Reunidas, em seguida, em casas especiais, as que se achassem em condições de tê-los, ser-lhes-iam apresentados homens a seu turno selecionados, e após o devido exame cada uma escolheria o seu, para uma aliança provisória, isto é, que devesse durar até a gravidez. A média, em tais termos, seria de seis filhos por mulher, todos eles arianos de primeira qualidade.»

No seu livro famoso «Assim falava Zaratustra», perguntava Nietzsche: «Onde está a raça bastante forte, para emancipar-se da virtude? Onde estarão os bárbaros do século XX?»

Os nazistas acudiram ao seu apelo, inventando e montando a máquina para a produção de bárbaros em massa.

¶ Descrevendo eu, uma vez, a um velho canibal a Grande Guerra que então assolava a Europa, ele se mostrou sumamente interessado em saber como é que os europeus conseguiam comer tanta quantidade de carne humana. Quando eu lhe disse que os europeus não devoravam os inimigos mortos, ele me olhou tomado de horror e me perguntou que espécie de bárbaros éramos nós, que matávamos sem *motivo justificado!*

—*Bronislaw Malinôwski*

Anton, o amigo de todo mundo

Por Stefan Zweig

EU SERIA um ingrato se tivesse esquecido a pessoa que me deu a conhecer duas coisas das mais dificeis de realizar na vida: como pode um homem, pela sua simples liberdade interior, libertar-se a si mesmo do mais forte poder deste mundo, que é o poder do dinheiro; e como lhe é possivel viver entre os seus semelhantes sem fazer um só inimigo.

Vim a travar conhecimento com este extraordinário indivíduo de um modo bem simples. Certa tarde, na pequena cidade em que eu vivia então, levei meu perdigueiro para dar um passeio, quando o cão, de repente, começou a portar-se de uma maneira estranha. Pôs-se a rolar, frenético, na grama, e a esfregar-se de encontro às árvores, arreganhando os dentes e gemendo.

Enquanto eu perguntava a mim mesmo o que lhe teria acontecido, notei que alguem me acompanhava os passos —um sujeito de cerca de trinta anos, pobremente vestido, sem colarinho nem chapéu. Um mendigo, pensei, e quase levo a mão ao bolso. Mas o rapaz sorriu tranquilamente, a olhar-me com seus olhos claros e azues, como se fôssemos velhos amigos.

«É um carrapato, o que o coitado tem,» disse apontando para o cão. «Venha, vamos tirá-lo.»

Tratara-me por «Du,» o que denota, em alemão, certo grau de intimidade; porem havia, em seu olhar, uma expressão tão doce, que não levei a mal a familiaridade. Acompanhei-o a um banco do jardim, e sentei-me a seu lado. Ele

O jovial Anton nunca tivera um emprego, mas andava sempre ocupado.

chamou o cão com um assovio agudo.

E, por estranho que pareça, Kaspar, meu perdigueiro, geralmente arredio, atendeu-lhe ao chamado sem demora, e, a um sinal do rapaz, pôs a cabeça sobre os seus joelhos. Examinando o pelo do cachorro com seus dedos compridos e sensiveis, o homem por fim soltou um «ah!» de satisfação, e deu início ao que deve ter sido uma operação algo dolorosa, pois que o pobre Kaspar gemeu diversas vezes. Não fez contudo esforço algum por se desvencilhar. De repente, o rapaz largou-o. «Aquí está!» gritou, triunfalmente, levantando na mão alguma coisa. «E agora vá tranquilo, meu cãozinho.» Como o cachorro se afastasse dele, o rapaz levantou-se, cumprimentou-me, e seguiu seu caminho. Fê-lo, porem, tão repentinamente, que só depois me veio ao pensamento a idéia de lhe dar alguma coisa em troca do trabalho que tivera ou, pelo menos, lhe agradecer. Partiu, porem, como chegara—com a mesma irrevogavel decisão e a mesma segurança de si próprio.

Em casa, a refletir ainda sobre a estranha conduta do homem, contei o caso à nossa velha cozinheira.

—Ah, foi Anton, exclamou ela.—Ele sempre está pronto para tudo.

Perguntei-lhe qual era o seu ofício, qual o seu meio de vida.

—Nenhum, respondeu ela, como se a

minha pergunta lhe houvesse causado espanto. —E ele precisa de ofício?

—Ora esta, retruquei, todo o mundo precisa de alguma cousa para viver.

—Não Anton, respondeu-me. —Não há quem não tenha prazer em lhe dar seja o que for de que ele necessite. Anton não se preocupa com dinheiro, nem dinheiro lhe faz falta.

Que coisa mais estranha! Eu bem sabia que na nossa pequena cidade, como em todas as cidades do mundo, um pedaço de pão, um copo de cerveja, um capote, uma noite de albergue, tudo custa dinheiro. Como podia aquele pobre diabo, com as calças já no fio, escapar a esta lei, e permanecer, não obstante, despreocupado e feliz?

Resolví investigar os seus métodos, e não tardei a verificar que a nossa cozinheira tinha razão: Anton efetivamente, não tinha meio de vida de espécie alguma. Vagava pela cidade o dia inteiro—aparentemente sem destino, mas com olhos vigilantes que observavam tudo. Fazia parar um cocheiro, e mostrava que o cavalo do seu carro estava mal atrelado. Notava que uma cerca tinha a apodrecer um dos paus, e procurava o dono afim de sugerir-lhe que o fizesse pintar. A tarefa, em tais casos, lhe era de ordinário confiada—pois todos estavam certos de que não havia de sua parte nenhum espírito de interesse, mas uma espécie de sentimento inato de solidariedade humana.

Quantos pequenos trabalhos tive ensejo de ver, desde então, lhe serem confiados! Uma vez encontrei-o sentado na loja de um sapateiro a remendar sapatos. Outra, servindo de copeiro numa festa, ainda outra levando um grupo de crianças a passeio. Apurei que toda a gente recorria aos serviços de Anton, em qualquer emergência. Encontrei-o uma ocasião vendendo maçãs num mercado de mulheres, e disseram-me que a dona da barraca, tendo de dar à luz, o incumbira de ficar em seu lugar.

Certo que se encontram em toda a parte homens desocupados, prontos a dar conta, aquí e alí, de qualquer trabalho avulso. Mas o singular em Anton era que, por mais duro que fosse o serviço, se recusava, intransigentemente, a receber mais dinheiro do que porventura precisasse para a sua despesa do dia. Quando as coisas iam bem, não aceitava pagamento algum. «Eu lhe procuro mais tarde, se precisar de alguma coisa,» dizia então.

Refletindo comigo mesmo, cheguei à conclusão de que aquele curioso sujeito, no meio dos seus farrapos, criara, para si próprio, um novo sistema. Tinha fé na probidade da criatura humana; em vez de depositar dinheiro numa caixa econômica, preferia acumular na conciência da população, de que era parte humilde, obrigações morais para com ele; investia o pouco que tinha em créditos invisiveis—e ainda o mais cínico não podia deixar de sentir-se em estado de dívida para com aquele que lhe prestava serviços sem a menor idéia de recompensa.

Para que se tivesse uma prova da geral estima pública de que gozava Anton, nada mais seria preciso que vê-lo passar nas ruas. Todo mundo o saudava cordialmente, ou lhe estendia as mãos. E aquele João Ninguem, metido no seu capote surrado, atravessava a cidade—despreocupado e indulgente—qual se fora um grão-senhor a inspecionar suas terras. Poderia entrar em qualquer porta, ou sentar-se a qualquer mesa; todo o mundo estaria às suas ordens. Jamais compreendí tão bem a força que um homem adquire quando

domina a incógnita de não pensar no dia de amanhã, mas confia tranquilamente em Deus.

Devo francamente confessar que me senti aborrecido a princípio, ao ver que Anton, após o que se passou entre ele e o meu Kaspar, se limitava a um cumprimento ligeiro quando me encontrava na rua, como se fôssemos dois estranhos. Evidentemente ele não desejava dar maior importância ao pequeno serviço que me prestara. Eu, entretanto, senti que aquela delicada indiferença redundava em me excluir de uma vasta e amistosa comunidade. Assim, a primeira vez que tive em casa necessidade de alguem para um pequeno serviço—uma goteira no telhado—sugerí à cozinheira que o chamasse.

«Não é possivel chamá-lo,» respondeu-me; «ele não para num lugar certo muito tempo. Mas eu vou lhe mandar um recado.» Foi então que vim a saber que aquele estranho indivíduo não tinha casa. Todavia ninguem mais facil do que ele de ser encontrado; dir-se-ia que um telefone sem fio o ligava à cidade inteira. Era bastante dizer à primeira pessoa a quem se encontrasse na rua—«Eu preciso de Anton»—e a palavra passava de um a um, até lhe chegar aos ouvidos. Com efeito, aquela mesma tarde, ele me apareceu. Derramou sobre tudo um olhar penetrante, mostrando, enquanto atravessava o jardim, aquí, uma árvore que era preciso podar, alí, outra que devia ser transplantada. Finalmente, examinou a goteira e, ato contínuo, pôs mãos à obra.

Duas horas depois, deu por concluido o serviço, e partiu—sem esperar, ainda desta vez, os meus agradecimentos. Mas agora, pelo menos, eu tinha recomendado à cozinheira que o remunerasse generosamente. Perguntando-lhe, depois, a ela, se Anton tinha ficado satisfeito, respondeu-me:

«Ora se ficou! Ele está sempre satisfeito.» E acrescentou: «Eu quis dar-lhe seis moedas; acabou levando duas, que lhe davam para passar hoje e amanhã. Mas disse que se o senhor tiver algum capote velho, imprestavel...»

Nem posso descrever o contentamento que tive ao reconhecer-me em condições de oferecer àquele homem—a primeira pessoa no mundo que vi tomar para si menos do que se lhe dava—alguma coisa que ele ansiava por ter. Corrí ao seu encontro. «Anton, Anton,» gritei. «Tenho um capote para você.» Tive, mais uma vez, diante de mim, a luz serena e tranquila que brilhava nos seus olhos. Nada o surpreendia no meu gesto. Parecia-lhe natural que alguem, possuindo um capote de que não necessitasse, o oferecesse prontamente a outro, que dele tanto estava em precisão.

Mandei buscar pela cozinheira todas as minhas roupas usadas de que eu pudesse abrir mão. Ele passou tudo em revista, apanhou um capote, experimentou-o, e disse então calmamente: «Este serve.» Mas o disse com o ar de um cavalheiro que se decide por um dos artigos trazidos, numa loja à sua escolha. Depois, relanceando os olhos sobre as outras coisas, ajuntou: «O senhor podia dar estes sapatos a Fritz, no Salsergrasse, que está precisando de um par; e as camisas a Josef, na Praça—ele pode aproveitar. Se o senhor quiser, faça o entrega.» Tudo isso no tom magnânimo de quem se dispõe de bom grado a fazer um favor. Sentí-me no dever de agradecer-lhe a distribuição que fazia de objetos a mim pertencentes a pessoas que me eram completamente estranhas. Ao amarrar tudo numa trouxa, comentou, finalmente: «O senhor é uma boa pessoa. É bonito dar estas coisas aos mais precisados.» E sumiu-se.

Curioso! Nenhuma crítica, ainda a mais entusiástica, feita a qualquer dos meus livros, me deu mais prazer ao coração do que esse louvor ingênuo. Pelo tempo adiante, não poucas vezes me lembrei de Anton e sempre com gratidão, porque poucas pessoas na vida me fizeram tanto bem ao espírito. Não raro, quando estúpidas pequenas questões de dinheiro começam a preocupar-me, tenho evocado aquele pobre homem que vivia calmamente cada dia, por não aspirar a mais do que o preciso para passar cada dia. E então não cesso de considerar: «Se todos aprendessem o segredo da total confiança mútua, não haveria polícia, nem cortes de justiça, nem prisões, nem dinheiro. Não se dará, porventura, que todo o nosso complicado sistema econômico encontraria remédio se cada qual de nós—tal como Anton—desse o mais que estivesse ao seu alcance, não se preocupando em receber senão de fato o correspondente às suas necessidades?»

Há já alguns anos não ouço falar de Anton. Mas haverá pouca gente cujo destino me inspire menos temor: bem sei que Deus nunca o deixará no abandono e—o que mais é—tampouco os homens.

Na vanguarda da Cirurgia

Por Lois Mattox Miller

O caçador de estilhaços de bala

O DR. JOHN J. MOORHEAD, professor de Cirurgia na Escola Médica de Nova York, estava fazendo conferências sobre cirurgia de urgência, quando os japoneses atacaram Pearl Harbor. Sem perda de tempo correu ele ao Hospital Geral Tripler, e tomou conta de muitos casos dificeis de feridos por estilhaços de bombas. Sobre, em derredor e no interior das feridas, passou um estilete de aço ligado por um fio a um instrumento que parecia um pequeno aparelho de rádio. Quando a agulha, depois de mover-se nervosamente, parava num mostrador, isto queria dizer que tinha sido localizado um fragmento de metal. Embora este fragmento estivesse implantado profundamente, o localizador trabalhava com precisão e presteza. Os cirurgiões podiam operar prontamente e com segurança. O localizador de corpos estranhos, aperfeiçoado para o dr. Moorhead pelo jovem engenheiro eletricista Samuel Berman, da Companhia de Trânsito de Nova York, eliminou a aplicação demorada dos raios X e a incerteza da exploração cirúrgica com estiletes. O «estilete mágico» cirúrgico pode assinalar a presença de aço, cobre, bronze e alumínio, e encontra fragmentos sepultados, que não seriam denunciados pelos raios X. Antes da partida do dr. Moorhead para o Havaí, o aparelho tinha sido experimentado apenas uma vez. Um policial ferido na explosão duma bomba na Feira

Mundial de Nova York, em 1939, ficou com uma perna muito dolorida. Repetidos exames de raios X nada mostraram, mas a um exame superficial o localizador revelou a causa: um fragmento de aço encravado profundamente num tendão do tornozelo direito. Num caso em Pearl Harbor, os cirurgiões, olhando o mostrador do aparelho, certificaram-se de que a «varinha mágica» tinha perdido o controle; apesar disso, deixaram-se guiar por ela, e encontraram uma bala de metralhadora alojada no interior do canal raquidiano dum aviador.

Os cirurgiões no Havaí, entusiasmados com o localizador, não permitiram que o dr. Moorhead, quando de volta, em janeiro, o trouxesse consigo. Ao chegar, porem, aos Estados Unidos, o cirurgião encontrou um segundo modelo mais aperfeiçoado que o de Pearl Harbor, pronto a ser posto a prova. O aparelho já está sendo fabricado, para fins comerciais.

—Do *Journal of the American Medical Association.*

Trevo misterioso

Algumas vezes vacas e carneiros sangram misteriosamente, até que morrem; e o sangue não coagula. Longo tempo decorreu, sem que os veterinarios descobrissem a causa do fenômeno. Apurado que animais, assim vitimados, tinham comido feno ou certas gramas contendo trevo em decomposição, essa circumstância sugeriu aos pesquisadores novas possibilidades.

Depois de certas operações, muitas vezes se declaram graves tromboses que frequentemente levam a morte ao paciente. A heparina, o dissolvente do sangue, que se obtem do fígado de cavalos, revelou-se eficiente como preventivo contra a coagulação. Trata-se porem de um produto caro, e um tanto dificil de administrar e controlar.

Pesquisadores no Campo Experimental Agrícola de Wisconsin isolaram do trevo uma substância química com um nome muito comprido, logo simplificado para dicumarina, a qual evita a coagulação do sangue. Anunciaram tambem que a mesma poderia ser fabricada sinteticamente. Hospitais e centros médicos pediram amostras do remédio para experimentar. E na convenção anual da *American Medical Association*, em junho, os relatórios foram unânimes em afirmar que a dicumarina era o anticoagulante ideal.

A dicumarina custa um décimo do preço da heparina. Em lugar de injetada nas veias, gota a gota, durante semanas, pode ser injetada duma só vez, ou tomada por via oral. Dentro em breve, a exemplo das sulfanilamidas, será usada largamente na cirurgia de guerra e de paz.

—Do *Journal of Biological Chemistry.*

Luz verde para a circulação.

Uma questão que frequentemente assalta o espírito, ainda dos mais experimentados cirurgiões, é a de saber se uma parte doente ou traumatizada do organismo está sendo ou não bem irrigada pelo sangue. Se a circulação se está processando, há esperança de que não seja preciso cirurgia; mas, se a circulação parou, a extremidade enferma, por exemplo, torna-se gangrenada, e, quanto mais cedo amputada, melhor. Entretanto, muitos cirurgiões competentes têm amputado sem necessidade, ou operado tardiamente, à falta de um meio de verificação infalivel.

Os drs. Kurt Lange e Linn J. Boyd descobriram um processo engenhoso

que evita essa grave incerteza. Sabendo que um corante não tóxico, a fluoresceina, irradia tons verde-amarelados, sob a ação dos raios ultra-violetas, e que estes raios penetram no organismo bem profundamente, atingindo a superfície dos vasos sanguíneos, imaginaram eles que uma injeção daquele líquido poderia atingir todas as partes do organismo em menos de um minuto, dado que a circulação total se processa em 17 segundos. Os tecidos apareceriam então esverdeados sob a ação dos raios ultra-violetas. Os drs. Lange e Boyd empregaram o teste «luz-verde» várias vezes nos Hospitais Flower e Quinta Avenida, em Nova York. Um paciente, com uma provavel gangrena na perna, foi conduzido ao quarto-escuro, e recebeu uma injeção de fluoresceina. Se, no fim de 20 segundos, a perna se mostrasse «verde-amarela» à ação da lâmpada ultra-violeta, a circulação era boa, e não seria precisa a intervenção cirúrgica; mas, se a perna se apresentasse enegrecida, queria isso dizer que estava a ser gangrenada, cumprindo pois amputá-la. Ainda mais, observando em que parte da circulação termina a irradiação, o cirurgião pode escolher o lugar ideal para realizar a amputação.

Menos dramático, porem mais frequente, é o uso do mesmo teste para verificar que quantidade de sangue chega aos pacientes que sofrem de diabete ou arterio-esclerose dos vasos das extremidades.

—Do *Medical Clinics of North America.*

Determinar depressa o grupo sanguíneo

Antes de qualquer transfusão, o sangue deve ser classificado, pois a junção de grupos ou tipos incompativeis determina coágulos fatais. Nunca tinha sido possivel identificar rapidamente os grupos comuns A e B, que representam aliás cerca de 50% dos adultos. O problema passou a ser agudo, depois que a guerra tornou imperiosa a classificação em massa dos tipos de sangue.

O dr. William Thalhimer e a analista Sophronia A. Myron, do Laboratório de Sorologia do Departamento de Saude Pública da cidade de Nova York, descobriram um método que permite a operação em menos de um minuto.

Consiste no seguinte: faz-se uma concentração dos grupos A e B, após o que se coloca uma gota de cada num quadradinho desenhado num cartão, a elas juntando-se outra do sangue a determinar. Misturam-se as três com uma bagueta ou mesmo um palito. Em menos de um minuto, a olho nu, vêem-se os resultados: sangue e soro do mesmo grupo secam homogeneamente, ao passo que os tipos incompativeis formam grumos, ao secar. Ainda mais: estes elementos entram definitivamente para o cartão-teste que pode ser arquivado com a história do paciente.

—Do *Journal of the American Medical Association.*

Máquina de costura cirúrgica.

Raramente apreciado pelos leigos, o «trabalho de costura» o é, entretanto, muito, pelos cirurgiões. Na limpeza e rapidez das suturas, vêem eles um índice seguro da habilidade do operador; mas, de qualquer modo, a tarefa é lenta e complicada: a agulha deve ser montada e desmontada para cada sutura, e a linha enfiada e desenfiada à proporção que se vai suturando. Muitos cirurgiões habeis esperavam pelo dia em que alguem inventasse uma «máquina de costura cirúrgica». Este dia chegou, e o

inventor (ajudado por competentes cirurgiões) não é senão a muito conhecida companhia Singer de máquinas de costura. A máquina mais parece um anzol ligado a uma rodinha de cerca de 20 centímetros de comprimento. A agulha está ligada à ponta duma haste metálica. A linha corre dum carretel que existe na máquina. Com este novo instrumento, que é operado manualmente, os cirurgiões podem rapidamente fazer diferentes espécies de suturas, ora interrompidas, ora contínuas, conforme a operação de que se trate, em qualquer parte do organismo, e com mais destreza e uniformidade do que com as mãos.

Talco em cirurgia cardíaca.

Há alguns anos, eram considerados «cardíacos sem cura»—adultos e velhos sentados em cadeiras de rodas, ou permanecendo no leito, esperando, apavorados pelo próximo ataque de angina do peito, que bem poderia ser o último, dando-lhes cabo da vida. Hoje, os ditos doentes são trazidos à vida normal.

O empregado doméstico ou de balcão trabalha o dia todo; os caixeiros-viajantes sobem escadas, para visitar seus fregueses; a dona de casa trabalha fora auxiliando o marido doente e o orçamento caseiro. Mas os pacientes de que tratamos haviam de quedar inertes. O perigo de morte na angina de peito é causado pela calcificação, constricção ou bloqueio das artérias coronárias, as quais, quando obliteradas, deixam o coração sem circulação apropriada. Contudo, há, em geral, um suprimento adequado, através dos vasos do pericárdio, isto é, do saco que aloja o coração.

Os drs. Samuel Alcott Thompson e Milton J. Raisbeck, do New York Medical College, descreveram recentemente uma simples, mas ousada operação, por meio da qual desviam a circulação pericárdica para o coração. Incisam o saco cardíaco, polvilhando depois com duas colheres de chá de talco esterilizado a parede interna do pericárdio e a superfície externa do coração. O talco produz uma grande inflamação, a qual, por sua vez determina aderência das duas superfícies, ligando assim as artérias do pericárdio ao coração. A operação não leva mais de 20 minutos.

Os drs. Thompson e Raisbeck acentuam que a operação deve ser usada em casos selecionados; e aconselham os seus operados a que tenham vida *normal*, evitando excessos e esforços imoderados.

—Dos *Annals of Internal Medicine*.

Os professores no fim...

¶ Se eu jamais fundasse uma Universidade—e digo-o seriamente—começaria por construir uma sala de fumar e, a seguir, um dormitório. Os estudantes comeriam em um amplo refeitório, com vigas no teto, janelas com vitrais, e, aqui e acolá, escudos e placas sobre as paredes para recordar-lhes aqueles que já se foram. Depois dos dormitórios, se tivesse algum dinheiro à mão, eu estabeleceria uma sala de leitura decente. E só então, se ainda me restasse algum dinheiro, eu compraria alguns livros escolares e contrataria um professor.

—*Stephen Leacock, no* HARPER'S MAGAZINE

CONVERSA FIADA DE TERRA E MAR

Alguem devia ter mandado calar o homem do bar, quando ele perguntou ao marinheiro o que a Marinha andava fazendo. Mas nós todos ficamos ouvindo displicentemente, enquanto o homem dava com a língua nos dentes.

«O que os nossos navios estão fazendo, eu não sei,» disse ele. «O que eu sei é que, muito em breve, eles não terão que se preocupar com os submarinos, se os *boches* não se tornarem mais sabidos. Estou servindo em um destroier da Divisão «Tinta Verde». Levamos a bordo um grande suprimento de tinta verde, e, quando localizamos um submarino, imediatamente circulamos a zona suspeita, lançando a tinta sobre a superfície da água. Os nazistas, ouvindo o ruido dos nossos motores, sobem logo, para dar uma espiada. Quando o seu periscópio atinge a tona, fica coberto com a tinta que se agarra nele; então ficam sem saber que estão emergindo, e continuam a subir. Nós esperamos calmamente que o *sub* esteja a uns 400 pés de altura, e então o abatemos com as nossas baterias antiaéreas...»

—*R. D. Colburn*

Enquanto esperavam a hora de entrar em ação, os pilotos da 37ª esquadrilha de combate matavam o tempo contando histórias de saltos com paraquedas. A certa altura, espichando-se na cadeira e cruzando os pés na borda da mesa, o tenente John Kay dispôs-se a narrar o acontecimento mais singular a que assistira:

—Um dia, no sítio onde a gente estava, caiu um sujeito do céu. O mais curioso é que o seu paraquedas era uma simples toalha de mesa, com as pontas atadas num nó. Apesar disso, o estranho paraquedista não sofreu o mínimo arranhão! Ficamos naturalmente curiosos e pedimos ao sujeito que nos explicasse a aventura.

«Ora,» disse ele, «meu avô, que ajudou os irmãos Wright a construir os seus aeroplanos, decidiu hoje demonstrar a sabida verdade de que até uma mesa pode voar, desde que seja impelida por uma força suficiente. Carregamos com a mesa para o aeroporto, instalamos nela um motor de avião, fizemos girar a hélice, e saltamos em cima dela. A mesa deslisou terreno em fora, mas nada de levantar vôo! Vovô explicou então que o que estava faltando era mais uma tábua, para servir de asa. Arranjou-se a tábua e, dito e feito, a mesa levantou vôo, pouco faltando para ir de encontro a uma árvore. Logo depois demos com um bando de patos bravos, dois dos quais foram colhidos e depenados pela hélice, ficando

entalados entre os cilindros. Com o calor do motor em breve estavam assados—e, podem crer, o pitéu saiu delicioso!»

«Mas venha cá,» disse um de nós, interrompendo o sujeito. «Como é que você aparece assim caindo do ar com um paraquedas feito de uma toalha de mesa?...»

«Oh,» replicou prontamente o estranho paraquedista, «eu pedí a vovô uma perna de pato sem dizer *por favor*, e ele me ordenou então que eu saisse da mesa, não está vendo?»

—Winton Dunlap, soldado da 37ª esquadrilha de combate, Olympia, Washington.

O BARCO YP-0630, escalado para um serviço de patrulha anti-submarina, por um período de oito dias, logo no segundo dia encontrou mau tempo. Daquí por deante, o mestre da equipagem, Will Porto, conta a história:

«Como o céu escurecia e não estávamos seguros da nossa posição, ancoramos a sotavento de uma ilha, para fazer uma rápida leitura no sextante. Marcamos a nossa posição, não há dúvida, mas, quando tratamos de levantar a âncora, o capitão me deu ordens para aparelhar o cabrestante, no porão, e usá-lo com mais gente. Estávamos pondo mãos à obra, quando a tempestade caiu. Nosso pequeno barco, que era um iate posto em serviço de guerra, balouçava terrivelmente. Um dos recrutas da tripulação, de nome Milty Mullins, era um homenzarrão do Texas, e, quando vi que os nossos homens faziam força sem resultado algum, mandei chamar Mullins. O rapagão aparece, agarra o cabo com as mãos nuas, e começa a puxar. Ao primeiro arranco, levanta uma toesa da cadeia de ferro da âncora. Nós todos, imoveis, de olhos esbugalhados, olhávamos. E ele, de mão em mão, ia puxando toesa após toesa. Já seis toesas estavam de fora, quando notei que o barco parecia, de certo modo, estabilizar-se. Encaminhei-me para a escotilha, afim de verificar se a tempestade havia passado, quando encontrei o capitão, que descia ao porão tumultuosamente.

—Com todos os demônios, que é que se passa aquí?! inquiriu ele.

—Mullins, capitão, está puxando a âncora, repliquei.

—Levantando a âncora, hein?! O que ele está fazendo é afundar o barco! Mergulhamos já cinco toesas! Felizmente, as escotilhas estão fechadas.

Corrí a portinhola e olhei para fora. Sem dúvida nenhuma, era água, e só água, o que havia do lado de fora! Assim, alí ficamos até que a tormenta passou. Então, Mullins soltou o cabo, e voltamos a flutuar novamente.

Aquele Mullins era mesmo um *bicho*—um dos sujeitos mais danadamente fortes que jamais encontrei na Marinha.

—Guarda-Marinha J. Grant

¶ —O SR. chegou em casa ontem à noite sem novidade? perguntou o condutor de bonde a um dos seus passageiros regulares.

—Naturalmente. Porque?

—Porque, quando o sr. se levantou e deu o seu lugar àquela senhora, o bonde estava inteiramente vazio.

Toronto *Globe and Mail*

Cuidado com os consertos do automovel!

Por Roger William Riis

Surpreendente inquérito que revela as fraudes de que é vítima o automobilista nos Estados Unidos. Ocorrerão casos semelhantes em sua terra?

PARA CADA CINCO vezes que o automobilista americano entra com seu carro numa garage desconhecida, a pedir um conselho ou mandar fazer um reparo,—é certo que três vezes será «engulido». De cada cinco garagistas, três levam mais dinheiro que o devido, mentem, inventam reparos desnecessários, ou metem na conta trabalhos que não fizeram, peças que não usaram ou não eram precisas.

Tais as conclusões, algo assustadoras, a que chegou um inquérito promovido pelo Reader's Digest. Ao cabo de três meses a correr estradas de norte a sul e da costa à contracosta, a conclusão é a seguinte: *a indústria de consertos em automoveis, nos Estados Unidos, não dá à sua freguesia o tratamento honesto a que ela tem direito.*

Os dois inquiridores, John Patric, perito excepcional em mecanismo de automoveis, e sua secretária, Miss Lioy May, rodaram 23.000 quilômetros num cupê Lincoln Zephyr, correndo os Estados Unidos de lado a lado. Tinham comprado o carro em segunda mão, por 625 dólares, o que é aproximadamente o preço do carro comum nos Estados Unidos. Antes de iniciada a longa e proveitosa jornada, foi o carro minuciosamente inspecionado e posto em ordem por um técnico, tendo-lhe sido instalados freios, válvulas, anéis, pinos, filtro de óleo, bomba de gasolina, carburador, bobinas de ignição, distribuidor, velas de alumagem, culatras de cilindros, canos de água, encanamento da gasolina e gerador—tudo novo! O carro, visto por fora, tinha aparência de já ter andado muito; mas achava-se nas mais perfeitas condições sob o ponto de vista mecânico e de funcionamento.

A cada passo, enquanto durou o inquérito, Patric verificava o estado do carro, e de todas as vezes se cientificou bem, previamente, de que ia submeter ao juizo dos garagistas um carro que não tinha defeito nenhum—exceto um pequeno «senão» que se metia pelos olhos—por exemplo, um fio desligado, dando lugar a que apenas seis, dos doze cilindros do carro, funcionassem...

Os próprios inquiridores se davam ao trabalho de desligar intencionalmente esse fio, poucos minutos antes de darem entrada em cada uma das 347 garages e oficinas de raparação a que se dirigiram no curso da sua experiência. Era o gênero típico do desarranjo elementar que coloca os vinte milhões de indefesos automobilistas dos Estados Unidos nas mãos de «reparadores» sem escrúpulos.

Desses 347 garagistas e mecânicos, apenas 129—a minoria—viram logo de relance o que o carro tinha, disseram-no aos donos, fizeram o conserto em poucos segundos, e, ou não cobraram nada pelo serviço, ou pediram uma quantia razoavel. Mas a enorme maioria, 63 por cento deles, para sermos precisos, tomaram os viajantes por papalvos, e trataram-nos com a correspondente «boa-fé».

O inquérito redundou num testemunho chocante, que envergonha as

grandes cidades no que a consertos de automoveis diz respeito: em Nova York, Washington, Miami, Nova Orleans, Chicago, St. Louis, Dallas, São Francisco e Los Angeles (que inclue Hollywood), a proporção foi de 62 intrujões por 20 mecânicos honestos! Nas pequenas cidades e nas garages modestas, encontrava-se muito mais honestidade e boa-fé do que nas cidades grandes e nas garages imponentes. As povoações de menos de 10.000 habitantes provaram ser duas vezes mais decentes com os automobilistas, do que as cidades com mais de 10.000,—onde os garagistas cobraram demais, ou mentiram, em 70 por cento dos casos do inquérito.

O Lincoln Zephyr tem doze cilindros dispostos em dois alinhamentos de seis, um à direita e outro à esquerda do motor. O capô abre-se pela frente; exatamente debaixo da ponta do capô do motor estão as bobinas da ignição. Um deles alimenta os cilindros do alinhamento direito, enquanto o outro alimenta os da esquerda. Basta desligar um dos fios que levam a qualquer das bobinas, para que seis cilindros fiquem paralisados. O carro poderá continuar a funcionar com os outros seis, mas é como um pobre carro meio entrevado, manquejando estrada fora...

É o tipo de desarranjo que salta aos olhos de qualquer mecânico, assim que ele ergue o capô do motor. Pode-se até dizer que o mecânico que o não tiver visto alguns minutos depois de ter levantado o capô, é absolutamente inepto. E se o viu e não diz nada a respeito, ou pretende encontrar um defeito mais rendoso no motor, é um burlão, sem tirar nem por.

Os investigadores procediam da seguinte maneira: a poucas centenas de metros duma garage, paravam o carro e desligavam o fio. Por via de regra, Patric sumia-se da vista, deixando Miss May guiar o carro até à garage, aparentando ser uma pobre mulher sem proteção, tão só quanto ignorante das mecânicas. Uma vez na garage, ela dizia não poder compreender como é que um carro, há tão pouco tempo revisado, podia desarranjar-se tão depressa; e pedia que lho reparassem devidamente. Se o mecânico não dizia logo que tinha dado com o «gato», May ia alí à volta da esquina «comer qualquer coisa». De regresso, acontecia algumas vezes que já encontrava o auto consertado, pagava a conta—pedindo sempre uma nota com as verbas discriminadas—e ia embora. Mas muitas outras vezes regressava para ouvir uma longa história de complicações, e o mecânico declarava-lhe que os reparos iam consumir muitas horas.

Começaram o inquérito-odisséia na região do Atlântico. Eis, segundo as notas de Miss May, o que lhes sucedeu em Nova York:

> *Caso nº 34.* Quando voltei à garage, o mecânico ainda andava a fossar à roda do carro. Reparei que o arame já estava posto no seu lugar, mas o tipo não disse nada. «Que temos? Alguma encrenca?» perguntei. «Tive que limpar o carburador.» «Como é possivel? Este carro ainda há três dias que foi todo afinado...»—«É, os automoveis têm destas coisas...» E cobrou-me 2 dólares pela «limpeza» de um carburador novinho!
>
> *Nº 38.* Quando o mecânico voltou, depois de experimentar o carro à roda do quarteirão, disse-me assim: «Más novas pr'a senhora: o prato da embreagem está todo gasto!» Perguntei quanto me custaria repará-lo: «23 dólares e 50,» respondeu. Disse-lhe que não vinha prevenida com tanto dinheiro; achava ele que eu podia reconduzir o carro a casa, naquele estado? «Quanto mais o carro andar, peor para ele.» (Mentira: quando uma chapa de embreagem se gastou, está gasta e acabou-se. E afinal aquela não o estava...)

Em Nova York e vizinhanças, de 16 garagistas, só dois se abstiveram de tentar burlar esta automobilista, ou de arrancar-lhe mais dinheiro que o devido. As contas e os orçamentos de reparos andaram em média por 4 dólares, para um serviço que 81 mecânicos, que intervieram neste inquérito, fizeram inteira e gostosamente de graça!

As respostas típicas da minoria de mecânicos ou garagistas honestos são um comentário tristemente revelador sobre os restantes: «Eu não posso levar nada à senhora por um serviço tão insignificante.»—«C'os diabos, você não deve coisa nenhuma!»—«Era o que faltava, se eu cobrasse dinheiro cada vez que levanto um capô...» E outras pelo mesmo estilo.

Mas em Norfolk, na Virgínia, houve um mecânico que atribuiu a pane ao condensador, e cobrou $1.85 para instalar «um novo». Miss May viu o homem retirar do carro o condensador, e daí a nada tornar a instalá-lo, com o maior descaramento. Quando ela lhe pediu que mostrasse o condensador que tinha retirado, o tipo foi buscar um velho condensador que tinha uma racha. Em Savannah, na Geórgia, quando ela pediu ao mecânico que lhe explicasse a conta de «reparos na ignição», ele respondeu: «Quando o médico receita umas pílulas, nunca lhe diz de que mal é que a senhora sofre. Se a sra. soubesse tanto como nós deste negócio de motores, não tínhamos remédio senão fechar a porta...»

Na Florida os garagistas honestos ficaram batidos por 2-1. Dos 53 que foram experimentados, 35 cobraram mais do que o devido, ou permitiram-se várias formas de trampolinice. Em Miami, certo mecânico pôs no lugar o fio desligado; depois, disfarçadamente, tornou a retirá-lo, e anunciou que seria preciso instalar um novo distribuidor. Mas nas velas de alumagem, que alegou ter limpado, nem sequer tocara, como provaram os cadáveres de pequenos insetos ainda a elas aderentes.

Os investigadores meteram com rumo a Nova Orleans; em seguida experimentaram a região dos Grandes Lagos e os estados cerealíferos, e aproaram para o sudoeste—Novo México, Arizona e a Costa do Pacífico. Em parte alguma a deshonestidade foi tão acentuada como em Nova York e Miami, exceptuando-se apenas Hollywood, onde de cada cinco garages não chegou a haver uma que ficasse acima de suspeitas! Foi alí, no Paraiso do Cinema, que um mecânico, depois de lançar uma olhadela ao motor, disse: «A sua tubuladura está escangalhada,» e orçou as indispensaveis reparações num total de $24.60 dólares.

Por via de regra, as pequenas garages que vivem em apuros, e onde os próprios donos trabalham, de macacão, são as que dão trato mais honesto aos fregueses. Nunca que uma garage pomposa deixe sair um freguês sem lhe arrancar dinheiro! Vezes e vezes seguidas, bastava verem aquele arame desligado, para que os garagistas ficassem repentinamente atacados de cegueira ou de falta de escrúpulos.

No caso nº 312 (Albuquerque, Novo México), o mecânico ergueu o capô, deu logo com o fio desligado, e colo-

cou-o no lugar. Foi em seguida buscar a ferramenta, e desatou a desaparafusar o carburador: «Está entupido,» disse ele. «A senhora está desperdiçando metade da gasolina.» Quando Patric se recusou a pagar um dolar pela «limpeza» do carburador, o mecânico deitou mão ao fio para o tornar a arrancar. «Deixe esse fio onde está!» ordenou Patric, baixando ele mesmo o capô. «Porque é que você não disse logo que este fio estava desligado?» perguntou depois ao homem. «Ora,» disse o sabido, tentando levar a coisa a rir, «a gente de algum modo tem que se defender para pagar as despesas do negócio...»

Para um mecânico honesto e competente, só um diagnóstico havia a fazer quanto àquele Lincoln Zephyr: «Fio da bobina desligada.» Mas na realidade os investigadores receberam 74 explicações diversas sobre o desarranjo do seu carro.

Entre os diagnósticos e remédios indicados pelos mecânicos, figuravam os seguintes:

> Instalar pistões, acelerar o motor, a tubulagem tem um buraco devido a queimadura, limpar os bicos principais do contador, limpar os tubos de alimentação de gasolina, reparar o motor, verificar o seletor da octana, o comutador está sujo, as velas de alumagem estão fundidas, soltou-se o arame do regulador, ajustar a aceleração, vistoriar o vácuo, limpar o bico do alinhamento da direita, sistema de combustão avariado, ajustar as conexões primárias, a cabeça do chassís está toda desalinhada, reparar as luzes, ajustar a porta para não trepidar, o gerador está dando à casca.

Alguns dos diagnósticos e remédios, tais como «verificar o seletor da octana», «as velas de alumagem fundidas», ou «ajustar a aceleração», eram pura e simples fantasia; outros, apesar de parecerem plausiveis, eram um disfarce, o pretexto para carregar na conta. Era impossivel cobrar 1 ou 2 dólares para repor um fio no seu devido lugar! De sorte que camuflavam esse arranjo tão simples sob uma complicada linguagem técnica que lhes permitia cobrar mais.

Ainda mais flagrantes do que as mentirolas sobre a causa da pane, eram as intrujices sobre o que tinham feito para removê-las. Diversas vezes, depois de terem pago pela instalação de uma peça nova, os investigadores verificaram que os mecânicos nem ao incômodo se tinham dado de limpar a poeira amontoada na peça velha, que deixavam ficar no seu antigo lugar! Outros mecânicos ainda se davam ao trabalho de limpar muito bem as peças que diziam ter substituido, para lhes darem o ar de novas. Citamos abaixo dois casos reveladores, extraidos das notas do inquérito:

> *Nº 306.* Santa Fé, Novo México. O mecânico disse: «Foi preciso substituir o prato do distribuidor, e o cone do mesmo.» Perguntei pelos usados. «Oh, jogamos eles fora,» foi a resposta, sem hesitação, do empregado. «E a carroça do lixo já passou aquí esta manhã...»
>
> *Nº 173.* Nova Orleans. Grande garage, anexa ao hotel. Nada figurava na conta que mostrasse o gênero das reparações feitas no carro. O mecânico explicou: «Tive que ajustar o carburador, afinar os pontos, soldar um novo grampo no fio da bobina.» Pedí ao mecânico que me mostrasse o novo grampo: era o mesmo que já estava no carro quando alí demos entrada. «Onde está o grampo que você tirou?» perguntei eu. «Lá em cima, na sucata.» «Ora vamos a ver se o encontramos,» disse eu. Mas de caminho o mecânico parece que se assustou, e disse de repente: «Se o senhor leva o caso assim tão a sério, então prefiro não lhe cobrar coisa nenhuma.»

O automovel é o melhor produto industrial dos Estados Unidos. Seus fabricantes, ao manufaturá-lo, atribuiram-lhe assombrosas qualidades de robustez, conforto e confiança, e tornaram-no capaz de nos dar o mínimo possivel de dificuldades. E assim, por ser tão bem feito que a maioria dos condutores nunca têm sequer que olhar o que está debaixo do capô, quando qualquer coisa se escangalha de verdade, as oficinas de reparação aproveitam o pretexto para arrancar assombrosos rendimentos deles—sobretudo se os clientes são mulheres...

Mas os próprios condutores são em larga medida responsaveis pelas burlas de que se tornam vítimas, geralmente pela sua santa ignorância. Eis aquí sete tópicos que aconselhamos conserve sempre presentes o condutor de automovel que tenha amor ao seu carro—e ao seu dinheiro:

1. Sendo possivel, ficar ao pé do carro e assistir ao trabalho do mecânico: o conserto ficará mais bem feito, porque o mecânico nunca pode adivinhar quanto o dono do carro sabe do seu ofício.

2. Evitar quanto possivel as garages desconhecidas, onde o pessoal não espera tornar a ver a cara do freguês.

3. Ter presente que as grandes garages e oficinas são geralmente menos sérias do que as pequenas, cujo dono anda de macacão sujo do trabalho.

4. Pedir antecipadamente a entrega de todas as peças substituidas. Será assim menos provavel receber-se um cangalho saido do montão de ferro-velho do pátio.

5. Sempre que for possivel, diga-se ao mecânico precisamente onde está o desarranjo, e indique-se-lhe o conserto que há a fazer.

6. Peça-se sempre uma conta com discriminação de verbas, em fatura timbrada da garage ou oficina de reparação. Certa relutância, por parte do intrujão, em por o *preto no branco*, contribue por vezes para tornar módicas as contas.

7. E acima de tudo, lembrar que o inquérito aquí referido revelou que 63 por cento das garages e oficinas de reparação procuram sempre sair ganhando. Estar, pois, sempre vigilante e de pé atrás. Nunca hesitar em discutir cada verba, ou em pedir prova explícita da sua necessidade. O ceticismo do freguês é a sua única arma de defesa contra os azares que o ameaçam, quando entrega o carro para lhe ser consertado...

¶ O redator-chefe do *Boston Advertiser*, com um cinismo encantador, deu-me uma vez uma lição valiosa sobre reportagens. Chamou-lhe a atenção um dos meus artigos, com uma crítica demasiado crua. «Assim não pode ser,» disse ele. «É possivel que todos os membros dessa Associação de Reforma Política sejam de fato asnos incuraveis, mas não o diga assim. Diga: «Todos os membros da Associação, com uma única exceção, são incuraveis asnos». «Desse modo, nenhum membro se sentirá particularmente ofendido».

—Edward P. Michell, *Memoirs of an Editor* (Scribners, ed.)

Você é bom fisionomista?

Aqui estão oito retratos de pessoas que, por este ou aquele motivo, estiveram muito em foco nos últimos anos. Todos foram publicados em Seleções. Quererá você por à prova a sua memória para fisionomias? Tente dizer de quem são estes retratos, e para verificar se acertou, veja a página 92.

Cresce cada dia o movimento em favor de uma estratégia aérea de ataque à Alemanha.

O urgente assalto aéreo à Alemanha

Por William B. Ziff

Autor de «The Coming Battle of Germany»

Comunicados recentes, de Londres e de Washington, revelam existir certo desacordo entre os técnicos militares americanos e ingleses, quanto à qualidade dos aviões de fabricação americana, ou, pelo menos, daqueles que os Estados Unidos, no momento, estão fornecendo à Inglaterra.

Os ditos comunicados, desprovidos aliás de todo e qualquer carater oficial, dão a entender que os ingleses se queixam amargamente dos referidos aparelhos, descobrindo-lhes defeitos que aos americanos, todavia, passaram despercebidos. A verdade, entretanto, é que não há particularidade, no funcionamento dos aviões dos Estados Unidos, que as suas autoridades competentes não conheçam devidamente, e os ingleses não ignoram que assim é.

Havia com efeito, a princípio, nos aviões americanos de combate, não poucas impropriedades a corrigir. Mas, à luz da experiência que a guerra nos veio dando, e mercê dos recursos financeiros votados pelo Congresso, aquelas deficiências vão sendo rapidamente eliminadas. Já os novos tipos, como o *Republic*-47, o *Thunderbolt*, rivalizam com o que haja de melhor, em capacidade de ascensão, velocidade, qualidades de manobra e potência de fogo. Outros modelos, dos anteriores, foram largamente melhorados, se bem que alguns, menos próprios, ainda continuem a fabricar-se.

Certo, os grandes bombardeiros dos Estados Unidos não conduzem as cargas que os Lancasters, Halifaxes, ou Stirlings britânicos podem transportar. Não é menos exato, porem, que os Liberators americanos, como as Fortalezas Voadoras, podem voar, em círculos, à volta de qualquer outro dos aviões de quatro motores atualmente existentes, e voar mais alto e mais longe.

Numa visão de conjunto, os grandes bombardeiros americanos são hoje, em realidade, os melhores instrumentos de

---

O livro de William B. Ziff *The Coming Battle of Germany* (A próxima batalha da Alemanha)—não tem apenas por si um grande êxito de livraria: já exerceu influência na estratégia americana de guerra. O general de brigada William E. Gillmore, que ocupou, de 1926 a 1930, o cargo de segundo comandante do Corpo de Aviação do exército americano, não lhe regateou os seus aplausos. Louvaram-no, por seu turno, o major Alexander de Seversky, o capitão Eddie Rickenbacker, o major Lester D. Gardner, e vários outros técnicos no assunto.

Autoridade em problemas de aviação, passou recentemente o sr. Ziff três meses na Inglaterra, na qualidade de hóspede do Ministério do Ar. É diretor de *Flying* e outros jornais de igual gênero. Foi pelas colunas do seu *Aeronautics Magazine* que o finado general Billy Mitchell expôs algumas das suas, hoje consagradas, profecias, sobre o poder ofensivo da força aérea.

Neste artigo, resume os argumentos com que preconiza no seu livro a construção de uma frota aérea de bombardeio, capaz de consumar, e sem demora, a subjugação da Alemanha.

precisão, para a guerra no ar, que se conhecem. O que se dá, entretanto, é que não foram os mesmos projetados para o tipo particular de guerra aérea que os ingleses praticam, no momento, no *front* europeu.

A controvérsia não gira, pois, em torno propriamente da qualidade, em si mesma, dos bombardeiros americanos, *mas da sua propriedade para os fins especiais da estratégia a adotar no momento.*

Vale dizer que a desinteligência—se é que há no caso desinteligência—visa, de qualquer modo, ao melhor meio de usar a força aérea contra a Alemanha. (Digo «se é que há no caso desinteligência», porque tudo faz supor que os altos comandos americano e inglês estão já de perfeito acordo, quanto ao problema estratégico.)

Como quer que seja, a questão, a verdadeira questão, a que presentemente mais importa, resume-se no seguinte: qual o tipo de guerra aérea que temos de por em prática? Uma vez fixado esse tipo, há que adaptar o mais possivel às suas necessidades os instrumentos a empregar na ação.

Nas suas básicas realidades, não difere a guerra aérea de outro qualquer gênero de guerra. O princípio fundamental permanece invariavel: concentrar, sobre os pontos mais vulneraveis do inimigo, o ataque mais vigoroso de que se seja capaz. A velocidade e a mobilidade no ar reforçam, todavia, enormemente, o antigo elemento da surpresa. Por outro lado, o acréscimo de uma terceira dimensão à área de combate faz com que se converta a «retaguarda» numa simples figura de retórica: todos os pontos vitais do inimigo se tornam de fato acessiveis.

Como na guerra em geral, na guerra aérea o atacante deve achar-se preparado para suportar grandes perdas. Cumpre-lhe dispor-se a pagar, em homens e máquinas, o preço dos resultados militares que espera colher do ataque. O custo de um ataque aéreo à Alemanha deve ser tido como comparavel ao que vai ela pagando pelo seu gigantesco ataque à Rússia.

Os nossos dois maiores inimigos são a Alemanha e o Japão. A Alemanha, que é, incomparavelmente, o mais forte dos dois, dista, da Inglaterra, não mais de algumas centenas de milhas.

Não possuimos tal posição estratégica, de onde fazer base para o ataque às ilhas japonesas.

Ainda que o Japão fosse posto fora de combate, a guerra prosseguiria. Teríamos de ganhá-la contra um inimigo experiente, e colocado em posições vantajosas.

Vencida, entretanto, a Alemanha, ficaria o Japão com as suas ilhas e uma pura faixa de terra na costa oriental da Ásia, em condições desfavorabilíssimas.

Resulta, pois, nitidamente lógico, que a primeira missão a ser cumprida é contra o Reich de Hitler.

Temos sido concitados a empreender uma ofensiva, embora «limitada», como diversão que ajude a Rússia. Não há, em arte de guerra, ofensivas limitadas. Consoante as regras mais elementares, ou o atacante possue a força, a disposição de ânimo, a capacidade de fogo e os recursos necessários para reduzir o adversário, ou sofrerá, de outro modo, derrota sangrenta e rápida.

Enfrentar o *Wehrmacht* alemão na sua própria terra, por meio de operações aéreas e terrestres combinadas, é enfrentá-lo nos seus próprios termos, e no seu próprio escolhido campo de batalha.

Não temos, nem a força militar devidamente treinada, nem as máquinas e a quantidade de navios, que tal empreendimento exigiria.

Falta-nos, desde logo, por completo, uma segura linha de abastecimentos.

Não poderíamos levar contra os alemães uma força de aviões de combate suficiente para proteger as armas propriamente da invasão, uma vez que estas se acumulassem nos portos, procurando estabelecer as suas testas de ponte. O grosso dos nossos aviões de combate, haveria que transportá-lo através do oceano, ao passo que a *Luftwaffe* estaria em condições de cair, incontinenti, e em plena intensidade, sobre as nossas forças invasoras, que não passariam, com efeito, de alvos estacionários. O fracasso, da nossa parte, com prejuizos tremendos, de pessoal e de material, seria inevitavel.

Somente por via do ar que circunda ou envolve a Alemanha, ser-nos-á permitido, em tempo próprio, forçar uma decisão.

Não temos absolutamente nenhum outro meio de auxiliar diretamente a Rússia.

Tão pouco outro meio temos de atacar diretamente o Reich alemão.

Nem nenhuma outra possibilidade de evitar a gradual consolidação de todas as superfícies de terra do Velho Mundo sob a bandeira do Eixo.

Uma investida aérea contra a Alemanha reclama uma ação ofensiva esmagadora e contínua, com todas as forças possiveis, consolidadas no teatro das operações, e mais todas as reservas de que se possa dispor.

A mera construção de grande número de aviões poderosos não é bastante para assegurar a vitória. Uma guerra aérea, como a de que se trata, não pode ser conduzida, sem uma transformação revolucionária nas concepções militares, e a reorganização, ao mesmo tempo, de todas as nossas linhas de produção.

Para bombardear eficientemente a Alemanha, devemos ter aparelhos fortemente blindados, pesadamente armados, e que conduzam cargas de demolição de cinco a vinte toneladas.

Impõe-se que a força de ataque seja deveras avassaladora, isto é, suficiente para levar a bom termo a luta pela posse. A Batalha da Alemanha não deverá consistir numa série de ataques, mais ou menos eficazes, senão num mesmo e continuado ataque, a terminar de modo decisivo.

Nada menos de 10 mil toneladas de cargas incendiárias e altamente explosivas seriam despejadas sobre o Reich em cada uma das vinte noites mensais de ataque, intensificada a ação na medida dos recursos cada vez mais copiosos que teria a fornecer-lhe a indústria americana.

Nosso plano de operações não deve perder de vista as circunstâncias ou peculiaridades, que ocorrem na Europa Central. Nevoeiros e nuvens baixas tornam muito dificil, na maior parte do ano, que haja precisão nos bombardeios, de grandes altitudes. Por outro lado, enquanto os aviões de combate de grande alcance não tiverem atingido a maior grau de aperfeiçoamento, as respectivas incursões à luz do dia devem ser tidas, na melhor hipótese, como simples experiências. Assim, tudo se reduz a bombardeios noturnos de «saturação», a definir-se pelo puro peso das cargas demolidoras.

Incêndios em grande escala, destruição das áreas escolhidas pela sua importância vital, propagação do terror—eis o que é preciso que resulte da con-

tinuidade do ataque. A explosão de bombas esparsas, de duas toneladas ou mais, determina a morte, por abalo, de quantos se encontrem nas imediações, dentro de um largo raio. Possivel será, portanto, espalhar a ruina e o morticínio em fábricas e cidades, do mesmo modo que se mata peixe, a cargas de dinamite. Far-se-ia o ataque, na seguinte ordem, visando particularmente os pontos vulneraveis do inimigo:

1—Estradas-de-ferro e centros de comunicação. Se as comunicações internas forem supressas, as matérias primas não podem ser levadas para as fábricas, nem soldados para as linhas de frente.

2—Fábricas e estações de força elétrica. A destruição de determinadas fábricas anula toda uma fonte de produção militar. Inutilize-se, por outro lado, um grupo de estações geradoras ou distribuidoras de energia na zona de Berlim, e ter-se-á impossibilitado o funcionamento de fábricas de gasolina sintética, e prejudicado seriamente a vida de muitas outras organizações industriais, que são outras tantas peças da máquina de guerra.

3—Cidades. As cidades são os centros nervosos de toda a estrutura da resistência econômica. Se as principais cidades alemãs forem varridas do mapa, as comunicações, a indústria, a vida social organizada, tudo, de modo geral, tenderia a baquear. Só a queda de Berlim seria um golpe tremendo para o Reich, moral e fisicamente.

4—O moral. Há um limite para a resistência do sistema nervoso humano. A conciência da continuidade do ataque, e de que o mesmo não pode ser, nem paralizado, nem devidamente repelido, é psicologicamente deprimente. Há uma opinião generalizada de que a desintegração física do Reich acarretaria a desintegração do moral das suas populações civís.

A preparação conveniente de tal ataque maciço exige se ponha termo, quanto antes, ao atual sistema de distribuição de matérias primas, força, máquinas e homens. Impõe-se que a aviação passe a gozar de primeira e exclusiva prioridade. Outros tipos de construção só devem ter andamento quando as necessidades da fôrça aérea houverem atingido especificamente um ponto de saturação.

Deveríamos suspender a construção de tanques, navios, ou equipamento qualquer, que não possa ser transportado para o teatro das operações, ou não comporte relação direta com a luta fundamental a desencadear contra a Alemanha.

Deveríamos criar um exército destinado a realizar a ocupação do Reich, depois que o ataque aéreo o estropiasse e desorganizasse. Este exército viajaria pelo ar, como um corpo auxiliar das forças aéreas. Não partiria de testas de ponte, na costa, para abrir o seu caminho: chegada que fosse, tecnicamente, a hora da ocupação, cairia, despejado do ar, em plena Alemanha.

Em lugar de projetar nossos aviões de bombardeio, habilitando-os a diferentes destinos, cumpriria que fizéssemos um esforço imediato no sentido de *construí-los tendo em vista, especificamente, os problemas especiais de aviação criados pelo ambiente da Europa Central.* As qualidades de alcance e de poder de ascensão dos nossos atuais grandes bombardeiros de quatro motores deveriam ser sacrificadas, em favor da capacidade de condução de cargas. Atuariam, assim, tais bombardeiros, como nada mais do que peças de artilharia pesada, capazes de fazer voar pelos ares os centros vitais da retaguarda inimiga.

A julgar pelo que ensina a experiência britânica, até à data presente, o tipo mais satisfatório de ataque é a incursão noturna, contra a qual todo meio de defesa se tem mostrado relativamente inutil. As perdas que os ingleses têm sofrido, na prática de semelhantes incursões, são toleraveis, em comparação com os resultados colhidos. Não passam de 4 por cento, e, à medida que os ataques se vão tornando maciços, só tenderão a baixar, devido à impropriedade do equipamento inimigo, para fazer-lhes frente, e à extrema fadiga que se impõe às defesas de terra.

Os grandes bombardeiros americanos que estão saindo atualmente das fábricas—o Boeing B17-F e o Consolidated B24-E, por exemplo—são os melhores do mundo, para o uso, de modo geral. *Não são entretanto construidos especialmente para o fim de despejar, à noite, sobre nesgas estreitas de território, cargas e cargas de demolição. Para o ataque concentrado, a desencadear da Inglaterra sobre a Alemanha, não são tão eficientes como deviam ser.*

Para enfrentar convenientemente os vigorosos ataques dos aviões de combate noturno, de que usará o inimigo, armados de canhões, inclusive os munidos de granadas, e metralhadoras de grande calibre, o bombardeiro noturno deve ter maior blindagem que a atualmente adotada, e aproximar-se, em velocidade, inclusive a ascensional, do moderno avião noturno de combate, de modo a poder safar-se rapidamente, uma vez cumprida a sua missão.

Vários tipos de bombardeiros americanos, que já se acham alem da fase de projeto, excedem muito em capacidade de condução de bombas a quaisquer outros congêneres atualmente em atividade. Serão exatamente apropriados às condições sob as quais se há de conduzir a guerra aérea nas alturas da Europa Central. Não podemos, contudo, esperar que os mesmos cheguem ao período de franca produção. Os atuais Boeings e Consolidated Liberators podem servir muito bem, e devemos empregá-los imediatamente, suplementando-os depois com exemplares melhorados dos seus próprios modelos, ou, em tempo, com os novos tipos.

Uma concentração de esforços sobre a construção de máquinas de demolição especializadas, e cuja utilidade, em grande parte, se limita às condições de uma dada área específica, envolve, não há negá-lo, um grande risco. Temos, todavia, que corrê-lo. A Alemanha é o nosso primeiro e principal inimigo. Se não conseguirmos derrotá-la, antes que ela consolide o que ganhou ou ganhar em Europa e Ásia, nossas esperanças de vitória terão desaparecido.

Se há que afrontar o perigo de concentrar na Inglaterra todos os recursos disponiveis, afim de utilizá-la como base de onde lançar contra o Reich o ataque decisivo, é fundamental que estabeleçamos uma linha de abastecimentos inteiramente segura. Deveríamos estar em condições de, com algumas horas de aviso, transportar, da Grã Bretanha, toda uma divisão triangular, a qualquer ponto da periferia de ação, que estivesse ameaçado. Deveríamos estar aptos a transferir exércitos inteiros, com os seus equipamentos e provisões, para a África do Norte ou a Mesopotâmia, sempre que assim reclamassem as necessidades estratégicas.

Um sistema de abastecimentos, a arrastar-se, em navios de carga, através do oceano, é absolutamente inadequado à concepção da guerra aérea. As operações no ar não podem ficar adstritas à vagareza de marcha do transporte marítimo. Acresce que os navios não

deixam de ser alvos faceis; porque havemos de permitir que os submarinos alemães imobilizem, indiretamente, as nossas forças de bombardeio? Os transportes de óleo, tão vulneraveis, podem tornar-se o calcanhar de Aquiles de toda a nossa aviação de assalto.

Impõe-se logicamente, a conclusão: nosso serviço de abastecimento deve ser confiado às asas.

Para os fins do ataque aéreo, os serviços de transporte devem estar habilitados a levar as suas cargas até onde quer que haja uma base, ou um aeródromo. Em tais casos, os hidroplanos, que só são suscetiveis de descer em enseadas protegidas, oferecem uma utilidade muito relativa ou limitada.

Uma grande porção das nossas provisões, a ser descarregadas de navios, teria que ser conduzida por aparelhos especiais ou planadores; os últimos podem ser postos de parte, uma vez atingido o seu destino. (Há dificuldades técnicas no uso dos planadores, mas temos que superá-las, e poderemos fazê-lo.) Nossos atuais aviões de carga (saidos agora, em quantidade, das fábricas) estão indo a todos os oceanos e continentes, e já têm dado às nossas forças armadas boas provas dos seus préstimos.

Nunca será demais acentuar que se deve dar à guerra aérea a sua verdadeira significação. Como nos outros gêneros de guerra, cumpre conduzí-la, pondo nas áreas cruciais da ação todos os elementos disponiveis. Não pode ser feita com armas que sejam consideradas auxiliares para qualquer outra estratégia ou método de guerra.

A força aérea, como vai sendo usada por enquanto, pode de certo ferir e mutilar, ainda um adversário bem armado; não será, porem, capaz de determinar uma decisão. Se quisermos resultados decisivos, ou triunfo esmagador, teremos que cobrir o ar, sobre a Alemanha, de uma sólida corrente de condutores de demolição, *construidos especificamente para esse fim*, e aos quais se assegurará uma linha de abastecimentos, só a eles destinada, sem outra função primária.

Estamos em face a uma alternativa: ou empregamos os bombardeios em massa contra o principal inimigo, ou permanecemos no atual perigoso sistema de uma guerra que se trava, por assim dizer, no mundo inteiro, com pequenas e disseminadas armas e forças, adaptadas a toda espécie de guerra. Persistir em tal processo seria revogar os fundamentos da arte militar; desenvolver inevitaveis ações defensivas de retaguarda, através do globo; abandonar, passo a passo os distantes redutos que protegem as nossas próprias costas.

Já não há tempo a perder. Devemos utilizar, sem mais demora, todos os instrumentos de demolição de que porventura disponhamos. Sejam eles, ou não, os mais próprios para os fins que se têm em mira, devemos lançá-los contra o inimigo, construindo, ao mesmo tempo, outros melhores, o mais depressa possivel.

Devemos, em suma, ter uma força armada, em relação à qual todas as outras serão consideradas auxiliares—*uma força aérea;* e uma linha de produção, de referência à qual todas as outras passarão a segundo plano—a linha de produção posta ao serviço da dita força aérea.

Não nos esqueçamos um momento de que, se é essa—a dos ares—a única estrada aberta aos nossos passos, para o ataque à Alemanha, não é tambem senão ela a única de que dispõe Hitler, para o ataque à América. O nazismo, no momento, vê-se impossibilitado de transpô-la, porque, enquanto o detiver a resistência russa, todos os seus recursos disponiveis, estarão consagrados, inexoravelmente, às suas forças de terra.

É única, pois, a oportunidade, que neste instante se nos oferece. Não saibamos utilizá-la, e podemos ficar certos de que, ao chegar sua vez, o Fuehrer o saberá.

Nota da Redação

Em seu livro *A Vitória pela Força Aérea*, cuja condensação foi publicada no número de outubro de 1942 de Seleções, o major Alexandre P. de Seversky chama a atenção para as deficiências dos aviões norte-americanos de combate. Quanto aos aviões de bombardeio, vimos pelo artigo anterior que são inadequados para a tarefa imediata de bombardeio noturno da Alemanha.

Esses informes referiam-se aos aviões até agora produzidos em massa. O artigo a seguir, todavia, divulga a notícia de novos tipos de aparelhos de combate e bombardeio, verdadeiramente extraordinários, que não tardarão a sair das fábricas americanas.

Tendo em vista evitar não somente excessos de otimismo, como a divulgação de fatos que a defesa impõe guardar segredo, este artigo foi revisto pelas autoridades militares.

O avião de guerra de 1943

Ralph Wallace

Acham-se virtualmente prontos, para ser produzidos em quantidade em princípios de 1943, novos tipos de aviões americanos, que levarão necessariamente vantagem, sob todos os pontos de vista, ainda aos melhores de que disponha o inimigo. Com uma capacidade, sem precedentes, em matéria de carga de bombas a conduzir e potência de fogo, nenhum tambem com eles rivaliza quanto a raio de ação e altura de vôo.

Para os americanos que acreditem que ficamos para trás, relativamente a outras nações, no que toca a descortino, em técnica de construções de aviação—idéia que encontrou a cultivá-la, quiçá apressadamente, não raros propagandistas, aquí e no estrangeiro—tais notícias serão, a um tempo, reanimadoras e expressivas.

Pode ser dito, e categoricamente, que os aviões mais recentes de 1942, já em plena produção, apresentam, de modo

geral, qualidades que os tornam soberbos. Os que já se encontram em uso, nos teatros da guerra, em toda parte, vão praticamente revelando admiraveis condições de combate. E, quanto aos modelos mais avançados de 1942 que o exército possue, muitos deles já nas zonas de batalha, se bem que ainda não em combate—são ainda mais notaveis as suas qualidades ofensivas.

Nosso novo *Republic P-47 Thunderbolt*, por exemplo, é tão pesadamente armado de canhões como qualquer dos aviões de combate mais em voga, atualmente. As particularidades do seu armamento são naturalmente secretas. Mas, para corresponder à carga que ele é capaz de lançar contra o inimigo, o mais armado avião de caça britânico—o Hurricane—precisaria dispor, aproximadamente, de vinte metralhadoras calibre-30, em vez das doze que presentemente possue. O novo Republic excede, em canhões, aos aparelhos nazistas, quase em igual proporção. Pode gabar-se de uma potência de fogo maior, 25 por cento, do que a do novo Focke-Wulf-190, o melhor avião de combate que até hoje a Alemanha apresentou.

Não há avião que iguale ao P-47, americano, em operações às altitudes de 8 a 13 mil metros, onde os nossos próprios anteriores aviões de caça não se podiam manter. Tem uma potência superior a 2 mil cavalos-vapor, consideravelmente maior, portanto, que a do maior congênere alemão. O Focke-Wulf-190 fará 375 milhas por hora; o Thunderbolt, mais de 400. Quanto ao P-47, é o mais rápido avião que ainda se conheceu.

Eis aí uma decisiva e esmagadora resposta ao Zero, ao Messerschmitt, ao Focke-Wulf, e outros tantos aparelhos de que se vangloria o inimigo. Enquanto os nossos mais velhos aviões de caça são de fato inferiores ao P-47, registe-se, em todo o caso, que os seus novos modelos se têm muito aperfeiçoado, inclusive no tocante à rapidez, comparadamente aos anteriores. O North American P-51, ou Mustang, é um dos aviões de combate de maior velocidade que existem hoje no mundo. Posto que limitado à ação em altitudes médias—aliás os raides de Comando revelam a necessidade de aparelhos de caça a baixas altitudes—o P-51 é mais rápido, a 6 e 7 mil metros, que qualquer avião de combate, dos que atualmente cruzam os ares. Seus canhões, por outro lado, lançam tanto chumbo por minuto quanto os Spitfires de 12 canhões, ou os Focke-Wulf-190, senão mais.

Análogos e impressionantes progressos estão sendo registados em todos os nossos aviões de caça, de diferentes modelos. Se bem que o mais antigo P-40 não pudesse competir com os melhores alemães, o seu novo motor Rolls-Royce Merlin, de 1.260 cavalos-vapor, lhe permite uma velocidade quase igual à do Focke-Wulf, e o habilita a perseguir aparelhos inimigos a 2 quilômetros acima do seu anterior limite de ascensão. Seu armamento consiste em seis metralhadoras calibre-50, enquanto o Zero japonês, padrão, tem dois pequenos canhões e duas metralhadoras calibre-30. Resulta que o Zero não pode abrir fogo eficaz a muito alem de 200 metros, ao passo que as metralhadoras de alta velocidade do P-40 são capazes de atuar a 500 metros, e mais.

Estes novos aviões de caça, de 1942, mortíferos como são, não passam, ainda assim, de pálidas expressões do que vai ser o avião de combate americano, de 1943. Ninguem, fora do círculo das autoridades militares respectivas, conhece pormenores a respeito. Mas qualquer observador, com a devida noção, por um lado, dos nossos recursos técnicos e necessidades estratégicas, e, por outro, das inovações aeronáuticas, pode dar, com segurança, sobre a matéria, uma idéia aproximada.

Para combater a altitudes acima de 12 a 14 quilômetros, quando o equipamento de oxigênio se torna virtualmente inutil, os nossos novos superaviões de combate serão providos de cabinas de pressão, de maneira a manter pressões internas comparaveis às que se experimentem à altura de 6 mil metros. É de admitir como provavel a ascensão de tais aparelhos a alturas ainda maiores que as acima figuradas; e a falta de resistência do ar na estratosfera lhes fará subir a velocidade a muito mais de 400 milhas por hora. Quanto ao raio de ação é superior a 2 mil milhas, bastante, por conseguinte, para o vôo dos Estados Unidos à Inglaterra. Presentemente, o avião de combate de maior raio de ação é o Zero japonês, que está longe contudo de tal índice, apesar de os japoneses terem sacrificado, no mesmo, em favor da velocidade e do raio de ação, a blindagem de proteção para o piloto e para os tanques de gasolina.

Nossos bombardeiros mais recentes, de 1942, são ainda mais mortíferos que os «caças» do mesmo ano, a que nos referimos. O melhor, por exemplo, dos grandes bombardeiros alemães, é o Heinkel-177, que saiu das regras normais, e dispõe de 4 motores de 1.150 cavalos, com apenas duas hélices. Os nossos Liberators e Fortalezas Voadoras têm 4 motores de 1.250 cavalos, ou sejam mais 400 cavalos vapor do que os Heinkels. Se bem que as cargas de bomba dos bombardeiros alemão e americano sejam mais ou menos as mesmas, acontece, entretanto, que o Heinkel não é provido de compressor o que o impede de aproximar-se dos 11 quilômetros, e mais, a que podem ascender, tanto os Liberators como as Fortalezas. Nem é de crer que o Heinkel atinja a velocidade de 300 milhas por hora, dos bombardeiros americanos.

Nos novos modelos, que estão a sair das fábricas em quantidade crescente, e já entrando em ação, a potência de fogo, quer dos Liberators, quer das Fortalezas Voadoras, tem sido aumentada em grandes proporções. Uns e outras são armados, mais ou menos, de tantos canhões calibre-50, quantos há, de calibre-30, nos Short Stirlings e nos Lancasters ingleses—e um calibre-50 desenvolve duas vezes e meia a potência de fogo de um 30. O que vale tal armamento, verificou-se, de maneira definitiva, nas incursões diurnas sobre a França, quando as Fortalezas Voadoras destruiram ou danificaram numerosos Focke-Wulfs.

Todavia, estes dois magníficos bombardeiros americanos, por eficientes que sejam, vão ficar, dentro em breve, muito aquem dos superbombardeiros, a surgirem. Sobre estes últimos, tal como dizíamos há pouco, relativamente aos novos tipos de avião de combate, pouco se sabe entre os leigos. Não se ignora, contudo, que o avião de bombardeio americano de 1943 importará no advento dos couraçados do ar, não só no que tange a blindagem, senão tambem no que entenda com a capacidade de cruzeiro e a potência de fogo. Afim de poder conduzir as tremendas cargas de bomba, indispensaveis à destruição de cidades inimigas, o tamanho do aparelho será de impressionar: duas vezes, possivelmente, o da Fortaleza ou

do Liberator, com depósitos de bomba e acomodações para a guarnição, de uma capacidade cúbica aproximada da de um apartamento de dez peças.

À semelhança do seu companheiro de combate, o superbombardeiro abrigará seu pessoal numa cabina adequada, tornando-lhe possivel operar eficazmente a mais de 13 mil metros—o que excede à capacidade de qualquer avião inimigo, e ultrapassa, em uns 2 mil metros, o alcance do fogo anti-aéreo, ainda o mais poderoso. O avião, de 4 a 6 motores, desenvolverá uma potência de 10 mil a 18 mil cavalos, e a sua velocidade será de 350 a 400 milhas por hora. Poderá ir de Londres a Berlim em 80 minutos.

No caso de ser interceptado no ar leve da estratosfera, o grande avião pode despejar de ambos os lados os seus projeteis sobre os atacantes. É mesmo provavel que, como nos couraçados, se coordenem as torres. Cairá então, de um só golpe, sobre um avião inimigo, a chuva de fogo de umas doze torres, pesadamente armadas.

Mais importante ainda que o armamento e o poder de ascensão do Gargântua, um e outro jamais vistos, é a sua capacidade de condução de bombas. Os maiores bombardeiros, em operação atualmente—os Short Stirlings e os Lancasters, ingleses—carregam, cada um, cerca de 8 toneladas de bombas. O Gargântua pode levar no seu bojo maior carga de altos explosivos do que qualquer outro bombardeiro. Despejada em projeteis de 2 toneladas, a carga de um só de semelhantes monstros bastará para por abaixo quarteirões e quarteirões de um dado centro urbano.

Não se vá supor que os superbombardeiros, com as especificações gerais aí expostas, sejam porventura fantasia. Já se acham eles adiante da fase de projeto, pela qual passaram, como é óbvio, as Fortalezas, e outros dos nossos grandes aviões. São projetados em conformidade com as necessidades e problemas da nossa estratégia no ar. Essa estratégia pode ser resumida em poucas linhas, senão em poucas palavras: *Por mais longe que fiquem as terras que os alemães conquistarem, não deixarão aos seus exércitos fábricas ou cidades a que possam recorrer.*

Os raides ingleses de mil aviões provaram que tal estratégia é perfeitamente praticavel. Sem embargo, cumpre notar que, nos sensacionais ataques britânicos, as cargas de bomba foram menores, em média, do que se suporia, porque a falta de pesados aparelhos em quantidade suficiente forçou o uso, em grande número, de bombardeiros médios. Menos de 150 dos nossos gigantes, a aparecerem, poderão fazer a obra de 1.000 dos aparelhos da atual frota inglesa de bombardeio. Isso redundará, não só em menores perdas de pessoal treinado—pois as guarnições não aumentam na proporção do peso do avião—mas tambem em redução no número de aeroportos que se deverão utilizar para dar o devido abrigo ao material e ao pessoal. Mais ainda: a capacidade ofensiva dos 150 superbombardeiros será muito maior que a dos 1.000 bombardeiros de vários tipos, visto que os efeitos explosivos aumentam com o tamanho das bombas.

Naturalmente, seria estulto pensar que grandes frotas de tão complicados e imensos aparelhos possam ser construidas da noite para o dia. Poucas pessoas, porem, fazem um exato juizo do avanço prodigioso que temos realizado, em capacidade de produção, no curso da atual guerra.

Uma das invenções mais importantes, que estão sendo consideradas para o avião de amanhã, é a hélice coaxial. Presentemente, um dos grandes obstáculos ao vôo na estratosfera é o que resulta da deficiência da hélice no ar, tão diferente em densidade, próprio das elevadas altitudes. À medida que se aumenta o poder de ascensão dos aparelhos, forçoso tem sido alongar-lhes, cada vez mais, as hélices, donde indispensavel instalá-los em bases ou substruturas cada vez mais elevadas, de modo que a hélice, em terra, ou nas decolagens e aterragens, se possa mover livremente. Daí não provem apenas aumento de peso, mas tambem menor eficiência das superfícies aerodinâmicas.

Colocando duas hélices num só eixo de motor, e fazendo-as girar em direções opostas por meio de uma engrenagem diferencial, o comprimento das pás pode ser reduzido de um quarto, diminuindo-se, ao mesmo tempo, e não pouco, o peso da substrutura. Como se não bastasse, espera-se do novo melhoramento que vai ser a hélice coaxial, um acréscimo de 10 a 15 por cento das velocidades na estratosfera. Não é só: a torsão do motor, devida, nos aviões de uma só hélice, às rotações da mesma, será eliminada.

Há alguma coisa, contudo, quiçá mais interessante que a hélice coaxial. É a cabina de pressão, objeto, como aquela, de intensos estudos experimentais. As máscaras de oxigênio permitem que se opere a altitudes de 12 a 13 mil metros, mas, acima desse nivel, a respiração, ainda de cem por cento de oxigênio puro, não evitará uma perda de conciência, relativamente rápida e fatal. É que a pressão exterior ao corpo terá caido tão baixo que os pulmões se dilatam fatalmente se o oxigênio for introduzido, sob pressão, na máscara; e, por outro lado, sem pressão, as quantidades de oxigênio fornecidas aos pulmões serão insuficientes para manter a vida.

A Companhia de fábricas de vidro Libby-Owens-Ford tem-se dedicado ao fabrico de um tipo de vidro duplo, destinado à construção de cabinas de pressão. O vidro, que mantem entre as suas duas partes um espaço de ar deshidratado, para ajudar a evitar a condensação atomosférica, é feito de vidro de segurança semitemperado, plano ou recurvo, e duas ou três vezes mais forte do que o vidro ordinário. Experiências demonstram que o vidro duplo, assim preparado, resistirá a uma pressão interna de mais de 10 quilos por polegada, o que é bastante para permitir que se possa subir a altitudes de mais de 20 mil metros; proporciona melhor visão do que a matéria plástica pesada, que é relativamente mole e se deteriora facilmente; e não se estragará, ainda que furado por balas de calibre-50, à baixa temperatura reinante a 14 mil metros, e mais, acima do nivel do mar.

Um dos problemas, até hoje não resolvidos, no vôo diurno a grandes altitudes, é o de evitar o perigo das queimaduras de sol e a excessiva fadiga dos olhos. A intensidade dos raios ultravioletas nas alturas muito elevadas é o triplo ou o quádruplo da que se verifica ao nivel do mar. Para dar solução ao caso, a Libby-Owens-Ford está fabricando agora um vidro denominado *Golden Plate*, que, não só proporciona quase perfeita transmissão de luz nos tetos de cabina, mas reduz a 4 por cento a ação das radiações ultravioletas dos raios solares. Um resistente vidro especial, a ser usado nas cabinas de aviões de

combate e bombardeiros, quando operando nas regiões tropicais, elimina miraculosamente, em grande parte, o calor, com que o sol se faz sentir naquelas latitudes.

Paradoxalmente, o vidro está sendo empregado, em aviões, até para efeitos de blindagem. Desde o princípio da guerra, protegiam-se, em geral, as guarnições, por meio de chapas de couraça, contra os ataques pela retaguarda: mas, através das janelas, podiam elas ser atingidas, de frente.

Estive, não há muito ainda, numa das fábricas da Libby-Owens-Ford, e assistí a uma experiência científica, na qual se submetia um vidro espesso à prova de balas, calibre-30, das que penetram couraças; e nenhuma o atravessou. Milhares de peças de tal vidro, manufaturadas por várias companhias, estão a ser instaladas nos novos aparelhos, de combate e bombardeiros. Quando as balas batem no vidro, desviam-se para o lado, e perdem o poder penetrante.

Até pouco, os pilotos, em missões de bombardeio após o escurecer, não tinham meio de verificar a formação e acúmulo de gelo, senão quando, muitas vezes, já era tarde demais para fazer funcionarem, com êxito, os degeladores de borracha. Engenheiros da Honeywell Regulator Company, de Mineápolis, acabaram por inventar um dispositivo eletrônico, que revela automaticamente quando o gelo se está formando, e põe, simultaneamente, os degeladores em ação.

Afim de realizar as formidaveis altitudes, a que sobem os super-aviões, tornava-se indispensavel um turbo-compressor, com a eficiência devida. A Aluminum Company of America produziu recentemente um novo tipo que, sem aumento do peso do compressor, eleva tão fortemente a compressão, que os aparelhos podem agora voar a uns dois mil metros acima do seu antigo limite de subida.

Até onde terão ido os alemães, no que concerne ao aperfeiçoamento da aviação de guerra? Não o sabemos por enquanto, se bem que seja verdade que cientistas nazistas anunciaram as suas experiências em matéria de cabinas de pressão, e motores experimentais, de mais de 2 mil cavalos, vão passando na Alemanha pelas necessárias provas. Há, todavia, uma impressão geral de que, da mesma maneira por que sobrepujamos os alemães no que toca propriamente à produção de aviões, começamos tambem a vencê-los nos domínios da pesquisa e dos melhoramentos de ordem técnica. Certamente, para uma nação—tal é o caso dos Estados Unidos —que concebeu o bombardeiro de mergulho e o avião de bombardeio de grande raio de ação, e à qual se devem inovações tão profundas, como sejam o motor resfriado a ar e a navegação aérea por instrumentos, não há impossibilidades aeronáuticas.

¶ A PÁGINAS 62 encontrará o leitor uma lista dos melhores aviões do mundo.

Quem é o autor?

Um cadaver à mesa

(Condensado da «Saturday Review of Literature»)

Por Samuel Hopkins Adams

Autor de «Revelry», «It Happened One Night», etc.

Ouví pela primeira vez, há uns trinta e cinco anos, durante uma excursão pela montanha, a história dos dois homens unidos pela neve. Utilizei o tema, àquele tempo, num breve conto que publiquei. Tentei debalde, desde então, descobrir-lhe a misteriosa origem; nunca me foi possivel conseguir qualquer indicação satisfatória.

UMA IMPREVISTA tempestade de neve, como as há, por vezes, no mês de outubro, surpreendeu desprevenidos a dois guias, em pleno coração das montanhas de Adirondacks, ao norte de Nova York. Eram eles Charles Carney e Stephen Estelow, amigos íntimos e antigos companheiros de trabalho. Durante o dia inteiro, tiveram de enfrentar selvagemente a neve, o gelo, e o vento ríspido e cortante. Estelow, mais moço e vigoroso do que Carney, procurava amparar o companheiro, cuja resistência moral e física já vinha um tanto gasta pelos anos.

Súbito, quando ia declinando a luz do dia, lançou Estelow um grito de esperança. Cortando a escura bruma que os cercava, uma linha de prata desenhou-se claramente no espaço.

—O fio! O fio telegráfico!

—É; mas para onde? E a que distância daquí? gemeu Carney.—Prefiro deitar-me na neve, e dormir.

—Não. Vamos para diante! reagiu Estelow.—Deve ser o fio telegráfico instalado durante a primavera pelos inspectores do governo; vai da cabana destes, ao ponto terminal da estrada de ferro, em North Creek. Agora, é só galgarmos a montanha. Venha!

Entre protestos e rogos, foi arrastando o companheiro através do bosque e, após meia hora de luta, chegaram, finalmente, à porta da cabana. A sorte começara a protegê-los. Não faltava lenha para um bom fogo. Algumas espigas de milho, já secas, jaziam, esquecidas, a um canto da prateleira. Um porco espinho, amedrontado pela tempestade, grunhia de pavor ao pé de uma árvore vizinha. Estelow, sacando do revólver, deu-lhe um tiro certeiro. Estava, portanto, afastado o perigo da fome.

Carney no entanto adoecera, estando àquela altura a arder em febre. Estelow, depois de acender o fogareiro, fez com que o seu amigo se recolhesse à cama, no quarto interior da cabana.

À manhã seguinte, já o doente apresentava melhoras. O aparelho telegráfico lhes traria decerto a salvação, pois Carney sabia manejá-lo. Enfraquecido embora como estava, pela noite de angústia e sofrimento, arrastou-se este até à mesa, e pôs a funcionar o transmissor.

O telegrafista de North Creek, ao receber uma chamada de Lonely Hill, julgou que tinha enlouquecido. A transmissão era hesitante, mas perfeitamente inteligivel. Anunciava que dois homens, um dos quais acometido de

pneumonia, se tinham refugiado na cabana, ao alto da montanha. Deus que lhes desse auxílio—que auxílio, por enquanto, lhes não podia vir do mundo. A tempestade redobrava de furor. Vinte e quatro horas depois, nova mensagem atravessava o fio. Esta, visivelmente transmitida por alguem que o delírio conturbava, dizia que a cabana fora cercada por terriveis monstros e anjos de asas brancas cujos olhos brilhavam através da tormenta. As palavras em Morse perderam-se, por fim, num borborinho incoerente.

Estelow conseguira arrastar novamente para a cama o seu pobre companheiro. À manhã seguinte, durante os breves períodos de semi-lucidez, Carney logrou, diversas vezes, chegar de novo até à mesa, e, ligando o transmissor, repetir febrilmente os chamados em Morse. Mas a estação de North Creek já não lhe ouvia os trágicos apelos. A linha fora destruida pelas avalanches de neve e pela fúria do vento.

Ao cair da noite, Estelow, fazendo, uma vez mais, com que o amigo se deitasse, saiu a buscar lenha para o fogo. Regressando, encontrou Carney sentado em frente ao transmissor. Tinha, no rosto, uma expressão serena e grave.

«Steve,» disse calmamente, «acho que estou morrendo. Mas Steve,» pediu, erguendo para ele uns olhos súplices, devorados de febre: «Não me enterre senão quando tiver a certeza absoluta de que estou morto. Pode ser que eu caia num estado de coma que se assemelhe à morte.» E suplicou, de novo: «Não, Steve. Por favor, não me enterre vivo.» E as palavras morreram, num murmúrio.

Estelow, com a voz comovida, fez-lhe a solene promessa de que tal não sucederia. Os acontecimentos que se seguiram àquela cena, anotou-os cuidadosamente no seu diário. Àquela noite, enquanto Estelow preparava um guisado, com o que restara do porco, o doente de súbito levantou-se da cama, arrastou-se para a mesa, e alí morreu, sentado, em frente ao aparelho telegráfico. Tomando-lhe o pulso, e auscultando-lhe a respiração, Estelow pôde averiguar que acabava, de fato, de perder o seu companheiro e amigo.

A rigidez cadavérica sobrevindo, al gum tempo depois, comprovava a morte. Pôs-se Steve, portanto, a preparar o enterramento do amigo. Com uma pá, cavou-lhe a sepultura no alto de uma pequena colina, e, murmurando uma prece, recobriu o corpo de neve. Passou depois daquilo uma noite tremenda, percorrida de horriveis pesadelos. A certa altura despertou, sentindo-se enregelado, e atribuindo tal sensação ao suor frio de que se julgava inundado.

Ao levantar-se, de manhã, para reanimar o fogo na lareira, deu com Charles Carney, sentado junto à mesa, imovel, mudo, olhos fixos no espaço.

Durante todo aquele dia, tomado de um terror indescritivel, Estelow partiu a percorrer os arredores da cabana, em busca de alimento, sem ousar sequer tocar no misterioso cadaver. Ao cair da noite, recorrendo a toda a sua energia mental para vencer a angústia que lhe conturbava o espírito, levou, de novo, à sepultura o corpo de Charles Carney. Trouxera na sacola uma garrafa de *brandy*, que já estava pelo meio. Bebeu de um trago o que restava, e recolheu-se ao leito.

À manhã seguinte, para se por de pé, foi-lhe preciso um esforço sobrehumano. Alí ficou, alguns minutos, junto à cama, tremendo da cabeça aos pés, antes de abrir a porta que levava à saleta.

Charles Carney lá estava, como dantes, sentado junto à mesa.

«Tentarei dominar-me até o fim», anota então Estelow, no diário. «Se ele voltar pela terceira vez, já sei qual há-de ser a solução.»

Partiu, de novo, a percorrer os bosques, durante o dia inteiro, refletindo naquilo intensamente. Certo é que estava sendo vítima de alucinações terriveis. Sabia, porem, que não tinha enlouquecido. Talvez que toda aquela história não passasse de um longo pesadelo. Regressou à cabana, e abriu a porta bruscamente.

Charles Carney lá estava.

Àquela noite, depois do terceiro enterramento, Estelow, tomado de pavor, não se animava a deitar-se. Sentou-se finalmente junto à mesa, em frente à cadeira vazia do amigo, e procurou vencer o sono. A fadiga, porem, acabou por dominá-lo, e logo em seguida adormecia.

Despertou ao raiar a madrugada. Sob a luz frouxa e vacilante da manhã, viu que Charles lá estava, novamente, do outro lado da mesa, com os olhos fixos no espaço, como sempre.

«Deus que se compadeça de mim»—eis a última frase que Estelow, depois disto, escreveu no diário.

A PATRULHA de socorro, composta de dois guias, um médico e Clark, o telegrafista de North Creek, chegou afinal à porta da cabana. Vinham todos cansados da subida, com suas grossas botas recobertas de neve. Não havia, em redor, o mínimo sinal de vida—nem mesmo um rolo de fumaça a escapar da chaminé. Cousa estranha—da entrada da cabana à colina vizinha, várias pegadas humanas desenhavam-se nitidamente na neve. O médico empurrou a porta. Dentro—um frio cortante e um silêncio profundo. Dois homens mortos se encontravam sentados junto à mesa.

Ambos haviam recebido um tiro na têmpora. Estelow, curvado para a frente, mergulhava a cabeça numa poça de sangue coagulado. Carney, com o tronco ereto e direito, fixando os olhos nalgum ponto indefinido, tinha no rosto uma expressão serena.

«Assassínio e suicídio!» exclamou o telegrafista. «Pobres diabos!»

O médico, porem, examinara os dois corpos. «Não houve homicídio,» declarou tocando a fronte de Carney: «Como vêem, não há sinal de sangue em torno ao ferimento. O homem já estava morto, ao ser atingido pela bala. Morto e, se não me engano, enregelado.»

Os cinco membros da patrulha entreolharam-se surpresos. Um deles, encontrando o diário de Estelow, entregou-o ao médico. Este, tendo passado a vista no caderno, saiu a examinar as pegadas na neve. Ao regressar, acendeu o cachimbo, e, tendo refletido alguns momentos, observou, afinal:

«Meus amigos, em consideração às famílias dos mortos, peço a vocês que guardem segredo sobre o caso. Sou oficial de justiça. Declararei que Charles Carney e Stephen Estelow morreram em consequência do frio, da fome e das privações que sofreram. Compreenderam bem?»

Os demais concordaram, acenando a cabeça, um após outro. Mas o telegrafista de North Creek disse então, numa voz trêmula:

«Eu só... dormirei melhor se souber o que houve.»

«O que posso fazer,» disse o médico, «é registar o fato. Se apurarmos que Estelow era sonâmbulo, então, não me

terei enganado. Porque só encontro uma explicação para o sucedido. Durante a primeira noite, numa crise de sonambulismo, Estelow desenterrou o corpo do amigo, pondo-o de novo na cadeira onde o vira morrer. Qual a razão que o fez agir assim? Talvez um pânico nervoso—o horror da solidão em que ficara. Ao mesmo tempo, o desejo, ainda que inconciente, de cumprir a promessa que fizera a Carney—a de somente o enterrar estando certo da morte. Alem disso, tal motivo explicaria o tiro. Fosse lá como fosse, a exhumação se deu segunda vez. Algum sutil instinto fez sentir a Estelow que devia esforçar-se por não dormir—porem a natureza foi mais forte. Recaiu no sono, e, novamente, o demônio do sonambulismo apoderou-se dele. E a terrivel tensão nervosa dominou-o, por fim.»

O diário de Estelow foi queimado, e sepultaram-se os dois corpos num lago perdido na montanha

Os doze melhores aviões do mundo

¶ De acordo com uma classificação feita por Peter Masefield, redator técnico de *Airplane*, o principal periódico inglês no assunto:

Monoplano de combate—Spitfire, inglês

Avião de combate noturno e grande raio de ação—Beaufighter, inglês

Bombardeiro médio—Dornier DO-17, alemão

Bombardeiro pesado—Lancaster, inglês

Bombardeiro de torpedo com base terrestre—Savoia-Marchetti 84, italiano

Escoteiro de cooperação naval—Mustang, americano

Patrulhador naval de grande raio de ação—Consolidated Coronado, americano

Aeroplano de transporte—Douglas DC-4, americano

Hidro-avião de transporte—Boeing Clipper, americano

Avião naval de combate—Corsário Vought-Sikorsky, americano

Avião naval de picada—Curtiss Helldiver, americano

Na categoria dos monoplanos de combate, de acordo com o sr. Masefield, o último Spitfire leva uma ligeira vantagem sobre o alemão Focke-Wulf-190. «Alem do mais, acrescenta aquele técnico, temos ainda o Hawker Typhoon e o americano Republic Thunderbolt (P-47B), que estão sendo postos em serviço cercados das maiores esperanças quanto ao seu grande êxito como aviões de combate.»

—Telegrama de Londres, UP.

¶ *Histórias contadas por leitores, mostrando que a experiência não é a única mestra.*

Podemos ensinar os meninos a viver

—III—

Presença de espírito e caridade—

Minha mãe era uma pessoa extremamente bondosa. Uma vez, estando nós à mesa de jantar, ela nos mostrou o que é realmente a bondade. Coisa temida por nós era a visita anual do velho afinador de piano, porque o coitado gaguejava de causar dó e, invariavelmente, acontecia ele ficar para uma refeição. Minha mãe nos dissera que nunca deveríamos rir, por mais que os sr. M. gaguejasse. Todas nós, as cinco crianças, tínhamos a melhor vontade de seguir as suas instruções, mas a atmosfera se ia tornando mais e mais tensa, cada vez que ele ficava suspenso numa sílaba. Percebendo que estávamos no ponto de estourar em risadas insopitaveis, quando o sr. M. pediu o «v-v-v-v-v» (que nunca conseguiu chegar a ser «vinagre»), minha mãe veio em nosso socorro com esta exclamação: «Vejam, meninos! Vejam só o que eu fiz. Pus açucar no picadinho do Ricardo!»

O riso rompeu facilmente, explodindo de cinco pequenas criaturas. Assim, com isso, ela nos ensinou que os elementos da bondade são, não apenas um sentimento resplandecente e caloroso, mas tambem espírito e imaginação, usados com rapidez e habilidade.

—Sra. Emory Howes.

Arrebentando de orgulho—

Quando minha irmã e eu tínhamos cerca de sete e nove anos respectivamente, alcançamos as notas mais altas de nossas classes, na escola. Assim, decidimos que, em matéria de «cérebros», nossa família estava muito acima da média—e não perdemos tempo para fazer os nossos companheiros de brinquedos cientes disso. Ao ouvir nossas jactâncias, papai chamou-nos.

Ele tinha enchido uma bola de assopro até o tamanho de uma cabeça humana. Gravemente, anunciou-nos que aquela bola era Elmer. Então seguiu-se a história da vida de Elmer, a qual veio a ser uma sucessão de feitos extraordinários. E cada vez que Elmer fazia alguma coisa magnífica, meu pai soprava um pouco mais de ar dentro do balão. Como a história progredia, Elmer ia crescendo a tais proporções, que minha irmã e eu fomos pouco a pouco recuando de junto dele, pressentindo o desastre. De repente, bem no ponto em que Elmer parecia incapaz de suportar mais nada, a história terminou.

«Não é divertido estar muito perto de Elmer, não é verdade?» perguntou papai. «Está tão cheio de si e tem uma cabeça tão grande... Pois foi o que se passou com os seus companheiros em relação a vocês. Vocês estavam tão orgulhosos que se tornaram desagradaveis a eles.»

Até hoje, quando fazemos alguma coisa particularmente envaidecedora, a lembrança de Elmer nos preserva de ficar com a «cabeça grande».

—Adla Mickwee

A balança da equidade—

UMA VEZ, quando cheguei em casa, correndo, para me queixar de Jimmie, meu companheiro de brinquedos, mamãe pegou uma velha balança e minha coleção de blocos.

«Agora vamos brincar um pouco com isto,» disse ela. «Primeiro, vamos colocar neste prato da balança um bloco para representar cada um dos defeitos de Jimmie. Conte-me, agora, quais são eles.» Eu os nomeei, e certo número de blocos foram empilhados naquele lado.

«Diga-me agora alguma coisa de bom sobre ele,» acrescentou minha mãe. «Ele não deixa você andar em sua bicicleta? Não reparte seu doce com você?»

«Sim,» admití, relutante. Ela foi colocando blocos no outro lado, para mostrar seus pontos bons. Eu comecei a rir, ao ver as boas qualidades de Jimmie ultrapassarem seus defeitos.

Através dos anos, esse pequeno incidente de pesagem tem exercido influência sobre os meus julgamentos. Antes de criticar uma pessoa, sempre comparo seus pontos bons com os maus.

—J.L.J.

Ser preguiçosa—

QUANDO ROSINHA, nossa jovem criada, foi despedida, nós, as crianças, não compreendemos porque. Rosinha era tão boa pequena, sempre correndo pela casa desde a manhã até a noite!

«Porque é que Rosinha precisa sair?» perguntei a Vovó.

«Ela não é bastante preguiçosa,» respondeu Vovó, piscando jovialmente os olhos.

Eu fiquei olhando para ela, muito admirada.

«Rosinha não é capaz de fazer a tempo o seu trabalho,» continuou Vovó. «Ela esquece metade dele, andando três vezes para dar conta do que poderia fazer andando uma vez só. Seja preguiçosa, minha filha. Faça uma regra de nunca mover a mão ou o pé, sem tirar o máximo desse movimento. Nunca saia de um quarto sem primeiro verificar o que pode levar para o quarto para onde você vai. Pense bem até achar um meio de abreviar o tempo necessário para um trabalho. Então, você terá bastante tempo para prazer e horas ociosas!»

—Elisabeth Freund

Concurso

Terá você qualquer vívida recordação de infância de casos dramáticos ou pitorescos, pelos quais um adulto lhe tenha transmitido alguma verdade que lhe servisse para toda a vida?

Depois de ler «Podemos ensinar os meninos a viver», poderá você enviar-nos um exemplo da sua experiência? Para cada relato que os redatores considerarem digno de publicação, o Reader's Digest recompensará o seu autor com quinze (15) dólares.

O manuscrito não deverá exceder de 250 palavras. Deve ser dactilografado e enviado ao seguinte endereço: Seleções do Reader's Digest (Concurso), Pleasantville, Nova York.

¶ *Vale a pena conhecer Charles Atlas, o criador da cultura física pelo «antagonismo muscular».*

O fraco que se fez forte

(Condensado do «New Yorker»)

Por Robert Lewis Taylor

CHARLES ATLAS, o mais importante «professor de musculatura» dos Estados Unidos, é o único homem cujas medidas físicas os antropologistas mandaram registar na Biblioteca Pública de Nova York, para informação e espanto da posteridade. Atlas considera esse gesto, e com razão, um merecido tributo à perfeição do seu corpo. «Foi uma cousa bem pensada,» diz ele. «Daquí a uns dois mil anos, quando o pessoal começar a matutar no gênero de bicho que era o homem do nosso século XX, vão com certeza por-se a investigar na Biblioteca Pública, e que acham eles? Acham Atlas, o bamba!»

Este homem forte tem de si mesmo a noção mais desinteressada. Há alguns anos, no decurso duma viagem a París, recebeu convite para jantar em casa da famosa modista Schiaparelli. Pouco depois de os convidados terem tomado os seus lugares à mesa, Mme. Schiaparelli perguntou ao atleta: «É verdade o que dizem, que o sr. tem um corpo assombroso?» A resposta de Atlas foi clara e pronta: ergueu-se, desenfiou o smoking e a camisa, e ficou assim, nu da cintura para cima, formidavel diante da brilhante companhia. Mme. Schiaparelli e os convidados ficaram talvez um quase nada chocados com tamanha boa-vontade, mas confessaram que o corpo dele era realmente «assombroso».

A verdade é que Atlas só se atreve a semelhante gesto quando quer fazer proselitismo da sua teoria da «alegria pelo exercício». É tal a sua consideração pelo exercício, que conserva a maioria dos músculos em permanente atividade: carrega geralmente nos bolsos uns pregos de 20 cm., e conforme vai andando pelas ruas, vai quebrando os pregos em dois, entre os dedos! Tambem costuma carregar alguns um par desses cravos usados para pregar trilhos nos dormentes, e não é preciso insistir muito com ele para que os dobre pelo meio...

Atlas apresenta-se frequentemente nos clubes atléticos, organizações juvenís e acampamentos militares, para fazer demonstrações gratuitas da sua força, e curtas palestras sobre a saude em geral. Para provar que sempre tomou os devidos cuidados com o seu próprio corpo, e contribuir ao mesmo tempo para a propaganda de um novo tipo de chumaceira de rolamentos, Atlas ainda

há pouco rebocou a uma distância de 30 metros, uma vagoneta de inspeção ferroviária que pesa 170 toneladas, depois de seis homens, puxando juntos, terem desistido de abalar sequer a vagoneta. Outra vez, para acabar com uma discussão, andou a nadar pelo porto de Nova York, rebocando um barco carregado de amigos, e parando aquí e alem, como um cicerone, nos pontos de maior interesse turístico! Pouco tempo depois fez uma visita à famosa cadeia de Sing-Sing, e alí entreteve os condenados mostrando-lhes como é «fácil» quebrar barras de ferro com as mãos. Alguns dos presos pediram logo a assinatura do seu curso de musculatura (por correspondência), mas Atlas recusou, e comenta: «Podia ter dado em resultado que fugissem todos do xadrez!»

A revista «Cultura Física», há uns 20 anos, proclamou Atlas «o homem mais bem desenvolvido do mundo». E hoje, com 48 anos de idade, os cultores da musculatura ainda o acham prodigioso. Atlas esforçou-se sempre por não se desenvolver demasiado, e o fato é que os seus músculos não apresentam «laranjinhas». A superfície do seu corpo tem a aparência suavemente ondulada duma série de pequenas dunas de areia... Não é alto. Mede 1,54 m., e pesa apenas 82 quilos. Em compensação tem um perímetro torácico de 119 cm., e os seus bícepes medem 43. O tórax do campeão Joe Louis mede 104 cm., e o seu bícepe 35,5 cm. O busto de Atlas, forte e largo, estreita-se até à cintura, que mede apenas 81 cm. Porem o pescoço tem só 43 cm. e é com tristeza que ele considera essa relativa delgadez...

Atlas nasceu no Sul da Itália, e foi batizado com o nome de Ângelo Siciliano. Criou-se em Brooklyn, N. Y., mas durante muitos anos não cresceu cousa que se visse. Um seu retrato, tirado à volta dos 17 anos, mostra um rapaz de corpo esguio, de pé, numa atitude de apatia e indiferença. As pessoas que viveram na sua vizinhança recordam-se dele como sendo um mocinho impressionantemente fraco... Atlas não desvirtua os fatos quando se põe a bradar nos seus anúncios de magazine barato: «Eu já fui um dia um fracalhote de 43 quilos!»

Quando contava 16 anos, Ângelo visitou um dia, por acaso, o Museu de Brooklyn, onde viu uma estátua de Hércules que o deixou fascinado. Uma semana depois tinha começado a trabalhar num ginásio da Associação Cristã de Moços, com o fervor dum fanático. Experimentou todos os exercícios habituais, mas não se deu por satisfeito. «Faltava-me qualquer coisa,» diz ele agora. Certa manhã, ao passear pelo Jardim Zoológico do Bronx, encontrou finalmente o que lhe faltava. «Quer saber como foi?» pergunta ele. «Estava eu de pé, em frente da jaula do leão, quando de repente o bicho se levantou e se espreguiçou! Viam-se-lhe os músculos correndo debaixo da pele como coelhinhos debaixo dum tapete. Disse eu assim com os meus botões:—Porventura este velho bicho tem algum treinador? Não senhor, não tem! O que ele tem, é que há muitos anos vem exercitando os músculos uns contra os outros!» Assim nasceu o sistema Atlas de cultura física pelo antagonismo muscular.

O jovem Siciliano começou a exercitar músculos em ações opostas, e em todas as combinações possiveis. Iniciou «desafios» de tração entre as duas mãos, agarrava a cabeça e esforçava-se por dobrá-la para baixo, enquanto o pescoço procurava manter-se bem direito, e

embrulhava braços e pernas, espremendo, empurrando e retesando. Chegou por vezes a enrolar-se de tal maneira, que lhe dava trabalho voltar à posição normal. Com o curso do tempo, porem, foi aprendendo quais os músculos que atuam antagonicamente, e que podem exercitar-se sem confusão nem sofrimento. Praticava constantemente, em casa, na escola, no ginásio. A batalha de Siciliano contra Siciliano não admitia tréguas prolongadas.

Quando chegou aos 19 anos possuía uma musculatura tão desenvolvida, que causava surpresa e inveja aos seus camaradas. Um dia um deles fez a seguinte observação: «Macacos me comam, se Ângelo não faz mesmo pensar naquela estátua chamada Atlas, que está no frontão do banco alí da esquina.» Foi assim que Atlas passou a se chamar pelo nome sob o qual viria a celebrizar-se.

Ao acabar o curso ginasial, arranjou um emprego de 5 dólares por semana—porteiro e homem-de-forças duma barraca de exibição na feira de Coney Island. Certa tarde, entre a multidão dos espectadores encontrava-se um jovem artista, observando com prazer o heróico jogo muscular de Atlas, que erguia dois homens, um em cada mão, e em seguida endireitava um par de ferraduras de cavalo. Perguntou a Atlas se ele gostaria de servir de modelo, e mais tarde apresentou-o a Mrs. Harry Payne Whitney e a bom número de outros escultores.

Atlas tornou-se assim, por muitos anos, um dos modelos mais populares e mais bem pagos dos Estados Unidos, e sucedeu-lhe esbarrar com frequência na sua própria imagem: ora é o general Washington, de Washington Square, ora um grupo de soldados no Presbyterian Hospital, ora o Alvorecer da Glória, num parque de Brooklyn,—para não citar senão alguns dos numerosos monumentos nacionais em que figura.

Após ter ganho o primeiro prêmio do concurso Macfadden, e a conselho dos seus amigos escultores, preparou um curso de desenvolvimento físico, e inaugurou o seu sistema por correspondência. Pouco ou nada tem alterado as lições no decurso de muitos anos. «Saíram-me certas logo à primeira,» diz ele. As recomendações fundamentais são: exercício duro, e moderação em tudo o mais. O primeiro exercício aconselhado na tabela são inspirações profundas para desenvolver e aperfeiçoar o torax por dentro; vem em seguida um exercício para os músculos externos do torax: colocar as mãos nos assentos de duas cadeiras, e erguer e baixar o corpo até perder o fôlego. Os exercícios de antagonismo muscular começam desta maneira: assenta-se o punho de uma das mãos contra a palma da outra, e faz-se um jogo de empurra, para ver qual leva a melhor,—se o punho, empurrando a mão para baixo, se a mão, empurrando o punho para cima. Regularmente praticado, diz Atlas que esse exercício resulta praticamente no desenvolvimento de todos os músculos da cintura para cima. Quanto ao bícepe, Atlas se esforça por dobrar o braço, enquanto, com a mão oposta procura mantê-lo direito. O seu curso conta já 250.000 estudantes, incluindo indianos e fijís. Certo viajante referiu uma vez ter encontrado o retrato de Atlas, numa aldeia da Índia, com uma luz ardendo por baixo, como aos pés duma divindade...

Atlas tem, porem, seus preconceitos dietéticos! Opina contra os doces e pastéis, o café, o chá e o alcool. É todo a favor do leite e da água, aconselhando

que os «mastiguemos» demoradamente!

Quando o visitante que entra nos escritórios do Mestre não fica logo de boca aberta diante das suas 21 fotografias, pendentes das paredes, é quase certo que a pessoa de Atlas lhe causará o mais profundo assombro. O creador dos exercícios antagônicos de músculos começa em geral as suas entrevistas por tirar a camisa. E assim sentado, seminu, por trás da secretária, dá começo a uma calma prosa sobre força e saude.

A sua principal ocupação é responder a correspondência. Possuído duma atitude quase religiosa para com o trabalho que faz, escreve longas e minuciosas cartas a qualquer pessoa que lhe peça informações. Então, entretem-se a dar conselhos desta transcendente natureza: «Levante-se assim que abrir o olho. Não se ponha a brincar, levante-se agora, levante-se logo: *Levante-se!*» Ou como este: «Bom exercício tonificante para os nervos, é derramar um pouquinho de água fria sobre o plexo solar, assim que se acorda. Excelente!» Fecha sempre as epístolas nestes termos: «Com as melhores saudações e um vigoroso aperto de mão, sou, Charles Atlas.»

Em traje de passeio, Atlas tem a aparência menos atlética e mais inocente deste mundo. Tem a paciência dos verdadeiros gigantes, sendo capaz de mil esforços para evitar um conflito. Quando, ocasionalmente, algum sujeito de paciência mais curta procura arrastá-lo para uma luta, Atlas limita-se a dizer com paciência: «É favor, cavalheiro. O sr. não está mesmo vendo que eu sou um sujeito sossegado? Ora, deixe-me em paz, por favor!» Mas, ainda não há muito, num trem subterrâneo que ia a abarrotar de passageiros, houve um sujeito mais difícil de contentar, que fez sururú quando Atlas lhe pediu que se chegasse um pouquinho para a esquerda, para abrir lugar a uma senhora. Atlas teve que levantá-lo no ar pelo pescoço e pelos fundilhos das calças, e aí deu-lhe dois safanões vigorosos. Ainda não tinham saído do trem, já o cavalheiro tinha reconhecido Atlas, e lhe apresentava desculpas. «Disse-me ele que estava um pouco irritado, porque não se estava sentindo muito bem,» diz o atleta. «Dei-lhe uma grande lição sobre o valor do exercício, —e fez-se logo alí assinante do meu curso!»

Atlas tem verdadeira pena das pessoas não-musculosas. Recebeu uma vez uma carta de Mahatma Gandhi, que rezava assim: «Tenho ouvido falar dos seus magníficos trabalhos, e desejaria saber se haverá maneira de me ajudar a robustecer-me um pouco.—M. K. Gandhi.»

Atlas preparou uma dieta e recomendou ao Mahatma uma série de exercícios moderados. «Não lhe levei nem um centavo por isso,» diz ele. «Pobre senhor Gandhi, olhe que me deu verdadeira pena: parece um molhinho de ossos dentro dum saco de pele!»

¶ Uma garotinha, evacuada de Londres, ao ver pela primeira vez um circo, comentou que achou tudo ótimo exceto os elefantes, que não havia meio de tirarem as máscaras contra gases...

¶ *Um vislumbre fascinador do misterioso funcionamento do subconciente.*

Como frutifica a imaginação

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Diarmuid Russell

Graças à minha experiência com toda a sorte de manuscritos—pois sou agente literário—repetidas vezes meditei com meus botões que me seria mui facil escrever um conto a qualquer momento que me dispusesse a isso. Alguns meses atrás, decidí deixar de matutar no assunto, e tratar de escrever alguma coisa.

Não foi dificil escolher um tema geral. Seria uma história humorística sobre a paixão ianque de barganhar. O caso se daria numa venda de roça onde se exibia um magnífico refrigerador pelo qual se pedia o preço de 2:790$000. Um fazendeiro entra para fazer umas compras; então, apontando para o refrigerador, diz: «Bem que minha mulher gostaria dum desses». Como só dispunha de um conto pergunta displicentemente o que o dono do armazem estaria disposto a aceitar em troca pelo refrigerador.

O dono do armazem responde que já há algum tempo deseja comprar um bote, mas o dono do bote pede quatro contos pelo mesmo! E acrescenta, trocando, que trocaria o refrigerador pelo bote. Daí em diante a história iria passar por uma série espirituosa de barganhas de maneira que afinal de contas o bote seria comprado pelo conto de réis, e trocado pelo refrigerador. O meu problema era imaginar as várias trocas a ser feitas.

Por alguns dias parafusei sobre o problema em geral, pensando que as idéias se desembaralhariam. Mas nada aconteceu, e comecei a pensar seriamente no assunto, quando, à tarde, a caminho de casa. Nada... Ao deitar-me, antes de me entregar ao sono, procurava forçar o cérebro a produzir o enredo necessário. Noite após noite, de olhos esbugalhados no escuro, não dava tréguas à imaginação.

Acabei por não resolver o caso do refrigerador. Mas após um mês inteiro de vãos esforços, tive um sonho impressionante. Vi um homem muito bem vestido, todo de cinzento. Conhecia-o bem. Era um advogado que tinha escritório em Nova York, e morava no estado vizinho de Connecticut, indo todos os dias de trem, para o escritório. Nesse dia, voltava de uma viagem de negócios, e telefonara à esposa que tomaria o trem de volta, à hora do costume.

Uma penetração misteriosa me fazia conhecer de antemão todos esses fatos. Na visão via chegar um taxi à estação. O advogado estava atrasado; voou pela estação a fora, galgando o trem justamente quando partia.

Quando o condutor passou, olhou para o bilhete do homem, e disse:

—Cavalheiro, o senhor tomou o trem errado.

—Que diabo, disse o advogado.—Pra onde vai este trem?

—A primeira estação é Poughkeepsie, replicou o outro.

Agitado, o advogado pensou na esposa que o procuraria em todos os trens. O cidadão, sentado ao seu lado disse então:

—Que maçada! É realmente pau isso. Sei, porque o mesmo já me aconteceu. Porque o senhor não fica comigo esta noite em Poughkeepsie? Poderá telefonar a sua senhora da estação, e contar-lhe o que sucedeu.

O advogado aceitou a proposta e, ao chegarem a Poughkeepsie, tratou de telefonar à esposa.

—Para o caso que depois ela deseje falar-lhe, aquí está o número do meu telefone, disse o seu novo amigo e escreveu-o num pedaço de papel.

O advogado explicou tudo à mulher; em seguida, o seu novo companheiro conduziu-o a um automovel de luxo. Após viajarem algumas milhas, entraram numa estrada escura, e pararam em frente de uma casa. O homem abriu a porta, e disse:

—Preciso ir participar a minha irmã que temos um hóspede inesperado. Pendure o capote no cabide da sala de espera.

Ao pendurar o capote, o advogado deu de encontro a uma mesinha onde estava um telefone. Ao repor no lugar o aparelho, notou com surpresa que o número do telefone não correspondia ao escrito no papelzinho. Tomado de súbito terror, recordando frases exquisitas da conversa, os estranhos olhos do companheiro, o quanto era escura a noite, abalou da casa numa corrida louca. Conseguiu encontrar um posto policial, e alí contou o que se passara. A polícia o tratou muito bem, mas, visto nada realmente haver sucedido, nada podia fazer. Contudo, um dos guardas, tomando o pedaço de papel em que se achava o tal número de telefone, foi à lista telefônica. «Bem que eu desconfiava,» disse em seguida, com certo ar de satisfação. E deu uma gargalhada. «Engraçado, não? É o número do cemitério!»

Foi um sonho estranho esse que tive, e as imagens eram tão nítidas que ainda posso recordá-las perfeitamente. Ao contrário do que se dá com a maioria dos sonhos, não passou como um relâmpago. Parecia que uma inteligência imaginosa, dentro de mim, me fizera ter esse sonho, para me recompensar dos esforços que fizera.

Três dias mais tarde, dirigia-me ao hospital para visitar minha esposa, que acabara de dar à luz um pequeno. A estrada passava por uma penitenciária estadual. De repente, como se fora outro sonho, este, porem, acordado, passou-me pela mente outra história.

Desta vez, tratava-se de um valentão, chefe de uma súcia que roubava automoveis. Encontrara-se, por acaso, com uma moça distinta, enamorara-se dela, casara, e mudara de vida. No meu sonho acordado, eu o via, sorumbático, a caminhar a esmo pela rua. Havia muito que não tinha trabalho, e a mulher estava doente. Necessitava desesperadamente de dinheiro, para dispensar a sua enferma os devidos cuidados. Passando por um automovel elegante, parado em frente a uma casa, cedeu à tentação, e o roubou. Sabia onde poderia vendê-lo por boa soma.

Mas naquela mesma noite foi apanhado pela polícia, e levado para o posto. Ficou admirado porque o sargento, que o conhecia bem, em vez de recebê-lo com injúrias, se limitou a encará-lo com fisionomia grave.

—Pode falar, sargento. Eu sei que sou culpado.

O sargento disse então com tristeza:

—Sua mulher peorou de repente; chamaram um especialista. Mas ele chegou tarde demais, porque alguem tinha roubado o seu automovel.

Saltava aos olhos a origem dêsse conto melancólico. Eu passava por uma penitenciária a caminho dum hospital.

Mas que faculdade era essa que havia ajuntado todos esses detalhes, compondo, num abrir e fechar de olhos, um conto trágico e vívido? O que quer que fosse, possuia um golpe de vista incomparavelmente mais dramático para criar o enredo e execução mais rápida do que a minha inteligência conciente.

Uma semana depois da minha visão do ladrão de automoveis, passei por um depósito de carvão. Havia alí uma espécie de armação pela qual os vagões esvaziavam o carvão em grandes carvoeiras. Ao contemplar o depósito, tive outra visão, tão clara como se projetada numa tela. Tratava-se agora de um operário desse depósito. Estava em casa com um amigo. De repente brigaram, e ele atirou o amigo ao chão. Vi o homem cair, bater com a cabeça num movel, e expirar.

Horrorizado, o assassino levou o corpo para o depósito onde sabia haver um vagão cheio de carvão pronto para ser esvaziado. Colocou o corpo na carvoeira, debaixo da armação, e deixou cair o carvão por sobre ele. Um guarda, ouvindo o barulho, aproximou-se, perguntando porque trabalhava assim à noite. O homem explicou não haver terminado o trabalho, e, visto não estar nas boas graças do patrão, ter julgado de bom alvitre voltar para terminá-lo. O guarda, que muitas vezes o vira a trabalhar alí durante o dia, aceitou a explicação. Os dois continuaram a palestrar por uns instantes, quando cai de repente aos seus pés o corpo duma moça.

Foi esse o meu último sonho acordado. Mas o episódio tem um não sei quê de sugestivo. Não tenho dúvida alguma de que todas as visões foram uma resposta direta ao esforço que eu vinha empregando para estimular a imaginação. Quão estupenda é a faculdade de produzí-las assim de um momento para outro, tão perfeitas e completas nos seus detalhes! Vi perfeitamente as fisionomias dos homens; conhecia a fundo os detalhes de seu vestuário e sua psicologia. E tudo isso num abrir e fechar de olhos.

Essas experiências me fazem crer que todo homem, que se dispuser a envidar reais esforços para despertar o seu poder intelectual, poderá ter admiravel êxito. Não posso afirmar que descobrirá inevitavelmente a solução de um problema específico. No meu caso, a cata de incidentes humorísticos resultou em nada menos que contos trágicos. Não cabe dúvida, entretanto, de que muitas pessoas não se utilizam devidamente da imaginação. Sugiro que a animem a inventar as suas próprias histórias. O resultado poderá ser—quem sabe?—deveras assombroso.

¶ No Jardim Zoológico de Londres, uma mulher perguntou a um guarda de que sexo era o hipopótamo que alí se achava. «Minha senhora,» respondeu o guarda severamente, «essa é uma questão que somente deveria interessar a outro hipopótamo.»

—*Julian Huxley, Secretário da Zoological Society de Londres*

Já conheço o gosto da vingança . . .

(Condensado do «Collier's»)

Pelo sargento Wladislas Leny

Esta primeira descrição de um raide realizado por Comandos poloneses, mostra quanto se acham estes decididos a vingar os morticínios de seus compatriotas.

DURANTE o dia inteiro pairou sobre o campo uma atmosfera de silenciosa expectativa. Os homens conversavam em grupos a propósito do rumor que andava circulando, de que entraríamos naquela noite em ação. Quase todos nós tínhamos um ódio fanático dos nazistas, porque na devastada Polônia perdemos alguem mais caro que a própria vida. Aquí, era uma esposa morta ou levada para um bordel; alí, uma criança sacrificada durante o implacavel bombardeio de alguma cidade aberta; acolá, pais idosos, que sucumbiram de fome num abominavel campo de concentração. Sobreviventes de várias campanhas, devíamos estar um tanto indiferentes, quanto a novas batalhas. Todavia, o boletim que continha a ordem excitou-nos. Era o nosso primeiro raide de paraquedistas.

A noite era clara e límpida. Dado o sinal, subimos, sôfregos, nos nossos aviões. «Está tudo em ordem?» «Tudo pronto.» De fora, alguem gritou: «Sejam felizes!» E começamos a subir.

Apareceu primeiro a costa francesa. Ajustamos automaticamente nossos capacetes, e passamos os dedos sobre todas as peças de nosso equipamento. Dentro de alguns minutos, teríamos que saltar. O guia está pronto junto da porta. Seguro minha metralhadora portatil, preparando-me.

Uma ordem seca ressoa: «Descer.» Salta o numero 1. Numa fração de segundo, segue-se o numero 2. Em seguida, é a minha vez.

Tenho a sensação de cair inteiramente no vácuo, perdendo a respiração, e atordoando-me. O paraquedas abre-se. A sacudidela restaura-me os sentidos. Imagino então que os nazistas poderiam estar em baixo, à nossa espera. A noite continua clara, embora a terra se encontre inquietadoramente escura. Afigura-se-me que chego a ela mais rapidamente do que de costume. Pousamos em completo silêncio e segurança, apenas com a respiração um tanto ofegante.

Logo que o grupo que tinha os explosivos se juntou, começamos a andar na escuridão. Conduz-nos um guia que conhece tão bem a região, quanto nós o nosso aeródromo.

À distância começamos a distinguir algumas casas. Deve ser Bruneval, precisamente a cidade para onde nos devemos dirigir. De repente o guia para, e

ajoelha-se. Deixo-me cair no chão, apurando bem os olhos, afim de ver o que o teria alarmado. É uma sentinela alemã.

Está só. Vejo por sua atitude que alguma cousa lhe despertou suspeitas. A cabeça está um tanto erguida, como num esforço para ouvir. Tem a carabina à altura da cintura. Nenhum movimento da minha parte, a não ser o do sangue que me corre pelas artérias, e sobe à cabeça. Apodera-se então de mim uma calma de gelo. Tudo que aprendí nos últimos meses me vem ao espírito, e o fortalece.

Estudo a situação. A cabeça da sentinela está virada para o meu lado esquerdo. Percebo um objeto volumoso à minha direita, talvez um caminhão, ou um velho carro de lavoura.

Arrastando-me sobre a erva macia e amiga, detenho-me, oculto, em nova inspeção. Estou agora detrás da sentinela. Agacho-me, preparando as pernas para um salto que não deve falhar. Tiro a faca, silenciosamente, da bainha.

Lanço-me para a frente, envolvendo com o braço esquerdo o pescoço do nazista. Aperto-o fortemente, puxando-lhe a cabeça para cima, e para trás. Meu joelho comprime-lhe a espinha. O que seria um grito, não passou de um gemido abafado. Com um rápido movimento da mão direita, enterro-lhe no pescoço esticado a aguda lâmina.

Ouço então na escuridão, um sussurro: «Trabalho bem feito. Vamos adiante.»

Aparentemente tínhamos dado num ponto fraco da defesa inimiga. Simples acaso ou plano deliberado? Qualquer coisa me diz que fora propositadamente. Eu sabia quão meticulosamente cada detalhe dos raides é preparado de antemão. Assim, logo depois estamos na cidade. Ao subirmos uma rua estreita, vemos uma patrulha nazista, dobrando uma esquina em nossa direção. Ninguem precisa receber instruções sobre o que tem a fazer. Há portas, muros baixos de jardins, e a rua está vazia.

A patrulha aproxima-se, marchando firme, mas à vontade, sendo que quatro dos homens falam e riem numa voz gutural. Antes que se inteirem da emboscada, dão de frente conosco.

A surpresa paralisa-lhe as cordas vocais durante uma fração de segundo, e, nesse intervalo, figuras escuras surgem de cada canto. Ouve-se apenas o ruido surdo de uma luta corpo a corpo, em que se brandem facas.

Dá-se isso tão depressa que mal se poderia acreditar que esteja acontecendo. Minha faca, porem, é testemunha da verdade. Abaixo-me rapidamente, e a cravo através das dobras de um uniforme nazista. Gasto em fazer isto apenas uns segundos, mas ainda assim atrazo-me um pouco dos meus companheiros. Corro atrás deles, passando pelas casas fechadas e silenciosas da rua. Parece incrivel que nos seja dado executar tudo isso sem despertar vivalma.

O primeiro objetivo de nossa missão é a estação rádio-telegráfica. Chego tarde para assistir à liquidação dos seus dois guardas.

A estação está cercada pelos nossos paraquedistas. Sou um dos doze que penetram por uma porta dianteira numa ampla sala mal alumiada. De um quarto à direita, vêm sons de vozes, a música de um rádio em surdina.

Abrimos a porta, e entramos. Cinco oficiais, que estão a matar o tempo jogando cartas, erguem-se subitamente. Olham-nos, incapazes de acreditar no que vêem. Temos nossas metralhadoras portateis apontadas para eles. Uma das instruções que trazemos recomenda-nos

levar prisioneiros para interrogatório, e esses oficiais poderão ser mais uteis vivos do que mortos.

—Quem diabo são vocês? inquire um deles.

—Não sabe quem somos? respondeu nosso chefe em alemão.

—Não, retruca o nazí. —Vocês são ingleses?

—Não.

—Franceses?

—Não, não somos franceses, responde um dos nossos. —Somos poloneses.

—Poloneses?

Nunca esquecerei a expressão de sua fisionomia, ao repetir a temerosa palavra. É a de um medo vil e absoluto. De repente, os cinco correm para uma saida que há atrás. Nós os deixamos seguir, porque sabemos que não podem ir longe.

Destruimos tudo que alí encontramos. Apanho alguns papéis que parecem oficiais. Quando acabamos esse trabalho, os cinco fugitivos são trazidos pelos homens que deixáramos do lado de fora. Vários dos nazistas têm ainda peor aparência depois de se haverem encontrado com os nossos camaradas lá no escuro.

Durante esse tempo, outro grupo está na sala da telegrafia sem fio, destruindo os respectivos aparelhos. Agora ouvem-se tiros. Nossos homens foram até o quartel, e atearam-lhe fogo, de modo que os alemães afluiram como abelhas. Surpresos, não sabiam contra quem atirar.

Com outros de meu grupo saio, a correr da estação rádio-telegráfica. Não tenho que esperar muito por um alvo. Vejo um pelotão de alemães alinhados virando a esquina. Ajoelho-me, e friamente viso. As balas os abatem, um a um inexoravelmente. Vejo-os agora no chão, estendidos, em estranhas posições.

Corremos através de outras ruas estreitas, à procura de mais nazistas. Então cessa o fogo, e sabemos que Bruneval está ocupada pelos «Poloneses Livres».

Ouvimos algumas breves palavras de nosso comandante. Todos os pormenores de nossa missão noturna tinham sido levados a efeito com êxito. Havíamos destruido a estação rádio-telegráfica e o quartel, tomado prisoneiros, apreendido documentos, e praticamente liquidado a guarnição alemã.

Rápida inspeção mostra que não tínhamos sofrido perdas, o que demonstra a eficácia destes raides audazes, de surpresa.

Havíamos recebido o itinerário exato da retirada para a praia, onde os barcos do Comando deviam receber-nos. Assim, dividimo-nos de novo em grupos, e, com os prisoneiros cuidadosamente vigiados, deixamos a cidade.

Estamos certos de transpor com êxito as linhas alemãs. Nossa disposição de ânimo é excelente. Palestramos, perguntando uns aos outros como se sentiriam no dia seguinte os nazistas, ao saberem do que fizéramos. Desejaríamos tambem saber que pensariam os franceses, residentes no local, sobre nossa rápida visita. Fazemos piadas sobre tudo isso, e seja-me permitido dizer uma coisa significativa: estes homens que então riam, já não riam havia muitos meses.

Apressamos a marcha. Um pelotão com metralhadoras cobre a nossa retirada. Ouvimos adiante tiros isolados, e percebemos sinais luminosos. Nossa vanguarda já está em contacto com a defesa alemã da praia. Preparamo-nos para uma luta obstinada. Súbito, dominando o detonar das carabinas e metralhadoras, ouvem-se terriveis estampidos. Acolhemo-los com vivas: destróieres ingleses atiram de fora contra as fortificações da praia, protegendo assim os barcos de nossa expedição, e desembarcando fuzileiros navais.

Lançamo-nos ao combate, na praia. É luta, ainda aí, corpo a corpo, na qual a faca, de novo, entra em cena, no escuro. Nosso ataque é simultâneo ao dos fuzileiros do lado do mar. Apanhados entre dois fogos, os nazistas a princípio combatem desesperadamente. Logo depois, ouvem-se apenas alguns tiros isolados contra os que fugiam.

Desta vez sofremos algumas perdas. Não importa. São bastante compensadas pelos danos que fizemos. Subimos às lanchas, e nossa volta para a Inglaterra começa.

A leste, o céu clareia. Um silêncio cai sobre nós, porque nos lembramos de que na Polônia, nossa devastada pátria, a aurora tambem começa. Pensamos nos compatriotas escravizados, e tomamos, comovidamente, o compromisso de continuar a lutar até que estejam livres.

A nós, tambem, a nós mesmos, fizemos uma promessa. Algum dia voltaremos à pátria, mas atravessando a Alemanha!

Cães de classe

¶ Um grande armazem de Nova York, o Bonwit Teller, publicou o seguinte anúncio: «*Leash*, uma nova água de Colônia para cães domésticos. Aumenta todos os anos, no verão, o número de senhoras que compram água de Colônia para os seus animais de estimação. Nossas freguesas dizem que até os mastins mais rabujentos se mostram satisfeitos, porque assim eles se tornam socialmente mais aceitaveis em toda parte. Em vista disso, oferecemos esta nova água de Colônia, desinfetante, com um agradavel aroma silvestre. Perfeitamente discreto. Refrescante como água da bica.»

—*The New Masses*

¶ Bombons «Bow-Wow»: produzidos pela Canine Vita Candy Company, contendo vitaminas A, B, C e D, e recomendados como «sobremesa, recompensa por boa conduta, gulodice entre refeições, e tônico geral».

—*Sales Management*

¶ Um joalheiro de Nova York vende fechos de mola de ouro, para prender as longas orelhas dos cães acima das cabeças de modo que elas não caiam dentro do prato da comida.

—*Lucius Beebe*, N. Y. HERALD TRIBUNE

¶ Nos luxuosos canís do *Normandie* havia um salva-vidas para cada cão, e dois para os cães policiais russos—um para a frente e outro para trás.

—TIME

Progressos na luta contra a paralisia infantil

I—Nova luz sobre a sua propagação

(Condensado da «Hygeia»)

Por J. D. Ratcliff

Sob o ataque incessante e tenaz da Ciência, a paralisia infantil está enfim cedendo terreno. O tratamento Kenny vem misericordiosamente mitigando os estragos pavorosos que a doença deixava às suas vítimas, sob forma de paralisias ou invalidez. De importância ainda maior, porem, é o fato de que os pesquisadores adquiriram conhecimentos que, pela primeira vez, sugerem a maneira prática de restringir a propagação da própria doença.

De 1908 a 1938 pensou-se entre os homens de ciência que a poliomielite era uma doença «respiratória», vale dizer, que se propagava pelas excreções pulverizadas do nariz dos enfermos, particularmente no espirro. Uma vez introduzidos nas fossas nasais do indivíduo saudavel, os micróbios começavam a abrir caminho para o cérebro da vítima, ao longo do nervo olfativo, e dalí passavam à medula espinhal—destruindo especialmente as células motoras da matéria cinzenta, que controlam os movimentos musculares. Daí proveio o nome *poliomielite*, de raizes gregas que significam «inflamação da matéria cinzenta». Sempre que o virus destruia um nervo cuja função fosse transmitir impulsos motores a um músculo, este definhava, deixando de funcionar.

Ultimamente, graças sobretudo ao apoio da Fundação Nacional contra a Paralisia Infantil, os adversários da poliomielite chegaram a novas conclusões e teorias. Os experimentadores de laboratório conseguiram muitas vezes fazer a colheita do virus por meio de lavagens do nariz e da garganta dos enfermos, expediente que na maior parte dos casos falhou. Se o nariz fosse a única porta de entrada da infecção, como era que nem sempre nele se encontrava presente o virus? É que talvez não fosse. Uma das primeiras respostas obtidas deve-se ao dr. P. H. Harmon, da Universidade de Chicago, que em 1937 procurou e achou o virus noutro lugar—as fezes dos enfermos. O seu êxito foi brilhante. Três suecos—Kling, Pettersson e Wernstedt—tinham chegado à mesma conclusão em 1912, mas haviam-se limitado a registar a observação, passando a outros assuntos, e o caso fora esquecido.

O passo imediato a dar seria recuperar o virus, isolando-o das outras bactérias, e verificar se ele poderia ainda transmitir a poliomielite. De outro modo, o concentrado infeccioso poderia transmitir a meningite, ou qualquer infecção generalizada, que matasse o doente antes de se declarar a poliomielite—que leva aproximadamente uma semana a incubar. Só em 1942 conseguiram os investigadores desenvolver uma técnica satisfatória.

Esta nova orientação laboratorial provocou verificações de flagrante interesse. O virus recolhido das dejeções de meninos que tinham sofrido de uma simples dor de cabeça ou de defluxo, evidenciava que a doença nem

sempre mata ou aleija. Algumas crianças, dotadas de alta resistência, repelem a doença sem sofrer sequer uma arranhadura. O virus arrastou-se durante meses no intestino de pacientes restabelecidos, —mesmo daqueles que tinham sofrido apenas um ligeiro ataque, diagnosticado como defluxo ou gripe. Tais indivíduos eram verdadeiros veiculadores da poliomielite, em tudo semelhantes aos veículos da tifóide.

Essas observações novas pareciam comprovar que a poliomielite não era apenas uma doença «respiratória», mas com muito mais frequência, uma enfermidade *intestinal*, como a disenteria, a tifóide e o cólera. Mesmo assim, ainda faltava provar de que maneira era transmitida de indivíduo para indivíduo.

Os drs. James D. Trask e John R. Paul, da Comissão de Estudos da Poliomielite, da Universidade de Yale, vinham trabalhando havia alguns anos, para provar a existência da poliomielite «abortada» ou frusta—isto é, os ataques ligeiros que passam despercebidos aos próprios clínicos. São milhares as crianças que dela sofrem cada ano, no verão. Seguiram a pista do flagelo através do país—até Filadélfia, Los Angeles e outras cidades onde ela é endêmica, e firmaram-se em sólidos fatos de observação. Uma vez que a poliomielite se encontrava nas dejeções humanas, devia tambem estar presente nos despejos e esgotos, pensaram eles. Essa descoberta seria o elo número 2 na cadeia de provas de que a poliomielite é uma doença da imundície—muito mais que dos espirros!

Quando se soube que uma epidemia de poliomielite tinha rebentado em Charleston, na Carolina do Sul, em julho de 1939, Trask e Paul meteram-se num avião. Colheram algum material nos esgotos, e o trouxeram para New Haven, providenciando para que novas porções lhes fossem remetidas por avião. O material colhido pela manhã, em Charleston, encontrava-se já ao fim da tarde inoculado nos cérebros de macacos de laboratório. Estas experiências já se afiguravam outro beco sem saida da poliomielite, quando um macaquinho *rhesus*, da Índia, começou a reagir. A temperatura subiu-lhe dos 39°C. normais, para 40,9°. Os seus membros posteriores ficaram tolhidos: o macaquinho tinha poliomielite! E tinha sido contaminado com extrato de esgotos.

Note-se a incrivel resistência deste virus: pudera sobreviver em despejos, apesar do sabão, dos ácidos e outros corpos químicos misturados nas águas, e depois de tudo isso ainda ia produzir a doença no macaco.

Seguindo esta pista, Trask e Paul foram de cidade em cidade, onde a doença grassasse: a Detroit, a Cleveland, a Nova York, por toda a parte procurando e encontrando os micróbios nos despejos.

Em Nova York, certo cano de esgoto servia a umas 600.000 pessoas, entre as quais se contavam apenas quatro casos conhecidos de poliomielite. Pois apesar disso, o extrato desse esgoto provocou poliomielite num macaco! Em Charleston, os despejos que corriam no espaço de um minuto por um cano secundário, continham virus bastantes para provocar a doença em 18.000 macacos! E, provavelmente, em um número igual de crianças tambem.

O dr. John A. Toomey, da Western Reserve, e os drs. Albert B. Sabin e Robert Ward, da Universidade de Cincinati, investigadores de primeira categoria, andavam contra-verificando estes trabalhos. Vezes repetidas foram en-

contrar virus da poliomielite nos despejos. Mas, supondo mesmo que houvesse virus em sentinas abertas e nas canalizações de esgoto, bastantes para paralisar ou estropiar toda uma geração: isso ainda não explicava como é que o virus se introduzia nos corpos das crianças. Faltava ainda um elo na cadeia . . .

Havia muito tempo que os pesquisadores vinham suspeitando que alguns insetos poderiam propagar a doença, tal como o mosquito dissemina a febre amarela. Em 1913, Milton J. Rosenau, da Harvard, meteu numa gaiola um macaco atacado de poliomielite e com ele diversas moscas de cavalariça. Em seguida substituiu o macaco doente por outro, são. Durante alguns dias deixou que as moscas o mordessem,—e o pobre macaco contraiu a poliomielite.

Poucos dias depois a experiência era repetida por outro grupo de investigadores. Parecia que o dedo da justiça apontava já o culpado... Mas de repente, ninguem mais conseguiu obter os mesmos resultados com a experiência. A partir daquela, dir-se-ia que os macacos tinham decidido não contrair mais a doença, por muito mordidos que fossem pelos moscardos.

Sem embargo dessa dificuldade, Paul e Trask não podiam esquecer esse trabalhinho das moscas, que tão lógico lhes parecia em face da predileção gastronômica que elas mostram pelo lixo e o monturo. E o ano passado puseram-se em campo, a tentar novos descobrimentos.

Diversas crianças que se encontravam de férias num campo, na zona leste do Connecticut, cairam doentes de poliomielite, e outras apresentaram leves sintomas, que faziam pensar na poliomielite frusta. A primeira coisa que Trask e Paul notaram, foi que os cestos do lixo do campo de férias se encontravam expostos a nuvens de moscas. Fizeram em seguida uma descoberta consideravel: em vez de se servirem da sentina do campo, algumas das crianças tinham ido servir-se entre os arbustos, à retaguarda dum corte de tenis. Tambem alí as moscas, em nuvens, se nutriam das dejeções intestinais que quase com certeza se podia dizer estavam contaminadas de virus poliomielíticos.

Em dois dias de caçada, Paul e Trask tinham colhido umas 1.200 moscas. Conduziram-nas para os laboratórios de New Haven. Trituraram as moscas, misturaram aquela pasta com água distilada, deixaram depositar a matéria sólida, e finalmente injetaram num macaco o líquido filtrado: quinze dias depois o macaco andava se arrastando pela gaiola, com as pernas paralisadas... Pela primeira vez tinha sido possivel capturar o virus em insetos encontrados fora de casa!

Ainda mal acabado esse trabalho, já outra epidemia rebentava em Jasper, pequena cidade mineira do Alabama. Um dos focos da epidemia encontrava-se em três mucambos meio arruinados. Essas três casas usavam a mesma e única latrina, a descoberto. E em todas três havia meninos doentes. Trask e Paul instalaram as suas armadilhas de moscas na latrina, tornaram a fazer pirão de moscas, e infectaram outros macacos com o filtrado.

Nesse ínterim, outros médicos—Albert S. Sabin e Robert Ward, da Universidade de Cincinati,—trabalhando a muitas milhas desse lugar de miséria e degradação, num bairro moderno de Cleveland, escrupulosamente limpo, onde tinham surgido alguns casos de poliomielite, chegavam por sua vez à conclusão de que o mesmo inseto é o transmissor da doença. E alí, onde havia pouquíssimas moscas, foram-lhes precisos três dias para caçar quinhentas... Ao mesmo tempo, Toomey fazia a mesma observação em moscas apanhadas na boca duma esgoto do lago Erie.

Todavia, não se adquiriu ainda a certeza de se a mosca transmite a doença pela picada ou pelo simples contacto, se ela transporta o virus à superfície do corpo ou nos orgãos interiores. Por outro lado, o espirro não pode ser desprezado como meio de contágio. Não havendo elementos que assegurem qual dos veículos da infecção é o mais ativo, os sanitaristas preferem hoje admitir que o contágio se processa por diversas vias, águas poluidas, praias, piscinas, o leite e os alimentos, e os insetos.

Mas os trabalhos recentes vieram abrir uma nova via de ataque contra a horrivel doença. Seja a mosca o veículo normal, ou apenas o transmissor ocasional da poliomielite, eis mais um argumento em favor da campanha de destruição desse flagelo.

II—A Irmã Kenny triunfa

Por Lois Mattox Miller

Foi através dum artigo da nossa colaboradora Lois Mattox Miller que o grande público recebeu as primeiras informações relativas ao método Kenny de tratamento da poliomielite—a tão temida paralisia infantil. Desde a publicação desse artigo em dezembro de 1941 (*), o método Kenny tem encontrado crescente acolhimento e aplauso por parte da classe médica. No presente artigo, Lois Mattox Miller passa em revista os notaveis progressos desde então realizados, e mostra a imensa tarefa ainda a cumprir.

Na presença de numerosos médicos, enfermeiros e fisioterapistas agrupados numa pequena enfermaria do Hospital Geral de Mineápolis, Elizabeth Kenny, atentamente escutada e olhada pelo seu auditório de especialistas, procedia a uma demonstração do seu famoso tratamento da paralisia infantil aguda. De cara para baixo, deitada na mesa branca das demonstrações, achava-se a paciente, Suzy, uma negrinha de 3 anos, poucas semanas antes misericordiosamente arrebatada às implacaveis garras da grande inimiga da infância.

Com o dedo indicador, a irmã Kenny tocou de leve as nádegas da pequenita, que estavam a descoberto.

—Pense agora, minha filha, e faça a flexão deste músculo.

A cabecinha da enferma voltou-se um pouco, dois olhos negros e rasgados cintilaram, e Suzy perguntou, a sorrir:

—A Irmã quer dizer o *gluteus maximus?*

—Isso mesmo, minha filha, o *gluteus maximus!* respondeu a enfermeira, con-

*Vd. Seleções, abril de 1942

tendo o riso.—Mostre a estes senhores como o pode mover.

Obediente e seguro, o *gluteus maximus* contraiu-se e distendeu-se. Os médicos e os enfermeiros riram até às lágrimas, pois Suzy não só movia o grosso músculo da sua nadegazinha, mas tambem os músculos das coxas e da batata das pernas,—dizendo ao mesmo tempo, com evidente orgulho, o comprido nome latino de cada um!

Há pouco mais de um ano, a pequena Suzy teria estado talvez condenada a longos meses de tortura entre talas, seguidos provavelmente de uma vida inteira de miséria na cadeira de rodas, ou arrastando os membros paralisados. Ora, em vez disso, graças ao tratamento de Kenny, o período de sofrimento ficara reduzido a uns poucos dias. Os exercícios passivos e a re-educação dos músculos começaram logo após, e esses exercícios eram até um divertimento em que Suzy de boa-vontade e alegremente desempenhou ativo papel. Pela altura desta demonstração, já ela estava perfeitamente prática no que Irmã Kenny chama de controle conciente do espírito sobre os músculos, e que é essencial na aplicação do seu método. Não tardaria muito que Suzy andasse brincando e pulando como qualquer criança normal...

Havia porem alguma coisa ainda, na sala de demonstrações da Irmã Kenny, que causou funda impressão nos médicos e enfermeiros alí presentes, e lhes pareceu de transcendente significação: o riso, o bom riso saudavel, invadira as enfermarias da poliomielite! Muitas daquelas salas tinham visto chegar e partir vítimas sem conto—quase todas criancinhas—que alí tinham sofrido meses e anos arrastados, em talas ou «respiradores». Tinham testemunhado muita luta confrangedora e corajosa da vida contra a morte, quando vãos esforços alí se realizavam para restituir à vida pobres membros deformados e amolambados... E nesse tempo, o riso estivera sempre dalí ausente.

São hoje bem diferentes as coisas. O dr. Philip Lewin, cirurgião ortopedista da Escola Médica da Universidade Northwestern, e autor de um tratado de paralisia infantil hoje adotado como texto escolar, escreve o seguinte: «Efeito, e não dos menos benéficos, do tratamento de Kenny, é o elevado moral do paciente, do médico, do enfermeiro, do fisioterapista, e especialmente dos pais do doente.»

A 4 de dezembro de 1941, após demorado e criterioso debate, o Comité Médico Consultivo da Fundação Nacional contra a Paralisia Infantil deu seu público apoio ao método Kenny de tratamento da poliomielite. O que desde então sucedeu não tem talvez precedentes nem paralelo na história da Medicina: de um dia para o outro, as teorias e práticas que por várias décadas tinham estado em vigor e aplicação no tratamento da poliomielite, tornaram-se caducas, e em lugar delas surgiu novo tratamento,—sob todos os pontos de vista oposto às antigas idéias—e que a seu favor tinha apenas este argumento: *dava resultados!* Esse processo revolucionário devia-se à invenção duma enfermeira australiana, a Irmã Elizabeth Kenny, que havia trinta anos vinha travando acesa luta com a poliomielite, em clínicas e hospitais, espalhados por meio mundo. A Escola Médica da Universidade de Minesota resolveu oferecer-lhe todos os meios necessários para as demonstrações do seu método e verificação dos respectivos resultados, na presença e por parte dos seus clínicos.

Entre março de 1940 e começos de 1942, a Irmã Kenny tratou 54 casos de poliomielite no Hospital Geral de Mineápolis. O relatório oficial do dr. John F. Pohl, que veio à luz no *Journal of the American Medical Association*, refere o seguinte, quanto aos primeiros 26 casos: «Todos esses pacientes se restabeleceram muito mais satisfatoriamente (com o método Kenny) do que o teriam feito com qualquer outro método previamente conhecido. Nenhuma deformação teve lugar, a despeito de haver sido completamente posto de parte o sistema das talas.» Os outros 28 casos foram admitidos em fins de 1941. Diz ainda o dr. Pohl: «Estes casos virão a mostrar um restabelecimento ainda mais notavel.» As razões que aduz: «Foram tratados a tempo... e o corpo médico e enfermeiros estavam mais bem preparados para fazer o tratamento, por virtude da experiência adquirida com a série de 1940.»

Nesse meio tempo, foram admitidos no Hospital Willard Parker, de Nova York, 71 doentes de poliomielite que se repartiram em dois grupos. O primeiro recebeu o tratamento ortodoxo, tradicional; ao segundo impôs-se o tratamento prescrito pela Irmã Kenny. No *Journal of the American Medical Association*, os médicos expressaram-se «convencidos de que aqueles que receberam o tratamento Kenny estão melhor, no ponto de vista do conforto, da rapidez do restabelecimento, e possivelmente quanto à extensão deste, e estão menos sujeitos a atrofias e deformações.» E concluem: «Para os pacientes que apresentam sintomas de espasmo, fraqueza e paralisia no estado agudo da poliomielite, o tratamento Kenny é o tratamento por excelência.»

Ninguem sabe ainda hoje exatamente qual a causa da poliomielite, ou como conseguir a prevenção contra ela. Mas as observações clínicas indicam que, graças ao tratamento Kenny, é já atualmente possivel, numa alta percentagem de casos, prevenir as suas trágicas consequências—paralisia, deformidade, estropiação. É talvez ainda demasiado cedo para inquirir com rigor como e porque o tratamento atinge tão notaveis resultados. Segundo observa o dr. Lewin nas palavras com que esclareceu os seus colegas, «os médicos da América reclamam provas científicas, de preferência a observações clínicas. Pelo momento, porem, (em referência ao tratamento Kenny) terão de contentar-se com estas últimas. Quem é que sabe ao certo de que modo a quinina cura a malária? Os pais das crianças atingidas pela poliomielite dizem-nos: ‹Do ponto de vista prático, não nos interessa sabê-lo!›»

Sem embargo disso, as provas científicas em favor do tratamento Kenny crescem de dia para dia. A pedra angular do tratamento tem sido a convicção de que, nas fases agudas da doença, os músculos dos pacientes sofrem de espasmos. Isso contradizia as noções geralmente correntes entre os médicos. Os drs. Russell P. Schwartz e H. D. Bouman, da Escola Médica da Universidade de Róchester, com o apoio de uma verba da Fundação Nacional, puseram-se a trabalhar neste problema. Colocaram à cabeceira dos doentinhos de poliomielite um delicado instrumento chamado «oscilógrafo». Ligando os electródios ao corpo, este pode registrar as mínimas correntes eléctricas geradas por cada impulso neurônico, e traçar o respectivo gráfico. As constatações do ocilógrafo eram irrecusaveis, e esses médicos afirmaram: «As nossas pesqui-

sas demonstram que na paralisia infantil se verificam certos estados espasmódicos.»

A transição dos métodos ortodoxos para o processo de Kenny pode considerar-se hoje completamente consumada. Diz o dr. Lewin: «A aplicação contínua de talas rígidas ao doente não está desaparecendo: desapareceu já.» Os «pulmões de ferro», que eram caríssimos, estão-se cobrindo de pó nos armazens. Outro distinto ortopedista, o dr. Philip Moen Stimson, da Escola Médica da Universidade de Cornell, declara: «É minha convicção sincera, de par com aqueles que mais de perto têm acompanhado os trabalhos da Irmã Kenny, que o uso do respirador é hoje contra-indicado no tratamento corrente da poliomielite aguda. Pode-se admitir como possivel a utilidade do respirador, quando se trate de manter vivo um paciente, até lhe poder ser aplicado o tratamento Kenny.»

Se quisermos que o tratamento Kenny possa chegar a toda a parte onde a poliomielite se manifeste, é preciso que ele irradie de Mineápolis, na pessoa de médicos, enfermeiras, técnicos e fisioterapistas, que alí se tenham treinado no respectivo método. Não basta para o caso ter lido um tratado ou escutado meia dúzia de conferências. Na Universidade de Minesota, onde o método Kenny está sendo atualmente ensinado sob a fiscalização do dr. Miland E. Knapp, um cirurgião qualificado pode completar o seu curso de orientação em seis dias; a enfermeira hospitalar, cuja intervenção no tratamento se limitará à aplicação de pensos quentes, pode completar seu curso aproximadamente no mesmo lapso de tempo. Mas o fisioterapista ou a enfermeira graduada, que esperem servir na qualidade de técnicos do método, devem passar o mínimo de dois meses no treino, e esse período pode subir a seis meses. Para estarem à altura da sua tarefa, a enfermeira e o fisioterapista devem ser ou tornar-se peritos em anatomia muscular.

Entre todas as cidades do mundo, Mineápolis é hoje a única idealmente aparelhada para afrontar uma vaga de poliomielite. Alí se encontra a Irmã Kenny acompanhada do seu hábil estado-maior; os drs. Cole, Knapp e Pohl, e seus assistentes, dominam perfeitamente a técnica, e cogita-se de tornar o Centro de Saúde Pública a maior Clínica Elizabeth Kenny das até hoje instaladas. Outros Centros estão sendo projetados sob os auspícios da Fundação Nacional contra a Paralisia Infantil. Quando a poliomielite ameaça atingir proporções epidêmicas, as requisições de peritos no método Kenny afluem nervosamente à Universidade de Minesota e à Fundação Nacional; mas ainda não existem técnicos e fisioterapistas treinados em número bastante para levar o tratamento a todos os recantos do país. Mesmo quando houver, porem, eles não devem ser centralizados em um só lugar; terão que fazer parte do pessoal de todo hospital que esteja apto a combater um caso de paralisia infantil, onde quer que apareça.

Isto poderá parecer exagerado, mas deverá ser cumprido pela Fundação Nacional, auxiliada pela heróica campanha americana de colheita de fundos públicos. De que isso deve ser feito, convence-nos o seguinte fato: nesse momento, quando a poliomielite faz uma nova vítima, o seu prognóstico depende, em larga escala, de que ela seja ou não prontamente tratada pelo método Kenny, e por mãos experientes.

Pungente experiência pessoal

Anatomia da coragem

(Condensado do Scribner's Magazine)

Anônimo

Fiquei um dia a olhar uma pobre aleijadinha que arrastava penosamente rua afora o corpo deformado, e lembro-me bem o que pensei: «Se alguma vez me visse tão tristemente entrevado como aquela, nunca mais teria a coragem de sair de casa. Antes me queria matar do que viver assim...»

E hoje sou um aleijado! Há mais de dois anos que a única maneira que tenho de andar por aí, sem auxílio dos outros, é empurrando as rodas da minha cadeira de paralítico; e todas as vezes que necessito subir ou descer escadas, entrar ou sair dum automovel, só o posso fazer ajudado por outrem. Tenho realmente «coragem de sair de casa», pelo menos para o meu trabalho de todos os dias (sou professor numa escola de rapazes); e não me suicidei.

Quando me ponho a examinar objetivamente o meu estado, o meu ânimo para a vida, isto me causa tanta surpresa quanta me provocou a intrepidez daquela moça. No caso dela, chamei com certeza aquilo de coragem, e, já que tantos de meus amigos pensam que sou corajoso, procurei analisar a força que me habilitou a manter-se através duma atroz experiência.

Certa manhã acordei com uma inquietante sensação de entorpecimento no pé esquerdo. Durante dois anos a sensação de torpor e formigamento se foi transmitindo ao pé direito, e dos pés às pernas; em seguida declarou-se nas duas mãos.

Muito peor do que viver agora amarrado a uma cadeira de rodas, foi o lento e inexoravel progresso da incapacidade física... Era esse esforço desesperado para crer que os médicos me podiam dar alívio, a despeito da surda certeza interior de que ia ficar paralisado para sempre, talvez condenado a viver longos anos na imobilidade. (Tinha apenas 35 anos.). Era a visão aterradora de minha pobre mulher, lutando para sustentar uma família reduzida à miséria, com este trambolho inútil do meu corpo condenado a ficar vivo à custa de todos os confortos e alegrias que a vida lhe devia a ela e a nossos dois filhinhos! O medo que eu tinha não era de morrer—era, precisamente, de viver!

Nem por um instante sequer me sentí concientemente corajoso. O que mais me acercava talvez da coragem era a resolução de não deixar transparecer o terror que se apoderara de mim. Quando às vezes penso nessa época, parece-me que era, sobretudo, uma cólera cega contra o meu destino que me possuia.

Acabei porem por decidir-me. Meu seguro velaria pela família até que meus filhos estivessem em idade de ganhar o sustento. Eu não viveria para esmagar neles e em minha mulher a legítima alegria de viver. Era bem claro o meu dever. Três dias antes de ficar totalmente paralisado, arrastei-me conforme pude até a cozinha, e abrí as torneiras do gás para experimentar o cheiro: não era assim tão mau. Fechei-o logo. Teria que escolher uma ocasião em que a família

estivesse fora, e quando não fosse provavel que os meninos regressassem sós a casa. Não devia deixar-lhes como herança essa trágica recordação do meu suicídio...

A oportunidade que eu esperava não se apresentou tão cedo, e no dia 1 de fevereiro de 1935 fui levado para um famoso hospital, meu corpo inteiramente paralisado da cintura para baixo, as mãos praticamente inuteis.

Carregaram-me a toda a pressa numa maca para fora de casa, após um adeus bem simples aos meus filhos. Foi só no trem que me separei de minha mulher. Vi as lágrimas brilhando-lhe nos olhos, mas não fizemos cenas—a civilização nos ensinou a não intensificar a angústia de certos instantes, quer dramatizando-os, quer abrindo as comportas atrás das quais aprendemos a dominar os sentimentos. Isso não é coragem—ou será mesmo?

Quem sabe, eu morreria talvez antes de minha mulher ter podido fazer aquela jornada de 300 quilômetros até o hospital. E se assim fosse? Mil anos não bastariam para dizer o que nesse momento experimentamos! Nossos onze anos de perfeita vida matrimonial tinham-nos revelado quanto havia em nossos corações —e não há palavras que pudessem acrescentar fosse o que fosse a uma certeza tão profundamente enraizada. Alguma testemunha da nossa separação podia ter exclamado: «Que coragem a deles.» Por mim, contento-me em dizer: «Não perdemos o domínio de nós próprios.»

Afinal não morrí. Ao fim de três meses e meio de hospital, regressei a casa para viver numa cadeira de rodas. Mas antes disso, eu tinha visto uma grande luz: compreendera que minha raiva cega contra o «destino implacavel» era uma cousa infantil. Eu era simplesmente, como tantos outros naquele hospital, uma vítima da pouca sorte. E comecei a me treinar em não pensar nem sentir a meu próprio respeito, a praticar uma espécie de entorpecimento mental e sentimental, sempre que de mim se tratasse, e a estender a mão para as vidas, para os interesses e os problemas daqueles que me rodeavam, para a atividade que um intelecto longamente exercitado reclamava.—Dirigindo minha atenção para os outros, conseguí conservar-me calmo e contente no hospital.

Comecei pouco a pouco a ganhar peso, a usar melhor as mãos, a conservar-me sentado sem tombar para o lado como uma enorme boneca de trapo. Já começava a ansiar pelo regresso a casa, no desejo de salvar o que fosse possivel duma existência sempre tão ativa.

De volta ao lar, tive quatro meses para me fortalecer de modo a reingressar na escola. Havia livros alí que esperavam havia muito o seu leitor; havia a luz do sol para me banhar quando sentado na grama do jardim; havia os amigos e a família que me emprestariam seu tempo para a arte suave da conversação. Minha mulher tivera a sorte de encontrar um trabalho de que gostava, no rádio, e pela minha parte eu ia melhorando segura, embora lentamente. Tinha-me exercitado em não ansiar, em não ter esperança, em limitar-me a ficar em expectativa...

Quando a escola reabriu, eu estava em condições de regressar ao trabalho, dando lições na minha cadeira de rodas, e ardendo de alegria por me ver de novo entre os vivos, fazendo um trabalho que adorava. Não se creia porem que aquele primeiro dia fosse facil... Durante sete meses e meio, uma das minhas lutas mais duras fora a repressão da auto-compaixão, que eu considerava uma das mais vis emoções humanas. Nessa altura eu receava mais que tudo a piedade bem-intencionada dos adolescentes que me rodeavam.

Bem que vi a dolorosa surpresa deles, quando fui empurrado na cadeira para dentro da aula; mas não perdí a compostura. Aproximaram-se para me saudar, e o momento dificil passou. Mergulhamos nas tarefas do ano letivo.

Aquí a história devia terminar. Minha pesquisa sobre a natureza da coragem foi talvez coroada de tanto êxito quanto o podia esperar. Mas o curso dos acontecimentos me reservava ainda outro golpe.

Em dezembro de 1935, após duas semanas de pungente sofrimento, nossa filhinha de dez anos morreu. Seria coragem o que nos amparou e permitiu reconquistar o equilíbrio, após um momento de vertigem em que o tempo pareceu suspenso e a razão se deixou obscurecer? A alegria dela, a sua atraente camaradagem, o amor transbordante com que procurava os meninos da vizinhança para brincar de mamãe, e com que a nós, seus pais, regressava dia e noite—tudo isso ficaria na nossa memória para nos envergonhar de qualquer fraqueza. A irradiação desse amor, tão vivo e cintilante, devia ter vivido para iluminar este mundo embaciado. O que não posso compreender é por que veio, se não foi para ficar conosco! Pode bem ser que o tempo nos reserve compreender algum dia essa nova perda. Não me permito perguntar: limito-me a esperar...

E assim, dia a dia, lá vamos às nossas ocupações; e como temos muito que nos ocupe o espírito, sorrimos, parecemos normais, e as pessoas se surpreendem de achar-nos inalteraveis. Devo confessar que isso tambem me surpreende. Mas a vida interior do homem é como uma sala de estatuária, com muitos nichos e pedestais desocupados. Muitas vezes lá entramos por nossa própria vontade, em silêncio, mas nunca demoramos demasiado: logo regressamos à vida, à absorvente atividade.

É possivel, no fim de contas, que eu nada saiba da natureza da coragem. Sei que se podia encontrar melhor resposta que a minha. Podia-se talvez perguntar a esta mulher que se manteve a meu lado durante esses anos de catástrofe; que soube guardar calma a sua fé; que não pode dizer porque tais coisas acontecem, embora aceitando-as com resignação; cuja firmeza poderá falhar por vezes—nunca porem que eu o ouça ou veja... Talvez ela pudesse, melhor do que eu, dizer o que é coragem. E daí, quem sabe: talvez não!

Como um cínico vê o matrimônio

¶ O AMOR é a estrela que os homens miram quando caminham, e o casamento é o buraco de carvão em que eles caem.

Bigamia é ter uma esposa demais. Monogamia é o mesmo.

Matrimônio é um romance em que o herói morre no primeiro capítulo.

Casamento não é uma palavra, mas uma sentença.

A New Dictionary of Quotations, edited by H. L. Mencken (Knopf)

De vendedor de jornais a feiticeiro do ecrã: a vida movimentada de Walt Disney.

Walt Disney, o pai do Camondondo

(Condensado de «This Week Magazine»).

Por J. P. McEvoy

ENQUANTO durar a guerra, não teremos mais filmes de desenhos animados, em longa metragem. *Bambi* ficará sendo o último. Os personagens de Disney foram para a guerra. E daquí por diante, até a paz, os seus estúdios passarão a ocupar-se na produção de filmes sobre assuntos de ordem técnica, divulgando noções ou conhecimentos uteis na atual emergência, «na base de equipamento especial de que só eles dispõem». Será isso, alem do mais, a contribuição de Walt Disney para o esforço da guerra.

A arte não é, para Disney, algo de «precioso»—mas uma força dinâmica. Como que a própria palavra lhe não soa bem aos ouvidos; e considera que a Arte com *A* maiúsculo se reveste de um tom de pompa que a torna um tanto antipática. O escritor inglês Aldous Huxley, ao tecer certa vez elogios à filosofia tão natural e espontânea que emana dos desenhos do Camondongo Mickey, perguntou a Disney como pudera chegar a tais sutilezas. Walt respondeu: «Eu faço os desenhos para divertir. Depois, vêm os professores, e explicam, inclusive a mim mesmo, o que eles querem dizer.»

Foi aliás o que os professores fizeram quando, em 1938, as universidades de Harvard, Yale e Carolina do Sul consagraram o desenhista, conferindo-lhe graus honorários.

O homem que conseguiu com o rato os proveitos artísticos que se conhecem, tornando-o até mais amavel, nasceu em Chicago, em 1901. Tem três irmãos e uma irmã. O irmão mais velho, Roy, é o gerente da sua empresa, estando a cargo de um dos outros dois o pessoal dos estúdios. Seu pai, um empreiteiro canadense de origem irlandesa, era dos que pensam que os filhos devem ser educados em contacto com as durezas da vida. Assim, aos nove anos, Walt já trabalhava em entrega de jornais, duas vezes por dia, uma às 4 da madrugada, e outra depois da escola. Foi isto na cidade de Kansas, onde fez seus estudos primários, a que se seguiram os secundários, em Chicago e McKinley. No que toca propriamente a educação artística, limitou-se a um breve curso na Academia de Belas Artes de Chicago.

Aos quinze anos vendia revistas, pipocas e laranjas nos trens da linha Chicago-Kansas, quando não trabalhava no correio, como entregador de cartas. A aparência de menino poderia torná-lo impróprio para o emprego. Não fosse essa a dúvida. Transformou-se em homem idoso, pondo na cara rugas e bigodes.

Daí lhe nasceu certo gosto pela caracterização, tanto mais quanto nunca deixou de sentir algum pendor para o palco. Divertiu por algum tempo a vizinhança, à maneira de Charlie Chaplin. Mas, ao lançar-se no mundo profissional, com a bengala, o bigode e o chapéu coco, tão grande não foi o êxito que o animasse a prosseguir. Teve de alguma forma a intuição de que o seu ofício era o desenho.

O primeiro empreendimento de arte comercial, a que se aventurou Walt Disney, foi uma companhia de anúncios em Kansas. Aí, a 50 dólares por mês, desenhou ele, numa verdadeira obra-prima, galinhas pondo montanhas de ovos, depois de comerem determinado alimento (Nonsuch Miracle Henfood), de que assim se fazia o reclame. Nunca se tinham visto por alí cavalos tão heróicos, vacas tão habeis, carneiros tão gentís, nem porcos tão engraçados: era a primeira oportunidade que se apresentava a Disney de combinar o seu talento artístico com as reminiscências dos verões que havia passado na infância, numa fazenda por aqueles campos.

Aos dezesseis anos, tratou de ir para a guerra. Alem de demasiado jovem, parecia mais moço do que era, o que ainda hoje acontece. A mãe o ajudou a «reforçar» a idade, e lá se foi ele para a França, como condutor de ambulância. Desenhava nos veículos figuras tão fantásticas, que muito francês deverá ter suposto que os americanos não eram certos da bola.

Terminada a guerra, voltou para a sua cidade natal. Munido de um aparelho fotográfico, entrou a fazer uma série de «shorts» animados. O seu primeiro estúdio foi uma garage, e a sua primeira companhia para explorar o novo gênero de arte fracassou rapidamente. Quando a família se mudou para a costa do Pacífico, deixando-o em Kansas, fez-se ele fotógrafo ambulante de crianças, e com isso ganhou o bastante para transportar-se à Califórnia, onde chegou sem possuir nada mais do que uma roupa surrada, e uma valise que só continha materiais de desenho.

Em Hollywood, retomou Walt os ensaios de desenhos animados, usando imagens vivas de uma moça contra um fundo de cartão. Os filmes não eram ainda grande cousa, mas a idéia progredia no espírito do artista. Certa vez, Mary Pickford interessou-se em ser, ela mesma, a Alice, no filme *Alice no País das Maravilhas*.

Finalmente, Walt e o irmão, Roy, se associaram na produção de uma nova série que recebeu o título de *Oswaldo, o coelho*. Mas sucedeu-lhes admitir na sociedade um terceiro que, julgando o Osvaldo excelente, atraiu a seu serviço o pessoal de Walt, para que passasse a trabalhar por sua conta exclusiva. Repetiu-se mais tarde o mesmo fato, em virtude de igual deslealdade de um seu novo associado, importando tudo em espoliá-lo dos lucros a resultarem do que era evidentemente um admiravel

produto da sua capacidade criadora.

Todo o pessoal de Walt consistia, já agora, dele mesmo, seu irmão, e uma jovem que, prestando o seu auxílio em diferentes serviços, tinha ainda a seu cargo a correspondência, e até a limpeza do estúdio. Tornando-se indispensavel admitir nova empregada, ela mesma apelou para uma amiga a quem deu explicações sobre a natureza do emprego. «Eu lhe recomendo, mas se você se compromete a não tentar seduzí-lo. Já tenho ele de olho.»

Como o trabalho entrava pela noite, findo o serviço, Walt conduzia em geral para casa as suas duas colaboradoras, num velho Ford que então possuía. «Mas deixava primeiro a outra, e assim podia conversar comigo,» diria mais tarde madame Lillian Disney, precisamente a que entrara a convite da primeira, e com a formal advertência desta. «Sentávamo-nos do lado de fora da minha casa. Walt evitava entrar, devido a estar muito usada a roupa que vestia. Uma noite, finalmente, perguntou-me: —Se eu arranjar uma roupa nova, você me permite que entre, para fazer uma visita à sua família? —Então ele e Roy compraram fatos novos, devo dizer que horriveis. Walt, que nunca tinha visto minha família, entrou, parou no meio da sala, e atirou, sem mais nem menos, esta pergunta: —Que tal acham a minha roupa?»

Cerca de um ano depois, casavam-se Walt e Lillian. Madame Disney deixou o serviço, e Walt, indo a Nova York em viagem de negócios, apurou que perdera um contrato que muito o interessava. Tudo o que Lillian soube da sua decepção, foi o que ele telegrafou comunicando que as coisas marchavam bem, e já estava de regresso. «Roy e eu lhe fomos ao encontro, esperando grandes notícias, mas eis que, de Nova York, tudo o que ele trazia era uma idéia, e esta mesma em torno de um rato.»

Certo lhes não passou pela cabeça que aquela idéia conquistaria o mundo. O nome de Mórtimer, que a princípio se deu ao rato, pareceu a madame Disney excessivamente formal. Sugeriu ela o de Mickey. Lillian e Walt conheciam o rato intimamente, porque este vivia a brincar pelo escritório, a comer as migalhas que caiam dos lanches das empregadas. Walt animou-o a sentar-se na sua própria mesa de desenho, e a morar numa gaveta da sua própria mesa de trabalho. «Quando eu tinha de partir,» é Walt quem o conta, «soltava o rato num campo, e saía com a sensação de quem falta ao seu dever de boa camaradagem. Ao olhar para trás, dava com ele sentado, a acompanhar-me com um olhar de desapontamento e de tristeza.»

Os dois primeiros filmes de Mickey Mouse—o Camondongo Mickey,—surgiram quando ainda não existia cinema sonoro. Coube ao terceiro introduzir o som nos desenhos animados, havendo no mesmo um concerto apropriado, alem de um solo de xilofone pelos dentes de uma vaca que não escondia o seu espanto. Este filme marcou época, abrindo em Nova York, em julho de 1929, uma carreira sensacional. Dentro de um ano, o estúdio de Walt Disney se compunha de 12 edifícios. Em 1933, a película *Os três porquinhos* ganhava o Prêmio da Academia e dava ao artista fama mundial. Desde então, praticamente, cada ano, lhe foi cabendo o prêmio, recebendo-o duas vezes, com *Ferdinando*, em 1939, afora um a mais, especial, pela *Branca de Neve*. No ano passado, Disney e o seu pessoal levantavam os cinco prêmios, inclusive o Irving Thalberg, o melhor de todos, destinado

«à peça cinematográfica de mais alta qualidade e consistência, e que se apresente como obra de um produtor individual».

Até o aparecimento de *...E o vento levou*, nenhum filme dera jamais tanto lucro ao respectivo produtor quanto *Branca de Neve*. Pôde Walt adquirir uma vasta área de terreno no Vale de S. Fernando, a pequena distância de Hollywood, e construir estúdios e palcos de primeira ordem, com ar condicionado, e do valor de 2 milhões de dólares (40 mil contos de réis), que parecem um sonho à Walt Disney, de uma pessoa que adormecesse a ler «A Forma das Coisas Futuras» de H. G. Wells.

Disney, metido em camisa de polo e vistosas calças de Hollywood, perambula através dos seus domínios, visitando a mais espantosa coleção de artistas que ainda se terá visto reunida. Uns são especialistas em flores animadas, outros em anões, ainda outros em contorsões faciais, de maneira a exprimir fielmente as sensações mais íntimas. Tais artistas, geralmente, vêm de pequenas cidades, e são treinados na própria escola de Disney. Cada um o trata por «Walt», e se sentirá surpreso se, chegando ao seu gabinete, o não encontrar sentado à mesa de trabalho.

Todas as histórias para os filmes de Disney começam e terminam com Walt, que é um mestre na matéria das referidas histórias, e sabe, como ninguem, dar aos animais e personagens a expressão correspondente. Exposto por ele numa conferência o assunto de um dado filme, já aconteceu que se ouvisse, do seu próprio pessoal: «É melhor ver primeiro se a história escrita é tão boa como ele a conta...»

Nenhum homem, em tempo algum, captou, mais do que Walt, o coração das crianças. Diz ele entretanto ignorar por completo a psicologia infantil, e que faz os seus desenhos para o seu próprio deleite. «Procuro falar à alma das crianças que desejam pensar que são adultos, e à dos adultos que se comprazam em sentir que são de novo crianças.» Perguntado se previa o êxito colossal que teve *Branca de Neve*, respondeu de maneira expressiva: «Todas as vezes que trabalhamos num filme, pensamos que vai sair épico, e, ao fim, o julgamos terrivel. Em seguida, esperamos tremendo como o público o recebe.»

Ao inaugurar-se o novo estúdio, Walt levou o pai a visitá-lo, e mostrou-lhe desvanecido todas as peças da máquina de que foi o criador. O antigo pequeno entregador de jornais se tinha feito homem, e aquilo representava para ele a realização de um grande sonho. «Tudo tem ar condicionado,» vangloriou-se. «Pode-se trabalhar quanto se queira, em qualquer estação do ano.» O velho olhava, um tanto ou quanto abstrato, como se nada o impressionasse. Por fim, considerando todo aquele magnífico conjunto arquitetural, interrogou: «Que outra utilidade pode ter tudo isto?»

A resposta, veio a dá-la agora Disney. Todos aqueles estúdios estão convertidos, quase cem por cento, em centros de atividade, onde a arte é adaptada à contribuição para a guerra.

¶ Há no mundo dois poderes—a espada e o espírito. O espírito tem sempre vencido a espada.

—*Napoleão*

Quantos anos viverá o senhor?

(Condensado do «American Mercury»)

Por Louis I. Dublin

Vice-presidente da Metropolitan Life Insurance Company

A DURAÇÃO média de vida humana tem aumentado vagarosamente ao longo das idades, talvez com períodos de estacionamento, mas sem retrocessos conhecidos. Na antiga Roma, quando um homem vinha ao mundo, podia-se razoavelmente esperar que por aquí permanecesse em média menos de 25 anos; a peste, a fome, a guerra, e a dura servidão das grandes massas humanas, tinham como resultado uma pesada mortalidade. Pelos fins de seculo XVII, segundo um cômputo tabelado pelo astrônomo inglês Halley, relativamente à cidade de Breslau, a duração média do homem eram 33 anos e meio. Por volta de 1850, na América, essa média tinha subido para um pouco mais de 40 anos.

Veio depois a era sanitária moderna. Os progressos da Medicina e da higiene pública dominaram as ofensivas pavorosas do cólera, da difteria, da tuberculose, dos tifos, e estabeleceram métodos de proteção para as redes de abastecimento de águas e o fornecimento de leite. O resultado foi que, cerca de 1900, as previsões tinham feito passar a duração média da vida humana para perto de 50 anos. Atualmente o americano comum pode esperar viver quase 64 anos, em vantajoso contraste com o indú, o japonês, e o italiano, que terão de contentar-se, respectivamente, com 30, 48 e 55 anos de existência média... Mas, por outro lado, a Nova Zelândia e a Austrália podem orgulhar-se de ultrapassar a média de 64 anos de vida do cidadão ianque.

A possibilidade de vivermos mais 25 frutuosos anos alem da média dos começos da centúria—se aproveitarmos os novos dados da Medicina.

Esses catorze anos que vieram acrescentar-se à média da vida humana são o fruto da aplicação intensiva de nossos modernos conhecimentos e medidas de prevenção das doenças, e do melhoramento tão geral quanto profundo dos padrões de existência humana.

Nada mais natural do que perguntar-se agora: quantos mais anos de vida poderemos esperar, de futuro, com o avanço constante da «vanguarda científica» da humanidade? Tenho tentado, de tempos a tempos, responder a essa pergunta por meio da elaboração de hipotéticas tabelas de vida. A última tabela que organizei ainda pode ser arguida de «módica», mas o certo é que projeta a duração média da vida humana até os 71 anos. E esse progresso consideravel é inteiramente baseado em presunções as mais razoaveis.

Será que pretendo assim firmar uma baliza para o futuro? De maneira nenhuma. Nos meus cálculos não entraram elementos de estimação que refletissem os ganhos que se tornarão possiveis quando ficarem resolvidos os enigmas de certas doenças, como é legítimo esperar que o fiquem. Se pudéssemos dar solução ao problema do cancer, teríamos a acrescentar imediatamente mais um ano à média da duração da

vida humana; e outro ano ainda, se nos fosse possivel por cobro às sérias perturbações cárdio-vasculares que sobrevêm na idade mediana do homem.

Mas as esperanças de uma vida mais longa não assentam apenas na ofensiva vitoriosa contra os problemas individuais de doença. Noutro domínio ainda —ao mesmo tempo imenso e novo—se encontram ilimitadas possibilidades: o do conhecimento progressivo dos problemas da nutrição.

Indicam as pesquisas que o que nós comemos pode ter séria influência na duração de nossa vida. Por exemplo, em resultado de experiências praticadas sobre a dieta de mulheres grávidas, é inteiramente de admitir, que a conveniente alimentação pré-natal venha a salvar a vida a muitos milhares de bebês, e os encaminhe para uma infância mais saudavel. A nutrição infantil é tambem já hoje uma ciência praticamente exata: a ela se deve em grande medida, se a consideramos em conjunto com a profilaxia das infecções, o fato de a mortalidade infantil ser hoje uma reduzida fração, apenas, do que era há vinte ou trinta anos, ao mesmo passo que o índice de mortalidade para as crianças de menos de 15 anos de idade é hoje 60% inferior ao de 1920!

As seguintes palavras do prof. Henry Sherman, da Universidade de Colúmbia, fornecem-nos um bom exemplo da formidavel contribuição que a ciência da nutrição veio trazer ao prolongamento da vida humana:

«Uma abundante ração suplementar de cálcio redunda no melhor desenvolvimento dos jovens, em mais altas normas de saude para o adulto, e em mais longa frutificação do que se pode chamar a «força da vida»—o período que vai da maturidade à velhice.» Este, apenas um exemplo do que a nova ciência da nutrição está fazendo para intensificar nossa vitalidade e, por isso mesmo, a duração média da nossa existência.

Ainda sob outro ponto de vista poderá a ciência enfrentar com vantagem o problema da duração da vida: é o que respeita ao mau funcionamento das glândulas endócrinas, ou de secreção interna. Investigações recentes mostram que essas «disfunções» parecem acentuar-se à medida que envelhecemos. Tem crescido a esperança de que o nosso conhecimento das funções endocrínicas poderia assegurar-nos, em certa medida, o controle do processo de envelhecimento, já que as deficiências glandulares podem ser tratadas pela ministração do hormônio adequado, compensador.

A hormonioterapia ficou flagrantemente demonstrada no moderno tratamento da diabete, doença que, como é geralmente sabido, resulta da deficiência de insulina, um dos hormônios segregados pelo pâncreas. Temos nos Estados Unidos aproximadamente 600.000 diabéticos que, graças em grande parte à insulina, não só vivem mais tempo, mas vivem tambem mais abundantemente do que os diabéticos não insulinizados. A vantagem é ainda mais decisiva entre os meninos diabéticos, pois a geração anterior à nossa os via morrer, o mais tarde, um ano após declarada a doença. Atualmente, de acordo com os arquivos duma grande clínica da especialidade, a criança diabética de 10 anos de idade poderá normalmente esperar viver mais quarenta anos. Para os diabéticos de 50 anos, a expectativa de duração subiu de oito anos, na fase anterior à insulina, para 14 anos e meio nesta última década.

Um dos problemas que ainda esperam solução e exploração é a extensão da já conhecida relação química entre vitaminas e hormônios. Muitas das glândulas que segregam os hormônios, são tambem depósitos para as vitaminas. Uma deficiência da vitamina poderia, por consequência, desempenhar certo papel na produção de uma desordem hormônica. Inversamente, uma absorção apropriada de vitaminas promoveria o devido equilíbrio hormônico.

Numa palavra, a ciência moderna proporciona-nos: 1º, maior vitalidade e mais longa vida, pela alimentação apropriada; e, por meio da correção dos distúrbios químicos do nosso organismo, modifica toda a nossa concepção da «força da vida», e habilita-nos talvez a prorrogar as atividades dos anos de maturidade e vigor até bem pela velhice fora.

Que podemos nós fazer hoje para concretizar as promessas implícitas nas atuais pesquisas científicas? É positivo, antes de mais nada, que os agentes da saude pública deviam alargar os seus programas, de modo a incluir neles o fomento da alimentação racional e correta. Devíamos tambem estimular, por todos os meios a nosso alcance, a persistente investigação sobre os problemas médicos ainda por solucionar, tais como o cancer e os processos que conduzem à degenerescência do coração e dos vasos circulatórios. Como indivíduos interessados no prolongamento da vida, devíamos submeter-nos periodicamente a exame clínico. E este exame, para ser correto, devia incluir uma revista crítica da nossa dieta normal.

Os interesses em jogo, aquí, são incomensuraveis. Todos nós queremos gozar de um período de atividade tão longo quanto possivel,—e, para tal, a ciência nos está fornecendo, mais generosamente do que nunca, os meios indispensaveis. Se deles soubermos fazer uso, não seria miragem contarmos com uma duração média de vida de 70, ou até de 75 anos, que bem poderia vir a verificar-se dentro de uma geração, ou pouco mais.

De que mais se morre?

SEGUNDO dados publicados por Charles Morrow Wilson no *Harper's Magazine*, são as seguintes, por ordem de importância, as dez causas principais de mortalidade na América Latina.

1—Tuberculose (*)
2—Gripe—Pneumonia
3—Paludismo (*)
4—Disenterias
5—Cancer
6—Difteria (*)
7—Paralisia infantil
8—Febre tifóide (*)
9—Doenças do coração
10—Meningite

(*) Estão assinaladas as doenças evitaveis, segundo o caso, com imunização, regime higiênico de vida, campanhas de saneamento ou medidas de assistência social.

☆

Você é bom fisionomista?

(*v. Pág. 46*)

1. Madame Curie
2. Sir Stafford Cripps
3. Mario Moreno (Cantinflas)
4. Mickey Rooney
5. Maria Montez
6. Joe Louis
7. General MacArthur
8. Alberto Santos-Dumont

SABOTAGEM!

A GUERRA SECRETA CONTRA A AMÉRICA

CONDENSADO DO LIVRO "SABOTAGE"

Por MICHAEL SAYERS e ALBERT E. KAHN

«*Sabotagem!* não é apenas história: fará história tambem», disse Carl Van Doren, autor da monumental *História Secreta da Revolução Americana*. «A maioria das pessoas nem sequer sonham o que se tem passado, e continuará a passar-se subterraneamente nos Estados Unidos, se a nação inteira não for a tal respeito esclarecida».

Todos os fatos aquí referidos foram rigorosamente verificados. Os autores, aliás, já tinham produzido alguns trabalhos em que, juntos, denunciavam as manobras de ocultos inimigos. Albert E. Kahn é diretor de *The Hour* (A Hora), boletim de notícias confidenciais publicado para uso de jornalistas e comentaristas de rádio, que conquistou merecida reputação na América, mercê dos seus «furos» sobre as manobras do Eixo nos Estados Unidos. Antes da guerra, Michael Sayers estudou pessoalmente o trabalho dos quinta-colunistas na Europa, e foi o primeiro a desmascarar com minúcia as intrigas fascistas na França, na Inglaterra e na Irlanda, através de publicações de larga tiragem nos Estados Unidos.

Copyright 1942, Harper & Brothers 49 E. 33 St., Nova York. Preço $2.50

Espetros que passeiam pelo mundo

16 DE MARÇO DE 1941, precisamente às nove e quinze da noite... O expresso Cleveland-Pittsburgo atravessava o vasto lençol de neve que cobria os campos da Pensilvânia, rugindo a 100 km. à hora, quando, ao acercar-se da cidadezinha de Baden, saltou dos trilhos e rebolou pela alcantilada margem dum rio próximo. Resultado: cinco mortos e 121 feridos...

A Comissão de Comércio Interestadual, depois de feito o competente inquérito, concluiu que se tratava de um desarranjo intencional e malicioso dos trilhos, e que o criminoso ato visava não aquele trem, mas o *Manhattan Limited*, que passara pelo mesmo sítio dezoito minutos antes... Tratava-se evidentemente de um atentado. Porque? Pela simples razão de que um grupo de oficiais do exército norte-americano e 44 diplomatas e engenheiros soviéticos seguiam nesse trem... Suspeitou-se logo que o descarrilamento fora provocado por sabotadores ucranianos, fascistas, ao serviço da Alemanha nazí.

Um boletim noticioso anti-fascista, *The Hour*, publicado em Nova York, revelou que o capitão Leonid Klimenko, notório fascista ucraniano e emissário do Ministério da Guerra da Alemanha, chegara aos Estados Unidos pouco antes do descarrilamento, e realizara conciliábulos secretos com seus agentes na área de Pittsburgo. Klimenko estava já, a essa hora, a caminho de Berlim: demasiado tarde para deitar-lhe a mão! *The Hour* instava com as autoridades federais para que investigassem entre os amigos desse ucraniano, em Pittsburgo...

A 24 de abril seguinte, um homem pobremente vestido, de fisionomia sinistra, entrou na redação da *Hour*, aproximou-se da secretária junto à qual trabalhava o diretor, e estacou a olhá-lo com uma expressão de ódio e fanatismo.

—O sr. está falando de mim na *Hour*... disse ele, com sotaque gutural.

—Como se chama você? perguntou o diretor, fazendo esforço para recordar onde já vira aquela cara. O visitante continuava a olhar para ele, sem dizer palavra.

—Ah, é Fiodore Wozniak?...

—*Yah*, fez o intruso com voz ameaçadora. —Mim Wozniak! O sr. não escreve mais meu respeito nem sabotagem! Tudo mentira. 'Tá vendo?

Fiodore Wozniak! Esse nome pouco significará talvez para o leitor, sobretudo o estrangeiro, de 1942. E sem embargo, anos atrás, em 1917, Fiodore Wozniak dera motivo para algumas das parangonas mais retumbantes e sensacionais que já enegreceram os cabeçalhos dos jornais americanos... O caso fora o seguinte.

Na tarde de 11 de janeiro de 1917, os habitantes de Nova York, Nova Jersey, Westchester e Long Island ouviram ribombar ininterruptamente, durante quatro horas de terror e angústia, 500.000 granadas altamente explosivas, —o mais espantoso bombardeamento de

todos os tempos. O desastre dera-se na fábrica de carregamento de granadas da Car & Foundry Company, perto de Kingsland, Nova Jersey. Além das granadas já carregadas, ficaram completamente destruidos formidaveis depósitos de trinitrotolueno, e mais de um milhão de granadas ainda não carregadas. Ato de sabotagem, decerto um dos mais bem concebidos e levados a cabo, que jamais se perpetraram contra as indústrias de guerra duma nação, —essa explosão destruiu 17 milhões de dólares de propriedade material. (1)

As pesquisas policiais em breve demonstravam que o incêndio tivera sua origem no banco de trabalho daquele mesmo sujeito que, 24 anos mais tarde, em 1941, havia de entrar nos escritórios da *Hour*, e apresentar-se com estas palavras: «*Yah*, mim Wozniak...»

Mas só em junho de 1939, três meses antes de deflagrar a Segunda Guerra Mundial, o governo dos Estados Unidos teria conseguido compilar toda a prova necessária a demonstrar concludentemente que o tremendo desastre de Kingsland fora obra de sabotadores alemães, e que o incendiário Fiodore Wozniak, agindo segundo instruções da Alemanha, provocara o incêndio na sua própria banca de trabalho talvez por meio de um «lapis incendiário», ou de trapos saturados de fósforo. Mas nem então o governo tomou ainda qualquer medida contra Wozniak, que servira como testemunha de importância durante as audiências de julgamento.

Pouco tempo antes do ataque japonês aos Estados Unidos, o FBI (Bureau Federal de Investigação, ou seja, a polícia secreta americana) deteve para investigações um padre ucraniano, que se sabia estar relacionado com os nazís. O padre deu com a língua...

Certa noite do verão de 1941 apresentou-se no quarto do Hotel Bristol onde o sacerdote então morava, um homem que disse chamar-se Fiodore Wozniak. Embora nunca tivesse visto aquele Wozniak, o padre ucraniano conhecia de tradição aquele sabotador.

«Eu sei que você está nas boas graças de Berlim,» disse o bruto. «Estou baixo de fundos. Preciso trabalho, trabalho grande. Quero fazer uma coisinha limpa para os alemães, parecida com aquela que fiz na última guerra.»

O padre foi cauteloso: afirmou que não tinha qualquer ligação com Berlim, e o outro foi embora.

Fiodore Wozniak, o «incendiário» de 1917, passeando nas ruas de Nova York em 1941 (2), e associando-se com terroristas ucranianos de ideologia fascista, cujas células funcionavam em várias regiões de importância vital para as indústrias americanas, só parecia um fantasma que tivesse regressado do pesadelo do passado ao mundo dos vivos... Entretanto, outros e mais poderosos «fantasmas» vinham emergindo das sinistras recordações da primeira guerra mundial.

O CAPITÃO Franz Von Papen, simpático e juvenil adido militar em Washington, no período anterior à entrada dos Estados Unidos na referida guerra, fora o primeiro dos sabotadores-diplomatas da Alemanha. A ele se confiara a delicada tarefa de organizar a sabotagem alemã nos Estados Unidos. Von Papen tomou uma firma de Wall Street —a G. Amsinck & Company— e transformou-a na *fachada* à sombra da

[1] Vd. O Caso de Black Tom, Seleções de maio de 1942.

[2] Veio a ser preso pelo FBI, a 18 de agosto de 1942.

qual despacharia seus homens para as fábricas de munições, docas, navios, fazendas, agências de informação e pesquisa, etc., tendo chegado mesmo ao impudor de introduzir alguns dos seus agentes em repartições do governo, em Washington.

Para pagar a esse verdadeiro exército secreto que manobrava em território americano, gastou 40 milhões de dólares, segundo foi possivel averiguar, e provavelmente muitos milhões mais que não deixaram rasto. Os seus planos sinistros: incendiar importantes depósitos de munições em portos americanos, envenenar o gado americano que se destinava ao consumo dos Aliados, e destruir as colheitas da América—foram executados pelos seus agentes de maneira tão grata ao Alto Comando Imperial, que, após ser expulso dos Estados Unidos, o diplomata-sabotador era promovido por distinção à patente de major. As manobras dessa quadrilha custaram aos Estados Unidos mais de 150 milhões de dólares em danos materiais imediatos, infligidos a recursos essenciais à guerra.

Nos anos subsequentes à abdicação do Kaiser, Von Papen trabalhou infatigavelmente para minar a democracia alemã. Na qualidade de chanceler da República de Weimar, foi ele quem abriu a porta do poder a Adolfo Hitler e seus sequazes. O seu nome está, direta ou indiretamente, ligado aos acontecimentos contemporâneos como uma maldição sinistra, assinalado sempre o seu caminho, na Alemanha, como na Polônia e nos Balcãs, por intrigas, assassínios e sabotagem.

Diplomata, o mais eminente da Alemanha nazista, Von Papen contribuiu para a reorganização de todo o serviço diplomático alemão, que transformou num corpo de espionagem apto a levar a peçonha das suas insídias pavorosas a todas as nações do mundo. Esses diplomatas-sabotadores começaram a entrar nos Estados Unidos em 1933. O carater dos representantes oficiais mandados para a América pelo Ministério dos Negócios Exteriores do Reich seria só por si suficiente para condenar o regime que produziu tais frutos...

Temos em primeiro lugar o barão Manfred von Killinger, dande requintado, que em 1937 veio ocupar o cargo de consul-geral da Alemanha no distrito da costa do Pacífico. Chefe, e dos primeiros, das Tropas de Assalto, fora condenado, por cumplicidade em vários crimes de homicídio, a oito meses de cadeia, pena extraordinariamente benigna para os seus delitos, e que ainda assim nunca cumpriu, graças às excelentes relações de que dispunha. No exercício das suas funções oficiais nos Estados Unidos, von Killinger organizou e montou unidades especiais do *German American Bund* (Liga Teuto-Americana) na Costa do Pacífico, antecipando-se à próxima ofensiva de espionagem e sabotagem nazista contra a navegação americana e as indústrias de aviação.

Vem depois o capitão Fritz Wiedemann, íntimo amigo de Adolfo Hitler: homem de sobrancelhas espessas e negras, e uma queixada de *boxeur*, veio substituir von Killinger quando as atividades subversivas deste último foram desmascaradas. Segue-se o barão Edgar von Spiegel, consul geral em Nova Orleans, cuja tentativa brutal de chantage contra um jornal americano, da sua zona consular, provocou um inquérito por parte do Departamento de Estado.

Havia ainda o amavel e amaneirado dr. Herbert Scholtz, consul em Boston, de quem mais tarde se veio a saber que representava a Gestapo de Heinrich Himmler nos Estados Unidos. Sua função era exercer pressão sobre os teuto-americanos, e forçá-los a prestar assistência ao *Bund* e aos serviços secretos do nazismo. Scholtz organizou uma intrincada rede de espionagem-sabotagem, ao longo das instalações do porto de Boston.

O espetro de Von Papen, diplomata-sabotador, voltava a vagar por Washington, São Francisco, Nova York, Baltimore e outras cidades americanas. Quando os consulados alemães foram encerrados, em 1941, as agências subversivas por eles previamente organizadas continuaram o seu trabalho.

O HOMEM responsavel pela direção suprema das manobras de espionagem-sabotagem nazista nos paises Aliados, durante a primeira guerra mundial, o homem que estava sempre junto de von Papen como a sua sombra, era o coronel Walther Nicolai, chefe da Seção IIIB (Informações) do Alto Comando Alemão. Com o triunfo dos nazís, tornou-se Nicolai o homem supremo dos serviços secretos do Terceiro Reich.

Algum tanto desorientado, o público americano compenetrou-se de que o coronel Nicolai, esquecido desde a primeira Guerra Mundial, estava ainda bem vivo quando, a 14 de outubro de 1938, Guenther Gustav Rumrich foi levado a julgamento em Nova York. De fato, era a própria Seção IIIB de Nicolai que alí estava sentada no banco dos réus, acusada de dirigir a sabotagem e a espionagem contra os Estados Unidos; mas em 1938 as forças da contra-espionagem americana eram ainda demasiado debeis para se haverem com os nazís. Dos 18 espias e sabotadores, expressamente nomeados no libelo de acusação pública, apenas quatro compareceram a julgamento: Rumrich e três cúmplices menores. O «peixe graudo» tinha-se escapado por entre as malhas da rede do FBI, e estava já de regresso a Berlim, em plena segurança, dando o seu relatório ao coronel.

Três anos depois, foi caçado outro agente do coronel Nicolai nos Estados Unidos: era, desta vez, o espia e sabotador veterano Frederick Joubert Duquesne, chefe de uma quadrilha de 33 espiões e sabotadores nazís, apanhados na rede pelos agentes do FBI em junho de 1941. Duquesne tinha trabalhado sob a direção de Nicolai durante a primeira guerra mundial. Em 1941 recebeu ordem de iniciar as manobras de sabotagem nos Estados Unidos, operando contra as grandes centrais elétricas e fábricas de gás. A teoria do coronel Nicolai era que a sabotagem dos serviços de utilidade pública oferece vantagens sob dois pontos de vista: atraza a produção de guerra pela falta de força-motriz, e ao mesmo tempo mina e enfraquece o «moral» da nação.

EM 1941 o Bureau Federal de Investigação descobriu a existência de um *Memorandum de Instruções aos Sabotadores*, que andava circulando entre os agentes de certas nações estrangeiras nos Estados Unidos. Redigido em termos caserneiros, que levavam a crer tivesse emanado do próprio Ministério da Guerra da Alemanha, registava diversas técnicas para inutilizar vagões, motores e máquinas, queimar caldeiras de locomotivas, bloquear e destruir canais, e até mesmo «deteriorar cabos subterrâneos de alta tensão» nas estradas-de-ferro eletrificadas.

O FBI continuou a descobrir mais provas dos preparativos de sabotagem dos nazís, numa espécie de *Guia da Indústria Americana*. Segundo J. Edgar Hoover, chefe supremo do FBI, a natureza e os objetivos desse Guia ficaram esclarecidos graças à arrogância de certo «industrial estrangeiro» que, sem perceber que estava falando com um agente secreto do governo federal, se gabou de poder obter um relatório pormenorizado sobre uma fábrica de material de guerra, e dentro de 24 horas apenas.

O agente federal, fazendo-se incrédulo, indicou o nome de certa fábrica, onde se estavam produzindo importantes artigos para a defesa. Não tardou 24 horas que lhe fosse exibido um relatório que não só dava uma síntese muito clara e minuciosa das atividades da fábrica, mas tambem «indicava pelo nome e classificava política, racial e religiosamente todos e cada um dos trabalhadores da mesma, referia o que cada um deles fizera no passado, o que estava atualmente fazendo, e em que poderia vir a ser usado de futuro. Ao lado de cada nome viam-se notas sobre a lealdade do operário e sobre as suas simpatias internacionais...» Essa informação—obtida pelo «industrial estrangeiro» no curto lapso de 24 horas—era, a muitos respeitos, mais pormenorizada do que toda a que teria sido possivel conseguir nos escritórios centrais da fábrica, nos Estados Unidos ou em qualquer outra parte.

A simples existência de semelhante relatório denunciava com meridiana clareza que um espantoso aparelho de espionagem nazista estava funcionando, ao mesmo tempo que uma rede de sabotagem de sinistras proporções vinha sendo organizada.

Como se faz um espião nazista

As ligações entre a espionagem e as manobras de sabotagem nazista nos Estados Unidos foram espetaculosamente desvendadas no estranho caso de William G. Sebold, que fora cabo de um grupo de metralhadoras do exército alemão, durante a guerra mundial. Tendo emigrado para os Estados Unidos pouco depois da guerra, Sebold conseguira obter emprego como maquinista, e acabou por se naturalizar americano. Casou-se e trabalhou arduamente em diversas ocupações, ganhando salários invejaveis. No verão de 1939, pediu licença à Consolidated Aircraft Company, de San Diego, e embarcou para a Alemanha, em viagem de férias.

O teuto-americano de simplória aparência, em cujo passaporte se lia «mecânico de aviação», atraiu fortemente o interesse da Gestapo. Ficou debaixo de olho, e foi seguido sempre que visitava sua mãe, irmãos e irmãs. Pouco tempo antes de embarcar de regresso aos Estados Unidos, recebeu no seu quarto de hotel a visita de um oficial da Gestapo. O funcionário foi muito polido e muito agoirento: sabia a vida inteirinha de Sebold—mais, na realidade do que este conhecia a seu próprio respeito. «De modo que você quer regressar à América, hein? Pois calha mesmo bem nos nossos planos. Homens como você podem nos ser de grande utilidade nos Estados Unidos...»

O assombrado mecânico depressa compreendeu que lhe pediam se tornasse espião nazista! «Mas eu sou cidadão americano...» protestou, molemente.

O funcionário da Gestapo interrompeu-o secamente, fez-lhe notar que continuava sendo cidadão alemão e—o que

era mais!—se encontrava *agora* no Reich de Hitler! Sebold compreendeu o aviso, e assim que o policial bateu os calcanhares e virou as costas, correu a fazer as malas para sair do Reich. Só então descobriu que perdera o passaporte americano! A Gestapo tinha-lho surripiado...

Quando o oficial da Gestapo alí voltou, dias depois, Sebold estava assustado, mas atento...

Mais tarde, num esforço desesperado para romper a ratoeira da Gestapo, conseguiu furtivamente estabelecer contacto com certos representantes consulares dos Estados Unidos. Declarou-lhes que perdera o seu passaporte de cidadão americano. A resposta que lhe deram foi lacônica: «O sr. está em maus lençóis».

Desse dia em diante Sebold estava nas mãos (ou nas garras) da Gestapo. Treinaram-no no manejo da máquina fotográfica Leica, e no preparo de reduções micro-fotográficas. Ensinaram-lhe o emprego de cifras, telegrafia, tintas secretas e rádio-emissões de onda-curta. Aprendeu ao mesmo tempo as divisões do sistema de espionagem nazí: os *coletores* apoderavam-se da desejada informação; os *transmissores* remetiam os dados para a Alemanha, por correspondência cifrada ou por meio de ondas-curtas; os *correios* trabalhavam a bordo dos transatlânticos ou dos aviões de carreira internacional... *Caixas* eram os endereços, na aparência os mais inocentes, de homens de negócio ou de particulares respeitaveis, em geral residentes na América do Sul ou em portos neutrais da Europa, aos quais se remetiam os relatórios para serem re-expedidos para a Alemanha. Sebold recebeu treino para exercer funções de transmissor.

A 8 de fevereiro de 1940, certo William G. Sawyer desembarcava nos Estados Unidos do paquete americano *Washington*, que tomara em Génova... Ocultos sob a capa de metal da caixa do relógio, trazia cinco longos documentos, reduzidos pela microfotografia às dimensões de um selo do correio, e contendo instruções detalhadas aos espiões e sabotadores nazistas em serviço nos Estados Unidos.

William G. Sawyer era, nem mais nem menos, William G. Sebold. Para financiar suas atividades, foram-lhe remetidos da Alemanha, por intermédio dum banco mexicano, 20.000 dólares. Sebold alugou em Nova York um escritório que lhe devia servir de «fachada», e mandou pintar na vidraça da porta esta firma social: *Diesel Research Company*—Companhia de Pesquisas Diesel. Bom nome para uma empresa mecânica!

No entrementes, procurou por-se em contacto com quatro indivíduos cujos nomes lhe tinham sido fornecidos. O mais pitoresco e interessante de todos era o tal Frederick Joubert Duquesne, um nome de aparência bastante francesa. Duquesne, cérebro da quadrilha de Nova York, era homem de um orgulho desmedido. Declarou a Sebold que dera entrada nos serviços secretos alemães durante a guerra dos Boers, e gabava-se de ser perito em sabotagem, tendo mesmo inventado muitos tipos novos de bombas que os sabotadores dos Estados Unidos empregavam agora correntemente.

Sebold entregou-lhe um dos minúsculos quadrados de micro-filme que trazia na caixa do relógio, e Duquesne começou a estudá-lo com o auxílio de uma poderosa lente de aumento. Essa leitura levou-lhe 15 minutos.

Os segredos militares dos Estados Unidos, sobre os quais o Alto Comando Alemão reclamava relatório de Duquesne, incluiam: métodos de guerra bacteriológica experimentados nos Estados Unidos, as novas máscaras americanas contra os gases, aparelhos contra a névoa, granadas anti-aéreas, telêmetros, e cabo coaxial. Os alemães queriam tambem pormenores específicos quanto a: certo artifício da International Telephone and Telegraph Company, por meio do qual um raio dirige os bombardeiros para os seus objetivos, enquanto um segundo raio solta as bombas diretamente sobre os mesmos objetivos; tecidos destinados a uniformes militares, capazes de neutralizar os gases de mostarda; «esmagadores de trincheiras», monstros mecânicos supostamente capazes de destruir os entrincheiramentos ao passar-lhes por cima (Duquesne tinha ordens para obter os nomes dos fabricantes, o volume das encomendas, e os destinatários das mesmas); os «últimos aperfeiçoamentos» em desenho de torres de artilharia para os aviões Sunderland.

«Como é que nós vamos remeter todo este material para o outro lado?» perguntou Duquesne. Sebold explicou ter arrendado uma pequena casa em Centerport, Long Island, onde fizera montar uma custosa instalação de transmissão e recepção de ondas curtas.

Outro dos contactos de Sebold era Herman Lang, naturalizado cidadão americano, e empregado na fábrica C. L. Norden como desenhador técnico e inspetor. Lang confiou a Sebold que «Goering considera o visor de bombardeamento Norden a coisa mais importante deste mundo. Em 1938 aprendí de cor o traçado do visor, e levei-o todo para a Alemanha, aquí dentro do crânio. Recebí 10.000 marcos só por esse trabalhinho!»

Sebold, durante os meses seguintes, esteve em contacto constante com os seus superiores da Alemanha. Seus espiões lhe traziam todos os elementos pedidos, que uma ou duas vezes por semana ele emitia para a Alemanha, ou expedia por intermédio dos «correios» e endereços combinados.

Não tardou que Sebold compreendesse que ele e os seus quatro «contactos» não eram os únicos que estavam manobrando nos Estados Unidos, sob as ordens do governo nazista. Duquesne tinha pelo menos 30 espiões e sabotadores trabalhando por sua conta. Na primavera de 1941, Sebold travara relações com bom número deles. Ficou tambem sabendo que existia outro grupo de espias e sabotadores, que trabalhava independentemente na região de Nova York, sob a chefia dum tal Kurt Frederick Ludwig, que «cobria» as fortificações, os aeródromos e as bases navais dos Estados Unidos ao longo da costa atlântica.

Em junho de 1941, na maior batida aos espiões que já se deu nos Estados Unidos, toda a quadrilha de Duquesne caiu nas redes do FBI, e mais tarde todos os membros do grupo Ludwig foram igualmente agarrados.

Os agentes nazistas não cabiam em si com a surpresa: como é que aquilo tudo sucedera? Só na hora do julgamento ficaram sabendo que o seu infatigavel companheiro de trabalho, William G. Sebold, era na realidade agente do Bureau Federal de Investigação dos Estados Unidos!

Sebold vinha trabalhando sob a direção superior do FBI desde aquele dia em que se pusera secretamente em contacto com os agentes consulares dos Estados Unidos na Alemanha, para se queixar da perda do seu passaporte americano. Desde o momento em que chegou aos Estados Unidos, estivera em contacto diário com funcionários do Departamento da Justiça. As cartas que remetia aos seus «superiores» em Hamburgo eram redigidas pelos agentes do FBI, que igualmente superintendiam nas suas rádio-emissões, falsificando as mensagens dirigidas para a Alemanha.

Estratagemas dos sabotadores

GRAÇAS ao trabalho dos espiões, o sabotador fica munido da informação relativa aos centros de defesa ou meios de transporte considerados essenciais, e por essa razão mais importantes no ponto de vista da sabotagem. Tendo assim escolhido o seu objetivo, o passo imediato a dar é, para o sabotador, escolher o seu instrumento de sabotagem.

Merecem favor e consideração especial os instrumentos provocadores de incêndios. O fogo posto atinge de uma só vez três objetivos de altíssima importância: destrói o objeto do ataque; oblitera possivelmente todos os vestígios que permitiriam de outro modo identificar o sabotador; e finalmente é desmoralizador. Entre um sem-número de instrumentos provocadores de incêndio, um dos mais largamente usados é o *lapis-incendiário*, na aparência um lapis como outro qualquer, mas em que o carvão foi substituido por um fino tubo de vidro cheio de termite. Ao inflamar-se, a termite gera quase instantaneamente uma temperatura de 3.000°F. Um lapis desses pode-se deixar discretamente metido no bolso dum casaco pendurado perto de materiais inflamaveis. O processo de ignição desencadeia-se muito simplesmente, ao partir-se a ponta do tubo de vidro.

Outro ardil incendiário foi descoberto em 1941, quando o FBI começou a investigar uma série de misteriosos incêndios a bordo de navios carregados de materiais de guerra destinados à China e à Inglaterra. O ardil consistia em introduzir a bordo um envelope comum, de papel, tal como qualquer de nós poderia botar abertamente numa cesta de papéis, ou meter na mala de correio de algum navio. Mas esse «envelope», segundo se verificou, estava dividido em duas seções, cada uma das quais continha determinadas substâncias químicas. Ao produzir-se a mistura dessas substâncias químicas, desencadeava-se um fogo intenso.

Vem depois o «Zepelinito», minúsculo balão cheio geralmente de hidrogênio, ao qual vai ligado um lapis incendiário de retardamento. Quando os ventos são favoraveis, o Zepelinito descairá muitas milhas para alem do lugar onde foi lançado. A polícia do Novo Hampshire encontrou um deles, a 1 de maio de 1942, durante as pesquisas efetuadas a propósito de uma série de devastadores incêndios florestais, que tinham rebentado subitamente nas cercanias de vários campos militares e de armazens, na Nova Inglaterra e bem assim na Carolina do Norte e em Nova Jersey. Todos esses incêndios, coisa estranha, apresentavam certos caraterísticos em comum... Rebentavam uns atrás dos outros, em cadeia ininterrupta, enquanto os bombeiros se esforçavam por extinguir as chamas. O *ranger* distrital J. B. Fortin, de Brevard (Nova Jersey), descreveu como a 20 de abril, cerca da meia noite, rebentaram incêndios no Monte Sunburst, acrescentando que as autoridades andavam em busca do «incendiário-fantasma» ou dos sabotadores.

Durante aquela semana mais de 2.500 hectares de floresta foram destruidos só no estado de Nova Jersey. Cento e sessenta e oito incêndios diversos foram registados em uma só área. Grande parte das árvores queimadas eram cedros e pinheiros, cuja procura tem sido grande para fins da defesa nacional. Na zona ocidental da Carolina do Norte os incêndios florestais começaram a 19 de abril, e duraram por mais de uma semana, destruindo madeiras avaliadas em muitas centenas de milhares de dólares.

No último de abril rebentaram novos incêndios florestais em uma dúzia de outros lugares numa área de 50 milhas do estado de Rhode Island. O governador J. Howard McGrath proclamou a lei marcial em três cidades, e parte de outras três. Uma força de combate aos incêndios, contando mais de 3.000 soldados, marinheiros e guardas do serviço contra incêndios, esforçou-se por dominá-los. No mesmo dia em que rebentaram os fogos em Rhode Island, desencadearam-se três formidaveis incêndios florestais perto da cidade de Sterling, no Connecticut.

Não são os incêndios florestais o único processo posto em prática para a destruição de preciosos materiais de guerra: toda a espécie de instrumentos se têm empregado para destruir materiais e abastecimentos militares. Ácidos que provocam a rápida deterioração dos tecidos têm sido empregados para impregnar objetos de grande importância, tais como para-quedas, revestimentos de aviões, lonas para correias de transmissão, carregadores de metralhadora, uniformes e cobertores do exército. O FBI descobriu em 1940 que os depósitos de açucar a bordo dum grande paquete americano tinham sido tratados com um poderoso veneno, ordinariamente utilizado como descalcificador da água ou ingrediente de limpeza.

Sabotadores em ação!

Em outubro de 1941 foi apanhado na fábrica de bombardeiros da Glenn L. Martin, em Baltimore, um sabotador nazista que tinha danificado grande número de aviões cortando-lhes as linhas de comunicações, metendo fragmentos de tubo de borracha nos tanques de gasolina, e esmagando as tubagens metálicas... Nos Estaleiros Todd, em Seattle (estado de Washington), descobriu-se que alguem tinha intoduzido pó de esmeril e vidro pulverizado no delicado mecanismo de brocas e tornos mecânicos de alto preço. Na Companhia Federal de Construção de Navios e Docas Secas, de Kearney (Nova Jersey), foi preso um operário de origem alemã, em maio de 1942, acusado por companheiros de trabalho que o viram a destruir intencionalmente valiosos cunhos e prensas...

A 12 de setembro de 1940, pouco depois de aprovada a lei do Serviço Militar Obrigatório, e uma semana apenas depois de terem sido entregues à Inglaterra cincoenta destróieres americanos, uma retumbante explosão sacudiu Nova Jersey: a Fábrica de Pólvora Hércules, em Kenvil, tinha ido pelos ares... Morreram cincoenta e dois homens, e outros cincoenta ficaram seriamente feridos. Os prejuizos entraram pelas cifras dos milhões.

A 12 de novembro, uma semana após a eleição do presidente Roosevelt para o seu terceiro mandato presidencial, produziram-se durante vinte minutos formidaveis explosões em três fábricas de materiais de guerra, em Nova Jersey e na Pensilvânia. Deram-se as

explosões pela manhã, às 8, 8:10 e 8:20. Ao referir-se a elas, no dia imediato o secretário da Guerra, sr. Henry L. Stimson, afirmou que a regularidade cronométrica das explosões «podia fazer pensar na eficiência germânica»...

A 12 de novembro igualmente: um gigantesco guindaste abateu misteriosamente num estaleiro de São Francisco. Em Atlanta, na Geórgia, um incêndio destruiu o Auditório Municipal, onde se encontravam armazenados materiais militares no valor aproximado de 1 milhão de dólares.

Por todo o ano de 1941, declararam-se muitos incêndios e explosões misteriosas, que causaram vastos prejuizos em navios, docas, e fábricas, e pelo menos 30 desastres semelhantes se deram nos três primeiros meses de 1942.

Teria sido sabotagem?

A sabotagem é por vezes extremamente dificil de provar. Bastará dizer que levou 20 anos a acumular-se a prova da culpabilidade dos alemães nos desastres de Black Tom e Kingsland, durante a primeira grande guerra. Se bem que os acontecimentos se desenrolem hoje um pouco mais depressa, parece que ainda por algum tempo o lamentavel incêndio do *Normandie* continuará a ser um dos grandes enigmas da guerra atual.

Dois meses depois do incêndio do *Normandie*, os relatórios inconciliaveis entre si da Subcomissão Naval dos Representantes, de um Tribunal Naval de Inquérito, e da Comissão de Negócios Navais do Senado, recusaram admitir a possibilidade de sabotagem. Mas ao mesmo tempo trouxeram à luz certo número de fatos impressionantes:

Durante a semana imediatamente anterior ao sinistro, tinham rebentado a bordo do *Normandie* quatro outros pequenos incêndios.

Quando o incêndio rebentou, só dois baldes de água estavam ao alcance da mão, e um deles apenas meio de água.

O sistema de alarmes contra incêndio da cidade de ova York fora desligado do navio 22 dias antes de declarar-se o incêndio.

Havia a bordo certo número de operários e empregados estrangeiros, e não se fizera qualquer exame dos seus registos policiais...

Diversos indivíduos tinham podido entrar no navio, sem credenciais nem autorização, alem duma placa numerada que apenas indicava o nome do empreiteiro, ou sub-empreiteiro, pelo qual o indivíduo tinha sido supostamente admitido a trabalhar.

Ora, era sabido que os agentes nazistas vinham havia algum tempo observando secretamente o *Normandie*. Duas semanas antes da queda da França, a 3 de junho de 1940, o serviço secreto alemão tinha mandado uma mensagem de onda-curta, em cifra, para os seus espiões nos Estados Unidos. Essa mensagem, que foi expedida de Hamburgo para a estação secreta de rádio que os nazistas mantinham em Centerport, Long Island, às portas de Nova York, revelou o seguinte, quando decifrada:

«Agradecemos relatórios. Vigiem *Normandie*»...

Obedecendo a essas instruções, os espiões começaram a «observar» o *Normandie*, e a remeter relatórios periódicos. A 14 de abril de 1941, Kurt FrederickLudwig escrevia em tinta invisivel aos seus superiores na Alemanha: «*Normandie* ainda está no cais 88 norte.»

Ludwig visitava regularmente os cais de Nova York para examinar o *Normandie*. Um agente do FBI, que fora destacado para seguir esse espia, descreveu da seguinte maneira uma das visitas de Ludwig aos cais do Hudson:

A 18 de junho (1941) desceu a Avenida 12, desde a rua 59, e sempre observando os cais. Quando chegou à altura do cais do *Normandie*, na rua 50, deteve-se algum tempo. Parecia estar examinando cuidadosamente o navio. Depois,

continuou a andar e a olhar para trás. Na rua 42 tomou o *ferry boat* de Weehawken, e, instalado na ponte superior, continuou a examinar o *Normandie* a distância.

O mesmo agente acrescentava que Ludwig, uma vez chegado a Weehawken, passou vinte minutos escrevendo num livrinho de notas, preto...

Outros fatos de interesse, deixados sem referência nos relatórios oficiais relativos ao incêndio, diziam respeito à Corporação de Serviço Oceânico, que se encarregou de contratar bom número dos operários e dos guardas que serviram a bordo do *Normandie*. Era secretário dessa firma um tal William B. Devoe, antigo consultor geral da famosa linha de navegação Hamburg-Amerika, controlada pelos nazistas, ao mesmo tempo que diretor dos Filmes UFA, que funcionavam como agência de propaganda do governo alemão. O organizador e vice-presidente da Oceânica era William Drechsel, antigo superintendente naval do Lloyd Norte Alemão. Membro entusiástico do Nazismo, Drechsel confessou em 1934, perante o Comitê McCormack-Dickstein, que tinha fornecido fianças no valor de 125.000 dólares aos espiões alemães presos nos Estados Unidos.

Duas semanas após o incêndio do *Normandie*, o congressista Samuel Dickstein, em discurso na Câmara de Representantes, acusou Drechsel, «espião nazí no. 1 no E.U.A., de estar fornecendo guardas para navios, armazens e pontes do porto de Nova York, por intermédio da Corporação de Serviço Oceânico. Só a bordo do *Normandie*, já ele colocou mais de 30 agentes nazistas...»

O *Normandie* teria sido sabotado?...

E quanto aos oito navios mercantes americanos que, nos começos de 1942, indo a caminho da Rússia Soviética com abastecimentos de guerra indispensaveis ao Exército Vermelho, sofreram a mesma estranha sorte? Nem um só desses navios chegou a destino! Três deles foram a pique no alto mar, quatro conseguiram arrastar-se de regresso ao porto de saida, e um, avariado, foi torpedeado quando se esforçava por voltar.

Milhares de toneladas de munições, peças de avião, tanques, canhões e outros materiais preciosos, se perderam com tais afundamentos. Morreram dezessete marinheiros. Perderam-se semanas preciosas, antes que os quatro navios que conseguiram escapar e regressar pudessem fazer-se de novo ao mar.

Em todos os casos, segundo depoimento dos tripulantes, coube a culpa do desastre ao mau acondicionamento da carga. Edmund Luik, carpinteiro naval a bordo do *Dumboyne*, que conseguiu regressar ao porto, para reparações, e Bos'n Jack Kitsen, ambos eles referiram que os pinos das chavetas estavam fora dos esticadores e travas que mantinham a carga no seu lugar...

Se apenas um navio se tivesse afundado ou avariado por causa da má arrumação da carga, talvez isso não tivesse despertado suspeitas: mas tratando-se de oito navios, quase dentro do espaço de oito semanas, era realmente para abrir os olhos a um cego!

Ao tempo em que escrevemos estas linhas, o mistério dos oito navios permanece inexplicado por parte das entidades oficiais. Mas já se tomaram medidas para evitar reprodução desse tipo de «acidentes».

A ofensiva psicológica

MENOS TANGIVEL por certo que os danos materiais e a destruição de coisas, mas não menos efectiva, é outra arma de que fazem uso os nazistas—a *sabotagem psicológica*, isto é, o trabalho sistemático de sapa contra o «moral», a perversão da opinião pública, o fomento da dúvida e da indecisão, a provocação de dissídios e de desunião. Procura esse trabalho intensificar legítimas discrepâncias de opinião, tornando assim muitas vezes seus intrumentos inconcientes certas pessoas sinceras, que estão aliás inteiramente acima de qualquer suspeita.

Ora, em muitas circunstâncias, essas pessoas inconcientemente envolvidas se tornam tão uteis ao Eixo como os próprios Quislings, pois que, embora surdas aos perigos que ameaçam, são sinceras nos seus próprios motivos, e, por isso mesmo, mais suscetiveis de convencer outras pessoas.

A propaganda dissolvente, os boatos e mentiras maldosas, os movimentos de oposição artificialmente provocados, a exploração intencional de movimentos de oposição legítima, a corrupção, a intimidação e o suborno—tais são as armas da sabotagem psicológica dos nazistas...

Os sabotadores «psicológicos» perseguiram nos Estados Unidos cinco objetivos fundamentais:

1) desunir e por em antagonismo os grupos da população americana, pela provocação do ódio das raças.
2) minar a confiança do povo americano na sua própria forma de governo;
3) isolar os Estados Unidos, e impedí-los de auxiliar as nações agredidas pelo Eixo;
4) impedir os Estados Unidos de se prepararem adequadamente para a guerra;
5) por em pé um partido fascista americano, que atuaria como quinta coluna.

As inevitaveis dificuldades de uma quinta coluna pura e exclusivamente alemã, nos Estados Unidos, foram previstas pelos técnicos da propaganda germânica. Estavam eles em perfeita concordância de vistas com William Dudley Pelley, o ambicioso chefe dos *Camisas de Prata* dos Estados Unidos, que já em 22 de junho de 1933 escrevia em carta a William O. Spier, ativo agente nazista de Nova York:

A coisa mais prudente a fazer é deixar germinar e crescer aquí um movimento espontâneo dos americanos, com preceitos idênticos aos de Hitler, mas inteiramente americano em pessoal e carater, e que trabalhará em harmonia com os objetivos e propósitos da Alemanha...

Mas não puseram inteiramente de lado as possibilidades de um bloco Teuto-Americano nazificado, e empregaram dúzias de agentes tais como Heinz Spanknöbel, George Schmidt, Fritz Gissibl, e Fritz Kuhn, para atuarem como missionários junto dos teuto-americanos. Em breve, em cada região do país existia uma seção de clubes de tiro, organizações fraternais e «culturais» de teuto-americanos, tudo controlado por elementos nazistas. Foram organizados as *Frauenschaften* (ligas auxiliares femininas) e as *Jugendschaften* (ligas juvenís), estas últimas destinadas a doutrinar meninos americanos de ascendência alemã no ódio de raças e no desprezo da democracia.

Entre 1933 e 1939, dezenas e dezenas de organizações fascistas americanas sairam da terra como os cogumelos. Ornando-se de títulos tais como *Cruzados do Americanismo*, *Guardas Americanos*, *Camisas de Prata*, *Frente Cristã*, e outros igualmente inspirados e «patrióticos», esses fascistas indígenas derramaram propaganda que botava todas as culpas dos males econômicos e sociais para o lombo dos judeus, e afirmava que o *New Deal* era um plano judeu-comunista para destruir a independência dos Americanos. Chamavam o *New Deal*—Jew Deal, o presidente Roosevelt

—Rosenfeld, e New York, onde abundam os israelitas, *Jew York*...

A extensão do trabalho dos nazistas nesse domínio, patenteia-se com o seguinte fato: ao passo que em 1932 havia apenas nos Estados Unidos um punhado de organizações antidemocráticas em ação, em 1939, tinham-se constituido mais de 750 dessas organizações!

Duas organizações oficiais da Alemanha—a *Welt Dienst* (Serviço Mundial) e a *Deutscher Fichte-Bund* (Liga Fichte Alemã)—mantinham os sabotadores psicológicos da América constantemente abastecidos de propaganda antisemítica e de outros materiais de dissolução. Dessas duas fontes dimanavam vastos números de panfletos anti-democráticos e de boletins que continham propaganda concebida para incentivar o ódio de raças. Esse material de propaganda chegava às mãos do público dos Estados Unidos através de publicações caseiras tais como a *Social Justice* do padre Charles C. Coughlin, do *Galilean* de William Dudley Pelley, do *Defender* do «reverendo» Gerald Winrod, da *Beacon Light* de William Kullgren, e de muitas outras revistas, magazines e boletins noticiosos pró-fascistas.

George Sylvester Viereck, astuto propagandista alemão, chegou a estabelecer em Washington um aparelho destinado a introduzir a propaganda do Eixo no *Diário das Sessões* do Congresso, adquirindo em seguida milhares e milhares de separatas desses discursos, e mais material, para os remeter pelo correio para todos os cantos do país...

O quartel-general dessa máquina de propaganda nazista estava instalado nas salas do Edifício House Office, número 1.424, que eram os escritórios, ao mesmo tempo, do conhecido congressista Hamilton Fish de quem um empregado, George Hill, estava encarregado do «moinho» de propaganda de Viereck em Washington.

Na linha de montagem...

Um dos objetivos mais e de há muito visados pelos agentes nazistas, nos Estados Unidos, tem sido ganhar o controle efetivo do movimento operário americano. Um dos fins que teve em vista a organização do *Bund* Teuto-Americano era auxiliar os recrutas da espionagem nazí, e os sabotadores, a obter empregos de importância nas indústrias americanas. Neil Howard Ness, antigo membro do *Bund* em Los Angeles, declarou a investigadores do Congresso que, em comícios secretos do *Bund*, «nós discutíamos o que devíamos fazer para ajudar a Alemanha, como fosse fazer ir pelos ares obras hidráulicas, fábricas de munições e docas... Planejávamos paralisar a costa do Pacífico desde Seattle, no norte, até San Diego, na Califórnia.»

As primeiras tentativas foram ensaiadas no centro estratégico industrial de Detroit, em princípios de 1939. Alí, o *Bund* ajudou a recrutar vastas quantidades de operários para formar uma organização chamada *Liga Nacional de Trabalhadores*, cujo objetivo principal era assumir o controle das uniões das fábricas de automoveis e, eventualmente, sabotar a produção por meio de greves e retardamento do trabalho.

Parker Sage, cidadão americano intimamente associado ao *Bund* Teuto-Americano, foi escolhido para chefiar em Detroit essa organização de «trabalhadores». Sage fora anteriormente expulso duma seção local da União dos Operários do Automovel (CIO) nas Fábricas Chevrolet, sob a acusação de ser um espião profissional das indústrias.

Certa manhã da primavera de 1939, os operários da fábrica Packard ao entrarem para o trabalho, encontraram milhares de cartõezinhos nos seus armários do vestiário e ao longo das linhas de produção, nos quais se liam, impressas, mensagens dirigidas aos «trabalhadores cristãos da América,» instando com eles para que aderissem à Liga Nacional de Trabalhadores, para o fim de «protegerem os empregos, a felicidade e o bem-estar dos americanos não-judeus».

Essa barragem de propaganda foi logo seguida de uma série de sessões públicas, em que Sage figurava como orador principal. Os operários eram instados a aderir à Liga, para dar combate aos «patrões judeus». Endereçando a sua propaganda aos muitos trabalhadores dos estados do Sul que tinham migrado para Detroit, Sage declarou que «se estavam introduzindo negros de contrabando em Detroit», numa conspiração cujo fim era rebaixar os salários. «A América para os Americanos!» bradava o propagandista nazí Parker Sage aos seus ouvintes indefesos.

A campanha de Sage foi coberta durante algum tempo de um êxito relativo. No curso de 1940 a sua organização foi penetrando nas fábricas de automoveis de Ford, Chrysler, Plymouth, Hudson, e Packard, e bem assim nas companhias U.S. Rubber (borracha) e Murray Body and Motor Products (peças de motor e carroceria). Antes que os operários se inteirassem do que estava por trás da agitação «popular» de Sage, produziu-se muita discórdia e dissensão, o que levou os trabalhadores a lançar uma vigorosa contra-campanha por intermédio dos seus «locais» das uniões, para denunciar a Liga Nacional de Trabalhadores como uma verdadeira quinta-coluna de inspiração nazista.

Depois disso, Sage viu-se compelido a restringir suas atividades organizadoras. Mas continuava a ser abastecido de fundos suficientes para proceder em larga escala ao seu trabalho de propaganda.

Quando a Liga Nacional de Trabalhadores se viu impotente para transformar-se em poderosa organização «operária» nazista, um agente nazí abordou Hiram W. Evans, Mago Imperial ou grão-mestre do famoso *Ku Klux Klan*, com a oferta de 75.000 dólares a troco de um voto deliberativo nos negócios do *Klan*. Evans, ao que parece, rejeitou a oferta. Mas quando foi substituido no cargo por James A. Colescott, os homens do capuz branco entraram a colaborar com o *Bund* Teuto-Americano, invertendo a sua tradicional política de oposição às organizações operárias.

Diversos membros do *Klan*, de colaboração com agentes nazistas, tentaram apoderar-se de posições de comando na União dos Operários do Automovel; provocaram o retardamento do trabalho e greves não autorizadas, aquí e alem, e fizeram campanha contra o Programa de Vitória da União, chegando a tentar deter a venda de títulos da Defesa Nacional.

O ato de sabotagem do *Klan*, talvez o mais coroado de êxito, foi a desordem por ele provocada em Detroit, a propósito da ocupação do *Sojourner Truth Settlement*, bairro erigido pela Administração Federal de Habitação, e destinado aos negros (e suas famílias) que trabalhassem nas indústrias de defesa. Os *Klansmen* receberam ordem de impedir a entrada dos operários negros nas suas novas casas, e na grande desordem que daí resultou ficaram feridas dezenas de

pessoas, negros na sua imensa maioria.

O objectivo que o *Klan* alvejava por trás dessa desordem provocada, ficou duplamente posto a claro quando os rádios de Berlim e de Tóquio irradiaram lúgubres relatos do incidente para a Índia e a América do Sul. Disseram os comentaristas do Eixo que a desordem de *Sojourner Truth* demonstrava a descriminação estabelecida contra os povos de cor, no seio das democracias. Muitos folhetos inspirados no mesmo tipo de propaganda foram distribuidos entre os operários negros ao serviço da defesa nacional.

Tal é, em resumo, e nos seus aspectos essenciais, o tenebroso registo da sabotagem nazista nos Estados Unidos, até à data em que escrevemos. Vasto e intrincado como é o aparelho dessa guerra secreta, subterrânea, a ação da nossa contra-espionagem começa já agora a ser animadora. Mas não é possivel desmontar e destruir dum dia para outro a máquina clandestina dos nazistas. Os inimigos da América são astutos, poderosos e implacaveis. A despeito da intensidade de todas as medidas tomadas contra a sabotagem, que vieram dificultar grandemente o trabalho dos agentes de Berlim, ainda pesa sobre todos nós a ameaça de vastas destruições e danos materiais, provocados pela mesma.

Esta guerra é de vida ou de morte. Os homens que a fazem não poderão tolerar por mais tempo as manobras de qualquer indivíduo, político ou grupo —sejam quais forem as suas razões ou pretextos—que possam obstruir o esforço necessário à Vitória. Ao cabo de contas, pouca diferença há, praticamente, entre os que voluntariamente dão ajuda e conforto ao inimigo, e aqueles que o fazem involuntariamente. Em tempos críticos, como aqueles que atravessamos, o imbecil é tão digno de censura como o agente astuto e mal intencionado que manobra ao serviço de interesses inimigos.

Chapelaria louca

¶ Falhou completamente uma experiência feita por uma chapelaria de Hollywood, para ver até que ponto pode uma dama usar chapéus fantásticos, sem chamar a atenção. Miss Marion McKenzie não conseguiu despertar nenhuma curiosidade extraordinária nos bulevares da capital do cinema, levando à cabeça o seguinte:

1. Um abajur, francamente vistoso
2. Uma larga faixa de borracha
3. Duas flores artificiais
4. Uma corrente de chuveiro
5. Um laço de sapato.

—*AP*

¶ Uma mulher, perguntando o preço de um chapéu, em uma loja chique, quase desmaiou quando lhe disseram que custava 75 dólares. «Como,» disse ela, «se não há nada de extraordinário neste chapéu!» «Há a restrição, madame,» respondeu tranquilamente o vendedor.

—*Raymond C. Mayer*, how to do publicity (*Harper*)

O HOMEM QUE MATOU *Lincoln*

Condensação do livro

THE MAN WHO KILLED LINCOLN

por PHILIP VAN DOREN STERN

Nas páginas que se vão ler, baseadas em pesquisas meticulosas e profundas, expõe-se o caso de John Wilkes Booth e a parte que ele tomou num dos episódios mais trágicos da história americana.

Copyright 1939, Philip Van Doren Stern, editado pela Random House, Inc., Nova York, Preço $3.00

O HOMEM QUE MATOU LINCOLN

Terça-feira, 11 de abril de 1865.

Dois dias apenas eram decorridos sobre a rendição de Lee, e o Norte adquirira a segurança de que havia ganho a guerra. As ruas de Washington, então mal iluminadas, encheram-se de uma multidão de ianques, a festejar delirantemente a vitória.

Bem atrás, no passeio, John Wilkes Booth permanecia de pé; e dalí, silencioso e ruminando planos, assistia ao desfile entusiástico dos funcionários públicos, que desciam a Avenida da Pensilvânia. A luz dos archotes, que muitos dos populares empunhavam, caía-lhe de vez em quando sobre o rosto, belo e taciturno. Embrulhava-se no comprido capote, com a mesma atitude que se lhe tornara habitual ao apresentar-se em cena, no teatro. Ainda nas horas amargas, não deixava de ser ator...

Booth nutria uma insopitavel aversão aos ianques. Durante dois dias andara a vagar pelas ruas, passando as noites em claro. Quando as baterias de artilharia de campanha dispararam numa interminavel salva de regozijo, pareceu-lhe que estavam a bater-lhe, com um martelo, no cérebro. Tinha procurado embriagar-se, mas nenhuma quantidade de bebida pudera fazê-lo esquecer que o seu muito amado Sul estava a ser esmagado sobo rigor dos reveses.

Passava o povo, apressado, rumo à Casa Branca, porque Lincoln ia falar. Booth acenou com a cabeça para o companheiro, um rapaz alto, que estava ao seu lado, e os dois entraram na onda que se movia a caminho da residência presidencial. Tinha na boca um vinco de amargura e, ao mesmo tempo, de cólera. Lincoln, para ele, era o inimigo. Pois iria vê-lo face a face.

Sim, o ódio de Booth ao presidente excedia os limites da razão. Os tormentos que o Sul vinha sofrendo eram, no seu entender, o resultado de uma perseguição obstinada e impiedosa de Lincoln. Com o seu pequeno grupo de conspiradores, tramara, meses e meses, a captura do presidente, afim de levá-lo a Richmond como presa de guerra.

No afã de aproximar-se do orador, embarafustou a massa popular nos jardins da Casa Branca, pisando plantas e flores. Booth encostou-se a uma árvore, e derramou olhares rancorosos sobre a casa em que Lincoln vivia. Alí—teria pensado—alí está o meu inimigo, a prelibar seu triunfo.

Rangeu os dentes, voltando-se para olhar o companheiro, que estava de pé atrás dele. Mas este não lhe notou sequer o gesto. Era um moço de vinte anos, e que só aprendera, a bem dizer, a arte de matar. Quatro anos de serviço de guerra tudo lhe haviam arrancado, exceto a concupiscência primitiva. Booth o encontrara na miséria, e o tomara ao seu serviço, proporcionando-lhe o sustento e dando-lhe um chefe, um senhor, a cujas ordens ficasse. Lewis Paine—que assim passara a chamar-se o obtuso gigante desde que desertou as fileiras do Exército Confederado—tornou-se então o guarda-costas de Booth, pronto a fazer o que o patrão lhe ordenasse.

Súbito uma luz apareceu numa das janelas da Casa Branca. O povo prorrompeu em aclamações. Juntaram-se a estas, acalorando o ambiente, as notas vibrantes de uma banda de música. A janela abriu-se toda, e um homem, alto e magro, a ela assomando, entrou a falar aos seus compatriotas.

Na monotonia glacial da voz cansada de Lincoln, ouvia Booth o próprio Norte falar. Era a linguagem desmaiada, insípida, de um homem de negócios. Certo o que estaria atrás daquilo seria a avareza de homens que só raciocinavam em termos de dinheiro. Bem ouvira dizer que aquele indivíduo tivera em tempo, a seu cargo, um armazem, ou cousa que o valesse, não sabia onde, no campo. E que lanzudo o tipo! Alí estava escarrado um campônio, grotesco e brutalizado pelo ofício. E ver-se tal figura a guiar os destinos de um país que teve a governá-lo, em outras épocas, cidadãos de tão fino quilate!

Referindo-se ao problema do Estado de Luisiana, dizia Lincoln: «Entre nós, há quem estranhe que se não tenha dado aos homens de cor o direito de sufrágio. Eu próprio estimaria que se conferisse agora esse direito aos que estejam, por suas luzes, nas condições de exercê-lo, e aos que servem a nossa causa como soldados...»

Ao ouvir estas palavras, sentiu Booth retesarem-se-lhe os músculos da face. Mas então era verdade o que ele havia escutado sob a forma de boatos! Não se contentava Lincoln com libertar os escravos: queria dar-lhes efetivamente o direito de voto, o direito de ter uma voz no governo do *branco* Sul!

Não; aquilo não podia continuar. Por Deus, era indispensavel que se pusesse cobro a tanto abuso! Com o território ao sul de Washington em poder do inimigo, já não seria possivel o rapto. Só restava uma cousa a fazer. Não havia mais fugir a essa fatalidade inelutavel...

Reconheceu em si mesmo o homem designado pelo destino para eliminar o inimigo do seu país. E não se aplicaria só a Lincoln a condenação à pena última, mas igualmente àqueles que, seus colaboradores mais diretos, eram como ele responsaveis pelo governo do Norte. Grant, Seward, Johnson—todos deviam ter o mesmo fim que o chefe a cujos caprichos se haviam subordinado. Que lástima não dispor, para levar a cabo a sua empresa, de um regimento em armas, porem apenas da dedicação do seu punhado de conspiradores...

Aliás, entre estes, o único de fato devotado, ao mesmo tempo que destemido, era realmente Lewis Paine. Mas Booth confiava em John Surrat que, apesar de pouco mais do que um menino de escola, tinha levado regularmente comunicações, de Richmond a Montreal, para a Confederação. A mãe de Surrat, uma viuva, partidária exaltada do Sul, e que dirigia uma pensão em Washington, pusera de bom grado a sua casa à disposição dos conspiradores, para que lhes servisse de sede.

Surrat dissera a Booth que contasse com os serviços de certos homens, dos quais não dera os nomes, e que, investidos embora em postos de governo, vinham contudo apoiando secretamente o Sul. Quando se tramou o rapto, estes homens haviam prometido prestar o seu concurso, diligenciando de maneira a interromper o telégrafo, e embaraçar a ação oficial em perseguição dos rebeldes.

Dois outros dos conspiradores não

passavam de pobres diabos que se davam talvez ao luxo de simular exaltação e afoiteza. Um deles, David Herold, jovem de Washington, que seria àquele tempo o que se chama hoje um «sem trabalho», mostrava-se ansioso por fazer o que Booth lhe pedisse, mas era uma nulidade irresponsavel. George Atzerodt, um carreiro alemão de Maryland Sul, era um covarde e um bêbedo, que só tinha sido recrutado para o plano do rapto porque conhecia a zona do rio Potómaque, e possuia uma chata que poderia ser utilizada eficazmente na Virgínia.

Tal era a casta de personagens de que Booth se cercara. Quando teriam de representar a tragédia, não o sabia Booth. Mas o desempenho da peça lhes estava confiado.

Sexta-feira, 14 de abril

NA RUA 10, a alguns quarteirões da Casa Branca, realizava-se no Teatro Ford um ensaio matinal. Anunciara-se que o general Grant assistiria naquela noite ao espetáculo. Os artistas da companhia de Laura Keene, trajando roupas de passeio, ensaiavam os seus papéis na peça que ia ser levada à cena, *Nosso Primo Americano*.

Numa das filas mais afastadas das cadeiras de orquestra, estava sentado John Wilkes Booth, lendo uma carta. Era esta de John Surrat, que se achava no momento em Montreal. Booth tinha ido ao teatro para o fim justamente de apanhar a sua correspondência. Ao passar pela bilheteria, fora surpreendido com a notícia de que Lincoln iria tambem aquela noite ao espetáculo.

Os fatos eram de ordem a sobreexcitá-lo. Surrat devia estar de regresso aquela tarde em Washington. Os demais companheiros declaravam-se prontos, a postos, à espera apenas de uma palavra de ordem. Dificilmente se apresentariam outra vez as circunstâncias de modo tão favoravel, imaginou Booth. Ser-lhe-ia facil pular do camarote do Presidente, a uns três metros acima do palco, e sair através dos bastidores para a porta do fundo. Saltos mais espetaculares, tinha-os ele dado muitas vezes, em representações teatrais.

Tem-se de longa data suspeitado que Booth contou com outros cúmplices que permaneceram ocultos. Certas ocorrências inexplicaveis, verificadas na própria noite de 14 de abril, parecem justificar essas suspeitas. Alem da misteriosa interrupção das linhas telegráficas, causou estranheza o fato de não se achar no seu posto a sentinela do camarote presidencial, a despeito dos boatos, que insistentemente corriam, de possiveis atentados contra a vida do Presidente. Outra curiosa circunstância: não só pôde Booth passar, sem maior dificuldade, pela Ponte Anacóstia, que aliás se mantinha sob guarda, mas tambem, durante a noite, não se despachou ninguem, para exercer vigilância sobre aquela que era, entretanto, a saida mais normal da cidade para o sul.

Que se venha a saber algum dia, em todos os seus pormenores, o que na verdade se passou, é muito problemático. Mas Emanuel Hertz, no prefácio —*The Hidden Lincoln* (Lincoln Ignorado), diz que Robert Lincoln, há alguns anos, esteve quase a queimar certos papéis privados de seu pai, que continham, segundo afirmava, a prova documental da traição, justamente de um dos membros do Gabinete de Lincoln. Mas aquiesceu afinal em depositar os papéis na Biblioteca do Congresso, sob a cláusula ou a reserva de só serem dados à consulta depois de 1947. Se e quando tais documentos vierem a público, ter-se-á ensejo de verificar se algum dos homens que tomavam assento à mesa do Gabinete traía o Presidente. (Extrato de um folheto que acompanhou o livro aqui condensado—*O homem que matou Lincoln*.)

Terá talvez considerado que ao drama cabia um desempenho em grande estilo, tanto mais que a platéia, desta feita, ia vê-lo fazer História! Não deixava de ser-lhe penoso abandonar a carreira. Posto que não fosse tão grande a sua nomeada quanto a do seu irmão Edwin, vinha fazendo, em média, nada menos de uns vinte mil dólares por ano, e não lhe faltavam os aplausos, de que sempre se vê acompanhado um ator de relevo. Em todo o caso, que empolgante a cena com que iria retirar-se do palco americano! E escaparia são e salvo, para o México ou para a Espanha, que não tinham, ao que sabia, tratados de extradição com os Estados Unidos.

Lançada que estava a sorte, não perdeu Booth um momento. Tratou, quanto antes, de distribuir os papéis. O vice-presidente Johnson era a menos importante das personalidades visadas: usar-se-ia contra ele do fraco Atzerodt. Quanto ao secretário do Estado, Seward, que estava em casa, de cama, com um maxilar fraturado devido a um acidente de carruagem, tocaria a missão a Paine. David Herold o acompanharia, para segurar-lhe o cavalo, e guiá-lo depois, na fuga, para fora da cidade. Como Grant se acharia no camarote com Lincoln, julgou Booth necessário contar com um companheiro. Escolheu então John Surrat, para ir com ele.

Assentadas assim as providências, para a ação que, dentro de horas, devia realizar-se, entendeu de lavrar por escrito, e para ser publicada, a justificação do que fizera. Não escaparia a ninguem que o não movia, no caso, nenhum interesse pessoal, mas tão só e unicamente a causa do Sul. Se bem que não houvesse pegado em armas, ajudara, todavia, quanto esteve em suas forças, a referida causa. Nas suas excursões, como ator, de cidade em cidade, servira não poucas vezes de veículo a informações secretas. Através do bloqueio dos Estados, fizera contrabando de quinina, de que tanto precisavam os insurretos. Arriscara-se, em suma, a ser preso, ou mesmo a pagar com a vida o apoio à insurreição.

Foi ter ao Teatro Grover, e escreveu, no escritório do gerente, uma proclamação ao mundo, de que aquí vão os traços capitais: Explicava que só aquele ato poderia dar ao Sul uma nova esperança de liberdade. Sabia que seria censurado, mas algum dia, quando as paixões se acalmassem, a posteridade lhe faria justiça. E por fim, sem consulta aos outros, assinava arrogantemente: «Homens que amam o seu país, mais do que o ouro ou a vida—J. W. Booth—Paine—Atzerodt—Herold.» Omitiu o nome de Surrat, para resguardar a sua mãe de possiveis consequências. A um ator, de nome John Matthews, entregou o que escrevera, pedindo-lhe que o entregasse, por seu turno, na manhã imediata, à redação do *National Intelligencer*.

Cerca de cinco horas, teve Booth uma notícia. O general Grant não iria mais ao teatro; ia tomar o trem para Filadélfia. Booth procurou por-se em contacto imediatamente com Surrat, e o persuadiu a acompanhar o general no trem.

Sexta-feira, 14 de abril, à noite.

MUITO DE indústria, Booth bebeu, naquele dia, à larga. É que desde muito notara que o alcool o estimulava, afastando-lhe do espírito quaisquer noções ou idéias de malogro, e transformando-o numa criatura menos accessi-

vel a impressões, a nervosismo, e sobretudo a medo.

Abriu a mala, e dela tirou uma bela pistola de um só cano. Ao pegar na mesma, sentiu-se ainda mais forte. Uma simples pressão do seu dedo no gatilho, e eis a partir o raio, que iria fulminar o monstro Lincoln. Aquela pequena arma podia ter assim maior efeito do que todos os canhões que encheram dos seus ribombos o país, nos últimos quatro anos. Bastaria que desse um tiro, e o fogo, aparentemente amortecido, voltaria a estrondear... A ele a satisfação de arrebatar a vitória, justamente num momento que se afigurava o derradeiro... Como que ouvia o Sul inteiro a aclamá-lo. Nem jamais ator, na História, merecera tal ovação.

Reviu cuidadosamente as palavras da peça, que se ia levar daí a pouco, no ponto que havia escolhido para marcar a sua entrada na cena. Era numa ocasião em que somente um ator se encontraria no palco. Imaginando o quadro, podia ver-se a si mesmo, de pé, no camarote, alvejando com a pistola a cabeça de Lincoln. Dado o tiro, a representação mergulharia num silêncio de pasmo. Era chegado então o seu momento. Que poderia dizer, naquele rápido instante, acerca da tirania? Como se disse em latim, quando Bruto pôs fim ao grande Cesar? Veio-lhe a frase à memória: «*Sic semper tyrannis!*» «Assim sempre aos tiranos!» De resto, era esse o lema da Virgínia, o estado mais importante da Confederação. Nenhuma fórmula, por conseguinte, mais própria. Repetiu-a, em voz alta, com ênfase, não sem dificuldade quanto aos rr, que se lhe não ajustavam bem à língua.

É quando lhe chega, de fora, o som metálico das badaladas, anunciando os oito horas da noite. O pano de boca do Teatro Ford já estaria levantado.

Duas horas decorridas, lá se achava Booth, no teatro, de pé, ao fundo da sala inteiramente repleta, fixos os olhos e a atenção no camarote presidencial. À medida que a peça se arrastava, crescia-lhe a impaciência. Segundo por segundo, os relógios do universo iam devorando o quase nada que ainda restava de vida ao homem que ele ia assassinar. Saltou-lhe dentro do peito o coração, quando viu que o soldado, que guardava a passagem conduzindo ao camarote de Lincoln, saira do seu posto.

Eis que afinal se aproxima a hora própria para a ação. Paine e Herold estariam, sem dúvida, a caminho da residência de Seward, enquanto no seu hotel, de corredores escuros, Johnson se acharia certamente sob as vistas de Atzerodt, e quilômetros adiante, a caminho de Filadélfia, viajavam no mesmo trem Surrat e Grant. Posto que em lugares tão diversos, deviam todos, contudo, dar o golpe à mesma hora, rigorosamente marcada: dez e quinze. Então, prevalecendo-se da paralisia que a quádrupla execução acarretaria ao Norte, o Sul se apressaria em converter sua derrota em vitória.

Questão agora de um ou dois minutos, ia soar a hora trágica. Face rígida, músculos maxilares contraidos, marchou Booth em direção ao camarote presidencial. Ao aproximar-se da porta exterior, um homem que estava sentado alí perto levantou-se de repente e o encarou. Não perdeu a calma. Exibiu, como sendo seu, um cartão de visita do senador Hale, que obtivera através de relações de amizade, que mantinha com a filha deste. O guarda, apresentando-lhe desculpas, deixou-o passar.

No corredor que ia dar ao camarote, encontrou-se um momento sozinho, em

plena escuridão, o coração a bater-lhe desordenadamente, a respiração ofegante. Vindas do palco, ferem-lhe os ouvidos as palavras que, como vimos, tinha escolhido na peça para lhe servirem de deixa, marcando-lhe a entrada em cena. A mão, com que apertava a pistola, estava quente, a transpirar. Dar-se-ia que o som terrivel do fôlego irregular, por motivo das ânsias que o entrecortavam, poderia denunciá-lo? Abriu a porta do camarote. A comitiva do Presidente, com a atenção presa à representação, não daria pelo fato. Booth deu um passo à frente, e, sacando da pistola, visou de perto a cabeça, alvo do seu ódio.

Logo em seguida, uma detonação. Dir-se-ia que a pistola—tão rápido fora o desfecho—havia disparado por si mesma. À voz, alta e seca, do tiro, uniu-se outra, a do assassino, exclamando: «*Sic semper tyrannis!*»

Estava realizado o seu destino! Matara Lincoln!

Da cadeira onde se achava, a assistir ao espetáculo, não mais se levantaria o libertador dos escravos. Mas ainda estava sentado, com a cabeça a pender para a frente, e envolto numa onda de fumaça, quando Booth, transpondo de um salto a balaustrada do camarote, caiu pesadamente no palco, dobrando na queda o pé esquerdo. Embora manquejando, abriu caminho, ameaçando com um punhal os que procuravam detê-lo. Um cavalo o esperava lá fora. Foi só montá-lo, e fugir.

DEZ MINUTOS, precisamente, passavam das dez horas, quando Paine e Herold abalaram para a casa de Seward. Quem olhasse àquela hora para a imponente fachada cor de tijolo da referida casa, só veria luz numa janela. Tudo o mais estava no escuro. Paine tocou a campainha, e anunciou-se como um portador, incumbido pelo dr. Verdi de entregar um dado medicamento ao secretário do Estado em pessoa. Respondendo-lhe o criado que este não poderia recebê-lo, Paine o afastou para um lado, e precipitou-se escada acima. No alto, encontrou Frederico, filho de Seward, que lhe perguntou asperamente o que desejava. Sua resposta foi apontar a pistola ao coração do rapaz, e puxar o gatilho; e, como a arma emperrasse, vibrou-lhe, com a mesma, uma pancada na cabeça, fazendo-o rolar.

Faca em punho invadiu ato contínuo o quarto do doente. O secretário Seward estava recostado na cama, o pescoço envolvido em ataduras. Paine, sem perda de tempo, procurou cravar-lhe a faca na garganta. Mas a lâmina foi de encontro a um obstáculo, alguma coisa dura, e resvalou. Paine golpeou novamente, insistindo no propósito de degolar a vítima. Alguem veio por detrás, e desviou-lhe o braço.

Enquanto dois homens entravam em luta com Paine, Seward conseguiu ir-se arrastando, até cair, já sem forças, mas escapo das garras do agressor. Paine, brandindo furiosamente a faca, logrou desembaraçar-se dos seus perseguidores, e ganhar a saida para a rua. Encontrou o seu cavalo no ponto em que o deixara. Mas em vão procurou David Herold. Alarmado com os sucessos que percebia, de fora, se estarem passando no interior da casa, tinha este julgado mais prudente bater em retirada.

ATZERODT ESPEROU da bebida o milagre de dar-lhe têmpera e audácia para a façanha da noite. Às dez horas e quinze minutos, teria ele, nem mais nem menos, que entrar no quarto de Andrew Johnson, vice-presidente dos

Estados Unidos, e pregar-lhe um punhal no coração. Ora, a bebida não lhe produziu outro efeito senão o de ter pena de si mesmo.

Aquilo não era serviço de que o encarregassem. Raptar o presidente e levá-lo para o Sul seria talvez tarefa que quadrava às suas habilidades. Isso, porem, de matar, lhe parecia muito diferente. Só em face de grandes ameaças aceitara a incumbência que lhe deram.

Seguiu para o hotel de Johnson, a tremer ante a simples idéia do feito que devia praticar. Mas quem sabe se um pouco mais de *whisky* não poderia arrancá-lo a tal depressão de ânimo? Entrou no bar, e olhou para o relógio. Eram já dez e cinco.

Cada dose de bebida parecia reclamar mais uma, só mais uma, para terminar... Quando consultou de novo as horas, não pôde conter o espanto: com aquela história de *whisky*, o tempo tinha voado! Já que não entrara em atividade à mesma hora que os outros, seria demasiado perigoso tentar fazê-lo agora.

Escarrachou-se no cavalo, e foi para as bandas do Teatro Ford, curioso de saber o que acontecera por lá. Quando chegou perto, viu que a rua estava cheia de uma multidão exaltada. Alguns gritavam: «Queime-se o teatro!» Outros: «Tiro nos atores! Deixaram o assassino fugir!» Para trás, a sair da escuridão, ouviu o tropel da cavalaria.

O que mais o impressionou foi a cena de populares, a tentar, entre berros de cólera, amarrar um homem a um lampeão. Atzerodt não conhecia o indivíduo. Este, presumivelmente, nada fizera. Se o tratavam de tal modo, era só porque havia suspeitas de que ele fosse um «rebelde». Atzerodt não quis saber de mais nada. Soltou rédeas ao cavalo, e pôs-se ao fresco, a galope.

A SENTINELA na Ponte do Arsenal de Marinha ouviu passos de cavalo na estrada, então escura, que ia para fora da cidade. Pôs-se alerta, com a baioneta ao cano da espingarda. O sargento Cobb, a cargo do posto, saiu da guarita, e interpelou o cavaleiro.

—Meu nome é Booth, respondeu o homem.—Vou para a minha casa, em Charles County.

—É proibido passar aquí depois das nove horas, esclareceu-lhe o sargento.

—Não sabia absolutamente, insistiu Booth.—Demorei um pouco na cidade, e pensei em voltar para casa, aproveitando o luar.

A sentinela disse baixinho alguma cousa a Cobb, que, depois de alguma hesitação, concluiu, descansadamente:

—Bem. Por hoje, vá. Pode passar.

A perna ferida de Booth doía-lhe horrivelmente. Mas empolgava-lhe o espírito uma idéia dominante, que o fazia esquecer o sofrimento. Ele, John Wilkes Booth, acabara de lançar na confusão os planos e fantasias de vinte milhões de Nortistas, que já se regozijavam com as perspectivas da vitória. Tinha feito mais por sua pátria do que Jefferson Davis e Robert E. Lee.

Terça-feira, 25 de abril, meia-noite.

BOOTH TINHA estado deitado, durante horas, sobre uma pilha de feno, num celeiro da granja Garret, perto de Port Royal, Virgínia, sem haver conseguido conciliar o sono. No dia anterior procurara refúgio na granja apresentando-se como um soldado confederado ferido. Herold, que se reunira a ele, fora de Washington, na noite da fuga, se encontrava alí junto, a ressonar. Nunca, durante os últimos onze dias, sentira Booth tão duro, tão apertado o círculo de ferro da caça policial, nem

mesmo quando os soldados de cavalaria, no Maryland, estiveram a poucos passos do seu esconderijo num bosque. As autoridades tinham agora o traço dos seus movimentos alem do Rappahannock. Ainda naquela tarde, registara-se a presença da cavalaria federal nas imediações da granja Garret, e naquelas redondezas muitas pessoas sabiam onde se encontrava o fugitivo. Mas o mais amargo, para este, era que a fé com que acreditara, de modo tão decisivo, no esplendor do seu destino, vinha caindo aos pedaços.

Não teria jamais admitido que, ao longo do seu caminho, em busca de salvação, lhe faltasse o apoio, o auxílio dos simpatizantes do Sul. Aqueles, entretanto, a quem recorreu, recusaram-se a acolhê-lo, se bem que lhe fornecessem alimentação e jornais, e, conquanto contrafeitos, evitassem traí-lo.

Havia onze dias que Booth e Herold vinham realizando, em marcha lenta, sua furtiva peregrinação, rumo ao Sul. Escondiam-se em pântanos e moitas. Booth, quase sempre a arder em febre, movia-se penosamente, apoiando nas muletas que improvisara, o corpo batido de sofrimento e fadiga. A princípio, a perna quebrada, muito dolorida, não o deixara montar. Quando recobrou um pouco as forças, teve que matar o seu cavalo, e Herold fez o mesmo ao seu, receosos de uma possivel troca de relinchos, entre os seus e os animais da cavalaria de polícia.

Nos jornais leu Booth com desgosto como haviam corrido mal as cousas: a vida de Seward tinha sido salva por um colar de aço que os cirurgiões lhe puseram no pescoço, para apoiar-lhe convenientemente o maxilar fraturado. Nada encontrara a respeito do ataque de Surrat a Grant. Provavelmente o vagão, em que viajava o general, tinha guarda em excesso a protegê-lo.

Não deixava aliás de notar, no modo como se dera a sua fuga de Washington, certos fatos ou circunstâncias que pareciam fantásticos. Era incrivel a demora com que o governo dera início à ação policial. Como Surrat havia prometido, as linhas telegráficas, que partiam da cidade, estiveram interrompidas até duas horas depois de praticado o assassínio, quando, só então, se descobriu que os fios das baterias principais tinham sido inutilizados. Não seria mesmo de excluir que os misteriosos aliados de Surrat houvessem feito alguma cousa mais que neutralizar o telégrafo. Surrat havia recomendado a Booth que passasse pela Ponte do Arsenal de Marinha. E efetivamente as sentinelas lhe facilitaram a passagem, mediante a simples declaração do seu nome, e a alegação de um futil pretexto. Foi, até certo ponto, mais ou menos como se estivessem à sua espera.

Mas agora o que via Booth era todo o país, em frenesí, à cata dos criminosos. Alguns dos seus companheiros já haviam sido presos—Paine, Atzerodt, a mãe de Surrat. Pela captura dele, Booth, daria o governo um prêmio de 50 mil dólares.

Leu que homens, bastante imprudentes para emitir a opinião de que a Lincoln havia cabido a morte que merecia, tinham sido espancados e enforcados; que maltas desenfreadas davam caça, por toda a parte, a quem fosse sequer suspeito de ter simpatias pelo Sul; que os jornais divergentes de Lincoln haviam sido objeto de ataque e empastelamento. O Norte, cego de raiva, clamava por vingança e punição.

Não tendo o *National Intelligencer* publicado a proclamação que Booth lhe

enviara, encheu-se este de fúria, ao pensar que podiam julgá-lo um assassino comum. A 21 de abril escrevera no seu diário algumas linhas. Assim, se acaso o matassem, haveriam de encontrá-las, no referido diário:

> Estou sendo caçado como um lobo, através de bosques e banhados, tudo posto em campo contra mim. Porque? Por ter feito aquilo mesmo por que Bruto foi exaltado; aquilo mesmo que fez de Guilherme Tell um herói. Eu entretanto sou considerado um bandido vulgar. Não fui atrás de lucros pessoais; não me moveram razões de ordem privada. Agí pela minha pátria, e só por ela. Um povo esmagado por esta tirania ansiava por este fim, e contudo vejam agora as frias mãos que me estendem!

Todas as esperanças de Booth num ressurgimento da causa do Sul desvaneceram-se quando ele teve a notícia, a 24 de abril, de que o exército de Johnston, a última grande força confederada, se havia rendido a Sherman. Viu então que a morte de Lincoln não modificara coisa alguma—a não ser que agravara os rigores, por parte do Norte, quanto aos termos da paz, e fizera subir ao poder os elementos nortistas que se opunham à política de Lincoln, de moderação para com o Sul. Não só se malograram os seus propósitos de salvar o seu país, senão que a este causara um dano irreparavel. Afinal viu-se a si mesmo como o país o via: um desequilibrado e um homicida. E agora, alí, naqueles sombrios recessos da granja de Garret, sentia quase a soar, num cerco que se apertava mais e mais, a hora da expiação que se aproximava inexoravelmente. Sentia que para ele não havia perdão possivel, de tal modo estavam desencadeadas as forças do ódio e da vingança.

Quarta-feira, 26 de abril, 2 horas da madrugada.

De um sono mal dormido, Booth despertou em sobressalto. Sentiu que a pele se lhe arrepiava, ao perceber um ruido, como se na escuridão, do lado de fora, tivesse alguem apanhado um ramo seco. Logo depois uma imprecação em voz baixa, a que se seguiu, no mesmo tom, uma ordem de silêncio.

Era o fim.

Nunca se resignaria Booth a ser levado preso para Washington, com 20 milhões de pessoas a lhe pedirem a cabeça. A imagem que então viu passar, como um fantasma terrivel, diante dos olhos da imaginação, foi a do corpo de John Brown, amarrado, um capuz à cabeça, exposto, menos ao sol que à execração pública. Preferiria sem dúvida morrer logo, alí mesmo, lutando. Estirou o braço e tocou em Herold.

—Aí estão os homens, Daví, murmurou. —Estamos cercados.

As vozes do lado de fora já se faziam ouvir naturalmente, sem maiores precauções. Alguem bateu violentamente, com o pé, na porta do celeiro, ao que se seguiu a intimação:

—Apareça quem está aí! Avisamos que toda resistência será inutil. Abra a porta, e saia desarmado!

Os agentes policiais ficaram à espera. Ouviam vozes no interior do celeiro, mas não havia resposta às intimações, que reiteravam, exigindo rendição. Até que a porta se abriu, e surgiu apenas Herold que, ao cair nas mãos da polícia, entrou a chorar histericamente.

Uns paus secos, alí ao lado, começaram a arder, crepitando. À luz amarela das chamas, lobrigou Booth um pelotão de soldados, de pé, dispostos em círculo, e com as armas levantadas.

Reconheceu que chegara o seu último grande momento. Teria que portar-se à altura dele—como Macbeth, Hamlet, e Otelo.

O calor das chamas tornava-se insuportavel. Booth afastou-se, apoiado ainda nas muletas. Agora, não havia mais lugar para ter piedade de si mesmo. Antes morrer, já e já, a um golpe da própria mão que matou Lincoln e mudou o destino das nações, do que servir de pasto à vilania de uma corja de ianques.

Acariciou com a mão a superfície lisa da coronha da pistola. Nisto, veio de detrás um som metálico, que se não confundia certamente com a crepitação das chamas. Olhou, e deu com um cano de espingarda, que entrava através de um buraco aberto na parede. Nem mais um segundo a perder, sob pena de morrer em mãos profanas.

Encostou a pistola à cabeça, e súbito, ao som de um tiro, seu mundo desabou.*

Epílogo

Iniciado a 10 de maio, eis concluido o processo da grande conspiração. Os oito presos, a cabeça metida em sacos de pano grosso, algemados, aos pés cadeias de ferro de 30 quilos, foram alojados na velha penitenciária, situada em terrenos do Arsenal. Alem de Paine, Herold, Atzerodt e a mãe de Surrat, havia Edward Spangler, Samuel Arnold e Michael O'Laughlin, envolvidos no caso do rapto, e não no do homicídio; e Samuel A. Mudd, o médico do interior de Maryland que tratou a perna de Booth na primeira noite da fuga. John Surrat conseguira escapar-se para o Canadá.

A Comissão Militar, que dirigiu o processo, procurou marcar para sempre a Confederação como um desesperado movimento que incluira entre os seus planos tanto a rebelião quanto o assassínio. Assim o processo se converteu num processo do governo rebelde, e nomes como o de Jefferson Davis e outros líderes sulistas foram trazidos à tona das acusações e debates. Perderam-se muitos dias a decifrar códigos secretos, a esmerilhar atos de crueldade, por parte dos insurretos, para com prisioneiros, a tomar conhecimento de descrições de tentativas rebeldes no sentido de incendiar, pilhar, e contaminar com enfermidades as cidades do Norte. 265 testemunhas prestaram depoimento pró ou contra os oito presos. A nenhum destes porem, foi permitido articular palavra.

A 6 de julho, quatro dos acusados: —Spangler, Arnold, O'Laughlin e dr. Mudd—foram condenados a prisão com trabalhos forçados. A 7, cumpriu-se a sentença que coube aos outros quatro. Sob um sol abrasador, Atzerodt, Paine, Herold e a senhora Surrat foram postos em fila, e enforcados no pátio da prisão.

O corpo de John Wilkes Booth, embrulhado num cobertor de soldado, foi sepultado secretamente, em terra de um dos anexos do presídio. Em 1867 removeram-se os despojos do autor do crime do Teatro Ford para propriedade de sua família em Baltimore, onde ficaram a jazer num túmulo sem epitáfio.

*Nunca se apurou positivamente se Booth de fato se suicidou, ou foi morto por um tiro que Boston Corbett, membro da força que cercou o celeiro, declarou haver-lhe disparado. Uma cuidadosa investigação dos fatos e circunstâncias parece indicar como mais provavel a hipótese do suicídio.

Sub-contratos

Em cima—Linhas de montagem dos aviões bimotores, Beechcraft AT-11, inteiramente metálicos, para treino de bombardeio.

A pequena oficina mecânica que aquí se vê não teria podido, manifestamente, fornecer tôdas as peças que exigem as numerosas linhas de montagem da Beechcraft, algumas das quais se não mostram aqui.

Oficina Mecânica da Beechcraft

Em baixo—Linhas de montagem dos aviões bimotores de treino Beechcraft AT-10, inteiramente de contraplacado.

A Beechcraft inaugurou há dois anos a execução de um vasto programa de "sub-contratos," graças aos quais dúzias e dúzias de oficinas mecânicas, num período em que as "prioridades" de guerra ameaçavam paralisá-las, puderam manter-se em atividade normal de produção. Muitos sub-empreiteiros, tão ativos como dedicados, vieram assim consagrar à produção da Beechcraft uma área de produção que excede a área total de produção da Beechcraft. Tornou-se dêste modo possível transferir novas máquinas-ferramentas para muitas outras fábricas, e evitou-se que as condições anormais do tempo de guerra prejudicassem muitas empresas bem organizadas.

A experiência da Beechcraft demonstra que o sistema de "sub-contratos" é uma maneira eficiente e plástica de fomentar a produção.

Beech Aircraft

CORPORATION WICHITA, KANSAS, E. U. A.

OS BEECHCRAFT ESTÃO CUMPRINDO BEM SUA TAREFA!

CERTO ou ERRADO?

Verifique o seu conhecimento

1 Se reunissimos num só, todos os fios de barba de um homem, seria a sua espessura total de 2 mms?

ERRADO!—Seria de mais de um centímetro e meio! Não é para se admirar, pois, que barbear-se constitua sério problema!

2 A irritação da pele, depois da barba feita, póde ser causada pela presença de elementos irritantes no creme que usa?

CERTO!—Ácidos e alcalís livres tornam a pele irritada e flácida.

3 A côr de um creme para barbear é um índice de sua pureza?

CERTO!—Ingredientes de qualidade inferior, geralmente, tornam o creme dum cinzento desagradavel. Porém, isso póde ser disfarçado adicionando-se ao creme uma côr artificial, a qual, em si, póde constituir um irritante. Um creme puro para barbear, como é o Williams póde ser feito somente empregando-se ingredientes caros e da melhor qualidade.

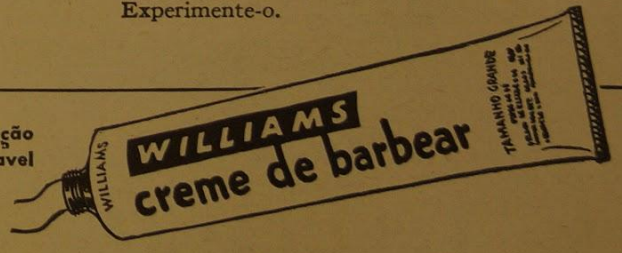
4 Tem o creme Williams um lubrificante especial que ajuda a lamina a deslisar suavemente sobre a pele, sem maguá-la?

CERTO!—Esse ingrediente tambem evita a distenção da pele, que se experimenta depois de se barbear.

5 O senhor póde fazer em casa, facilmente, um bom creme de barbear?

ERRADO!—A feitura de um bom creme de barbear exige grande perícia, contrôlo de laboratório, maquinária complexa e ingredientes de primeira qualidade. Quando o senhor compra o Creme de Barbear Williams, está se beneficiando com mais de 100 anos de experiências. Alvo, de espuma cremosa, suave, o Creme Williams permite-lhe barbear-se bem, sem irritar a pele. Experimente-o.

Não contem coloração artificial e é agradavel à pele.



★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★

Teto Zero . . . Visibilidade Zero!

EM meio da tempestade, em "vôo cego" por uma rota invisivel, este piloto confia nos instrumentos que governam o avião. Esses aparelhos exigem um *óleo especial,* que lhes assegure o perfeito funcionamento.

A um óleo "Gargoyle"— especialmente creado para manter inalteradas suas características, mesmo a temperaturas incrivelmente baixas,— coube resolver um problema vital para as Forças Aéreas que defendem as Américas. Agora que as peças são de dificil substituição, a defesa das máquinas que trabalham para as Américas é uma questão mais do que nunca relevante. Para resolver qualquer problema de lubrificação os industriais teem à disposição, garantidos pela experiência de 77 anos dos seus fabricantes— os óleos e graxas "Gargoyle" — mundialmente reconhecidos como os lubrificantes da mais alta qualidade.

GARGOYLE

EVITE O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

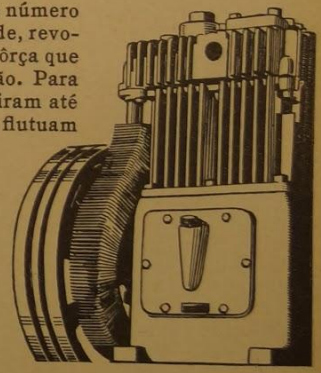
Aquí está o novo e original

SELETOR DE COMPRESSORES DE AR

GRATIS! Êste seletor indica em **UM MINUTO** o tamanho e tipo exatos de compressor de que V.S. precisa.

Basta graduar êste simples aparelho para ver claramente o número do modêlo de compressor de ar que necessita—a capacidade, revoluções por minuto, deslocamento dos pistões e cavalos de fôrça que o motor deve ter. Seleciona ràpidamente e com exatidão. Para aplicações de compressão a frio por água ou ar que requeiram até 2,3 metros cúbicos de deslocamento. As pressões de ar flutuam entre 21.000 e 175.000 quilos por metro quadrado. A Quincy Compressor Company fabrica *exclusivamente* compressores de ar. Esta especialização permite à Quincy fornecer compressores de ar de tipos e tamanhos exatos para qualquer uso.

Temos êste seletor de compressores de ar em português, espanhol e inglês. Mande-nos o cupom abaixo e lhe remeteremos o que V.S. indicar, GRATUITAMENTE.



Quincy
COMPRESSORS
SERVIÇO COMPLETO PARA QUALQUER RAMO INDUSTRIAL E DE LOCOMOÇÃO

(CUPOM)

Quincy Compressor Co., Export Dept. No. P-5 P.O. Box, 183 Springfield, Ill., E.U.A.—End. Tel. "FABEX" Queiram enviar-me, sem despesa para mim, um Seletor de compressores de ar impresso em português ☐; espanhol ☐; inglês ☐.

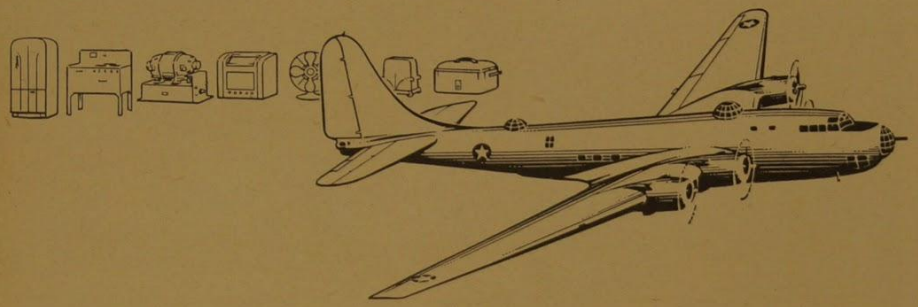
Nome.....

Firma.....

Endereço.....

Cidade..... País.....

¿Que Preferiria?



SE lhe pedissem que renunciasse ao uso dos inúmeros utensílios elétricos que tanto contribuem para a comodidade e conforto da vida moderna, para que os nossos valentes soldados tenham ao seu dispor todos os materiais elétricos necessários para os seus aviões de bombardeamento, tanques e navios—¿qual seria a sua resposta? Só poderia ser uma, tomando em consideração que êsses homens estão lutando para garantir os direitos fundamentais e as vantagens de que atualmente gozamos.

Porém, não nos é pedido um sacrifício extremo, pois se temos de passar sem um novo refrigerador, um novo aparelho de rádio ou um novo automóvel, a privação é de carater provisório.

Entratanto, em vez do aparelho de ràdiofonia que antes levava a sua casa os melhores programas mundiais, a Westinghouse fabrica atualmente o aparelho especial de rádio e aparelho automático para voar às cegas que são necessários para os aviões de bombardeamento das Nações Unidas....

E em vez do motor elétrico que antes fazia funcionar o seu refrigerador, a Westinghouse agora constrói o aparelho elétrico do govêrno que permite aos pilotos dêsses aviões levantar o trem de aterrissagem, ou mudar o passo do hélice, ou mover os lemes de altitude, ou abrir os alçapões para deixar cair as bombas....

Na verdade, o aperfeiçoamento da aparelhagem elétrica para os aviões de bombardeamento e a fabricação dêsses aparelhos em grandes quantidades, é um dos trabalhos a que nesta guerra os operários da Westinghouse se têm podido dedicar com todo o êxito—graças à condescendência dos nossos clientes em se privarem das comodidades que disfrutam em tempos de paz.

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY
40 Wall Street, Nova York, E. U. A.

ARTIGOS DA WESTINGHOUSE—Refrigeradores* ·Rádio-Receptores*·Fogões*·Esquentadores*· Ventoinhas* · Ferros de Engomar* · Lavadoras* · Máquinas de Engomar* · Aspiradores*· Acondicionamiento de Ar · Refrigeração Comercial · Lâmpadas e Material Iluminante· Comutadores e Tomadas · Ascensores · Material de Raios X · Contadores · Relais · Pára-Raios · Interruptores de Circuitos · Geradores · Turbinas a Vapor · Motores · Transformadores · Isoladores · Rectificadores · Material de Transporte · Soldagem a Autogêneo.

**Não serão fabricados enquanto durar a guerra.*

A EMISSORA WESTINGHOUSE DE ONDA CURTA WBOS, Boston E.U.A. irradia noticias mundiais 16 vezes por dia em 8 idiomas. 15.210 Kc. (19, 7M) até às 4:57 da tarde é 11,870 Kc. (25,3M.) até à 1:10 da manhã: Hora de Nova York.

Westinghouse
ESTABELECIDA EM 1886

A *Pena* É MAIS FORTE QUE A *Espada*

Sob os 21 estandartes . . .
a única caneta garantida para sempre

De norte a sul, não há na América outra caneta como a Eversharp. A Alimentação Mágica evita que no avião, a grandes altitudes—e ao nível da terra também—a tinta derrame. A caneta escreve instantanea e suavemente—até à última gota de tinta.

E a Lapiseira de Repetição Eversharp dispara bicos novos—como uma metralhadora—quando o senhor precisa dêles. Basta oprimir no *Botão Mágico*—clique!—e instantaneamente sai um bico novo.

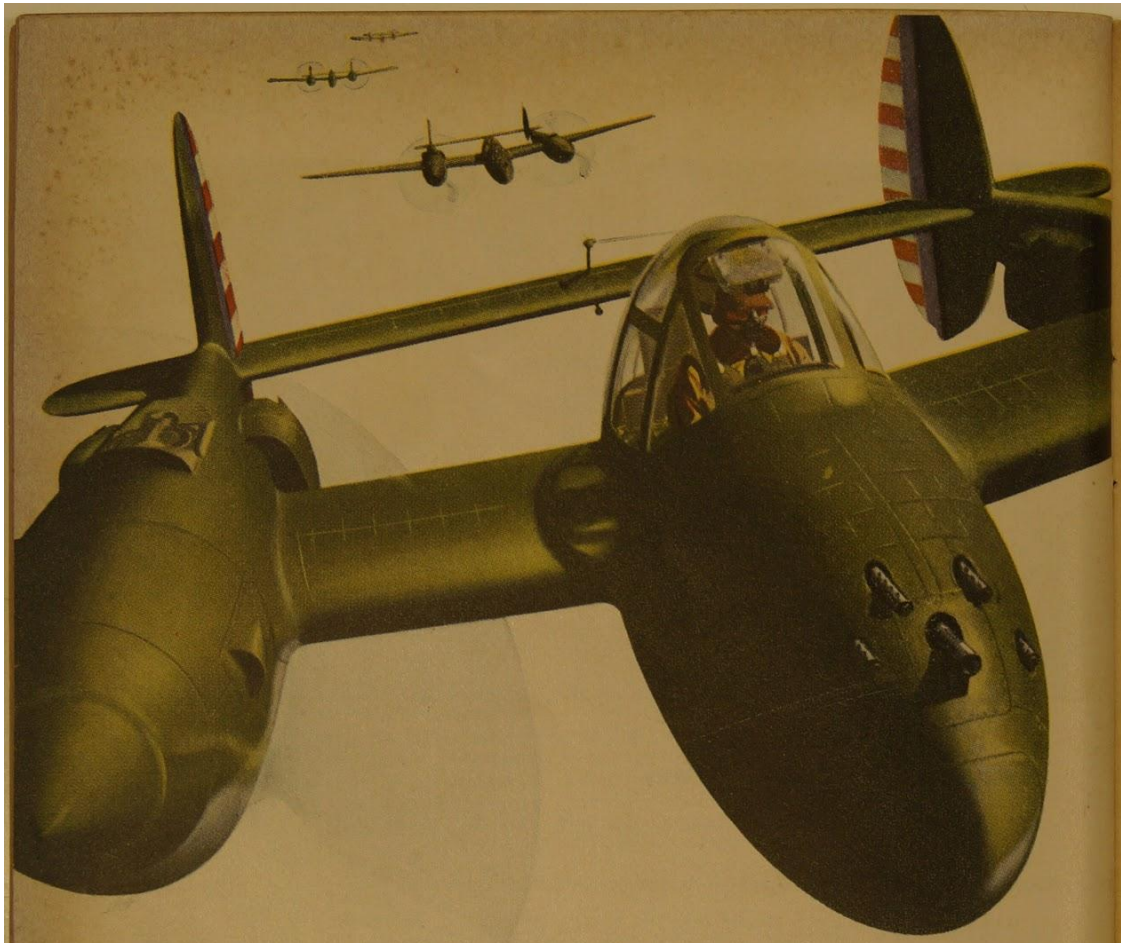
Dê Eversharp e Dará o Melhor!

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.N.

EVERSHARP
CANETAS "SKYLINE"

O Serviço de Consêrto de Canetas e Lapiseiras de Repetição Eversharp—identificadas pela marca dupla ✓✓ no gancho—é garantido—não por anos—não por vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE.

E LAPISEIRAS DE REPETIÇÃO



Um Adversário Formidavel

Fogo *concentrado*... uma descarga demolidora de canhões o metralhadoras... que parte do armamento agrupado num só ponto—e inexoravelmente dirigido ao alvo.

Esse tipo de fogo é o que torna o avião de combate um adversário formidavel. E o armamento do Lockheed P-38 "Lightning" tem por objetivo concentrar o máximo de fogo... armas que são parte integrante do próprio avião—e não montadas ulteriormente nele.

Esse tiroteio se mantem sempre concentrado... desde o disparo das balas até que acertam no alvo, seja qual for a distância... porque partem da proa livre da carlinga... E como se fora um machado de combate, pois que pode cortar a asa a um Messerschmitt... ou reduzir a pedaços um "Zero" japonês... a chumbo e explosivos... e isso é mais um motivo por que um avião destinado a princípio à intercepção defensiva, desempenha tão bem agora a sua nova missão oficial de avião de caça. Lockheed Aircraft Corporation... Vega Aircraft Corporation... Burbank, Califórnia, E.U.A.

COM *Lockheed* SEMPRE NA VANGUARDA...

Não é preciso fazer fôrça!

USANDO ÊSTE COMPOSTO

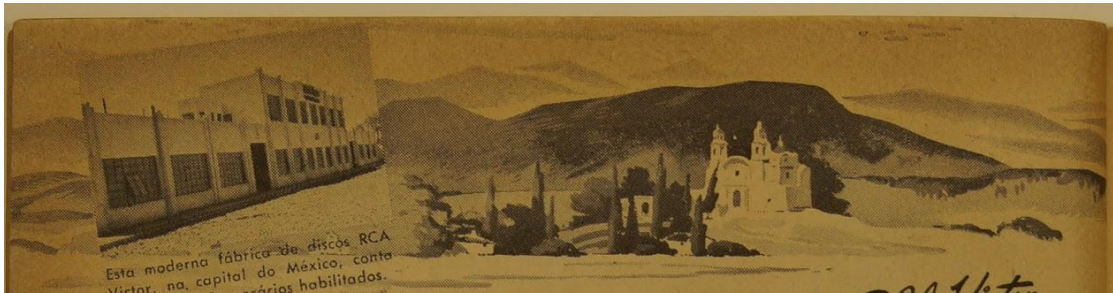
—é facílimo bater bolos!

A Sra. ficará surpresa ao verificar como é fácil bater bolos usando o Composto «A Patrôa». Isso porque o Composto «A Patrôa» já vem batido duas vezes! E por ser facílimo e rápido de desmanchar, torna a massa sempre uniforme e os bolos ficam leves e fôfos. O puríssimo Composto «A Patrôa» afasta os «desastres» de massas pesadas, encaroçadas, empastadas e cheias de bôlhas. Experimente-o, também, para fazer ótimas frituras sêcas e leves, mais digeríveis e saudáveis. E note: por não conter umidade, o Composto «A Patrôa» é até 25% mais econômico!

COMPOSTO *A Patrôa*

É UM PRODUTO SWIFT

• *Para frituras, saladas e maionesas, use sòmente* **Óleo «A Patrôa»**



Esta moderna fábrica de discos RCA Victor, na capital do México, conta cerca de 200 operários habilitados.

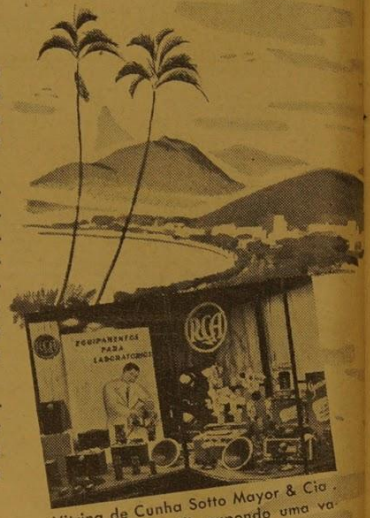
Contam-se 10.000 Latino-Americanos na Família RCA Victor

Para prover a América Latina com a vasta quantidade de equipamento RCA que utiliza, requer-se o trabalho e perícia de milhares de pessoas em todos os países da América Latina.

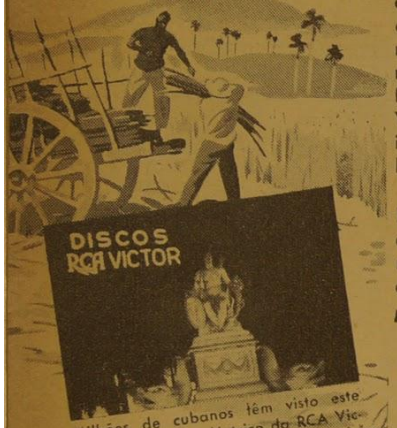
De Havana ao Cabo Horn, concessionários e comerciantes, vendedores e mecânicos, artistas e locutores, operários e gerentes—todos homens livres—emprestam os seus esforços e experiência ao êxito da RCA Victor. Hoje, esse trabalho está sendo inteiramente dedicado à causa da liberdade.

A essas 10.000 pessoas, e aos milhões de seus clientes, a RCA Victor deve a sua liderança nos campos do rádio, da cinematografia e da música em discos.

RCA Victor—A Voz do Novo Mundo—Livre e Unido



Vitrina de Cunha Sotto Mayor & Cia., São Paulo (Brasil), expondo uma variedade de produtos RCA Victor.



Milhões de cubanos têm visto este enorme anúncio eléctrico da RCA Victor, no centro de Havana, onde foi construído por Humara e Lastra.

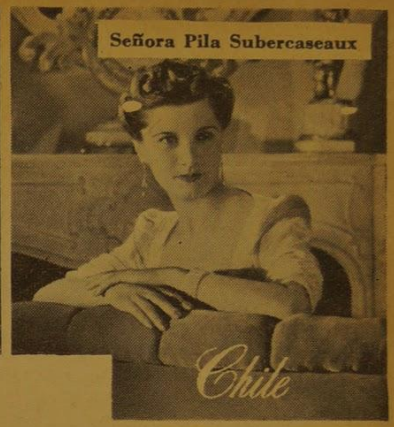
RCA VICTOR

RCA MANUFACTURING COMPANY, INC.
Camden, New Jersey, E. U. A.

RCA Victor Brasileira • Caixa Postal 2726
Rio de Janeiro, Brasil

Oficina de marcenaria da RCA Victor Argentina, em Buenos Aires. Aí trabalham 755 pessoas.

Time de bola-ao-cesto, organizado entre os operários de E. A. Velasco, concessionário da RCA Victor em Barranquilla (Colômbia).



Impera a Beleza na América do Sul!

Graciosas figuras do Brasil, da Argentina e do Chile — simbolizando a beleza da mulher sul-americana!

DONA Noêmia Prado Rubião, nome dos mais distintos da sociedade brasileira; Señorita Ana Rosa Martinez Guerrero, destacada figura dos meios sociais da Argentina e Señora Pila Subercaseaux, formosa dama da elite chilena, tôdas observam o mesmo tratamento de beleza dos 2 Cremes Pond's. Ei-lo:

1. *Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no pescoço. Retire-o. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.*
2. *Antes de fazer a «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que, além de proteger a cútis contra a ação do sol e do vento, conserva o pó de arroz horas seguidas.*

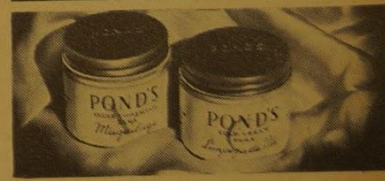
AMOSTRA GRÁTIS: Queira enviar-nos o coupon acompanhado de 1$000 para as despesas de remessa de uma amostra grátis dos 2 Cremes Pond's.

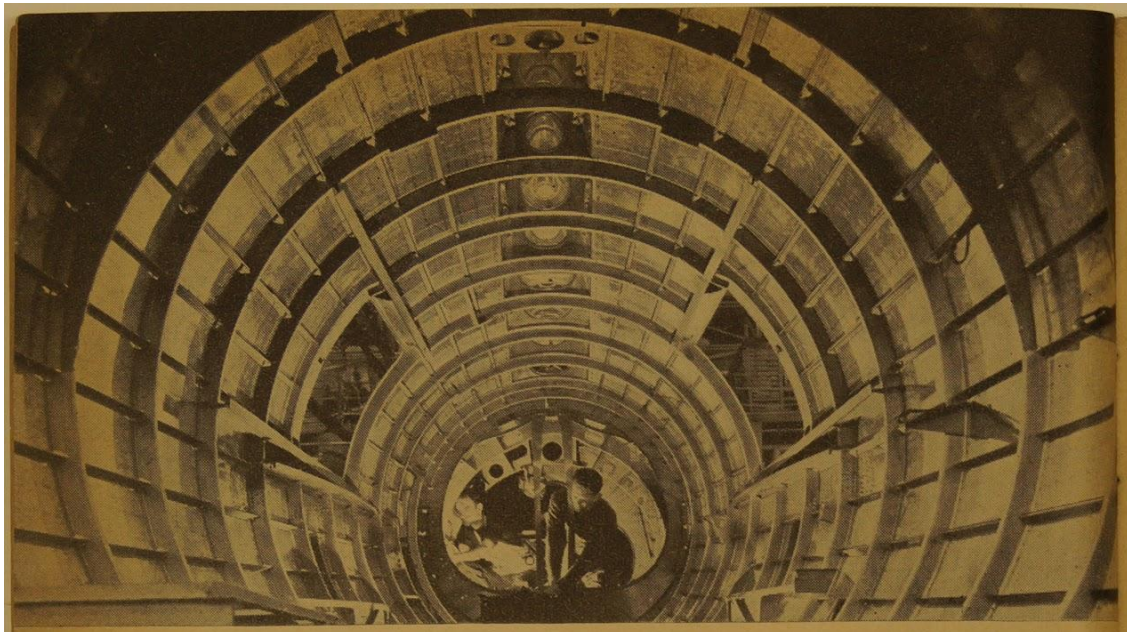
JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL,
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo 2-JJJJ-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....





História Íntima

O LEITOR está vendo o interior em construção da fuselagem de uma arma de alta potencialidade —a Fortaleza Voadora. (*)

Aquí se vê o modo por que são rebitados, numa compacta estructura, as vigas e suportes, os tabiques e as chapas de brilhante alumínio.

Numa Fortaleza Voadora entram mais de 30.000 peças diferentes (contando-se as duplicatas, há várias centenas de milhares de peças de metal). No projeto, criação e produção rápida desses gigantes do ar estão associados muitos e diversos tipos de técnicos.

Por exemplo: os engenheiros mecânicos da Boeing desenham as armações—complicados e precisos moldes, que servem para montar as peças da Fortaleza... Técnicos em instrumentos desenham e adaptam as ferramentas e máquinas ao trabalho especial do fabrico em massa das peças... Especialistas em produção buscam maneiras novas de produzir melhores Fortalezas, e mais *rapidamente*... Técnicos em estrutura estudam os problemas de redução do peso e aumento da resistência do avião... Peritos em aerodinâmica estudam os problemas das asas, cauda, hélices e de todo o avião... Engenheiros eletricistas trabalham para aumentar a energia, a velocidade, a eficiência e a capacidade de ascenção de cada avião...

Estes e ainda outros técnicos entram na construção da estructura básica de um Boeing. Mas, para tornar a Fortaleza uma rápida e eficiente câmara de trabalho para nove homens que têm uma missão, exigem-se outros tipos de técnicos: em rádio, química, hidráulica, acústica, vibração, aquecimento, ventilação e eletricidade.

No departamento de engenharia da Boeing, mais de 2.000 homens estão hoje constantemente trabalhando em projetos. O seu trabalho é desenhar e ajudar a construir todas as sortes de estruturas de metal mais leves—desde uma asa de aeroplano até o sistema sobre-voltor para os freios hidráulicos. E hoje, tambem, os técnicos de aeródromos da Boeing estão em serviço onde quer que voem as suas Fortalezas—na Ásia, África, Inglaterra, Austrália. A sua tarefa é manter os grandes Boeing em vôo—altíssimas, velozes *e frequentemente.*

Variedade múltipla dos técnicos... Perfeição dos projetos... Economia na produção... Larga experiência de pesquisa...são essas as qualidades que a Boeing está empregando na construção dos bombardeiros, aviões de treino, e hidro-aviões—para as forças aéreas dos Aliados.

CRIADORES DA FORTALEZA VOADORA
DO STRATOLINER • DOS CLÍPERES PAN-AMERICANOS

*O NOME "FORTALEZA VOADORA" É PROPRIEDADE DA BOEING, DEVIDAMENTE REGSITADA.

BOEING

A MULHER VOLTA A SER FEMININA

Os franzidos e babados estão ficando de novo na moda.

Mas V. S. não precisa passar horas inteiras fazendo-os a mão, como o fez a Vovó em tempos de antanho. A Singer lhe ensinará a franzir e bordar, e a pregar sutaches com a sua própria máquina de costura.

Vá sem demora a uma loja Singer!

• • •

A sua máquina está funcionando bem? Onde quer que veja o "S" vermelho encontrará as legítimas agulhas Singer, óleo, correias, peças de reparação, acessórios, e o serviço de mecânicos peritos. Chame à sua casa o representante da Singer que lhe proporcionará um serviço completo.

ANN SOTHERN *põe uma delicada franja e um laço num vestido branco bordado de margaridas. Brevemente vê-la-emos num novo filme: "Lourinha do Panamá."*

Copyright U.S.A., 1942, by Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

Corre rápida como um gatinho . . .

para a escrita suave

NA AMÉRICA DO NORTE este gatinho branco é o emblema do que há de mais fino em *Tintas para Caneta-Tinteiro, de Escrita Instantânea, Secagem Rápida, e Suave Eflúvio.*

Não é de admirar—são as famosas Tintas Carter! Fabricadas pela Carter's Ink Company, uma das mais antigas da América, essas tintas há muitos anos vêm gozando de reputação mundial.

As superiores Tintas Carter ainda hoje se encontram disponiveis nas papelarias de todas as Américas, em quantidades suficientes para manter seus preços extremamente favoraveis, não obstante a sua alta qualidade.

• *Acham-se à venda em um sortimento completo de lindos e intensos matizes que não se desvanecem nem cansam a vista.*

Tintas Carter

As mais Finas para Canetas-Tinteiro

Vencedor Contra a Superioridade Numérica

BERNARDO O'HIGGINS, herói da luta pela Independência no Chile, de tal modo entusiasmou o seu exército em Chacabuco, que bateu forças superiores e ganhou uma batalha decisiva. Mais tarde, O'Higgins era o fundador da primeira marinha de guerra da América Latina, quando organizou o seu esquadrão do Chile para ajudar o grande general San Martín na sua luta pela libertação do Perú.

Homens como êste, cujas vidas foram dedicadas à independência dos povos da América Latina, são exemplos brilhantes de abnegação por uma grande causa. Hoje, os latino-americanos proeminentes na medicina, ciência, ensino e indústria, vêem-se forçados a prescindir de novos instrumentos óticos de alta qualidade de Bausch & Lomb, para que as Nações Unidas possam dispor de tôda a produção dos instrumentos Bausch & Lomb para a sua luta pela liberdade. Os sacrifícios pessoais que estão fazendo, incitados pela benevolente apreciação da contribuição de Bausch & Lomb para a guerra, mantêm-se em conformidade com as verdadeiras tradições da América Latina.

Contudo, ainda podemos fornecer as lentes de precisão Bausch & Lomb para óculos. Os instrumentos óticos, porém, estão sujeitos a inevitáveis demoras.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL CO. • ROCHESTER, N. Y., E. U. A.

FUNDADA EM 1853

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

AS CANETAS TINTEIRO ESTERBROOK TAMBEM VÃO PARA A *GUERRA!*

As nossas forças de ar, terra e mar estão usando quantidades tão grandes de Canetas Tinteiro Esterbrook, que nos é impossivel atender a todas as necessidades civis. A Esterbrook espera a vossa compreensão e paciencia durante esta emergencia.

42-4

Esterbrook CAMDEN NEW JERSEY, E. U. A.

COMO VAI SEU NEGÓCIO—

AGORA MESMO?

PARA explorar com proveito qualquer negócio, V. S. deve pôr-se em condições de verificar a qualquer momento quanto dinheiro está entrando em caixa, e de onde provém êle. Deve igualmente saber, a todo e qualquer momento, quanto está desembolsando, e para onde vai o dinheiro.

Há mais de 55 anos que as Caixas Registradoras e as Máquinas de Contabilidade National vêm fornecendo cifras comerciais corretas aos homens de negócios do Brasil. Banqueiros, mercadores, lojistas e produtores habituaram-se a confiar no contrôle que essas máquinas registradoras e de contabilidade lhes asseguram sôbre os fundos entrados e saídos. Todos êles sabem que êsse contrôle é a única maneira de conseguir realizar os lucros a que têm direito.

A todos os negócios — os grandes como os pequenos — estão os representantes desta companhia habilitados a oferecer técnicos e recomendações, para mais proveitosa e eficiente operação.

National

Caixas Registradoras National, S. A.

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Araraquara, São Paulo
Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curityba, Paraná
Fortaleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

Medalhas com certo dom de profecia

AQUÍ temos algumas das medalhas que têm sido conferidas aos homens de ciência associados aos Laboratórios Kodak de Pesquisa, em Róchester (Nova York). Mostramo-las aquí, não para dar relêvo a um passado glorioso, mas porque elas confirmam certo dom de profecia. . . .

Dos trabalhos originais de pesquisa e obra científica que elas testemunham, resultaram até hoje descobertas e inovações que de muitas maneiras têm enriquecido a nossa existência . . . desde o simples retratinho dum ente querido até ao derradeiro grande filme que acabamos de ver, impecável no seu registo de imagens e sons.

Os mais recentes progressos da fotografia, fruto dos esforços coordenados dêsses homens, estendem-se desde o filme e a fotografia de amadores que captam as maravilhosas côres da natureza, até a "fotografia ultra-rápida" que nos mostra prodígios que o ôlho humano nunca poderia aperceber; desde a aerofotografia, que auxilia o homen a abraçar do alto a Terra em que vive, até as chapas astronômicas que ajudam os observatórios a promover o conhecimento mais minucioso do nosso Universo.

Quem poderia dizer quanta felicidade essas contribuições originam; ou em que dia, ou noite, poderão elas contribuir para que novos descobrimentos modifiquem radicalmente os moldes do nosso pensamento, conduzindo-nos a um mundo novo e melhor. . . .

E embora as grandes fábricas e laboratórios da Kodak estejam hoje empenhados em trabalhar só pela vitória, nunca o trabalho neles realizado foi de tão alta significação para o futuro!

Medalha Edward Longstreth
Franklin Institute

Medalha Adolph Lomb
Optical Society
of America

Medalha do Progresso
Royal Photographic Society (1913)

Medalha Hurter e Driffield
Royal Photographic Society

Medalha do Progresso
Royal Photographic Society (1928)

Medalha Janssen
Société Française de Photographie

Medalha Trueman Wood
Royal Society of Arts

Medalha do Progresso
Society of Motion Picture
Engineers (1939)

Medalha do Ouro
American Institute
of Chemists

Medalha Niépce Daguerre
Société Française
de Photographie

Medalha Henry Draper
National Academy of Sciences

Medalha do Progresso
Society of Motion Picture
Engineers (1936)

Medalha Adelskold
Photographic Society of Stockholm

Medalha Nichols
New York Section,
American Chemical Society

Medalha do Ouro
Photographic Society
of Vienna

Medalha Henderson
London and Provincial
Photographic Association

Medalha John Scott
City of Philadelphia

KODAK

. . . a fotografia
ao serviço do
progresso humano

*Primeiro de uma série
de anúncios*

1917....

"...As granadas inimigas destruiram os nossos fios... É impossível estabelecer comunicações com os nossos postos avançados."

1942....

"Atenção... Esquadrilha aérea 46.. Ataquem imediatamente as baterias no cêrro B ao Léste ... Comuniquem constantemente o progresso do assalto..."

O RÁDIO OFERECE AÇÃO SEGURA E INSTANTANEA

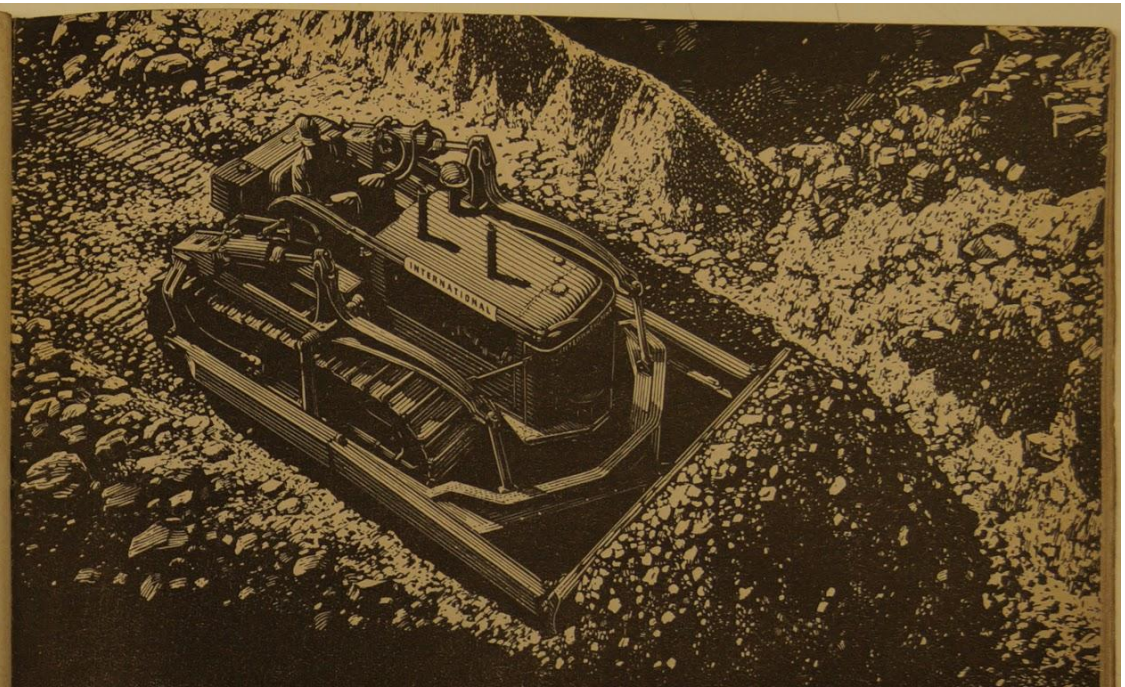
... tanto nas comunicações de guerra das quais pode depender a sorte de muitas vidas e mesmo de nações inteiras... como para nos trazer ao próprio lar aquilo que nos interessa e deleita... os boletins mais recentes da frente... os acordes de uma música preferida... as passagens gloriosas de uma ópera ou os comentários reveladores de um orador... seja das estações locais ou das grandes difusoras mundiais.

Os instrumentos Zenith de onda curta e onda comprida têm demonstrado por muitos anos de uso debaixo de tôdas as condições atmosféricas que proporcionam uma recepção sem igual e uma tonalidade de superior fidelidade.

Hoje, Zenith serve a causa da Liberdade, pois sua produção completa é destinada aos valorosos exércitos das Nações Unidas.

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

Agentes em tôdas as cidades principais



Na Guerra ou na Paz... É Preciso Abrir Estradas!

ESTRANHAS cargas estão passando hoje por essas estradas! Ao lado dos inofensivos caminhões do tempo de paz, rodam os mais possantes engenhos de guerra! Tanques, artilharia... Homens de guerra e suas máquinas de guerra avançam interminavelmente.

As estradas foram sempre de importância capital para o bem-estar de qualquer nação, mas hoje *o seu valor dobrou e triplicou!* A ordem é—depressa e sempre mais depressa! "É urgente que êste material chegue a destino!" E as estradas e rodovias carregam com a maior parte dessa carga.

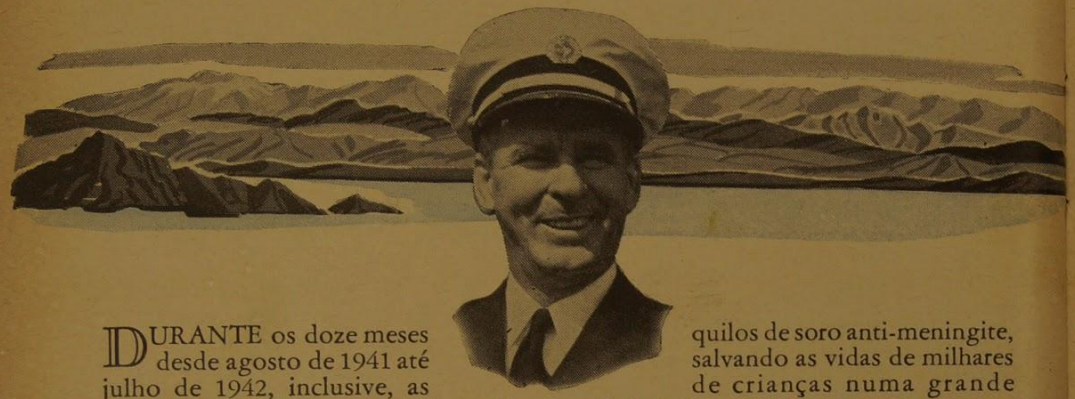
A International Harvester se orgulha do papel que os TracTracTores International vêm desempenhando no desenvolvimento rodoviário. Por tôda parte do mundo,—funcionando sob as mais árduas condições de trabalho, os Diesel International se encarregam *de levar as estradas ao seu destino!* Rebocam carroções cuja capacidade chega a 14 jardas; afeiçoam declives, nivelam e arrazam barreiras com os seus "bulldozers" e "bullgraders" de enormes lâminas; arrastam grandes rasgadoras, e executam grande número de outras pesadas tarefas. Sejam quais forem as exigências de potência, os Diesel International solucionam o problema com funcionamento econômico, robustez e segurança.

Em tempos como o presente, em que a guerra impõe limitações à produção para usos civis, é de importância decisiva que os TracTracTores, tanto os novos quanto os velhos, se mantenham a funcionar ao máximo do rendimento. O representante da Potência Industrial International na sua localidade dispõe de serviços competentes de reparação, para proteger e conservar o seu TracTracTor.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.

INTERNATIONAL HARVESTER

Um Relatório para os Povos da América Latina



DURANTE os doze meses desde agosto de 1941 até julho de 1942, inclusive, as operações da Pan American na América Latina foram realizadas contra o fundo de uma Guerra Mundial. Não há dúvida que sob muitos aspectos foi isso um obstáculo. No entanto, os Clippers Latino-Americanos realizaram durante esse período as seguintes proezas nunca antes realizadas:—

1. Os Clippers da Pan American voaram um total de 36.850.927 quilômetros no serviço da América Latina . . . (Isso equivale a mais de novecentas e dezeseis vezes ao redor do mundo, *no equador*.)

2. Os Clippers transportaram 389.000 passageiros.

3. Transportaram 1.272.477 quilos de correio aéreo.

4. Transportaram 4.240.080 quilos de carga de expresso aéreo.

Entre os envios de carga de importância extraordinária foi a entrega de 906 quilos de soro anti-meningite, salvando as vidas de milhares de crianças numa grande cidade latino-americana.

A Pan American Airways e as suas companhias filiadas teriam desejado fazer consideravelmente mais salientes do que foram as proezas acima lembradas... No futuro *as faremos mais salientes*.

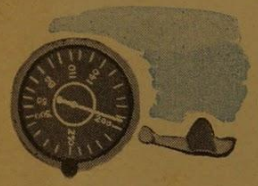
* * *

No entanto, cumpre-nos dar testemunho aquí da nossa gratidão aos homens e mulheres da América Latina, a vós que tivéreis a visão e o espírito de progresso para voar e usar o transporte aéreo.

A vossa clientela e o vosso interesse nos transportes aéreos nos permitiram continuar trabalhando para a realização do nosso duplo objetivo: Primeiro, fornecer um Serviço Aéreo Internacional para todo o hemisfério ocidental; Segundo, concorrer em favor de todos os países latino-americanos para o desenvolvimento das suas próprias linhas aéreas nacionais. Nesta exploração aperfeiçoámos, estendemos e encetámos muitos rumos de travessia aérea durante este período de 12 meses.

Por exemplo, neste mesmo período a Pan American fez mais de 16.000 quilômetros de ampliações de rumo, indispensaveis para a defesa hemisférica. Fizemos estas ampliações em muitos casos sem podermos aumentar o número de aeroplanos (por não serem obtiveis).

E foi o *povo da América Latina* que fez possivel esta realização. Quando as vossas viagens foram suspensas, ou quando não se dispunha de assentos, tinheis cabal compreensão em muitos casos das dificuldades com que tinhamos de lutar recentemente nestas operações.



Desde o começo da aviação latino-americana o vosso concurso para apoiar os nossos esforços fez possivel o sucesso. A vossa cooperação nos permitiu aumentar consideravelmente as velocidades das viagens aéreas. O vosso patrocínio fez com que pudéssemos melhorar constantemente os aeródromos e as estações radiotelegráficas e meteorológicas.

Estes atos de cooperação nos vôos são raramente observados pelos passageiros, mas concorrem muitíssimo para o sucesso das operações e das tripulações de vôo dos nossos Clippers. Mantendo-se em contacto constante com as estações rádio-telegráficas ao longo do seu percurso, os tripulantes de vôo conhecem a natureza exata do estado atmosférico próximo.

Graças a vós, e as boas palavras que falareis em nosso favor, mais e mais pessoas, em todas as esferas da vida, encontram soluções para os problemas dos negócios, da ciência, da política e mesmo da guerra, na magia do transporte aéreo.

Agora muitos de vós compreendeis que vivemos num mundo aéreo. E pelo vosso patrocínio das nossas facilidades impedireis que os meios de transporte da vossa Nação fossem limitados à terra e à água.

Atualmente, quando as vossas necessidades de transporte aéreo é talvez maior do que nunca, o vosso concurso ulterior tambem é necessário . . . Visto como vivemos num mundo em guerra, poderá ser pedido de vós que sacrifiqueis a vossa comodidade para nos permitirdes fazer o uso mais eficaz dos nossos aparelhos. Nós por nosso turno envidaremos os nossos máximos esforços para prover um serviço para todos os fins normais até o máximo das nossas facilidades atuais.

* * *

Há uma promessa que desejariamos fazer para o futuro. *Quando a guerra tiver sido ganha para as Nações Unidas, o serviço da Pan American para as vinte Repúblicas Latino-Americanas ultrapassará muito—quanto a velocidade e frequência—à qualquer coisa conhecida hoje em dia.*

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .
Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cía Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

Cadetes do Ar Recebendo As Insignias

HOMENS com ASAS ganharão a PAZ

A atividade construtiva da América é, presentemente, a maior fôrça que o mundo já conheceu ao serviço da paz e da prosperidade.

É uma gigantesca indústria aeronáutica que hoje marcha a passos de gigante na produção em massa. São milhares de jovens americanos apaixonados pela Aviação, que estão ganhando as suas "asas" de pilotos militares.

Nenhum serviço maior poderia ser prestado a qualquer povo: Pois à medida que a guerra progride, torna-se de dia para dia mais evidente que o curso futuro da História dependerá da supremacia no ar.

Essa supremacia, destinada a precipitar o dia da Vitória Aliada, prolongar-se-á para servir uma nova era da Aviação, na qual o comércio e as relações amistosas entre as Américas se estreitarão e desenvolverão mais do que nunca.

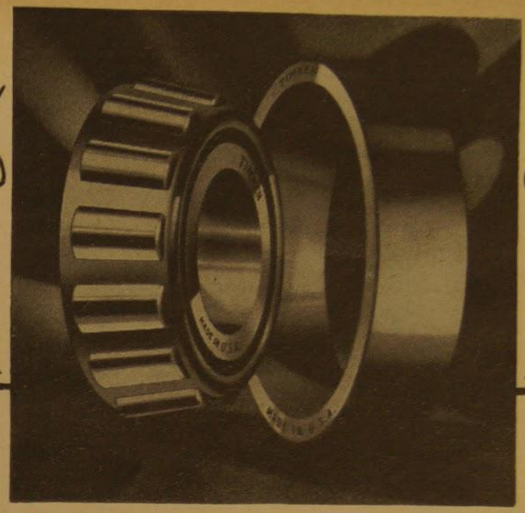
Como parte integrante dessa grande Indústria Aeronáutica Americana, a Bell Aircraft está agora construindo o Airacobra P-39 para o Exército — um dos aviões monomotores de combate mais mortíferos do mundo. E estamos esperando ansiosamente aqueles dias melhores — os dias em que poderemos concentrar nossas energias, nossa perícia técnica, nossas facilidades de produção em massa, e a nossa mão-de-obra experiente — no fabrico de novos aviões para o mundo da Paz. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, N. Y., E. U. A.

Airacobras para a vitória —

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR



As Chumaceiras TIMKEN

São Superiores Onde Quer que se Usem Eixos e Rodas

A SUPERIORIDADE de ação das Chumaceiras cônicas de rolamento Timken nos maquinismos de qualquer tipo tornou-as mundialmente preferidas durante mais de quatro décadas.

As Chumaceiras Timken desenvolveram-se paralelamente ao automovel e hoje uns 90% de todas as marcas de automoveis e caminhões têm os seus motores equipados com Chumaceiras Timken.

De igual modo, as Chumaceiras Timken predominam em todo o equipamento industrial—desde as máquinas-ferramentas de precisão, até as grandes rotativas de aço; nos vagões de passageiros das estradas-de-ferro, locomotivas e trens aerodinâmicos; nos implementos das fazendas—inclusive os tratores.

As Chumaceiras são de importância vital para qualquer máquina. Procure as Chumaceiras cônicas de rolamento Timken quando tiver de comprá-las—e terá assim as melhores chumaceiras que há no mundo.

The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E.U.A.

A SUA SAÚDE DECLINA?

Recorra sem demora ao seu médico

QUANDO sinta declinar a sua saúde—e não saiba porque—recorra sem demora ao seu médico. Êle procurará a causa e lhe receitará o tratamento Recuperar-lhe a saúde é para o médico um triunfo pessoal.

Não espere sentir-se doente para o consultar. Faça-o ainda quando a saúde lhe sorrir. O seu médico é seu amigo.

Mas suponhamos que ontem à noite o sr. comeu mais do que de costume—um lauto banquete, pratos suculentos—talvez um tanto pesados—alguns copos e charutos fortes. E hoje sente indigestão, azedume, prisão de ventre, dôr de cabeça. —*Desde já, o sr. conhece a causa.*

O Leite de Magnesia Phillips lhe pode fazer muito bem, pois neutraliza ràpidamente a hiperacidez, e, laxando suavemente, combate a indigestão e a prisão de ventre. Milhares de pessoas o tomam com bom êxito, porque não o sr. também?

Leite de Magnesia

PHILLIPS

Regula as vias digestivas

AS AMÉRICAS UNIDAS . . . UNIDAS VENCERÃO

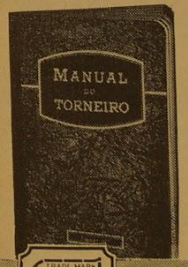
Hoje em Dia V.S. Precisa de Velocidade em Sua Oficina

Agora, mais do que nunca, V.S. precisa de máquinas em sua oficina que produzam mais em menos tempo. Os tornos South Bend teem a velocidade, a facilidade de operação e o esmêro que proporcionam o alto rendimento indispensável para satisfazer as necessidades urgentes dos tempos atuais. A sua grande série de velocidades de haste permite que se torneie com a máxima eficiência das ferramentas de cortar. Controles dispostos convenientemente e avanços mecânicos tornam fácil a operação do tôrno reduzindo a fadiga do operário. A sua exatidão inquestionável assegura uma precisão uniforme em todas as espécies de trabalhos.

Os tornos South Bend são fabricados em cinco tamanhos: 9″ a 16″ de diâmetro torneável, nos tipos Oficina de Ferramenteiro e Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida. Escreva pedindo o nosso catálogo e o nome do nosso distribuidor mais próximo. Queira indicar se deseja o catálogo em Português, Espanhol ou Inglês.

"MANUAL DO TORNEIRO"
em Português-Espanhol-Inglês-Francês

Um livro sôbre o funcionamento e a conservação de tornos mecânicos. Consiste de 128 páginas de 13 cms. x 20 cms., contém 360 ilustrações. Êste manual será enviado para qualquer endereço, com porte pago, após o recebimento de 3$000 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado.



SOUTH BEND LATHE WORKS

Fabricantes de Tornos Há 36 Anos

Dept. 782, South Bend, Indiana, E. U. A.

TER FÉ

A Fé é o maior bem do indivíduo, da empresa ou da nação.

Os homens que edificaram as nossas nações do Novo Mundo, e as fizeram prosperar através dos mais negros dias da sua história, eram homens de inabalavel Fé no futuro.

Homens de coragem, avançaram intrepidamente, a despeito de todos os riscos e infortúnios; homens de larga visão, olharam sempre para a frente, nunca ao passado.

O Cristianismo, a maior de quantas instituições o mundo já conheceu, foi fundado por doze homens de limitada cultura e parcos recursos, mas que tinham tesouros de Fé e divina inspiração.

Nestes dias angustiosos, robusteçamos nossa Fé; fé na Providência, fé no poder do Cristianismo; fé na capacidade de nossos governantes; fé nos organismos oficiais e em todos os homens das nossas forças armadas; e fé em nós próprios.

Como disse Whittier, o poeta: «Caminha a Fé sobre o vácuo aparente, mas sob ele encontra sempre a rocha firme.»

Na crise que hoje o mundo atravessa, o «vácuo aparente,» deixará de existir quando nos precatarmos de que, sob a nossa causa, se encontra a rocha firme.

O poder de visão, que é essencial ao pensar claro; o bom-senso, necessário às sábias decisões; a coragem das convicções apoiadas em fatos, não em fantasias; e o espírito criador da Fé, oposto às forças dissolventes da dúvida, preservarão as instituições cristãs da nossa sociedade, e nos farão ganhar a guerra.

Thos. J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

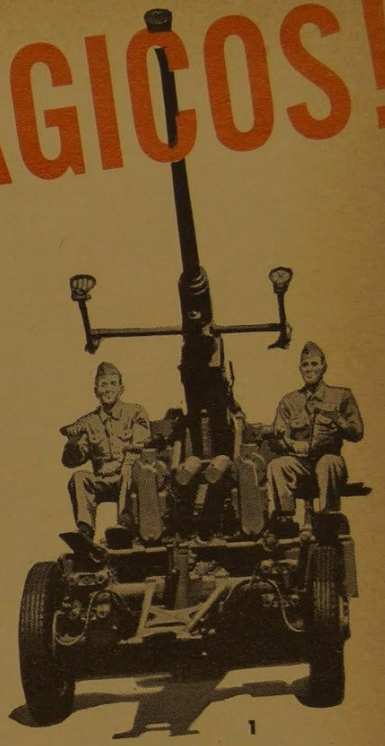
COMO MÁGICOS!

...AUXILIADOS PELO PETRÓLEO

Em 1941, as fábricas de automoveis dos EE. UU. produziram mais de 5.000.000 de veículos, na sua maioria para uso de particulares. Atualmente, essas empresas pioneiras da técnica da produção em massa dedicam 100% de suas aptidões e recursos a elaborar elementos para a guerra. A rapidez dessa transição foi como um passe de mágica.

Um ex-fabricante de automoveis faz agora carros encouraçados de 28 toneladas, aviões, canhões e caminhões. Outro produz granadas e motores Diesel de 1.600 cavalos, para submarinos. Um terceiro fornece motores para as velocíssimas lanchas torpedeiras. Outro, mais agil, fabricará centenas de motores de avião por mês. O material de guerra, desde bombas até lâmpadas para black-out, substituiu os automoveis nas linhas de montagem.

Nesta produção, o petróleo tem, é lógico, um papel vital, pois não deve permitir que sobrevenham atrazos decorrentes de lubrificação defeituosa das engrenagens das máquinas. Ajudar os fabricantes de automoveis a forjar os instrumentos da vitória constitue uma tarefa tão importante para ESSO como a de tornar o automobilismo um prazer para os milhões de particulares a quem vem servindo por toda a América.



1

1 *Um canhão anti-aéreo, de tiro rápido, construido numa fábrica de automoveis. Para fazer esta arma são necessários 1.500 maquinismos diferentes.*

2 *A produção de bombardeiros dará dores de cabeça ao Eixo! Uma fábrica faz as partes dianteiras e centrais . . . que devem ajustar-se, com precisão de décimos-milésimos de polegada, à parte traseira, fabricada por outra empresa.*

3 *Construido em menos de um ano, este arsenal de tanks emprega mais de mil máquinas pesadas e mais de 8.000 maquinismos, manômetros e acessórios. Estes veículos são providos de motores de avião.*

ESSO

2

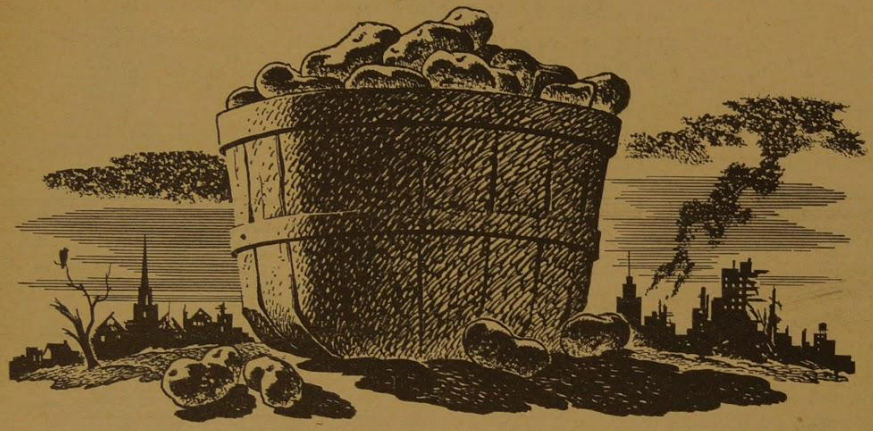
3

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL E A ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidores dos afamados produtos ESSO que encontrará sempre sob o oval ESSO

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas rádios: Nacional, do Rio (980 kcls.); Record, de São Paulo (1.000 kcls.); Inconfidência de Minas Gerais, (880 kcls.); Farroupilha, de Porto Alegre (660 kcls.); e Rádio Clube de Pernambuco (720 e 6.012 kcls.).

"E' uma Questão de Batatas, Majestade!"



★ ★ ★ Assim falou ao kaiser Guilherme II, o comandante-em-chefe do exército alemão, ao insistir sôbre a necessidade indeclinável de pedir a paz. Um quarto de século mais tarde, há-de ser novamente uma questão de batatas que fará com que possa o mundo respirar outra vez no ansiado e livre ambiente da paz.

Para apressar o advento dêsse dia, a Philco Corporation passou da fabricação de rádios e refrigeradores, para a de verdadeiras armas de guerra. A-fim-de abreviar a chegada dêsse faustoso dia, nós—todos os povos das Américas—aceitámos o desafio e de bom grado nos conformamos com todos os sacrifícios impostos pela guerra.

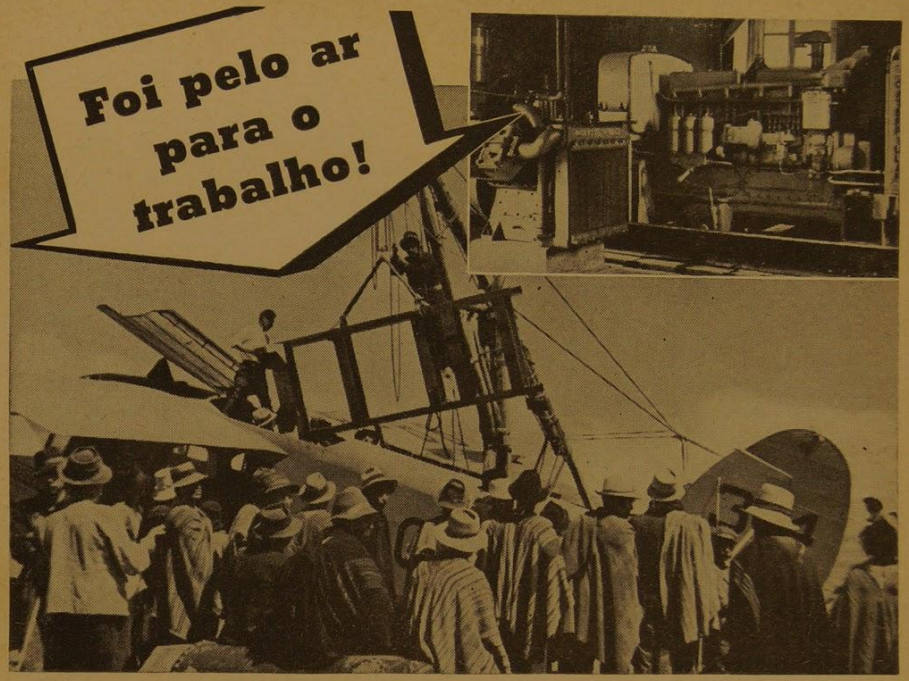
A defesa dessa liberdade que constitue a nossa mais preciosa herança, clama por sangue, suor e lágrimas, até o dia em que se veja o agressor forçado a considerar a sua derrota como uma simples questão de batatas.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERAO UNIDAS

PHILCO

FABRICANTES EM TEMPO DE PAZ, DE MAGNIFICOS RADIOS, REFRIGERADORES E APARELHOS DE AR CONDICIONADO

Foi pelo ar para o trabalho!



PERU — Quando a mina de mercúrio Panaminas, em Chonta, precisou urgentemente de mais fôrça-motriz, o Motor Diesel "Caterpillar" que acima reproduzimos foi desmontado e remetido por avião, em três voos, de Lima a Huanucoviej. Em seguida foi transportado a destino, a uma distância de 56 quilômetros, em carroças puxadas por homens!

O conflito que envolve o mundo inteiro está impondo pesadas exigências de produção tanto às nações beligerantes como as neutrais. E, para reparar os estragos deixados pela guerra, a indústria de todo o mundo terá de trabalhar intensamente por muitos anos.

Para tudo isso será necessária mais *fôrça-motriz* do que nunca. Potência que se possa levar a *qualquer* parte—com urgência. Potência sempre pronta a entrar em funções, e a *manter-se* no trabalho —sem distinção de país, altitude ou clima.

A maquinaria Diesel "Caterpillar" é mesmo assim! Compacta, robusta, versátil, de confiança. Os motores, Eletrogeradores, Tratores e Niveladores Diesel "Caterpillar" estão servindo por todo o mundo—nos teatros de guerra; na defesa do Hemisfério Ocidental; em minas, usinas, fábricas, estaleiros, campos petrolíferos, e na agricultura; e em obras de construção de estradas, aeroportos, e diversos serviços municipais.

Servir os vizinhos e amigos dos Estados Unidos é um dos objetivos capitais da "Caterpillar"—com material "Caterpillar" novo, até onde o permitam as condições do esfôrço militar conjunto dos Estados Unidos; e especialmente com o serviço de peças, acessórios para manter *trabalhando* a maquinaria "Caterpillar" existente em serviço.

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E. U. A.

CATERPILLAR MARCA REGISTADA *DIESEL*

TRATORES • MAQUINARIA ROLANTE • MOTORES E ELETROGERADORES

AS LANCHAS HIGGINS

POR SUA SUPERIOR QUALIDADE GANHAM O PRÊMIO "E"

DAS FORÇAS ARMADAS DOS E.U.A.

SECRETARIA DA MARINHA
WASHINGTON

Sr. Andrew J. Higgins
New Orleans, La.

Caro Sr. Higgins:

Venho por êste meio informá-lo de que o Exército e a Marinha dos E.U.A. resolveram conferir às fábricas Industrial Canal, City Park e Bayou St. John, das «Higgins Industries», o Prêmio de Produção do Exército e Marinha, pelo seu desempenho na produção de materiais de guerra.

Esta recompensa é um tributo de reconhecimento da Nação a cada um dos homens e mulheres que nessas fábricas trabalham. Concedida ùnicamente àquelas organizações que dão mostras de excepcional desempenho no cumprimento de suas tarefas, consiste essa recompensa numa bandeira a ser hasteada sôbre os edifícios da Companhia, e num botão-distintivo que todos os membros do pessoal poderão usar na lapela, em sinal de serviços distintos à Nação.

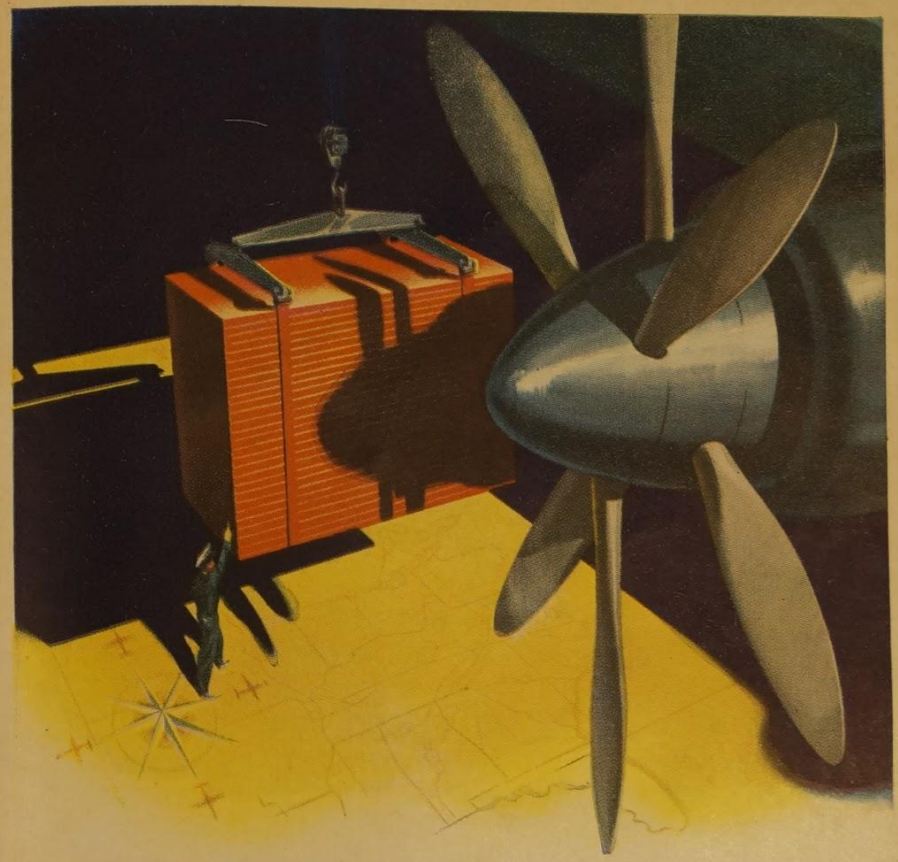
Estou certo de que os notáveis serviços da sua emprêsa contribuirão para a vitória final, inspirando outros a praticar idênticos feitos.

Sinceramente,
Frank Knox
(Ministro da Marinha)

HIGGINS INDUSTRIES, INC.

NEW ORLEANS, U. S. A.

Os maiores construtores de lanchas no mundo



Transportes Aéreos em Grandes Tonelagens

Não tarda que cheguem as grandes aeronaves—para abrir o mundo inteiro ao acesso do homem e das mercadorias que êle fabrica e troca. Como os aviões de maior envergadura do presente e do passado, as aeronaves do futuro serão acionadas pelos motores da Wright.

WRIGHT *Aircraft Engines*

ACIONARÃO AS TONELAGENS DO FUTURO

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

Ultra-Moderna! Esta caneta difere de qualquer outra!

Escreve sêco... com tinta úmida!

Aquí temos absolutamente a última novidade em canetas! Um encanto para os olhos—é um prazer escrever com ela—a famosa Parker "51"!

Segura entre os dedos, a caneta "51" começa a escrever logo que a pena toca o papel. Sua ponta de "torpedo" deslisa com uma suavidade admirável.

E depois—eis um prodígio: A tinta Parker "51" não precisa mataborrão! Esta nova tinta, de secagem instantânea, e que não faz borrões, foi feita exclusivamente para a Caneta Parker "51". Porém, a caneta "51" também escreve perfeitamente com qualquer outra tinta.

Vá V. S. a qualquer loja do ramo e experimente a nova e maravilhosa Parker "51"—caneta e tinta.

♦GARANTIA VITALÍCIA—*O Diamante Azul no segurador da Caneta Parker "51" simboliza o nosso Contrato de Garantia Incondicional de Serviço por tôda a vida do comprador, sem nenhuma outra despesa, salvo o suficiente para pagar porte, seguro e embalagem, uma vez que a caneta não tenha sido propositadamente danificada e nos seja devolvida completa.*

PARKER "51"

Continuação da última capa

Juventude na Maturidade

Por Eleanor Roosevelt
Esposa do Presidente dos Estados Unidos

tatamos que uma das formas de reviver impressões da nossa juventude, é levar conosco uma pessoa mais nova, numa excursão de recreio a lugares que pela primeira vez visitamos na nossa mocidade. Se isso é verdade tratando-se de viagens, quanto mais em relação a coisas do espírito e da inteligência! Um livro que já quase tínhamos esquecido, revive para nós no entusiasmo de algum coração juvenil. As insaciaveis perguntas da gente nova são já de si um estímulo, porque nos revelam quão pouco nós próprios sabemos, e quanto ainda temos que aprender.

A leitura do Reader's Digest é uma alegria, precisamente porque nele encontramos condensada essa variedade de assuntos que podem estimular-nos o intelecto sob vários aspectos, ajudando-nos a manter a atividade e frescura do espírito. Do mesmo modo que, na vida real, queremos observar as coisas por todos os lados, conhecer as pessoas mais diferentes, e fazer as mais diversas experiências, assim tambem devemos variar constantemente a nossa dieta de leitura. O Reader's Digest oferece-nos o programa mais variado de idéias, e se isso nos não bastasse, sempre nos restaria o recurso de apelar para as obras originais.

Mais do que isso: novos e velhos deviam regalar-se juntos na leitura do Reader's Digest: lê-lo é encontrar novos temas de conversa e discussão entre uns e outros, e abrir novos horizontes de interesse comum, que reservam prazeres até aquí despercebidos na sociedade de novos e velhos.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Juventude na Maturidade

Por Eleanor Roosevelt
Esposa do Presidente dos Estados Unidos

TODA a minha vida tenho tido amigos das idades mais diversas, e sempre pensei que um dos erros mais profundamente radicados na nossa sociedade é que as pessoas de diferentes gerações não sabem ou não querem misturar-se mais intimamente.

Veja-se a nossa juventude: moços e moças tendem a agrupar-se no seu mundo exclusivo, quando a verdade é que um mais íntimo convívio entre eles e os «velhos» contribuiria para manter o verdor destes últimos, e ao mesmo tempo para amadurecer os novos mais depressa. E todos teríamos com certeza alguma coisa a ganhar nisso: o nosso espírito se tornaria mais plástico, mais tolerante para com os pontos-de-vista alheios. É natural que nós, os velhos, não possamos encontrar a plataforma de mútuo entendimento com a mocidade, no que respeita à vida física: mas nos domínios da vida do espírito não deveria existir barreira alguma que nos separasse!

A principal dificuldade reside em que muitos de nós só gostamos de associar-nos com as pessoas que pensam da mesma maneira que nós; e só nos agrada ler aquilo com que concordamos—sabendo muito embora que o espírito, como as ferramentas, só pode conservar o «gume» quando afiado contra alguma coisa de mais duro do que ele próprio. O atrito de um ponto-de-vista diferente atua sobre nós como a pedra de amolar sobre a lâmina de corte, e ajuda a manter o engenho desperto e aguçado...

O contacto com espíritos frescos e juvenís é, assim, uma das melhores maneiras de nos prevenirmos contras as idéias preconcebidas, a enfatuação e a estreiteza de vistas. À medida que envelhecemos, cons-

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Faça aquilo que teme! . . . . . por H. C. Link 1
O Pai dos pigmeus . . . . . por Ben Lucien Burman 5
Seis prenúncios de bom futuro . . . por Bruce Bliven 9
No mundo das invenções . . por Harland Manchester 14
Os jovens deveriam custear sua carreira *Woman's Day* 16
A cruz dos fatigados . . . . . *Newsweek* 19
O que sofrí nas prisões japonesas . . . . *The Nation* 20
Vida contraditória de Alfred Nobel . *Saturday Review* 24
Album de caricaturas . . . . . *New Yorker* 29
As ferrovias, ponto fraco do Reich *por Allan A. Michie* 37
Quando o homem passa dos 50 . . . *por Paul de Kruif* 41
O truque da manga . . . . . *Literary Lapses* 43
Lobo-Rei, o que morreu de amor . . . *por E. T. Seton* 45
Num comboio para Murmansk . *The Nautical Gazette* 49
Naquele dia deixei de ser ateu . . . *Christian Herald* 54
Livro de paz que gerou uma guerra *por Forrest Wilson* 57
Aproveite a minha experiência . . . . *por John Erskine* 61
O último avião que saiu da Birmânia . *Cosmopolitan* 63
Helicópteros em vez de automoveis . *Atlantic Monthly* 67
Podemos ensinar os meninos a viver 71
A despensa das democracias *American Legion Magazine* 73
Mensagens do Alem . . . . *por Archibald Rutledge* 77
O espelho gigante de Palomar . *por David O. Woodbury* 80
A alegria de ser normal . . . . . *The Rotarian* 87
Quando o operário trabalha com prazer . *por S. Chase* 91
Trezentas noivas a bordo . . . . *American Mercury* 97
O meteorologista dá o sinal de ataque
por Marquis W. Childs 101

[Seção de Livros]
Autobiografia de Henry M. Stanley . . . 103
Bula Matari . . . *por Jacob Wassermann* 117

FEVEREIRO de 1943

Cmspo-Cr
1833

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Veloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre Octavio Sagebin, Rua, 7 de Setembro, 805, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo III, No. 13 — *Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.* — Fevereiro de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Gerente Geral: A. L. Cole. *Subgerentes:* Marvin McCord Lowes, Roberto C. Sánchez, Fred D. Thompson, Jr.

Gerente Geral das edições internacionais: Barclay Acheson

Copyright 1942 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos de Autor. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

FEVEREIRO de 1943

SELEÇÕES *do* Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III — No. 13

Os complexos de inferioridade são, na imensa maioria dos casos, formas de timidez que roubam a coragem, minam a ambição e debilitam a iniciativa.

Faça aquilo que teme!

Por Henry C. Link

Diretor do Centro de Serviço Psicológico de Nova York, e autor do livro «The Return to Religion»

Não é sem alguma hesitação que me resolvo a escrever sobre o vasto capítulo do medo, porque grande parte dos temores de que atualmente muita gente sofre, foram precisamente causados, não me resta dúvida, pelo muito que a respeito se tem escrito. Vejam por exemplo o que se deu com a popular expressão *complexos de inferioridade*: se nunca tivesse aparecido impressa, milhões de pessoas viveriam ainda hoje na feliz ignorância dos seus «complexos» de inferioridade. Seria menos uma idéia, entre as muitas que geram o medo.

A maioria dos medos, na realidade, encontram sua origem nas leituras, meditações e discussões desnecessárias ou demasiadas. Por via de regra, o medo não cai assim, sem mais nem menos, do teto. As pessoas já o trazem consigo, nutrindo-o e embalando-o por muito tempo, até que, por obra e graça de algum acontecimento sem consequências de maior, desata a crescer até atingir monstruosas dimensões. A mamãe, por exemplo, que lê avidamente a numerosa literatura sobre a maneira de criar e educar meninos, vai-se sentindo cada vez mais receosa quanto à maneira de lidar com eles, e com muita razão. A senhorita que se preocupa muito com a sua aparência, não tarda a viver roida de receios pelo que outros possam pensar dela. Os indivíduos que discutem ponderosamente o estado dos negócios públicos, vão, não raro, do simples pessimismo às crises de fobia.

Tenho diante de mim, neste momento, uma carta de certa senhora, que principia assim: «Desde minha idade de 16 anos que sofro do medo de falar entre pessoas estranhas.» A carta prossegue na enumeração de outros «medos»,—medo do patrão, medo de perder o emprego, medo dos homens, medo de guiar o auto, medo de ler um relatório de trabalhos a um clube de meninas, e outros medos,—no total de onze. São todos eles, já se vê, temores bastantes comuns, que experimentam milhões de pessoas em todo o mundo. Em quase todos os casos é idêntico o resultado—uma espécie de paralisia furtiva, um sentir-se acabrunhado, sufocado, em pânico e derrota.

Certo moço confessou-me que não podia dormir, dando-me uma longa explicação sobre as razões de ordem psicológica do fato. «Pode o sr. me ajudar a libertar-me desta obsessão?» perguntou. «Não,» respondí logo. «Nesse caso, que vai ser de mim?» gemeu ele implorativamente. «Olhe, ponha-se a correr à roda do seu quarteirão, todas as noites, até cair de cansaço. O que você precisa é fazer esforço. Você vem pondo demasiada energia física em pensar e imaginar coisas. Se correr muito e bem, os seus nervos se distenderão automaticamente e o sr. poderá dormir. Já que se meteu nesse medo por obra do seu próprio espírito, trate agora de sair dele—com as pernas.» E assim fez.

Não há muito, uma senhora ainda jovem, mãe de filhos, dava-me este significativo resumo de sua vida: «Quando mocinha, eu sofria de muitos temores, entre outros o de perder o juizo. Ainda depois de casada continuei a sofrer deles. Mas não tardou que me viesse o primeiro filho, e depois mais cinco. Como eu tinha que fazer praticamente todo o trabalho da casa, assim que começava a sentir-me arreliada, o bebê chorava, ou os meninos guerreavam, e eu tinha que ir restabelecer a ordem. Ou lembrava-me que eram horas de começar a arranjar o jantar, ou que era preciso engomar um monte de roupa. Os receios de que eu sofria a meu próprio respeito, eram a cada instante interrompidos pelos meus deveres de família, e assim, gradualmente, desapareceram. Agora, quando penso neles, até me dão vontade de rir.»

A moral deste episódio poderá não ser que é bom ter seis filhos, mas é bem verdade que as famílias menores e a abundância de tempo livre são pelo menos conducentes a originar medos. É do mesmo modo certo que muitas pessoas que são obcecadas por medos egotistas, poderiam encontrar um novo interesse na vida se passassem a se preocupar *com outras pessoas*, através da participação em atividades de ordem social.

Não agradam essas atividades a quem me lê? Lembre-se o leitor, então, de que cada passo para triunfar do medo exige um ato preliminar de vontade. As pessoas que aprenderam a mergulhar, quando vão nadar, devem recordar o processo: o banhista toma posição, inclina-se para diante, depois hesita e recua dois passos com medo. Torna a tentar, e mais uma vez recua. A cada hesitação, o medo se torna maior. Finalmente, tomado de irritação e desgosto de si mesmo, atira se de braços e pernas de esguelha, e dá uma pancada tremenda na água. Sai de lá aborrecido e embaraçado, e o riso dos amigos o faz sentir-se ainda mais cômico. Se, nessa altura, o medo o tivesse inibido de fazer novas tentativas, talvez nunca tivesse chegado a aprender como se dá um bom

mergulho, e esse medo poderia ter-se tornado invencivel. Se, porem, persistiu e teimou em fazer mais e mais mergulhos, embora cômicos, e talvez penosos, terá acabado por executá-los bem e por sair da água sentindo-se orgulhoso de si. E estaria então a caminho de ser um especialista em mergulho de cabeça!

Essa é, em poucas palavras, a psicologia fundamental da luta contra o medo, e da conquista da confiança própria em todos os aspetos da vida, e *desse processo não há fugir*. Uma e mil vezes nos é necessário mergulhar no rio tumultuoso da existência, acrescentando conquistas às conquistas, dominando primeiro este medo e depois aqueloutro. Como disse Emerson, faça-se a coisa que se teme, e a morte do medo é certa. Na realidade os nossos temores são as forças que nos fazem, quando tratados com resolução, ou que nos reduzem a cisco quando as tratamos com indecisão, contemporização e «cerebração».

Pedia-me não há muito certo rapaz que lhe sugerisse algumas coisas «dificeis» para ele fazer. «O seu livro recomenda atividades tais como a dansa, o basquetebol ou outro esporte, o bridge, festas e jogos. Diz ele que uma pessoa devia fazer essas coisas ainda quando as aborrece. Eu não só as detestava, mas até tinha medo de as praticar! Entretanto, resolví-me a tentar. Por algum tempo, passei muito maus bocados e sentí-me desgraçado. Mas não tardou muito que perdesse os receios, e comecei até a gostar dessas novas atividades. A questão é que estou agora tão satisfeito com minha nova existência, que até corro perigo de perder a fibra. Peço me diga algumas coisas que sejam realmente dificeis, e que eu possa tentar fazer.»

Este rapaz aprendera a lição sobre o uso do medo como arma de conquista e meio de viver mais agradavelmente. Estava a caminho duma existência mais plena e mais produtiva, tanto social como intelectualmente.

O primeiro passo para reduzir o medo consiste por vezes em um processo bem elementar. Recordo outro rapaz, que vivia tão acabrunhado por diversos temores, que mal podia falar de modo que o entendessem. Trabalhava num grande banco e conhecia uma dúzia de sujeitos na sua seção; mas quando, de manhã, se encaminhava para a sua mesa, nem os bons-dias se atrevia a dar a ninguem. Sugerí-lhe que começasse por dizer a cada qual um caloroso «Bom dia, Frank! Alô, Keating! Bons dias sr. Eaton», quando fosse passando por eles. Tentou, e os resultados foram tão satisfatórios, que se encheu de coragem para mais dificeis tarefas—indo assim de conquista em conquista.

Os medos mais generalizados—o medo de enlouquecer, o da perseguição, o dos estranhos, o da inferioridade— são geralmente resultantes do fato de não termos sabido ou querido dominar alguns temores menores por meio daquela prática. Há casos, por vezes, em que são devidos ao fato de uma pessoa ter abandonado as suas atividades habituais, em resultado de alguma paixão infeliz, morte dum parente querido, desastre financeiro, ou perda de emprego. Especialmente depois duma catástrofe é que devíamos, não só conservar as velhas atividades, mas forçar as nossas energias e vontade a inaugurar qualquer empresa nova, de preferência estrênua. Depois de ter perdido o emprego, um sujeito de 56 anos, dos quais levara trinta na mesma companhia, começou a estagnar e a se retirar de todos os contactos com velhos amigos. Não

tardou seis meses que fosse um novelo de fobias, grandes e pequenas. Por fim alguem o persuadiu a ir visitar um parente que vivia numa fazenda. Depressa se sentiu atraido pelo ramerrão da fazenda, e dentro de seis meses tinha regressado ao seu próprio equilíbrio perdido.

Conquanto seja perigoso generalizar, aventuro-me a dizer que, na raiz da maioria dos medos, assim mitigados como severos, encontraremos um espírito demasiado ativo e um corpo insuficientemente ativo. Por isso tenho eu aconselhado tanta gente, que vive a debatar-se por um pouco de ventura, a usar menos a cabeça e mais os braços (e as pernas) em trabalhos uteis ou em diversões. É quando estamos sentados e quietos que geramos o medo; e só pela ação podemos submetê-los. O medo é o sinal que a natureza nos faz, para que entremos em ação.

Milhões de pessoas que viviam do socorro público, ou das obras para desempregados, estavam simplesmente a cultivar os seus temores na inatividade ou na dúvida. Ainda talvez nos venha a ser preciso meter metade da nossa população em campos de trabalho, de maneira a podermos curar as fobias de que padece esta nação! Nos seus estádios iniciais, ainda moderados, o medo reveste a forma de aversão, ou de críticas a certas pessoas, atividades e instituições, constituindo um pretexto por meio do qual o indivíduo se justifica da sua inação persistente. O mundo está cheio de descontentes, de «comunistas» de salão, de teóricos sociais, os quais, não podendo ou não sabendo como se reformarem a si mesmos, discutem as mil e uma maneiras de reformar o sistema em que vivemos. Parecem não compreender, muitos deles pelo menos, que, seja qual for a ordem social, sempre haverá inadaptados. Nas suas intermináveis discussões só fazem racionalizar a sua raiva do mundo, em vez de se virarem contra os seus próprios defeitos, para daí se lançarem a obras dignas deles e do mundo em que vivem.

Tempo para o espírito

¶ Um amigo meu, notavel explorador que passou alguns anos entre os selvagens do norte do Amazonas, fez, uma ocasião, uma marcha forçada através da floresta. Durante os dois primeiros dias a expedição avançou com extraordinária rapidez, mas, ao amanhecer do terceiro dia, quando era hora de partir, meu amigo viu que os nativos se mantinham de cócoras, com aspecto grave, sem dar sinal algum de recomeçar a marcha.

«Eles estão esperando,» explicou o chefe índio ao meu amigo. «Não podem ir adiante, enquanto suas almas não alcancem os seus corpos.»

Certamente não pode haver melhor imagem do que essa, para representar a nossa época atual. Haverá qualquer meio que permita, por assim dizer, nossas almas alcançarem os nossos corpos? A tremenda rapidez com que vivemos hoje se torna clara, quando pensamos no ritmo de vida da geração passada. Então, como dizemos hoje, a gente «tinha tempo». Hoje em dia ninguem tem «tempo».

—James Truslow Adams, *The Tempo of Modern Life* (Boni)

O Pai dos pigmeus

Por Ben Lucien Burman

«Um desses homens que, sós e esquecidos da Fama, aceitam correr os maiores riscos para que a espécie possa avançar mais alguns passos titubeantes na sua longa e dificil jornada.»

Devo ocultar seu verdadeiro nome, e compreende-se porque: a Gestapo e o governo de Vichy não perdem oportunidade de tornar a vida impossivel às famílias dos «franceses livres» cujos nomes lhes sejam revelados. Chame-se pois o nosso homem *Monsieur Rocque* — até que a guerra tenha findado.

Encontrei-o pela primeira vez no curso superior dum rio que corta a grande selva da região meridional da África Francesa livre. É essa uma das zonas mais sinistras do continente,—vasto pântano infestado de mosca tsé-tsé e doença do sono, de mosquitos e febres malignas. É, de há longos anos, conhecida pelo nome de «sepultura de europeus».

Foi pois através desses maus pântanos e brejos que um dia deslisou, direita a nós, a canoa que trazia monsieur Rocque, manobrada por dez negros de elevada estatura que manejavam os seus remos em forma de pá, cantando lugubremente. À medida que a embarcação se aproximava, os negros agrupados em frente das suas palhoças, de pé na praia, reconheceram o passageiro branco. Soltando gritos de alegria correram praia fora ao encontro dele, e começaram logo a descarregar do bote as caixas e fardos de que vinha ajoujado.

O homem que provocava toda aquela agitação fascinou-me logo: alguma coisa de excepcionalmente delicado, e um quê de pensativo e forte, se refletiam nas suas feições. Tinha a fisionomia dum poeta, os olhos dum místico, e o físico dum batedor das florestas. Seguia-o uma espécie de homúnculo, a quem o uniforme vermelho e azul de soldado colonial francês, que envergava, dava uma aparência cômica em extremo; foi, aliás, o primeiro pigmeu que encontrei na minha viagem.

O capitão do nosso navio estava-me apresentando a monsieur Rocque, quando, da aldeia e em direção ao nosso

Ben Lucien Burman «tinha fatalmente que se meter na encrenca» quando a guerra atual deflagrou. E, como conhecia bem a África, para lá foi este romancista do rio Mississipi —feito correspondente dum sindicato de jornais. No livro «Milagre no Congo», recemsaido, narra a sua viagem através da selva da África Equatorial, e o que viu enquanto andou por alí com os «franceses livres». Foi lá que conheceu «monsieur Rocque».

grupo, surdiu um bando de negrinhos de ambos os sexos. Rodearam monsieur Rocque, esbugalhando os olhos de adoração, e começaram todos a palrar ao mesmo tempo, em agitado e agudo vozear.

—Aquí estão meus filhos, disse ele. E como reparasse que essas palavras me tinham causado alguma surpresa, explicou logo:—São meus filhos, sim, só por via da lei. Às vezes, aquí, quando um rapaz não possue meios para dotar a noiva, eu lhe arranjo dote. Ora a pessoa que assegura o dote torna-se pai do primeiro filho do matrimônio, e passa logo a ser dono do pequeno. Como vê acabei por ter uma família numerosa!

O capitão terminou então de apresentar-nos:

—Monsieur Rocque é o «donatário» de toda esta selva. Nessas florestas vivem os pigmeus, os Babingas. Antes de aquí chegar o sr. Rocque, eles fugiam assim que viam de longe um branco, como no tempo dos caçadores de escravos as mães fugiam com os filhinhos ao colo. E hoje, monsieur Rocque é como um rei, para eles!

Nessa mesma tarde, Rocque dignou-se contar-me outros pormenores a seu próprio respeito. À sua fortaleza da selva tinha chegado notícia da queda da França, e Rocque tinha-se metido a caminho através da floresta, trilhando centenas de milhas para se apresentar no comando das forças de franceses livres. Queria pegar numa arma contra os inimigos do seu país. Foi no curso dessa viagem que os nossos caminhos se cruzaram, por acaso.

—Quero ajudar a botar os alemães para fora de París, disse ele com a maior simplicidade. Nutria um amor entranhado pela França, era um atirador de marca, e tinha as mais firmes esperanças de que em breve andaria caçando a tiro os nazís que calcavam a sua pátria prostrada.

Deambulamos durante alguns dias pela selva, juntos, e por toda a parte ouví falar, entre os pigmeus, dos seus feitos singulares. Parece estranho como o destino desencadeia uma crise, e logo, no instante rigorosamente necessário, cria o indivíduo próprio para a dominar. A selva não é apenas hostil ao homem branco, é-o tambem ao seu desgraçado íncola negro.

Quando Rocque chegou alí, pouco depois da guerra passada, mandado de França em serviço de agente sanitário, a região estava sendo devastada por intensa epidemia, e os pigmeus em risco iminente de completa extinção. Uma e muitas vezes, tinham os médicos franceses tentado alcançar a pequena nação, para nela dar combate à praga: mas nem sequer tinham chegado a conseguir por a vista em cima dos pacientes em perspectiva... Foi então que monsieur Rocque chegou.

Tendo criado amizades, primeiro, entre os negros de estatura normal da região que traficavam com as tribus de pigmeus, concluiu que, para ganhar a confiança destes, lhe era preciso antes de mais nada ganhar a das crianças. Meteu mãos à obra, servindo-se de reluzentes moedas francesas. Ao caminhar ao longo das veredas do sertão, que os pigmeus frequentavam, lançava ao ar as moedas, jogava-as rolando ao longo dos trilhos, e depois embrenhava-se no mato.

Estava lançada a armadilha da amizade: não tardou que aparecesse o primeiro menino, a que outros em breve se seguiram. Apanhavam as moedas e punham-se a mirá-las, cheios de curiosidade. E enquanto eles se engolfavam

nas suas discussões infantís, monsieur Rocque se aproximava como quem não quer nada. A maioria dos meninos abalavam: mas alguns, de coração mais forte, resistiam ao medo e ficavam. E o francês, que aprendera um pouco da língua dos pigmeus, começou a palestrar com eles; as mães, que ansiosamente espiavam por trás das árvores, vieram então juntar-se ao grupo. Dentro de poucos dias, Rocque tinha conversado com quase todos os membros da tribu, desde o gurizinho mais novo ao mais alquebrado dos anciãos.

Para conquistar-lhes a confiança, viveu com eles nas suas aldeias, e saiu com eles a caçar elefantes, que eram a fonte principal de abastecimento daquela gente. À noite conversava com os chefes e os feiticeiros, e escutava as suas lendas. Decorridas algumas semanas, começou a lhes falar da ciência médica, a descrever as pequeninas «serpentes» que coleavam no sangue do homem, e como ele possuia feitiços para dar cabo delas.

Enquanto os feiticeiros escutavam, Rocque pegou duma seringa de injeção que trazia na mochila, e explicou como ela encerrava o feitiço prodigioso que destruia as «serpentes» causadoras da doença do grande sono. Cravou-a repetidas vezes na própria carne, para provar que ela não causava mal nenhum. Chefes e feiticeiros estavam maravilhados! Em breve, todos os homens da tribu, atacados de doença do sono, se congregaram diante dele. Rocque aplicou-lhes injeções, e não tardou que aqueles que ainda não tinham entrado na fase final da terrivel doença, dessem sinais de grandes melhoras. Correu palavra por aqueles sertões. Já não era mais preciso que Rocque andasse à cata dos pigmeus: eram estes que vinham agora procurá-lo! A doença do sono estava a ser batida naquela região.

Com o curso do tempo, Rocque foi deixando de ser simplesmente o amigo dos pigmeus, para virar quase um deus aos olhos deles. Passava boa parte do seu tempo jornadeando pelas selvas, com a mochila carregada de remédios. Acompanhado dos seus remadores, abria caminho até uma aldeia indígena, ou um acampamento de pigmeus, para alí estabelecer seus arraiais.

Não havendo disponivel uma cubata limpa, os carregadores instalavam-lhe a cama de campanha na clareira da aldeia, e espetavam azagaias no chão, à maneira de postes, para lançar-lhes por cima o véu do mosquiteiro sem o qual a vida nas selvas seria de todo em todo impossivel. Alí lhe traziam os chefes o sustento, e ficava até noite dentro, sentado com eles em volta da fogueira, ouvindo lendas e contando histórias da sua França longínqua. Quando o batuque lançava pelos ares o aviso da sua chegada, pigmeus e negros de estatura normal, sem distinção, chegavam em bandos para o batismo da medicina. Quando todos tinham recebido suas injeções, Rocque encaminhava-se de novo para a canoa, e vogava para a aldeia seguinte.

Dispunha duma força física fora do comum, podendo vencer o mais robusto dos indígenas, quer com um remo de canoa na mão, quer a abater uma árvore à machadada; a sua robustez era tal, com efeito, que triunfara de todas as moléstias tropicais, conhecidas e desconhecidas da ciência. Outros brancos regressavam à Europa ao fim de um ano ou dois, ardendo em febre; não ele.

Pois apesar de toda essa força, era o homem mais bondoso que já conhecí. Mesmo no sertão, só matava quando a

necessidade lho impunha, e se não havia nenhum outro recurso a adotar. Estava eu com ele uma tarde, na floresta, quando um bando de gigantescos morcegos africanos, com uma envergadura de «asa» de metro e meio, ou mais, se puseram a voejar sobre as nossas cabeças, fazendo uma tímida chiada. A mim me pareceram bichos excepcionalmente feios, inabordaveis! Percebí na cara de Rocque sinais de inquietação.

—Sempre que vejo um destes morcegos, sinto um rebate de conciência, disse ele. —Andando por aí um dia, a caçar com os pigmeus, atirei a um leopardo que nos viera espiando no encalço. Um dos meus tiros acertou num morcego, e deu com ele em terra. Quando cheguei ao pé dele ainda estava vivo, mas exalava o último suspiro. Como sabe, os morcegos são mamíferos; o pobre bicho era uma fêmea, e estava amamentando um filhinho que poucos dias teria de nascido... Só vendo a expressão com que ela olhava para o filho: patética, quase humana! Exatamente a expressão com que a mãe moribunda olha para um filho recemnascido! Esforcei-me por conservar vivo o morceguinho, nutrindo-o com um contagotas; mas não foi possivel salvá-lo. Desde então que me persegue o olhar daquele animal, que matei sem querer...

VI PELA ÚLTIMA VEZ Rocque, quando ele acabava de receber a decisão das autoridades, as quais requerera autorização para servir na frente de combate: tinham concluido unanimemente, embora com relutância, que o não podiam deixar partir. O bem-estar e a paz entre os indígenas eram essenciais em tempo de guerra; e não havia homem, em toda a Africa, que pudesse ocupar o lugar de Rocque.

Tal decisão foi uma prova suprema para a sua filosofia; fez uma cara trágica!

—Quero ir para a Líbia para combater os alemães; que posso eu fazer aquí para ajudar a França? disse-me ele. E todo aquele dia não o largou a tristeza.

—Acho que não há nada a fazer, senão regressar por esse rio acima...

Estava resolvido. Deu ordens. Os carregadores pretos começaram a empilhar caixas e fardos na comprida canoa. Nas caras deles, como na do chefe, houvera uma expressão inquieta: é que o boato correra já de que o grande *rei branco* ia partir para a guerra.

Mas agora, sabendo que ele ficava, era cantando alegremente que carregavam os pesados fardos da praia para o bote. E a cara do homem branco se iluminava de prazer ao ouví-los cantar.

Estava tudo pronto para a largada, quando uma dúzia de pretos, que tinham ouvido falar da presença dele na região, se acercaram com timidez. Eram mulheres e homens, todos doentes, todos nas fases mais avançadas da doença do sono.

Instantaneamente, os últimos vestígios de tristeza se apagaram do rosto de Rocque. Conversou com cada um dos infelizes, como qualquer médico o poderia ter feito: agora compassivo, logo inquisitivo, mas sempre avidamente interessado. Deu-lhes remédios. A sua face estava radiante!

—São estes os meus filhos! disse.

Assistí à partida de Rocque e vi-o desparecer rio acima. Guarda avançada da humanidade, figura a um tempo heróica e apagada: um desses homens que, sós e esquecidos da fama, aceitam correr os maiores riscos para que a espécie possa avançar mais alguns passos titubeantes na sua longa e dificil jornada!

Sólidas razões pelas quais o mundo pode curar-se da enfermidade da guerra.

Seis prenúncios de bom futuro

Por Bruce Bliven

Diretor há 12 anos da «New Republic»

QUASE TODOS conservamos ainda muito claro na memória o que se disse, e com tamanha firmeza, quanto à primeira guerra mundial: era ela «uma guerra destinada a por fim às guerras». O que nos afirmaram foi que o mundo, após a calamidade, desfrutaria a paz perpétua. Tais promessas não se cumpriram; tais vaticínios não se realizaram. Não podia ter sido maior a nossa decepção. É portanto compreensivel que não falte, nos tempos que correm, quem a si mesmo pergunte, perplexo, se será do nosso destino viver constantemente a combater, em conflitos armados. Com populações inteiras envolvidas agora na guerra, já que os civís, muitas vezes, correm o mesmo perigo que os soldados, a perspectiva de uma série interminavel de conflitos é por certo deprimente.

Animado do desejo de esclarecer este assunto, procurei por-me em contacto com certo número de técnicos, que me pareceram dos mais aptos a fornecer, sobre a matéria, uma contribuição util: historiadores, psicólogos, antropólogos, economistas, homens experientes ou versados em ciências políticas. Propús a todos as mesmas duas questões: as causas específicas da guerra, na nossa sociedade, são suscetiveis de se evitar ou ao menos de se atenuar? O impulso que leva à guerra é inerente, de modo inelutavel, à natureza humana?

O que trago das palestras, que assim me coube entreter, longe de ser uma expressão de desânimo, é antes uma mensagem de esperança.

Opinam os entrevistados, em esmagadora maioria, que não há razão alguma, fundada em base sólida, para que a guerra não possa ser abolida. Estão por outro lado convencidos—com fundamento em índices ou dados que consideram seguros—de que, se realmente não existe um «instinto» que leve os povos à guerra tão pouco haverá, na nossa civilização, forças porventura irresistiveis que de tempos em tempos nos arrastem às decisões pelas armas. A menos que o mundo se afogue tão profundamente na barbárie, que desapareça no naufrágio tudo o que a ciência acumulou em conhecimentos humanos—e nada os induz a dar como provavel semelhante catástrofe—inclinam-se a acreditar que a humanidade caminha para chegar, em próximo futuro, à abolição das guerras. Pode bem acontecer que a atual seja a última.

I. *A guerra é mau negócio.* Tempo houve, e os historiadores o assinalam,

BRUCE BLIVEN é o autor do livro recente *Men Who Make the Future*, panorama das modernas realizações científicas, baseado em entrevistas com as personalidades de maior vulto em cada setor. Estas entrevistas apareceram, originalmente, como uma série de quinze artigos em «The New Republic» e «The Reader's Digest.»

em que se recolhiam das guerras vantagens definidas. O vencedor se apropriava das terras e gados dos vencidos, transformava estes em escravos, ou entrava com eles em cruzamento de sangue, para renovar o seu próprio. Muita gente não quer compreender que tal estado de coisas deixou há muito de existir. O que se verificou, depois da primeira guerra mundial, foi que praticamente os vencedores sofreram quase tanto quanto os vencidos. Foram impostas «reparações»; mas boa parte das mesmas nunca chegou a ser paga. E os vencedores, afinal de contas, tiveram que conformar-se, sob pena de serem obrigados a conservar na Alemanha um grande exército de ocupação, que acabaria importando numa despesa maior do que o total das contribuições, ainda a receber.

Dir-se-á que máquinas podem ser apreendidas e transportadas, como fez Hitler com as de muitas fábricas da França e da Polônia. Trata-se porem, ainda aí, de um processo tão ruinoso sob o ponto de vista econômico, que só se poderá justificar diante da falta de matérias primas. Desmontar uma fábrica, e depois removê-la e reinstalá-la, é menos simples que construir uma nova, assim haja material para a respectiva construção. Dada a extraordinária capacidade de produção dos modernos métodos industriais, a guerra é um meio ilusório, quiçá contraproducente, para a aquisição de produtos de que se necessite. As reparações, pagas em mercadorias, não tardam em determinar a obstrução dos mercados, com as inevitaveis consequências de crise e desemprego. É significativo que Hitler, o principal adepto da guerra no mundo do nosso tempo, seja um homem pouco instruido, sem nenhuma experiência industrial, ou preparo de qualquer ordem em economia ou finanças.

Ele e os seus nazistas admitem a possibilidade do advento de uma nova era no planeta, em que, sob o domínio germânico, paises escravizados, reduzidos a estado de fome, contribuam, criando riquezas, para o esplendor da Alemanha. É preciso não ter noção da tecnologia moderna, para conceber tal absurdo. Dando ainda de barato que o nazismo ganhasse a guerra, seria muito para duvidar que o trabalho escravo produzisse, em proveito da Alemanha, um padrão de vida tão alto como o que atualmente se regista nos Estados Unidos. A maquinaria moderna é enormemente mais produtiva do que o serviço manual dos escravos, e os soldados alemães, a ser empregados para manter, pela força, o reinado do cativeiro, produziriam sem dúvida incomparavelmente mais, se estivessem, eles mesmos, a trabalhar nas fábricas.

II. *O excesso de população não justifica a guerra.* O argumento de que a guerra se torna necessária, devido à pletora de população, carece de procedência, no conceito dos cientistas políticos. Os maiores agressores dos tempos modernos têm sido precisamente paises onde a cifra da natalidade não denotava senão pouco ou nenhum aumento, quando outros, ao contrário, com as maiores cifras de superpopulação, levando-se em linha de conta os algarismos dos recursos naturais respectivos—tais como a China e a Índia—nunca revelaram pendores agressivos. Os ditadores totalitários alegam precisar de mais espaço para as suas excessivas populações, mas tratam, ao mesmo tempo, de aumentá-las.

Poderá vir um dia em que a população do mundo parará de crescer. Mas

esse dia, na opinião dos técnicos, ainda está muito longe. Os progressos, cada vez maiores, da agricultura científica permitem que a terra aravel do planeta possa nutrir uma população de 4 bilhões, por conseguinte o duplo da atual. É sabido aliás que a população humana, depois de um século e meio de rápido desenvolvimento, se vai agora mantendo em certa estabilidade, de modo que, no futuro, o aumento anual será muito pequeno. Não é verdade que o presente excesso de população, em qualquer parte do globo, possa servir de pretexto para o recurso às armas.

III. *A carência de matérias primas tambem não justifica o recurso à guerra.* Outro argumento invocado para explicar a guerra é a carência de matérias primas no país ou nos paises que a ela recorrem. Tal argumento, no modo de ver dos economistas que ouvimos, é inteiramente falaz. A julgar pelos discursos de Hitler, supor-se-ia que ele anda à procura de produtos que só poderia encontrar fora da Alemanha, e entretanto lhe são recusados pelo egoismo dos que os possuem. Não é essa a verdade histórica. Praticamente, em tempo de paz, as matérias primas do mundo têm estado em mãos de particulares, que as vendem indistintamente, consoante as regras do comércio. A Alemanha, antes de 1939, dispunha sabidamente de produtos exportaveis em quantidade bastante para custear a importação dos de que normalmente precisasse. Mas o que acontece é que Hitler, empenhado na construção da mais formidavel máquina de guerra que o mundo já conheceu, precisava de metais, óleos, borracha e produtos outros, em proporções muito alem das justas necessidades do povo alemão. O fato de que, ainda assim, lhe foi permitido abastecer-se pelos processos comuns do comércio internacional, mostra a inanidade absoluta da sua alegação de que só por meio das armas poderia obrigar seus inimigos a não criar-lhe embaraços, em matéria julgada essencial à vida do seu país. A verdade iniludivel é que, somente depois de haver adquirido, em toda a parte e em quantidade bastante, o de que necessitava, deu ele início à execução do programa que se resume numa tentativa de domínio do mundo pela força.

Não deixa de ser até um tanto irônico que o argumento da escassez de matérias primas provenha da Alemanha, quando justamente os alemães têm sido mestres do mundo na arte de substituir matérias primas por produtos sintéticos. Sabemos que atualmente quase não há produto mineral a que se não possa dar um sucedâneo. A dificuldade da construção de novas fábricas em tempos de guerra é o principal embaraço a que se tire, no caso, todo o proveito do caminho aberto pelas pesquisas de laboratório. Os homens melhor informados ou esclarecidos, na espécie, não nutrem dúvida de que a ciência moderna pôs termo a toda e qualquer suposição de que a guerra se faça necessária, para que possa um país, carente de matérias primas, tomá-las a outro, que em demasia as possua.

IV. *A necessidade de mercados externos, ou de investimentos no estrangeiro, tão pouco legitima a guerra.* Não é raro ouvirmos dizer que, sem um grande e crescente comércio exterior, nenhuma nação pode gozar prosperidade, de maneira que, em dadas circunstâncias, se impõe de fato a guerra, em nome da defesa ou da conquista de mercados externos. Nenhum dos economistas de relevo, aos quais dirigí minha consulta,

abona semelhante opinião, que reputam originária de uma era de cultura quiçá primitiva, em matéria econômica. E' lamentavel que o excesso da exportação sobre a importação tenha sido vulgarmente definido como índice de uma balança comercial «favoravel», pois daí tem resultado uma falsa noção. Tal excesso só é desejavel para o país que, tendo dívida externa, precise de saldos com que custear o respectivo serviço. Mas, se o país, ao contrário, tem capitais em aplicação no estrangeiro, maiores que os estrangeiros, aplicados no seu território, o que lhe convirá é que haja excesso na importação, e não na exportação—diz-se então que a balança comercial é «desfavoravel»—porque então o que lhe cumpre não é pagar o que deve, senão receber o que lhe devem. Não há, por assim dizer, economista que não esteja de acordo em que a melhor situação, no momento, para qualquer país industrial, é ter pequeno comércio exterior e grande comércio interno, reservada ao seu próprio povo a maior parte possivel da sua produção.

O mesmo princípio se aplica, no dizer dos economistas, ao investimento de capitais no estrangeiro, que em tempo se acreditou trazer prosperidade. Sabemos hoje quantas ilusões se têm desfeito no caso, e como dele podem até provir incidentes lamentaveis entre as nações. Hoje o mais preconizado é reduzir tais empregos de capital, subordinando-os, ao controle do governo.

Certo, não há na vida das nações apenas o aspecto econômico. Um país pode ter uma economia doméstica bem equilibrada e vastas fontes de matérias primas, sem que deixe de ser, por isto, militarista e agressor. Mas aí penetramos outro campo—de que falarão os técnicos da natureza humana, os psicólogos, tenham eles em vista os indivíduos ou as sociedades.

V. *Não há um instinto da guerra.* Nada revela a existência de qualquer atributo humano que torne a guerra inevitavel. Seja qual for a base em que se funde um indivíduo agressivo, é no ambiente que o envolve que ele vai buscar o tipo de sua agressividade. Quando está em moda o duelo, até os tímidos se prontificam a desafiar o adversário, ou a aceitar-lhe o desafio. Quando entretanto a sociedade prescreve que o duelo é ato ilícito, até o sujeito bravo e belicoso procura resolver suas questões pelos processos legais.

Do mesmo modo, a pugnacidade, seja de um indivíduo ou de um grupo, é suscetivel de ser transformada—«racionalizada»—no desejo de usar da força, não para ferir, mas para ajudar o próximo. Tornou-se relativamente comum o fato de jovens, que se encaminhavam para o crime, se converterem em escoteiros, ou coisa equivalente, por obra da ação social. Um homem dado a brigas pode sentir-se tão bem no papel de polícia como no de gangster, conforme o conduziram as circunstâncias para um ou para outro. Ninguem refutou com vantagem a argumentação de William James, um dos grandes psicólogos de todos os tempos, quando disse que o espírito de competição num plano nacional pode ser tão bem orientado para o campo das empresas e atividades pacíficas, quanto para o das lutas armadas. É expressivo que paises mui adiantados—haja vista a Suécia—sejam os menos belicosos.

VI. *As emoções podem ser controladas.* Se realmente quisermos depois da guerra ora em curso, ter paz efetiva e geral, precisamos levar em conta, ao que consideram os psicólogos, a enorme influência que exercem as emoções sobre os negócios humanos. Os homens, de modo geral, tendem a esquecer que atuam sob o impulso de emoção ou preconceito, e tratam de encontrar explicações racionais para as suas atitudes.

Os autores do tratado de paz de 1918 cometeram o peor dos erros em que poderiam ter incidido. Procuraram controlar os bancos e as fábricas de munições nos paises derrotados, deixando as escolas entregues a si mesmas. Para estas, entretanto, bem mais do que para aqueles, deviam ter olhado.

Encontramos, a cada passo, pessoas preocupadas com o que se há-de fazer, depois da guerra, com a mocidade nazista da Alemanha. Foi ela de tal modo intoxicada por métodos e doutrinas que lhe entraram no espírito e nos hábitos, que parece impossivel curá-la do mal que a contaminou. Os psicólogos não participam desse receio dos leigos. Sabem eles que boa parte da doutrinação de que se trata é muito mais superficial do que ordinariamente se supõe. Só prevalece ao calor ou sob o entusiasmo das vitórias. No dia em que os exércitos de Hitler começarem a fracassar, toda a crença na filosofia nazista arrefecerá.

Os especialistas da alma humana estão preparados para entrar em ação nas escolas de ensino básico dos paises vencidos, para o fim de criar, em alguns anos, uma geração compenetrada das vantagens e virtudes do credo democrático. Com tal geração em atividade, por toda a face da Terra, poder-se-á confiar na estabilidade da paz. Os vencedores de 1918 impuseram condições suficientemente duras para que se viesse em consequência a manifestar na Alemanha um terrivel complexo de inferioridade. Não pode servir de escusa a alegação de que a Alemanha teria feito peor, se tivesse vencido. O argumento seria bom, se se tratasse, no caso, de uma competição em barbárie. Mas então se teria que renunciar de modo definitivo a qualquer idéia no sentido de construir um mundo pacífico.

Sem dúvida, todos os chefes das nações do Eixo devem ser punidos severamente. Cumpre-nos, porem, decidir se vamos praticar uma política de guerra ou de paz, e proceder consoante a nossa decisão. Se o que desejamos é a paz, haveremos por força de encontrar, nos referidos paises, núcleos de pessoas que cooperem conosco para a construção do futuro. Nada, portanto, de torná-los vítimas de novo complexo de represália, que os induza a dedicar-se ao armamento secreto com que novamente nos agridam. Vamos de preferência reeducá-los, a começar pelos jovens, que serão, dentro em breve, cidadãos de um mundo democrático. Ou isto, ou matar os nossos inimigos, até o último homem, mulher ou criança, coisa que os próprios nazistas não teriam ferocidade bastante para fazer. Demais, se entrássemos por semelhante caminho, nunca chegaríamos ao fim, e então os nossos próprios sofrimentos passariam a ser incalculaveis.

Em conclusão, e em resumo: os cientistas, e precisamente os mais idôneos para depor sobre os assuntos em causa, acreditam que a guerra não traz lucros ou vantagens; que um mundo sem guerra é perfeitamente possivel, e podemos a ele chegar depois do atual conflito. O que se impõe é que sinceramente desejemos tal estado de coisas, e saibamos utilizar, para devidamente organizá-lo, tudo o que a ciência, já agora, põe ao nosso alcance, no que respeita à natureza do homem e às instituições humanas.

No mundo das invenções

Compilação de

Harland Manchester

Aproveitamento de energia.

FAZENDO face à dificuldade de obtenção de eletricidade, que já se começa a notar nestes tempos de guerra, certos fabricantes de motores de aviões nos Estados Unidos estão utilizando, nos seus geradores de força elétrica, os motores que estejam sendo submetidos a provas. Todo motor deve passar por esse período de prova durante pelo menos 12 horas, antes de poder ser adaptado ao aeroplano. Durante esse tempo, um motor de 2.200 H.P. teria que gastar uns 8.000 litros de preciosíssima gasolina de 100 octanas. Agora, já se aproveita duplamente todo esse combustivel: em vez da hélice do avião, adapta-se ao motor um dínamo de velocidade variavel, produzindo-se então força elétrica, em lugar de simples ventania... Já há uma fábrica, na região do Médio Oeste norte-americano, em que mais da metade da força elétrica é assim conseguida.

Do «Time»

Indicador de tempestades.

Há um novo dispositivo, o Indicador de Carga das Nuvens, que permite aos pilotos verificar a existência de intensidades perigosas que por acaso os ameacem nas nuvens carregadas de eletricidade. O aparelho, que foi aliás inventado na General Electric, consiste num tubo de gás neon ligado a uma vara de tungstênio, ponteaguda, que se projeta do avião. Essa vara «colhe» a descarga elétrica da nuvem, fazendo acender uma luz no tubo de neon.

—Da «Science News Letter»

A escassez de diversos artigos, devida à guerra, estimula a imaginação dos inventores, já agora tambem mobilizados como toda a nação.

Um «Robot» meteorologista.

Apareceu recentemente um aparelhozinho de rádio chamado «rádio-sonda», que irradia as condições meteorológicas reinantes nas camadas superiores da atmosfera. Adapta-se a um balão de gás hélio um transmissor de uma única válvula, com raio de transmissão de 320 quilômetros. A cerca de 18.000 metros o balão rebenta, e a rádio-sonda desce à terra em paraquedas, continuando a enviar, durante a descida, os seus «relatórios» referentes à umidade, temperatura e pressão. Esse dispositivo está sendo considerado como o maior aperfeiçoamento mecânico em meteorologia, desde que foi inventada a telegrafia sem fios.

—Do «Christian Science Monitor»

«Embalsamando» automoveis.

Uma firma de Detroit está-se especializando em «embalsamar» automoveis, postos fora de uso pela guerra; a operação consiste em lavar os carros, borrifar-lhes depois as superfícies externas com substâncias preservativas, cobrindo-as em seguida com papel, ficando assim os veículos protegidos por tempo indefinido; e é de notar que tanto o papel quanto os preservativos podem ser posteriormente removidos com a maior facilidade.

—Do «Business Week»

Remédio de emergência para pneus vazios.

Diante da epidemia, que se aproxima, de pneus vazios, e da falta de borracha para substituí-los, já houve quem se lembrasse de um dispositivo original, que permite guiar-se o carro até a garage mais próxima sem rasgar o pneu. O aparelho chama-se «Nojax», e parece um caminhão de brinquedo para meninos, podendo mesmo ser levado na parte trazeira do carro com toda a facilidade. Esvaziando-se ou furando um pneu, basta colocar o «Nojax» diretamente à frente da roda afetada, fazer descer a carrosseria do «caminhão», e tocar o automovel para diante, bem devagar. Que sucede? A roda com o pneu vazio «instala-se» calmamente no «Nojax», e aí permanece, devido ao peso do carro. Esse dispositivo de surpreendente simplicidade só pode ser utilizado em estradas duras e a velocidade não superior a 16 quilômetros por hora.

Trens-automoveis.

Nos Estados Unidos, quinze companhias ferroviárias e fábricas de armamentos já estão utilizando os novos trens, locomotivas e carros de passageiros passiveis de ser usados tanto em estradas de rodagem como em ferrovias. Explica-se: esses veículos são todos providos de rodas com pneumáticos de borracha e, ao mesmo tempo, rodas de aço, que os mantêm sobre os trilhos. A qualquer momento que se quiser, pode-se fazer «encolher» para cima as rodas de aço, descendo as de borracha, e passando-se a usar logo o sistema de direção, desnecessário enquanto o veículo se achava sobre trilhos. Assim, o trem passa a trafegar na rodovia, chegando a qualquer ponto numa fábrica sem que seja preciso construirem-se desvios. Estão sendo usados em fábricas de munições, e tambem para o transporte de alimentos, ou como ambulâncias, carros de inspeção ou de bombeiros. No Próximo Oriente está-se empregando um desses veículos com êxito numa ferrovia curta, para o serviço de entrega e recebimento de mercadorias nos armazens, sem necessidade de duplo sistema de carregamento.

Encanamentos de madeira.

A «American Rolling Mill Company» está fabricando canos de madeira para serem usados em esgotos e encanamentos. O processo consiste em aproveitar tiras curtas de madeira, que de outro modo seriam simplesmente atiradas ao lixo, e uní-las umas às outras em pedaços octogonais, dando-se a ligação por meio de tarugos da própria madeira, em vez de pregos. Submetem-se depois esses canos de emergência a tratamento químico para evitar que apodreçam ou sejam atacados pelo cupim, e assim se espera que tenham a duração mínima de 10 anos.

Para colher metais velhos.

Nas fábricas de material bélico, como tambem nas ruas das cidades, estão sendo usados novos tipos de caminhões providos de uma espécie de «vassoura magnética», destinada a colher restos de metais, evitando assim, ao mesmo tempo, que se furem os pneumáticos de outros veículos. Em Filadélfia um desses caminhões recolheu cerca de 5 quilos de metal num trajeto de pouco mais de três quilômetros.

—Adaptado do «Business Week»

Aproveitando uma praga.

A serralha brava, praga que todo horticultor conhece e teme, tem agora sua

utilidade prática. Por meio dum dispositivo de recente invenção, para separar as sementes dessa planta, uma fábrica de Míchigan iniciará no próximo mês a extração de meio milhão de quilos de penugem sedosa de serralha; essa substância será utilizada para substituir a paina, importada anteriormente de Java para ser empregada nas jaquetas salva-vidas. O novo material tem seis vezes mais poder de flutuação do que a cortiça, e poderá tambem ser usado no forro dos casacos dos aviadores, porque, agasalhando bastante, é, contudo, seis vezes mais leve que a lã. No próximo ano os fazendeiros receberão subsídios para estimular o cultivo da planta em toda uma enorme região árida do Míchigan setentrional.

—Do «Time»

Os jovens deveriam custear a sua carreira

(Condensado de «Woman's Day»)

Por X...

A autora, conhecida romancista, prefere manter o anonimato

Nós éramos tão pobres, que eu tive de abandonar o curso ginasial depois do primeiro ano, sem esperança alguma de frequentar a universidade. Sentí-me prejudicada, e por isso decidí que os meus filhos, quando os tivesse, seriam beneficiados com todas as vantagens que me não fora dado desfrutar. No ano passado, o meu filho mais velho concluiu o curso ginasial, e eu podia tê-lo matriculado na escola superior; mas não o fiz.

E não tenho para isso outra explicação: não o matriculei precisamente porque desejava que ele tivesse todas as vantagens na vida.

Os boletins escolares dos meus filhos me vinham decepcionando e aborrecendo havia anos. Eles tinham más notas, e não se mostravam envergonhados disso, nem desejosos de obter melhores. Em vão tentei estimular-lhes a ambição. À noite não dormia, preocupada com o meu fracasso em despertar neles a energia e o interesse necessários. Não compreendia a razão daquilo: meus filhos eram inteligentes, e sempre me deram motivos de orgulho; entretanto, nada do que faziam era bem feito. As pequenas tarefas caseiras de que eu os incumbia, desempenhavam-nas relaxadamente, sem capricho. Nunca haviam experimentado a satisfação imensa de completar uma tarefa desagradavel, de conquistar-se a si mesmos e dominar o trabalho.

Hoje em dia os moços são muito mais felizes, mais sadios e mais bem informados a respeito de tudo, do que nós, os da geração anterior; mas não têm a solidez de carater que possuíamos. Aos meus filhos faltava tambem iniciativa. Eu lhes dizia constantemente que, ao chegarem aos 20 anos, deviam tratar de ganhar sua própria vida; achavam isso perfeitamente razoavel. Mas na prática

agiam sem grande estímulo e sem vontade de subir. Aceitavam pequenos empregos em que ganhavam uma miséria, sem querer «lançar-se ao mundo», como nós fazíamos. Havendo trabalho, muito bem; não se apresentando nada, deixavam-se ficar à espera, em vez de *criar* trabalho, ir buscar o que fazer. Dir-se-ia que não tinham locomoção própria... Tentei com afinco impelí-los para a frente.

Eu olhava para o meu primogênito, e ficava pensando: este menino tão robusto, respirando saude, usando roupas boas e quentes, sapatos sólidos e impermeaveis; tendo à sua disposição carne, manteiga, sorvete, doces... tudo isso com a maior indiferença, como se fosse a coisa mais natural da vida; indo ao cinema e aos jogos de futebol, guiando automovel (aliás era com pesar que se servia dum «calhambeque» antiquado...); passando nove meses por ano na escola, e pronto a se sentir prejudicado, vítima de injustiça, se ao fim desse período ginasial não se matriculasse na universidade, para lá passar mais quatro anos. Em muitos paises civilizados, atualmente, um rapaz da mesma classe social já estaria trabalhando há muito tempo; suas roupas o identificariam como pertencendo à classe baixa; sua alimentação seria muito mais pobre, talvez nunca tivesse queijo e não mais do que uma ração de carne por semana; nem sequer sonharia em ter automovel ou frequentar universidade.

Que circunstâncias favoreciam meu filho com tanta fartura? Há cem anos, os americanos não eram mais ricos que os europeus. Todas essas coisas boas que meu filho desfruta, todo esse conforto e facilidade nasceram do esforço titânico que as gerações passadas fizeram para escapar às privações, dando-nos o de que precisávamos, e depois o que desejávamos... Meu filho estaria preparado para continuar essa luta?

Sei agora que a melhor parte da vida são justamente as privações. Nada fortalece tanto o carater como a peleja para sair da pobreza. Tendo dado esse passo, sentimo-nos superiores à adversidade. Quando chega um período dificil, não cedemos ao desespero—deixamos que ele nos estimule e nos leve para diante.

Quando eu andava na escola, era obrigada a caminhar dois quilômetros na neve, sob pena de perder as aulas e não saber as lições posteriores. Por isso mesmo, quando cheguei ao quinto ano, minha alma tinha a têmpera do aço.

Ao meu filho fora negada essa vantagem. Ir à escola já não era um privilégio: era coisa obrigatória... Tinha mesmo que ir e, sendo normalmente inteligente, estudava um pouco para alcançar o número de pontos necessários. Para que se amofinar, para que tentar obter notas superiores àquelas que lhe permitiriam passar?

Ele me comunicou que queria ser engenheiro, e para isso precisava de se matricular na Universidade. Se eu não o pudesse manter lá, ele não poderia frequentar a Escola de Engenharia, e nunca chegaria a diplomar-se. Disse-me então, desconsoladamente: «Agora a gente não consegue arranjar emprego nenhum.»

Bem quando eu comecei a trabalhar, a situação era idêntica... Foi na crise de 1907; conseguí emprego porque, se não o conseguisse, morreria de fome. Estava faminta no dia em que, entrando à força num escritório, obtive uma colocação de auxiliar para trabalhar 12 horas por dia, com o mesquinho salário de 10

dólares por mês. Nas horas vagas, aprendí telegrafia sozinha, apesar de estar sempre sendo expulsa da sala pelos radiotelegrafistas antigos. Meu filho tem todos os elementos para agir de maneira análoga; só lhe faltaram as oportunidades que eu tive.

Durante um ano inteiro, eu disse a ele: «Se você quiser ser engenheiro, trabalhe, e pague você mesmo o seu curso.» Fiz por mostrar-lhe que todo homem deve conquistar o que deseja pelo seu próprio esforço. Quando ele se formou no ginásio, eu repetí: «Muito bem. Agora matricule-se na universidade, se puder.»

Foi cruel, bem sei... Mas muito peor teria sido ludibriá-lo, dando-lhe a ilusão de que a vida é sempre facil; muito peor teria sido deixar que ele fosse para a universidade, passando lá mais quatro anos, inteiramente alheio às realidades, saindo de lá inapto para enfrentar a vida. Não podia dar ao meu filho outros quatro anos dessa proteção debilitante. Para que a sua vida tivesse algum valor, era preciso que ele soubesse lutar, dominando-se a si mesmo e vencendo as circunstâncias. Um verdadeiro homem deve saber obrigar o mundo a dar-lhe o que ele deseja. Todos os homens em todas épocas fizeram isso; tudo o que hoje temos é devido àqueles que se recusaram a crer que a batalha estivesse perdida...

—Então eu vou ter que arranjar emprego, disse meu filho, com certa hesitação.

—Pois é, meu filho.

Ele saiu de casa para procurar trabalho. Passei 97 dias sem a menor notícia. A crise começava a acentuar-se, havia muito desemprego, e o rapaz não tinha prática de nada, nem qualquer conhecimento especializado. Todo esse tempo, fiquei sem saber onde ele estava, sabendo só que o dinheiro que tinha já devia ter acabado.

Afinal chegou um telegrama, passado duma cidadezinha afastada:

SOU TÉCNICO DE RÁDIO MAIOR GARAGE DAQUÍ. VIM PARA CÁ POR NÃO HAVER OUTRO TÉCNICO NO LUGAR. COMPANHIA FORNECEU MATERIAL. ESTOU BEM. PRETENDO MATRICULAR ENGENHARIA ANO PRÓXIMO. MUITA SAUDADE.

Como ele conseguiu isso, não sei. Quando saiu de casa, não era técnico de rádio... Mas não duvido que agora o seja, e dos bons. Foi assim que eu aprendí dactilografia, atirando-me à tarefa com audácia e energia, porque para segurar meu emprego de telegrafista precisava saber escrever à máquina. E sei que o meu filho acabará colando grau na universidade. Agora ele já tem uma vantagem que é mais preciosa do que qualquer outra que se possa conseguir com dinheiro: o que ele quer, ninguem lhe dá, e é alcançado exclusivamente com o seu esforço próprio. Meu filho já anda sozinho, construindo por si a sua vida.

Há uma grande diferença entre matricular um filho na universidade, e fazê-lo *trabalhar* primeiro, para conseguir matricular-se. A mocidade de hoje tem tanto carater como nós tínhamos; precisamos apenas mostrar-lhe o que deve fazer para utilizar esse carater, porque do resto a necessidade se encarregará... O menos que poderá suceder, será que os nossos filhos se tornem verdadeiros homens.

A cruz dos fatigados

(Condensado do «Newsweek»)

A CLÍNICA MAYO, de Róchester (Minesota), está pondo em prática um novo tratamento da «sensação de fadiga» de que tanta gente se queixa. Trata-se da doença que os médicos denominam «fadiga crônica», e que se carateriza pela persistente depressão de que se ressentem os que dela padecem. Do processo de tratamento faz parte o que poderíamos chamar «vara psicométrica», e é na realidade, simplesmente, um desenho em forma de cruz, cada um de cujos braços mostra como o paciente vem dividindo o seu tempo, entre o trabalho, o amor, as diversões e a fé. Quando um dos braços, sendo longo de mais, *desequilibra*, por assim dizer, a cruz, o fato indica que o paciente vive cronicamente fatigado, porque está levando uma existência mal distribuida no tocante aos referidos índices.

Segundo diz o dr. E. J. Kepler, de todos os doentes que recorrem à clínica, cerca de 5 a 10 por cento sofrem de fadiga crônica. Muitos deles foram informados pelos seus médicos de que a sensação de cansaço de que se queixam, é causada pela deficiência de certas vitaminas, ou coisa parecida; todavia, nem pílulas nem comprimidos puderam debelar o mal... Conquanto as causas da fadiga crônica não mostrem ter qualquer relação com o dispêndio de energia, a sensação de prostração pode acabar por tornar-se esmagadora.

O mal parece manifestar-se com mais intensidade durante as primeiras horas da manhã, e atenuar-se para o fim do dia. Raramente o repouso e o sono podem dar-lhe alívio; em compensação o esforço físico parece atuar como um lenitivo... Kepler concluiu pela origem psíquica da doença.

Recorreu então a um método que Cabot expusera em 1914. Nele se descrevia o diagrama em cruz, convencionando-se que «trabalho» seria o exercício da vocação; «amor», a felicidade matrimonial; «diversão», uma atividade saudavel; e «crença», a devoção a alguma coisa de superior a nós mesmos. Ao tipo ideal de vida, corresponderia a perfeita igualdade dos braços da cruz; quando um ou mais destes se anormalizam, o resultado é o sentimento de desgosto, que é frequentemente o precursor da fadiga crônica. Por exemplo, a «cruz» dum homem de negócios pode apresentar demasiadamente longos os braços correspondentes ao trabalho e ao amor, e reduzidos os da diversão e da crença; uma jovem estreante social apresenta longos os braços do amor e da diversão; e uma solteirona, os da crença e do trabalho.

Segundo o tratamento da Clínica Mayo, o paciente que se queixa de fadiga crônica é interrogado sobre a distribuição normal das suas atividades; traça-se a sua cruz, que lhe é posta diante dos olhos. Tanto basta, muitas vezes, para o convencer de que o seu mal não tem por base qualquer condição anatômica, nem doença do metabolismo.

A desigualdade dos braços da cruz prova-lhe que deve tentar uma divisão mais racional e equilibrada do seu tempo e das suas atividades. A maioria dos pacientes apreendem rapidamente a idéia, e o dr. Kepler apura que o «método da cruz» trouxe alívio a muitos doentes, removendo grande parte da sua infelicidade.

O que sofri nas prisões japonesas

(Condensado da «Nation»)

Por J. B. Powell

Em consequência das barbaridades medievais cometidas pelos carcereiros japoneses de Xangai, J. B. Powell perdeu ambos os pés, por gangrena, e nos três meses em que foi submetido à tremenda dieta da prisão, o seu peso caiu de 70 para 40 quilos. Foi repatriado a bordo do *Gripsholm*, em junho último, e está agora convalecendo num hospital de Nova York.

J. B. Powell partiu para Xangai em 1917, onde se tornou um dos jornalistas estrangeiros mais bem informados sobre a China. As revelações por ele transmitidas, e o espírito de hostilidade de que deu mostras evidentes nos seus jornais,—*The China Weekly Review* e *The China Press*, conquistaram-lhe o ódio dos japoneses. Em 1941, atingido por uma granada de mão, escapou à morte por pouco.

Na manhã de 20 de dezembro de 1941, meia dúzia de japoneses à paisana vieram ter ao meu quarto no Hotel Metrópole, de Xangai. Não me causou espécie aquilo, pois que as redações de *The China Weekly Review* e *The China Press* já tinham sido fechadas pelos japoneses.

Depois de efetuada uma busca no quarto, meteram meus papéis numa valise, e convidaram-me a seguí-los ao quartel general, afim de ser interrogado. Fazia frio e, se eu houvesse previsto o que me aguardava, não teria saido, como saí, com meias finas e um capote leve.

Os agentes conduziram-me a Bridge House, um edifício de apartamentos que os japoneses haviam transformado secretamente em prisão.

Fui levado a uma cela onde permanecí dois meses, saindo dalí inválido para o resto da vida. Cerca de 40 pessoas se achavam amontoadas num espaço de cinco metros por três. Os prisioneiros se mantinham sentados no chão, em filas cerradas. A maior parte eram chineses, mas entre eles lá se achava Rudolph Mayer, irmão do produtor cinematográfico de Holywood. Mayer pediu a alguns chineses que se afastassem mais um pouco, obtendo-me assim um lugar junto ao canto, onde eu podia encostar-me contra a parede. Era já bem melhor do que sentar-se em meio à cela, sem um ponto de apoio. Mayer contou-me, então, que aquele canto havia pertencido a um coreano que morrera de septicemia na noite da véspera.

Pouco tempo depois, levaram-me a uma sala noutro andar, onde um oficial me interrogou detalhadamente sobre a minha história, sobretudo durante os 25 anos que eu passara na China. Estes interrogatórios se repetiam duas ou três vezes por semana, entrando muitas vezes pela noite a dentro. Repetidas vezes os japoneses procuraram atribuir-me ligações com os serviços secretos do

exército americano ou inglês. Fui informado de que certos papéis haviam sido encontrados, provando que eu recebera 85.000 dólares chineses do nosso adido naval, por serviços prestados, o que era inteiramente absurdo.

Os oficiais encarregados do inquérito tinham, não raro, uma atitude arrogante e insultuosa. Todavia, nunca fui espancado. Tendo em vista a monotonia e a sujeira da cela, estas idas à presença dos oficiais chegavam a parecer-me agradaveis.

Cerca de 500 homens e mulheres se achavam amontoados em doze celas. Dos dois lados daquela em que fiquei, uma fila de estacas de madeira, a duas polegadas uma da outra, estendia-se ao longo da parede,—25 de um lado, 17 do outro. Contei-as milhões de vezes.

Durante todo o dia e toda a noite alí ficávamos sentados no chão duro de madeira. Como só nos tivessem deixado as meias, sentíamos, nos pés, um frio horrivel. Os calçados, à moda japonesa, ficaram empilhados no corredor, junto à porta de entrada. Mandavam-nos sentar em filas regulares, com os joelhos à boca, afim de abrir espaço a um número maior de prisioneiros, e de facilitar aos guardas a tarefa de contá-los. Éramos tantos, por vezes, que alguns se viam forçados a permanecer de pé.

Se alguem acaso infringia algum dispositivo dos regulamentos éramos todos punidos: obrigavam-nos a sentar de pernas cruzadas, com a cabeça inclinada para a frente. Os japoneses se habituam a fazê-lo desde crianças. Para nós outros, porem, é uma verdadeira tortura. Alguns dos prisioneiros da minha cela, obrigados que foram a guardar semelhante posição durante muitas horas, ficaram vários dias impossibilitados de andar. Como, ao nos sentarmos assim, tivéssemos os rostos voltados na direção de Tóquio, passamos a chamar aquilo: «Genuflexão, segundo a Nova Ordem».

Éramos proibidos de falar. Mas é quase impossivel impedir os chineses de fazê-lo, e os guardas os surpreenderam várias vezes em flagrante delito. Quando isto acontecia, eram punidos com pancada. Os prisioneiros chineses eram, aliás, espancados frequentemente. Durante toda a noite podíamos ouvir, vindo das outras celas, os gritos de algum pobre desgraçado. Um deles, surpreendido a introduzir na cela cigarros de contrabando, foi espancado de tal modo que, por uma semana não pôde nem sequer levantar-se. Mais tarde, atacado de beri-beri, faleceu na prisão. Outro chinês, ao descobrirem que ocultava algum dinheiro, tais pancadas recebeu—contei 85, ao todo—que o rosto se lhe transformou numa massa disforme, e o cacete do guarda chegou a partir-se.

Nunca fui espancado, mas uma vez esbofetearam-me violentamente.

Os invernos de Xangai são frios, e não havia calefação. Por volta das nove horas da noite, os guardas costumavam trazer alguns cobertores que cada qual lutava por puxar para si. Os prisioneiros, em grupos de dois a seis, juntavam-se, por vezes, sob um só cobertor. De manhã, carregavam de novo os cobertores. Nalgumas noites de frio intenso nem sequer os trouxeram.

O arroz que nos davam pela manhã era bom—quente e bem temperado. Ao meio dia e à noite, comíamos de novo este mesmo alimento, porem frio e sem sabor nenhum. Algumas vezes misturavam-lhe pedacinhos de arenque, mas, em geral, apenas as cabeças. Nosso maior suplício era a sede. Tínhamos todo o dia um chá horrivel; água, nunca nos davam.

O mais dificil, contudo, era suportar a tremenda imundície. Só nos podíamos lavar nas raras ocasiões em que saíamos da cela. As instalações sanitárias eram, de todo, inexistentes. A cela, contendo de 25 a 40 pessoas, dispunha de um caixote colocado a um canto, sob as vistas de todos. O cheiro era terrivel. Outra coisa a que nós, os «estrangeiros», não nos pudemos nunca habituar: havia sempre várias mulheres na cela. Formávamos um biombo para elas, mantendo-nos de pé e dando-lhes as costas.

Alguns dos homens, na nossa cela, achavam-se atingidos por doenças venéreas de formas as mais repulsivas. Os japoneses lhes dispensavam tratamento médico, abertamente, em meio a todos nós.

Frequentemente, as mulheres chinesas eram levadas para o interrogatório. Quantas vezes as vimos, voltando ensanguentadas e exhaustas, atirarem-se ao chão, na imundície da cela, rebentando em soluços e soluços.

Não sem surpresa, encontrei entre nós numerosos prisioneiros japoneses—soldados, punidos por bebedeira, ou antigos empregados de firmas estrangeiras de que os nossos algozes desejavam tirar informações. Eram tratados como os demais. Vi um dos guardas espancar sem motivo um japonês.

Um do meus companheiros de cela, era um oficial reformado do exército britânico. Sofria horrivelmente de úlceras da pele. Nunca hei-de esquecer a longa noite, em que se pôs ele a repetir sem cessar o Padre-Nosso.

Houve uma epidemia de úlceras. Em geral, os japoneses não davam a isso a menor atenção. De quando em vez, porem, um assistente médico se dispunha a mergulhar um par de pinças numa ou noutra ferida. O tratamento geral dispensado pela assistência médica japonesa consistia em aspirina e mercuro-cromo nalguma chaga—se o doente, por acaso, conseguisse detê-la, quando ela atravessava a cela, às pressas.

Certa feita, devido a um panariço, um dos meus dedos inchou, a ponto de ficar duas vezes maior que o tamanho normal. Depois de insistir durante duas semanas para que mo tratassem, fui levado ao dispensário num andar superior. Sem que houvesse aplicado anestésico algum, o médico militar japonês abriu a carne inflamada do dedo com um par de tesouras, pondo depois mercuro-cromo. Com o tempo, felizmente, a ferida sarou.

Durante todo o dia, nada podíamos fazer senão, sentados como sempre, ou então de joelhos, e com o rosto voltado em direção a Tóquio, pensar nas próprias máguas ou palestrar baixinho, se acaso o guarda se afastava um pouco. De quando em vez alguem tentava começar algum jogo — este, porem, nunca durava muito. Não tínhamos nada que ler, nem permitiam que lêssemos.

Ocasionalmente, em dias de bom tempo—talvez umas doze vezes durante toda a minha estada—éramos levados em pequenos grupos para um breve passeio no pátio. Alí se achava uma série de pequenas jaulas onde os japoneses guardavam os seus cães policiais. Parávamos por vezes a acariciá-los, e notamos que os cães pareciam preferir-nos aos seus donos.

Disse que não tínhamos com que nos entreter, no que faltei de algum modo à verdade. Durante horas a fio ficávamos entregues à tarefa de catar piolhos em nossas roupas. Fazíamos até concursos. Rudolph Mayer ganhava geralmente, batendo recordes de 60 a 100 piolhos. Nós, estrangeiros, não conseguíamos comer o arroz frio e insípido que costumavam dar-nos ao meio dia. Passamos a vendê-lo aos chineses, especialistas em catar a repugnante vermina—uma tijela de arroz por uma camisa sem piolhos. Até hoje não sei como se explica que Bridge House não haja sido devastada por uma tremenda epidemia de tifo exantemático.

Pouco tempo depois de me achar na prisão, os pés começaram a doer-me—especialmente nos calcanhares. A dor tornou-se tão violenta que, dentro de alguns dias, não conseguí por os sapatos, ao ser levado para o pátio ou para o interrogatório do costume. Como não houvesse nenhum sintoma visivel, o médico japonês sorriu das minhas queixas.

A 26 de fevereiro fui transferido, com mais sete estrangeiros, para a nova prisão de Kiangwan. Então, pela primeira vez em dois meses, nos cortaram o cabelo e raparam a barba.

Na prisão de Kiangwan as celas eram individuais. A que me foi designada media uns 2 metros por 1. Como não houvesse cama nem calefação, e o cimento ainda fresco fosse extremamente úmido, sofrí horrivelmente de frio. Ao alto de uma das paredes havia uma fresta com grades de ferro, mas eu não conseguia alcançar-lhe a borda, nem sequer pular àquela altura.

A um dos cantos da cela, a caixa de costume, a exalar um tremendo mau cheiro. Depois de uma semana em Kiangwan, o estado dos meus pés—que se tinham tornado cor de púrpura—se agravou de tal modo, que eu só podia chegar até alí, rolando pelo chão. Três semanas mais tarde recebí a visita de dois médicos militares japoneses, que me deram uma injeção hipodérmica.

Pelos fins de março levaram-me, de maca, para o Hospital Geral de Xangai. Meus pés já estavam então, completamente podres. A amputação não foi dificil, porque os ossos se desfaziam por si sós e os dedos já me caiam aos pedaços.

Os japoneses vinham constantemente fotografar-me. Obrigavam-me, então, a cobrir as mãos, reduzidas a pele e osso. Disse-lhes, certa feita, que tirassem uma fotografia dos pés, amputados à altura dos calcanhares, mas recusaram-se a fazê-lo.

Em junho, graças à pressão exercida por amigos e jornalistas da América, deixaram-me partir, juntamente com outros americanos, em troca de japoneses que se encontravam então nos Estados Unidos.

Com mais dez dias de prisão, ao que afirma o meu médico, eu não estaria aquí para dar mostras, nesta breve narrativa, da deshumanidade e estupidez com que são tratados, pelos nossos inimigos, aqueles que tiveram a infelicidade de lhes cair nas garras.

¶ Os que amam profundamente jamais envelhecem; podem morrer de velhice, mas morrem jovens.

—*Arthur Wing Pinero.*

Vida contraditória de Alfred Nobel

(Condensado da «Saturday Review of Literature»)

Por Harland Manchester

Um dia, em 1861, um grupo de banqueiros de París recebeu, de alguma forma, como quem recebe um importuno, um moço que se dizia interessado em por em prática uma grande idéia. Tratava-se de um sueco: franzino, nervoso, aspecto quiçá doentio, o que não excluia, antes punha em relevo, a firmeza com que confiava em si mesmo e no empreendimento que o empolgava.

«Senhores,» anunciou dramaticamente o rapaz, «eu tenho um óleo com tais propriedades, que é capaz de fazer voar o globo terrestre pelos ares.»

Os banqueiros encolheram os ombros. Mas o candidato a apoio financeiro não se deu por achado. Explicou-lhes calmamente o fato do novo explosivo a que se referia. Não conseguiu, todavia, impressionar de nenhum modo os impassiveis ouvintes, que se apressaram em dar por finda a palestra, pois tinham mais que fazer. Tudo aquilo lhes parecia inteiramente fantástico. Depois, que mal tinha feito o globo, para que desejasse alguem fazê-lo voar pelos ares?

Chegando, entretanto, aos ouvidos de Napoleão III a história do jovem sueco, falou Sua Imperial Magestade a um financeiro, e o certo é que, ao voltar para Estocolmo, já Alfred Nobel dispunha de um crédito de 100 mil francos. A imensa fortuna Nobel, era daí que havia de nascer.

Registe-se que a ele, Alfred Nobel, já não causava maior impressão o perigo dos altos explosivos. Seu pai, Emanuel Nobel, vinha lidando, havia anos, com os mesmos, e inventara uma mina naval, de que a Rússia se servira na guerra da Criméia.

Alfred, o terceiro de quatro irmãos, era, entre estes, o de saude mais delicada. Teve a mãe uma luta constante para que o filho vingasse. A certa altura, fez ele uma viagem à Europa e à América. Em París enamorou-se desesperadamente de uma moça. Esta morreu. Entristecido, amargurado, compenetrou-se Alfred, que tinha então 21 anos, de que o trabalho seria o seu quinhão na vida. Só havia, pois, recolher-se à fábrica do pai, e aí entrar a trabalhar sem tréguas.

Emanuel Nobel estava convencido de que a nitroglicerina, posto que usada até alí, sobretudo, como substância estimulante, em doenças do coração, tinha grandes possibilidades como explosivo. Sem dúvida explodiria, sob determinadas condições. Mas estas condições, quais vinham a ser? Eis o que se ignorava. Às vezes, uma dada porção de nitroglicerina, contida em algum invólucro, caía de alto no chão, e nada acontecia; outras vezes, entretanto, bastava um pequeno choque para que se produzisse uma tremenda explosão. Alfred e o pai tomaram a si a tarefa de devassar o mistério com que o caso os desafiava.

Pouco a pouco, tocou a Alfred a direção das experiências, que o levaram afinal à teoria de que o único meio seguro de fazer explodir o líquido era, retendo-o convenientemente num sólido receptáculo, provocar-lhe, mediante

processo adequado, uma explosão primária. Passando da teoria à prática, concebeu e aperfeiçoou a cápsula detonante—invenção que é a base, ainda hoje, da indústria da dinamite e da nitroglicerina.

Firmes na certeza de contarem com a ajuda de Luiz Napoleão, prosseguiram, pai e filho, na empresa em que se tinham lançado. Mas a nitroglicerina resistia aos que assim procuravam dominá-la. Em maio de 1864, morriam numa explosão Emil, o mais jovem da irmandade Nobel, e quatro operários. O velho Emanuel baqueou, para nunca mais recobrar forças.

Os Nobel não tinham licença para trabalhar com explosivos, de modo que, verificado o desastre, se fez sentir contra eles a ação das autoridades. Alfred, porem, não desanimaria. Mudou a fábrica para uma barcaça, ancorada num lago. Desempenhando a um só tempo atividades de químico, industrial, contabilista e pesquisador, sacrificava as próprias refeições, e daí ter arruinado, por toda a vida, o estômago. Só o que não podia era abrir mão do deliberado propósito, em que se acastelara, de mostrar que o seu óleo explosivo podia ser usado sem perigo.

Com efeito, dentro de um ano, tinha lançado quatro companhias de fabricação do produto, uma em cada qual de quatro paises, e o governo da Suécia estava empregando o seu «caldo» nas obras de abertura de um tunel, em Estocolmo.

Havia da sua parte, seja dito, um excesso de otimismo. O reinado de terror da nitroglicerina ia apenas começando. Certa manhã de 1865, a fábrica Nobel da Noruega tinha o destino que Alfred anunciou aos banqueiros como possivel de acontecer ao globo sob a violência da explosão de que era capaz o seu óleo: voava pelos ares. Poucas semanas depois, um trabalhador ferroviário na Silésia entendeu de quebrar blocos de gelo, empregando o novo método. Foram encontrar-lhe as pernas a um quilômetro de distancia.

No mês de abril seguinte, 70 caixas de nitroglicerina explodiram a bordo de um navio atracado no Panamá. Houve estragos no próprio cais, e outro navio ficou desmantelado. O número de mortos subiu a 60; os prejuizos montaram a um milhão de dólares. Duas semanas depois, outra explosão de nitroglicerina, num vagão expresso, em São Francisco, causava a morte de 15 pessoas e o desmoronamento de um quarteirão de edifícios.

Ainda eram vivas as impressões do desastre, quando Alfred Nobel chega a Nova York, em viagem de negócios, trazendo consigo uma carga do seu «caldo», sem dúvida explosivo, e cujas explosões já respondiam por verdadeiras catástrofes. Receberam-no, mais ou menos, como se recebe uma praga, um emissário ou portador de desgraças. Todo o mundo tratou de evitá-lo, a principiar pelos hotéis. Anunciada por ele uma demonstração pública numa pedreira, apenas umas vinte pessoas, todos homens, alí se apresentaram, e, ainda assim, guardando distância. Nobel começou por derramar sobre uma chapa de aço um pouco do óleo terrivel. Em seguida, levantou um martelo. Os espectadores, a essa altura, procuraram por-se a coberto. Do choque do martelo contra o líquido, resultou um vivo estrondo. Mas Nobel nada sofreu; e, atraindo para mais perto os circunstantes, explicou-lhes, em termos concisos, que, sob a ação do martelo, se dera a explosão do

óleo; nunca, porem, este se expandiria, com as devidas consequências, se não estivesse preso, ou confinado. Acendeu, a seguir, um fósforo, e fez chegar a chama ao líquido. Este ardeu, mas não explodiu.

Durante duas horas, exibiu Nobel ao seu pequeno público o misterioso gigante, sob os seus vários aspectos. Terminou a experiência com algumas reais explosões, para o fim de mostrar o que do mesmo, convenientemente dirigido, se poderia tirar, em resultados práticos. As provas não podiam ter sido mais esmagadoras e completas.

Se bem que ao escritório de Nobel começassem a afluir as encomendas, e uma fortuna já se lhe mostrasse ao alcance da mão, esteve ele, contudo, quase a fracassar, naquela época. Muitos paises adotaram leis proibindo o uso do novo explosivo, e os navios se recusavam a transportá-lo. Havia pois que descobrir algum meio de eliminar os perigos que tornavam tão temida a nitroglicerina. Alfred Nobel o inventou, ainda que, na opinião de alguns, por mero acidente.

No norte da Alemanha, há uma terra, leve e absorvente, chamada *kieselguhr*. Os empregados de Nobel passaram a usá-la, em vez de pó de serra, na embalagem das latas de nitroglicerina. Acontece que um belo dia, vazando o líquido de uma das latas, notou Nobel que a *kieselguhr* o absorvia, como o mata-borrão chupa a tinta. Misturou três partes do «caldo» com uma de *kieselguhr*, e eis resolvido o problema. A mercadoria, assim composta, perdera o seu carater perigoso, e, acondicionada em cartuchos, não oferecia nenhum risco ao navio que a transportasse. Deu-lhe Nobel então um novo nome: dinamite. Decorridos dez anos, 15 fábricas Nobel já elevavam a sua produção à média anual de 3 milhões de quilos.

Aos 40 anos, era nada mais Alfred Nobel que um homem solitário, exhausto, melancólico, para quem a vida e o mundo não iam alem dos limites de sua atividade industrial. Não tinha sequer um lar. Foi por esse tempo que lhe chamaram «o mais rico vagabundo da Europa.»

Ensaiou mudar de ambiente, dar novos ares ao espírito. Adquiriu uma linda casa em París. Voltou ao convívio das obras de Shelley, que fora o deus de sua juventude, e chegou a pensar em escrever. Mas, dominando ao mesmo tempo seis línguas, não viu bem como isolar-se no uso de alguma delas. Na própria conversação sucedia-lhe passar, sem o sentir, de uma para outra, conforme o assunto lhe ia sugerindo.

Era um leitor incansavel, não somente de livros técnicos, mas de filosofia e poesia. Gostava dos escritores que lhe revigoravam a confiança no constante progresso da humanidade. Muitas das suas cartas—houve dias, e não poucos, em que as escreveu às dezenas—constituem realmente análises exhaustivas de novos romances, peças de teatro, e livros de versos. Começou a escrever dois romances, sem que nunca os terminasse, e, já para o fim da vida, escreveu um drama, que se lhe tornou, a bem dizer, uma preocupação absorvente. Indo a Londres, a uma conferência de negócios, não consagrou ao negócio mais do que cinco minutos; o resto foi para o drama. Estava este a sair dos prelos, quando Nobel faleceu. Os seus testamenteiros houveram por bem fazer queimar a edição, guardando apenas três exemplares.

Fatigado da solidão, Alfred Nobel,

mais de uma vez, pensara em casamento, mas, desde a história de amor dos tempos da mocidade, não encontrara mulher que se lhe afigurasse apropriada a uma boa vida em comum. Tinha reservas quanto às mulheres, porque, tímido em extremo, e julgando-se repulsivo, não acreditava que nenhuma se interessasse por ele, senão pelo seu dinheiro. Sem embargo, se alguma senhora atraente procurava ser-lhe amavel, aquele homem tão árido se abria como uma flor.

Foi até certo ponto a sua qualidade de solitário que levou Nobel ao estabelecimento do prêmio da paz. Sendo escrita, como era, a sua correspondência, em seis idiomas, tornava-se muito dificil, para ele, encontrar secretário ou secretária que devidamente os manejasse: e nada lhe era mais desagradavel que admitir empregados, para ter depois que os dispensar.

Em 1876, uma condessa boêmia, Berta Kinsky, lendo um seu anúncio, apresentou-se. Tratava-se de uma simpática mulher de 30 anos, bem educada, e que, revelando maneiras distintas, dava ao mesmo tempo uma impressão de serenidade e cordura. A figura do misantropo da dinamite, afavel, e eventualmente sarcástico, não deixou de exercer sobre ela uma tal ou qual atração. Ela, a seu turno, o impressionou vivamente. Mas não chegou a tomar conta do emprego. Optou pelos amores do jovem barão von Suttner.

Durante o conflito russo-turco, o casal von Suttner trabalhou para a Cruz Vermelha. Berta, agora baroneza von Suttner, trouxe de tudo o que viu uma impressão terrivel, e o meio que lhe ocorreu de dar vasão à sua revolta íntima contra os horrores que presenciara foi escrever uma vibrante novela de inspiração pacifista, ou, o que é o mesmo, de condenação da guerra. Tambem não tardou que lhe reconhecessem uma situação de liderança, à frente do movimento pela paz, tanto vale dizer pelo primado das soluções pacíficas. A baroneza e Alfred Nobel tinham permanecido bons amigos. Ela apelou para ele, pedindo-lhe desse à campanha o seu concurso.

Posto que às vezes levasse o caso em pilhéria, o certo é que o entusiasmo de Berta Suttner acabou por comover a sensibilidade de Nobel. Aliás ela explicava: a questão era menos de dinheiro que de encontrar meios práticos, em uma palavra, um plano, capaz de conduzir eficazmente aos fins que se tinham em vista. Temia que o movimento se fosse situando noutra esfera, que não propriamente a da realidade. Nobel, com os seus altos explosivos, poderia fazer mais, em prol da paz no mundo, do que ela com as suas assembléias, pois, quanto mais as armas militares desenvolvessem o seu poder mortífero, tanto mais as nações horrorizadas iriam renunciando às decisões pela força.

A despeito de suas dúvidas, resolveu Nobel deixar a sua fortuna—que montava a cerca de 9 milhões de dólares—consagrada, toda ela, à fundação de um prêmio, a ser aplicado aos que se distinguissem, em qualquer parte, ou de qualquer maneira, por serviços julgados relevantes à causa da paz. Posteriormente, incluiu prêmios de literatura e ciência—não tanto com o intuito de dar coroas ao mérito de trabalhadores mentais, mas sobretudo com o de preservá-los das privações que, não raro, lhes atormentam a vida, comprometendo-lhes a atividade. Todavia, os

termos, muito largos, das suas disposições testamentárias, não permitem às comissões distribuidoras dos prêmios considerar as condições financeiras dos que aos mesmos façam jus.

Quando o governo francês, alarmado diante do fato de ter ele vendido à Itália a sua pólvora sem fumaça, entrou a por algumas restrições às suas atividades, Alfred Nobel deixou París, e foi viver o resto dos seus dias, em austera solidão, na terra italiana de San Remo. Falecendo, por essa ocasião, seu irmão Ludwig, que havia feito uma fortuna em petróleo, supuseram os jornais franceses que se tratava de Alfred, e teve este a satisfação singular de ler, nos ditos jornais, os seus próprios necrológios. Não eram dos mais amaveis.

Em San Remo, passava a maior parte do seu tempo a trabalhar em borracha sintética e seda artificial. Sentindo-se um tanto mal do coração, recorreu a especialistas, e riu-se ao receber a prescrição do medicamento a adotar: nitroglicerina. Comprou um esfigmógrafo, observou a linha que marcava a irregularidade do seu pulso, e mostrou aos amigos o grau de variação que importaria na morte. Corria o ano de 1896. A 10 de dezembro, veio ele a falecer.

Já nos seus últimos tempos não alimentava a esperança de que agentes mortíferos mais poderosos viessem a ter praticamente o efeito de amedrontar as nações, impondo, por conseguinte, de modo indireto, a paz. Inclinava-se mais a acreditar em alguma coisa no gênero da Sociedade das Nações.

A sua primeira idéia não foi a de atribuir à instituição do prêmio da paz um carater de perpetuidade. Dava-lhe 30 anos de existência porque, se ao fim de tal prazo não se houvesse chegado a um regime de paz internacional, quereria isso dizer que o mundo regressara à barbárie. Disse-o o criador da dinamite, e, mais tarde, do prêmio da paz, em 1893. Trinta anos exatamente decorridos, o mundo entrou em crise grave que o levou a conflagrar-se, em 1939, como já acontecera em 1914.

Demografia sanitária

¶ «Em nossa família, sempre consideramos as estatísticas com uma ponta de malícia,» diz Miss Frances Perkins, Secretária do Trabalho dos Estados Unidos. «Meu bisavô, que viveu 104 anos, era sem dúvida um velho excêntrico. Tinha 99 anos, quando, certa vez, entrou em uma grande controvérsia com o sapateiro da sua vila, a propósito de um par de sapatos.

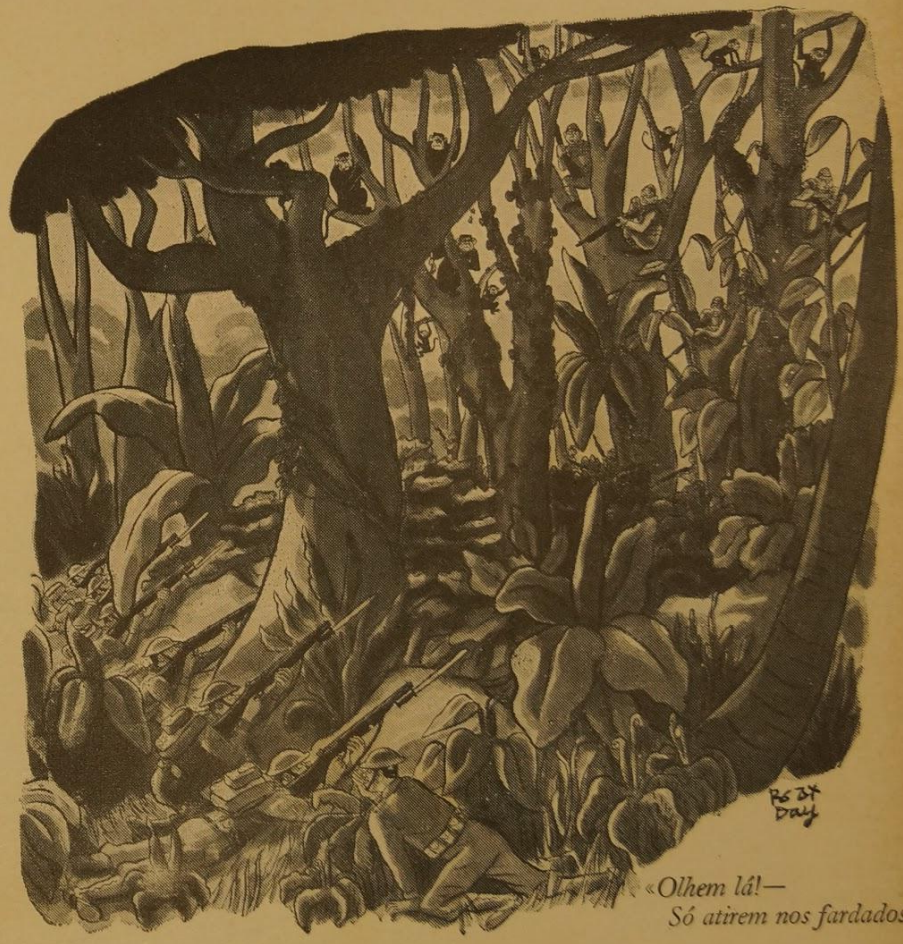
«Ouça, sr. Perkins,» disse o sapateiro tornando-se finalmente impaciente, «porque tanto barulho por causa de um par de sapatos? O sr. tem 99 anos. Tem ainda a esperança de acabar com eles?»

Meu bisavô olhou severamente o sapateiro. «Meu amigo,» replicou ele, «não sabe você que poucas pessoas morrem depois dos 99 anos de idade? Está provado pelas estatísticas!»

—*Milwaukee Journal*

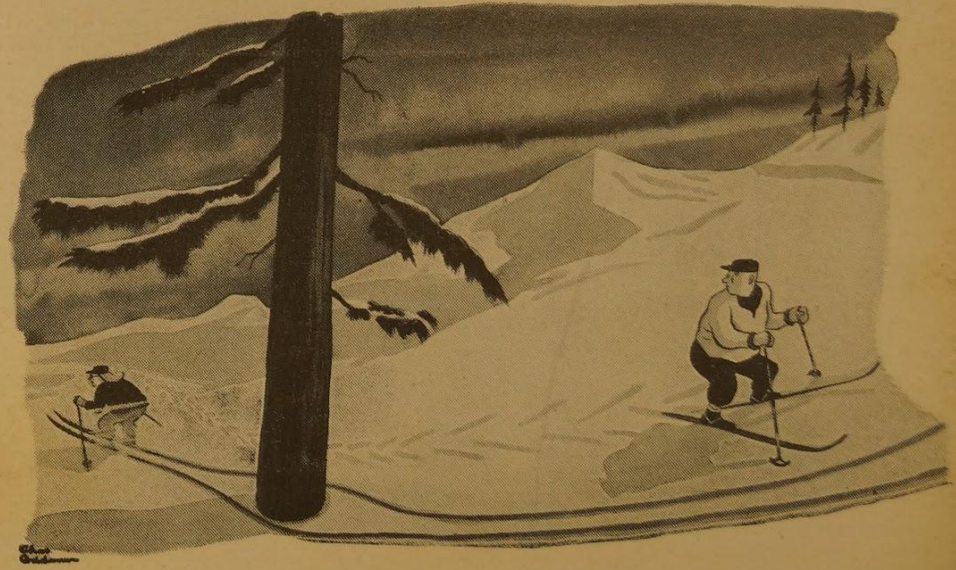
ALBUM DE CARICATURAS

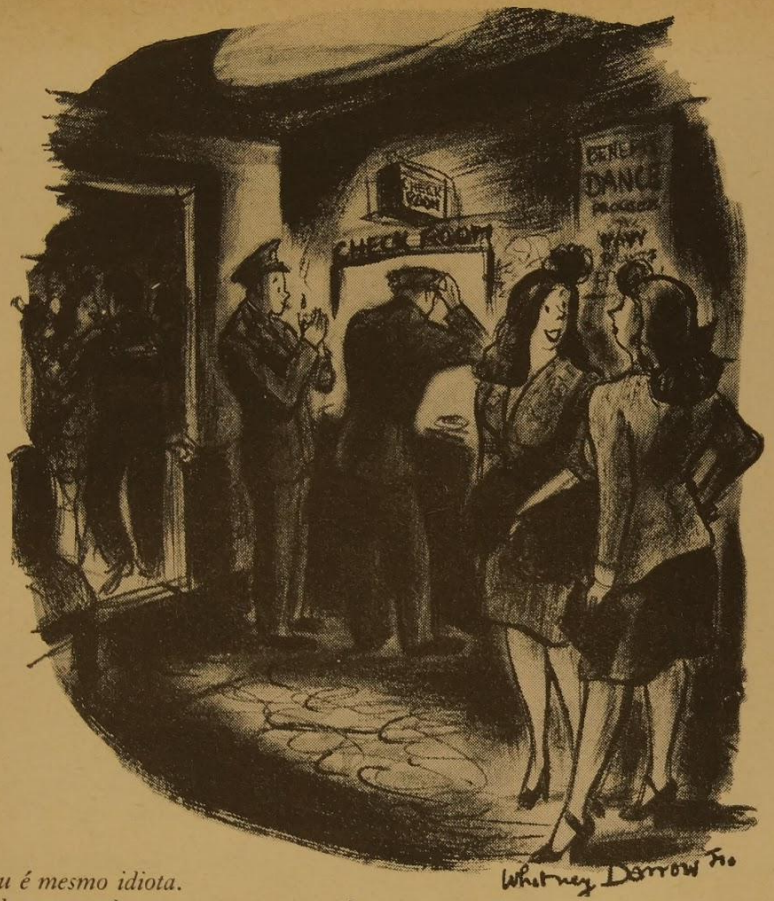
Publicamos aquí uma série de caricaturas escolhidas dos últimos números da conhecida revista The New Yorker, *sempre excelente nas suas notas de sátira e humor.*



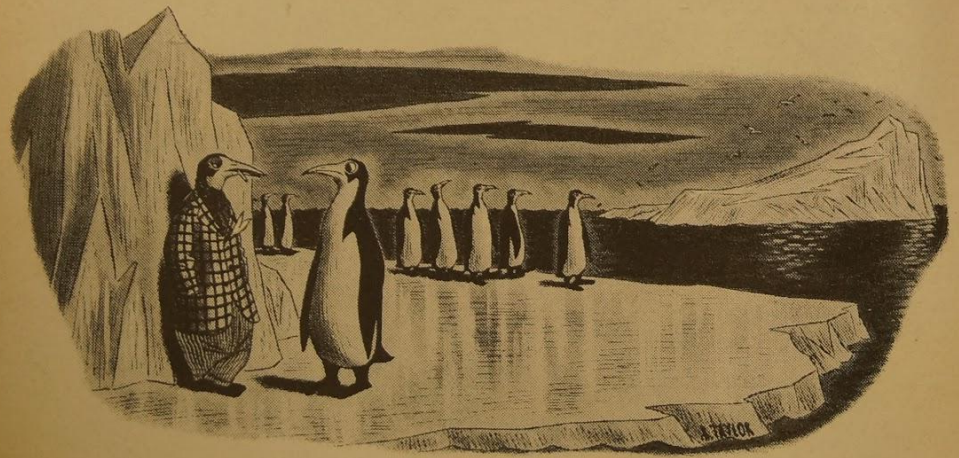
«*Olhem lá!— Só atirem nos fardados.*»

«*Cuidado que ele tem uma mão livre.*»

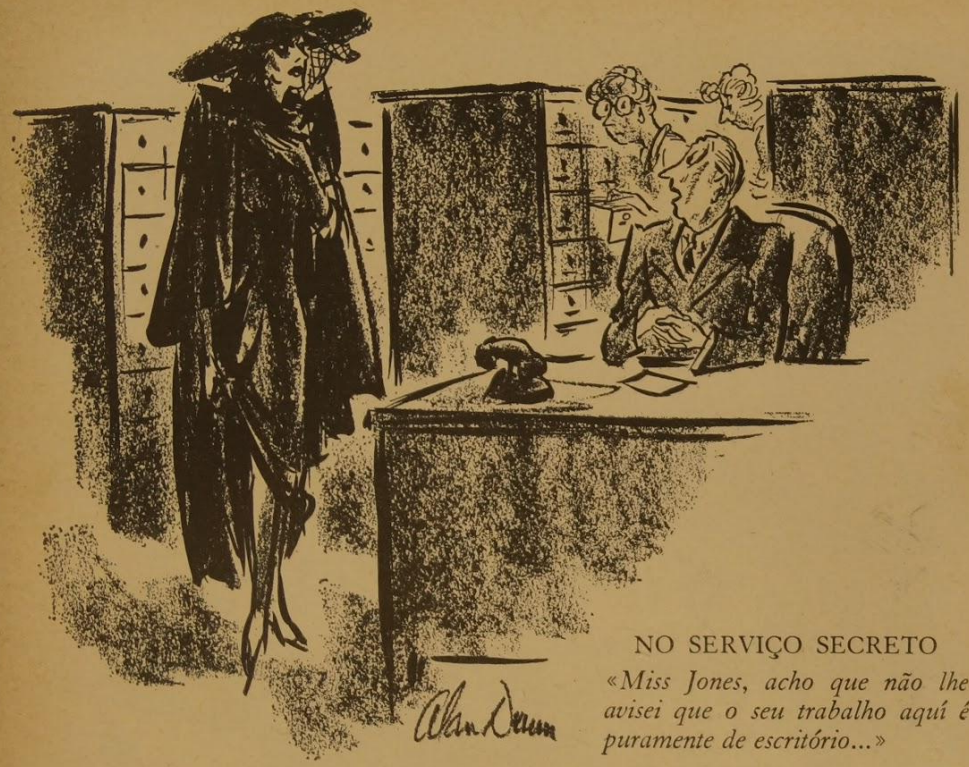




«O meu é mesmo idiota.
Não sabe nem onde esteve, nem para onde vai, nem nada.»



«Ora essa. Estou é farto de andar sempre de casaca.»



NO SERVIÇO SECRETO

«Miss Jones, acho que não lhe avisei que o seu trabalho aqui é puramente de escritório...»

«Seu delegado, eu vim dizê ao sinhô que 'stá havendo um tufão danado...»

A batalha da Alemanha está a ser travada em torno à rede ferroviária do Reich, que já começa a abrir brecha...

As ferrovias, ponto fraco do Reich

Por Allan A. Michie

Num cabograma de Londres

A OPINIÃO PÚBLICA das Nações Unidas está hoje gravemente convencida da importância verdadeiramente capital do problema da navegação, do ponto de vista da estratégia de guerra; nem todos pensam, porem, em que Adolfo Hitler se vê a braços tambem com tremendas dificuldades de transporte. Os vagões de mercadorias e as locomotivas são tão importantes para o Nazismo, quanto os navios mercantes e os barcos-cisternas o são para os Aliados. Tudo indica que a crise das estradas de ferro do III Reich, pelos próprios alemães reconhecida como séria, se está tornando de dia para dia mais grave.

Nestes últimos três anos, tem aumentado constantemente o fardo que pesa sobre a rede e o material ferroviário do Reich. Os territórios ocupados da Europa têm sido pilhados e despojados do seu material rolante, e o serviço de passageiros deixou praticamente de existir alí: pois nem assim as vias férreas da Alemanha conseguem dar conta da sua tremenda tarefa. As autoridades do transporte, na Suécia, não ocultam o seu assombro ante o miseravel estado dos vagões que chegam da Alemanha, via Dinamarca, e recusam muitas vezes aceitá-los, tal o receio de que eles não possam aguentar mais um ou dois quilômetros de marcha... As oficinas de reparação da Polônia não têm mãos a medir, e não chegam para o gigantesco trabalho de consertos em máquinas e vagões que lhes é imposto. Os suiços só com muita relutância deixam o seu próprio material ferroviário atravessar a fronteira, pois muitas centenas de vagões nunca regressaram da Alemanha. «Perdido em trânsito» é a lacônica explicação oferecida pelos nazís às reclamações dos seus vizinhos. Segundo o cômputo unânime de observadores neutrais, um terço das locomotivas da Alemanha encontra-se diariamente nas oficinas de reparação. Até o transporte de batatas se está fazendo em carros de passageiros; apesar disso, Hamburgo e Viena passaram semanas sem batatas. Outras cidades padeceram atrozmente de frio, por falta do, aliás abundante, carvão do Ruhr, ao mesmo tempo que esta região teve de passar sem as hortaliças de que antes se abastecia em outras províncias.

O estado caótico das estradas de ferro foi um dos principais fatores que obrigaram Hitler a adiar, na primavera passada, a sua ofensiva contra a Rússia, o que lhe valeu perder dois preciosos meses de campanha militar—com consequências talvez fatais para o nazismo. O ministro da Economia do Reich confessava ainda há pouco que os transportes se tinham tornado «o problema central de todo o esforço bélico da Alemanha.»

Num erro de visão verdadeiramente gigantesco, antes da guerra, Hitler

desprezou intencionalmente as estradas de ferro, para se consagrar ao aperfeiçoamento da sua obra dileta, os «autos do povo» e as auto-estradas. A sua hoje famosa «intuição» lhe segredou enganosamente que o motor a gasolina viera substituir a máquina a vapor. Mas hoje as auto-estradas do Fuehrer acham-se desertas, porque as necessidades do exército absorvem a maior parte da gasolina. As vias férreas são forçadas a carregar, gemendo, com todo o tráfego da nação, que cresceu 63% em 1940, 76% em 1941, e é hoje maior ainda, devido às sempre crescentes exigências de material da vasta frente russa.

Mas o fato não é em absoluto novo, pois as estradas de ferro do Reich sempre foram o «calcanhar de Aquiles» do aparelho bélico alemão. Ludendorff confessava que, pelas alturas do Armistício de 1918, os transportes ferroviários da Alemanha tinham caido praticamente em ponto-morto. «Tínhamos contado com uma guerra curta,» escreveu ele, «e não com uma guerra de desgaste.»

A despeito da determinação com que Hitler quis evitar a reprodução dos erros da primeira Guerra Mundial, é óbvio que ele tambem falhou à missão de planejar uma longa guerra de desgaste, pelo menos no que respeita às estradas de ferro. A prova do que aquí avançamos, é o fato de que as mesmas não estavam, em 1938, tão bem aparelhadas quanto em 1913. A quilometragem não fora aumentada; havia menos locomotivas, menos vagões de mercadoria,—e, sem embargo de tudo isso, o tráfego aumentara de muito. Hitler reduziu as verbas de conservação a uma fração do que eram anteriormente, passou por exemplo a fabricar apenas um décimo dos vagões de mercadoria que antes se fabricavam, e renovou apenas um terço dos trilhos.

A construção de obras públicas, a linha Siegfried e a ocupação militar da Áustria e dos Sudetos sobrecarregaram inesperadamente os já mal equipados serviços ferroviários. O resultado foi que a declaração de guerra veio encontrar as linhas em sérias condições de insuficiência.

Entretanto, cegamente convencido de que os auto-transportes haviam de substituir os trens, Hitler tinha rasgado 3.000 quilômetros de novas estradas, que custaram verbas astronômicas ao povo alemão. A teoria do Fuehrer era que a Alemanha seria uma nação mais capaz de se bastar a si mesma, no dia em que, motorizada, rodasse sobre novas estradas, em cima de pneus de borracha sintética, e queimando combustiveis tambem sintéticos. Mas quando chegou a guerra, a maior parte dos combustiveis sintéticos e toda a borracha Buna foram absorvidos pelo exército. Assim, em vez de aliviar o fardo das estradas de ferro, o programa veio agravá-lo enormemente. Para fabricar uma tonelada de gasolina *ersatz* e uma tonelada de borracha Buna, é preciso carregar da mina para a fábrica, respectivamente, cinco e sessenta toneladas de hulha!

Após Munique, porem, os técnicos da Reichswehr sempre acabaram por convencer Hitler de que as estradas de ferro da Alemanha viriam a ser fator de importância capital na guerra, que todos eles sabiam agora não vinha longe. Em novembro de 1938 foi anunciado um plano gigantesco de quatro anos para a construção de novas locomotivas, carros de passageiros e vagões de carga: demasiado tarde! Uma vez declarada a guerra, as oficinas de locomotivas tiveram que entrar a fabricar tanques, e o programa passou à categoria das impossibilidades.

Outra razão por que a crise dos transportes se agravou na Alemanha foi que o bloqueio que a Inglaterra lhe impôs pelo mar e pelo ar, lançou sobre os transportes terrestres da Alemanha todo o peso das cargas que se tornava agora impossivel confiar ao mar. Deve-se ter presente que a grande massa do tráfego entre a Alemanha e a Europa Central e Meridional se fazia, em tempos de paz, pelo mar—de Constanza, Salonica, Porto Piréu, via Mediterrâneo e Atlântico, para Antuérpia, Roterdã, Bremen e Hamburgo. Todo o carvão de que a Itália carecia, costumava ser transportado pelo mar; e o mesmo quanto a óleos, gêneros alimentícios e matérias primas do Sueste europeu. Todo esse imenso tráfego marítimo tem hoje que empilhar-se em estradas de ferro impróprias para o transportar, não só por falta de material, mas por má distribuição, porque a maioria das redes ferroviárias da Europa central foram construidas puramente para servir os grandes portos, e não para cruzar o continente em todos os sentidos.

Outro aspecto ainda do problema, é a tremenda multiplicação da atividade bélica das indústrias de carvão, petróleo, ferro e aço, todas elas, claro está, primariamente dependentes dos transportes ferroviários. A transferência das indústrias de munições para áreas mais «seguras», na Polônia, na Tchecoslováquia e na Áustria, onde se esperava que estivessem fora do alcance da RAF, pelo menos durante uma parte do ano, veio por sua vez agravar mais a situação.

Esses três fatores—material em mau estado, cargas enormemente agravadas, e mudança na orientação ou curso do tráfego—já antes de se ter iniciado a campanha da Russia tinham reduzido as estradas de ferro do Reich a uma situação precária. A frente oriental, com os seus 3.000 quilômetros de extensão, desencadeou uma crise que ameaça subverter todo o esforço militar dos nazistas.

Hitler esperava, cheio de otimismo, que a Rússia desabasse e abrisse mão de todo o seu material rodante, como sucedera noutros paises invadidos: mas, em vez disso, à medida que os alemães avançavam, os russos conseguiam destruir ou evacuar a maior parte das suas locomotivas e vagões de carga, arrancar longos trechos das vias, e dinamitar grande número de pontes. Assim, em lugar de alcançarem o que esperavam, os invasores eram forçados a suprir as deficiências com o seu próprio material, já de si escasso. Além disso, era preciso adaptar os trilhos russos à bitola das estradas alemãs. Desta maneira, a cada milha que avançavam, agravava-se a já séria tensão a que vinham sendo submetidos os caminhos de ferro que lhes ficavam para trás.

À retaguarda do front, concentrando o seu fogo nas artérias de transporte mais importantes do Reich, a RAF vem de há muito infligindo às vias férreas da Alemanha os mais duros castigos. Os ingleses estão cumprindo um programa cuidadosamente elaborado pelo Ministério da Guerra Econômica, com o fim de bater em brecha os pontos fracos do sistema nazista. Os aviões de combate sobrevoam de dia a Bélgica e a França ocupada, à cata das locomotivas, para lhes rebentar com as caldeiras a tiro de canhão. No curso de uma noite, uma só esquadrilha de Hurricanes atacou 23 trens em terri-

tório nazista. Os raides em larga escala, como o de Colônia, causaram vastos estragos em estações, trilhos, parques, e material ferroviário em geral. O ataque em massa a Kassel, no dia 27 de agosto, teve como objetivo principal as fábricas de locomotivas. Nuremberg, ferozmente metralhada e bombardeada a 29 de agosto, é o entroncamento de duas grandes linhas principais, do Ruhr para o sueste europeu, e da Alemanha central para a Itália. Osnabruck, alvo dos raides de 10 e 17 de agosto, é a desembocadura principal do Ruhr para o norte, por via férrea. A 11 e 12 de agosto, quando Mainz foi bombardeada, ficaram completamente destruidas muitas oficinas e armazens ferroviários.

Estes ataques repetidos da RAF vêm causando tanto estrago, que os nazistas se estão esforçando desesperadamente para transferir o tráfego ferroviário para os navios costeiros e a navegação dos canais—mas, ainda uma vez, os ingleses tambem aí os estão pondo em cheque com eficiência. Os velozes moto-torpedeiros britânicos fazem sortidas através da Mancha, afugentando a navegação costeira para dentro dos portos, e forçando os alemães a sobrecarregar ainda mais as já derreadas vias férreas. Nos portos do Báltico e do Atlântico jazem hoje, paralisadas, milhares e milhares de toneladas de mercadoria.

Num exasperado esforço para enfrentar esta crise dos transportes, o supremo comando econômico do Reich tomou recentemente uma decisão sem precedentes: a consignação de matérias primas, de espaço fabril e de mão-de-obra para construção e reparação de locomotivas, passou a ter uma classificação tão alta, no rol das chamadas «prioridades» de guerra, como os tanques, os aviões e os submarinos!

É, porem, discutivel se esse decreto poderá resolver o problema. O severo inverno de 1941 impôs à rede ferroviária do Reich o esforço mais violento que ela até hoje teve de suportar; mais uma longa campanha de inverno na Rússia, acompanhada de prejuizos crescentes causados pelos raides da RAF—e talvez os serviços ferroviários alemães tenham que «fechar a porta.» A parte mais vulneravel de toda a estrutura de guerra da Alemanha pode estar já, nas palavras do sr. Winston Churchill, «estalando e rangendo, a caminho do aniquilamento.»

Biologia

¶ —Mamãe, que é que os pássaros comem?
—Vermes, meu filho.
—E que é que os vermes comem?
—Os pássaros mortos, meu filho.

—*Stephen Leacock*

Quando o homem passa dos 50 . . .

Por Paul de Kruif

Situada profundamente na cavidade abdominal do homem, está uma pequena glândula, do tamanho duma castanha—a próstata—que é uma ameaça constante para três de cada dez homens, que tenham dobrado os 50 anos de idade. A próstata é um orgão essencial, porque desempenha um papel de grande importância na reprodução, segregando um fluido que conduz e nutre o espermatozóide, dando-lhe vigor e motilidade. Mas a próstata é tão perigosa quanto importante, porque, situada junto à saida da bexiga, quando aumenta de volume, provoca a retenção da urina, produzindo uma série de complicações prejudiciais à saude e, por vezes, pondo em perigo a própria vida.

O mais comum dos seus estados mórbidos é a prostatite crônica, inflamação que aparece quando a glândula se infecta, geralmente pelo estreptococo, o coli-bacilo, o gonococo, e ainda outros germes. O primeiro sinal de prostatite, que pode aparecer em qualquer idade, é a micção frequente, especialmente durante a noite, acompanhada de dor, de sensação de queimadura e de dificuldade em esvaziar a bexiga. O paciente pode sofrer dores nas cadeiras e queixar-se de mal-estar geral. Pode-se observar a esterilidade temporária em virtude da inflamação prostática; entretanto, logo que o doente melhora, os espermatozóides voltam a apresentar seu poder fecundante.

O médico moderno tem à sua disposição meios bastante seguros de tratar essa moléstia do sexo forte. Pode prescrever os admiraveis e eficientes preparados sulfamídicos, com maior ou menor certeza dos seus bons resultados. A massagem da próstata, quando feita por médico competente, presta valioso auxílio ao tratamento. Valiosa tambem é a diatermia, os banhos quentes, e certos enemas, que concorrem para dilatar os vasos sanguíneos da região, intensificando a circulação local. Qualquer medida que concorra para uma boa saude geral é de grande valor no tratamento. Os exercícios moderados, tais como sejam a marcha e o golfe, podem contribuir para manter um bom estado geral e uma boa circulação. Deve-se ter cuidado com os intestinos. O beber água abundantemente e uma boa dieta orientada pelo médico, completam as primeiras medidas a tomar. A higiene sexual, o cuidado precoce da próstata inflamada, concorrerão grandemente para que não sobrevenham mais tarde complicações sérias.

À proporção que o homem avança em anos (entre os 50 e os 70) a próstata pode tornar-se permanentemente volumosa, produzindo incômodos acentuados. A micção torna-se penosa, aumentando de frequência à proporção que o doente faz tentativas dificeis e infrutíferas para esvaziar a bexiga. Podem resultar, às vezes, sérias ou fatais lesões dos rins, seguidas de uremia, se a obstrução prostática não for removida. Nessa crítica situação, a cirurgia possue uma dupla técnica para aliviar o doente.

Desde o começo deste século que os cirurgiões competentes têm procurado por termo a esse martírio específico do sexo masculino, melhorando constantemente os métodos operatórios que permitam fazer a ablação parcial da próstata hipertrofiada. Em 1903, o dr. Hugh

Young aconselhou uma técnica que consiste em fazer uma pequena incisão no lobo médio, sendo assim possivel remover as porções que estejam a obstruir a glândula.

De 1930 para cá, com o aperfeiçoamento do bisturí elétrico—instrumento verdadeiramente mágico—houve uma revolução no prognóstico dos prostáticos. Na maioria dos casos não é mais preciso abrir o ventre. Na moderna operação por via uretral introduz-se na uretra um delicado aparelho, com uma pequenina lâmpada elétrica na ponta, e provido duma alça metálica da grossura dum fio de cabelo. Pela ocular do aparelho, o cirurgião vê (como através dum periscópio iluminado) a próstata obstruida. Observa-se agora um duplo milagre: primeiro, a corrente de alta frequência que passa pela alça metálica, seciona os tecidos hipertrofiados, e é um espetáculo verdadeiramente feérico quando os vasos sanguíneos esguicham sangue como em chamas; o outro milagre produz-se quando a mágica corrente elétrica laqueia os vasos e faz parar a hemorragia. Essa operação de cortar-e-coagular (feita sem dor, com raquianestesia) continua até que a perigosa obstrução esteja completamente removida, e a urina possa correr livremente. Em geral, o doente deixa o hospital ao fim de dez dias, e em pouco tempo volta à vida normal. Querem estatísticas? Existem muitas, todas atestando os flagrantes resultados da operação por via uretral. Na Clínica Mayo, é esta a técnica preferida nos casos de complicações prostáticas. Numa série de 1.000 casos a mortalidade alcançou o índice baixíssimo de menos de um por cento—aproximadamente a mesma mortalidade da apendicite!

Nos Estados Unidos, os urologistas de nome vêm trazendo com a cirurgia prostática novas esperanças a milhares de indivíduos que, na madureza da vida, têm tantas responsabilidades sociais. Com o moderno desenvolvimento da técnica, os dois métodos—por via uretral e por via abdominal—são igualmente seguros e relativamente isentos de perigos. É questão apenas de critério clínico, o escolher este ou aquele método.

Para auxiliar a cirurgia prostática, os cirurgiões usam «o pó de Deus», ou sejam as sulfanilamidas, para evitar os azares da infecção, antigamente causa primária dos óbitos. Com o emprego destas substâncias depois da operação, ficou a mortalidade a tal ponto reduzida, que, de trezentas operações consecutivas por via uretral, feitas numa clínica, nem um só paciente morreu.

Não param, entretanto, aí as complicações da próstata. Alem de impedir a micção e de lesar os rins, podem prejudicar a vida sexual dos pacientes. Quando infectada, da próstata podem partir pela via sanguínea toxinas que vão atacar articulações, tendões, músculos, ossos—e até os olhos. Na idade madura, ao serem investigadas as causas de muitas moléstias do homem, os médicos deveriam pensar na possibilidade duma infecção prostática. Por outro lado, os abcessos dentários, ou das amígdalas, podem levar infecções à próstata, pela corrente sanguínea ou linfática.

O cancer aparece em cerca de dez por cento dos prostáticos. Felizmente, ele se inicia, em geral, na parte da glândula que pode ser palpada pelo médico, durante o exame retal, podendo-se, assim, fazer o seu diagnóstico precoce. O cancer prostático cresce tão vagarosamente, que seus sintomas locais podem ser aliviados (embora não curados) pela operação por via uretral. Recentemente, têm-se obtido resultados benéficos no tratamento dos cânceres da próstata, com o uso do hormônio feminino. O exame retal deveria ser considerado indispensavel nos homens de mais de 50 anos, quando os mesmos viessem consultar periodicamente o médico. Os primeiros sintomas prostáticos poderiam dessa maneira ser reconhecidos logo de início.

Com as últimas aquisições da cirurgia e da química, os prostáticos não têm motivos para temer. Nenhum homem deveria condenar-se a conduzir o pesado fardo de complicações prostáticas, quando hoje a Medicina pode prolongar a duração do que chamamos «a força da vida». Com o fim de manter o vigor e prolongar a existência, todo homem, depois dos 50 anos, deveria submeter-se regularmente a rigoroso exame, o qual deverá consistir não só na inspeção do reto, mas tambem dos rins, da bexiga e das funções sexuais. Por toda a parte os médicos estão dando esse conselho, e seria rematada loucura fazermos ouvidos de mercador.

O truque da manga

(Condensado do «Literary Lapses»)

Por Stephen Leacock

«AGORA, minhas senhoras e meus senhores,» disse o prestidigitador, «deste lenço, inteiramente vasio, como estão vendo, vou tirar um aquário com peixes dourados. Pronto!»

Houve um sussurro de admiração em toda a sala, e toda a gente dizia: «É maravilhoso! Como é que ele consegue fazer isto?»

Mas o Senhor Sabido, na fila da frente, (ora, se o enganavam!) murmurou fortemente aos cavalheiros vizinhos: «Es-ta-va dentro da manga.»

Os cavalheiros vizinhos sacudiram as cabeças, com inteligência, dizendo: «Sem dúvida! Sem dúvida!» E, em toda a sala, toda a gente murmurou tambem: «Es-ta-va dentro da manga.»

«Meu truque seguinte,» continuou o prestidigitador, será o dos famosos arcos indús. Como vêem, os arcos estão aparentemente separados. A um só golpe, eles se unem. (Clang, clang, clang). Pronto!»

Houve outro «ah!» de estupefação no público, até que o Senhor Sabido murmurou: «Ele tinha outros arcos—na manga».

Novamente toda a gente sacudiu a cabeça e murmurou: «Os arcos estavam—na manga».

Os sobrolhos do mágico se carregaram consideravelmente.

«Agora,» prosseguiu ele, «um dos meus mais interessantes truques. Vou fazer aparecer, de um chapéu qualquer, uma porção de ovos. Algum cavalheiro poderá ter a gentileza de me emprestar o seu chapéu? Ah, muito obrigado. Pronto!»

Apareceram 17 ovos, e, durante meio minuto, os espectadores podiam jurar que o prestidigitador era realmente maravilhoso. Então, o Senhor Sabido, mais uma vez, murmurou: «Ele tem uma galinha—escondida na manga.»

E o truque dos ovos foi um fracasso.

Assim, segundo se podia depreender dos murmúrios do Senhor Sabido, o mágico devia ter, ocultos em sua inesgotavel manga, alem do aquário, dos arcos indús e da galinha invisivel, um berço de bonecas, uma cobaia viva e uma cadeira de balanço...

A reputação do prestidigitador estava rapidamente caindo abaixo de zero. Já quase ao terminar o espetáculo, decidiu ele fazer um esforço derradeiro.

«Minhas senhoras e meus senhores,» disse, «como número final, vou apresentar o famoso truque japonês, recentemente inventado pelos nativos de Tipperary. O cavalheiro», continuou ele, dirigindo-se ao Senhor Sabido, «poderá ter a bondade de me dar o seu relógio de ouro?»

Foi-lhe entregue o relógio.

«O senhor me permite que eu arrebente o seu relógio?» perguntou o mágico.

O Senhor Sabido inclinou a cabeça e sorriu.

O prestidigitador tomou de um martelo e amassou violentamente o relógio. «Já o meteu—na manga,» murmurou o Senhor Sabido.

«Agora, caro senhor,» continuou o mágico, «o senhor pode me dar o seu chapéu e deixar que eu danse sobre ele? Muito obrigado.»

O prestidigitador fez uma série de passos sobre o chapéu, tornando-o inteiramente irreconhecivel.

O rosto do Senhor Sabido se iluminou. Desta vez, o real mistério da coisa o fascinava.

«Agora o senhor me dá a sua gravata, com a permissão de queimá-la nesta vela? Muito obrigado. E os seus óculos tambem, com a licença de meter-lhes o martelo? Muito, muito obrigado.»

A essa altura, o Senhor Sabido estava, visivelmente intrigado. «Essa agora,» murmurou ele, «está de rachar. Não percebo *niquel*.»

Houve um grande silêncio no auditório. O prestidigitador, com um olhar fulminante ao Senhor Sabido, concluiu:

«Minhas senhoras e meus senhores, podem observar que eu, com a permissão deste cavalheiro, esmaguei o seu relógio, dansei sobre o seu chapéu, queimei a sua gravata e quebrei os seus óculos. Se ele me permitir ainda que eu lhe pinte algumas listas verdes no casaco, ficarei encantado de poder entreter-vos ainda mais. No caso contrário, encerro aquí os meus trabalhos.»

E, com um bravo *finale* na orquestra, a cortina caiu e o público se dispersou, convencido de que, afinal de contas, há alguns truques que não são executados com a ajuda da manga do artista.

¶ *Todo homem tem o direito de ser presunçoso, até o dia em que a glória o bafeja.*

—Disraeli

¶ ***A história comovente da vida e morte de um lobo extraordinário, narrada por um famoso naturalista.***

Lobo-Rei, o que morreu de amor

(Condensado de «Trail of an Artist-Naturalist»)

Por Ernest Thompson Seton

Anos atrás, um amigo meu, dono de uma estância no vale do Currumpaw, no norte do Novo México, sabendo que eu tinha experiência em caçar lobos, pediu-me que lá aparecesse para livrar a região de uma alcatéia de lobos cinzentos, salteadores que, a despeito dos maiores esforços dos caçadores e vaqueiros da região, dizimavam de maneira espantosa reses de valor. Como me achava naquela ocasião lá para a banda do sudoeste, acedí de boa vontade ao convite, e saí rumo ao Currumpaw com uma carroça e parelha de cavalos, e com mais dois companheiros, Billy Allen e Charley Winn, levando umas armadilhas de lobos.

Ao chegar, contaram-me que a alcatéia era chefiada por um enorme lobo, o qual fora alcunhado, pelos mexicanos da região, de Lobo-Rei. Todos os rancheiros conheciam bem o Lobo, apesar de poucos haverem deitado os olhos nele. O seu uivo, mais grave de uma oitava que o dos companheiros, era inconfundivel, e o seu rasto igualmente conhecido. A pata dianteira de um lobo qualquer mede, ordinariamente, onze centímetros de comprimento. Pois bem, a pata de Lobo-Rei media catorze.

A manha e a força do bandido se equiparavam ao seu tamanho. Sob a sua chefia diabolicamente astuta, o bando de lobos se furtava aos maiores esforços por envenená-los ou pegá-los em armadilha. Os rancheiros se haviam cotizado, oferecendo a quantia de mil dólares—quantia sem precedente—a quem conseguisse pegar o lobo. Mas o velho Lobo e sua caterva pareciam gozar de poderes mágicos. Em cinco anos montavam a mais de duas mil as reses sacrificadas. Tão exigentes se tinham tornado os lobos, que não comiam senão as partes mais delicadas das novilhas que abatiam, regularmente, todas as noites.

Só de uma coisa Lobo tinha medo,—das armas de fogo. Sabedor de que todos os homens daquela região levavam armas de fogo, fugia aos encontros com seres humanos, só permitindo que seu bando vagueasse à noite. Para tal adversário eram pequenas as armadilhas que trouxera; por isso, enquanto esperava a chegada de maiores, tentei pegá-lo com veneno.

Como chamariz, cozinhei uma mistura de queijo e gordura de rins de uma

novilha morta havia pouco. Afim de que não ficasse impregnado com o faro humano, calcei um par de luvas embebidas no sangue ainda fumegante da novilha, tomando cuidado até de que o meu hálito não tocasse a carne. Depois de fria a mistura, cortei-a em pedaços com uma faca de osso, enfiando em cada bocado uma cápsula inodora de estricnina e cianureto, e selando o furo com um bocado de queijo. Pus a isca num saco de couro besuntado de sangue, e saí a cavalo arrastando o saco por uma corda. Dei uma volta de cerca de dezesseis quilômetros, deixando cair um pedaço da isca de meio em meio quilômetro, evitando tocá-lo com as mãos.

O dia seguinte tornei a percorrer esse trajeto, ansioso por descobrir os resultados. Pelos rastos dos lobos deixados no chão vi que o haviam farejado, seguindo até o lugar onde deixara cair o primeiro pedaço da mistura. Aí Lobo estivera à roda, farejando, e finalmente o apanhara. «Peguei-o», pensei eu. Entretanto não se via lobo algum morto na planície. Prosseguindo até o lugar onde deixara o segundo e o terceiro pedaços, descobrí que tambem já não estavam mais lá. Chegando ao lugar onde deixara o quarto pedaço, compreendí o que acontecera. Lobo não comera as iscas, mas carregara os pedaços na boca, deixando-os cair quando chegou ao quarto pedaço. Aí as cobrira de imundícies, como para exprimir o seu desprezo por todos os meus artifícios e estratagemas.

Evidentemente o Rei era astuto demais para ser envenenado; por isso obtive cem armadilhas pesadas de aço de molas duplas—o que havia de mais especial para pegar lobos. Meus companheiros trabalharam comigo uma semana inteira, armando-as em todos os atalhos que iam dar às fontes de água e aos trilhos por onde se atravessavam as paredes a pique do canhão. Cada armadilha era presa por uma cadeia a um tronco curto, e bezuntada de sangue fresco. Em lugares especialmente estratégicos enterrei quatro armadilhas distantes cerca de 30 centímetros umas das outras. Coloquei os troncos ao lado dos caminhos, e, depois de cobrí-los bem de pó e capim, esfregamos todo o chão com o cadaver de um coelho. As armadilhas estavam tão bem escondidas que nem um homem, à plena luz do dia, as teria descoberto. Mas nem assim Lobo-Rei se deixou tapear.

Quando examinei as armadilhas, dias depois, pude ler, mais uma vez, nos rastos deixados na poeira, o que se havia dado. Ao aproximar-se da primeira armadilha, seu faro agudíssimo o prevenira que alí adiante havia algo de duvidoso. Esgaravatando com todo o cuidado, descobrira a armadilha, com cadeia e tronco. Então, tocando para diante, tratara de fazer o mesmo a mais uma dúzia de armadilhas.

Estudando os seus métodos, notei que, ao descobrir uma armadilha, se afastava sempre da estrada, a contravento, para melhor pegar o faro. Isso me deu uma idéia. Enterrando uma armadilha justamente no atalho, coloquei outras três de um e outro lado da primeira, formando um H. Agora, pensei eu, quando farejar a armadilha do meio, que forma o travessão do H, cairá numa das armadilhas dos lados.

Mas o Lobo era por demais esperto. Deparando com a armadilha no atalho, cuja presença se acusou imediatamente ao seu faro incrivelmente agudo, deteve-se, e, em vez de dar para o lado, como era costume, recuou, colocando cada pata cuidadosamente nos rastos

anteriores, até achar-se fora de perigo. Então, dando uma grande volta pelo meu H de armadilhas, fugiu, e foi triunfantemente matar outra novilha a alguns quilômetros de distância.

Debalde já gastara quatro meses à caça do espertalhão e seu bando. Não sabia mais o que fazer. E ele poderia ter continuado a correr a planície e a abater novilhas até o fim de sua vida natural, não tivesse cometido um erro, —único da sua vida. Enfeitiçou-se por uma loba nova e incauta.

Alguns mexicanos, que à luz dos braseiros dos seus acampamentos na planície, de vez em quando viam passar o bando, me disseram que a companheira de Lobo era branca como a neve, tanto que lhe puseram o nome de Blanca. Acreditei ter afinal descoberto o ponto fraco do velho finório, e preparei a estratégia da minha última campanha. Matando uma novilha, coloquei duas armadilhas mais ou menos à vista, perto do cadaver, depois corteilhe a cabeça e a deitei no chão a pouca distância, como se fora alí jogada por descuido. À cabeça atei duas armadilhas desodorizadas que enterrei. Então esfreguei o chão com uma pele de lobo, e com uma pata de lobo imitei uns rastos no pó, por cima das armadilhas.

Na manhã seguinte—que alegria!—a cabeça já não estava lá. Os rastos denunciavam que Lobo viera, atraido pelo odor da carne fresca. Rodeara o cadaver a boa distância. O resto do bando, com a exceção de um animal, obedecera a seu aviso, mantendo-se afastado do lugar. Mas um—um animal menor—correra imprudentemente a examinar a cabeça da novilha, metera uma pata numa das armadilhas, e desatara a correr, levando cabeça, armadilha e tudo.

Meu companheiro, Billy Allen, e eu esporeamos os cavalos pelo rasto afora. À distância de dois quilômetros alcançamos o pobre animal. Era Blanca!

Era a loba mais bonita que jamais vira. Seu pelo era quase todo branco. Lobo estava com ela, e só quando viu se aproximarem homens com armas de fogo é que a abandonou. Escapando por uma colina acima, chamou-a para que o seguisse, mas os chifres da cabeça da novilha se prenderam numas pedras, e ela ficou cativa.

Voltando-se para nos atacar, levantou a voz num uivo prolongado que ecoou pelas grotas. De muito longe veio a resposta de Lobo. Aproximando-nos, matamo-la, e voltei para o rancho com o seu cadaver atravessado na sela.

Durante todo aquele dia ouviu-se Lobo uivar. Mas não era mais aquele uivo antigo, que respirava zombaria; fazia-se ouvir agora uma nota grave e triste. Ao cair da noite, o uivo soava mais perto, e compreendí que Lobo rondava pelo lugar onde havíamos apanhado Blanca. Quando chegou ao ponto onde fora morta, parecia compreender o ocorrido, e seus uivos nos infundiam dó. Até os rancheiros, geralmente impassiveis, afirmavam, impressionados, nunca ter ouvido um lobo uivar assim. Altas horas da noite, Lobo seguiu os rastos dos nossos cavalos até pertinho da habitação, e na manhã seguinte descobrimos o nosso cão de vigia estraçalhado a uns 45 metros apenas da nossa cabana.

Pensando que talvez Lobo demorasse por alí perto uns dias, à procura de Blanca, dediquei-me de verdade à tarefa de pegá-lo, antes que fosse tentado a desistir de todo da empresa. Meus companheiros e eu colocamos armadilhas, aos grupos de quatro, em todos os

atalhos que davam para a estância. Cada uma estava atada a um tronco, e o todo ficava enterrado. Com a pata de Blanca fazíamos rastos por cima de cada armadilha.

Foi na tarde do segundo dia que vi um grande vulto cinzento no atalho do canhão do norte. Alí, indefeso, jazia o Rei do Currumpaw. Descobrira os rastos que eu fizera com a pata de Blanca, e, esquecendo a sua cautela usual, caira nas garras de ferro de quatro armadilhas.

Quando me viu, o velho bravo,—embora aniquilado pela luta de dois dias e noites para escapar às armadilhas—ergueu-se valorosamente para combater. Os olhos faiscavam-lhe verdes de fúria; os maxilares estalavam no esforço por me pegar. Meu cavalo tremia como varas verdes. Mas as armadilhas, cada uma pesando quase 150 quilos, o aguentavam firme, e, abatido de fome e perda de sangue, caiu exhausto.

Agora que o tinha em meu poder, fiquei condoido. «Seu bandido,» pensei comigo, «sinto muito, mas não há outro remédio.» Lancei o laço mas, ao cair a corda sobre o seu pescoço, com um só golpe dos dentes, cortou-a em dois. Trazia comigo a espingarda, mas não queria estragar a pele do animal; voltei então depressa à cabana e apanhei outro laço. Meu companheiro Billy Allen foi comigo. Jogamos-lhe um pau, que ele abocanhou, e, antes que tivesse tempo de o largar, nossos laços voaram pelos ares, e o prenderam pelo pescoço. Foi obra de uns momentos o amarrar o pau atravessado na sua boca com a corda que trazíamos.

Logo que se viu amarrado, desistiu da menor resistência. Nem fez barulho algum. Olhou-me com supremo desdem como quem dissesse: «Estou finalmente em seu poder, faça de mim o que quiser.» E daí em diante não deu mais atenção ao que fazíamos. Amarramos-lhe as patas e desprendemos as armadilhas. Os dois, juntos, mal dispúnhamos da força necessária para levantar o seu corpo de quase setenta e cinco quilos, afim de o colocar na minha sela, e levá-lo dalí.

De volta à cabana, coloquei-lhe uma forte coleira no pescoço, prendí-a com uma cadeia pesada a um poste, e desamarrei-o. Pus água e carne ao seu lado, mas ele não fazia caso. Nem sequer recuou quando toquei nele, mas voltou a cabeça para o outro lado, com um longo olhar saudoso para as planícies, onde por tantos anos imperara soberano. Ao cair da tarde, quando voltei para a cabana, averiguei que em nada tinha tocado.

Dizem que um leão despojado de sua força, uma águia a que se retira a liberdade, uma pomba desolada com a perda do seu companheiro, são capazes de morrer de paixão. Acreditar-se-ia acaso então que esse bravo suportasse a perda a um só tempo dessas três fortunas? Só sei o seguinte: quando raiou a manhã, jazia ainda justamente como o deixara; embora o corpo não apresentasse um só ferimento, o espírito se evolara—Lobo-Rei era morto.

Tirei a cadeia e coleira do pescoço. Um vaqueiro me ajudou a carregá-lo para a barraca onde jaziam os restos mortais de Blanca. Ao colocarmos o velho Lobo ao seu lado, o vaqueiro olhou para ele e disse: «Pronto, você queria ficar perto dela; agora vocês estão juntos.»

Num comboio para Murmansk

(Condensado da «Nautical Gazette»)

Por Edwin Muller

Uma descrição impressionante dos imensos sacrifícios em que importa o atual transporte marítimo de abastecimentos para a guerra

«NENHUM de nós fazia bem idéia do que nos estava reservado.» Quem assim fala é o segundo-tenente Norman Adams Junior, um simples e amavel rapaz da Virgínia, que comandou, ainda recentemente, a guarda armada de um navio cargueiro americano. A comissão lhe fora confiada em dias do ano corrente, após um curso de treinamento, de quatro meses, na Reserva Naval. Nenhuma experiência tinha ele do lado áspero e acidentado das coisas. Dois dos seus comandados—Crabtree e Castleberry, da guarnição da artilharia—achavam-se presentes, quando lhe ouví a narrativa singela que aquí reproduzo.

—Os caixotes que foram para o porão nº 1 tinham a marca TNT. Nosso maquinista-chefe—calculo que terá uns setenta anos—lá estava atento, a acompanhar o serviço. «Meninos,» disse-nos ele, «cada um destes caixotes me tira um ano de vida.» Nós levamos o caso em pilhéria.

A primeira parte da viagem foi como um cruzeiro de recreio. Tratei de entrar em contacto com os seis rapazes que guarneciam o armamento. Um deles, Chronister, de não mais que dezessete anos, levava todo o tempo a dizer: «Estou doido que aconteça alguma coisa que sacuda um pouco a gente.»

A primeira vez que tive impressão real do carater da nossa missão foi quando chegamos à Islândia. O comandante do navio, Hiss, e eu, fomos convocados para uma conferência, como é de praxe, antes da saida de comboios. O comodoro do comboio era um inglês solene. Disse-nos que não queria que nenhum de nós partisse, sem termos a noção precisa de que aquilo ia ser duro.

Mas o peor da história ficou para o fim da conferência, quando o comodoro designou as posições dos navios. Nós pensávamos que, por causa da TNT, nos seria dado algum lugar no meio do comboio. Coube-nos, entretanto, a extrema da retaguarda, do lado de estibordo. Chamaram-lhe a esquina do esquife. No começo tínhamos três cruzadores, alem de vários destróieres. A despeito de toda esta guarda, nosso navio achava-se muito exposto, no ponto que lhe tocou, bem a reboque.

Naquelas águas, naquela estação do ano, a claridade mantem-se 24 horas por dia. À meia-noite, o sol chega ao horizonte, e há um ligeiro crepúsculo. É curioso ver passar o dia, sem nunca ficar escuro.

A quatro dias da Islândia começaram as novidades!

A esta altura da narrativa, Castleberry, que aí ao lado escutava, arreganhou os dentes, a sorrir. Norman, com um parêntese, explicou: «Crabtree fazia anos naquele dia, e nós então lhe dissemos:—Faça uma boa farra, porque

pode ser que seja a última.» A narrativa prossegue:

—Soou o alarme. Vimos o avião inimigo, um grande aparelho, voando rápido e baixo, e vindo de estibordo. Preparamos as nossas armas, mas ele se conservou fora de alcance, e entrou a rodear o comboio. Depois, desapareceu no horizonte, na direção de onde viera.

No dia seguinte, o mesmo avião voltou, não nos deixando, a partir daí, senão quando veio outro tomar o seu lugar. Nós lhe pusemos o nome de —o "Intrometido".

Ao soar o primeiro alarme de ataque, pulei da minha cabina. Vinham vindo três aviões, a uns 3 mil e tantos metros de altura, e em formação de V. Voaram direito sobre as nossas cabeças, e tudo o que era arma no comboio rompeu fogo contra eles. O ruido era terrivel. Mas eles nada lançaram contra nós. Queriam apenas ver qual a força da nossa defesa.

Cerca de meia hora depois, já não eram mais três. Eram dez. A coisa então virou feia. Ao estrondo das bombas, misturava-se o troar dos canhões, numa trovoada ensurdecedora. Esguichos subiam, aquí e alí, do mar, como trombas de água.

Um avião voou baixo, em rumo da nossa coluna. Eu estava com Castleberry no abrigo da popa, a manobrar uma metralhadora de calibre 50. Creio que atingimos o bruto, porque saiu dele um jacto de fumo branco, e o vimos em seguida desgarrar, perdendo altitude.

Tomamos folego, e passamos a vista ao redor. Um dos navios se retardava na marcha. Devia estar baleado.

No ataque seguinte, três aviões se encaminharam diretamente para cima do nosso navio. Uma bomba veio cair a pouca distância da nossa popa. Escapamos por um tris.

Eu lhe conto o que é, mais ou menos, a sensação. Vi a bomba descendo, a princípio um ponto negro, uma gota de água de chuva, mas que, à medida que desce, vai crescendo rapidamente. Ouve-se um silvo, um som estridente, cada vez mais alto. Em seguida, um momento de silêncio. Dada a explosão, levanta-se um muro de água. O navio pula. E a gente tem a impressão de que alguem nos sacode pela gola, num tremendo safanão, que nada tem de agradavel.

Castleberry acrescentou:—É como se a gente se abaixasse para aguentar o estômago, e depois o puxasse de novo para cima.

—Um tombo dos diabos, diz Crabtree.—Um dos nossos companheiros estava de pé. Rolou sobre um canecão de café quente, e deu um salto gritando: «Valha-me Deus. Estou ferido!»

Mas Adams retomou o fio da exposição:

—Seguiram-se umas duas ou três horas, em que nada aconteceu. Mas a gente fica num horrivel nervosismo, durante tais intervalos. Fala-se a cada momento. Ninguem sossega um instante. À hora da refeição ninguem tem calma para sentar-se à mesa. Cada um pega na sua chícara de café e um pedaço de pão e carne, e vai comer no convés.

Os submarinos inimigos andavam já então a perseguir-nos. Tanto assim que os nossos destróieres lançavam cargas de profundidade.

Passava pouco de meia-noite, quando se ouviu novo alarme. O tempo tinha peorado, e, com o sol já baixo no horizonte, havia uma espécie de meia-luz fantástica. Espreitando através da névoa, vi de repente longos traços de fogo de projeteis a cair na água, um pouco

adiante do navio mais próximo do nosso. Eu bem sabia, pelas instruções recebidas, o que aquilo queria dizer. Haviam-nos prevenido que, se víssemos um periscópio, deveríamos abrir fogo com projeteis do tipo daqueles, para o fim de indicar-lhe a posição.

Não tardou que se ouvisse a explosão. Vimos o dito navio, nosso vizinho, fender-se, aberto ao comprido, como uma melancia, quando a sua carga de TNT rebentou. E desapareceu envolto em chamas. Em breve, nada mais dele restava, senão destroços a flutuar.

—Mantivemo-nos todos a postos, com a maior serenidade. Senti que devia dizer aos rapazes alguma coisa, e realmente lhes disse: «Como quer que seja, ninguem naquele navio soube jamais de onde lhe veio o golpe.» Passamos o resto do dia a procurar sorrir, sem que o conseguíssemos de todo.

Perguntei então a Norman se os homens pensavam que não chegariam ao fim com vida.

—Sim, pensávamos, e eu creio que todo mundo. Mas ninguem dizia. Coisa interessante: éramos da maior delicadeza, uns com os outros, sem exclusão dos mais rudes. E continuou a narrar.

O raide aéreo seguinte foi um ataque a torpedo. Vimos seis aviões à popa, que vinham praticamente como a transpor as vagas aos saltos. Quando os torpedos batem na água, pulam uma ou duas vezes, como uma pedra chata que a gente atira à superfície de uma lagoa. Em seguida, se encaminham rapidamente para o alvo.

Ninguem, do comboio, saiu ferido desse ataque. Nós atiramos a valer, e os aviões escapuliram-se.

Correu algum tempo, coisa de uma ou duas horas, sem que nada acontecesse, a não ser que abrimos fogo, com o nosso canhão maior, na esteira de um submarino. Os destróieres entraram em ação, e ouvimos e sentimos as suas cargas de profundidade a bater de um lado e de outro, como gigantescos martelos. Nada mais vimos do submarino, e eu desci para minha cabina, afim de deitar-me um pouco.

—Foi o capitão do navio que obrigou ele a descer, interrompeu Castleberry. O tenente tinha apanhado um resfriamento na Islândia. Estava com muita febre, e a garganta tão inflamada que nem podia falar.

—Bem, mas eu não podia, naquelas circunstâncias, deixar-me ficar por muito tempo em repouso, disse Norman, prosseguindo.—Mais cinco aviões torpedeiros vieram sobre nós. Atacaram um navio russo, que vinha junto do nosso, e do qual nos afastáramos um pouco, porque havia tambem nele uma boa carga de TNT. Evitando um torpedo, o russo cortou de chofre à nossa proa, a ponto que a colisão pareceu inevitavel. Esquecemo-nos, por um momento, de torpedos e aviões. Quando os dois navios se safaram, livres do perigo do desastre, que por pouco deixou de dar-se, não havia entre eles sete metros. Estivemos para enlouquecer. Tanto nós como os russos corríamos de popa a proa, a gritar, como possessos, de um navio para o outro.

O ataque que se seguiu foi de bombardeiros de mergulho. O sol brilhava, e havia apenas alguns grandes flocos de nuvens. Podíamos distinguir o ruido dos aviões, mas eles se colocavam exatamente na direção do sol, de modo a ser vistos com dificuldade.

Desta vez, o navio russo não escapou. Vibraram-lhe um golpe direto. Chamas e fumo começaram a sair de suas amura-

das. Ele aproximou-se de nós, tão perto que receamos que, se lhe sucedesse voar pelos ares, o mesmo nos viesse a acontecer. Tratamos então de afastar-nos, e o que daí resultou foi ficarmos a boa distância atrás do comboio. Tanto, peor para nós, porque navio assim desgarrado é isca para os aviões.

Com efeito, daí a pouco, três bombardeiros de mergulho cairam-nos em cima. As bombas explodiram tão perto que ficamos atordoados, a sofrer trancos tremendos, enquanto a água que vinha pelo costado era quase de afogar. Pensei que daquela não escaparíamos. Entretanto saimos incólumes, e não deixamos de usar das nossas armas. Quando afinal retomamos o nosso lugar no comboio, já outro ataque se verificava.

Você se lembra daquele camarada, Chronister, de quem ainda agora lhe falei, o de 17 anos? Ele estava em cima, na ponte, manobrando o calibre 30, de estibordo. O capitão, percebendo que ele não estava se sentindo bem, perguntou-lhe: «Que é que você tem, rapaz? —Nada, respondeu ele;—eu acho que comí alguma coisa que me fez dor de estômago ...» E não arredou pé do serviço.

A través de tudo aquilo, ainda nos peores momentos, o capitão Hiss conservava-se tão calmo como se estivesse na igreja. Quando os bombardeiros nos atacaram, como contei há pouco, ele telefonou para a sala de máquinas, a McCarthy: «Você ainda está aí, Mac?» E riu-se com não sei que resposta que McCarthy lhe deu. Soube depois o que se tinha passado. Ao cair, tão perto, uma das bombas, apagaram-se todas as luzes da sala de máquinas, e várias peças de metal se desprenderam, voando por toda parte. A coisa lá por baixo havia sido peor.

Evidentemente, enquanto isto, outras tantas encrencas apareciam no resto do comboio. Nuvens de fumo negro, de óleo, subiam da coberta dianteira do navio russo, já então varrido pelas chamas. Viam-se, de longe, abaixados, a arrastar a mangueira no meio da fumaça, os homens a cargo do combate a incêndios. Aqueles russos tinham nervo. Eles não ignoravam que tinham debaixo dos pés cargas e cargas de TNT. Bem poderiam ter embarcado nos botes, como outros grupos da tripulação já tinham feito. Alguns destes botes passaram perto de nós, mas, de acordo com as instruções, deixamo-los ir rumo ao navio de salvamento.

A gente perde a cabeça quando vê companheiros dentro da água, e os seus navios a irem para o fundo. Só se tem um consolo: é ir para os canhões, e atirar em todo avião que apareça, esteja ou não ao alcance, como quem atira na caça, ainda que saiba que ela está longe demais. Mas a verdade é que alcançamos um deles. Vi a asa desmantelada.

Já agora, os aviões, cada vez mais empenhados em destruir o comboio, nos atacavam a tiro de metralhadoras. As balas de rasto luminoso, em profusão, cortavam o espaço em todos os sentidos. Parecia fogo de artifício. Ao baixar um aparelho abriu sobre nós, de uma vez, a descarga de seis metralhadoras. Até hoje me causa espanto que tenhamos ficado ilesos. Outra ocasião, enquanto atirávamos num dos aviões, ele, por sua vez, nos agredia, e dois outros dos nossos navios mandavam-lhe os seus projeteis, através das nossas cobertas.

Verificamos, com agradavel surpresa, que o incêndio acabara por ser dominado no navio russo, não perdendo este, sequer, o lugar que ocupava no comboio. Mas dois outros foram a pique.

O dia imediato correu tranquilo. Fazia então quatro dias que o primeiro avião inimigo surgira no horizonte. Sem dúvida, tinha havido algumas folgas entre os raides aéreos. Mas subsistiam os submarinos. Como quer que fosse, estávamos exhaustos. Não creio que ninguem tivesse pregado olho. Em todo o caso, nos consolava a impressão de que estava passado o peor. Vimos depois, entretanto, que o peor ainda estava por vir.

O frio, no dia seguinte, desceu abaixo de zero, e passou a soprar um vento forte. Ao declarar-se o raide, sofrí um pequeno incômodo ao galgar a escada para o abrigo do canhão da popa. Estava a arder em febre. O inimigo se apresentou com sete aviões torpedeiros, seguidos de bombardeiros de mergulho. Percebí até onde a fadiga nos vinha extenuando, quando vi no convés um marinheiro, a fazer movimentos com as mãos, como para afastar as bombas. Provavelmente eu próprio estaria a fazer o mesmo.

Escassos de munição, já não atirávamos tanto. Todos estavam submetidos a um teste de resistência. Até quando a gente poderia aguentar firme nos postos? Mais uma hora ou duas, talvez no máximo.

Não tinha passado mais de meia hora, aparece outra onda de bombardeiros. Duas bombas cairam perto de nós, e a cena que já descrevi reproduziu-se. Novos tombos e novo mal-estar. Eu estava a ponto de quase cair prostrado.

Quando o novo ataque aéreo surgiu do horizonte, várias horas depois, eu ia perguntando a mim mesmo se ainda teria forças para manter-me em ação, quando vi que o aparelho que os guiava fez as evoluções apropriadas a comunicar que eram amigos. Tratava-se de aviões russos, e nós os recebemos, é claro, com demonstrações de grande regozijo.

Às 9 horas da manhã, eis-nos à vista de terra. Pela primeira vez, durante a semana, nós nos sentamos juntos à mesa, para uma refeição. Eu não podia comer. De qualquer modo, porem, sentia-me feliz. Através de tudo aquilo, nenhum homem do navio tinha ficado seriamente ferido. O mais que se registava eram arranhões, produzidos por estilhaços de granada. Planejamos uma comemoração em terra. Os fatos não tardaram a demonstrar que era cedo demais para fazê-lo.

Alguem, de fora, gritou que estavam vindo aviões. Corremos para o convés, e vimos que era verdade. Eram 15, e, assim tão perto de terra, ficamos todos convictos de que seriam russos, não obstante não terem dado sinal. Os próprios navios da nossa escolta deixaram-nos em paz.

Eles vieram, mergulharam um após outro, e concentraram o seu fogo justamente sobre nós.

Um oficial de um dos destróieres disse-me depois que contou 13 bombas lançadas contra o nosso navio, e que para o lado deste só se viam fumo, explosões, trombas de água.

Confesso que não lhe posso dizer o que se passou. Foi tudo como um pesadelo. O que sei é que, após algum tempo, compreendí que o ataque estava findo. Nada sofremos. Como e porque, não sei. Aquele navio tinha uma vida encantada.

Pouco depois, dávamos entrada no Rio Kola, e ancorávamos logo abaixo de Murmansk.

Fui para a cama, e dormí vinte e quatro horas.

« *Nosso mais rico manancial de energia tem sido miseravelmente abandonado* »

Naquele dia deixei de ser ateu...

(Condensado do «Christian Herald»)

Pelo dr. Orrin Keating

VINHA fazendo o meu curso na Escola de Medicina, e até então me considerava um ateu irredutível, a quem seria totalmente inutil falar em conversão. Qualquer forma de crença religiosa reduzia-se, a meus olhos, a superstição infantil, quando não fosse, o que era mais grave, um obstáculo a todo progresso intelectual. Meu ateismo fundava-se numa convicção apaixonada; e, com a segurança de mim mesmo, tão própria da mocidade, não tinha eu hesitação alguma em expor os meus pontos de vista a quem quisesse escutá-los.

Senão quando, um belo dia, alguma coisa aconteceu, que deveria mudar o curso da minha vida.

O famoso anatomista David Grant fazia-nos a sua preleção diante de um cadaver, e o ia dissecando à nossa vista. Súbito, fez uma pausa e, voltando-se para nós, discorreu mais ou menos nestes termos: «Senhores, aquí neste organismo humano há uma refutação absoluta do que se chama ateismo. Não haverá ser pensante que, observando de perto o milagre da construção e do modo por que se distribuem os orgãos deste corpo, deixe de concluir ou reconhecer que algum Poder Criador, acima e alem da compreensão humana, deve estar na origem de tais coisas.

«Ninguem poderá negar que toda criação implica a existência de um criador. *Deve* haver alguma Força, alguma Causa Primeira, ou seja o que for que tenha o nome de Deus, tão certo é que a mecânica da procriação animal não basta para explicar como surge tal máquina, em plena atividade. Os médicos, ao que me parece, deveriam ser, de preferência a quaisquer outras pessoas, verdadeiramente religiosos, uma vez que a profissão os põe em maior contacto com o inexplicavel milagre. Quando considero que os médicos deveriam ser religiosos, quero dizer que lhes cumpre, mais que a quaisquer outros homens, ser piedosos e humildes, com o próprio fato de reconhecer aquela Força Suprema que rege a vida humana.

«Se penetrardes os domínios da alma,» prosseguiu o dr. Grant, «não acredito encontreis uma só criatura na terra que não manifeste qualquer forma de anseio espiritual, qualquer compreensão interior, embora não formulada, de que há uma Força alem da força humana, para a qual se volve instintivamente nas suas horas dificeis. Qual é aquele entre nós que, ao dar, na solução dos seus problemas, com um obstáculo intransponivel, já não tem procurado alguma coisa, porventura mais forte do que o homem, que venha em seu auxílio? Lincoln disse uma vez: «Não raro tenho caido de joelhos, ante a convicção iniludivel de que não me resta outro recurso.» Há com efeito na prece um maravilhoso poder tônico, e eu não vacilaria em apostar que, se qualquer dos senhores lesse diariamente, durante duas semanas, o Sermão da Montanha, sentiria algo de novo, e definitivamente benéfico, entrar-lhe pela vida. Mas... voltemos ao nosso serviço.»

Não conseguí dormir aquela noite. As palavras do dr. Grant voltavam-me ao espírito a cada momento. Quanto mais eu tentava refutá-las, tanto menos me sentia em condições de fazê-lo. Um dos seus conceitos desafiava-me o raciocínio: «Toda criação deve ter um criador.» Ao raiar da madrugada, já não eram inabalaveis, tão abaladas havia entrado a sentí-las, as minhas convicções.

Agora, 34 anos são passados, desde que me decidí a tomar o conselho do dr. Grant a respeito do Sermão da Montanha. Hoje estou certo de que os ensinamentos de Cristo proporcionam, a um só tempo, a mais nobre e a mais prática de todas as normas para conduta na vida, com que ainda alguem veio no mundo ao encontro da humanidade.

Há quem diga, inclusive entre cristãos, ser impossivel adaptar, em rigor, a doutrina do Evangelho à nossa complicada civilização moderna; que uma filosofia de vida especialmente apropriada às necessidades tão simples do século I, não pode corresponder às complexas exigências do século XX. Mas os que assim argumentam, com aparente fundamento, esquecem que os problemas fundamentais, que nascem ou brotam das relações humanas, são hoje os mesmos do tempo em que andou Jesús na terra. As condições externas podem mudar com os séculos: não assim os princípios.

A mim, ao contrário, o que se me afigura, é que os problemas da atualidade—o choque tremendo de ideologias políticas, o ódio de raça, os incriveis horrores da guerra, tudo em suma que põe em perigo toda a nossa civilização—nos induzem a admitir que não haverá remédio para as desgraças do mundo senão na aplicação precisamente daquelas verdades simples ensinadas a pobres pescadores e camponeses judeus, por Alguem que morreu crucificado, já lá vão dezenove séculos.

Ao longo de toda a história, os períodos de calamidade ou de materialismo têm conduzido a um renovado interesse pelas coisas espirituais. Uma geração realiza um progresso mental e moral. Em seguida, a certa altura, a humanidade retrocede e descai, até que outra futura geração torne, por sua vez, ao bom caminho. Mas estes avanços e recuos não se compensam de modo a resultar, porventura, na volta do gênero humano ao ponto de partida original; a resultante é a marcha, ainda que lenta, para a frente e para cima.

São tantos hoje os males de que se ressente a humanidade, que tudo nos aconselha a recorrermos à proteção de Deus. Precisamos de erguer as nossas preces, para que Ele nos acuda com as luzes de que precisamos, para devidamente orientar-nos, com a força espiritual que nos traga aos corações uma compreensão mais efetiva da fraternidade humana, tal como exemplificada na vida de Jesús. Sim; precisamos de orar, para que nos levantemos do nivel, tão perigoso e tão precário, das coisas materiais, até a comunhão com a divindade.

Na prece há força. Ela nos transmite, com a coragem, uma capacidade, bem maior, para enfrentar as lutas ou os reveses. Escreve Alexis Carrel: «Se vos afizerdes ao hábito de orar com sinceridade, vereis como a vossa vida se modi-

ficará profundamente. A prece marca com os seus sinais indeleveis as nossas ações e conduta. Uma tranquilidade de atitude, um estado efetivo de repouso, que transparece na fisionomia, são por via de regra observados em todos os que enriquecem de tais forças a sua vida íntima. Dentro no insondavel recesso da nossa capacidade de entendimento, acende-se uma luz. E o homem vê-se a si mesmo. Percebe o seu egoismo, seu pequenino orgulho, seus temores, suas cobiças, seus erros. Desenvolve-se-lhe então um senso de obrigação moral, de humildade intelectual, e eis que a alma se lança na jornada para o reino da graça.»

Imagine-se uma pessoa, que, para provar que uma flor não nasce de uma semente, plantasse esta num lugar escuro, e onde lhe não desse gota de água. É claro que tal semente nunca poderia germinar. Procedem do mesmo modo os que contestam a eficácia da prece. Quem quiser tirar a limpo as vantagens incomparaveis da doutrina cristã, bastará que a ponha em prática. Nem há outro meio de verificá-lo.

Temos em geral certo pendor para estabelecer um divórcio entre a religião e as coisas «práticas». Procuramos viver em dois mundos—um de inspiração e aspiração, outro que chamamos o mundo real, da política, da sociedade, dos negócios. Impõe-se, como necessidade imperiosa, que os ensinamentos de Cristo venham a reunir estes dois mundos.

É ainda o dr. Carrel quem assim se pronuncia: «Hoje, mais do que nunca, a prece é uma necessidade inelutavel na vida de homens e povos. A falta de intensidade no sentimento religioso acabou por trazer o mundo à beira da ruina. O mais profundo manancial de energia e perfeição, que se acha ao nosso alcance, tem sido miseravelmente abandonado. Se a força da prece for mais uma vez posta em ação, revigorando homens e mulheres, haverá ainda esperança de que não sejam vãos nossos anseios de um mundo melhor.»

A disposição, cada vez maior, que se nota no mundo econômico, político e social, no sentido de cada um de nós considerar-se em dever para com o seu semelhante, é seguramente uma prova de que nos achamos às vésperas de um renascimento espiritual. A avidez de ser util à coletividade, que, nos dias tremendos que vivemos, homens e mulheres manifestam em todos os campos da vida, é outro sinal concludente do mesmo fenômeno. Milhões e milhões de criaturas, por toda a superfície do planeta, chegaram afinal a um ponto em que se rendem à evidência de que é futil tentar satisfazer-nos com coisas materiais. Vamos todos reconhecendo, ainda que à custa de decepções, que nem só de pão vive o homem.

¶ Um garoto da cidade, achando-se pela primeira vez no campo, correu ao encontro de sua mamã, ansiosamente, para contar-lhe: «Vi agorinha o homem que faz cavalos! Ele estava mesmo terminando um, quando o vi. Estava pregando a pata traseira.»

—*The Presbyterian*

Livro de paz que gerou uma guerra

(Condensado do «Crusader in Crinoline»)

Por Forrest Wilson

Nos últimos dias de novembro de 1862, assim começa a história, Abrahão Lincoln recebeu na Casa Branca uma senhora de pequena estatura e meia idade. Apertando com sua grande mão ossuda a delicada mão da visitante, exclamou: «Então é esta a pequenina mulher que fez esta grande guerra!»

A «pequenina mulher» era Harriet Beecher Stowe, autora da *Cabana do Pai Tomaz*. A publicação dessa novela, dez anos antes, contribuira muito para a ascensão de Lincoln à presidência. Estadistas e historiadores contemporâneos reconheceram-na como a maior influência isolada no caso da abolição da escravatura.

Nascida e criada no Connecticut, Harriet vivera 18 anos em Cincinnati, no Ohio, que era uma das estações de passagem de negros fugidos para o Norte. Alí presenciou tumultos anti-escravagistas, ajudando escravos fugitivos, e ouvindo-lhes as histórias. Depois, em 1850, os Stowes mudaram-se para Brunswick, no Maine, onde Calvin Stowe se tornou professor no instituto de ensino de Bowdoin. Era, porem, impossivel escapar à escravatura, mesmo no Maine. Os jornais estavam cheios dela. Ecoavam no Senado os apaixonados discursos sobre a abolição, de Charles Sumner, do Massachusetts. O irmão de Harriet, o já famoso Rev. Henry Ward Beecher, atacava do púlpito os horriveis «leilões de escravos».

Harriet tinha escrito alguns contos, para aumentar os recursos sempre insuficientes da família. Seu espírito profundamente religioso aspirava a dar ao mundo um quadro da brutalidade da escravidão tal como ela a conhecia. Mostrar ao país a tragédia, expondo aos seus olhos os casos de moças violadas, mães despojadas dos filhos pelo martelo do leiloeiro, famílias desfeitas, senhores pervertidos pelo arbítrio, mostrar tudo isso,—e não se toleraria mais a escravidão. Escrever, porem, sobre uma questão política, como essa, seria contrário a tudo o que até então havia feito. Uma carta da cunhada forneceu-lhe a centelha. «Se eu pudesse usar da pena como você faz,» revelou-lhe a senhora de Edward Beecher, «escreveria algo que fizesse a nação inteira sentir que maldita coisa é a escravatura.»

Os filhos de Harriet bem se recordam de quando ela lhes leu essa carta. Levantou-se como num ato de consagração solene, a carta amarrotada numa das mãos. «Hei-de escrever alguma coisa,» rematou.

E assim, um dia sentou-se à mesa de trabalho, e começou: «Ao anoitecer de um frio dia de fevereiro, dois senhores estavam sentados a tomar um copo de vinho, numa bem mobiliada sala de jantar, na cidade de P..., no Kentucky.» Estava lançado o início de uma longa jornada. A escritora não sabia propria-

mente onde a mesma acabaria. Acabou em Gettysburg e Appomatox.

Longe estava Harriet de imaginar a terrivel força que emanaria da *Cabana do Pai Tomaz*. Considerava sua história como mensageira da paz. «Deus escreveu-a» disse ela muitas vezes. A cena em que o Pai Tomaz é açoitado,—escrita algumas semanas antes de haver traçado um plano definitivo para a sua novela—veio-lhe, de fato, numa visão durante uma cerimônia de comunhão. Tão claro como se estivesse presente à cena, viu um velho escravo ser mortalmente chicoteado por um branco desalmado. Depois da benção foi para casa contendo as lágrimas, e num êxtase, dirigiu-se para o quarto e descreveu o espetáculo tal qual o havia presenciado. Quando leu a página à família, as crianças choraram convulsivamente. E o marido lhe disse: «Hattie, você deve escrever uma história, a que esta cena sirva de ponto culminante. O Senhor assim o quer.»

Harriet fez o plano em três ou quatro episódios, e o ofereceu ao editor Bailey da *National Era*, pequeno jornal de Washington. O editor aceitou-o sem maior exame, pelo preço de 300 dólares. Pobre Harriet! Seus «três ou quatro» episódios foram afinal 40; e quase um ano decorreu antes que reunisse finalmente todos os fios da sua narrativa. Bailey não elevou o preço à medida que esta prosseguia.

Na primeira página da *National Era*, de 5 de junho de 1851, apareceu o primeiro trecho da novela que levaria dez anos depois uma geração inteira de crianças—entre elas o filho de Harriet, Frederico,—a marchar, como cruzados, para a guerra decisiva.

Tudo lhe resultou da experiência de sua própria vida. A só visita que fizera ao Sul tinha sido a de alguns dias, passados no Kentucky, na fazenda de uma companheira de escola, de modo que o Pai Tomaz devia ser algum escravo dalí. Uma vez, porem, que no Kentucky só se avistara com gente boa, tinha que descrever o Pai Tomaz como vendido por seu bondoso senhor do Kentucky. Desejava tratar, de qualquer modo, da venda de um escravo, e das respectivas consequências para a família do mesmo.

Harriet tirou o Pai Tomaz da personalidade do Rev. Josiah Henson, pregador negro e agente social, que tinha comprado sua própria liberdade, e com quem ela se havia encontrado em Boston. Na sua mocidade, o «Padre» Henson tinha ficado aleijado para toda a vida, em consequência de uns açoites recebidos de um senhor brutal, no Maryland. Depois apareceria o capataz, que seu irmão Carlos encontrou num vapor de Nova Orleans. Ostentando um punho duro como um nó de carvalho, gabava-se ele de que «o devia ao hábito de desancar negros». Foi assim que Harriet criou o seu Simão Legree. O sinistro nome desse peludo cerbero, parecido com um macaco, foi pura inspiração. Celeste era uma pequena amostra de Satanaz, que Harriet procurou debalde atrair ao cristianismo nas suas aulas de domingo, no Cincinnati. Ficou sendo Topsy.

Tem-se afirmado frequentemente, como idéia moderna, que o habitante do Sul compreende melhor o negro que o do Norte, e sabe tambem melhor como tratá-lo. Entretanto, Harriet escrevia isso mesmo em 1851 e 1852. Ela não esquecia o lado amavel e patriarcal da escravidão, coisa que tornou tão dificil a réplica ao seu livro. Alguns dos caracteres mais bondosos e retos eram

do Sul, e senhores de escravos. E ela fez de Simão Legree, vilão por excelência da literatura americana, um filho do Vermont. Tia Ofélia, a prima de St. Clare, natural da Nova Inglaterra, não podia suportar Topsy, mas o lugar favorito da pequena Eva era o joelho do Pai Tomaz. Era preciso ter olhos de lince, para notá-lo há um século.

Um dos milagres produzidos pelo romance foi o furor nacional que se criou à medida que ia sendo publicado como folhetim de um jornal de pouca importância. Quase todas as cidades e vilas tinham pelo menos um abolicionista que assinava a *Era*, e o jornal era passado de mão em mão até ficar ilegivel. Começaram a chover cartas na redação. Cada novo personagem, ou incidente, era recebido com aplauso. E quando uma vez, no outono, Harriet não pôde mandar o folhetim a tempo de ser impresso, caiu sobre o diretor uma tempestade de protestos.

Como Harriet escrevesse sempre, e o epílogo nunca chegasse, a história tornou-se sua obsessão constante. Onde quer que se achasse, o espetro do folhetim da semana seguinte não a deixava. Tinha que continuar a fazer a cozinha e arrumar a casa, e sua turbulenta família a tornava nervosa. Para complicar mais o caso o velho doutor Lyman Beecher apareceu em visita a sua filha, sem se dar conta de que ela estava produzindo uma obra prima que ia abalar o mundo. Enquanto ele e seu secretário punham a casa em reboliço com seus importantes sermões, os vizinhos viam a pequena Mrs. Stowe sentada nas escadas da porta do fundo, com a pasta de escrever sobre os joelhos.

Outra pessoa notava, preocupada, a extensão crescente da novela. John P. Jewett, chefe de uma pequena casa editora de Boston, tinha concordado em publicar os folhetins em livro, prevendo a impressão de um volume pequeno, que pudesse vender-se a baixo preço. Lá pelo fim de outubro a *Cabana do Pai Tomaz* começou a parecer uma história para dois volumes. Jewett ficou desanimado. Pediu a Harriet que a concluisse. Escrevia sobre um assunto que não era popular, disse-lhe; a publicação em dois volumes podia ser prejudicial ao êxito da obra.

Jewett não podia ter-se dirigido a ninguem que estivesse com melhores disposições. Sobrecarregada de trabalho, Harriet estava ansiosa por atender o pedido. Publicou a *Era* uma sugestão segundo a qual, sendo já a história muito longa, podia concluir-se rapidamente nalguns períodos concretos que precipitassem o epílogo. A voz geral respondeu com um *não* trovejante. Bailey apressou-se em tranquilizar seus leitores, e Harriet continou a escrever.

O folhetim que apareceu pelo Natal descrevia a morte da pequena Eva. Depois de havê-lo escrito, Harriet ficou na cama por 48 horas, exhausta. Era como um sofrimento pessoal. Que cartas cheias de desespero não recebeu ela, lamentando o assassínio deliberado da mais santa das crianças dos Estados Unidos, por um autor sem coração, à procura de efeito literário!

Mas o que se seguia estava agora claro. Harriet tinha apenas que descrever a cena da morte do Pai Tomaz, rematar alguns capítulos soltos, e fazer ponto final.

Em fevereiro, Jewett fez uma última tentativa para salvar um pouco de seu magro capital. Propôs aos Stowes dividir com eles em partes iguais as despesas e os lucros. Mas os Stowes não tinham

dinheiro, de modo que Calvin recusou, aceitando a percentagem de um décimo sobre as vendas. Se Harriet tivesse direito à metade dos lucros, só o primeiro ano da venda do livro no país a teria feito independente.

Harriet estava todavia satisfeita com o contrato. «Espero,» disse ela, «fazer bastante para poder comprar um vestido de seda.»

O livro não fora precedido de nenhuma propaganda, sendo recebido em completo silêncio pelos críticos literários. Entretanto, o dia em que apareceu, 20 de março de 1852, foi de grande animação no escritório do editor. A primeira edição de 6.000 exemplares esgotou-se imediatamente. Dentro de uma semana, Jewett tinha três tipografias funcionando 24 horas por dia, exceto aos domingos, 100 encardenadores em ação, e três fábricas trabalhando para o fornecimento do papel. Os direitos autorais, nos primeiros quatro meses pagos a Harriet, foram de 10.300 dólares. No primeiro aniversário da publicação do livro, Jewett anunciou a venda de 305.000 exemplares, «com pedidos maiores que nunca». Nessa base e tendo em conta a população, uma novela atual teria uma saida de um milhão e meio de exemplares por ano.

A Cabana do Pai Tomaz foi logo plagiada em meia dúzia de paises, e traduzida em cerca de doze idiomas. As classes oprimidas da Europa tomaram profundo interesse pelo livro, e o aplicaram a seus próprios sofrimentos, sem quase pensar nos negros escravos dos Estados Unidos para os quais fora escrito. Em Londres, Nova York e Boston representava-se *A Cabana do Pai Tomaz* para platéias excitadas. Cantavam-se as canções do Pai Tomaz e da pequena Eva. Um industrial de Rhode Island anunciou um jogo de cartas com o nome de «Pai Tomaz e a pequena Eva». Literatura de imitação e propaganda contrária encheram as livrarias com títulos tais como a *Cabana da Tia Felipa*, ou *A vida do Sul tal qual é*.

Nos Estados Unidos quebrou-se afinal o silêncio dos jornais no dia 15 de abril, quando o *Independent*, de Nova York, cuja influência nacional vinha logo abaixo do *Weekly Tribune*, de Horace Greeley, publicou coluna e meia concitando os leitores a «espalhar o livro pelo mundo afora».

À proporção que a imprensa entrava no coro geral, os volumes da novela que Jewett enviara a várias pessoas influentes, começaram a inspirar diariamente manifestações favoraveis. Longfellow escreveu: «*A Cabana do Pai Tomaz* é um dos maiores triunfos da história literária, já não falando do triunfo mais alto, seu efeito moral.» Whittier expressou-se assim: «Mil agradecimentos por seu livro imortal.» E Jenny Lind terminou uma carta de louvor com estas palavras: «Certamente a mão do Senhor permanecerá com a graça divina sobre a sua cabeça.» Com surpresa, o primeiro ataque contra a veracidade do romance veio do Norte. Harriet tinha reconhecido que não podia lançar o anátema da escravidão somente sobre o Sul, pois alí havia muito dinheiro do Norte empregado nas lavouras de algodão, que se mantinham pela escravidão. O intérprete desse dinheiro foi o *Journal of Commerce*, de Nova York que nos fins de maio descarregou o primeiro tiro contra a *Cabana do Pai Tomaz*. Os jornalistas apoderaram-se do assunto em todo o país, contra e a favor de Harriet, começando então um grande debate entre eles.

Até então *A Cabana do Pai Tomaz* tinha sido uma novela de simples controvérsia, circulando livremente no Norte e no Sul, e fazendo prosélitos em ambos. Repentinamente houve uma supressão espontânea do livro no Sul, tornando-se perigoso possuir um exemplar dele. As mães começaram a mostrar Harriet a seus filhos como monstro perverso. Entre as cartas de seus admiradores começaram a aparecer outras anônimas, ameaçando-a com insultos grosseiros, e acusando-a de fomentar a rebelião de escravos.

Viram então os dois lados que não se tratava apenas de uma novela, mas de uma mina posta nos alicerces da República, com a mecha acesa. O livro de Harriet tinha produzido, de parte a parte, ódios que não cessariam até que os corações, que os alimentavam, deixassem de pulsar para sempre.

Quarenta anos mais tarde, Kirk Monroe, conhecido crítico de Nova York, assim julgou o lugar da *Cabana do Pai Tomaz* na história: «A abolição da escravidão não foi nem podia ter sido realizada por uma só pessoa. Foi o resultado de esforços conjuntos... Mas a influência maior e de mais efeito foi a *Cabana do Pai Tomaz*, livro que figura no quarto lugar, quanto à tiragem, entre os do mundo inteiro.»

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

— 14 —

Um pouco de cada vez...

Por John Erskine

Eu devia andar por volta dos meus catorze anos, e nessa idade não ligaria ao incidente a mínima importância. Mas o que ouví, naquele dia, de Carl Walter, me voltaria anos depois ao espírito, e desde então seria para mim de valor inestimavel.

Carl Walter era meu professor de piano. Uma vez, durante a lição, inquiriu-me sobre o tempo que eu vinha consagrando normalmente aos respectivos exercícios.

Respondí-lhe que estudava três ou quatro horas por dia.

—Mas você toca durante longos períodos, uma hora, por exemplo, de uma vez?

—É isso que eu procuro fazer, retruquei-lhe convicto.

—Pois não faça assim!, exclamou ele, em tom peremptório. —Quando você crescer, não disporá de longos lapsos de tempo. Convem, portanto, que se habitue a tocar, não por horas, mas por mi-

nutos, sempre que possa encontrá-los—cinco ou dez antes da escola, depois do almoço, entre um e outro dos afazeres comuns. Toque assim, indistintamente, à medida que for podendo, através do dia, e o piano entrará a fazer parte de sua própria vida.

ESTAVA eu a ensinar na Universidade de Colúmbia, e desejava escrever. Mas as lições, a leitura de exercícios, as reuniões, inundavam-me os dias. Passei assim praticamente dois anos, sem que lançasse, por assim dizer, uma palavra ao papel. Minha escusa era a falta de tempo.

Senão quando me vêm à lembrança os conselhos de Carl Walter. Logo na semana imediata fiz uma primeira experiência. Tanto que dispunha, a qualquer hora, de uns cinco minutos livres, sentava-me e escrevia meia dúzia de palavras. Qual não foi o meu espanto quando, ao fim da semana, tinha já, para revisão, uma boa dose de material manuscrito.

Por esse método de produção aos poucos, escreví, mais tarde, novelas.

Posto que meu horário de ensino se viesse tornando, com o tempo, cada vez mais apertado, sobravam-me, de qualquer modo, aquí e alí, no decurso de cada dia, uns momentos disponiveis, e era só aproveitá-los para escrever um pouco. Voltei ao próprio piano. Os pequenos intervalos, que de ordinário se perdem, por ser julgados inaproveitaveis, forneciam-me tempo bastante, já não só para escrever, mas tambem para tocar.

A arte de usar do tempo comporta, já se vê, as suas regras. Impõe-se, por exemplo, antes de tudo, rapidez em lançar-se ao trabalho. Se só dispomos, para escrever, de cinco mintuos, não será possivel gastar quatro, a mastigar o lapis. A preparação mental deve ter sido feita de antemão, de maneira que, declarada a oportunidade de trabalho, se possa concentrar, quase instantaneamente, o espírito, sobre a tarefa a realizar. Felizmente, a concentração rápida é bem mais facil do que em geral se supõe.

Confesso aliás que nunca pude aprender como deixar, sem mais esforço, a pena, após cinco ou dez minutos de trabalho. Mas a vida se encarrega de ir-nos fornecendo outros minutos. Carl Walter teve uma enorme influência no desenvolvimento dos meus dias. Foi ele quem me levou a descobrir que os mais curtos períodos de tempo formarão, somados, as horas que se me tornam precisas, uma vez que saiba utilizá-los, neles mergulhando, sem demora.

JOHN ERSKINE, professor de inglês, desde 1916, na Universidade de Colúmbia, é autor de vários romances e poemas. Habil pianista, já realizou uma excursão como solista de piano da Orquestra Sinfônica de Nova York.

¶ «NUNCA poderemos ser bons soldados de infantaria,» comentava J. B Priestley, ao registar-se, na companhia de outros senhores de 47 anos de idade, para o serviço militar, «mas, com chapas de blindagem, talvez alguns pudéssemos atuar como tanques.»

—Bulletins from Britain

¶ *Um dos milagres da presente guerra contado em primeira mão.*

O último avião que saiu da Birmânia

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Pelo major médico-aviador Robert Lateiner

Conforme narração a Donald E. Keyhoe

NO POEIRENTO aeródromo de Myitkyina, viera ao mundo uma criança. A mãe, jovem inglesa, à semelhança de outros tantos refugiados que se aglomeravam às centenas, sob o úmido calor da monção, à volta do avião-ambulância que havíamos improvisado, estava tambem retida naquele que é o ponto terminal da estrada de ferro Norte da Birmânia; e as tropas japonesas dalí se aproximavam, mais e mais.

Quando eu percorrí as filas de soldados ingleses feridos—e que a longa retirada de Rangum deixara magros e exhaustos—um deles, oficial inferior, despertou-me a atenção. «Dê a ela o meu lugar,» murmurou, da sua maca. «Ela tem sofrido muito. Perdeu o marido em Singapura. Não tenham pressa comigo. Digam a ela que eu vou da próxima vez.»

Respondí que sim, com um gesto de cabeça. Antes de partir para a Índia, acomodamos a parturiente no melhor lugar de que dispúnhamos, mas, em todo o caso, no meio de 50 feridos estendidos, ombro com ombro, num avião construido para comportar normalmente 21 pessoas.

Voando desde a madrugada ao anoitecer, os aviões militares iam e vinham, desafiando as surpresas da zona dos montes Naga, ora a conduzir material de várias naturezas para as forças aliadas na Birmânia, ora a trazer doentes e feridos que só pelo ar podiam ter ainda alguma esperança de salvar-se. A não ser a via aérea, o outro único meio de ligação com a Índia—e a Índia era, no caso, a salvação—consistia na Estrada Ledo, que corre 500 quilômetros, ou mais, através de campos e matas infestados de malária, a que não resistem muitas vezes, sucumbindo às dezenas, ainda os organismos mais robustos.

O caminho que levava ao campo de aviação estava cheio de refugiados—ingleses, americanos, anglo-birmanes, indús, mas em tão mísero estado, tão desgrenhados e sujos, que nunca me esquecerei daquele quadro. Alguns eram os únicos sobreviventes das respectivas famílias, varridas pelos raides japoneses. Muitos acabavam de sofrer sucessivos ataques. Conseguiram sempre escapar-se, mas agora sentiam-se sem forças para prosseguir. Soldados esfarrapados e ensanguentados deitavam-se, em longas filas, mesmo ao ar livre, no campo, com ferimentos que, durante dias, não haviam recebido o mínimo curativo. Sem abrigo de qualquer ordem para quem quer que fosse, entretanto, raras vezes a temperatura ao meio-dia deixava de subir impiedosa às vizinhanças de 50 graus.

Certa vez, ao ter de decolar um avião, um homem veio a correr, carregando nos braços uma menina ainda

pequena, de uns três anos. Ainda que tivéssemos espaço, tratava-se de um indivíduo são e moço. Recusei-me, pois, a recebê-lo.

«Não é para mim,» gritou o homem desesperado, apresentando a criança. «Ela pesa apenas alguns quilos!» Foi só tomar-lhe das mãos a pequenina, e o seu choro perdeu-se no ruido dos motores do avião que levantava vôo.

Cada vez que um avião ia partir para a Índia, a pequena guarda de soldados multiplicava-se em esforços, para que tivessem preferência, de modo rigoroso, aqueles que, por seu estado de saude, só pelo ar se poderiam salvar, pois a Estrada Ledo, para eles, equivaleria realmente a uma sentença de morte. Não havia jeito, porem, de por totalmente em ordem aquela multidão de milhares de pessoas em estado de pânico. Assim, de vez em quando, acontecia que eram admitidos por engano indivíduos em boas condições, e tínhamos que fazê-los recuar, para ceder o lugar aos velhos e aos doentes. Muitas famílias alí se separaram, algumas para sempre. Dada, aliás, a prontidão da partida, as separações se faziam com uma rapidez que reduzia ao mínimo possivel os penosos minutos das despedidas.

Respirava-se, não há dúvida, uma atmosfera de temor, própria das massas humanas em tal situação. Acima de tudo, porem, é justo assinalar que não faltavam coragem e espírito de sacrifício. Eu vi um velho ceder o seu lugar a uma menina doente, e ir saindo, sem alarde. Uma jovem enfermeira da Birmânia acompanhou ao avião uma senhora estropiada. Quando lhe dissemos, ao retirar-se, que poderia permanecer a bordo, ela olhou para toda aquela gente que se espalhava em torno, a esperar dias e dias transida de angústia, e respondeu: «Eu vou depois.»

Aumentando cada vez mais o número de refugiados, começaram a partir os aviões com cargas incriveis. Alguns chegaram a levar 74 pessoas, que iam como sardinha em lata. Os pilotos tinham que navegar entre picos, alguns de 5 a 6 mil metros de altura, e que, por assim dizer, as cartas não registravam, sendo que um deles se erguia a mais uns seiscentos metros do que constava do mapa. Reinava, em geral vento forte. Quando o avião balançava com mais violência, as mulheres gritavam, assustadas, e os doentes sentiam-se peor.

Só uma grande força de vontade explica que certos feridos houvessem resistido à travessia. Um soldado inglês apresentava queimaduras graves. Fizera parte da guarnição de um tanque. Desmantelando-se este, a mesma o abandonou, mas, ao deixá-lo, chegam japoneses, de dentes arreganhados, e a atacam a lança-chamas, matando assim, a fogo, dois dos homens. Outro tanque o salvou. Os lábios inchados, com bolhas, não o impediam de jurar vingança: «Eu mostro. Hei-de fazer o mesmo com eles.»

Em Myitkyina, a exercer as funções de oficial médico, só havia, alem de mim, um capitão do exército indú, homem alto, barbado, que, a despeito do calor, não deixava de usar o seu turbante, e dominava, até pelo tamanho, os refugiados frenéticos que tentavam invadir os aviões. Um dia, quando dirigíamos o embarque, levou-me ele à presença de um jovem soldado australiano. O rapaz estava nas últimas.

«Não adianta que eu vá, adianta?» pôde ainda articular. «Dêem o meu lugar a outro, e digam a ele que mate por mim um japonês.»

Eu e Sikh—assim se chamava o meu colega indú—não pudemos ocultar a nossa comoção.

«Durma em paz, meu filho,» disse ele. «Deixe estar que eles pagarão o que devem—e muitas vezes.»

Pelo meado de abril, mais alguns aviões do Exército vieram em nosso auxílio. Por outro lado, a Pan American Airways despachou a toda a pressa aviões com tripulações completas, e a China National Airways não poupou, a seu turno, sacrifícios. Não havia porem descanso para os pilotos exhaustos, que vinham voando sete dias por semana, com apenas algumas horas para dormir, cada noite.

Viviam eles numas cabanas de bambú, revestidas de uma mistura de esterco seco de boi e lama endurecida. Através das portas de bambú, entravam à larga os mosquitos. Dormíamos em duros lastros de madeira, revestidos de cordas. Mas, a pesar de tanto desconforto, nunca vi homens em melhor estado de decisão e ânimo.

Escusado é dizer que nossos aviões-ambulâncias se achavam sob a vigilância ininterrupta dos de reconhecimento japoneses. Chegávamos a ouvir, de vez em quando, os sinais que trocavam, pelo rádio, com os aviões de combate que deveriam atacar-nos. Mas os nossos pilotos, por saltos oportunos entre as nuvens, conseguiam sempre evitá-los. Muitos deles traziam a experiência dos aviões de carreira em que já haviam servido nos Estados Unidos, de modo que voavam tão a gosto como se fizessem a linha Washington-Nova York. O fato é que, sem jactâncias, transportaram em plena segurança milhares de feridos, às vezes sob um estado atmosférico em que muito piloto de ofício teria desanimado. Alguns dos aparelhos traziam uma ou duas espingardas-metralhadoras, é possivel que, sobretudo, para efeito psicológico, pois nada elas valeriam contra as metralhadoras do «Zero» japonês.

Normalmente, a tarefa do médico de serviço, no avião, é estar atento às condições físicas do respectivo pessoal, particularmente no que entende com a segurança do vôo. Deve, portanto, manter-se em constante contacto com o mesmo, ouvindo-lhe as conversas e pilhérias, observando-lhe as reações mentais e os possiveis sinais de cansaço, causa muitas vezes de acidentes e desastres.

Por exemplo, uma dada ocasião certo piloto verificou que havia escapado, por pouco, de aviões de combate japoneses. Ao registá-lo pela segunda vez, procurei verificar se o fato era verdadeiro, conversando com o seu ajudante e outros membros da guarnição. Ninguem tinha visto nada. Na manhã seguinte, fui por-me ao lado do homem, e eis que ele viu novamente os invisiveis Zeros.

Tratava-se pois, francamente, de um caso de fadiga. Impunha-se então afastá-lo, sob pena de graves consequências. Fazê-lo simplesmente desembarcar sem uma explicação satisfatória não seria aconselhavel, porque o receio de que interpretassem, de modo desairoso para ele, a sua situação, poderia dificultar-lhe, senão impedir-lhe a cura. Houve que inventar alguma coisa, um serviço importante em terra que lhe fosse atribuido. Dentro de algumas semanas, estava curado.

Quando os ingleses e as forças do general Stilwell se retiraram, nova onda de pânico varreu o Norte da Birmânia. Uma manhã, mal um avião acabava de descarregar gasolina para os «Tigres

Voadores» em Loi Wing, aviões japoneses de combate e bombardeio cairam de picada sobre o campo. Os refugiados corriam espavoridos em todas as direções. Não havia defesa; durante vinte minutos, os japoneses, friamente, metodicamente, cairam sobre os feridos, mulheres e crianças que em grande confusão se esforçavam por escapar-lhes à barbaridade.

O avião foi atingido, mas, por milagre, o não foi em nenhum ponto vital. Àquela noite, os mecânicos trabalharam à luz de velas e lâmpadas de querosene, desmontando e reparando a cauda do aparelho. Pela manhã, inspecionados os motores, embarcamos um grupo de feridos, e, decolando por entre as crateras abertas pelas bombas, levantamos o nosso vôo rumo aos Montes Naga.

Pela segunda semana de maio rendemo-nos à evidência de que Myitkyina estava condenada. Já então os japoneses se achavam apenas a uma distância aérea de 20 minutos. Cada dia, quando o último avião partia, ao cair da tarde, era penoso ver os que ficavam: feridos em macas, refugiados aflitos, todos a dormir ao ar livre, à espera da madrugada, e de que com ela viesse algum avião que os levasse.

Tenho bem na memória a cena do último dia:

—Doutor, disse-me um dos pilotos, —está alí um rapaz numa maca; pode ter no máximo uns dezenove anos. Trouxeram ele, porem não havia mais lugar.

—Amanhã a gente o leva, respondí.

—Não, doutor, retrucou o piloto, abanando a cabeça tristemente. —Esta é a última. Eles sabem disto. Todos sabem, pobre gente!

Se pudéssemos voar durante a noite, teríamos salvo aquelas últimas centenas de infelizes. Mas o vôo noturno em tais lugares, através de pontos perigosos, e não marcados em mapas, seria a um tempo homicídio e suicídio.

Myitkyina, pequena localidade ao fim da estrada de ferro, conheceu as desgraças da guerra. Foi a Dunquerque da Birmânia. Não saberemos nunca, exatamente, o número dos que perderam a vida no morticínio final. Excederam, porem, a 8 mil, os que de lá foram salvos pelo moderno milagre da evacuação pelo ar.

Como se faz o impossivel

¶ *Aviso em uma fábrica de aviões da General Motors:*

De acordo com a teoria da aerodinâmica, e como pode ser demonstrado experimentalmente, o besouro não é capaz de voar. A relação entre o tamanho, o peso e a forma do seu corpo, dum lado, e a extensão das suas asas pelo outro, tornam-lhe o vôo impossivel.

MAS O ZANGÃO, COMO IGNORA INTEIRAMENTE ESSAS VERDADES CIENTÍFICAS, ATIRA-SE PARA DIANTE, E VOA ASSIM MESMO.—E ATÉ PRODUZ UM POUCO DE MEL TODOS OS DIAS...

Helicópteros em vez de automoveis

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Entrevista dada por Igor Sikorsky a Frederick C. Painton

Estamos no ano de 1955, em uma colina perto de um lindo lago da serra Catskill, a cerca de 200 quilômetros de Nova York. Aí mora um cidadão que precisa ir para o seu escritório na cidade; entretanto não há estrada pavimentada senão a 20 quilômetros, e a estação da estrada-de-ferro fica igualmente distante.

Em dado momento surge no horizonte, voando, um aparelho. O nosso personagem comprime um botão em uma caixa próxima, emitindo assim, por meio do rádio, um sinal para o aparelho, que aliás se parece estranhamente com um ventilador elétrico horizontal. Quando o aparelho se acha exatamente por cima da casa, começa a descer verticalmente, até que a porta da cabina esteja a uns 30 centímetros do chão. O aparelho então pousa suavemente sob a ação daquelas pás rotatórias, como um gigantesco beijaflor. O passageiro embarca e entrega o bilhete ao co-piloto. Imediatamente o helicóptero sobe na vertical até 300 metros, de altitude, começando depois a voar para a frente, com uma velocidade que atinge rapidamente 220 quilômetros à hora.

—É um lugar muito procurado, este, —diz o co-piloto. —Tantas pessoas têm se mudado para esses montes, que tivemos que por mais um ônibus na linha.

Cincoenta minutos depois o helicóptero sobrevoa o centro de Nova York, e desce vagarosamente sobre um terraço de cerca de 60 metros quadrados. O nosso amigo toma um elevador até a rua e caminha poucos quarteirões para chegar ao escritório. E menos de uma hora antes ele estava calmamente em casa, na serra, acabando de tomar o seu café!

E não se trata de sonho fantástico, a realizar-se em futuro longínquo Dez anos depois de terminada esta guerra haverá em circulação centenas de servi-

Poucos homens terão feito mais pela aviação do que Igor Sikorsky. Tendo-se diplomado no Instituto Tecnológico de Kieve em 1908, construiu e fez voar o primeiro avião multimotor em 1913. De 1914 a 1918, projetou e construiu grandes aviões de bombardeio para o Exército Russo. Após a guerra emigrou para os Estados Unidos, tendo-se tornado cidadão americano em 1928. Nesse mesmo ano organizou a *Sikorsky Aviation Corporation*. Entre os aparelhos por ele desenhados acham-se o anfíbio Sikorsky e os super-transatlânticos aéreos, como por exemplo o «China Clíper».

ços de transporte de passageiros em helicópteros, para distâncias curtas. Centenas de milhares de aparelhos particulares, capazes de decolar verticalmente, transportarão os seus donos para o trabalho ou para os lugares de diversão.

Atualmente já existe um helicóptero capaz de fazer o que foi descrito acima: sobe ou desce verticalmente a qualquer velocidade que se queira; move-se para trás e para os lados, e dá voltas. Em abril de 1941 um helicóptero permaneceu no ar durante uma hora e 32 minutos, aterrando sobre uma área de menos de 4.000 metros quadrados. E a partir dessa época foi conseguido consideravel progresso.

Sendo, porem, ainda o helicóptero, hoje, uma arma de guerra, e constituindo seus aperfeiçoamentos um segredo militar, estou naturalmente impedido de descrever certos pormenores adicionais. Mas não tivesse a guerra desviado todas as nossas idéias para os instrumentos de destruição, não teríamos que esperar outra década para ver milhares de helicópteros em uso diário.

Aterrar e decolar um aeroplano a alta velocidade exige reflexos prontos e decisões rápidas, principalmente sob condições meteorológicas desfavoraveis. Mas a máquina de ascensão direta traz para o vôo a facilidade de operação e a manejabilidade do automovel. Vejamos como a sua senhora poderia pilotar o helicóptero da família, quando tivesse de voar 80 quilômetros para visitar uma amiga.

Sentada na cabina de dois lugares, faz girar o motor de arranque e calca no acelerador. O aparelho sai por si só do hangar, que não é maior do que uma garage para dois automoveis. Ela então comprime o pedal da debreagem, e está pronta para subir.

Diretamente em sua frente acha-se a alavanca de controle, reminiscência daquela que havia nos automoveis antigos para a mudança de velocidades. Junto à sua mão esquerda há outro controle, semelhante ao freio manual. Situados confortavelmente a seus pés estão dois pedais, como os do freio e debreagem dos carros; há tambem um acelerador de mão. No painel de instrumentos um tacômetro conta as rotações por minuto executadas pelas pás rotatórias.

Ela comprime o acelerador. O motor começa a adquirir velocidade, até que as asas giratórias estejam rodando 240 vezes por minuto. Sua mão calca ligeiramente a alavanca de ascensão à esquerda, inclinando ligeiramente as pás, de maneira que estas possam apanhar melhor o ar. Lenta e suavemente o helicóptero começa a subir na vertical. A trezentos e sessenta metros de altitude, ela leva à frente a alavanca de controle, inclinando as pás de modo que passem a mover-se no ar para a frente. Quando quiser pousar, basta colocar a alavanca no centro. Se deseja voltar para trás, puxa para si a alavanca; e do mesmo modo leva-a para a direita ou para a esquerda, para fazer uma curva.

Viaja comodamente a 200 quilômetros à hora, e 30 minutos depois diminue a velocidade para pousar no gramado da casa da amiga. Solta o controle de ascensão e o helicóptero afunda gradualmente para a terra: querendo, pode regular a descida para que esta se dê a uma velocidade de apenas 30 centímetros por minuto. As rodas tocam o chão e, sob a ação dos amortecedores de choque, a cabina se abaixa, sem baques e sem brusquidão.

A operação é, na realidade, mais simples do que dirigir um automovel, pois há menos movimentos dos controles.

Alem disso não se dá, como nos automoveis e aviões comuns, a aceleração rápida que produz grande tensão nervosa. O hábito fez com que achássemos cousas naturais a passagem de um carro a grande velocidade apenas a alguns centímetros do lugar onde estamos, assim como as superfícies derrapantes das estradas ou os congestionamentos do tráfego. Mal acreditamos que, se o acaso tivesse produzido o helicóptero para uso geral antes do automovel ter sido inventado, todos recuaríamos horrorizados diante das dificuldades de um passeio domingueiro em estrada moderna, dirigindo o que nos pareceria ser qualquer invenção nova e perigosa...

Que sucede quando o motor cair em pane em pleno vôo? Muito simples: o helicóptero passa automaticamente a *deslizar*, a debreagem desliga o motor das lâminas rotatórias, estas continuando a girar devido à pressão do ar. Todos os outros controles prosseguem em suas funções, inalterados, sendo que as lâminas, girando, permitem que o aparelho desça com segurança de qualquer altitude. O piloto então, vendo por exemplo um pequeno pasto, dirige o seu «pássaro», em ângulo, para alí. O helicóptero, ao aterrar, leva ainda certo impulso, e poderá deslizar sobre a terra, de 3 a 4 metros.

Inteiramente metálico, o helicóptero adapta-se de maneira ideal à produção em série, e não custará mais que um automovel de preço médio. Quanto à sua manutenção, não será dispendiosa: em primeiro lugar, pode ser guardado facilmente numa garage no quintal; e depois, um helicóptero leve, de dois lugares, pode fazer até 4 quilômetros com um litro de gasolina. E note-se que com o tempo, os aparelhos se tornarão ainda mais econômicos. O ritmo do helicóptero é uniforme; quer se esteja voando a 5 quilômetros à hora, quer a 200, as lâminas rotatórias giram a uma velocidade quase constante, sendo que o movimento para a frente depende inteiramente da inclinação das lâminas. No automovel, com a frequência de mudanças e maior número de peças, dá-se maior dispêndio de energia; quanto ao helicóptero, é provavel que com doze a vinte horas de instrução um indivíduo normal aprenda facilmente o manejo do aparelho.

Mas perguntarão: e quando houver centenas de milhares de helicópteros atravessando o ar em todas as direções, que dizem os técnicos sobre o perigo de colisões? Haverá congestionamento de tráfego nos céus? Nesse sentido, já se têm feito estudos e até elaborado projetos: terá que haver «estradas» aéreas, perto dos grandes centros urbanos, em que só se poderá voar em uma direção. Haverá altitudes para os que voam mais depressa, e altitudes para os que preferem menores velocidades, sendo que as «estradas» dos helicópteros estarão sempre a uma distância razoavel da trilha seguida pelos aeroplanos propriamente ditos.

E o tempo? A chuva, ou a neve, o nevoeiro e o vento? Quem estiver num helicóptero e se vir no meio de denso nevoeiro, poderá reduzir a velocidade a cerca de 10 quilômetros à hora, fazendo então por descer cuidadosamente, esperando, em terra firme, que melhorem as condições atmosféricas. Uma forte tempestade de neve imobiliza não só aviões mas tambem automoveis, até serem degeladas e limpas as estradas e as pistas de decolagem; já no caso dos helicópteros, isso não se dá, pois esses aparelhos não precisam de pista, e decolam diretamente para cima.

Alem disso, o helicóptero alcança regiões até agora inacessiveis. Poderá levar abastecimento até as minas mais recônditas, escondidas no fundo dalgum desfiladeiro com paredes de 600 metros de altura, e de lá trazer o minério. Será capaz de manter-se acima de um nadador ameaçado de afogamento, ou de salvar náufragos, lançando o piloto um cabo. Outra vantagem do helicóptero é a sua capacidade de «se esconder» atrás de árvores e colinas, podendo tambem escapar incólume por entre obstáculos terrestres.

Estou convencido de que a manufatura, venda e manutenção dessas máquinas há-de chegar a ser uma indústria de bilhões de dólares, dentro mesmo dos 10 anos que se seguirem a esta guerra, da mesma maneira pela qual a indústria automobilística tomou colossal impulso após a outra conflagração mundial. E quando isso correr, estejamos certos de que em todos os nossos setores de atividade haverá alterações.

O desenvolvimento dos subúrbios tem sido limitado, até agora, pela capacidade dos ônibus, automoveis e trens; assim subiu consideravelmente o preço dos terrenos próximos às estradas, quer de rodagem quer de ferro. Havendo o helicóptero, será possivel aproveitar enormes extensões de terra, até agora inacessiveis, nas quais se construirão casas pequenas para as famílias modestas.

Chego mesmo a imaginar novo tipo arquitetônico, talvez uma casa com teto chato e um hangar bonito e bem desenhado ao lado, de modo que o aparelho voador fique próximo e facil de ser retirado e manobrado...

Nos hotéis haverá espaço para a aterragem, e hangares especiais para os turistas. Enquanto uma viagem de 600 quilômetros, em automovel, ainda é fatigante, um trajeto de mil e tantos quilômetros em helicóptero nada terá de extraordinário ou exhaustivo.

Milhares de pessoas poderão ver as Américas—do Norte, Central e do Sul—através do vidro da cabina de seu helicóptero. Haverá postos de gasolina desde o Alasca até a Patagônia, com mecânicos especializados que examinarão os aparelhos...

No momento em que passarmos a explorar de fato as magníficas possibilidades do helicóptero, poderemos dizer, sem medo de exagerar, que já entramos na «idade do ar».

¶ A BATALHA pela liberdade é uma luta que não tem fim. Nem suas vitórias são finais, nem suas derrotas são permanentes. Cada geração deve defender seu patrimônio, porque cada conquista desperta novas forças que tentarão substituir os antigos meios de opressão por outros. Não pode haver paz em um mundo que vive e cresce sempre, e cada batalha que os nossos antepassados supunham ter acabado, terá de ser travada novamente por nós e pelos nossos filhos, se quisermos preservar e aumentar o patrimônio da liberdade.

—Philip Van Doren Stern, *The Drums of Morning* (Doubleday, Doran, ed.)

Podemos ensinar os meninos a viver

— IV —

Vencendo dificuldades...

MEU MAIOR DEFEITO, nos despreocupados dias da infância, consistia em desanimar com demasiada facilidade quando uma tarefa qualquer me parecia dificil. Eu podia ser tudo, menos um menino persistente.

Foi quando, uma noite, meu pai entregou-me uma tabuazinha de pequena espessura e um canivete, e me pediu que, com este, riscasse uma linha a toda a largura da tábua. Obedecí a suas instruções, e, em seguida, tábua e canivete foram trancados na escrivaninha de papai. A mesma coisa foi repetida todas as noites seguintes; ao fim de uma semana eu não podia mais de curiosidade. A história continuava. Toda noite eu tinha que riscar com o canivete, uma vez, pelo sulco que se aprofundava.

Chegou afinal um dia em que não havia mais sulco. Meu último e leve esforço cortara a tábua em duas.

Papai olhou longamente para mim, e depois disse: «Você nunca acreditaria que isto fosse possivel, com tão pouco esforço, não é verdade? Pois o êxito ou fracasso de sua vida não depende tanto de quanta força você põe numa tentativa, mas da persistência no que faz.» Foi essa uma lição-de-coisas impossivel de esquecer, e que mesmo um garoto de dez anos podia aproveitar.

—Noah Semonoff

Tenha a coragem de ser original

«PORQUE há-de você perder seu bom humor, torcendo seu cabelo nessa barafunda?» perguntou meu pai, quando me encontrou chorando de raiva porque eu era muito menina, e não tinha a habilidade necessária para fazer o penteado em moda nos meus tempos de colégio.

«É a moda!» lamentei-me. «Só o meu nunca fica direito!»

Olhando-me gravemente, meu pai determinou: «Divida o cabelo no meio, penteie-o para trás, e amarre-o com uma fita.» Atendí-o, embora desajeitadamente. «Agora», acrescentou, «use-o assim durante uma semana, e se metade das meninas de sua classe não copiarem você, eu lhe darei dez dólares.»

Pensei comigo que ele era incrivelmente ingênuo. Dez dólares, porem, eram uma fortuna a que não podia resistir. Tivesse eu chegado à aula vestida com a camisola de dormir, minha agonia não teria sido maior. Mas quando a semana acabou, quase todas as meninas de minha classe estavam usando o cabelo separado simplesmente pelo meio, atado atrás com uma fita!

Meu pai disse, então: «Não seja vulgar! O mundo já tem bastante mediocridade. Nunca tenha medo de uma idéia própria, e, se ela for certa, siga para diante com ela, sem se importar com o que faça toda a gente!»

E, embora ele tivesse ganho a aposta, deu-me uma nota nova de dez dólares.

—Sra. Brooks E. Cairns

É puro roubo!

UM MEU CONVIDADO disse, recentemente, ao despedir-se: «Gosto de vir aquí. E' um lugar onde posso dizer tudo o que quero, sabendo que não passará adiante.» O elogio, na verdade, cabe menos a mim que à minha mãe.

Um dia—tinha eu então meus oito anos—estava a brincar ao lado de uma

janela aberta, enquanto a sra. Brown confiava a minha mãe qualquer coisa de sério a respeito de seu filho. Quando a sra. Brown saiu, minha mãe, percebendo que eu tudo ouvira, disse:

—Se a sra. Brown tivesse deixado a sua bolsa aquí, hoje, iríamos dá-la a outra pessoa?

—Claro que não, respondí.

Minha mãe continuou:—Pois a sra. Brown deixou hoje, aquí, uma coisa muito mais preciosa, visto que nos contou uma história cuja divulgação poderá prejudicar a muita gente. Essa história não é nossa, para a transmitirmos a quem quer que seja. Continua a ser dela, ainda que a tenha deixado aquí. Assim, pois, nós não a daremos a ninguem. Você compreende?

Compreendí muito bem. E tenho compreendido, desde então, que uma confidência, ou até mesmo uma bisbilhotice que um amigo deixa de vez em quando em minha casa, são dele—não minhas para as dar a quem quer que seja.

—Constance Cameron

Tristezas não pagam dívidas...

Um garoto de quatro anos seguia descalço por uma rua, tomando um sorvete numa taboca. De repente, um grupo de meninos mais velhos passou correndo pela esquina, derrubando o pequeno na corrida, e a taboca foi se despedaçar no solo.

O menino sentou-se no chão, e ficou, de olhos arregalados, contemplando o resultado da incompreensivel tragédia. Nem palavras, nem lágrimas: só uma agonia muda e atônita se desprendia dele.

Uma senhora idosa vinha nesse momento descendo os degraus de uma varanda, e caminhou para a criança. «Bem, meu pequeno,» disse ela, «o peor que podia haver, aconteceu a você. Mas levante-se, que eu vou lhe mostrar uma coisa.»

O pequenino ergueu-se.

«Agora ponha seu pé direito em cima do sorvete, pise com força, e repare como ele esguicha entre os dedos de seu pé.»

O menino pisou com força o sorvete, e este espirrou entre os dedos do pé. A senhora riu gostosamente. «Aposto que não há nenhum outro menino na cidade que já tenha coçado os dedos do pé com sorvete,» disse ela, rindo. «Corra agora para casa e conte a sua mãe como foi divertida a experiência. E, lembre-se,» acrescentou ela, «por peor que seja uma coisa que lhe aconteça, você pode se divertir sempre à custa dela!»

Era eu esse garotinho. Nunca vim a saber quem era a idosa senhora, mas nunca esquecí o que ela fez por mim. As peores coisas me têm acontecido desde então, e as palavras da velha senhora vêm-me sempre à memória. É mesmo bobagem levar muito a sério as tristezas da vida.

—H. Middle Swarth

¶ Walter Scott, quando emprestava livros, mandava um recado escrito: «Peço o favor de devolver. Tenho verificado que, embora muitos dos meus amigos sejam maus matemáticos, quase todos são excelentes guarda-livros...»

A despensa das democracias

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Ben James

As Nações Unidas estão comendo bem, graças aos recursos de que os Ianques dispõem e à sua habilidade em aproveitá-los.

A América não é somente o arsenal das democracias; é, tambem, a sua despensa. Já no decurso deste ano mil carregamentos de gêneros alimentícios sairam das nossas fazendas para as Nações Unidas, e, ainda agora, os navios carregados de gêneros alimentícios continuam a seguir, rumo aos seus destinos, numa procissão ininterrupta.

A massa de produtos transportados atinge proporções inauditas. Reunir 3 bilhões de quilos de alimentos, oriundos das fazendas americanas, fazê-los passar pelos diferentes processos necessários, remetê-los para bordo dos navios e transportá-los para o outro lado do Atlântico, já seria uma tarefa consideravel em tempo de paz. Mas as presentes travessias marítimas são lentas e perigosas—as mercadorias devem ser empacotadas de modo a suportar viagens mais longas e choques mais violentos. Há menor número de navios, motivo pelo qual o espaço destinado à carga precisa ser aproveitado da melhor maneira possivel, arrumando-se em cada metro cúbico, o máximo que ele possa comportar. A escassez de folha de Flandres impede, por outro lado, que centenas de produtos possam ser enlatados da maneira usual.

As nações beligerantes consomem uma incrivel variedade de alimentos. Os bebês da Inglaterra precisam de leite e suco de laranja. Os alimentos enviados aos russos da região ártica devem chegar ao seu destino durante o único mês em que as águas de determinado porto não se acham geladas, sendo mister, por outro lado, enviá-los em quantidade suficiente, para que durem por todo o resto do ano, em temperatura abaixo de zero. Os alimentos indicados para as tropas do deserto da Líbia, onde não há água, são inteiramente diversos daqueles que se destinam aos combatentes da selva africana, onde a água é uma verdadeira maldição.

Esta vasta rede alimentar tem como centro uma repartição do Departamento de Agricultura sob a direção do secretário Wickard. Durante um dia inteiro de trabalho, acompanhei o movimento habitual da referida repartição no escritório de Roy H. Hendrickson, diretor da Administração de Mercados Agrícolas, em cujos armazens se processa um movimento diário de fornecimentos no valor de 5 milhões de dólares.

Os primeiros fregueses que se apresentaram, logo pela manhã, foram russos. O chefe da delegação, homem taciturno, de cabelos em escovinha e pele encorreada, tirou um caderno do bolso

Ben James nasceu e criou-se entre lavradores, no Iowa; viajou mais tarde por quase todo o mundo, escrevendo com regularidade para jornais e revistas. Convidado a trabalhar para o Governo, este ano, é atualmente assistente do diretor de Administração de Mercados Agrícolas.

e, com o auxílio de um intérprete, foi lendo a lista dos gêneros que do seu país se encomendavam.

Ovos secos, tantos milhares de toneladas; óleos vegetais, idem; farinha de centeio; manteiga. Finalmente, 100 toneladas de ácido acético.

—É uma quantidade consideravel de ácido acético! observou Hendrickson.

—Derrete-se a neve, explicou o russo, ajunta-se uma onça de ácido acético a cada 24 onças de água, e o que resulta é vinagre. O ácido atravessa o Ártico sem gelar, ao contrário do vinagre. Alem do mais, economiza espaço.

O vinagre, ao que parece, é extremamente importante para o paladar russo.

Hendrickson interpelou um empregado da repartição: —Poderemos conseguir esta quantidade de ácido acético até quarta-feira, para um navio que parte de Baltimore?

—Estará a bordo dentro de 48 horas, prometeu o rapaz.

Depois dos russos, apresentou-se um grupo de cientistas e técnicos nos processos de transformação química de alimentos, que vinham discutir novos métodos pelos quais seria possivel acondicionar uma quantidade maior de vitaminas e calorias num espaço menor. Esta guerra determinou uma verdadeira revolução na indústria alimentar. Obtiveram-se os mais surpreendentes resultados em matéria de alimentos secos. Se a quantidade de metal necessária à construção de um navio for empregada na construção de fábricas de deshidratação de alimentos, poupar-se-ão nada menos que 874 cargueiros. Isto é: deshidratados, ou secos, os produtos alimentícios, bastarão 170 navios para transportar os carregamentos que, de outra maneira exigiriam 1044.

Vejamos, por exemplo, o que se dá em relação aos ovos. Costumávamos expedí-los em cestas. Há cerca de um ano visitei, com Hendrickson, uma das docas de Nova York. Ele estivera inspecionando as alfândegas e os navios, a ver se havia um meio de evitar que, devido ao sistema de transporte, houvesse uma tão grande quantidade de ovos quebrados. Sobretudo na Inglaterra, onde a descarga se verificava, por vezes, em plena escuridão, e até mesmo, não raro, no meio de bombardeio, os prejuizos se iam tornando sensiveis, a ponto de reclamar alguma providência.

Experimentou-se, primeiro, congelar os ovos: mas, neste caso, haveria que mantê-los no refrigerador até serem consumidos. Pelo processo da deshidratação resolveu-se, afinal, o problema. Graças a tal processo, uma dúzia de ovos ocupa menos espaço do que um pacote de cigarros. Os ovos são primeiro emulsionados, e, em seguida, dessecados em taboleiros de metal, por meio de ar quente, ou tratados, sob pressão, numa câmara aquecida a 160 graus, onde ficam, dentro em pouco, reduzidos a uma espécie de pó doirado. Milhões de dúzias se acondicionam facilmente; mexidos, ou sob forma de omelete, é dificil distinguí-los dos ovos frescos.

Só para a Grã Bretanha, expedimos no decurso do ano passado 100 milhões de quilos de leite em pó; e este ano enviaremos quantidade maior. Quinze litros de leite—reduzidos a pó—cabem num saco de papel, próprio para conter nada menos de um quilo e trezentos gramas.

Todas as crianças inglesas de menos de dois anos, e todas as mães inglesas que amamentam, estão agora recebendo a ração adequada de sucos de fruta, ricos em vitaminas. Isto nunca se verificara, anteriormente, na Inglaterra ou em qualquer outro país. A grande procura de sucos de fruta teve início quando os bombardeios aéreos arrancaram os londrinos aos seus lares, arruinando famílias inteiras, e interrompendo as vias habituais de suprimento. Como possuíssemos grande quantidade de sucos de fruta em latas, foi-nos possivel enviá-las aos milhares. A escassês de folha de Flandres, impedindo o fabrico de latas, levou-nos a fazer sucos de fruta concentrados que ocupam um décimo do espaço anteriormente necessário. Desenvolvemos, agora, a produção de um pó que ainda ocupa menos espaço e dispensa o emprego de latas. Os nossos próprios paraquedistas levam comsigo, como parte da ração de campanha, uma porção que caberia num dedal.

Mas onde os alimentos concentrados dão resultados ainda mais brilhantes, é no que diz respeito às vitaminas, transportadas para bordo em caminhões blindados, porque 5 mil dólares de vitaminas podem caber num caixote e o carregamento de um caminhão representa o valor de 200 mil dólares. Quantidades equivalentes a milhões de dólares são, assim, enviadas mar em fora—algumas vezes sob a forma de vitaminas sintéticas, em cristais, ou, mais frequentemente, como óleo de fígado de tubarão, concentrado.

Oito carregamentos de batata podem ser reduzidos a um só carregamento. As batatas deshidratadas dão um ótimo purê. Um novo processo, por diatermia, permite descascá-las perfeitamente, tirando apenas uma leve camada, o que as faz perder apenas três por cento do peso, quando, descascadas à faca, perdem 25 por cento.

Depois de longos estudos realizados nos laboratórios do Departamento de Agricultura, dois comerciantes especializados na indústria da carne, começaram recentemente a lançar um novo produto—carne dessecada e comprimida. Pelo novo processo, 20 quilos de carne de boi podem ser reduzidas a uns cinco quilos. A carne de boi e de porco, a ser exportada passa pelas seguintes operações: retiram-se, primeiro, os ossos, e depois, cortada e retalhada, é a carne submetida à pressão de rolos aquecidos à temperatura de 170 graus. Secam-na, a seguir, e, comprimindo-a fortemente, acondicionam-na em latas. A quantidade de carne fresca que dantes se transportava em 10 navios, cabe agora num só, e dispensa refrigeração.

Mais de 500 milhões de quilos de alimentos deshidratados já partiram para os paises em guerra, juntamente com 300 outros gêneros alimentícios, alguns dos quais acondicionados à moda antiga.

Estes novos produtos revolucionarão os hábitos alimentares do mundo inteiro. Entre os mais recentes, temos uma salsicha de porco em conserva, feita com farinha de favas, da qual já enviamos 35 milhões de quilos para as Nações Unidas. Uma colher de chá desta farinha tem efeitos nutritivos equivalentes aos de um ovo. Ao terminar a guerra, todos compraremos destas salchichas, cujo sabor satisfaz o mais fino paladar.

As sopas deshidratadas não constituem novidade—estavam já em uso durante a guerra dos Boers. Mas as que atualmente fabricamos são, realmente, excelentes. Estas sopas contêm leite desnatado, farinha de favas, legumes deshidratados e plantas aromáticas. A respectiva produção diária, nos E.U.A., daria para encher um navio. Quando chamados a abastecer certos pontos isolados da África, cujos recursos locais não eram satisfatórios—tendo em vista que, no caso, cada grama de peso seria trans-

portado à mão pelos nativos—os norte-americanos encontraram, nesta sopa, um elemento importantíssimo na solução do problema.

Mais de 3 milhões de kg. de sopa dehidratada e de 250.000 kg. de fatias de tomate foram compradas sob o regime da lei de Empréstimo e Arrendamento. A polpa dos tomates já cozidos, é submetida à pressão de rolos de aço aquecidos, em movimentos giratórios. Terminada a primeira circunvolução, as fatias de tomate, quase transparentes, já estão prontas para o acondicionar.

A industria de acondicionamento de muitos bilhões de dólares de alimentos tinha por base o estanho. As suas máquinas de nada podiam servir sem as latas. Mas, atualmente, os óleos de cozinha e outros líquidos semelhantes podem ser perfeitamente transportados em caixinhas de papelão revestido de cera. Os biscoitos do exército britânico, empacotados, durante gerações, em amplas latas de folha de Flandres permanecem frescos através de longas viagens no bojo úmido dos navios, e apesar dos tombos que levam no transporte para certos postos avançados da África. As novas caixas de papelão forradas de asfalto deram resultados satisfatórios.

Há sempre que economizar, ou bem estanho, ou bem espaço. A dehidratação não é porem o único recurso. Agora mesmo, por exemplo, estão sendo realizadas experiências com queijos hexagonais; os queijos redondos determinam um grande desperdício de espaço.

A questão do transporte é a mais irritante de quantas se apresentam a Hendrickson. É proibido, atualmente, concentrar suprimentos na costa dos Estados Unidos, pois, sendo os portos vulneraveis, é mister evitar o congestionamento. Os armazens da Administração de Mercados Agrícolas se acham instalados no interior do país, mas em pontos de onde os carregamentos podem ser postos nos navios em 24 horas.

Estes armazens se comunicam por teletipos com os portos e os centros ferroviarios. Milhares de vagões carregados de alimentos rodam pelos trilhos a toda hora do dia e da noite; durante o seu percurso transmitem, de ponto em ponto, relatório da viagem.

Fazer com que este caudal de alimentos deslize das fazendas para os navios é uma tarefa interessante.

Não há muito, o chefe do departamento central, de Nova York, examinava, numa tarde monótona de sábado, os relatórios rotineiros transmitidos por teletipo, e preparava-se a sair, já um tanto em atraso, para um almoço, quando uma breve mensagem fê-lo estremecer: tratava-se de um carregamento de 10.000 toneladas de gêneros alimentícios a serem transportados para dois navios no porto de Boston, até domingo à noite, de maneira a aproveitar o espaço reservado, nos referidos cargueiros, a uma determinada carga que não chegara a tempo. Os dois navios faziam parte de um comboio que partia dalí, segunda feira de manhã.

Todos, do chefe aos mais humildes empregados, se precipitaram à tarefa. Localizaram logo os produtos especificados—nos armazens e nos vagões em marcha. Antes do por do sol, a carga partia rumo a Boston, em trens especiais. Averiguou-se então, que os carregadores do porto já se tinham retirado para o seu descanso dominical. Mas foi-se à procura dos homens que, regressando ao cais, se puseram ao trabalho sem demora. E assim foi que os navios, cheios da proa à popa, puderam reunir-se em tempo ao comboio respectivo.

Mensagens do Alem

Por Archibald Rutledge

Poucos anos passados, escrevia eu um artigo descritivo de certos fenômenos ocultistas, a que assistira pessoalmente, ou que me tinham sido narrados por pessoas das minhas relações. Publicado o artigo, choveram cartas na minha banca de trabalho, e cheguei a receber visitantes, umas e outros relatando-me experiências «psíquicas» da mesma ordem. Dessas narrativas de contactos com o mundo das sombras (que, estou certo, existe algures para alem de nossos sentidos ordinários), dou a seguir as mais impressionantes.

Certo dia recebí a visita dum cavalheiro de respeitavel aparência, já completamente encanecido: era—vim mais tarde a sabê-lo—juiz da Corte Suprema da Pensilvânia.

«Talvez lhe interesse a história do que comigo se passou há bons trinta anos,» começou ele. «Aqueles a quem a tenho contado parecem escutar-me com incredulidade; entretanto, nada se me afigura mais vívido e real em toda a minha vida...

«Uma tarde, era eu então advogado rural, seguia em longa jornada por uma estrada solitária, guiando a minha charrete. A estrada era-me desconhecida. Ao-vir o crepúsculo, seguia eu ao longo duma azinhaga, à cuja direita se erguia um muro de pedra. Não se avistava uma casa nas imediações... Não tendo a certeza de me encontrar no bom caminho, e ansioso por pedir informações a alguem, foi para mim um grande alívio ver que em cima do muro, um pouco adiante, estava um homem sentado.

«Quando cheguei a uns 50 metros dele, vi-o escorregar do muro, encaminhar-se para a estrada, e cair bruscamente, de cara para baixo. Ficou estendido no chão, e eu o via tão claramente quanto estou vendo agora o senhor.

«Imaginando que o infeliz tivesse perdido os sentidos, apeei-me do carro para lhe prestar a ajuda que fosse possivel. O vulto continuava imovel, mas, à medida que eu avançava, parecia desvanecer-se, e, quando cheguei ao ponto onde o vira cair, *o homem não estava lá.* Nem por um momento eu desviara dele os olhos. Devo tambem acrescentar que eu era jovem, vigoroso, tinha uma vista excelente, e não bebera absolutamente nada.

«Completamente embaraçado, regressei ao meu carro. Para meu assombro, o cavalo, que era um bicho velho e fleumático, entrara numa crise de terror. Escancarava os olhos de medo, resfolegava ruidosamente, e cobria-o um banho de suor. Ao poisar-lhe a mão nas ancas, estremeceu violentamente. Era quanto eu podia fazer para conseguir que ele desse um passo; e uma vez fora dalí, meteu a galope, fungando a cada momento.

«Meia milha adiante encontrei uma casa, detive o cavalo e, sem dar sinais de preocupação, procurei informar-me sobre o sítio onde encontrara o muro de pedra. A mulher a quem me dirigí olhou-me com curiosidade:

«—Oh, esse sítio (disse ela), ninguem gosta de passar por alí. A casa ardeu até os alicerces, aquí há uns anos. Foi onde mataram uma pessoas... Vossemecê viu qualquer coisa, não? Há quem tenha visto coisas por alí...

«E aquí tem o senhor a história, aliás corroborada pela afirmação da mulher: que outros já por alí tinham visto fantasmas... E o susto do cavalo, não deve significar alguma coisa? Penso às vezes que os animais têm um sexto sentido... O sr. acredita no que acabo de lhe contar?...»

Afirmei-lhe que acreditava plenamente, pois estava convencido da existência dum mundo invisivel, cujos habitantes podem, por vezes, tornar-se-nos visiveis...

OUVIMOS DIZER com frequência que os animais têm um sexto sentido, por intermédio do qual apercebem o que muita gente recusa acreditar, apodando-o de mero fruto da imaginação ou da superstição. Uma das cartas que recebí contava-me a história do singular comportamento de certo cão.

«Tínhamos uma cadela de raça *setter*, chamada Marcela (contava a carta), que nutria uma verdadeira adoração por meu marido. Este saía de casa frequentemente, em viagens de negócio, e durante as ausências dele a cadela dormia no meu quarto, deitada no chão. Uma noite, estava meu marido ausente, despertei aos grunhidos de Marcela. Acendí a luz, receando já que algum gatuno andasse dentro de casa. A cadela estava toda eriçada, e dava uns grunhidos estranhos, profundos, roucos... Depois começou a uivar lugubremente, e foi-se refugiar no meu quarto de vestir, onde ficou chorando e ganindo. Descí ao andar térreo, onde tudo estava sossegado, portas e janelas trancadas. Meus dois filhos dormiam serenamente.

«Daí a uma hora um chamado telefônico de longe me informava de que meu esposo morrera num acidente de automovel. Estou convencida de que Marcela *viu* o acidente, ou viu meu marido...»

OUTRO CASO me foi narrado, este em carta de Connecticut:

«Uma noite, a mulher de meu irmão e sua filhinha de 3 anos e meio estavam sós, as duas, no quarto do apartamento, muito iluminado. A pequenita dizia as suas orações, de joelhos junto à cama, enquanto a mãe, de pé ao lado dela, escutava atentamente. De repente, teve esta a sensação de que alguem tinha entrado no quarto: mas não viu ninguem, e não disse palavra sobre o que sentira...

«Tendo acabado de rezar, a pequenita ergueu a vista para a mãe e disse: —Mamãe, quem é esse velho que está ao seu lado?

«E a descrição que logo deu da visão correspondia perfeitamente ao avô, a quem nunca vira, pois vivia na Suécia.

«A primeira carta a chegar da Suécia trouxe notícia do falecimento do ancião, naquela mesma noite em que a menina o vira, ao dizer as suas preces...»

E AGORA, ESTE caso bem fora do comum, que me contam em carta do Ilinóis:

«Quando meu irmão estava em Richmond, na Virgínia, estudando para padre, minha mãe e minha irmã foram para lá viver com ele. Alugaram uma vasta casa antiga, extravagante. Durante os dois anos que alí viveram, minha mãe teve repetidas e frequentes vezes a visão de um oficial do exército confederado (1), que mostrava uma banda de crepe na manga do braço esquerdo.

«Mamãe contou aos dois filhos a respeito dessa visão: mas eles fizeram mangação dela por causa do fantasma. Mais tarde, como eu fosse ouvinte mais indulgente, contou-me tambem o caso. Disse-me que um dia, fatigada de ver o silencioso visitante, se lhe dirigira, como a um ser vivo, nestes termos: —Ora, só queria que me dissesse porque anda me amolando! Tomara que você vá embora, e me deixe em paz.

«O fantasma fitou-a, abanando com tristeza a cabeça, evolou-se através da porta da sala de jantar... e nunca mais voltou.

«Meses depois, num museu ou galeria de arte, estava minha irmã folheando o catálogo, quando alguma coisa a levou a chamar a atenção de mamãe:—Olhe aquí, se isto não é o retrato do seu fantasma!

«A descrição que mamãe tinha dado do seu visitante era tão minuciosa e clara, que minha irmã o reconhecera num golpe de vista. E lá estava, como no fantasma real, uma faixa de crepe na manga esquerda! O catálogo rezava que o militar da gravura era o dr. Hunter Holmes McGuire.

«Nesse mesmo dia, à mesa do almoço, relataram o incidente a uma amiga, que lhes disse: —Como, pois não sabem quem foi o dr. McGuire?...

«Mamãe confessou que nunca vira retrato dele, nem mesmo ouvira falar.

«—Pois bem, McGuire, foi cirurgião no exército confederado. Assistiu a Stonewall Jackson quando este foi mortalmente ferido. Aquela faixa de crepe está alí a encobrir uma nódoa do sangue de Jackson. Vê que McGuire, como os oficiais tinham que se apresentar com o uniforme impecavelmente limpo, quando deu pela nódoa de sangue do seu querido general, disfarçou-a com o crepe. A casa em que a senhora está morando foi construida pelo dr. McGuire, que lá viveu...»

«AO REGRESSAR uma noite a casa, já tarde, (escreve o diretor dum periódico financeiro) passei pela porta dum amigo meu, cujo filhinho, atacado de crupe, estava em perigo de vida. O pobre homem sofria muito, e eu estava penalizado. Ao chegar perto da casa, vi um rapazinho, muito debil e pálido, de pé no passeio. Reconhecí nele imediatamente o filho do meu amigo. Pensando que, numa crise de delírio, ele tivesse fugido à enfermeira, dirigí-lhe a palavra, e preparava-me para o tomar nos braços e fazê-lo recolher a casa... quando o vi simplesmente volatilizar-se!»

NÃO TENHO provas que ofereça em abono de qualquer dessas histórias de sombras, mas conheço algumas das pessoas que as referiram, e tenho-as por dignas da minha melhor confiança. Nos outros casos, posso apenas dizer que o tom das narrativas oferece, não há dúvida, uma nota de autenticidade.

Seria razoavel, pergunto agora, tachar de espúrias semelhantes ocorrências, somente porque não podemos prová-las por qualquer dos meios normais de que dispomos?...

[1] Os confederados eram os sulistas, durante a Guerra Civil.

¶ «Não conte nunca os seus desgostos aos outros,» disse-me uma vez um velho lobo do mar, de Nantucket. «Em sua maioria, não farão caso algum; os outros ficarão encantados de ver você sofrer.»

—Robert Haven Schauffler, *Enjoy Living* (Dodd, Mead)

Visão científica, gênio técnico, persistência em face do insucesso, da inundação, da dor. Resultado: o maior telescópio do mundo!

O espelho gigante de Palomar

(Condensado do livro «The Glass Giant of Palomar»)

Por David O. Woodbury

O Dr. George Ellery Hale, fundador do Observatório Astronômico do Monte Wilson, na Califórnia, iniciou há dez anos a construção de um telescópio gigantesco no Monte Palomar, perto de San Diego —instrumento que muitos homens de ciência acreditam virá a ser a mais portentosa realização científica do século presente. Encontra-se hoje quase pronto, e não tarda que o seu espelho monstro de 5,10m. de diâmetro, seis a setecentas mil vezes mais sensivel que a retina do homem, esteja volvido para os céus, a refletir-lhes o mistério e a infinidade. Atingirá três vezes mais longe, nos abismos siderais, do que o mais poderoso dos telescópios atualmente em uso, arrancando à obscuridade e anonimato muitos bilhões de estrelas até agora invisiveis. Virá dar solução ao problema da natureza físico-química de estrelas que são um verdadeiro enigma para o homem, desde que este pratica a astronomia... Por meio dele esperam os homens de ciência atacar problemas de tremendas proporções, tais como a forma, a origem e as dimensões do próprio Universo. Tendo começado, como tantas outras cousas, por ser o sonho de um indivíduo, este telescópio será o ponto de encontro e a resultante de mil artes e invenções do homem—o mais perfeito dos instrumentos que os maiores cientistas jamais puderam conceber.

George Hale, andava ainda pelos vinte e poucos anos quando inventou o espetro-heliógrafo, e já então se metera a estudar minuciosamente o Sol. Aos 29 era nomeado primeiro diretor do Observatório Yerkes, em Chicago. Nesse observatório, munido de uma lente de um metro de diâmetro, que era o maior «refrator» até então fabricado, Hale e seus assistentes descobriram centenas de estrelas duplas, mediram a distância a que se encontram muitas centenas de outras estrelas, e realizaram os primeiros estudos sobre a natureza química das «manchas» solares. Mas Hale precisava de mais luz para as chapas fotográficas que tinham vindo substituir o olho do astrônomo, na objetiva do telescópio moderno, e mais luz queria dizer—maiores lentes... Ora, era impossivel produzir lentes maiores! Um delgado disco de vidro, com mais de 1 metro de diametro, não pode aguentar seu próprio peso, nem manter inalterada a sua forma.

No conceito de Hale, o telescópio deixara de ser um ampliador de corpos celestes relativamente próximos de nós, como Venus ou Júpiter, para se transformar numa máquina capaz de concentrar a radiação luminosa, incrivelmente débil, de certas estrelas, de maneira a tornar possivel estudá-las por meio de aparelhos tais como o espetrógrafo. Os telescópios de refração—em

que o observador olha diretamente as estrelas através das lentes—tinham atingido positivamente o limite de suas possibilidades! Resolveu então Hale voltar-se para o telescópio de «refletor», cujos enormes espelhos côncavos concentram a luz das estrelas e a refletem rigorosamente sobre o ponto focal. Em 1903 o astrônomo transferiu-se para a Califórnia, onde ia dirigir, no Monte Wilson, a instalação dum grande observatório subsidiado por Andrew Carnegie.

Foi alí, no Observatório do Monte Wilson, com o seu espelho côncavo de 1,5m. de diâmetro, e com mais do dobro da potência do refrator de Yerkes, que nasceu a novíssima ciência chamada *astrofísica*. O vasto espelho recolhia tanta luz de uma só estrela, que se tornava doravante possivel fazer a análise química de corpos celestes situados a milhões de bilhões de quilômetros de distância. Foi desde então possivel obter dados sobre a temperatura, a idade e a distância de milhares de estrelas, e esboçou-se o começo de um programa de planificação do Universo em mapas, e o estudo da evolução estelar.

A certa altura, um capitalista de Los Angeles, John Hooker caiu sob a fascinação do jovem astrônomo, e ofereceu-lhe dinheiro para a compra de um espelho de 2 metros e meio. Mas não existia então na América nenhum fabricante de vidro que ousasse empreender a fundição de uma só peça de vidro com 2,5m. de diâmetro, e o respeitavel peso de cinco toneladas. Havia no mundo um único grupo capaz de tentar essa empresa: eram os antigos sopradores de vidro de St. Gobain, em França. Hale persuadiu-os a fazer a experiência, mas os homenzinhos nada lhe prometeram. Quando acabaram de vasar nos moldes o primeiro disco, ficaram retidas na massa em fusão grandes nuvens de bolhas de ar. Considerando isso como sinal de fracasso, os nossos amigos franceses enterraram a peça sob um montão de estrume, para conservá-la intacta, e fundiram mais três discos—cada qual peor que o antecedente! Desanimados, decidiram então desenterrar do estrume o primeiro, e rèmeteram-no para a Califórnia, com a nota de que espelho de 2 metros e meio era coisa impossivel de se fazer.

Mas Hale concluiu que, se queria ter o seu telescópio de 2 metros e meio, ou seria aquele o vidro, ou não seria nenhum. De maneira que deu começo às operações de limagem e pulimento da superfície espelhenta do bloco—tarefa tão delicada e dificil, que só nela se gastaram quatro anos!

Concluidas que foram as operações em 1918, com todo o êxito, esse espelho de 2 metros e meio ficou sendo (e ainda é, vinte anos decorridos) a arma mais poderosa da astronomia. Não somente registrou rigorosamente os 2 bilhões de sóis que parecem constituir a Via Láctea de que faz parte o sistema em que habitamos, mas determinou tambem a posição de 10.000 das vagas nebulosas em espiral, situadas tão longe de nós, que a luz da mais próxima de todas leva uns 900.000 anos a atingir a Terra... O instrumento tornou evidente que esses «universos insulares» se estão dispersando no espaço a velocidades aterradoras, em todas as direções, e deu origem a que Sir Arthur Eddington afirmasse que o Universo foi em tempos uma bola de gás que começa agora a condensar-se e a expandir-se, ninguem sabe para, nem até onde. Trouxe informações sobre as estranhas *Novae*—estrelas que subitamente fulguram com inusitado

brilho,—e arrastou os homens de ciência a especular sobre se o nosso Sol virá algum dia a explodir, ou talvez até a «cair morto», carregando conosco para o eterno olvido astral... E os resultados de suas observações foram tão uteis na compreensão do que é o átomo, que graças a ele se abriram e revelaram novos domínios da física e da química.

Entretanto, o refletor de 2 metros e meio estava suscitando novos problemas, maiores do que aqueles que resolvia: seriam as nebulosas, apenas, massas primitivas de gás,—ou «vias lácteas» de estrelas altamente organizadas, talvez mundos semelhantes ao sistema solar em que vivemos? Estariam elas fugindo pelos espaços em fora, como Eddington pretende, e seria curvo o espaço, como afirma Einstein? Ou continuariam as nebulosas a correr para todo o sempre do sempre, inumeravelmente derramadas através do espaço e do tempo, sem forma nem limite? Hale não podia ter repouso enquanto estas e outras sérias perguntas continuassem a reclamar resposta. Esses pareciam ser, em derradeira análise, os mistérios fundamentais do Universo. E a solução deles dependia de *mais luz*, de telescópios sempre e cada vez mais potentes!

O seu entusiasmo conquistou o interesse do departamento de Educação da Comissão Rockefeller. Dentro de um ano era criado um fundo Rockefeller de seis milhões de dólares, para a construção de um observatório completo, que seria provido de um telescópio de espelho, ou refletor, com 5 metros de diâmetro.

Mas a questão que primeiro se impunha era saber se seria possivel fundir e vasar um disco de 5 metros de diâmetro. Os espelhos astronômicos obtêm-se pulindo-se a superfície superior de pesados discos de vidro, que precisam de ser bastante espessos para se manterem rígidos. Mas o vidro grosso dilata-se e contrai-se desigualmente, quando aquecido ou arrefecido. Assim, ao cair da noite, a face do espelho pode desnivelar-se alguns milionésimos de polegada. Querendo-se que um telescópio sirva os seus fins, não se lhe pode tolerar nenhum desnivel superior a 2 milionésimos de polegada. Torna-se preciso conservar fresco o vidro de telescópio de 2,5m. durante os calores do dia, abrigando-o em cobertores de feltro. Nessas condições, a massa de 20 toneladas de um disco de cinco metros comportar-se-ia ainda muito peor.

O problema estava, para Hale, em encontrar um vidro capaz de manter inalteravel a sua superfície, fossem quais fossem as oscilações da temperatura. Anos atrás, o professor Elihu Thomson, inventor de brilhantes recursos, tinha-o prevenido: «Quando um dia você precisar de um espelho ainda maior, empregue o quartzo fundido: quase nem reage às mudanças de temperatura.» Recordando agora o conselho, Hale correu a avistar-se com aquele professor, que logo lhe prometeu fazer o espelho de quartzo.

Nas tentativas de fabrico desse espelho gigante, gastaram-se diariamente quase mil dólares (cerca de 20 contos), e isto durante dezoito meses. O primeiro espelho experimental de Thomson, com quase 20 cm. e meio de diâmetro, ainda é hoje a mais bela e mais estavel superfície ótica do mundo. Concluiu-se primeiro o fabrico de um espelho de quase 56 centímetros de diâmetro. Mas, ao cabo de árduos trabalhos, a experiência com o quartzo redundou num fracasso desanimador.

Hale, agora mais idoso, e sentindo-se doente, quase ficava sem coragem: para onde se voltar?

Um técnico sugeriu-lhe o vidro Pyrex, que podia ser fundido como qualquer outro, ao mesmo tempo que o seu coeficiente de expansão era apenas um terço do vidro comum.

Ou seria Pyrex—ou nada! Ainda que o espelho não possuisse a extraordinária estabilidade do quartzo, isso viria a resultar apenas em interrupções de mínima importância, e essas mesmas só em noites excepcionalmente más. O fato mais animador era que a Corning Glass Works estava pronta a executar a encomenda por um preço assombrosamente módico, e o contrato foi assinado. George V. McCauley, veterano em trabalhos de física e engenharia, ficou encarregado da obra. Acreditava ele que lhe seria possivel fundir e vasar grandes massas de vidro Pyrex; mas já não tinha a mesma confiança quanto aos moldes em que teria de executar a dificil operação. É possivel vasar pequenos objetos de vidro em moldes de aço; mas um disco de vidro de tão grandes proporções irradia infinitamente mais calor. Nessa ordem de idéias, resolveu optar por moldes de tijolo refratário.

Saiu-se com êxito da fundição de um disco de 66 centímetros. Seguiu-se-lhe um disco de 76 centímetros, negócio complicado que, em vez de ser maciço, tinha a base em grade ou gelosia, forma concebida com o fim de diminuir-lhe o peso, aumentando-lhe ao mesmo tempo a rigidez e reduzindo a tendência do espelho a armazenar calor. Para fazer um disco com essa base em gelosia, McCauley desenhou um molde parecido com uma imensa forma de pasteleiro, com grande número de saliências de tijolo, chamadas «machos» ou núcleos, muito bem cimentados no fundo.

Estava agora na ordem dos trabalhos um disco de 1,5m. de diâmetro. McCauley ancorou rigorosamente no fundo do molde os seus 55 machos. Mas quando o vidro liquefeito, ao rubro, tocou o tijolo, os machos soltaram-se do fundo como cortados cerce por uma foice! O cimento não era suficientemente forte.

Mais uma vez McCauley dobrou o tamanho do seu disco; mas desta vez cravou os machos com varas de ferro ao fundo do molde. Chegou eventualmente a produzir um disco perfeito, com mais de 3 metros de diâmetro. (Estes primeiros discos viriam a ser todos eles usados no complexo de espelhos do grande telescópio.) E agora em frente,—ao disco de 5 metros!

Novas complicações, porem, viriam a surgir. Os dados preliminares tinham indicado que um disco de 5 metros levaria entre seis e nove anos a arrefecer ou *temperar* com segurança, para não conservar quaisquer vestígios superficiais de tensão. Tendo desenvolvido uma teoria original da têmpera, McCauley resolveu que o grande disco de Pyrex poderia ser arrefecido em pouco menos de um ano. Confiando nisso, empreendeu a construção de uma estufa em forma de colméia para cobrir o molde e conservá-lo quente durante o vasamento, traçou e montou a complicada carreta para aguentar umas boas 30 toneladas de vidro e molde, o elevador e trem para transferir o disco do lugar, uma vez acabado, e o forno de temperar, com as suas centenas de serpentinas de aquecimento elétrico, sob controle termostático, que apenas permitiria ao disco arrefecer sete décimos de grau Farenheit por dia.

Aproximava-se agora o grande mo-

mento. McCauley fez seus cálculos: os operários, peritos em vasamento, podiam recolher 200 quilos de vidro fundido do tanque de fusão, lançá-lo no molde, e estar de regresso ao tanque dentro de dois minutos, para levar mais. McCauley era mestre em temperaturas, e demais homem fleumático nas grandes emergências. Apesar disso, conservou dois dedos em cruz, não fosse o azar estragar-lhe tudo...

Um mês antes da data marcada, o tanque de fusão do vidro, que era do tamanho de uma casa de quatro divisões, estava em ordem, e conseguira-se fazer subir a sua temperatura para 1.650 graus C. As brigadas de trabalhadores começaram a carregar por dentro dele a areia e os vários produtos químicos necessários. A massa de vidro em fusão foi crescendo no tanque, e finalmente ficaram prontas as 60 toneladas de vidro líquido.

Chegou o sábado e caiu a noite. A cidade de Corning fervilhava de forasteiros, aos milhares, atraidos de toda parte do mundo pelo acontecimento sem precedentes. No interior da fábrica, os carpinteiros acabavam de erigir uma elevada plataforma ou galeria, do alto da qual alguns espectadores poderiam simultaneamente assistir à operação. Outros operários preparavam um espaço livre no andar térreo, no lugar onde um grupo de homens de ciência, dos mais distintos do mundo, poderiam presenciar as operações com todo o conforto. Às dez horas acenderam-se os bicos de gás que aqueciam a estufa em forma de cortiço, e a temperatura começou a subir gradual e ininterruptamente.

Às 8 em ponto da manhã de domingo, 25 de março de 1934, ia-se dar começo ao vasamento. McCauley teria preferido não se sentir nervoso: mas as hipóteses desconhecidas eram tantas, que ele não se podia conter. O pavimento em volta do tanque de fusão estava desobstruido, e a brigada de carregadores, incumbidos de transportar os enormes cadinhos cheios de vidro fundido, todos a postos. McCauley tudo verificava, em silêncio: se as portas da fornalha estavam em condições de funcionar; se o sistema de trole, lá no alto, para fazer correr os pesados cadinhos, estava desembaraçado; se os comutadores funcionavam bem. A temperatura da colméia era agora a desejada. E McCauley, serenamente, ordenou que se desse início à operação.

Entra no tanque o primeiro cadinho; os homens retesam-se no tremendo esforço de fazer girar o comprido cabo de sete metros, para o fazer mergulhar na massa ígnea da fornalha, e depois para o arrancar de lá, a transbordar de vidro fundido e cintilante. A porta logo se fecha. A uma ordem breve e enérgica, o cadinho, agora rubro de calor tambem, é comboiado através das portas do cortiço, que esperam, escancaradas. Cheio de mal contida ansiedade, McCauley espreita pelo catadeiro de vidros esfumados. No momento que que o vidro fundente entra em contacto com os tijolos, ouve-se um ligeiro silvo... E McCauley se arreda com um sorriso de satisfação.

Outro cadinho mergulha na massa líquida, é transportado para o molde, e vasado através de outra porta. O primeiro, virado já completamente de baixo para cima, despejou o seu conteudo, e um homem esforça-se tenazmente por lhe arrancar os restos de vidro pastoso ainda aderentes. Rapidamente, rega-se o cadinho com um jato de água, e ele regressa ao tanque de fusão.

A brigada de operários trabalha agora a um ritmo certo, e os homens de ciência assistem àquilo fascinados. Na obscura galeria lá em cima, os guias começam a pastorear lentamente o público através da instalação, para um rápido olhar sobre o feérico espetáculo.

As horas correm, tensas, e o vasamento continua sem interrupção. De dois em dois minutos, o molde recebe uma tremenda colherada de vidro. Os machos estão já completamente submersos na massa líquida, e até agora não houve a mais leve contrariedade. Mas de repente McCauley grita: «Suspenda os cadinhos, Charlie!»

Através do vidro esfumado do catadeiro acaba de ver uns tortulhos negros que flutuam à superfície lisa do vidro, no molde: alguns dos machos, partidos, soltaram-se do fundo! As espigas de ferro que os retinham não resistiram à temperatura fabulosa do vidro fundido—e derreteram-se como manteiga...

Cai um silêncio pesado, angustioso, e McCauley manda abrir as portas da colméia: alguns homens, munidos de compridas varas e afrontando o clarão ardente que cega, lá dentro, põem-se a bater e a golpear os tortulhos, tentando desfazê-los em fragmentos miudos. E até certo ponto com êxito. O espírito de McCauley não para enquanto ele observa: voa à frente dos problemas, ao encontro das soluções... Já está fazendo planos para um novo molde, sobre a maneira de enraizar no fundo, para todo o sempre, aqueles machos, para fazer novo disco de 5 metros.

Mas ainda o não confessa em voz alta; calmo, dá ordem para que o vasamento prossiga. Às seis horas, exatamente dez depois de iniciados os trabalhos, o molde está cheio.

À meia-noite o disco era transportado e içado para dentro do forno de temperar. Mas surgiram ainda dificuldades com o mecanismo, e durante três dias não foi possivel deixá-lo firmemente fechado! Não importava: tacitamente, McCauley e John Hostetter, diretor de pesquisas da Corning, tinham já concordado em proceder a segunda fundição. Propositadamente graduaram o forno de temperar para dez vezes a sua devida graduação de arrefecimento, curiosos de saber se isso produziria dez vezes a tensão calculada para o vidro.

Assim sucedeu, com efeito, como puderam verificar trinta dias depois, quando rebocaram para fora, no chão, a grande lousa de vidro—completamente fria! Prova, essa, a mais concludente da teoria de McCauley. E as tensões eram já tão mínimas, que, sendo necessário, aquele disco poderia ser utilizado como «sobressalente».

Na operação seguinte de fundição, McCauley fixou os machos do molde com espigões de aço, fabricados para assegurar uma resistência especial, e dotou cada um deles com a sua própria corrente de ar refrigerante. A 2 de dezembro era vasado o segundo disco, agora na presença apenas de um punhado de curiosos, quase todos eles homens de ciência. Havia desta vez duas brigadas de carregadores a trabalhar, e ao cabo de seis horas o disco estava completamente vasado no seu molde. Nenhum dos machos veio perturbar a superfície do vidro, e McCauley sentiu que o seu espírito podia enfim repousar.

O segundo gigante deslisou suavemente para dentro do forno de temperar, onde ia agora arrefecer gradualmente durante dez meses. Passou o inverno, e passou a primavera. O calor escoava-se lentamente do grande disco, sob o controle mais rigoroso. Foi então

que, nos meados do verão, sem dizer «água vai», o rio Chemung, que corria perto dalí, começou a avolumar-se e a subir... As aguas entraram no porão da fábrica. A instalação elétrica do forno de temperar estava diretamente atravessada na passagem da água! Centímetro a centímetro, a inundação foi crescendo e subindo... Se a corrente elétrica falhasse, ainda que fosse só por uma hora, todo o programa do arrefecimento ficaria prejudicado! Hostetter e McCauley apelaram para todos os homens disponiveis, que pudessem ajudar a erguer uma barreira de sacos de areia. Os carpinteiros assentaram a toda a pressa as «formas» para um dique de concreto; os pedreiros, numa roda-viva, puseram-se a construir uma parede de tijolos... Trabalharam esses homens exaustivamente durante vinte e quatro horas, metidos no lodo líquido até a cintura. Mas a água não deixava de subir!

Atingia agora o nivel dos fios condutores, e não tardaria, assim que as faiscas saltassem através das junturas, produzindo curtos circuitos. Abandonaram-se então os diques e barreiras de sacos de areia; o que havia a fazer era, sim, soerguer o próprio aparelho a pau e corda!

Desligou-se a corrente. Durante 72 horas o forno de temperar ficou desligado, e o disco continuou a «sangrar» sem qualquer dificuldade o seu calor acumulado. Durante 72 horas se debateu McCauley na lama, ao lado dos seus homens, até que o transformador e os fios ficaram erguidos bem acima da água, e a revivificante corrente elétrica pôde tornar a percorrer o forno.

Tres meses correram ainda, até findar o período de arrefecimento: três meses bem duros para McCauley! O disco saiu finalmente à luz, frio e com ótima aparência. Pelas suas próprias mãos, o engenheiro pôs-se a arrancar os fragmentos dos machos aderentes às costelas do fundo, demasiado ansioso para prestar atenção ao sangue que lhe escorria das queimaduras e arranhões. Em seguida, munido do seu aparelho de provar, começou a percorrer e a examinar, polegada por polegada, a superfície do enorme bloco de vidro... Se houvesse um pequeníssimo desnivel causado pela tensão superficial, não lhe poderia ter escapado: tal a maneira por que procedem os verdadeiros e apaixonados homens de ciência.

Acabado o demorado e penoso exame, McCauley virou-se com um suspiro para John Hostetter, e disse: «Acho que podemos telegrafar para a Califórnia, e dizer ao dr. Hale que ele tem enfim o refletor com que anda sonhando há tantos anos!»

¶ A VIDA é uma estrada onde só se pode rodar num sentido. Não há desvio ou volta que nos conduza para trás. Desde que aceitemos esse fato, a vida se torna muito mais simples. Porque só então podemos tirar o melhor proveito do que temos, do que somos e do que conseguimos.

—Isabel Moore, *I'll Never Let You Go* (Farrar & Rinehart, ed.)

A alegria de ser normal

(Condensado de «The Rotarian»)

Por Edith M. Stern

FAZ agora dois anos que estou vivendo numa casinha de estilo colonial, de tijolo vermelho, num subúrbio do estado de Maryland. Quando acordo, muito cedo, ouço cantar as aves e vejo as árvores através da janela. Depois de saidos os meninos para a escola, na agitação matutina comum a todas as casas de família, vou fazer compras numa aldeia onde pouca gente transita e a atmosfera é cordial. Passo depois parte do meu dia à escrevaninha, ocupo-me uma vez por outra de pequenos trabalhos domésticos, ou dou um giro pelo quintal para arrancar algumas ervas daninhas. Pela tarde meus filhos regressam, estalando de impaciência por contar-me os grandes acontecimentos do dia, e logo saem correndo, para brincar. Mais tarde vou esperar meu marido no ônibus. Jantamos cedo, fazemos um longo e tranquilo serão, e vamos para a cama às horas mais honestas, o que nos permite levantar cedo, frescos e repousados.

Não parece muito divertido? Concordo que não. Nem é novidade para milhares de mulheres que levam vida parecida com esta, e se queixam de aborrecimento. Mas, para mim, isto é novo e emocionante; porque, depois de ter passado a maior parte da mocidade num desses ambientes fantasiosos, com que sonham as mães-de-família suburbanas enquanto lavam a louça, — descobrí enfim a alegria de ser normal...

No meu caso, o ambiente era a roda de escritores de Nova York e o seu cortejo de satélites. Eu estava nas melhores relações com a gente de letras. Estirava-me pelos divãs modernistas de *Greenwich Village*, falando da vida, da literatura, e de Freud. Aos vinte e poucos anos casei-me com um jovem advogado, e, mesmo depois de nascidos os filhos, continuei a trabalhar e a divertir-me. Pagávamos uma renda fabulosa por um apartamento com «bom endereço». Íamos quatro vezes por semana, pelo menos, a concertos e estréias teatrais; durante os intervalos, víamos e éramos vistos... Era sempre a última palavra em filmes exóticos, em música moderna, em exposições de arte; eram os festins que iam acabar à hora do pequeno almôço em Harlem, e jantares epicúreos, onde os ditos de espírito dos convidados abriam caminho para as colunas dos jornais.

De norte a sul, ao longo do litoral atlântico, realizei conferências sobre literatura contemporânea para audiências femininas. As mulheres invejavam minha existência: «Não faço absolutamente nada!» diziam em tom de queixa essas boas donas de casa, jardineiras e sócias de comitês locais. «Que bom deve ser conhecer pessoas tão interessantes!»

Mas essas pobres senhoras, que suspiram pelos requintes artificiais e deslumbrantes da metrópole, vivem se iludindo a elas próprias. O que nós todas desejamos, na realidade, é, em suma, uma vida normal, a que não falte o dia de lavar roupa, a praga dos insetos, e a insaciavel curiosidade das crianças.

Se acabei por descobrí-lo, não foi graças a qualquer revelação mística, porem à crise; a clientela de meu marido,

que dantes fervilhava, desapareceu; e, quando lhe ofereceram emprego de responsabilidade numa região que tínhamos chamado de «parvónia», agarramo-la com as mãos ambas!

Nossos amigos abanavam a cabeça. Como era que eu, citadina das citadinas, poderia sobreviver fora do Centro do Universo? Visto que para um *new yorker* não há nada urbano no mundo fora de Nova York, resolvemos nem sequer tentar viver em outra cidade. Iríamos logo para o campo; pelo menos, seria bom para os meninos. Graças ao auxílio financeiro da *Federal Housing Administration*, compramos uma casinha confortavel, embora singela, e resignamo-nos à nossa imolação!

Pouco a pouco fui aprendendo que, muito ao contrário de me ter enterrado viva, estava regressando à vida. Porque as vidas plenas, como a arte e a literatura duradouras, têm por base as cousas simples e eternas.

Meu primeiro contacto com a vida ordinária e banal, foi quando a minha empregada preta me perguntou: «Quando é que vamos fazer as compotas?» Nunca eu tinha pensado em tal! Nos apartamentos de Nova York não há espaço para compotas nas prateleiras. Para não perder prestígio aos olhos dela, comprei cêstos de pêssegos, de morenas ameixas, e de uvas. Sentei-me junto dela na cozinha, e ajudei a preparar as frutas. Fiquei muitas horas ao pé do fogão, curvando-me para as panelas fumegantes onde a ameixa cozia na calda, e respirando o ar de uma doçura pungente. Mas depois, as prateleiras cobertas de vidros cheios deram-me aguda satisfação estética, e de vez em quando eu esgueirava-me escada abaixo, para ir admirá-las na despensa. Durante esse inverno, cada vez que abríamos um jarro de compota, era como se víssemos impresso um dos meus manuscritos...

Cada vez que pagamos uma prestação de nossa casa, esta se torna, um pouco mais, parte de nós mesmos; quando instalamos um mosquiteiro numa porta, ou caiamos de branco a entrada da garage, ou armamos uma estante para os livros dos pequenos, tornamo-nos, um pouco mais, parte da casa... Tenho visto crescer e florescer, como o meu próprio contentamento, o modesto capital que investimos no jardim da casa, logo na primavera em que entramos.

Apesar de razoavelmente bem reputada, como era no meu primeiro ambiente, e do espaço que os jornais me concediam, nunca eu tinha experimentado o sentimento orgânico de realmente *pertencer* a um meio. As relações de amizade se estabelecem facilmente neste recanto. Quando alguem adoece na família, os vizinhos sabem-no logo, e vêm oferecer-nos ajuda e simpatia. Não esperam até que lhe chegue a notícia, por acaso, em qualquer cabaré... Emprestamos uns aos outros as taças do ponche, as tesouras da relva, e a manteiga; deixamos os meninos confiados à guarda da família alí defronte, e a recíproca tambem se verifica.

Uma vez por semana, sirvo como «diretora de leitura» na pequena biblioteca, heroicamente reunida por um resoluto grupo de amadores de livros. Em caso de urgência, ponho um avental e corro a dar ajuda na cantina escolar. Nas reuniões da Associação de professores e pais de alunos, uso da palavra e auxilio a tomar resoluções sobre a orientação da escola; e quando o pátio de recreio das crianças não anda bem vigiado, lavro um protesto direto, que é muito mais eficaz do que uma carta ao diário *Times*. Contribuições bem corriqueiras, estas, para a vida de comunidade, que por toda a parte e a cada passo fazem milhares de donas de casa. Mas, para poder devidamente apreciar o ardor com que se pratica alguma cousa real, que sabemos ser de imediata utilidade, é preciso conhecer por experiência a futilidade inerente ao bate-boca e doidejar dos círculos «finos» de Manhattan!

Tenho ouvido muita gente se queixar do aborrecimento que é a vida social nas terras pequenas. Mas agora sinto-me realmente muito menos constrangida do que dantes. Conto aquí entre os meus amigos um mecânico de rádio, um entomologista especializado em baratas, uma atriz que deixou a ribalta para criar quatro filhos, dois professores primários, e o dono de uma pequena mercearia. O americano «normal», ao contrário dos intelectuais megapolitanos, tem a alegria de se misturar com gente de toda a espécie.

Descobrí tambem que se encontram espíritos delicados, entre pessoas que nunca conquistaram fama, e altruistas cujos nomes nunca aparecem nas imponentes listas de «patronos». A professora de música de minha filha, uma mulherzinha que parece uma cambaxirra, e dá lições num piano vertical já bastante aguitarrado, na sua casita de madeira, não é somente um boa professora, mas tambem uma musicóloga de profundo saber. O vizinho aquí do lado, que tosquia a relva do seu quintal e prepara merendas para seus três filhos, é uma das maiores autoridades nacionais em biologia marítima.

O americano comum tem frequentemente mais informações e mais filosofia para me oferecer, do que os papagueadores do mundo literário. Tenho visto mães encontrarem soluções para problemas, delas e dos filhos, com um claro bom-senso que faria inveja aos meus amigos da metrópole, frequentadores de clínicas psicanalíticas. Algumas de minhas horas mais produtivas, são as que tenho passado tagarelando, com os habeis artesãos, que vêm à nossa casa fazer pequenos consertos. Habituados a usar as mãos e a cabeça, são de um realismo simples combinado com agudas faculdades críticas. Se alguma vez eu quisesse zombar de alguem, em matéria de política ou economia, escolheria um poeta ou romancista, de preferência a um carpinteiro ou a um encanador!

—«A senhora deve com certeza sentir a falta do ritmo da vida de uma grande cidade», dizem-me por vezes.

Pois não sinto. Acho, nesta vida vulgar que hoje é a minha, vastas quantidades de tempo a aproveitar no que mais deseje fazer, quer identificando os passarinhos que esvoaçam no meu quintal, quer meditando, ou fazendo trabalhos manuais. Só os americanos «normais» fazem o que lhes apetece: os demais levam o tempo simulando uns para os outros, ou para os repórteres do diário mundano, ou para o porteiro do prédio onde habitam.

Ter tempo em abundância é cousa essencial e inapreciavel, para uma vida normal. É possivel ter casa quando se dispõe de muito pouco tempo; mas o que não é possivel é formar um lar. Podemos conviver amavelmente com o nosso marido e os filhos, mas nunca desenvolver uma intimidade verdadeiramente rica de conteudo. Essa intangivel e preciosa unidade familiar só floresce mediante lenta e demorada cultura, que nem alarmes nem excursões interrompam.

Nos círculos fascinantes onde o cinismo passa por sabedoria, e ao sentimento chamam sentimentalismo, podemos esquivar-nos ao enfado da vida doméstica; mas não escapamos aos conflitos de afe-

tos. Só quando preenchemos as essenciais necessidades humanas de amor, estabilidade e paz, dia a dia, pormenor a pormenor, é que achamos a felicidade. Sinto-me, aquí, emocionalmente livre. Aquí é costume a mulher amar o marido e os filhos, e não somos obrigadas a «dar expressão ao Eu» ou a viver perigosamente, pelo receio de que nos chamem pretensiosamente «burguesas» ou «desinteressantes».

Quando hoje, por acaso, encontro os «sofisticados» com os quais, dantes, me sentia tanto em família, reparo que eles não vivem muito alegres. Parecem-me correr eternamente, atrás de uma meta eternamente inatingivel, e afastando-se mais e mais da vida, no anseio de alcançá-la. Quanto a nós, o resto, fazemos o que tem que ser feito, como seja construir o barracão das ferramentas nos fundos da casa, prestar uma ajuda aos Evans até que o Bill arranje emprego, ou separar a roupa para ser lavada; e embora a gente possa morder de vez em quando o freio da normalidade, ao fim de contas temos o que queríamos—aquilo que todos na realidade querem. As satisfações íntimas de uma vida harmoniosa, na família e na comunidade, são mais profundas e mais duradouras, mais ricas de valores humanos, do que uma perpétua sucessão de estímulos superficiais. Porque sinto agora a alegria de ser normal, minhas antigas obsessões me parecem estranhas. Vivo, alegremente, na América: mas numa certa América, onde a vida simples e calma é considerada a regra.

Humor do rádio

¶ Um extravagente professor, desejando salientar um ponto de lógica, fez a seguinte pergunta à sua classe:

—Se os Estados Unidos estão limitados a leste pelo Atlântico, a oeste pelo Pacífico, ao norte pelo Canadá e ao sul pelo México, qual é a minha idade?

Os alunos mais inteligentes ficaram confundidos; mas o mais tolo deles respondeu logo:

—O sr. deve ter 44 anos.

O professor, por sua vez confundido, replicou:

—É verdade, meu amigo, é verdade. Mas como foi que o soube?

—Muito simples, contestou o estudante:—O sr. é duas vezes mais louco do que meu irmão, e ele tem 22 anos.

—*Can You Top This?* (WOR)

¶—A palavra «calças» é singular ou plural?

—Em cima, é singular; em baixo, é plural.

—*Club Matinê* (*Blue, NBC*)

¶—Quanto tempo esteve com vocês a última cozinheira?

—Ela nunca esteve conosco: esteve sempre *contra* nós!

—Charlie McCarthy (*NBC*)

¶*O ambiente moral influe na eficiência do trabalhador.*

Quando o operário trabalha com prazer

Por Stuart Chase

Há dezesseis anos iniciou-se a pesquisa mais extensa e de maior importância e interesse jamais efetuada em matéria de condições de trabalho nas fábricas. A iniciativa coube a uma das fábricas da Companhia Western Electric, em Hawthorne, perto de Chicago. Os resultados foram de tal maneira significativos que, se deles tivessem conhecimento todas as manufaturas do mundo, grandes e pequenas, haveria sem dúvida uma verdadeira revolução nos métodos industriais.

Os chamados «peritos em eficiência» vêm tentando há longos anos alcançar um aumento de produção diária, levando em consideração o número de horas de trabalho, os métodos de trabalho manual, e as condições físicas em que os operários se encontram durante o serviço. No entanto, os pesquisadores da Western Electric chegaram a uma descoberta infinitamente mais importante do que uma simples alteração em horários, salários ou outros elementos materiais; uma descoberta que resultaria num aumento de produção infalivel, independente de qualquer providência que se tomasse em relação às condições físicas do trabalho.

Esse resultado relaciona-se com um elemento que está intimamente ligado à própria natureza do homem, um elemento que passou despercebido a vários estudiosos do assunto, inclusive aos que se dedicaram ao conhecimento da fadiga e da importância dos horários rígidos. É um elemento de cuja existência talvez os gerentes de fábricas tenham estado cientes, intuitivamente, sem no entanto conseguir identificá-lo. A Western Electric tratou de estudá-lo.

A companhia em apreço fabrica todo o material usado pelo sistema telefônico Bell, empregado no mundo inteiro. Trata-se duma empresa acessivel a todas as boas reformas, com seu sistema próprio de aposentadoria e pensões, seguros contra doença, comissões de segurança no trabalho, clubes recreativos e planos de economia. Entretanto, numa firma dessas, que trata tão humanamente os seus 30.000 empregados de 60 nacionalidades diferentes, numa firma de organização tão perfeita, notava-se sempre no serviço, uma tensão nervosa profunda, mesmo durante o período de grande prosperidade, entre 1920 e 1930.

Em 1924, a Western Electric resolveu estudar os efeitos da iluminação sobre a eficiência nos diversos serviços. Supunha-se, naturalmente, que, quanto melhor fosse o sistema de iluminação, mais alto subiriam as cifras da produção. Escolheram-se, para uma experiência, dois

---

Stuart Chase estudou engenharia e depois especializou-se na Harvard em economia e estatística, diplomando-se com louvor em 1910. Nos dez ou doze anos subsequentes, enquanto trabalhava como perito contabilista para a Comissão Federal de Comércio, interessou-se vivamente pelo problema capital do nosso tempo, a ação da máquina sobre o homem. Dotado de um estilo acessivel e simples, tornou-se o escritor de mais vasto público, em matéria econômica. É autor de livros famosos, tais como *Men and Machines* e *A New Deal*.

grupos de operários: o chamado «grupo de controle», que continuou a trabalhar sob a mesma intensidade de luz, constante e invariavel; e o «grupo de teste», que passou a trabalhar sob iluminação mais intensa. Resultou o que se esperava: com luz melhor, aumentou a produção do segundo grupo.

Mas sucedeu algo de positivamente sensacional: subiu tambem a produção do primeiro grupo, embora não se tivesse aumentado sequer de uma *vela* a iluminação para esse grupo! Parecia impossivel, não se podia crer que fosse verdade... Mas haveriam de surgir resultados ainda mais incriveis: tendo sido *diminuida* a luz do «grupo de teste», a ponto de torná-la menos intensa do que a do outro grupo, mesmo assim subiu a produção de *ambos* os grupos! Que estaria acontecendo?

Sempre à procura de uma solução, os pesquisadores estudaram todo o serviço da fábrica, fase após fase. Ao teste da iluminação, seguiu-se outro de maiores proporções, cujos resultados seriam, ao que se esperava, da maior importância, dando resposta não só a certos problemas imediatos, mas tambem à investigação, realmente básica, das forças que estimulam os operários ao trabalho, ou os afastam dele.

Para o serviço de montagem dos relés de telefones, escolheram-se duas moças que, a seu turno, foram incumbidas de selecionar mais quatro, para serem submetidas a um teste. É bom explicar que o relé é um pequeno dispositivo do telefone que contem, por sua vez, cerca de 40 peças distintas. A tarefa das referidas operárias consistia em ir tirando de umas bandejas as diversas peças, armando então o relé. Tratava-se de um serviço automático, mecânico, de repetição, tarefa típica desta idade da máquina. Essas seis moças trabalhavam sentadas diante duma mesa comprida numa sala especial: seus dedos ageis moviam-se com leveza e rapidez. Cada uma delas completava mais ou menos um relé por minuto. Estando pronto, o pequeno aparelho é lançado por um tubo a uma pequena máquina registradora, que vai contando mecanicamente o número de relés prontos. Durante cinco anos essa máquina funcionou, registrando a produção de cada hora, cada dia e cada semana.

Na sala ficava tambem um observador, que fazia parte da comissão de inquérito, e cuja função era tomar nota de tudo que sucedesse e que lhe parecesse ter alguma significação. Alem disso, incumbia-lhe ser uma espécie de conselheiro para as operárias, explicando-lhes de que constava o teste, pedindo a opinião que elas tivessem a respeito, ouvindo-lhes as queixas.

O projeto consistia no seguinte: as moças continuariam trabalhando normalmente, como estavam acostumadas a fazer, com a diferença apenas do ambiente (sala especial, em vez da sala geral). Os relés seriam contados, para estabelecer-se a média de produção. Uma vez de posse desses dados, a comissão passaria a introduzir pequenas alterações na maneira de se fazer o serviço, nas condições de trabalho, etc.; se tais mudanças resultassem em um decréscimo da produção, eram más; se, ao contrário, trouxessem como resultado um aumento do número de relés completados em determinado período, as alterações eram aconselhaveis, e poderiam ser adotadas por todas as seções da fábrica. Como se vê, era tudo simplicíssimo.

Pois muito bem: se, diante do que sucedeu com o teste da luz, a comissão ficara boquiaberta de admiração, muito

maior espanto lhes causaram os resultados desse segundo teste. Nada aconteceu do que se previa. A investigação prosseguiu durante meses e até anos, sem que desvendasse o mistério. Sendo porem cientistas, os nossos pesquisadores perseveraram teimosamente, registrando com toda a fidelidade tudo que iam observando, mesmo que não lhe compreendessem a significação.

Eis o que observaram, em vários períodos de teste, de duração variavel entre 4 e 12 semanas:

Períodos primeiro e segundo. Condições normais: semana de 48 horas, incluindo sábados; nenhuma pausa para descanso. Cada operária produziu cerca de 2.400 relés por semana.

Período terceiro. As operárias foram divididas em grupos, trabalhando por tarefa. Como era de esperar, subiu a produção.

Período quarto. Foram adotados dois períodos de descanso, de cinco minutos cada um. Tornou a subir a produção.

Período quinto. Aumentaram-se para dez minutos os períodos de descanso. Aumento rápido da produção.

Período sexto. Fez-se a experiência de adotar seis períodos de descanso, de cinco minutos cada um. As operárias queixaram-se de que assim se quebrava o ritmo do trabalho. Ligeiro decréscimo da produção.

Período sétimo. Foram reduzidos a dois os períodos de descanso, sendo que num deles se servia, à custa da Companhia, qualquer alimento quente e leve. Subiu a produção.

Período oitavo. Continuou-se com o regime do sétimo período, alterando-se apenas o período de folga, que de 5 horas passou a 4 e meia. Rápido aumento de produção.

Período nono. Idêntico ao oitavo, sendo o horário de saida alterado para as 4 horas. A produção continuou no mesmo nivel.

Período décimo. Condições idênticas, terminando porem o serviço às 5. Seria natural que as operárias reclamassem e se sentissem prejudicadas pelo acréscimo de uma hora de trabalho. Entretanto sucedeu justamente o contrário, sendo que a produção subiu logo bruscamente! Os observadores já não entendiam nada... Todas as conclusões a que haviam chegado desmoronaram-se de repente. Havia ainda qualquer força desconhecida que provocava um aumento inexplicavel na produção. Em vista disso, e após terem experimentado dar às moças os sábados livres, no *décimo-primeiro período*, verificando que a produção não se alterava, preparavam-se para o maior de todos os testes.

No *décimo-segundo período*, privaram as operárias de todos os melhoramentos introduzidos durante ano e meio, voltando elas a trabalhar nas mesmíssimas condições em que se achavam no terceiro período: eliminaram-se as pausas de descanso e o lanche quente servido pela companhia, e voltou-se à semana de 48 horas completas. De acordo com todas as regras do bom-senso e da ciência da administração industrial, seria natural que as novas medidas diminuissem, e muito, a eficiência das operárias, e portanto a produção. No entanto, deu-se o contrário: *a produção alcançou um nivel sem precedentes, e cada moça passou a fazer 3.000 relés por semana!*

Iam por água abaixo todas as conclusões a que haviam chegado os peritos... Pensando que com as últimas providências fariam voltar as operárias à sua condição anterior, viram apenas que essa «condição anterior» já não existia. Aparecera, não se sabia de onde, qualquer elemento misterioso, um X ainda oculto, que se intrometera na experiência, fazendo com que esta se alterasse sob as vistas dos técnicos e o resultado foi que o grupo que tinham agora diante de si já não era o mesmo com o qual haviam iniciado o trabalho...

O fato era que esse X nada tinha a ver com a parte mecânica do trabalho; o X era um elemento humano... A explicação residia na *atitude* das moças

diante do serviço e diante das colegas. O simples fato de os técnicos haverem pedido às operárias que cooperassem, fizera com que elas sentissem certa importância, vendo que eram tratadas «como gente». Assim, mudara toda a atitude das moças; de simples peças de máquina, insensiveis e automáticas, elas se haviam transformado num grupo de seres humanos colaborando com a companhia para a solução de um problema. Haviam encontrado certa estabilidade, uma sensação de segurança, e um trabalho cujo propósito era visivel e palpavel. Nessas condições, tinham que trabalhar melhor e mais rapidamente do que jamais o haviam feito.

As fábricas têm uma função dupla: uma parte econômica, que consiste em *produzir*, e uma parte social, que é criar e estimular a satisfação entre os que trabalham sob o seu teto. E embora muito se tenha estudado em relação justamente à parte de produção, bem pouco se fizera quanto à parte social, até que a Western se decidiu a levar a cabo essa experiência, descobrindo que que os dois elementos são inseparaveis. Se está desequilibrada a organização humana de uma fábrica, não há no mundo sistema de eficiência que consiga endireitá-la.

Feita essa descoberta, esclareceram-se imediatamente os resultados confusos do teste de iluminação: ambos os grupos submetidos a esse teste se haviam sentido igualmente importantes, e portanto a produção subiu, houvesse ou não luz melhor.

Fizeram-se tambem outras verificações na sala de montagem dos relés: não se notou, por exemplo, nenhuma fadiga acumulada. Submetidas a exame médico, as moças não acusaram nenhum sintoma de cansaço, apresentando ao contrário todas as provas de que seus esforços se mantinham perfeitamente dentro de sua capacidade física. Qualquer monotonia que possa ter havido foi eliminada pelo interesse que as operárias sentiam no serviço, conforme se depreende dos diagramas de produção. Observou-se tambem um decréscimo de 80 por cento nas faltas ao serviço. As operárias passaram a *gostar*, de fato, do trabalho!

Cada moça tinha sua técnica especial no serviço de montagem. Às vezes experimentavam ligeiras variações, e convem notar que quanto mais inteligente fosse a operária, mais variava o seu método de trabalho, o que contribuia para manter vivo o interesse pela tarefa. Conclue-se daí que é um erro, uma ação muitas vezes contra-producente, exigir que os operários façam determinado serviço desta ou daquela maneira, proibindo-lhes qualquer alteração.

Permitia-se às operárias em apreço que andassem e conversassem à vontade. Não havia inibições. Com isso, elas perceberam que se estavam divertindo, e disseram isso mesmo, acrescentando que tinham a impressão de estar trabalhando sem patrão...

A esse sentimento de liberdade aliou-se o da responsabilidade, e com isso elas se impunham certa auto-disciplina; trabalhavam em cooperação umas com as outras, Fulana ajudando Sicrana que não estava sentindo-se bem, fazendo-se amigas, e encontrando-se com frequência fora da fábrica. Mesmo que resmungassem às vezes, sentiam-se no fundo muito unidas; haviam encontrado um pouco daquele espírito de coesão de clã, espírito esse que o século da máquina fez desaparecer de tantos trabalhadores.

Não julguemos que essa comissão de

inquérito concluiu serem despreziveis as questões de horário, ordenados, períodos de descanso e iluminação. Nada disso foi desprezado; mas ela chegara, de fato, à conclusão de que, mantendo-se o trabalho bem nitidamente dentro da capacidade física humana, os sentimentos têm muito maior importância do que os horários.

De outros testes, realizados com muito cuidado, confirmou-se que *esse fator moral é superior não só à questão de horários, como tambem à do salário.* Com efeito, revelou-se que os operários se interessavam menos pelo próprio ordenado, do que pela relação existente entre o seu e os dos colegas. Até os que ganhavam bons salários se mostravam indignados se soubessem que a companhia pagava mais a outro, cuja posição eles consideravam inferior à sua. É preciso que os industriais se convençam—e hão-de se convencer um dia—de que a questão financeira não é *primordial* entre os operários.

Tendo chegado a conlusões tão importantes, os pesquisadores sentiam que deviam prosseguir. Resolveram proceder a uma experiência-monstro, em que fossem incluidos 21.000 operários, aos quais se pediria que reclamassem com toda a sinceridade contra tudo que lhes parecesse injusto no serviço, nas condições de trabalho, nos patrões e na companhia em geral.

Os homens eram entrevistados por homens; as mulheres, por mulheres. A princípio, fizeram-se perguntas pré-estabelecidas. Acontecia muitas vezes que o interrogado fugia do assunto, e nesses casos o técnico fazia-o voltar à questão primitiva; debalde, pois logo o operário volvia a falar de outra coisa. Evidentemente, havia algo que o preocupava, algo que, se bem que aparentemente insignificante para os outros, se revestia para ele da maior importância. Em vista disso, abandonou-se o sistema de trazer perguntas já preparadas para os entrevistados, deixando-se que estes dissessem o que mais lhes aprouvesse. Todos tinham motivo de queixa, quer fosse do superintendente, da namorada, da fumaça no depósito, dum sogro insuportavel... O pesquisador escutava-os com toda a atenção.

Os resultados não se fizeram esperar; logo se conseguiu uma boa coleção de frases agradecidas dos trabalhadores, que não se continham, e manifestavam o alívio que sentiam após terem desembuchado aquela preocupação... E esse alívio era tão grande, que os operários começaram a notar «boas reformas» que julgavam terem sido feitas na fábrica, quando tais reformas não existiam, a não ser na imaginação dos reclamantes aliviados... Alguns observavam que a comida servida pela companhia melhorara muito, outros que o feitor os tratava melhor; tudo pura ilusão; tudo subjetivo! Tendo-se libertado do peso que lhes sobrecarregava o espírito, sentiam-se bem dispostos em relação a tudo.

A consequência mais inesperada dos testes foi a mudança geral da atitude por parte de todos os empregados, os quais começavam a sentir que era reconhecida a sua individualidade, e que eram tratados como seres humanos, inteligentes, capazes de contribuir com sugestões próprias para uma melhoria das condições de trabalho da firma. Os milhares de trabalhadores da Western Electric receberam o efeito benéfico dessa nova atitude, a tal ponto que se sentia no ambiente uma grande diferença. Os operários, que já agora sentiam sua importância no serviço, passaram a

trabalhar *com* a Companhia, e não *contra* ela.

Tambem nos vários superintendentes da fábrica notou-se o efeito extraordinário desses testes. O simples fato de ser realizado o teste fê-los perceber que a companhia se interessava pelos empregados na qualidade de seres humanos; e, alem disso, sabendo das queixas de todos os operários, os superintendentes nunca mais poderiam considerá-los simples unidades de trabalho, de um ponto de vista mecânico.

Durante a grave crise financeira do princípio da década de 1930, seria razoavel que os operários, temendo o desemprego, passassem a trabalhar com mais ardor. No entanto, nada disso ocorreu. Ao contrário, verificou-se forte descida na produção. E porque? Simplesmente porque a depressão moral generalizada, que todos sentiam durante a crise, afetava tambem os operários; uma das moças disse mesmo: «A gente assim até perde a vontade de melhorar...»

A Western Electric mantem atualmente um serviço permanente de «conselhos» para os empregados. Nomeia-se um «conselheiro» para cada grupo de 300 operários. As consultas costumam demorar cerca de 80 minutos cada uma, e são absolutamente confidenciais. A companhia só vem a saber do assunto das queixas, sem poder identificar os reclamantes. As consultas não são obrigatórias, mas poucos se recusam. O «conselheiro» está para o operário reclamante como o médico para o consulente ou o padre para o confessando. Ouve queixas amargas, obsessões, malentendidos, e procura sanar todas as anomalias.

Os peritos em eficiência dão demasiada importância ao relógio do ponto, contrabalançado pela distribuição periódica de gratificações, esquecendo-se de que os operários são humanos, e sentem sempre a necessidade íntima de encontrar um ambiente onde possam criar raizes, onde se sintam «em casa» e tenham uma função tangivel; um ambiente onde percebam que o seu trabalho tem um fim e um propósito, e onde se sintam orgulhosos de alcançar esse fim. Na falta desses elementos, os operários vão recalcando as suas decepções e complexos de inferioridade. O cansaço e a monotonia são efeitos, e não causas, dessa decepção. Os industriais que se mostram indiferentes ao elemento humano na produção pagam preço bem alto que consistirá nas greves, diminuições sérias da eficiência dos empregados, e um grande desperdício de energia humana.

Para enfrentar a ameaça do totalitarismo, dizem-nos que precisamos «fazer funcionar a democracia». Para muita gente, isso significa apenas conseguir que as nossas fábricas produzam cada vez mais, a ponto de exceder a produção das fábricas alemãs. Para outros, significa que se deve dar aos operários a satisfação íntima e profunda de se sentirem merecedores de consideração, de sentirem que sua presença é, afinal de contas, necessária. As conclusões a que chegaram os técnicos da Western Electric dão que pensar, e sugerem mesmo que ambos os resultados poderão ser atingidos pelo mesmo método. E todos esses fatos aplicam-se igualmente bem tanto às grandes fábricas como às pequenas.

É enorme, tudo isso; é de tal grandeza, que não lhe podemos conceber claramente as consequências para o futuro bem-estar social da humanidade.

A história de um sonhador que desempenhou num estado de «fronteira» o papel de Cupido.

Trezentas noivas a bordo!

(Condensado do «American Mercury»)

Por Tom S. Hyland

Eis aqui a história das centenas de homens que se precipitaram sobre o Território de Washington, em 1866, e a saga de 300 mulheres da Nova Inglaterra que atravessaram as águas do Cabo Horn para serem desposadas por indivíduos completamente estranhos, e gerar os seus filhos na solitária «fronteira» de Puget Sound.

A odisséia começou em 1861, quando Asa Shinn Mercer, tendo deixado um pequeno colégio do Ohio, foi nomeado presidente da Universidade de Washington. A cidade de Seattle não tinha sequer, então, dez anos de existência. Os primeiros deveres acadêmicos de Mercer consistiram em escolher o terreno da escola, construir o edifício, preparar as acomodações necessárias para os futuros estudantes, e dar aulas a todas as classes.

De todos os lados, porem, lhe vinha a mesma queixa: não havia mulheres brancas, no lugar, que pudessem vir a ser esposas e mães. O jovem Mercer decidiu que o elemento feminino era o mais imprescindivel de quantos faltavam à região fronteiriça. Sugeriu que o próprio Território fornecesse oficialmente os subsídios precisos para a imigração de elementos femininos. A idéia foi bem acolhida, mas os cofres públicos se achavam vazios. Graças, porem, a alguns donativos privados, Mercer pôde partir para Boston, afim de conciliar as jovens orfãs ou viuvas da Guerra Civil a acompanhá-lo a Puget Sound. Conseguiu alistar numerosas voluntárias, mas, na hora do embarque, só onze se mostraram com coragem bastante para aventurar-se à travessia. Chegaram a Seattle a 15 de maio de 1864, e dentro de poucos meses estavam todas casadas. Esta leva de onze moças fez com que Mercer se tornasse o homem mais famoso da região. As eleições deram-lhe um posto na assembléia legislativa, e o jovem, desde então, com seu espírito imaginativo, projetou uma tremenda ofensiva sobre as mulheres casadouras do Este. Em 1865 lá partiu novamente. Desta vez esperava obter o apoio do presidente Lincoln. Este foi, porem, assassinado na véspera da chegada de Mercer, que felizmente encontrou, da parte do General Grant, uma inestimavel assistência. Como houvesse servido nas fortalezas da Puget Sound, Grant guardara uma indelevel recordação daqueles homens que por lá viviam sem carinhos e afetos, e das miseraveis mulheres indígenas, e das crianças sujas e famintas, produtos de mestiçagem.

A Guerra Civil terminara, e o governo possuia numerosos navios de que não precisava no momento. Graças a Grant, o Exército dispôs-se a ceder um dos novos navios de transporte, por 80 mil dólares—a terça parte do seu valor real. Mas Mercer não dispunha de um

centavo. Entretanto, os seus discursos nas igrejas de Boston, e as notícias publicadas nos jornais de Nova York, tinham já produzido resultados, e as moças, em grande número, surgiam em Nova York, com maletas de mão, prontas para a viagem prometida, rumo a Puget Sound e ao matrimônio.

Estavam as coisas neste pé, quando Ben Holladay, proprietário de um serviço transcontinental de diligências e de uma linha de navegação expressa, propôs a Mercer que este lhe vendesse o seu navio a vapor. Comprometia-se, em troca, a levar 500 mulheres para Puget Sound, por um preço extremamente razoavel.

Mercer aceitou a proposta, preparando-se, alegremente, para embarcar com uma turma de esposas em perspectiva, quando um novo contratempo lhe interrompeu os planos. O *New York Herald* pôs-se a fazer acusações escandalosas, declarando que as moças iam ser levadas para bordéis. Os homens de Puget Sound, segundo afirmava ainda, eram todos depravados, e qualquer moça que prezasse a sua honra, ou, pelo menos, a sua própria vida, certo não partiria para lá. O sensacional ataque repercutiu em todos os jornais. Metade do rebanho, debulhado embora em lágrimas, cancelou a passagem. As restantes, ou não acreditaram que Puget Sound fosse de fato uma terra de infames pecadores, ou se julgaram duplamente necessárias, já que só elas, em tais circunstâncias poderiam salvá-los.

Mercer fez publicar desmentidos enérgicos, e correu a pedir a Holladay que lhe concedesse algum tempo para preencher as vagas, agora abertas com outras candidatas. O magnata das diligências respondeu-lhe, porem, que, segundo o contrato, somente com 500 passageiras reduziria o preço das passagens. Ofereceu-se, todavia, para transportar as que havia pelo preço corrente.

«Só então,» confessa Mercer amargamente, «vi que o contrato não passava de um conto do vigário.» Percebeu, finalmente, que fora o próprio Holladay quem havia inventado a história dos bordéis—e que este se metera no negócio com o fito, unicamente, de comprar por 80 mil dólares um navio que valia 240 mil.

Mercer, contudo, sem se deixar abater, reuniu novamente as suas protegidas, tomando dinheiro emprestado para as que não pudessem custear as despesas da viagem. Eram trezentas, ao todo. A 6 de janeiro de 1866, uma multidão entusiástica veio assistir à partida do vapor do porto de Nova York. Mercer, porem, dadas as furiosas ameaças dos credores, julgou prudente ocultar-se nas carvoeiras...

O *Continental* nada tinha de romanesco. Quando chegou à altura da boca do Amazonas, o contramestre já se achava preso, a bordo, por ter assassinado estupidamente um marinheiro da tripulação. Uma limpeza parcial e um novo orgão para os cânticos da tarde haviam transformado o navio-transporte de tropas no que seria, por três meses, a habitação daquelas jovens. A comida era escassa e péssima. As moças punham de lado a etiqueta, ao se precipitarem sobre a mesa, a ver se ainda obtinham uns míseros pedaços de fígado assado. Durante dezessete dias consecutivos, o menú constou de feijões cozidos, e chá... de água-salgada.

Em matéria de diversões, os entrechos romanescos foram mais bem sucedidos do que o orgão. Os quatro maquinistas de bordo, todos quatro casados, namoraram desbragadamente e, como o

fez notar maliciosamente uma das viajantes, «não tiveram dificuldade alguma em encontrar almas irmãs bem dispostas a aceitar aquelas públicas demonstrações de afeto.» A coisa chegou a tal ponto, que o capitão se viu obrigado a trancar num camarote uma das moças, proibindo terminantemente os rapazes de ter qualquer contacto com as passageiras. Até o próprio Mercer se apaixonou, durante a viagem, desposando uma das beldades, mal chegou o navio à California.

Noventa e seis dias depois da partida de Nova York, o *Continental* singrava as águas do Golden Gate. Mercer descreveu a chegada: «Como passássemos ao longo dos pontões, todos os caminhos que vinham ter à margem do rio se achavam coalhados de povo, numa extensão de três a quatro milhas. Podíamos ouvir de bordo os gritos e as exclamações de boas-vidas. Centenas de embarcações vieram ter ao nosso encontro, procurando aproximar-se afim de lançar uma vista de olhos sobre a preciosa carga que trazíamos. Um dos homens tentou subir a bordo, por meio de uma corda, mas eu sacudí-o na água. Esta cena, presenciada por milhares de espectadores, arrancou novas exclamações de entusiasmo.»

Aquele furor fora inspirado, segundo se queixava Mercer, por «maliciosas calúnias e escandalosas alusões ao caráter daquelas moças». O *New York Herald* tornara Mercer famoso no país inteiro, como alcoviteiro e, puras ou impuras, as mulheres eram quase tão raras na Califórnia quanto no território ainda quase virgem de Washington. Pessoas bem intencionadas vieram ter ao navio, afim de dissuadir as moças de prosseguir com rumo ao «pecado». Os jornais de São Francisco advertiram-nas do delírio carnal que infestava Puget Sound, esquecendo-se do que alí mesmo se passava.

Ben Holladay recusou-se a levar as jovens até Puget Sound. Mercer gastou os dois dólares que lhe restavam num telegrama dirigido ao governador de Washington. A resposta (paga) consistiu numa centena de palavras de congratulação, sem referência alguma à questão financeira. De qualquer maneira, arranjou, ainda assim, embarcações onde transportá-las para o norte, acompanhando, ele próprio as quarenta do primeiro grupo. O desembarque em Seattle enchia Mercer de receios. Os colonos se achavam irritados devido ao fato de que os escândalos surgidos em torno à sua atividade lhes valera tão má reputação. Por outro lado, alguns amigos e parentes lhe tinham confiado largas somas para aplicações várias nas regiões do Leste. Levado pela fé absoluta no sonho, ou na missão, a que se dedicara, aplicou todos estes fundos na prodigiosa imigração. Aos seus donos, porem, não parecia que algumas jovens pudessem representar segura aplicação de capitais...

Mas o grandioso objetivo dos seus esforços encheu Mercer de audácia. Nem sequer se perturbou, ao lhe avisarem de que a sua vida corria perigo. Quando o navio se aproximou do porto, que estava coalhado de gente, pôs-se de pé, no tombadilho, junto à proa, agitando o chapéu, como ele próprio narraria, «com um quê de triunfante na expressão». Os homens, lá do cais, puseram-se a soltar exclamações de entusiasmo e alegria. Já nem pensavam mais em linchamento. Uma das próprias moças escreveu, de referência ao acontecimento: «Todos os homens que puderam fazê-lo, compraram roupas novas

antes do nosso desembarque. Outros vestiam macacões de trabalho, tambem novos. Pareciam convencidos de que arranjariam logo uma esposa; motivo pelo qual o sr. Mercer disse algumas palavras, explicando que todas aquelas moças eram de bons costumes e que, se os homens as quisessem para esposas, teriam que empregar os velhos métodos.»

E os velhos métodos deram, de fato, resultados. Ao cabo de seis meses todas se tinham casado. Quanto a Mercer, cansado e na miséria, abandonado, alem do mais, pelos amigos, acabou por deixar Washington, passando sucessivamente pelo Oregon, o Texas, o Arizona e o Wyoming, mudando ora de emprego, ora de casa. Mas não perdeu jamais a fé no seu sonho do Oeste. Afinal de contas, realizara uma coisa nunca vista: contribuira para a formação de um grande estado americano. Atualmente, os netos das mulheres que ele próprio levou alem do cabo Horn, figuram entre os mais preeminentes e mais próspero. cidadãos do Estado de Washington.

Rádio-Imprensa

¶ Dentro em breve, será comum ter o jornal pela manhã em casa, por meio de um rádio «copiador»: as notícias são impressas durante a noite, em um rolo de papel, como no processo *teletype*. Será preciso apenas, ao ir para a cama, ligar o receptor do rádio-copiador (que é do tamanho aproximado de um rádio portatil) à corrente do nosso rádio.

O processo não implica nenhum gênero de impressão, trate-se de notícias propriamente ditas ou de fotografias: todo o material é colocado em um transmissor, na redação do jornal, transmissor esse equipado com uma diminuta lâmpada que se move ao longo do texto e das ilustrações, cujos valores claros e escuros são refletidos em uma célula foto-elétrica. Esta, por sua vez, transforma esses valores luminosos em ondas elétricas, que podem ser transmitidas pelo equipamento do rádio comum. O aparelho receptor, em nossa casa, capta essas ondas elétricas, convertendo-as inversamente, por meio de um estilete que se move sobre um rolo de papel carbono, em valores claros e escuros, os quais então formam as palavras e as imagens do jornal.

Os donos de rádio-copiadores receberão as notícias muito antes de começarem a ser impressos os jornais comuns. Mesmo agora, não iniciada ainda a produção em larga escala, esses aparelhos podem ser vendidos por preços que variam entre 35 e 75 dólares, e já funcionam com mais eficiência do que os rádios comuns em 1920; em média, ainda funcionam devagar—duas colunas de jornal por hora—mas essa «tiragem» pode ser muito aumentada. Realmente, os rádio-copiadores oferecem um vasto campo de possibilidades: existe já um tipo especial, com uma lâmina para cortar os rolos impressos automaticamente, em tamanhos convenientes para a leitura; e, acrescentando-se um simples dispositivo para encadernar, podemos facilmente imaginar a circulação de centenas de milhares de exemplares de livros e revistas, radiodifundidos, pelo custo trivial de rolos de papel e de corrente elétrica!

W. Carroll Munro, Current History, *e Ruth Brindzke,* The Nation

O meteorologista dá o sinal de ataque

Por Marquis W. Childs

A aviação norte-americana está aproveitando os segredos da previsão meteorológica a longo prazo, os quais forneceram a Hitler o calendário das suas vitórias.

O tempo é hoje uma arma de guerra, tal como o aeroplano ou o tanque. De fato, estas modernas máquinas bélicas não podem dar o seu máximo rendimento se não forem secundadas pelas novas previsões científicas sobre o tempo.

Os meteorologistas podem anunciar que tempo fará em cada teatro de guerra. Choverá em Madagascar na terça-feira próxima. Um vento de monção começará a abater-se sobre a Birmânia na quarta-feira. Ao largo de Murmansk o tempo estará limpo na quinta-feira. As forças americanas destacadas na Islândia devem precaver-se contra densos nevoeiros e nuvens baixas para o fim da semana. Tais previsões, comunicadas aos estados-maiores das operações nas diversas frentes de combate, podem ser da mais alta importância em determinar a oportunidade dos seus movimentos estratégicos. Estamos em vias de montar neste momento um dos melhores centros meteorológicos do mundo.

Os alemães vêm usando esta nova arma do tempo desde o começo da guerra. Foi devido a ela que conseguiram fazer deslizar pelo mar da Mancha, mesmo nas barbas da aviação costeira da Inglaterra, os dois couraçados *Scharnhörst* e *Gneisenau*. Este feito assombrou o mundo; mas verdadeiramente não havia grande motivo para surpresa. Tudo tinha sido planeado semanas, talvez até meses antes, para suceder exatamente como sucedeu.

Conhecendo-se a técnica usada nas previsões, facil é reconstituir a história. O comandante-chefe da marinha alemã, almirante Raeder, limitou-se a «encomendar» aos seus meteorologistas o gênero de tempo que lhe era necessário. Disse-lhe: «Preciso de uma camada de nuvens, a coberto das quais a visibilidade seja dificil, e em que haja condições de temperatura tais que possam causar formações de gelo nos aviões inimigos. Alem disto é necessário que estas condições de tempo acompanhem os navios à medida que eles vão navegando através da Mancha. Avise-me logo tenha este tempo pronto.»

E aquí está como, provavelmente, o meteorologista cumpriu as ordens do seu almirante: secundado pelos seus ajudantes, consultou uma coleção de mapas de pressões barométricas pelo menos dos últimos cinco anos. Descobriu que o desejado estado de tempo só podia verificar-se durante a passagem de certo tipo de pressão atmosférica, que era mais provavel em fevereiro; e que todo ano, durante cinco anos, por volta do meado do mês, o temporal desejado se tinha deslocado através da Mancha. A ser verdadeiro tal ciclo, era natural que se repetissem as mesmas condições.

Mas havia um processo de verificação mais imediato. Usando os dados correntes, os meteorologistas alemães podiam prever a 9 de fevereiro que um temporal, então em progresso através do Atlântico Norte, alcançaria a Mancha dentro de dois dias e meio.

Na noite de 11 de fevereiro os dois vasos de guerra largaram de Brest; no

dia seguinte sulcaram a Mancha. Informações telegráficas indicaram que o granizo e a chuva eram tão cerrados, e as formações de gelo tão ameaçadoras, que os aviões ingleses, torpedeiros e bombardeiros, não podiam aproximar-se dos seus alvos.

Tambem os nossos metereologistas conhecem esse método de fornecer aos comandos militares o estado de tempo desejado. Até há poucos anos, as previsões meteorológicas eram baseadas em mapas correntes do tempo, que permitiam um cálculo provavel das condições atmosféricas com vinte e quatro ou, no máximo, trinta e seis horas de antecedência. Hoje podemos anunciar o tempo que fará—a grande distância—baseando-nos no conhecimento dos movimentos de grandes massas de ar das zonas polar e tropical, e das camadas superiores de ar que se deslocam de ano para ano com certa regularidade; as irregularidades podem ser calculadas com relativa exatidão.

Esta técnica se tem aperfeiçoado o bastante para permitir aos comandos militares o uso do tempo como arma tanto ofensiva como defensiva.

Os alemães têm-na usado desde o começo desta guerra. Admirou-se o mundo da sorte que eles tiveram na campanha da Polônia, com dias claros e secos, quando era natural que chovesse e as estradas se tornassem intransitaveis: mas os meteorologistas nazís tinham anunciado que o ataque se podia efectuar durante o mês de setembro de 1939, sem o contratempo das chuvas torrenciais.

No ataque à Noruega aproveitaram-se os alemães de uma protetora formação de nuvens, durante os princípios de abril. Mais para o fim do mês o tempo limpou de maneira desusada, o que lhes permitiu manter em cheque a esquadra britânica. A invasão da Grécia e de Creta foi calculada com tal precisão, que a aviação e as tropas de terra puderam trabalhar certas de que teriam tempo favoravel. Em ambos os recentes ataques, na Líbia, contra as tropas inglesas, o marechal Rommel aproveitou-se do *simum*—ou tempestade de areia—que mascarou os movimentos das suas tropas no deserto, e o ajudou a consolidar as posições conquistadas.

Mas que devemos pensar da campanha da Rússia, começada em 22 de junho de 1941 e que se prolongou pelo peor inverno dos últimos cem anos? Hitler atribue tal insucesso ao mau tempo. O meteorologista poderia responder que a derrota foi militar: a resistência russa fora uma coisa imprevista, e não foi possivel quebrá-la durante o tempo, relativamente seco e claro, predito para o Outono.

Parece que os japoneses usam um sistema de informações meterológicas para longas distâncias, que poderá acarretar algumas dificuldades à defesa da costa norte-americana do Pacífico, durante o inverno. Em geral, o tempo move-se desde o largo do Oceano Pacífico para leste, através do continente. Sabendo isto, os japoneses poderão tentar voar a coberto de uma tempestade, para um ataque de surpresa. Mas, por outro lado, se os Estados Unidos planearem uma ofensiva aérea contra o Japão, ser-lhes-á de grande vantagem estabelecer bases naquele ponto da Sibéria que se prolonga pelo mar do Japão a dentro, até Vladivostok, e pelas províncias litorâneas da China.

É de tais problemas estratégicos que se ocupa neste momento a direção dos serviços meteorológicos da Aviação Militar norte-americana.

[SEÇÃO DE LIVROS]

1ª Parte

AUTOBIOGRAFIA de HENRY M. STANLEY

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DO MESMO TÍTULO

O NOME de David Livingstone é hoje para muita gente um eco apenas da grande sensação jornalística que as suas explorações africanas involuntariamente provocaram, há mais de 60 anos.

Pouco mais familiar tambem nos será hoje o nome de Henry M. Stanley, que foi procurar e encontrar Livingstone, perdido no coração da África selvagem. E não obstante, a vida aventurosa de Stanley atinge quase as raias do fantástico; as privações que sofreu e os feitos que praticou encontram na história poucos paralelos.

Jornalista-explorador, as suas proezas em África rivalizam com as dos grandes descobridores que rasgaram os véus de mistério que envolviam os continentes desconhecidos da Terra.

A história de Stanley vai contada aquí em duas partes: a primeira abrange os seus começos de vida, tais como ele mesmo os relatou na sua autobiografia; a segunda é o relato do seu encontro com Livingstone, segundo a reconstituição que dela nos legou o escritor alemão Jacob Wassermann, no livro *Bula Matari*.

AUTOBIOGRAFIA DE HENRY M. STANLEY

MEU PAI faleceu quando eu contava apenas algumas semanas de existência, e só muito tarde, aos 12 anos, eu viria a descobrir que ninguem vem a este mundo sem mãe... Até depois dos quatro anos de idade andei por mãos de parentes sem carinho, ou acolhido de má cara em casas de estranhos. Em 1847, finalmente, levaram-me para a Casa de Trabalho de St. Asaph.

A Casa de Trabalho era um imenso edifício todo de pedra; quando ouví fechar-se atrás de mim a porta, com um eco sinistro, experimentei pela primeira vez na vida o sentimento duma solidão aterradora.

As crianças viviam alí sujeitas a uma implacavel disciplina. Rodeavam-nos altas muralhas, e todas as portas e janelas eram fortemente gradeadas. Acordavam-nos às 6 da manhã, e às 8 da noite éramos encurralados nos dormitórios. As nossas rações constavam invariavelmente de pão, papas, arroz e batatas—tudo rigorosamente pesado, medido e contado.

Levei algum tempo para aprender que, num asilo, as lágrimas dum menino pouco importam. James Francis, o mestre-escola maneta a cuja severa garra eu fui abandonado, era um homem de gênio brutal, que o infortúnio tornara ainda mais azedo: todo o contrário dum homem apto a entender e tolerar as preocupações da infância. Nem eu tentei sequer fazer-me entendido! Na escola, o erro mais insignificante era logo seguido duma reguada de fazer ver as estrelas, e uma série de erros acarretava uma verdadeira maldição.

Todos os dias se repetiam aquelas cenas: um pobre menino, encolhido, era arremessado às lages do chão, os ossos num feixe, torcendo-se de dores, ou esperava de pé, os ombros encolhidos, piscando os olhos de medo, que a régua de ébano lhe viesse à cabeça, ou que um ponta-pé bestial o atingisse. O nosso programa educativo incluia: varrer o pátio do recreio, com umas vassouras mais próprias para gigantes do que para meninos; sachar e cavar a terra dura e fria da geada; e, ao serão, decorar páginas inteiras de livros...

A despeito de tantos horrores, duas coisas havia que me faziam sentir grato para com a estranha instituição de St. Asaph: embora os afetos e a doçura dum lar me fossem denegados, aprendí a ter fé em Deus, e ensinaram-me a ler e escrever. Éramos pessoas da Igreja, e as nossas prateleiras estavam guarnecidas de literatura religiosa: as memórias de Wesley, as vidas de Bunyan, de Fox, de Milton, sermões e comentários... Era para mim uma idéia reconfortante saber que, embora sem parentes nem amigos para quem apelar neste mundo, eu tinha um Pai no céu, perante o Qual eu valia tanto quanto o mais poderoso deste mundo.

Quando completei os 11 anos, o «rei» entre os rapazes da escola—tanto pela beleza como pela doçura—era um garoto chamado Willie Roberts, aproximadamente da minha idade. Um dia

adoecí. Semanas mais tarde, quando já entrava em convalescença, chegou-me uma notícia que me assombrou: Willie morrera de repente! Como a enfermaria abria para um pátio onde se encontrava a barraca que servia de morgue, alguns dos rapazes lembraram que poderíamos ir espiar o companheiro morto. Acicatados por uma curiosidade temerosa, insinuamo-nos no barracão. O corpo jazia num caixão negro. Um de nós, mais ousado, ergueu a mão e arredou o lençol que o cobria... À vista daquela face macilenta, de cera, com a sua rigidez horrenda, recuamos com os olhos arregalados de pavor.

A curiosidade fez-nos arredar mais o lençol, e vimos então que o pobre corpo lívido mostrava dúzias de nódoas negras. Um relance de olhos fora bastante: tornamos a cobrí-lo, e fugimos a toda a pressa, convencidos de que o mestre, Francis, era responsavel pela morte do nosso querido colega.

Em maio de 1856 produziu-se um acontecimento que alterou o curso de minha vida. Tinha sido encomendada uma mesa nova para a sala de aula, e algum gurí imprudente a tinha golpeado a canivete. Francis agarrou uma vara de vidoeiro, e encaminhando-se furioso para a primeira turma, exigiu lhe dissessem o nome do culpado. Ninguem o sabia, e respondemos consoante a verdade.

«Pois então,» rosnou ele, «apanha a classe inteira. Dispam-se!»

Começou pelo fundo da sala, e daí a pouco produziam-se a gritaria, o estorcer de corpos e as lágrimas do costume. Mas, a essa altura, eu me tornara o estudante mais adiantado da escola, tinha-me encarregado com êxito das aulas na ausência do mestre, e adquirira, como inconcientemente, um senso de dignidade pessoal e orgulho. Quando chegou a minha vez, sentí que o meu corpo todo se retesava para a defesa...

—Então que temos? berrou Francis com feroz expressão.— Ainda não se aprontou? Dispa-se já neste instante, senhor!

—Não! Nunca mais! gritei-lhe, maravilhado da minha própria temeridade.

Ainda mal me tinham saido da boca essas palavras, quando me sentí erguido no ar pela gola da blusa, arremessado contra o banco como uma trouxa, e esmurrado na boca do estômago... Fui de novo levantado e de novo atirado no banco, com um choque que por pouco me fraturava a espinha. Mas, quando o mestre de novo arremeteu para me botar a unha, atirei-lhe um vigoroso soco que, por sorte, lhe espatifou as lunetas, quase o cegando com os estilhaços de vidro. Ao recuar estonteado pelo golpe, Francis esbarrou num banco, virou de pernas para o ar, e deu com a nuca no chão. Pulei então de pé, agarrei a vara dele, e dei-lhe pancada a esmo, até que a inconciência com que ele recebia a sova me chamou à realidade do que eu estava fazendo.

Fiquei apavorado, sem saber como sair da situação. E agora? Minha raiva tinha-se evaporado, e, ajudado pelos companheiros, arrastei o mestre para o seu quarto. Quando, fechada a porta atrás de nós, o meu amigo Mose me perguntou num sopro «se o mestre teria morrido», o repugnante pensamento encheu-me de pavor, e cedí à sua sugestão de que o melhor era fugirmos dalí. Antes, porem, mandei um rapaz a informar-se do estado do mestre: foi um alívio para mim saber que ele já estava de pé, lavando a cara ensanguentada.

Mose e eu largamos logo da escola,

trepamos ao muro da cerca, e demos às de vila-diogo, como se nos viesse no encalço uma matilha de sabujos.

À deriva . . .

SE PORVENTURA eu tivesse alimentado alguma esperança de ir encontrar amigos e carinho para alem do domínio emparedado de St. Asaph, estaria condenado a uma pronta desilusão. Até as crianças, ao ver-nos com a blusa sinistra da Casa de Trabalho, nos cuspiram o seu despreso.

Ao cair da noite, entramos rastejando num forno-de-cal abandonado, mortos de cansaço, desanimados, e apavorados com a escuridão. Assim passei a noite mais trágica de que guardo memória. Retomamos a fuga ao romper da aurora, roidos de fome e de tristeza. Vencendo a custo nossa timidez, pedimos um pedaço de pão a uma velha, gorda e maternal, e nessa segunda noite buscamos refúgio numa meda de feno.

No dia seguinte, muito cedo, chegamos a Denbigh, onde Mose tinha uns parentes que nos acolheram com bondade. Após uma noite de repouso que me refrescou as forças, partí dalí sozinho, para ir ver meu avô, abastado proprietário duma grande fazenda, e em menos de uma hora alcancei o pátio da casa, onde os gansos grasnavam, por entre os nédios cavalos e os porcos de engorda. Essa entrevista com meu avô me havia de ficar gravada na memória. Vejo-me ainda, de pé na cozinha, a boina humildemente na mão, encarando aquele velho gentleman de cara congestionada e expressão severa, de calção curto, confortavelmente sentado, e tirando fumaça dum comprido cachimbo de barro. Perguntou-me quem eu era, e o que queria; e quando, ouvida a minha súplica, tirou o cachimbo da boca, foi para apontar com ele para a porta e dizer:

«Pois muito bem. Agora volte pelo mesmo caminho por onde veio. Não posso fazer nada por você.»

Fui bater à porta de outros parentes. Mas quem tem mulher e um rancho de filhos agarrados à perna, pouco se lhe dá de ver os parentes pobres. Ainda assim, um primo meu, rapaz novo e mestre de meninos, conservou-me algum tempo em sua companhia: agradou-lhe o meu rápido progresso nos estudos. Mas os rapazes da escola faziam-me zombaria por eu ter estado internado no asilo, e não tardou que meu primo ficasse ansioso por se desembaraçar de mim.

Assim, tão depressa uma tia de Liverpool, que nos veio visitar, arriscou a confiante afirmação de que o marido—o tio Tom—poderia abrir-me carreira como escriturário de seguros, ficou logo decidido que eu partiria. Decentemente enfarpelado, e munido de um «soberano», fui remetido para Liverpool.

O tio Tom era galhofeiro e bastante fanfarrão, e arquitetou logo esperanças de um grande futuro para mim. Mas, infelizmente, ganhava apenas uma libra por semana, com a qual tinha que sustentar uma numerosa família. Seu erro—se é que de erro se pode falar—avalia-se bem pelo fato de se ter metido a cuidar de mim, quando já tinha uma larga família necessitada. O belo emprego sonhado nunca se concretizou, e a tia Maria acabou me chamando um dia de parte, para me pedir emprestado o «soberano» de ouro, que me dera meu primo, dizendo: «Já passa de três semanas que o tio Tom está sem trabalho. Anda mesmo caido com aquela tristeza, e tenho de ver se lhe dou um bocado de ânimo, com um bom almoço, ou dois.»

Na semana seguinte, segunda-feira

de manhã, pediu-me emprestado o terno de Eton, que correu a por no «prego»; daí a oito dias seguiu-se o meu capote, e foi então que me convencí de que a família estava em sérios apertos.

Pus-me então a perambular pelas ruas, um busca de qualquer trabalho, espiando as montras de todas as lojas para ver se encontrava letreiro que rezasse «Rapaz—precisa-se». Oferecí meus serviços em dúzias de lojas, mas em resposta, eu era umas vezes demasiado novo, outras pequeno demais; ou não era bastante esperto; ou já chegara tarde. Um dia, enfim, depois de muitas recusas, conseguí meu primeiro emprego numa camisaria da London Road, por cinco xelins à semana. Tinha por dever aguentar das 7 da manhã às 9 da noite, varrendo, aparando as torcidas dos candieiros, limpando as vidraças, pondo e tirando os pesadíssimos taipais.

Às 6 e meia da manhã tinha que sair de casa, com uma caixa de lata onde levava pão com manteiga e um pedacito de carne fria, para me sustentar até às 9 da noite. Enquanto me duraram as forças que acumulara no campo, meus hábitos se mantiveram regulares; mas ao cabo de dois meses o peso daqueles taipais me tinha arrasado, e caí de cama, doente, durante uma semana. No ínterim, o camiseiro arranjou outro empregado para me substituir, um moço forte, de 18 anos. E seguiu-se outro mês, gastando solas por aquelas ruas, em busca de novo emprego.

Certo dia, nas docas, ao fazer não sei que recado para um carniceiro, mandaram-me a bordo do paquete *Windermere* com um balaio de provisões, e uma nota para o capitão. Foi nessa conjuntura que o Fado decidiu de minha vida... Enquanto o grande homem lia o seu bilhete, eu admirava, com olhos esbugalhados, a rica mobília da cabina, os espelhos de moldura dourada, os reluzentes madeiramentos; e nisto, reparei que estava sendo atentamente observado.

—Moço, estou vendo que você admira a minha cabina, disse o comandante. —Você gostava de viver aquí?

—Senhor?! respondí atônito.

—Estou dizendo, que tal lhe parece embarcar neste navio?

—Mas eu não entendo nada de marinha, *sir!*

—Bobagem. Depressa aprende. Que acha se eu lhe levar comigo como moço de cabina? Pagarei a você 5 dólares por mês, e uma roupa. Daquí a três dias levantamos ferro para Nova Orleans. Decida.

Por um momento, todos os meus infortúnios e descontentamentos me subiram à cabeça para me inspirar a decisão. E respondí:

—Eu vou, *sir*, se acha que sirvo...

Mar alto

JAZÍ TRÊS dias absorto e inconsolavel a bordo do *Windermere;* mas à manhã do quarto dia, uma voz áspera e violenta, vindo aos berros pela escotilha abaixo, despertou-me bruscamente para a vida:

—Ora vamos, seu inglezinho duma figa! Salte cá pra cima e esfregue-me este tombadilho, seu marujo de água-doce, tripa de galinha! Ou vou lá em baixo e te arranco a pele do lombo!

Estas e outras expressões mais fortes, enunciadas peremptória e raivosamente, teriam bastado para erguer um morto do seu sono. Esquecendo o meu enjôo, subí aos tropeções ao tombadilho. Relanceei a vista o mais velozmente que pude à face rubicunda do homem que assim, colericamente, me

interpelara, e curvei-me logo em cima da escova; vendo-me sem demora agarrado à tarefa, o homem disparou com ironia para outro moço que estava a sotavento:

—Harry, meu rapaz, tenho certeza que você não quer sentir atrás o bico de minha bota, ou quer?...

—Não, sir! respondeu prontamente o interpelado.

—Nesse caso, ponha-me todo o peso em cima dessa escova, 'tá ouvindo?

—Ai, ai, *sir!*

O contramestre endireitou o busto e dirigiu-se para um grupo de marinheiros que andavam industriosamente fazendo a limpeza do navio, e desatou a vomitar-lhes injúrias e blasfêmias de estarrecer. Ouvindo-o praguejar daquele jeito, pensei comigo quanto tempo ainda iria o Todo Poderoso conter a sua justa cólera...

Deram as oito, e fui informado de que teria de partilhar minha cama com Harry, no camarote dos aprendizes. Do meu emprego como moço de cabina do comandante, nem pio! Harry, meu companheiro de camarote, já tinha feito uma viagem no *Windermere*, e quando eu lhe disse que fora contratado para «moço de cabina», ele achou divertidíssimo, e disse que não era a primeira vez que o capitão pregava uma «partida» dessas. «Quando foi da última viagem, levávamos dois «moços de cabina», mas assim que chegamos ao largo, o contramestre correu com eles bem depressa para a proa. Foram insultados e mal tratados todo o caminho, até Nova Orleans, e quando lá chegamos desembarcaram e fugiram, com medo de que o tratamento fosse ainda peor no regresso à Inglaterra. O capitão deve ter embolsado uns 25 dólares em salários que os moços não receberam...»

A disciplina era brutal a bordo do *Windermere*. Alí, homens adultos eram xingados, oprimidos, tratados a murro e pontapé pelos contramestres, verdadeiros carrascos, tal qual os meninos do asilo, que Francis socava e espancava. Felizmente para mim, durante a primeira semana foram descobertos a bordo três passageiros clandestinos, cuja presença desviou de mim a cólera e as sevícias dos superiores, de sorte que a viagem não foi propriamente intolerável.

Cincoenta e três dias depois de saído de Liverpool, o *Windermere* fundeava em Nova Orleans. Tão depressa nos deram liberdade, eu e Harry largamos a correr pelo quebra-mar, loucos de alegria. O ar tépido e embalsamado, carregado dos aromas exóticos de melaço fermentado, de açucar meio cozido, de café verde, de alcatrão de Estocolmo, de carne de boi em salmoura, de emanações de rum e de *whiskey*, parecia envolver de poesia todas as coisas que olhávamos. As pessoas por quem passávamos me pareciam mais nobres do que as que até então eu vira. Caminhavam balançando os corpos da maneira menos britânica possível, e a expressão de suas fisionomias diferia inteiramente do que eu me habituara a ver. E eu me esforçava teimosamente por dar um nome ao que me parecia tão estranho. Sei hoje, é claro, que era o sentimento de igualdade e independência que tornava aquelas caras tão diferentes das que eu conhecera em Liverpool. Aqueles homens não conheciam senhores, e não viviam no pavor de patrões.

Uma vez no porto, os contramestres dobraram de brutalidade disciplinar contra mim, sobrecarregando-me impiedosamente de trabalho, afim de me forçarem a fugir do navio, para que os donos deste pudessem economizar o miseravel salário que me era devido; finalmente não conseguí aguentar por mais tempo aquela vida de escravo, e na segunda noite agarrei na minha trouxa e na Bíblia, fugí a correr pelo cais fora, e escondí-me num montão de fardos de algodão, à espera que amanhecesse.

Mãos ao trabalho

Pouco depois do amanhecer, saí do meu esconderijo, sacudí a poeira de algodão que me cobria, e encaminhei-me para a Rua Tchapitoulas. Cerca das 7 horas, vi um cavalheiro sentado em frente duma loja, lendo o seu jornal. Parecendo-me que fosse ele o proprietário do estabelecimento, sobre as portas do qual se lia, numa tabuleta, a firma «Speake & McCreary, Comissões e Vendas a Grosso», aventurei-me a lhe perguntar, não sem ter lançado segundo olhar de inspeção ao seu rosto expressivo:

—O senhor está precisando um moço?

—Um moço? fez ele, olhando-me fixamente.—Não, acho que não preciso. De onde vem você? Você não é americano.

—Cheguei de Liverpool, *sir*. E expliquei as condições em que viera.

—Bom! exclamou o sujeito. —Sem amigos, em terra estrangeira, hein, e quer começar a fazer fortuna, não é assim? Ora me diga o que é que você sabe fazer. Sabe ler? Que livro é esse que tem aí no bolso?

—É a minha Bíblia, *sir*. Quem me deu de presente foi o nosso bispo. Oh, eu sei ler, pois claro! repliquei com orgulho.

O cavalheiro abriu o livro e sorriu ao ler esta dedicatória: «Oferecido a John Rowlands pelo M.º Rev.º Thomas Vowler Short, DD., Lorde-Bispo de St. Asaph, em prêmio de aplicação ao estudo e bom comportamento em geral.»

Restituindo-me a Bíblia, apontou-me um artigo no jornal, e disse:

—Leia aquí.

Obedecí. Na opinião dele, li muito corretamente, mas com um sotaque estrangeiro.

—E sabe escrever bem? perguntou em seguida.

—Sim senhor. E com uma letra firme, segundo me têm dito.

—Então vamos a ver que tal você é capaz de marcar aquele saco de café com o mesmo endereço que vê no que tem ao lado. Alí tem a lata de tinta e o pincel.

Em poucos segundos eu tinha pintado o letreiro: «Ⓢ Memphis, Tenn.», e olhei para o sujeito.

—Bom trabalho, disse ele. —Agora vá pra diante, e marque os outros sacos da mesma forma.

Havia bem uns vinte sacos, e em poucos minutos estavam todos marcados.

—Ótimo! exclamou o americano. —Desta vez não há perigo de se perder meu café. Mr. Speake vai estar aquí lá pelas 9. No meio-tempo, o melhor é você vir almoçar comigo.

Em vista da importância das primeiras impressões, aconselhou-me a ir cortar o cabelo e a dar uma escovadela na roupa. Depois de comermos, levou-me a um barbeiro. Quando voltamos à loja de Speake & McCreary, o meu protetor declarou que eu tinha uma aparência de primeira ordem.

Após as saudações mais cordiais, o meu benfeitor afastou-se levando Mr. Speake pelo braço, e teve com ele uma

animada conversa de alguns minutos. Voltando para perto de mim, Mr. Speake disse com um sorriso:

—Bem, meu rapaz, estou disposto a propor-lhe uma semana de experiência, com o salário de 5 dólares.

Foi como se uma alma nova, alegre e orgulhosa, me tivesse entrado no corpo. Poucas horas atrás eu era uma criança a quem, num impulso de cólera, se podia esmagar o crânio; e agora, num abrir e fechar de olhos, era livre, e achava-me guindado à categoria de ser humano.

Agarrei-me ao trabalho com avidez; minha atividade e memória pronta não tardaram a ganhar-me o apreço daqueles homens. A semana de experiência decorreu satisfatoriamente, e fiquei empregado permanentemente a 25 dólares por mês. Pago o quarto e a pensão, ficavam-me 15 dólares, o que era, a meus olhos, uma verdadeira fortuna.

Poucas semanas depois de ter desembarcado na América, eu tinha mudado completamente de humor e de carater. Possuia o privilégio da liberdade de pensamento e de palavra, e estava imune da opressão e do despreso que noutras terras se votava aos «inferiores»; por toda a América, o tratamento que me fosse dispensado dependeria unicamente do meu carater pessoal, sem atenção a nome de família ou genealogia. Endireitei as costas e erguí os ombros; minhas passadas se alongaram, graças à nova independência que eu saboreava. Tinha agora 15 anos, e tinham decorrido apenas 18 meses desde que fugira de St. Asaph.

Soube pelos meus patrões que o homem com quem eu falara primeiro, o meu benfeitor, era um corretor que negociava entre os plantadores de rio acima e os mercadores de Nova Orleans. Chamava-se Stanley. Umas quatro semanas depois da minha entrada, Stanley regressou à cidade com um maço de encomendas. Felicitou-me pelo melhoramento de minha aparência, e segredou-me que Mr. Speake estava muito satisfeito comigo. Deu-me um cartão de visita, e convidou-me a almoçar em sua casa no domingo seguinte.

Chegado esse dia, ao ver diante de mim uma casa de tanta imponência, fiquei hesitante em entrar, e só o fato de que Mr. Stanley me estava esperando na varanda venceu a minha timidez. Conduziu-me ele a uma vasta sala, luxuosamente mobiliada, e apresentou-me a uma senhora, fragil e pequenina, que era a verdadeira incarnação da delicadeza. Foi a primeira *lady* que encontrei na minha vida, e nada poderia ter sido mais bem calculado para dominar o meu acanhamento, do que a graciosa recepção que ela me dispensou. Fez-me sentar a seu lado no divã, e daí a pouco já minha língua se desatara com surpreendente volubilidade.

Quando nos levantamos para ir para a mesa do almoço, fui encontrar alí umas doze pessoas, aproximadamente da idade e posição dos Stanley; feriu-me desde logo a impressão de que nos separava um quase invencivel abismo. A conversação daquela gente versava sobretudo assuntos que ultrapassavam a minha compreensão; mas, embora tenham percebido pela minha idade e maneiras que eu não pertencia ao seu nivel social, deram-me a honra de me incluir no círculo de que faziam parte. Foi, de toda maneira, um almoço verdadeiramente memoravel para mim.

A partir de então passei sempre as manhãs de domingo com os Stanley, e de visita em visita a esposa do meu protetor parecia tornar-se mais bondosa e terna comigo, e ele mais paternalmente cordial. Levaram-me à igreja, e deram-me muitos outros sinais do seu cuidado e carinho.

O verão de 1859 foi extremamente doentio, e um dia Mr. Speake, meu patrão, caiu doente. Quatro dias depois estava morto! O seu estabelecimento foi adjudicado em hasta pública, mas a nova firma proprietária manteve-me a serviço.

Algumas semanas depois, quando fazia a minha visita habitual do domingo à senhora Stanley, fiquei desolado ao saber pela empregada, Margarida, que a senhora estava tambem seriamente doente, e que o seu estado exigia constantes atenções. Mr. Stanley estava ausente, em viagem, e a fisionomia da empregada traía tanta fadiga e ansiedade, que lhe roguei dispusesse dos meus serviços. Depois de alguma hesitação, concordou em que eu poderia permitir-lhe tomar um pouco de repouso, se me sentasse à porta do quarto da ama e, ao mais leve rumor ou movimento da enferma, corresse a chamá-la. Mantive-me no posto todo aquele dia e toda a noite, e apesar dos frequentes chamados, Margarida pôde repousar e reconstituir as forças gastas. Quando saí para o meu trabalho, na segunda-feira, prometí pedir algunas dias de licença na loja, e regressar para junto dela dentro de uma hora. O meu novo patrão, porem, pareceu considerar subversivo o meu pedido de alguns dias de liberdade, e disse-me laconicamente que podia ir-me embora, se quisesse, e nunca mais voltar. Resposta assim tão grosseira, meses antes ter-me-ia deixado o coração do tamanho dum feijão: mas a atmosfera de Nova Orleans parece amadurecer em nós a noção da independência e da dignidade pessoal, e repliquei nestes termos:

—Muito bem, *sir*. Pode me considerar já despedido!

Todo o meu tempo estava agora ao dispor de Margarida. Entretanto, o estado da boa sra. Stanley agravara-se rapidamente; e na quarta-feira à noite, o médico declarou desesperada a condição da doente. Perto da meia-noite, Margarida apareceu-me com uma cara solene e aterradora, e rogou-me por acenos que fosse no quarto da patroa. Entrei nas pontas dos pés, com o coração a bater penosamente. Avistei uma vasta cama sob um cortinado de musselina branca, onde jazia a doente, que de tão fragil e delicada me fez sentir envergonhado da minha própria saude e força; abriu com dificuldade os olhos bondosos e, numa voz que parecia vir de longe, disse-me: «Seja bom rapaz. Deus o abençoe!» E como eu me esforçava por ouvir mais e melhor, a sua voz sumiu-se, os olhos ficaram grandes e arregalados, o olhar tornou-se fixo, e por toda aquela fisionomia torturada de sofrimento se espalhou uma doce e bela tranquilidade. Quando me volví para procurar os olhos de Margarida, percebí que era chegada a morte...

Durante algum tempo sentí-me demasiado acabrunhado para fazer nada que prestasse. Mas, pouco a pouco, como que se ergueu a nuvem que me oprimia a alma, e deitei a buscar trabalho. Parece porem que a sorte, desta vez, não se mostrava tão generosa para mim: após duas semanas de esforços infrutíferos, acabei sujeitando-me a toda espécie de vis ocupações, e ao fim de um mês de luta comprei passagem no vapor para St. Louis, onde contava ir encontrar Mr. Stanley.

Chegado alí, ao perguntar por ele no

Planter's Hotel, onde o julgava hospedado, informaram-me de que o meu amigo regressara a Nova Orleans havia uma semana! Já nessa altura os meus recursos estavam quase esgotados. Felizmente, consegui obter passagem de regresso como ajudante do cozinheiro, a bordo duma barcaça do transporte de madeiras.

Encontrei um pai

O ACOLHIMENTO que Mr. Stanley me dispensou em Nova Orleans, onde acabei por encontrá-lo, foi tão paternal, que nem o filho pródigo poderia ter-se sentido tão feliz como eu, ao regressar ao lar.

Entre a frase que acabo de traçar e a que se segue, deveria eu deixar um intervalo semeado de ******. O meu contentamento era tão grande, e enchia-me de tal modo o peito, que eu nada podia observar alem da nossa mútua satisfação. Mas as palavras que ele pronunciou acabaram sacudindo-me até o mais íntimo do ser: Mr. Stanley, aliás bastante comovido, estava-me dizendo que *ia tomar o meu futuro a seu cargo!* Impressionara-o tanto o que Margarida lhe contara da cena derradeira junto ao leito mortuário da esposa, que Stanley não pudera mais separar a minha imagem do pensamento dela; ficara meditando no que estaria eu fazendo, e, sabendo-me tão destituido de amigos quanto de malícia, todas as suas conjeturas haviam sido desoladoras; ao desembarcar em Nova Orleans, resolvera procurar-me diligentemente, e tomar conta de mim.

Nos meus sonhos de infância eu imaginara muitas vezes o êxtase que seria ter o amor dum pai, como invejosamente o vira dispensado a outras crianças; e agora, como caida do céu, chegava-me esta inesperada resposta às minhas preces!

Antes de me dar tempo de apreender toda a significação que a sua promessa teria para mim, Mr. Stanley se tinha erguido e, abrançando-me com ternura, precipitava-me numa crise de choro convulsivo. Era a primeira vez que alguem tinha para comigo um gesto de ternura, e o que nunca os atos de crueldade haviam conseguido de mim, um simples abraço o fez: as lágrimas correram-me torrencialmente pelas faces, e os soluços sacudiram-me o peito.

Stanley acrescentou que, vendo-se sem filhos, ele e a esposa muitas vezes tinham rogado a Deus que lhos concedesse, até que se fatigaram de desejar e esperar. Muitas vezes lhe voltara à mente a pergunta que lhe fizera no dia de minha chegada: «O senhor está precisando um moço?»—e que parecia vir ao encontro de seu desejo de toda uma vida. «Prometo adotá-lo como filho, e prepará-lo para seguir a carreira do comércio; e de futuro, você terá direito a usar o meu nome, Henry Stanley.»

A partir desse momento supremo, minha existência entrou numa verdadeira idade de ouro. Andando eu pela rua ao lado de meu novo pai, muitas pessoas terão percebido, na minha face e nos meus olhos radiantes, a felicidade que me transbordava da alma. Só por um severo esforço de domínio consegui conter a alegria, que ameaçava prorromper com efervescência histérica e quase indecorosa.

Grande parte daquele dia levamos em preparativos para a nova posição que eu iria ocupar. Recebí uma suntuosa e elegante coleção de fatos novos, roupas brancas, colarinhos, flanelas, sapatos, botas de carneira, e artigos de toalete que me eram completamente estranhos, tais como escovas de dentes e de unhas. Fui então conduzido a um quarto onde havia uma banheira comprida, metida num casco de madeira escura, e, enquanto lhe admirava os esplendores, foram-me contando a respeito do seu uso diário tais virtudes, que imediatamente contraí um entranhado amor por ela...

Nessa tarde me lavei e esfreguei como se quisesse arrancar de mim as nódoas de que a horrivel miséria e pobreza me tinham impregnado. Os rapazes criados em família assimilam inconcientemente os hábitos e maneiras nela predominantes; mas eu nunca tivera lar, e era por isso singularmente ignorante das pequenas graças da vida doméstica. Sem dar por tal, no mesmo instante em que saí da sala de banho, comecei, enfarpelado como nunca me vira, a fazer essa educação elementar que me deveria tornar digno de aparecer no mundo ao lado dum homem respeitado.

Durante cerca de dois anos fizemos numerosas viagens entre Nova Orleans, St. Louis, Cincinati, e Louisville; mas passamos a maior parte do nosso tempo nos afluentes do Baixo Mississipi, onde se fazia muito bom dinheiro em transações com os mercadores do campo. Com essas viagens de negócio, adquirí melhores conhecimentos geográficos do que poderia ter-me dado qualquer ensino escolar. E minha memória de nomes, caras e pormenores de negócios, era frequentemente de grande utilidade a meu pai adotivo.

Quando largamos de Nova Orleans, em fins de 1859, levávamos conosco uma mala cheia de livros escolhidos, e meu pai deu-me a entender que devia prosseguir nos meus estudos com tanta diligência como se na escola estivesse ainda. Com semelhante homem a servir-me de guia e mestre, uma viagem fluvial não podia ser obstáculo à minha educação. Na realidade, era tal o seu anseio de que eu aproveitasse bem todos os minutos, que eu próprio acabei por me deixar contagiar pelo sentimento de que o tempo é alguma coisa de tangivel... E, durante esses dois anos, lemos juntos, e juntos discutimos cuidadosamente tantos livros, que a minha educação progrediu como se eu andasse acompanhado de um preceptor.

Fiz sempre os mais zelosos esforços por seguir as sugestões de meu pai, ainda as mais leves. Apesar disso, receio não ter sido sempre digno da sua infinita solicitude, ou não ter saido à altura das suas generosas esperanças. Eu era da qualidade dos que não fazem sempre a coisa correta e esperada, e por vezes a minha conduta deve ter sido para ele motivo de duras provas.

De novo à deriva . . .

EM SETEMBRO DE 1860, a bordo dum navio que se destinava a Nova Orleans, encontramos um apurado cavalheiro de alta estatura, o major Ingham. Antes de termos chegado a esta cidade, tínhamo-nos tornado tão íntimos, que ele nos convidou a passar um mês na sua companhia, na plantação que possuia no Arkansas. Mas uma carta de um seu irmão, residente na Havana, causou por essa altura grande ansiedade a meu pai, tornando urgente ir vê-lo; o convite do major Ingham veio tornar as coisas muito mais faceis para nós: eu iria ficar na casa dele, enquanto meu pai fazia a viagem a Cuba. Tivéramos nós então sonhado que essa separação seria a derradeira, e ambos teríamos evitado separar-nos; mas, ignorantes do destino todo-pode-

roso, tinha soado para nós a hora da separação definitiva.

Quando chegou a hora de meu pai partir, o major Ingham e eu acompanhamo-lo a bordo do vapor da Havana, e saimos logo para o Arkansas. A contar dessa data, as cartas de meu pai se fizeram muito irregulares, e foram rareando, até que, finalmente, o seu silêncio se tornou absoluto. Março de 1861 ia bem adiantado, e eu sempre à espera de noticias dele, ou de vê-lo em pessoa; mas os dias passavam, e nada de novas. Não devíamos tornar a ver-nos. Meu pai morreu subitamente em 1861, e só muito mais tarde vim a saber da sua morte.

Neste ínterim, graves e decisivos acontecimentos históricos se produziam na América do Norte. Alguns estados do Sul, os «Confederados», tinham-se declarado em franca rebelião contra o governo federal, e a maioria dos estados algodoeiros haviam-se separado da União. Era a Guerra da Secessão. Nos começos de maio, o Arkansas seguiu-lhes o exemplo; apoderou-se do povo um frenesim belicoso, e, contagiado pelo entusiasmo e ódio geral contra os «bárbaros ianques», eu alistei-me voluntariamente nas tropas confederadas.

Até então, nunca em minha vida eu praticara nenhum sério erro: mas o meu alistamento foi, sem dúvida, uma gafe seriíssima—a primeira apenas duma longa série... Mas eu estava a caminho de me transformar, como qualquer digno filho do Sul, num indomavel ferrabrás. O entusiasmo popular pôs-nos a cabeça a andar à roda, e desatamos a pulir os botões amarelos, as armas, o correame, a tirar retratos em daguerreotipo, com o aspecto mais façanhudo deste mundo, de revolver engatilhado numa das mãos, a faca de mato na outra, e a boca torcida num ricto de ferocidade...

Ao fim de poucas semanas, marchávamos pela última vez nas ruas da capital do Arkansas, entre flores, bandeiras e aplausos delirantes do populacho. Cantamos em coro as estâncias de «Dixie», que ficaram famosas, e as meninas choravam, acenando com os lenços! A luz do sol faiscava, deslumbrante, no aço impecavel das baionetas e das espingardas engraxadas. Os estandartes dos regimentos e das companhias drapejavam na brisa, enquanto, passo firme e olhos em frente, marchávamos a caminho da luta.

Se as damas de Little Rock tivessem assistido nessa noite à nossa chegada ao acampamento, já tarde, após o primeiro dia de marcha, a nossa vergonha teria sido eterna. Como todo recruta novato, íamos demasiado carregados de equipamento desnecessário, e a fadiga tornou-se excessiva. Chegamos sujos, cobertos de lama. Dentro de duas semanas tinham morrido cincoenta homens, de tifo ou malária, ou por causa do rancho, que era desgraçado. Três semanas depois, todos parecíamos moribundos...

Com o tempo, entretanto, lá nos fomos acostumando à dieta de presunto com favas, e aprendendo a dormir com uma pedra a servir de almofada. À medida que as durezas da vida militar e as primeiras escaramuças nos foram temperando a fibra, parece que a campanha se foi tornando menos dificil.

Shiloh

A 2 DE ABRIL DE 1862 recebemos ordem de cozinhar rações para três dias. Quarenta e oito horas depois saimos de Corinth, para tomar parte numa das mais cruentas batalhas do Oeste. Às quatro da madrugada levantamos o nosso bivaque dos pântanos, e avançamos ao assalto de Shiloh, desdobrados numa frente de uma légua.

A batalha rugiu toda a manhã, e não parávamos de carregar e disparar as nossas espingardas de pederneira, obsoletas. Por fim, apanhou-nos pela frente uma tamanha saraivada de balas, que recebemos ordem de procurar abrigo; e quando nos reerguemos para continuar o ataque, —com outros doze homens, eu tinha-me refugiado atrás duma árvore tombada—alguma coisa me deu um violento choque na fivela do cinturão, e lançou-me por terra. Não teria ficado muito tempo prostrado, quando voltei a mim do choque, e reparei que tinha a fivela profundamente machucada. Não avistando a minha companhia, tomei para o Norte, na direção que o regimento levara, sobre um terreno semeado de cadáveres e destroços de material. Os pormenores dessa marcha de inferno fundem-se numa massa de horrores, que o nome de Shiloh nunca deixará de evocar em minha memória.

Alcancei o meu regimento devia ser uma hora da tarde, para o encontrar empenhado num assalto furioso. A batalha continuou toda a tarde, e por fim, cerca das 5, atacamos e capturamos um vasto acampamento. Depois de termos repelido o inimigo para bem longe dalí, tivemos ordem de retirar. Por essa altura eu já não parecia senão um autómato andante: só tinha um desejo—era o de repousar.

Acordei fresco e reposto uma hora antes do amanhecer; e depois de ter comido bem, reingressei, já dia claro, na minha companhia. Quase imediatamente, os regimentos receberam ordem de por-se em linha de batalha, e começamos a avançar em ordem de escaramuça. Sentia-me mais ativo talvez do que normalmente teria estado, porque o capitão Smith me dissera: «Vamos, Mr. Stanley, por favor: mexa essas pernas para a frente!» Esta distinção de me tratar pelo nome soprou meu amor-próprio, e atirou-me para diante como um foguete. Não tardamos em encontrar o inimigo, que marchava em formação idêntica à nossa, avançando resolutamente. Postávamo-nos atrás da primeira árvore ao nosso alcance, disparando e carregando, e avançávamos depois em direção a outro abrigo. A certa altura achei-me num espaço aberto, coberto de relva, sem árvore nem toco que me servisse de escudo; mas, avistando uma pequena cavidade a uns vinte passos adiante, corrí dum pulo a ocultar-me alí, e assestei o meu mosquete a toda a pressa. Aquele espetáculo interessou-me vivamente, e, esquecido de que era um guerreiro, parei de atirar.

Tão absorto fiquei a olhar os uniformes azues que me vinham pela frente, que nem atenção prestei mais aos meus camaradas em farda cinzenta, e nem pela cabeça me passou a idéia de bater em retirada. Mas como, a despeito de nossa fuzilaria, os azues continuavam a aproximar-se inquietadoramente, saí do meu buraco: qual não foi o meu assombro quando me encontrei, solitário e de uniforme cinzento, em plena linha de atiradores *azues!* Ainda não tivera tempo de raciocinar, quando ouví um brado: «Largue essa arma, *Secesh*, ou faço-te um buraco no canastro! Largue depressa!»

Rodeavam-me bem uns seis adversários. Larguei a espingarda sem detença. Estava nas mãos, dos «terriveis» ianques.

Prisioneiro de guerra!

Fomos expedidos a 8 de abril para o Campo Douglas, nos arredores de Chicago. Nos edifícios da confrangedora possilga-prisão, a vermina pululava, e dentro de uma semana a recente colheita de prisioneiros começou a sucumbir aos efeitos do ambiente. Desordens biliares, disenteria e tifo começaram a causar devastações, e a minha companhia sumia-se a olhos vistos de dia para dia. Todas as manhãs chegavam os carroções ao hospital e à casa mortuária, para levar os cadáveres.

Um dia, um dos oficiais a cargo do campo, Shipman, disse-me que, se eu estava farto de ser um prisioneiro, podia comprar a liberdade alistando-me no exército do Norte. Neguei-me a isso, alegando que me era impossivel fazê-lo.

Mas o oficial continuou, insistindo na superioridade do Norte e na certeza de derrota do Sul, e que era uma pena ver rapazes tão novos sacrificando a vida por uma causa perdida, qual o esclavismo. Mas era inutil tentarem influenciar-me com razões políticas: eu de política nada entendia; e, alem do mais, meu pai adotivo fora um *gentleman* do Sul, e a gratidão que lhe devia obliterava-me a compreensão dos acontecimentos.

Mas passaram seis semanas e, no curso delas, a minha resolução de me deixar ficar prisioneiro foi-se deixando abalar por argumentos muito mais convincentes do que as razões benignas de Mr. Shipman: ante o alastramento das doenças, os horrores da prisão, e o pensamento de alí ficar encarcerado anos e anos, comecei a recear a loucura. Fiquei finalmente persuadido a aceitar os termos da libertação, e, acompanhado de outros prisioneiros, assentei praça na arma de artilharia dos Estados Unidos. E mais uma vez, no dia 4 de junho, conheci o quente sol da liberdade.

Ao fim de três dias de serviço, os germes que trouxera comigo da prisão desencadearam-se com grande virulência, e no dia da chegada a Harpers Ferry a disenteria e a febre me prostraram. Pouco depois tinha baixa das fileiras, doente, feito um molambo.

O meu estado era o mais lamentavel a que pode ver-se reduzida uma alma cristã, fora da prisão. Não tinha um *penny* no bolso; não sabia para onde ir, e não podia caminhar 300 metros sem que parasse com falta de ar. Quando de noite, sob a luz das estrelas, eu jazia por terra, inanimado como um pedaço de pau apodrecido, mas ardendo em febre e sangrando por dentro, nenhum desejo tinha de resistir à morte; porem, a aurora de cada dia me inspirava novo raio de esperança, que me impelia a procurar algum alimento e abrigo.

Hagerstown fica apenas a 38 quilômetros de Harpers Ferry, mas para chegar a uma fazenda que ficava a menos de metade dessa distância, arrastei-me eu durante uma semana. Pedí licença para me recolher a um barracão isolado; o lavrador trouxe-me um molho de feno que espalhou no chão, e deixei-me cair para alí, sem o mais leve desejo de me tornar a erguer. Passei alguns dias num estado de completa inconciência, até que despertei—deitado numa enxerga e com uma camisa de algodão, limpa, enfiada no corpo. Graças à bondade assídua da gente do lugar, e à dieta de leite, recuperei lentamente as forças.

Fiquei na casa daquele bom Samaritano até meados de agosto, bem tratado e alimentado, e quando partí ele ainda insistiu em me pagar o bilhete para Baltimore.

SEÇÃO DE LIVROS

2.ª Parte

BULA MATARI

STANLEY, O VENCEDOR DUM CONTINENTE

Por Jacob Wassermann

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DO MESMO TÍTULO

«Bula Matari» (o Quebra-Rochas) foi o nome que os negros africanos deram a Stanley. A obra do famoso romancista austro-alemão conta, alem do episódio abaixo condensado, toda a história das aventuras de Stanley em África.

(*Copyright 1933, Liveright Inc., Nova York.*)

Entre a última página da *Autobiografia* de Stanley e a sua primeira grande viagem de exploração, a vida do herói está em parte velada de mistério. Tudo quanto dela podemos enxergar é uma incessante inquietação, a luta exasperada contra o desfavor da sorte.

No outono de 1862 vemo-lo «ceifeiro no Maryland». Serve depois como tripulante em vários navios, e um dia, tendo naufragado ao largo de Barcelona, salva-se nadando para terra, nu. Em agosto de 1864 assenta praça na Marinha dos Estados Unidos, e assiste em 1865 à sanguinolenta captura do Forte Fisher... Esse ataque foi descrito por Stanley em cartas que diversos jornais acolheram com interesse: e assim estreou-se ele como reporter.

A partir desse momento, tendo-se feito um ótimo correspondente de jornais, cruzou em todos os sentidos a superfície do globo, fazendo a reportagem de guerras e revoluções. O seu trabalho atraiu a atenção do então jovem proprietário do *Herald* de Nova York, James Gordon Bennett. Um dia, em 1869, no momento em que acompanhava como reporter uma revolução em Espanha, Stanley foi chamado a París por Gordon Bennett:

—Tenho em vista uma importante tarefa para você, disse o proprietário do jornal. —Parece-lhe que Livingstone ainda estará vivo?

—Francamente, não sei dizer, respondeu Stanley.

—Pois *eu* penso que está, e que é possivel dar com ele; e estou decidido a dar a você a missão de procurá-lo.

Estas lacônicas instruções não podiam deixar de causar surpresa ao reporter: partir assim, sem mais nem

menos, para o coração inexplorado da África, à busca dum homem que todo o mundo considerava morto!...

—O senhor já pensou na despesa?

—Claro. Você saca hoje mil libras, e quando as tiver gasto, saca outras mil; e depois mais mil, e assim por diante. Mas *ache* Livingstone! É tudo. Ache Livingstone... e vá com Deus.

David Livingstone — o «Busca-Rios», como o tinham apelidado os indígenas africanos—era um médico-missionário escocês que andava desde 1840 a explorar intermitentemente o interior da África. Era um homem digno de estima, e o seu corajoso trabalho em África tinha-lhe conquistado a admiração popular. Em 1866 partira de Zanzibar, a leste da costa oriental, para o interior, obcecado pela ideia fixa de descobrir as nascentes do Nilo, e desde então não havia mais notícias dele. O público inquietava-se pela sua sorte, e os jornais perguntavam continuamente: «Que sucedeu a David Livingstone?»

Entre os próprios amigos de Livingstone, aqueles que ainda o supunham vivo não poderiam tê-lo imaginado em peor situação do que, na realidade, ele se achava então. Com 57 anos, sem dentes, mal enroupado, vítima constante da doença, magro e debilitado pelas privações, abandonado pelos seus companheiros indígenas, o solitário missionário branco estava, sem que o soubesse o mundo exterior, enlanguecendo sem esperança na aldeola indígena de Ujiji, às margens do Lago Tanganica, separado do mar por 900 milhas de sertão, e rodeado de tribus belicosas.

Quando Stanley chegou a Zanzibar, que seria o ponto de partida da sua histórica missão, não encontrou alí notícias de Livingstone, nem carta de Bennett confirmando as ordens verbais de partir em busca do missionário perdido, nem remessa de fundos. Tudo o que restava ao correspondente especial eram 80 dólares em dinheiro. Mas tinha instruções: «Ache Livingstone!» E havia de achá-lo, custasse o que custasse.

Graças ao apoio do consul americano, conseguiu sacar sobre Bennett, levantando dinheiro bastante para equipar a sua caravana: 31 indígenas armados (denominava-os «soldados») e 153 carregadores. Em fevereiro de 1871 dava entrada num mundo para ele mais do que estranho. Tinha, pelo menos, um objetivo, muito embora vago e distante: a região de alem Tanganica, onde dois anos antes a presença do missionário fora vagamente anunciada. A estrada que Stanley palmilhou («estrada» só em linguagem figurada: na realidade, apenas o esboço dum trilho) nunca fora pisada pelas solas de nenhum europeu. Nenhuma potencia européia sonhara jamais colonizar essa região que, na maior parte dos mapas da África Central, estava ainda representada por espaços vazios.

Durante os primeiros dias de marcha através da selva, Stanley sofreu ataques de febre tropical, alguns deles tão severos que o forçaram a ficar dias e dias estendido na rede, incapaz de se mexer, e por vezes num estado de semi-inconciência...

As dificuldades que encontrou a caravana, para atravessar os numerosos rios que as chuvas transformavam em vastíssimos pântanos, eram quase insuperaveis. Matagais impenetraveis lhe barravam a cada passo o caminho, numa confusão virginal de trepadeiras enredadas. Os espinhos de arbustos hostís rasgavam lacerações profundas nas carnes; e uma planta havia, cujo contacto bastava para causar as mais dolorosas úlceras nas faces e na testa. Entre os imensos capins, que ultrapassavam a estatura dos mais altos negros, escondiam-se traiçoeiramente verdadeiros lagos de lodo. A selva pantanosa exalava eternos miasmas; mas quando, tão depressa livre desse inferno sufocante, a expedição alcançava terreno mais elevado e aberto, logo a lobrigavam facilmente os bandos de facínoras, e ficava no perigo constante de ataque. A fila coleante de soldados e carregadores acordava um coro atroador de pássaros da selva, pombos verdes, gralhas, ibis, faisões dourados, pelicanos.

E sempre, por toda a parte, as nuvens da insetos, praga infernal! Stanley descreve as «hostes inumeraveis de bichos de toda a ordem. Os exércitos de formigas—pretas, brancas, vermelhas—infestam aquele solo de maldição; centopéias de todo feitio trepam pelos arbustos e outras plantas; as pulgas, as bichas-cadelas e as moscas tsé-tsé são insuportaveis; e sob a folhagem dos arbustos escondem seus ninhos as vespas de cabeça amarela, cujo ferrão é tão peçonhento como o dos lacraus.»

Exasperavam-no a cada passo as suspeitas, o medo, a impudência, a velhacaria dos homens da caravana, e as exigências dos régulos negros que lhe saiam ao caminho, para lhe arrancar tributos. Teve de aprender a barganhar amigavelmente com chefes ameaçadores, e acabava pagando-lhes tributo com as contas, os panos, o arame de latão que trouxera consigo para esse fim.

Com o decorrer das semanas, os carregadores foram caindo doentes e ficando pelo caminho da selva. Muitas vezes toda a caravana quedava retida pela fadiga inelutavel. «Os burros, imoveis na lama, pareciam ter botado raizes nela. Os dias de chuva torrencial, os bosques gotejantes envoltos em névoas opacas, as terras inundadas, com extensões de erva-tigre tombadas pela água turva da inundação, os montes de árvores e canaviais apodrecendo—tudo isso era bastante para gerar as febres.» As bexigas começaram a cobrar o seu tributo de vidas. O explorador registou cenas de morte dignas de figurar numa história das campanhas de Alexandre-o-grande...

Bem entendido, onde quer que parava, Stanley ia perguntando por novas de Livingstone: mas sempre em vão. Não desistia, porem, e avançava sempre. Os meses correram num vagar exasperante. Em outubro produziu-se uma séria amotinação entre o pessoal da caravana. Stanley dominou-a intrepidamente, com só avançar com desprezo para a espingarda do cabeça de motim. E para diante, sempre para diante, —através de ravinas e pantanais. Um guia apontava: «Aquí desapareceram, tragados pelo lodo, um mercador árabe e os trinta-e-cinco escravos da sua caravana...»

À noite os homens de Stanley sentavam-se em volta de fogueiras, tremendo de sezões, e receosos de se deixar adormecer, porque os leões rugiam por perto. Sem embargo de tantos obstáculos, a resolução de Stanley manteve-se firme: conduzir a expedição a destino. Escrevia no seu diário: «Alguma coisa me segreda que hei-de encontrá-lo! *Encontrá-lo!*—só estas palavras parecem dar-me força!»

Por fim, na manhã de 3 de novembro, a expedição Stanley topou no caminho uma caravana que vinha de

Ujiji. Stanley fez perguntas, e ficou excitado ao saber que em Ujiji estava um branco.

—Um homem branco?

—Sim, como o patrão... (*Patrão*, aquí era o próprio Stanley.) Tem cabelo branco na cara, e está doente.

«Hurra!» escreve Stanley no seu diário. «Temos Livingstone. Não pode ser outro!» Apelou para os seus homens: era preciso alcançar Ujiji em marchas forçadas! E o reporter, o salvador, lançou-se à travessia da selva como um furação...

A 10 de novembro de 1871, sendo sexta-feira, e o 236.° dia de marcha desde o litoral, a caravana deu entrada em Ujiji. Uma horda vociferante rodeou logo Stanley, e um negro alto, envergando uma longa túnica branca, precipitou-se ao encontro dele, apresentando-se como servo do próprio Livingstone. Stanley lhe ordenou que corresse a chamar o seu senhor, e o mensageiro partiu a toda a pressa, com a túnica branca a voejar atrás dele como um estandarte batido pelo vento... A coluna continuou a marchar, ladeada à esquerda e à direita por uma multidão em gritos.

Chegaram à praça do mercado, e alí os olhos de Stanley avistaram a imponente figura dum homem de idade. «Ao dirigir-me para ele, reparei que estava pálido, dando sinais duma extrema fadiga.» Seguiu-se então um lacônico diálogo, aparentemente isento de emoção—apesar de ser aquele um momento de triunfo—e que havia de apaixonar o mundo inteiro:

—Dr. Livingstone, suponho eu?...

—Eu mesmo, respondeu o missionário com um sorriso bondoso, erguendo um pouco o boné.

Stanley, que tirara o seu capacete colonial, tornou a pô-lo na cabeça. Livingstone cobriu-se, e apertaram-se as mãos. Em seguida, algumas palavras que traiam um pouco mais de emoção:

—Agradeço a Deus ter-me concedido vê-lo, doutor Livingstone.

—Sinto-me muito feliz de lhe poder dar as boas-vindas...

O missionário ficou surpreso quando Stanley lhe explicou a que viera: nunca, pela cabeça do velho batedor de sertões, passara a idéia de que o mundo pudesse preocupar-se com a sua sorte.

Os dois homens passaram juntos quatro meses, explorando a região. Mas o missionário recusou acompanhar o seu salvador no regresso à Europa, como uma espécie de troféu vivo. Sabia talvez que a morte lhe não vinha longe. Ao seu destino cabia melhor morrer alí mesmo, no coração da África misteriosa, onde levara a cabo a sua missão.

De maneira que, em março de 1872, Stanley iniciou a marcha de regresso ao litoral. Dois meses depois estava em Zanzibar. E dezoito meses mais tarde, Livingstone exalava o último suspiro nas margens do lago Banguelo, hoje Rodésia do Norte.

Os homens do tipo de Stanley parecem ter que pagar o preço da sua glória na pesada moeda do desencanto. Quando chegou à Inglaterra, por toda a parte as suas revelações foram acolhidas com desconfiança. Viu-se desmentido, censurado, tratado com desdem! O próprio presidente da veneranda Sociedade de Geografia fez-se porta-voz oficial desses ataques, recusando acreditar que Stanley tivesse podido avistar-se com Livingstone. Mas Stanley trouxera consigo cartas do próprio punho do missionário! Não importa: acusá-lo-iam mesmo de as ter deliberadamente forjado... Sobre este jornalista e as suas «fábulas» africanas soprou o vento frio do despreso de numerosas sociedades eruditas. Imprensa e sábios mais depressa se dispunham a acreditar que David Livingstone estava irremediavelmente perdido na selva africana, do que a admitir que um «reporter americano» o pudesse ter achado—um reporter sem noções de geografia, sem títulos científicos!

Veio então a histórica assembléia da Seção de Geografia da Associação Britânica. Perante um auditório de 3.000 pessoas, inclusive um grupo de grandes geógrafos, Stanley teve de justificar-se como se, na verdade, em vez de ter encontrado o missionário perdido, houvera cometido um atentado contra a Geografia oficial! O presidente fez notar com acrimônia que ninguem se achava alí para ouvir histórias fantásticas, mas sim fatos sérios, reais...

Stanley replicou com o fervoroso elogio de Livingstone, e traçou o mordaz paralelo entre o geógrafo em pantufas, na sua cadeira de balanço, despertando dum sono quieto para pontificar sobre a África desconhecida, e o corajoso velho que havia muitos anos por lá andava, no labirinto da selva, rodeado da hostilidade dos indígenas e dos elementos naturais, em busca da realidade!

Este discurso conquistou a simpatia de quantos o escutaram. E quando, pouco depois, a família de Livingstone reconheceu publicamente a autenticidade das cartas do explorador, os críticos remeteram-se ao silêncio. A rainha Vitória ofereceu a Stanley uma caixa-de-rapé, de ouro incrustado de diamantes.

Mas a fama já se tornava um fardo para ele, e a civilização um engano. A África transmitira-lhe ao sangue, para todo o sempre, as batidas do seu «Grande Coração»... Tinha a imagem da selva sempre ante os olhos, com a sua estupenda novidade, a solidão sem limites, a inesperada grandeza dos seus panoramas, a magia de suas cores, a sonhadora transparência da luz africana, as imensas distâncias que produzem um sentimento de voluptuosa ansiedade, como se penetradas da irreal atmosfera de um planeta desconhecido... E esse império enigmático da selva fascinava-o, atraindo-o de novo a resolver os seus mistérios sem tempo.

A partir de então Stanley fez história, da qual a nossa geração pouco sabe, ou talvez nada. As próprias dificuldades das suas expedições são ignoradas ou foram esquecidas. O seu encontro com o missionário-explorador fora apenas o episódio inicial duma cadeia de descobrimentos que mudaram a face de meio continente, do ponto de vista físico e econômico. As explorações que fez subsequentemente nas fontes do Congo ou Zaire, contam-se entre as grandes proezas geográficas de todos os tempos. Ao descobrir as fontes albertinas do Nilo, resolveu um problema milenário.

Quando Stanley morreu, era natural que a mesma sociedade que o atirara, menino desamparado, para um asilo, e mais tarde, homem maduro, o amesquinhara e duvidara de seus feitos, —era bem natural que essa mesma sociedade lhe recusasse sepultura na solene Abadia de Westminster...

Stanley ficou sepultado em Surrey, e um modesto obelisco sobre a sepultura apresenta esta inscrição: «Henry Morton Stanley. 1841–1904». E por baixo, com o seu cognome «Bula Matari», esta singela palavra: «África».

FOTOGRAFIA DE UMA «FORTALEZA VOADORA» —a 11.000 metros de altitude

É ASSIM que uma Fortaleza Voadora* se apresenta aos olhos do inimigo, quando se encaminha para o objetivo do bombardeamento. A 10. ou 11.000 metros de altitude, o avião é invisivel a olho nu, e uma das razões precisamente do êxito da Fortaleza Voadora, em combate, é que ela ataca com mortífero rigor desde regiões que estão acima do alcance eficaz do fogo anti-aéreo, e fora do alcance da maioria dos aviões inimigos.

Onze mil metros de altitude... Os problemas de vôo, a tais alturas, aumentam de dificuldade a cada trinta metros. O ar lá por cima é mais frio do que a Sibéria no pino do inverno, e a pressão atmosférica é ainda uma região recem-descoberta. Até há pouco, um dos maiores problemas que ela punha, foi a manutenção de rádio-comunicações.

Há um ano, 6.000 metros pareciam ser o limite máximo das comunicações entre a terra e o ar, pela voz humana. Acima disso, no ar rarefeito e cortante da subestratosfera, o rádio-telefonema se desvanecia. O rádio-telegrama servia até quase 8.000 metros, mas daí para cima, era como uma estrada de via única: podiam-se receber, mas não expedir mensagens.

Era um problema digno dos engenheiros eletricistas e acústicos da Boeing. Há já anos que a Boeing tomou a iniciativa do primeiro sistema rádio-telefônico de ondas curtas, do avião para a terra. Atualmente, com as Fortalezas Voadoras Boeing, operando a dez, once mil metros e mais, acima do solo, tornava-se necessário estabelecer meios de transmissão da voz humana, nos dois sentidos, a tamanhas altitudes. E os engenheiros da Boeing o fizeram.

Trabalhando dia e noite, ora nos laboratórios, ora lá em cima na estratosfera, trabalhando contra o tempo, e o frio, e a rarefação do ar, os engenheiros da Boeing foram gradualmente impelindo cada vez mais para cima o *plafond* das rádio-comunicações.

Hoje, os homens que navegam nas Fortalezas, acima do teto do mundo, sabem que o seu sistema de comunicações é o melhor de que há notícia. Hoje, o trabalho dos engenheiros da Boeing está auxiliando as nossas Forças Aéreas a dizer palavras enérgicas e escolhidas a favor da Democracia.

O progresso das rádio-comunicações... tanto na paz como na guerra... é apenas um dos muitos projetos que fazem parte constante dos programas de engenharia da Boeing, em Seattle e em outras fábricas do Middle West e do Canadá.

CREADORES DA FORTALEZA VOADORA
DO STRATOLINER • DOS CLÍPERES PAN-AMERICANOS

BOEING

*OS NOMES "FLYING FORTRESS" E "STRATOLINER" SÃO PROPRIEDADE EXCLUSIVA DA BOEING. DIREITOS REGISTRADOS.

Um Pouco Mais de Açucar...

Desde os primeiros engenhos estabelecidos no Norte até ao advento das modernas usinas, desdobrou-se um período romântico na indústria açucareira do Brasil.

Vimos os senhores de engenho, com o fausto que o dinheiro lhes trazia das cortes européias, reproduzir no Norte e no Nordeste os caprichos ofuscantes dos marajás. Vimos depois a usina pequena e simples, como ave cansada do vôo largo, pousar no vale dos canaviais ferteis. E foi crescendo, tirando a cana da terra e esmagando a cana que se esvaia em açucar, nas mós sedentas das moendas. Os banguês passaram. Os engenhos foram para a história. E a usina ficou, como se o caldo da cana a tivesse soldado aos alicerces do futuro.

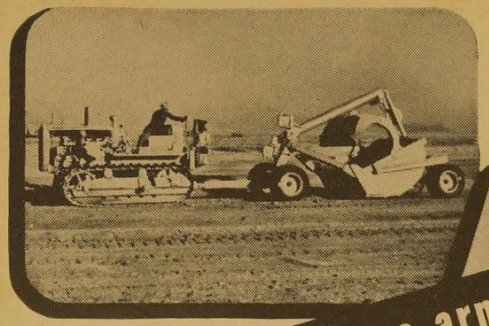
Expressão da era industrial, a usina adaptou, célere, as inovações do progresso. Entre as inovações que contribuiram para o desenvolvimento da indústria açucareira, a Organização Esso se orgulha da sua contribuição: a descoberta do Cylesso S-280, que resolveu o problema da lubrificação das moendas, até então protegidas por processos primitivos e deficientes.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
E A ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidores dos afamados produtos ESSO que se encontram sempre sob o oval ESSO

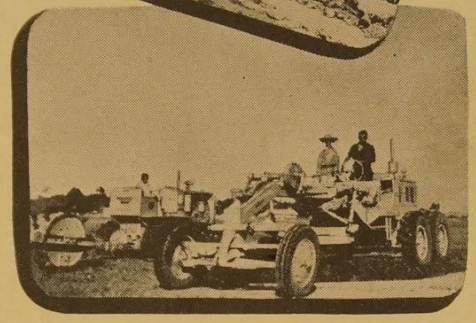
ESSO

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas rádios: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais; Farroupilha, de Porto Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco. Consulte o seu Revendedor ESSO sobre os horários de irradiação.



Três dos muitos aeroportos novos que andam em construção na América Latina: (à esq.) Bolivia; (em baixo) Panamá; (ao fundo) Brasil.

Novas peças para a armadura das Américas



Na América do Sul, na América Central, no México, e nas Antilhas, acelera-se de dia para dia a conclusão de novos aeroportos destinados à defesa do Novo Mundo. São novos, inestimaveis elos da cadeia de amizade e solidariedade entre as nações amantes da Liberdade.

Em todas ou quase todas essas obras vem sendo usado o material Diesel "Caterpillar" para a remoção de materiais—desbastando, excavando, aterrando e nivelando os campos de aterragem . . . trabalhando com valentia, completando enormes empreitadas numa fração apenas do tempo que era necessário com os processos antigos.

Tambem noutros domínios os Tratores, Niveladores, Motores e Eletrogeradores Diesel "Caterpillar" estão acelerando as rodas dos Preparativos e do Progresso—na construção de estradas comerciais e militares; na laboração das indústrias fabrís, de mineração, petrolífera, de madeiras, e outras indústrias essenciais; no cultivo da terra e nas colheitas . . . deste modo não só aumentando a produção tão necessária, mas tambem libertando valiosa mão-de-obra para as frentes essenciais da defesa.

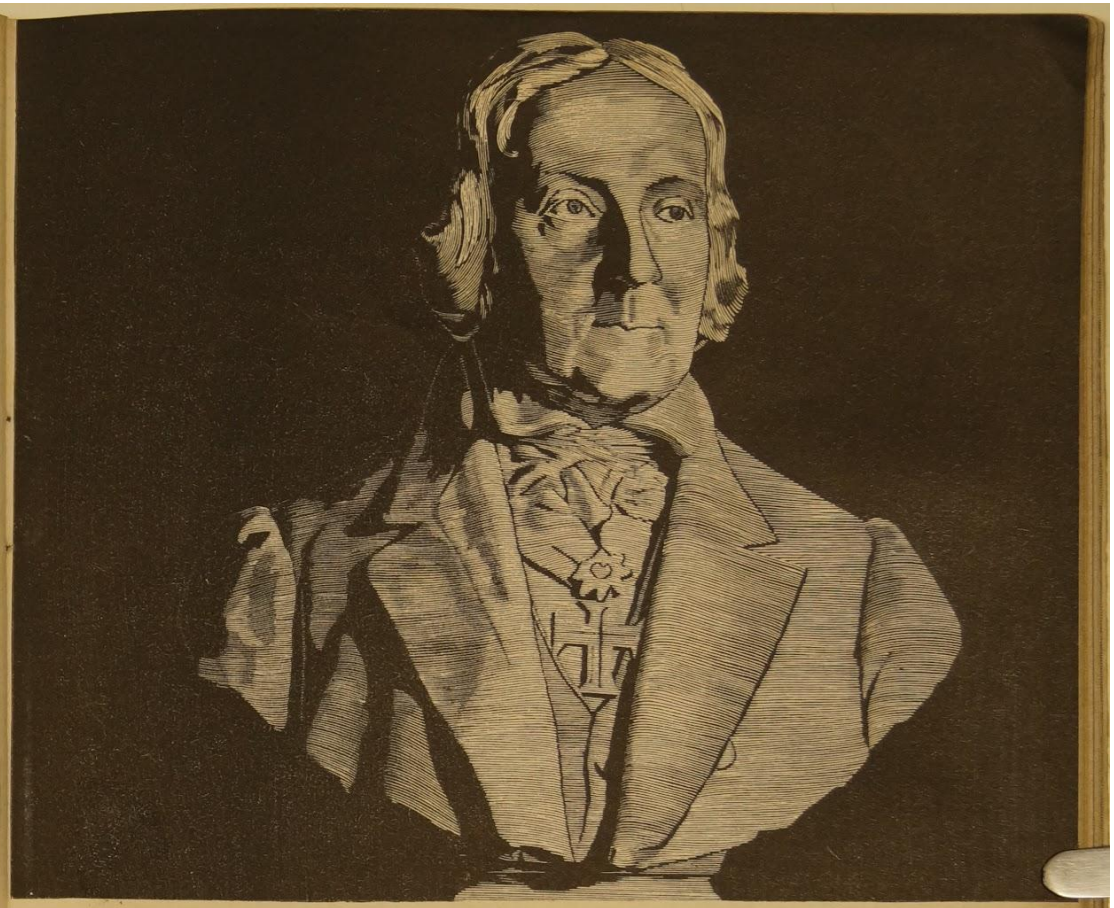
Enquanto durarem as dificuldades de navegação, e forem tão pesadas as exigências que a guerra mundial impõe aos produtos da "Caterpillar," o nosso previdente serviço de peças sobressalentes e de reparação continuará fazendo todo o possivel para manter o material "Caterpillar" hoje existente em condições de servir aos seus donos. Ponha-se em contacto com o agente local da "Caterpillar"; peça-lhe que vá inspecionar suas máquinas, para ver de que reparos ou novas peças necessitam.

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E. U. A.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

TRATORES • MAQUINARIA ROLANTE • MOTORES E ELETROGERADORES



Apóstolo da Independência

JOSÉ BONIFÁCIO, célebre na Europa pelos seus trabalhos científicos, é venerado pelo povo brasileiro pela sua devoção à causa da Independência da sua pátria. Apesar de exilado por duas vezes do Brasil pelos seus inimigos, fomentou o estabelecimento do govêrno independente sob D. Pedro I e manteve uma campanha incessante contra as influências europeias que procuravam abalar as instituições da nova nação.

Homens, como Bonifácio, pela sua devoção à independência americana, servem de êmulo aos seus compatriotas de hoje. Em tôdas as grandes lutas pela liberdade os povos têm de fazer sacrifícios pessoais. Hoje, em tôda a América, os homens de ciência, médicos, engenheiros industriais e professores, vêem-se forçados a prescindir dos instrumentos científicos de alta qualidade de Bausch & Lomb. Êstes homens, quer estejam em Chicago ou no Rio de Janeiro, não podem obter os novos instrumentos Bausch & Lomb que precisariam adquirir em tempos normais. Mas sabendo, como sabem, que tôda a produção de instrumentos de Bausch & Lomb está destinada à luta das Nações Unidas pela liberdade, gostosamente sacrificam as suas necessidades pessoais à grande causa americana.

As lentes de reconhecida precisão ótica de Bausch & Lomb para óculos ainda podem ser fornecidas para a América Latina. Os instrumentos óticos, porém, estão sujeitos a demoras inevitáveis.

BAUSCH & LOMB

OPTICAL CO. • ROCHESTER, N. Y., E. U. A.

FUNDADA EM 1853

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

HIGGINS

ALEM DAS LANCHAS
tambem produz
estes artigos essenciais
à GUERRA e ao COMÉRCIO:

Rebocadores e Batelões de Aço e de Madeira • Material Anfíbio • Tubos para Torpedos • Torres de Artilharia, a Eletricidade • Instrumentos de Transmissão de Som • Rádio-Telefones para Paraquedistas • Cristais de Frequência • Geradores de Fumo • Purificadores de Água e Conversores de Água Salgada • Mecanismos de Embreiagem e Engrenagem Invertida para Motores • Engrenagens Hipóides e Helicoidais • Madeiras Ensambladas—Plásticos • Engrenagens de Lançamento de Botes Salvavidas • Bombas de Turbina • Motores de Controle a Distância • Instrumentos de Condição Mecânica • Higite (novo explosivo) • Torres para Metralhadoras Duplas • Estabilizadores de Canhões e Controles de Pontaria

Os numerosos artigos que a Higgins hoje fabrica com destino à guerra contra o Eixo, quando a paz volte a reinar tornarão a fluir ininterruptamente para os nossos estimados clientes de todo o Continente Americano, para intensificar o progresso comercial e assegurar uma paz duradoura.

HIGGINS INDUSTRIES, INC.

NEW ORLEANS, U. S. A.

Os maiores construtores de lanchas no mundo

Uma caneta ultra-moderna, diferente ... *que causa uma sensacão nova e grata ao escrever*

Escreve sêco... com tinta úmida!

Jamais se experimentou tal suavidade na escrita! A Parker "51" é um instrumento de caligrafia de *tipo inteiramente novo.* Uma vez segura entre os dedos, e posta em movimento, começa logo a escrever. Sua ponta de "torpedo" deslisa sem o mínimo esfôrço sobre o papel.

E a Tinta Parker "51" seca à medida que escreve—sem borrar, sem manchar os dedos. Não requer mata-borrão. Só a moderna e extraordinária Caneta "51" escreve perfeitamente com esta nova tinta. Mas V.S. pode usar *qualquer* tinta na Caneta Parker "51".

Experimente V. S. quão agradável é a sensação de escrever com a máxima facilidade. Visite hoje a sua papelaria ou joalheria favorita, e experimente a Caneta Parker "51" com a Tinta "51".

PARKER "51"

♦ GARANTIA VITALÍCIA —*O Diamante Azul que se vê na Caneta Parker é a nossa Garantia Incondicional de Serviço por toda a vida do dono, sem outra despesa alem do porte, seguro e embalagem, se a caneta não for intencionalmente danificada e nos for devolvida completa.*

Nos seus respectivos domínios, um bom relógio e o motor Cyclone representam o suprassumo do engenho, da perícia e da precisão. Mas enquanto o relógio se limita a registar com a sua pancada o tempo que voa, o seu poderoso parceiro está poupando horas que, de outro modo, se perderiam para sempre. Há já muito tempo que os relógios atingiram o seu máximo de utilidade; mas a Wright está atualmente preparando motores que, de futuro, pouparão ainda mais tempo no transporte aéreo de formidáveis cargas.

WRIGHT *Aircraft Engines*

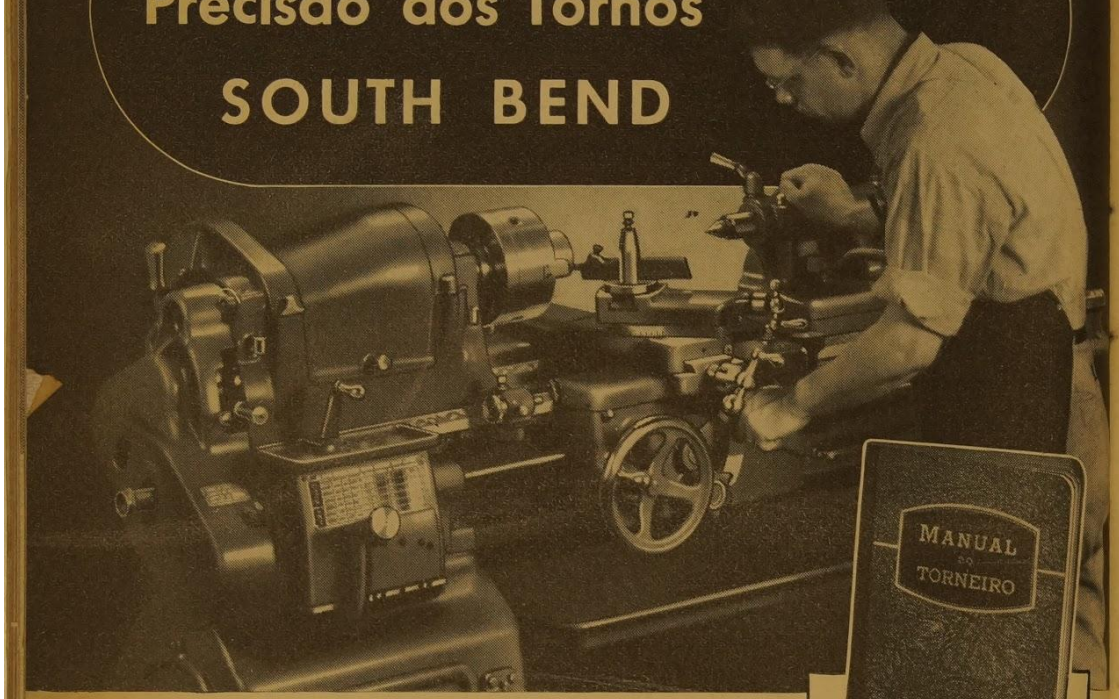
REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

VITÓRIA DAS AMÉRICAS

A defesa do continente americano requer cada vez mais aço para a guerra . . . — e, por conseguinte, para os automoveis há cada vez menos aço . . . — V.S. pode ajudar o nosso hemisfério e ao mesmo tempo a si próprio, se fizer com que o seu carro dure mais . . . — Dê-lhe a proteção do Oleo de Motor VEEDOL. Com o andar do tempo dá mais rendimento.

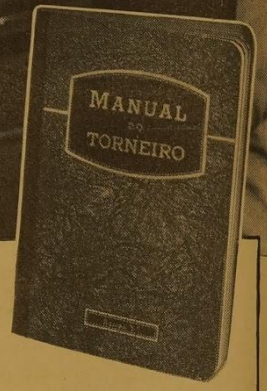
VEEDOL MOTOR OIL

V. S. Pode Contar com a Precisão dos Tornos SOUTH BEND



Baterias de tornos South Bend teem sido instaladas em centenas de fábricas que produzem material bélico, porque a sua grande precisão assegura operação contínua sob severas condições de trabalho. Fabricantes de larga visão preferem tornos South Bend pela sua versatilidade, que os torna facilmente convertíveis para produção em tempo de paz.

Os tornos mecânicos South Bend são fabricados nos tipos Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida e Oficina de Ferramenteiro, em cinco tamanhos de diâmetro torneável: 9", 10", 13", 14.½" e 16", com comprimentos de banco de 3 a 12 pés. Os tornos revolver South Bend são fabricados em três tamanhos diferentes: Série 900, Série 1000 e No. 2-H. Escreva pedindo catálogo e indique o idioma desejado: Português, Espanhol ou Inglês.



"MANUAL DO TORNEIRO"

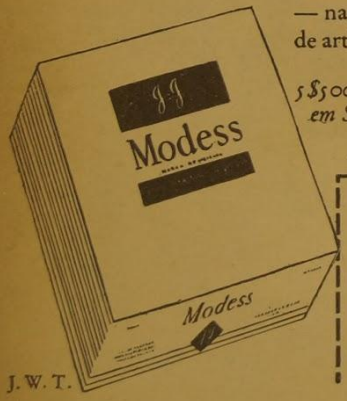
Um livro sôbre o funcionamento e a conservação de tornos mecânicos. Consiste de 128 páginas de 13 cms. x 20 cms.—contém 360 ilustrações. Muito conhecido entre torneiros, aprendizes e estudantes de engenharia e de escolas profissionais. Este manual será enviado para qualquer enderêço, com porte pago, após o recebimento de 3$000 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês.

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend, Indiana, E. U. A. — *Fabricantes de Tornos Há 36 Anos*

— não é preciso preocupar-se com certos dias do mês!

OS MOMENTOS de prazer e alegria que a vida nos proporciona deverão ser vividos inteiramente e despreocupadamente. Não há mais razão para isolar-se nos dias críticos do mês. Adote o método moderno e científico — use Modess, a toalha higiênica para a mulher moderna. Extremamente confortável, Modess nunca perde sua flexibilidade, não irrita e é de uma discreção absoluta porque não é notada. Modess, a toalha higiênica perfeita, é recomendada pelos médicos como a proteção científica da saúde. Modess é indispensável à mulher moderna. Peça, simplesmente, — Modess — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.



5$500 no Rio e em São Paulo

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

AMOSTRA GRATIS — Envie-nos 1$000 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber" Caixa Postal 2838—São Paulo. 4—FFFF—25

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____

J. W. T.

"...é para o bem de toda a AMÉRICA LATINA."

Por permissão especial, publicamos aqui uma carta recente de um representante comercial e oficial do Brasil que acaba de fazer sua quarta viagem de ida e volta entre Miami e o Rio de Janeiro em Clippers da Pan American Airways.

New York

Senhor J. C. Vianna
Gerente do Trafego de Passageiros
Panair do Brasil, S. A.
Rio de Janeiro

Meu caro Vianna:

Pessoas invisiveis não podem ser vistas—mas deviam ser ouvidas. Esta idéia me ocorreu quando completei recentemente minha viagem ao Brasil —minha quarta viagem em seus aviões. Minhas três viagens anteriores foram antes dos Estados Unidos da América do Norte e os nossos Estados Unidos do Brasil terem declarado guerra ao Eixo. Naturalmente, notou-se uma grande diferença nesta última travessia.

Havia lugares vazios no avião, tanto na partida no Rio, como em Belém e em Georgetown, muito embora soubéssemos que muitas pessoas estavam suplicando passagens em todos esses aeroportos. Em Trindade, dois passageiros viram-se obrigados a desembarcar e não deixaram de expressar seus sentimentos (porque *parecia* haver tanto lugar de sobra).

Quanto a mim, sempre que viajei nos Clippers achei o serviço excelente, as refeições ótimas e a cortesia e eficiência da tripulação incomparaveis. Essa companhia está cumprindo uma missão digna de louvores.

Permita-me, portanto, apresentar-lhe uma idéia: coloque em cada lugar vazio um pequeno cartaz com o nome do passageiro invisivel que o ocupa. Por exemplo, num assento vazio diria: *Ocupado pelo Snr. Cristal de Rocha* (Está aí apenas em espírito. Seu peso físico, mas invisivel, está no compartimento de bagagem. Ele está sendo urgentemente necessitado pelas forças americanas.)

Em outro lugar leríamos: *Ocupado pela Snra. Mica.*

Na poltrona defronte, outro cartaz diria: *Ocupado pelo Snr. Diamante Industrial.*

E, por fim, mas com igual proeminencia, outro lugar traria o cartaz: *Ocupado pelo Snr. Peças Gastas* (É grave o estado do Snr. Peças Gastas.)

Estes passageiros invisiveis *deviam ser ouvidos.* O amigo devia permití-los explicar ao povo que o seu peso excedente no compartimento de bagagem resulta em poltronas vazias. Se pudessem falar, diriam em uníssono: "*É para o bem de toda a América Latina* que somos assim transportados, quando necessário em prol da causa da Vitória".

Com saudações cordiais
(assinado) Francisco Silva Jr.

Por expressar tão bem a situação de emergência que Pan American Airways System hoje em dia frequentemente encontra em toda a América Latina, esta empresa publica, com gratidão, a carta de Francisco Silva Jr., de tão compreensiva simpatia.

Quando vier a paz, o trafego da Pan American Airways, já tão aumentado *a despeito da guerra*, será expandido ainda mais. Serão empregados novos aviões em todo o serviço. E continuaremos a coadjuvar todas as nações latino-americanas no desenvolvimento de suas proprias *linhas aéreas nacionais.*

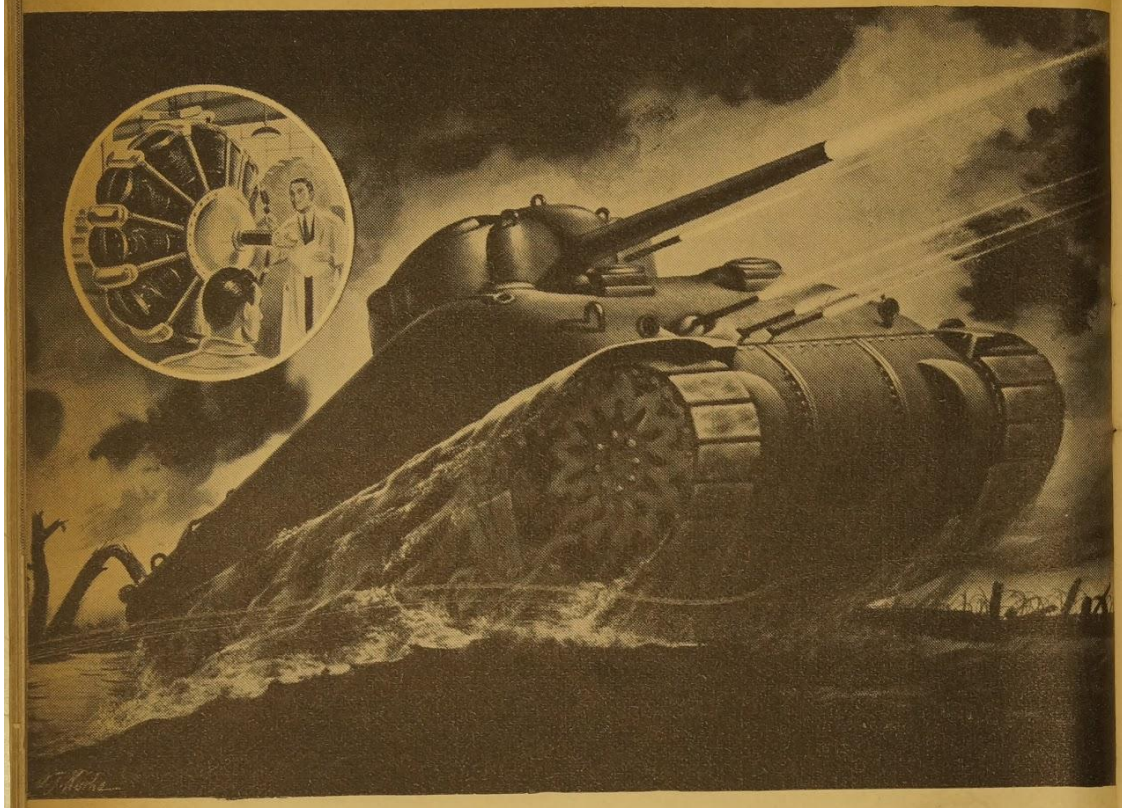
Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★



30 Toneladas em Ação Formidavel

GRAÇAS A UMA PELÍCULA DE ÓLEO!

UM tanque M-4 em ação . . . derrubando árvores, vencendo escarpas, arrojando fogo arrasador. Um verdadeiro Inferno sobre a Terra . . . para o inimigo.

Este monstro de aço, com todo o seu terrivel poder, tal como as máquinas que o construiram, *movimenta-se sobre uma película de óleo.*

Os lubrificantes "Gargoyle", da Socony-Vacuum, protegem as máquinas que fabricam os tanques. E tambem representam a melhor defesa para as máquinas industriais, mormente agora que se tem de enfrentar a escassez de peças.

Use os óleos e graxas "Gargoyle" e aproveite a experiência da Socony-Vacuum, que há 77 anos vem resolvendo todos os problemas de lubrificação em todos os ramos da indústria, para conseguir uma produção maior, melhor e mais econômica, prolongando tambem a vida das máquinas.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

V. EXA. PODE SER AINDA MAIS BONITA...HOJE MESMO!

Diz

GEORGETTE MICHEL

da Casa Michel

É claro que a senhora quer ter a irresistivel formosura que dão uns lábios cheios de encanto. E pode conseguí-la com facilidade. Lábios macios, sedutores, com todos os atrativos da beleza: assim serão os seus, se empregar o Baton Michel. Michel, e só Michel, lhe garante uma maquilhagem nova e refinada, mais suave e mais luminosa, que não estala nem destinge. As cores Michel conservam-se horas inteiras com toda a sua beleza. Os Batons Michel têm por base um creme que é uma garantia de beleza para os seus lábios.

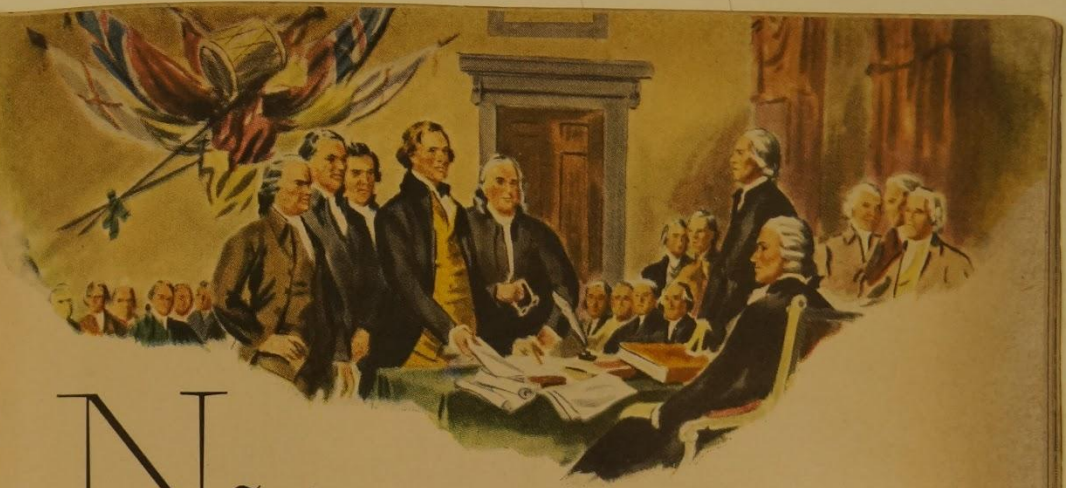
Hoje, mais do que nunca, é importante que a senhora escolha um baton para os lábios. Um dos 8 tons de Michel corresponderá exatamente ao matiz da sua tez, e acentuará a sua formosura.

8 TONS SEDUTORES AMARANTH · RASPBERRY · CHERRY · AMAPOLA BLONDE · VIVID · SCARLET · CYCLAMEN

Três Tamanhos: De Luxo—Grande—Popular

Em Guarda! Para Proteger a Beleza. Para Proteger Nosso Hemisfério.

BATON PARA OS LÁBIOS *Michel*



Não por anos...

ASSINATURA DA CONSTITUIÇÃO DOS E. U. DA AMÉRICA DO NORTE

não por vida... mas PARA SEMPRE

O regimen democrático—uma idéia nova e a mais grandiosa da era contemporanea—foi arquitetado para durar *para sempre*. As novas Canetas Skyline e Lapiseiras de Repetição Eversharp também constituem uma idéia nova, pois o serviço de consêrtos é *garantido para sempre!*

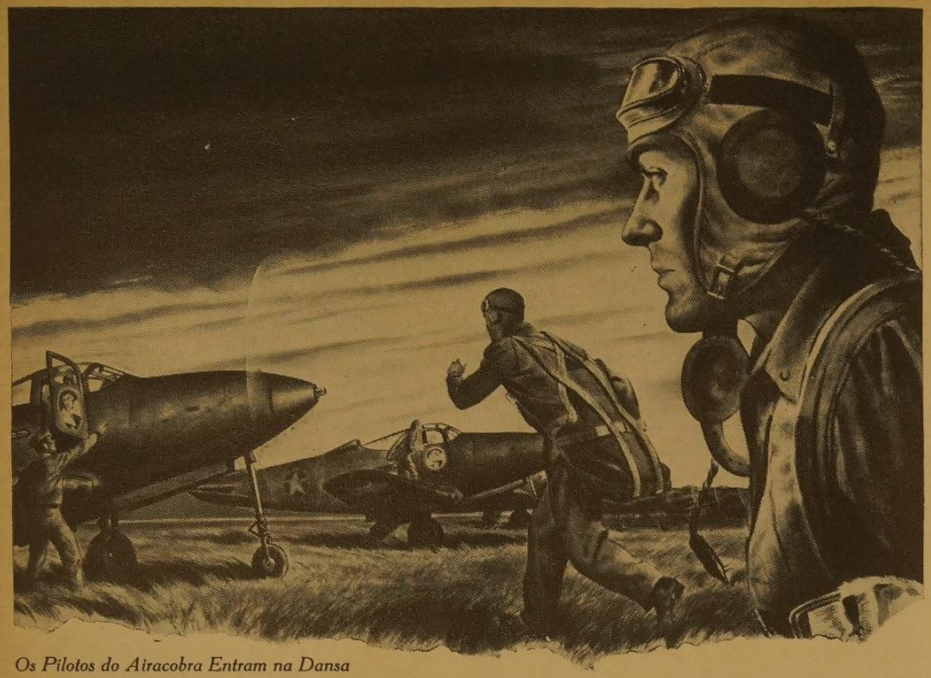
A Alimentação Mágica da Caneta Eversharp evita derrames a grandes altitudes, assim como ao nível da terra. A escrita é instantanea e suave—até à última gota de tinta. E a Lapiseira de Repetição Eversharp dispara bicos novos como uma metralhadora, bastando oprimir no Botão Mágico. Compare! A Comparação demonstrará:—Dê Eversharp e dará *o mais fino!*

O Serviço de Consêrto das Canetas e Lapiseiras de Repetição Eversharp—identificadas pela marca dupla no gancho é garantido não por anos—não por vida—mas Garantido Para Sempre.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E. U. A. N.

EVERSHARP CANETAS SKYLINE
LAPISEIRAS DE REPETIÇÃO

©by Eversharp, Inc., Chicago, U. S. A.



Os Pilotos do Airacobra Entram na Dansa

Aí vão DORES DE CABEÇA para Adolfo!

O alto-falante duma longínqua base aérea dos Aliados lança este aviso: "Aí vêm eles. Cavem!" Rápidos como relâmpago, os homens saltam nos aparelhos de combate. Os motores arrancam. Logo, com um rugido ensurdecedor, decola uma esquadrilha de Airacobras.

Intrépidos e resolutos, os pilotos da Aviação Militar erguem-se para a luta, confiantes de que levam nas mãos os mais combativos de todos os monomotores de combate do mundo.

Uma Indústria Aeronáutica previdente vinha de longe sentindo que a América necessitava de aviões de combate. E enquanto se amontoavam no céu as nuvens negras da guerra, novos planos eram postos em prática, e novos aviões entravam em produção.

Em cooperação com as nossas Forças Aéreas, criamos o Airacobra P-39 para o exército. Livres de qualquer precedente, nossos engenheiros conceberam um traçado inteiramente novo, do focinho à cauda do avião. Fizeram deste avião uma arma terrivel, expressamente destinada às necessidades da guerra. Atualmente, estes mortíferos aviões de combate servem com as forças Aliadas nas frentes de guerra de todo o mundo.

Mas um dia a Vitória há-de chegar. Os pilotos, treinados na guerra, retomarão seus lugares num mundo novo de transportes acelerados.

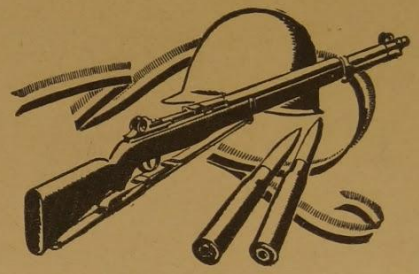
Esse dia virá encontrar pronta a Bell Aircraft—pronta com a sua apurada engenharia, suas linhas de montagem e pessoal treinado, já convertidos aos propósitos aeronáuticos da paz. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, Nova York.

Airacobras para a vitoria—

AVIÕES PARA A PAZ FUTUR

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR



Em lugar de máquinas de escrever . . . munições de guerra!

Há meses que a indústria de máquinas de escrever vem estando ocupada na fabricação de material de guerra especial para as forças armadas dos Estados Unidos. Isso explica porque V.S. talvez se tenha visto na impossibilidade de comprar qualquer nova máquina de escrever de marca americana.

Os que atualmente possuem as máquinas L C Smith estão de sorte. Com efeito, eles sabem que as suas L C Smiths durarão todo o período da guerra com o mínimo de serviços de reparação.

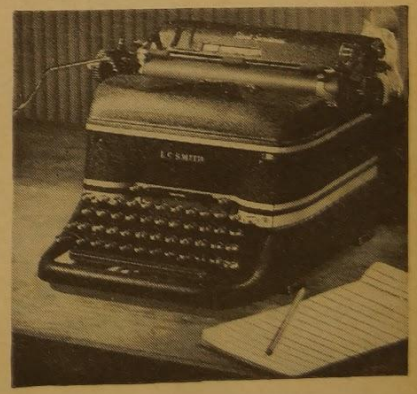
SMITH CORONA

PARA ESCRITÓRIOS PORTÁTEIS

Máquinas de Escrever

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC

Syracuse, N. Y., E. U. A.



AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

GRANDEZA DA DEMOCRACIA

São evidentes para todos nós os sacrifícios que a Vitória nesta guerra nos impõe.

Os apelos do governo para que todos contribuam às despesas da guerra; as suas súplicas para que poupemos gasolina e borracha; as economias necessárias para se evitar a inflação; a necessidade de racionar muitos gêneros essenciais ao consumo—tudo isso se tornou claro e imperativo na mente do povo.

A necessidade despertou-nos, não só para as dimensões da tarefa que se nos impõe, mas para o fato de que o futuro das Américas está em jogo; e a esse chamado estamos respondendo todos, da maneira mais apropriada.

Nossos corações falam, nossas bolsas se abrem generosamente; e não obstante a variedade de nossos credos, raças e partidos, todas as nossas divergências de opinião se estão discretamente apagando perante a emergência com a qual nos confrontamos.

Nisto reside a grandeza da Democracia: cada qual pense como quiser, e vote segundo pense, e adore Deus à sua maneira . . . Na hora do perigo nacional, porem, os valores que todos consideramos patrimônio comum devem ser, não apenas o seu mais imperioso pensamento, mas o impulso mais forte do seu coração.

Nessa hora de perigo o seu pensamento já lhe não pertence, mas sim à Nação; e é como se a alma lhe estivesse bradando as palavras memoraveis de Platão: "O homem não nasceu para si mesmo apenas, mas para o seu país tambem."

Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

Para os Ouvintes de Toda a América . . . Artistas Latino-Americanos . . . na RCA Victor

Feliciano Brunelli, talento argentino da música popular.

Duo Primavera, cujas encantadoras canções cubanas estão gravadas pela Victor.

Myrta Silva, dinâmica porto-riquenha; estrela do rádio e da Victor. Os seus discos são muito procurados.

Los Cuatro Huasos, famosos cançonetistas do folclore chileno.

Marilú, excelente cantora brasileira, feliz revelação da RCA Victor Brasileira.

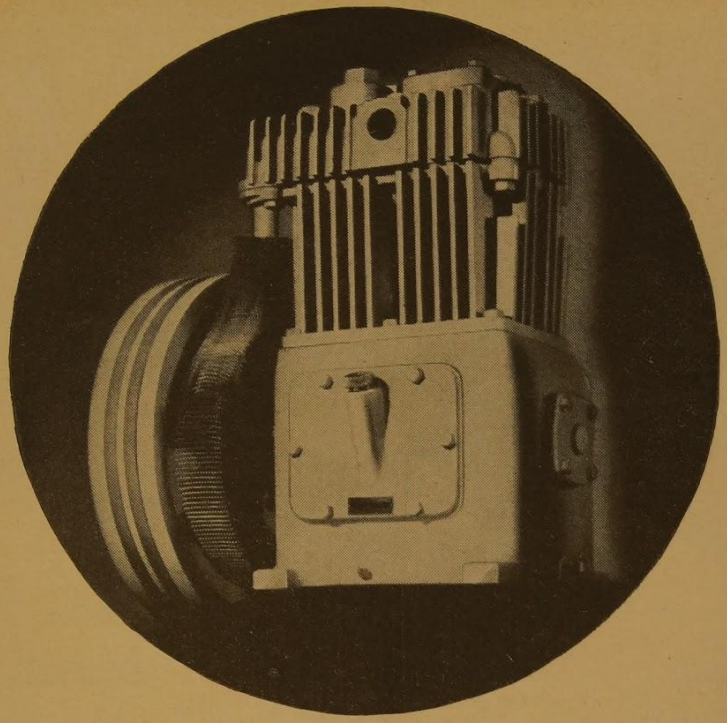
A popularidade da música e dos artistas latino-americanos se estende por *todos* os paises do continente americano.

Centenas dos mais acatados artistas da América Latina têm gravado as suas mais brilhantes execuções nos discos Victor, exclusivamente. Centenas de estações e teatros, por meio de transmissores RCA e equipamento de reprodução fotofone, levam essas execuções ao povo através do rádio e do filme. E os milhões de rádio-receptores e fonógrafos RCA Victor capacitam *todos* os americanos a gozarem música e artistas latino-americanos nos seus próprios lares.

A RCA Victor se tem servido de *todos* esses meios para divulgar o riquíssimo tesouro musical da América Latina.

RCA VICTOR

RCA MANUFACTURING COMPANY, INC.
CAMDEN, NOVA JERSEY, E. U. A.
RCA Victor Brasileira • Caixa Postal 2726 • Rio de Janeiro, Brasil



Inventados por especialistas em compressores de ar

Há mais de vinte anos que a Quincy Compressor Co., vem dedicando de maneira *exclusiva* todos os seus vastos recursos de laboratório, pessoal mecânico e de fabrico, a planejar e construir compressores de ar da mais alta qualidade. A esses processos de especialização deve-se a confiança que inspiram e a eficiência com que funcionam os compressores que constituem o nosso variado sortimento. Já se contam oitenta e nove fábricas importantes que instalaram compressores Quincy nos seus produtos, conhecidos e distribuidos pelo mundo inteiro. São fabricados em todas as medidas, até 80 pés cúbicos de capacidade.

GRATIS!—Seletor de Compressores!

Novo! Original! Um guia simples indica exatamente o tamanho e o tipo de compressor de ar que V.S. necessita. Impresso em português, em espanhol e em inglês. Enviе-nos hoje mesmo o cupom abaixo.

CUPOM

Quincy Compressor Co., Export Dept. P-6,
P. O. Box 183, Springfield, Ill., E.U.A.
End. Tel.: "FABEX"
Tenham a fineza de enviar-me um *Seletor de Compressor de Ar* gratuito, em Português ☐; Espanhol ☐; Inglês ☐.

Nome.....

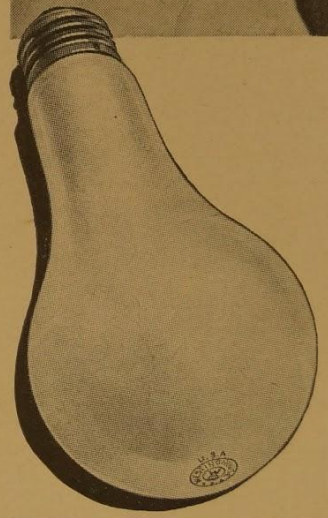
Firma.....

Endereço.....

Cidade..... País.....

Quincy
COMPRESSORS
SERVIÇO COMPLETO PARA QUALQUER RAMO INDUSTRIAL E DE LOCOMOÇÃO

OLHOS PRECIOSOS

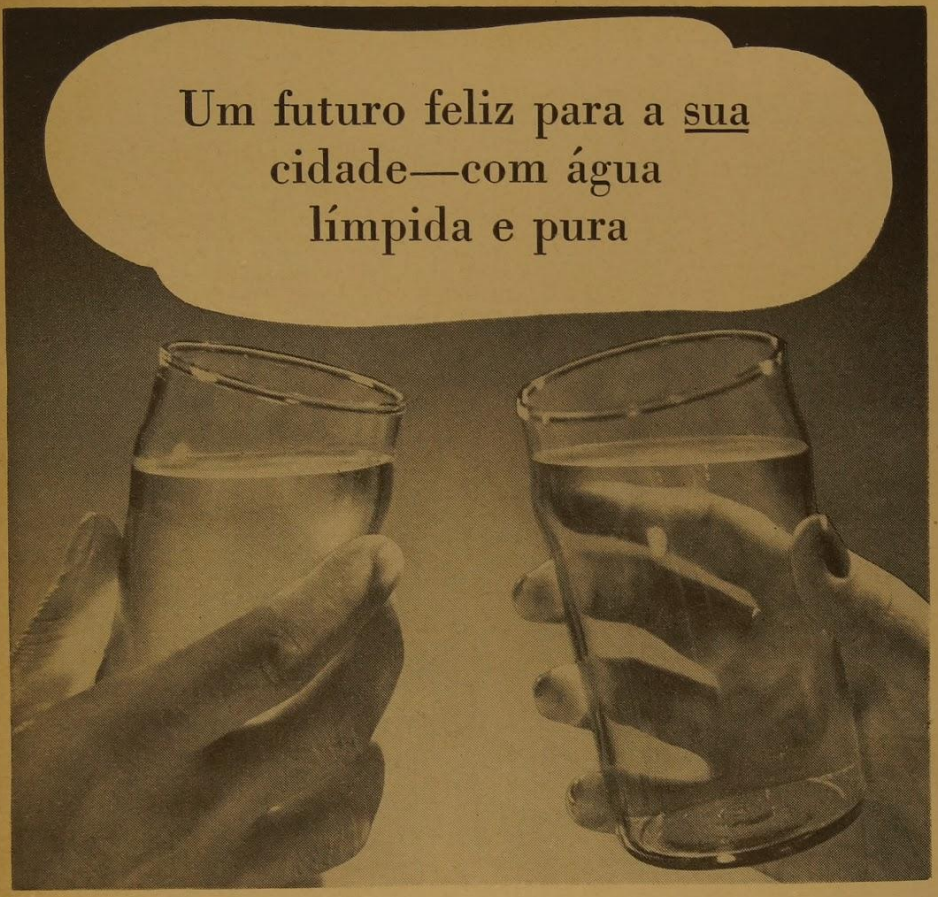


Proteja os olhos de seus filhos . . . deixe-os ter bastante luz para verem sem dificuldade. As Lâmpadas Incandescentes de Westinghouse dão agora mais luz que nunca . . . e duram mais. Com o seu uso protegerá uma coisa que não se pode comprar . . . a vista — e além disso, faz uma economia! PEÇAM SEMPRE AS LÂMPADAS DE QUALIDADE WESTINGHOUSE.

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY
40 WALL STREET, NOVA YORK, E. U. A.

Westinghouse
ESTABELECIDA EM 1886

Um futuro feliz para a sua cidade—com água límpida e pura



Todos na sua cidade aclamarão um bom reservatório de água. O mesmo tem ocorrido em centenas de modernas municipalidades, nas quais foram instalados os sistemas Permutit* de condicionamento de água. As mais recentes criações da Permutit tornam mais prático, mais econômico que nunca, o nosso material de condicionamento. Permutit fabrica-o em todos os tipos—para extração de substâncias químicas dissolvidas, sujeira em suspensão, cor, ferro, germes vivos. V.S. encontrará o tipo de instalação que se amolda às necessidades da *sua* comunidade.

Faça já os planos para esse melhoramento verdadeiramente moderno. Para obter informes detalhados, escreva à The Permutit Company, Depto. RD 8, 330 West 42nd Street, Nova York, N. Y., E. U. A.

*Marca Registrada

PERMUTIT

CENTRO MUNDIAL DE CONDICIONAMENTO DE ÁGUA

MÃE...PROTEJA O SEU BEBÊ!

De V. depende a saude dele

QUE grata emoção a de acariciar o seu precioso bebê . . . risonho, puro, saudavel! Que orgulho o vê-lo crescer são e vigoroso!

Quando o seu bebê sofre de acidez, constipação ou cólicas, ministre-lhe o Leite de Magnésia Phillips.

Como antiácido, neutraliza rapidamente o excesso de acidez, combatendo os vômitos e náuseas.

Como laxante suave, combate a constipação que a miude tira o apetite e produz cólicas.

O Leite de Magnésia Phillips protege tanto as crianças como os adultos. Tenha sempre no seu lar este antiácido-laxante rápido, suave e eficaz.

LEITE DE MAGNÉSIA PHILLIPS

¡AS AMÉRICAS UNIDAS...—UNIDAS VENCERÃO!

Como se fabrica

Energia humana

Os modernos laboratórios químico-farmacêuticos são uma verdadeira fábrica de energia humana. Neles são criados e desenvolvidos produtos cada vez melhores, que proporcionam, a milhões de criaturas, uma fonte permanente de alívio para as dores, de lenitivo para os sofrimentos, de nova vida para o organismo que estiver depauperado.

Nesta batalha constante contra a dor e a fraqueza, neste combate à enfermidade e ao sofrimento, o Instituto Medicamenta (Fontoura & Serpe) desempenha, no Brasil, uma função tradicional.

Seus produtos são hoje familiares a milhões de brasileiros e seus cientistas e pesquisadores continuam dia a dia no seu trabalho benemérito em prol do bem-estar e da ventura humana.

Instituto Medicamenta

ESTABELECIMENTO CIENTÍFICO INDUSTRIAL

FABRICANTES DO

BIOTONICO FONTOURA

CERTO ou ERRADO?

Veja quantas V. acerta

1 **A barba humana e o chifre dos animais são constituidos da mesma substância orgânica?**

CERTO:—São, e essa substância, extremamente dura, chama-se CERATINA. Eis porque o Sr. deve amolecer, muito bem, a sua barba antes de fazê-la.

2 **Os cremes de barbear nunca irritam a pele?**

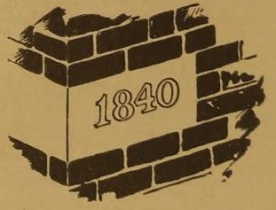
ERRADO:—Se o seu creme de barbear contiver ácidos e alcalís livres poderá tornar a sua pele irritada e áspera.

3 **Pode-se, geralmente, julgar pela côr a qualidade de um creme de barbear?**

CERTO:—Ingredientes de qualidade inferior dão ao creme um colorido desagradável que pode ser dissimulado adicionando-se-lhe uma coloração artificial. Tais ingredientes e coloração são muitas vezes irritantes. Note a alvura brilhante do Creme de Barbear Williams. Não tem rival em qualidade e é agradável à sua pele.

4 **E' possivel "lubrificar" a barba para barbear-se?**

CERTO:—Sim, mas não com óleo! O Creme de Barbear Williams contém uma substância especial que ajuda a lâmina a deslisar suavemente sôbre a pele, em vez de arranhá-la. Também, evita a sensação desagradável de repuxamento da pele que em regra se experimenta depois da barba feita.



5 **Há alguma companhia que por mais de 100 anos se haja especializado em preparados para barba?**

CERTO:—Há a J. B. Williams Co. que conta mais de 100 anos de existência. A sua insuperável experiência permite-lhe fornecer um excelente creme de barbear que é suave a uma pele delicada. Dê-se logo o prazer de uma barba bem feita com o Creme de Barbear Williams!

Não contém coloração artificial e é ameno à pele.

Gente de Pulso e VONTADE!

O espírito de sacrifício pessoal e de super-êsfôrço para a produção de guerra é característico do pessoal da Beechcraft, e muito especialmente das centenas de homens e mulheres da "Guarda de Reserva" da Beechcraft, alguns dos quais vemos abaixo, em revista.

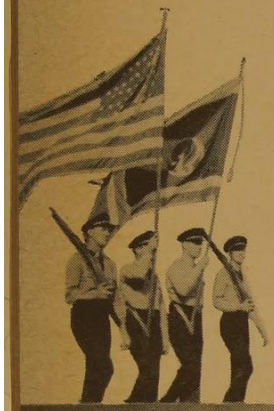
Estes empregados prestam-se voluntariamente a fazer exercícios e manobras, durante suas horas livres, para estarem prontos a fazer face a qualquer catástrofe ou emergência que surja, quer por obra de incendio, sabotage, ou bombardeamento inimigo, quer ainda por acidente natural. Juraram proteger vidas, materiais de guerra e a fábrica, no interesse supremo do esforço de guerra.

Vêm de todos os departamentos da organização Beechcraft, servem gratuitamente, e compram do seu bolso os prôprios uniformes.

Outros empregados da Beechcraft são membros da corporação de Bombeiros Voluntários, que é altamente eficiente; outros ainda fazem parte do Club dos Empregados e do *Whiskers Club* — o "club dos Barbudos"! Estes últimos se comprometeram a não fazer a barba até se terem alcançado certos niveis elevados de produção. É claro que todas as barbas desapareceram há muito, e hoje, tanto eles como os membros do Club dos Empregados fazem o sacrifício voluntário do seu tempo livre, em benefício das organizações de defesa civil.

Os algarismos da produção são a mais alta prova da devoção de *TODOS* os "Beechcrafters" pelo ideal da Vitória: mas não é permitido divulgá-los. A melhor prova seguinte é que os "Beechcrafters" estão aplicando à compra de Bondes de Guerra, não 10, mas *MAIS* de 20 por cento do seu salário total! E a terceira grande prova dessa devoção é que todos eles apostaram cabeça e coração que haviam de ganhar a guerra— como o exprime este "slogan" que arvoraram com severa decisão irreprimivel:

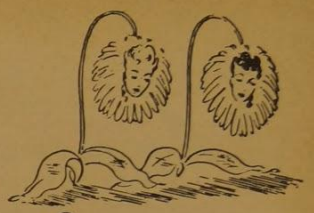
"DAR CABO DELES COM PRODUÇÃO"



Beech Aircraft

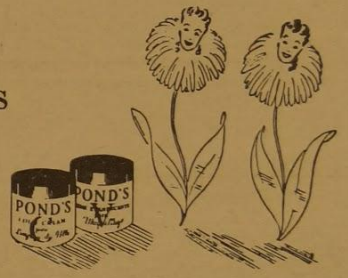
CORPORATION

BEECH AIRPORT WICHITA, KANSAS, E.U.A.



Dê frescôr à cutis nos dias de calor!

— com êste simples método dos 2 Cremes Pond's!



A sua cutis ressente-se do calor? Fica áspera e sêca? Proteja-a, então, seguindo êste simples e eficiente método dos 2 Cremes Pond's:—

1. O Cold Cream Pond's, suave e refrescante, limpa e amacia a cutis. Aplique-o suavemente ao rosto e ao pescoço, fazendo uma ligeira massagem com a ponta dos dedos. Limpe e faça uma nova aplicação. Isso feito, limpe novamente. Verá, depois, que surpreendente resultado!

2. O delicioso Creme Evanescente Pond's ajuda a proteger a sua cutis contra os efeitos do ar, dando-lhe, também, uma suave superfície mate. Aplique-o antes de fazer a «maquillage», pois o Creme Evanescente Pond's conserva o pó de arroz horas seguidas! **POND'S**

MRS. F. D. ROOSEVELT, JR., *distinta dama da sociedade norte-americana, diz: «Há anos sigo o simples método dos 2 Cremes Pond's.»*

J.W.T.

AMOSTRA GRATIS: Queira enviar-nos o coupon com 1$000 para as despesas de remessa de uma amostra dos Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo
3 - DDDD - 25

Nome.....

Rua.....

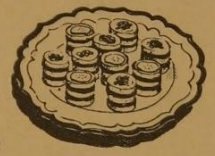
Cidade.....

Estado.....

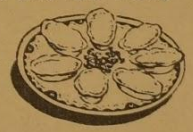
Receitas

PARA DIAS DE CALOR —

— com os 4 saborosos Pâtés SWIFT!
Não se submeta ao castigo de passar horas e horas na cosinha em dias de calor — chame em seu auxilio os 4 gostosos Pâtés Swift! Deliciosos e finíssimos, oferecem, com pouco preparo, ótimos pratos que agradarão aos paladares mais exigentes.



Barquinhas de Pâté de Foie



Forrar as forminhas com massa de empadas e levá-las ao forno quente por 10 minutos. Tirar a massa da forminha, deixá-la esfriar e enchê-la com Pâté de Foie misturado com maionese.

Canapés de Pâté de Carne

Desfazer o conteúdo de uma lata de Pâté de Carne Swift e adicionar-lhe uma colher de chá de manteiga. Estender a mistura sobre rodelas de pão preto e branco e decorar os canapés com tiras de pimentões, azeitonas e pepinos.

Sanduiches de Pâté de Presunto

Untar fatias finas de pão com maionese. Colocar sôbre elas fôlhas de alface e uma camada do delicioso Pâté de Presunto Swift. Cortar os sanduiches em forma de triangulo.

Empadas de Pâté de Galinha

1 lata de Pâté de Galinha Swift. Massa. Desmancha-se o Pâté de Galinha, colocando-se em seguida sôbre a massa cortada em rodelas. Dobram-se as rodelas, apertando-se as pontas e levam-se ao forno durante 15 minutos.

VEJA ESTA LISTA DE OUTROS ÓTIMOS PRODUTOS SWIFT

Salsichas • Linguas • Presuntos • Bacon • Presuntada • Carne de Porco • Corned Beef • Extráto de Carne • Tuco (para massas) • Perú • Carne Cozida Banha etc.

J.W.T.

CIA. Swift DO BRASIL S. A.

DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

LAÇO QUE UNE AS AMERICAS...
a música mais grande do mundo

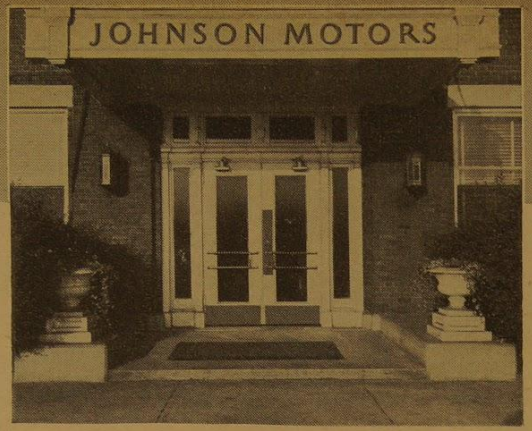
THE METROPOLITAN OPERA

Irradiada cada sábado a todas as Américas, desde o Teatro Metropolitan de Nova York, para o deleite de V. Sa.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO

UMA SÓ IDEA:
VENCER

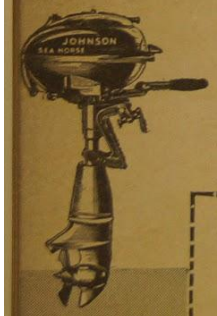


AMIGOS DE MUITOS PAISES PASSARAM POR ESTES PORTAIS

Estes portais foram sempre abertos para receber hospitaleiramente aqueles que aquí vieram observar e aprender. Dentro desses portais, milhares de distribuidores e mecânicos, de quase todos os paises do mundo, aperfeiçoaram-se para o manejo e serviço de motores fora da borda. Esse é o método da firma Johnson.

Hoje, esses portais estão cerrados para todos, exceto ao grande núcleo do pessoal que aquí trabalha. Dentro desses portais a atividade está sendo hoje devotada totalmente a fabricação de importantes produtos bélicos. *Não obstante, continua a marcha do progresso —a passos mais rápidos que nunca!*

Esse progresso se refletirá nos motores fora da borda da marca "Sea Horse", que voltarão a ser construidos logo que terminar a guerra. Esses famosos motores de marinha, que convertem botes de tamanhos pequenos e médios em potentes lanchas, sempre se destacaram por serem compactos, por sua potência e perfeição mecânica. Novos métodos de precisão, por nós desenvolvidos e atualmente empregados na produção de guerra, farão com que os "Sea Horses" do futuro sejam melhores que nunca. OUTBOARD MARINE & MANUFACTURING CO., Export Division, Waukegan, Illinois, E. U. A.



Gratis! Se o leitor é amador de botes e motores, sugerimos que nos escreva solicitando o plano de uma lancha, o qual lhe será remetido gratis. Use o cupom.

AS AMERICAS EM PRIMEIRO LUGAR

JOHNSON "SEA-HORSES"

Prezados senhores:
Tenham a fineza de enviar-me um exemplar do plano para uma lancha.

Nome_____

Endereço_____

_____

MARCOS MILIÁRIOS

RARAS vezes se terá visto um amplo domínio de empreendimento humano tão intimamente relacionado com o espírito pioneiro e o engenho técnico de uma empresa, como no caso das relações da fotografia com as realizações da Casa Kodak. Indicamos abaixo alguns dos "marcos miliários" que foram assinalando essas relações—apenas aqueles, bem entendido, que sejam de geral interesse.

1884 A invenção do filme com proteção de papel dá começo à fotografia em filmes.

1889 Produção de filme transparente enrolado, incluindo o filme que tornou praticamente possiveis as fitas de cinema.

1898 Kodak de bolso, tipo de fole, que seria precursor de todos os modernos aparelhos fotográficos de fole, com rolo de filmes.

1900 Com a máquina fotográfica "Brownie," de caixa, a fotografia se torna acessivel a milhões de pessoas.

1913 Os filmes en folhas, substituindo as incômodas chapas de vidro, modernizam o retrato e a radiografia.

1923 Inaugura-se o sistema de cinematografia de amadores—câmaras, projetores e filmes de 16 mm., e processamento de reversão—que veio tornar praticavel na maior parte do mundo o cinema doméstico.

1928 Aparecimento dos primeiros filmes de cinema a côres, para amadores.

1932 O Cine-Kodak 8 e os projetores e filmes de 8 mm. põem o cinema ao alcance de todos.

1935 O Filme Kodachrome vem inaugurar a nova era de fotografia a côres, em transparências.

1941 Aparecem as primeiras revelações fotográficas diretas, a todas as côres, com a invenção do "Minicolor" e do "Kotavachrome" Kodak.

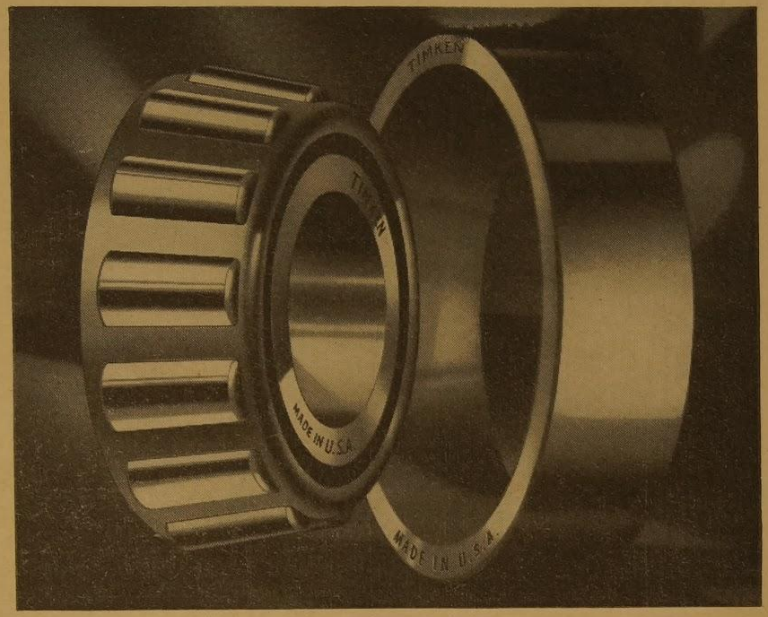
1942 Completa-se um grande ciclo da fotografia com o Filme em Rolo Kodacolor, que veio tornar o instantâneo, a côres tão facil como o preto-e-branco, com aparelhos de caixa, como o "Brownie."

O engenho criador e o gênio produtivo que assentaram estes e outros "marcos miliários" da Kodak, estão hoje inteiramente ao serviço da Vitória, e os seus benefícios poderão vir a alargar-se a todos os homens. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK . . . a fotografia ao serviço do progresso humano

Segundo de uma série de anúncios

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES



Nem todas as chumaceiras cônicas de rolamento são genuinamente Timken. Cuidado com as imitações que algumas vezes são vendidas com o rótulo apenas de Chumaceiras do "tipo Timken".

Para estar certo de obter as legítimas Chumaceiras Timken—fabricadas exclusivamente pela The Timken Roller Bearing Company, a maior manufatura mundial de chumaceiras cônicas de rolamento—procure a marca registrada "Timken" estampada na parte superior e inferior de cada chumaceira.

Quando um industrial escolhe as Chumaceiras Timken para o seu equipamento, é natural tambem o seu desejo de ter as Chumaceiras Timken quando há necessidade de substituí-las.

Especifíque Chumaceiras Timken genuinas, quando as precisar para os seus automoveis, caminhões, ônibus, vagões e locomotivas, e toda sorte de equipamento industrial.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON, OHIO, E.U.A.

TIMKEN
TRADE-MARK
TAPERED ROLLER BEARINGS

ASAS DAS AMÉRICAS

...asas de aviões Lockheed que nos bombardeiros «Hudson» servem as Nações Aliadas... e nos transportes Lockheed continuam servindo as Américas nas linhas aéreas, cujos aviões são forçados a decolar e aterrar em pequenos aeródromos e ascender com rapidez e segurança para atravessar altas montanhas.

Com estas asas os Aliados lutam pela liberdade... e com elas os pilotos da América Latina continuam a progredir no grande desenvolvimento e exploração das riquezas naturais dos seus paises, demonstrando ao mundo as enormes possibilidades do transporte aéreo.

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION,
Burbank, Califórnia, E.U.A.

COM *Lockheed*

SEMPRE NA VANGUARDA

Um *Prazer* que lhe está Reservado

Quer se trate de um "Manhattan", quer de um "old fashioned" ou de um "high ball" — a expectativa do prazer é sempre muito mais aguda, quando se sabe que na preparação de uma bebida entra um *rye* ou *bourbon* Old Schenley. Este whiskey, que é o mais suave de todos os whiskeys americanos, obtido por distilação de matérias primas selecionadas e armazenado em barrís de carvalho branco tostado, em adegas cuja temperatura é cuidadosamente regulada, faz uma bebida que lhe há-de ficar de memória.

Se nunca provou o superlativo paladar do Old Schenley, para a próxima vez exija esta marca de qualidade. E se o bar que o sr. frequenta ou o seu fornecedor o não tiverem em estoque, queira tomar nota, para lhes conseguir uma amostra tão depressa melhorem as condições de navegação. De qualquer maneira, o Old Schenley é um prazer que lhe está reservado!

Primeiro na Qualidade
OLD SCHENLEY
Primeiro no Paladar

O WHISKEY MAIS SUAVE DA AMÉRICA

Continuação da última capa

50 Secretários Poliglotas!

Por Alejandro Sux

o problema de respigar informações, em vez de se simplificar, complicou-se. São tantos hoje os jornais e revistas, os livros e publicações de toda a ordem, que nem que a gente lhes dedicasse a vida inteira poderia lê-los e digerí-los. Se Darío e Lugones hoje estivessem vivos, precisariam não de cinco, mas de vinte secretários.

Por sorte minha, descobrí há tempos uma publicação no gênero de cuja falta se lamentava o Rubén Darío. Quando acabei de ler o primeiro exemplar das seleções do Reader's Digest, exclamei com os meus botões: «Sou mais feliz do que Lugones e Darío, juntos: tenho vinte secretários ao meu dispor!»

Assim é, com efeito, o Reader's Digest: resultado do labor, não de vinte mas de cincoenta secretários, que pesquisam, compilam e traduzem para o leitor desta revista,—tão util ao sábio como ao homem de conhecimentos limitados, mas curioso, porque se apresenta pré-digerida como o mel das abelhas. Suas páginas resistem ao tempo e à distância: mesmo aquelas de mais viva atualidade encerram um germe de eternidade que as preserva do bolor; aquelas mesmas que tratam de remotos assuntos, ou de seres tão diferentes do que somos, contêm um núcleo de humanidade que as torna perfeitamente acessiveis aos leitores das mais variadas culturas e preferências.

Sendo as seleções do Reader's Digest de tamanho valor para o profissional, como eu, que consome muitas horas de trabalho a se informar do que ocorre pelo mundo,—com quanto mais razão o não será para os milhões de pessoas que à leitura mal podem consagrar escassos retalhos do seu tempo! Sejam quais forem as nossas ocupações ou os nossos recursos, todos temos hoje à nossa disposição, nas páginas desta deliciosa revista, os «secretários poliglotas» por que suspiravam Lugones e Darío... E não são cinco, nem vinte—mas meio cento deles!

IMPRESSO NOS E. U. A.

50 Secretários Poliglotas!

Por Alejandro Sux

Brilhante jornalista argentino, que em París acamaradou com dois dos maiores poetas ibero-americanos: Rubén Darío no *Mundial Magazine*, e Leopoldo Lugones na *Revue Sudaméricaine*.

CORRIA o ano de 1911, e uma tarde, Rubén Darío e eu fomos de visita ao Leopoldo Lugones, que então ocupava um suntuoso quarto no Hotel Lutécia, perto de Montparnasse. Fomos encontrar o autor do *Lunario Sentimental* quase enterrado entre pirâmides de jornais, revistas e livros, por cujas páginas, marcadas aquí e alí a lapis vermelho e azul, ele rebuscava com afinco o quer que fosse. Empunhando um par de enormes tesouras, cortava à esquerda e à direita, e depois acumulava laboriosamente os recortes, ora sob um pesa-papéis, ora em molhos pregados com grandes alfinetes.

—Aquí me têm vocês, na minha eterna luta com a falta de informações!, disse ao ver-nos entrar, à maneira de explicação.—Não tenho maneira de saber o como nem o porquê de tantos acontecimentos, nem o processo de inteirar-me das novidades literárias, científicas, políticas, artísticas, econômicas . . . e tanta coisa mais! Vou ter que arranjar cinco secretários poliglotas, não há remédio.

Recordo que ao sair do Hotel Lutécia, Rubén Darío, profundamente impressionado com o que acabava de ver e de ouvir em casa de Lugones, me disse:

—Veja só que sorte tem este Leopoldo. Imagine... cinco secretários poliglotas! E eu? Eu que sou forçado a perder dias inteiros na leitura de obras interminaveis, onde é mais a parra do que a uva, à procura de material para as minhas crônicas! Como é que ainda ninguem pensou em lançar uma publicação que nos informe, inteire e instrua de quanta coisa de interesse se passa nesse mundo?...

Darío e Lugones morreram sem poder realizar o sonho dos secretários poliglotas. Pela minha parte, continuei labutando por esse mundo, gastando primeiro os aparos de muita caneta, e em seguida as teclas de sucessivas máquinas de escrever. Com o avião e o rádio,

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.0000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Mocidade, eis o teu mundo!
«Lincoln Steffens Speaking» 1
A tragédia do «Baependí» . . pelo capitão Lauro Reis 3
Meu filho nasceu no bosque . . . por Louise D. Rich 8
Os arrojados acrobatas do Niágara . . . . . Variety 11
O estratagema nasceu com a guerra. American Legion 15
Um cantinho para os velhos . . . . . Forbes 18
O cão que soube esperar. . . . . American Magazine 20
O soldado japonês visto de perto . . Infantry Journal 22
Reparação rápida de ossos fraturados
Science News Letter 29
O ferreiro de Brandon. . . . . Kiwanis 32
Hitler fala—e a vitória bate asas! . . . . . Newsweek 37
O juiz não teve a mão pesada . . . . . Kiwanis 39
Devassando segredos da vida das células por L. M. Miller 42
De soldado a oficial em 90 dias . Amer. Legion Magazine 46
O que «seu doutor» nos legou . . . por M. Medearis 51
A atebrina dá combate ao paludismo por Paul de Kruif 55
Derrotismo nazí—para inglês ver . . . . The Rotarian 58
Uma probabilidade entre um milhão. . . . . Liberty 63
Troquei o paletó pelo macacão . . American Magazine 65
A polícia mobiliza contra a espionagem . . . Future 69
O espírito triste seca os ossos . . . . . Forum 74
Asas de sangue sobre a Grécia . . por Robert St. John 77
Pacto de reunião . . . Saturday Review of Literature 83
O paradoxal bem-estar da Suiça . . . . . Forum 85
Mil dólares por dia—e então? . por Channing Pollock 90
Homens contra minas . . . . . Infantry Journal 93
Seção de Livros — Céus e abismos por Antoine de Saint Exupéry 97
Quem é o general Eisenhower . . . . . Life 114

MARÇO DE 1943

CMDPU-CR
1900

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr.$2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr.$20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Veloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre Octavio Sagebin, Rua, 7 de Setembro, 805, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo III, No. 14 — [*Marca Registrada* *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Março de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerentes:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação*, Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1942 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

MARÇO de 1943

SELEÇÕES *do* Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III — No. 14

¶ *Uma atitude perante a vida, que convem igualmente aos pais e aos filhos.*

Mocidade, eis o teu mundo!

(Condensado de «Lincoln Steffens Speaking»)

A TORNEIRA começara a pingar. Como eu não conseguisse concertá-la, chamei meu filho, de sete anos de idade, afim de incutir-lhe no espírito um novo ensinamento da mais alta importância. O pequeno, atendendo ao meu pedido, tentou apertá-la, mas não pôde. Pôs-se então a sorrir.

«O que foi, Pete?» perguntei.

Ele olhou-me risonho, e respondeu: «Coisa de gente grande, papai.»

Aprendera a lição. Eu já lhe havia dito, certa feita, que nós, os mais velhos, não sabemos fazer boas torneiras. Ele porem há-de saber fazê-las. A geração a que pertence descobrirá, decerto, os meios de evitar tais defeitos. E o mesmo em relação a tudo mais.

Ensinei ao meu filho, como a outras crianças, de diversas idades:

Que nunca se deu a coisa alguma o retoque final e decisivo.

Que nada, neste mundo, pôde ainda chegar à perfeição definitiva...

O mundo, portanto, pertence-lhes com tudo o que contem: todas as coisas por fazer, por descobrir ainda, e todas as demais, a refazer ou aperfeiçoar. Crêem firmemente no que lhes digo. Alegram-se, como eu, à idéia animadora de que ainda podem descobrir ou dizer, ou pensar, algo que nunca foi dito nem pensado. Alguma coisa? *Tudo* pertence à mocidade de amanhã! Devemos, sendo assim, convencer nossos filhos:

De que nunca tivemos, nem agora nem nunca, em toda a história, o governo perfeito a que aspiramos.

De que nunca existiu uma escola, um caminho de ferro, um jornal, um banco, um teatro, uma fábrica, uma loja—um só negócio, de qualquer espécie, que haja sido formado e dirigido como o será, talvez, futuramente, quiçá por eles próprios, de um modo mais completo e mais perfeito.

De que o mesmo se verifica—não só em relação à política e aos negócios—

mas no campo das artes, das ciências e dos esportes. A mais perfeita das telas ainda não foi pintada, nem o mais belo poema teve ainda o seu cantor. Não se escreveu ainda a novela imortal que se há-de escrever algum dia, e a própria música de Bach não atingiu a perfeição suprema. No terreno da ciência, quase tudo está por descobrir. Temos apenas, até hoje, vagas noções de astronomia. Quanto à química e à física, propõem ambas uma série de perguntas cuja resposta ignoramos totalmente.

Meu filho, em criança, não tinha o corpo bem desenvolvido—o que o podia ter levado a um penoso complexo de inferioridade. Comecei a mostrar-lhe que eu, e as outras pessoas que o cercavam, não éramos de certo tão perfeitos quanto ele parecia acreditar—todos, no entanto, homens e mulheres, meninos e meninas, tínhamos diante de nós imensas possibilidades de triunfo. Dentro em pouco, era outro—o seu porte melhorara extraordinariamente. Jogava os ombros para trás, como seguro de si próprio.

«Pete endireita tudo,» costumava ele dizer, quando era pequenino. Não com jactância ou menosprezo pelos outros. Convencera-se, apenas, de que a ele, e todos os da sua geração, cabia corrigir os erros cometidos pela nossa. E quem sabe, afinal, se não tinha razão? Seja lá como for, o meu dever de pai era fazer com que meu filho não entrasse na vida como simples intruso.

Lembro-me ainda que, em criança, se me afigurou que o mundo era já tão completo ou tão perfeito, que pouco ou nada restaria por fazer. Disseram-me, decerto, que se eu me comportasse bem, e estudasse direito, poderia viver, de futuro, do meu próprio trabalho e do meu próprio esforço. Nada havia naquilo, entretanto, de inédito ou soberbo.

Compreendí, porem, um dia, que não nos faltam oportunidades—milhões de empregos e tarefas de todos os feitios, para todos os gostos. Compete-nos, apenas, por de lado algumas velhas ambições mais fantasistas, e ver as coisas tais como elas são. Desde então, pareceu-me que a vida merecia ser vivida.

Digo e repito que esta idéia de que no mundo em que vivemos, e em todas as atividades humanas, há muita coisa a completar, muita coisa mal feita a corrigir—de muito me valeu, e ao meu filho, tambem. Certo estou de que há nela um grande estímulo para as crianças em geral, cujos estudos, folguedos e trabalhos, adquirem destarte nova expressão e novo alcance.

¶ A conversação começou a cair sobre jóias, e a gorda matrona informou os parceiros de bridge: «Eu limpo meus diamantes com amônia, naturalmente; meus rubís com vinho de Bordéus, minhas esmeraldas com aguardente de Dantzig, e minhas safiras com leite.»

No silêncio que se seguiu, outra jogadora anunciou casualmente: «Pois eu não limpo as jóias, minha cara. Quando elas ficam sujas, jogo-as ao lixo.»

—*Evening Republican*, Columbus (Indiana)

¶ *«Fomos torpedeados!»*

A tragédia do Baependí

Pelo Capitão Lauro Reis

Deixamos o porto de Salvador, Baía, às sete horas da manhã, rumando para o Norte. Do Rio até alí o mar tinha estado calmo. Agora se apresentava picado, espumoso, com fortes marolas, e o velho *Baependí* arrastava-se, moroso, balançando desagradavelmente.

O vapor ia repleto—umas trezentas e cincoenta pessoas, incluindo a tripulação e uma unidade do Exército, cujos componentes—oficiais e soldados—iam acompanhados de suas famílias, algumas com muitas crianças.

Como esse dia—15 de Agosto—era o aniversário natalício do comissário de bordo, um excelente homem, o jantar foi festivo, a orquestra tocou animadamente e a alegria reinou a bordo até bastante tarde. Enquanto no salão se dansava, lá fora na popa, os soldados,—quase todos cariocas—trepados em canhões e grandes caixas, reunidos em grupos, tocando pandeiros e batendo em latas, cantavam seus sambas à moda do morro...

Noite fechada, as luzes todas apagadas, navegávamos a umas 20 milhas da costa, quando súbito um tremendo estampido sacode violentamente o velho barco. Quebram-se as vidraças; o madeiramento range, estala, racha, e, arremessados por forças invisiveis, voam estilhaços de vidro e madeira para todos os lados. Caem as primeiras vítimas, e há diversas pessoas com o rosto sangrando, devido a ferimentos provocados por fragmentos de vidro.

As máquinas param, o vapor altera o rumo abruptamente, e somos jogados pela inércia, com força, para a frente.

O primeiro instante deixa todas as pessoas imoveis de espanto, a respiração suspensa, as fisionomias pálidas e angustiadas... Não há gritos; nenhum pânico. Percebe-se em cada um o esforço mental para entender o ocorrido, para buscar uma solução, pressentindo a gravidade do terrivel momento...

Estou no vestíbulo, de onde partem as escadas para o *deck* superior e para os camarotes de baixo. Tomado de surpresa, tenho imediata intuição do sucedido: *fomos torpedeados!* Logo a seguir, ouço o apito surdo do navio, pedindo socorro... O *Baependí* começa a adernar.

Corro ao meu camarote alí perto, empurro a porta, que felizmente não ficou emperrada, apanho rápido o meu salva-vidas, e saio.

Há muitas pessoas no vestíbulo; umas, principalmente mulheres e crianças, paradas, como se esperassem que uma providência alheia as salve; outras caminhando febrilmente, na direção em que julgam poder encontrar salvamento. O navio aderna mais e mais; só pode-

O capitão Lauro Moutinho dos Reis, oficial de artilharia do Exército Brasileiro, fazia parte da Unidade que viajava no *Baependí* para o Nordeste, quando, na noite de 15 de agosto de 1942, foi abruptamente torpedeado na altura da fronteira entre Baía e Sergipe, a 20 milhas da costa.

Testemunha presencial do fato que, ao lado dos outros torpedeamentos da mesma ocasião, suscitou a onda de revolta nacional que levou o Brasil à guerra contra as potências do Eixo, o Capitão Lauro Reis dá-nos aquí um relato bem vivo do dramático episódio.

mos andar, agora, agarrados às paredes.

Alguns descem com dificuldade as escadas para os camarotes inferiores, em busca de salva-vidas, ou para se reunir às suas famílias; infelizmente, para não voltarem mais... Ficarão na companhia dos que nem sequer conseguiram sair dalí.

Vejo tudo isso de relance, e, ainda enfiando o cinto salva-vidas, subo a escada para o *deck* de cima, em busca da minha baleeira; agarrado ao corrimão, chocando-me com pessoas que descem, aturdidas, estou quase no alto, quando um segundo torpedo explode, abalando fragorosamente todo o navio. O corrimão, ao qual me agarrava, fica feito em frangalhos, e rolo na escada, de costas, aos trambolhões, até a porta do refeitório, de onde saira. Entre o primeiro e o segundo torpedos, não decorreram mais de trinta segundos.

As luzes se apagam; esbarramos uns nos outros, desorientados, no meio de profunda escuridão. O navio aderna brutalmente, já sendo impossivel, agora, andar de pé.

O segundo torpedo foi o tiro de misericórdia. O *Baependí* agoniza... Percebo que o afundamento vai ser rápido. Esforço-me por sair do interior. Um cheiro sufocante e enjoativo, proveniente da explosão, invade tudo.

Tateando, com grande esforço consigo agarrar-me à escada, e, de rastos, segurando-me nas saliências, vou subindo devagar.

Na escuridão, apenas distingo, numa pequena claridade vinda de fora, o contorno de uma porta, ao fim da escada que tento subir. É preciso atingí-la a todo custo, porque senão eu afundarei dentro do navio. Mais um esforço, e consigo chegar.

O navio, nesse momento, está quase de lado: o que era parede passou a ser chão. Atravesso aquela porta com os movimentos de quem, pela abertura do teto, passa para o forro de uma casa.

Alcanço a baleeira em frente à porta. Presa aos turcos, num emaranhado de cordas, alguns marinheiros tentam soltá-la. Não trocamos palavra. Começo a ajudá-los, procurando desvencilhar cordas, febrilmente.

Mas é inutil: o *Baependí* continua a se afundar vertiginosamente! As ondas revoltas quase nos atingem, e ouço, bem perto, os gritos pungentes dos que já lutam com elas.

Compreendo, então, que devo atirar-me imediatamente ao mar, para não ser arrastado pelo turbilhão que faria a massa do navio ao submergir. Mas já é tarde demais porque, estando ele quase horizontal, se eu der um salto, cairei, conforme o lado, sobre o casco ou sobre o convés. Ouço ainda o apito tenebroso do vapor, um apito surdo e contínuo, agonizante, de estertor.

As águas me envolvem violentamente, jogando-me de encontro a uma parede. Depois... sinto que mergulhamos, arrastados pelo navio.

Penso, conformado, na morte: deste mergulho não voltarei, certamente! Não perco o raciocínio, nem me deixo dominar pelo desespero. Antes me conservo calmo, resignado, enfrentando o desfecho da vida. Continuo a mergulhar, a mergulhar... Quantos metros? Nem sei! Sinto nos ouvidos o barulho forte e caraterístico das bolhas de ar, numa escala cromática extravagante, que vai num crescendo do grave para o agudo, à proporção que me aprofundo nas águas... A falta de ar já me tortura; começo a engulir água...

Súbito, porem, paro de mergulhar, e percebo que vou voltando. Mas sou, então, violentamente imprensado entre dois volumosos fardos, e tenho a sensação de que vou ficar esmagado. Inexplicavelmente, não sinto nenhuma dor. Por felicidade, fico de novo livre, e continuo a voltar, aos trancos, à superfície, recebendo pancadas pelo corpo, agora mais rápido,—cada vez mais rápido—até que, de repente, dou um salto, saindo-me fora de água o tronco todo, tal o empuxo.

O navio está completamente submerso. Imagino que não deve ter levado a afundar-se mais de três ou quatro minutos, tornando impossivel qualquer providência de salvamento, ou a descida de qualquer das baleeiras.

O mar, violentíssimo, encapelado, está coberto de destroços, e, não sei como, ainda caem paus de todos os lados, como estilhaços.

Ouço gritos terriveis, angustiosos, de socorro, e vejo homens, mulheres e crianças se afogando em torno de mim.

Nado um pouco e me agarro a uns paus que flutuam, e que as fortes ondas me arrancam logo das mãos; imediatamente me seguro noutros, mas tambem não consigo sustê-los, e fico nesse jogo, pulando de uma tábua para outra, durante algum tempo.

Reparo que há sobre as águas duas luzes avermelhadas, como archotes, a iluminar aquela cena macabra: são bóias de iluminação, que se acendem automaticamente, ao contacto com a água.

O mar limita-me a visão, e só quando me elevo numa onda melhora o meu horizonte. Em dado momento, avisto com surpresa um projetor lançando seu feixe luminoso sobre o local do sinistro: firmo o olhar e diviso, iluminado pelas luzes que dansam na água, o perfil do submarino assassino, bem próximo de nós, contemplando os resultados da sua bárbara missão! Em seguida, perco-o de vista...

Estou agora junto de uma grande tábua branca, com aberturas que me parecem janelas: consigo com facilidade deitar-me nela, de bruços, e me sinto mais bem acomodado. Pelo menos descanso um pouco. Mas me agarro com todas as forças, para que as ondas não me arranquem dalí.

Perto de mim, alguem grita em desespero, já quase a perder o fôlego:

—Não posso mais, vou desistir...

Animo o companheiro, chamando-o para junto de mim, e isso me dá mais ânimo! Ele se aproxima, e com algum esforço se agarra à minha tábua: vem ofegante, exhausto. Trocamos algumas palavras. É um tripulante do *Baependí*.

As ondas violentas e o forte vento começam agora a espalhar náufragos e destroços; os gritos dispersos de socorro chegam cada vez de mais longe. Somos tambem impelidos para longe do local do sinistro, arrastados naquela tábua, em rumo desconhecido.

Conjugando nossos esforços, examinamos o mar em todas as direções. Nada! Provavelmente nenhuma baleeira pôde ser lançada ao mar. Nossa salvação é provisória, sem dúvida... E ficamos vogando ao sabor das ondas por um tempo dificil de estimar: talvez meia hora, uma hora...

Ouvem-se agora menos gritos de socorro: a maioria sucumbiu, desesperada!

Mas repentinamente divisamos uma silhueta que não é de um destroço, passando defronte das bóias de iluminação, já bem longe. Parece-nos uma baleeira... Dentro, um vulto, de pé... Não resta dúvida, é uma baleeira! Mas está muito distante. Para alcançá-la, teríamos que nadar contra o vento e as

ondas, e, cansados como estamos, isso não nos parece empresa facil.

Começamos então a gritar, com todas as forças dos nossos pulmões. Grito, grito! Lembro-me de gritar meu nome, e o faço diversas vezes. Lembrança talvez salvadora: ouvimos, pouco depois, uma resposta que nos pareceu «espera»... Graças a Deus, tinham-nos ouvido, e remam em nossa direção!

Foi o primeiro alento, a primeira sensação de poder sair com vida daquela pavorosa catástrofe.

A baleeira se aproxima. Abandonando a benfazeja tábua, damos umas braçadas, lançam-nos uma bóia presa a uma corda, e somos içados para bordo, onde encontro dois tenentes, dois sargentos e três soldados, da minha unidade. Abraçamo-nos, comovidos, mas poucas palavras trocamos. Pensamos na sorte dos outros camaradas, e não nos conformamos com a idéia de que somos os únicos sobreviventes.

É talvez esta a única baleeira que escapou ao desastre, arrancada dos turcos pela violência da explosão.

Recolhidos mais alguns náufragos, somos ao todo vinte e oito. Entre eles, há uma moça que, mal explodiu o torpedo, se lançou resolutamente ao mar, nadando, agarrada a um pequeno destroço, durante mais de uma hora!

Mas em que direção ficará a costa? Não podemos orientar-nos com segurança, pois mal se vêem as estrelas, e a escuridão impede-nos de consultar a única bússola, que corria de mão em mão, inutilmente.

Mas entre os náufragos está, felizmente, o piloto do *Baependí*. Recobrando as forças, ele resolve com simplicidade o problema da navegação, mandando «remar na direção do vento, pois o mesmo soprava para terra.»

Somente na baleeira noto que estou ferido. O sangue jorra abundantemente do meu rosto, e, levando a mão à face direita, percebo que sofrí uma fratura. Mas não sinto nenhuma dor.

A pequena embarcação joga como uma casca de noz naquele mar agitado, e de vez em quando uma onda mais forte invade-a; um grande rombo da proa aumenta a nossa inquietação; é preciso baldear continuamente, tal a quantidade de água que entra.

O vento é cortante, sentimos um frio tremendo, uma sede desoladora, e o enjôo apodera-se da maioria.

Pouco depois avistamos, não muito longe, um navio iluminado. Ficamos hesitantes: valerá a pena remar na sua direção? Alcançá-lo-emos? Desistimos da idéia, o que foi providencial, pois cerca de uma hora depois, ouvimos o eco de uma tremenda explosão, que nos pareceu um trovão longínquo: o navio que passara por nós—o *Araraquara*, soubemos depois—fora tembem torpedeado!

Navegamos assim, impelidos pelo vento e pelos remos, durante toda a noite—que nos parece interminavel. Os rapazes, incansaveis, se revezam nos remos e os outros no balde de água.

Ao clarear o dia, ainda na penumbra, temos uma explosão de contentamento: a uns dois quilômetros de nós, percebemos a faixa branca de areia de uma praia!

Mais umas remadas, a manobra para vencer a forte arrebentação, e eis-nos em terra firme. Nossos corações pulam de alegria!

A praia, deshabitada, é formada por vastas dunas de areia, onde os pés se enterram, agravando nosso cansaço. Caminhamos algum tempo, seguindo uma pequena trilha, até avistarmos uma cabana onde apenas encontramos água.

Felizmente, indícam-nos uma picada que vai ter a uma povoação. Andamos até o meio dia, ou antes, arrastamo-nos, pois há diversas pessoas feridas, e outras esgotadas. Por sorte encontramos muito côco da Baía, cuja água saborosa bebemos sofregamente.

Ao chegarmos à povoação, todas as portas e janelas se batem, violentamente! «Que teria havido?» Consultamo-nos, surpresos... Estamos tão embrutecidos, que nos custa a compreender: a nossa nudez quase total ofendeu o pudor da gente da terra! Um parlamentar, que enviamos em trajes mais decentes, resolve a situação, e recebemos algumas roupas usadas, que nos permitem improvisar tangas.

Depois de alimentados, seguimos de canoa para Estância, no estado de Sergipe, termo das nossas provações.

Alí soubemos, mais tarde, terem chegado à praia, numa pequena balsa de madeira, mais oito náufragos do *Baependí*. Trinta e seis sobreviventes—eis o que restava!

Quase todos os nossos camaradas tinham sido tragados pelas ondas. E quando um médico, náufrago tambem, nos relatou o episódio da morte do mais jovem dos nossos companheiros de armas, não pudemos conter as lágrimas.

Ao atirar-se ao mar, sem salva-vidas, certo do fim que o aguardava, o tenente Assunção lançara em voz vibrante este grito derradeiro de patriotismo:

«Viva o Brasil!»

CONVERSA FIADA DE TERRA E MAR—II

Recentemente, na frente de combate do deserto da Líbia, os ingleses se encontravam com falta de água, embora bem providos de alimentos. Com os alemães acontecia o contrário: estavam com falta de alimentos, mas possuiam um excelente reservatório de água, embora de pequenas dimensões. Durante o dia fazia muito calor, mas as noites eram frias de gelo.

Como guardas noturnos, os ingleses usavam um bando de gansos, os quais se punham a grasnar, alarmados, ao menor sinal de aproximação do inimigo. Certa noite, os gansos voaram para alem das linhas inimigas, e desapareceram. Naturalmente, os ingleses consideraram os gansos como desertores; mas, na manhã seguinte, com grande surpresa, as sentinelas depararam com um reservatório de água junto das suas barracas, e, dentro dele, os supostos "desertores" a nadar descuidosa e prazenteiramente!

O aparecimento do reservatório de água no acampamento britânico constituiu um mistério insondavel até que os alemães tambem apareceram e se renderam aos ingleses. Os prisioneiros explicaram que os gansos tinham pousado no reservatório, na noite anterior, e alí tinham ficado, até que o frio congelasse a água à volta das suas patas; e, pela madrugada, tinham levantado vôo para o acampamento britânico, carregando o reservatório sob a forma de um grande bloco de gelo. E, como é natural, com o calor do sol da manhã, o gelo se transformou novamente em água.

—George N. Schicker, Capt.

¶ *A resposta de uma esposa à pergunta: «Serão os maridos necessários?»*

Meu filho nasceu no bosque

(Condensado de «We Took to the Woods»)

Por Louise Dickinson Rich

HÁ SETE ANOS passados, Louise Dickinson, em férias, percorria com um grupo de amigos a floresta do Maine. No extremo norte deste estado, na deserta região onde se encontram os Lagos Rangeley, o grupo de excursionistas deparou com uma casa erguida à margem do Rio Rapid, a milhas de distância da mais próxima aldeia. O proprietário da vivenda, Ralph Rich, um rapaz de Chicago, que decidira vir morar sozinho no seio da floresta, convidou-os a jantar, alí, com ele. Deste encontro de acaso nasceu-lhe por Louise uma afeição que o levaria ao matrimônio. Agora, o casal Rich, na tranquila vivenda da floresta, divide a sua solidão com dois filhinhos, um cachorro e um gato. O seguinte excerto de um livro da senhora Rich, descreve uma das mais inesqueciveis experiências da vida da autora na solitária morada da floresta.

Há certas desvantagens em morar longe do mundo; tais desvantagens, porem, são amplamente compensadas. A vida de casado, para quem suporte a solidão dos lugares retirados, terá neles muito maiores probabilidades de êxito. Se, por exemplo, um rapaz bem vestido, bem tratado, e satisfeito consigo mesmo, me declarasse «Preciso de você,» eu dificilmente acreditaria na sua sinceridade. É agradavel, não há duvida, ouvir palavras que tais, mas, geralmente, elas pouco representam. Quando Ralph, porem, me chega em casa, com o sangue a gotejar de um profundo ferimento no braço, e berrando a plenos pulmões: «Venha depressa! Que diabo—não está vendo que preciso de você?!»—é decerto sincero no que diz. Precisa de mim, e sem demora. Sou-lhe, então, necessária, e, por motivos análogos, ele mo é tambem a cada passo.

Decidíramos já que, ao ter eu de dar à luz, seria internada no hospital da cidade; mas Rubem, o bebê, era esperado para depois do primeiro de janeiro. Enquanto não chegava aquela época, fui mantendo o meu programa habitual de ocupações. Aconteceu que, num dia lindo como tivemos a 17 de dezembro, essas «ocupações» consistiram em patinar no lago, então gelado. Dia claro, luminoso; um manto de neve fresca recobrira a terra—azulada, na sombra, e com tons fulvos, ao sol, e róseos ou purpúreos no cimo das colinas mais distantes. Por sobre o lago, o vento espalhara a neve em camadas esparsas, cuja alvura melhor se destacava de encontro ao reflexo azul anil do céu no gelo pulido e límpido. Cookie, o nosso cão, acompanhava-nos de perto, a correr e a latir, caindo e levantando-se de novo. Todos nós, aliás, caimos pelo menos doze vezes, o que talvez haja contribuido para o nascimento prematuro de Rubem.

Acordei em meio à noite de 18 dezembro, com fortes pontadas no estômago. Mas o que eu tomava por dores de estômago eram já as dores do parto.

Não esquecerei jamais aquela noite. Ralph tampouco, se me não engano. Meu marido, como outros homens do seu tipo, ao ser informado de que a mulher de um amigo está grávida de oito meses, atravessa a rua, ao vê-la, cumprimentando-a cautelosamente, de uma distância respeitavel. Evita, assim, o risco de ter que transportá-la às pressas num taxi para o hospital mais próximo. Todavia, na noite em que Rubem nasceu, faltou-lhe tempo para imaginar o que viria a suceder dentro do taxi. Obrigado a enfrentar sozinho uma situação daquelas, não pôde pensar em mais nada. Apesar do frio que fazia, Ralph suava em bicas. Como que ainda o vejo, com um gorro de lã a descer-lhe sobre as orelhas, a gola levantada até o queixo, e luvas nas mãos, a ler, nervosamente, sob a luz da lanterna, um pequenino livro intitulado «Se o bebê chegar antes do médico». Ele sabia que o médico não podia chegar à nossa casa antes de umas dez horas.

Não pretendo dar a impressão de que me conservei calma: seria faltar à verdade. Ralph, porem, alarmou-se dez vezes mais do que eu. Ao vê-lo assim, pela primeira vez, amedrontado e aflito, sentí não sei que estranho reconforto. Aquilo encheu-me de confiança e coragem.

«É preciso esquentar um bocado de água,» sugerí. Eu própria nem sabia para que, mas lembrava-me de que, segundo os livros, em momentos que tais, se toma sempre aquela providência.

Ralph saiu do quarto como um raio, e pude ouví-lo a diligenciar na cozinha, de onde escapavam misteriosos ruidos. Algum tempo depois, ei-lo de volta. Era preciso, disse-me, um cobertor, que ele iria aquecer sobre o fogão, forrando com o mesmo uma cesta de roupa. «Há que por o bebê nalgum lugar,» explicou-me em seguida. Fiquei tranquila a seu respeito, pois era evidente que ele recuperara a calma. Conseguí dizer-lhe, entre dois gemidos, onde estava o cobertor, e Ralph desapareceu de nôvo. Ao voltar cinco minutos depois, já era pai.

Os pais, em geral, não têm, para com seus rebentos, responsabilidades imediatas. As de Ralph entretanto, foram imediatas e prementes. Teve por exemplo, desde logo, que cortar e amarrar o cordão umbilical.

—E (perguntei-lhe) não se dá banho aos bebês recem-nascidos?

—Não, respondeu-me firmemente.—Há que untá-los com óleo.

Não sei dizer de onde lhe veio semelhante noção, mas o fato é que tinha razão. Enrolou o recem-nascido num toalha de banho, e lá se foi com ele, enquanto eu, deitada, me deixava invadir por mil preocupações. Ralph nada sabia, certamente, a respeito de untar recem-nascidos e de amarrar cordões umbilicais... Nosso bebê, alem do mais, berrava, sem vigor ainda, porem visivelmente indignado. Que estaria a sofrer às mãos do pai? Mas dentro em pouco, ei-lo de volta.

—Untou bem o bebê? perguntei-lhe aflita.

Mostrou-se ofendido: —Claro que sim. Depois de todos os êmbolos que já lubrifiquei na vida...

—Êmbolos?! Você «lubrificou» o bebê com óleo de motor?!

—Não. Naturalmente, com azeite.

—Mas nós não temos nenhum azeite!

—Eu tinha uma lata guardada. É com isso que preparo inseticidas. E o bebê vai muito bem, acrescentou.—Es-

tá lá, todo inteirinho: unhas, dedos, cabelo—não falta nada. Examinei tudo com muito cuidado. E que feio, meu Deus!

Ao dizer isto, observou, lançando os ombros para trás: —Sempre tive horror aos homens bonitos. Este aquí tem um punho de ferro, e Cookie tomou-se de amores por ele. Tudo irá, portanto, às mil maravilhas. Mas, afinal de contas... que quer você que eu faça de toda aquela água quente?

—Ah! É verdade... a água quente! Faça... que tal se me fizesse um pouco de café?

De repente, sentí-me faminta:

—E traga-me um sanduiche tambem —um sanduiche de presunto, com bastante mostarda.

À manhã seguinte, uma vizinha nossa de Middle Dam, Alice Miller, veio ver-me. Ouví-lhe as gargalhadas quando vinha subindo a escada.

—Sabe como Ralph amarrou o umbigo do pequeno? Com uma corda, minha cara! Coitado do garoto! O nó é maior do que ele...

Leio às vezes nas revistas comentários como estes:

«Sabe o leitor que em tal percentagem de casas, na América, não há água corrente? que em tal percentagem não há quartos de banho? que tal percentagem de crianças nasceram sem assistência médica?

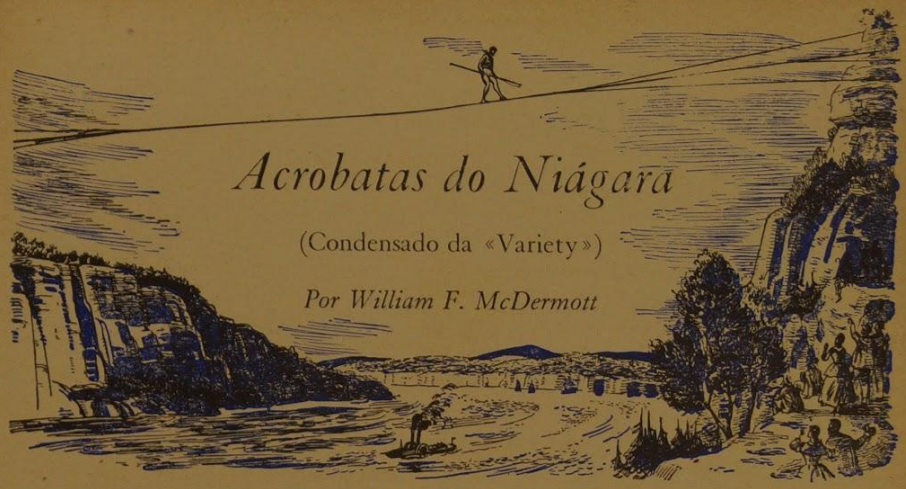
Estas espantosas estatísticas mostram bem como é numeroso o exército dos desprivilegiados da nação.»

Ao ler tais coisas, fico surpresa, a refletir por momentos. «Meus Deus!» exclamo, e, logo após, num choque: «Mas é a nós que eles se referem! Somos *nós* os únicos desprivilegiados da sorte!»

Mas sê-lo-emos, de fato? Não vou, é claro, recomendar às mães que dêem à luz os seus filhos com a só assistência dos pais. Posso, no entanto, afirmar que Rubem nada perdeu com isso—não por que houvesse sido lambusado de azeite como um êmbolo—mas porque desde aquele momento, o pai teve por ele uma especial predileção. Todos os pais, é claro, afeiçoam-se aos filhos, e sentem-se responsaveis por eles. Mas—sem a menor parcela de sentimentalismo—parece-me evidente que a sensação de responsabilidade despertada pelo nosso Rubem em Ralph, logo após o nascimento, deixou profundos traços. Ralph não é apenas aquele que veste, alimenta, e castiga Rubem. Antes de mais nada, foi quem lhe amarrou o cordão umbilical, e lhe dispensou os primeiros cuidados, quando ninguem, senão ele, poderia fazê-lo. E o sentimento que lhe nasceu, desde então, pelo filho, vale por todos os tratamentos e atenções que me teriam sido facultados no hospital.

Nem posso acreditar que os nossos filhos se tornem, para sempre, desgraçados, porque lhes damos banho numa bacia colocada no cozinha, à luz do querosene, ou por terem dormido numa cama, porventura não bem aquecida. Não serão infelizes, toda a vida, por efeito de pequenos inconvenientes que tais. Creio até que, num mundo em que a posse de bens materiais se torna cada vez mais precária, o melhor presente que lhes possamos fazer é o de uma indiferença absoluta pela falta de conforto, o de um despreso total pela vida mole e macia que o conforto proporciona.

¶ O ARREPENDIMENTO é uma tremenda perda de energia. Nada podemos construir sobre ele: só serve para a gente chafurdar. —*Katherine Mansfield*



Acrobatas do Niágara

(Condensado da «Variety»)

Por William F. McDermott

Alguns excêntricos que procuraram tornar-se famosos em uma das mais famosas cataratas do mundo, e alí morreram vítimas de suas arriscadas façanhas.

AS CATARATAS do Niágara exercem uma atração irresistivel sobre certos indivíduos audaciosos, dados a toda a sorte de proezas. Numeroso cortejo de homens e mulheres, aventureiros de vária espécie, desafiaram a morte dansando sobre uma corda bamba, por cima das águas, mergulhando na própria catarata dentro de barrís, procurando nadar através da torrente, ou enfrentando, num bote, a correnteza e os redemoinhos. Alguns, é claro, morreram. Mas o mais espantoso é que tantos se hajam podido salvar.

Só um deles, todavia, fez dinheiro e adquiriu renome universal: foi um francês, Blondin, que «pela glória da França»—e algum dinheiro—atravessou o abismo sobre uma corda, no verão de 1859 e no de 1860. Entre os que alí foram admirar tão ousada façanha, achavam-se em ambas as margens, dos Estados Unidos e do Canadá, o Príncipe de Gales, o ex-presidente Millard Fillmore, vários governadores, milionários e figurões sociais, ao lado de trapezistas, acrobatas, e jogadores, no meio da verdadeira multidão que enchia os arredores. Milhares de curiosos tinham vindo, pelo trem ou por barcas, a ver o prodigioso equilibrista exibir-se alegremente naquela dansa, por vezes com a cabeça metida num saco, sobre um abismo de 65 metros, onde as torrentes de água se lançavam de encontro à rija massa dos rochedos. Fizeram-se apostas de todo o gênero sobre a sorte de Blondin—quantias, é bem de ver, muitas vezes maiores que a reunida pelos seus amigos, ao percorrerem o público, angariando dinheiro para ele de chapéu na mão. Conta-se até que um dos apostadores tentou cortar uma das espias, por ver que só desse jeito poderia ganhar a aposta...

Blondin, cujo verdadeiro nome era Jean François Gravelet, filho de um herói dos exércitos de Napoleão, tornara-se famoso na Europa como acrobata. Quando anunciou que pretendia desafiar o Niágara, os jornalistas americanos deram grande publicidade ao seu

projeto. De viagem para a América, como um dos marinheiros caisse ao mar, o francês, que estava no convés superior, atirou-se a salvá-lo.

Na sua façanha do Niágara, serviu-se ele de uma corda de 8 centímetros de espessura, presa a eixos enterrados entre os rochedos, na margem canadense. Do lado oposto, isto é, na margem dos Estados Unidos, um molinete a mantinha esticada. Ainda assim a corda, que tinha cerca de 330 metros de comprimento, fazia um seio, no centro, de uns 15 metros. Em determinados pontos, de 6 em 6 metros, mais ou menos, outras cordas se lhe achavam ligadas, estendendo-se até as margens. Pendiam, destas, sacos de sal cujo peso as mantinha firmes, assegurando a estabilidade da corda principal. Esta, não obstante, baloiçava, no centro, aos caprichos do vento, como uma rede gigantesca.

Quando Blondin anunciou que pretendia atravessar pela corda, a 30 de junho de 1859, todo o país se alvoroçou. Milhares de espectadores atulhavam as falésias, dos dois lados do rio, pagando preços inacreditaveis pelos lugares nas tribunas improvisadas, e nos telhados das casas. Uns apostavam na vitória de Blondin, outros eram de aviso que, no último instante, o francês se deixaria tomar de invencivel pavor nervoso, e nem tentaria a proeza.

Blondin, porem, não tinha nervos. À hora designada, saindo da margem dos Estados Unidos, avançou calmamente pela corda, levando sobre os ombros uma maromba de ferro de vinte e poucos quilos. Chegando ao centro, sentou-se, tornou a levantar-se, deu alguns passos para a frente, deitando-se a seguir na corda, com a barra de ferro atravessada sobre o peito. Ergueu-se, deu um salto-mortal para trás, e foi indo em direção à margem canadense. Uma banda de música saudou-o com os acordes da Marselhesa, mas estes mal puderam ser ouvidos, tais os aplausos da multidão. Após um breve repouso de vinte minutos, Blondin recomeçou, de regresso ao lado americano. Trazia desta vez uma cadeira, na qual se sentou alguns instantes, equilibrando-a sobre a corda. Chegou, por fim, à margem americana, uma hora depois, fresco e risonho qual se nada houvesse feito.

Repetiu a façanha no dia 4 de julho, voltando, ainda uma vez, a executá-la na data da Tomada da Bastilha. Desde então, fez diversas travessias, dando-se ao luxo de acrescentar variantes: equilibrou-se sobre a corda, de pernas para o ar; dansou a giga em meio à experiência, e até, certa feita, levando consigo uma cadeira e uma mesa, sentou-se sobre o abismo, para um repasto. Não contente, praticou a prova à noite, à luz de faróis de locomotiva, e, chegando à metade do caminho, fez apagar as luzes, concluindo a façanha em plena treva. Executou ainda a audaciosa proeza com os olhos vendados, ou levando os pés metidos em cestas; por duas vezes cruzou a corda andando de costas, e sobre pernas de pau. Outra ocasião, fez descer uma garrafa pendurada a um cordel, até o barco de excursão *Maid of the Mist*, que se achava no rio, e, como os tripulantes do barco houvessem posto uma bebida na garrafa, puxou pelo cordão, bebendo calmamente o conteudo, em meio à travessia.

Mas emoção suprema teria o público ao vê-lo executar a já tradicional façanha, carregando um homem às costas. Blondin ofereceu uma grande quantia a quem ousasse a tanto se prestar. Vários se apresentaram, desistindo entretanto depois, ao refletir no risco. Por fim, um

de seus próprios auxiliares, Harry Colcord, decidiu-se a tentar a empresa. O público, crescendo mais e mais, subiu naquele dia a uma assistência de 300.000 pessoas.

Blondin apareceu num maiô de cores alegres. Colcord, vestindo traje de rigor, montou-se-lhe às costas, meteu os pés numa espécie de estribos, e segurou-se firmemente a uma correia atada ao corpo do equilibrista, que partiu devagar, com passos cautelosos. Pouco mais adiante, como Blondin quisesse descansar, disse a Colcord que descesse por alguns minutos. O rapaz teve um choque, pois aquilo não fazia parte do programa. Não havendo, porem, outra alternativa, desceu prudentemente, e ficou agarrado às pernas de Blondin.

Passado um momento, o acrobata ordenou-lhe que voltasse à posição primitiva. Durante a segunda pausa, em que se repetiu a mesma cena, Blondin estendeu o braço, segurando na mão o chapéu que levara. Lá em baixo, numa embarcação parada em meio ao rio, achava-se o famoso atirador John Travis. Este atirou em direção ao chapéu. Blondin, depois de um breve exame, fez sinal negativo, indicando que o tiro não atingira o alvo. Travis fez fogo novamente, mas falhou outra vez. À terceira tentativa, Blondin ergueu o chapéu, mostrando o furo feito pela bala.

A meio do caminho, isto é, no trecho em que a corda baloiçava sozinha, sem peso algum que a mantivesse imovel, Blondin, durante alguns segundos, pareceu hesitar. Pôs-se então a correr para o ponto de que pendia uma das espias, tentando, alí, recuperar o equilíbrio perdido. Mas a espia, no entanto, não se sabe como, se agitava no espaço, em vez de encontrar-se presa aos barrancos do rio. Fora cortada por alguem!

Blondin prosseguiu, levando às costas sua carga humana, até chegar à nova espia—esta firme e segura. Fez Colcord descer, àquele ponto, e ficou em repouso alguns segundos. Quando puseram os pés em terra, foram recebidos por homens que choravam de angústia e nervosismo.

Quarenta anos depois, Colcord escreveria: «A lembrança daquele dia enche-me ainda de pavor. Vejo, como se fosse hoje, as duas margens apinhadas de gente, e, sob nossos pés, lá no seio do abismo, as formidaveis massas de água a bater nos rochedos. Sinto ainda os passos indecisos de Blondin, quando, vendo-se em perigo, ao faltar-lhe o equilíbrio, pôs-se a correr como um perdido. Ao pensar nisto, ainda agora dou um pulo e sinto correr-me no corpo o suor frio do terror.»

Ao regressar à Europa, colheu Blondin os frutos dos seus feitos. Exibiu-se no Palácio de Cristal, de Londres, numa corda suspensa a 56 metros do solo, obtendo sempre casa cheia durante o longo período do respectivo contrato. Explorado, depois, por gente de má fé, perdeu aos poucos tudo o que ganhara. Em 1896, com 72 anos de idade e na mais completa miséria, apareceu ainda em Belfast, andando numa corda sobre pernas de pau, e a virar saltos-mortais... Faleceu um ano depois—na cama!

Já antes de sua morte, os imitadores de Blondin começaram a surgir. Um tal Ballini, em 1860, repetia a proeza tão famosa, sobre os abismos do Niágara, atravessando por uma corda bamba, e com os pés metidos num saco. Fê-lo, tambem, com um homem às costas. Em 1865, Harry Leslie, de nacionalidade americana, executava a seu turno a arriscada travessia. Em 1876, uma mulher, Maria Spelterini, reproduzia a

prova numa corda de menos de 6 centímetros de diâmetro, levando, de outra feita, os pés e as mãos atados.

Mas o capitão Matthew Webb, um inglês, venceu a todos na bravura com que ousou desafiar o Niágara. Ótimo nadador, atravessara a nado o Canal da Mancha. Em 1883, veio ter à América, decidido a enfrentar os redemoinhos e as torrentes das célebres cataratas.

Logo abaixo destas, há um corte estreito entre os rochedos, de cerca de 120 metros de largura, por onde se escoam, impetuosas, as águas de quase meio continente. A velocidade da correnteza é de 64 quilômetros por hora. Pouco mais abaixo, encontra-se terrivel redemoinho, onde a tremenda massa líquida esbraveja e se agita numa vasta bacia de rochedos. Os objetos alí lançados rodam horas a fio, ao sabor das correntes, fora de alcance das margens, ou então desaparecem na voragem, voltando à tona muito mais alem.

O capitão Webb não vacilou contudo um só instante. Mergulhou, e partiu em rumo da margem oposta, lutando debalde contra a correnteza que o arrastava para o redemoinho. Súbito, uma onda maior o cobriu. Quatro dias depois, encontraram-lhe o corpo, maltratado, ferido e mutilado, a 12 quilômetros de distância, rio abaixo.

Bill Kendall, agente da polícia de Boston, logrou fazer a travessia a nado, em 1886, munido de salva-vidas de cortiça.

Carlisle D. Graham foi o primeiro a ter a idéia de enfrentar a correnteza dentro de um barril. Fê-lo de fato cinco vezes, nos primeiros anos da década de 1880-1890. Da quinta vez, porem, o barril ficou preso no famoso redemoinho, e alí pôs-se a rodar horas a fio. Afinal, alguns espectadores que se achavam nos barrancos conseguiram trazê-lo para a margem. Tiraram Graham, já sem sentidos e quase sufocado. Depois daquilo ele não quis mais repetir a façanha.

Teve, todavia, como os outros, vários imitadores. Maud Willard, uma atriz, tentou fazer o mesmo, levando consigo o cão. O barril, preso tambem no redemoinho, circulou, sem parar, durante cinco longas horas. Quando conseguiram retirá-la, e levantaram-lhe a tampa, o cão saltou de dentro, espavorido, mas a mulher estava morta.

O suprassumo da loucura seria, porem, mergulhar na própria catarata. Três pessoas o fizeram, e todas lograram salvar-se. A primeira, em 1901, foi a professora Annie E. Taylor. Desenhara, ela própria, um barril forrado, com correias que a mantivessem imovel, e uma bigorna que servia de lastro para manter o barril na vertical.

O ponto de onde se lançou ficava cerca de quilômetro e meio a montante das cataratas. Chegando à borda do abismo, o barril mergulhou, de uma altura de 50 metros, em meio às formidaveis massas de água, e desapareceu. Foi encontrado, rio abaixo, já distante dalí. Os que o trouxeram para terra abriram-no ansiosos. Annie Taylor vivia—transformada, contudo, numa massa disforme. Resolveu exibir-se ao público—juntamente com o barril. Deu-lhe aquilo, porem, pouco proveito, e veio a morrer num asilo de pobres.

Bobby Leach repetiu a proeza, em 1911, num barril de aço, e acabou quebrando o maxilar e as rótulas. Restabeleceu-se, depois de ter passado 23 semanas num hospital, e foi a morrer na Austrália, em consequência de uma queda sofrida ao escorregar numa casca de banana...

George Stathkis, outro excêntrico, lançou-se às cataratas num barril de madeira. Só conseguiram pescá-lo quinze horas depois. Estava morto.

A última pessoa que mergulhou no abismo, conseguindo salvar-se, foi Jean Laussier. Fê-lo em 1928. Mergulhou numa bola de borracha, de 4 metros de diâmetro, com uma armação de aço, à qual se achava preso, fortemente, por correias de couro. Continha a bola um suprimento de oxigênio para 40 horas. Retirado para terra, 50 minutos depois do mergulho, sofrera apenas leves ferimentos.

Encerrou-se com ele, ao que é provavel, a Saga fantástica dos desafiadores do Niágara, pois que as leis atuais opõem embargos a semelhantes loucuras.

¶ *Estratagemas memoraveis na história militar.*

O estratagema nasceu com a guerra

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Frederic Sondern, Jr.

OBSERVOU sabiamente Sun Tzu, o pai da estratégia, que «toda guerra se baseia no estratagema.»

A História só lhe tem dado razão. Mudaram as armas, porem os estratagemas de guerra têm hoje tanto valor como há 24 séculos passados, quando o gênio militar chinês escreveu *A Arte da Guerra*—livro cuja leitura é ainda obrigatória nas escolas militares do mundo inteiro.

É sobejamente conhecido o Cavalo de Tróia, porem muitos outros estratagemas militares, que mudaram o curso de acontecimentos humanos, não são tão familiares. Vai para muitos séculos, um guerreiro chinês estava sitiando uma cidade às margens do rio Iangtsé quando se viu desprovido de setas. Em face à dificuldade, teve uma inspiração. Em cima das balsas de combate, com superestruturas de palha, o general chinês colocou manequins de soldados, enquanto os soldados de carne e osso que possuia, agachados no fundo das embarcações, batiam os tambores e faziam explodir bombas. Deste modo os navios desfilaram diante das fortificações do inimigo enquanto as setas atiradas violentamente pela guarnição iam cravar-se inutilmente na palha. Assim, pelo próprio inimigo providos de munição, os atacantes continuaram o cerco, e a cidade caiu.

Durante as Cruzadas, Ricardo Cora-

ção-de-Leão terminou o cerco de sete anos da cidadela sarracena de Acre arremessando, com a catapulta, mil cortiços de abelha para dentro da cidade. Aterrorizados, os sarracenos refugiaram-se nos socavões, e os arietes do rei Ricardo, sem nenhuma oposição, arrombaram as portas da cidade.

Na história americana, o estratagema militar tem desempenhado papel de importância vital. Nas vésperas do Natal de 1776, George Washington deixou no campo um troço de exército para uma parada de regozijo, enquanto, com a maior parte das suas forças, atravessava o rio Delaware e punha em fuga os soldados embriagados, mercenários alemães do rei da Inglaterra, que estavam em Trenton.

Em 1866, durante a guerra da libertação do México, Porfírio Diaz deu com o seu pequenino e já cansado bloqueado por uma poderosa coluna, comandada pelo marechal francês Bazaine. Diaz ordenou que os seus soldados cortassem feixes de arbustos, e os arrastassem pela estrada poeirenta. A poeira que subiu fez crer aos franceses que um exército superior se estava movimentando. Bazaine deteve-se para consolidar posições, e o resultado é que Diaz escapou e foi juntar-se a outras forças mexicanas que acabaram vencendo o francês.

Coube, porem, a Wilhelm Stieber—chefe da espionagem do príncipe Bismarck—transformar o Cavalo de Tróia no que é hoje. Tanto quanto a Bismarck e seus generais, ao seu genial chefe do serviço secreto devem os alemães a derrota esmagadora dos franceses, em 1871, e a fundação do Império Germânico.

A guerra franco-prussiana foi bem planejada, e com a devida antecedência. Stieber espalhou agentes em toda a França,—falsos camponeses em posições estratégicas, por onde teriam que passar exércitos, garçonetes nos bares de soldados, criados em casas de oficiais franceses, sargentos alemães reformados em empregos importantes—ao todo cerca de 40 mil pessoas. Foi ao ponto de comprar jornais parisienses, com o fim de espalhar a semente do pacifismo e do derrotismo.

Quando Bismarck iniciou a guerra, a Quinta Coluna de Stieber entrou em ação. A confusão do exército francês não tem paralelo na história. No Ministério da Guerra, os agentes alemães haviam alterado tanto os planos de mobilização que só muitas semanas depois se restabeleceu a ordem. «Não sei da minha brigada. Não posso encontrar o general da divisão. Que devo fazer? Não sei onde se encontram os meus regimentos,» telegrafava a Paris o general Michel. Seguiu-se a batalha catastrófica de Sédan, Napoleão III foi capturado pelos alemães e todo o exército francês se rendeu. Isto foi apenas há 70 anos...

Aguinaldo foi o mentor da revolta das Filipinas que irrompeu logo após a guerra Espano-Americana e se alastrou por todo o arquipélago. Era evidente que ele teria de ser destruido, sob pena de o comando americano não poder avançar. Interceptou-se afinal uma mensagem de Aguinaldo para um dos seus chefes, pedindo reforço, e assim foi descoberto o seu esconderijo.

O tenente Frederick Funston reuniu um pequeno grupo de soldados nativos, de sua confiança, para seguir como pretenso reforço. Funston e três outros oficiais americanos agiram como se fossem prisioneiros dos nativos. Depois de algumas peripécias, «rebeldes» e «prisioneiros» alcançaram o quartel general de Aguinaldo e o capturaram. Aguinaldo foi forçado a assinar a sua rendição, e assim terminou a revolta.

Na Primeira Guerra Mundial, os Anzacs (soldados australianos e neozelandeses) tomaram uma fortaleza situada na base dos montes Galípoli, sem perder um só homem. Todas as noites, às nove horas, um destroier britânico assestava os projetores na direção da fortaleza e, à luz deles, bombardeava-a durante precisamente dez minutos. Fez-se isto repetidas noites, até que os turcos começaram a fazer exatamente o que os Anzacs esperavam—deixavam a fortaleza no momento em que para ela se dirigiam os holofotes, e reocupavam-na passados os dez minutos. Aconteceu que uma noite uma companhia de Anzacs subiu cautelosamente os montes, pela sombra, e ocupou a posição turca evacuada; no momento em que os turcos regressaram, os ocupantes voltaram contra eles as suas próprias metralhadoras. Duas horas depois, os ingleses eram senhores de toda aquela posição.

Os Anzacs, ainda em Galípoli, lançaram mão de outro ardil, para fazer a salvo a evacuação das suas trincheiras, às barbas de oitenta mil turcos. Muito cautelosamente, à noite, conseguiram evacuar a retaguarda com pequena dificuldade; no momento de abandonar a vanguarda, colocaram em linha, sobre os parapeitos, centenas de rifles cujos gatilhos estavam presos a latas nas quais ia caindo água pouco a pouco. Em dado momento, com o peso da agua, as armas dispararam. Uma chuva de balas partiu das trincheiras vazias, já muito depois de os ultimos soldados terem silenciosamente embarcado nos seus navios.

O truque mais extraordinário da Primeira Guerra Mundial foi talvez o navio *Q* britânico. Esses navios *Q* tinham a aparência de velhos navios cargueiros tripulados por marinheiros sujos, ignorantes. Na realidade, porem, eram homens bem escolhidos da Marinha Real. Os navios cruzavam vagarosamente as águas infestadas de submarinos e, no momento em que um submarino alemão era avistado, fingiam fugir. Quando o submarino se aproximava para afundar o «calhambeque» com um tiro de canhão, pois os torpedos eram muito dispendiosos, o navio *Q* subitamente se transformava num inferno de máquinas a vomitar fogo, escondidas atrás de supostas casas de convés e barcos salva-vidas.

O público ignorou por completo a existência desses navios até três anos depois da sua introdução em 1915, tão bem guardado ficou o segredo. No entanto, mais de cem submarinos alemães foram por eles postos a pique.

¶ Meu filho caçula fez-me uma vez uma crítica, ao mesmo tempo divertida e pungente, que eu nunca mais pude esquecer. Foi uma dessas amplas perguntas que as crianças frequentemente fazem.

«Que é que as pessoas dizem, quando se casam, mamãe?»

Respondí, indecisa: «Elas prometem mutuamente amor e bondade.»

Depois de pensar um pouco, meu filho observou: «Tu não tens estado sempre casada, não é verdade?»

—*They Tell a Story*, editado por Martha Lupton (Maxwell Droke)

Um cantinho para os velhos

(Condensado do «Forbes»)

Por Don Wharton

A BOMBA de água que entra em cada caminhão fabricado pela Dodge para o exército dos Estados Unidos é, em parte, montada por Henry Stallwood, que conta 77 anos e é bisavô. Homens dessa idade são coisa rara, se não inaudita, nas primeiras linhas da grande batalha da Produção que se vem travando por todo o país. Mas o *vovô* Stallwood não é único, nem mesmo excepcional, naquele recanto da fábrica Dodge, em Detroit. Da sua banca de trabalho, inundada de sol, vovô pode abraçar com a vista outros noventa e nove velhotes, e até seis estropiados... A idade desses homens é, em média, 66 anos, e muitos deles vão bem entrados na casa dos 70.

Esta experiência, verdadeiramente única, de humanidade industrial, teve início há oito para nove anos. Antes dela, a companhia Dodge fazia o mesmo que faz a maioria das outras empresas com os seus velhos operários. Quando um operário começava a ficar demasiado velho para se desempenhar da tarefa habitual, os chefes procuravam encontrar-lhe uma ocupação mais leve. Mas, uma vez por outra, o contramestre via-se sem ter emprego a dar a um velho, este era posto na rua, e os amigos e camaradas começavam a escrever cartas a Walter Chrysler. O patrão entrava a resmungar e a praguejar, da maneira que lhe é muito própria, e às duas por três o velho operário despedido era reintegrado.

Com a grande crise de 30 e anos seguintes, as cartas foram-se tornando mais frequentes, e a cólera do patrão Chrysler cresceu de ponto—e de pragas. A situação inspirou um novo plano de organização a William O'Neil e a Fred Lamborn, respectivamente chefe da Divisão Dodge e diretor da fábrica principal, plano esse que foi entusiasticamente acolhido.

Dele resultou um tipo inteiramente novo de mundo industrial: trabalho leve, ritmo vagaroso, e nem cadeias de transmissão, nem máquinas de alta potência perturbam alí a serena paz dos «reformados», que não estão sujeitos a penalidade por terem vista fraca ou mãos trêmulas. A tarefa é proporcionada ao homem,—e não o homem à tarefa. Todos alí recebem o mesmo salário—93 centavos à hora. Cada qual trabalha ao seu próprio ritmo, e pode até ir para casa quando lhe apeteça. Pode ir ao trabalho cinco dias por semana—ou um só se o corpo lho pede.

Mas na realidade a maioria daqueles homens trabalham as 40 horas semanais do horário normal. E não é só porque o dinheiro para eles seja tudo; os velhotes têm tambem seu espírito esportivo, de competição ou emulação. De começo os chefes mandaram colocar uns bancos compridos na sala do vestiário, e aconselharam os anciãos a tomar um repouso, deitados. Mas eles não seguem o conselho. É frequente vermos o contramestre, George Steinwedel, discutindo com um velho de 70 anos, a ver se o convence a ir tirar uma soneca... A coisa chegou a ponto que, ainda há pouco, um dos homens se queixou de que o

departamento não estava recebendo bastante trabalho para fazer!

Muitos dos característicos do «Departamento dos Velhos» se devem à imaginação de George, que desde a inauguração do serviço ocupa alí o cargo de contra-mestre. Uma das razões que o entusiasmaram com aquilo foi que, embora contando 44 anos apenas, ele próprio já atravessara uma experiência que em certa medida o assimilara aos velhos: um dia, uma alavanca saltou dos eixos, deu-lhe uma pancada por cima dum torno, e quebrou-lhe a espinha. George aprendeu assim o que é estar só, e sabe que, para o operário que envelheceu, ter alguem com quem falar é meio caminho para a cura.

A segurança é a sua preocupação dominante; naquele departamento não se faz trabalho nem se manejam coisas tão pesadas que possam derrear os rins de homens já debilitados pela idade. As áleas entre os maquinismos são extralargas, e conservam-se sempre desimpedidas, para que a visão enfraquecida dos velhos operários os não leve a esbarrar em obstáculos. Daí raros acidentes.

E ao mesmo tempo que assim se mantem o respeito próprio e a dignidade dos mais antigos, nos seus anos crepusculares, tambem se poupam os homens mais novos. Tem acontecido muitas vezes que um operário sinistrado, ou mutilado, depois de ter passado uma temporada naquele departamento, readquiriu as condições que lhe permitiram retomar a antiga ocupação. Um desses casos é, por exemplo, o de John Stiwac, que, tendo perdido um olho, foi estagiar cinco anos no departamento dos veteranos, se tornou perito em limagem, e obteve boa classificação para um emprego no fabrico dos famosos Bofors. Com pouco mais de 30 anos, John Kartanys ficou sem uma perna; deram-lhe um lugar no Departamento dos Veteranos. Sentado numa cadeira, John recebeu tarefas que podia cumprir nessa posição, e, tendo-se habituado gradualmente à sua perna de pau, reconquistou a confiança em si próprio. No verão passado reingressou na fábrica principal. Hoje encontram-se no Departamento três homens cegos de um olho, três manetas, e um coxo.

Tempos atrás, andaram os inspetores por toda a fábrica, colhendo dados para um relatório sobre a qualidade do trabalho. Elaborados os resultados do inquérito, o Departamento dos Veteranos saiu-se quase à cabeça do rol! As obras rejeitadas por imperfeição e outros motivos, montam a menos de 1 por cento, ou seja, metade do que se regista quanto a outras seções. Um dos veteranos, tendo-lhe alguem perguntado qual a sua percentagem de rejeições, respondeu: «Nunca tive disso,»—declaração que o departamento de inspeção corroborou inteiramente.

Quando um dos veteranos chega aos setenta e cinco anos de idade, realiza-se uma cerimônia no dia natalício: flores, bolo, discurso pelo camarada que será o seguinte a completar 75 anos, aplausos do pessoal da seção... Diga-se o que se disser, embora pouco romântico, não é mau de todo envelhecer assim, sentindo-se ainda capaz de levar o seu fardo.

Numa nação onde escasseia a mão-de-obra, esses veteranos estão produzindo na verdade, tanto como cincoenta ou sessenta jovens operários qualificados. Ninguem alí está para os fazer trabalhar depressa, mais depressa; mas os «vovôs» sabem que é preciso ganhar esta guerra, e, metidos no seu cantinho, estão fazendo por ajudar a ganhá-la, com suas velhas mãos afeitas ao trabalho.

O cão que soube esperar

(Condensado do «American Magazine»)

Por R. G. Kirk

SE GENTLEMAN é aquele que ao mesmo tempo sabe ser *gentil* e muito *homem*—então não resta dúvida que o meu mano Jim fazia jus ao epíteto. Não se pense, pois, que o Jim não sabia ser rijo quando fosse preciso: duro ele o era! Mas em se tratando de seres que merecessem gentileza ou bondade, especialmente mulheres, crianças e cachorros—Jim era a verdadeira incarnação da gentileza. É do Jim e do nosso cachorro que lhes quero falar agora.

Há alguns anos o Jim veio viver na nossa companhia, e Mr. Bones, o cão, tornou-se logo o seu fiel companheiro. Foi o que se chama ver-te e amar-te! O Jim tinha qualquer coisa aos olhos dos cães. Toda vez que ele saía em viagem de negócios, Mr. Bones queria logo acompanhá-lo. E o Jim de dizer: «Tenha paciência, Mr. Bones. Eu volto, e para a próxima vez hei-de levar você comigo.»

Às vezes Jim chegava a ficar ausente uma semana e mais. E Mr. Bones esperava, cheio de paciência. Bem sabia o que «a próxima vez» significava, porque Jim nunca faltava a uma promessa. Assim que regressava, dizia logo: «E então, Mr. Bones, que tal? Esperou com paciência? Então venha daí. Agora é a nossa vez.» E lá iam juntos para uma longa jornada. Quase se pode dizer que Mr. Bones vivia só para essas excursões na companhia do seu grande amigo.

Quando Jim ficava por casa, depois do jantar, Mr. Bones ia ao primeiro andar todas as noites, trazia os pantufos de Jim para baixo, depunha-os no chão, em frente à cadeira do dono, e alí ficava até serem horas de ir para a cama, deitado, com o focinho em cima de um pé de Jim.

Chegou a grande doença final de Jim, e disse-me ele: «Este coração já não vai longe. É questão de dias... O pano vai cair breve. Bom, eu não tenho razão de queixa. A vida foi boa pra mim, Bill...»

No próprio dia em que havia de morrer, Jim me disse: «O cachorro vai sentir a minha falta. Deixe-o vir aquí ao pé de mim.»

Mr. Bones entrou no quarto, e olhou para Jim com uma expressão de ansiedade no olhar. O dono disse: «Tenha paciência, Mr. Bones. Eu volto, e para a próxima vez hei-de levar você comigo...»

CÁ NA FAMÍLIA é hábito levar as coisas com calma. Jim tinha sido meu irmão durante cincoenta anos. Perdê-lo agora, apesar de muito doloroso, ainda não era um preço excessivo a pagar pelo que a sua amizade me dera: assim eu me consolava. Os pequenos, de começo, é que não se resignaram, porque Jim tinha sido para eles um grande tio-camarada. Mas as crianças esquecem depressa as suas máguas...

E Mr. Bones? Ora, Jim lhe tinha dito: «Tenha paciência, Mr. Bones»—

e o cachorro pôs-se a esperar, cheio de coragem. É bem verdade que Jim se estava demorando muito, muito mais do que o costume: mas promessa que ele fizesse era sagrada para o cão. Alem disso, Mr. Bones tinha levado para o caixote onde dormia, na cozinha, os pantufos de Jim.

Correram cinco anos. Minha mulher e eu estávamos uma noite sentados a ler na sala. A casa estava calma e silenciosa. Súbito, deitado no chão ao lado da cadeira de Emília, Mr. Bones acordou e começou a abanar a cauda vivamente. É sabido que os cães ouvem coisas que escapam ao nosso ouvido. Pusemo-nos à escuta, mas não ouvimos passos, ruido algum lá fora.

E a cauda—*pan, pan, pan*—a bater outra vez contra a perna da cadeira... Então, um bocado enferrujado, porque os anos eram muitos, Mr. Bones se levantou e deixou a sala. Um minuto depois voltava com os pantufos de Jim nos dentes, e depunha-os em frente da cadeira onde o dono costumava sentar-se; poisou neles o focinho, e caiu de novo a dormir.

Seria a rajada de recordações que me trouxe à memória a vista daqueles chinelos, alí no seu lugar de outrora? O certo é que me pareceu que a sala se enchia de repente do velho calor de bondade de outros tempos. Emily disse com doçura:

«Jim era bom... A gentileza em pessoa.» E acrescentou: «Acho que vou me deitar. E você tambem deve ir. Já leu demais esta noite. Mas acho melhor não acordarmos o cachorro, coitado. Vamos deixar ele dormir aquí esta noite.»

Lá estava na manhã seguinte, exatamente como o tínhamos deixado: a cabeça entre as patas, o focinho em cima dos pantufos do dono. Mas alguma coisa parecia dizer-nos, logo ao vê-lo, que Mr. Bones esperara quanto podia: adiante dele, infinda, calorosa de camaradagem, desenrolava-se a jornada alegre e derradeira do cachorro que soubera esperar...

O tráfico nazista de brancas

O GOVERNO da Polônia no exílio revela que os nazistas levaram para os seus lupanares milhares de jovens e de mulheres polacas, declarando que existe na Alemanha de hoje o maior tráfico de escravas brancas de toda a história. Os alemães organizaram uma verdadeira caça de mulheres em Varsóvia, transportando-as em caminhões para a Alemanha, com o objetivo de apaziguar as suas tropas na frente ocidental da Europa. Mil e oitocentas mulheres de Gdynia, todas esposas de oficiais, foram enviadas para os alcouces patrocinados pelos oficiais nazistas dentro da Alemanha.

«Milhares de jovens polacas,» diz o informante do governo polaco em Londres, «regressaram grávidas. Já não eram mais uteis aos nazistas.»

Essa situação foi denunciada pelo Cardeal Hlond, Primaz da Polônia, em um relatório enviado ao Papa Pio XII.

—John A. Parris, (UP)

¶ *«Conhece o inimigo como a ti mesmo, e conhecerás o segredo da vitória.»*
—Sadao Araki, general japonês

O soldado japonês visto de perto

(Condensado do «Infantry Journal»)

Por Warren J. Clear
Tenente-coronel do Exército americano

O SOLDADO JAPONÊS típico é pequeno, com um metro e sessenta de altura, e pesa 53 quilos em média. Percebe um soldo mensal de Cr.$25,00, dos quais lhe permitem gastar Cr.$2,00 em proveito próprio. Um punhado de arroz e um bocado de peixe salgado bastam-lhe para os dias em que marcha 50 quilômetros com todo o seu pesado equipamento. É um dos mais resistentes e denodados combatentes de todo o mundo.

Tal é o inimigo que temos pela frente. Será de bom aviso estudá-lo na medida do possivel. «Conhece o inimigo como a ti mesmo, e conhecerás o segredo da vitória,» é a máxima do general Sadao Araki, o gênio diabólico do Japão.

Fiz estágio no exército japonês como observador, e logrei conhecer bem o pequeno homem amarelo.

Em seguida ao grande terremoto de 1 de setembro de 1923, assistí à perpetração de crimes em massa pela multidão desenfreada de japoneses, sobre milhares de coreanos inofensivos, só por terem posto a circular boatos infundados de que, em vingança pelas injustiças sofridas, planejavam os coreanos uma invasão do Japão. Armados com o temivel sabre nipônico e as lanças de bambú, cortantes como navalhas, os fanáticos entregavam-se aos maiores atos de selvajaria em Tóquio. E presenciei com meus próprios olhos a chacina de coreanos inermes e aterrados—homens, mulheres e crianças.

Um simples relance de olhos pela história explica esse vandalismo inominavel. O moderno soldado japonês é o produto de séculos de lutas intestinas, que converteram as ilhas nipônicas num vasto campo de batalha ensopado em sangue. Mataram-se príncipes e micados, a capital imperial foi incendiada e saqueada repetidas vezes, reduzida a maioria do povo, sem amparo nem armas, a um nivel de miséria e desgraça em que a vida humana se despia de todo valor.

O estado de guerra permanente entre as seitas nunca teve tréguas. No século XII, durante a luta entre os Tairas e os Minamotos, todos os prisioneiros, sem distinção de sexo nem idade, foram decapitados. Em 1598, quando da invasão do continente asiático pelos exércitos de Kato, decapitaram-se 38.700 chineses e coreanos; as suas orelhas e narizes, arrancados e salgados, foram remetidos para Kioto, onde ainda hoje se ergue um monumento conhecido pelo nome de «Monte de Orelhas.»

Até 1870 era hábito dos japoneses colecionar cabeças de inimigos, depois de cada batalha, e a estatística oficial de baixas era sempre calculada sobre essa base.

Mas a história não revela perseguições mais terriveis do que as de Hógun Yeyasu contra os missionários cristãos e os japoneses convertidos. Dos cristãos, uns foram enterrados vivos, outros espatifados por touros, e outros ainda, amarrados dois a dois e metidos em grandes sacos de arroz, que empilhados em pirâmides, eram em seguida incendiados. Os documentos oficiais japoneses da época narram torturas de requinte indescritivel, praticadas exclusivamente para satisfazer o sadismo ainda hoje latente no homem japonês.

EU CONHECIA alguns desses antecedentes, e, ao partir de Tóquio para Aizu-Wakamatsu, no centro-norte do Japão, para assumir o meu cargo de adido à Segunda Divisão do Exército Imperial, já adquirira conhecimento prático da língua japonesa.

A primeira coisa que me chamou a atenção em Aizu-Wakamatsu, ao entrar no quartel, foi a seguinte inscrição sobre a porta: «Lembra-te que a morte é mais leve do que uma pena, e o dever pesa mais que uma montanha.»

O general Ayiashi apresentou-me ao seu Estado-Maior, e entramos num compartimento onde se via o retrato do Imperador, diante do qual todos se curvaram reverentemente em silêncio, durante um minuto.

O ajudante de ordens, major Hata, conduziu-me aos meus aposentos, numa pequena mas encantadora residência japonesa. Deu-me em seguida uma chave nova dizendo: «Este quarto tem paredes reforçadas para que nele se possam guardar documentos confidenciais. Tem uma fechadura Yale, e o que aquí guardar ficará em segurança.» Lembrei-me logo de que as fechaduras Yale são em regra vendidas com duas chaves.

Na manhã seguinte o clarim tocou a alvorada às cinco horas, e os recrutas, vindos das mais remotas paragens, iniciavam-se na vida de caserna. Olhemos para o interior de uma dessas cabeças amarelas, e vejamos o que ela contem.

Antes de tudo o camponês mais rude está convencido de que descende dos deuses. E é esse tambem o credo de seus oitenta milhões de irmãos de raça. Considera alem disso indiscutivel que o Imperador é filho do céu, ente supremo, Deus personificado. Até mesmo o simples retrato do pequeno Hirohito de óculos é sagrado. Centenas de japoneses sacrificaram a vida para salvar sua imagem de edifícios em chamas, e diversos diretores de escolas incendiadas onde pereceram crianças entre as chamas, cometeram o *hara-kiri* não por este fato, mas por não terem logrado salvar a efígie do Micado.

O recruta é adestrado por vários anos de disciplina e sobriedade. Nem sequer na Alemanha ou na Itália se viu já tal regime. Antes de ser convocado às armas, a sua mente já fora inflamada em anos sucessivos pelas narrativas de histórias de fanatismos e sacrifícios supremos. Em toda a parte, tanto em casa como nos templos ou nas escolas e quartéis, o cérebro ingênuo da mocidade é plasmado de acordo com a mística da casta militar. O treino da criança principia aos seis anos, quando põe às costas a

O TENENTE-CORONEL WARREN J. CLEAR, do estado-maior do Exército, passou quatro anos no Japão, fazendo estágio de observação e treinamento no exército japonês e dedicando-se ao estudo da língua, que fala correntemente. Depois do General Pershing foi o segundo oficial americano autorizado a observar de perto a máquina de guerra japonesa. Na presente guerra está no mais vivo da luta contra os seus ex-instrutores, e recebeu a Medalha de Serviços Distintos, por atos de bravura em combate.

primeira mochila e se inicia no «passo de ganso» em volta da escola, entoando hinos patrióticos. Aos doze já enverga uniforme, leva ao ombro uma pequena espingarda, e toma parte ativa nas manobras anuais, de que participam a artilharia ligeira e as granadas de mão. Aos quinze, entre gritos de combate, assalta uma colina, tomando à baioneta supostas posições inimigas. Um ano depois, dirige tanques de madeira pelos prados dos arredores. Aos dezenove já faz marchas diárias de quarenta quilômetros com o batalhão escolar, inteiramente armado e equipado; cava trincheiras e fossas, faz barragens de arame farpado e estuda a topografia em detalhe. Vadeia, com água pelo peito, as torrentes geladas das montanhas, arrasta-se pela lama e pelo pó dos caminhos, cozinhando seu punhado de arroz ao ar livre. De regresso à escola, depois de vários dias de acampamento, recomeça a vida escolar, apresentando-se às seis horas, nas manhãs invernosas, para a esgrima e para o *judo*—luta livre.

Cerimônias solenes, que contrastam singularmente com a nossa indiferença em casos semelhantes, marcam a partida do soldado para a guerra. Vi certa vez uma cidade inteira reunir-se para prestar homenagem a cincoenta soldados que partiam. Do alto de uma plataforma, e depois de curvar-se diante deles, o prefeito leu-lhes um solene discurso.

«Assim como o leopardo ferido de morte deixa sua pele ao homem, assim tambem a reputação de um guerreiro honra a seus filhos depois da sua morte. Vossos filhos serão amparados pelo exército. Ser-lhes-á dada a coragem que os impelirá a saltar como leões contra o inimigo. Nos momentos de crise nacional as nossas vidas não têm valor, e os mais preciosos tesouros não valerão mais que a poeira das estradas. Todos os súditos, como insignificantes punhados de terra, pertencemos ao Imperador e estamos sempre ao seu serviço.»

Vi tambem os mesmos soldados em formatura, para receber suas armas no pátio do quartel.

Um major chamou-os um a um, ao estrado, onde se encontrava um comandante de companhia com um fuzil na mão. Cada soldado, à medida que subia os degraus, curvava-se perante a arma, retirava-a das mãos do capitão, dava meia volta e regressava ao seu lugar no pelotão. A idéia de prestar homenagem a um fuzil é coisa que deveríamos ponderar com seriedade.

Alguns dias mais tarde, em marcha de treino, tive oportunidade de conhecer outra faceta do caracter japonês. Partimos com o equipamento completo antes do raiar do dia. Indaguei do tenente Hirose, destacado para meu ajudante de ordens, qual o objetivo da nossa marcha.

«O regimento vai escalar o Bandai-San e voltar ainda hoje,» foi a resposta lacônica.

O monte Bandai tem quase 4.000 metros de altura, e eu acabava de ter alta do hospital de São Lucas, em Tóquio, depois de quatro meses de hemorragias do estômago... Era um dia de calor, e logo comecei a sentir o peso do meu equipamento, à medida que a subida se tornava mais íngreme. Sentia o coração palpitando descompassadamente e a respiração tornou-se-me ofegante. Por fim voltei-me para meu ajudante e disse-lhe: «Comunique por favor ao comandante do regimento que vou regressar ao quartel.»

O tenente Hirose replicou quase agressivamente, sem disfarçar a emoção: «Se o senhor não é capaz de subir o Bandai-San, sou forçado a retirar-me do cargo de seu ajudante de ordens. Não quero ser alvo do escárneo do regimento por cooperar com quem talvez não seja suficientemente forte. Exigimos que nossos oficiais sejam fortes. Desculpe-me!»

Compreendí que estava em jogo o próprio prestígio do Exército americano. E por isso conservei-me firme.

O tenente Hirose mostrou toda a sua dentadura num sorriso rasgado.

«O senhor se aguentará com o soldado japonês?» perguntou-me. Os dez quilômetros de escalada pareceram-me um pesadelo, mas a descida ainda foi peor, se bem que nem um só homem tivesse desistido.

«Os japoneses não se deixarão abater, nem moral, nem psicológica, nem economicamente, mesmo se forem postos diante da evidência da derrota... Só serão derrotados de fora, pela destruição física ou pelo esgotamento de homens e recursos materiais.

Esta é a diferença entre japoneses e alemães, e tal é o obstáculo que temos a vencer.

É dificil aos americanos que jamais viveram no Japão formar uma idéia da presunçosa confiança da marinha e do exército japoneses em sua capacidade de subjugar não somente vastas áreas da Ásia, mas tambem do Hemisfério Ocidental.»

—Joseph C. Grew, ex-embaixador no Japão

DURANTE os preparativos para as grandes manobras da Segunda Divisão, passávamos ao relento quase todos os dias e a maior parte das noites. E tanto oficiais como soldados dormiam no chão agasalhados nos seus capotes militares. Submetiam-nos a uma ração de campanha, ainda inferior ao «rancho» do quartel japonês que, como se sabe, é a peor alimentação do mundo. Na caserna, o «café da manhã» do soldado consiste em uma tijela de soja e molho de peixe. O almoço consta de arroz, às vezes um pouco de peixe em conserva. O jantar se compunha de peixe cru com *sakê*, algum arroz e beterrabas doces.

Este regime alimentar é realmente luxuoso em comparação com o «rancho». Mas como os japoneses não usam cozinha de campanha, alimentávamonos em geral de carne de conserva, fria, e de bolacha dura. Algumas vezes havia arroz ou cevada, que se cozinhava quando existia água e o tempo era favoravel.

Uma madrugada, às três horas, tivemos a oportunidade de comprovar a resistência do soldado japonês. O meu regimento foi destacado para uma marcha forçada. Cada soldado transportava cerca de 75 pentes de munição e uma mochila de vinte quilos. Uma hora depois da partida caía uma chuva torrencial. As estradas transformaram-se em lamaçais; tudo se encharcou: fuzís, equipamentos, fardamentos e botas. Um vento frio e cortante completava o tormento. Pois apesar de tudo, o regimento marchou durante toda a manhã, a tarde inteira e parte da noite. E por volta de meia noite tínhamos percorrido cerca de 50 quilômetros. Fizemos então uma pausa de meia hora para comer e reajustar o equipamento, e pelas oito horas da noite seguinte tínhamos percorrido mais outros cincoenta quilômetros. Então foi dada ordem para se tomarem posições defensivas ao longo da margem de um rio.

Antes que os soldados pudessem refazer-se e alimentar-se tiveram que cavar uns quinhentos metros de trincheiras. À medida que cada esquadra

completava sua tarefa, os homens devoravam um punhado de arroz, no interior da trincheira.

Após quatro horas apenas de sono, os homens receberam ordem para regressar em marcha forçada a seus quartéis. Em 35 horas fizeram portanto uma marcha de cem quilômetros e cavaram as trincheiras, com um simples descanso de cinco horas.

De outra vez, o regimento rompeu a marcha antes do despontar do dia, prosseguindo-a durante toda a manhã sob um sol causticante. Às seis da tarde, próximo de uma cidade, encontramos a população desta reunida para aclamar o regimento. Ouviram-se então vozes de comando e os soldados impertigaram-se, corrigindo a posição dos fuzís. Os braços esquerdos começaram a oscilar numa cadência exagerada, e o regimento rompeu com garbo o passo de ganso, desfilando por entre a multidão.

Já na cidade, fizemos alto para celebrar uma rápida cerimônia. O prefeito leu um breve discurso e, em resposta, os soldados entoaram respeitosamente e em surdina: «Ainda que meu cadaver flutue sobre as águas ou desapareça sob a densa vegetação das montanhas, sacrificarei de boa vontade minha vida pelo Imperador.»

As lágrimas deslizavam pelas faces dos anciãos da cidade. Mesmo as crianças conservavam-se em respeitoso silêncio.

«Marche!» foi a voz de comando.

As longas fileiras de mochilas começaram a mover-se. Horas a fio, a coluna exhausta progrediu penosamente nas trevas. Fizeram-se aquela noite duas pausas de vinte minutos. Depois de ingerirmos alguns bocados de arroz, às seis horas da manhã continuamos a marcha em silêncio com toda a energia. A tensão aumentava progressivamente. Um cão surgiu da casa de um camponês e atirou-se ladrando aos calcanhares de um capitão. Este desembainhando a espada, decepou-lhe as patas dianteiras. O regimento rompeu em gargalhadas aos ganidos do pobre animal irremediavelmente mutilado.

Não fizemos alto ao meio dia. Ao longe os telhados dos nossos quartéis brilhavam ao sol. E ouviu-se então uma inesperada voz de comando: «Acelerado, marche!»

Mal podia acreditar no que ouvia. Que loucura era essa? Os pobres soldados estavam quase mortos de fadiga... Tinham marchado perto de 200 quilômetros em 72 horas, transportando cada um seu fuzil, 75 pentes de munição e 20 quilos de equipamento, e apenas com quatro horas de sono!... E ainda lhes ordenavam que marchassem em acelerado!? A tropa começou entretanto um trote fantástico. As mochilas balouçavam nas costas ensopadas de suor. Um tenente caiu de bruços na estrada poeirenta, e aí permaneceu imovel. Os portões dos quartéis já estavam à vista. As pedras da estrada estalavam sob as pesadas botas.

Chegávamos ao quartel. Estava assim terminada a incrivel marcha forçada que nenhum outro exército do mundo teria suportado. À minha admoestação ao castigo imposto aos homens com essa marcha acelerada, o coronel replicou: «Os homens, ainda fatigados, devem sempre poder marchar mais um ou dois quilômetros para tomar nova posição inimiga. Era a única forma de provar essa verdade.» Quando lhe lembrei que se tratava de simples manobras, ele retrucou: «Manobra é guerra, segundo o meu modo de ver.» Dias depois, ao perguntar pelo estado de saude do tenente que caira, responderam-me que falecera no hospital.

O TREINO do nosso regimento se intensificava cada vez mais, à medida que se aproximava o dia indicado para as grandes manobras, especialmente na tática de atravessar arames farpados em supostas linhas inimigas. Os pelotões da vanguarda atiravam-se aos emaranhados de arame farpado, de cabeça baixa e os braços protegendo os olhos, e os que se lhes seguiam serviam-se dos corpos de seus camaradas prostrados como de uma ponte humana. O comandante da divisão dizia: «É melhor aprender isso aquí, do que sob o fogo do inimigo»...

Um dia a divisão teve ordem para efectuar um assalto à baioneta, a arma predileta do soldado japonês. Ei-los que vinham sobre a colina, soltando brados de guerra e aclamando os nomes dos seus antepassados mortos na guerra. Quando se aproximavam das trincheiras «inimigas», a excitação atingia o auge. Era o prelúdio de uma realidade que iríamos testemunhar mais tarde: o prelúdio de Bataan, onde as hordas japonesas, dia após dia e noite após noite, investiram contra nossas linhas com ferocidade diabólica.

Quando a primeira vaga de assaltantes atingiu as trincheiras junto à crista da colina, a algazarra dos defensores aumentou o fragor da batalha simulada. Metralhadoras e fuzís disparavam sem cessar a munição de exercício. Obscurecia a montanha a espessa fumaça amarelada, vinda dos receptáculos de gases lacrimogênios. As minas projetavam a terra em verdadeiros repuxos sob os pés da infantaria assaltante.

Em todos os lugares onde investiam, as baionetas nuas das tropas de assalto cruzavam-se sempre com as dos defensores. Houve numerosas baixas causadas por ferimentos graves. Um soldado trazia uma baioneta espetada logo abaixo da clavícula.

Nessa mesma noite fomos todos assistir a um espetáculo oferecido pela força vitoriosa. Numa das cenas os autores diziam: «Não cogitemos sobre os cadáveres dos que tombaram, nem tão pouco dos rios de sangue que correram. Concentremo-nos apenas no cumprimento das ordens do Imperador e no dever do sacrifício das próprias vidas para a realização dos desígnios imperiais.»

A disposição espontânea dos guerreiros japoneses ao sacrifício da vida tem sido desde então abundantemente demonstrada. Quando um dos nossos vasos de guerra abateu um avião japonês e atirou salva-vidas à tripulação em riscos de afogar-se, nem um único japonês tocou nos cabos, preferindo a morte a serem salvos e feitos prisioneiros.

Em Bataan três ou quatro japoneses expuseram-se a morte certa, descobrindo-se para determinar a localização de uma metralhadora americana camuflada, para que esta pudesse ser alvejada pela artilharia japonesa.

Em Lagusayn, em Bataan, quinhentos japoneses defendiam uma posição quase inexpugnavel, construida de concreto. Foi finalmente tomada pelos nossos homens, porem não houve um único prisioneiro. Trezentos e cincoenta japoneses morreram na peleja; os 150 restantes suicidaram-se em massa, saltando do alto de um rochedo.

A disposição ao supremo sacrifício é um corolário de sua fé na divindade do Imperador, e consequência dos atributos de infalibilidade e invencibilidade, que reconhecem neste. Nisso repousam simultaneamente a força presente do

Imperador e sua fraqueza final, pois não pode incorrer em erros e permanecer deus. Os soldados japoneses seguem entusiasticamente um Deus-Imperador vitorioso. Mas quando a tropa e a classe civil se inteirarem de que não foi um deus, mas sim um fantoche, quem os conduziu a uma desastrosa carnificina, quando a desilusão da derrota desmoralizar as falanges japonesas e depois delas o povo, veremos que rumo tomará o fanatismo.

Ao se convencerem de que seu «deus» não é senão o vil mortal de olhos oblíquos, e da enganadora mistificação da sua aparência presunçosa, toda a sua força moral desabará. Mas para conseguir tal colapso é indispensavel que se lhes inflijam derrotas decisivas no campo de batalha, tarefa nada facil contra uma nação continuamente em armas.

Felizmente temos inapreciaveis vantagens de nosso lado. Vamos colocar esta guerra num plano industrial, mecânico e científico, que os japoneses não poderão jamais atingir com o potencial de sua indústria pesada, que mal iguala um décimo da nossa. Mas a vitória exigirá todo o nosso potencial humano e toda a nossa força mecânica e industrial.

Entretanto os japoneses não duvidam de seu possivel êxito e da empresa acalentada pelos mais loucos sonhos de Hitler. São palavras do dr. Ishimura: «Os que não foram até agora iluminados pelas leis imperiais em qualquer ponto do globo devem ser subjugados.» E estas, do general Nonaca: «A conclusão final da política é a *conquista do mundo por uma potência imperial.* A nação japonesa está em vias de desempenhar a missão para que foi predestinada.» Não devemos desdenhar a força de um povo como este.

Cavalo de Tróia oriental

¶ NADA impõe mais respeito na Ásia do que um fêretro e uma procissão fúnebre. Um antigo cidadão de Singapura, que hoje trabalha para o governo dos Estados Unidos na Austrália, conta como os invasores japoneses se valeram desse respeito sagrado pelos funerais, para lançar o pânico e o morticínio na população de um dos distritos de Singapura.

Já muito tarde—quando os japoneses haviam conseguido posições na ilha, as autoridades britânicas decidiram distribuir armas aos chineses leais. No distrito guardado pelos chineses, apareceram certas pessoas de luto, dizendo-se parentes de um eminente patriota fuzilado em outro distrito já ocupado pelos japoneses, e pedindo permissão para trazer o morto e enterrá-lo em um cemitério que se achava na área ainda não ocupada.

Quando a procissão fúnebre alcançou a rua mais movimentada, e os guardas chineses respeitosamente se alinharam, para deixar o enterro passar, subitamente a marcha se interrompeu—e os acompanhantes do enterro, os carregadores do caixão e até o próprio «morto» viraram soldados japoneses armados de metralhadoras, abatendo a tiros toda gente que se achava à vista.

—Upton Close

¶ *O acidente dum cachorrinho traz nova orientação ao tratamento de fraturas de pernas e queixos.*

Reparação rápida de ossos fraturados

(Condensado da «Science News Letter»)

Por Elsie McCormick

RECENTEMENTE, um visitante do Hospital Naval de Filadélfia ficou estarrecido ao ver três marinheiros—um com a perna quebrada seis dias antes, outro com um braço que fraturara havia dois dias, e o terceiro com fratura do queixo de apenas uma semana—fazendo um joguinho na sala de recreio.

O do braço quebrado estava jogando cartas, o de perna fraturada estava mudando de lugar sem muletas, para melhorar de sorte, e o de queixo partido mascava com prazer um pedaço de fumo.

Não se viam aparelhos de gesso, tipóias ou ataduras, e o mascador de fumo não tinha os queixos imobilizados, nem trazia o clássico aparelho. Todos os três usavam nas respectivas fraturas o «aparelho de Stader». Consiste este numa pequena placa metálica, cujas extremidades se fixam por intermédio de parafusos nas extremidades ósseas fraturadas, consolidando assim a fratura. Com o engenhoso auxílio de pequenas roscas, dá-se, sem dor, a coaptação das extremidades ósseas. Embora pese apenas alguns gramas, o aparelho é suficientemente forte para suportar a pressão exercida normalmente nos ossos. Serve de aparelho locomotor e de substituto do osso.

Este aparelho foi posto em prática pelo médico veterinário dr. Otto Stader. Depois de longamente experimentado em animais, foi o mesmo aplicado ao homem por dois cirurgiões do Hospital Bellevue, de Nova York. Desde dezembro último vem sendo usado no Hospital Naval de Filadélfia. A julgar pelos resultados, o aparelho de Stader trará possivelmente mudança radical no tratamente das fraturas. A Marinha está encomendando atualmente uns mil aparelhos todos os meses.

Na maioria dos casos de fraturas de perna, semanas ou mesmo meses de permanência no leito são reduzidos a alguns dias; certos pacientes têm conseguido andar sem muletas 24 horas após a aplicação do aparelho. No Hospital Naval de Filadélfia, um marinheiro foi fotografado carregando uma valise de 18 quilos com um braço que tinha sido encanado no dia anterior.

O invento nasceu de um acidente num cão. O dr. Stader, encanecido no exercício profissional, tinha sido especialista em moléstias do gado até a crise econômica de 1929. Daquela epoca em diante, instalou um pequeno hospital em Geneva, Ilinóis. No seu primeiro dia de serviço, uma viuva trouxe-lhe um cachorro de raça com a perna fraturada. O dr. Stader, que não tinha tratado de cães desde que saira da Escola de Veterinária, levou o animal a um colega. Primeiro, os dois puseram o membro fraturado num aparelho de

gesso, mas o cachorro comeu o aparelho. Quando tentaram um aparelho de alumínio, o cão arrancou o esparadrapo que mantinha o mesmo. Então os veterinários expuseram o osso fraturado e ligaram as extremidades com um fio metálico. Ainda desta vez o cão rebentou o curativo e uma infeção sobreveio, causando a morte do animal. Contrariado com o acidente, o dr. Stader tratou de conceber um aparelho que pudesse permitir o uso livre das partes situadas acima e abaixo das fraturas, ao mesmo tempo que mantivesse no seu lugar a parte fraturada, sem ser preciso aparelho de gesso. O princípio da placa metálica aplicada ao osso por meio de parafusos não era novidade. A «aparelhagem de Steinmann» foi introduzida nos Estados Unidos em 1904. Outros cirurgiões, entre eles os drs. Roger Anderson e H. H. Haynes, tinham modificado o aparelho para melhor. Porem o veterinário notou que havia ainda inconvenientes a corrigir. Depois de semanas de experiências e contra-tempos, construiu o aparelho de Stader mais ou menos como hoje se apresenta.

O novo invento foi aplicado pela primeira vez num cão «chow» com a perna fraturada. Usando cuidadosa assepsia, o dr. Stader fixou os parafusos no osso, acima e abaixo da parte fraturada, e ajustou a placa e as roscas até que fosse perfeita a coaptação das extremidades ósseas. Minutos depois, o cão acordava, levantava-se e começava a andar. Desde então, em Geneva e no seu novo Hospital em Ardmore, Pensilvânia, o dr. Stader tratou mais de 1.200 cachorros nas mesmas condições. Há cerca de três meses aplicou ele um aparelho de proporções bem maiores na perna dum cavalo. O animal podia pastar tranquilamente no campo, enquanto a perna cicatrizava. Antigamente, cavalo de perna quebrada era cavalo perdido.

Em 1937, depois que o dr. Stader começou a usar o aparelho em animais, seu trabalho chamou a atenção dos drs. Kenneth M. Lewis e Lester Breidenbach, encarregados do serviço de fraturas no Hospital Bellevue. Vendo o dr. Stader colocar um aparelho num cão policial, o dr. Lewis ficou admirado da simplicidade da operação. A admiração subiu de ponto quando ao voltar no dia seguinte viu o cão no canil, andando muito esperto. O dr. Breidenbach, estudando o aparelho, convenceu-se de que o mesmo poderia ser usado com êxito no homem. Pacientemente, dia a dia, os dois cirurgiões, nas salas de autópsias, fraturaram ossos e empregaram o aparelho em toda espécie de fraturas. Ao mesmo tempo, o médico veterinário trabalhava à noite no porão do Hospital, adaptando o seu invento à cirurgia humana.

Meses depois, o aparelho foi experimentado no primeiro caso humano—um tripulante de navio mercante que havia caido da coberta do navio e fraturado a perna, gravemente, entre o joelho e o tornozelo. Os médicos hospitalizaram-no por 10 dias, antes de permitirem que o paciente começasse a andar. Três semanas depois da aplicação do aparelho, o marinheiro voltava a trabalhar. De ordinário, um homem com idêntica fratura, antigamente, ficaria incapacitado de trabalhar por cerca de três meses.

O caso seguinte foi o de um padeiro de 19 anos, que havia quebrado a porção inferior dos ossos da perna esquerda durante um jogo de futebol. Primeiramente fez-se-lhe a aplicação dum aparelho gessado. Duas semanas depois da aplicação, as extremidades fraturadas descolaram-se, e o doente voltou ao Hospital com dores terriveis. Aí então o dr. Breidenbach colocou um aparelho de Stader. Dois dias depois o rapaz estava andando. Dentro duma semana voltava ao trabalho, permanecendo oito horas de pé, à beira do forno, com o aparelho coberto pelas calças.

A despeito desses êxitos iniciais os drs. Lewis e Breidenbach continuaram com cautela, estudando outras técnicas, observando fatos, e só recentemente vieram a publicar os resultados.

No dia seguinte ao ataque a Pearl Harbor, o dr. Stader trouxe um dos seus aparelhos para o Hospital Naval de Filadélfia. Os cirurgiões navais tiveram boa impressão do mesmo, e começaram a experimentá-lo.

Na vida marítima, os casos de fratura são sempre de temer. A bordo, a não ser que se use aparelhagem especial, as pernas fraturadas, em aparelho de tração, mudam de posição para diante ou para trás, seguindo o balanço do navio. Em casos de pânico, os doentes em aparelhos gessados ou em aparelhos que usam fios metálicos, ficam em trágica situação. Um marinheiro que tenha maxilar superior e mandíbula atados, em caso de fratura de um deles, é obrigado a ter consigo um alicate para cortar a qualquer momento os fios metálicos que mantêm os maxilares juntos, evitando assim uma morte horrivel que, de súbito, poderia sobrevir, se enjoasse.

Logo depois surgiram outros casos extraordinários. Por exemplo, um jovem marinheiro, portador de fratura da extremidade inferior da perna, podia andar depois da aplicação do aparelho.

Os médicos navais já comunicaram seis casos de mandíbula fraturada, tratados pelo novo método. Os pacientes são capazes de comer, fumar e mascar chícletes, logo após lhes ter sido feita a aplicação do aparelho—contraste enorme com outros processos que mantêm o doente semanas e semanas a usar alimentos líquidos por um tubo de borracha.

Um antigo marinheiro, de 45 anos de idade, cansado de coxear, procurou o Hospital Naval. Havia 17 anos que sofrera uma fratura da coxa. A perna traumatizada encurtara 6 centímetros em relação à outra, e o homem queixava-se de dores terriveis ao andar. O osso foi secionado obliquamente, e o aparelho de Stader foi aplicado. Apertando os parafusos todos os dias um pouco, o osso e os músculos eram gradualmente distendidos, sem causar dor. Nas duas primeiras semanas, a perna do paciente tinha crescido 3 centímetros. O marinheiro veterano pôde andar comodamente, e sem coxear.

Só depois da guerra se poderão empregar tais aparelhos na clínica civil, porque a produção total deles está sendo reservada para as forças armadas. Num futuro próximo será facil obtê-los com benefícios incalculaveis. Isto significará menos dor, menores despesas com enfermagem e hospitalização, menos tempo perdido. Ao retirar-se o aparelho de Stader, não é necessário um período monótono de rehabilitação, porque o paciente vem usando a perna ou o braço atingidos a maior parte do tempo, e, assim, os músculos se acham fortes, em condições de fazer o seu trabalho usual.

¶ Pobre, sem instrução, Tomaz Davenport inventou o motor elétrico, que mais tarde veio a transformar o mundo.

O ferreiro de Brandon

(Condensado de «Kiwanis Magazine»)

Por Harland Manchester

EM CERTO dia do ano de 1833, o jovem Davenport, ferreiro em Brandon, no estado de Vermont, partiu com seu irmão Olivério, numa carroça, para Crown Point, no estado de Nova York, a 25 milhas de distância. Nesse lugar, segundo se dizia, uma fundição possuia uma portentosa bateria galvânica, capaz de «manter uma bigorna suspensa no ar, entre o céu e a terra». Olivério era funileiro ambulante, e ia sendo sacudido com o irmão no veículo, através de estradas ásperas, ao som dos potes e panelas que se entrechocavam.

Foi uma viagem histórica, em consequência da qual um ferreiro sem instrução mudaria a face do mundo. O misterioso aparelho que Tomaz Davenport estava tão ansioso de ver, era o eletro-imã inventado alguns anos antes pelo professor Joseph Henry, de Albany e Princeton. Com a cabeça para cima, achava-se suspenso um magneto de ferro maleavel, em forma de ferradura, com trinta centímetros de altura, e no qual se enrolava um fio de cobre com revestimento isolador de seda, ligado a uma bateria úmida. Poucos eletromagnetos existiam no mundo, e, dentre eles, o de Crown Point era provavelmente o de maior potência.

Os donos da fundição haviam comprado o imã por motivos de ordem prática. Para separar o ferro do refugo, no minério de baixo teor existente no lugar, eles empregavam pequenos magnetos, que eram remagnetizados pelo processo do professor Henry, quando perdiam a força.

Tomaz Davenport viu realmente o instrumento mágico manter uma pequena bigorna «em suspensão, entre o céu e a terra.» Não se contendo, rompeu uma descarga de perguntas. Cortando-se um dos fios, a bigorna cairá? Disseram-lhe que sim. Quanto pesava o magneto? Quilo e meio—foi a resposta. E a bigorna? Setenta e cinco quilos.

«Com a rapidez do raio percebí que estava na presença de uma força maravilhosa. Se três libras de ferro e fio de cobre podem suspender 75 quilos no ar, que não suspenderia um magneto de 150 quilos.» Aquela nova força tinha que ser de qualquer modo posta a serviço do homem.

Os proprietários estavam dispostos a vender o aparelho por 75 dólares (Cr. $1.500,00). À pequena soma que levara para comprar ferro para a sua tenda, e àquilo que, vencendo a resistência do irmão, apurou no leilão dos seus artigos de estanho, Tomaz acrescentou o seu excelente cavalo, que trocou por um magro cavalinho e alguns dólares—os dólares que lhe faltavam para completar a importância.

Mal acabara de entregar o dinheiro, cortou um dos fios de bateria, verificando por si mesmo que o magneto perdia a força. Ligadas de novo as

pontas dos fios, o magneto voltava a erguer pesos. Naquele tempo não havia no mundo uma dúzia de homens que conhecessem esse fato tão elementar dos fenómenos elétricos.

Voltando naquela noite para casa a altas horas, despertou Emília, sua mulher, e pediu-lhe que trouxesse papel e tinta. Depois, começou a desenrolar o fio do magneto, sob os protestos de Olivério, que queria fazer a exibição do aparelho, cobrando entradas.

«Não», disse-lhe Tomaz. «O que vou fazer é descobrir como é que isto foi construido.»

À medida que o marido desmontava peça por peça o aparelho, Emília registava no papel os mais minuciosos detalhes de sua construção. Ao terminar o trabalho, Tomaz estava desfigurado, mas triunfante. Estava vendo longe. Alí tinha entre as mãos, em bruto, uma força capaz de erguer montanhas. E alí mesmo tomou a resolução de construir «uma máquina eletromagnética», ainda que isso lhe custasse a vida como lhe custou.

A partir daquele dia, Tomaz Davenport ficou dominado por uma idéia fixa. Murmurava-se à sua volta estar ele trabalhando em uma máquina de moto-contínuo. Encontrando-o sempre entretido com as suas novas atividades, os fregueses iam ferrar os cavalos em outras tendas.

Esta mudança de hábitos parecia uma loucura. Os negócios lhe estavam correndo bem, e só havia motivos para que ele esperasse viver despreocupado, ainda que modestamente—situação conquistada depois de duros tempos de pobreza e privações.

Tomaz Davenport nascera numa fazenda pedregosa da montanha. Tendo perdido o pai aos oito anos, começou a fazer serviço de homem—trabalho penoso que durava do amanhecer ao anoitecer. Os períodos intermitentes em que pudera frequentar a escola, se fossem somados, mal chegariam a três anos.

Aos catorze anos empregou-se como aprendiz de ferreiro, mas com a obrigação de trabalhar até os 21 sem receber sálario. Pacientemente, Tomaz cumpriu o ajuste. Adquirira o hábito de ler enquanto fazia funcionar o fole. A sua leitura predileta era um livro sobre as «maravilhas da ciência».

Terminada a aprendizagem, Tomaz abriu tenda própria e havia dez anos que trabalhava nela, pondo de lado algumas economias, quando chegaram até a montanha as notícias da prodigiosa bateria galvânica do professor Henry.

Voltando a Brandon com o seu tesouro, Davenport iniciou sem perda de tempo a construção de um magneto muitas vezes maior do que o que comprara. Emília ajudava-o a fazer os enrolamentos.

Depois, pôs-se a inventar um motor, não de brinquedo mas de verdade—que fosse capaz de fazer mover máquinas, navios e trens. Atacou o problema de um modo simples e direto. Dispunha de um aparelho que exercia a sua força segundo uma linha reta; pois ele haveria de fazê-la atuar em círculo. O gênio desconhecido que na antiguidade inventou a roda do carro fora sem dúvida inspirado por idéia semelhante.

Davenport montou uma barra de ferro magnetizada, que girava sobre um eixo. Aproximando o eletromagneto, ele verificara que a barra oscilava como a agulha de uma bússola, parando quando o seu polo negativo ficava oposto ao polo positivo do eletromagneto. Ele estava certo de que, se conseguisse cor-

tar a corrente antes que a barra parasse, a quantidade de movimento desta a impeliria até o ponto em que o seu polo viesse novamente a ficar sob a atração do eletromagneto.

Tomaz e a mulher passavam longas horas tentando fazer isso, mas não conseguiam cortar a corrente à mão com bastante rapidez, de sorte que a barra continuava a parar. Nas suas experiências, vieram a descobrir um método que já tinha sido empregado nos laboratórios. Serviam-se de pequenos copos de mercúrio como elementos do circuito, e assim podiam interromper a corrente quase instantaneamente, puxando de um tranco um dos fios para fora do copo. Só depois de muita prática é que puderam obter a regulação dos movimentos e chegar afinal a fazer a barra magnetica rodar vagarosamente sobre o seu eixo. Davenport demonstrava assim a verdade do princípio pelo qual lutara: a bateria galvânica podia de fato fazer mover uma roda!

Um fabricante de rodas chamado Orange Smalley, de 22 anos, incitado pelas predições que ouvia da boca de Davenport, ofereceu-lhe as suas economias para a compra de materiais. Em julho de 1834, sete meses depois de seu primeiro contacto com a eletricidade, Tomaz Davenport havia construido um motor elétrico, apenas com o auxílio de sua intuição e de alguns ferros velhos. A roda do motor fazia 30 rotações por minuto. Dessa máquina tosca e debil descendem todos os motores elétricos hoje existentes no mundo.

Cheio de entusiasmo, Davenport convidou os vizinhos a irem ver, com os próprios olhos, a prova de que ele não era um homem leviano. A sua exposição, convencida e séria, só provocou, entretanto, sorrisos mal disfarçados.

Procurando alguem que soubesse compreender o que estava tentando realizar, Davenport pôs o motor numa carroça e partiu com Smalley para Middlebury, vinte milhas distante, onde havia uma escola superior. Depois de montar o motor na taberna da povoação, reuniu toda a coragem e foi à procura do professor Turner, que lecionava «filosofia natural».

Turner assistiu a uma demonstração com o motor.

«Sua invenção é nada menos que uma força-motriz nova», declarou ele. Deu a Davenport uma carta de apresentação para o professor Amos Eaton, do Instituto Rensselaer, e recomendou um livro, em que se encontravam os nomes exatos dos instrumentos que o inventor vinha usando.

Exultante, Davenport voltou a casa e construiu outro motor, muito mais potente. O tosco comutador de copos de mercúrio já não era bastante rápido, e por isso, com o auxílio de umas molas finas, Davenport fazia atritar os fios de contacto contra o eixo da roda. Quando se isolavam segmentos do eixo, os fios invertiam a marcha da corrente periodicamente, proporcionando dessa forma os impulsos positivo e negativo que mantinham a roda em giro. Foi esta a origem do «comutador de escova», agora empregado universalmente.

Recursos e crédito foram desaparecendo. Desanimado, Smalley retirou-se da aventura. Davenport prosseguiu sozinho no trabalho, melhorando constantemente a sua máquina. Impressionados, seus vizinhos se cotizaram e custearem uma viagem a Washington para que ele obtivesse a patente de invenção.

Davenport foi diretamente a Troy,

no Estado de Nova York, onde o professor Eaton se tornou, desde o primeiro encontro, seu ardoroso campeão. Eaton enviou-o a Princeton, ao professor Henry, inventor do eletromagneto. Este, entusiasmado, despachou-o por seu turno para Filadélfia, onde o motor foi exposto no Instituto Franklin. Essas viagens imprevistas consumiram-lhe os recursos. Limpou os bolsos para poder comprar uma passagem de volta para Troy, e chegou à casa do professor Eaton sem um niquel.

Então Davenport pediu a Eaton que arranjasse a venda do motor ao Instituto Franklin, por 30 dólares, para poder regressar à sua terra. O negócio se fez, e ele chegou em casa sem a patente e sem o motor. Desamparado, desalentado, vendo a mulher e os filhos às portas da miséria, não foi dificil ao sogro persuadí-lo a renunciar aos seus loucos projetos, e a voltar à sua forja.

Davenport, porem, tinha posto em marcha alguma coisa que nada poderia deter. O professor Eaton escrevera um artigo sobre o motor. O professor Silliman, de Yale, preparava uma comunicação entusiástica. Nessa ocasião, um jornal de Nova York publicou um artigo céptico que era como uma bofetada nos homens de ciência. O professor Eaton levantou o desafio, e, sem consultar Davenport, anunciou que o ferreiro de Brandon faria uma demonstração pública e gratuita de seu motor no edifício do tribunal, no dia 14 de outubro de 1835, isto é, dentro de poucas semanas.

O inventor redigiu uma recusa angustiada, alegando não estar em condições de comprar materiais para outro motor. Eaton não aceitou as explicações. «Você envolveu amigos na sua causa e tem o dever de sustentar a palavra deles», foi a sua resposta. E, seguindo esta, mandou para Brandon o fio de cobre necessário, que comprara em Albany. Não podendo adquirir seda para isolar os fios, aceitou o oferecimento do vestido de casamento da mulher, e com ela rasgou-o em tiras, com as quais revestiram os fios do novo motor.

A exibição em Troy deu ganho de causa aos professores, mas não levou uma só moeda ao bolso do inventor. Um dos assistentes, mecânico em Cabotsville, no Massachusetts, convidou Davenport para trabalhar na sua oficina. Os dois construiram uma estrada de ferro circular, com um metro de diâmetro. A usina de força ficava no centro, e uma locomotiva em miniatura dava voltas sobre os trilhos. O seu sócio, porem, não tinha meios para ir mais longe, e Davenport tornou a ver-se sozinho, novamente sem recursos.

Tentou então sustentar a família fazendo exibições com os seus inventos. No correr de uma delas, em Saratoga, conheceu um industrial florescente, Ransom Cook, e, com ele e os seus mecânicos, se pôs a construir motores elétricos. Pela segunda vez, o inventor partiu para Washington em busca de uma patente, mas a infelicidade seguia-o como um cão fiel. A repartição de patentes incendiou-se e o seu modelo foi destruido entre as chamas.

Os sócios construiram outro modelo e, nos começos de 1837, Davenport obtinha afinal a patente no 132, dos Estados Unidos, a primeira patente no mundo para um motor elétrico.

A isso se seguiu uma imensa publicidade. Os jornais davam como prestes a se realizar a revolução na indústria e nos transportes que de fato somente

viria a se consumar meio século mais tarde. Um agente comercial propôs a Cook a organização de uma sociedade por ações, prometendo-lhes, a ele e a Davenport, um pagamento inicial de 12.000 dólares no prazo de 30 dias. Eles mudaram então a sua oficina para Nova York, onde a invenção era proclamada pelo *Herald* como «a maior que o mundo jamais viu ou há-de ver». Vinham de toda a parte homens célebres para ver a nova maravilha, e entre eles Samuel Morse, que naquela ocasião preparava o seu telégrafo.

Os meses passavam, e os dois sócios não viam sinal de dinheiro. Seriamente abalado de finanças, Cook voltou para a sua terra. Davenport tornou à dura existência anterior e ganhava o pão dando exibições com as suas estradas-de-ferro elétricas, de brinquedo. Uma depressão geral dos negócios passava impetuosamente pelo país e os capitais se esquivavam.

Davenport lançou uma pequena revista, dedicada à eletricidade, e movia o prelo com o motor de meio-cavalo de sua invenção, sendo esse o primeiro trabalho util executado no mundo por um motor elétrico. A revista foi um malogro completo.

Por um momento brilharam indícios de uma alvorada, antes do crepúsculo final, mas esses indícios logo se desvaneceram. Um homem do Ohio apresentou-se com 3.000 dólares, e Davenport julgou-se triunfante. O dinheiro, porem, fora-lhe dado em notas de um banco do Ohio, e este faliu. Foi o golpe de misericórdia. Dominado por uma neurastenia profunda, Davenport retomou o caminho de Brandon, onde o esperava a sua fiel Emília.

Tentou de novo ferrar cavalos, mas o serviço era excessivo para a sua fraqueza. Estabeleceu-se com a mulher numa pequena fazenda, onde ficava a fitar as terras desaproveitadas, que não tinha forças para lavrar. Resolveu escrever as suas memórias, que ditava para a mulher, em narrações erradias e desconexas. Num último clarão do seu engenho, inventou um dispositivo que se adaptava ao piano, para lhe prolongar as notas como se fossem de orgão.

Não tinha completado 49 anos quando morreu. A patente do seu motor elétrico tinha caducado alguns meses antes. Outros homens vieram depois executar os planos que ele idealizara para a era nova de energia industrial, e alcançaram recompensas fabulosas.

Psiu!

¶ Um capelão curioso perguntou ao general «Stonewall» Jackson quais eram os seus planos de campanha, ao que, ele replicou:

—O sr. é capaz de guardar um segredo?

—Claro!, disse o padre, logo interessado.

—Tambem eu! disse o general.

—Robert Clark, *Our Navy*

Hitler fala—e a Vitória bate asas!

Excerto do «Newsweek»

O COMENTÁRIO mais adequado que já se fez ao discurso pronunciado por Hitler em setembro último, é indiscutivelmente o da «Svenska Dagbladet», de Estocolmo: «Em 1940 (diz ele) a Alemanha considerava-se vitoriosa. Em 1941 passou a sentir que seria vitoriosa. Em 1942 considera que deve sair vitoriosa.» Como o tempo se tem incumbido de desmentir os jactanciosos anúncios de vitória de Hitler, obrigando-o a mudar de tom—eis o que se mostra, a seguir, em declarações reproduzidas de discursos que proferiu, e de proclamações que lançou, nestes três últimos anos.

30 de dezembro de 1939: «Possa 1940 trazer-nos a decisão. Haja o que houver, a vitória será nossa.»

4 de setembro de 1940: «Aconteça o que acontecer, a Inglaterra cairá. Não posso admitir outro desfecho. Os ingleses são muito curiosos. Quando um inglês diz: «Ele não virá», minha resposta é a seguinte: «Estejam preparados, que ele vem.»

31 de dezembro de 1940: «O ano de 1941 trará a consumação do maior triunfo da nossa história. O ano de 1941 verá o exército, a marinha e a força aérea alemã poderosamente aparelhados, inclusive de mais modernos e aperfeiçoados armamentos. Sob os seus golpes, na última fase da guerra, os criminosos hão-de cair em colapso. E fique sabendo o inimigo que, a cada bomba que despejar sobre nós, replicaremos com cem, despejadas sobre ele.»

30 de janeiro de 1941: «O ano de 1941 será, acredito, um ano histórico para a nova ordem européia. O problema é apenas este: abrir o mundo a todos, esmagando os privilégios individuais, a tirania de certas nações, e sobretudo a de seus dirigentes financeiros.»

16 de março de 1941: «Hoje as forças alemãs se espalham por todo o mundo, inconcebivelmente revigoradas em pessoal e material, e prontas a completar, jubilosas e confiantes, o que foi iniciado no ano memoravel de 1940.»

3 de outubro de 1941: «A 22 de junho, pela manhã, teve início a maior companha da história universal—a invasão da Rússia. Tudo, desde então, se tem passado em conformidade com os planos previamente estabelecidos. Nas últimas 48 horas, uma operação de proporções gigantescas—a ofensiva contra Moscou — está novamente em marcha. Ela ajudará a esmagar o inimigo do Leste. Posso declarar que este inimigo já está batido, e nunca mais se levantará.»

8 de novembro de 1941: «Não há notícia, na História, de ter sido um grande império esmagado e destruido

em mais curto lapso de tempo do que o foi a Rússia Soviética. Leningrado está cercada, prestes a cair nas nossas mãos. Provavelmente, antes que o ano se encerre, poderemos anunciar que este máximo perigo o da Rússia já se acha afastado. Não tenhamos nenhuma dúvida de que os destinos da Europa estão decididos para os próximos mil anos.»

31 de dezembro de 1941: «O ano de 1942—e roguemos a Deus que assim seja—vai trazer a decisão que salvará nosso povo, e com ele os nossos aliados.»

15 de março de 1942: «Mas de uma coisa estamos certos hoje: os bolcheviques, incapazes de derrotar num inverno os exércitos da Alemanha e dos seus aliados, serão por eles esmagadoramente derrotados no próximo verão.»

6 de abril de 1942: «Mister Churchill desencadeou esta guerra aérea. Eu retaliarei, daquí por diante, condignamente, até ver este criminoso no chão, e a sua obra pulverizada.»

30 de setembro de 1942: «A meu ver, em 1942, o nosso povo já passou as peores provas que esta guerra lhe reservava. Refiro-me ao inverno de 41 a 42. Nada mais penoso do que aquilo poderá acontecer. Ou sobrevivemos juntos, vitoriosamente, ou juntos seremos exterminados. Jamais capitularemos, sejam quais possam ser as circunstâncias; mas a hipótese de virmos a ser derrotados é de todo ponto inadmissivel.»

8 de novembro de 1942: «Naquele tempo em 1918 era o Kaiser e hoje sou eu, mas há uma diferença... O Kaiser era um homem sem nenhuma força e capacidade de resistência a tais inimigos. Em mim, no entanto, eles encontraram um adversário em cuja cabeça nem tem guarida uma palavra como capitulação... O que ainda distingue a época presente daqueloutra é o fato de que nenhum dos que dirigem agora este povo se transportaria, mesmo em horas críticas, para um país estrangeiro.»

¶ Quando Lorde Halifax, então Edward Wood, era ainda jovem, viajou um dia de Londres para Bath, sentado entre duas empertigadas solteironas. Durante toda a viagem não pronunciaram uma única palavra. Pouco antes de chegar a Bath, o trem passou por um tunel, e o jovem Halifax, levando as costas da mão aos lábios, produziu um forte ruido de beijos apressados. Quando o trem saiu do tunel, ele olhou para um lado e para outro, levantou-se, tocou a aba do chapéu e disse às espantadas senhoras: «A qual das duas encantadoras damas devo eu tão agradavel interlúdio?»

Dito isso, saiu, deixando as duas solteironas a trocar olhares de suspeitas.

—Allan A. Michie

O juiz não teve a mão pesada

(Condensado do «Kiwanis Magazine»)

Por Karl Detzer

O jovem Joe Johnson contou toda a história ao juiz—contou as complicações que iam em sua casa, falou da embriaguez do pai, do mau-gênio da mãe, e da turma de vagabundos com os quais andava. Tentando fazer-se forte, para assim não mostrar como estava arrependido, chegou mesmo a revelar o que se passara na noite anterior.

«Mas, sr. juiz, eu não ia *roubar* o automovel. Ia somente dar um passeiozinho,» declarou.

Joe, mais tarde, confessou ter esperado que o juiz lhe «aplicasse o Código»—condenando-o à pena máxima por crime de roubo de automoveis. Mas a Corte Juvenil de Los Angeles descobriu um meio mais garantido para por no bom caminho rapazes transviados.

O juiz Turney W. Fox olhou para o corpo desnutrido de Joe, para os seus olhos arregalados de medo, e para a sua boca contraida de ressentimento.

«Penso que você vai mas é dar uma volta no campo, não é, Joe?» perguntou.

E, ao invés de um cubículo apertado, o juiz Fox deu a Joe um espaço aberto entre montanhas, onde poderia corrigir-se. Em lugar do pão e da sopa das cadeias, proporcionou-lhe toda a boa alimentação que um rapazola faminto tem vontade de comer; em vez da imobilidade forçada, um trabalho excitante. Não estabeleceu qualquer limite de tempo para a sua regeneração; isto dependeria do próprio Joe.

Algumas horas depois, o carro do Juizado de Menores parou num lindo vale verde, a 50 quilômetros do imundo e superlotado distrito onde Joe morava. Era o Campo Malibu, um dos três mantidos pelo distrito de Los Angeles para a correção de moços.

Alí, teria ele que trabalhar mais duramente que nunca. Mas, para sua surpresa, gostou da vida nova. Durante oito horas, cinco dias por semana, trabalhava para ganhar sua roupa, alimentação, um agradavel lugar para morar, e cincoenta centavos por dia. Alem do mais, o emprego era mais que importante. Fazia parte da linha de defesa do distrito de Los Angeles na sua perene batalha contra os incêndios.

Sob a chefia de guardas florestais, Joe e seus companheiros eliminavam possiveis causas de incêndios, roçavam, limpavam caminhos, construiam reservatórios de água, abriam estradas para os vales e lançavam pontes sobre os córregos, para facilitar a passagem do material de combate ao fogo.

Quando era dado o alarme, Joe fazia o que muito rapaz no mundo sonha fazer: partia num barulhento caminhão do Corpo de Bombeiros para combater o incêndio. Seu retrato, no dia seguinte, aparecia nos jornais de Los Angeles, não como a fotografia de um ladrão de automoveis, mas como a de um jovem herói enfrentando o perigo para salvar vidas e propriedades. Isto tambem contribue para a regeneração.

Desde 1936, mais de 2.200 rapazes, entre 16 e 19 anos de idade, foram levados—amedrontados e irritados—para

Malibu, ou para o campo no Monte Wilson, ou para um que fica mais no interior, nas montanhas de San Bernardino. Quase 2.000 destes rapazes já foram devolvidos à sociedade—como indivíduos decentes, aptos a ganhar a vida.

Um jovem, «graduado» em 1938, é hoje principal figura numa tinturaria; outro é subgerente de um armazem que faz parte de uma cadeia de lojas associadas; outro é chofer, vários são caixeiros, um tem uma pequena horta, centenas têm empregos fixos na indústria.

Apenas nove por cento têm voltado a transgredir as leis. Isto contrasta com as estatísticas publicadas pelo Federal Bureau of Investigation (os *G-Men*), que dão pelo menos trinta por cento dos menores criminosos da Nação como reincidentes no espaço de três anos.

Os campos não têm cercas, nem guardas. Os novos pensionistas devem entregar os sapatos à noite. Mas esta exigência não dura muito. Vêem os outros, de responsabilidade já comprovada, colocar orgulhosamente os calçados ao pé da roupa, tudo pronto para um alarme, e querem ter o mesmo privilégio.

Cada campo tem um grande alojamento, como os usados nos antigos campos dos madeireiros, um refeitório, um hospital e um salão de diversões. Todos possuem campos de beisebol e futebol, mesas de ping-pong e luvas de boxe para os dias de chuva. À noite, organizam-se lições de inglês, matemática e história para os interessados. Entre o jantar e a hora de recolher, nove horas, realizam-se diversões, muitas vezes com a cooperação de caridosos astros de Hollywood, ou de artistas dos clubes dos arredores.

Os rapazes, em Malibu, estão divididos em seis grupos, recebendo cada qual um nome dos clubes atléticos da Costa do Pacífico. Os grupos e seus componentes são graduados pelo seu espírito esportivo; um time de beisebol pode perder um jogo, mas conseguir o maior número de pontos.

Cada grupo procura liderar o campo, não apenas nos esportes, mas sob outros aspectos, como asseio, boas maneiras no refeitório, arrumação de alojamento, cuidado com as ferramentas. Os rapazes que mais se distinguem usam títulos especiais e têm maiores responsabilidades. Os títulos incluem os seguintes: «chefe de incêndio», «chefes de segurança», «chefe de polícia», «prefeito». O posto mais alto é o de «governador», atingido apenas duas vezes, e em ambas por negros.

Antigos cozinheiros do exército e da marinha, acostumados a alimentar homens que comem muito, preparam sadias refeições. A rapaziada pode comer à vontade, e sempre aumenta de 5 a 15 quilos de músculos no campo.

O tempo de estada de um moço no campo depende do prazo requerido para modificar sua atitude para com a noção de responsabilidade e a autoridade. Com um mês apenas, ou pouco mais, alguns já apresentam mudanças sensiveis. O período médio é de quatro meses. Alguns, entretanto, se monstram incorrigiveis, e têm que ser enviados para um reformatório.

Karl Holton, chefe do juizado de menores do distrito, considera ainda um pouco cedo para saber quantas «curas» são definitivas. «Mas—acrescenta—sabemos com certeza que estamos fazendo um melhor cidadão de cada jovem que passa pelos campos. Todo o nosso programa visa um objetivo: *ensinar aos rapazes como viver com outros rapazes*. Quando aprendem esta cooperação social, deixam de ser problema público.»

Por certo, quando Joe Johnson sair de Malibu, não será o mesmo de quando foi mandado para o campo. Terá crescido, estará mais forte, e com uma nova visão da vida. Levará cincoenta dólares no bolso, e muita ambição na alma. Só deseja um emprego, e o departamento de menores o ajudará a conseguí-lo.

Já demonstrou muito bem que sabe trabalhar.

Evitando a propagação de incêndios, pagou ao distrito o que este gastou com a sua regeneração. Los Angeles nada perdeu. Ao contrario, adquiriu um cidadão sadio, prestante, capaz de ganhar o próprio sustento. Joe obteve respeitabilidade e viveu um período magnífico. O juiz Fox sabia o que estava fazendo quando «não aplicou o Código» no caso.

Quando chega a hora

Dois tchecos, recentemente evadidos do seu país, contaram em Londres a seguinte história:

Antes de os nazistas terem invadido a Tchecoslováquia, vivia em uma antiga vila da Morávia o dr. Otakar Sedlacek, velho de 80 anos, famoso em todo o país pela sua coleção de relógios raros. Vivia retirado, entre seus velhos cronômetros, que passavam de quinhentos, e explicava com prazer, àqueles que o procuravam, o mecanismo e a significação histórica dos espécimes que compunham a sua extraordinária coleção. Havia um relógio, entretanto, sobre cuja história ele não dava muitos detalhes. Chamava-lhe «relógio da morte,» e dizia simplesmente que tinha sido fabricado com o fim de fazer um palácio ir pelos ares. Esse relógio se erguia entre os outros, no centro da sala, e nunca tinha batido as 12 horas.

Quando os nazistas ocuparam a Tchecoslováquia, quatro agentes da Gestapo apareceram na casa do dr. Sedlacek, para indagar do paradeiro do seu filho, que tinha fugido do país para continuar a lutar contra os invasores. Eles se mostraram interessados pela coleção de relógios e anunciaram a sua intenção de transferí-la para Berlim. O velho doutor imediatamente concordou com a idéia e convidou os agentes nazistas a voltar à sua casa naquela mesma noite, prometendo que apresentaria um relatório detalhado sobre a coleção. Os homens da Gestapo regressaram à hora aprazada, acompanhados ainda de dois de seus oficiais superiores.

Poucos segundos depois da meia noite, toda a vila foi sacudida por uma tremenda explosão. O dr. Sedlacek tinha preparado o «relógio da morte» para bater as 12 badaladas da meia noite. Toda a casa do velho doutor se consumiu em chamas, antes de os bombeiros poderem chegar ao local; e na manhã seguinte, foram retirados das ruinas sete cadaveres calcinados, entre eles o do velho doutor. Da antiga e valiosa coleção, somente restavam molas retorcidas e negras, molduras e peças de mármore fragmentadas—com exceção do mostrador de um velho relógio de parede, o qual tinha ficado quase intacto. Esse mostrador tinha a seguinte inscrição: «A hora soa para todos os homens.»

—Allan A. Michie

Ao estudar o cancer, o cientista achou um remédio mágico para queimaduras.

Devassando segredos da vida das células

(Condensado do «Scientific American»)

Por Lois Mattox Miller

O DR. GEORGE SPERTI, de Cincinnati, instado por um colega para assistir a uma reunião médica em Chicago, chegou tarde, e sentou-se calmamente numa das últimas filas do auditório.

O dr. Thomas F. P. Walsh, do Mercy Hospital, estava ilustrando sua comunicação com diapositivos duma paciente que tinha sofrido terriveis queimaduras com a explosão dum fogão a gasolina. Aos médicos presentes, as queimaduras pareciam quase sem dúvida mortais. Mas não—a projeção dos diapositivos ia mostrando dia a dia, hora a hora a marcha do caso, tratado com um novo unguento. A paciente *não se queixava de dores*. Para admiração dos espectadores, as fotografias mostravam pequenas ilhas de tecido novo formando-se na carne carbonizada, dentro de três a quatro dias, e em cinco semanas a paciente deixara o hospital completamente curada, e quase *sem cicatrizes!*

Ao findar sua comunicação, o dr. Walsh adiantou: «Este caso de urgência interessou-me mais do que os diapositivos podem mostrar, porque a paciente é pessoa da minha família.»

O descobridor do milagroso unguento era o doutor retardatário, sentado na última fila do auditório. A comunicação era a sua primeira consagração profissional. Algum tempo antes, uma freira que trabalhava no laboratório do dr. Sperti queimara-se gravemente, por via duma explosão ocorrida ao extrair eter dum aparelho. Como medida de emergência, os companheiros da vítima aplicaram-lhe largas quantidades do unguento com o qual estavam fazendo experiências no estudo do cancer. Por motivos que ainda não foi possivel explicar, a dor cessou imediatamente, e as feridas cicatrizaram sem deixar marcas.

Como o dr. Sperti estava interessado em cancer, e não em queimaduras, mandou oferecer amostras do unguento a médicos interessados. A comunicação de Chicago foi a primeira de outras idênticas, e não menos impressionantes. Só o dr. Walsh já havia usado o unguento, com êxito, em cem casos de queimaduras graves. Doravante ouviremos falar muito do remédio.

O unguento mágico está cheio de biodinas, «*hormônios intercelulares de reparação*», cuja existência, de há muito suspeitada, foi finalmente demonstrada pelo dr. Sperti e seus colaboradores. Esses hormônios são produzidos pelas células traumatizadas do organismo humano, para estimularem o crescimento, respiração e reprodução de outras células. Com essa descoberta, a ciência por fim começa a compreender o milagre da cicatrização das feridas e da reparação dos tecidos. E o que é mais importante é que as biodinas podem explicar o processo misterioso do crescimento canceroso.

As células são elementos microscópicos que entram, como tijolos, na construção dos tecidos vivos. Cada célula se comporta semelhantemente ao organismo de que provem: respira, queima energia, cresce, reproduz-se, e vive normalmente em harmonia com os seus vizinhos. Porem, sem que se saiba porque, algumas células por vezes desorganizam-se, queimam em excesso os hidrocarbonatos, crescem anormalmente, e comunicam este estado anárquico às celulas adjacentes. Tal estado de coisas representa em geral aquilo que se chama cancer. Agora que os hormônios que controlam o crescimento celular foram isolados, a ciência eventualmente poderá ser capaz de usá-los como preventivo, controle ou cura do cancer. Isto é, entretanto, possibilidade ainda remota.

É a seguinte a história das biodinas: em 1935, o Arcebispo de Cincinnati fundou um instituto para pesquisa científica, o *Institutum Divi Thomae*, escolhendo para diretor científico o dr. George Speri Sperti, fundador do Laboratório de Pesquisa Básica da Universidade de Cincinnati. Sperti, então com 35 anos de idade, tinha já adquirido brilhante reputação. O novo Instituto deu-lhe meios e oportunidades: um laboratório moderno em Cincinnati, e outro em Palm Beach para o estudo da vida das células marinhas; um grupo de químicos, físicos, fito-fisiologistas, bioquímicos, todos competentes; e acordos com vários grandes hospitais para a pesquisa clínica. Para si escolheu ele o problema do cancer.

O dr. Sperti relembrou a seus colegas um estranho e mal conhecido fator do comportamento celular: quando uma região de um tecido vivo se fere, as células a ela adjacentes saem de sua aparente modorra, e começam a reproduzir-se de maneira vertiginosa. Só depois de terem sido substituidas as células dos tecidos lesados, e a ferida cicatrizada, é que as coisas voltam ao normal. E evidente que alguma substância deve controlar e às vezes estimular o metabolismo celular. Descubram-se tal substância, e como ela age, dizia o dr. Sperti, e teremos a chave dos segredos mais íntimos do comportamento celular, e uma deixa para conhecer o crescimento do cancer.

A primeira medida foi traumatizar células vivas, e ver o que sucedia. O dr. Sperti usou raios ultravioletas, os quais, em doses controladas, são uteis, podendo porem tornar-se fatais quando aplicados em largas doses. Um meio-termo entre as doses uteis e as doses fatais, pensou ele, deveria produzir a medida ótima de traumatismo.

Nos anos seguintes, estes cientistas trabalharam com afinco em seus laboratórios. Células de levedura, células de tecidos de embriões de galinhas, lagartos, peixes e fígado de animais foram expostos aos raios ultravioletas. Depois de verificar-se um predeterminado grau de traumatismo, o tecido traumatizado era cuidadosamente lavado numa solução. Em seguida, por meio de um filtro, extraíam-se as células deste soluto. Se alguma substância química tinha sido eliminada pelo traumatismo, ela deveria estar agora naquele fluido esteril e isento de células.

E estava mesmo! Quando outros fragmentos de tecidos vivos dum embrião de galinha foram colocados na solução, houve tremenda multiplicação celular, perfeitamente visivel ao microscópio. A vida celular revelara por fim um dos seus segredos! Um dos cientistas do Instituto deu-lhe o nome de *biodina*, formado de raizes gregas.

Os pesquisadores aprenderam que há diferentes espécies de biodinas. Algumas concorrem para crescimento e reprodução das células, representando assim um grande papel na cicatrização das feridas. A estas chamaram eles o agente promotor da proliferação. Outro tipo, o respiratório, estimula a respiração celular; outro ainda concorre para que as células acelerem seu consumo de energia hidro carbonada.

O dr. Sperti apresentou sua teoria ao Terceiro Congresso Internacional de Cancer, e disse: «Parece resultar das nossas pesquisas que os agentes causadores do cancer têm o poder de traumatizar grande número de células, e *mantê-las traumatizadas por um longo período de tempo*, resultando daí a secreção duma grande quantidade de agente de crescimento e um desequilíbrio no metabolismo. Pensamos que esteja aí a causa do cancer.»

Verificar se a teoria está certa, e, na afirmativa, saber como é que as biodinas podem ser usadas para normalizar as células avariadas, é hoje objeto de intensa investigação por parte do Instituto e das clínicas a ele associadas.

Entretanto as biodinas estão sendo postas a atuar em outras frentes. O dr. Sperti impacienta-se com os pesquisadores que deixam novas descobertas permanecer inativas, simplesmente porque ainda não chegou o momento de elas produzirem os resultados ótimos que delas se esperam. «Não percam de vista quanto esteja implícito nos fatos,» diz ele. «Pensem como podem os mesmos produzir resultados em domínios outros.»

Foi assim que o unguento de biodina começou a ser usado nas queimaduras. Naturalmente que o agente promotor da proliferação seria util nas queimaduras em que largas áreas de tecidos novos necessitem crescer rapidamente. Sendo assim, com biodinas de crescimento extraidas de fígados traumatizados de animais, e biodinas de respiração de células de levedura, os pesquisadores do Instituto preparam o unguento—constituido por biodinas e um veículo gordo—que tem atuado de maneira mágica. Até agora não se sabe como o unguento alivia a dor, pois não contem qualquer anestésico local.

Os investigadores do Instituto descobriram ainda outra interessante aplicação. A pele sã é caracterizada por ampla respiração celular; com a idade, a falta de higiene, a falta de sol, etc., a mesma perde sua frescura e diminue a respiração. De acordo com os ensinamentos do laboratório, os cremes prejudicam a respiração da pele. Entretanto, o belo sexo não precisa abandonar seus cremes e loções, pois os seus maus efeitos sobre a pele podem ser remediados, incorporando-se-lhes a biodina estimuladora da respiração.

Quando o dr. Sperti estudava na Universidade de Cincinnati, inventou (mais ou menos porque os engenheiros diziam que tal seria impossivel) o agora famoso contador elétrico K-va, o qual mede rigorosamente formidaveis cargas elétricas consumidas pelas fábricas. Pela descoberta, uma grande companhia pagou-lhe 50 mil dólares.

Anos depois, ao estudar a aplicação das leis da Física a substâncias biológicas, impressionou-o o fato de que os processos existentes para irradiação de substâncias alimentares eram insatisfatórios. A introdução de vitamina D no leite, por exemplo, dá ao mesmo o gosto de carne queimada. O dr. Sperti criou o remédio: a «radiação selecionada», isto é, a filtração de todas as radiações excetuando a estreita faixa produtora de vitamina. A Companhia Geral de Alimentos pagou pelo uso da patente 300 mil dólares à Universidade de Cincinnati, que com esse dinheiro principiou a fazer o seu laboratório de pesquisas básicas.

Dessas primeiras experiências desenvolveu Sperti a teoria de que, na pesquisa científica, cérebros, imaginação e capacidade empreendedora são mais importantes do que o dinheiro, e que os cientistas devem fazer com que as pesquisas paguem parte das suas despesas. Como resultado, o Instituto recebe comissões de suas patentes sobre a luz fluorescente, preparados vitamínicos, preservação de alimentos, preparação de carnes tenras. A lâmpada de sol Sperti, que produz vitamina D e amorena a pele sem queimá-la, só por si dá de comissões 50 mil dólares anuais.

Hoje os cientistas do Instituto, depois da atividade diária, muitas vezes debatem problemas práticos semelhantes, como se fossem problemas de palavras cruzadas, ou quebra-cabeças. É uma forma de descansar das lidas do dia, mas que deixa dividendos. Descobriram na Florida novas fontes de borracha natural, e das algas marinhas da Florida extrairam agar superior ao que vinha do Japão. Tambem criaram um processo para impregnar sabonete de toalete com vitamina D, a qual pode ser absorvida pela pele, e outro que converte levedura de cerveja já usada num fermento barato, muito nutritivo para as galinhas. Recentemente puseram em prática um meio de reter o cheiro do café nos grãos, antes de torrá-los, o que produz uma bebida ainda mais agradavel, com 25% menos de café.

O *Institutum Divi Thomae* é mantido pela Arquidiocese de Cincinnati, e por contribuições particulares, porem as comissões agora obtidas dos inventos cobrem aproximadamente metade das despesas dos laboratórios de Cincinnati, Palm Beach e 10 filiais, cujo pessoal abrange mais de 100 cientistas, incluindo estudantes. A pesquisa do cancer consome muito dinheiro, e por isso os cientistas do *Institutum* orgulham-se de poder trazer contribuições extra para sua manutenção. Talvez esta seja a razão por que um distinto cancerologista, ao visitar o laboratório de Palm Beach, observou: «O dr. Sperti descobriu uma biodina da qual nunca falou—aquela que estimula tamanha lealdade e devoção no coração humano.»

Disco rachado

¶ À HORA do chá, estava sendo discutida a teoria da influência que os acidentes pré-natais exercem sobre as pessoas. Uma jovem, nova na vizinhança, depois de ouvir, durante vários minutos, a conversação, decidiu emitir a sua opinião.

«Não me acho de acordo,» disse ela. «Não acredito absolutamente em tais influências. Vejam o meu caso, por exemplo. Pouco antes de eu nascer, minha mãe teve um acidente, derrubando uma porção de discos de fonógrafos, partindo-os todos. Mas isso não me afetou, me afetou, me afetou, me afetou....»

—Carl Brandt

De soldado a oficial em 90 dias

(Condensado de «American Legion Magazine»)

Por Edwin Muller

Pelo uso da psicologia aplicada, e tambem por meio de uma seleção meticulosa e de um rigoroso treino, as Escolas de Aspirantes a Oficiais, nos Estados Unidos, vêm atualmente organizando o primeiro exército americano verdadeiramente democrático.

Dos milhões de homens convocados às fileiras, teve o exército americano que selecionar este ano 100.000 oficiais; mas é possivel que ainda se eleve este número aos algarismos de 500.000.

Os alistados se parecem muito uns com os outros, quando se exibem pela primeira vez, por via de regra constrangidamente, no campo de exercício. Em cada grupo de cinco, dois, em média, se distinguem em testes de inteligência. Cerca de 50 por cento dos assim, desde logo, destacados, serão provavelmente oficiais—aptos a decidir e atuar com rapidez e energia, a tomar iniciativas, a inspirar confiança e lealdade.

O problema, portanto, consiste em escolher estes condutores potenciais de homens, e, uma vez encontrados, desenvolver-lhes as qualidades de comando, porventura latentes, e dar-lhes a necessária instrução técnica. Tudo isso, porem, a toda a pressa, que não há tempo a perder.

A agência a que o exército confiou tão importante missão, é a Escola de Aspirantes a Oficiais. Há dezoito de tais escolas. Cada dia, centenas de candidatos são arrolados, vindos todos das fileiras. Ao fim de três meses, os que conseguem a graduação saem segundos-tenentes.

De acordo com ordens do Departamento da Guerra, todo oficial em comando deve estar atento à revelação de candidatos idôneos. Um major-general parou, durante manobras, para perguntar a uma esquadra de infantaria, em serviço à margem da estrada, o que era que, por hipótese, ela estaria fazendo alí, conforme o plano das operações. Um dos soldados que a constituiam deu resposta satisfatória. Vinha prestando atenção a tudo o que se passava, e formulando perguntas que devidamente o esclarecessem. Tinha alguma compreensão, não só do problema específico, consubstanciado na ação que alí se estava levando simuladamente a cabo, mas da parte que, na mesma, havia ficado a cargo da sua companhia. Dentro de duas semanas, ei-lo aspirante a oficial, encaminhado que fora a uma das ditas escolas.

Um major vangloriava-se de um dos sargentos sob o seu comando:

—É admiravel. Não é preciso lhe dizer tudo. Basta que se dê uma idéia geral da coisa, e ele sabe o que tem que fazer. Não posso mais dispensá-lo, tal a falta que me faria.

—Pois eu acho que você vai perdê-lo, respondeu o coronel. —Deixe eu conversar com o seu homem.

De fato, não tardou muito que o sargento, verificada pelo coronel a procedência das impressões do major, fosse

chamado a arrolar-se como aspirante a oficial.

Os comandantes de companhia observam os seus soldados, quando estes se acham em folga. Se, por exemplo, jogam futebol, quem é o chefe do time? Se um caminhão enguiça na estrada, qual aquele, entre os cinco ou seis homens despachados em socorro, que toma a si a direção do serviço?

Onde quer que um comandante de companhia vislumbra, num dos seus homens, o oficial que ele é capaz de dar, apressa-se em aconselhá-lo a tomar o rumo da escola. Algumas vezes é necessário insistir, porque um sargento ganha quase o mesmo que um segundo tenente, sem ter o mesmo trabalho, ou sobretudo a mesma responsabilidade; e responsabilidade é uma carga de que muitos homens não gostam.

Qualquer soldado pode requerer, a qualquer tempo, sua candidatura a oficial. O comandante de sua companhia deve encaminhar-lhe a petição, ou não, de acordo com o pedido. O suplicante é então examinado por um conselho de oficiais; mas tem que satisfazer a duas condições preliminares: a de já haver completado o seu treino básico, e a de ter passado pelo teste de Classificação Geral do Exército, com um mínimo de 110 pontos, grau em geral atingido por 40 por cento dos alistados. O referido conselho procura verificar se o examinando é suscetivel de adquirir o preparo, propriamente de ordem técnica, indispensavel a um oficial moderno. Mas, o que ainda é mais importante, trata de ver se há nele os requisitos que o habilitem a exercer eventualmente o comando.

O conselho investiga, ao mesmo tempo, já a espécie de serviço que o requerente vinha desempenhando, já a do que tinha em vista passar a desempenhar. Que costumava fazer nas horas vagas? Fora chefe, alguma vez, de um time de basquetebol, ou de um grupo de companheiros, em atividades outras? Qual o seu modo de ser, quando menino, no convívio dos seus camaradas?

Não raro as perguntas se afiguram estranhas, quiçá impertinentes, e o são, muito de propósito. Um coronel, por exemplo, mal que entra o suplicante, interroga abruptamente: «Você já algum dia se embebedou?» O que interessa, no caso, é menos a resposta, que o reflexo, no indivíduo, do inesperado da interrogação.

Mas, alem do que concerne à psicologia militar, sem circunlóquios e ríspida, há investigações, propriamente ortodoxas, recomendadas por uma comissão especial, composta de distintos psicólogos. Nada de pesquisas de laboratório, análises de talho de letra, choques elétricos de surpresa, etc; mas os meios de senso comum que um homem sensivel empregará normalmente para julgar outro: ver nos olhos, observar a maneira de falar, penetrar quanto possivel os modos de pensar ou de sentir, e muito, e sobretudo, os precedentes, vale dizer o passado, tão importante para o julgamento do que pode uma pessoa prometer para o futuro.

Uma vez admitido a uma Escola de Aspirantes, entra o homem num regime de estudos, mais rigoroso que o de qualquer colégio. Desde a madrugada, 5:50 da manhã, até o apagar das luzes, 10 da noite, corre sem tréguas o trabalho, físico e mental. A vida resume-se numa sucessão de aulas teóricas e exercícios de várias naturezas. «Aprender fazendo» é o lema que inspira a educação no exército. Após uma aula sobre um problema de combate, sai o pelotão para o

campo, e efetua-se a manobra. Sem duvida, repete o candidato muito do que já sabia, aprendido nas fileiras; agora, entretanto, as cousas mudam de aspecto. Como simples soldado, terá ele possivelmente ajudado a preparar alguma armadilha contra tanque. É diferente, porem, fazer o mesmo serviço, pensando em que amanhã provavelmente lhe incumbirá dirigí-lo, com a responsabilidade consequente.

Em cada classe funcionam oficiais que nada têm a ver com a instrução acadêmica. O chefe do pelotão, um primeiro ou segundo tenente, é um dos elementos mais importantes na preparação de oficiais. Vai às aulas com os candidatos, acompanha-os nos trabalhos de campo, está com eles até nos domingos. Observa como se tratam entre si, se existem uns que sejam respeitados por outros, e porque.

O melhor modo de apurar se um homem dá realmente um chefe, consiste precisamente em deixá-lo dirigir. Assim, cada candidato encontra, de quando em vez, ocasião de comandar a esquadra, o pelotão, a própria companhia ou bateria. É então observado, na clareza das ordens que dá, no vigor do tom em que as emite, na solicitude e precisão com que os comandados as cumprem. Outras vezes, dá-se-lhe um mapa, e pede-se-lhe que marque, sobre o mesmo, os pontos onde se deve por arame farpado, ou instalar metralhadoras.

Nos próprios exercícios de campo, entrega-se, aquí e alí, o comando ao candidato, e de preferência quando ocorre uma situação imprevista. Em pleno campo, no curso de um exercício de manobras que se deve prolongar por todo o dia, é informado, de surpresa, que o carro da cozinha teve uma pane, cumprindo-lhe pois tomar as devidas providências para a alimentação do pessoal. Não se lhe diz como deve proceder, pois o que se pretende é apurar se ele, por si, sabe sair do embaraço.

Exerce-se a maior atenção, no campo e nas salas de aulas. Toda inadvertência é registada. «Não se esqueçam,» diz o oficial «de que isto aquí não é colégio. Quem deixe de aprender uma lição, não prejudica unicamente a si mesmo; isso pode custar mais tarde a vida dos homens sob o seu comando.»

Esse ponto—o da responsabilidade a assumir—é pôsto em grande relevo. Por preceito e por exemplo, ensina-se aos candidatos a regra áurea do oficial: «primeiro, os comandados.»

Quando o curso está próximo do fim, submete-se o candidato ao chamado «teste das 40 horas». Tem ele que marchar a noite inteira, e executar em seguida um dificil serviço de campo, em que tenha de empregar pesados esforços físicos e tomar decisões rápidas, entrando assim de novo pela noite. Se possivel, faz-se a prova em tempo de chuva ou de neve. Nenhum intervalo para dormir, e alimentação rápida.

Depois, para terminar, um exercício forçado, à frente de uma esquadra. Às vezes, homens que se diriam os mais fortes, não vão ao fim do programa, que entretanto corresponde ao que efetivamente um oficial pode vir a ter que suportar em operações de guerra.

Se um candidato comete um erro no campo, não será de estranhar que o oficial aproveite a ocasião para procurar confundí-lo, atirando-lhe perguntas sobre perguntas. O fato de respondê-las não será talvez mais expressivo, como sinal de qualidades de mando, que o de não se perturbar, em face das circunstâncias.

A disciplina nas escolas de aspirantes a oficiais é rigorosa, mais até, no dizer de alguns, que na Escola Militar. A inspeção do pessoal, do equipamento, e das casernas obedece a normas rígidas. Oficiais descuidados, farão soldados que tenderão a imitá-los. O relaxamento da disciplina pode ser fatal numa hora grave. Mas há outra razão, mais sutil, para requintar nas exigências. Uma gravata mal posta, um cabelo despenteado ou excessivamente crescido, um botão frouxo, a cousa mais simples pode dar lugar a uma advertência ou punição. Aparecem porem alguns que se não conformam com aquilo, e estoiram. É mais uma prova que se tira.

Uma vez, durante o curso, cada candidato é convidado a julgar os companheiros de seção, quanto a qualidades de comando, conferindo um grau a cada um e justificando o seu juizo. O caso dá motivo, entre os rapazes, a pilhérias e gracejos, mas a verdade é que eles tomam a sério o julgamento que fazem, e os oficiais, muitas vezes, encontram no mesmo elementos de elucidação apreciavel. É que realmente um candidato pode iludir os seus oficiais; mas enganar os colegas é um pouco mais dificil. Os candidatos, na sua sociedade, sabem distinguir o finório, que anda atrás do oficial, a fazer perguntas inuteis, do que, naturalmente retraido, não sabe fazer amigos.

Há uma pergunta que muita gente formula, de referência às escolas: são elas, com efeito, democráticas? Os filhos de pais humildes têm as mesmas probabilidades de tornar-se oficiais que os rapazes oriundos de meios abastados ou influentes?

A resposta é que as escolas são completamente democráticas. Nenhuma influência estranha ao puro interesse do serviço público se faz alí sentir. Eu vi um conselho de oficiais recusar um filho de governador, pelo fato, ao que suponho, de ter o mesmo recorrido a empenhos.

O exército necessita, com uma tal premência, de oficiais, que não há lugar senão exclusivamente para a preocupação de formá-los, venham de onde vierem os que apresentem as respectivas condições. Tempo houve em que os candidatos eram obrigados a exibir diploma de algum instituto de ensino, «ou coisa equivalente». Mas agora até isto se dispensa, se bem seja verdade que, sem algumas habilitações, não é possivel apreender a instrução que leva ao oficialato. Estão frequentando as escolas muitos homens que não fizeram o curso secundário. A condição de pobreza não constitue obstáculo. Rapazes pobres consideravam impossivel tornar-se oficiais, visto não disporem de recursos para comprar os uniformes precisos, uma vez concluido o curso. O governo agora fornece a cada graduado, assim que o mesmo recebe a sua graduação, 150 dólares, obviando, portanto, aquela dificuldade.

Há moços, de origem modesta, que se adaptam rapidamente a um meio social mais apurado. Mas há tambem os que se sentem mal, quando, subindo de classe, têm que criar novos hábitos. Para ajudar estes últimos, dá-se, numa escola, um breve curso de boas maneiras à mesa, ou, de modo geral, em sociedade. Mas toda a classe é admitida ao curso, de modo a não constranger, pelo destaque, os que dele necessitem.

Escusado será dizer que nem todos os que se matriculam na escola de candidatos a oficial chegam de fato a ser oficiais. Muitos ficam pelo caminho. Dos próprios aprovados nos exames, cerca

de um terço ainda aparecem diante de um novo conselho que os julga. É que há dúvidas a respeito da sua capacidade como condutores de homens.

Tive ocasião de assistir ao funcionamento de um de tais conselhos, digamos suplementares, na Escola de Infantaria do Forte Benning. O presidente, um tenente-coronel grisalho, tomou assento a uma longa mesa, com três ou quatro oficiais de cada lado. Os candidatos presentes iam alí receber o voto decisivo: sim ou não. A pergunta seria esta, relativamente a cada um: é capaz de dirigir 50 homens em combate?

Havia entre eles: o filho de um mineiro eslovaco da Pensilvânia, um rapaz que fora aluno da Escola de Direito de Harvard, um professor do Centro-Oeste, e um barbeiro de Nova York.

À medida que cada um se sentava, o coronel esperava alguns momentos que o homem ficasse calmo, que acabasse de agarrar os braços da cadeira, revelando nervosismo.

Vinham então as perguntas: Porque não tinha mais amigos na sua seção? Se fosse comandante da companhia, que soldados escolheria para inferiores? Figurando a companhia numa dada posição, e o inimigo avançando da esquerda, que ordens daria? Depressa!

Alguns candidatos falavam com vivacidade e decisão, outros monotonamente, sem levantar os olhos.

Quando cada candidato deixava a sala, o coronel passava a interrogar o comandante do pelotão, a respeito do mesmo, sobre o modo como se havia conduzido nos respectivos exercícios, e o aproveitamento revelado nos três meses do curso.

Um recebeu elogios do seu chefe de pelotão, exceto por uma coisa: perdia sempre muito tempo a ajuizar de uma situação.

Dirigindo-se a uma turma de novos graduados, disse o comandante de uma das escolas: «Os senhores todos sabem que quase 20 por cento dos que inicialmente constituiam a turma, não se acham hoje aquí. Eles eram entretanto bons soldados. Acredito que acabariam vencendo as dificuldades, mas com tempo; e tempo é justamente o que nos falta. Em guerra, é assim; não há um momento a perder. Em guerra, quem não pensa depressa, morre, e sacrifica os seus comandados.»

Oficiais experientes revelam-se satisfeitos com os que, vindos das escolas, estão sob o seu comando. Entre os que sairam da escola como segundos tenentes, muitos são já capitães. Há outros meios de formar oficiais, mas, daquí por diante, serão eles, o mais possivel, extraidos das fileiras, através das escolas de que tratamos. Há um exército de cidadãos. O soldado-cidadão sente-se favoravelmente disposto para com um oficial que, tambem ele, já carregou a mochila. E vice-versa.

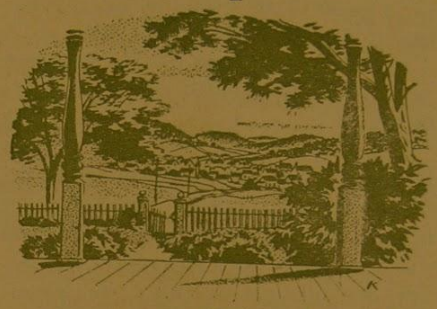
¶ Thurman Arnold, que não vê razão pela qual deva ter chofer, dirige o seu próprio automovel. Certa noite, ao sair de um hotel onde havia jantado, o porteiro lhe perguntou com a mais extrema cortesia: —Devo chamar seu automovel, Mr. Arnold?

—Pode chamá-lo,—replicou Arnold muito seriamente—mas eu não sei se ele virá.

—Drew Pearson, *Washington Merry-Go-Round*

¶ *A herança de um médico da roça.*

O que «seu doutor» nos legou



(Adaptado do romance «Big Doc's Girl»)

Por Mary Medearis

Foi a campanha para drenar Black Hollow que levou meu pai ao termo dos seus dias. «Seu doutor», como lhe chamavam os seus clientes do interior do Arkansas, sabia perfeitamente que seriam sempre vãos os esforços que fazia por debelar a malária, enquanto os pântanos da região fossem autênticos viveiros de mosquitos.

O Black Hollow era o resultado do alastramento das águas de um novo projeto de irrigação. «Seu doutor» não ignorava que a idéia, por que tanto se batia, de fazer executar as obras de drenagem, encontraria tenaz oposição na sede do distrito, por parte de um poderoso grupo político. Mas estava em jogo a saude da gente, mais ou menos desamparada, daqueles lugares rústicos, e «seu doutor» se esquecia de si mesmo, para entrar em cheio na luta.

Durante o verão e o outono, que acabavam de passar, arrancara à sua clínica todos os minutos disponiveis, para empregá-los na ação, em que se revelava infatigavel. Escrevera artigos, censurando severamente as autoridades sanitárias por fazerem manobras políticas em torno de um assunto como aquele. Fizera desenhos a um tempo cômicos e impressionantes, de Black Hollow, com seus perigosos mosquitos, e os fazia estampar nos jornais. Entrava pela noite em conferências e reuniões sobre o caso; delas saía, não raro, para ficar até o amanhecer numa choupana, no campo, à cabeceira de uma parturiente.

Em novembro, precisamente na tarde em que o projeto em questão deveria ser posto a votos no senado estadual, Papai, ao chegar em casa para o jantar, não podia ocultar o seu cansaço, e tinha os olhos vermelhos pelas noites de vigília. Meses que passara a pelejar, a um tempo com a malária e com os políticos, tinham-no visivelmente extenuado, que o esforço fora demais na sua idade.

Como, entretanto, Mamãe se mostrasse preocupada, ele começou a sorrir:

—Ponha a comida, Myrtle. Você verá que eu serei outro com o estômago bem forrado.

—Diga-me primeiro alguma coisa sobre o resultado da votação, pediu-lhe Mamãe, ansiosa, é bem de ver, por que o marido alcançasse o merecido êxito.

—Não lhe posso dizer por enquanto; mas, logo que se saiba o resultado, me telefonarão.

E dizendo isto, Papai puxou, e pôs sobre os joelhos, as pequeninas Ruth e Melie Kate.

—Venham; vamos agora ajudar sua irmã a por a mesa, cantando uma coisinha para ela.

Bateu os pés no chão, como marcando compasso, e entraram os três alegremente a entoar uma inocente canti-

ga, enquanto eu ia fazendo o meu serviço:

O papagaio estava calado no seu canto
Ele bem sabe o que faz
Eu peguei numa espingarda, e atirei nele
Ele chegou, e disse: ó moço, me deixe em paz...

Já estávamos a jantar, quando chegou o meu irmão Roberto. Numa casa de médico da roça, o dinheiro é sempre escasso; de maneira que Roberto, findas as aulas na escola, trabalhava numa loja, afim de ganhar o necessário para, em tempo, matricular-se no curso pré-médico, sua grande aspiração.

Papai perguntou-lhe:

—Você está livre hoje?

—Sim, respondeu Roberto. —Frank (assim se chamava o patrão dele) disse que eu hoje podia vir pra casa, e festejar com você a vitória, caso o senado aprove o projeto.

—Bem. Você e sua irmã fiquem atentos ao telefone. Eu vou ver se dou um jeito na febre do Sam Talbot. Quando voltar, nós veremos se é vinho ou fel que temos de beber.

—Papai, fique em casa, ao menos esta noite. Você já está tão cansado!

Ele teve um sorriso tranquilizador, e, terminando o jantar, observou:

—Como é que eu vou deixar de ir ver um homem que está com febre de 40 graus?

—Mas a noite está fria, interveio Mamãe.—E você nem imagina como se está vendo no seu rosto a sua imensa fadiga.

—Sim. Mas Talbot precisa de mim, respondeu Papai firmamente.—Conservem o lume bem vivo; lá pelas nove horas eu estou de volta, sentado diante da chaminé.

Estendendo a mão, apanhou um pedaço de pão de milho. Notei que fechava os olhos involuntariamente, de cansaço. Mas procurava alegrar-nos.

—Nunca comí bolo melhor que este pão! Ninguem faz isto como sua mãe, meninos!

Depois que o vimos sair pela porta da frente, o capote desabotoado agitando-se ao sopro do vento, Roberto e eu ficamos na sala de visitas, a ver no jornal da terra, que estava sobre a mesa, um dos últimos desenhos de Papai: representava o Black Hollow, com os seus charcos, mosquitos enormes poisados em ervas mortas, e larvas nadando alegremente entre limos e lodo. Melie Kate e Ruth estavam na cozinha com Mamãe, lavando os pratos.

Muitos minutos não eram passados, Roberto me perguntou:

—Você ouviu o carro partir?...

—Não.

—Pode ser que não tenha podido arrancar, disse ele.—Está muito frio lá fora. Frio de gelo.

Chegou à janela, olhou para o pequeno terreno em frente da casa, banhado então de luar, e em seguida encaminhou-se para a porta, dizendo:

—Eu volto já.

Veio-me da cozinha um som alegre de bater de pratos, e o crepitar das chamas na lareira espalhava no ambiente uma nota de conforto. Entretanto, sentí em torno a mim alguma coisa, um frio que me fazia tremer.

Senão quando Roberto abriu a porta:

—Venha depressa ajudar-me, foi-me dizendo, aflito.—Papai teve um ataque de coração.

À luz da lua, vi Papai curvado, sentado no estribo do auto, com as magras mãos sobre o peito.

—Dr. White! murmurou, ofegante.

—Chamem o dr. White... Coronária...

Roberto respondeu-lhe, calmo:

—Vamos primeiro levar você para dentro, e irei chamar imediatamente o doutor.

Segurou Papai de um lado, e me pediu que o segurasse do outro. Naquele breve trajeto, Papai, um dado momento, olhou para mim, e eu vi nos seus olhos a morte.

Da cozinha, ouvia-se ainda o barulho dos pratos. Mamãe nada tinha visto.

Melie Kate e Ruth estavam rindo e palrando.

—Digam a Myrtle, pôde ainda Papai articular.—Não assustem as meninas.

Súbito, sentimos que seus braços, com que se apoiava em nós, de um lado e de outro, num derradeiro abraço, se tornaram inanimados.

Era um mundo que desabava. A campainha do telefone soou naquele mesmo instante: o senado acabava de aprovar o projeto sobre a drenagem de Black Hollow...

NA MANHÃ SEGUINTE, bem cedinho, começaram a chegar carros do campo. Mal vinha o dia raiando, ouví, em baixo da minha janela, vozes rudes e passos de animais. Descí a ver o que era.

Encontrei à porta duas mulheres.

—Eu sou a mulher de Hank Jarvis, disse a Mamãe uma delas.—Quem deu a notícia a Hank, foi o dr. White. Berta e eu imaginamos que a senhora devia precisar de alguem que ajudasse na cozinha...

—É bondade da parte de vocês, agradeceu Mamãe.

—Nós trouxemos pão, explicou Berta.—Ovos tambem.

Todo aquele santo dia foram chegando carros e mais carros, alguns de 50 quilômetros e mais, o que significava, naqueles pobres veículos, umas quatro horas de viagem.

Um velho entregou a Mamãe uma folha de papel. Ela nos leu, em voz alta, parte do que na mesma estava escrito:

Estávamos devendo dinheiro a «seu doutor», por serviços médicos, e pedimos para pagar por esta forma:

Eskar Toler: Um alqueire de batata em cada mês, Dezembro, Março, Junho.

John Whistler: Seis dólares devidos por pneumonia. Manteiga e queijo à ida para o mercado.

Jake Granther: Cebolas, metade de um porco. Dinheiro quando o algodão principiar a dar.

Mamãe olhou para nós, e eu percebí o que ela estava pensando. Aquelas provas de lealdade e afeição, que dava a gente do campo, eram profundamente consoladoras.

Uma moça, com olhos de matrona, apresentou-me nos braços um bebê gorduchinho: «O nome dela é Mary Kate Ruth.»

Mary, Kate e Ruth eram exatamente os nossos nomes, meu e de minhas irmãs—as três filhas de «seu doutor». Ele havia acolhido em sua casa aquela jovem mãe, cujo estado já lhe não dava tempo de chegar ao hospital. Lembro-me ainda. Era noite. Eu ajudei a preparar a mesa na sala de visitas, onde ela devia deitar-se, e Mamãe lhe serviu de enfermeira. «Esta mulher não gritou uma só vez,» Papai me disse depois. «Olhava para sua mãe, e dizia:—Não se incomode, minha senhora. Eu não acordarei seus filhos!—Quando as dores eram fortes, os ossos das mãos quase lhe rompiam a pele, de tanto agarrar-se à mesa, mas não deu sequer um gemido.» A mesa ainda guarda os sinais das unhadas que a pobre lhe aplicou, na sua luta

para suportar silenciosamente o sofrimento.

Fui para a sala. Em torno da lareira estavam homens da roça. Quase todos fumavam cachimbo. «Vê este dedo?» disse um deles. «Eu não tinha mais ele aí, se não fosse «seu doutor». E contou, na sua linguagem, o que lhe tinha acontecido com o dedo.

Jake Granther tinha um dos pés guarnecido por um aparelho. «Seu doutor» ia tirando da minha perna o raio da bala, e me ensinando uma trova,» disse Jake, e prosseguiu pensativamente, depois de ter dado uma cusparada no fogo: «Homem bem educado, tinha de ser como aquele! A trova falava assim: O fumo é coisa ruim. E eu gosto dele. Ele faz a gente ficar magro, ele estraga a saude da gente, uma boa desgraça é o que ele é. E eu gosto dele...»

Enquanto escutava aqueles homens simples, subia do meu coração um canto alviçareiro, porque não era um canto de tristeza, senão um canto de amor. Amor por aquela boa creatura que tinha sido meu pai. Amor por aquelas terras de sertão, a que ele consagrara a sua vida. Amor pelas unhadas que deixaram o seu traço na mesa; pelo pão e pelos ovos que vieram, a cavalo, de tão longe, e Mamãe guardara na cozinha.

Que importava que meu pai não houvesse deixado dinheiro, para que eu estudasse música no Conservatório, ou Roberto viesse a fazer seu curso de medicina? Iríamos, de qualquer modo, para a frente. O legado, que dele recebíamos, era a mais preciosa das heranças: a independência, a integridade, e a afeição e a confiança da gente sã e sincera do campo, que nele tivera um servidor dedicado.

Humor do rádio

¶ «Tenho sido comparado muitas vezes com Clark Gable.»
«Quem fez a comparação?»
«Minha mulher. Ela parece preferir Gable.»

—Doctor Doodle (NBC)

¶ «Ele é um homem singular. Durante cinco anos, nunca deu um beijo na mulher, mas deu um tiro em um sujeito que a beijou.

—Kate Smith Hour (CBS)

¶ Madame Lapidus foi a um fotógrafo e disse-lhe: «Tenho aquí uma fotografia de meu falecido marido, e desejava obter uma ampliação. Mas o senhor acha que pode eliminar esse terrivel chapéu de palha que ele tem na cabeça?» O fotografo indagou: «Como é que seu esposo partia o cabelo, do lado direito ou do lado esquerdo?» «Não me recordo,» respondeu Madame Lapidus, «mas o senhor pode ver, quando apagar o chapéu.»

—Kate Smith Hour (NBC)

A atebrina dá combate ao paludismo

Por Paul de Kruif

Em toda a zona de guerra, tropical e subtropical, as baionetas de bilhões de mosquitos aguardam, de emboscada, os soldados, para golpeá-los com a malária, flagelo que responde anualmente pelo depauperamento físico de 800 milhões de pessoas, e morte de nada menos de 3 milhões e quinhentas mil.

Quando os japoneses conquistaram as Índias Orientais, privaram os Estados Unidos dos seus suprimentos de quinina, o específico da terrivel doença. As consequências militares do fato, não havia ocultar-lhes a gravidade. Já em agosto de 1940, o cirurgião-mor do Serviço de Saude Pública dos E.U.A., dr. Parran, dizia que, «sem quinina, ou o produto sintético alemão, tão eficaz, a atebrina,» quaisquer operações de maior vulto em regiões tropicais se tornariam impossiveis. Mas, graças a brilhante previsão, antes que o mercado americano se visse despojado das suas fontes normais de fornecimento de quinina, os Estados Unidos produziam o novo grande exterminador da malária, que é precisamente a atebrina, em escala suficiente para abastecer suas tropas e as dos seus aliados.

Os químicos alemães esforçaram-se durante anos por chegar à preparação da quinina sintética: até que um dia, depois de experimentarem, em canários e outros pequenos pássaros atingidos de malária, mais de um milhar de produtos que andaram elaborando, com a aptidão e a paciência que tanto os caraterizam, acabaram por conseguir, em 1932, a prodigiosa substância amarela, que tomou o nome de atebrina.

Os resultados fizeram época. Enquanto a amarga quinina exigia um mês de aplicação das respectivas doses, quinze pequenas pílulas de atebrina, se revelavam bastantes para no máximo de cinco dias, curar a grande maioria de impaludados. Não era só, porem. Sob outros pontos de vista, representava a atebrina um grande melhoramento, comparada à quinina, que causa surdez ou zumbido nos ouvidos; que muita gente não pode suportar sem riscos às vezes sérios; que, devido ao gosto amargo que deixa na boca, não poucos doentes evitam continuar a tomar, e, empregado em mulheres grávidas, pode provocar-lhes aborto. O peor que da atebrina se poderia dizer, ao que apuraram médicos alemães, é que, em alguns casos ela provocava, nos que a usavam, um temporário amarelecimento da pele. As crianças, a quem a malária pode ser fatal, podiam tomar a atebrina sem nenhum perigo.

Foi realmente espantoso o modo como a atebrina veio arrancando ao túmulo os mais graves casos de paludismo. De muitas regiões onde o mal é endêmico, começaram a chegar notícias de que a forma maligna da enfermidade, em que o sangue do paciente se dissolve, tornando a urina vermelho-escura, já não era, para os médicos, motivo de apreensões. Mais ainda: o número de casos de recaida, após cura pela atebrina, era menos de metade do que na hipótese da aplicação, longa, desagradavel, e às vezes perigosa, da quinina.

Para os nazistas que tramavam a guerra, ligando pois a máxima importância ao problema dos transportes, a atebrina oferecia esta enorme vanta-

gem: bastava uma tonelada para curar 600.000 pacientes, enquanto a mesma tonelada de quinina curaria apenas 30.000. Assim verificaram os alemães, experimentalmente, na Rumânia, na Itália, na Espanha, na África e nas Índias Orientais. Ouviu-se um coro de aplausos em meios científicos. Com a nova droga, não havia mais por que temer os enxames de mosquitos, veículos impiedosos da malária. Mas a droga de que se tratava, era um monopólio germânico, arma de valor inestimavel.

Eis, entretanto, que os donos do negócio, na Alemanha, cometeram um grande erro: venderam aos Estados Unidos o segredo da atebrina! Pensaram haver feito um bom arranjo, porque deliberadamente retiveram algumas das peças essenciais do quebracabeça químico da síntese do produto. Não tiveram em devida conta a capacidade, no caso, do dr. A. E. Sherndal, da Winthrop Chemical Company. Sherndal sabia quais eram os ingredientes omitidos, mas os não podia obter nos Estados Unidos. (Ironicamente, a TNT e a atebrina, aquela um explosivo que destrói, esta um medicamento salvador, têm a mesma base química.) Descobriu então Sherndal um meio de preparar a atebrina, usando materiais americanos disponiveis, e resolveu o problema, produzindo um medicamento, idêntico ao alemão. Em 1939, Sherndal (a quem caberiam, de justiça, as mais altas honras militares) iniciava a produção em massa da atebrina americana.

Mais de um ano antes de Pearl Harbor, o dr. Parran fazia ver à Winthrop Chemical Company a urgência que havia em ir desenvolvendo a produção de atebrina. Não esperando pelas encomendas ou auxílio financeiro do governo, a companhia elevou a dita produção, de 5 a 500 milhões de pílulas por ano. Recentemente, o exército americano reclamou o fornecimento de 270 milhões das pílulas amarelas—arma considerada indispensavel numa guerra que se estende, como a atual, a tantas latitudes do planeta. O alto comando americano sabe o que vale a atebrina, para manter a postos os soldados, onde quer que tenham de agir. Afim de tornar possivel a produção de borracha na região de florestas da Amazônia brasileira, castigada pelo paludismo, milhões de pílulas foram para lá remetidas por avião, enviando-se outros tantos milhões, tambem por avião, para a Turquia, que estabeleceu primariamente, no acordo comercial que firmou com os Estados Unidos, a obrigação, em que estes ficariam, de protegê-la contra o grande mal.

Como é caraterístico dos métodos de produção em massa, resultou desta que o preço do medicamento, verdadeiramente proibitivo na época do monopólio germânico—66 dólares por mil pílulas, em 1933,—está hoje reduzido a 4 dólares e meio, pela mesma quantidade. Vale dizer que, num ataque em grande escala à doença, o custo médio de cada cura é de pouco mais de 6 centavos (1 cruzeiro e 20 centavos).

Os japoneses não podem fazer atebrina! Recebem-na, por avião, dos alemães, e estes não deixam de ter algumas dificuldades em fazer as devidas remessas. É sabido, por outro lado, que os holandeses, antes de terem entregado as Índias Orientais, trataram de inutilizar completamente as plantações que alí representavam sua riqueza em quinina. Será o caso de perguntar se o paludismo, secundando eficazmente a ação dos bombardeiros, deterá a ameaça que pesa sobre Port Moresby, na Nova Guiné, pois a verdade é que têm sido encontrados, por aquelas alturas, muitos soldados japoneses mortos, sem o menor ferimento.

Mas a atebrina pode ir alem de preservar a saude dos combatentes das Nações Unidas, ainda nos lugares mais assolados pela calamitosa enfermidade. Usada em combinação com os métodos mecânicos de combate ao mosquito, pode quebrar a desgraçada cadeia de infecção da malária, que vai do mosquito ao homem, e passa do homem ao mosquito, num desdobramento indefinido.

Graças à atebrina, esse velho e implacavel inimigo da espécie humana, que o é de fato a malária, está sendo eliminado. A partir de 1934, o dr. M. E. Winchester entrou a aplicar a atebrina à população impaludada do distrito de Glynn, na Geórgia, sul dos Estados Unidos. Setenta por cento dos habitantes da localidade sofriam da moléstia. Hoje, naquela região, o paludismo é um fator desprezivel, não tendo havido, *no espaço de seis anos, um só caso de morte por ele produzida!* O que Winchester deixou demonstrado, de modo tão brilhante, na Geórgia, pode reproduzir-se em toda a parte. Com o sangue revigorado, a gente das regiões convenientemente protegidas terá, é claro, condições mais próprias para viver e trabalhar.

A grande promessa final das pequenas pílulas amarelas é a que acena para os 800 milhões de impaludados do mundo inteiro, e dos quais alguns milhões sucumbem anualmente. No amanhã, ainda cheio de sombras, que sucederá à guerra, teremos que fazer face a uma humanidade exhausta, estropiada, faminta, enferma. Não fora possivel reconstruir o mundo com a metade do seu povo a arrastar os pés, tremendo de calafrios, ou ardendo de febre palustre —*hoje entretanto curavel na proporção de 6 centavos per capita!* E os Estados Unidos darão conta, quando mais não seja, de uma parte das suas obrigações para com a reconstrução que aí vem, produzindo e distribuindo bilhões de pílulas amarelas de atebrina, com as quais se alcançará a vitória na grande campanha contra o paludismo.

O cúmulo da entrevista

¶ Certa vez houve uma inundação tremenda que devastou o vale de S. Bernardino, na Califórnia. José Pagés Llergo, tempestuoso e exigente redator de notícias de «La Opinion», de Los Ângeles, enviou apressadamente um reporter ao local do desastre, de onde ele lhe mandou uma dramática mensagem que assim começava:

«Deus pousou os pés no cume do monte Wilson, para presenciar a obra devastadora da Natureza...»

Sem ler o resto do telegrama, Pagés Llergo respondeu imediatamente ao rapaz:

«Esqueça a inundação e entreviste Deus.»

—Carlos Bravo y Fernandez, em *Hoy*, México

¶ *A propaganda nazista pretende fazer-nos crer que a Alemanha está em vésperas do craque fatal.*

Derrotismo nazí—para inglês ver

(Condensado do «Rotarian»)

Por Wythe Williams e William van Narvig

Todas as notícias que nos chegam da Alemanha por via subterrânea—e continuam a chegar-nos com regularidade, apesar dos esforços em contrário da vigilância policial—acentuam que o ministro da Propaganda, Goebbels, se prepara para lançar nova campanha de camuflagem moral, dirigida ao público da América. Essa campanha seria, de fato, a repetição pura e simples da campanha de há pouco mais de um ano, em que esse gênio da publicidade intencionalmente fez correr nas capitais neutrais—Estocolmo, Ancara, Berne, Madrid e Lisboa—o boato de que a derrocada interna da Alemanha não tardaria a produzir-se.

Foi logo após o ataque a Pearl Harbor que Goebbels expôs a sua idéia a Hitler: procurar tirar partido do pendor, peculiar aos americanos, para aceitar sem crítica todos os rumores desfavoraveis ao inimigo. A sua intenção era fazer crer aos americanos que estes poderiam ganhar a guerra sem grande custo.

A julgar pelo contexto de dúzias de telegramas, aparentemente de boa fonte, que sairam da Alemanha o inverno passado, o Reich estava na iminência do desastre. Os soldados do Fuehrer morriam na Rússia aos milhares, eram constantes os conflitos entre Hitler e os seus generais, e as indústrias de guerra da Alemanha estavam em pane por falta de mão-de-obra qualificada. A certa altura, uma vaga de telegramas dos correspondentes postados nas capitais neutrais, e como sempre sedentos de novidade, chegava a descrever as condições da Alemanha como tão desesperadas, que já havia, pelos telhados de Berlim, redutos de metralhadora prontos a abrir fogo contra as multidões insubordinadas...

De alguns meios bem informados—tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra—começaram a vir protestos, aliás inuteis, contra a aceitação de semelhantes pontos de vista, que deformavam a realidade dos fatos. Mas o público americano, com o mais completo descaso desses prudentes avisos, deixou-se embair pelas histórias da carochinha da propaganda alemã.

Wythe Williams foi durante 26 anos um dos mais conceituados correspondentes da imprensa americana na Europa. Regressou em 1936 aos E.U.A. para escrever um livro, *Crepúsculo de Império*, no qual fez sensacionais previsões sobre a segunda guerra mundial. Obteve depois alguns grandes êxitos jornalísticos, que o elevaram à posição de comentarista político de estações de rádio.

William van Narvig foi tenente-coronel do antigo exército imperial russo, durante a primeira guerra mundial. Passou alguns meses em Berchtesgaden, em 1939, de lá trazendo uma viva imagem do aparelho econômico e militar do nazismo. Desde então nunca deixou de receber informações autorizadas, oriundas dos contactos que estabeleceu entre elementos antinazistas do exército alemão.

Ao cabo de mais de três anos de guerra total, qual é a verdadeira situação do moral do povo alemão?

Todas as notícias que nos chegam clandestinamente da Alemanha coincidem num ponto: o problema do vestuário é o mais dificil de resolver. Mas a crise, nesse setor, ainda não é tão severa que ameace corromper o moral do povo.

Os problemas do vestuário podem se exprimir em uma só palavra: algodão. O alemão comum, mesmo antes da guerra, tinha um limitado acesso aos artigos de lã. Chegada a estação fria, recorre ao algodão em rama,—que na Alemanha se chama *watte*, do francês *ouatte*—para com ele forrar abundantemente os seus agasalhos e cobertores. Ora, no momento, é praticamente impossivel obter *watte*.

As Nações Unidas controlam uns 87 por cento do algodão mundial. Dos restantes treze por cento, estão em mão do Japão aproximadamente uns doze. Hitler é forçado a manter na Rússia, durante o inverno, um exército de pelo menos um milhão de homens, alem dos quais utiliza um gigantesco exército de trabalho—homens que trabalham em pontes e fortificações, brigadas de salvamento, peritos agrícolas e muitos outros, encarregados da exploração da Rússia ocupada. Toda essa gente goza de preferência na distribuição de vestuário de inverno.

É bem verdade que as enormes reservas de algodão e vestuário encontradas nos paises conquistados foram prudentemente racionadas, mas apesar disso estão se esgotando pouco a pouco. Durante estes últimos doze meses, o Reich adotou o recurso de requisitar em massa os artigos de vestuário de inverno. Mas ainda aí se insinua um fio de propaganda diabolicamente astuta: ao passo que a população das nações ocupadas é forçada, sob a ameaça de represálias, a fazer entrega do que os Nazistas chamam «excedente de vestuário», os alemães só entregam, supostamente, aquilo que possam dispensar. Os sobas do nazismo instilaram, naturalmente, no espírito do povo a idéia de que as doações espontâneas são a prova de que não se nutre má-vontade contra o regime, e constituem, muito ao contrário, atos de patriotismo, dos mais dignos de louvor... A situação da Alemanha em matéria de roupa viria a melhorar consideravelmente, se o exército conseguisse dominar um país de tão decisiva importância no que diz respeito ao algodão, qual seja o Egipto.

O problema dos combustiveis de inverno ameaça apenas algumas das maiores cidades. A Alemanha dispõe de abundantes reservas de carvão, muitas das suas grandes cidades industriais estão situadas em regiões ricas em hulha, ou perto delas, como na Silésia, no Ruhr e no Sarre. São as cidades dependentes dos transportes ferroviários, como Berlim e Hamburgo, que se encontram mais ameaçadas.

O inverno passado, o aquecimento central nos apartamentos de Berlim só funcionava em média duas horas por dia, e muitas vezes aconteceu não funcionar de todo. Se por essa altura os Aliados pudessem ter exercido uma forte pressão, talvez o moral da população alemã tivesse vindo abaixo. Os chefes nazís passaram um mau quarto de hora. Mas os japoneses vieram em socorro deles, provocando a diversão das forças aéreas e navais anglo-americanas.

No inverno corrente a situação é bastante diversa. Ainda que o frio seja

comparavel ao do ano passado—o que não é provavel—os nazistas tomaram as suas precauções. A campanha da Rússia, em 1942, limitou-se a objetivos perfeitamente delimitados, e as suas exigências de diversa natureza não foram tão prementes como as do ano anterior. Tornou-se possivel aos alemães reservar certos meios de transporte—especialmente por via fluvial—de maneira a acumular vastos depósitos de combustivel perto dos grandes centros de população. Assim por exemplo, ergueram-se nos parques públicos de Berlim verdadeiras montanhas de carvão de pedra. Até no elegante Tiergarten, em pleno coração da cidade, se altearam colinas de ouro negro. Os berlinenses ainda poderão bater o queixo de frio, num ou noutro dia de inverno mais rigoroso, mas decerto não ficarão gelados como o ano passado. E, nestas circunstâncias, qualquer melhoramento de condições materiais terá uma favoravel influência no espírito do povo.

Um dos fatores mais influentes na manutenção do moral público é a questão das diversões—ou recreios—e os nazistas sabem-no muito bem. Durante o verão realizam-se, em todos os centros de população de certo vulto, partidas de futebol, rugbi, e tenis. Estão na ordem do dia os desafios internacionais (se assim é lícito dizer) entre times alemães e das outras nações do Eixo. O ciclismo, o *bowling*, a natação e o excursionismo satisfazem as necessidades esportivas de círculos mais reduzidos. O fato é que todo alemão tem por dever consagrar-se a pelo menos uma dessas atividades recreativas.

Abundam os concertos de bandas ao ar livre. A opereta, a revista, a comédia ligeira são alvo de especiais atenções. Os atores são em geral dispensados do serviço militar, e alguns que se encontram nas fileiras são autorizados a reingressar nas suas carreiras teatrais durante os meses de inverno.

Havia entre os chefes nazís uma fação que queria proibir o consumo da cerveja; acabou por levar a melhor o partido contrário, segundo o qual o proibicionismo teria catastróficos efeitos sobre o moral da população. E desta maneira, embora a qualidade da bebida esteja longe de ser o que era dantes, o *burgher* alemão pode continuar a gozar da sua *stein*.

A despeito das tremendas tarefas que a guerra impõe à indústria, os nazistas introduziram o truque das viagens de recreio como prêmio aos operários que se distinguem nas indústrias militares. Assim, após a queda da França, muitos excursionistas foram levados a París, a fazer compras... No inverno seguinte os lugares de excursão favoritos foram Nápoles e a Riviera italiana.

Durante o inverno corrente têm havido excursões à região do sul da Criméia, onde se encontravam os centros de férias e de esportes de inverno do operariado soviético. E se bem que seja reduzido o número dos indivíduos que tomam parte nessas excursões, o efeito geral é de estímulo ao operário industrial, que espera ser considerado para efeitos da recompensa, se fizer um bom esforço.

Um dos problemas mais duros de resolver, para Hitler, no que toca à manutenção do moral popular, é o rol sempre crescente dos mortos de guerra. As perdas da Alemanha nas campanhas da Polônia, da Noruega, da França e dos Balcãs, foram tão insignificantes em comparação com as vitórias alcançadas —num total geral de 56.053 mortos e desaparecidos, e de 125.038 feridos para

as quatro campanhas—que apenas lhes foram consagradas as mais ligeiras menções. Depois, com a campanha da Rússia, o quadro começou a revestir-se de cores mais sombrias. Ainda assim, a pretensão de que as perdas alemãs na Rússia igualam, e talvez ultrapassem, todas as perdas alemãs da primeira Grande Guerra, carece por completo de fundamento.

O exército alemão perdeu na Grande Guerra 2.677.401 homens, entre mortos e desaparecidos, e 4.211.469 feridos—num total de 6.888.870 perdas.

Na guerra atual com a Rússia, até 20 de junho de 1942, as perdas alemãs montavam a 651.273 mortos e desaparecidos, e 1.645.233 feridos, ou seja um total de 2.296.506 homens. Estes algarismos provêm de indiscutiveis registos do exército alemão, e foram postos à disposição das nossas autoridades.

Ainda não dispomos de números dignos de confiança quanto às perdas que a Alemanha sofreu durante a ofensiva do verão último, mas tudo parece indicar que elas foram consideravelmente inferiores às da campanha de 1941. As hostilidades do ano, mesmo contando Stalingrado, não registaram batalhas comparaveis às de Smolensko e Moscou, que, só elas, produziram dois terços das perdas que a Alemanha sofreu em 1941. É de notar, igualmente, que cerca de metade das perdas do ano corrente recairam sobre italianos, rumenos e húngaros, ao passo que no ano anterior as perdas foram quase exclusivamente de alemães.

Sem embargo, são bastante pesadas as listas dos mortos e feridos, e os nazistas se vêem forçados, a cada passo, a acentuar quanto, em proporção com os enormes resultados agora alcançados, essas perdas são inferiores às da grande Guerra. São interminaveis as estatísticas relativas às minas, terras agrícolas, poços de petróleo, centros industriais, usinas elétricas e outras riquezas econômicas adquiridas pela conquista, — sempre acompanhadas de promessas de pronta exploração em benefício do povo alemão. Por tudo isso—diz-se—é natural que houvesse a pagar certo preço em vidas humanas... Por outro lado há os prisioneiros de guerra—645.000 poloneses, 1.300.000 franceses, 230.000 gregos, 280.000 sérvios, e para cima de 3 milhões de russos—muitos deles forçados a executar toda a espécie de trabalhos agrícolas, em substituição de mão-de-obra nacional que as forças armadas absorveram. Encontram-se alem disso na Alemanha mais de 6 milhões de trabalhadores estrangeiros ocupados nas indústrias de guerra, os quais, segundo proclamam os alemães, estão sendo «germanizados» e, acabada a guerra, levarão consigo aos seus respectivos paises a semente da civilização alemã. Assim, enquanto Hitler puder apresentar ao seu povo resultados positivos de guerra, nem a crescente lista das perdas produzirá efeito profundo no moral alemão.

Os resultados dos bombardeios aéreos, que os ingleses vê mpraticando em massa, originaram novo problema para o nazismo. Foi necessário deslocar para o leste uns 365.000 habitantes de Colônia, Duisburgo e Dusseldorf. Mas ainda aquí os nazistas souberam tirar proveito, para seus próprios fins, duma situação desfavoravel. Na verdade, Hitler vinha removendo para leste as suas indústrias de guerra; e, se era relativamente facil transferir os operários, já era um caso sério convencer as famílias a mudar os penates. Ora, iniciados os bombardeamentos, tornou-se facil

tarefa induzí-las a emigrar para a bacia do Oder, e até para mais longe. Outra vantagem tiraram, do caso, os alemães: os bombardeamentos atiçaram a fogueira do ódio popular à Inglaterra.

O fulcro do poder de resistência dos alemães jaz na situação dos abastecimentos. Hitler entrou na guerra com uma reserva de 12 milhões e meio de toneladas de cereais. Apoderou-se de consideraveis reservas armazenadas na Holanda e na França. Em 1940 as colheitas na Alemanha renderam quase 25 milhões de toneladas, o que representava um ligeiro excesso relativamente ao consumo daquele ano. Contudo, em 1941, produziu-se um ligeiro declínio na produção. Uma das consequências da campanha balcânica foi a perda de grande parte da produção iugoslava, com a qual a economia do Reich contara seriamente. A passagem temporária da Bessarábia para o poder dos russos, e a absorção da mão-de-obra agrícola da Rumânia pela voragem da guerra da Rússia, produziram efeitos adicionais. Devido ao demorado e severo inverno de 1942, as colheitas, na Europa sob o domínio dos alemães, cairam a 22 por cento apenas do normal. No curso do inverno corrente os nazís terão que recorrer às suas reservas, mas há bastante para se aguentarem. Situação idêntica se observa quanto a outros gêneros alimentícios.

A prova dos nove virá a ser tirada quando a Ucrânia conquistada vier tomar o lugar proeminente que lhe pertence no quadro geral da situação, já que os planos de Hitler para uma guerra demorada se alicerçam no potencial agrícola do sul da Rússia. Com o baixo Volga dominado pelos canhões nazistas, reduzindo de 75 por cento o abastecimento de óleos minerais à Rússia; com 55 por cento das minas de hulha e 45 por cento da sua área de produção agrícola em mãos do invasor, a U.R.S.S. não poderá empreender em 1943 nenhuma ofensiva em larga escala: tal é, pelo menos, o parecer dos teutões.

Para a exploração do sul da Rússia, os nazistas importaram cerca de 800.000 agricultores alemães, húngaros, holandeses e dinamarqueses, para exercerem funções de operários rurais e capatazes nas terras que, anteriormente à invasão, constituiam as fazendas coletivas russas, *kolkhozes* e *sovkhozes*. Outros milhares de trabalhadores estão sendo transferidos das cidades bombardeadas da Alemanha ocidental para alí.

Tudo não obstante, as terras a oeste do Dnieper não produzirão rendimento apreciavel até o verão de 1943, e as que se estendem a oeste do Volga não começarão a produzir em massa até o estio de 44. Por outras palavras, com um acréscimo populacional de 60 milhões de pessoas na Rússia ocupada a pesar-lhe no orçamento econômico, a etapa mais dificil para Hitler será o inverno de 1943-1944. Se o Fuehrer conseguir atravessar esse período, terão fenecido as esperanças de o reduzir pela fome.

Tal é, a largos traços, o panorama da situação. Estará iminente o craque interno da Alemanha? Quem tentar responder honestamente a tal pergunta, terá de admitir que, nas condições presentes, há poucas probabilidades de se produzir o desastre. A Alemanha terá que ceder, mas pelo lado de fora. E isso exigirá da nossa parte um esforço sempre crescente. A vitória, numa guerra desta ordem e destas proporções, não se consegue com facilidade. E certo não chegaremos a alcançá-la, se continuarmos a deixar-nos embair pela propaganda falaciosa do sr. Goebbels.

Uma probabilidade entre um milhão

(Condensado da «Liberty»)

Por Samuel Hopkins Adams

BASSIL filtava com acurada atenção o esquema, registado em uma letra miuda e precisa. Seu treino científico se traía no hábito meticuloso de diagramar tudo, para evitar que lhe escapasse à atenção o menor erro. Eis com que as autoridades iriam dar amanhã:

Dados concretos: O ilustre professor Adrian Gohl, químico, encontrado morto no laboratório particular de sua residência, na cidade de Nutley, estado de New Jersey, às nove horas da manhã de domingo. *Causa mortis:* clorofórmio. Hora do ataque: 6:49, hora essa estabelecida pelo relógio de bolso da vítima, que quebrara por ocasião da sua queda. Um arquivo estava todo remexido, porem aparentemente não fora subtraido papel algum. O automovel, que habitualmente estacionava na garage, situada em baixo do laboratório, não estava no seu lugar. Gohl costumava trabalhar a noite toda no laboratório, aos sábados, não admitindo interrupção alguma. Um criado, que fora chamá-lo para o café da manhã, descobrira o corpo.

Sequência provavel: O automovel talvez fosse descoberto mais tarde, vazio, no fundo do rio Hudson, em frente de um depósito de ferro-velho, nos arredores de Yonkers. A erosão da água teria removido quaisquer sinais que talvez houvessem servido para identificar quem o havia guiado por último.

SERIA MOTIVO de futura satisfação intelectual conferir, passo a passo, o esquema com o desenrolar dos acontecimentos. Mesmo que houvesse qualquer erro de cálculo—quando muito, a possibilidade de ser agarrado estaria na proporção de um para um milhão—seria facil sair-se bem da aventura. No seu foro íntimo, Bassil estava convicto da sua superioridade,—um homem entre um milhão!

Entretanto, ousara despedí-lo o velho Gohl, após anos de serviço. E que tinha isso, que houvesse sido encontrada entre os seus papéis uma cópia de algumas das fórmulas mais importantes do seu chefe? Estas não poderiam provar nada contra ele. Pelo menos, legalmente, não.

O assistente de laboratório descobrira uma verdadeira mina de ouro nessas fórmulas que «tomara emprestadas». Já lhe haviam dado lucros bastantes para viver... quase o suficiente... mas faltava ainda um pouco, um elo da cadeia... E esse pouco, tinha que ir buscá-lo no laboratório do químico. Qualquer companhia de borracha ofereceria, de boa mente, uma fortuna enorme em troca da fórmula completa e do processo de fabricação do velho Gohl. Bassil estava resolvido a não deixar escapar essa fortuna.

Sábado, cinco horas da tarde. Era tempo de dar o primeiro passo. No consultório do dr. Dorman, logo no andar inferior ao do seu apartamento, ele queixou-se de um ataque repentino de vertigem e falta de ar. O médico diagnosticou uma indisposição nervosa, e receitou qualquer coisa.

—Obrigado, doutor; tive receio de que fosse meu coração.—(Otimamente representado!)

No ônibus, achou lugar no primeiro assento. Notou que eletricistas estavam a enfeitar com lâmpadas de cor uma das entradas da grande ponte que atravessa o Hudson.

—É hoje à noite? Bassil ouviu o chofer perguntar.

—Hoje à noite! respondeu o cobrador do imposto da ponte.

Bassil desceu do ônibus na cidade de Newark. Tomou um trem para Passaic. Eram quase duas horas da madrugada quando alcançou, a pé, a residência de Gohl. A luz estava acesa no laboratório. A porta da garage escancarada. Que sorte! Poderia depois retirar silenciosamente da garage o automovel, fazê-lo deslizar pela rampa até a estrada sem ligar o motor, e assim sair sem ser pressentido.

Subiu as escadas e bateu na porta.

—É Bassil, professor.

O químico abriu a porta:

—O que é que você quer?

—Estou sem emprego. Deixe-me entrar mais uma vez...

O professor Gohl respondeu com aspereza:—

—Não são horas para isso. Boa noite.

Voltou-se. Bassil atirou-se sobre ele.

Tendo calçado luvas, encharcou de clorofórmio o pano que trazia, e o atou sobre o nariz e a boca da vítima. Depois de uma busca aflitiva achou a fórmula e copiou-a. Tirou então o relógio do professor, avançou os ponteiros até 6:49, e quebrou o vidro.

Deu uma última inspeção rápida—e fechou a porta, selando na sala o mistério tão habilmente urdido.

Sob seu impulso, o automovel deslizou silenciosamente da garage. Desceu a rampa e enveredou pela estrada. Agora, desde que tivesse atravessado a ponte, rumaria ao depósito de ferro-velho, e deixaria rolar o carro, vazio, para o fundo do rio. Depois iria para casa. Às sete horas chamaria o médico:

«Creio que deve ser um ataque do coração. Estou muito mal. Venha depressa.»

Seriam então sete horas: onze minutos depois de cometido o crime, de acordo com o pensar da polícia, e ele a uma distância de 40 quilômetros. Um alibi perfeito. A polícia que se danasse, a reconstituir o caso!

Depararou-se-lhe a brilhante iluminação da ponte. Luz coloridas davam um aspecto feérico ao local, onde havia muitas pessoas: guardas, um polícia estadual, civís... Diminuindo a marcha, estendeu a mão ao cobrador de imposto da ponte, dando-lhe o troco exato, para não haver demora. Alguem pegou na sua mão para cumprimentá-lo. Ouviu um estrugir de palmas, e exclamações esfuziantes. Uma explosão de magnésio quase o cegou. Outra. Terceira. Viu-se rodeado de gente.

—Nome e endereço, por favor!

Um guarda, sorridente, tendo anotado o número do carro, lhe dirigia a pergunta. Que significava tudo isso? Era por acaso sua própria, essa voz roufenha que lhe soava nos ouvidos?

De todos os lados repetia-se, com entusiasmo, uma palavra, que cada vez mais confundia o seu cérebro atormentado: *O milionésimo? O milionésimo?* Que diabo tinha um milhão que fazer com ele? O oficial explicava. Era o seu o milionésimo carro a atravessar a ponte. Amanhã ia haver uma comemoração, e ele receberia um relógio de ouro, prêmio do feito...

Sim, e amanhã figuraria estampado em todos os jornais o seu retrato!—o retrato dele, Bassil, um assassino, sentado no automovel de sua vítima! O milionésimo carro... Orçara ele a possibilidade de ser descoberto como de um para um milhão...

Encontraram de fato o automovel do professor Gohl enterrado na lama, no fundo do Hudson, conforme o plano tão habilmente delineado. Só um pequenino detalhe se alterara: o corpo de Bassil estava no automovel...

Troquei o paletó pelo macacão

(Condensado do «American Magazine»)

Por Alan McCone

Um vendedor granfino de automoveis emprega-se numa fábrica de caldeiras, a serviço da guerra, e descobre um novo mundo de saude, felicidade e boa camaradagem.

Fui até há pouco um sujeito de colarinho e gravata, mas há seis meses trabalho como operário auxiliar de caldeireiro—e vou gostando do ofício. Esse pesado trabalho físico rejuvenesceu-me. Fez-me ter maior apreço pelos meus semelhantes, e renovou toda a minha concepção da vida.

Quando meu emprego de vendedor de automoveis deixou de ter cabimento em consequência da guerra—e eu ganhava nele o bastante para o sustento de minha mulher e dois filhos, bem como para as despesas com uma criada, dois automoveis e muito golfe—sentí-me deveras em crise. Depois de conversar sobre o assunto uma noite inteira com minha mulher, decidí começar de novo a vida, aprendendo uma profissão util ao momento.

Nos anúncios de jornais havia muita procura de caldeireiros. Embora nunca tivesse dado para mecânico, achei trabalho numa forja vizinha, que estava fabricando montanhas de tanques e distiladores de óleo. O meu primeiro dia de serviço, no novo mundo em que entrava, jamais o esquecerei. O capataz incumbiu-me de por em caminhões um carregamento de tubos de ferro. Uma hora não era decorrida, e já me doiam músculos que, seja dito, nunca pensei possuir. Depois do almoço, tinha que andar, de rastos, dentro de uma fossa

quente e estreita, entre rolos de canos, e segurar, em determinado lugar, uma chave sobre umas cabeças de cavilha, enquanto um caldeireiro veterano, chamado «Velho Irlandês», batia sobre a mesma com uma marreta de aço de 8 quilos.

Tive a sensação de que estava sendo cremado; e a idéia do que viria a acontecer, se o «Velho Irlandês» se enganasse, de um centímetro que fosse, na sua marretada, confesso me apavorava. Minha mão tremeu um pouco quando pus a peça no lugar. A marreta desceu, e ela fugiu-me das mãos, sibilando-me pela cara como um estilhaço de granada. Cuspindo fumo, o «Velho Irlandês» lançou-me estranho olhar. «Ouça,» disse ele, «às vezes trabalho o dia inteiro, sem atingir sequer uma vez o ajudante!»

Ambos sorrimos, e minha tensão nervosa atenuou-se. Quando a nossa vida, ou integridade física, se encontra sob tais riscos, a gente aprende, como por instinto, a ter confiança implícita naqueles com quem trabalha.

O tempo custava a passar. Deitado no meu estridente crematório, eu sonhava com o bater das quatro horas da tarde, quando me renderiam no serviço. Às três, um assistente do capataz, que não era de brincadeiras, apareceu e disse que o trabalho, aquele dia, se prolongaria até às seis. Às seis soubemos que nos concediam meia hora para jantar, e depois continuaríamos em atividade até às onze.

Afinal, quando cheguei em casa e minha mulher me perguntou que tal era o meu novo emprego, respondí apenas com um gemido, caindo sobre o sofá. Sentía-me tão cansado que nem me pude despir.

Durante toda a semana, estive numa espécie de nevoeiro, como um jogador de boxe estonteado pelos golpes. Trabalhávamos com urgência para o governo, noite após noite, alem do horário normal.

Depois, comecei a enrijar. Quando recebí o envelope com o meu primeiro salário, tive uma das sensações mais agradaveis da minha vida. O envelope continha pouco mais de 73 dólares—dinheiro que eu tinha realmente ganho com o suor do meu rosto. À medida que os dias passavam, fui-me adaptando, mais e mais. Embora perdesse muito em peso, comecei a comer como um cavalo, e a dormir como um rochedo. Aprendí a levantar-me usando as pernas, em vez das costas, e várias outras dessas pequenas coisas.

Não é que tambem não tenha tido momentos dificeis. O peor foi quando quase matei outro operário. Sem saber que era proibido levar ferramentas pelas escadas acima, subí a 25 metros de altura ao lado de um tanque, quando uma chave de mão, que trazia no meu macacão, escapuliu do mesmo. Certo caldeireiro, homem aliás rabugento, que chamarei Gustavo, estava ajoelhado sobre algumas ferramentas aos pés da escada. A chave ia direita à sua nuca.

Dei um grito de advertência, mas Gustavo não podia ouvir-me por causa do barulho dos martelos. Durante um ou dois segundos, que me pareceram anos, vi a chave descer como uma bala em rumo do seu pescoço. No último instante, ele levantou-se, e o instrumento raspou-lhe pelo ombro, ferindo-o levemente.

Descí pela escada abaixo para receber o que me cabia—a maior descompostura que jamais esperava ouvir—mas nisto ficou o incidente. Quando Gustavo se apresentou ao médico da companhia para curar o ombro ferido, disse apenas que tinha caido contra umas pontas de aço. Foi portanto um perfeito camarada. Razão de sobra havia tido ele para mostrar-se amargo.

A maioria dos trabalhadores manuais ligam-se uns aos outros por excelente camaradagem. Há entre eles um sentimento de fraternidade que nunca observei nos escritórios. Na nossa fábrica, homens mais ou menos de todas as profissões e artes trabalham para a guerra. Um dia, eu ajudava a carregar uma verga de aço, quando descobrí que um dos companheiros da outra extremidade era um doutor em filosofia—um professor de universidade que trabalhava durante as férias. Um corretor de imoveis e um padre serviam como ajustadores de canos. Um dos nossos marcadores de tempo ganhava anteriormente 20.000 dólares por ano, como corretor, enquanto, entre os elementos mais ativos em estimular o serviço, figurava um ex-gangster. Não se leva em conta o que o indivíduo foi, mas o que ele é no momento.

Quase todos, contudo, eram afeitos a serviço pesado, e foram estes, sem duvida, que estabeleceram o nosso código—um código de trabalho duro, firmeza e lealdade. Sem embargo, rimo-nos muito mais frequentemente do que os homens que trabalham na carteira.

São homens fortes na luta, e que se não deixam abater ou amesquinhar. Jamais, em parte alguma, vi gente mais generosa. Em recente dia de pagamento, um dos ajudantes perdeu seu envelope contendo 60 dólares. Os companheiros fizeram circular um chapéu, e, quando ele foi para casa, tinha mais de 80 dólares no bolso. Nunca vi um caso idêntico ao longo dos doze anos em que trabalhei de paletó.

Outra ocasião, o filho de um caldeireiro, com quatro anos de idade, foi seriamente ferido por um caminhão. Quando a notícia se espalhou pela usina, só se viam mãos calejadas a procurar alguma coisa nos bolsos. O menino recebeu no hospital o melhor tratamento pago de que alí se dispõe.

Fiz relações com o meu capataz, e levei-o um dia a minha casa. Ele se mostrou satisfeito, pois gostava muito de crianças. Entrou a brincar com meus filhos, e os manteve de olhos arregalados durante meia hora, com a narrativa de uma viagem ao Alasca num trenó puxado por cachorros. Logo depois, entretanto, tratava-me, no serviço, como um escravo de galé. Fez-me suportar, durante horas, um tremendo martelo mecânico, que os operários chamavam o «bruto». Fez-me rolar tubos de caldeiras, tão quentes que me chamuscavam as solas dos sapatos.

Quando eu estava, porem, a pensar que outras penas me estavam reservadas, disse-me ele que me havia recomendado para a promoção a caldeireiro de segunda classe. Sentí-me mais orgulhoso de mim mesmo do que quando fui eleito para um conselho de diretores.

Que dizer do reajustamento da minha vida social? É surpreendente como as coisas mudaram para melhor.

Antigamente eu levava duas horas almoçando, gastava cerca de quatro em coquetéis com clientes, e minha cabeça nunca descansava. Preocupava-me, de manhã à noite, com os negócios e compromissos. Tinha um sono agitado, e, ainda quando jogava golfe nos fins de semana, não deixava de estar pensando nas vendas futuras.

Hoje, quando chego em casa, esqueço completamente tudo o que se refere ao meu trabalho.

Virgínia diz que melhorei cem por cento; e tenho tambem muito melhor aparência, agora que perdí 7 quilos, e ando mais corado. Nos fins de semana, não sinto necessidade de trocar o lar pelo golfe. Como faço muito exercício no trabalho, gosto de andar pela casa, brincar com as crianças, cuidar do automovel. Num dos últimos domingos, desmontei completamente o motor, e tornei a montá-lo, — coisa que teria sido impossivel há seis meses.

A princípio alguns dos nossos amigos levavam em pilhéria o meu novo meio de vida. Virgínia acabou com isso. Conta tanta vantagem sobre o que eu faço, que convenceu os maiores granfinos de que o trabalho pesado efetivamente enobrece.

Não há muito tempo ajudei um exvendedor de automoveis a empregar-se tambem como operário. Agora, um corretor de imoveis e um advogado me pedem que lhes preste igual serviço, pois querem colaborar com trabalho manual, nas indústrias de guerra.

Não sei se se darão bem como eu. Nunca me sentí mais feliz. Tenho vontade de por o meu peito para a frente, e empertigar-me. Colarinho e gravata são algemas. Libertar-me das minhas, foi a mais bela aventura da minha vida.

Piadas do serviço militar

Ditos e anedotas respigados em publicações militares. Compiladas por Tom Wolf.

¶ *Um recruta:* Tenho vontade de dizer ao sargento, outra vez, que não me amole.

Outro recruta: Que quer você dizer com «outra vez»?

Primeiro recruta: Já ontem tive vontade de lhe dizer...

—*Wings*, Chanute Field, Ill.

¶ *Sargento instrutor:* O que é que tem 24 pés, olhos verdes, e um corpo rosado com listas roxas?

Recruta: Não sei. Que é?

Sargento: Eu tambem não sei, mas é melhor que você *o* tire aí do seu pescoço.

—*The Holabird Exhaust*, Q. M. Depot, Holabird, Md.

¶ *O sargento da cantina:* Quem foi o bruto que pôs essas flores na mesa?...

Ordenança: Foi o capitão.

Sargento: Que lindas que estão, hein?

—*The Spearhead*, Fort Sam Houston, Texas

¶ *Sentinela:* Alto! Quem vem lá?

Voz: Ainda que diga o nome, você não me conhece. Sou novo aquí no regimento...

—*The Yank*

¶ *O FBI, reorganizado e ampliado, mostra de que é capaz na campanha contra espias e sabotadores.*

A polícia mobiliza contra a espionagem

(Condensado de «Future»)

Por Frederick L. Collins

O BUREAU Federal de Investigação—que todo mundo conhece hoje pelas suas famosas iniciais em inglês: FBI—tem realizado um trabalho digno do maior elogio, no que diz respeito ao atual estado de guerra. É graças a ele que não se verificaram até agora catástrofes no gênero da de Black Tom*; estão na cadeia, ou andam sujeitos à mais estrita vigilância, milhares de possiveis sabotadores; e partiu-se, enfim, a espinha vertebral das organizações de espionagem nazí e japonesa, que campeavam à solta fronteiras adentro dos Estados Unidos.

Apesar da sua enorme expansão, realizada em período relativamente tão curto, graças aos planos cuidadosamente elaborados, à escolha rigorosa do pessoal, e ao bom-senso dos homens que o dirigem, o FBI tem-se desempenhado das suas novas e avassaladoras tarefas, sem cair em confusões.

Em julho de 1941, o caso Seebold* permitiu lançar a rede aos agentes nazistas Frederick Duquesne e Axel Wheeler-Hill, e a trinta e um dos seus cúmplices. Em agosto, *Herr* Kurt Ludwig—agente extraordinário da Gestapo—era preso na companhia de seis dos seus ajudantes. E o major Borchardt—amigo e discípulo do general Karl Haushofer, a quem se devem os planos geopolíticos do III Reich—deu entrada, em dezembro, nos cárceres do FBI. Estavam assim reduzidos à impotência os principais fautores da espionagem alemã.

Alguns dos trabalhos de investigação do FBI quase parecem obra de bruxaria. Para obter a condenação dos cabeças do bando Duquesne, os agentes do Bureau serviram-se, como elemento de prova, de autênticos filmes cinematográficos e discos de fonógrafo, tomados e gravados num quarto junto àquele onde os espiões conspiravam. Durante meses, os agentes especiais seguiram passo por passo cada um dos membros ativos da quadrilha, sem uma só vez deixarem transparecer um sinal que os assustasse, levando-os a precaver-se. Bancando espias, eles mesmos instalaram e exploraram a estação clandestina de rádio, através da qual Duquesne remetia seus relatórios secretos para a Alemanha. Esses relatórios, como é facil compreender, tinham sido previamente «compostos» com o maior cuidado pelos oficiais dos serviços secretos militares e navais dos Estados Unidos, para confundir e orientar erroneamente os comandos nazistas. E conseguiram o desejado efeito.

Ao cabo de meses de uma vigilância tão apertada, que levou os agentes especiais até junto de todos os seus cúmplices em Nova York, Ludwig, o homem da Gestapo, pôde finalmente escapulir-

*Vide Seleções de maio de 1942—*O Caso de «Black Tom»*.

se. Mas, impossibilitado de poisar fora do alcance dos referidos agentes, foi «pescado» na costa do Pacífico. Durante a fuga deteve-se uma noite num campo de turismo, para queimar documentos que o poderiam comprometer. Os «G-men» que lhe iam no rasto deixaram-no queimar a papelada: um deles iria recolher mais tarde as cinzas, empacotá-las com todo o cuidado em rama de algodão, e mandá-las para Washington. O laborátorio técnico do FBI tratou e fotografou os farrapos carbonizados, e reconstituiu pacientemente o *puzzle* daquele texto, que encerrava informações do mais alto valor. A fita de máquina de escrever e o papel carbono apreendidos a um dos auxiliares de Ludwig proporcionaram informações igualmente inestimaveis.

Num golpe mestre de contra-espionagem, o FBI pôs a mão, em duas semanas, nos oito agentes da Gestapo que tinham desembarcado secretamente nas praias dos Estados Unidos, onde os trouxera um submarino. Os indivíduos que os acolheram estão na cadeia meditando talvez nos espinhos da hospitalidade...

As diligências efetuadas logo após o ataque de Pearl Harbor, foram verdadeiras maravilhas de precisão cronométrica. Os agentes a serviço dos postos locais do FBI tinham em seu poder as listas das pessoas que deviam prender. As redes haviam sido cautelosamente lançadas. Tudo o que o diretor geral, J. Edgar Hoover, tinha a fazer—era carregar num botão. No curto espaço de uma semana estavam atrás das grades 3.000 possiveis espiões e sabotadores...

O FBI realizou tudo isso porque estava já preparado para entrar em ação. Muito antes da guerra, Hoover mandou agentes em visita aos departamentos de polícia de diversos paises europeus, onde estudaram e aprenderam os truques da espionagem: tintas invisiveis, cifras e chaves modernas, organização de desordens e luta nas ruas, e sabotagem de maquinaria. E, na base das noções assim adquiridas, o Bureau compilou e redigiu os seus livros de texto.

Iniciada a guerra, o FBI manteve-se constantemente ao corrente das lições que as forças da contra-espionagem britânica vinham aprendendo na experiência de todos os dias. O sr. Hoover mandava vir continuamente os seus agentes especiais que andavam em campo, para lhes ensinar como combater as novas técnicas de espionagem. Este treino veio a produzir um tipo de agente capaz de se haver com o que de melhor (ou de peor ...) a Gestapo e a Ovra podiam desencadear, respectivamente da Alemanha e da Itália.

Alguns meses antes de Pearl Harbor, diversas brigadas de agentes especiais procederam ao exame exhaustivo de 2.300 fábricas, que estavam produzindo materiais de guerra essenciais, e fizeram recomendações especiais aos respectivos gerentes, sobre a maneira de se prevenirem contra a espionagem. A guerra veio encontrar essas fábricas entrincheiradas em barreiras de arame farpado e protegidas por guardas competentes. Têm havido, nem outra coisa seria de esperar, casos mínimos de sabotagem, mas todos eles foram descobertos a tempo de se prevenirem sérios danos à produção. Tudo isto se deve às medidas de segurança tomadas pelo Bureau, que tem insistido com as fábricas para que toda a maquinaria seja regularmente inspecionada com o máximo rigor. As inspeções desta ordem têm revelado curtos circuitos premeditados, em cabos de transmissão, veios quase serrados de meio a meio, e outras obras da sabotagem.

Todos os indivíduos que se apresentam a pedir emprego nas indústrias de guerra, são investigados pelo FBI. Graças às minuciosas investigações conduzidas, sob recomendação do FBI, entre o pessoal já em serviço em cada fábrica, tornou-se possivel desmascarar muito sabotador em perspectiva. «O que? Investigar a vida do Mike?!» bradaria um contramestre. «Pra que, se há dez anos que aquí trabalha! É um bom rapaz.» Feitas as pesquisas, concluia-se que não um, mas centenas de «Mikes» estavam de alma e coração com Berlim...

Desencadeada a guerra, só em um mês o correio trouxe um dilúvio de 200.000 cartas ao FBI! Muitas delas eram pistas e sugestões oferecidas por cidadãos, relativamente a possiveis atividades subversivas—e era preciso fazer investigações. Provenientes do exército, da marinha, das fábricas de guerra e das repartições do governo, começaram a chegar as fichas dactiloscópicas, às 100.000 por dia, e era necessário classificá-las, compará-las aos registos criminais, e catalogá-las. O FBI tinha desde 1939 estabelecido quinze novos escritórios, e nos escritórios centrais trabalha-se 24 horas por dia, em três turnos.

O maior problema que Mr. Hoover tinha a resolver era obter mão-de-obra. Nunca ao Bureau faltaram os candidatos—antes da guerra eram centenas a apresentar-se todas as semanas, hoje a média é de 1.000—mas os seus *standards* são o que há de mais rigoroso: folha pessoal sem mancha, saude física perfeita, inteligência, robustez, moralidade, e uma dúzia de qualidades outras. Todas as fases e aspectos do passado do candidato são esquadrinhadas, até os dias da escola. Para poder obter uma entrevista, o candidato deve provar que é licenciado em direito, ou que é contabilista, diplomado, com vasta experiência prática, ou, enfim, que possue uma especialidade util ao FBI. Logo nessa entrevista são postos de lado muitos candidatos; de fato, a maioria. Fazem-se muitas perguntas, aparentemente sem qualquer pertinência ao caso, mas que permitem revelar imediatamente as características mais salientes do pretendente a «*G-man*».

Os indivíduos que conseguem passar essa primeira prova são submetidos a novas investigações. Para que nenhum escaninho da vida do candidato, ainda o mais remoto, fique na obscuridade, são ouvidos os seus antigos professores, até os primários, vizinhos, patrões, amigos, parentes, e... os próprios inimigos.

Andam em treino, permanentemente, doze grupos de cincoenta novos agentes; de três em três meses saem da forja 600 novos «*G-men*»—e esse contingente crescerá com certeza quando as novas instalações do FBI em Quantico (Virgínia) estiverem de todo concluidas. O Bureau tinha 851 agentes especiais em 1939: conta hoje 4.300.

O agente especial em formação recebe, na escola de Quantico, o treino mais completo que até hoje se concebeu, no que respeita ao cumprimento da lei. Durante três meses, da segunda à sexta-feira, inclusive, estuda das 9 da manhã às 9 da noite; aos sábados, das 9 às 6, e aos domingos, da 1 às 7. Grande parte da instrução nesse curso atordoante, é ministrado por demonstrações práticas. Assim, por exemplo, o instrutor «sabota» um avião, metendo uma buxa de trapo nos tubos de alimen-

tação, ou cortando um fio de controle. O estudante deve encontrar a causa do «acidente» daí resultante. Ensinam-no a distinguir os arames cortados por alicate ou serrote, queimadura ou dobragem. Entregam-lhe um pedaço de metal carbonizado e um jogo de ferramentas, para que ele indique o instrumento causador do dano. Entre mil outras coisas, o estudante aprenderá a identificar o tipo de resíduo que deixam os diferentes explosivos depois de terem detonado.

No laboratório técnico fazem-se demonstrações com tintas secretas (invisiveis), e com muitos outros processos técnicos empregados na espionagem. Uma vez, certo edifício do governo foi assaltado por um agente estrangeiro, que para entrar por uma janela se viu forçado a cortar uma rede de cobre, usando um simples canivete. Foram imediatamente presos vários indivíduos suspeitos, todos portadores de canivetes. O agente que fizera as prisões mandou os canivetes e um retalho da rede para o laboratório. Examinada ao espetroscópio, uma das navalhinhas mostrou resíduos de cobre aderentes à lâmina. O dono dela era o homem que fizera o «trabalhinho».

O recruta aprende nas aulas do FBI a organização, os métodos, a força e as fraquezas dos adversários com que tem de se haver. Ensinam-lhe a técnica da decifração de códigos secretos, a comparação de caligrafias, a interceptação de telefonemas, e a colocação de microfones... Recebe um treino especial que lhe permite interpretar, e recordar mais tarde, uma conversa confusamente murmurada perto dele. Em frente de uma mesa coberta de areia, sobre a qual se podem arquitetar mil aspectos topográficos diferentes, com casas, árvores, estradas e outros acidentes miniaturais, o estudante aprende a planear o cerco e ataque a bandos de espias e sabotadores, e a dispor as suas forças para um golpe de mão. Do ensino faz tambem parte a mais rigorosa preparação física: o recruta aprende, entre outras coisas, a maneira de prender e algemar um homem; ensinam-lhe «golpes» de luta livre e outros truques capazes de paralisar o adversário—coisa que tem salvo a vida a mais de um «*G-man*». Tambem no tiro-ao-alvo ele deve mostrar-se perito no uso do revolver, da carabina e do fuzil-metralhadora. Todos os agentes especiais devem repetir periodicamente este treino, para se manterem em boa forma.

Compreendendo, e com razão, que a guerra viria impor novos tipos de trabalho ao seu Bureau, o diretor Hoover atenuou o rigor da regra segundo a qual todo agente teria de ser formado em direito, ou contabilista diplomado, e agregou à corporação um grupo de homens habilitados a fazer de tudo—desde a decifração dum texto sânscrito à montagem duma estação de rádio. Dispõe assim hoje de homens que estão perfeitamente à vontade em qualquer ramo profissional ou industrial. Se uma seção local necessita de repente um «G-man» capaz de passar por músico numa orquestra, ou de cozinheiro num restaurante, apela para Washington, e dentro de poucas horas está a caminho, de avião, um agente especial apto a executar um solo de saxofone—ou a preparar um coelho-à-caçadora!

Para romper a rede nacional de espiões inimigos, o sr. Hoover viu-se obrigado a organizar raides sincronizados em dúzias de cidades; se um grupo fosse apanhado cedo demais, os outros, prevenidos, poderiam bater as asas. Para

esse fim, instalou uma rede de conferências telefônicas que é a mais vasta do mundo inteiro. Tomando o seu auscultador, em Washington, numa questão de poucos minutos, pode ter nos fios os chefes dos 53 departamentos continentais do FBI, como se estivessem numa conferência de mesa redonda. Nenhum agente do FBI, exceto em circunstâncias muito extraordinárias, pode ficar sem telefonar durante mais de meia hora. Desta maneira, o sr. Hoover resolve rapidamente certos problemas que pareciam emaranhados, sem remédio nem esperança; tem seguido e conduzido, hora a hora, a caça a um espião através do continente inteiro; e desencadeou diligências de que resultou o encarceramento simultâneo de agentes nazistas por todo o país.

Na tarefa gigantesca de vigiar milhares de indivíduos suspeitos, e de prender os culpados, as forças locais de polícia têm sido de grande ajuda para o FBI. Em 1935 o sr. Hoover fundou a *FBI National Police Academy*, para ensinar os métodos científicos do FBI a representantes escolhidos das forças policiais urbanas e estaduais. Até há pouco, tinham passado por essa academia cerca de 700 diplomados, que regressaram aos seus postos, munidos das técnicas mais recentes da aplicação da lei, e lá foram organizar por sua vez outras escolas para o ensino de outros agentes. Para complemento desta obra, cada seção ou departamento local do FBI organizou em 1941 a sua Escola de Defesa Civil; estas escolas, no conjunto, ministraram a 40.000 soldados de polícia os conhecimentos mais atuais sobre o modo de combater espias e sabotadores.

Num dia «normal» e sossegado, o sr. Hoover trabalha no seu escritório das 8:30 da manhã às 7 da tarde. Mas quando há peixe grosso nas águas do FBI, ele chega a trabalhar 48 horas seguidas, sem dormir e alimentando-se apenas de sanduiches. Está sempre acessivel de dia e de noite, e os agentes em serviço têm ordens estritas de chamá-lo sempre que haja novidade de importância. Em frente da sua secretária, o chefe tem um mapa no qual se vão indicando as posições dos seus agentes especiais: isso lhe permite manter-se em constante e solícito contacto com eles em qual quer parte onde se encontrem.

Honesto Lincoln

¶ Quando Abraham Lincoln era um jovem advogado, defendeu uma vez dois casos no mesmo dia perante o mesmo juiz. Ambos os casos envolviam o mesmo princípio legal, mas em um deles Lincoln falava em nome do queixoso e no outro ele falava em nome do acusado. Pela manhã, fez uma eloquente defesa do queixoso e ganhou a causa. Durante a tarde, com a mesma eloquência, ele defendia o acusado, e o juiz, sorrindo, perguntou-lhe por que razão havia mudado de atitude.

«Senhor juiz,» disse Lincoln, «é possivel que eu me tenha enganado esta manhã, mas *sei* que estou certo esta tarde!»

—Nellie Revell, *Right Off the Chest* (Doubleday, Doran)

O espírito triste seca os ossos

(Condensado do «Forum»)

Por Winfred Rhoades

Goethe disse sabiamente que «quem tem bastante no seu mundo interior, pouco precisa de fora.» Se considerarmos que a base da saude está no que possuimos dentro de nós mesmos, e não no que deliberadamente buscamos no exterior, verificaremos que isso faz sensivel diferença na nossa existência diária. Não é o estado do corpo, mas o do espírito e da alma que constitue a medida do bem-estar de cada um de nós.

Dores e várias desordens orgânicas procuram lenitivo junto dos médicos, mas ainda e sempre estes acham que o tratamento do espírito é mais necessário que o do corpo. Em mais de 50 por cento dos casos, nos hospitais de clínica geral, a enfermidade é principalmente de ordem psíquica, e não física, segundo um clínico de alta responsabilidade. E acrescenta ele que, quando um homem ou uma mulher vai a um médico, o estado de sua personalidade deve ser examinado tanto quanto o dos pulmões, coração, e tubo digestivo.

Esta maneira de ver, embora aparentemente de concepção moderna, está longe de ser nova. Sir Thomas Browne, Feuchtersleben, Eckhart e outros grandes médicos e filósofos através dos tempos mostraram assim compreendê-lo, e há dezenove séculos Platão disse: «Para manter cabeça e corpo em boas condições, é preciso cuidar primeiro do espírito.» Os velhos hebreus observavam que «um coração prazenteiro produz boa cura, mas um espírito abatido resseca até os ossos». E Confúcio fez ver a importância da mente como harmonizador entre o corpo e o espírito, com uma vida sadia como resultado desse equilíbrio. Assim, dizer, quando incômodos físicos aparecem, que o espírito em geral precisa de tratamento, equivale simplesmente a por em pratica o que os sábios sempre conheceram, e o que o instinto levou o homem a praticar em todos os tempos.

Um indivíduo é colhido pelas vicissitudes da existência. Luta, debate-se, mas seu esforço é vão. Quando menos espera, torna-se vítima de incômodos físicos que lhe agravam as condições. Apela para o médico, que não lhe encontra nenhuma perturbação orgânica. O de que precisa o indivíduo, e precisou desde o princípio, é um médico para a alma, alguem que lhe ensine como encarar de frente a vida, e não desanimar.

Uma mulher falava de seu esgotamento físico; porem, quanto mais expunha a sua situação, mais claro resultava que o seu caso não se poderia explicar por excesso de trabalho. Era o seu espírito que estava doente. A vida não lhe tinha trazido os prazeres pelos quais suspirava. Amando as crianças, não era casada; já madura, tinha sempre sido dominada pela família; não tendo sido bem sucedida nos seus esforços para ganhar a vida, ficou dependente dos outros; seus interesses eram limitados; não tinha nenhuma paixão veemente que desejasse satisfazer; sua alma contraditória estava cheia de inquietações sobre o futuro.

Ter pena de si mesmo é uma das coisas mais destruidoras que o indivíduo pode empreender a seu próprio respeito. O físico dessa mulher tinha pouca necessidade de cuidados clínicos. Os médicos nada acharam de mal nos seus orgãos. Sua alma é que precisava de estímulo e, ao mesmo tempo, uma reeducação que a habilitasse a enfrentar a vida. Quando lhe deram meios de melhorar psiquicamente, começou a sentir-se fisicamente melhor.

É a alma que desfalece. É a alma que precisa de atenção. Se queremos que ela dirija de verdade o corpo, devemos alimentá-la continuamente com substâncias que a façam forte e sadia. Trata-se da alma, nas suas necessidades diárias; dê-se-lhe mais alguma coisa que notícias de sensação, diversões excitantes, tagarelice futil, e interesses subalternos, e ver-se-á como sua força aumenta. A mesquinharia é sempre o corrutor da alma.

Cada pensamento que o indivíduo tiver, ou cada emoção por que passar, deixa sua marca, ajudando a fazer dele um incapaz ou um homem util. O erudito americano Henry Warren, de Cambridge, ao forçar seu arruinado corpo a servir o próprio espírito—tendo feito com pleno êxito o curso de Harvard, embora fosse este de sete penosos anos, e tivesse ele que ser levado na sua cadeira de rodas de uma aula para a outra; ao tornar-se, a despeito de torturas físicas, um perito na decifração de antigos manuscritos em língua pali, tendo que, por causa das dores que padecia, fazer seus estudos e escrever seus trabalhos de pé, em frente de uma secretária alta, com as muletas debaixo dos braços, ou ajoelhado em frente de uma cadeira, para diminuir a tensão no dorso; quando, mesmo em tais condições, traduziu antigas escrituras budistas de tal modo que um famoso *swami* visitou Cambridge só para apresentar-lhe congratulações em nome do povo da Índia: quando Henry Warren assim plasmou sua vida, o estado de seu corpo era lamentavel, mas o seu espírito era magnífico.

Tome um homem o hábito diário de repelir as fraquezas, e de decidir ser robusto, e adquirirá aos poucos uma alma que afinal será no mínimo igual à melhor! Temos todos que aprender. Esta é a razão pela qual todo médico precisa tambem ser um médico para a alma, e todo páraco precisa ser tão bom psicólogo quanto teólogo.

Homens e mulheres enviados por uma grande clínica médica a um departamento de controle mental, provam essa grande verdade. «Qual é sua filosofia da vida?» pergunta o psicólogo. Esses homens e mulheres hesitam, gaguejam, e não sabem como responder. Mudando a forma da pergunta, indaga: «Tem alguma religião?» Um responde: «Vou à igreja metodista», ou «à igreja católica,» ou «sou judeu» —e deixa morrer a questão. Outro diz: «Sou muito ativo na igreja, organizando ceias, preparando festas, ajudando a levantar dinheiro,» sem jamais apresentar uma sugestão no sentido de ver na religião algo mais do que um clube. O psicólogo tenta sugerir que a religião pode significar algo mais:

—O senhor obtem da igreja algum auxílio para as suas dificuldades?

—Creio em Deus.

—Bem, mas que significa isso para o senhor? Tem com isso a força necessária para o que deseja empreender?

Às vezes há impressões mais profundas. Foi uma mulher judia que disse: «Quando chega a noite de sexta-feira,

fechamos nossas portas, acendemos nossas velas, fazemos nossas preces, e abrimos nossos corações. E então Deus entra!» Seus olhos enterneceram-se à medida que falava, e a pequena sala ruidosa tornou-se durante um momento a própria morada de Deus e a própria entrada do céu.

Outros, ocasionalmente, mostravam que se tinham fortalecido. Mais ordinariamente, porem, pensa-se na religião como ligada a uma organização qualquer, envolvendo talvez alguma esperança vaga, mas que não implica nenhuma participação da alma.

A alma que conhece a verdadeira religião perde a sensação de ter que lutar sozinha. Põe de lado seus temores e receios. Eleva-se a si própria numa atmosfera de confiança no universo. Aprende como extrair força conciente de todas as fontes da vida. Não acredita somente em Deus: adquire um poder não conhecido antes.

Ninguem pensaria em chamar cruel a um bom cirurgião que produz uma ferida ou determina uma dor. A vida já é em si um grande médico. Faz feridas, e não dá anestésico. Às vezes nos corta o coração quase pela metade. Mas os homens, em geral, só depois de castigados aprendem o que é importante e decisivo. O predomínio da alma: eis o que a vida ensinaria. O poder da alma sobre o corpo é um dos corolários disso. O tratamento de corpos enfermos deve ligar-se, muito mais do que vai acontecendo, ao de almas doentes.

Tática militar

¶ Dois pilotos norte americanos, que foram à ilha de Mindanau, para recolher suprimentos, durante o cerco de Bataan, haviam prometido a duas enfermeiras do exército que lhes trariam alguns artigos de seda. As lojas de Mindanau tinham grande sortimento do artigo, mas segundo o gosto filipino—com cores espalhafatosas e excesso de rendas. Os pilotos, de bom humor, decidiram levá-las para todas as enfermeiras, mas, infelizmente, depois do avião receber o seu carregamento, não havia lugar para o volumoso pacote. Entretanto, resolvidos a não decepcionar suas amiguinhas, os aviadores puseram duas camisas sob os seus uniformes e partiram.

Então, os japoneses apareceram e os bravos pilotos acabaram fazendo uma aterrissagem forçada na Austrália. Embora feridos ligeiramente, foram levados sem sentidos para um hospital onde lhes tiraram a roupa. Até hoje eles estão tentando explicar as suas camisas de seda com enfeites de rendas.

—Elizabeth R. Valentine, *N. Y. Times Magazine*

¶ A PROVA de que uma carta está bem escrita é simples: basta ter a impressão de que estamos ouvindo a pessoa que nos escreve.

A. C. Benson, *Along the Road* (Putnam, Ed.)

Asas de sangue sobre a Grécia

(Condensado do livro «From the Land of the Silent People»)

Por Robert St. John

O LEITOR poderia ter uma imagem vívida e fiel do que é a guerra moderna, se eu fosse capaz de por palavras às coisas que vi e ouví, testemunha impotente da barbárie humana, certa tarde em Corinto.

Nessa tarde inolvidavel, 26 de abril de 1941, Corinto era uma cidadezinha calma e sonolenta, cuja população ia e vinha, entregue às suas ocupações, como em qualquer outra pequena cidade do mundo, e esforçando-se por aparentar indiferença pelo que o futuro pudesse reservar-lhe de surpresas desagradaveis.

O meu colega Leigh White, correspondente do Columbia Broadcasting System, recebera numa perna um ferimento de metralhadora alemã, e foi preciso levá-lo ao hospital: mas não havia médicos alí, apenas enfermeiras, todas gregas, na maioria juvenís e de aparência delicada. Envergavam uniformes brancos, dum tecido crespo como folhas de alface... Cortaram a perna da calça do meu amigo, lavaram-lhe o ferimento, que era na coxa, deram-lhe uma injeção anti-tetânica, e declararam que nada mais podiam fazer por ele, até que algum médico chegasse na cidade. E quando chegaria o médico?, perguntei; não se sabia! Saí do hospital acompanhado de Russell Hill, correspondente do *Herald Tribune*, de Nova York, deixando White hospitalizado.

Havia poucos minutos que nos achávamos no hotel, quando os aviões alemães começaram a aparecer. Preocupado com o que poderia suceder a White e ao hospital (pois sabia que os hospitais são, com frequência, alvo de ataques aéreos), decidí voltar para junto dele. Reparei então no objetivo que os alemães se esforçavam por atingir com suas bombas incendiárias: um trem de trinta carruagens, que acabava de dar entrada na gare. Todos os veículos que o compunham tinham a cruz vermelha pintada no teto, e os Stukas, os ferozes bombardeiros alemães de picada, vinham lá de cima, uivando, largar as suas bombas incendiárias mesmo em cima das cruzes... Ouviam-se distintamente à distância os gritos de dor e terror que soltavam os feridos encurralados nos carros, uns queimados em vida, outros atingidos pela metralha. Não tardou que os maqueiros começassem a entrar no hospital, numa fila ininterrupta.

Os corpos que agora alí chegavam, estendidos em macas, não constituiam decerto um espetáculo agradavel de olhar! Durante a revolta dos Guardas de Ferro, em Bucareste, eu já tivera

ROBERT ST. JOHN viu a guerra pela primeira vez aos 16 anos, quando esteve em França com o Corpo Expedicionário dos Estados Unidos. Fez-se jornalista, após a guerra, e deu entrada nos quadros da Associated Press. Por volta de 1935 retirou-se para uma fazenda no New Hampshire; mas, vendo que as nuvens negras da guerra se acastelavam de novo no horizonte, reingressou na AP como correspondente no estrangeiro. Estava em París quando os alemães invadiram a Polônia, e foi encarregado de fazer a reportagem dos Balcãs, que lhe inspirou a presente crônica. Regressou há meses de Londres, depois de exercer alí funções de comentarista da National Broadcasting Company.

ocasião de ver alguns exemplos do que sucede quando as paixões brutais se desencadeiam. Entre outras coisas, eu vira o cadaver dum pobre soldado, que os Guardas de Ferro tinham feito prisioneiro, e que, depois de bem untado com petróleo, fora queimado vivo—demonstração de bestialidade por parte duma gente com entranhas de fera, como eram os Guardas de Ferro.

Mas, desta vez, a coisa assumia tremendas proporções de carnificina: já não era apenas uma tocha humana, eram centenas delas que ardiam! Com a diferença que, a estas, lhes pegavam fogo lá de cima. Mas quando se queima uma pessoa em vida, (pensei eu) lançando-lhe o fogo lá do alto, por cima da cabeça, segundo as boas regras da guerra, talvez se trate já dum ato de decência moral, e não de pura bestialidade! Em todo o caso, é mais facil assim para o sujeito que executa o trabalhinho; não tem que se agoniar de ver o que nós vimos, alí de pé, olhando atônitos os corpos que iam chegando nas macas.

Era uma verdadeira loucura estarem a trazer assim para o hospital aqueles pobres corpos carbonizados, onde pouco ou nada restava da vida. O único resultado disso, era fazer vomitar as enfermeirinhas, o que as tornava mais incapazes ainda de prestar qualquer socorro. Parecia tão tristemente inutil estar a enrolar ligaduras naqueles tocos de pernas, e frangalhos de braços, e cabeças abertas de meio a meio... Alí estavam, à espera, centenas de amputações de urgência por fazer—e nem um cirurgião para praticá-las. Centenas de ferimentos que exigiam pronta esterilização, sondagem, tratamento,—e nem um só médico para prestar-lhes atenção. Dúzias e dúzias de homens a estorcer-se em agonias de pavorosa dor, e ninguem que lhes ministrasse um narcótico para dar momentâneo lenitivo ao seu indescritivel sofrimento. Tudo, porem, que o punhado de enfermeiras podiam fazer, era correr dum lado para outro, pondo pensos limpos e brancos naquelas carnes despedaçadas, carbonizadas, nauseabundas.

Ajudei a transportar algumas macas para dentro do hospital,—e alguns cadáveres para fora dele. Fiz quanto podia para manter o moral e a coragem daquelas moças, cujos bonitos uniformes já não eram mais brancos, nem crespos como folhas de alface... Mas, ao teimar em me deixar ficar alí, talvez que a minha intenção fosse verificar até onde poderia eu aguentar aquilo. Fosse porem porque fosse, o certo é que descobrí alguma coisa de inteiramente novo para mim, acerca da guerra, dos seus resultados, e do preço que ela custa.

Tão depressa os maqueiros chegavam, as vítimas iam sendo despejadas no pavimento da sala de recepção. Mas as enfermeiras e os internos limitavam-se a separar as vítimas do bombardeamento em duas categorias: lançavam um rápido olhar a um homem; se lhes parecia que ele não tinha probabilidades de resistir, faziam um sinal com o dedo polegar, e alguem se incumbia de carregar com o quase cadaver para o pátio. Um funcionário do hospital, percebendo a minha nacionalidade, correu para mim fazendo gestos, e, falando grego com uma ou outra palavra de mau inglês à mistura, suplicou-me que o acompanhasse ao pátio, onde, segundo conseguí perceber, se achava um americano.

Quando chegamos ao lugar onde, segundo ele, tinha ficado o corpo do meu compatriota, outros corpos se tinham já amontoado alí, e não lhe foi possivel encontrar o que buscava. De modo que tive eu que inspecioná-los um por um. A julgar pelo estado dos corpos, noventa por cento deles tanto podiam ser de americanos, como de chineses, russos ou cafres: não me foi possivel reconhecer quaisquer feições ianques...

Antes o empregado me não tivesse conduzido àquele lugar de horror; não quisera eu ter ouvido os gemidos daqueles homens, nem olhado o olhar de alguns dos infelizes que, vivos ainda, para alí tinham sido arremessados de cambulhada com os mortos, só porque alguem pensara sumariamente que eles não tinham jeito de viver, e nem sequer valia a pena perder tempo com eles. Os olhos daqueles moribundos pareciam condenar-me; e não só a mim, mas a quantos nos rodeavam, e a todo este mundo de desgraça e miséria, pelo qual estavam sofrendo.

Não era todavia para mim que eles deviam estar olhando com todo aquele ódio e pavor concentrados; mas para aqueles outros que, lá em cima, nos céus, sobre as nossas cabeças, continuavam a puxar as suas alavancas de bombardeio, no grande jogo trágico da guerra... Tive este pensamento: «Quem pudera agarrar cá de baixo um daqueles pilotos nazistas, arrancá-lo às nuvens em que se esconde, e condená-lo a passar o resto da eternidade a olhar os olhos destas suas vítimas!» Sim: e a ouvir os estertores, que entravam e se expandiam pelas almas dos que alí nos encontrávamos, impotentes diante do crime. Só se ouviam, por todo o pátio, ecos sinistros de morte.

O peor de tudo era, porem, o cheiro da carne queimada. Toda a cidade tresandava àquele fartum nauseabundo, que nunca mais sai do olfato de quem já o tenha sentido. Muito depois de termos deixado Corinto, ainda a horrivel exalação parecia perseguir-nos.

Se alguma coisa de util pudesse fazer, ter-me-ia deixado ficar no hospital; mas parecia que só alí estávamos a embaraçar o caminho dos que precisavam mover-se. Não havia lugar no hospital, sequer para os que se esforçavam por prestar alguma ajuda; e eu não servia de nada, não sabia como se aplica uma simples ligadura. De sorte que me pus em campo com Hill e Atherton, do *Daily Mail* de Londres, a ver se descobríamos um meio de levar o White para outro hospital, onde lhe pudessem ser prestados os cuidados que o seu estado exigia. Apoderamo-nos dum catre com molas, acomodamo-lo nele qual se fora numa maca, e partimos.

Para Atenas não podíamos ir, porque a única ponte que nos ligava à terra firme fora destruida. Resolvemos tomar pelo caminho de Argos, que fica um bom bocado ao sul de Corinto, na crença de que tudo por lá estaria mais sossegado.

Partimos ainda com luz do dia, e fomos caminhando devagar para evitar que os solavancos, na estrada esburacada, agravassem as dores do nosso companheiro. Alcançamos Argos por volta da meia-noite, e conduzimos imeditamente o ferido para o pequeno hospital. Pensaram-lhe a ferida, pintaram-me com iodo dois furos que eu próprio tinha na perna direita, e o mesmo fizeram a um joelho ferido do Atherton. Fizeram-nos depois saber que, de manhã, tão depressa chegasse ao hospital o único médico que restava em Argos, se ocupariam do nosso amigo. Para termos a certeza de que ninguem seria tratado antes dele, instalamo-lo logo na mesa operatória, bem agasalhado num co-

bertor, e demos-lhe um remédio para o ajudar a dormir.

Em seguida, enroscamo-nos conforme pudemos pelo soalho, e preparamo-nos para passar a noite. O hospital naturalmente estava cheio de pulgas, que não demoraram em me acordar com as suas picadas. Olhei o relógio: dormira precisamente dez minutos. E foi então que me chegou aos ouvidos o rumor que essa noite me impediu de tornar a adormecer, e que ainda hoje me perturba o sono: era o choro abafado duma criança que soluçava com a cara enterrada na almofada. Pareceu-me que toda a miséria e tristeza da guerra gotejavam nas lágrimas da inocente...

A certa altura passou perto de nós uma enfermeira com uma lâmpada elétrica, e eu erguí-me num cotovelo para espiar de onde viria aquele choro. Deitada numa cama, estava uma menina de uns cinco anos de idade, linda, o cabelo negro de azeviche. Para fora das roupas pendia-lhe o bracinho direito, estraçalhado e sangrento como se alguma fera lhe tivesse roido a mão... Eu vira poucas horas antes, em Corinto, espetáculos bem peores, que talvez possa um dia apagar da retina: mas o que nunca poderei esquecer, é o bracinho destroçado daquela criança, que soluçava na sua cama do hospital de Argos, com a face escondida na almofada!

Esforcei-me por enterrar a cabeça entre os braços; metí os dedos nos ouvidos para a não ouvir: em vão! Nenhum artifício da cobardia me podia tapar os ouvidos. Continuei a ouvir. Afinal, já quase de manhã, cochilei um pedaço. Mas foi com alívio que despertei poucos minutos depois, porque no meu cérebro bailavam, numa ronda insuportavel, como num caleidoscópio de horror, farrapos de membros, destroços de corpos.

De manhã transportamos White através da cidade, até a casa dum homem que possuia um aparelho de raios X, e voltamos depois ao hospital para ver se o médico já tinha chegado. Nessa altura, precisamente, desencadeou-se o raide. Não se sabia ao certo se era o hospital que os atacantes visavam, se os armazens da estrada de ferro, que ficavam mesmo nos fundos. O que é certo é que as bombas começaram a chover por toda aquela vizinhança. Uma das enfermeiras pediu-nos que ajudássemos a transportar os doentes para fora, deitados nas suas camas. A maioria eram soldados australianos. Conduzimo-los a alguma distância dalí, e depusemo-los na rua, debaixo das árvores.

O medo apoderou-se tambem de nós, então, e atiramo-nos para dentro duma exígua trincheira que estava à retaguarda do hospital. Encontramos alí todas as enfermeiras, e bom número de soldados gregos. Lembro-me de ver baixar o primeiro Stuka: a sereia berrava e as asas guinchavam.

Fiz esforços desesperados para enterrar a cabeça no fundo da trincheira... A bomba deu num grande caminhão da RAF, carregado com tanques de oxigênio destinados ao hospital. Quando as labaredas atingissem o depósito do oxigênio, haveria provavelmente uma explosão infernal—e a essa idéia largamos todos a fugir daquela trincheira.

Nisto, lembramo-nos do White, e deitamos a correr para casa do homem dos raios X. De caminho encontramos a família dele, que corria rua acima ao nosso encontro; tentamos perguntar-lhes onde estava White, mas o pessoal passou por nós correndo, sem parar nem responder. Em volta da casa tinham caido muitas bombas, e todo o mobiliário, incluindo o antiquado aparelho

de raios X, havia ficado em cacos. De White, nem vestígios! Um homem que estava do outro lado da rua conseguiu fazer-nos perceber que tinha visto White ao ser transportado para o consultório particular do médico que, supostamente, servia no hospital, agora reduzido a ruinas.

Acabamos por dar com o consultório, mas antes nunca tal houvesse sucedido. Em frente da entrada, espapaçado no passeio, jazia o que pouco antes fora um homem, e era agora uma coisa indescritivel: o desgraçado dava gritos de gelar o sangue nas veias. Tinha uma perna feita em frangalhos, a explosão arrancara-lhe as mãos pelos pulsos, um estilhaço de shrapnel tinha-lhe rasgado o estômago de lado a lado, e da barriga saía-lhe bem um metro de intestino... Como se isso não bastasse, o sangue escorria-lhe da cabeça em borbotões, e da boca em espumas. Apesar de feito em pedaços, berrava como um possesso —não aos gritos sem sentido, mas palavras, em grego, que repetia e tornava a repetir, como um disco de vitrola avariado. Quando entramos no consultório, a senhora do médico disse-nos que o marido começaria a operar o nosso companheiro assim que o raide terminasse.

—E seu marido não pode acudir àquele desgraçado, que está alí no passeio gemendo? perguntei-lhe.

—Não se pode perder tempo com gente naquele estado, respondeu.—Não dura dez minutos! Temos dúzias ou centenas, só Deus sabe, cujas vidas ainda se poderão salvar...

Nesse momento descia a rua uma ambulância inglesa: corrí lá fora e fiz-lhe sinal para parar.

—Que diabo é que você quer? berrou o chofer.—A gente tem mais que fazer!

—Dê-me três grãos de morfina! pedí.

—Três grãos?! Quer dar cabo de alguem?

—Precisamente! Essa é a minha intenção.

—Mas é contra os regulamentos!

—E depois? Olhe alí para aquele homem, à beira do passeio! Ainda acha que é contra os regulamentos?...

O chofer olhou, hesitou durante um segundo, e abanou a cabeça:

—Só lhe posso dar três quartos de grão, mas isso deve bastar para lhe parar as dores.

E enquanto a ambulância rodava para longe, Atherton e eu fomos buscar um copo de água e, à força, enfiamos o comprimido no que nos pareceu ser a boca do ferido.

Em seguida ocorreu-me que White se mostrara muito apoquentado por causa do passaporte, e regressei a toda a pressa ao hospital. Ao atravessar o corredor do que restava do edifício, reduzido ao esqueleto, caiu uma bomba perto da porta principal. A concussão arrancou-me do chão, como uma rajada de vento ergue uma folha seca, e quando dei por mim foi ao esbarrar num automovel que estacionava no pátio do hospital.

Já então o medo me dominara todo. Procurei refugiar-me num abrigo contra os raides. Alí estava outra vez o homem esfrangalhado, a gritar! Alguem o trouxera para o abrigo, mas ninguem lhe prestava agora a menor atenção. A morfina, ao que parecia, não lhe produzira efeito algum. Perguntei a um interno, que falava inglês, que palavras eram as que ele continuava a dizer aos gritos, e em que eu reconhecia as mesmas que lhe ouvira pouco antes.

—Quer meter as mãos nos bolsos para tirar algum dinheiro, explicou o interno.—É por isso que ele atira assim

com os braços para todos os lados... Mas como vê, nem vestígios lhe restam das mãos. E põe-se então a bradar que lhe tirem dinheiro do bolso, e vão a uma farmácia comprar uma aspirina para ver se lhe passa uma «coisa exquisita» que sente na cabeça...

Vi depois uma criança de quatro anos com uma perna decepada: sangrava perigosamente, e ninguem lhe prestava socorro algum. Outros bebês estavam por alí, todos gravemente feridos. Havia ainda um homem cujos pulmões tinham ficado esborrachados, e cada vez que ele respirava ouvia-se um rumor que lembrava o duma unha raspando num quadro de ardósia.

A minha derradeira recordação desse inferno de dor é esta: vejo-me à procura da porta, para sair e respirar um bocado de ar puro. Mas tinha começado outro raide, e não sei quem me deu um puxão, para me obrigar a ficar no abrigo.

Atherton dizia-me mais tarde que, durante uma boa hora, eu fiquei alucinado, incoerente, como louco. Quando saimos daquele porão, sentíamo-nos covardes. Mas, no fim de contas, nós não éramos soldados, éramos uns simples repórteres fazendo desesperados esforços por transfigurar todo aquele horror de morte e sofrimento em parangonas de imprensa, para que o mundo pudesse ao menos saber como é a fisionomia da guerra.

Bate-boca social

¶ Certa dama, figura eminente dos círculos de Broadway, apanhou Ilka Chase em uma festa e levou-a pelo braço para um canto da sala, com a seguinte promessa: «Tenho um segredo a lhe contar.» Não se tratava de segredo algum, mas de qualquer trivialidade cacete. Ilka ouviu, enquanto pôde aguentar. Então, apontando para um cavalheiro que estava bocejando, disse: «Minha cara, parece que nos estão escutando.»

—Mona Gardner

¶ Um perfeito anfitrião necessita ter espírito pronto e tato—como certa dama de Chunquim que convidou alguns americanos para jantar, no dia de *Thanksgiving*, prometendo-lhes esta raridade: um perú! Quando o primeiro criado entrou na sala de jantar, tropeçou, indo ao chão o seu precioso perú. «Não se importe,» disse a dama chinesa calma e bondosamente, «leve o perú para a cozinha, e traga o outro.»

¶ Em uma reunião de celebridades, em Londres, o famoso pintor americano Whistler disse que tinha nascido em Lowell, cidade fabril do Massachusetts.

—Que pena, observou uma viuva rica de Boston.—Porque havia o senhor que nascer lá?

—A razão é tão simples quanto a sua pergunta, minha senhora, replicou Whistler. —Eu queria estar junto de minha mãe.

—Philadelphia *Inquirer*

Pacto de reunião

(Condensado da «Saturday Review of Literature»)

Por Carl Carmer

Esta história me foi contada por minha mulher, uma precisamente entre os seis jovens, que fizeram, aquela noite, na praia de Pascagoula, a promessa a que abaixo se alude. Os outros quatro sobreviventes do grupo, confirmam sem discrepância, em todos os seus pormenores, a extraordinária experiência.

Na infância as quatro moças tinham sido vizinhas e íntimas amigas. Duas delas concluiriam na primavera o seu curso, no colégio de Nova Orleans, e desde então nunca mais boas férias, ao sol, na casa da mãe de Jane, à beiramar. Os dois rapazes eram Bud e Jimmie, irmãos de Jane; criaram-se em Pascagoula, Mississipi, ajudando a mãe, viuva, nos trabalhos do seu pomar.

Era uma noite estrelada, e ia adiantado o verão. Contemplando, já com saudade, a paisagem, a casa, a praia, com as suas alvas areias, a espuma que nelas deixavam as ondas que iam e vinham, os seis jovens—que se haviam separado tantas vezes com a segurança de que nas próximas férias se achariam de novo reunidos, alí, à beira das águas do golfo do Mississipi—fazeram um voto solene: o de juntos voltarem a Pascagoula.

—A promessa só terá importância, —disse Jimmie, o Benjamim do grupo, —se cada um de nós deixar por aquí uma coisa da sua maior estima.

—E qual é esta coisa, para você? perguntou-lhe o irmão, Bud.

—Ora, que pergunta! acudiu Jimmie. —Claro que só pode ser o *Pardal*.

Todos olharam para o barquinho a vela, tão gentil, que baloiçava, amarrado a poucos metros da praia.

—O *Pardal* é como se fosse um de nós, disse, sensibilizada, Elizabete.

—Quantas e quantas milhas temos andado nele! Desde pequenos, tem sido sempre com ele que nos divertimos no mar. O *Pardal* está no coração da gente, tanto, ou quase tanto, quanto você, Jimmie.

—Mais uma razão para a gente deixar ele aquí, concluiu Jimmie;—porque assim cada um de nós deixará em Pascagoula a coisa que mais estima, e é esta coisa que fará com que voltemos—todos nós—quando for tempo, a esta praia.

Os cinco sobreviventes são acordes em afirmar que a promessa foi sendo esquecida nos seis anos que se seguiram. Tão disperso andava o grupo, que seria deficil reunir-se. Elizabete era agora minha esposa; morávamos em

Durante os seus seis anos de professor de inglês na Universidade de Alabama, Carl Carmer, natural de Nova York, tornou-se conhecedor do folclore daquelas regiões, e mais tarde o pôs em foco no livro *Stars Fell on Alabama*, que tão grande êxito obteve. Colaborador do *Item-Tribune*, de Nova Orleans, fez parte, em seguida, do corpo de redatores de *Vanity Fair* e outras revistas. Entre os seus livros figuram *Listen for a Lonesome Drum* e *America Sings*, este último há pouco publicado.

Nova York. Das três outras moças, uma trabalhava na Virgínia em serviços de assistência social, outra, mãe de família, não podia sair de Baton Rouge, e a terceira, precisamente Jane, estava a lecionar numa escola de Nova Orleans.

Um dia, chegou às mãos de Elizabete e das duas ex-companheiras, a de Virgínia e a de Baton Rouge, uma carta da viuva, mãe dos outros três, Jane, Jimmie e Bud, transmitindo uma triste notícia. «Jimmie foi assassinado,» escrevia a pobre senhora. «Ele levou uma carga de frutas para Nova Orleans, e deixou lá o carro, para reparos. No caminho para a estação da estrada de ferro, foi ferido na cabeça e roubado por alguem que o tinha visto receber o dinheiro da venda das frutas. Morreu sem ter voltado a si, no Hospital da Caridade.»

A leitura da carta comoveu de tal maneira as suas destinatárias, que nem deram maior atenção ao que a velha dizia em post-scriptum de que somente mais tarde se viriam a lembrar:

«O *Pardal* desapareceu. No dia da morte de Jimmie, largou, não se sabe como, da amarração, e foi embora. Bud tem procurado por toda a parte. Comunicou à Guarda da Costa, mas tudo tem sido inutil. Não se encontra sinal do barquinho.»

O fim da história, tê-lo-aímos três anos depois. Elizabete foi a Nova Orleans, onde teve que sofrer uma pequena intervenção cirúrgica. Quando estava a convalescer, aconteceu por acaso que a empregada da assistência social veio da Virgínia em gozo de férias, e a mãe de família de Baton Rouge se lembrou de descer o rio, de visita a Jane. Reuniam-se assim as quatro, e era a primeira vez que tal se dava, desde a noite da promessa, fazia já nove anos. Um domingo—era um dia de sol—ei-las a caminho de Pascagoula, onde certamente o quinto, Bud, a elas se juntaria.

«Aquilo sem Jimmie não será o mesmo,» dizia Elizabete. «Não sei se o suportarei.»

Quando chegaram à casa, viram, de pé, no portão, a mãe de Jane. Elizabete saltou do carro, e correu para ela, alvoroçada, certa do abraço efusivo, com que a viuva sempre a recebera. Mas deteve-se, confusa, ante a cena que se lhe apresentou: nenhum gesto de boas-vindas da parte da velha, que, terrivelmente pálida, e com um olhar de perplexidade, os braços caidos, numa atitude de espanto, se achava visivelmente sob o domínio de uma forte comoção.

«O *Pardal* voltou,» disse por fim a viuva. «Há poucos minutos, vimos ele aparecer, todo coberto de lama. Está alí em baixo, na praia.»

Todos olharam, e viram a ponta de um pequeno mastro, a oscilar, aparecendo e sumindo-se. Súbito, Bud, surgindo tranquilamente do interior da casa, se incorporou no grupo—um Bud agora mais velho, e em cujos olhos transparecia a tristeza, quando disse comovidamente:

—Jimmie dizia que, quando fosse tempo, o *Pardal* nos faria vir aquí, *todos* juntos, outra vez; e assim foi; lá está ele...

—Não diga isso! advertiu severamente Jane. E foram todos saindo num silêncio que, se era de mágua, não era menos de meditação sobre os mistérios da vida...

A mais velha democracia, onde as regras democráticas ainda prevalecem; uma nação «necessitada», que edificou sabiamente a sua prosperidade.

O paradoxal bem-estar da Suiça

(Condensado do «Forum»)

Por Edwin Muller

Escritas pouco antes da declaração da atual guerra, estas páginas não perdem contudo atualidade. Lidas hoje, e a todo o tempo, darão o devido relevo ao fenômeno suiço, mostrando, com tal exemplo, a inanidade e a improcedência de certos argumentos e doutrinas que andaram a correr o mundo, e o acabaram afogando em sangue...

Cinco séculos são decorridos sem que se tenha notícia de que o exército suiço haja transposto as fronteiras, em nome de aspirações nacionais à posse de mais amplo território. A Suiça vive em paz com o mundo, e não cobiça o que pertence aos vizinhos.

Mas, de todas as nações «necessitadas,» ela é talvez a que menos possue.

Dotada de pequeno território, com alta densidade de população, quase não dispõe de terra aravel, que lhe forneça o preciso para alimentar-se a si mesma. Não possue ferro, nem carvão, nem óleo, nem tampouco as matérias primas de que as suas indústrias necessitam. Não tem colônias, nem acesso ao mar.

Um país, assim desprovido de coisas essenciais, estaria naturalmente em péssimas condições, a ser verdade o que alegam, como justificativa dos seus atos, os ditadores de outras nações, tambem «necessitadas»—Alemanha, Itália, Japão,—os quais trocaram manteiga pelos canhões com que sair à conquista do que julgam faltar-lhes. Sem dúvida, a Suiça deve pois levar uma vida lastimavel, de privações e miséria.

Vejamos, entretanto, os fatos.

Consideram-se os Estados Unidos, em geral, a nação mais rica ou mais abastada da terra. No ano, tão próspero, de 1929, a riqueza americana realizada, per capita, era de 2.098 dólares. Mas a da Suiça se elevava a 3.126. Os Estados Unidos vangloriam-se de que o americano, ainda hoje, tem o mais alto padrão de vida que se regista no mundo. Não o tem menor o suiço, se é que até não tira mais, do seu trabalho diário, em alimentação, habitação, vestuário e divertimentos. E os desempregados, na Suiça, não chegam a 2 por cento do total da população.

Como se explica tenham podido os suiços chegar a tais resultados?

A explicação reside, antes de tudo, nos traços, verdadeiramente paradoxais, que lhes definem o carater. Sendo eles uma raça combativa, não são, contudo, agressivos. Nenhum povo os excederá no ardor do patriotismo; não são, entretanto, «nacionalistas». Afeiçoados ao individualismo, não deixam por isso de cooperar entre si ou com os outros.

Compenetrados, através de séculos, de que as circunstâncias os compeliam

a importar matérias primas, por assim dizer no total de que necessitassem, e nada menos de três quartas partes do que seria preciso para a sua própria alimentação, trataram os suiços de firmar a vida na base de tais elementos, de todo desfavoraveis. Habituaram-se, antes de mais nada, à tenacidade no trabalho, duro demais para os modernos hábitos. Só há na Suiça dois feriados nacionais. Um deles cai num domingo; o outro é comemorado à tarde e à noite, isto é, depois das horas de serviço.

Tendo que viver da exportação, e não podendo competir com os seus vizinhos na produção em massa, compreenderam os suiços que a arma que lhes restava seria a da *qualidade*. Forçoso era que os seus operários apurassem, o mais possivel, a perícia nos tipos de obra a que se consagrassem.

Fizeram então do país uma admiravel oficina. Eis aí alguma cousa, que nem sempre merece aos turistas a devida atenção. O que mais os absorve é a Suiça dos cartões postais, são os campos de neve, as geleiras, os picos que desafiam os alpinistas. Os que olharem, entretanto, com olhos diversos, verão outro panorama, outra Suiça, inteiramente diferente. Que se vá, por exemplo, a Baden e ao centro industrial de Brown-Boveri. Para alí convergem trens de carga, em longos comboios—carvão da Suécia, minério de ferro da Lorena. Dalí saem, fabricadas, grandes turbinas e geradores, que vão servir a indústrias de energia, em toda a parte do mundo. Mas ver-se-ão tambem fábricas de seda artificial, produtos químicos, vidro, chocolate, queijos, tintas, cerâmica—toda uma série de artigos cuja alta qualidade se baseia exatamente na competência especializada de determinados técnicos.

As indústrias se acham localizadas por distritos. No Jura, por exemplo, só se fala de relógios. As colinas são povoadas de pequenas fábricas, cada uma das quais se limita, especializando-se no assunto, a uma dada manufatura, das que entram no preparo do relógio. Boa parte do trabalho realizam-no os operários nas suas próprias casas, como nas indústrias domésticas. Um homem vai à fábrica segunda-feira, e traz para casa as indicações do serviço que aí fará na semana. Ele e os seus filhos trabalham no mesmo banco. Provavelmente, daquí a cincoenta anos, alí estarão seus netos e bisnetos, a fazer a mesma obra, um tanto mais apurada na respectiva perfeição.

Não bastaria, entretanto, contar com a experiência ou a habilidade dos obreiros. Tendo que viver da exportação, necessitariam os suiços de estar sempre um pouco adiante dos seus competidores, mediante a invenção oportuna de novas coisas e de novos métodos, que os fossem conduzindo, mais e mais, ao aperfeiçoamento industrial. Os Estados Unidos consideram-se, e não se dirá sem fundamento, uma nação de inventores. Para cada milhão de americanos, concedem-se anualmente 160 novas patentes. O número correspondente, na Suiça, eleva-se a quase o sêxtuplo: 930 por milhão. Os suiços levam a palma em vários campos de atividade fabril. Temlhes cabido a vanguarda em celofane, seda artificial, máquinas de escrever, e dezenas de outros produtos modernos.

Há outro fator importante na sua economia. Não escapou aos suiços que lhes cumpria ser sóbrios, isto é, economizar. Pesou sobre eles, por todo o curso de um século, uma balança comercial desfavoravel. Só lhes restava um recurso para corrigir a anomalia: era o

de cada suiço despender, anualmente, um pouco menos do que ganhava. O fato é que, numa população de 4 milhões de habitantes, o número de contas bancárias, que exprimem economias, é nada menos que 2 milhões e oitocentos mil. O seguro per capita é mais elevado que em qualquer outra nação.

A pobreza extrema, o que se chama vulgarmente a miséria, quase não existe entre os suiços. Mas, por outro lado, surpreende a pequena quantidade de ricos. Não é que as fortunas, porventura, sejam taxadas desmedidamente. O imposto de renda, nas mais altas cédulas, as taxas de herança, etc, são mais baixos na Suiça que nos Estados Unidos. Há negócios ou empresas suiças, que, no próprio quadro americano, seriam de grande vulto. Mas a verdade é que os homens que exercem os mais altos postos na indústria ou na finança, se contentam em receber, em retribuição dos seus serviços, o que um americano julgaria excessivamente modesto.

Por incrivel que pareça, principalmente nos círculos de maior atividade financeira, como sejam os americanos, o suiço, em realidade, não aspira a grandes fortunas. Modesto e sóbrio, dir-se-ia não haver lugar, no âmbito da sua cultura, para o que se chama a «vida larga». Tão pouco será dotado de espírito aventureiro. Basta-lhe o que seja necessário.

Não se vá deduzir daí que os suiços não tenham defeitos! Falta-lhes aquela jovialidade inata que, para lá da fronteira, se achará, por exemplo, nos austríacos. Mas se apresentam relativamente prósperos em plena depressão econômica, discretamente felizes num mundo atormentado.

Não é só ao carater do povo, senão tambem à índole ou ao sistema das instituições nacionais, que se devem atribuir as peculiaridades do país. Os suiços não admitem a concentração de muita força nas mãos de um só homem. O poder executivo é exercido por um conselho composto de sete membros, um dos quais é o presidente, com a mesma categoria dos seis outros. O executivo é subordinado ao legislativo, e este, a seu turno, é suplementado pelo uso, corrente, e efetivo, da iniciativa e do referendum, nos casos expressos na Constituição. Ainda mais do que na Inglaterra, o serviço administrativo corre a cargo de funcionários permanentes, que não mudam com os governos.

Outra caraterística suiça é o pendor para a descentralização. Largos poderes são atribuidos aos estados, isto é, aos cantões, e a esfera de ação dos mesmos não pode ser invadida pelo governo central. Era mister que assim fosse. Não tendo a Suiça unidade racial como não tem; dividida, como é notório, em três partes—a francesa, a alemã e a italiana; e falando quatro línguas distintas, nem sempre é facil ao estranho perceber o que há de comum nas várias regiões.

Figuremos um fazendeiro do cantão do Ticino. Vive ele nas abas meridionais dos Alpes, separado do resto da Suiça pela grande cadeia central. É católico, fala italiano, cultiva oliveiras e vinhedos, tal como os italianos do outro lado da fronteira. Que afinidades terá com um operário de Zurique, habituado à vida de cidade, protestante, falando alemão, ligado radicalmente aos bávaros, seus vizinhos? Sem embargo, através de séculos, têm os dois cooperado sob um governo comum. É que os suiços são tolerantes uns para com os outros, no que entende com os seus costumes e cultura locais, nunca tendo procurado, por artifícios que contrariassem

a natureza dos fatos, subordiná-los a algum estalão, que porventura os uniformizasse. No que diz respeito aos assuntos de carater nacional, decidem por meio do voto as suas divergências, prevalecendo, pois, a maioria. Em política exterior, atêm-se à velha divisa «Um por todos, e todos por um.»

Na Suiça, falando de modo geral, o governo está atrás do mundo dos negócios, sem contudo estar nele. Os suiços fazem questão de dirigir por si as suas empresas, com a interferência mínima possivel de quem quer que seja. Reconhecem aliás que, em certas situações, se torna realmente indispensavel alguma intervenção do poder público. Quando, porem, a toleram, são extremamente vigilantes em evitar excessos.

O preço do trigo, por exemplo, foi mantido durante anos, acima do normal, por subvenções oficiais. Quando os câmbios estrangeiros se desorganizaram após a guerra, o governo auxiliou certas classes de exportadores, e limitou o fabrico de determinados produtos. Há leis ainda em vigor proibindo o estabelecimento, sem permissão do governo, de novas fábricas de relógios. Quando a crise mundial abalou tão profundamente a indústria do turismo, foi proibida a construção de novos hotéis.

A maioria dos eleitores, vale dizer do povo, conformou-se de bom grado com tais restrições à sua liberdade, pela razão principal de que os suiços não estabelecem distinções entre o cidadão e o poder público. «O governo? Mas o governo sou eu»—é o que dirá um suiço, seja banqueiro, condutor de trem, ou porteiro de hotel.

Nada se observa na Suiça, que revele o pensamento de conduzir o país à auto-suficiência econômica. Os suiços têm que comprar, e necessitam vender. Amam o comércio livre; usam o menos possivel as tarifas. Desejam ver em torno um mundo próspero. Mas, ainda que o não vejam, fazem, do melhor modo, o que lhes cumpre para manter-se de pé, sejam quais possam ser os temporais.

À semelhança dos seus vizinhos, não escaparia a Suiça a algumas repercussões, do comunismo como do fascismo. A guerra de 1914–1918 prejudicou-lhe necessariamente o comércio exterior, do qual tanto vive o país. Resultaram daí desemprego, descontentamentos, greves, perturbações outras. Os comunistas aproveitaram o momento, e chegaram a fazer certos progressos.

Surgiu então a reação fascista, com a associação intitulada «Vassouras de Ferro,» que se propunha *varrer* do panorama nacional as instituições democráticas. Nada havia de novo na técnica. Era a mesma já conhecida: uniformes, paradas, gestos espetaculares de saudação. Prontificaram-se a criar na Europa mais uma nação fascista.

Que resta de tudo isto?

Não há comunismo na Suiça. Os fascistas mal puderam eleger um delegado à representação nacional.

Tudo aliás se passou sem maiores estrépitos. Não apareceu nenhum chefe, com alguma envergadura, que empunhasse a bandeira comunista. Para reprimir o fascismo, não foi sequer preciso suscitarem conflitos de rua. Comunismo e fascismo foram sementes que, caindo sobre a pedra, nunca germinariam.

Não tem sido problema simples, para a democracia suiça, o de preservar os seus princípios. Não o é ainda agora. Sobe a 150 mil o número de alemães residentes no país. Três quartas partes da sua população falam alemão, e, do ponto de vista racial, são tão germânicas quanto os prussianos. Um dos objetivos primaciais do nazismo é trazer ao domínio do Reich todos os povos germânicos. Hitler já tem feito referência às «tribus suiças perdidas»; e não raro transpõe a fronteira, pelo rádio e por meio de impressos, a onda da propaganda, tresandando a pangermanismo. Tem havido, não raro, agitação, e agitação violenta, promovida, já se vê, por alemães, induzindo a Suiça alemã a destacar-se do resto da confederação atual, para entrar a fazer parte da Grande Alemanha. Escusado acentuar que os suiços, inclusive os suiços alemães, se opõem ao movimento. Ainda recentemente, platéias de cinema em Zurique, que é, como se sabe, um grande centro da Suiça alemã, receberam apelos da polícia, pedindo que evitassem vaiar Hitler, quando há filmes em que este aparece.

É, não há duvida, para o governo, uma delicada situação. Um país de 4 milhões de habitantes deve prestar especial atenção ao modo por que há-de tratar a parte da sua população aparentada com a de uma nação agressiva e de 70 milhões, cujos bombardeiros estão apenas a alguns minutos de vôo.

O estrangeiro tem na Suiça, sob muitos aspectos, as mesmas liberdades que um suiço—liberdade de locomoção, de opinião, de iniciativa ou empresa. Não tem mais, entretanto, a liberdade, que tinha em outro tempo, de promover agitação política. A nenhum estrangeiro é permitido dirigir a palavra a auditórios, em comícios ou assembléias de natureza política. Os suiços têm afirmado peremptoriamente que os não interessam as sugestões, provindas do exterior, para mudanças na sua vida interna.

Desde 1914, já estrategistas militares consideravam a possibilidade de um ataque alemão à França, através da Suiça. Isso levou os suiços a reorganizarem o seu exército, habilitando-se rigorosamente a, de uma população de 4 milhões, por em marcha, no prazo de três dias, 250 mil homens.

A anexação da Áustria à Alemanha fê-los apressar a conclusão de um sistema complexo de fortes ao longo de toda a linha das respectivas fronteiras, assim a suiço-alemã, como a suiço-austríaca. Todo suiço, em boas condições físicas, é um soldado treinado. O lavrador, que vive na região ameaçada, será instruido para servir com o sistema especial de defesa, alí mesmo estabelecido.*

A pedra de toque do patriotismo suiço está na obstinação com que ele se dispõe a defender o solo da pátria. Não têm os suiços pretensões sobre qualquer terra alheia. Quando, após a última guerra, as províncias austríacas mais próximas do território suiço lhes falaram, por meias palavras, em incorporar-se na confederação, eles declinaram firmemente a oferta. Por isso mesmo, quando se tratar de ataque à sua terra, ninguem tenha dúvida de que saberão defendê-la até o último homem.

Assim, os suiços permanecem unidos, como unidos se têm mantido no curso de sete séculos. Ouvem em torno de si o brado das ditaduras: «Ou nos dão terras, colônias, matérias primas, ou as tomaremos à força.» E respondem com o seu exemplo: «Não são estas, com efeito, as necessidades primárias. Não é a agressão que leva à prosperidade; a esta se chega pela cooperação.»

Mas o que, acima de tudo, os suiços representam, é uma grande resposta aos pessimistas que andam a descrer de que a democracia dê soluções convenientes aos problemas e aspirações dos povos.

*Vd. *A Lição do exército suiço*, Seleções, novembro, 1942; pág. 75.

Mil dólares por dia—e então?...

Por Channing Pollock

Autor de «The Fool», «The House Beautiful», etc.

TENHO a firme convicção de que os antigos não erravam, ao julgar que é o homem quem faz o seu próprio destino. Um inglês que encontrei na Malaia deu-me, disto, um exemplo impressionante.

Certa feita, num carro-restaurante de um trem diurno para Singapura, sentou-se à minha mesa o homem mais alto e mais magro que jamais vi. Tinha os cabelos descorados pelo sol e, nas maçãs do rosto, os ossos empurravam fortemente a pele macilenta, lisa e escanhoada à perfeição. Havia algo de inexplicavelmente antipático naquele indivíduo ossudo, com seus olhos de um verde acinzentado, sem calor e sem vida, e com seus lábios ríspidos e retos. Para mim é coisa dificil sentar-me em face de alguem e não lhe dirigir a palavra; por isso, quando o criado trouxe o mamão com que o homem encerrava o seu almoço, perguntei-lhe que tal estava a fruta.

—Venho do Sião, (acrescentei) onde há os mais deliciosos mamões que já comí na minha vida. Todos os que provei, desde então, me parecem duros, insípidos, inaproveitaveis.

—Deus do Céu! disse o sujeito de estranho aspecto, citando uma frase famosa:—«Como todos os bens do mundo me parecem enfadonhos, insípidos e inaproveitaveis!» Depois, sem sequer sorrir, acrescentou:—O mamão está ótimo; mas que tal achou o Sião?

Disse-lhe as minhas impressões, e ele, então, começou a palestrar. E que torrente—santo Deus! O homem que eu julgara taciturno e distante, empurrou para o lado o prato vazio, e—toca a falar! Perguntou-me se eu tinha lido *O Homem Magro*, de Dashiell Hammett. Se lera *Homens de Arte*, de Craven. Mostrou-se particularmente interessado em obter notícias da Inglaterra—dos teatros, restaurantes e clubes de Londres.

Uma hora depois, dizia-me, simplesmente:—Peço-lhe mil desculpas por ter falado tanto assim, mas o senhor é o primeiro homem branco com quem tenho ocasião de travar palestra nestes últimos sete mezes.

Creio que me viu no rosto uma expressão de indagadora surpresa.

—Daquí a meia hora — avisou-me —este trem vai parar: não que haja, àquela altura, uma estação, mas porque é onde eu quero descer. Um carro, que lá está à minha espera, irá levar-me, por 40 quilômetros de estrada quase intransitavel, a um pântano situado em plena selva. Possuo alí uma mina de estanho e uma plantação de borracha. Uma casa, tambem, de 16 cômodos, onde vivo há 40 anos—na só companhia dos meus criados. São todos chineses, como tambem, os trabalhadores.

—Deve ser uma vida horrivel, comentei.

—No princípio não; eu era ainda jovem, e tudo aquilo tinha novidade para mim. Quase todos os meses descia até Singapura. Uma vez, cheguei a seguir viagem de regresso à minha terra, mas sobreveio-me a bordo um ataque de pneumonia, e desembarcaram-me, por esse motivo, em Gibraltar. Dois médicos me preveniram que não tentasse nunca mais fazer tal travessia; tenho o sangue fraco e, ainda por cima, vivo cheio de malária.

«Um médico inglês de Singapura chegou mesmo a indicar-me Hong-Kong como o extremo limite das minhas excursões ao norte do país. Fiz a viagem umas duas vezes, mas só tive ocasião de me encontrar com turistas, e jovens de Londres, que me julgavam amalucado. E talvez tenham razão. Sei que falo sozinho, mas tambem não é de espantar. Todas as noites me sento, invariavelmente só, numa das salas daquele enorme casarão, até sentir que, assim, acabo enlouquecendo. Ponho-me então a ler, ou a ouvir no rádio uns programas banais e insuportaveis. Mando chamar, por fim, o melhor dos meus moços, tão ignorante, aliás, quanto os outros, e falo, e falo tanto, que chego a entontecer o pobre do rapaz.

Como houvesse empregado, ao dizer isto, uma expressão tipicamente americana, interrompeu-se, observando:

—Causa-lhe espécie, com certeza, que eu esteja a par destes americanismos. Leio-os em revistas vindas da América. Tambem aprendí muitos deles em filmes. Agora, porem, já nem mais estes verei. Foi esta a minha última viagem a Kuala-Umpur. De que me serve ir até lá? Em casa, pelo menos, posso conversar com o rapaz. Ele é quase um amigo. Alem do mais, preciso cuidar das minhas minas, das minhas plantações, e dos meus interesses financeiros em Londres e Nova York. Conseguirei, algum dia, persuadir um de meus agentes a vir passar uma semana comigo. Há muito tempo já, convidei um deles a ficar como meu sócio. Ele agradeceu-me muito, mas declinou da oferta. Pode rir-se, — mas uma vez lembrei-me até de fazer vir uma trupe de dansarinas inglesas, para alegrar-me um pouco. Eu bem sabia que elas não viriam. Demais, não posso suportar a idéia de que precise pagar as pessoas para que elas me façam companhia. Simples vaidade humana, suponho. Precisamos de alguem que se interesse por nós—como o senhor teve a bondade de fazê-lo. De alguem que procure saber se estamos mortos ou vivos. Morto, aliás, não tardarei a estar. Outra ridicula mania: faz-me horror a idéia de morrer sozinho, sem que ninguem assista ao meu enterro, a não ser um grupo enfadado de nativos. Sim, — morrerei, como viví, sozinho, e odiando, como odeio, a solidão.

Houve um breve silêncio, enquanto eu procurava o que dizer. O trem jogava muito e era terrivel o ruido que fazia; o sol, batendo nas vidraças as aquecia tanto que era impossivel tocá-las. Então, subitamente, o estranho inglês curvou-se para mim, arreganhando os dentes amarelos num sorriso horroroso:

—Sou um homem de sorte, observou. —Tenho uma sorte como poucos! Quer saber de uma coisa? Há já dez anos nem sei mais em quantos milhões anda a minha fortuna. Tenho quatro plantações, duas minas de estanho, e uma renda diária de mais de mil dólares—e então?...

Alguns instantes depois, acrescentou:

—Desculpe.

—Desculpá-lo? Porque? protestei.—O desabafo lhe fez bem. Mas, permite uma pergunta?

Acenou-me que sim, sacudindo a cabeça.

—O senhor poderia tirar melhor proveito desta fortuna, sugerí. —Teria,

assim, novos amigos e novos interesses.

—Não quero comprar amigos, respondeu-me o homem com uma voz cansada. —Tempo houve em que me interessei por prestar auxílio a pobres diabos na miséria. Cheguei mesmo a pensar em erguer aquí um hospital dedicado às doenças tropicais. Mas fui adiando o projeto até o dia em que dispusesse de mais tempo e mais dinheiro. Fui ter àquele buraco, decidido a deixá-lo logo que tivesse feito dez mil libras. Uma vez alcançada esta quantia, resolví chegar a vinte. E assim fui indo, ajuntando dinheiro e mais dinheiro. Agora, é tarde. Estou enterrado no dinheiro.

—Mas ainda pode desenterrar-se, respondí. —Há mil maneiras de semear dinheiro, na vida, e recolher felicidade.

Antes mesmo, porem, que ele me houvesse desmentido, com um desolado aceno da cabeça, eu já tinha por certo que era tarde demais. Meu novo amigo não perdera somente todo e qualquer contacto com a humanidade—perdera, o que mais é, todo o interesse por ela. Ficara só—inteiramente só—e condenado, para sempre, à solidão.

Como eu me levantasse, finalmente, os seus olhos brilharam, por uns curtos segundos: —O senhor não gostaria de visitar a plantação? Porque não vem passar comigo um dia, ou dois?

—É que parto amanhã para Singapura, respondí. O velho sacudiu novamente a cabeça, como quem já esperava a resposta.

Logo depois que regressei ao meu compartimento, o trem parou. Através da vidraça pude ver um formoso Rolls Royce com dois chineses de uniforme no banco da frente. O inglês desceu do trem, e alí ficou parado, alguns instantes, como a esperar que eu lhe fizesse algum sinal de adeus. Fui ter à plataforma, e acenei-lhe com a mão. Ele, em resposta pôs-se a acenar com o chapéu até perder o trem de vista.

A MINHA estada em Singapura foi tão breve, que não pude obter, a seu respeito, informações detalhadas. Disseram-me, no entanto, que a figura do meu companheiro de almoço já se tornara lendária, no lugar. Não fora visto por ninguem, havia muitos anos já; corriam, todavia, histórias vagas sobre um inglês excêntrico e riquíssimo que vivia, sozinho, em plena selva. Ao regressar à minha terra, perguntei a vários viajantes e banqueiros se por acaso conheciam o meu estranho amigo.

Tudo, porem, inteiramente em vão. Talvez já esteja sepultado, agora, ao pé da plantação. Ou então, quem sabe, ainda estará sozinho, naquele enorme casarão, a ler coisas banais e a refletir sobre os milhões acumulados em Londres e Nova York. A fortuna vai crescendo, com certeza; «mais de mil dólares por dia—e então?...»

❡ O HOMEM dos cães amestrados estava mostrando todas as habilidades dos seus animais a um agente de espetáculos, o qual estava visivelmente caceteado, quando, de repente, um dos cães ladrou: «Então, meu velho, que tal?» «Por Deus!,» disse o agente, literalmente assombrado. «Este cão fala mesmo?» «Qual nada» replicou o homem dos cães, tambem enfadado. «O outro cão é ventríloquo.»

—J. C. Furnas

❡ *«Não esqueça que o seu primeiro erro será tambem o último»: tal é a máxima adotada pelos sapadores-mineiros.*

Homens contra minas

(Condensado do «Infantry Journal»)

Pelo tenente-coronel Paul W. Thompson

MILHÕES DE MINAS—eis a melhor das respostas para milhares de tanques. Leves, baratas, faceis de instalar, estão sendo usadas na guerra em quantidades incriveis.

Os tanques não atravessam impunemente uma área de terreno que tenha sido minada. Se o tentarem, estarão perdidos. Assim, ao entrarem por território inimigo, é indispensavel que os sapadores previamente o inspecionem, para o fim de limpá-lo das minas que porventura no mesmo existam, aliás um dos mais delicados e enervantes entre os serviços de guerra.

A mina antitanque é geralmente um disco, revestido de aço, com uns 40 centímetros de diâmetro e 10 de espessura, e contendo 4 a 5 quilos de TNT. Só explode a certa pressão, tanto assim que de ordinário os homens andam sem maior perigo num campo de minas. Mas, ao peso do tanque, elas detonam, pondo em sérios riscos o veículo e a respectiva guarnição, motivo pelo que tanto medo inspiram às tropas de tanques.

Como porem uma mina, do tamanho de um prato de mesa, não estende os seus efeitos senão a um espaço muito limitado, resulta que é mister disseminá-las às centenas e aos milhares. Nada menos de 25.000 tiveram os nazistas que retirar, não há muito, dos arredores ou imediações de uma só posição russa.

São dois os métodos, a que podem recorrer os corpos de sapadores-mineiros, no seu combate às minas: removê-las uma a uma, ou fazê-las explodir inofensivamente. Todavia, qualquer dos dois processos é mais simples de descrever que de executar.

Para remover uma mina, há, antes de tudo, que encontrá-la. Já isso não é tão facil, pois o inimigo procura naturalmente escondê-la, usando todos os truques da arte da camuflagem, e evitando deixar qualquer traço ou vestígio exterior que possa denunciá-la. Não raro, a natureza o auxilia, cobrindo os seus campos de mina de areias movediças ou de neve.

Diante de tais circunstâncias, o recurso mais seguro é ainda o de tentear, experimentando o terreno palmo a palmo, com uma baioneta ou coisa que o valha, antes de passar sobre ele. Encontrado pela sondagem algum objeto duro, logo abaixo da superfície, cava-se um pouco, e com o devido cuidado. Se é uma mina, começa, para o soldado que a descobriu, a parte mais melindrosa do serviço, pois lhe incumbe removê-la, antes que ela, ao contrário, o *remova*...

Desenvolve a escavação. Examina cautelosamente o detonador. Trata de apurar, por tentativas,—aperta aquí,

afrouxa acolá,—o meio de desarmá-lo. Mas, a cada medida que toma, a cada tentativa que faz, põe em jogo a própria vida.

Ainda os mais experientes no manejo de tais máquinas infernais estão sempre desconfiados, ao ter que lidar com as mesmas. Os alemães, por exemplo não cessam de excogitar meios e modos de opor novas surpresas mortíferas aos que tomem a si o encargo de neutralizar-lhes as minas. Um dos seus recentes estratagemas consiste em por duas minas, uma por cima da outra, ligadas por um fio muito fino. Quando a mina de cima é levantada, a de baixo detona. O soldado de engenharia, competente em seu ofício, pode evitar a armadilha, explorando com a lâmina da faca, a base da mina de cima, antes de levantá-la.

Algumas vezes, têm as minas que ser removidas sob o fogo do inimigo. Não há notícia de mais dura empresa no campo de batalha. É terrivel, ainda mesmo de dia; mas de noite é muito peor—quando há que trabalhar no escuro, e o menor ruido, por um lado, atrai a rojada mortal das metralhadoras, enquanto, por outro, o mais ligeiro descuido pode implicar uma detonação inoportuna, com as respectivas consequências.

Muitos exércitos dispõem atualmente de um detector electro-magnético de minas, que transmite um zumbido ao fone do operador, toda vez que a sua antena passa sobre uma mina. Mas é principalmente para o caso de campos de mina capturados intactos, que se utiliza o aparelho, tanto é certo que os soldados não aceitariam de bom grado a idéia de conduzí-lo, quando debaixo de fogo. Sentir-se-iam talvez parecidos com uma espécie de dona de casa que se pusesse a limpar o campo de batalha com a sua máquina de varrer tapetes.

Outro sistema de remoção de minas —o da detonação por indução, isto é, promovida ou suscitada por outra detonação—este, sim, é bem acolhido pelos especialistas do serviço. Trata-se de um tipo de torpedo, um tubo de ferro fundido, de seis a sete metros de comprimento, cheio de TNT, e provido de um detonador. É só fazê-lo explodir, e todas as minas, dentro de um metro ou mais de cada lado, o acompanharão.

Assim ocorre em geral, porem nem sempre, e daí ser de bom aviso não deixar de tomar, em aditamento, a precaução das sondagens.

Quando tomou Tobruque, empregou o general Rommel um processo ainda mais expedito de detonação por indução. Não ignorando que o uso do torpedo iria exigir muito tempo, e compreendendo a importância de transpor sem demora os campos de minas, de modo a tomar de surpresa o utilíssimo porto, com o seu precioso suprimento de água, improvisou um método relâmpago.

Determinou que ondas de bombardeiros de mergulho entrassem em ação justamente no momento em que as unidades *panzer* chegassem aos campos de mina. Quando os Stukas mergulharam, tornou-se evidente que alguma coisa de novo se acrescentava à técnica da guerra, pois o alvo das suas bombas não eram fortes ingleses, ninhos de metralhadoras, ou tropas, mas os campos de minas, tão somente. Terminado o bombardeio, em vez de campos de mina, o que havia eram campos de crateras, e os tanques e a infantaria puderam entrar em Tobruque, num golpe decisivo.

Cumpre entretanto dizer que a facilidade com que Rommel dominou a situação não autoriza a consagração do

expediente por ele posto em prática, visto ser normalmente de supor que, não se disponha de bombardeiros de mergulho em quantidade bastante, ou, ainda mesmo admitindo que os haja, não operem, todavia, com tal impunidade. Tudo leva a crer que a obra da remoção ou neutralização de minas, pela sua própria natureza, será sempre um serviço em grande parte manual, expostos, os que o pratiquem, às ciladas de toda sorte, que o inimigo for engendrando.

Pelo outono de 1939, os alemães introduziram dramaticamente em uso um novo e singular tipo de mina. Os quartéis-generais franceses começaram a receber informação de que na floresta do Arndt se passavam fatos estranhos. Patrulhas iam, e não voltavam; dias depois, encontravam-se, aos pedaços, os corpos dos soldados, espatifados por *shrapnel*. Tratava-se evidentemente de armadilhas, e de tremendos efeitos, em que as patrulhas caiam, sem que ninguem se salvasse para contar o ocorrido. Quem seria, ou qual seria o misterioso inimigo? Os *poilus* passaram a dar-lhe o nome de Soldado Silencioso. Não o era tanto assim...

Pouco depois, como é do destino de toda arma «secreta», um de tais «soldados» caiu nas mãos dos franceses. Foi uma revelação; era a última novidade em matéria de minas. A inovação consistia em que, feita a pressão sobre o detonador—e bastaria pisá-lo—a mina, em logar de explodir logo sob a terra, subia até a altura, mais ou menos, da barriga de um homem, e então explodia, cobrindo de *shrapnel* uma boa área, o que a tornava, portanto, incomparavelmente mais mortífera do que as de explosão subterrânea. Ocultas sob a relva ou sob as folhas, explica-se que, pisando um dos soldados sobre o detonador de uma das minas, fosse toda a patrulha atingida.

Mas é tambem curiosa a maneira por que os franceses se conduziram no caso; espalharam manadas de porcos pela área minada, e a eles coube a tarefa de fazer explodir as minas, limpando assim o campo.

Já hoje é de pratica corrente colocar nas áreas minadas, de promiscuidade com as outras, minas deste gênero, mas com um detonador que funciona, ainda às mais leves pressões, e isso, é claro, aumenta um onus ao pessoal em ação nos campos de mina.

Essas e outras invenções diabólicas têm do mesmo modo aplicação em territórios entregues ou abandonados ao inimigo. Aí é de ter por certo que até mesmo os atos mais simples, tais como abrir uma porta, levantar uma janela, mover uma cadeira, bastarão para que, deslocado um fio imperceptivel, faça este explodir uma bomba, vitimando não só o incauto, que não previu a hipótese, mas os que estiverem por perto. Uma das ciladas prediletas, usadas pelos nazistas contra os franceses, era a de ligar um de tais fios a um retrato de Hitler, pendurando ostensivamente na parede, geralmente na sala de visitas de uma casa evacuada. O soldado francês dirigia-se instintivamente ao retrato, para arrancá-lo aos pedaços, e era ele, não o quadro, quem aos pedaços ficava.

Hoje os combatentes aliados estão recorrendo aos mesmos métodos. Ainda recentemente um coronel nazista, ao abrir, em Belgrado, a porta do seu camarote no teatro, não previa por certo que, fazendo-o, iria determinar a explosão de uma bomba, que o matou. A nossa gente aprende, por outro lado a evitar as armadilhas. Já não apanha, sem

mais aquela, objetos, como sejam capacetes, pistolas, garrafas térmicas, aparelhos fotográficos, que o inimigo fingia haver deixado ao abandono, no chão. Sabe que, nos campos de batalha, por estes dias que correm, os colecionadores de lembranças não raro pagam com a vida a sua inocente predileção.

Por estranho que pareça, uma das coisas que mais aborrecem, na inspeção de um campo minado, é a presença, entre as minas, de algumas que não explodem. Um bloco de madeira, com todas as aparências de uma mina, obriga a perder tempo a examiná-lo, e, quando aparece em seguida uma mina verdadeira, nada a distingue da outra, o que pode conduzir a alguma inadvertência. Não admira portanto que tenha surgido a máxima: «Não esqueça que o seu primeiro erro será tambem o último.»

Ao ser minada uma determinada área, deixam-se, em regra, alguns caminhos secretos, pelos quais se possa passar, enquanto for necessário. Essas veredas, entretanto, no momento próprio, são rapidamente obstruidas.

Os alemães e os italianos, na África do Norte, instalados em posições vizinhas, comunicaram uns aos outros os caminhos secretos de passagem pelos seus respectivos campos de mina. Acontece que os italianos (segundo se leu em diários de alemães capturados) são propensos a assustar-se na escuridão, e, uma noite, se alarmaram de tal modo que correram a obstruir os referidos caminhos, enchendo-os tambem de minas, sem que sequer se lembrassem, tal a sobreexcitação em que estavam, de dar aos vizinhos o devido aviso.

Os alemães ficaram muito indignados. Quando deram com uma das minas, cuja existência ignoravam, o estrondo resultante da explosão da TNT italiana foi quase igualado pelo que proveio de outra explosão concomitante—a da cólera nazista. Os alemães, ao que rezavam os diários, preferiam ir pelos ares à conta de qualquer coisa, fosse de uma mina britânica, ou até de uma sua própria; não, porem, de uma italiana...

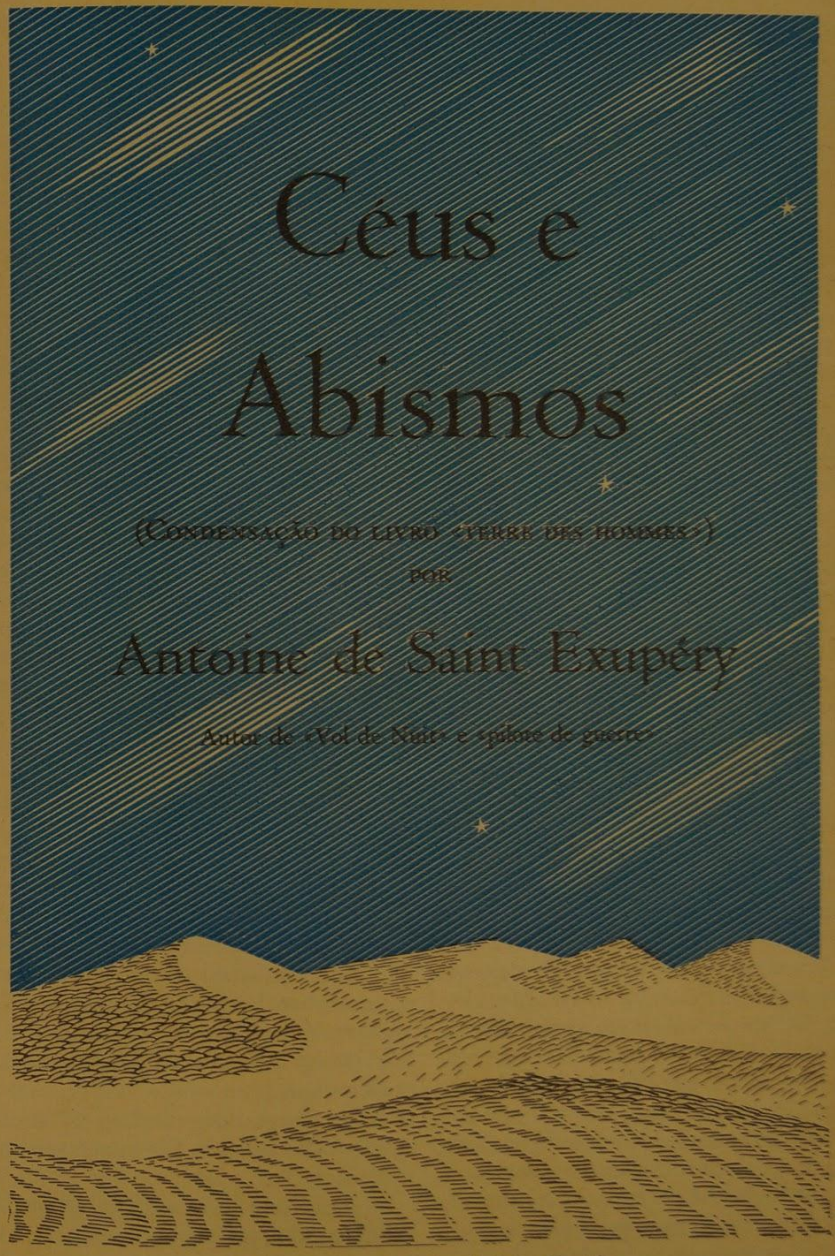
Conselho de bem-querer

¶ Uma jovem, indecisa se devia casar-se ou não, uma vez que seu noivo era soldado e se achava na iminência de partir para a frente, procurou o conselho de uma tia solteirona. «Querida,» disse ela, «se pudesse ser nova outra vez, eu me casaria antes de ser idosa bastante para compreender o contrário!»

—*Herald* de Calgary

¶ Quando um recruta, em Randolph Field, aparece com uma queixa ao sargento de dia, ele recebe um cartão tarjado que reza o seguinte: «Suas atribulações me cortam o coração. Elas não têm igual. Nunca soube de nada que se lhes assemelhasse. Como prova de meus profundos sentimentos, ofereço-lhe esse cartão, o qual lhe dá direito a uma hora de condolências.»

—Walter Winchell



Copyright 1939, Antoine de Saint Exupéry.
Ed., Reynal & Hitchcock, Nova York

CÉUS E ABISMOS

Este livro não é apenas o romance pessoal de um grande aviador, mas a história mais ampla, universal, de homens que se dispõem a viver—ou morrer—por uma causa. É uma crônica de perigo sob variados aspectos, desde as neves dos Andes às trincheiras da Espanha, e de alguma coisa no homem que sobrepuja o perigo.

Antoine de Saint Exupéry nos dá conta das suas experiências, não simplesmente como ator, senão como filósofo. O olhar com que vê a guerra penetra as razões humanas que estão para alem de todas as guerras.

Em 1926, fui admitido como praticante de piloto pela Companhia Latécoère, antecessora da Air France na exploração da linha entre Toulouse, no sudoeste da França, e Dacar, na África Ocidental Francesa. Iniciava-me no ofício, submetendo-me a um aprendizado por que passavam todos os jovens pilotos, antes de lhes ser permitido conduzir as malas postais. Fazíamos vôos de ensaio, pequenos e tímidos pulos entre Toulouse e Perpignan, e recebíamos enfadonhas lições de meteorologia num hangar frio de gelo. As serranias da Espanha, sobre as quais, mais dia menos dia, teríamos que voar, nos enchiam de apreensões, e era com um misto de respeito e medo que olhávamos os nossos veteranos.

Nem estes contribuiam para que se passassem as coisas de modo diferente. Senão, que os vissem no restaurante do campo—ásperos, a bem dizer inacessiveis. Quando um deles, vindo de Alicante ou Casablanca, descia do avião, ensopado de chuva e atrazado no horário, o laconismo com que respondia às nossas humildes perguntas a respeito do vôo era o bastante para criar-nos no espírito um mundo fabuloso, cheio de armadilhas e surpresas, com penhascos a surgirem repentinamente das nuvens e correntes aéreas capazes de arrancar cedros pelas raizes. De vez em quando, um ou outro daqueles pilotos, dignos de eterna reverência, não reaparecia...

Já havia anoitecido quando chegou minha vez de ser convocado à sala do chefe do campo.

—Você partirá amanhã, disse-me ele.

Saí dalí como um raio, ao encontro do meu amigo Guillaumet que, tendo feito o percurso a que eu agora me ia aventurar, conhecia os devidos meios de vencer as dificuldades da travessia da Espanha.

—Conheço bem tudo aquilo, foi-me logo dizendo.—Não se preocupe. É mais facil do que lhe parece.

Guillaumet tinha a propriedade de difundir confiança como uma lâmpada difunde luz. Levaria mais tarde a palma nos cruzeiros postais dos Andes e do Atlântico Sul. No momento, sentado tranquilamente, com os braços cruzados e em mangas de camisa, na face o melhor dos sorrisos, fez-me esta simples consideração:

—Você será incomodado, de quando em quando, por tempestades, nevoeiros, neve. Mas, sempre que tal se der, lembre-se dos seus antecessores que passaram pelo mesmo, e diga a si mesmo: «O que eles fizeram, eu posso fazer.»

Desdobrando então os meus mapas, perguntei-lhe, com certa hesitação, se estaria disposto a ver comigo os rumos a seguir; e, ombro a ombro com o veterano, debruçado sobre as cartas das regiões a transpor, sentí uma espécie de tranquilidade de menino de escola.

Mas que estranha lição de geografia me havia de ser dada! Guillaumet não fazia menção de províncias e cidades. Aludia de preferência, por exemplo, a três laranjeiras, que havia num dado ponto de determinada localidade. «Cuidado com aquelas árvores. É bom marcá-las no mapa.» E as três laranjeiras, daí por diante, se me afiguravam mais altas do que a Serra Nevada.

Os pormenores que, em tais condições, arrancávamos ao olvido, nunca geógrafo algum se interessara em explorá-los. Compreende-se. O rio Ebro, que banha grandes cidades, merece, é claro, a atenção dos cartógrafos. Eis-nos, porem, a acompanhar um riacho, que corre discretamente através de abundante vegetação aquática, rasteira para oeste de Motril.

«Sentido neste riacho; atravessa o campo todo. Marque-o tambem no mapa.» Tinha eu que me não esquecer daquela serpente a desenrolar-se na grama. Não se lhe daria, ao ribeirinho, a mínima importância, nem seria mais alto o seu murmúrio que o coaxar de algumas rãs. Mas lá estava ele de olho aberto, deslizando por entre a verdura do campo de aterragem de emergência, a esperar-me a uns dois mil quilômetros do lugar onde me achava a considerá-lo, antes de vê-lo.

«Imagine o prado vazio, e, súbito, trinta carneiros que lhe aparecem diante das rodas!» O registo da ameaça foi acompanhado de um breve sorriso.

O que sei é que, pouco a pouco, a Espanha do meu mapa se foi transfigurando, para mim, num país encantado. As cruzes com que marcava as zonas de segurança e as perigosas eram como faróis ou balisas. As três laranjeiras, o riacho, e até os trinta carneiros, já me eram familiares. Guillaumet me tornara afeiçoado às terras sobre as quais ia voar.

Acordaram-me às 3 da madrugada. Metí-me no meu sóbrio uniforme, e fiquei à espera do ônibus que devia conduzir-me. Neste, vi-me comprimido entre um guarda de alfândega, a cochilar, e um amanuense de repartição, com cara de poucos amigos. O veículo tresandava a funcionalismo público. Ora aquí, ora alí, ia parando para receber outro escriturário, outro guarda, mais um inspetor. Eu os ouvia falar, por via de regra em cochichos, a respeito de doenças, dinheiro, pequenas coisas domésticas... Velho burocrata, que te sentas ao meu lado, tu me dás a idéia da termita, visto que constróis a tua paz, tapando com cimento toda fresta por onde a luz possa entrar. Circunscreves-te à rotina, à preocupação de segurança, às rígidas convenções da vida provinciana, e assim eriges tua modesta muralha contra os ventos, as marés, e as estrelas. Julgando bastantes os teus motivos de incômodo, para que te não devas lembrar do teu próprio destino como homem, preferiste fugir ao contacto com os grandes problemas. A mim, porem, a magia do vôo abriu-me um mundo em que verei, face a face, antes que o dia alvoreça, os negros dragões e as cristas coroadas de uma coma de luzes azues, e, quando cair a noite, receberei das estrelas a direção dos meus passos...

Depois do meu batismo profissional, comecei a voar regularmente nos aviões postais. Os vôos, de modo geral, correram sem incidente. À semelhança dos mergulhadores no mar, nós outros, aviadores, penetramos tranquilamente a imensidade do nosso elemento.

O vôo, em princípio, nos parece facil. Não obstante, nenhum de nós ignora aqueles momentos em que, de repente, nos assalta a impressão de que transpusemos as fronteiras do mundo real; em que, ainda próximo o porto, sentimos haver entrado num mundo proibido, de onde a volta será problemática, quando não mesmo infinitamente dificil.

Por ocasião da sua primeira travessia do Atlântico Sul, Mermoz, ao anoitecer, lutava com a região do «Buraco Negro» ao largo da África. Grandes ondas se elevavam gradualmente à sua frente, a subir de minuto a minuto como se dá com um muro em construção. Eram os ciclones que se manifestavam. Escurecendo de todo, as trevas cobriram-lhe a vista, mas, uma hora depois, resvalando sob as nuvens, dava com os olhos num reino fantástico.

Imensas trombas negras se haviam constituido, assemelhando-se, na imobilidade, a pilares de templo. Entumescidas no topo, suportavam, como colunas, a abóbada da tempestade, através de cujas frinchas se escoava o clarão da lua cheia, entre os pilares, até a esteira enregelada do mar. Por entre estas ruinas deshabitadas, fez o aviador o seu caminho, esgueirando-se, de revés, de um canal de luz para outro, girando em torno da colunata ciclópica, a ouvir por aqueles âmbitos os ecos dos clamores do oceano, e voando durante quatro horas ao longo de corredores de luar, no encalço da grande porta por onde saisse do templo. Foi o espetáculo de tal maneira empolgante, que só depois de vencido o perigo do «Buraco Negro» despertou Mermoz para o fato de que nem se lembrara de ter medo.

O avião, que à primeira vista parece isolar o homem da natureza, imerge-o de fato, ao contrário, mais profundamente nela. Os problemas capitais para o piloto, quem lhos apresenta é a natureza,—a montanha, o mar, o vento. Só, diante da vasta arena dos céus enfurecidos, o piloto postal defende as malas que lhe foram confiadas, e luta e debate, em termos de igualdade, com aqueles três elementos, nem sempre doceis para com as forças humanas.

Os sacos de correspondência, guardados no lugar próprio, representam a flama do ofício, a tocha que, nesse gênero de corrida aérea, passa de estafeta a estafeta. Pouco importa que alí só haja espertezas de mercadores ou pieguices de amantes: se algum dia a tripulação ficar pelo caminho, enganchada num penhasco, não será por amor de uns ou outros que ela terá morrido, mas em obediência a ordens que dão nobreza àqueles rudes sacos, desde que são recebidos para ser transportados pelo ar.

Alguma coisa aliás nos interessa mais do que o serviço a que nos referimos: é o tipo de homens que surgiram com ele, ou ele fundiu nos seus moldes.

Mermoz é um piloto de linha aérea, e Guillaumet outro, sobre os quais me proponho escrever, afim de que se veja claramente o que tenho em mira quando digo que nos moldes da nova profissão foi, com efeito, fundida uma nova casta de homens.

Um punhado de pilotos, em cujo número se achava Mermoz, teve a seu cargo a linha Casablanca-Dacar, fun-

cionando através de território habitado por tribus rebeldes do Saará. Sendo os aviões àquele tempo o que sabemos que eram, viu-se Mermoz certa vez prisioneiro de marroquinos que, se não concertaram em matá-lo, o guardaram contudo em cativeiro durante duas semanas, até ser resgatado mediante pagamento; e ei-lo, não obstante, em seguida, a voar sobre o mesmo território.

Iniciado o serviço da linha americana, Mermoz, sempre na vanguarda, foi encarregado da etapa entre as cidades de Buenos Aires e Santiago do Chile. Tinha aberto o caminho sobre o Saará. Iria fazê-lo agora sobre os Andes. Forneceram-lhe um aparelho próprio para ascender até o máximo de 5 mil metros, e pediram-lhe que voasse sobre montanhas que se erguem a mais de 6 mil... Cumpria-lhe procurar ou descobrir aberturas ou passagens através da cordilheira. Estudara até então a fisionomia dos areais. Entraria agora em intimidade com os contornos das cumiadas, daqueles despenhadeiros cujas franjas de neve adejam, sem cessar, ao sopro dos ventos, e onde as rajadas, que passam uivando entre as muralhas estreitas dos seus desfiladeiros de rocha, obrigam o piloto audaz a uma espécie de luta corpo a corpo.

Mermoz entrou no combate sem qualquer noção do adversário a enfrentar, e ignorando, não menos, as probabilidades que teria de dominar os abismos, ou ser por eles tragado. Sua missão era «experimentar», para proveito de quem viesse depois. E um dia, «experimentando», encontrou-se, nem mais nem menos, prisioneiro dos Andes.

Foi quando ele e o seu mecânico foram obrigados a aterrar à altura de 4 mil metros, num planalto cercado, de todos os lados, por encostos muito íngremes; e só depois de dois dias, verdadeiramente terriveis, a lutar por sair da armadilha em que as circunstâncias os colheram, conseguiram, através de dificuldades insanas, fazer voar de novo o aparelho. Em breve tinha Mermoz diante dos olhos, como se fora a terra prometida, a planície chilena, e, no dia imediato, era ainda sobre ela que ia cortando os ares.

Afrontando o desconhecido em travessias aéreas, é natural que Mermoz tenha pago, mais de uma vez, o seu tributo a inesperadas descidas no deserto, ou na montanha, de noite, e no mar. Voltava sempre, entretanto, são e salvo, disposto, cada vez mais, a manter-se fiel ao seu destino. Mas eis que, uma ocasião, depois de doze anos de serviço, tendo levantado vôo de Dacar com destino a Natal, radiografou laconicamente assinalando avaria no seu motor da direita, à retaguarda. Depois, veio o silêncio.

Esperamos. Fizemos votos. Pouco a pouco tivemos de render-nos à dura realidade de que o nosso camarada não voltaria mais; estava a dormir naquele Atlântico Sul cujos céus tantas vezes devassara. Tinha Mermoz cumprido a sua tarefa, e entrara a descansar, como o lavrador que, finda a faina do dia, se deita no campo, e dorme.

Veio, porem, o momento de considerarmos que nunca mais ouviríamos o riso aberto do nosso amigo, que aquele jardim se fechara definitivamente para nós. Foi então que nos sentimos em verdadeiro luto. De um companheiro daquela ordem, não se preenche a falta. Nem se fazem velhas amizades da noite para o dia. Nada equivale ao tesouro das recordações comuns, das vicissitudes suportadas em comunidade de sentimentos, das disputas resolvidas em re-

conciliações generosas. Quando se planta o carvalho pela manhã, ocioso é pretender gozar-lhe à tarde a sombra.

É assim a vida. Plantamos, durante anos, as nossas sementes, e consideramo-nos ricos. Mas vem em seguida o tempo, faz a sua obra, e a nossa plantação, que parecia tão bela, se torna esparsa e mirrada. Um por um, vão-se os nossos camaradas, e cada um que se vai nos priva da sua sombra amiga.

GUILLAUMET, velho amigo, direi tambem algumas palavras a teu respeito. Tranquiliza-te; não te confundirei, porventura, com algum elogio impróprio da tua intrepidez e do teu mérito profissional. Ao deixar aquí registada a mais impressionante das tuas aventuras, a intenção que me inspira é muito outra.

Corria o inverno, e te perdeste nos Andes. Eu tinha vindo da Patagônia reunir-me a Deley em Mendoza. Por cinco dias, dois de nós, cada qual no seu aparelho, tínhamos percorrido e inspecionado inutilmente as montanhas. Dois aviões! Parecia-nos entretanto que ainda uma centena de esquadrilha, navegando por todo um século, seriam insuficientes para explorar, pela devida forma, aquela cordilheira interminavel que desafiava as nuvens. Perdêramos toda esperança. Os oficiais chilenos aconselharam-nos a desistir. «Estamos em pleno inverno,» diziam eles. «Admitindo que o seu camarada houvesse sobrevivido à aterrissagem, a noite nestas alturas reduz um homem a gelo.»

Em certa fase dos meus trabalhos de busca, de todo em todo infrutíferos, cheguei a ter a impressão de que não mais lutava por achar-te, mas dava guarda ao teu corpo no recinto imponente e calado de uma catedral de neve.

Havia uma semana que desapareceras, quando subitamente nos chegou a notícia:

«Encontraram Guillaumet!»

Dez minutos depois, não mais, decolava eu, com dois mecânicos, e daí a quarenta minutos aterrissava à margem de uma estrada, pois reconhecera, do ar, o automovel em que te haviam trazido de San Rafael. Lembro-me bem. Gritávamos como loucos; e estendemos os braços a um Guillaumet redivivo, autor do seu próprio milagre. As primeiras palavras inteligiveis que pudeste proferir valem por admiravel testemunho de orgulho da espécie humana:

«O que sei é que atravessei o que nenhum animal teria atravessado.»

Mais tarde contaste-nos tudo. Uma tempestade produziu, em quarenta e oito horas, mais de cinco metros de neve, a desabar pelas montanhas do Chile. Colhido, como a vítima de um acidente cósmico, pelas terriveis ondas que desciam, acabaste por pousar o teu avião na neve.

«Quando pude saltar», acrescentaste, «tentei ficar de pé. O vento derrubou-me. Levantei-me. Fui de novo derrubado. Arrastei-me então por baixo da fuselagem, e tratei de cavar, na própria neve, um abrigo. Acomodando em torno de mim uma porção de sacos de correspondência, fiquei alí, a esperar, dois dias e duas noites. Depois, serenado o tempo, saí da toca, a procurar caminho. Andei cinco dias e quatro noites.»

Quanto, porem, de ti mesmo, deixaste por lá, Guillaumet! Encontramos-te, é certo, outra vez; mas encarquilhado, encolhido, que mais parecias uma velha. No teu leito no hospital, cortava o coração ver-te a miséria, pois, alem do mais, tinhas perdido os belos instrumentos da tua atividade: as tuas

mãos se tornaram entorpecidas e inuteis, e, quando te sentavas à beira da cama, caiam-te os pés como dois pesos mortos. Mal havias regressado, e ainda te achavas em ânsias, numa luta que não cessava.

Enquanto narravas a tua sombria história, eu te via a pelejar, sem instrumentos, sem provisões, sem cordas, escalando picos a 5 mil metros de altitude, grudando-te às faces de grandes muros a prumo, mãos e pés e joelhos a sangrar sob o rigor de um prolongado frio de 20 abaixo de zero.

Não obstante as tuas perdas de sangue, vale dizer de energia física e moral, não desanimaste, prosseguiste, com a perseverança da formiga, contornando os obstáculos, erguendo-te do chão a cada queda, vencendo declives que conduziriam a abismos, incessantemente em movimento, e sempre alerta, acordado, pois, se houvesses adormecido, dormindo terias ficado o último sono, envolto em lençóis de neve.

Resististe à tentação. «No meio da neve,» disseste-me, «um homem como que perde o seu instinto de conservação. Ao fim de dois, ou três ou quatro dias, não se pensa senão em dormir. Eu estava ansioso por fazê-lo. Porem dizia a mim mesmo: Se minha mulher acredita que ainda estou vivo, deve imaginar que estou de pé. Assim tambem os meninos. Eles têm fé em mim. Eu devo ir para a frente.»

Houve, contudo, uma vez em que, tendo escorregado, caiste estendido na neve, e assim te achaste deitado, com apoio em uma das mãos.

«Já eu tinha feito o que podia. Porque insistir?» Tudo o que te bastava fazer, para ter paz, seria fechar os olhos. Todo aquele mundo de precipícios sumir-se-ia da tua presença.

Começavas a sentir o gosto desta morfina, ou a prelibar-lhe os alívios, quando o remorso brotou dos recessos da tua conciência. «Pensei na minha mulher. Ela ficaria sem vintem, se não pudesse receber o seguro.»

Quando um homem desaparece, a sua morte legal só se declara quatro anos depois. Essa circunstância foi bastante para desfazer outras imagens da tua razão combalida. O leito de neve em que te achavas deitado cobria uma montanha abrupta. Quando viesse o verão, teu corpo, a descer com as águas das grandes neves desfeitas, iria perder-se necessariamente numa das mil cavidades ou reentrâncias dos Andes. Sabias disso. Mas sabias tambem que alí perto, uns cincoenta metros adiante, um rochedo emergia da neve. «Imaginei atingí-lo. Se pudesse apoiar-me contra a rocha, seria certo que encontrariam o meu corpo no verão seguinte.»

Mais uma vez de pé, tiveste força para a nova marcha, tão atribulada, de três dias e duas noites. Mas o que não supunhas talvez era que terias de ir muito mais longe:

«O que salva um homem, é dar o primeiro passo. Porque outro se seguirá.»

AFINAL, naquele quarto, pudeste entregar-te ao gôzo de um sono reparador. E eu disse comigo mesmo: Guillaumet está situado muito alem da intrepidez, ou das virtudes medíocres. É no seu senso de responsabilidade que reside propriamente sua grandeza moral. Ele sabia que era responsavel por si mesmo, pelas malas postais que conduzia, pela fidelidade à expectativa dos seus companheiros: ou os encheria de júbilo, ou os mergulharia na tristeza.

Era tambem responsavel por aquele novo elemento de civilização e de progresso que se vinha construindo, com um tão grande concurso de sua parte.

Pertencia Guillaumet àquela raça de homens generosos que tomam a si a tarefa de estender a sua sombra a mais dilatados horizontes. Ser homem é precisamente ser responsavel. É sentir que, quando se assenta uma pedra, se está concorrendo para construir o mundo.

Conhecí, certa vez, um jovem suicida. Não me lembro qual foi a contrariedade amorosa que o levou a por termo à vida, com uma bala no coração. Ignoro, por outro lado, a tentação literária a que porventura se rendeu, quando calçou, na hora extrema, um par de luvas brancas. Recordo-me, porem, de ter sentido, ao considerar o triste quadro, que não havia no caso traços de nobreza, mas antes claros indícios de debilidade moral. Ninguem diria que atrás daquela bela fisionomia, por baixo daquele crânio que tinha espaço para guardar um tesouro, não existia realmente nada.

Estava eu a refletir sobre a sorte mofina do moço que assim desertara da vida, quando me veio à lembrança outro episódio, que me fez bem à alma. Tratava-se de um jardineiro. Doente, desenganado, expandia-se, no leito de morte: «Às vezes me custava estar cavando. O reumatismo puxava minha perna, mas eu não me entregava. Não há nada como a gente estar com a enxada na mão! Um homem é livre quando está com a sua enxada trabalhando na terra. Depois, fico pensando: quem vai podar minhas árvores quando Deus me levar?»

Esse homem deixava atrás de si um campo a ser cultivado, um planeta por lavrar. Estava ligado por laços de afeição a toda a terra onde nascessem árvores, ou a todas as árvores da terra. Era, na sua modéstia, um indivíduo que fazia honra à espécie. Lutando com a morte, em nome da Criação, poderia ser chamado, com toda a propriedade—e foi assim Guillaumet—um homem de coragem!

Mermoz, Guillaumet, o pobre jardineiro, foram homens, todos três, verdadeiramente livres. Outro me acode à memória—este, da mais humilde condição—que ganhou de maneira diferente a sua liberdade. Refiro-me a Bark, o escravo mouro que tive ocasião de conhecer quando estive em serviço na África.

«Esconda-me no avião de Marráquexe!»

Noite após noite, em Cabo Juby, o escravo assim me rogava. Fora ele, noutro tempo, Moâmede ben Laussim, pastor a cuidar de gado naquela região de terras negras e casas pintadas de cor tirando a vermelho: mas um dia, subitamente, foi colhido por hordas de nómades que lhe mudaram o nome para Bark, e, reduzindo-o à escravidão, o venderam. Lá ficaram, em Marráquexe, a sua mulher e três filhos, que seguramente ainda viviam.

A recusa silenciosa, ou ao menos a indecisão com que eu me não decidia a restituí-lo à vida, Bark as sofria pacientemente, sem me querer mal por isso. Não era um homem o que ele invocava, mas uma força maior, alguma coisa como uma luz das alturas que lhe clareasse o destino.

Eu, por meu lado, bem reconhecia a minha nulidade. Era um simples piloto, que fazia o estágio de alguns meses como chefe do aeroporto em Cabo Juby, onde todos os meus haveres constavam de uma bacia, um jarro de água salobra, e um catre, ou coisa que o valha, curto demais para mim.

«Veremos, Bark.»

Era inutil que Bark sorrisse, ou explicasse, em voz baixa, como me seria possivel ocultá-lo no aeroplano. Alí estávamos no meio de tribus mais ou menos selvagens, e Deus sabe o que sofreríamos em represália ao insulto que o roubo do escravo constituiria.

Tinha pensado em resolver o caso pela compra do cativo. Não é, porem, todo dia que alí aparecem europeus, a pretender um escravo, de modo que os senhores do infeliz procuravam explorar as circunstâncias.

—Vinte mil francos.

—Não me façam rir!

—Mas olhe que braços ele tem!

Contudo, passados meses, vieram propor-me um preço, a que, com o auxílio de amigos, me foi permitido fazer face.

Ao entrar na posse de Bark, prendí-o por seis dias na minha cabana, porque, se ele andasse a perambular antes da chegada do avião, os mouros muito provavelmente o raptariam. Os mecânicos do aeroplano, julgando que seria uma vergonha deixá-lo voltar ao mundo sem um real no bolso, fizeram uma subscrição em seu favor.

«Adeus, velho Bark. Seja homem!»

Chegou a hora de o avião levantar vôo. Bark derramou um último olhar sobre a desolação de Cabo Juby. Em torno, bem duas centenas de nativos daqueles rincões adustos observavam curiosamente o que vem a ser um escravo quando, recuperada a liberdade, transpõe de novo o limiar da vida. Aliás estariam prontos a arrebatá-lo outra vez, assim fosse o aparelho obrigado a descer mais adiante.

Quanto a nós outros, seguíamos tambem com interesse os gestos do nosso bebê recem-nascido aos cincoenta anos de idade, e é possivel que perguntássemos intimamente a nós mesmos se lhe havíamos feito bem ou mal, restituindo-o aos embates, à impetuosidade da corrente...

As últimas notícias que tivemos de Bark nos foram trazidas por Abdulá, que, a nosso pedido, velara por ele em Agadir. O avião chegara a Agadir pela manhã, mas o ônibus em que Bark devia prosseguir na sua viagem só partiu dalí à tarde. Que fez ele durante aquele dia?

A princípio vagou pela cidade, silencioso, inquieto. A liberdade viera-lhe, a bem dizer, de chofre; sentia dificuldade em orientar-se. Entrando com Abdulá num café árabe, pediu que lhes servissem chá. Foi o seu primeiro movimento de vida social, um ato que certo o transfiguraria aos olhos dos outros homens. Mas o garçon que o serviu não lhe pareceu levar em conta que o estava fazendo a um homem livre.

«Vamos a algum outro lugar,» disse então ao companheiro; e seguiram para Kasbá, o bairro alegre local. As pequenas berberes tomaram-no pela mão, e Bark, preocupado com a mensagem de que se sentia portador, não tardou a contar-lhes a história de sua ressurreição do cativeiro. Como elas acolhessem a narrativa com um sorriso simpático, isso o animou a dar mais colorido à dramaticidade do episódio. «Eu sou Moâmede ben Laussim!»

Não teriam razão as raparigas para maior surpresa. Todos os homens têm nome, e muitos voltam de longe! Poderiam, é certo, admitir que aquele tivesse sofrido, e procuravam tratá-lo

com toda amabilidade. Ele reconhecia a gentileza com que as moças o tratavam, mas estava ainda no ar, sem redescobrir o seu império.

Voltaram depois, os dois, para a cidade. Bark olhava, pasmo, para o mar, e repetia a si mesmo que poderia ir aonde quisesse; era livre. Mas havia na liberdade, como ele a vinha sentindo, um travo de amargura: o que dela tinha aprendido mais intensamente é que nada o prendia ao mundo.

Senão quando apareceu uma criança. Bark lhe fez um agrado, batendo-lhe no rosto. A criança sorriu. Foi o bastante para que lhe parecesse que não havia na terra ninguem mais importante do que ele. Viu que uma revoada de crianças brincava alí nas imediações, e logo se dirigiu, a passos largos, para as lojas dos judeus. De lá voltou com as mãos cheias. Abdulá não se conteve:

«Louco! jogando seu dinheiro fora!»

Mas Bark não deu ouvidos. Acenou solenemente para as crianças, e entrou a distribuir-lhes mimos e brinquedos. Cada uma, recebido o seu presente, saía como um relâmpago, e Bark, terminado o sortimento, voltava a munir-se de nova dose nas lojas.

A notícia espalhou-se em Agadir, e afluiram meninos e meninas a rodear o deus negro, agarrando-se-lhe ao manto surrado, e clamando, cada qual, pelo que lhe era devido. Bark, a vítima inditosa de uma alegria sombria, despendeu com a clientela toda a pequena quantia que ainda lhe restava.

Abdulá convenceu-se de que o pobre enlouquecera; de que ficara «louco de alegria», dizia ele, dando a razão do fenômeno. Eu, porem, me inclino a crer que Bark não repartiu com outras pessoas uma pletora de felicidade. Estava livre; mas de que lhe servia o dinheiro, se aquilo por que ansiava era vir a ser um membro da grande família humana, ligado aos seus semelhantes por laços indissoluveis?

As pequenas berberes tinham sido amaveis, não há dúvida, para com o angustiado Bark, mas não precisavam dele. O garçon do café, os transeuntes nas ruas, os caixeiros das lojas, respeitavam, é certo, o homem livre, em que o escravo se havia convertido: ninguem, porem, deu sinal de que necessitasse, de qualquer modo, da sua cooperação.

Sim, estava efetivamente livre, mas de uma liberdade, dir-se-ia, infinita no seu indefinido, que o não punha em contacto com a terra em que devia pisar. Faltou-lhe, por conseguinte, aquele peso das relações humanas que, se entravam a marcha do homem, o ligam, contudo, à coletividade.

Dando com uma onda de crianças, entrou na vida com ela, como outrora com os rebanhos que apascentara. No dia seguinte, estaria restituido à pobreza de sua família, à responsabilidade por mais vidas do que talvez lhe coubesse nos braços já cansados; mas o incidente, realmente estranho, em que viu Abdulá um caso de loucura, pode ser que tenha sido, para a alma do redivivo, uma experiência benéfica. Voltava ele para a liberdade nos braços de todo um bando de crianças que tanto precisavam de brinquedos.

JÁ QUE é o homem, não o vôo, o que me interessa mais de perto, farei aquí referência aos esforços da criatura para bastar-se a si mesma, segundo testemunhei durante os primeiros meses da guerra civil na Espanha, onde fui procurar resposta a esta pergunta: porque será que algumas vezes o homem tem vontade de morrer?

Foi em Madrid que me sucedeu assistir a um bombardeio. Toda a ira da tempestade desabou sobre a Gran Via, afim de dar cabo de uma vida humana. Uma única vida. Alguns transeuntes sacudiam caliça da roupa. Outros se punham a correr. Quando passou a tormenta, um rapaz, que escapara milagrosamente sem um arranhão, viu caida aos seus pés a namorada que, havia poucos momentos, vinha com ele de braço dado, e agora se transfigurara numa pasta de carne e pano, encharcada de sangue.

Ajoelhou-se, perplexo, e abanou a cabeça levemente, como a dizer a si próprio: «Algo de muito estranho aconteceu.»

Aquilo que se achava alí no chão não tinha semelhança alguma com o que fora o objeto do seu amor. A dor era excruciantemente vagarosa para que pudesse engolfá-lo no bojo das suas águas. Tanto assim que, ainda um outro segundo, atordoado, atônito, correu ele os olhos em torno, como na esperança de encontrar a silhueta esguia, que ao menos esta, quem sabe, teria sobrevivido. Nada restava entretanto senão aqueles depojos, mais ou menos asquerosos.

Tinha-se ido a fragil centelha de humanidade. E, enquanto na garganta do homem se vinha gerando o grito de amargura que não sei por que motivo tanto custava a sair, tinha ele tempo e lazer para considerar que não foram propriamente aqueles lábios que lhe provocaram o amor, senão o modo por que se moviam, quando à boca aflorava um sorriso. Tão pouco o teriam sido aqueles olhos, mas a sua maneira de olhar. Não; não havia sido aquele corpo, mas o seu porte gentil. Ei-lo pois afinal a descobrir a fonte real da angústia que o amor lhe suscitara, a compreender que, em última análise, vinha perseguindo o inatingivel. O que o empolgava não era a carne, em si mesma: era o espírito indefinivel, a centelha, o anjo impalpavel que habita e eletriza a carne.

Não me ocuparei em maldizer dos expedientes da guerra, ou da lei da represália. Porem, quanto à vantagem militar de bombardeios como o a que assistí, deixarei dito que a não compreendo. Vi, através da cidade, mães de família com as tripas de fora, crianças mutiladas; uma velha sobre cujas modestas mercadorias, de que era vendedora ambulante, se espargiam fragmentos de miolos humanos; aflições de todo gênero, e ainda hoje não percebo em que possam semelhantes acidentes influir na marcha de uma guerra.

Influência moral? Mas a grande vítima do bombardeio é o bombardeador! Cada granada que caía sobre Madrid aumentava-lhe a capacidade de resistência; persuadia os neutros ou hesitantes a reunir-se aos defensores. Uma criança morta inspira ou apaixona a reação. Tornou-se indiscutivel para mim que um bombardeio não dispersa: une. O horror leva os homens a cerrar os punhos, e, uma vez de punhos cerrados, cerrarão fileiras.

OUTRA OCASIÃO, achava-me eu, à noite, com três ou quatro homens, ao abrigo de uma muralha, junto das trincheiras republicanas. Para lá, através do vale escuro, vislumbrava-se a região das linhas inimigas. Inadvertidamente, risquei um fósforo para acender o cigarro. Duas mãos vigorosas me fizeram baixar a cabeça. Todo mundo se abaixou, e ouviu-se o silvo das balas.

—Parece que os camaradas do lado de lá estavam alerta, disse alguem.

—Será que eles conversarão esta noite?

—Um deles, Antônio, às vezes conversa.

—Chame ele.

O homem levantou-se, tomou respiração profundamente, e gritou, o mais alto que pôde: «An... tô... ni... o!»

O brado cresceu, desdobrou-se, flutuou rompendo o vale, e regressou, trazido pelo eco.

—É bom baixar a cabeça, advertiu meu vizinho. —Às vezes, quando se chama assim, eles fazem fogo.

Não se ouviu porem nenhum tiro.

Comecei a pensar nos que se achavam do outro lado do vale, e que, tendo ouvido aquele grito, não deram sinal de cólera, pelo menos não houve dedo que apertasse um gatilho. É verdade que não responderam; não era, todavia, menos certo que, ainda um momento antes, havia bastado um fósforo para provocar uma descarga.

Mas eis que se ouviu de novo, no mesmo diapasão, a mesma voz:

—Antônio...! Sou eu! Leo!

E lá se foi, dentro da noite, o som, a atravessar o vale. Oitocentos metros de ida, outros tantos de volta, cinco segundos se deveriam escoar entre pergunta e resposta, se acaso eles respondessem. Cinco segundos de expectativa, durante os quais toda a guerra estaria suspensa.

À semelhança de uma onda mansa, que vem de longe e se desfaz na praia, chegaram até nós, e logo outra vez se ouviram, uns restos de voz distante:

—...Hora...dormir!»

Aqueles mesmos homens, que abriram fogo à simples luz de um fósforo, enchiam agora os pulmões para nos transmitir, de alguma forma, um conselho maternal:

—Fiquem quietos! Vão para a cama! É hora de dormir!

A história é impressionante. Quem a ler poderá concluir que as forças, de um lado e outro, não faziam alí nada mais que jogar uma partida. Até certo ponto assim era. Mas há partidas que envolvem, nas suas marchas e contramarchas, alguma coisa de profundo e intenso. Alí estava um tipo de jogo no qual os corações, vibravam ou batiam com força tal, que davam a impressão de estar em causa alguma necessidade capital.

O camponês que fez Antônio falar, e assim se constituiu nosso embaixador, levantou-se de novo, e, pulmões cheios, propôs a questão das questões:

—Antônio! Por que é que você está combatendo?

Deixem-me dizer mais uma vez que ele e Antônio se envergonhariam, se porventura não se percebesse que aquilo era brincadeira. Eu, porem, me pus atento, e sei como se abriu toda a sua alma para receber a explicação:

—...Espanha!

E logo a seguir ouví:

—...Você?

Não se fez tardar a resposta. Para mim, foi como se a visse a romper célere o espaço:

—O pão de nossos irmãos!

Por fim, e numa nota comovente:

—Boa noite, amigo!

E a resposta, no mesmo tom, do outro lado do mundo:

—Boa noite, amigo!

Em seguida, silêncio.

As palavras das duas partes divergiam. Mas as suas verdades eram idênticas.

NA FRENTE DE MADRID, eu estava uma noite a cear, num abrigo subterrâneo, com um jovem capitão e alguns dos seus homens, quando ele foi chamado ao telefone, e recebeu ordem para atacar antes do amanhecer. As linhas inimigas ficavam a poucos metros. Vinte casas situadas naquele subúrbio industrial (Carabanchel) constituiam, no caso, o objetivo: cumpria investí-las a granadas de mão, e ocupá-las, sem contar com qualquer apoio.

Como que sentí fugir-me o estômago quando derramei um último olhar sobre aquele pugilo de homens que iam mergulhar dentro em breve no desconhecido da noite, e voar, em seguida, aos pedaços, antes que houvessem atingido a outra margem da estrada. Eles aceitavam de bom grado a incumbência que se lhes dava. O capitão, deixando o telefone, voltou para a mesa, a encolher os ombros. Empurrou para o lado uma garrafa e dois copos que alí se achavam, e disse ao sargento:

—Você vai comigo na frente. Tome um gole, e vá dormir um pouco.

O sargento cumpriu a dupla ordem. À volta da mesa, uns doze estavam sentados. Todas as frestas da sala tinham sido bem calafetadas, de modo a não escapar nenhuma réstia de luz. A bebida desempenhava o seu papel. Alguem à minha direita contava uma anedota, falando tão apressado, que eu, em cada três palavras, compreendia apenas uma.

Surge um homem meio bêbedo, e posta-se a contemplar-nos com um vago olhar benévolo, enquanto esfrega pachorrentamente uns farrapos de barba. Ao dar com a garrafa, volta-se, súplice, para o capitão.

Este sorrí levemente, e o homem, logo cheio de esperanças, o acompanha no sorriso. Não houve quem não sorrisse em toda a sala. O capitão estende o braço, e afasta a garrafa, cautelosamente. Repontam no olhar do borracho indícios de desespero, e uma cena infantil se desenvolve, uma espécie de bailado mudo que, no meio da fumaça dos cigarros, e ao som do tique-tique do relógio, a caminhar para o momento do ataque, assumia um carater de sonho. Eu me sentia hipnotizado por aquela atmosfera de vigília prestes a encerrar-se, ao trom do canhão que ribombava lá fora, com intensidade cada vez maior.

Dentro de poucos minutos, haveriam aqueles homens de lavar-se do suor, da aguardente, da sujeira, nas águas lustrais da guerra. Neles reconheço alguma coisa que os aproxima da pureza imácula. Enquanto isto, punham em cena o bailado do bêbedo e da garrafa, determinados a divertir-se com aquilo, estendendo até onde era possivel a corrente da vida. Mas alí na prateleira permanecia o relógio, pronto a marcar o destino, que tanto vale marcar as horas decisivas. Se nenhum o olhava, todos o ouviam e ninguem dava mostras de medo.

Soaria o momento crítico. Os homens se levantariam, estenderiam longamente os braços num gesto que é instintivo em todo aquele que vai lutar face a face com a morte quase certa, e se armariam dos seus equipamentos. O capitão empunharia o revolver. O borracho se conteria. Em seguida, um salto na treva, — que não deixava de ser, nas circunstâncias, um salto no abismo.

TÃO DEPRESSA foi cancelada, tambem por telefone, a ordem de ataque, os homens principiaram a ver de tal modo o caso, tanto menos carregadas as suas cores, que entraram a lamentar o desenlace.

«Eles estão pensando que somos al-

gumas mulheres?» «Isto é guerra ou não é?» «Que belo estado-maior!» resmungavam sarcasticamente. «Não se pode ter nada como certo!»

Duas coisas eram evidentes: primeiro, que nenhum deles regressaria do assalto que iam realizar, à luz da lua; segundo, que deviam julgar-se felizes em estar alí com vida, aptos a fazer as suas críticas ao quartel-general. Mas o que tornava respeitavel a sua atual veemência, é que se haviam revelado prontos, sem restrições e sem queixas, a morrer com simplicidade.

Eram como egressos da morte, a recomeçar a existência que, um dado momento, foi tida por encerrada. Estive a observá-los bem de perto, especialmente o sargento R. Vi acordarem-no. Tinha ele sido avisado de que seria o primeiro a entrar na chuva de fogo de um ninho de metralhadoras. Assim, o seu despertar lembrava o de um condenado, na cela de morte.

—Sargento!

Ele deu um grande suspiro. Depois, como o menino de escola a quem o sino insistente arranca ao sonho de um mundo mais recreativo que o das aulas, começou a vestir-se, ao frio da madrugada.

Esticou, um por um, braços e pernas. Correias, pistola cartucheira, três granadas de mão penduradas do cinto, embargavam a este nadador as derradeiras braçadas que dava no mar do sono. Afinal, abriu bem os olhos, sentou-se na cama, e, num resmungo, inquiriu:

—Oh! Que é que há? Estamos prontos?

E, enquanto falava, estendia a mão ao rifle.

—Não, disse o capitão. —Recebí contra-ordem. Não se fará o ataque.

Sargento R., permita-me então que lhe diga que lhe fizeram presente da sua própria vida, não menos do que se o arrancassem a uma cadeira elétrica. E, Deus sabe, não é pouca a tinta que o mundo derrama até que chegue o perdão a um condenado à morte. A comutação da sentença, Sargento R., você a recebeu *in extremis*. Sobre isso não pode haver dúvida. Perdoe-me, pois, a curiosidade. Estive a fitá-lo, como se lhe fitasse a alma, e a impressão que guardei da observação rigorosa a que o submetí, nunca se apagará do meu espírito. Como é que um homem recebe a dádiva da vida? Estou em condições de esclarecê-lo: o homem senta-se tranquilo, tira um cigarro, abana a cabeça levemente, olha para o teto, e considera de si para consigo: «Antes assim.»

Agora, meu sargento, aí está você em paz, a tomar seu café com pão, tal o réu a quem se avisou de que não será punido. Mas talvez ainda hoje o perigo o encontre a postos, e sem medo, mas, ao contrário, até feliz de arrostá-lo. Acode-me então a pergunta que desde a última noite ando a querer fazer-lhe: «Por que motivo se dispõe você, de tão bom grado, a morrer?»

Sendo, contudo, impossivel propor tal questão, sem lhe ofender a modéstia, o que me não seria perdoado, procurarei chegar ao mesmo fim por meio de outras pesquisas, não menos ociosas.

—Diga-me, porque você se alistou?

Se bem lhe entendo, sargento, você mal se conhece a si mesmo. Era você um guarda-livros de Barcelona, que não se preocupava com a guerra. Mas um dos seus amigos se alistou. Depois, outro. Dentro em breve se operava no seu íntimo uma curiosa transformação: as colunas de algarismos começavam a

parecer-lhe inteiramente desinteressantes; e, por outro lado, os seus prazeres, as suas ocupações, senão os seus próprios sonhos, tudo se lhe afiguravam remanescentes de outras eras.

Nada disso, todavia, teria maior importância. Mas um dia um dos seus amigos foi morto na frente de Málaga. Embora se não tratasse de um amigo por quem você sentisse que devia dar a vida, o certo é que a notícia o agitou como um vento do oceano. Acresce que naquela manhã outro amigo o procurara, e lhe fizera a pergunta—«Vamos ou não vamos?» —a que veio a resposta decisiva: —«Vamos».

Nunca você realmente se demorou a refletir sobre o carater do apelo, entretanto irresistivel, que o convocou às fileiras. Bastou-lhe aceitar a verdade, que nunca lhe fora possivel traduzir em palavras, mas cuja luz o empolgou. Sentado, a ouvir-lhe a história, uma imagem me ocorreu, que se aplica bem ao caso, se é que o não elucida.

Quando se dá, nas épocas devidas, a migração dos patos selvagens, uma estranha maré se levanta nos territórios sobre os quais passa a rajada. Como se magnetizadas pelo grande vôo triangular, as aves de terreiro pulam nervosas no ar, tentando voar tambem. O apelo das asas bravias as atinge com a força de um arpão, e como que um traço de selvajaria apressa-lhes o ritmo do sangue. O mesmo se dá com o homem: domina-o, em dada ocasião, um misterioso pressentimento da verdade, e ele reconhece como a vida é vã em si mesma.

Como quer que isso se chame—sacrifício, poesia, aventura—é sempre a mesma voz a que se rende a criatura humana, atormentada. Você, sargento, aquiesceu em acudir ao toque de rebate, sem se dar sequer ao incômodo de tentar compreendê-lo. Tanto que a hora soou de erguer o vôo, você se sentiu atraido, como as aves, por aquela migração para o interior, sobre a qual até então ninguem lhe havia falado.

Que houve, depois, em você? Quais foram, sargento, as visões que o levaram a arriscar a vida em semelhante aventura, —a vida que era, afinal, seu único tesouro?

Um vendaval o colheu, e libertou, do seu íntimo, o príncipe adormecido que lá se abrigava—o Homem que temos, cada um de nós, no interior de nós mesmos. Seu caso é o mesmo do músico, do sábio que dilata o território dos conhecimentos humanos, em suma, de todos aqueles que abrem ou constroem as estradas em que marchamos para a redenção. Agora você está livre para jogar com a morte. Que tem você a perder?

O homem só respira livremente, se partilha com outros um ideal desinteressado e comum. A vida nos tem ensinado que o amor não consiste apenas em olharmos extasiados uns para os outros, mas em juntos volvermos as vistas, descortinando o horizonte na mesma direção. Não existe companheirismo, a não ser através da união no mesmo alto esforço. Ainda na nossa época de conforto material, não é de outro modo que se passam as coisas. Senão, como explicar a felicidade que sentimos em dividir com outros no deserto o pouco de pão que nos reste? Nenhum compêndio de sociologia pode prevalecer contra este fato. Todo piloto que já tiver ganho os ares, para salvar um camarada em perigo, sabe não há alegria que se compare com a sua, em tais ocasiões.

Daí, talvez, a razão por que o mundo estremece atualmente em derredor de nós. Os homens se inflamam, por estes dias que correm, precisamente porque vê cada um, no seu credo, o que lhe parece bastante. Todos nós, empregando palavras que se contradizem entre si, exprimimos contudo, no fundo, o mesmo exaltado impulso. O que nos dispõe uns contra os outros não são propriamente os nossos fins—que todos, em última análise, acabam por confundir-se—mas antes os nossos métodos, que são o fruto da variedade no nosso reciocínio ou modo de pensar.

Se temos de fato o propósito de compreender a humanidade e as suas aspirações, não devemos nunca opor à verdade em que um homem acredita, a que inspira fé a outro. Em outras palavras, se queremos ser bem sucedidos na obra de apreender o que é essencial no homem, cumpre-nos, antes de tudo, por de parte as paixões que nos dividem. Nada é mais facil que separar os homens em direitas e esquerdas, fascistas e democratas, reacionários e liberais—distinções aliás, todas estas, perfeitamente justas. Mas a verdade que nós conhecemos é aquela que clarifica, não aquela que confunde. A verdade é a linguagem que implica ou exprime a universalidade.

Não há, portanto, vantagem em discutir ideologias. O que todos precisamos é ser postos em liberdade. O homem que crava sua picareta na terra deseja que o seu esforço represente alguma coisa. O golpe do criminoso não é o mesmo do trabalhador, porque não tem sentido. A prisão não constitue mero incômodo físico, porventura horroroso. É o uso da picareta sem propósito que determina a prisão.

Queremos todos viver sem constrangimentos, e ativos. Mas os métodos que se suscitam, com a promessa de tais benefícios, não passam em geral de armadilhas, ou de motivos de desilusão. Podem os homens, sem dúvida, ser lançados a pleno na vida, metidos em uniformes, e ao som de cantos de guerra. É um caminho que se lhes abre, para partir o pão com camaradas, e encontrar o que procuram, que é o senso de qualquer coisa universal, de suficiência de si mesmo. Mas esse pão traz no seu âmago a morte.

É facil esculpir ídolos de madeira, e fazer reviver antigos mitos, como o Pangermanismo ou o Império Romano. Os alemães podem intoxicar-se à vontade com a idéia de ser germânicos e compatriotas de Beethoven. Um foguista, nos baixos de um cargueiro, toma essa bebida, e se embriaga. O mais dificil, porem, é tirar da caldeira um Beethoven.

São ídolos, mas ídolos carnívoros. O homem que morre pelo progresso da ciência, ou pela saude dos enfermos, serve, com a sua morte, a vida. Mas a guerra moderna destrói o que diz que pretende defender, senão até criar. A guerra a gás e bombardeios aéreos não é mais guerra; é uma espécie de cirurgia sanguinolenta. Cada beligerante se acastela atrás de uma muralha, e não vê nada melhor que despachar, cada noite, esquadrilhas de aeroplanos, para bombardear as entranhas do adversário, fazendo-lhe saltar as fábricas, paralisando-lhe a produção, aniquilando-lhe o comércio.

Tal guerra é ganha pelo que apodrece por último, mas, no fim, estão ambos podres.

Num mundo que se torna um deserto, sentimos sede de camaradagem. É o sabor do pão repartido entre companheiros que nos faz aceitar o preço da guerra. Mas há outros caminhos, alem da guerra, para corresponder ao ardor ou às ansiedades de uma raça, conduzindo-a praticamente à realização dos seus destinos. A guerra nos tem iludido. Não é exato que o ódio possa acrescentar alguma coisa à exaltação da raça.

Porque nos odiarmos uns aos outros? Vivemos a serviço da mesma causa, atravessamos a vida no mesmo planeta, formamos a tripulação do mesmo barco. Para emanciparmos o homem, basta que nos ajudemos reciprocamente a compreender que existe um objetivo, em realidade comum, pelo qual, em última análise, se bate o gênero humano. Porque então não marcharmos juntos, guiados pela estrela que nos une, ou pode unir-nos todos? O cirurgião não liga maior importância aos gemidos do seu paciente: acima do sofrimento está o homem, que ele trata de curar. Este cirurgião fala um idioma universal. Assim tambem o físico, às voltas com as equações quase divinas em que apreende o universo, do átomo à nebulosa. Se o próprio humilde pastor, que vai guiando o seu rebanho ao luar, bem compreendesse o seu papel, reconheceria a si mesmo a categoria de uma sentinela; e cada sentinela, entre os homens, é responsavel pelo conjunto do império.

Só quando nos tornarmos concientes da nossa parte, modesta embora, na vida, chegaremos a ser felizes, porque só então poderemos viver e morrer em paz, já que só isso empresta à vida e à morte a significação que as enobrece.

Para realizar a condição de homem, não é necessário fazer-se matar à roda de Madrid, conduzir em aviões malas postais, ou lutar insanamente na neve, alem do limite do respeito pela dignidade da vida. O homem, que pode ver num poema a centelha do milagre, recolher da música o mais puro dos gozos, repartir o pão com os companheiros, ou, como Bark, o escravo, compreender que as crianças precisam de brinquedos, abre a sua janela à mesma brisa refrigerante do mar. Aprende, o que é mais, uma linguagem humana.

São, entretanto, em demasia, os homens que ainda não despertaram, ou se têm mantido a dormir. Só o Espírito, se ele ferve sob a argila, pode criar o homem.

A mania dos autógrafos

¶ Certa senhora possuia uma coleção de cartas de personalidades eminentes, e tinha o costume de mostrá-la com grande orgulho às pessoas amigas. Embora nunca tivesse conhecido pessoalmente o escritor teatral Moss Hart, ela o perseguia constantemente com o pedido de um autógrafo, para abrilhantar a sua coleção de missivas. Finalmente, exasperado com a insistência, ele remeteu à colecionadora a seguinte mensagem:

«A Mildred, em memória dos felizes dias que passamos um nos braços do outro, em Miami. Moss Hart.»

—Elinor Rice

O comandante das Forças Expedicionárias Americanas detesta perder a aportunidade de um «bom sururú»...

Quem é o general Eisenhower

(Condensado da «Life»)

Por Lincoln Barnett

QUANDO o tenente-general Dwight David Eisenhower (*Ike* para os íntimos) se vê confrontado com um mau exemplar de burocracia militar, ou algum caso de pensamento embrulhado e confuso, em vez de resmungar ou de explodir segundo o estilo de tantos outros generais, limita-se a suspirar confrangedoramente: «Acho que a minha cabeça não dá pra entender isto. Veja se pode por o caso em termos mais simples.»

Palavras estas que deixam desarmados os oficiais mais novos, ao mesmo tempo que servem de severa reprimenda! Porque o atual comandante das Forças Expedicionárias Americanas é conhecido em todo o Exército dos Estados Unidos como homem de altíssima craveira intelectual. Pode-se dizer que, desde o dia em que saiu da Academia Militar de West Point, estava fadado pelos seus superiores a se tornar uma das melhores «possibilidades», entre os oficiais juvenís, para subir aos altos comandos. E saiu o primeiro classificado da sua turma, na Escola de Comando e Estado-Maior do Forte Leavenworth, no Kansas. Aos 52 anos de idade, Eisenhower ainda hoje tem alguma coisa de menino-prodígio, pois não faz dois anos era apenas tenente-coronel.

Fora, até aquí, um general de gabinete. Há no exército certa tendência a classificar os homens em «tipos»—tal qual em Holywood se arrumam os atores de cinema!—e Eisenhower, classificado no tipo *intelectual*, ficou alguns anos sentado a secretárias do Estado-Maior ou de Comandos, por via da sua especial capacidade.

Durante a primavera de 1942, na qualidade de chefe da Divisão de Planos de Guerra (hoje das Operações de Guerra), sobre os ombros de Eisenhower pesou a responsabilidade tremenda de congeminar a grande estratégia das forças militares norte-americanas no Novo como no Velho Mundo. Foi depois, em junho, que lhe meteram na mão o *nó* militar desta guerra: o comando supremo das tropas norte-americanas no teatro europeu de operações, que abrange forças terrestre, aéreas e navais. Coube-lhe assim a sorte —de que poucos generais têm gozado em tempos modernos—de demonstrar a viabilidade dos seus planos, ao transferí-los para o domínio prático da tática aplicada, com numerosas tropas sob o seu comando.

Eisenhower nunca se deixou submergir pelo papelório da burocracia militar. Prefere as rápidas entrevistas com

ALGUMAS SEMANAS antes de se desencadear a campanha da África do Norte, num gesto destinado a confundir as pessoas que sempre julgam «beber do fino», o tenente-general Dwight D. Eisenhower, mandou fornecer de equipamento polar várias das suas unidades anglo-americanas. Não contente com isso, despachou um dos seus próprios ajudantes para que lhe comprasse idêntico equipamento em diversas lojas do West End.

Correu logo em Londres o boato de que a Noruega ia ser invadida; e não tardou a chegar a notícia de que os alemães estavam consolidando e reforçando a toda a pressa as suas posições na Escandinávia!

Muitos dos correspondentes de guerra que o deviam acompanhar, tendo conhecimento do boato pelos «círculos bem informados», correram a comprar roupas de inverno, e um deles, ao embarcar para a África, até levava consigo um manual intitulado... «O Norueguês tal qual se fala!»

homens de autoridade profissional, às conferências formais dos comandos, que restringiu ao mínimo possivel. Mestre da prosa lúcida e concisa, vota um perfeito desprezo aos relatórios balofos, e ao que chama os «concursos transatlânticos de ensaios». Deu ordens para que os membros do seu estado-maior entrem à sua presença sem serem previamente anunciados, e quando algum oficial novato fica timidamente perfilado à porta do gabinete, com um papel na mão, Eisenhower tem uma maneira muito pessoal de lhe atirar: «Ora essa, se você tem alguma coisa a mostrar, traga logo! Não fique aí feito estátua, como se isto fosse o *boudoir* de alguma dama!»

Ao ser investido nas suas funções em Londres, de começo a energia profissional do general surpreendeu os seus colegas britânicos, em especial quando ele começou a covocar para os domingos de manhã as conferências entre os estados-maiores. Mais tarde, a sua assiduidade e dinamismo despertaram um coro de elogios. Porem, a qualidade que os ingleses mais admiram em Eisenhower, é o seu desassombro. Este traço de carater desenvolveu, com efeito, uma perfeita compreensão entre os estados-maiores americano e inglês. Graças ao seu hábito de dizer toda a verdade, sem qualquer segredo nem reserva, Eisenhower desenvolveu uma atomosfera de confiança mútua, que inspira os seus aliados a proceder com ele de modo idêntico. Brendan Bracken, ministro da Informação do gabinete inglês, já declarou que adora tratar de negócios com Eisenhower, porque «ele diz «*sim*» ou diz «*não*» sem hesitar, e tem sempre uma razão para o dizer».

O traço dominante do carater do general é talvez a sua luminosa cordialidade. Tem tendência a simpatizar com todo aquele que não for nazista ou japonês, e exterioriza tão visivelmente os sentimentos, que raro é não evocar logo na outra parte uma boa-vontade recíproca. Consoante diz sua esposa, «*Ike* tem o sorriso mais simpático que já vi num rosto humano, muito embora quando ele deixa de sorrir, a sua cara fique desolada como as pradarias do Kansas...»

Eisenhower permaneceu inacessivel às influências do meio, se bem que alguns dos seus oficiais tivessem começado a adquirir um «toque» do aprumo geralmente atribuido pelos americanos às fileiras superiores da hierarquia militar inglesa.

Certo dia, ao encerrar-se uma conferência de comandos que se realizara

numa sala bastante mal aquecida, ele causou espanto a alguns generais e almirantes da Grã Bretanha quando exclamou: «Rapaz, *isto* é que é frio!», e foi corredor em fora, trotando com os joelhos altos, à maneira dos jogadores de rugbi que se aquecem em frente das bancadas do campo!

Os ingleses têm a impressão de que Eisenhower é «muito americano» e «tipicamente do centro-oeste». O rádio de Berlim tem várias vezes comentado, num misto de sarcasmo e de afetação, o fato de que um general «alemão» (sic) está à frente do corpo expedicionário americano na Europa. Ora a verdade é que a família Eisenhower, se bem que de origem alemã, se encontra nos Estados Unidos desde 1730, e no decurso de várias gerações nela se têm infiltrado o sangue anglo-saxão e escocês-irlandês.

Eisenhower nasceu no Texas, na vila de Denison, e criou-se no Kansas. Jogador de futebol no time ginasial, tomou gosto, e sentiu-se estimulado pela hostilidade da multidão. Esteve muito tempo capitaneando o seu time escolar de beisebol.

Na Academia de West Point, Eisenhower se manteve no terço superior da sua classe. Jogou na linha média do time de futebol do exército, até que um dia partiu uma perna no jogo, e deixou o campo. Ainda não tinha a fratura completamente sarada, quando, andando a cavalo, tornou a partir a perna! Daí por diante voltou-se para a esgrima e a ginástica. Esta última fortaleceu-lhe a tal ponto os músculos que, por muitos anos, foi capaz de fazer três elevações seguidas com um só braço. Aprendeu a jogar o golfe aos 37, e aos 46 anos, tendo estudado aviação, tirou brevê de piloto.

Depois de graduado pela West Point, em 1915, Eisenhower foi colocado no 19 de Infantaria, em San António (Texas), onde uma bonita moreninha de 19 anos, Mamie Doud, logo lhe captou as simpatias. Alguns meses depois estavam casados. E hoje, um filho do casal acaba de completar o primeiro ano de West Point, bem dentro do terço superior de sua classe...

Durante a primeira grande guerra, Eisenhower serviu, a seu pedido, no incipiente Corpo de Tanques do exército, ficando a cargo do centro de treino de tanques no Camp Colt (Pensilvânia). Aí, à idade de 28, ganhou os galões de tenente-coronel, com 6.000 homens sob o seu comando. Terminada a guerra, recebeu a medalha de Serviços Distintos por «ter revelado zelo e previsão excepcionais, e acentuadas capacidades administrativas na organização, treino e preparação para o serviço ultramarino das tropas técnicas do Corpo de Tanques.» Conservou-se à testa do Corpo por mais quatro anos, durante os quais articulou certas teorias que, conquanto consideradas hoje ortodoxas, eram ao tempo heréticas e muito impopulares.

Se bem que geralmente considerado como especialista em tanques, Eisenhower foi sempre favoravel à aviação como arma de guerra. Na qualidade de chefe do Estado-Maior do general Douglas MacArthur, em Washington, durante alguns anos posteriores a 1930, Eisenhower cooperou na elaboração dos planos de centralização dos comandos aeronáuticos. Anos mais tarde, como assistente especial de MacArthur, organizou a aviação militar das Filipinas, estabelecendo aeródromos, especificando o material e esboçando os métodos de treino; preparou com MacArthur a

estratégia defensiva empregada sete anos depois contra os japoneses em Bataan e Corregedor.

As horas que lhe deixavam vagas as suas obrigações de militar, Eisenhower consagrava-as sempre ao estudo. Leitor rápido e vigoroso, é dotado de amplo gosto e duma memória prodigiosa. A sua especialidade é a história militar. Preocupam-no especialmente os fatores psicológicos que determinaram certas resoluções importantes dos grandes capitães.

Durante as manobras da Luisiana, no Outono de 1941, sendo chefe do estado-maior do Terceiro Exército do general Walter Krueger, participou na direção das operações táticas de 220.000 homens. A vitória do 3º Exército sobre as forças «inimigas» foi espetacular e decisiva! Através da poeira e da chuva, de florestas e pântanos, Krueger e Eisenhower manobraram com admiravel perícia. Findas as manobras, Eisenhower era general de brigada.

Os fatores que levaram o general Marshall a convocá-lo para a Divisão de Planos de Guerra, em Washington, e mais tarde a despachá-lo para o teatro de operações na Europa, são ainda um mistério para Eisenhower, que tem por costume encolher os ombros e esquivar-se a perguntas embaraçosas, dizendo: «Oh, isso foi alguem que disse ao general Marshall que eu era um tipo duro...» Recebeu a designação a 12 de dezembro, cinco dias após o ataque a Pearl Harbor. Durante seis meses trabalhou esforçadamente no Ministério da Guerra, de onde nunca saiu com luz do dia, — exceto quando, na primavera, partiu para Londres em missão de observador—até que foi assumir o seu posto na Europa.

Na qualidade de Chefe da Divisão de Operações, imediatamente abaixo do general Marshall, quanto ao poder de tomar decisões militares, tinha como função determinar para onde seriam expedidas as tropas norte-americanas, onde deviam tomar a ofensiva ou manter-se na defensiva, e quando deveriam participar na ação. Dele recebiam os comandos americanos, em ambos os hemisférios, as diretrizes da estratégia. Um dia, quando já estavam amadurecidos os planos para o teatro europeu de operações, Marshall disse ex-abrupto a Eisenhower: «V. vai assumir o comando das divisões européias. Quando pode partir?» Eisenhower engoliu em seco, e disse: «Amanhã de manhã.»

Ao chegar a Londres, em junho de 1942, após a queda de Tobruque, Eisenhower pressentiu uma infiltração sutil de derrotismo que ameaçava minar as tropas, assim as britânicas como as americanas. Logo na primeira conferência dos comandos assentou a lei: «Não saberemos tolerar o pessimismo nem o derrotismo,» declarou. «Todo oficial ou soldado que não for capaz de se erguer acima dos obstáculos reconhecidos, e das amargas perspectivas que nos estão reservadas, será afastado do serviço.»

A primeira tarefa de Eisenhower era a de um diplomata. Os comboios vomitavam diariamente milhares de soldados ianques nos portos ingleses, e a primeira tarefa do chefe supremo era *adaptá-los* à Inglaterra. Com a ajuda de organizações inglesas e da Cruz Vermelha, instituiu um gigantesco plano educativo que organizava excursões de turismo e levava os soldados através das regiões do *blitz*, para verificarem o que, em três anos de guerra, a Inglaterra sofrera às mãos do inimigo; os americanos eram convidados a jantar ou a to-

mar chá em casas inglesas; o jornal oficial das tropas americanas no ultramar, *Star and Stripes* (Estrelas e Listas) discutia nos seus artigos de fundo a bravura dos ingleses, e assuntos correlativos. A finalidade do comandante era criar entre *Yanks* e *Tommies* o espírito de camaradagem na luta. Homem de larga visão, apreendeu de relance que, no compasso de calma que precede a batalha, se formam as impressões que em larga medida virão a determinar os sentimentos reinantes entre as duas nações no post-guerra.

Eisenhower estava tambem metido até o pescoço na tarefa tremenda de alojar e equipar, vestir e nutrir milhares e milhares de homens, e temperá-los para as duras missões da guerra que os esperava. Começava o seu dia às 6.45, e raro era aquele em que regressava à toca antes das 20.30. Tinha sempre colegas para conferenciar com ele durante o jantar, e pouco tempo lhe restava para se repousar, antes de adormecer. E este campeão militar do poquer e do bridge, poucas oportunidades teve, na Inglaterra, para fazer um bom jogo.

Oficiais como soldados, todos acham dificil sentir-se atemorizados na presença do general; e quem pela primeira vez o vê, fica a cogitar como é que um homem tão excepcionalmente simpático poderá ser um praticante calculista da guerra... A resposta é que, para ele, esta guerra oferece mais do que um interesse meramente científico. Eisenhower está pessoal e extremamente empenhado em dar batalha aos nazistas. Tudo o que o sistema hitleriano incarna e representa é odioso para este homem ingenitamente crente na Democracia. Se Eisenhower vier a ter voz ativa quando se discutirem os termos da paz, é positivo que não se repetirão os erros fatais de 1918. A História, que ele lê muito, o convenceu de que o desejo insaciavel de domínio é atributo inerente à raça germânica. Nem sequer tenta *ver* as sutís distinções que por aí se fazem entre o povo alemão e o seu governo. A Alemanha, eis o inimigo: e urge torná-la inerme, impotente para jamais voltar a erguer-se em guerra.

¶ Certo inglês rico, dotado de *humour* extravagante, mandou construir em sua casa uma sala de cabeça para baixo. Os moveis, o tapete e demais objetos do chão foram colocados no teto; os quadros, os espelhos e as janelas, postos ao contrário nas paredes; as portas se viam junto ao teto, e no centro do soalho se erguia um grande candelabro. Com a sala assim arranjada, o truque favorito do ricaço consistia em embebedar os seus convidados e levá-los para aí em estado inconciente, deixando-os estirados no chão, junto ao candelabro. No dia seguinte ele punha à espreita, oculto, para se divertir com a singular situação das suas vítimas, quando despertavam. Quase todos, com exclamações de horror, se agarravam desesperadamente ao candelabro; outros tentavam grotescamente alcançar as paredes e se valer dos espelhos e das cortinas, para chegar ao *chão*. Há rumores de que o autor dessas pilhérias morreu de apoplexia, de tanto rir.

Lucius Beebe, N. Y. Herald Tribune

"Vós Revolucionareis o Intercambio Comercial"

Com licença, publicamos a seguir a tradução de uma carta recebida recentemente pelo nosso escritório de Buenos Aires de um fabricante de chapéus daquela praça. E' um exemplo interessante do concurso que a Pan American presta para comércio, à face das dificuldades irrogadas pela guerra.

Snr. A. Martin, Buenos Aires
Gerente do Tráfego,
Cia. de Aviación Pan American
Argentina, S. A.
Av. R. S. Peña 788, Buenos Aires.

Prezado Snr. Martin:

O ano passado fiz varios envios de amostras dos meus chapéus de feltro argentinos para diversos países sul-americanos. Os meus chapéus, de qualidade igual, se não superior, à dos chapéus antigamente importados da Tcheco-Eslováquia e da Itália, começaram a grangear-se marcada aceitação. Contudo, os problemas do transporte ocasionados pela guerra faziam com que eu desesperasse de reter os meus mercados, para não dizer expandí-los.

Recentemente recebí uma encomenda apreciável da firma Stella Lacorazza & Cia., de Bogotá, Colômbia. Estes senhores desejavam duzentas e dez dúzias dos meus chapéus da melhor qualidade. Francamente tinha muito pouca esperança de poder executar essa encomenda, mas lembrei-me de consultar V. Sas. acerca do expresso aéreo. Tive grande satisfação em ver que podiam dar cabimento ao embarque, a despeito das pesadas tarefas que a guerra lhes impõe.

Uma semana mais tarde os chapéus foram entregues em Bogotá. Isso significa dez vezes maior rapidez do que o transporte por terra ou mar em tempos normais, e o seu serviço resultou ser de custo comparável, em parte por causa das taxas vantajosas do seguro.

Essa circunstância me revelou dois fatos, a saber: (1) As firmas puramente comerciais como a minha devem muitissimo, indireta se não diretamente, ao serviço de transporte aéreo da Pan American. (2) Mediante viagens mais frequentes e os aviões maiores e mais rápidos que sem dúvida introduzireis depois da guerra, revolucionareis o intercâmbio comercial.

Hoje em dia cada quilo de expresso aéreo é alvo de tratamento preferencial na ordem de sua importancia no esforço bélico, mas há-de vir o dia em que se utilize completamente o transporte aéreo na criação e mantença de melhores relações comerciais do que jamais sonhadas neste hemisfério.

(Assinado) Juan A. Rassetto

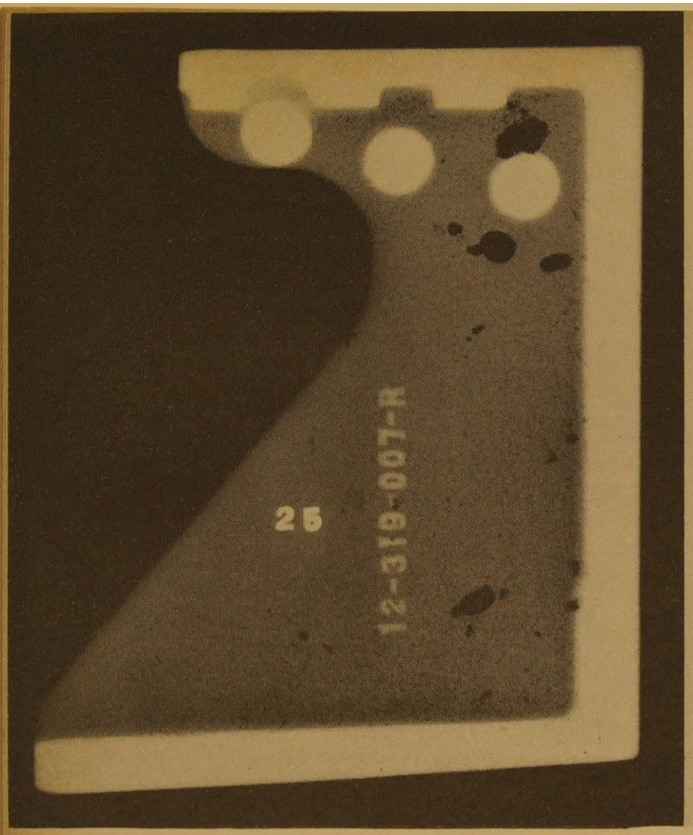
Como o disse muito bem o Snr. Rassetto, os serviços da Pan American hoje em dia dão toda a preferência aos assuntos relativos ao esforço bélico, para acelerar assim a vinda das oportunidades dos tempos de paz. Todavia, as dificuldades de hoje são muito grandes e devemos pedir vênia pelas dilações e outras deficiencias do serviço, por circunstâncias alheias à nossa vontade.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na America Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviacion, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.



ACIDENTE FATAL QUE NÃO CHEGOU A DAR-SE!

Esta radiografia do metal destinado a uma peça essencial da estrutura de um avião mostra claramente que êle tem defeitos. Não será necessário perder tempo a torneá-lo, nem a montá-lo na armadura do avião. E a tripulação deste não ficará sujeita à grave possibilidade de acidente, por via da deficiência dos metais empregados na construção do aparelho . . . De maneira que, apesar dos seus ares pouco imponentes, esta foto é realmente de altíssima significação.

O filme radiográfico descobre defeitos invisiveis

OS raios X são dotados de grande poder de penetração. O olho humano não pode vê-los, mas nem por isso eles deixam de impressionar um filme fotográfico muito sensivel. E sabido como atravessam a carne e os ossos: toda a gente tem visto radiografias. Esses raios atravessam até metais.

As pesquisas e a técnica da Kodak tornaram viável a produção de filmes tão sensiveis, que com as modernas máquinas de raios X podem radiografar—fotografar a raios X—a estrutura interior mesmo de metais densos, como chapa de blindagem com muitas polegadas de grossura.

Todos os dias se usam milhares de "folhas" de Filme Industrial Kodak para Raios X, para examinar barras de alumínio destinadas à produção de aviões. Esta salvaguarda permite empregar 25 por cento menos de metal—peso antigamente acrescentado para compensar possiveis defeitos ocultos. Poupa-se assim material, economiza-se trabalho, e salvam-se vidas preciosas!

A vasta adoção do Filme Industrial Kodak para Raios X foi intensificada pela urgência da guerra. Os pedidos insistentes congestionam nossas facilidades de produção. Mas agora, que este processo de teste prévio demonstrou tão concludentemente o seu mérito, todos podem estar certos de que ele continuará a servir em tempo de paz, na prevenção contra os defeitos ocultos no material que comprarem. Eastman Kodak Co., Rochester, N. Y., E.U.A.

KODAK . . .

a fotografia ao serviço do progresso humano

Terceiro de uma série de anúncios

VITÓRIA

Não há hoje nas Américas um cidadão pensante que não compreenda que a Vitória nesta guerra só poderá ser alcançada através da unidade continental.

Unidade de pensamento, unidade de objetivos e unidade de ação, são fatores tão essenciais ao êxito—não só de nossos próprios esforços mas dos de nossos Aliados—que se tornaram como que a fronteira que separa da morte aquilo que conhecemos por Civilização.

Já não é mais possivel a qualquer cidadão, seja qual for o seu país, deixar de fazer tudo quanto estiver ao seu alcance para preservar tanto a forma quanto o espírito da unidade.

Já não basta reconhecer meramente as solenes obrigações que nos impõem dar o máximo e melhor do nosso apoio material e moral às forças da Liberdade.

Devemos manter-nos à altura dessas obrigações, por todas as maneiras possiveis, e especialmente no que respeita à produção de material de guerra e à sua remessa rápida para os pontos onde ele se torne necessário.

Bem o sabem os milhões de homens já integrados na forças armadas, ou prestes a nelas entrar; mas o que eles mais querem saber, é que nós, os da "frente interna"—todos e cada um de nós—estamos unidos no mais alto sentido da palavra, e que todos lhes estamos assegurando o nosso apoio por todos os meios ao nosso alcance.

Vivemos num tempo em que os atos, e não as palavras, devem falar mais uma vez pelas nações da América; e do mesmo modo que os homens que estão em armas, é preciso que o mundo inteiro saiba que, sem distinção de raça, credo ou partido, os homens e mulheres da América, estejam onde estiverem, estão na linha de fogo, e que nenhum sacrifício que lhes seja exigido será demasiado grande, se dele puder resultar a Vitória.

Thos. J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

Até alcançar a VITÓRIA...

NOS campos de batalha dos cinco continentes, os soldados das Nações Unidas marcham, lenta mas seguramente, para a Vitória . . . Atrás deles, outros milhões de "soldados da indústria" fabricam armamentos da mais alta qualidade, convencidos de que quando a batalha é cruel e violenta, a vantagem está do lado dos homens de invencivel coragem e resistência que disponham de melhores armas de guerra.

Agora, o trabalho principal da Westinghouse é fabricar parte do armamento que os nossos soldados precisam para alcançar a Vitória. Com orgulho assumimos a responsabilidade de nos desempenharmos bem—por êles—da parte que nos corresponde neste tão importante trabalho. Sabemos que isso exigirá que usemos todos os nossos recursos, energia e determinação...mas também sabemos que os nossos sacrifícios, qualquer que seja a sua extensão, serão insignificantes comparados com a coragem e sacrifícios dos homens que dependem do nosso esfôrço.

Até que a Vitória recompense os esforços das Nações Unidas esqueceremos os nossos trabalhos dos tempos de paz . . . depois, em mundo livre, novas oportunidades se apresentarão para fazer a eletricidade contribuir para a felicidade e saúde humanas em todo o mundo.

WESTINGHOUSE ELECTRIC
INTERNATIONAL COMPANY
40 Wall Street, Nova York, E. U. A.

PRODUTOS WESTINGHOUSE PARA A GUERRA— Balas contra couraças • Materiais navais • Espoletas para bombas • Binóculos • Materiais para tanques • Acessórios militares para rádio • Partes plásticas para aviões • Material para iluminação de portos de aviação • Turbinas e engrenagens para navios de guerra • Materiais para obscurecer fábricas.

PRODUTOS WESTINGHOUSE PARA O PUBLICO— Refrigeradores* • Rádio-Receptores** • Fogões • Esquentadores* • Ventoinhas* • Ferros de Engomar* • Lavadoras* • Máquinas de Engomar* • Aspiradores* • Acondicionamento de Ar** • Refrigeração Comercial** • Lâmpadas e Material Iluminante • Comutadores e Tomadas • Ascensores** • Material de Raios X • Contadores • Relais • Pára-Raios • Interruptores de Circuitos • Geradores • Turbinas a Vapor • Motores • Transformadores • Isoladores • Rectificadores • Material de Transporte • Soldagem a Autogêneo.

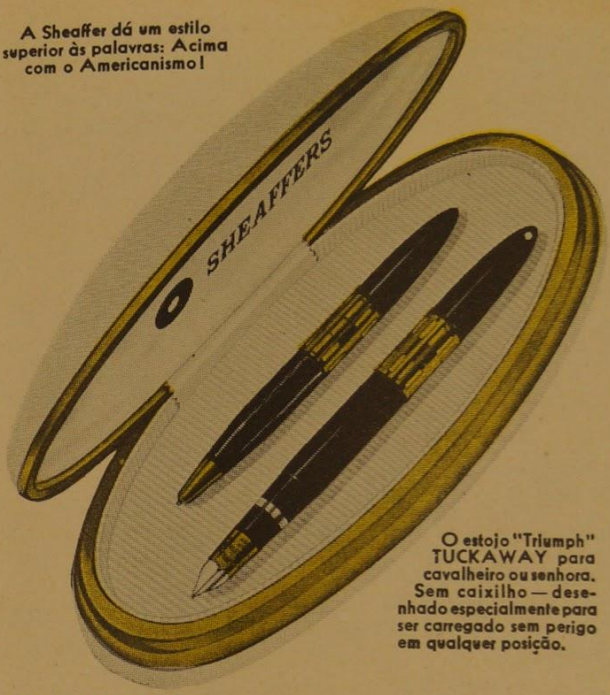
**Não serão fabricados enquanto durar a guerra*
***Uso estritamente limitado às exigências da guerra*

A emissora Westinghouse de onda curta WBOS, Boston, E.U.A. irradia das 5:30 da tarde às 12 da noite, Hora de Nova York . . . 11,870 Kc. (25.3 M.).

Westinghouse
FUNDADA EM 1886

...PONDO A ELETRICIDADE AO SERVIÇO DA VITÓRIA

A Sheaffer dá um estilo superior às palavras: Acima com o Americanismo!



O estojo "Triumph" TUCKAWAY para cavalheiro ou senhora. Sem caixilho — desenhado especialmente para ser carregado sem perigo em qualquer posição.

"TRIUMPH" não requere tinta especial. Use tinta Skrip de Sheaffer — seca depressa, não é pegajosa.

Um NOVO prazer em escrever com a caneta permanente "TRIUMPH" de SHEAFFER'S

Sheaffer tem a honra de apresentar a V. Ex. para o vosso prazer em escrever uma caneta permanente completamente nova—a ultima palavra em instrumentos de escrever. A nova "Feathertouch" tem um aparo "Sheath" em ouro de 14K. e possue um grande "Flo-Rite" de tinta. O aparo "White Dot" é garantido por toda a vida, em estojo com lápis "Fineline." A melhor e a mais moderna caneta permanente que V. Ex. pode possuir—ou oferecer. W. A. Sheaffer Pen Co., Fort Madison, Iowa, U. S. A.

Representantes Gerais Para O Brasil
M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843 — Rio de Janeiro

CUBA-TINTEIRO SKRIP
usavel até a ultima gota

Tapa com o "Circulo Mágico"

A tinta equilibrada faz com que todas as canetas escrevam melhor. Corre suavemente, seca depressa, não é pegajosa. Permanente ou lavavel.

É ESSA A SUA IDÉIA FIXA. O seu andar torna-se mais lento, sua voz mais suave, seu olhar mais meigo. Os sapatinhos que tece amorosamente, revelam o segredo da futura mãe.

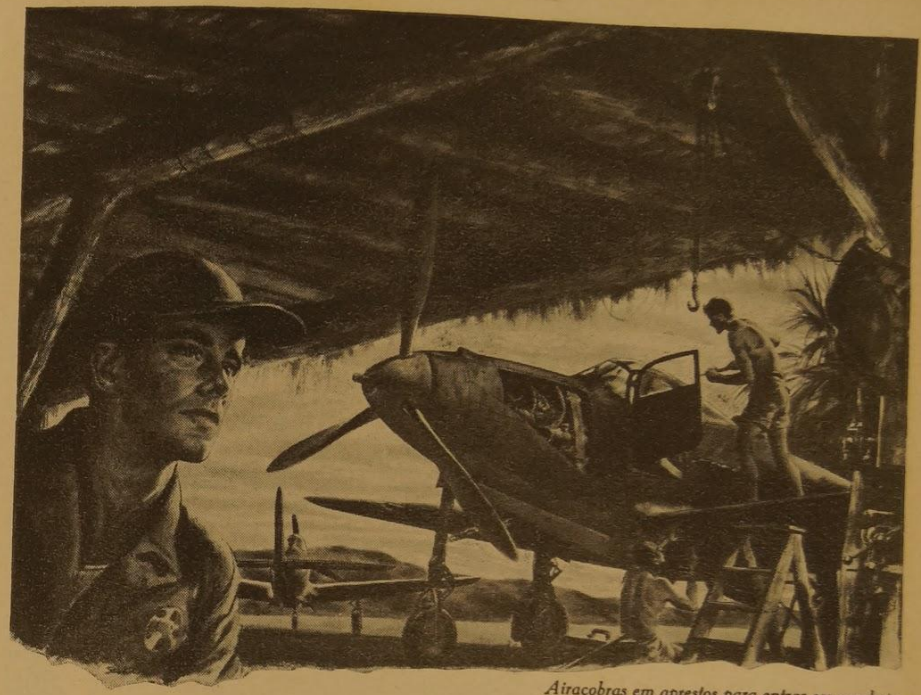
E surgem tambem, então, alguns distúrbios gástricos—acidez, náuseas, indigestão. Hoje, não há motivo para sofrê-los... já que o Leite de Magnésia Phillips, com a sua ação tríplice, oferece imediato alívio, porque...

1. Neutraliza rapidamente a acidez intestinal. Phillips combate náuseas e vômitos.
2. Laxa suavemente sem causar contorsões. Phillips combate a indigestão.
3. Tonifica o aparelho digestivo. Phillips proporciona o bem-estar.

E quando chega o bebê, Phillips é indispensavel, pois evita que o leite materno se «coalhe» no seu delicadíssimo estômago, com os subsequentes vômitos. Por isso, tenha sempre no seu lar, para si e seu bebê, esse antiácido-laxante, rápido e eficaz.

AS AMÉRICAS UNIDAS UNIDAS VENCERÃO!

LEITE DE MAGNÉSIA PHILLIPS



Airacobras em aprestos para entrar em combate

Apresentando JOE BROWN, Mecânico de Aviação

Cuidadosamente disfarçada aos olhos do inimigo, esta base aérea dos Aliados, num país distante, está sempre alerta. Com expedita disciplina, a brigada da pista apresta um Airacobra para a luta decisiva que em breve irá travar.

Que qualificações têm estes homens, a cujo cuidado se confia a vida dos pilotos? Aquí temos Joe Brown, mecânico de aviação, da brigada de pista ...

Quando Joe entrou para o exército, submeteram-no a um pequeno treino preliminar de aviação, e depois mandaram-no para a escola de treino da Bell Aircraft.

Hoje, numa frente distante, desempenha funções de que qualquer homem poderia se orgulhar: porque o domínio do ar depende não só de aviões e de pilotos, mas tambem da competência e do rigor com que os aviões são revistos e aprestados pelos homens da pista.

Não esquecemos Joe e os seus companheiros, mecânicos da Aviação Militar. Muitos dos nossos técnicos, altamente treinados, estão cooperando com eles nas frentes mais distantes, solucionando problemas de serviço que nenhum teste de laboratório poderia esclarecer.

Desta maneira estamos aprendendo muita coisa essencial a respeito da aviação, que virá a ser de incalculavel benefício na construção de aviões para a paz futura do mundo. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, Nova York, E. U. A.

Airacobras para a vitória—

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR

Artérias de Aço da Vitória

Os comboios da Liberdade estão transportando canhões, aviões, tanques, munições, mantimentos, combustivel e soldados para todas as frentes de combate do mundo. Foram eles que desencadearam as forças da Liberdade nas costas do norte da África, para proteger *toda* a América dos ataques navais e aéreos do inimigo, no Atlântico Sul.

Para manter desimpedidas essas artérias por onde corre o sangue da Vitória, as Américas têm de construir incontaveis centenas de navios,—e todos eles são de *aço!* Estão-se hoje construindo navios, no Hemisfério Ocidental, mais depressa do que em tempo algum. E a sua construção requer milhões e mais milhões de toneladas de aço,—incluindo chapas de aço que podem ser rebitadas ou soldadas rapidamente.

Há para cima de dois anos, os dirigentes da Republic previram esta enorme procura de chapa de aço. Com a visão e a coragem que caraterizam os Homens Livres da América, *fizeram o que era necessário para a satisfazer.* Converteram a tremenda prensa laminadora da Republic—que era a maior do mundo no seu tipo (98 polegadas), e que produzia largas chapas e tiras de aço para automoveis, e um sem-fim de outros artigos para consumo em tempo de paz, em produtora de chapas de aço para a Vitória.

Precisamente em 18 meses, a Republic aumentou mais de 5 vezes a sua produção dessas chapas, cuja importância essencial é ocioso encarecer.

Atualmente, tendo batido todos os recordes de produção de inúmeros tipos de aço para a guerra, os Homens de Aço da Republic estão lutando—como *todos nós* devemos lutar—para manter intactas as Liberdades da América.

Entre outros artigos, a Republic Steel produz: Ligas, aço inoxidavel, aço ao carbono; ferro Toncan; barras e congêneres; chapas, lâminas, chapinhas; tubos e canos soldados a eletricidade; porcas e cavilhas; folha de Flandres; materiais de revestimento e cobertura; seções especiais; materiais de construção; materiais de drenagem; arame e artigos de arame.

VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave., New York, N. Y., E.U.A. Endereço telegráfico: «TONCAN»

Escritórios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Venezuela, Ilhas Virgínias.

de POLO a POLO

TODOS AMERICANOS!

SEMPRE UNIDOS

VANTAGEM DERIVADA DOS CONTRATEMPOS

• A princípio, muitos homens de negócios das Américas sentiam que a escassez originada pela guerra só poderia redundar em desvantagens. Hoje eles aprenderam que é possivel tirar vantagem de algumas delas.

• Os homens de negócios estão obtendo, de vários modos, maiores benefícios do que pensavam, de tudo quanto é equipamento. Novos usos, meios mais rápidos de obter iguais resultados, economias de mão-de-obra e de gastos — tudo foi possivel alcançar pelo cálculo e pelo engenho.

• O essencial agora é que se obtenha todo o proveito das Caixas Registradoras e Máquinas de Contabilidade National que estão em uso. Os escritórios das Caixas Registradoras National, S.A., em todo o Brasil, ficam à disposição dos seus clientes para qualquer serviço e consulta, com o fim de assegurar os melhores resultados ao capital invertido nos produtos da National, e que suas máquinas continuem a operar eficientemente.

National

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Araraquara, São Paulo
Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Fortaleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baía

Deliciosa **quente**

Apenas alguns instantes são necessários para fritar ambos os lados das fatias. Sirva com ovos, legumes ou macarrão.

...ou fria *Corte em fatias tal como vem da lata e sirva com saladas ou outros frios, ou em sanduíches.*

— e rica em valores nutritivos!

CONHEÇA ÊSTES OUTROS PRODUTOS SWIFT

Salsichas
Pâtés
Perú
Línguas
Presuntos
Bacon
Carne de Porco
Corned Beef
Carne Cozida
Extrato de Carne
Tuco (para massas)
Galantina
Banha

APRECIADA por tôda a família, devido ao seu sabor e ao valor nutritivo! Para quando chegar uma visita inesperada, ou para completar deliciosas refeições, Presuntada, por seu excelente sabor, será apreciada por todos. Presuntada pode ser servida tal como vem acondicionada, poupando, assim, tempo e combustível. É de delicado sabor quando servida fria e igualmente saborosa se desejá-la quente.

No preparo de Presuntada, por processo exclusivo da Swift, só entram tenros presuntos e suculentas carnes de porco. Não deixe faltar Presuntada em sua despensa. Verá então quantas vezes e de que fácil modo seus problemas culinários são prontamente resolvidos.

CIA. **Swift** DO BRASIL S/A

Há mais de um quarto de século distribuidores mundiais de produtos brasileiros

J. W. T.

Agora todas as demais canetas parecem antiquadas!

Escreve sêco... com tinta úmida!

Diferente de todas as outras, a caneta Parker "51" sobressai, tanto em aspecto como em funcionamento! Em verdade, é a caneta *de amanhã* . . . ei-la aquí, hoje, em toda a sua perfeição moderníssima!

Sua ponta de "torpedo" funciona no instante em que toca o papel, e responde veloz a expressar seus pensamentos. Como por "encanto," diria V.S. . . .

Porem há mais . . . Dispensa o mata-borrão! Porque a Parker "51" é a caneta feita expressamente para escrever com a nova e rápida tinta Parker "51." Escreve *seco!*

Goze hoje mesmo da nova e grata sensação de escrever com este novo tipo de caneta! Observe sua elegância, beleza e distinção, e prove a sua ação extraordinária em combinação com a Tinta Parker "51."

PARKER "51"

♦ GARANTIA VITALÍCIA—*O Diamante Azul que se vê na Caneta Parker é a Garantia Incondicional do fabricante, de Serviço por toda a vida do dono, sem outro encargo além do porte, seguro e embalagem, se a caneta não for intencionalmente danificada e nos for devolvida completa.*

TIMKEN

MARCA REGISTRADA

ESTA MARCA IDENTIFICA OS PRODUTOS DUMA IMPORTANTE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL AMERICANA

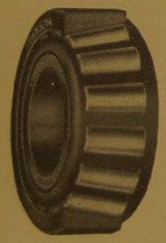
Um dos recordes mais salientes do progresso e desenvolvimento técnicos na história da indústria americana, foi alcançado pela Timken Roller Bearing Company. As chumaceiras cônicas de rolamento Timken apareceram pela primeira vez há 40 anos, nos veículos puxados a cavalos. Quando surgiram os primeiros automoveis, empregaram-se neles as chumaceiras Timken. A companhia foi crescendo com a indústria do automovel, e hoje 90% de todas as marcas de carros são dotadas de chumaceiras Timken.

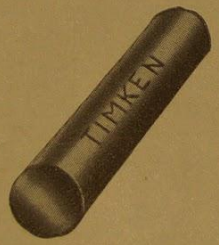
Nas últimas duas décadas as chumaceiras Timken conseguiram penetrar todos os ramos industriais, lavoura e mineração, melhorando o funcionamento da maquinaria, reduzindo gastos, e aumentando a sua duração.

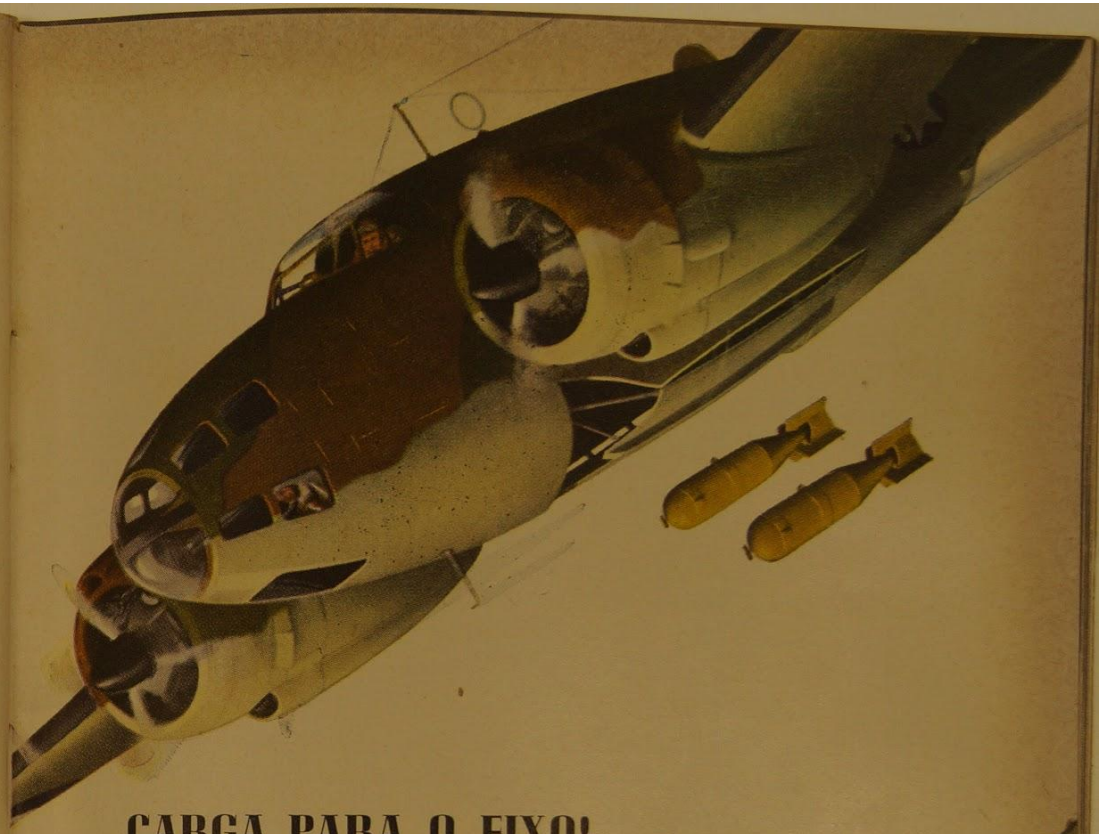
O melhoramento do aço pela Timken foi uma necessidade com o fim lógico de obter o perfeito aço para chumaceiras. Hoje a Timken é uma das marcas registradas mais bem conhecidas entre os compradores de ligas de aço e canos inteiriços de alta qualidade.

Outro produto que tambem se destaca é a broca Timken de perfurar rochas, que vem revolucionando as perfurações em minas, pedreiras e nas construções de edifícios.

A marca registrada Timken é um inconfundivel padrão de qualidade, onde quer que se encontre. The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E.U.A.







CARGA PARA O EIXO!

Hoje, em «certa parte do mundo», os maciços bombardeiros «Ventura» Vega estão despejando suas cargas sobre o Eixo... batendo forte... e onde mais dano causam.

Exatamente onde e como, não sabemos, até ver os comunicados oficiais... Talvez uma base aérea demolida aos japoneses... ou o aniquilamento de unidades navais dos nazís.

Para essas tarefas foram criados os «Venturas»... as mesmas tarefas que têm sido levadas a cabo por seus irmãos veteranos, os «Hudsons» Lockheed, desde o início das hostilidades. E estes «Venturas», maiores e com o dobro do armamento, não só vêm mantendo a tradição de família, mas até a estão superando. Lockheed Aircraft Corporation... Vega Aircraft Corporation... Burbank, Califórnia, E.U.A.

Subsidiária da Lockheed

Vega Aircraft Corp.

NOTAS

NA PRODUÇÃO DE GUERRA

Meses a fio, permanecem acesas pela noite a dentro as luzes nos laboratórios da Philco. E' que, em matéria de pesquisas e progressos eletrônicos, a Philco talvez esteja fazendo ā sua maior contribuição para a Vitória. Sob as dolorosas contingências da guerra, os laboratórios da Philco estão realizando milagres na ciência eletrônica, muitos dos quais têm direta aplicação em produtos de tempo de paz. Amanhã, êsses milagres constituirão novos confortos, maiores facilidades e melhores diversões para a satisfação de tôdas as Américas.

PHILCO

FABRICANTES, EM TEMPO DE PAZ, DE REFRIGERADORES E APARELHOS DE AR CONDICIONADO

Protejamos a Vista das Crianças

NESTA guerra mundial contra as fôrças da tirania e opressão, o futuro de tôdas as crianças das Américas está em perigo. É para proteger a sua liberdade que estamos combatendo agora.

Ainda que as fábricas muito expandidas da Bausch & Lomb estejam trabalhando dia e noite em fornecimentos de material de guerra, continuamos fabricando a maior quantidade possível de lentes oftálmicas para a indispensável proteção do grande tesouro da vista.

Prestemos à vista de nossos filhos a atenção precisa para que se mantenha na sua maior perfeição. O desenvolvimento completo da sua perspicaz inteligência depende da condição da sua vista. Para êste fim, ainda podemos fornecer as lentes de precisão Bausch & Lomb.

BAUSCH & LOMB
DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

AS CANETAS TINTEIRO ESTERBROOK TAMBEM VÃO PARA A *GUERRA!*

As nossas forças de ar, terra e mar estão usando quantidades tão grandes de Canetas Tinteiro Esterbrook, que nos é impossivel atender a todas as necessidades civis. A Esterbrook espera a vossa compreensão e paciencia durante esta emergencia.

42-4

Esterbrook CAMDEN NEW JERSEY, E. U. A.

A ARMA MAIS EFICAZ DA GUERRA MODERNA É *Invisivel*

Essa arma—são as *rádio-comunicações.* Elas tornam possivel a estratégia, as manobras, a rigorosa coordenação dos ataques que hão-de trazer a Vitória às Nações Unidas.

Em todos os tipos de combate, como em todas as frentes, as rádio-comunicações são um elemento imprescindível da nossa capacidade defensiva e ofensiva.

Estamos na presença de uma guerra dirigida pelo rádio, e todos os recursos técnicos e científicos da RCA estão ao serviço da força armada, contribuindo para a causa da Vitória. Em cada uma das fábricas RCA, operários, engenheiros e homens de ciência, todos labutam de dia e de noite para produzir mais e melhor material de rádio, e para fazê-lo mais depressa—de modo que os exércitos, as esquadras, as frotas aéreas das Nações Unidas possam ganhar uma vitória mais rápida e mais segura.

Dessa Vitória resultará uma nova era em que os homens serão mais livres—não só da opressão, mas tambem das tiranias do espaço e do tempo—graças ao rádio e à eletrônica!

RCA VICTOR

RÁDIO — ELETRÔNICA — TELEVISÃO • APARELHOS DE SOM E ACESSÓRIOS

Camden, New Jersey, E. U. A.

RCA Victor Brasileira • Caixa Postal 2726 • Rio de Janeiro, Brasil

COM UNIDADE
LIBERDADE

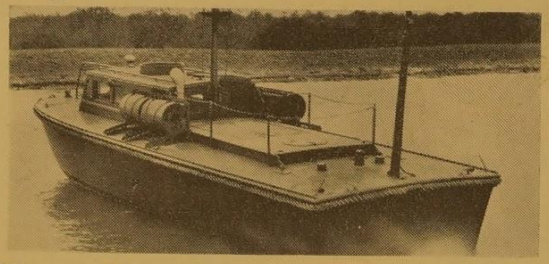
No ano findo, a

HIGGINS

alcançou a

MAIOR PRODUÇÃO DE LANCHAS

QUE REGISTRA A HISTÓRIA DO MUNDO



ARMY E NAVY

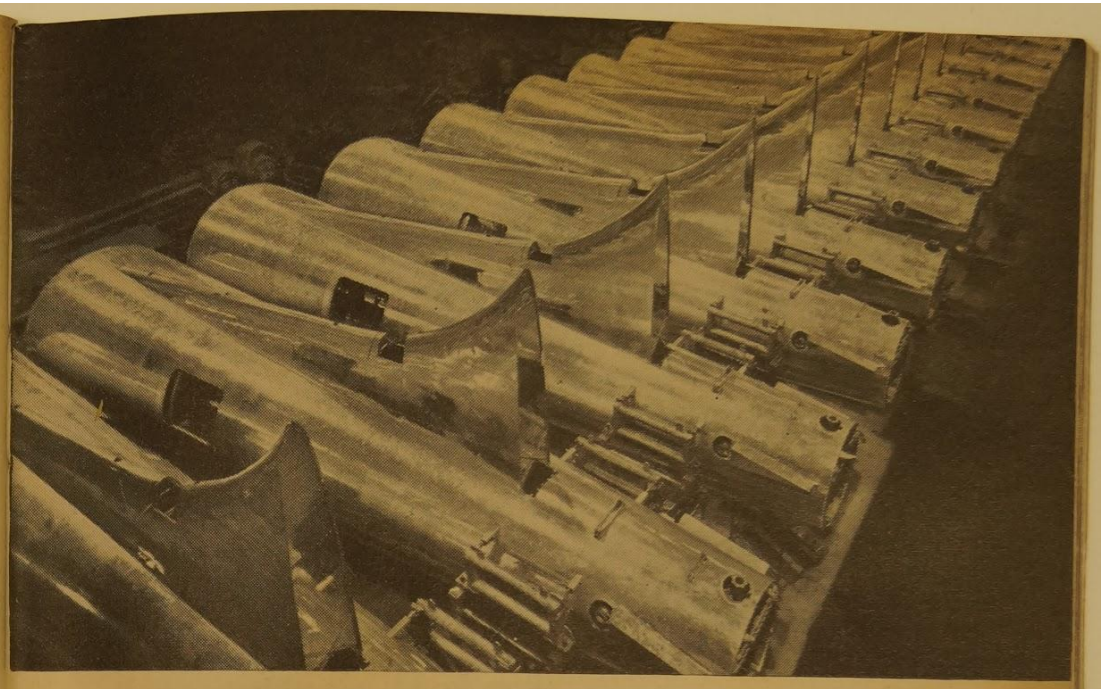
★

—as LANCHAS aperfeiçoadas nos Laboratórios da Guerra serão do público, em tempo de Paz!

HIGGINS INDUSTRIES, INC.

NEW ORLEANS, U. S. A.

Os maiores construtores de lanchas no mundo



Dos Dentes do Dragão

Diz uma velha lenda oriental que os dentes do dragão se transformavam numa hoste de guerreiros, armados de ponto em branco para a guerra!

A nossa gravura representa a reconstituição dessa lenda. . . . Aí temos nós os dentes reluzentes do dragão, em via de se transformarem numa esquadrilha de Fortalezas Voadoras★ Boeing—a mais terrivel das armas aéreas!

E a lenda renasce todos os dias mais vigorosa, pois, desde a entrada dos Estados Unidos na guerra, os operários e os estrategistas de produção da Boeing vêm construindo as Fortalezas a um ritmo cada vez mais acelerado. Atualmente, o índice de produção é muitas vezes maior do que era no dia de Pearl Harbor. (Graças á sua eficiência, a Boeing foi a primeira empresa produtora de aviões a ser distinguida com o prêmio de eficiência do Exército e Marinha.)

O sistema de produção da Boeing é o único do seu gênero na indústria aeronáutica. Baseado no princípio da "densidade da produção," o sistema Boeing utiliza da maneira mais racional e eficaz os homens e as máquinas, os materiais e o espaço fabril.

Tão flexivel é este sistema de produção, que por meio dele se torna possivel fazer rapidamente importantes modificações de traçado, sem mesmo interromper os programas de produção.

A concentração de todas as facilidades de produção—de tal modo que a fábrica constitue uma "unidade" perfeitamente coesa—torna possivel um fluxo rápido e contínuo de peças entre a manufatura e a oficina de montagem. Na fabricação da Boeing B-17, por exemplo, o avião é dividido em diversas unidades principais. A medida que estas vão sendo manufaturadas e montadas, convergem para a estação final de montagem, onde se conjugam para produzir a Fortaleza Voadora, completa, com seus delicados instrumentos, artilhagem e equipamento, pronta a largar, num rugido, para os distantes céus de batalha. . . .

A crescente eficiência da produção . . . tanto na paz como na guerra . . . é apenas um dos muitos planos que fazem parte constante dos programas de engenharia e construção da Boeing, em Seattle, no Centro-Oeste e no Canadá.

BOEING

CREADORES DA FORTALEZA VOADORA • DO STRATOLINER • DOS CLÍPERES PAN-AMERICANOS

★ *Os nomes "Flying Fortress" e "Stratoliner" são propriedade exclusiva da Boeing. Direitos registados.*

Agora, este esplêndido creme de barbear contem Lanolina

—a substância há muito famosa pelo seu poder de amaciar e suavizar a pele!

LANOLINA assemelha-se muitíssimo à gordura natural da pele humana. Não é um composto sintético, mas um derivado da lã.

Há muito que o mundo médico reconheceu, como um fato inconcusso, a ação suavizadora da Lanolina. Lanolina é receitada constantemente pelos médicos para o tratamento das irritações epidérmicas.

Agora no Creme de Barbear Williams

A "The J. B. Williams Co." mistura agora Lanolina ao Creme de Barbear Williams.

O Creme de Barbear Williams, com Lanolina, produz espuma densa que amolece bem a barba, permitindo fazê-la depressa e bem. Lanolina alivia a sensação de repuxamento e de ardor que se sente ao escanhoar a barba e deixa à pele uma sensação agradavel de macieza e frescura.

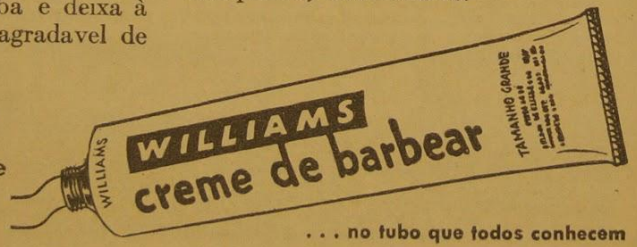
Não contem coloração artificial

Ingredientes inferiores em creme de barbear dão-lhe uma côr desagradavel que pode ser disfarçada pela adição de uma coloração artificial. Tais ingredientes e coloração podem irritar a pele. Observe a alvura do Creme de Barbear Williams. Feito com ingredientes puros, de primeira qualidade, é suave e ameno à pele.

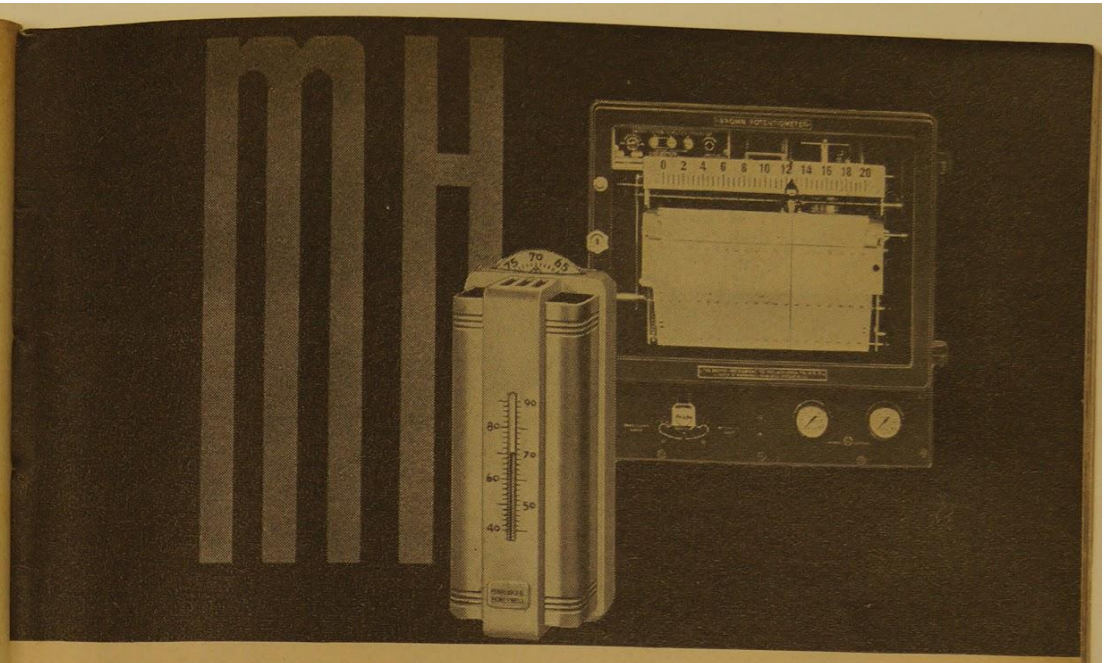
As vantagens deste novo Creme de Barbear Williams são incontestaveis, pelo que não hesitamos em afirmar ser o melhor creme que Williams já produziu. E tudo que Williams tem feito em mais de 100 anos de existência, é sempre da melhor qualidade.

Adquira um tubo do novo Creme de Barbear Williams, feito com Lanolina. Verifique como pode, com prazer, escanhoar-se.

Contem a suavizante **LANOLINA**



. . . no tubo que todos conhecem



Aparelhos de Controle para Indústrias em Expansão

ATRAVÉS da rápida expansão industrial que está-se verificando no grande continente sul-americano, é crescente o interesse que desperta o problema do "Controle"—controle da moderna aparelhagem de aquecimento e condicionamento do ar, em edifícios públicos, casas de apartamentos e outras;—controle para melhoramento da produção em todos tipos de indústrias—conservação de carnes, energia, destilação, cervejaria, mineração, cimentos, produtos químicos e farmacêuticos, artigos de toalete, para citarmos alguns apenas. A Minneapolis-Honeywell é conhecida há mais de 50 anos como a empresa fabricante de controles de temperatura mais importante do mundo. Sua subsidiária, The Brown Instrument Company, é de há muito reputada pela sua manufatura de instrumentos de registo, indicação e controle, para todos os ramos industriais. Exponha-nos V.S. o seu problema, e o nosso mais próximo distribuidor irá visitá-lo para uma consulta, à sua inteira conveniência. Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Export Department, 4422 Wayne Ave., Philadelphia, Pa.

COM UNIDADE LIBERDADE

★ ★ ★ ★ TEMPERATURE CONTROLS BY ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTS BY **BROWN** FOR INDUSTRY

ELEVADORES OTIS

A DEFESA DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL
EXIGE A COMPLETA UTILIZAÇÃO DA
CAPACIDADE PRODUTIVA DOS ESTADOS
UNIDOS, AFIM DE REALIZAR TODO O
ESFORÇO NECESSÁRIO À GUERRA

TORNA-SE POR ISSO DIFICIL
O SUPRIMENTO DE PEÇAS
PARA ELEVADORES,
EXCETO AS QUE SÃO ESSENCIAIS
PARA O PROSSEGUIMENTO DA GUERRA.

NOSSA ORGANIZAÇÃO LIMITA-SE
AGORA À CONSERVAÇÃO
DE INSTALAÇÕES JÁ EXISTENTES,
PARA A SUA SEGURANÇA,
POR MEIO DO NOSSO SERVIÇO
DE MANUTENÇÃO E ACESSÓRIOS OTIS.

OS ENGENHEIROS DA OTIS ESTÃO PRONTOS A
FORNECER DADOS A ARQUITETOS E PROPRIETÁRIOS,
NO QUE CONCERNE A ELEVADORES, QUER PARA
PROJETOS JÁ AUTORIZADOS, QUER PARA OS FUTUROS.

OTIS ELEVATOR COMPANY

BUENOS AIRES
MONTEVIDEU
SAN JUAN
RIO DE JANEIRO
HAVANA
CAPITAL DO MÉXICO
BOGOTÁ
CAPITAL DO PANAMÁ

AGENTES EM OUTRAS CIDADES LATINO-AMERICANAS

POTÊNCIA
para Transporte de Tonelagens

As grandes tonelagens do futuro irão pelo ar—homens e materiais poderão atingir qualquer parte do mundo no mínimo de tempo, e ao mais baixo preço por tonelada-milha. A pesquisa e a produção sem rival da Wright fornecerão a fôrça-motriz aos vindouros gigantes do céu.

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO
A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense Tem a Licença Para Fabricar os Motores Wright Whirlwind

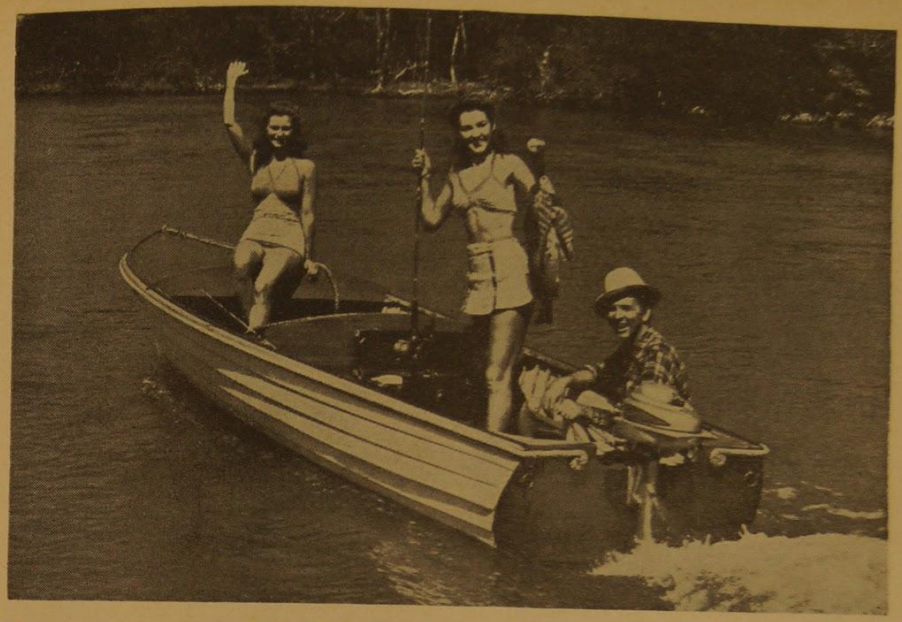
Um *Prazer* que lhe está Reservado

Quer se trate de um "Manhattan", quer de um "old fashioned" ou de um "high ball" — a expectativa do prazer é sempre muito mais aguda, quando se sabe que na preparação de uma bebida entra um *rye* ou *bourbon* Old Schenley. Este whiskey, que é o mais suave de todos os whiskeys americanos, obtido por distilação de matérias primas selecionadas e armazenado em barris de carvalho branco tostado, em adegas cuja temperatura é cuidadosamente regulada, faz uma bebida que lhe há-de ficar de memória.

Se nunca provou o superlativo paladar do Old Schenley, para a próxima vez exija esta marca de qualidade. E se o bar que o sr. frequenta ou o seu fornecedor o não tiverem em estoque, queira tomar nota, para lhes conseguir uma amostra tão depressa melhorem as condições de navegação. De qualquer maneira, o Old Schenley é um prazer que lhe está reservado!

Primeiro na Qualidade
OLD SCHENLEY
Primeiro no Paladar

O WHISKEY MAIS SUAVE DA AMÉRICA



Passeando de bote com um EVINRUDE

. . . Um prazer do qual participaram as Américas durante 30 anos

Antes de Ole Evinrude ter inventado o motor fora da borda, um passeio em bote significava *remar*... a penosa tarefa de manejar os remos, como o fizeram os amadores de botes no mundo inteiro durante séculos.

O motor fora da borda transformou isso, como por encanto... e trouxe uma nova *liberdade das águas* a milhões de pessoas. Hoje, em todas as vias aquáticas do hemisfério ocidental, os Evinrude estão acionando todos os tipos de embarcação de recreio e pequenas embarcações comerciais.

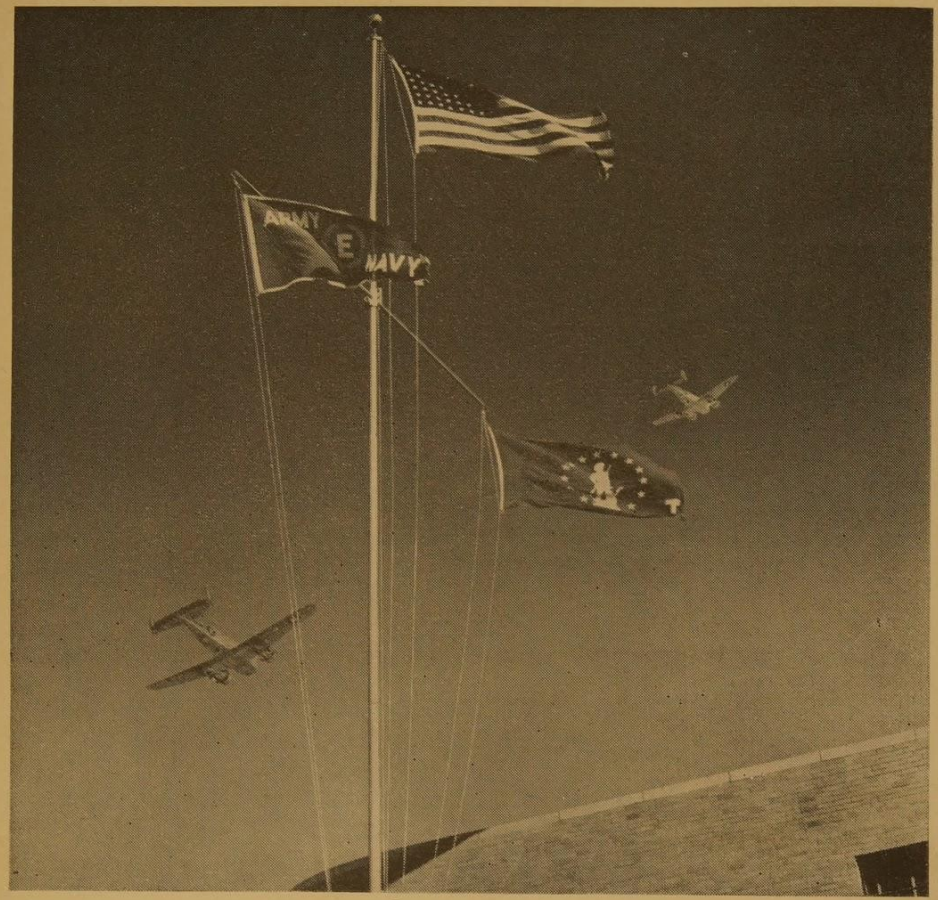
Toda a capacidade da Evinrude destina-se agora à Produção para a Vitória. Mas, depois da Vitória, os Evinrude estarão novamente disponiveis para as mais felizes atividades dos tempos de Paz...os melhores Evinrude que jamais tenham sido fabricados!

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING COMPANY
DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO • **Waukegan, Illinois, E. U. A.**

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

Gostariamos de enviar-lhe, como obséquio nosso, a brochura Evinrude "Boat and Motor Selector," que contem muito util informação sobre embarcações, motores, velocidades, etc. Solicite-o hoje mesmo.

EVINRUDE
OUTBOARD MOTORS



Símbolos

Os homens da Beechcraft estão cumprindo o seu dever. São estes os símbolos da sua devoção

Beech Aircraft

CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER — *WICHITA, KANSAS, E.U.A.*

Idéias práticas e econômicas

Nova Estrêla. *Theresa Wright, a nova atriz de cujo talento se fala agora tanto, e que em breve veremos no novo celuloide* "IDOLO, AMANTE E HERÓI."

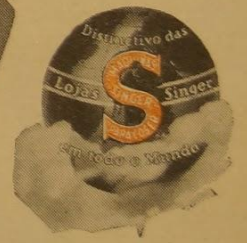
TALVEZ já lhe tenha sucedido ir ao cinema e ver uma "estrêla" com um lindo vestido que a faz pensar: "Um vestido assim havia de me ficar bem!"

E porque não tenta fazer um igual? Se precisa de ajuda e conselhos, só tem que ir à Loja Singer mais próxima. Alí lhe mostrarão a maneira de obter todos os efeitos desejados, e lhe indicarão os enfeites modernos que a Sra. pode fazer na sua própria máquina de costura.

Não perca tempo—vá hoje mesmo visitar a Loja Singer!

* * *

Sua máquina precisará ser ajustada? As lojas Singer estão sempre ao seu dispor, para manter em perfeitas condições a sua máquina de coser. Alí encontrará também as Agulhas Singer legítimas, óleo, peças, correias e acessórios, bem como um serviço competente de reparos. A seu pedido, um mecânico da Singer irá na sua casa para lhe pôr a máquina a trabalhar na perfeição.



SINGER SEWING MACHINE CO.

Obrigado, irmãos!

Obrigado, irmãos das Americas, pela vossa nobre contribuição á causa da Liberdade...

Obrigado pela borracha, tão essencial aos armamentos modernos.

Obrigado pelos minérios que nos forneceis.

Obrigado pelos produtos de vossas terras generosas.

Obrigado pelas lãs, os couros, as peles.

Obrigado pelos produtos de vossas indústrias.

Obrigado pelas ervas e drogas medicinais.

Obrigado pelos navios que, a despeito de todo o perigo, dedicastes ao tráfego marítimo com os Estados Unidos.

Obrigado pela contribuição de vossas maiores inteligências.

Obrigado, pela vossa amizade...pela vossa sincera e abnegada cooperação...na grande luta pelo Direito, a Justiça e os principios democráticos... vossos ideais... e nossos ideais! OBRIGADO!

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd. 1230 SIXTH AVENUE NOVA YORK, E. U. A.

Fabricantes dos Pneumáticos U. S. Royal

Problemas de Verão

...solucionados com o simples método dos 2 Cremes Pond's!

1.o *PROBLEMA*: **«O Sol obriga-me a quasi fechar os olhos. Fico com «pés de galinha» em torno dos olhos.»**

SOLUÇÃO: Dê à cutis uma oportunidade para evitar essas rugas: Use os 2 Cremes Pond's, para alisar a epiderme e alimentar a derma. Numa pele cheia de vigôr e saúde não há lugar para «pés de galinha.»

2.o *PROBLEMA*: **«No calor minha cutis fica tão áspera!»**

SOLUÇÃO: É mais do que provavel que a cutis, com o calor, esteja ressequida e necessita, por isso, um bom «lubrificante». O Cold Cream Pond's é o melhor para êsse fim, pois possue finíssimos óleos, que amaciam e suavisam a cutis.

3.o *PROBLEMA*: **«Sob a luz solar todos os pequeninos defeitos de minha pele parecem muito maiores.»**

SOLUÇÃO: Os defeitos não podem ser escondidos. Mas desaparecem quando o tecido é submetido ao tratamento dos 2 Cremes Pond's. O Creme Evanescente Pond's alimenta a derma e o Cold Cream Pond's amacia e suavisa a epiderme.

J.W.T.

4.o *PROBLEMA*: **«Minha pele parece «cansada» nos dias de calor!»**

SOLUÇÃO: Dê à pele novo vigor, nova vida, deixando-a como uma pétala de rosa, seguindo o simples e eficiente método dos 2 Cremes Pond's O Cold Cream Pond's dá juventude à cutis e o Creme Evanescente Pond's dá-lhe saúde.

A Sra. de John Roosevelt, formosa dama da elite dos Estados Unidos, cuida diariamente de sua cutis com os 2 Cremes Pond's.

• Eis o simples método dos dois Cremes Pond's: —

1. Aplique o Cold Cream Pond's ao rosto e no pescoço. Limpe e aplique novamente. Torne a limpar.

2. Antes de fazer a «maquillage», aplique ao rosto uma leve camada do Creme Evanescente Pond's. O Creme Evanescente Pond's fixa o «rouge» e conserva o pó de arroz horas seguidas.

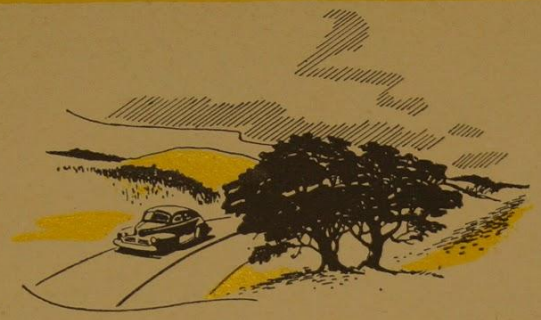
AMOSTRA GRATIS: *Queira enviar-nos o coupon com Cr.$1.00 para as despesas de remessa de uma amostra dos 2 Cremes Pond's.*

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo. 3 - CCCC - 25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....



Os CHOFERES PRUDENTES tornam-se BONS VIZINHOS!

Em tempos normais, o chofer prudente pode ser considerado um bom vizinho pelas pessoas que vivam na mesma comunidade.

Mas em tempo de guerra, como o presente, o chofer cuidadoso é um "bom vizinho" numa acepção muito mais vasta . . .

É um "bom vizinho" para todas as Repúblicas do continente americano!

Porque conduzir com prudência e cuidado é um dos meios mais seguros de economizar borracha. E a conservação da borracha e de outras matérias-primas essenciais é um benefício que se faz a todos os povos do Novo Mundo.

O Agente Goodyear da sua localidade comprometeu-se a ajudar V.S. a conseguir o máximo de quilometragem dos seus pneus. Vá vê-lo, e peça-lhe que lhe exponha os 5 meios de prolongar economicamente a existência util dos seus pneus — até 30% alem da sua duração normal!

UNIDOS HOJE ★ UNIDOS SEMPRE

GOODYEAR

GOODYEAR PNEUS

FABRICAS NO BRASIL E NA ARGENTINA

FILIAIS, DISTRIBUIDORES E AGENTES POR TODA A AMERICA LATINA

Um óleo de novo tipo, para o mecanismo de récuo dos canhões, ajuda a defesa das Américas!

"DEEM-NOS um óleo que se não congele no Alasca e que não perca sua viscosidade nos trópicos"—reclamaram os técnicos militares. *E a Socony-Vacuum os atendeu prontamente.*

Esse óleo é um dos resultados das contínuas pesquisas que a Socony-Vacuum realiza, para ajudar a vencer esta guerra.

A nossa experiência com os petróleos já data de 77 anos.

Eis uma das razões por que os óleos e graxas "Gargoyle" se recomendam para a correta solução do seu problema de lubrificação. E as máquinas exigem agora cuidados redobrados, porque as peças dificilmente poderão ser substituidas.

GARGOYLE

GASOGÊNIOS—Para completa orientação sobre lubrificação, instalação e operação dos gasogênios, procure os postos autorizados Mobiloil.

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE

Lubrificantes

PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

A Onda Sempre Crescente...

UNIDOS PARA A LIBERDADE

AO ATACAREM postos avançados de um povo livre, os agressores desafiaram a coragem e o gênio inventivo de nações que se tornaram grandes nas artes e nas ciências da paz. Passaram-se os tempos, e os ideais dos Estados Unidos fundiram-se com os das Nações Unidas.

O desafío foi aceito... Mais do que isto, a causa da liberdade foi subscrita em tôda a parte por homens e nações que amam a liberdade.

As rodas da indústria giram com mais rapidez... Os transportes e os homens estão em constante movimento... Tanques, caminhões, armas, aviões... A onda sempre crescente de homens e máquinas avançam para esmagar o inimigo onde quer que êle apareça.

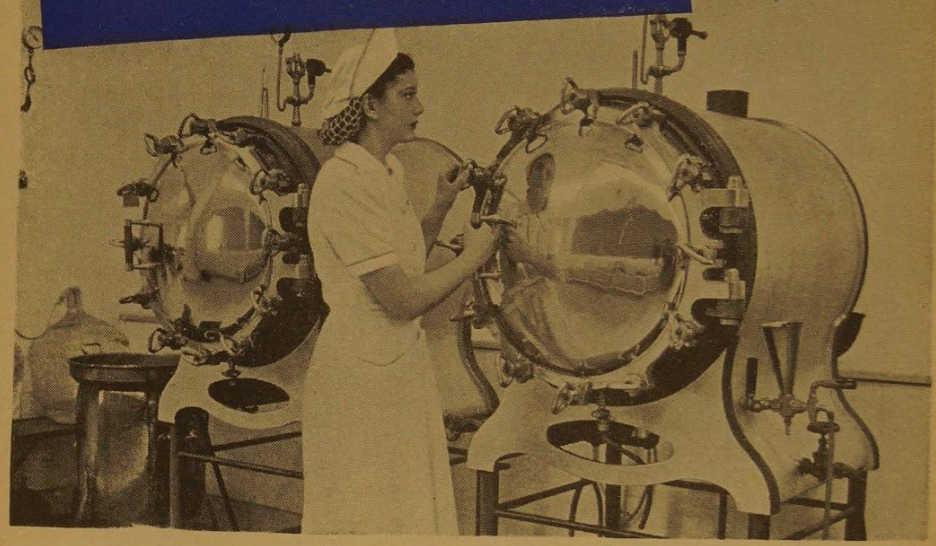
Nesta onda crescente... em quasi tôdas as frentes, Caminhões International aparecem como carros de combate ou como transportes de tropas... possantes TracTracTores International rebocam artilharia pesada para as linhas de fogo. As máquinas da International Harvester, que antes executavam os trabalhos da paz em tôdo o mundo, trocaram suas côres brilhantes pelo verde-oliva e agora enfrentam os trabalhos da guerra.

Os caminhões e os TracTracTores International souberam impôr-se nos trabalhos construtivos da paz; agora, estão se impondo na guerra. Fundamentalmente, estão lutando pelo direito de proporcionar aos projetos de engenharia e de agricultura, *no futuro*, a mesma força econômica, a mesma confiança e a mesma resistência que lhes proporcionaram no passado.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.
Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER

Mobilizando Forças
PARA LUTAR CONTRA A FRAQUEZA



Os modernos laboratórios químico-farmacêuticos são um dos mais expressivos símbolos da nossa civilização. Neles os homens de ciência empregam os seus conhecimentos e a sua vida, na busca de aperfeiçoamentos e novas descobertas, para benefício da humanidade: para aliviar as dores dos que sofrem e proporcionar ao homem uma existência mais segura, mais feliz, mais produtiva.

Nesta mobilização de forças para lutar contra a desventura e a fraqueza, o Instituto Medicamenta (Fontoura & Serpe) tem desempenhado, no Brasil, um papel de grande relevância, através da criação de produtos rigorosamente científicos, que têm levado, a milhões, dias mais felizes e mais tranquilos.

Instituto Medicamenta
ESTABELECIMENTO CIENTÍFICO INDUSTRIAL
FABRICANTES DO

BIOTONICO FONTOURA

Permutit* supre água clara e potavel para centenas de municipalidades.

Todos os residentes duma comunidade se beneficiam com um bom reservatório de água—livre de sujeira em suspensão, impurezas químicas dissolvidas, ferro, cor e germes vivos. As últimas criações da Permutit tornam prático e econômico o condicionamento de água, e todas as cidades podem desfrutar desse melhoramento. Faça já seus planos; escreva pedindo informações à The Permutit Company, Depto. RD9, 330 West 42nd Street, Nova York, N.Y., E.U.A. *Marca Registrada

PERMUTIT

CENTRO MUNDIAL DE CONDICIONAMENTO DE ÁGUA

1917

Tinha-se conhecimento das novidades pelos placards à porta dos jornais ou pelas edições extras. O serviço telegráfico era lento.

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Notícias Diretas da Frente de Batalha com um Rádio "Zenith"

Si bem que os combates se travem a longa distância, o tremendo conflito atual nos toca muito de perto. A nossa Liberdade se encontra em jôgo!

A grande ansiedade de todos em acompanhar os acontecimentos é satisfeita pelo rádio ao trazer-nos instantaneamente, até o lar, as novidades de todas as frentes de batalha.

Com um Zenith cada palavra se ouve clara, a despeito do mau tempo, do frio, do calor ou da humidade. E essa nitidez de tom, essa fidelidade de recepção do Zenith serão ainda mais apreciadas por V. S. ao ouvir as grandes orquestras ou celebridades.

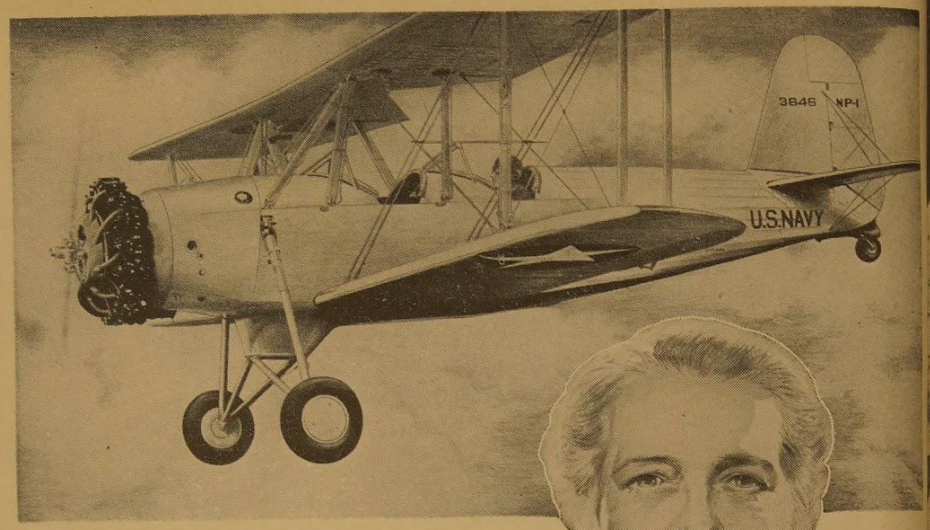
Zenith, símbolo de perfeição em rádio-receptores, é também um símbolo de devoção à causa da Liberdade . . . pois Zenith reserva a sua produção total para os exércitos que a defendem!

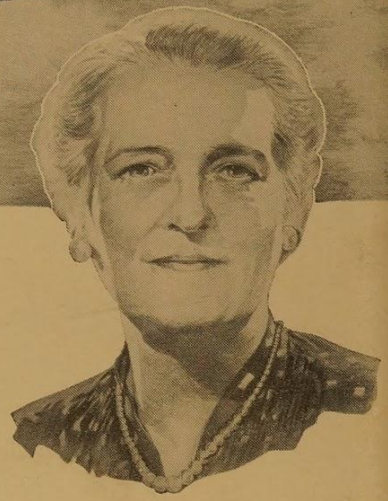
Agentes em todas as cidades principais

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

1943

Em um segundo o rádio nos traz notícias dos mais remotos cantos da terra.





Inquieta com meu filho?
Decididamente não!

PODE-SE CONFIAR NOS
MOTORES DE AVIÃO
LYCOMING

Mães aos milhares, por todo o país, exprimem confiança nos aviões de treino da América . . . confiança formada pelo fato de que seus filhos sairam ilesos depois de centenas de horas de intenso vôo de treinamento nesses aviões.

Os motores Lycoming, em cujo funcionamento se pode confiar, têm tido parte importante em assegurar vôos sem perigo, que são o atributo dos aviões de treino da América.

O "Spartan", avião de treino da Marinha, (gravura acima) é um dos muitos aviões dotados de motor Lycoming que são usados para o treino dos pilotos da América . . . pilotos que, através de sua longa experiência, aclamam Lycoming como sinônimo de firmeza, tanto na aviação militar como na civil.

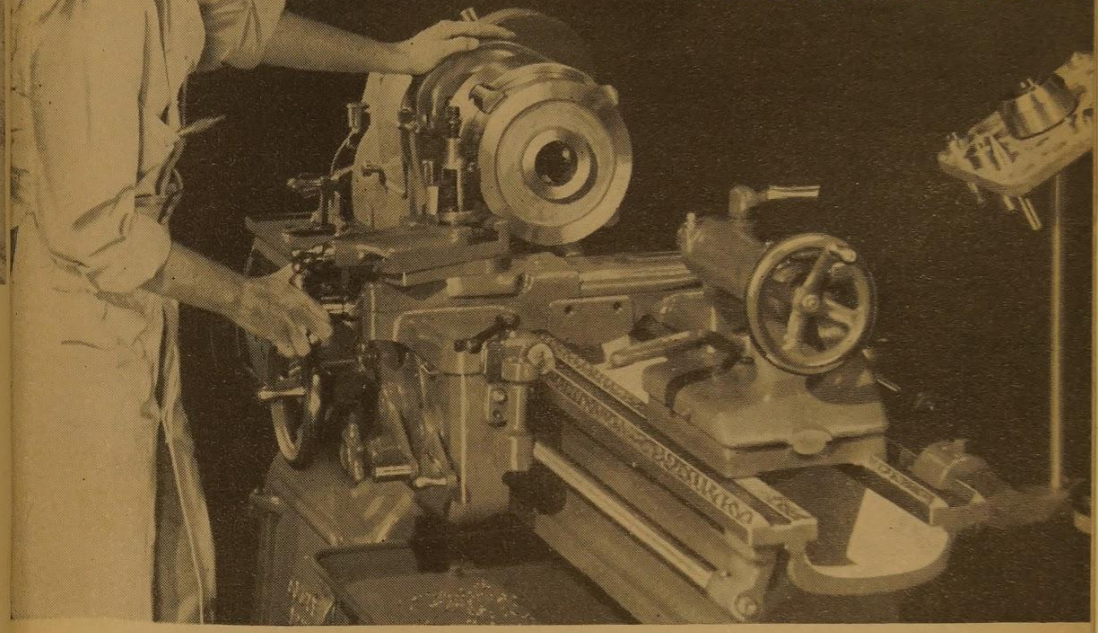
Fornecedores do Exército e Marinha dos Estados Unidos

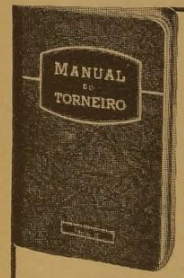
Prospetos gratuitos que mostram todos os motores radiais Lycoming, de contrabalanço horizontal, e com fotografias de vários aviões acionados a motor Lycoming. Tambem gratuito: planos de manobras para treino de pilotos pelo sistema Lycoming. Solicite-os em português ou espanhol, escrevendo ao Departamento RP32.

O MOTOR DOS AVIÕES DE TRENAMENTO DE HOJE...O MOTOR DOS AVIÕES PARTICULARES DE AMANHÃ

LYCOMING DIVISION, THE AVIATION CORPORATION — **WILLIAMSPORT, PA.**

Quando Necessitar de Precisão e Velocidade, Use TORNOS SOUTH BEND





"MANUAL DO TORNEIRO"

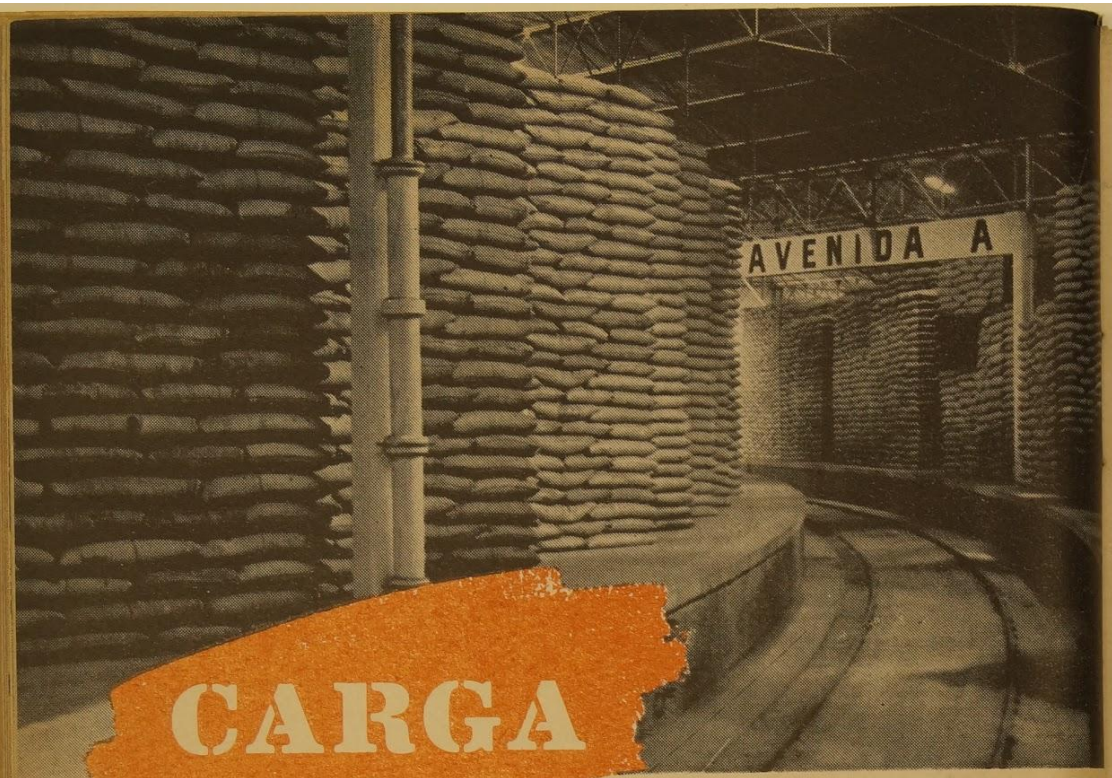
Um livro sôbre o funcionamento e a conservação de tornos mecânicos. Contém 128 páginas de 13 cms. x 20 cms.—360 ilustrações. Será enviado para qualquer endereço, com porte pago, após o recebimento de Cr.$3,00 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Francês ou Inglês.

Os tornos South Bend lhe darão a precisão e a velocidade de que V.S. necessita para satisfazer os requisitos que há atualmente de produção mais rápida e menores tolerâncias em serviços mecânicos. Estes tornos lhe proporcionam o esmêro, a velocidade e a versatilidade que concorrem para simplificar mesmo os trabalhos difíceis.

Há um tôrno South Bend para quasi cada espécie de trabalho. Fabricam-se os tornos tipos Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida e Oficina de Ferramenteiro em quatro tamanhos: 9", 10", 13" e 16" de diâmetro torneável. Os Tornos Revolver são fabricados em três tamanhos. Escreva pedindo catálogo e indique o idioma desejado: Português, Espanhol ou Inglês.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND, INDIANA, E. U. A. — *FABRICANTES DE TORNOS HÁ 36 ANOS*



CARGA

CORTESIA DO DEP. NACIONAL DO CAFÉ

PARA UM COMBOIO!

Nas grandes docas de Santos e Rio de Janeiro erguem-se as colunas sólidas de sacaria, esperando o transporte no bojo dos navios. Depois de um longo ciclo, dos cafesais ao ensacamento, o delicioso café do Brasil está pronto para embarque.

Nessa longa trajetória que se estende das Fazendas aos mercados consumidores, o Café absorve a atenção e o trabalho de verdadeiros exércitos de homens, exigindo a contribuição cuidadosa de especialistas no seu trato. E, cada dia que se passa, novas linhas são traçadas e novos avanços se fazem nos métodos do cultivo, do beneficiamento e da embalagem desse extraordinário fator da nossa riqueza rural.

Entre as Organizações que se orgulham dessa cooperação está a Standard Oil Company of Brazil, cujos técnicos se esmeram no esforço de servir cada dia mais e melhor a atividade cafeeira. Como uma das mais novas contribuições, destacamos o Batching Oil 525, para o banho dos fios da juta empregada na fabricação de sacos. Amaciando a fibra áspera e multiplicando a sua resistência, o Batching Oil 525 é mais um atestado da dedicada assistência do nosso Departamento Técnico Industrial a essa grande fonte de prosperidade nacional.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas rádios: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais, de Belo Horizonte; Farroupilha, de Porto Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

E A ORGANIZAÇÃO ESSO

ESSO

Distribuidores dos afamados produtos ESSO que se encontram sempre sob o oval ESSO

A DEFESA AEREA

começa no terreno . . .

"Algures" no México — este eletrogerador Diesel "Caterpillar" fornece energia elétrica para iluminação da pista e as luzes de contacto dum aeroporto, para transmissores de rádio, bombas de combustivel, e diversas aplicações de eletricidade.

SEM aeroportos, os aviões não podem voar. Sem luz, o aeroporto não pode "ver" nem ser visto. Sem corrente elétrica, uns e outros não podem "ouvir" nem ser ouvidos! Sim, a eletricidade é com efeito uma necessidade essencial no despacho de aviões, na sua orientação através dos ares, e na segurança da sua condução, de regresso aos campos de aterragem.

Na tarefa primordial de fornecer eletricidade para iluminação de faróis, pistas e hangares, para transmissão e recepção de rádio, e para acionar bombas e outros aparelhos, os Eletrogeradores Diesel "Caterpillar" estão servindo dúzias de aeroportos, que surgem da terra para defesa e desenvolvimento comercial do Hemisfério Ocidental. Mesmo onde as empresas de utilidade pública são a fonte normal da energia elétrica, os Diesel "Caterpillar" são habitualmente instalados como fontes acessórias de energia, em caso de emergência ou de serviço excessivo.

Por toda a família das nações panamericanas, os Diesel "Caterpillar" são largamente preferidos para serviços públicos e privados, bem como para as obras de defesa do hemisfério. A preferência por estas unidades de força-motriz mundialmente famosas, deve-se à sua construção simples, compacta e robusta; à sua facilidade de instalação; ao seu serviço sem rival; e à rede mundial de agências e postos de serviço, sempre disponiveis e bem utensilhados para fornecer peças de sobressalente e assistência mecânica onde quer que sejam necessárias.*

**A despeito das dificuldades atuais de navegação, e sem prejuizo das encomendas de guerra que pesam diretamente sobre quase toda a produção de Motores, Eletrogeradores, Tratores e Niveladores das fábricas "Caterpillar," não nos poupamos a esforços para manter o material "Caterpillar" em boas condições de serviço.*

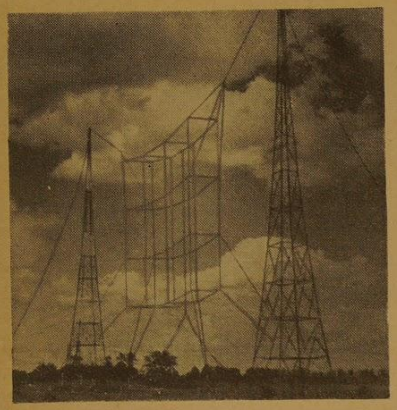
CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILL., E. U. A.

CATERPILLAR

MARCA REGISTADA

DIESEL MOTORES E ELETROGERADORES • TRATORES DE ESTEIRAS • MAQUINARIA ROLANTE

NA GUERRA COMO NA PAZ, A GENERAL ELECTRIC SEGUE AVANTE



FIOS SEM FARPAS

NO mundo de hoje, engolfado pela guerra, o rádio e outros elementos da ciência electrônica têm se tornado instrumentos de destruição. Em suas variadas formas, o rádio faz parte integrante e indispensável de quasi todas as unidades de combate. Os aparelhos de escuta e os sistemas de transmissão e de intercomunicação constituem elementos comuns do equipamento das modernas forças militares, navais e aéreas; e há muitas outras aplicações do rádio que são segredo militar e que somente serão divulgadas depois da vitória das Nações Unidas. Tão grande, portanto, é a importância do rádio no conflito mundial, que as aplicações do rádio de ordem não essencial devem ser sacrificadas, em benefício da vitória integral. A General Electric está produzindo atualmente quasi todos os tipos de equipamentos necessarios á prossecução da guerra, e, com o fim de consagrar todos os recursos disponíveis á produção bélica, supendeu inteiramente a produção de rádios de uso particular.

Quando voltar a paz, a General Electric voltará tambem à produção normal, inclusive a do rádio, e os sacrifícios de hoje sem dúvida parecerão pequenos, em comparação com os beneficios derivados dos progressos realisados no campo das ativadades electrônicas, em consequencia das pesquisas e dos melhoramentos conseguidos durante a guerra.

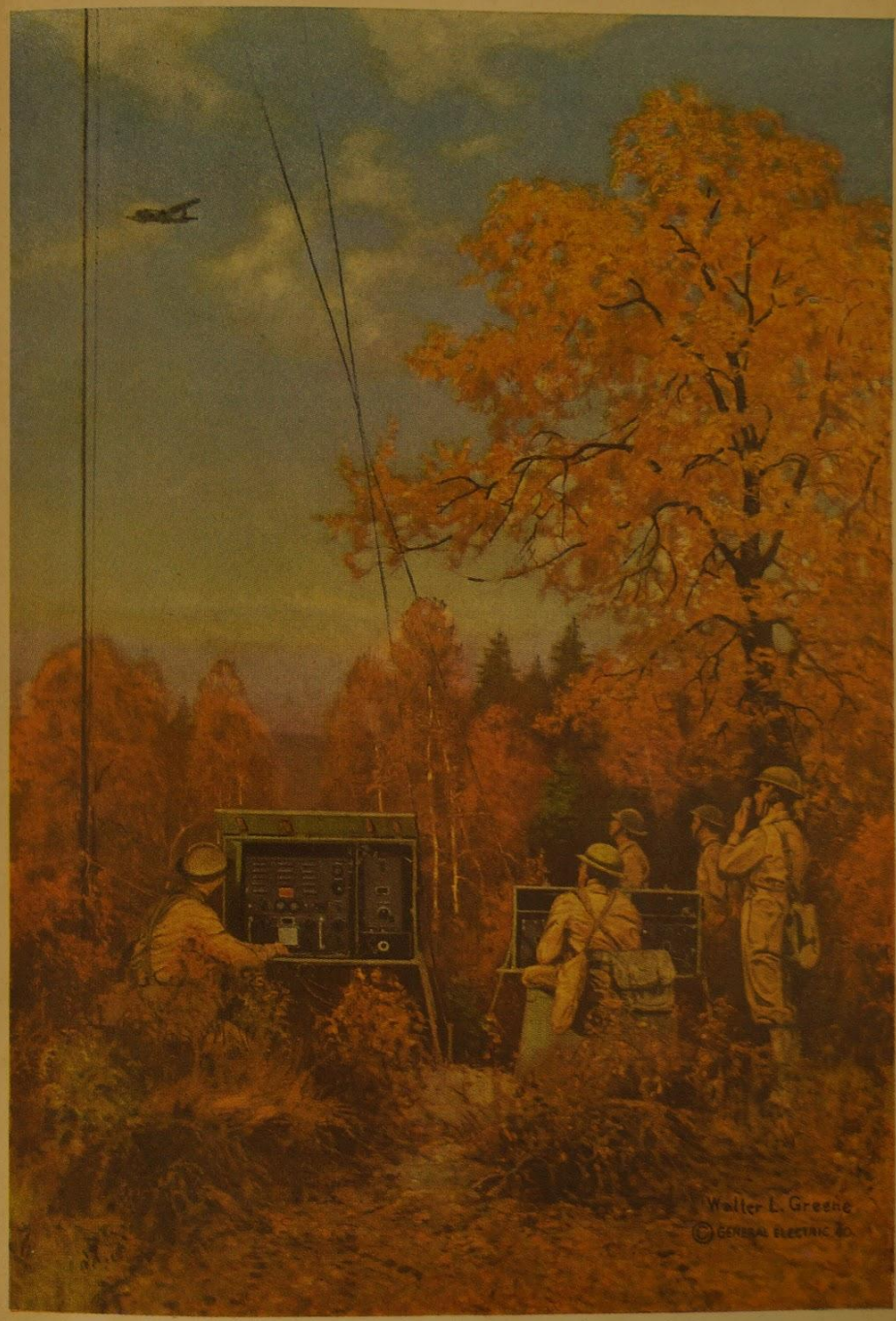
O VOLUME da produção de guerra da General Electric, tão formidável como é, não pode ser divulgado, por motivos óbvios de segredo militar. Mas podemos estar certos de que, no futuro, quando forem conhecidos os detalhes da produção bélica, êles constituirão um dos capítulos mais fascinantes de toda a história do progresso industrial.

INTERNATIONAL GENERAL ELECTRIC COMPANY INC.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

GENERAL ELECTRIC

IGE-1-43P



A *Pena* É MAIS FORTE QUE A *Espada*

A Conferência do Rio de Janeiro em Seção —Janeiro de 1942.

Uns tantos traços da pena, e a história foi feita no Rio de Janeiro, onde a Conferência Pan-Americana uniu as Américas—para sempre!

As Canetas Eversharp Skyline são as mais fortes. Seu serviço de consêrtos é garantido não por anos — não por vida — mas garantido para sempre. A Alimentação Mágica evita derrames a grandes altitudes, da mesma forma que ao nível do mar. A escrita é suave e instantanea—até á última gota de tinta.

E a Lapiseira de Repetição Eversharp dispara bicos novos—com a rapidez de metralhadora—quando o senhor necessita dêles. Basta oprimir no Botão Mágico —clique—e sai logo um bico novo.

Dê Eversharp e Dará o Melhor!

EVERSHARP INC., CHICAGO, E.U.A.N.

EVERSHARP

O Serviço de Consêrto das Canetas e Lapiseiras de Repetição Eversharp — identificadas pela marca dupla ✓✓ no gancho — é garantido não por anos—não por vida—mas garantido para sempre.

CANETAS "SKYLINE" E LAPISEIRAS DE REPETIÇÃO

© by Eversharp, Inc., Chicago, U. S. A.

Continuação da última capa

«*O Reader's Digest Nunca Envelhece!*»

Por James Norman Hall

Nestes últimos vinte anos, que passei quase todos nas ilhas do Pacífico central, tive muitas e excelentes ocasiões de avaliar do Reader's Digest e do lugar de eleição que ele ocupa no coração de homens solitários, cujo apetite está sempre aguçado para o alimento que ele nunca deixa de lhes oferecer. Os exemplares da revista passam de mão em mão, de ilha em ilha, e de arquipélago em arquipélago, vencendo grandes trechos do oceano; e de caminho,—na escuna de carga, na lancha, no escaler, na canoa à vela,—vão sendo lidos tambem pelos homens que os levam a destino... O tempo não faz envelhecer, nem o uso deteriora o seu conteudo de infinita variedade. Já tenho visto exemplares tão velhos e tão esfarrapados, após leituras sem conta, que bem lhes iria o nome de peças de museu; e muitos deles mais parecem esfregões de cozinha...

Mas, esfarrapados ou não, nunca vi ninguem atirar para o lixo um exemplar do Reader's Digest, enquanto nele restasse um indício de leitura aproveitavel!

Há coisa de um ano, mandei por encomenda postal a um amigo meu, que vive em lugar longínquo, um pacote de velhos números do Reader's Digest. Numa nota inclusa no pacote, rogava-lhe desculpasse o estado lastimavel daqueles números, e explicava que tinha muita pena de não possuir nenhum de mais fresca data para lhe enviar.

Meses depois chegava-me a resposta do distante amigo: «V. não tinha que desculpar-se pelo estado das revistas. Devorei-as de ponta a ponta! E digo-lhe isto: o Reader's Digest nunca envelhece!»

James Norman Hall nasceu no estado de Iowa. Serviu durante um ano na famosa Esquadrilha Lafayette, na primeira guerra mundial, e foi mais tarde transferido para a aviação militar dos Estados Unidos, com a patente de capitão. Foi ferido e abatido em combate. Após o armistício, acompanhado pelo seu amigo e camarada de esquadrilha Charles Nordhoff, viajou pelos mares do Sul, de que gostou tanto, que fixou residência em Taití.

Escreveram em colaboração uma série de livros de grande êxito: *Mutiny on the Bounty*, *Men Against the Sea*, *Pitcairn's Island*, *Botany Bay*, e outros. Ainda vivem em Taití, que depois da queda da França se desligou do governo de Vichy para se unir aos Franceses Livres.

IMPRESSO NOS E. U. A.

«O Reader's Digest Nunca Envelhece!»

Por James Norman Hall

Co-autor de «Pitcairn Island» e outros romances

Papeete, Taití, agosto de 1942

QUANDO o Reader's Digest iniciou a sua publicação, há 21 anos, eu fui daquelas pessoas que o consideraram com ceticismo. Reacionário por natureza, e sempre avesso às inovações que me surjam pela proa, reprovei logo a idéia de mimosear os possiveis leitores com uma «dieta» de concentrados literários, à maneira de caldo de carne em pastilhas. E profetizei audaciosamente que a recem-nascida publicação não chegaria a botar dentes!

Desnecessário será hoje tentar medir o erro da minha previsão. Ele é, pelo menos, tão vasto como o bojo do nosso planeta, hoje copiosamente semeado, onde quer que o homem se instalou, de atentos e fiéis leitores desta revista... Até me sinto animado a dizer que, se de um exemplar do Reader's Digest, situado por conveniência de demonstração sobre a mesa, digamos, de certo leitor duma biblioteca do Iowa, tirarmos uma linha imaginária que atravesse a Terra de lado a lado, ela irá surgir através de outro exemplar, muito mais antigo e mais coberto de dedadas, do mesmo Reader's Digest,—carinhosamente arrumado na mochila de algum indiscreto explorador do Monte Everest!

Que é feito então do ceticismo dos que profetizaram o prematuro passamento do incipiente Reader's Digest?... Enterrado, sumido numa cova de 21 anos de profundidade! E neste ano da sua pujante maioridade, eu—e comigo milhões de atentos leitores—estamos a enviar-lhe congratulações, e a expressar o nosso cordial agradecimento aos diretores desta excelente revista.

E boas razões temos nós para o fazer. Anos e anos seguidos, por obra e graça deste distante «bom-sucesso» ocorrido na cidade de Pleasantville, N.Y., o nosso pensamento vem sendo estimulado, acrescido o nosso saber, dilatados e aprofundados os nossos interesses e as nossas simpatias. Não me resta sombra de dúvida que o Reader's Digest desempenha um papel cada vez mais importante em todo o mundo, na tarefa que consiste em levar a pessoas de toda casta e condição o senso cada vez mais vivo da nossa comunhão de interesses, uma conciência crescente e sempre renovada de sermos, em verdade, membros de uma grande família, que deve trabalhar unida, de alma e coração, pelo bem comum. Que maior ou melhor serviço poderia uma revista prestar? O seu mérito está, em boa verdade, para alem do nosso poder de estimação.

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Teria o médico o direito de matar? *dr. Frederic Loomis* 1
Ao terceiro tiro o havaiano zangou-se *por Blake Clark* 5
Na cidade das formigas . . . . . *por Royal Dixon* 9
O menino que desafiou o Almirantado *Atlantic Monthly* 12
«Chegou a minha vez!» . . . . . *New York Times* 17
Contra a ameaça da tosse convulsa *por Paul de Kruif* 21
Boxe contra jiujitsu em luta de morte *por J. E. Tynan* 23
Aproveite a minha experiência . *por Dorothy C. Fisher* 29
Não acredite nisto! . . . . . *dr. August A. Thomen* 31
Uma fábrica monstro surge no deserto . . . . *Forbes* 35
Pontos de vista 39
Presente de casamento . . *por Alexander Woollcott* 40
Um grande homem e...os seus sapatos *por W. B. Pitkin* 42
Qual é a força real do Japão . . *Wall Street Journal* 46
Que tal dos nervos? . . . . . *Cosmopolitan* 51
E o Dia de Juizo não veio . . . *American Mercury* 53
Conversa fiada de terra e mar 55
Manifesto democrático . . . . . *por Emery Reves* 57
A espionagem da saude . . . . . *Collier's* 64
Swing fala e milhões escutam . . . *The New Yorker* 66
Nem o rei pode entrar! . . . . . *This Week* 70
Isso realmente é fome! . . . . *American Mercury* 72
Tem a palavra a defesa . . . *por Mary R. S. Andrews* 75
Podemos ensinar os meninos a viver 81
O fim da Casa Ullstein . . . . . *Saturday Review* 84

Seção de Livros — Vida que não é para moças *por Agnes M. Cleaveland* 89
Seção de Livros — Alma torturada . . . . *por Irving Stone* 111

Instantâneos pessoais 110

ABRIL DE 1943

CMDPU-CR
1901

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr.$2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr.$20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Veloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre Octavio Sagebin, Rua, 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo III, No. 15 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Abril de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação,* Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

ABRIL de 1943

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III — No. 15

Teria o médico o direito de matar?

(Condensado de «Consultation Room»)

Por Frederic Loomis

Conhecido ginecologista e parteiro

A criança nasce defeituosa—e o médico hesita entre salvá-la e deixá-la morrer.

SEJA QUAL FOR o modo por que o assunto seja encarado nesse ou naquele caso individual, os médicos impugnam com razão o preconceito que teima erigí-los em juizes de vida e de morte. Nosso quinhão de responsabilidade é, já por si, bem elevado. Quanto a mim, tal como o interpreto, o meu dever é preservar a vida e lutar pela saude do doente, por todos os meios ao meu alcance, lembrando-me sempre que «um homem não está nunca vencido senão quando é vencido». Mas, como outros médicos, não escapei à questão, ou à tentação de refletir sobre ela.

Veio certa feita ao meu consultório uma mulher jovem e franzina, que esperava dar à luz o primeiro filho. Sua história sentimental não era boa, embora pertencesse a família distinta. Animei-a tanto quanto pude, e não deixei de admirar os esforços que fez para se conservar calma e paciente, e disciplinar o seu sistema nervoso.

Um mês antes do parto, revelou o exame que a criança estava em posição de nádegas. Em regra, a cabeça do feto fica na parte inferior do útero durante vários meses; e ainda quando a criança, durante o último mês da gestação, se encontra em posição de nádegas, é frequente mudar, descendo então a cabeça ao tempo do parto. Assim, em média, somente uma criança em vinte-e-cinco nasce em posição de nádegas.

Ainda bem que a natureza dispôs desse modo as coisas, pois o índice de mortalidade, nas crianças em tal posição, é relativamente alto, devido à dificuldade em fazer sair a cabeça por último, e à necessidade de fazê-la sair

rapidamente, uma vez saido o corpo. Nesse momento, o cordão umbilical fica apertado entre a cabecinha da criança e a bacia materna. Se o oxigênio não chegar ao sistema circulatório da criança, a morte desta será inevitavel dentro de alguns minutos. E tratando-se de primeiro parto, a dificuldade é ainda maior.

Ora, no caso a que me estou referindo, a má hipótese verificou-se de modo completo; os pés e mãos da criancinha cruzavam-se para trás. A coisa mais penosa para o médico, em semelhantes casos, é abster-se de intervir até que as forças naturais de expulsão tenham dilatado bastante a sólida estrutura materna. Esperei pacientemente, enviando recados frequentes à família ansiosa que esperava fora, no corredor.

Veio afinal o momento, e eu suavemente puxei o pezinho para baixo. Pude agarrar o segundo, mas, devido a qualquer razão que não compreendí logo, este não descia como o outro. Puxei-o de novo brandamente, fazendo a enfermeira leve pressão, de cima, sobre o abdome; o corpo da criança desceu um pouco e, com pesar, vi que o segundo pé nunca chegaria ao nivel do primeiro: faltava-lhe a coxa, desde as cadeiras até o joelho, e o pé não podia ir abaixo do outro joelho. Era uma menina com este defeito, um defeito que eu nunca vira, nem tornei a ver.

Seguiu-se a mais árdua luta que já travei comigo mesmo. Eu sabia o terrivel efeito que o fato necessariamente iria ter sobre o instavel sistema nervoso da mãe, e que a família se arruinaria, consultando todos os ortopedistas famosos, cujos serviços pudessem deixar-lhes entrever qualquer raio de esperança.

Mais do que tudo, anteví a menina triste e só, enquanto as outras brincavam, riam e dansavam—e então repentinamente considerei que só havia uma coisa capaz de evitar tamanha tristeza, e essa coisa dependia exclusivamente de mim.

Em cada dez crianças naquelas condições, morre uma por ocasião do parto, porque este não se realiza com a necessária rapidez. Então,—se eu não me apressasse? Se, ao contrário, fizesse retardar esses breves instantes? Não havia que estranhar, de qualquer modo, visto que não se tratava de um parto facil. Ninguem saberia a verdade. A mãe, depois do primeiro choque, ficaria provavelmente resignada à dor de ter perdido uma criança que nascera com tão grave deformidade.

«Evite-lhes esse sofrimento,» disse, dentro de mim, uma pequena voz. «Essa criança nunca respirou...não a deixe... De todos os modos, você não pode extraí-la a tempo... Não tenha pressa!»

Fiz sinal à enfermeira para me passar a toalha esterilizada e quente, que está sempre pronta nesses casos para envolver o corpo da criança, afim de que o estímulo do ar frio não determine a expansão do peito do recem-nascido, com a entrada, nos pulmões, de algum fluido que lhe ocasione a morte por asfixia.

Mas desta vez a toalha serviria para esconder o que só meus olhos haviam visto. Eu tinha tomado minha decisão.

Olhei para o relógio. Haviam passado três, dos sete ou oito minutos de que dispunha. Os olhos de todos os presentes convergiam para mim. As enfermeiras tinham-me visto trabalhar com êxito no parto de crianças em tal posição, sim; mas tambem me viram por vezes falhar. Agora, iam ver-me fracassar de novo. Pela primeira vez na minha

vida de médico, resolví intencionalmente substituir tudo o que aprendera, como correto, por alguma coisa que, estava certo, seria mais humana e mais justa. Toquei levemente com a mão por baixo da toalha, para sentir as pulsações do cordão da criança, o que é índice seguro do seu estado. Dois ou três minutos mais seriam o suficiente. Afim de dar a impressão de que estava agindo devidamente, fiz descer um pouco mais a criança para poder abrir-lhe os braços e, ao fazê-lo, um pezinho rosado, do lado bom, saiu da toalha que o protegia, e tocou minha mão, aquela mão a que tinha sido confiada a salvação de dois entes. Houve um movimento convulsivo e repentino no corpo do nascituro, como uma revelação de força e vida.

Era de mais. Não, não podia fazer o que planejara! Continuei a extrair a criança, com a sua pequena perna de fazer dó. Contei o que havia à familia, e, no dia seguinte, com voz comovida, o repetí à mãe.

Minhas previsões se confirmaram. Ela permaneceu no hospital durante meses. Parecia um espetro. Depois disso tive notícias, de vez em quando, da família, por meios indiretos. Haviam ido a Rochester, no Minnesota, a Chicago e Boston, sempre em busca de tratamento. Por fim, perdí o contacto.

A medida que corriam os anos, censurava-me a mim mesmo, amargamente, por não ter tido a energia de ceder à tentação que tanto me dominou, em determinado momento.

Durante muitos anos, nosso hospital havia organizado com esmero festas de Natal para os empregados, as enfermeiras, e os médicos. O ano passado, o espetáculo foi excepcionalmente impressionante.

Ao mesmo tempo que um orgão começava a tocar antigo hino, vinte enfermeiras, de uniforme, desfilaram empunhando cada qual uma vela, e cantando suavemente os conhecidos versos da *Holy Night*.

Em seguida, um grande refletor projetou sua luz azul sobre o palco, envolvendo pouco a pouco a árvore prateada no seu crescente esplendor,—cada vez mais brilhante, até que cada adorno pareceu arder em chamas. Do lado oposto ao palco descerrou-se uma cortina, e vimos três lindas jovens vestidas de branco resplandecente. Tocavam, em uníssono com o orgão, harpa, violoncelo e violino. Estou certo que não fui o único velho cujos olhos se encheram de lágrimas.

Sempre gostei de harpa, e gosto especialmente de observar a agilidade de um músico habil. Fiquei fascinado pela jovem harpista. Tocava admiravelmente bem, como se seus delgados dedos acariciassem as cordas, e, enquanto as enfermeiras cantavam, seu rosto, aformoseado pelos cabelos de ouro, voltava-se para cima, como se o mundo fosse naquele momento algo de maravilhoso e sagrado.

Esperei que o curto programa acabasse, para felicitar a enfermeira-chefe pelo seu êxito. Como estivesse sentado só, uma senhora, que eu não conhecia, veio correndo para mim, com os braços abertos:

«Oh! o senhor viu, doutor!» disse. «Com certeza reconheceu o seu bebê. Era minha filha que tocava a harpa, e notei que o doutor olhava para ela. Não se lembra de mim? Não se lembra da menina que nasceu há 17 anos, com uma perna defeituosa? Tentamos tudo a princípio, mas agora ela tem uma perna artificial. O doutor não era capaz de

notar, não é verdade? Ela pode andar, nadar, e quase dansar.

«Mas, melhor que tudo isso, durante anos, enquanto não pôde fazer todas essas coisas, ela aprendeu a usar as mãos maravilhosamente bem. Vai ser uma grande harpista. Entra na Universidade este ano, com 17 anos. É toda minha vida, e está tão feliz agora! Lá vem ela.»

Enquanto falávamos, a delicada menina se havia aproximado, com os olhos brilhando.

«Este é o seu primeiro médico, querida,—o *nosso* médico» disse a mãe. A voz tremia-lhe. Eu a revi no passado, durante os dias de sofrimento, até aquele em que tive que dizer-lhe a verdade.

Num impulso, tomei a menina nos braços. Aqueles ombros jovens e quentes me trouxeram à lembrança o relógio da sala de partos. Vivi de novo aqueles terriveis momentos, em que sua vida estava em minhas mãos, e eu tinha decidido cometer um infanticídio.

Afastei-a um pouco de mim, e a contemplei.

«Nunca saberá, querida,» disse-lhe, «nem ninguem neste mundo, o que esta noite significa para mim. Volte para sua harpa por um instante, por favor,—e toque *Holy Night* só para mim. Tenho um peso nos ombros que ninguem jamais sentiu, um peso que só você pode tirar!»

A mãe sentou-se a meu lado, e pegou devagar na minha mão enquanto a filha tocava. Talvez ela adivinhasse o que se me passava no íntimo. Quando morriam os últimos ecos da *Holy Night*, eu havia encontrado a resposta e sobretudo o conforto, que esperara por tanto tempo.

Tio Jones & Cia.

¶ Tio Shadrack Jones comprou, na região mais pobre da Virgínia, uma fazenda que tinha sido muito mal administrada. Durante três anos trabalhou como um mouro, quase de sol a sol, mas finalmente foi recompensado—e a fazenda estava produzindo o necessário para ele viver.

Então, um domingo, apareceu de visita o cura da paróquia. «Bela latada de inhames!» disse o padre, impressionado com a bem cuidada horta de Tio Jones. «Não há dúvida de que Nosso Senhor e vossemecê são sócios!»

O fazendeiro apontou para o seu campo de trigo.

«Não há dúvida, não há dúvida nenhuma de que Nosso Senhor e Vossemecê são mesmo sócios!» repetiu o padre. E assim eles andaram pelas plantações: Tio Jones mostrando como havia transformado o solo árido em campos de cultivo, e o reverendo reiterando sempre que Tio Jones e Nosso Senhor eram sócios naquela bela obra. Finalmente, quando o padre subia ao carro, para partir, o fazendeiro lhe disse:

—Reverendo, estou de acordo com tudo o que *Vossência* disse da minha sociedade com Nosso Senhor. Está muito bem. Mas, Reverendo, eu só queria que *Vossência* tivesse visto este lugar quando Nosso Senhor trabalhava aquí sozinho!»

—Henry M. Hyde, no *Sun* de Baltimore

¶ *Narrativa épica da coragem e fidelidade dos habitantes das Ilhas Havaí, ao repelir o primeiro invasor japonês.*

Ao terceiro tiro o havaiano zangou-se

(Condensado de «Remember Pearl Harbor!»)
com aditamentos do autor

Por Blake Clark

Os duzentos e poucos havaianos que moram na pequena e florida ilha de Niihau não sentem falta de luz elétrica, automoveis, telefones e aparelhos de rádio, dispensando até whiskey e fumo, que são, aliás, proibidos. Por gerações e gerações, eles se têm dedicado à criação de gado, sem dar muita atenção à confusão que reina no resto do mundo. Mas por ocasião do ataque à América, esse pedacinho de terra, o mais remoto e tranquilo recanto do mundo, foi logo no primeiro dia arrastado à luta. Pois o primeiro invasor japonês a por pé em solo americano o fez na ilha de Niihau.

Por volta das duas horas da tarde de 7 de dezembro de 1941, um avião japonês de combate deu umas voltas sobre a aldeia e fez uma aterrissagem forçada. Abatendo-se sobre o terreno pedregoso e derrubando uma cerca, veio parar perto da casa de um dos vaqueiros da ilha, Hawila Kaleohano.

Hawila correu para investigar o avião. Abrindo a porta da cabina, viu um japonês a lançar mão do revolver. Hawila agarrou a arma, e arrancou o piloto do avião, rebentando as correias que o prendiam ao assento. Quando o piloto, todo confuso, se levantou do chão, Hawila notou que ele procurava alguma coisa que trazia escondida dentro da camisa. Percebendo imeditamente do que se tratava, o havaiano apoderou-se dos mapas e papéis que trazia o piloto.

O japonês conseguira chegar até alí, mas Hawila por enquanto era senhor da situação.

Acorreram homens, mulheres e crianças. Dirigiram algumas perguntas ao piloto, mas este fez que não compreendia palavra de inglês, o que, aliás, ficou verificado ser mentira. Por isso mandaram buscar Harada, o abelheiro, um dos dois japoneses que moravam na ilha. Quando ele chegou para servir de intérprete, o piloto recusou explicar os furos de balas no seu avião, e confessar que Honolulu havia sido alvo de ataque —fato que os naturais da ilha já suspeitavam, apesar de que só uma semana mais tarde, viriam a receber as notícias do ataque.

Os habitantes da aldeia reuniram-se em conselho, e decidiram deter o prisioneiro japonês até que Aylmir Robinson, o dono da ilha e seu único habitante de raça branca, regressasse de sua viagem semanal em busca de provisões. Meteram o japonês numa casa, deram-lhe de comer, e vigiaram-no durante a noite toda.

Decorreram porem muitos dias sem que Robinson aparecesse; de fato, só voltou depois de finda a batalha de Nii-

hau. Por isso os naturais decidiram que, de fato, «algo de muito sério» se estava passando nas ilhas. Levaram o prisioneiro para a casa de Harada—a pedido do próprio Harada—e aguardaram os acontecimentos.

Quinta-feira à noite, segundo parece, o prisioneiro havia completado os seus planos de fuga. Primeiramente, tivera que ganhar para a causa os seus dois compatriotas: Harada, cidadão americano nascido nas Ilhas Havaí, e Shintani, um japonês mais idoso que vivera em Niihau já muitos anos. Talvez o piloto lhes falasse em termos nostálgicos daquela fidelidade eterna ao Deus-Imperador que os unia à terra natal. Talvez ameaçasse matá-los se não fizessem o que ele, o samurai, ordenava. Ao menos, conseguiu persuadí-los a ajudá-lo.

Na manhã seguinte, bem cedo, Shintani apareceu à porta da casa de Hawila: poderia ele, por favor, entregar-lhe os papéis que apreendera ao piloto? Este estava sarado e queria que lhos restituissem.

Hawila recusou.

Então o piloto se prontificava a pagar generosamente pelo simples favor de ver queimados os papéis. Shintani mostrou duzentos dólares em notas dos Estados Unidos—muito mais dinheiro do que Hawila vira em toda a sua vida.

«*Huakele!*» (Dê o fora, já!) gritou Hawila.

Shintani sumiu, sem que ninguem mais pusesse os olhos nele. Aparentemente, temendo confessar ao piloto que falhara na missão, fugiu para o mato.

Não se sabe porque o piloto dava tanto valor aos seus papéis. Talvez revelassem as posições dos porta-aviões que serviram de base para o bombardeio de Pearl Harbor, ou contivessem qualquer código secreto.

Enquanto esperava em vão a volta de Shintani, o piloto pediu permissão para dar uma volta pelo armazem onde trabalhava o Harada—para fazer um pouco de exercício. Os havaianos não podem deixar de tratar até os seus prisioneiros como hóspedes; por isso, um dos guardas, Hanakai, foi escolhido para acompanhar o prisioneiro. Desde que se viram dentro do armazem, o piloto agarrou uma espingarda que Harada alí tinha para seu uso, e Harada puxou do revolver do piloto que de alguma maneira havia recobrado. Ameaçando matar o pobre Hanakai, que estava desarmado, caso fizesse ele um movimento sequer, os dois japoneses, sairam do armazem, trancando em seguida a porta.

Apoderando-se de um carro de cavalo, Harada e o piloto se dirigiram à casa de Hawila. Mas este os viu aproximar, e fugiu pela porta do fundo para dar alarme pela aldeia afora. Hanakai, que escapara pulando de uma janela alta do armazem, apareceu novamente para ajudar a espalhar o alarme.

Harada e o piloto deram busca na casa de Hawila, mas não encontraram os papéis. Desnorteados, tiraram as duas metralhadoras do avião, colocaram-nas no meio da rua principal da aldeia e começaram a atirar a torto e a direito. Os habitantes da vila, ouvindo barulho de tiroteio pela primeira vez em suas vidas, fugiram para o mato.

Os dois japoneses então sairam a revistar sistematicamente a aldeia. Levando consigo as metralhadoras, e armados tambem com a espingarda e o revolver,—as únicas armas de fogo de toda a ilha—foram de casa em casa, ameaçando matar todo mundo se Hawila não lhes entregasse os papéis. Mas só acharam em casa uma senhora muito idosa, e velha Huluoulani.

A velha lia calmamente a sua Bíblia. Recusou estoicamente dizer-lhes onde estava Hawila. Quando ameaçaram matá-la se não lhes desse a informação, a velha Huluoulani respondeu que só Deus tinha poder sobre a vida e a morte —e continuou a ler a sua Bíblia. Os japoneses fitaram-na um momento, cochicharam um pouco, sacudiram as cabeças e foram-se embora.

Enquanto isso, Hawila convocara um conselho de guerra numa mata de cactos, fora da aldeia, onde se ajuntara o povo. Tomaram algumas decisões. Primeiro, esconder todas as mulheres e crianças em cavernas, durante a noite. Segundo, expedir Hawila e cinco homens fortes para a ilha de Kauai, a cerca de vinte e quatro quilômetros dalí, para trazer socorro. E em terceiro lugar, procurar agarrar os japoneses durante a noite, caso dormissem.

Mas antes de fazer outra coisa, deveriam pedir o auxílio divino.

Com o cair da noite, dirigiram-se silenciosamente para a pequena capela, e, de joelhos no soalho rústico, levantaram as suas preces.

Hawila e os companheiros conseguiram tirar os cavalos das cavalariças. Foram descobertos pelos japoneses justamente quando montavam, e sairam da aldeia perseguidos por uma chuva de metralha. Chegando a galope ao cais de Kii, lançaram na água a baleeira, reservada para as emergências. Horas mais tarde alcançaram a ilha de Kauai, após atravessarem as águas encrespadas do estreito.

A pequena lancha de abastecimento do farol saiu imediatamente em direção a Niihau com um pelotão de infantaria. Mas em Niihau, os acontecimentos se haviam precipitado, antes da chegada dos soldados.

Beni Kanaheli, cujos cincoenta e um anos o coroavam de sabedoria, por longo tempo fora chefe do seu povo. Media dois metros de altura, e dizia-se que era capaz de levantar do chão, de uma vez, três caixotes de mel, de sessenta quilos cada um. Decidiu-se a fazer um raide ao depósito de abastecimentos do inimigo. Devagarzinho, pé ante pé, subiu a rua escura, e, aproveitando um momento em que os japoneses desapareciam dentro de uma casa, conseguiu surripiar toda a munição das metralhadoras.

Os japoneses continuaram a rebuscar as casas até de madrugada. Mas nada dos papéis. Enfurecidos, incendiaram a casa de Hawila, deixando-a em cinzas. Então jogaram gasolina no avião e reduziram-no tambem a cinzas. Provavelmente esperavam apoderar-se da sampana a motor que deveria trazer à ilha o senhor Robinson. Se a sorte lhes fosse favoravel, poderiam nela alcançar as Carolinas.

Beni levara a esposa para a praia, por ser mais garantido. De madrugada, voltavam ambos quando de repente depararam cara a cara com o piloto e Harada, armados de espingarda e do revolver.

Beni não gostou lá muito disso. Sem um movimento sequer que os pudesse prevenir, pulou sobre o piloto japonês.

Durante um instante rolaram os dois para um lado e outro. Então o piloto conseguiu desembaraçar a mão direita, em que empunhava o revolver.

Mas a esposa de Beni—à moda das antigas mulheres havaianas, que acompanhavam os maridos aos campos de batalha—lançou-se na luta agarrando o braço do piloto antes que este pudesse atirar. Então Harada meteu-se no conflito, travando luta com a mulher.

Beni gritou para Harada que largasse

a mulher, senão o mataria. Harada não lhe deu atenção e empurrou a mulher.

O piloto, desembaraçada a mão que agarrava o revolver, deu um tiro no ventre de Beni, sem que este o soltasse. Atirou nele outra vez, e desta atingiu-o na coxa. Beni ainda o segurava firme. O terceiro tiro se enterrou na virilha do gigante havaiano.

—Aí, disse Beni com simplicidade ao americano a quem mais tarde contava a sua história, — aí perdí a calma e me zanguei.

Agarrou o japonês por uma perna e pelo pescoço, como costumava apanhar as ovelhas do seu rebanho, e com toda a força deu com a sua cabeça de encontro a um muro de pedra.

Virou-se então para Harada—justamente no momento em que este esvaziava os canos de espingarda no seu próprio ventre segundo a louvavel técnica do hara-kiri. Procurou então certificar-se de que o piloto não recobraria os sentidos. Mas a mulher já se encarregara dele, desmanchando-lhe os miolos com uma enorme pedra...

—Ela estava bem *hu-hu* (zangada), a minha mulher! dizia depois Beni. —O que fez, fez bem direitinho...

Por esse tempo, com três balas cravadas no corpo, Beni já não se sentia tão bem. Sentou-se junto ao muro de pedra ensanguentado, enquanto sua mulher foi buscar socorro na aldeia. Contudo, cansado de esperar, encaminhou-se para a aldeia, sozinho.

Assim terminou a batalha de Niihau. Fora coroada de êxito a primeira defesa do solo americano na Segunda Guerra Mundial!

Mais tarde o major-general Rapp Bush condecorou Hawila e Beni com as medalhas da Legião Americana.

Lá em Honolulu dissemos depois: «É o que se pode esperar de guerreiros havaianos da marca de Beni e da esposa, de Hawila e da velha Huluoulani, —uma história épica de coragem e fidelidade.»

E acrescentamos: «Convem mesmo prevenir os japoneses de que não devem atirar nos havaianos mais de duas vezes. Pois com a terceira bala acabam ficando zangados...»

Nem um amigo no mundo!

¶ Dois negociantes suiços, internados no Japão, protestaram perante as autoridades nipônicas contra a medida de que foram vítimas. Atendidos por um oficial, este sorriu e explicou: —Compreendo que os senhores são neutros. Mas são neutros *inimigos*.

—Como classifica o senhor, então, os ingleses e os norte-americanos? perguntou-lhe um dos negociantes.

—São inimigos beligerantes, replicou o japonês.

—E os alemães e os italianos?

—Oh, são inimigos amigaveis, declarou o oficial nipônico.

—Liu Chieh, conselheiro da Embaixada Chinesa, segundo Ray Tucker

Na cidade das formigas

(Condensado do «American Magazine»)

Por Royal Dixon

Autor de «The Personality of Insects»

No mundo das formigas há fazendeiros, guardadores de gado, engenheiros e, nas suas cidades subterrâneas, existem profissionais especializados como os nossos empreiteiros, enfermeiros, etc.

EM CERTA CIDADE de vários milhões de habitantes, situada em Panhandle, no Texas, a vida decorria tranquilamente, quando um rumor, distante ainda, de trovão, anunciou que uma tempestade se aproximava. Milhares de vaqueiros surgiram logo por entre a relva, dirigindo-se aos campos onde o gado pastava calmamente. Cada vaqueiro pôs uma vaca às costas e, juntos, lá desceram todos para um estábulo subterrâneo, seguro e confortavel, mesmo sob a mais forte tempestade. Antes que as primeiras gotas de chuva caissem sobre a terra, todos os habitantes da estranha cidade haviam desaparecido debaixo da terra.

Parece estranho o que lhes conto? Pois é pura verdade. Trata-se de uma cidade... de formigas. Tive ocasião de presenciar tais cenas durante estudos e pesquisas que me foi dado realizar nos meus vinte anos de naturalista. As «vacas», neste caso, são pequenos escaravelhos, mantidos pelas formigas há já tanto tempo no cativeiro subterrâneo, que terminaram por perder a vista.

Desconhece-se ao certo, desde quando as formigas guardam assim os animais menores que lhes podem ser uteis. Nós, os homens, domesticamos para nosso uso cerca de 20 espécies de animais selvagens; as formigas, no entanto, já domesticaram centenas de tipos de animais inferiores.

Um dos motivos pelos quais se nos torna dificil exterminar os insetos que destroem certas plantas é que as formigas—sobretudo as sauvas comuns—costumam conservá-los. Ao começar a primavera, vão as formigas, cada qual para seu lado, à procura dos ovos destes insetos, e os guardam cuidadosamente ao lado dos seus próprios.

Os insetos, alimentados generosamente, começam a segregar, depois de certo tempo, um líquido um tanto adocicado. Em cada grupo de formigas, algumas há especializadas em ordenhar as «vacas» da colônia, o que fazem por meio das antenas. Os melhores insetos chegam a fornecer 48 gotas em 24 horas, o que, guardadas as devidas proporções, vence de longe a produção das nossas vacas, mesmo daquelas premiadas em concurso! Se os nossos toma-

teiros estão morrendo, é bem possivel que hajam sido transformados, por alguma colônia de formigas, num pasto para insetos semelhantes.

Como perfeitos fazendeiros, não é somente o gado que as ocupa. Nos primeiros dias da primavera esbarrei, certa feita, numa pequena plantação de arroz. Tinha talvez três a quatro metros de comprimento por um e meio a dois de largura. Quanto à altura das plantas, não passaria de uns cinco centímetros. Tudo, porem, tratado com desvelo, segundo pude observar. A terra em torno das raizes fora lavrada cuidadosamente. Não havia ervas secas, em redor, nem um só pé de arroz na vizinhança. Aquele arrozal, portanto, havia sido plantado.

Notando a quantidade de formigas que passavam, deitei-me sobre a relva, a ver o que estariam fazendo por alí. Compreendí, por fim, que estavam simplesmente cultivando a plantação de arroz. Umas lavravam vigorosamente a terra com toda a técnica precisa, enquanto outras arrancavam as ervas daninhas. Nos pontos em que o capim era mais alto, algum par de formigas se encarregava de cortá-lo, nivelando o terreno. A plantação dispunha até de guardas, que tinham a seu cargo defendê-la contra os insetos e as lagartas.

Durante todo o verão frequentei a «fazenda» das formigas. Lá pelos fins de agosto, estando os cereais maduros, com 24 polegadas de altura, iniciou-se a colheita. Uma fila ininterrupta de trabalhadores trepava pelas hastes. Cada qual colhia um grão, e transportava-o, incontinenti, para o celeiro subterrâneo. Salpicando-as com tintas de diferentes cores, afim de distinguir os vários grupos, pude igualmente observar que cada turma terminava a colheita numa dada haste, antes de iniciá-la mais alem. Um grupo reunira-se num canto, empregando a cabeça para poupar as pernas: as formigas que trepavam pelas hastes lançavam lá de cima os grãos, que o grupo cá de baixo transportava ao celeiro.

Vários dias de chuva seguiram-se à colheita. Mal as chuvas passaram, voltei a ver o que teria sucedido aos fazendeiros. Era intensa a atividade em torno à entrada do quartel general subterrâneo. Cada formiga que dalí saía, trazia um grão de arroz, que todas colocavam em pequena elevação exposta ao sol, não distante dalí. Como a chuva tivesse umedecido os grãos, decidiram secá-los sob os raios do sol. Ao cair da tarde, levaram-nos de volta à «panela».

Estas formigas agricultoras são comuns por quase todo o sul dos Estados Unidos. Rivais delas na inteligência, de que dão mostras evidentes, são as formigas parassóis, do Brasil, que conservam os seus estoques alimentícios, sob condições artificiais, em subterrâneos cavados sob os lugares onde habitam. Quantas vezes, deitado na relva, observei-as a marchar em fila, levando cada qual, sobre a cabeça, um pedaço de folha, como que para se proteger dos raios do sol. As folhas, todavia, não lhes servem somente de sombrinhas. Se cortarmos ao meio as casas onde moram, veremos, nas diversas divisões subterrâneas, grupos e grupos de trabalhadores, partindo as folhas em pedaços, limpando-as, a seguir, com a própria língua, preparando-as, afinal, para a fermentação. Os fragmentos das folhas, quando apodrecidos, fertilizam as plantações de cogumelos de que as formigas se alimentam; mordendo-lhes as hastes em determinada altura, crescem eles de novo tal como os nossos pés de aspargos.

Mas as formigas, não são somente fazendeiras exemplares. Vivem, tambem, como habitantes das cidades, em amplas casas de apartamento, construidas, parte acima, e parte abaixo do nivel da terra, e cujas proporções, relativamente é claro, fazem com que, comparados a elas, nossos mais altos arranha-céus não passem de choupanas. Conheço uma cidade de formigas, nas montanhas de Pensilvânia, constituida por cerca de 2.000 casas semelhantes, cobrindo, toda ela, 15 hectares de terra, e cuja população é de 12 a 14 milhões de habitantes. Em cada cidade há grande número de escravos e criados; há enfermeiras a postos, dia e noite, e até coveiros encarregados de enterrar os mortos.

As formigas protegem com desvelo a saude de seus filhos. Dispõem de enfermeiras especiais, encarregadas de cuidar dos «pequeninos», vendo que nada lhes falte. Cada «criança» vem ao mundo sob os cuidados de uma formiga «parteira», que tem a seu cargo desvencilhar-lhe as antenas e as pernas. São colocadas em diversas divisões, conforme a idade e o desenvolvimento, como as nossas crianças nas escolas. Dão-lhes o banho e as refeições com intervalos regulares. Mas assim que possam caminhar, a enfermeira os conduz a passear ao ar livre. Assim é que, nas ruas da cidade de formigas, vemos centenas de enfermeiras guiando lentamente o seu rebanho de «meninos»! Sobrevindo um ataque, ou qualquer ameaça, os filhotes são levados sem demora para um abrigo que ofereça segurança.

A maior prova de inteligência que ainda observei numa formiga, tive-a certa feita acompanhando os passos de uma delas no terraço do meu rústico bangalô no Colorado. O referido animalejo chegara a um ponto do balcão em que havia, entre as tábuas, uma brecha mais funda. Guardadas as devidas proporções, aquilo para ela representava um tremendo abismo. Pôs-se a olhar, indecisa, o precipício. Deu meia volta, finalmente, na direção de que viera, e regressou, pouco depois, arrastando um graveto de pinheiro doze vezes maior do que ela própria. Passou então a empurrá-lo, até que a outra extremidade do graveto atingisse a margem oposta. E atravessou num passo triunfal a ponte que improvisara.

Perú de casa

¶ O CORONEL exigiu do cozinheiro negro que o seu perú, para o Dia de Graças, fosse do seu próprio terreiro, criado com milho, e não um perú do mato. Ao chegar o dia, o coronel deparou com um belíssimo perú, perfeitamente preparado, e começou a cortá-lo; subitamente, entretanto, franziu o sobrolho, fez mais um corte e, então, chamou o cozinheiro.

—Eu não disse que queria um perú de casa? atroou ele.

—*Inhor sim, esse pirú é de casa, criado cum mío, inhor sim.*

—E esta marca de tiro, que eu vejo aquí?

O cozinheiro descançou num pé, depois no outro:

—*Esse tiro, coroné, era pra mim.*

—*The Rotarian*

A Inglaterra inteira se ergueu a discutir os direitos de um garoto.

O menino que desafiou o Almirantado

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Alexander Woollcott

UMA CASA editora de Londres e Edinburgo vem publicando, desde o início deste século, curiosa coleção intitulada «Os Processos Célebres da Inglaterra». Leitor apaixonado destes livros, vi com surpresa e desapontamento que em nenhum deles se faz referência ao famoso processo cuja história gravei profundamente na lembrança, como sendo talvez dos mais notaveis, e sem dúvida, ao mesmo tempo, o mais britânico de todos.

Não existe em nenhuma biblioteca da América ou da Grã Bretanha cópia ou transcrição do processo referido. Nestes últimos meses, todavia, por uma série de curiosas coincidências, vi-me, por fim, senhor de uma cópia completa do mesmo, obtida por vias particulares, e tenho em mente publicá-la para uso daqueles que porventura encontrem nele motivo de estímulo e exemplo. Porque de fato o caso de Archer-Shee é um capítulo flagrante, breve e luminoso, da longa história da liberdade humana. Parece-me, portanto, que a sua leitura trará nova energia e novo alento àqueles que mantêm, no momento atual, o propósito firme de não permitir que a liberdade venha jamais a perecer sobre a face da Terra.

No outono de 1908, o sr. Martin Archer-Shee, gerente de um banco em Liverpool, foi informado pelo comandante da Real Escola Naval de Osborne, de que o Almirantado decidira expulsar da escola o seu filho George, de treze anos, que alí entrara como cadete poucos meses antes.

Um vale postal no valor de cinco xelins fora roubado do armário de um dos estudantes. Feitas as necessárias pesquisas, chegara-se à irrefutavel conclusão de que o culpado era o jovem Archer-Shee. A desoladora notícia levou a família do acusado a Osborne. Era verdade o que diziam? «Não, papai.» Mas então, por que motivo ter-lhe-iam imputado o roubo? Atônito, o rapaz não encontrava explicação para o fato. O oficial de serviço limitou-se, com rispidez, a recomendar ao pai que se fosse entender com o Almirantado e os seus lordes. Estes, por seu turno, não respondendo a cartas, evitando as interpelações mais diretas, e recorrendo, em suma, às burocráticas delongas do costume, alegaram por fim a tradição de que à Marinha—e só a ela—cabia julgar se alguem possue ou não os requisitos indispensaveis a um oficial britânico.

Assim, o pai de Archer-Shee viu-se a braços com um problema de endoidecer: enfrentar a inabalavel inércia de um departamento do governo que não tem por costume ver postas em dúvida as suas decisões, e não gosta de ser importunado. Estava ele, pois, lançando o repto de combate a uma burocracia.

Momentos vários houve, no decurso da luta, em que um combatente menos resoluto se teria inclinado a abandonar

o campo, e um de menores recursos materiais ver-se-ia obrigado a fazê-lo. Mas acredito que o pai sabia, no seu íntimo, que o filho estava inocente. Contribuia, provavelmente, para firmá-lo nessa convicção, a lembrança da amargura com que o rapaz chorara no dia em que o levaram de Osborne. Nestas condições, enquanto lhe restasse um alento no corpo e uma libra na conta bancária, não permitiria que o filho saisse assim, da escola para o mundo, com aquela nódoa na reputação.

A primeira grande medida que tomou, foi contratar os serviços de Sir Edward Carson, então no zênite da sua incomparavel fama de advogado. Aliás, só depois de ouvir a história dos próprios lábios do moço,—crivando-o de perguntas incisivas, como as que o tinham tornado temivel no interrogatório de testemunhas—foi que ele se decidiu a aceitar a causa. Depois de ouvir o acusado, Carson não ocultou sua impressão: «Este rapaz não furtou o vale postal. Agora, vamos aos fatos.»

Era um caso dificil, na verdade, tanto mais quanto o acusado, pelo próprio fato de ter-se feito cadete, havia renunciado aos direitos de cidadão comum, sem que entretanto houvesse ainda atingido situação jurídica que o habilitasse a ser julgado por uma corte-marcial. Carson, contudo, estava decidido a levar o caso aos tribunais. Mas a isso se opunha o procurador-geral, Sir Rufus Isaacs, mais tarde Lorde Reading e Juiz Supremo da Inglaterra, compelido pela tradição a manter e prestigiar, a todo transe, a ação do Almirantado.

Afinal, recorreu Carson a um antigo expediente que havia muito caira em desuso: a chamada «Petição de Direito». Sempre que um súdito se aproxime do trono com uma Petição de Direito, e o rei consinta em despachar na mesma: «Faça-se Justiça», Sua Magestade pode ser intimada, no tocante ao assunto em causa, como qualquer cidadão comum.

Em lugar de acolher de bom grado tal processo como o caminho mais rápido para resolver a controvérsia, o Almirantado, talvez por força de hábito, preferiu recorrer a formalidades legais, afim de protelar a decisão. Foi a impaciência humana dos juizes, para os quais se apelou de um expediente dilatório, que pôs termo às manobras de chicana. Teriam eles que decidir, eventualmente, se uma Petição de Direito era ou não o remédio indicado; mas, enquanto isto, perguntaram: porque não tomariam eles conhecimento dos fatos?

Resultou daí que, finalmente, num quente dia de julho de 1910—quase dois anos após o desaparecimento do vale postal, e já tarde demais para que restasse esperança de se descobrir quem o tinha furtado,—o caso foi submetido a juri. A essa altura já a questão era tratada na imprensa como uma causa célebre, e todo o império a seguia com apaixonado interesse. Iniciado o julgamento público, lá estava Carson, firme, no seu posto, defendendo o acusado:

«Um menino de 13 anos foi marcado para toda a vida com o labéu de ladrão e de falsário. Senhores, protesto contra a injustiça feita a uma criança, privada de comunicação com seus pais, sem processo de audiência, e à qual nunca foi dada uma oportunidade de defesa. Este menino, desde o dia em que lhe foi lançada a acusação, até o atual momento, fosse sob as constantes ameaças de ser levado à presença do comandante da escola, fosse sob os conselhos e admoestações de seus queridos pais,

nunca vacilou, um só instante, em afirmar sua inocência.»

Estas eloquentes palavras ressoaram tão alto, que todos os ingleses as ouviram. O caso, já agora, vinha sendo acompanhado com comovida atenção pela generalidade dos homens e mulheres da Inglaterra, trazidos, aos poucos, à compreensão de que se tratava não apenas de um roubo de cinco xelins, nem da reputação de um jovem, mas efetivamente de um microcosmos em que se resumia toda a longa história da liberdade britânica. O que se apresentava à superfície era um mero incidente interessando ao destino de um rapaz; mas o que no fundo estava em causa, era nada menos que o princípio da inviolavel soberania do indivíduo.

Os Archer-Shee, desde o início do episódio, tinham em seu favor, a evidente inverossimilhança do crime atribuido ao menino. Não parecia provavel que ele tivesse roubado cinco xelins, quando dispunha de recursos amplos. Porem, dando de barato que o houvesse feito, afigurava-se absurdo que, em lugar de ter recebido, furtivamente, a importância, houvesse pedido, sem nenhuma reserva, permissão, para ir ao correio, que ficava distante, perdendo, por outro lado, não pouco tempo, como tudo ficara apurado, à procura de um companheiro que quisesse ir com ele até lá. Essa circunstância, tão importante na elucidação do caso, escapara completamente à atenção das autoridades da escola.

Quando o jovem Terence Back declarou, desapontado, que o vale postal que havia recebido aquela manhã desaparecera do seu armário, o oficial inferior, a quem fez a queixa, telefonou imediatamente para a estação de correio, investigando se o referido vale já havia sido descontado. A resposta veio afirmativa...

Fizeram-se a toda a pressa averiguações oficiais na dita repartição, cuja diretora, Miss Anna Clara Tucker, foi alvo de muitas perguntas. Algum cadete estivera alí naquele dia? Sim, respondeu ela, dois, os quais compraram, respectivamente, o primeiro, um vale postal de 15 xelins e 6 dinheiros, e o segundo, dois vales, num total de 14 xelins e nove dinheiros. E um deles recebeu a importância do vale furtado? perguntaram-lhe ainda. Miss Tucker respondeu que sim. Ser-lhe-ia possivel reconhecê-lo? Não: metidos nos seus uniformes, eles todos se pareciam uns com os outros. Duma coisa, porem, se lembrava—o portador do vale em questão, fora, dos dois cadetes, o que comprara o de 15 xelins e 6 dinheiros. E como se chamava? Bem, os registros podiam fazer luz sobre este ponto: o cadete chamava-se Archer-Shee. (O vale que ele comprara destinou-se, naturalmente, à compra de um modelo de motor que se achava empenhado em adquirir, e para isso retirara, aquela manhã, 16 xelins dos seus fundos em depósito em mão do oficial inferior, acima mencionado.)

Na base do testemunho de Miss Anna Clara Tucker agiram as autoridades. Mas a investigação foi tão falha, que o primeiro auto daquele depoimento, perante o Almirantado, omitiu cuidadosamente o fato crucial de que, na manhã seguinte, na escola, ao serem apresentados à depoente seis ou sete dos cadetes, esta mostrou-se incapaz de reconhecer Archer-Shee. O caso adquiriu maior relevo quando, dois anos depois, naquele dia estival de julho, Carson dele tirou partido, com a maior habilidade, requisitando Miss Tucker para prestar

novo depoimento perante o tribunal.

O recebimento do vale furtado e a emissão do vale de 15 xelins e 6 dinheiros tinham-se verificado ao mesmo tempo? Sim, isto é, uma transação seguiu-se à outra. Mas, afinal, estava só ela a cargo do serviço, naquela ocasião? Sim. Havia, no momento, que atender ao serviço telefônico, e de recepção de telegramas? Sim, e alem disto, a correspondência a separar. Isso a obrigava a afastar-se, de vez em quando, do guichê? Sim. Então, se acontecesse que um cadete se retirasse, na ocasião, do guichê, e outro lhe ocupasse o lugar, durante algumas das interrupções, seria possivel que ela não notasse o fato? Ainda aí foi a resposta afirmativa. E, desde que, no seu conceito, todos eles se pareciam, não podia ter sucedido que ela, voltando ao guichê, tratasse com outro cadete, supondo que este era o mesmo que alí havia deixado? Possivelmente. Em tais circunstâncias, poderia ela afirmar que tinha sido Archer-Shee quem recebera o vale desaparecido? Ela nunca o afirmara positivamente! Poderia estar segura—agora, que voltava a refletir sobre o caso—de que o vale furtado tinha sido, de fato, recebido pelo mesmo cadete que comprara o de 15 xelins e 6 dinheiros? Não estava absolutamente certa. —Tal, em resumo, o seu depoimento.

Este, portanto, caía pela base. Sir Rufus não hesitou em reconhecê-lo. Assim, quando o juri abriu no quarto dia, o Procurador Geral anunciou:

«À vista do que se apurou, e em nome do Almirantado, aceito a declaração de George Archer-Shee de que não assinou o vale postal, nem recebeu a respectiva importância, e pois, o declaro inocente.»

Em seguida, enquanto os jurados se dirigiam a Carson e ao pai do acusado, apresentando-lhes congratulações, o advogado, exhausto, ao voltar-se para felicitar o próprio réu, verificou que ele não se achava na corte. Quando porem, mais tarde, surgiu no escritório de Carson, embaraçado e risonho, afim de agradecer-lhe, o grande advogado perguntou-lhe por que motivo se encontrava ausente na hora do triunfo. É que fora ao teatro na noite anterior, e acordara tarde. Acordara tarde! Semanas e semanas, Carson dificilmente conseguira conciliar o sono. *Acordara tarde!* Justos deuses! Não ficara sequer ansioso? Oh, não, senhor. Sabia bem que, uma vez levado o caso ao tribunal, se apuraria a verdade. Carson franziu as sobrancelhas. Depois riu-se a bom rir. Era, possivelmente, aquele, o melhor modo de levar as coisas.

Graças à Câmara dos Comuns, nem ao Almirantado nem ao público foi lícito esquecer o caso Archer-Shee. Vários membros daquela casa prontamente advertiram que a Inglaterra devia contar com alguma certeza específica de que fora aprendida a lição, e nunca mais um rapaz seria expulso de Osborne, sem que lhe fosse dada ocasião para adequada defesa.

Neste caso, naturalmente, era tarde demais para qualquer medida, exceto desculpas e a indenização. Mas os meses correram, e nem uma palavra de desculpa; quanto à indenização, não se ofereceu em pagamento senão uma fração do que o pai do rapaz havia gasto para promover-lhe a defesa.

Assim, em março do ano imediato, renovou-se o ataque. A coisa principiou com o requerimento, algo singular mas tradicional, de que os vencimentos do primeiro Lorde do Almirantado fossem reduzidos de cem libras. Todos os que

intervinham no debate, falavam como se nada no mundo fosse mais importante que a questão da justiça devida a um modesto rapaz. O Primeiro Lorde viu-se tonto, e foi finalmente compelido, embora com muita relutância, a ditar sem quaisquer restrições a expressão do seu pesar. Concordou mais em pagar ao pai do rapaz qualquer soma que uma comissão de três membros, da qual fizesse parte o próprio Carson, considerasse cabivel. Resultou daí um pagamento de 7.120 libras, com o qual se daria por encerrado o caso.

O caso—mas não a história. A esta coube um epílogo. Os personagens? Quase todos já desapareceram. O menino? Quando chegou a vez deste, o autor do epílogo mergulhou a pena na ironia. Se considerarmos que ele tinha treze anos, ao ser expulso de Osborne, chegaremos à conclusão de que, ao principiar a Grande Guerra, estava bem em idade de oferecer a vida pelo rei e pela pátria. Será que o fez? Naturalmente. Mas no exército... Agosto de 1914 encontrou-o na América, trabalhando na firma Fisk & Robinson, de Wall Street. Tratou de regressar, de qualquer maneira, à Inglaterra, alistou-se no regimento de South Staffordshire como segundo tenente miliciano, e foi para a França, a tempo de morrer em Ypres—no primeiro outubro da guerra.

Eis, em traços gerais, a história de Archer-Shee, cuja breve existência se encerrou aos dezenove anos de idade. Essa história foi sempre, para mim, profundamente impressionante, e, à medida que os anos vão passando, cresce de sentido e de expressão. Porque sobre ela cabe acentuar: jamais aquilo poderia ter ocorrido senão em um estado democrático.

O caso de um povo inteiro, agitado em torno de uma pequena questão de princípio, é tão peculiarmente inglês, quanto é bem democrática a atitude que tomaram os homens de maior relevo do país em face do próprio Estado, porque um rapaz fora tratado injustamente.

Biografia da juventude

¶ Wendell Willkie ficou grandemente impressionado com a relativa juventude dos generais do exército russo. Timoshenko, defensor do sul, tem somente 47 anos; Jukoff, que salvou Moscou, tem 43.

Julga-se geralmente que as guerras são conduzidas por generais de idade já avançada, como Foch, que em 1914 tinha 63 anos; como Lee e Pershing, que tinham 54, ao comandar os seus exércitos; ou como Voroshilov, que tem atualmente 61. Entretanto, San Martin quando entrou em Lima não passava dos 42, e Bolívar, em Boyacá, tinha somente 36; George Washington, em Cambridge, tinha 43; Cesar, ao combater os helvécios, tinha 42; Napoleão era um jovem de 26 anos, quando começou a se tornar famoso, e em Waterloo tinha 46 anos; Alexandre, o Grande, aos 33 anos não tinha nada mais que conquistar, tendo começado a sua carreira aos 22.

¶ *Impressões de um piloto ferido.*

«Chegou a minha vez!»

(Condensado do «New York Times»)

Por Stanley Hope, piloto da RAF

ESTA narrativa foi escrita num hospital inglês a pedido do médico que assistia o piloto. O realismo espantoso com que aí se descrevem os pormenores de um combate aéreo, e particularmente as impressões e sensações do piloto, fazem desta página um dos mais interessantes documentos da guerra atual.

Estávamos numa das nossas comuns operações ofensivas—um raide diurno contra certos objetivos nas vizinhanças de Lille. Certa feita, durante a ação, que se desenvolvia intensamente sobre toda a área do alvo, fiz uma descida de mais de mil metros, a perseguir um Messerschmitt 109, que, todavia, desapareceu entre as nuvens. Ganhando outra vez altura, encontrei o céu completamente deserto.

Voguei por alguns minutos—único ser vivo, que era então, a flutuar por aqueles ares—e tratei de voltar à base, inteiramente só, a 6 mil metros, voando aos *ss*, e perdendo altura pouco a pouco, de maneira a conservar a velocidade.

Até Saint-Omer, nada encontrei. Mas alí vi passarem dois 109-F a uns trezentos metros acima, e ligeiramente para a minha esquerda, em rumo oposto ao meu. Eu me achava por essa ocasião a cerca de 4 mil metros.

Subí logo a favor do sol, disposto a ir ao encontro dos dois, e, logo que estivesse certo de estarem sozinhos, dar-lhes o devido destino. Mas súbito a armadilha descobriu-se. Surgia Messerschmitt contra mim de todo canto do céu, e o em que me via metido era nada menos que o seguinte: nove ou dez Messerschmitts contra o meu Spitfire!

Não liguei maior importância ao aspecto das coisas, e, se fiquei agitado, não cheguei propriamente a sentir medo. Não me lembro de nunca o ter sentido, uma vez começada a luta.

Apelei, como era natural, para uma ação evasiva, procurando livrar-me, a todo o transe, do fogo inimigo. A tarefa não era das mais simples. Não tardei entretanto a notar que eles erravam repetidamente o alvo, o que muito me animou.

Conseguí atingir um 109-E, desmantelando-lhe peças do radiador. Começou a esguichar glicol. Quando vi que se tratava apenas de glicol, fiquei indignado! (Aliás, eu ando sempre indignado contra a *Luftwaffe*.) O 109 desceu, em espiral, até sumir-se de vista, perdendo sempre glicol, mas ainda sob controle. É de supor que tenha aterrado, sem maior dificuldade.

Tentei, ganhando em ascensão, atacar do alto os 109, do lado do sol. Mas quatro deles compreenderam o meu plano, e, subindo na mesma direção,

permaneceram ainda mais acima. Eles eram tantos, a um só tempo!

Como a gasolina de que dispunha era reduzida, e ainda me achava muito no interior da França, decidí concentrar os meus esforços no obstinado propósito de chegar intacto à base. Tive a esperança de encontrar ao longo da costa alguns aviões amigos, de combate. Já me sentia farto daquele jogo de esconder, em que consumira uns 20 minutos, e estava ansioso por uma ajuda, ou, quando nada, por alguns segundos que me deixassem respirar. Sentia-me terrivelmente só.

Nas proximidades da costa, volvendo-me para escapar a um ataque por bombordo, de dois 109, oferecí momentaneamente o flanco a dois outros que vinham atrás. Antes que pudesse safar-me de tal situação, chegou-me aos ouvidos uma série de marteladas metálicas, e logo se foram abrindo grandes buracos, a partir da ponta da asa de estibordo, e por alí adiante até a fuselagem. Pude observar os orifícios a medida que foram aparecendo, um a um, embora tudo aquilo acontecesse com a rapidez do relâmpago. Depois novo estrondo, este agora de ensurdecer, no interior da carlinga—e recebí na nuca uma bruta marretada...

Sentí esvair-se-me a energia, e mergulhei numa escuridão total. Faltavam-me forças, sequer para mover o dedo mínimo. Era como se estivesse sob a ação de um anestésico. Não tinha conciência de nada, a não ser da escuridão, e de uma dor por trás do ouvido direito. Mas alguma coisa, em meu espírito, ainda funcionava, pois me lembro de que, no escuro, vinha dizendo a mim mesmo:

«Afinal de contas, chegou a minha vez tambem... E você acreditava que havia de sair sempre de qualquer encrenca. Mas desta, meu caro, não há saida. Você está completamente cego, não pode mover um músculo, e vai descendo, perdido, a espantosa velocidade, com uma matilha de Messerschmitts no seu rasto, prontos a lhe darem o tiro de misericórdia, se lhe perceberem algum sinal de vida. Bem que eu desejara poder explicar aos companheiros como a coisa se passou, em vez de simplesmente desaparecer, como tantos outros... Você não passa de uma pobre vítima, ao alcance das balas de adversários aguerridos. Mas tambem é tarde demais para lamentações; agora é questão apenas de alguns segundos. O sacrifício supremo, quando cair no mar, e depois nada mais restará deste vôo de pesadelo, nem tampouco haverá mais que sofrer. Paz; unicamente paz! Que maravilha, meu Deus! Ainda bem que não tenho nenhum compromisso para esta noite.»

Eu sabia que a velocidade era muito grande. Uma sensação especial e o som do vento o indicavam. Mas estava, já agora, perfeitamente resignado. Sem dúvida, lastimava, e com grande relutância, deixar esta vida com tantas aspirações ainda não realizadas, e sem poder, ao menos, despedir-me dos meus. Continuava sem medo, até porque percebia que me achava quase inconciente, e assim não deveria sentir muito quando embatesse no mar.

Iam correndo serenamente os últimos segundos. Não havendo mais nada a fazer, estava eu dispensado de tomar qualquer providência. Era bom sentir-me assim, sem ter mais que empregar esforços. Não fosse a dor na cabeça, e teria sido uma delícia esse repouso de nervos! Mas súbito começou a voltar-me a conciência. Com um esforço

enorme, puxei a alavanca do rádio para a posição de transmissão, dei o meu número de esquadrilha, e disse: «Binto, estou a cair direitinho no mar.» (Binto era a estação em terra.)

Em seguida, passei a notar algo de novo. Meu mundo de escuridão ia deixando agora de ser negro, para tornar-se vermelho. Vagamente, como através de vidros de um vermelho muito escuro, vislumbrei o nariz do Spitfire a apontar direito para baixo, na direção de um mar nevoento e tambem vermelho-escuro.

«Diabo!» pensei então. «Eu já posso tentar voar de novo!»

De fato, decorridos dois segundos, estava plenamente conciente, e a gritar mentalmente a mim mesmo: «Voa, seu idiota! Já e já!»

Com uma náusea física que só sentira anteriormente em momento de grande crise de saude, arranquei o Spitfire ao mergulho, sempre em linha sinuosa. O aparelho ia tão ronceiro que logo deduzí que os lemes de elevação haviam sido atingidos. Os 109 ainda me perseguiam. As espirais de fumo dos seus canhões e os traços das suas granadas enchiam o céu. Fiz tudo quanto esteve em minhas forças para frustrar-lhes a ação. Atiravam com tal fúria, que a coisa chegou a tornar-se, até certo ponto, engraçada.

Descí, em mergulho, a cerca de trezentos metros, para salvar a velocidade. Cumpria-me, de todo modo, manter-me voando. Aliás o controle real do avião seria, por assim dizer, instintivo, enquanto meus pés e mãos pudessem funcionar.

O sangue escorria por toda a parte, pingando-me nos joelhos, e salpicando inexplicavelmente o para-brisa. Duas ou três vezes, quando os alemães chegaram muito perto, tive que baralhar-me com eles, para impedir que se aproximassem demais da cauda do meu Spitfire. Mas pouco a pouco—muito lentamente, parecia-me—fui-me avizinhando da Inglaterra.

O vermelho, que sucedera ao negro, acabara por desfazer-se, voltando as cores à normalidade. Ainda sentia, porem, atordoada a cabeça, e tive que resistir a uma vontade tremenda de me deixar tombar para a frente e mergulhar de vez no mar.

Alguns dos 109 desistiram, talvez por falta de munição; só quatro não me largavam. Eu demandava, desnecessário é dizê-lo, o aeródromo mais próximo, na esperança de que os Messerschmitts me acompanhassem até lá, e as defesas de terra os destruissem. Mas, a seis ou oito milhas da costa inglesa, eles preferiram dar meia volta.

É dificil descrever o meu estado de espírito. Três reflexões me acudiam. A primeira dizia assim: «É chegado o seu momento. Você agora os tem na mão. Portanto, se você vale alguma coisa, trate de sair-lhes ao encalço. Um ou dois podem ter ficado para trás, e pô-los abaixo seria um feito ilustre!» Já a segunda se opunha a semelhante programa, com decidida aversão a toda espécie de esforço; enquanto a terceira advertia, sensata: «Não se faça ainda mais burro do que é. Você já perdeu boa quantidade de sangue. Se insiste, poderá arrepender-se.»

Quando eu vi os 109 desaparecerem, recordo-me de ter pensado: «Seus estafermos, quantos de vocês serão precisos para dar cabo de um Spitfire?» Aliás era bobagem minha, porque às vezes basta um.

Rumei então para o aeródromo da costa. Supunha que o esforço a empregar para o vôo final de aterragem ultra-

passaria minhas forças. Sentia-me tão combalido, que receava perder os sentidos antes de poder aterrar. Operações das mais simples, para baixar o trem de aterragem por exemplo, que não requerem mais que o acionamento de uma leve alavanca, exigiam de mim grande energia e força de vontade para conseguir executá-los.

Mas pude chegar a terra; o aparelho rolou e parou. E, num último e custoso esforço, que era, em suma, uma concessão ao meu orgulho profissional, verifiquei, meticulosamente, todos os controles do aparelho. Tirei com todo cuidado meu capacete, e sorrí para um companheiro de esquadrilha, que tinha descido, à busca de combustivel. Ele respondeu com outro sorriso, mas, percebendo que as coisas não iam lá muito bem para o meu lado, gritou pela ambulância.

Doiam-me as fontes, onde um auxiliar médico procurava exercer pressão, para o fim de deter a hemorragia. Sentí-me esvair mais e mais, e, quando a ambulância chegou, perdí enfim os sentidos.

Dez horas depois, ao voltar a mim no hospital, não deixei de sentir-me assustado. Mas estava na Inglaterra, entre camaradas. O mais não tinha importância.

Tinham feito uma operação na minha cabeça, de onde retiraram inúmeros estilhaços de metal, do invólucro de uma granada.

Tenho os estilhaços guardados lá em casa. Um dia eles me ajuderão a compor algumas rimas para meus netos. Mas antes disso, há contas a ajustar. É que realmente aquele alemão me deu uma grande dor de cabeça, e eu não posso prescindir de retribuir-lhe o presente. Sentir-me-ei bem mais feliz no dia em que o fizer!

Poucos amigos . . . e menos transtornos

¶ Charles M. Schwab, o famoso milionário americano, tinha 72 anos de idade, quando um dia foi processado para pagar uma grande soma. Tratava-se de um desses casos que qualquer pessoa eminente teria preferido decidir fora da Corte, para evitar publicidade; mas Charles foi a juizo e venceu o caso. Depois de responder a todas as interpelações que lhe foram feitas, pediu vênia para fazer uma declaração, o que lhe foi concedido.

«Sou um homem de idade», afirmou ele, «e quero dizer que 90 por cento das complicações que tenho tido foram causadas pela minha benevolência para com os demais. Vós, que sois ainda jovens, se quiserdes evitar dificuldades, deveis ser duros e dizer *não* a toda a gente. Atravessareis a vida sem incômodos, mas»—e aquí um sorriso de sabedoria iluminou-lhe a face—«mas não tereis amigos nem muitos prazeres.»

—Otto Eisenschiml, *Without Fame* (Alliance)

¶ *Mais perigosa do que pensa a maioria dos pais, a coqueluche já pode ser evitada.*

Contra a ameaça da tosse convulsa

Por Paul de Kruif

Apesar de possuirmos meio seguro e poderoso de prevenir a coqueluche, todos os anos milhares de crianças contraem a moléstia. O fato de que a grande maioria se restabelece, não quer dizer que a coqueluche seja doença relativamente sem importância, pois sabemos que pode atacar o cérebro e os pulmões, acarretando terriveis consequências.

Se a maioria das pessoas se convencessem da seriedade da coqueluche, poderíamos cortar o mal pela raiz, pois já possuimos a vacina específica.

O que deu origem à vacina foram os conhecimentos colhidos desde 1906, quando o bacteriologista belga, Jules Bordet, conseguiu cultivar o micróbio da moléstia no seu laboratório.

Ainda assim, em parte devido ao cepticismo de alguns cientistas, sobre se o germe descoberto seria realmente responsavel pela coqueluche, e tambem à falsa noção, partilhada pelo próprio descobridor do micróbio, de que a «tosse comprida» não era doença grave, bons vinte anos decorreram sem que fosse feita nenhuma tentativa para preparar-se uma vacina.

Nesse ínterim, os médicos vinham acumulando provas dos prejuizos causados pelo mal em dezenas de milhares de crianças, que só aparentemente recuperaram a saude. Por exemplo, sabe-se hoje, de ciência certa, que algumas crianças, principalmente as de menos de dois anos de idade, podem apresentar lesões nos pequeninos vasos cerebrais, principalmente nos paroxismos da moléstia. Recentemente os drs. Louis A. Lurie e Sol Levy, em estudos no *Cincinnati Child Guidance Home*, verificaram que o índice de subnormalidade mental é sempre muito maior entre as crianças que tiveram a infecção na infância.

Do começo do século até 1930, mais de 170.000 bebês americanos, segundo estatísticas oficiais, morreram de coqueluche por falta duma vacina preventiva que poderia, no entanto, já estar sendo posta em prática. Milhares de outras foram vítimas de broncopneumonia como complicação da moléstia. Ninguem pode imaginar quantos casos de tuberculose se originam em pulmões de crianças que foram anteriormente acometidas de coqueluche. Alem disso, a tosse pode lesar o coração; e há ainda outras possiveis consequências graves, tais como depauperamento geral acompanhando o mau estado da nutrição, certo retardamento mental, e o aparecimento tardio da fala e da marcha.

Em Evanston, Ilinóis, nos últimos anos, houve um médico de crianças, o dr. Louis W. Sauer, que muito se contrariou por nada poder fazer contra a coqueluche. Tivera notícia que com o esquecido micróbio de Bordet tinha sido possivel fabricar uma vacina de relativo resultado, que, pelo menos nas crianças das longínquas Ilhas Faroé,

conseguira suavizar os efeitos da coqueluche. Sauer diminuiu a virulência dos micróbios com um antiséptico, resultando daí uma vacina que começou a injetar nos bebês.

Os resultados foram os mais promissores. Entre 24 famílias, 31 crianças que *não* tinham sido vacinadas contrairam eventualmente a moléstia, ao passo que 29 outras vacinadas, apesar de expostas ao contágio, escaparam à infecção.

Surgiram-lhe imediatamente adeptos. O dr. Hugh Macdonald e sua esposa, tambem médica, e ambos de Evanston, aplicaram a vacina de Sauer a dois dos seus quatro filhos. Em seguida, por meio de um borrifador, semearam micróbios da coqueluche nas narinas de todos eles; os dois vacinados não contrairam a moléstia, enquanto os outros foram acometidos do mal.

Isso foi, entretanto, experiência em pequena escala; o trabalho do dr. Sauer teria caido em esquecimento, se não fossem a doutora Pearl Kendrick e sua assistente, Grace Eldering, dos laboratórios do Departamento de Saude Pública do estado de Míchigan. Em 1932, violenta epidemia de coqueluche atacou as crianças de Grand Rapids, Míchigan. Apesar do trabalho diário que mantinham no laboratório, as microbiologistas empenhavam-se em pesquisas mesmo depois da hora do expediente.

Todas as noites, às vezes entrando pela madrugada, subiam elas as escadas de casas onde havia crianças com tosse convulsa. Colhiam os micróbios diretamente da boca de centenas delas, e voltavam ao laboratório, onde preparavam culturas que eram inoculadas em ratos e coelhos. E assim chegaram à descoberta de uma vacina de poderoso efeito protetor.

Para afastar qualquer motivo de dúvida, as doutoras Kendrick e Eldering, patrocinadas pelo Departamento de Saude, iniciaram uma das maiores experiências na história da Microbiologia.

Dividiram em dois grandes grupos a população infantil de Grand Rapids *que não tivesse tido coqueluche*. A escolha dos grupos obedecia ao mesmo critério quanto à idade, condição social e possibilidades de infecção. Pois bem, nos últimos nove anos, cinco mil crianças foram vacinadas e outras tantas, não vacinadas, serviram de prova. Observaram-se assim todos os requisitos de absoluto rigor científico.

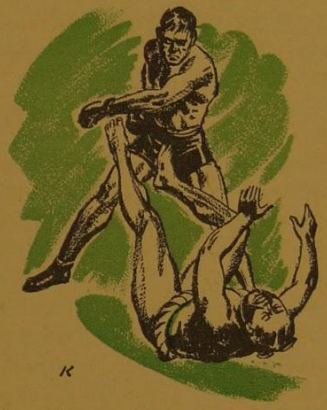
Entre 10.000 crianças a coqueluche atacou as não vacinadas *sete* vezes mais frequentemente do que as vacinadas. Nos últimos dois anos os resultados foram ainda mais concludentes: os casos da moléstia entre crianças vacinadas foram *um décimo* do número de casos das crianças que não estavam imunizadas. Depois desta experiência tão evidente, a vacina começa a ser mais usada. Conhecida pelo nome de «vacina pertussis», é preparada por cinco dos nossos melhores laboratórios de produtos farmacêuticos. Muitos médicos empregam-na sistematicamente em todos os seus doentinhos de menos de um ano de idade, e têm verificado que o mal tende a desaparecer ou surge sob forma mui benigna, de modo quase irreconhecivel. (A vacina é apenas preventiva, daí a necessidade de ser empregada precocemente, antes que a criança tenha sido exposta ao contágio).

Se os médicos e Serviços de Saude Pública, em cada cidade, levassem a cabo uma vacinação em massa da população infantil, teriam lançado a última pá de cal nessa maldita moléstia da infância.

Empolgante descrição dum combate individual, em Tóquio, que tem hoje o valor e a oportunidade dum símbolo.

Boxe contra jiujitsu em luta de morte

Por John E. Tynan



A LEITURA do artigo intitulado «O soldado japonês visto de perto», (*) impressionou-me e fez-me evocar em todos os seus dramáticos pormenores, aliás gravados para sempre na minha memória, o mais estranho incidente ocorrido ao tempo em que eu era chanceler da Embaixada Americana em Tóquio: o combate de vida ou de morte (bem posso dizer assim) que se travou entre o capitão Warren Clear, do exército americano, e Kitamura, o campeão de jiujitsu do exército japonês. Parece-me agora oportuno narrar o que foi esse terrivel desafio, de tão significativo desfecho.

Teve o caso origem no convite que o general Ugaki, ministro da guerra, dirigiu ao adido militar americano, capitão Clear, para que este desse, na Academia Militar de Tóquio, uma demonstração do «estranho esporte» anglo-saxão—o boxe. O nosso jovem adido militar anuiu imediatamente, mas sob a condição de o autorizarem a observar os métodos de treino de jiujitsu em vigor no exército nipônico.

«Está muito bem,» redarguiu o general. «Vou tratar de organizar um encontro entre o capitão e um perito de jiujitsu.»

Nas duas semanas seguintes trabalhei todos os dias com Clear, durante alguns minutos. Felizmente o capitão era um amador com certa prática de boxe, e mantinha-se em excelente forma física. Mas, até o dia do combate, nem pela cabeça nos passou a idéia de que aquilo pudesse ser mais do que um amigavel encontro esportivo.

Chegada a hora, encaminhamo-nos para o grande ginásio da Academia; uma vez alí, o general Ugaki apresentou-nos ao príncipe regente, hoje imperador Hirohito, cuja comparência no ato produziu enorme sensação.

À retaguarda dessas notabilidades alinhavam-se uns quatrocentos oficiais japoneses, todos em uniformes ginásticos. Impressionou-me a estatura excepcional de todos eles: mais de metade mediam 1,80 m. de altura, e eram musculosos, endurecidos, tostados pelo sol.

*Vd. Seleções—Março 1943. p 22.

JOHN E. TYNAN era chanceler da Embaixada dos Estados Unidos no Japão, em 1923, ano em que teve lugar o combate que aquí nos descreve. É atualmente alto funcionário da Irving Trust Company, em Nova York.

De regresso aos respectivos regimentos, iriam ocupar postos de instrutores de educação física. Daí a pouco vieram juntar-se-lhes mais quarenta homens recem-vindos das manobras, todos eles lutadores de aspecto sinistro, carregando bandoleiras de cartuchame, capacetes de aço, e por único vestuário os calções de ginástica.

O general Ugaki chamou à sua presença um dos oficiais de mais robusta aparência, e apresentou-o, nestes termos, a Clear:

«Aquí tem o capitão Kitamura, campeão de jiujitsu do exército imperial japonês, e seu adversário na luta desta tarde.»

Clear estendeu lealmente a mão ao antagonista, mas este fez de conta que a não viu, e correspondeu ao cumprimento inclinando-se em profunda reverência.

Esperávamos encontrar a liça habitual, com uns 7 metros de diâmetro, estrado forrado de lona, e balaustres almofadados para amortecer o embate dos corpos; mas Kitamura se opusera a essa prática, visto ser ela exatamente o contrário do que lhe convinha, isto é, o maior espaço possivel para poder ir no encalço do adversário à sua vontade, e um soalho bem duro, onde pudesse malhar-lhe com os ossos! Não obstante os protestos de Clear, o general, com as maneiras mais suaves e corteses, decidiu a favor do seu subordinado.

Puseram então dois pares de luvas à disposição de Clear: um par enorme, de doze onças, e outro, do tipo regulamentar, profissional, de 6 onças apenas. Não percebí muito bem, de começo, por que razão Clear teria escolhido as luvas de 12 onças; mas quando vi, segundos depois, que Kitamura se opunha firmemente a que ele as usasse, o caso ficou esclarecido. O próprio Clear mo explicaria mais tarde: prevendo que o adversário faria objeções, fosse qual fosse o par escolhido, optara pelas maiores para assim ficar seguro de que viriam a tocar-lhe as outras...

Quanto às condições do combate, Clear tinha-as estabelecido com precisão, num memorando previamente submetido ao general Ugaki: constaria ele de assaltos de 3 minutos, sem decisão, e a isso os japoneses não tinham oposto qualquer obstáculo. Mas, à última hora, o general interveio novamente—contra o americano.

«O que eu tinha em vista ao organizar este encontro,» disse, «era por à prova a eficácia do boxe e do jiujitsu como técnicas de luta. Nestas condições, prefiro que o combate se verifique tal como seria no próprio campo de batalha, ficando o capitão Kitamura com plena liberdade de usar de todos os recursos do jiujitsu, e dando-se o mesmo direito ao capitão Clear, no que respeita ao seu boxe. Espero que isto seja um verdadeiro combate,—e não um simples espetáculo! O encontro não findará até que um dos adversários esteja impossibilitado de continuar, ou não deseje fazê-lo. De outro modo, nada teríamos demonstrado, e a classe não ficaria tão impressionada quanto eu desejo que fique.»

Assentou-se pois que seria um «combate decisivo», em assaltos de 5 minutos, e o que ficasse por terra alem da conta de dez, dar-se-ia por vencido.

Dois tenentes, ambos novos e hercúleos, avançaram para tomar conta do gongo e do cronômetro. Não podendo fiar-me deles, puxei ostensivamente do meu relógio, para seguir as fases da luta.

O general apontou então dois círculos traçados a giz no estrado, aproximadamente à distância de 6 metros um do outro, e disse: «Os contendores se manterão de pé nos seus respectivos círculos, até se ouvir o sinal do gongo. Nesse momento avançarão ao combate.»

Kitamura era um belo espécime de atleta, com 1,83 m. de altura e mais de 90 quilos de peso; tinha umas espáduas dignas de competir com as de Jack Dempsey. Suas mãos eram duras como ferro, enrijadas em muitos anos do exercício que consiste em quebrar tábuas com a quina das mãos, e é parte do treino de jiujitsu. Apresentou-se na indumentária habitual do lutador japonês—blusa de tela com mangas curtas, e calção enrolado para cima.

Clear media 1,80 m. de altura e pesava 83 quilos; seus músculos eram rijos e flexiveis, e tinha o ventre chato como uma prancha. Apresentou-se com um velho calção de banho...

O japonês, claro está, tinha do seu lado uma grande vantagem de ordem psicológica: rodeavam-no mais de quatrocentos dos seus camaradas, fervorosamente empenhados em que ele ganhasse. Quanto a Clear..., eu constituia toda a sua *claque!* Considerando as tremendas dificuldades daquele encontro, o americano precisava de fazer uso de uma vontade de ferro para dominar os nervos. Jiujitsu não é nenhum esporte: é a arte de aleijar. Kitamura não ia tentar simplesmente pô-lo fora de combate: o menos a que visava, era fraturar-lhe um braço ou uma perna, amassar-lhe os ossos, estropiá-lo talvez para toda a vida...

O gongo de bronze reboou na sala. Ia agora travar-se a batalha, com o que ela pode ter de elementar ou primitivo. Dois membros de tribus inimigas—um amarelo, o outro branco—iam alí defrontar-se para determinar qual dos dois era o selvagem mais competente! Avançaram ao combate com um vagar de felinos, circulando para a direita, o japonês sempre do lado de fora. Sabia eu que Clear estava em guarda contra um golpe à virilha,—e com efeito este não se fez esperar, veloz como o raio: o pontapé acertou-lhe na coxa esquerda, lado interno, um pouco abaixo do alvo, deixando-lhe uma grande mancha vermelha.

Então o *jap* começou a circular para a esquerda, e Clear, rodando sempre com ele, de vez em quando disparava-lhe um «direto», para o manter a distância conveniente. Kitamura estava visivelmente cheio de insolente, quase desdenhosa confiança. E eu, do meu lugar, sentia um nó no estômago, só de vê-lo andar à roda da presa. A luta se desenrolava—soco e parada, golpe e contra-golpe. A intervalos de poucos segundos, o truque, a manha, a simulação...

Súbito, Clear mimoseou o adversário com uma rápida direita ao pomo de Adão. Viu-se que o nipão não gostou nada da brincadeira, que lhe fez correr água em abundância dos olhos, e a partir desse instante, tornou-se-me evidente que ele resolvera dar cabo do antagonista. Projetou para diante as duas mãos. A polpa externa da esquerda, dura como ferro, apanhou Clear logo acima dos olhos, e escorregou para baixo, arranhando-lhe de caminho a pele da cana do nariz. Ao mesmo tempo, a sua mão direita batia como um ariete os músculos do antebraço esquerdo de Clear. Golpes, ambos eles, tão malévolos como penosos.

Ao mesmo tempo, Clear despediu-lhe um *uppercut* da direita, que apanhou de raspão o queixo do japonês, e só

por milagre lhe não arrancon o nariz.

O gongo deu sinal: Santo Deus, que cinco longos minutos tinha durado o assalto!

Kitamura dirigiu-se recuando para o seu círculo, e acocorou-se no tablado, enquanto o sangue lhe borbulhava das ventas. Nem um só instante despregou os olhos do adversário. Este, com a testa assinalada pela vasta marca lívida do golpe, e o nariz esfolado, só parecia que alguem o tinha vergastado na cara.

—Ele ainda não conseguiu meter um golpe sério em você! disse-lhe eu no ouvido, à guisa de estímulo.

—Neste caso, tem aí alguem me atirando matacões! replicou o meu compatriota.

De novo o gongo...

Kitamura pulou de pé com elasticidade. À sua primitiva expressão de desdenhosa confiança, sucedia agora um clarão de ódio ameaçador, e de decisão; recomeçou a circular para a direita, em volta do antagonista, mas desta vez mais depressa. E Clear movia-se com ele, atirando socos, vigiando-lhe os movimentos, tal como um falcão espia a presa.

O estado de tensão dos espectadores era tão grande quanto o dos combatentes. Nunca na minha vida observei interesse tão empolgante estampado em faces humanas! Estávamos assistindo à representação de um drama de raças, puro e sem máscara, modelo em miniatura da tremenda tragédia que, mais tarde, viria a ser posta em cena no teatro flamejante da guerra. Pelo seu lado, Kitamura via em jogo não só a própria honra, mas tambem a do exército imperial japonês. Era, de fato, pela honra do Sol Nascente que ele se estava batendo!

Repentinamente, o japonês ergueu a mão direita acima da cabeça, e Clear, levantando a esquerda para aparar um possivel golpe ao crânio, recebeu uma pancada bestial que lhe machucou as costelas direitas e lhe arrancou todo o ar dos pulmões, num estertor de apavorar. Julguei que a fração de tempo seguinte ia marcar o lamentavel fim daquele prélio...

Duas coisas, porem, salvaram Clear: a sua esplêndida forma física, e o fato de que o japonês, para o atingir, se lançara para diante com tal ímpeto, que perdera firmeza, não se encontrando portanto em situação de aproveitar a momentânea confusão do adversário, para aplicar-lhe o golpe de misericórdia.

Clear teve assim tempo de refazer-se dos tremendos efeitos da pancada, e pôs-se a dansar em volta do antagonista. Reparei, porem, que a distância entre os dois diminuia visivelmente... O japonês estava tomando posição para «entrar a matar».

Vibrou novo pontapé à virilha do ianque: mais uma vez o golpe falhou, caindo uns 5 centímetros abaixo do alvo; e a paga recebeu-a o nipão no nariz, um sólido «gancho» da esquerda, que lhe fez correr mais vinho tinto das ventas.

Enfurecido, Kitamura botou as mãos à cara do inimigo. Era evidente que as estava usando muito mais do que é costume no jiujitsu; mas é que sabia quanto doem aqueles golpes, dados com a esquina das mãos.

A resposta foi uma lição prática sobre um estratagema elementar do boxe americano—o nosso velho «um-dois». Clear meteu-lhe um esquerdo, e imediatamente assentou-lhe um valente *right-cross* na maçã do rosto. O japonês ficou abalado, e pela primeira vez uma vaga de apreensão perpassou-lhe no rosto.

Foi aí que Clear cometeu o seu primeiro erro de cálculo: até então, depois de encaixar um soco no adversário, tinha-se sempre afastado de um pulo, para que o *jap* o não pudesse atingir com o amplexo fatal do jiujitsu. Desta vez, porem, julgou ver uma aberta única na aparente tonteira do japonês—e tornou a simular com a esquerda, em preparação de um murro sério com a direita. Isso por pouco lhe teria custado a derrota—se não a própria vida!

Dotado de um soberbo instinto, Kitamura pudera de relance apreender o mecanismo da combinação «um-dois», logo que fora atingido por ela. Seu «sexto sentido» de lutador inato prevenira-o logo contra a repetição do truque. Preparado por longos anos de treino para converter o quase-desastre numa oportunidade salvadora, estava alerta quando Clear desfechou a esquerda. Com rapidez fulminante, o japonês avançou: só tive tempo de ver o meu amigo voar pelos ares, por cima do antagonista, para ir abater-se estrepitosamente de cabeça nas tábuas do soalho, onde ficou imovel, de costas, sem sentidos.

Das bocas dos 400 japoneses alinhados nas bancadas saiu um rugido de alegria salvagem. Perfeitamente primitivo na sua exultação, Kitamura deu um salto no ar, e bateu duas sonoras palmadas de júbilo nas coxas.

Uma voz começou logo a contar: «*Ichi! Ni! San!...*» Um, dois, três... Olhei meu relógio: o *round* tinha durado bem mais de cinco minutos! Apontei para o cronômetro e dei um berro. O gongo reboou, mas Clear não pôde ouví-lo.

Pus-me a fazer tudo para que ele recobrasse os sentidos. A situação era a mais crítica possivel. Prostrado por terra o americano, estava-o tambem o prestígio do homem branco naquele recanto do mundo. Ao cabo de instantes, Clear bateu as pálpebras, e reabriu os olhos. Curvei-me, mais chegado para ele. Sob o olhar dos japoneses, que berravam e aplaudiam, eu sentia-me, é claro, humilhado, participando da sorte do meu compatriota.

—Você acha que pode continuar?

—Com essa cara de defunto é que você não me ajuda mesmo nada! respondeu ele irritado.

Ajudei-o a por-se de pé, e pude ver que estava lívido—de choque e de raiva. Tinha-se maguado seriamente, e estava danado consigo próprio, com Kitamura, e comigo. Mas quando o vi relancear de novo os olhos para mim, sorrí de satisfação: o homem que acabava de se levantar daquelas tábuas era um pugilista de primeira força!

—Fique um pedaço a distância dele! supliquei.

—Japonês tenta sempre repetir o que deu resultado da primeira vez...

O gongo tangeu de novo.

Kitamura deu outra palmada nas coxas, e esgueirou-se para fora do seu círculo como uma pantera esfaimada. Confiante e pimpão, já não tinha sombra de receio do adversário. Caminhou até perto de Clear, e de repente virou-lhe as costas e afastou-se, rindo... Os espectadores urraram de puro gozo!

«*Baka no yo ná!*» atirou-lhe Clear. Palavras que só querem dizer «bobo», mas constituem para o japonês o peor dos insultos. Kitamura deu meia-volta, a face contorsionada de ódio e ferocidade, e lançou a mão esquerda, como uma tenaz, à cara do ianque, agarrando-o por cima dos olhos. A multidão soltou um rugido de aplauso.

Já Kitamura se chegava mais para o adversário, pronto para despedir-lhe o golpe final. Os espectadores curvaram-se para diante, suspensos, de olhos esbugalhados, para nada perderem daquele final... Mas Clear teve tambem a intuição do fim próximo. Quase que eu o podia ver reunir todas as forças. E duvido que o japonês tenha podido ler qualquer significação especial na mão direita de Clear, aperrada para o tiro...

Kitamura começou a bater no adversário com as mãos ambas, onde podia atingí-lo: na cara, nos braços, no pescoço... E Clear alí estava, apanhando e aguentando firme! Foi então que o vi simular de leve com a mão esquerda—precisamente o que o japonês estava esperando! Ia ser a repetição do segundo assalto—e desta vez sem apelação nem agravo para o nosso ianque!

Só que ele estava calculando um quase nada mais depressa do que o nipão, e em lugar de marcar o seu «um-dois» como na primeira vez, meteu-lhe o punho direito, que tinha engatilhado, uma fração mínima de segundo após ter simulado com a esquerda. E quando Kitamura se precipitou como um raio, foi para apanhar em cheio na cara, como uma marreta, o punho de Clear—oitenta e três quilos de músculo e ódio! O choque abalou o japonês até as unhas dos pés. Bateu o ar com as mãos buscando inutilmente apoio, e a respiração saiu-lhe da boca num silvo, com dentes partidos e espumas sanguinolentas...

E o punho voltou à carga, implacavel: desta vez, porem, de baixo para cima, num golpe impiedoso, esmagador, mortal, e, com o estrondo dum choque aniquilador, assentou direitinho na ponta da queixada...

A soberba máquina de luta, que era o japonês, desmantelou-se; na sua face amarela se derramou uma palidez de morte, e Kitamura abateu como um tronco...

Nem se fez a contagem: aquela queda, só de vê-la, ficava a gente sabendo que era o fim de tudo.

O príncipe regente e seus generais felicitaram Clear, mas o que eles lhe disseram, nem eu nem ele ouvíamos: eu, demasiado tonto de alegria; e Clear mal se tinha ele próprio isento do blacaute total que já agora envolvia o seu adversário de há pouco.

O silêncio pesou em toda a enorme sala. Os olhos oblíquos nas faces amarelas e inexpressivas estavam todos postos na triste figura do ex-campeão, que lá ia sendo arrastado para fora da liça como boi para o talho.

Empurraram-nos para a rua com certa pressa, como se a companhia daqueles *gentlemen* não fosse de aconselhar para a nossa integridade física.

Quanto a Kitamura..., não tornamos a ouvir falar dele. Não é improvavel que tenha cometido haraquiri, para se lavar da deshonra que, atraves dele, o pugilista branco infligira ao exército imperial do Sol Nascente...

❡ Bem humorado e alegre, um homem telefonou a um amigo, às duas horas da madrugada: «Espero não ter causado nenhum incômodo a você», disse ele.

«Oh, absolutamente!» replicou o outro. «Não havia remédio senão levantar-me para atender ao telefone.»

—Carl Brandt

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

—15—

Mas francês . . . para que?

Por Dorothy Canfield Fisher

Em suma, não era nada. Tratava-se de pergunta ociosa, proposta por uma jovem curiosa a uma sua companheira. Estivéramos a experimentar um novo penteado. Dez minutos depois, preocupava-nos a organização de um piquenique. Mas entre uma e outra coisa...

Recordo-me, palavra por palavra, daquele breve e acidental diálogo, porque do mesmo ficaram, até certo ponto, reflexos que me acompanham na vida. Quarenta anos são passados, e ainda tenho ante os olhos o singelo quarto de estudante, aliás de ambiente doméstico, e a simpática moça alemã, com a sua face rosada, que nele morava em minha companhia. Era minha colega na escola onde estudávamos língua e literatura germânicas.

Boa parte da minha educação, eu a havia feito em França. Lá me pusera em contacto com o longo rasto de luz das letras francesas. Mandaram-me em seguida para o Hanover, afim de aperfeiçoar meus conhecimentos de alemão. Alí passava dias agradaveis, a dansar, a passear de bicicleta, a frequentar os teatros com um grupo de camaradas alemães, rapazes e moças. Não era porventura aquele meio mais propício à revelação de grandes esperanças ou promessas no plano intelectual.

Eis porem que, uma tarde, estava eu a ler um romance de Guy de Maupassant, e Luisa, a meu lado, serzia meias, quando o título do meu livro lhe caiu sob as vistas, e, como se isso lhe despertasse a lembrança de alguma coisa que já tinha em mente para perguntar-me na primeira ocasião, interrogou-me, com vivacidade:

—Mas afinal, que idéia foi essa de aprender francês?...

Tais palavras soaram-me aos ouvidos com uma nota de absurdo. Repetí-as, num tom de estranheza... Partindo com os dentes um fio de linha, Luisa tornou à carga.

—Sim; não percebo porque é que se há-de estudar francês... Sua vinda à Alemanha, para aprender alemão, é tudo o que pode haver de natural. Mas francês? Para que!

Depois de uma pausa de perplexidade, repliquei, meia hesitante:

—Não sei o que você quer dizer.

Ela mostrou-se um tanto impaciente com a minha possivel lentidão mental.

—Porque, você sabe—acrescentou, explicando-se,—é curioso que se perca o tempo a aprender uma língua na qual jamais se escreveu qualquer boa peça de literatura.

Recebí estas palavras como uma das coisas mais extravagantes que jamais ouvira, e não pude conter uma gargalhada de sincera e genuina alegria...

Luisa não gostou, e daí perguntar-me, asperamente:

—Sabe que tem um riso horrivel?

Mas eu já parara de rir. Ocorreu-me

que não haveria, naquele seu conceito, a inocência da ignorância com que falaria uma criança. Não; o que ela dissera, e me causou a mim tamanho espanto, era aquilo justamente que lhe ensinaram a dizer, no seu país, através dos anos de formação intelectual. E o que lhe haviam ensinado era mais ou menos o mesmo que, em regra, as nações ensinam, direta e indiretamente, às novas gerações respectivas: a cultura de cada povo—ao que este incute no espírito de sua mocidade—é tão superior, que pode desprezar todas as outras, e, dada a pobreza destas, só haveria vantagem, para o progresso humano, se aquela viesse a substituí-las.

Vinham-me de tropel à memória centenas de expressões do mesmo gênero da que Luisa emitira, reveladoras de absurda arrogância nacionalista. Não me era desconhecido que, para um jovem francês, se afiguraria contrassenso admitir discussão sobre a superioridade iniludivel da sua cultura nacional. E tambem eu, nos meus Estados Unidos, fora educada na convicção de que as regras de vida americanas eram, sem qualquer dúvida, as melhores que se poderiam conceber. Não se tratava, para mim, na hipótese, de matéria opinativa. Eu *sabia* que era assim. Tal como Luisa, quanto à Alemanha...

Lembro-me de um caso entre um americano e um oficial inglês. Tomavam os dois o seu café da manhã, quando disse o primeiro ao segundo: «Nós envolvemos a torrada num guardanapo, para que ela se conserve quente. Porque diabo adotam vocês outro método?» Ao que respondeu o inglês, com a maior naturalidade: «É que servimos a torrada como deve ser servida.» Os que assistimos à cena, ocorrida entre gente das minhas relações, não deixamos de achar graça no sereno desprezo do inglês por todo uso ou costume que não fosse britânico. Porem, no fundo daquilo havia, quiçá, algo de deploravel.

Nada disso era mais cômico do que seria o espetáculo de um louco a brandir um machado. Surgiu-me então, pela primeira vez, aos olhos do espírito, o grande quadro da confusão humana, em que os homens, irmãos todos, não tiram da substância da própria felicidade nada mais que um conflito grotesco: tal como precisamente se uma orquestra, em vez de colher, por um esforço comum, tudo o que há de maravilha numa composição de Beethoven, preferisse a dispersão, passando cada qual dos músicos a considerar-se o único, pronto a abafar com o som do seu o dos demais instrumentos. Não seria tão somente o mais estúpido dos desperdícios. Seria de todo o ponto intoleravel.

Até àquela data, sempre que eu pensava no futuro, via-o, como em geral o vêem os moços, representado no meu próprio êxito, no que pessoalmente me tocasse. Mas, a partir daquele momento, se veio processando no meu íntimo uma profunda conversão espiritual. Data dalí a devoção à causa do respeito mútuo entre as nações, que tanto se fez sentir no curso da minha vida. Através daquele diálogo com a minha companheira de quarto, quando ambas estudantes, fui tocada por uma fortuna que reputo das maiores que poderão caber a um ser humano: a de identificar-me com uma causa que merece bem mais do que eu o preito dos meus serviços.

DOROTHY CANFIELD FISHER não se tem distinguido apenas como escritora, senão tambem pela sua ativa participação em obras de carater social e a favor dos refugiados de guerra. Entre os seus livros figuram *The Bent Twig* e *The Deepening Stream*.

Falsas noções de saude e higiene.

Não acredite nisto!

(Condensado do livro «Don't Believe It!»)

Por August A. Thomen

Da Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York, e da Academia de Medicina de Nova York

1—*Que comer maçãs verdes causa dor de estômago.*—As frutas não amadurecidas são em geral duras e de paladar pouco agradavel—e por isso, quase sempre, pouco mastigadas. Essa mastigação deficiente é que determina a dor de estômago, e não a falta de maturidade da fruta. Certa vez fui chamado para ver um garoto de dez anos que se contorcia de dor. Os pais do menino afirmavam que o mesmo havia comido maçãs verdes. Entretanto, o fizeram vomitar, e ficou esclarecido que de fato comera maçãs, mas estas estavam perfeitamente maduras. A perturbação resultara da circunstância de as haver comido excessivamente depressa, como foi evidenciado pelos pedaços enormes que lhe encontraram no estômago. Nada há, nas maçãs ainda verdes, capaz de, por si só, causar a dor em questão. Se a maçã for comida devagar, e suficientemente mastigada, o estômago não conhecerá se ela está verde ou madura.

2—*Que o coração está situado do lado esquerdo do torax.*—Noventa por cento das pessoas, ainda as esclarecidas, localizam confiantemente o coração colocando a mão sobre o lado esquerdo do peito, uma ou duas polegadas acima do bordo inferior das costelas. Esta falsa idéia surgiu porque a maior das quatro cavidades, o ventrículo esquerdo, de onde o sangue é impelido para o corpo, se acha no lado esquerdo do coração, e seu ápice se dirige para a esquerda e para baixo; assim sendo, o batimento do coração é sentido mais prontamente do lado esquerdo. Entretanto, se o corpo for dividido exatamente ao meio, obedecendo a uma linha que passe pelo centro do osso esterno, apenas um pouco mais da metade do coração será encontrado do lado esquerdo.

3—*Que uma «fratura exposta» é aquela em que o osso está quebrado várias vezes.*—Os termos «fratura simples» e «fratura exposta» nada têm a ver com o número de vezes que o osso foi partido. Uma «fratura simples» é aquela em que a pele e as partes moles ficam intactas; o osso pode estar quebrado em vários lugares. Uma «fratura exposta», é aquela em que há solução de continuidade das partes moles, e o ferimento fica exposto ao ar. O que há de importante na fratura exposta é a maior possibilidade de complicações determinadas por uma infecção. Quando a pele está intacta, não há uma infecção de origem externa. Se, entretanto, houver solução de continuidade nos tecidos que envolvem o osso, e na pele, a porta

estará aberta para uma infecção do osso (osteomielite) que pode continuar dando pus muito depois de a fratura já estar consolidada.

4—*Que o caldo de carne é muito nutritivo.*—O caldo de carne tem tão pouco valor nutritivo, que seis chícaras do mesmo valem menos, como alimento, do que uma fatia de pão. A razão é que os elementos nutritivos da carne não são soluveis na água. Assim, o caldo de carne não passa de uma água com cor e cheiro do que chamam os «extratos de carne», isto é, das substâncias da carne que são soluveis na água, mas que têm valor alimentício muito pequeno. Um caldo de carne muito anunciado, «destinado especialmente à alimentação de crianças e doentes», contem apenas uma caloria por 30 gramas! O caldo de carne cumpre sua finalidade, principalmente, como estimulante para o apetite e como auxiliar da digestão, porque o suco gástrico é abundantemente produzido em sua presença.

5—*Que chamuscar o cabelo é coisa benéfica, por acarretar o crescimento mais abundante do mesmo.*—Muitos cabeleireiros estão convencidos de que chamuscar os cabelos é o método mais eficiente de dar-lhes vigor; a suposta razão desta crença é que tal operação fecha as extremidades capilares, evitando que se percam as secreções nutritivas. Trata-se de enorme disparate; como diz o dr. J. E. Lane, professor de Dermatologia na Universidade de Yale, «chamuscar os cabelos, para evitar a perda de suas secreções nutritivas, não oferece vantagem de nenhuma natureza, pela simples razão de nada ser segregado pelas extremidades dos cabelos. O que tal coisa faz, e nada mais que isto, é afectar as extremidades capilares pelo calor, tornando-as mais quebradiças, com o que só lucram os cabeleireiros.»

6—*Que a luz para a leitura deve vir sobre o ombro esquerdo.*—Já foi determinado, por meio de experiências, que não importa de onde vem a luz, contanto que não haja sombra sobre a página, nem os raios luminosos incidam sobre os olhos. A luz deve estar, pelo menos, a 26 graus da linha direta da visão, e colocada de modo a evitar reflexos diretos da página. A melhor luz para a leitura é a chamada «indireta», na qual a fonte da luz está oculta e os raios são projetados contra o teto. É similar, em efeito, à luz do dia.

A circunstância da quantidade de luz é muito importante. O Conselho de Oftalmologistas Britânicos verificou experimentalmente que a luz mais fraca indicada para a leitura ou outro trabalho que exija visão aproximada é de três *foot-candles*, —o que representa a quantidade de luz que incide sobre uma página colocada a 30 cm. de distância de três velas padrão, muito próximas uma da outra. É equivalente à quantidade de luz obtida por meio de uma lâmpada elétrica, despolida, de 80 watts, colocada a 180 cm. de distância. Pequeno excesso de luz não será prejudicial, mas a deficiência de luz invariavelmente redunda em vista cansada. Contudo, muitas pessoas lêem habitualmente com luz insuficiente.

7—*Que é mais perigoso ferir-se com alfinete do que com agulha.*—A base desta falsa noção tão comum reside, possivelmente, no fato de as agulhas serem feitas de aço, e os alfinetes, comumente, de cobre. Mas o ferimento causado por um alfinete não é na verdade mais perigoso que o feito por uma agulha. O perigo está em que os germes contaminadores se introduzam no ferimento, seja este produzido por agulha ou alfinete.

8—*Que a compressão do lábio superior ou a colocação de uma chave ou de uma pedra de gelo na nuca pode parar o sangue que sai pelo nariz.*—Cerca de noventa e nove por cento de todas as perdas sanguíneas pelo nariz param naturalmente, não importando o que se faça ou se deixe de fazer. Por isso, qualquer forma de tratamento receberá um crédito indevido. O único meio pelo qual a pressão do lábio superior podia, com certeza, prestar auxílio, seria parando o sangue que sai pelo nariz, e permitindo assim a formação de um coágulo com mais presteza. Contudo o tratamento não tem qualquer lógica, porque os vasos sanguíneos que alimentam o nariz estão colocados profundamente na face (muito afastados do lábio superior) e num ponto onde não podem sofrer qualquer influência oriunda de pressão externa. A chave e o gelo, da mesma forma, recebem crédito injusto, pois o sangue para por si.

9—*Que a calvície é devida ao uso demasiado do chapéu ou de chapéus apertados.*—Existem apenas dois remédios para a maioria dos casos de calvície: (1) escolher os antepassados; (2) tolerá-la. A calvície, as mais das vezes, é herdada, e quase nunca resulta de qualquer influência do chapéu ou dos hábitos de vida. Pode-se perguntar: «Se a calvície é herdada, porque as mulheres não são tambem atingidas da mesma maneira?» Pesquisas intensivas já responderam a tal pergunta, revelando que a calvície é o que se chama um traço hereditário puro, que é «comum» entre os homens e «esporádico» entre as mulheres. A mãe pode transmitir a calvície, mas não ser calva, exceto nos casos em que tenha herdado a calvície de ambos os pais. Como isto é muito raro, a calvície na mulher tambem é rara. A calvície tambem pode ser associada a pequenas insuficiências das glandulas tireóide e pituitária. Em tais casos, o tratamento adequado enseja completa cura. A perda do cabelo causada por distúrbios glandulares é, entretanto, rara.

10—*Que os indivíduos com boas cores ou face rosada são especialmente sadios.*—Por mais estranho que possa parecer, o que muitas vezes é considerado pelo leigo como cor magnífica, é reconhecido pelos médicos como decisivo sinal de doença. Exemplo disto é certo tipo de doença do coração que produz, sobretudo nas moças, um rosado lindo. Esta agradavel cor é causada pelo funcionamento defeituoso de uma das válvulas do coração. Na gota e nas primeiras fases das doenças de rins e fígado, a cor rosada, via de regra, está presente. Um dos aspectos rosados mais agradaveis que o autor já viu, foi o de uma jovem que estava seriamente doente, com anemia associada a uma esplenomegalia. Assim, evidentemente, nem sempre as belas cores indicam boa saude.

11—*Que a trovoada muitas vezes azeda o leite.*—Frequentemente o leite azeda depois das trovoadas, mas o trovão nada tem que ver com isto. Existem certos germes, como o bacilo ácido-láctico, normalmente presentes no leite, que se

alimentam do açucar do mesmo, o qual, ao ter atingido certo grau de concentração, azeda o leite. O ar, de modo geral, fica mais quente depois das trovoadas e estes germes se multiplicam com mais facilidade em temperaturas mais altas. É esse maior número de germes que faz o leite ficar azedo, e nunca o trovão ou o raio.

12—*Que o cabelo das pessoas cresce depois da morte.*—Esta ilusão muito propagada baseia-se numa observação errônea. O investigador Erasmus Wilson declarou: «O alongamento dos cabelos da barba observado num morto é apenas o resultado da habitual retração da pele, e não um processo vital que ainda se faça sentir depois da morte; é claro que tem a mesma causa o «crescimento» dos cabelos nas máscaras de gesso, colocadas depois da morte, mero resultado da contração do gesso, e que se dá onde o crescimento resultante da nutrição nunca podia ser lembrado.»

13—*Que qualquer método de assoar o nariz é inteiramente satisfatório.*—O método mais comum de usar um lenço, quando se está com um «resfriado» de cabeça, é encher os pulmões com ar e, apertando as narinas firmemente, com os lábios bem premidos, soprar vigorosamente enquanto, aos poucos, se diminue a pressão nas narinas. Tal método não é apenas ineficiente, mas positivamente perigoso, porque o mucus e o pus infectados que se acham no nariz são forçados a recuar para os seios, e especialmente para dentro das trompas de Eustáquio, que ligam os ouvidos internos com a garganta, propagando desta maneira a infecção e redundando numa doença dos ouvidos.

O modo correto de «assoar o nariz» é apertar uma narina de cada vez, e, enquanto a boca é conservada aberta, soprar o mais vigorosamente possivel pela narina que estiver livre. Desta maneira, os condutos aéreos nasais ficam limpos, e não há perigo de complicações.

14—*Que temos apenas cinco sentidos.*—Temos certo número de outros sentidos, alem dos cinco tão bem conhecidos. Tomemos, por exemplo, o *sentido muscular:* suponhamos que alguem coloca a mão sobre um despertador. Ouve-se o «tic-tac», vê-se e sente-se o aparelho. Pode-se assim conseguir algumas informações sobre o mesmo—tamanho, forma, etc. Levantando-se o relógio, sabe-se o seu peso. Não é, porem o sentido do tato que dá esta informação adicional, pois a pessoa estava tocando no despertador, da mesma maneira, quando ele se achava sobre a mesa. É a sensação de resistência derivada do *sentido muscular* que proporciona mais este conhecimento.

Os fisiologistas falam do *sentido da temperatura*, como coisa diferente do sentido do tato; da mesma maneira, do *sentido da dor* e do *sentido articular*, isto é, da conciência que acompanha a articulação das juntas. Existem tambem o *sentido da distância*, isto é, a faculdade especialmente cultivada pelos cegos, mas possuida por todas as pessoas normais, de calcular a distância sem ver ou ter um contacto físico, e o *sentido estático* pelo qual se consegue o equilíbrio e orientação do corpo no espaço, e que reside nos canais semi-circulares do ouvido interno.

Assim vemos que em vez de possuirmos apenas cinco sentidos, temos agora realmente muito mais.

Onda de vida nova às regiões escaldantes do oeste.

Uma fábrica monstro surge no deserto

(Condensado do «Forbes»)

Por Webb Waldron

Sob o sol abrasador do Nevada, numa zona desértica, rodeada de ásperas montanhas, um exército de homens suarentos ocupa-se em construir a mais gigantesca fábrica de guerra que ainda se conheceu, uma empresa do valor de 75 milhões de dólares destinada a produzir anualmente nunca menos de 50 milhões de quilos de magnésio.

Para levantar este gigante, houve que reunir, e reuniu-se, no deserto do Nevada, espantosa variedade de gente como de coisas. Aquele quadro dá-nos a impressão de algo fantástico; quem o contempla, esfrega os olhos a perguntar a si mesmo se bebeu ou está sonhando. A meio caminho entre Las Vegas e Boulder City, vêem-se, como a subir do próprio seio da vegetação local, rubras pilastras de aço; vasto retângulo de estruturas a ser revestidas de lâminas de aço, cobertas de amianto e concreto; altos, imensos silos de cimento armado, que se diriam os flancos de formidaveis estádios de futebol; e oficinas e armazens, construidos de madeira, tudo em grandes dimensões.

Partindo da Represa Boulder, novas linhas de transporte de força se estendem, cintilando, através do deserto. Pás, movidas a eletricidade, deslocam terra. O calor brutal sobe, não raro, a 48 à sombra (se é que alí existe sombra) e 60 ao sol, enquanto o pó enche os ares em verdadeiras nuvens. Os homens, aos enxames, se reduzem às proporções de formigas, ante a grandeza da obra, e esta, a seu turno, é pequena, em face das montanhas atrevidas, que fornecem aliás ao quadro a mais apropriada das molduras. Barracas e tendas se espalham pelas terras calcinadas, e, para alem, na estrada que conduz a Las Vegas, se encontrarão por toda a parte vestígios da onda de vida nova que penetrou aquelas solidões.

Com o movimento apareceu o jogo, ora aquí, ora alí, em pleno campo. A própria Las Vegas é uma cidade aberta a *croupiers* e mulheres, ávidos do dinheiro que lhes tragam os homens tostados pelo sol, que vão plasmando o gigante do deserto. O contraste entre as choupanas de aspecto miseravel, disseminadas campo em fora, e os vistosos cabarés e casinos de Las Vegas, com a sua respectiva clientela de gente que se diverte, é dos mais curiosos e chocantes que já me foi dado observar.

Os edifícios da fábrica—a sua construção, neste momento, se acha pela metade—são completamente ocupados por incrivel fantasmagoria de fornos, moinhos, tanques, máquinas misturadoras, e quanto aparelho há, sem exclusão de alguns indecifraveis: e, por baixo de tudo aquilo, quilômetros e quilômetros de tuneis, ao longo dos quais se desenvolvem tubos e linhas de transmissão, e passam transportadores.

Outras obras de construção, realizadas nos Estados Unidos, e tidas como

titânicas—tais como a Represa Boulder, a Grande Represa Coulee, o Empire State Building, ou Willow Run—foram relativamente simples, usando é certo enormes quantidades, mas apenas de alguns materiais fundamentais; ao passo que, para construir-se esta fábrica da Basic Magnesium, não só se estão empregando certos materiais em proporções nunca vistas — 4 milhões de quilos de cobre, 50 mil toneladas de aço estrutural e 10 milhões de metros cúbicos de madeira — mas entram, alem disso, em aplicação numerosas outras coisas, desde platina a rolos de musselina, desde transformadores elétricos de 100 toneladas (os maiores que já se fabricaram) até espécies de sorveteiras, não para fazer sorvete, mas para resfriar argamassas.

A complexidade da construção reflete a do processo industrial que se vai por em prática na fábrica. Trata-se, em resumo, do seguinte: o minério, em geral carbonato de magnésio, é convertido pelo calor, na mina, em óxido de magnésio. Embarcado para a fábrica de Las Vegas, este pó branco vai ser alí misturado com carvão e turfa, e o produto da mistura sai sob a forma de bolas, do tamanho das de tenis. Estas bolas são despejadas em fornos, nos quais, por meio de bomba, se introduz gás de cloro. O cloreto de magnésio fundido, resultante dessa operação, é tirado do fundo dos fornos, e conduzido por tubos a câmaras eletrolíticas, onde correntes diretas de alta voltagem separam, um do outro, o cloro e o magnésio. O magnésio fundido é então derramado em moldes. Refundido, refinado, e em liga, ei-lo pronto a ser utilizado na construção de aviões, ou, em pó, no fabrico de bombas incendiárias e projeteis de rasto luminoso.

A arrojada iniciativa, a que se deverá a maravilha de que me venho ocupando, põe em relevo dois homens, que formam entre si o mais estranho contraste: um, o tranquilo, arguto e perseverante inglês, major Charles J. P. Ball; outro, o corpulento, vivo e empreendedor americano, Howard P. Eells, Jr.

Membro da Comissão de Desarmamento, após a ultima guerra, o major Ball esteve, como observador, em fábricas alemãs, e o que viu então, nas mesmas, relativamente a magnésio, despertou-lhe grande interesse. Deixando, em 1923, o serviço do Exército, obteve os direitos de venda, na Inglaterra, do magnésio de produção alemã, e, reagindo contra o cepticismo que havia sobre o assunto, conseguiu ir mostrando as vantagens que podia oferecer a aplicação do produto.

Em 1935, tinha já constituido um mercado suficiente para justificar uma fábrica. Comprou então as patentes de manufatura da I. G. Farbenindustrie, com os desenhos e especificações para a construção de uma fábrica, devendo esta contar, nos primeiros tempos, com a assistência de técnicos alemães. Exatamente assim! «Mas», perguntei admirado a Ball, «por que razão quiseram os alemães vender as patentes?» «É que em 1935», respondeu-me ele, «havia ainda muitos alemães, especialmente no exército, que julgavam conveniente o fortalecimento da Inglaterra. Formavam da potência francesa um juizo exagerado, e daí acreditarem que a única salvação para a Alemanha estaria em cultivar a amizade dos ingleses.»

A Magnesium Elektron, Limited, que tal veio a ser o nome da nova companhia, começou a produzir em fins de 1936, usando minério da Grécia, do Canadá e da Índia.

Vejamos agora o outro personagem do drama—o americano.

Howard Eells provem de antiga família de Cleveland, interessada, desde longa data, em indústrias e finanças. A Basic Refractories, uma empresa de Eells, fabricante de tijolos refratários, recebeu, durante muitos anos, do Ohio, a sua matéria prima. Fazendo investigações, à procura de novas fontes, apurou a existência, no Nevada, não só de depósitos de hidrato de magnésio, mas de magnesite em grande escala, e da melhor qualidade.

Foi, todavia, somente em 1941 que teve Eells ocasião de inteirar-se das bem sucedidas atividades da Magnesium Elektron, na extração de magnésio. Telegrafou a Ball, propondo-lhe uma combinação, na qual o inglês entraria com o conhecimento que já tinha da técnica da indústria, e o americano com a administração e a matéria prima. Eells submeteu a sua idéia, e os fatos em que a baseava, ao OPM, (Departamento de Produção para Guerra) em Washington, do que resultou prontamente a vinda de Ball à América. Veio ele de avião, mas os seus dois técnicos principais vieram por mar, e o navio, em que viajavam, foi torpedeado no Atlântico. Os técnicos se salvaram em botes, conseguindo chegar à Terra-Nova. Os desenhos, porem, e outros papéis, desapareceram com o navio. Foram microfotografadas duplicatas e enviadas a toda a pressa, de Londres, por avião bombardeiro.

Em abril de 1941, propôs Eells que o governo construisse uma grande fábrica, para o fim de arrendá-la, em seguida, à Basic Magnesium, companhia fundada pelos dois.

Posto que o governo já tivesse financiado a construção de imensas instalações para a produção de magnésio extraido da água do mar, verificou-se que, ainda assim, era pouco, pois o metal se ia tornando preciso cada dia em maiores quantidades. Assim, a proposta foi, em princípio, aceita; em vez, porem de arrendamento, o contrato determinou que a companhia se encarregara, sob determinada recompensa, da gerência e laboração da fábrica, sendo ela, por outro lado, a fornecedora do minério.

A fábrica necessitaria de grande quantidade de energia elétrica (não menos do que uma cidade de 1 milhão de habitantes!) e milhões e milhões de litros de água, diariamente. A represa Boulder era a fonte de energia naturalmente indicada; o lago Mead, 30 quilômetros ao norte, oferecia um suprimento de água, por assim dizer sem limite; não era grande, por outro lado, a distância a que se encontrava o minério.

Não havia tempo a perder. A companhia prometeu que, ainda no curso do ano de 1942, estaria a produzir magnésio puro. Engenheiros e desenhistas começaram a trabalhar num hangar vazio do aeroporto de Boulder City. Sua tarefa era reproduzir, mas em dimensões multiplicadas, os desenhos da fábrica inglesa. Projetos e construção tinham que seguir juntos para a frente, esta a pouca distância daqueles. Prontos nos escritórios os primeiros desenhos, em outubro de 1941, não tardou se metesse mãos à obra, nos mesmos delineada.

Quatro mil homens revolucionaram a placidez do deserto. Seguiram-se outros milhares—alguns acompanhados de família, mas a maior parte sós—até subir o total a 12 mil. A companhia teve que construir, nas proximidades do serviço, imenso refeitório e alojamentos,

verdadeira cidade de tendas e barracas.

Gêneros alimentícios, de toda ordem, há que ir buscá-los em qualquer outro lugar. Parte do leite vem de longe, umas 100 léguas. Poder-se-iam consumir por dia cerca de 4 mil litros. Não se tem, porem, disposto de mais de 1.500. A companhia distribue água pelas casas espalhadas por toda a vasta área, em caminhões-tanques.

As obras exigem, como dissemos linhas acima, uma variedade interminavel de coisas—muitas delas em quantidades nunca empregadas em outra qualquer construção, ou singulares pela qualidade—tudo devendo ser levado, absolutamente dentro dos prazos de cada centro industrial dos Estados Unidos, para aqueles ásperos rincões, servidos apenas por um ramal ferroviário.

O tijolo por exemplo, é dos materiais de maior uso no caso. Não havia tijolos americanos que pudessem resistir, ao mesmo tempo, à alta temperatura, ao gás e ao ácido. Os técnicos ingleses ajudaram os americanos a manufaturar novo tipo, nas condições desejadas. Mas as formas especiais dos fornos e câmaras a construir reclamam 2.400 diferentes modelos de tijolo, numa encomenda total de 40 mil toneladas. Foram então chamados homens que haviam trabalhado em modelos de gesso de París, para estúdios de Hollywood. Espécimes de fornos e câmaras foram por eles forrados com gesso de París. Em seguida, as exatas medidas de cada peça eram remetidas aos fabricantes. Ainda assim, os tijolos terão que passar, por uma prova de gás.

Devido à atmosfera quente e seca, deve misturar-se a argamassa em pequenas quantidades, e conservá-la gelada, até o momento de uso. Um técnico traçou um quadro de linhas, férreas e de caminhões, de Leste a Oeste, tendo em conta qual o melhor caminho para cada tipo de material ou equipamento. Muitas empresas de estrada-de-ferro foram obrigadas a tomar providências especiais para permitir o transporte, através das suas linhas, dos enormes transformadores elétricos.

Uma grande carta, ocupando toda uma parede, mostra em que ponto da fábrica deverá ser empregado cada um dos milhares de artigos de equipamento, a quem foi o mesmo encomendado, e qual a data marcada para a entrega. Outra consigna quem é o responsavel pela instalação, em tempo próprio, de cada qual dos referidos artigos. Uma terceira indica, dia por dia, a marcha da construção, em todos os seus setores, sem exclusão dos que pareçam de reduzida importância.

No último inverno, escolheu Eells 45 engenheiros americanos, distintos pela sua inteligência, energia, qualidades de observação, capacidade para dirigir pessoal, e os mandou trabalhar na Inglaterra, durante quatro a seis meses, nas fábricas da Magnesium Elektron. Agora de volta, os postos principais na nova fábrica lhes estão sendo confiados. Ao ser publicado este artigo, já uma onda de magnésio estará a fluir, em volume crescente, para as fábricas de aviões.

O gigante do deserto não é simples imagem dos tempos de guerra. O emprego cada vez maior do magnésio, nas indústrias de paz, implicará a permanência da fábrica em plena produção. Assim acreditam, confiantemente, Eells e Ball. E não será de estranhar que a Basic Magnesium venha a ser, afinal de contas, a primeira das muitas indústrias que se disponham, dado o seu exemplo, a usar força da represa Boulder para converter as riquezas do deserto.

Pontos de Vista

Só há, no coro universal dos preguiçosos, uma voz em favor do trabalho, meio de conservação da vida. É a da Higiene. As estatísticas de Tatan, no Reino Unido, sobre 9 milhões de homens, são definitivas. Para 100 homens ativos que morrem, morrem 428 inativos. Deduzindo, destes, os inativos doentes, enfermos, deficientes, aleijados, que morrem por isso mesmo, ainda assim, para 100 ativos morrem 221 inativos. A ociosidade não é um meio de vida.

Porque? Agora fale a evidência. Porque o principal inimigo do homem, o seu inimigo nº 1 na terra, é o Tédio... E tem tédio quem não tem que fazer. Por isso joga, por isso bebe, por isso faz revoluções, esporte, turismo (vagabundagem rica), amor (o amor dos inativos...) por isso toma alcool, ópio, morfina, cocaina, por isso é político, é criminoso... O que, tudo isso, apressa e abrevia a vida. O trabalho, ao contrário, permite passar o tempo felizmente. Dá sono. Dá apetite. Dá saude e paz à conciência. Evita os maus pensamentos e más ações... Se o homem tivesse juizo, todas as manhãs juntaria as mãos e rezaria: «Meu Deus, dai-me hoje muito que fazer!» E não perderia, por isso nem a saude do corpo, nem a vida da alma...

Afrânio Peixoto

Sou um devoto apaixonado das letras humanas. Sem desconhecer a importância da chamada educação prática, acredito que uma boa dose de cultura clássica constitue para o homem público um auxiliar poderoso, não tanto pelo que de elegância e harmonia lhe comunica às frases, e de claridade e precisão às idéias—coisas de grande valor em uma democracia,— mas sobretudo por que o brinda com as uteis lições da ciência, os grandes ensinamentos da história e o imenso caudal de cultura filosófica e literária acumulada pelos séculos. A Inglaterra é o país dos grandes homens de Estado, e quase todos eles foram insignes humanistas. Parecerá uma exquisitice tal afeição às letras em um agente do Fisco; já disse Flaubert, no entanto, que todo notário leva no íntimo os despojos de um poeta.

Esteban Jaramillo, ex-ministro da Fazenda da Colômbia.

Não enxergar os sinais que afeiam um objeto belo, a meu ver, denota falta de capacidade em um crítico. Eu vejo as faltas e imperfeições até em plena embriaguez amorosa. Em todas as ocasiões em que tenho amado, jamais ocultei a mim mesmo, às vezes para meu tormento, os defeitos da mulher amada. O enamorado que tem os olhos vendados, parece-me vítima de enganosa ilusão. Não há amor sem clara visão, e, talvez, nenhuma perfeita visão fora do amor.

Havelock Ellis, My Life (*Houghton Mifflin, ed.*)

AQUELES que concedem importância exagerada a suas próprias opiniões, melhor fariam ficar em sua terra. Quem anda pelo mundo, acaba por modificar suas convicções. Ao empreender uma viagem, levava comigo invariavelmente a certeza do modo como hão-de governar-se os homens, e quais deverão ser suas crenças e princípios. Não obstante, de regresso, desvanecera-se, como tênue e irisada celagem, toda a minha inabalavel segurança; vinha transformado no mais tolerante dos mortais. Os códigos de moral apresentam infinita variedade de fundamentos e preceitos, e não se lhes pode negar direito à existência. Há certa comunidade entre eles a garantir tal diversidade. Todos os homens, seja qual for sua concepção e modo de vida, têm uma idêntica escala de valores. Bondade, beleza e sabedoria sempre e por toda a parte hão sido veneradas.

Aldoux Huxley, Jesting Pilate (*Harper, ed.*)

Presente de casamento

Por Alexander Woollcott

Autor de «While Rome Burns», etc.

ESTA É a história da procura de um presente de casamento, contada por alguem que ainda é entusiasta do velho costume de reunir a vizinhança inteira para ajudar todo jovem casal a montar sua primeira casa. Durante anos, em tais ocasiões, apenas tenho hesitado entre um jogo de perfumes Jean Patou e uma dúzia de toalhas de banho com monograma, —pois, embora nem todos os meus amigos compartilhem de minha paixão por perfumes, todos, com raríssimas exceções, tomam banho. Desta vez, porem, eram dois noivos que, — como muitos outros nestes tempos funestos — ao começar vida nova, já eram forçados a viver separados. Precisava achar alguma coisa para a casa de dois jovens que não iam ter casa alguma—moços que se amavam, já com o mar a separá-los e sem esperança de se tornarem a ver antes do fim da guerra.

Nossas relações começaram em novembro do ano passado, quando já eu havia decidido deixar a Inglaterra e voltar à pátria. Endereçando-a ao cuidado da BBC, um guarda dum regimento irlandês me escrevera uma carta pedindo-me que, ao chegar a Nova York, telefonasse a certo hotel e dissesse a sua esposa que ele estava bem. Eu poderia até ir vê-la; tinha certeza de que ela gostaria disso, e acreditava que me seria agradavel conhecê-la.

Foi diante de um discreto cálice de xerez em Nova York, algumas semanas depois, que, pelo que ela me contou, reconstituí a história de ambos. Ela, mulher de negócios americana, em

viagem de recreio, e ele, escritor inglês sem compromissos, tinham-se encontrado em París, no melancólico verão de 1939. Quando foi chamado, após a declaração da guerra, ele pediu o adiamento. Não, não é que fosse necessário em nenhuma indústria essencial à guerra: somente queria tempo para ir à América, casar-se com sua pequena, gozar a lua-de-mel e voltar. Possuia alguma terra e algum dinheiro. Tudo isso, e o céu tambem, ele dava como garantia de sua volta. Mas a comissão de recrutamento militar apenas lhe deu uma palmada no ombro e sua benção: não pediu garantia alguma, exceto sua palavra. Prometeria ele estar de volta dentro de seis meses? Ele disse que sim. E estava.

Esta foi a história que sua esposa me contou diante de nossos copos de xerez, em Nova York. Pesarosa por eu não ter podido nem sequer por os olhos no seu par, sentia-se vexada porque, devido à censura e a tudo o mais, não tinha nem mesmo um instantâneo pelo qual eu pudesse fazer uma idéia da sua aparência. Enviou-me, porem, dactilografado, um esboço psicológico dele, que ela própria compusera, juntando ao acaso parágrafos tirados de meia dúzia de cartas suas. Desconfio que estava parecido, mas, naturalmente, isso não a satisfez. Havia outros parágrafos mais caraterísticos e mais salientes, mas não conseguia encontrá-los no momento. «São tantas as cartas!» explicou ela. «Por ora temos que construir nosso casamento em papel; as cartas transbordam das gavetas de minha escrevaninha, e sou obrigada a armazená-las no porão, dentro da mala-armário.»

Esta referência casual ao fato de seu casamento estar sendo construido em papel, perseguiu-me durante o dia todo, como acontece com um rosto que a gente lembra ter entrevisto numa turba e se destaca na memória como pergunta insistente e provocante. Afinal, identifiquei a semelhança, e corrí sem demora a debruçar-me sobre meu exemplar da extraordinária correspondência entre o Bernard Shaw dos começos do século e Ellen Terry, a famosa atriz. Como os sonetos que Dante dedicou a Beatriz, as efusões amorosas de Shaw para Ellen Terry eram cartas a uma mulher que ele vira, mas a quem jamais falara. Conhecia-a somente «de cor». No prefácio escrito pelo próprio Shaw, quando a correspondência foi publicada, anos depois de Ellen Terry ter deixado este mundo, havia esta frase:

> «Os que porventura lamentarêm tudo ter sido em papel, se devem lembrar de que, até agora, somente em papel a humanidade realizou beleza, verdade, saber, virtude e amor perene.»

É claro que mandei essa frase como meu presente de casamento. Ela seria, pensei eu, tão util como um bule de prata, e haveria de durar muito mais.

¶ TRADIÇÃO não quer dizer que os vivos estão mortos, mas que os mortos estão vivos.

—*G. K. Chesterton*

Um grande homem e... os seus sapatos

Por Walter B. Pitkin

Singular cadeia de circunstâncias liga um sapateiro, um psicólogo e um famoso homem de estado.

TRÊS vezes escapei de morrer por um tris. Uma feita, vi através de uma camada de 30 cm. de gelo o pessoal de salvamento que vinha socorrer-me. Noutra ocasião, estive a bordo de um navio em chamas, e passei uma noite de inverno flutuando sobre blocos de gelo que iam à deriva. Por último, encontrei-me agachado atrás de um poste, a ver em torno uns salteadores que atiravam uns nos outros.

Tais aventuras parecerão pequenas, todavia, comparadas com o que me aconteceu certa tarde, há anos, em estreita loja de sapateiro, aliás pouco cheirosa, numa rua escusa.

O homem ia falando enquanto me mostrava a sua mercadoria. Fiz-lhe várias perguntas. Nada mais ocorreu. Não obstante, essas poucas horas foram as mais extraordinárias da minha vida! O que aconteceu, só a mim poderia ter sucedido—ainda assim, só uma vez entre um milhão.

Mas, sem certo conhecimento do meu passado, não se pode compreender o que se deu.

QUANDO Woodrow Wilson assumiu a presidência da Universidade de Prínceton, reuniu cerca de cincoenta jovens professores, para alí iniciar novo sistema de ensino. Fez vir vários da Universidade de Colúmbia, e esta se pôs à procura de novos mestres. Precisavam de um professor, moço e barato, de psicologia. Eu preenchia os requisitos...

O corpo docente da Colúmbia arrastou-me para o golfe e o tenis. Desejando mostrar-me sociavel, empenhei-me a fundo nesses esportes. Levei anos para poder fazer os 18 pontos do golfe. Alí pelo oitavo ou nono, meus pés já não podiam mais, e faziam greve. Dores agudas alanceavam-me as pernas. Doia-me o corpo todo até o pescoço. Ficava tão fraco, que mal podia manejar a vara.

Não podia jogar tenis por mais de meia hora de cada vez. Certo dia, veio alta e rápida uma bola. Saltei ao seu encontro, atingí-a com força, e, quando toquei o chão, sentí uma brasa que ardia debaixo do meu pé—ou melhor, dentro dele. A dor foi tal que me retorcí todo.

«Fratura do metatarso», disse o médico da universidade.

Acostumei-me a estudar os efeitos dessa fratura, durante os dois anos que levei a curar-me. A relação entre a queimadura e a dor, a dor e a fraqueza, e a fraqueza e o mau-humor, era surpreendente. Depois de estar de pé muito tempo, ou se me cansava, era como se algo me estivesse a queimar sob o dedo médio do pé. Dentro em pouco, era uma dor aguda, como se produzida por uma agulhada. Em seguida, eu ficava inteiramente sem forças, e o mau-humor se ia apossando de mim. Era tão dificil dominá-lo como a um espirro. Eu evitava encontrar outras pessoas. Quando tinha que falar, era o menos possivel, porque minhas observações refletiam sempre o meu estado.

Achei pouco nos livros de medicina sobre os efeitos psicológicos das dores nos pés. Consultei autoridades médicas eminentes. «Os efeitos são na maior parte determinados pela personalidade do doente,» disseram-me. «E ninguem ainda estudou isso suficientemente. O homem reage emotivamente a uma doença, segundo uma maneira peculiar à sua natureza.» Isto levou-me a estudar os problemas da personalidade, e iniciou-me no que foi depois uma parte importante de minhas ocupações.

Eu costumava ir até Princeton, discutindo alí com alguns amigos o novo plano de estudos da Universidade. Cada viagem me desolava mais que a precedente. Já começara a luta entre Wilson e o velho regime. Conhecí homens nos dois campos, e suas desabridas contradições me desconcertavam.

«Wilson é um tolo.»

«É a maior força educativa dos Estados Unidos.»

«Perde amigos mais depressa que os faz.»

«Suas maneiras são vulgares.»

«É o cavalheiro mais fino que já encontrei.»

Uma dúzia de pessoas contaram-me histórias no gênero da seguinte: «Eu tinha um encontro marcado com Wilson. Quando entrei, ele olhou-me duramente, sem dizer palavra. Disse-lhe a que vinha, e esperei sua resposta. Wilson carregou as sobrancelhas, resmungou qualquer coisa, e saiu. Perguntei a mim mesmo se o tinha ofendido, pois estava manifestamente zangado.»

Um vizinho disse-me: «Eu passava pela casa de Wilson quando ele saía. Caminhamos juntos, rua abaixo, conversando sobre nada de especial. Era encantador, como de costume. De repente, num cruzamento de rua, sem tocar o chapéu, pedir desculpas ou explicar-se, Wilson fechou-se subitamente, e seguiu só pela rua lateral.»

EM 1919, comecei a trabalhar com oficiais do exército que tinham sofrido fortes comoções na guerra, e encontravam dificuldade em adaptar-se às suas ocupações normais. Um deles havia quebrado quase todos os ossos do corpo, e apesar disso nada sofreu mentalmente, retomando suas ocupações anteriores sem dificuldade. Os ferimentos de outro eram triviais; com a ajuda de uma bengala caminhava facilmente. Detestava-a porem, considerando-a um atestado público de sua incapacidade. Estava sempre tentando passear sem ela e, o que é peor, esforçando-se por andar sem coxear. O esforço era terrivel, e o pobre vivia a queixar-se de que a vida não valia nada para um aleijado.

Cheguei a duas conclusões. Muitas pessoas sofrem menos com graves defeitos físicos do que quando estes são ligeiros. Os acidentes graves libertam energias em abundância, ao passo que os ligeiros não chegam a estimular o organismo o bastante para que haja repercusão favoravel no sistema nervoso e mental. Alem disso, muita gente procura esconder os últimos, o que dá lugar a posteriores complicações da personalidade.

O ESTUDO desta conduz natural-

Após ter-se formado na Universidade de Míchigan em 1900, Walter B. Pitkin estudou psicologia na Europa, passando depois a fazer palestras sobre o assunto na Universidade de Colúmbia. Autor de cerca de vinte livros, entre os quais o famoso «A vida começa aos quarenta», tornou-se um dos mais ativos expoentes dos Estados Unidos na psicologia do êxito. Alem de escrever, ensina jornalismo na Universidade de Colúmbia, e emprega tambem sua atividade em pesquisas científicas, na agricultura e na imprensa.

mente ao estudo dos hábitos de vida, e um dia a doutora Lenna Means, autorizada a dispor de pequena subvenção da Rockefeller para a Fundação Pró-Saude da Mulher, veio procurar-me, e disse: «Desejaria que o sr. investigasse a indústria de calçados de senhora. Recebemos mais queixas sobre isso do que sobre todas as outras coisas somadas.»

Percorrí maços de cartas de causar pena. Mulheres de fazendeiros, operárias, professoras, todas perguntavam onde podiam comprar sapatos que as não incomodassem.

Fizemos reuniões de fabricantes, retalhistas e ortopedistas. A maioria dos técnicos declararam que havia abundância de boas formas, que as mulheres se queixavam do calçado quando deveriam queixar-se do descuido em que deixavam os próprios pés. «Para parecer que estão na moda, as mulheres sujeitam-se a tormentos do inferno,» disse um grande comerciante. Os maus hábitos na maneira de andar e de estar de pé, um ou outro ligeiro descuido em comprar sapatos que não assentam mal, mas podiam assentar muito melhor, combinam-se para causar dores de cabeça, indigestões e neurastenia. A indústria de calçado e a saude pública (concluiu-se) deveriam chegar a um acordo, e abrir consultórios para o tratamento dos pés.

Sugeriu a doutora Means que eu ouvisse sobre o assunto outras pessoas, e indicou-me um sapateiro-ortopedista, o melhor da profissão.

Ao entrar na loja deste, sentí um cheiro misto de couro, cera de abelha, e mobília velha. No fundo, o sapateiro calçava uns enormes sapatos num menino aleijado.

Quando o menino partiu, comuniquei ao sapateiro o plano sugerido. Ele bateu a cabeça:

—Acho uma boa idéia essa, respondeu-me. —Quanto sofrimento inutil seria poupado!

—Você pensa que esse sofrimento é injustificado?

—Pela maior parte. Metade vem da ignorância, e metade da vaidade tola.

—Poderíamos corrigir a ignorância, não é assim? perguntei. —Mas talvez tenhamos que deixar os vaidosos entregues à sua sorte...

—Sim, à sua sorte! —Seus olhos dilataram-se. Parecia ver alguma coisa muito longe. —A mania de salvar as aparências. É muito mais terrivel no homem que na mulher, especialmente num grande homem. Conhecí as consequências disso...

Foi a um grande armário e de uma das prateleiras superiores, tirou um pé de gesso coberto de pó.

—Que acha disso?

O sapateiro pôs esse pé de gesso nas minhas mãos, e levou-me até a janela. À primeira vista parecia um modelo ordinário de gesso. Mas, examinando melhor, tive a impressão de proporções ligeiramente irregulares. O sapateiro entregou-me depois uma grande chapa de raio X:

—Estude-a. É o mesmo pé.

A irregularidade era agora visivel. —Agora, —disse o sapateiro, —olhe para isto! E entregou-me um velho sapato. Passei os dedos dentro dele. Era macio como veludo. Aquí e alí tinham-se posto reforços, e com tal arte. que mal se notavam. Era admiravel!

—Vendo-se no pé de alguem, não se notariam os defeitos, disse eu.

—Entretanto, aquele que o calçou percebeu-o sempre, respondeu o sapateiro. —Por causa disso, andou de mau-

humor a vida inteira. Seu amor próprio era imenso. Como detestava parecer diferente dos outros homens! Como lutava para guardar as aparências! Até ficar velho e doente demais para tais preocupações, não permitia que ninguem, nem mesmo sua própria família, entrasse no quarto, enquanto eu tentava aliviar as suas dores... Só me deixava entrar pela porta dos fundos. Eu nem podia dizer quem era, assinando apenas meu nome!

«Muitas vezes esse homem tomava um ar ameaçador, como se eu fosse responsavel por seus incômodos. Certa vez machuquei-o, e ele me deu um pontapé. Mas não fiquei zangado. Sei que algumas pessoas não podem dominar-se quando a dor vem. Às vezes eu trabalhava horas num sapato, enquanto ele cerrava os punhos até enterrar as unhas na carne. Chegava a desfalecer no sofá. Eu tinha que guardar o outro par de sapatos na maleta, e sair disfarçadamente pela porta dos fundos. Sim, doutor, ele não me permitia embrulhá-los num pedaço de papel, ou levá-los numa caixa de sapatos. Escondia-os numa maleta para que ninguem soubesse!

O sapateiro chegou a chorar. Tirou depois de um escaninho da secretária um pacote de cartas velhas.

—Depois de ter perdido a paciência, escrevia-me cartas! Guardei-as todas. Mostram que não viví em vão.

E entregou-me o pacote. Eu me achava entre a surpresa provocada por suas lágrimas sinceras, e o espanto diante do mistério do falso orgulho. Desatei o barbante e o mundo oscilou.Até hoje tenho vívida lembrança dessas cartas. A primeira dizia mais ou menos assim:

Washington,
Casa Branca (sem data)

Sinto ter sido ontem tão ríspido. O sr., porem, compreende. A sua ajuda é-me preciosa, e eu lhe estou grato. Este último sapato me assentará bem.

Sinceramente,
Woodrow Wilson.

A carta seguinte:

Por favor venha amanhã às 5, sem falta. O sapato me incomoda muito. É preciso substituí-lo já.

Sinceramente,
Woodrow Wilson.

E a seguinte:

Rogo não levar em consideração minhas maneiras pouco corteses de ontem. O sr. tem sido mais que paciente, e sei quanto já fez por mim.

Sinceramente,
Woodrow Wilson.

E outras vinte assim. Todas idênticas, na mesma caligrafia, conhecida de milhões de pessoas. Todas eram escritas e endereçadas do próprio punho de Wilson, em papel da Presidência.

Eu sabia o que fez o sapateiro chorar. Mas ele não percebeu o que eu estava vendo. Vi um homem caminhando entre os edifícios de uma universidade, parando com dores, voltando rapidamente para casa, e alí ficando até que pudesse caminhar à vontade.

Vi um homem com a fisionomia sombria, deixando abruptamente as reuniões de uma comissão, com pesar dos que não sabiam, como eu, o mal que o esgotamento nervoso e muscular pode produzir no espírito de uma pessoa.

Vi um homem tentando lutar com Lloyd George e Clemenceau, em Versalhes, sem suspeitar que o estadista do país de Gales descobrira como era facil vencê-lo, bastando cansá-lo de tal modo que não pudesse mais pensar nem falar.

Havia nessas cartas uma página de História—assaz pungente.

Um jornalista, bom conhecedor dos japoneses, conta-nos o que viu dos elementos bélicos dos nipões.

Qual é a força real do Japão

(Condensado do «Wall Street Journal»)

Por Ray Cromley

QUAL É, precisamente, a força industrial do Japão? Se nós, aqui nos Estados Unidos, com tantas fábricas, materiais, técnicos, etc., ainda nos ressentimos da falta de certas coisas, como é que o Japão se aguenta, privado como está de matérias primas, e com a sua indústria ainda na infância, sem experiência na manufatura de maquinaria de precisão? Será que os japoneses são mais espertos do que nós pensávamos?»

São essas as perguntas que de todos os lados me dirigem, desde que regressei há poucos dias aos Estados Unidos.

A principal razão pela qual o Japão consegue manter-se é muito simples, mas de natureza tal que nós, americanos, acostumados como estamos ao respeito pelos direitos individuais, não a podemos perceber facilmente. O que sucede é que o exército japonês toma para si tudo aquilo de que precisa.

No Japão, nada é mais importante do que o exército, e este está decidido a tudo, pois sente a guerra em sua plenitude, e compreende o que ela representa. Na ânsia de vencer a todo custo, o exército trata o povo, do ponto de vista econômico, como se fosse o próprio inimigo: aos civís é permitido apenas o trem de vida mais sóbrio, e nada lhes dão que não seja essencial a semelhante regime,—nem o próprio governo faz mistério de que realmente assim é.

Pelo rádio tive notícias do racionamento nos Estados Unidos, e calculei que se tratasse de algo como aquilo a que já me acostumara no Japão, embora, é claro, em proporção mais reduzida. Falava-se de falta de gasolina, de borracha, e até de lã.

Pois bem: de regresso ao meu país, custa-me crer que haja de fato escassez de alguma coisa... Nova York está cheia de taxis e automoveis particulares; em Tóquio não há mais do que poucos carros, precariamente movidos a gasogênio, arrastando-se pelas ruas. Em quase todas as garages só se viam taxis, encostados havia meses, a poeira a acumular-se sobre eles. É comuníssimo pararem os ônibus a gasogênio, por defeitos no motor. A gasolina é inteiramente absorvida pelos serviços do Exército.

O JORNALISTA RAY CROMLEY acaba de regressar de uma estada de seis anos no Japão, sendo que seus últimos seis meses naquele país foram passados na prisão, «por ter enviado ao seu jornal informações suscetíveis de ser utilizadas em detrimento da defesa nacional». Foi gerente do *Japan Advertiser* quando esse jornal pertencia a elementos americanos; o governo japonês, porem, encampou o *Advertiser*, e Cromley passou então a trabalhar como representante do *Wall Street Journal*. Antes da guerra, conhecendo bem o idioma japonês, conseguiu obter pormenores e inteirar-se de fatos que a outros não era dado conhecer; e, mesmo após Pearl Harbor, conseguia ainda manter-se a par da situação por intermédio de funcionários das prisões.

Vi donas de casa, em Tóquio, fazendo fila toda a manhã ou toda a tarde para obter duas cenouras, ou uma sardinha, sendo que, quando o conseguiam, se retiravam triunfantes e orgulhosas da sua «sorte»...

Nosso primeiro pendor é para considerar essa situação como indício de fraqueza. Mas, muito ao contrário, ela é sinal de força. É assim que se torna possivel aos japoneses desviar para a guerra todo o seu potencial de produção.

Os americanos comparam sua produção anual de aço, que sobe a 90 milhões de toneladas, com a do Japão que, desde que deixou de receber sucata importada da América, só consegue 6 milhões de toneladas por ano; perguntamos então como é possivel que ele ainda prossiga na luta. O fato, porem, é que *todo* o aço que há no Japão é utilizado na máquina militar, e isso já vem sucedendo há anos. Nada se «desperdiça» em qualquer aplicação de carater civil; basta dizer que há até certos guardas da Defesa Passiva cujos capacetes são de papelão. Dessa maneira, poupando com tal parcimônia, alcançam-se resultados apreciaveis.

A reserva metálica do Japão é o acervo total dos metais existentes no país, e se aproveita integralmente, seja qual for o estado em que se encontre. Quer tenha sido recentemente extraido da terra, quer já se ache sob a forma de maquinaria considerada não-essencial, quer seja objeto de arte ou aro de óculos,—não importa: nada escapa, a não ser o que seja considerado tesouro nacional, digno, como tal, de ser preservado.

Há funcionários especiais do governo que vão de casa em casa, ou pelas fábricas, à procura de metal; se aí encontram qualquer objeto de ferro ou de cobre que lhes interesse, *sugerem* aos proprietários que o vendam ao governo. Caso seja rejeitada a *sugestão*, o caso muda de figura, faz-se a pressão necessária, e o metal acaba mesmo por ser entregue às autoridades. Não se trata de saber se o objeto tinha utilidades outras que não as exclusivamente bélicas; agora o país está em guerra, e não há limites para o sacrifício exigido do povo.

Já se desenvolveu ao máximo a arte de utilizar o que seja aproveitavel; todas as famílias receberam ordens de guardar chaves quebradas, alfinetes de cabelo, tampinhas de garrafas, sacos de água quente velhos demais para ser usados, arame de enfardar, etc. Tanto as casas particulares como as comerciais e os edifícios públicos, tiveram que ceder tudo o que neles existisse e que pudesse ser considerado metal não-essencial, como sejam grades de jardim, esquadrias de janelas, portões, enfeites, bandejas, tudo enfim,—quer pudesse ser substituido quer não. E a campanha prossegue.

A história, entretanto, não fica por aí: há vários anos que o Japão vinha comprando grandes estoques dos metais principais, na maior parte dos Estados Unidos.

É provavel que todo avião japonês tenha sido construido com a ajuda de máquinas-ferramentas norte-americanas. Minha impressão é que boa percentagem dos tanques japoneses contêm acessórios e peças feitas nos Estados Unidos; e daquí seguiram, eu o sei, numa só encomenda, pelo menos 2.000 eixos-de-manivelas para tanques! As principais fábricas japonesas de aviões, combustiveis e automoveis usam patentes americanas, tendo sido até eri-

gidas sob a direção de engenheiros ianques. Com equipamento e capital americano criou-se grande parte da indústria elétrica do Japão; e foram os americanos que construiram uma das melhores refinarias de gasolina naquele país, da qual são ainda, aliás, meeiros, se bem que apenas em teoria. Por aí se vê porque é que o material dos japoneses apresenta, às vezes, boas qualidades...

Um ano apenas antes da guerra, ouví dizer a negociantes japoneses que toda a indústria nipônica dependia das máquinas-ferramentas americanas. Tendo comprado aparelhagem de alta precisão à razão de 2 milhões de dólares por mês, os japoneses a puseram de reserva, e é provavel que ainda agora a estejam utilizando na produção de aviões.

Em cumprimento de um contrato com o exército japonês, uma das maiores e mais famosas fábricas de aviões dos Estados Unidos enviou a Tóquio um técnico para fazer uma série de conferências sobre produção aeronáutica, destinadas aos oficiais nipônicos. Por esse contrato concedia-se tambem aos nipões o direito de construir aviões de tipo americano. Aliás, diga-se de passagem, o exército japonês proibiu que se publicasse qualquer notícia a respeito dessas conferências, porque o fato de estarem recebendo auxílio técnico dos Estados Unidos devia ser considerado como rigorosamente secreto.

Os engenheiros ianques tiveram bastantes oportunidades para desenvolver os conhecimentos militares dos nipônicos. Um deles ensinou-lhes o método de acelerar a extração de minério, sistema para eles verdadeiramente revolucionário, que consistia em empregar a pá de mineração, com cabo longo, tão conhecida na América. No Oriente fazia-se o trabalho por meio de pequenos recipientes que eram por sua vez descarregados nas galeotas. Outro técnico contribuiu grandemente para o aperfeiçoamento do melhor tipo de automovel fabricado no Japão, sendo de notar que o exército nipônico fez largo uso de caminhões e autos americanos, montados em fábricas construidas por norte-americanos.

Quando os fuzileiros navais de Tio Sam desembarcaram na ilha Makin, lá foram encontrar caminhões do exército japonês «made in U.S.A.», gasolina refinada nos Estados Unidos, e até produtos alimentícios de origem norte-americana! Por outro lado, os soldados ianques que lutavam nas Filipinas, foram mimoseados com chuva de granadas feitas com sucata vinda de seu próprio país.

É verdade que os negociantes norte-americanos, quando o seu governo assim lhes pediu, suspenderam a ajuda que estavam fornecendo ao Japão; dessa maneira, regressaram ao lar os engenheiros, e os embarques de ferramentas foram rareando. Foi então que o Japão se voltou para a Alemanha, e daí passou a vir grande número de peritos e técnicos, e tambem patentes de fabricação de aviões, produtos químicos e óleos.

Dos territórios conquistados conseguiu o Japão suprimento mais abundante para o seu arsenal de guerra: há vários anos que o invasor vem varrendo a China, à cata de metais aproveitaveis. Pessoas que assistiram à captura de Hong-Kong disseram-me que alí se verificou a pilhagem sistemática de todo o cobre e todo o aço que havia disponiveis na ilha, bem como de máquinas e conservas de gêneros alimentícios.

Quando cessaram as hostilidades, inúmeros cargueiros içavam âncora e deixavam o porto, com boa e farta carga nos seus porões. E isso provavelmente sucedeu tambem em seguida à invasão das Índias Orientais Holandesas e das Filipinas. Dispondo o Japão de força, de planos bem pensados, e de férrea persistência, tem consigo os elementos necessários para transformar os territórios-conquistados em fontes de amplo abastecimento para a sua máquina de guerra.

O exército japonês busca, acima de tudo, o aproveitamento integral de todo o potencial de ferro e aço do país, e é assim que se explica a regulamentação completa sob a qual se colocaram todas as fábricas e todas as máquinas supérfluas. Toda fábrica considerada não-essencial para o esforço de guerra é forçada a cerrar suas portas, e a maquinaria de fins pacíficos é desmontada, e suas partes metálicas usadas como matéria-prima na produção de artigos mais uteis à luta. Tratando-se de fabricante de munições que se revele incompetente, o governo acabará obrigando-o a falir, ou intervindo na administração da firma. A regra é simples: produzir, ou «demitir-se». As autoridades não têm a menor consideração, é evidente, e nem pensam em dar aos comerciantes qualquer prazo. Protestar? Em vão! Sempre, invariavelmente, primeiro a guerra,... e tudo o mais passa para o plano secundário.

Outra fonte de vitalidade para a indústria japonesa é o fato de que todos se dispõem sem hesitação ao sacrifício representado pelo uso obrigatório dos «sucedâneos». As fábricas, de construção fragil e desconfortavel, põem em perigo a vida dos operários, mas assim se torna possivel poupar o aço para os canhões e metralhadoras, justamente o que importa. Ninguem come batatas—os japoneses aproveitam-nas para fabricar alcool, o qual, por sua vez, é misturado à gasolina.

E qual é a situação com referência às greves? Contou-me um alto funcionário do Ministério do Interior (o chefe da Polícia, aliás), como se resolvem os dissídios trabalhistas:

—Um policial é destacado para tentar uma conciliação entre empregador e empregado; ouve os argumentos de ambos, e em seguida sugere uma solução. As partes dissidentes aceitam a sugestão e tudo se acalma.

—Bem, mas se eles não a aceitarem?

—Nesse caso, prosseguiu o funcionário,—o policial leva simplesmente a mão à espada. Basta isso para que todos concordem, e sem muita conversa... E riu gostosamente.

Não há negar que, numa visão de conjunto, a força industrial do Japão *neste momento* é de primeira ordem, melhor até, talvez, do que por ocasião do ataque a Pearl Harbor. Levará bem um ano ou dois a desmoronar, sendo que, no caso de o conflito prolongar-se, sob a forma de uma «guerra de empate», os nipônicos poderão aguentar-se por três ou quatro anos.

Todo esse poder resulta de onze anos de preparação... Ao atacar os Estados Unidos, o Japão já estava em pé de guerra; já se haviam corrigido alí quase todos aqueles erros inevitaveis que ocorrem na transição brusca da produção de paz para a produção de guerra. Os nipônicos conseguiram criar um poder de produção bélica acima de qualquer proporção com o que se supunha ser a capacidade total daquele país; e conseguiram-no graças à paralisação total e violenta da indústria de paz. Desde o

início já se planejava toda a indústria pesada unicamente para fins militares, sendo suficiente lembrar que até as moedas de niquel, que aliás acabam de ser recolhidas pelo governo, eram feitas da liga metálica especificada para certos armamentos.

Os líderes japoneses estão convencidos de que os Estados Unidos precisarão pelo menos de um, dois, e talvez até três anos, para se colocarem no mesmo nivel de produção bélica que o Japão atingiu em uma década. Acreditam mesmo que, sendo os Estados Unidos um país democrático, onde nada se resolve sem que sejam ouvidos os representantes do povo, a transformação total do estado de paz em estado de guerra será forçosamente lenta, prolongar-se-á, quiçá, indefinidamente; crêem tambem que os norte-americanos, acostumados como estamos a tanto conforto, não teremos ânimo suficiente para atingir um estado de guerra completo e absoluto.

Quando os Estados Unidos conseguirem a mobilização industrial desejada, os japoneses esperam já estar tão bem instalados e entrincheirados nos territórios recentemente invadidos, que as Nações Unidas não os poderão de lá expulsar. Não duvidam de que nós agiremos afinal, talvez até em excesso... e talvez demasiado tarde.

Os perigos de Paulette

¶ Aquí há anos, um amavel produtor de cinema achava-se no escritório de Hollywood, à espera de uma jovem de Nova York. Ao chegar a visitante, ele olhou-a por cima dos óculos, levantou-se para recebê-la e, com o ar mais benévolo deste mundo, disse:

—Alô, querida.

A jovem, incontinenti, agarrou do telefone que se achava sobre a mesa e lançou-o com todas as suas forças à cabeça do produtor cinematográfico.

—Não me chame de «querida»! exclamou ela. —Conheço muito bem Hollywood!...

E foi-se. A secretária do produtor apareceu à porta, horrorizada.

—Que foi que aconteceu? perguntou ela.

—Não sei, querida, balbuciou o produtor, ainda meio atordoado, porque o telefone tinha alcançado o alvo.—Eu disse «Alô, querida», e ela quase que me mata.

—Oh, que coisa horrivel, querido!, observou a secretária. —Ela não sabe certamente que nós aquí usamos «querido» e «querida» em lugar de ponto e vírgula. Devo avisar os outros produtores?

—Sim, querida, respondeu o produtor.

E assim terminou a primeira tentativa de Paulette Goddard para ver e vencer os cabeças-duras de Hollywood. Durante dois anos não conseguiu nada. Não porque antipatizassem com ela, mas porque tinha sido catalogada como sendo um vulcão sobre tacões.

—Donald Hough, *This Week Magazine*

Que tal dos NERVOS?

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Por James S. Warren

Com a guerra e as naturais dificuldades dela decorrentes, anda já por aí muita gente como uma pilha de nervos. Pensando nisso, fui procurar vários médicos, pedindo-lhes algumas provas elementares que permitissem ao curioso verificar se traz os nervos em boas condições. Se o leitor for intrépido, aplicará a si mesmo estas provas. Engraçado a valer, porem, será aplicá-las a amigos e conhecidos. Reuna-os—e divirta-se à custa deles!

1 **Ponha-se em pé, com os pés bem unidos do calcanhar aos dedos, e feche os olhos. Veja quanto tempo se pode conservar nessa posição sem oscilar nem abrir os olhos, e sem procurar apoiar-se com as mãos.**

Tempo normal: 1 minuto. O mais provavel é que a vítima oscile um pouco; mas uma oscilação de cerca de 3 cm., à altura do ombro, não é eliminatória.

2 **Coloque-se em posição, como acima, de olhos fechados. Estenda um braço para o lado, com o dedo indicador apontando, e o resto da mão fechada. Em seguida, num movimento rápido, tente tocar a ponta do nariz com o dedo. Repita a experiência com o outro braço.**

Conseguindo acertar no alvo com ambos os dedos, é sinal de que a sua coordenação (nervos-cérebro-músculos) é boa. A maioria das pessoas conseguem tocar o nariz, mas não a ponta.

3 **Sente-se, e estenda os braços para a frente, com as mãos bem espalmadas e viradas para baixo. Peça que lhe coloquem uma folha de papel de carta, lisa, nas costas de cada mão. Veja quanto tempo as pode ter assim, sem tremor visivel.**

Deve poder manter-se nessa posição pelo menos um minuto, apenas com um leve tremor. As folhas de papel se encarregarão de o denunciar!

4 **Peça a um dos seus amigos que o faça girar dez vezes como um pião, rapidamente, sentado num banco de piano,—ou num soalho bem encerado, sem o tocar com os pés. Conserve-se de olhos fechados. Logo após a última volta, abra os olhos e experimente juntar as pontas dos dedos indicadores.**

É um teste a um tempo de equilíbrio e de coordenação. A maioria das pessoas conseguem unir os dedos ao fim de cinco revoluções; mas poucas o alcançam após as dez.

5 **Sente-se em frente de uma mesa descoberta, e veja se é capaz de fazer um tripé com paus de fósforo, por queimar, de cabeças para baixo. Se tiver êxito, o tripé será capaz de aguentar o peso de um copo de água.**

A solução deste problema exige nervos calmos e paciência.

Conserve equidistantes as cabeças dos fósforos e não tente fazer o tripé demasiado alto. Uma vez na posse da técnica, poderá equilibrar o copo de água; porem será melhor praticar primeiro com um copo vazio.

6 Não é um teste do tipo aconselhavel para crianças ou lugares de cerimônia! Mas, quando aplicado em grupo, faz rir. Sentados ou em pé, os circunstantes devem botar a língua de fora durante um minuto.

Uma pessoa normal pode conservar a lingua de fora indefinidamente, quieta. Não deve tremer nem palpitar.

7 Tome um copo vasio e cubra-o com um pedaço de papel fino e poroso; aperte-o bem à boca do copo, com um elástico, de modo a ficar esticado como a pele de um tambor. Ponha no meio uma moeda de 50 centavos. Veja em seguida quantos orifícios pode praticar no papel com a brasa de um cigarro, sem enfraquecer o papel a ponto de a moeda cair dentro do copo. Quanto menores e mais numerosos forem os buracos, melhor; mas é preciso que atravessem o papel, senão, não serão contados.

É impossivel dizer precisamente quantos furos se podem abrir com o cigarro, porque a qualidade do papel é muito variavel; é frequente contarem-se 20 a 25. Para abrir assim uma série de pequenos orifícios uniformes, é preciso ter uma mão bastante firme.

Coisas americanas

¶ Um juiz da cidade de Oklahoma, cansado de esperar os longos debates dos jurados, para apresentar o seu veredicto, decidiu remover as confortaveis poltronas da sala do juri, colocando em seu lugar cadeiras duras de pau. Observou que, depois disso, os jurados levavam uma hora menos a apresentar as suas decisões. A seguir, o juiz resolveu retirar todas as cadeiras da sala, e verificou que os jurados, de pé, decidiam o seu veredicto em menos tempo ainda. Finalmente, para conseguir que as deliberações do juri se reduzissem ao mínimo tempo possivel, mandou pregar todas as janelas, para que, com o ar viciado e sem conforto algum, os jurados não perdessem um só minuto em suas decisões.

—*The Wall Street Journal*

¶ As imitações de meias, pintadas nas pernas com cosméticos, acabam de criar a última novidade do Stork Club, em New York: um departamento especial de *make-up* para pernas, na sala de toalete das senhoras, com laca para unhas e loções de tintura de todos os tons. E, à disposição das senhoras, há uma empregada especial, para pintar-lhes as pernas... e remendar-lhes a pintura.

—Geraldine Smith, *Philadelphia Inquirer*

E o Dia de Juizo não veio

Condensado do «American Mercury»

Por Regis Canevin Toomey

Na noite de 22 de outubro de 1844, em Filadélfia, um cavalheiro de meia idade, trajando uma túnica branca, se lançou serenamente da janela do seu quarto, no terceiro andar de um edifício, procurando voar para o céu. Na cidade de Worcester, estado de Massachusetts, um cidadão respeitavel, enfiando pelos ombros um par de asas de perú, trepou no galho mais alto de uma árvore e procurou levantar vôo. Na cidade de Nova York, um jovem galgou a armação de uma ponte muito alta e tentou alçar-se ao Paraiso. Todos acabaram com os ossos machucados, é claro!

Das centenas de milhares de indivíduos que esperavam ansiosamente ser levados para o céu naquela noite memoravel, que para eles marcava o fim do mundo, muitos tomaram toda sorte de providências para que à viagem não faltasse o devido conforto. Uns meteram-se nos cestos da roupa suja, outros na banheira, para viajarem a seu gosto. Uma mocinha de Chicago, um tanto apegada às coisas do mundo, encheu uma mala com enxoval completo e novo, e amarrou-se a esse tesouro para entrarem juntos pelo portão de pérolas do Paraiso.

No norte, como no sul e na região central, os discípulos do profeta William Miller, trajados de mantos brancos, reuniram-se naquela noite, em outeiros e cemitérios, para entoar hinos religiosos e rezar, à espera do primeiro toque da trombeta do arcanjo Gabriel, anunciador do fim do mundo. Só os fiéis escapariam. Foi uma noite de fervor religioso jamais igualado na história da América.

Não se tratava de um punhado de fanáticos, mas de movimento religioso que, no curto prazo de uma década, reunira um milhão de adeptos. Orçando a população total do país, em 1840, mais ou menos em dezessete milhões, os discípulos do profeta se podiam gabar de representar proporção importante.

Estudante assíduo da Bíblia, trabalhara Miller vinte e cinco anos em sua profecia. Baseava-se ela na parte da Bíblia atribuida a Daniel e outros profetas, e no simbolismo obscuro da visão de Nabucodonosor, do Velho Testamento. Em 1831 anunciou que estava perto o dia do Juizo Final. «Estai preparados, e observai os sinais celestes,» era o seu grito de batalha. O movimento ganhou logo popularidade. Cresceu de fervor, quando, pela madrugada do dia 13 de novembro de 1833, enormes bolas de fogo atravessaram a abóbada celeste, explodindo e esparzindo faiscas, quais enormes fogos de artifícios, enquanto milhares de estrelas caiam do céu. Para os fiéis essa manifestação celeste pressagiava o *dies irae*.

O profeta não assinalou data específica para o Grande Dia, a não ser que viria entre março de 1843 e março de 1844. Por essa época já setecentos pregadores se haviam alistado sob sua bandeira. O cometa que rasgou os céus em 1843 deu aos adeptos de Miller mais uma confirmação da sua profecia.

Quando se escoou o último dia do período designado sem nada acontecer, os discípulos do profeta ficaram deveras desapontados. Miller, porem, asseverou ter tido mais uma visão, e escreveu: «Vejo uma glória no sétimo mês (mês de outubro no calendário judaico). Cristo virá e nos abençoará a todos.»

Os fiéis começaram a rematar os seus negócios. Eminente comerciante de Filadélfia pôs um cartaz na sua vitrina onde se lia: «Fechada em honra do Rei dos Reis.» Na cidade de Nova York o dono de uma sapataria abriu as portas da loja, colocando todo o estoque à disposição do público. Na aldeia de Meredith, estado de Novo Hampshire, o número de devotos que tudo abandonavam assumiu tais proporções, que os juizes recomendaram a nomeação de curadores dos seus bens, afim de que as famílias não ficassem reduzidas à miséria. Muita mobília foi destruida. Em certas regiões as frutas e os cereais foram abandonados nos campos a apodrecer. De que valia fazer as colheitas que brevemente iriam desaparecer em chamas?

Finalmente, Miller anunciou que 23 de outubro seria o Grande Dia.

À medida que este se aproximava, acorriam multidões às cerimônias quase contínuas que se realizavam nas igrejas «milleristas». Os milhares que não conseguiam entrar, permaneciam do lado de fora, orando e cantando.

Verificou-se grande número de suicídios; os casos de alucinação foram frequentes. Num pequeno hospício em Vermont deram entrada vinte e cinco discípulos de Miller, que ficaram com o juizo perturbado pela grande tensão da expectativa. No estado de Pensilvânia um fazendeiro matou a família e suicidou-se após, simplesmente porque um dos filhos mais velhos ousara zombar do profeta, e no estado de Massachusetts um dos discípulos assassinou a esposa pela mesma razão.

Os jornais uniram as suas vozes às do clero regular, para desacreditar essa loucura; mas os milleristas puseram anúncios rogando aos pecadores que fizessem penitência enquanto ainda era tempo.

Chegou finalmente o Grande Dia. O céu estava sobrecarregado de nuvens escuras, o que os milleristas observaram com satisfação, pois parecia ocasião propícia para o fim do mundo.

Já pela tarde de 22 de outubro, das cidades de Boston, Filadélfia, Nova York e outros centros, saiam rumo aos campos multidões de fiéis trajando as túnicas brancas com que ascenderiam ao céu.

Ao cair da noite o nervosismo tornou-se cada vez mais intenso. Por toda a parte milhares de rostos ansiosos estavam voltados para o alto. Pessoas respeitaveis, tomadas de frenesí religioso, caminhavam de «quatro pés», levando outros nas costas para imitar a entrada do Salvador em Jerusalem, montado sobre o jumento. Outros celebravam a cerimônia do lava-pés, e muitos executavam extravagantes dansas religiosas. As crianças corriam de um lado para outro, os olhos esbugalhados, tomadas de pavor, à espera da chama que deveria consumir o mundo. No outro dia, dois indivíduos foram encontrados mortos num campo.

Ao amanhecer do dia seguinte, sem que aparecesse qualquer sinal no céu, a luz fanática que brilhara a noite toda nos olhos dos fiéis converteu-se em expressão de decepção. Nasceu, afinal, o sol—e o mundo não fora consumido pelas chamas, nem troara a trombeta do arcanjo Gabriel...

Com as túnicas brancas úmidas e sujas, os adeptos de Miller regressaram desolados para os seus lares e seus negócios—isto é, os que ainda por sorte não os tinham perdido. Os incrédulos pelo caminho a fora os acabrunhavam de zombarias e insultos, que eles de tão desanimados nem sequer ouviam. Ficara desacreditado o falso profeta.

Velho, doente e cansado, este chorava, em casa, ao ver passar o Grande Dia. Homem sincero, a fé que depositava na sua interpretação e na sua profecia fora tão firme quanto a que tinha em Deus. Repetidas vezes procurou refazer os cálculos a ver se descobria onde havia sido o erro.

Depois de trabalhar em vão anos seguidos, veio finalmente a falecer, ainda cismando sobre o *dies irae*.

CONVERSA FIADA DE TERRA E MAR

— III —

O CONTRA-MESTRE, com a autoridade da experiência, impressionava os marinheiros novatos que o ouviam. Estavam a sotavento do castelo de popa e soprava vento forte.

—Vocês chamam a isso mau tempo? motejou ele. —Mau tempo foi quando eu estava a bordo do velho *Tuscarora!* O navio levou toda uma noite com as chaminés ora debaixo ora fora da água; e no dia seguinte, quando o tempo amainou, o mar estava completamente coberto de arenques defumados! Ah, o *Tuscarora* era, de fato, um navio! Nunca me esquecerei da viagem que fizemos à China, onde patrulhamos o rio Iangtsé. Não há rio mais cheio de voltas do que esse, e foi preciso por gonzos no barco, para fazer as curvas.

—E que fim teve o *Tuscarora?* perguntou um dos marujos.

—Perdeu-se numa noite de névoa cerrada, respondeu o contra-mestre, abanando a cabeça com tristeza. —O *Tuscarora* levava um avião, que era lançado por catapulta. Nessa noite, recebemos uma mensagem do piloto, dizendo que estava perdido entre o nevoeiro. Eu estava de vigia à proa do navio e, de quando em quando, fazia um buraco na névoa e dava uma olhadela. Numa dessas vezes, vislumbrei a luz de popa de um navio parado adiante. Dei alarma, mas era tarde. Houve um choque terrivel, e eu fui parar no convés do navio que havíamos abalroado. O primeiro *cabra* que lá encontrei foi Windy, nosso corneta. Estava dando o toque de «abandonar o navio» mas eu não ouvia nada. Que havia acontecido? O velho *Tuscarora* tinha abalroado a si mesmo, ao fazer uma daquelas curvas em saca-rolhas!

—E naturalmente foi ao fundo, com

toda a tripulação? observou com desconfiança um dos marinheiros.

—Não. Todos nos salvamos, inclusive o piloto do avião. Parece que Windy mastigou qualquer coisa azeda, justamente antes de dar aquele toque de «abandonar o navio», e lançou uma nota tão alta que ninguem a bordo pôde ouvir. Mas o piloto, que estava a 10.000 pés de altitude, ouviu, e «pirou».

—Cap. de Corv. A. R. Bosworth, USNR, São Francisco

ALGUMAS das histórias mais extraordinárias que circulam na caserna, são originadas pelos soldados que apresentam desculpas oficiais a seus superiores. Recentemente, o comandante de um couraçado recebeu a seguinte carta de um marinheiro:

«Assunto: APRESENTAÇÃO ATRAZADA, E SEU MOTIVO.

«Obtive dez dias de licença, para visitar meu irmão, que tem uma fazenda no Arkansas. No dia 11 de setembro o celeiro da fazenda se incendiou, salvando-se somente o paiol de tijolo, cuja parte superior ficou, entretanto, danificada pela faisca elétrica que causou o incêndio. No dia seguinte, decidimos consertar o paiol. Construimos um andaime, no alto do paiol, com um guindaste para içar os tijolos em um barril.

«Ao terminar o trabalho, sobraram muitos tijolos no andaime. Enchí o barril, descí a escada e soltei a corda, para abaixar o barril. Mas o barril, carregado de tijolos, era mais pesado do que eu, e, ao começar a descer, eu comecei a subir. Quando reparei, já estava tão alto que me pareceu mais seguro continuar para cima. A meio caminho, o barril me atingiu num ombro, mas eu me aguentei, como se estivesse agarrado a um cabo de lançar âncoras. Como subia depressa, dei com a cabeça com força no andaime. Quando o barril bateu no chão, o fundo se abriu, soltando os tijolos, e eu, agora mais pesado do que o barril, comecei a baixar por minha vez. Ao passar por mim, o barril me atingiu no outro ombro e eu caí sobre os tijolos, perdendo os sentidos; a corda então ficou solta, de modo que o barril se despenhou na minha cabeça.

«O doutor não me permitiu voltar ao serviço até o dia 17, fazendo-me demorar mais dois dias—o que julgo não ser muito, dadas as circunstâncias.

Joe Bowline
Marinheiro de segunda classe.»

—Ten. E. A. Meola, Seattle, Wash.

⚓

¶ CERTA vez tive como criada uma preta que, depois de ter passado maus bocados com o marido, jurou nunca mais querer histórias com os homens. Quando, pouco tempo depois, ela apareceu novamente casada, eu observei:

—Mas, Lizzie, você quase não conhece esse homem!

—*Náum, Dona*, respondeu ela. —*Mais pensei que se espero mais um pouco, eu podia encontrá coisa ruim nele.*

—Peggy Wood, *How Young You Look* (Farrar & Rinehart, ed.)

Manifesto Democrático

Condensação do livro «A Democratic Manifesto» por Emery Reves

POR QUE RAZÃO, pouco mais de 20 anos depois da grande derrota da autocracia e do militarismo, vemos a democracia, ainda uma vez, atormentada e em perigo?

Que terá acontecido, de 1918 para cá, de modo a causar o declínio, quase catastrófico, das democracias?

Se quisermos compreender a causa real do desastre, devemos considerar, antes de tudo, que a crise com que lutamos é uma crise de *nacionalismo*, a qual explodiu em julho de 1914, e terminará, ou com o colapso da civilização ocidental, ou com a destruição do nacionalismo como base da política.

O nacionalismo, fruto da Revolução Francesa, foi sem dúvida, ao surgir, ou na sua primeira fase, um alto ideal. Tinha como objetivo libertar a humanidade do absolutismo, transferindo do rei para o povo a fonte da soberania. Daí brotaram, como corolários, a liberdade individual, a supremacia da lei, a instituição do voto livre, o governo representativo.

Com o tempo, porem, o ideal da soberania nacional se converteu num dogma sobre o qual se viriam basear as relações internacionais. Cada nação, ciosa de sua independência, se negava a fazer concessões a qualquer outra; via tudo pelo prisma dos seus próprios direitos e interesses.

Por exemplo, durante a maior parte dos três anos sucessivos de 1932, 1933 e 1934, uma Conferência de Desarmamento esteve reunida. Todas as nações soberanas tinham alí seus delegados, mas não estendiam a visão alem da salvaguarda de interesses puramente na-

---

AGENTE literário de muitos homens de estado —entre os quais Winston Churchill, Alfred Duff Cooper e Arthur Henderson—Emery Reves, durante a última década, tem viajado cerca de 75.000 quilômetros por ano, de país em país. Esteve em contacto pessoal com figuras de grande relevo da política européia, e seu livro é o resultado de íntima observação dos acontecimentos, ao longo dos anos terriveis de impotência das democracias.

Raymond Gram Swing disse a respeito da obra cuja condensação aquí se lê: «Não sei de livro acerca dos problemas do mundo democrático, que eu recomendasse mais vivamente à ampla divulgação.»

Copyright 1942, Emery Reves. Ed., Random House, Inc., Nova York. Preço: $1.50

cionais. O resultado foi que a comédia do «desarmamento» acabou em tragédia. Entrou-se, ao invés, num período de rearmamento secreto, e o militarismo ressurgiu na sua plenitude. Agora, há que perder de novo vidas sem conto, condenar à miséria e à fome centenas de milhões de criaturas, e desperdiçar, lançando-as ao fogo, somas fabulosas. E podemos estar certos de que, enquanto a cada nação for permitido exercer, como melhor lhe pareça, a sua soberania, com liberdade para reger seus negócios, sem quaisquer atenções ou deveres para com as outras nações, as catástrofes mundiais, como a com que nos achamos ainda uma vez a braços, tenderão a reproduzir-se.

É portanto chegado o momento em que temos a escolher: ou nos firmamos na concepção do estado nacional soberano, que conduz necessariamente a conflitos entre povos, vale dizer à guerra, ou reconhecemos a evidência de que, pela *organização internacional*, poderemos conseguir a estabilidade da paz.

Paz—quando não há paz

Durante os 20 anos que antecederam a presente guerra, nada desejamos senão paz. Estivemos sempre dispostos a aceitar solução, fosse ela qual fosse, para qualquer problema, contanto que se afastasse a hipótese de guerra.

Foi assim que permitimos se rasgassem tratados, porque insistir na defesa da sua santidade seria talvez abrir caminho ao conflito. Fechamos os olhos a agressões militares, fingindo que as não víamos. Deixamo-nos ludibriar de todo modo, pois o que sobretudo não queríamos era ver perturbada a nossa paz.

É fora de dúvida que, se as potências democráticas tivessem querido sacrificar 10 mil soldados para salvar a Etiópia da agressão italiana, ou 20 mil para impedir que os italianos e os alemães estabelecessem na Espanha um regime a seu contento; se se houvessem elas disposto a arriscar 50 mil homens na resistência à ocupação da Renânia, não seria agora necessário que a Inglaterra, os Estados Unidos e a Rússia estivessem a mobilizar todas as suas forças, e a despender centenas de bilhões de dólares numa guerra de tais proporções.

Todos os erros cometidos pelos governos democráticos, no curso das duas décadas fatais, se fundavam no argumento de que o nosso interesse capital era a preservação da paz, e esta, as democracias só poderiam obtê-la fazendo a vista grossa aos destemperos das potências agressoras. Não tínhamos política, nem ideais, nem propósito, a não ser, *exclusivamente*, o de evitar a luta armada. Não queríamos senão paz. Foi o caminho da guerra.

Tentar manter a paz entre estados soberanos, unicamente por meios diplomáticos, é tratar os destinos do gênero humano como se encantam serpentes. Contra as inalteraveis realidades da História, precisamos de instrumentos mais eficazes que uma flauta.

A paz não é, em si mesma, um fim. Se pretendermos a paz, e nada senão a paz, nunca chegaremos a obtê-la. A paz só há-de ser o resultado de uma política de construção, positiva e criadora. Para realizarmos tal política, devemos, antes de tudo, renunciar à ilusão, que tão nociva tem sido, de que é lícito a cada país, neste planeta cada vez menor, conservar intangiveis os domínios da sua soberania. O que se impõe, ao contrário, é o advento do primado do Direito Internacional com *carater obrigatório*.

O que temos chamado, até hoje, «direito internacional», não tem a força de lei, desde que não há autoridade que o torne efetivo, quando necessário. Para que tenhamos uma ordem internacional baseada na lei, indispensavel será que se institua o uso legal da força por um orgão central. Admitir a solução do problema da paz, sem o uso legal da força em negócios internacionais, é reincidir na utopia, de que a História já nos oferece lições definitivas. Todas as tentativas nesse sentido, ou não deram resultado, ou o deram negativo. Não há pois persistir no erro.

Paz é lei.

Quem diz lei, diz uso justificado da força—uma ordem coercitiva.

Portanto, paz, sem o orgão para empregar a força, chega a ser inconcebivel.

Certo, não teremos o condão de por termo, de todo, às guerras, seja qual for a ordem que fundemos, do mesmo modo que o crime não se aboliu entre os homens, a despeito de criados e aperfeiçoados, mais e mais, os serviços de polícia. Mas assim como é verdade que se tem reduzido ao mínimo, nos estados civilizados, o número de homicídios, assim tambem reduziremos ao mínimo, por adequada organização dos povos, o número e extensão das guerras.

Na ordem internacional bem constituida, que temos em vista, seremos obrigados, de tempos a tempos, a empregar meios de guerra, para o fim precisamente de fazê-la prevalecer. A alegação mais frequente dos pacifistas dogmáticos é que «não podemos evitar a guerra, praticando-a». Há no argumento perigoso sofisma. O único meio de por cobro a guerras ilegais e anárquicas é estar sempre disposto e preparado para levar a efeito certo gênero de guerra *legal*.

Nem outro é o meio de combater e reduzir o crime: aplicar ao criminoso, numa base legal, a violência que, fora da lei, seria um delito—e que muitas vezes é idêntica à violência com que, ilegalmente, ele ofendeu os indivíduos ou a sociedade.

A independência não é mais possivel

Quando a ameaça de Hitler à paz mundial se foi tornando evidente, as nações pacíficas persistiram no erro de não querer «impedir a guerra, praticando-a». Apegamo-nos irredutivelmente às nossas velhas ilusões de paz. Hoje os Estados Unidos—o país mais rico da terra, onde os recursos, em matérias primas, teriam parecido inexhauriveis — se vêem obrigados a suspender a produção de automoveis para uso privado, a racionar combustiveis e gêneros alimentícios, a apelar para todos os seus elementos de ação e produção, a agravar tremendamente a carga dos impostos, modificando assim radicalmente o panorama, a fisionomia de toda a vida social, política e econômica norte-americana.

Não nos esqueçamos, entretanto, de que essas transformações por que houveram de passar os Estados Unidos—tão côncios da sua força, da sua superioridade política e econômica, e do seu alheamento a «querelas estrangeiras»—são *consequências diretas* do fato de, em certa fase anterior, ter o governo alemão feito parar a produção de automoveis para uso particular, racionado alimentos, convocado os moços às fileiras, e, multiplicando os impostos, acumulado armamentos para a agressão que tramava.

Vimos pois assim, praticamente, que

a política de um país, situado a 6.500 quilômetros de distância, acabou por influir, de modo direto e profundo, na vida cotidiana de todos e cada um dos nossos cidadãos. Dar-se-á que, depois de tal prova, ainda haja quem fale seriamente em não-intervenção como sendo uma «política»?

Nunca em outro período da História houve maior número de povos a alcançarem completamente a sua independência, do que em 1920. Mas tambem, vinte anos depois, foi caso sem precedentes o da quantidade de nações reduzidas, a um tempo, ao cativeiro, por via da conquista militar. A total independência de todas as nações criou na vida internacional situação tão anárquica quanto a que se declararia na nossa vida privada se não houvesse polícia para prender os ladrões, e juizes e tribunais para devidamente lhes aplicar as sanções da lei.

Engana-se a nação que supuser que a total independência lhe garante a liberdade; porque, se a independência total lhe permite fazer o que entenda, confere às outras nações igual direito. O que daí, logicamente, se segue é que cada nação deve estar sempre, mais ou menos, preparada para ser atacada a qualquer tempo por alguma das outras. E' óbvio que se conseguiria a independência, em grau muito mais alto, se o seu uso, sob certos aspectos, fosse limitado e regulado, e uma vez que os limites e regras, aplicados a todas as nações em termos cominatórios, ficassem a cargo de instituições *acima* de todas elas.

Em outras palavras, cumpre às nações democráticas—se desejam, por um lado, evitar a catástrofe da guerra, e, por outro, preservar o princípio da independência—assentar em boa base uma *Declaração de Independência*, que viria a ser, em rigor, a nova Magna Carta da humanidade.

Disponhamo-nos a fazer a guerra preventiva

Quando se fundou a Liga das Nações, após a primeira guerra mundial, nenhum texto se inseriu, no seu protocolo, que dispusesse sobre o uso de força. Quer isso dizer que a Liga ficou destinada, desde a origem, a limitar-se a tais ou tais soluções, a que se poderia chegar do mesmo modo, se ela não existisse.

Houve pelo menos dez ocasiões, entre 1931 e 1939, em que a mais leve demonstração de força, apoiando a ação da Liga, teria evitado a presente guerra. Mas havia sempre acrobacias de dialética, das mais extraordinárias, para impedir se chegasse às boas decisões. E quando, pela primeira vez, aquela maquinaria de Genebra, tão fora do senso das realidades, teve que ser posta à prova, de modo iniludivel; quando mais de 50 nações, verdadeiramente indignadas, votaram a aplicação de severas sanções à Itália, por motivo da invasão da Etiópia, coube exatamente aos estadistas, que alí representavam as democracias de maiores responsabilidades, declarar ao mundo que as sanções deviam continuar letra morta, porque, de outro modo, a Europa mergulharia na guerra.

Ninguem explicou mais claramente, ou definiu melhor o espírito da época, os fundamentos da rejeição das sanções, do que o antigo Presidente do Conselho da França, Millerand, em discurso pronunciado no Senado Francês, em junho de 1936. Pleiteando o reconhecimento, quanto antes, da conquista

de Mussolini, disse ele: «Basta considerar que não haverá nação no mundo que se disponha a uma guerra e a uma guerra moderna, senão em caso que envolva os seus interesses vitais, ou lhe ponha em perigo a independência, ou lhe ameace as fronteiras.»

Assim, no afã de «preservar a paz», os governos democráticos deram o seu beneplácito à conquista da Etiópia pela Itália. Lorde Halifax, por esse tempo, dizia: «Grande como é a Liga das Nações; maiores todavia, que ela mesma, são os fins a que se destina, e o maior destes fins é a paz.»

A paz foi tão perfeitamente preservada, e a potência agressora ficou tão agradecida, que, passados não eram quatro anos, a Itália declarava guerra à Grã Bretanha e à França.

Não queríamos o direito com a força. Contentávamo-nos com a cartilha da boa-vontade. Agora estamos a braços com a força, mas sem o direito.

Qualquer que seja o plano que se adote, qualquer que seja a base em que repouse a nova ordem internacional, o reconhecimento da força como uma realidade indispensavel é a condição do êxito.

A Inglaterra e a França só declararam guerra quando a Polônia foi invadida. Os Estados Unidos só declararam guerra quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Procedemos de pleno acordo com a nossa política, segundo a qual o único gênero de agressão que reconhecemos é a agressão pelas armas. Essa concepção nos vai custar uma destruição quase incalculavel de vidas e riqueza.

A grande verdade, entretanto, é que a guerra não teve começo com a invasão da Polônia ou o bombardeio de Pearl Harbor. Desde o dia em que Mussolini apregoou, como objetivo da Itália, a abolição dos princípios da Revolução Francesa, e Adolf Hitler proclamou que, para a Alemanha, «o Direito é o que está no interesse do povo alemão», estava lançada a guerra.

Nossa falsa concepção de agressão criou, nos nossos redutos, um estado de espírito passivo. Não sabíamos o que queríamos, ou não queríamos nada, exceto viver em paz e conservar intacto o que era nosso. Tornamo-nos incapazes, não só de apreciar devidamente o caráter bélico dos acontecimentos, mas de enfrentar, como era forçoso, a guerra, quando nos foi imposta.

Se, aprendendo a lição dos passados vinte anos, estamos realmente no propósito de não reincidir nos mesmos erros, para chegar aos mesmos resultados, isto é, ao desastre, devemos começar pelo abandono da atitude, passiva e esteril, em que nos mantivemos. Cumpre-nos considerar como agressão todo ataque aos princípios democráticos, seja militar ou ideológico.

A moderna medicina pende para a prevenção das doenças. Analogamente, nos negócios internacionais, a política deve ser a de prevenir a irrupção de grandes conflitos armados. A vacinação é infinitamente menos custosa do que uma epidemia.

Nunca uma guerra foi mais desnecessária e ao mesmo tempo mais facil de se evitar, que a atual. Era evidente, para todo mundo que não tivesse perdido os sentidos da vista e da audição, que os chefes totalitários tinham em mira destruir as potências democráticas e dominar o mundo. Uma Liga das Nações, efetiva, desassombrada, decidida a impedir a guerra, ainda que pela força, teria tido nas mãos, até 1938, meios de suprimir sem grande esforço a agressão

alemã e a japonesa. Admitamos que os Estados Unidos se tivessem reunido a outras nações numa liga destinada a preservar a paz: quão pouco valeriam os «sacrifícios de soberania nacional» que houvéssemos porventura de fazer, comparados à carga terrivel que a guerra nos pôs sobre os ombros, e cujos efeitos hão de perdurar, não podemos prever até quando!

O que nos cumpre fazer no momento

FRACASSADA a primeira tentativa, de que a história dá notícia, de organização da vida internacional; violado o *Covenant* da Liga e outras convenções, é ridículo, contudo, depreender de tais fatos a impropriedade dos princípios que aquela instituição e aqueles pactos procuraram exprimir ou por em prática efetiva.

Sendo o *Covenant* um documento essencialmente internacional, os seus signatários, entretanto, eram estados nacionais. No edifício da Liga das Nações respirava-se de fato atmosfera internacional. A Liga era uma espécie de clube onde periodicamente se encontravam os mesmos homens de estado e jornalistas. Porem, no país de cada um, nada se havia alterado. Educação, imprensa, governo, permaneciam nacionalistas. Ora, os representantes de tais estados nacionalistas não podiam, só pelo fato de se congregarem em reuniões periódicas, estabelecer, com efeito, melhor entendimento entre as diversas nações do globo.

A justiça entrou a funcionar, neste globo que habitamos, com a primeira execução pública de um criminoso, baseada em julgamento.

A paz se fará valer quando um grupo de nações a tomar de tal modo aos seus cuidados, que não hesite em reprimir pelas armas quem quer que viole os cânones da lei internacional.

A única paz concebivel no século em que vivemos é a que se firme na base de certas regras primárias estabelecidas entre os povos, com forças armadas prontas a intervir, indistinta e automaticamente, em qualquer parte do mundo onde estas regras forem intencionalmente violadas.

A organização política indispensavel para impor semelhante regime, e assim resolver, de fato, os problemas de paz e guerra, de liberdade e opressão, não é um sonho distante, mas uma necessidade imediata. Nem temos tempo a perder. Há que lhe ir plantando os alicerces, mesmo ainda no curso da presente guerra.

É sabido que, em todos os tempos, grandes transformações revolucionárias se processaram ao calor das guerras, e enquanto se decidia, nas batalhas, a sorte das armas. Ponhamo-nos em campo desde já, pois nenhuma vitória militar nos pode dar a certeza de que dela provirá um mundo racional. Seria uma das grandes tragédias do nosso tempo que as nações e os governos democráticos se não compenetrassem—e aliás não parece, até agora, que se tenham compenetrado—de que o que referve no momento é uma gigantesca luta política, de que a guerra militar é apenas um sintoma.

Que o passo imediato se concretize numa nova Liga das Nações, ou em agrupamentos regionais, ou em organizações continentais, ou numa aliança dos povos de língua inglesa, ou num governo do mundo, não importa fundamentalmente. O essencial é que compreendamos o que os princípios da democracia significam em termos do século XX, e que à sua sombra se inicie a indispensavel *integração internacional*.

Nossa vitória no presente conflito deve implicar a vitória dos novos princípios, cuja proclamação, por conseguinte, não pode ser adiada, para que o debate se processe depois de findas as hostilidades.

São eles, os ditos princípios, a única justificação do nosso triunfo, que há-de vir; são as asas da vitória.

Frases PITORESCAS E POÉTICAS

Era apenas uma aldeia com uma praça no meio e dez casinhas brancas ao redor—como se fosse uma família à mesa do jantar.

—Dick Dorrance

Esse é um indivíduo tão cacete, que não consegue me interessar nem quando fala a meu respeito.

—William von Riegen, em *Collier's*

Cobrindo-se com os chales da noite, as montanhas aconchegaram-se para dormir.

—Mrs. Gordon Campbell

As lâmpadas da cidade se acendiam, e salpicavam de polem o crepúsculo sombrio.

—Dane Gregory

A manhã tinha ainda um pouco da escuridão que sobrara da noite.

—George Sessions Perry

A lua parecia um cravo branco na lapela do Firmamento.

—Max Beerbohm

A galinha é o meio de que se serve o ovo para fazer outro ovo.

—Samuel Butler

O relâmpago fez um rápido passo de dansa no céu, e o trovão, ao longe, aplaudiu.

—Maureen Daly

Ele está com o coração na tipóia.

—Walter Winchell

O céu ameaçava ruir, como barraca de circo em dia de chuva forte.

—John dos Passos

As velas lutavam com a escuridão.

—Stefan Zweig

Enterrei aquela idéia, como cachorro que enterra osso para ir buscá-lo mais tarde.

—Jan Struther

Ser solteirona é como morrer afogada: uma sensação deliciosa... depois que a gente desiste de lutar!

—Edna Ferber

Essa moça tem a mania de mandar em tudo, como se a própria vida fosse invenção dela.

—Kenneth Horan

A abelha zangada ralhava com uma flor.

—John Moore

A espionagem da saude

(Condensado do *Collier's*)

Por J. D. Ratcliff

O Serviço de Inteligência Médica à busca de informações sobre inimigos invisiveis que os nossos soldados possam encontrar nesta guerra global.

Por mais remota que seja a região onde se encontrem nossas tropas, são elas protegidas contra doenças locais, graças ao notavel trabalho de pesquisa do Serviço de Inteligência Médica do Exército. Nosso exército dispõe hoje de informações mais completas acerca da situação sanitária em terras estrangeiras, do que os próprios médicos locais.

Os arquivos do Serviço de Inteligência Médica possuem grande número de dados sobre possiveis homicidas, tais como o kala-azar, a febre negra da China, a filariose da Índia, a loa-loa da África, e os piolhos, carrapatos e insetos transmissores de moléstias de muitas outras regiões inhóspitas do globo. Antes de deixarem o país, os oficiais médicos que acompanham as tropas dos Estados-Unidos encontram-se assim esclarecidos sobre tais perigos e os meios de combatê-los.

Por exemplo, quando enviamos soldados para a Trinidad, onde 70 por cento da população, em determinadas regiões relativamente áridas, sofre de paludismo, já o Serviço de Inteligência Médica se inteirara de que uma variedade local do mosquito transmissor não se reproduz nos alagadiços, mas sim nas folhas campanuladas de plantas aéreas, parasitas de certas árvores plantadas com o fim de fornecerem sombra aos cacaueiros. Assim os oficiais médicos mandaram antes de tudo cortar as ditas árvores, fazendo portanto desaparecer os focos de contaminação, —e o paludismo diminuiu consideravelmente.

Há dois anos que o exército, interessado em geografia médica, começou a reunir informações sanitárias, de onde as pudesse colher. As bibliotecas forneciam as noções básicas; os relatórios de missionários, de médicos-turistas e de homens de negócios punham os dados em dia. O Serviço é dirigido pelo tenente-coronel Tom F. Whayne, que dos dez anos que conta de serviço, passou dois no Panamá, onde adquiriu experiência valiosa em Medicina Tropical.

Seu gabinete está cheio de mapas das moléstias do grau A—isto é, cólera, tifo, peste bubônica, como tambem dos de outras de que provavelmente nunca ouvimos falar.

Seus arquivos contêm, alem de observações de casos mais conhecidos e banais, uma variedade enorme sobre casos médicos exóticos. Lêem-se neles informações sobre as peçonhentas cobras marinhas do Golfo Pérsico, e umas amêijoas do Pacífico Sul, do tamanho de um prato-travessa, e que podem agarrar o pé do nadador como se fossem armadilhas de pegar ursos! Nas florestas da Birmânia existem sanguessugas tão vorazes, que poderão determinar anemia num curto espaço de tempo. Quando se tenta arrancá-las, elas introduzem a cabeça debaixo da pele do paciente, resultando daí uma infecção.

O meio seguro de removê-las é tocá-las com uma chama ou a brasa do cigarro; caem então inteiras.

Na África do Norte o perigo são os escorpiões. Gostando de lugares quentes para passarem a noite, estes venenosos aracnídeos insinuam-se nos sapatos dos soldados, e estes pela manhã, ao calçar-se, são mordidos nos pés. Na Austrália, os soldados são aconselhados a não beber água de cacimbas usadas pelos nativos, porque o terreno adjacente certamente estará contaminado.

Feitos que sejam os planos para enviar tropas alem-mar—por exemplo para Shangri-Lá, a cidade hipotética—os pedidos de informação começam a chover sobre o Serviço Médico, e é designado um oficial para reunir todos os dados disponiveis sobre o assunto. O relatório do Serviço será baseado em informações dos sanitaristas locais, se os houver, e indicará as condições de salubridade, os sistemas de abastecimento de água, e os edifícios que possam servir de hospitais.

Logo depois vem a parte mais importante do relatório: informações sobre moléstias específicas e os animais daninhos da região. Se em Shangri-Lá há morcegos atacados da raiva, como sucede em certas ilhas das Índias Ocidentais, então a tropa terá que se proteger à noite contra eles. Se há nos rios certos vermes que perfuram a pele, os soldados devem ser avisados, para que não nadem alí.

Sabido que o paludismo grassa em Shangri-Lá, cumpre que o relatório seja minucioso sobre as variedades locais de mosquitos: se o mosquito se alimenta à noite ou durante o dia; se se reproduz em água corrente ou estagnada; e qual é sua capacidade de vôo. Se os soldados têm que desembarcar à noite, devem munir-se de véus protetores sobre a cabeça, para se prevenirem contra as picadas. Na última guerra os ingleses descuidaram-se disso, e um desembarque no Golfo Pérsico deu em resultado que um terço da tropa contraiu febre palustre.

Suponha-se ainda que em Shangri-Lá tenha havido um surto de doença do sono, anos antes; os oficiais médicos precisarão talvez conhecer como tratar a moléstia com os arsenicais. Tambem quererão saber se os habitantes estão infestados de piolhos, dado que estes são agentes transmissores do tifo exantemático.

No Serviço Médico toda e qualquer informação é de importância, desde que tenha que ver com a saude e bem-estar da tropa. Num dos relatórios falava-se dum caranguejo achado em certas ilhas do Pacífico, o qual vive e se alimenta de côcos. O caranguejo racha o côco, abre-o, e come parte do miolo. Ao abrir-se o côco, encontra-se parte dele apodrecida, e esta é um foco ideal para a proliferação de moscas, que espalham disenteria, febre tifóide, e outras doenças. Informados com antecedência sobre o modo de resolver a dificuldade, os oficiais médicos ordenaram a derrubada dos coqueirais e, assim, destruiram as fontes de alimentação dos tais caranguejos. Com o desaparecimento destes, acabaram-se as moscas, e portanto as doenças que elas transmitiam.

Estas e outras informações, colhidas pelo Serviço de Inteligência Médica, mostram a diferença entre um exército que se prepara para agir, e outro que se prepara... para baixar ao hospital.

Swing fala e milhões escutam

(Condensado do «New Yorker»)

Por Richard O. Boyer

Raymond Gram Swing fala dos Estados Unidos para um auditório espalhado por todo o mundo. É um homem de intensa vida interior, que soube aprender com a adversidade.

A VOZ DISCRETA, suave e bem timbrada de Raymond Gram Swing é ouvida por mais gente do que a de qualquer outro homem desde a mais remota antiguidade. Calcula-se que seu público atinja uns trinta e cinco milhões, sendo 15 milhões nos Estados Unidos. Mais que qualquer outro comentarista, ele defende quase sempre o ponto de vista do Ministério do Exterior dos Estados Unidos, e por isto é considerado o seu porta-voz oficioso. Para seus milhões de ouvintes de Bombaim ao Rio de Janeiro, Swing é uma espécie de Tio Sam do rádio.

Tem hoje cincoenta e cinco anos de idade. É homem essencialmente impressionavel, a quem as notícias do dia interessam pessoalmente; qualquer desastre ou calamidade o aflige como se houvesse acontecido a amigo íntimo. Indigna-se facilmente, e a calma aparente de sua voz esconde grande tensão interior. Muitas vezes, deixando-se apossar pela indignação, escreve telegramas violentos—que ele mesmo rasga depois. Antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, pensou abandonar o rádio e sair pelo país a fora fazendo campanha a favor da intervenção.

Fala de Washington, através do *Blue Network*, todas as noites às dez horas, da segunda a quinta. Dez minutos depois de cada irradiação para os Estados Unidos, sua voz, gravada agora em disco, é transmitida em ondas curtas para o mundo inteiro. O mesmo texto é imediatamente irradiado em espanhol, português, norueguês e francês.

Ao falar no rádio, Swing tem sempre diante de si um relógio de pulso e um cronômetro. «Se um deles parar,» diz ele, «ainda tenho o outro.» Ao lado põe dois copos de água. Um dos técnicos traz então uma caixa que Swing chama «a caixa da tosse». Se a garganta fica irritada e ele sente que vai tossir, aperta um interruptor que se acha sobre a caixa e suspende a irradiação durante o tempo suficiente para poder tossir.

Preparado para todas as eventualidades, a não ser colapso cardíaco, faz então um ensaio para a irradiação. Enquanto lê o texto se contorce todo, olhando de vez em quando nervosamente para seus dois relógios. Quanto mais perto do limite, maior sua tensão nervosa. Um técnico de rádio disse uma vez: «Se tocássemos nele vibraria como uma corda de arco!»

Quando comenta certos episódios desfavoraveis da guerra, sua indignação é insopitavel. Vibra de cólera e ansiedade quando em frente ao microfone, mas longe dele é homem equânime e compreensivo. Não é dos menores milagres da ciência que ele entre no estúdio como um leão e saia como um cordeiro. Dentre os ouvintes assíduos de Swing, figuram o rei Jorge da Inglaterra, o presidente Roosevelt, Winston Churchill e o vice-presidente Wallace.

Sua inteligência é essencialmente analítica, e quando se analisa a si próprio é com a mesma impiedade que usaria para com uma situação nos Balcãs. Diagnostica, por exemplo, sua eterna inquietação como sendo a angústia de um místico sofrendo de dupla personalidade. Um Swing é, por exemplo, um grande torcedor de beisebol, e sabe a posição de cada jogador dos principais times; o outro Swing despreza tais vulgaridades e anseia pela beatitude angélica. Um Swing empenha até a alma num jogo de poquer, enquanto o outro gosta de meditar à luz das estrelas e escreve poesia impressionista. Sua vida é um campo de batalha em que dois Swing se combatem, e nesta luta, não sem sofrimento, os dois se empenharam tão a fundo, que o êxito lhes ficou assegurado.

Swing foi criado em Oberlin, no estado de Ohio, onde seu pai era professor do Seminário de Teologia. Quando estava no primeiro ano do curso, seus pais levaram um ano em viagem pelo estrangeiro. O rapaz, que sempre fora obediente e estudioso, de um dia para o outro «ficou com o diabo no corpo». Fumava cigarros, citava Darwin, e proclamava alto e bom som suas dúvidas quanto às doutrinas fundamentalistas pregadas na escola. Os diretores da Faculdade rezaram muito, mas isto nada valeu e ele foi finalmente expulso da escola. Reconhecendo, no entanto, que tinha pecado e que o Senhor o castigava com justiça, resolveu praticar boas ações em tal escala, que o seu regresso seria exigido.

Durante sete anos trabalhou febrilmente como reporter. Aos vinte e três anos era redator-chefe de um jornal de Indianápolis. Dois anos depois casou-se com Suzanne Morin, uma moça francesa. Em 1913 conseguiu o lugar de correspondente especial do jornal *Daily News* em Berlim. No ano seguinte sua mulher, sentindo que, sendo francesa, não podia continuar na Alemanha, transferiu-se para a América com os dois filhos, vindo a divorciar-se dele em 1916.

Três anos depois casou-se ele com Betty Gram, americana jovem e atraente que se achava em Berlim estudando música. Sendo a nova esposa feminista convicta, Swing, num gesto de reciprocidade, tomou o nome dela, enquanto ela tomou o dele. Em 1922 o jornal para o qual trabalhava mandou que ele e um simpatizante dos russos brancos fizessem a reportagem da Conferência de Genebra que ia discutir o meio de melhorar as relações da Rússia Soviética com as demais nações. Swing pediu demissão do jornal, porque achou que não era decente mandar-se um inimigo dos Sovietes relatar notícias a estes referentes.

Depois deste incidente seguiu-se o que ele chama de um de seus «períodos negros». Finalmente porem, em 1925, era chefe dos escritórios londrinos do *Public Ledger* de Filadélfia. Os nove anos que se seguiram foram talvez os mais felizes de sua vida. Ficou conhecido como um dos melhores correspon-

dentes da imprensa americana. Subitamente, em 1934, o *Ledger* fechou os escritórios no estrangeiro, e Swing, com quarenta e sete anos, estava de novo desempregado.

Nesse ínterim tinha-se tornado grande entusiasta do rádio e quis então procurar ocupação neste ramo; logo que chegou à América tratou de familiarizar-se com os programas de rádio. Era moda nesta época, tanto para os locutores como para os comentaristas, falar de maneira afetada e brilhante que se supunha ser de grande efeito. Swing, ouvindo-os com horror, jurou que preferia passar fome, com toda a família, a ter que falar assim. Ao contrário, só falaria com a naturalidade normal de um homem. Durante os anos de 1934 e 1935 o *Columbia Broadcasting* deixou que falasse «como um homem», fazendo comentários sobre os acontecimentos no estrangeiro; mas era um contrato irregular, que lhe rendia muito pouco. Finalmente, um dos diretores determinou que ele falaria como os «declamadores do rádio» ou teria de desistir. Swing despediu-se.

Durante algum tempo ganhou apenas para viver, escrevendo aquí e alí para vários periódicos, entre outros *The Nation*. Se bem que já estivesse habituado à adversidade, sentia-se bastante desanimado quando «um padre com bela voz» lhe disse que poderia melhorar a sua sem deixar de falar normalmente, pelo simples processo de falar sussurrando durante dez minutos todos os dias. Ele o fez durante dez minutos todos os dias, uma semana seguida. Gravava sua fala em discos e horas a fio, debruçado sobre o aparelho de gravação, com a fisionomia grave e tensa, procurou melhorar o timbre da voz que mais tarde o levaria à fama.

Dentro de poucos meses era contratado pelo *Mutual Broadcasting System*, e sua vida começou a melhorar. Em 1939, certa companhia fabricante de charutos ofereceu-se para patrocinar os programas de Swing, que ganharia 1.000 dólares por semana para fazer duas irradiações de quinze minutos. Qualquer comentarista de rádio acharia isto um esplêndido negócio, mas ele encarava a coisa com certo receio. Detestava charutos e, alem do mais, receava que a companhia quisesse exercer censura sobre seus comentários. Estipulou no contrato que nem o fabricante nem seus representantes poriam os olhos no texto antes deste ser irradiado. Daí por diante tudo correria muito bem, não fora o senso estético de Swing. Seus comentários têm estilo e forma, com uma introdução bem pensada, uma parte central, e conclusão. Começa estabelecendo pouco a pouco a relação das notícias umas com as outras, para chegar finalmente ao ponto máximo de uma eloquência controlada; mas alí era obrigado a se afastar do microfone para que um locutor de voz entusiástica declamasse as virtudes incomparaveis de certa marca de charutos!

Voltando ao microfone Swing sentia-se como um corredor de maratona que tivesse sido interrompido no meio da carreira, e a quem depois dissessem que continuasse a corrida. Fez ver aos seus «patrocinadores» que seus programas estavam sendo estragados por aquela crise verbal do anúncio. Sorriram amavelmente sem levar a sério aquele capricho passageiro de artista. Swing esperou com paciência, até o dia 10 de maio de 1940, quando a Alemanha invadiu a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo.

«Senti o peso de grandes acontecimentos», disse ele. «Esta tragédia imensa de significação mundial enchia-me o pensamento, e quando procurava pensar no que iria dizer lembrava-me de repente que seria brutalmente interrompido por aquele anúncio estúpido e detestavel... Não era possivel, desta vez não poderia suportar. Telefonei para a agência de publicidade e alguem falando de lá procurou acalmar-me dizendo: «Ora, sr. Swing, estas coisas acontecem todos os dias! Não podemos deixar de irradiar o anúncio só por isto.»

«Que me diz?» gritou Swing. «Isto acontece todos os dias? Então o mundo vai abaixo todos os dias?! Não irradiarei se me interromperem com anúncios comerciais.» A agência decidiu finalmente que sem o anúncio não haveria programa. Swing ficou firme; com o anúncio recusava-se a falar. Às nove horas, uma hora antes da irradiação, a situação permanecia imutavel. Às 9.30 nenhum dos lados tinha cedido. Às 9.55 os fabricantes de charutos se deram por vencidos. E nunca mais a irradiação de Swing foi interrompida por anúncio.

Depois deste triunfo sentiu-se feliz por algum tempo, tanto quanto é possivel a um espírito inquieto como o seu. Em 1941 tinha um ordenado total de 130.000 dólares. Sentia, no entanto, um peso na conciência de ganhar tanto dinheiro só para cumprir o seu dever. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, ofereceu seus serviços ao Ministério do Exterior, e ficou muito penalizado porque lhe disseram que faria mais pelo país continuando a ler seus comentários, ainda que sendo pago pela fábrica de charutos.

No princípio de 1942 o *Mutual Broadcasting System* vendeu os quinze minutos não patrocinados que Swing ocupava, e mudou os dias de suas irradiações para as segundas, quintas, sábados e domingos. Ele começou então a imaginar seus ouvintes procurando-o em vão nas terças e quartas... Deu instruções a seu agente para que arranjasse contrato com outra emissora, embora ganhando menos. A condição essencial é que irradiaria dias seguidos, e que o número de ouvintes seria maior. O agente foi bem sucedido. Swing diz com satisfação que ganha agora menos 7.600 dólares por ano, mas seu público aumentou de 15 por cento.

Se bem que sua voz agradavel seja um dos motivos de seu êxito, a razão principal deste é sua sinceridade absoluta e a dedicação quase mórbida à função. Emprega umas dez horas na preparação dos seus textos. Coordena as notícias do dia, esclarece os pontos principais procurando para estes explicação autêntica, fruto de estudos e pesquisas rigorosas.

Goza hoje das recompensas e previlégios reservados àqueles que tiveram êxito na vida, mas, na verdade, seu maior triunfo foi o fato da Universidade de Oberlin lhe ter conferido há dois anos o título de doutor honorário. Depois de penosos trinta e cinco anos estava rehabilitado!

¶ «Não gosto de pessoas que sempre estejam de acordo,» disse certa vez Samuel Goldwyn a um novo assistente. «Quero que você me diga o que realmente pensa—mesmo que isso lhe custe o emprego.»

—Mitch Woodbury, Toledo *Blade*

¶ *A casa inglesa é forte baluarte da democracia*

Nem o rei pode entrar!

(Condensado de «This Week», do New York Herald Tribune)

Pela princesa Alexandra Kropotkin

Vivíamos, há muitos anos já, numa modesta casa de tijolos, nos subúrbios de Londres, uma existência sossegada, pela qual me ensinaram a dar graças a Deus—pois meu pai, exilado da Rússia, e tendo estado sob a vigilância da polícia secreta do czar, sabia quanto vale ser livre. Levaram-me, certa vez, a um comício político que terminou por volta da meia-noite. Ao regressarmos, encontramos em frente à nossa porta um agente de polícia.

Aquilo apavorou-me. Acreditara firmemente que, naquela nação democrática, nada poderia ameaçar a liberdade de meu pai. Aquele agente, entretanto, em atitude suspeita, convenceu-me de que, até mesmo alí, seríamos vencidos novamente pela implacavel tirania de que fôramos vítimas.

Muito ao contrário, contudo, da minha expectativa, recebí aquela noite grande lição sobre a Inglaterra. O guarda contou-nos o que sucedera:

—Passando por aquí, na minha ronda noturna, vi que a porta da frente estava aberta. Toquei a campainha; ninguem respondeu. Receei que alguma coisa houvesse acontecido.

—Deu uma busca na casa? perguntou-lhe meu pai.

—Não senhor! Qual nada! Nós não temos o direito de entrar assim pela casa dos outros, sem uma autorização judicial. É contra a lei!

—Mas eu não deixei a porta fechada, respondeu-lhe papai com simplicidade.

—Não importa, retrucou o polícia.—Ainda mesmo que a porta esteja aberta, não podemos entrar. Mandei um dos meus homens vigiar a saida do fundo. E aquí estamos, há cinco horas—desde as sete da noite. Agora, se o senhor desejar, vamos dar a busca.

Dez minutos depois, haviam percorrido toda a casa sem encontrar sinal nenhum de arrombamento ou roubo. Os dois agentes despediram-se então, sem aceitar gratificação alguma, mas anuindo em beber um copo de cerveja:

—Visto que por hoje acabamos o serviço..., explicaram eles a papai.

Saí, e fui examinar a porta da frente. Depois, dando uma volta no jardim, fui ver se descobria alguma coisa de anormal na do fundo. Nenhuma das duas portas parecia oferecer grande resistência. Eram, entretanto, fortes como poucas! Eram portas inglesas. As leis daquele país dão força inexpugnavel à mais humilde das casas, ao mais obscuro dos lares. A porta de uma casa inglesa protege o corpo e a alma dos que nela residem.

Já lá vai mais de um século e meio, William Pitt, conde de Chatham, exprimiu tal conceito nestas simples palavras:

«Ao mais pobre dos homens pertence o direito de desafiar, quando bem queira, o poder da Coroa, de dentro da casa, ainda a mais modesta, em que se abrigue. Terá esta, quiçá, paredes frageis; mas que o teto ameace cair, que os ventos o sacudam, que a tempestade ou as chuvas entrem pelas portas: quem alí não entra, nem pode entrar,—é o rei. Todo o poder de que dispõe não o autoriza a transpor a soleira da casa onde more ainda o mais humilde dos seus súditos.»

Aquele agente da polícia, à nossa porta, fez com que eu concebesse plenamente o valor deste patrimônio de liberdade individual. Enchera-se ele de espanto à simples sugestão de que poderia impor a sua autoridade sobre um direito privado.

A cena volta-me à memoria sempre que ouço alguem exprimir quaisquer dúvidas sobre a democracia inglesa. E, nos tempos sombrios em que vivemos, aquele agente britânico renova em mim completamente a esperança no dia de amanhã.

Enxertos de nervos suturados com goma

¶ Há cerca de 50 anos que a Cirurgia vinha tentando encontrar a maneira de suturar ou reconstituir os nervos secionados ou dilacerados, mas sem resultado apreciavel, especialmente nos casos em que o nervo, alem da solução de continuidade, sofria a perda de certa extensão da sua substância. A dificuldade principal estava em unir as extremidades do nervo ou do enxerto, visto que até as mais delicadas agulhas e fios laceram os feixes nervosos.

O dr. Nilson de Rezende, do Rio de Janeiro, apresentou recentemente uma solução do problema. Trabalhando no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Yale, concebeu e aplicou à sutura dos nervos uma solução de goma de acácia, fortificada com vitamina B, sem usar fio de qualquer espécie. Tendo, porem, notado que o nervo secionado tende a retrair-se de um lado e outro do corte, tornando dificil aproximar e unir os dois extremos, o dr. Rezende concluiu que lhe não bastava a goma, e, empregando delicada técnica cirúrgica, resolveu inserir entre eles um enxerto de nervo, previamente preparado com determinados antissépticos.

Procedeu a umas 60 operações na perna de macacos, coelhos e cães, extraindo os enxertos de cadáveres de animais das mesmas espécies. Em cerca de metade dos casos os animais operados recuperaram o uso normal do membro afetado,—isto é, precisamente o que a neuro-cirurgia vinha de há muito procurando.

O dr. Rezende reconhece as dificuldades da aplicação da sua técnica aos seres humanos, mais suscetiveis de infecção do que os animais de laboratório. Mas está convencido de que, graças ao uso de novas drogas, tais como as sulfamidas e a gramicidina, ela poderia dar resultados no tratamento dos feridos da guerra atual.

Para se ter idéia da importância do fato, basta dizer que, das 200.000 baixas sofridas pelos Estados Unidos na primeira Guerra Mundial, 3.500 foram causadas pela destruição de nervos.

—*Time*

¶ *O povo grego, em massa, está na iminência de uma morte horrenda.*

Isso realmente é fome!

(Condensado do «American Mercury»)

Anônimo

Têm surgido ligeiros relatos das condições horrorosas de fome na Grécia. A situação se torna gradativamente peor, justificando uma descrição mais minuciosa do sofrimento quase incrível a que os conquistadores nazistas condenam a população civil. Por motivos de prudência, o autor terá que permanecer anônimo. Mas todo o material aquí exposto foi cuidadosamente verificado por autoridades competentes.

Não me era o horror coisa estranha. Já vi homens feitos, feridos em combate, a soluçar alto, chamando por alguem que lhes desfechasse um tiro de misericórdia. Certa ocasião vi, numa aldeia do Senegal, moribundos, vítimas da doença do sono, de cambulhada com cadáveres, que os abutres estraçalhavam. Nunca porem se viu horror igual ao que sofre hoje a Grécia: uma nação exhausta, a contorcer-se no lodo e a morrer à mingua!

O mais extraordinário é que por incrivel que pareça, a pequenina nação, em condições tão terriveis, oferece ainda resistência. Ainda lá se encontram guerrilheiros. Mas o espírito de revolta reclama força física, e esta se vê por alí em franca decadência. O povo já se aproxima do esgotamento total: homens que deperecem à fome, só têm uma idéia fixa: o alimento, para si e para as suas famílias.

Percorrí com um amigo as ruas de Atenas. Paramos primeiro num dispensário. A sala de espera estava cheia de mães a agasalharem nos braços inertes bebês macilentos, cor de terra. Alguns deles sugavam desesperadamente os vazios seios maternos; outros tinham as carinhas retorcidas pela cólica da fome. De tão fracos já nem choravam. Muitos estavam cobertos de erupções, e traziam as mãozinhas atadas para não arrancarem a pele.

Um amigo contou-me o caso de uma enfermeira que foi implorar aos alemães que cedessem leite para os bebês famintos. «Mas há falta de leite até para a *Luftwaffe*,» explicou o oficial nazista; «naturalmente não há que chegue para os civís.»

São dificílimas e dolorosas as decisões a que se vêem obrigadas as assistentes da Cruz Vermelha. Fornecem-se alimento e remédios unicamente aos que ainda podem salvar-se. Não se procura mais atenuar a subnutrição e a fome; concentram-se os esforços em evitar que venha a ser extinta uma nação inteira.

Não será exagero avaliar que dos sete milhões que constituem a população normal da Grécia, desde a invasão nazista, já sucumbiu mais de uma quinta parte. As autoridades municipais não podem coletar dados precisos, porque famílias sem conta procuram esconder os seus mortos, transportando-os às escondidas, em carrinhos de mão, para alguma parte, e sepultando-os sem esquife. E com sobeja razão, pois que

Hoje em dia, em Atenas, uma «boa» ração diária consiste no seguinte: um primeiro almoço de ervas, chá e uma fatia de pão seco; um almoço de matos do quintal cozidos em umas poucas gotas de azeite, se a sorte der para tanto; um jantar de sopa de legumes, engrossado com uma pequena colher de farinha de trigo, e um figo ou duas azeitonas como sobremesa. Nos mercados, só se encontra carne de cão, de gato e de rato. Um quilo e meio de carne de burro, que tem gosto de sabão de cozinha, custa dez dólares (duzentos cruzeiros.)

Vogue

afim de obter licença para dar sepultura a um morto, é preciso devolver sua caderneta de pão.

A cidade de Atenas sofre mais que qualquer outra; há até um milhão de habitantes, sem meios de obter mantimento. Antigamente, as estradas de ferro traziam provisões da Macedônia; mas, desde a invasão dos búlgaros, já não correm mais os trens. Oitenta e cinco por cento da população vive rondando as cantinas, à espera que os navios americanos e turcos lhes tragam socorro. Quinhentas pessoas, em média morrem diariamente na cidade.

No bairro de Dourgouti, demos algumas gramas de azeite a Helena Soteriou, senhora de uns quarenta anos, que devia ter sido muito linda, e nos recebeu envolta num cobertor imundo. Dera toda a sua mobília em troca de alimento no mercado negro, e arrancara grande parte do soalho para aquecer a habitação. Três crianças gemiam num canto. Na semana anterior, perdera o marido e uma filha, tendo os cadáveres ficado três dias em casa, sem que lhes pudesse dar sepultura. Vim mais tarde a saber que enlouqueceu.

Em outra habitação encontramos ao desamparo no leito, duas irmãs que se haviam recusado a trocá-lo pelo alimento de mais um dia de vida. Faziam questão de morrer na própria cama. Tinham os olhos amortecidos, e uma já não falava. Três dias depois, faleciam.

No bairro de Peristeri, Irene Manolaki esperava a morte, rodeada do que lhe restava da família. Em cinco dias perdera o marido, dois filhos e um neto.

Os cinco filhos de Sofia Nioloreizou, lavadeira, já se apresentavam inchados devido à inanição. Estavam todos a morrer; não podíamos, por isto gastar com eles o pouco azeite que trazíamos.

No bairro de Kaissariani, vimos uma viuva a morrer de fome, com o filhinho moribundo nos braços. Talvez ainda se pudesse ter salvo a mãe. Ela porem, insistiu em que déssemos o azeite ao filho. Quando recusamos fazê-lo, não aceitou o alimento, pois preferia desaparecer, junto com o seu pequenino.

Antes da invasão, Charalambos Potoudes plantara umas batatas numa nesga de terra. Marcara a colheita para certo dia, mas, três dias antes deste, apareceu no local um grupo de soldados alemães com uma cozinha portatil, os quais, a cantarolar displiscentemente, se puseram a colher, descascar, cozinhar, e enlatar as batatas. Potoudes e a família vieram a morrer de fome.

Esses exemplos são todos eles, absolutamente típicos. Contam-se porem, aos milhares, os casos do mesmo gênero. Noventa e cinco por cento do povo grego já não possue a esta hora coisa alguma de seu. A não ser que se lhe mandem gêneros alimentícios, ou que as cantinas da Cruz Vermelha continuem a funcionar, a Grécia, na expressão dos que a habitam, caminha para a extinção, eliminada pela fome.

O asseio, tanto pessoal como público,

é coisa do passado. Por toda a parte grassam moléstias. A falta de sabão é absoluta. Pessoas que já não podem ter-se em pé, disputam aos cães o lixo e as imundícies que se acumulam nas ruas. Em uma só semana, registraram-se cinco casos de morte por lepra. O tifo se espalha assustadoramente.

A fome na Grécia veio revelar a diferença entre os italianos e os alemães. Quando o vapor *Kurtulus* foi a pique, e as cantinas permaneceram três semanas sem provisões para distribuir, o governo italiano deu à Grécia um milhão de rações. De então para cá, cedeu já trinta toneladas de leite em pó para as crianças necessitadas, e nove mil toneladas de milho. Vi soldados italianos a repartirem suas limitadas rações com civís gregos. O último navio que levava provisões para a Grécia foi detido por um destroier italiano no Mediterrâneo, mas, quando os marinheiros reconheceram o barco, e souberam que levava mantimento para a Grécia faminta, prorromperam em aplausos.

O soldado alemão, pode ver, com a maior indiferença, a gente morrer de fome; não assim o italiano.

Para quem o tenha visto, é impossivel jamais esquecer o drama da chegada ao Piréu de um navio de socorros. Numa colina que dá para o porto, ajuntam-se as crianças a vigiar, apenas o navio aponte ao longe. Ao entrar o navio, o povo desfaz-se em pranto, tal a comoção que experimenta.

É que esse navio, com o que traz no bojo, é a única artéria de que ainda vive a nobre, a gloriosa nação.

Fuga

¶ Esta história foi-me contada por um oficial da Pan American Lines, que assegurou a sua veracidade. Um capitão holandês, comandante de um rebocador requisitado pelos alemães, logo depois da ocupação da Holanda recebeu dos nazistas uma tarefa curiosa. Todos os dias ele tinha que rebocar um comboio de barcaças carregadas de tropas alemãs, pelas águas revoltas do mar da Mancha, para que os soldados de Hitler se acostumassem ao mar e não enjoassem, quando chegasse o dia de invadir a Grã Bretanha. Durante vários dias, ele levou os infelizes soldados nazistas aos pontos mais agitados das águas da Mancha, intoxicando-os de maresia e embrulhando-lhes os estômagos.

Finalmente, o capitão holandês sugeriu aos comandantes alemães o seguinte: porque não fazer os exercícios à noite, e não de dia, afim de acostumar os soldados com as verdadeiras condições da invasão? Os alemães concordaram com a idéia, e, na noite seguinte, o capitão se fez ao mar com seis barcaças, rebocando-as até as vizinhanças da costa britânica, onde elas seriam na certa capturadas pelos ingleses. Aí soltou-as, e depois se dirigiu para o mar alto, alcançando a Bermuda, onde continua a exercer o seu pacífico mister de rebocar navios.

—Walter Winchell

Tem a palavra a defesa

(Condensado do livro «The Counsel Assigned»)

Por Mary Raymond Shipman Andrews

ESTA HISTÓRIA contou-a há muitos anos um ancião, belo tipo de velho, desempenado e alto, de olhos brilhantes, cuja figura de singular distinção não passava despercebida, ainda a pessoas pouco observadoras. Encontrara casualmente o seu companheiro, um americano, num hotel das Bermudas, e os dois começaram a conversar.

O velho referiu casos, viagens, aventuras. Mas o seu maior entusiasmo era pela sua profissão, a advocacia. Os seus olhos escuros brilhavam quando falava dos grandes juristas.

—É absurda—e batia com o punho grande e magro no braço da cadeira—a teoria de que o Direito tende a tornar os homens mesquinhos, que os advogados existem exclusivamente para ficar de olhos nos bolsos dos clientes. Eu sou um homem de idade; tenho presenciado muitos gestos magníficos de médicos e sacerdotes, mas um dos mais belos que já vi foi o de um advogado no desempenho de sua profissão.

E assim dizendo, passou a relatar a história.

O PRESIDENTE da Junta Eleitoral parou no limiar da porta aberta do escritório. O candidato ao Congresso estava absorvido na leitura de uma carta. Enquanto esperava, o presidente contemplava calmamente o rosto franzido inclinado sobre o papel. Era como se fosse um rochedo—insensivel, impenetravel, solitário e severo, se bem que encantador na sua austeridade.

O candidato dobrou a carta, e voltou-se na cadeira.

—Sinto ter feito você esperar, Tom. Estava pensando em como é que um homem pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Parece que não me é possivel fazer o discurso aquí na sexta-feira.

—Não pode fazer o discurso? O sr. está pilheriando.

O outro abanou a cabeça:

—Nem por sombras.

Levantou-se, e começou a medir a sala com passadas longas e vagarosas. O presidente argumentava, excitadamente, no sentido de demovê-lo.

—O sr. sabe que Cartright ainda nos pode vencer; não é prudente perder uma oportunidade, pois as eleições estão demasiado perto.

A grande figura parou de repente, e um estranho sorriso lhe aflorou aos lábios, refletindo-se-lhe nos olhos sonhadores e penetrantes.

—Não lhe posso dizer porque, Tom, —disse ele—e prefiro não ser interrogado; o que sei é que me é impossivel falar aquí na sexta-feira.

E não se tocou mais nisso.

Sexta-feira, ao romper da manhã, antes que aparecessem os primeiros madrugadores, já se punha em marcha o candidato. Dirigiu-se a pé para o campo, caminhando rapidamente e sem esmorecimento. Às nove horas encontrava-se numa vila, distante uns trinta quilômetros do seu ponto de partida.

A porta do Tribunal estava aberta de par em par, e por ela penetrava a

manhã de verão. A sessão já havia começado, e a sala estava repleta. O candidato entrou sem ser percebido e sentou-se na última fila.

O interior, com as suas paredes caiadas, as traves do teto sem pintura e os bancos de madeira, tinha um aspecto tosco. O recem-chegado olhou em redor, como se o ambiente lhe fosse familiar. Estava sendo julgado um caso de roubo. Escutando atentamente,dir-se-ia que ele estudava o juiz e os advogados; não perdeu uma só palavra dos comentários feitos à sua volta. Terminado o julgamento, foi anunciado, a seguir, o de John Wilson, acusado de crime de homicídio.

Correu pela sala um movimento de agitação. À porta surgiu um guarda, conduzindo um adolescente, de cerca de 15 anos, que trajava pobres roupas feitas em casa, e cujos cabelos chamavam a atenção pelo seu louro brilhante. Estava pálido, terrivelmente assustado, de olhos fitos no chão. O juiz, moço ainda, olhou para o criminoso, deteve-se compassivamente, e depois, reagindo, perguntou:

—Tem advogado?

O rapaz moveu negativamente a cabeça despenteada.

—Não, não conheço ninguem. Não tenho dinheiro para pagar.

—Deseja que o Tribunal lhe nomeie advogado?

No meio do silêncio reinante ouviu-se o arrastar de botas no assoalho. O homem que estava na última fila levantou-se, e, caminhando negligentemente, parou em frente ao juiz.

—Se V. Excia. dá licença,—disse—serei o advogado. Gostaria de tomar a defesa do réu.

O juiz olhou um momento para aquela figura desajeitada e imponente:

—Como se chama? perguntou.

O homem respondeu calmamente:

—Abraão Lincoln.

Aquí e acolá alguns homens olharam de novo para a estranha figura. Era o candidato ao Congresso; e foi tudo o que pensaram. Os fazendeiros e lenhadores em trajes rústicos, ou as mulheres com seus vestidos de algodão e pequenos chapéus, que ouviram pronunciar aquele nome, não poderiam prever que ele iria ocupar mais tarde um dos mais gloriosos lugares na História.

—Conheço o seu nome, sr. Lincoln. É com prazer que lhe confio a defesa do acusado, respondeu o juiz.

Sortearam-se os jurados. Os olhos profundos de Lincoln perscrutaram-nos, um por um; e todos foram aceitos. A severa audiência começou a olhar com impaciência para ele. Os sentimentos eram hostís ao réu; desejava-se, contudo, que fosse defendido.

O Promotor Público narrou, em poucas palavras, a história do assassínio. O réu tinha trabalhado na fazenda de um tal Amos Berry no outono anterior, em 1845. Naquela fazenda havia um irlandês, chamado Shaughnessy, que se comprazia em irritar o rapaz, que acabou por odiá-lo. A 28 de outubro guiava este um carro de feno em direção a uma fazenda vizinha. No portão do terreiro, encontrou Shaughnessy, acompanhado de Berry e mais dois homens. O rapaz pediu a Berry que lhe abrisse o portão, e este ia fazê-lo, quando interveio Shaughnessy. O garoto era preguiçoso, disse; ele mesmo que descesse, e abrisse o portão. E, dizendo-o, o irlandês pegou no forcado que o rapaz trazia, picou-o com ele, e mandou-o descer do carro. O rapaz deu um pulo e, arrebatando o forcado, avançou para o irlandês, espetando-lhe um dos dentes no crânio. Uma hora depois, a vítima estava morta. Eis, em resumo, o caso.

A esta altura, já era meio-dia, hora do almoço. O Tribunal interrompeu a sessão, e o juiz e os advogados atravessaram a rua, encaminhando-se para a estalagem.

Faltava um dos advogados. Ninguem reparou naquele homem alto que descia a rua sombria acompanhado duma mulher, abatida e pobremente trajada, que tinha estado sentada num canto escuro da sala, a chorar silenciosamente.

—Aquela é a mãe do réu, murmurou alguem quando se reabriu a sessão, e o advogado de defesa a acompanhou, com carinho, ao seu lugar, antes de retomar assento no pretório.

O Promotor chamou e interrogou as testemunhas oculares, que depuseram sobre os pormenores do crime. Não parecia haver dúvida quanto à culpabilidade do acusado. O moço estava encolhido no banco, pálido devido aos meses passados na prisão, e mergulhado em profunda apatia—um assassino aos 15 anos!

A tarde corria. A voz fanhosa do Promotor Público soava, ora alta, ora baixa, interrogando as testemunhas. Mas o advogado, alí perto, não fazia nem uma objeção, ainda mesmo a declarações que muito prejudicavam o seu constituinte. Perscrutava o juiz e o juri. Podia-se dizer que estava estudando o carater de cada um dos homens. Finalmente, disse o juiz:

—Está suspensa a sessão. O Tribunal adiou os trabalhos para depois do jantar.

Era impressão geral que o rapaz estava perdido. Nenhum advogado, por mais fino que fosse, o livraria, após tais depoimentos; e todos estavam certos de que aquele sujeito grande e mal amanhado, se soubesse de fato advogar, já teria feito alguma coisa de eficaz em favor do reu. Demais, havia um sentimento geral em apoio da condenação; cometer um homicídio aos 15 anos denotava perversão a que era preciso impor castigo.

O tribunal reabriu às 19.30. Não havia lugar vago. A mulher, insignificante no seu surrado vestido de algodão, estava agora sentada junto do banco dos réus, perto do filho. O juiz entrou. Foi então que Abraão Lincoln avançou vagarosamente por entre os bancos silenciosos. Colocou a sua grande mão no ombro magro do acusado, e este estremeceu nervosamente. A alta figura de Lincoln curvou-se para ele.

—Não tenha medo, meu filho, disse em voz baixa. Contudo todos ouviram bem, distintamente, estas palavras. —Vou tirá-lo desta aflição. Por amor de sua mãe, tenha coragem.

O rapaz olhou para a pobre mulher, e ela, quando encontrou o seu olhar, sorriu-lhe angustiosamente, ao que ele procurou corresponder. O público percebeu o esforço de ambos. O juiz o notou e o juri tambem—e os olhos vigilantes de Lincoln, sempre em guarda, debaixo das espessas sobrancelhas, perceberam espasmos de compaixão em mais de um rosto. Tirou o paletó, dobrou-o nas costas da cadeira, e ficou em mangas de camisa.

—Srs. jurados, — começou Abraão Lincoln, — vou tratar deste caso de um modo pouco comum nos tribunais. Não interrogarei testemunhas. O pequeno réu acolá é a única testemunha de que preciso. Não vou argumentar. Limitar-me-ei a contar-vos uma história, e deixarei o caso em vossas mãos.

Uma agitação percorreu a sala. A voz

áspera e desagradavel no começo, continuou:

—Você, Jim Beck—você, Jack Armstrong—e o dedo grande e ossudo do forasteiro destacou dois dos jurados. —Vocês dois podem-se lembrar—e você tambem Luke Green—quando, há 15 anos atrás, em 1831, um camarada alto e desajeitado, desleixadamente vestido, chegou a esta região vindo do Indiana. A sua aparência, atrevo-me a dizê-lo, era tão fora do comum, que aqueles que o viram não o esqueceram. Trajava roupas feitas em casa, as calças presas às botas de couro cru. Srs. jurados, eu penso que entre vós haverá quem se lembre daquele jovem: chamava-se Abraão Lincoln.

O macilento orador fez uma pausa, arregaçou um pouco as mangas, e os jurados lhe viram os pulsos cabeludos e os músculos da mão e do braço. Sim, alguns deles se recordavam do jovem gigante que tinha sido campeão de tudo que significava força física. Os jurados permaneciam em atitude tensa.

—A melhor parte da vida de um homem consiste nas suas amizades, continuou em voz forte, e os seus olhos se enterneceram como se olhassem para uma longa estrada percorrida. —Encontram-se bons amigos nestes lados; aquele jovem a que me refiro possuia alguns. É acerca de uma família sua amiga que vos vou falar.

«O jovem Abraão Lincoln saiu de casa aos 22 anos para ganhar a vida; e naqueles tempos dificeis nem sempre encontrava trabalho. Ao fim de uma tarde de Outono, depois de ter andado quilómetros procurando uma oportunidade, ouviu o bater de um machado e avistou uma cabana. Era uma cabana pobre, até mesmo para um colono. Em vez de vidraças nas janelas, havia trapos; tinha unicamente um quarto e um sotão. Abraão caminhou esperançoso em direção à cabana, e pediu agasalho.

Novamente a voz se calou, e ele sorriu como se o assaltasse uma agradavel recordação.

—Srs. Jurados, nenhum rei teve jamais melhor recepção. Tudo o que o dono da cabana tinha, pôs à disposição do recem-vindo. Mandou entrar o jovem exhausto. Duas criancinhas brincavam no chão, e uma mulher de pequena estatura ninava um bebê ao pé do fogo. Depois da ceia, o hóspede subiu as escadas que conduziam ao sotão.

«Na manhã seguinte, depois de ajudar em alguns serviços caseiros, perguntou se era possivel obter emprego. O homem disse que sim; se ele soubesse rachar lenha, havia muito que fazer.

«—Gosta de trabalhar? perguntou o lenhador.

«Abraão teve que confessar que não estava habituado a todo e qualquer trabalho, mas, afinal ficou, e mostrou aguentar perfeitamente o serviço que lhe davam.

«Durante cinco semanas morou na cabana. Rachava lenha com o homem, ajudava a senhora nos trabalhos caseiros, e brincava muitas vezes com Sonny, o louro e risonho bebê. Nenhuma época da sua vida foi mais despreocupada e feliz.

O advogado pegou no paletó, e, enquanto todos os olhos da sala o observavam, meteu a mão num dos bolsos, e tirou uma carta.

—O jovem que tantos favores ficou devendo àquela família, prosperou mais tarde. Favorecido pela sorte e com a benção de Deus, conseguiu certa posição na vida. Tanto quanto possivel, manteve-se—ou melhor, eu me mantive—em contacto com aqueles velhos amigos, embora não tenha nestes últimos anos recebido notícias deles devido a uma vida muito ocupada. Até que, na segunda-feira passada, de manhã, isto—e segurava a carta no ar—me veio ter às mãos em Springfield.

«É a carta de uma mãe que acolheu um jovem cansado na sua humilde cabana. O marido morreu-lhe há dois anos, e os dois filhos mais velhos o seguiram. Aquela mãe que ninava o seu bebê naquela tarde—e virando-se apontou para a tímida e pequena mulher que tremia sentada no banco da frente —está alí...

Deixou cair o braço; os seus olhos luminosos brilharam em direção à cabeça dourada do pequeno criminoso que a mantinha baixa. Na sala do tribunal não houve quem não ouvisse todas as sílabas, pronunciadas em voz baixa, das palavras que se seguiram:

—O bebê é esse rapaz que está no banco dos réus.

Na sala repleta e abafada, a assistência permanecia em suspenso; ouviu-se o farfalhar de um vestido de mulher; um homem tossiu emocionado. Depois, silêncio, e o advogado de defesa deixou que este produzisse o seu efeito, moldando as idéias dos presentes como nenhuma palavra o faria. Em toda a sala homens e mulheres se mexiam, suspiravam, aflitos com aquele silêncio.

No momento culminante os nervos exhaustos da assistência foram contidos, como que pela mão do condutor de uma quadriga que dominasse os seus cavalos desenfreados. A voz do advogado de defesa ecoou sobre a multidão.

—Muitas vezes, disse ele, como que refletindo alto, — muitas vezes tenho recordado as semanas de imensa bondade com que aquela pobre gente me acolheu, e tenho pedido a Deus que me dê uma oportunidade de mostrar a minha gratidão. Quando recebí a carta na segunda-feira passada, pedindo auxílio, vi que Deus me tinha ouvido.

«A resposta a uma prece exige às vezes sacrifício, e assim foi. Deveria ter feito hoje à noite um discurso que seria para mim o momento culminante de anos de ambição. Eu imolo com satisfação aquela ambição, aquele fracasso, se assim o determinasse o destino, no altar da liberdade deste moço. Depende de vós—e relanceou um olhar dominador ao juri—dar-lhe essa liberdade.

«Srs. jurados, eu vos disse, ao começar, que trataria deste caso duma maneira pouco habitual. Disse-vos que não possuia argumentos para apresentar. Contei-vos uma história; sabeis que numa idade em que as mãos deste rapaz deveriam segurar livros escolares ou canas de pescar, elas seguravam um instrumento que deveria ser a sua ruina; sabeis como a criança foi espicaçada por um adulto, até que, desesperada, usou o instrumento que tinha nas mãos. Sabeis estas coisas tão bem quanto eu. Tudo o que peço é que encareis o caso deste menino como gostaríeis que outros homens o encarassem, no caso de se tratar dos vossos próprios filhos. Confio pois sua vida a esse meio de prova. Srs. jurados, nada mais tenho a acrescentar.

Abraão Lincoln sentou-se.

Pouco depois os jurados sairam em fila e dirigiram-se a uma sala na hospedaria fronteira. Passou-se meia hora; houve então um movimento de agitação, e o povo que havia deixado a sala voltou a enchê-la. A mulher, envelhecida, sentada na primeira fila, apertava desesperadamente as mãos magras. Um após outro os jurados entraram e retomaram os seus lugares.

—Srs. jurados, ouviu-se a voz monótona do oficial de justiça, —chegastes a um acordo quanto ao veredicto?

—Chegamos, respondeu o presidente do juri.

—Qual é o vosso veredicto? Culpado ou não culpado?

Por um segundo, talvez, aquela massa compacta de gente prendeu a respiração. A pobre mulher fixava, angustiada, o presidente do juri; todos os olhares estavam postos nele. Somente o rapaz, com a sua cabeça loura inclinada, parecia não ouvir.

—*Não culpado!* disse o presidente.

A isto sucedeu-se um pandemônio. Os homens gritavam, batiam com os pés, gesticulavam, jogavam os chapéus no ar; as mulheres soluçavam; uma ou outra lançava gritos de alegria. Abraão Lincoln viu o corpo delgado do réu absolvido inclinar-se para a frente; deu duas passadas, e segurou-o nos seus grandes braços, passando-o por cima da grade para os braços da mãe que o beijava e embalava. Toda a sala avançou para ela; mas Lincoln atento, mantinha a multidão.

—O rapaz desmaiou, disse alto. —Abram caminho. E depois ajuntou com um sorriso: —Ela tem de novo o seu bebê—vai tudo bem, amigos! Tragam um copo de água para o garoto...

Terminara a história do ancião. Após um momento de silêncio, falou novamente como que respondendo a objeções do outro.

—Naturalmente uma coisa destas não aconteceria hoje. Mesmo naquela época não poderia ter acontecido nos tribunais do Este. Somente um Lincoln o conseguiria em qualquer parte, e mesmo assim... Mas ele conhecia a assistência e o juri, e mediu o carater do juiz. A história é verdadeira, aconteceu.

O companheiro olhou curiosamente para o ancião.

—Posso perguntar-lhe como soube desta história? O sr. contou-a com um quê de familiaridade, quase como se tivesse estado presente. Dar-se-ia o caso de o sr. ter estado naquele tribunal?

Os olhos escuros e vivos do ancião brilharam; sorriu com uma expressão singular como se sorrisse meio século atrás para rostos há muito desaparecidos.

—Eu era o Juiz, disse ele.

Companhia para o jantar

¶ Uma Senhora muito patriota enviou a um oficial da guarnição vizinha o seguinte convite: «Sr. e Sra. Browne solicitam encarecidamente a companhia do capitão Green ao jantar.» Mas quase desmaiou com a resposta que recebeu:

«Com exceção de cinco soldados, que se acham de licença, e de três outros, que estão doentes,» dizia a resposta, «a Companhia do capitão Green aceita com prazer o vosso convite para jantar.»

—*Columns*, Universidade de Washington

Podemos ensinar os meninos a viver

—*V*—

«Nem um pardal cairá!...»

Tinha eu onze anos quando meu pai me deu uma espingarda de brinquedo. Minha primeira vítima foi um tordo. Lembro-me bem que, a despeito do orgulho que sentí por ser tão bom atirador, tive vaga sensação de culpa ao ver cair o passarinho.

Horas depois, fui encontrar meu pai ocupado em tirar de uma teia de aranha os insetos e as moscas que alí tinham poisado, colocando-os depois numa caixa de fósforos.

—Para que é isso, papai? perguntei.

—Venha comigo, que eu lhe mostro, foi a sua resposta.

Levando-me ao jardim, mostrou-me então, entre a espessa folhagem de um arbusto, um ninho onde se achavam quatro pássaros implumes. Abrindo a caixa com cautela, foi metendo as moscas e os insetos nos biquinhos abertos. Compreendí o motivo por que assim fazia, e oferecí-lhe os meus serviços.

—Não é coisa facil ajudar-me, respondeu ele.

Passei a tarde procurando insetos e remexendo a terra a ver se encontrava vermes. De noite, papai agasalhou os passarinhos num pouco de algodão.

Pela manhã seguinte veio ter ao meu quarto, quando eu me estava vestindo. Trazia nas mãos um dos pequeninos pássaros, já morto.

—Morreu durante a noite, explicou-me, ao mostrá-lo. —Vamos fazer tudo para salvar os outros.

Terminado o jantar, àquela noite, encontramos no ninho uma segunda vítima do frio. Alguns dias depois, estando eu a tomar o café da manhã, entrou meu pai, trazendo o terceiro filhote, igualmente inanimado!

—O último, porem, parece forte e resistente como poucos, observou, sorrindo. —Creio mesmo que em breve ensaiará as asas. Mas o pobre orfãozinho (acrescentou) há-de passar por maus momentos, pois não tem quem lhe ensine os segredos do vôo e, embora não pareça, talvez esteja um pouco fraco. Os pássaros, assim novinhos, precisam receber alimento a todos os instantes, e nós não chegamos a alimentá-los em tempo, como eles necessitavam.

Fomos encontrá-lo um dia, o pequeno sobrevivente, a baloiçar-se amedrontado sobre um galho. O fato de que aquele passarinho precisava voar tornara-se, aos meus olhos, de suprema importância. Foi quando o vimos, de repente, soerguer-se no espaço. Bateu as asas quanto pôde, mas em vão; um segundo depois, caía sobre a relva. Agitou-se num tremor, e morreu.

—Pobrezinho; não teve sorte, observou meu pai.

Sentindo-me tomado de remorsos, gritei por fim, sem poder mais conter o que me ia na alma:

—Papai, a culpa foi minha! Fui eu que matei a mãe deles!...

—Eu sei, meu filho, vi você fazer isso. Não se aflija—raros são os meninos que não fazem o mesmo. Quis apenas mostrar-lhe que, ferindo alguem, ferimos, ao mesmo tempo, outras pessoas—e até, às vezes, as que mais nos amam. E é, não raro, maior o mal que assim fazemos a nós mesmos.

—Aubrey Tidey

Qual é o resultado que pretende alcançar?

ERA SÁBADO de manhã, e o meu amigo Bert havia prometido vir, às nove em ponto, para me ajudar a fazer um bote. Às sete e meia, com as ferramentas preparadas, comecei a esperá-lo. Deram nove, dez horas, e nem sombra do nosso Bert.

Pus-me a esbravejar, e corrí irritado ao telefone, decidido a dizer ao meu amigo, em poucas palavras, o que eu pensava dele e e do pouco valor das suas promessas.

Meu avô disse, então, tranquilamente:

—Horácio, você tem razão em zangar-se com Bert. Mas, antes de ligar o telefone, faça duas perguntas a si próprio:—*Qual é o resultado que pretendo alcançar? e qual o melhor meio de alcançá-lo?* Se o que mais o interessa é o prazer de berrar ao seu amigo quatro verdades, ficando, depois, sem vê-lo, uma semana ou mais—então, diga-lhe tudo o que bem entender. Mas se, em vez disto, o principal para você é que ele venha lhe ajudar a fazer o barco, será melhor que telefone calmamente, perguntando se pode vir de tarde, já que não veio de manhã.

Vovô disse aquilo de tal modo—como se estivesse a refletir consigo mesmo, e não no tom severo de quem prega um sermão—que eu me sentí profundamente impressionado. Muitos anos depois, em momentos mais graves, conseguí várias vezes dominar-me, num momento de cólera incontida, perguntando a mim mesmo, simplesmente:

—*Qual é o resultado que pretendo alcançar, e qual o melhor meio de alcançá-lo?*

—Horace William Otis

Como vermos realizados os nossos desejos

ESTAVA EU olhando o velho John, entretido em varrer as folhas secas do jardim. A área era grande, e o velho caprichava em não deixar nem uma folha no gramado.

—John, disse eu sorrindo, que maravilha se você pudesse, só a um desejo seu, ver todas estas folhas, de repente, empilhadas num monte!

—E posso mesmo, disse o velho prontamente.

—Se pode, vamos ver! desafiei.

—Folhas! Juntem-se todas! disse o velho, numa voz de comando. E lá continuou limpando a relva até que as folhas ficaram juntas num só monte. —Viu? disse-me, sorrindo. —É este o melhor meio de vermos realizados os nossos desejos. Trabalhar, persistentemente, para que aquilo que queremos seja feito.

O incidente calou-me no espírito. Mais tarde, ao estudar a biografia dos cientistas, dos reformadores e de todos aqueles cujas obras nos parecem, por vezes, milagres deveras sobrehumanos, descobrí que adotavam geralmente o sistema do velho jardineiro. Todas as suas realizações resultaram do fato de que estes homens, desejando fortemente chegar a certo objetivo,—nunca cessaram de lutar por alcançá-lo.

—Isabel B. Moncure

Nunca demos senão o que tivermos de melhor

NA MANHÃ DE NATAL, quando eu descia a escada na ponta dos pés, para ver os presentes que Papai Noel trouxera, sabia de antemão que me aguardava um dever a cumprir.

Até onde conservo na memória, faziam-me escolher um dos presentes que me pertenciam, e eu própria ia levá-lo a algum menino pobre da vizinhança. Minha mãe me ensinara a por de lado, entre os presentes, o que mais me agradasse. Não me deixavam dar brinquedos velhos, de que eu já me cansara. No próprio dia de Natal, faziam-me abrir mão do que eu mais desejasse para mim.

Horas mais tarde, ao ver, nos braços de um menino pobre, meu urso de pelúcia, eu já não podia senão compartilhar da alegria que desta maneira lhe proporcionava.

Não era outro o sentimento que minha mãe tentara despertar em mim; nem me pudera dar melhor presente que o de ensinar-me a conhecer o sofrimento alheio—percebendo, ao mesmo tempo, que a alegria de partilhar os bens que nos couberem é maior que a ventura de possuí-los.

—Pearl L. Patterson

No fim deu certo

Por Irvin S. Cobb

¶ EM 1900, como reporter do *Post*, jornal de Louisville, fui incumbido de importante tarefa: acompanhar em Georgetown o juri do caso do assassínio do governador do Kentucky, William Goebel. Ao encerrar-se uma das sessões, decidí fazer breve visita a Cincinati, onde passei a noite. Na manhã seguinte, enquanto esperava na gare o trem que devia levar-me a Georgetown, tive terrivel surpresa, ao passar os olhos pelo matutino local. Tinha sido convocada uma sessão especial, na noite anterior, vindo à luz depoimentos novos, inteiramente inesperados! Meu trem não chegaria a Georgetown senão às 10 e meia, e eu sabia que o diretor do meu jornal contava com a minha reportagem completa para a primeira edição, que ia para o prelo às 11 e dez!

O trem marchava com a tranquilidade de uma lagarta contemplativa, e eram já as 11, quando saltei na plataforma da estação e corrí à agência do telégrafo, de onde expedia os meus comunicados para o jornal.

—Co'os diabos, onde é que você tem andado? perguntou-me o gerente da agência, apresentando-me um monte de telegramas do meu chefe Fiquei frio.

—E o senhor, que lhe disse?

—Que podia dizer? Como o sr. estava sumido, tratei de conseguir uma cópia das notas da estenógrafa do tribunal, e, há cerca de 45 minutos, mandei toda a história. O material era um tanto ou quanto longo—mais de 4.000 palavras; mas foi a única coisa que me ocorreu.

Percorrí, com aflição, o texto daquele vasto telegrama. E logo meu coração, que tinha caido até o estômago, voltou ao seu lugar: a história era excelente! Escrita com o estilo metódico dos estenógrafos, continha tudo—juramentos, todos os detalhes dos depoimentos, ordens do juiz, até as exclamações das testemunhas! Realmente, eu não poderia ter feito melhor.

Mais tarde, no mesmo dia, recebí um telegrama de felicitações do redator-chefe do meu jornal. A narrativa da estenógrafa tinha sido publicada na íntegra, tendo causado enorme êxito. Ninguem em Louisville, inclusive eu, tinha visto até então reportagem apresentada em tal estilo. O redator-chefe do *Post* ficou imaginando como foi que me ocorreu a idéia—e até o dia da sua morte ainda estava a matutar. Porque, de minha parte, posso garantir que ele nunca soube.

—Irvin S. Cobb, *Exit Laughing* (Bobbs-Merrill, ed.)

¶ *A intimidade das negociações pelas quais Hitler amordaçou a mais importante empresa editora da Alemanha, apossando-se em seguida dos seus bens.*

O fim da Casa Ullstein

(Condensado da «Saturday Review of Literature»)

Por Herman Ullstein

PELA MANHÃ do 1.º de abril de 1933, chegava eu ao Edifício Ullstein, situado no coração de Berlim, e Wittkopp, nosso porteiro, um gigante obsequioso, dava-me seu habitual e reverente bom-dia. Entrei. O borborinho tão familiar, próprio de uma casa como aquela, de onde saiam vários jornais e revistas, fazia-se ouvir como de costume, sobressaindo entre todos o ruido do movimento das gigantescas rotativas, a produzir os seus milhões de páginas. Tudo funcionava em plena ordem. A grande empresa de publicidade ia viver mais um dia.

Súbito, por volta das 10 horas, todo o serviço parou, e fez-se um estranho, inexplicavel silêncio. Ouví em seguida vozes e passadas. Fui depressa ao corredor, afim de ver o que havia, e dei com 150 dos nossos empregados, Wittkopp à frente, marchando em passo de ganso, e a entoar: «Abaixo os judeus! Abaixo os judeus!» Ao passarem diante de mim, desviaram a vista, evitando encarar-me, e atenuaram a voz. Muitos deles, era evidente, procediam em virtude de ordens, e sentiam-se envergonhados. Tratava-se, nem mais nem menos, de uma simbólica demonstração do ódio de raça, a primeira em que os nazistas se exibiam. Voltei à minha mesa de trabalho com a alma cheia de pressentimentos.

Dentro de duas semanas, mais de cincoenta por cento do nosso pessoal, espontaneamente ou sob coação, haviam-se alistado no partido. Tinham como lider Wittkopp. O que neste fora, até então, obsequiosidade e brandura, convertera-se em arrogância. Não havia santo dia em que não entrasse a rugir pelos nossos escritórios, exigindo num tom categórico a exoneração de empregados que lhe não mereciam confiança, ou alterações na política ou na administração da empresa.

A Wittkopp, seguia-se, em autoridade, Kleinmichel, homem pequeno e mirrado, que exercia o modesto lugar de chefe dos mensageiros. Um dia ei-lo que aparece, metido num magnífico uniforme da Tropa de Assalto, aliás um tanto folgado para ele, e faz instalar nas salas de composição um guarda da mesma tropa, incumbido de impedir que se imprimisse fosse o que fosse que contrariasse o nazismo. Kleinmichel—um coelho numa pele de leão!

A traição e a espionagem invadiram-nos todos os serviços. Meu telefone passou a ser vigiado. Um dos nossos auxiliares, não de maior importância, designou um agente nazista para seguir-me os passos no nosso próprio edifício, e outro para tomar nota das pessoas que alí me visitavam. Empregados que haviam merecido a minha confiança, e até a minha amizade, não hesitavam agora em tratar-me com a mais dolorosa das deslealdades, afim de melhor servir os seus próprios interesses junto ao partido nazista.

Algo porem de mais angustioso haveria talvez a notar, em meio a tudo aquilo: é que, no íntimo, reconhecíamos que a própria Casa Ullstein não deixava de ter culpa na formação da tragédia, de que viria a ser uma das vítimas.

A grande, a triste verdade é que a imprensa livre da Alemanha se limitara a dormir, enquanto Hitler ia ascendendo ao poder. O que nos absorvia, na faina cotidiana, era a preocupação obstinada de vencer a concorrência, angariar mais anúncios, aumentar a circulação. Quanto às duas liberdades—tanto a de imprensa como a de empresa privada—não passava pela cabeça de nenhum dé nós que pudesse qualquer delas ser objeto de dúvida. Como andávamos errados!

Não se compreende que a Casa Ullstein houvesse deixado de contribuir, na ocasião oportuna, com todo o peso dos seus elementos, para preservar o país da ditadura. Datava a nossa empresa de 1877. Possuíamos quatro jornais diários, um deles, o *Berliner Morgenpost*, com circulação de 600 mil exemplares. Entre as nossas seis revistas, destacavam-se a *Illustrierte Zeitung*, com 2 milhões, e a *Grüne Post*, com 1 milhão de leitores. Nosso departamento de livros publicava anualmente 2 milhões de volumes. Entretanto, a despeito da nossa firmeza de convicções democráticas, e de tudo de que dispúnhamos para exercer influência na opinião pública, pouco fizemos para opor embargos à ascensão de Hitler, ou para sustentar a república.

Não sei se os americanos compreenderão facilmente o que foi, na Alemanha, a fermentação política, no período que decorre de 1921 a 1933. Havia, pelo menos, vinte partidos a disputar o poder. Três deles—o Nacionalista, o Nacional-Socialista e o Socialista—tinham seus exércitos privados, que andavam de uniforme, e entre os quais se distinguiam, por seu espalhafato e intolerância, as legiões nazistas.

Em princípios de 1928, um oficial do Exército—vamos aquí dar-lhe o nome de major Wendt—veio ter ao meu encontro, e, ponderando que era grave erro o pouco caso em que se estava levando a campanha de Hitler, observou-me que o movimento nazista, iniciado em patacoadas de rua, era já, àquelas alturas, nítida ameaça às instituições nacionais. Queria ele que os Ullsteins se dispusessem a fornecer os recursos, que avaliava em 2 milhões de marcos, para o armamento secreto do Stahlhelm (Capacetes de Aço), o «exército privado» do partido Nacionalista; e assegurava-me que, se tal se desse, o nazismo teria, dentro em breve, fim sangrento e abrupto.

O financiamento de quaisquer atividades ilegais, não teria, é bem de ver, a minha aquiescência. Se, porem, o major Wendt e o seu decidido grupo se mostravam assim alarmados quanto ao perigo hitlerista, eu considerei comigo mesmo que o alarme era de todo procedente, não havendo mais lugar para indiferença na matéria. Afigurou-se-me então, de modo iniludivel, que um dever se impunha aos Ullsteins—o de dar combate a Hitler, por todos os meios legítimos.

Dei ciência da visita de Wendt aos demais diretores da nossa companhia. Emití o meu ponto de vista: cumpria-

nos lançar mão dos nossos jornais e revistas para combater o nazismo. Todos, inclusive meus quatro irmãos, divergiram. Entendiam que os nossos periódicos deviam a circulação, realmente extraordinária, que haviam conquistado, ao fato precisamente de conservar-se neutros em política. Se tomássemos partido, numa situação tão confusa, perderíamos metade dos nossos leitores. «Não nos é dado ter opiniões», concluiram. Eu pensava de modo oposto. O que nos não seria lícito, era deixar de tê-las. Fui vencido.

Não desanimando, todavia, convoquei uma conferência, a que estiveram presentes quase todos os redatores e proprietários de jornais neutros e liberais-democráticos. Se a Alemanha tinha que ser salva, declarei-lhes, seria indispensavel combinássemos um grande esforço comum, no sentido de por claramente, ao conhecimento do povo, as contradições e falácias das promessas de Hitler. E havia que dar imediatamente começo à campanha, sob pena de ser tarde.

Aceita a minha proposta, entramos a combinar os meios práticos de uma ofensiva total contra o nazismo. Noticiavam eles, com grandes títulos, que, numa diligência efetuada na sede do Nacional Socialismo, fora apreendido um documento, assinado por Hitler, no qual este proclamava que, se chegasse ao poder, esmagaria os seus adversários, fazendo-os pagar em sangue o que lhe devessem em vingança. Em boa lógica, isso viria em abono da minha argumentação. Regozijei-me, portanto, com a divulgação do fato novo—mas só até o momento em que notei que alguns dos circunstantes se iam retirando, um após outro. Em lugar de indignação, o que a notícia lhes causou foi medo. O comitê de imprensa, contra Hitler, morreu no nascedouro.

A Casa Ullstein deveria morrer mais lentamente. Durante o primeiro ano do regime hitlerista, não sofremos maiores incômodos. A imprensa, naquele tempo, estava a cargo de Goering, que, como tantos outros homens terriveis, não era muito dificil de levar. Foi entretanto a sua vaidade que nos arrastou diretamente à ruina.

Um dia, fomos notificados de que nos seria dada a «honra» de estampar as memórias de Goering na *Illustrierte Zeitung*, a revista ainda de maior circulação na Alemanha. Não nos faltaria bom senso para fazer sobre o caso as advertências que se impunham; mas logo nos avisaram que uma sugestão de Goering equivalia a uma ordem. No dia anterior ao do aparecimento do primeiro capítulo, anunciamos, nos devidos termos, a publicação da série. Foi como se caisse um tufão sobre o partido nazista. Goebbels, que tem ódio e inveja de Goering, apelou incontinenti para Hitler, alegando ser um escândalo que as memórias de um lider nazista fossem trazidas a lume num orgão estranho ao nazismo. O fato é que, publicado o dito capítulo, Hitler mandou suspender a publicação dos demais; e o que se seguiu, por desgraça, foi a investidura de Goebbels no controle das relações do governo com toda a imprensa alemã.

Foi isto em março de 1934, data que merece ser gravada na lápide funerária da liberdade germânica. A era da censura benigna ia chegar ao seu termo. Agora exigia Goebbels que todos os diretores de jornais, ou seus representantes, comparecessem todas as manhãs no seu gabinete, afim de alí receberem uma hora de instrução. Tudo

lhes era prescrito: o que deviam e o que não deviam publicar; o tamanho dos títulos, senão até o número de palavras. Nenhum vislumbre de crítica poderia recair sobre o estado nazista, ou sobre qualquer membro do governo.

Não tardamos a perceber, eu e meus irmãos, que já não passávamos de títeres na nossa própria casa. Pagávamos, é certo, os salários; não tínhamos, porem, o controle, nem dos nossos empregados, nem do que era impresso. Redatores para os nossos jornais, quem os escolhia era o partido. Senti, em dado momento, que se aproximava a crise definitiva.

Veio o golpe obliquamente, envolvido o punhal, como de praxe, numa capa de veludo, que era a ficção da legalidade. Um dia Richard Muller, um dos nossos diretores, participou-nos que Goebbels havia solicitado que lhe fosse dada, a ele, Muller, uma procuração, com plenos poderes, para representar nossa firma. Não teríamos senão razões para confiar em Muller, que vinha servindo conosco desde verdes anos, e ocupava um lugar na empresa, sem dúvida o mais bem remunerado do jornalismo europeu. Se as circunstâncias impunham que constituíssemos um procurador, ninguem mais qualificado do que ele para receber o mandato.

Pouco tempo depois, disse-nos Muller que Goebbels o havia intimado a apresentar-se imediatamente, levando consigo outro diretor ariano da companhia Ullstein. Decorridas algumas horas, voltava Muller, com uma decisão de Goebbels: os Ullsteins deveriam vender a sua empresa dentro de duas semanas!

«Será de todo impossivel encontrar comprador dentro de prazo tão curto!» exclamei. «Nossa indústria representa 60 milhões de marcos (480 milhões de cruzeiros). Nenhum indivíduo ou corporação, na Alemanha, dispõe de tal soma.» Passados alguns dias, porem, os representantes de uma agência semioficial vieram comunicar-nos que tinham um comprador, em condições de contar com a aprovação do governo. Quem era este comprador? Não nos podiam dizer. Fomos apenas cientificados de que o mesmo pagaria 12 milhões de marcos. Isso, ou nada—nova expressão do crê ou morre. Meus irmãos e eu bem sabíamos que não havia como resistir. A alternativa, no caso, era o campo de concentração. Entregamos a nossa companhia, pelo quinto do seu valor.

O ato da transferência foi tudo o que pode haver de mais legal; assinaram-se muitos papéis diante de tabeliães. Estabeleceu-se, numa cláusula requintadamente amarga, que a nenhum membro da minha família seria permitido, nunca mais, transpor as portas do Edifício Ullstein.

«Quem será este comprador, cujo nome não pode ser dito?» perguntava eu a mim mesmo. Não seria preciso muito tempo para que o segredo, tão guardado, entrasse no rol dos de polichinelo: *Herr* Amann, editor do *Mein Kampf*, de Hitler, começou a dar ordens na Casa Ullstein. Ora, toda a gente na Alemanha estava farta de saber quem era o verdadeiro proprietário da empresa editora de Amann. Minha pergunta se achava, pois, respondida: o misterioso comprador, o único homem, em toda a Alemanha, capaz de levantar, em quinze dias, 12 milhões de marcos, chamava-se Adolf Hitler, o mesmo que ainda explora a grande empresa de publicidade, e lhe desfruta os lucros.

O dinheiro recebido por minha fa-

mília era ainda, em todo o caso, soma não pequena, embora distribuida, como teve que ser, em cinco partes. Mas é de espantar a rapidez com que se foi consumindo, ou, por assim dizer, evaporando. A maior parte do que recebemos voltou, sob a forma de taxas, multas, contribuições de todo gênero, ao homem de quem proviera, ou ao seu partido, quando não foi ter, por acaso, aos cofres públicos.

Veio por fim o martírio, que outra coisa não foi a minha luta por sair da Alemanha. Nem creio que teria resistências para suportá-la de novo. Durante quase um ano apodrecí em antessalas, à espera dos necessários documentos, e por um lado a pedir, mas por outro a pagar taxas, multas e gorgetas. Após meses de custosas negociações, fui inteirado de que podia partir. Toda a minha fortuna estava já reduzida a 100 mil marcos (Cr. $800.000), mas foi quase a pular de alegria que me dirigí, em Berlim, à repartição de polícia, para o fim de receber os últimos papéis. Lá soube que o comissário, conde Helldorf, retivera o meu passaporte. Seu secretário explicou-me, polidamente, o que havia. Não tivesse eu maior receio. As coisas se arranjariam. Bastar-me-ia dar ao comissário um pequeno presente.

«Um presente?» perguntei espantado. «Quanto?»

O secretário sorriu, e esclareceu: «Cem mil marcos.»

Era o resto do que me tocara, na venda da casa; e foi o que ainda tive que pagar, para transpor a fronteira.

Os holandeses «cooperam»

¶ Em consequência do excessivo espírito de organização, peculiar aos alemães, as autoridades nazistas na Holanda têm um complicado sistema de prioridades. Os holandeses aproveitam-se desse fato e causam delongas aos alemães, simplesmente usando o expediente de obedecer ao pé da letra às mais insignificantes disposições das leis. Se, por exemplo, alguns gramas de matéria-prima desparecem, em uma fábrica holandesa, o diretor da fábrica logo envia um relatório a todas as autoridades nazistas que possam ter a mais ligeira interferência com o assunto. Desse modo, os nazistas ficam literalmente afogados em papelada burocrática. Os holandeses chamam a esse metodo «a luta do papelório».

¶ Os judeus na Holanda são obrigados a usar no braço uma faixa com uma estrela amarela, como distintivo de inferioridade social. Mas essa marca de desprezo produziu um efeito diametralmente oposto. Os holandeses mostram deferência pelos judeus em toda a parte, cedendo-lhes os seus lugares no bondes e nos ônibus, e ficando de pé. E quando os judeus tiveram ordens de sair da cidade de Weesp, não somente os funcionários nazistas foram levá-los à estação, mas tambem os cidadãos holandeses... E os holandeses carregaram as malas dos judeus!

—The Netherland News

SEÇÃO DE LIVROS

Vida que não é para moças

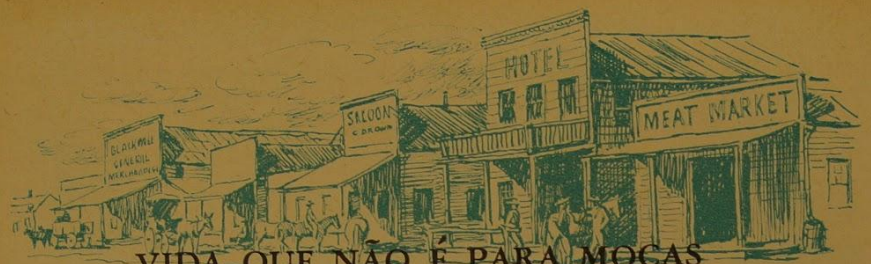
CONDENSAÇÃO DO LIVRO "NO LIFE FOR A LADY"

POR AGNES MORLEY CLEAVELAND

O VELHO OESTE antes de o terem corrompido as «histórias de aventura» do Oeste; o *cowboy* do tempo em que ignorava que tinha pitoresco; o *outlaw* tal como era antes de Hollywood se ter apossado dele—eis o assunto de «No Life for a Lady», narrativa em que transluz ainda o fervor pioneiro da América que foi...

Agnes Morley tinha onze anos—e já lá vão mais de cincoenta—quando a sua família se transportou para um «rancho» situado na zona mais inculta e primitiva do Novo México. O quadro que ela nos pinta dessa existência—em que tudo podia acontecer, e de fato acontecia—reflete uma das grandes épocas da história dos Estados Unidos. Este livro mereceu as honras do primeiro prêmio, no concurso aberto pelos editores que depois o lançaram sob o tema geral «A Vida na América».

Copyright 1941, Agnes Morley Cleaveland. Ed., Houghton Mifflin Co., Boston—Preço $3.00



VIDA QUE NÃO É PARA MOÇAS

MEU PAI foi engenheiro-chefe da construção da estrada de ferro de Santa Fé, nos primeiros tempos do Oeste, tempos tumultuosos e febrís. Em 1872, casado de fresco, levou a noiva do Iowa para o Novo México (que então não era ainda um estado, mas um simples «território»), para estabelecerem residência na pequena cidade fronteiriça de Cimarron. A minha primeira recordação de infância data, pois, dum incidente que alí teve lugar...

O sol ardente do meio-dia dardejava nas paredes caiadas da nossa casa de adobe; eu estava brincando na sombra que projeta o arco do pórtico, e tinha na mão uma fatia de pão com manteiga, polvilhada de açucar.

De repente ouví um grito rouco. Espavorida, larguei no pó do chão a minha fatia, e vi dois homens correndo, um a pé e o outro a cavalo, perseguindo o primeiro. O pedestre dirigia-se a toda a pressa para a nossa porta, na intenção manifesta de se refugiar alí, e quase estava alcançando o lugar onde eu me achava, quando o perseguidor puxou do revolver de seis tiros e o abateu com uma bala certeira na nuca. O corpo do desgraçado pulou para a frente, e caiu tão hirto como uma estátua que tombasse do seu pedestal.

O assassino desmontou, virou o cadaver de barriga para o ar, com o bico da bota, e ficou-se um momento a olhar a cara do morto. Lembro perfeitamente que soltou tremenda praga, pulou rápido em cima da montada, e abalou a galope, erguendo uma nuvem de poeira que o escondeu da minha vista...

Fiquei sem saber o que fazer, de olhos esbugalhados para aquelas duas tragédias—a minha rica fatia de pão caida no pó, aos meus pés, e o cadaver do homem exposto à canícula, a quatro passos de distância! E as moscas já começavam a se obstinar em cima de ambos.

Com toda a cautela, para não pisar o lago de sangue em que a cabeça do morto repousava, aproximei-me dele e tapei-lhe a cara com o chapéu. Nesse mesmo instante sentí que alguem me arrebatava pela mão, para dentro de casa. Meu pai ergueu-me nos braços e conservou-me assim algum tempo, bem apertada ao peito. Mamãe dizia: «Rayme, a vida nesta terra não me agrada!»

Anos mais tarde, mamãe me contaria que nessa noite, depois de me terem posto na cama, ela e papai conversaram demoradamente, até de madrugada, sobre os problemas que implicava a criação de filhos em tais condições de ambiente. A aurora já rompia quando papai, à maneira de conclusão, rematou com um suspiro: «Bem, Ada, a questão é que metemos mãos ao arado, e não podemos agora dar meia volta, deixando o sulco em meio... Eu tenho que concluir a construção da Santa-Fé!»

Essas foram as palavras que talharam

meu destino: iria já agora viver para o resto dos meus dias no Oeste.

Poucos anos decorridos sobre esse incidente, meu pai morreu com 38 anos, dum tiro acidental, deixando bens mais do que suficientes para amparo e segurança da família, que por essa altura já compreendia três meninos. Mas esses bens passaram para as mãos duma viuva ainda jovem, que fora educada e sempre vivera na dependência dos parentes masculinos: infelizmente ela os não tinha mais!

Entre os numerosos amigos que acudiram com seus conselhos à juvenil viuva, apareceu um cavalheiro com as maneiras persuasivas e as falas doces da gente fina e culta dos estados do velho Sul. O otimismo contagioso desse homem pareceu a minha mãe uma alta e esplendente fortaleza contra as dificuldades com que ela se sentia inapta a lutar—e aceitou-o por esposo.

A criação de gado em larga escala era a Grande Aventura dessa época, e o segundo marido persuadiu mamãe a investir a maior parte do seu capital disponivel na compra dum imenso «rancho» de gado, e de vastas manadas para o povoar. Mamãe não tinha muitos atributos para «rainha de gado», e deixou-se guiar pelo segundo marido com a mesma cega confiança que depositara no primeiro.

Acompanhou-nos ele na longa jornada até o distrito de Socorro, que era a esse tempo o mais vasto de toda a União Norte-Americana; media aproximadamente 300 por 160 quilômetros, e a densidade da população andava por uma pessoa para 15 quilômetros quadrados... A cidade de Magdalena, centro de exportação de gado, era um pequeno povoado rústico e bárbaro, ainda mais turbulento do que Cimarron. Quando chegamos ao hotel da terra, em fevereiro de 1886, mamãe exigiu logo do hospedeiro que não nos desse um cômodo situado diretamente por cima da sala de bebidas: «Tenho receio (disse ela) que as balas atravessem o teto e entrem no nosso quarto...»

Nossa estância estava situada nas abas da Serra Datil, e mamãe ordenou a contrução da casa, vasto edifício de troncos de árvores, com dez grandes cômodos, no sopé dum escarpado pico. Ainda a edificação da casa não estava concluida, quando mamãe descobriu que o seu segundo casamento fora um erro trágico, irreparavel. Meu padrasto, esse fino *gentleman*, começava a dar sinais duma insuspeitada inclinação para a bebida e a jogatina, e um belo dia desapareceu. Aquela boa mulher, que acreditara cegamente na educação, encontrou-se assim, dum dia para o outro, encurralada com três crianças num verdadeiro «deserto cultural».

Sobrecarregada pela administração duma estância com milhares de hectares de extensão e bem povoada de gados, mamãe fez prodígios para se haver com ladrões, e com as tendências naturalmente vagabundas dos animais criados a céu aberto. A coragem, a robustez, e o espírito de sacrifício que lhe permitiram sobreviver a esses anos de dificuldades e desilusões, falam por muita prosa em seu louvor.

Mas para nós, meninos, essa nova existência foi como uma grande e radiosa festa!

DESDE o primeiro instante, aquela paisagem grandiosa e acidentada nos encandeceu a imaginação. E quando Henry Davenport, o estancieiro nosso vizinho, nos levou com ele a trepar a Serra Madre, que é uma das

montanhas mais altas da região, para de lá nos mostrar a imponente vastidão do nosso rancho, pareceu-nos só que estávamos contemplando todo o imenso mundo, do alto dum pináculo de encanto!

Erguendo-se fria e descarnada a 3.000 metros de altura no céu azul, muito acima do limite da vegetação florestal, a Serra Madre parece presidir majestosamente a um rebanho de montanhas menores, que constituem a Serra Datil. Podia-se avistar lá de cima o Monte Taylor, levemente velado pela distância, 160 quilômetros para o norte; a negra e misteriosa «mesa» Putney recortava-se nitidamente no segundo plano; e quase a nossos pés, jazia o leito arenoso do Alamosa, rompendo custosamente caminho através das «mesas» cinzentas de tampo rochoso. Para leste avistava-se o vasto e verde vale do Rio Grande, com a sua muralha azul-lilás a esfumar-se bem ao longe, fechando o horizonte.

«É um país grande que mete medo!» exclamou o Ray, meu irmão, que tinha 9 anos e não encontrou melhores palavras para exprimir o transporte do seu entusiasmo. A mim faltaram-me as palavras. Bebia ou respirava aquele cenário até o âmago da alma e do coração, para que ele ficasse sendo «a minha terra» por todo o tempo que eu tivesse a viver...

E depois, a nossa existência era rica de interesse e pitoresco. A despeito dos ursos ferozes, de algum índio selvagem, ou mesmo de um ou outro bandido, levávamos muito tempo a cavalo, sós, por aqueles montes e vales. Uma vez por semana, um de nós fazia a viagem de ida e volta, ao todo 30 quilômetros, ao sítio do Baldwin, para trazer o correio, e muitos outros recados nos levavam com frequência bem longe de casa. Muitas vezes, de noite, desenrolávamos a cama no chão, onde quer que a fantasia ou a ausência de cactos no-lo aconselhasse ou impusesse, e dormíamos à luz das estrelas, alheios aos perigos da natureza, até de manhã.

Os meninos de estância do nosso tempo tinham que assumir responsabilidades de adultos, tão depressa chegavam à idade de se poderem equilibrar na sela dum cavalo. O gado iria tornar-se em breve o círculo do nosso mundo, e absorver todas as nossas horas, de sono a sono. A primeira coisa que se impunha, e bem difícil por sinal, num território sem vedações nem cercas, era saber onde se encontravam os animais que viviam à solta.

Qualquer criança, com os olhos brilhando de entusiasmo, podia fornecer informações tão bem como os adultos, sobre o paradeiro dos gados: «Andam muitas cabeças bebendo na Fonte Davenport!» corria um de nós a informar. E o valor da informação crescia na razão direta dos pormenores de identificação relativos a cada animal.

Haveria entre eles algum bezerro sem ferro, quase na idade de ser desmamado? Nesse caso não havia tempo a perder, era preciso marcá-lo a ferro em braza! Saber onde se encontrava um *maverick*, ou seja um bezerro que se desmamara a si mesmo antes da época

da ferra, era para nós tão excitante como encontrar uma pepita de ouro, e logo corríamos a levar a notícia a casa, excitadíssimos. Outro informe de inestimavel preço era, por exemplo, o de termos encontrado uma vaca atolada na vasa dum charco. O fato é que os charcos deixados pelas chuvas se tornavam muitas vezes armadilhas mortais, de lodo pegajoso, se as vítimas não fossem socorridas em tempo. E púnhamo-nos então a passar arame em volta dos poucos cercados que possuíamos, e a reparar os arames que encontrássemos bambos ou pendentes dos postes.

Desde bem novinhos aprendemos a reconhecer os animais individualmente, no meio da manada, tal como se fossem gente, e vigiávamos-lhes os movimentos com o mesmo interesse com que teríamos espiado ou acompanhado os passos de algum amigo pessoal que se aproximasse de nossa casa. Repartíamos entre nós as manadas, e cada um conhecia os seus próprios garrotes, novilhas ou bezerros, tão bem como os meninos das cidades conhecem os camaradas de escola ou de folguedo.

Duas vezes por ano fazia-se o rodeio do gado, a que chamávamos o «trabalho», na primavera para ferrar o gado novo da estação, e no outono para separar as cabeças que deviam ser exportadas para a matança. Para nós, crianças, ver sair dalí para não mais voltar alguns dos nossos amigos queridos, era sempre ocasião para sérios desgostos, mas não havia outro remédio senão resignarmo-nos!

Em tão vasta região, toda ela consagrada a criação de gado, poderia parecer natural, à primeira vista, que o leite fosse o alimento predileto e o mais comum: mas não era. Veja-se de que forma o obtínhamos. Começávamos por correr o rancho à procura duma vaca que tivesse aparência de ser boa leiteira (o gado texano de chifres longos e os Hereford da manada não são leiteiros), e levando-a para a fazenda começávamos a «educá-la» para a vida doméstica... Falávamos de «amansar» vacas bravas como se de cavalos bravos se tratasse, e por vezes o processo era tão acidentado no primeiro caso como no segundo.

Era preciso começar por laçar a vaca pelos chifres, e se ela não nos arremessava por cima da cerca do curral antes de a gente a ter podido prender à mesma, amarrávamo-la firmemente aos mourões. Depois, com uma corda mais curta, e saltitando em volta dela para nos situarmos em mais vantajosa posição, atávamos-lhe as pernas traseiras, bem apertadas uma contra a outra. A seguir pegávamos do balde de cerca de três litros (por aí se vê quanto éramos otimistas!) e, de pé e a boa distância, em concorrência com o bezerro que manobrava do lado oposto, mas com muito mais habilidade do que nós, tentávamos espremer um esguicho de leite para dentro do balde...

É extraordinário que uma vaca, com as pernas tão bem atadas, possa atirar uma pessoa por ares e ventos com um simples coice: mas o caso é que pode mesmo. Quando tal sucede, o que a gente tem a fazer é levantar-se do chão, conforme puder, e tentar dar-lhe outra espremedura... Com muita coragem e não menos paciência, talvez a gente acabe por ser recompensada com um litrinho de leite! Por fim, desata-se a vaca e, para metê-la noutro curral, é preciso separá-la do filho, coisa que exige a técnica e consumada habilidade dum toureiro.

Vacas há que nunca «amansam», ao

passo que outras aprendem em poucas semanas a se manter sofrivelmente calmas; apesar disto, poucos nos atrevíamos, nas nossas primeiras experiências de leiteria selvagem, a ordenhar uma vaca «amansada» sem primeiro lhe atarmos bem as pernas.

Os CAVALOS eram parte integrante da nossa existência. Pode-se até dizer que a faina de cada dia começava menos pelo vestir-se, do que por saltar em cima duma sela. E era a nós, crianças, que nos arrancavam do calor dos lençóis, logo ao amanhecer, para nos mandarem a cavalo por aquelas encostas pedregosas e vestidas de vegetação, a «bater o mato». Aprendí assim a distinguir, até onde a minha vista alcançava, as ancas dum cavalo marron dum toco de árvore da mesma cor, atrás do qual podia estar escondido o animal. Os cavalos são muito ariscos: se suspeitam que os querem agarrar, escondem-se, deixam-se ficar imoveis num maciço de arvoredo, ou por trás dum açude, tão intencionalmente como as crianças quando brincam de picula.

Mas não podíamos fazer nada enquanto não encontrávamos os cavalos. Sucedeu muitas vezes que a incumbência que reclamava o uso dum cavalo se poderia ter desempenhado, a pé, em metade do tempo que era necessário para andar a escolher e pegar um cavalo. Mas a questão é que ninguem fazia nada a pé. Uma pessoa tinha por dever nunca andar a pé, exceto quando procurava um cavalo. Pegar cavalos era tambem uma desculpa universal e de inestimavel valor, para quem não pudesse de outro modo justificar a sua presença ou a sua ausência em qualquer lugar. Era alem disso tambem o álibi favorito de quem fosse apanhado a vadiar em algum rancho das vizinhanças.

A personalidade dos cavalos é coisa que se grava profundamente em nosso espírito. O estrangeiro que por alí passasse a cavalo, cedia sempre o lugar, no nosso interesse, ao cavalo que montasse. Poderíamos, ano depois, ter esquecido a cor dos olhos do sujeito, nunca porem a maneira como, por exemplo, o cavalo arrebitava as orelhas...

Se em Datil tivesse existido um jornaleco local, as notícias sociais teriam habitualmente rezado assim:

> Na segunda-feira passada, Owen Patterson esteve a receber a sua correspondência no sítio do Baldwin. Montava um alazão de cauda encaracolada, com a marca T⊥. Owen deseja por o seu poldro em confronto com qualquer outro da região, cujo dono creia ser o seu o mais robusto.
>
> Bill Jones foi visto no «canyon» do Cavalo Branco, cavalgando o seu favorito, o alazão com uma orelha marcada.
>
> Billy Swingle atravessou ontem para esta banda do rio, montando um baio encerado e trazendo pelo cabresto um cavalo de carga, ruivo malhado.

Quando estávamos de serviço, tínhamos de montar o cavalo que houvesse disponivel. Não podíamos escolher bocas macias nem amigaveis disposições. Ainda recordo uma discussão acesa, entre dois vaqueiros, sobre se eu devia ou não montar certo cavalo «cayuse», um pernalta chamado *Road Runner*—o Papa-Léguas.

—Não é seguro pra menina, dizia um deles.

—Qu'é que vancê qué dizê, não é seguro? retorquiu o outro. —Si bota ela no chão, 'teja certo que não foge. Ela pode agarrar ele outra vez.

Tal era o critério...

Chega a parecer milagre que a gente não ficasse machucada com mais frequência, porque o nosso esporte favorito era desafiar-nos mutuamente a montar algum cavalo de gênio pouco de fiar. Quando às vezes me surpreendo a admoestar minha neta, a dar-lhe conselhos de prudência, lembro-me de como o Ray, Lora e eu arriscávamos a cabeça, e quantas vezes estoicamente escondemos os ferimentos aos olhos da gente mais velha, para que nos não censurassem ou punissem pela nossa temeridade. Poderiam, se o soubessem, fazer alguma coisa de arbitrário que prejudicasse o nosso «prestígio», como fosse proibir-nos de tornar a montar determinado cavalo.

Não era frequente, nesse tempo, cairmos doentes, o que constituia verdadeira sorte, visto não haver médico na região. O acidente que mais receávamos era cair dum cavalo, e ficar por terra com o pé preso no estribo quando o cavalo se levantasse. Em tais casos, a solução única era muitas vezes dar um tiro na cabeça do animal. Para esse fim, muito tempo depois de terem desaparecido as razões que justificassem andarmos armados, ainda carregávamos à cinta o nosso revolver de seis tiros.

À medida que fui crescendo, fiz trabalho de vaqueiro ao lado daqueles rudes homens, com eles compartilhando das censuras ou elogios que merecessem nossas comuns façanhas. Ainda parece que estou a ouvir Bawlings, o *Perna-Torta*, escarnecendo porque uma «orelha comprida» (*) me fugiu num matagal. Mas ao cabo de contas, que qualidade de «cavaleiro do mato» era eu, nessa idade?

Só para mostrar em que consistiu o meu acidente, poderei dizer que «quebrar mato», como lá se dizia, é uma variedade especializada da equitação dos vaqueiros. Os vaqueiros do Novo México assobiavam de troça aos vaqueiros das planícies do Texas, que hesitavam em arremeter a toda a brida contra um maciço de arvoredo, cujos emaranhados ramos se entrelaçavam para formar uma verdadeira cerca ou sebe. Os cavalos criados no Texas sofriam de idêntica inibição. Mas, por outro lado, os nossos cavaleiros regressavam dos campos cercados de estacaria com histórias fantásticas, de como lhes embranquecera o cabelo, só de ver como os «peelers» do Texas corriam desabaladamente nas planuras minadas pelas «cidades» dos cães da pradaria, onde não parecia haver terreno sólido entre as tocas. Ambas coisas parecem incrivelmente perigosas.

Devemos, naturalmente, dar o devido jus à intrepidez e perícia do cavaleiro, mas o cavalo merece tanto, se não maior aplauso. Os poldros de gado são suscetiveis de especializar-se, como os seres humanos. Havia cavalos de vaquejar, laçar e exibir.

Cada vaqueiro tinha seu cavalo de exibição, de passo elástico e bem levantado, que passeava na estrada dum lado para o outro, sempre que se lhe ofereciam espectadores. E havia, enfim, os «cavalos de mato».

A citada expressão «quebrar mato» tem origem na fragilidade peculiar da vegetação nas elevadas e secas altitudes do Sudoeste. Quando o cavaleiro atravessa a toda a brida por entre os ramos dum pinheiro anão, o mais certo é que o choque impetuoso arranque alguns ramos, mesmo de bom tamanho. A regra para cavalgar entre o mato é: não podendo desviar-se a tempo, respirar fundo e quebrar os ramos com o corpo.

*Vaca ainda não marcada a ferro.

Nos anos presumidamente chamados da «maturidade», aconteceu-me passar lentamente a cavalo entre massas de arbustos que me lembro, quando moça, de ter atravessado desarvoradamente, a louca velocidade, em perseguição de alguma novilha: e dizia eu para mim, com a sabedoria dos anos, que por certo ninguem jamais ousaria conduzir um cavalo através daquele labirinto de vegetação morta e viva!... Tal a virtude da experiência.

No outono em que perfiz 14 anos baniram-me do rancho e mandaram-me para o Leste, afim de frequentar uma escola de *quakers* em Filadélfia. Na devida altura, Ray e Lora viram-se condenados a idêntico destino. Recordo que o primeiro tema que escolhí para composição foi «Uma caçada ao cavalo selvagem». A diretora, a boa e querida *quakeress* Annie Shoemaker, passou-me a mão pelos cabelos, e disse com bondade: «Tu te exprimes bem, minha filha. Mas cuidado, não deixes essa imaginação tomar o freio nos dentes...»

Estudei com afinco na velha e sisuda Filadélfia, mas meus dias de escola eram ensombrecidos pelas notícias de que as coisas no rancho não corriam muito bem. Mamãe estava tragicamente deslocada no seu papel de estancieira, pois mal podia distinguir duas vacas uma da outra. E ninguem poderia manter-se com certo êxito na criação de gado, tal como esta se praticava no oeste do Novo México, a menos que aceitasse a regra geral do jogo, que consistia em roubar ao vizinho tantas cabeças de gado quantas ele nos houvesse roubado. Os mais prósperos criadores eram aqueles que tinham o «laço mais cumprido» e agarravam mais do que lhes cabia como quota-parte de bezerros ainda não marcados a fogo. Era tácita e geralmente admitido que os despojos pertenciam a quem mais e melhor soubesse montar a cavalo.

Por volta da Páscoa, no meu segundo ano de Filadélfia, recebí notícia de que o desastre financeiro, desde muito receado no rancho, se aproximava. Regressei então ao Novo México, para ir encontrar mamãe num estado de grande desalento e inquietação: tinham-nos penhorado parte do gado, inclusive todos os cavalos!

Isso já de si era bastante penoso; que dizer, então, quando soubemos que certo senhor xerife, homem com quem eu sempre embirrara devido a sua crueldade para com os cavalos, tinha levado *Gray Dick*, meu favorito poldro russo! Revoltei-me contra aquilo. Eu e Ray não hesitamos em pedir emprestados dois cavalos, e metemos a caminho para trazer *Gray Dick* novamente para o nosso rancho.

Quando entramos no cercado onde os nossos cavalos e mais o gado estavam reunidos, parece que me passou uma nuvem cor de sangue pelos olhos. A uns cem metros do lugar onde uns doze homens comiam o farnel, andavam os nossos cavalos de remuda mordiscando o capim, cincoenta a sessenta cavalos de sela, cada um dos quais era para nós um amigo pessoal. Porem, um dos cavalos, um só, não pastava: era *Gray Dick!* Via-se que o tinham esporeado, maltratado, extenuado, e o pobrezinho estava agora de cabeça caida e orelha murcha, as alvas ancas todas manchadas do sangue que lhe brotara devido ao uso cruel da espora na parte mais sensivel do corpo,

enquanto as patas dianteiras, demasiado apertadas na peia, lhe não permitiam caminhar. Para cúmulo de ignomínia, tinham-lhe pendurado ao pescoço um chocalho de vaca, mas dum tamanho que só vendo!...

O que a partir desse momento se passou, ninguem mais esqueceu na região. Metí meu cavalo até o centro da roda dos homens, e olhei de cara o xerife:

—Vim cá buscar o meu poldro, disse, com a possivel firmeza.

—Não pode levar! foi toda a resposta quase agressiva.

Empinando a minha montada, fiz-lhe dar meia-volta, e metí a toda a brida, rápido como uma seta, em direção à manada: assim que me viram, os cavalos largaram imediatamente a galopar, crinas ao vento, por aquela campina fora, e os homens, apavorados, desapareceram debaixo da carroça de carga, e por entre a ramaria das árvores, procurando o primeiro refúgio que se lhes oferecesse contra o perigo de serem barbaramente pisados pelos animais.

Peado como estava, o meu pobre *Gray Dick* não podia acompanhar os outros cavalos na correria louca em que se tinham lançado. Galopei direita para ele, mas, não sei como, escapou-me das mãos a rédea do bridão: o meu cavalo tropeçou na rédea pendente, e, na velocidade com que seguia, deu um verdadeiro salto mortal por cima da minha cabeça. Doze homens que assistiram àquela cena, nunca mais deixaram de dizer e jurar que me tinham visto tambem dar um salto mortal e levantar-me logo do chão para deitar a correr como um gato bravo... Não me lembro sequer de ter ido a terra. Só me lembro de que falei para *Gray Dick*, e que ele me volveu a cabeça, relinchando, ao reconhecer a minha voz. Vejo-me em seguida a tirar-lhe a peia das mãos. Quando me endireitei, vi o xerife que se aproximava de má cara e em atitude resoluta. Fiz só isto: desafivelei a coleira do chocalho, que tinham posto ao cavalo, e pegando-lhe pela ponta, com o pesado chocalho de cobre a baloiçar na outra, ameaçadoramente, gritei: «Não se aproxime, ou racho-lhe a cabeça com este chocalho!»

Era uma arma temivel, e o xerife parou, olhando embaraçado e resmungando não sei que a respeito de «desobediência à autoridade». Mas parou! «Eh, moços!—continuei—um de vocês me dê aí um arreio!»

O Ray tirou o arreio ao seu próprio cavalo, e entregou-mo. Pulei em cima de *Gray Dick*, e endireitei para o Rancho Wheeler, a quilômetro e meio de distância. O *Gray Dick*, alongado na correria como uma lebre, as narinas abertas ao vento, quase tocava a terra com o ventre! Ouvia atrás de mim o rápido bater de cascos na terra dura...

Chegados ao curral do rancho, pulei do cavalo abaixo, e dei meia volta para encarar com o xerife: só então percebí que quem me viera seguindo não eram os agentes da autoridade, mas o meu amigo Ed Wheeler, que deu de rédea ao cavalo com tanta força, que o fez sentar nos quartos traseiros!

—A senhora quer que eu dê cabo dele já? perguntou Wheeler, referindo-se ao xerife. —Pra mim, até me dava gosto, é só a senhora dizer!

Agradecí e recusei a generosa oferta. Parecia-me que já tinha jogado a minha boa cartada.

—Assim todos temos entendido, disse ele. —Mais de meia dúzia de revólveres apontados nele, à espera de ver se vosmecê lhe assentava o chocalho na

cabeça, mas a gente não queria estragar esse prazer a vosmecê!

Voltei a agradecer-lhe a gentileza. Tratara-me como a um igual! Todos aliás me haviam tratado de igual para igual, e isso era para mim o mais importante de tudo...

A FALÊNCIA que tínhamos receado nunca se declarou completamente. Algumas aplicações de capital, que papai fizera, começaram a produzir rendimento, e não foi preciso vender a estância; pudemos ainda salvar algumas cabeças de gado e cavalos, e a existência lá se foi arrastando precariamente. Mas o «vilão» do pequeno drama acima descrito é que nunca se nos apagou de memória. Em todos os meus contactos com homens do Oeste, foi essa única ação menos nobre que me aconteceu presenciar.

Como classe, os homens da nossa fronteira eram cavalheirescos com as damas. Talvez que as mulheres, dada a sua escassez, fossem mais altamente apreciadas; tambem pode ser que os homens de maus fígados tivessem alí menos probabilidades de andar com a cabeça intacta em cima dos ombros... No meu caso, durante toda a minha juventude, nunca tive conhecimento dum caso de ofensa a mulher, e era axiomático que uma mulher de bom porte se encontrava sempre segura.

Certo incidente mostra particularmente até que ponto a maioria dos homens, ainda os mais rudes, levavam o cavalheirismo. Um dia fui até o correio buscar a correspondência; ia montada no *Chico*, um poldro de mau gênio. A diligência do correio vinha atrasada, e foi já bem depois de anoitecer que chegou. Estava eu tentando amarrar o saco do correio ao arção da sela, e o cavalo estava me dando dificuldades com relinchos e patadas, quando o xerife se aproximou para me ajudar:

—A senhora vai para o *canyon* sozinha? disse ele. Pareceu-me vislumbrar uma expressão estranha na sua voz.

—Não era melhor esperar até o amanhecer?

Assegurei-lhe que não podia, que já muitas vezes tinha feito aquela jornada solitária depois do por do sol, e no fim de contas, que motivos havia para ter receio?

—Talvez tenha razão, disse ele com modo que me pareceu hesitante, e segurou no freio de *Chico* para que eu montasse. O animal estava impaciente de ter ficado horas amarrado à argola, e só ao fim de alguns quilômetros conseguí fazê-lo acalmar, reduzindo-lhe a marcha para um trote largo, ainda impaciente.

Tínhamos acabado de transpor o cume duma colina, onde o trilho começava a ladear o fundo do *canyon*, vedado por uma palissada, quando *Chico* relinchou violentamente e estacou. No trilho, logo adiante, recortando-se na luz brilhante das estrelas, estava outro cavaleiro. Tambem ele tinha parado bruscamente. Antes que o desconhecido abrisse a boca, os focinhos dos nossos cavalos quase se tocaram, cheirando-se.

—Boa noite,... menina, fez ele com uma inflexão interrogativa na palavra *menina*.

—Boa noite! disse eu.

—Noite bonita, continuou o homem. Ao que eu respondí:

—É, noite bonita...

Ele puxou a montada para a beira do trilho, e abriu-me passagem. *Chico* continuava a morder os ferros, puxando a rédea do bridão. Uma hora depois

aquele homem estava morto, com uma bala do xerife no coração: cometera o erro de tentar roubar uma montada repousada, do rancho do Baldwin, em vez de a tirar a uma moça. Um cavalo de muda era tudo quanto ele precisava, para atravessar a salvo, com a carga de ouro que levava nos alforges, a fronteira do México... Para não assustar a moça que encontrara no caminho, jogou fora a sorte, e com ela a vida!

Mas a estima de que gozava, na nossa comunidade de fronteira, tudo que fosse feminino, tornava-se por vezes uma virtude com dois gumes, — particularmente nos nossos bailes de arromba, com suas dansas de quadrilha. Esses bailes tinham geralmente lugar por volta da estação do rodeio, e corria palavra pelas redondezas: «Venha um e venham todos!» Havia pessoas que cavalgavam 50 quilômetros para assistir, e eu própria cheguei a percorrer mais de 35, com o meu vestido num saco de farinha pendurado da sela: amarrotado, claro está, mas limpo e fresco.

Os bailes começavam ao por do sol, e continuavam até manhã alta. Havia pelo menos quatro ou cinco «cavalheiros» para cada «dama», e as «damas» iam, quanto a idade, desde a avozinha desdentada até a Susie de trancinhas caidas pelos ombros... Velha ou nova, toda pessoa do sexo feminino tinha de ser um par. Ah, nesse tempo não havia mulher que ficasse para o canto, como abajur!

«Cinco, seis, sete e oito!» bradava com voz de estentor o mestre-sala. «Arranjem par, e não deixem arrefecer a boa da música!» E os sapatos de tacão alto batucavam no chão áspero, ao ritmo dos violinos ou das harmônicas.

A ceia da meia-noite constava de café com bolo. Cada mulher trazia seu bolo, coisa digna de registo numa cavalgada de 30 quilômetros, cuidadosamente acondicionado numa caixa de estanho, porque a categoria social de cada qual era julgada por esse padrão. O alcool nunca se fazia notar; qualquer homem que desse sinais de embriaguez, era prontamente escoltado até à porta da rua. Quando os nossos vaqueiros se embriagavam, faziam-no sempre sem o benefício da presença de moças «finas».

Mas lá em dansar é que eles insistiam, sem afrouxar, e pela madrugada as representantes do meu sexo pareciam um grupo de mártires. Recordo que a Lora se refugiou uma vez debaixo duma mesa, ocultando-se no pano que caía até o chão, e quando esse esconderijo foi descoberto, escapuliu para o palheiro, e enfiou para dentro duma mangedoura, para poder dormir um bocado, antes de a arrastarem de novo, impiedosamente, para o baile. Eu mesma penei muitas vezes durante a última hora dos bailes, rogando a Deus que trouxesse o sol fora bem depressa, para por termo à minha desdita. Um vaqueiro que, noutras circunstâncias, teria ido ao fim do mundo para poupar um desconforto a uma dama, tornava-se deshumano nos bailes, com a sua insistência por «mais uma dansa, só mais uma», como se nós fôssemos máquinas.

MUITOS DOS DONOS de ranchos desse tempo torciam o nariz ao jogo das cartas, e com razão, porque quando um poquer animado estava em marcha nos dormitórios, era certo toda a gente abandonar por completo o trabalho do rancho.

Certa feita, no rancho INM, onde as mulheres, Mrs. Starring e sua filha Lou, estavam preparando casa para um grupo de jornaleiros de inverno, no meio das maiores dificuldades, iniciou-se uma partida de cartas com os habituais efeitos nocivos. Os homens abandonaram as obrigações diárias, e recusavam até comparecer às refeições. Exasperadas de ver tanta comida se estragando, e revoltadas com a injustiça de terem ainda por cima que se ocupar com o trabalho que competia aos homens no campo, as mulheres decidiram aplicar o velho preceito homeopático —a dentada do cão cura-se com o pelo do mesmo cão...

Organizaram tambem um joguinho de poquer à mesa da sala de jantar. Tudo, claro, só para inglês ver. Uma das mulheres ficava à espreita na janela, e quando saía um homem do barracão, elas a toda a pressa agarravam nas cartas e fingiam jogar.

«Quando a gente acabar este joguinho, iremos então cear», respondiam ao homem que reclamasse a ceia; ele batia a retirada, as cartas pousavam-se na mesa, e retomavam-se ocupações mais agradaveis. Nessa noite, a primeira e tardia refeição dos homens foi uma porção de bolacha seca e uma lata de tomates surripiada por um explorador masculino. Mas no dia seguinte, nem sequer essa parca refeição foi possivel obter! O duelo prosseguiu durante dois dias, até que a fome obrigou a força masculina, cercada no barracão, a se render completamente e sem condições.

«De nada serve ralhar com os homens. Nunca dá bom resultado,» dizia depois a senhora Starring.

Nunca proibimos a jogatina no nosso rancho, embora não gostássemos mais dela do que a sra. Starring. Uma vez, no inverno, no meu regresso da escola, pensei na maneira de resolver o problema: iria jogar cartas com o pessoal! Jogaríamos na nossa sala de jantar, como uma grande família social, e não no barracão. Vieram chegando, intimidados. Íamos jogar poquer a feijões! A simples conciência de ter ganho nos serviria de recompensa e lucro...

Jogamos poquer noites seguidas! Eu apostava descabeladamente, — dispúnhamos duma reserva de feijões para todo o inverno—mas os meus comparsas pareciam estar usando de cautelas desnecesárias. Por vezes pareciam apoquentados e confusos, — mas íamos jogando sempre. Um dia, caí inesperadamente em cima de dois deles, curvados sobre um pedaço de papel e empunhando um coto de lapis. «Diabo!» resmungava Bob Gard. «Não sou capaz de acertar as contas. Aqueles feijões de miss Agnes embrulham o negócio todo, mas você me deve dois e cincoenta, tão certo como eu estou aquí!» Afastei-me sem eles darem por mim. Nessa noite disse-lhes que queria ler: se queriam jogar cartas, que fossem para o barracão. Aceitaram com evidentes mostras de alegria...

Quando era ainda muito novo, o Ray começou a acarinhar o sonho de reconduzir o rancho à prosperidade, e, com a ajuda de alguns velhos amigos de papai, pôs-se em campo para expandir as nossas manadas. Sendo demasiado jovem, segundo a lei, para realizar negócios, cometeu o triste erro de se associar com um vizinho, homem muito mais idoso.

Estava ele na escola quando recebeu recado dum amigo, prevenindo-o de que o sócio se preparava para vender o gado e escapulir do país com o produto da venda, — tudo muito legalmente. Ray chegou ao rancho num abrir e fechar de olhos. Foi por sorte que eu cheguei a casa quase ao mesmo tempo, vinda do meu colégio no Míchigan.

Na segunda noite depois da minha chegada a casa, despertou-me leve pancada na janela do quarto. «Vista-se já,» segredou Ray para mim. «Aquele pirata ajuntou nosso gado, e está-se preparando para ir entregá-lo amanhã. Preciso de ajuda.»

Pulei da janela para fora. Ray já tinha um cavalo selado à minha espera, e alguns sacos de linhagem. Embrulhamos rapidamente os cascos dos cavalos nos sacos, para evitar que deixassem rastos faceis de reconhecer, e pusemo-nos silenciosamente a caminho, através da noite.

O gado fora metido num pequeno cercado a distância do caminho, para pernoitar. Num canto do cercado erguia-se velha barraca de madeira, abandonada. Para nosso grande desconsolo, pela porta aberta via-se uma luz dentro de casa. Desmontamos cautelosamente, e arrastamo-nos até lá.

Sentados em volta dum velho caixote estavam quatro homens, sendo um deles o infiel sócio. Todos armados com revólveres de seis tiros, e alem disso com a carabina à mão de semear! O sócio conhecia com toda certeza a energia de meu irmão, e não se dispunha a correr nenhum risco...

Estou perfeitamente certa de que, se não fora pelo fato de que nenhum de nós dois desejava, essa noite, ser o primeiro a dar mostras de fraco, teríamos logo alí abandonado a louca e arriscada empresa.

—Você tem coragem? perguntou Ray, enquanto regressávamos para junto dos cavalos. —Olhe que eles vão pingar fogo!

—Tenho tanta coragem como você, quero que saiba! exclamei, sentindo reacender-se a rivalidade da nossa infância.

Começamos a fazer um silencioso «rodeio» daquela pastagem. Por duas vezes vimos a silhueta dum homem se recortar na luz da porta, como se tivesse vindo alí escutar, desconfiado. Um ruido suspeito, e estaríamos fritos! Mas andávamos com sorte: os cascos do gado não fizeram rumor no chão macio, e não tínhamos obrigado os animais a caminhar demasiado depressa, para não os levar a berrar.

Ainda assim, ficou sendo sempre um mistério para os habitantes da região como é que tinha sido possivel arrancar 500 cabeças de gado dum cercado de 80 hectares, debaixo do nariz de quatro homens bem armados e melhor dispostos a evitá-lo! Ao menino e ao borracho, põe-lhes Deus a mão por baixo...

Conseguimos fazer sair o gado pelo portão inferior, tornamos a colocar as barras com muito cuidado, num gesto de irônico respeito pela cerca, e fomos guiando o gado para as terras altas. Passada meia hora já nos atrevíamos a espicaçá-lo para que andasse mais depressa, e a certa altura até largávamos gritos e lhe dávamos com as correias, empurrando-o «para alem da serra», para os ásperos balseiros do lado do Alamosa.

—Deixa ele tentar reunir de novo este gado em menos de seis semanas! dizia Ray, exultando, ao ver desaparecer o último bezerro nas profundidades rochosas do *Canyon* Vermelho.

Chegamos a casa antes do romper do dia. Talvez isso não fosse estritamente necessário, mas pareceu-me conve-

niente entrar no quarto como saira, isto é, pela janela.

Duas horas depois mamãe entrava no meu quarto.

—Você dormiu direito? Este silêncio dos campos deve fazer um bem grande, depois do ruido da cidade!

Mais tarde, o próprio sócio de Ray resolveu dissolver a sociedade, decisão essa tomada estando Ray sentado em cima do peito dele... Sentar no torax do parceiro era uma das habilidades de Ray. O homem ainda resmungou qualquer coisa sobre a lei, que estava «no lado dele», mas acabou por se chegar à razão, uma vez que, dada a única prova disponivel, todas aquelas cabeças de gado tinham pulado, uma por uma, por cima da grade dum portão, com cinco pesadas barras atravessadas....

SERIA injusto dizer que no Novo México, nesses tempos pioneiros, não existia nenhum aparelho de aplicação de justiça. O caso é que ele estava demasiado longe para poder servir em casos de urgência. O distrito de Socorro, dada a sua condição semiselvática, era um refúgio para muitos homens que andavam foragidos, e qualquer estranho, cujo paradeiro não fosse facil de determinar, presumia-se que estivesse entre nós, porque noutros lugares se encontraria menos seguro.

Certa vez um bando de homens de aspecto pouco tranquilizador parou alí, pediu água e informações sobre os trilhos a seguir. Pelo que não nos disseram espontaneamente, deduzimos nós que eram um bando de *outlaws* que se dispunham a atravessar a região. Quando se preparavam para sair, um deles, tão rude de feitio como os companheiros, pôs-se a espreitar o piano de mamãe pela porta aberta:

—Minha senhora, —disse ele—se me desse licença, eu gostava de por as mãos naquele instrumento, um instante só...

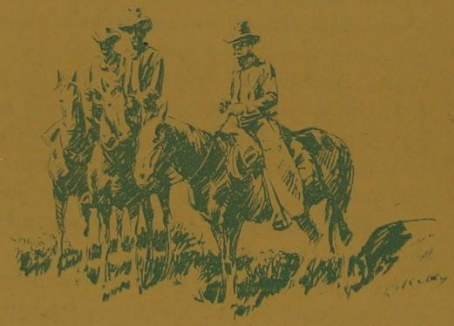
Tinha a voz dum homem cultivado. Dirigiu-se para o piano e, daquela caixa há muito tempo silenciosa, arrancou um caudal de harmonias pleno de todo o sofrimento e de toda a confiança no triunfo, que torna grande a grande música. Tocou, tocou muito tempo. Ainda recordo a expressão extasiada de minha mãe, e o respeitoso silêncio dos companheiros do pianista.

Finalmente, com um acorde vibrante que parecia atirar um desafio ao destino e ao mundo, o homem ergueu-se e agradeceu a mamãe.

—A senhora nem sabe o bem que isto me fez, disse ele. —Já quase tinha esquecido o...

Não concluiu a frase, inclinou-se, saiu em direção ao cavalo, pulou na sela, e, rodeado de seus mal-encarados companheiros, afastou-se para longe...

Nunca denunciamos esses fugitivos, e só à força prestávamos depoimento. Nós, ao contrário das autoridades, tínhamos que viver entre os *outlaws*. Se estes escrupulosamente nos deixassem em paz, o que foi quase sempre o caso, nós lhes pagávamos na mesma moeda. É bom lembrar que esses indivíduos não eram culpados de nenhum crime



horrendo: a maioria das vezes eram casos de troca de tiros, ou talvez roubo de cavalo, e tais crimes levavam sempre consigo o selo do espírito esportivo.

Muitos dos cidadãos eminentes do território tinham originalmente chegado do Texas «um pulo adiante do xerife», e até os nossos mais respeitados amigos se encontravam por vezes em conflito com a lei. Certo dia, passando perto do barracão da estância, percebí que alguem me chamava em voz baixa; dirigindo-me para lá, fui dar com George, um dos nossos vizinhos.

—Andam no meu rasto, —disse ele— preciso que você me arranje um cavalo fresco.

Corremos logo ao curral, e enquanto punha o arreio num cavalo repousado, George foi explicando:

—Eu não fiz mesmo nada que justifique tanto barulho. Dei uns dois ou três tiros quando vinha a sair da cidade, foi só. Mas ao que parece, a cidade de Madalena está agora maricas, não pode ouvir tiro! O velho Foster já tinha um mandado de prisão contra mim, bem eu não tinha chegado ao topo da serra...

Tambem eu fiquei indignada: George não era homem que desse tiro assim numa pessoa! E um mandado de captura contra ele, só porque tinha disparado uma salva de despedida, ao sair da cidade, parecia-me a mais negra das ingratidões!

O bando policial, que chegou pouco depois de George ter saido, era chefiado pelo xerife Foster, o dos olhos de águia, que mais tarde me presenteou com a sua fotografia, onde alguem lhe tinha espicaçado os olhos, para que a sua qualidade aquilina não passasse despercebida.

—Eu vi George, respondí. —Mas não sei que caminho levou. (De propósito, para poder jurar que não sabia, eu não tinha olhado quando ele partiu.)

—Aposto que a senhora não diria, nem que tivesse visto, hein? disse o xerife. Mas foi aceitando o café que eu lhe oferecia. A segunda chícara deu-lhe inspiração para fazer uma grande prédica a George, por meu intermédio, já se vê. Então não sabíamos nós, a gente moça, que quando um país se tornava civilizado, não era mais possivel andar pelos povoados a disparar garrucha?... Recebí com todos os sinais de humildade a descompostura que era para George, porem o olho de águia do xerife viu através da minha falsa submissão.

—E você, Deus a livre de que algum dia eu a apanhe na cidade a dar tiros. Lá por ser mulher, não pense que me escapa...

Nunca perdoei nem esquecí o provocante aviso, porque não era pessoa para engulir sermão daquele jeito.

O COWBOY desse tempo considerava as provações da vida física como seu pão de cada dia. Como é que um vaqueiro se sujeitava a tanto só por 30 dólares ao mês? perguntar-se-á. Mas eu duvido que o cowboy pensasse sequer que se estava «sujeitando» a qualquer coisa. Limitava-se muito simplesmente a fazer aquilo para que se sentia com gosto, e de que entendia. Se alguem lhe fosse dizer que montar um cavalo viria um dia a ser profissão de circo, o vaqueiro teria sorrido de piedade. É bem verdade que o lendário Buffalo Bill já andava então pelo mundo com o seu circo de peles-vermelhas e cowboys, mas nunca acreditaríamos

que ele fosse o precursor duma indústria nacional.

Fui um dia abordada por um dos agentes contratadores de Buffalo Bill, uma espécie de caçador de talentos, que me propôs entrar na companhia. «Ainda ontem eu vi você montar aquele endiabrado ruão azul,» disse ele, com mais admiração do que boas maneiras.

—E me viu obrigar ele a não pinchar, não é?

Nunca eu deixaria que um cavalo pinchasse debaixo dos meus joelhos, a não ser que, de todo em todo, o não pudesse evitar. Não faz sentido a gente arriscar a cabeça ou ficar com a espinha feita um caracol. Quanto a fazer disso profissão, só me dava vontade de rir!

Mas tínhamos por vezes rodeios improvisados, pelo amanhecer, à hora de se trazerem os cavalos, porque os vaqueiros eram amigos de pregar as suas partidas, e fazer afocinhar o cavalo do parceiro era sempre parte da peça. Nas manhãs de frio, o estado de espírito dos cavalos não fica a dever nada ao dos seus irmãos homens; e se uma pessoa dá um berro e atira o chapéu para debaixo das patas do cavalo dum vizinho, no momento em que este se prepara para montar, é quase certo que se arma logo alí um rodeio, e bem animado!

Entre as partidas mais geralmente preferidas, havia uma que consistia em sacudir um jogo de tirantes de corrente de ferro, e berrar «uaaaah!» guturalmente aos ouvidos dum homem adormecido; desde o fundo do sono, este pensava logo que a parelha da carroça de abastecimentos tomara o freio nos dentes, e corria à desfilada pelo campo, ameaçando esmagá-lo sob as patas... Resultado, saltava do cobertor como se lhe tivesse estoirado por baixo uma bomba.

Outra partida muito em voga era atar a corda da sela à ponta do oleado da cama de algum dorminhoco, e puxar cama e ocupante para dentro dum charco. Sempre que se instalava um acampamento perto dum lameiro, os desconfiados iam fazer a cama o mais longe que podiam da margem. Efetivamente, escusado será dizer que não há nada mais divertido do que ver emergir da água e da lama dum charco um sujeito estremunhado, esbravejando e praguejando de furor...

Ao recordar as dificuldades que essa existência, mesmo na melhor das hipóteses, nos impunha, pergunto a mim mesma, às vezes, de onde nos viria esse desejo de agravar ainda mais as penas, só para provocar o riso. Uma coisa, porem, nunca se fazia: era tirar o cavalo a um homem e levá-lo a passear: porque isso era caso para fazer «falar» a pistola...

As vítimas e principal matéria prima das nossas partidas eram, a gente da cidade, os «melindrosos». As pessoas, que, entre 1880 e 1900, se encontraram no Novo México, longe de suas casas, entre ranchos de gado, assemelhavam-se todas sob certo ponto de vista: eram em geral pessoas inadaptadas lá de onde vinham. Por vezes era o clima que lhes não servia; outras, eram as malhas da lei que por lá lhes pareciam demasiado apertadas... Mas quem mais precupações nos dava, eram os que alí vinham em busca da saude.

Nesse tempo, antes de desenvolvido o turismo de doentes, que mais tarde se tornaria uma das grandes receitas do Sudoeste, os doentes do peito e outros enfermos recebiam com demasiada frequência o conselho de ir procurar «os ares duma estância de gado». Isso os poria, assim peroravam médicos e leigos, «como novos». Em muitos casos assim sucedia, mas o êxito de tais experiências era duro para os rancheiros porque o concurso dum número sempre crescente de enfermos se transformou num verdadeiro problema. Se o forasteiro estava realmente doente, era tratado com todas as atenções; mas se o suspeitávamos de mimo ou pieguice, dávamos-lhe uma lição que ele nunca mais esquecia.

A «lição» de Ramsay ficou clássica nos anais da região. O jovem Ramsay viera para o Oeste porque andava com os nervos combalidos. Ora isso de «nervos» era algo que estava fora do alcance da inteligência dos cowboys. A julgar pelas aparências, o rapaz gozava de invejavel saude. Foi assim que nos pareceu que o que ele tinha era mimo em demasia, e precisava duma boa lição; e esta, para produzir efeitos terapêuticos, devia consistir num bom «safanão» aos seus nervos.

Foram trabalhosos os preparativos da cura. Primeiro, o Ray e o *Perna-Torta* ficaram até alta noite extraindo as balas de chumbo dos cartuchos calibre .45, e metendo no lugar buchas de papel de cigarro. Depois, na manhã seguinte, inventaram uma rixa entre eles. Ao que parecia, Ray tinha decidido subitamente que o cachorro de *Perna-Torta* não poderia mais entrar em casa: coisa que *Perna-Torta* amargamente ressentiu. Onde ele entrasse, o seu cachorro tinha que entrar tambem, e logo se havia de ver!

Levaram naquilo todo o santo dia, e os nervos de Ramsay já davam sinais de crescente tensão, à medida que a inimizade entre aqueles ex-bons amigos se ia pondo mais violenta. Finalmente, ao cair da noite, Ray ergueu no bico da bota o pobre do cachorro, tão ignorante dos fatos e tão surpreso quanto Ramsey, e sacudiu-o fora de portas. Tanto bastou para que o *Perna-Torta*, perdendo a cabeça e largando uma praga, lhe disparasse um «balázio» na boca do estômago. Ray pulou e, fazendo escudo do corpo de Ramsay, o nervoso, pôs-se então, como um louco, a ripostar tiro por tiro ao *Perna-Torta*.

Ao que parece, os «nervos» tinham dado a Ramsay uma agilidade de gato; mas Ray, mesmo sem nervos, não lhe ficava atrás, e conseguiu manter a sua vítima consideravelmente na linha do tiroteio...

No auge do «tratamento» acabou-se a munição: e, ao derradeiro tiro do *Perna-Torta*, meu irmão, resmungando pavorosamente, tombou ao desamparo no soalho! De pé contra a parede, o nosso hóspede parecia querer furá-la com as costas para fugir. *Perna-Torta* virou-se para ele e atirou-lhe, com uma voz sinistra:

—Agora fique sabendo, seu cara, que eu vou jurar que foi você que fez isso! E nem pense em negar, viu!

Ramsay levou as mãos ambas à garganta, gaguejando:

—Ah... oh... Eu vou... voltar... pra casa... Meus nervos não aguentam este genero de... de...

—All right! disse *Perna-Torta* enfiando o pistolão fumegante no coldre. —Eu lhe dou tempo pra se por ao fresco. Saia desta região. Vai levar tempo que dêem pela falta do Ray. Tem cavalo no curral. Você pode estar na estação da Madalena antes de passar o trem da manhã.

Assim se fez. E amigos comuns do Leste deram-nos a saber, passado tempo, que «a viagem do jovem Ramsay ao Oeste lhe foi de um efeito extraordinário...»

O esforço que fazíamos para conciliar a nossa criação de rancheiros habituados à vida livre com a nossa educação e os nossos amigos do Leste, dava às nossas existências um carater que não era carne nem peixe— ou antes, que era carne e peixe ao mesmo tempo! O Ray, por exemplo, tinha frequentado a Universidade de Colúmbia, em Nova York, e achara-se de repente elevado à categoria de um dos primeiros ases do futebol.

Os primeiros contactos com a cidade foram-lhe decididamente desagradaveis; em Nova York a sua personalidade contava muito menos do que no Novo México. Aquí, bastava que uma carta lhe fosse endereçada—«*Towhead, New Mexico*», para que lhe chegasse à mão. Durante a primeira semana que passou em Nova York, dizia ele que nem uma só pessoa lhe dirigiu espontaneamente a palavra. Mas as proezas que praticou nos domínios do futebol, em breve dissiparam o seu anonimato e lhe grangearam grande popularidade.

Era sempre divertido assistir ao choque dos aspectos «carne» e «peixe» da nossa existência. Certa vez, ao regressar de Nova York, o Ray encontrou-se no trem com um jovem graduado da Escola Militar de West Point, que ia ocupar o seu primeiro posto de oficial, e parecia lisonjeado de ter travado relações com tão popular herói.

Chegados a El Paso, tomaram quartos no mesmo hotel. Ao anoitecer, o cadete fez saber que gostaria de dar uma volta pelos lugares mal reputados da cidade, onde o vício florescia então infrenemente.

No momento em que empurravam o guarda-vento da mais notória tavolagem da cidade, um dos «banqueiros» ergueu-se de chofre do seu lugar e caiu em cima de Ray aos brados:

—Diabos me carreguem, se você não é o velho *Towhead!* Eh, rapazes, eu quero que vocês apertem os ossos aquí ao meu velho compincha *Towhead* Morley! Muita vaquinha ele e eu roubamos juntos, uai!

Carne sumiu logo, para deixar lugar ao *Peixe*...

—Jack Creighton, meu velho pileca... bradou Ray, sacudindo energicamente a mão do amigo. —Que faz você por aquí em terno de lojista?!

Seguiram-se rosários de perguntas e bisbilhotices locais. Ray ficou sabendo que o *Mike-Três-Dedos* andava fugido às autoridades, e que o *Curtinho* estava «à sombra» na penitenciária de Santa Fé, por ter furtado um «bife», ou seja um boi. Ray ainda hoje teima que esquecera completamente a presença do cadete, até o momento em que este, friamente, o chamou à realidade com estas palavras: «Acho que tenho de voltar ao hotel.» No embaraçoso regresso, Ray não sabia que dizer, tão superior às suas forças lhe parecia tentar explicar a sociedade muito especial em que vivíamos. Entraram os dois calados no átrio do hotel, e o porteiro cumprimentou logo Ray nestes termos:

—Senhor Morley, o sr. A. A. Robinson, presidente da estrada de ferro de Santa Fé, viu o seu nome no registo dos hóspedes e está ansioso por lhe falar.

O cadete escutava, cada vez mais surpreso, e o porteiro continuou:

—Diz o sr. Robinson que foi sócio de seu pai, nos primeiros tempos do Santa Fé, e está impaciente por ver o senhor.

O cadete engulia em seco, e murmurou:

—Ao que parece, Morley, você está bem relacionado nos dois extremos da escala social! Eu já tinha concluido que você não era o autêntico «Bill» Morley, mas um charlatão, um simples «papillon» duma casa de tavolagem!

Anos depois, quando os turistas do Leste começaram a invadir aos bandos o Novo México, as incongruências da nossa dupla existência ainda mais se agravaram, e até com dramáticos resultados. Um dia eu me encontrava na sala de jantar dum pequeno hotel de Datil. Sentados a uma mesa, de frente para a porta da sala, estavam dois camaradas da universidade. De costas para a porta, igualmente sentado, estava Slim, um vaqueiro, de certo modo intimidado pela elegância de maneiras dos dois rapazes seus vizinhos. De repente entrou na sala uma senhorita, produzindo um reboliço inesperado.

Os dois estudantes ergueram-se respeitosamente, quando ela se acercou da mesa. Ao vê-los levantarem-se, Slim não esteve com meias medidas: pôs-se tambem de pé, pronto para o que desse e viesse, e, deitando as unhas a uma cadeira, levantou-a no ar para aparar o golpe... A pobre senhorita, ao ver a cadeira de Slim pronta, segundo lhe pareceu, para lhe enfiar pela cabeça abaixo, deu um grito e parou a meio caminho da mesa. E ficaram todos assim, a entreolhar-se com profundo espanto, sem compreender.

De todos os presentes na sala só eu podia entender a cena; mas ainda agravei mais a confusão, ao desandar porta fora para esconder o ataque de riso histérico que já me assomava.

Slim correu logo atrás de mim:

—Porque é que aqueles camaradas quiseram dar o fora quando viram a moça entrar? perguntou ele, intrigado.

—Seria que tomaram ela por salteadora?...

Fazendo um esforço sobrehumano para dominar o riso, conseguí por fim dizer solenemente a Slim:

—Os melindrosos assustam-se por nada...

—É mesmo! fez ele, e regressou ao seu lugar à mesa, com uma confiança nova em si próprio. Mas o seu respeito pelos «melindrosos» sofrera um golpe irreparavel: anos depois ainda referia o incidente, como exemplo da influência *debilitadora* da vida nas cidades...

O «cisma» entre os dois aspectos contraditórios de minha própria existência, tornou-se permanente quando, em 1899, o casamento me tornou filha adotiva da Califórnia: mas só adotiva, porque o Novo México sempre permaneceu minha terra! E «ir à minha terra» se tornou para mim um prazer tanto maior, quanto é certo que Ray realizou os sonhos da juventude de mamãe, virando «rei de gado». Sob a sua habil gerência, os ranchos Morley passavam a cobrir muitos hectares, talvez ¼ de milhão, mas ninguem fazia cálculos exatos: mediam 60 quilômetros numa direção, 30 noutra, 15 de largura no extremo mais estreito, — léguas e léguas de beiço para onde quer que a gente se voltasse!

Se alguem um dia sonhou ser «rei de gado», foi o Ray. Quase 2 metros de altura, curtido do sol e do vento, largo de ombros e estreito de ancas, era fonte e inspiração de incontaveis anedotas de força e temeridade.

Não havia situação que parecesse amedrontá-lo. Quando o riacho transbordava e Ray queria atravessá-lo, dava um mergulho na água. Se a torrente o

arrastava 40 braças para juzante e o depunha na mesma margem donde saira, Ray tornava a lançar-se à água, e não havia nada que não fizesse (exceto afogar-se com o cavalo) para chegar ao outro lado... E a razão por que corria todos esses riscos era apenas—querer atravessar o riacho, custasse o que custasse.

Parecia pensar sempre em termos de situações que desafiassem a sua coragem. Dir-se-ia acreditar que toda a gente estava tão disposta quanto ele a empreender qualquer dura tarefa com espírito de sacrifício e incansavel esforço. Firmava-se bem nos seus direitos e esperava sempre que os seus oponentes fizessem o mesmo, — e quem melhores as tivesse, melhores as jogasse! Mas quando não estavam em causa direitos antagônicos, era um grande companheiro para grandes e pequenos, ricos ou pobres.

Acima de tudo, nunca se sentia superior a quem quer que fosse, mas, pela mesma virtude, nunca tambem inferior a ninguem: tal era, aliás, a essência da atitude da nossa gente perante a existência em geral, nesses tempos de vida dura.

De há muito que o Ray se desfez dos seus ranchos e manadas. A chegada dos colonos em regime de *home-stead* e as cercas de arame que por toda parte começaram a erguer-se, acabaram com a criação de gado tal como nós a conhecemos, em vasta escala, e com ela foram-se os velhos modos de vida. Se insistí um pouco mais no carater de Ray, foi só porque nele se concentravam todos os atributos da nossa existência dessa época, — amizade fiel, coragem indômita, indiferença ante as durezas da existência, generosidade aberta e um imenso coração, qualidades que fazem o valor dos homens do sertão.

Fui, não há muito, visitar os nossos sítios... Mal eu tinha chegado, vi um velho Ford Modelo-T, já sem paralamas, guinchar numa parada brusca no leito de cascalho da estrada. E da porta, suspensa milagrosamente com arames, saiu o condutor, a barba hirsuta queimada do fumo, os olhos claros fulgurando de amizade, a boca rasgada num largo sorriso. Estendeu-me a mão calosa e gretada:

—Que tal! disse-me ele à guisa de cumprimento. —Ouví dizer que a senhora estava por aquí, e vim logo pra lhe dizer que nunca esquecí o favor que me fez no primeiro dia que eu dei com os ossos nesta terra... Dá gosto a gente tornar a ver o pessoal do nosso tempo!

Não tive coragem para lhe dizer que não me lembrava de lhe ter nunca feito qualquer favor, nem sequer do seu nome. Mas ele poupou-me a essa dolorosa confissão:

—A senhora está lembrada do dia em que eu fui a cavalo ao sítio velho dos W***, e perguntei qual era o caminho para os JL***? Vosmecê inda me quis explicar o trilho, mas eu era novo na terra, e não percebia bem a sua explicação. Vai vosmecê, arreia um cavalo e deita comigo por aí fora, até onde se avistava o moinho de vento dos JL***... Ainda m'alembra que o seu cavalo era um ruão pequeno, marcado com o número 4. Tinha um passo vivo que parecia trote, e sacudia a cabeça. Vosmecê esté lembrada, não é verdade?

Sim, agora recordava o ruão marcado 4, e dessa lembrança começaram a surgir outras de há muito perdidas. E o meu visitante foi continuado:

—Bons tempos aqueles! Hoje em dia não pode a gente meter a cavalo por esse campo sem topar logo com uma cerca de arame, ou algum sujeito guiando uma vaca Jersey...

Eu mal escutava o que ele me dizia. A minha atenção esforçava-se agora por vencer o lapso que ia do presente ao passado, da velha que sou à mocinha que um dia cavalgou três horas ao lado dum rapaz desconhecido, que só tinha de seu uma aparência agradavel, só porque ele era estranho e precisava dum guia... Foi nesse momento que a idéia desta história me acudiu: a história da moça que eu fui, da sua vida entre cowboys, uma vida que não era a que a sociedade acha mais própria para uma senhora...

Filantropia prática

¶ Em 1784, Benjamin Franklin escreveu a seguinte carta a Benjamin Webb:

«Caro senhor:

Vossa situação me aflige, e tomo a liberdade de vos enviar um cheque no valor de dez luises de ouro. Peço-vos que aceiteis esse dinheiro, não como uma dádiva, mas como um empréstimo. De regresso ao vosso país, certamente conseguireis negócios que vos permitirão honrar todas as vossas dívidas; nesse caso, quando encontrardes tambem uma pessoa honesta, que atravesse dificuldades, podereis emprestar-lhe a soma que ora me deveis. Este é o pagamento que vos peço, e, por vossa vez, solicitareis ao vosso devedor que vos pague por meio de uma operação semelhante, quando a oportunidade se lhe apresentar. Espero, assim, que o dinheiro que vos ofereço passe por muitas mãos, até que seu andamento seja interrompido por qualquer velhaco. Isso é um truque meu para fazer o máximo de benefícios com pequena quantia. Não sou rico bastante para devotar-me a muitas boas obras, e, assim, sou obrigado a ser astuto para do pouco tirar muito. Com os melhores votos para a vossa futura prosperidade, sou,

vosso humilde servo,

B. Franklin

The Wisdom of Franklin, por John Murray (Brentano, ed.)

¶ *O segredo do triste consiste em ter os lazeres necessários para meditar sobre se é feliz ou não.*

—Bernard Shaw

Instantâneos pessoais

GARNER, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, tinha perdido uma aposta de dez dólares num jogo de beisebol, em Washington, e o vencedor pediu-lhe que autografasse a nota.

—Quero dá-la a meu neto, como recordação, explicou ele. —O rapaz quer emoldurá-la, para por na parede do quarto...

—O que, então este dinheiro não é para gastar? perguntou Garner.

—Exatamente.

—Bom, nesse caso, me dê o dinheiro, que eu lhe passo antes um cheque...

—*Journal*, Milwaukee.

UM DIA, logo após a entrada da União Sul-Africana na guerra, um membro da oposição boer, tendo pedido a palavra, requereu que o general Smuts esclarecesse quanto custara à União, precisamente, a remilitarização nacional; sabia o deputado muito bem que era quase impossivel responder a semelhante pergunta. Smuts prometeu a resposta para o dia seguinte...

De fato, na outra sessão o chefe do governo levantou-se na bancada ministerial, puxou o pigarro, e declarou:

—Para esclarecimento do orador que ontem me interpelou, tenho a dizer que a referida despesa foi de 80.169.000 libras, e mais dez xelins e seis pence!

A câmara ficou um momento estarrecida, e depois rompeu em aplausos. E o cavalheiro da oposição ficou muito vermelho!

Acabada a sessão, um amigo de Smuts perguntava-lhe como tinha ele conseguido obter os algarismos.

—É muito simples, replicou o general. —Eu não sabia, e ainda não sei, quanto custara a coisa. O que eu sabia é que a oposição levaria dois meses, e precisaria de vinte contabilistas, para computar a verdadeira despesa, e provar que eu estou enganado...

—Frank Gervasi, *War Has Seven Faces* (Doubleday, Doran, ed.)

A ESPOSA de Thomas Edison conseguiu um dia persuadí-lo a companhá-la a uma recepção, e mais, a envergar a casaca—o que ele não fez sem protestar. A festa foi uma verdadeira estopada, e ao cabo de uma hora Edison estorcia-se, incomodadíssimo, incapaz de virar a cabeça para lado nenhum, que o não estragulasse o colarinho da camisa engomada, duro como pau. A certa altura, não podendo mais conter-se, disse lamentosamente à mulher:

—Vou pra casa, filha.

Mas, em vez de ir para casa, dirigiu-se para o seu laboratório particular, desembaraçou-se do traje de cerimônia, e envergou uma cômoda blusa de trabalho. Depois, para ter a certeza de que nunca mais cairia noutra, pegou num martelo, e pregou a casaca na parede! E ela nunca mais de lá saiu. —E. E. Edgar.

FAZ pouco tempo, Stáline ofereceu um banquete aos membros do Estado-Maior do Exército Vermelho e aos líderes do partido comunista. Assim que chegou, tomou lugar à mesa de honra, e, erguendo um copo de vodka, pronunciou estas palavras: «Camaradas, ergo o meu copo à saude do grande Stáline... do prodigioso Stáline... de Stáline, o chefe dos combatentes da Rússia. E espero sinceramente não tornar a ouvir falar dele esta noite, no nosso banquete.» —Walter Winchell.

ALMA TORTURADA

(Condensação de «Lust for Life»)

por Irving Stone

O AUTOR desta biografia romanceada de Vicente Van Gogh passou mais de um ano na Europa, preparando-se para escrevê-la. Seguiu, curioso e atento, os vestígios que marcam a passagem e as atividades do artista, na Holanda, Bélgica e França. Visitou, um por um, os lugares onde viveu Van Gogh. Ao longo da sua excursão de inteligente pesquisa, não deixou de interrogar todas as pessoas que encontrou, e que porventura houvessem tido qualquer contacto, por mais ligeiro que fosse, com o grande artista. Procedia a tal inquérito, quando passou o aniversário da morte do seu biografado; quis dormir, e dormiu, aquela noite, no próprio leito em que este havia exalado o último suspiro! Em Etten, na província do Brabante, onde fizera Van Gogh seus primeiros ensaios de pintura, entreteve-se longamente com o carteiro que se prestou a servir de modelo ao pintor, de quem os demais vizinhos se afastavam, porque o supunham louco. O carteiro conserva ainda um lenço com que Van Gogh o presenteou.

Copyright, Irving Stone. Ed., Longmans, Green & Co. Nova York.

Preço: $2.50

ALMA TORTURADA

«Há pessoas que têm uma sorte incrivel. Olhe aquele sujeito, por exemplo: o tio é co-proprietário de todas as Galerias Goupil, em París, em Berlim, Bruxelas, Haia e Amesterdã, e, ao que se diz, pretende legar-lhe o negócio. Tem outro tio que possue grandes lojas de objetos de arte em Bruxelas, e outra firma na Holanda, a maior do país. Ora, os Van Gogh, como sabe, são, na Europa, os maiores negociantes de quadros. Dia virá em que este rapaz de cabelos ruivos controlará, a bem dizer, toda a arte continental!»

Assim se referiam alguns vendedores da galeria Goupil, em Londres, ao seu colega Vicente Van Gogh, de quase 22 anos de idade, que ganhava cinco libras por mês, e era tido por todos como rapaz de futuro brilhante, embora fosse um tanto excêntrico. Vicente, entretanto, perdera de repente o interesse que sempre revelara pela venda de quadros. É que se tinha enamorado, pela primeira vez, e o seu amor fora recebido com desprezo.

Na noite em que, desajeitadamente, dissera a Úrsula que a queria para esposa, a moça, pondo nele uns olhos espantados, exclamou: «Sua esposa! Mas é completamente impossivel! Já estou noiva. Meu noivo está no País de Gales.» E, afastando-se, disse, num murmúrio que soou aos ouvidos do rapaz como um grito horroroso: «Que bobo, com essa cabeleira ruiva!»

Para Vicente, foi um golpe que o deixou sem ação. E o sofrimento, coisa estranha, tornou-o, a um só tempo, mais sensivel ao sofrimento alheio, e mais intolerante para com todos os que atingem na vida um êxito ruidoso e facil. «Então há-de um homem passar a vida vendendo quadros sem valor a pessoas sem senso?!» Passou, desde então, a realizar tão poucas vendas, que a sua presença na galeria se tornou de todo inutil. Um mês depois declarou, tranquilamente, que ia deixar o emprego.

Tornou-se pastor, indo exercer o sacerdócio numa escola metodista cujos discípulos provinham dos bairros pobres de Londres. Ao visitar as suas casas, Vicente viu pela primeira vez o que seja a miséria verdadeira: famílias inteiras amontoadas num só quarto, de paredes nuas, a tiritar de frio sob alguns míseros farrapos, e trazendo, nos olhos, reflexos de febre e de doença. Ouvindo a história daquelas vidas, acudiu-lhe à memória uma passagem de Renan: «Os homens não se acham na terra simplesmente para serem felizes ou honestos, mas para realizarem grandes cousas em prol da humanidade e adquirirem nobreza de alma.» Pareceu a Vicente que exercer o papel de evangelista, em meio àquela gente, era algo de soberbo.

Lá num certo domingo, mandaram-no pregar numa igreja importante, ante assistência numerosa e culta. Alí, o seu fervor, a sua voz possante e o seu olhar agudo e vivo produziram profunda sensação. Como as pessoas presentes se reunissem em torno, para lhe apertar a mão, pensou no quanto desejaria depor seu triunfo aos pés de Úrsula, e dividí-lo, assim, com ela. A despeito da chuva, que lhe encharcava a roupa, partiu em direção à morada da moça. A casa estava toda iluminada, e numerosas carruagens esperavam cá fora. Então o vulto de Úrsula e o de um rapaz alto e esbelto desenharam-se na porta, e os convidados sairam, depois deles, rindo e jogando punhados de arroz.... Vicente, fustigado pela chuva, deu meia-volta e, reunindo as suas posses, deixou para sempre a Inglaterra.

Percebeu dentro em breve que não nascera para o clero. Uma pergunta atormentava-o dia e noite: quereria tornar-se, na verdade, um culto e respeitavel sacerdote? E quanto ao belo ideal de acudir, em pessoa, aos pobres, aos enfermos, aos vencidos? «O que eu quero de fato,—concluiu—é trabalhar, com minhas próprias mãos, a serviço de Deus—e isto, não daquí a cinco anos, mas já!»

«Vicente, porque você não vai para o Borinage?» perguntou-lhe um amigo. «É uma região carvoeira da Bélgica, onde os mineiros correm sempre perigo de explosão, ou envenenamento por gás, recebendo salários que mal chegam para manter o corpo e a alma unidos. As casas são cabanas miseraveis, e, durante a maior parte do ano, suas famílias tremem de frio e febre. Aquela gente precisa de um homem como você, Vicente. E o Comitê de Evangelização dar-lhe-á com certeza um posto permanente no lugar.»

Vicente foi. Dentro em pouco, não havia um casebre no lugar a que ele não levasse alimento e conforto, tratando dos doentes, e ensinando aos vencidos o consolo da prece. Em torno às cabanas dos mineiros, havia algumas árvores secas e uns campos desolados recobertos de cinza; sobre tudo aquilo as altas chaminés espalhavam de dia e de noite uma fumaça escura. Os mineiros eram homens de baixa estatura, de ossos descarnados e costas abauladas. Chamavam-nos «Caras Pretas,» pois sabão, para eles, era um luxo. Até morrerem, nunca limpavam totalmente a poeira de carvão que lhes cobria o rosto. Durante o dia a aldeia parecia um deserto. Os caminhos subterrâneos das minas, que se estendiam por meia milha, eram a cidade-labirinto em que a população passava os dias, da infância até a morte. Nem um só dos mineiros conseguira jamais por de lado 10 francos. Vicente, muitas vezes, abriu mão do pouco que possuia—porem de que servira aquilo, quando centenas de pessoas sofriam fome e frio no Borinage!

Ao voltar certa feita para o seu quarto, profundamente perturbado pela miséria e sofrimento que o cercavam, contemplou a confortavel cama em que dormia, com travesseiros limpos e lençóis, e examinou, no armário, as suas roupas a que nada faltava. Alimentava-se melhor, numa só refeição, que os mineiros em toda uma semana. Sentiu-se, de repente, hipócrita e covarde, ele, que andava a pregar as virtudes da pobreza, mas vivia em completo conforto. Pôs numa trouxa as roupas que lhe seriam dispensaveis, afim de dá-las aos necessitados; mudou-se, o que mais é, para um casebre sem janelas, chão de terra batida, varrido pela chuva e pelos ventos. Viveria, já agora, como os próprios mineiros, comendo os mesmos alimentos, dormindo numa cama igual à deles. Chegou até a esfregar carvão no rosto, afim de apresentar o mesmo aspecto. Era afinal um deles, tendo

assim o direito de lhes levar, com justiça, a palavra de Deus.

Aquele ano, o mês de fevereiro foi terrivel. Ocupado em amontoar carvão, em preparar bebidas quentes e remédios, nunca achava tempo para abrir sua Bíblia. A Palavra de Deus era um luxo que os mineiros não podiam sustentar. Ao decrescer o frio, a febre entrou a tomar-lhe o lugar. Cedendo aos outros a maior parte do seu salário, e já com a própria vitalidade prejudicada pelas magras rações de que se vinha nutrindo, Vicente andava pela aldeia a arder em febre, olhos nas órbitas profundas, os nervos agitados em constante tensão, mas levando nas faces descarnadas a expressão de costume,—decidida e tenaz.

E lá chegou o dia em que viu uns vultos negros a correr do edifício cujo ascensor transportava os operários para a mina: «Um desastre!» gritavam. «Ficaram soterrados!» As mulheres e as crianças, tomadas de pavor, correram para lá, algumas a gritar nervosamente, outras com os olhos fixos e arregalados de terror. Um grupo apareceu trazendo três crianças enroladas em cobertores, e horrivelmente queimadas: duas meninas de cerca de 9 anos de idade, e um menino de 10. Todos três desfalecidos, não havia pedaço do cabelo ou da pele, exposto à vista, que não mostrasse profundas queimaduras. Os gritos de aflição das famílias presentes aumentaram. Vicente entrou numa cabana, despindo, alí, a primeira das crianças: «Azeite, azeite, depressa! e tragam-me ataduras.» A mãe, indo buscar um pouco de azeite, voltou para o lado dele. «Não temos nada com que fazer uma atadura,» soluçou. Vicente, arrancando o capote que trazia nos ombros, rasgou em tiras a camisa que vestia, enrolando a criança da cabeça aos pés; fez o mesmo com a segunda menina. Chegada a vez do garoto, já teve que recorrer às ceroulas de lã, cortando-as em pedaços, que converteu em ataduras.

As patrulhas de voluntários trabalharam, na mina, durante doze dias, sem parar. Como não fora possivel retirar carvão durante aquele tempo, os salários não foram pagos, e, embora toda a aldeia não possuisse mais um centavo, os mineiros fizeram greve. Vicente gastou em alimento, para si e para os outros, os seus últimos 50 francos, mas, dentro em breve nada mais restava, e os homens viam, inativos, suas famílias expostas a toda a sorte de vicissitudes.

Àquela altura, justamente, o Comitê de Evangelização, qualificando a conduta de Vicente de «ignominiosa e indigna» suprimiu-lhe o salário, proibindo-o de pregar. A companhia de minas, por seu lado, anunciou que, se os operários não voltassem ao trabalho incontinenti, a mina seria fechada para sempre. Um grupo veio consultar Vicente: «Que devemos fazer? É o senhor a única pessoa em quem depositamos plena confiança. Se nos aconselha a voltar—voltaremos. Se achar, porem, preferivel que morramos todos de fome —seguiremos, de igual modo, o seu conselho.» Vicente fez um derradeiro apelo ao administrador, mas vencido, por fim, viu-se obrigado a aconselhar os mineiros a que retomassem o trabalho. Sentiu, porem, desde aí, que ainda que lhe fosse permitido, não mais lhe seria lícito pregar para aqueles homens. Nem Deus dera ouvidos aos mineiros, nem ele havia conseguido que o fizesse.

Era novamente a debacle: sem emprego, sem dinheiro, sem saude, faleciа-lhe ânimo e coragem para recomeçar nova existência. Depois daquilo tudo, trocava raramente uma palavra ou

outra com os habitantes do lugar, e não entrava nunca em seus casebres. Sem Deus, nada lhe restava.

Meses depois, alguma coisa aflorou à alma de Vicente. Haveria decerto nele algo de aproveitavel; não seria, certamente, nem um inutil, nem um louco: poderia contribuir de qualquer modo para o bem da humanidade. Mas qual seria esse modo? Sentado à entrada da mina, começou a desenhar, em rápidos esboços, as silhuetas dos mineiros que dalí saiam. Àquela noite, ao fazer os seus desenhos, percebeu, subitamente, que o mundo da pintura lhe estava a fazer falta.

Nasceu-lhe um novo interesse pelas coisas; passou a frequentar as cabanas, como dantes, mas agora, em vez da Bíblia, levava consigo lapis e papel. Desenhava as crianças, sentadas, a brincar, as mulheres curvadas sobre o fogão, ou a família reunida para a ceia. E assim sentia-se feliz. Nem o serviço de Deus pudera jamais mergulhá-lo naquele êxtase completo a que o levava a criação artística. Passando, certa feita, onze dias seguidos, sem um centavo sequer, vivendo, apenas, dos pedaços de pão que lhe emprestavam, não deixou escapar uma só queixa. Pouco importava o estômago vazio, quando trazia o espírito nutrido.

Mas os meses foram correndo, e a doença acabou por derribá-lo. Desalentado, recolheu-se ao leito. A febre punha lampejos fugitivos nos seus olhos de um verde carregado como as águas profundas do oceano. E assim veio encontrá-lo seu irmão, chegado de surpresa. Theo, embora tivesse apenas 23 anos de idade, prosperava, em París, como negociante de objetos de arte: Vicente, sujo e mal tratado, trazia a cobrir-lhe o rosto a barba áspera e ruiva. Foi, para Theo, uma impressão tremenda, pois Vicente, para ele, era a pessoa mais importante do mundo. Acudiria certamente ao irmão: era mister tirá-lo daquele inferno; pô-lo, de novo, de pé... «Olhe, Vicente, se acha que encontrou de fato a sua verdadeira vocação, vamos formar uma sociedade. Você entra com o trabalho, e eu com o capital. Viverá onde entender: París, Amesterdã, ou a Haia. E gastará o tempo que quiser.»

Foi por então que Vicente veio instalar-se na Haia, como discipulo de Anton Mauve, reputado pintor. Para o «atelier,» que alugara à razão de 14 francos por mês, comprou uma mesa de cozinha, duas cadeiras e um cobertor; mas dormia no chão. Os modelos entretanto saiam-lhe caros e, quando os 100 francos mensais que Theo lhe fornecia chegavam com atrazo, ficava, às vezes, sem um centavo. Dar-se-ia que lhe era do destino passar fome toda a vida? Não havia, no mundo, um só lugar onde pudesse, enfim, viver pelo menos alguns momentos de conforto e de paz? Aos tormentos da pobreza, juntavam-se os da solidão em que vivia. Nem contava sequer com um companheiro que, de quando em vez, lhe dissesse uma palavra amiga. Uma noite, quando só lhe restavam uns poucos francos, estava sentado num café que os operários frequentavam, quando ouviu o criado, com voz áspera, perguntar a uma mulher, na mesa ao lado:

—Mais vinho?

—Não tenho mais nem um centavo, respondeu ela.

Vicente, então, voltou-se amavelmente:—Quer tomar um copo comigo?

Não era ela jovem nem bonita; na sua expressão apagada e nos seus olhos

assim o direito de lhes levar, com justiça, a palavra de Deus.

Aquele ano, o mês de fevereiro foi terrivel. Ocupado em amontoar carvão, em preparar bebidas quentes e remédios, nunca achava tempo para abrir sua Bíblia. A Palavra de Deus era um luxo que os mineiros não podiam sustentar. Ao decrescer o frio, a febre entrou a tomar-lhe o lugar. Cedendo aos outros a maior parte do seu salário, e já com a própria vitalidade prejudicada pelas magras rações de que se vinha nutrindo, Vicente andava pela aldeia a arder em febre, olhos nas órbitas profundas, os nervos agitados em constante tensão, mas levando nas faces descarnadas a expressão de costume,—decidida e tenaz.

E lá chegou o dia em que viu uns vultos negros a correr do edifício cujo ascensor transportava os operários para a mina: «Um desastre!» gritavam. «Ficaram soterrados!» As mulheres e as crianças, tomadas de pavor, correram para lá, algumas a gritar nervosamente, outras com os olhos fixos e arregalados de terror. Um grupo apareceu trazendo três crianças enroladas em cobertores, e horrivelmente queimadas: duas meninas de cerca de 9 anos de idade, e um menino de 10. Todos três desfalecidos, não havia pedaço do cabelo ou da pele, exposto à vista, que não mostrasse profundas queimaduras. Os gritos de aflição das famílias presentes aumentaram. Vicente entrou numa cabana, despindo, alí, a primeira das crianças: «Azeite, azeite, depressa! e tragam-me ataduras.» A mãe, indo buscar um pouco de azeite, voltou para o lado dele. «Não temos nada com que fazer uma atadura,» soluçou. Vicente, arrancando o capote que trazia nos ombros, rasgou em tiras a camisa que vestia, enrolando a criança da cabeça aos pés; fez o mesmo com a segunda menina. Chegada a vez do garoto, já teve que recorrer às ceroulas de lã, cortando-as em pedaços, que converteu em ataduras.

As patrulhas de voluntários trabalharam, na mina, durante doze dias, sem parar. Como não fora possivel retirar carvão durante aquele tempo, os salários não foram pagos, e, embora toda a aldeia não possuisse mais um centavo, os mineiros fizeram greve. Vicente gastou em alimento, para si e para os outros, os seus últimos 50 francos, mas, dentro em breve nada mais restava, e os homens viam, inativos, suas famílias expostas a toda a sorte de vicissitudes.

Àquela altura, justamente, o Comitê de Evangelização, qualificando a conduta de Vicente de «ignominiosa e indigna» suprimiu-lhe o salário, proibindo-o de pregar. A companhia de minas, por seu lado, anunciou que, se os operários não voltassem ao trabalho incontinenti, a mina seria fechada para sempre. Um grupo veio consultar Vicente: «Que devemos fazer? É o senhor a única pessoa em quem depositamos plena confiança. Se nos aconselha a voltar—voltaremos. Se achar, porem, preferivel que morramos todos de fome —seguiremos, de igual modo, o seu conselho.» Vicente fez um derradeiro apelo ao administrador, mas vencido, por fim, viu-se obrigado a aconselhar os mineiros a que retomassem o trabalho. Sentiu, porem, desde aí, que ainda que lhe fosse permitido, não mais lhe seria lícito pregar para aqueles homens. Nem Deus dera ouvidos aos mineiros, nem ele havia conseguido que o fizesse.

Era novamente a debacle: sem emprego, sem dinheiro, sem saude, falecia-lhe ânimo e coragem para recomeçar nova existência. Depois daquilo tudo, trocava raramente uma palavra ou outra com os habitantes do lugar, e não entrava nunca em seus casebres. Sem Deus, nada lhe restava.

Meses depois, alguma coisa aflorou à alma de Vicente. Haveria decerto nele algo de aproveitavel; não seria, certamente, nem um inutil, nem um louco: poderia contribuir de qualquer modo para o bem da humanidade. Mas qual seria esse modo? Sentado à entrada da mina, começou a desenhar, em rápidos esboços, as silhuetas dos mineiros que dalí saiam. Àquela noite, ao fazer os seus desenhos, percebeu, subitamente, que o mundo da pintura lhe estava a fazer falta.

Nasceu-lhe um novo interesse pelas coisas; passou a frequentar as cabanas, como dantes, mas agora, em vez da Bíblia, levava consigo lapis e papel. Desenhava as crianças, sentadas, a brincar, as mulheres curvadas sobre o fogão, ou a família reunida para a ceia. E assim sentia-se feliz. Nem o serviço de Deus pudera jamais mergulhá-lo naquele êxtase completo a que o levava a criação artística. Passando, certa feita, onze dias seguidos, sem um centavo sequer, vivendo, apenas, dos pedaços de pão que lhe emprestavam, não deixou escapar uma só queixa. Pouco importava o estômago vazio, quando trazia o espírito nutrido.

Mas os meses foram correndo, e a doença acabou por derribá-lo. Desalentado, recolheu-se ao leito. A febre punha lampejos fugitivos nos seus olhos de um verde carregado como as águas profundas do oceano. E assim veio encontrá-lo seu irmão, chegado de surpresa. Theo, embora tivesse apenas 23 anos de idade, prosperava, em París, como negociante de objetos de arte: Vicente, sujo e mal tratado, trazia a cobrir-lhe o rosto a barba áspera e ruiva. Foi, para Theo, uma impressão tremenda, pois Vicente, para ele, era a pessoa mais importante do mundo. Acudiria certamente ao irmão: era mister tirá-lo daquele inferno; pô-lo, de novo, de pé... «Olhe, Vicente, se acha que encontrou de fato a sua verdadeira vocação, vamos formar uma sociedade. Você entra com o trabalho, e eu com o capital. Viverá onde entender: París, Amesterdã, ou a Haia. E gastará o tempo que quiser.»

Foi por então que Vicente veio instalar-se na Haia, como discipulo de Anton Mauve, reputado pintor. Para o «atelier,» que alugara à razão de 14 francos por mês, comprou uma mesa de cozinha, duas cadeiras e um cobertor; mas dormia no chão. Os modelos entretanto saiam-lhe caros e, quando os 100 francos mensais que Theo lhe fornecia chegavam com atrazo, ficava, às vezes, sem um centavo. Dar-se-ia que lhe era do destino passar fome toda a vida? Não havia, no mundo, um só lugar onde pudesse, enfim, viver pelo menos alguns momentos de conforto e de paz? Aos tormentos da pobreza, juntavam-se os da solidão em que vivia. Nem contava sequer com um companheiro que, de quando em vez, lhe dissesse uma palavra amiga. Uma noite, quando só lhe restavam uns poucos francos, estava sentado num café que os operários frequentavam, quando ouviu o criado, com voz áspera, perguntar a uma mulher, na mesa ao lado:

—Mais vinho?

—Não tenho mais nem um centavo, respondeu ela.

Vicente, então, voltou-se amavelmente:—Quer tomar um copo comigo?

Não era ela jovem nem bonita; na sua expressão apagada e nos seus olhos

tristonhos, via-se bem que a vida já lhe deixara fundas cicatrizes.

—Qual é a profissão do senhor? perguntou-lhe, tomando o copo entre as mãos.

—Sou pintor.

—Ah! Deve ser, tambem, uma vida infernal. Por mim, quando as forças me permitem, sou lavadeira.

—E quando não?

—Quando não... volto para a rua. Há que dar de comer às crianças.

—E quantas tem?

—Cinco. E estou para ter outra. Acendeu, ao dizê-lo, uma ponta de cigarro.

Ficaram silenciosos e, depois de trocar umas poucas palavras, mergulharam de novo no silêncio. Por fim Vicente perguntou:—Posso acompanhá-la? Sinto-me muito só.

Quando acordou, na manhã seguinte, não se achava sozinho. Alguem dormia ao seu lado. Sentiu-se grato para com Cristina.

Algum tempo depois, ela passou a vir todos os dias, e posar para ele. Começou, pouco a pouco, a cozinhar-lhe as refeições e a lavar-lhe e remendar-lhe a roupa. Recebia, por tudo aquilo, um franco por dia. Não era, claro está, uma perfeita dona de casa; às vezes perdia a cabeça e punha-se a dizer palavras do mais baixo calão. Frequentemente os francos acabavam uma semana antes que chegasse o dinheiro de Theo.

A primeira encomenda que Vicente recebeu, como artista, veio-lhe do tio, Cornelius Van Gogh, rico negociante de quadros. Doze desenhos a dois francos e cincoenta cada um! Se por acaso fossem bons, encomendaria mais doze—com vistas de Amsterdã. Sentiu-se inebriado pelo êxito.

Algum tempo depois enviava os desenhos. Era porem preciso esperar que os 30 francos lhe chegassem às mãos. Enquanto isto, surgiam críticas severas à sua atitude. «Você não deve esquecer que pertence à família dos Van Gogh. Anda, no entanto, por aí em companhias e lugares duvidosos.» «Ora, então! «seu» Van Gogh, diz-se por toda a parte que anda a viver com uma mulher—e que mulher!» Chegou-lhe, o que mais é, uma carta do tio: «Vicente: Acabo de ser posto a par da sua miseravel conduta. Peço-lhe o favor de cancelar a encomenda dos quadros. C.V.G.»

O seu destino estava agora nas mãos de Theo. Escreveu longas cartas ao irmão, explicando-lhe tudo, a insistir sobre o fato de que em verdade pretendia casar-se com Cristina; pedindo-lhe, por fim, que o não abandonasse. Theo prometeu que o não faria, concordando Vicente em não casar-se até poder ganhar algum dinheiro.

Trabalhou desde então serenamente. No Borinage, tornara-se um escravo de Deus. Já agora, porem, encontrara nova religião; o vulto de um lavrador a recortar-se no horizonte, um recanto de praia, o mar, o céu, eram temas dificeis, mas de tanta beleza, que bem valia dedicar a vida à gloria de exprimir a poesia latente em tudo aquilo. O verão correu bem. Deixava a casa, então, de madrugada, regressando ao morrer a luz do dia. Mas vindo o inverno, forçado que se via a trabalhar no estúdio, tornou-se tudo mais dificil. Levantava-se, ainda, às cinco da manhã, encarregando-se, ele próprio, da limpeza da casa, afim de que Cristina pudesse posar mais tempo. Ela, porem, nem sempre concordava. «Não quero mais saber destas histórias de modelo!» protestava. E, num de seus acessos de costume, lá se punha a berrar: «Você só quis saber de mim por interesse! Para economizar o seu dinheiro às minhas custas! Não passo, aquí, de uma criada!» Viu-se, afinal, forçado a aumentar as despesas alugando modelos; tornaram-se assim mais frequentes os dias em que não tinham sequer o que comer.

Ao aproximar-se a primavera, a situação agravou-se ainda mais. Resolveu, finalmente, anunciar a Theo que pretendia separar-se de Cristina. Recebeu, em resposta, 100 francos mais que os de costume, e sinceras e calorosas palavras de aprovação. Pouco tempo depois enviou-lhe um bilhete: «Querido Theo: Resolví seguir para Arles. Ponha alguns quadros meus nas paredes de seu quarto, afim de que eu lhe fique na lembrança. Aperta-lhe as mãos, em pensamento, o Vicente.»

O COLORIDO soberbo das paisagens do sul fê-lo passar as mãos por sobre os olhos, custando-lhe crer no que via. O azul profundo dos céus, os doirados reflexos do sol ardente, o vermelho sanguíneo da terra barrenta, os tons róseos e frescos dos pomares em flor—como pintar aquelas tonalidades indizíveis? Mas todas as manhãs saía com o romper da madrugada, e regressava, cada tarde, trazendo alguma tela terminada. Os longos anos de luta resultaram em súbita explosão de inspirado vigor. Era, de fato, cada nova tela, uma brilhante reprodução da natureza que tentara refletir. Quanto à vida privada—inteiramente nula. Vicente se transformou numa verdadeira máquina de trabalho. A vida resumia-se, para ele, no poder ou faculdade de criar.

Embora o sol chegasse às vezes a cegá-lo, nunca usava chapéu. Ao vir a noite, a cabeça lhe ardia como um globo de fogo. Vendo-o passar assim, cabeça nua, queixo erguido, com os cabelos vermelhos e revoltos e um brilho inquieto a tremer-lhe nos olhos, os arlesianos apelidaram-no *Fouroux*. «Um louco de cabelos ruivos»—terão talvez razão—retrucava Vicente, «mas que hei-de fazer?»

Como o sono tardasse, certa noite, foi ter a um cabaré. Uma rapariga, sentando-se na cadeira vizinha à dele, murmurou-lhe sorrindo:

—Chamo-me Raquel.

Vicente examinou-lhe o rosto cheio, com os olhos grandes e vazios de um azul cristalino, e os negros caracóis que o emolduravam.

—Pois olhe que é bem bonita, Raquel.

Ela sorriu, e segurou-lhe a mão.

—Gosto que os homens gostem de mim. Torna tudo mais facil—não é mesmo?

Ao deixá-la o pintor, ela o beijou na orelha.—Que orelhas engraçadas! exclamou.—São semelhantes às de um cachorrinho. Promete vir me ver todas as noites?

—Todas as noites não, Raquel, pela simples razão de que não tenho dinheiro para tanto.

—Então mande-me a orelha, sim? Eu gostaria de brincar com ela. Não se esqueça, portanto, de mandá-la.

Durante todo aquele verão, Vicente trabalhou infatigavelmente. Não fazia senão trabalhar. Mas a situação financeira agravou-se de novo, e ele se viu, durante quatro dias, reduzido a viver de 23 chícaras de café e um pedaço de pão. Foi quando descobriu uma casa, pela qual se tomou de encantos. Pintada de amarelo, os soalhos cobertos de ladrilho vermelho, paredes brancas e lavadas, a receber, em cheio, a luz do sol, custava toda ela, entretanto, 15 francos mensais! Tinha acomodações suficientes

para dois homens: que maravilha se o seu velho amigo, Gauguin, viesse para alí, viver com ele! O próprio Theo poderia vir durante as férias!

Gauguin veio, afinal. O encontro foi festivo e caloroso. Uma vez instalados, todavia, e embora vivessem ambos mergulhados no trabalho, as discordâncias começaram a surgir. Brigavam, durante o dia, por questões relativas à pintura—mas, à noite, era em torno dos seus «egos» exaltados que se travavam discussões sem fim. Recorreram ao absinto para acalmar os nervos excitados, excitando-os, com isto, mais ainda. Estonteados pelo trabalho excessivo e pelo absinto, lançavam-se um contra o outro em acessos cada vez mais violentos. Uma noite, num café, Vicente atirou um copo à cabeça de Gauguin. Este, conseguindo evitar o golpe, levou para casa o companheiro embriagado, e fê-lo recolher-se ao leito.

Logrou assim aquietá-lo, por alguns dias. Mas após uma ceia em que os dois se mostravam deprimidos, Gauguin, súbito, retirou-se sem dizer para onde ia. Um passo familiar, rápido e curto, fê-lo voltar a cabeça. Vicente precipitou-se sobre ele, e a lâmina de uma navalha aberta brilhou no espaço. Gauguin virou-se, e o outro, depois de olhá-lo alguns segundos, boquiaberto, saiu a correr, para casa. Gauguin, aquela noite, recolheu-se a um hotel.

Pouco tempo decorrido, Vicente, que trazia a cabeça enrolada numa espessa atadura, foi ter ao cabaré, e mandou chamar Raquel. Esta não se fez esperar:

—Ah! é você, Fouroux? Quer vir comigo, não? pois venha.

—Não. Não se trata disto. Vim apenas trazer-lhe uma lembrança.

—Uma lembrança?! Que bom! O que será?

—Abra, e veja...

Raquel abriu o embrulho, e recuou, apavorada as ver entre os papéis uma orelha, de onde o sangue, ainda fresco, gotejava. E a rapariga, pálida de espanto, caiu desfalecida.

Quando Vicente despertou, na manhã seguinte, viu Theo à cabeceira do seu leito. Tomou-lhe a mão e pôs-se a soluçar:

—Theo... você sempre aparece... quando eu preciso de você.

Theo nem pôde falar.

Dentro de duas semanas, o médico, dr. Rey, permitiu que Vicente recomeçasse a pintar, recomendando, contudo que tivesse cautela. Várias semanas passaram. Mas certa noite, num café, o pintor, de repente, lançando ao chão o prato que tinha diante de si, levantou-se, bruscamente, pondo a mesa por terra, a ponta-pés, e berrando, enfurecido: «Você está vendo se consegue envenenar-me!»

Dois guardas carregaram-no para o hospital. Pouco depois, Theo consentiu que o dr. Rey internasse Vicente em St. Remy, e as portas do asilo de loucos se fecharam sobre ele.

Mais tarde, analisando o seu mal, Vicente observou que os ataques se repetiam, regularmente, de três em três meses. Chegou-lhe, àquela altura, uma carta registrada, de Theo: «Tenho, afinal, boas notícias a dar-lhe. O seu quadro «A Vinha Vermelha» foi vendido por 400 francos! Parabens, meu velho. Dentro em breve as suas telas serão vendidas por toda a Europa.» Era a maior soma que Vicente jamais tivera nas mãos. A alegria o curou de um dia para o outro. Lançou-se de novo ao trabalho, com redobrado afã. Agora, porem, sabendo de ante-mão quando ressurgiam os ataques, teria a devida

cautela; durante a fase prevista, procuraria recolher-se ao leito por alguns dias, e, passado o perigo, volveria ao trabalho interrompido.

Dois dias antes daquele em que, segundo os seus cálculos, devia ser atingido pelo próximo ataque, Vicente, sentindo-se embora em perfeita saude, tratou de ir para a cama. Chegou porem o dia fatídico, e outro se lhe seguiu, sem que lhe declarasse o mínimo sintoma da moléstia; ao chegar o terceiro dia, murmurou, a sorrir, de si para consigo: «Evidentemente, o médico enganou-se. Curei-me, de uma vez, dos tais ataques. Amanhã mesmo, ponho-me ao trabalho!» Àquela noite, quando todos dormiam, desceu da cama, foi ter, de pés descalços, ao lugar onde guardavam o carvão, e, apanhando uns pedaços do mesmo, pôs-se a esfregá-lo no rosto, gritando: «Estão vendo?! Agora sim! Agora, posso pregar aos mineiros os mandamentos de Deus!»

De madrugada, a polícia encontrou-o murmurando confusas orações, e respondendo a vozes misteriosas que lhe transmitiam inquietadores segredos. O médico era amigo de Vicente, e entendido em pintura. «Ah, Vicente!» exclamara, certa feita. «Se eu tivesse pintado uma só destas telas! Curo, às vezes, é certo, as dores físicas dos homens—mas que vale uma pobre vida humana? Estes seus «Girassóis» hão-de levar, por séculos e séculos, alegria e calor aos corações que mais precisam de conforto. Que mais queria você para ser de fato um homem perfeita e completamente feliz?!»

Vicente sentia, no entretanto, indescritivel fadiga. Atormentavam-lhe o espírito preocupações interminaveis: se Theo perdesse o emprego; se, no próximo ataque, o mal de que sofria o levasse à loucura...

Uma tarde, tomando da palheta e do pincel, pôs-se a galgar uma colina em direção ao campo, onde as espigas verdes se balouçavam ao sopro do vento. Alí, sozinho, o rosto erguido em direção ao sol, apoiou contra o peito o cano de um revolver que trouxera consigo. E rolou sobre a terra bafejada de luz, que lhe abriu, generosa, os braços maternais.

Maravilhas da burocracia

¶ Não há muito tempo, alguem sugeriu no Departamento da Guerra que fossem destruidos certos volumosos documentos arquivados, já velhos e sem importância, para dar lugar a outros mais recentes. O ofício, contendo a proposta, foi transmitido de uma repartição para outra, segundo a rotina de sempre, até constituir por si só uma respeitavel papelada. Finalmente, depois de ter sido a sugestão aprovada por mais de uma dúzia de funcionários, foi dada a ordem para a destruição dos velhos papéis arquivados. Todavia, o funcionário a quem coube dar a informação final sobre o caso acrescentou o seguinte despacho: «Desde que sejam feitas cópias de todos os documentos destruidos.»

—*Pathfinder*

Mande já verificar o equilíbrio das rodas — e a cada 4.000 km. de marcha.

Verifique a pressão pelo menos uma vez por semana.

Faça a "rotação" dos pneus, incluindo o sobressalente, todos os 4.000 quilômetros.

Mande já inspecionar os pneus, por dentro e por fora, e a cada 4.000 km. de marcha.

Mande hoje mesmo verificar os freios e o alinhamento das rodas —e a cada 4.000 km. de marcha.

PARE

com esse estrago de pneus!

• Daquí a um ano, estará o sr. chorando a quilometragem que hoje podia e devia ter poupado. Siga estas 5 regras tão simples, abaixo indicadas, e pode esperar até 30% de quilometragem extra dos atuais pneus de seu carro. E sobretudo . . . conduza devagar!

Peça ao Agente local da Goodyear o folheto gratis: "Como conseguir que os pneus durem mais."

UNIDOS HOJE ★ UNIDOS SEMPRE

PNEUS GOODYEAR

Fábricas no Brasil e na Argentina. Filiais, Distribuidores e Agentes por toda a América Latina.

Não se pode ganhar guerras sem máquinas de escrever

As forças armadas dos Estados Unidos precisam de máquinas de escrever capazes de rapidez e eficiência. O comércio americano está fornecendo ao seu governo todas as máquinas de escrever que pode dispensar atualmente, visto que os fabricantes não estão agora ocupados na sua produção. Ao contrário, eles estão ocupados na manufatura de materiais bélicos, que são mais essenciais.

Isso explica porque V.S. não pode ober hoje uma nova máquina L C Smith . . . porque V.S. deve preservar em bom estado o seu material de escritório até que finde a guerra.

AS AMERICAS UNIDAS ★ UNIDAS VENCERÃO

Estamos certos que, se V.S. possue máquinas L C Smith, elas durarão, mesmo sob o mais rigoroso uso, e baseado no bom serviço das L C Smith, V.S. procurará adquirir outras depois de terminada a guerra.

SMITH CORONA

PARA ESCRITÓRIOS PORTÁTEIS

Máquinas de Escrever

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC
Syracuse, N. Y., E. U. A.

Snra. Franklin D. Roosevelt, Jr., que alem de ser encantadora faz parte da família mais importante dos Estados-Unidos, diz "Desde meu tempo de colégio, uso Pond's pelo menos duas vezes por dia."

Dê *Frescôr* a cutis nos dias de calor

com este simples método dos 2 cremes Pond's!

Faça com que sua pele fique agradavelmente fresca, macia e suave com o encanto de uma flor, mesmo nos dias mais quentes de verão, fazendo *todos os dias* o tratamento de beleza aconselhado por Pond's.

1. O Cold Cream Pond's—para limpar e amaciar a cutis. Espalhe este delicioso creme sobre seu rosto e pescoço, fazendo uma ligeira massagem com a ponta dos dedos. Retire depois o creme e faça uma nova aplicação com outra camada de Cold Cream para obter aquela limpeza e macieza extra que deseja. A seguir, torne a limpar.

2. O Creme Evanescente Pond's—é uma esplendida base para pó de arroz! Aplique uma camada fina sobre seu rosto antes de fazer a "maquillage." Protegerá sua pele contra o sol e o vento, retendo o pó de arroz durante muitas horas.

AMOSTRA GRATIS! Queira enviar-nos o coupon com Cr. $1.00 para as despesas de remessa de uma amostra dos 2 Cremes **POND'S.**

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL, 3-DDDD-25X
Avenida do Estado, 5.537—São Paulo

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____

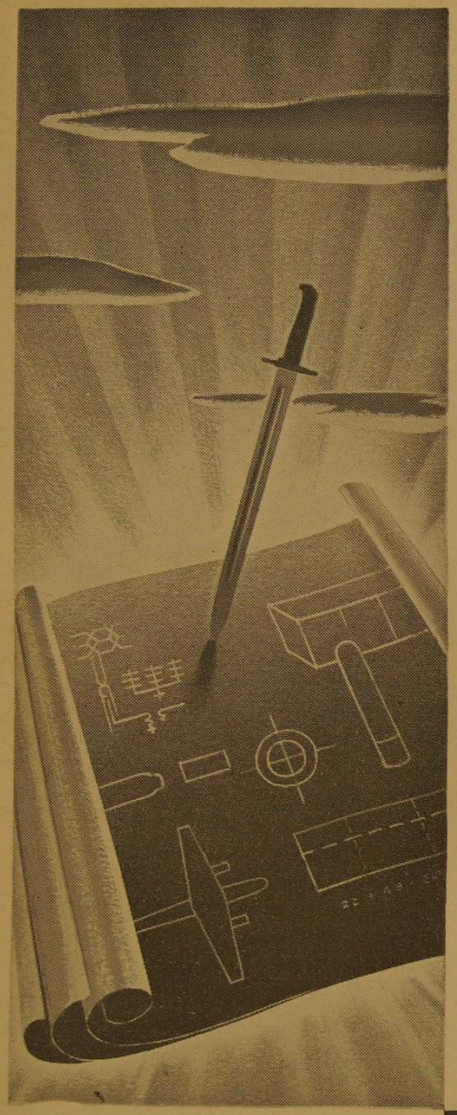
Hoje em COMBATE
Amanhã no COMÉRCIO

Os comandos Aliados não tiveram que se ralar muito para conseguir desembarcar homens e material rolante nas mais afastadas frentes de batalha da África e do Pacífico Sul: Os botes Higgins, com rapidez e eficiência, deram conta da tarefa para cujo desempenho haviam sido escolhidos. Demonstraram robustez de construção verdadeiramente sem rival! E quando a paz voltar, V. S. vê-los-á tambem dando conta do recado...

HIGGINS INDUSTRIES, INC.

NEW ORLEANS, U. S. A.

Os maiores construtores de lanchas no mundo



DOS PLANOS DA GUERRA DE HOJE,

SURGIRÁ UMA NOVA ERA— AMANHÃ!

AMANHÃ—quando a insanidade bélica tiver cedido lugar aos empreendimentos úteis da paz—um novo mundo surgirá, um mundo fundido no fogo intenso da guerra e elaborado nos grandes centros de pesquizas e de realizações científicas, do escopo dos laboratórios da Philco.

Cincoenta anos de progresso serão assinalados nas páginas da história, pelas mãos da guerra—progresso nos meios de transportes, progresso nas vias de comunicações, progresso que se acentuará em habitações melhores e melhores condições de vida, progresso, enfim, nas diversões do espírito e na apreciação cultural.

Vários e portentosos planos já aguardam a sua execução pelos técnicos da Philco, logo que cessar, no mundo, essa destruição científica e raiar para a humanidade a éra dos prodígios de AMANHÃ!

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

PHILCO

PROEMINENTES EM RADIO, REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

UMA SÓ IDÉIA:

VENCER

TEXACO

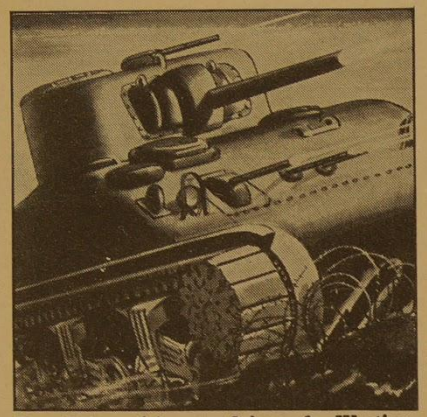
REG. T. M.

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

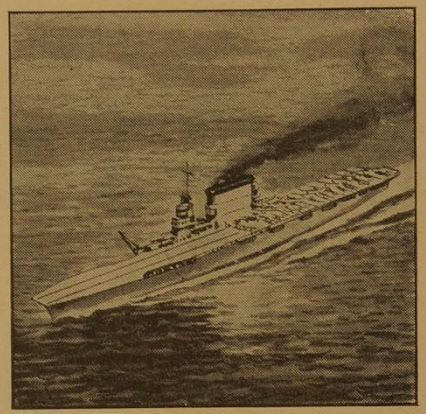
THE TEXAS COMPANY E SEUS DISTRIBUIDORES

Todos os 11 minutos...

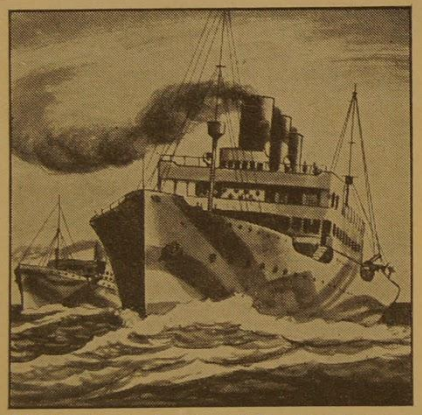
Eis alguns dos materiais de guerra que a Westinghouse está embarcando para as fôrças combatentes das Nações Unidas—à velocidade de um vagão carregado todos os 11 minutos—noite e dia!



Dos Laboratórios e oficinas da Westinghouse: aparelhos de regulamento de fogo, instrumentos para os tanques americanos.



Turbinas, engrenagens, elevadores, sistemas para sinais e outros aparelhos elétricos para navios de guerra.



Maquinismos de propulsão, geradores e motores auxiliares para navios de marinha mercante.

Aparelhos para comunicações, rádios "walkie-talkie", capacetes plásticos, binóculos, para as fôrças terrestres.

A WESTINGHOUSE está agora fazendo entregas de materiais de guerra em termos de 4000 vagões por mês!

Isto equivale a um trem com 37 milhas de comprimento. Representa a produção de um carregamento completo de um vagão de materiais de guerra cada onze minutos, durante as vinte e quatro horas do dia.

Até que seja ganha a guerra cada fração dos conhecimentos da Westinghouse em investigação, engenharia e fabricação de artigos elétricos será devotada a um único fim: VITÓRIA!

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL CO.
40 Wall St. New York, N. Y., E. U. A.

Westinghouse
Fundada em 1886

...pondo a Eletricidade ao serviço da Vitória

Grandes e pequenos Sacrifícios
— que aceleram a Vitória

A convicção sincera de que uma causa é justa leva todos, grandes e pequenos, a fazer sacrifícios de toda a ordem.

Os que não são chamados a combater, cumprem o seu dever de modos diversos. E tudo quanto se faz, por insignificante que pareça, contribue para apressar a Vitória dos que lutam pela Liberdade, tanto a das Américas como a do mundo inteiro!

UNITED STATES RUBBER COMPANY US TRADE MARK

UNITED STATES RUBBER EXPORT Co. Ltd.
1230 Sixth Avenue
Rockefeller Center
Nova York • E. U. A.

Fabricantes dos Pneumáticos "U. S. Royal"

A Singer continua às suas ordens!

• As Lojas Singer continuarão servindo ao público, ainda que só possam dispor de limitada quantidade de máquinas novas, até que termine a guerra. Procure uma Loja Singer quando tenha algum problema de costura. Por exemplo:

A sua màquina salta pontos ou está emperrada?

Dispomos de serviço mecânico para manter a sua máquina em bom estado. O custo é módico.

Precisa Ajuda na Costura?

Oferecemos instrução em diversos ramos da costura moderna. Dispomos tambem de uteis brochuras sôbre a arte da costura e do bordado a máquina. Peça informações!

Precisa de agulhas e acessórios?

V. Exa. pode obtê-los sempre, nas Lojas Singer, assim como óleo, correias, e outras peças. Para assegurar-se da aquisição de produtos e serviços Singer legítimos, procure na vitrina da loja o famoso "S" vermelho.

★ *Um vestido elegante e facil de fazer—de crepe com pintas pretas e rosadas, e a saia de roda, tufada.*

Copyright 1943 by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

A suavizante LANOLINA evita o ardor que se sente após a barba feita

Agora num excelente creme de barbear!

Durante anos a fio os médicos têm receitado a suavizante Lanolina para as peles ressecadas e irritáveis. Extraída da lã, Lanolina é em tudo semelhante à gordura natural da pele.

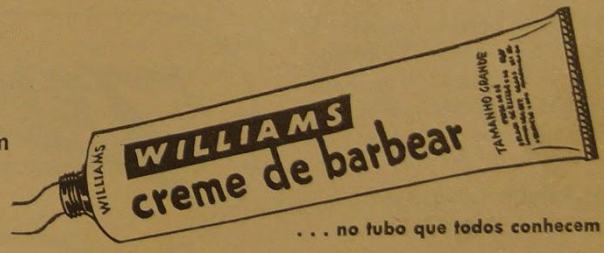
Agora no Creme de Barbear Williams—Por meio de um processo especial, a suavizante Lanolina foi adicionada ao Creme de Barbear Williams, o mesmo insuperável Williams, famoso em todo o mundo. A sua espuma rica e espêssa torna a sua barba macia, permitindo-lhe escanhoar-se bem e fàcilmente.

Amacia e refresca a pele—A Lanolina no Creme de Barbear Williams evita o repuxamento e o ardor que geralmente se experimentam após escanhoar-se bem a barba e deixa em sua pele uma sensação agradável de maciez e frescor.

Livre de coloração artificial—O Creme de Barbear Williams não contém agentes colorantes. Feito exclusivamente de ingredientes de primeira qualidade é de um branco puro na côr e delicado à sua pele.

Este novo creme é o melhor jamais feito por Williams e Williams é sinônimo de qualidade insuperável, há mais de 100 anos. Adquira hoje um tubo e veja que grande diferença sentirá sua pele!

Agora contém a suavizante **LANOLINA**



. . . no tubo que todos conhecem

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Ao lado do seu *Zenith*, ela escuta ansiosamente as últimas notícias dos afastados campos de batalha, onde seu espôso e seu irmão estão defendendo a liberdade . . .

Terminado o noticiário e após um ligeiro movimento do "dial," chegam aos seus ouvidos aquelas canções que tanto agradavam ao seu espôso e que tantas vezes ambos cantarolavam juntos . . .

Recordações ! Essas felizes recordações de tempos idos são um bálsamo nestes dias aziagos ! Hoje, ela vive só para os seus seres queridos e alimenta em o seu coração a esperança de ver todos novamente reunidos ao voltar a paz, depois da Vitória!

Algum dia o seu rádio *Zenith* lhe trará a grande notícia . . . *Zenith*, símbolo da mais alta qualidade em rádios, é hoje o símbolo de devoção à causa da Liberdade, dedicando toda a sua produção aos Exércitos que a defendem.

•

Agentes em todas as cidades principais

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

Chamem-no Relâmpago ⚡
— DIZEM OS PILOTOS

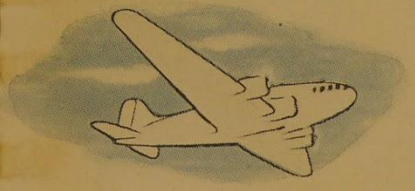
Ninguem teve tempo de dar um nome a este avião Lockheed de caça, quando nasceu. Conheciam-no só por um número, o P-38. Depois, os pilotos o lançaram em subidas diretas à estratosfera, até altitudes de 13.000 metros... altitudes essas que mesmo os bombardeiros mais poderosos não podiam alcançar... para então descer das nuvens como centelha vingadora. Com o acelerador todo aberto voaram a velocidades que nunca se tinham conseguido em avião de caça. Puxando os gatilhos, viram como o fogo concentrado do seu canhão e suas metralhadoras podia destroçar qualquer objeto no ar.

Este avião só se poderia chamar *Relâmpago* (Lightning)!... Nome que lhe deram os pilotos, e que ele bem merece. Um nome que devemos conservar... «Lightning» Lockheed.

Lockheed Aircraft Corporation... Vega Aircraft Corporation... Burbank, Califórnia, E.U.A.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA...

Garantido
PARA SEMPRE



Garantido não por anos—não por vida—mas *garantido para sempre* . . . é a garantia de Serviço de Consêrto que V. Sa. recebe com cada Caneta Skyline e Lapiseira de Repetição Eversharp—identificadas pela marca dupla ✓✓ no gancho.

A Alimentação Mágica na Caneta Eversharp evita derrames nos aviões a milhares de metros do solo—da mesma forma que ao nível da terra. Ela escreve instantanea e suavemente—até à última gota de tinta.

A Lapiseira de Repetição Eversharp dispara bicos novos—como uma metralhadora—quando o senhor precisa dêles. Basta oprimir no Botão Mágico.

EVERSHARP

CANETAS SKYLINE
E LAPISEIRAS DE REPETIÇÃO

Compare-as com qualquer outra caneta ou lapiseira no mercado. A comparação demonstrará que ao dar Eversharp V. Sa. dará o melhor!

Beleza encantadora—desenho aérodinâmico—grande variedade em côres—estilos para senhoras e para cavalheiros. O presente ideal para qualquer ocasião.

EVERSHARP, INC.
CHICAGO, E. U. A. N.

© by Eversharp, Inc., Chicago, U. S. A.

JOHNSON "SEA-HORSES"

Passear de barco foi sempre, em todos os tempos, passatempo revigorante e ao mesmo tempo romântico. Os Cavalos-Marinhos Johnson muito contribuiram para incentivar este esporte. Hoje qualquer pessoa pode possuir um barco a motor e gozar as delícias das grandes velocidades sobre a água, graças ao motor Johnson, possante e de facil controle.

Devido às suas qualidades de resistência, segurança e durabilidade, os motores-de-popa Johnson são tambem utilizados com proveito para transporte comercial em barcos de tamanho pequeno ou medio.

As fábricas dos Cavalos-Marinhos Johnson, com todos os seus recursos, estão hoje a serviço da causa aliada, produzindo máquinas de precisão. Mas assim que chegar o dia da Vitória, os motores-de-popa Johnson estarão de novo no mercado.

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano de um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

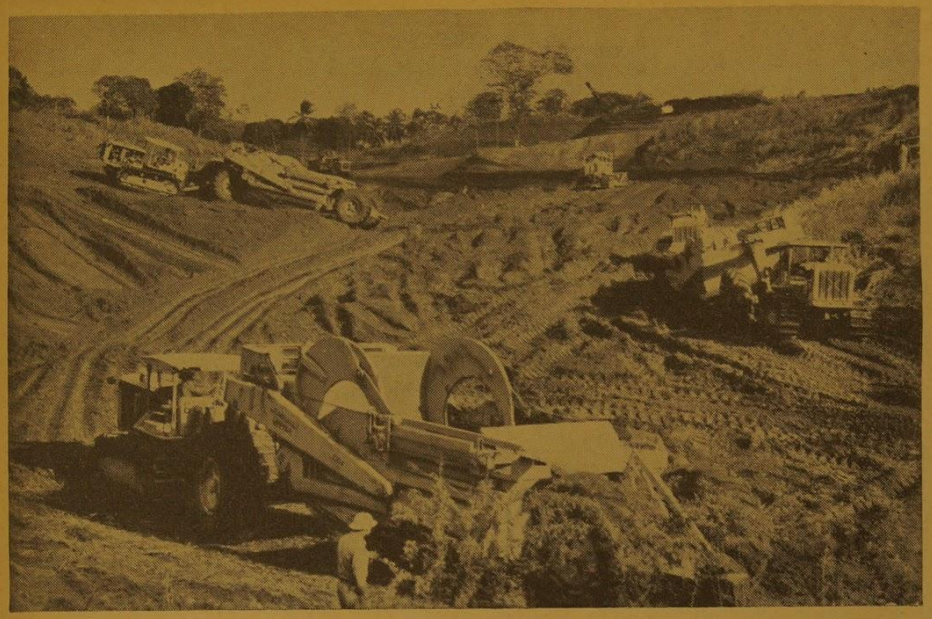
OUTBOARD MARINE & MANUFACTURING CO.
Seção de Exportação Waukegan, Illinois, U. S. A.

È favor mandar-me um exemplar da planta para um barco pequeno.

Nome_____

Endereço_____

_____



CONTRIBUINDO PARA MAIOR PROTEÇÃO DAS AMÉRICAS NOS DOIS OCEANOS

O Canal de Panamá tem importancia vital na defesa do Hemisfério Ocidental. Para maior proteção das costas imensas de ambas as Américas, já se acha em construção um terceiro sistema de gigantescas comportas. Como sempre onde há grande remoções de terra a fazer, a força-motriz Diesel "Caterpillar," está sendo usada em grande escala. Resistentes, possantes e infaliveis, lá estão os tratores "Caterpillar" movimentando os bulldozers, manobrando raspadeiras e escavadeiras, transportando de 10 a 30 toneladas de cada vez. As motoniveladoras Diesel "Caterpillar" servem tambem para aterrar e nivelar terrenos, os motores e geradores elétricos fornecem luz e força-motriz para as bombas e compressores.

E por que razão o trator Diesel "Caterpillar" se encontra sempre em plena atividade onde quer que as Nações Unidas se achem em operações de guerra; em milhares de obras de construção de estradas, represas, aeroportos; na mineração e na extração do petróleo, em trabalhos de agricultura e indústria, e isto no mundo inteiro? Porque o trator Diesel "Caterpillar" reune ao mesmo tempo uma grande capacidade de trabalho e um record de infalibilidade, a uma economia excepcional de combustivel e grande resistência, seja qual for a tarefa que lhe imponham. Porque para assegurar o perfeito funcionamento de suas máquinas há uma organisação eficiente e de escopo mundial, que garante a substituição de peças e serviços mecânicos especializados sempre que isto se torne necessário.

Servir as Américas no seu esforço de guerra, eis a preocupação máxima de "Caterpillar" e seus representantes. Esperam um dia poder serví-las com a mesma sinceridade e perfeição, quando as condições do mundo permitirem o movimento normal do comércio e o prosseguimento dos projétos de paz.

CATERPILLAR TRACTOR CO., Peoria, Illinois, E. U. A.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

TRATORES • MÁQUINAS PARA ESTRADAS • MOTORES E GERADORES ELÉTRICOS

DA FORNALHA AO PRODUTO ACABADO

Tudo sob o mesmo teto!

As chumaceiras não podem ser melhores do que o aço de que são fabricadas. Este axioma tornou-se *evidente,* há mais de 25 anos, à Timken Roller Bearing Company, que então pôs a sua fundição e material de laboração do aço a trabalhar para suprir as nossas necessidades da manufatura de chumaceiras da marca «Timken.»

O aço Timken, de valor quase inestimavel para o superior funcionamento que carateriza as Chumaceiras Timken, não tardou a ser reconhecido e procurado por compradores exigentes de ligas de aço de fundição elétrica, e de tubos inteiriços de aço. As Brocas Timken para Rochas tambem estão obtendo reputação similar, pois que esse produto da Timken é fabricado com o Aço Timken. Nos últimos 25 anos o Aço Timken alcançou tão justa e invejavel fama, como a das Chumaceiras Timken.

THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, CANTON, OHIO, E.U.A.

TIMKEN

TRADE-MARK

TAPERED ROLLER BEARINGS

★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★

Rebitando as Asas dos Bombardeiros

OUTRO PONTO VITAL DA PRODUÇÃO DE GUERRA QUE DEPENDE DA "LUBRIFICAÇÃO CORRETA"

AS ferramentas pneumáticas—com sua música ensurdecedora—estão acelerando o ritmo da produção bélica. Milhares de marteletes são empregados na rebitagem dos bombardeiros, dos encouraçados e da blindagem dos tanques.

Note-se o pistão, no corte da figura acima. Ele vai e vem mais de 2.000 vezes por minuto! Essa peça requer um óleo leve bastante para permitir movimentos suaves e rapidíssimos . . . e capaz, ao mesmo tempo, de vedar o pistão, reduzir ao mínimo o desgaste e evitar a ferrugem!

Há 77 anos a Socony-Vacuum vem resolvendo os problemas, de todos os tipos, que se apresentam no campo da lubrificação, creando os óleos e graxas que se tornam necessários. Essa contínua experiência é uma das razões por que os lubrificantes Gargoyle — mundialmente reconhecidos como a mais alta expressão de qualidade — são os óleos e graxas para as máquinas que hoje não encontram peças sobressalentes.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Veja esta noite no céu o novo mapa da América

Não o está vendo? Pois estes aviadores o vêem.

Nos céus do mundo inteiro, dilacerados pela guerra, os aviões de combate, como o veloz e mortífero Airacobra, armado de canhão, demonstram que não há mais fronteiras e que estão antiquadas as velhas concepções limitadas de tempo e de espaço.

Depois da Vitória, na Idade do Ar, tiraremos proveito da habilidade e experiência que adquirimos na fabricação de milhares e milhares de aviões de combate. Tiraremos proveito dos tremendos progressos que se estão fazendo em engenharia aeronáutica e na produção de aviões.

Nossas grandes fábricas estarão prontas a fabricar os aviões da Paz. Aviões que o transportarão a milhares de quilômetros de distância em poucas horas. Aviões que lhe trarão as coisas que deseja—de qualquer lugar nas Américas.

Tal é o novo mapa das Américas! Olhe esta noite o céu: poderá vê-lo alí. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, Nova York, E. U. A.

Airacobras para a vitória —

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR

AS AMERICAS UNIDAS
UNIDAS VENCERÃO
★ ESTADOS UNIDOS DO BRASIL ★ ESTADOS UNIDOS DA AMERICA
BRASIL • ESTADOS UNIDOS • BOLIVIA • PERU • EQUADOR • VENEZUELA • PARAGUAI • URUGUAI • ARGENTINA • CHILE • CUBA • HAITI • REPUBLICA DOMINICANA • COSTA RICA • PANAMA • COLOMBIA • SALVADOR • NICARAGUA • HONDURAS • GUATEMALA • MEXICO

ESTAMOS LHE PRESTANDO MAIOR SERVIÇO DESTA MANEIRA

Durante anos tôda a capacidade e recursos da grande Fábrica Servel estavam encaminhados num só sentido—fabricar a melhor geladeira do mercado . . . a *unica* geladeira que pode ser usada em qualquer lugar, porque funciona com querosene e com gás.

Nestes últimos anos a Geladeira Servel a Querosene ou Gás tem tido uma popularidade sempre crescente nas Américas, permitindo a milhares e milhares de famílias, nas grandes cidades como nos lugarejos mais afastados, uma vida mais abundante e mais saudável.

Mas desde Maio último que das nossas Fábricas em Evansville, Indiana, nenhuma geladeira saiu para uso de civís. Desde aquela data vimos consagrando exclusivamente à fabricação de produtos essenciais a guerra, a perfeição técnica que tornara famosos os produtos Servel em tempo de paz.

Como a guerra hoje é uma guerra *total*, a Fábrica Servel está contribuindo com sua parte . . . para proteger a liberdade e as vidas dos povos livres dêste continente . . . com uma produção *total* para a guerra. Acreditamos estar assim servindo melhor às Américas!

Mas a paz voltará um dia. O Eixo será vencido. E quando chegar êsse dia, Servel retomará sua grande tarefa de fabricar geladeiras—tornando-as mais perfeitas que nunca, graças a experiencia hoje obtida na execução de trabalhos de importancia vital.

SERVEL, INC.
DEPARTAMENTO DE EXPORTAÇÃO
51 East 42nd St., New York, N. Y., E. U. A.
FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL
a Querosene e a Gás

Quando os "Aços de Guerra" Voltarem Para o Campo . . .

Abrir-se-á uma era nova e prodigiosa na agricultura, quando os "aços de guerra" voltarem para o campo. Os agricultores poderão então vender suas colheitas por *menor preço*, porque o aço de suas *máquinas agrícolas será melhor*.

Os tratores, assim como *toda* a aparelhagem para a agricultura, serão mais resistentes, mais leves e terão maior eficiência. O arame farpado, a cerca de arame, os materiais de cobertura e revestimento, calhas e tubos, serão mais duraveis e custarão mais barato.

Os aços para a agricultura foram juntar-se aos aços para a aviação e muitas centenas de outros produtos e ligas de Republic Steel, e combatem hoje, lado a lado, pela liberdade do Hemisfério Ocidental. Os metalurgistas da Republic Steel descobriram muitas aplicações novas na guerra para estes excelentes aços, e criaram tambem *novos* aços de combate. Nas intensas pesquisas feitas com finalidade de guerra, a Republic Steel está adquirindo conhecimentos novos e excepcional perícia que serão utilizados depois para ganhar a paz.

E esses excelentes aços Republic, mais leves e mais resistentes depois de passar vitoriosamente pelas provas de guerra, tornarão possivel não só a fabricação de melhores máquinas para a agricultura, mas tambem de melhores automoveis, aviões, objetos de uso doméstico, contribuindo assim para que *todos nós*, no futuro, vivamos num mundo melhor e mais rico.

Nós, Americanos, podemos aspirar a um futuro glorioso. Mas para atingí-lo, devemos trabalhar *unidos* para a VITÓRIA!

REPUBLIC STEEL — VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave., New York, N. Y., E.U.A. Endereço telegráfico: «TONCAN»

Escritórios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Venezuela, Ilhas Virgínias.

CHICAGO SAUDA AS *Américas*

Os habitantes de Chicago, como todos os outros bons cidadãos das Nações Unidas, dedicaram as suas vidas com o objetivo de ganhar a guerra contra as nações agressoras.

The Chicago Association of Commerce (Camara de Comércio de Chicago), como uma entidade representativa de todas as empresas comérciais e industriais de Chicago, envia esta mensagem aos seus amigos das outras Republicas Americanas.

Nós, como vocês, reconhecemos sinceramente a necessidade de continuar "os negocios como sempre", mas no presente crítico momento precisamos contribuir inteiramente para ajudar as forcas armadas do nosso país. Desde que não nos é possivel oferecer aos nossos visinhos da América Latina os produtos que até recentemente vínhamos exportando para os seus países, desejamos dizer-lhes que estes produtos são hoje exclusivamente manufaturados para servir as forças armadas das Nacões Unidas.

A união material e espiritual das Nações do Hemisfério Americano que compartilham conosco na escassez de produtos e em nossos sacrifícios, concorrerão, finalmente, para um definitivo triunfo dos direitos do cidadão livre e então voltaremos a gozar de todas as vantagens e confôrto de que agora nos vemos privados.

THE CHICAGO ASSOCIATION OF COMMERCE

CHICAGO, U. S. A.

Os amigos da liberdade criam asas!

Os BONS pilotos de combate se fazem—não nascem feitos.

E para adestrar bastantes pilotos para uma guerra total . . . bastantes navegadores . . . bastantes bombardeiros . . . são necessários aviões e *mais* aviões de treinamento!

Desde que Hitler invadiu a Polônia, das Fábricas Boeing, no Midwest, têm saído mais aviões de treinamento inicial de que de outra qualquer fábrica dos Estados Unidos.

E é por isto que os homens e mulheres que trabalham nas Fábricas Boeing sentem-se especialmente orgulhosos, quando leem que os aviadores americanos em aviões de caça e de bombardeio, estão atacando o inimigo nos seus pontos vitais. Sabem que provavelmente os aviadores em ação tiveram seu treinamento inicial num avião Boeing.

Os aviões de treinamento Boeing são o PT-17 usado pelo Exército, os N2S-2 e o N2S-3, usados pela Marinha, os aviões de bombardeio para treinamento de tripulação, os AT-15, nos quais os pilotos, bombardeiros, navegadores, artilheiros e demais membros da tripulação são treinados em conjunto. E nos campos de treino da Inglaterra e da China . . . do Canadá, México e Cuba . . . e de seis repúblicas da América do Sul . . . os aviões Boeing estão ajudando aos jovens das nações amigas a criar asas.

• • •

A precisão e excelência de fabricação empregadas na produção dos Boeing para treino inicial e para treino de tripulação, nas "Fortalezas Voadoras," nos "Stratoliners*" e nos "Clíperes Pan Americanos," serão mais tarde utilizadas para as necessidades de paz. Assim pois, as pesquizas que se fazem agora nas Fabricas Boeing . . . em rádio e refrigeração . . . em aquecimento e hidráulica . . . em isolamento de som e vários outros setores da engenharia . . . farão com que os frutos da Vitória sejam colhidos mais depressa.*

BOEING

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • Do Stratoliner • Dos Clíperes Pan Americanos

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registada da Fábrica Boeing.*

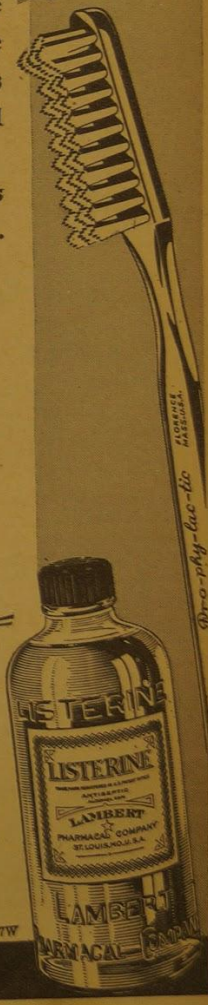
PARA A COMPLETA HIGIENE DA BOCA

CONSERVE OS SEUS DENTES BRANCOS E BRILHANTES

COM **A ESCÔVA DE DENTES QUE LIMPA TODOS OS DENTES**

A Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic é desenhada cientìficamente para alcançar e limpar *todos* os dentes. A sua superfície curva e resistente intromete-se entre os dentes, removendo as menores partículas de alimento. O topete da escôva, alcança e escôva fácil e detalhadamente os dentes detrás.

As Escôvas de Dentes Pro-phy-lac-tic são encontradas em vários estilos e tamanhos. Compre uma Pro-phy-lac-tic, para usá-la.



COM **O CREME DENTAL LISTERINE, E OBTER DENTES ALVOS E CORUSCANTES**

A fórmula secreta do Creme Dental Listerine possúe o máximo poder de limpeza e polimento. Os seus dentes tornam-se alvíssimos e de um brilho esplêndido—a sua boca torna-se mais fresca—mais *limpa*...E, o que é mais, você ficará entusiasmado com o agradável gosto do Creme Dental Listerine!

E MANTENHA O SEU HÁLITO SUAVE -DESTRÚA OS GERMENS DA BOCA

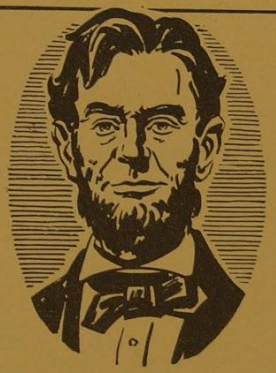
COM ...o Antissético Listerine. Um gargarejo diário com o Antissético Listerine—puro—destruirá milhões de germens da boca e da garganta—ajudará a proteger-lhe contra resfriados e inflamações da garganta. Terminará qualquer máu cheiro, também, deixando o seu hálito docemente perfumado.

77W

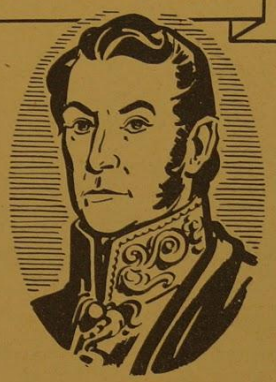
VOCÊ NECESSITA OS TRÊS

NOMES FAMOSOS NAS DUAS AMÉRICAS

SIMON BOLÍVAR — O Libertador, sob cuja direção genial conquistaram sua liberdade os paizes que são hoje a Venezuela, a Colombia, o Equador, o Perú, o Panamá e a Bolívia.



ABRAÃO LINCOLN — O décimo-sexto presidente dos Estados Unidos. Governou o país durante a guerra entre os Estados do Norte e do Sul. Humanitário e emancipador dos escravos.

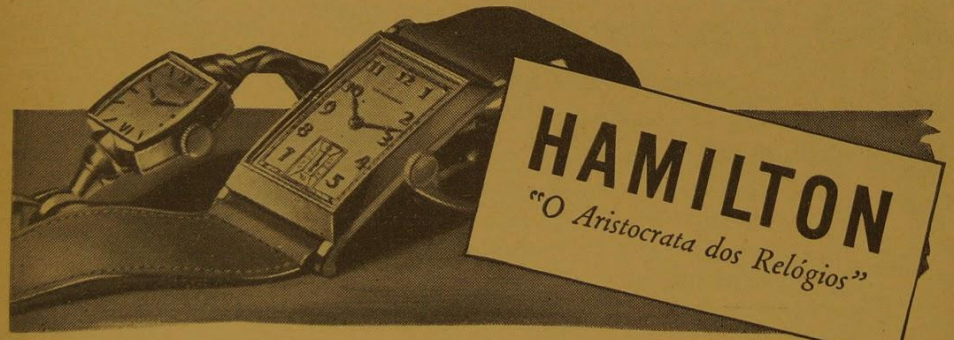


JOSÉ DE SAN MARTIN — Soldado valoroso e estadista de visão clara que libertou a Argentina, o Chile e o Perú do jugo da Espanha, para depois renunciar a todas as honras.

HÁ UM OUTRO nome tambem famoso nas Américas: é o nome de HAMILTON. Talvez já o conheça, talvez tenha tido a sorte de possuir um destes excelentes e belos relógios, fabricados nos Estados Unidos há mais de 50 anos . . . Que felizardo!

No momento atual, a perícia de Hamilton na fabricação de relógios de precisão foi requisitada pelo governo dos Estados Unidos. Todos os esforços de Hamilton se consagram agora à produção de complicadas máquinas de relojoaria que vão ajudar a ganhar a guerra.

Se o senhor não puder ter hoje o relógio Hamilton que deseja— então será um desejo a ser satisfeito no futuro . . . quando voltar a paz ao mundo. É um nome que vale a pena ter na memória.



Um *Prazer* que lhe está Reservado

Quer se trate de um "Manhattan", quer de um "old fashioned" ou de um "high ball" — a expectativa do prazer é sempre muito mais aguda, quando se sabe que na preparação de uma bebida entra um *rye* ou *bourbon* Old Schenley. Este whiskey, que é o mais suave de todos os whiskeys americanos, obtido por distilação de matérias primas selecionadas e armazenado em barrís de carvalho branco tostado, em adegas cuja temperatura é cuidadosamente regulada, faz uma bebida que lhe há-de ficar de memória.

Se nunca provou o superlativo paladar do Old Schenley, para a próxima vez exija esta marca de qualidade. E se o bar que o sr. frequenta ou o seu fornecedor o não tiverem em estoque, queira tomar nota, para lhes conseguir uma amostra tão depressa melhorem as condições de navegação. De qualquer maneira, o Old Schenley é um prazer que lhe está reservado!

O WHISKEY MAIS SUAVE DA AMÉRICA

E' *tão* natural escrever com esta nova caneta!

Basta escrever seu nome com esta notavel caneta Parker "51"—e verá que as inovações que ela apresenta tornam todas as outras canetas antiquadas!

Sua ponta, tipo "torpedo", está sempre úmida—começa a escrever logo que toca o papel. Corre tão rapidamente sobre este, que a mão parece andar mais depressa que o pensamento!

O que vem depois é então *pura* mágica! Não é preciso mata-borrão! Nesta *caneta* sensacional usa-se uma *tinta* tambem nova e extraordinária, a Tinta Parker "51"—um líquido de evaporação tão rápida, que seca ao escrever!

Peça a uma loja de sua confiança para que lhe deixe ver as qualidades surpreendentes do novo tipo de caneta Parker "51". Escrever será então uma experiência nova e cheia de encanto. Como lembrança não tem rival!

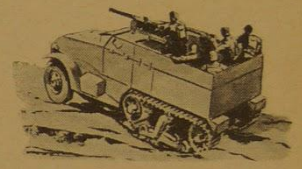
Escreve sêco... com tinta úmida!

PARKER "51"

♦ GARANTIA VITALÍCIA—*O Diamante Azul que se vê na Caneta Parker é uma garantia incondicional de funcionamento vitalício, que o fabricante oferece ao dono da Caneta Parker, sem outro encargo que CR$10,00 para cobrir porte, seguro e embalagem, uma vez que a caneta não tenha sido intencionalmente danificada e nos seja devolvida completa.*

Unicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA, Rua 1° de Março, 9-1°, Rio de Janeiro

Contribuindo à fôrça das Américas!



PRODUTOS AUTO-LITE —AO SEU DISPÔR

VELAS PARA AUTOMÓVEL AUTO-LITE
BATERIAS
SISTEMAS DE ARRANQUE, ILUMINAÇÃO E IGNIÇÃO "AUTO-LITE"
ARAME E CABO "AUTO-LITE"

PRODUTOS AUTO-LITE AO SERVIÇO DAS NAÇÕES UNIDAS

MECANISMO DE CONTRÔLE DE FOGO — PROJÉTEIS — ILUMINAÇÃO PARA DENSAS TREVAS (PARA "BLACKOUT") — SOLENOIDES PARA DISPARAR ARMAS DE FOGO—RELAIS, COMUTADORES E REGULADORES—PALAMENTA DE RANCHO DOS SOLDADOS—SISTEMAS DE ARRANQUE, ILUMINAÇÃO E IGNIÇÃO—VELAS PARA AUTOMÓVEL—CARTUXEIRAS DE AÇO—MATERIAIS DE COURO—FUSOS—GERADORES—ARMADURA BLINDADA—MOTORES DE FÔRÇA FRACCIONAL EM CAVALOS-VAPOR—INSTRUMENTOS E MANÔMETROS—BUZINAS E APARELHAMENTOS DE SINAIS—BATERIAS—PLACAS METÁLICAS PARA MARCAS—FUNDIÇÕES DE FERRO—PRODUTOS PLÁSTICOS—ARAME E CABO—ACELERADORES—MOLDES DE ALUMINIO E ZINCO.

Por um quarto de século AUTO-LITE dedicou suas grandes fábricas à produção de excelente equipamento elétrico e mecânico para automóveis,—prestando-se a servir ao prazer e ao confôrto das Américas.

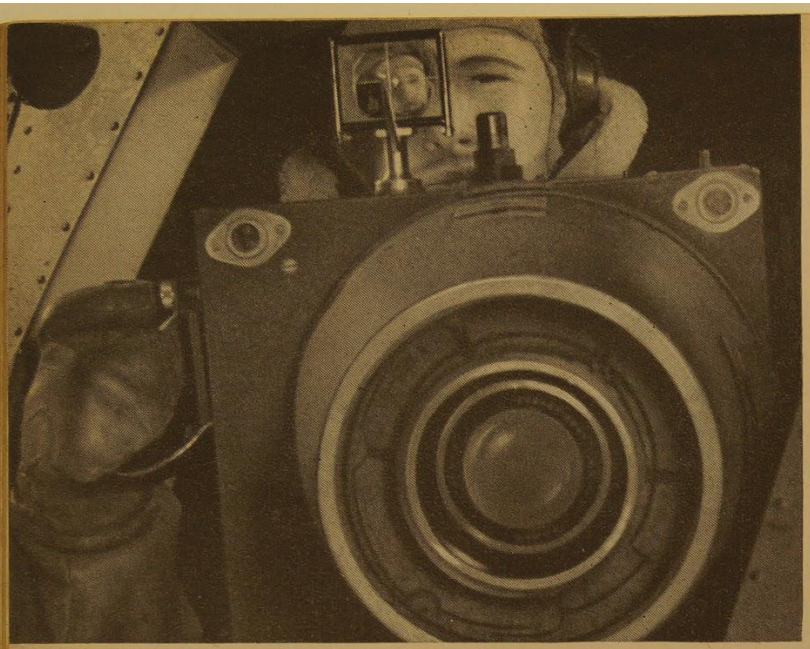
Em dois breves anos AUTO-LITE transformou e ampliou os edifícios das suas fábricas, dirigindo a maior parte dos seus grandes recursos e perícia técnica à produção de uma larga variedade de equipamento de precisão para as fôrças armadas das Nações Unidas,—na terra, no mar e no ar.

Dessa maneira, AUTO-LITE aumenta orgulhosamente a fôrça crescente das Américas Unidas, unidas para a vitória, unidas para a liberdade.

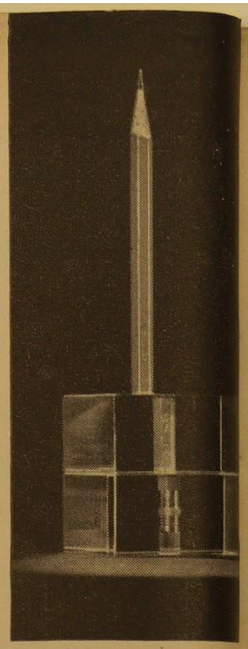
THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
(*Export Merchandising Division*)
Chrysler Building, New York, N. Y., U. S. A.

13-X

AUTO-LITE



Os aviões feitos para voar mais depressa e a maiores altitudes vieram criar novos problemas para os fabricantes de lentes. O novo tipo de vidro da Kodak produz lentes que recolhem mais luz e dão uma imagem mais definida de toda a área abrangida pela foto.



O cubo inferior mostra a maior capacidade do novo vidro Kodak para refração dos raios luminosos em comparação com o tipo antiquado no cubo superior. O mais significativo da invenção é que isso não vai acompanhado do aumento habitual de dispersão da luz.

★

Este vidro novo aperfeiçoa assombrosamente a fotografia aérea

A SÍLICA foi sempre uma das matérias-primas essenciais do vidro ótico. Pela primeira vez na história da fabricação do vidro, a Kodak está hoje produzindo um vidro ótico *sem sílica*. Coisa quase tão inovadora, no campo da Ótica, como o seria fazer aço . . . sem ferro!

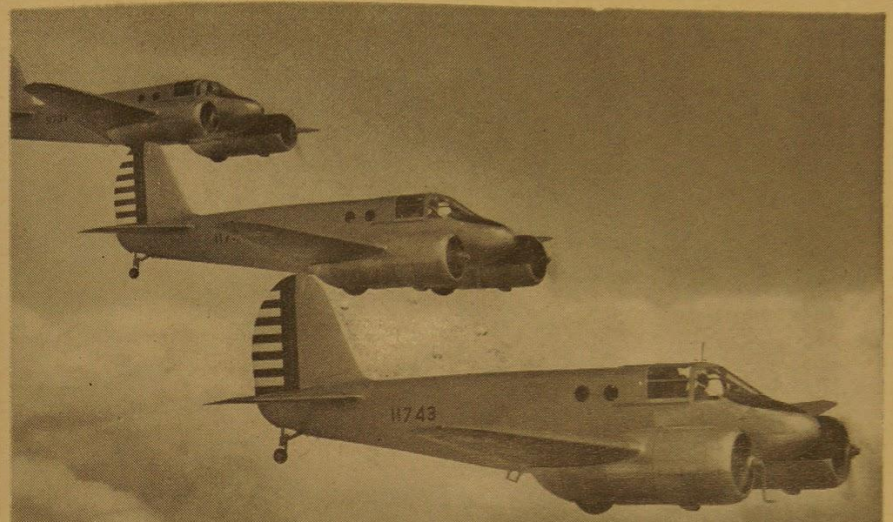
Para a fotografia, esta "primeira descoberta fundamental dos últimos 56 anos" significa que os aviadores podem utilizar câmaras aéreas dotadas de lentes duas vezes e meia superiores, em velocidade, às melhores lentes até agora usadas . . .

Após os trabalhos preparatórios para este novo vidro, efetuados pelos cientistas da Kodak em colaboração com o doutor G. W. Morey, do Laboratório Geofísico dos Estados Unidos da América, foram necessários quatro anos para aperfeiçoar seu fabrico e encontrar as novas fórmulas necessárias ao acabamento das lentes.

Enquanto que, hoje, os novos elementos óticos só se encontram em muitos dos aparelhos ao serviço das Nações Unidas,— alcançada a Vitória, estas lentes ficarão ao dispor de todo o mundo nos finos aparelhos Kodak. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., Estados Unidos do Norte.

KODAK . . . a fotografia ao serviço do progresso humano

Quarto de uma série de anúncios



A FUNÇÃO Dos Beechcraft

PRIMEIRO DE UMA SÉRIE

Vemos acima o tipo de avião de Treinamento Progressivo, fabricado pela Beech Aircraft Corporation para o Exército Americano. Tem a denominação AT-10 BEECHCRAFT e é usado pela Força Aérea Americana para, no último estágio de treinamento, habituar os estudantes-aviadores ao manejo dos aviões bi-motores. Nestes aviões se encontram todos os instrumentos geralmente utilizados no manejo dos bi-motores de maiores dimensões. São uma transição necessária e lógica no treinamento de pilotos militares.

Os AT-10 têm excelentes características de vôo, e combinam uma grande velocidade de vôo com uma velocidade moderada de aterrissagem, permitindo assim que o estudante se familiarize com a alta velocidade dos aviões de dois motores, sem exigir a perícia consumada de um veterano.

. . .

O uso dos AT-10 e de outros aviões semelhantes, nas fases intermediárias do treino, vem mostrar mais uma vez que os futuros pilotos de combate da Força Aérea Americana estão recebendo o melhor treinamento do mundo.

Beech Aircraft CORPORATION

OS BEECHCRAFT ESTÃO CUMPRINDO BEM SUA TAREFA

WICHITA, KANSAS, E.U.A.

GRANDEZA DA DEMOCRACIA

São evidentes para todos nós os sacrifícios que a Vitória nesta guerra nos impõe.

Os apelos do governo para que todos contribuam às despesas da guerra; as suas súplicas para que poupemos gasolina e borracha; as economias necessárias para se evitar a inflação; a necessidade de racionar muitos gêneros essenciais ao consumo—tudo isso se tornou claro e imperativo na mente do povo.

A necessidade despertou-nos, não só para as dimensões da tarefa que se nos impõe, mas para o fato de que o futuro das Américas está em jogo; e a esse chamado estamos respondendo todos, da maneira mais apropriada.

Nossos corações falam, nossas bolsas se abrem generosamente; e não obstante a variedade de nossos credos, raças e partidos, todas as nossas divergências de opinião se estão discretamente apagando perante a emergência com a qual nos confrontamos.

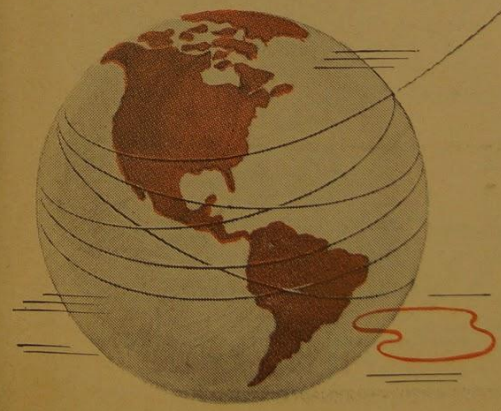
Nisto reside a grandeza da Democracia: cada qual pense como quiser, e vote segundo pense, e adore Deus à sua maneira . . . Na hora do perigo nacional, porem, os valores que todos consideramos patrimônio comum devem ser, não apenas o seu mais imperioso pensamento, mas o impulso mais forte do seu coração.

Nessa hora de perigo o seu pensamento já lhe não pertence, mas sim à Nação; e é como se a alma lhe estivesse bradando as palavras memoraveis de Platão: "O homem não nasceu para si mesmo apenas, mas para o seu país tambem."

Thos J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

UM fuso comum de tecelagem, dos usados nas indústrias textis brasileiras, gira 11.000 vezes por minuto. Em 24 horas gira em torno de si mesmo um número de vezes igual a 43.397 anos de rotação da terra. Cada um desses fusos representa um papel de máxima importância para o Brasil e as Américas. Como se sabe, as indústrias textis brasileiras evoluiram de tal modo, nestes últimos anos, que grande parte do comércio importador de tecidos do Hemisfério Ocidental vem preferindo a produção do Brasil. *Essa preferência quer dizer qualidade,* e quando se fala de qualidade, em matéria de tecidos, tem-se em vista, em primeiro lugar, a homogeneidade do fio, que só é obtida com a uniformidade dos rapidíssimos movimentos dos fusos. Eis o motivo pelo qual a maioria das fiações brasileiras prefere lubrificar os fusos de suas máquinas com um produto especial ESSO—o SPINESSO, um óleo preparado especialmente para a lubrificação de fusos em máquinas textis. É assim que o SPINESSO, que ostenta o emblema ESSO, contribue para a prosperidade da indústria brasileira de tecidos, e colabora para o seu prestígio nos grandes mercados do Continente.

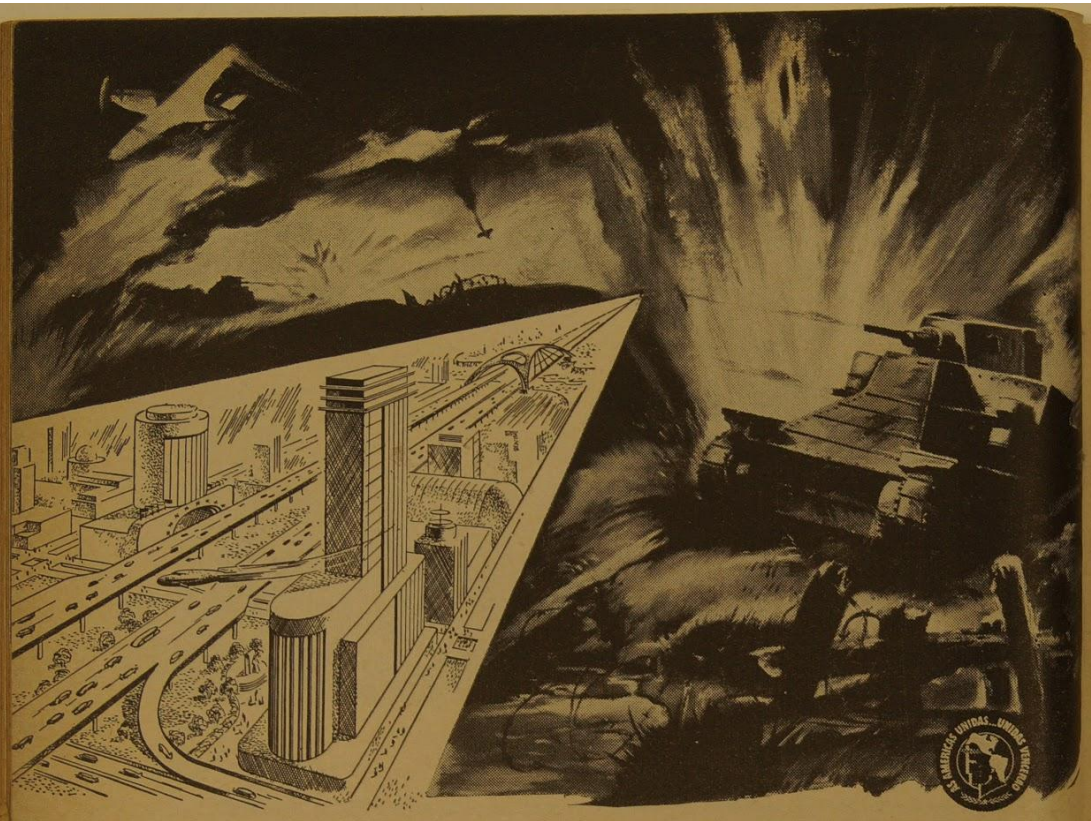


Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas rádios: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais, de Belo Horizonte; Farroupilha, de Porto Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
E A ORGANIZAÇÃO ESSO

ESSO

Distribuidores dos afamados produtos ESSO que se encontram sempre sob o oval ESSO



Da guerra de hoje
Para o mundo de amanhã

AS PESQUIZAS DE RADIO MOSTRAM O CAMINHO

Esta guerra é diferente de todas as guerras do passado, porque as válvulas eletrônicas trouxeram grandes progressos em matéria de rádio-comunicações, detecção, e coordenação das forças armadas. Da mesma maneira, as válvulas eletrônicas introduzirão grandes modificações na nossa vida futura, em tempo de paz.

Há válvulas eletrônicas que *vêem*, outras que *cheiram;* há válvulas que *têm tato* e outras que *têm paladar*—válvulas que abrem portas, contam e calculam, controlam temperaturas e conjugam cores,—válvulas que podem fazer quase tudo que o homem deseja—e fazê-lo melhor que o homem.

Hoje, a RCA Victor, que está inventando e aperfeiçoando tantas destas válvulas, trabalha exclusivamente para as forças armadas das Nações Unidas. Mas quando chegar a Vitória estas maravilhas estarão todas a serviço de V.S.—na sua casa e no seu trabalho, para tornar a vida mais facil e mais agradavel, mais próspera e abundante, —para abrir um período novo na história da humanidade por meio da Eletrônica da RCA.

RCA VICTOR

Rádio, Eletrônica, Televisão,
Som e Produtos semelhantes.

RCA Victor Radio, S. A. · Caixa Postal 2726
Rio de Janeiro, Brasil

V. EXA. JÁ DESCOBRIU QUE OS BATONS MICHEL TÊM UMA CONSISTÊNCIA AVELUDADA?

Anúncio de
GEORGETTE MICHEL
da Casa Michel

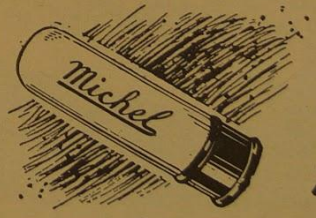
Este baton para os lábios lhe oferece tudo o que poderia desejar: suaviza, protege e embeleza. Não se surpreenda se, depois de algumas aplicações do Baton Michel, seus lábios adquirirem repentinamente a suavidade e a brandura dos lábios de uma menina. Porque a consistência aveludada do Baton Michel se deve ao emprego de óleos mais caros, misturados segundo uma fórmula de qualidade superior. E com esse fator, os Batons Michel aderem melhor que qualquer outro que V. Exa. já tenha usado.

Comece hoje mesmo a dar proteção e beleza aos seus lábios, com o Baton Michel. Deve escolher, dentre uma ampla série de tons, o que maior realce der a seus lábios.

8 TONS SEDUTORES

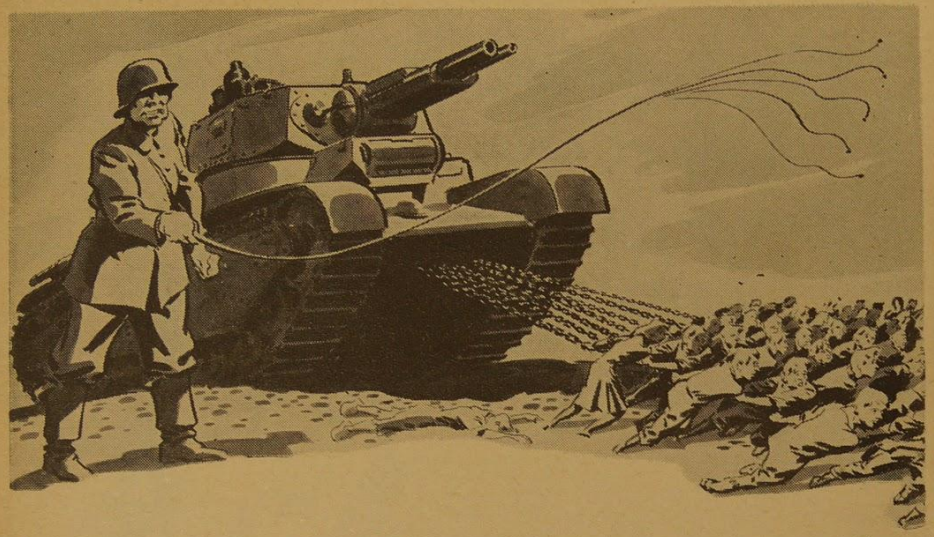
AMARANTH · CHERRY · BLONDE
RASPBERRY · SCARLET · VIVID
AMAPOLA · CYCLAMEN

Três Tamanhos:
DeLuxo—Grande—Popular



Em Guarda! Para Proteger a Beleza.
Para Proteger Nosso Hemisfério.

Michel BATON PARA OS LÁBIOS



PARA ACABAR COM A ESCRAVIDÃO!

UNIDOS PARA A LIBERDADE

As populações da Europa Continental e do Extremo Oriente acham-se hoje acorrentadas à máquina de guerra do agressor. Mal tendo o que comer, reduzidos a fazer trabalho de escravos, a única esperança desses povos oprimidos está na vitória das Nações Unidas.

Essas cadeias de opressão serão quebradas por outras cadeias . . . as cadeias da indústria. As cadeias transmissoras de força, os sistemas de cadeias para transporte, toda variedade de equipamento fabricado pela Link-Belt são usados em milhares de indústrias que dedicam hoje toda sua capacidade de trabalho à produção de máquinas e material de guerra.

Quando se processou a adaptação das indústrias civís à produção de materiais de guerra, centenas de industriais recorreram à Companhia Link-Belt, porque sabiam poder encontrar nela uma equipe de especialistas capazes de resolver seus problemas de condução de material e de transmissão de força. Nos campos, nas florestas e nas fábricas, o desafio foi aceito—e hoje as cadeias Link-Belt de condução e a maquinaria para manipulação de materiais estão acelerando a produção de milhares de produtos que nos permitirão ganhar a guerra!

8999

Principais fabricantes de cadeias, maquinaria para manipulação de materiais, transportadoras, equipamento para transmissão de força.

LINK-BELT COMPANY

Escritórios para venda de exportação: 2680 Woolworth Bldg., New York. Endereço telegráfico: "Linkbelt"

Representantes: Cia. Importadora de Máquinas, Rua Visconde Inhauma 65-3º, Rio de Janeiro
Lion e Cia, Ltda. Rua Florencio de Abreu 572, São Paulo.

AGORA, MAIS QUE NUNCA, ZELE A SUA CANETA-TINTEIRO

As canetas-tinteiro serão escassas até que alcancemos a Vitória

Hoje em dia, a precisão e eficiência da fábrica Esterbrook estão sendo utilizadas para abastecer as Tropas Aliadas com os indispensaveis apetrechos de escrituração e outros materiais essenciais aos fins da guerra.

Entretanto, zele a sua caneta, para que ela funcione de modo perfeito, até que haja suficientes canetas Esterbrook disponiveis.

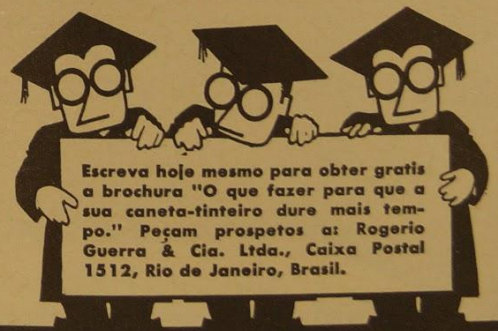
MANTENHA A SUA CANETA-TINTEIRO CHEIA DE TINTA. ENCHA-A DIARIAMENTE.

Não MISTURE MARCAS DE TINTA.

ENROSQUE A TAMPA FIRMEMENTE.

NUNCA DEIXE A CANETA EM POSIÇÃO HORIZONTAL.

LEVE A SUA CANETA AO SEU VENDEDOR PARA OS CONSERTOS.



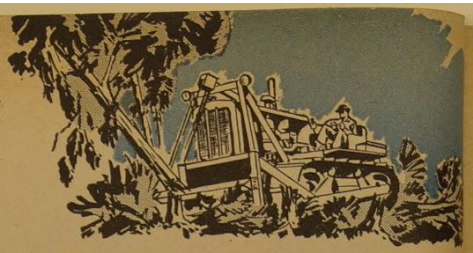
Escreva hoje mesmo para obter gratis a brochura "O que fazer para que a sua caneta-tinteiro dure mais tempo." Peçam prospetos a: Rogerio Guerra & Cia. Ltda., Caixa Postal 1512, Rio de Janeiro, Brasil.

DISTRIBUIDORES: Escreva-nos imediatamente, solicitando o manual técnico "Como usar e zelar uma caneta-tinteiro."

Esterbrook CAMDEN, N. J. U. S. A.

43-15

"Em tempos de guerra . . . assombroso!"



Com vênia do autor, publicamos a tradução de uma carta recente oriunda de um industrial açucareiro de Colombia, que fez 21 viagens por Clippers da Pan American entre a América do Norte e a América do Sul

Nova York

Snr. Carlos Escallon,
Aerovias Nacionales de Colombia,
Barranquilla.

Estimado Carlos:

Algum dia talvez os seus Clippers agigantados cheguem até a transportar 10 "Bulldozers" completos de 10 toneladas. Por enquanto, porém, estou completamente satisfeito do serviço que prestam voando apenas com peças para esses aparelhos agrícolas. Se não fosse por este serviço de emergencia, realizado à face das dificuldades ocasionadas pelas condições bélicas, o Engenho Central do Tolima ainda estaria numa mata tropical.

A uns 140 quilômetros de Bogotá, encontra-se o que háde ser o maior estabelecimento agrícola da Colômbia destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar. O engenho foi começado em 1941, com 5.000 Fanegadas, e agora trabalham alí cerca de 1,000 pessoas. Uma grande parte dessa área já está produzindo cana de açúcar, mas uma quinta parte encontra-se ainda com grande mataria. Para os dez "Bulldozers" tem sido uma tarefa derreadora extrairem milhares de árvores, incluindo as cepas.

Um "Bulldozer" sofreu um acidente recentemente. Foi muito grave, visto como cada um deve executar a sua tarefa a tempo, deve desbastar à razão de 1½ Fanegada cada dia. O meu afanoso gerente, Silvio Cárdenas, tinha visões de um programa muito protelado. Um telegrama dirigido para os Estados Unidos fez aparecer peças, mas por causa da guerra não havia modo normal de fazê-las chegar ao Tolima.

Nesta conjuntura cumpre-me exprimir a minha gratidão para a Pan American e a sua companhia associada Avianca de Colombia. Dentro de 8 dias depois do acidente as peças novas tinham sido transportadas por avião e instaladas, e o "Bulldozer" doente se achava completamente restabelecido.

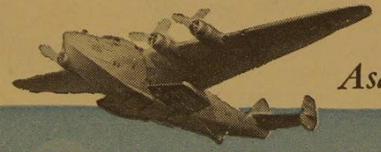
Mesmo em tempo de paz acredito que isso constituiria um serviço extraordinario, mas agora em tempo de guerra é verdadeiramente assombroso.

Voltarei proximamente para Colômbia e por essa ocasião exprimir-lhe-ei pessoalmente o meu agradecimento.

Seu prezado amigo,
(*assinado*) Roberto Wills

A visão do Snr. Wills do dia em que os "Bulldozers" sejam transportados por avião não é de todo fantástica. Quando vier a paz, Clippers duas vezes maiores do que os aviões transportadores atuais de quatro motores serão colocados em serviço. Os vôos levarão menos tempo para as travessias aéreas. Os itinerarios serão muito expandidos.

No entanto, pedimos o seu perdão pelas delongas e dificuldades ocasionadas pela guerra e por conseguinte alheias à nossa vontade.



Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na America Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovías Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

Procure o nome CARTER'S

Cincoenta anos de experiência . . . insuperavel mão-de-obra . . . matérias primas da mais alta qualidade —a isso se deve a fama dos produtos Carter's.

Os Papéis Carbono Carter's para máquinas de escrever e para a escrita manual, assim como as Fitas Carter's para máquinas de escrever, de somar, e para outros fins especiais, dão a maior satisfação.

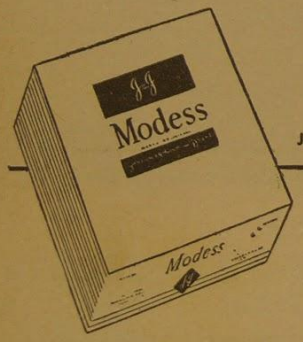
Nas principais papelarias e lojas do ramo das Américas se vendem os produtos Carter's.

Quando quiser qualidade a preço razoavel—peça os Papéis Carbono e Fitas para máquinas da famosa marca—"Carter's."

CARTER'S The CARTER'S INK Company Boston, Massachusetts, E. U. A.

Aproveite **todos** os dias do mês, sem receios, sem se preocupar!

NÃO PERMITA que as suas férias sejam estragadas por dias mal vivídos. Garanta 15 dias integrais de despreocupação e alegria, adotando o método moderno e científico para os dias críticos. Modess é a toalha higiênica para a mulher moderna. Extremamente confortável, Modess nunca perde a sua flexibilidade, não irrita e não é notada. Sendo mais absorvente do que o algodão e tendo o lado externo protegido por uma camada impermeável, permite que a Sra. aproveite os prazeres das suas férias, alegre e feliz. Peça, simplesmente, Modess, nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.



JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

AMOSTRA GRATIS—Envie-nos Cr. $1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber". Caixa Postal 2838—São Paulo. **4-DDDD-25**

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____

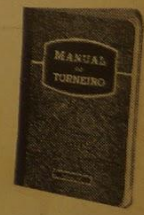
Tempo, material e energia podem ser economizados se V.S. usar o tôrno certo para cada serviço. A perfeita combinação do serviço e do tôrno nunca foi mais importante do que hoje em dia—não se pode obter a máxima eficiência de nenhum outro modo.

Os tornos South Bend teem a velocidade, o esmêro e a facilidade de operação que aumentam a produção, manteem tolerâncias mínimas e conservam a energia do operário que, assim, pode trabalhar mais eficientemente.

Há um tôrno South Bend para quase cada espécie de serviço mecânico. Fabricam-se os tornos Oficina de Ferramenteiro e Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida em quatro tamanhos: 9″, 10″, 13″ e 16″ de diâmetro torneável. Os tornos revolver South Bend são fabricados em três tamanhos: No. 2-H, Série 900 e Série 1000. Escreva pedindo informações.

"MANUAL DO TORNEIRO"

Um livro sôbre o funcionamento e a conservação de tornos mecânicos. Consiste de 128 páginas de 13 cms. x 20 cms.—contém 360 ilustrações. Êste manual será enviado para qualquer enderêço, com porte pago, após o recebimento de Cr. $3,00 em selos do Correio. Indique o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês. Queira escrever claramente o seu nome e enderêço.



VISINHOS AMIGOS CAMARADAS

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend, Indiana, E. U. A. *Fabricantes de Tornos Há 36 Anos*

Em serviço da Armada

LÁ no alto mar, com as máquinas vibrando na urgência da sua missão, severos navios cinzentos seguem o seu rumo, a-pesar dos ameaçadores peixes de aço que de debaixo das ondas os espreitam.

Das pontes e gáveas, audazes vigias esquadrinham o horizonte com binóculos Bausch & Lomb—em guarda contra o ataque do inimigo.

Binóculos são apenas um dos muitos instrumentos de guerra que Bausch & Lomb estão fabricando para as Nações Unidas. É por isso que os nossos amigos em tôdas as Américas, compreendendo a necessidade de devotar todos os nossos esforços para a guerra, estão prescindindo das quantidades habituais dos nossos instrumentos de precisão e lentes, que costumam adquirir, até que se alcance a Vitória.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assemblea 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

É ESSA A SUA IDÉIA FIXA. O seu andar torna-se mais lento, sua voz mais suave, seu olhar mais meigo. Os sapatinhos que tece amorosamente, revelam o segredo da futura mãe.

E surgem tambem, então, alguns distúrbios gástricos—acidez, náuseas, indigestão. Hoje, não há motivo para sofrê-los... já que o Leite de Magnésia Phillips, com a sua ação tríplice, oferece imediato alívio, porque...

1. Neutraliza rapidamente a acidez intestinal. Phillips combate náuseas e vômitos.
2. Laxa suavemente sem causar contorsões. Phillips combate a indigestão.
3. Tonifica o aparelho digestivo. Phillips proporciona o bem-estar.

E quando chega o bebê, Phillips é indispensavel, pois evita que o leite materno se «coalhe» no seu delicadíssimo estômago, com os subsequentes vômitos. Por isso, tenha sempre no seu lar, para si e seu bebê, esse antiácido-laxante, rápido e eficaz.

AS AMÉRICAS UNIDAS VENCERÃO!

LEITE DE MAGNÉSIA PHILLIPS

O Acondicionamento de Ar e Refrigeração Carrier foram para a Guerra

Não se deve considerar o acondicionamento de ar apenas como uma comodidade; hoje é um poderoso auxiliar para ativar a produção de armamentos. Nas fábricas de aviões evita a contração e expansão dos materiais, regulando a temperatura e umidade. Nos altos fornos assegura mais ferro, secando o ar injetado. Nas fábricas de construção de miras para bombas, telémetros, munições, víveres, tecidos e medicamentos, todos êstes artigos essenciais para a guerra são feitos melhor e mais depressa com o Acondicionamento de Ar Carrier.

As máquinas de refrigeração, difusores de frio e as câmaras frigoríficas portáteis encontram-se em serviço na linha de fogo, nas oficinas de montagem e no alto mar para a conservação e transporte de alimentos.

As exigências da guerra estão estimulando novos aperfeiçoamentos tanto no acondicionamento de ar como na refrigeração. Depois da guerra a Carrier usará êstes aperfeiçoamentos em aplicações de uso geral. Entretanto, os representantes da Carrier estão sempre prontos a prestar o seu auxílio em todos os sentidos para manter funcionando eficaz e econômicamente as instalações que estejam agora em serviço.

CARRIER CORPORATION
Syracuse, New York, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRASIL
ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S. A.
Rua da Alfandega, 107
Rio de Janeiro

Rua Marconi, 124
São Paulo

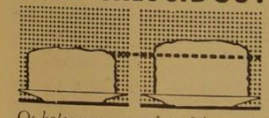
Acondicionamento de Ar
e Refrigeração
Carrier

Não é preciso fazer fôrça!

USANDO ÊSTE COMPOSTO *—é facílimo bater bolos!*

A Sra. ficará surpresa ao verificar como é fácil bater bolos usando o Composto «A Patrôa». Isso porque o Composto «A Patrôa» já vem batido duas vezes! E por ser facílimo e rápido de desmanchar, torna a massa sempre uniforme e os bolos ficam leves e fôfos. O puríssimo Composto «A Patrôa» afasta os «desastres» de massas pesadas, encaroçadas, empastadas e cheias de bôlhas. Experimente-o, também, para fazer ótimas frituras sêcas e leves, mais digeríveis e saudáveis. E note: por não conter umidade, o Composto «A Patrôa» é até 25% mais econômico!

BOLOS TANTO MAIS CRESCIDOS!



Os bolos crescem até 25% mais!

MAIS FÔFOS, LEVES!

A massa fica uniforme, mais delicada

COMPOSTO
A Patrôa

É UM PRODUTO SWIFT

• Para frituras, saladas e maionesas, use sòmente **Óleo «A Patrôa»**

TRANSPORTE DE GRANDES CARGAS PELO AR

Não tarda que vejamos imensas tonelagens transportadas pelos ares. O mundo inteiro servindo-se de gigantescos cargueiros aéreos, — como hoje se serve do correio aéreo! E os aviões maiores, que já vêm a caminho, serão acionados por motores Wright.

WRIGHT Aircraft Engines

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO
A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Continuação da última capa

Durante as férias—e depois delas

Por Roy Chapman Andrews

mero, tanto me bastou para me convencer de que era uma dádiva dos deuses ao explorador, e a todas as pessoas que por qualquer razão tivessem ficado temporariamente desligadas de contacto com o seu mundo.

Tempos depois, minha mulher e eu fomos passar quatro meses de verão em Pequim, na China. Sente-se a gente, alí, bem longe do resto do mundo, e nada do que neste se passa parece ter importância; cai sobre a nossa alma a paz dos templos antigos e dos bosques de cedros banhados de sol,—e sonhar e pensar é tudo quanto nos sentimos inclinados a fazer.

De regresso à nossa casa de Nova York, fui um dia encontrar minha mulher a dispor cuidadosamente, sobre a mesa da nossa biblioteca, os números mais recentes do Reader's Digest.

«No fim de contas—disse ela—é aquí que nós vamos encontrar toda a informação digna de registo que lá fora nos faltou...»

Ao escrever estas linhas, estamos passando as férias de verão no nosso sítio dos Berkshires, onde nos refugiamos para repousar do mundo e seus cuidados. Os gamos, as galinholas, as aves e o peixe da lagoa, são para nós mais importantes do que gente, política e paleontologia. Uma vez por outra lemos um jornal; mas para isso é preciso fazer 15 quilômetros até a vila mais próxima, ... o que só raramente nos acontece! Trouxemos conosco alguns bons livros, para ler os quais sempre nos cresceu o desejo e nos faltou o tempo. E temos o Reader's Digest! Este nos informa das coisas realmente importantes que se vão dando em cada setor da vida—e é tudo quanto necessitamos de saber.

Mas não fomos nós os únicos a fazer esta descoberta: será um conforto para milhares de outras pessoas saber que, ao regressarem de suas férias, as estará esperando o Reader's Digest, para as ajudar a por ordem e continuidade nos acontecimentos, interrompidos pelo repouso do verão!

IMPRESSO NOS E. U. A.

Durante as férias—e depois delas

Por Roy Chapman Andrews

Diretor do Museu de História Natural da América, e
antigo explorador do Deserto do Gobi

ENQUANTO a nossa Expedição à Ásia Central andou abrindo caminho em direção às inexploradas solidões do Deserto do Gobi, vivemos em completa ignorância do que se passava por esse mundo, como se tivéssemos desembarcado por engano no planeta Marte. Não recebíamos cartas, nem telegramas, nem jornais, e quanto ao rádio, o governo chinês de então havia-nos proscrito o respectivo uso. Em uma palavra: estávamos absolutamente isolados do mundo exterior... Nesse meio-tempo estalara uma guerra, e um formidavel sismo arrazou duas grandes cidades: nem sequer o apagado eco de tudo isso nos chegou!

Tão depressa reingressamos no mundo civilizado, pusemo-nos a interrogar toda a gente sobre o que se passara na nossa ausência. Mas tudo o que conseguíamos arrancar aos nossos informadores, se referia apenas àquelas últimas semanas. Os acontecimentos que contassem dois ou três meses de idade — mesmo quando de importância mundial—nunca mereciam a honra de uma referência: era como se tivessem transposto os veneraveis umbrais da História!

Pelo que me toca, confesso que não posso passar minha vida a folhear montes de jornais e revistas com semanas ou meses de publicados; creio, aliás, que poucos homens realmente ocupados se poderão entregar a semelhante esporte. De maneira que assim fui vivendo, privado de informações, e só com o andar do tempo pude ir colhendo aquí e alem, ao acaso, notícia dos acontecimentos mais importantes.

Foi já durante os últimos anos das nossas explorações na Ásia Central que fizemos uma valiosa descoberta: nascera, no ínterim, um pequeno magazine intitulado Reader's Digest: não era ele coisa de grande vulto nem de imponente aparência; mas visto um nú-

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Uma batalha naval vista de palanque . *N. Y. Times* 1
Tome notas . . . . . *The Rotarian* 7
Viva Washington! . . . . . *Pan American* 11
A arma deles é o celulóide . . . . . *Liberty* 14
Raio em miniatura . . . . . *National Safety News* 17
«Não o levarás contigo!» . . . . . *The Rotarian* 21
O que a Alemanha sofre com a guerra aérea
por Allan A. Michie 25
O Mundo está mudando de feitio
«Human Geography in the Air Age» 31
Será isto uma prisão de mulheres?
This Week Magazine 34
A batalha do rio Matanicau . . . . . *Life* 37
Truques da floresta . . . . . *Nature* 44
Até o gás carbônico vai à guerra *Science News Letter* 47
A arte de ficar jovem . . . . . *por M. Maeterlinck* 51
Beurling, moderno Cavaleiro de Malta . . *Maclean's* 54
Seja dono de seu destino . . . . *por Henry C. Link* 59
Como construimos um vapor numa semana . . *Nation* 63
Mestre de minha infância . . . . *por Marc A. Rose* 66
Lembrem-se de nós! . . . . . *American Mercury* 71
Eclipse da memória . . . . . *Liberty* 74
Uma noite no Alasca . . . *por Barrett Willoughby* 78
Assim se organizou a campanha da África
por Don Wharton 83
Aproveite a minha experiência
por A. Payson Terhune 90
Cachorro, espelho do homem . . . . *por F. C. Kelly* 92
Instantâneos pessoais 95
A vila sem dor de dentes . . . . . *Collier's* 97
Seção de Livros — Winston Churchill . . . . *por René Kraus* 99

MAIO DE 1943

C.N.D.P.-CR
1962

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr.$2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr.$20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Veloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre Octavio Sagebin, Rua, 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo III, No. 16 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Maio de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação,* Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

MAIO de 1943

SELEÇÕES *do* *Reader's Digest*

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III — No. 16

Uma batalha naval vista de palanque

(Condensado do «New York Times») *Por Ira Wolfert*

Uma das mais dramáticas batalhas da História, descrita por um reporter que a apreciava das matas de Guadalcanal.

DE UMA BASE *no setor de Guadalcanal,* 15 *de novembro*—Na quinta batalha das ilhas de Solomão, a maior parte da esquadra japonesa do Sul do Pacífico, se não toda, pretendeu eliminar a nossa saliência de Guadalcanal, tentando destruir, em operações habeis, tenazes e indiferentes ao sacrifício de vidas, os navios, aviões e unidades de terra que a defendiam. O resultado foi um desastre que, sob vários aspectos, não tem precedentes na história das grandes marinhas do mundo.

A força invasora inimiga era estimada em três divisões, completamente equipadas e conduzidas em um comboio de oito transportes. Um deles era um navio de passageiros do tipo NYK, o maior que os japoneses possuem; os outros sete tinham, cada um, mais de 18.000 toneladas. Acompanhando esses navios de tropas, vinham quatro transportes de carga, de cerca de 12.000 toneladas cada um. Para cobrir o com-

boio, o inimigo alinhara pelo menos quatro couraçados, com vasto complemento de cruzadores e destróieres.

No dia 13 de novembro, sexta feira, à uma e quarenta da madrugada, nossas forças começaram a luta. Luta desesperada, de vida ou de morte, que somente cessou na manhã de domingo, e ao cabo da qual 28 navios japoneses, inclusive um couraçado, talvez mesmo dois, haviam sido afundados, e dez outros navios tinham sido avariados. O autor deste artigo não tem motivos para ser tão cauteloso nas suas estimativas como as autoridades da Marinha americana, e por isso, baseado no que viu com os próprios olhos, acha que metade dos 10 navios dados como avariados foram realmente ao fundo. Do nosso lado, perdemos sete destróieres e dois cruzadores ligeiros.

Os episódios principais da batalha noturna podiam ser nitidamente seguidos a olho nu. Foi a primeira batalha dos tempos modernos a ser presenciada tranquilamente por um espectador alheio a ela. De terra, milhares de soldados americanos assistiam com toda comodidade ao emocionante espetáculo.

O drama teve o seu prelúdio ao amanhecer do dia 11 de novembro, quando um reforço de tropas americanas penetrou na baía. Poucas horas depois, nove aviões japoneses de bombardeio, protegidos por doze Zeros, picaram em direção aos nossos transportes.

Uma esquadrilha da aviação naval, que subiu, com o ardor dos novatos, para afiar as suas armas no combate aos aviões japoneses, pagou o tributo dos principiantes e sofreu grandes perdas. Seis aviões não voltaram, conquanto dois dos pilotos se tenham salvado. Com toda a sua inexperiência de combate, os nossos rapazes destruiram um avião de bombardeio, quatro Zeros, e, com toda a probabilidade, mais um aparelho de bombardeio e dois Zeros. Realizaram, alem disso, a missão fundamental de embaraçar o ataque japonês, frustrando-o no seu objetivo. Uma pequena bomba japonesa penetrou pela escotilha de um cargueiro já quase descarregado, e outra, que falhou, danificou entretanto as instalações elétricas de um segundo navio. Foi tudo o que os japoneses conseguiram realizar daquela vez.

Pouco depois das 11 horas, os japoneses aceleraram o movimento da ação, fazendo entrar nela 25 bombardeiros pesados, escoltados pelos Zeros. Os japoneses permaneciam a 7.500 metros e obstinavam-se em manter a sua formação, a despeito das balas que mordiam os seus flancos metálicos. Perdemos um avião de combate na refrega, mas fizemos cair sete aviões de bombardeio do inimigo, deixamos a arder mais um deles e um Zero, e de novo evitamos que os japoneses molestassem os nossos transportes ou as nossas forças de terra. Os pontos, naquele dia, foram nossos por uma margem esmagadora.

Na manhã de 12 chegou mais um comboio americano de transportes. Às 2 e 20 da tarde, os japoneses atacaram com 33 aeroplanos—cerca de 20 aviões torpedeiros e uma escolta de Zeros. Destruimos 32 deles sem perder um só aparelho ou piloto. Apenas escapou um dos Zeros.

Os aviões de bombardeio precipitavam-se de um imenso banco de nuvens negras, e vinham expor-se ao fogo antiaéreo direto dos nossos navios. Todos os torpedos cairam na água. Os japoneses passavam tão baixo e tão próximo da praia, que se tinha a impressão de os

poder alcançar e abater com os punhos. Nossas forças de terra, abandonando o papel de espectadoras, abriam fogo com o que tinham à mão, até mesmo com revólveres.

O cruzador *São Francisco*, esquivando-se a um torpedo, derrubou um avião de bombardeio que foi explodir sobre o convés, matando 18 marinheiros nossos e deixando queimados muitos outros. A ação durou somente dez minutos, mas a sua intensidade pode ser avaliada pelo caso do capitão Joe Foss, um dos ases da aviação naval, que abateu um Zero a 9.000 metros de altura, depois mergulhou em picada até 900 metros, e destruiu dois aviões torpedeiros com rapidez tão fulminante, que já estava ocupado com a sua terceira vítima antes de a primeira ter atingido o mar, na sua queda.

De um grupo de cem aviadores japoneses, altamente treinados, apenas três sobreviveram a essa luta. Um dos nossos botes de salvamento atirou uma corda aos três homens, mas, no momento em que dois deles iam agarrá-la, o terceiro, um oficial, procurou impedí-lo, à força. Depois de uma discussão violenta e rápida, um dos japoneses matou o oficial com um tiro na nuca e apanhou a corda.

Ao cair da noite, todos os aviões abandonaram a cena, e a poderosa força naval japonesa fez-se ouvir com a sua artilharia pesada. Os nossos aviões de reconhecimento tinham observado a esquadra inimiga durante todo o dia, e contavam com o ataque. As unidades do almirante Callaghan puseram os nossos transportes ao abrigo. Os japoneses entraram com vivacidade, prontos para vibrar o golpe que poderia ter decidido a batalha. As nossas forças de terra tinham-se preparado para o bombardeio. Acotovelando-se nos abrigos, os nossos homens perguntavam-se uns aos outros com amargura: «Onde está a nossa esquadra?», sem saber de que forças disporíamos para deter os transportes japoneses.

Aquelas sete horas de escuridão foram as mais negras que as nossas tropas viveram depois de Bataan. Mas o fato é que a nossa esquadra, como um herói de melodrama, à ultima hora apareceu. A praia, mais uma vez, proporcionou lugares de primeira fila para o espetáculo da batalha. O almirante Callaghan aproveitou os últimos momentos de escuridão e mergulhou temerariamente a sua força em plena esquadra japonesa, esquadra sem comparação mais poderosa do que a nossa, e que espreitava à volta da pequena ilha Savo, com os canhões assestados para Guadalcanal, prontos para arrasá-la. Esses canhões empregavam granadas explosivas de alta potência em lugar das de perfurar couraças. Fazer frente aos couraçados seria para os nossos cruzadores e destróieres o mesmo que atirar um lutador «peso mosca» contra um «peso pesado». Os japoneses poderiam ter ficado fora do nosso alcance e castigado impunemente os nossos navios, para depois dar cabo de nós em terra. Mas nós os apanhamos de surpresa.

Fomos os primeiros a abrir fogo. A distância era tão curta, que os inimigos não podiam abaixar suficientemente os seus canhões e visar a linha de flutuação. Foi por esse motivo que tantos dos seus tiros atingiram as pontes dos nossos navios, chegando a matar dois almirantes.

A batalha era iluminada pelos holofotes japoneses, que os nossos tiros rapidamente extinguiam, pelos relâmpagos emitidos dos grandes canhões, pelos fogos dos projeteis luminosos e pelas

terriveis explosões com que foram ao fundo dois destróieres japoneses e um nosso, a poucos segundos um do outro. Dois aviões japoneses, que pretendiam deixar cair paraquedas luminosos, foram reduzidos a estilhaços.

À luz dos navios que explodiam podiam-se avistar os outros, revolvendo-se sob o recuo dos canhões e erguendo ondas enormes nas águas habitualmente plácidas da baía. As areias da praia estremeciam com os tiros das peças e os homens que nela estavam tremiam da cabeça aos pés.

O espetáculo teve lugar bem em frente de nós. Os nossos navios, em uma linha de três quilômetros, avançaram para dentro do imenso círculo de navios japoneses. Esquivando-se aquí, invertendo a marcha alí, torcendo, dando guinadas mais alem, os navios se adiantavam dentro do círculo. Sendo este muito maior do que a linha da nossa formação, os navios japoneses, através dos espaços vazios, atiraram uns nos outros. Os nossos navios levaram 30 minutos para completar a volta do círculo, e nessa ocasião já a formação inimiga deixara de ser uma força eficiente. Os navios sobreviventes arrastaram-se para fora da baía, sem ter lançado uma só granada sobre Guadalcanal.

Não se conhece ao certo a composição da força japonesa. Da praia, podiam contar-se 26 silhuetas de navios, mas eram todas formas movediças, iluminadas irregularmente, e por isso é possivel que errássemos na contagem. A força americana compunha-se de 13 navios—dois cruzadores pesados, três cruzadores ligeiros e oito destróieres.

Os japoneses tinham no mínimo um couraçado da classe do *Kongo*. Sobre isso não pode haver dúvida, pois já no dia seguinte ele era mencionado nos relatos do «fantástico episódio do couraçado insubmergivel». Muitos dos nossos homens testemunharam a explosão da ponte de comando de um couraçado mas, ao romper do dia, verificaram que a ponte do «navio insubmergivel» estava intacta. É provavel, por conseguinte, que outro couraçado tivesse ido ao fundo. Alem disso, um dos nossos destróieres, em chamas, iluminava um navio inimigo que estava de quilha para o ar, com o casco apenas acima da água. Era um casco enorme; mas, à falta de prova mais definida, a nossa Marinha recusa-se a reconhecer que o casco fosse de mais um couraçado japonês.

Um de nossos cruzadores ligeiros, mortalmente atingido, buscou apoiar-se em um cruzador pesado que, apesar de avariado, estava em busca de navios japoneses que não estivessem em condições de bater em retirada. Ao amanhecer, os dois cruzadores encontraram um cruzador inimigo, e o nosso cruzador pesado destruiu-o, fazendo-o adernar logo aos primeiros tiros.

Os botes de salvamento recolheram mais de 800 homens nossos, dos quais cerca de 250 estavam feridos. Os que não tinham nenhum ferimento riam e faziam piadas quando pisaram em terra, depois de muitas horas passadas nas águas cobertas de óleo. O comentário mais corrente entre eles era que «não se podia combater couraçados com latas», como se não tivessem acabado de fazer exatamente isso. (Na gíria da Marinha os destróieres são sempre «as latas».)

Centenas de marinheiros japoneses—pequenos homens escuros boiando à superfície da água—tentavam prosseguir na batalha e atiravam contra os homens que, nos botes de salvamento, os queriam salvar, obrigando estes a se munirem de metralhadoras. Os japoneses, entretanto, não queriam entregar-se, e afogavam-se deliberadamente. Somente 25 consentiram em ser salvos. Por esse tempo, os cardumes de tubarões, abocanhando cadáveres e feridos, abriam o seu caminho pelas águas.

No alto, roncavam os aviões que, com a precisão de lançadeiras de tear, iam e vinham várias vezes durante o dia, no desempenho da missão de por a pique o «couraçado insubmergivel» dos japoneses. Este, coberto por cinco destróieres, seguia numa marcha de cinco nós. O resto da frota sobrevivente se escapara. O capitão Jorge Dooley dirigiu os aviões torpedeiros da Marinha no primeiro ataque, e voltou à carga uma hora depois, ferindo o alvo ambas as vezes. Depois, o tenente Alberto D. Coffin, conduzindo uma esquadrilha de aviões torpedeiros que ia reforçar a base de Guadalcanal, topou com o couraçado japonês e alcançou-o com três torpedos, antes de prosseguir a sua rota. A esquadrilha de oito aviões torpedeiros do tenente Haroldo Larsen uniu-se para a refrega com o major Joe Sailer, que dirigia os bombardeiros de picada.

Os torpedos do tenente Larsen visavam o costado do couraçado, enquanto o major Sailer descarregava sobre ele as suas bombas. Essa poderosa combinação devia produzir resultados seguros. Entretanto, os furos de projetil surgiam em número sempre crescente na fuselagem dos nossos aparelhos, à medida que estes voltavam para repetir o ataque: o couraçado continuava a marchar e a lutar.

«Temos de afundá-lo custe o que custar», dizia o tenente Coffin, «senão os almirantes deixarão de construir porta-aviões para recomeçar a construir exclusivamente couraçados!»

Ao cair da noite, a popa do couraçado «insubmergivel», sob a ação dos incêndios interiores, fazia o efeito de uma brasa. Onze torpedos tinham penetrado nela, alem de quatro bombas pesadas e três médias. Os japoneses decidiram-se afinal a por a pique o couraçado.

A esse tempo os transportes inimigos rondavam em grandes círculos, fora do nosso alcance. Deixando-os atrás, os navios de guerra japoneses aproveitaram a escuridão e partiram a todo vapor para tentar novo ataque contra Guadalcanal. Chegaram em frente de nós no dia 14, às duas da madrugada, e nos bombardearam durante 40 minutos com peças de 5, 8 e 14 polegadas.

O inimigo devia estar extremamente nervoso, à espera de que a peor surpresa lhe estivesse reservada, em meio daquela escuridão imperscrutavel, pois, ao ser atacado por uma força insignificante de botes «mosquito», ele se afastou. Um desses mosquitos, contudo, meteu um torpedo em um dos cruzadores. Este simples torpedo custou aos japoneses dois cruzadores. Eles tinham deixado atrás um cruzador e quatro destróieres para rebocarem o cruzador avariado. Logo ao amanhecer, os nossos aviadores encontraram essa força e puseram no fundo os dois cruzadores.

Uma fortaleza voadora, pilotada pelo capitão J. E. Johan, encontrou o comboio de transportes, que, protegido por navios de guerra, rumava para Guadalcanal, a 150 milhas de distância. A nossa força aérea iniciou sem demora novo trabalho de «lançadeiras», tendo como base o campo de aviação de Henderson. Ao cabo de três horas, todos os navios de guerra japoneses, inclusive um porta-aviões, fugiram, deixando os transportes de tropas à mercê da chuva de bombas que caía dos nossos aviões.

Não foi sem repugnância que os nossos aviadores executaram à vontade a matança dos japoneses desamparados. Os aviadores chamavam-se a si mesmos a «brigada dos falcões» e não descansaram enquanto não viram no fundo os oito transportes de tropas. Os quatro transportes de materiais ainda flutuavam, mas dois deles estavam ardendo. As nossas perdas naquele dia limitaram-se a quatro aviões.

No dia 14, às 11 e 20 da noite, os japoneses intentaram o último e desesperado ataque, para tomar Guadalcanal. Mais uma vez, porem, a nossa marinha antecipou-lhes o movimento, fazendo-os pagar ainda mais caro.

Os japoneses vieram impetuosamente, surgindo do Oeste. A força naval de que participava o nosso couraçado vinha-lhes no rasto, mas deixou que contornassem a Ilha Savo pelo lado do norte, enquanto nós, atrazando-nos um pouco, contornávamos a ilha pelo lado do Sul, e apanhávamos o inimigo com a manobra que é o sonho de todos os guerreiros do mar—o «cruzamento do T».

Essa batalha tambem era visivel da praia, e foi ainda mais teatral e mais terrivel do que o combate da manhã de sexta-feira. Como a outra, não durou mais que trinta minutos. Durante esse tempo, pude contar onze navios que arderam ou explodiram, ou foram ao fundo. Dos onze, nove eram inimigos...

Às 11 e 50, os navios japoneses sobreviventes começaram a se mover para Oeste, fugindo e atirando de esguelha. As nossas forças deram-lhes caça mas perderam-nos de vista na excuridão, pouco depois. Às 5 da manhã, entretanto, avistavam-se relâmpagos de explosões na direção da Ilha Russell, a 40 milhas, indicando que os japoneses, nervosos, não reconheciam os próprios navios e abriam fogo uns contra os outros. Os clarões distantes eram tão vivos, que iluminavam completamente os rostos fatigados dos espectadores da praia.

A aurora do dia 15 de novembro veio encontrar o que restava do comboio japonês—quatro transportes de materiais—encalhados a sete milhas do lugar em que estas linhas estão sendo escritas. Os destróieres não cessavam de bombardéa-los e os nossos aviadores castigavam-nos com as suas bombas, sem darlhes trégua de um minuto. Antes do meio-dia estavam os quatro inteiramente desmantelados. No que estava mais próximo de nós, não havia mais sinal de convés ou de qualquer superestrutura, e os aviadores podiam enxergar o seu ventre aberto, em brasas. A despeito disso, alguns artilheiros japoneses não se arredavam do navio, e ainda combatiam à popa.

Os japoneses tinham instalado alguns depósitos na praia, que os aviadores americanos bombardearam sem descanso, administrando-lhes os seus «coquetéis Molotov». Nesse momento, esses depósitos formam imensa fogueira de perto de um quilômetro de extensão e 200 metros de largura. Não deixaremos que o fogo se extinga, enquanto houver alguma coisa por queimar. Isto reconforta o nosso ânimo.

¶ *A Felicidade não é uma estação onde chegamos, mas uma maneira de viajar.*
—Margaret Lee Runbenk

¶ *Vamos pensar, registrando o que pensamos*

Tome notas

(Transcrito do «Rotarian»)

Robert R. Updegraff

PREGUIÇA MENTAL é um defeito de que quase todos sofremos. Somos em geral desleixados em nossos hábitos intelectuais. Lemos demais, lemos abundantemente, mas sem parar para absorver o material lido, sem meditar sobre as páginas que acabamos de examinar, sem procurar relacionar a literatura com a nossa própria vida, com as nossas próprias observações e conhecimento do assunto. Não fazemos pausas suficientes, nem de duração bastante, de modo a gravar no espírito as impressões da leitura. Poucas vezes, ao encontrarmos uma idéia nova, tentamos compará-la com outra que já tivéramos, ou pelo menos associá-la a certas idéias correlatas que nos hajam no passado despertado interesse.

Bem disse Carlyle: «Devemos de vez em quando parar um pouco, para colocar etiquetas nos nossos pensamentos.» Uma ou duas horas que dediquemos regularmente a esse mister se tornarão desde logo horas de grande prazer.

Para bem podermos alcançar essa condição, nada como as notas.

Em primeiro lugar, nada adianta lermos se, da leitura, pouco mais guardamos do que uma impressão evanescente. As idéias são extremamente pereciveis; nossa memória vasa como peneira... Vejamos Lewis Carrol, que disse isso tão bem no seu *Jabberwocky:*

«—Aquele foi um momento horrivel—prosseguiu o rei—tão horrivel, que eu *nunca* o esquecerei.

«—Esquece, sim — replicou a rainha—a não ser que você faça já um memorandum.»

Há tambem aquela anedota clássica do sujeito que, tendo tido uma idéia brilhante, caiu de joelhos para agradecer a Deus, mas, ao levantar-se, já a havia esquecido. Um bom trechinho, uma frase mais bem feita, as idéias estimulantes—tudo isso, que nos vem das conferências e discursos que ouvimos, das peças teatrais que vemos representar, dos livros que lemos e das conversas em que tomamos parte—tudo isso nos escapará, se não tomarmos nota. «Os pensamentos voam, e por isso não devemos desprezar processo algum que nos facilite aprisioná-los.» Assim escreveu Henry Hazlitt, no seu estudo sobre a ciência do pensamento.

É claro que ninguem se torna gênio à força de tomar notas, mas não deixa de ser significativo que grande número dos líderes indiscutiveis da civilização tiveram esse hábito: Charles Darwin estava sempre a escrever lembretes, principalmente se encontrasse algum fato ou teoria em desacordo com os dados que havia reunido, ou com os seus modos de ver, «porque os fatos e pensamentos que nos contradigam nos escapam muito mais facilmente do que os que nos são favoraveis.» Robert Louis Stevenson, o grande escritor inglês, levava sempre consigo um livro, para ler, e um caderno, para tomar notas. Thomas Hobbes, o notavel filósofo inglês que

agitou, com suas idéias, a Europa do século XVII, costumava dar longos passeios a pé, levando uma bengala, cujo castão escondia, engenhosamente, um tinteiro e uma caneta, e, no bolso, um caderno, no qual anotava «toda idéia nova que lhe saltasse à cabeça.» Jonathan Edwards, uma das maiores organizações de filósofo do início da história americana, tinha o hábito de anotar, em pedacinhos de papel, todas as observações que lhe ocorriam quando viajava a cavalo, pregando os papeluchos, com alfinetes, na lapela. Ao chegar ao ponto de seu destino, tinha aspeto quase cômico, pois então já vinha cheio de tiras de papel esvoaçantes.

Alem de tudo, o próprio gesto físico de tomar uma nota, tende a gravar o pensamento no espírito. Não devemos hesitar em enviar recados ao cérebro, pedindo que sejam guardadas certas idéias no escaninho apropriado, para enriquecer nossos pensamentos mais tarde. Muitas vezes nossa atividade intelectual depende de um inventário das matérias primas com que podemos contar.

Outra vantagem do hábito de tomar notas é que ele nos ensina a bem sopesar as idéias, ao mesmo tempo que a nos concentrarmos com mais eficiência. O simples ato de tomar nota já é, em si, exercício de seleção. As notas de um observador alerta e bem treinado são lindos lampejos que iluminam em cheio as idéias principais.

É, contudo, a utilização prática das notas que determina, em última análise, o seu maior valor. Nossas idéias básicas devem servir de trampolins donde saltamos a uma exploração mental mais avançada. Tomemos uma idéia: aceitamo-la sem restrições, ou com reservas? Que conclusões podemos tirar dela? Que associações ela provoca? Faz desencadear-se no nosso espírito uma série de novas idéias interessantes?

Os psicólogos dizem que um dos métodos mais seguros para fixar uma idéia no espírito é associá-la a outra, já firmemente estabelecida. O fato de tomarmos nota deve, assim, auxiliar-nos a entrar na posse de alguma coisa como sendo nossa, vivendo a experiência que nela encontramos.

Muitas vezes, quando nos concentramos sobre qualquer assunto, surge, sem convite, uma idéia, visivel apenas do canto do olho mental... Devemos criar o hábito de agarrar essas idéias. Como diz Graham Wallas na sua *Arte de pensar* «seria conveniente a todos anotar logo esses pensamentos marginais no mesmo momento e na mesma forma em que aparecem, deixando-os arquivados para exame e elaboração futura.»

Quanto a mim, tomo notas, e as arquivo depois, em fichas de papel de 10 por 6 centímetros. De vez em quando mando buscar o arquivo para examiná-las, e lá encontro toda sorte de idéias: algumas filosóficas, outras relacionadas com a minha profissão. Muitas estão apenas meio formuladas. Uma, por exemplo, se refere à venda de novo produto alimentício em que estou interessado. A idéia já tomou grande vulto; estou apenas à espera da inspiração, que me auxilie a dar solução final ao problema.

Um bom industrial sempre toma notas de tudo quanto vê durante uma inspeção em suas fábricas; ora se trata de alguma operação mecânica que poderia ser simplificada, ora de outra medida qualquer para evitar desperdícios, de um novo desenho para este ou aquele modelo, ou mesmo de providências de carater social. Daí a alguns dias, examinará o caderno de notas, e trabalhará numa idéia até concluir se ela é ou não razoavel.

A escrita clarifica o pensamento. Segundo Grenville Kleiser, «o uso diário duma pena é um dos melhores meios de desenvolver nossa lucidez»; procedendo de conformidade com esse parecer, um amigo meu persevera religiosamente no hábito de escrever todo santo dia uma idéia qualquer, ainda mesmo que discorde dela. Essas notas cobrem campo vastíssimo: observações sobre pessoas, filosofia, política, natureza humana, a profissão que o ocupa... enfim, a vida. Afirma que, como resultado desse hábito disciplinar, aprendeu a observar com mais argúcia e a pensar com mais clareza. Seu espírito ficou mais fertil, e, escrevendo, aprendeu a exprimir-se com maior fluência.

A conhecida biógrafa Ida M. Tarbell, que conta hoje 81 anos de idade, há muito que, após a leitura do jornal matutino, se volta para o ditafone e regista, no seu cilindro, os comentários que lhe vêm à cabeça; com isso foram-se tornando mais agudas as suas faculdades mentais, e aumentado o seu interesse em todos os aspectos da vida.

Devemos examinar com mais cuidado a relação entre a leitura e a meditação. É universalmente conhecida a célebre frase de Thomas Hobbes: «Se eu tivesse lido tanto quanto certos homens, saberia tão pouco quanto eles.» Outro escritor observou tambem que aprender a pensar por meio da leitura é a mesma cousa que procurar aprender a desenhar decalcando, com papel fino, de outros desenhos já feitos... Demócrito, o filósofo grego que viveu pelo ano 300 A.C., chegou ao extremo de cobrir os olhos, afim de que, lendo menos, pudesse refletir melhor.

Por outro lado, a maioria dos grandes pensadores foram leitores onívoros; liam de tudo, mas *sabiam* ler, isto é, liam dando um pouco de «corda» ao espírito: se a imaginação encontrasse, na leitura, alguma idéia, e a ela aderisse, continuando a perseguí-la independentemente dos olhos que ainda se concentravam nas páginas, os mais ajuizados fechariam o livro, deixando a imaginação levá-los por onde quisesse... Assim, as leituras se tornam reais estímulos do pensamento original.

Graham Wallas disse tambem que, para muita gente, ler jornal nada mais é que «um hábito que dura a vida inteira, e que consiste em entregar a mente ao vago prazer de uma série infinita de idéias desconexas, as quais são logo inteiramente esquecidas.» Ele nos aconselha a cortar e arquivar trechos de jornais que nos interessem. Não sei se os leitores já terão observado um fato curioso: pouquíssimas pessoas se esforçam por ser realmente muito bem informadas em relação a um (pelo menos um) determinado assunto.

Quando, ao ler um livro, encontramos um parágrafo ou uma sentença que parece subitamente iluminar certo assunto, ou quando deparamos com alguma idéia nova e surpreendente, é até um pecado continuar a leitura calmamente, como se nada houvesse sucedido, em vez de correr a tomar nota do que nos chamou a atenção, guardando para sempre aquele trecho no nosso arquivo. Se não fizermos isso, daí a poucas horas já se nos terá escapado, esvaecendo-se na névoa da memória, ou sendo enterrada sob um monte de pensamentos outros.

Alguns dos homens e mulheres mais inteligentes e cultos do mundo devem muito da sua cultura ao hábito de ler

com um lapis na mão. Mergulham o espírito, em cheio, nos livros, sem permitir que estes o atravessem descuidada e apressadamente.

Na vida precipitada deste século XX, amontoam-se sobre nós tantos pensamentos, impressões, idéias e observações, que se não adquirirmos o hábito de tomar notas, perderemos com certeza um bom número de idéias de enorme valor potencial. E esse hábito estimulará outro, preciosíssimo: o de *pensar.*

Cobaias voluntárias

¶ No terreno baldio de velha e abandonada mansão, em Sheffield, Inglaterra, treze homens dormitam, recostados em confortaveis cadeiras de estirar. Um deles é o professor de zoologia Kenneth Mellamby; os outros são membros da organização «Pacifists Service Unit», sociedade de pacifistas que se opõem, por motivos de conciência, à guerra. Ofereceram-se ao dr. Mellamby para servir de «cobaias», sofrendo as torturas por que passam os náufragos. Durante 84 horas não beberam uma só gota de água, sendo essa uma das muitas experiências a que se estão submetendo, em cooperação com o Instituto de Pesquisas Médicas.

Foi para determinar se um limitado suprimento de água deve ser consumido sem restrições, até esgotar-se, ou se deve ser poupado para durar o mais possivel, que essas «cobaias» humanas passaram sem beber água durante três dias e meio. No primeiro dia, sentiram intensas dores de cabeça e perderam o apetite. Em seguida, experimentaram extrema lassidão.

Como se estivessem em botes salva-vidas no alto mar, alimentaram-se de escassas rações de biscoito, carne seca, comprimidos de leite maltado, e chocolate. Ao chegar o terceiro dia, sem saliva e com as línguas ressequidas como couro, era-lhes sumamente penoso tentar mastigar qualquer coisa. Mais terriveis eram ainda os pesadelos, sonhando com comida—tão impressionantes, que um dos pacientes despertou exclamando que tinha bebido uma chávena de chá e que tinha inutilizado a experiência! Depois de refeitos dessa primeira prova, experimentaram beber a água disponivel em porções, a intervalos regulares, primeiro uma chícara por dia, em seguida meia chícara somente.

Os voluntários se submeteram aos tormentos da sarna, uma das mais acabrunhantes moléstias da guerra passada. Deitaram-se em camas infectadas até contrair a doença, sendo observados pelos médicos e, posteriormente, curados.

A mais simples das experiências foi tambem a mais revolucionária de todas: durante semanas, os pacientes passaram a pão feito com farinha de trigo completo (85 por cento do grão), somente comendo outros alimentos necessários para dar paladar ao pão. Em consequência dessa experiência, o Ministério da Alimentação tornou esse tipo de pão obrigatório enquanto durar a guerra, uma vez que ficou demonstrado ser ele mais nutritivo do que o pão comum, e ao mesmo tempo tão digestivo como este.

Sofrendo privações, somente excedidas pelos soldados em serviço ativo, os voluntários recebem o salário de soldado razo, e orgulham-se de fornecer aos médicos da Inglaterra dados clínicos importantes para o estudo de inúmeras doenças do tempo de guerra.

Newsweek

Viva Washington!

(Condensado da «Pan American»)

Por Michael Scully

Laredo, no Texas, e a sua cidade gêmea, do outro lado do Rio Grande, confraternizam numa festa internacional sem paralelo.

A MAIS expressiva comemoração do aniversário de Washington—a que poderia talvez ser causa de maior surpresa e agrado para o próprio comemorado—é precisamente uma que em parte se realiza em território estrangeiro. Entre mais de 100.000 pessoas que participam dessa festa, só um punhado descende, em linha direta, dos revolucionários de Washington, e milhares delas não falam inglês.

Desde 1898 que a cidade de Laredo, no Texas, e a sua gêmea mexicana de Nuevo Laredo, celebram o acontecimento com festejos que duram três dias—uma simpática e interessante fusão de cerimônias coloniais, festa latina, desfile militar internacional, e reunião de fronteira. Aí se misturam damas coloniais empoadas e *señoritas* de vestidos vistosos; soldados de 1776 e 1943, guitarristas de sombreiro, e velhos rabequistas à moda do tempo dos pioneiros.

O programa inclue touradas, ao sul do rio, rodeios ao norte, um Baile Colonial, e uma Noite Mexicana. Não é para admirar que, no meio de tal variedade de cenas e espetáculos, tenham ocorrido singularidades como aquela de um «George Washington» chamado Leyendecker, a «atravessar o Delaware» no Rio Grande, e a dar ordens, em espanhol, ao seu pessoal de mexicanos...

O que há de maior nas comemorações é a prova, que elas exibem, de que latinos e norte-americanos podem viver, trabalhar, e divertir-se juntos, em plena compreensão; e é tão marcado o seu êxito, que estações de rádio de onda curta, discos, e películas de atualidades cinematográficas espalham pelas Antilhas, e até os lugares mais remotos da América do Sul, ecos e quadros das festividades. Outras cidades fronteiriças procuraram seguir o exemplo, de modo que atualmente, em várias datas significativas no decurso do ano, dez festas do mesmo gênero, na zona do Golfo do México, reunem nunca menos de um milhão de vizinhos mexicanos e norte-americanos.

Um dos espíritos dirigentes, na grande comemoração anual, é Matias de Llano, que atravessou a fronteira há quarenta anos passados, orfão mexicano. Possue agora uma fábrica que fornece chapéus de palha para fazendeiros e roceiros de mais de metade dos Estados Unidos, e já foi presidente, quatro vezes, da «Sociedade do Aniversário de Washington».

«A festa nos dá a sentir o que não se verá provavelmente entre populações dessemelhantes, de nenhuma outra fronteira,» observa de Llano. «Olhe-se hoje para Laredo. É oitenta por cento mexicana pelo sangue. Os letreiros das casas de negócio e as conversas que se ouvem na rua são cincoenta por cento em espanhol. O *Times* de Laredo é publicado nas duas línguas. Mas, nas horas decisivas, somos tão americanos

quanto Iowa. Toda quota de títulos de guerra tem sido aquí subscrita com excesso, e quase cincoenta por cento dos homens de Laredo que se acham hoje no exército, para lá foram como voluntários.

«Do outro lado do rio, fica o México. Mas sabe você que, durante as seis semanas seguintes a Pearl Harbor, o maior trabalho da comissão de recrutamento foi o de evitar que os rapazes de Nuevo Laredo se alistassem voluntariamente? Se a lei permitisse, poderíamos ter recrutado uma companhia de infantaria da outra banda da fronteira mexicana.»

Não foi, entretanto, sempre assim. Até o começo do século, Laredo representou, na região de fronteira, um foco de discórdia.

Eis, porem, que alí chegou Charlie Barnes, um jornalista de San António. Concluiu ele que a culpa da animosidade entre os nacionais do lugar recaía sobre os Estados Unidos. Nada se fizera até então para ensinar à população fronteiriça a história americana, ou para despertar-lhe interesse pela cidadania do país. Convocou Barnes, um belo dia, os líderes locais, e expôs-lhes o plano da festa.

A idéia, uma vez aceita, passou a justificar-se, por si mesma, de modo espetacular. O gosto mexicano pelas comemorações, quaisquer que sejam—atrairia necessariamente o concurso do povo. A princípio as cerimônias eram um assunto que importava apenas ao lado americano da fronteira, mas a gente de Nuevo Laredo atravessava o rio para dar uma vista de olhos nos festejos. Os ignorantes procuravam saber quem era o personagem que assim se comemorava, e ficavam espantados ao saber que a revolução de Washington havia inspirado os próprios heróis do México, Hidalgo e Morelos, na sua luta pela liberdade. Viam retratos de Washington, unidos ao do seu ídolo, Juarez, em fogos de artifício, e se mostravam sensiveis a essa demonstração de amizade. As notícias das festas do aniversário de Jorge Washington começaram a espalhar-se no México.

As primeiras comemorações foram grandemente espetaculosas. A inaugural, por exemplo, em 1898, sacrificando a história ao efeito dramático, apresentou Pocahontas como contemporânea de Washington, a dirigir uma infernal carga índia contra a casa da câmara fortificada, e acabando por apossar-se das chaves da cidade. As cenas e quadros eram produzidas com tão vivo e ardente realismo, que um ator, a quem tocava ser vítima de enforcamento simulado, quase morreu, ao desempenhar o papel! Outro se viu atingido, acidentalmente, por bala. Muitos cidadãos eram salvos ou arrancados do cativeiro por índios peles-vermelhas, a cavalo. Com o tempo, a cidade, a crescer em população e movimento, já não comportava espetáculos de semelhante vulto e natureza. Pocahontas, porem, permanece figura obrigatória na parada anual.

Outro fato que concorreu para a fama dos festejos foi a ereção, na Praça da Independência, de um navio de cerca de 30 metros, com todos os aprestos—reprodução de um dos episódios da guerra—os índios, ainda aí, a figurar como heróis. Os camponeses do interior do México, muitos dos quais nunca teriam visto a mais simples embarcação, sairam a contar a história. Laredo se foi tornando um lugar fabuloso, e os mexicanos começaram a ver com melhores olhos os sentimentos dos vizinhos para com eles.

Em 1903, o presidente Porfírio Diaz, reconhecendo que a situação de relações na fronteira já não era a de outros tempos, ordenou que uma banda militar mexicana fosse a Laredo a 22 de fevereiro—foi aquela a primeira vez que tal aconteceu—e a comemoração do Aniversário de Washington ficou sendo oficialmente um acontecimento internacional.

A festa veio perdendo pouco a pouco, senão todas, ao menos algumas de suas caraterísticas de fronteira. As alegorias se referem mais, atualmente, a atividades panamericanas. Moças de ambos os lados do rio, representando as 21 repúblicas do hemisfério, dividem as honras da parada entre Washington e Pocahontas. Generais americanos e mexicanos, dos postos militares de fronteira, tomam parte no desfile, cavalgando uns ao lado dos outros. Uma banda militar mexicana toca o hino nacional americano, e outra, americana, lhe responde, tocando o hino do México.

«Você sabe,» diz Charlie Deutz, um dos chefes do movimento, «a verdadeira boa-vizinhança é baseada no dar e receber. Volte em setembro, e nós lhe mostraremos.»

É que, a 16 de setembro, Laredo atravessa o rio, com bandas marciais e costumes festivos, para reunir-se, com prazer, a Nuevo Laredo, afim de juntos honrarem, com toda pompa, a independência do México.

A tanto por linha

Anúncios pitorescos compilados por

Lockwood Barr

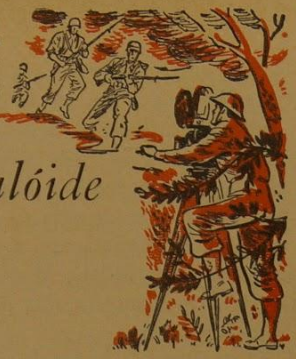
¶ Horóscopo de cães. Envie-nos data de nascimento de seu cão, e conhecê-lo-á melhor.

¶ Objeto Achado. Bolsa de senhora, achada em meu carro enquanto estacionado. A dona poderá obtê-la, desde que faça uma descrição adequada do objeto perdido e pague este anúncio. Se a dona puder explicar satisfatoriamente como a sua bolsa foi parar em meu automovel, eu próprio pagarei pelo anúncio.

¶ Extraordinária vaca a venda! Refinamento vividamente estampado em sua face. Olhos expressivos e saude robusta. Lombo e cauda sobrepassam a grandeza da clássica escultura grega. Suas pernas, de soberbo desenho, infundem respeito. Sua figura doce e atraente, transpira qualidade, valor e beleza. Personalidade sumamente acolhedora. Nascida e criada nos românticos prados de Rotherwood.

¶ Cavalheiro jovem, na iminência de se casar, deseja conhecer homem experiente que possa dissuadí-lo de dar tal passo.

Os operadores de cinema do Corpo de Sinaleiros, estão fixando imperecivelmente os aspectos desta guerra total.



A arma deles é o celulóide

(Condensado da «Liberty»)

Robert T. Furman, Jr.

UM ATAQUE das forças norte-americanas. Os tanques M4 rugem através das planícies, em direção a um reduto do inimigo. Aviões, voando baixo, bombardeiam e metralham as posições hostís. A infantaria avança, valendo-se de toda a proteção possivel. Na encosta de uma colina vizinha, oculto pela folhagem espessa, um grupo de operadores cinematográficos filma, imperturbavelmente, os detalhes da ação que se desenvolve abaixo.

Não são operadores de cine-jornal. São membros do Corpo de Sinaleiros do Exército, no exercício de funções de rotina. Mais tarde, estrategistas poderão estudar esse ataque, vendo e revendo o filme, até compreenderem por que razão o assalto redundou em vitória ou fracasso; poderão observar detidamente a coordenação, o movimento e a atuação das diferentes unidades em combate. Durante a última guerra, o Estado Maior tinha que reconstituir as fases da luta mediante vasta quantidade de relatórios de oficiais e observadores da linha de frente. Agora, as câmaras cinematográficas reproduzem as batalhas para os generais. O Estado Maior tambem usa esses filmes para treinar os jovens oficiais que nunca estiveram sob fogo. Observando o desenrolar da batalha na tela e ouvindo, ao mesmo tempo, os uivos dos bombardeiros de mergulho, o estralejar das metralhadoras e as explosões das bombas, esses jovens oficiais podem ter uma idéia muito aproximada do que os espera, quando entrarem em combate.

As unidades de operadores cinematográficos se encontram em todos os teatros de guerra. Durante a batalha de Midway, um operador da Marinha fotografou o bombardeio feito pelos japoneses contra o aeródromo da ilha. John Ford, que dirigiu em Hollywood notaveis produções, como *The Informer* e *Stagecoach*, dirigiu a filmagem das operações navais postado na torre de um couraçado, o mais alto lugar que pôde encontrar. Foi ferido em um braço, mas os seus operadores conseguiram filmar algumas das mais dramáticas cenas de guerra jamais fotografadas: aviões nipônicos de combate, do tipo Zero, zumbindo como zangãos enraivecidos, os aviões americanos saindo para darlhes combate, o contínuo fogo das baterias anti-aéreas, a explosão das bombas e o crepitar das chamas. Nenhum comunicado da Marinha poderia jamais ter descrito os vívidos espetáculos reproduzidos por esses filmes. O presidente Roosevelt, depois de vê-los, pediu que fossem exibidos em todos os cinemas dos Estados Unidos.

Acha-se em organização um colossal programa de educação militar por meio

de filmes, com o fim de apressar o treino dos soldados de todas as unidades do exército. Quando o recruta chega ao acampamento, uma das primeiras coisas que faz é assistir à exibição do filme intitulado *Cortesias e Costumes do Serviço Militar. Exercício de Pelotão*, *Identificação de Aviões*, e *Conheça seu Inimigo* são os títulos de outros filmes que se exibem a todos os soldados. À medida que os recrutas vão passando para as diversas armas do Exército, assistem à exibição de películas especiais, tais como *Teoria do Canhoneio Anti-Aéreo*, *Cavalaria Atravessando um Rio sem Vau*, ou *Interrogatório de Prisioneiros*.

Para aprender a manobrar um tanque, o soldado vê um filme que mostra, em detalhe, o funcionamento dos controles principais e o seu uso, as velocidades próprias para os diferentes tipos de terreno, como se deve sentar dentro do tanque, as dificuldades que se devem esperar, etc. A seguir, assiste a uma demonstração no campo e, finalmente, sob a vigilância de um instrutor, assume a direção do tanque. Depois, torna a ver o filme, para corrigir os erros cometidos durante a aprendizagem.

O atual programa de treino por meio de filmes do Corpo de Sinaleiros, inaugurou-se em 1929, quando vários oficiais do Exército foram enviados a Hollywood para estudar o assunto. Mesmo antes do ataque a Pearl Harbor, já o Exército tinha à sua disposição um grande estúdio em Long Island, onde outrora teve a Paramount a sua sede. Grande parte do pessoal do estúdio veio de Hollywood, inclusive Carl Laemmle Jr., que anteriormente dirigia a Universal, e Jesse L. Lasky, Jr. O equipamento desse estúdio militar é completo. A um canto, vemos uma posição anti-aérea, com seus sacos de areia e os seus soldados de aspecto resoluto: trata-se de uma parte do filme sobre o manejo dos canhões anti-aéreos; mais adiante, um cenário completo de praia, com montículos de areia e vegetação rasteira que ondula, movida por uma brisa artificial, e, acima, uma coluna de bravos fuzileiros navais que avança, com baionetas caladas: trata-se de certa cena de um filme sobre operações de desembarque.

Em uma garage cheia de caminhões, automoveis militares e tanques, são produzidos os filmes de instrução técnica, que mostram como desmontar e reparar um canhão anti-aéreo, ou como colocar novo elo na esteira de um tanque.

Os artistas de Walt Disney, fazendo desenhos animados de diagramas ou de peças de máquinas, revelam minúcias que não poderiam ser obtidas por meio da fotografia. Um desses desenhos mostra, num corte de rifle, como a cápsula do projetil é picotada ao puxar-se o gatilho, como se dá a detonação e como a bala corre ao longo do interior do cano; outros desenhos explicam graficamente as teorias básicas dos motores a gás, da aerodinâmica e da balística.

As táticas usadas nas grandes batalhas da História, que fazem parte do treino de todos os oficiais, são demonstradas na tela por meio de setas que se movem, e de massas de cores que indicam tropas, ao mesmo tempo que os aparelhos sonoros acompanham a operação militar. A vitória de Anibal sobre os romanos em Canas, e os movimentos de Wellington na batalha de Waterloo tornam-se, desse modo, cenas vívidas e não simples explicações num quadro-negro.

Alem dos filmes do estúdio de Long Island, outros estão sendo produzidos

em Hollywood, e em Wright Field, Dayton, fazem-se películas especiais para a Força Aérea. A Marinha tambem mantem vasto programa de filmes, produzidos por civís sob a imediata supervisão oficial.

Em Hollywood, todas as grandes companhias cinematográficas estão produzindo filmes de treino militar. O coronel Darryl Zanuck, antigamente encarregado da produção da Twentieth Century-Fox, é quem está agora dirigindo esse trabalho para o Exército. Zanuck foi à Inglaterra, para coordenar o intercâmbio de filmes de treino militar entre os ingleses e os norte-americanos, e à África em busca de autêntico material de cinema para o Estado-Maior dos Estados Unidos.

Nos estúdios de Long Island, muitos dos filmes são gravados em português, espanhol, russo e chinês, como parte do grande programa de intercâmbio de produção cinematográfica entre as Nações Unidas, com o objetivo de facilitar a compreensão dos métodos em voga entre os Aliados, e a sua necessária coordenação nas zonas de combate.

Os suprimentos de equipamento mecanizado e de artilharia à Russia são acompanhados de filmes descritivos que dão aos mecânicos soviéticos uma explicação perfeita das máquinas norte-americanas. Os chineses tambem recebem filmes instrutivos sobre vários assuntos, inclusive artilharia anti-aérea, como contribuição para o seu grande exército. Os filmes em português e em espanhol auxiliam, por sua vez, o treino das forças armadas dos paises latino-americanos.

De fato, os filmes cinematográficos são meios de ligação entre todos aqueles que sabem e todos aqueles que necessitam saber estratégia, sejam recrutas ou coronéis, indivíduos ou nações. Os filmes acompanham os canhões, os tanques e os aviões aos mais afastados teatros de guerra. E, ao soar a hora da vitória, teremos, não uma coleção parcial de cenas imoveis e sem vida, como na guerra mundial passada, mas um verdadeiro panorama dinâmico das próprias batalhas e dos homens que nelas participaram, muitos deles heróis que doutro modo ficariam desconhecidos.

Rodapé de teatro

¶ O HOMEM gordo e sua senhora estavam de volta aos seus lugares, no teatro, depois do intervalo.

—Pisei em seus pés, quando saí? perguntou ele a um espectador que estava no princípio da fila.

—Sim, replicou o outro, esperando desculpas.

O homem gordo disse para a mulher:

—Sim, Maria, esta é a nossa fila.

—The Highway Traveler

¶ *Surpresas e tragédias da eletricidade estática.*

Raio em miniatura

(Condensado do «National Safety News»)

Por Paul W. Kearney

A ELETRICIDADE estática é um fenômeno comum. Já vovô o demonstrava, arrastando os pés no tapete da sala, e acendendo o bico de gás com uma faisca daí resultante, que lhe saía pelos nós dos dedos.

Muita gente supõe que se trata simplesmente de um inofensivo choque elétrico, produzido porventura pela maçaneta da porta de uma sala atapetada... No entanto, a eletricidade estática oferece perigos.

Um médico do Maryland vestiu o sobretudo de pele, e calçou suas botas de borracha, precipitando-se para a garage, afim de sair a atender a um chamado noturno. Quando tocou o automovel, uma faisca lhe saiu do dedo e fez explodir os vapores da gasolina, atirando-o pela porta.

Uma mulher do Ilinóis tirava uma nódoa do tapete com um pano embebido de gasolina, quando o ar em torno «se acendeu de repente numa chama azul», segundo as suas próprias expressões. Morreu das queimaduras.

A eletricidade estática é uma perigosa ameaça sempre que se usa qualquer líquido volatil como benzina, nafta ou gasolina, ou quando o ar está cheio de poeira. Mas de que é que se trata, enfim? O *Bureau of Standards* a define como «eletricidade parada», em contraste com a «eletricidade dinâmica», ou seja em movimento. Rigorosamente falando, deixa de ser estática, quando lhe sentimos a presença, tornando-se então dinâmica, descarregando instantaneamente.

A princípio se julgou que era ela unicamente produzida pela fricção entre duas substâncias dissemelhantes, mas a teoria moderna sustenta que pode tambem resultar da separação de duas substâncias que estavam anteriormente em contacto, determinando uma agitação de eletrônios e protônios dentro dos objetos. Assim o movimento do sapato que se levanta do tapete, ou uma blusa de seda emergindo de um balde de gasolina, contribuem para criar a carga elétrica.

Dia e noite, no verão ou no inverno, a estática está sempre presente. Tem sido captada nas tempestades de neve e de areia, nas cinzas sobre os vulcões, na neblina junto das cataratas. Nas Montanhas Rochosas têm sido vistos blocos agudos de granito a vomitar descargas de estática durante uma tempestade. Pode-se observar idêntico fenômeno no Empire State Building de Nova York —espetaculares feixes de faiscas partindo da seta metálica ponteaguda que encima a torre.

Mas a estática é mais perigosa na atmosfera seca do que na úmida. O ar seco é mau condutor, de modo que as cargas estáticas se produzem numa voltagem que finalmente, como faisca, salta para um objeto próximo. São precisos cerca de 20.000 voltes para se pro-

duzir uma faisca de uma polegada; um indivíduo pode armazenar até 10.000 voltes andando numa sala sobre um tapete grosso. Caminhões e ônibus produzem frequentemente 40 mil voltes ou mais, e correias e roldanas industriais determinam faiscas de cinco pés, o que indica voltagem superior a um milhão.

A água é bom condutor elétrico, de modo que a umidade no ar tende a neutralizar a carga antes que ela se acumule a ponto de fazer faisca. Um fabricante de borracha teve 122 incêndios de estática em três anos. Começou então a umedecer o ar da fábrica com vapor, e os incêndios cessaram. A indústria da tinturaria, outrora vítima da estática, resolveu tambem o problema com a umidade.

A gasolina que passa num tubo de borracha produz às vezes uma carga de 500 voltes. Muitos garagistas aprenderam a manter a agulheta de metal do tubo em contacto com o metal do tanque de gasolina, evitando assim a acumulação da carga. As companhias de petróleo introduziram o uso de agulhetas cujo manejo não se presta a enganos. Todavia, o condutor de um caminhão enchia o tanque de uma estação de gasolina quando uma bola de fogo surgiu na ponta do tubo. Na explosão que se seguiu, nove pessoas morreram, e quarenta e uma ficaram feridas, algumas das quais se achavam a distância de 60 metros. Ficaram queimadas folhas de árvores situadas a 25 metros de distância.

Alguns hospitais tomam precauções especiais nas salas de operação, porque as exalações dos anestésicos são altamente explosivas. As pessoas e os aparelhos devem mover-se sobre placas de metal ligadas à terra; não se permitem cobertores de lã nas mesas de operação; há regras estritas contra a retirada rápida da máscara, ou mesmo a colocação da capa no aparelho de anestesia enquanto o doente estiver no quarto. Apesar disso, a explosão de um desses aparelhos matou um doente há alguns meses, num hospital de Nova Jersey.

Poucos celeiros são atualmente atingidos pelo raio, mas muitos se incendeiam devido à estática neles armazenada. Durante uma tempestade, grandes cargas de estática armazenam-se nas nuvens, e, quando a tensão é muito grande, a faisca desce em direção à terra: é o raio. A descarga destas nuvens provoca geralmente uma onda de eletricidade na zona da Terra que está diretamente em baixo. A carga acumulada de electrônios em algum objeto metálico passa para outro objeto metálico próximo. E se esta «descarga induzida» encontra feno no caminho, o incêndio é quase inevitavel.

Em Spokane, em Providence e em Nova York, faiscas da pele de gatos causaram explosões nas câmaras de gás onde se matam animais vagabundos. A última vez que isso aconteceu em Nova York, a explosão destruiu parte do edifício, e um empregado foi para o hospital. Em consequência, abandonou-se o uso da câmara de gás.

A estática produz-se habitualmente nos automoveis em marcha. Os motoristas e os recebedores dos impostos de peagem sofriam frequentes choques, até que alguem imaginou um arame vertical que sai do chão, toca o automovel, e escoa a carga. Muitos polícias de motocicleta receberam choque violento, ao por a mão no automovel em excesso de velocidade.

Nos automoveis particulares, a estática do pneumático é geralmente incômoda, mas sem consequências. Mas nos caminhões pesados e nos ônibus, ela é perigosa. Um carregador de quase 2 metros de altura, em Omaha, foi atirado ao chão por uma descarga de estática, quando tocou num caminhão que recuava para alcançar a plataforma da estação. Existem atualmente aparelhos especiais para caminhões de óleo e tanques de gasolina. Utiliza-se borracha impregnada de substâncias que a tornem boa condutora de eletricidade, em pneus e tubos de suprimento. A corrente pendente, que se usa em geral, é objeto de controvérsia. Nossos tanques de combate seriam ineficientes se não fosse o emprego de substâncias de borracha, boas condutoras, para eliminar a interferência com o rádio.

O dirigivel *Hindenburgo* foi destruido em Lakehurst quando a estática fez explodir o seu hidrogênio. As guarnições dos campos de *blimps* apanham choques quando agarram os cabos atirados do ar em operações de aterragem. É atribuida à estática a perda, certa feita, de um avião de passageiros. No desespero, tentando uma aterragem forçada, o piloto despejou a gasolina da reserva, e a estática a fez explodir.

Faz alguns anos, «a precipitação estática», assim chamada porque parecia ser causada pela chuva ou neve, tornava às vezes impossivel nos aviões a captação de mensagens pelo rádio e repercutia seriamente no dispositivo contra a formação do gelo, o que foi causa provavel de vários desastres. Em 1936 a United Airlines aparelhou um avião com grande número de utensílios técnicos, manejados por cientistas, e o mandou voar durante 600 horas no peor tempo que se podia encontrar, arrostando 50 tempestades.

Estes cientistas indicaram sete causas geradoras de eletricidade estática num aeroplano (nenhuma delas de acordo com a teoria original) e decidiram que era impossivel impedí-la e, portanto, a única coisa a fazer era tentar eliminá-la, logo que ela se forma. Desde que a estática tende a proceder de um ponto ou de uma borda aguda, os aeroplanos são agora equipados com um fio que vem detrás, de menor diâmetro que a antena do rádio, aresta das hélices ou qualquer outra parte do aparelho. Esse fio torna-se o meio mais facil de saida para a carga estática, e a neutraliza.

Em 50.000 estabelecimentos industriais, pelo menos, a presença de pó e de estática em grande quantidade constitue perigo constante, principalmente nos moinhos de trigo e fábricas de fiação. A National Fire Protection Association dos Estados Unidos avalia em três milhões de dólares as perdas anuais causadas por incêndios oriundos de estática produzida por correias e roldanas. Em muitas fábricas os operários, quando entram nas zonas perigosas, têm que passar por cima de placas de aço, ou abrir portas de metal. Estas e aquelas estão ligadas ao solo afim de aliviar a carga individual de cada um. A maquinaria industrial tambem pode causar distúrbios. No curso da última guerra houve 300 incêndios em máquinas debulhadoras na zona do Noroeste. Suspeitou-se de sabotagem, mas as investigações provaram a responsabilidade da estática, naquela época demasiado forte em virtude da atmosfera estar excessivamente seca. Pararam-se os incêndios com só colocar as debulhadoras diretamente sobre o solo.

Os registos industriais estão cheios de casos de «faiscas humanas», indivíduos que parecem armazenar maior voltagem

que outros companheiros. Vigias nas fábricas de relógios examinam os novos operários afim de que estes não armazenem cargas suficientes para magnetizar os movimentos delicados dos relógios. Numa usina da Califórnia uma mulher foi causa de sete incêndios, antes que fosse transferida para trabalho mais seguro. O motorista de uma companhia de petróleo incendiou três caminhões em poucos dias, sem nenhuma negligência de sua parte. E o Factory Mutual Record cita o caso de uma mulher, na fábrica de sapatos Endicott-Johnson, em cujo trabalho se empregava cimento de borracha. Cinco vezes durante o inverno rompeu o fogo no seu balde de cimento. Na quinta vez ela esteve de cama durante três semanas. A nenhum dos que faziam o mesmo trabalho tal aconteceu, e a rapariga que a substituiu durante a sua ausência nada teve. Entretanto 15 minutos depois que a mulher retomou o serviço, declarou-se outro incêndio.

Cita-se tambem o caso de um cultivador de maçãs de Yakima, estado de Washington, que passou um dia de muito vento a pulverizar suas árvores, e ao fim estava com as vestes completamente saturadas. As roupas secaram ao vento quando ele regressava a casa, e a estática que foi desenvolvida pôs-lhe fogo à roupa.

Tais incidentes tornam a estática mais do que uma experiência divertida nas aulas de física; pois este raio em miniatura causa muitas centenas de mortes e muitos milhões de prejuizos todos os anos.

Secreto e urgente

¶ Quando Bidú Sayão, a grande soprano brasileira, veio a Nova York disposta a cantar na Ópera, o empresário tinha o contrato pronto, só lhe faltando a assinatura da artista. Na ocasião de se preencher esta formalidade, o empresário começou a ficar deveras inquieto, porque Mamãe Sayão não fazia outra coisa senão murmurar todo o tempo ao ouvido de Bidú, a qual ia sacudindo a cabeça aprobativamente. O empresário, indeciso, ofereceu mais. Novamente Mamãe Sayão, que quase não sabia inglês, murmurou urgentemente ao ouvido de Bidú. O empresário elevou mais uma vez, e outra vez, o preço da sua oferta, até chegar ao limite das suas possibilidades.

—Miss Sayão, disse semi-sufocado o empresário,—essa é a minha última oferta. É-me absolutamente impossivel oferecer-lhe mais. Ou a senhora aceita o que lhe ofereço, ou não fechamos o contrato.

—Mas certamente! disse Bidú, sorrindo. —Certamente. Aceito.

Nesse momento, Mamãe Sayão puxou mais uma vez a manga de Bidú. A artista, ruborizando, tartamudeou:

—Por favor, minha mãe deseja saber onde é o lavatório para senhoras.

Jack Harding, *I Like Brazil* (Bobbs-Merrill)

«Não o levarás contigo»

(Condensado do «Rotarian»)

Por William Moulton Marston

«Não—disse eu—decididamente não posso ir ao teatro esta noite. Tenho aí trabalho que me chega ao pescoço, e não há drama neste mundo que me possa fazer esquecer o meu!»

Mas minha senhora insistiu, e não tive remédio senão inclinar-me. Fomos pois ao teatro. A peça era *You Can't Take It With You*—«Não o levarás contigo»—e fora distinguida com o Prêmio Pulitzer. Estávamos fartos de saber que ninguem pode levar nada consigo—dinheiro ou êxito, ou seja lá o que for—para o outro mundo. Mas logo percebí que eu tampouco podia levar comigo, a ver essa comédia, as preocupações de trabalho que me acabrunhavam: a peça era simplesmente desopilante, do gênero que deixa a gente aparafusado à cadeira, sem pensar em mais nada do outro mundo lá de fora.

O enredo girava em volta da história dum sujeito que triunfou nos negócios, e um dia, ao chegar ao ascensor do seu escritório, descobriu de repente que não queria ganhar mais dinheiro! Desceu outra vez pelo ascensor, e nunca mais pôs alí os pés, nem se importou mais com negócios. Tudo tinha um ar de farsa, mas sem por isso perder nada do seu poder de convicção, e todos os personagens da comédia se tornavam felizes graças à regra, bem simples que ela é por sinal, de nunca adiar ou pospor aquilo que lhes causasse verdadeiro prazer.

Nestes dois últimos anos deu-me para perguntar às pessoas que encontrava (e foram nada menos de 2.997!): «Para que vive você?» E cheguei a esta verificação desconcertante: 94 por cento das pessoas vivem gemendo ao peso do dia presente, mas aguentando-se na esperança embaladora de que o futuro lhes reserva utópica recompensa.

Pobres tolos. O que fazem é desperdiçar a vida, trocando a realidade do presente por um futuro problemático, como quem assiste caceteadíssimo a um grande e divertido espectáculo, à espera dum espectáculo melhor... que bem pode nunca vir a ter lugar! Erro, e bem comum. Em todas as classes e condições encontramos sujeitos assim, sofrendo da *miragem futurista*, desarranjo da alma que se apresenta sob as mais diversas e inesperadas formas.

Aí têm vocês por exemplo este cavalheiro, metido a negociante: leva a vida como se considerasse a sua ocupação presente uma estopada ou um castigo imerecido e uma espécie de prelúdio ao dia em que o Destino, o Fado, ou a Fortuna, lhe deixem cair no regaço a sorte-grande a que se julga com direito! Conheço aí dois rapazes que ganhavam uns 75 dólares por semana, empregados numa grande companhia; veio a crise, e a seção deles foi extinta, mas a empresa reteve-os como correspondentes, com um modesto salário semanal. Um deles, Harry, «condescendeu» em aceitar a modesta posição de escriturário, e lá foi arrastando de má catadura os deveres do ofício, sempre a sonhar com o «grande emprego» que o futuro sem dúvida lhe reservava. É claro que se

desempenhava tristemente das suas obrigações. A sua total indiferença pelo trabalho redundou em prejuizo para a companhia, que se fartou dele e o pôs no olho da rua. Ainda por aí anda, à cata do «grande emprego» dos seus sonhos!

Dick—o outro moço—ponderou com os seus botões que, se o seu trabalho presente tinha que ser por força escrever monótonas cartas comerciais, o melhor seria levar a coisa de cara alegre, e cumprir o melhor possivel a sua tarefa cotidiana. Nessa ordem de idéias procedeu à análise das cartas circulares da companhia, e fez a classificação das respostas recebidas. Descobriu (por estas) que algumas daquelas não davam resultado que prestasse. Queimou então as pestanas à luz da eletricidade, trabalhando até noite alta na redação de novas cartas, de acordo com o chefe, que consentira na experiência. O resultado dessas cartas foi excelente, e Dick foi premiado com a promoção a um trabalho mais sério. Está hoje no lugar que ocupava antes da crise, e com perspectivas de promoção a lugar ainda melhor. Aprendeu a gostar da tarefa que lhe distribuiram, passou a viver os dias na consideração do valor de cada dia, e desse modo chamou a si o «futuro».

A uma senhora rica, mãe-de-família com posição social, perguntei um dia qual o fim para que vivia. Respondeu: «Só tenho esperança de poder aguentar tudo isto, até o dia em que meu marido se retire dos negócios e meus filhos se casem. Vivo à espera desse dia abençoado em que possa enfim descansar!» Os nervos da senhora aguentaram bem o esforço, mas quando chegou à altura de o marido se retirar à vida privada, com os filhos já casados e arrumados, ela estava reduzida a um frangalho, com os nervos em estado miseravel. E poderia, no entanto, ter tornado digna de viver a sua vida presente, se tivesse tomado a peito o seu papel de esposa e mãe. Mas não, limitou-se a «aguentá-lo»... E quando esse papel chegou ao termo, o futuro com que ela andara anos sonhando mostrou-se vazio como a casca duma castanha peca.

Ao lado desse tipo expectante, temos o futurista que sofre de alucinantes miragens, que lhe mostram mais verdes as «verdes pastagens» celestes do futuro. Dizia-me há pouco uma atriz de Hollywood: «Oh, enquanto não conseguir obter o meu divórcio, e casar-me com X., não vivo, vegeto!» Será esse o seu segundo, mas não, infelizmente, o seu último divórcio... Sempre lhe parecem fascinantes, irresistiveis, os homens com quem não se casou ainda. Essa alucinação das «verdes pastagens» celestiais, em forma embora menos aguda, frustra a existência de muitos casais. O simples fato de terem o presente ao alcance da mão, pronto a ser desfrutado, faz com que só o futuro lhes pareça desejavel, digno, aprazivel: tanto mais facil é sonhar com outra camaradagem, do que fazer ativamente todo o possivel por tirar proveito da camaradagem atual...

A verdade é que nenhum futuro é tão certo, que por ele valha a pena desprezar qualquer bem presente, ganho com esforço. Muita gente, por se ter esquecido desta grande verdade, tem-se visto em dolorosas condições. Vejam o seguinte caso. O pequeno Tim não largava o pai, sempre a pedir-lhe que o ajudasse a construir uma cabana de brincadeira. Não havia nada que o Hardy recusasse àquele menino, mas isso de construir uma cabana de ferro velho, pedaços de lata e papel alcatroado, é que lhe parecia ir alem da medida.

Não foi capaz de compreender a verdadeira finalidade do pequeno, que era a alegria de trabalhar junto com o pai. Assim, Hardy disse ao pirralho que, tão depressa lhe sobrasse dinheiro, mandaria construir uma barraquinha como devia ser, para brincar. O garoto achou que estava muito bem, ótimo até; não poderiam entretanto, eles, construir *juntos* uma cabaninha, até que chegasse a oportunidade da outra?... Hardy riu-se e prometeu que havia de pensar nisso. Dois dias depois o pequeno Tim era atropelado por um automovel à porta da escola. Quando o pai chegou à beira do seu leito, no hospital, estava ele agonizante. Dos labiozinhos escapava-se-lhe um murmúrio confuso, e Hardy, para ouví-lo, teve que inclinar-se.

Dizia, no seu delírio, o pequenino: «A gente não chegou a fazer a cabana, não foi?»

Perguntei ao Babe Ruth, famoso herói do beisebol, qual fora o momento mais interessante da sua carreira; respondeu que fora durante o terceiro desafio da sua última série mundial. Estava ele num *slump*, com o seu time a perder, e dois *strikes* já às costas. A multidão começou a apupá-los. Na ânsia de vencer, Babe ergueu-se à altura das circunstâncias, e, apontando para um ponto distante do campo, berrou para os fãs encolerizados: «Eh! Vou meter a bola alí só pra vocês verem!» Meu dito, meu feito—a bola seguinte acertou mesmo onde ele prometera. Foi o maior *home run* que jamais se viu no Campo Wrigley. Perguntei-lhe então em que pensara quando a bola lhe foi dirigida: «Em que pensava eu?» rosnou. «Ora, no que havia de ser! Naquilo em que sempre estou pensando, em dar na bola!»

Aí têm vocês o verdadeiro campeão—o sujeito que conserva a atenção atarrachada no ato presente, e reage a cada crise com todas as forças de que dispõe... Com as finais do campeonato mundial à porta, e o seu próprio contrato de profissional a oscilar na balança, Babe Ruth só tinha este pensamento: dar na bola!

A primeira vez que vocês se virem numa enrascada, com uma cambulhada de erros no costado, e tudo a depender do primeiro ato que executem, esqueçam passado e futuro. Pensem só numa coisa: dar na bola. Entreguem-se ao curso dos acontecimentos—dêem tudo que possuem ao seu desejo de ganhar, antes que passe a crise. Será essa a melhor prova que vocês terão dado do que podem, graças à massa de «vapor» acumulada nesse momento decisivo. Cada crise nos oferece uma reserva inesperada de energia. E será melhor gastá-la então, porque... porque a não levaremos conosco!

Vem-me agora à idéia o Shelby, que tinha a ambição de viajar, mas ia sempre adiando as viagens na esperança de poder juntar mais dinheiro e ter tempo. Quando chegou aos 46, morreu-lhe uma tia que lhe deixou todos os seus bens. «Agora já você pode ir viajar por esse mundo», disse-lhe alguem. «É certo, podia», concedeu Shelby. «Mas se empreguei bem este capital, posso ficar com uma renda que me permita aposentar-me e fixar residência no estrangeiro.» O hábito de afundar o presente em fantasias de futuro tornara-se tão arraigado nele, que não conseguia aproveitar-se de nenhuma realidade. O acontecimento que poderia ter dado satisfação ao seu já antigo desejo de viajar, em vez disso, destruiu-lho.

Causaria espanto o número de pessoas que me têm dito estarem esperando ter

dinheiro, ou que os meninos estejam educados, ou não sei que mais, para irem então viajar. Mas não é preciso esperar! A família mais viajeira que eu conheço, não tem de seu senão um auto com oito anos de uso. Nessa caranguejola é que a família, pai, mãe e três meninos, têm atravessado já cinco vezes a América, vivendo de coisas mínimas, dormindo em campos de turismo. São pobres, mas não fazem disso uma escusa para adiarem aquilo que mais desejam *agora*, neste momento. Quando o seu desejo de viajar se tiver saciado, terá deixado atrás de si um tesouro inestimavel de experiências e recordações.

Um desejo há, que acima de todos devemos satisfazer quando nos chega, pois corremos o perigo de que se evole para não voltar: é a sede de cultura. Há bem oito anos que um tipo meu conhecido vem prometendo a si mesmo ler certos livros—«quando tiver tempo». Ainda os não abriu, nem, provavelmente, o fará nunca. O seu desejo de cultura, outrora ardente, foi amortecido pelo adiamento. Fica para outro dia! Quantas pessoas conhecemos nós, que são incapazes de ler seja o que for alem de jornais? Experimentam vaga necessidade de refrescar o espírito, sim. Mas sabem que a cultura alí estará sempre à espera deles, «quando houver tempo para isso». A cultura lá estará: mas o desejo deles é que não...

«Em toda gente acorda um dia algum interesse pelas idéias, a música ou a pintura», escreveu William James. «Dez minutos de poesia ou de meditação por dia, ou uma a duas horas de música por semana, com a condição de começarmos *já*, agora mesmo, nos dariam com o tempo tudo aquilo que desejamos. Mas ao poupar-nos à tarefa diária cavamos a sepultura das nossas mais altas possibilidades.»

Ninguem pode arrancar-se ao momento que passa, só com divertir a sua atenção para o que poderá suceder amanhã; quer queiramos quer não, é no presente que vivemos. Uma coisa, e só uma, há que podemos levar conosco para o mundo do futuro, e vem a ser a arte de viver. E essa, só podemos conquistá-la *vivendo*—no mundo real de cada dia que passa. Se tivermos essa sabedoria, teremos nas mãos a chave mágica que abre o tesouro da ventura, que o tempo se encarrega de ir transformando indefinidamente em felicidade presente.

Colheita de um olhar tranquilo

¶ Procura caminhar através de um livro, em lugar de correr velozmente pelas suas páginas: não o terminarás tão depressa, mas descobrirás muita coisa que nunca observaste antes, adquirindo ao mesmo tempo uma sensação nova, fresca e saudavel—a de ter conseguido um êxito pessoal.

Clifton Fadiman, *Good Housekeeping*

O que a Alemanha sofre com a guerra aérea

Por Allan A. Michie

Regressando da Inglaterra aos Estados Unidos, o autor deste artigo trouxe novas e reveladoras informações a propósito dos raides da RAF sobre território alemão.

Sabe-se hoje que a ofensiva desencadeada pela RAF contra a Alemanha, em 1942, causou prejuizos bem maiores que os que a Inglaterra sofreu, por ocasão do *blitz* da *Luftwaffe*, entre 1940 e 1941. Oito das trinta e cinco principais cidades industriais do Reich foram de tal modo devastadas, que passaram a representar mais um onus que um auxílio, na máquina de guerra de Hitler. Não são pequenos, em outras, os danos verificados.

O próprio moral dos nazistas ficou de fato abalado. O embaixador Franz von Papen, de volta de uma das suas viagens à Alemanha, não ocultou a um diplomata neutral as apreensões que trazia: «A situação na Renânia é desoladora. O povo pede a paz a qualquer preço. A menos que se faça alguma coisa para deter a RAF, a situação, para o partido nazista, vai ficar perigosa.»

É fora de dúvida que a Alemanha foi gravemente atingida. Cumpre aos Aliados impedir-lhe que recupere as forças. O momento é oportuno para atacar os nazistas com todos os meios disponiveis. Se fosse possivel triplicar os raides, a Alemanha estaria derrotada, ao peso dos bombardeios, no máximo, em seis meses.

As cidades danificadas

As oito grandes cidades mais sacrificadas, desde março de 1942, quando o Comando de Bombardeiros Britânico lançou o primeiro dos mais duros ataques aéreos de que até hoje há notícia, são: Lubeck, Rostock, Colônia, Emden, Wilhelmshaven, Mogúncia, Karlsruhe e Dusseldorf. Em onze outras cidades—Bremen, Hamburgo, Osnabruck, e Munster—a RAF destruiu muito mais que a Luftwaffe em Coventry.

A extensão dos prejuizos causados não é matéria opinativa. Os nazistas empregaram grande esforço para ocultá-lo aos próprios alemães, vedando o acesso às áreas devastadas. Não puderam, entretanto, impedir que os aviões britânicos de reconhecimento fizessem as suas observações. Voando sobre a Alemanha em pleno dia, com a incrivel rapidez de que são capazes os novos Mosquitos ingleses de dois motores, ou nos ageis Spitfires, de lá voltaram os pilotos da RAF com a prova, o documento fotográfico, da colossal destruição praticada. Comparando as fotografias com as cartas urbanas das respectivas cidades, foi possivel aos técnicos medir, em algarismos precisos, as superfícies varridas pela ação dos bombardeios, e as suas conclusões são confirmadas por agentes secretos ingleses, organizações subterrâneas, e observadores neutros, residentes na Alemanha.

Eis, em seus termos gerais, os estragos de mais vulto:

No ataque de 30 a 31 de maio de 1942, concentrado sobre Colônia, 1.043 aviões de bombardeio despejaram, em 90 minutos, mais de 3.000 toneladas de bombas incendiárias, e pesados explosivos, sobre a terceira das maiores cidades do Reich. Foram necessários cinco dias para que se desfizessem as grossas nu-

vens de fumo que encobriam os locais atingidos, de modo que os aviões de reconhecimento pudessem tirar fotografias claras, revelando as exatas proporções dos danos causados. O número de edifícios arrasados excedeu a 20.000, enquanto milhares de outros se tornaram inhabitaveis. Cerca de 200.000 pessoas tiveram que ser evacuadas. Quase um terço de Colônia, excluidos os subúrbios, ficou reduzido a ruinas.

Na «City», de Londres, o seu conhecido bairro financeiro, sobre o qual caiu em cheio o famoso ataque nazista de 29 de dezembro de 1940, tendo sido ainda, depois, duas vezes bombardeado, a área total de prédios demolidos foi de 400 mil metros quadrados. Em Colônia, cidade cujo tamanho é um oitavo do de Londres, a área onde não ficou pedra sobre pedra subiu a 2 milhões e 400 mil metros quadrados, vale dizer ao sêxtuplo.

Lubeck, importante base submarina do Báltico, foi a primeira cidade da Alemanha a sofrer um ataque em massa da RAF. Do centro urbano propriamente dito, só metade se salvou, tendo sido demolidas 3 mil casas, o que deixou desalojadas 42.000 pessoas.

Rostock, outro porto báltico severamente atacado, é, ainda hoje, um lugar morto, com as ruas principais cheias do entulho de casas que desabaram. A parte velha da cidade foi arrasada, quase 70 por cento. O número de mortos, ou gravemente feridos, passou de 6.000, e, dos 115.000 habitantes, uns 40.000 emigraram, partindo, às pressas, para outros pontos do Reich.

Fotografias de Karlsruhe mostram que a sua zona central foi quase totalmente destruida, numa área superior a um milhão de metros quadrados, por conseguinte mais de duas vezes e meia a que representou na City de Londres, a mais vasta zona isolada de destruição na Inglaterra.

Sobre Mogúncia, porto fluvial, a RAF lançou 50 mil bombas incendiárias e centenas de toneladas de altos explosivos num raide de saturação que, durando apenas 46 minutos, fez voar pelos ares o centro da cidade, numa superfície de mais de 500.000 metros quadrados. Morreram cerca de 400 pessoas, e houve que evacuar 40.000.

Em Dusseldorf, 100.000 bombas incendiárias, despejadas num só raide pela RAF, destruiram 350 casas de negócio, e danificaram 30 fábricas. A área total atingida foi alem de 1 milhão e meio de metros quadrados. Uma bomba de 4 toneladas caiu sobre a estação da estrada de ferro justamente no momento em que alí chegava um trem carregado de produtos das indústrias alemãs. Metade do edifício ficou reduzida a pó, e de 50 das pessoas que vinham no trem não foram sequer encontrados os vestígios.

Em cada qual das outras cidades vítimas dos ataques em massa, repete-se o mesmo quadro. O centro de Bremen é um montão de ruinas. Dificilmente se encontrará um quarteirão em Hamburgo, sem escombros de edifícios. Em Nurenberg, que serviu de teatro, antes da guerra, a tantas exibições do partido nazista, a devastação se estendeu por 7 mil metros quadrados. O coração de Saarbrucken, centro ferroviário tão vital do oeste da Alemanha, recebeu golpes tremendos. Não há exagero em dizer que, da parte central de Mannheim, nada ficou senão cinzas. Quase metade de Aix-la-Chapelle e Munster, onde morreram 3.000 pessoas, desapareceu na voragem dos terriveis incêndios e explosões.

Porque os raides nazistas falharam

A DESPEITO da evidência dos danos formidaveis causados à Alemanha por alguns grandes ataques, embora relativamente poucos, da RAF, há ainda quem considere que, se não puderam os nazistas ganhar a guerra por via do bombardeio das Ilhas Britânicas, não há-de ser o bombardeio do Reich que leve as Nações Unidas a ganhá-la. Tenha-se, entretanto, por seguro que o ataque nazista falhou, simplesmente pelo fato de não dispor a Alemanha, nem da quantidade suficiente de aviões de tipo adequado à ação de que se tratava, nem de tripulações bem treinadas para vôos noturnos, nem da organização aérea necessária para que não faltasse às operações a continuidade devida.

A maior carga de bombas, lançada de uma vez, isto é, num só raide, pelos alemães sobre a Inglaterra, não chegou a ser de 450 toneladas. *Colônia, Bremen e Essen receberam, cada uma, num só raide, cerca de 3.000 toneladas de bombas da RAF.* Saarbrucken, Karlsruhe, Bremen (duas vezes), Francforte, Dusseldorf, Wilhemshaven, Duisburgo e a área industrial do Ruhr, sofreram ataques mais rijos do que o peor dos que a *Luftwaffe* de Goering desencadeou contra os ingleses.

Só ouví falar de uma bomba de 1.800 quilos, usada pelos nazistas, nos seus raides contra a Inglaterra, ao passo que hoje, grande parte das bombas de que se serve a RAF têm precisamente aquele peso, — deram-lhe, respeitosamente, os alemães, o nome de «arrasa-quarteirão» — empregando-se ainda outras que pesam, não aquilo, mas o dobro.

No mais vigoroso dos seus ataques a Londres, foram os alemães obrigados a por em atividade uns 450 aparelhos, dos quais, ainda o mais pesado, não chegava a transportar duas toneladas de bombas. Agora, mais de dois terços da força de ataque da RAF são representados por aviões com capacidade para o transporte de 7 a 8 toneladas, senão mais.

O que as fotografias não revelam

AS FOTOGRAFIAS demonstram que os novos métodos de bombardeio, empregados pelos ingleses, lhes têm permitido danificar seriamente centenas de fábricas alemãs. Há, porem, outros resultados, obtidos pela RAF, que não poderão ser julgados por provas fotográficas. A produção, por exemplo, de carvão e de aço, foi reduzida, no Reich, em grandes proporções. E—como não ignoram os que acompanharam de perto o blitz contra os ingleses—os efeitos indiretos dos raides aéreos, como sejam os que incidem sobre os serviços civís e as reservas de alimentos, podem prejudicar o esforço de guerra, tanto quanto o desmantelamento de fábricas. Rostock ficou 18 dias sem água, gás e electricidade. Nove dias depois do ataque que sofreu, e no qual tomaram parte 1.043 aviões, Colônia tinha ainda interrompidas todas as suas comunicações telefônicas e telegráficas. O exército alemão teve que enviar a toda a pressa gêneros alimentícios, roupa e medicamentos, para acudir a Lubeck, onde, afim de agradar à população, profundamente abalada, se distribuiram gratuitamente 8.000 charutos e 1 milhão de cigarros, quando a ração normal, para cada fumante, era de 3 cigarros por dia.

Cerca de 10 milhões de alemães—um oitavo da população do Reich—sofreram, de um modo ou de outro, as con-

sequências dos ataques da RAF. As organizações nazistas de socorro já se mostram deficientes para o vulto dos encargos que lhes pesam sobre os ombros. A primeira remessa de roupa, rações extraordinárias e suprimentos médicos, para Karlsruhe, só chegou alí *seis semanas* depois do bombardeio que tanto atingiu e desorganizou a vida da cidade. Todos os fornecimentos de emergência, destinados a Stuttgart, ficaram depositados, e se perderam, em Karlsruhe.

Posto que os raides obrigem os nazistas a imobilizar 3 milhões de homens e mulheres, de que tanto precisariam em outras atividades, e que hoje se ocupam nos diferentes serviços da defesa aérea, ainda assim tais serviços se revelam aquem das necessidades. Algumas cidades têm sido forçadas a pedir bombas contra incêndio a lugares à distância de 200 e mais quilômetros.

A evacuação de refugiados é outro problema. Umas duas mil mulheres e crianças, de Karlsruhe, tiveram que passar dois dias num trem, antes que se arranjasse, para elas, alojamento em Lerach. Viena, que já não tem mais onde acomodar forasteiros, viu-se na contingência de acolher mais 3.000 por semana.

O problema dos desalojados

A GRANDE ESCASSEZ de alojamento determinará, este inverno, penosa situição, sabido como é que a Alemanha vinha já sofrendo, antes da guerra, não pequena crise, em matéria de habitação. A RAF destruiu trezentas mil, e tornou inhabitaveis centenas de milhares de casas de morada. Em Hamburgo, 200.000 pessoas sentem a falta de alojamento adequado à permanência no inverno. Cerca de 30 por cento dos residentes de Bremen se acham em abrigos impróprios para a habitação humana. Nos arredores de Colônia, vêem-se ainda hoje refugiados morando em barracas. Em Mogúncia, em cada grupo de dez prédios, sete foram destruidos total ou parcialmente. Foram tantas as casas de operários da fábrica Focke-Wulf, de Bremen, reduzidas a ruinas, que os homens tiveram que ser alojados em barracas de emergência, impróprias para o inverno. Não é possivel, por exemplo, encontrar à venda, em toda a Alemanha, um vidro para janela. O dr. Robert Ley, Comissário da habitação do Reich, recebeu poderes especiais para impedir a evacuação em massa de refugiados em pânico.

Numa Alemanha tão empenhada na guerra, os ataques aéreos têm obrigado os nazistas a dedicar mais de 50 por cento da sua capacidade de produção a necessidades civís. É altamente significativo que muitas fábricas hajam suspenso a produção de guerra, passando a ocupar-se, de preferência, na manufatura de moveis para as habitações a refazer.

A propaganda nazista esforça-se por demonstrar que os raides ingleses têm tido efeito contraproducente no moral da população, antes revigorando-o que abatendo-o. Informações vindas, entretanto, da própria Alemanha, dizem justamente o contrário.

Milhares dos que ficaram sem habitação foram removidos para Berlim; mas eram tais as impressões que traziam e transmitiam, do que havia acontecido, que houve receio de que o moral da capital fosse atingido, e então os removeram novamente, desta vez para as áreas rurais de Mecklenburgo. Em Munique e Francforte, a inquietação dos espíritos chegou a tal ponto, que vieram

do front russo várias divisões de Guardas de Assalto (SS) para reforçar a polícia. Na região do Ruhr, onde a RAF reduziu a objeto de ridículo a oca fanfarronice de Goering, quando dizia que «nunca exporemos o Ruhr a uma simples bomba estrangeira», tantas famílias tratam de escapar-se para lugares menos perigosos, que surgiu uma lei proibindo a mudança de alguem, dalí, para alem de uma distância de 10 quilômetros.

O moral, em toda a parte onde houve bombardeio, ficou tão profundamente abalado, que os chefes nazistas não puderam mais ocultar as suas apreensões, transparentes na linguagem com que falaram ao povo. Goebbels advertiu: «Se qualquer cidade alemã se mostrar agora pusilânime, as crianças hão-de algum dia cuspir com desprezo na memória da nossa geração.» O *gauleiter* Wegener, de Bremen, anatematizou os alemães, homens válidos e fortes, que se precipitavam para os abrigos, e ameaçou recrutá-los para os serviços de defesa aérea. Para que se tenha idéia da gravidade do caso, basta dizer que a inspeção da polícia de defesa aérea foi confiada a Himmler, chefe da Gestapo.

Tal é, em resumo, a história da Alemanha sob a ofensiva da RAF.

Retidos no limiar da vitória

PARA os que sabem o que representa o bombardeio aéreo, o de que ele é de fato capaz, há uma nítida impressão de que nos achamos realmente às portas da vitória. Acontece, entretanto, que não temos a força de bombardeiros necessária para romper de vez o último lance da resistência nazista. O Comando de Bombardeiros Britânico, a única força das Nações Unidas que está levando, com efeito, a guerra ao território alemão, não tem no momento ao seu dispor senão cerca de dez por cento dos aviões de operações da RAF — menos do que tinha um ano antes.

Há várias razões para que tal aconteça. As fábricas inglesas de aviões, não só têm sofrido as consequências do fato de passarem a produzir aparelhos de 4 motores, mas tambem se vão ressentindo de certa escassez de pessoal. Por outro lado, o Almirantado, cuja autoridade é tão grande num país que não cessa de julgar-se, antes de tudo, uma potência naval, empregou em patrulhas marítimas mais de 50 por cento dos bombardeiros pesados ingleses, e quase todos os Liberators e Fortalezas Voadoras fornecidos à Inglaterra pelos Estados Unidos. E muitos aviões foram enviados para o Próximo Oriente e para a Índia. Assim, o concurso, na hipótese, dos bombardeiros americanos, no qual se depositaram tantas esperanças, não se tem concretizado com a rapidez que fora de esperar. Até princípios de novembro último, onze meses depois de Pearl Harbor, nem um só avião americano tinha despejado uma bomba sobre o território do Reich!

Os ataques em massa, por um milhar de aviões, produziram, não há dúvida, terriveis efeitos. Mas os próprios nazistas compreendem que só se realizaram à custa de imenso esforço, de todo extraordinário, e pondo em ação todos os bombardeiros de que a Inglaterra dispunha. É mister que se passe a produzir bombardeiro em quantidade bastante para que os ditos ataques se possam praticar semanalmente. Uma decisão do alto comando anglo-americano poderia remover, sem maior demora, os obstáculos que andam a impedir a intensificação do bombardeio aéreo.

Não há tempo a perder. Os nazistas se acham ainda em atrazo, relativamente aos ingleses, quanto a aparelhos ou métodos de rádio—locação, para pressentir devidamente os bombardeiros noturnos; mas é claro que se esforçam por dar solução ao problema. Dentro de algum tempo, poderão, quem sabe, utilizar tantos aviões de combate, que os grandes raides venham a revelar-se demasiado custosos, para se realizarem com a indispensavel continuidade.

Apesar de tão pequena a força de que dispõe, o Comando de Bombardeiros Britânico tem podido demonstrar que é possivel levar os nazistas, pelos bombardeios, à derrota. São claros, no Reich, os sintomas de abatimento do ânimo. Os Aliados devem triplicar ou quadruplicar, quanto antes, a sua força aérea de bombardeio. Se o fizerem, terão a Alemanha, mais dia menos dias, aos seus pés, e os exércitos inglês e americano, ao abrirem o verdadeiro «segundo front», já estarão, virtualmente, senhores do campo.

O objetivo foi recapturado

¶ Eis como um oficial inglês se cobriu de glória na campanha da Líbia:

Os italianos atacaram alta noite um posto avançado britânico, e o oficial que o comandava, ante forças numericamente superiores, foi obrigado a se retirar às pressas. Mas, logo depois o oficial se recordou de que havia deixado atrás, no acampamento abandonado, os seus preciosos dentes postiços. Convocou logo cinco voluntários para um raide às linhas inimigas e, com grande surpresa, viu que os italianos desapareciam sob uma nuvem de poeira, sem disparar um só tiro. Mandou chamar imediatamente o resto das suas tropas e, ao anoitecer, o posto avançado tinha sido recapturado—e a dentadura postiça tambem.

A façanha, sem qualquer menção dos dentes falsos, chegou aos comandos, e, em devido tempo, o oficial foi condecorado—por ter comandado um desesperado e vitorioso ataque!

—Hugh Gibson

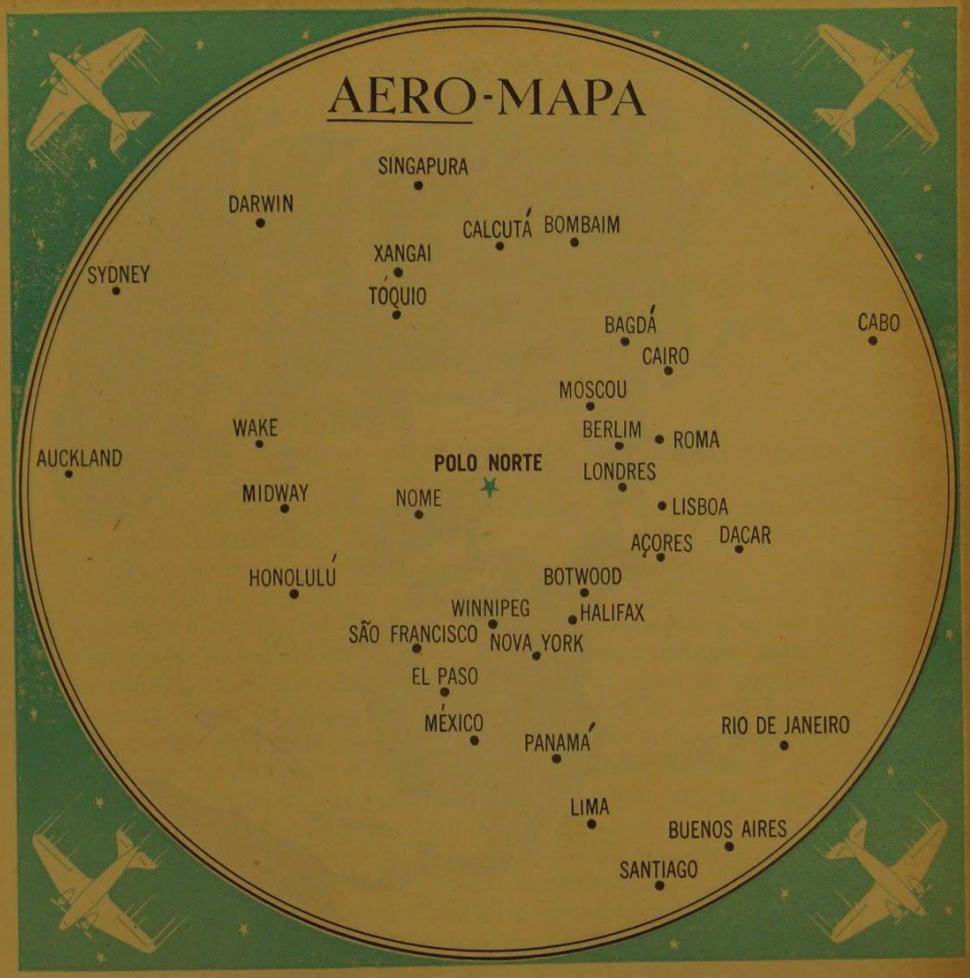
Mateus, primeiro os teus?

¶ Milhares de prisioneiros italianos, que se acham na Inglaterra, trabalham no campo e são remunerados. Recentemente, com grande espanto para o comandante de um dos acampamentos, um dos italianos, falando em nome dos seus companheiros, perguntou se eles poderiam comprar bonus de guerra ingleses.

—Certamente, respondeu o oficial inglês.—Mas não compreende que os fundos obtidos com a venda de bonus de guerra são empregados em bombas que poderão ser lançadas sobre a Itália?

—Oh, nós sabemos isso, declarou o prisioneiro.—Mas, pelo menos, nosso dinheiro estará seguro.

—CBS



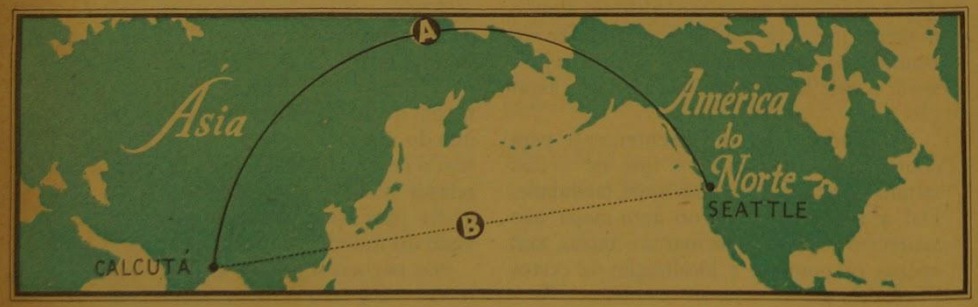
Este mapa estranho apareceu num anúncio da American Airlines. Para o homem que vive em terra, ele parece estrambótico; mas para o aeronauta representa o que há de mais essencial em aviação.

O aviador olha indiferentemente para continentes e oceanos: é que os aviões saltam por cima deles com igual facilidade. Daí a razão por que no aero-mapa não aparecem contornos de mares e terras, mas apenas os nomes e a localização de certos pontos no globo.

Terminada a guerra, certamente atingirá proporções enormes o transporte aéreo de frete e passageiros. As velhas rotas marítimas e terrestres serão substituidas por linhas diretas, próprias aos aeroplanos, muitas das quais, já em uso, cruzarão o ápice do mundo. Esta é a razão por que o aero-mapa tem o centro no Polo-Norte. Teremos que refazer completamente o estudo da geografia para que possamos adquirir exata visão do mundo na era da aviação.

Nas páginas seguintes outros mapas oferecem margem a novos comentários.

Aqui, o mapa usual do mundo, A, é uma grande curva, e B uma linha reta. Na realidade, A é a linha reta, o caminho mais curto entre dois pontos a milhares de milhas.



Como o mundo está mudando de feitio

A ESTRATÉGIA da presente guerra é baseada sobre um mapa de projeção polar. Homens e materiais estão sendo levados em massa para bases no Extremo Norte, seguindo as rotas mais curtas e mais rápidas para a Europa e Ásia.

A aviação tornou obsoletos os mapas comuns. Mais do que isso: estes se tornaram elemento de confusão.

Wendell Willkie voltou da China por Nome, Alasca e Edmonton (Alberta). Tal trajeto, que seria incompreensivel se traçado em um mapa tradicional, fica perfeitamente claro, e quase em linha reta, num mapa de projeção polar.

É segredo da censura militar tudo o que foi feito para tornar exequiveis essas rotas do extremo norte. Sabe-se porem que se gastaram milhões de dólares, e que os caminhos do Ártico estão sendo sobrevoados diariamente.

A geografia aérea oferece dados realmente alucinantes. Eis alguns fatos que impressionam: a base aérea alemã do Cabo Norte, na Noruega, não está mais distante de Seattle (Washington), ou de Des Moines (Iowa), do que Washington, D.C. Mineápolis está mais próxima de qualquer capital da Europa, por via aérea, do que Buenos Aires. E este fato é dos que trantornam a concepção «hemisférica» da geografia e da política. Detroit e outros grandes centros de produção de guerra do Centro-Oeste estão mais próximos da Rússia do que qualquer outra cidade costeira da América, e o serviço de transporte militar aéreo é atualmente baseado nessa realidade.

O aeroplano promete refazer completamente o mapa comercial do mundo depois da guerra. A rota marítima de Seattle a Calcutá mede 12.000 milhas, ao passo que a distância aérea é apenas de 7.225 milhas. De São Francisco a Liverpool são 8.000 milhas por mar, e 5.200 milhas por ar. Em termos de tempo gasto, ainda é mais impressionante a diferença. Um transporte aéreo pode fazer 25 viagens enquanto um navio cargueiro faz uma apenas.

Muitos portos marítimos perderão em importância à medida que os aeroplanos forem substituindo os navios. Ao contrário, as cidades situadas no entroncamento de rotas aéreas terão desenvolvimento espantoso. Haja vista o que está acontecendo com os novos centros que surgiram: Wichita, Edmonton, Miami, Mineápolis.

O mundo diminuiu de tamanho—e tambem mudou de fisionomia.

Adaptação de «Human Geography in the Air Age» por George T. Renner. Copyright 1942, Macmillan Co.

Será isto uma prisão de mulheres?

(Condensado do «This Week Magazine»)

Por Karl Detzer

PELO CAMPO ensolarado, moças passeavam, conversando, aos grupos de duas e três. Todas usavam vestidos alegres; algumas tinham posto suéteres, protegendo-se assim contra a inclemência matinal do ar da montanha. A maioria sobraçava livros escolares.

Aquilo podia muito bem ser uma dispendiosa escola de aperfeiçoamento para filhas de gente rica. O estado de Califórnia, porem, chama de «Tehachapi Prison», e dentro daquelas dezenas de hectares de terra, rodeados por alta cerca de tela, isola 180 das suas peores criminosas. Quarenta delas foram condenadas por crimes de morte; outras, por delitos que vão de pequenos furtos em lojas a assaltos nas estradas. Mais de metade das internadas têm menos de trinta anos de idade. Em Tehachapi não existem cubículos, nem grades, nem guardas ou gente armada. Nada de fardas humilhantes, nada de marchas em filas, nenhum regulamento de silêncio. Os telhados vermelhos das habitações normandas formam agradavel contraste no fundo verde das montanhas distantes.

As origens dessa nova espécie de prisão podem ser encontradas há dez anos passados, quando a senhora Rose B. Wallace foi visitar a seção feminina da penitenciária estadual de San Quentin. O que viu chocou-a profundamente. Apelou então para o Clube de Mulheres da Califórnia. Depois de longa batalha, ela e suas companheiras conseguiram convencer a assembléia de que as mulheres precisavam ser transferidas da velha prisão, afim de livrar-se das suas péssimas condições físicas e morais. Assim nasceu Tehachapi — e a senhora Wallace é hoje presidente do seu Conselho Diretor.

O Estado da Califórnia pensa haver encontrado solução racional para o problema do crime entre as mulheres. O esforço para rehabilitação dessas vidas, em Tehachapi, não custa, individualmente, mais de 500 dólares por ano, tanto quanto custava, para cada sentenciada, na antiga prisão.

A superintendente de Tehachapi é Florence Monaham, uma mulher alta, bem humorada e muito acessivel, que assumiu o cargo em 1937, depois de muitos anos de tirocínio como professora, inspetora de disciplina e chefe de reformatório. Nenhum homem ou mulher, afirma a senhorita Monaham, pode sair de uma prisão transformado em cidadão util, depois de ter passado anos trancafiado, fazendo refeições em silêncio, e vivendo em tristonhas masmorras de pedra. Por isso, em Tehachapi, depois de seis semanas de observação, cada sentenciada tem o seu quarto num dos pavilhões. Lá, ela encontra agradaveis salas de estar e refeitórios onde são servidos com fartura os alimentos de que as mulheres mais gostam. De cada quarto se descortinam maravilhosos panoramas de montanhas e tapetes de flores e relva, e a «presa» pode ornamentar seu quarto, com quadros e enfeites comprados com o dinheiro ganho nas oficinas da prisão. Nos intervalos

entre as aulas, trabalhos e refeições, as reclusas podem utilizar-se de seus cômodos à vontade, como as internas de um colégio.

Todas as moças são conhecidas pelos seus primeiros nomes ou por apelidos. As visitas não falam através de telas, mas numa grande sala de estar, com lareira e confortaveis cadeiras. O único assunto proibido é o seguinte: «Porque motivo está aquí?»

O trabalho começa às 7 e 30 da manhã, nos jardins, na lavanderia, nos estábulos, e na pequena oficina que fornece bandeiras para os edifícios estaduais. Toda internada tem que prestar três meses de serviço nesta oficina, aprendendo a coser; períodos idênticos passará na lavanderia e na cozinha. Com exceção da cozinha, o tempo de trabalho diário é de sete horas. Feitas estas aprendizagens, pela sua conduta, a presa conquista o direito de escolher o trabalho que deseja fazer.

Algumas se dedicam a trabalhos técnicos no hospital, outras nos escritórios, as recem-chegadas sempre orientadas pelas veteranas. Desta maneira, Tehachapi produz habeis técnicas de raios X, assistentes de dentistas, telefonistas, contadoras, fotógrafas.

Se o desejam,—e isto acontece em 68 por cento dos casos—frequentam as aulas de suas preferências. As aulas de literatura, de pintura e de música são as mais populares; tambem, mais praticamente, economia doméstica, prendas, inglês, corte e estenografia. Nunca houve dificuldade para conseguir-se bom corpo docente. Várias condenadas têm até curso superior e algumas são professoras e advogadas.

Aos sábados, à tarde, podem ir ao cinema. À noite dansam, servindo algumas de «cavalheiros», ao som do rádio ou da vitrola. Às quartas-feiras, à noite, realizam jogos inocentes de cartas. Às segundas, a companhia de pequeno teatro de Tehachapi leva à cena dramas, muitas vezes escritos pelas próprias sentenciadas, ou o coro do «campo», de 24 vozes, realiza uma noite de Beethoven ou interpreta um antigo canto da comunidade.

É lícito a cada uma sintonizar o rádio do seu quarto para programas humorísticos, para discussões ou conferências, para boa música e boas comédias. Na biblioteca se encontram os livros e revistas mais recentes. Tehachapi insiste em que as condenadas acompanhem a época, estejam a par do que o mundo fala no momento, dos homens e assuntos importantes. No dia em que, usando elegante chapéu, com vestido e capa novos, qualquer delas, cumprida a pena, transpuser, cheia de esperanças, a porta do «campo», deve estar preparada para enfrentar o mundo.

«Damos, a todas, tantas espécies de experiência quantas são possiveis, toda a capacidade para se governarem por si próprias,»—declara a senhorita Honaham, «porque só aprendendo a dirigir seus próprios assuntos aquí podem elas dirigí-los, com êxito, lá fora.»

Cada residência é fiscalizada por uma comissão composta de três internadas. Semanalmente elas se reunem com a superintendente para conversar sobre problemas particulares de certas reclusas, oferecer e discutir sugestões para novos regulamentos.

Raros são os castigos. De quando em vez, duas moças brigam, por qualquer motivo. As outras separam-nas logo, lêem o «auto» de insubordinação, e fazem com que se sintam envergonhadas. A disciplina é imposta pelas próprias internadas, umas para com as ou-

tras, por meio do silêncio e do ostracismo. As autoridades, algumas vezes, suspendem durante semanas certas regalias, como comprar cigarros ou frequentar o cinema. Não há castigo corporal de espécie alguma. O único cubículo de isolamento acha-se no hospital, sendo usado apenas nos casos de histeria. «Não tentamos fazer estas moças mais santas do que as pessoas que as mandam para aquí,» diz a senhorita Monaham.

O tempo médio para uma criminosa de morte é de 12 anos; para outras prisioneiras, menos de cinco. Via de regra, é o suficiente para a regeneração. Desde que o regime vem sendo executado nenhuma presa tentou fugir, embora qualquer moça agil possa com facilidade escalar a cerca de arame. Todas, em geral, compreendem que o melhor caminho para conseguir a liberdade é ganhá-la, por meio da auto-disciplina, aprendendo a viver como elementos uteis à sociedade. O Conselho de Livramento Condicional da Califórnia procura garantir a cada qual um emprego, de acordo com o preparo que recebeu enquanto esteve no campo.

Às pessoas que se recusam a aceitá-las, a superintendente responde que nos últimos dois anos apenas 6,1% delas voltaram a Tehachapi por violações de compromissos, ou reincidência. Em alguns estados esta sobe a 25%.

Quase todas se tornam elementos uteis quando restituidas ao mundo. Antiga ladra de lojas transformou-se numa competente costureira. Depois de libertada prosperou em um negócio que instalou. Uma moça com passado bem «carregado» aprendeu estenografia em Tehachapi, e descobriu tambem uma vocação para aquarelista; agora, um ano e meio depois de libertada, tem emprego permanente num escritório, mas passa suas horas de lazer pintando e vendendo cartões de Boas-Festas. Outra que esteve envolvida em grande roubo, trabalha ativamente num posto de abastecimento. Uma «graduada» é empregada num escritório de advocacia; outra toma conta de um consultório de dentista; uma terceira é dama de companhia, bem paga, de rica senhora, em parte porque aprendeu a ler em voz alta na prisão.

As mulheres que controlam Tehachapi querem que todas as presas saiam do «campo» orgulhosamente, com novos hábitos, novas ambições, novas esperanças. Dessa maneira, não darão mais trabalho à polícia.

Auto-epitáfios

¶ *Don Herold:* Isto é muito fundo para mim.

Clive Brook: Perdoe-me por não me levantar.

Lionel Barrymore: Eu representei todos os papéis e toquei tudo, menos harpa.

Fontaine Fox: Tinha um pressentimento de que isto acabaria por suceder.

Homer Croy, *The Last Word* (Specialist)

¶ *Flagrante das operações americanas na lama e nas matas de Guadalcanal*

A batalha do rio Matanicau

(Condensado da «Life»)

Por John Hersey

A BATALHA do rio Matanicau, em Guadalcanal, foi um exemplo dos milhares de escaramuças em que os soldados americanos terão que ver-se envolvidos, até a vitória. Em termos de Stalingrado ou El Alamein, será exagero dar à ação o nome de batalha. Mas o episódio revela o que é a guerra, em toda a parte, para os que nela entram.

Quando cheguei a Guadalcanal, os japoneses marchavam, com bastantes forças, para o rio Matanicau, cerca de 8 quilômetros a oeste de Henderson Field, e era a primeira, aliás, na sua série de arremetidas mais sérias contra os nossos arraiais. Impunha-se às nossas forças repelir o inimigo para alem do rio, e antes que fosse tarde.

Acordaram-me cedo, às 6 horas: «Camaradas, levantem-se todos!»

Posto fosse ainda o lusco-fusco, não tardou, escusado é dizê-lo, que os homens do acampamento do coronel Amor Leroy Sims se pusessem em atividade, a preparar-se para o que desse e viesse.

Um aviso se fez ouvir: «Missa às 6 e meia, para os que desejem ouví-la.» A assistência, naquela manhã, foi numerosa.

Lembrávamo-nos agora de que, na véspera à noite, o coronel Sims tinha dito ao oficial encarregado do rancho: «O almoço de amanhã deve ser uma boa refeição, quente e sólida.» E o foi efetivamente. Carne, feijão, compota de abacaxí, um pudim de arroz e passas, bolachas, geléia e café—o último repasto completo que teríamos durante quatro dias.

Enquanto as unidades se iam pondo em linha, o sub-comandante, tenente-coronel Frisbie, homem grande e robusto, descreveu-me o plano das operações:

«Sabemos que os japoneses ocuparam posições no outro lado da boca do rio. Não será mesmo de estranhar que já alguns se encontrem deste lado. O nosso objetivo é desalojá-los, e fazer com que recuem os que não pudermos agarrar ou destruir.

«O coronel Merrit Edson, que treinou fuzileiros navais em operações deste gênero, lançará um ataque na embocadura do rio, procurando dar a entender aos japoneses que pretendemos forçar uma travessia naquele ponto. Mas, ao mesmo tempo, Whaling forçará realmente a passagem num ponto mais acima, para de lá vir descendo. Hanneken conduzirá parte da força pela retaguarda de Whaling, e, indo até mais longe do que este, completará o movimento envolvente. Se necessário, outra força irá por mar, fechando o cerco.»

Quando os homens, galgando o morro por um claro aberto na barreira guarnecida de arame farpado, foram chegando à «terra de ninguem», dir-se-ia tratar-se de um bando de pioneiros do oeste que saissem à cata de índios. Cada um

se achava armado segundo bem lhe aprazia. À exceção de alguns que levavam carabinas Browning, automáticas, para a maioria, a arma de fogo geral eram velhas espingardas Springfield, do modelo de 1903. Quase todos, porem, tinham facas, penduradas dos cintos, ou atadas, por correias, às pernas, e granadas a encher-lhes os bolsos.

Já alta a manhã, o coronel Sims e eu metemo-nos num *jeep*, e penetramos o setor da costa, até onde nos foi possivel. Lá estava o coronel Edson a desencadear o seu ataque, especialista que era na ação em terrenos como aquele.

Seu posto de comando reduzia-se a um abrigo individual e um aparelho telefônico de campanha, pendente de um coqueiro. Aí fui ouvir, pela primeira vez, o estrépito da guerra. A fonte mais constante do ruido era o fogo de carabina. Mas atravessava-o, de quando em quando, cortando como uma faca, o estralejar das metralhadoras. Depois, eram bombas a rebentar na floresta, ou a gargalhada sinistra dos P-39, de combate. Uma bateria de obuses, bem em nossa frente, fazia um barulho horrivel; nada, porem, mais estranho que o som —parecia um homem a soprar através de um buraco de fechadura—que assinalava a passagem, acima das nossas cabeças, dos projeteis da nossa artilharia.

JÁ PARA O meio da tarde, a coluna a que eu estava agregado tinha atingido um alto de colina, que dominava a área da batalha. Lá em baixo estava Whaling, tentando abrir caminho através do rio. À medida que avançávamos, o zumbido das balas dos caçadores japoneses tornava-se mais frequente. Não raro uma delas passava a cantar mais perto, como uma abelha de redobrado vigor, e eis que centenas de homens involuntariamente se abaixavam. Eu olhava para eles, e via que já não eram a rapaziada brincalhona de algumas horas antes. A música daquele vale quase os tinha envelhecido.

Nosso bivaque, para aquela noite, foi armado na própria colina. Mal tivéramos tempo de instalar nosso equipamento de rádio, e feridos, em condições de caminhar, começaram a chegar do vale, uns com o pescoço envolvido em ataduras, outros com o braço em tipóia, ou a camisa aberta, e um grande penso, branco e vermelho, no peito. Lutando, como lutaram, por alcançar o cimo, através do morro íngreme, quase vertical, muitos deles traziam o cigarro a pender-lhes de um canto da boca, que força não tinham mais para fumá-lo, e a dor a boiar-lhes nos olhos.

Às seis e um quarto, era o escurecer. Engulimos as nossas rações. A refeição principal era assim constituida: Ração C—420 gramas de carne e legumes, de lata, frios, mas deliciosos; e como sobremesa uma dose da Ração D: 110 gramas de chocolate, açucar, leite em pó, farinha de aveia, extrato de baunilha, e 250 unidades de vitamina B_1. Agradavel e nutritivo.

Pouco a pouco, trataram os homens de ir-se acomodando do melhor modo possivel, para passar a noite. Não havia lugares confortaveis, pois os morros, naquelas alturas, são formados, em grande parte, de coral. Tão pouco achei coisa alguma que me pudesse servir de travesseiro, a não ser minha mochila, que estava cheia de latas de ração, ou meu capacete de aço. Cheguei afinal à conclusão de que o arranjo melhor, no caso, seria fazer do capacete almofada.

Meu quarto não tinha cobertura, e, a cada momento, uma bala de canhão, de 105 mm., entrava por uma janela, e

saía pela outra. O local onde estávamos deitados ficava dentro de uns 200 metros do ponto que vinha sendo o alvo dos projeteis, de modo que ouvíamos perfeitamente o som caraterístico do tiro de artilharia quando chega ao fim do seu curso. Durante toda a noite, os caçadores varreram à carabina as nossas posições.

Só depois das cinco da manhã consegui conciliar o sono. Porem, logo depois, às cinco e trinta, começou a chover, e acordei de novo. Levantei-me. Todos os fuzileiros fizeram o mesmo. Meu poncho prestava serviço, mas a chuva se infiltra mais que os japoneses. Íamo-nos molhando, aquí e alí. Com a umidade, vieram os resfriados, e não foram poucos os que, em breve, se achavam em deploraveis condições.

Nove décimos da guerra são consumidos em esperas—espera de comida, espera de correio, espera de reforços, espera de ordens. Assim, toda aquela manhã, ficamos esperando pela nossa vez de avançar. Consoante o plano, Whaling forçaria a travessia, e em seguida os homens de Sims, sob o comando de Hanneken e Puller, penetrariam pelo rumo aberto.

Observadas do alto onde nos encontrávamos, a artilharia e a barragem de aviões proporcionavam, não há dúvida, impressionante espetáculo. Mas a cena culminante foi quando dois TBF da Marinha entraram a despejar, uma dúzia após outra, bombas de 50 quilos. Víamos a bomba partir, descrever sua parábola, e cair rigorosamente no ponto exato a que se destinava. Da nossa posição, e da vizinha, os fuzileiros, de pé, prorrompiam em aclamações.

Quando a barragem aliviava, imensos pássaros brancos circulavam sobre a mata, do outro lado, e podíamos imaginar os japoneses a circular, por seu turno, em baixo, numa atmosfera de terror.

Alguns de nós subimos a um píncaro de onde melhor se descortinava o rio, e assim nos foi permitido ver claramente o setor onde Whaling e os seus homens estavam levando a efeito uma dura tarefa. Chegava-nos aos ouvidos o ruido dos seus canhões, sem que percebêssemos, no entanto, os movimentos da tropa, tão densa era a onda. A certa altura da manhã, vimos sete japoneses a fugir na direção de uma colina fronteira. Uma metralhadora, a poucos metros de nós, abriu fogo, e eles se puseram a coberto.

Às onze e quinze, Whaling mandou uma mensagem dizendo que a travessia estava assegurada. Os homens do coronel Hanneken começaram a movimentar-se. Era tempo, para mim, de reunir-me a uma unidade, e descer.

AO VÊ-LO de pé, no seu posto, sob a chuva miuda que caía, para, dalí a momentos, levar à ação a sua compa-

nhia de metralhadoras pesadas, a impressão que tive do capitão Charles Alfred Rigaud foi a de um moço que revelava nos olhos, ou antes, nas olheiras, sinais de fadiga e preocupação. O modo, tambem, como trazia o bigode, não era muito tranquilizador. Sua missão consistia em expulsar, do pequeno vale imediatamente abaixo, os atiradores japoneses, e, seguindo até o rio, forçar uma travessia. Presumia-se que Whaling estaria em progresso, do outro lado, e assim se conseguiria o fim que se tinha em vista, que era envolver o inimigo. A verdade, entretanto, é que Whaling se achava em dificuldades, de maneira que Rigaud, sem que aliás o soubéssemos, ou tivéssemos meios de sabê-lo, estava condenado, de antemão, a inevitavel malogro.

Perguntei-lhe se podia acompanhá-lo. «Se quiser, venha,» respondeu-me, num tom de quem opinava, de si para consigo, que só um maluco o poderia querer.

Tratava-se de uma companhia de veteranos, que já deploravam a morte, em combate, de 22 companheiros. Era visivel o seu cansaço. Na última guerra, os homens raramente permaneciam mais de duas semanas seguidas nas linhas de frente. Dois meses havia, entretanto, que estavam aqueles em Guadalcanal. A segurança que tinham de si mesmos não excluia um relativo estado de saturação quanto à luta.

Fizemos a descida para o vale em coluna a um de fundo. Não custava pouco a uma tropa, naquelas condições, levar consigo metralhadoras pesadas. Somente alguns dos soldados, em número bem reduzido, traziam em ambas as mãos caixas de munição—carga terrivel, em semelhante terreno.

É impossivel descrever a estranha sensação que se experimenta à medida que se penetra, para atravessá-la passo a passo, uma mata como aquela, soturna e sufocante. Papagaios e periquitos faziam-se ouvir, não se sabia de onde. Aquilo era rigorosamente o que se chama, com propriedade, território inimigo. Marchávamos todos em absoluto silêncio. O capitão Rigaud recomendava, em voz baixa, que se mantivesse entre os homens o intervalo de cinco passos, afim de evitar que se expusessem, em bloco, ao tiro dos japoneses. A mensagem corria toda a linha, no mesmo diapasão: «Conservem-se afastados cinco passos... Conservem-se afastados cinco passos... Conservem-se afastados cinco passos...»

À proporção que nos esgueirávamos para a frente, sentíamos aumentar a nossa tensão de nervos. Outro aviso circulou de boca em boca: «Toda atenção para a direita e para a esquerda... Toda atenção para a direita e para a esquerda.»

Como se fosse preciso que tal nos recomendassem! Éramos em seguida notificados, nas mesmas condições: pequenos ruidos de balas, a serem metidas nas culatras das armas.

Movíamo-nos com grande lentidão. Afigurou-se-me estranho que nos conservássemos de pé. Eu imaginava que uma tropa, naquelas circunstâncias, seria compelida a deslocar-se, por assim dizer, a rastos. No entanto, nem sequer nos agachamos.

Senão quando, subitamente, três ou quatro tiros de carabina, no ritmo japonês, vindos da frente e do alto, quebraram o silêncio. Olhamos todos, ansiosamente, para cima, a ver se descobríamos e de onde partiam os tiros. Vi então, bem a meu lado, à esquerda do caminho, cair morto um fuzileiro. O capitão Rigaud relanceou-me os olhos. Não disse palavra, mas a sua expressão fisionômica dizia já bastante.

Passamos e tornamos a passar um pequeno curso de água, visivelmente próximo do Matanicau. Parecia não encontrarmos oposição; tínhamos razões para crer que Whaling, àquela hora, havia já desimpedido a outra margem, e assim a nossa tarefa se limitaria a um avanço, no curso do qual nos caberia, no muito, caçar e matar um ou outro dos atiradores japoneses.

Estávamos, o capitão e eu, a uns vinte metros do rio, quando nos rendemos à evidência de que tais esperanças eram vãs.

Um simples tiro no-lo revelou. Dentro de poucos segundos, caíam sobre nós atiradores, de todas as direções, em derredor, e do outro lado do rio, metralhadoras e obuses.

Os japoneses tinham preparado a sua armadilha, e esperado cautelosamente que nela caíssemos. Era óbvio que Whaling não tivera êxito no plano de desalojamento do inimigo.

Fôssemos uma tropa de infantaria, e a armadilha teria talvez falhado. À carabina e granada, varrer-se-ia o adversário, desmantelando-lhe os ninhos. A instalação, porem, de metralhadoras pesadas, exige sempre algum tempo; e, em lugar tão estreito como aquele, nunca pudemos por em ação mais de duas a um tempo.

Quando as primeiras terriveis cargas de obuses começaram a fazer-se sentir, parecíamos insetos que vissem descer na sua direção, ameaçando esmagá-los, um pé de gigante; e aí não houve outro jeito senão recorrer, a toda a pressa, a quanta espécie de abrigo esteve ao nosso alcance. As explosões se verificavam a intervalos de dez segundos, e a toda a nossa volta; e os caçadores, e as metralhadoras, não paravam um momento de escrever, com aquela trágica pontuação que tanto os assinalava. Respondíamos, é certo, de vez em quando—aliás alto e bom som. Não, porem, na medida necessária.

Os fuzileiros, na melindrosa emergência, não ficaram atrás, em bravura, de quaisquer combatentes do mundo. Mas, quando o medo se foi tornando epidêmico, e isso no meio de homens que se achavam tão perto uns dos outros, não havia mais contar com a continuação da resistência. Uma palavra saiu, a percorrer toda a linha: «Retirar... Retirar... Retirar.» E logo se entrou a fazê-lo, a princípio lentamente, mas, em seguida, a correr.

Foi então que Charles Alfred Rigaud, o jovem oficial de olheiras, mostrou o homem que era. A despeito de atiradores, metralhadoras e obuses, alçou-se em pé, e bradou: «Pelo amor de Deus, quem deu esta ordem?»

Os homens detiveram-se perplexos. Por uma combinação de sarcasmo, autoridade e lisonja, ele os fez voltar às posições, restabelecendo-lhes o ânimo.

Tratou contudo, imediatamente, de fazê-los bater em retirada, mas pela forma devida. Insistir em ficar alí seria sacrificar dúzias de homens que podiam voltar a combater em melhores condições.

Chegou a vez de exibir-se o heroismo do pessoal do corpo de saude. Onde quer que houvesse feridos, ainda nos peores lugares, iam buscá-los, para removê-los. Metí-me entre eles, pois me pareceu que assim, mais rapidamente, sairia daquele inferno.

Alguns se achavam em lamentavel estado. Não apresentavam ferimentos;

dir-se-ia que algum germe misterioso da guerra os havia atacado. Eram vítimas apenas de choques e traumatismos, que os faziam gemer, apertar as ilhargas, e cambalear. Reuní a mim três soldados, que tinham saido incólumes, e começamos, ora a carregar, ora a arrastar os mais severamente atingidos pela estranha perturbação.

A chuva e as passadas haviam tornado o caminho tão pouco transitavel que, ainda mesmo um homem são, e a caminhar sozinho, estava sujeito a quedas, e, em alguns lugares íngremes, teria que se arrastar sobre os joelhos e as mãos, ou agarrar-se a raizes de árvores. Escorregávamos, cambaleávamos, era como se fôssemos bêbedos. Um homem batia com os punhos na cabeça, outro tapava com as mãos os ouvidos.

O caso mais grave de choque foi o de um rapaz a quem chamarei aquí John Smith. Atingido no peito e numa das pernas, às vezes tínhamos que carregá-lo, mas em outras ocasiões conseguia arrastar os pés, desde quando eu o apoiasse. A certa altura, deram-lhe, no braço, uma injeção de morfina.

Enquanto lutávamos por ir vencendo o percurso, não fazia Smith outra coisa senão perguntar por seu sargento, que se chamava, admitamos, Bill Johnson. «Não deixem Johnson,» pedia. Smith manobrara uma das metralhadoras que estiveram em atividade, e Johnson comandara a guarnição de um canhão. Uma granada estourou nas proximidades, e quem pôde, e como pôde, procurou abrigar-se. Mas Johnson voltou ao canhão, a tempo de receber, e mais perto ainda, outra granada.

«Ele não devia ter voltado,» dizia Smith. «Porque diabo ele voltou?»

Íamos transpondo, a muito custo, aquele vale de sombra. John Smith, porem, só pensava e só falava no seu amigo, o sargento.

Nos pontos de maior declive, fazíamo-lo assentar-se na própria lama, e escorregar até em baixo. Se o caso era de subida, formávamos uma cadeia de mãos, e o levávamos, muito devagar. Quando saimos da mata, era já quase noite. Entregamos os feridos ao dr. New, o médico da marinha, que havia instalado alí, prontamente, um posto de emergência.

Voltaram então, a toda a pressa, os homens do Corpo de Saude, à procura de Johnson. Encontraram-no, já noite escura, em território onde o mais leve ruido, que lhes denunciasse a presença, os exporia necessariamente a uma chuva de granadas. Perguntaram ao sargento: «Como vai, Bill?» Ele respondeu: «Acho que dou conta do recado.» Improvisaram, com duas carabinas e um poncho, uma espécie de padiola, e meteram-se a caminho. O único meio que tiveram de orientar-se no escuro, através do vale tórrido, foi acompanhar, passo a passo, um fio telefônico.

De ordinário, somente se divulgam as últimas palavras famosas. As de Johnson foram pedidos muito simples: «Ajudem-me a sentar, por favor. Oh Deus, meu estômago.» E depois, muito baixinho: «Quem dera que eu pudesse dormir.» Seus votos foram ouvidos: teve alguns arquejos, e parou de respirar.

Nunca pude apurar exatamente o número de mortos e feridos no nosso pequeno vale. Mas sei que um morto de menos se deve ao dr. New. Trouxeram-lhe um oficial em pleno estado de choque—palidez cadavérica, mãos frias, nenhum pulso. Graves ferimentos de granada. O dr. New compreendeu, num relance, que só plasma, e várias doses, poderia salvá-lo.

Havia que manter o blacaute. Mas havia tambem que ter o homem devidamente aquecido. Trabalhando febrilmente, ele cobriu primeiramente o ferido, e depois a sua própria cabeça e ombros, com ponchos. Antes que a primeira unidade de 250 cc. estivesse toda aplicada, o paciente se libertava do coma. Ao receber a segunda, já podia falar. Pela manhã, pôde ir, de padiola, até a estrada, e aí sentar-se num *jeep*, que o levou para o hospital.

Na manhã imediata, nossas operações militares prosseguiam de acordo com os planos, e, segundo a expressão do costume, «com resultados moderados, mas seguros.» Às dez e vinte, os primeiros elementos das unidades de flanco tinham atingido a margem. A maioria dos japoneses se havia retirado durante a noite, deixando no campo 200 mortos. Dos nossos fuzileiros, morreram 60—o maior número até alí registado, em operação isolada, nessa campanha.

Provavelmente, o mais vivo incidente da batalha foi o que teve por cena a embocadura do Matanicau. Durante dois dias, não pudera Edson desalojar, da margem oriental do rio, a companhia japonesa, alí entrincheirada. Afinal, na segunda noite, apelou para os seus «raiders», homens que, naquela região, não sabem o que é recuar, e os pôs entre os japoneses e a única via ou saida por onde estes podiam escapar-se.

Na escuridão da noite, desencadearam os nipões um desesperado ataque. Alguns deles saltaram silenciosamente em abrigos, atrás das nossas forças, que não tinham meios de saber se semelhantes hóspedes eram camaradas em retirada, ou inimigos em avanço. Na luta corpo a corpo que se seguiu, os fuzileiros levaram a melhor. Perderam onze homens, e os japoneses sessenta.

No terceiro dia da batalha, com a retirada dos japoneses, Henderson Field ficou livre de perigosa ameaça. Os fuzileiros não deram ao episódio maior vulto que o de um êxito parcial.

Trabalho de referência

¶ Dois cidadãos, que trabalhavam lado a lado na Comissão de Produção de Guerra, em Washington, nunca se tinham falado, mas cada um observava o outro. Um deles terminava o trabalho às quatro horas, todos os dias, ao passo que o outro ficava sempre trabalhando até as seis horas, ou mais tarde. Um dia, o mais trabalhador procurou o outro e disse-lhe:

—Desculpe-me, mas quer ter a bondade de me dizer como é que consegue terminar o seu serviço todos os dias às quatro horas?

—Absolutamente, respondeu o outro.—Quando me aparece um serviço com muitos detalhes, passo-o adiante, com a nota: «Ao Comandante Smith.» Como a nossa repartição é bastante grande, imaginei que deve haver, entre nós, um Comandante Smith. Acho que estou certo, porque nenhum dos relatórios voltou às minhas mãos.

—Meu velho, disse o que ficava até as seis horas, ao mesmo tempo tirando o paletó,—prepare-se para entrar em ação. Eu sou o Comandante Smith.

Boston News Bureau

Estratagemas usados pelos animais selvagens para iludir o inimigo.

Truques da floresta

(Condensação do «Nature Magazine»)

Por Archibald Rutledge

Poucos aspectos da natureza são tão fascinantes quanto a extraordinária habilidade dos animais selvagens para se livrarem do perigo. Se correm risco a sua vida ou a de seus filhos, mostram recursos de astúcia, somente comparaveis à coragem e engenho humanos.

Na minha plantação do Sul dos Estados Unidos, havia um veado de galhada soberba que tinha criado fama entre os caçadores do lugar; chamavam-lhe «o velho Rolando». Durante o inverno, depois de longa estação de caça, estava eu conversando com Steve, o preto velho, e este me perguntou:

—Como é que ninguem caçou o velho Rolando este ano?

—Procuraram bem, disse eu,—mas não conseguiram achá-lo.

Com isto Steve riu às gargalhadas.

—Aquele sabido dormiu o inverno todo juntinho de minha casa, disse-me ele.—Eu vejo aquele manhoso todos os dias. Vou mostrar.

A uns quinze metros de sua choça, Steve me mostrou onde dormia o velho Rolando, escondido no capim-melado. Enquanto os caçadores percorriam as matas distantes à procura dele, o veado dormia alí sossegado. O instinto lhe deve ter sugerido duas coisas: que o preto velho não era caçador, e que não passaria pela cabeça de ninguem que um veado velho fosse tão ladino para morar junto de uma cabana habitada.

As aves e outros animais, quando apanhados de surpresa, e na impossibilidade de se esconder, podem simular ferocidade, e até mesmo loucura. Estas mímicas estranhas sugerem a hidrofobia, que os outros animais conhecem e temem, e geralmente fazem o inimigo hesitar, desistir do ataque, ou mesmo o afugentam.

Quanto mais inofensivo é o animal, mais indefeso; por isto, em momentos críticos, ele fará o possivel para imitar os animais mais perigosos. Cobras sem veneno farão vibrar a cauda ameaçadoramente, como se fossem cascavéis. Certa cobra, inteiramente inócua, enche-se de ar, apavorantemente, chegando a atingir o dobro de seu próprio tamanho, e ainda se põe a soprar e assobiar de maneira a aterrorizar o adversário. Às vezes simula a morte com horriveis sofrimentos, estrebuchando em verdadeira pantomima de agonia, a mais convincente. O sarigué tambem sabe aparentar perfeitamente a morte: seus olhos reviram para trás, e a boca pende, entreaberta.

Alguns animais, principalmente pássaros, procuram assobiar como as cobras. A melhor imitação que conheço é

a da perua selvagem, quando está chocando os ovos no mato. Mais de uma vez dei um pulo, assustado, pensando ouvir o assobio de uma cobra, para ver afinal que quase pisara um ninho de perua.

A astúcia da raposa é naturalmente mais aguda do que nunca, quando precisa fugir à matilha de caça. Uma tarde, estava eu sentado num tronco, perto de um riacho, quando vi surgir uma raposa cinzenta. Pelo latido, os cães ainda estavam a alguma distância, mas notei que a raposa já estava cansada. Um tronco de árvore caira de través sobre o rio; a raposa avançou até o meio do tronco, e o que fez depois foi um dos estratagemas mais sagazes que já observei na vida dos animais bravios.

Chegando mais ou menos a meio do rio, a raposa parou, e espiou para baixo; vendo uma pequena ilha de verdura, pulou nela. Esperava eu que ela agora pulasse para atingir a margem oposta; mas não, em vez disso virou para trás, deu um salto para a margem de onde tinha vindo, e desapareceu.

Quando os cachorros chegaram, seguiram a pista até o meio do rio e depois atravessaram para a outra margem. Mas aí não havia mais rasto a seguir, e eles levaram muitos minutos a farejar em vão para, finalmente, desistir da caça com ar de quem sabe muito bem que foi ludibriado.

Tenho tido a oportunidade de ver milhares de veados no seu habitat natural, e posso assegurar que são animais espertos, vigilantes, e que sabem proteger-se. Exemplo admiravel disto deu-se um dia, num pinhal, perto da cabana humilde de um homem solitário. Encontrara-me com ele na picada da floresta, ainda a boa distância da casa. O homem estava acabando de recolher os porcos que soltara no mato, e estes, que eram perto de vinte, seguiam lentamente, pela picada, em direção ao chiqueiro.

No meio da conversa ouvimos o latido isolado de um cão de caça, e ficamos certos de que estava perseguindo algum veado que viria em nossa direção. Sentamo-nos num tronco de árvore, e não tivemos muito que esperar. Enquanto o cachorro ainda devia estar, talvez, a uns oitocentos metros de distância, apareceu-nos o veado. Estava visivelmente cansado. Farejando e vendo os porcos, parou—não tanto para descansar, como para avaliar a situação. Ficou imovel pelo menos durante três segundos, como refletindo; depois encaminhou-se em direção à picada onde deliberadamente se juntou aos porcos, acompanhando-os durante algum tempo. Este estranho procedimento era o de uma inteligência selvagem, capaz de conceber excelente estratégia. Ao se misturar à manada de porcos, o veado sabia que ia confundir o faro do cão perseguidor.

A trinta metros do chiqueiro, o veado abandonou a picada e meteu-se pelo mato a dentro. Agora o cachorro já estava à vista, e ficamos atentos para ver se o estratagema do veado dava resultado. E deu. O cachorro, chegando à picada, encontrou os porcos, e pôs-se a perseguí-los, latindo e fazendo um barulhão até entrarem no chiqueiro. Afinal de contas isto era mais divertido do que andar atrás de um veado que ele nunca chegara a ver!

Todos os animais selvagens, quando se acham por qualquer motivo estropiados, têm que recorrer a toda espécie de ardís para se proteger. Um dia em que me encontrava na floresta à hora do crepúsculo, vi um belo perú selvagem

em situação verdadeiramente dramática; arrastava no chão uma grande asa quebrada. O tiro de um caçador, ou um acidente qualquer, quebrara-lhe a asa, e sua vida corria perigo. A noite estava caindo rapidamente, e já era mais que hora do perú se achar empoleirado no topo de um cipreste coberto de musgo, ou num pinheiro bem alto. O perú, porem, não podia voar, e se ficasse no chão era certo que seria fisgado por gato do mato ou raposa.

Havia alí perto uma árvore que se quebrara a uns seis metros de altura; a parte superior do tronco pendia ainda obliquamente da fratura, rojando a ramagem no chão. O perú subiu pela parte pendente do tronco até o vértice da fratura; mas sabia que ainda não estava fora do alcance do gato do mato. Escolhendo então um galho de carvalho próximo, deu um pulo e, voando com a só asa intacta, conseguiu poisar. Aí estaria seguro. Mais tarde tornei a encontrá-lo, esperando que a asa cicatrizasse, e depois tive a satisfação de o ver voar a uns trinta e cinco metros de altura, até o ápice de um soberbo pinheiro amarelo.

Outro recurso favorito dos animais silvestres é conservarem-se em absoluta imobilidade até que passe o perigo. E este processo é mais do que um simples recurso à camuflagem, pois é mister verdadeira força de vontade para ficar imovel, sem fazer uma tentativa assustada de fuga ao se aproximar o inimigo. É curioso que o veado, um dos animais mais velozes do mundo, muitas vezes recorra a esta absoluta imobilidade. Um dia vi o que me parecia ser o esgalho de um veado por trás de um pinheiro caido. Esperei sem me mexer vinte minutos. Como a galhada não se movia, concluí que deviam ser mesmo os galhos secos daquela árvore morta. Mas assim que mudei de posição vi que eram os chifres do veado; o astucioso animal compreendera logo que a imobilidade era a melhor manobra no momento, e ficara como morto aquele tempo todo.

Outra vez vi uma corça no mato com seu veadinho. A mãe estava imovel como uma estátua vigiando, de ouvido atento, mas o veadinho queria brincar e pôs-se a correr em volta dela, nas suas pernas pouco firmes. Finalmente a corça levantou a pata deanteira e, colocando-a delicadamente, mas com firmeza, sobre o animalzinho, segurou-o, obrigando-o a ficar quieto e escondido na grama.

Um dos atos mais engenhosos que já vi praticados por animais selvagens, foi o de uma garça, branca de neve, que descobrí, metida num pântano junto ao mar. A pesca estava boa; de vez em quando ela lançava o bico como uma flexa dentro da água, e sempre agarrava um peixe. Saciada a fome, o pássaro abriu as asas para levantar vôo. Mas seus esforços eram inuteis. Visivelmente aflita lutava para soltar uma das patas. Quando, com água até os joelhos, eu estava chegando quase a ela para socorrê-la, conseguiu voar. Presa à pata tinha uma imensa amêijoa, fechada como uma mola. Procurei acompanhar com os olhos para ver como resolveria o problema. Voando meio de lado, a garça poisou sobre o poste de uma cerca. Procurou equilibrar-se num pé só, depois levantando o pé com o marisco bem alto, pôs-se a martelá-lo contra o poste. Daí a alguns momentos tinha quebrado a concha e estava livre. Então, calmamente, começou a alisar as penas, como se tais incidentes fossem tão corriqueiros na sua vida, que ela não lhes dava importância.

Até o gás carbônico vai à guerra

(Condensado da «Science News Letter»)

Por Harland Manchester

O mesmo gás que põe em efervescência a gasosa é agora utilizado em botes salva-vidas de borracha, bem como no combate aos incêndios e para fornecer energia em certos casos de crise, na aterragem de aviões.

O BOMBARDEIRO afundava-se lentamente no mar; era um aparelho com base em porta-aviões, e não construido para flutuar. Os três homens tiraram então um bote salva-vidas de borracha, que se achava enrolado em sua capota, e abriram uma válvula. Dentro de alguns segundos, estava entumecida a «jangada», e Dixon, Aldrich e Pastulla, os tripulantes do bombardeiro perdido, davam início a uma odisséia que duraria trinta e quatro dias, e que será sempre lembrada na crônica das aventuras marítimas.

Houve depois o caso do guarda-marinha Gay, único sobrevivente da esquadrilha de torpedeiros nº 8, da Marinha americana. Tambem ele tratou de encher, manobrando a sua válvula, o pequeno barco de borracha, e pôde assim viver para contar a história, dir-se-ia fabulosa, do inferno de Midway.

Estes homens, e milhares de outros como eles, devem a vida a um dos mais impressionantes recursos que a atual guerra tem inspirado à indústria: o uso do gás de soda para salvar homens, navios, aviões, motores e fábricas. O gás de que se trata—anidrido carbônico—tem variadas aplicações, e é o que produz a efervescência em bebidas tão conhecidas, como por exemplo a gasosa. Em estado sólido, chama-se «gelo seco». Sendo um gás universal—toda vez que expiramos ar, estamos a produzí-lo—e já conhecido há cinco séculos, só recentemente o adaptaram às utilizações, não só diversas, mas de interesse vital, tão proveitosas para a guerra.

O guarda-marinha Gay, com aquela curiosa percepção de minúcias, que o homem algumas vezes manifesta quando vê que a morte o assedia, relanceou os olhos a um cilindro de metal que havia no seu barquinho, e as palavras «Bloomfield, New Jersey» lhe ficaram gravadas no espírito. Uma vez salvo, escreveu a um amigo, de Bloomfield, declarando a sua gratidão à localidade que o muniu de tão benemérito aparelho. Sua mensagem de agradecimentos foi encaminhada à firma Walter Kidde & Company, visto haver sido nas seis fábricas Kidde, cinco das quais inteiramente novas, que os botes de borracha, a gás de soda, que salvaram a vida a Gay, como a Dixon, Aldrich e Pastulla, e muitos outros, foram ideados e produzidos.

O anidrido carbônico (CO_2) é, entre os gases de que a indústria dispõe, aquele que, devidamente comprimido, menor espaço ocupa. Torna-se pois possivel remetê-lo, em pequenos volumes, para todos os cantos da terra. Um litro, em estado líquido, se dilata até cerca de 288 litros, quando posto em liberdade. O gás é suscetivel de expandir-se até 450 vezes o seu volume sob compressão.

Os salva-vidas desse tipo estão sendo fabricados atualmente aos milhões, e de

todas as formas e tamanhos. Quando um aparelho cai no mar, os cilindros a gás de soda fornecem ao piloto, em dois segundos, o colete salva-vidas que o manterá flutuando enquanto prepara o bote de borracha, no qual se mete em seguida. Há tambem pequenas embarcações, revestidas de borracha, que são lançadas do alto por aviões de salvamento. O fato se passa do seguinte modo: atira-se, de bordo de um destes, um volume que vem pendurado na ponta de uma corda. Quando a corda se projeta, o gás se desprende, e o bote, equipado de remos e alimentos concentrados, se apresenta, ao bater na água, já inteiramente entumescido.

Outra invenção, no ramo de artefactos automáticos baseados na aplicação do anidrido carbônico, e que tem salvo muito piloto e avião, é a que consiste em grandes sacos que se alojam, enrolados, nos compartimentos da asa, e, controlados por um dispositivo elétrico muito sensivel à água, se entumecem quando o avião chega ao mar, em descida forçada.

Entre os efeitos dramáticos que a aviação está obtendo com o emprego do CO_2, merece ser posto em relevo o de proporcionar ao piloto uma estação de força, de emergência. O trem de aterragem de um avião—para citar um exemplo—desce normalmente graças à pressão do óleo em sistemas hidráulicos. Mas, se acontece que um tubo de óleo é cortado em combate, o sistema ficará inativo, e o piloto, não dispondo de força suplementar, não poderá fazer baixar o trem de aterragem. Agora, entretanto, se ligam aos pistões, ordinariamente acionados pela pressão do óleo, frascos de anidrido carbônico. Se o sistema hidráulico deixa de funcionar, o piloto se limita a recorrer a uma válvula no seu quadro de instrumentos, e um pequeno frasco de CO_2, fornecendo uma pressão que pode chegar a ser de 150 mil libras, resolve a dificuldade.

Dificilmente se encontra hoje um avião, tanque ou navio, qualquer que possa ser o seu tamanho, desprovido de dispositivos a gás de soda, que o defendam contra incêndio; e conta-se por milhares a quantidade de fábricas, armadas de instalações da mesma natureza.

Antes de o anidrido carbônico ser utilizado contra fogo, o incêndio do motor, no ar, importava muitas vezes na transformação do avião em crematório. Atualmente, não há avião de guerra ou de transporte, nos Estados Unidos, que não traga, a proteger-lhe devidamente os motores, garrafas de aço com CO_2. Há, próximo do motor, um detector, e neste um filamento que se funde, ao mais leve calor de chama, transmitindo ao piloto um aviso elétrico. Bastará então que o piloto puxe, no painel de instrumentos, determinada válvula: o anidrido carbônico, correndo através da canalização apropriada, vai inundar imediatamente o compartimento do motor de um vapor que abafa o fogo.

O anidrido carbônico é tambem usado para defender contra explosões os espaços ocos das asas e fuselagens. Anteriormente, quando uma bala inimiga penetrava um tanque de combustivel, ainda que elè fosse do tipo de soldadura automática, não deixavam, de qualquer modo, de cair umas gotas de combustivel, bastantes para formar perigosos vapores, prontos a explodir à primeira centelha que os atingisse. Agora, sempre que entra ém zona de combate, o piloto, a uma simples manobra, enche do gás contra fogo os espaços ocos, impossibilitando, por esse meio, os vapores explosivos de se formarem.

Os tanques americanos são protegidos contra incêndio por análogo emprego do gás de soda. Já antes da invasão da África, 312 tanques dos Estados Unidos, com as respectivas guarnições, só se puderam salvar graças a essa nova aplicação do anidrido carbônico.

Na marinha, o sistema de luta contra incêndio, de que nos ocupamos, tem sido aperfeiçoado a ponto de permitir a mais alta eficiência. O sistema em uso nas fábricas e laboratórios de guerra passou, na sua aplicação aos navios, por melhoramentos notaveis. Nos grandes barcos, como o *Queen Mary*, há uma engenhosa estação de serviço, que habilita os oficiais a descobrir e extinguir incêndios em quarenta pontos dos porões.

Como em geral acontece, no domínio de tais inovações, a arma, assim usada contra fogo, e com tão excelentes resultados, foi produto de circunstâncias e colaborações diversas. A história principiou em 1900, com um menino chamado Fred Meyer, cuja mãe era gerente de uma charutaria em Jersey City. Um navio se incendiara, nas proximidades do porto, com muita perda de vidas, e o rapaz, impressionado, ficou a ruminar meios e modos de evitar que tragédias como aquela se viessem a reproduzir. Acabou por preparar, com o irmão, Richard, um sistema rudimentar de tubos através dos quais se poderia colher, dos vários compartimentos de um navio, certa quantidade de ar. Assim, pela simples aspiração de ar, à extremidade de um tubo, seria dado a um oficial de bordo perceber o cheiro da fumaça, denunciante de fogo. Abrindo então uma válvula, faria entrar uma onda de vapor que iria abafar as chamas.

A mãe de Fred contou, desvanecida, a William Rich, um agente comercial que veio à sua loja, o que o filho havia engendrado. Rich considerou a coisa tão interessante, que tratou de arranjar capital, e fundou uma companhia para explorar o invento. Por ocasião de sua morte, em 1916, já o sistema era usado em 30 navios, inclusive o *Mauretania*. Ficando a firma sem chefe, Walter Freygang, filho de um acionista, persuadiu Walter Kidde a comprar as patentes. Kidde incumbiu Freygang de melhorar o sistema.

O emprego da corrente de vapor não era inteiramente satisfatório, causando até, não raro, maior dano que o próprio fogo. O anidrido carbônico deu solução ao caso. Verificou-se praticamente que nenhum fogo pode subsistir se o gás, ao expandir-se, reduz de um terço o oxigênio do ar ambiente. Acontecia, por outro lado, que o gás não prejudicava a carga.

Atualmente, amostras de ar são constantemente colhidas nos diversos compartimentos do porão, por bocais de metal invertidos, instalados no teto. Tubos vão ter dalí à estação de controle do navio, e um motor transmite o ar a uma espécie de armário aberto na frente, e que dá a impressão de um grande orgão.

Pela inspeção dos tubos, no armário, o oficial de serviço verifica prontamente a existência de fogo em qualquer ponto do porão. Como precaução adicional, há um dispositivo de célula foto-elétrica que fornece automaticamente ar a cada tubo. Se a fumaça interrompe o feixe luminoso, soa o alarme, e vê-se um sinal indicando o local do fogo. Os mesmos tubos que aspiram a fumaça servem agora de mangueiras por onde corre a sufocar as chamas o anidrido carbônico.

Sistemas do mesmo gênero têm sido instalados em fábricas sujeitas a risco de incêndio. Em alguns casos, o gás fecha as janelas e abafa as chamas, numa só operação. Nas usinas de energia elétrica, onde não podem ter aplicação os extintores a líquido, recorre-se, eficazmente, ao anidrido carbônico. Repositórios de papéis ou peças de grande valor, como os Arquivos de Washington, são providos de instalações a CO_2, enquanto muitos outros estabelecimentos, como a biblioteca Sterling, de Yale, têm extintores portateis a gás de soda.

A energia de expansão do gás de soda vai sendo usada até mesmo para impelir projeteis. Ray J. Monner, inventor de Denver, fabrica presentemente uma espingarda em que introduz esse melhoramento, e a Força Pública do Colorado encomendou as primeiras cem, em substituição das suas Springfields, que foram requisitadas pelo exército. Um cilindro, por baixo do cano, é carregado de anidrido carbônico em estado sólido, e que em seguida se liquefaz. Quando se puxa o gatilho, uma válvula é aberta, e um pouco do gás, ao expandir-se violentamente, expele o projetil. Uma de tais cargas de CO_2 é utilizavel para 1.800 tiros.

Se o anidrido carbônico pode servir para fazer descer uma engrenagem de aterragem, fechar uma janela, e fazer disparar uma arma de fogo, é claro que muitas outras aplicações ainda lhe estão reservadas. Engenheiros e mecânicos não perdem de vista o assunto, e projetos se vão elaborando.

Como quer que seja, o gás de soda já inscreve no seu crédito os seus serviços como salva-vidas, extintor de incêndio, e refrigerante, e ainda promete muitos benefícios, na guerra como na paz.

Coro de prisioneiros

¶ De regresso aos Estados Unidos, depois de ter levado tropas americanas a certa ilha do Pacífico, um navio-transporte do Exército recolheu um grupo de náufragos japoneses cujo navio tinha sido posto a pique. Os pequenos nipões, a princípio, conversaram um pouco entre si, mas depois cairam em triste silêncio. Nenhum deles falava inglês, e nenhum dos americanos falava japonês. Como a situação incomodava um dos sargentos da guarda, um oficial sugeriu-lhe: «Porque você não lhes ensina a cantar, então?»

O sargento somente se recordava de uma canção. Tratou de cantar, ao mesmo tempo que, por meio de gestos, convidava os japoneses a acompanhá-lo. Alguns prisioneiros experimentaram cantar, e parecia que, cantando, se sentiam melhor. Ao anoitecer, todos estavam aprendendo a canção.

Quando o transporte chegou ao seu destino, um dos portos da costa ocidental, as autoridades militares ficaram assombradas: os prisioneiros japoneses, ao descer do navio, vinham entoando em coro, com grande delícia: «*Gaw bress Ermérica!*» (God Bless America).

Collier's

¶ *Precisamente quando pensava que a vida o ia abandonando, tornou este homem famoso a encontrar a alegria de viver.*

A arte de ficar jovem

(Condensado de «This Week Magazine»)

Por Maurice Maeterlinck

Aos sessenta anos, supús que estava à beira da sepultura. Meu espírito parecia ter perdido toda a sua vivacidade. Não mais as idéias novas me despertavam interesse, e dir-se-ia haver cessado a minha capacidade de trabalho. Eu sentia—ou imaginava sentir—que a máquina do organismo, usada em todas as peças, não tardaria a parar. Era como se, entre os meus olhos e tudo o que o mundo encerra de cor e de beleza, houvesse descido um véu.

Tenho hoje setenta e oito. A harmonia que sinto agora entre espírito e corpo, sem dúvida, aos sessenta anos, eu a teria considerado um milagre. Tratava-se, entretanto, exclusivamente do seguinte: se o espírito não perdeu a juventude, jovem tambem será o corpo.

Não o aprendí por mim mesmo. Houve alguem que mo ensinasse, e a quem, até certo ponto, devo a vida.

Uma manhã, saí a passeio no campo. A certa altura, vi uma casa em meio de um terreno, sítio de tal modo encantador, que o transeunte não resistiria à tentação de fazer uma pausa. Um pequeno de dez anos correu ao meu encontro. Sentamo-nos os dois num banco, debaixo de velha macieira, e entramos a conversar.

Súbito, uma voz de mulher, em tom de rusga, se fez ouvir do interior da casa. O meu amiguinho, notando talvez em mim certo ar interrogativo, abriu em boa risada.

—É mamãe, explicou-me. —Está ralhando com vovô.

—Porque? perguntei.

—Ele quer ir à cidade ver a nova bomba de incêndio, e ela diz que ele se perde, ou pode ser pegado por um carro, e que é melhor não ir.

Dando então um pequeno pulo, rematou:

—Mas eu quero ir tambem; vovô me leva!

Nisto, zombando das advertências, surge à porta o Vovô, rumo à estrada. Era verdadeiramente um ancião, mas com uns olhos azues e vivos, e uns modos não menos vivos do que os olhos. Saudou-me afavelmente com a cabeça, e eu lhe disse que tinha alí parado para descansar um pouco, esperando que com isso lhe não causasse incômodo.

Maurice Maeterlinck é universalmente conhecido como o autor do *Pássaro Azul*, escrito em 1909. Mas já era então um grande dramaturgo, levado à fama e à fortuna, dezessete anos antes, pelo seu *Pelléas et Mélisande*. Durante o último quarto de século, produziu livros que se tornaram notaveis por sua beleza mística e aguda observação, tais como *Magia das Estrelas*, *A Vida das Formigas* e *A Vida das Abelhas*. Maeterlinck nasceu na Bélgica, mas passou a maior parte de sua vida na França. Da Riviera francesa, onde fixara residência, veio, com a guerra, para os Estados Unidos, e vive atualmente em Nova York.

—Fique o tempo que quiser, respondeu-me. —É um lugar muito agradavel. E uma linda vista, não acha? Eu gostava de lhe mostrar algumas coisas interessantes que há por aquí. Mas é que vou com o rapaz à cidade, e perdemos o ônibus se não andarmos depressa.

Perguntei se faria mal que os acompanhasse até a esquina. «Venha,» disse; e lá fomos os três.

Relanceando os olhos para trás, dei com a mãe do pequeno, de pé, à porta da vivenda. Ainda abanava a cabeça numa atitude de reprovação, e viam-se-lhe estampadas no semblante as apreensões que a afligiam. Ocorreu-me ter visto, havia pouco, mas não me lembrava onde, idêntica expressão fisionômica. Qual não foi o meu espanto ao me render à evidência de que tal expressão outra não fora senão a minha própria, a que notara em mim mesmo, quando, algumas horas antes, naquela mesma manhã, estivera a olhar-me ao espelho.

—Coitada! disse o velho. —Ela entende que eu devo viver embrulhado num chale, sentado ao sol como um macaco decrépito, e sem me mover. Se eu fosse ouvir tais conselhos, não vivia nem mais um ano!

Quando nos despedimos, ele pediu-me que repetisse a visita, o mais cedo que pudesse. Fi-lo, e voltei muitas vezes. Senti que havia encontrado, não só um bom amigo, mas ainda um conselheiro, senão até um médico. Tinha ele passado toda a vida naquela pequena terra de lavoura, e a «cidade», que acidentalmente visitava, não era muito mais do que uma aldeia. Que importa, porem, não fosse vasta a esfera em que se moviam os seus passos, se, conhecendo-a tão profundamente, nela encontrava as proporções do mundo? Parava, ora aquí ora alí, para conversar com as pessoas, e indagar dos seus negócios. Procurava manter, quanto possivel, em contacto com a sua, a vida dos seus semelhantes com os quais se comprazia em conviver. Se notava que um lojista havia melhorado a sua loja, ia apresentar-lhe cumprimentos. Se tinha uma idéia que pudesse ser de proveito para um comerciante, ou ajudar uma dona de casa nos seus trabalhos domésticos, ou a tornar mais belo o seu jardim, apressava-se em transmití-la aos possiveis interessados. A amizade para com os outros tinha no seu coração a constância das águas perenes.

O que de tudo isso resultava era, em rigor, a impossibilidade de tomá-lo como velho. Nem ele jamais permitira que a ação do tempo lhe minasse o espírito, e com este se foi mantendo o corpo.

O seu primeiro segredo consistia no interesse, verdadeiramente inquebrantavel, que o identificava com a vida. Mas havia um segundo segredo, não menos cândido e simples: sempre que ia à cidade, ou fazia alguma excursão alí pelas redondezas, o neto era o companheiro da sua predileção. Nunca renunciara a respirar o ambiente saudavel da infância.

Foi a isso que os patriarcas bíblicos deveram talvez, ao que imagino, os seus longos e sólidos anos. Naquela vida pastoral, a família, por muito que crescesse, permanecia unida e solidária. A consequência é que aos velhos não faltava jamais, em torno a si, alguma revoada de crianças, através de cujos olhos podiam ver novamente o que há de encanto no mundo, e em cujas perguntas como que viriam ressurgir imagens dos dias idos da sua meninice.

Depois do seu encontro com o meu velho-jovem amigo, fiz-me outro. Compreendí que devia lançar carga ao mar, abandonando as precauções oriundas de hábitos antigos, os venenos do temor e da resignação. Confesso que a princípio estremecí ante a perspectiva da jornada, julgando-me velho demais para sair da sombra, e expor-me ao sol. Tinha resistido às solicitações de círculos juvenís. Tinha recuado ao defrontar com coisas a que me fui tornando estranho —gente, cenas, idéias.

Mas agora, diante do modelo que um simples acaso me proporcionou, recebia tudo isso de braços abertos, convencido de que de outro modo não poderia viver. Tratava de ligar-me à vida com todos os meus sentidos, tal como o cego que ilumina o espírito pela bendita familiaridade dos dedos com as letras em relevo.

Certo, nos dias que correm, quando ouvimos as vozes confusas e tonitruantes da história, chega a parecer impossivel que possa alguem conservar a confiança na vida. Todavia a alegria de viver pode reafirmar-se e renovar-se por meio de coisas tão à nossa mão, que nem sempre lhes damos apreço—a variedade encantadora dos campos e das árvores, as cores da madrugada que rompe, e da tarde que descamba, a criança que brinca na porta ao lado, o convívio afetuoso daqueles que nos rodeiam. E a confiança na vida é, com certeza, a essência da juventude!

As últimas

¶ Em los angeles, os negócios vão tão bem, que uma união operária, precisando de alguns indivíduos para organizar um protesto, teve que recorrer a uma agência de emprego do município. —*Gladwin Hill*

¶ A última novidade em matéria de copos para refrescos, consiste em uma decoração original, com figuras de coristas picarescas, do lado de dentro do vidro. À medida que se toma o refresco, as roupas das coristas vão desaparecendo, feitas que são de uma substância especial, que perde a cor quando umedecida. Terminado o refresco e secado o copo, as coristas aparecem novamente vestidas. —*Caravan*

¶ Em paterson, no Estado de Nova Jersey, Joseph Statuto informou as autoridades de que sua mulher, mãe de nove filhos, tinha desaparecido. A polícia encontrou-a, com outro Statuto recemnascido, na maternidade do Hospital Geral da cidade. —*Time*

¶ Certa manhã, uma garota que frequentava uma escola moderna, acordou com um resfriado, e sua mãe achou que era melhor ela não ir à escola aquele dia.

—«Mas eu não posso faltar, mamãe,» disse a menina. —Vamos começar hoje a fazer uma vaca de barro, e sou eu que presido a comissão que trata do ubre!» —*Thesaurus of Anecdotes*, Coligido por E. Fuller (Crown)

¶ *Este ás canadense fez do combate aéreo uma verdadeira ciência.*

Beurling, moderno Cavaleiro de Malta

(Condensado de «Maclean's»)

Por Webb Waldron

«EM CERTA OCASIÃO, subimos para interceptar uma incursão de aviões de bombardeio e de caça,» disse-nos Beurling. «Rompemos através dos aviões de combate para chegar aos de bombardeio, que não tardaram em dar volta ao leme e bater em retirada para a Sicília. Mas, mesmo depois disso, a desproporção contra nós era quase de oito contra um.»

«Oito contra um!» exclamei.

«Isto não é nada,» retorquiu Jorge Beurling—jovem ás canadense da RAF, com mais de um metro e oitenta de altura—soerguendo o magro corpo no leito de um hospital de Montreal, e alisando para trás as ondas emaranhadas de seus cabelos louros. «Já estive em inferioridade de um contra vinte. Eu ia no encalço de um grupo de quatro aviões—dois alemães e dois italianos. Um deles, atingido, rodou em parafuso, caindo a pouca distância da costa. Atacando em seguida outro avião, tinha-o feito explodir, quando avistei dois Messerchmitt-109 passando por baixo de mim. Deixei-me rodar a meio tonel, fiquei por minha vez por baixo dos aparelhos inimigos e alcancei um deles com uma carga em cheio. Quando ele caía, fui atacado por outro 109 e, se não o destruí, botei-o fora de ação. Descí para me reabastecer de combustivel. Não tardou uma nova incursão inimiga, tive de subir mais uma vez no ar, e precipitei outro avião alemão ao mar. Com esse eram quatro os que eu levava ao meu ativo, sem contar aquele que provavelmente tambem se perdeu.

«Por isso,» continuou Beurling com um largo sorriso, «acharam que eu devia tomar uma folga durante a tarde, pois estava com ar de cansaço.»

Este rapaz é digno de estudo. É, integralmente, um homem do ar. Com a idéia fixa da aviação desde criança, aos 17 anos era piloto, e agora, aos 21, o seu ativo de 29 aviões abatidos, mais três provaveis e nove avariados, aproxima-se do recorde da RAF.

Beurling é o puro homem de combate, frio, duro e implacavel, mas as suas façanhas deve-as ele ao afã com que aperfeiçoou a sua técnica, que aplica com precisão matemática e mortífera. Beurling explica assim o seu método: «Não me deixo levar pelas razões do coração. O inimigo procura destruir a você; cabe a você destruí-lo primeiro—sem dó nem piedade.»

Quando Beurling diz «preguei-lhe um estouro», não quer dizer simplesmente que se atirou contra um avião,

contando abatê-lo. O que ele quer dizer é que apontou para o inimigo de uma distância cuidadosamente calculada, a um ângulo escolhido, e não raro visando um determinado lugar do aparelho adversário.

A sua primeira vitória é um exemplo disso. Em abril de 1942, a sua esquadrilha fora incumbida com outros Spitfires de escoltar os aviões de bombardeio num ataque diurno a Lille. Beurling pediu que o pusessem em último lugar na formação—o lugar mais arriscado. «Não havia muita ação naquele momento,» disse-nos, «e eu pensava que sendo o último, talvez pudesse divertir-me um bocado.»

De regresso à Inglaterra, um enxame de Focke-Wulf 190 atacou a formação britânica. Cinco deles se empenharam contra Beurling. «Um a um,» contou-nos ele, «tentaram alcançar o meu avião pela cauda, mas em movimentos ageis e rápidos conseguí iludir-lhes o intento.» Então Beurling recorreu de repente a um estratagema, exclusivamente seu, por meio do qual o avião quase parava em pleno ar. O Focke-Wulf que vinha atrás passou por ele como uma tromba, e cruzou-lhe na frente. «Eu acreditava que ele estivesse voando a 450 milhas por hora,» explicou-nos, «de modo que, a cerca de 300 metros, fiz a pontaria visando um ponto que ficasse adiante do adversário, a uma distância deste correspondente a quatro vezes e meia o círculo da mira—e dei-lhe uma descarga de dois segundos e meio.»

O fogo das seis peças de um Spitfire—dois canhões de 20 milímetros e quatro metralhadoras 0.303—converge a cerca de 300 metros. Se um avião está correndo a 100 milhas por hora, dentro do campo da mira, tem de se fazer a pontaria para um ponto adiante dele correspondente ao diâmetro do círculo da mira. O FW marchava a 450 milhas, e por isso Beurling apontou para um ponto, à frente do aparelho inimigo, correspondente a quatro vezes e meia o diâmetro do círculo da mira. «O Focke explodiu,» disse-nos o ás, «e caiu deixando um rasto de fumaça negra.»

Quando Beurling tinha seis anos, o pai lhe fez um avião, e desde então ele ficou fascinado pelo ar. Aos 11 anos, começou a rondar por um aeródromo das vizinhanças. Os pilotos gostavam dele e prestavam-se de bom grado a responder-lhe às perguntas, porque sentiam o seu vivo interesse e a sua inteligência. Logo depois começaram a levá-lo nos seus vôos. Aos 14 anos já recebia lições de aviação. Para pagá-las, vendia jornais e fazia serviços miudos pelo campo.

«Aos 15 anos,» referiu-nos o pai, «o rapaz conhecia e explicava a tática de cada um dos grandes ases da outra guerra. Ele comia, bebia e dormia, sonhando com aviões e combates no ar.»

Em 1939, com 17 anos, Beurling deixou a casa paterna em Montreal e, atravessando todo o Canadá, vencendo mil dificuldades, foi dar em Vancouver, onde tentou alistar-se na Aviação Militar Chinesa. Frustrado na tentativa, abordou a RAF Canadense. Aí recebeu apenas o conselho de voltar para casa e concluir o ginásio, para o que lhe faltava somente um ano. «E foi assim,» disse-nos, «que fui levado a pensar na RAF.»

Um transporte de munições precisava de marinheiros. Beurling ofereceu-se e foi contratado. Chegando a Glasgow verificou que, na precipitação da partida, deixara no Canadá a sua caderneta

de aviador, na qual estavam registradas as suas horas de vôo. Na RAF disseram-lhe que o melhor era que desse um pulo ao Canadá e trouxesse a caderneta. Ele voltou no mesmo navio, arrebanhou todos os seus papéis, e partiu de novo para a Inglaterra.

Durante o seu treino na RAF esforçou-se por apurar o seu golpe de vista. «Eu costumava fixar os olhos numa colina distante, depois passava dela para uma árvore e, em seguida, desta para um dos seus ramos, tentando distinguir rapidamente todos os detalhes. À força de repetir o exercício, tornei-me capaz de avistar e identificar um avião mais depressa que os meus camaradas.»

Ele estudou sempre com um cuidado especial o «tiro por deflexão»—no qual se levam em conta o ângulo do aparelho com o do inimigo, as suas velocidades respectivas, e a distância de um para outro. Sem essa proficiência, contaria hoje cinco ou seis aviões inimigos no seu activo, em vez de 29. A sua perícia no tiro por deflexão tornou-se tão notavel, que o Ministério do Ar lhe encomendou um livro sobre o assunto, para instrução dos pilotos da RAF.

No dia em que fez a sua segunda colheita de aviões inimigos, Beurling escapou por um tris. A sua esquadrilha tomava parte em uma incursão às costas francesas. Atacada pelos FW 190, a esquadrilha viu-se na desproporção de um para seis. Então Beurling, de novo na retaguarda, a seu próprio pedido, teve a distração que tanto almejava. «Metralha e balas de canhão pelos dois lados,» dizia. «O avião pulava como um cabrito e estremecia sob o choque dos projeteis. Tive a sensação de que ele ia perder a direção. Um estilhaço apanhou-me nas costelas. O canhão e as metralhadoras de bombordo tinham sido postos fora de combate, o canhão de estibordo soltara-se e só apontava para baixo, dando batidas de um lado e de outro. Um obús estoirou dentro de uma das asas, fazendo-a aumentar três vezes de volume e deixando-a oscilante. Eu estava no meio da Mancha e pensei por um momento que seria obrigado a saltar de paraquedas. Mas seis aviões alemães voltaram a atacar-me. Dando um arranco no aparelho, voei em direção ao sol. Os aviões alemães foram-me no encalço mas, como eu previa, o sol os cegava e eles passaram sem me ver. Com as duas metralhadoras que me restavam dei uma descarga no avião do meio e vi-o explodir na minha frente, a cincoenta metros. Os outros bateram em retirada para a França.»

Beurling alcançou a Inglaterra, com o avião voando aos trancos, crivado de balas, o motor perfurado e vasando, uma das asas praticamente inexistente.

Um mês mais tarde seguiu para Malta, então o lugar mais bombardeado do mundo. Devido à proximidade dos aeródromos inimigos—a Sicília fica a 60 milhas de Malta—o aviso de ataque precedia de pouco a este. Por outro lado, a escassez de gasolina não permitia à RAF manter patrulhas no ar. Os Spitfires permaneciam no solo até receber a notícia certa de um ataque.

«Não precisávamos senão de alguns minutos para alcançar seis mil metros», disse-nos Beurling. «Se os atacantes eram alemães, toda a atenção era pouca; se, porem, eram italianos, não nos preocupávamos. Os italianos são bravos e são bons aviadores, mas só procuram fazer acrobacias. A verdade é que os pilotos italianos, mesmo em condições desvantajosas, costumavam deter-se no lugar da luta, ao passo que os alemães, em situação idêntica, corriam sempre.»

Beurling tinha por costume observar o vôo de uma esquadrilha inimiga. «Depois de ver um piloto dar uma ou duas voltas, pode-se dizer o que vale,» afirmou-nos ele. «Devemos nos livrar em primeiro lugar dos que se revelam realmente habeis, pois do contrário ficarão esperando por fora, para entrar no momento propício, cair zunindo sobre nós, e nos destruir.»

Segundo Beurling, um bom processo de fazer cair um avião de bombardeio, alemão ou italiano, é o de ir-lhe ao encontro e alvejar de frente o piloto. Se este morre, o avião de bombardeio habitualmente perde a direção, indicando que dentre os tripulantes um só é capaz de manejá-lo. É, entretanto, perigoso supor que o avião começará a caracolar assim que o piloto é morto. Se o avião está bem ajustado, pode continuar em direção à gente por uma distância consideravel, de sorte que é preciso desviar-se da sua rota sem perder um segundo, para não se despedaçar de encontro a ele.

Beurling estudou tão profundamente o tiro aéreo, que dificilmente faria fogo sem estar à distância exata em que as suas peças, combinadas, produzem a concentração máxima. Se lhe sucedia abrir fogo de uma distância mais curta, —incorrendo assim na possibilidade de passarem os tiros dos dois canhões das asas por um dos lados do alvo sem o atingir—não se esquecia de dar os descontos necessários, fazendo a pontaria de modo que ao menos um dos canhões atingisse com segurança o alvo.

Certo dia, ele e outro piloto viram-se empenhados em uma luta contra quinze aviões de combate inimigos. Beurling abateu um Messerschmitt e todos os outros se voltaram contra o seu avião, crivando-o de balas. De repente o motor desarranjou-se. O recurso era saltar, mas o paraquedas de que se munira pertencia a outro aviador: as correias estavam frouxas e Beurling receava receber, ao tocar o solo, um choque tamanho que o matasse. Por isso, preferiu aproar o avião para o solo e deixar-se ir—numa vertiginosa queda de 7.500 metros. «Eu tinha visto em cinemas dois ou três desastres de aterrissagem,» explicou-nos, «e notara que, ao cair o avião no solo, era uma das asas que sempre suportava todas as consequências da queda. Por isso, inclinei o avião sobre uma das asas e, quando ele embateu no chão, mal sentí o choque. O aparelho estava completamente inutilizado, mas saí dele apenas com um braço partido e alguns arranhões.»

À medida que o seu ativo crescia, Beurling conquistava citação sobre citação. Ofereceram-lhe patente de oficial mas ele recusou-a, preferindo continuar como sargento. Mais tarde, persuadiram-no a aceitar os galões de Oficial-Piloto, equivalente a segundo-tenente.

Os ininterruptos raides aéreos que dia e noite eram dirigidos contra Malta, obrigavam os pilotos de combate a trabalhar em turnos de um dia—dia sim, dia não—mas Beurling ficava em serviço sem fazer caso da hora porque, como dizia, «gostava daquilo». Em geral, os pilotos não podiam aguentar mais de dois meses daquela tensão violenta, e tinham de se afastar em licença. Beurling ficou cinco meses a fio em Malta, e provavelmente ainda lá estaria se não tivesse sido ferido.

Isto aconteceu em outubro, um dia que ele, fazendo parte de uma esquadrilha de oito aviões, subiu para enfrentar um raide de aparelhos de bombardeio e de combate.

«Tínhamos galgado as alturas de modo a ficar por cima dos inimigos, e eu acometí um avião de bombardeio, que se incendiou; a sua asa partira-se e o aparelho começava a caracolar, quando o seu artilheiro, apontando de baixo para cima, deu-me uma última descarga e feriu-me no braço e nas mãos. Nessa ocasião, vi que um Messerschmitt atacava o comandante da minha esquadrilha. Dei-lhe uma descarga de alguns segundos, precipitando-o no mar. Ouví então os pedidos de socorro lançados por dois Spitfires que lutavam muito abaixo de onde eu me achava. Mergulhei em picada a 600 milhas à hora, e fiquei por baixo de toda a formação inimiga. Ataquei um dos seus aviões, estourando-lhe uma das asas. Mas já outro vinha contra mim. Acertando nos meus aparelhos de controle, ele os pôs fora de serviço; depois atingiu em cheio o meu avião com alguns tiros de canhão, enquanto um estilhaço de metralha me penetrava no pé. A 5.500 metros de altura, com os motores fora de controle, eu alí estava em plena picada, em espirais que me levavam ao mar. O avião se incendiara e as chamas estavam a ponto de me alcançar. Tentei levantar-me, mas a força centrífuga me apertava contra o assento. Lutei para sair e, no derradeiro momento, conseguí saltar. Um segundo mais, e já seria tarde.»

A picada tinha-o baixado de 5.500 a 300 metros, em uma fração de tempo inacreditavelmente breve. O paraquedas abriu-se e Beurling pousou suavemente nas águas do Mediterrâneo, onde o recolheu uma lancha. Um dos pés lhe sangrava abundantemente, com uma artéria cortada. Levaram-no diretamente para uma sala de operações. Ainda na cama do hospital, recebeu a mais cobiçada das condecorações.

Pouco depois, a pedido da RAF Canadense, Beurling recebeu licença para vir ao Canadá. Quando estiver completamente restabelecido fará uma excursão pelo país para dizer aos jovens aspirantes do ar em que consiste o trabalho que os espera, como deverão treinar-se, e no que se deve por a atenção durante o combate. Não é essa excursão o que ele desejaria fazer, e permanece no Canadá para cumprir ordens. O único desejo de Beurling é este: voltar imediatamente para Malta, para as lides do ar...

Almanaque africano

¶ «Fiquei convencido de que os funcionários do governo inglês têm realmente bom humor,» disse o vice-almirante Lorde Louis Mountbatten, chefe dos *Comandos* britânicos, «quando vi, recentemente, um relatório procedente do Próximo-Oriente, dizendo: «Este ano, os ingleses entraram em Bengasi uma semana mais cedo do que o costume.» —UP

¶ *A moderna psicologia humana descobriu que o indivíduo depende potencialmente de si mesmo, não sendo pois um elemento passivo na máquina do mundo...*

Seja dono de seu destino

(Condensado do livro «The Rediscovery of Man»)

Por Henry C. Link

Muita gente está hoje correndo o perigo de se resignar a viver numa filosofia de derrota. Com efeito, tornou-se quase geral a crença de que o indivíduo é um objeto passivo nas mãos de forças que estão para alem da ação de nossa vontade; que a sua constituição e capacidades são produto da hereditariedade; que a sua alegria e bem-estar dependem de condições de todo em todo exteriores; numa palavra —que o homem poderá ser tudo, menos senhor do seu próprio destino ou piloto da sua alma!

As ciências têm contribuido em não pequena medida para este derrotismo moral. A Biologia tem-nos descrito o homem como um organismo cuja conduta é determinada pela herança biológica e pelo funcionamento das glândulas. O evolucionismo pinta-o como um ser que está apenas um passo adiante do símio. Os psicanalistas sustentam que a sua vida psíquica é dominada pelo subconciente...

Esta concepção do homem, fantoche manobrado por condições incoerciveis, atinge o apogeu nas ciências sociais hodiernas, que representam os seres humanos como produto do ambiente em que vegetam, vítimas imbeles e impotentes nas engrenagens dum sistema econômico vazio de alma. Pretende-se que só por meio de algum processo inteiramente mecânico—como fosse substituir a economia livre pela economia dirigida, ou a democracia pelo socialismo, ou o capitalismo pelo comunismo —é que a maioria dos homens poderiam alcançar vida abundante e feliz.

Chegamos assim à formação dum complexo sistema de idéias que, em vez de ajudar a humanidade, ameaça aniquilar a civilização mesma que o produziu. As teorias pseudo-científicas vieram prover de receitas para a derrota o nosso ideário corrente. A cada passo ouvimos declarações desta ordem: «A personalidade é uma coisa que ou se tem, ou não se tem»; ou «Eu sofro dum complexo de inferioridade», etc.

Estas e outras observações do mesmo jaez refletem a maneira de ver, hoje dominante, segundo a qual o indivíduo seria uma criatura impotente, controlada por forças exteriores. E, sem embargo, os psicólogos são levados a concluir que essa doutrina é fundamentalmente errônea. Quanto a mim, o fato mais interessante dentre os recentes estudos psicológicos é o «redescobrimento» do homem e dos poderes de que ele é capaz, quando a sua mente se liberta de idéias falazes a seu próprio respeito.

Devemos começar por distinguir entre segurança *social* e segurança *pessoal*. A segurança social representa alguma

coisa que a sociedade faz pelo indivíduo; a segurança pessoal é algo que o indivíduo faz por si próprio. A segurança social consiste sobretudo em coisas e dinheiro que o indivíduo recebe; a segurança pessoal consiste em hábitos e aptidões que o indivíduo desenvolve por si mesmo, e o habilitam a se tornar auto-suficiente e independente sob quase todas as condições.

O homem é ainda, potencialmente, o criador, e não a vítima de suas obras. É uma criatura dotada de vontade livre e de inauditas possibilidades, e não um escravo do ambiente. Suas capacidades são limitadas não tanto pela hereditariedade ou a pobreza, quanto pela idéia que ele faz de si mesmo.

A personalidade, por exemplo, elemento tão importante para grangear amizades, obter e conservar empregos, e em outros aspectos do viver util— não é um brinde caido das nuvens por acidente, mas uma conquista do indivíduo. Podemos definir a personalidade como sendo: *a medida em que o indivíduo desenvolve hábitos ou aptidões que servem e interessam a outras pessoas*. Por exemplo, os estudos que temos realizado mostram que as crianças que recebem de seus pais, como a coisa mais simples e natural deste mundo, uma mesada regular, tendem a se constituir em personalidades mais debeis do que as crianças que só recebem uma ajuda em prêmio dos pequenos serviços domésticos que prestam. Mocinhos ou meninas que vendem revistas e magazines pelas portas, ou que arranjam pequenos trabalhos entre os vizinhos, ou que trabalham durante as férias de verão para ganhar dinheiro, tendem, segundo as nossas observações, a formar personalidades mais robustas do que aqueles que o não fazem. A importância dessas atividades não jaz nas recompensas ou no dinheiro recebido, mas nos hábitos e atitudes permanentes que elas desenvolvem. Esses hábitos são de ordem a transformar o carater dum indivíduo, que deixará de ser uma «esponja» de absorver benefícios, para se tornar um ser dadivoso, passando de simples consumidor a produtor tambem.

Numa palavra—desenvolveu a sua personalidade.

Aquí há tempos, um dos círculos de discussão mais famosos de Nova York escolheu para tema de debate o seguinte: «Que pode ou deve fazer o nosso país a favor da mocidade?» Após alguma discussão, no curso da qual vários oradores reclamaram providências urgentes no sentido de tornar gratuito o ensino superior, de assegurar à gente moça subsídios que facilitassem o casamento, de garantir-lhe empregos interessantes com salários de subsistência, e outras coisas do mesmo estilo, levantou-se uma senhora para fazer a observação seguinte: «Quer-me parecer que o nosso tema: *Que pode ou deve fazer o nosso país a favor da mocidade?* devia ser modificado neste sentido: *Que pode ou deve a nossa mocidade fazer pelo país e por ela própria?* Não será já tempo de a mocidade se rebelar contra a idéia do «me dê» para, em vez dela, considerar as maneiras de *dar?*» Do ponto de vista do culto da personalidade, esta crítica me pareceu de todo sensata e justificada.

Quanto ao «complexo de inferioridade», bom fora que tal expressão nunca tivesse sido forjada: seria menos uma das muitas idéias que por aí andam a amedrontar a gente timorata... O sentimento de inferioridade não é uma doença misteriosa que se apodera da gente, para nos inhabilitar de viver.

Pelo contrário, pode tornar-se verdadeiramente preciosa para o indivíduo que reconhece a sua inferioridade, e *se mete a fazer alguma coisa para a compensar*, desse modo acabando por conseguir desenvolver qualquer forma de superioridade.

A dinâmica da aquisição da superioridade, em qualquer domínio, pode facilmente assimilar-se ao processo pelo qual o nadador aprende a dar mergulhos de cabeça, tal como já tive ocasião de acentuar (*). Da mesma maneira que o medroso aprende por persistência a mergulhar, assim tambem a conquista de si mesmo e do ambiente depende do esforço próprio.

Quer se trate de mergulhos, quer de outra qualquer atividade vital, essa é a psicologia basilar do desenvolvimento da personalidade e da superioridade. Vezes sem conto deve o indivíduo mergulhar na torrente da vida, num ponto e noutro, de maneira a desenvolver aptidões reais e eficazes. A pessoa que só faz o que gosta de fazer, que se esquiva às situações embaraçosas ou penosas, cultiva hábitos de inferioridade em vez de cultivar os da superioridade.

Aquí se torna bem clara a diferença entre o conceito mecanista e o conceito psicológico do homem: temos dum lado aqueles que são inferiores, e que recusam reconhecer suas deficiências, ou crêem que nada podem fazer para as remediar. Uma vez que estes indivíduos nada farão para se aperfeiçoar ou desenvolver, dá-lhes muitas vezes para querer *reformar* todo o organismo social. Não têm olhos para ver que, fosse qual fosse o sistema em que vivessem, continuariam provavelmente a ser inadaptados, a não ser que a si próprios se modificassem previamente.

Do outro lado estão aqueles que confiam no seu poder para desenvolver a personalidade, e atingir a competência e a superioridade. São estas as pessoas que, acabado o tiroteio e a gritaria, sustentam a sociedade em qualquer das suas formas, seja democracia, seja comunismo.

A tragédia está em que há muitos anos que a nossa civilização vem permitindo às pessoas acreditarem na sua impotência, e — peor ainda — encorajando a tendência a jogar as responsabilidades para os ombros largos da coisa pública. Ouvimos por aí dizer: «À cidade ou ao estado cumpre por cobro aos males sociais.» Ou então, «O governo devia garantir trabalho a toda a gente.»

A crença de que as pessoas podem realizar a segurança social por meio do voto e à força de leis, tornou-se uma das grandes superstições do nosso tempo. Os empregos não existem por direito ou princípio, mas só porque as personalidades eficientes os criam por sua iniciativa.

O verdadeiro conceito do homem como ser capaz de triunfar de si mesmo e do seu ambiente tem sobrevivido nas religiões e nos descobrimentos da psicologia.

Sabem muito bem os psicólogos que a maioria das pessoas são, potencialmente, capazes de depender de si próprias. Por outra parte, a diferença entre o êxito e o fracasso é, essencialmente, uma questão de filosofias. Uma *filosofia de derrota* torna inevitavel o fracasso, até mesmo da pessoa mais prodigamente dotada de qualidades; uma filosofia de êxito, ou seja, a determinação de fazer o mais possivel de si próprio,

(*) Vd. «Faça aquilo que teme», Seleções, fevereiro de 1943.

pode obrar maravilhas, ainda com o indivíduo menos bem apetrechado.

Um dia, notavel astrônomo disse a um amigo: «Para o astrônomo, o homem é um pontinho infinitesimal perdido no universo infinito.» Ao que o amigo sensatamente redarguiu: «Sim! mas esse pontinho é o astrônomo...»

Essa resposta ilustra uma grande verdade: o indivíduo é o único alicerce sobre o qual pode erguer-se com segurança qualquer ordem social.

As muralhas não fazem as prisões

¶ DURANTE muitos anos, antes de a Bastilha ser destruida, a vida na famosa prisão tinha os seus aspectos alegres e divertidos. Poucos criminosos comuns eram enviados para lá, e, desde o reinado de Luiz XIV até 1789, parecia mais um clube do que um cárcere—onde os prisioneiros viviam como entendiam, comiam e bebiam bem, recebiam os amigos em salas mobiliadas com conforto e elegância, visitavam os outros presidiários em suas celas, jogavam as cartas, e desfrutavam de todos os prazeres sociais, inclusive o amor. Praticamente, tudo lhes era permitido—exceto sair da prisão.

Para isso, muito contribuiam as *lettres de cachet*, mandados de captura, em branco, assinados pelo Rei e fornecidos às pessoas de influência: era assim que os pais enviavam para a Bastilha os filhos recalcitrantes, e os maridos e as esposas se livravam, do mesmo modo, uns dos outros. Com essa população de jovens estroinas, de maridos libertinos e de esposas levianas, a vida na fortaleza não podia ser aborrecida. E os que tinham gostos menos frívolos encontravam no Clube da Bastilha a companhia daqueles que para lá tinham ido em virtude das suas opiniões originais sobre política e filosofia.

Alem de bons vinhos e boa comida, Sua Majestade fornecia tambem boas roupas aos seus hóspedes, o que não impedia que eles se queixassem eloquentemente, quando não se sentiam satisfeitos. Um deles escreveu ao governador da Bastilha, dizendo-lhe: «Senhor, as camisas que me trouxeram não foram as que eu pedí. Solicitei camisas finas, com punhos de renda, e não essas, grosseiras, de mau linho, com punhos mais próprios para um carcereiro».

Os prisioneiros tinham permissão para conservar consigo os seus animais de estimação—cães, gatos ou pássaros. Alguns trabalhavam como carpinteiros, outros como gravadores. Certos cavalheiros da Bretanha solicitaram um bilhar, e obtiveram-no. E até o famoso dandi, Duque de Richelieu, enviado à prisão por sua esposa, ofereceu encantadores concertos em sua cela.

Em seus dias de glória, a Bastilha deve ter sido um dos lugares mais interessantes onde viver, porque, cedo ou tarde, as notaveis figuras do mundo social, das artes e da cultura da França, homens e mulheres, lá se encontrariam. Não é de admirar, pois, que muitos prisioneiros relutassem em deixar a fortaleza. «No fundo de meu coração», diz Madame de Staël em suas *Memórias*, «eu estava longe de desejar minha liberdade.»

—Richard Le Gallienne, no SUN *de Nova York*

Como construimos um vapor numa semana

(Condensado da «Nation»)

Por Bernard Taper

Um operário descreve o que é o trabalho nos estaleiros Kaiser, e como se bate um recorde em construção naval.

ACABO de participar na construção do cargueiro *Robert E. Peary*, de 10.500 toneladas, lançado ao mar quatro dias depois de lhe baterem a quilha, e pronto para a entrega apenas dois dias mais tarde.

Quem quer que leia a história desse recorde, seguramente terá a impressão de que, formando-se na baía de São Francisco um comboio rumo às Ilhas de Salomão, na hipótese de faltarem um ou dois barcos, bastará esperar uma semana para que Henry J. Kaiser* opere outros tantos milagres. Mas a coisa não é tão simples assim. Bastante tempo se despendeu em trabalhos de prefabricação, antes que se batesse a quilha do navio. Para nós, operários, que passamos mais ou menos um mês a montar guaritas de convés, fundos duplos, pontes de proa e numerosas outras seções gigantescas—algumas de peso superior a 100 toneladas—o assentamento da quilha equivaleu, de fato, ao começo do fim.

A rapidez com que, peça por peça, se formou o «Casco 440», foi, de qualquer modo, quase inacreditavel para nós. Por vários dias o estaleiro deu a impressão de que alguem espalhara ao acaso as peças de um puzzle desmesurado—a proa do navio aquí, uma pilha de canos alí, e chapas de aço acolá. Logo que se bateu a quilha, o aspecto do navio entrou depressa a transmudar-se. Se nos ausentávamos por uma hora, encontrávamos, ao voltar, um contorno inteiramente diverso.

Duas horas após o começo do trabalho, que ocorreu precisamente um minuto depois da meia noite de domingo, a carena—de 50 por 500 pés—fora ajustada e soldada. Seis horas mais tarde, havíamos montado todas as seções do fundo interior da meia-nau, e feito a montagem integral das máquinas. Ao termo do dia, o casco avultava, e a metade das suas 2.900 toneladas de seções de aço estava nos seus lugares. Naquele dia inicial soldamos uns 6 mil metros de chapas. Ao cabo do dia imediato, o convés superior estava assente.

No terceiro dia, a superestrutura foi trazida da oficina que fica por trás dos estaleiros. Guindastes giratórios, esticando os pescoços numa espécie de hirta solicitude, rápido fizeram pousar os abrigos de convés, os mastros e os cabrestantes nos lugares adequados. O leme enorme e os canhões anti-aéreos tambem se instalaram, e com um dia de antecedência. Em todo o navio havia um formigamento de homens que pareciam, antes, «moscas sobre peixe morto», como o observou um dos soldadores. Quilômetros de cabos, com os seus fixadores, entremeavam-se nos conveses e enfeitavam os andaimes. Dir-se-ia que só para desenredá-los seria preciso mais de uma semana.

No quarto dia terminamos a obra—soldagem, rebitagem, instalação elétri-

*Vd. «Mais navios em menos tempo», Seleções de junho de 1942.

ca e pintura. Os últimos a trabalhar no navio foram os varredores e arrumadores, que puseram tudo num brinco.

Quando o lançaram ao mar, o «Casco 440» nada tinha a desejar, já com salvavidas, relógios elétricos, cabides, escrivaninhas, tinteiros, e até letreiros dizendo: «Esta água não serve para beber.» Por pouco nos faltou ver um comandante — fabricado, talvez — passeando na ponte.

À medida que concluiam as suas tarefas os operários passavam para a carreira ao lado, afim de assistirem à operação do lançamento e—quem sabe—buscando convencer-se de que o navio estava realmente construido. Era como se alguem, apanhando-nos de costas, houvesse removido o «Casco 440», e conduzido o agora *Robert E. Peary*, estaleiro a dentro, até os blocos de quilhas. E enquanto 25.000 espectadores, ainda incrédulos, aguardavam o lançamento, pensando talvez não poucos que o «Casco 440» se inundasse e vagarosamente afundasse, pequena seção da quilha de outro navio veio pelos ares e ficou em posição no estaleiro recem-desocupado.

Os nossos estaleiros de Richmond são hoje, sem dúvida, a maior cidadela de construção naval do mundo, o que determina a possibilidade de tão larga premontagem. Métodos melhores de transporte interno, padronização de desenhos e produção de utensílios em massa, valem por fatores vitais da rapidez com que andamos, no momento, a construir navios.

Aduza-se mais um elemento—e este paradoxal: a nossa pobreza de experiência em construção naval. A maioria dos homens atualmente em postos de responsabilidade nada conhecia de semelhante setor industrial, um ano antes. Muitos deles eram veteranos das represas de Coulee ou Bonneville e talvez nunca tivessem visto o mar. No rumor do estaleiro, alguns autênticos construtores navais, à maneira de pessoas de severa moral que, subitamente, esbarrassem com gente das corridas de cavalos, não escondem a sua expressão de atordoamento em face de nossos métodos pouco ortodoxos.

Entre os 70.000 operários há homens de todas as profissões imaginaveis. Quem quiser trabalhar, encontrará emprego alí. No dia em que me contrataram abanquei-me ao lado de um homem que, anos antes, sofrera um traumatismo, ficando com todo o lado esquerdo paralisado. O Departamento do Pessoal iria aproveitar-lhe o lado direito.

O pitoresco de todo o conjunto, afinal, é algo que se descobre a pouco e pouco, e se saboreia muito tempo depois. Perguntei a um dos encanadores porque motivo tantos dos seus companheiros eram antropologistas, esperando obter uma explanação elucidativa sobre dimensões comparativas dos crânios de uns e outros. Respondeu-me que isso não ia alem de «puro acidente histórico». Um antropologista conseguira o emprego de encanador, e, mais tarde, outros o acompanharam. Seguia-se a turma dos instaladores, construida, em sua maioria, de ex-bailarinos—homens que agilmente trepavam nos andaimes, enganchando e desenganchando o carregamento dos guindastes. Vi-os pular de caibros a mastros e, às vezes, com grande risco, caminhar no alto sobre duas polegadas de largura—o porão lá em baixo, a 15 metros de profundidade. Quase todos os instaladores possuiam a graça e a agilidade de dansarinos e, assim, era um prazer observá-los. O seu trabalho era uma forma de arte.

De certo, o ato mais habil do Departamento do Pessoal foi empregar antigo lutador como ajustador de rebordos. Este operário precisava bater, esquentar, encurtar, puxar e torcer os mais rebeldes anteparos, até se adaptarem. Não havia melhor colocação para um lutador profissional.

Os homens gostam de resmungar enquanto trabalham. Entendem que os navios devem ser construidos mais debaixo de pragas do que de carinhos. Esse resmungar não significa má vontade, nem tão pouco queixa. Soube de um experimentador de tanques que voluntariamente trabalhou sem remuneração no seu dia de folga, mas sempre a resmungar contra «esta endiabrada casa de malucos».

Centenas de sugestões oferecidas por operários foram utilizadas na construção do «Casco 440»—desde carretilhas gigantescas que economizaram semanas na montagem dos forros do navio, até pequenos grampos que firmemente sustinham as vigas durante a soldagem. Os operários sentiam-se perfeitamente à vontade no ambiente dos estaleiros, e eram tão afetuosos para com Kaiser quanto este se mostrava para com eles, olhando-os todos com uma simpatia quase paternal.

O «Casco 440» foi uma etapa magnífica na história da construção naval—não apenas por haver sido lançado poucos dias depois de lhe baterem a quilha, senão porque evidenciou que a única maneira de rapidamente construir navios é pre-fabricá-los, e, igualmente, por haver utilizado dezenas e dezenas de novas invenções, planos e técnicas. Representou o autêntico início da produção de navios em massa.

Graças ao que se aprendeu com o «Casco 440», o período de construção dos dez próximos navios vai ser reduzido de 40,6 dias a 31,9. Os nossos dois estaleiros ocupados na construção de navios tipo *Liberty* lançarão em 1943, de acordo com a nossa estimativa, 275 navios, isto é, cerca de 100 navios mais do que o faríamos se seguíssemos o nosso velho método de construção. Isso—é claro—significará muito mais que o fato de sermos capazes de entregar um navio em menos de uma semana.

Coisas da censura

¶ Uma jovem americana recebeu, de um dos postos avançados da frente de guerra, uma carta cujo sobrescrito lhe revelava uma caligrafia muito familiar. Mas, ao abrir o envolope, em lugar da esperada missiva, encontrou simplesmente uma nota que dizia:

«Seu namorado continua apaixonado por você, mas fala demais.—Censor.»

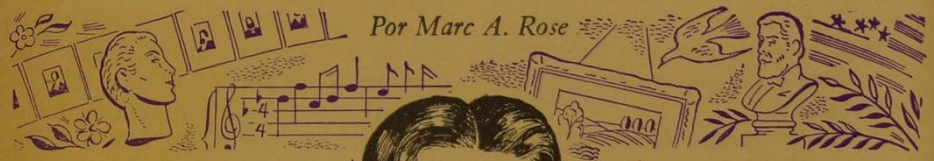
Collier's

¶ Na Inglaterra, a esposa de um escocês recebeu um carta de casa, com o seguinte P.S.: «Junto, envio três pastilhas de chíclete, duas para você e uma para o Censor.» Dentro do envelope vinham apenas duas. Examinando o sobrescrito, a dama encontrou, junto do selo, estas palaras: «Obrigado.—O Censor.»

—The Scotsman

Mestre de minha infância

Por Marc A. Rose



JOHN E. BAGGETT mandou-me há pouco um recorte de jornal de Chicago, e um bilhete cumprimentando-me. Dizia a notícia que, segundo o costume tradicional, os professores de Lake Forest, em Ilinóis, se tinham reunido para comemorar o septuagésimo nono aniversário de John Baggett, na Escola Gorton.

Conheço a Escola Gorton, pois por lá passei. Possue reproduções das obras-primas de pintura, escultura e arquitetura do mundo inteiro, e uma esplêndida discoteca da melhor música. Foi tudo comprado pelo próprio Baggett, em grande parte com seu pequeno ordenado de professor. As coleções podem ser avaliadas mais ou menos em uns nove mil dólares. E garanto que toda criança, que tenha passado por aquela escola nos últimos trinta e cinco anos, será capaz de reconhecer qualquer daquelas telas, esculturas ou músicas, como estou certo que aprendeu a escrever com boa caligrafia, e adquiriu noções básicas de aritmética e ortografia.

Sei disto porque há quarenta anos passados, John E. Baggett fez o mesmo por nós, os seus alunos daquele tempo. Fez isto e muito mais. Muita coisa que por aí anda agora batizada de método moderno originou-se na sua sala de aulas, para depois se espalhar por todo o país.

Nasceu John E. Baggett em 1863, em Highland Park, no estado de Ilinóis, onde seu pai ganhava a vida cortando lenha para vender em Chicago, a uns trinta quilômetros de distância. A mãe de John morreu quando este apenas tinha onze meses de idade. Foi então entregue a uma vizinha que não tinha filhos, Margaret Reid, casada tambem com um lenhador.

John era uma criança sossegada e um pouco tristonha. Chamavam-lhe John Reid. Aos doze anos mudou-se com seus pais adotivos para uma fazenda no estado do Iowa. Não havendo lugar para o menino na pequena casa de um quarto só, ele dormia no celeiro. Os Reid parece que não nutriam muita afeição pelo pequeno, e o tratavam com severidade, algumas vezes até com maldade, mormente quando Reid bebia demais.

Detestando os trabalhos da fazenda, o menino adorava os livros. Reid trouxera consigo alguns livros, e um deles, «Os Chefes Escoceses», Johnny quase aprendeu de cor. Decidira consigo próprio que havia de estudar. Por esta época já sabia muito bem que era filho adotivo e buscava consolo no pensamento de que era feito de «melhor massa» que os Reid, e que chegaria um dia a posição superior à deles.

Todo estudo ou leitura que fazia tinha de ser lá mesmo no celeiro e, para que não o castigassem pelo querosene que estava «gastando», tapava com papel todas as gretas e fendas da madeira. De qualquer maneira conseguia obter livros, e se lançava ao estudo com ardor, pois o dominava uma ambição: haveria de ser professor. Um dia, quando ainda não tinha dezessete anos, mandaram-no à cidade com um carregamento de cereal. Soube então que uma escola, distante três quilômetros da fazenda dos Reid, precisava de professor. Submeteu-se imediatamente a um exame no qual teve êxito brilhante, exceto quanto a ortografia. Escrevera as palavras corretamente, mas naquele tempo era tambem preciso saber dividir as sílabas, e nesse particular John era um tanto original, para não dizer mais nada, pois nunca tivera oportunidade de ler nada sobre o assunto. «Leve este livro,» disse-lhe um dos examinadores, «e quando achar que já sabe, volte cá.»

Daí a pouco tempo o rapaz, já conhecendo perfeitamente a divisão silábica, obteve a colocação que desejara, com o salário de vinte e quatro dólares mensais. Em casa, os Reid protestaram e brigaram, mas o rapaz continuou firme na sua resolução. Naquele Outono enfrentou os seus primeiros alunos, muitos dos quais mais velhos e mais fortes do que ele. «Mas», diz John com certa ingenuidade, «parece que gostaram de mim, pois nunca tive dificuldade alguma.»

Pelo inverno, numa de suas bebedeiras, Reid caiu da carroça e quebrou uma perna. Então John Baggett começou a levantar-se às cinco da manhã para ter tempo de fazer os serviços da fazenda; depois andava os três quilômetros sob os rigores do frio, até a escola, onde, ao calor da lareira, ensinava o dia inteiro; depois regressava a casa, e à noite ainda trabalhava nos referidos serviços.

Assim que Reid ficou bom e pôde andar de novo, o jovem professor abandonou a fazenda e retomou o seu nome de família, que não sabia bem como escrever, pois só o conhecia de ouvido. Depois de ensinar durante três períodos escolares nos municípios da vizinhança, John Baggett quis voltar para o estado de Ilinóis, onde nascera. Submeteu-se então a exame para conquistar o diploma de professor primário, e passou com as notas mais altas.

Precisando de um homem disposto para ensinar em certo colégio, onde os alunos haviam queimado um judas com a cara do professor, o examinador indicou-o para a vaga.

Durante alguns anos John Baggett ensinou nas escolas do interior até que, crescendo sua fama, em 1888, a cidade de Waukegan convidou-o para dirigir uma de suas escolas. Ele ensinava as classes pré-ginasiais e tinha ao todo 70 alunos. Em 1894, quando houve a feira mundial de Chicago, lá os levou todos, sete de cada vez, durante os dez sábados que durou a feira, e, para que não se perdessem na multidão, seguravam os meninos uma corda cuja extremidade estava firme na sua mão.

Foi à sala de aulas de John Baggett em Waukegan que me levaram um dia. Pela primeira vez enfrentava professor masculino, e por isto eu fiquei um pouco nervoso. Vi diante de mim um homem de estatura mediana, abundantes cabelos pretos repartidos ao meio, olhos azues muito vivos, e uma barbicha em

ponta, muito negra. A não ser aos domingos, nunca tinha visto um cavalheiro tão impecavelmente trajado e cuidado. Nunca aparecia de outro modo— e esta era uma de suas lições sem palavras: vestir-se com capricho e alinho não é ser efeminado.

Relanceando a vista pela sala, fiquei surpreso. Todas as salas de aula em que tinha entrado eram austeras, pintadas de escuro e sem nenhuma decoração. Aquela era diferente; as tampas das carteiras não estavam arranhadas a canivete nem manchadas de tinta, mas pintadas de esmalte branco, assim como as portas e janelas. Em todas estas havia cortinas transparentes e as que davam para o lado do sol tinham vasos de samambaia e outras plantas.

Cerca de cem gravuras ornavam as paredes verde claro. Entre outras, fotografias da Acrópole de Atenas, da Igreja de Notre-Dame de Paris, da Ponte dos Suspiros de Veneza, e abaixo dessa série, uma coleção de retratos de homens célebres. Aquí e alí, reproduções em gesso de esculturas clássicas, as primeiras que via em minha vida. Pregados na porta da sala, uma série de recortes de jornal e fotografias fascinantes, mostravam soldados combatendo sob as palmeiras em Cuba, ou navios de guerra da Esquadrilha Branca atirando contra navios espanhóis. Tudo extremamente interessante e bonito.

Naquele mesmo Outono a sala de aulas de John Baggett foi classificada como a mais atraente dos Estados Unidos, e, por ocasião da campanha contra a tristeza inhóspita das escolas norte-americanas, publicaram-se dela várias fotografias.

Durante as férias, John Baggett tinha lixado e pintado com suas próprias mãos aquelas setenta carteiras. Colecionara pacientemente as gravuras, comprando ou alugando. Para mim, como para milhares de outros que não estávamos acostumados a ambientes aprazíveis, a sala de aulas de John Baggett foi nosso primeiro contacto com um mundo de cultura e bom gosto. Não porque nos fizesse discursos sobre arte; dizia-nos simplesmente que aquelas eram as maiores obras de arte do mundo, e que devíamos conhecê-las e saber o nome dos seus criadores, bem como os dos livros e autores célebres. Pouco a pouco nos fomos familiarizando com cada uma daquelas obras primas.

A porta com os recortes de jornal ensinava-nos a «história viva», como dizia mestre Baggett. Diariamente ele recortava a notícia principal do dia com uma fotografia, e pregava-a na porta. Durante o recreio ou depois das aulas juntávamos-nos em volta para ler as notícias e examinar as fotografias, e fazíamos perguntas a propósito. Havia de vez em quando um interrogatório, e ao menino ou menina que desse as melhores respostas era concedida permissão para, no fim do mês, guardar consigo os recortes.

Sábado à tarde mestre Baggett organizava pequenos concertos, convidando os melhores alunos do Conservatório de Chicago a vir tocar para nós. Geralmente fazia ligeira introdução. «O autor desta música vive na Noruega e se chama Grieg. Com a música que vocês vão ouvir, imaginem os lavradores noruegueses dansando numa festa de casamento.»

Nós estávamos ao corrente de tudo que se fazia de novo no mundo. Baggett conseguiu obter, não sei como, a primeira chapa de raios X que apareceu na América—uma mão mostrando os ossos e um anel num dos dedos. Fomos das primeiras pessoas na terra a ver uma fita de cinema. Havia em Waukegan, em 1898 ou 1899, um famoso inventor de cinema. Baggett obteve dele que nos fizesse uma exibição, e, nanossa sala de aula escurecida, vimos um trem chegando na estação e um desfile de circo por uma rua.

No ensino dos assuntos básicos o nosso mestre era exigente, meticuloso e cheio de inovações. Foi talvez o primeiro a fazer uma compilação dos «200 erros mais frequentes de ortografia», em que éramos treinados constantemente. Insistia muito quanto a caligrafia, e considerava de suma importância o cálculo mental, dando-nos constantemente problemas para resolver. É a melhor espécie de teste mental, insiste ele ainda hoje.

Às vezes, sob pretexto de arranjar dinheiro para comprar quadros ou cortinas novas, organizava pequenas reuniões para a venda de bolos e doces, para os quais eram convidados os pais dos alunos. O verdadeiro motivo, porem, de tais reuniões era estabelecer contacto entre professores e pais, num tempo em que as organizações de pais e professores ainda não tinham sido criadas.

Naturalmente tambem cantávamos em coro. Nada de novo nisso, pois em todos os colégios se canta. Mas, indo depois de homem feito à Opera Metropolitana, reconhecí de repente uma música que *eu* costumava cantar na escola. Aprendemos coros do Fausto e da Cavalaria Rusticana, canções de Mendelssohn e Schubert, em vez dos cânticos sem valor geralmente ensinados. E bem que gostávamos daquilo.

Espero não ter dado a entender que este professor bem vestido e amigo de arte era um esteta de faces pálidas. John Baggett era essencialmente másculo. Mesmo em trajes finos, jamais deixava de tomar parte em qualquer jogo que se organizasse durante o recreio. No beisebol não tinha rival, até entre os meninos maiores; e tínhamos valentões na escola, entre outros um rapazola de dezoito anos que acabara de tomar parte na guerra espano-americana. Mas nenhum deles jogava como Baggett, nem era tão perigoso numa batalha de bola de neve. Tambem não ficava atrás nas excursões, a pé, de que era grande apreciador.

Em sessenta anos de ensino só faltou três dias, e por doença. Encontrando-me com ele, no ano passado, em Waukegan, sugerí que fôssemos rever minha antiga escola. Ele concordou e eu chamei um taxi.

—Você não gosta de andar? perguntou-me.

—Pensei que o senhor não quisesse... procurei explicar.

—Ora, vou muitas vezes a pé de Lake Forest a minha casa.

Seria no mínimo uma distância de doze quilómetros e ele tinha 78 anos...

Numa tarde de sábado, na Primavera, Baggett estava de macacão fazendo umas plantações no jardim do recreio, quando chegaram uns cavalheiros que a ele se dirigiram. Quando soube que era a Comissão Escolar do distrito de Lake Forest, Baggett ficou atrapalhado. «Se soubesse que os senhores vinham não estaria nestes trajes», desculpou-se ele. Mas o chefe da comissão sorriu. «É precisamente *porque* o senhor é um professor que cuida do jardim da escola aos sábados à tarde, que estamos aquí.» A comissão viera convidá-lo para ser diretor da escola de Lake Forest, ganhando o dobro de seu ordenado. Assim em 1904 foi para Lake Forest, onde per-

maneceu trinta e cinco anos no posto de diretor. Hoje é diretor honorário, e ainda ensina dois dias por semana.

Como ganhava apenas 90 dólares em Waukegan, os 180 de Lake Forest lhe pareceram uma fortuna, e logo no primeiro mês comprou por 100 dólares um modelo da Vitória de Samotrácia que ainda hoje se encontra no vestíbulo. Assim, às suas próprias custas, ele pôs-se a decorar e embelezar a escola, coisa que não podia deixar de fazer.

Lake Forest soube apreciá-lo. Como prova disto pagaram-lhe uma viagem à Europa em 1910, e outra em 1926. A Europa foi motivo de grande alegria para ele. Vivia nos museus e galerias contemplando os originais dos quadros que tanto amava. Visitou todos os «lugares célebres» e percorreu a pé a região descrita nos «Chefes escoceses». Mas sua grande aventura foi, por certo em Dublin.

Perto de Phoenix Park, descobriu um grande jardim chamado «Baggot Terrace». Sabendo que existia uma família Baggot, resolveu fazer uma visita à rica mansão com seus quatro mil metros quadrados de jardim. Lá foi recebido por um senhor alto, de cabeça branca e aparência aristocrática. John Baggett explicou com certo embaraço que viera procurá-lo porque estava interessado na semelhança dos nomes, sabendo que sua família era de origem irlandesa.

Acontece que Henry Baggot era de fato seu tio; era o irmão mais velho do jovem aventureiro que, aos dezesseis anos, fora procurar fortuna na América, e acabara como lenhador e pai de John Baggett. O tio velho chorou de emoção e passou-lhe um pito por ter alterado o nome de família. Depois mostrou ao sobrinho sua coleção de quadros da Renascença, e percorreu com ele Baggot Park com suas flores maravilhosas. Levou-o ao Trinity College e mostrou-lhe a sala dos Baggot, onde se acha pendurado o retrato de uma de suas bisavós, grande educadora de seu tempo. A intuição de John Baggett não o enganara, ele descendia realmente de gente de «melhor massa».

«Você vê», dizia-me ele, «na verdade não fiz nada de mais. Herdei o gosto pela pintura e pelas flores, e, se tenho jeito para ensinar, é porque isto tambem é traço de família.»

¶ Só PODEMOS realmente ter opiniões imparciais quando se trata de coisas que não nos interessam. É por essa razão que uma opinião imparcial não tem valor algum. Quando julgamos ver os dois lados de uma questão, é porque não vemos absolutamente nada.

—Oscar Wilde

¶ EM LONDRES, duas empregadas da limpeza pública estavam discutindo o inconvenientes do blacaute.

— É um mal necessário, assegurava a sra. Malaprop. —Do contrário estaríamos condenadas simplesmente à maternidade.

—Assim é, replicou a companheira. —Mas o peor é que não saberíamos nunca os autores dela.

—Helen B. Baldwin

Lembrem-se de nós!

(Condensado do «American Mercury»)

Por Ben Hecht

QUANDO soar a hora de se fazer a Paz, representantes de muitos estados tomarão assento em volta da mesa dos debates. Os delegados alemães terão que aguentar o olhar dos delegados ingleses, americanos, russos, tchecos, poloneses, gregos, noruegueses, belgas, franceses, holandeses... Todas as vítimas da trágica aventura alemã estarão alí presentes para julgar, e lavrar a sentença. Todos? Nem todos; não estarão lá os judeus.

Duas razões explicam esta ausência: A primeira é que os judeus têm apenas um denominador comum—o do ferrete racial. Têm vivido por todo o mundo, gente dispersa e variegada, prestando homenagem a culturas diversas, e adotando como suas as bandeiras de muitas nações. As perseguições e os ataques deram-lhes, erradamente, o cunho de uma «raça», de um «povo», às vezes mesmo de uma «nação».

Cabe, todavia, aos alemães a triste glória de haver ampliado o mito do «perigo judaico» a proporções nunca vistas, apoiando a sua tese numa pirâmide de cadáveres de judeus, mais alta do que quantas já se ergueram no caminho da História, em nome desse ódio milenário.

A despeito de tudo, porem, a paz virá provar que os judeus não passavam de nula expressão política, que só mantinha uma aparência de realidade graças ao ódio alemão e pouco mais. Não terão pátria, governo, ninguem que devidamente os represente à mesa do julgamento no tribunal da Paz.

A segunda razão pela qual não se acharão alí representados, é ainda mais positiva, e quiçá mais dolorosa: é que, fora das fronteiras da Rússia, não restarão na Europa judeus em número bastante para gozar do direito de representação na conferência, ainda mesmo que tal direito lhes fosse reconhecido... Estarão nessa altura reduzidos a nada mais que um fantasma.

Sim, não haverá representante dos 3 milhões de judeus que outrora viviam na Polônia, ou dos 900.000 da Rumânia, dos 900.000 da Alemanha, dos 750.000 da Hungria, dos 150.000 da Tchecoslováquia, ou dos 400.000 da França, da Holanda e da Bélgica. Quase um terço destes 6 milhões já foi massacrado.

E nesses totais não se incluem os que cairam nas rápidas batalhas do *blitz* alemão, nem os que figuram nas listas de baixas dos exércitos russos. Dos 3 milhões de judeus que viviam adentro fronteiras da U.R.S.S., mais de 700.000 se incorporaram nos exércitos soviéti-

O ESCRITOR e comediógrafo Ben Hecht começou sua carreira como reporter de imprensa. Trabalhou de 1914 a 1923 para o *Chicago Daily News*, tendo passado dois anos em Berlim, como chefe dos escritórios que esse jornal tinha alí. Dedicara-se, entretanto, a fazer literatura de ficção, escrevendo peças de teatro, e outras obras. Entre elas podemos citar: 1001 *Afternoons in Chicago*, *Count Bruga*, e *A Book of Miracles*. Entre os filmes que dirigiu contam-se *The Scoundrel*, *Scarface*, *Topaze* e *Wuthering Heights*, todos famosos.

cos, tendo-se batido e derramado o seu sangue nas valorosas batalhas dos moscovitas. Mas esses são os judeus afortunados da Europa, e não há contemplá-los entre os de que vimos tratando.

Os milhões de israelitas que foram enforcados, queimados ou fuzilados, não morreram—como os intrépidos gregos, holandeses, franceses ou tchecos—sonhando com a vingança das humilhações sofridas, ou com a restauração dos lares arruinados. Tais anelos, que tanto ajudam a suster a alma do homem, são desconhecidos dos judeus. Quando estes caem sob o cutelo homicida, nenhuma esperança de desagravo futuro lhes amanhece na alma para mitigar a dor, prometer venturas a seus filhos, ou sequer a ruina dos seus inimigos. Porque nenhuma pátria é a pátria deles, por muito que nela hajam vivido, ou por melhor que a tenham servido e amado.

Quando, à mesa da futura conferência da paz, se estiverem entretecendo os planos do mundo novo, quando forem pesadas as culpas e repartidas as compensações—os judeus da Europa nada poderão dizer, exceto a tímida e triste frase: «Lembrem-se de nós!»

Os mortos de muitos paises estarão alí de pé, pedindo e alcançando justiça; só o judeu não terá quem fale por ele. Sua voz ficará fora do pretório, só alí será ouvida quando, abertas de par em par as janelas, nele puder penetrar o eco triste e apagado do seu lamento:

«Lembrem-se de nós! Na cidade de Friburgo, na Floresta Negra, duzentos dos nossos foram enforcados e ficaram balouçando suspensos das janelas das cozinhas, para assistirem ao incêndio da nossa sinagoga e às torturas que puseram termo à vida do nosso rabino.

«Em Szczucin, na Polônia, na manhã de 23 de setembro, que é o Dia de Penitência, estávamos na sinagoga rogando a Deus que perdoasse nossos pecados. Toda a comunidade se reunira alí. Cobrindo o sussurro de nossas preces, chegou-nos o trepidar de caminhões que se acercavam. Pararam em frente da sinagoga; os soldados alemães que neles vinham pularam em terra, empunhando archotes, e pegaram fogo ao templo. Os que tentamos escapar através do cerco das chamas, fomos ceifados a tiro de metralhadora. Pegaram em nossas mulheres, despiram-nas, e fizeram-nas correr assim, às chicotadas, em volta da praça do mercado. Antes de findo o nosso Dia de Penitência, todos estávamos mortos. Lembrem-se de nós!

«Em Wloclawek os alemães chegaram tambem quando estávamos entregues às nossas preces. Arrancaram os chales da oração de sobre as nossas cabeças e, à ponta de baioneta e a vergalhadas, obrigaram-nos a usá-los como esfregões para limpar as latrinas dos soldados nazistas. Ao por do sol éramos todos mortos. Lembrem-se de nós!

«Em Mogielnica, em Brzeziny, em Wengrow, e em muitos outros lugares onde vivíamos no respeito das leis, ganhando o pão com o suor do nosso rosto, e sem causarmos dano a quem quer que fosse, os alemães chegaram da mesma maneira, empunhando archotes e baionetas, para nos humilhar primeiro, e matar-nos depois lentamente, e assim poderem gozar por mais tempo o espetáculo dos nossos padecimentos.

«Em Varsóvia levamos o ano de 1941 contando os nossos mortos: ao fim dos doze meses eles eram 72.279, na maioria fuzilados. Mas muitos milhares foram assassinados a vergastada, ou trespassados com baionetas, pelo crime sem nome de serem surpreendidos rezando pela libertação. Lembrem-se de nós!

«Em sete meses, a contar de junho de 1941, 60.000 fomos chacinados na Bessarábia e na Bucovina. Mais do que isso foram mortos só em Minsk, na Rússia Branca. Pendíamos, enforcados, das janelas; éramos queimados vivos nos porões, e espancados mortalmente nos mercados: foi esse um tempo de grandes celebrações para os alemães.

«Lembrem-se de nós, os que fomos encurralados, em França, na Holanda e na Bélgica, a bordo dos trens que partiam para o Leste. Morremos de pé nos vagões, porque não havia pão, nem ar, nem água. Os que sobrevivemos, fomos mandados para a Transnístria, e alí perecemos lentamente de privações, sob o olhar vigilante de alemães e rumenos.

«Milhares dos nossos corpos se encontram ainda hoje nas águas do Dnieper, e por muito tempo ninguem poderá beber água desse rio, ou nadar nele. Porque nós ainda alí estamos presentes. E tambem isto é um artigo de libelo contra nós, que empeçonhamos as águas com os nossos cadáveres!

«Lembrem-se de nós, os que estávamos na Ucrânia. Aconteceu aquí que os alemães se irritaram conosco, porque a nossa liquidação lhes estava custando demasiado tempo e munição. Imaginaram então um processo menos dispendioso: levaram nossas mulheres e nossos filhos para as estradas, atados uns aos outros; depois fizeram rodar sobre os corpos amontoados os seus pesados caminhões de guerra... Morremos assim aos milhares, sob as rodas dos carros alemães, que passavam e tornavam a passar sobre corpos martirizados.

«Lembrem-se de nós, os de Ismail, quando chegaram os rumenos: levaram dois dias numa azáfama, carregando judeus para a sinagoga. Fecharam-nos por fim todos alí. Depois os Guardas de Ferro fizeram-nos voar pelos ares.

«Em Ungheni, na Rumânia, os alemães nos acusaram de supostos atentados contra a polícia. Fomos julgados, três mil réus. Os alemães seguiram-nos depois até nossas casas; tinham-lhes proibido desperdiçar munições com judeu. Éramos velhos e desarmados, mas ainda assim levaram dois dias a moer-nos com as coronhas das espingardas e a acabar-nos a vida a golpes de baioneta.

«Lembrem-se tambem de nós, os que, embora não assassinados pelos alemães, cometemos suicídio por causa deles. Não se sabe quantos somos, ninguem nos contou: talvez 100 ou 200 mil.

«A nossa morte a ninguem aproveitou; mas foi para nós uma felicidade morrer depressa, e saber que roubamos aos alemães o prazer, para eles supremo, de nos acabar pela tortura...»

São estas algumas das vozes; mas haverá milhares de outras...

Quando os delegados da Alemanha se sentarem à mesa da conferência da paz, nem filhos, nem sobreviventes, nem representantes desses milhões de mortos estarão presentes para os acusar, pedir-lhes contas, aplicar-lhes justiça. E por essa altura se verá bem que os judeus só são judeus quando caem sob as coronhas dos rifles alemães, sob as rodas dos carros de guerra nazistas, ou quando pendem das varandas das cozinhas do gueto, enforcados nos cinturões de soldados do Reich... Mortos, ver-se-á que os judeus não têm governo que os represente nem que os vingue, e que nenhuma bandeira flutuará no céu do seu futuro.

Só isto que aquí fica escrito—e o mais que sobre eles se escreverá—há-de ser como um eco longínquo da voz dos mortos, que o vento levará, através das janelas abertas, ao Pretório da Paz.

A estranha história de 20.000 pessoas que anualmente perdem a noção da própria personalidade.

Eclipse da memória

(Condensado da «Liberty»)

Por T. E. Murphy

«SEU GUARDA, faça o favor de me ajudar! Não sei quem sou, nem onde vivo...» Todos os dias, em qualquer parte, um guarda-civil ouve esta súplica, vinda de alguma pessoa que se lhe dirige em estado de ansiedade e medo.

Os gregos tinham uma palavra para o fenômeno—amnesia, isto é, esquecimento, perda da memória de nomes, incapacidade para se identificar, reconhecer os amigos e o lugar onde se mora. Mais de 20.000 pessoas se apresentam, cada ano, com tais sintomas de desmemoriação. Alguns casos são de indivíduos que têm conciência do seu estado, e reclamam auxílio. Outros pacientes, porem, levados ao conhecimento da polícia como extraviados ou perdidos, não passam, do mesmo modo, de amnésicos, que, entretanto, o não reconhecem. Se bem que, em geral, as vítimas tendam a melhorar em alguns dias, algumas há, todavia, que, só anos decorridos, apresentam melhoras. Quando o amnésico volta à plena conciência de si mesmo, esquece tudo quanto lhe aconteceu durante o período da anomalia.

Várias técnicas se empregam para arrancar, nos amnésicos, os restos de memória, que porventura ainda existam, das profundezas do subconciente. Tudo que subsistia na lembrança de uma jovem, era que tinha estado a vagar por muito tempo antes de pedir o auxílio do policial. Na delegacia, depois do interrogatório de praxe, o comissário perguntou-lhe se ela escrevia à máquina. Sim, respondeu. A autoridade ditou-lhe algumas frases. A moça datilografou com presteza, e, automaticamente, pôs as iniciais do seu nome no canto inferior esquerdo da página. Por essas iniciais, foi possivel apurar a identidade da vítima.

Outro meio é pedir-se ao amnésico que escreva o que bem lhe ocorrer, principalmente nomes de pessoas. Ou então, que exponha qualquer pensamento que lhe venha à cabeça. Muitas vezes, a «torrente» de idéias proporciona informações proveitosas.

Dizem os médicos que a perda da memória é um fenômeno de proteção, que visa poupar o indivíduo a situações desagradaveis. Não se trata, geralmente, de simulação. Segundo o dr. Nolan Lewis, do Instituto Psiquiátrico de Nova York, é tão dificil fingir amnesia quanto pretender simular um ataque cardíaco. O médico competente reconhece facilmente a realidade, ou a fraude. «Não se pode reproduzir simuladamente o estado de autêntica ansiedade, ou o trágico sentimento de perda de que sofre o amnésico», diz ainda o dr. Lewis.

O amnésico conserva suas faculdades ordinárias. Tem o aspecto normal. Anda nas ruas sem se arrecear dos automoveis,

empreende longas viagens, conversa como qualquer pessoa normal. Apenas um setor da sua mente parece ter-se encerrado de modo absoluto.

Há diferentes tipos de amnesia. Ainda recentemente, um amnésico de Seattle, cidade da costa americana do Pacífico, após ter sofrido uma operação no cérebro, ficou com a memória restabelecida. Tinha sido dado como desaparecido duma cidade da costa atlântica. Durante oito anos, levara vida normal, porem havia esquecido completamente o passado. A amnesia que o atacara era de causa traumática; resultara de pancada na cabeça. De outro modo a operação não poderia ter dado o resultado que deu. Muitas pessoas, na manhã seguinte a uma noite de farra, não se lembram do que ocorreu: trata-se aí da amnesia tóxica, produzida pelo alcool. Em geral, a amnesia é de natureza histérica, tendo portanto à raiz algum estado de tensão nervosa: uma senhora de meia-idade, e que vinha sofrendo, havia meses, grandes dificuldades financeiras, saiu a fazer pequenas compras no armazem, para a numerosa família; algumas horas mais tarde, foi encontrada vagando, desmemoriada, perdida, numa cidade vizinha.

A amnesia não faz distinção: homens e mulheres, pobres e ricos, são por ela acometidos, com igual frequência. Nem os grandes deste mundo lhe têm escapado às manifestações. Só as crianças parecem imunes ao mal.

O coronel Raymond Robins, amigo íntimo do ex-presidente Hoover, e conhecido administrador de obras sociais, constituiu um caso singular. Uma noite, depois de jantar com amigos, em Nova York, entrou a pensar febrilmente nos assuntos da conversa que devia ter com Hoover no dia imediato. Entretanto, à hora aprazada, não apareceu ao Presidente. Nem tão pouco nos dias seguintes. Verificado o desaparecimento, o caso, como era natural, provocou sensação no país, e finalmente pensou-se que o homem tivesse morrido num possivel acidente.

Meses mais tarde, na Carolina do Norte, um rapazinho esperto comparou a fotografia de Robins, estampada largamente nos jornais, com esse certo Reynolds Rogers, minerador de ouro e que alí chegara, havia pouco, vindo do garimpo. Apesar da barba grande e da roupa suja, não deixava o minerador de parecer-se com o coronel. Informadas as autoridades da suspeita, verificou-se tratar-se efetivamente de Robins!

Dias, porem, passaram, até que a vítima se reconhecesse a si mesma. Só, num lugarejo do interior, começara ele vida nova, completamente diversa da que anteriormente levara. A causa de sua amnesia nunca veio a estabelecer-se.

Os médicos chamam a amnesia «trauma psíquico da vida civil». O dr. Foster Kennedy, notavel neurologista, pensa que o «trauma psíquico», produzido pela explosão de granadas, não tem nada que ver com a *concussão*, verificada na hipótese. Ao contrário, o trauma psíquico é o resultado de um conflito latente na mente do soldado: o subconciente aconselha-o a fugir, para *salvar a pele*, ao mesmo tempo que a conciência o concita a cumprir o seu dever. Desse jogo-de-empurra resulta o trauma psíquico, o chamado «*shell shock*».

O caso mais famoso no gênero, na primeira guerra mundial, foi o de um francês, que poderia ser chamado, com toda propriedade, Soldado Desconhecido. Encontraram o paciente numa estação de estrada de ferro, olhar vago, e a dizer: «Não sei quem sou.»

Mais tarde, três pessoas diferentes, pensando possivelmente na pensão aos inválidos de guerra, apareceram dizendo que a vítima era membro de suas respectivas famílias. A viuva Mozet supunha-se mãe do rapaz; uma jovem achava-o parecidíssimo com o seu marido desaparecido; e um casal de camponeses, Montjoin, da cidade de St. Maure, estava convencido de que se tratava de um seu filho. Levaram, então, a St. Maure, o «soldado desconhecido», e deixaram-no em liberdade. Com passo firme, ele se dirigiu por uma rua que lhe parecia familiar, chegou em frente à casa do casal Montjoin, e entrou pela porta dentro. Era o filho que voltava à casa paterna.

Nos exames preliminares dum caso de amnesia, o médico estuda a fisionomia, o modo de falar, aparência e conduta do doente, tratando de classificá-lo. A que classe social ou a que religião pertence ele? Tem mãos calejadas ou delicadas? A linguagem é rude, ou polida? Algumas vezes a síntese dessas observações pode trazer ao inquérito uma conclusão feliz.

Outras ocasiões, a citação dum nome ou uma canção podem despertar a memória por associações de idéias.

Recentemente, na sala de visita dum hospital, alguem estava a tocar a *Sonata ao Luar*, de Beethoven, quando um paciente, amnésico, levantando-se bruscamente, exclamou: «É isto mesmo, exatamente isto!» E logo correu ao piano, e começou a tocar, com vivo entusiasmo, primeiro uma peça, logo outra, gritando excitadíssimo: «Está voltando, está voltando!» Ao fim de uma hora de música, achava-se o homem exhausto pela emoção, mas completamente lúcido.

Tratava-se dum professor de piano, cuja mulher falecera pouco tempo antes; e a *Sonata ao Luar* estava ligada a felizes recordações da vida do casal.

Em outro caso, o telefone tocou, e uma moça, tambem amnésica, se ergueu como uma mola: «O telefonema—é exatamente o que estou esperando. Talvez seja Harry.» Mais tarde, em lágrimas, contou a sua história. «Debalde tenho estado à espera do seu chamado. Tivemos uma rixa, e Harry disse-me que jamais voltaria a chamar-me. Pensei que mudasse de idéia. Esperei dias, esperei semanas... logo esquecí-me de tudo.» Às vezes, os casos são simples como os que acabamos de citar.

Entretanto, há casos que levam tempos e tempos a ser elucidados. Certo indivíduo de 60 anos, em estado de perfeita saude, viajava clandestinamente num trem de carga, quando, surpreendido pelos guardas, levou uma pancada na cabeça.

No dia seguinte, ao acordar, começou a dizer que tinha sido atacado, na noite anterior, na cidade de Salt Lake. O policial da prisão começou a brincar: «Vamos, levante-se vagabundo! Você não está em Salt Lake City—e sim em Oregon.»

Deram-lhe um jornal, que ele percorreu com desconfiança e espanto. «Coisa engraçada, não entendo essa notícia!» E, apontando para a data do jornal: «É engano, está escrito 1937, e deve ser 1917.»

Ao ver-se no espelho, que lhe deram para se barbear, gritou: «Sou eu, mas como estou velho! Que me aconteceu?»

Uma investigação sobre o caso corroborou o que ele vinha dizendo. Vinte anos antes, havia sido atacado por bandidos, e desde então nunca mais fora visto pela família. Provavelmente, viajara por todo o país, estranho à sua própria identidade, até que um soco à

cabeça lhe trouxe novamente a conciência de quem era.

Recentemente, um cidadão dirigiu-se à delegacia de polícia em Louisville, Kentucky, e declarou: «Já me lembro quem sou!»

Foi um reconhecimento tardio, visto como, desde que partira de Nova Jersey, havia 20 anos, Edgar Allen tinha vivido em Madisonville, Tennessee, sob o nome de Ted Morris, e a exercer seu ofício de mecânico. Em Nova Jersey, seus filhos já adultos, e, no Tennessee, a segunda mulher e uma filha de 14 anos, estavam tratando de regularizar a sua dupla existência.

Quais são as causas da amnesia? Talvez a melhor pista a registrar seja o fato de que a amnesia, nas mulheres, se relaciona, em geral, com amores ou casamentos infelizes, e nos homens com negócios ou dificuldades financeiras.

O dr. Lewis afirma: «Amnesia é como o apagar da luz num dos quartos da casa da memória; enquanto o resto do espírito fica iluminado, aquilo que se relaciona com endereços, nomes, amigos etc., se mantem na escuridão.»

Opiniões sobre o casamento

¶ O CASAMENTO é tão comum porque combina o máximo da tentação com o máximo da ocasião.

Bernard Shaw

¶ QUANDO um homem declara: «Confio em minha mulher,» ele quer dizer que confia em sua mulher. Mas quando uma mulher diz: «Confio em meu marido,» ela quer dizer que confia em si mesma.

Francis de Croisset, *Our Puppet Show* (Harper, ed.)

¶ UMA mulher sempre venera a memória do homem que se quis casar com ela; um homem, a da mulher que não quis casar com ele.

Viola Brothers Shore, *Beslaffs of the Year* (Harper, ed.)

¶ OUVIR com os olhos, aparentando completa fascinação, enquanto as portas dos ouvidos estão estreitamente cerradas e o pensamento se acha longe, em agradavel devaneio, é uma habilidade puramente feminina. Deus deu esse dom à mulher para que ela possa estar casada com o mesmo homem durante muitos anos, sem deixar de sorrir.

Frank Case, *Do Not Disturb* (Stokes, ed.)

¶ MUITA gente gasta metade do seu tempo desejando coisas que poderia ter, se não gastasse metade do tempo a desejá-las.

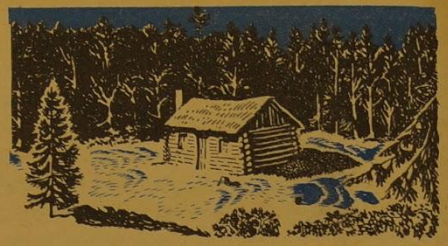
Alexandre Woollcott

Uma jovem, perdida na floresta, refugia-se na cabana abandonada de um solitário caçador.

Uma noite no Alasca

(Condensado de «Alaska Holiday»)

Por Barrett Willoughby



COMO os meus pés se houvessem emaranhado numas raizes que brotavam bem no meio do atalho que levava à floresta, tropecei e caí. Tão fatigada me sentia, que assim fiquei alguns instantes, descansando a cabeça sobre os braços. Lançara-me sozinha, e assás irrefletidamente, em perigosa aventura—uma excursão de 15 quilômetros, numa região desconhecida da península do Alasca.

A certa altura, tinha-me eu embrenhado num matagal espesso, pelo qual, pouco a pouco me desviei do atalho que viera seguindo. Aquilo, claro está, já me devia ter posto de sobreaviso. Deitada alí, de bruços, sentí subitamente um cheiro acre e enjoativo, e qualquer coisa roçou-me misteriosamente o rosto. Era um punhado de pelos ásperos e escuros, presos ao galho de um arbusto que baloiçava sobre mim.

Num relance vi que eram pelos de um urso—o urso pardo do Alasca—o maior dos carnívoros que o nosso mundo hoje conhece. No curso daquela mesma tarde, eu tinha visto, na lama barrenta à beira do caminho, umas pegadas gigantescas. Cada qual delas, de um extremo ao outro, teria duas vezes o tamanho das botas que eu calçava. Compreendí por fim, atônita, que estivera seguindo, não o atalho cortado na floresta por algum caçador, porem o caminho nela aberto por aqueles formidaveis animais!

Não entendo de caças ou caçadas. Não sou mesmo o que se chama uma mulher destemida. De manhã cedo, aquele dia, eu deixara a vila em pequena embarcação de pescadores que passou perto da região onde se achava, numa distante «granja de raposas», Lonnie, minha colega de colégio, que alí fora passar com o pai, dono da granja, as férias de verão. Aquelas paragens do Alasca eram-me totalmente estranhas; mas os pescadores mostraram-me um atalho que ia ter à fazenda. Persuadí-os a me porem em terra, indo eu ver minha amiga, enquanto eles pescavam. De regresso à vila quando a tarde caisse, passariam de novo por alí, levando-me de volta. E agora achava-me perdida na floresta, onde havia seguido, por engano, o trilho dos ursos pardos! O pânico invadiu-me. Tive ímpetos de correr desabaladamente por entre as

BARRETT WILLOUGHBY teve por berço a escuna em que seu pai cruzava as costas do Alasca, sua terra natal, em busca de ouro, peles de animais, e aventuras sem fim. Os chefes de uma tribo da região quiseram comprá-la, certa feita, juntamente com alguns couros de lontra, devido aos seus cabelos dourados e à alvura da sua pele. Mais tarde, o pai de Barrett manteve, alí, no Alasca, uma espécie de casa de negócio, onde, nas noites de inverno, vinham reunir-se aventureiros dos quatro cantos do mundo. Todos os livros por ela publicados, inclusive o «Spawn of the North», novela baseada na indústria do salmão, se desenrolam naquelas longínquas regiões do extremo norte.

árvores, sem procurar saber para onde ia. Dominei-me, afinal, e, escolhendo um dado rumo, tomei por ele, resoluta e firme.

JÁ ME SENTIA quase exhausta, quando avistei, por entre as árvores, no meio de pequena clareira, uma cabana feita de toros de madeira. Havia nela algo de sinistro. Ladeando a porta, as janelas eram como órbitas vazias num crânio corroido pelo tempo. Voltei-me, decidida a prosseguir a marcha interrompida; um só olhar sobre a floresta negra fez-me, porem, mudar de decisão. Junto à cancela, em frente à estranha morada, dei com pesado cepo de madeira, cujo topo mostrava numerosos sinais de golpes de machado. Dirigí-me à cabana, parando em frente à porta, que se achava cerrada. Não tinha ferrolho, e servia-lhe de aldrava uma correia de couro cru. Puxei por esta, e a porta abriu-se, rangendo nos gonzos. Tal era a escuridão no interior, que a princípio não pude distinguir um único detalhe. Vinha de dentro o cheiro acre e rançoso que as peles de animais costumam desprender quando postas a secar. Esbarrei numa mesa, e, como os meus dedos trêmulos encontrassem uma vela, risquei um fósforo e acendí-a, passando então a inspecionar aquele estranho abrigo.

Num canto, um fogão de ferro, enferrujado. Noutro uma pesada estrutura de paus, sobre os quais se cruzavam correias de couro de urso, entrelaçadas, formando um canapé. Havia ainda uma cadeira, e, no chão, junto a esta, uma armadilha de aço para ursos, partida. Nada que pudesse alarmar ainda a mais medrosa das mulheres. Ao remexer as cinzas do fogão pus-me a ver se me lembrava bem de tudo o que conhecia sobre aquela região. O que primeiro me acudiu foi a história de cinco exploradores que, havia anos, desapareceram misteriosamente na península, sem deixar vestígios da sua passagem. Correu, então, que tinham sido vítimas de um caçador enlouquecido na mata,—um tal Butler, o «Filho de Urso». Apovorada, relanceei o olhar em torno, maldizendo a idéia que tive de relembrar tais fatos. Carregando um machado, encaminhei-me ao cepo com o fito de rachar lenha. A lua que se erguia por detrás dos pinheiros, com tons sanguíneos de ouro velho, deitava sobre o campo três sombras alongadas. O ruido dos golpes de machado parecia crescer na solidão. Tornei-me ainda mais conciente do pleno isolamento em que me achava. Tendo cortado um braçado de lenha, baixei-me para apanhar do chão um último toro, quando súbito os meus dedos tocaram qualquer coisa que me fez recuar vivamente. Riscando um fósforo, tomada de pavor, fiquei por alguns momentos a fixar o que via. Eram os ossos de uma mão humana, que havia sido decepada à altura do pulso!

Olhando em redor, vi mais outra, como aquela, e outra mais — dez ao todo. Não havia um só osso de outra espécie. Tentei gritar, mas nem o mais leve som me saiu da garganta. Quis correr—mas debalde: sentí as pernas como de algodão.

Conseguí todavia regressar à cabana. Fechei a porta, reforçando-a com pesada tranca de madeira. Puxei para dentro a correia de couro. Sentí mais segurança, desde então. Ao menos, por alí ninguem podia entrar. Petrificada de medo, tremiam-me os dedos de tal modo que só a custo pude atear fogo à lenha. Minha imaginação não se afas-

tava um só instante do caçador da floresta, Butler, o «Filho de Urso», e dos cinco exploradores que haviam desaparecido por aquelas paragens. Estaria eu, porventura, na cabana do louco? Não teriam pertencido aqueles ossos às suas cinco vítimas?

Lutei em vão por me manter acordada. Exhausta, como estava, o sono terminou por vencer-me.

Não sei porque, nem como, despertei; o que sei é que me erguí a um dado momento, com o coração a bater descompassado, os olhos ergazeados na escuridão, e apurando o ouvido: um ruido qualquer me havia despertado.

Estava prestes a acender a vela quando o ruido se reproduziu: pam-pam! pam-pam-pam! Alguem sem dúvida batia à porta!

Depois, novamente o silêncio, agora, mais pesado do que nunca. Procurei afastar do pensamento a figura, que andava a imaginar, de um morto, de mãos decepadas, e tentei convencer-me, ao mesmo tempo de que o ruido em questão fora criado por meus próprios nervos. Pam! pam-pam-pam!—ouví de novo, um som algo abafado, como se o visitante não estivesse a bater com dedos firmes, senão com o coto de um braço cortado pelo pulso.

Vencendo a custo o pavor, que me tolhia de todo os movimentos, conseguí arrastar-me até a porta, e, inclinando-me, afim de ouvir melhor, perguntei com voz mal segura: «Quem é?»

Silêncio.

Levantando a tranca, empurrei a porta.

Ninguem; tudo tranquilo e mudo, como dantes. Fiquei intrigada e apreensiva.

Mal porem acabei de por de novo a tranca, eis novamente o ruido: Pam!... Pam-pam-pam! Abrí a porta bruscamente. Andei à volta da cabana, examinando o campo que a cercava, de polegada em polegada, sob a luz do luar. O esconderijo mais próximo, um pinheiro vetusto, se achava a uns metros dalí. Um ser humano não teria podido percorrer aquela distância em tão breve lapso de tempo. Só a alma do outro mundo é dado bater à porta de um mortal, sem que ninguem a veja.

Acendendo uma fogueira bem em frente à cabana, dispús-me a esperar que o dia amanhecesse. Mas o sono, dentro em pouco, venceu-me de novo.

Acordei em sobressalto, julgando ouvir meu nome. Já o sol da manhã iluminava o campo. Vi então a silhueta de uma jovem, esbelta e loura, vestindo calções de montaria e um casaco de couro, e que se pôs a correr em direção a mim. Era Lonnie, a minha amiga, que vinha acompanhada pelo pai, típico filho de região do Alasca, magro e severo.

Tive ímpetos de lançar-me aos seus pés, chorando de alegria, mas o orgulho impediu-me de fazê-lo, traindo-me destarte aos olhos críticos do velho caçador que procuravam descobrir em mim indícios de fraqueza feminina.

—Papai ficou furioso quando soube que você se perdeu no caminho, foi-me dizendo Lonnie,—e mandou vários homens à sua procura logo que veio o dia. Ele diz que uma mulher não deve nunca meter-se sozinha pela floresta. As mulheres não têm sentido algum de direção, e perdem-se por dá cá aquela palha. Graças a Deus você veio cair na cabana de Butler.

—Não são só as mulheres que se perdem, apressei-me em retrucar.—Lembram-se daqueles cinco exploradores que desapareceram na floresta, há alguns anos?

—Oh, esses pobres coitados... Com certeza afogaram-se ao largo do Cabo.

—Não, respondí serenamente.—Foram assassinados todos cinco, e aquí mesmo, na cabana de Butler.

Lonnie e o pai entreolharam-se, surpresos, como que a imaginar que eu tivesse enlouquecido.

—Venham, que eu mostro a vocês, acrescentei.

E os levei ao lugar onde se achavam os ossos, ainda mais brancos, sob a luz do sol. O velho pegou um deles.

—Isto é bem idéia de mulher, resmungou, fazendo uma careta em minha direção.—Não são ossos humanos, minha cara! De agora em diante, ficará sabendo que os filhotes de urso têm, nas patas, ossos parecidos com os da mão humana.

—Onde se acham então os outros ossos?

—Butler costumava tirar a pele aos animais dentro das próprias armadilhas que punha na floresta. Nas patas, todavia, a coisa é mais dificil, motivo pelo qual tinha por hábito trazê-las para casa, tirando-lhes o couro com o maior cuidado. Só caçava filhotes de urso. Daí vem o apelido que lhe deram.

Um tanto envergonhada, acompanhei-os à cabana.

—Pobre Butler! ouví dizer ao pai da minha amiga.—Encontraram-no morto, bem em frente da porta, onde foi atacado por um urso pardo. Este deixou no chão um rasto ainda hoje bem visivel.

—Porque é que o caçador não atirou nele?

—Não teve tempo, com certeza, de apanhar a espingarda. É provavel que Butler, regressando da caça, saisse a buscar água deixando a espingarda em cima da mesa. A mãe do ursinho que ele acabara de matar seguiu-lhe os passos, ao que imaginamos. Ao dar por ela, Butler correu para a cabana em busca da espingarda. Deixara a porta fechada, e, na pressa em que estava, puxou pela tira de couro com tanta força que esta se rasgou ao meio. Não pôde, desde então, abrir a porta, e a fera lançou-se sobre ele.

Tremí de horror imaginando a cena.

—Bert Slocum, um dos meus empregados, passou um tempo aquí, para caçar doninhas. Quando voltou, contou-nos histórias fantásticas sobre um fantasma que rondava em torno de cabana. Bert porem é conhecido como sendo o maior mentiroso do Alasca. Quando começa, nunca mais acaba! A acreditá-lo, a alma de «Filho de Urso»...

Pam!... Pam-pam-pam! Embora a porta se achasse escancarada, eis que batiam de novo, como durante a noite! Levantei-me, num pulo.

—Acalme-se, menina! disse o pai de Lonnie.—Que olhos esbugalhados são estes?

—Pois então não ouviu? perguntei-lhe, surpresa.

—Ouvir o que?

—Aquele ruido na porta...

—Ah! são estes infernais esquilos voadores. Uma verdadeira praga! Numa noite de lua, ninguem consegue conciliar o sono. Andam a pular pelos telhados. Fique lá fora um instante, espie aquele pinheiro, e verá com seus próprios olhos.

Passados instantes, na verdade, um curioso animalejo peludo lançou-se do pinheiro mais próximo por sobre o teto da cabana, de pernas abertas, produzindo, ao cair, aquele som meio abafado:

Pam! Deu mais dois pulos telhado abaixo, saltou no chão, e voltou a ocultar-se entre os galhos a toda pressa.

—Que animalzinho mais ladino, observei, lançando aos meus amigos um sorriso amarelo. Ao voltar-me no entanto, fixei a porta com espanto. Tinha esta, bem marcados, os traços de um punho fechado que alí tivesse batido com toda a força.

—Temos outra novidade? perguntou, não sem laivos de ironia, o pai da minha amiga.

—Estas marcas na porta.

Ele riu-se a bom rir.

—Você devia estar fora de si, quando chegou à cabana ontem à noite. De outra forma, não teria batido com tanta força.

Quando partimos, voltei-me, ainda uma vez, para lançar um derradeiro olhar sobre aquele casebre onde eu passara a noite mais terrivel de toda a minha vida, e vi de novo os sinais que um forte punho humano alí deixara.

Não provinham decerto dos meus punhos, tão frageis e pequenos—até porque eu não havia batido à porta da cabana, misteriosa e sombria, perdida na clareira da floresta...

Citações citáveis

NICHOLAS MURRAY BUTLER, Universidade de Colúmbia: «Se a curva de eficiência de um homem é ascendente quando ele chega aos 45 anos, e se continua a sê-lo, é bem possivel que continue sempre a ascender; mas se ela cair aos 45, ele nunca mais poderá recuperá-la.»

SENADOR HOMER T. BONE: «Nos tempos de Cesar, custava 75 centavos matar um homem na guerra. Nas guerras napoleônicas, custava já cerca de 3 mil dólares; na Guerra Civil Americana, 5 mil dólares; e, na Grande Guerra, 21 mil dólares. Os cálculos relativos à guerra atual indicam que cada soldado morto custará às nações beligerantes nada menos do que 50 mil dólares.»

ROMAIN ROLLAND, no *Jean-Christophe*: «Os animais refletem o seu ambiente: suas feições revelam estupidez ou refinamento, segundo as pessoas com quem lidam. Um animal doméstico torna-se bom ou mau, franco ou dissimulado, sensivel ou bronco—não somente de acordo com o que o seu dono lhe ensina, mas de acordo com o que seu dono é.»

Assim se organizou a campanha da África

Por Don Wharton

Primeira descrição do que foi o esforço dos Serviços Militares, ao transportar tropas e respectivos suprimentos para a frente de guerra.

NA MANHÃ de uma segunda-feira dos fins de junho passado, doze oficiais do exército norte-americano eram convocados para comparecer numa reunião secreta, no gabinete 3.045 do velho e escalavrado Edifício das Munições, em Washington. Chegaram um a um, sem ser notados, e sem mesmo saber para que os convocavam. Duas horas depois saíam, tão discretamente quanto tinham entrado, mas levando consigo um dos maiores segredos militares do nosso tempo: os planos de uma força expedicionária dos Estados Unidos para o Norte de África.

De regresso aos seus respectivos gabinetes, esses generais e coronéis puseram em marcha a complicada maquinaria que iria desencadear a campanha atualmente a desenrolar-se na África Francesa do Norte. Sentados às suas pequenas escrivaninhas, em escritórios sem pompa, assistidos de homens que para sempre ficarão anônimos, começaram a elaborar a logística da campanha, —isto é, a maneira de por os homens necessários no lugar preciso, à hora exata, e munidos do material adequado. Quinze semanas depois, tendo saído dos Estados Unidos e da Inglaterra prodigiosamente bem equipadas, as tropas americanas desembarcavam com matemática precisão em doze pontos diversos de três diferentes áreas da África do Norte.

Era a maior força ultramarina de que a história dá notícia. Os Serviços de Abastecimento tiveram de suprir aos soldados 700.000 artigos diversos: 10 milhões de quilos de gêneros alimentícios, por exemplo, e 17 milhões de quilos de vestuário e equipamento. Havia que desembarcar 10 milhões de galões de gasolina, e cada galão tinha seu destino próprio,—quer fosse para terra em latas de cinco galões levadas individualmente por soldados, quer em tambores de 50 galões, quer bombeado para terra de bordo dos barcos-cisternas. O rol dos suprimentos a cargo da Intendência Militar, para as forças de desembarque do Norte da África, constitue um documento digno de admiração: incluia 100 despertadores, 580 ratoeiras, escadas de mão e carimbos de borracha, aventais de açougueiros e até cofres de aço...

Cada soldado americano levou para terra o seu próprio material de purificação de água. Caso tivesse de encher o cantil em alguma fonte de duvidosa pureza, bastava-lhe botar dentro da água um comprimido, aproximadamente do tamanho de um terço de uma aspirina. O exército forneceu aos seus homens perto de um milhão desses comprimidos. Cada soldado levava tambem pastilhas de sal para se defender do calor africano,—se bem que a esta data (janeiro) esteja frio nessa parte do continente africano. Todo soldado recebeu alguns cristais de sulfanilamida, em frascos especiais com tampa de atarrachar, para polvilhar com eles as possiveis feridas que tivesse a tratar. Recebeu tambem um par de óculos especiais para a África, com dois jogos de lentes removiveis, um contra a poeira, outro contra a soalheira. A Intendência conce-

beu um tipo novo de saco de fumigação para dar batalha ao piolho, e realizou mesmo um simples e prático sistema de vestiário, pelo qual, após a fumigação, cada soldado receberia com certeza o seu uniforme, e não o de algum camarada.

O imenso trabalho de abastecimento tornava-se mais complicado pela necessidade de tudo manter sob rigoroso segredo, de cumprir matematicamente os horários, de antecipar as necessidades de um enorme exército a 5.600 km. da pátria, e com tudo isso, de se limitar às disponibilidades da tonelagem naval. Por exemplo, foram encomendados mosquiteiros com malha extremamente fina. Se esse pormenor se tivesse divulgado, os alemães teriam imediatamente deduzido que as tropas se destinavam à África, pois esse tipo de mosquiteiro só é empregado onde haja mosquito da areia. Teve de ser fornecido a cada soldado um pedaço de pano de lã com um pé quadrado de superfície, destinado a fazer um véu que lhe protegesse a nuca dos ardores do sol. Tambem esse pequeno detalhe teria fornecido preciosa informação ao inimigo. Os oficiais costumam designar tais artigos pela expressão «os in-mencionaveis». Fabricaram-se dezenas de milhares deles, que foram embarcados em caixotes marcados com as palavras «Conteudo: XY». Nem as próprias tropas de combate souberam o que eles continham, até se encontrarem já perto da África.

Só manter o segredo da expedição foi por si mesmo tremenda tarefa! Alem das precauções habituais, montou-se toda uma fachada de aparências, segundo as quais o que se estava preparando era, pura e simplesmente, uma nova expedição para o Reino Unido. Os oficiais superiores usavam mesmo as palavras «Irlanda» e «Grã Bretanha» como cifra para Marrocos e Argélia. Ao conferenciar em Washington com os membros da comissão de planos, o general Patton afirmou que, por cada pessoa a mais que conhecesse o segredo, podiam dar-se como perdidos 750 soldados. Esse cálculo era, segundo se provou, exagerado; mas ajudou com certeza a meter no «saco» algumas línguas impacientes... Tem-se afirmado ultimamente que, em agosto, eram 1.500 as pessoas que tinham conhecimento da operação: tambem isto, no parecer do Exército, constitue grosso exagero. Assim, dez homens, apenas, da Intendência Militar estavam a par do fato; e apenas nove no Serviço de Transportes. Havia quem soubesse mais, e quem soubesse menos. Alguns oficiais superiores tinham apenas conhecimento de que se preparava um grande movimento de tropas; outros sabiam o destino, mas não o tamanho da força. Em geral, os oficiais eram informados apenas do necessário para dar cumprimento às missões que lhes haviam sido confiadas. Houve comandante de divisão que até à hora do embarque não soube para onde ia. Por todo o país, só um punhado de indivíduos conheciam com antecipação qual o dia «D» marcado para o desembarque.

De maneira a reforçar o segredo, tomaram-se as mais engenhosas disposições. Para ocultar a reunião de tamanha frota,—ainda hoje segredo militar, embora os jornais tenham falado de 850 navios—muitos deles foram postos na doca seca, aparentemente imobilizados para sofrerem consertos e beneficiamento. Para evitar que qualquer entidade calculasse o destino da frota pela extensão da viagem, foram abastecidos os navios para muito mais dias do que os previstos na navegação normal.

Os planos da campanha norte-africana tinham seu nome em cifra, propositada e cuidadosamente escolhido para se assemelhar ao nome-cifra de outra operação. Se o nome desta era, digamos, «mandioca» (puramente imaginário) a cifra para a campanha norte-africana seria «tapioca».

Todas as pessoas ao corrente dos planos faziam parte de uma lista especial. Assim, só as registadas nesse rol podiam ter entrada em determinadas repartições. Alguns oficiais dispensaram secretárias e ditafones, e passaram a escrever tudo à mão. No exército, em geral, tudo se escreve em duplicado, triplicado e mais; mas as cópias dos arquivos não mostram qualquer dado relativo a esta operação.

O Corpo de Transportes não teve pouco trabalho para disfarçar o seu interesse nos portos de Oran, Argel, e Casablanca. Dois oficiais de Transportes abancavam cochichando a uma mesa, sem quaisquer testemunhas no seu gabinete. E mesmo assim, nunca pronunciavam os nomes de Oran, Casablanca, ou Argel: tinham um sinal mímico especial para designar cada um desses portos, sem o deixar perceber a estranhos.

Mapas, cartas, fotografias aéreas ou terrestres desses portos, suas docas e armazens, tudo foi laboriosamente estudado para evitar o engarrafamento de homens ou materiais, ou de navios à entrada nas docas, ou no transporte de cargas dos cais para os armazens. Quer dizer, os navios de abastecimento não só iam já destinados a determinado porto, mas a um amarradouro especificamente numerado... Todos os planos de desembarque foram escalados, de modo que quando um navio estivesse à descarga no cais, já estivesse outro entrando no porto. O estudo de um desses portos revelou a existência de um banco de areia na barra do mesmo. De todos os nossos navios dotados de suficiente velocidade, nenhum tinha calado tão reduzido que lhe permitisse sobrenavegar o banco. Os ingleses se encarregaram de nos fornecer os navios. No primeiro comboio foram incluidos soldados que pudessem cooperar na descarga. Levaram consigo grandes estoques de chitas, chá, arroz e açucar para os trabalhadores indígenas. O Corpo de Abastecimentos forneceu 2.000 toneladas de mercadorias de troca, tais como pós inseticidas, lâminas de barba, desodorizantes, meias, sabão...

Os planos de embarque e carregamento, e as respectivas técnicas, foram meticulosamente estudados e ensaiados deste lado do oceano, muito antes de se terem reunido os navios nos portos de partida. As tropas de engenharia, aquarteladas a centenas de milhas de distância dos lugares de embarque, praticaram durante semanas as operações de carregamento, no que chamavam o «navio de cimento». Carregaram para bordo materiais e equipamento de toda espécie, desde feijão a tanques de 32 toneladas,—em todos os tipos de vagões de carga usados nos Estados Unidos. Trabalharam ao ritmo de cronômetros. Uma vez considerados peritos na matéria, foram transferidos para os portos de embarque, e puseram-lhes a técnica à prova em diversos navios que tomariam parte nos comboios da expedição. E chegou enfim a grande hora: uma noite e metade de um dia, durante os quais se executou a maior tarefa de carregamento de que reza a memória dos homens!

Naquela noite, precisamente quando o pessoal se preparava para o carregar, um dos navios ficou inutilizado: se-

gundo as palavras de um oficial de transportes, o vapor «teve um ataque de cólica»... Alí mesmo no porto se encontrava um navio substituto, esperando por qualquer eventualidade desta natureza.

Tinham sido igualmente escolhidas vias férreas e estradas secundárias, que ligavam os pontos de concentração de tropas com os portos de embarque, para o caso de obstrução das vias principais. Se os sabotadores tivessem destruido três quartas partes das pontes nos estados do Atlântico, ainda assim as tropas teriam chegado sem falta ao seu destino.

A arrumação nos transportes já obedeceu a um plano tendo em vista o combate,—isto é, embarcou-se em último lugar o equipamento necessário para as operações de desembarque. E cada transporte levava sua força de combate bem equipada e municiada. Assim por exemplo, cada navio dispunha da quota necessária de gente do Corpo de Sinaleiros. Tinha isso por fim evitar que a perda de qualquer dos navios prejudicasse seriamente as operações, levando consigo para o fundo todos os homens e material de sinalização.

Os soldados embarcaram em último lugar. À medida que, tendo atravessado as pranchas de embarque, atingiam os conveses dos seus navios, encontravam alí os guias munidos de fichas brancas. A ficha do soldado José-Maria destinava-lhe, por exemplo, a cama 2 do camarote H, no segundo convés.

Só para a operação da África prepararam e distribuiram os engenheiros militares mais de mil mapas diversos. Alguns aproximadamente na escala de 1:10.000, escala tão grande que, para desenhar a área entre Casablanca e o Cairo seria preciso um mapa com 400 m. de comprimento! Os engenheiros trabalharam em íntima colaboração com os ingleses, para que todas as tropas empregassem os mesmos mapas, e todos estes foram revistos de modo a incluirem pormenores colhidos em recentes fotografias aéreas.

Todos os mapas foram transportados sob escolta, desde certo armazem até um dos portos de embarque. Aquí, um oficial e quinze soldados de engenharia prepararam os pacotes para cada unidade de combate. Estes soldados não receberam licença alguma até a partida. Traziam-lhes as refeições alí mesmo. Comiam e dormiam entre mapas. Tudo estava fechado à chave e sob a guarda de sentinelas, até à noite de embarque; então os mapas foram entregues pessoalmente, a bordo dos transportes, aos comandantes das unidades. A cada transporte foi fornecida uma reserva de mapas, e cada força de combate levava consigo brigadas moveis de cartografia...

Os engenheiros prepararam, igualmente para as forças de combate, nove enormes volumes contendo informações de toda a ordem sobre os recursos de Marrocos e da Argélia. Havia alí relatórios pormenorizados sobre o número de locomotivas e vagões de carga, estado dos trilhos, declives, bitolas, dimensões de tuneis, e tara máxima das pontes. O estudo das estradas mostrava onde era possivel encontrar materiais de construção, e indicava até a locação de tratores e outras máquinas empregadas na construção de estradas. Os engenheiros imprimiram três a cinco exemplares de cada uma de 5.000 aero-fotografias diferentes.

Em Fort Belvoir foram modelados em gesso, sobre rede de arame, imensos mapas dos portos e praias de desembarque do Norte de África, de modo a poderem transportar-se para bordo, onde os vários comandantes se entregariam ao respectivo estudo.

Os relatórios indicavam as redes principais de abastecimento de água às grandes cidades, o volume dos débitos, a situação de certos poços e cisternas, e até mesmo os sítios onde se poderiam perfurar poços artesianos.

Companhias americanas de construção, agentes consulares, geólogos e gente das empresas de navegação, todos foram consultados de maneira a se compilarem essas informações. Com o fim de levantar uma cortina de fumaça, os engenheiros convocaram tambem vários geólogos especializados em outras regiões do mundo, e espremeram deles quanta informação puderam sobre a Noruega e a China ocupada...

Foi preciso fornecer um tipo de bote de desembarque para as praias do Mediterrâneo, e outro tipo para a área de Casablanca. Para algumas das tropas que tomaram parte nas primeiras ondas de desembarque, o Serviço de Abastecimentos forneceu magníficos botes de amuradas altas, protetoras; o Serviço de Armamentos concebeu e realizou instrumentos novos para desembarcar certas armas pesadas, experimentou-os nos Campos de Prova de Aberdeen, tornou a desenhá-los, e por fim produziu-os. O mesmo Serviço de Armamentos remodelou certas armas antigas e criou algumas novas, para a campanha da África. Os peritos desse Serviço trabalharam muito tempo, no deserto da Califórnia, com as tropas moto-blindadas. Tendo falhado o filtro de poeira dos tanques médios, outro foi imediatamente concebido alí mesmo.

«Em tempo algum se viu já um exército entrar em campanha com armas tão boas,» afirmou o general de brigada Gladeon Barnes, chefe da Divisão Técnica do Serviço de Armamentos. Uma das armas secretas mais importantes que foram para a África do Norte, era um novo e poderoso destruidor de tanques. Estava ele ainda na fase dos planos de engenharia, quando os tais oficiais se reuniram na Sala 3.045. Quarenta e oito horas depois, um oficial de Armamentos conferenciava em Míchigan com os peritos de produção de uma das grandes fábricas de automoveis dos Estados Unidos. Pediu ele que se fizesse o impossivel —e fez-se mesmo. A fábrica foi equipada em agosto—e em setembro já dela saíam os primeiros destruidores de tanques! Foram experimentados, entregues às tropas, ensaiados em campo, e em fins de outubro estavam a caminho do Norte de África! Muitos dos materiais destinados a esta campanha foram diretamente transportados das oficinas de produção para as docas de carregamento. Mas, enquanto reunia o material necessário para esta imensa expedição, o Serviço de Armamentos não deixou de remeter canhões e munições para a Islândia, a Inglaterra e outras longínquas zonas de batalha...

Quando se planeiam operações desta envergadura, são inevitaveis as surpresas e os casos de urgência. Assim, certo domingo de outubro à tarde, foram requisitadas muitas metralhadoras adicionais para bordo de um navio atracado a um porto de embarque. Washington apelou para um oficial de Armamentos, em serviço em certa cidade do Meio-Oeste. O oficial ordenou à direção do aeroporto local que lhe reservasse os dois próximos aviões a sair para o Leste, e depois chamou o fabricante. Daí a duas horas as metralhadoras rodavam da fábrica para o aeroporto sob

escolta da polícia, e eram carregadas a bordo dos aviões—enquanto algumas dezenas de passageiros, boquiabertos, davam tratos à imaginação para saber porque é que os excluiam daqueles dois aviões, onde tinham lugar marcado!

O Serviço de Correios do Exército elaborou planos de tal ordem para a remessa de cartas, que a correspondência destinada aos soldados em África quase chegou alí ao mesmo tempo que eles. Algumas tropas já desembarcaram com postes indicadores de quilometragem—«Argel: 12 milhas»—pintados talvez a bordo, e prontos a servir. Outras unidades levavam consigo os planos para os campos de prisioneiros de guerra, elaborados até o último prego... A Polícia Militar praticara em operações de tratamento de prisioneiros: fotografia, impressões digitais, interrogatórios, e descrição de indivíduos a um por minuto, em média. Essas unidades dispõem de homens aptos a interrogar qualquer prisioneiro na sua própria língua, seja ela francês, alemão, italiano, ou um dialeto árabe. As cercas para os campos de prisioneiros em perspectiva já iam construidas dos Estados Unidos, prontas a desembarcar e a instalar, assim que os navios atracassem.

Acompanhavam as tropas numerosos oficiais especialmente treinados na Escola de Governo Militar de Charlottesville, na Virgínia, e esses oficiais dominavam perfeitamente todos os pormenores da organização civil de cada cidade de Marrocos ou da Argélia,—governo, sistema de saude pública, comunicações, e assim por diante. Estavam à disposição dos comandantes de qualquer força em operações, que necessitasse de ajuda em matéria de governo civil.

Às forças militares nem sequer faltaram fogos-de-artifício! Ao último minuto, julgou-se conveniente fornecer material pirotécnico às tropas, para o caso de se tornar necessário, durante a noite, mostrar a bandeira americana. Tendo verificado que os pirotécnicos estavam todos a trabalhar para a defesa nacional, os Serviços de Abastecimento correram quantos armazens há em Nova York, e conseguiram assim descobrir doze peças de fogo-preso com a bandeira nacional, e centenares de tipos outros de pirotécnica.

Está calculado que 50 a 80 por cento das tarefas de desembarque na África do Norte foram obra do SOS, Serviço de Abastecimento. Fosse como fosse, o SOS forneceu tudo, desde selos do correio a tanques de 32 toneladas. Supriu material de escavação de poços, carvão para as locomotivas marroquinas, e milhões de dólares em ouro, prata e várias moedas, para pagamento das tropas. Enquanto muita gente fazia discursos inflamados sobre a necessidade de se abrir uma segunda frente, procurando exercer pressão sobre os generais, esses anônimos planejadores do Serviço de Abastecimento estavam preparando silenciosamente centenas de milhares de uniformes imunizados contra os gases venenosos. Estavam concebendo e preparando novo tipo de mochila individual, que permitisse desembarcar suprimentos rapidamente, e grades ou caixotes de madeira, impermeaveis, que pudessem ser lançados à água para socorro aos primeiros pelotões desembarcados. Estavam comprando ferramentas com as quais os nativos pudessem mais tarde auxiliar os nossos batalhões de sapadores; a reunir milhões de peças e acessórios para canhões, tanques e *jeeps*, e elaborando os horários de embarque de tal modo que a caixa H chegasse a Oran precisamente cinco dias depois da B.

Estavam igualmente tomando medidas preventivas para os feridos e doentes, que era de esperar regressassem aos Estados Unidos. De norte a sul, ao longo da costa atlântica, foram escolhidos os hospitais e até reservadas as camas. Estudaram-se os horários de trens de maneira que, fosse qual fosse o porto e a hora a que atracasse um navio, trazendo feridos, já um trem hospitalar lá estivesse esperando pelo seu doloroso carregamento. Enquanto em assembléias populares se reclamava a abertura da frente ocidental, os planejadores do gabinete 3.045 estavam ordenando experiências secretas de velocidade, para os seus trens de Cruz Vermelha. Para estabelecer precisão matemática no embarque e desembarque de feridos, os homens da Cruz Vermelha militar faziam exercícios com macas, em trens especiais.

Afortunadamente, os rigorosos planos do Serviço de Abastecimento permitiram no conjunto que as operações do Norte de África corressem com tal rigor, que só 1/28 avos do espaço à mesma reservado nos hospitais veio a ser usado na realidade.

Piadas do rádio

¶ Há 40 anos que certo café vem sendo anunciado assim: «Bom até a última gota.» Infelizmente, não tarda que isso esteja confirmado.

Fred Allen (CBS)

¶ A RUMBA é a dansa em que você, pela frente, vai sereno e granfino como um Cadillac, e, por trás, vai como um auto-transporte do exército.»

Bob Hope (NBC)

¶—QUE disse você?
—Não sei: não estava escutando...

Rudy Vallee Show (NBC)

¶ MINHA mulher me pediu dinheiro para os seus alfinetes—e o que ela quer é um «alfinete» com 12 diamantes.

Col. Stoopnagle (CBS)

¶—SIM senhor! Que vaca tão pequena!
—Pequena e esperta! Desde que leu o *Reader's Digest* parou de crescer e só dá leite condensado!

(WJZ)

— 16 —

Disse que lutava, e lutei . . .

Por Albert Payson Terhune

O CARRO fazia 80 quilômetros por hora, ao longo da escura estrada. Eu, apenas quatro milhas, em sentido oposto, de volta da minha caminhada da tarde. O carro continuou com as suas próprias forças. Não eu...

Carregaram-me, de qualquer modo, para casa, e aí me puseram na cama. Os médicos, inclusive especialistas, examinaram-de da cabeça aos pés; e, depois de eu ter passado algumas semanas em condições deploraveis, proferiram este veredicto:

Que eu não pensasse mais em produzir qualquer obra que exigisse maior esforço mental. (Um traumautismo de efeitos presumivelmente permanentes não mo permitiria.) Deveria tambem varrer do espírito a idéia de retomar os meus passeios a pé; não seriam mais possiveis. Era aconselhavel amputar-me grande parte da perna direita, e pelo menos três dedos da mão, tambem direita, senão talvez a mão toda.

Tal era a perspectiva que se apresentava a um homem que até alí vinha sendo exatamente o seguinte: um atleta vigoroso e um escritor atarefado.

Eu vira já, certa vez, um balde de água fria restituir a lucidez a um bêbedo. Não admira portanto que aquela sentença médica, a um tempo severa e múltipla, me arrancasse ao torpor, à sonolência que se me ia tornando crônica.

Declarei aos profetas sombrios que eles estavam redondamente enganados. Não se amputaria coisa alguma. Nem eu ficaria tão pouco o resto da vida na cama, inutilizado, inativo. Nada disso. Ia lutar! Ia vencer! E assim foi.

A primeira coisa que fiz, ao começar a luta, foi recusar-me a tomar qualquer dose de morfina. Que esta alivia a dor, não resta dúvida. Não há-de ser, porem, a deprimir-se, sob ação do entorpecente, que possa alguem travar, com êxito, a sua maior batalha.

Em seguida, como permitiam as circunstâncias, entrei a fazer os meus exercícios físicos. Confesso que, em toda a minha vida de atletismo,—e ela já ia por décadas—nunca os referidos exercícios me foram tão dificeis e penosos. Durante muitas horas, cada dia, e a curtos intervalos, esforçava-me por dar a pernas e braços, inteiriçados, inertes, os devidos movimentos.

A tarefa mostrava-se ingrata, sobretudo considerando que os dias iam correndo, e se foram afinal três semanas, sem vestígio de melhora. Mais eis que, de um momento para outro, começaram a surgir dores que eram sintomas de vida, e com elas outros sinais de que a vitalidade retornava.

Seguiu-se a etapa em que me aventurava pelo quarto, apoiado num par de muletas. A princípio, eram tombos frequentes. Foram precisos cerca de dois meses para que me adaptasse àquele gênero de equilíbrio. Acabei dominando a arte de andar tranquilamente de muletas.

Das duas, passei a uma só, o que me exigiu um fatigante, porem menor período de prática. Mais dois meses, e bastava-me uma bengala de feitio especial. Não foi sem dificuldade que me vi compelido a renunciar ao sólido suporte da muleta. Havia agora que aprender a andar, a bem dizer, sob uma forma nova.

Mas chegou afinal o grande dia, em que me coube andar os oito metros que o meu quarto media de comprido, sem o auxílio sequer da bengala. Caí, é certo, três vezes. Mas passei a cair cada vez menos, à medida que insistia nos exercícios.

Fazia-os observando o meu andar em um grande espelho. Parecendo um caranguejo, o quadro que eu via em mim mesmo não deixava de ser lastimavel, porque, alem do mais, era jocoso.

Mas esforcei-me por corrigir, um a um, os meus defeitos físicos, com o mesmo cuidado com que noutros tempos me aperfeiçoava no boxe, ou na corrida, ou na esgrima. Tinha eu, como se vê, longa experiência na matéria. Em menos de dez meses ao todo, se ainda se percebia que meu passo estava ligeiramente anormal, caminhava, em todo o caso, quase tão bem como a média dos homens da minha idade.

No que toca ao traumatismo ou depressão nervosa, minha mulher me abriu em tempo os olhos. Disse-me ela: «Quando a gente apanha um tifo, ou quebra uma clavícula, não falta médico ou cirurgião para curar. Mas ninguem pode curar os nervos desmantelados, senão a própria pessoa.»

Posto que o conselho fosse de rara sabedoria, necessitei de alguns meses de constante e infatigavel força de vontade, para devidamente aproveitá-lo. Nem errarei se disser que foi essa a parte mais dura de toda a minha luta. Sem embargo, no ano seguinte, eu, que «nunca mais devia pensar em produzir qualquer obra dependente de esforço mental», tive fase tão rendosa que só uma a excedeu em toda a minha carreira.

Posso dizer, com razão, que a experiência mais preciosa de que me cabe dar testemunho, é a que recolhí, conforme o exposto, daquela unânime sentença médica que me foi lavrada. Ela me fez lutar como um possesso; e, fazendo-o, livrou-me de passar numa cadeira de rodas os longos anos que ainda tinha a viver.

ALBERT PAYSON TERHUNE, ao escrever em 1915 a primeira das suas tão apreciadas histórias de cães, contava já vinte anos de atividade na imprensa. De então para cá escreveu 45 livros e 30 peças de cinema, afora grande número de contos e artigos para revistas.

¶ UM fazendeiro do Vermont estava arando o campo com um só cavalo atrelado ao arado, mas ia exclamando:

«Eia, Jack! Eia, Jerry! Eia, Casey! Eia, Cromwell!»

Um desconhecido que passava, perguntou:

—Quantos nomes tem o seu cavalo?

—O nome dele é Jack, replicou o campônio, mas como ele não sabe a força que tem, metí-lhe uns antolhos, e chamo-o por outros nomes; assim, ele pensa que não está puxando sozinho.

Can You Top This? (WOR)

Cachorro, espelho do homem

(Condensado do «Century Magazine»)

Por Fred C. Kelly

UM CACHORRO nunca se mostra tão humano como quando teima em impedir outro de fazer o que ele não quis ou não pôde fazer. Quantas vezes não procedemos assim tambem! Meu cachorro Jimmy, depois de haver esgotado as «possibilidades» de um osso de sopa, fica profundamente aflito se o osso começa a despertar o interesse de outro. Como isso é humano! Jimmy mal consegue comer se há outros cães comendo perto dele, tão preocupado fica em observá-los. Interessa-se mais pela comida daqueles do que pela sua própria, mostrando-se infeliz se eles ainda têm comida no prato. Não é outra, afinal, a natureza de certo pendor que temos para nos sentirmos descontentes com o que possuimos, ainda que nos baste, e nos preocuparmos em demasia com as aquisições do vizinho.

Tenho ainda outro cachorro, já velho, de nome Badger, cuja filosofia difere ligeiramente da de Jimmy. Ao comer, mostra-se contente, não se preocupando com os outros cachorros, desde que haja bastante comida em seu prato. Sendo, porem, um comedor rápido, termina geralmente primeiro que os demais. Esgotado o seu suprimento, começa a latir, evidentemente irritado por ver que os outros ainda continuam comendo. Muitos de nós, secretamente, somos assim tambem, embora não o revelemos em nossa atitude.

É de notar que os cachorros possuem, igualmente, o humano sentimento do ciume. Booth Tarkington contou-me um dia a história de dois cães, um dele e outro de Harry Wilson. Residindo juntos, na Europa, Tarkington e Wilson fizeram certa vez uma viagem aos Estados Unidos. Levaram consigo o cachorro de Wilson, mas deixaram o de Tarkington. Os cães tinham sempre sido bons amigos. Quando, porem, os dois homens regressaram, e com eles o cachorro de Wilson, o cão de Tarkington pareceu compreender que o seu antigo companheiro gozara o prazer de uma longa viagem ao lado do dono, ao passo que ele fora forçado a ficar num solitário canil. Atirou-se, pois, invejoso e enraivecido, sobre o cachorro de Wilson, e daí em diante deixaram de ser amigos.

Há ainda outra caraterística humana que muitos cachorros possuem, mais do que poderíamos supor: é o embaraço. Lembro-me de um passeio que fiz, certa vez, com o meu velho Badger. Em dada ocasião, começou ele a perseguir o que supôs ser um coelho, verificando logo, porem, que não era senão um pedaço de papel arrastado pelo vento. Descobrindo o erro, estacou imediatamente e olhou para os lados, com uma expressão tola, para ver se alguem o tinha observado. Vendo o meu sorriso, mostrou-se muito desapontado e aflito. A este respeito, contou-me George John Romanes de certo *fox-terrier*, que gostava de apanhar moscas numa vidraça e que, se mangavam dele quando mal sucedido, dava mostras de grande aborrecimento. «Certa ocasião,» diz Romanes, «para ver o efeito que isso causaria, comecei a dar grandes gargalhadas cada vez que ele falhava na tentativa. Aconteceu falhar várias vezes seguidas, ficando ele por isso tão aflito que, por fim, resolveu fingir ter apanhado a mosca. Para isso começou a praticar com os beiços e a língua os atos com que supunha enganar-me, esfregando depois o chão com as patas, como que para matar a vítima. Depois olhou para mim com ar triunfante. Tão bem simulou toda a cena, que eu me teria iludido completamente se não visse que a mosca continuava na janela. Dei-lhe a entender isso e mostrei-lhe tambem que não havia nenhuma no chão. Vendo descoberta a sua velhacaria, lá se foi para baixo de um movel, muito envergonhado.»

O meu Badger tem de há muito um absurdo costume, que nunca pude explicar se não como uma atitude de represália do velho patife. Se saio e o deixo só em casa, é certo que vai de quarto em quarto, trepa nas camas e as desmancha todas. Em caso algum salta para as camas se há alguem em casa; mas, logo que se vê só, parece não perder tempo em realizar o seu secreto intento. Não o faz pelo desejo de se deitar na cama, pois nunca nela permanece mais tempo que o necessário para deixá-la em completa desordem. Nem faz isso, certamente, para procurar-me, como se me julgasse ainda no leito, uma vez que nota sempre a minha saida pela porta da rua. Será que o faz por vingança, pelo fato de o haverem deixado sozinho? Cada vez que pratica a travessura, compreende que está fazendo mal e que mais tarde ralharei com ele. Sua determinação, porem, é tão grande que ele não pode deixar de desarrumar as camas, ainda mesmo que tenha de passar o resto do dia com um peso na «conciência». Em geral, quando regresso depois de breve ausência, Badger vem pulando até a porta para saudar-me, prazenteiramente. Se deixa de o fazer, já sei que ficou sozinho em casa e está envergonhado da reinação que praticou. Chamo-o e, com grande relutância, ele finalmente vem, de cauda arriada, com ar abatidíssimo. Tem sido impossivel corrigí-lo do mau costume de desmanchar as camas. Nunca fora possivel apanhá-lo em flagrante até que, por fim, tive essa oportunidade. Eu me encontrava numa pequena cabana, nas florestas do Maine, acompanhado de Badger. Para fazer as minhas refeições, ia até outra cabana próxima, deixando-o sozinho. Quase invariavelmente, quando eu voltava, a cama estava em desordem. Um dia saí e voltei logo, pé ante pé, indo colocar-me num ponto de onde pudesse espiar pela janela. O cachorro saltou imediatamente para a cama e começou a desmanchá-la. Olhando casualmente em direção à janela, deu comigo. Sem esperar por uma palavra, toda a sua aparência mudou, e foi com um ar muito envergonhado que, lentamente, se foi esgueirando. Logo depois, como sempre o fazia em tais circunstâncias, fitou-me humildemente, procurando no meu rosto um sinal de perdão. E ao me ver nos lábios o primeiro indício de um sorriso, saltou para mim como uma criança feliz, mostrando, como de costume, a sua alegria em penitenciar-se.

Os cachorros, como os homens, não gostam de admitir que estão ficando velhos ou que, por qualquer outro motivo, já não podem fazer tudo que antes faziam. Badger já passou dos 15 anos, e agora prefere permanecer dormindo a maior parte do tempo. Se me vê, porem, brincando com um cachorro mais novo, é certo que começa logo, num rompante, a exibir a sua agilidade, para me fazer crer que é ainda esperto.

Cachorros e pessoas têm a mesma complacência em tolerar desaforos daqueles que os poderão castigar, se o quiserem. Uma vez vi o atleta James J. Corbett suportar, sorridentemente, os nomes feios que um homúnculo lhe atirava.

Tenho muitas vezes observado que os cachorros recorrem a certa forma de simulação para se mostrarem amaveis com a gente. A minha pequena *terrier* galesa, Megan, parece pensar que poderia melindrar-me, se recusasse a comida que lhe dou. Assim, embora esteja farta, se eu lhe atiro um pedaço de carne, ela o abocanha afoitamente e lá se vai com ele para um canto favorito, como para saboreá-lo à vontade. Na realidade, o que faz é abandoná-lo onde pensa que eu não poderei vê-lo, para me fazer acreditar que o comeu.

Quanta vez não quis eu tambem fazer a mesma coisa, especialmente quando uma encantadora dona de casa me pedia, em tom de súplica, que me servisse pela segunda vez de uma torta preparada por suas próprias mãos! Como seria bom se eu pudesse correr com o meu prato para o fundo do quintal e escondê-lo atrás de uma planta!

Casamento de Mark Twain

¶ Antes de me casar com Livy eu tinha feito três ou quatro propostas de matrimônio, e recebido outras tantas recusas. Um dia, conseguí que o irmão dela, Charles Langdon, me convidasse para passar uma semana com sua família, em Elmira. Minha estada decorreu muito agradavel, mas, ao terminar a semana, não conseguí inventar nenhuma desculpa para prolongá-la.

Naquela tarde apresentei as minhas despedidas à família, na varanda da casa, e em companhia de Charles subí à charrete, sentando-nos nós atrás do cocheiro. O assento do carro tinha sido instalado provisoriamente, e se achava solto, fato que—para meu benefício—nós não sabíamos. Quando o cavalo arrancou, sob o chicote do cocheiro, eu e Charles caimos para trás. Sentí um golpe no alto da cabeça, fiquei por um momento ainda ereto e, a seguir, desabei no chão, inconciente.

Para uma pessoa que não se tinha ensaiado, o meu desmaio foi excelente. Minha cabeça tinha caido em um buraco, formado entre quatro paralelepípedos, e, como o dito buraco estava semi-cheio de areia, não tive sequer um arranhão. Mas eu estava como um peso morto, tendo sido necessários quatro homens para me levar até casa.

A aventura me permitiu ficar mais três dias, e assim pude adiantar consideravelmente a minha corte. Em uma visita posterior ficamos já noivos condicionalmente —isto é, faltava-me obter o consentimento dos pais dela. Mr. Langdon pediu-me referências—e eu dei-lhas.

Em devido tempo, as informações foram recebidas, e fui ver Mr. Langdon mais uma vez. Eu tinha indicado seis pessoas eminentes, para informações. Os resultados não eram animadores. Todos aqueles cavalheiros tinham sido de uma franqueza terrivel! Não somente me reprovavam, como foram, sem necessidade alguma, ardorosos em sua reprovação! Um clérigo e em ex-diretor de uma escola de catecismo acrescentaram amavelmente que entre mim e um bêbedo não havia diferença alguma.

Eu não encontrei nada que dizer, e o mesmo parecia acontecer com Mr. Langdon. Finalmente, erguendo a sua bela cabeça e olhando-me com expressão de candura nos olhos límpidos, disse ele:

—Que espécie de gente é essa? O senhor não tem nenhum amigo neste mundo?

—Parece que não, repliquei eu.

—Pois então, disse ele, eu serei seu amigo. Tome a minha filha. Eu o conheço melhor do que os outros.

Mark Twain's Autobiography (Harper, ed.)

Instantâneos pessoais

Duas vezes em sua vida Jane Addams, que se tornou famosa pelas suas obras de assistência social, acordou com um ladrão no quarto de dormir. Da primeira vez dormia no quarto vizinho um sobrinho pequeno, e ela só pensou em não acordá-lo. «Não faça barulho,» disse. Assustado, o ladrão correu para a janela por onde tinha entrado. «Você se machuca se for por aí,» disse ela. «Desça pela escada, e saia pela porta.» Assim fez ele.

Na segunda ocasião, dirigindo-se ao larápio com naturalidade, conseguiu pôlo à vontade. Descobrindo que não era ladrão profissional, mas sim um amador que se metera naquilo por estar sem emprego, disse-lhe que se fosse embora e que voltasse na manhã seguinte, às nove horas, e que veria então o que seria possivel fazer para lhe arranjar trabalho. O rapaz veio e Jane Addams obteve-lhe um emprego.

—James Weber Linn, *Jane Addams* (Appleton-Century, ed.)

Venerado como patriota, patriarca, fogoso revolucionário e poeta, Gabriele d'Annunzio recebia do governo de Mussolini privilégios especiais. Em frente ao seu palacete à beira do Lago de Garda, fora-lhe permitido colocar, como se fosse um monumento, a proa de um destroier armado com um canhão de três polegadas. Sempre que havia um feriado nacional, d'Annunzio subia à proa do seu destroier e se divertia atirando salvas de canhão.

Um ricaço alemão lembrou-se de construir uma casa nova em frente ao palacete, e pintou-a toda de um cor-de-rosa berrante. Cada vez que o velho poeta via aquele estafermo, ficava fora de si; finalmente um dia mandou o mordomo ao vizinho, com seus cumprimentos, e exigiu que a casa fosse pintada de uma cor mais sóbria, dentro de vinte e quatro horas.

O alemão achou graça na excentricidade de seu famoso vizinho—e não fez nada. Na manhã seguinte no entanto, quando viu o velho poeta e o mordomo apontando o canhão em sua direção, e os criados atarefados a passar munição, ficou apavorado. Telefonou à policia e à embaixada alemã. A polícia se entendeu com o prefeito que, por sua vez, se comunicou com o Ministério do Interior, em Roma, e ficou resolvido que o alemão teria que pintar a casa de outra cor,—mas o Estado Fascista pagaria a conta!

—Boake Carter

Quando o Marechal Foch visitou o Grande Canyon, o coronel John R. White, que falava francês correntemente, esperou ansioso a palavra do Marechal que, depois de longo exame do abismo a seus pés, se voltara para ele. «Agora,» pensou o coronel, «vou ouvir alguma coisa digna de ser transmitida a meus filhos e meus netos!»

E o Marechal observou: «Lugar ideal para os genros se desfazerem de suas sogras!»

—Margaret Smith, *I Married a Ranger*, (Ed. da Stanford Univ. Press)

O sr. Calvin Coolidge—e que por isto sua memória nos seja mais cara!—tinha bastante sabedoria e espírito para escapar àquela hipertrofia do «eu» de que sofrem tantos de nossos presidentes. Um dia surpreendí-o tirando uma soneca em pleno dia de expediente presidencial. Quando abriu os olhos esboçou

um sorriso e perguntou: «E o país, continua no mesmo lugar?»

—William Hard, *The Atlantic Monthly.*

«Uma Noite, durante um banquete,» escreve Eleonor Wilson Mc Adoo, «ouví um homem comentando a respeito de uma das convidadas:—Aquela mulher é realmente de uma grande beleza, mas passa inteiramente despercebida. Ela entra numa sala como um ratinho, quietinha e humilde, e os outros lhe dão o valor que ela se dá.

«A observação calou no meu espírito, e resolví fazer uma experiência. Sabia eu muito bem que não era nenhuma beleza, mas se pudesse entrar numa sala de cabeça erguida, convencendo-me a mim mesma de que era irresistivel, não faria mal a ninguem e esconderia talvez aos outros o fato de estar morrendo de medo. A experiência foi um êxito. Comecei logo a perder muito de meu acanhamento; e continuei a representar esta comédia o resto de minha vida, para esconder minha incuravel timidez.

«Um dia alguem me disse:—Você é muito presunçosa, não é?—Fiquei satisfeitíssima: tinha conseguido iludir!»

—*The Woodrow Wilsons* (Macmillan, ed.)

O Falecido G. K. Chesterton usava uma capa sem mangas em vez de sobretudo, e andava sempre de bengala com estoque. Uma vez perguntei-lhe porque andava assim armado. «Toda minha vida,» respondeu, «esperei ouvir o grito de socorro de uma donzela em perigo. Correria em seu auxílio: o vilão, segurando minha bengala, desembainharia o meu estoque, e eu estaria pronto para defendê-la. Sou um romântico incuravel.» —*This Week*

Depois da morte de Gladstone, encontrou-se entre sua correspondência uma folha de papel com uma lista de nomes e o seguinte título: «Aqueles que discordaram de mim.» Em baixo havia estas palavras: «É bom lembrar-me quantas pessoas notaveis têm divergido de mim.»

—Mary Drew, *Mrs. Gladstone* (Putnam, ed.)

Honoré de Balzac gostava de pensar que sabia ler o carater das pessoas pela letra. Trouxeram-lhe um dia o caderno de um menino, e pediram que desse uma idéia de suas aptidões e do que prometia para o futuro. Depois de examinar cuidadosamente as garatujas do menino, perguntou à senhora idosa que trouxera o caderno: «A senhora é mãe desta criança?—Não, nem tenho parentesco, respondeu ela.—Então dir-lhe-ei minha opinião franca, exclamou Balzac.—Este menino é desmazelado e provavelmente estúpido. Receio que nunca chegue a ser coisa alguma!—Mas Mestre! disse rindo-se a senhora, este caderno era *seu*, quando estava no colégio!» —*Christian Science Monitor.*

Para Houdini, o famoso mágico, o casamento foi um romance que durou trinta e três anos. Nunca estava tão ocupado que não tivesse tempo para escrever uma carta de amor à mulher, e de 1913 até à época de sua morte não houve dia que não escrevesse uma; algumas eram longas dissertações, nunca um bilhete escrito às pressas. Se estava em casa escondia-as em qualquer lugar; e durante seis meses depois de sua morte, a sra. Houdini continuou a achar de vez em quando uma destas cartas.

—*The American Magazine*

A vila sem dor de dentes

(Condensado do «Collier's»)

Por J. D. Ratcliff

Correspondendo às gerais expectativas de descobrimentos médicos, um gabinete dentário de uma vila estancieira do Texas oferece tambem a sua contribuição.

Graças aos esforços do dr. George W. Heard, de Hereford, no Texas, que, originário do Alabama e com 75 anos de idade, exerce há 26 anos a clínica naquela localidade, a ciência odontológica está agora com possibilidade de descobrir a causa e talvez a cura do mais comum dos males humanos—a cárie dentária.

Notara ele, desde o início, que entre os antigos residentes da cidade quase não havia pessoas com dentes cariados. Raras vezes, infecções das gengivas ou dos maxilares poderiam exigir extração ou trabalho protético. Mas clientes para obturação é que não havia, a não ser um ou outro dos novos residentes. Tendo em vista que o *grosso* da clínica dentária é todavia constituido desses casos, a localidade não lhe era nada promissora.

Conversando com antigos habitantes sobre o fenômeno que o impressionava, estes confessaram nunca ter pensado no assunto. E acrescentaram um dado curioso: o gado vindo do México em boiadas, com ossos delgados e fracos, depois de uma temporada de pasto por alí, voltava com ossos rijos e bem desenvolvidos. Tambem os cavalos da região possuiam dentes de primeira ordem, e mesmo um velho cão da cidade, aos 16 anos, ainda conservava todos os dentes.

Por muito tempo o dr. Heard andou à procura de casos de cárie dentária para examinar, porem dificilmente os encontrou. Debalde tentou durante anos interessar no assunto as Sociedades de Odontologia. Encontrou afinal na pessoa do dr. Edward Taylor, odontologista do Estado, o profissional indicado para estudar o problema. Taylor visitou o município, de automovel, parando aquí e alí, e pedindo para examinar, ora numa ora noutra casa, os dentes dos moradores. No meio de 56 indivíduos tomados ao acaso, entre as idades de dois e mais de sessenta anos, e dos quais 43 eram filhos do município, não conseguiu encontrar um só caso de cárie.

Examinando em seguida 810 crianças de Hereford, observou que a metade não sofria de cáries. Cada criança foi classificada sob a rubrica: cárie, falta ou obturação—CFO, em linguagem dentária. A média mostrou um CFO para cada criança. Em qualquer outra parte, notar-se-iam de 5 a 10 CFO.

Levou mais longe a pesquisa. Nas pessoas que se tinham mudado, nos últimos seis anos, para o município de Deaf Smith, foram encontrados casos de cárie que não progrediam. Em muitos, as antigas cavidades dentárias adquiriam uma superfície rija e vítrea.

Interessado em determinar a causa do pequeno número de cáries, particularmente em Hereford e imediações, os pesquisadores procederam antes de tudo ao exame químico da água que abastece a população, o que revelou a exis-

tência de 2,5 partes de fluoretos para cada milhão de partes de água. Mas, o fluor, por si só, não seria suficiente para decifrar o enigma. Em outra cidade do Texas, que possuia o mesmo teor de fluoretos na água, o índice de cárie dentária, apesar de baixo, era o dobro do encontrado em Hereford.

Camponeses levaram amostras de carne, trigo e legumes para serem analisadas pelo Instituto Técnico do Texas. Logo de início, uma coisa ficou patente: os alimentos eram riquíssimos em fósforo, provavelmente o mais importante de todos os minerais do solo. As cenouras tinham uma taxa de fósforo 50 por cento superior à normal, os nabos verdes, 30 por cento, o repolho e a alface, 60 por cento. Do mesmo modo, o leite e a carne eram riquíssimos em fósforo. O trigo, principal alimento da região, apresentava 600 por cento acima do normal. O teor de cálcio, por outro lado, tambem era alto.

A riqueza em fósforo, que se encontra nos produtos da região, é devida provavelmente às rochas de *caliche*, porosas e quebradiças, alí existentes. As raizes das plantas penetram profundamente na terra esponjosa, em busca de alimento.

Ninguem pode, entretanto, afirmar que o fósforo seja a causa única do fenômeno. É verdade que técnicos noutros laboratórios notaram que ratos alimentados com dieta rica em fósforo possuem dentes em ótimas condições. Sabe-se que o peixe é uma das fontes mais ricas de fósforo, e os antropologistas têm verificado que a cárie dentária é rara entre primitivos, e povos que se alimentam de peixe.

Em grandes áreas do globo, o mau aproveitamento da terra esgotou esse importante mineral. O gado criado em tais regiões deixa de crescer devidamente, e os seres humanos tornam-se estereis. É bem possivel que a deficiência em fósforo seja uma das causas da cárie dentária.

O dr. Taylor atribue o baixo índice de cárie no município de Deaf Smith aos fluoretos, à luz solar e ao cálcio. Determinar exatamente a parte que cada um desses elementos representa no fenômeno, é assunto relevante—trabalho para um grupo de pesquisadores experimentados, e que disponham de recursos. Os dentistas precisam de colaboração para estudar cientificamente o problema. A maioria das pessoas não dispõe de recursos bastantes para ter adequando tratamento dentário, e ainda que dispusessem, não haveria dentistas em quantidade suficiente. O que se impõe é um melhor conhecimento do assunto; e as significativas experiências mencionadas acima podem servir de ponto de partida para grandes progressos na matéria.

¶ A PEQUENA VILA de St. Michael's, em Maryland, teve o seu primeiro blacaute em 1813, quando uma força britânica apareceu na baía do vilarejo. Os habitantes apagaram todas as luzes das suas casas e suspenderam lanternas no alto das árvores. As balas dos ingleses passaram todas acima dos seus objetivos.

SEÇÃO DE LIVROS

WINSTON CHURCHILL

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DE

RENÉ KRAUS

A extraordinária carreira do supremo lider de guerra do Império Britânico, Winston Churchill, tem sido cheia de curiosos contrastes. Cincoenta por cento americano, é o mais inglês dos ingleses; descendente dos duques de Malborough, fez-se, todavia, um «commoner»; um dos derradeiros «vitorianos», tem-se mostrado, não raro, adiante da sua época.

O destino lhe pôs sobre os ombros o peso do esforço britânico em duas guerras mundiais. A história do notavel período da vida de Churchill que abrange estes conflitos é condensada, a seguir, da cintilante biografia de René Kraus.

●

Copyright 1940, J. B. Lippincott Co., East Washington Square, Philadelphia, Pa. Preço $3.00

WINSTON CHURCHILL

Um dia, em outubro de 1911, o Primeiro Ministro Asquith convidou seu Secretário do Interior, Winston Churchill, que tinha então 37 anos de idade, a acompanhá-lo à Escócia, onde deveriam conversar, com a necessária reserva, sobre assunto de importância. Os dois *gentlemen* jogaram golfe. No caminho de volta para casa, o Primeiro Ministro, volvendo-se para o companheiro, perguntou-lhe subitaneamente: «Você já leu ou ouviu a palavra *Weltraumpolitik?*»

Churchill confessou que não, e Asquith passou a explicar-lhe o que aquilo queria dizer. Fundamentalmente era o mesmo que hoje os alemães chamam *Lebensraum*,—espaço vital. O Primeiro Ministro tinha em seu poder valiosos documentos que provavam, de modo iniludivel, que a Alemanha se estava preparando para atacar a Inglaterra. «Contamos apenas com a esquadra», acrescentou. «É a nossa única esperança.»

Churchill estremeceu. Aquele ancião de cabeça branca sabia que a Inglaterra estava à beira do abismo, e, entretanto, jogava golfe! E a esquadra se ia pacificamente enferrujando!

Tranquilamente, fez Asquith nova pergunta:—Você gostaria de ir para o Almirantado?

—Realmente gostaria, respondeu Churchill, no mesmo tom.

A Inglaterra, por aquele tempo, achava-se ameaçada de perder a supremacia naval, que era a base de sua existência, pois a Alemanha havia já alguns anos lhe vinha levando, mais e mais, vantagem, no tocante a construções para a marinha de guerra. A moderada política naval do governo liberal inglês se tornara arma util nas mãos do pangermanismo. «Eles são uma sociedade pacifista e supercivilizada», dizia, a sorrir maliciosamente, o almirante von Tirpitz. «Isso, para nós, é muito bom. Deixemos a raça viril ocupar o lugar dos estereis.»

Churchill, em Berlim, era tido em muita conta. Ele e Lloyd George, chanceler do Tesouro, eram considerados como as duas mais altas expressões do decadente pacifismo inglês. E o juizo não era infundado. Na recente campanha eleitoral, se opusera ele, com vigor, a todo aumento, ainda pequeno que fosse, no programa de construção de couraçados. «Não existe real antagonismo entre a Inglaterra e a Alemanha», dissera, não havia muito. Compreende-se portanto que, ao ser divulgada a notícia da sua nomeação para o Almirantado, os alemães tenham esfregado as mãos, pulando de contentes. Confiada a marinha inglesa a semelhante chefe, a potência naval germânica iria de vento em popa.

Não podia ter Berlim cometido maior erro. O júbilo, um tanto cínico, com que os inimigos da Inglaterra saudaram a ascensão de Churchill ao novo posto, só serviu para incentivá-lo a não poupar sacrifícios no desempenho do cargo. Com infatigavel energia, dedicou-se

desde logo ao declarado propósito de «por a esquadra em estado de prontidão efetiva.» No Almirantado, antiquado, entrou um espírito novo. De preferência aos quatro ou cinco almirantes mais antigos, e de maior importância, nomeou Churchill seu Secretário Naval o contra-almirante Beatty, o mais moço dos chefes da esquadra, e que, partidário de reformas baseadas em idéias modernas, era, em consequência, malquisto pela marinha inteira. A oficiais, ainda jovens, passaram a ser confiadas as missões de mais relevo ou de maiores responsabilidades.

Para seu consultor, foi Churchill buscar à inatividade, em que já se achava, Lorde Fisher, o avisado e dinâmico almirante, cognominado geralmente «o pai da Marinha», e a quem esta devia, entre outras coisas, a introdução do submarino e o navio de artilharia ultrapesada. Com o mais decidido zelo, Fisher cooperou intensamente na elaboração do programa de Churchill para a reorganização da frota. Afim de levar a cabo as modificações planejadas, seriam precisos, normalmente, 15 anos. Mas ambos, Churchill e Fisher, sabiam perfeitamente que o tempo de que dispunham era desesperadamente escasso. Impunha-se, por outro lado, o mais completo segredo porque, embora o governo, já agora, estivesse certo de que a guerra era virtualmente inevitavel, não desejava contudo manifestá-lo à nação, enquanto houvesse esperança, ainda remota, de paz, com receio de que o desgosto público embaraçasse os últimos esforços que se dispunha a empregar para evitar o conflito. O resultado desta atitude do Primeiro Ministro Asquith, apoiada por seu chanceler, Lloyd George, foi que a nação inglesa, ao vir a guerra, não se achava preparada para a crise, nem moral, nem intelectualmente. Pela primeira vez na sua história, se deixara a Inglaterra iludir pelas miragens do apaziguamento.

Ninguem foi mais prejudicado que Churchill, pela política de segredo mantido pelo governo quanto à situação internacional, visto que essa política o impediu de apelar, como lhe cumpria, para o apoio do povo ao seu programa naval. Dentro, porem, do seu departamento, usou de todo recurso que esteve ao seu alcance. Ordenou um estado permanente de prontidão para guerra, chegando até a providenciar para que os Lordes do Mar passassem a dormir, na devida ordem de sucessão, no edifício do Almirantado. Mas, ainda mesmo com o seu chefe, o Primeiro Ministro, pouco falava sobre tais medidas.

O escrupuloso Asquith sentia-se extremamente contrafeito no papel de conspirador. Nem lhe parecia muito própria a maneira por que Churchill se ia lançando por um novo campo—a arma aérea, então em plena infância. Porque Winston Churchill, seja dito, foi em realidade o fundador da quinta arma britânica, uma das suas maiores e mais oportunas realizações.

Em 1911, quando subiu ao Almirantado, a Marinha Real dispunha apenas de meia dúzia de aviões e talvez de igual número de pilotos. Tudo o mais tinha que ser feito. Churchill não tardou, porem, a sentir que nova arma surgia, e decidiu-se a desenvolvê-la por todos os meios possiveis.

Começou ele próprio a voar, já para dar um exemplo aos jovens oficiais, já com a intenção de adquirir verdadeira noção da aviação naval. Foi, pelo menos, o que alegou certa vez, ao justificar-se perante os companheiros de ga-

binete, não muito entusiastas na matéria. É, entretanto, muito de supor que a sensação do perigo tenha sido o que mais o seduziu. Voar, por aqueles dias, era brincar com a morte. Uma feita, realizou Churchill demorado vôo num hidroplano de certo tipo ainda em experiência. Logo em seguida—mal se havia ele transferido para o iate do Almirantado—o aparelho caiu, morrendo, em consequência do desastre, os três oficiais que o tripulavam. Churchill nem por isso recuou: ao contrário, continuou a voar durante todo o período de aperfeiçoamento do avião, e poucos homens (com a possivel exceção dos acrobatas do ar) se têm achado envolvidos, tanto quanto ele, em acidentes aéreos. Ainda hoje, se bem que não mais tome a si os comandos do piloto, o avião é o meio de transporte de que mais usa para viajar.

Sobrevieram-lhe, ao tempo, dificuldades de ordem financeira. Viu-se durante um ano impossibilitado de ocupar a sua residência oficial, por lhe faltarem recursos para as simples despesas de mudança. Não ele, porem, que se deixasse aturdir por semelhantes preocupações. A sua pessoa já pouco lhe importava. O que lhe empolgava o espírito era a aflitiva situação da Inglaterra, a necessidade premente de executar quanto antes, custasse o que custasse, o vasto programa traçado para a modernização de sua esquadra.

A primeira medida radical que tomou, por essa ocasião, na Marinha, foi a substituição do carvão pelo óleo combustivel, o que aumentava consideravelmente o raio de cruzeiro dos navios. O óleo era como o sangue do novo organismo naval. Churchill tornou-se positivamente lírico ao explicar-lhe a importância. Decorrido um quarto de século, a segunda guerra mundial, feita mais com óleo que com balas, veio provar que ele estava rigorosamente certo. Ao mesmo tempo, substituiu Churchill, secretamente, no plano de cinco novos couraçados, os canhões de 13,5 por outros, de 15 polegadas. Foi esse um jogo arriscado, porque, no interesse do segredo e da economia de tempo, não se fez sequer um ensaio ou experiência de tiro. Se os canhões, ao funcionarem, arrebentassem os navios, não era senão sobre ele, Primeiro Lorde do Almirantado, que recairia toda a culpa, e a esquadra se encontraria instantaneamente em perigo. Churchill confiou nos seus canhões, e o êxito foi completo. A superior potência ofensiva dos novos couraçados revigorou consideravelmente, nas horas decisivas, a supremacia naval britânica.

Pelas alturas de 1913, a palavra de ordem de Churchill era que todas as forças da Marinha, dentro dos doze meses seguintes, deviam estar preparadas para o supremo esforço. Num discurso, em princípios de novembro de 1913, ajuntou, profeticamente: «A segurança nacional reclama tambem as melhores medidas possiveis para a defesa aérea.» Falou com antecipação de um quarto de século. Ninguem cuidava da defesa aérea. O Conde Zeppelin não passava, àquela época, de simples excêntrico alemão. O público tomou no caso o interesse tranquilo que a defesa nacional exigia de uma nação de jogadores de críquete, sem, todavia, compreender propriamente a gravidade da situação. Aqueles primeiros meses de 1914 foram dos mais alegres e animados.

Mas Churchill desenvolvia atividade infatigavel. As manobras navais de verão, substituiu-as por ensaios de mobilização geral. A 18 de julho, o rei passava em revista a esquadra; durante seis horas, 70 mil homens, oficialidade e guarnições, fizeram-lhe a continência, de 200 navios que se moviam a 15 nós de velocidade. Era, incontestavelmente, o maior conjunto de forças navais que jamais se reunira.

Na quinta-feira seguinte achava-se reunido o gabinete, a tratar, quase unicamente, da intranquilidade na Irlanda, quando um mensageiro do Foreign Office (Ministério das Relações Exteriores) trouxe uma nota para o Primeiro Ministro. No tom sereno de sempre, leu Asquith aos seus colegas os termos do ultimatum da Áustria à Sérvia. Levantava-se enfim o pano. Ia começar a tragédia.

A 27 de julho, Churchill avisava os comandantes de que as hostilidades poderiam ter início a cada momento. Dois dias depois, expediu um telegrama determinando que a esquadra seguisse secretamente para as suas estações de guerra, para que não corresse o risco de ficar detida no Canal, ou exposta a um ataque de surpresa.

No curso daqueles dias agitados, o governo de Asquith teve um último acesso de nervosismo. A 1 de agosto, vetou o plano de Churchill para a convocação imediata das reservas navais. Ao saber, não obstante, que a Alemanha declarara guerra à Rússia, Churchill, sem embargo do veto, mobilizou o total das forças de marinha. Assim, a 4 de agosto, cinco minutos depois de recebida a ordem para «dar início imediato às hostilidades contra a Alemanha», os navios se achavam em marcha.

Dez meses mais tarde, em seguida ao fiasco dos Dardanelos, eis Winston Churchill a limpar suas gavetas no Almirantado, à espera do sucessor que viria rendê-lo no posto. Era um homem ferido pelo raio, desesperado da vida. A um dado momento, abriu-se a porta, e deu entrada na sala o grande Kitchener, que lhe vinha fazer uma visita. Trazia na face tostada um sorriso constrangido. Com um aperto de mão, disse a Churchill: «Há uma coisa que nunca lhe hão de tirar: a esquadra estava pronta!»

No seio do gabinete, Churchill era visto, desde muito, como um orgão da corrente que propugnava, a todo o transe, a preparação para a guerra. Só ele, por exemplo, se bateu pelo serviço militar obrigatório, imediato—grave medida, com a qual só muito mais tarde o governo viria a conformar-se. Visivel, por outro lado, era a sua ansiedade por entrar na luta em pessoa. Quando os alemães começaram a bombardear Antuérpia, a 28 de setembro de 1914, não se conteve que não partisse com a divisão naval, despachada em socorro, e—dois dias depois de alí chegado—pedia, por telegrama, demissão do Almirantado, para ficar na ação até o fim. Asquith, porem, considerou que o seu concurso era tambem importante como membro do governo, e recusou-lhe a exoneração.

Depois que o avanço alemão sobre París foi detido no Marne, e a guerra entrou numa fase de indecisão ou de empate na frente ocidental, a ânsia de Churchill por apressar a vitória inspirou-lhe a iniciativa da aventura dos Dardanelos. Foi a tragédia de sua vida.

Ele acreditava que, se a esquadra forçasse os Dardanelos e exercesse domínio no Mar Negro, seria possivel abastecer os russos de munições aliadas, ganhar a Mesopotâmia e a Palestina,

por fora de combate a Turquia e a Áustria, e atacar a Alemanha pela retaguarda indefesa. Seus argumentos convenceram Asquith e Lloyd George. Londres, em geral, confiava. Quando, a 15 de fevereiro de 1915, o *Queen Elizabeth*, com os seus novos canhões monstros de 15 polegadas, destruiu quase todas as defesas exteriores dos Estreitos, o que permitiu que a esquadra entrasse cerca de seis milhas, pareceu, à primeira vista, que estava ganha a partida. Mas, nem Lorde Fisher, que opinava que a Alemanha devia ser atacada pelo Báltico, nem Lorde Kitchener, que só acreditava na vitória quando de fato obtida na frente ocidental, nutriam entusiasmos pela ofensiva de Galípoli, contra a qual se faziam sentir outras oposições, algumas ásperas.

Enquanto a guerra por Galípoli ia sendo objeto, nos círculos oficiais de Londres, de batalhas quiçá mais vivas do que as dos próprios Estreitos, teve Churchill, um belo dia, interessante palestra com o almirante Murray Sueter, chefe do Serviço Aéreo da Marinha, o almirante Bacon e o coronel Swinton. Trocaram impressões, os quatro, a respeito de uma invenção que, em princípio, já fora prevista por Leonardo da Vinci: uma máquina que rompesse, através das linhas inimigas, como faca em manteiga. O almirante Sueter sugeriu um veículo simples, movido a vapor, e capaz de transpor trincheiras; o coronel Swinton foi mais longe: submeteu propostas concretas ao Comitê de Defesa Imperial.

O comitê, não vendo bem que destino deveria dar às sugestões, devolveu os papéis ao Almirantado. Churchill decidiu que se empregasse, sem mais perda de tempo, todo esforço no estudo da nova arma. Encomendou 18 máquinas de experiência, ao preço de 70 mil libras. Não se achavam elas ainda prontas, quando aconteceu o revés que o obrigou a afastar-se do governo. Seu sucessor, Arthur Balfour, cancelou as encomendas, que lhe pareciam produto de pura fantasia. Permitiu, em todo o caso, que se concluisse a manufatura de um dos ditos aparelhos, não mais que um, para amostra. Em princípios de fevereiro de 1916, a máquina, a que se deu o nome de «Big Willie», fazia sua primeira exibição na presença do rei e de Lloyd George.

«Big Willie» moveu-se, a ranger, sobre o terreno escabroso, não mais que a uns quatro quilômetros por hora. Mas o trator se revelava adequado aos fins que se tinham em vista, e o mais seria matéria de aperfeiçoamento em construção. Lloyd George não ocultou o seu entusiasmo, e o Ministério da Guerra mandou fabricar 150 daqueles novos monstros. A construção se fez secretamente, e, ainda com o fim de mantê-la o mais possivel oculta, se adotou, para a nova arma, uma denominação inexpressiva: «tanque». Posto que Churchill, já então fora do governo, aconselhasse veementemente a não por em ação os tanques, senão quando se contasse com algumas centenas deles, as autoridades militares lançaram na batalha de Thiepval, a 15 de setembro de 1916, os primeiros 49 fabricados.

O exército alemão sentiu-se atordoado. Não era menor o espanto nas próprias linhas inglesas. Só um ano depois, em Cambrai—era Churchill, já agora, ministro das Munições—vieram a fazer os Aliados pleno uso dos tanques. Foram estes, em última análise, uma arma decisiva. Ludendorff atribuiu a derrota final da Alemanha «aos tanques inimigos, empregados em proporções que se não poderiam prever.» Entretanto, as desconfianças, as protelações, a estreiteza de vistas de orgãos do próprio governo, por pouco sacrificaram na Inglaterra a idéia a que se iam dever tão grandes resultados.

Porem, voltando a Galípoli: mal que as tropas haviam conquistado um ponto onde se firmarem, três couraçados foram metidos a pique, ficando dois outros incapacitados para prosseguir na ação. A esquadra foi rechaçada em toda a linha, e, dado o perigo das minas, nada mais poderia tentar.

Churchill, tido e havido como responsavel pela aventura que conduziu ao malogro, sofreu um golpe tremendo. Opôs-se contudo a reconhecer o fracasso como coisa definitiva. Tratava-se, tão somente, de um episódio, próprio do jogo da guerra; e, com um esforço de coesão interna, e comando decidido, à altura das circunstâncias, seria ainda possivel tomar Constantinopla. Kitchener, porem, àquela altura, já tinha andado bastante, no sentido das suas preferências. Toda sua atenção se concentrava na frente ocidental.

Viu-se Churchill compelido a deixar o Almirantado, recolhendo-se à penumbra enquanto rugia a tormenta. As longas horas de inatividade, numa fase em que tudo o convidava ao movimento e à ação, foram sem dúvida as mais melancólicas que ainda lhe coube viver. Delas apelou para os recursos da inteligência e do espírito. Foi encontrar refúgio na pintura.

Até completar os 40 anos, nunca Churchill havia pegado num pincel ou numa paleta. Um domingo, à tarde, no campo, viu os filhos a brincarem com a sua caixa de tintas. Na manhã seguinte, comprou os utensílios necessários para pintura a óleo.

Como se estivesse cometendo alguma transgressão, meteu-se furtivamente pelo parque. Com o pincel mal ajeitado entre os dedos, pôs-se a fitar, maravilhado, o céu. Azul e branco... eis o ponto de partida. Timidamente, pintou na tela pequenina mancha branca, não maior do que um feijão. Não tendo resultado do fato maiores consequências, pois a terra não se abriu, nem os céus escureceram, nem a tela se fez em pedaços, avançou, sem mais receios, sobre esta, com uma furiosa carga de cavalaria. E, a partir daquele dia, passou a ser-lhe a pintura o meio predileto, a um tempo, de inspiração e de repouso de espírito.

Sem que se tivesse feito mestre na arte a que se votou, já tarde e acidentalmente, só a tendo praticado em horas de lazer, que nunca lhe foram muitas, é contudo um pintor conciente, e que se distingue sobretudo por forte senso de colorido. Suas paisagens não tardaram a ser procuradas por galerias e negociantes de arte, merecendo, não raro, ótimos preços.

A pintura restaurou-lhe o equilíbrio íntimo. «É um delicioso divertimento», disse. «É uma pena que se estrague no golfe ou no bridge o tempo de recreio, quando aí está à mão todo um mundo, verdadeiramente maravilhoso, de arte e de trabalho manual, um jardim banhado de sol, cheio de luz e de cor, e de que cada um de nós traz a chave no bolso do colete.»

AFINAL, quando se tornou evidente que a sua permanência no país era de todo inutil, Churchill, que tinha sempre conservado a sua posição na *Yeomanry* (corpo de cavalaria voluntá-

rio), e era um dos majores mais antigos do exército britânico, pediu que o mandassem servir com as forças em operações na França.

Ocupou então, pela última vez, naquela época, a tribuna do Parlamento. A Câmara dos Comuns dispôs-se a ouvir, com indulgência, a defesa do homem culpado do desastre dos Dardanelos. Os membros daquela casa não cometeriam o desprimor de manifestar-se severos para com um companheiro que partia para a linha de frente. Longe porem de apresentar-se de ânimo abatido, coube a Churchill falar a linguagem que, por entre a profunda depressão que os reveses da guerra causavam, viria elevar de novo ao seu verdadeiro nivel a representação nacional. O discurso, um dos maiores de toda a sua carreira, flamejou em acentos proféticos; poderia ter sido proferido em 1940.

«Não há razão para que nos deixemos abater diante do curso que vai tendo a guerra. Estamos atravessando um mau momento, e outros hão-de vir ainda peores, antes que chegue o melhor. Mas que o melhor chegará, se nos dispusermos, tão somente, a sofrer e perseverar, não tenho sombra de dúvida. As guerras de outrora foram decididas mais pelos seus episódios, que pelas suas tendências. Nesta guerra, porem, as tendências são mais importantes do que os episódios. Ainda que não tenhamos nenhuma vitória sensacional, podemos ganhar esta guerra. Não nos será necessário, para ganhá-la, fazer recuar as linhas alemãs, reconquistando todo o território que o inimigo invadiu e ocupou, nem tão pouco penetrar as referidas linhas. Sem embargo de que as linhas alemãs se estendam até muito longe de suas próprias fronteiras, e a bandeira alemã flutue em grandes capitais ou províncias subjugadas, e todas as circunstâncias de êxito militar continuem a favorecê-la, sem embargo de tudo isto, a Alemanha ainda pode ser vencida. Alguns destes pequenos estados se acham hipnotizados pela pompa militar germânica. Eles se deixam impressionar pelo brilho externo das coisas, estão a ver o episódio. O que lhes não cai sob as vistas é a capacidade das antigas e poderosas nações em luta contra a Alemanha, para suportar os reveses, para não perder o senso e a calma, para renovar suas forças, para lutar com uma dedicação que não porá limite ao sacrifício, pela maior das causas por que jamais os homens se bateram.»

Reboou por toda a Câmara uma trovoada de aplausos. É que falara, pela boca de Winston Churchill, a própria voz da Inglaterra.

No outono de 1915, Sir John French recebia o major Churchill, da *Yeomanry* de Oxfordshire, no seu quartel-general no Castelo de Blondecq. Estendeu-lhe, saudando-o, ambas as mãos, como se tivesse diante de si, não um oficial seu subalterno, mas ainda o Primeiro Lorde que havia trazido, com tamanho êxito, as tropas ao Continente.

—Que lhe agradaria fazer, Winston?

—O que me for ordenado.

Sir John French ofereceu-lhe uma brigada. Churchill, é claro, teria prazer em aceitá-la. Mas era-lhe, antes de tudo, indispensavel alguma experiência em serviço de trincheira, e então foi designado para uma Divisão de Guardas na frente. Os seus novos companheiros receberam-no com certa frieza. Os políticos, em geral, não eram benvindos no exército. Os liberais, ainda menos.

O comando do batalhão funcionava numa casa de campo, em deploravel estado, cujas ruinas pouco abrigo davam contra o fogo do inimigo. Pequena estrutura de sacos de areia, atrás de paredes rachadas, era o gabinete do coronel. Aí, com todas as formalidades, tomavam os oficiais suas frugais refeições de alimentos de conserva e chá forte com leite condensado.

A sedução pessoal de Churchill, reunida à sua óbvia coragem e precisão militar, não teve dificuldade em desfazer a atmosfera de gelo que a princípio o rodeou. Mas as simpatias por ele se acentuaram ainda mais, quando o viram pedir permissão para, em vez de permanecer na casa do comando, ir dormir com os soldados nas trincheiras. Alegou oficialmente, para obtê-la, que assim se adaptaria mais depressa à vida na extrema linha de frente; e todos estavam certos de que se portaria com heroismo. Em realidade, porem, muito lhe deve ter influido no espírito a circunstância de que aos soldados era servida bebida alcoólica, enquanto, na mesa dos oficiais, reinava a mais estrita abstinência. Não quadrava de todo com Churchill o chá forte com leite condensado...

Agora, é a morte à espreita, a cada passo. A maneira por que Churchill ia escapando incólume, faz-se objeto de comentários frequentes entre os Fuzileiros Escoceses. Uma tarde, quando apenas se completava sua primeira semana de atividade, estava Churchill sentado, a escrever cartas, no seu pequeno abrigo, guarnecido de sacos de areia. Um soldado anunciou: «O comandante do Corpo deseja ver o major Churchill às 4 horas em Merville. Um carro estará à espera do major às 3 e 15, na encruzilhada da Cruz Vermelha.»

À hora aprazada, lá foi Churchill, através da floresta, os caminhos cobertos de neve, e encharcados pela chuva. Não encontrou o carro. Depois de esperar cerca de uma hora, inutilmente, resolveu regressar ao seu posto, irritado, é bem de ver, com o que havia acontecido.

O sargento que servia às suas ordens aguardava-o com a notícia que, logo que ele chegou, lhe transmitiu, num tom congratulatório: «Tivemos que mudar tudo o que é seu para outra barraca, porque, cinco minutos depois da sua partida, entrou pelo teto uma granada, e foi o que já se sabe.»

A 15 de dezembro, Churchill, promovido a coronel, assumiu o comando do 6º de Fuzileiros Reais Escoceses. Timbrou em fazer do seu um batalhão modelo, sem recorrer, todavia, aos métodos ortodoxos. Numa das primeiras manhãs que se seguiram, reuniu os seus capitães. «Guerra é declarada, meus senhores,» principiou nestes termos, e esclareceu: «aos piolhos!» E passou a discorrer, cientificamente, sobre o assunto, concluindo por incumbir o médico da organização de um comitê que tomasse as devidas providências para o extermínio da praga. O resultado foi maravilhoso. Dentro de três ou quatro dias não havia mais piolho naquele setor; e o batalhão «sem piolho» se tornou falado em todo o exército.

O êxito de Churchill, nas suas relações com a tropa, foi notavel. Fez-se pai dos seus soldados. Discutia com os médicos o caso de cada ferido, e velava pessoalmente, sobretudo pelos que eram atingidos em incursões de trincheira, não raro por ele próprio dirigidas.

Não sabendo o que era medo, e certo da proteção de uma espécie de vida

encantada que acreditava ter, comprazia-se em zombar do perigo. Recebendo uma vez a visita de dois generais, disse-lhes, depois de lhes ter dado um bom almoço: «Vocês naturalmente gostariam de ver minhas trincheiras.» Estrugia no momento um grande bombardeio, mas os generais, por isso mesmo, tiveram que responder pela afirmativa. Sairam os três a afrontar os riscos, que não eram poucos. Na linha de frente, os soldados olhavam admirados para os dois generais, já idosos, e para o seu coronel, a afundar os pés na lama, rasgando no arame farpado os seus bem talhados uniformes. «Mas o perigo realmente é grande», comentou um dos generais. O outro concordou em silêncio, abanando gravemente a cabeça prateada.

«De fato, é uma guerra muito perigosa», anuiu, por seu turno, Churchill.

Sua atividade intelectual não se interrompeu na frente. Lia o seu Shakespeare num pequenino volume de bolso, e comentava, entre as saraivadas de balas, os incidentes mais íntimos da Câmara dos Comuns. Sofria, não haja dúvida, a nostalgia do Parlamento; tinha, porem, todo o cuidado em ocultá-la.

À medida que os dias passavam, se tornava mais dificil preencher os claros abertos nos regimentos escoceses. A guerra ia devorando, diariamente, quantidade imensa de vidas. O batalhão de Churchill foi, em consequência, agregado a outro do mesmo regimento, e a cujo coronel, mais antigo, veio a tocar o comando.

Aliás, por esse tempo, já o caminho do regresso à pátria se abria a Winston Churchill. A voz da Inglaterra o concitava ao retorno à atividade em Londres. Não lhe coube senão render-se a uma chuva de apelos para que fosse retomar seu posto na Câmara dos Comuns. Antes de partir, ofereceu aos seus oficiais um jantar de despedidas. Iam ouvir certamente um excelente discurso, imaginaram os convivas. Churchill, porem, se cingiu a esta única frase: «Felicito-me pela oportunidade que tive, de verificar que o jovem escocês é o mais formidavel dos animais combatentes.»

Mas, se foi parco em palavras, não o foi, posteriormente, em atos. Terminada a guerra, empenhou-se pessoalmente por que não faltasse emprego a cada um dos oficiais e soldados que serviram sob seu comando. Envolvido sempre em lutas, encontraria, aquí e alí, inimigos; não, porem, no seu caro batalhão.

As velhas mãos em que os destinos do Império vinham repousando, estavam agora a tremer de modo assustador. Churchill entrou a bater-se por que se desse, sem demora, à guerra, direção mais enérgica, se bem que, ao mesmo tempo, mais prudente. Opôs-se incisivamente a que se prosseguisse na política de dissipação de efetivos, e igualmente de mão-de-obra, a pretexto de romper a frente ocidental.

No seu primeiro discurso na Câmara dos Comuns, após o regresso à atividade política, propugnou, pela primeira vez, a criação do Ministério do Ar. Se a Inglaterra não cuidasse do domínio do ar, como fizera em relação ao mar, poderia algum dia arrepender-se da sua inadvertência. Muitos dos seus colegas concluiram, de si para consigo, que as idéias do bravo companheiro andavam outra vez nas nuvens. Um, todavia, entre eles, aquele precisamente que seria dentro em breve Primeiro Ministro, o escutou com o maior interesse:

Lloyd George. As doutrinas de Churchill,—«defesa ativa», não mais consumir vidas unicamente para «matar alemães», mas exterminar de preferência o perigo submarino, e esperar pelo auxílio americano,—impressionaram-no profundamente. A 16 de julho de 1917, Lloyd George oferecia-lhe a pasta das Munições. Após vinte meses de amargo exílio, a nova se espalhou por toda a Câmara: «Voltou Winnie.»

A sua passagem pelo Ministério das Munições terá marcado talvez a quadra mais feliz de sua vida. Estava ele no meio da batalha, no seu elemento natural, e tinha, por outro lado, a intuição, ou antes, a certeza, de que esta batalha terminaria em vitória. A intervenção dos Estados Unidos eletrizou-o, e a sua eletricidade transmitia-se a quem dele se aproximava. Churchill tinha grande orgulho em ser filho de mãe americana; e as suas afinidades com o espírito americano seriam de valor inestimavel no convívio com o novo aliado.

A capacidade de Churchill para imprimir a maior eficiência à máquina de guerra encontrava agora onde expandir-se. Não mais tinha ele que desperdiçar suas preciosas qualidades, empregando-as em vencer oposições mesquinhas. Se ontem dificilmente obtivera uma verba de 70 mil libras para os seus primeiros tanques, hoje ordenava a construção de milhares destes monstros, que haviam tão bem resistido ao batismo de fogo. Toda a ilha transformou-se num vasto arsenal a serviço do Ministério das Munições. As requisições das forças combatentes não cessavam de crescer. Alem de imperativas, como eram, pareciam insaciaveis. Quatro fatores, contudo, limitavam a produção; eram eles os seguintes, e nesta mesma ordem: navios, aço, trabalho especializado, dinheiro.

Muito homem teria vergado ao peso de tanta carga. Para Churchill, entretanto, cada nova dificuldade inspirava novo estímulo. Que queria dizer aquilo? Então lhe caberia abastecer tambem os Aliados? Não fosse essa a dúvida. Os Italianos teriam ficado após Caporeto muito escassos de munições? Que se não tivesse receio. Churchill se incumbiria de provê-los do que fosse necessário.

Maior tarefa, em seguida, lhe viria cair sobre os ombros: o governo dos Estados Unidos pediu-lhe que equipasse o exército, cada vez mais numeroso, que ia mantendo na França. Churchill aceitou um contrato, no valor de 500 milhões de dólares, para atender a todas as requisições de artilharia média do referido exército, sem lucro ou perda para as duas partes. Foi um ajuste entre amigos, que funcionou perfeitamente. Nunca se mostrara mais completa a cordialidade anglo-americana.

No curso daqueles dias, costumava Churchill dormir no seu próprio gabinete. Normalmente, pela manhã, estava à sua mesa de trabalho em Whitehall; ao meio-dia tomava um avião, e duas horas depois estacionava no quartel general inglês, nas imediações de Verchocq. Voava regularmente sobre as linhas, de ordinário em aparelhos já muito velhos e usados, visto que os novos modelos eram de preferência reservados às operações militares.

Uma greve dos operários de munições foi o último obstáculo a ser transposto. O instinto, sempre vivo, de Churchill, sentiu que aquilo não era simples movimento por questão de salários, mas sintoma de exhaustão nervosa. O que estava em perigo, no caso, era a firmeza

na resistência. Dir-se-ia que a Inglaterra estava a perder o fôlego. Como, porem, permitir que ela caisse em colapso, quando o fim da corrida vinha perto? Recebendo uma delegação dos trabalhadores grevistas, lançou-lhes um ultimatum: «Ou voltam para o trabalho, ou vão combater no *front*.» Até alí os operários de munições tinham estado isentos de tal dever. Sob a pressão da ameaça, preferiram transigir. Voltaram ao trabalho.

O ultimatum de Churchill levantou, como era de prever, apaixonados clamores nos meios trabalhistas. «Traidor aos operários!» assim o chamava a Esquerda. Mas algumas semanas depois estavam a repicar todos os sinos. Winston Churchill, com a esposa ao lado, passou pelo Whitehall, de carro aberto, entre os aplausos das massas populares que o tinham execrado. Esperava-os, em Downing Street, Lloyd George. Sem articular palavra, limitaram-se os dois homens a um aperto de mão. E foi assim que celebraram a vitória.

Poucos homens suportaram, durante a primeira guerra mundial, tensão tão alta como a que pôs à prova Winston Churchill: a febril preparação do Almirantado, que tomou quase o carater de uma conspiração; a defesa de Antuérpia; a esperança de Galípoli e a trágica decepção que se seguiu; o desespero, a queda do ministro; a breve, rude alegria da guerra de trincheiras; a volta ao poder, com todas as lutas que o acompanhavam; a devoção demoníaca ao tanque e à arma aérea; as amargas, inúmeras disputas com a fraqueza de líderes exhaustos; depois, o regozijo pela contribuição americana, o ritmo de serviço de 24 horas por dia no Ministério das Munições, a dureza dos contratempos que levaram até perto da catástrofe, o júbilo produzido por êxitos momentâneos, e, já nos últimos dias, a luta com os operários.

Foi realmente um sobrehumano esforço, mas, uma vez passado, Churchill, que nunca poderia admitir a hipótese de outra guerra, foi dos que se mostraram mais solícitos em estender sinceramente a mão à Alemanha vencida. Assim, propôs desde logo que se levantasse o bloqueio, antes mesmo de a paz assinada, e que se despachassem para Hamburgo navios carregados de gêneros alimentícios. Resumiria mais tarde, nestes termos, sua filosofia de combate: «Na guerra, Resolução; na derrota, Altivez; na vitória, Magnanimidade.»

Depois da guerra, Churchill continuou no Gabinete durante três anos, respondendo a princípio, ao mesmo tempo, pelo Departamento da Guerra e pelo Ministério do Ar, e dedicando-se, em ambos, à formidavel tarefa da desmobilização e da criação, para o Império, de novo sistema de distribuição do exército. Em seguida, na Primavera de 1921, foi transferido para o departamento das Colônias, onde promoveu grandes reformas no Iraque e na Palestina, e conseguiu resolver uma disputa quase secular, com a negociação e assinatura do tratado irlandês, pelo qual se deu a independência à Irlanda, tocando, porem, o Ulster à Inglaterra.

A sessão parlamentar de 1921 foi chamada a «sessão Churchill», tanto a sua oratória a dominou, e os seus atos e atitudes empolgaram a atenção do país. A democracia, entretanto, se ia mostrando cada vez mais inconstante, senão

insatisfeita, e o herói nacional caía dentro em pouco, mercê dessas razões impenetraveis que levam não raro o povo a devorar seus próprios favoritos.

A nação evidentemente não era mais a mesma. Havia mudado muito. A terrivel fadiga da guerra, a perda de sangue, o esgotamento dos nervos, tudo produzira, em resultado, uma exhaustão completa da Inglaterra. Os homens que já agora vinham subindo ao poder, exprimiam à maravilha a fraqueza da geração que foi, no rigor dos termos, uma geração sacrificada—aquela que corresponde exatamente ao período intermédio entre as duas guerras mundiais. Os partidos ganhavam votos com a tática de manter ou cultivar nas massas populares os seus sonhos pacifistas, e o horror que nelas reavivavam as recordações da última guerra. A Inglaterra deixava-se anular. O povo só era incitado a não tomar decisões. Bem-estar e conforto, antes de tudo! Opinião pública e governos se encontravam no mesmo nivel—o mais baixo de que há notícia na história da Grã Bretanha, tão rica de nobreza e desassombro. No meio da aprovação geral, os srs. MacDonald, Baldwin e Neville Chamberlain conduziram os destinos da Inglaterra pelo plano inclinado que levava aos mais trágicos desfechos.

Em tal cena, é bem de ver, não havia lugar para Churchill. Eis porque ele se tornou com tanta rapidez um peso morto, uma expressão de coisas gloriosas, mas que o povo queria esquecer o mais depressa possivel, e assim portanto um elemento incômodo, homem da era dos heróis, quando se vinha entrando francamente na era do *jazz-band*.

Com efeito, por princípios de 1922, viu-se Winston Churchill fora do Parlamento: era a primeira vez, desde 1900, que não era reeleito. As novas férias forçadas, utilizou-as escrevendo história. Andando no seu quarto a passos rápidos, ditou, com tal fluência que nenhum secretário o acompanhava com a regularidade devida, sua obra-prima, *A Crise Mundial*, relato da grande guerra e respectivas origens. A história se ligava, em boa parte, ao seu próprio passado político. Toda ela, contou-a Churchill com grande esplendor de linguagem, agudeza de espírito, cuidado, escrúpulo de pormenores. Quando o livro apareceu, Sir Arthur Conan Doyle emitiu este conceito: «O estilo de Winston Churchill é realmente o mais belo da prosa contemporânea.» J. L. Garvin, nem sempre amigo de Churchill, disse no seu *Observer*: «No rol dos estadistas ingleses, nenhum terá, com mais segurança, um lugar definitivo na nossa literatura. Churchill é um organista nato da linguagem.» Alguns anos depois, escreveu a biografia do seu antepassado, o primeiro Duque de Malborough, e o livro foi recebido como nova obra-prima.

A Crise Mundial rendeu-lhe 100 mil libras. Podia ele agora, finalmente, realizar o seu sonho: comprou uma casa no campo, Chartwell Manor, e recolheu-se—ele assim o esperava—ao retiro. Na Primavera de 1923, mudava-se com a família para a bela e velha morada, a cinco quilômetros de Westerham, no Kent. Aí converteu-se Winston Churchill no tipo cujo retrato se tornou familiar à Inglaterra e a todo o mundo, —por pouco, em suma, a figura do próprio John Bull.

Ajudou em pessoa a reconstruir a casa. Quem o visse a colocar tijolos para levantar paredes, não o distinguiria de um operário, inclusive na in-

dumentária; e, quando a união dos pedreiros de construção protestou contra o fato de estar alí trabalhando alguem que não pertencia à referida união, Churchill sorriu, e tratou de alistar-se entre os seus membros. A casa de estilo elizabetano, cor avermelhada, revestiu-se de novas galas. Churchill não só trabalhava, mas tambem concitava os seus hóspedes a ajudá-lo no serviço, embora com risco de algum estrago na roupa. Não importa, dizia ele; isso faz bem à alma.

A vida privada de Churchill era inteiramente feliz. Não havia lugar, nela, para crises pessoais. Tinha ele vencido os índices físicos desfavoraveis da infância, fazendo constantemente o que lhe haviam proibido os médicos—esgrima, equitação, polo, aviação. Agora, em realidade, seria forçado a abandonar o polo, seu esporte predileto, pois entrara a interessar-se insistentemente pela boa cozinha, e os poldros, em consequência, já se sentiam mal em tê-lo às costas...

Assim lhe corriam as coisas, quando, em 1924, Stanley Baldwin, ansioso por fortalecer seu gabinete, lhe ofereceu uma eleição segura pelo distrito de Epping, o mesmo que ele ainda representa. Deu-se então a sua volta à Câmara dos Comuns na linha de frente dos Conservadores, e Baldwin fê-lo em seguida Chanceler do Tesouro.

A missão, naqueles domínios, consiste, como se sabe, em preparar o orçamento, numa atmosfera tranquila de despretensão e anonimato. Como poderia Winston Churchill, tão afeito à publicidade, e por natureza tão brilhante, adaptar-se a tal clima? Com surpresa para todos, adaptou-se muito bem. Dentro de algumas semanas, a linguagem do Tesouro, que lhe fora até então de todo desconhecida, não lhe apresentava mais segredos. O homem que sempre evitara fazer a mais simples soma, e a quem as próprias contas e balanços das suas finanças individuais deram dor de cabeça a vida inteira, ia entregar-se à elaboração, em boa ordem, e pelas regras devidas, de um orçamento de Estado.

Aprovado este, e seguindo-se uma quadra de calma parlamentar, o velho batalhador atravessou, por seu turno, um período de paz. Durante cinco anos, sua gestão no Tesouro não sofreu, por assim dizer, nenhuma oposição, chegando a parecer que se tornara titular vitalício daquele departamento.

Mas, nas eleições gerais de 1929, MacDonald venceu nas urnas; e a Churchill, como aos demais conservadores que havia no gabinete, não coube senão afastar-se, para abrir caminho aos trabalhistas. Depois de vinte anos em gabinetes liberais, conservadores, e de coalisão, desempenhando funções de governo como ninguem jamais desempenhara, tantas e tão variadas, era já então um veterano entre os estadistas ingleses. Não se retirou da política, mas passou à segunda linha, não mais na evidência pública.

Em 1921 foi aos Estados Unidos, com um programa de conferências. Quando chegou ao porto de Nova York, logo alí foi-se referindo, com o maior entusiasmo, em resposta aos jornalistas que em massa o rodearam, à política de cooperação anglo-americana. «A cooperação dos dois grandes paises de língua inglesa é a única esperança, que resta ao mundo, de voltar a uma era de paz e prosperidade. De uma coisa podemos estar certos: seja qual for o caminho que tenhamos de percorrer, viajaremos com mais segurança se o fizermos unidos e em harmonia, como bons companheiros.»

Sua primeira conferência, sobre o tema «O destino da gente de língua inglesa», foi marcada para 14 de dezembro, em Brooklyn. Na véspera, ao passar pela Quinta Avenida, foi atropelado por um taxi. «A culpa foi minha!» apressou-se em dizer: e depois, já no hospital, ao receber o chofer, que lamentava profundamente o ocorrido, apertou-lhe a mão, e ofereceu-lhe um exemplar assinado do seu último livro, como prova de que não guardara qualquer ressentimento.

Decorridas umas duas semanas, pôde ele dar início à serie de conferências, que tamanho êxito alcançaram. Tambem foi aquele, talvez, o último prazer, sem restrições, que as circunstâncias lhe propiciaram.

Se é lícito fixar uma data como sendo de fato aquela em que a enfermidade da Inglaterra entrou em estado agudo, os futuros historiadores designarão provavelmente a de 25 de agosto de 1931, que foi quando se formou o primeiro Governo Nacional, e MacDonald e Baldwin, juntos, subiram ao poder. A doença que até então havia atingido o país na faculdade da visão, afetava-lhe agora tambem o coração e o cérebro. E o rumo que iam tomando os acontecimentos na Europa tornava o caso mais trágico.

A 10 de abril de 1932, o marechal von Hindenburg era reeleito presidente do Reich, tendo por competidor o ex-combatente Adolf Hitler. A Inglaterra celebrou o fato como um seu próprio triunfo. O povo alemão havia dado o seu maior apoio ao velho marechal, e assim, rehabilitado, voltava à normalidade. O senso britânico de cavalheirismo não podia mais recusar-lhe paridade de armamentos, em relação à França. Passou a fazer-se sentir severa pressão, do gabinete de Londres sobre o governo francês, no sentido do desarmamento.

A essa altura Churchill se torna de novo um pomo de discórdia. Ressurgindo com a bravura e a galhardia de sempre, faz, na Casa dos Comuns, esta simples pergunta aos que queriam ver a Alemanha equiparada à França, em matéria de armamentos: «Os senhores desejam a guerra?»

O discurso teve apenas um efeito: Churchill foi apontado como homem irremediavelmente à moda antiga. Não compreendia coisa alguma do espírito dos tempos... Ele, porem, já se vê, não deu ouvidos às críticas; lançou-se numa campanha para advertir a Inglaterra de que era engano supor que o espírito de agressão se houvesse extinguido ou atenuado alem-Reno, com a guerra. O que se andava a dizer, quanto a esgotamento da Alemanha, determinado pelos vencedores, não passava de balela. A verdade é que a Alemanha recebera, em empréstimos, o dobro do que pagara a título de reparações; e, desde que a Alemanha, certamente, não pensava em pagar tais empréstimos, as consequências econômicas do tratado de Versalhes eram simplesmente, para o Reich, objeto de barganha. Não se limitava a alegar; citava algarismos precisos. A Alemanha tinha pago, desde a assinatura da paz, uma indenização de cerca de um bilhão de libras, mas tomara, ao mesmo passo, por empréstimo, cerca de dois bilhões. Que teria feito do excesso? Presumivelmente, rearmava-se.

O espetro do rearmamento alemão

nunca mais lhe saiu das cogitações. Perseguia-o até nos sonhos. Dava-lhe asas à oratória. Convencido de que os alemães não se preocupavam seriamente com igualdade ou justiça, mas tinham em vista, na realidade, a dominação do mundo, concluiu que era seu dever gritar com toda a força dos pulmões: «Desperta, Inglaterra!»

«A hora da fraqueza da Inglaterra é a hora do perigo para o mundo!» exclamou num dos seus discursos na Câmara dos Comuns. Mas a Inglaterra continuou a dormir.

Enquanto isto, os acontecimentos na Alemanha tomavam novo carater. Hitler era nomeado chanceler. Cem mil camisas pardas desfilavam na Wilhelmsplatz. Numa só semana de vida do Terceiro Reich, 500 mil pessoas encheram campos de concentração, que surgiram da noite para o dia. Incêndio no Reichstag. Conscrição geral. O parlamento inglês, ao mesmo tempo, decidia que as dotações para a Real Força Aérea tinham, infelizmente, que ser reduzidas. De fato, as que foram votadas para 1933 eram inferiores, de 342 mil libras, às do exercício anterior.

O sr. Baldwin, então Lorde Presidente, sentia que havia algo a fazer. Afirmou, em discurso, que se nova guerra explodisse, assistiríamos ao bombardeio aéreo de cidades abertas. Falava, porem, num tom algo distante, de quem não quer propriamente envolver-se na questão. Era seu ministro do Ar o Marquês de Londonderry, que em breve ganharia a estranha fama de pronazí n.° 1 da Inglaterra.

A sugestão de Londonderry era que as forças aéreas existentes fossem reduzidas ao nivel da inglesa, que ocupava no momento o quinto lugar no mundo, com uma subsequente redução, em todos os paises, de nunca menos de um terço. A isso replicou Churchill, sem dar à voz maior ênfase, porem antes num tom de intimidade: «Não vamos tratar de mistificações. Tratemos de aeroplanos.»

O Primeiro Ministro Ramsay MacDonald, pondo em prática a sua política de delírio pacifista, propôs, na Conferência de Desarmamento de Lausane, que a França reduzisse o seu exército ativo, de 700 mil a 400 mil homens. Elaborou ainda um vasto plano, conducente à redução de todos os armamentos, o que redundava em melhorar, sob o ponto de vista militar, a posição da Alemanha, como se Hitler não se incumbisse, ele mesmo, dessa parte do programa. Churchill descreveu a Conferência, dominada por MacDonald, como «uma solene e prolongada farsa.»

Ainda quando emissários secretos da Alemanha induziram o Japão a retirar-se da Liga das Nações, e se tornaram visiveis as linhas do grande plano que promovia a divisão do mundo em «espaços vitais», não se deu por achada a Inglaterra. Nem maior atenção se prestou à voz que se não cansava de bradar, e mais uma vez se servia dos golpes de audácia de Hitler, para tornar à carga. «Não subscrevo a doutrina de que nos devamos abster!» declarou, com profunda emoção, Winston Churchill.

Ele nunca fora de fato homem que se resignasse, em tais momentos, a ficar de braços cruzados. Inclinava-se, ao contrário, a pegar os adversários pelo pescoço, onde quer que os encontrasse. Mas onde se achava agora o adversário? Churchill combatia contra sombras. Ninguem pode agarrar pelo pescoço a letargia ou a cegueira...

Quando falava na Câmara dos Comuns, era usualmente para uma casa semi-vazia. Uma dúzia, talvez não mais, de velhos amigos, lhe permaneciam fiéis. Escutavam-no. Mas a Inglaterra não queria ouví-lo. Não se tratava aliás de demonstração de pouco caso, ou mera inadvertência; era uma recusa conciente. A Inglaterra queria, a todo o transe, afastar do seu espírito qualquer idéia de guerra, e estender, de todo modo, as mãos aos alemães. Não é que os ingleses fossem a tal conduzidos pelas manobras do apaziguamento. Não; os ingleses, por si mesmos, não sonhavam com outra coisa, nem a outra coisa aspiravam. O que acima de tudo exigiam, era que os deixassem em paz.

Winston Churchill viu o cortejo de vítimas a desfilar caminho da matança. Cumpria-lhe advertir, na ânsia de poupá-las à catástrofe; cumpria-lhe despertar aquela geração de sonhadores que levavam a Inglaterra à ruina. Dispôs-se a falar tão alto que até os surdos ouvissem.

«Cassandra!» retrucaram-lhe. «Arauto da guerra!» Ou, no muito, «Pobre Winnie!» assim num tom de indulgência. Nunca Churchill se vira tão só, nem tão mal compreendido.

«Há algumas coisas que eu me atreverei a mencionar, com relação à Inglaterra,» disse ele, por esse tempo, à Real Sociedade de S. Jorge. «Os historiadores têm notado, através dos séculos, uma peculiaridade no povo inglês, que lhe tem custado caro. Depois da vitória, malbaratamos sempre, em grande parte, as vantagens alcançadas na luta. E não é de fora, mas de dentro, que nos vêm as dificuldades, precisamente as maiores. Resultam elas do injustificado pendor a nos diminuirmos a nós mesmos, da adoção de doutrinas pacifistas por grande porção dos nossos políticos e poderosa corrente dos nossos intelectuais.

Nada pode salvar a Inglaterra se ela não se salvar a si própria. Se acabamos por perder a nossa fé em nós mesmos, na nossa capacidade de direção e governo; se, em suma, renunciamos à vontade de viver, então estejamos certos de que o ciclo de nossa história estará encerrado. A Inglaterra baixaria a potência de quinta classe, e nada mais restaria de todas as suas glórias, salvo a população muito superior à capacidade desta ilha.

«Devemos, como nação e como império, enfrentar qualquer tempestade, tão bem, pelo menos, como se anime a fazê-lo qualquer outro sistema de governo que funcione entre os homens. Pode bem acontecer que os mais gloriosos capítulos da nossa história estejam ainda por escrever. Com efeito, os problemas e perigos, tantos e tão variados, que temos diante de nós, são de ordem a permitir que os homens e mulheres desta geração se venham a dar por felizes de se acharem presentes a tal hora. Devemos receber com regozijo as responsabilidades, assim grandes, com que nos honra o destino, e sentir-nos orgulhosos de responder pela guarda e defesa do nosso país, numa fase em que a sua vida está de fato em perigo.»

Este discurso foi pronunciado a 24 de abril de 1933, com seis anos de antecedência sobre a segunda guerra mundial, e sete sobre a batalha da Inglaterra, quando Winston Churchill já contava 59 anos, e tinha encontrado a sua missão na vida.

Talvez ele e Goering fossem os dois únicos homens que, já em 1933, estavam certos de que os destinos do mundo, para gerações e gerações, seriam

decididos no ar, e dentro de poucos anos. Não é que Hitler não participasse da confiança na aviação militar. Tudo eram armas no seu arsenal; o bombardeiro seria, pois, uma delas. Para Goering, nada existia, senão castelos, uniformes e bombardeiros. Churchill considerava: dia e noite choverão bombas sobre a Inglaterra!

Certo, não lhe escapava que a Inglaterra era mais vulneravel do que nunca. Deixara de ser a ilha de vinte e cinco anos antes. Reconhecendo a impropriedade de suas defesas aéreas, propôs em tempo se lhe duplicassem as forças de aviação.

Sir Herbert Samuel, o lider dos liberais, não concordou. Alegava não ser cabivel descrer tão completamente das declarações peremptórias do chefe de uma nação das proporções da Alemanha. E respondeu nestes termos às sugestões de Churchill: «Isso é antes a linguagem de um malaio, em frenesí belicoso, que a de um estadista inglês responsavel. É a linguagem do pânico, injustificado e cego.»

Lorde Londonderry, por sua vez, procurou desfazer as apreensões «que Mr. Churchill andava incitando no tocante à força aérea.» A 27 de junho de 1934, num discurso evasivo e inconsistente, convenceu, não obstante, a Câmara dos Lordes, de que o governo tomava, muito a tempo, as providências devidas, para o fim de garantir a paridade aérea.

Churchill não se sentia envergonhado do estado de ansiedade que lhe verberavam os seus críticos. Algumas semanas depois, levava ao conhecimento da Câmara dos Comuns informações a respeito de armamentos aéreos secretos, que havia conseguido reunir com infinito esforço e diligência. Todo mundo o julgava, àquela época, o centro da resistência contra o nazismo, de modo que afluiam para ele correntes de informação de todo gênero, o que o habilitava a falar com o conhecimento dos fatos, bem mais que o próprio governo de Sua Majestade.

Insistia ele em afirmar que a Alemanha aumentava de tal forma a sua força aérea que, a certa altura do ano de 1936, devia estar mais forte que a Inglaterra; e, uma vez que tomasse a dianteira, nunca mais poderia a Inglaterra tirá-la da vanguarda.

Não havia um minuto a perder no sentido de levar a preparação a tal máximo, que ninguem se animasse a um ataque, por sabê-lo, de antemão, excessivamente custoso. Em palavras clarividentes, mostrou à Câmara o que viria a ser um ataque aéreo, se a Inglaterra não se encontrasse convenientemente defendida. Foi uma perfeita descrição do que depois viemos conhecer sob o nome de *Luft-Blitzkrieg*. «Mas o peor», concluiu, «é que a guerra aérea é a única forma de guerra em que a preponderância, quando completa, não dá oportunidade a reerguimento.»

Na Polônia, na Holanda, na Noruega, na França, os fatos confirmaram cruelmente a predição do estadista, arguido, ao tempo em que a fez, de puro visionário.

O sr. Baldwin, sem ocultar a sua relutância, levantou-se e tentou responder com algumas conjeturas estatísticas. Estimava a força aérea alemã como sendo «de 600 a, no máximo, mil aviões. No Reino Unido», continuou, «estacionavam no momento 560.» De acordo, por conseguinte, com os seus cálculos, a Inglaterra já se achava em inferioridade no ar. Como as coisas se seguiriam, não o sabia o sr. Baldwin.

«Não posso ver para alem dos próximos dois anos. O sr. Churchill», concluiu mal humorado, «fala do que pode acontecer em 1937.» Tratava-se simplesmente de conservar a Inglaterra na sua doce ilusão.

A 19 de março de 1935, Churchill apresentou os algarismos em que se baseava para dizer que a produção alemã forneceria mais 1.500 aviões militares no exercício financeiro de 1935-1936, quando as estimativas inglesas supunham haveria apenas um aumento de 150. E rematou com estas palavras fatídicas: «Não basta mais, para que estejamos seguros, o escudo da nossa esquadra. Da menos vulneravel das nações, tornamo-nos, por força do fator aéreo, com o desenvolvimento que tomou, a mais vulneravel delas.»

Numa voz cansada, a face estranhamente pálida, as mãos trêmulas, Baldwin, a 22 de maio de 1935, tentou explicar a sua posição. Foi uma confissão de culpa. «Onde incidí em erro, foi na minha estimativa quanto ao futuro. Estávamos, a esse respeito, completamente iludidos...»

Quem o havia iludido?

Churchill, na sua resposta, indicou os responsaveis. Recordou a larga corrente de informações, vindas de quase todos os centros europeus, e até da própria Alemanha, sobre o esforço que no Reich se vinha desenvolvendo, em matéria de aviação. Reafirmou sua confiança no *Intelligence Service* inglês. Quem então era o culpado da negligência britânica?

Todos eram igualmente responsaveis: um governo mal informado, ou antes, informado erradamente, uma burocracia ineficaz, um público instruido em desacordo com os fatos, um parlamento inativo, uma ilusória política externa.

Nunca a luta terá sido, para um homem, mais desigual. Nunca um indivíduo isolado, a concitar todo um povo a recuperar os sentidos, se haverá encontrado a braços com peor conspiração de estupidez e cegueira. Nunca—até à reprodução, na presente guerra, do fenómeno nos Estados Unidos—um grande país se deixou tanto embalar pela falsa impressão de que se achava seguro.

Churchill perdeu então a calma e a fleuma. Quando fazia um discurso, caminhava, na tribuna, de um lado para outro, num passo de inquietude insopitavel, como um tigre na jaula. Só ele ouvia o ruido da máquina infernal; e, desde o verão de 1936, se fixou na certeza de que ninguem mais a deteria.

A 4 DE OUTUBRO DE 1935, Mussolini deu início à campanha da Abissínia. Churchill exprimiu incontinenti a convicção de que nunca o Duce teria embarcado em semelhante empresa, se não houvesse considerado a fraqueza militar e naval da Inglaterra. Sem embargo, quando o país foi convocado para novas eleições, em novembro, o programa de rearmamento extensivo, por que Churchill insistia, foi atacado com veemência. «Não haverá grandes armamentos neste país!» prometeu aos eleitores o louvado mister Baldwin; e ganhou prontamente a maioria para o seu Partido Conservador.

A 7 de março, reocupando a Renânia, denunciava Hitler os tratados de Versalhes e Locarno, afirmando, porem, que a ocupação era puramente simbólica, e a Renânia nunca seria fortificada, e oferecendo, em penhor da sua sinceridade, um pacto de não-agressão por 25 anos, que seria firmado entre a Alemanha, a

França e a Bélgica, servindo como garantes a Inglaterra e a Itália. Dispôs-se tambem a firmar um Pacto Aéreo Ocidental, e prometeu a volta da Alemanha à Liga das Nações,—tudo isso ao som dos ecos que vinham dos arsenais, estaleiros e fábricas de armamento, disseminados no Reich.

Estes armamentos alemães, que tinham devorado mais de 800 milhões de libras esterlinas em 1935, tornaram-se, para Churchill, verdadeira idéia fixa. Despesas tão anormais teriam certamente algum desfecho. Churchill era positivo: o nazismo, por tal caminho, teria, em breve, a escolher entre uma catástrofe interna ou uma catástrofe externa. Poderia haver alguma dúvida sobre qual das duas Hitler escolheria? Haveria, por outro lado, alguem que acreditasse que Hitler reteria o seu golpe até que a Grã Bretanha se encontrasse em condições de enfrentá-lo? Estaria a Inglaterra condenada a achar-se sempre em atrazo?

O governo inglês não deu o menor passo, sequer para definir responsabilidades no caso da Renânia, onde houve, como é notório, a primeira vitória de Hitler. Ao contrário, quando cerca de uma semana depois, von Ribbentrop foi a Londres, honras não lhe faltaram, as mais extraordinárias. Nenhum entre os que o saudaram poderia suspeitar que alí estava um dos que em breve «desencadeariam uma guerra para exterminar o gentleman inglês», como o seu correligionário Alfred Rosenberg, o filósofo nazista, explicaria mais tarde.

«Há um imenso volume de propaganda nazista neste país», foram as palavras de despedida de Churchill, ao ver partir Ribbentrop. Tinha ele descoberto a mais recente das armas do arsenal secreto: a quinta coluna.

Subconcientemente, ou semi-concientemente, como quer que seja, a Inglaterra ouviu tambem o canto da sereia. A «intelligentsia» inglesa, particularmente, se deixou possuir de misteriosa admiração pelos alemães. Surgiu o ponto de vista de que os processos do Terceiro Reich não podiam convir à Alemanha, e assim o regime não perduraria. A falta não era do povo, mas de Hitler. Que a grande massa da nação alemã estivesse de alma e coração com o Fuehrer—eis o que o espírito inglês não podia compreender, e daí, até certo ponto, a lentidão da Inglaterra em preparar-se para as circunstâncias.

É verdade que, em princípios de 1936, se lançou um programa de armamentos de grandes proporções. Mas a confusão geral foi um entrave à sua execução, maior ainda do que a geral sonolência. Cada departamento tinha seu modo de ver; e uns colidiam com outros. Churchill sugeria, com insistência, que as três armas de defesa fossem unidas ou coordenadas sob um comando comum, o que só veio a fazer-se quando, após o desastre da Noruega, lhe tocou a chefia do governo.

Ele continuava a fustigar a Câmara dos Comuns com perguntas embaraçosas. Que lhe respondessem, por exemplo, sobre a questão do bombardeio aéreo *versus* couraçado. Não poderia ocorrer a invasão da Inglaterra pelo ar? Que estaria fazendo o governo, para que não faltassem aos 45 milhões de ingleses os seus abastecimentos, provenientes de alem-mar? E as máscaras contra gás? E a defesa da população civil contra ataque, aéreo ou químico?

Insistia por outro lado em que, salvaguardando a mão-de-obra, se pusesse termo ao lucro ilícito dos especuladores. «Não contareis com a cooperação das classes trabalhadoras, se elas tiverem a impressão de que há uma quantidade de mãos ávidas, a recolher vantagens e propinas.»

Já aí não falou de todo em vão. O proletariado pôs-se atento. Churchill, para ele, até então, era um perseguidor do comunismo, a ser olhado com desconfiança, e cuja ação e atitude, em oposição a Moscou, e no episódio da greve dos operários de munições, na primeira guerra mundial, não o recomendava às simpatias dos círculos trabalhistas. Agora, porem, entrava a conquistar, no seio da gente humilde, os seus primeiros adeptos; o «velho Winnie» voltava a ser um amigo.

Churchill bem precisava aliás que o ambiente que o cercava se fosse modificando. Não se sentia à voltade no papel de Cassandra que o destino lhe havia imposto. No fundo, era homem sociavel, de coração aberto. Não era justo lhe quisessem mal, só porque, vendo a Inglaterra, ou antes, a humanidade, a caminhar para o abismo, se julgava no dever de dar um grito de alarme.

Houve entretanto um ponto em que a voz, em geral destoante, do dissidente perpétuo, afinou com a do governo: foi quando aceitou a política de não intervenção adotada em face à guerra civil espanhola.

A 28 DE MAIO DE 1937, Baldwin renunciava. Já todo o mundo sabia que Neville Chamberlain, cuja ação dirigente, desde meses, se fazia sentir dos bastidores, seria o seu sucessor à frente do governo. Assim, a mudança foi apenas externa. Em vez do cachimbo de Baldwin, passou a ser o guarda-chuva um símbolo nacional. Chamberlain se desvanecia das pilhérias que toda gente fazia a respeito do seu guarda-chuva. Tratava-se de um objeto de uso antigo, e ele gostava de considerar-se um bondoso e onipotente *pater familias*, um gentleman inglês, sem mescla, à velha moda.

Com despretensiosa naturalidade, apareceu em cena, e, com admiravel energia, entrou a atuar. Só ele governava. Cercou-se de homens que tinham «a paixão do anonimato». Nenhum dos seus colaboradores poderia aparecer ou ser citado em público.

Churchill, é claro, teria que ser banido da atmosfera governamental. Antítese, como é, a mais completa, dos homens do tipo de Chamberlain, o espaço, o ar, a ação, a discussão, se lhe tornam indispensaveis; não pode prescindir de um auditório.

Mas, enquanto Chamberlain afastava Churchill de todos os conselhos de governo, e até não se dignava responder-lhe às críticas, a que a imprensa de Londres, em geral, não consagrava mais que algumas linhas, o mundo, lá fora, o ouvia. Correspondentes de jornais norte-americanos transmitiam por telegrama, para os Estados Unidos, os seus discursos na íntegra; e, sempre que ele falava, a imprensa nazista rugia, cobrindo-o de impropérios, até porque já lhe cabia o título, com que o honrava em Berlim o Ministério da Propaganda, de inimigo nº 1 do nazismo.

A 11 de março de 1938, a Alemanha invadiu a Áustria, e a Europa se viu diante de um programa de agressão, que entrava a desenvolver-se de modo claro e preciso. Poderia ainda a Inglaterra conjurar o desastre? Um após outro, tinha ela perdido todos os páreos na competição de armamentos. Rumores desagradaveis circulavam sobre diver-

gências de opinião entre membros do governo, os de mais importância no caso, relativamente à arma aérea. É bem verdade que Chamberlain procurou dominar com mão de ferro as ditas divergências, não tolerando que viessem a público. Pela primeira vez os jornais foram convidados a guardar a devida prudência nos seus registos da situação. Mas a rapaziada da RAF não estaria por censuras. Nada se estava fazendo, murmurava-se nas suas rodas. A RAF não recebia nem aviões, nem armas; os fabricantes de aviões se queixavam de que as encomendas eram dadas em proporções diminutas, com a agravante de que os projetos se alteravam a cada passo. Algumas firmas estavam trabalhando unicamente a dois terços de sua capacidade, e operários especializados eram frequentemente dispensados.

Churchill propôs se fizessem grandes encomendas nos Estados Unidos e no Canadá. Já o havia sugerido dois anos antes, mas Baldwin, àquela época, preferiu evitar que a indústria inglesa tivesse concorrentes. Batia-se agora Churchill, mais uma vez, pela idéia.

A América estava longe. Porem, no conceito do inglês médio, a Europa Central era ainda mais remota. Churchill expôs-se de novo a tremenda impopularidade, tentando mostrar aos seus compatriotas quanto havia encolhido o mapa. Advertiu contra a hipótese de a Alemanha vir a tornar-se senhora indisputada do continente europeu. Por enquanto, dizia ele naqueles últimos dias antes da queda da Tchecoslováquia, não teria em vista o Reich senão uma curta guerra. Mas, uma vez tragadas as potências continentais, o regime nazista poderia alimentar-se ou manter-se de modo indefinido, ainda na guerra mais longa. «Se a Inglaterra não se mostrar à altura do Destino», acrescentou, «os historiadores, até mesmo daquí a mil anos, se sentirão confundidos pelo mistério das nossas coisas!»

O mundo não voltara ainda a si do abalo que lhe causaram os acontecimentos da Áustria, quando uma onda de propaganda nazista, sem precedentes na história, recresceu sobre a Tchecoslováquia. Ao mesmo tempo, um milhão e meio de tropas nazistas se estenderam por toda a linha da fronteira tchecogermânica.

Neville Chamberlain, no seu reduto de Downing Street, torcia as orelhas. Com a existência da Tchecoslováquia, estava de fato em jogo a honra dos Aliados. Acaso o compreendeu o honesto negociante de Birmingham? Sabia ele que uma boa firma não se expõe a perder o crédito? Chamberlain permanecia impenetravel.

Mas uma obsessão o atormentava: toda a área de Londres tinha apenas a protegê-la sete canhões anti-aéreos. Foi sob a pressão de tal angústia que se celebrou solenemente, a 28 de setembro de 1938, o Pacto de Munique. Ao regressar a Londres, o ancião que acabava de selar com a sua assinatura um pacto que importava em sacrificar a segurança do Império Britânico, viu-se festivamente recebido.

Novas negociações foram então anunciadas entre Chamberlain e Hitler. A volta à Alemanha das suas antigas colônias entrou na ordem do dia. O Primeiro Ministro convenceu-se de que, resolvida a seu contento a questão tchecoslovaca, e restituidas as colônias, o apetite dos nazistas ficaria saciado. Seriam concluidos em seguida tratados de amizade. Tinha Hitler ainda outro plano. Pedia que as eleições gerais inglesas sancionassem previamente os novos ajustes de que se tratava. Cumpriria ao governo britânico dar uma prova da sua boa vontade promovendo a exclusão do parlamento de determinadas personalidades—particularmente Winston Churchill. Era uma tentativa diabólica, mas destinada, naturalmente, ao mais completo malogro.

Pelos meados de março, os nazistas entravam em Praga. O mundo, perplexo, ainda esfregava os olhos, e a República Tchecoslovaca se encontrava já anexada—desarmado o seu exército, e apreendidos os seus armamentos, as suas reservas de ouro, as suas provisões de matérias primas e gêneros alimentícios. Sem uma hora de pausa, sua indústria passou a trabalhar, mas agora para a Alemanha; principalmente as fábricas Skoda, as maiores, de munições, que havia no continente.

O próprio Chamberlain rendeu-se, aí, à evidência de que outro rumo se impunha. Deu toda uma volta ao leme, e iniciou febrilmente o que denominou preparativos para caso de emergência. A Polônia e a Rumânia receberam garantias. Negociações diplomáticas foram entaboladas com a Rússia, e os dois estados-maiores, francês e inglês, começaram a entrar em entendimento. Anunciou-se uma trégua na política interna. A oposição foi cordialmente convidada, e com a maior insistência, a tomar parte nas deliberações. Defesa e preparativos—eis o novo programa. Só continuava excluido o homem precisamente que enrouquecera a gritar por preparação e defesa: Winston Churchill.

Mas era pouco e tarde. Não havia mais remédio para os meses que se perderam. A 3 de setembro, pelas onze e quinze da manhã, Chamberlain anunciava, pelo rádio, a declaração da guerra.

Então, através de toda a frota britânica, circulou nos sete mares a mesma antiga notícia: «Winnie voltou!»

Ei-lo outra vez, com efeito, no posto do Almirantado. Nada tinha mudado naquela casa, desde que, havia vinte e cinco anos, ele a deixara, na primeira guerra, sob a pressão, como vimos, do desastre dos Dardanelos. O primeiro Lorde ainda presidia, tal como há dois séculos passados, na velha Sala do Conselho, os jantares e decisões dos Lordes do Mar. Dos escuros painéis de carvalho, pendiam ainda os retratos de Guilherme IV e Lorde Nelson. O tempo alí não correra.

Não tinha Winston Churchill um segundo a perder. Estabeleceu no pavimento térreo os seus aposentos, muito simples, e passou a trabalhar dezoito horas por dia. Ao amanhecer, já se achava cercado de secretários, auxiliares, oficiais. A estação radiotelegráfica do Almirantado se mantinha em constante contacto com todas as unidades da marinha de guerra britânica. Batalhas navais no Atlântico Sul e no Mediterrâneo Oriental foram dirigidas do seu gabinete.

O que tinha diante de si, desafiando-lhe a capacidade, era a mais terrivel das guerras. Os fatos justificavam plenamente a sua campanha anterior ao conflito. A Inglaterra não era mais uma ilha. O avião era mais de temer que o couraçado. A arma submarina alemã se mostrava mais forte do que nunca. A supremacia naval do Império se achava ameaçada, e com ela a vida dos habitantes da ilha, 45 milhões. Para cada avião inglês, tinham os alemães dez, doze, quinze. O Estado-Maior aliado,

dividido por divergências, conduzia a guerra de 1940 com as mesmas idéias e métodos de 1914. Um aliado ia caindo após outro. Pela conquista da Noruega, Hitler estava pronto para o golpe.

Foi à hora assim tenebrosa que Churchill surgiu na brecha. Foi-lhe confiada, no carater de Comandante-Chefe, Grande Lorde Supremo da Guerra, a coordenação das três armas, a de terra, a do mar, e a do ar. Duas semanas depois, a 10 de maio, desencadeava-se a invasão da Holanda.

A terra estremeceu; o chão fugiu aos pés do velho Chamberlain. Movimento irresistivel de opinião pública forçou-o a renunciar. Churchill, com uma simples palavra, podia tirar agora a sua desforra. O país, que despertava depois de um pesadelo de vinte anos, esperava por esta palavra. Churchill não a proferiu. «Se formos discutir o dia de ontem, perderemos o de amanhã», foi tudo o que teve a dizer.

Era agora Primeiro Ministro—culminância que havia muito lhe devera ter cabido. O caminho fora longo, e, no fim, como se vê, não o esperava a paz. Ao contrário, era no fim que ia começar a batalha. «Nada tenho para oferecer-vos, senão sangue, suores, e lágrimas!» Foi com essas palavras que abriu a alma aos seus compatriotas.

O povo respondeu com entusiasmo. Que era feito do inglês sonolento, displicente, de olhos fechados à realidade? A própria guerra, ele a fizera, aqueles primeiros seis meses, sem a levar muito a sério. Mas agora despertava. Empurrado até a parede, compreendeu seu destino e viu que tinha à sua frente o homem desse destino, sustendo aos ombros uma carga digna de Hércules, mas decidido a não cair. Ao termo de sua longa peregrinação, convertia-se Winston Churchill num símbolo da pátria.

Durante vinte anos, governo e povo viveram na Inglaterra a diminuir-se um ao outro, afundando-se, um e outro, mais e mais. Agora soava a hora da ascensão. Agora o rechonchudo, amado personagem à moda antiga, em quem se revia o gênio do país, podia sentar-se ao leme. Agora enfim as fábricas começavam a trabalhar vinte e quatro horas por dia; agora enfim milhões eram convocados às fileiras. Agora tambem, finalmente, com o temporal desfeito sobre a ilha, povo e governo, de pé, sentiam que, nesta guerra em que se não decidem fronteiras, mas a sorte do gênero humano, eram eles realmente que se batiam pela humanidade.

De qualquer modo, porem, não podiam ser maiores as responsabilidades, os encargos, a formidavel tarefa, que é hoje a missão histórica de Winston Churchill. Resta-nos pedir a Deus que o inspire e ampare—a ele, o mais sólido, e a um tempo o mais pitoresco e o mais humilde dos seus servidores e guerreiros.

¶ Um pastor negro começou assim o seu sermão: «Irmãos e irmãs, vossemecês vieram aquí rezar para que chova. Gostaria de saber uma coisa: onde é que estão os seus guarda-chuvas?»

Harper Garcia Smyth, *Let's Adventure in Personality* (Tower Press)

Segredos

Por Elinor Rice

Gosto muito de Amy. Assim, quando ela me disse que as cousas não andavam muito bem entre ela e o marido, Dan, sentí-me preocupada. Por isso, um dia, conversando com Sue, toquei no assunto. Pode-se ter confiança em Sue. Não pertence a essa classe de pessoas que vão repetindo por toda a parte o que se lhes confia.

—Amy contou-me isto confidencialmente, disse-lhe eu. —Promete guardar o segredo?

—Naturalmente, respondeu Sue.—«Pode confiar em mim.

Duas semanas depois, encontrei Amy e Dan de braço dado, e, pelo visto, reconciliados e felizes.

Acenei-lhes. Com grande surpresa, vi-os passar por mim, impassiveis, como se eu fosse alguma estranha.

Segurei Amy pelo braço:

—Não sei de que se trata, disse-lhe. Sei apenas que você não há-de romper nossa amizade, assim, sem explicação.

Amy, então, inflamou-se.

—O que eu lhe disse, a respeito de Dan e eu, era estritamente confidencial. Foi você a única pessoa a quem falei sobre o caso. Você, no entanto, encarregou-se de espalhá-lo pela cidade inteira. Por pouco ter-nos-ia levado ao divórcio.

Eu não tinha falado a ninguem senão a Sue, e descobrí que esta não espalhara a notícia. Dissera, apenas, ao marido.

—Digo tudo a Harry, confessou-me. —Mas isso é natural. Qual é a mulher que não faz o mesmo?

Decidí seguir a pista da história. Não foi tarefa dificil, porque, fato surpreendente, ninguem fizera intrigas. Cada qual guardara o segredo a seu modo. Mas cada qual, condoendo-se da sorte de Dan e de Amy, comentara o fato com alguma outra pessoa, na mais absoluta confiança.

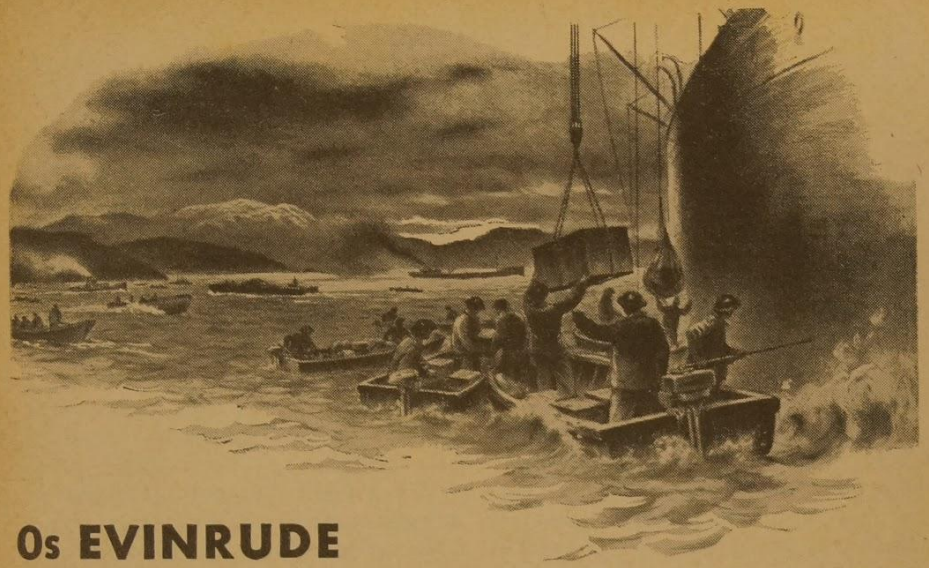
O marido de Sue contou-a ao seu sócio, que o referiu à esposa; esta narrou-o à sua melhor amiga, a qual, por seu turno, o transmitiu ao marido—que trabalhava no escritório de Dan. E aquele, certa manhã, dando uma palmadinha nas costas deste, lamentou que o seu casamento andasse tão mal parado.

Foi, para mim, uma dura lição. Perdí dois amigos, e, por um tris, não desfaço o lar de Amy. Cousas assim já têm sucedido, sem que as pessoas responsaveis por elas tivessem tido menos boa-fé do que eu tive no caso.

Hoje em dia, quando alguem me previne: «É um segredo de morte. Não refira a ninguem», procuro mudar de assunto. Antigamente agradavam-me confidências assim; mas sei agora que a única maneira de guardar um segredo, meu, ou de quem quer que seja, está em não o revelar, seja a quem for, sem exeção alguma.

¶ Podemos sempre viver de pouco, quando temos muito por que viver.

—S. Stephen McKenney



Os EVINRUDE

Estão Servindo em Muitas Frentes a Causa da Liberdade

Nas enseadas do Alaska e das ilhas Aleutas, varridas pelas borrascas e vendavais . . . onde se empregam pequenas embarcações de manobra facil para desembarcar precioso carregamento nas costas escarpadas . . . os sólidos Evinrude demonstram constantemente seu valor e resistência. Para toda sorte de serviços, em muitas frentes, provaram sua capacidade extraordinária. Centenas de Evinrude têm sido fornecidos aos famosos "Comandos" de Lord Montbatten!

As exigências do serviço de guerra hão de resultar fatalmente em aperfeiçoamentos — aperfeiçoamentos estes que, depois da Vitória, serão aproveitados na fabricação de esplêndidos Evinrude para as ocupações felizes da paz.

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO • Waukegan, Illinois, E. U. A.

GRATIS! Permita que lhe enviemos, com nossos cumprimentos, o "Selecionador de Barcos e Motores de Evinrude", com informações uteis sobre embarcações, motores, velocidades, etc. É favor enviar-nos o coupon abaixo.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

OUTBOARD, MARINE & MFG. CO.
Divisão de Exportação,
Waukegan, Ill., E.U.A.

Senhores: Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome:.....

Endereço:.....

.....

"Olhos" para os canhões anti-aéreos

OS aviões inimigos têm aprendido a temer a mortífera precisão dos canhões anti-aéreos americanos que são apontados com precisão automática por meio do altímetro registrador. Êste complicado instrumento de observação e cálculo é apenas um dos instrumentos óticos de precisão de Bausch & Lomb em uso nas frentes de combate das Nações Unidas.

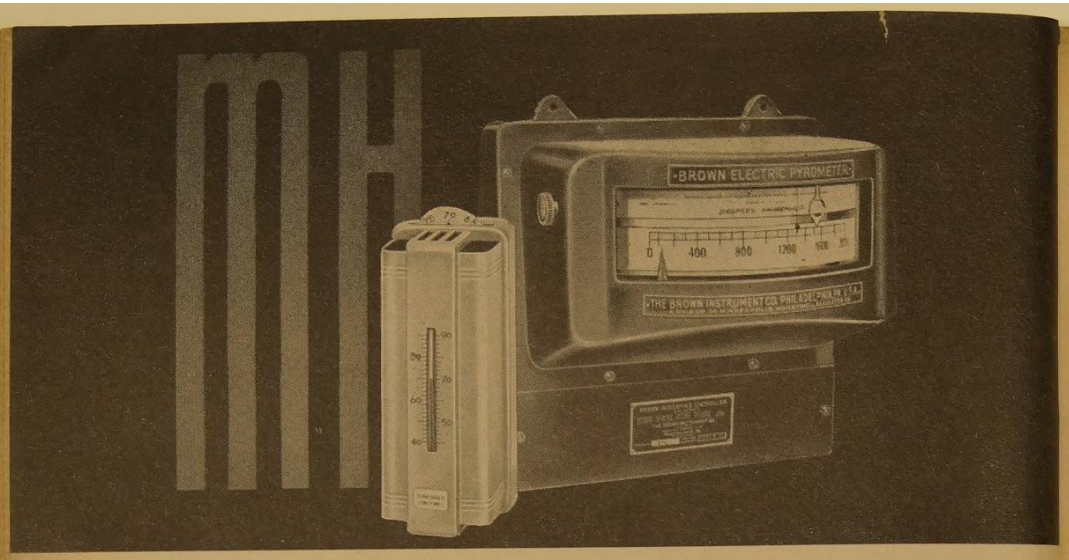
Trabalhando noite e dia, milhares de operários da Bausch & Lomb estão produzindo uma enorme quantidade de aparelhos óticos militares para as Nações Unidas. Atrás da linha de fogo, também os aparelhos de análise de alta qualidade Bausch & Lomb, aparelhos metalográficos e espetrográficos, projetores de medição perimétrica e microscópios industriais, estão ativando a produção de materiais essenciais para a guerra.

Os nossos clientes e amigos, compreendendo os esforços que estamos empregando para os serviços de guerra, vão suportando a falta de muitos dos instrumentos e lentes Bausch & Lomb que costumavam necessitar.

BAUSCH & LOMB
DO BRASIL, LTD.

Rua Assemblea 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.



Sempre a par do progresso

Ao interesse sempre crescente que há na América do Sul por casas modernas, segue-se uma procura sempre maior de Aparelhos de Controle Automático de Aquecimento e Ar Condicionado. A Minneapolis-Honeywell é desde 1885 a principal fabricante de Aparelhos de Controle Automático de Temperatura. Para satisfazer à procura sempre crescente destes aparelhos no grande continente da América do Sul, os Controles para melhorar a produção, evitar desperdícios e dar a devida proteção aos trabalhadores, são considerados hoje de absoluta necessidade. Os instrumentos de registro, indicação e controle para todos os ramos da indústria são fabricados pela Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. Ainda que muitos aparelhos de controle não se encontrem hoje em dia no mercado, devido à guerra, pedimos no entanto, que nos consultem sobre qualquer assunto referente ao controle de temperatura ou controle industrial. Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Export Department, 4422 Wayne Avenue, Philadelphia, Pa.

COM UNIDADE LIBERDADE

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá —México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

O próximo objetivo é Tóquio

As aves de guerra do Tio Sam estão aprendendo a voar nos resistentes Curtis AT-9 movidos a duplo motor Lycoming, nalgum lugar do Texas. Depois de habilitados nesses mais adiantados treinadores, o próximo objetivo é Tóquio. Ao largarem esses soberbos aviões de treino, os pilotos se adiantam para os bombardeiros bimotores.

As aves de guerra do Tio Sam constituem os pilotos melhor treinados do universo, treino esse obtido nos melhores aparelhos do mundo... acionados a motor Lycoming. Sim, o motor Lycoming está ajudando aos rapazes mais diligentes da América a alcançarem o próximo objetivo—Tóquio.

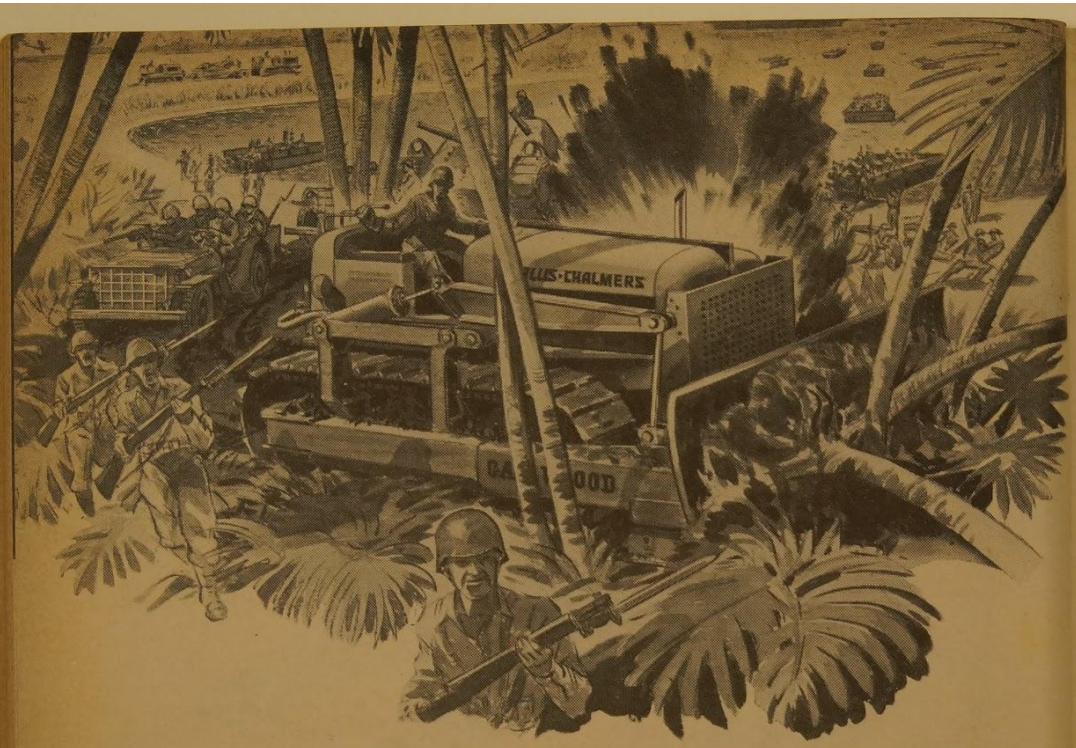
LYCOMING

MOTORES DE AVIAÇÃO

O motor dos atuais aviões de treino . . .
O motor de avião dos futuros amadores

★

Divisão Lycoming, The Aviation Corporation, Williamsport, Penna., E. U. A.



Lançando à terra a semente da Vitória!

OS TRATORES DIESEL de esteiras andam por esse mundo rasgando a terra para uma "sementeira" pouco comum.

São eles os primeiros a rolar para fora das lanchas de invasão, e, rugindo ameaças e desafios ao adversário, estes gigantes poderosos carregam contra o mato espesso, para limpar o campo de batalha.

As granadas revolvem a terra em voltas deles, a distância inquietantemente curta, mas nada pode deter as rodas velozes dos carros de assalto nem as firmes esteiras dos tanques! Os pés dos homens em marcha calcam a terra pulverizada, ao mesmo tempo que os tratores nivelam um aeródromo, oculto no seio da selva labiríntica. E as sementes da Vitória são lançadas à terra, com segurança, em mais uma base secreta das Nações Unidas!

As necessidades imperiosas das forças armadas limitam, naturalmente, o fabrico de tratores para usos civís. A Allis-Chalmers está consagrando grande parte da sua produção a materiais de guerra; está ajudando a preparar a "cama da semente" para a colheita da Liberdade e da Segurança que serão compartilhadas por todas as nações da América. Todos devem conservar seu material rolante com o mais escrupuloso cuidado, até que seja possivel substituí-lo por máquinas novas e até melhores. Consulte o seu fornecedor Allis-Chalmers!

ALLIS-CHALMERS

Depto. SP-543—Divisão de Tratores,
Milwaukee, Wisconsin, E. U. A.

Fabricantes de maquinaria a motor desde 1846
Distribuidores nas principais cidades

Fabricantes de máquinas desde 1846. Representantes em tôdas as cidades principais.

Amanhã nas grandes obras de engenharia do Brasil

OS PRODUTOS ROEBLING TRAZEM A SEGURANÇA

A represa de Grand Coulee trouxe para o Noroeste dos Estados Unidos a proteção contra as enchentes, o conforto da luz elétrica nas casas, novas fábricas, melhores fazendas, toda a riqueza e prosperidade que trazem a luz elétrica barata e a água preciosa. A represa de Grand Coulee trouxe à Nação Americana maior facilidade para produção de armamentos de guerra destinados à defesa da Democracia no mundo.

Quando acabar esta guerra, o Brasil certamente construirá varias represas para melhor explorar suas imensas riquezas naturais. Gozarão os brasileiros, então, de maior prosperidade, conforto e segurança—e os laços do comércio unirão mais fortemente toda a América Latina.

Roebling quer ajudar a construir o seu futuro, da mesma maneira que cooperou na construção de Grand Coulee e outras obras de vulto com os famosos Cabos de Aço "Blue Center" para construções, Fio Elétrico Roebling para circuitos de iluminação, equipamento e linhas de transmissão, a rede de aço Roebling para vedações e peneiração de material.

Roebling gostaria de poder lhes fornecer agora estes produtos, mas os produtos Roebling são necessários aos combatentes das Nações Unidas—aos quinze milhões mais ou menos, distribuidos por meia dúzia de frentes—qualquer coisa que falte numa das frentes de guerra, no Pacífico ou na Africa, pode ocasionar um grande desastre. Por menor que sejam as necessidades dos outros paises, elas devem ficar subordinadas aos interesses de guerra.

Caminhemos para frente, sempre unidos, defendendo o hemisfério hoje para poder gozar amanhã o que nos reserva o futuro. John A. Roebling's Sons Company, Trenton, New Jersey, E.U.A. Divisão de Exportação, 19 Rector Street, Nova York, E.U.A.

ROEBLING

Quer cooperar na expansão futura do Brasil

Transportando o Deserto para as Selvas

Nesta guerra de muitas frentes... guerra na qual as comunicações são mais essenciais do que nunca... guerra que reclama as máquinas mais delicadas e complicadas que o homem jamais inventou . . . requer muitas vezes que até mesmo o tempo seja feito de encomenda!

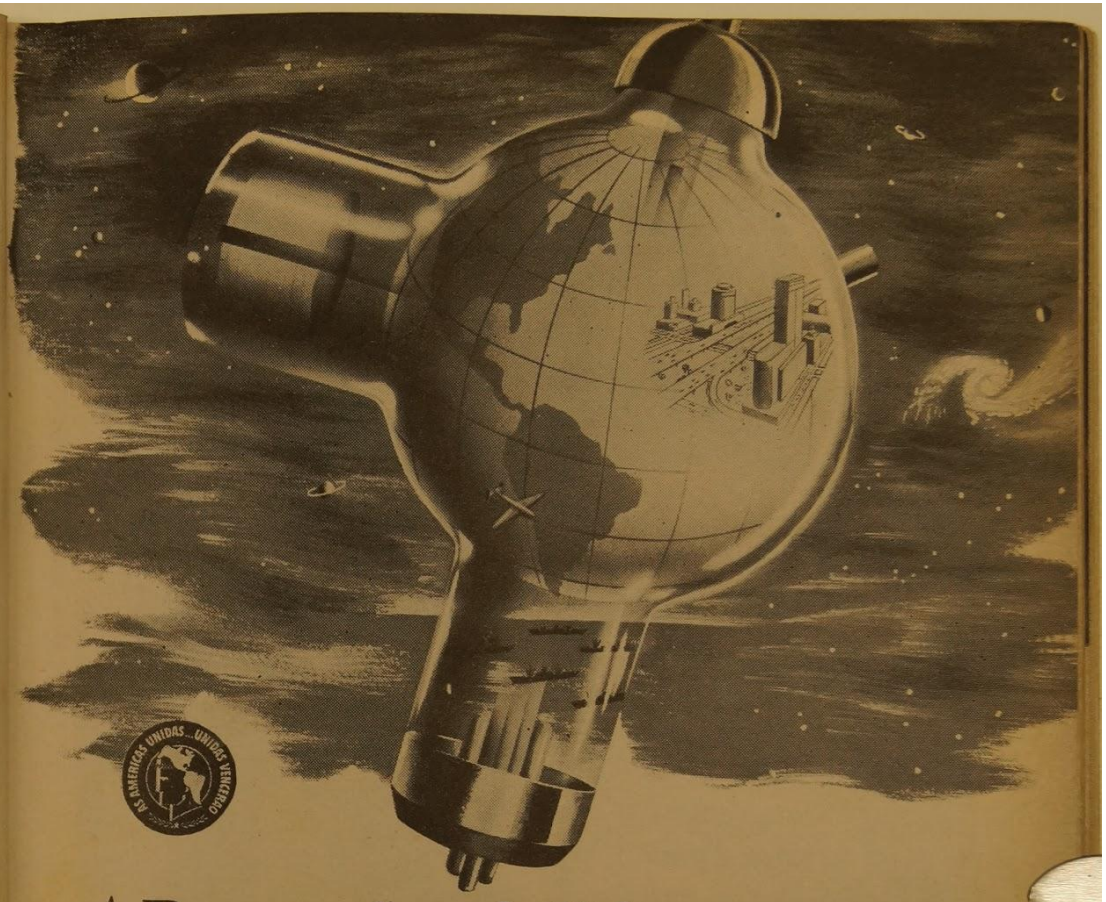
Para proteger o equipamento* do Corpo de Sinaleiros nas inhóspitas, escaldantes selvas, e nas úmidas bases insulares, do Equador aos Polos, a York está fornecendo câmaras repletas de ar do deserto. O fabrico especial do equipamento, destinado a proteção dos instrumentos e não ao conforto dos homens, desempenhará parte importante nas vitórias que se aproximam... vitórias que *devemos* alcançar para salvaguardar a existência das Américas!

*A natureza, objetivo e posição desse equipamento são segredos militares.

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO PARA A GUERRA

CENTRO DE REFRIGERAÇÃO MECÂNICA DESDE 1885

Representantes no Brasil: Byington & Co. Sede principal no Rio de Janeiro.



A Pequena Casa de Vidro que Contem o Mundo de Amanhã

No limitado espaço de um tubo eletrônico têm-se dado milagres que o homem jamais ousara sonhar.

Aplicados na guerra de hoje, estes milagres rádio-eletrônicos estão servindo para dirigir couraçados, localizar aviões, manobrar tanques, e tornar as comunicações mais rápidas.

Com a paz, estes mesmos milagres—que surgiram dos tubos rádio-eletrônicos—transformarão o mundo. A alimentação, a medicina, o vestuário, nossas casas, escolas, e indústrias—tudo será aperfeiçoado pela magia da ciência eletrônica.

Na companhia RCA, lider mundial desta nova ciência, trabalha-se hoje só para a guerra —com o fito exclusivo de apressar a Vitória das Nações Unidas. Mas os *projetos* de nossos engenheiros e cientistas, a perícia, conhecimentos e experiência hoje obtidos, serão uteis tambem no futuro—para que o dia de amanhã, mais rico e abundante, torne-se uma realidade, graças à Ciência Eletrônica da RCA.

Ouçam todas as noites "Correspondente Estrangeiro RCA Victor" no Radio Nacional, Rio de Janeiro.

RCA Victor Division
RADIO CORPORATION OF AMERICA
Camden, N. J., E. U. A.

RCA Victor Radio, S. A. • Caixa Postal 2726
Rio de Janeiro, Brasil

A SRA. MARIA JOSÉ DUPRÉ — nome ilustre da sociedade e representação honrosa da inteligência brasileira, diz: «Sigo, há muitos anos, o método Pond's de dois cremes, com resultados esplêndidos!»

Bela e Talentosa

...e segue o famoso tratamento dos 2 Cremes Pond's!

BELEZA E CULTURA constituem atributos peculiares à dama brasileira. Ela encanta, pela desenvoltura de seu talento... E conquista, pela suave beleza de sua cutis! Para manter a cutis sempre macia e suave, ela observa, *diàriamente*, o famoso ritual de beleza dos dois Cremes Pond's. Ei-lo:

1. *Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no pescoço. Retire-o. Para amaciar a cutis, aplique mais uma camada.*
2. *Antes da «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cutis contra a ação do sol e do vento e conserva o pó de arroz horas seguidas.*

AMOSTRA GRATIS: **- Queiram enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $1,00 para as despesas de remessa de uma amostra gratis dos 2 Cremes Pond's.**

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5537 — São Paulo

3 - KKKK - 25

Nome .....

Rua .....

Cidade ..... *Estado* .....

SALVAGUARDA *do presente* PÓRTICO *do futuro*

Do mesmo modo que o infalivel mecanismo do moderno cofre-forte protege os mais preciosos valores materiais do homem:— assim os motores de avião americanos, máquinas possantes de alta precisão, estão hoje salvaguardando os valores que tornarão seguro o porvir. Ao abrir-se o pórtico do futuro, veremos as formidaveis tonelagens comerciais de amanhã navegando pelo ar— progresso mundial para o qual a Wright vai fornecer a força-motriz.

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fabrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

É De Bom Gosto SERVÍ-LO

É De Bom Gosto PROVÁ-LO

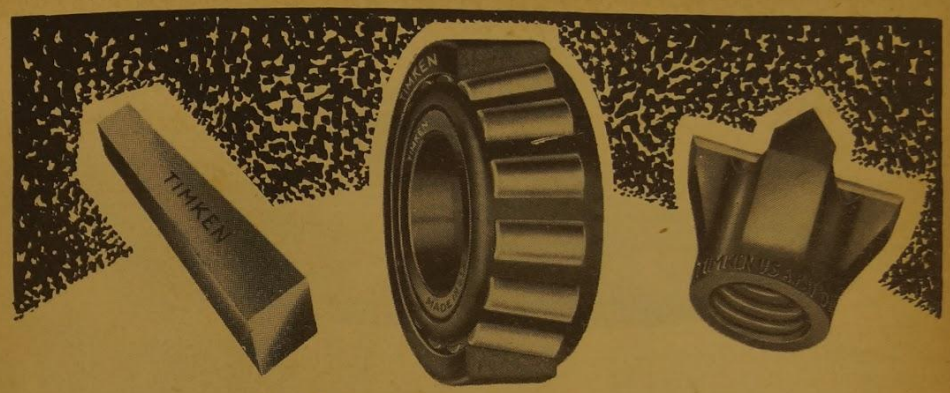
Não se olha a despesas na elaboração deste fino e antigo whiskey americano . . . Os resultados se tornam patentes na sua qualidade e paladar sem rival . . . que em gerações sucessivas lhe grangearam medalhas de ouro nas exposições internacionais . . .

LIBERDADE NA UNIDADE

I. W. HARPER

O whiskey americano de medalha de ouro

NÃO HÁ WHISKIES MAIS FINOS QUE OS AMERICANOS



A TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY

Comunica

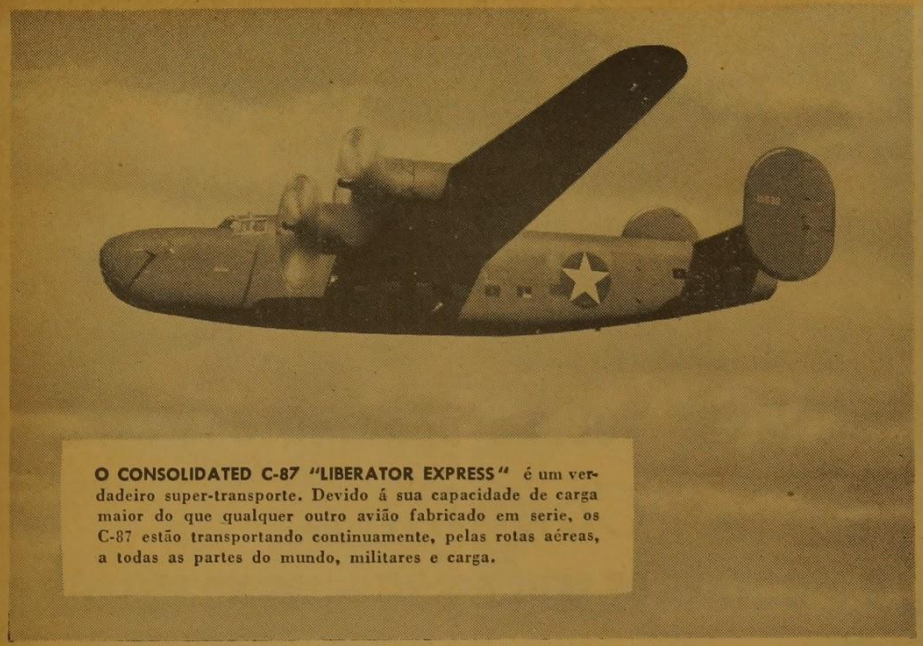
A ABERTURA DE SEUS ESCRITÓRIOS NO BRASIL

Toda consulta e correspondência referentes às Chumaceiras Timken, Pontas de Ferramenta Timken e Aço Timken devem ser endereçadas ao Sr. Jules Moreland, Diretor Gerente para a América do Sul, The Timken Roller Bearing Company, Rio de Janeiro, Brazil.

The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E. U. A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS



O CONSOLIDATED C-87 "LIBERATOR EXPRESS" é um verdadeiro super-transporte. Devido á sua capacidade de carga maior do que qualquer outro avião fabricado em serie, os C-87 estão transportando continuamente, pelas rotas aéreas, a todas as partes do mundo, militares e carga.

O bombardeiro "Liberator" tem um irmão muito ativo

OS COMUNICADOS de guerra informam-nos, diariamente, dos golpes vibrados ao inimigo pelos enormes aviões Consolidated B-24, "Liberators."

O formidavel poder destrutivo deste bombardeiro norte-americano do longo vôo torna-o uma das armas aéreas mais mortiferas do mundo.

Menos conhecido, talvez, mas de capital importancia para a derrota dos opressores, é o seu ativíssimo irmão o gigantesco avião Consolidated C-87, "Liberator Express."

Dia e noite, hora após hora, grande número destes quadrimotores sáem das oficinas de montagem e, conduzidos por pilotos militares, estão transportando velozmente tanto o pessoal indispensavel como uma elevada tonelagem de provisões.

Vão até Alaska, Africa, Austrália e outras distantes frentes do conflito mundial. Não ha no globo um só lugar onde o C-87 não seja capaz de chegar em horas, graças á sua vertiginosa velocidade e extensa autonomia de vôo. Quando terminar a guerra, a rêde de rotas militares aéreas percorridas pelos Consolidated C-87 pode perfeitamente converter-se numa rêde livre de rotas de paz. Então, os grandes transportes aéreos Consolidated, desembaraçados da sua camuflagem de guerra, unirão, como factores de paz, progresso e intercambio comercial, as nações de um mundo livre.

Consolidated Aircraft Corp. San Diego, California, Fort Worth, Texas. U.S.A.

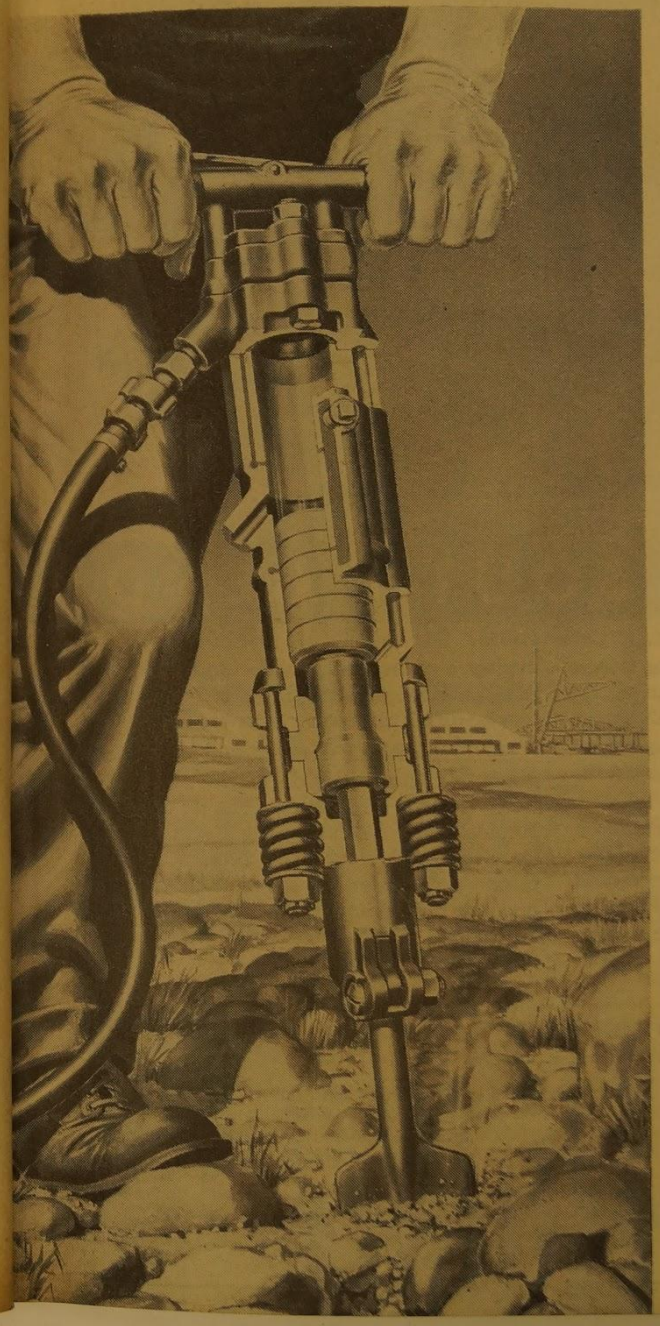
CONSOLIDATED AIRCRAFT

UNIDAS SEMPRE

Desenhadores e construtores dos aviões • LIBERATOR • CORONADO • CATALINA • LIBERATOR EXPRESS C-87

★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★

Na Terraplenagem das Bases Aéreas



Como os óleos especiais aceleram a construção dos novos campos para os bombardeiros das Nações Unidas

A FIGURA ao lado mostra porque um martelete pneumático é uma peça das mais exigentes quanto à sua lubrificação.

Quando o ar comprimido se expande, a umidade que nele se contem deposita-se nas paredes do cilindro e arruinaria completamente a ferramenta se não houvesse um óleo capaz de resistir à ação de lavagem da água que então se forma. A Socony-Vacuum, porem, creando um óleo especial para esse fim, resolveu um problema da maior relevância, permitindo o emprego dessas máquinas, em larga escala, em toda a indústria.

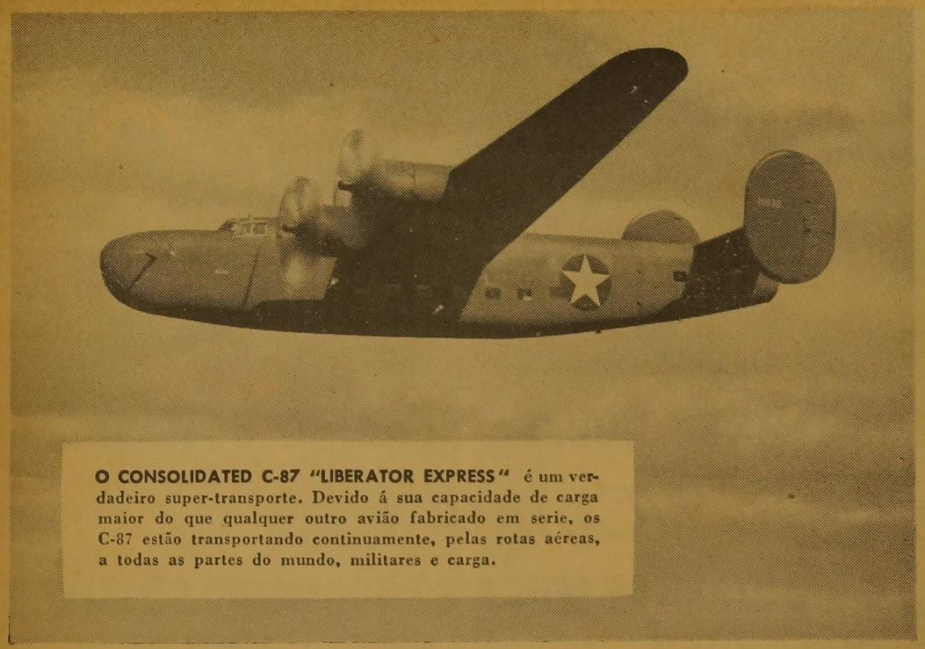
Este é um dos exemplos dos notaveis serviços que os 77 anos de experiência da Socony-Vacuum veem prestando as Nações Unidas. Os benefícios dessa mesma experiência são tambem desfrutados pelos que empregam os lubrificantes Gargoyle—mundialmente reconhecidos como os óleos e graxas da melhor qualidade.

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE

GARGOYLE

Lubrificantes

PARA TODAS AS INDÚSTRIAS



O CONSOLIDATED C-87 "LIBERATOR EXPRESS" é um verdadeiro super-transporte. Devido á sua capacidade de carga maior do que qualquer outro avião fabricado em serie, os C-87 estão transportando continuamente, pelas rotas aéreas, a todas as partes do mundo, militares e carga.

O bombardeiro "Liberator" tem um irmão muito ativo

OS COMUNICADOS de guerra informam-nos, diariamente, dos golpes vibrados ao inimigo pelos enormes aviões Consolidated B-24, "Liberators."

O formidavel poder destrutivo deste bombardeiro norte-americano do longo vôo torna-o uma das armas aéreas mais mortiferas do mundo.

Menos conhecido, talvez, mas de capital importancia para a derrota dos opressores, é o seu ativíssimo irmão o gigantesco avião Consolidated C-87, "Liberator Express."

Dia e noite, hora após hora, grande número destes quadrimotores sáem das oficinas de montagem e, conduzidos por pilotos militares, estão transportando velozmente tanto o pessoal indispensavel como uma elevada tonelagem de provisões.

Vão até Alaska, Africa, Austrália e outras distantes frentes do conflito mundial. Não ha no globo um só lugar onde o C-87 não seja capaz de chegar em horas, graças á sua vertiginosa velocidade e extensa autonomia de vôo. Quando terminar a guerra, a rêde de rotas militares aéreas percorridas pelos Consolidated C-87 pode perfeitamente converter-se numa rêde livre de rotas de paz. Então, os grandes transportes aéreos Consolidated, desembaraçados da sua camuflagem de guerra, unirão, como factores de paz, progresso e intercambio comercial, as nações de um mundo livre.

Consolidated Aircraft Corp. San Diego, California, Fort Worth, Texas. U.S.A.

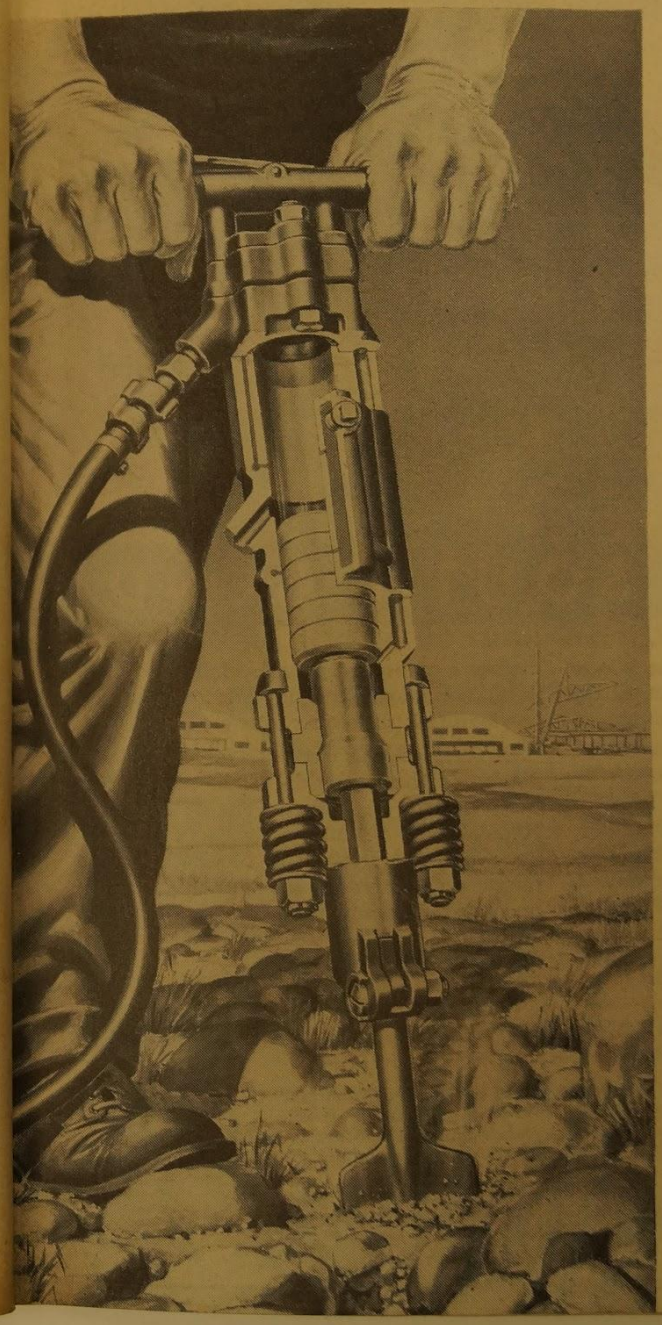
CONSOLIDATED AIRCRAFT

UNIDAS SEMPRE

Desenhadores e construtores dos aviões • LIBERATOR • CORONADO • CATALINA • LIBERATOR EXPRESS C-87

★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★

Na Terraplenagem das Bases Aéreas



Como os óleos especiais aceleram a construção dos novos campos para os bombardeiros das Nações Unidas

A FIGURA ao lado mostra porque um martelete pneumático é uma peça das mais exigentes quanto à sua lubrificação.

Quando o ar comprimido se expande, a umidade que nele se contem deposita-se nas paredes do cilindro e arruinaria completamente a ferramenta se não houvesse um óleo capaz de resistir à ação de lavagem da água que então se forma. A Socony-Vacuum, porem, creando um óleo especial para esse fim, resolveu um problema da maior relevância, permitindo o emprego dessas máquinas, em larga escala, em toda a indústria.

Este é um dos exemplos dos notaveis serviços que os 77 anos de experiência da Socony-Vacuum veem prestando as Nações Unidas. Os benefícios dessa mesma experiência são tambem desfrutados pelos que empregam os lubrificantes Gargoyle—mundialmente reconhecidos como os óleos e graxas da melhor qualidade.

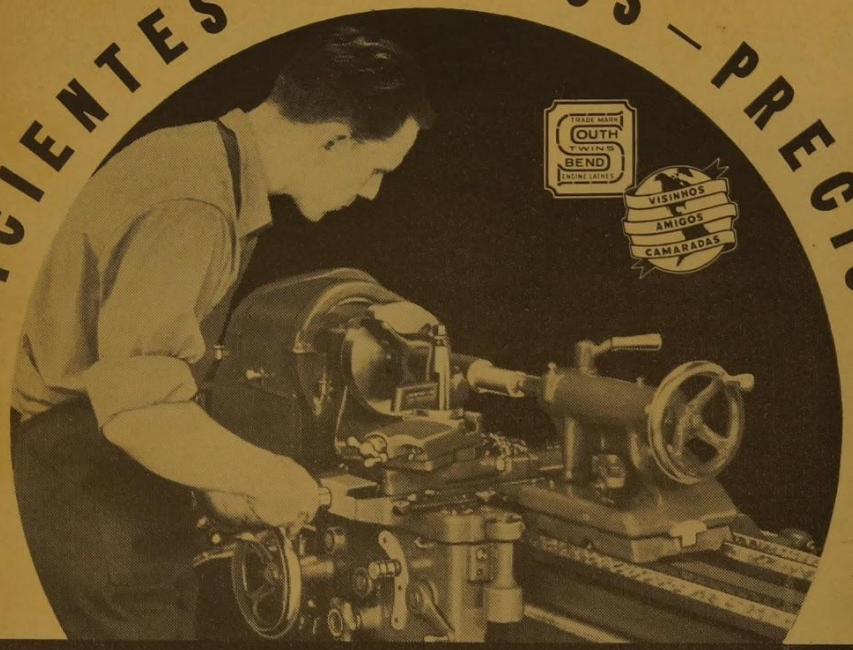
REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE

GARGOYLE

Lubrificantes

PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

EFICIENTES — RÁPIDOS — PRECISOS



TORNOS SOUTH BEND

Hoje em dia, é mais urgente do que nunca a necessidade de máquinas operatrizes de precisão que possam trabalhar com eficiência e alta velocidade. É de vital importância que novo equipamento seja escolhido tendo-se em vista estas qualidades.

Os tornos South Bend são projetados e construidos de modo a poderem executar uma grande variedade de serviços mecânicos de precisão com um mâximo de velocidade e de eficiência. Êles teem a rigidez e a força necessárias para produzir ótimos acabamentos e manter altas velocidades de corte. A sua precisão e versatilidade simplificam o serviço difícil que requer tolerâncias mínimas.

Os tornos South Bend são fabricados com diâmetros torneaveis de 9″, 10″, 13″ e 16″, tanto no tipo de Engrenagens de Mudança Rápida como de Oficina de Ferramenteiro. Os Tornos Revolver são fabricados em 3 tamanhos. Peçam o nosso catálogo; especifiquem se o desejam em Português, Espanhol ou Inglês. Queiram escrever claramente o seu nome e enderêço.

"MANUAL DO TORNEIRO"
em Português, Espanhol, Francês e Inglês

Um livro completo sôbre o funcionamento e a conservação de tornos mecânicos. Consiste de 128 páginas de 13 cms. x 20 cms.—contém 360 ilustrações.

Êste manual será enviado para qualquer enderêço, com porte pago, após o recebimento de Cr.$3,00 em selos do Correio. Queiram indicar o idioma desejado.

SOUTH BEND LATHE WORKS
SOUTH BEND, INDIANA, E.U.A. FABRICANTES DE TORNOS HÁ 36 ANOS

Nenhuma frente de combate assusta estes poderosos caminhões Studebaker de serviço pesado

PRESTANDO serviço em todas as partes do mundo com as forças armadas das Nações Unidas, encontram-se dezenas de milhares destes grandes, poderosos e resistentes caminhões militares Studebaker com impulsão em todas as rodas.

E dezenas de milhares mais estão prontos para se juntarem a eles logo que seja possivel. As grandes fábricas da Studebaker estão fabricando semanalmente milhões de dólares destes caminhões de guerra.

Passar de fabricante de caminhões comerciais em tempos de paz, para um dos maiores produtores de caminhões militares em tempo de guerra, é uma transformação lógica para a mais antiga fábrica de veículos dos Estados Unidos.

Pela sexta vez, em tempos de perigo nacional, a Studebaker respondeu ao apêlo do Governo para fabricar em grande escala material militar de transportes. E quando for conseguida a vitória decisiva haverá ainda melhores e mais econômicos caminhões Studebaker para usos comerciais.

Hoje, a divisa tradicional da Studebaker—*dar sempre mais do que promete*—tem uma nova e mais alta significação.

A Studebaker orgulha-se dos trabalhos que lhe têm sido confiados para o armamento do nosso país e dos seus aliados.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend, Indiana, E. U. A.

Boi Azul

Este homem jurou defender o segredo com a própria vida. E quando o segredo não está em seu poder, encontra-se de dia e de noite sob guarda armada e reforçada.

Só ele está autorizado a transportá-lo da casa da guarda para o avião, e, uma vez terminada a missão do aparelho, só ele o pode carregar de novo para a casa da guarda. Esse segredo é a alça do lança-bombas,—o visor de bombas Norden. O homem chama-lhe "Blue Ox"—o Boi Azul . . .

Todo o enorme avião foi projetado em vista do bombardeador da Fortaleza Voadora.* Atrás dele—e do seu instrumento—amontoam-se milhares de homens-horas de labor, quilometros de planos, toneladas de alumínio . . . e muitas "pestanas queimadas" à luz da banca de trabalho.

O bombardeador americano, o "Boi Azul," e a Fortaleza Voadora constituem o mais formidavel "sistema" de bombardeamento que o mundo conhece. Entre outras razões, porque a Fortaleza Voadora oferece tanta estabilidade como uma plataforma de "tiro de precisão"; porque tem um funcionamento sem rival às maiores altitudes, armamento defensivo e potência de tiro que a habilitam a alcançar em pleno dia o seu objetivo, a despeito da artilharia anti-aérea e dos aviões interceptores.

O "bombardeamento de precisão" começou a se tornar efetivo quando as Fortalezas bombardearam seus objetivos, na Europa, em pleno dia e de grandes altitudes, com uma precisão nunca vista. Esta tática militar inteiramente nova deve muito da sua eficácia aos engenheiros da Boeing, que não descansaram enquanto não conseguiram traçar um avião com a velocidade, o raio de ação, a capacidade de carga, a potência de fogo e o plafond de vôo, necessários para semelhante tarefa.

Mas esta tarefa ainda está longe do termo, e as Fortalezas Voadoras todos os dias voltam à carga—nas principais frentes de guerra, da Europa ao Pacífico. Concluida a tarefa das Fortalezas Voadoras—quer dizer, ganha a guerra—os engenheiros da Boeing saberão encontrar muitas aplicações uteis para os seus talentos e habilidades.

É no traçado e na manufatura das Fortalezas Voadoras e de outros tipos modernos de aviões, que os engenheiros e produtores da Boeing adquirem continuamente novos conhecimentos em muitos campos: acústica, eletricidade, estruturação, lubrificação, etc. São os conhecimentos deste tipo que ajudam a ganhar as guerras, e algum dia contribuirão para se produzirem artigos de paz—melhores e mais baratos do que hoje.

BOEING

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • Do Stratoliner • Dos Clíperes Pan Americanos

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registrada da Fábrica Boeing.*

Para a senhora, que tem uma Singer

Se tem uma Singer antiga que ainda funciona bem, agradeça a sua estrela e cuide bem dela!

Mas se sua Singer precisa de reparos, não se meta a fazê-los, chame-nos. As máquinas, hoje em dia, são muito preciosas para serem estragadas por mecânicos amadores. Um mecânico da Singer lhe renovará a máquina, por pequeno preço.

Se recimente precisa de uma máquina nova, compre-a já. A quantidade de máquinas novas é limitada por causa da guerra, mas a Singer ainda tem um pequeno número de boas máquinas dos últimos tipos.

PROCURE A CASA SINGER PARA:

Conselhos sobre costura, corte, brochuras sobre bordados à máquina, etc.

Agulhas Singer, óleo peças e acessórios. (A reserva de certos artigos é pequena. Se sabe que vai precisar, compre já.)

Procure o "S" vermelho na vitrine da Casa Singer. É a garantia de serviço e material Singer legítimos.

Vestido representado á esquerda—McCall No. 4919

SINGER
SEWING MACHINE COMPANY

Copyright 1943, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

Os Homens Avançam!

UNIDOS PARA A LIBERDADE

EM LONGINQUAS frentes de batalha, lutando pela gloriosa causa das Nações Unidas, os transportes de tropas investem para os centros de luta. Os combatentes mantêm-se decididos emquanto os caminhões avançam . . . desviando-se de crateras de bombas, vencendo depressões de terreno, seguindo *sempre para a frente* com crescente energia.

Muitos dêsses transportes de tropas e carros de combate que enfrentam o inimigo e se encarregam dos trabalhos pesados são construidos pela International e equipados com motores International. A potência e a eficiência que tornaram os International preferidos para trabalhos árduos em todos os cantos do universo, estão agora sendo comprovadas nos incessantes lances da guerra! Antes, escolhia-se os International pela sua potência, economia e rendimento . . . Hoje, os International são escolhidos para transportar soldados e seus equipamentos *com rapidez* de um lugar para outro . . . para levar os homens para onde possam fazer pressão contra o inimigo.

Os International estão contribuindo com sua parte para vencer esta guerra. Uma vez alcançada a Vitória, eles voltarão aos seus serviços normais de paz, dando máximo rendimento nos trabalhos agrícolas e comerciais.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.
Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER

O MOBILIÁRIO DO ESPÍRITO

O mobiliário do espírito humano é constituido pelo que diariamente ouvimos, lemos, observamos, discutimos e pensamos.

Será o caso que estejamos armazenando em nosso espírito demasiados trastes velhos, que deveriam ser substituidos por outros novos? Ou estaremos na verdade a fazer lugar para nova e melhor mobília, com o fito de fazer face a condições que sem cessar se renovam? . . .

Os espíritos que, no curso deste ano, se tornarão mais valiosos, são os que diariamente se estão abastecendo de sólidas idéias e planos construtivos, que possam vir a tornar-se de maior e melhor ajuda na realização do nosso programa de guerra.

O espírito é um armazem de informação—umas vezes util, outras inutil. Só da nossa escolha depende que ele se encha de tesouros, ou de lixo . . .

O mobiliário do espírito reflete nosso carater, personalidade e habilidade, e determina a extensão e profundidade de nossas obras.

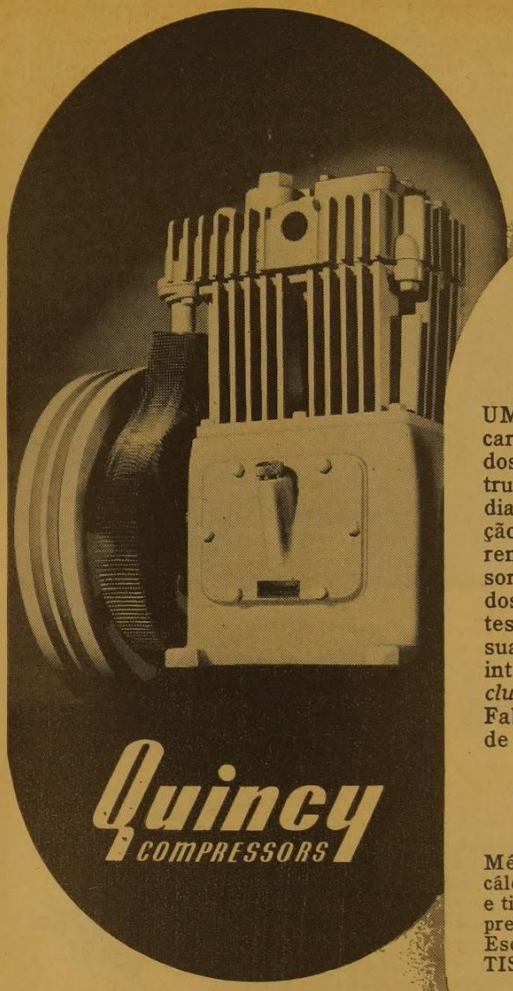
Resolvamo-nos a manter nossos espíritos mobiliados de tal jeito, que possam contribuir no máximo para a Vitória Aliada, que representa a preservação e extensão dos ideais consagrados na Carta Atlântica.

Thos. J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

UNITED STATES STEEL
USS
EXPORT COMPANY

O SIMBOLO DE AÇO DE SUPERIOR QUALIDADE,
CONHECIDO EM TODO O MUNDO



TRAÇADO MODERNO

UM TRAÇADO MODERNO, eis a caraterística da *suprema* eficiência dos compressores Quincy. Sua construção é singela. A superfície de radiação aumentou de 12%. A lubrificação é mais completa e mais eficaz. O rendimento e eficiência dos Compressores de Ar Quincy ficam demonstrados por este fato: 89 firmas importantes utilizam compressores Quincy em suas máquinas, para servir no mundo inteiro. A Fábrica Quincy produz *exclusivamente* compressores de ar. Fabrica-os de todos os tamanhos, até de 80 pés cúbicos de deslocamento.

GRATIS! UM SELETOR PARA COMPRESSORES DE AR

Método novo e original. Por um simples cálculo o senhor pode saber o tamanho e tipo de compressor que necessita. Impresso em espanhol, português, e inglês. Escreva-nos pedindo um Seletor GRATIS! Especifique o idioma que prefere.

QUINCY COMPRESSOR CO.
Export Dept. P-7, P. O. Box 183,
Springfield, Ill., E.U.A.
Cable "FABEX"

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES

BUENOS AIRES—Casa Stewart, Córdoba 2100
MONTEVIDEO—A. Manzione, Minas 1499
SANTIAGO—A. Montero y Cía. S. A., Casilla 312
SÃO PAULO—H. J. Chazen & Cía., Rua João Briccola 10
MARACAIBO—Daniel E. Rincón, Apartado No. 93
GUAYAQUIL—Arosemena Hnos., Casilla 921
MEXICO, D. F.—Pedro Calderón, Abraham González 33 y 35
MONTERREY—Pedro Calderón, Hidalgo Pte. 213
PANAMÁ—Tropical Paint Co. Inc., P. O. Box 642, Ancón, C. Z.
SAN JUAN—General Farm Equipment Co., P. O. Box 288
MADRID—Mr. F. A. Ronstadt, García de Paredes 76
HABANA—Cía. Petrolera Imperial Cubalu, S.A., Luyano y Porvenir

O ASSALTO À ÁFRICA

FOTO DA PRESS ASSOCIATION INC.

TROPAS AMERICANAS DESEMBARCARAM EM TEMPO RECORDE GRAÇAS AOS

BARCOS HIGGINS

As tropas americanas fizeram em 1942 o que a Espanha em 1775 não conseguira fazer: uma invasão bem sucedida da África. As experiências demonstram que, com os barcos Higgins, se podem desembarcar 140.000 homens em 5 horas. Rápidos, sólidos, com qualidades incomparaveis para desembarcar soldados a pé enxuto em praias lodosas ou de rochedos, os barcos Higgins provaram ser o novo meio de transporte indispensavel para um desembarque bem sucedido. Novas qualidades de manobra e resistência que estarão ao seu dispor em tempo de paz!

HIGGINS INDUSTRIES, INC.

Nova Orleans, E.U.A.

Os maiores fabricantes de lanchas do mundo

É com razão que dizem: *"Esta caneta é uma jóia!"*

Há canetas . . . e canetas *Parker!* Quando se possue uma *Parker*, possue-se realmente alguma coisa. Tem vantagens exclusivas que dão ao ato de escrever um prazer inteiramente novo!

As canetas Parker são desenhadas especialmente para conterem uma reserva maior de tinta. *Vê-se* de relance a quantidade de tinta que têm. Pode-se encher a caneta com uma mão só. A ponta de Osmirídio não se gasta e nunca arranha o papel. Sim, possuir uma Parker Vacumatic, "a caneta que é uma jóia", será um prazer e um *orgulho* para toda sua vida. Compre a sua *já*.

Parker
VACUMATIC

♦GARANTIA VITALÍCIA—*O Diamante Azul que se vê na Caneta Parker é uma garantia incondicional de funcionamento vitalício, que o fabricante oferece ao dono da Caneta Parker, sem outro encargo que CR$10,00 para cobrir porte, seguro e embalagem, uma vez que a caneta não seja intencionalmente danificada e nos seja devolvida completa.*

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA.—Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

TRANSPORTES AÉREOS GLOBALES

Atendendo as exigências da guerra, as empresas de transportes aéreos dos Estados Unidos levaram a cabo uma expansão milagrosa. Noite e dia suas frotas aéreas transportam rapidamente não só os chefes, como tambem os materiais mais urgentes às diversas frentes de combate.

Os motores Pratt & Whitney acionam mais de 95% desses transportes. As hélices Hamilton Standard dão impulso a todos eles. **Na paz que há-de vir, essas rotas desenvolvidas em tempo de guerra, ajudarão a estreitar as nações do mundo em novos laços de amizade e intercâmbio comercial.**

Pratt & Whitney Engine Chance Vought Airplanes Sikorsky Aircraft Hamilton Standard Propeller

UNITED AIRCRAFT CORPORATION
EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. de A.

Olá!... Sabe quem sou?

Sou o símbolo que representa as qualidades da "Coca-Cola"... sua pureza incomparavel, seu sabor delicioso e refrescante! Em toda parte, "Coca-Cola" é conhecida como uma das cousas mais agradaveis da vida . . . e está ao alcance de todos!

Tome
Coca-Cola
MARCA REGISTRADA
Bem fria

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

COM UNIDADE LIBERDADE

NA GUERRA COMO NA PAZ, A GENERAL ELECTRIC SEGUE AVANTE

COMO UM FAROL na noite...

ILUMINADA pela luz prateada dos projetores elétricos, como um farol de salvação em uma noite tempestuosa, surge, nos campos de Castela, a serena beleza da catedral de Burgos, maravilhosa obra de arte da Idade Média.

Na grande luta contra as fôrças da tirania e do despotismo, cegas à beleza da arte e à significação espiritual dos monumentos da fé, a ciência da iluminação representa hoje um papel importantíssimo. Nos campos de batalha, os holofotes anti-aéreos da General Electric localisam o movimento dos aviões inimigos que voam a muitos quilômetros de altura. Nas usinas de produção bélica, as instalações de luz fluorescente da General Electric permitem melhor visibilidade nos trabalhos de precisão, contribuindo para aumentar o rendimento e a qualidade dos produtos.

Os pedidos de material de iluminação têm prioridade sôbre quaisquer outros pedidos de artigos não essenciais às necessidades da guerra. Nessas circunstâncias, a General Electric está segura de que todos os seus freguêses e amigos de ultramar contribuirão voluntariamente, com o sacrifício dos seus desejos particulares, para o rápido advento de uma paz vitoriosa, cujos imensos benefícios compensarão a todos pelas temporárias privações atuais.

•

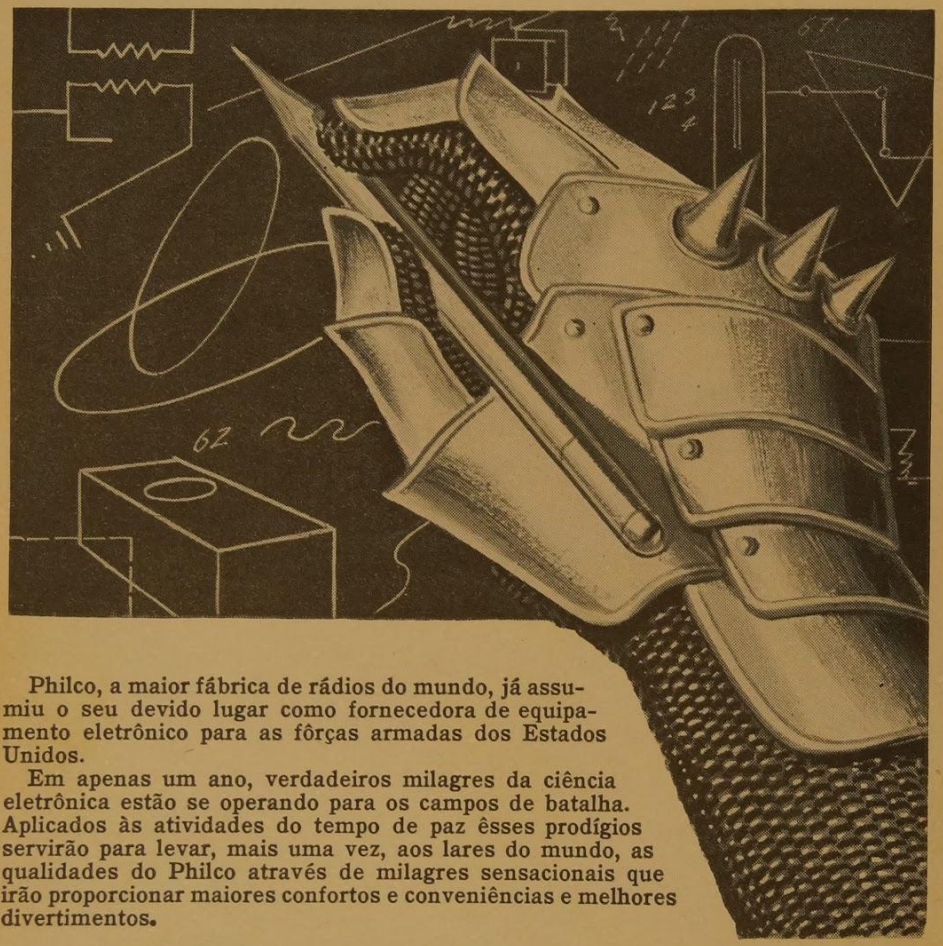
O sigilo que a produção de guerra implica, nos impede revelar o volume e a importância da participação da General Electric nessa produção. Mas estamos certos de que as atividades da indústria, durante a guerra, quando puderem ser reveladas, constituirão um capítulo sensacional da história do progresso industrial.

INTERNATIONAL GENERAL ELECTRIC COMPANY INC.

GENERAL ELECTRIC

IGE-2-43P

A GUERRA Como Um Fator Da Nova e Prodigiosa Era dos ELETRONS



Philco, a maior fábrica de rádios do mundo, já assumiu o seu devido lugar como fornecedora de equipamento eletrônico para as fôrças armadas dos Estados Unidos.

Em apenas um ano, verdadeiros milagres da ciência eletrônica estão se operando para os campos de batalha. Aplicados às atividades do tempo de paz êsses prodígios servirão para levar, mais uma vez, aos lares do mundo, as qualidades do Philco através de milagres sensacionais que irão proporcionar maiores confortos e conveniências e melhores divertimentos.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

PHILCO

"O RADIO QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO"

de POLO a POLO

TODOS AMERICANOS!

SEMPRE UNIDOS

UM IDIOMA COMUM

E UM NOME BASTANTE CONHECIDO NAS AMÉRICAS

O DINHEIRO, como medida de valor em todos os paises, fala um idioma que todos o entendem. Seja qual for o nome que lhe dêem, ele fornece os meios de compra para as necessidades e coisas agradaveis da vida, para fazer o bem, e em geral, permite a continuação dos negócios essenciais ao bem-estar dos povos no hemisfério Americano.

Porem, a despeito do muito trabalho que dá o ganhá-lo, ou de que se haja ganho com merecimento—o dinheiro é impessoal. Tê-lo, não é prova de que o possuimos.

A posse do dinheiro deve ficar estabelecida por outros meios. Por isso é que é necessária uma garantia apropriada e um registro exato, onde quer que haja transações, posse, dívida, ou câmbio de dinheiro.

Esses registros essenciais e essa proteção e informação vitais são eficiente e economicamente obtidos com o uso de produtos designados para este fim, e que são bem conhecidos em lojas e estabelecimentos, grandes e pequenos, em todos os paises das Américas—do Sul, Centro e do Norte.

Esses produtos são as Caixas Registradoras e Máquinas de Contabilidade National.

National

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Fortaleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

Sirva hoje mesmo

—uma destas 3 Receitas com as deliciosas salsichas Swift!

SALSICHAS TIPO VIENA COM PURÉ. Faz-se puré de batatas com o qual se envolvem as salsichas, tal qual sáem da lata. Cobrem-se com 1 ovo batido com 1 colher de água. Passam-se em farinha de trigo e fritam-se em banha Swift bem quente.

SALSICHAS PARA COCKTAIL. Servem-se com palitos, frias ou esquentadas na própria lata, antes de abrí-la. Deliciosas e tenras, são ótimas para acompanhar todos os aperitivos.

SALSICHAS TIPO OXFORD. Furam-se as salsichas com um garfo. Deixam-se corar as salsichas em banha Swift, fogo lento; servem-se com ovos estrelados. É um prato rápido e saboroso, a qualquer hora do dia.

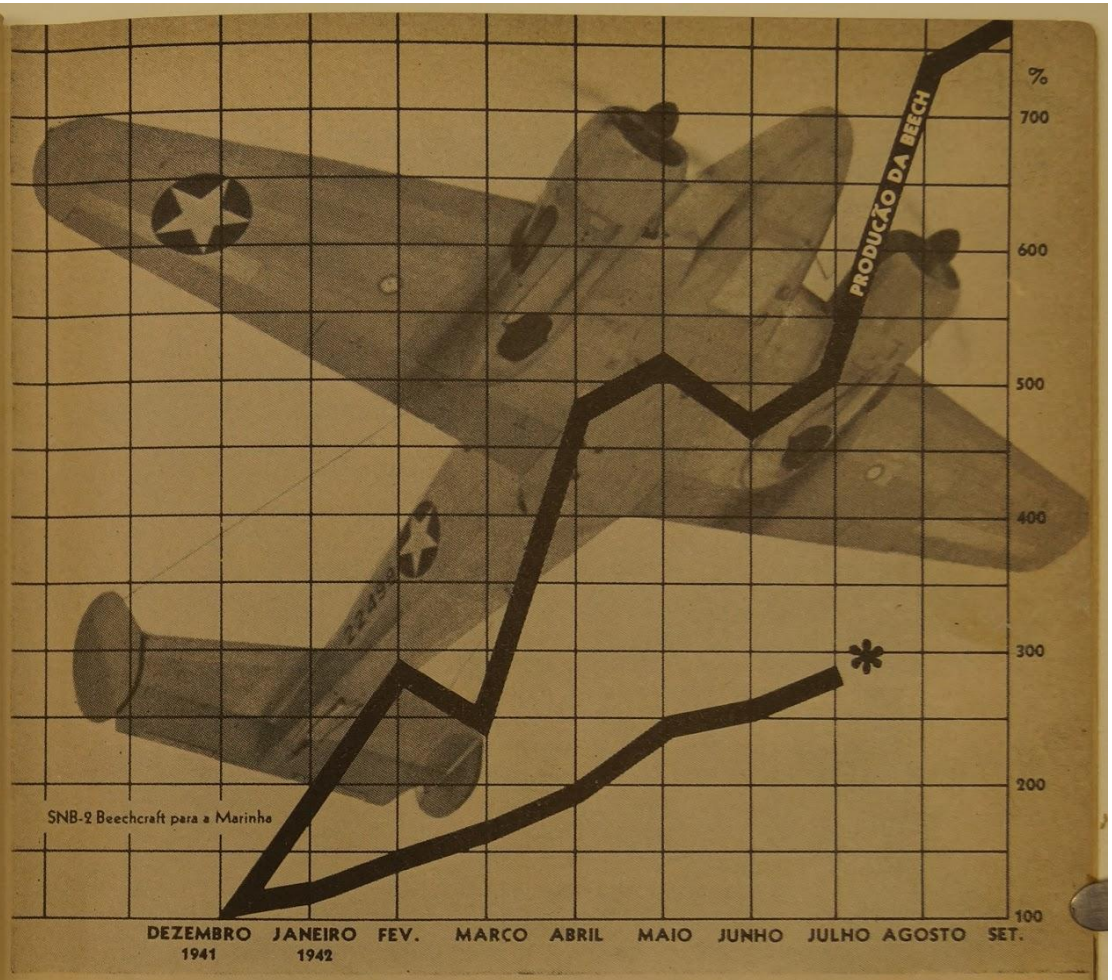
OUTROS PRODUTOS SWIFT DE ALTA QUALIDADE:

Patê de Foie, Carne, Presunto e Galinha • Perú ao Natural • Línguas de Boi, Carneiro e Porco • Defumados de Presunto, Paleta, Bacon e Copa • Presunto Cozido • Presuntada • Carne de Porco • Corned Beef • Carne Cozida • Extrato de Carne • Tuco (Môlho para Massas) • Banha Refinada

CIA. Swift DO BRASIL S/A

HÁ MAIS DE 25 ANOS

DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



*Indice do WPB da produção combinada de munições

Desempenho

Tal qual os aviões que fabrica para os Estados Unidos, a Beech tem demonstrado maior eficiência no desempenho da sua tarefa. O gráfico supra indica a média do progresso da produção da Beech, no primeiro ano da guerra total.

Beech Aircraft

CORPORATION

OS BEECHCRAFT ESTÃO CUMPRINDO BEM SUA TAREFA

WICHITA, KANSAS, E.U.A.

Dói-lhe a cara por causa da barba?

Proteja sua pele com este famoso Creme de Barbear, hoje fabricado com a suavizante Lanolina

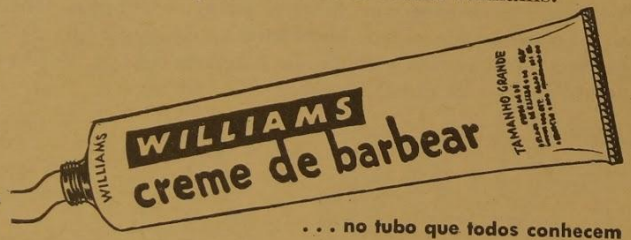
A Lanolina é de há muito receitada pelos dermatologistas, para suavizar a pele irritada ou seca. A Lanolina é muito semelhante ao óleo natural da epiderme humana.

O Williams Contem Lanolina—Em cada tubo de Creme Williams para Barbear se encontra hoje certa dose de Lanolina. O Creme Williams continua, como dantes, a produzir uma espuma espessa, branda e rica, que embebe e amolece perfeitamente todos os pelos da barba. Graças a ele, V.S. pode se barbear rápida e facilmente, ficando com a cara "limpa" e macia. E a Lanolina suaviza-lhe a pele . . . evita essa desagradavel sensação de máscara dura, tensa e dolorida . . . que é tão frequente quando a gente se escanhoa! Deixa-lhe a pele mais macia e mais elástica . . . mais fresca e flexivel.

Não é artificialmente colorido—Um creme de barbear em que entrem ingredientes de má qualidade, pode adquirir uma cor duvidosa. Essa cor duvidosa só pode evitar-se empregando corantes artificiais. Esses ingredientes e corantes irritam por vezes a pele! E como o Williams é exclusivamente composto de ingredientes caros e de primeira qualidade, mantem-se de um branco puro, não exigindo por isso o emprego de corantes artificiais. E' grato a uma epiderme sensivel. E—ainda por cima—reconforta a pele com a suavizante Lanolina!

Compre um tubo dêste esplêndido e novo Creme Williams.

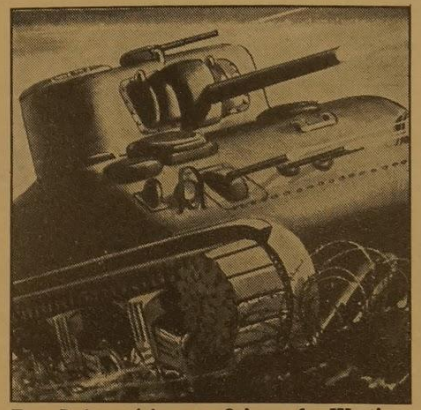
Contem a suavizante **LANOLINA**



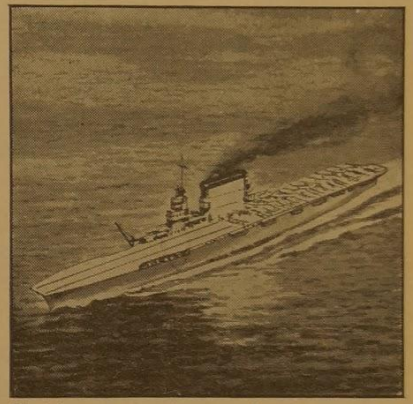
. . . no tubo que todos conhecem

Todos os 11 minutos...

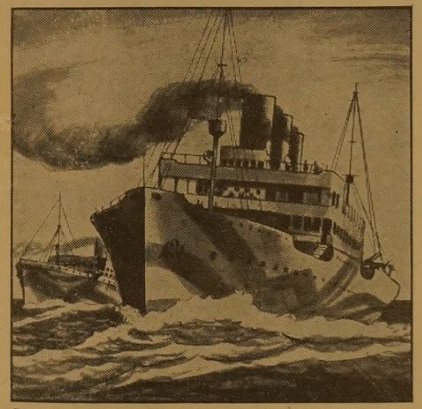
Eis alguns dos materiais de guerra que a Westinghouse está embarcando para as fôrças combatentes das Nações Unidas—à velocidade de um vagão carregado todos os 11 minutos—noite e dia!



Dos Laboratórios e oficinas da Westinghouse: aparelhos de regulamento de fogo, instrumentos para os tanques americanos.



Turbinas, engrenagens, elevadores, sistemas para sinais e outros aparelhos elétricos para navios de guerra.



Maquinismos de propulsão, geradores e motores auxiliares para navios de marinha mercante.

Aparelhos para comunicações, rádios "walkie-talkie", capacetes plásticos, binóculos, para as fôrças terrestres.

A WESTINGHOUSE está agora fazendo entregas de materiais de guerra em termos de 4000 vagões por mês!

Isto equivale a um trem com 37 milhas de comprimento. Representa a produção de um carregamento completo de um vagão de materiais de guerra cada onze minutos, durante as vinte e quatro horas do dia.

Até que seja ganha a guerra cada fração dos conhecimentos da Westinghouse em investigação, engenharia e fabricação de artigos elétricos será devotada a um único fim: VITÓRIA!

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL CO,
40 Wall St. New York, N. Y., E. U. A.

Westinghouse
Fundada em 1886

...pondo a Eletricidade ao serviço da Vitória

A—O soldado escreve uma carta do modelo que acima se vê. B—Rolo com 30 m. de filme de 16 mm., no qual vão fotografadas 1700 dessas cartas, pronto a ser expedido por avião desde os mais distantes postos avançados de guerra.

A "Mala Aérea V...—" aproxima os soldados de suas famílias

O SOLDADO escreve uma carta numa folha de papel do tamanho habitual. A carta é fotografada em microfilme Kodak, e, acompanhada de milhares de outras—85,000, que pesariam 1000 quilos, ficam reduzidas a 10 kg. quando microfotografadas! — é depois velozmente expedida pelo ar, desde os mais distantes postos avançados de guerra, para os Estados Unidos do Norte.

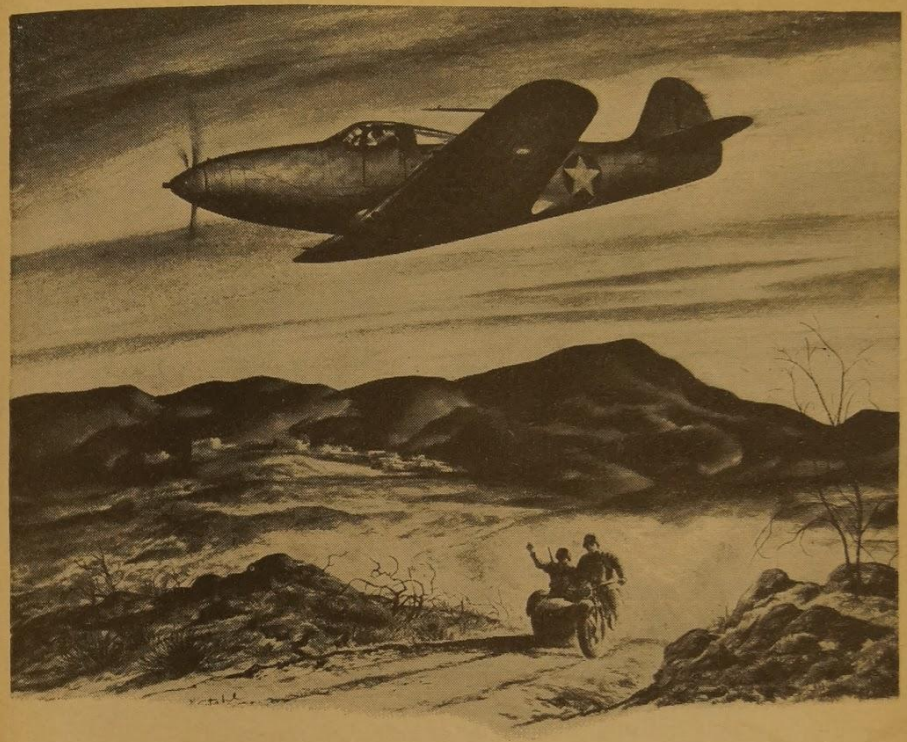
Aquí, a carta é fotografada e restituida ao seu tamanho "natural," fechada no envelope, e remetida aos parentes ou amigos. Essa carta é a reprodução fotográfica do que ele escreveu. E as cartas que lhe são endereçadas podem tambem expedir-se pela mesma "Mala Aérea V...—" que poupa espaço e tempo.

Foi a Kodak que imaginou e realizou o processo. A Pan American Airways e a British Overseas Airways romperam caminho pelos ares . . . e a Kodak, com essas companhias (como "Airgraphs, Ltd."), propôs o serviço aos governos inglês e norte-americano.

A "Mala Aérea V...—" ("V...— Mail" como se lhe chama nos Estados Unidos) é uma adaptação do *Sistema Recordak*, que veio revolucionar os métodos arquivísticos de milhares de bancos e empresas. A crescente procura deste e de outros serviços da Kodak, que estão contribuindo para o triunfo das Nações Unidas, impossibilita-nos, bem contra o nosso desejo, atender as encomendas dos nossos estimados Distribuidores ao Norte e ao Sul do Equador. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E.U.A.

KODAK ...a fotografia ao serviço do progresso humano

Quinto de uma série de anúncios



Temos BOAS NOTÍCIAS ...para as Américas

Voando sobre a devastação e ruina de algum campo de batalha, este avião está ao mesmo tempo inaugurando algo de novo para os povos das Américas. São boas notícias.

É o Bell Airacobra, avião de combate de um só motor, chamado tambem "o canhão sobre asas."

Os Airacobras estão hoje combatendo ...na África, Rússia, China e muitas outras frentes. Estão prestando relevantes serviços com o fogo terrivel de seus canhões, destruindo aviões inimigos, tanques e tropas.

Quanto mais eficiente for o serviço que prestarem, mais certas estarão as Américas de que a guerra não chegará às suas praias.

Depois da vitória...as Américas precisarão de enxames de aviões de paz! E nós teremos as imensas fábricas, as facilidades de engenharia e produção que nos permitirão fabricar aviões que serão boas novas para o comércio e o transporte. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, Nova York, E. U. A.

Airacobras para a vitória—

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR

A PRODUÇÃO
A TODO VAPOR
DEPENDE DO PETRÓLEO

Cena típica de uma fundição de aço. A produção de uma tonelada de aço pode consumir duas toneladas de mineral e duas de carvão.

DIA e noite, as fundições de aço da América rugem ao ritmo de uma capacidade de produção de quasi 100.000.000 de toneladas. Mas esta colossal indústria está acostumada às tarefas e às cifras gigantescas. Algumas fundições podem trabalhar lingotes de mais de 40.000 quilos, produzindo chapas de 25 toneladas, com largura de 5 metros.

Uma das missões mais dificeis do petróleo é a de resistir às terriveis temperaturas e pressões da laminação. Os mancais dos cilindros laminadores, cada um dos quais vale milhares de dólares, têm que suportar pressões superiores a 5.000 libras por polegada quadrada. Se se desgastassem, a espessura do aço laminado variaria, originando um sério problema, se considerarmos que alguns aços inoxidaveis devem ter uma espessura de apenas 0,002 de polegada.

Ao abastecer de lubrificantes especiais as enormes fundições de aço e a vasta maquinaria que se precisa para produzí-lo e fabricá-lo, a Organização Esso está ajudando as Américas a produzir mais e melhor aço do que qualquer outra região da terra.

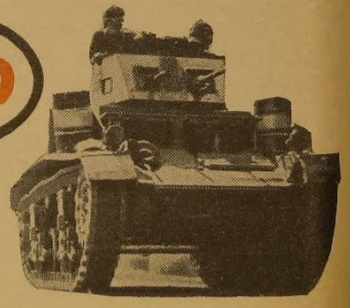
O metal ao rubro passa através dos roletes e surge em forma de lâminas finas. As fundições modernas podem produzir cerca de 500 mts. desse aço por minuto.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL e a ORGANIZAÇÃO ESSO

DISTRIBUIDORES DE ESSOLUBE, ESSOLENE E OUTROS PRODUTOS, QUE ENCONTRARÁ SEMPRE SOB O OVAL ESSO

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife.

Esso



Aço em ação! Um tanque moderno contem dezenas de diferentes tipos de aço, cada um concebido para determinado uso.

PROTEJA A SUA SAÚDE POR UMA COMPLETA HIGIENE DA BOCA

1. USE ESCÔVAS DE DENTES Pro-phy-lac-tic

QUE LIMPAN TODOS OS DENTES

A deterioração dental começa quási sempre pelo descuido dos dentes detrás. A Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic alcança e limpa êsses dentes—a longa protuberância de pelos, na extremidade, assegura-lhe isso. A superfície curva e resistente intromete-se entre os dentes—completando uma limpeza ideal.

As Escôvas de dentes Pro-phy-lac-tic são da mais alta qualidade. Encontram-se em vários estilos e tamanhos, todos de insuperável valor. Peça sempre Escôvas de Dentes Pro-phy-lac-tic.

2. USE CREME DENTAL LISTERINE

PARA POLIR OS DENTES MELHOR

O Creme Dental Listerine é um dentifrício moderno preparado para conservar os dentes alvos e brilhantes. Limpa e dá polimento, refresca a boca, revigora as gengivas. Faça a experiência de usar Creme Dental Listerine numa Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic.

3. USE O ANTISSÉTICO LISTERINE

PARA PROTEGER-SE CONTRA OS MICRÓBIOS

Fazendo gargarejos diários com êste Antissético de tão agradável gôsto—use-o puro—você estará protegendo-se contra resfriados e inflamações da garganta. O Antissético Listerine destrói ràpidamente milhões de germens orais. Ainda mais, êle faz desaparecer o máu hálito—deixando a sua boca perfumada. E uma decidida vantagem usar o Antissético Listerine.

7SW

A Vitória do Mais Pesado que o Ar

O vôo ascendente de um pássaro constitue um triunfo da força sobre o peso. Por séculos e séculos o homem havia cobiçado as asas destes seres do ar. Então, graças à sua própria imaginação e engenho, o homem logrou conceber e criar uma máquina com a qual ele mesmo pudesse vencer a inércia do peso. Ao princípio era comparavel ao esvoaçar de uma borboleta; mas no fim de algumas décadas, converteu as máquinas em naves aéreas que vieram vincular os continentes e os oceanos.

E não é só no aeroplano que o homem conseguiu esta conquista. O moderno automovel de passageiros e os caminhões que transportam cargas pelas rodovias, os leves e velozes trens aerodinâmicos, os rápidos e poderosos navios, todos comprovam o gênio criador que permitiu vencer o obstáculo do peso.

Em todo este progresso o nome BUDD tem ocupado um lugar importante. Para as Indústrias Budd, a ciência metalúrgica criou materiais novos e mais resistentes, permitindo assim empregar estruturas mais leves, sem prejudicar o elemento de segurança. Foi a Budd que originou a moderna carroceria de automovel, toda de metal; que concebeu e construiu os ligeiros vagões de passageiros, de aço inoxidavel, que adquiriram enorme popularidade nas companhias de ferrocarrís norte-americanas.

Mas o gênio inventivo é incansavel. Quando a paz se restabeleça, surgirão novas conquistas da potência sobre o mais pesado; contaremos com equipamento novo e melhorado, de muitas espécies. E então, assim esperamos, o gênio criador e as facilidades fabrís da Budd serão da maior utilidade para todas as nações americanas.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.

"...a Gratidão de um Médico"

Com a permissão do autor, publicamos este mês a tradução de uma carta de um especialista de cancer a quem a Pan American pôde prestar auxílio, apesar de seus importantes compromissos de guerra.

Rosario, Argentina

Senhor Alfredo Martin
Compañia Panamericana de Aviación
Argentina, S. A., Buenos Aires

Meu caro senhor:

Venho por meio desta exprimir a gratidão, não só de um médico, mas tambem a de todos os doentes beneficiados por vossa colaboração.

Quando se queimou uma das lâmpadas do aparelho de radioterapia profunda que utilizo para o tratamento dos enfermos de minha especialidade—os cancerosos—receava eu que, dadas as circunstâncias atuais, todos meus esforços para lhes trazer melhoras fossem vãos de ora em diante.

No mercado local não havia mais lâmpadas. Sugerí que as mandassem vir dos Estados Unidos; responderam-me: "É impossivel, doutor, a exportação foi proibida."

Mas, lembrando-me de meus doentes, eu não podia conformar-me com isto. Era preciso esgotar todos os meios possiveis para obter a lâmpada que me faltava. Foi então que recorrí aos senhores. Contava com a boa-vontade da Pan American. Sabia que, dentro do possivel, VV.SS. não pouparíam esforços para que eu pudesse prosseguir no cumprimento de minha tarefa humanitária.

Não me enganei.

Inteirados de meu caso e das dificuldades que se me apresentavam, prometeram ajudar-me. Aconselharam-me que me dirigisse à Embaixada Americana onde, depois de ser ouvido, prometeram-me a mais ampla cooperação. Foi preciso vencer obstáculos que pareciam intransponiveis... Porem, a lâmpada chegou. Obtida a licença de exportação, foi transportada cuidadosamente pela Pan American, em seis dias de vôo.

Quero chamar a atenção novamente para a preciosa cooperação prestada pela Pan American à Ciência, no interesse daqueles que sofrem.

Reiterando meus agredecimentos, subscrevo-me atenciosamente

(assinado) Raul A. Mayer

Como o exprimiu tão bem o dr. Mayer, em muitos serviços prestados hoje pela Pan American *"é preciso vencer obstáculos que parecem intransponiveis."*

Por isto pedimos indulgência pelas demoras e dificuldades que não pudermos evitar.

Quando chegar a paz, os aparelhos científicos, soros e remédios de importância vital, serão transportados por aviões, em quantidades jamais sonhadas, para os povos da América Latina.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviacion, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviacion; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.

O RÁDIO SIGNIFICA COMUNICAÇÃO INSTANTÂNEA

Instantâneamente, sem um segundo de demora, as ordens de guerra são transmitidas e recebidas pelo rádio.

Nenhum outro invento tem ocasionado tão miraculosas mudanças na guerra moderna, educação e divertimentos, na verdade, em todas as fases da vida hodierna.

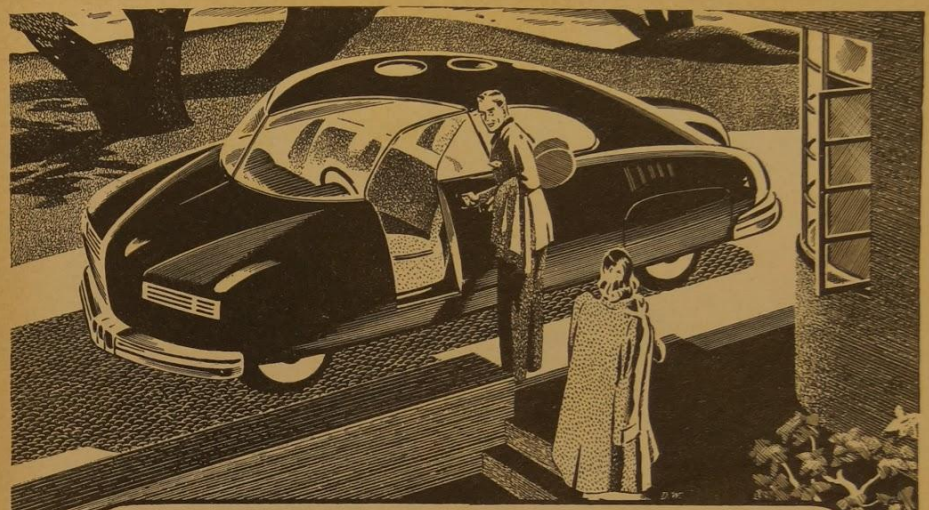
O que acontece agora mesmo nos campos de batalha à muitos milhares de milhas de distância é trazido aos nossos lares por meio do rádio, sem demora alguma e sem uma ansiosa expectativa. E essas notícias são recebidas com clareza, especialmente si V. S. é um feliz possuidor de um aparelho *Zenith* de ondas curtas.

É como si V. S. tivesse uma cadeira de platéia, de primeira fila, para assistir aos grandes acontecimentos históricos que se desenrolam nas zonas glaciais do ártico, nas selvas impenetraveis do sul do Pacífico ou nas costas montanhosas da Africa do Norte. Tudo o que acontece em qualquer parte do globo terrestre está ao seu alcance, bastando para isso um simples movimento no botão do seu rádio *Zenith*.

Zenith, símbolo de suprema qualidade em rádios, é hoje, tambem, o símbolo de perfeita lealdade à causa da liberdade porque dedica a sua produção total aos Exércitos que a defendem.

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

Agentes em todas as cidades principais



É *SEU* — depois da VITÓRIA!

Eis seu novo carro. Um milagre de graça e de beleza, de velocidade, conforto, conveniência, segurança—e *economia*.

Este é apenas um dos muitos milagres que veremos e de que tiraremos proveito depois da VITÓRIA. Aviões, trens, maquinaria agrícola, material para escritório, utensilios domésticos—quase tudo que é necessario para se viver melhor—será enormemente aperfeiçoado e posto *ao alcance de todos*.

Os "aços de guerra" que ajudam agora a ganhar a guerra, transformar-se-ão em "aços de trabalho" para tornar nossa vida mais abundante e mais facil. Os laboratorios de pesquisa da Republic Steel já conseguiram produzir aços maravilhosos que são usados em material de guerra e descobrir novas aplicações para os aços conhecidos.—A eficiência e capacidade de produção da Republic Steel chegou a nova culminância. Centenas de novos produtos de guerra da Republic Steel, desde as novas ligas para a aviação até às esteiras para tanques de guerra, contribuem para que as armas do Hemisfério Ocidental sejam as melhores do mundo.

Quando chegar a Vitória, esses aperfeiçoamentos do aço conseguidos pela Republic Steel farão com que nossas "armas de paz" sejam tambem as melhores do mundo—contribuindo assim para que todas as nações da América participem da prosperidade crescente de *toda a América*.

Mas até que a liberdade do Hemisfério Ocidental esteja assegurada, temos uma só tarefa: Trabalhar com afinco—trabalhar juntos—para a VITÓRIA!

REPUBLIC STEEL — VITORIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave., New York, N. Y., E.U.A. Endereço telegráfico: "TONCAN"

Escritórios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Venezuela, Ilhas Virgínias.

A JOÃO MAURICIO, Rio de Janeiro — movida por um Diesel "Caterpillar" D13000 Motor de Marinha.

Força-motriz de que se pode depender

—TANTO NA TERRA COMO NO MAR

Os motores Diesel "Caterpillar" alcançaram tanto êxito nos Tratores Diesel "Caterpillar," que o seu uso é de há muito indicado até mesmo para a marinha. Estes motores estão acionando muitos barcos de pesca, de navegação fluvial, e rebocadores, em todo o universo; estão tambem fornecendo luz e força para casos imprevistos a bordo de navios de grande calado.

Nestes dias em que a guerra reclama combustiveis da mais alta qualidade, os possuidores dos Diesel "Caterpillar" consideram-se felizes por disporem dum motor capacitado para queimar um combustivel barato. O sistema de combustão do Diesel "Caterpillar" é admiravel de economia e eficiência. Ele é simples, seguro, não requer ajustamento algum para funcionar, faz uma combustão completa, e o seu consumo é tão reduzido, que torna o custo da operação incrivelmente módico. O desenho já universalmente sancionado e a alta qualidade de construção desses motores resistentes, asseguram uma atuação sempre eficiente, ainda muito alem da duração normal de um motor de combustão interna.

Alem disso, a "Caterpillar" dispõe de uma excelente organização de concessionários, com oficiais mecânicos para as raras ocasiões em que se requerem os seus serviços.

Para os armadores e donos de barcos, fazendeiros, construtores, proprietários de minas, de refinarias de petróleo, e os industriais, os Motores e Geradores Elétricos Diesel "Caterpillar" estão dando provas de que são as melhores usinas de força-motriz para todos os fins.

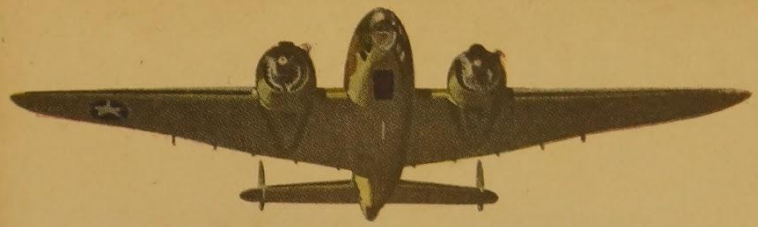
CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

MOTORES E GERADORES ELÉTRICOS • TRATORES DE ESTEIRA • MÁQUINAS PARA RODOVIA

FORMIDAVEL



Este é o Vega Ventura... um novo e imponente bombardeiro que incorpora alguns caraterísticos familiares, definitivos. Assemelha-se ao Lockheed Hudson... potente, com vigor e rigidez no conjunto. Funciona como o rápido transporte Lodestar, porem é mais veloz e ágil. Fm ação é algo de temer, pois que é o maior bombardeiro e o mais destrutivo por nós planejado até esta data. Carrega ampla carga de bombas, e o seu canhão lança nutrida chuva de balas calibre 50, de cinco posições diferentes.

Os pilotos norte-americanos e os da Real Força Aérea sem dúvida saberão aproveitar-se das qualidades mortíferas deste bombardeiro, fazendo estragos sobre as linhas de provisões, tanques e canhões do trio do Eixo.

Subsidiária da Lockheed

Vega **Aircraft Corp. . .**

Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

ELEVADORES OTIS

MANUTENÇÃO — CONSERTOS — ACESSÓRIOS OTIS

CONSERVEM OS ELEVADORES JÁ INSTALADOS EM BOAS CONDIÇÕES DE SERVIÇO E SEGURANÇA.

MANTEMOS UM CORPO DE TÉCNICOS PARA BENEFÍCIO DE ARQUITETOS, ENGENHEIROS E PROPRIETÁRIOS, COM O FIM DE ASSISTÍ-LOS NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS ATUAIS E FUTUROS.

NOSSAS FACILIDADES DE MANUFATURA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE ESTÃO SENDO HOJE DEVOTADAS INTEIRAMENTE À PRODUÇÃO DE GUERRA.

OTIS ELEVATOR COMPANY

BUENOS AIRES
MONTEVIDEU
SAN JUAN

RIO DE JANEIRO
HAVANA

MÉXICO, D. F.
BOGOTÁ
PANAMÁ

AGENTES EM OUTRAS CIDADES DA AMÉRICA LATINA

Continuação da última capa

Doze lapis e uma revista

pessoais com ele, eu lhe revelava uma publicação interessante.

Assim, prosseguiu o exame do *Reader's Digest*. Ao chegar à condensação de um livro recempublicado sobre o Japão, e que não havia chegado ainda às nossas livrarias, não se conteve que não exclamasse para um companheiro que corrigia provas:

—Veja o que nos trouxe o «novato»! Uma revista que a gente não conhecia e que tem um notavel artigo sobre a indústria moderna do algodão; alem disso traz um resumo daquele livro sobre o Japão que nos recomendaram. Temos que ler isto.

O interpelado olhou para mim e obsequiou-me com amavel sorriso, que eu retribuí satisfeito. Em realidade, nada daquilo me surpreendia, pois estava acostumado a espantar os meus amigos com a «revistinha norte-americana» muito pouco conhecida em Buenos Aires por aqueles tempos.

Conseguira eu esse primeiro posto no jornalismo, e nutria todas as aspirações próprias de um jovem ansioso por triunfar. E conquistava de uma vez dois amigos no jornal!

Com a experiência cotidiana, pouco a pouco foi crescendo em mim o jornalista. Meu caderno de notas não tardou a encher-se: a princípio, nomes próprios; depois, observações pessoais. Em breve tinha a satisfação de ver publicadas em Buenos Aires mais de cem crônicas com a minha assinatura.

A leitura do *Reader's Digest* despertava-me temas que davam lugar, primeiro, a pesquisas interessantes, e depois a artigos de grande atualidade. Tinha sempre ao alcance da mão doze lapis preparados, de modo que não perdia tempo a fazer-lhes a ponta quando alguma se quebrava na hora das correções.

Desde aquela época de iniciação no jornalismo—de gratíssima memória—conservo e consulto uma coleção atualizada desta revista que me é predileta.

Dos meus antigos companheiros, muitos recebem hoje regularmente, em Buenos Aires, este interessante compêndio de artigos. Quando lhes chegar às mãos o presente exemplar, desejo que saibam que, em Nova York, a dez mil quilômetros daquela sala de redação tão querida, tenho ainda sobre minha escrevaninha, uma dúzia de lapis e um número do *Reader's Digest*.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Doze lapis e uma revista

Roberto I. Unánue

Jornalista argentino, ex-redator de «La Nación», de Buenos Aires. Atualmente subdiretor de Relações Sulamericanas do Columbia Broadcasting System. Autor de «Apuntes de Derecho Internacional Público».

— TROUXE um bom dicionário, hein? disse-me o velho jornalista, ao examinar a bagagem com que eu me apresentava em *La Nación*, de Buenos Aires. Era o meu primeiro dia na redação do grande diário, a estréia de mais um jovem no periodismo.

—É, respondí. —É a última edição da Academia.

Meu interlocutor sorriu com benevolência, continuou o exame, e exclamou:

—Uma dúzia de lapis! Mas você não precisava comprar lapis! Nós aquí damos todos os que deseje...

—Comprei tambem um livrinho de notas, ocorreu-me dizer para mudar de assunto. —Quero anotar nele muitas coisas uteis para meu trabalho.

—Ótimo. Você vai começar com entusiasmo e boas intenções... Tomara que não desanime... E este livrinho, que é?

—É uma revista norte-americana muito interessante, —respondí —o *Reader's Digest*. Estou colecionando, há muito tempo, e é bem util. Por seu intermédio eu fico sabendo de mil coisas que se passam pelo mundo, e que escapam aos nossos jornais.

O veterano jornalista olhou-me meio incrédulo. Folheou logo distraidamente o *Reader's Digest*, passou a vista por um artigo de esporte, outro de política internacional, e deteve-se por alguns segundos sobre uma seção de curiosidades.

Depois examinou com mais vagar um artigo que relatava os mais recentes progressos técnicos na indústria do algodão. E continuou folheando.

Eu o observava atentamente. Ele era um escritor conhecido, tipo do jornalista que eu tanto admirava e admiro: o jornalista de gabinete, que, de sua redação, escreve, analisa, opina... Já conhecia o seu nome havia tempos, e era leitor assíduo de seus artigos. Para um modesto principiante, não podia deixar de ser transcendental aquele momento em que, alem de travar relações

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Mais forte que o infortúnio . . . . por Arno B. Reincke 1
Revolução médica no México . . . . Pan American 3
«Não é outra a tua herança» . . . . . Time 8
Vida e amores de Ivã o Terrivel . . . . . Nature 9
Gigantes do ar em duelo . . . . . por Ira Wolfert 13
Será lícito o lucro? . . . . . por Fred I. Kent 17
Nosso poder latente de concentração . . The Rotarian 20
Americanos em terras de infiéis «Guide to North Africa» ?
Maternidade sem dor nem perigo . . . . . Hygeia ?
Segredos do Rei da Evasão . . . . . Variety 31
«Em Manila nos veremos!» . American Legion Magazine 35
Engenhosas aplicações dos raios X . Science News Letter 38
Meu tio Azougue . . . . . Robert P. Tristram Coffin 40
As armas não bastam para firmar a paz . Herald Tribune 44
A opinião americana muda de rumo N. Y. Times Mag. 45
Cachorros sabidos . . . . . American Kennel Gazette 48
Angelo Patri, mestre de pais e filhos por D. C. Fisher 50
Na escada de assalto das Aleutas . . por W. Clemmens 54
É facil gozar saude . . . . por William R. P. Emerson 58
Tornou realidade o sonho de Júlio Verne
Scientific American 62
Mil dólares no meio da rua . . . . . Cosmopolitan 67
Mulheres de armas da América . . . . . This Week 71
O filho estranho . . . . . por A. J. Cronin 74
Advogados a preço fixo . . Christian Science Monitor 78
O derradeiro voto de um juiz . por Alexander Woollcott 80
Nem sempre a culpa é do cancer . . por R. Ferguson 83
Projeto de um mundo sem guerra . Por Ely Culbertson 87

Seção de Livros — Em busca do carater integral
por Harry Emerson Fosdick 95

Índice 112

JUNHO DE 1943

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAHYBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo III, No. 17 — [*Marca Registrada* *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Junho de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação,* Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os países signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os países que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

JUNHO de 1943

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III No. 17

Mais forte que o infortúnio

(Condensação dum folheto fora do mercado)

Por Arno B. Reincke

OUTRO DIA, depois do jantar, um amigo que tenho discutia comigo o que os anglo-saxões chamam *self-pity*, ou seja condescendência com as nossas próprias infelicidades. A certa altura, atirou-me ele a seguinte sugestão, que me pareceu bem digna de ser posta a circular.

Nas noites em que o panorama da vida se lhe apresenta singularmente negro, ameaçando-o com o pavor da insônia, o meu amigo evoca ao cenário da sua conciência a figura dum homem a quem rende ilimitado preito de admiração. E, à medida que os episódios da vida do herói se desenrolam no seu cérebro insone, os «venenos psíquicos», fermentados pelos azares do dia, rapidamente se dissolvem e neutralizam... E o meu excelente camarada consegue cair num calmo e sereno sono de justo, para despertar na manhã seguinte com uma coragem de leão!

A cena primeira do seu drama intracraniano tem lugar num armazem de encruzilhada rural, perdida lá no Meio-Oeste ainda efervescente de pioneirismo, onde um jovem de 22 anos, sócio do armazem, tem a oportunidade de aprender à sua custa que o fracasso é sempre bem mais facil de alcançar do que o êxito. Lição espinhosa e amarga foi essa, a que nem faltou a vergonha do edital de falência, afixado à porta da loja pela autoridade local, sem contar a conciência de haver perdido até o último os centavos acumulados em sete anos de labor... Essa primeira cena, cheia de intensidade, aparece carregada de todo o desapontamento e pesar de um começo de vida falhado.

Em seguida, muda a cena, e vemos agora o juvenil herói instalado no seio de nova sociedade. Ao cabo de dois anos de áspera luta para acumular de novo modesto capital, vemo-lo mais

uma vez meter mãos à obra, mas desta resolvido a não repetir os erros que tinham arrastado ao malogro a sua primeira firma. Desta feita era forçoso que vencesse! Ainda que o quisesse, não poderia aguentar outro período de dificuldades como o que acabava de atravessar...

Uma vez mais, entretanto, veio o fracasso nulificar seus esforços! Dois anos não eram passados, e o novo sócio tinha absorvido todos os lucros da casa. E o nosso herói, depois de ver pela segunda vez as suas economias destroçadas, foi forçado a carregar nos ombros o peso de débitos que, de antemão sabia, acabariam por esborrachá-lo. Levados à beira do desespero, os dois sócios aquiesceram em transferir o negócio em condições que se iam revelar verdadeiramente desastrosas: ao fim do primeiro ano, o comprador não satisfez o respectivo pagamento, vendeu toda a mercadoria, reuniu os fundos disponiveis, e bateu asas. Para cúmulo do azar, o sócio morreu nessa altura, deixando o herói cambaleando ao peso de dívidas dobradas.

Fora outra amarga experiência; mas ele repudiou a solução da falência, e, após alguns anos de penúria, liquidava o último dolar das suas derradeiras obrigações, no dia em que festejava 39 anos de idade.

Depois daquele segundo desastre comercial, veio procurá-lo um amigo caritativo, para lhe oferecer um emprego, então muito em voga, de medidor de terras. O herói foi forçado a pedir dinheiro emprestado para comprar os instrumentos do ofício, e um cavalo para as longas excursões a que seria obrigado. Não chegou sequer, todavia, a tomar conta do emprego: um dos credores penhorou-lhe instrumentos e montada, e levou-lhos por conta das dívidas! Dir-se-ia que o destino o elegera sua vítima predileta.

Foi nessa altura que a vida—melhor dizendo, a morte—lhe vibrou o golpe mais duro com que poderia ferí-lo, abrindo-lhe na alma chaga que não cicatrizaria nunca mais. O seu primeiro e único grande amor sucumbiu subitamente e—como ele diria mais tarde—o seu coração seguiu ao túmulo a mulher amada.

Era demais. Rendeu-se a dor tão profunda, sentindo-se a ponto de endoidecer. «Nessa época de minha vida, nunca ousei levar no bolso um canivete,» escreveu muitos anos depois. No espaço de um ano tinha ficado tão alquebrado, que foi preciso levarem-no para casa dos pais, a 150 quilômetros de distância, e reconduzí-lo ao caminho da sanidade mental.

Dez anos mais tarde o sol brilhou momentaneamente através dum rasgão das nuvens: imaginando que esse «fracassado» dos negócios poderia vingar na política, fizeram-no, alguns amigos, deputado. Tornou a falhar. Ao cabo de duas curtas sessões legislativas, durante as quais nada fez senão aborrecer-se, não o reelegeram os eleitores.

Nove anos depois, aqueles que conheciam e respeitavam esse homem de elevados princípios, deliberaram, mais uma vez, ajudá-lo. Engenharam uma crise partidária de que resultaria a sua colocação, em primeiro lugar, como candidato a senador dos Estados Unidos. Até uma hora antes da grande convenção estadual para escolha dos candidatos, os entendidos no assunto o davam como escolhido. Mas ao último minuto declarou-se uma cisão nas fileiras do partido, e ei-lo forçado a recolher-se à penumbra, cedendo a candidatura a um

adversário. Mais uma vez—completo fracasso.

Decorridos dois anos, fazia ainda nova tentativa para alcançar uma cadeira senatorial, defrontando-se com o mais popular dos candidatos do estado, numa série de debates públicos sobre as questões do momento. O competidor, orador de grandes dotes, e político tão untuoso quanto experimentado, não deu tréguas ao fracassado.

Recolheu este mais uma derrota. Na sua própria opinião, não passava, aos 50 anos, de um político vencido, sem que nunca tivesse pelejado uma autêntica batalha. Em 30 anos de esforços constantes, não conquistara jamais uma só vitória pessoal!

Mas as forças invisiveis das circunstâncias parecem algumas vezes mobilizar-se para o grande momento decisivo duma vida humana em luta.

Dois anos após esse último e desastroso desfecho, o destino, de um só golpe magnânimo, recompensou esse homem de tantos anos de desapontamento, ansiedade e fracasso:

Subiu ele à Presidência dos Estados Unidos!

Repetí assim a história de Abraão Lincoln, tal como a dramatizou esse meu amigo. Quantas vezes, pelas ruas tortuosas da vida, acotovelamos homens que necessitam de estímulo! É digna dum lugar importante na memória de todo ser humano, rico ou pobre a grande lição que aí fica.

Revolução médica no México

(Condensado da «Pan American»)

Por Michael Scully

Com modéstia de recursos, mas audácia na direção do respectivo serviço, vai resolvendo o México o problema de defesa sanitária de suas populações rurais.

Quando o Departamento de Saude do México obteve os dados estatísticos referentes a 1936, viu que eles eram na realidade desoladores. Segundo os modernos padrões, o país devia dispor de nunca menos de 18.000 médicos, ou seja 1 para cada milhar de habitantes. Havia, entretanto, apenas 4.500, dos quais 90 por cento exerciam clínica nas grandes cidades. Dois terços da população nacional, que eram os 12 milhões de habitantes das pequenas povoações—gente do campo, mineiros, índios—não tinham assistência médica, ou, ainda peor, se confiavam aos cuidados de feiticeiros de aldeia, curandeiros,

charlatães. Os índices de mortalidade figuravam, em consequência, entre os mais altos de que se tinha notícia.

O que fez o México, diante de tal crise, merece a atenção do mundo. Resolveram os mexicanos o problema, que ainda hoje anda a zombar das autoridades sanitárias dos Estados Unidos, fazendo desviar dos grandes centros urbanos para os setores rurais, onde eram mais necessários, os novos médicos, a sair das faculdades.

O primeiro *tiro*, nesta verdadeira revolução, coube dá-lo ao dr. Gustavo Baz, jovem diretor da Escola Médica da Universidade. Se lhe faltava dinheiro, sobrava-lhe espírito de iniciativa. Reunindo 260 alunos que deviam terminar, naquele ano, o curso, anunciou-lhes que haviam sido feitos, todos eles, médicos provisórios.

«Os senhores têm quase seis anos de treino, e normalmente se tornariam em breve assistentes de hospitais,» disse-lhes Baz. «Vimos, porem, propor-lhes que, em vez disso, empreendam no nosso país uma grande aventura médica. Cada qual passará seis meses, no carater de médico e delegado da Saude Pública, numa localidade do interior, das que não dispõem de médico. Remeter-lhe-emos o material necessário, sobretudo, já se vê, medicamentos. Nada cobrarão do público; o governo lhes pagará 90 pesos (360 cruzeiros) por mês. Fica a seu cargo treinar suas próprias enfermeiras, e improvisar recursos clínicos. Quase todos terão que trabalhar com gente primitiva, sem qualquer noção da medicina moderna.

«Ao fim de seis meses de semelhante experiência, cada um estará habilitado a escrever o que será, certamente, a mais expressiva das teses que jamais se ofereceram para a conquista do grau: um relatório completo a respeito do lugar em que estiver servindo, população, clima, regime alimentar, renda, estado sanitário, doenças mais comuns, e suas causas. Isto feito, estará conquistado, e ninguem dirá que sem justiça, o título de doutor!»

O plano de Baz, aliás inteiramente original, produziu tais resultados, que entrou a constar, de modo permanente, do programa geral sanitário, hoje em prática no México. Os 260 doutorandos produziram, em conjunto, um relatório circunstanciado, que deu a conhecer perfeitamente as condições do país, do ponto de vista em causa.

O certo é que hoje o México tem um programa, no que concerne a saude nas suas zonas rurais, que pode servir de modelo. Criou-se um curso gratuito de treino médico para moços pobres de distritos rurais, que nunca poderiam ascender, por não disporem de meios, a uma escola de medicina; mais de mil localidades, noutros tempos inteiramente desprovidas de qualquer socorro médico, contam presentemente com os serviços de profissionais idôneos. Abriram-se 40 hospitais regionais, e se acham mais 28 em construção; unidades médicas moveis, usando de caminhões, e até mesmo de animais, penetram as regiões mais afastadas, ou menos protegidas de recursos, inclusive de transporte.

Os médicos rurais examinam, no momento, mais de 1 milhão de pessoas por ano, vacinando cerca de 500 mil contra tifo, varíola e outras moléstias contagiosas. Ao dar-se início à execução do programa, só uma parcela diminuta (menos de 10 por cento) do suprimento de água da nação era julgada potavel; hoje, mananciais postos a prova, e devidamente protegidos, estão a

ser preparados para o abastecimento de centenas de localidades mexicanas, ainda das mais modestas.

Os médicos «provisórios», que foram, na matéria, os pioneiros, trouxeram do campo uma dose de experiência profissional que, certo, nunca teriam adquirido nos hospitais da cidade. Operaram em pleno mato, debaixo de árvores, improvisando talas de bambú; fizeram partos, acomodando os bebês em esteiras de folhas de banana. Mas trouxeram tambem fotografias de mercados de aldeia, onde, pela primeira vez, se viam os gêneros alimentícios protegidos por uma tela, contra moscas, cachorros e porcos; e de fontes de água pura, em que se transformara o que antes era um simples ponto de banho de gente e de animais.

Contudo, dos 260, houve um que não voltou. Ia ele tratar de uma criança acometida de difteria, mas os pais desta, índios, o expulsaram da cabana, desconfiados de que a seringa hipodérmica não passaria de magia negra. Interveio, porem, no caso, o mestre-escola da terra, conseguindo que o homem concordasse com o tratamento a ser feito. Aplicou-se a injeção, mas era tarde; a menina morreu. Poucos dias depois, o jovem médico era morto de emboscada.

Diversas, como já são, as turmas de doutorandos, que têm seguido pelo mesmo rumo, contam-se mais onze casos de ataques pelos índios, cujos primitivos temores encontraram incentivo no despeito dos curandeiros locais de todos os matizes. Assim, do equipamento regular dos médicos «provisórios», entrou a constar, por ordem do governo, ao lado do termômetro, um revolver.

Um dos jovens médicos, Abelardo Salas, julgou necessário estabelecer a primeira quarentena que jamais se tinha visto em Extepec. Estava a propagar-se o sarampo, que, em paises tropicais, não raramente, é fatal. Duas vezes teve ele que sacar do seu revolver, para defender-se de ameaças dos que violavam a quarentena. Finalmente, apelou para o exército, e fez cercar três quarteirões, indo em seguida de casa em casa, acompanhado de sua enfermeira índia, a explicar, a dar instruções, e a deixar uma sentinela na frente de cada prédio da zona suspeita. A moléstia, assim controlada, não pôde desenvolver-se, e uma epidemia se evitou.

Salas colocou Ixtepec no caminho da ordem sanitária. Afora o que entende com o saneamento dos suprimentos de água e dos mercados de alimentação, fontes principais de doença, registra o seu relatório 1.266 pacientes examinados, 1.000 vacinações contra a varíola, instruções a 49 mulheres grávidas, tratamento de 429 crianças, 12 preleções sobre higiene ao professorado local. Fundou, ainda, a *Casa de los Niños*, para assistência à infância.

As mulheres, naquela região, fazem trabalhos pesados, desde a colheita do cacau à matança do gado. Os casos de acidente ou de doença, entre as crianças que, enquanto as mães trabalhavam, permaneciam em casa, no meio da sujeira, entregues as mais pequenas aos cuidados das maiores, tomaram proporções assustadoras. Reunindo algumas pessoas mais esclarecidas do lugar, Salas concitou-as à ação. Adaptou-se, do melhor modo, uma casa, aos fins que se tinham em vista, e 30 mocinhas, recrutadas nas escolas, foram treinadas para cuidar de crianças. Em dois meses, o apelo à assistência médica, para os bebês de Ixtepec, baixou de 40 por cento.

Já sobe a 2.400 o número de doutorandos que, de acordo com o plano Baz, têm sido enviados, da Universidade Nacional, para o interior do país; ultimamente, mais 400, de três menores escolas médicas, foram aproveitados para o mesmo serviço. Muitos, terminados os seis meses, e recebido o grau, voltam aos lugares onde estavam, e alí continuam a exercer a atividade profissional.

Onde se estabelece um médico, aparece logo uma farmácia, e assim os medicamentos essenciais se encontram à venda, pela primeira vez, em localidades atrazadas, onde nunca, de outro modo, se poderiam obter. As moças treinadas em serviços de enfermagem se contam já por cerca de 4.000. «Não são enfermeiras de primeira ordem» reconhece Baz. «Sabem, todavia, fundamentos de saneamento e higiene. Não exageraremos se dissermos que estão cinco séculos adiante das feiticeiras ou charlatães locais a quem vieram substituir. Já é alguma coisa!»

Depois dos seis meses como provisórios, e por conseguinte doutorados, os jovens de Baz se estabelecem, em geral, em localidades de 5.000 a 12.000 habitantes, onde já podem contar com boa porcentagem de pacientes que paguem. O maior problema, todavia, da saude no México, está nos 7.000 *ejidos*, ou colônias agrícolas comunais, e nas aldeolas de índios, compostas de algumas cabanas. Aí—e se trata aliás da maioria da população rural—ninguem, ainda encontrando médicos, teria como pagar-lhes honorários.

O Departamento de Saude começou a organizar unidades rurais, na base de grupos de quatro: médico, farmacêutico, enfermeira, e ajudante geral. A cada unidade, estacionada numa colônia agrícola ou aldeola índia, era fornecido um automovel. Ficava ela responsavel pela saude pública numa área compreendendo centenas de milhas quadradas.

Certamente, nenhuma explicação científica de métodos clínicos estaria ao alcance daquela gente. Não tardou a compreendê-lo o dr. Gustavo A. Uruchurtu, ao desempenhar as funções, que lhe foram confiadas, de diretor de Educação Sanitária. Criou ele então um jornal, intitulado *Higiene*, a ser distribuido gratuitamente aos médicos-estudantes, professores primários, e dirigentes ou chefes de grupos camponeses. Em histórias, para ler em voz alta, as grandes descobertas médicas do mundo vêm expostas sob a forma de contos populares—o uso, por exemplo, pela primeira vez, do quinino, pelos índios peruanos. O Sol, o Ar, a Água, são apresentados como personagens amigos do homem; ao passo que a Imundície, a Escuridão, os Germes, figuram como inimigos. As fotografias, ou estampas, exibem o que acontece quando uma família constrói a sua habitação num terreno alto e bem drenado, e outra escolhe um sítio úmido, a que não chega o sol. O cinema, seguindo a mesma orientação procura atrair às escolas os adultos analfabetos, enquanto discos de vitrola, muitos deles em línguas índias, se fazem ouvir em praças de mercado, dando instruções ao povo. Regras sanitárias fundamentais têm sido assim transmitidas a cerca de 3 milhões de mexicanos.

Hoje, o Departamento Federal de Saude Pública mantem em atividade mais de 125 unidades rurais, algumas com doze médicos, e mais, e dispondo de todos os serviços dos modernos centros sanitários.

Uma após outra, as colônias comunais agrícolas vão entrando no regime de assistência médica permanente e organizada. Para contar completamente com esta, paga uma família, anualmente, 24 pesos (cerca de 100 cruzeiros); nas zonas mais pobres, a taxa se reduz à metade. O relatório relativo ao ano de 1941 mostra que a contribuição dos camponeses representa, mais ou menos, 35 por cento do custo do programa nacional.

Até aquí a maioria dos médicos provinha de famílias que podiam custear-lhes as despesas, relativamente elevadas, em que importava um curso de seis anos na escola de medicina, e isso restringia enormemente o acesso à profissão. O México decidiu-se a por em prática outra experiência revolucionária: consiste esta em ir buscar, para as escolas de medicina, milhares de jovens entre a gente pobre dos distritos rurais.

Em 1937, o eminente cirurgião dr. Ignácio Millán propôs o plano ao Presidente Cárdenas. «Aquí,» ponderou Millán, «está um reservatório de médicos potenciais, aos quais entretanto não é dado fazer um curso médico. Vamos escolher os melhores, e fazê-los formar-se em medicina à custa do Estado. Uma vez formados, terão eles a obrigação de servir, pelo menos cinco anos, como médicos rurais.»

No ano seguinte, com verbas muito escassas, fundou Millán, no Instituto Politécnico, a Escola de Medicina Rural. Consagra ele ao ensino, nesta escola, a metade do seu dia, mediante ordenado não superior a 100 pesos (400 cruzeiros) mensais. Os seus colegas de professorado servem nos mesmos termos.

Eliminando tudo que seja supérfluo, suprimindo quase todos os feriados, e dilatando as horas para estudo, permite Millán fazer em cinco anos o curso que normalmente seria de seis. Os novos médicos sairão treinados em medicina geral, com estudos intensivos de doenças tropicais, e aptos a praticar a arte dentária em casos de emergência.

Há atualmente na Escola de Medicina Rural mais de 200 alunos. Cada um recebe mensalmente 30 a 50 pesos (120 cruzeiros) para despesas de manutenção, e alguns são providos de alojamento. Formar-se-á este ano a primeira turma, que irá trabalhar por cinco anos em localidades sem médico.

Muito resta ainda por fazer. Mas, nos internatos rurais de Baz, nas unidades rurais do Departamento de Saude, no plano de Millán para recrutar novos médicos entre moços de classes pobre, encontrou afinal o México base segura para a solução de um problema fundamental—o da saude da sua gente do campo, que representa uma tão grande parcela da população do país.

¶ As AUTORIDADES do Serviço Florestal de Montana, não encontrando pessoal para os postos de vigilância contra incêndios, decidiram empregar recem-casados para tal fim. A medida deu excelentes resultados: duplicou-se a eficiência dos postos de observação, e os recem-casados, por sua vez, gozam uma lua de mel paga, longe dos olhos indiscretos. —*AP*

«Não é outra a tua herança...»

(Condensado do «Time»)

Quando os alemães ocuparam a sua aldeia, na Iugoslávia, Maria já se encontrava em adiantado estado de gravidez. O marido, Peter, conseguira correr a reunir-se aos compatriotas em ação, caindo ferido algumas semanas depois. Antes porem de morrer, escreveu com uma ponta de lapis uma carta dirigida ao filho, ainda por nascer.

A carta circulou de mão em mão entre os seus camaradas, e hoje está incorporada no folclore iugoslavo. De Londres, onde se tornou conhecida recentemente, espalhou-se por todo o mundo.

Eis o seu texto:

«Meu filho, que ainda dormes na treva, acumulando energias para a luta do nascimento. Que tudo te corra bem. Quando o teu tempo chegar, haverá em ti alguma coisa que te dará forças para a luta pelo ar e pela luz. Não é outra a tua herança como criatura que nasce do ventre de uma mulher—lutar pela luz, e aguentar.

Possa a chama que tempera o fino aço da tua primeira idade não esmorecer jamais, mantendo-se, ao contrário, sempre viva, de modo que, soando a tua hora, venhas a ser como a lanterna dum guarda na estrada solitária—abençoada pelos viandantes.

O espírito de indagação e de aventura, o traço de imortalidade, te será dado desde o berço. Possas tu conservá-lo para sempre, com aquilo que, no teu íntimo, apela para os campos, alem do deserto, para um romper de manhã, alem do mar, para a luz, alem da treva espessa.

Possas tu manter-te sempre a buscar e a labutar, de boa-fé e corajosamente, neste mundo onde é tanto dos homens vergar sob a fadiga.

Conserva íntegro o teu amor da vida, mas afastando, ao mesmo tempo, de ti, o medo da morte. A vida, é claro, deve ser amada, sob pena de estar perdida; não devemos, contudo, amá-la demasiadamente.

Não te abandone o gosto da amizade; trata apenas de aprender a conhecer teus amigos.

Guarda a tua intolerância—mas somente para aquilo que o coração te advertir que é mau.

Cultiva a admiração pelas coisas grandes e nobres, a luz do sol e o trovão, a chuva e as estrelas, o vento e o mar, o crescimento das árvores e o ritmo das colheitas, a magnificência dos heróis.

Cultiva tambem a fome de novos conhecimentos, a aversão pela mentira, a capacidade de indignação em face ao mal.

Agora, sei que só me resta morrer. Entristece-me deixar-te um mundo tão desordenado e tão incômodo. Mas tinha que ser assim. Beijo-te, meu filho, na face, desejando-te boa noite—e um bom dia, e uma clara e alegre madrugada.»

Quando os patriotas iugoslavos tornaram à aldeia de Peter, souberam que, dias antes, Maria havia sido assassinada, sem que tivesse chegado a dar à luz. Inexistente o destinatário da carta, passou ela a pertencer à criança desconhecida—a todas as crianças por nascerem neste planeta de incongruência e loucura.

Vida e amores de Ivã o Terrivel

(Condensado do «Nature Magazine»)

Por Leslie T. White

Foi num atalho, em plena selva do Brasil, que vi pela primeira vez Ivã. Pusera-se a brigar com um dos naturais do lugar, dando mostras de tal exaltação, que parei, fascinado, a contemplá-lo. Lançando o peito para a frente com soberba arrogância, os olhos pequeninos e amarelos a brilhar de raiva, guinchava, enfurecido, a toda a força dos pulmões. Tinha, no entanto, contra si, o próprio tamanho, pois que pesava apenas oitenta e cinco gramas. Metí-me na briga, e, por cincoenta centavos, tornei-me proprietário de Ivã o Terrivel.

Não me demonstrou ele gratidão alguma; parecia, ao contrário, indignado porque eu o impedira de vingar-se do outro. Adormeceu, por fim, vencido pelo sono, numa das algibeiras do casaco que eu trazia nos ombros. Instalei-o na metade da casca de um côco, e assim o levei para bordo do navio em que devia regressar aos Estados Unidos.

Ivã é um «saguim da noite», espécie de macaco anão, comum naquelas matas do Brasil. Apresenta na testa alguns pelos de uma alvura luminosa que atrai à noite as borboletas e outros insetos, os quais são devorados em dois tempos. Tinha, quando o encontrei, uns sete a oito centímetros de altura, um rostinho pequeno e quase humano, como as mãos, o corpo estreito e agil, recoberto de pelo marron amarelado, rematado por uma cauda felpuda e longa. Era gentil e afetuoso quando ninguem o contrariava; irritado, no entanto, tinha crises de raiva, de uma violência passageira.

Domesticá-lo era incerta e dificil tarefa. No primeiro porto em que tocamos, comprei-lhe uma pequena mamadeira com um bico de borracha; Ivã virou-a, de um só trago, como se aquilo, para ele, fosse velho costume. Uma das mulheres de bordo tricotou-lhe uma camiseta de gola alta que lhe deu ares de um anão de circo. Quanto aos seus hábitos privados, o saguim era extremamente limpo.

A inteligência de Ivã me enchia de surpresa. Certa feita, deixei-o, na pequenina jaula em que o trazia, exposto longas horas ao sol ardente da manhã. Ao voltar, descobrí que conseguira proteger-se, estendendo a coberta que lhe servia de agasalho para a noite, de um lado a outro da gaiola, à guisa de cortina, logo abaixo do teto. Tirei-a, mas Ivã a estendeu, novamente, na mesma posição.

Ao regressar à California, construí-lhe uma casa, parecida com uma carroça de saltimbancos, pintada de amarelo e vermelho, com um metro de comprido,

e uns 70 centimetros de alto. As duas extremidades eram envidraçadas; na parte posterior coloquei uma porta, e recobrí a frente com uma tela de arame. O quarto de dormir era uma caixa de charutos, sobre a qual instalei uma lâmpada de 25 voltes, que mantinha a jaula devidamente aquecida.

Pendurei do teto a metade do coco em que o trouxera da floresta para bordo, alguns chocalhos, dois balanços, e um trapézio. Ivã adora a civilização. Uma das coisas que mais o encantam é andar de automovel. Penduramos o coco no parabrisas, e dalí, confortavelmente instalado, examina ele a paisagem com seus olhinhos vivos e curiosos.

Põe-se, então a falar numa linguagem ininteligivel como a de um garotinho ao ver algo que lhe provoque a atenção.

Adora o pequeno almoço à moda americana. Reclama, logo ao despertar, sua dose de sûco de laranjas, embora o *prato de resistência* desta primeira refeição consista em três apetitosos vermes. Está pesando, agora, 170 gramas.

É o animalzinho mais meticuloso que jamais encontrei. Ao comer uma uva, prefere pô-la inteira na boquinha, e, jogando a cabeça para trás, apertá-la entre os dentes, sorvendo o suco de uma vez; evita, assim, sujar os dedos.

Pensávamos que Ivã se achasse condenado ao celibato, mas um amigo meu enviou-me, do Rio, uma fêmea saguim que lhe viria transformar a vida.

Tonita era minúscula—a metade de Ivã! Passei a alimentá-la com vitaminas líquidas, ensinando-lhe vários exercícios. A princípio, julguei prudente não os por juntos, até que ela crescesse mais um pouco. Certa feita, porem, levantei-a nos braços junto à janela envidraçada da casinha de Ivã, afim de que ele a visse. Nos primeiros segundos, ele a tomou por sua própria imagem, refletida no vidro. Como Tonita, entretanto, lançasse um assovio, o saguim, de surpresa, quase cai do trapézio. Tão exaltado se mostrou que receei pela existência de Tonita, e decidimos adiar o matrimônio. Fizemo-la engordar, neste intervalo.

Enquanto isto, Ivã mostrou-se devorado de curiosidade e de desejo. Andava pela casinha, de um lado para o outro, erguendo o peito altivamente, como um gorila em miniatura. Tonita parecia achá-lo irresistivel. Rondava em torno, de olhos presos a ele. Ivã, ao vê-la assim, dava-lhe as costas, afetando completa indiferença. Quando Tonita desviava os olhos, ele seguia-lhe, porem, os movimentos, com a maior atenção.

Marcamos por fim a data do ansiado matrimônio. Construí-lhes, então, um pequenino quarto cor de marfim, enfeitado de azul, que pretendia colocar dentro da casa. Minha mulher ofereceu ao casal, como presente de noivado, um par de cobertores cor de rosa. Conhecendo, todavia o gênio do meu saguim, e receoso pela vida de Tonita, calcei, ao pô-la no pequeno palacete, um par de luvas de couro, afim de socorrê-la, se preciso, protegendo-me ao mesmo tempo contra os dentes agudos de Ivã.

Mas o imbecil, ao ver tão perto a dama dos seus sonhos, perdeu toda a coragem, e escafedeu-se sem maior demora! Nem tive tempo de fechar a porta. Pulou fora, e lá se foi, a correr como um perdido, enquanto a pequenina noiva não podia ocultar o desapontamento da humilhação que lhe era assim infligida.

Ao trazermos de volta o fugitivo, pôs-se ele a andar cabisbaixo, envergonhado, sem saber o que fizesse. Tonita—revelando possuir um notavel instinto feminino—tomou a si a iniciativa. Acercou-se de Ivã, a um canto da parede, e, segurando-lhe as orelhas, beijou-o fortemente.

O saguim deixou-se alí ficar alguns segundos, como petrificado. Tonita passou então a lhe alisar afetuosamente o pelo. O noivo ainda não se deixou comover. Pulou sobre o trapézio, e lá ficou, o olhar perdido nalgum ponto distante, impassivel e mudo. Ao vir a noite, pus na casa o pequeno quarto. Tonita pareceu maravilhada com o esplendor do aposento, e entrou, sem hesitar, a examiná-lo. Uns segundos depois, foi ter à porta, chamando Ivã com mil assovios e sinais. Mas o covarde nem assim se meteu em brios. Quando, afinal, se aproximou, Tonita foi beijá-lo novamente. Apavorado, Ivã refugiou-se de novo num canto mais distante. A noiva porem alí permaneceu, lançando-lhe, de longe, olhares ternos, e procurando debalde seduzí-lo.

Irritados, por fim, com a indiferença do «rapaz», minha mulher e eu resolvemos deixá-los, indo a um cinema da vizinhança.

Ao voltarmos, erguí um pouco o teto movediço da casa dos saguins, a ver se alguma coisa sucedera. Lá estavam ambos bem aconchegados sob as cobertas, e, no rostinho feio de Tonita, havia uma expressão de bemaventurança.

Tornara-se o matrimônio fato consumado. Tonita, desde então, entrou a demonstrar que, no fundo, era ela quem mandava na casa. Toda a sua atitude era a tal ponto humana, que nos fora dificil, muitas vezes, considerá-la um simples animal. Fundam-se todas as mulheres do universo num vasto caldeirão—o produto final será Tonita. Era realmente a própria essência da expressão feminina universal. Já não podíamos dizer alguma coisa a Ivã, sem que ela se acercasse, respondendo por ele. Falava sem parar um só instante. Tirava às vezes a própria comida da boca do saguim. Obrigava-o a ir para a cama, e a obedecer-lhe às ordens, sem demora. Mísero macho, alí fechado numa jaula, com aquela intrépida Amazona, ao coitado do Ivã nada restava senão submeter-se ao seu destino. Tornou-se a imagem do esposo martir. Mas dir-se-ia tambem que encontrava naquilo um mórbido prazer.

Logo após o jantar, todas as noites, Tonita retirava-se sozinha para os aposentos privados do casal, cobrindo a entrada com um pequeno cobertor que lhe servia de cortina. Alí ficava, às vezes uma hora, e nunca descobrimos com que fim. Lembrava-me, não raro, uma mulher que se prepara para a noite, removendo a pintura ou pondo cremes no rosto. Lá para as tantas, erguia um pouco o cobertor, e chamava Ivã. Ele atendia sem demora, e a cortina caía sobre os dois.

Afim de que o saguim gozasse, ao menos, um pouco da antiga independência, eu o vinha buscar de quando em vez para um breve passeio. O miseravel, todavia, voltava-se a lançar olhares receosos sobre a gaiola, tal como se previsse as cenas com que a esposa o acolheria no regresso.

Tonita, finalmente, estava prestes a ser mãe. Ivã mostrou-se preocupado, e ficava deveras ansioso se a perdia de vista alguns instantes. Sentavam-se juntos sobre o teto, à luz do sol, e ele se punha a pentear-lhe o pelo. Examinava-lhe os dentes com a maior atenção. Pedia-lhe, não raro, que jogasse a cabeça para trás, e abrisse a boca o mais possivel, examinando-a com cuidado.

Ao progredir a gravidez, Tonita foi ficando mais irascivel e nervosa, a protestar se por acaso não lhe trouxéssemos em tempo as refeições. Mordeu-me a mão diversas vezes, quando eu trazia os pratos. Arrependia-se, porem, logo depois, fazendo-me através das grades uma careta com que tentava desculpar-se da impolidez. Durante todo aquele tempo, Ivã cedia à esposa suas próprias rações, e até mesmo os próprios vermes que tanto lhe apeteciam.

Durante os últimos dias, passavam quase todo o tempo com as cabeças unidas, murmurando, um ao outro, os mais ternos segredos, e se ele a não via, alguns instantes, punha-se a assoviar, chamando por ela. A irritação constante de Tonita cedeu o lugar a uma doçura encantadora. Não sabemos ao certo o que se passa no cérebro e no coração destes pequenos animais, mas creio firmemente que têm como nós, desejos, sonhos, e ambições diversas.

Infelizmente, minha mulher e eu não nos achávamos alí quando a tragédia se verificou. Certa manhã, ao trazer minha tia, aos dois, a primeira refeição, encontrou Tonita deitada no chão, do lado de fora. Ivã, extremamente agitado, ao vê-la aproximar-se da sua pequenina companheira, lançou-se sobre ela, enfurecido de dor. Minha tia afinal conseguiu apanhá-la, envolvendo para isto o braço num pedaço de pano espesso, que a defendia dos dentes do saguim. Este jogou-se contra as grades, e, afim de que ficasse mais tranquilo, deixou-se Tonita deitada num macio cobertor, ao alcance da sua vista. Uma gota de whisky e um pouco de água pareceram reanimá-la alguns instantes; mas agonizava, e morreu, finalmente, antes que o veterinário chegasse. E assim se apagou a pequenina estrela.

Ivã, durante longo tempo, pareceu-me tomado de loucura. De quando em vez, lançava um grito agudo, a ver se ela ouvia a sua voz, onde quer que estivesse. Ficava, horas a fio, de olhos presos à porta, como a esperar que a cara companheira ressurgisse. Não dormia de noite, com uma expressão de espanto doloroso no rostinho transformado pela mágua. Vê-lo, sozinho, a arrastar-se por entre as grades, cortava o coração. Procurei distraí-lo com passeios mais longos; não brincava, porem, como outrora. Conchegava-se ao meu peito, e eu ouvia lhe bater o coração aflito.

Agora, já resignado com a perda de Tonita, tomou-se de afeição por minha mulher. Ela ensinou-lhe a atirar beijos, juntando os dedos pequeninos sobre a boca. Mas ele nunca o faz quando me vê. Dá mostras evidentes de ciumes, se acaso vou beijá-la. Considera-me, é claro, seu rival.

Tal é, semelhante em tudo a um ser humano, o nosso «Ivã o Terrivel».

¶ Os carros de patrulha da polícia de Walla Walla, estado de Washington, são agora equipados com vassouras, pás e escovas, e os polícias têm ordem de varrer das ruas os estilhaços de vidro, que estragam os pneumáticos dos automoveis.

Gigantes do ar em duelo

(Condensado de «Battle for the Solomons»)

Por Ira Wolfert

O 1.° tenente Ed Loberg fora designado, em Guadalcanal, para levar o seu B-17, velha Fortaleza Voadora, em vôo de inspeção normal, e eu decidí acompanhá-lo.

Loberg é um jovem lavrador de Wisconsin. O co-piloto era o tenente Bernays K. Thurston, rapaz de 23 anos, com mentalidade de contabilista, guitarrista e amador de «blues». O 1.° tenente D. Spitzer, de 26 anos, era o navegador, e o 2.° tenente Robert A. Mitchell, de 24 anos, era o bombardeiro. Completavam a tripulação cinco oficiais inferiores.

Decolamos ao meio-dia, sob uma atmosfera carregada. Havia manchas de sol escaldante, estiradas, imoveis na água clara, e sombras de chuva e borrasca acumulando-se em colunas espessas sobre o mar agitado. Patrulhamos baixo por algum tempo, alteando-nos depois a 1.800 metros para dar a algum japonês a oportunidade de escapulir-se e ficar sob nós, se assim o entendesse.

Subitamente o tenente Loberg ordenou que cada um ocupasse o seu posto. Olhei para fora através da proa transparente da fuselagem, onde permanecí ao longo da pugna que ia desenrolar-se. Muito abaixo voava um dos nossos PBY da Marinha. Virava-se, levantava-se, e abatia como um pássaro em perigo. Perto dele roncava um Kawanishi 97, o melhor bombardeiro quadrimotor da Marinha japonesa. Parecia tambem uma ave, espécie de águia, arqueando-se para cair sobre a presa, as hélices brilhantes como garras. Depressa irrompemos e tomamos conta da luta.

Picamos tão rapidamente, que caí de joelhos e não podia erguer-me. Quando emergimos do mergulho sentí as bochechas repuxadas para baixo, longe dos olhos, e tudo o que tenho dentro de mim parecia comprimido num volume diminuto. Sentí que os canhões da torre inferior estrondeavam, o que fazia a proa trepidar à maneira de máquina de rebitar. Logo, um véu acinzentado me desceu sobre os olhos: era o começo do blacaute, isto é, da súbita turvação da vista.

Quando retomamos a posição horizontal conseguí, de novo, levantar-me e olhar para fora. Voávamos sob uma carga de água. A chuva desabava sobre nós com um som de pés em disparada. O avião sacudia tanto, que me forçava a agarrar com ambas as mãos a mesa do navegador.

Ira Wolfert, grande reporter da «North American Newspaper Alliance», tem a felicidade singular de sempre encontrar-se nos lugares onde as coisas acontecem. Assim, estava numa verdadeira poltrona de primeira fila quando observou a única grande batalha naval travada à vista de terra. (Vd. «Uma batalha naval vista de palanque», Seleções, maio 1943). Andava por St. Pierre e Miquelon, na Terra Nova, quando os Franceses Livres as tomaram, e logo espalhou a notícia pelo mundo. A bordo de uma Fortaleza Voadora em missão de patrulha, participou de uma luta das mais emocionantes, e que aquí descreve. Wolfert, que tem hoje 33 anos, integrou-se no corpo de correspondentes da «North American Newspaper Alliance» em 1929, tendo desempenhado desde então missões de relevo.

—Lá se foi ele! gritou Spitzer.—Escondeu-se numa nuvem!

E nós—tudo indicava—íamos-lhe no rasto, quase verticalmente, a pleno motor, como um bombardeiro de mergulho. Em cada janela, sob fortíssima tensão, homens esforçavam-se por descobrí-lo através do aguaceiro soprado pelo vento. Rompemos a nuvem e entramos numa zona de sol ofuscante: alí estava o japonês, bem ao nosso lado, talvez a uns 15 metros de distância!

Os dois aviões atiravam um no outro. Cruzavam-se milhares de balas num limitado espaço. Cada um balouçava de lado a lado. Era um espetáculo fantástico. Estremecíamos ao choque de bala sobre bala. Sacudiam-nos os disparos de nossas próprias armas.

As explosões repetidas assemelhavam-se a uma vasta, interminavel demolição. Vi um canhão a atirar em nossa direção, a boca aberta em fumaça como numa baforada que se congelasse, e ainda observei as nossas balas incendiárias, com o seu rasto luminoso, irem ao encontro do japonês à maneira de dardos, ricochetearem na sua armadura, e perderem-se no ar. Vi claramente os japoneses—vultos recurvados, presos aos seus canhões. Os nossos homens e os seus adversários, nesse tremendo tiroteio, mantinham-se encolhidos como diante de um vento áspero, as faces transmudadas e pálidas, mas inabalaveis.

O japonês fez uma curva fechada. Para nos desviarmos do aguilhão mortal de sua cauda, e oferecer aos nossos canhões de frente e dos lados a oportunidade de atingí-lo, tivemos de virar-nos para ele. Isto poderia ter partido o B-17 pelo meio, se o tenente Loberg não houvesse manobrado habilmente.

Toda a violência, então, se apagou quando mais um aguaceiro despencou sobre nós como uma montanha feita de pedras soltas. O tenente Spitzer largou o seu canhão, pingando suor.

—Ai! Ai!—gemeu, tirando a camiseta, espremendo-a, e soprando o próprio torso, com os lábios franzidos, para se refrescar. Olhei-o, surpreso de que em tal conjuntura se lamentasse com palavras tão piegas e se esfregasse como mulher obesa, amofinada em meio a uma tarde cálida. Jogou a camiseta para o lado e retornou ao seu canhão.

O japonês enfiara-se pelo aguaceiro para distanciar-se de nós, ou para manobrar de modo a visar-nos. Perdemo-lo de vista cinco vezes durante a luta—uma ou outra por três ou quatro minutos. Era valente e esperto. Apenas, o tenente Loberg e o tenente Thurston raciocinavam sempre melhor do que ele. Dispunham da ajuda eficaz da turma que permanecia em observação até o seu último vestígio, dando-lhe conta das manobras. Toda vez que se ocultava numa nuvem, acompanhando-a, como se fora um muro, nós o perseguíamos, precisamente no instante em que cuidava poder escapar.

O japonês conservava-se a pequena altura para ficar certo de que o não atacaríamos por baixo. Em semelhante posição, ver-se-ia desarmado, e nós, sem maior esforço, lhe romperíamos a barriga com o fogo de nossa torre superior. Ambos voávamos tão perto da água, que uma simples bala que atingisse o controle equivaleria ao fim. Não haveria tempo para ninguem saltar de paraquedas ou mesmo safar-se pela escotilha, se tombássemos no mar. A contingência era: «pegar ou ser pegado»—como se costuma dizer. Pensando nisso, eu preferia que o nosso pessoal não fosse tão diabolicamente

sagaz toda vez que o japonês desaparecia. Teria desejado boa fuga para ele, deixando-o perdido. Não era só questão de combater num tempo em que nenhum piloto, no seu perfeito juizo, se meteria a fazer demonstrações audaciosas de vôos invertidos e mergulhos a pleno motor com a grande Fortaleza, como se se tratasse de um desses BB minúsculos, especialmente construidos para façanhas desse porte. Era o caso tambem de convidar a Inteligência a dizer o que pensava sobre aquele espetacular avião japonês, de modo a aplicarmos as nossas forças contra as suas fraquezas, ou, melhor, procurando saber onde se alojavam os seus canhões e qual dos nossos já se calara. Os dois pilotos precisavam atinar com tudo isso, tendo um sargento a disparar dois canhões mesmo debaixo do nariz deles!

O tenente Spitzer queimou-se cinco vezes na perna com cartuchos ainda quentes, sem que nenhum deles lhe prejudicasse demasiado a pele. Não me recordo quando isso ocorreu. As balas assobiavam e espetavam-se em redor de nós no transcorrer do embate. Lembro-me de que, a certa altura, contraiu os lábios como se num surdo lamento. Não conseguia, entretanto, ouvir-lhe a voz, dado todo aquele estrépito, e ele voltou para a sua arma de fogo. Assim, não me importei mais com o caso.

O tenente Mitchell fora atingido por fragmentos de uma bala contra blindagem que penetrara a couraça do avião e se cravou profundamente no lado de sua metralhadora, causando um estrondo maior que qualquer outro. Ambos olhamos para ele, amedrontados. Embora atordoado, a cabeça baixa, o olhar meio apagado, continuava de pé, junto à arma. Tentei alcançá-lo, mas o avião dava tais solavancos, que eu não podia dar um passo sem ir ao chão. Ele, por sua vez, procurava equilibrar-se, a cabeça oscilando, frouxa, no pescoço. Quis, então, puxar o gatilho: a metralhadora estava encravada. Experimentou levantar a tampa superior, para ver o que estava encrencando aquilo, mas encravada estava tambem a tampa!

Cuidei que ele nada tivesse sofrido, desde que lidava com a metralhadora. Nem sei quanto tempo depois notei que se encontrava, de pé, junto de mim. Perguntou-me, então, com os lábios no meu ouvido:

—Por favor, onde é que eu fui ferido?

Sua voz era fraca. O sangue escorria-lhe pelos olhos, pescoço abaixo, até os cabelos louros do peito nu. Tirei o sangue com o dedo e verifiquei que os seus ferimentos eram simples talhos.

—Dói-me tambem o pé, disse-me.

—Não posso firmar-me nele.

Parecia-lhe de mau agouro que a única metralhadora da proa que se podia disparar deitado de barriga no chão, estivesse fora de combate.

Duas vezes passamos por cima do japonês, e tão rente que não me foi dificil ver os rombos lacerados dos projeteis com que o presenteáramos. Apreensivo, olhei para o chão na expectativa de outra chuva de balas de toda sorte. Mas, nesse momento, o tenente Spitzer gritou:

—Ele está pegando fogo! Foi-se-lhe um dos motores!

Girava-lhe inutilmente a hélice. O meu relógio marcava esta hora—1 e 1—mas logo me ocorreu que era parvoice tentar medir em termos de horas e minutos a veloz eternidade que alí tínhamos passado. Momentos daquela magnitude sobrepassavam o próprio tempo, fora do ritmo comum do universo.

Daí a pouco, o tenente Spitzer, que

ainda manobrava com as suas duas metralhadoras, gritou:

—O japonês caiu!

O tenente Mitchell estava tranquilo, num canto, sentado sobre o saco do paraquedas. Perguntei-lhe se não queria dar uma olhadela. Havia um silêncio de dor no bojo do avião. De qualquer forma, a impressão era essa. Ficáramos todos surdos. Ajudei Mitchell a levantar-se e sustive-o enquanto contemplávamos o espetáculo, em baixo, no mar. Apoiava-se em mim com uma das mãos e com a outra ia limpando o sangue da vista. Spitzer largara as metralhadoras e agora trabalhava com a máquina cinematográfica para fornecer ao Quartel-General a prova do feito.

Mantivemo-nos, assim, os três, numa opressão sem palavras, espremidos um contra o outro, olhando para fora. O japonês fumegava como um tanque. Um oval flamejante se esparramava pela superfície do mar, liso como uma pele. As chamas, de um vermelho—alaranjado, subiam alto, em grossas massas desdobradas, agitando-se à feição de uma bandeira entre nuvens de fumo negro. Quando o sobrevoamos pela primeira vez pareceu-me que as labaredas cobriam hectares de oceano. No centro, jazia o avião japonês, pelado e negro como um esqueleto saído de um incêndio. Na margem do oval, viam-se dois pequenos objetos, que tanto poderiam ser homens como partículas dos destroços. Quereriam ambos livrar-se do fogo, ou estariam sendo arrastados pelas correntes devidas ao calor que se formara.

Voamos em círculo e descemos a 180 metros. A fumaça elevava-se acima de nós. O esqueleto do avião japonês desaparecera de todo, e as labaredas cobriam o lugar onde avistáramos os dois objetos escuros.

Rumamos de volta—uma bala num motor, dois rombos abertos nas asas, inumeraveis buracos menores, e cinco bocas de fogo inutilizadas.

O avião, um dos modelos mais antigos ainda em uso nesta guerra, havia feito, afinal, sob um tempo que bastaria para arrebentar qualquer aparelho comum, descidas em espiral, curvas e mergulhos que nos levaram à fronteira da inconciência. O almirante John McCain não exagerou de certo, ao chamar à Fortaleza o melhor avião de combate para esta região do mundo.

Os holandeses «cooperam»

¶ Quando Anton Mussert, o Quisling da Holanda, chegou a Haarlem para fazer um importante discurso, não esperava ser recebido com entusiasmo. Mas foi recebido com grandes aplausos. De fato, foi aplaudido todas as vezes que abria a boca para falar, e os holandeses ainda faziam soar as compainhas das suas bicicletas, para reforçar os seus aplausos. Mussert falou, mas ninguem pôde ouví-lo.

—*The Netherland News*

Será lícito o lucro?

(Condensado de uma publicação do Conselho Econômico do Estado de Nova York)

Por Fred I. Kent

Um Menino de escola, impressionado com o modo, hoje em voga, de falar mal do sistema de lucro em que se funda o regime da vida americana, escreveu ao avô pedindo que lhe explicasse como era possivel ter um lucro que não fosse tirado, em última análise, do trabalho de alguem. O avô era Fred I. Kent, presidente do Conselho da Universidade de Nova York, e antigo diretor do Federal Reserve Board. O dr. Kent respondeu como abaixo se vai ler à indagação do pequeno:

Meu Caro Neto:

Vou responder à sua pergunta o mais singelamente que puder. Lucro é o resultado de uma empresa, que aproveita, tanto ao empresário, como a pessoas outras. Vamos examinar como se passa este fato numa comunidade primitiva, digamos de 100 indivíduos, que o mais que possam tirar da sua capacidade seja a estritamente indispensavel às meras necessidades fundamentais, mas, ainda assim, à custa de trabalho, de manhã à noite, e pesado.

Admitamos que a comunidade vive no sopé de uma montanha. Ela precisa naturalmente de água. Só há água, porem, numa fonte, no cimo da montanha, donde resulta que diariamente, cada um dos cem indivíduos tem que ir lá buscá-la. Isso lhes toma, para ir e vir, uma hora. Mas todos o vão fazendo, até que afinal um deles nota que a água da fonte corre para baixo, e na mesma direção em que ele desce ao voltar com a sua tina às costas. Ocorre-lhe então a idéia de cavar uma espécie de canal entre a fonte e o pedaço de terra onde tem sua morada. E mete mãos à obra, enquanto os outros, os 99, nem sequer prestam atenção ao que ele anda a fazer.

Um dia, o bom do homem colhe no canal uma pequena porção da água da fonte, e esta vem montanha abaixo, até que se detem numa bacia, que ele teve a precaução de preparar na planície, dentro de sua cerca. Ei-lo agora a dirigir-se aos outros 99, para lhes fazer esta proposta: se hão-de gastar cada dia nunca menos de uma hora para ir à fonte e voltar, forneçam-lhe, ao invés, de um por um, diariamente, a produção de apenas 10 minutos de tempo de trabalho, e ficarão, em troca, com o direito de retirar do seu reservatório a água de que precisarem. Ele, é certo, receberá 990 minutos do tempo dos outros homens cada dia, o que o dispensará de trabalhar, como vinha trabalhando, 16 horas diárias, para o estrito provimento das suas necessidades. Realiza, não há dúvida, um enorme lucro. Não é entretanto menos verdadeiro que a sua empresa importou, para os outros 99, num acréscimo diário de 50 minutos disponiveis.

Dispondo agora de folga, e sendo naturalmente curioso, o nosso empresário passa parte do seu tempo a observar a

descida da água pela montanha. Vendo pedras e toros de madeira arrastados na corrente, concebe uma roda hidráulica; e, não tardando a perceber que aquilo gera energia, acaba, após muitas horas de contemplação e trabalho, por conseguir colocar a roda a serviço de um moinho, para moer seu milho.

Daí até chegar à conclusão de que poderia moer, não só o seu, mas também o milho dos companheiros, não seria grande a distância. Surge, pois, nova proposta: «Eu darei permissão a vocês para moer no meu moinho o seu milho, se em compensação me derem o rendimento de uma décima parte do tempo que assim economizem.» Todos se declaram de acordo, e o empresário adquire um lucro adicional. Emprega o que vai recebendo na construção de uma casa, onde passa a viver com mais conforto, iluminada por melhores métodos, e protegida do frio. E assim vão marchando as coisas, visto que o homem encontra sempre meios de proporcionar aos demais economias de tempo, ainda que embolsando, em pagamento, um décimo do poupado.

Vem afinal um dia em que todo o seu tempo está livre. Emprega-lo-á como entender. Só trabalhará se quiser, e como preferir. Alimentação, alojamento, vestuário, tudo em suma lhe é fornecido, a ele, o centésimo, pelos 99 que com ele completam a comunidade. Seu espírito todavia está sempre em atividade, e aqueles dispõem de mais e mais tempo, devido aos seus planos e empreendimentos.

Por exemplo: ele nota que um dos 99 faz melhor calçado do que os outros. Como, dispondo de lucros, lhe é possível suprir o sapateiro do que lhe seja preciso, fá-lo consagrar todo o seu tempo à manufatura de calçados. Os 98, já agora, não se verão mais na contingência de fazer os seus próprios sapatos. É justo que paguem, por isto, uma décima parte do tempo que gastavam em prepará-los; e o nonagésimo-nono, isto é, o sapateiro, já poderá trabalhar menor número de horas, porque parte do que é pago pelos 98, o empresário, isto é, o centésimo, reconhece que lhe cabe.

O que acaba de passar-se relativamente a calçados, amanhã se repetirá de referência a roupas, aparecendo o alfaiate. E assim por diante.

Em breve, e mercê invariavelmente do mesmo senso de iniciativa, é instituida uma divisão de trabalho, que resulta, cada vez mais, no emprego de membros da comunidade em serviços correspondentes às aptidões respectivas. Cada um vai sentindo o seu tempo mais desafogado. Exceção dos mais estúpidos, cada qual se torna interessado pelo que os outros vão realizando, e procura meios e modos de aperfeiçoar-se e progredir. O resultado final é que entra cada um a descobrir o lugar que lhe compete numa comunidade esclarecida.

Suponha entretanto que, ao formular o empresário aquela primeira proposta, sugerindo o uso da água do seu reservatório em troca da produção dos 10 minutos, lhe tivessem respondido: «Nós somos 99, e você é apenas um. Tiraremos toda água que quisermos. Nem você pode impedir que o façamos, nem lhe pagaremos coisa alguma.» Que teria acontecido? O incentivo de que precisava aquele espírito empreendedor, para desenvolver-se e produzir, estaria de logo anulado. Como e para que se interessar na solução de problemas, se, não obstante, ainda que os resolvesse, tinha de ganhar do mesmo modo, sob a mesma carga de trabalho, o pão de cada dia? Não haveria, consequentemente,

nunhum progresso na comunidade. Envolvida, tempo em fora, no mesmo obscurantismo, só restaria aos seus membros levar, ao preço dos mais penosos esforços, a mais restrita das vidas.

Tendo sido, porem, outra a hipótese, visto que os 99, em lugar de criarem embaraços, vieram, ao contrário, ao encontro do centésimo, a comunidade prosperou. Admitiremos que, dos 100, provieram muitas famílias. Crescidas as crianças, compreendeu-se que era necessário dar-lhes certa educação que as habilitasse para a vida. Como já havia por esse tempo um dado vulto de produção, dispensaram-se algumas pessoas de trabalhar para o seu próprio sustento, e as remuneraram, e as fizeram preparar-se para os misteres do ensino.

Desenvolvida a inteligência, as belezas da natureza se foram revelando mais visiveis. Entraram-se a desenhar cenários e animais, e era a arte que nascia. Dos sons que emanavam do estúdio da criação, e das próprias vozes do povo, extraiu-se a música. E os que se mostraram proficientes em música e pintura puderam consagrar todo o seu tempo a atividades artísticas, fornecendo aos demais as suas criações, em troca de uma parcela da produção do conjunto.

Continuando o progresso, cada membro da comunidade, concorrendo com alguma coisa das suas próprias realizações, se tornava, por outro lado, progressivamente dependente dos esforços dos demais. E, a menos que a inveja, o despeito, ou leis injustas embarguem o passo aos empreendedores honestos que beneficiam a coletividade, tudo irá progredindo sempre.

Será necessário dizer mais, para que fique provado que se pode ter lucro de iniciativas, sem tirar nada dos outros, mas, ao contrário, acrescentando, aos outros, facilidades de vida?

Tais princípios, que aplicamos a uma comunidade originária, prevalecem, em sua essência, numa grande nação. As leis que matam a iniciativa, e ferem as boas empresas, atentam contra o progresso. Não há porque temer o lucro legítimo, uma vez que está ligado ao benefício geral.

Cumpre-nos tratar de construir, em vez de procurar arruinar o que os outros construiram. Se não formos justos para com os nossos semelhantes, o mundo, em compensação, o não poderá ser para conosco.

Sinceramente,
Vovô

Ciência política

¶O PRESIDENTE Theodore Roosevelt, ao receber uma delegação do Kansas, que lhe solicitara uma entrevista em Oyster Bay, estava em mangas de camisa e sem colarinho. «Meus senhores,» disse ele, enxugando a testa, «tenho muito prazer em vê-los, mas estou agora muito ocupado, guardando o trigo. Venham comigo ao paiol, e conversemos, enquanto trabalho.»

Mas, ao chegarem ao paiol, não havia nenhum trigo no local, para ser guardado. «James,» gritou o Presidente para o empregado que se achava dentro do paiol, «onde é que está aquele trigo?»

«Sinto muito, senhor,» desculpou-se James, «mas é que eu não tive tempo de trazer o trigo para fora, depois do senhor ter trabalhado nele para a delegação de ontem.»

—*Christian Science Monitor*

Nosso poder latente de concentração

(Condensado do «Rotarian»)

Por William Moulton Marston

Psicólogo, autor de «Try Living», «The Lie Detector Test», etc.

TIVE HÁ POUCO a oportunidade de assistir a uma dificil operação do cérebro. O menor desvio da mão do cirurgião significaria para o paciente a paralisia ou a morte. O que mais me impressionou no operador não foi a perícia, mas a sua calma verdadeiramente espantosa. Eu sabia que alguns momentos antes do ato ele estivera algo nervoso. Mas logo que se viu ao lado da mesa de operação, trabalhou com tal segurança e rigor que me deixou deveras assombrado.

Casos de concentração desta ordem são, com certeza, coisa corrente entre os homens de destaque em todos os setores da vida. O lider, o homem completo, a qualquer momento, concentra todo o seu ser no trabalho que tem de executar. À maioria dos homens falta este poder de concentração, que em quase todos é desviado pelo nervosismo, as preocupações, os interesses contrariados.

Não é raro lermos casos de homens que, inteiramente bem sucedidos no seu próprio campo, podem pintar um pouco, escrever versos, jogar bem tenis e bridge, e ainda fazer discursos de improviso em jantares—homens que são, em uma palavra, invejavelmente flexiveis. E os invejamos porque julgamos tal qualidade uma aptidão especial. Em parte talvez o seja, mas, via de regra, o segredo reside apenas no fato de que essa gente adquiriu a capacidade da concentração. As suas atividades cotidianas são coroadas de êxito porque estas pessoas não lhes dedicam uma atenção despreocupada, mas todas as suas faculdades, uniforme e intensamente.

Hoje, mais do que nunca, a concentração é essencial tanto para um prazer completo como para um trabalho eficiente. A era do telefone e do rádio é fertil em distrações e interrupções, ocasionadas, alem do mais, pelos amigos, pelo barulho, pelos sustos, e pela nossa própria inconstância. O trabalho tem de ser executado em condições de dia para dia menos compativeis com a concentração, e, no entanto, da concentração depende, mais e mais, o êxito do homem no nosso mundo especializado. Isto é essencial, não apenas no trabalho, mas tambem no enriquecimento da vida interior: as mais fascinantes possibilidades de prazer mental podem transformar-se num emaranhado de distrações sem sentido, a menos que tenhamos o poder de selecionar as coisas e desfrutá-las até o extremo, cada uma de per si.

Quando o cérebro humano está profundamente concentrado, torna-se um instrumento de surpreendente eficiência. Lorde Macaulay, o historiador, costumava passear pelas ruas movimentadas de Londres lendo um livro. Depois de ler atentamente uma página, era capaz de repetí-la de cor. Feitos desta ordem parecem, à primeira vista, manifestações supranormais. Em geral, somos propensos a julgar tais atos como produtos do «gênio», que temos toda certeza e pena de não possuir. Mas estarão certos os que assim pensam? A maioria das pessoas normais possuem a

mesma bagagem fundamental. As diferenças residem na maneira de usá-la. William James, pai da psicologia moderna, disse que os gênios diferem das pessoas comuns, não por causa de qualquer qualidade inata do cérebro, mas apenas em relação às questões e propósitos sobre os quais se concentram, e ao grau de concentração que conseguem atingir.

A capacidade de concentração é comum a todos nós, enquanto não permitimos que ela se atrofie. Vejamos a distração da criança. Aldous Huxley diz que toda criança é um gênio até a idade de dez anos. Poderá haver maior absorção do que quando uma criança está interessada num livro ou encantada por um objeto novo? Muitas vezes, em tais ocasiões, ralhamos com as crianças pela sua falta de atenção às nossas palavras. Elas apenas se acham admiravelmente concentradas em assuntos que julgam importantes, e devíamos evitar, tanto quanto possivel, destruir esse abençoado poder de estar verdadeiramente interessado em alguma coisa.

A concentração não é um estado anormal contrário à disposição natural do ser humano. O professor distraido, afinal de contas, é apenas um homem que conservou o pendor infantil por um absorvente interesse no seu trabalho. Vi o saudoso professor Josiah Royce, famoso filósofo de Harvard, ficar no páteo da universidade debaixo de uma chuva torrencial, sem guarda-chuva ou capa, discutindo alguns pontos de metafísica com um estudante bem vestido que procurava fugir. Royce não percebeu que estava chovendo. Rimo-nos em geral de tais exquisitices. Mas tambem compreendemos o que o mundo educacional reconheceu, isto é, que Royce atingiu o supremo domínio intelectual na sua especialidade. E atingiu-o em virtude daquela mesma intensa concentração que o tornou temporariamente alheio às condições externas que normalmente distraem a maioria das pessoas.

O leitor escolha qualquer pessoa do seu conhecimento, que tenha vencido na vida, e seja capaz de fazer algo melhor que os demais, e tente desviar sua atenção quando ela estiver empenhada em alguma tarefa da sua especialidade. O falecido George Grey Barnard, geralmente considerado dos maiores escultores americanos, costumava surpreender os amigos ignorando completamente a presença dos mesmos quando entravam no seu estúdio enquanto ele trabalhava. A menos que o indivíduo se deixe absorver pela coisa que quer fazer, há bem pouca probabilidade de realizá-la bem.

Naturalmente, a habilidade de se colocar acima das distrações da vida decorre do intenso interesse que se lhe dedica. Dele é que nasce a atenção, da mesma maneira que uma árvore produz frutos; e aos poucos o leitor descobre que se está concentrando sem maior esforço.

Mas, acontece que o interesse atua de várias maneiras. A concentração segue o interesse, mas o interesse sempre acompanha tambem a concentração. Goethe, ao ser inquirido sobre como realizara a sua grande obra, respondeu com absoluta serenidade: «Eu arregaço as mangas e me atiro.» Em outras palavras, para desenvolver o dom da concentração, a pessoa, antes de mais nada, precisa aprender a empenhar-se no trabalho por mais desagradavel que este possa parecer. Mergulhando no trabalho, logo ele passa a ter o sabor de um jogo. E' essencial reconhecer tal

verdade. Se a pessoa tiver a certeza de que vai ficar interessada logo que começar, não hesitará em fazê-lo. Contudo, quase todos nós acolhemos diariamente as interrupções, e chegamos até a procurá-las, porque não compreendemos que a tarefa desagradavel que temos diante de nós, realmente nos absorverá se, antes de tudo, nos decidirmos ao salto inicial.

Sem dúvida alguma foi por isso que William James acentuou que o importante é «praticar os gestos apropriados», colocando-se em posição de trabalho. A atenção mantem-se melhor pela ação unificada do corpo e do espírito. A colaboração do corpo pode ser ligeira ou sutil—questão de postura ou de tensão muscular—mas existe, e isso é o que importa.

Mesmo depois de começarmos a nos concentrar virilmente, uma multidão de pensamentos, meios pensamentos, sons e impressões, assaltarão nossa mente. Não é suficiente tentar excluir estas impressões estranhas. Devemos sempre substituí-las por algo que exija atenção. Não basta resolver eliminar um pensamento, para realmente eliminá-lo. Se duvida disto, experimente a velha pilhéria: «Passe os próximos trinta segundos sem pensar na palavra hipopótamo.» Apesar de tudo, muitas pessoas procuram concentrar-se tentando antes excluir certas idéias sem importância, do que fixar o pensamento sobre o objetivo.

É verdade que, quando se cuida de fazer uma coisa, se fica preocupado com uma dezena de outras que deviam ser feitas—e que julgamos não poderem esperar. Ou será que *podem*? Naturalmente que podem. Têm que esperar. As preocupações andam ao nosso lado como um fantasma que só vemos, conservando nossa atenção fixada nelas em vez de a fixarmos no trabalho a realizar. Mas, seja qual for a forma específica que a sua preocupação tomar, diga ao seu subconciente: «Sim, isto é importante; mas, precisa esperar até que a outra coisa esteja feita; depois lhe dedicarei completa atenção.» É admiravel, mesmo surpreendente, a facilidade com que o subconciente se satisfaz quando cumprimos nossa promessa, isto é, se, na altura precisa, nos consagramos ao seu problema. É a esta atitude de escolha mental—cada coisa por sua vez—que todos precisamos habituar-nos. Sem ela, nada conseguiremos, seja no trabalho ou nas diversões.

Arnold Bennett descreveu a concentração como «o poder de impor ao cérebro suas tarefas, e de assegurar a sua obediência.» A transição de uma atenção vaga para uma concentração clarividente e precisa, é o produto de esforço persistente. Se a pessoa fizer a mente volver repetidamente, cincoenta, cem vezes, a um pensamento predeterminado, os pensamentos capazes de concorrer entre si cederão lugar ao assunto selecionado como objetivo para a atenção. No fim estará apto a concentrar-se, à vontade, sobre qualquer atividade.

É o controle da capacidade de concentração, não a capacidade em si mesma, que exige prática. Esta existe em todos—resta estimulá-la até que responda ao apelo. Quando a pessoa aprender a fazer convergir todas as faculdades, sem desvios, sobre o problema que tem diante de si, experimentará dupla recompensa: tanto a quantidade do que será capaz de fazer, como o prazer da execução tenderão sempre a aumentar consideravelmente, sem que ela se dê conta da modificação.

Como o exército dos Estados Unidos chegou à terra dos Muçulmanos.

Americanos em terras de infiéis

(Condensação autorizada do «Guia portatil da África do Norte», opúsculo preparado pelo Serviço de Abastecimento do Exército Norte-Americano.)

Conquistar a amizade dos «mouros» de África é um passo importante para ganhar-se a guerra. É que estes povos podem ser amigos preciosos ou inimigos solertes; tanto podem fornecer-nos água como envenenar as fontes, guiar-nos através do deserto como ensinar caminhos errados; são tão capazes de contar-nos o que fazem os alemães e os italianos, quanto de transmitir-lhes as minúcias dos nossos passos. Alem disso, são produtores de gêneros de primeira necessidade.

Poucos sabem ler ou escrever. Julgam as coisas de acordo com o que vêem ou com o que ouvem. Para eles os europeus, militares e civís, têm sido quase sempre dominadores inescrupulosos; por isso recebem com suspeita qualquer força invasora, enquanto esta não demonstre suas boas intenções. Deve-se evitar, pois, qualquer referência ou elogio aos europeus locais, bem como imitar-lhes a conduta, e aceitar com reserva o que eles digam dos nativos.

Como parte dos minuciosos preparativos para a maior expedição marítima da história, o exército norte-americano organizou, destinado às tropas, um «Guia de Bolso do Norte de África». «O fim deste trabalho—diz o livro ao soldado—é prevení-lo contra qualquer rata ao tratar os africanos do norte, com cuja amizade e cooperação contamos».

A maior parte dos dezessete milhões de habitantes da África do Norte têm tez clara, ainda que muitos possuam sangue negro. Andam completamente vestidos, mais bem vestidos do que nós, se é que se pode medir o vestuário por metros.

O forasteiro fica surpreendido com a variedade de povos e a quantidade de idiomas falados. O único vínculo comum é a religião maometana.

A Fé do Islã

Sob o nome de alá os maometanos adoram o mesmo Deus dos Cristãos e Judeus. Os muçulmanos referem-se respeitosamente a Abraão, Moisés e Jesús. As mesquitas não são templos, mas centros de reunião. Não há sacerdotes. Não se devem julgar estes povos como herejes, pois são todos muito religiosos.

Os islamitas do norte da África acreditam no mau olhado. Qualquer pessoa, para eles, pode, inconcientemente, possuir esse poder maléfico que agirá contra aquele que por ela seja olhado com inveja. Devido a tal crença, um muçulmano se aborrece quando alguem lhe diz: «Você está hoje com excelente aparência,» ou «Que bonito é o seu filho,» a não ser precedido de uma frase como «*el hamdu li 'Allah*», que

quer dizer «louvado seja Deus», para tirar o efeito mágico. Para alguns a máquina fotográfica é tambem instrumento de mau olhado, e assim não gostam de ser fotografados.

A profunda fé religiosa dos maometanos evidencia-se especialmente no sentimento que alimentam pelos lugares de culto. O estranho deve conservar-se afastado das mesquitas e dos túmulos dos santos, porque nas proximidades destes os muçulmanos não podem tolerar a presença de cristãos. Quando, casualmente, alguem se veja perto de uma mesquita, deve olhá-la com cuidado e afastar-se logo. Fumar e cuspir são coisas que não se fazem nesses lugares. Quando os fiéis estão orando, deve-se guardar o máximo silêncio e evitar olhá-los.

Terra de contrastes

A PARTE litorânea da África do Norte é cálida, tem verões secos e chuvas pesadas no inverno. É quase tão agradavel como o sul da Califórnia. Nas montanhas cobertas de florestas de Marrocos e da Argélia cai bastante neve durante o inverno. Nas partes mais altas da costa, durante as noites de inverno, a temperatura cai abaixo do ponto de congelação. Ao sul das montanhas e dos planaltos começa o verdadeiro deserto. Não é um mar contínuo de areia; em algumas partes aparecem grandes extensões de dunas pitorescas, mas em outras só rocha e cascalho; o terreno nem sempre é plano, e pode-se viajar dias sem ver areia. Raramente chove, mas, quando assim acontece, é em tal quantidade às vezes, que os viajantes têm sempre o cuidado de jamais acampar em baixadas ou gargantas estreitas. As noites de inverno são muito frias.

Nas planícies e vales do litoral há vastas áreas agrícolas, principalmente cultura de cereais e vinhas, e grande quantidade de figueiras e oliveiras.

A alimentação

Os MUÇULMANOS comem muito pouca carne. Os animais são preciosos demais para serem abatidos, e é dificil conservar-se a carne pela falta de refrigeração. O alimento principal é o trigo, com que se fazem mingaus, pão ou o prato chamado cuscús ou *secsú*, muito saboroso quando é temperado com pimenta ou canela. É bom não beber muito depois de comer o cuscús, pois sendo o grão mal cozido, a pasta pode inchar no estômago e causar sério mal-estar.

Os africanos do norte são grandes devoradores de pão. Quando se entra numa padaria, descalçam-se os sapatos à porta, porque o padeiro quando tira o pão do forno põe-no sobre o soalho, e a freguezia não admite que se traga para alí a sujeira da rua.

As frutas—figos, tâmaras, uvas e damascos—acham-se em segundo lugar na lista dos alimentos principais. A bebida favorita é o chá verde, que é servido doce, e perfumado com hortelã-pimenta. Quando oferecido por um nativo, não se deve recusar nem desprezar a mais pequena parte da bebida. O procedimento mais delicado é aceitar três chávenas, se oferecidas, mas nunca uma quarta. Beber menos ou mais de três é considerado impolidez. Quando se está em visita, a vinda do terceiro chá ou café é sinal para ir-se embora. Ainda que a religião proiba o uso de qualquer bebida alcoólica, alguns islamitas bebem de vez em quando uma bebida chamada *legbi* ou *lebqui*, feita de suco fermentado da tamareira, sendo comum tambem o vinho de uva. Muitos fumam, apesar da interdição de algumas seitas religiosas.

Os cigarros norte-americanos são apreciadíssimos por homens e mulheres, bom elemento pois para captar-lhes as simpatias. Muitos fumam *keef*, que vem a ser mais ou menos uma espécie de haxixe. As leis francesas proibem-no, pelos seus efeitos tóxicos, mas há grande contrabando do artigo.

De maneira geral, é perigoso para um soldado na África do Norte comer ou beber qualquer coisa que lhe seja oferecida, ou ir a cafés e pontos semelhantes na companhia de um muçulmano que não seja de absoluta confiança.

Hábitos e horas de refeições

SE UM MAOMETANO de destaque retem uma pessoa em sua casa, deve esta aceitar qualquer comida ou bebida que se lhe ofereça. Isso talvez possa exigir certo ânimo, principalmente quando se receia que possa fazer mal, mas é totalmente impossivel justificar qualquer receio, sem ofender o dono da casa.

Qualquer pessoa convidada para uma refeição deve descalçar os sapatos e as meias antes de entrar na sala, e sentar-se no chão como os demais. Depois de dar graças a Deus (*Bismillah*), espere-se que o anfitrião principie a comer, e coma-se só com a mão direita, pois os muçulmanos jamais usam a esquerda para tocar os alimentos. Deve-se comer com os dedos, e partir o pão com a mão sem jamais o cortar.

Deve-se ir tirando o alimento da travessa principal—o remanescente ficará para as mulheres e as crianças, e comer apenas uma parte do primeiro prato, pois quatro ou cinco poderão ser depois servidos. Os criados precisam ser tratados com amabilidade e consideração, visto que os muçulmanos são muito democráticos. Ao fim da refeição, deve-se dizer sempre *Hamdullah*.

Se se quiser presentear alguem, leve-se açucar, chá ou cigarros. Três pães de açucar, cônicos, dos grandes, são sempre um presente delicado.

As mulheres islamitas

AO SAIR em público, a mulher muçulmana cobre-se da cabeça aos pés com um grande manto branco e um sendal na face, branco tambem, logo abaixo dos olhos. Sob esta roupagem demasiado simples, traz porem roupas de cor viva que mostra só em casa, pois uma islamita não se deve apresentar atraente em público. O véu é tambem um sinal de respeitabilidade que distingue as senhoras de classe, da gente baixa ou das mulheres do campo. É curioso entretanto que, quando uma moça do bairro suspeito sai dos limites deste, vem tambem coberta até os olhos.

As seguintes regras têm que ser estritamente observadas em relação às mulheres muçulmanas:

Nunca tratar de questões femininas com um muçulmano.
Nunca olhar fixamente uma mulher.
Nunca empurrá-la quando há acúmulo de gente.
Nunca falar-lhe em público.
Nunca tentar remover-lhe o véu.

São todos pontos importantes, cuja infração poderá ocasionar agressões sérias, e até morte.

Lojas e mercados

O DONO de uma loja precisa ser saudado tão cerimoniosamente como qualquer outra pessoa. Discutir e regatear os preços é perfeitamente normal. Com a aceitação destas normas, o cliente poderá obter um abatimento de um ou dois terços sobre o que for pedido pela

mercadoria a comprar. Mas tudo dentro da mais completa polidez, porquanto, em caso contrário, se terá que contar com a hostilidade geral.

Nas povoações, o mercado está geralmente numa praça. É um centro social e de comércio, onde se compram coisas, combinam-se casamentos e resolvem-se casos políticos. A vida aí palpita como em nenhuma parte. Dansarinas, prestidigitadores, malabaristas, punguistas, tudo contribue para essa agitação. Deve-se pois conservar nesses lugares a conduta mais discreta, evitando-se qualquer conversa sobre assuntos militares. O mercado é o melhor centro de boatos e informações, motivo por que não faltam agentes secretos pelos arredores.

A vida social na África do Norte

A VIDA social na África do Norte é muito diferente da nossa, não só pelo seu carater lento, mas ainda porque os homens não fazem companhia às mulheres, consideradas quase como objetos, e cuja missão é cuidar da casa, criar os filhos e trabalhar no campo.

É desconhecido o costume de marcar-se um encontro entre homem e mulher. O fato desta ser vista com um representante do outro sexo, que não seja da família, pode provocar grande escândalo, resultando comumente a morte para uma ou ambas as partes. Quando uma mulher passeia com um homem—ainda que seja da família—conserva-se a vários passos atrás, para que não se note estarem juntos. Nunca vão elas a reuniões com os homens, e raramente comem ou bebem em sua companhia. As cerimônias de casamento ou circuncisão são assistidas por elementos de cada sexo em salas separadas da casa.

Os muçulmanos, quando desejam companhia feminina para uma festa, contratam dansarinas profissionais. Pertencem estas a uma classe diferente, não tão baixa como as prostitutas, mas sempre socialmente inferior. Sua companhia é preferida à da mulher legítima, porque são elas muito desembaraçadas e têm resposta para tudo. Dansam para os homens, e não com eles.

Há tambem dansas masculinas especiais, mas quando um homem de distinção se põe a dansar, é sinal de que está um pouco alegre com a bebida.

As casas são construidas de maneira a obter-se o máximo de recato. As janelas são pequenas e altas, os quartos agrupados em torno de um pátio onde as mulheres trabalham. O terraço sobre o teto é uma área privativa. Muitas vezes várias famílias ocupam a mesma morada, as mulheres livremente pelo pátio, os homens retirados nos aposentos da família.

Ao chegar à porta das casas, os homens sempre avisam para o interior. É bom saber como e porque isso é feito, pois qualquer pode ter necessidade de atravessar uma casa islamita. Esse aviso se dá afim de que as mulheres possam cobrir o rosto ou afastar-se para o interior. A palavra *taghattu*, que quer dizer «cobrir-se» costuma ser usada para tal fim.

Algumas normas gerais

QUANDO se encontra um muçulmano, este procura logo pegar na mão do conhecido. Corresponda-se com delicadeza. Muitos, principalmente os que vivem na cidade, possuem mãos muito finas que facilmente se machucam. Ele pode igualmente beijar a mão da gente ou levar os próprios dedos aos labios. É preciso não achar graça nem caçoar, pois se trata tambem de uma manifestação de polidez. Não se deve, igualmente, bater-lhe nas costas ou fazer-lhe qualquer brincadeira, a não ser que tenha intimidade com ele. É necessário não esquecer jamais que os islamitas são muito modestos e recatados, devendo-se evitar a exposição de qualquer parte do corpo em sua presença.

Possuem os africanos do norte excelente humor, sendo assim acessiveis a brincadeiras de espírito e, se acaso começam a pilheriar, será bom replicar alegremente e não mostrar zanga. Acima de tudo, nunca se deve bater-lhes. Far-se-á um inimigo de cada muçulmano que o veja.

Lutam com faca e provavelmente a manejam melhor do que qualquer estrangeiro. É bom lembrar mais que um homem pode usar saia, sem deixar de ser homem. Quando se virem homens feitos andando de mãos dadas, trata-se de um hábito perfeitamente natural que não deve ser causa de nenhuma manifestação de estranheza ou mangação.

Sempre se deve procurar falar árabe, mesmo poucas palavras, não importa que se fale mal; todos gostam disso. Demais, apreciam muitíssimo as boas maneiras. Não se deve tomar bebida alcoólica em sua presença, nem lhes oferecer qualquer comida que contenha carne de porco ou feita com gordura de porco.

Precisamos da amizade dessa gente. Necessitamos da sua cooperação voluntária para nos manter em sua terra, e talvez tenhamos que solicitar a sua ajuda na luta contra o inimigo comum. Não custa nada pois tratá-los com dignidade e respeito.

A obediência ou não a estas regras podem significar êxito ou malogro da grande empresa que, tanto o soldado como os demais norte-americanos estão enfrentando neste momento.

Citações citaveis

RALPH A. BARD, Subsecretário da Marinha, no N. Y. *Times*: «Os japoneses consideram-nos ridículos porque equipamos nossos aviadores com paraquedas. Consideram degradante pensar na possibilidade de qualquer outra solução para a derrota, exceto a morte violenta.»

LLOYD GEORGE, explicando como conseguia manter-se em forma. «Para mim, passar de uma complicação para outra é tão bom como ter férias.»

CHOFER NEGRO DE TAXI, Washington, D. C.: «Nunca vi tantas *farda* como agora, e tão poucos *sordado*.»

Maternidade sem dor nem perigo

(Condensado da «Hygeia»)

Pelo dr. Morris Fishbein
Antigo Presidente da Associação Médica Americana,
redator do Jornal da mesma, e da «Hygeia»

Pelo Dr. Thomas Parran,
Diretor do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos.

Aos drs. Robert A. Hingson e Waldo B. Edwards cabe justo reconhecimento pela sua compreensão de um problema secular e pelo método científico por eles empregado para o resolver. A descoberta, por estes dois médicos, de um processo de analgesia contínua da base da espinha, constitue importante passo na ciência médica. Nas mãos de parteiros competentes, este novo método evita a dor do parto e diminue os riscos para a parturiente e o bebê. Alem disso, pode ser talvez de grande utilidade em outros setores da cirurgia e da medicina. Hingson e Edwards prosseguem nos seus estudos, com este objetivo.

DURANTE o ano de 1942, em mais de vinte hospitais dos Estados Unidos, 589 senhoras deram à luz, sem sofrer dor de nenhuma espécie. Estas pacientes conservaram-se comodamente em seus leitos, lendo, dormindo, ou recebendo visitas, até que chegou o momento do parto, que correu normalmente, sem perigo e sem sofrimentos.

As tentativas anteriores, para libertar a mulher das dores de parto, haviam falhado. Tinham-se feito experiências com várias espécies de remédios ou anestésicos, capazes de abolir a sensação da dor, ou de produzir um estado de inconciência ou de esquecimento. Alguns — como o «sono crepuscular» — haviam dado resultados, produzindo inconciência ou mesmo ausência de dor, mas acarretavam obstáculos ao trabalho do parto, e até punham em perigo a vida do nascituro.

Há vinte e cinco anos, dois obstetras alemães causaram admiração ao mundo com a introdução do processo do «sono crepuscular», em que empregavam morfina, para evitar a dor, e escopolamina, para produzir o esquecimento. Muitas senhoras entravam em delírio sob a ação de tais remédios, e muitos bebês nasciam cianóticos, «azues», por não receberem bastante oxigênio através do sangue durante o trabalho de parto. Daí nunca se haver tornado popular aquela técnica, tendo contudo prevalecido a antiga esperança de um dia se descobrir meio seguro e eficaz de se evitarem as dores do parto.

O novo método, que vai tendo tanto êxito, é conhecido pelo nome de «analgesia caudal contínua», é em si mesmo um processo lógico, tanto mais que se baseia no desenvolvimento progressivo da medicina. O primeiro passo foi o descobrimento da anestesia local. Os cirurgiões verificaram que a cocaina e seus derivados, injetados diretamente em derredor dos nervos, neutralizavam a dor, evitando que esta fosse até o cérebro, centro receptor dos fenômenos dolorosos. Veio depois a anestesia espinhal ou raqui-anestesia, que se provou ser isenta de perigo quando aplicada por médicos competentes.

A anestesia local e a anestesia espinhal despertaram nos obstetras a idéia de que os nervos que partem do útero (onde a criança se desenvolve antes de nascer) poderiam da mesma maneira ser anestesiados. Esses nervos se originam na parte inferior da medula espinhal. Em 1913, médicos alemães conseguiram, com resultado, anestesiar aquela região localmente. Diversos cirurgiões americanos melhoraram a técnica alemã, aperfeiçoando-a, tendo um desses médicos apresentado mais de quatrocentos casos, e outro, mais de duzentos.

Este método de «bloqueio simples», apenas reduzia os sofrimentos do parto; não os eliminava. A parturiente passava consideravel número de horas sofrendo as contrações dolorosas, e só quase no momento de dar à luz é que lhe ministravam a «injeção única», para neutralizar a transmissão da dor.

A 6 de janeiro de 1942, os drs. Robert A. Hingson e Waldo B. Edwards, do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, introduziram importante modificação no método da «injeção única», com o fim de manter a futura mãe livre tambem de dor durante os trabalhos do parto. Fizeram estudo completo da anatomia da região cocigeana (porção inferior da espinha dorsal), para determinar com exatidão onde a agulha deveria ser introduzida, no sentido de anestesiar os nervos que se relacionam com a região uterina, sem entretanto por o anestésico em contacto com o líquido que banha interiormente a espinha (líquido céfalo-raquidiano), ou com a própria medula nervosa. Se o anestesista não estiver familiarizado com a anatomia da região, sujeita-se a resultados negativos; e, com efeito, já alguns insucessos do método foram observados.

Entretanto, este novo processo, nas mãos de médicos competentes, é de efeito surpreendente. Deve-se ter todo o cuidado no sentido de que a agulha penetre no lugar determinado; a solução anestésica não deve cair na corrente sanguínea, nem no líquido céfalo-raquidiano, mas apenas na área em derredor do nervo. A agulha de aço inoxidavel, especial, usada neste caso, é semiflexivel, afim de não quebrar, mesmo quando a paciente se vire ou mude de posição. Faz-se uma injeção local, para amortecer a dor, antes da introdução da agulha, a qual é mantida em posição estavel por meio de esparadrapo. A agulha se comunica por um tubo de borracha com o vaso onde está a solução anestésica, injetando-se assim algumas colherinhas de chá da referida solução. O anestésico usado é a meticaina, derivado da cocaina.

Algumas pacientes têm confirmado que, momentos após a primeira injeção, sentem completo alívio. À proporção que for necessário, repetem-se as injeções, por intervalos de 45 minutos a hora e meia. A paciente permanece comodamente no leito, até momentos antes de ser levada para a sala de partos.

É claro que o médico deve acompanhar o progresso do trabalho de parto, pois, sob o efeito do anestésico, a paciente não lhe fornece os indícios que vêm normalmente com as dores do parto. Cumpre ao parteiro observar a frequência das contrações uterinas. Por este motivo, o novo método só deve ser empregado por profissionais bem familiarizados com a sua aplicação. Os drs. Hingson e Edwards, no seu artigo publicado no *Journal of the American Medical Association*, insistem em que o êxito depende da proficiência do par-

teiro. Nos casos de partos anormais, não deve o especialista empregá-lo, mas, se o fizer, torna-se necessário ter paciência e cuidado especial. Observadas as devidas regras, o resultado é maravilhoso.

No artigo acima mencionado, lê-se que o caso de parto mais rápido levou apenas 35 minutos depois da primeira injeção, e no mais longo—tratava-se de uma senhora que ia ser mãe pela primeira vez—o método foi usado durante 30 horas, sem, entretanto, a paciente sentir a mais leve dor, e sem nenhum perigo para ela ou para o bebê.

No Hospital do Serviço de Saude Pública dos Estados Unidos, em Stapleton, Nova York, onde os drs. Hingson e Edwards iniciaram a prática da nova técnica, das cem primeiras parturientes, enquanto 11 já tinham tido filhos, as outras 89 eram primíparas. Algumas das pacientes multíparas disseram que a diferença entre o novo e o antigo método era enorme, realizando-se o parto sem dor e sem malestar. Num desses casos, a parturiente interrompeu o almoço, para ir à sala de partos, onde deu à luz, voltando logo depois para terminar a refeição.

O novo método de parto sem dor já foi aplicado a 589 pacientes, em 19 hospitais de escolas médicas e outras instituições, tais como a Clínica Mayo e o Hospital Walter Reed, em Washington.

O dr. Francis R. Irving, professor substituto de obstetrícia na Escola de Medicina da Universidade de Syracuse, que teve oportunidade de experimentar o novo método, exprime-se nestes termos a respeito: «Não há dúvida que o método evita qualquer dor no trabalho do parto, e não causa dano à mãe ou ao bebê.» Outra opinião de valor, é a do dr. Norris W. Vaux, professor de obstetrícia no Jefferson Medical College e obstetra no Hospital de Parturientes de Filadélfia:

«Nossa experiência no Hospital de Parturientes de Filadélfia, desde julho, com o método da anestesia coccígea contínua, tem dado grandes resultados. Evita a dor em cem por cento dos casos, e é isento de perigo, quando usado como aconselham os drs. Hingson e Edwards. A técnica requer conhecimento e cuidado por parte de quem a pratica.»

Recentemente, um parteiro de San Antônio (Texas) escreveu-me, relatando o caso de sua esposa:

«Antes de mais nada, quero dizer-lhe que este método de analgesia obstétrica é maravilhoso. Não conheço nada que se lhe compare... Imediatamente após à injeção inicial, minha mulher não se queixou mais de dor, e a duração do parto, a meu ver, foi grandemente diminuida. A paciente ficou na sala de parto apenas meia hora, e mãe filho nada apresentaram de anormal.»

Alguns especialistas que têm aplicado o método, observaram que apenas em cerca de 10 a 15 por cento dos casos a dor não é eliminada por completo; outros, ainda em menores porcentagens. Mas, mesmo nesses casos, a dor é bastante atenuada.

Uma coisa é certa: têm sido registradas centenas de casos de parto sem dor, pelo emprego desta técnica. O método está ainda naquilo que se chama, na moderna ciência médica, a fase de experimentação. Só deve ser empregado nos hospitais e por obstetras familiarizados com a técnica, em parceria com anestesistas.

Devidamente usado, não há dúvida que o método de parto sem dor representa uma das maiores conquistas da moderna ciência médica.

¶ *«Como ele fazia isto?» ainda é hoje a pergunta inevitavel quando se fala da arte mágica de Houdini.*

Segredos do Rei da Evasão

(Condensado de «Variety»)

Por Francis Sill Wickware

O «GRANDE» HOUDINI tinha a flexibilidade de uma enguia, o fôlego de um gato, e um estranho temperamento que o habilitava a zombar até das cadeias com que o agrilhoassem. Algemas, das empregadas pela polícia para manietar malfeitores, desvencilhava-se delas, ainda que unicamente para as por, segundo dizia, «na posição devida». Gastava menos tempo para escapar-se de uma masmorra do que o empregado para nela o aferrolharem. Durante 25 anos deixou de boca aberta as assistências que testemunharam as suas fugas, nas mais variadas circunstâncias.

Harry Houdini era sepultado em ataudes cuidadosamente selados, ou metido em sacos de lona cuja boca era firmemente cosida, ou recluso em barrís e cântaros, senão até em caldeiras, tudo com as maiores precauções de aprisionamento seguro. Mas sempre encontrava meios de por-se em liberdade.

Quinto filho de um rabino imigrante, Ehrich Weiss fugiu de casa, em Appleton, Wisconsin, aos 12 anos de idade, e fez um aprendizado de vagabundagem, mantendo-se de biscates, aquí numa ferraria, alí a cortar gravatas, acolá como ajudante de serralheiro. As fechaduras fascinavam-no, e adestrou-se na arte de abrí-las com um pedaço de arame de cinco centímetros, tornando-se enfim senhor de todos os seus segredos.

Aos 15 anos começou a exibir as suas habilidades em cervejarias e salas de espetáculos populares. O esbelto rapaz, de olhos azues e cabelo negro ondulado, anunciava-se como «Cardo» ou «Ehrich o Grande». Às manobras, já muito conhecidas, de prestidigitação, com coelhos, chapéus de seda, e cartas de jogar, foi gradualmente acrescentando algumas inovações, tais como a de escapulir-se de caixas mágicas, ou desembaraçar-se de «nós de corda». Numa feira, no interior, uma autoridade local, mostrando-lhe um par de algemas, perguntou-lhe: «Diga-me cá, meu pequeno. Você seria capaz de safar-se de uma destas?» «Só experimentando,» respondeu Houdini. Depois de deixar-se algemar, meteu-se atrás de um biombo, e, passados cinco minutos, voltou com as algemas abertas, penduradas do braço. Essa aptidão particular, que então se evidenciou, tornou-se a espinha dorsal de sua carreira artística e a base da fama internacional que lhe consagrou o título de «Rei da Evasão».

Contava Weiss 17 anos quando leu as

memórias de Robert Houdin, impressionando-se de tal modo que decidiu passar a chamar-se Houdini, e adotar por modelo o grande prestidigitador francês.

Crescendo, mais e mais, o seu renome, viu-se Houdini envolvido numa espécie de polêmica permanente com um número interminavel de carcereiros, serralheiros e técnicos em nós, do mundo inteiro.

O *Daily Mirror*, de Londres, desafiou-o a desembaraçar-se de determinadas algemas, que um ferreiro estivera durante cinco anos a tratar de cercar de todas as garantias possiveis e imaginaveis. Houdini desalgemou-se diante de uma assistência de 4 mil pessoas que o aclamaram. Um desportista de Boston apostou 6 mil dólares em como amarraria Houdini de modo a lhe não deixar possibilidade de desamaranhar-se. Gastou 45 minutos a enfeixar o mágico, da cabeça aos pés, com centenas de metros de uma resistente linha de pesca. Houdini precisou de uma hora e um quarto para sair, cheio de escoriações, daquele casulo...

Trancaram-no, depois de o despir, numa cela de prisão, em Washinton. Em dois minutos, ele estava fora. Saiu então a abrir outras celas, divertindo-se em mudar os presos, até que chegou àquela em que haviam deixado a sua roupa. Precisamente 15 minutos depois do momento em que o prenderam, aparecia, já vestido, na sala do diretor da cadeia.

Houdini poderia ter-se tornado perigosíssimo criminoso. Abria num abrir e fechar de olhos um cofre comum. Para vencer o tipo mais complicado de fechadura de cofre, inventou um pequeno aparelho que se assemelhava a um voltímetro. Era só parar em frente do cofre, manobrar a pequena máquina, e abrir a porta! Muito antes de morrer destruiu o dispositivo, receando que fosse ter às mãos de pessoas sem escrúpulos.

Não raro, atraindo grande concorrência de povo, Houdini, ao dar início a nova série de espetáculos, fazia uma exibição pública gratuita. Numa destas ia morrendo. Devia saltar no rio Detroit, e livrar-se das algemas debaixo da água. Mas, no dia designado, o rio estava coberto de uma camada de gelo. Houdini, não obstante, insistiu em fazer a prova, incumbindo um trabalhador de abrir no gelo um buraco. Os espectadores se aglomeravam nas margens, enquanto a polícia o algemava. A um dado momento, ouviu-se um grito, e ele, através da abertura, mergulhou na água gelada. À medida que passavam os minutos—dois, três, quatro, cinco—o silêncio, a princípio de expectativa, se foi tornando de apreensão. Finalmente, lançou-se ao rio uma corda, e um mergulhador preparou-se para sair em socorro. Foi quando, pelo buraco, por onde mergulhara, veio surgindo Houdini: estivera submerso oito minutos!

As algemas não foram problema, mas a força da corrente o havia arrastado rio abaixo. Ele, contudo, não ignorava que, entre o gelo e a água, havia um espaço de ar, de um centímetro, ou pouco mais. Flutuando de costas, e volvendo o nariz para esta zona onde poderia respirar, tratou assim de obter o oxigênio bastante para manter-se vivo, até encontrar a aberta pela qual penetrara, e sair.

Outra ocasião, um cervejeiro inglês concitou-o, em desafio, a raspar-se de uma pipa de metal, cheia de cerveja. Já Houdini se escapara uma centena de vezes de recipientes análogos, contendo água ou leite, e inclusive com algemas, ou de cabeça para baixo, e ferros nos

tornozelos. Sendo, porem, abstêmio, as emanações da cerveja se lhe tornariam insuportaveis. Realmente, ao levantar a tampa da barrica, foi preciso que o seu empregado o ajudasse a sair, pois já vinha intoxicado.

O «segredo» das artes de Houdini permanece ainda hoje indecifrado; ele sempre receou pudesse alguem aprendê-las, para as por ao serviço do crime. Há contudo certos indícios que permitem, quando nada, se faça uma idéia dos seus métodos.

Tinha sempre consigo uma chave falsa, algumas vezes escondida na boca ou nas ventas, ou presa, outras ocasiões, à sola dos pés. Parece não haver dúvida que era capaz de engulir fios e barras de aço de tamanho relativamente consideravel, expelindo-os quando queria.

O elemento quiçá mais importante das suas habilidades era o seu controle muscular, verdadeiramente fenomenal. Aos nove anos, pendurado pelos calcanhares, apanhava no chão agulhas com as pálpebras. Adquiriu posteriormente um maravilhoso domínio dos músculos do estômago e da garganta, e daí um dos seus números de maior efeito, que consistia em engulir um novelo de linha e um maço de agulhas, vomitando depois 100 agulhas, distribuidas espaçadamente em 20 metros de linha.

Dilatava os tornozelos ou os pulsos, ao ser algemado ou posto a ferros, relaxando em seguida os músculos, com o que recuperava facilmente a liberdade de movimentos. Os pés eram, para ele, como que um segundo par de mãos. Ás vezes, em jantares, para entreter os convivas, fazia uma dúzia de nós bem apertados num pedaço de cordel, que jogava no chão, e, tirando em seguida sapatos e meias, desatava todos os nós com as pontas dos pés.

Treinava-se como um atleta para as suas manobras debaixo da água. Praticou a submersão durante anos, numa banheira, medindo o tempo com um relógio apropriado, de maneira a ir aumentando gradualmente o fôlego, ou a capacidade de mergulho. Só depois de ter conseguido manter-se submerso durante quatro minutos, julgou-se apto a demonstrações públicas. Afim de preparar-se devidamente para imersões no inverno, a baixas temperaturas, submeteu-se a banhos, cada vez mais frios, até poder pular naturalmente num tanque de água gelada que faria talvez bater as queixadas a um urso polar. Para escapar-se de invólucros, ainda os mais seguros e cerrados, aprendeu a contentar-se com pouco oxigênio, respirando muito lentamente e evitando movimentos inuteis.

«Meu trabalho principal tem sido o de vencer o medo,» declarou um dia. «Quando me metem, algemado e preso com todos os rigores, numa caixa pesada, e assim me lançam ao mar, ou enterram vivo sob dois metros de terra, é indispensavel que mantenha absoluta serenidade de espírito. Tenho que trabalhar com grande finura, e velocidade de relâmpago. Se me deixo invadir pelo pânico, estou perdido. E se alguma coisa não vai bem, só me

poderei salvar pondo em ação, a tempo e inteiramente, as minhas faculdades, isento de fadiga mental. O público vê apenas o que há de impressionante no fato consumado. Não faz idéia, porem, do torturante exercício de auto-domínio necessário para evitar o medo.»

Houdini empregava técnicas surpreendentemente simples em muitas das suas realizações, como aquela, por exemplo, de passar através de uma parede de tijolo. Operários, voluntários da respectiva união, erigiram, à vista do público, uma sólida parede de tijolo, com 3 metros de altura, um pouco mais de comprido, e trinta centímetros de espessura. Servia-lhe de alicerce uma viga de aço, montada sobre rodízios, e que estava acima do chão, não mais que uns cinco centímetros. Instalaram-se biombos, à esquerda e à direita da parede, enquanto, por baixo desta, se estendeu um tapete grosso, sem costuras. Uma comissão de 12 membros, escolhidos entre a assistência, examinou a parede e os diversos acessórios, de maneira a ficar certa de não haver passagem, por baixo, por cima, ou à roda, por onde pudesse Houdini atravessar. Então, de detrás de uma das telas, ele gritou «Lá vou eu!» e, 30 segundos após, exclamava do outro lado: «Aquí estou!»

É que, ao dizer «lá vou eu!» alguem, do seu pessoal, abriu um alçapão em baixo da parede, e o tapete descaiu o bastante para que o agil Houdini se esgueirasse, como enguia que era, por baixo da parede. Mas tudo foi posto em prática de modo a iludir até os oficiais do mesmo ofício.

Já para o fim da sua carreira, Houdini entrou em combate contra supostos médiuns espíritas, que exploravam, após a guerra, o infortúnio de pais e viuvas que nela perderam filhos e maridos. Demonstrou, em palestras públicas, que podia reproduzir todas aquelas manobras de espíritos que escreviam, mesas que se animavam, aparições fantásticas. A todo médium que lhe desse a prova do seu poder psíquico, oferecia 10 dólares; muitos apareceram, mas nenhum ganhou o prêmio. No carater de membro do comitê do *Scientific American* para a Investigação do Espiritismo, concorreu eficazmente para desmascarar as fraudes que haviam ludibriado milhares de pessoas, e até conduzido algumas aos hospitais de loucos. Expôs o caso Margery, de Boston, mostrando que a impostora obtinha os seus efeitos mais «espectrais» por meio de megafones suspensos de fios, e fazendo soar sinos do outro mundo com uma régua de 60 centímetros que trazia oculta consigo.

Contudo, enquanto rasgava esta cortina de mistificação, era Houdini curioso no concernente à possibilidade de comunicação entre os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos. Confiou, por exemplo, à esposa, certas mensagens secretas, deixando entendido que as repetiria do outro mundo.

Morreu em outubro de 1926; durante 10 anos, sua viuva assistiu a centenas de sessões, sem nenhum resultado. Em 1936, quando passava o décimo aniversário da morte do marido, fez a última tentativa. Num ambiente impressionante, um médium pediu a Houdini que fizesse a derradeira e a maior das suas fugas, e esta seria da eternidade à terra. Nada, todavia, aconteceu. Terminada a sessão, disse a senhora Houdini: «Ele não veio. Nem creio que jamais venha.» Por todos aqueles anos, conservara ela uma luz acesa a iluminar o retrato do grande mágico. Naquela noite, apagou-a.

«Em Manila nos veremos!»

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Franc Shor

Esta guerra não tem nada de abstrato para os regimentos de filipinos, recentemente criados pelo Tio Sam: é um ajuste de contas com os japoneses.

O minúsculo *Mactan*, da marinha americana, cortava galhardamente as ondas do Pacífico, quando o sargento Eustácio Corpuz, do exército das Filipinas, que ia a bordo com ambas as pernas metidas num aparelho de gesso, por causa de um ferimento recebido em combate, se soergueu na tarimba e, soltando uma praga, estendeu o punho fechado para a terra da pátria que se ia sumindo no horizonte:

«Eu hei-de voltar! prometeu.—Hei-de voltar com milhares de filipinos. E quando isto acabar, não restará um japonês com vida nessas ilhas!...»

Um ano correu, e o sargento Eustácio Corpuz, auxiliado por outros compatriotas seus que escaparam aos japoneses, anda empenhado no treino de uma das mais curiosas unidades do exército norte-americano: a infantaria filipina.

Os serviços de recrutamento militar classificaram os filipinos, residentes nos Estados Unidos, como «estrangeiros». Foi uma explosão de indignação entre os milhares de filipinos que vivem por todo o país. 50 deles protestaram logo por telegrama. «Nós tambem queremos lutar!» era o clamor geral.

Deu-se-lhes satisfação. No verão de 1942 foi organizado um regimento filipino sob o comando do coronel Robert H. Offley, oficial de carreira graduado em West Point, que se criou nas Filipinas e fala tanto o espanhol como o tagalogue. Chegado à Califórnia, constatou que o 1º de Infantaria Filipina constava de três oficiais e oito praças... Em seis meses, porem, a força tinha crescido para 7.000 homens—isto é, dois regimentos—e os voluntários continuam a afluir aos bandos, entusiasticamente.

«A disciplina e ardor destes homens excede a tudo quanto tenho visto na minha carreira militar,» afirma o coronel Offley. «Assim que um destes rapazes enverga a farda, pede uma espingarda. Quando recebe a arma, quer logo embarcar. Não pode perceber por que razão o não remetemos para o Pacífico, para poder começar a atirar nos japoneses.»

A verdade é que não lhes faltam incentivos.

Um soldado a quem explicavam que, por ter mais de 38 anos, podia requerer baixa, comentou: «Tenho uma filha em Manila, e nem quero pensar no que lhe terá sucedido. E meus dois filhos morreram em combate, no exército filipino...»

«Minha mãe está morrendo de fome num campo de concentração!» diz um tenente. Noventa por cento dos soldados filipinos têm parentes próximos vivendo sob o calcanhar dos japoneses. Assim, para eles, a guerra atual é um ajuste de contas com o invasor...

O resultado de tudo isto é fenomenal, e causa espanto a homens encanecidos

na vida militar. Por exemplo, é prática corrente, na maioria das unidades militares, aplicar o trabalho dominical como penalidade para os pequenos delitos. Quando os filipinos descobriram que podiam conseguir sete dias de treino por semana, em vez de seis, desataram a apresentar-se todos à revista de inspeção com uma bota enlameada ou um botão descosido. Foi preciso abolir tal forma de castigo!

Na maioria das unidades militares, os trabalhos de escritório são considerados «canja». Pois bem, os filipinos que têm habilitações para trabalhos de escritório escondem o fato como se fosse uma vergonha! «Destacamos um praça para datilógrafo, e ele aparece na repartição com a espingarda!» diz um sargento do secretariado militar. «Quando não tem o que bater à máquina, põe-se a desmontar o rifle, ou a estudar o *Manual do Soldado*...»

Um oficial que passava por uns dormitórios de soldados filipinos depois do toque de silêncio, deteve-se surpreendido, ao ouvir lá dentro uma rápida e surda batucada. Entrou a investigar: dois soldados, por terra, praticavam o código Morse, dando pancadas no assoalho. «Será melhor vocês deixarem isso pr'amanhã», sugeriu o oficial. «Assim não deixam dormir ninguem no pelotão.» Tomou a palavra o sargento: «Não faz mal, meu tenente. Todos nós estamos escutando. Praticamos assim todas as noites, uma hora ou duas.»

Desde que se constituiu esta unidade, só dois filipinos passaram pelo xadrez regimental: e foi por excesso de velocidade, quando estavam fora do serviço. Por falta de presos, foi abolido o cargo de diretor da cadeia...

Os soldados, até agora, apenas deixaram escapar uma queixa: acham que não lhes fornecem «bolos» bastantes—isto é, os facões com 60 cm. de comprimento, que o exército só distribue com muita parcimônia. Levemente curvos e afiados como navalhas de barba, esses facões são usados principalmente para abrir caminho no mato. Mas o «pinoy»—ou seja, o soldado filipino—de boa-vontade trocaria por eles a baioneta regulamentar.

Os filipinos, homens muito sensiveis, não podem ser tratados a berros, segundo os costumes militares de outros tempos. O carão, que poderia espicaçar qualquer outro soldado, estimulando-o a produzir mais rendimento, teria provavelmente feito chorar um soldado filipino. Quando um deles comete uma falta, ou se engana, o oficial fá-lo notar em termos suaves; é quanto basta.

Quando a infantaria filipina iniciou o treino intensivo, os oficiais mostraram-se preocupados. O coronel Offley não estava muito seguro da resistência física dos seus soldados. Muitos deles eram homens de 40 anos,—em média, de 34.

Mas os filipinos, soldados ageis, de nervos rijos, demonstraram competir bem com homens dez anos mais novos do que eles. Na opinião do coronel Offley isso se deve a que a maioria desses homens tem levado a vida a trabalhar no duro. Mas a razão principal é o afã, a impaciência com que se preparam para liquidar as contas com os japoneses.

Os regimentos de infantaria filipina são exemplos vivos de democracia em ação. Muitos dos oficiais filipinos, cujos pais viviam praticamente em condições de servidão rural, partilham dos dormitórios com os filhos das mais velhas e orgulhosas famílias do arquipélago. Não há alí vestígios sequer de distinção de classes.

Lorenzo Sevilla, filho de uma família preeminente de Manila, abandonou os seus estudos de economia bancária na Universidade de Nova York, para assentar praça nos «pinoys». Vincent Singian, doutor em filosofia, com a carreira assegurada nos serviços do Departamento do Exterior, assentou praça como soldado. Marcos Roces, herdeiro de uma conhecida família de editores de Manila, deixou o lugar que tinha no Comissariado Filipino, em Washington, para usar os galões de tenente.

Do próprio exército afluiram os veteranos—todos filipinos. O sargento-mor Isodoro Dacquel, com vinte anos de serviço nas fileiras, chegou acompanhado do sargento mecânico Francisco Morales, que já ia em trinta anos de serviço—e impaciente por ir acabar a carreira em Tóquio... Foram transferidos para o novo regimento meia dúzia de filipinos graduados pela Escola Militar de West Point.

O 1º de Infantaria Filipina, no dia de Natal, foi pedir ao cel. Offley que fizesse um discurso.

«Por mim,—disse o coronel—nada tenho que dizer-lhes em especial. Mas tenho aquí um cartão de boas-festas para vocês todos, é do capitão Jesús Villamor.»

O capitão Villamor é o herói filipino desta guerra. Foi-lhe conferida a medalha de Honra do Congresso, por bravura em combates aéreos sobre as Filipinas, e está hoje servindo no Sudoeste do Pacífico, sob as ordens do general MacArthur. O nome dele arrancou vivas aos soldados.

O coronel ergueu o cartão acima da cabeça, e os homens da primeira fila leram o texto em voz alta. As quatro palavras de saudação correram de boca em boca, ao longo das fileiras de soldados de cabeça descoberta, foram ganhando volume, e acabou num brado triunfal:

«Em Manila nos veremos!»

Tal é hoje o slogã dos regimentos de infantaria filipina. Os soldados fecham com ele suas cartas, saudam com ele os seus amigos. É ao mesmo tempo a sua esperança—e um compromisso...

Era o galo mesmo

¶Uma vigilante contra raides aéreos, em um edifício de apartamentos de Nova York, estava realmente assombrada com a variedade de animais de estimação que tinha a oportunidade de observar na vizinhança. Cães e gatos eram coisa comum. Uma mulher tinha um macaco e outra um rato branco; mas o caso mais singular era o de uma senhora que possuia nada menos do que um galo de terreiro preso numa gaiola. Certo dia, conversando com uma das donas de casa do edifício, a vigilante contou-lhe o que tinha observado. «Justamente por cima do seu apartamento,» disse ela, «há uma senhora que tem um galo.» Ao ouvir tal, a outra soltou um gemido e caiu desmaiada. Ao voltar a si, pediu desculpas e explicou: «Nunca tive um chilique, mas desta vez o choque foi grande. Imagine que eu tenho estado, há seis meses, em tratamento com o mais caro dos psiquiatras de Nova York, porque o canto de um galo me perseguia sem cessar!»

—Cecil Hagen

Engenhosas aplicações dos raios X

(Condensado da «Science News Letter»)

Por Webb Waldron

Os raios x começam a ter aplicação comercial. Aperfeiçoados a princípio com o objetivo de auxiliarem o diagnóstico das moléstias humanas, são empregados agora na seção de empacotamento das fábricas, em oficinas metalúrgicas, estações de gasolina, e em dezenas de outros meios engenhosos que possam contribuir para precisa e rigorosa ação na indústria.

Os empregados da Companhia Edison de Detroit, encarregados da conservação do material, para se resguardarem de qualquer crítica, tiveram que condenar e substituir muitos postos de luz elétrica que pareciam estragados e que, mais tarde, veio a ficar demonstrado encontrarem-se em perfeitas condições. Hoje, um aparelho de raios X instalado num carro examina o fincamento de postes, verificando-lhe as condições, e assim poupa dinheiro e material à Companhia.

Os plantadores de frutas cítricas da Califórnia e do Arizona usam cem aparelhos de raios X na escolha das suas frutas. Com os raios X, a Califórnia, depois de grande geada, salvou dois milhões de caixas de laranjas que, de outra maneira, teriam sido condenadas. As máquinas custaram 250 mil dólares; as laranjas salvas foram vendidas por 7 milhões e quinhentos mil dólares...

Os exportadores de amendoim estavam sempre diante de um sério problema: a presença de pedrinhas misturadas às amêndoas. Mesmo depois do uso da célula foto-elétrica na inspeção e seleção do material a exportar, pedras e corpos estranhos do mesmo tamanho e cor dos amendoins podem estar presentes, sem ser facil encontrá-los. Como medida de precaução final, os grandes fabricantes de confeitos de amendoim fazem hoje passar seus produtos pelos raios X, separando os pacotes que mostrem ter corpos estranhos. Os fabricantes de chícletes, de confeitos e de artigos de fumo, empregam os mesmos meios no exame dos seus produtos.

A Companhia de Pneumáticos e Borracha Firestone, mandou aplicar os raios X aos pneumáticos de 100 automoveis tomados ao acaso, e encontrou pregos e pedaços de vidro metidos em 99% dos pneumáticos, alem de outros defeitos. As estações de gasolina estão instalando raios X para o mesmo fim, o que é mais barato e melhor do que tirar os pneumáticos das rodas para examiná-los.

Cinco mil casas vendedoras já usam os raios X para ver se os calçados se ajustam bem ao pé dos fregueses; um fabricante de calçado emprega o aparelho no desenho das mercadorias de sua indústria. As bolas de golfe são passadas pelos raios X, para que se verifique se estão bem «centradas»; do contrário, ao serem jogadas, tomam rumos inesperados.

Quando existem bolhas de ar ou rachas nos metais, os raios X mostram esses defeitos, evitando seu uso na indústria. Todas as peças de avião sujeitas a trabalhos pesados são passadas pelos raios X. Alguns inspetores navais, ao passarem uma turbina de destroier pelos raios X, verificaram que o construtor tinha metido uma cunha numa racha e ocultado o defeito sob um chapeado metálico Todos os tubos das caldeiras para navios de guerra são examinados pelos raios X; a explosão desses tubos traz morte horrivel aos maquinistas, e pode inutilizar a ação do vaso de guerra. Um dos maiores trabalhos já feitos pelos raios X, foi o de examinar 130 quilômetros de tubos soldados, na represa de Boulder.

No Bureau de Informações sobre Pérolas Naturais, em Nova York, vi um colar de vinte mil dólares a ser passado por um aparelho de raios X. Havia nele 4 pérolas «cultivadas», que não valiam mais que um dolar cada uma, e que não tinham sido descobertas pelos peritos. Eu mesmo pude descobrí-las; as pérolas naturais mostravam inúmeras camadas concêntricas, as pérolas cultivadas apenas uma fina casca, depositada pela ostra sobre uma conta artificial.

Ainda com os raios X, os museus têm descoberto que alguns quadros de artistas famosos são falsos. Alem de verificar a autenticidade dos mesmos, os raios X são de valor inestimavel para os estudantes, mostrando-lhes a maneira como um artista trabalha, e as modificações que um quadro pode sofrer antes de terminado. No Museu Metropolitano de Nova York, vi chapas de raios X do famoso *Marte e Venus* do Veronese. Através das camadas da pintura, os raios X revelam que Venus, que se acha agora de pé, nua, ao lado de Marte e tendo Cupido a seus pés, na primeira versão do quadro estava vestida e sentada ao colo de Marte, e Cupido não estava lá!

O falsificador das pérolas e o construtor naval que procurou enganar a Marinha foram punidos, porem é demasiado tarde para que os raios X possam descobrir casos semelhantes do passado. Por exemplo, o Museu Field, de Chicago, provou a deshonestidade dum embalsamador egípcio: examinando uma múmia pelos raios X, pôde verificar que o corpo faltava. A cabeça e os pés da múmia estavam ligados por um pedaço de madeira...

A perfeita epistolografia

¶ Oliver herford, que depois se tornaria famoso pelas suas sátiras em verso, nos começos de vida mandou várias historietas humorísticas ao *Century Magazine*. Vendo que todas lhe eram devolvidas, puxou da caneta e escreveu isto ao diretor:

> Senhor: O moço de recados do seu escritório vem rejeitando persistentemente estas verdadeiras obras-primas. Queira providenciar no sentido de que o Diretor as leia.

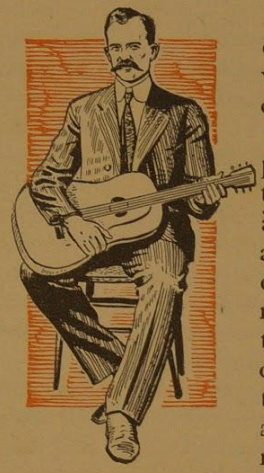
O diretor achou muito divertido o recurso, e mandou chamar Herford. Fizeram-lhe tal impressão os manuscritos do juvenil autor, que lhe comprou quantos trazia!

—Kermit Kahn, *Kenz*

Meu tio Azougue

(Condensado do «Book of Uncles»)

Por R. P. Tristram Coffin



Os tios são uma raça à parte, criada para salvar as crianças de se tornarem tão desenxabidas quanto os pais. Têm eles o direito de ser naturais onde um pai o não pode ser. Aos tios é permitido, por exemplo, empanturrar sobrinhos e sobrinhas de sorvetes e bombons, visto que não têm obrigação de sentar toda uma noite à cabeceira dos meninos doentes... Não lhes custa, por outro lado, aconselhar um belo dia os pequenos a gazear a escola, e cair na brincadeira, visto como não são eles que terão que assinar no mês seguinte os boletins escolares.

Afora as vacas de leite e os cães de caça, serão os tios, no mundo, as únicas criaturas que têm horas de lazer. Os pais, em regra, não têm tempo sequer para aturar os próprios filhos: andam demasiado ocupados em ganhar o necessário para o pão, e a manteiga, e os calçados. Os tios, muito ao contrário, dispondo de muita folga, sentam-se a contar suas histórias, enquanto os pobres dos pais se vão desmanchando em suor. A meninada não respeita os tios; mas gosta deles.

Onde quer que a vida corresse mais animada, mais viva, sobretudo mais ruidosa, podia-se ter por certo que Tio Tim, o irmão caçula de meu pai, aí estaria presente. Era um pândego de marca, um contador de anedotas, a alma de quanto sarau a que desse o seu concurso, bom na dansa e na viola,—sal, pimenta, e glória da família.

Meu pai o tomou a si depois da morte do pai. Tentou, quanto pôde, adaptá-lo à vida normal da civilização, ao matrimônio e aos negócios: tão bem ou com o mesmo êxito com que poderia ter tentado desatar um nó de corda ao sopro do noroeste, ou manter uma gota de azougue no gume de uma navalha. O azougue é vivo, e muda sempre de planos; está aquí, alí, por toda a parte, sem maior advertência, e súbito se mete pela relva, onde ninguem mais o encontrará. Tio Tim era tal e qual.

Os astros conspiravam contra a hipótese de Tio Tim manter-se num emprego. Quando meu pai lhe arranjou uma colocação num moinho, o moinho pegou fogo, e apuraram que a causa do desastre havia sido o cigarro que, até dormindo, ele trazia na boca. Meu pai não desanimou; empregou-o numa serraria. Mas Tim metia na serra toros de tal porte, que não tardou muito a escangalhá-la, fazendo-a saltar aos pedaços, que ele escondeu discretamente no mato, não voltando jamais, é bem de ver, para ajustar contas com o patrão. Ficou a ser para sempre o Benjamin, que armava situações das quais havia tirá-lo, mas em quem os irmãos mais velhos achavam uma graça infinita.

Tio Tim dansava tudo, fosse a dansa

moderna ou antiga, deste ou daquele povo ou continente. Movia com tamanha agilidade os dedos ou as pontas dos pés, que ainda os olhos mais agudos teriam dificuldade em acompanhar-lhe as evoluções coreográficas. Dir-se-ia que tinha nas juntas a mobilidade de uma giga, e música na massa do sangue.

De uma voz, clara e límpida, de tenor, que só lembrava um canário, educado para a ópera, passava, de repente, se queria, para um tom grave de baixo, semelhante ao de certas rãs na estação amorosa. Era só projetar o queixo, mover com os olhos que se tornavam luzentes, fazer com a garganta e os músculos algumas combinações misteriosas, e as notas, altas e baixas, vinham jorrando na mais completa harmonia.

Não havia, por outro lado, instrumento musical que Tio Tim não tocasse. Dessem-lhe um tubo ou uma cana, e seu sopro arranjava meios de tirar daquilo algum som agradavel. Se encostava a boca a uma trombeta, trompa, ou coisa que o valha, qualquer tocador experiente, ainda de instrumentos mais perfeitos, não ocultaria o seu espanto ante os incriveis arpejos que se faziam ouvir. Nenhum organista, a seu turno, teria imaginado que o orgão pudesse dar o que dava uma simples gaita tocada pelo Tio Tim. Quando ele, inclinando a cabeça, deixava quase pender o longo bigode negro sobre os bordos de uma gaita, e entrava a tocá-la apaixonadamente, era como se ondas rebentassem nos derradeiros recifes de um oceano perdido.

Canções, cantigas, não só as sabia às centenas, mas ele mesmo as ia compondo novas, algumas capazes de fazer enrubecer homens barbados, embora nunca os entoasse o autor sem revelar nos olhos a candura de um menino de dez anos. Eram canções e toadas sobre variados assuntos, desde criminosos insubmissos, a seguir para as masmorras, até moças puras como anêmonas, que chegavam a murchar e morrer se um homem olhava para elas. Mas canções cujos hérois fossem homens, só falavam de cavalos e bebida; para as mulheres, eram tudo lágrimas e puro amor. Cantava tambem hinos religiosos, sem embargo de nunca ter visto o interior de uma igreja.

Ninguem, na cidade, o vencia, em agilidade de pernas, ou força de punhos. Com aquelas, transpunha, sem tomar balanço, uma cerca, fosse da altura de metro e meio, e mais. Derrubava um homem duas vezes mais forte; e depois de por nocaute um atleta, ao boxe, batia os jovens mais lépidos numa corrida de 100 metros. Para tirar os sapatos, a camisa, e encantar a pequenada com quanta proesa física lhe vinha à imaginação, não se fazia rogar.

Mas o maior pendor de Tio Tim era para as travessuras de todo gênero. Amarrava um tijolo no rabo da vaca do sr. Snodgrass, de modo que este pudesse tirar o leite em paz, sem receber, a pequenos intervalos, uma vergastada no rosto; mas, quando a vaca punha a cauda em ação, Snodgrass rolava por terra, e aí ficava por alguns momentos numa paz artificial.

Havia já vinte anos que a viuva Nye e Peter Jordan saíam a passear. Tim retirou as pranchas que se estendiam sobre um poço seco por onde eles passavam. Resultou que os dois foram ao fundo, e alí ficaram toda aquela noite, o que deu que falar à gente do lugar, obrigando-os a casar-se logo no dia seguinte, montando casa acima da flor do chão.

Foi Tio Tim quem teve a idéia de por whisky *bourbon* no vinho de framboesa, por ocasião de um piquenique do Livre-Arbítrio Batista. A notícia se espalhou, e as multidões afluiram, para conhecer a novidade. Foi como se todo o mundo se decidisse, ao menos por um dia, a rezar pela cartilha batista! Tambem passou em julgado que, durante meio século, nunca fora tão animada a festa do livre-arbítrio. Gastaram-se depois horas a reunir os batistas, permanentes e temporários, para que regressassem, cantando, à vida cotidiana.

Tio Tim trazia os sobrinhos—filhos, uns, de seus irmãos, outros, de suas irmãs—todos eles de olhos alerta, e nas melhores condições físicas possiveis. Suas irmãs e cunhadas se escandalizavam das bonecas articuladas que ele fazia, de madeira e à faca, para as sobrinhas, aliás com grande arte. É que havia um completo realismo nas suas concepções da beleza feminina em estado de nudez. As meninas, ainda as mais crescidas, não podiam brincar com as bonecas, que eram, muito de indústria, relegadas a uma alta prateleira, a elas inacessivel.

Aos sobrinhos, ensinava Tio Tim como tirar as melhores maçãs, das árvores mais altas, e não obstante a vigilância dos guardas mais atilados; como pescar a melhor truta no mais fundo pego da ribeira; como guardar o sangue-frio na luta. Depois de uma visita que ele fizesse, era certo que os visitados teriam que restabelecer a ordem na casa, porque os meninos davam todos para o imitar, e era preciso castigá-los, entre outras razões por terem andado a ensaboar a escada que dava para o fundo, de maneira que o criado descia sentado...

A primeira vez que Tio Tim se ausentou, foi ao partir para a Guerra Civil. Tanto quanto pude recolher da tradição de família, foi aquilo uma guerra civil, enquanto ele se não alistou para combater: daí por diante assumiu um carater muito sério. Nenhum general desejava tê-lo nas suas fileiras. O seu regimento não chegou propriamente a figurar em batalhas regulares, tantas foram as escaramuças em que meu tio o envolveu ao longo do Potómac...

Não escapou Tio Tim a uma experiência do casamento. Talhado, é bem de ver, não fora ele para dono de casa ou pai de família. Daí, entretanto, pode ser que, se o seu primogênito houvesse vingado, lhe viesse com isso o estímulo para fundar neste mundo a raça de homens-azougue, de que tanto precisamos. Quando, porem, o pequeno, que tanto o enfeitiçara, morreu de difteria, a chamada vida do lar não mais o interessou. Separou-se da mulher, depois de tê-la feito adormecer ao som da guitarra. Depois, mergulhou furtivamente na noite, deixando-lhe como lembrança a guitarra, a melhor que possuia. E se não lhe deixou a carteira, foi porque estava vazia.

Um belo dia de outubro, Tio Tim deve ter sentido alguma coisa de amargo. Viu talvez ao longe o quadro daqueles serões longos e calmos, ao lado da lareira, os irmãos esperando que ele dansasse, e ele sem força nas pernas para dansar. E Tio Tim se sumiu do quadro, sem que ninguem percebesse que ele tivera um instante de seriedade e apreensão. Estenderam-lhe a última prancha, e por ela se foi para não mais voltar. Meu pai o mandara a Falmouth, com uma carga de peixe. Vendida a cavala, ele vendeu tambem a chalupa. Os dólares tinham a propriedade de abrir-lhe

buracos nos bolsos. Não se soube mais de Tio Tim.

Uma sombra caiu sobre os irmãos. Quando chegava a noite, cada um sentia a casa triste, e mais duro nos ombros o peso da idade. As cantigas de Tio Tim, como que ainda chegavam na voz do vento do Maine, que sacudia o telhado da casa.

Meu pai, incumbido pelos irmãos de descobrir Tio Tim, e fazê-lo voltar aos penates, renunciou a quaisquer outros serviços, e, durante quase um ano, andou no encalço do desaparecido. Mais de uma vez pareceu-lhe que tinha encontrado a pista. Em certa sala de bar da zona do Bowery, em Nova York, alguem havia cantado com voz tão seráfica, que até aos homens mais rudes havia arrancado lágrimas. Tratar-se-ia, talvez, de Tio Tim. Numa casa de gente humilde, no bairro marítimo de Filadélfia, certo hóspede pagara a conta da pensão contando histórias amaveis que iluminaram por alguns momentos o sórdido ambiente. Devia ser Tio Tim. Numa solitária cabana do Kentucky, uma família se deliciara, três dias consecutivos, com as dansas de um homem que por alí passou, nem tão belas jamais tinham visto aqueles serranos. Quem sabe se não fora Tio Tim? Daí, o rasto se encaminhou para o sul; era lógico o seu percurso, em busca das regiões onde o inverno é mais ameno.

Mas os vestígios se foram tornando cada vez mais indefinidos e escassos. Quando meu pai voltou, desenganado, às atividades normais, tinha envelhecido dez anos.

Senão quando um jornal deu a notícia de um homem do Maine, que morrera, de varíola, numa mansarda de Nova Orleãs. Meu pai escreveu e telegrafou uma dúzia de vezes, pedindo esclarecimentos. Recebeu afinal uma fotografia do morto: não era Tio Tim. Meu pai remoçou dez anos.

Um ano mais tarde, surgiu o caso de um homem que fora encontrado morto numa água-furtada de Baltimore. Não se lhe sabia o nome, mas havia no seu capote a marca da casa comercial que o vendera. Acontece que era esta uma loja da localidade em que morávamos, e o capote apresentava semelhanças com um que meu pai tinha emprestado a Tim.

Meu pai foi a Baltimore, sobressaltado. Viu o morto. Não se tratava, ainda aí, do irmão desaparecido, o que, embora fugazmente, lhe desanuviou a alma.

Os anos foram passando na sua marcha veloz. A cabeça de meu pai se foi fazendo mais branca, e assim a de seus irmãos. Sem Tio Tim para os trazer unidos, começaram a dispersar-se, até que entrou a separá-los a morte. Os sobreviventes não esquecem o canto, a dansa, a música de Tim. Os sobrinhos sabem de cor algumas das suas cantigas. Mas ninguem é capaz de cantá-las como as cantava o tio!

Para meu pai, lembrar-se de Tim era o mesmo que, para mim, recordar-me do canivete que, certo claro dia de novembro, estando eu no mar, vi cairme das mãos na água escura, sumindo-se para sempre, e deixando-me em tal estado de tristeza qual se levasse consigo, ou representasse em si mesmo, um pedaço reluzente do meu coração. Foi Tim a última palavra de meu pai, na noite em que morreu.

O azougue nunca para quieto; e, se da lâmina resvala para o chão, debalde o procuraremos entre a relva: deve ter voltado ao sol de onde nasceu, e a cujo reino pertence.

¶ *Para conseguir-se um mundo em que haja paz e estabilidade, não é suficiente que as nações vivam sempre em armas.*

As armas não bastam para firmar a paz

(Condensado do «New York Herald Tribune»)

Por Mark Sullivan

PARA QUE cheguemos a ter algum gênero de mundo, praticavel e toleravel, há uma base, uma pedra angular, que se torna absolutamente imprescindivel.

Considere-se a lição de Pearl Harbor: em 110 minutos, 105 aviões japoneses destruiram a quarta parte da Marinha americana. Tínhamos, em Pearl Harbor, mais de 300 aviões militares e navais. Contudo—e é este o ponto—ainda que cada piloto estivesse no seu posto, e assim cada guarnição, não teria isso bastado para fazer recuar os atacantes, tão rápido se consuma, com os seus terriveis efeitos, um ataque de surpresa, com os modernos recursos técnicos.

Mas há ainda outro aspecto na mesma lição. Houvessem os japoneses conhecido a real extensão do seu êxito, e o teriam explorado até o ponto de ocupar Havaí, podendo mesmo ter vindo à Califórnia ou ao Canal do Panamá. Se o não fizeram—o que, indiretamente, representou um fracasso—foi porque não se encontravam suficientemente preparados para tirar das circunstâncias, no caso, as devidas e possiveis consequências.

Fomos salvos, por conseguinte, pela falta de visão dos nossos inimigos para julgar a sua própria força, quando nos encontraram desprevenidos. Mas daí a concluir que tudo depende de preparação, e só de preparação, vai grande distância, e seria inópia admití-lo. A bem mais longe se estende o alcance da lição, e esta é das que se devem guardar para sempre.

Num mundo em que nações fortes disputam entre si a primazia em matéria de armamentos, e algumas são agressivas e ciosas de conquista, a carga de defesa, a recair sobre os ombros das potências pacíficas, se torna insuportavel. *Não há dose de preparação que seja suficiente—eis a grande verdade.* O onus, em quantidade de armamento, ou de homens em guarda, como em esforço de vigilância, tudo importando em aplicação de recursos, energias, concentração de espírito, força intelectual, esse onus seria tão grande, que o que sobrasse não bastaria, decerto, para manter viva a civilização. Em tal mundo, fora impossivel viver. Que as nações pacíficas sejam obrigadas a ver sempre, suspensas sobre a cabeça, as espadas dos paises provocadores de guerra, não é, nem deve ser doravante admissivel.

O que, antes de tudo, nos cumpre, é preparar um mundo, no qual possa florescer a vida civilizada. Para tanto, é necessário não somente desarmar as nações agressoras, mas estabelecer algum meio, verdadeiramente eficaz, de mantê-las desarmadas.

A opinião americana muda de rumo

(Condensado do «New York Times Magazine»)

Por Anne O'Hare McCormick

Será que o povo norte-americano deseja efetivamente uma organização mundial que imponha, impedindo as guerras, a paz permanente? Sim—é o que diz atilada observadora política, que foi encontrar entre os isolacionistas da fase anterior a Pearl Harbor o mais decidido apoio à política, já agora, de cooperação internacional.

MANIFESTOU-SE no espírito, ou antes, no modo de ver do povo, em geral, dos Estados Unidos uma impressionante modificação. O isolacionismo, tão difundido antes de Pearl Harbor em vastos setores do país, brotava principalmente de um sentimento profundo de antipatia à guerra. Os cidadãos que se mostravam infensos a qualquer interferência em «guerras da Europa» acreditavam que a guerra, viesse de onde viesse, só chegaria até nós, se fôssemos, de motu próprio, ao seu encontro.

Este ódio à guerra não diminuiu. Numa viagem que fez, através de doze estados da maior importância, o reporter que assina estas linhas pôde bem verificar que a gente que, há um ano passado, se obstinava em manter-se distanciada da guerra, hoje a detesta ainda mais. A repugnância pela obra, em conjunto, de destruição, que a guerra significa, é talvez o mais forte sentimento a efervescer no cadinho de emoções que se misturam, energias que se desprendem, idéias atormentadas e confusas, em que um novo país se vai forjando, tão seguramente quanto é certo que um novo modo de vida emerge, e há-de emergir, do turbilhão geral.

A aversão, entretanto, que antes cresceu do que se reduziu, aos conflitos armados, passa a revelar-se sob a forma de uma decisão inabalavel a fazer qualquer coisa de prático para impedir definitivamente a reprodução da tragédia. Aí está um paradoxo, que pode mudar o curso da história. Até onde seja possivel generalizar no campo fluido e incerto das reações humanas, são os antigos isolacionistas que hoje mais propugnam um sistema de segurança coletiva. Se com efeito assim é, então podemos dizer, sem exagero, que está dado o primeiro grande passo no rumo da colaboração internacional.

O raciocínio dos convertidos é muito simples e lógico: «Estávamos convencidos de que a guerra não chegaria até

ANNE O'HARE MCCORMICK, figura de grande relevo entre os jornalistas e conferencistas norte-americanos, começou a escrever para o *New York Times*, em carater extraordinário, em 1921. Durante o período entre as duas guerras, suas atividades jornalísticas a levaram à maior parte dos paises da Europa. Analisou de tal modo a política européia, que acabou por conquistar grande reputação de observadora penetrante; em 1936 veio a ser a primeira mulher incluida no quadro de redatores do *New York Times*. O que absorve o espírito da sra. McCormick é a sondagem dos sentimentos públicos, a pesquisa da verdadeira opinião popular; daí estar sempre em movimento, a ver, a procurar investigar o que se diz e se pensa, sobre as grandes questões do momento.

nós, a menos que o quiséssemos. Envolveu-nos contra a nossa vontade. Devemos portanto agir de modo que não venha a repetir-se.»

Não é que haja muito idealismo nessa evolução de opinião. Não se notará uma centelha em um por mil dos olhos curiosos, frios, inquietos, ou mergulhados em cálculos, que, do seio de grandes centros de atividade febril, contemplam os fatos ou o panorama do mundo. Nenhuma onda, porventura, de espírito de cruzada, levou os antigos anti-intervencionistas a mudar de atitude. Mas o certo é que mudaram; nos seus verdadeiros redutos, o isolacionismo como base de política externa, poder-se-á dizer que foi a pique com os navios de Pearl Harbor.

Qual será a repercussão da experiência da guerra sobre o modo de pensar dos milhares de moços hoje em armas? Estão combatendo em lugares de cuja existência mal tinham a noção. Não é de supor que voltem com os mesmos pontos de vista que levaram, sobre o mundo e o seu próprio país.

«Nossa geração,» disse um veterano da última guerra, «viu sobretudo a França, o limpo e o lodoso, que por lá havia. Mas os nossos soldados de hoje estão a ver literalmente o mundo, e como este vive. Nunca exército melhor educado saiu a combater. Essa gente portanto voltará em condições de ajuizar do país como antes não terá sido permitido a quaisquer norte-americanos. O efeito que, desta vista global, resultará para a nossa política, será certamente imenso, porque, dentro de dez anos, a direção tocará aos atuais combatentes, e eles terão idéias definidas sobre o tipo de sistema que desejam.»

Todos estes jovens se adaptam facilmente à vida militar. Não a amam, todavia. Nos acampamentos, onde fazem seus exercícios, ou no campo onde combatem, sua idéia dominante é dar conta, com êxito, da tarefa, e voltar para casa. Onde quer que os encontremos, só se referem à guerra com expressões pouco amaveis, como «este diabo de guerra» e outras semelhantes, e não sorriem ao dizê-lo. Aceitam, de bom humor, as circunstâncias, mas, debaixo da aparência de jovialidade e indiferença, está o exército mais indignado que já pegou em armas contra o crime, em si mesmo, da guerra.

Esta indignação é geral. O que predomina, no país, é um estado de irritação ante o desperdício, a ruina, a estupidez, a agonia, a destruição, a arrogância, a obcenidade da guerra. Costumam considerar-nos um povo sentimental, facilmente impressionavel por brados altissonantes, pronto a corresponder, em toda a linha, a argumentos de ordem moral, ou a alistar-se em campanhas generosas. Mas a atitude nacional, no momento, não tem vestígio de sentimentalismo. É severa, prática, sem fantasias, mais e mais impaciente, e mais e mais otimista.

O motivo do sentimento de revolta contra o monstruoso absurdo, que se nota, quer nos soldados, quer na população civil, se origina, num caso e noutro, da mesma razão precípua. A gente civilizada já tinha naturalmente predisposição contra a guerra, e eis porque, dada a catástrofe, cresce e se impõe o apoio a uma política de segurança internacional.

Até onde os Estados Unidos irão na sustentação de uma ordem mundial em que lhes caiba exercer papel de grande relevo, não se pode prever, por enquanto. Isso depende, já da duração do conflito, já da extensão da vitória. De

qualquer modo, porem, sente-se que a nação está disposta a não poupar sacrifícios por que se garanta a paz do mundo.

Num tal sentido, não excluem os norte-americanos a participação efetiva numa força de polícia internacional. É surpreendente observar como esta idéia vai encontrando aceitação, e ganhando terreno. Não se notam, por outro lado, maiores oposições a que se estenda a política de arrendamento e empréstimo ao período de após guerra, isto é, de reconstrução, ainda que venham a ser oportunamente objeto de rigorosos debates os termos e condições em que hajam de ser usados os recursos americanos na grande obra de restauração econômica e social. Mas—o que é mais importante, porque representa uma rutura, clara e positiva, com o passado—há ambiente favoravel a uma limitação da soberania nacional.

Ninguem seria bastante temerário para proclamar a permanência do estado de espírito que aí deixamos exposto. Pode haver uma grande reação, como houve depois da última guerra, outro recuo, em desordem, para o caminho, que acabou tão mal, da «volta à normalidade». Tal poderá suceder se a guerra se for arrastando até exhaurir as energias, confundindo as inteligências e desanimando as esperanças num futuro melhor, que a nação americana tem forças suficientes para conceber e plasmar.

Há aliás outra hipótese em que fora possivel que chegássemos àquele resultado negativo: é se a paz revelar circunstâncias ou aspectos impróprios, e o cidadão comum vir os princípios, por que se bateu, sacrificados ou ludibriados, em nome das ambições das grandes potências. Um sistema de segurança coletiva perderá todo interesse para o povo americano, se houver uma «paz imperialista», ou se os pequenos paises tiverem que sofrer, em benefício da «segurança» privada de poderosos vizinhos.

Tudo isso quer dizer que demos um grande passo, relativamente à situação de antes de Pearl Harbor. Suponhamos que a presente atitude se firma, e é traduzida em termos de política nacional: teremos a concluir que os Estados Unidos, no primeiro ano de guerra, alem de treinar um imenso exército, expedindo-o, como têm feito, para as mais várias regiões da terra, e alem de organizar o maior sistema de produção de guerra de que há notícia na história, se dispuseram a aceitar os essenciais postulados de cooperação internacional para a paz, mudando, em suma, seu próprio modo de ver as responsabilidades que lhe incumbem para com os destinos do mundo.

¶ Mais importante do que ser sério, é ser sério com as coisas de importância. O macaco afivela uma expressão de seriedade que faria honra a qualquer estudante da Universidade: a diferença está em que o macaco se põe sério porque sente coceira...

—Robert Maynard Hutchins, presidente da Univ. de Chicago

Cachorros sabidos

(Casos extraidos da «American Kennel Gazette»)

UMA SENHORA que mora em Richmond, na Virgínia, possue um gato e um cachorro. Tendo que sair todos os dias para trabalhar, resolveu deixar «Felix», o gato, com uma vizinha, enquanto o cachorro, «Patsy», ficaria em casa, no jardim. Chegando a tarde, a vizinha abria a porta e soltava o gato, que voltava sozinho para casa. Logo num dos primeiros dias um belicoso cão de caça da vizinhança entrou em ação, e o gato só escapou graças à intervenção de «Patsy», que afugentou o atacante. Outra vez que «Felix» se achava a caminho de casa, foi atacado por dois gatos valentões. De novo foi «Patsy» que, ouvindo a barulhada, veio correndo para tirar «Felix» de apuros.

Depois disto «Patsy» se decidiu, e hoje em dia quando batem cinco horas, vai buscar o gato e acompanha-o são e salvo até em casa.

—John Woodward, Atlanta *Journa*

UM DIA, o dono de certo cão Doberman descobriu como o animal conseguia retirar a mordaça que lhe punham ao sair de casa. O Doberman tinha um amigo, um cão-pastor alemão, que com uma dentada agarrava a mordaça; o Doberman puxava no outro sentido, e finalmente se libertava da mordaça. Os dois amigos podiam enfim brincar!

—Cincinnati *Times-Star*

DA CIDADE de Blytheville, no Arcansas, o sr. E. H. Livermore comunica o seguinte.

Estando eu em pé no passeio, conversando com um amigo, notei um cachorro que fazia esforços para interromper nossa conversa. Rosnava e gemia como se quisesse falar. Intrigado, perguntei a meu amigo se sabia o que poderia querer aquele cachorro.

—Acho que quer dinheiro, disse-me ele.

Ora eu já levara «facadas» de gente de toda espécie, mas nunca de cachorro.

—Dinheiro? Essa é boa... Para um cafezinho, por acaso? Vou lhe dar esta ficha de ônibus.

—Não, disse-me meu amigo,—é melhor dar logo um niquel, senão ele não nos deixa em paz.

Dei então um niquel ao cachorro, que saiu com a moeda entre os dentes. Mais adiante parou, esperando que eu o seguisse, o que naturalmente não pude deixar de fazer. Dirigiu-se então a um açougue, parou na porta esperando que eu lha abrisse, depois entrou deliberadamente até o balcão. O açougueiro, vendo-o, disse logo:

—Olhe quem está aquí, meu freguês Billy.

Embrulhou logo duas salchichas, que entregou ao cachorro, este deixou então cair a moeda no chão. Voltando para junto de meu amigo, deu-lhe o pacote para que o desembrulhasse, e em três tempos abocanhou as salchichas.

—Eldon Roark, Memphis *Press-Scimitar*

«MAJOR», o cão policial, não é propriamente um funcionário público, mas há uns quatro anos que é um dos mais fiéis auxiliares do Departamento dos Correios. Em Oglesby, na Geórgia, o trem do correio passa sem diminuir a marcha, e joga na plataforma da estação os sacos de correspondência. A própria sra. C. W. Carithers, agente dos Correios, que treinou o cão para que lhe trouxesse os sacos de correspondência, até hoje não compreende como é que o cachorro, sem ligar a mínima atenção aos outros trens que passam, está sempre a postos quando se trata do trem postal!

—Atlanta *Journal*

«PRINCE» é um *spaniel* que vive com uma família onde há uma pessoa cega. Sempre que a senhora cega entra na sala, «Prince» levanta-se e sai do caminho. Nunca lhe ensinaram que devia fazer isto e nunca foi ele a causa da senhora tropeçar. «Prince» tirou suas conclusões sozinho, e age com a consideração e atenção que são tão comuns entre os cachorros.

—Newark *Call*

NUM CANIL do Ohio, há um *collie* que ajuda os empregados a fazer o serviço. Às quatro horas da tarde recolhe as vazilhas de comida, e leva-as à casa principal para receber as rações. Depois abre o registro que deixa correr água para os bebedouros, e, decorridos alguns minutos, ele mesmo fecha o registro sem que ninguem lho venha lembrar.

—R. R. Taynton, Washington *Star*

¶O MAIOR pecado para com o próximo não é odiá-lo, mas ser-lhe indiferente; essa é a essência da deshumanidade.

—Bernard Shaw

Humor do rádio

¶NUNCA dê num sujeito que estiver no chão! Ele poderá levantar-se outra vez.

—Fred Kasper (*Blue*)

¶—Que mal havia em o rapaz lhe perguntar se você podia dansar com ele?
—É que ele me perguntou quando estávamos dansando.

—*Rudy Vallée Show* (NBC)

¶«MINHA secretária, sendo uma senhora, não pode ouvir o que eu penso de você. Eu, sendo um cavalheiro, não posso dizer-lho. Você, sendo o que é, compreenderá perfeitamente o que eu gostaria de dizer-lhe.»

—Arthur Godfrey (CBS)

¶—Não é horrivel este meu retrato? Não pareço mesmo um macaco?
—Você devia ter pensado nisso antes de tirar o retrato.

—*Kate Smith Hour* (CBS)

¶O RÁDIO pode ser uma maravilha para você. Afinal de contas, de que maneira poderia você estar em contacto com milhões de pessoas que não podem estar em contacto com você?

—Rudy Vallée (NBC)

O pedagogo-escritor, cujos discípulos aprendem a tirar beleza da pobre vida que os cerca.

Angelo Patri, mestre de pais e filhos

(Condensado do «Christian Herald»)

Por Dorothy Canfield Fisher

Pudéssemos nós saber o que é que faz uma criatura humana tão diferente de outra! Considere-se, por exemplo, um tipo como o de Angelo Patri, cidadão americano, italiano de berço, que tem concorrido—e, ainda hoje, depois dos 60 anos, não se dá por fatigado—com uma das mais belas contribuições para a vida cultural dos Estados Unidos.

Veio para a América do Norte em mil oitocentos e oitenta e tantos, em companhia de pai e mãe, quase desprovidos, um e outra, de qualquer educação. Centenas de milhares de estrangeiros emigravam, àquela época, para os Estados Unidos. Um deles — pálido e delgado menino italiano—trouxe para a nossa vida, dura e prática, elementos de beleza, e alegria, e ternura, que, através de sua atividade jornalística, têm melhorado o ambiente de família num sem-número de lares, ao mesmo tempo que, por sua ação, no carater de professor e diretor de escola pública de grande cidade, abriu as portas para uma vida melhor a milhares de crianças norte-americanas. Seu amor da vida, seu respeito pela dignidade humana, seu interesse em ser compreendido, ainda pelos meninos, ou pais, de espírito mais atrasado ou maneiras mais dificeis, não bastam para explicar essa espécie de magia a que se deve a influência verdadeiramente benéfica, por ele exercida com tanto êxito sobre centenas de milhares de pessoas, no seio do que se chama vulgarmente a gente do povo.

Entretanto os alunos, em número superior a dois mil, da grande escola pública que ele dirige há vinte e sete anos, ignoram, por seu turno, as suas relações com um mundo assim tão mais largo. Aquele homem de cabeça branca é apenas, ao que sabem, o diretor de uma escola onde se lhes ensina a recolher interesse e beleza, das coisas simples e materiais da vinda, ao seu e ao alcance de todos.

Se bem que Angelo Patri houvesse chegado a Nova York aos cinco anos de idade, é ele próprio quem diz que só aos doze deixou, em realidade, a Itália, pois os imigrantes italianos daquele período timbravam em conservar o mais possivel, na nova terra em que se fixavam, os modos e métodos do país de origem. Aos vinte anos, concluiu o curso no City College de Nova York, e, aos vinte e um, tornou-se professor de escola pública. Julgando-se mal preparado, encarava timidamente as responsabilidades a assumir. Quando, porem, se estabeleceu o contacto entre o jovem ítalo-americano e a função educacional, um fenômeno ocorreu, como o de certas fusões em laboratórios químicos, de que se origina alguma coisa inteiramente nova. O novo produto, no caso, foi a intuição, que lhe acudiu, dos erros lamentaveis que se vinham cometendo em matéria de educação.

O peor de tais erros será talvez o exagero com que se estima o valor dos que armazenam conhecimentos adquiridos em livros. Nos primeiros tempos da Idade Média, dava-se o mesmo exagero, mas relativamente à força física. Certos pais se orgulhavam dos pequenos, de largas espáduas, que se mostravam mais aptos para brandir a espada, e injetavam o veneno da inferioridade nos que se distinguiam tão somente pelos primores da inteligência.

Não é menos grave a falta em que incide a nossa época, limitando-se a dar importância aos que lêem, e aprendem com rapidez o que leram, ou triunfam em jogos atléticos, ou manobram maquinarias. Crianças ou jovens, dotados de outros dons inestimaveis, ficam relegados à penumbra, com a agravante de menosprezo. Continuamos entretanto a desanimar as crianças que não são capazes de distinguir-se nos gêneros de exibição atualmente em voga, tendo, contudo, outras capacidades que, devidamente aproveitadas, seriam uteis à sociedade.

É a este último grupo, bem mais numeroso do que se imagina, que Patri consagrou, de preferência, a sua vida de pedagogo. A Escola Pública nº 45, de Nova York, é uma grande estrutura simples, situada numa zona de casas iguais e sem nunhum atrativo, onde, por via de regra, mora gente que tem sempre andado a braços com a escassez de recursos e a incerteza. As famílias, por alí, têm, em geral, adotado o dogma dos novos tempos, segundo o qual só tem valor o que custa dinheiro, renunciando à velha tradição que reconhecia às mãos humanas o poder criador de utilidade e beleza. A meninada, porem, quando entra na escola de Patri, como que volta ao passado, retomando costumes antigos. Há na escola toda sorte de «oficinas». Quando um americano diz «oficina», tem em vista um lugar cheio de rodas, mecanismos e engrenagens. Mas aí, só na tipografia se verá o que um ianque considerará maquinaria. O que enche as oficinas são utensílios de tecer, imprimir, esculpir, jardinar, pintar, coser, fazer trabalhos em couro,—em suma, instrumentos próprios para todas as artes manuais.

Quando estive em visita à escola, num frio dia de março, alguns meninos cuidavam de roseiras numa grande área ajardinada. Defronte, num campo de esporte, outros, em grande número, celebravam com o beisebol o advento da primavera. O fato de estarem os primeiros, avidamente, pacientemente, a fazer, com toda a atenção, o que mais lhes agradava, aprendendo jardinagem, era bem caraterístico. Quando fiz uma pausa a observá-los, pareceu-me que o espírito da escola pousava ao lado, a sorrir.

Ao penetrar no edifício, tive desde logo uma surpresa. Em vez do ambiente monótono, usual nas escolas públicas, havia uma nota de vivacidade, expressa no colorido, em toda a parte: quadros, decorações, tapeçarias, e os vermelhos e os azues e os amarelos, a quebrar a insipidez dos feios assoalhos e paredes. Olhando para qualquer dos portas, era a mesma impressão que eu recolhia, de espírito criador, confiante e alegre, ainda mais de estranhar quanto é certo que floria num bairro tão desolado e tão utilitário da cidade. Os assuntos da pintura das janelas eram, não raro, religiosos, e algumas vezes de inspiração arrojada—imagens, por exemplo, de Jesús, de Deus, beneficente e poderoso.

Foi com emoção bem mais viva do que posso gravar no papel, que parei a fitar maravilhado uma expressão de Deus, consoante a concepção de um garoto de 14 anos, do Bronx.

Quando entrei na sala de Angelo Patri, um rapazinho alto e esbelto estava para sair, em companhia do pai. O diretor restituia-lhe uma escultura em madeira de uma velha sentada. «Belo trabalho!» dizia Patri. «O senhor deve ter orgulho de um filho que faz tal peça de escultura. Deixam que ela fique aquí, em exposição, por algum tempo?»

O pai se mostrava embaraçado e perplexo. O pequeno, radiante. Não tirava os olhos dos do pai, feliz, a mais não poder, do orgulho que lhe inspirava. Não menos expressivo, contudo, era o olhar com que Patri contemplava, embevecido, a face iluminada do rapaz. É que sorria na sua própria uma felicidade tranquila, tão raro notada nas faces da nossa era, como a pintura, em janelas, de um Deus beneficente, por mãozinhas maltratadas de meninos pobres da cidade.

Depois que os dois sairam, Patri fez-me sentar numa cadeira, próximo da sua secretária, e disse-me:

—Aquele menino entrou para a escola no começo deste ano, depois de seteanosdetentativasinuteis. «Eunãoposso aprender nada,» declarou-me num tom convencido. «Meu pai diz que eu não presto. Eu ganho logo um grau zero. Quanto mais depressa o senhor me ponha fora daquí, melhor.»

—Mas, observei eu, fitando de perto os olhos na madeira esculpida — isto está realmente muito bom.

—Sem dúvida, respondeu Patri, pacientemente.

Fomos à biblioteca. Cada livro com uma marca de papel branco era um dos que os próprios alunos haviam reencadernado na respectiva oficina, de maneira a duplicar-lhes a duração média. Alguns meninos seguiam depois, na vida, com o ofício de encadernadores. Outros faziam daquilo um degrau para subir, como foi o caso de um pequeno que veio a pagar depois as despesas com a sua educação, encadernando os livros da própria casa de ensino em que se matriculou.

Patri e a bibliotecária, com um sorriso de satisfação que não podiam conter, mostraram-me um livro que acabava exatamente de ser admitido às estantes. Era feito à mão, com ilustrações tambem manuais, bem encadernado, em tudo de ótimo aspecto. Tratava de coelhos, do modo de criá-los e vendê-los. Sendo-me o assunto desinteressante, pois nada entendo de coelhos, sentí-me em absoluto indiferente, mas só até o momento em que a bibliotecária me explicou que o livro fora feito, todo ele, por um menino de tão baixas notas, que se chegou a pensar na necessidade de prestar-lhe algum cuidado maior. Aquele realmente «não prestava». Nenhuma oficina lhe despertava interesse. Em leitura e escrita, nem se fala; era deveras inqualificavel. Desanimado, inerte, mostrava-se, em toda a linha, um peso morto. Mas a Escola Pública nº 45 tinha por norma não desesperar. Procurando ganhar tempo, mandavam-no todos os dias para a biblioteca, a espanar a poeira dos livros. Atenta a qualquer sinal que revelasse, no jovem, a presença do ouro oculto de algum interesse na vida, notou a bibliotecária que ele parou, por duas ou três vezes, no mesmo local, retirando da estante o mesmo livro. Observando, sem se deixar perceber, verificou que eram estampas de coelhos o que lhe atraía a atenção.

—Gosta de coelhos? perguntou-lhe como por acaso.

—Gosto, respondeu o pequeno.—Eu faço criação de coelhos.

Foi o bastante. Já se sabia agora onde cavar, ao encalço do veio de ouro.

Para mais aprender sobre coelhos, o pequeno aprendeu a ler. Para melhor explicar o seu sistema de alojar a criação, aprendeu a desenhar, inclusive a determinada escala. Para manifestar-se com clareza sobre alimentação e mercado, aprendeu a calcular—o que, em suma, o habilitou a abrir, no mundo moderno, o seu pequeno caminho. Dirme-ão que, nas «escolas progressivas», não se passam as coisas de outra maneira. Mas aquí se trata de escola pública, e não de assunto ou matéria de teoria educacional, senão de um método prático de abrir uma porta para a vida a um futuro cidadão, que se vinha convencendo desde cedo da sua inutilidade, e a quem se restitue, antes de tudo, a confiança em si mesmo.

Surpreso e desvanecido, o mau aluno, tão desacreditado nas aulas, acabou por verificar que entendia mais de coelhos do que qualquer dos colegas. Não lhe foi dificil reconhecer que prestaria bom serviço à escola, se pusesse num livro tudo o que sabia sobre o assunto. Um livro deve ser claro (ele aprendeu a ser claro), deve ser completo (ele o elaborou com paciência), deve ser bem encadernado (ele trabalhou, durante meses, na oficina de encadernação). Agora, eis alí o seu livro, o livro que ele escrevera, na estante, ao lado dos outros, que já lhe não pareciam tão estranhos, nem se lhe afiguravam formidaveis, pois havia entre eles um, que saira inteirinho das suas mãos.

—É um milagre! exclamei.

—Não, nada disso! protestou Patri, a quem parecia que eu dramatizava um caso muito simples.—Perfeitamente natural.

A oportunidade de esforço continuado, sem qualquer preocupação de açodamento em concluir um serviço para dar começo a outro, é um dos mais preciosos elementos na vida da Escola Pública nº 45. Com efeito, outro erro perigoso, de que se ressente a educação nos Estados Unidos, é o que consiste em sujeitar a criança ao trabalho apressado, julgando-a pela sua capacidade para viver e produzir com rapidez. Há muitos espíritos de primeira ordem, incapazes entretanto de bem funcionar num ritmo de pressa. Não há, na hipótese, nenhum senso de pressa, ou de ter qualquer coisa feita antes que toquem os sinos. Haverá amanhã, e depois e depois—o tempo que for preciso para levar a bom termo a tarefa iniciada.

O que mais me ocorre ao espírito, quando volto a pensar no caso da escola de Angelo Patri, é que todos nós somos capazes de realizar grandes coisas, desde que encontremos os meios, e sigamos o nosso pendor, e a satisfação resultante não pode ser substituida por qualquer outra.

Ao deixar o gabinete de Patri, admirei uma cabeça de bronze que estava na sua mesa. Era soberba, imensamente real, se bem que lhe não faltasse aquele traço de originalidade que se observa em toda boa arte.

—Quem fez isto? perguntei.

—Um garoto de 14 anos, respondeu Patri.

—E ele tem feito alguma coisa depois que saiu da escola?

—Como não? acrescentou, no mesmo tom de naturalidade.—É Antonio De Filippo. Você poderá ver trabalhos dele

nas portas dos edifícios das assembléias legislativas dos estados de Nebrasca e Luiziana.

Os jovens que passam pela escola 45 tomam, ao sair, o seu lugar num mundo de criação e de trabalho. Outro aluno, John Amore, ganhou, há dois anos, o Prêmio de Roma, pelas suas obras de escultura. Nada disso é, para Patri, motivo de surpresa, nem lhe desperta maior interesse do que o seu serviço, dia a dia, com os novos que vão chegando. Não tem ele o ar autoritário do professor carrancudo, nem os gestos protetores do adulto condescendente. Através dos longos e empolgantes anos que tem vivido a educar meninos e meninas, viu, bem de perto, o que eles podem fazer, e a altura a que podem chegar; e, convertido num hábito o trabalho criador, então esse trabalho se confunde com a sua própria vida.

¶*Pouco menos do que milagrosa, foi a maneira como os americanos fecharam a porta do Alasca aos nipões.*

Na escada de assalto das Aleutas

Por William Clemmens

Foi pouco menos do que por milagre que os japoneses não conseguiram infiltrar-se no Alasca, em junho de 42. A intenção deles, ao saltar nas Ilhas Aleutas, não era quedar-se nestas, mas estabelecer alí um ancoradouro de onde pudessem lançar-se ao assalto do continente americano propriamente dito.

Tiveram porem que desviar-se da sua rota, arripiar caminho, e finalmente dar às de vila-diogo para oeste. Essas três ilhotas de pesadelo—Attu, Agattu e Kiska—foram tudo quanto o Japão conseguiu ganhar com o seu ataque em massa, dirigido segundo a tática de «pinças» contra a Costa do Pacífico. Um dos braços da pinça ficou encravado em Midway. Vejamos agora o que sucedeu ao segundo, naquele histórico dia 2 de junho.

Ao abrigo das nuvens baixas e dos densos nevoeiros da região, o grosso das forças invasoras japonesas vinha pulando de ilha em ilha. (As Aleutas formam como que um rosário de alpondras ao largo da península de Alasca.) Já tinham deixado para trás uma força de desembarque em Attu, onde ocuparam a pequena estação de rádio e aprisionaram um branco e 96 indígenas. Mais perto do continente, na ilha deshabitada de Agattu, tinham instalado uma força de ocupação.

Entre eles e a terra firme encontrava-se porem Dutch Harbor, única apa-

rência de posto militar que possuíamos naquela cadeia de 1.000 milhas de extensão. Tudo o que, nesse momento, separava os japões do seu cobiçado objetivo, era uma força equivalente a uns dois regimentos pobremente equipados, mal armados e deprimidos pela inclemência do clima, com uma mão-cheia de bocas de fogo e meia dúzia de aviões.

A poderosa força japonesa de ataque vinha singrando o mar alteroso, bem ao largo, quando despediu seu dardo aéreo contra a pequena base naval americana. A resistência foi animosa, mas debil. Os cálculos do atacante estavam dando certos.

Eis senão quando se produziu o inesperado! Os invasores viram-se atacados *pela retaguarda*, por aviões militares americanos com base em terra, vindos não se sabe de onde. Atordoados e confusos, os japoneses guinaram. Diacho, se aqueles aviões de combate, que atacavam pela *retaguarda*, *a oeste* de Dutch Harbor, tinham algures suas pistas de rolagem—é porque devia haver por alí uma base fortificada. Mas onde, e qual? E a armada invasora deu meia volta, e aproou a Kiska, onde estaria fora do alcance dos aviões ianques.

Foi assim, por uma unha negra, que se salvou o Alasca, cuja perda teria sido fatal a toda a América. Sem isso, os japoneses andariam hoje pulverizando a Costa do Pacífico com as suas bombas de demolição. O espírito que presidiu a essa obra de defesa foi o general Simon Bolivar Buckner, sujeito rijo, de cabelos brancos e face rubicunda, que chefia as defesas do Alasca.

Enquanto os japoneses, fiando-se nos seus êxitos de Pearl Harbor, arquitetavam grandiosos planos de ataques transpacíficos, o general Buckner não malbaratava o seu tempo: concebia, ao contrário, projetos de largo alcance. Estava ele convencido de que as Aleutas seriam a mais importante escada de assalto de que os japoneses lançariam mão. Pela sua parte, os nipões supunham que os americanos só utilizavam as águas das Aleutas para fins piscatórios. O fruto dos planos de Buckner foi uma nova empresa de pescarias, cuja firma apareceu nos registos comerciais do Alasca. Mais tarde, uma velha traineira, verdadeiro calhambeque, veio varar em uma das ilhotas solitárias a oeste de Dutch Harbor. A enseada da ilha não era grande coisa como porto de abrigo; mas havia na ilha uma faixa de terreno razoavelmente plano, encaixada entre as desnudas colinas.

Outras «companhas» de pescadores vieram se chegando e desembarcando—técnicos para fazer a terraplenagem dum pequeno aeródromo militar e erigir todos os acessórios do serviço respectivo—ao mesmo tempo que as mais diversas canoas de pesca, ajoujadas de grades e caixões, carregavam caminhões, *bulldozers*, madeiras, combustiveis, mantimentos, e armas para o posto. O aeródromo secreto fundiu-se ou confundiu-se tão bem na cor propícia da paisagem, que os japoneses, quando vieram voando do oeste, passaram por cima dele sem o poderem distinguir.

Foi essa «bomba de Sto. Antônio» dos preparativos ianques que fez voltar os japoneses de cambulhada para Attu, Agattu e Kiska. Mas, para os manter agora nestas últimas posições, os americanos recorreram a outro truque da construção de aeródromos e bases.

Esgueirando-se através do nevoeiro, o exército estudou um local nas ilhas Andreanov, que ficam quase à sombra de Kiska. Certo dia cinzento de julho, pôs-se em marcha uma das mais curiosas

expedições militares. Lutando com falta de transportes e de tempo, conseguiu-se reunir um ou dois cargueiros de alta tonelagem, alguns navios convertidos em transportes, pequenos vapores de rodas para navegação fluvial, lanchas de pesca, barcaças, e até uma velha escuna à vela. Os porões foram atulhados de caixotes, grades e material de toda espécie. Os conveses iam negros de soldadesca. Em volta desta variegada flotilha, a Marinha de guerra lançou uma cortina protetora, de navios e aviões. Dos chefes ao ultimo grumete ou soldado, todos os homens rogavam a Deus que mandasse mau tempo—depois de terem, durante meses, praguejado contra este...

Os céus, negros e baixos, mantiveram os japoneses paralisados durante os seis dias que aquela armada de retalhos levou para alcançar o seu objetivo, e desembarcar todo o material e maquinaria através das marés violentíssimas e da rebentação gelada. Ao fim de dez dias de tremendo labor, tinha-se nivelado uma faixa de terreno para aterragem, e veio lá de cima a vanguarda de uma armada aérea, espiralando dum buraco que se rasgara nas nuvens, e pousou no pequeno campo; 96 horas depois estavam aterrando os primeiros aviões pesados de bombardeio.

Daí por diante nunca mais os japoneses gozaram de segurança nas Aleutas. Foram forçados primeiro a abandonar Attu. Depois, Agattu se tornou insustentavel, e passaram a concentrar todo o seu poder defensivo em Kiska. Lutando contra os azares mais incriveis, combatendo no inferno de uma natureza hostil, que se mostrou muito mais mortífera do que a metralha japonesa, o exército e a marinha dos Estados Unidos têm dado combate aos invasores, sempre que um dos seus aviões é capaz de encontrar uma aberta no nevoeiro, ou um navio de guerra pode colocar-se em posição de tiro ao largo de terra. Os americanos despejaram mais de meio milhão de quilos de explosivos sobre os japoneses,—mais do que os alemães largaram em cima de Coventry; reduziram a cisco as instalações do inimigo em terra; afundaram-lhe no mar os navios de abastecimento; estoiraram nos ares com os seus bombardeiros.

Mas os japoneses ainda lá se encontram. E não vai ser facil desalojá-los.

As condições climatéricas das Aleutas são das peores do mundo. Paira constantemente uma névoa penetrante e gélida; os vendavais súbitos e violentos são de regra; os mares são tão agitados, que já aconteceu os destróieres engulirem água pelas chaminés...

A vida naval nas Aleutas é rude, mas a parte do piloto de avião ainda é peor. Devido à névoa quase perpétua, os picos das altas montanhas raro são visiveis, e o aviador vai sempre com a ansiedade de quem sabe que as nuvens estão semeadas de rochas... As previsões meteorológicas não vão alem de 30 minutos, pois as bruscas mudanças de tempo tornam tudo aleatório. Quanto à formação de gelo, já aconteceu a Fortalezas Voadoras, a caminho de Kiska, acumularem uma tonelada nas asas, em menos de um minuto!

Os pilotos formados na escola da teoria anterior a esta guerra, sentirão arripios ao saber que, no primeiro bombardeio em massa de Kiska, a altitude média de vôo foi de apenas 22 metros. Em tais condições, os comandantes não preconizam que os pilotos de caça saiam sós. Os aviões de combate de um só tripulante são «comboiados» até o campo de batalha por bombardeiros com navegador a bordo. Uma vez na zona de ação, deixam os aparelhos entregues à sua tarefa; por fim, como a galinha chama os pintainhos, eles reunem de novo os caças, e guiam-nos de regresso ao lar...

Se, por um lado, a intempérie constante reduziu ao fio a paciência das tropas, pelo outro, a aparente inexpugnabilidade de Kiska acabou por exasperá-las de todo. Encurralados nas suas *barabaras* de encomenda (assim se chamam as cabanas dos indígenas das Aleutas, cobertas de céspede) tão habilmente fundidas nas colunas cor de lama de Kiska, que quase se tornam invisiveis, os Japoneses vivem ao abrigo dos ataques, como toupeiras nos seus buracos. Conservam um dos dois únicos portos das Aleutas que os montes protegem; estão tão perto das suas próprias bases de Paramushiro, na extremidade das Kurilas (japonesas), como o nosso Dutch Harbor está da terra-firme do Alasca. Possuem alí um impressionante arsenal de artilharia que ilumina o céu todo, sempre que os aviões americanos se chegam ao seu alcance. Conseguem manter-se bem municiados, e dispõem de abundantes reservas de combustiveis e mantimentos de toda ordem.

Dizia um oficial americano: «Não seremos capazes de botar os japoneses para fora de Kiska à força de bombas. Vai-nos ser preciso desembarcar alí e dar-lhes caça—arrancá-los das luras como se despegam carraças da pele. E vai-nos custar muito caro...»

Entretanto, os americanos sabem onde eles estão aquartelados, onde escondem os seus suprimentos, onde está alojada a sua aviação. Marcam cuidadosamente nos seus mapas cada novo canhão antia-aéreo que dispara contra um dos seus aviões. Seja qual for o dia e a hora, sempre que os objetivos estejam visiveis, bombardeiam, escangalham e fotografam tudo aquilo que se apresente acima do nivel da terra.

A ilha de Kiska não oferecerá ao Japão uma base aérea efetiva, de onde lhe seja possivel desencadear grandes frotas de bombardeiros que sejam como que a vanguarda da invasão dos Estados Unidos: para essas grandes aventuras do ar precisa-se de mais do que uma pista meio encravada...

O mais que Kiska pode proporcionar aos japoneses, é o reabastecimento de corsários e submarinos do Pacífico norte, não falando na imobilização alí, na zona das Aleutas, de consideraveis forças aéreas e navais dos Estados Unidos.

¶ Quando os trabalhadores da Permold Company, de Medina, Ohio, faltam ao serviço sem motivo razoavel, recebem, pelo tempo perdido, pagamento em moeda alemã. Esse singular pagamento é acompanhado da seguinte nota: «Este dinheiro, com que remuneramos os que faltam ao trabalho, procede de um país que tem grande satisfação em pagar a todos os que não produzem suprimentos para os nossos soldados. Quando o sr. não trabalha, está trabalhando para o inimigo.»

—*Forbes*

É facil gozar saude

Por William R. P. Emerson, médico
Autor de «The Diagnosis of Health»

ENTRE NÓS, seres humanos, nada é mais injustificado que o condenavel e sistemático descaso pela saude. Teoricamente, um corpo sadio é a maior riqueza que podemos possuir; na realidade, abusamos do nosso organismo como se ele fosse submissa besta de carga. As maravilhas da medicina moderna acentuando as possibilidades de curar as doenças, o fizeram de tal modo, que daí resultou a propensão a não darmos muita importância ao valor positivo da conservação da saude.

Prova isto o fato de apenas vinte por cento do povo dos Estados Unidos gozar de ótima saude. A saude de 60 milhões de pessoas nos Estados Unidos não é perfeita; mais de 30 milhões, segundo as estatísticas das companhias de seguros, são fisicamente deficientes. Nem mesmo na infância—como mostram os dados escolares—a saude máxima é coisa comum.

Para gozar boa saude bastaria observar algumas regras elementares. E não nos esqueçamos de que frequentemente é a falta de sistema e persistência, mais do que a própria ignorância do assunto, que nos leva a perder os esplêndidos dividendos decorrentes do bom estado físico. Minhas recomendações são extremamente simples; sem embargo, constituem a suma do que os mais reputados médicos conhecem sobre saude.

Com moderada fidelidade a quatro regras faceis, novas reservas de energia podem ser aproveitadas, e se evitarão, não só a maioria dos casos de distúrbios digestivos, mas tambem perturbações de pressão arterial e grande número de doenças. Tenho visto comprovada essa afirmação em centenas de casos onde a fadiga crônica, a desnutrição e a irritabilidade nervosa estavam ameaçando a própria existência dos indivíduos.

Se já houve uma panacéia, na exata expressão do termo, será então composta do seguinte: ar livre e sol; alimentação apropriada e bons hábitos alimentares; exercícios regulares; descanso adequado. Apesar de todos os prodígios da ciência médica, não há outros meios de garantir a saude. Correndo o risco de ser enfadonho, proponho-me agora resumir o melhor que tem sido imaginado e dito sobre estas receitas de longa vida.

1. *Ar livre e sol.* — Quase todas as coisas vivas degeneram rapidamente se porventura privadas de ar fresco e sol. Quando nossa energia estiver esgotada e os nossos músculos perderem a tonicidade, as pílulas e os tônicos não resolvem o caso. Necessitamos, antes de mais nada, de uma persistente exposição ao ar fresco e aos raios do sol. Muitos objetarão: «Mas, por favor, nos diga como é que os habitantes das cidades poderão dispor de tais coisas?» Por exemplo, um funcionário me escreveu recentemente: «Minha mesa de trabalho fica um tanto afastada da janela. À tardinha, quando vou para casa, tomo sempre o trem elevado, para ver se ainda me beneficio dos últimos raios do por-do-sol. Que posso fazer para remediar esta minha terrivel situação?»

Em vez de implorar piedade, bem poderia este homem proceder da seguinte maneira: levantar-se mais cedo, fazer a pé pelo menos uma parte do trajeto para o seu escritório, e passar no mínimo meia hora ao ar livre, respirando o ar fresco da manhã; em lugar de se trancar enquanto almoça, andar ou ficar sentado ao sol durante vinte minutos; à tardinha, fazer igualmente a pé, a maior parte do seu percurso de volta para casa; e ir deitar-se às dez e meia, em vez de ficar jogando cartas até meia noite. Assim gozaria de ar fresco e sol, e faria exercício nos dias de trabalho, conservando sempre os dias de folga para a vida ao ar livre.

Os grandes terraços da maioria dos edifícios das cidades são ótimos para banhos de sol e ar, mas quase ninguem os utiliza para tais fins. Bem poucos são os que podem veranear em praias ou fazendas, em busca da «vida ao sol»; entretanto, o mesmo sol, com os mesmos raios que trazem vida, brilha em toda parte e para todos. Encontrá-lo, e gozar das suas vantagens, é apenas questão de engenho e determinação. O ar fresco não se vende, é gratuito. Precisamos apenas de levantar as venezianas, ou sair, mas a inércia da vida moderna não nos anima a fazer nem uma coisa nem outra. E o castigo inevitavel é um precário estado de saude.

2. *Alimentação apropriada e hábitos alimentares sadios.*—A dietética progrediu enormemente nos últimos 15 anos, mas nossos hábitos alimentares cada dia ficam peores. Via de regra, comemos demasiado, empanturrando-nos com amido e açucar. O comer às pressas já se tornou um hábito generalizado. Inevitavelmente, o preço que pagamos pela nossa velocidade à mesa é uma longa lista de perturbações e doenças digestivas, que vão desde a azia estomacal às úlceras gastro-intestinais. Bastaria que reduzíssemos à metade a nossa rapidez no comer, para termos a recompensa de uma diminuição de mais da metade dos nossos distúrbios digestivos. Todo bicarbonato de sódio é pouco para fazer frente aos danos causados pelos alimentos indevidamente mastigados, febrilmente deglutidos, regados com bebidas.

Não existe nada que se possa chamar dieta universal, uma dieta ideal para todos, mas existe uma maneira ideal de escolher os alimentos. Chego quase a acreditar que a pessoa podia comer toda espécie de alimento se os ingerisse com satisfação, calmamente, evitando barulho e confusão durante as refeições. Em nenhuma hipótese devemos alimentar-nos quando estivermos zangados ou excitados; se necessário, será preferivel comer sozinhos, a, durante a refeição, entreter conversação ou tratar de negócios. A inadvertência, no caso, é responsavel por muitos males digestivos. Cerque-se de um halo de tranquilidade, e sua alimentação transformar-se-á em eficiente combustivel que manterá com grande e intenso brilho a chama da vida.

Acima de tudo, nunca devemos tomar a refeição enquanto nos sentirmos muito cansados. Os alimentos ficam indigeridos num estômago fatigado, produzindo complicações gástricas desnecessárias. Para evitar tais coisas, estabeleçamos como regra descansar meia hora antes do jantar, na cama, debaixo dos cobertores, num quarto arejado, com as janelas abertas. A roupa deve ser tirada, ou afrouxada; a face voltada para o lado contrário à luz. Desta maneira pode ser obtido o máximo descanso nervoso e físico, ainda mesmo que não se chegue a conciliar o sono. Antes isso que alguns coquetéis: a irritabilidade e

a fadiga desaparecem, ficamos bem humorados, e preparados para uma refeição em boa ordem e, depois, um sono tranquilo.

3. *Exercícios regulares.* — Nenhum ator de cinema, ainda que especializado em causar terror ao público, seria capaz de reproduzir adequadamente na tela a degenerada flacidez—muscular e orgânica—que tem atacado o homem moderno e sua companheira. Certa feita, vi uma mulher de meia idade numa mesa de operações; para lhe atingir o apêndice, o cirurgião teve que cortar uma espessa camada amarela de tecido adiposo, de cerca de 10 centímetros de grossura! Um terço daquela criatura humana era pura gordura, que dificultava a circulação, sobrecarregando seriamente o coração e o fígado. Nenhuma operação seria capaz de tornar aquela mulher uma pessoa sadia, nenhum catártico melhoraria a sua prisão de ventre. Do que ela precisava era um sistema racional de exercício que pusesse em funcionamento os músculos e orgãos degenerados do seu corpo inerte e acostumado ao conforto. Os tão apregoados confortos que a ciência nos deu na vida moderna, devem ser contrabalançados por um conciente esforço físico da nossa parte. A mortalidade aumenta em um por cento para cada meio quilo de peso a mais que, usualmente, é a consequência do excesso de alimentação e da insuficiência de exercício.

Para prolongar a vida, e tonificar os nossos músculos e orgãos atrofiados, devemos realizar qualquer trabalho físico, três vezes por semana, seguido de um banho quente e um período de descanso. Jogos esportivos, passeios, trabalhos ao ar livre, como jardinagem, carpintaria, podem praticar-se com regularidade. Se nada disso for possivel, pode-se realizar uma simples rotina de exercícios de ginástica. Naturalmente, o exercício deve ser realizado com bom senso; o excesso aquí é tão prejudicial como no resto. Mas é bom dizer que a saude perfeita, não a pode ter qualquer pessoa, seja qual for sua idade, que não faça exercícios.

4. *Descanso adequado.*—Quando falo em descanso adequado quero dizer duas coisas: sono suficiente e cochilos quando preciso. O homem moderno tem um programa diário que é uma perpétua movimentação. O ritmo é constantemente mantido em «acelerado», desde o momento em que ele salta da cama assustado pelo toque do despertador, até quando, exausto, mergulha no leito outra vez, depois de 16 ou 18 horas de agitação. No fim de um dia o seu corpo é como bateria elétrica que perdeu toda a carga de energia util de que dispunha. Esta fadiga não ataca apenas o físico, mas os centros mais nobres do raciocínio e da iniciativa, em suma toda a personalidade. Qualquer pessoa ocupada em atividades que dependem mais do espírito, sabe que nas últimas horas da tarde, quando se manifesta a fadiga, não pode confiar muito nos seus próprios julgamentos, e é perigoso tomar decisões. Os operários não ignoram tambem que sua capacidade se reduz, e que os acidentes ocorrem com mais frequência, depois das quatro horas da tarde.

Declarou certa feita reputado neurologista: «Fuja da fadiga como o diabo da cruz.» Perguntar-se-á entretanto como, na nossa vida extenuante, poderemos conseguí-lo. Com muito proveito poderíamos olhar para o exemplo dos ingleses; alem de terem um número reduzido de horas de trabalho, adotaram como hábito nacional tomar chá à tarde, o que proporciona um período de descanso. Os povos latinos dizem que apenas os loucos e os americanos trabalham ao meio-dia; durante as lutas civís na França e na Espanha, até os rebeldes paravam para o descanso de meio-dia, e reiniciavam a luta depois da sesta. Um período de descanso de menos cinco ou dez minutos antes do almoço é uma economia de vida na nossa estafante maneira de viver. Um grande amigo meu sempre me diz que frequentemente se deita no chão. É preciso fazer *alguma coisa* para relaxar esta tensão que desgasta os nossos nervos como uma lima.

As exigências sociais, muita vez, impedem que a pessoa se deite cedo. Mas é fato incontestavel que ninguem pode gozar boa saude dedicando-se o dia inteiro aos negócios, e depois atirando-se com redobrada energia (muitas vezes forçada) nas diversões sociais que obrigam a ficar acordado metade da noite. Como, em nome do bom-senso, pode uma pessoa jogar cartas até as duas horas da manhã ou dansar até as três—e sentir-se «bem disposta» no outro dia? Que mezinha será capaz de restaurar a energia desperdiçada? Muitos clientes chegam ao meu consultório, queixando-se da sensação de terem sido «postos a pique». Na verdade estão mesmo a pique—num autêntico mar de fadiga, do qual apenas oito horas de sono regular e noturno podem salvá-los.

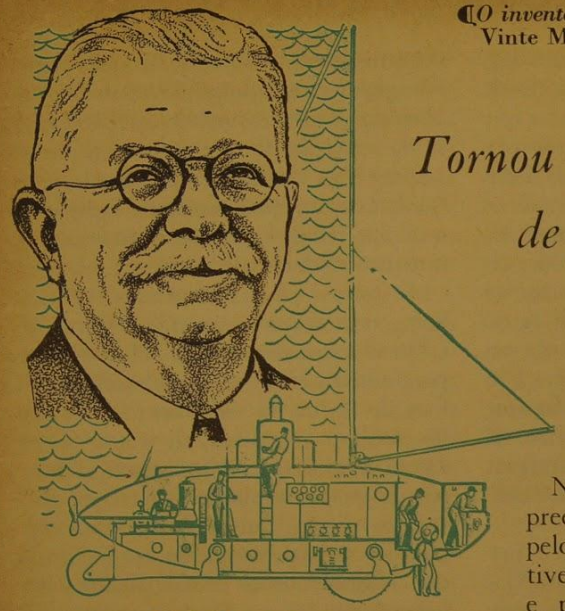
As mudanças e diversões servem ao bem-estar físico e mental, mas o excesso se torna dissipação. Há um limite para a nossa energia. E poderemos ficar fora de forma na vida, do mesmo modo que um atleta no seu treinamento. Desta maneira, as oito horas de sono não devem ser violadas com frequência.

Felizmente, nunca é tarde demais para entrar na estrada da saude. Basta que eliminemos as cruéis pressões dos hábitos errados, e a força inata da saude logo se fará sentir. O primeiro passo é esquecer os erros. Depois, se agirmos sistemática e persistentemente no sentido de erradicá-los, ligando o devido apreço às condições essenciais da vida perfeita, não haja dúvida que só excepcionalmente deixaremos de ser premiados com acentuada e permanente melhoria da saude.

A natureza humana

¶ Um conhecido causídico, encanecido nas lides do foro-crime, explicava de que maneira conseguira sempre salvar os seus clientes das unhas do carrasco: «A coisa é que eu nunca digo «meu constituinte» nem «o réu», quando falo para o juri. Digo sempre o Mané Tomé ou o Zé dos Aflitos. O juri manda infalivelmente enforcar os constituintes e os réus—mas nunca tem fígados para mandar matar o Mané Tomé ou o Zé dos Aflitos!»

The Pilot



«O Argonauta»

¶*O inventor autodidata, que se inspirou nas* **Vinte Mil Léguas Submarinas.**

Tornou realidade o sonho de Júlio Verne

(Condensado do «Scientific American»)

Por Harland Manchester

VAI EM QUARENTA E CINCO anos, um pescador entrou, de olhos espantados, num armazem do interior da Virgínia, a gritar que vinha atrás dele o demônio. Estava o homem a pescar no rio Rappahannock, quando viu aparecer, flutuando corrente acima, alguma coisa que se diria uma bóia; em seguida, com um estrondo de trovão, acompanhado de um cheiro de enxofre, um Lúcifer barbado, e de barrete vermelho, ergueu-se do seio das ondas.

Enquanto os peritos teológicos, reunidos em torno de um barril, discutiam a revelação, abriu-se a porta e entrou Simon Lake, em busca de suprimentos para o seu mais recente submarino, o *Argonauta 1*. Ouvindo a história, não quis saber de conversas; voltou para o seu barco, e sumiu-se, num mergulho o mais depressa que pôde. É que há entre aquela gente ribeirinha bons atiradores!

Não é que a Simon Lake o surpreendesse o fato de o tomarem pelo demônio; já anteriormente ele tivera que lutar contra superstições e preconceitos. Na sua própria terra, em Nova Jersey, a gente, ao vê-lo passar, não ocultava um sorriso, acreditando que o visionário tinha macaquinhos no sotão. Os técnicos navais dos Estados Unidos citavam fatos para demonstrar que as experiências de navegação debaixo de água, que ele andava a fazer diariamente, nunca poderiam resultar em nada de praticavel. Lake não só prosseguiu a realizar o impossivel, mas tambem anunciou que o seu pequeno aparelho seria em futuras guerras arma de grande importância, capaz de bloquear litorais, e por navios a pique, senão desmantelar um couraçado.

Quando menino de 14 anos, em Pleasantville, Nova Jersey, teve Simon Lake ensejo de deliciar-se com a leitura das *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne. Meteu-se-lhe desde logo na cabeça planejar uma embarcação que pudesse por em prática o sonho do romancista; e o certo é que, a partir daquele dia—foi aquilo no ano, já distante, de 1880—vem projetando submarinos e dispositivos que os melhorem.

Trata-se de uma família de inventores. Todos os Lakes o foram. O avô de Simon inventou uma máquina para semear; o pai, um tipo especial de estore para janela; o primo Vicente, uma máquina de escrever; o primo Risley, um aperfeiçoamento em máquinas de impressão; a prima Ira, um telefone. O tio Ezra, sacerdote, construiu um aparelho voador no qual tentou, sem êxito, voar. Se Simon tivesse imaginado algum navio-foguete, no qual voasse à Lua, não lhe havia de faltar, entre os seus, quem o ouvisse com respeito.

Quando se tratou, na localidade, de construir através dos lodaçais uma estrada para Atlantic City, àquele tempo terra virgem, os animais se enterravam até a barriga no atoleiro. Jesse Lake, tio de Simon, fabricou um trator adaptando um motor num moinho movido por força animal.

Simpatizando com Simon, admitiu-o Jesse na sua oficina de fundição, e ensinou-lhe a usar as ferramentas. O pai do pequeno queria que ele fosse para uma escola técnica, mas este não mostrava, sobre o caso, o mínimo interesse, uma vez que sabia que, na escola, ninguem lhe ensinaria coisa alguma a respeito de submarinos, único assunto, entretanto, que lhe empolgava o espírito.

Buchnell, Fulton, Holland e outros tinham construido embarcações de diferentes tipos, para navegar sob a água; eram, porem, aparelhos em que se não podia confiar, perigosos para os que os utilizavam, muitos dos quais haviam pago com a vida a sua temeridade, estando Simon convencido de que existia um erro de princípio na respectiva construção. Quase todos mergulhavam de cabeça, o que determinava, muitas vezes, que a guarnição se acumulasse na proa; certas ocasiões, o barco enterrava a proa no fundo, e lá ficava. Planeou Lake um submersivel que, por meio de pás que se projetavam, quer à popa, quer à proa, reteria a quilha na horizontal, durante a submersão e depois dela. Nem é outro o princípio hoje corrente na construção dos submarinos.

A ciência, naqueles dias, pouca luz podia trazer, com que desfizesse certas dúvidas e pontos obscuros. Por exemplo: qual a quantidade de ar de que necessita um homem? Saía Lake a inquirí-lo a professores de universidade, mas nenhum lhe respondia. Construiu então uma caixa de madeira, hermética, e meteu-se dentro dela, de relógio na mão, verificando o lapso de tempo que lhe era permitido alí ficar. Apurou que precisava de cerca de 5 metros cúbicos de ar por hora, e adotou, a partir daí, o algarismo assim obtido.

O *Nautilus*, da ficção de Júlio Verne, tinha um compartimento, através do qual o mergulhador podia passar para o fim de investigar o fundo da massa líquida. Impunha-se que o seu submarino—assim pareceu a Lake—do mesmo modo o tivesse. Tudo estava, porem, em ver o meio de poder abrir uma porta, na embarcação submersa, sem que esta fosse invadida pela água. Uma tarde, observou ele um velho polvorinho, feito de um chifre, que apresentava na parte inferior pequeno compartimento de medição; quando este se achava cheio de pólvora, uma porta interna se fechava, e a exterior podia ser aberta, despejando no cano do mosquete a carga estritamente necessária.

Lake viu alí, de relance, a solução do

seu problema. Havia que preparar um pequeno compartimento hermético, provido de duas portas que se abrissem, uma para o interior da embarcação, outra para o mar. Entrar-se-ia no compartimento, e nele se aplicaria ar comprimido, até que a pressão fosse bastante elevada para que detivesse a água, impedindo-a de penetrar. A porta que dava para o exterior seria então aberta. Os homens da guarnição poderiam apanhar ostras e crustáceos, ou, usando escafandros, recolher salvados de naufrágio. Como quer que fosse, esta saida, pela qual fosse possivel a exploração do fundo, era, no conceito de Lake, uma condição importante, visto como o submarino, que procurava criar, se destinaria sobretudo a usos comerciais.

Durante 12 anos, todo o tempo que lhe sobrou dos deveres de cada dia, consagrou-o Simon Lake ao estudo do seu submarino, enquanto os meios de subsistência lhe eram fornecidos amplamente por seu trabalho na fundição, espécie de indústria de família. De pequenas invenções outras como, por exemplo, um dispositivo de segurança para molinetes em barcos de pesca de ostras, que preservava o operador de acidentes produzidos pelo movimento de recuo da manícula, tambem tirava algo para o seu sustento.

Em 1892, o Departamento de Marinha dos Estados Unidos anunciou que receberia propostas para a construção de um submarino. Era uma oportunidade que se apresentava, acreditou Simon, para que enfim o *Argonauta*, o seu submersivel «de papel», fosse efetivamente construido.

Cheio de esperanças, levou seus planos a Washington. Mas alí, depois de dois dias de acolhida pouco animadora, o desenganaram sumariamente. Não elé, contudo, que abandonasse o campo. Voltou à carga numa segunda viagem, e, desta vez, o Conselho de Construção Naval aprovou o seu projeto, ficando porem ao Congresso decidir sobre os tipos de navios a ser postos a prova, no gênero. Os rivais de Lake tinham dinheiro, influência, e sabiam como agir nos meios oficiais. Ele se viu preterido, e gastaram-se 200 mil dólares na construção de um submarino «tipo mergulho», que resultou num fracasso.

Recorreu o inventor a Wall Street, à procura de apoio financeiro. Acontece que um maníaco tentara, ainda pouco havia, assassinar Russel Sage. Assim, quando o desconhecido de Nova Jersey entrou a falar num navio que deveria operar no fundo do oceano, os homens da finança empalideceram, e chamaram os seus secretários. Simon voltou para casa de mãos vazias.

Pelo outono de 1894, uma sua tia, Annie Champion, dispôs-se a custear a construção de um pequeno submarino. Lake e seu primo, Bart Champion, passaram um feliz inverno a construir, Deus sabe como, o *Argonauta Junior*, de menos de cinco metros, feito o casco de duas camadas de pinho, com uma tela a separá-la. O barco era provido de tanques, que se podiam encher de água, de maneira a fazê-lo submergir-se. Havia na frente uma roda de madeira, para governar quando no fundo, e na retaguarda duas rodas motrizes, que se punham em atividade por meio de uma manícula. O compartimento, com as duas portas a que acima nos referimos, e tão caro aos planos de Lake, foi construido à popa, sendo o ar comprimido conservado num velho tanque de gás carbônico. O ar para ventilação vinha por um tubo, de uma bóia que flutuava à superfície. Como traço final, um pequeno fogão a gasolina aguardava, para fins culinários, algum peixe que fosse fisgado através da porta-alçapão.

O lançamento do novo *Argonauta*, em 1895, foi um acontecimento de relevo. Ao mundo, não obstante, passou inteiramente despercebido o episódio daqueles dois homens que, numa arca, assim tosca, mergulhavam no rio Shrewsbury, confiando a própria vida aos cálculos em que Lake baseara a sua construção. Tudo se passou, praticamente, de conformidade com o previsto. Uma vez devidamente atarrachada a tampa, puseram em ação a água dos tanques, para os efeitos da submersão, e desceram em seguida até o leito do rio, de onde retornaram sem acidentes.

Aquele verão, andaram os dois a tentear, curiosos, o fundo da baía de Nova York, e Lake, num escafandro muito simples, explorou quanto pôde o terreno. Algumas pessoas de destaque, não acreditando que Lake apanhasse de fato ostras debaixo da água, quiseram tirar uma prova: assinaram os nomes num pedaço de madeira, convenientemente chumbada, e o atiraram no rio. Os pioneiros do submarino não tiveram dificuldade em rehavê-lo.

Posto que o *Argonauta Junior* fosse em realidade um submersivel, a imprensa o não tomava muito a sério, e Washington, oficialmente, se mantinha alheio ao caso. Graças, porem, ao auxílio pecuniário de elementos melhor informados, ou mais esclarecidos na matéria, um novo barco, movido a gasolina, e todo construido de metal, foi lançado à água em 1897. Veio este a ser propriamente o primeiro submarino, em dimensões regulares, e de êxito indiscutivel, que surgiu nos Estados Unidos. Quando foi submetido às primeiras evoluções de experiência, já dele tremulavam bandeiras; resistiu aos mais duros temporais, atraindo a atenção universal.

Durante a guerra espano-americana, Lake dirigiu-se, no *Argonauta*, para Newport News, e alí reconheceu, com facilidade, a posição das minas do porto. Fez ver então a uma autoridade naval o que tinha feito, e mostrou-lhe como um submersivel poderia facilmente neutralizar minas e cortar cabos submarinos. Responderam-lhe que o que ele dizia ter praticado era impossivel, e que, se o tentasse outra vez, seria preso. Jurando que nunca mais iria a Washington, a menos que o convocassem, volveu o inventor completamente as vistas para o serviço de salvamento de cargas de navios afundados.

A certa altura, ocorreu a Lake um melhoramento imprescindivel: era preciso que, do interior do submarino, enquanto submerso, fosse possivel ver e observar acima da superfície. Isto posto, em 1900, encomendou, a fabricantes de instrumentos óticos, a manufatura de um tubo provido de lentes, com o qual se realizasse aquele objetivo. Responderam-lhe que a sua encomenda não era praticavel. Habituado à execução de coisas consideradas impossiveis, entrou a fazer ele mesmo experiências com lentes, e acabou resolvendo o problema.

Em 1901, convocaram-no a Washington. Altas autoridades navais disseram-lhe não haver ainda verba para o submarino cuja construção desejavam confiar-lhe, mas prometiam não poupar esforços no sentido de obtê-la. Lake obteve dos seus acionistas os necessários recursos, e iniciou a construção do *Protector*, de 22 metros, projetado para fins especiais de defesa da costa. A obra

ficou suspensa quando uma firma rival, processando-o por calúnia, embargou as suas instalações; mas, vencidos os obstáculos, os trabalhos prosseguiram, e o barco foi construido. William Howard Taft, Secretário da Guerra, incumbiu três oficiais de ver o submarino em ação. Foi submetido o *Protector* a provas exhaustivas. Manteve-se submerso durante 10 horas; navegou sob gelo; praticou uma experiência de colocação de minas. A despeito do relatório entusiástico da comissão de investigação, recusou-se o Congresso a conceder a referida verba.

A Rússia e o Japão, então em guerra, mostraram-se, ambos, dispostos a adquirir o navio. Patriota que era Simon Lake, sentia certo constrangimento em vender a arma a uma potência estrangeira. Mas viu-se obrigado a fazê-lo, sob pena de falência. Escolheu então a Rússia, e o *Protector* seguiu tranquilamente caminho do estrangeiro. O inventor acompanhou-o, e permaneceu sete anos a construir submarinos para os russos, e mais, a fazer história, de um modo que, certamente, nunca poderia ter previsto. O almirante von Tirpitz, após uma palestra com Lake, imaginou um plano de guerra submarina ofensiva. Krupp, a grande firma alemã fabricante de armamentos, ofereceu ao inventor americano um contrato de largas proporções. Descobrindo porem, depois, que as patentes de Lake não estavam registadas na Alemanha, desfez a combinação, e os planos, em última análise roubados legalmente, serviram de base para a construção da frota submarina germânica.

Por esse tempo, a fama de Lake se havia tornado internacional. Acreditando que o seu país lhe reconheceria, já agora, a proficiência técnica, deliberou ele construir em Newport News um submarino aperfeiçoado. Mas a resposta ainda lhe foi negativa. Lake então comprometeu-se a construir, para a Marinha, sem quaisquer adiantamentos de dinheiro, o submarino mais rápido e mais poderoso do mundo. Se, finda a construção, os fatos não confirmassem em toda a linha as suas afirmações, nada lhe pagaria o governo.

O *Seal*, de 54 metros, lançado à água em 1911, constituiu efetivamente um sucesso de repercussão mundial. Rendeu-se por fim a indiferença ou a frieza dos meios oficiais, e foram encomendados a Lake mais cinco submarinos. Com a primeira grande guerra, de 1914 a 1918, o seu prestígio expandiu-se, cabendo-lhe construir 40 submarinos para o país que, por tão longos anos, se obstinara em recusar-se a atendê-lo.

Hoje, aos 76 anos, Simon Lake, trabalhando com afã para a guerra, não abre mão, todavia, das idéias que sempre o empolgaram, quanto ao uso dos submarinos em tempo de paz. Sua vida, ao que lhe parece, só se terá completado quando lhe for possivel demonstrar praticamente ao mundo a utilidade e importância dos submarinos mercantes. Ainda recentemente propôs a construção de submarinos de carga, de 7.500 toneladas, para resolver o problema da escassez de transporte marítimo, alegando que tais unidades, não exigindo, para ser construidas, maiores despesas que as dos navios-tanques, proporcionariam contudo menores onus de operação, alem da vantagem de, submergindo-se, evitar os atacantes.

Nos seus primeiros tempos, usava Lake o *Argonauta* para recolher carvão e outras cargas de navios afundados, tendo-o, depois, equipado para os trabalhos de busca e salvamento do ouro perdido com o *Lutine*, que fora a pique no mar da Mancha, projeto aliás a que renunciou pela construção do *Seal*. Rehaver boa parte das riquezas, perdidas no fundo do mar; explorar, nestas regiões desconhecidas, depósitos de ouro, platina, rádio, e jazidas de petróleo, tudo isso o inventor inclue nas suas previsões, poder-se-ia dizer, no seu vasto e audacioso programa de ação submarina.

Não faltarão, naturalmente, técnicos, para sorrir de tais coisas, considerando-as irrealizaveis. Este, porem, é um vocábulo, que Simon Lake sempre demonstrou ignorar.

¶ *Um achado e as suas consequências para um rapaz tímido.*

Mil dólares no meio da rua

(Condensado da «Cosmopolitan»)

Por Manuel Komroff

Fairview é uma cidadezinha aseada e tranquila, que até há uma semana dormia profundo sono. Hoje, porem, fervilha de atividade e animação. Tudo porque um rapaz, Henry Armstrong, achou uma nota de mil dólares.

Encontrou-a quando, de manhã, se dirigia para o escritório. Ia hesitante, de cabeça baixa, porque os negócios corriam mal na companhia de seguros onde trabalhava, e no mês anterior vários empregados haviam sido despedidos. Henry sentia que sua posição não era firme.

Estou convencido de que, se um dia se fizer o rol das moléstias do homem moderno, nele figurará a corrosão do espírito pela incerteza. A incerteza traz o temor e produz a desconfiança em nós mesmos e em nossas relações com os demais. É um ácido que nos dissolve o cerne do eu, e nos transforma em alguma coisa que não devíamos ser. Era o que acontecia a Henry—andava tímido, esquivo, com medo da própria sombra.

Mas, quando guardou a nota de mil dólares no bolso, corrigiu logo a postura, jogou o peito para diante, e o seu passo tornou-se agressivo. Ao chegar ao escritório, varou por ele a dentro como se fosse o dono. E, verificando que o

---

Manuel Komroff, contista brilhante, mestre no pormenor descritivo, adquiriu fama em 1929 com a extensa novela histórica *Coronet*, que alcançou a tiragem de um milhão de exemplares. Escritor cujo talento se tem exercido em vários ramos literários, crítico de arte e de cinema, articulista, foi diretor da «Modern Library». Hoje, com 50 anos, é membro do Conselho da Liga dos Escritores Americanos, e colaborador de grandes revistas. Seus livros mais recentes são *Waterloo*, *The March of the Hundred*, e *The Magic Bow*.

patrão ainda não havia chegado, ordenou a uma secretária: «Diga ao sr. French que estarei de volta dentro em pouco. Preciso falar-lhe.»

Em seguida, dirigiu-se resolutamente para o escritório do jornal *Chronicle*, e redigiu um pequeno anúncio em que dizia haver encontrado a nota: «O seu dono deve comunicar-se com Henry Armstrong». A publicação custava um dolar e sessenta centavos, e ele não possuia essa importância. Pediu que ela lhe fosse debitada, e o empregado que o atendeu foi consultar o diretor-proprietário, sr. Young.

—Achou uma nota de mil dólares? Quero conversar com ele.

E, logo que Henry entrou no seu escritório:

—Olhe, moço, se você nos contar o que se passou, daremos a respeito uma notícia, e não será preciso fazer o anúncio. O dinheiro estava nalguma carteira?

—Não, respondeu Henry.—Nada havia que permitisse identificar o dono. Vou mostrar-lhe a nota, sr. Young.

—Não, não quero vê-la, atalhou rapidamente o jornalista. —O único ponto de referência que há é o número da série, e eu o aconselho a não mostrar a nota a quem quer que seja. Alguem poderia guardar mentalmente o número, e mandar um terceiro reclamá-la. Onde a achou?

—Na Rua Principal. Talvez tivesse voado de um automovel.

—Que é que você pretende fazer com o dinheiro, se este não for reclamado?

—Vou tratar de casar-me com Dolly Summers. Há muito que esperamos, mas agora acho que poderemos resolver o caso.

—Aí está material aproveitavel para uma notícia. Você é aquí de Fairview?

—Sou, mas não quero viver aquí.

—Ora essa! Porque?

—Porque isto é uma cidade de gente velha. Quem nela manda é um grupo de rotineiros, e eles acham que tudo o que fazem está bem feito. Nós, os moços, não pensamos assim. Nem um de nós ficará aquí, se tiver meios de ir-se embora, para tentar qualquer coisa onde haja mais espírito de iniciativa.

—Que é que você entende por «espírito de iniciativa»?

—Para falar a verdade, seu jornal mesmo não revela espírito de iniciativa. Se eu lhe dissesse que os caminhões de entrega não deviam rodar pelas ruas sem estarem segurados, o senhor me retrucaria: «O que você quer é apenas vender-me apólices.» E regressaria à sua concha, como um caramujo, segundo o hábito típico da gente de Fairview. Mas o fato é que o senhor erra quando faz andar os seus caminhões por aí, sem estarem no seguro.

—Como é que você sabe que os nossos caminhões não estão segurados?

—Sei, porque o nosso escritório há muito que tenta obter esse seguro, e a resposta sempre tem sido que o senhor sabe muito bem o que está fazendo.

—Ah, a coisa então é essa, rapaz? perguntou o jornalista.

—Eu bem sabia que o senhor não havia de gostar do que lhe dissesse, sr. Young! Mas foi o senhor quem perguntou...

E com estas palavras Henry deixou o jornal.

Ocorreu-lhe então que devia contar a novidade a Dolly, e correu a procurá-la. Mas contou-lhe tudo tão depressa, que ela não pôde entender patavina, e somente perguntava:

—Que é que deu em você, Henry? Nunca o vi assim!

—Você ainda não sabe de nada, meu bem. Quando voltar ao escritório, vou conversar com o sr. French. É tempo de por os pontos nos ii, e isso agora é comigo!

—Henry, você perde o emprego!

—Meu emprego não é coisa que a gente receie perder. Até logo, Dolly!

Ao entrar no escritório, foi direito à sala do patrão:

—Sr. French, vim comunicar-lhe que vou deixar o emprego. Hoje de manhã achei uma nota de mil dólares, e quero ver o que há por aí, se encontro outra coisa que me agrade mais. Não posso suportar esta atmosfera de incertezas, e gostaria de lhe explicar o que é que os moços como eu sentem. Se o senhor me quer ouvir...

—Vamos lá. Estou com vontade de saber o que é que uma nota de mil dólares pode dizer!

—Todos nós vivemos aquí, semana após semana, a imaginar quem será o próximo empregado a ir para a rua. Essa insegurança produz receio, deixa-nos tímidos, o que é prejudicial aos interesses da casa, fazendo o sr. perder dinheiro. Todo o seu pessoal está nervoso e os seus clientes o percebem. O senhor mesmo vive preocupado com as despesas; mas não viveria tão preocupado se aparecessem mais negócios; e mais negócios apareceriam, se não estivessem todos sentindo que a situação não é segura para ninguem. É o que eu lhe queria dizer, sr. French; desculpe-me a franqueza; espero que não fique zangado comigo.

—Sente-se um pouco, Henry, disse o patrão.

O telefone tocou. Era o diretor do *Chronicle* à procura do rapaz:

—Sr. Armstrong, quero citá-lo num artigo que estou escrevendo sobre o tema «Fairview». Pode vir almoçar comigo?

—Com muito prazer, obrigado. Encontrar-nos-emos às doze e trinta.

O jornalista continuou a falar do outro lado e Henry respondeu:

—Pois não. O sr. French mandar-lhe-á com toda a satisfação uma tabela dos prêmios de seguros.

Desligou o telefone e voltou-se para o sr. French:

—Quando fui por o anúncio sobre a nota de mil dólares que achei, disse ao sr. Young o que pensava do fato de não estarem no seguro os caminhões do jornal. Ele lhe pede que remeta uma tabela de prêmios.

—Que tal se o senhor fosse levá-la pessoalmente, à tarde?

—O senhor compreende, sr. French, que não irei como seu empregado; mas terei muito gosto em ir.

O sr. French propôs:

—Henry, se você continuar senhor do sentimento de confiança que está revelando, eu lhe darei um contrato por três anos, comissão em todos os negócios fechados pela companhia, e um aumento de 25 dólares, para já, alem de outros em cada ano.

O rapaz refletiu por um instante e decidiu aceitar.

No dia seguinte o *Chronicle* publicava na primeira página toda a história da nota de mil dólares. Num quadro, estas palavras: «*Que é que está errado aquí em Fairview?* Ataque direto que exige resposta! Veja o editorial da página 5.»

À noite, o Conselho Municipal realizou uma sessão com a presença de Henry, convidado a falar sobre as aspirações dos moços de Fairview. Na manhã imediata, o jornal relatou o que o rapaz disse, e louvou o Conselho por

tê-lo convidado para a vaga que havia em seu seio.

Tamanha publicidade trouxe aumento de negócios para Henry e para a Companhia. Pessoas que Henry não tinha visto durante um ou dois anos começaram a aparecer para conversar sobre seguros. Apoderou-se do ambiente grande animação.

Entretanto, uma semana depois de achado o dinheiro, Henry e Dolly começavam a fazer a lista de coisas necessárias para a casa em que residiriam, e o rapaz tirou a nota da carteira.

—Enfim, creio que chegou a hora de utilizarmos esta bendita «pelega». Se a gente pudesse guardá-la...

E então, pela primeira vez, examinou a nota de perto.

—Olhe, Dolly! exclamou.—Este dinheiro tem qualquer coisa de estranho. Este papel não tem os verdadeiros fios de seda; os que aquí estão não passam de linhas vermelhas impressas.

Tirou do bolso outra nota, de um dólar, e comparou-a cuidadosamente com a de mil. Não havia dúvida: a achada era falsa!

O rapaz sentou-se e pôs-se a mirá-la. Depois sorriu e murmurou:

—Que brincadeira! Podemos rasgar a lista de compras a fazer para a nossa casa. Ainda bem que não trocamos a nota, Dolly. Estaríamos agora sendo vítimas da troça da cidade inteira!...

—Não faz mal, Henry. Bem bom que a nota seja falsa. Assim, ninguem virá reclamá-la e poderemos pô-la num quadro, como mascote. Que importa que ela seja verdadeira ou não? Este pedaço de papel fez você acreditar em si mesmo e lhe abriu o futuro. Seu ordenado foi aumentado; na semana passada você fechou mais negócios do que qualquer outro empregado. Obteve uma publicidade que vale milhares de dólares. É agora membro do Conselho Municipal—o membro mais moço que o Conselho já teve. Alem disso, toda a cidade despertou. Você não vê? A nota realizou sua missão, tão bem como se fosse verdadeira.

Henry ficou sentado, em silêncio, fixando o olhar no soalho. E ao fim de algum tempo murmurou:

—Você tem razão, Dolly. Vamos continuar com esta lista de compras. E não se esqueça de incluir uma moldura para enquadrar a nossa rica nota de mil dólares!

¶ Todo empregado do Departamento da Guerra é obrigado a usar um distintivo, com seu nome e fotografia, esta última do tamanho usado nos passaportes. Um empregado, para experimentar a praticabilidade dessa identificação, substituiu a sua fotografia por outra, recortada de uma revista, e, durante três semanas, passou pelos guardas externos e internos do edifício onde trabalhava. Só findo esse prazo, um colega observou que a tal fotografia era de Hitler!

—W. M. Kiplinger, *Washington Is Like That* (Harper, ed.)

Mulheres de armas da América

(Condensado de «This Week»)

Por Peggy McEvoy

As operárias do WOW*—Women Ordnance Workers—*que, nos terrenos de prova do Maryland, disparam canhões pesados, conduzem tanques, manejam explosivos e se comportam como veteranos.

DEBAIXO da chuva cerrada e contínua, a linha de fogo da «grande frente» dos Campos de Prova do Exército Americano, no Maryland, era um vasto lamaçal desolado e pardacento. Os canhões, alinhados como grandes brinquedos, erguiam para o céu chuvoso seus compridos pescoços bem lubrificados. Junto a um deles estava uma moça, de pé, de «poncho» e botas altas, empunhando o telefone.

«Preparar fogo!» bradou. O capataz largou dois assobios estrídulos, e outra mulher da guarnição, num macacão desalinhado, jaqueta de couro e galochas, fincou bem os pés na lama, atrás da peça, puxou a correia e disparou o monstro. Tive a impressão de que a terra subira ao ar e me dera um violento bofetão.

E dizer que, ainda há meses, uma destas pândegas vendia orquídeas na loja de um florista, e outra equilibrava na mão a bandeja do serviço numa casa de chá! Noutra bateria, uma ex-cabeleireira de salão-de-beleza disparou uma rajada de dez granadas com um anti-aéreo de 37 mm, e isto com um fulgor de olhos pretos, bonitos, que eu estou certo ela nunca teve diante da sua máquina de fazer «permanentes»...

Alí temos nós a senhora Ruby Barnett, a quem uns meninos chamam com razão de vovó, e que pede meças com uma metralhadora na mão. E a Michey Leppert, azougada moça de 18 anos? Essa então é louca por guindastes! Manobrando um guindaste elétrico de 15 toneladas, com três complicados jogos de comandos, é capaz de levantar uma carreta de artilharia que pesa duas toneladas, pousá-la no outro extremo do hangar, erguer nos ares o cano de uma peça de 155, e fazê-lo assentar no respectivo armão,—tudo isto num mínimo de tempo, e com tal percepção das distâncias, que o tenente-coronel Jack Weber, especialista em material de guerra, emitiu por entre dentes um assobio de respeito quando pela primeira vez a viu trabalhar.

A todo o comprimento das estradas, que nos vários sentidos cruzam os terrenos de prova, vi outras corajosas moças guiando *jeeps*, tanques e caminhões, pedalando em bicicletas de carga ajoujadas de munição, ou manobrando habilmente tratores de reboque que arrastam a pesada tromba dos canhões.

São estas as WOWs de Aberdeen, isto é, as operárias da Intendência de Armamentos. As «WOWs» (leia «uáus») como lhes chama a publicidade militar, são hoje nos Estados Unidos as mulheres que mais perto se encontram das máquinas de guerra.

Nos terrenos de prova elas manobram tudo, desde as pequenas carabinas de guerra até os canhões anti-aéreos de 90 mm, e algumas desenvolveram mesmo um gosto especial para disparar aqueles monstros de morte,

que fariam empalidecer de medo certos varões menos valorosos. Das mil mulheres atualmente empregadas alí, cerca de quatrocentas estão realizando o gênero de operações que a gente vê no cinema, com um arrepio pela espinha...

O que é certo é que estas patroas resolveram sacudir fora o fantasma do «sexo fraco» que as perseguia.

Pode-se dizer que os campos de Prova do Maryland são o centro experimental mais importante para toda sorte de munições, armas de guerra e veículos militares, que venham a sair das linhas de montagem de todas as fábricas dos Estados Unidos. O primeiro *jeep* novo, ou modelo de tanques, por exemplo, que rola da fábrica para fora, é remetido para alí. Depois disso, o 25º ou o 50º a ser produzido, tambem para alí é enviado e sujeito a duras provas, afim de ver se, no curso da fabricação, se terá produzido algum descuido ou deterioração. O mesmo se faz com granadas e pólvora. Visto muitas fábricas estarem agora produzindo pela primeira vez materiais bélicos, essas provas se revestem de importância maior que nunca. Delas podem bem depender as vidas de muitos homens em combate...

Depois de Pearl Harbor, com a intensificação da produção de guerra, o trabalho se foi tornando cada vez mais intenso e pesado, a ponto de se correr o perigo de um «engarrafamento» de material, com o consequente atrazo geral, tanto de fabrico como de uso. O coronel Hardigg, diretor do Centro de Provas, pôs-se em campo para conseguir mais trabalhadores. Rebaixou o limite inferior da idade de 20 para 18 anos, e levantou-o por outro lado até os 60. Mas nem assim conseguiu resolver o problema.

Certa manhã de março do ano passado, Hardigg anunciou finalmente ao seu pessoal que ia tentar meter mulheres naquele serviço. A decisão foi publicada pelo rádio e na imprensa. O elemento feminino começou a chover (se assim nos é permitido expressar-nos). Chegavam moças e mulheres das cidades fabrís do Maryland, e das zonas rurais de grande número de estados.

A maioria delas não sabiam distinguir a culatra de um canhão da respectiva boca! Uma vez por outra, lá chegava uma moça como a Alice McGuire, que adquirira admiravel pontaria atirando aos esquilos, do pórtico de sua casa nas serras da Carolina do Norte. Poucos dias depois de ter entrado para o trabalho, Alice marcava seis tiros sobre sete no alvo, com um canhão anti-tanque de 75mm. Pouco depois já andava a trabalhar nas provas de tanques médios. Dizia-me ela que o hábito de guiar o trator lá na fazenda, lhe dera o traquejo preciso para aquilo.

A primeira idéia fora dar apenas às mulheres os trabalhos de segunda ordem; mas não pouco surpresos ficaram os homens, ao vê-las atirar-se às tarefas pesadas ou altamente especializadas... como patos à água! Na maioria dos casos, a instrução delas não vai alem dos graus primários. Mas, apesar disso, há alí menina capaz de embrulhar a qualquer com uma algaravia de balística digna de um cadete de artilharia. «No começo a gente parece que anda numa névoa,» dizia-me Helen Waream. «Mas um belo dia, as palavras desatam a ter sentido, e pronto.» Muitas delas executam operações de calibração, isto é, medem as superfícies e estrias da alma dos canhões.

Falemos agora de Josie Fayer, tipo da moça que conquistou a admiração e o respeito dos homens a cargo do treino em Aberdeen. Josie se apresentou um dia para o trabalho, caceteada por quinze anos de serviço atrás de um balcão de armazem de secos e molhados, em Perryville, no Maryland. A braços com uma falta de pessoal que era de perder a tramontana, o capitão Brennan não tinha tempo a perder com o treino dela naquelas tarefas. Começou Josie logo por passar a munição ao sujeito que fazia os disparos de cima da plataforma de um canhão. Não tardou que ela mesma estivesse disparando com a mesma perfeição. Poucos meses passados, está hoje uma tal sabichona em questão de montar, desmontar, limpar, carregar e disparar um canhão, que já lhe aumentaram o salário e lhe ofereceram fazer dela chefe duma guarnição de peça. Mas a Josie é que não quer tanta responsabilidade. O gosto dela é disparar canhão: não lhe falem de outra coisa... Coberta da cabeça aos calcanhares de graxa e fuligem da peça, apesar disso vai sempre dizendo que no armazem de secos e molhados é que ela não torna a por o seu pezinho!

Outra garota que se portou bem, foi Anne Brown, idade 23, peso 47 quilos, para menos e não para mais. Quando eu cheguei ao pé da bateria, Ann estava enfiando um pau pelas goelas de um canhão pesado, talvez para lhe tratar da garganta. Faz todo o serviço, desde montagem e desmontagem de canhões ao ensaio da engrenagem de elevação a óleo, para atirar; mas do que mais gosta é de dar o seu tirinho!

«É muito facil,» diz ela. «Você dispara primeiro um obús para ensaiar a pressão; depois carrega para baixo no pedal, sem largar, e dispara uma salva de dez tiros! Concordo que pra gente nervosa será um bocado abafante, porque é preciso carregar firme no pedal enquanto se dispara toda a rajada,— mas eu cá adoro isto!»

A pesagem da pólvora é um dos serviços que as mulheres de Aberdeen executam melhor. As mulheres são sempre melhores que os homens nas tarefas repetidas, monótonas, porque eles, de vez em quando, estão pedindo para ir lá fora espichar as pernas ou tirar uma fumaça. Viola Testerman é carregadora de granadas. Pesando 102 quilos, mais grama menos grama, ela necessita de todo o seu fôlego para levantar e carregar 200 obuses de 20 kg. por dia...

«E eles nunca rebentam?» perguntei eu, trêmulo e fascinado pela agilidade com que ela manobrava aquelas latas de morte condensada.

«Lá isso podem...» replicou Viola com ligeireza; e, pegando num cartucho de granada, virou-o de fundo para cima para me mostrar: «Vê aquí o detonador?» E apontou para um espécie de botão achatado. «Se isto desse aí numa pedrinha do chão, estourava que era um gosto!»

E acrescentou com o ar mais natural desta vida: «É por isso que a gente tem que ter este chão bem limpinho.»

As mulheres dos Campos de Prova de Aberdeen não substituiram por completo os operários do sexo «forte». Mas até os funcionários mais cépticos se têm admirado da quantidade delas que tem dado bons resultados neste trabalho, que até há pouco se julgava próprio «só para homens».

A experiência dos ingleses veio demonstrar que as mulheres são capazes de preencher 80 por cento de todas as tarefas de guerra.

—Paul V. McNutt

O filho estranho

—I—

Por A. J. Cronin

Famoso escritor inglês, autor de «A Cidadela»

HÁ ALGUNS anos que conheço este Henry Adams, e devo começar por prevení-los de que se trata de um homem perfeitamente comum. Vai nos 45, e o cabelo começa a rarear-lhe nas têmporas e no alto da cabeça; os óculos sem aro lhe tornam maiores os olhos, que são de um azul penetrante, inquisitivos. O Henry é guarda-livros de importante firma de material elétrico, em Nova York, e vive num destes típicos subúrbios de atmosfera «classe-média», que chamarei Elmville, com a mulher e três filhos: duas meninas, Betty e Luiza, de 15 e 13 anos, e Sammy, gurí de seis.

A casa não é nenhuma ucharia, e compraram-na com algum sacrifício, a prestações. Mas Henry sente-se bastante orgulhoso dela, sobretudo do bocado de terreno, nos fundos, onde passa as tardes de sábado e os domingos a trabalhar armado em jardineiro, metido num terno usado. Ajudado pelo gurí, que trabalha afanosamente com o carrinho de mão e o ancinho, pelo subsalário não-sindical de um niquel à hora—Henry esteve a pique, certa vez, de ganhar um prêmio na Exposição Floral de Elmville! Vai em dois anos, quando pelas tardes de Outono eu costumava meter-me a caminho para visitar Henry, era fatal poder observar aqueles incorrigíveis confederados, o homenzinho sóbrio e o garoto robusto, ambos curvados sobre a grama dos seus domínios, ou de pé, orgulhosos da sua obra, queimando ao crepúsculo uma pilha de folhas secas. Sammy, é bem de ver, tinha grande apego ao pai, e Henry era francamente louco por aquele filho.

Tirando a jardinagem, as tarefas de Henry Adams são o que há de menos absorvente; gosta de ver um bom filme, uma vez por outra uma partida de futebol. Às noites, se chove, metida a meninada na cama, instala-se no seu canto ao pé do lume, a fumar um charuto e a ler uma história policial—e é um trabalho para a mulher arrancá-lo dalí! Entretanto, se ela insiste na companhia dele para uma reunião social, Henry não se faz muito rogado.

Imagino eu que as línguas inclinadas à malícia diriam que em casa do Adams, como na de Gonçalo, «manda mais a galinha que o galo». Tal não é porem o caso, em se tratando de coisas que verdadeiramente importam. A sra. Adams é mulher de energia, bonita bastante para a idade que tem; possue um farto cabelo naturalmente ondulado, e um sorriso quente e bom. O interesse que dedica às sociedades de melhoramentos, facilmente a gente lho perdoa, quando prova a deliciosa torta de amoras que sabe fazer, ou repara no bom gosto dos vestidinhos que ela mesma cose, com seus dedos velozes, para as filhas usarem no colégio.

Falei acima das sociedades de «melhoramentos» a que a cidadezinha de Elmville se dá com sofrivel fervor. Pois, quando os horrores da guerra se derramaram pela Europa, a cidade integrou-se no movimento a favor das crianças vitimadas pela conflagração. É claro que a sra. Adams se colocou logo à frente do movimento. Sugeriu mesmo ao marido que recolhessem na sua própria casa, até o fim da guerra, um menino refugiado. De começo a idéia não entusiasmou muito Henry, mas sempre acabou ele por ver o lado humanitário do caso, e concordar com a senhora.

Cumpridas todas as necessárias formalidades, os Adams receberam aviso de que lhes fora destinado um rapazito nascido na Silésia. Acompanhei Henry a Nova York no dia em que ele foi buscar o pupilo. Chamava-se este Paulo, mas o apelido da família era uma coisa embrulhada, que metia *Piotro* e *Stanal*, e não sei o que mais—de tal ordem que ninguem se atreveu mais a pronunciá-lo após a primeira e vã tentativa... Tinha 9 anos.

Por muito tempo que eu viva, nunca hei-de esquecer a primeira impressão que tive daquele produto do terror e da fome. Sentado num banco alto, parecia um camarão espetado num garfo, pálido de neve, com uns braços e umas pernas que pareciam caniços, crânio ossudo e rapado, e uns grandes olhos pretos, apavorados e, apesar disso, insondaveis. Não falava o inglês, e quando alguem lhe dirigia a palavra, tinha um jeito exquisito de furtar a cabeça, e esgueirar os olhos por cima do chapéu da gente. Foi pois assim que travei conhecimento com o estranho rapaz, Paulo Piotrostanalski, ou lá como era a sua graça.

Levamo-lo enfim para Elmville, onde tudo estava disposto para o receber regiamente. Luiza, Betty e Sammy acolheram-nos à porta, pulando de contentes, e a esposa do Adams veio correndo do fundo da cozinha. Ardia na chaminé da sala um grande lume hospitaleiro, a mesa estava alumiada a velas como para um jantar de aniversário, pairando em toda a casa um cheiro bom, festivo, de perú assado. Quando nos sentamos à mesa, para jantar, todos os presentes faziam tais esforços para que o recemchegado se sentisse em sua casa, que, devo confessá-lo, as lágrimas me acudiram aos olhos: é que eu ainda sou do tempo da estupidez sentimental... Paulo de certo modo «degelou» durante a refeição. Enquanto comia, com grande sofreguidão, não tirava a vista de Sammy, que estava sentado em frente dele: parecia querer devorá-lo com os olhos. Das duas meninas, ambas elas bonitinhas, que se desfaziam em gentilezas precocemente maternais para o agradar, quase não fez caso. Toda a sua atenção estava concentrada em Sammy. A certa altura precipitou-se rápido, por cima da mesa, de mãos estendidas para o petiz, ao mesmo tempo que soltava uma espécie de cacarejo agudo, estranho e trêmulo... Gesto cômico e tocante, que nos fez rir e nos pareceu o momento culminante do feliz serão.

Segundo todas as convenções, a história devia terminar aquí, nesta grata nota de esperança. Mas, feliz ou infelizmente, a verdade não se deixa guiar por fórmulas. Com o decorrer das semanas, a primeira impressão de ternura que o pequeno hóspede causara foi sendo pouco a pouco suplantada por uma penosa desilusão. Nada de bem preciso, que se pudesse dizer «é isto». Mas o quer que fosse lá estava... Resultado talvez das privações sofridas, ou dos

horrores da guerra que presenciara. Paulo não era—custa escrevê-lo—não era perfeitamente normal. Extravagante e alheada criaturinha, com as idéias mais confusas sobre a obediência, e perfeitamente insensivel à noção mais comum de ordem moral. Dinheiro de trocos que ficasse esquecido pela casa, desaparecia inevitavelmente nos seus bolsos. À medida que adquiriu o domínio do idioma, o que fez com a facilidade imitativa de um macaco, demonstrou ser um habil manipulador de fantasias. Na escola, entretinha e fascinava auditórios de garotos com a narrativa das suas imaginárias aventuras: pálido e tenso, contava-lhes como tinha subjugado leões e morto bandidos pelas próprias mãos... Outras «ficções», bastante menos agradaveis de ouvir, vieram chegando ao conhecimento da família.

Quando o admoestavam por causa de alguma falta, Paulo tornava-se completamente inexpressivo, e seus olhos, ausentes, fitavam furtivamente o vácuo. Era impossivel usar de severidade para com ele, pois a mais leve menção de castigo dava em resultado que acordava de noite aos gritos, em crises que deixavam toda gente exhausta naquela casa. Parecia destituido de gratidão, menos em relação a uma pessoa. Passivo na sua atitude para com Betty e Luiza, tolerava Henry com submissão e esquivava-se à sra. Adams—que, aliás, o tratava por vezes com aspereza. Mas em relação a Sammy dava mostras da mais absorvente devoção; seguia-o, de fato, por toda a parte, de tal maneira que chegava a causar estranheza. Tinha-se tomado de amizade pelo gurí à primeira vista, e quase não podia suportar a sua ausência.

Tal era a situação naquela família, quando a América entrou na guerra. Henry Adams passou a trabalhar mais, e mais horas, o ordenado já não dava para tanto, e sobre o lar dos Adams caiu como que uma sombra de apreensão. Em todo caso, o inverno passou sem incidente de maior, e, ao vir a primavera, todos se sentiram desanuviados.

Foi então que, num quente dia de junho, Paulo adoeceu com uma inflamação da garganta. Meteram-no na cama e ninguem deu muita importância ao caso. Mas na manhã seguinte o rapaz tinha peorado, e a sra. Adams mandou chamar o médico da família. Depois de se demorar um tempo incrivelmente longo no sotão, a examiná-lo, quando desceu, o médico pronunciou palavras de alta gravidade sobre a doença do pequeno: com infração das ordens recebidas, Paulo tinha ido nadar num riacho vizinho, cujo acesso fora rigorosamente proibido a todas as crianças. Daí lhe resultara uma séria infecção, talvez estreptocócica; estava gravemente doente e com tendência a peorar!

Durante uma semana o desânimo reinou no lar dos Adams. Andava toda gente nas pontas dos pés, e lá em cima, isolado no seu quarto de mansarda, Paulo debatia-se e tartamudeava sob a ação do delírio agudo. O médico poucas esperanças tinha de o salvar: o germe era virulento, a resistência do paciente precária. Apesar disso, impenetraveis que são os desígnios de Deus, o pequeno escapou. Ao cabo de dez dias de desespero, estava livre de perigo, e pedia numa voz sumida que o deixassem ver o seu querido Sammy. Foi-lhe isso recusado, pois era grande o risco de contágio; mas os meninos lhe mandaram bilhetinhos e frutas, a casa regressou à vida, e todos se sentiram aliviados.

Ora, dois dias depois, sábado pela manhã, quando o meu amigo Henry foi chamar o filho à cama, por serem horas de tomar o café, quase perdeu os sentidos diante da cena que presenciou: Paulo estava metido na cama com Sammy, que dormia, e passara-lhe o braço em volta do pescoço, ternamente, misturando a sua respiração doente com a do indefeso menino! Tinha-se esgueirado sorrateiramente para o quarto do pequeno amigo, feliz de se sentir perto dele, humilde como sempre na sua amizade. Ao ver entrar o protetor, lançou-lhe um fugitivo olhar e sorriu.

Nessa mesma tarde Sammy caiu doente. Tudo fizeram para o salvar, mas as suas probabilidades eram poucas—e quatro dias depois morria da infecção...

Por essa altura eu estava ausente. A carta que logo escrevi ao meu angustiado amigo deve-lhe ter parecido trivial e vazia, apesar de toda a sincera e magoada condolência que nela pus. Bem sabia eu quão profundo era o carinho que tinha pelo filho aquele homem de poucas palavras: Sammy era a mola real da sua existência! Foi esse o pensamento que me acendeu numa sagrada indignação, e me determinou a escrever-lhe aconselhando-o a se desembaraçar do insuportavel pesadelo—aquele pirralho por quem tudo tinha feito, e que o recompensara tragicamente arrebatando-lhe o filho querido... Existem por aí asilos e recolhimentos para meninos defeituosos e anormais, orfanatos apropriados, onde tudo se faria, que fosse humanamente possivel, pelo desditoso Paulo. «Pelo amor de Deus—concluia eu—desvencilhe-se desse traste!»

Passara o Outono, e já o Inverno soprava seu hálito glacial, quando regressei da Califórnia e corrí a fazer uma visita ao meu amigo. Ao chegar à curva da estrada suburbana, de onde já se via a sua casa, estaquei com uma pancada exquisita no coração, entre assombrado e descrente do que meus olhos viam... Trabalhando no quintal, a cobrir os canteiros do gramado, desolado agora e sem flores, devido às geadas do inverno, avistei Henry, mais magro, enregelhado, metido na mesma roupa gasta. E ao lado dele, ajudando-o com o ancinho e o carrinho de mão, andava um rapazinho. O coração deu-me duas cambalhotas na caixa do peito, e por momentos julguei estar vendo um fantasma; mas depressa, afirmando-me bem, vi que se tratava de Paulo.

Encaminhei-me devagar para eles, e depois dos cumprimentos, exclamei:

—Então, vejo que você ainda o tem por aquí...

—É..., e Henry fez uma pausa, evitando o meu olhar.—O pequeno tem melhorado bastante nestes últimos tempos... Está mais calmo e mais esperto... tem tomado aí não sei que hormônios em comprimidos...

Houve um silêncio comprido, enquanto nós ambos espiávamos o garoto, que estava a transportar o feno salgado no seu carrinho de mão. Ao chegar perto de mim, corou sob o meu olhar de hostilidade: era o sinal mais humano que até então lhe notara... Mas tanto não bastava para fazer baixar a vaga da minha indignação. Dominado por um sentimento de amarga revolta, disse:

—Tudo o que eu posso dizer é que ele tem muita sorte..., este tal Paulo Piotrostanalski—ou lá como diacho se chama!

—Que o nome não lhe dê mais embaraço! disse Henry, passando o braço pelos ombros do rapaz e lançando-me um sorriso calmo e um tanto tímido: —Agora ele se chama Paulo Adams, sabe? É o nosso filho adotivo...

Advogados a preço fixo

(Condensado do «Christian Science Monitor»)

Por Joseph M. Weresch

MILHARES de cidadãos de Filadélfia, que dispõem de pequenas rendas, estão comprando, ao balcão, serviços de advogado, a preços por unidade, e marcados expressamente, tal como se de manteiga ou ovos se tratasse. Lançada a título de experiência, a *Sociedade de Advogados de Bairro* funciona hoje em bases firmes. A partir de 1 de novembro de 1939, já sobe a 3.500 o número de clientes que lhe recorreram aos serviços. Há atualmente nove postos. Os vinte e sete advogados, que por eles se distribuem, têm todos os seus próprios escritórios, mas consagram, cada dia, algumas horas às atividades da Sociedade. Não se trata de obra de caridade; embora a preços modestos, os três postos de maior movimento renderam, no último ano, cada um 5 mil dólares (100 mil cruzeiros), a ser repartidos entre três causídicos, o que não constitue, no entanto, renda vultosa, nos Estados Unidos.

Os preços são de fato populares; e a respectiva tabela se acha bem à mostra, em cada posto, pendurada na parede. Aí se lê o que se tem que pagar por diferentes serviços, como sejam: consulta de meia hora; minuta de testamento; minuta de contrato de arrendamento; preparo de fórmulas para pagamento de imposto de renda; arranjos em casos de dificuldades de família; disputas entre inquilino e senhorio.

Os postos funcionam em lugares de facil acesso—modestos compartimentos na parte da frente de lojas, primeiros andares de pequenos edifícios de escritórios, ou salas de frente de casas apropriadas. O cliente não encontra, a saudá-lo, ou, quem sabe, a assustá-lo, nenhuma fila imponente de custosos livros jurídicos; limitam-se os moveis a algumas mesas e cadeiras, uma máquina de escrever, e um arquivo ou fichário comum.

O comitê organizador quis adotar como regra a instalação dos postos em prédios situados nos quarteirões da cidade onde houvesse algum armazem de mercadorias baratas, ou cinema popular; porque daí, de tais círculos, é que havia de vir a clientela. Os jornais não perderam a ocasião para troçar da empresa, conferindo-lhe o apelido de «advocacia a preço fixo».

Foi isso em 1939, quando Robert D. Abrahams obteve o pleno apoio da seção local da Ordem Nacional dos Advogados, para fazer a sua experiência. Alegava ele que a gente de poucas rendas precisava instantemente de semelhante serviço, o qual viria a ser util, não apenas aos clientes, mas tambem, por outra parte, aos novos advogados. Módicos honorários, estabelecidos de antemão, atrairiam pessoas que nunca, de outra maneira, recorreriam a uma consulta jurídica; e era bom meio que se oferecia aos advogados principiantes de ganhar experiência, desenvolver relações, e servir a comunidade.

Encarando a questão sob outro aspecto, acentuava Abrahams que se iria animar, com o seu plano, a prática do «direito preventivo», que dizia ainda

estar na infância. Concita-se o público a não assinar contratos de arrendamento, ou outros, nem adquirir bens imoveis, ou fazer compras a prestações, sem ouvir advogado.

Instalados os seis primeiros postos, com o concurso de trinta e seis advogados, o êxito foi completo e imediato. As previsões de Abrahams confirmaram-se inteiramente. Entre os clientes, um em cinco é uma dona de casa, um em cinco um bom operário. Há um posto especializado em assuntos relativos a proprietários agrícolas, rendeiros de terras, em suma, gente do campo. Figuram na clientela pequenos comerciantes, professores, e funcionários civís. Oitenta e dois por cento dos consulentes nunca tinham, anteriormente, recorrido a advogado. Dos casos submetidos a consulta, não chegam a ser 2% os que foram levados a juizo.

As dificuldades de família, de todo gênero, envolvendo propriedade, filhos, divergências conjugais, constituem o objeto mais frequente das questões. São, porem, quase tão numerosos os casos de disputas de salário, compensação de trabalhadores, insolvência, restituição de posse, abusos comerciais, ou de agiotas.

Uma crítica feita à Sociedade, é a de que os baixos preços tendem a fazer baixar o nivel dos honorários dos advogados. A isso responde Abrahams que, se oitenta por cento dos clientes nunca tinham ido a um escritório de advogado, é muito de presumir que assim continuariam, se não dispusessem, ao seu alcance, das facilidades do novo serviço.

Tudo se pratica muito cordialmente, em base humana. «O que importa é a dignidade do cliente, não a do advogado,» diz uma das máximas exaradas pelo comitê consultivo, enquanto outra observa que «o advogado que faz mistério dos seus honorários, faz do seu cliente um crítico.»

Advogados de outras cidades afluem a Filadélfia para observar em pessoa o funcionamento do serviço. Já organizações análogas entraram a funcionar em Chicago, Los Angeles, São Luiz, Cleveland e Cincinati.

A consagração definitiva do empreendimento está num relatório de uma comissão da *American Bar Association* (Associação do Foro Americano), louvando a iniciativa de Filadélfia, e fazendo o seguinte comentário:

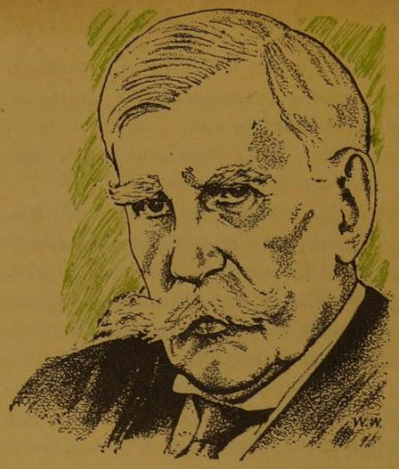
«Há uma necessidade latente, e ainda não devidamente atendida, de serviço judiciário a preço módico. Se cada pessoa souber que pode encontrar na sua vizinhança um escritório de advogado onde obter conselho para as suas dificuldades em questões de direito, mediante modesto pagamento, a boa vontade, em relação ao foro, que daí há-de provir, será quase inestimavel.»

¶UM homem pode fracassar muitas vezes, mas não será um fracassado enquanto não começar a culpar alguem.

—Buffalo *News*

O derradeiro voto de um juiz

Por Alexander Woollcott



HÁ DEZ ANOS—numa quarta-feira, 8 de março de 1933—Oliver Wendell Holmes, o Júnior, comemorou na penumbra o seu nonagésimo-segundo aniversário. Cabeça branca de neve, figura simpática, não ignorava certamente o velho magistrado que, através de longa existência, tão brilhantemente assinalada, se fizera uma tradição; que os seus votos divergentes eram objeto de estudo nas escolas de direito, e de comentário ou citação nos tribunais de justiça dos Estados Unidos e da Inglaterra. Preferia, não obstante, só ver em si um soldado, que deixara recentemente, e com relutância, a fileira, e certa vez confundiu um candidato a biógrafo, revelando-lhe que nada de maior lhe havia acontecido depois de 1865.

Passava assim sumariamente uma esponja no fecundo meio-século que teve início com a publicação, em 1881, da sua obra prima *The Common Law*, reputada, ainda hoje, nas cortes inglesas, uma espécie de escritura sagrada, e se encerrara, havia apenas um ano, quando a empregada a cargo das insígnias, ou antes, do guarda-roupa judicial da Suprema Corte americana, foi surpreendida ao dele ouvir, num tom de mau humor: «Não voltarei amanhã.»

Foi quanto disse para anunciar a sua aposentação. Tanto que se pôs a par do fato, a Suprema Corte manifestou, em resoluções expressivas, quanto sentia perder tão precioso concurso. Para corresponder devidamente a tais provas de apreço, ele, de pé—já que sempre sustentara que a posição de sentado convida à verbosidade—escreveu sobre a alta secretária, na qual trabalhava em casa, estas palavras de comovido agradecimento:

> Meus caros confrades:
>
> Deixai que vos chame, ainda uma vez, assim. A vossa carta, mais do que bondosa, tocou-me, por sua generosidade, no fundo do coração. O convívio, íntimo e longo, com homens que só merecem o meu respeito e admiração, não podia senão dar raizes à minha afeição por eles. Essa afeição, eu a entesourarei, pelos poucos dias que me restam, como juntando ouro ao por do sol.
>
> Afetuosamente,
>
> O. W. HOLMES.

Quase nada, depois disto, ainda teria a fazer. Já havia tomado providências, perdendo tempo e habilidade em ocultá-lo, para o seu enterro em Arlington. Só faltava lavrar o testamento, e ficar à espera do fim. Escreveu-o na mesma secretária, que era a sua mesa de trabalho, deixando alguma coisa para um sobrinho em Boston, um legado para o negro que lhe servira, na Suprema

Corte, outro para o cozinheiro irlandês que o cercara de cuidados desde que lhe morrera a mulher, e instituindo herdeiro universal do remanescente os Estados Unidos da América.

Ei-lo agora aos noventa e dois anos, sem ter no que se ocupar, a não ser a arrumação da sua biblioteca. Com efeito, naquela tarde do dia natalício, estava a por à vista nas estantes os seus austeros livros de direito, escondendo para trás histórias de detectives, quando foi interrompido por inesperados visitantes. Tratava-se, nem mais nem menos, do novo morador da Casa Branca, acompanhado da esposa, e tendo como assistente o seu vigoroso primogênito. Havia apenas quatro dias que Franklin Roosevelt assumira o governo. Pela manhã daquele dia concedera, a primeira entrevista à imprensa, e tinha estado a elaborar a primeira palestra íntima a ter com a nação, pelo rádio, no domingo imediato. Sobravam-lhe, é claro, os motivos de ocupação e preocupação. Pôde, porem, ainda assim, distrair alguns minutos, para aquela visita de surpresa ao magistrado aniversariante.

O velho sentiu-se meio perturbado, e não menos desvanecido. Não tardou, todavia, a abandonar o tratamento cerimonioso de «sr. Presidente», passando a usar dos privilégios da idade para dirigir-se ao visitante de modo menos formal. Havia muitos assuntos sobre que trocar impressões. A crise financeira, por exemplo. Corriam já vários dias que só se falava em craque, até que afinal, no momento, se tinham fechado os bancos. Quem tivesse lido os jornais, no curso daquela semana, devia estar sabedor de que Adolfo Hitler acabava de assumir o poder supremo em Berlim, e um sorridente exército japonês, procedente da Mandchúria, havia transposto a Grande Muralha da China. A julgar, não obstante, pela repercussão na imprensa, estes episódios mereciam menor atenção do que o romance de um senador de Montana que, tendo desposado, aos 73 anos, uma jovem cubana que podia ser sua bisneta, rendera a alma em plena lua de mel. Mas, quer o velho juiz, quer o seu amigo, tão mais moço, não tocaram em nada disso. A conversa, que aliás se prolongou por cerca de três quartos de hora, andou por longe dos grandes casos do dia, girando em torno de assuntos, quiçá extravagantes para a hipótese, como pescarias no alto mar, e, mais curioso ainda, duelos de pugilismo. Foi só ao se levantarem os visitantes, para retirar-se, que vieram à tona, assim mesmo obliquamente, referências à crise tremenda que avassalava o país. À altura do elevador, que a senhora Holmes tinha feito instalar na casa, para poupar o coração do marido, volveu-se, chapéu na mão, o novo Presidente:

«Conselheiro, o senhor é bem o tipo do grande americano,» disse ele a Holmes. «Tem vivido a grande vida. Tem visto tudo, conhecido tudo. Que conselhos me dá?»

O ancião, curvado ao peso dos anos, ergueu de todo a fronte. Foi como se percebesse que estava a ser convocado, por alguem que podia fazê-lo, para emitir, ao cabo dos seus dias, o seu verdadeiro voto.

«Senhor Presidente,» respondeu. «O senhor está em guerra. Eu estive numa guerra. Na guerra, só há uma coisa a fazer. Cerre fileiras, e dê combate ao inimigo no terreno dele.»

Naturalmente, o que ele tinha em vista era outro gênero de guerra, que não aquele com que hoje estamos a

braços; era a guerra contra o medo, a ignorância, a cobiça. Quando, entretanto, pelos últimos meses de 1942, os planos da expedição do Norte da Africa tanto ocupavam o espírito de Roosevelt, e de todos os cantos da terra lhe vinha a maior onda de conselhos que já caiu sobre um homem desde o começo da guerra, não será para estranhar que, a horas mortas da noite, dominando todo o clamor dos que bradavam, impacientemente, por uma segunda frente, lhe tenha soado aos ouvidos, como uma voz de alem-túmulo, a do velho juiz, a repetir-lhe:

«Senhor Presidente, o senhor está em guerra. Eu estive numa guerra. Na guerra, só há uma coisa a fazer. Cerre fileiras, e dê combate ao inimigo no terreno dele.»

A maré montante das sombras

¶Não foi um piloto que inventou a expressão «a noite cai». Um piloto sabe que a noite não cai. Ela emerge do solo, formando nas depressões do terreno poços de sombra que se alargam e sobem até o alto das árvores e das casas. Muito antes do céu escurecer, a terra, em baixo, está nadando em sombras. Finalmente, a noite começa a invadir os céus, subindo do leste para o zênite, até absorver o último raio de luz do por do sol. Aquí e acolá, as estrelas principiam a romper a sombra, maiores e mais cintilantes do que o são vistas de terra firme, e a lua, grande e branca, dá relevo aos acidentes da terra. Abaixo do avião, as luzes formam o mapa brilhante das cidades e das estradas, acentuando a escuridão mas sem diminuí-la, porque as sombras se agarram ao solo. A luz, essa se prende ao céu até o fim.

—Alma Heflin, *Adventure Was the Compass* (Little, Brown)

O Reizinho

¶ No século XVI, o Japão era governado pelo Imperador Hideyoshi, o qual queria ser uma espécie de Napoleão do Oriente, sonhando com conquistas tão vastas como as dos militaristas japoneses de hoje. Depois de unificar o Japão, Hideyoshi decidiu que a sua primeira conquista devia ser a China. Com esse propósito, enviou uma mensagem ao Imperador da China, exigindo submissão. A resposta que recebeu foi tipicamente chinesa.

O Imperador chinês enviou um representante a Hideyoshi, com a missão de entregar-lhe um consideravel documento, constituido por um grande rolo de pergaminho. Hideyoshi, jubilante, organizou uma imponente cerimônia, com fanfarras e tudo, e o enviado chinês entregou a mensagem.

Imaginem a surpresa de Hideyoshi quando, ao abrir o rolo de papiro, leu que o Imperador da China tinha muito prazer em nomear Hideyoshi «Rei do Japão!»

School of the Citizen Soldier, organ. por R. A. Griffin e R. M. Shaw (Appleton-Century)

Nem sempre a culpa é do cancer

(Condensado da «Hygeia»)

Pelo dr. Russell S. Ferguson
Diretor da Seção de Pesquisas, da Comissão de Cancer do Estado de Nova York

O CANCER é o Inimigo Público N.º 2, nos Estados Unidos, cabendo o primeiro lugar, nos obituários, às moléstias do coração. Atingiu a 150.000, em 1938, o número das pessoas por ele vitimadas.

Entretanto, 35.000 dessas vítimas poderiam ter sido salvas. O cancer não foi com efeito a causa única; ajudaram-no a ignorância, o medo e o desleixo. A palavra «cancer» é escrita em muitos atestados de óbito, quando, na verdade, o termo justo seria «suicídio». Este é perfeitamente evitavel; tambem o é o cancer. Cincoenta por cento dos casos de cancer, quando diagnosticados e tratados a tempo, têm grande probabilidade de cura. O povo, porem, ignora isso, ou não quer saber a verdade.

Como ato de justiça elementar, vamos por o cancer no banco dos réus. Vejamos se é ele, de feito, o culpado de todas as mortes de que o acusam.

Primeiro caso

Antecedentes: Em 1928, a senhora B. notou um pequeno caroço no seio. O seu médico aconselhou-a a recolher-se imediatamente a um hospital da vizinhança, onde muitos casos tinham já sido tratados. Mas, antes que ela entrasse para o hospital, uma «boa amiga» lhe sugeriu consultar certo médico, que poderia curá-la sem operação. O dito «facultativo» tratou-a com injeções, «garantindo-lhe a cura», e durante quatro anos a paciente não consultou mais ninguem. Quando a moléstia finalmente se estendeu, a Senhora B. chamou de novo o seu médico, que a assistiu até a morte, ocorrida meses depois.

Fala o médico da família: «Quando a Senhora B. primeiro me consultou, o caroço no seio não excedia o tamanho de uma pequena uva. Não tenho dúvida de que uma operação, no primeiro ano da moléstia, tê-le-ia curado.»

A «boa amiga» depõe: «Quando soube que B. tinha um cancer, lembrei-me dos maravilhosos anúncios que havia lido sobre o dr. Fulano. Era uma pena que minha amiga fosse submeter-se a uma operação sem necessidade e daí levá-la a consultar esse médico. Ele nos garantiu a cura com injeções, e nesse mesmo dia a minha amiga se submeteu ao primeiro tratamento. Durante quatro anos pensei que ela estivesse passando bem, quando, de repente, caiu de cama, e, não podendo mais ir ao consultório do dr. F., chamou novamente o seu médico de família.»

Decisão do juri: Não há provas de que o cancer tenha morto a Senhora B. Ela foi vitimada pelas «boas intenções» e pela credulidade ignorante, no que diz respeito aos charlatães. Absolvamos o cancer, e condenemos a superstição e o charlatanismo.

Segundo caso

Antecedentes: O sr. K. decidiu-se a extrair um «sinal» que tinha na coxa, cortando-o com um laço de linha. O sinal foi retirado, porem os tecidos traumatizados ficaram predispostos ao crescimento de células cancerosas ma-

lignas, que se espalharam por todo o corpo do paciente. Durante sete meses ele não deu importância a esses sintomas. Quando por fim se recolheu a um hospital, já o cancer era inoperavel, e a morte verificou-se após dois meses de incriveis padecimentos.

Decisão do juri: Este é um caso típico de suicídio. A maioria dos «sinais» são inofensivos, e nunca se transformam em cânceres, mas é claro que há perigo nessas extirpações de «sinais». Não há desculpa em se ignorar esta noção corriqueira.

Terceiro caso

Antecedentes: A senhorita M. começou a notar sangue na urina a intervalos irregulares. Não falou disso a ninguem, apesar de que, com a continuação da hemorragia, começasse a recear que tivesse cancer. Durante três anos, a própria família não teve idéia do seu estado, até que um dia desmaiou, e foi levada para o hospital. Examinada, encontraram um cancer inoperavel da bexiga, do qual a paciente veio a falecer semanas mais tarde.

O médico da família: «Outros membros da família da senhorita vinham consultar-me regularmente; porem, segundo me disseram, ela era tão acanhada que só em pensar num exame se enchia de pavor. Quando a vi pela primeira vez, logo após a síncope, ela me disse que havia notado os sintomas da moléstia nos últimos três anos. Poderia ter sido curada se o mal tivesse sido diagnosticado durante os primeiros seis meses.»

Decisão do juri: O cancer não foi o culpado da morte. Por causa de ignorância e descuido, a paciente veio a falecer de um mal que poderia ter sido curado.

Quarto caso

Antecedentes: O sr. D. começou a sofrer de perturbações digestivas crônicas e icterícia há cerca de 15 anos. Quatro anos depois do início da moléstia, o seu médico fez-lhe o diagnóstico de inflamação da vesícula biliar com cálculos, o que impunha uma operação. Fechando ouvidos a esse conselho, não teve melhora nos dez anos seguintes, e subitamente começou a perder peso, e a tornar-se ictérico. Uma operação revelou a presença de cancer da vesícula biliar, quando já era tarde demais para ser removido. O doente morreu daí a seis meses.

O médico da família: «Há onze anos passados, diagnostiquei no sr. D. uma típica inflamação da vesícula biliar. Cabia no caso a intervenção cirúrgica, até porque, de outro modo, aquilo poderia dar em cancer. Nunca vi um cancer da vesícula que não tivesse como antecedente um longo passado de inflamação ou de presença de pedras.»

O amigo da família: «O sr. D. disse-me que temia uma operação, e sentia que seu estado não era de gravidade, como o doutor lhe dissera. Com regime alimentar adequado, passava bem, e, à medida que os anos corriam, mais se firmava na convicção de que o médico havia sido demasiadamente pessimista. Continuou a pensar assim, até que os sofrimentos se agravaram, e sobreveio a morte».

Decisão do juri: Não há provas aquí para condenar o cancer. A morte do sr. D. teria sido evitada, se ele tivesse seguido os conselhos do seu médico.

Quinto caso

Antecedentes: O sr. J. notou a presença de uma pequenina bolha no nariz, a qual se conservou durante anos sem aumentar de tamanho. Depois, ulcerou-se, e principiou a crescer lentamente. O seu médico aconselhou-lhe aplicações imediatas de rádio. O sr. J. pensou que o tratamento pelo rádio fosse perigoso, e nada fez. Dentro de dois anos, a ulceração espalhou-se por todo o lado da face, e acabou por matá-lo.

O médico da família: «Quando eu examinei o sr. J., a úlcera que ele apresentava no nariz era insignificante. Essas úlceras são removidas com facilidade, mas, se adiarmos a operação, transformam-se quase certamente em cancer. Por isso, sempre aconselho o tratamento em tempo, assegurando ao doente que o rádio, usado com as regras devidas, não traz nenhum prejuizo, e evita o cancer. O sr. J. recusou tratar-se. Dois anos mais tarde, quando fui chamado, nada mais era possivel fazer-se.»

Decisão do juri: Ainda uma vez, o cancer não é responsavel por esta morte. Em virtude de desídia ou incompreensão, o paciente faleceu vítima de uma moléstia que poderia ter sido atalhada.

Sexto caso

Antecedentes: A senhora B. sofrera certa lesão, durante um parto, havia 30 anos, e se descuidara do respectivo tratamento. Nos últimos dois anos, vinha sofrendo de uma intermitente perda de sangue, tendo entretanto escondido esse fato até quase à hora da morte. A história clínica diz que a sra. B. morreu de cancer do útero.

O médico da família: «A sra. B. consultou-me, cinco anos após o nascimento da criança, e eu lhe falei dessa lesão. Aconselhei-lhe a se submeter a uma pequena operação muito simples, sabido, como é que certas lesões de parto podem resultar em cancer. Ela, porem, não quis ouvir meu conselho, e à minha insistência opôs formal recusa. Quando voltei a vê-la, já se achava nas últimas.»

Decisão do Juri: Aquí ainda não há provas de que o cancer fosse o culpado. Descuido e medo foram e são a verdadeira causa de óbitos como este.

Até agora a luta contra o cancer nos Estados Unidos, tem sido conduzida de maneira geral pelos médicos, pelas «fundações» interessadas em pesquisas e pela Sociedade Americana de Combate ao Cancer. A não ser que o leigo—quero dizer você, leitor—esteja disposto a auxiliar-nos, pouco mais poderemos fazer. É de seu interesse informar-se sobre o assunto.

Os cânceres provenientes de longas e contínuas irritações, podem ser evitados. Aquí vão algumas sugestões:

As indigestões crônicas são muitas vezes devidas a úlceras gástricas ou moléstia da vesícula biliar. O diagnóstico requer um completo exame de raios X, devendo o tratamento seguir-se sem demora. Muitos cânceres da vesícula biliar e do estômago provêm daquelas moléstias.

Caroços anormais no seio, ou em qualquer outra parte do corpo, podem não ser cânceres, porem exigem exame médico imediato, com uma biópsia, isto é, o exame de um pequeno fragmento do tecido doente ao microscópio. O uso rotineiro da biópsia, para determinar a natureza de tumores suspeitos, tem dado uma média de sete por cento das curas.

As hemorragias anormais das cavidades do organismo são em geral sinal perigoso, posto que nem sempre signifiquem cancer. Deve-se entretanto em

tais casos, ir sem demora ao médico.

O cancer da língua e das bochechas muitas vezes provem de irritações crônicas causadas por dentes estragados ou mal implantados. Isso pode ser evitado por meio de cuidadosa higiene dos dentes e da boca. Qualquer ferida persistente na boca ou a presença de manchas brancas na língua, devem ser devidamente examinadas.

A observância destas sugestões evitará muitos cânceres, e permitirá a descoberta antecipada de outros, quando ainda no período em que são curaveis. Apresentemos ou não qualquer destes sintomas, é sempre conveniente que nos submetamos a exames médicos periódicos. Os médicos podem evitar, ou surpreender a tempo o cancer, conjurando o perigo.

Em última análise, a redução do terrivel índice de mortalidade pelo cancer depende inteiramente do público. As pessoas que se mostram medrosas, que persistem na ignorância, ou acreditam nos charlatães, embaraçam gravemente os esforços dos clínicos e especialistas. Mas o número crescente daquelas que, muito ao contrário, procuram esclarecer-se sobre o assunto, dispostas a enfrentá-lo com coragem, autoriza a confiança atual na vitória.

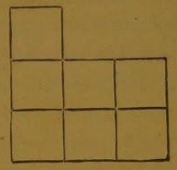
Jogos de salão

1. Coloque três copos em linha, o do meio com a boca para baixo. Levante dois de cada vez, um em cada mão, e coloque-os em posição inversa. Faça três desses movimentos, mas não mova os mesmos copos consecutivamente, de modo que os três copos fiquem de boca para baixo.

2. Segure um copo de vinho pelo pé, usando somente três dedos—o médio, o anular e o mínimo—segurando ao mesmo tempo, entre o indicador e o polegar, dois torrões de açucar (ou duas pedras de dominó). Ponha os torrões de açucar dentro do copo, um depois do outro, sem usar a outra mão. (É facil atirar o primeiro torrão de açucar e apará-lo dentro do copo; mas, ao atirar-se o segundo torrão, é muito provavel que o primeiro torrão tambem salte do copo.)

3. Coloque um cartão de visita sobre a borda de um copo de vinho, e, sobre o cartão, coloque um niquel. Faça, com um sopro, o niquel cair dentro do copo.

4. Segure um guardanapo pelas pontas e, sem largá-las, faça um nó.



5. Forme, com 20 palitos, uma figura composta de sete quadrados, como se vê acima. Remova três palitos e coloque-os em novas posições, de modo que se forme outra figura, de cinco quadrados somente, cada qual tocando o outro em um ponto. Os quadrados de ambas figuras devem ser do mesmo tamanho.

(Soluções na página 111)

Projeto de um mundo sem guerra

Por Ely Culbertson

Ganhamos a última guerra no campo de batalha, mas perdemo-la nas conferências da paz. Cometeremos mais uma vez esse crime? A resposta não é duvidosa, se continuamos como agora estamos, completamente desprevenidos para colher os frutos da vitória.

«Tratemos de ganhar a guerra, e depois discutiremos,» é o conselho que se ouve por todos os lados. Erro perigoso! A paz e a guerra não podem ser delimitadas com essa nitidez. Um projeto de paz, preparado com inteligência e probidade, pode-se tornar, agora, arma de guerra tão formidavel, como todo um céu coberto de aviões. Se as Nações Unidas souberem que estão, de fato, lutando por um mundo em que o direito, não a força, ditará a lei, a sua união será dez vezes mais sólida. Se, por outro lado, convencermos os inimigos de que a paz, por mais severa que seja, não significará o seu extermínio, lançaremos entre eles as sementes de discórdias internas e, portanto, faremos soar mais cedo a hora da sua derrota.

Não basta que a Alemanha e seus aliados sejam derrotados. Os povos livres querem saber, e saber já, os objetivos por que estão lutando, e que transcendem a vitória contra o Eixo. Precisamos oferecer a todos os povos do mundo, sejam aliados, sejam inimigos, ou sejam neutros, um ideal positivo. A base desse ideal deve ser a determinação ardente de impedir que os horrores do presente algum dia se repitam.

Não têm faltado, como é natural, idéias sobre os objetivos da paz. A maior parte delas são sonhos, nebulosas, nobres afirmações, vagos propósitos bem intencionados. Os governos, por seu lado, tambem têm planos, mas estes, por enquanto, consistem em planos... para fazer planos.

Na Carta do Atlântico, o Presidente Roosevelt e Winston Churchill declararam que «todas as nações do mundo devem renunciar ao emprego da força». Mas deixaram de precisar como isso se tornará efetivo. Tudo o que propõem é que as nações agressoras sejam desarmadas «durante a organização de um sistema permanente e mais amplo de segurança geral».

Porque aquele prudente «durante»? Porque, tanto a Carta do Atlântico como outras declarações oficiais feitas depois, evitaram definir aquele «sistema de segurança geral», e confiaram-no a um futuro confuso e distante? A resposta é mais que evidente: *os nossos homens de Estado ainda não têm em mente nenhum plano concreto e de envergadura para o mundo de amanhã.*

E porque não têm eles nenhum plano específico para aquilo que é fundamental,—aquilo que acima de tudo devemos realizar? Porque não podem resolver os dois grandes problemas que levaram ao malogro os arquitetos da paz do passado:

Primeiro problema: Como criar um governo internacional bastante forte para manter o mundo em paz, e que ao

mesmo tempo não fira as liberdades essenciais de nações ciosas de sua soberania?

Segundo problema: Como desarmar individualmente as nações, de maneira a criar poderosa força de polícia mundial e, ao mesmo tempo, impedir que essa força se transforme num instrumento de tirania?

Enquanto estes trágicos problemas não forem resolvidos—e estou convencido de que o podem ser—nunca haverá direito nem segurança. Quando os tivermos resolvido, poderemos lançar os fundamentos de uma paz duradoura. É preciso, porem, que comecemos a edificar *desde já* essa paz,—enquanto nós, americanos, estamos fortes, enquanto os outros são obrigados a nos ouvir, e antes que nós próprios nos esqueçamos mais uma vez que a terra é demasiado pequena para permitir a qualquer nação fazer vida a parte, simplesmente porque assim o decida.

À mesa das conferências da paz, as nações comparecem sempre fatigadas.

ELY CULBERTSON, autor do «projeto de organização do mundo», apresentado nestas páginas, é homem de notaveis aptidões e de grande experiência internacional. Seu pai, engenheiro de minas, abriu os campos de petróleo de Grozny, no Cáucaso; a mãe era filha de um general cossaco. Culbertson passou os seus primeiros anos na Rússia, e não tinha vinte anos quando experimentou o *knut* dos soldados do czar, e foi encerrado numa cela, de onde os seus companheiros revolucionários, aos grupos, eram diariamente arrancados para a execução. Na prisão, aprendeu a religião da humanidade; e aprendeu tambem a jogar cartas com perícia consumada.

Embora conhecido em todo o mundo como inventor e vulgarizador de um sistema de bridge, Ely Culbertson só pensa nas cartas como simples passatempo predileto. Na realidade, as cartas são um subproduto da sua vocação real, que é o domínio da psicologia das massas. Há mais de vinte anos, ele vem estudando como os homens procedem, como células de uma multidão ou de uma nação, e vem tentando descobrir os meios de fazer os homens se conduzirem com mais nobreza e inteligência.

A paixão da cultura, o desejo de compreender a humanidade e contribuir de algum modo para o seu aperfeiçoamento, obcecaram-no durante toda a vida,—vida rica de extraordinários contrastes. Estudou em seis grandes universidades e tomou parte nos conluios de três revoluções. Fez estudos profundos de filosofia, história e economia, passou miséria, trabalhou na colheita de frutas e na semeadura de cereais, pediu esmola, viajou clandestinamente, jogou com perfeição científica para viver.

Fizesse o que fizesse, esforçava-se sempre por executar o seu trabalho melhor do que antes, e não raro teve êxito. Partindo de um baralho de cartas, promoveu um movimento que se estendeu a todo o mundo. Voltando-se para as letras, escreveu uma autobiografia, *The Strange lives of one man*, que o crítico literário Burton Rascoe classificou como «uma das maiores autobiografias de todos os tempos, a história de um homem que não somente quer ficar em paz com Deus, mas tambem com os outros homens e consigo mesmo».

Ely Culbertson considera o plano aqui esboçado e condensado como a concretização do trabalho de toda a sua vida—a tentativa de realizar a paz entre os homens.

Ansiosas de retomar o curso das suas pequenas vidas isoladas, os seus movimentos em favor do bem geral da humanidade são inibidos pelo irreprimivel desejo que cada um tem de voltar a respirar a atmosfera espiritual do seu próprio país. Para a nossa atmosfera familiar, para o nosso refúgio, voltamos nós, os americanos, em 1919, e ninguem pode dizer quanto ainda nos há-de custar, em sangue e em lágrimas, o nosso retraimento.

Digo que aqueles problemas podem ser resolvidos, porque eu os resolví.

Desde que, em 1939, se tornou claro que a guerra era inevitavel, consagrei a maior parte do meu tempo ao estudo de um plano concreto e detalhado, baseado não somente nas realidades políticas e econômicas, como tambem nas psicológicas e militares. Não é um plano utópico, que só teria êxito se os homens fossem melhores do que realmente são. Numerosas pessoas, de inteligência sã e larga experiência dos negócios internacionais, concordaram com os seus pontos essenciais.

Acredito que o presente projeto de paz futura—projeto feito de realidades, não de sonhos—porá a guerra em uma camisa de força. Penso ter o direito de reivindicar para ele aquele gênero de idealismo positivo, de que iremos necessitar para varrer completamente os destroços da guerra e impedir que ela se desencadeie de novo.

Com a mais profunda humildade e sinceridade, ofereço este projeto à discussão dos meus contemporâneos.

Onze Federações Regionais

ANTES DA guerra, as 70 nações independentes do mundo viviam cada uma em sua casa, protegidas da tempestade apenas pelo fragil telhado da própria soberania. Pretensos arquitetos da paz projetaram uma casa que acreditavam ser mais sólida, uma Casa das Nações, onde todas estas foram colocadas sob o teto único de um parlamento mundial.

Tal foi a Liga das Nações. Ainda que ela tenha ruido por falta de estrutura firme, o desastre não foi definitivo. O espírito da Liga renascerá na sua essência, e triunfará, em uma Federação Mundial que encarne o seu princípio básico,—a supremacia de um Direito das Nações sobre a anarquia das nações individuais. Nisto está o verdadeiro sentido da luta titânica entre os eternos Wilsons e os Hitlers de sempre.

A Federação Mundial, que eu proponho, será fundada sobre bases novas e viaveis. Interposto entre as nações dispersas e o governo da Federação Mundial, institue-se no meu plano um organismo intermediário, por meio do qual se reduz o excessivo número de soberanias independentes, que ficariam agrupadas em 11 Federações Regionais. Cada uma das regiões é uma unidade econômica, não raro ligada por herança comum, de história, cultura, direito, psicologia e língua. Em cada uma das regiões naturais, as nações, na sua maioria, já *pensam* com tamanha identidade de idéias, que não será dificil levá-las a *agirem* juntas, no interesse comum.

As nações soberanas de cada uma das regiões se reunirão livremente sob um governo regional, constituido nos moldes do da Federação Mundial. As nações são livres de participar ou não; e, quando queiram participar, podem escolher a Federação a que desejem pertencer.

Proponho que o mundo se organize nas 11 Federações Regionais seguintes:

Americana: Estados Unidos e as 20 Repúblicas Latino-americanas. Os terri-

tórios do hemisfério ocidental, atualmente sob a jurisdição de nações não-americanas, seriam adquiridos e colocados sob o governo da Federação Americana.

Britânica: Reino Unido e Domínios Britânicos.

Latino-Européia: França, Itália, Espanha, Portugal, e Bélgica.

Norte-Européia: Alemanha, Áustria, Holanda, Escandinávia, Finlândia.

Centro-Européia: Polônia, Lituânia, Tchecoslováquia, Hungria e paises balcânicos.

Próximo Oriente: Turquia, Pérsia, Afaganistão, Síria, Arábia, um estado judeu soberano na Palestina, e Egito.

Russa: A União das Repúblicas Soviéticas—um continente em si mesma.

Chinesa: A China reintegrada, incluindo as antigas concessões estrangeiras, e mais a Coréia independente.

Japonesa: Japão, despojado de todas as suas conquistas.

Indú: Índia, na categoria plena de Domínio, sob o mandato provisório da Grã Bretanha, e devendo atingir eventualmente a integral soberania.

Malaia: Filipinas, Índias Orientais Holandesas (sob a soberania da Holanda), Indo-China (sob a soberania francesa), Tailândia e as ilhas do Pacífico ocidental.(*)

Os Estados Unidos assumiriam por enquanto o mandato sobre toda a Malásia, segundo normas rigorosamente anti-imperialistas, e teriam o direito exclusivo de construir bases fortificadas nos respectivos territórios. Isto não significa porem que iriam exercer domínio completo sobre as respectivas populações.

(*) Nesse artigo não foram apontados todos os detalhes do plano Culbertson. De referência a certos paises de especial posição geográfica ou situação econômica, o plano prevê organização particular. Haja vista a Suiça, Dantzig, a Mongólia, a Macedônia, a Armênia, e outros.

O Governo da Federação Mundial

Como a nossa Constituição, a da Federação Mundial prevê três poderes—o executivo, o legislativo e o judiciário. O seu presidente é tirado sucessivamente de cada uma das Federações Regionais, começando pela Federação Americana, e o seu mandato é de seis anos. Cada uma das Federações Regionais escolhe a personalidade que a representará no governo supremo. Uma Corte Suprema Mundial interpreta a Constituição da Federação, e uma Corte Arbitral decide as disputas, econômicas ou territoriais, entre as nações.

Quanto ao legislativo será constituido de duas casas eleitas por períodos de seis anos, não renovaveis: a Câmara Mundial dos Curadores, com 11 membros, e o Senado Mundial, de carater profissional, composto de 55 membros.

Não se cogita, porem, de um «supergoverno». Os poderes que lhe são outorgados e que podem, para ser cumpridos, exigir o emprego de meios militares, são limitados com precisão a um objetivo único: o de proibir e impedir as guerras. Nenhuma nação abandona qualquer dos seus direitos soberanos, a não ser este: o direito de fazer guerra. Todas as nações, aliás, renunciariam de bom grado a esse direito, passada a guerra atual, desde que tivessem razoavel certeza de que a sua segurança não seria jamais posta em risco no futuro.

A Federação Mundial daria solução ao primeiro problema, pois, mais que um governo rígido, é uma associação para garantir a paz, em favor da qual cada uma das nações renuncia a pequena parcela da sua soberania—o direito de fazer guerra—e recebe em troca um valor maior—o direito de ser defendida contra a agressão.

A Polícia Internacional e o princípio da força por quotas

Para prevenir a agressão, a Federação Mundial deve dispor de uma força irresistivel. Estariam, porem, as nações mais poderosas e mais soberbas prontas a desarmar, e a colocar os seus destinos nas mãos de um exército internacional, que algum dia viesse a se transformar em guarda pretoriana? Da maneira como for organizada essa Polícia Internacional, depende a paz do mundo por muitas gerações.

Creio que o fator que constituiu sempre o maior obstáculo a uma segurança coletiva armada—o nacionalismo—pode ser usado como alavanca para realizá-la. O nacionalismo, fonte de muitos males e de muitos benefícios, não pode ser abolido, mas dos seus venenos pode-se distilar um antídoto para a guerra. Creio que, bem acertado, o mecanismo da organização mundial tiraria partido do nacionalismo, fazendo-o trabalhar a favor da segurança geral, em vez de trabalhar contra ela. O segredo está em armar, compor e distribuir a Polícia Internacional segundo técnica nova, técnica que denominei «princípio de força por quotas».

Na era moderna da tecnologia, as nações pequenas, ou industrialmente atrasadas, não podem defender-se sozinhas contra tanques, couraçados, aviões e artilharia pesada. Não há nação forte sem a posse dessas armas pesadas, e sem os meios de fabricá-las. Na era da paz que nos cabe preparar, por conseguinte, todas aquelas armas devem constituir um monopólio da Polícia Internacional.

Essa força consistirá em contingentes nacionais, conservados como reserva no seu país de origem, e de um Corpo Movel, isto é, as tropas de choque que serão as primeiras a se mover contra um agressor. Ambos os corpos serão formados por voluntários da melhor educação, e altamente remunerados.

Haverá onze contingentes nacionais, rateados por quotas entre os principais estados das 11 federações regionais. A

Governo da Federação Regional Americana

Na federação Regional Americana, a sede do Governo e o exercício da Presidência caberão, por turnos, aos Estados Unidos e a cada uma das seis repúblicas latino-americanas mais importantes. Quando for a vez dos Estados Unidos designarem o Presidente, ao mesmo tempo todas as repúblicas latino-americanas designarão, conjuntamente, seis dos onze Curadores da Federação. A metade do Senado da Federação se comporá de ianques, e a outra metade de latino-americanos. No Tribunal Regional de Justiça estarão proporcionalmente representadas, em forma análoga, todas as repúblicas americanas.

O que está contemplado na Federação Regional Americana é o fato de que nas 21 nações estão representadas duas culturas diferentes: os Estados Unidos (130 milhões de anglo-saxões) e as outras repúblicas americanas (120 milhões de latinos). Não obstante, é de interesse harmonizar, e integrar em uma só federação, os dois grandes grupos destas nações representadas. Segundo o plano esboçado acima, tal organização não força em risco a soberania de nenhuma nação americana; *todas as repúblicas da América estariam em pé de absoluta igualdade com os Estados Unidos*; um equilíbrio perfeito existiria entre a América de língua inglesa e a de línguas latinas; e, afim de manter a política de Boa Vizinhança e os Ideais de Fraternidade Americana, seria criado em sistema eficaz e prático.

posse e fabricação das armas pesadas serão determinadas exatamente segundo a mesma proporção de quotas.

Nenhuma outra força será permitida a qualquer desses paises, a não ser a polícia local, provida de armas que não excedam em poder às metralhadoras. Cada contingente nacional, conquanto mantido e pago pelo governo da Federação Mundial, estará sujeito às ordens desta apenas na emergência de guerra.

Em tempo de paz, a força permanece como uma guarnição, estacionada no seu país, treinada pelos seus oficiais, segundo a respectiva tradição e prática militar. Os seus soldados, marinheiros e aviadores jurarão defender contra a agressão, automaticamente, não somente o seu próprio país como tambem a Federação Mundial.

O Corpo Movel, ao contrário dos Contingentes Nacionais, será o exército do governo supremo, ficando permanentemente às suas ordens e sob o seu controle direto. Será recrutado exclusivamente entre as pequenas nações, e constituido em várias unidades, terrestres, marítimas e aéreas, da mesma nacionalidade, equipadas todas com o armamento mais poderoso. Essas unidades serão concentradas em pontos estratégicos, de preferência em ilhas, que dominem zonas de possiveis perturbações.

As quotas da Polícia Mundial serão distribuidas da seguinte forma:

Contingente nacional dos Estados Unidos	20%
Britânico	15%
Russo	15%
Francês, Alemão, Polonês, Turco, Chinês e Indú (provisoriamente sob o comando britânico), cada um	4%
Malaio (provisoriamente sob o comando americano)	2%
Japonês	2%
Corpo Movel, segundo uma quota coletiva recrutada nas pequenas nações	22%

Salvo uma polícia ligeiramente armada, nenhuma outra tropa será tolerada em qualquer nação.

Muitos acreditam que, por longo tempo, o policiamento do mundo, depois da guerra, teria de tocar em grande parte às Nações Unidas. A força por quotas é o mecanismo que traduzirá essa idéia na prática. As principais dentre as Nações Unidas terão 54 por cento da força dos contingentes nacionais. Levando-se em conta o Corpo Movel, vê-se que três quartos da potência militar do mundo estarão em mãos das nações que mais aspiram a viver na paz.

Pela primeira vez na história, as nações menores, que não poderiam individualmente levantar uma fração sequer de tão poderosa força, tornar-se-ão, coletivamente, a maior potência militar do mundo, e aliadas perpétuas das grandes potências anti-militaristas. A revolução industrial, que virtualmente desarmou as nações mais fracas, poderá agora rearmá-las, pondo-se ao serviço de uma paz duradoura.

É psicologicamente exato que o Corpo Movel, recrutado entre aquelas nações cuja existência depende completamente da Federação Mundial, estará sempre ao lado desta, e correrá, ao primeiro sinal, em auxílio de qualquer estado que esteja sofrendo uma agressão.

É, igualmente certo que, sendo os contingentes nacionais aquartelados nos paises a que respectivamente pertençam e comandados por oficiais da mesma nacionalidade, jamais se voltarão eles contra as suas pátrias, para tornar efetivas quaisquer resoluções ilegais do governo da Federação Mundial. Sendo, porem, como são, membros da Polícia Internacional, poderiam receber ordem de marchar contra qualquer agressor, sem necessidade do consentimento dos respectivos governos nacionais. Deste modo, o princípio da força por quotas atua como aliança defensiva perpétua.

Tal Polícia Internacional seria a melhor garantia, por exemplo, para as nações latino-americanas. Nenhuma delas pode estar certa de que, se a guerra conduzisse o mundo à reincidência na anarquia internacional, a política do bom vizinho não viesse a ser substituida pela do vizinho de pulso forte. Elas estão praticamente desarmadas diante do que costumam chamar o «colosso ianque». Protegidas, segundo o meu plano, teriam, em caso de agressão, o apoio imediato do Corpo Movel, um terço do qual seria constituido de soldados nascidos em paises latino-americanos.

O segundo grande dilema, por conseguinte, é tambem resolvido por este projeto. Separadamente, como indivíduos egoistas e isolados, as nações estão efetivamente desarmadas; coletivamente, entretanto, elas ficam bastante fortes, não somente para evitar as guerras de agressão mas tambem para resistir às veleidades de tirania da força militar de um super-estado.

É preciso encetar o plano durante a guerra

O PROJETO oferece, sem dúvida, uma estrutura de organização mundial promissora e prática para depois da guerra, dirá o leitor; mas como lançar as suas fundações agora, que estamos empenhados numa luta de vida ou de morte? Como poderíamos discutir e acertar planos com outras nações, quando tantas delas, ou são nossas inimigas ou estão debaixo do tacão dos nossos inimigos?

Não é tão dificil assim, responderei, se tivermos visão e vontade. Não ignoro que muitos dos detalhes e algumas das bases do meu projeto terão de ser alterados, pelas circunstâncias e pelos inevitaveis compromissos de reciprocidade. Mas, deve-se dar começo à tarefa antes que seja demasiado tarde, e eis o que proponho se faça.

Proclamem as quatro principais nações aliadas—Estados Unidos, Grã Bretanha, Rússia e China—ou mesmo duas quaisquer dentre elas, a Constituição da Federação Mundial, tornando-se por esse ato membros fundadores da Federação e seu governo provisório. No próprio momento em que a tinta desse documento capital tenha secado, aquelas, dentre as Nações Unidas, que não desejem filiar-se à nova instituição, se tornarão automaticamente aliadas da Federação, e as potências do Eixo estarão em guerra, não somente com as Nações Unidas mas tambem com a Federação Mundial.

Convidem-se, depois, para fazer parte da Federação, as outras nações aliadas e todas as nações neutras.

Façamos, principalmente, ouvir as nossas vozes por cima dos campos de batalha, e digamos aos nossos inimigos, tanto mais dispostos a nos escutar quanto nos terão visto dar o primeiro passo desinteressado e corajoso:

«Aqui tendes as condições finais da paz. Aceitai-as, e a vossa luta sem esperanças dará lugar a uma verdadeira ordem mundial, na qual vos estará reservado um quinhão honroso—igual ao das outras nações.

«Cessai as hostilidades, dai a vossa adesão à Federação Mundial, e subscrevei a sua Constituição.

«Desocupai as terras que conquistastes, fazei voltar aos seus lares os povos que deles foram arrancados pela força, restituí tudo o mais de que os despojastes.

«Eliminai as ditaduras—nazista, facista e japonesa.

«Desmobilizai todas as vossas forças armadas, entregai os vossos aviões, tanques e canhões—todas as vossas armas pesadas—não aos vossos inimigos, que as poderiam usar na escravização vossa, mas a uma Federação Mundial, de que vós mesmos participareis. A Federação não é mera promessa, como podeis verificar por vós mesmos: já existe, e está em ação.»

Essas condições de paz poderiam poupar a vida a centenas de milhares de soldados aliados.

Este plano tem larga probabilidade de ser aceito, nas suas linhas principais, pelo mundo todo. Não será ainda a Fraternidade dos homens. Não será a garantia de uma paz eterna. É, porem, um plano realista, que porá a guerra numa camisa de força mais apertada que a de qualquer outro ideado até o presente instante.

Os Estados Unidos estão neste momento no apogeu da força e da influência. A despeito disso, ainda quando os inimigos estejam derrotados, perigos muito grandes podem erguer-se diante de nós, americanos. O nosso poderio poderá decrescer em relação a nações mais populosas, virgens até aquí dos benefícios da era industrial. Em uma ou duas gerações, imensos segmentos da raça humana—a China, a Índia, o mundo muçulmano—poderão estar industrializados. Ora, quem saberá dizer como, e em que direção, esses paises moverão as suas máquinas, quando o completo conhecimento e a posse destas forem o único anteparo, entre eles e a dominação do mundo?

Esta guerra oferece a última oportunidade de nos salvarmos, com a criação de uma ordem mundial que tenha sentido. Devemos lançar-nos a essa obra desde já, com todas as energias do espírito e do coração, e com a força inabalavel da nossa vontade. Pela primeira vez na história, os Estados Unidos poderão realizar o que tantos povos tentaram em vão no passado—a imposição de uma paz duradoura ao resto do mundo.

Nota da redação—Este e outros planos que se oferecerão no futuro aos leitores de Seleções, representam apenas os pontos de vista pessoais de seus autores sobre o problema capital com que hoje a humanidade defronta: o da «organização de um mundo melhor».

O autor está pronto a dar informações completas sobre o seu plano a quem quer que o solicite. Sua direção é: 16-A, 62 Street, Nova York, E.U.A.

¶Para ser um bom conversador, basta seguir uma só regra: aprender a escutar.

—Christopher Morley

SEÇÃO DE LIVROS

Em busca do CARATER INTEGRAL

CONDENSAÇÃO DO LIVRO «ON BEING A REAL PERSON»

POR

HARRY EMERSON FOSDICK

Harry Emerson Fosdick tornou-se internacionalmente conhecido como pregador, professor e escritor. Autor de livros traduzidos em numerosas línguas, como *The Meaning of Faith*, *As I See Religion*, *Living Under Tension* e outros, recebeu de uma dúzia de universidades nacionais e estrangeiras o grau de doutor *honoris causa*.

Tem crescido, nestes últimos 20 anos, o número das pessoas que a ele se dirigem, em busca de conselho e conforto moral. Para poder lidar com a imensa diversidade de problemas pessoais que reclamam a sua atenção, Fosdick estudou as técnicas psicológicas e psiquiátricas, e em certos casos socorre-se do parecer de especialistas. Habilitou-se dessa forma a prestar assistência à solução de casos, assim mentais como espirituais. «Nada me dá mais satisfação, no exercício de meu ministério, (escreve ele na introdução do presente livro) do que recordar alguns dos resultados que tenho alcançado.»

●

Copyright 1943, Harper & Brothers, 49 East 33rd Street, Nova York. Preço $2.50

EM BUSCA DO CARATER INTEGRAL

Depende só de você

O PROBLEMA e função central de todo ser humano é tornar-se uma verdadeira pessoa. A natureza dotou-nos dos meios e recursos necessários para a elaboração da personalidade, e a responsabilidade primordial de cada indivíduo é caldeá-los e organizá-los em autêntica vida pessoal.

Podemos dizer, sem receio de exagerar, que a maior tragédia do nosso tempo é a dos inúmeros infelizes que não conseguem adaptar-se à existência. Dos palácios às cabanas, entre os ignorantes como no seio das universidades, por toda a parte e em todas as condições, vemos indivíduos que, incapazes de edificar sua própria personalidade, como lhes cumpre, se debatem em angustiosa confusão—que é um verdadeiro inferno em vida.

Três elementos fundamentais entram na elaboração da personalidade: a hereditariedade, o ambiente, e a reação pessoal. Pela hereditariedade nenhum de nós é responsavel; modificar o ambiente é tarefa, na maioria dos casos, superior às nossas forças; mas já quanto à aptidão para encarar a vida com uma reação pessoal,—aí é que os indivíduos começam a ser responsaveis. Porem, quando a aceitação desta responsabilidade implica uma auto-condenação, a primeira coisa que todos procuramos é uma escapatória ou uma justificação.

No seu mais baixo nivel, este horror das responsabilidades exprime-se pela tendência a atribuir tudo à «sorte». Quem tem «sorte», diz-se a cada passo, tudo lhe corre às mil maravilhas; o fracasso pessoal não se deve tanto aos erros próprios, quanto à falta de «sorte». É evidente que o fator «sorte» —boa ou má—é um coeficiente real da existência humana, e, quem se recusa a aceitar o infortúnio como um dos elementos componentes da vida, está teimando em viver no mundo da lua. Mas nada tão belo se viu já, à face da terra, como o espetáculo dos desafortunados que sabem comportar-se como verdadeiras «pessoas». O fator determinante da sua experiência não é tanto o que lhes sucede de mau; é sobretudo a maneira como reagem ao infortúnio.

Veja-se o caso de Glenn Cunningham, que bateu todos os recordes de que há memória na corrida da milha: em criança, um incêndio na escola que frequentava fizera dele um inválido. Diziam os médicos que só um milagre lhe permitiria voltar a andar—uma verdadeira infelicidade! Glenn recomeçou a andar apoiando-se ao braço de um arado com que lavrava nos campos; depois, infatigavelmente, lançou-se em consecutivas experiências para ver o que lhe era possivel fazer com as pernas, —e acabou por bater todos os recordes do percurso da milha!

O *Pilgrim's Progress* (de John Bunyan) saiu de uma prisão, como o *Dom*

Quixote, a *História do Mundo* de Sir Walter Raleigh. Camões escreveu boa parte dos *Lusíadas* no exílio e na prisão.

A «pouca sorte» é uma péssima escapatória, quando mais não seja, porque na verdade a «boa sorte» nunca só por si produziu uma autêntica personalidade. A vida não é coisa tão simples, que baste a boa sorte para nela se vencer...

Muitas pessoas procuram evadir a noção das responsabilidades pessoais, abandonando-se a um estado de fatalismo sentimental. Fato curioso, é essa uma das condições mais confortaveis em que um indivíduo pode vegetar: se é ele em suma um autômato, quem se atreverá a lhe exigir responsabilidades?

Nas suas formas mais elevadas, o horror às responsabilidades se exprime pela atribuição de todas as qualidades e defeitos pessoais à hereditariedade e ao meio ambiente. Teoria hoje muito em voga. Desde o quociente intelectual, fator interno, às inibições impostas pelo ambiente, fator externo, essa escapatória é passa-culpas para deficiências de toda ordem, de tal sorte que nenhuma vida imperfeita necessita de ir muito longe para encontrar escusas.

Mas considere-se agora o indivíduo favorecido por uma hereditariedade superior e um ambiente propício: será que vai frutificar necessariamente em uma personalidade admiravel? Será que a sorte, a boa, lhe é imposta assim como dádiva graciosa? É positivo que não. O uso inconveniente ou desastroso de uma boa hereditariedade e de um ambiente favoravel é fenômeno demasiado comum para que o ponhamos em dúvida.

Resolver dificuldades; saber tirar partido das complicações; «fazer das tripas coração», são ocupações das mais imperiosas na vida do ser humano. Com frequência, a razão do insucesso está com o próprio interessado, dentro dele. E-lhe porem dificil reconhecer este fato. Por vezes, todos nós nos parecemos com aquele lavrador do Maine que penosamente guiava seus cavalos ao longo da estrada poeirenta. «Quanto mais tempo irá durar esta ladeira?», perguntou ele a um homem que estava parado à beira da estrada. «Ladeira! qual ladeira? Não tem ladeira nenhuma! Você perdeu as rodas traseiras da carroça!»

O mundo é um cenário de acidentes e asperezas, e os nossos semelhantes são muitas vezes cruéis, egoistas, injustos. Ainda assim, é-nos possivel distinguir entre um homem que acha desculpas para tudo, e outro que, estando realmente numa situação desesperada, olha para dentro de si, e considera as suas atitudes e recursos próprios, sem procurar evasivas, ou passar a «bola» ao vizinho. Em quaisquer circunstâncias, ele se considera a si mesmo como o seu maior problema, certo de que, se souber conduzir-se bem, isso fará todo um mundo de diferença. Qualquer pessoa pode reconhecer a inteireza de carater e saude espiritual do jovem jogador de futebol que, referindo-se a uma partida em que o seu time perdera, dizia em carta ao pai: «O adversário descobriu um grande buraco na nossa linha—e esse buraco era . . . eu!»

Quando somos bem sucedidos; quando, por milagres de esforço e decisão, alcançamos o almejado fim, fica-nos a grata certeza de que o triunfo é, em grande parte, obra nossa; mas quando fracassamos num intento, não é forçoso que repudiemos a responsabilidade.

Todo o segredo da vida digna de

viver está pois em nos olharmos face a face—seres privilegiados que somos, a quem o destino confiou a missão de construir ou compor a nossa própria personalidade. Apesar disso, são multidão as pessoas que se debatem com todos os fatores possiveis e concebiveis, implícitos numa dada condição humana, antes de se decidirem a encarar o problema essencial, isto é, a olhar para si mesmas.

Nossas muitas personalidades

Esta expressão tão comum—«construir uma personalidade»—pode induzir-nos em erro. A personalidade, contudo, não se parece tanto com um edifício como com um rio: flue continuamente, e ser *pessoa* é estar envolvido num contínuo processo de devir.

Os testes de vida pessoal bem sucedida, portanto, não são rigorosamente idênticos quando aplicados a duas pessoas em condições diferentes, ou à mesma pessoa em dois períodos distanciados da vida. O acordo é, todavia, unânime sobre um ponto: a pessoa autêntica atinge alto grau de unidade interior, espiritual. Os elementos de experiência pessoal, muitas vezes contraditórios, tais como impulsos, desejos, emoções, devem ser coordenados, concatenados entre si.

Cada um de nós tem que lidar continuamente com o problema subjacente de uma vida desorganizada. O sujeito irritavel que destempera porque não sabe onde pôs os óculos; a pessoa inquieta que se esforça por fazer alguma coisa com demasiada pressa e fica num estado de confusão; a criatura assustadiça que caiu em pânico; ou o indivíduo colérico a quem um acesso de mau-gênio precipita momentaneamente na perda do auto-domínio,—estes e outros exemplos que tais da vida corriqueira recordam-nos quanto é dificil a integração da personalidade.

Nenhuma virtude é tão geralmente aceita como prova de bom carater, quanto ser digno da confiança dos outros. Mas é óbvio que a confiança só é possivel na medida em que o conjunto da personalidade atingiu uma firme unidade, com a qual se pode contar em todas as circunstâncias.

Muitas vezes agimos «fora de nós próprios». A tessitura de nossa vida pode compreender honestidade, verdade, e qualidades semelhantes,—mas nem sempre estas se revelam. Até com uma virtude tão comum, quanto o é a cortesia, se verifica o fenômeno.

Como são frequentes as pessoas cuja cortesia não nos merece confiança! Todos nós as conhecemos—hoje polidas, amanhã impertinentes e incivís; amaveis e corretas nos negócios, azedas e repontonas na vida doméstica; afaveis com os seus «iguais», arrogantes e orgulhosas com quem as serve.

Num homem de carater, as respostas à vida são, por sua natureza, uniformes e bem organizadas; pode a gente contar com elas. Suas diversas emoções, desejos e idéias, não são meros disparates nem incoerências. Tornou-se ele pessoa *integral*, com uma tessitura unificada de pensamento e sentimento, que impõe coerência a tudo que faz.

Vida «bem integrada» não quer dizer vida plácida, sem conflitos, ou com os problemas todos resolvidos; ao invés, muitas das grandes almas que o mundo conheceu, viveram interiormente torturadas. Florence Nightingale levou muitos anos procurando-se desesperadamente, e chegou a escrever no seu diário: «Completados os meus 31 anos de idade, nada vejo de desejavel

senão a morte.» Dwight L. Moody disse: «D. L. Moody tem-me dado mais que fazer do que qualquer outro homem meu conhecido.»

E assim com todos os fortes caracteres. Escutando o que vai atrás dos bastidores, ouvem-se ecos de debate e conflito. Não obstante, longe de estarem interiormente em confusão, tais pessoas souberam organizar sua vida em torno de alguns valores supremos, e conseguiram realizar poderosa concentração de objetivos e força diretiva.

O processo pelo qual se atinge assim a autêntica personalidade, é todo interior e espiritual. Nenhuma alteração do ambiente poderia, só por si, amoldar uma personalidade, e unificá-la, a ponto de produzir essa satisfatória inteireza interior. Nem mesmo um ambiente tão feliz, como seja o de uma família carinhosa e leal, pode dispensar um homem de se olhar face a face. Eis porque disse Novalis: «Só quando estiver bem casado consigo mesmo, pode um homem aspirar à vida matrimonial.» Quanto à prosperidade material, essa desorganiza a vida com mais frequência do que a unifica. Na realidade, a prostração nervosa é especialidade da gente próspera. A riqueza, aumentando o número das oportunidades de escolha, é muitas vezes um fator mais desintegrante do que favoravel.

* * *

Um novelista moderno, ao descrever certo personagem, diz: «F. era menos um ser humano, do que uma guerra civil.» Cada homem terá de encarar alguma vez uma situação, na qual, de um lado, está o seu eu real, com suas aptidões e limitações, e do outro, a imagem do seu «eu ideal», das coisas a que ele aspira. E entre as duas, uma distância demasiado vasta para galgar e vencer... É aí que começa a guerra civil interior.

Alimentar ideais alevantados e nobres ambições, é a glória de um homem, e nunca isso foi mais verdadeiro do que na conquista da personalidade. Essa faculdade, contudo, pode funcionar com tanto exagero, e atingir tais paroxismos, que reduz a vida humana a frangalhos.

Nenhuma vida bem integrada é pois possivel, se da parte do indivíduo não houver uma declaração de *aceitação de si mesmo*, formulada aproximadamente nestes termos: «Eu, José-Maria, por este meio declaro aceitar-me tal qual sou, com meus defeitos e qualidades hereditárias, e com os elementos do ambiente que não está na minha mão governar; e desta maneira, aceitando-me a mim mesmo como minha quota-parte, na vida, verei o que se pode fazer deste José-Maria.» Emerson disse-o eloquentemente nestas palavras: «Tempo vem, na formação de cada homem, em que este chega à convicção de que inveja é ignorância, e imitação, suicídio; e que deve contar consigo próprio, para bem ou para mal, como sua quota-parte na vida.»

Alec Templeton diverte milhões de pessoas pelo rádio, com sua música e extravagantes pilhérias. É entretanto um cego! Normalmente, a primeira resposta a tão grande infortúnio, seria uma imaginação povoada de imagens do inatingivel; e, do contraste entre elas e a realidade, é de supor que só resultasse ressentimento, inércia, e queixume. A história humana, porem, nada tem de mais nobre a apresentar do que esses pobres seres mutilados ou estropiados que, ao se aceitarem *como são*, bem demonstram o que o dr. Alfred Adler classificou como «poder da pes-

soa humana para transformar um *menos* num *mais*».

A tensão ou conflito entre o nosso ser tal qual é, e como sonharia ser, resulta muitas vezes de idéias altamente morais, e em nenhum setor é mais provavel que o eu seja mal governado. A lealdade e o altruismo, por exemplo, são altas virtudes: mas uma filha que esteja sob a tirania de uma mãe dominadora, pode representar-se a si mesma como estando condenada a ser altruista e leal, a ponto de que, sem por isso fazer nenhum bem à mãe, sua vida resulta esteril e sua personalidade arruinada.

As idéias morais, na sua aplicação, dependem do indivíduo. Pode este homem ter um gênio calmo e equilibrado, que nunca tende a se enfadar; já aqueloutro poderá ter que dizer, como o dr. Stephen Tyng disse a um moço que o acusava de lhe falar com aspereza: «Meu rapaz, eu domino mais maugênio em cada quarto de hora, do que você em toda a sua vida!»

QUANDO um indivíduo se não resigna a aceitar-se tal qual é, e a tensão entre o eu *real* e o *ideal* se torna extrema, o resultado é o mais desgraçado e, por vezes, esmagador sentimento de inferioridade. O inquérito feito entre 275 estudantes de ambos os sexos, do ensino pre-universitário, revelou que mais de 90 por cento deles sofriam de pungentes sentimentos de deficiência e frustração. Apresentavam razões de toda ordem—incapacidade física, aparência desagradavel, falta de encanto social, amor infeliz, capacidade intelectual inferior, fracasso moral, etc.

O sentimento de inferioridade, estejamos certos, nunca deve ser tomado pelo seu valor facial, como indicação de verdadeira deficiência. A importância, porem, do problema se evidencia na maneira menos saudavel como ele é tratado comumente.

Alguns o atacam pelo método da «cortina de fumaça». Sentindo-se miseravelmente inferior, e não querendo que os outros o saibam, o submisso se torna agressivo, o reservado efusivo, e o tímido, fanfarrão e gabola. Certo indivíduo, até há pouco terno e atencioso no seio da família, sofreu qualquer desgosto humilhante. Começou logo a tornar-se áspero e insolente. Por muito paradoxal que isso pareça, quando se sentia superior comportava-se humilde, como se inferior se sentisse; mas ao cair em situação de inferioridade, passou a basofiar de superior!

Outros, como a raposa da fábula de Esopo, chamam de verdes todas as uvas em que não podem meter o dente. O moço fracalhote desdenha do atletismo; o debochado troça do virtuoso como hipócrita; o fracassado escolar xinga os intelectuais de «pedantes». Desta fonte prorrompe em ondas o cinismo. Repare-se bem naquilo de que as pessoas falam com desprezo: ver-se-á logo o que lhes falta, e que subconcientemente desejariam possuir...

Outros ainda procuram escapatórias baseadas na exagerada aceitação da sua inferioridade. Assim, um estudante a braços com o insucesso, dizia: «Pensei maduramente no caso, e cheguei à conclusão de que sou um debil mental.» Muito longe de serem desesperadas, estas palavras foram pronunciadas com manifesto alívio... Era a perfeita escapatória: debil mental, deixá-lo-iam isento de toda responsabilidade! Sem embargo, isso exprimia um absurdo de fato, alem de revelar uma sombria perversão afetiva.

ENTRE os elementos construtivos que tornam essencial a auto-aceitação para que uma pessoa se torne real, está o princípio da «compensação». A deficiência ou defeito pode ser verdadeiro estímulo, como no caso de Demóstenes, que é clássico. Desejando fazer-se orador, tinha ele que começar por admitir que era gago; mas em vez de ocultar a sua humilhação em jactância e gabolice, ou de desdenhar a eloquência como arte de trapaçaria, ou de resignar-se a gaguejar como desculpa para nada fazer, —o bom Demóstenes tomou uma atitude resoluta perante o seu defeito, e pôs-se a discursar para as ondas do mar, com seixinhos da praia metidos na boca, até falar com segurança e clareza. Dizer que Demóstenes se fez grande orador *a despeito* da sua gaguez, é subestimar os fatos; o psicólogo acrescentaria que ele se tornou um orador de recursos supremos *porque* era gago...

Quase sempre é possivel encontrar uma ou outra forma de compensação. A mocinha feia poderá desenvolver mais espírito e *charme*, pelo fato mesmo de ser feia; o rapaz embaraçado e tímido, com o temperamento de um cenobita, poderá, por isso mesmo, tornar-se tanto mais util em pesquisa científica.

Nesta bem sucedida maneira de tratar e reconhecer a inferioridade, está compreendida a aptidão para passar da atitude passiva para a ofensiva, em relação a nossas limitações. José-Maria aceita José-Maria com todas as suas limitações e defeitos, vistos estes com realismo, e positivamente se põe a caminho de descobrir o que pode fazer dele próprio.

O capitão John Callender, da milícia do Massachusetts, foi culpado de cobardia na batalha de Bunker Hill. George Washington teve de remetê-lo à Corte Marcial. Degradado, Callender alistou-se de novo no exército, como soldado raso, e portou-se com tão manifesta coragem na batalha de Long Island, que Washington lhe revogou publicamente a sentença, e lhe restituiu a patente de capitão. Na raiz de tal experiência está um ato básico de auto-aceitação,—de olhos abertos, sem evasivas nem escusas,—acompanhado de mudança da atitude defensiva para a ofensiva, que faz deste John Callender um exemplo inspirador.

AO CONSEGUIR a auto-aceitação, um homem pode perfeitamente começar reduzindo ao mínimo as causas de sua mortificação. Muitas pessoas se sentem humilhadas por situações em que não há razão nenhuma para tanto. Ter o que alguem chamava «uma cara de caricatura», não possuir a desejada aptidão, viver sob restrições econômicas,—tudo isso são limitações; mas se as transformamos em humilhações, é porque assim as julgamos interiormente. Certo homem desenvolveu um «complexo de inferioridade» que o perseguiu por toda a vida e lhe arruinou a carreira, só porque tinha o cabelo de um ruivo pouco comum e encaracolado. Napoleão aceitou-se tal como era—com 1,m 56 de altura, e classificado em 43º lugar no seu curso da Escola Militar. Certo, nada disso lhe agradou. Tendo em vista suas ambições imperiais, a diminuta estatura era uma limitação consideravel; mas se ele tivesse feito dela e da sua baixa classificação escolar motivos de humilhação, o pequeno Bonaparte nunca teria chegado a ser Napoleão-o-Grande...

A vida é uma obra de arquiteto-jardineiro: entregam-nos um terreno, vasto ou pequeno, acidentado ou chão,

cujos contorno e aspecto geral nos são determinados. Tanto a limitação como as possibilidades estão incluidas em cada terreno, e da maneira como o trabalhamos podem advir os resultados mais imprevisiveis—algumas grandes possibilidades são abafadas, e outras situações pouquíssimo promissoras se tornam manifestas. Os elementos fundamentais de qualquer «terreno» pessoal estão destinados a surgir no fim, faça-se o que se fizer, do mesmo modo que uma paisagem sempre conserva suas dimensões e contornos essenciais, faça o que fizer o arquiteto-paisagista. Esses elementos fundamentais são contudo de aceitar, nunca como humilhações, senão como limitações, mas acima de tudo como possibilidades, e até como incentivos.

Como abrir mão de nós mesmos...

Certa «Escola de Encanto», que promete insuflar personalidade nos seus fregueses, prescreve logo à primeira lição que a pessoa se ponha diante de um espelho grande, e repita o próprio nome em voz «baixa, suave e firme», de maneira a causar funda impressão sobre o próprio indivíduo. Mas sucede que a obsessão de si próprio pode tornar-se uma das forças mais subversivas da vida. Uma personalidade íntegra torna-se impossivel, se o indivíduo não encontrar fora de si interesses de valor, numa devoção pela qual se esqueça de si mesmo. Para nos tornarmos pessoas integrais, devemos «abrir mão de nós próprios». O egocentrismo é natural nas primeiras fases da infância. Mas há muitas pessoas que jamais conseguem ultrapassá-lo: aos 50 anos continuam a viver segundo os moldes da primeira idade. Censuram-nos os moralistas como egoistas, mas a verdade é que sob o problema ético se encontra um problema psicológico: trata-se de pessoas que tipificam a parada do desenvolvimento. Diz um novelista de um de seus personagens: «Edite era um pequeno país, limitado a norte e a sul, a leste e a oeste—por Edite.» Edite sofre de séria aflição psicológica. O egocentrismo é ruinoso para a verdadeira personalidade. No melhor dos casos, o mais que uma pessoa completamente embrulhada em si mesma produz, é um pequeno embrulho...

Chega-se a ser verdadeira pessoa, não tanto pelos esforços que se façam nesse sentido, como pela orientação em que eles se praticam. Um homem foge a si mesmo para algum interesse superior, ao qual se consagra, e desta maneira consegue empenhar-se numa existência consequente, unificada e significativa.

As sugestões práticas quanto aos meios e à maneira de *abrir mão* de nós próprios, devem iniciar-se ao pé da porta, isto é, pelo corpo. Muitos dos tristes que vivem centrados em si próprios, necessitam menos de um psiquiatra que os analise, ou de um sacerdote que lhes pregue moral, do que de bom-senso na organização da base física de uma vida sã.

É preciso relembrar constantemente ao homem moderno que ele não pode desfazer-se da sua herança biológica. Nossos corpos foram «feitos» para serem usados em duro trabalho físico. Qualquer homem que tenha encontrado o seu recreio ou exercício apropriado, que lhe permita lançar-se no uso jubiloso dos seus grandes músculos, sabe que enorme transformação do tonus emocional e da atitude mental essa queima de energia física lhe pode render.

Uma das satisfações mais duradouras da vida, é podermos entregar-nos de alma e coração ao trabalho que fazemos. É por isso que o número de pessoas neurastenizadas pela ociosidade sem destino é muito maior que o das que se esgotam por excesso de trabalho; e que o desemprego é uma das peores tragédias do mundo, e seus resultados psicológicos tão lamentaveis como os seus males econômicos.

O problema de encontrar interesses exteriores pesa mais duramente sobre uns temperamentos do que sobre outros. O «extrovertido» de bom grado se lança em coisas práticas e objetivas, é emocionalmente espontâneo e expansivo, e relativamente persistente mesmo quando outros reprovam seus atos. O «introvertido», ao invés, é muito mais sensivel à reprovação, dado à introspeção e à auto-crítica, e de maneira geral mais vivamente conciente do mundo interior que do exterior.

Conquanto toda a gente esteja apta a reconhecer estes dois tipos, e cada qual possa julgar de qual dos dois mais se aproxima, isso não quer dizer que os dois tipos mutuamente se excluam em absoluto, nem que a vantagem esteja absolutamente de um lado ou outro. O homem equilibrado é um somatório harmonioso dos dois temperamentos.

Abraão Lincoln travou dramática luta consigo mesmo. Na adolescência não dispunha de uma personalidade unificada e coerente: era antes uma caverna de Eolo, cheia de tempestades, com todos os elementos da neurose e da ruina. Em 1841 dizia: «Sou atualmente o mais lamentavel de quantos homens existem. Se aquilo que sinto agora fosse equitativamente distribuido por toda a família humana, não haveria por toda a Terra uma só face capaz de sorrir.» Facilmente se poderia ter tornado um dos exemplos extremos do «introverso» mórbido; mas não o era. Solveu seus obcecantes problemas interiores atacando-os de flanco... O assombroso desenvolvimento da sua fase posterior, que o elevou à categoria de grande personalidade, resultou não tanto de ele ter centralizado a atenção em si mesmo, como de que procurou esquecer-se. Sua devoção por uma causa superior a si próprio, transformou o que tinha aprendido, na longa luta íntima, em compreensão, simpatia, humor, e sagacidade. Feitas as contas, não podemos chamá-lo de intro- ou extrovertido: seu temperamento combinou as duas tendências.

O conselheiro pessoal tropeça a cada passo com existências todas concentradas em si mesmas, debatendo-se miseravelmente por encontrar a felicidade na «expressão do eu». Em linguagem popular a «expressão do eu» tem sido assim interpretada: «Deixe-se ir; rebente com os batoques dos barrís da emoção, e deixe-a borbulhar!» Como protesto contra estreitos moralismos, isto se explica facilmente; e como meio de expansão para certos indivíduos, atados de mãos e pés por escrúpulos insensatos, tem tido tal ou qual mérito. O bom conselheiro tambem deseja a «expressão do eu»; mas deseja-a praticada de harmonia com a realidade dos fatos psicológicos. As emoções que se limitam a explodir para satisfação de um momentâneo prazer egocentrista, não nos levam a parte alguma; e no fim, a constante repetição desse alívio emotivo dispersa a vida, e deixa-a ainda menos rica de objetivos do que o era antes. Assim é no próprio domínio da sexualidade. Diz um dos nossos eminentes psiquiatras: «Do ponto de vista da cura, é uma tolice o conselho "vá

)or diante e exprima seus instintos". Na experiência real, nunca eu soube de uma verdadeira neurose que a libertinagem sexual tivesse remediado.»

A expressão adequada do eu é alguma coisa mais, muito mais do que a «explosão» do eu. Seu verdadeiro expoente não é o libertino, mas o artista, o homem de ciência, a mãe afortunada que se absorve nos problemas da família, o homem de negócios com senso social que cria alguma coisa para a sua comunidade, o professor que diz (como o disse Georges H. Palmer): «A Universidade de Harvard me paga para eu fazer o que eu de bom grado lhe pagaria a ela por me consentir fazê-lo.» Personalidades deste vulto, em lugar modesto ou eminente, realmente se exprimem, e sua qualidade comum não é a auto-absorção, mas o «auto-investimento».

DA EXPANSÃO bem-sucedida do eu, resultam pelo menos duas consequências de ordem prática. Por um lado ela dá à pessoa um senso humorístico salvador. A deficiência do senso-de-humor é penalidade inevitavel de qualquer pessoa que sofra de auto-preocupação anormal. Só quem vive objetivamente em outras pessoas e em interesses amplos e compreensivos, se pode ver a si mesmo imparcialmente.

O caricaturista Nast, estando uma noite em sociedade, traçou a caricatura de cada uma das pessoas presentes. Os resultados foram reveladores: cada um reconhecia a caricatura dos outros, mas muitos não puderam reconhecer a sua própria... Esta incapacidade para nos vermos com os mesmos olhos com que olhamos os nossos semelhantes é dos mais seguros indícios do verdor egocêntrico.

Aristófanes caricaturou Sócrates na sua comédia *As Nuvens*; quando a peça foi representada, toda Atenas riu a bandeiras despregadas. Sócrates, segundo reza a anedota, foi ver a comédia, e, quando a sua caricatura apareceu em cena, ergueu-se de pé, para que a audiência pudesse melhor gozar da máscara cômica que era a sua charge. É que Sócrates estava maduro. Tinha «aberto mão» de si próprio...

O ego ampliado desentranha-se tambem em capacidade para suportar a dor. Nos indivíduos que se erguem à altura das circunstâncias, e fazem das fraquezas forças para as enfrentar, um fator haverá sempre presente: estão pensando em alguem, alem deles próprios. Como aquele jovem oficial do exército, que durante a Grande Guerra escrevia da frente para a família: «Podem vocês crer que vivo na melhor disposição de espírito. E porque não? Tenho comigo 38 homens. Se *mergulho* quando vem um obús, mergulham todos comigo; se sorrio, sorriem todos ao longo da fileira...»

A pessoa que genuinamente se identificou com os seus semelhantes, fez algo de primeiríssima importância por si mesma, sem o pensar. Até alí vivera, digamos, num estado de alma semelhante a um sala forrada de espelhos: para qualquer lado que se voltasse, só via a sua própria imagem. Agora porem, alguns dos espelhos viraram janelas; e através delas, já ele pode olhar novas paisagens de interesse...

Usemos quanto em nós se contem

DE UMA ou de outra maneira, devemos agir com todas as reservas afectivas próprias de nossa constituição. Os impulsos emocionais tais como curiosidade, combatividade, medo, auto-

estima, desejo sexual,—são parte essencial de nossa natureza. Tanto podemos deixar-nos escravizar ignobilmente por eles, como discipliná-los de modo a enriquecer nossa personalidade.

A *curiosidade* é um pendor afectivo de toda pessoa normal, e suas manifestações são multiformes e cambiantes. Como exemplo da curiosidade em vários graus e feitios, temos os bisbilhoteiros e abelhudos, as línguas soltas e ferinas, os perguntadores cacetes, os buscadores sinceros de verdade, os exploradores audaciosos, os pesquisadores científicos, etc. Em alguns casos ela produz as pessoas mais despreziveis, enquanto noutros plasma os mais admiraveis caracteres; mas não há fugir-lhe. Deste fato, que se verifica para todas as nossas tendências inatas, resulta dupla lição: primeira, não há que desprezar nenhum fator essencial de alma humana; e segunda, cada um deles pode enobrecer-se pelo bom uso.

A *pugnacidade* ou *combatividade* é uma das tendências mais profundamente enraizadas da nossa natureza, e é necessária à conservação e progresso da vida humana. O espírito combativo se exprime no trabalho árduo, na luta corajosa contra os transtornos pessoais, em toda a série de ataques contra os males sociais entrincheirados.

Se, porem, damos rédea solta a esse indispensavel pendor afetivo, os resultados serão os mais ruinosos! Um ódio crônico ou mesmo uma birra persistentemente acalentada, reduzem a frangalhos aquele que os nutre. Um forte ressentimento é tão capaz de causar doença como um germe. Se uma pessoa tem a desgraça de ter um inimigo, a peor coisa que pode fazer (não ao inimigo, mas a si mesma!) é deixar que o ressentimento se enrosque na sua alma, e que seu ódio se torne crônico.

Quando Edward Everett Hale disse, já no fim da vida, «Tive em tempos um inimigo, um inimigo resoluto, e todo o dia me tenho esforçado em vão por lembrar seu nome,» não só nos deu exemplo do bem pensar, mas tambem do pensar saudavel. Assim Lincoln, a quem certa mulher censurava durante a Guerra Civil, por ter proferido uma expressão de magnanimidade para com o Sul dos Estados Unidos. Fazendo-lhe notar esta senhora que ele antes devia desejar destruir seus inimigos, respondeu o grande homem com perfeita saude mental e moral: «Como assim, minha senhora: pois não será que eu destruo meus inimigos, quando deles faço amigos meus?»

O MEDO é outra pilastra indispensavel na estrutura da alma humana. Não podemos passar sem ele, ainda mesmo nas suas formas mais elementares. Nas ruas de uma cidade moderna o homem que não tivesse medo, estaria (tomando-se a frase ao pé-da-letra) morto antes do anoitecer. E o medo pode ainda ser poderoso motor da criação. Num sentido profundo, as escolas resultam do medo da ignorância; a indústria, do medo da penúria; a ciência médica, do medo da doença e da morte. Mas as anomalias do medo—histeria, fobias, ansiedade obsessiva—reduzem a personalidade a farrapos.

A vida humana está cheia de medos secretos, atirados para os porões e rebaixos escusos da personalidade. O medo da escuridão, dos ratos, dos lugares fechados, dos espaços amplos; o medo da responsabilidade; o medo de ter filhos, de envelhecer ou de morrer; os medos culposos, tantas vezes relacionados com pecados há muito extintos; e

por vezes um vago estado de receio indefinido, que enche a vida de ansiosa apreensão,—tudo são formas dessa praga do medo patológico, que faz de tantas vidas um inferno.

Os efeitos subversivos de tal secreto e crônico pavor, têm a sua base física. As glândulas suprarrenais fornecem-nos, a cada situação de perigo, uma «*golfada* do nosso próprio tônico interno de luta». Um pouco dele é estimulante; demasiado, torna-se veneno. A ansiedade e o medo habitual constituem «falso alarme» permanente, que transmuda a valiosa adrenalina, de estímulo de emergência, que naturalmente é, em veneno crônico.

É pois de primordial importância trazer os medos para a luz, e encará-los sem rodeios. Quando crianças, dois medos elementares nos dominaram: medo de cair, medo do ruido forte. Todos os outros medos se acumularam desde então sobre esses dois. Descobrir onde e como os adquirimos, e traçar seu desenvolvimento até podermos observá-los diretamente como se fossem alheios e não nossos, é meia batalha ganha. Muitas vezes, depois disso, podem ser expulsos de nossa vida às gargalhadas...

Por vezes, contudo, o medo que nos empolga é justificado. Nesses casos somos geralmente derrotados pela noção falaz de que as situações perigosas são necessariamente indesejaveis, quando a verdade é que nas situações de risco se encontra certo *estímulo*.

O amor do perigo é dos moveis mais fortes da alma humana. Quando a existência habitual lhes não oferece risco bastante, os homens saem pelos caminhos da vida em busca dele. Vão procurá-lo em seus esportes mais ativos, em arriscadas explorações e pesquisas, em aventuras missionárias, no patrocínio de causas ingratas. Erguer-se ao nivel de uma situação perigosa, deixar que ela apele, não para o medo que vive agachado dentro de nós, mas para o nosso instinto combativo, constitue experiência saudavel e inspiradora.

Uma das curas radicais para o medo é a ação. O dr. Henry C. Link* narrou singelo exemplo de uma mãe, que nos fornece uma explicação da prevalência dos males afetivos entre as pessoas prósperas e ociosas. Têm tempo para estar sentadas pelos cantos, a matutar nas suas aflições, ou a lamentar seus aborrecimentos. Em época de guerra podem ficar a ouvir as notícias e comentários do rádio, até que acabam por ficar mortalmente inquietas com perigos e horrores a respeito dos quais nada fazem de prático, ao contrário do soldado, que tem uma missão, e a cumpre sem ansiedade. Em tempos ordinários da paz, tais pessoas são presa de infinitos males imaginários, a ponto de se tornar verdadeiro o paradoxo: quem mais se apoquenta, é quem menos razões tem para tal.

A natureza dualista do medo, bom e mau a um tempo, em parte alguma se exterioriza melhor do que no caso do homem que receia tão mortalmente deixar de cumprir o seu dever, que passa a recear muito menos o custo de o cumprir bem. Se alguem tem qualquer razão positiva pela qual possa viver, desde um filho ou um dia de trabalho fecundo, até um mundo liberto da maldição da guerra,—isso é na verdade o que importa.

Do mesmo modo, o amor-próprio, ou auto-estima, não é desdenhavel, nem se deve suprimir; deve-se antes educar e usar. Quando Charles Lamb disse,

*Vide «Faça aquilo que teme!», Seleções, Fevereiro, 1943, p. 1.

«O maior prazer que eu conheço é praticar uma boa ação às furtadelas, e ver depois os outros a descobrirem por acidente,» revelou quão presente está sempre em toda a parte o desejo de ser notado e de receber a atenção que lisonjeia o amor-próprio.

Afirma o cínico que, na raiz de toda vida chamada «altruista» está a mola oculta do amor-próprio. O cínico tem razão,—no que ele a não tem é em ser cínico a tal respeito! Todos nós começamos como crianças individuais, com instintos de amor-próprio. O nosso teste, porem, reside nos fins e propósitos que em derradeira instância captam em nós estas energias e as utilizam como força-motriz. Um ajuizado conselheiro pessoal, portanto, nunca diz a uma pessoa que esta não deveria desejar sentir-se importante; mas se esforça, muito ao contrário, por dirigir essa poderosa força por canais realmente construtivos.

Do amor-próprio transviado resultam a vaidade e a avareza. Algumas pessoas vivem habitualmente no estado de espírito em que Mascagni escreveu a dedicatória da sua ópera *As Máscaras*: «A mim mesmo, com inalteravel satisfação e alta estima». Ainda assim, não podemos nem devemos deixar de nos ocupar de nós mesmos. A nossa função inicial na vida é cuidar tanto de nós, que o *Eu* estimule o *Mim*, decidido a fazer dele algo que valha a pena e que que inspire confiança.

É TALVEZ nos domínios da sexualidade que a «sublimação» do instinto—ou seja, em termos acessiveis, a orientação do mesmo para um mais alto nivel ético, estético ou intelectual—se tornou mais discutida... e menos entendida. Que nem todas as exigências do organismo humano se podem «sublimar». Na satisfação, por exemplo, da fome física, não há nada que substitua o alimento ou permita sublimar sua carência. Quando se trata do sexo no sentido mais restrito, ele pode ser catalogado nesse grupo.

Muitos conselhos sensatos se podem dispensar aos jovens a quem perturba essa elementar necessidade biológica: que a castidade não é debilitadora e que a satisfação dos apetites sexuais não é indispensavel à saude; que o interesse em campos concorrentes é de boa terapêutica; que a irrequietude geral que acompanha a insatisfação sexual pode muitas vezes se acalmar por meio de exercícios vigorosos, que fatiguem o corpo inteiro; que o desejo sexual é natural e justo, digno de ser aceito com gratidão e bom-humor, como parte da nossa constituição, e não aviltado com mórbidos sentimentos de culpa, que tantas vezes sobre ele pesam; que a natureza, quando abandonada a si mesma, dispõe de recursos para aliviar a específica inquietação sexual.

O sexo é, porem, muito mais profundamente situado na personalidade, e mais esquivo do que à primeira vista parece. Todas as relações de família—maternais, paternais e filiais—assentam nessa mais ampla significação do sexo; todos os delicados afetos e amizade entre irmãos e irmãs, entre homens e mulheres, e todas as extensões da atitude de família ao conjunto da própria sociedade, como no amor e cuidados com as crianças.

Quando assim vemos a vida individual como um conjunto, a sublimação sexual se despe de todo sentido. Pode um indivíduo escolher um gênero de vida que canalize suas devoções e energias criadoras na direção de ações satis-

fatórias, de modo que a personalidade no seu conjunto encontre contentamento, ainda mesmo que os desejos especificamente sexuais fiquem por satisfazer. Assim é que a mulher solteira, a quem foram negadas as alegrias da maternidade, pode vir a descobrir nas atividades da creche ou do jardim-de-infância, no ensino ou no serviço social, e em tantas atividades outras, uma válvula de escape para seus instintos maternais, uma satisfação portanto capaz de integrar-lhe a personalidade.

Escusado seria tentar provar que se deve aplicar certa medida de restrição a todas as nossas tendências inatas. Figure o leitor uma vida em que todas as tendências inatas rebentassem em cachão—amor-próprio, combatividade, instinto sexual, medo: o resultado seria evidentemente um pandemônio. É pois insensata a concepção vulgar, segundo a qual a repressão das tendências emotivas fundamentais é, nela mesma, contrária à saude. A escolha que se nos oferece não é se devemos reprimir os nossos impulsos naturais, mas sim, como será possivel fazê-lo ao serviço de uma vida integral.

AS MÚLTIPLAS possibilidades de uso, bom e mau, das nossas tendências inatas, mergulham raizes na qualidade essencial de toda a vida afectiva: a *sensibilidade*. Um dos assuntos mais importantes da auto-análise é o que diz respeito à maneira como nós manipulamos essa qualidade primária. Deixe-se que um homem descubra aquilo a que é mais sensivel, e ele terá adquirido assim valioso instrumento de visão interior dos seus problemas pessoais.

Há muita gente excessivamente sensivel às críticas do próximo. Seu amor-próprio se agita ao toque de um juizo adverso. Ora, a sensibilidade à opinião do próximo, sem a qual seria impossivel a vida social, tornou-se neles verdadeira doença ou perversão.

Essas pessoas, verdadeiros anormais, consideram devido o apreço ou o elogio, mas toda crítica lhes parece impertinente. A pessoa normal aproxima-se mais do ponto em que a crítica é sempre bem recebida, e o elogio considerado artigo suntuário. Certa vez, Emerson fez um discurso de que um pastor, que estava sentado na plataforma, não gostou nada. Ao pronunciar a prece de encerramento, o ministro disse: «Nós te suplicamos, Senhor, que nos livres de tornar a ouvir dislates tamanhos como os que acabamos de ouvir aquí!» Perguntado mais tarde sobre o que pensava do comentário, Emerson respondeu: «O nosso ministro me parece homem de muita conciência e franqueza.» Saude e calma de espírito como as de Emerson, em face da crítica, são fator indispensavel à integridade da pessoa humana.

Para dominar a depressão

UMA DAS causas mais comuns da desorganização pessoal é o abatimento ou depressão. Certos estados de depressão são de origem orgânica; mas, na maioria dos casos, não está inteiramente fora do seu alcance dominar o abatimento de que as pessoas sofrem.

A primeira sugestão a fazer neste capítulo, de maneira a resolver o problema, é esta: dê-se como coisa natural a depressão. Quem espere viver permanentemente isento de momentos sombrios, estará pedindo o impossivel. Levar a tristeza de espírito demasiado a sério, em vez de dizer «isto há-de passar», é conceder-lhe um poder obsessivo que ela não tem direito de gozar.

Outra sugestão é de importância verdadeiramente cotidiana: devemos identificar-nos com os nossos melhores momentos, e não com os peores; dentro de todos nós, bem no fundo, existe essa capacidade. O ego, o «eu» central, pode escolher *este* em vez *daquele* estado de alma, como sendo o estado típico de nossa verdadeira personalidade. Pode a gente identificar-se com a esperança, de preferência ao descoroçoamento; com a boa-vontade, de preferência ao rancor.

Todos os escravos da depressão têm isto em comum: adquiriram o mau hábito de se identificar com os seus estados de depressão. Não contentes com terem «porões» no edifício de suas emoções, como toda a gente, metem-se lá dentro a viver... Todos nós temos nossos momentos de depressão, mas ninguem precisa ser permanentemente um deprimido, um sombrio.

Leva-nos isto a uma terceira sugestão: quando vem a depressão, devemos agarrar-nos a nós mesmos, e não atribuir tudo às circunstâncias. Estas são por vezes tão trágicas e esmagadoras, que tornam inevitavel e justificam a depressão. No entanto, deduzir da presença do infortúnio o direito a viver perpetuamente deprimido, é um erro funesto!

A vida é um processo de assimilação, pelo qual transmutamos em nossa própria substância tudo aquilo que a nós venha. Walter de la Mare escreveu estes versos, cuja aplicação é mais vasta do que pode parecer à primeira vista:

> Até parece balela
> o que com Tess acontece:
> come Tess da panela,
> e o que era apenas vitela
> —fica sendo a própria Tess!

A pessoa deprimida pode tirar depressão de quaisquer circunstâncias. Esta verdade aplica-se sobretudo na era trágica de convulsões, que estamos atravessando. Não se sentir deprimido pelos acontecimentos reais, seria prova de insensibilidade espiritual. Não obstante, muita gente que hoje torna o triste estado do mundo responsavel pela sua desorganização afectiva, devia antes procurar dentro de si a mola real do problema. Como dizia o romancista D. H. Lawrence, a respeito de um de seus personagens, «o pobre Richard Lovatt consumia-se mortalmente em luta com seus próprios problemas, a que dava o nome de *Austrália*.»

A quarta sugestão ultrapassa a arte de a nós próprios nos espicaçarmos, e diz-nos: *Lembra-te dos outros*. As emoções são contagiosas. Uma pessoa deprimida pode infectar toda uma casa de família, e tornar-se verdadeiro motivo de infelicidade até para os relativamente estranhos. Se, por isso, a admoestação de Ian Maclaren é fundamentada («Sejamos bons uns para os outros, já que a maioria vive travando batalhas duras»), o ânimo alegre e a coragem contam-se entre as mais importantes formas de bondade de que podemos dar mostras.

A quinta sugestão apela para os mais profundos recursos do carater. Tenhamos presente que certas tarefas são tão importantes, que nos é imperativo cumprí-las até o fim, quer estejamos deprimidos quer não. Os indivíduos de forte personalidade resolvem comumente o problema da depressão mental, não eliminando-o, mas simplesmente arredando-o de si: têm trabalho que fazer, um propósito que servir, e é a ele, quer se sintam deprimidos ou não, que as suas vidas pertencem, e que têm de dedicar-se de corpo e alma.

A força suprema

CIMENTAR os elementos que compõem a personalidade é coisa que exige íntimas reservas de força—de uma força recebida e assimilada de algo que está alem de nós.

Da mesma maneira que a árvore subsiste por meio de assimilação química realizada através das raizes e das folhas, assim o nosso organismo físico se sustenta graças a forças adequadas. O cosmos inteiro contribue com os meios indispensaveis à nossa manutenção. Somos «pensionistas» da energia universal, e a nossa força não é fabricada em nós mesmos, mas liberada por nosso intermédio.

Este princípio da liberação de potência não se detem ante qualquer linha imaginária, que separasse a experiência física do homem da sua experiência espiritual. Que os nossos espíritos são, por assim dizer, a continuidade de uma mais vasta existência espiritual, e que nesse domínio, tambem, nosso poder não é auto-produzido, mas assimilado, —tal é a afirmação de toda profunda experiência religiosa.

Não há casos mais patéticos, entre os que se apresentam ao conselheiro espiritual, que os das pessoas cuja técnica, no ataque aos problemas pessoais, consiste em confiar tão só na força da própria vontade. Tarde ou cedo elas terão que encarar problemas aos quais semelhante técnica é inteiramente inaplicavel. Quando chega a privação, por exemplo, trazendo consigo profunda apatia e abatimento, apelar para a vontade e dizer-lhe que se erga e solucione o problema, é verdadeira impertinência.

Os momentos dessa gravidade exigem técnica inteiramente diversa—a carinhosa hospitalidade da Fé.

Muita gente pergunta: «Como é que se ganha a fé, quando a gente a não possue? A gente não pode *querer* ter fé!» Mas a fé não é coisa que se adquira: é algo que se *tem*... E inerente à nossa constituição psíquica. Longe de nos faltar a fé, temos dela larga reserva, associada a objetos tão variados, que nenhuma língua os pode descrever,—fé na ditadura, ou na astrologia, ou nos amuletos, numa ou noutra teoria econômica, e assim por diante. A maneira como nós depositamos fé em tudo que passa ao nosso alcance, prova bem que temos mais fé do que se pensa. Fé que transborda!

Nosso jogo de palavras—«crença» contra «descrença»—obscurece o problema. Nenhum homem pode realmente tornar-se descrente. Está psicologicamente condenado a crer—seja em Deus, por exemplo, seja em não-Deus. De uma maneira ou de outra, o homem é em todos os domínios um crente nato: crê sempre em alguma coisa, positiva ou negativa. Quando a fé positiva se desfaz, seu lugar é sempre ocupado pela fé negativa: fé em impossibilidades em vez de possibilidades; em idéias que mais nos fazem vítimas do que senhores da vida; em filosofias que mergulham raizes na frase de Rabelais moribundo: «Desça o pano. Acabou-se a farsa.»

Um dia, o grande romancista russo Turguêniev recebeu de um amigo uma carta que dizia: «Quer-me parecer que saber colocar-se o homem num lugar secundário é todo o mérito da vida.» Ao que Turguêniev replicou: «Quero eu crer que o problema primário da vida é descobrir qual a coisa que devemos ter sempre diante de nós.» E seja o que for que ponhamos diante de nós, isso é sempre o objeto de nossa fé; nele

acreditamos e a ele pertencemos. Seja Cristo ou Hitler, uma vocação escolhida ou um amigo pessoal, quando essa capitalização da fé for feita de todo coração, é ela que puxa o gatilho da energia humana.

A confiança na regra de que vale a pena a gente «esporear-se» construtivamente, e a decisão de assim proceder, depende de alguma sorte de fé. As pessoas deprimidas e descorajadas perguntam quase invariavelmente: «Para que havíamos de nos aborrecer a formar uma personalidade íntegra e util? No fim de contas, que importância temos nós?» Pobres entes merecedores de piedade, nada lobrigam por que lhes pareça digno viver, e a única cura possivel para sua atitude é uma fé positiva.

Embora a gente não vá mais longe do que Robert Louis Stevenson, que dizia: «Eu creio na decência final de todas as coisas», tal fé já por si é de inestimavel valor. Podendo nós ir alem da afirmação de Stevenson, a religião oferece a fé mais estimulante na experiência humana. Diz ela a cada indivíduo: «Falhes tu seja no que for, não precisas deixar de ser uma pessoa autêntica; a massa da grande personalidade inclue limitações, deficiências, perturbações, e até falhas morais, o universo não é um amontoado de átomos, mas é sim organizado em volta de fins espirituais; e a personalidade, longe de ser uma inadvertência da sorte, é a maneira mais plena e completa de estar vivo, e o maior sinal revelador da natureza de Deus.»

Deste modo a religião é base para uma esperançada aventura, e esplêndida fonte de força de que dispomos para tentar tirar o máximo proveito de nossos dotes naturais e tornar-nos o que deveríamos ser. E aquele que empreende tal tarefa, já está na estrada real da significação da vida, tendo aceito o seu encargo essencial.

Solução dos jogos da página 86

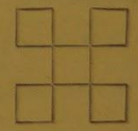
1. INVERTA o segundo copo e o terceiro; o primeiro e o terceiro; e, finalmente, o segundo e o terceiro.

2. EM vez de atirar o segundo torrão de açucar, deixe-o simplesmente cair, e abaixe rapidamente o copo, para apanhá-lo.

3. NÃO sopre sobre o niquel; sopre no interior da taça. A estremidade exterior do cartão se abaixará e o niquel deslisará para dentro da taça.

4. CRUZE os braços, antes de segurar as duas pontas opostas do guardanapo; quando descruzar os braços, o guardanapo ficará com um nó.

5.



SELEÇÕES

do

Reader's Digest

Índice por Autores, Títulos e Matérias

Tomo III — Janeiro a Junho de 1943 — Números 12 a 17

A

ABASTECIMENTOS
Despensa das democracias, A . . *fevereiro* 73
Acrobatas do Niágara . . . . . *março* 11
Adams, Samuel Hopkins
Cadaver à mesa, Um . . . . . *janeiro* 59
Probabilidade entre um milhão, Uma . . . . . *março* 63
Advogados a preço fixo . . . . . *junho* 78
ÁFRICA
Americanos em terra de infiéis . . . *junho* 23
Assim se organizou a campanha da África . . . . . *maio* 83
Album de caricaturas . . . . . *fevereiro* 29
Alegria de ser normal . . . . . *fevereiro* 87
ALEMANHA
Asas de sangue sobre a Grécia . . . . *março* 77
Derrotismo nazí—para inglês ver . *março* 58
Ferrovias, ponto fraco do Reich, As . . . . . *fevereiro* 37
Fim da Casa Ullstein, O . . . . . *abril* 84
Hitler fala—e a vitória bate asas!. . *março* 37
Instinto sexual como arma de guerra, O . . . . . *janeiro* 29
O que a Alemanha sofre com a guerra aérea . . . . . *maio* 29
Urgente assalto aéreo à Alemanha, O . . . . . *janeiro* 47
ALEUTAS
Escada de assalto das Aleutas, Na *junho* 54
Alma pode tornar o corpo doente *janeiro* 6
Alma Torturada . . . . . *abril* 111
Americanos em terra de infiéis . . . . . *junho* 23
Anatomia da coragem . . . . . *janeiro* 83
Andrews, Mary Raymond Shipman
Tem a palavra a defesa . . . . . *abril* 75
Angelo Patri, mestre de pais e filhos *junho* 50
ANIMAIS
Cachorro, espelho do homem . . . . *maio* 92
Cachorros sabidos . . . . . *junho* 48
Cão que soube esperar, O . . . . . *março* 20
Cidade das formigas, Na. . . . . *abril* 9
Lobo-Rei, o que morreu de amor *fev.* 45
Truques da floresta . . . . . *maio* 44
Vida e amores de Ivã o Terrivel . *junho* 9
Anton, o amigo de todo mundo . . . *janeiro* 32
Ao terceiro tiro o havaiano zangou-se *abril* 5
Arma deles é o celulóide, A . . . . . *maio* 14
Armas não bastam, As . . . . . *junho* 44
Arte de ficar jovem, A . . . . . *maio* 51
ARTE DE VIVER
Alegria de ser normal, A . . . . . *fevereiro* 87
Alma pode tornar o corpo doente, A . . . . . *janeiro* 6
Anatomia da coragem . . . . . *janeiro* 83
Anton, o amigo de todo o mundo *janeiro* 32
Arte de ficar jovem, A . . . . . *maio* 51
Busca do carater integral, Em. . . . *junho* 95
Disse que lutava, e lutei . . . . . *maio* 90
Espírito triste seca os ossos, O . . . *março* 74
Faça aquilo que teme! . . . . . *fevereiro* 1
Jovens deveriam custear a sua carreira, Os . . . . . *fevereiro* 16
Lê-se nos seus olhos . . . . . *janeiro* 27
Mais forte que o infortúnio . . . . . *junho* 1
Mas francês... para que? . . . . . *abril* 29
Meu filho nasceu no bosque . . . . . *março* 8
Mil dólares no meio da rua . . . . . *junho* 67
Mil dólares por dia—e então? . . . *março* 90
Mocidade, eis o teu mundo! . . . . . *março* 1
«Não o levarás contigo» . . . . . *maio* 21
Nosso poder latente de concentração . . . . . *junho* 20
Podemos ensinar os meninos a viver . . . . . *janeiro* 63

ARTE DE VIVER (*continuação*)
Podemos ensinar os meninos a viver . . . . . *fevereiro* 71
Podemos ensinar os meninos a viver. *abril* 81
Pouco de cada vez, Um . . . . . *fevereiro* 61
Segredos . . . . . *maio* 123
Seja dono de seu destino . . . . . *maio* 59
Tome notas . . . . . *maio* 7
Troque o paletó pelo macacão . . . . *março* 65
Asas de sangue sobre a Grécia . . . . *março* 77
Assim se organizou a campanha da África . . . . . *maio* 83
ASTRONOMIA
Espelho gigante de palomar, O. . *fevereiro* 80
Atebrina dá combate ao paludismo. . *março* 55
ATEISMO
Naquele dia deixei de ser ateu. . . *fevereiro* 54
Até o gás carbônico vai à guerra . . . . . *maio* 47
Autobiografia de Henry M. Stanley . . . . . *fevereiro* 103
AUTOMOBILISMO
Cuidado com os consertos do automovel . . . . . *janeiro* 41
AVIAÇÃO
Avião de guerra de 1943, O . . . . *janeiro* 53
Beurling, moderno Cavaleiro de Malta . . . . . *maio* 54
Céus e abismos . . . . . *março* 97
«Chegou a minha vez!» . . . . . *abril* 17
Doze melhores aviões do mundo *janeiro* 62
Gigantes do ar em duelo . . . . . *junho* 13
Mundo está mudando de feitio, O. . *maio* 31
Que a Alemanha sofre com a guerra aérea, O . . . . . *maio* 25
Urgente assalto aéreo à Alemanha, O . . . . . *janeiro* 47
Avião de guerra de 1943, O. . . . . *janeiro* 53

B

BAGGETT
Mestre de minha infância . . . . . *maio* 66
Barnett, Lincoln
Quem é o general Eisenhower . . . *março* 114
Batalha do rio Matanicau, A . . . . . *maio* 37
Batalha naval vista de palanque . . . . *maio* 1
Beurling, moderno Cavaleiro de Malta . . . . . *maio* 54
BIOGRAFIA
Alma Torturada . . . . . *abril* 111
Angelo Patri, mestre de pais e filhos . . . . . *junho* 50
Beurling, moderno Cavaleiro de Malta . . . . . *maio* 54
Derradeiro voto de um juiz, O . . . *junho* 80
Ferreiro de Brandon, O . . . . . *março* 32
BIOGRAFIA (*continuação*)
Grande homem e... os seus sapatos, Um . . . . . *abril* 42
Livro de paz que gerou uma guerra . . . . . *fevereiro* 57
Mais forte que o infortúnio . . . . . *junho* 1
Mestre de minha infância . . . . . *maio* 66
Meu tio Azougue . . . . . *junho* 40
Pai dos pigmeus, O . . . . . *fevereiro* 5
Quem é o general Eisenhower . . . *março* 114
Segredos do Rei da Evasão . . . . . *junho* 31
Stanley, Henry M. . . . . *fevereiro* 103
Swing fala e milhões escutam . . . . *abril* 66
Tem a palavra a defesa . . . . . *abril* 75
Tornou realidade o sonho de Júlio Verne . . . . . *junho* 62
Vida contraditória de Alfred Nobel . . . . . *fevereiro* 24
Vida que não é para moças . . . . . *abril* 89
Walt Disney, o pai do Camondongo . . . . . *janeiro* 86
Winston Churchill . . . . . *maio* 99
Bliven, Bruce
Seis prenúncios de bom futuro *fevereiro* 9
BOOTH
Homem que matou Lincoln, O. . *janeiro* 109
Boxe contra jiujitsu em luta de morte. *abril* 23
Boyer, Richard O.
Swing fala e milhões escutam . . . . *abril* 66
BRASIL
Tragédia do Baependí, A . . . . . *março* 3
Bula Matari . . . . . *fevereiro* 117
Burman, Ben Lucien
Pai dos pigmeus, O . . . . . *fevereiro* 5
Busca do carater integral, Em . . . . *junho* 95

C

CAÇA
Lobo-Rei, o que morreu de amor . . . . . *fevereiro* 45
Cachorros sabidos . . . . . *junho* 48
Carmer, Carl
Pacto de reunião . . . . . *março* 83
Cachorro, espelho do homem. . . . . *maio* 92
Cadaver à mesa, Um . . . . . *janeiro* 59
CANCER
Nem sempre a culpa é do cancer *junho* 83
Cantinho para os velhos, Um. . . . . *março* 18
Cão que soube esperar, O. . . . . *março* 20
Campanha anti-submarina no Atlântico . . . . . *janeiro* 11
Cavalo de Tróia oriental. . . . . *março* 28
CÉLULAS
Devassando segredos da vida das células . . . . . *março* 42
Céus e abismos . . . . . *março* 97

Chase, Stuart
Quando o operário trabalha com prazer ... *fevereiro* 91
Childs, Marquis W.
Meteorologista dá o sinal de ataque, O ... *fevereiro* 101
«Chegou a minha vez!» ... *abril* 17
Cidade das formigas, Na ... *abril* 9
CIRURGIA
Vanguarda da cirurgia, Na ... *janeiro* 35
Clark, Blake
Ao terceiro tiro o havaiano zangou-se ... *abril* 5
Clear, Warren J.
Soldado japonês visto de perto, O. *março* 22
Cleaveland, Agnes Morley
Vida que não é para moças ... *abril* 89
Clemens, William
Escada de assalto das Aleutas, Na *junho* 54
Close, Upton
Cavalo de Tróia oriental ... *março* 28
Coffin, Robert P. Tristram
Meu tio Azougue ... *junho* 40
Collins, Frederick L.
Polícia mobiliza contra a espionagem, A ... *março* 69
COMANDOS
Já conheço o gosto da vingança ... *janeiro* 72
Como construímos um vapor numa semana ... *maio* 63
Como frutifica a imaginação ... *janeiro* 69
Contra a ameaça da tosse convulsa ... *abril* 21
Conversa fiada de terra e mar ... *janeiro* 39
Conversa fiada de terra e mar ... *março* 7
Conversa fiada de terra e mar ... *abril* 55
COQUELUCHE
Contra a ameaça da tosse convulsa ... *abril* 21
CRETA
Dunquerque do Mediterrâneo ... *janeiro* 1
CRIMINOLOGIA
Será isto uma prisão de mulheres? ... *maio* 34
Cromley, Ray
Qual é a força real do Japão ... *abril* 46
Cronin, A. J.
Filho estranho, O ... *junho* 74
Cruz dos fatigados, A ... *fevereiro* 19
Cuidado com os consertos de automovel ... *janeiro* 41
Culbertson, Ely
Projeto de um mundo sem guerra *junho* 87

D

DAVENPORT
Ferreiro de Brandon, O ... *março* 32
DEMOCRACIA
Manifesto Democrático ... *abril* 57
Derradeiro voto de um juiz, O ... *junho* 80
Derrotismo nazí—para inglês ver ... *março* 58
Despensa das democracias, A ... *fevereiro* 73
De soldado a oficial em 90 dias ... *março* 46
Detzer, Karl
Juiz não teve a mão pesada, O ... *março* 39
Será isto uma prisão de mulheres? ... *maio* 34
Devassando segredos da vida das células ... *março* 42
Disse que lutava, e lutei ... *maio* 90
Dixon, Royal
Cidade das formigas, Na ... *abril* 9
DOENÇA
Anatomia da coragem ... *janeiro* 83
Dublin, Louis I.
Quantos anos viverá o senhor? ... *janeiro* 90
Dunquerque do Mediterrâneo ... *janeiro* 1

E

Eclipse da memória ... *maio* 74
ECONOMIA
Será lícito o lucro? ... *junho* 17
EDUCAÇÃO FÍSICA
Fraco que se fez forte, O ... *janeiro* 65
EDUCAÇÃO
Angelo Patri, mestre de pais e filhos ... *junho* 50
Juiz não teve a mão pesada, O ... *março* 39
Mestre de minha infância ... *maio* 66
É facil gozar saude ... *junho* 58
Ellis, Havelock
Pontos de vista ... *abril* 39
Emerson, William R. P.
É facil gozar saude ... *junho* 58
«Em Manila nos veremos» ... *junho* 35
Engenhosas aplicações dos raios X ... *junho* 38
Enxertos de nervos suturados com goma ... *abril* 71
E o Dia de Juizo não veio ... *abril* 53
Erskine, John
Pouco de cada vez, Um ... *fevereiro* 61
Escada de assalto das Aleutas, Na ... *junho* 54
Espelho gigante de Palomar, O ... *fevereiro* 80
ESPIONAGEM
Polícia mobiliza contra a espionagem, A ... *março* 69
Sabotagem! A guerra secreta contra a América ... *janeiro* 93
Espionagem da saude, A ... *abril* 64
Espírito triste seca os ossos, O ... *março* 74
ESPORTE
Boxe contra jiujitsu em luta de morte ... *abril* 23
Estratagema nasceu com a guerra ... *março* 15
EUTANÁSIA
Teria o médico o direito de matar? ... *abril* 1

F

Fábrica monstro surge no deserto ... *abril* 35
Faça aquilo que teme! ... *fevereiro* 1
FADIGA
Cruz dos fatigados, A ... *fevereiro* 19
Ferguson, R.
Nem sempre a culpa é do cancer *junho* 83
Ferreiro de Brandon, O ... *março* 32
Ferrovias, ponto fraco do Reich *fevereiro* 37
Filho estranho, O ... *junho* 74
FILIPINAS
«Em Manila nos veremos» ... *junho* 35
Fim da Casa Ullstein, O ... *abril* 84
Fishbein, Morris
Maternidade sem dor nem perigo. *junho* 28
Fisher, Dorothy Canfield
Angelo Patri, mestre de pais e filhos ... *junho* 50
Mas francês... para que? ... *abril* 29
Fosdick, Harry Emerson
Busca do carater integral, Em ... *junho* 95
Fraco que se fez forte, O ... *janeiro* 65
FRANÇA
Pai dos pigmeus, O ... *fevereiro* 5
FRATURAS
Reparação rápida de ossos fraturados ... *março* 29
Furnam, Jr., Robert T.
Arma deles é o celulóide, A ... *maio* 14

G

GEOGRAFIA
Mundo está mudando se feitio, O ... *maio* 31
Gigantes do ar em duelo ... *junho* 13
Grande homem e... os seus sapatos ... *abril* 42
GRÉCIA
Asas de sangue sobre a Grécia ... *março* 77
Isso realmente é fome! ... *abril* 72
GUADALCANAL
Batalha naval vista de palanque ... *maio* 1
GUERRA
Ao terceiro tiro o havaiano zangou-se ... *abril* 5
Arma deles é o celulóide, A ... *maio* 14
Asas de sangue sobre a Grécia ... *março* 77
Assim se organizou a campanha da África ... *maio* 83
Até o gás carbônico vai à guerra ... *maio* 47
Avião de guerra de 1943, O ... *janeiro* 53
Batalha do rio Matanicau, A ... *maio* 37
Batalha naval vista de palanque, Uma ... *maio* 1
Beurling, moderno Cavaleiro de Malta ... *maio* 54
GUERRA (*continuação*)
Campanha anti-submarina no Atlântico ... *janeiro* 11
Cavalo de Tróia oriental ... *março* 28
«Chegou a minha vez!» ... *abril* 17
Como construímos um vapor numa semana ... *maio* 63
Derrotismo nazí—para inglês ver ... *março* 58
Despensa das democracias, A ... *fevereiro* 73
Dunquerque do Mediterrâneo ... *janeiro* 1
«Em Manila nos veremos» ... *junho* 35
Escada de assalto das Aleutas ... *junho* 54
Espionagem da saude, A ... *abril* 64
Estratagema nasceu com a guerra, O ... *março* 15
Ferrovias, ponto fraco do Reich ... *fevereiro* 37
Fim da Casa Ullstein, O ... *abril* 84
Gigantes do ar em duelo ... *junho* 13
Hitler fala—e a vitória bate asas *março* 37
Holandeses «cooperam», Os ... *abril* 88
Homens contra minas ... *março* 93
Instinto sexual como arma de guerra, O ... *janeiro* 29
Isso realmente é fome! ... *abril* 72
Já conheço o gosto da vingança *janeiro* 72
Meteorologista dá o sinal de ataque ... *fevereiro* 101
Mulheres de armas da América ... *junho* 71
Num comboio para Murmansk *fevereiro* 49
Presente de casamento ... *abril* 40
Que sofrí nas prisões japonesas *fevereiro* 20
Sabotagem, a guerra secreta contra a América ... *janeiro* 93
Seis prenúncios de bom futuro *fevereiro* 9
Soldado japonês visto de perto, O *março* 22
Tráfico nazista de brancas, O ... *março* 21
Tragédia do Baependí, A ... *março* 3
Último avião que saiu da Birmânia, O ... *fevereiro* 63
Urgente assalto aéreo à Alemanha, O ... *janeiro* 47
GUERRA (PRODUÇÃO DE)
Fábrica monstro surge no deserto *abril* 35

H

Hecht, Ben
Lembrem-se de nós ... *maio* 71
Helicópteros em vez de automoveis ... *fevereiro* 67
Herald, George W.
Instinto sexual como arma de guerra, O ... *janeiro* 29
Hersey, John
Batalha do rio Matanicau, A ... *maio* 37

HISTÓRIA
E o Dia do Juizo não veio.....*abril* 53
Estratagema nasceu com a guerra, O.....*março* 15
Grande homem e... os seus sapatos, Um.....*abril* 42
Homem que matou Lincoln, O..*janeiro* 109
Tem a palavra a defesa.....*abril* 75
Trezentas noivas a bordo!....*fevereiro* 97
Viva Washington!.....*maio* 11
Hitler fala—e a Vitória bate asas!...*março* 37
Holandeses «cooperam», Os.....*abril* 88
HOLMES
Derradeiro voto de um juiz, O..*junho* 80
Homem que matou Lincoln, O...*janeiro* 109
Homens contra minas.....*março* 93
Hope, Stanley, piloto da RAF
«Chegou a minha vez!.....*abril* 17
HOUDINI
Segredos do Rei da Evasão.....*junho* 31
Huxley, Aldoux
Pontos de vista.....*abril* 39
Hyland, Tom S.
Trezentas noivas a bordo.....*fevereiro* 97

I

IDADE
Arte de ficar jovem, A.....*maio* 51
IMAGINAÇÃO
Como frutifica a imaginação...*janeiro* 69
INGLATERRA
Nem o rei pode entrar!.....*abril* 70
Winston Churchill.....*maio* 99
Instantâneos pessoais.....*abril* 110
Instantâneos pessoais.....*maio* 95
Instinto sexual como arma de guerra, O.....*janeiro* 29
INSTRUÇÃO MILITAR
Soldado a oficial em 90 dias, De...*março* 46
Soldado japonês visto de perto....*março* 22
INVENÇÃO
Ferreiro de Brandon, O.....*março* 32
Mundo das invenções, No.....*fevereiro* 14
Isso realmente é fome!.....*abril* 72

J

Já conheço o gosto da vingança...*janeiro* 72
James, Ben
Despensa das democracias, A...*fevereiro* 73
JAPÃO
Ao terceiro tiro o havaiano zangou-se.....*abril* 5
Batalha naval vista de palanque...*maio* 1
Batalha do rio Matanicau, A.....*maio* 37
JAPÃO (*continuação*)
Boxe contra jiujitsu em luta de morte.....*abril* 23
Cavalo de Tróia oriental.....*março* 28
Qual é a força real do Japão.....*abril* 46
Que sofrí nas prisões japonesas.*fevereiro* 20
Soldado japonês visto de perto, O.*março* 22
Jaramillo, Esteban, ex-ministro da Fazenda da Colômbia
Pontos de vista.....*abril* 39
Jogos de salão.....*junho* 86
Jovens deveriam custear a sua carreira, Os.....*fevereiro* 16
JUDEUS
Lembrem-se de nós.....*maio* 71
Juiz não teve mão pesada, O.....*março* 39

K

Kahn, Albert E. e Michael Sayers
Sabotagem! A guerra secreta contra a América.....*janeiro* 93
Kearney, Paul W.
Raio em miniatura.....*maio* 17
Keating, Dr. Orrin
Naquele dia deixei de ser ateu..*fevereiro* 54
Kelly, Fred C.
Cachorro, espelho do homem.....*maio* 92
Kent, Fred I.
Será lícito o lucro?.....*junho* 17
Kirk, R. G.
Cão que soube esperar, O.....*março* 20
Konroff, Manuel
Mil dólares no meio da rua.....*junho* 67
Korpotkin, Alexandra
Nem o rei pode entrar!.....*abril* 70
Kraus, René
Winston Churchill.....*maio* 99
Kruif, Paul de
Atebrina dá combate ao paludismo, A.....*março* 55
Contra a ameaça da tosse convulsa..*abril* 21
Quando o homem passa dos 50..*fevereiro* 41

L

LAKE
Tornou realidade o sonho de Júlio Verne.....*junho* 62
Lateiner, major médico-aviador Robert
Último avião que saiu da Birmânia, O.....*fevereiro* 63
Leacock, Stephen
Truque da manga, O.....*fevereiro* 43
Lembrem-se de nós.....*maio* 71
Leny, sargento Wladislas
Já conheço o gosto da vingança...*janeiro* 72
Lê-se nos seus olhos.....*janeiro* 27

LINCOLN
Homem que matou Lincoln, O.*janeiro* 109
Honesto Lincoln.....*março* 73
Mais forte que o infortúnio.....*junho* 1
Tem a palavra a defesa.....*abril* 75
Link, Henry C.
Faça aquilo que teme!.....*fevereiro* 1
Seja dono de seu destino.....*maio* 59
Livro de paz que gerou uma guerra.....*fevereiro* 57
Lobo-Rei, o que morreu de amor..*fevereiro* 45
Loomis, Frederic
Teria o médico o direito de matar?..*abril* 1
Lyon, Alfred E.
Lê-se nos seus olhos.....*janeiro* 27

M

Maeterlinck, Maurice
Arte de ficar jovem, A.....*maio* 51
Mais forte que o infortúnio.....*junho* 1
Manchester, Harland
Até o gás carbônico vai à guerra...*maio* 47
Ferreiro de Brandon, O.....*março* 32
Mundo das invenções, No.....*fevereiro* 14
Tornou realidade o sonho de Júlio Verne.....*junho* 62
Vida contraditória de Alfred Nobel.....*fevereiro* 24
Manifesto democrático.....*abril* 57
Maré montante das sombras, A.....*junho* 81
MARINHA
Como construimos um vapor numa semana.....*maio* 63
Marston, William Moulton
«Não o levarás contigo».....*maio* 21
Nosso poder latente de concentração.....*junho* 20
Mas francês... para que?.....*abril* 29
Maternidade sem dor nem perigo..*junho* 28
McCone, Alan
Troquei o paletó pelo macacão...*março* 65
McCormick, Anne O'Gare
Opinião americana muda de rumo, A.....*junho* 45
McCormick, Elsie
Alma pode tornar o corpo doente, A.....*janeiro* 6
Reparação rápida de ossos fraturados.....*março* 29
McDermott, William F.
Acrobatas do Niágara.....*março* 11
McEvoy, Peggy
Mulheres de armas da América..*junho* 71
McEvoy, J. P.
Walt Disney, o pai do Camondongo.....*janeiro* 86
Medearis, Mary
Que «seu doutor» nos legou, O...*março* 51
MEDICINA
Atebrina dá combate ao paludismo, A.....*março* 55
Contra a ameaça da tosse convulsa..*abril* 21
Cruz dos fatigados, A.....*fevereiro* 19
Devassando segredos da vida das células.....*março* 42
É facil gozar saude.....*junho* 58
Maternidade sem dor nem perigo.*junho* 28
Não acredite nisto!.....*abril* 31
Progressos na luta contra a paralisia infantil
Quando o homem passa dos 50..*fevereiro* 41
Reparação rápida de ossos fraturados.....*março* 29
Revolução médica no México....*junho* 3
Teria o médico o direito de matar?..*abril* 1
Vanguarda da Cirurgia, Na.....*janeiro* 35
Vila sem dor de dentes, A.....*maio* 97
MEDICINA MILITAR
Espionagem da saude, A.....*abril* 64
MEMÓRIA
Eclipse da memória.....*maio* 74
Menino que desafiou o Almirantado, O.....*abril* 12
MENORES
Juiz não teve a mão pesada, O....*março* 39
Mensagens do alem.....*fevereiro* 77
Mestre de minha infância.....*maio* 66
Meteorologista dá o sinal de ataque, O.....*fevereiro* 101
Meu filho nasceu no bosque.....*março* 8
Meu tio Azougue.....*junho* 40
MÉXICO
Revolução médica no México....*junho* 3
Michie, Allan A.
Dunquerque do Mediterrâneo..*janeiro* 1
Ferrovias, ponto fraco do Reich, As.....*fevereiro* 37
Que a Alemanha sofre com a guerra aérea, O.....*maio* 25
Mil dólares no meio da rua.....*junho* 67
Mil dólares por dia—e então?.....*março* 90
Miller, Lois Mattox
Devassando segredos da vida das células.....*março* 42
Vanguarda da cirurgia, Na.....*janeiro* 35
Mocidade, eis o teu mundo!.....*março* 1
Mouro e a cascata, O.....*janeiro* 9
Mulheres de armas da América....*junho* 71
Muller, Edwin
Num comboio para Murmansk..*fevereiro* 49
Paradoxal bem-estar da Suiça, O..*março* 85

Muller, Edwin (continuação)
Soldado a oficial em 90 dias, De...*março* 46
Mundo das invenções, No.....*fevereiro* 14
Mundo está mudando de feitio, O...*maio* 31
Murphy, T. E.
Eclipse da memória.....*maio* 74

N

Não acredite nisto!.....*abril* 31
«Não é outra a tua herança».....*junho* 8
«Não o levarás contigo».....*maio* 21
Naquele dia deixei de ser ateu....*fevereiro* 54
Narvig, William van e Wythe Williams
Derrotismo nazí—para inglês ver.*março* 58
NAZISMO
Fim da Casa Ullstein, O.....*abril* 84
Tráfico nazista de brancas, O....*março* 21
Nem o rei pode entrar!.....*abril* 70
Nem sempre a culpa é do cancer...*junho* 83
NERVOS
Que tal dos nervos?.....*abril* 51
NOBEL
Vida contraditória de Alfred Nobel.....*fevereiro* 24
Noite no Alasca, Uma.....*maio* 78
Nosso poder latente de concentração.....*junho* 20
Num comboio para Murmansk..*fevereiro* 49

O

OCULTISMO
Mensagens do alem.....*fevereiro* 77
Pacto de reunião.....*março* 83
ODONTOLOGIA
Vila sem dor de dentes, A.....*maio* 97
Opinião americana muda de rumo..*junho* 45
O que a Alemanha sofre com a guerra aérea.....*maio* 25
O que «seu doutor» nos legou.....*março* 51
O que sofrí na prisões japonesas..*fevereiro* 20

P

Pacto de reunião.....*março* 83
Pai dos pigmeus, O.....*fevereiro* 5
Painton, Frederick C. e Igor Sikorsky
Helicópteros em vez de automoveis.....*fevereiro* 67
Paradoxal bem-estar da Suiça, O....*março* 85
PARALISIA INFANTIL
Progressos na luta contra a paralisia infantil.....*janeiro* 76
Parris, John A.
Tráfico nazista de brancas.....*março* 21
PAZ
Armas não bastam, As.....*junho* 44
PAZ (*continuação*)
Opinião americana muda de rumo, A.....*junho* 45
Projeto de um mundo sem guerra*junho* 87
Peixoto, Afrânio
Pontos de vista.....*abril* 39
Pitkin, Walter B.
Grande homem e... os seus sapatos, Um.....*abril* 42
Podemos ensinar os meninos a viver.....*janeiro* 63
Podemos ensinar os meninos a viver.....*fevereiro* 71
Podemos ensinar os meninos a viver..*abril* 81
Polícia mobiliza contra a espionagem, A.....*março* 69
Pollock, Channing
Mil dólares por dia—e então?...*março* 90
POLÔNIA
Já conheço o gosto da vingança..*janeiro* 72
Pontos de vista.....*abril* 39
Powell, J. B.
Que sofrí nas prisões japonesas.*fevereiro* 20
Pouco de cada vez, Um.....*fevereiro* 61
Presente de casamento.....*abril* 40
Prisioneiro da Amazônia.....*janeiro* 22
Probabilidade entre un milão, Uma.*março* 63
Progressos na luta contra a paralisia infantil
Projeto de um mundo sem guerra...*junho* 87
PRÓSTATA
Quando o homem passa dos 50..*fevereiro* 41
PSICOLOGIA
Alegria de ser normal, A.....*fevereiro* 87
Alma pode tornar o corpo doente.*janeiro* 6
Como frutifica a imaginação.....*janeiro* 69
Eclipse da memória.....*maio* 74
Espírito triste seca os ossos.....*março* 74
Faça aquilo que teme!.....*fevereiro* 1
Nosso poder latente de concentração.....*junho* 20

Q

Qual é a força real do Japão.....*abril* 46
Quando o homem passa dos 50..*fevereiro* 41
Quando o operário trabalha com prazer.....*fevereiro* 91
Quanto anos viverá o senhor?....*janeiro* 90
Quem é o general Eisenhower.....*março* 114
QUÍMICA
Até o gás carbônico vai à guerra...*maio* 47
Que tal dos nervos?.....*abril* 51

R

Rádio-enigmas do mês.....*janeiro* 17
Raio em miniatura.....*maio* 17

RAIOS X
Engenhosas aplicações dos raios X.*junho* 38
Ratcliff, J. D.
Progressos na luta contra a paralisia infantil
Espionagem da saude, A.....*abril* 64
Vila sem dor de dentes, A.....*maio* 97
Reincke, Arno B.
Mais forte que o infortúnio.....*junho* 1
Reis, Capitão Lauro
Tragédia do Baependí, A.....*março* 3
Reparação rápida de ossos fraturados.*março* 29
Reves, Emery
Manifesto democrático.....*abril* 57
Revolução médica no México.....*junho* 3
Rezende, dr. Nilson de
Enxertos de nervos suturados com goma.....*abril* 71
Rhoades, Winfred
Espírito triste seca os ossos, O...*março* 74
Rice, Elinor
Segredos.....*maio* 123
Rich, Louise Dickinson
Meu filho nasceu no bosque.....*março* 8
Riis, Roger William
Cuidado com os consertos do automovel.....*janeiro* 41
ROOSEVELT (THEODORE)
Ciência política.....*junho* 19
Rose, Marc A.
Mestre de minha infância.....*maio* 66
Russell, Diarmuid
Como frutifica a imaginação...*janeiro* 69
Rutledge, Archibald
Mensagens do alem.....*fevereiro* 77
Truques da floresta.....*maio* 44

S

Sabotagem! A guerra secreta contra a América.....*janeiro* 93
Saint-Exupéry, Antoine de
Mouro e a cascata, O.....*janeiro* 9
Céus e abismos.....*março* 97
Sayers, Michael e Albert E. Kahn
Sabotagem! A guerra secreta contra a América.....*janeiro* 93
Scully, Michael
Revolução médica no México...*junho* 3
Viva Washington!.....*maio* 11
Segredos.....*maio* 123
Segredos do Rei da Evasão.....*junho* 31
Seis prenúncios de bom futuro..*fevereiro* 9
Seja dono de seu destino.....*maio* 59
Será isto uma prisão de mulheres?....*maio* 34
Será lícito o lucro?.....*junho* 17
Seton, Ernest Thompson
Lobo-Rei, o que morreu de amor.....*fevereiro* 45
Shor, Franc
«Em Manila nos veremos».....*junho* 35
Sikorsky, Igor e Frederick C. Painton
Helicópteros em vez de automoveis.....*fevereiro* 67
Soldado japonês visto de perto, O...*março* 22
Swing fala e milhões escutam.....*abril* 66
Sondern, Jr., Frederic
Estratagema nasceu com a guerra, O.....*março* 15
Stanley, Henry M.
Autobiografia de Henry M. Stanley.....*fevereiro* 103
Stern, Edith M.
Alegria de ser normal, A.....*fevereiro* 87
Stern, Philip Van Doren
Homem que matou Lincoln, O..*janeiro* 109
St. John, Robert
Asas de sangue sobre a Grécia....*março* 77
Stone, Irving
Alma Torturada.....*abril* 111
STOWE
Livro de paz que gerou uma guerra.....*fevereiro* 57
SUBMARINOS
Campanha anti-submarina no Atlântico.....*janeiro* 11
Tornou realidade o sonho de Júlio Verne.....*junho* 62
SUIÇA
Paradoxal bem-estar da Suiça....*março* 85
Sullivan, Mark
Armas não bastam, As.....*junho* 44

T

Taper, Bernard
Como construimos um vapor numa semana.....*maio* 63
Taylor, Robert Lewis
Fraco que se fez forte, O.....*janeiro* 65
TELESCÓPIO
Espelho gigante de Palomar, O*fevereiro* 80
Tem a palavra a defesa.....*abril* 75
Terhune, Albert Payson
Disse que lutava, e lutei.....*maio* 90
Teria o médico o direito de matar?...*abril* 1
Thomen, August A.
Não acredite nisto!.....*abril* 31
Thompson, Tenente-coronel Paul W.
Homens contra minas.....*março* 93
TIPO INESQUECIVEL
Anton, o amigo de todo mundo..*janeiro* 32

Thompson, Tenente-coronel Paul W. (*continuação*)
Pai dos pigmeus, O ..... *fevereiro* 5
Mil dólares por dia—e então? .... *março* 90
Mestre da minha infância ..... *maio* 66
Tome notas ..... *maio* 7
Toomey, Regis Canevin
E o Dia de Juizo não veio ..... *abril* 53
Tornou realidade o sonho de Júlio Verne ..... *junho* 62
TRABALHO INDUSTRIAL
Cantinho para os velhos, Um .... *março* 18
Quando o operário trabalha com prazer ..... *fevereiro* 91
Troquei o paletó pelo macacão ... *março* 65
Tráfico nazista de brancas, O ..... *março* 21
Tragédia do Baependí, A ..... *março* 3
TRANSPORTE
Ferrovias, ponto fraco do Reich, As ..... *fevereiro* 37
Helicópteros em vez de automoveis ..... *fevereiro* 67
Trezentas noivas a bordo! ..... *fevereiro* 97
Troquei o paletó pelo macacão .... *março* 65
Truque da manga, O ..... *fevereiro* 43
Truques da floresta ..... *maio* 44
Tynan, John E.
Boxe contra jiujitsu em luta de morte ..... *abril* 23

U

Ullstein, Herman
Fim da Casa Ullstein, O ..... *abril* 84
Último avião que saiu da Birmania, O ..... *fevereiro* 63
Updegraff, Robert R.
Tome notas ..... *maio* 7
Urgente assalto aéreo à Alemanha. *janeiro* 4

V

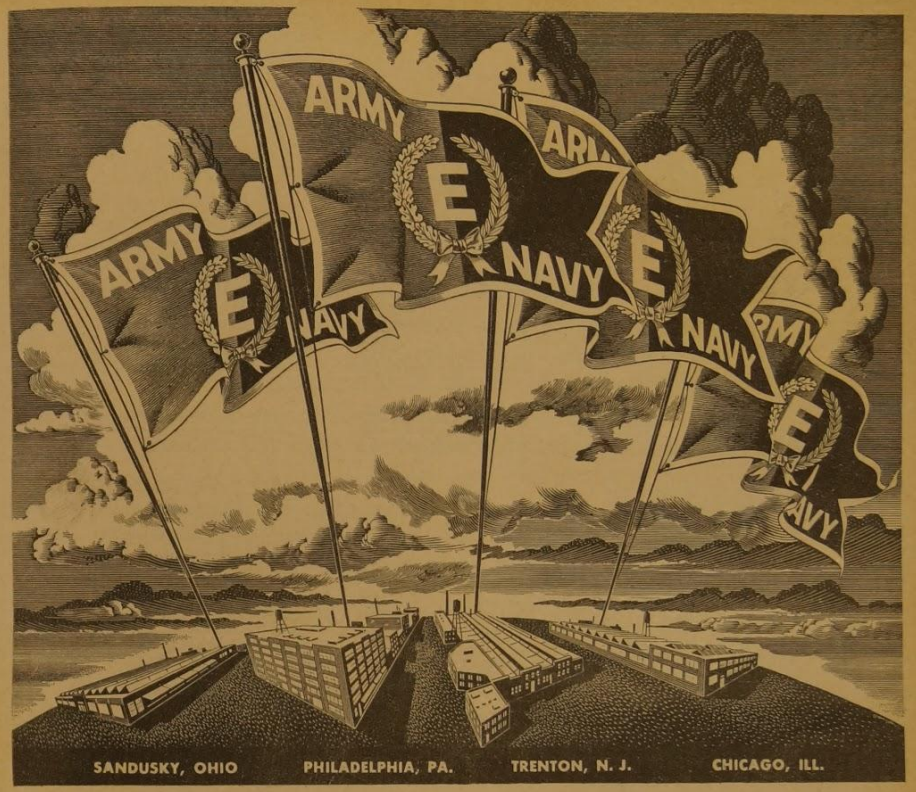
VAN GOGH
Alma Torturada ..... *abril* 111
Vanguarda da cirurgia, Na ..... *janeiro* 35
Verão os seus olhos a mesma imagem? ..... *janeiro* 18
Veresch, Joseph M.
Advogados a preço fixo ..... *junho* 78
Vida contraditória de Alfred Nobel. *fevereiro* 24
Vida e amores de Ivã o Terrivel .... *junho* 9
Vida que não é para moças ..... *abril* 89
Vila sem dor de dentes, A ..... *maio* 97
Viva Washington! ..... *maio* 11
Você é bom fisionomista? ..... *janeiro* 46

W

Waldron, Webb
Beurling, moderno Cavaleiro de Malta ..... *maio* 54
Waldron, Webb (*continuação*)
Engenhosas aplicações dos raios X. *junho* 38
Fábrica monstro surge no deserto. *abril* 35
Wallace, Ralph
Avião de guerra de 1943, O .... *janeiro* 53
Walt Disney, o pai do Camondongo ..... *janeiro* 86
Warren, James S.
Que tal dos nervos? ..... *abril* 51
Wassermann, Jacob
Bula Matari ..... *fevereiro* 117
Waugh, Evelyn
Prisioneiro da Amazônia ..... *janeiro* 22
Wharton, Don
Cantinho para os velhos, Um .... *março* 18
Assim se organizou a campanha da África ..... *maio* 83
White, Leslie T.
Vida e amores de Ivã o Terrivel. *junho* 9
White, W. L.
Campanha anti-submarina no Atlântico ..... *janeiro* 11
Wickware, Francis Sill
Segredos do Rei da Evasão ..... *junho* 31
Wiggam, Albert E.
Verão os seus olhos a mesma imagem? ..... *janeiro* 18
Williams, Wythe e William van Narvig
Derrotismo nazí—para inglês ver. *março* 58
Willoughby, Barrett
Noite no Alasca, Uma ..... *Maio* 78
Wilson, Forrest
Livro de paz que gerou uma guerra ..... *fevereiro* 57
WILSON
Grande homem e... os seus sapatos, Um ..... *abril* 4
Winston Churchill ..... *maio* 99
Wolfert, Ira
Batalha naval vista de palanque .. *maio* 1
Gigantes do ar em duelo ..... *junho* 13
Woodbury, David O.
Espelho gigante de Palomar, O *fevereiro* 80
Woolcott, Alexander
Derradeiro voto de um juiz, O .... *junho* 80
Menino que desafiou o Almirantado, O ..... *abril* 12
Presente de casamento ..... *abril* 40

Z

Ziff, William B.
Urgente assalto aéreo à Alemanha, O ..... *janeiro* 47
Zweig, Stefan
Anton, o amigo de todo mundo. *janeiro* 32



BANDEIRA DE BATALHA
para os Soldados Philco de Produção

Simbolos da sociedade vital entre os soldados da frente e os soldados da produção, estas bandeiras de honra têm sido conferidas aos homens e mulheres de Philco por alto desempenho em produção para a guerra.

Nos laboratórios Philco e suas linhas de produção, têm-se realizado para a guerra, milagres da ciencia electrónica. Ganhada a Victoria, Philco voltará á cabeça outra vez para trazer a V.S. novos radios sensacionais, receptores de televisão, refrigeradores e acondicionadores do ár nascidos destes milagres científicos. Do horror de guerra saírão para a paz, comodidades e conveniencias não sonhadas.

PHILCO

"O RADIO QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO"

TER FÉ

A Fé é o maior bem do indivíduo, da empresa ou da nação.

Os homens que edificaram as nossas nações do Novo Mundo, e as fizeram prosperar através dos mais negros dias da sua história, eram homens de inabalavel Fé no futuro.

Homens de coragem, avançaram intrepidamente, a despeito de todos os riscos e infortúnios; homens de larga visão, olharam sempre para a frente, nunca ao passado.

O Cristianismo, a maior de quantas instituições o mundo já conheceu, foi fundado por doze homens de limitada cultura e parcos recursos, mas que tinham tesouros de Fé e divina inspiração.

Nestes dias angustiosos, robusteçamos nossa Fé; fé na Providência, fé no poder do Cristianismo; fé na capacidade de nossos governantes; fé nos organismos oficiais e em todos os homens das nossas forças armadas; e fé em nós próprios.

Como disse Whittier, o poeta: «Caminha a Fé sobre o vácuo aparente, mas sob ele encontra sempre a rocha firme.»

Na crise que hoje o mundo atravessa, o «vácuo aparente,» deixará de existir quando nos precatarmos de que, sob a nossa causa, se encontra a rocha firme.

O poder de visão, que é essencial ao pensar claro; o bom-senso, necessário às sábias decisões; a coragem das convicções apoiadas em fatos, não em fantasias; e o espírito criador da Fé, oposto às forças dissolventes da dúvida, preservarão as instituições cristãs da nossa sociedade, e nos farão ganhar a guerra.

Thos. J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

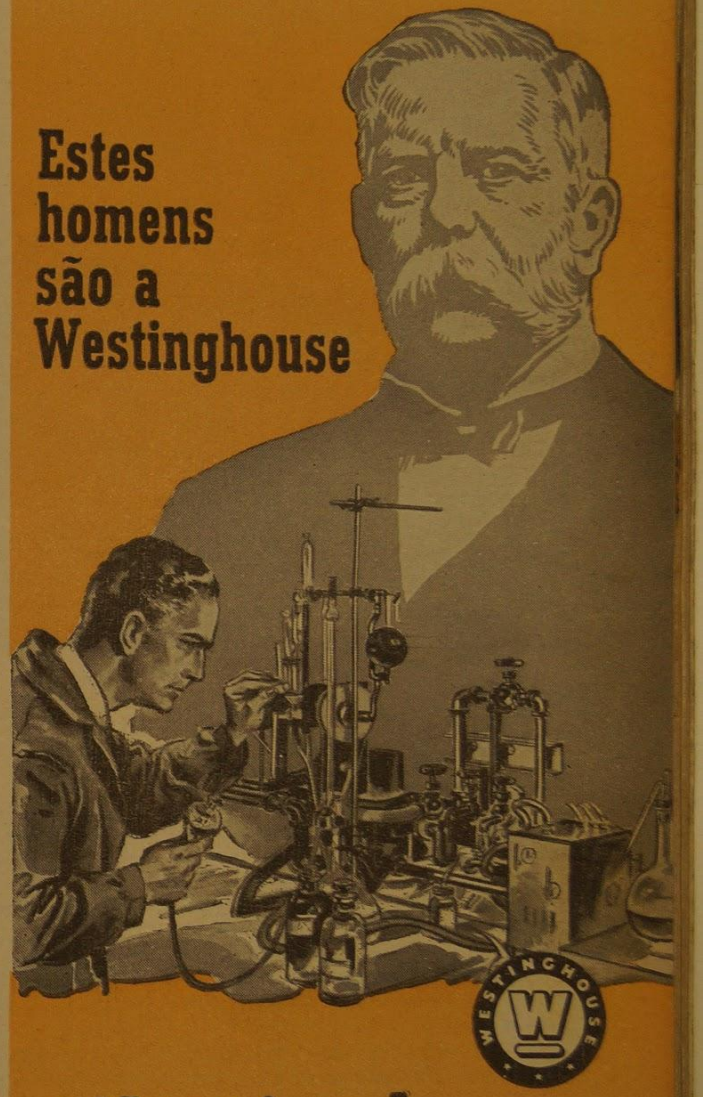
A Westinghouse é uma empresa SÉRIA e CRIADORA

A nossa posição como líderes faz-nos sentir orgulhosos e, ao mesmo tempo, humildes. Orgulhosos, porque o homem civilizado invariavelmente espera que a Westinghouse seja a PRIMEIRA a oferecer o melhor...e humildes, ao reconhecer a inspiração de George Westinghouse, vibrante e sempre presente no pensamento dos nossos inventores e engenheiros.

Ao gênio brilhante e progressista de George Westinghouse o mundo deve o travão de ar comprimido, o aperfeiçoamento da corrente alternada, a técnica da rádio-difusão...e atualmente um gênio criador semelhante conserva nossos homens de ciência na vanguarda do desenvolvimento de incontaveis maravilhas modernas, tais como as de ordem eletrônica e plástica, todas elas produto de novas ciências que afetarão de mil maneiras a nossa existência.

Westinghouse, a empresa que "primeiro" deu ao mundo tantas invenções, continuará a ser a PRIMEIRA no futuro. Quando tivermos ganho a guerra, o Distribuidor da Westinghouse oferecerá novamente uma grande variedade de produtos que constituirão o melhor na vida moderna. Entretanto, todos nossos esforços serão consagrados à tarefa dos homens livres: ganhar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E.U.A.

Estes homens são a Westinghouse

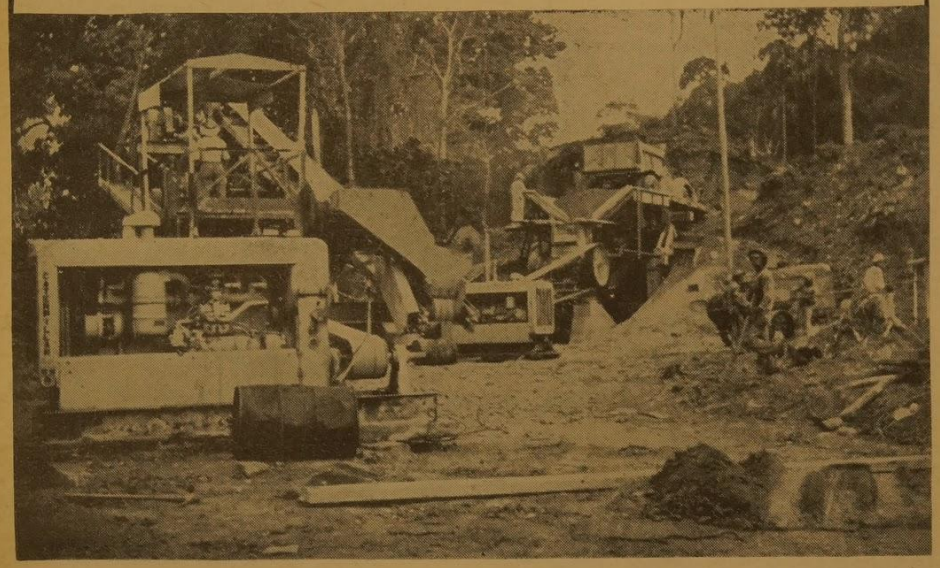


Westinghouse

Estabelecida em 1886

"PRIMEIRA no Passado – PRIMEIRA no Futuro"

ESTÁ NA FORJA A AMÉRICA MAIOR



Colômbia: *A construção das estradas não parou. Dois motores Diesel "Caterpillar" movimentam esta poderosa máquina que quebra e peneira 100 toneladas de pedra por hora, na estrada de Barranquilla a Cartagena.*

• • •

No momento as sombras da guerra obscurecem o horizonte, mas isto não nos faz duvidar do futuro. Jovens e cheias de coragem, as nações do Novo Mundo não param nem descansam. Preparam-se para o acréscimo de população, para maiores necessidades e maior progresso.

As Américas têm esta vantagem: terão menos que reconstruir depois da guerra. Muitas das obras futuras ou já começadas, poderão ser levadas a cabo. As dificuldades crescentes para se obter equipamento podem afrouxar-nos o passo mas não alterar nossa resolução.

Onde há hoje equipamento "Caterpillar" Diesel ele está demonstrando a sua solidez intrínseca e a previsão inteligente dos engenheiros que o criaram. Por mais usados que estejam, uma boa revisão feita por um mecânico da "Caterpillar" pode dar nova vida a qualquer Trator, Nivelador, Motor ou Eletrogerador "Caterpillar" Diesel.

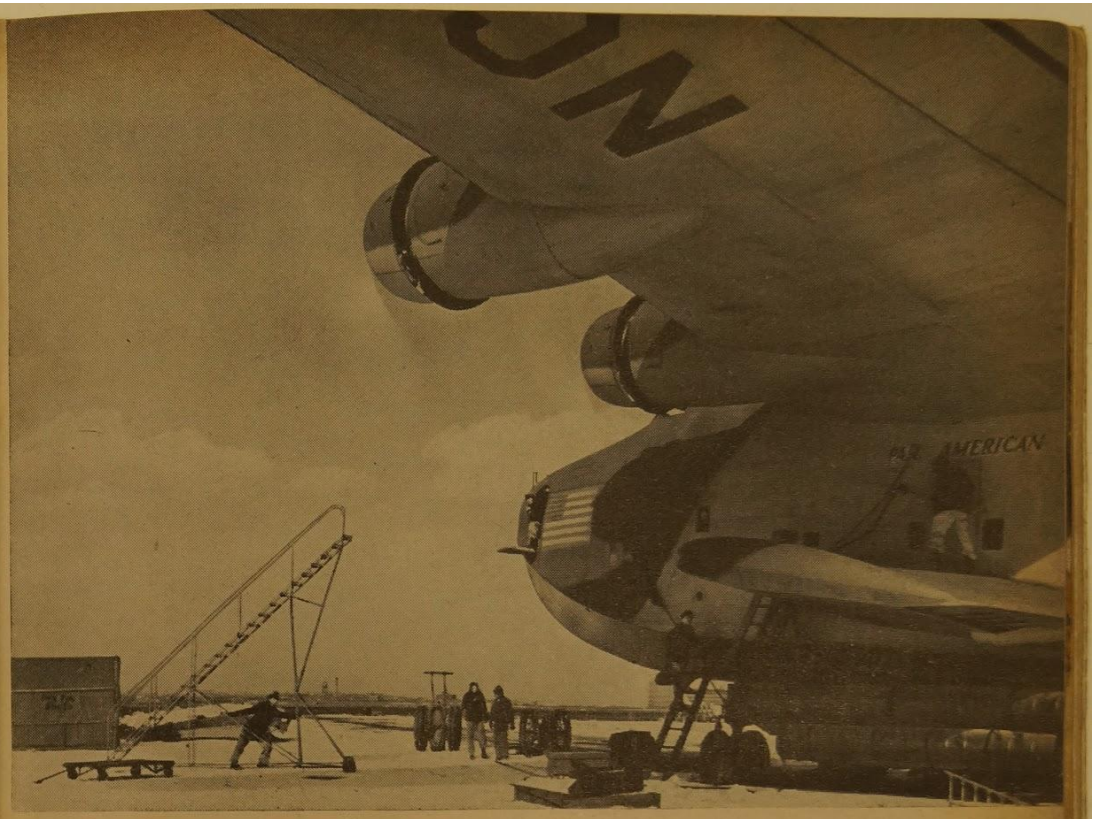
Mantenha seu equipamento "Caterpillar" Diesel em bom funcionamento — na construção de estradas, mineração, agricultura, indústria e obras públicas — até que se normalize o transporte e produção dos "Caterpillar" que então poderão de novo contribuir para a futura grandeza de toda a América.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

MOTORES E ELETROGERADORES • TRATORES • MAQUINARIA ROLANTE



A casa de apartamentos que voa

Só os Boeing B-17 merecem ser chamados de "Fortalezas Voadoras,"* os maiores Clippers da Pan-American (tambem projetados e construidos por Boeing) podem bem ser denominados "A casa de apartamentos que voa."

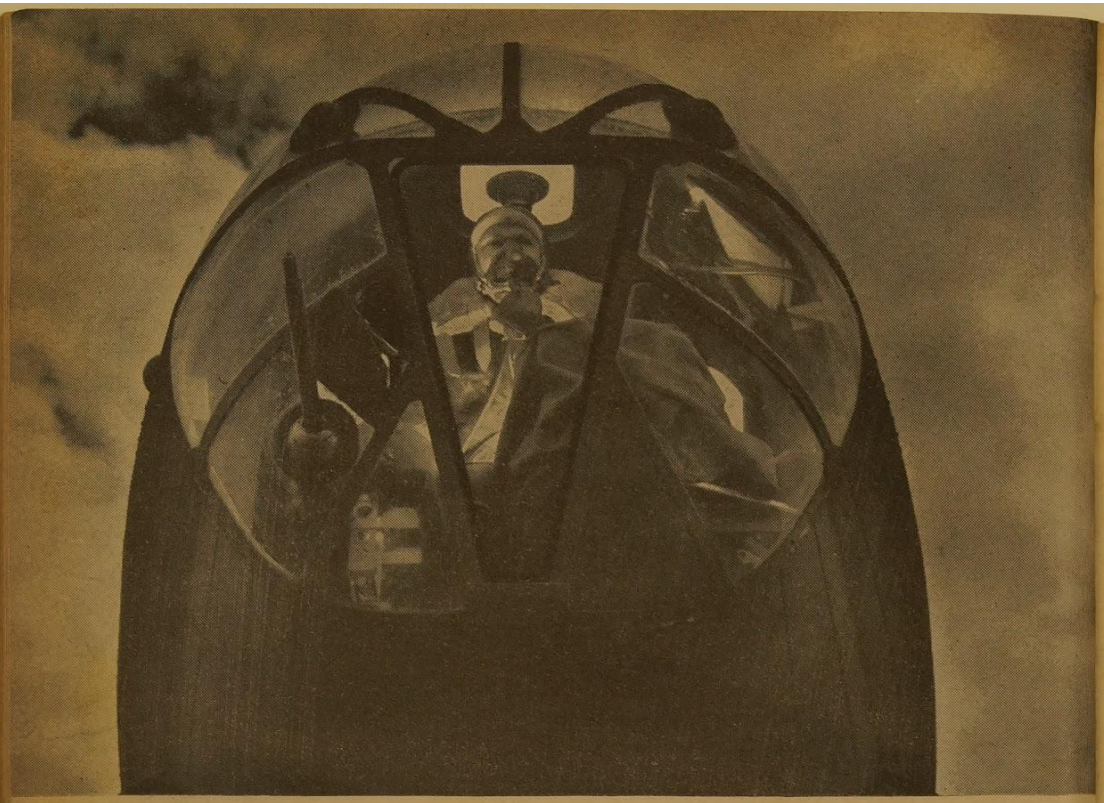
A seu modo os Clippers construidos por Boeing estão servindo a causa da liberdade . . . transportando homens, mensagens e materiais importantes por sobre oceanos —tornando possiveis os encontros históricos dos chefes das nações democráticas — aproximando as Nações Unidas em função do tempo e da distância.

Trabalham para a Boeing milhares de engenheiros representando mais de *vinte e cinco especialidades* da profissão. Estes homens têm orgulho dos aviões construidos por Boeing, as Fortalezas Voadoras,* os Clippers, os Stratoliners* e aviões para treinamento que já têm todos provado o que valem, e seus olhos estão pregados no futuro onde vêem realizações ainda maiores.

Quando a guerra for ganha, o corpo de engenheiros da Boeing, os especialistas em projetos, pesquisas ou construção, utilizarão toda sua perícia e habilidade para resolver os problemas da paz . . . problemas de como viver melhor num mundo melhor.

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS **BOEING**

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registrada da Fábrica Boeing.*



"Olhos" para os aviões de bombardeio

OS aparelhos estratégicos de observação para aviões de bombardeio, fabricados por Bausch & Lomb, permitem às poderosas esquadras de aviões de bombardeio dos Estados Unidos dirigir com precisão os ataques devastadores contra o inimigo.

Dos candentes fornos da Bausch & Lomb . . . das suas atarefadas oficinas . . . saem os instrumentos óticos que contribuem para que os aviões das Nações Unidas possam voar com segurança e confiança, para realizarem com eficácia as suas missões: sextantes, binóculos, lentes fotográficas, óculos Ray-Ban e secretos instrumentos de precisão. Nas frentes de combate e nas oficinas de construção, os instrumentos Bausch & Lomb estão fazendo a sua parte para a vitória das Nações Unidas.

Para os nossos clientes, esta produção para a guerra é hoje o trabalho mais importante. Depois da vitória poderemos fornecer aos nossos clientes os instrumentos óticos de precisão e lentes oftálmicas Bausch & Lomb nas mesmas quantidades que anteriormente.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

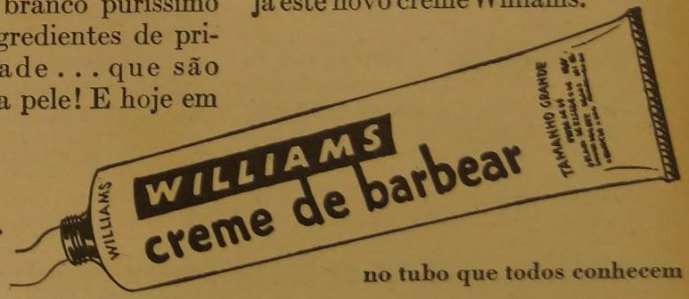
Instituição Cientifica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústria, e para Correção de Defeitos Visuais.

"E este novo creme Williams permitirá escanhoar-me sem ficar com o rosto ardendo?"

"Sim, porque contem Lanolina, que é muito semelhante ao óleo natural da pele e dá uma sensação agradavel à cutis. Sempre o aconselho aos clientes para os quais fazer a barba é um problema."

WILLIAMS não contem corante artificial que irrite a pele. É de um branco puríssimo e só contem ingredientes de primeira qualidade . . . que são agradaveis à sua pele! E hoje em dia tem, alem do mais, a ação suavizante da Lanolina. Experimente já este novo creme Williams.

Agora contem a suavizante LANOLINA . . .



no tubo que todos conhecem

UM S.O.S.

LANÇADO PELA ORGANIZAÇÃO ESSO

Decerto causar-lhe-ia inconvenientes inconta-veis se começássemos a fazer nossas entregas costumeiras de lubrificantes industriais ou automobilísticos—ou de querosene, ou gasolina —em vasilhas de papelão . . . ou em baldes . . . ou na concha das mãos . . .

Mas . . . pode suceder isso . . . e com certeza muito breve . . . se o sr. não cooperar conosco, devolvendo-nos os recipientes *metálicos* em que, habitualmente, fazemos essas entregas. *Quer se trate de tambores de óleo, ou de gasolina, ou querosene,* nós precisamos de todos eles . . . afim de poder atendê-lo com eficácia.

Não é possivel substituir o vasilhame extraviado ou avariado. Esta guerra exige todo e qualquer pedaço de aço ou de ferro. De modo que, para continuar a serví-lo, é necessário que o sr. nos ajude a melhorar a *circulação dos tambores* disponiveis.

O sangue do corpo humano não chegará ao cérebro se se fecha a veia jugular. Tampouco os produtos petrolíferos podem ir de nossos depósitos à sua casa se não tivermos *em que* os entregar. Por conseguinte . . .

QUEIRA DEVOLVER OS TAMBORES DE ESSO ➡ **Esso**

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
e a ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidores de Essolube, Essolene e outros produtos que encontrará sempre sob o oval ESSO

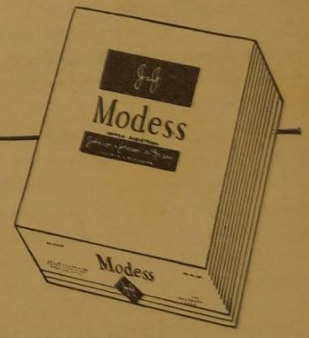
Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife.

— mas ela passa **todos** os dias do mês, assim, sem preocupações!

A SUA ALEGRIA é assegurada pela despreocupação que traz a certeza de estar a salvo de qualquer incidente desagradável. A mulher moderna precisa ter o seu confôrto garantido em todos os dias do mês. Modess, recomendada pelos médicos como a proteção científica da saúde, é a realização dêsse ideal de segurança e bem estar. Modess não irrita, nunca perde sua flexibilidade, e não é notada. É mais absorvente do que o algodão e o lado externo é protegido por uma camada impermeavel.

Peça — Modess — simplesmente, nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



AMOSTRA GRATIS—Envie-nos Cr. $1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber". Caixa 2838, São Paulo. 4-EEEE-25

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____

Bons Vizinhos—no Céu

Se V. pudesse olhar os céus que cobrem os campos de batalha de hoje, veria lá em cima muitos milhares de bons vizinhos... São os pilotos de guerra das Nações Unidas!

Bons vizinhos—porque? Porque andam lutando, longe de suas pátrias, para que nunca tenhamos que defender estas nossas praias da América do assalto de ditadores ébrios de poder. Estão lutando para que o seu país e o nosso—e todas as nações dignas e pacíficas da terra possam viver como bons vizinhos num mundo de boa-vizinhança.

Nós, os da Bell Aircraft, estamos lançando enormes enxames de aviões de combate Airacobra, artilhados, para uso desses bons vizinhos do céu. Aviões de combate com a velocidade, a resistência e a potência de fogo necessárias para passarem o teste decisivo da batalha, e regressarem vitoriosos à base.

Quando de novo reinar a Paz, o sr. olhará para os céus e verá a aviação rasgar uma era nova de transportes e viagens rápidas, de próspero comércio, e de nivel de vida mais rico. A Bell Aircraft estará pronta a construir aviões de tipo avançado, para executar as tarefas da paz futura. A perícia técnica e a experiência de produção que temos adquirido na fabricação de rápidos e mortíferos aviões de guerra, tornam possiveis os velozes aviões de segurança do após-guerra. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, New York, E. U. A.

Airacobras para a vitória—

AVIOES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR

OS INGLESES BATIZARAM ESTE BOMBARDEIRO DE MERGULHO VULTEE COM O NOME DE "VINGANÇA"... É conhecido na Aviação Militar dos E. U. A. como o A-31. Este avião entrou na guerra de dois a quatro meses antes do que se esperava, graças ao processo Kodak Matte para Transferir.

EM DEZENAS DE FÁBRICAS DE AVIÕES DOS E. U. A., os desenhistas executam os desenhos em chapas de metal sensibilizadas com a laca fluorescente da Kodak.

Novo processo fotográfico poupa tempo na produção de aviões

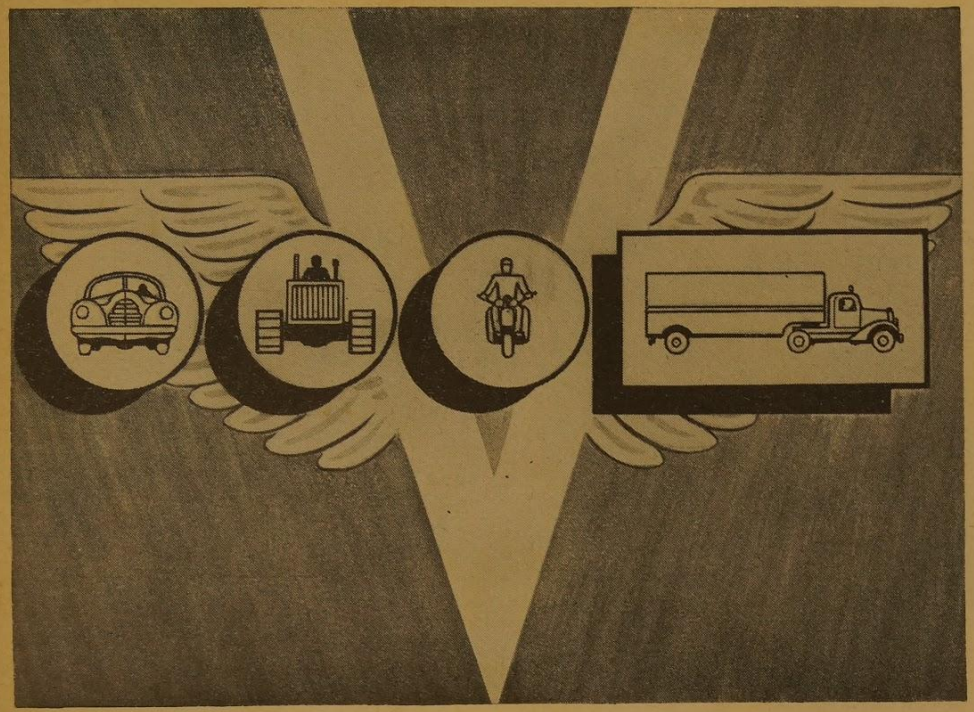
A MÃO pode falhar, o espírito, hesitar: mas uma fotografia não erra nunca. A mão que transfere os detalhes monótonos de um desenho mecânico, é lenta . . . uma fotografia é rápida. Estes dois fatos são a chave da nova "revolução industrial" que se deu no ano passado, reduzindo entre dois a quatro meses o tempo necessário para por em produção um novo tipo de avião.

Em inúmeras fábricas de aviões dos Estados Unidos, uma emulsão fotográfica é aplicada a pranchas de metal por meio do Papel Kodak Matte para Transferir, aperfeiçoado. Em outras pranchas de metal, recobertas de laca fluorescente Kodak, os desenhadores executam os desenhos originais, que são transferidos fotograficamente para o metal de estrutura, previamente "sensibilizado" pelo processo Matte de Transferir. Este metal pode ser usado para fazer chapas-moldes para aviões de novo desenho, ou para construir modelos para experiência, quatro meses antes do tempo determinado.

Assim é como a Kodak dedica seus recursos à Vitória das Nações Unidas, para que os benefícios morais e materiais da Democracia sejam acessiveis em maior escala de que nunca, à humanidade inteira. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK... a fotografia ao serviço do progresso humano

Sexto de uma série de anúncios



Facil — porem muito importante

É FACIL — POREM MUITO IMPORTANTE manter seu carro em boas condições de funcionamento até a Vitória final • • • — A defesa do Hemisfério esgota todas as reservas de aço • • • — As peças de reparo não são mais acessiveis • • • — Faça com que seu carro dure mais tempo com VEEDOL • • • — o óleo de motor que se torna um "filme de proteção" resistente e duradouro.

ÓLEO PARA MOTORES

VEEDOL

VITÓRIA DAS AMÉRICAS

É De Bom Gosto SERVÍ-LO

É De Bom Gosto PROVÁ-LO

Não se olha a despesas na elaboração deste fino e antigo whiskey americano . . . Os resultados se tornam patentes na sua qualidade e paladar sem rival . . . que em gerações sucessivas lhe grangearam medalhas de ouro nas exposições internacionais . . .

LIBERDADE NA UNIDADE

I.W. HARPER

O whiskey americano de medalha de ouro

NÃO HÁ WHISKIES MAIS FINOS QUE OS AMERICANOS

CAÇA-SUBMARINOS

Para afundar um submarino é necessário primeiro encontrá-lo. Para isso é preciso um bombardeiro de grande tonelagem, que alcance consideraveis distâncias, já que os oceanos são vastos e os submarinos são diminutos.

Ao localizar o submarino, o avião lança-se em vôo de picada, e descarrega suas bombas no momento propício, pois os submarinos modernos submergem em 20 segundos. E' geralmente impossivel fazer um vôo de picada num bombardeiro gigante sem que este se despedace.

Mas para um Lockheed Hudson não há impossiveis! Os Hudsons bateram o recorde oficial do Corpo de Aviação Costeira da R.A.F. por terem posto a pique mais submarinos que qualquer outro avião.

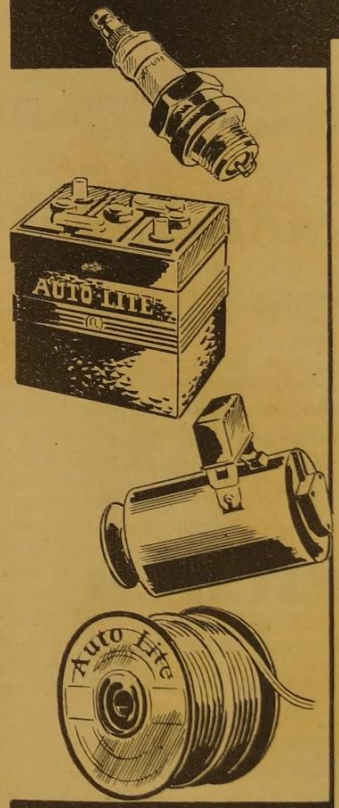
A razão é simples. Tanto o Lockheed Hudson como o Lockheed Lightning e o Vega Ventura foram projetados, planejados e construidos para a máxima resistência e segurança. A R.A.F. tem utilizado os Lockheed Hudsons em número mais elevado que qualquer outro bombardeiro norte-americano.

Bombardeiro Médio,
Vega Ventura
Avião de Caça P-38,
Lockheed Lightning

COM **Lockheed**
SEMPRE NA VANGUARDA

Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

Produção para Liberdade
AUTO-LITE



O poder industrial e a produtividade das Américas são agora dedicados à Liberdade . . . à liberdade de todos os homens . . . de todas as nações.

Com êsse propósito, vinte e duas grandes fábricas Auto-Lite estão produzindo agora materiais de guerra para as Nações Unidas. Quantidades imensas de equipamento vital—na terra, no mar e no ar—são o resultado da versatilidade dos engenheiros e da habilidade produtiva dos homens e máquinas de Auto-Lite.

Quando a vitória final for conquistada, todos os inúmeros recursos de Auto-Lite serão concentrados na manufaturação de produtos familiares Auto-Lite. A habilidade dos engenheiros de Auto-Lite trará, então, novas comodidades aos milhares de amigos de Auto-Lite.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
(*Export Merchandising Division*)
Chrysler Building, New York, N. Y., U. S. A.

VELAS DE AUTOMÓVEIS · ACUMULADORES · FIOS E CABOS
SISTEMAS DE ARRANQUE, ILUMINAÇÃO E IGNIÇÃO

Aprende-se muito vivendo 100 anos!

Desde 1843 que a Eagle-Picher é um dos principais produtores de chumbo, zinco e seus derivados, e de material isolante. Tem criado muitos produtos novos para um grande número de mercados. Em cem anos a Companhia Eagle-Picher aprendeu muita coisa, que está sendo no momento de grande utilidade para as Nações Aliadas em guerra... e que serão de utilidade ainda maior para as Américas quando os dias de paz e de trabalho tiverem voltado!

Note bem: Os produtos da Eagle-Picher incluem grande variedade de pigmentos de Zinco e Chumbo; alvaiade para a fabricação de tinta branca de chumbo; chumaceiras, ligas e outros produtos metálicos; diversos tipos de material isolante feitos com lã mineral, que servem tanto para baixa quanto para alta temperatura.

EAGLE-PICHER

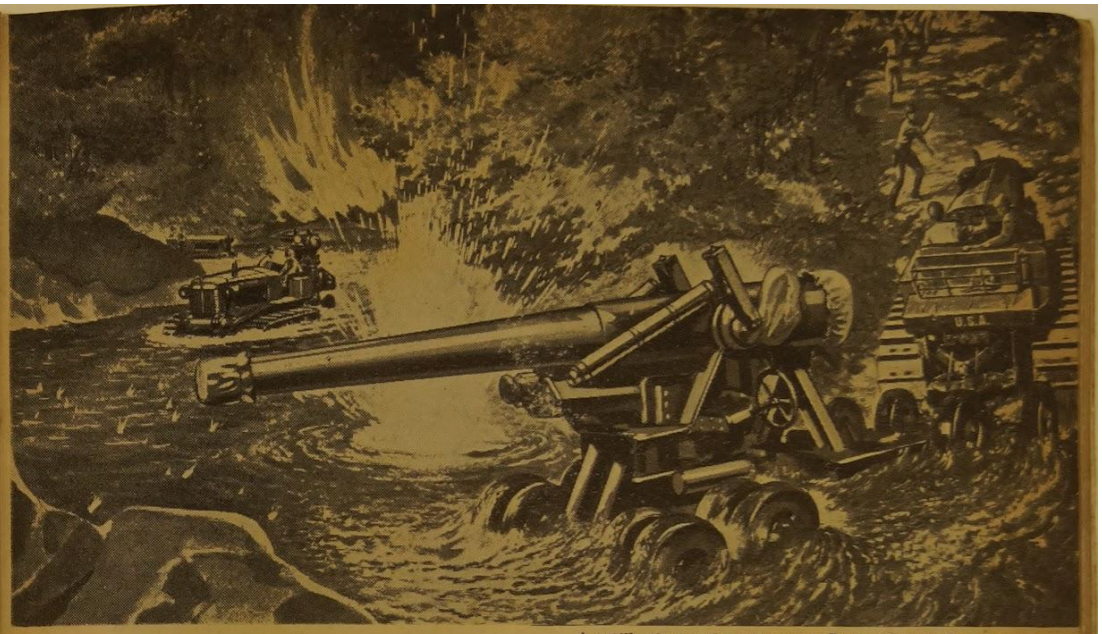
Chumbo... Zinco... Isolamento

EAGLE 1843 EP 1943 PICHER

THE EAGLE-PICHER LEAD COMPANY

Depart. de Exportação: 420 Lexington Ave., New York City

Escritórios gerais: Cincinnati, Ohio



A artilharia pesada entra em ação, movimentada por velozes e possantes tratores Allis-Chalmers Diesel de 2 ciclos.

Os primeiros *em ação*

SEM trator de esteiras a guerra de hoje ainda estaria na fase da tração animal.

O trator é o primeiro a entrar em ação. O primeiro a desembarcar com as tropas de invasão, o trator e o bulldozer preparam o caminho para o tanque e o carro blindado. O canhão de grande alcance se movimenta e toma posição, graças principalmente ao trator. Os aviões não podem voar sem campos de aterragem—e é o trator que limpa e prepara estes campos, e que depois os repara, tão depressa são bombardeados. Provisões e munições só podem ser levadas depressa até à frente de batalha por meio de estradas—e o trator acelera a construção de estradas.

Por isto é hoje tão difícil obter tratores para fins não-militares. Apesar da produção ser sem precedentes, as imensas exigências de guerra deixam poucos para o uso de civís.

Ao fazer planos para depois da guerra, converse com um representante de Allis-Chalmers para saber a melhor maneira de utilizar tratores na sua indústria, construção ou na mecanização de sua fazenda—ou então escreva-nos diretamente.

Mas enquanto não chegar a paz é imprescindivel que todo aquele que possue tratores agrícolas ou de construção, cuide principalmente de mantê-los em perfeitas condições de funcionamento. Os representantes de Allis-Chalmers podem lhe ser de valiosa utilidade na conservação e reparação de maquinaria, já que é esta, hoje em dia, sua principal função.

O emblema "E" do Exército e da Marinha, símbolo de "excelência de produção", conferido aos homens e mulheres que trabalham na Allis-Chalmers foi a primeira distinção desta ordem recebida por fabricantes de tratores.

ALLIS-CHALMERS

Tractor Division, Dept. SP643, Milwaukee, Wis., E. U. A.

Fabricantes de maquinaria desde 1846.
Representantes nas principais cidades.

O MORAL é de gelo!

África! Continente negro, terra de florestas legendárias e sertões impenetraveis, dos areais sem fim e das savanas onduladas... África! terra fabulosa do marfim, do oiro e dos diamantes, de pigmeus, girafas e babuinos... Mundo de sombras, livro de mistérios! A África se tornou da noite para o dia teatro de uma guerra mundial, e sua maciça vastidão se viu envolvida em uma rede de linhas aéreas, com aviões construidos e manobrados por americanos.

Para a sua tarefa colossal de estudar as rotas e construir rapidamente as bases, a Pan American Airways selecionou seus homens com o máximo rigor; depois, levou até essa nova "fronteira" tudo que era necessário para mantê-los em boa saude e vigor, aptos para a tarefa—tarefa de tamanha significação para o desembarque das tropas americanas no norte da África... e que desempenha um tão dramático papel por trás das parangonas diárias dos jornais.

Alí, numa palavra, o moral é feito de gelo... o gelo que permite servir alimentos frescos e apetitosos à mesa das cantinas... que alivia com bebidas refrigerantes o tórrido calor das terras africanas. Para as suas instalações, a Pan American escolheu material de refrigeração York. Quem chegar sufocado de calor a uma dessas bases africanas (cujos nomes não podemos mencionar) encontrará alí refrescos deliciosos, dentro dos quais tilintam os cubos de gelo feitos pela York!

A nenhum fabricante se poderia ter prestado melhor tributo, do que escolher o seu material para estabelecimentos de tão vital importância, tão longe do país de origem e de todos os acessórios e peças de reparo.

York Ice Machinery Corp., York, Pennsylvania.

york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO PARA A GUERRA

CENTRO DE REFRIGERAÇÃO MECÂNICA DESDE 1885

Representantes no Brasil: Byington & Co. Sede principal no Rio de Janeiro.

BORRACHA PARA ~~PNEUMÁTICOS~~ A LIBERDADE!

Todos os americanos—do Norte, Centro e Sul—estamos unidos num mesmo anelo: o de manter as Liberdades Democráticas. Nesta tremenda luta, queremos que seus defensores tenham as melhores armas para vencer.

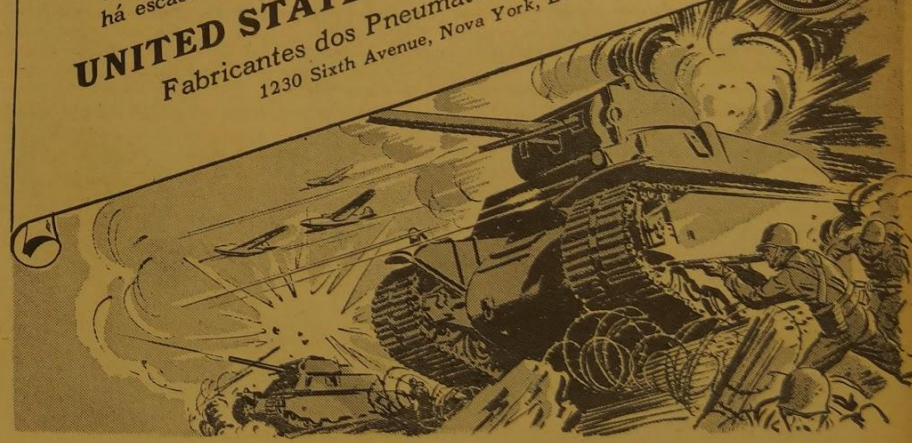
A borracha é essencial aos modernos armamentos. Requerem-se enormes quantidades dela. Por isso há escassez de pneumáticos para uso civil... Mas os serviços indispensaveis na sua localidade não devem sofrer atrasos ou embaraços devido ao desgaste de pneus.

Consulte aos distribuidores da U.S. Royal sobre os meios de fazer com que eles durem mais. E considere que, se não há material novo é porque o estão usando os que expõem a própria vida para que a humanidade continue a ser livre!

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd.

Fabricantes dos Pneumáticos U. S. ROYAL

1230 Sixth Avenue, Nova York, E. U. A.



ÀS SUAS ORDENS

para o abastecimento de melhores produtos de petróleo

A ciência, a perícia da mão-de-obra, os métodos modernos e o equipamento de uma grande organização petroleira, estão harmonizando forças para fornecer combustiveis e lubrificantes Texaco de qualidade— para produzir e acionar os instrumentos bélicos e as atividades de guerra.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Essas máquinas de escrever foram para a guerra!

Todas as máquinas de escrever disponiveis nos Estados Unidos são hoje necessárias às forças armadas. Todo navio de guerra precisa de ter uma bateria de máquinas de escrever.

Já não se fabricam mais máquinas de escrever, pois as fábricas estão produzindo material de importância vital para a guerra.

Por isto não se pode hoje comprar uma L C Smith nova... e por isto é preciso todo cuidado com a sua, para que lhe dure enquanto houver guerra.

Se V. S. possue hoje uma L C Smith, ou uma Corona Portatil, pode estar descansado, pois lhe servirá fielmente com poucos ou nenhuns reparos. O esplêndido serviço que estas máquinas lhe vão prestar no futuro, será sua melhor propaganda para depois da guerra.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERAO

SMITH-CORONA

PARA ESCRITÓRIOS PORTÁTEIS

Máquinas de Escrever

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS INC
Syracuse, New York, E. U. A.

AS AMERICAS UNIDAS
UNIDAS VENCERÃO

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL ★ ESTADOS UNIDOS DA AMERICA ★ ARGENTINA ★ COSTA RICA ★ PANAMA ★ COLOMBIA ★ VENEZUELA ★ NICARAGUA ★ GUATEMALA ★ BOLIVIA ★ ECUADOR ★ PERU ★ SALVADOR ★ MEXICO ★ REPUBLICA DOMINICANA ★ HAITI ★ CUBA ★ CHILE ★ URUGUAI ★ PARAGUAI ★ HONDURAS

ESTAMOS LHE PRESTANDO MAIOR SERVIÇO DESTA MANEIRA

Durante anos tôda a capacidade e recursos da grande Fábrica Servel estavam encaminhados num só sentido—fabricar a melhor geladeira do mercado . . . a unica geladeira que pode ser usada em qualquer lugar, porque funciona com querosene e com gás.

Nestes últimos anos a Geladeira Servel a Querosene ou Gás tem tido uma popularidade sempre crescente nas Américas, permitindo a milhares e milhares de familias, nas grandes cidades como nos lugarejos mais afastados, uma vida mais abundante e mais saudável.

Mas desde Maio último que das nossas Fábricas em Evansville, Indiana, nenhuma geladeira saiu para uso de civis. Desde aquela data vimos consagrando exclusivamente a fabricação de produtos essenciais a guerra, a perfeição técnica que tornara famosos os produtos Servel em tempo de paz.

Como a guerra hoje é uma guerra total, a Fábrica Servel está contribuindo com sua parte . . . para proteger a liberdade e as vidas dos povos livres dêste continente . . . com uma produção total para a guerra. Acreditamos estar assim servindo melhor as Américas!

Maz a paz voltará um dia. O Eixo será vencido. E quando chegar êsse dia, Servel retomará sua grande tarefa de fabricar geladeiras—tornando-as mais perfeitas que nunca, graças a experiencia hoje obtida na execução de trabalhos de importancia vital.

SERVEL, INC.
DEPARTAMENTO DE EXPORTAÇÃO
51 East 42nd St., New York, N. Y., E.U.A.
FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL
a Querosene e a Gás

Novo TORNO REVÓLVER SOUTH BEND

Os novos Tornos Revólver South Bend Série 1000, projetados para o torneamento rápido de pequenas peças fabricadas em série, são ideais para trabalhos de manufatura em quantidade. Sua velocidade, exatidão, potência e versatilidade tornam possível uma produção rápida, sem sacrificar a eficiência ou a precisão.

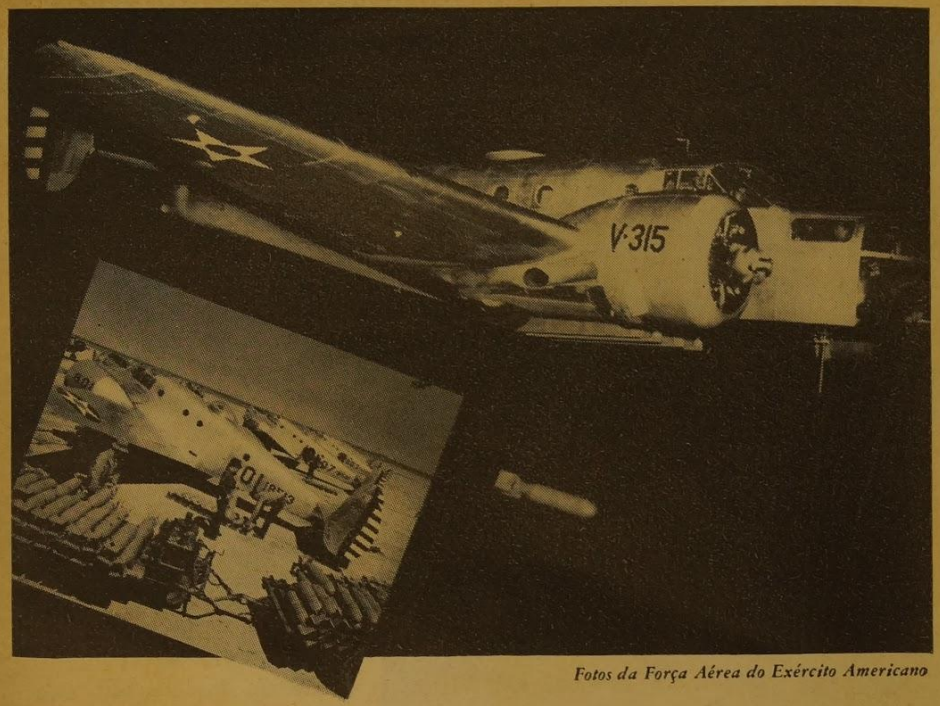
As caraterísticas básicas South Bend, que asseguram uma produção com a qual se pode contar, são suplementadas pela operação do revólver a alavanca manual, pelo porta-ferramentas corrediço duplo e pelo mandril de boquilha, para aumentar a rapidez de operação e diminuir a fadiga do operário.

Tornos Revólver Série 1000

Os Tornos Revólver Série 1000 teem 10.1/8" de diâmetro torneável sôbre a bancada, haste com furo de 1.3/8" e uma capacidade máxima para boquilhas de 1". O equipamento normal consiste de caixa de câmbio rápido, avanço mecânico do carro, porta-ferramentas corrediço, duplo, com alavanca manual, porta-ferramentas composto e revólver com alavanca manual. Há, também, dispositivos adicionais para trabalhos especiais.

Também se fabricam Tornos Revólver South Bend em dois outros tamanhos para muitos tipos de trabalhos de produção em série.

SOUTH BEND LATHE WORKS
SOUTH BEND, INDIANA, E. U. A. — FABRICANTES DE TORNOS HÁ 36 ANOS



Fotos da Força Aérea do Exército Americano

Os Beechcrafts em Ação

No. 2 DE UMA SÉRIE

O bimotor Beechcraft AT-11 para treino de bombardeio, que se vê na fotografia, fornece à Marinha e ao Exército Americano um meio de treinar os bombardeiros e pilotos para as operações de bombardeio real. Esses aviões estão providos de toda a aparelhagem que consta do equipamento dos maiores aviões de bombardeio, apenas seus depósitos de bombas são menores e carregam menos peso.

Os AT-11 combinam alta velocidade, grande raio de ação e excelentes caraterísticas de vôo e aterragem. Permitem assim bombardeios a grande velocidade, de dia e de noite, a grandes ou pequenas altitudes, sem exigir do piloto perícia fora do comum.

O uso de AT-11 como treinamento especializado para bombardeio é apenas mais um exemplo de como o Exército e a Marinha Americana estão dando o melhor treino do mundo aos seus futuros bombardeiros e pilotos de combate.

Beech Aircraft

CORPORATION

WICHITA, KANSAS, E. U. A.

OS BEECHCRAFT CUMPREM SEU DEVER

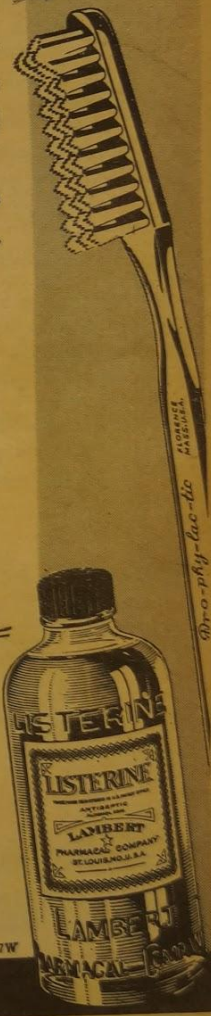
PARA A COMPLETA HIGIENE DA BOCA

CONSERVE OS SEUS DENTES BRANCOS E BRILHANTES

COM A ESCÔVA DE DENTES QUE LIMPA TODOS OS DENTES

A Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic é desenhada cientìficamente para alcançar e limpar *todos* os dentes. A sua superfície curva e resistente intromete-se entre os dentes, removendo as menores partículas de alimento. O topete da escôva, alcança e escôva fácil e detalhadamente os dentes detrás.

As Escôvas de Dentes Pro-phy-lac-tic são encontradas em vários estilos e tamanhos. Compre uma Pro-phy-lac-tic, para usá-la.



COM O CREME DENTAL LISTERINE, E OBTER DENTES ALVOS E CORUSCANTES

A fórmula secreta do Creme Dental Listerine possúe o máximo poder de limpeza e polimento. Os seus dentes tornam-se alvíssimos e de um brilho esplêndido—a sua boca torna-se mais fresca—mais *limpa*...E, o que é mais, você ficará entusiasmado com o agradável gosto do Creme Dental Listerine!

E MANTENHA O SEU HÁLITO SUAVE -DESTRÚA OS GERMENS DA BOCA

COM ...o Antissético Listerine. Um gargarejo diário com o Antissético Listerine—puro—destruirá milhões de germens da boca e da garganta—ajudará a proteger-lhe contra resfriados e inflamações da garganta. Terminará qualquer máu cheiro, também, deixando o seu hálito docemente perfumado.

77W

VOCÊ NECESSITA OS TRÊS

Conselhos muito oportunos...

- **Não deixe para amanhã** a compra de sua máquina de costura, se sabe que realmente precisa de uma. A Singer ainda tem algumas máquinas novas a venda mas o estoque será limitado até acabar a guerra.

- **Cuide mais que nunca** da máquina que possue. Com uma pequena despesa para mandar examiná-la e ajustá-la frequentemente, verá que sua máquina há-de durar por muitos anos.

- **Recorra a nós** sempre que precisar de auxílio para confeccionar ou renovar seus vestidos. Temos livros e outros meios para ajudá-la nos seus problemas de costura e bordado à máquina.

- **Vá à casa Singer** logo que sua máquina precise de peças de reparo, de acessórios, agulhas, ou óleo. A reserva de muitos desses artigos é limitada.

- **Procure o "S" Vermelho** na vitrine da Casa Singer, para ter certeza de que está adquirindo material Singer *legítimo*.

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright 1943, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

A VITÓRIA vos dará asas

• As montanhas mais escarpadas, os oceanos mais vastos não serão mais obstáculos. Mediremos as distâncias não em milhares de quilômetros, mas sim em *horas*.

Voaremos—no mundo maravilhoso que nos trará a paz futura—voaremos nós e voarão os produtos que vendemos e os que compramos. Voaremos *mais longe*, *mais depressa*, e com *mais segurança* nos super-aviões que surgirão depois dos grandes aviões de guerra que o Hemisfério Ocidental está construindo hoje.

Os metalurgistas da Republic Steel estão trabalhando em colaboração íntima com os engenheiros aeronáuticos e os fabricantes de aviões. Foram eles os primeiros a produzir com resultado prático o aço com liga de cromo e vanadio, e o aço com níquel e molibdeno. Criaram os famosos "aços para a aviação" e as blindagens resistentes à granada.

Estes "aços de guerra" da Republic Steel contribuem hoje brilhantemente para a luta pela liberdade das Américas. Hoje que a capacidade de seus fornos elétricos aumentou de 700%, a Republic Steel produz imensas quantidades de excelentes ligas e aços inoxidaveis, assim como centenas de outros produtos necessários à Vitória.

Quando a liberdade das Américas estiver de novo garantida, os excelentes "aços de guerra" da Republic Steel contribuirão não somente para a construção dos maravilhosos aviões do futuro, como tambem para que se façam melhores trens, navios, automóveis, máquinas agrícolas, material para escritório e para casa, e assim teremos um mundo melhor, mais rico e mais livre.

Marchando *juntos* para a Vitória final—*nós* nas Américas—forjaremos este mundo melhor!

Entre outros artigos, a Republic Steel produz: Ligas, aço inoxidavel, aço ao carbono; ferro Toncan; barras e congêneres; chapas, lâminas, chapinhas; tubos e aços soldados a eletricidade; porcas e cavilhas; folha de Flandres; materiais de revestimento e cobertura; seções especiais; materiais de construção; materiais de drenagem; arame e artigos de arame.

REPUBLIC STEEL — VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave.
New York, N. Y. E.U.A. Endereço telegráfico: «TONCAN»

Escritorios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguai, Venezuela, Ilhas Virgínias.

Para que haja *Liberdade de Expressão* no mundo inteiro

Há 55 anos que vimos perseguindo fielmente o ideal de produzir canetas-tinteiros tão perfeitas, que permitam a qualquer pessoa exprimir por escrito o seu pensamento, com a maior facilidade, sem o menor embaraço.

Se o Sr. não pode conseguir agora a caneta Parker que ambiciona, apelamos para a sua paciência: deve-se o fato a que grande parte da mão-de-obra experiente da Parker está presentemente empenhada em produzir obras de alta precisão que são parte do material de guerra indispensavel . . . para ajudar a garantir a liberdade do mundo!

Parker

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA, Rua 1° de Março, 9-1°, Rio de Janeiro

Toneladas contra Tempo

A estrada de ferro acaba no cais . . . o mar detem-se nas praias . . . mas os cargueiros do ar vão diretamente a seu destino sem baldeações de carga. Para êste transporte rápido de grande tonelagem, a qualquer lugar, os motores Wright fornecerão a fôrça-motriz.

WRIGHT *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO
A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Benvinda...
a pausa que refresca

Todo mundo vê chegar com prazer o momento e o lugar do repouso. A sêde nos diz *quando:* e o conhecido cartaz vermelho que lê "Tome Coca-Cola", indica *onde*... gozar a pausa que refresca.

Tome
Coca-Cola
MARCA REGISTRADA
Bem fria

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

HONTEM
HOJE
AMANHÃ

Tendo servido durante vinte anos, no Passado, ao público de toda a América, com os motores-de-popa Johnson "Sea-Horse"—

—dedicamos hoje, no Presente, toda nossa energia e capacidade à produção de material necessário à guerra—

—confiando no Futuro, pois com a experiência adquirida na manufatura precisa e complexa de material de guerra—

—fabricaremos motores-de-popa que serão ainda melhores que os anteriormente fabricados—para seu maior gozo e proveito.

Esses motores-de-popa portáteis que transformam sem grande despeza, barcos pequenos e médios em lanchas velozes—são conhecidos no mundo inteiro por seu perfeito e seguro funcionamento.

Outboard, Marine & Manufacturing Co., Seção de Exportação, Waukegan, Ill., U.S.A.

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano de um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

JOHNSON "SEA-HORSES"

É favor mandar-me um exemplar da planta para um barco pequeno.

Nome_____

Endereço_____

Alterne a posição dos pneus, inclusive o sobressalente, cada 4.000 Kms.

Mande verificar o alinhamento das rodas, hoje e cada 4.000 Kms.

Verifique a pressão de ar ao menos uma vez por semana.

Verifique o funcionamento dos freios e mande ajustá-los, hoje e cada 4.000 Kms.

Mande verificar os seus pneus, interna e externamente, agora e cada 4.000 Kms.

POUPE

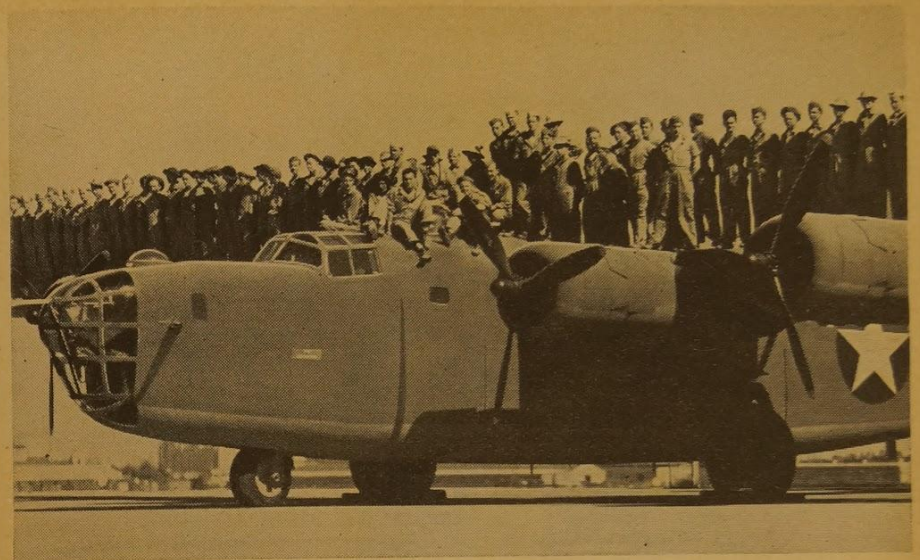
a vida aos seus pneus

O *abuso* destrói os pneus mais depressa que o *uso*. Siga estas 5 simples regras, e conseguirá que os pneus do seu carro cheguem *a durar 30% mais*. E conduzindo devagar, o sr. conseguirá *ainda mais* quilometragem!

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

PNEUS GOODYEAR
INDUSTRIA BRASILEIRA

Peça ao seu Revendedor Goodyear o livreto "Como economizar os pneus".



"ÊSTES HOMENS que estão na asa do seu enorme 'Consolidated Liberator' eram bombeiros hidráulicos, empregados de farmácia, empregados de escritório, caixeiros, ajudantes em garages e trabalhadores do campo. Agora, já terminaram o seu curso preparatório no Campo Consair e breve estarão espalhados em terras de ultra-mar, nas bases da Aviação Militar, como hábeis mecânicos entre o pessoal de terra dos aviões de bombardeio."

Como a Consolidated solveu um problema de guerra

HÁ MUITO TEMPO que a Aviação Militar se convenceu da necessidade de apressar o mais possível o ensino técnico do seu pessoal de terra. E o que é mais, fazia-se necessário dispor, com urgência, de aviões de bombardeio para as aulas práticas.

Por isso, a Consolidated resolveu trazer os alunos para os bombardeiros!

Quasi que da noite para o dia, a companhia construiu o Campo Consair, completo com os seus alojamentos, seus refeitórios e salas de aula.

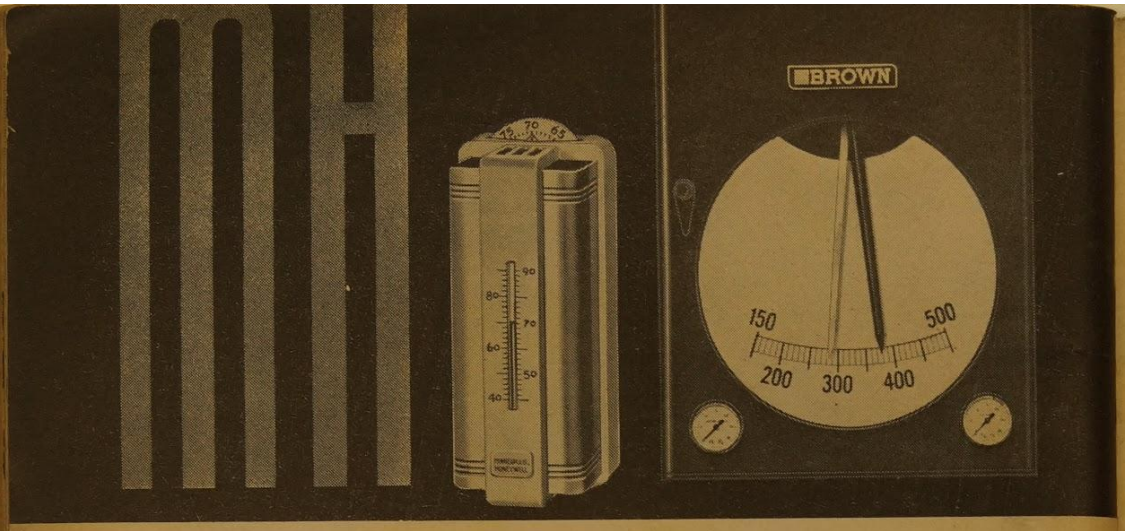
Aqui, os alunos da Aviação Militar estão agora aprendendo a tratar da conservação dos próprios aviões que êles, mais tarde, irão conservar em serviço de guerra.

Tanto os aviões, como as ferramentas, o equipamento e os manuais necessários são fornecidos pela Consolidated. Os instrutores são os seus especialistas que estão construindo os bombardeiros.

Os diretores da Consolidated são de opinião que a responsabilidade da companhia não cessa no momento em que o avião sái pronto da fábrica. Razão porque se sentem orgulhosos de poder fazer essa importante contribuição ao ensino técnico do pessoal da Aviação Militar. *Consolidated Aircraft Corp., San Diego, Calif.; Fort Worth, Texas; Tucson, Arizona; New Orleans, Louisiana.*

CONSOLIDATED AIRCRAFT UNIDAS SEMPRE

Desenhadores e construtores dos aviões · LIBERATOR · CORONADO · CATALINA · LIBERATOR EXPRESS



Marchando a par do Progresso

Correndo parelhas com o sempre crescente interesse pelo lar moderno, que se nota em toda a América do Sul, está a grande procura pela aparelhagem de Controle Automático de Aquecimento e Acondicionamento de Ar, da Minneapolis-Honeywell, fabricante de vanguarda desde 1885. No sentido de acompanhar a procura de equipamento industrial, em constante aumento no grande continente do Sul, estão sendo hoje considerados absolutamente necessários os Controles para melhorar a produção, evitar desperdícios, e assegurar a segurança dos trabalhadores. Muitos Instrumentos de Registo Industrial, de Indicação e Control para as Indústrias, são produto da Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. Sendo certo que, devido à guerra, muitos tipos de mecanismo de controle, não se podem hoje obter, convidamos os interessados a informar-se sobre qualquer assunto relativo a controle industrial e técnico. Minneapolis-Honeywell Regulator Company. Departamento de Exportação, 4422 Wayne Ave., Philadelphia, Pa.

COM UNIDADE LIBERDADE

DISTRIBUIDORES

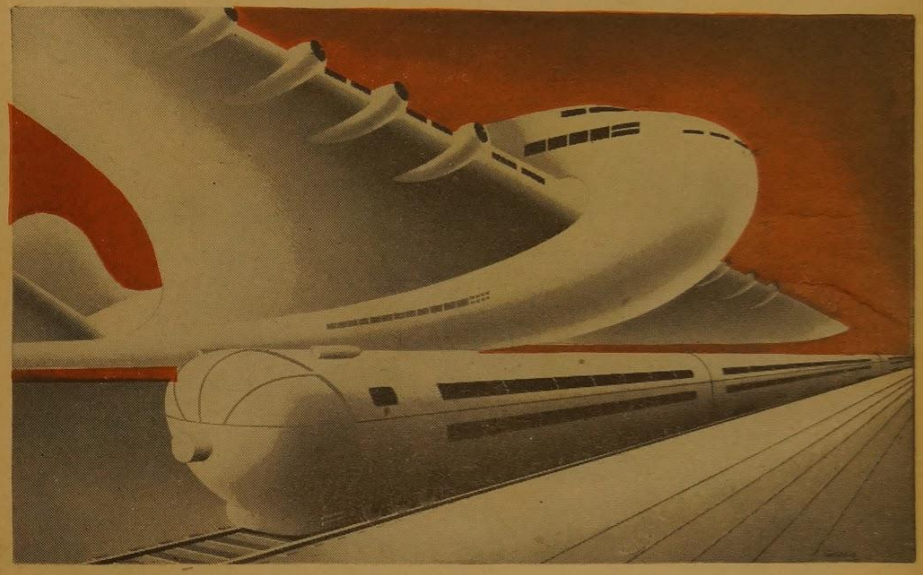
Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

Depois da guerra!



¿Onde está o Acondicionamento de Ar Carrier que refrescava os teatros; tornava confortável a casa e o escritório; ajudava na elaboração de melhores produtos na usina e na fábrica? *Foi para a guerra!*

Hoje o Acondicionamento de Ar e Refrigeração Carrier estão consagrados á Vitória das Americas Unidas.

Nesses alegres dias que nos esperam, "*Depois da guerra*", o Acondicionamento de Ar e Refrigeração Carrier voltarão ao seu serviço habitual: prover conforto e saúde, e auxiliar na obra de industrialização das Américas.

Entretanto, V. S. poder contar com o distribuidor da Carrier, o qual está pronto a toda a hora para ajudá-lo a conservar em funcionamento eficaz e economico a sua atual instalação de Acondicionamento de Ar e Refrigeração.

CARRIER CORPORATION
SYRACUSE, NEW YORK, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRASIL
ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S.A.
Rua da Alfandega, 107
Rio de Janeiro
Rua Marconi, 124
São Paulo

ARMCO

Carrier

— Já vem pronto para servir!

PRIMEIRO, escolhemos as melhores pernas de porco. Isso feito, submetemo-las ao processo de fabricação exclusivo da Swift. Depois, cozinhamos o presunto para você, de maneira que possa ir ter a sua mesa com todo seu sabor e deliciosamente macio — constituindo um irresistível convite ao seu paladar!

Igualmente saboroso quando servido quente ou frio, o Presunto Swift, é realmente prático e econômico, pois vem pronto para servir, poupando tempo e combustível!

Exija o Presunto Swift para obter um alimento substancioso e nutritivo, preparado por métodos que garantem a excelência e a absoluta pureza de um produto!

• • •

Eis um alimento do mais alto valor nutritivo — fonte de preciosas Vitaminas B1. Não deixe faltar Presunto Swift em sua despensa! Experimente-o hoje mesmo!

PRESUNTO COZIDO
(em latas) Nos tamanhos médio e grande.

Latas de 1 quilo, para pequenas famílias

PRESUNTO COZIDO
(embrulhado)

PRESUNTO DEFUMADO
(embrulhado)

PALETA DEFUMADA
(embrulhado)

PRODUTOS DA **Swift do Brasil**
COMPANHIA SWIFT DO BRASIL S. A.

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Experimente também estes produtos Swift:-

SALSICHAS • PÂTÉS • PERÚ • LÍNGUAS • PRESUNTADA • BACON • CARNE DE PORCO • CORNED BEEF • CARNE COZIDA • EXTRATO DE CARNE • TUCO (PARA MASSAS) • GALANTINA • BANHA

VOZES QUERIDAS!

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Nada eleva a tão alto grau o espírito dos soldados como as noticias da família . . . dos vizinhos . . . da sua terra natal.

Por isso centenas de milhares de receptores de rádio acompanham as tropas das Nações Unidas para qualquer parte onde se encontrem . . . Algéria . . . Islandia . . . China Austrália . . . em todos os continentes e em todos os mares.

E que claro se lê no rôsto de cada homem a satisfação que sente quando consegue obter as emissões da sua terra natal, e ouvir as vozes que conhece tão bem!

O rádio tornou-se o elo mais forte para conservar unidos aqueles que ficaram na Pátria e aqueles que se encontram em regiões distantes, defendendo as liberdades humanas.

E a Zenith tem orgulho no fato que sua produção inteira está dedicada aos exercitos que combatem pela causa sagrada.

ZENITH
LONG DISTANCE **RADIO**

Fabricantes de Equipamento Radiónico Exclusivamente.

Noventa e três elementos conhecidos entram na composição do nosso mundo físico. Dois deles, naturalmente, são o ouro e o mercúrio. Por terem estes, peso específico semelhante, os alquimistas da Idade Média, passaram anos de pesquisas infrutíferas, na esperança de transformar o mercúrio em ouro, metal precioso.

Hoje em dia, essas transmutações já conseguidas em laboratórios, não despertam grande interesse. Muito mais importante é a alquimia metalúrgica que criou o milagre das ligas de aço. Cromo, niquel, manganez, tungstênio, molibdênio, berílio —são estes os metais preciosos de hoje. Combinados com o aço macio ou com o aço ao carbono em várias proporções, eles aumentam a resistência, a dureza, a solidez, a ductilidade, conforme a finalidade a que o aço se destina.

Toda nossa indústria do automovel, aeronáutica e ferroviária se baseiam em descobertas no domínio das ligas de aço. Um exemplo famoso é a liga de cromo e niquel conhecida como Aço Inoxidavel e usada pela Budd Manufacturing Company para fabricar os famosos trens aerodinâmicos que revolucionaram o transporte de passageiros por estradas de ferro, nos Estados Unidos.

O Aço Inoxidavel tem quatro vezes mais resistência elástica de que o aço comum. Quando usado na fabricação de trens caminhões de carga e navios, reduz o peso ao mínimo necessário, permitindo maior velocidade com economia de combustivel e de manutenção.

A ciência progride. Em centenas de laboratórios continuam as experiências em busca de melhores ligas de aço para estruturas e máquinas. Os engenheiros da Budd estão sempre alerta, pois se bem que estejamos hoje completamente absorvidos com a fabricação de material de guerra, olhamos com confiança para o futuro quando Budd puder de novo empregar seus recursos para servir aos povos das Américas.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.

Não Foi Nada... Graças Ao Óleo!

A COURAÇA deste tanque resistiu ao impacto de uma granada porque foi construida nos Estados Unidos, onde se produzem as blindagens mais rijas que se conhecem. Sua dureza inigualavel é obtida mergulhando-se o aço, levado à candência, num novo óleo de têmpera, creado pela Socony-Vacuum.

Tambem a blindagem dos encouraçados, bombardeiros e aviões de combate dos Estados Unidos recebe o mesmo tratamento, para se tornar mais dura. Toda a vasta experiência da Socony-Vacuum que há 77 anos se dedica à elaboração de produtos de petróleo, está a serviço das Nações Unidas.

Os fabricantes dos óleos e graxas Gargoyle estão produzindo novos lubrificantes industriais e novos óleos para corte de metais. É inestimavel sua contribuição para o formidavel aumento da produção bélica, de explosivos e plásticos e outros materiais de importância vital para a guerra.

Essa mesma experiência — a maior de todo o mundo — tambem está ao serviço dos industriais que usam os lubrificantes GARGOYLE, para proteger as suas máquinas, cujas peças hoje dificilmente podem ser substituidas.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** **PARA TODAS AS INDÚSTRIAS**

"EXCLUSIVO • EXCITANTE • EXCELSO"

Amapola

Tonalidade brilhante e nova dos Batons Michel

V.S. pode já gozar as múltiplas vantagens que lhe oferece o Baton Michel, que é macio como um veludo e da tonalidade vermelha mais sedutora que já se viu. Nossa creação, o *Amapola*, dará a seus lábios o poder cativante da formosura divina; lábios que conservarão todo o dia um colorido intenso . . . ou—o que não é menos importante—a noite inteira. . .

A base de fino creme dos Batons Michel protege os lábios e mantêm-nos frescos e macios. Seu atraente perfume é a um tempo delicado e estonteante. Quando V.S. experimentar o Baton Michel *Amapola*, verá que êle lhe dá um toque de radiosa beleza, e a proteção de seus ingredientes puríssimos e aveludados, marcados pelo sêlo inconfundível de Michel.

8 LINDISSIMOS TONS
AMARANTH • CHERRY
BLONDE • SCARLET
AMAPOLA • CYCLAMEN
RASPBERRY • VIVID

Michel

BATON PARA OS LABIOS

Recuse imitações—exija MICHEL autêntico!

Experimente também o ROUGE MICHEL que dá as faces a côr natural que realça a beleza. O Rouge Amapola de Michel adere admiràvelmente e dá à cutis o toque mágico da elegância mais refinada.

O Fim da mais Antiga das Tiranias

Acabada esta guerra, o homem vai ver realizado um sonho multi-secular: libertar-se da tirania do tempo e do espaço!

Poder ver, ouvir e saber o que acontece no resto do mundo, instantaneamente e com toda precisão, eis um dos símbolos da nova liberdade! Transmitir idéias em forma de palavras ou imagens para os quatro cantos do mundo, será outra forma desta emancipação . . . A comunicação entre os homens não será mais limitada pelo tempo ou pelo espaço.

O rádio e a eletrônica são as forças que forjarão esta nova liberdade — o mesmo rádio e eletrônica que desempenham papel tão preponderante na estratégia desta guerra. Na RCA, hoje em dia, só pensamos em aperfeiçoar e aumentar a eficiência do rádio e da eletrônica, para servir à causa da Vitória das Nações Unidas.

Quando a Vitória estiver ganha, estará ao alcance de qualquer um, este instrumento de libertação — um instrumento que destruirá para sempre a tirania do tempo e do espaço.

Ouçam todas as noites "Correspondente Estrangeiro RCA Victor" no Radio Nacional, Rio de Janeiro.

RCA Victor Division

RADIO CORPORATION OF AMERICA

Camden, N. J., E. U. A.

RCA Victor Radio, S. A. • Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

As **LANCHAS HIGGINS**

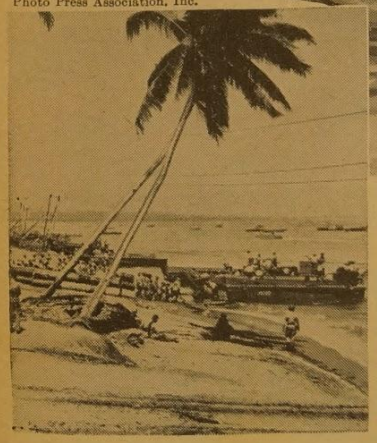
Triunfam nas Ilhas Salomão

"USAMOS AS LANCHAS HIGGINS PARA CAPTURAR A PRAIA", diziam os despachos enviados das Ilhas Salomão. Com as rápidas e resistentes Lanchas Higgins, as tropas apeiam-se enxutas nas areias ou rochas das praias. Os Higgins "Crocodiles", faceis de manobrar, descarregam num instante suas cargas de tanques e equipamento, ao efetuarem um desembarque. Poderosos Botes-Mosquitos servem para proteção e assalto.

Histórias de êxitos similares vieram-nos da África e de outros lugares. As Lanchas Higgins, projetadas e construidas para as Nações Unidas, estão sempre na vanguarda duma invasão.

Todos os impecaveis detalhes de desenho das Lanchas Higgins, que contribuiram para o triunfo nas Ilhas Salomão, são patenteados e de exclusiva propriedade da Higgins Industries, Inc. Já experimentadas nos laboratórios da guerra, as novas e melhoradas Lanchas Higgins serão suas tambem, quando chegar a paz, e estarão prontas a demonstrar a sua eficiência.

Photo Press Association, Inc.



Higgins

INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS

fulcro das Américas

Os Maiores Fabricantes de Lanchas do Mundo

Com a amavel permissão do autor, publicamos esta carta recebida recentemente por nosso agente em Caracas. É um exemplo interessante do serviço que a aviação pode prestar, quando falham outros meios de transporte.

"A PAN-AMERICAN... é tão vital quanto o pão que comemos!"

Caracas, Venezuela

Sr. J. A. Olavarrio
Pan American Airways System
Caracas, Venezuela

Caro Sr. Olavarrio:

Diz o ditado: "Amassarás o pão com o suor de teu rosto". Mas sem fermento não há pão que preste, e não há muitos meses, este era o problema que tinhamos que enfrentar na Venezuela.

Somos obrigados, aqui, a importar o fermento.

Durante muitos anos, uma ou duas vezes por semana, chegavam-nos carregamentos de levedura Fleischmann, que nos vinham dos Estados Unidos, através do Mar das Antilhas. Depois veio a guerra!

À semelhança de sua organização internacional, que transfere Clippers de uma carreira para outra, achamos rapidamente outra fonte deste produto, a Compania Fleischmann Colombiana, Inc., em Bogotá. Mas isto apenas resolvia o problema do mercado. Restava saber como transportar regularmente pelo menos 1.400 quilos deste fermento precioso por semana, vencendo 1.648 quilômetros através de altas montanhas.

Ora, os senhores sabem a resposta, porque quem resolveu o caso foi a Pan-American. Foi grande nossa alegria quando soubemos que 1.000 pacotes estavam a caminho graças à Pan-American e sua filial Avianca, de Bogotá, que fizeram o transporte de Bogotá a Barranquilha, Maracaibo e Caracas.

Devido às tremendas responsabilidades de guerra da Pan-American, naturalmente só recebemos uma pequena parte do fermento que nos é necessário. Mas é bastante para irmos sustentando a vida e sem a magia do transporte aéreo não teríamos pão nenhum.

Há muito tempo deixamos de pensar na Pan-American como sendo simplesmente uma companhia de aviação. Para nós, faz parte integrante da vida e é tão essencial quanto o pão que comemos!

Cordialmente,
(assinado) Enrique Sepulveda
Gerente da Pan American Standard Brands Inc.

Devido ao que o Sr. Sepulveda chama muito corretamente de "tremendas responsabilidades de guerra," pedimos a indulgência dos Sul-Americanos pelas demoras e dificuldades que não podemos impedir.

Quando vier a paz, serão utilizados no serviço novos e maiores Clippers, que, diminuindo o tempo de vôo, encurtarão as distâncias, abrindo assim uma nova era de expansão comercial para a América Latina.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviacion, S. A. Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.

Joia Social

SRA. CECILIA PEREIRA PINTO,

neta dos Barões de Arari, afirma:

«Tenho obtido excelentes resultados no tratamento da minha cutis com os dois Cremes Pond's».

Nos mais seletos ambientes de todo o mundo, onde quer que brilhem as mais finas «toilletes», as mais graciosas mulheres, é certo encontrar-se este indispensável complemento do «charme» feminino: Cutis fidalgas, sedutoramente puras, aveludadas pelos Cremes Pond's.

Disfrute este método racional e seguro para possuir uma pele admirável! Veja como é simples:

1. Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cutis, aplique mais uma camada.

2. Antes de fazer a «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que, alem de proteger a cutis contra o sol e o vento, conserva o pó de arroz horas seguidas.

Siga o exemplo das mais lindas mulheres do mundo. Use diàriamente os Cremes Pond's. Ficará encantada com os resultados!

AMOSTRA GRATIS:
Queira enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $1,00 para as despesas de remessa de uma amostra gratis dos 2 Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL,
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo
3-LLLL-25

Nome.....
Rua.....
Cidade..... *Estado*.....

TIMKEN

UMA DAS GRANDES ORGANIZAÇÕES INDUSTRIAIS

Tendo começado numa forja de ferreiro, há 45 anos atrás, tornou-se uma das maiores organizações industriais, com imenso capital aplicado em máquinas e equipamento, empregando quasi 20.000 homens—eis aí a história da Timken Roller Bearing Company em duas palavras.

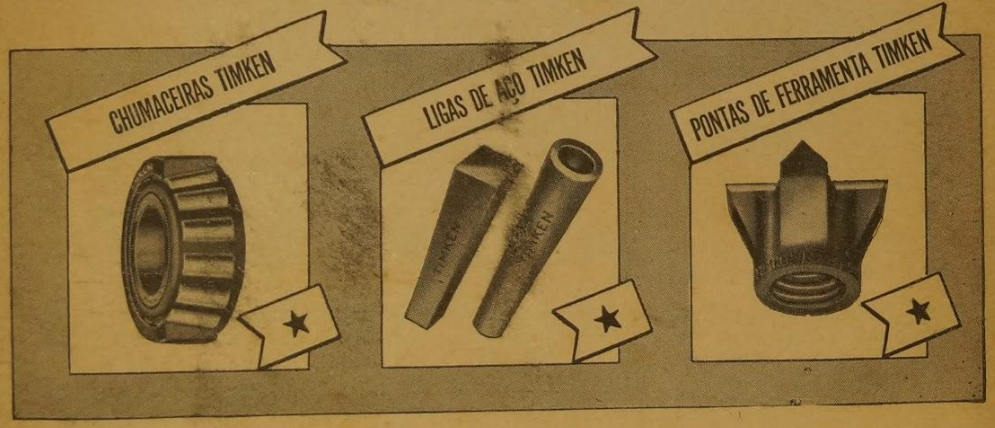
Seu principal produto, as chumaceiras cônicas de rolamento, que eram no princípio utilizadas apenas nos eixos das carruagens, são hoje usadas em toda parte onde houver rodas e eixos girando, em qualquer máquina que se possa imaginar.

Se a Timken Roller Bearing Company chegou a esta posição invejavel e conseguiu mantê-la durante a Expansão Industrial Americana, é porque procurou ir sempre ao encontro das exigências da indústria, em precisão, resistência, e velocidade.

THE TIMKEN ROLLER BEARING CO., CANTON, OHIO, E.U.A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS



Desenho aerodinâmico, circundando um motor Pratt & Whitney de 2.000 H.P. que aciona uma hélice Hidromática Hamilton Standard, o Corsair Vought vence novas étapas em velocidade, ascensão, raio de ação e potência de fogo.

Nesta aeronave combinam-se avião, motor e hélice, com o fim de produzir uma máquina bélica digna dos grandes aviadores.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. de A.

Pratt & Whitney Engines
Chance Vought Airplanes
Sikorsky Helicopters
Hamilton Standard Propellers

!Sempre Prontas!

As Forças Armadas dos Estados Unidos estão sempre prontas, em qualquer parte do mundo, para derramar seu sangue pela liberdade humana.

A "Alimentação Mágica" evita que a Caneta Eversharp derrame tinta. Escreve maior número de palavras mais suavemente e sem a necessidade de ser enchida constantemente.

A Lapiseira de Repetição Eversharp dispara uma nova ponta sempre que esta é necessária e com a rapidez de uma metralhadora. Basta uma pressão do dedo sobre o Botão Mágico, para que uma nova ponta apareça do depósito suficiente para seis meses!

Compare estas lindas canetas Eversharp aerodinâmicas com qualquer outra, e V. S. concordará conosco.

Dê uma Eversharp e dará o melhor.

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp—identificadas pela dupla marca ✓✓ no gancho segurador—é garantido—não por anos—não por vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE

EVERSHARP, INC.
CHICAGO, E.U.A.N.

EVERSHARP CANETAS "SKYLINE" E LAPISEIRAS DE REPETIÇÃO

Copyright 1943

Continuação da última capa

O Reader's Digest Apareceu em Sueco

transmitido ao escritório do Reader's Digest recentemente instalado em Estocolmo. Os rolos de filme são enviados por via aérea cada mês, por três diferentes caminhos, afim de assegurar a chegada a destino.

É a terceira edição do Reader's Digest em língua estrangeira. A edição em espanhol, Selecciones del Reader's Digest, foi lançada há dois anos e meio, seguida um ano depois pela edição em português, Seleções do Reader's Digest. Resenhas do que se publica em línguas estrangeiras, elas têm por objetivo tornar acessivel a grande massa de leitores abundante material informativo sobre os acontecimentos contemporâneos.

O acolhimento entusiasta dado a estas duas edições pelo público latino-americano, tornou evidente que o homem, seja qual for a sua nacionalidade, gosta de duas coisas: economia de tempo e leituras instrutivas.

Alem das edições em português, espanhol e sueco, e da edição inglesa impressa em Londres, o Reader's Digest está agora sendo publicado mensalmente em Chunquim, China. Dos Estados Unidos seguem para lá por via aérea exemplares-modelos sobre os quais se imprimem, segundo um primitivo processo de *offset*, os 5.000 exemplares que circulam na cidade. A tipografia, situada numa cava nos arredores da capital chinesa tão castigada pelos bombardeios aéreos, usa papel nacional de arroz e bambú, de fabricação manual.

IMPRESSO NOS E. U. A.

O Reader's Digest Apareceu em Sueco

NA VÉSPERA DE NATAL, todos os anos, quando regressam a casa depois que o sol se põe, ao atravessar os estreitos que separam a Suécia da Dinamarca, os pescadores avistam as chamas de duas fogueiras festivas, uma em cada margem do estreito. É a maneira por que os aldeões de Hälsingborg na Suécia, e de Helsingför, na Dinamarca, trocam os seus votos de boas-festas.

No último Natal, do lado dinamarquês, uma turma de bombeiros nazistas interromperam a ceremônia, espalharam o monte de lenha e cobriram de areia as cinzas. Apesar de tudo, por várias horas, reunidos à beira da água, os dinamarqueses ficaram a olhar o fogo dos suecos.

Dentre todos os grandes paises do continente europeu, a Suécia é um dos poucos onde o povo ainda pode falar o que lhe vem à cabeça, reunir-se onde bem lhe apraz, e ler o que deseja.

Completamente cercada por paises sob controle ou domínio nazista, no entanto, mesmo a livre Suécia tem dificuldade em manter as suas tomadas de corrente ligadas com as fontes vitais de informação acerca do que se passa pelo mundo.

A direção do Reader's Digest tem assim grande satisfação em anunciar o lançamento, em março de 1943, da sua edição em língua sueca, *Det Bästa ur Reader's Digest*. A tiragem do primeiro número foi de 75.000 exemplares.

Det Bästa («O Melhor») é editada nos Estados Unidos. Afim de economizar espaço nos transportes marítimos, cada número é gravado num rolo de micro-filme não maior do que um polegar, e

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Isso é viver ou vegetar?	*por Stuart Chase*	1
TNT	*Esquire*	4
A longevidade pela saude	*por Bruce Bliven*	7
O sermão entre as neves	*por A. J. Cronin*	11
Meu cachorro inesquecivel	*por Albert P. Terhune*	14
De que nos rimos—e porque	*por Max Eastman*	17
Pioneiros aéreos do Ártico	*Toronto Star*	19
Leia mais, lendo mais depressa	*American Magazine*	23
Woodrow Wilson volta à cena	*por G. W. Johnson*	26
A Sociedade das Almas Tímidas	*Your Life*	29
Herói por amor do negócio	*New Yorker*	33
A França resiste na sombra	*Life*	38
Empregados com voz na gerência	*por F. J. Taylor*	41
Cães de gado da Marinha Canadense	*The Nautical Gazette*	45
Uma operação inesperada	*por Frederic Loomis*	48
A democracia começa em casa	*Progressive*	51
O incrivel conde de Suffolk	*Saturday Evening Post*	54
Industriais que cuidam da saude do operário	*Forbes*	59
Nada amedronta os suecos	*New Republic*	61
Água doce no alto mar	*Por J. P. McEvoy*	66
Aproveite a minha experiência	*por Vicki Baum e Gontran de Poncins*	69
Quando colidem duas "raças eleitas"	*Collier's*	74
Triângulo da abundância	*por F. C. Crawford*	77
Se eu tivesse 21 anos	*por William S. Knudsen*	81
De que é feita a coragem?	*Yale Review*	83
Seção de Livros — A Ilha de Pitcairn	*por C. Nordhoff e J. N. Hall*	87
Seção de Livros — Bolívar, o Libertador	*por Thomas Rourke*	99

JULHO DE 1943

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IV, No. 18 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Julho de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação,* Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMD 23-29 1904

JULHO de 1943

SELEÇÕES *do* Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO IV No. 18

Isso é viver ou vegetar?

(Condensado da revista «The Nation»)

Por Stuart Chase

ESTE ARTIGO se propõe discutir um assunto realmente digno de reflexão. Segundo o autor, parece haver na vida uma escala ascendente de valores; a certo nivel da escala, haveria uma linha, mais ou menos vaga, acima da qual estaríamos «vivendo», e abaixo da qual estaríamos por assim dizer apenas «vegetando».

Fico muitas vezes perplexo quando ouço falar no que se chama geralmente de «vida». Os americanos não sabem viver, dizem-me, mas os franceses—ah, os franceses! Ou os húngaros, os poloneses, ou os patagões! Quando pergunto o que querem dizer com isto, não me sabem dar uma definição clara do que significa «viver».

Que significará, na verdade, estar vivo: viver intensamente? Que quererão dizer os profetas de uma nova ordem social quando prometem uma vida melhor? Evidentemente não se referem a uma vida de «qualidade» diferente, nunca dantes vivida, mas sim a certa intensidade de vida que tem sido até hoje o privilégio de alguns, e que deveria na nova ordem social tornar-se a qualidade de vida da maioria.

Que será realmente esta qualidade, e como pode ser ela compartilhada por maior número de indivíduos? Vejamos se é possivel deter a vida um momento na ponta duma agulha, para que a analisemos.

O que será concretamente esta «conciência de viver», este «bem-estar»? Tentarei analisar e deduzir minha impressão pessoal, e direi quando sinto que estou «vivendo» e quando me parece que estou apenas «vegetando». Quero

tornar o conceito «vida» muito claro em relação à minha propria experiência, pois neste assunto é esta realmente a nossa única fonte de informação. Não posso saber o que «viver» significa para outras pessoas, mas sei exatamente o que é para mim, e tenho um método especial para medir-lhe a intensidade.

Pulo da cama de manhã; engulo o café percorrendo com os olhos os cabeçalhos dos jornais, reclamo porque não encontro minha capa de borracha, saio correndo para o escritório—e assim por diante. Estes são os fatos palpaveis. Analisem-se os dias hora por hora, ponha-se um sinal positivo nas horas «vividas», um sinal negativo nas horas «mortas», e tente-se descobrir o que as faz tão diferentes. Conseguiremos desta maneira analisar a vida na sua essência? O poeta dirá que não, mas eu sou guarda-livros por profissão, e só escrevo poesia nas horas vagas.

Nas minhas notas conseguí definir onze estados em que sei que estou «vivendo», e cinco em que estou apenas «vegetando». Trata-se naturalmente dos momentos mais nítidos, pois há dezenas de sub-estados, demasiado vagos para se poderem classificar. As onze reações «positivas» são as seguintes:

Sinto-me viver quando estou criando alguma coisa, escrevendo este artigo, por exemplo; traçando um desenho, concebendo uma teoria econômica, fazendo uma estante para livros. ou preparando um discurso.

As manifestações artísticas aumentam-me certamente a vitalidade. Um bom romance, certos poemas, alguns quadros e óperas, a arquitetura, especialmente as pontes, empolgam-me como se sangue de artista estivesse a correr nas minhas veias. Há momentos, no entanto, em que um véu parece cair sobre minha percepção artística, e não há obra de arte que me comova.

As montanhas, o mar, as estrelas, velhos assuntos tão caros aos poetas, renovam em mim a sensação de vida. Porem, como no caso da arte, o processo não é automático—odeio o mar às vezes!—mas, de maneira geral, sinto-me acima da linha meramente «vegetativa», quando contemplo estas coisas.

O amor é a vida em toda sua intensidade. É realmente vitalizadora para mim, tambem, a afeição pelos amigos.

Quando estimulado por uma boa conversa, uma discussão inteligente, tambem sinto que vivo. Lidar com idéias parece ser em si um grande estimulante. Pelo menos para mim.

Sob a tensão do perigo não há dúvida que estou vivendo: quando faço alpinismo, por exemplo.

Em presença de um desgosto profundo, tambem sinto pulsar a vida em mim.

Sempre que estou fazendo esporte, principalmente ao ar livre, tenho a noção nítida de estar vivendo: ao nadar, mergulhar, patinar, andar de esquí, dansar, às vezes guiar automovel, ou simplesmente caminhar.

Estamos vivendo quando comemos realmente com apetite, ou quando, depois de uma penosa ascenção, molhamos os lábios na água gelada que corre da montanha.

Vivemos quando estamos dormindo. Uma noite de sono reparador, depois de um dia passado ao ar livre, dá-nos a impressão de que somos um dínamo girando bem, silenciosamente.

Em sonhos muito vívidos, tenho certeza de que vivemos plenamente.

Vivo quando me rio, espontaneamente e de todo o coração. Contrastando com a sensação de «vida», tenho cinco exemplos de mero «vegetar».

Apenas «vegeto» quando faço trabalho rotineiro que me aborrece: somar colunas de números, lavar a louça, responder a cartas sem interesse, tratar de questões de dinheiro, ler jornais, fazer a barba, vestir-me, andar de bonde ou de elevador, fazer compras.

Estou simplesmente «vegetando» quando vou a funções sociais, tais como a maioria dos chás, jantares, e quando sou obrigado a ouvir a conversa de pessoas cacetes, discutindo o tempo que vai fazer amanhã.

Comer, beber ou dormir quando o organismo está saturado e os sentidos amortecidos, são estados «vegetativos», e não de «vida». Em geral, quando estou doente, vegeto apenas.

Coisas monótonas, lugares muito vistos—muros da cidade, ruas, casas, quartos, moveis, roupas—nos reduzem ao nivel de simples «vegetação». Lugares feios como os depósitos de estrada de ferro e os bairros pobres da cidade, deprimem-me intensamente. Baixa muito, não há dúvida, a minha vitalidade quando fico zangado, me perco em malentendidos, ou caio no círculo vicioso da desforra.

De maneira geral, «viver» e «vegetar» estão sempre em contradição. É coisa distinta de vegetar, muitas vezes apenas um estado de espírito, inteiramente independente do meio exterior ou da ocupação. Na Primavera, por exemplo, sem sair dos mesmos ambientes monótonos e pouco estimulantes, sentimos novo surto de vida. Então, o simples ato de nos vestirmos ou lavar a louça tornam-se ocupações interessantes, e até cantamos quando fazemos a barba. São todavia manifestações anormais no seu conjunto. De modo geral, parece-me haver uma causa profunda que nos faz «viver» ou «vegetar». Pelo menos é esta minha experiência. Acho que poderia viver duas vezes mais no mesmo número de horas, se me libertasse das necessidades de ordem econômica que hoje me escravizam.

Fiz um cálculo aproximado das horas que passo acima e abaixo da linha meramente vegetativa, e minhas notas mostram que, das 168 horas duma semana, só viví umas 48, isto é, 25 por cento do total. Isto inclue algumas horas vividas fazendo trabalho criador, uma excursão a pé no domingo, alguma fome genuina, horas de sono reparador, certas leituras estimulantes, dois atos de uma peça de teatro, parte de uma fita de cinema, oito horas de conversa interessante com vários amigos.

É possivel que as circunstâncias que em mim produzem a sensação de viver tenham o mesmo efeito para a maioria das pessoas. Em princípio, a felicidade de um indivíduo depende estreitamente da felicidade de todos; em outras palavras, a intensidade de vida de um homem cresce à medida que aumenta a intensidade de vida de seus semelhantes.

¶ O SUBMARINO *Sturgeon*, norte-americano, ao afundar o seu primeiro navio japonês, transmitiu a seguinte mensagem ao navio-chefe: «O *Sturgeon* já não é virgem».

—Time

Vejamos como se fazem altos explosivos.

tnt

(Condensado do «Esquire») ★ ★ ★ *Por Frederick C. Painton*

«ALÍ ESTÁ,» disse, com certo orgulho, o oficial do Serviço de Informações do exército. «uma das maiores fábricas de TNT que há no mundo.» E apontou para o que era, ainda há pouco, um campo de lavoura do Ilinóis. «É você o primeiro escritor que vai entrar alí para ver como fazemos o explosivo.»

Há, em torno, centenas de guardas. Uns estão a pé, com as automáticas 45. a bater-lhes nas coxas, quando andam. Outros patrulham as estradas em motocicletas e automoveis de ronda. Outros ainda, armados de rifles, espreitam, das torres de observação ao longo da cerca de aço, usando binóculos, de dia, e refletores à noite.

«Não tivemos, por enquanto, nenhum caso de sabotagem, e espero nunca o teremos,» revelou-me o oficial. «Impõe-se que nada detenha a produção desta fábrica, ainda que seja por dez segundos.»

Não havia grandes edifícios, apenas centenas de pequenas casas cinzentas, que se estendiam até onde a vista alcançava. Flocos de fumo cor de laranja subiam de algumas delas. Haveria por alí alto explosivo bastante para arrazar uma cidade do tamanho de Nova York. Tive um súbito desejo, por assim dizer instintivo, de só falar por sussurros.

Meu guia era «S-8053», um veterano que fez TNT para a primeira guerra mundial. À entrada da área de produção, quatro guardas, vestidos de verde, saltaram no nosso carro, e, examinando-me para ver se eu trazia comigo qualquer objeto de aço, me proveram de um uniforme apropriado à emergência—espécie de macacão branco, e sapatos sem pregos ou tachas que pudessem provocar faisca. Pus tambem luvas de lona, um capacete branco, e óculos de vidro insuscetivel de fragmentar-se. Finalmente, esfregaram-me um unguento por toda a parte exposta do rosto.

Passando então por entre as casas cinzentas, espaçadas de maneira que despertava atenção, vim a saber o motivo por que foram assim construidas, a tamanha distância umas das outras. É que o Departamento de Material Bélico prescreve o espaço a ser guardado entre elas, de acordo com a quantidade de explosivo que exista ou possa existir em cada uma; de modo que, se em alguma se verificar uma explosão, não venha o choque produzir, em outras, a detonação do explosivo. As casas, naquela fábrica, mantinham entre si um afastamento que era o dobro do prescrito.

Nossa excursão, através da linha de produção de TNT, se iniciou numa

pequena casa, onde o tolueno, derivado do alcatrão, e os ácidos, são postos em contacto e agitados, num tanque ou reservatório a que se dá a qualificação de caldeirão. Um jovem operário observava mui atentamente um grande termômetro. Cumpria-lhe conservar a temperatura da mistura a 225° Fahrenheit (107° C.). Se porventura perdesse o controle, e a temperatura subisse rapidamente, não lhe restaria, e aos seus ajudantes, senão pular numa calha ou plano inclinado, que parecia um trampolim de crianças, e sair a correr sobre patins. Perto da extremidade do plano inclinado, há um dispositivo de válvula que abre o tanque, e permite descarregar-lhe o conteudo sobre um enorme reservatório de água a que se dá o nome de «afogador», e que, de ordinário, em tais casos, evita uma explosão.

«Estas calhas são realmente uteis,» disse S-8053. «Lembro-me de ter visto um camarada a descer por uma delas. As coisas no tanque não correram bem, e a massa explodiu. Ele saiu correndo e a chama acompanhando os seus passos, como se o estivesse perseguindo; mas não chegou a alcançá-lo.»

O jovem operador, em serviço no momento, inteirou-se da nossa presença, chegou mesmo a dirigir-nos uma ou duas palavras, sem que nunca, entretanto, um só instante, desviasse a atenção do tanque e do termômetro. Nem ocultou sua inquietação quando eu, a certa altura, me pus acidentalmente em posição que lhe criava obstáculo. Trabalhava com tal afinco, que se diria estar compenetrado de que toda a sorte da guerra dependia daquele seu trabalho.

S-8053 balançou a cabeça, pensativamente. «A gente não contava com essa forma de colaboração inteligente em 1917. Eu estava a cargo de um tanque, e deram-me um homem, para treinar num dia de serviço. Como tivesse, por alguns minutos, alguma coisa a fazer, disse a ele que olhasse o termômetro, e não deixasse a marcação passar de 225. Quando voltei, encontrei-o a segurar o termômetro debaixo da torneira de água de beber!—Que diabo está você fazendo aí? perguntei-lhe.—Ah! respondeu-me ele, a olhar para cima.—O senhor disse que não deixasse passar de 225. Eu vi subir para 230, trouxe aquí para esta água.»

E ria-se, ao recordar. «A carga estava prestes a explodir. Foi só o tempo de ganhar a calha, e fazer funcionar o «afogador». Não se deu a explosão, mas não tivemos pouco que fazer para repor tudo aquilo em ordem.»

O tolueno é banhado três vezes em ácido nítrico, tornando-se sucessivamente mono, bi, e tri-nitrotolueno. O TNT líquido é então posto à prova, afim de ver se o ponto de «congelação», isto é, a temperatura em que passa instantaneamente ao estado sólido, corresponde às especificações prescritas pelo exército. Se não se solidifica a 80,2° centígrados (176.36° Fahrenheit) será preciso levá-lo de novo ao tanque.

O líquido solidifica num tambor giratório que mergulha num banho de TNT, apresentando a aparência de cera de vela. Raspado do tambor, para ir ao compartimento de embalagem, dá a idéia de pedaços de sabão, de um amarelo pálido.

A casa de lavagem e de secagem, como o compartimento de embalagem, são providas de imensas barricadas de madeira, cheias de terra socada. Se há uma explosão, estas defesas se incumbem de desviar-lhe para cima o ímpeto.

O maior perigo para o operário não

é, aliás, o da explosão. O TNT só é suscetivel de detonar por efeito de outra explosão que produza uma onda desintegrante. Projeteis de rifle de alta potência já têm atravessado o TNT, sem determinar explosão. Se o TNT é exposto ao ar, arde como alcatrão.

O perigo real que o TNT oferece aos que o manipulam, está no fato de ser venenoso. Em 1917, operários que trabalhavam no respectivo serviço apresentaram sintomas de intoxicação: uma cor azulada nos lábios, e depois em todo o rosto, grande fadiga, e dores abdominais. Tinham por fim que abandonar o trabalho, a que muitos não mais voltavam.

Os médicos apuraram tratar-se de cianose, consequência da destruição das qualidades que têm os glóbulos vermelhos do sangue de carregar oxigênio. Hoje, quando um operário se apresenta para o serviço, vai à Casa de Mudança. Aí toma um banho, e recebe roupas brancas, lavadas de novo, uniforme, meias, barrete e luvas. Terminado o serviço, volta à mesma casa, lança todo o vestuário num vaso de lavagem, e toma outro banho com um sabão de tipo especial.

Recentemente, descobriu-se uma ligeira anomalia na composição e pressão do sangue de homens que trabalhavam numa linha de produção do TNT. A investigação revelou que eles estavam sacrificando o banho, para alcançar um ônibus que partia alguns minutos depois que a nova turma os substituia. Modificado o horário do ônibus, desapareceram, como por encanto, todos os sintomas.

De duas em duas semanas, cada trabalhador é submetido a exame médico, pois a familiaridade com o serviço vai gerando certo desleixo entre o pessoal, de modo que somente a vigilância de superintendentes ou inspetores, e o dito exame, feito geralmente de surpresa, explicam achar-se vazio o hospital da fábrica, mantendo-se nela excelentes as condições sanitárias.

«O instinto, nesse serviço, representa papel importante em casos de emergência, disse-me S-8053.—Em 1917, eu tinha um companheiro a trabalhar num tanque. Então, como hoje, se suspendia o serviço quando havia trovoada. Era precisamente a hipótese. Mas ele insistiu em levar a cabo a fornada. Não parou. Havia nas proximidades uns 200 mil quilos, se não mais, de pólvora sem fumaça.

«Um raio caiu sobre a pólvora, e produziu-se um clarão. Eu ia, no momento, para a fábrica, e vi a estria de fogo, que parecia subir a dois mil metros. Meu amigo tambem a viu, e, atordoado pelo estrondo, teve a impressão de que ia pelos ares. Mas, ainda assim, fechou as válvulas do ácido, e arrastou-se em torno do tanque, para a válvula da água. Depois tratou de escapar-se. Só então veio a perceber que não tinha morrido, e dobrou de velocidade. Mas o certo é que, aturdido, e em pleno traumatismo, fizera, não obstante, tudo o que havia a fazer.

«O trabalho, em si mesmo, é perfeitamente seguro,—concluiu S-8053. —Se o operador cumpre à risca as regras de segurança, pode até meter as barbas no tanque. Em 1917 nenhuma companhia de seguros emitia uma apólice sobre a vida de um trabalhador de TNT. Hoje todos os que aquí trabalham obtêm qualquer apólice, pagando prêmio normal. E não há quem engane uma companhia de seguros em matéria de riscos profissionais!»

Como os cientistas procuram corrigir certos hábitos prejudiciais.

A longevidade pela saude

(Condensado da «New Republic»)

Por Bruce Bliven

Mais um artigo da série baseada em entrevistas com os principais cientistas dos Estados Unidos—laureados do Prêmio Nobel, professores de universidades e diretores de laboratórios de pesquisa industrial. Sob promessa de que seus nomes não seriam publicados, estes cientistas puderam falar livremente com o autor, sobre o que a ciência vem fazendo e espera fazer pela humanidade.

NO QUE INTERESSA ao homem, um dos principais fitos da ciência, hoje em dia, é procurar retificar os erros que este, na sua ignorância, introduziu na própria maneira de viver. Nestes últimos anos a ciência tem aprendido mais do que em qualquer outra época, sobre o funcionamento dos orgãos do animal-homem.

O corpo é um mecanismo maravilhoso, destinado a uma vida ativa e longa, mas a ser regulada de maneira bem diferente da que as condições impõem ao habitante típico das cidades modernas. A natureza criou o homem para passar a maior parte do tempo ao ar livre, constantemente obrigado a fazer grandes esforços físicos. Sua alimentação seria, em grande parte, ingerida crua; sua pele estaria frequentemente exposta aos raios solares; e viveria ele sem pressa nem azáfama, e sem se preocupar com o dia de amanhã. Os homens não deveriam ser constrangidos pela civilização a reprimir seus impulsos nem a esconder suas emoções por mais violentas.

Em vez de vivermos da maneira que a natureza parece ter-nos indicado, passamos cerca de vinte horas do dia entre quatro paredes, e, quando estamos ao ar livre, 80 por cento de nossa pele está coberta de roupas que impedem a ação benfazeja dos raios ultra-violetas; o exercício físico que fazemos é apenas uns cinco a dez por cento do que deveríamos fazer.

Faltam à nossa comida os elementos indispensaveis à saude e vigor. Porque a farinha integral que contem o germe do trigo não se conserva tão bem, e por uma questão de paladar, só comemos pão branco de onde foram retiradas as vitaminas e minerais indispensaveis à saude. A parte mais nutritiva do arroz é sua casca escura, mas preferimos comer arroz polido; e o mesmo fazemos com muitos outros alimentos, preparando-os de maneira a diminuir grandemente seu valor nutritivo.

Abusamos tambem de certos alimentos, para de outros não comermos bastante. Ouvimos sempre falar na superabundância de produtos alimentícios nos Estados Unidos, e no entanto, para que os americanos fossem suficientemente sadios, teriam que consumir todo o excesso que produzem, e mais um pouco, de quase todos os alimentos. Poderíamos, por exemplo, consumir mais 60 por cento de frutas e legumes; de manteiga, leite e ovos, mais 50 por cento; de carne mais 10 por cento—e tudo isto sem destruir as preciosas vitaminas.

Os regimes alimentares que a maioria das pessoas, na Inglaterra e nos Estados Unidos, consideram normais, são na verdade insuficientes, do ponto de vista nutritivo. Para corrigir de certo modo esta carência, o governo britânico resolveu, como medida de guerra, adicionar cálcio e vitamina B a todo pão branco—decisão de alcance histórico que passou despercebida à imprensa.

Quando o cachorro rói osso, está absorvendo pequenas partículas de cálcio de que seu organismo necessita. O mesmo gostam de fazer as crianças pequenas. Há séculos que, na China, o presente tradicional, para a mãe que acaba de ter filho, é um pé de porco em conserva. O mais moderno dos laboratórios não poderia preparar poção melhor, pois o vinagre dissolve o cálcio do osso, que desta forma será ingerido pela parturiente, compensando assim o que gastara em cálcio com a criação do filho.

Os selvagens das florestas africanas comem as folhas verdes das árvores, e, quando elas são muito duras, às vezes as queimam e comem-lhes a cinza, até certo ponto concientes de que aquilo de que necessitam, neste caso o cálcio, ainda se encontra na própria cinza. Verificou-se ultimamente que o capim é riquíssimo em vitaminas, muito mais rico que a maior parte dos legumes.

«Para termos um regime alimentar sadio,—disse-nos um especialista de nutrição—uma boa regra é dispendermos metade da nossa verba de alimentação em leite, frutas e legumes, e que pelo menos metade dos cereais e massas que comemos sejam de grão integral.

Alguns dos melhores especialistas de nutrição estão convencidos de que prolongaríamos nossa vida enormemente, e a boa saude seria mais comum, se comêssemos bem e em quantidade suficiente daquilo que nossa natureza pede, e se tambem vivêssemos de maneira mais natural. A duração de vida de um animal é mais ou menos nove vezes o período que dura a sua infância; proporcionalmente, o homem deveria viver, mais ou menos, cem a cento e vinte e cinco anos.

Sabemos hoje que, quando os raios do sol agem diretamente sobre nossa pele, não só têm efeito de poderoso germicida, mas permitem ao organismo produzir a preciosa vitamina D. Tem sido comprovado que os raios ultra-violetas, esse importante agente terapêutico da luz solar, não atravessam os vidros comuns das janelas. A indústria do vidro pôs-se a estudar um tipo de vidro que lhes fosse transparente. Os primeiros fabricados eram caros demais, e se deterioravam com facilidade; mas já há hoje um tipo aperfeiçoado, de preço acessivel, que é usado em muitas construções modernas. Os cientistas inventaram tambem a lâmpada de raios ultra-violetas e, hoje, as pessoas que por qualquer motivo não podem estar diretamente ao sol, podem tomar «banhos de luz».

Estará a raça humana degenerando com a vida artificial das cidades modernas?—Não, é a resposta dos cientistas. Dez gerações podem viver em habitações coletivas pouco higiênicas, sem sol e mal arejadas, alimentando-se insuficientemente e vestindo-se de maneira pouco saudavel; mas se a criança da undécima geração receber, desde o nascer, tratamento e alimentação convenientes, teremos de novo um belo espécime humano.

A maior parte dos cientistas crêem que a grande tensão de nervos, exigida pelas condições atuais de vida, ainda não produziu maus efeitos permanentes na espécie humana, estando por ora circunscrita a sua ação ao mal-estar que em nós produz o fato de comermos mal e vivermos de maneira pouco sadia. Acham eles que nosso sistema nervoso tem resistência muito superior à que geralmente se lhe atribue, e recordam, entre outras coisas, como alguns médicos do século passado profetizaram sérias lesões permanentes do sistema nervoso para as pessoas que ousassem viajar nos trens a vapor, então novidade, a mais de 45 quilômetros a hora... Daquí a cincoenta anos os homens do futuro contemplarão talvez com inveja a vida «tranquila e simples» de 1943, da mesma maneira que nós hoje contemplamos a época anterior à suposta agitação dos telefones, automoveis, alto-falantes de rádio, e aviões.

É verdade que aumentou o número de pessoas que se acham internadas em hospitais de alienados, mas isto pode bem ser porque hoje sabemos reconhecer com mais precisão os casos de alienação mental, e porque tambem se tornou comum para os doentes e suas famílias aceitarem a hospitalização. E se o número de loucos é maior, isto é em parte compensado pelas curas notaveis que se fazem, graças aos vários tratamentos modernos, entre outros o choque.

Interessantíssimos são os estudos que se têm feito ultimamente sobre a relação que existe entre as condições físicas e as mentais. A ciência médica tende cada vez mais a relacionar as lesões do espírito com as do corpo e vice-versa. Não há dúvida que o moral influencia o físico de mil maneiras surpreendentes e sutís. Certos estados emotivos, como sejam a cólera e o medo, produzem acentuadas modificações físicas, provocando por exemplo a secreção de certas glândulas que fornecem aos nossos músculos o acréscimo de força necessário para lutar ou fugir. O homem moderno, todavia, passa por estas emoções sem correr nem fazer qualquer esforço físico, e a ciência começa a perceber que aquelas secreções que são lançadas na circulação, sem serem utilizadas, causam distúrbios curiosos no organismo humano.

Os cientistas não estão todos de acordo quanto aos efeitos biológicos da guerra, mas concordam que, com as guerras constantes que a humanidade tem sofrido, o homem deveria talvez ter degenerado; no entanto não há nenhum sinal evidente disto. O homem de hoje é essencialmente o mesmo que há uns milhares de anos. Desde o século passado que a ciência médica está transformando a lei da «sobrevivência do mais forte» em lei da «sobrevivência de todos, fortes ou fracos». Talvez estejamos criando com isto um grande problema. Mas os cientistas que tenho interrogado não querem aceitar a idéia, hoje corrente na Alemanha, de que o Estado deve impedir que indivíduos inferiores tenham filhos. Alegam ser impossivel estipular um padrão absoluto de «superioridade». Alem do mais, duvidam que as qualidades que foram necessárias para a sobrevivência do homem primitivo, tais como força física, coragem e iniciativa, sejam ainda desejaveis para a sociedade daquí a cem anos. Que utilidade poderia ter a força física numa civilização que constasse principalmente de apertar botões e puxar alavancas? O egoismo extremo e o gosto pela aventura são esplêndidas qualidades numa civilização de pioneiros com um mundo a desbravar, mas podem tornar-se dificeis de controlar quando houver menos espaço livre e os homens forem obrigados a viver mais junto uns dos outros.

Os cientistas sentem-se à altura da

tarefa de remediar o mal que, por ignorância, o homem tem praticado contra si mesmo. Acham que poderemos, numa geração, aprender a comer inteligentemente, a usar roupas adequadas e, apanhando bastante sol, fazer ao ar livre os exercícios que nos são necessários. O panorama de vida que a ciência nos oferece para o futuro, ultrapassa tudo que o homem jamais imaginou.

Vida norte-americana

¶ Os advogados provincianos, nos Estados Unidos, trabalham mais do que os seus colegas das grandes cidades, e têm sempre menor remuneração. Felizmente, eles encaram os seus precalços com bom-humor. Uma vez, um desses bravos causídicos viajou 15 km de automovel para preparar o testamento de um sujeito notoriamente sovina, que dificilmente soltava um niquel. Chegando em casa, de regresso, disse o advogado à esposa:

—Fiz um bom dia de trabalho. Redigí um testamento e tratei de um par de questões legais para o velho Haskell. Cobrei-lhe cincoenta centavos.

—O que?! exclamou a esposa.—Você não está falando sério!

—Se falo! replicou-lhe o marido.—Você acha que eu podia perder mais do que isso?

—Royal Brown

¶ Como membro vitalício do famoso Bohemian Club, de San Francisco, o ex-presidente Hoover raramente falta às reuniões que o clube realiza nas florestas, durante o verão. Recentemente, quando ele recebia um grupo de distintos convidados, um dos «boêmios» irrompeu no acampamento de Hoover, em pleno meio-dia, armado de um tripé coberto com uma capa preta. Explicando que desejava tirar fotografias para os arquivos do clube, nosso homem reuniu toda a gente sob o sol causticante, e gastou vários minutos com o exhaustivo preparo de diferentes poses. Repetidamente ele se meteu sob a capa preta, para ver a objetiva, mas sempre acabava sacudindo a cabeça e mudava o tripé de lugar, examinando outras posições. Depois de uma boa meia-hora, quando todos estavam completamente banhados de suor, o exigente fotógrafo levantou a capa preta, descobrindo sob ela somente uma lata de querosene. Hoover e seus amigos acharam imensa graça na história, rindo-se a valer. Somente um visitante europeu não viu nenhum espírito na coisa, pensando, com assombro, como é que alguem se atrevia a tomar tais liberdades com um ex-Presidente.

—George Creel

O sermão entre as neves

Por A. J. Cronin
Autor de *A Cidadela*

Fui hoje à igreja. E essa visita que poderá afigurar-se singularmente mundana por parte de quem, como eu, não tem pretensões a passar por devoto, foi, no entanto, a origem da mais reveladora experiência espiritual de toda a minha vida.

Tenho visto e visitado muitos templos: entre outros, as grandes catedrais de Reims e Chartres, a Capela da Virgem Negra de Monserrate, o famoso Templo Jain de Calcutá... Mas desta vez o caso foi diferente: tratava-se simplesmente duma modesta capelinha de madeira, paredes nuas de ornatos, cheia do aroma doce e penetrante da resina, e empoleirada entre os altos píncaros dos Alpes, esmaltados de branca neve.

É alí, naquelas tranquilas altitudes, que o homem, sorvendo a plenos pulmões o ar leve e puro, e emudecido ante a inenarravel beleza das neves perpétuas, sacode de si a escória da existência, para sentir-se elevado aos páramos do céu.

Eram os fiéis da igreja quase todos camponeses, gente robusta e operosa, de olhos claros, e falando alemão, língua daquela zona da Suiça. Os homens, vestindo ternos pretos, e algo tesos, mostravam os bronzeados pescoços acima dos estranhos colarinhos. Poucos eram, entre as mulheres, os artigos de luxo—quando muito uma renda a rematar o penteado, ou algum chale bordado, de ver a Deus. Um rapazinho de pimpão e cachenê escarlate punha no ambiente uma nota álacre de cor e vida. Idêntico a todos os que conheço, o serviço religioso não me daria impressão de novidade ou pitoresco não fora a maior simplicidade e inteireza que se notava na devoção do público. Fosse como fosse, havia para mim na atmosfera da modesta igrejinha como que estranha imanência, rara expectativa eletrizante pairando no ar... Até que chegou a hora do sermão.

Quando os fiéis, num sussurro de sapatos arrastados, foram tomando assento, e o pastor subiu ao púlpito, que não destoava do conjunto na sua simplicidade, a pessoa de quem eu estava acompanhado relanceou-me rápido olhar, em que li ao mesmo tempo a comiseração e uma excusa. Era um inglês de meia-idade, de hábitos e modos reservados, que eu tinha tratado, havia tempos, em Londres, e viera posteriormente para alí, instalar-se no sanatório da aldeia, com o intento de se curar da tuberculose pulmonar. Falava correntemente o alemão, enquanto eu, bem ao contrário, não sabia patavina dessa língua. Àquele sinal de pena nos seus olhos, sentí-me condenado, por força de tal circunstância, a ouvir o que seria para mim palavreado oco e insípido.

Apesar disso, quando o pregador, instalado na tribuna, percorreu lentamente com os olhos a assembléia, tornei a sentir a mesma estranha e dominadora impressão. Só por si, a figura do sacerdote, metido na sobrepeliz, bastava para atrair-me. Era baixo e robusto, em pleno vigor dos 30 anos, cabelo negro, tez clara, a cabeça de nobre perfil, o olhar expressivo e magnético. Suas maneiras eram, ao mesmo passo, vibrantes e comedidas, como que impregnadas de hu-

mildade mas sem submissão. Ao ler a passagem da Bíblia escolhida para tema da prédica, a sua voz, nem por mostrar-se contida, deixava de ser profunda e ressonante, e encheu a pequena igreja, inclusive dos seus ecos. Lido o texto fundamental, ficou um momento silencioso, imovel, e em seguida rompeu a pregar, naquele idioma que era nos meus ouvidos inteiramente estranho.

Tenho escutado pela vida fora muito sermão pomposo, e tantas vezes vazio; mas o caso daquele padre era diferente: diferente como o aço temperado o é do latão sonoro das trombetas. E, à medida que a sua fala tomou corpo, a despeito da minha total ignorância do conteudo, caí inconcientemente sob uma espécie de místico transe. Apanhei aquí uma palavra—*Christus*; alem outra—*Fuehrer*. E então, como a um sopro de vento, o cenário diluiu-se em minha volta, a igreja e os seus crentes se eclipsaram. Ante os meus olhos, com percuciente claridade, desdobraram-se de súbito as nações da Terra e a pestilência que sobre elas paira. Vi os grandes estados ditatoriais, dirigidos por uma só voz e uma só mão, divinizando as doutrinas do ferro e do sangue; vi as grandes democracias, corroidas pela vida facil, ciosas de suas vastas posses materiais, a temer que as garras de algum vândalo lhes arrebatem os ganhos laboriosamente acumulados.

Avistei, em cada país, milhões de toneladas de armamento erguendo-se em pirâmide às alturas; vi canhões e obuses multiplicando-se sem cessar, os paióis de gases tóxicos e bombas, os céus escurecidos por nuvens de aviões carregados de morte iminente. Vi as crianças, desde o berço educadas na escola do orgulho e do ódio, marchando em paradas militares quando ainda mal sabem andar, acariciando um fuzil como se fosse um brinquedo inofensivo. Vi metade da riqueza do mundo, reduzida a um metal amarelo e inutil, enterrada em criptas faraônicas de aço e cimento... Vi o trigo ardendo em piras de milhões de alqueires, num recanto do mundo, enquanto noutro milhões de seres humanos definhavam à falta duma côdea de pão. Por toda a parte vi os cegos impulsos da humanidade, a desvairada correria dos que procuram abrigo e segurança, o inquietante mergulho de tantos nos prazeres momentâneos e fugazes, convulsão febril dos que só buscam lucro material... E por sobre tudo isso, entre os regougos do jaze e o tilintar das moedas, avistei o espetro pavoroso e onipresente da catástrofe, engendrada por nossas próprias mãos...

Visão essa que me arrefeceu o coração e me moveu a um terror pânico: esta terra tão boa e tão fecunda, transbordante de fartura,—devastada de lado a lado pelo ódio, a agressão e a bruta crueldade, que (se ninguem lhes opusesse um dique) reduziriam com certeza a nossa civilização a ruinas e a pó. E ainda não há um quarto de século que nove milhões de homens, escolhidos entre a fina-flor do mundo, baquearam no campo da luta para salvar a humanidade!

Semelhante visão, agônica e terrivel, não podia deixar de arrancar-me esta amarga imprecação: por que razão, em nome do bom-senso e da piedade, por que razão havia de abater sobre nós esta iníqua vesânia? A pergunta não era decerto nova, e no entanto feriu-me insistente, com renovada força. E num clarão perpassaram-me pela mente as interminaveis e confusas explicações excogitadas pelo engenho humano: a conversa fiada da crise econômica, da prosperidade e da adversidade, do desemprego e do resto. Da ascensão e queda das nações, da necessidade imperiosa de colônias, da sobrevivência do mais forte,—em suma, o velho saco de gastas mentiras! E como tudo isso, de repente, me pareceu futil e vão!

Porque a coisa era clara—dolorosamente clara! A razão era uma só, e só uma a explicação fundamental: *o homem esquecera a presença de Deus*. Milhões de homens hoje vivos estão cegos e surdos—mortos na verdade—para o conhecimento do seu Criador. Para incontaveis legiões de almas, aquele Nome não passa de puro mito. Para outras, é simples herança da tradição, à qual cumpre honrar, só da boca para fora. Para outros ainda, apenas um juramento de conveniência. E finalmente, para muitos, uma suave hipocrisia.

Sim, tal era, nua e crua, a verdade! Sobre os altares cristãos erguem-se agora os falsos idolos, tão perniciosos como o bezerro de ouro dos antigos. O paganismo tripudia sobre a terra de hoje. Com poucas exceções, a simples invocação do nome de Jesús provoca sorrisos de ironia ou desprezo.

E não obstante, no desvairamento com que a humanidade anda à busca de chefes, aí está o Chefe que podia salvar o mundo! Aí, esquecido no tumulto das ideologias que se entrechocam, está o credo único que promete a salvação. Credo que não é dificil de compreender, e menos ainda de seguir. Um credo de beleza e de simplicidade. Para viver decentemente aos olhos do Céu e dos nossos semelhantes. Amar o nosso semelhante, mantendo-se inacessivel à cobiça dos seus bens. Ser tolerante, caridoso, humilde. Ter sempre presente que a Vida, tal como a conhecemos, não passa dum fragmento da eternidade...

Ah, pudesse um exército de novos Cruzados erguer-se para ir derramar de novo pelo mundo esse verbo há tanto desprezado, desenrolar mais uma vez a bandeira desbotada do esquecido Rei... E fossem mais numerosos os ministros de Deus a revelar-se à altura da campanha. Então, e só então, poderia o mundo reentrar nos eixos da razão, e a humanidade, a pobre, a perplexa e torturada humanidade, regressar ao seio do Senhor...

Nisto, sentí um abalo repentino, e o rápido surto dos meus pensamentos se interrompeu. A um puxão quase físico, regressei a este mundo, e notei que o pregador atingia nesse momento o termo do seu sermão.

Saimos depois da igreja para aquele dia de inverno, radioso e sem mancha, e, à medida que descíamos para a aldeia, fui relatando ao meu companheiro, passo a passo, a estranha meditação a que me abandonara.

Notei que me escutava num estado de pasmo crescente; e, quando concluí, deteve-se, olhando-me com genuino assombro, e gaguejou, quase sufocado: «Mas... não percebe o senhor... que isso é exatamente, *palavra por palavra, o sermão que acabamos de ouvir*?!...»

❡Eu respeito a fé, mas a dúvida é o que nos educa.—Wilson Minzer.

Meu cachorro inesquecivel

Por Albert Payson Terhune

SUNNYBANK BOBBY era um enorme cão-pastor da Escócia, um «collie» de pelo fulvo e malhas brancas, filho do meu famoso Bruce. Morreu há 17 anos. Lembro-me dele bem melhor, no entanto, do que de muitos homens e mulheres que desde então faleceram. Não tinha mais que cinco meses quando o escolhí, numa ninhada de oito, para servir-me a um tempo de cão de guarda e companheiro.

Bobby era desses raros cães que se habituam facilmente à rotina da casa, e aos quais basta se dar, uma vez, determinada ordem, para que nunca mais a esqueçam.

Logo no primeiro dia, mostrei-lhe onde lhe era permitido deitar-se na sala de jantar e no salão. Nunca mais se deitou noutros lugares.

Foi sem dúvida o mais inteligente, entre quantos cães conhecí. Suas próprias façanhas enchiam-no de orgulho. Ensinei-o, em pequeno, a subir as escadas que levavam ao segundo andar. Pareceu-lhe aquilo tamanha proeza que, quando tínhamos visitas, Bobby corria, sem parar, escada abaixo, escada acima, mostrando aos convidados do que era capaz. E assim no tocante a tudo o que ia, aos poucos, aprendendo.

Ao despertar, todos os dias, lá eu dava com Bobby, sentado junto à cama, em silenciosa expectativa. Mal eu abria os olhos, ficava louco de alegria, e punha-se a dansar por todo o quarto, durante dois ou três minutos, acompanhando aquilo com latidos agudos de prazer. Mas, terminada a cena, mergulhava de novo num profundo silêncio, para o resto do dia.

Seguiu-me Bobby, certa feita, a um dos quartos da casa—que ficava no andar de cima, e que em geral conservávamos fechado—onde eu fora buscar algumas cartas velhas. Apontando para uma das cadeiras, ordenei-lhe que se deitasse nela. Só dois anos mais tarde, teve ele ocasião de alí voltar comigo. Sem fazer um só gesto, eu lhe disse, da porta, que visse bem qual era a sua, dentre as quatro cadeiras, e se fosse deitar nela. Bobby estacou, por um momento apenas, olhando, ansioso, indeciso. Mas lembrou-se sem demora, e foi ter à cadeira que eu lhe designara na outra visita.

Depois do nosso primeiro passeio pela estrada, já nem me foi mais preciso chamá-lo para que, ao se aproximar um carro, ele viesse, correndo, ao meu encontro, e me seguisse lentamente os passos, até que o monstro desaparecesse.

Quando tinha dez meses, aconteceu, porem, que um carro, descendo a toda pressa a rua, lhe quebrou a perna esquerda em dois lugares. Bobby arrastou-se, coxeando, ao meu encontro, certo que parecia estar de que eu resolveria aquilo facilmente. Após umas semanas no aparelho de gesso, e, mais tarde, entre talas, a perna ficou boa como dantes. Mas, fosse lá por que motivo fosse, Bobby continuava a coxear, recusando-se a usar aquela perna. Devia, no entretanto, aparecer pela primeira vez num concurso de cães, 48 horas depois. Coxo, seria desqualificado.

Era mister agir depressa e resolví,

por isso, prender-lhe a perna direita da frente numa atadura que exercesse forte pressão sobre a mesma. Durante algumas horas, Bobby tentou pular à maneira dos cangurús, usando as patas de detrás. Depois, como tentasse proteger a perna que eu prendera na atadura, pôs a esquerda no chão, e descobriu que se podia servir dela.

Entrou na pista do concurso, andando sobre as quatro patas, e recebeu duas fitas e uma taça.

Tinha o faro aguçado de verdadeiro cão de caça. Sem a mais leve hesitação seguia-me tranquilamente o rasto por estradas e ruas de intenso movimento. Só uma vez lhe não foi possivel alcançar-me no meio do caminho. Aconteceu que, aquele dia, Bobby só conseguiu sair de casa quando eu já estava a terminar o meu passeio habitual da tarde. Mas deu com o rasto, e lá seguiu por ele. Chegou em casa, dois minutos depois de mim, segurando entre os dentes uma cigarreira de couro que me caira do bolso.

Tive, então, a infeliz idéia de ensiná-lo a partir, de manhã cedo, em busca dos jornais que o jornaleiro costumava colocar na cancela da casa. Tomou-se Bobby de tamanho orgulho quando, ao se ter desincumbido pela primeira vez desta nova missão, eu me pus a cobrí-lo de elogios, que ao despertar na manhã seguinte, encontrei não um, mas vinte e três jornais! Seguindo o rasto do entregador de jornais, Bobby colecionou jornais, de porta em porta, num percurso de quase um quilômetro. Passei horas amargas a dobrá-los de novo e a devolvê-los aos vizinhos irritados.

Minha mulher fez-lhe uma vez, tambem, mil elogios, porque ele lhe trouxera um lencinho de renda que ela havia perdido no caminho. Até que eu proibisse tais presentes, passou Bobby a lhe trazer, amavelmente, o quer que encontrasse pela estrada: a manivela de um carro, uma sombrinha chinesa, e, finalmente, uma galinha morta.

Bobby tinha a mania de proteger-me contra todos os perigos. Quando me viu, pela primeira vez, mergulhar de um trampolim, atirou-se no lago e me arrastou para terra. Deixei-me rebocar, resignadamente, afim de que ele não julgasse que isto de salvar vidas figurava entre as coisas proibidas. Apenas, desde então, quando eu ia nadar, tratava de deixá-lo preso em casa.

O formoso «collie» de pelo fulvo possuia, alem do mais, certos dons psíquicos. Na sala de jantar, durante as refeições, lá ficava deitado no seu canto, olhos postos em mim. Mas se eu tomava, por acaso, bebida, por volta do segundo ou do terceiro copo, Bobby se

Vida de Cão

CERTA FEITA, indo caçar, um inglês levou consigo um perdigueiro, que tomara emprestado de um amigo, ótimo atirador. O cão olhava para ele, com uma expressão de atônita surpresa, toda vez que errava um tiro. Tendo «acuado» finalmente um faisão, num campo aberto, voltou-se para o caçador como a dizer-lhe: «Não pode haver alvo melhor. Pelo amor de Deus, veja se, ao menos desta vez, consegue alguma coisa.» O faisão levantou vôo; o caçador atirou duas vezes, e duas vezes falhou. O perdigueiro, então, sentou-se, e levantando o focinho para o céu, ganiu, ganiu perdidamente, várias vezes. Depois, sem olhar sequer para o suposto caçador, deu meia volta, e regressou a toda a pressa para casa.

—Samuel A. Derieux, *Animal Personalities* (Doubleday, Doran)

levantava, calmamente, e saía da sala. Aquela cena divertia os meus amigos, que o viram repetí-la muitas vezes. Embora eu não estivesse embriagado, Bobby notava em mim uma transformação qualquer que, de tão leve, passava despercebida aos outros. Se eu porem o chamasse, ele voltava e punha-se a meu lado, de orelhas e cabeça baixas, como que envergonhado, a esperar pelas ordens que eu lhe desse. Mal eu me descuidava alguns instantes, saía novamente a toda pressa, e só se eu de novo o chamasse, voltava por momentos.

Estava Bobby a completar oito anos quando, subitamente, enlouqueceu. Julgou o veterinário que se tratasse de um ataque de meningite. Mas outro veterinário declarou-me que o cão estava hidrófobo, e, sendo assim, era preciso matá-lo. Durante dois dias e duas noites, fechei-me com ele no escritório. Mesmo durante as mais terriveis crises, mostrava-se, comigo, afetuoso e obediente como sempre. Não sei o que teria feito a outras pessoas. Aquelas 48 horas foram de fato horriveis. Tentei porem até o fim, com tudo o que estivesse em meu poder, salvar a vida do meu cão e companheiro—à força de remédios e carinhos.

Mas nem carinhos nem remédios mo puderam salvar. Bobby, depois de um prolongado espasmo, ficou em pé, caminhou, tremendo, para mim e pôs-se a esfregar a cabeça em minhas mãos. Depois, deitou-se, encostando, como o fazia sempre, a pesada cabeça em minhas botas.

E assim morreu. Misto de cão e ser humano, é-me dificil esquecê-lo, mesmo agora, tantos anos depois daquele dia.

A perfeita epistolografia

¶ Mark Twain escreveu nos seguintes termos a um tal sr. Kester, que lhe pedira autorização para extrair uma peça do seu *Tom Sawyer:*

> Eu gostaria imenso de ver *Tom Sawyer* no palco. O sr. não precisa de submeter a peça à minha aprovação. Vire o livro pelo avesso e de cabeça para os pés, se achar necessário.
>
> Se quiser, acrescente personagens, incidentes, moralidades, imoralidades, seja lá o que for. Tem carta branca para o que lhe der na veneta. Minha vaidade literária está morta e enterrada, e nada do que escreví é para mim sagrado.
>
> Muito seu,
> S'l Clemens

Já mandamos emoldurar esta carta, para pendurar na parede da nossa sala de receber, onde uma vez um dos nossos diretores morreu como um cão às mãos de um poeta sanguíneo, por se ter atrevido a extrair com todas as cautelas uma virgulazinha de uma versalhada!

The New Yorker

De que nos rimos—e porque

Por Max Eastman
(Autor de «Enjoyment of Laughter»)

Um chiste não é senão uma «partida» que pregamos, de alguma forma, ao nosso interlocutor. Consiste o processo em darmos a impressão de que a narrativa caminha para um fim plausivel, e chegarmos, entretanto, inesperadamente, a outro desfecho que apanha o nosso ouvinte de surpresa.

> «Quando cheguei à América, há vinte anos, não tinha um niquel no bolso; agora tenho um niquel no bolso!» (Groucho Marx)

Eis um dos chistes mais curtos que me ocorrem, e não obstante revela bem as duas partes de que os chistes se compõem: a sugestão e o desengano produzidos por um pensamento.

Há tambem a história do professor que sonhou estar dando uma aula, e desperta, descobrindo que o sonho era a pura realidade. E esta:

> Certo homem, regressando a casa, depois de alguns dias de ausência, é recebido pelo filhinho:
>
> —Papai, lá no quarto de mamãe *tem* um lobishomem!
>
> —Oh, Joãosinho, não diga tolices. Você bem sabe que os lobishomens não existem.
>
> —Existem sim, papai! responde o menino. —E, o que é mais, esse está agora escondido no guarda-roupa!
>
> O homem sobe as escadas, um pouco apreensivo, e abre o guarda-roupa. Não havia dúvida, lá estava o seu amigo Sam, um tchecoslovaco.
>
> —Mas que é isso, Sam! exclama o pai do pequeno, quase em lágrimas, —como é que você faz uma coisa destas! Não paguei a sua viagem, para você vir para os Estados Unidos? Não salvei a sua pele das garras de Hitler? E agora é assim que você mostra a sua gratidão, escondendo-se no armário, e assustando o meu pobre filhinho?

Essa história nos faz rir porque esperávamos, naturalmente, um desfecho dramático, e este falha completamente. Todos os chistes, não importa a quem se dirijam, são feitos à custa da pessoa que ri.

> Um menino de escola, tendo que definir um marsupial, escreveu o seguinte: «Um marsupial é um animal que tem uma bolsa na barriga, dentro da qual ele pode se esconder, quando se vê perseguido.»

Aquí observamos o mesmo processo: uma série de palavras que dão a impressão de que nos levam a uma conclusão plausivel, mas que terminam de fato num inesperado absurdo.

O humorismo é tambem uma espécie de parachoque moral—uma tendência instintiva que nos leva a rir de fatos que nos seriam dolorosos se não ríssemos deles.

Um psicólogo de Yale realizou uma série completa de experiências com um grupo de quinze bebês, com o fim de ver por que motivo as crianças riem. E aquí está o que mais divertia a maioria desses bebês de menos de um ano: o professor, depois de conseguir despertar-lhes o bom-humor, fingia que os atirava para o regaço de suas mamãs e, subitamente, os puxava para trás. Os

bebês eram as vítimas da graça—e riam-se.

O truque elementar de um chiste reside em um engano que não fere, que não pode ser tomado a sério por aqueles que são enganados. Tomando esse princípio como base, qualquer pessoa pode contar uma anedota.

Fazer graça consiste em conduzir o pensamento de nosso interlocutor segundo a sua lógica natural e, justamente quando ele está chegando à sua conclusão, roubar-lhe inesperadamente o desfecho esperado.

W. C. Fields, popular cômico do cinema americano, teve certa vez uma cena em que dispendia cerca de dezoito minutos tentando bater em uma bola de golfe, finalmente, se retirava sem tocá-la sequer. Declarou-me ele que essa era geralmente considerada a mais engraçada de todas as suas farças. Chegamos à conclusão de que «a coisa mais divertida que um comediante pode fazer, é não fazê-la absolutamente.»

Mais uma vez apuramos que as pessoas se riem porque são enganadas. Não conseguem nada. Mas o nada que conseguem é mais satisfatório do que qualquer coisa que pudessem esperar.

Muitas das melhores facécias são aquelas que dão expansão ao nosso impulso recalcado de troçar de alguem. Porque, brincando, fazemos e dizemos coisas que gostaríamos de fazer e dizer a sério, faltando-nos coragem para tanto.

Cícero tinha um gosto delicado para contar histórias. Dizia ele que Cipião, indo uma vez visitar um poeta chamado Ênio, foi informado pela criada de que o amo não estava em casa. Quando Ênio apareceu depois em casa de Cipião, este pôs a cabeça fora da janela, e disse: «Não estou em casa.»

«Vamos», respondeu Ênio, «eu não estou a vê-lo e a ouvir a sua voz?»

«Ouça, Ênio,» replicou Cipião, «eu acreditei em sua criada, quando ela me disse que você não estava em casa, e agora você não me acredita, quando sou eu próprio quem o diz!»

Perguntei certa vez a Charles Chaplin como é que ele fazia o público rir-se tanto com as suas fitas cinematográficas, e o artista respondeu-me: «Simplesmente mostrando-lhe as verdades mais evidentes. Por exemplo, quando uma «grande dama» me olha com desprezo, e lhe replico com uma bofetada, estou fazendo o que é direito; o público não quer admití-lo, mas ri porque sabe que é verdade!» A mais alta função do humorismo, penso eu, é a de confessar-se em público.

Réplica justa

¶ Um advogado interrompeu um longo interrogatório, que fazia a uma testemunha, para dizer: «Senhor Juiz, um dos membros do Juri está dormindo!» Ao que o Juiz replicou: «Foi o senhor que o fez dormir. Trate, portanto, de acordá-lo».

—Doron K. Antrim

A aviação concorre para dar espantoso desenvolvimento às tundras do Canadá setentrional.

Pioneiros aéreos do Ártico

(Condensado do «Toronto Star Weekly»)

Por Edwin Muller

O avião era um velho Bellanca monomotor, de asas altas. Tomei assento sobre um engradado de peças de trator; atrás de mim, uma pilha de frutas e legumes, para o jantar de Natal dos rapazes, nas alturas do Grande Lago do Escravo. Perto, um carrinho de criança, um motor a gasolina, e malas de correio. À retaguarda da cabina, um rifle, um machado, um par de sapatos para neve, dois sacos de dormir, e uma caixa de petrechos para primeiros socorros—equipamento aliás que tem salvo muitas vidas, em aterragens de emergência.

O Bellanca era uma espécie aérea de caminhão de entrega, que fazia todo o percurso desde Edmonton, no Canadá, até o Oceano Ártico.

Lá em baixo, a 1.600 metros, a zona do Rio da Paz era um taboleiro de xadrez de lavouras e casas de campo. Mas a uma hora ao norte de Edmonton as granjas se iam tornando, a cada passo, mais raras, até que se não via mais que o deserto. Durante duas horas, seguimos o curso do rio Atabasca, que se diria uma serpente branca, a colear na planície, e aterramos, em seguida, em Fort Smith, nos Territórios do Noroeste. Os índios afluiram, com os seus cães de tiro, à rua principal. As poucas casas, de um só andar, davam de fato a impressão de que mal acabavam de surgir, e era evidente que nem tempo houvera para que se pintasse a parte nova, acrescentada ao hotel. Havia lojas de aprovisionamentos, e um café bem movimentado.

Quase toda a população do Canadá vive numa faixa de uns 500 a 600 quilômetros de largura, junto à fronteira meridional. Entre esta área e o Oceano Ártico, estende-se um território quase

tão vasto quanto o dos Estados Unidos, no qual apenas viviam, até recentemente, com cerca de 3 mil brancos, alguns milhares de índios e esquimós. Trata-se, entretanto, de uma das mais ricas terras do planeta, onde abundam ouro e prata, cobre e estanho, tungstênio e platina. É a maior fonte de rádio de que se tem notícia. Suas reservas de petróleo poderiam suprir o mundo por centenas de anos. O que dalí pode vir, em fornecimento de peles, daria para aquecer todos os povos da terra. Há boas condições, em largos trechos, para plantar milho e cereais. O clima, sem dúvida, é frio; não o será, contudo, muito mais do que, por exemplo, em Minesota. O povoamento tem sido retardado por falta de transporte. Ainda há pouco, não havia senão dois caminhos, ambos fluviais, e ambos só praticaveis durante alguns meses do verão.

Agora, subitamente, o Norte começou a ser cruzado por estradas aéreas permanentes. Tal progresso se deve, sobretudo, a um tipo, realmente admiravel, de criatura humana—o piloto da tundra. É este um homem de infinita coragem e inesgotaveis recursos. Quando aprende a voar, tem apenas começado a conhecer seu ofício; deve ser apto a consertar o avião, não com o material que seja próprio, mas com o de que disponha no momento. Por exemplo: fazer uma hélice com umas tábuas de trenó e uma cola improvisada, como um deles fez, não há muito ainda.

Cumpre-lhe abrir seu caminho sobre o desconhecido, isto é, sobre regiões que não figuram nos mapas, e onde a bússola é inutil, porque o vôo se faz nas vizinhanças do polo magnético. Pode suceder-lhe ser forçado a aterrar, com passageiros, em plena tundra, a temperaturas glaciais, e depois armar uma tenda, cortar madeira, acender uma fogueira, descobrir um caribú e dar-lhe um tiro certeiro, preparar uma refeição, e servir de enfermeiro aos companheiros, até que chegue o socorro.

Há sempre algum novo problema a resolver. O inverno passado, voava um piloto num pequeno avião, cujo motor se mostrava demasiadamente fraco. Toda vez que, sobre os esquís, tinha ele que decolar do chão coberto de espessa camada de neve, era preciso que alguem fosse empurrando o aparelho até que o mesmo ganhasse o necessário impulso de partida. Eis entretanto que um dia, voando só, foi obrigado a aterrar num lugar a 200 quilômetros do ser humano mais próximo. Depois de fazer no avião os indispensaveis reparos, atou uma corda comprida à válvula reguladora, e, amarrando a outra ponta ao próprio pulso, desceu do aparelho e pôs-se a empurrá-lo por detrás. O avião rodou e ganhou rapidamente velocidade; então o piloto correu para a portinhola: mas não conseguiu alcançá-la... Por sorte, tal como previra, a corda, ao esticar, fez parar o motor. Repetiu a tentativa, mas desta vez correu mais depressa, marinhou para dentro da carlinga e tomou os comandos.

Abrir uma pista na neve, batendo-a e consolidando-a, não é coisa facil. Se se encontra um índio à mão, paga-se ao homem para andar acima e abaixo, com os sapatos apropriados, no primeiro dia os maiores, no imediato uns de menor tamanho, rompendo, mais e mais, as bolsas de ar que se formam por sob a neve, de modo a comprimir o gelo, até ter um pavimento sólido. Na falta, porem, do índio, há que fazer, como se possa, o serviço.

Naquelas regiões, um avião pode ter que voar sobre rodas, pontões e esquís, tudo na mesma estação. Certa vez, dois caçadores dos que por alí matam animais para vender-lhes as peles, pediram socorro, pelo rádio, vítimas, que acabavam de ser, de uma explosão de gás, num lago solitário. Parecia de todo impossivel ir ao seu encontro, porque o lago não tinha mais do que uns cinco centímetros de gelo, o que, sendo muito para pontões, era pouco, entretanto, para esquís. As margens eram rochosas, e a faixa de espaço livre entre a beira da água e as árvores não dava lugar para o menor avião. Não obstante, um piloto, Grant McConachie, um dos melhores no gênero, concebeu meios de vencer os óbices.

Voou, com um mecânico, ao lago, em um velho Fokker de rodas. Circulou por cima, estudando a margem do lago, e depois desceu de maneira a fazer pousar o aparelho com uma roda sobre o gelo à borda do lago, e outra sobre a margem pedregosa. O aviãozinho deu um salto de poldro bravo. Um ramo de árvore rasgou-lhe a fuselagem. Mas a manobra surtiu o desejado efeito. Recolheram-se os feridos. O mecânico coseu, com tripa de peixe, a barriga do aparelho, e, conquanto a decolagem, com altas árvores à frente, fosse a mais acanhada que já tentara McConachie, nem por isso deixou de realizar-se de modo satisfatório.

O piloto das selvas representa um concurso essencial para a exploração das minas. Fotografando milhares de quilômetros quadrados de terras inexploradas, fornece estes mapas aéreos ao exame dos geólogos das grandes companhias de mineração, ou ao de exploradores independentes. O técnico ou o explorador põe o dedo sobre um pequeno círculo negro, um dos inúmeros lagos. «Ponha-me lá,» diz ao agente da linha aérea, que é obrigado a ter o caso em segredo. Abrindo, logo depois que decola, um envelope fechado, só então sabe o piloto qual é o seu destino.

Uma canoa é amarrada na parte superior da fuselagem, e o avião se enche de tal modo—ferramentas, dinamite, barraca, provisões—que deixa apenas espaço para os dois, o explorador e um ajudante. Essas excursões se realizam no começo da primavera, quando ainda há gelo nos lagos, e a aterragem se faz sobre esquís. O piloto os ajuda a armar a tenda, e, apertando-lhes a mão, é daí a pouco um ponto negro, a sumir-se no céu do Sul, de onde só seis semanas depois haverá de ressurgir, quando, já fundido o gelo, o avião puder vir sobre pontões. Se acontece alguma coisa aos que por alí ficaram—uma perna quebrada, uma apendicite—não se lhes inveje a sorte. Nos primeiros tempos do serviço aéreo, quando ainda lhe faltava qualquer organização, perderam-se um ou dois exploradores.

Durante o verão, os pilotos recolhem espécimes de minério, para análise. Se os resultados desta são animadores, é certo que, na estação imediata, haverá, no local respectivo, um posto de mineração, suprido inteiramente pelo ar.

O avião revolucionou, por outro lado, o negócio de peles. A caça, anteriormente, era em regra praticada pelos índios, que trabalhavam nas proximidades dos postos da Baía de Hudson, e de outros centro de tráfico. Agora, porem, as peles são trazidas sobretudo por caçadores brancos, que operam numa zona, a mais ingrata, visto que à tremenda solidão se soma um frio terrivel. O termômetro desce algumas vezes a menos de 56 abaixo de zero. Ao declarar-se propriamente a estação fria, o avião transporta o caçador, com mantimen-

tos, armadilhas, trenós e cães, e volta, seis meses mais tarde, para recolhê-lo, com os fardos de peles. Poderá todavia acontecer que já o não encontre, e os cães tenham morrido de fome.

Há observatórios do tempo na costa ártica, e nas ilhas mais para o norte. O avião só pode visitá-los uma ou duas vezes por ano, mas os aprovisiona do que lhes é necessário, e hoje significa para eles um seguro elemento de vida. Há tambem alguns médicos que viajam em torno do Ártico, aos pulos de centenas de milhas, e um dentista cuja clínica, por avião, abrange imensa área.

O piloto das solidões geladas surgiu no curso da década de 1920 a 1930, quando aviadores canadenses, que haviam estado na guerra, começaram a fazer vôos para pequenas povoações do norte, de dificílimo acesso por qualquer outro meio. Os exploradores passaram a recorrer aos aviões, e assim se foram estabelecendo linhas regulares. Em 1938, as atividades incipientes entraram a tomar grande impulso. Era uma corrida para o ouro, como na Califórnia em outros tempos, e posteriormente no Klondike—e quase tudo a funcionar pelo ar. Qualquer cesta velha que, elevada à categoria de avião, pudesse dar um vôo, não chegava mais para as encomendas; tinha que viver acima e abaixo, entre Edmonton e os campos auríferos. Em 1941, a Estrada de Ferro Pacífico Canadense adquiriu e fundiu as numerosas pequenas linhas aéreas. Hoje, os seus grandes recursos ajudam a construir um novo império, e a guerra acelera a marcha do processo. Já se pode voar de Edmonton a Dawson em vastos aeroplanos, com todos os requintes de conforto.

O grande caminho do Alasca, antes de ser estrada de rodagem, era uma linha aérea, e ainda agora esta é, provavelmente mais importante do que aquela. Aviões de bombardeio e de combate fazem por alí o seu percurso, em direção ao Alasca; e foram os pilotos das tundras, da referida década, que serviram, no caso, de pioneiros. Outra linha aérea toma o rumo do nordeste, conduzindo ao hemisfério oriental. Pode ainda vir a ter maior importância que a outra, mas no momento é defeso, por inconveniente ou inoportuno, escrever sobre o assunto.

As vias de aprovisionamento militar, de 1943, serão amanhã estradas de comércio. Depois da guerra atual, o sub-Ártico não há-de ser mais o fim da terra: será talvez o centro. Por ele correrão linhas diretas aproximando os dois mundos, o Velho e o Novo. Tê-lo-emos povoado e próspero. E muito do crédito por essa grande obra, será justo levar à conta dos pilotos da tundra canadense, que tomaram a si o papel de desbravadores do caminho.

¶ O CONTRA-MESTRE do navio:—Há quanto tempo está você trabalhando neste compartimento?

O Marinheiro aprendiz:—Desde que eu vi o sr. descendo a escada.

Yppy-Dippy, Naval Base, Neach Bay, Wash.

Leia mais, lendo mais depressa

(Condensado do «American Magazine»)

Pelo dr. Robert M. Bear
Diretor da Clínica de Leitura do Colégio Dartmouth

No fim deste artigo, o leitor já deverá estar lendo com o dobro da rapidez com que o iniciou.

NO INÍCIO do período letivo passado, apareceu no Dartmouth um rapagão magro, chamado Nelson, que tinha o defeito de ler muito lentamente: sua velocidade máxima de leitura não passava de 175 palavras por minuto, e ele se mostrava céptico quanto aos resultados do nosso respectivo curso especializado. Queixou-se, em voz arrastada, de que sempre fora vagaroso, e achava que não adiantaria nada tentar mudar agora. Alem disso, temia que, lendo muito depressa, não assimilasse bem o assunto, correndo o risco de reprovação no fim de ano.

Convencí-o de que se devia matricular no curso, de qualquer maneira; e daí a um mês, ou pouco mais, o teste de leitura e compreensão revelou que Nelson já lia 390 palavras por minuto, absorvendo do conteudo da leitura bem mais do que antes. Diante desse resultado, não conteve ele o seu espanto.

Excepcional, isso? Absolutamente não. Há dez anos que vimos tentando melhorar o ritmo de leitura entre os estudantes do Dartmouth; pois já vi classes cujos alunos começavam o ano a ler, em média, 230 palavras por minuto, passando a ler, em poucas semanas, 500!

Hoje em dia, não há arte de que se cuide menos do que essa de ler. Em primeiro lugar, se quisermos nos manter bem informados sobre a vida contemporânea, somos obrigados a digerir quantidade prodigiosa de «refeições» impressas; alem disso, o trabalho e os deveres sociais tomam o nosso tempo de tal maneira, que nos não deixam margem para a leitura. É claro que a única solução será poupar tempo; no entanto, a maioria dos mortais não sabem aproveitar o precioso tempo da leitura, esperdiçando, ao ler, minutos preciosos.

Quem estiver convicto de que já atingiu o máximo da velocidade na leitura, experimente este teste: escolha nesta revista duas colunas que ainda não tenha lido. Repare bem no relógio; depois, leia uma coluna em voz alta, e a outra sem enunciar as palavras. Muito bem; a não ser que tenha feito a leitura silenciosa em metade do tempo gasto a ler em voz alta, a sua rapidez de leitura pode ser melhorada, sendo possivel, com o treino, ler em silêncio três ou quatro vezes mais depressa que pronunciando as palavras.

Em média, um adulto lê cerca de 250 palavras por minuto; entretanto, após curto período de exercícios simples, poderá estar lendo de 400 a 600.

A regra fundamental, para aumentar a rapidez de leitura, é a seguinte: *todos os dias, durante cinco minutos, no período de um mês, procure ler um pouco mais depressa, ainda que seja incômodo.* Se não perceber bem o sentido duma frase, sentença, ou mesmo parágrafo, não faz mal; continue para a frente, desde que compreenda bem o tema principal do texto, e não procure reparar nas belezas de estilo, ou particularidades de expressão do autor.

Registre o número de palavras lidas em cada uma dessas sessões de cinco minutos; no primeiro dia, a leitura deixará impressão algo confusa. Mas após cinco ou dez dias se irá tornando mais clara, e ao fim de um mês pouco se perderá, embora o tempo já se tenha reduzido a metade.

Aliás, esse treino de aumento de rapidez na leitura é apenas parte dos exercícios que ora prescrevemos. Outro defeito mecânico, que muito contribue para diminuir a rapidez ao ler, é o que consiste em assimilar palavra por palavra. Aos seis anos, quando aprendemos a ler, ensinaram-nos a reconhecer e a pronunciar cada palavra separadamente. E muita gente não passou dessa fase. Contra esse defeito, experimente os seguintes recursos:

1. Leia em silêncio durante cinco minutos. Conte depois as palavras lidas, e divida-as por cinco. Se o resultado não for pelo menos 175, ter-se-á lido palavra por palavra.

2. Peça a um amigo que repare nos seus lábios, enquanto lê silenciosamente: os que lêem cada palavra em separado acompanham muitas vezes a leitura com um movimento de lábios.

3. Leia em silêncio, colocando as pontas dos dedos sobre o pescoço, à altura das cordas vocais. Se as sentir vibrar, isso significa que as cordas estarão formando as palavras na sua garganta.

Para corrigir esses hábitos, esforce-se por manter os lábios bem fechados, e afrouxar as cordas vocais. Isso de soletrar com as cordas vocais tende tambem a desaparecer quando se lê mais rapidamente, porque não há tempo, então, para soletrar.

Quando ouvimos música, estamos cientes, não de várias notas individuais, isoladas, mas sim da harmonia plena, de muitas notas ao mesmo tempo. Do mesmo modo, o bom leitor percebe o que o autor quer dizer, sem haver necessidade de se apegar a palavras sem maior importância.

Estude os anúncios de produtos, etc.; veja os seus cabeçalhos expressivos, lacônicos, concisos, e os parágrafos curtos e eloquentes. Olhe para um desses anúncios durante cinco segundos. Verifique, depois, que soma de informações colheu, nesses segundos, a respeito do produto anunciado. Ou então corte num pedaço de papelão um espaço do tamanho e largura de uma das linhas desta revista. Vá trazendo o papelão pela página abaixo, e veja se consegue absorver, a cada olhada, uma boa parte do sentido.

Outra solução para o problema da leitura lenta é procurar aumentar o raio da visão. Quando lemos, os olhos tendem a passar pelo escrito aos pulinhos, parando, entre cada salto, num momento que se chama «fixação». Nessa fixação é que vemos e lemos; quanto menos fixações houver, maior será a velocidade da leitura, e com maior precisão se compreenderá o sentido, abstraindo-se este das frases inteiras.

Os meus alunos têm experimentado tambem o seguinte truque: pegando uma página, correm os olhos de cima a baixo, pelo centro de uma coluna, parando só uma vez em cada linha. Quem fizer isso com certeza terá, nas primeiras vezes, bastante dificuldade em assimilar o que está lendo. Com alguns dias de prática, porem, já se poderá absorver, de cada linha, o suficiente para entender o sentido geral.

Evite-se tambem fixar os olhos na última palavra duma linha, ou na primeira da linha seguinte: os nossos olhos vêem tanto à direita como à esquerda do ponto imediatamente acima deles. Se olharmos diretamente para a primeira ou última palavra duma linha, estaremos desperdiçando quase todo o esforço da fixação, por causa da margem em branco.

Procuremos igualmente livrar-nos do hábito de voltar a algumas palavras atrás, para absorver o sentido. Convem continuar, pelo menos, até o fim da sentença.

Todos devemos procurar adotar velocidades diferentes para leituras diversas. Para as notícias diárias, ou algum artigo curto, ou folheto, poderemos adotar o sistema de «passar os olhos». Tente «passar os olhos» pelo seu jornal; peça depois a um amigo que lhe repita o conteudo de um parágrafo, e verifique se pode encontrar, rapidamente, esse trecho. Procure assimilar, a um olhar só, o sentido de um período inteiro. Atribue-se a Carlyle e a Theodore Roosevelt a capacidade, verdadeiramente inverossimil, de ler uma página inteira com uma única olhadela. O que eles, de fato, faziam seria «passar os olhos» de maneira excepcionalmente perfeita, selecionando, com viveza, as frases e expressões importantes. O normal seria que todos conseguíssemos absorver de oitocentas a mil palavras por minuto, «passando os olhos».

Em segundo lugar, vem a velocidade normal da leitura, que não deverá ser inferior a 350 palavras por minuto (o mais certo será 500). Se o espírito vai pulando à frente da palavra escrita, então a leitura não atingiu a rapidez necessária. Leitura e pensamento devem caminhar ao mesmo passo.

Em terceiro lugar, a leitura para estudo. Esta se destina a analisar, criticar e apreciar as belezas do estilo; é um processo vagaroso, e às vezes lemos, assim, apenas cinco a seis palavras por minuto. Quando temos sob os olhos um despacho telegráfico de guerra, queremos passá-lo por cuidadoso escrutínio, pesando cada palavra, procurando-lhe o significado oculto, qualquer coisa que o correspondente talvez quisesse dizer de maneira que escapasse à censura... Quando se trata de um poema de Walt Whitman, ou duma peça de Bernard Shaw, ou de um tratado científico, teremos que adotar esse processo mais lento.

Há pouco tempo recebí uma carta do pai de um dos meus alunos, que dizia: «Quando meu filho chegou em casa, submeteu toda a família a um teste, e resolveu ensinar-nos o que havia aprendido na Universidade, a respeito de tempo de leitura. Pois bem: no período de um mês, a minha capacidade subiu de 290 a 550 palavras por minuto, e já tenho conseguido devorar quase o dobro das revistas e livros que lia antes. Permita-me que lhe agradeça haver dado a um velho como eu a sensação de ainda estar aprendendo coisas uteis».

¶ Um marinheiro inglês descreveu, recentemente, o torpedeamento do seu navio: «Um choque, um banho e um salvamento».

—Louis Sobol, *N. Y. Journal-American*

¶ *Como definir a visão wilsoniana de «paz comum organizada»: fútil idealismo, ou realismo sólido?*

Woodrow Wilson volta à cena

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Gerald W. Johnson

Foi em 1924 que um médico firmou um atestado de óbito, no qual o nome do morto era Woodrow Wilson; este, porem, já havia morrido realmente muito antes. A nação, desde data anterior a 1920, havia posto impacientemente à margem o homem que lhe pareceu conhecer tão pouco o mundo da realidade, profetizando nova catástrofe, a menos que os Estados Unidos empenhassem sua força econômica e militar na obra de supressão dos perturbadores da paz, embora, de começo, a paz em perigo não fosse a sua própria.

Woodrow Wilson predissera que, se os ditadores não fossem detidos em tempo, poriam eventualmente em perigo a civilização, se a não arruinassem completamente.

Isso em 1919 teve um ar de grande pilhéria, e ainda mais em 1941; a única diferença é que, por este tempo, há alguma dúvida sobre quem seja o alvo da pilhéria. Em 1931, não o havia; ríamos ainda do homem que tinha afirmado que, se rejeitássemos a Liga das Nações, estaríamos golpeando o mundo no coração. A pilhéria, contudo, perdeu a graça em 1933, quando Hitler subiu ao poder, e desde então foi desaparecendo.

Hoje, diante da maré de sangue, que aí está a crescer aos nossos olhos, nos parecem de grande perspicácia as palavras que Wilson proferiu a 22 de janeiro de 1917: «Deve existir, não um equilíbrio de poder, mas uma comunidade de poder; não rivalidades organizadas, mas uma paz comum organizada.»

Quando a guerra explodiu, em 1914, ao que parece, Wilson partilhou a princípio da ilusão, então geral nos meios americanos, de que o conflito se restringiria ao continente europeu. Entretanto, logo que se convenceu de que os Estados Unidos teriam que entrar na luta, chegou intimamente à conclusão de que a participação americana só seria justificavel, se conduzisse ao estabelecimento de medidas de prevenção contra a repetição do desastre. Quis um tratado de paz fundado na razão e no direito; mas se dispôs a aceitar, e infelizmente aceitou, um tratado discutivel, contanto que se estipulasse no mesmo a instituição dos aparelhos, graças aos quais os subsequentes litígios de carater internacional pudessem ser resolvidos, antes por meios jurídicos, do que pela violência.

Tanto basta sobre Wilson. Mas que espécie de país estava ele dirigindo nessa campanha? Era um país negligente e vacilante—não certamente um país inclinado a precisões científicas no modo de formar o seu juizo. Dominavam-no as paixões contra a Alemanha. Vê-la devidamente castigada, eis o que essencialmente lhe importava. A criação de uma ordem mundial, convenientemente melhorada, era, no seu conceito, incidental na vitória; enquanto, para Wilson, a vitória é que era incidental na criação da nova ordem.

É possivel que não desse resultado uma Liga das Nações que contasse com o pleno apoio moral e militar dos Estados Unidos—solução Wilson. Mas a simples derrota da Alemanha—solução preferida e imposta pelo povo—não o deu, evidentemente. Essa dolorosa verdade está hoje escrita, a fogo e sangue, através do mapa-mundi.

Wilson fracassou na construção de uma nova ordem mundial, porque o seu país não afinava com o seu estado de espírito. Uma nação, como eram os Estados Unidos em 1919, não podia sequer entender a Liga das Nações. Dada a risonha facilidade com que pomos o carro adiante dos bois, quase todos reputávamos a Liga das Nações uma fantasia impraticavel. Mais impraticavel, entretanto, era a presunção idealista de que, no mundo agitado do século XX, as nações poderiam viver felizes e seguras, em conjunto, sem se premunirem contra a hipótese de algum ato de loucura que houvesse de ser reprimido.

Até hoje, um número espantoso de americanos mantem-se incrédulo, quando se lhe refere que o convênio da Liga das Nações incluia o mecanismo para a retificação de quaisquer erros que a prática viesse revelando no texto do Tratado de Versalhes. Sob o referido convênio, a Alemanha podia ter obtido, por meios legais e não por processos bélicos, a correção das imposições, quaisquer que fossem, que ela provasse claramente injustas.

Mas o poder de tornar operante um aparelho jurídico só até certo ponto é um poder de polícia, mui restrito. O que nele importa, sobretudo, é a autoridade moral de que possa dispor um juiz desinteressado; e a única nação que a possuia eram os Estados Unidos, que, todavia, repudiavam a Liga. Desde o momento dessa rejeição, a Liga com os seus orgãos destinados a corrigir os erros de Versalhes, ficou virtualmente prejudicada.

O povo americano recusou apoio à Liga porque, intoxicado pela fartura e o êxito, acalentou a perigosa ilusão de que a sua força, por si só, seria sempre bastante para as suas necessidades. A Europa necessitaria, a todo tempo, da contribuição americana, mas o dia nunca viria em que precisasse a América do concurso europeu. Essa crença leda e cega perdurou por vinte anos, até que uma tremenda tirania, ameaçando os últimos redutos do governo livre na Europa, nos arremessou subitamente em uma forma de isolamento em que nunca tínhamos pensado, e que não desejávamos de todo.

Se o povo americano não pôde acreditar, há vinte anos, na necessidade de proteger a paz e a segurança das nações, por algum sistema de ajuste, devidamente apoiado pela força necessária a torná-lo seguro em seus efeitos, é o caso de perguntar qual a razão desse seu modo de ver. Só há uma explicação. É que a sua tranquilidade, durante mais de um século, nunca fora perturbada por ameaças externas realmente sérias; e, quando entrou a tomar parte na guerra,

---

Gerald W. Johnson é um jornalista que se tem dedicado longamente ao estudo da História Americana, e muitos livros já tem publicado sobre o assunto. Desde 1916, escreve editoriais para o famoso *Sunpapers*, de Baltimore. Entre as obras de Johnson figuram as biografias de Andrew Jackson e John Randolph, e a recente *America's Silver Age*.

em 1917, realizou prodígios, transportando para a Europa um gigantesco exército, que marchou para pronta vitória. Assim era ainda a América, a sempre vitoriosa.

Não pode haver maior ironia do que a implícita na afirmação de que foram a prosperidade, a segurança e a felicidade que conduziram a América a rejeitar o único plano capaz de garantir de fato a permanência dessa mesma felicidade, dessa mesma segurança, dessa mesma prosperidade.

Certo, a ninguem é lícito afirmar que uma Liga de Nações, com a participação da América, teria fatalmente preenchido os seus objetivos. Mas o que todos sabemos é que foi aquele, o da Liga, o único plano proposto, e que, sem plano de nenhuma espécie, a nossa segurança aí está, dentro do lapso de vinte e quatro anos, em perigo muito mais grave do que em 1917. É dificil imaginar, quaisquer que pudessem ser as circunstâncias, que o apoio que déssemos à Liga nos houvesse conduzido a peor situação do que a atual, a que chegamos em 1941 por via da política de não-participação.

Não soubemos compreender Wilson quando disse: «Chegou o dia em que a América vai ter a honra de derramar o seu sangue e empregar a sua força por amor dos princípios que lhe deram a vida, a felicidade e a paz que tem desfrutado.» Dispusemo-nos, em geral, a dar nosso sangue e recursos, exclusivamente para o fim de garantir a nossa segurança. Teremos porventura progredido, alem dos mesmos limites, nestes vinte e quatro anos?

A questão não é das mais simples, mas é certamente de maior alcance que quaisquer termos de guerra ou quaisquer termos de paz. Teremos acaso compreendido, ainda hoje, que a nossa própria segurança está ligada indissoluvelmente à de todos os povos livres, e não a teremos garantida, sem garantir a dos outros? Alguem maior do que Wilson disse, aliás muito antes de 1917: «Nenhum de nós vive para si mesmo, e ninguem morre para si mesmo.» Torna-se cada vez mais evidente que, no convulsionado mundo moderno, isso é a plena verdade, para as nações e para os indivíduos.

Nos dias próximos do presente conflito, no caminho de Hitler não poderá surgir aparição mais impressionante do que a do espetro de Woodrow Wilson, com uma América unida atrás de si, como unida esteve em 1917. Porque, com os protagonistas de ódios, intrigas e violências pode Hitler encontrar sempre meios e modos de viver a gosto; mas uma nação disposta a assegurar, «não um equilíbrio de poder, mas uma comunidade de poder; não rivalidades organizadas, mas uma paz comum organizada,» será sempre seu mais implacavel inimigo, um inimigo mortal.

¶ Um cavalheiro desconhecido esperava a meu lado, havia algum tempo, por Sir Herbert Beerbohm Tree, no Teatro de Sua Majestade. Por fim, Sir Herbert lá apareceu, e deixou-se cair numa poltrona, entre mim e o desconhecido: «Agora,» disse ele olhando para o teto com um suspiro, «queiram se considerar apresentados. Só me lembro do nome de um dos senhores, e isso não seria nada amavel para o outro.»

Hesketh Pearson, *Thinking It Over* (Harper)

¶O pianista que inventou a cura para o medo «de dar o prego»

A Sociedade das Almas Tímidas

(Condensado de «Your Life»)

Por J. P. McEvoy

Na rua 73, do lado oeste de Nova York, vem desde algum tempo funcionando, aos domingos à noite, uma espécie de Purgatório bastante original. É o caso que, sob a direção de um jovem e endiabrado pianista de nome Gabriel, um grupo de tristes condenados, que a si mesmos se denominaram «Sociedade das Almas Tímidas», se congregam periodicamente numa vasta sala, e pagam 50 centavos (10 cruzeiros) por cabeça, para gozarem o privilégio de se submeter às mais requintadas formas de tortura psíquica!

São pianistas, cantores, atores, oradores, conferencistas, e «entertainers» de salão, todos eles perseguidos pela mais penosa das preocupações profissionais—o medo de «dar o prego». E alí, no seu purgatório voluntário, tocam, dansam, cantam e discursam uns para os outros, durante três horas, exibindo em público suas fraquezas individuais, castigando-se barbaramente com instrumentos de tortura especialmente concebidos para o caso, e por fim lá se vão para casa, cambaleando uns sob o peso do sofrimento, outros orgulhosamente disfarçando velhas cicatrizes, ou esperançosamente lambendo novas feridas...

Muito embora haja por aí veteranos da ribalta que dirão com orgulho a quem queira ouví-los que a sua forma peculiar de timidez perante o público é incuravel—Bernard Gabriel continua a pensar que é possivel fazer alguma coisa para os aliviar. Começou por pedir aos seus consócios pianistas que lhe descrevessem individualmente a natureza do medo que sofriam, e passou mais tarde a inquirir entre os atores e os cantores. Só depois de bem informado lançou a primeira clínica para o tratamento do medo do «prego».

Um dia, tendo reunido no seu estúdio numeroso grupo de infelizes, que eram todos aqueles que havia conseguido agremiar, deitou-lhes esta fala: «Desejo que cada um de vocês, por turno, se levante, e descreva aos demais o tipo de medo de que sofre—e a causa a que o atribue. Depois disso, vamos tomar cada caso individualmente, e ver o que se pode fazer para resolvê-lo.»

Apontando para um dos pacientes da primeira fila, perguntou: «Quem é você, e por que razão veio aquí?»

A vítima, uma senhora, ergueu-se e explicou que era pianista. «Só posso tocar quando estou sozinha, se ninguem estiver escutando. Assim que entra alguem na sala, ponho-me nervosa. Se eu tivesse que tocar, ainda que fosse para um pequeno auditório, acho que o medo seria tal, que nem uma escala me sairia dos dedos!»

A paciente seguinte levantou-se e declarou: «Eu sou cantora. Dêem-me um vasto auditório, e ponhám uma orquestra a separar-me do público, que não terei qualquer dificuldade em cantar. Mas se tenho que cantar para uma pe-

quena assistência, num salão, com pessoas sentadas perto de mim a ouvir, não há maneira de ir para diante!»

Outra vítima era uma moça pianista que se estreara brilhantemente num concerto, mas depois se vira incapaz de tocar em público. «Vem-me um medo terrivel de esquecer, — confessou. — Começo muito bem, mas daí a nada estou a apoquentar-me com a idéia de que vou esquecer a última parte da peça, ou de como é que começa o número seguinte, e pronto. Não posso aguentar semelhantes ânsias.»

«Cá por mim—disse um cantor, com muitos anos de experiência—um auditório pequeno nunca me mete medo. Mas quando vejo na minha frente um público enorme, todos à espera que eu cante, fico esborrachado sob a carga da responsabilidade. Penso assim: —Ó Deus, eu fiz com que toda esta gente viesse aquí para me ouvir, e eles agora exigem de mim alguma coisa de colossal! Não posso corresponder a tal expectativa, bem o sei! Quando abrir a boca, não me espantaria se dela não saisse nem um som.—E às vezes não sai mesmo!»

Houve muitas e diferentes confissões, e a timidez individual já parecia até atenuar-se, só pelo fato de que os pacientes começavam a perceber que não estavam sós no mundo, que não eram eles os únicos, e que o seu tipo de medo de «dar o prego» era muito mais comum do que tinham imaginado.

Acabado o período das confissões, esperaram todos que o pianista Gabriel abrisse a boca, e receitasse. Que iria dizer o oráculo? Pois bem, Gabriel tinha a sua teoria, que poderíamos perfeitamente resumir no conhecido aforismo: «A dentada do cão cura-se com o pelo do mesmo cão.»

«Venha cá você!» disse ele a uma pianista que se queixara de não poder tocar quando alguem se punha a olhar para ela. «Sente-se aí, e toque. Enquanto você tocar, vamos ficar todos a olhar para você.» Trêmula de medo, a pianista sentou-se ao instrumento. «Diga-me agora,» acrescentou Gabriel; qual é o gênero de olhar que mais lhe perturba?»

«Bem—murmurou a espavorida pianista—se percebo que alguem está olhando para minhas mãos, sobretudo se se trata de pianista, penso logo na crítica terrivel de que estou sendo vítima.»

«Ótimo!—fez o diabólico Gabriel.—Aquí tem Fulano, que é professor de piano. Ele vai postar-se mesmo diante de você, e não tirará os olhos das suas mãos, enquanto você tocar! E para ter bem certeza de que está sendo olhada nas mãos, vou apagar todas as luzes, e acender este projetor, focando-o sobre elas!»

A pianista «deu o prego» logo aos primeiros compassos. «Volte ao começo!» ordenou o «médico». «Desta vez a senhora portou-se muito melhor.» Repetiu-se a cena, uma e mais vezes, até que a pianista tocou a peça de começo a fim sem «dar o prego»! «Agora, responda-me — disse Gabriel — acha que já alguma vez alguem olhou para suas mãos desta maneira?» A senhora teve que confessar que nunca! «Pois então, já não tem mais que se incomodar com isso daquí por diante.»

«Para a próxima semana—continuou o implacavel Gabriel—pensaremos em novas maneiras de olhar para você com impertinência.» A pianista agradeceu muito aquela promessa de novas torturas, jubilosamente aceitas...

Essa dissecção em público e razo

animou os restantes pacientes a reclamar idênticas provas. A pianista que tinha medo de se esquecer no meio da peça, foi interrompida diversas vezes durante a execução, até demonstrar que se podia lembrar da continuação da música, onde quer que fosse interrompida. A cantora que não podia cantar, ainda que fosse para os pequenos públicos, porque se sentia amedrontada, foi obrigada a cantar com todos os presentes apinhados à roda dela. Para benefício dos que se queixavam de que os incomodava ouvir tossir, a assistência rompeu num entusiástico desconcerto de latidos, uivos, assobios e cacarejos, sob a magistral direção de Gabriel!

Passava-se isto em fevereiro de 1942. Desde essa data, o grupo de medrosos, cerca de 40 homens e mulheres, vêm-se reunindo regularmente todas as semanas. Alguns visitantes foram buscar lã... e sairam «tosquiados». Por exemplo: Charles Cooke, excelente pianista e autor de um livro intitulado *Playing Piano for Pleasure* (O Pianista Amador), foi alí a conselho do humorístico *New Yorker* para espiar a «clínica» de Gabriel, e divertir-se um bocado à custa da Sociedade das Almas Tímidas. Fê-lo com tanta sorte, que ficou sabendo que tambem sofria do medo de «dar o prego»! A clínica de tal modo o fascinou, que se deixou ficar a tocar para as suas supostas vítimas, e voltou ao «hospital» para continuar o tratamento!

Este Bernard Gabriel, que veio dos confins do Colorado, e conta hoje 30 anos apenas, conseguiu assim levar a cabo toda uma série de brilhantes concertos, sem dificuldade de qualquer espécie, no que respeita ao pavor do público. Orgulha-se ele, e com razão, da engenhosa organização de seus programas, e entesoura com carinho as mais elogiosas referências críticas ao seu recital de Bach, por exemplo, no qual alinhou composições de sete membros da fabulosa família de compositores, abrangendo um período de 150 anos, e incluindo alem do Bach propriamente dito, quatro dos seus filhos, um tio e um sobrinho. Mas sobretudo se orgulha da sua Sociedade das Almas Tímidas.

Ocorreu-nos perguntar-lhe: Serão *científicos* os métodos que emprega na sua clínica? Ele encolheu os ombros, limitando-se a dizer: o que sei é que dão resultados! Um experimentado psiquiatra de Nova York, o dr. Samuel A. Tannenbaum, abonou a iniciativa. «Não há dúvida—afirma—que por esse meio se ensinam as pessoas a abstrair do auditório, a ignorar os ruidos, as interrupções, as distrações, e a concentrar-se na sua tarefa.»

Houve, porem, um paciente que protestou, afirmando que a cura era peor que a doença, a emenda peor que o soneto: no fim de contas, dizia o queixoso, há limites para tudo!

«Mas não há limites para o que pode suceder a um profissional durante um concerto ou um espectáculo,—disse Gabriel com firmeza.—Há gatos pretos que atravessam o palco, cenários que se despenham, bancos de piano que se escavacam de repente, cordas de violino que rebentam debaixo do olho da gente, vestidos cuja alça se rompe deixando a dona em má situação, e espectadores que têm ataques em plena platéia. Há tudo isso, e muito mais!»

A pianista teve boas razões para lembrar o aviso do seu anjo da guarda, quando, passadas semanas, estava tocando para uma pequena assistência numa casa particular de Long Island. Abriu-se a porta de repente, para dar entrada a um desvairado gurí, armado

de arco e flechas como um índio, que começou a disparar os seus emplumados projeteis para a direita e para a esquerda. A pianista, se bem que assustada a valer, terminou a sua execução sem saltar sequer uma semi-breve! Mas a assistência, que não estava preparada pelos sábios conselhos e práticas da Sociedade das Almas Tímidas, é que ficou com os nervos em frangalhos!

Não vê Gabriel razão pela qual os tímidos e medrosos se não reunam, seja lá onde for, para discutir em comum seus problemas, e dar-lhes o remédio possivel. Nem o mal nem o remédio são exclusivos de artistas; há por aí muito sujeito que se sente embaraçado quando entra numa sala cheia de gente, ou num restaurante, ou ao procurar o seu assento ao longo duma platéia de teatro, com a impressão de que todos o estão fitando inquisitorialmente!

Todo o segredo do tratamento está em descobrir precisamente qual a causa específica da timidez,—e em seguida «condicionar» a alma do sujeito por meio de repetidos e cruéis exercícios contra o mal, de preferência na presença de um grupo que o compreenda, mas o não poupe à crítica.

Cada grupo deve confiar no seu engenho próprio, de maneira a descobrir exercícios apropriados. Essencialmente essas provas não precisam ser mais complicadas do que no caso daquele sujeito que adorava dar com um martelo na própria cabeça... só porque se sentia muito bem quando parava de martelar!

Sketches em preto e branco

¶ Um colegial negrinho dava aos seus professores desgostos sem conta. Esgotados os recursos da disciplina, chamaram a mãe do menino à escola, e cada professor apresentou a sua queixa.

Um disse que o garoto furtava, ao que ela replicou: «*É iguarzinho ao pai!*» Outro disse que o menino mentia; «*É iguarzinho ao pai!*» Outro disse que o menino falava nomes feios: a mãe do negrinho suspirou: «*É iguarzinho ao pai. Graças a Deus qui nunca me casei cum aquele homi!*»

—Gyda Magelssen

¶ A velha preta lavadeira apareceu um dia, queixando-se da sorte.

—Vamos, Joana,—disse-lhe a patroa, tentando consolá-la—não fique assim tão abatida. Não adianta ficar preocupada desse jeito.

—*Cume é qui num adianta, patroa?* replicou a preta velha.—*Quandu Nossu Sinhô mi dá sufrimentu, Ele espera eu sofrê, num espera?*

—Public Speaker's Treasure Chest, *Herbert V. Prochnow* (*Harper, ed.*)

Herói por amor do negócio

(Condensado do «New Yorker»)

Por Alva Johnston

Glenn L. Martin foi no seu tempo um audacioso acrobata do ar; é um dos raros pioneiros da aviação que ainda vivem, e um dos líderes da indústria aeronáutica.

Glenn L. Martin tinha 20 anos e era dono de uma garage em Santa Ana, Califórnia, quando, em 1906, leu um dia nos jornais que Orville Wright conseguira voar durante um minuto e quarenta segundos. Puxou do relógio e contou 100 segundos: tempo comprido, quando a gente tem a paciência de o contar! Três anos antes, os primeiros vôos dos irmãos Wright, em Kitty Hawk, não lhe tinham feito maior impressão; mas parecia-lhe agora, assim de repente, que a aviação era coisa de futuro.

Pôs-se a estudar a gravura do jornal — um biplano rudimentar — e disse para a mãe: «Ora, isto não passa de uma arraia com motor. Vou fazer um e voar nele, você verá.» Já se visionava grande pioneiro da nova indústria, e mais tarde fabricante de categoria. Desse dia em diante, sua carreira se processou em linha reta: Martin virou com efeito um dos maiores construtores de aviões do mundo.

Nascera em Macksburg, no estado do Iowa, aos 17 de janeiro de 1886. Dois anos depois a família transferia os penates para Liberal, no Kansas. Era mais um caso clássico do rapazinho fadado para altos destinos entre os homens: família pobre, livros raros, divertimentos nenhuns, e sobretudo uma ausência total de preconceitos contra o trabalho das crianças... À idade de dez anos, Martin fazia, durante as férias e nas horas livres da escola, o serviço de um adulto.

Glenn não se lembra de quando data o seu interesse por coisas com velas, que o vento pudesse impelir: nasceu com ele. A sua primeira tentativa nos domínios da aerodinâmica, aliás um fracasso, foi a seguinte: ocorreu-lhe converter o carrinho de brinquedo em «iate terrestre», servindo-lhe de vela um lençol de cama. Ele próprio fabricava, com bocados de metal e madeira, os patins de gelo sobre os quais pretendia vogar à vela. Depois instalou uma vela na bicicleta e, socorrido pela força do vento, praticou um gênero bastante raro e delicado de navegação. Construiu (eram então grande novidade) papagaios em forma de caixa, isto é, constituidos de planos horizontais e verticais, melhorou o respetivo traçado, e vendeu quantos pôde fabricar... A soma dessas experiências contribuiu pa-

ra lhe dar, dez anos depois, a súbita convicção de que poderia construir uma máquina voadora.

Sua primeira medida foi fabricar um planador, e praticar nele, lançando-se do alto das colinas vizinhas de Santa Ana. Tão depressa se sentiu no ar como em sua casa, arrendou uma igreja abandonada por 12 dólares ao mês, e meteu-se lá dentro a construir um biplano. Trabalhava sobretudo de noite, e a maior parte das vezes era a mãe que o alumiava na tarefa, segurando o candieiro de querosene. A senhora Martin seguiu passo a passo, desde essa data, o desenvolvimento do avião, e hoje, com a idade provecta de 78 anos, é um autêntico perito aeronáutico. Martin sustenta que lhe deve o melhor da sua carreira de aeronauta e construtor: «Minha mãe me encorajou sempre a crer em mim mesmo,» dizia recentemente. «Deixava-me fazer papagaios no chão da cozinha, e nunca ralhava, nem quando eu punha um quarto em desordem.»

Martin não dispunha de livros de texto que o guiassem na construção do seu biplano. Da informação fragmentária dos jornais e revistas conseguia extrair, por especulação, os aparelhos de direção e estabilização usados pelos irmãos Wright. Graças a um livro que tratava da construção de pontes, conseguiu calcular onde é que o seu aparelho voador teria de suportar tensões. Desenhou ele mesmo, às apalpadelas, a hélice do aeroplano. E por fim, escolheu como motor um Ford de 15 H.P.

Foi só nas fases finais da construção que recorreu ao auxílio de dois mecânicos. Ao cabo de cerca de dois anos de labor, e tendo gasto 2.000 dólares, o biplano estava em condições de ensaiar as asas. Mas surgia agora outro impecilho: as portas da antiga igreja eram demasiado estreitas, e o biplano não podia sair da sua gaiola! Martin foi ter com o senhorio: «Que tal se, acabado o meu trabalho, eu alargasse as portas da igreja e fizesse uma espécie de guarda vento?» Contanto que isso fosse à custa de Martin, o senhorio não via objeção. E o inventor extraiu o seu aparelho por uma verdadeira operação cesareana,—arrombando a fachada da igreja! De princípio o dono ficou fulo: mas apaziguou-se quando viu a frontaria reconstruida, e ainda para mais um guardavento catita.

Para poder levantar vôo, Martin obteve autorização do maior proprietário das vizinhanças de Santa Ana, um tal James Irvine, dono de um terreno de uns 80 hectares a 6 quilômetros e meio da igreja. Mas, receando que a sua avantesma assustasse os cavalos dos lavradores, esperou por uma noite de luar para conduzir o biplano até o terreno de ensaio. Ele e mais três homens agarraram o aparelho pela asa inferior, e o conduziram ao longo da estrada, qual gigantesco carrinho de bebê.

O primeiro vôo realizou-se em agosto de 1909. No instante em que sentiu que a sua caranguejola arrancava do chão, Martin voltou logo a aterrar. Passados que são 33 anos, ainda hoje diz que esse vôo de 30 metros a quatro palmos da terra lhe deu a maior e melhor sensação de toda a sua vida.

Durante semanas andou naqueles vôos rasteiros. Nada fez que se dissesse por pândega ou vanglória: cada tentativa de vôo tinha por fim ensaiar e estudar o comportamento do aparelho, à medida que ia modificando e melhorando o seu material. Pouco a pouco conseguiu ir elevando o aparelho às alturas de 3 e 5 metros, e manter-se no ar o bastante para percorrer uns cem metros, aproximadamente; mas só voava ao amanhecer e ao por-do-sol.

Foi estudando as curvaturas e torsões das estruturas de madeira, e o relaxamento das porcas e parafusos, que Martin aprendeu os segredos da aerodinâmica. Após cada série de vôos, desmantelava pacientemente a passarola, reforçava-a, e tornava a experimentar. Começou assim a erguer-se mais alto e a fazer mais longos vôos. Muitas vezes foi cuspido do aparelho, ao fazer aterragens algo bruscas, e teve de aprender a cair como os acrobatas, para não ficar aleijado.

A primeira vez que voou em público, com anúncio na imprensa, foi a 21 de novembro de 1910. O *Times* de Los Angeles referia-se entusiasticamente à maneira como o aviador «pulava por cima das cercas», e conseguira «quase chegar a Delí»—não na Índia, por certo, mas a uma milha do ponto de partida. Em 1911 Martin era já um dos aviadores mais notórios dos Estados Unidos. A 10 de maio de 1912 atraiu a atenção mundial ao voar num hidroavião de seu próprio fabrico, desde Newport Bay, junto a Los Angeles, até a ilha Catalina, à distância de 59 quilômetros, e volta. A aviação por meio de instrumentos desenvolvera-se ao ponto de que Martin fez esse vôo com uma bússola amarrada a uma perna e um barômetro à outra. Vinte e cinco anos depois, repetia esse mesmo vôo—mas desta vez no seu China Cliper, que era então o maior avião a cruzar os ares.

As notícias dos jornais do tempo, referindo-se às façanhas de Glenn L. Martin, começavam invariavelmente por estas palavras: «Pela primeira vez ...» Com efeito, o aviador, que então contava 26 anos, foi o primeiro a fazer entrega de correio pelo ar, a arremessar dos ares um buquê de flores no regaço da Rainha de Maio, e o primeiro tambem a simular o bombardeamento aéreo de um forte ... Foi ele o primeiro a fazer uso da máquina voadora para caçar, e a agarrar penitenciários foragidos, a tomar em avião um passageiro de um bote, a vasculhar o mar em busca de aviadores perdidos, a tirar fitas de cinema dos ares, a bombardear o público com prospetos de propaganda comercial e bonus de mercadoria. Figurou muito no cinema. Certa vez apareceu ao lado de Mary Pickford, bancando «estrela», não porque fosse um ídolo das platéias, mas porque Mary não teve medo de subir no avião com ele. Trabalhou durante duas semanas ao lado da heroina, ao salário de 700 dólares por dia.

De certo modo, Martin levava uma espécie de vida dupla. Para ganhar dinheiro e publicidade, cooperou com os jornais numa série de atos espetaculosos que lhe deram reputação, aliás infundada, de grande temeridade. Por esse tempo, andava ele assediando diretores de bancos, para que lhe emprestassem dinheiro, e pois se apresentava como um homem que estivesse «interessado num negócio prudente» ... O capital mostrava-se relutante. Um sujeito que arriscava a vida daquele jeito, poderia por em risco tambem o dinheiro alheio! Na altura, justamente, em que Martin havia conseguido, à custa de muito trabalho, reunir um pequeno capital para promover a expansão da sua usina, realizou um vôo sobre Los Angeles, levando em sua companhia a famosa estrela de revista e comédia musical, Valeska Suratt. «Gozadíssimo!» gritou ela para os repórteres, ao descer do

aparelho, ao mesmo tempo que embrulhava Martin na sua capa de leopardo e o beijava com entusiasmo. Foi um acontecimento nacional! Os homens do capital, que tinham feito milagres de coragem para confiar o seu rico dinheirinho a poços de ar, falhas de motor e defeitos de estrutura, perderam de repente todo o interesse por empresas em que se metiam estrelas de music-hall.

Grande injustiça para Martin, que era um moço reconhecidamente sóbrio, e até bastante tímido com as mulheres: a sua face era severa, apertados os seus lábios; usava óculos de lentes grossas, e tinha as maneiras bastante secas. Metido no seu uniforme de vôo, negro retinto, parecia antes um ajudante de ferreiro. Dormir cedo, e cedo acordar, era a sua regra; nunca fumou nem bebeu, e alimentava-se sobretudo de leite. Toda a vida seguiu o regime de um atleta em época de treino. E ainda hoje é solteiro.

Fez-se herói por amor do dinheiro. Só arriscava o canastro quando entendia que o interesse do negócio justificava o risco. Quando as suas proezas aeronáuticas lhe conquistaram sólida reputação comercial, retirou-se das apresentações em público, e consagrou-se por completo à edificação da Glenn L. Martin Company.

Desde o começo que os aviões da Martin se tornaram famosos pela resistência. Já em começos de 1913, empregando uma mira de bombas de fabrico rudimentar, Glenn procedia aos primeiros testes autênticos de bombardeio aéreo, de que haja notícia, enquanto um oficial do exército estudava no terreno os resultados do ensaio.

Martin tambem inventou o primeiro paraquedas automático. Entre os acontecimentos sensacionais de 1913, em matéria de aviação, registaram-se os saltos em paraquedas de Miss Tiny Broadwick, que acompanhara Martin no avião deste. Poucos meses depois ele empregava paraquedas para lançar um homem com sua bicicleta, e predizia que as tropas paraquedistas viriam a desempenhar papel de relevo nas guerras futuras.

A 6 de agosto de 1914, menos de uma semana após a declaração da primeira guerra mundial, Glenn Martin dizia a um jornalista que o entrevistou: «O aeroplano virá decidir praticamente a sorte das armas na Europa. Uma espécie de morte com asas esmagará exércitos, afundará couraçados gigantescos e acordará o mundo inteiro para a compreensão das terriveis possibilidades de um punhado de homens munidos de suas máquinas diabólicas de voar. As táticas de guerra de outros tempos acabaram. Os generais que o tiverem compreendido mais depressa, e forem os primeiros a fazer uso da morte com asas, sairão vencedores.

Prevendo depressa a entrada da América na guerra, dedicou-se ao desenho de poderosos bombardeiros. Em 1917 consumava a fusão da sua empresa com a dos irmãos Wright, criando a Wright-Martin Aircraft Corporation. Em janeiro de 1918, os seus projetos para um novo bombardeiro foram acolhidos com interesse: seis meses depois de feita a encomenda, entregava ao governo de Washington o primeiro dos bombardeiros produzidos, o que era um feito sem precedentes. Tratava-se de um biplano bimotor, capaz de transportar 750 quilogramas de bombas, antecessor do tipo que em 1921 viria a afundar um couraçado, um cruzador, um destroier e diversos submarinos, na experiência levada a efeito pelo general Billy Mitchell ao largo dos cabos da Virgínia. Recebeu vasta encomenda do novo avião de guerra, mas já era tarde demais: a guerra acabou, sem que no seu resultado tivessem influido os grandes bombardeiros de construção americana.

Lançou-se então Martin a refletir nos tempos em que se tornaria viavel o transporte regular de passageiros pelo ar. Dentro de poucos anos já a sua fábrica de Cleveland era pequena demais para satisfazer a massa de encomendas de bombardeiros e outros tipos de avião, e em 1929 não houve remédio senão mudá-la para Middle River, perto de Baltimore, e instalá-la num terreno de uns 600 hectares.

Em 1938 Martin partiu em viagem de visita às fábricas de aviões da Inglaterra e do continente europeu, e de regresso, apresentou um relatório ao exército e à marinha dos Estados Unidos, sobre a produção de aeroplanos na Alemanha nazista. Em ambos os departamentos da Defesa, a oficialidade estava impaciente por expandir a aviação norte-americana de maneira a deter a ameaça nazista, mas os seus esforços encontraram pela frente a muralha da inércia governamental. Vários membros das comissões parlamentares atacaram Martin por haver sugerido que se construissem aviões de bombardeio com grande raio de alcance. Um congressista chegou a chamar-lhe «mercador de morte» em plena cara. Mais tarde viria a ser moda atacar os «mercadores de morte» ... por não fazerem máquinas de morte com suficiente rapidez.

Nestes últimos três anos, Martin tem-se visto assoberbado com encomendas que atingem bilhões e bilhões de dólares. O *Mars*, que é o maior hidroavião do mundo, com o peso de 70.000 quilos, foi fabricado por ele quase exclusivamente à sua própria custa. Já completou os planos para a construção de um hidroavião de 225.000 quilos, bastante grande para satisfazer o mais exigente partidário dos aviões gigantes, e está pronto a começar os estudos para um de 250.000 kg. Inutil será dizer que todos os algarismos constituem atualmente segredo: sabe-se apenas que a sua produção de aviões anda por números astronômicos.

Martin é um dos raros pioneiros da aviação que ainda se contam entre os vivos. E é o único que hoje ocupa lugar de alto relevo na indústria da aviação.

¶ Conta a snra. Roosevelt que jantava com os Churchills na noite em que o Primeiro Ministro, julgando surpreender seus familiares, declarou:—Os Aliados estão desembarcando na África!

—Eu já o sabia há semanas, disse sua filha Sara.—Fui eu que fiz o serviço de ligação entre a RAF e a Força Aérea Americana.

—Co'a breca, por que foi que você não me disse? perguntou-lhe Churchill.

—Porque eu não sabia, papai, até que ponto você estava informado!

—AP

A França resiste na sombra

(Condensado da «Life»)

Richard de Rochemont

Como os patriotas franceses organizam a sabotagem—segundo revelações de um dos chefes do movimento, de quem os nazistas andam à caça.

HÁ JÁ vários meses, um homem, vestido apenas de roupa de banho, mal que se apanhou fora de vista da terra francesa, atirou-se de uma embarcação de pescador, em pleno Atlântico, e nadou em direção ao periscópio de um submarino aliado, que o levou para a Inglaterra. Mais tarde, chegava ele em segredo aos Estados Unidos. Tratava-se, nada menos, de um enviado oficial do Movimento Clandestino Francês, a quem fora confiada uma missão junto às autoridades militares americanas. Antes de regressar à França, o misterioso emissário levantou um pouco o véu da organização e atividades do dito movimento, na dura luta pela liberdade, que se desenrola nas trevas.

Pierre Durand—pseudônimo que encobre um velho nome da aristocracia francesa—tem justamente a seu cargo uma das muitas organizações que se reunem para promover a grande ação em marcha. É um entre talvez uma dúzia de homens sobre quem, mais ardentemente, a Gestapo e a polícia de Vichy desejam por as mãos, estando, por isso mesmo, a sua cabeça a prêmio. O grupo sob a sua direção compõe-se de 4 mil membros, armados e em atividade—afora os simpatizantes, que, não dispondo de armas, mas transbordando de fé, orçam por centenas de milhares. No seu conjunto, ao que revelou Durand, as organizações secretas de resistência alistam presentemente nunca menos de 50 mil militantes—homens e mulheres que põem em risco, permanentemente, a vida e a liberdade que lhes resta, em serviços, assim de propaganda, como de represália e sabotagem.

O Movimento Clandestino é constituido por cinco vastas organizações; mas há ainda, alem delas, muitos grupos regionais, como por exemplo os da Alsácia, onde cada localidade é bem um centro de resistência oculta, mas invicta. Dos 40 milhões que habitam a França, afirma Durand que 20 milhões, pelo menos, recebem de vez em quando, se não regularmente, os jornais clandestinos do Movimento, que circulam de mão a mão, num total de 200 mil exemplares por semana.

Se bem que só raramente possa Durand exibir-se num lugar público em toda a terra de França, não têm conta, entretanto, as casas que se abrem para acolhê-lo e dar-lhe asilo e comida. Perguntei-lhe como ele conseguia mover-se livremente pela França, e atravessar a linha de demarcação que assinala, na costa, a zona proibida.

«Muitas vezes (explicou-me) uso papéis oficiais alemães, convenientemente falsificados. Estamos em condições de produzir toda sorte de documentos, inclusive certidões de idade e cartas de identidade da polícia. Outras vezes, compramos tais papéis aos próprios alemães.»

Disse Durand que já se tinha servido de doze formas diversas de identificação, sendo que uma vez se apresentou como sacerdote rumeno, outra como agente da polícia suiça em busca de um criminoso extraditado, e uma terceira como consul italiano, de volta a Milão.

Em vinte grandes cidades, tem acesso aos relatórios secretos e aos registos de prisão da própria polícia de Vichy, que debalde se esforça por prendê-lo. Recebe de muitos observadores informações precisas sobre as mercadorias de várias ordens, inclusive gêneros alimentícios, que estão sendo fornecidas à Alemanha, e até algumas vezes a respeito de movimentos de tropas,—quais, onde e porque. Foi em tempo cientificado de que o bombardeio das fábricas Renault se verificaria exatamente 24 horas depois de um almoço realizado para celebrar a remessa do milésimo tanque fabricado para o exército alemão, almoço este a que se achavam presentes altos dirigentes econômicos, franceses e nazistas, oficiais alemães, e alguem que era apenas um observador do Movimento Clandestino.

«Meu trabalho—acrescentou, ante a nossa promessa de ocultar ou mudar os nomes de terras,—é ir de localidade em localidade, encorajando os nossos companheiros, ajudando a traçar o plano das suas atividades, arranjando acomodações para os nossos serviços portateis de publicidade, recolhendo fundos para a causa, e organizando o que denominamos sabotagem invisivel, e constitue aliás uma especialidade do nosso grupo.

«A sabotagem invisivel dá, por vezes, melhores resultados que o lançamento de bombas ou atentados pessoais em forma espetacular. Trata-se em geral de operações que não devem deixar vestígio, nem comprometer ninguem, e que, propriamente planejadas, podem ser postas em prática com um mínimo de risco, poupando-se o mais possivel ao sacrifício, inteligentemente, os que nelas tomam parte. Os planos, por via de regra, são complexos, e, na sua execução, por isso que destinada a passar despercebida, nada se verá de estrepitoso. Contarei um caso, como exemplo, alterando unicamente os nomes dos lugares. Certa fábrica estava manufaturando maquinaria agrícola destinada a substituir, na Ucrânia, a que os russos destruiram ou removeram.

«Informados do que se passava por um dos operários da fábrica, fui ter com ele, apresentando-me como tabelião, portador de papéis relativos a propriedades de uma sua tia. Isso lhe deu a justificativa para se entreter com um estranho, visto que a polícia fiscaliza o pessoal em serviço nas fábricas importantes. Acabamos por apurar, com a colaboração de trabalhadores, tanto da fábrica como da estrada de ferro, que um carregamento de utensílios agrícolas ia ser expedido para a Alemanha.

«Providenciamos no sentido de vir um telegrama de París, como de autoria dos alemães que fizeram a encomenda, pedindo que se fizesse o carregamento dos referidos mecanismos, devidamente acondicionados num mesmo vagão.

«Em seguida pus-me em contacto com

RICHARD DE ROCHEMONT, natural de Boston, dirigiu o escritório parisiense das revistas *Time* e *Life*, até o momento da invasão alemã. Quando um enviado do Movimento Clandestino Francês, sob o nome suposto de Pierre Durand, chegou a Washington, em desempenho de certa missão junto às autoridades militares, de Rochemont, que o conhecera na França antes da guerra, foi convidado a atestar a sua identidade. Posteriormente de Rochemont conversou longamente com Durand, obtendo assim os elementos com que escreveu este artigo de palpitante interesse.

outro agente num importante ponto de junção ferroviária. Já aí me apresentei como cobrador de uma companhia de seguros, à procura de portadores das respectivas apólices. A pretexto de um acidente num mancal de roda, muito comum nestes tempos de tanta falta de graxa, promovemos então os meios de desligar-se alí, para sofrer o necessário reparo, o vagão em que vinham as caixas. Mas se encontrava alí outro carro, com as mesmas marcas, e carregado de louça. Uma vez realizado o simulado reparo, atrelou-se este, em vez daquele, ao comboio, que prosseguiu viagem. Os utensílios agrícolas foram encaminhados, via Bordéus, ao destinatário da louça, na fronteira espanhola, o qual só semanas depois receberia do respectivo fabricante a comunicação da remessa, enquanto a louça chegaria à Ucrânia, onde certamente não seria de grande utilidade à lavoura de trigo ou de centeio... Nada entretanto ocorrera que não pudesse de fato ser atribuido a um simples engano.»

Este ano, todavia, o serviço de propaganda é ainda mais importante que o de sabotagem ou terrorismo, pois o movimento necessita de pessoal, dinheiro e informações. Assim, os diversos grupos cuidam muito dos seus jornais, que aparecem clandestinamente, em toda a França. Os jornais são uma flama de esperança para os franceses que conservam íntegro o espírito de resistência, e execram as duas imprensas, de París e de Vichy. Por meio de apelos aos trabalhadores, a imprensa clandestina contribue eficazmente para reduzir a produção de material de guerra, a ser enviado para o Reich. Terminada a impressão de cada número, distribue-se o material tipográfico, fundem-se as placase, a oficina retoma o seu trabalho normal, que pode ser, muitas vezes, o da publicação de um semanário aprovado pelos nazistas.

Os grupos terroristas secretos do Movimento Clandestino têm ordens estritas de simularem atitude de pleno aplauso à colaboração. Muito poucas pessoas, no movimento, conhecem os nomes dos que compõem tais grupos; e o disfarce é tão bem feito, que já duas vezes aconteceu ser descoberto, por chefes, um grupo terrorista a procurar livrar-se de franceses, que eram membros, eles tambem, de organizações do mesmo gênero, a cargo de sabotagem. Valendo-se das trevas do blacaute que existe por toda a França, os terroristas armam emboscadas contra agentes do inimigo, colocam bombas em lugares apropriados aos fins que se têm em vista, levantam trilhos de estradas de ferro, alteram-lhes os sinais, furtam correspondência postal, interrompem comunicações telefônicas e telegráficas.

Por enquanto, as Nações Unidas não podem contar com a hipótese de uma revolta independente na Europa, com probabilidades de êxito. «Não percam de vista que os nossos militantes representam, em todo o caso, uma diminuta percentagem da população francesa, e o mesmo se pode dizer dos outros paises ocupados. Poderíamos apoderar-nos das principais cidades, e ocupá-las por períodos de dois dias a duas semanas, dependendo do número dos alemães, e da distância a que estivessem de nós. Sem a intervenção de tropas bem equipadas, e força aérea bastante, estaríamos perdidos. Haja, porem, um desembarque de tropa, e, para cada carabina extraordinária que ela trouxer consigo, se apresentarão dez homens—e homens que mostrarão que sabem lutar, odiar, e matar.»

Empregados com voz na gerência

(Condensado de «Forbes»)

Por Frank J. Taylor

«NÃO PERMITA que seus empregados lhe insinuem o modo como dirigir seu negócio», foi o conselho que os comerciantes mais velhos deram ao jovem W. A. Patterson quando ele foi, inesperadamente, colocado na presidência da United Air Lines.

Indiferente porem ao conselho, Patterson passa um terço do seu tempo conversando com pilotos, operadores de rádio, aeromoços, despachantes, vigias e funcionários outros. Dá um dedo de prosa com cada um dos dois mil empregados da United, pelo menos uma vez por ano, ouvindo-lhes as opiniões e acatando-lhes as sugestões.

Muitas destas já entraram para o terreno da prática, tais como: controle terrestre dos vôos; vôos de grande altura; laboratório para estudo das tempestades e da estática; passagens gratuitas para esposas, com o fito de vencer a prevenção das mulheres contra as viagens aéreas, etc. E, em geral, os progressos da United, sob a gerência de Patterson, nasceram de conversas com os empregados.

Patterson acredita nos milagres do contacto pessoal. «Quando encaro friamente o meu posto — explica — compreendo que sou apenas o companheiro que resolve; o êxito das medidas depende de muita gente, e sei que não posso conseguir resultados satisfatórios se não contar com o entusiasmo de todos.»

Nem sempre Patterson agiu desta maneira. Novo no cargo e cheio ainda do velho espírito—«quem manda no meu negócio sou eu»—enfrentou em 1933 a ameaça de uma greve dos pilotos, recorrendo ao método de utilizar «furadores de greves». Contudo, certa feita aceitou o convite de três pilotos veteranos para ir até o aeroporto de Newark, e ouvir as suas reclamações.

Seguiu-se uma reunião que se prolongou por toda a noite. Os pilotos contaram como arriscaram a vida para ajudar o estabelecimento do correio aéreo, quando a aviação ainda estava na sua misteriosa e perigosa infância. Revelaram como viviam, como eram tratados pelo pessoal que não voava e que só sabia dar ordens. Ventilaram todas as suas queixas e apresentaram razões para um aumento de ordenados. Quase todas as pretensões eram tão razoaveis que, justamente quando o sol começava a nascer, Patterson exclamou: «Aprendí alguma coisa esta noite. Penso que vocês, companheiros, estão 90 por cento certos. Vamos submeter a um árbitro as divergências entre a companhia e os operários quanto a ordenados e horas de serviço. Enquanto isto, vou percorrer todas as nossas linhas e resolver as queixas de cada piloto pessoalmente.»

A ordem para a greve foi revogada e o novo presidente arrumou as malas. Passou os dois meses seguintes viajando pela linha principal. Ouviu pilotos e copilotos horas seguidas, encorajando-os a dizer suas opiniões sobre a melhor maneira de dirigir a companhia.

Voltou em seguida ao escritório, cheio de idéias novas, planos para conseguir mais negócios, meios para ganhar

tempo e diminuir riscos. Na verdade, aqueles dois meses trouxeram tantos benefícios, que ele passou mais cinco meses do mesmo ano solicitando sugestões de todos os homens e mulheres que trabalhavam para sua empresa. Em cada aeroporto reunia o pessoal em torno de uma mesa e começava: «Vim até aquí para conversar com vocês sobre alguns problemas da companhia, mas, em primeiro lugar, cuidemos dos problemas de vocês. São tão importantes quanto os nossos.»

Na discussão dos problemas da companhia, dava respostas francas e claras a qualquer pergunta dos empregados. Patterson é de opinião que todo empregado tem o direito de saber quanto, em dinheiro, a companhia tem nos bancos, quanto ganham os diretores, quais são os acionistas, as despesas, e tudo o mais. Cada empregado sente que a United é a sua companhia; todo homem ou mulher da United é um competente auxiliar na parte de relações com o público e sempre pronto a responder às perguntas por este formuladas.

Na carteira do presidente, todas as manhãs, há um relatório que descreve o estado de todos os empregados que estão doentes há mais de uma semana. Da mesma maneira se anotam os nascimentos ou mortes na família de cada funcionário. Se algum destes se encontra em dificuldades, o presidente é notificado. Os rapazes da oficina, da seção de passagens, ou os aeromoços, ficam admirados como seu chefe sabe de tudo a seu respeito, quando os cumprimenta ao encontrá-los. A resposta é simples. Grande parte do seu tempo ele o emprega a inteirar-se de tais coisas.

Patterson analisa mensalmente o custo da vida em todas as cidades onde a companhia tem empregados. Se o dito custo se eleva em qualquer delas,

O que é inflação

(REPRODUZIDO DE «LIFE»)

O problema da inflação é apresentado aquí graficamente, por meio de ilustrações que representam um curso de água e uma represa.

1 Em condições normais, a água não transborda porque, aumentando o poder aquisitivo, aumentam as indústrias, subindo assim a represa.

ele quer ser informado devidamente antes que os empregados possam sentir os efeitos do fenômeno, pois assim fará a tempo aumentos de salários que reequilibrem os orçamentos individuais.

Todo mês de dezembro o presidente da companhia visita os diversos centros e oficinas. Os chefes de seção têm que informar sobre cada empregado, e, diante das folhas de pagamento, deverão responder a perguntas como estas:

Desde quando este homem é nosso empregado? Quando teve a sua última promoção? Merece aumento? Porque não? Ele sabe disto? Porque não? Seis meses depois o presidente volta a investigar, a fim de ver se o empregado fez algum progresso.

Há alguns anos passados, agentes sindicais pretenderam organizar o pessoal das oficinas de Cheyenne, mas este se recusou a pagar mensalidades para obtenção de benefícios que já vinha recebendo sem necessidade de despesas. Os únicos empregados da United Air Lines que pertencem a uma união sindical são os pilotos, e suas garantias mínimas estão acima da escala da Federação Americana do Trabalho.

De três em três meses os pilotos e copilotos têm que ser submetidos a severos exames para provar que estão em dia com o imenso progresso da navegação aérea. Quando os mais velhos são afastados, abrindo vagas para os mais jovens e bem treinados que vêm das escolas técnicas, a companhia procura colocá-los nos serviços terrestres.

Pouco depois de a United Air Lines comprar a Varney Air Lines, um superintendente organizou uma lista dos empregados da Varney que julgava não serem necessários.

«Espere um minuto,» disse Patterson. «Esta gente representa três quar-

2 Em ocasiões de grande prosperidade, a água sobe rapidamente, e transborda, provocando a subida dos preços.

3 Em tempo de guerra, a água sobe ainda mais depressa; a represa cede e diminue, porque a indústria se converteu à produção de armamentos. Daí, o transbordamento rápido, alta de preços, e inflação.

tos do pessoal de uma companhia de aviação, e deve valer alguma coisa, do contrário não teria construido a Varney a ponto de termos de pagar por ela 2 milhões de dólares.» A maioria continuou colocada, com satisfação e vantagens gerais.

Os pilotos, quando tinham que suspender viagens devido ao tempo duvidoso, sofriam prejuizos, pois, segundo o sistema de salários dos sindicatos, eram pagos por milha. Tendo Patterson, em conversa com eles, conhecimento do fato, logo lhes garantiu salário fixo, mensal, mínimo durante o inverno, eliminando assim a temeridade de enfrentar riscos para evitar diminuição de vencimentos.

Descobriu um meio de auxiliar os doentes. No dia em que ordenou pagamento integral nos casos de faltas por doença, outros diretores protestaram alegando que tal medida custaria 10 mil dólares mensais à companhia. «Está certo, mas vale a despesa,» respondeu Patterson. Na época custava apenas 1.800 dólares por mês. A boa vontade despertada valia três vezes o aumento da despesa.

Durante um dos recentes invernos, dois pilotos, sem qualquer aviso prévio, entraram no seu gabinete e lhe disseram que desejavam discutir uma questão de salários. (Um empregado que deseja ver o presidente tem preferência sobre qualquer outra pessoa.) O presidente recostou-se, e ficou preparado para o peor.

«Pat, — começou um deles — sabemos que houve grande baixa nos negócios. Por isso, resolvemos tomar a iniciativa de sondar o pessoal da companhia, e todos aos que falamos mostraram-se desejosos de propor uma redução de dez por cento, voluntária, para lhe ajudar a consertar as coisas.»

Patterson refez-se do espanto, expressou sua gratidão, mas acrescentou que o corte nos ordenados era a última coisa que pretendia fazer para reduzir despesas. «Um corte de dez por cento nos ordenados daria uma economia de trezentos mil dólares anuais,» disse ele. «Aposto que poderemos economizar mais que isto cortando certos desperdícios.»

«Muito bem,» respondeu um dos pilotos. «Vamos ver quanto poderemos economizar.»

Os dois aviadores organizaram uma campanha contra os pequenos desperdícios em esforço humano e em materiais. Rapidamente se comunicaram com o pessoal das cinco mil milhas de linhas aéreas, avisando que o chefe havia recusado a proposta de redução de ordenados, e solicitava de cada empregado que lhe ajudasse a cobrir o deficit, agindo ainda mais eficientemente. Oito meses depois, Patterson calcula que a guerra voluntária contra o desperdício economizou para a companhia, no mínimo, 185.000 dólares. Esta é mais uma razão por que a sua porta está sempre aberta para qualquer pessoa pertencente à United Air Lines, que lhe queira falar a respeito dos interesses da empresa.

¶ Bom será, quando julgamos o nosso amigo, lembrar que ele nos está talvez julgando com a mesma superior e olímpica imparcialidade...

Arnold Bennett.

¶ *Pequenos navios que prestam grandes serviços às Nações Unidas*

Cães de gado da Marinha Canadense

(Condensado da «Nautical Gazette»)

Por J. C. Furnas

O barco já de si não é coisa de encher o olho a ninguem, e a complicação da camuflagem ainda o faz parecer mais insignificante e enfarruscado do que é na realidade. O temporal de inverno no Atlântico Norte roeu-lhe já metade do emblema pintado no casco, cruz vermelha em fundo branco—que já não é branco, mas cinzento sujo. É certo que os regulamentos mandam lavar periodicamente os emblemas, mas a tripulação, como aliás a maioria das tripulações, tem a firme convicção de que lavagem traz azar...

À medida que o barco afocinha mais adentro da vaga crescente, os salpicos de espuma com que o mar o cobre vão-se congelando, e formando uma camada de gelo cada vez mais grossa e mais pesada—e o peso é tamanho, que acaba pondo o navio em sério risco. Oficiais e tripulantes usam, todos, casacos estofados, com capuz, que lhes dão a aparência de uma congregação de monges... congelados. No meio deles, este marujo envolto num velho casacão de peles, que foi de senhora e se tornou preciso alterar para servir-lhe nos ombros, põe uma nota algo burlesca; outro, o sinaleiro, aparece metido numa armadura de couro que ainda mostra as iniciais do seu time escolar de *rugby*... As calças de macacão são, para a maior parte destes homens, o que mais se aproxima de um uniforme.

Mas quem se importa agora com aparências? Na guerra como na guerra. E aí têm vocês uma unidade típica da Marinha Real Canadense. Se as Nações Unidas acabarem por liquidar a ameaça dos submarinos alemães, este barquinho valentão, e com ele dúzias de seus atrevidos irmãos, terão direito a um bom quinhão de glória.

Da Islândia à Cidade-do-Cabo e da Trinidad à Austrália, este serviço—que é o mais recente e o mais altamente especializado dos de combate naval—está levando a cabo uma tarefa em tudo digna de marinheiros, embora não tenha por timbre a limpeza...

A sua especialidade é a caça aos submarinos. O inverno passado (e naquelas latitudes inverno é negócio sério!) a Marinha Real Canadense realizou quase metade das tarefas de escolta ou comboio do Atlântico Norte, estrada marítima primordial nesta guerra, e alem disso muitas outras missões por todos os mares do globo. Não é trabalho nada mau para uma esquadra que, em 1939, andava por assim dizer ainda de cueiros—com seis destróieres construidos na Inglaterra, e cinco caça-minas apenas. Atualmente o Canadá tem em atividade mais de 300 navios de combate, e perto de 99 por cento dos navios comboiados para leste, no transporte de gasolina, aviões e tanques, chegaram imunes a destino.

Mas o maior de todos os milagres foi

a maneira como os estaleiros canadenses, que em 1939 não dispunham de maiores facilidades, têm fornecido barcos novos, especializados em tarefas de comboio, produzindo assim grande parte de uma frota de «cães de gadó» navais. «Só vendo!—dizia-nos um oficial canadense, entusiasmado.—Estão fazendo navio como se fosse salsicha.» Sólidos e bem armados caça-minas, que ao mesmo tempo desempenham funções de escolta; grandes lanchas de madeira, a gasolina, para patrulha de rios e portos, e para escoltar pequenos barcos costeiros; e, acima de tudo, em quantidade e eficiência máximas, as robustas e galantes *corvetas*—pouco maiores do que caça-minas, mas de uma agressividade a toda prova! Carregam no deque artilharia ligeira, canhões Oerlikon de tiro rápido para ataque naval e defesa antiaérea, metralhadoras pesadas, e bombas de profundidade. As corvetas chegam por vezes a fazer a travessia completa do Atlântico; noutros casos vão só até à Islândia, onde são substituidas por unidades semelhantes, com base na Inglaterra.

Seu reduzido calado torna-as muito pouco vulneraveis aos torpedos, que só funcionam com precisão quando navegam a uma profundidade excessiva para poderem alcançar o casco de uma corveta. E esta pode ainda fazer viragens bruscas, para repetir seus ataques com bombas de profundidade, ou para abalroar de proa um submarino que assome a superfície. Muitas tripulações de corveta já têm ouvido o alto falante da ponte bradar: «A postos para abalroação!»—e todos os homens se atiram ao chão onde quer que estejam, de pés bem esticados para diante, com o fim de aguentar o choque tremendo que se produz quando a corveta embate e desliza no casco do submarino, um pouco abaixo da superfície, para o arrombar. Ainda há pouco um comandante de corveta, tirando partido da extrema manejabilidade do seu barco, abalroou três vezes seguidas o mesmo submarino, três vezes pondo em risco o seu próprio navio, mas conseguindo, e disso não resta sombra de dúvida, meter a pique o adversário.

São hoje cincoenta mil, muitas delas mulheres, as pessoas que trabalham nos estaleiros canadenses, para produzir navios de escolta em tal número, que ainda é possivel remeter alguns para a Inglaterra, outros para os Franceses Combatentes, e outros para os Estados Unidos. Tambem alí se construiram desde o começo da guerra 700.000 toneladas de navios marcantes, que a guerra tornou tão escassos quanto indispensaveis.

A Marinha de Guerra do Canadá nunca lutou com dificuldades no que respeita ao recrutamente de gente. Assim lhe tem sido possivel tripular não só todas as unidades lançadas ao mar no Canadá, mas ainda fornecer mais de mil homens à Marinha de Guerra Britânica.

O alargamento dos quadros de oficiais teria sido agora uma forte dor de cabeça, não fora o espírito de previsão do Canadá anteriormente à guerra. Efetivamente, a RCN é em grande parte abastecida de oficiais pela Reserva Naval, assim da marinha mercante como do Serviço de Pescarias, da Guarda Costeira, e da flotilha de patrulha da famosa Cavalaria de Polícia Canadense. Mas há tambem muitos oficiais da Reserva de Voluntários Navais—rapazes com a paixão do mar, oriundos de todos os pontos do Domínio, que de longe vinham sendo encorajados a seguir cursos de marinha

patrocinados pela Armada, e a passar alguns meses de tirocínio no mar, a bordo de vasos de guerra.

Porem, quando uma armada se expande em três anos nas proporções em que o fez a canadense, que passou de menos de 3.000 homens para mais de 50.000, torna-se urgente fazer oficiais seja do que for. Marujinhos de águadoce (houve clubes navais que aderiram em massa), e meninos recem-saidos dos preparatórios, começaram a ingressar na Reserva de Voluntários Navais, e há hoje bem meia dúzia de comandantes de unidades de guerra que nunca em sua vida tinham visto o mar, até há coisa de dois anos.

O capitão do navio de escolta em que embarquei tinha experiência tanto da marinha mercante como da Guarda Costeira; mas o franzino oficial de artilharia tinha-se diplomado em junho anterior em Ciências Econômicas... E agora, ao ouvir a ordem de acudir ao seu posto de combate, parece divertir-se imenso quando corre aos trambolhões pelo convés, para reunir a guarnição da sua peça, sob um ventinho fresco lá do Polo Norte, que lhe põe os dentes a bater castanholas, e lhe gela na cara uma barba de seis dias...

Não são nada desdenhaveis as perdas sofridas pelo Canadá. Só em uma semana perdeu a RCN um destroier, uma corveta, e um iate convertido ao serviço de guerra, tudo por ação do inimigo. Foi a semana negra. Alem disso, quando os navios que navegavam de conserva e as respectivas escoltas, uns e outras, são forçados a navegar de luzes apagadas, através de névoas e temporais noturnos, a colisão é um acidente quase tanto de temer como o ataque de submarinos. Sem os admiraveis aparelhos detectores de som—tão uteis na localização de cargueiros como na caça aos submarinos—a tarefa que lhes incumbe seria pouco menos que impossivel.

São tambem frequentes os desastres a bordo dos navios. Nem uma centopéia com grude nas patas poderia manter-se equilibrada nos escorregadios conveses de aço de uma corveta, quando ela está realmente em plena ação no alto mar! O resultado são pernas partidas, fraturas de crânios,—e isto quase sempre sem médico para prestar ao menos socorros de urgência. Há ainda a possibilidade, sempre presente, de ser arremessado borda fora. Os marujos sabem muito bem o que isso representa, em pleno inverno e naquelas latitudes...

«Cá por mim—diz o oficial de artilharia, enquanto jogamos cartas no camarote de guarda—a ordem de abandonar o navio equivale a pular para dentro da água abraçado a uma bigorna de ferro... Antes quero gramar esta coisa até o fim». Mas daí a um instante já ele está discorrendo sobre o que planeia fazer depois da guerra, quando estiver de regresso à sua terra, que fica na Colúmbia Britânica...

¶ Quando um homem pretende entender as mulheres, está sendo mal educado; quando ele realmente as entende, está sendo imoral.

—Henry James

O momento decisivo de minha vida

Uma operação inesperada

(Extraido de «The Bond Between Us»)

Pelo dr. Frederic Loomis

SEMPRE sonhara ser médico, porem, após o primeiro ano na Faculdade de Medicina fui obrigado a interromper os estudos para ganhar a vida. Pensei ausentar-me apenas por um ano, mas passaram-se dois, três, cinco...Mais tarde fui dar no Alasca, onde trabalhei durante anos como faiscador, em uma mina de ouro.

Numa noite de temporal, abicou perto de minha cabana uma chalupa desmantelada, e surgiram à minha porta, pedindo abrigo, dois homens fatigados, barbudos e esfarrapados. Dei-lhes de comer e um espaço no chão onde estendessem os seus cobertores,—aliás a única acomodação de que dispunha. Ao acendermos os cachimbos, o mais maltrapilho dos dois sacou do bolso o relógio. Qual não foi meu espanto ao ver luzir na corrente do relógio a insígnia da sociedade universitária Phi Beta Kappa. Pus-me a matutar onde diabo poderia esse vagabundo ter pilhado a insígnia.

«Foi a Universidade de Harvard que me deu,» explicou ele com naturalidade. «Deu-me tambem um ou dois diplomas. Mas este sujeitão que você tem na frente é apenas doutor em Filosofia pela Universidade de Yale. Você sabe que nós, os de Harvard, não abaixamos o topete diante da gente de Yale. Ele afinal não passa de um pobre professor de grego.»

Eu estivera a trabalhar num poço da mina o dia todo; trajava ainda o meu macacão sovado, e estava com a barba por fazer. Foi demasiado forte, todavia, a tentação de lhes causar tambem surpresa; com toda a gravidade pus-me a recitar em grego as primeiras linhas da *Odisséia*...

O efeito não podia ser melhor. Rebentamos em alegres gargalhadas, arrastamos as cadeiras para perto do fogo, e encetamos umas quantas horas de boa camaradagem e prosa. Fiquei, todavia, subitamente envergonhado de ter que confessar que havia dez anos deixara os estudos, e quão pouco havia alcançado neste tempo.

Explicaram-me que se distraíam da política e dos problemas do professorado viajando ao longo da costa, dormindo ao relento na sua chalupa, sem outra companhia. Desfrutavam plenamente as férias. Entretanto, o entusiasmo que denotavam pelas pesquisas científicas e pela vida acadêmica, que haviam abandonado tão gostosamente em favor de uns dias de férias, atingia todas as fibras de meu ser.

No dia seguinte mostrei-lhes as minas e meu trabalho. À tarde, depois do jantar, sentamo-nos para cavaquear mais uma vez. Não cabia em mim de impaciência para que me abrissem de novo as portas do mundo que abandonara. Apenas nos pusemos a gosto, todavia, bateu alguem à porta, e um estranho, com aparência de indizivel sofrimento, empurrou-a e veio cair exhausto a nossos pés.

Horrorizou-me o seu aspecto, especialmente os olhos, que procurava furtar à luz. Pouco a pouco, em frases mal alinhavadas, conseguiu contar-nos sua história. Andava na pesquisa de minérios, só, do outro lado da península. Detonaram-lhe junto do rosto uma dúzia de cápsulas fulminantes, deixando-o quase cego. Sofrendo horrivelmente, atravessara doze milhas de serra coberta de neve, arrastando-se por vezes de gatinhas até a minha cabana, pois ouvira dizer que alí morava um médico.

Fui obrigado a dizer-lhe que não era médico, e vi pintarem-se-lhe no semblante o desespero e a dor. Como me sentí pequenino ante minha incapacidade! Lembrei-me, então, de que na minha maleta de médico-amador, com que tantas vezes acudira aos pequenos curativos dos trabalhadores das minas, havia um vidrinho com uns cristais de cocaina, justamente o suficiente para fazer uma solução própria para anestesia local.

«Não pode fazer nada? gemeu ele. —Os homens disseram...»

Fazia-me a mim mesmo essa pergunta. Pedindo aos outros que o instalassem tão confortavelmente quanto possivel, pus água a ferver. Enchí cuidadosamente o vidrinho, e, com uma bomba de caneta-tinteiro, deixei cair a solução nos olhos do paciente.

Havia esquecido por completo os amigos de Yale e Harvard. Olhava consternado para as minhas mãos calosas e duras, porem ao mesmo tempo agitava-me a febre de agir, e ver o que seria capaz de fazer. No caso contrário, o pobre ferido levaria uma semana para chegar a um médico, atravessando quarenta milhas de mar bravio no barco do correio. Qualquer tentativa seria menos perigosa que a demora!

Durante uma hora, com o auxílio de um vidro de aumento com que costumava examinar as pedras, meus dedos imperitos, porem impelidos pela boa-vontade, tiraram lasquinhas de cobre dos olhos do paciente, com a ponta de um canivete que flambara ao fogo. Os outros, fascinados, retendo o fôlego, observavam; notei apenas que, silenciosamente, alimentavam o fogo e ferviam mais água, para o caso que fosse preciso. Por fim, cobrí-lhe os olhos com compressas de ácido bórico, e estendemos mais uma enxerga no chão.

Revezamo-nos, durante os três dias que se seguiram, a trocar as compressas, mantendo-as sempre úmidas. Tiramos, a seguir, as ataduras, e vimos com grande júbilo que a natureza me havia prestado mão forte, como aliás o tem feito vezes sem conta daquele dia para cá. Não se havia declarado infecção, os estilhaços não tinham penetrado suficientemente para lesar a vista, e nenhum permanecera nos olhos. O êxito da minha estréia como cirurgião, se bem que inexperiente, me fez de repente sentir a responsabilidade que me pesava pelos anos que havia desperdiçado, trazendo-me à memória, para meu escarmento, a esperança, já há tantos anos adiada, de algum dia poder, com plenos direitos e capacidade, realizar semelhantes maravilhas.

Quase incrédulo, o ferido lançou mão de um jornal. Quando se virou para mim, balbuciando «Doutor, o senhor me restituiu a vista», fugí precipitadamente da sala para não deixar perceber a minha comoção.

Na manhã seguinte se aprestavam os meus três amigos para seguir caminho. Os dois professores carregaram a chalupa para a longa viagem de regresso, e,

depois de prontos para largar, notei que se detinham ainda, debatendo com grande gravidade algum problema. Voltaram do cais para a cabana.

«Estávamos a comentar verdades bem duras a seu respeito, doutor,—disse sem preâmbulos o professor de Yale,—para não dizer peor... O senhor nos acolheu, e nos tratou com toda a hospitalidade, pelo que lhe somos infinitamente reconhecidos. Não pudemos deixar de notar seu completo desprendimento de tudo e todos a seu redor, enquanto tirava os estilhaços dos olhos do pobre homem. Observamos no senhor, sem que o senhor desse por isto, uma completa transformação naqueles momentos.

«Falando de homem para homem, que diabo lhe tolhe, afinal de contas? Não tem outra aspiração senão a de ficar aquí a bater pedra e cavoucar a terra o resto da vida? Ou você é um idiota tão empedernido que nada mais lhe interessa?»

Partiram. Entretanto, a experiência com o homem ferido, e a expansão brutalmente franca do professor de Yale me purgaram daqueles desejos futeis e meio formulados, e dos esforços vagos e mal encaminhados que por tanto tempo vinham entulhando o meu espírito. Encarando-me com sinceridade, vi que me tornara um autômato, que minhas faculdades mentais se haviam atrofiado pela falta de uso, simplesmente porque carecera de força de vontade para realizar minhas aspirações.

Foi preciso um esforço sobrehumano para arrancar-me desses hábitos arraigados. Deixei incontinenti o trabalho da mina. Dirigí-me para o centro comercial do nosso distrito, a umas cincoenta milhas de distância, e fui por um anúncio no jornalzinho do lugar.

«Não vai ter jornal, não senhor, me disse o tipógrafo, abanando a cabeça tristemente.—O redator está doente, e lá se vai meu trabalho tambem por água abaixo.»

Eu havia sido co-redator do diário estudantil da minha universidade. Assumí o compromisso de fazer sair o jornal, e daí a meia hora estava a desempenhar o novo cargo. Dentro em pouco fazia tambem a escrituração para uma companhia de força e luz, batia máquina para o Comissário Federal, e executava mais meia dúzia de trabalhos que é possivel biscatear num centro de mineração.

Dentro de um ano poupara o suficiente para voltar à Universidade de Míchigan, onde iniciava a segunda série na Faculdade de Medicina. Seguiram-se quatro anos de labor ainda mais intenso que aquele duro trabalho manual que fizera nas minas; entretanto, apesar de ser obrigado a trabalhar para pagar parte das minhas despesas, eram melhores as minhas notas do que as que recebera em anos passados, quando jovem e livre de preocupações.

Hoje, em lugar de honra no meu lar, ostenta-se um castiçal de mineiro, malhado à mão sobre uma bigorna pelo homem de cujos olhos catei os estilhaços. Tenho o castiçal em grande estima, pois sinto que devo a esse homem muito mais do que ele me poderia jamais dever a mim. Foram os meus, não os olhos dele, os que se abriram. Guardo sempre à vista o seu castiçal para me trazer presente à memória as estranhas viravoltas da sorte, que, encaminhando à minha cabana do Alasca os passos desse homem, com os olhos cheios de lascas de cobre, vieram mudar a direção dos meus para a universidade e uma vida util.

A democracia começa em casa

(Reproduzido do «Progressive»)

Por Dorothy Walworth

ONTEM À NOITE despedí-me do moço empregado no açougue da vizinhança, que ia entrar ao serviço da Marinha de Guerra.

«Agora eu me sinto outro» disse, orgulhoso do seu uniforme azul, novo em folha. «Eu estava naquela vidinha de joão-ninguem, e ninguem se importava comigo. Quem entra na casa dos outros pela porta da cozinha nunca é tratado como o pessoal que entra pela porta da frente. Lógico, democracia é uma coisa formidavel! Mas eu tenho vivido longe dela.»

Tenho por vezes desejado que a águia da democracia descesse da sua imensa altura e pousasse um pouco nos ombros dos homens e mulheres pertencentes à grande massa anônima. Que lógica infeliz é essa que nos leva a lutar pela democracia nos confins do globo, quando recusamos partilhá-la, aquí, com o caixeiro de armazem?

Muitos de nós alardeamos o lugar-comum «fraternidade humana», e todavia ostentamos uma estranha importância ao tratar com o garçon do restaurante, como se ele pertencesse a uma casta inferior.

«Parece que muita gente pensa que as criadas de quarto são zumbís ou ladras natas», disse-me um gerente de hotel. «Tenho sempre fregueses entrando no meu escritório para acusar a camareira de haver roubado qualquer coisa. Um dia é um simples mapa rodoviário, outro dia já é um colar de pérolas. Muitas vezes verificam que eles mesmos tinham posto o objeto em lugar diferente.

Não se pode considerar «democrático» o homem que se esquece de que o seu barbeiro, o cozinheiro ou o moço de recados são feitos da mesma argila de que ele é formado.

Mas não são capazes de vir depois pedir desculpas à empregada.»

Antes de proferirmos honestamente a palavra democracia, cumpre-nos adquirir uma compreensão mais profunda da esperança imortal que lhe inspirou a origem, e do dever inadiavel que temos de preservá-la. O verdadeiro eixo em torno do qual deve girar a nossa vida democrática é a noção de que cada indivíduo constitue uma unidade da democracia, — unidade tão importante e tão necessária, que só se poderá dizer que a democracia está operando, quando cada membro da coletividade contribuir individualmente para que ela opere.

Porventura seremos democráticos, quando realizamos agressões intempestivas a dezenas de seres humanos que auxiliam a acionar a máquina complicada da sociedade? É democrático maltratar a telefonista, se ela não consegue fazer a ligação instantaneamente? Dificil será perceber-se o sentido da «igualdade», quando se considera o mecânico da garage como um autômato desprovido de sentimento, ou quando se maltrata um infeliz e desprotegido empregado de hotel, que não nos pode arranjar um quarto a nosso gosto.

Sem dúvida, há culpa em ambos os lados da fronteira econômica; todos te-

mos encontrado um operário insolente ou uma garçonete malcriada. Mas é como me disse um dia o diretor de uma companhia de taxis: «Se os choferes de taxi são grosseiros, o público é que os fez assim!» Uma senhora, encarregada de instruir moças para empregadas de balcão, disse-me, quando me queixei de uma caixeira mal-humorada: «Em geral a mocinha começa procurando ser agradavel a todo o mundo. Mas acaba por descobrir que o público é grosseiro e injusto, não obstante ela ser delicada para com todos. E vai assim adquirindo essa atitude menos sociavel».

Muitas senhoras, lamento dizê-lo, são ainda menos democráticas que os homens. Algumas não compreendem sequer o tremendo esforço que a manicura, a cabeleireira e a caixeira fazem para viver.

Disse-me um dia a gerente de um elegante salão de beleza: «Se o senhor estivesse no meu lugar, *odiaria* as mulheres». É frequente acontecer que uma cliente marque um trabalho para as 11 horas e chegue às 11.45, sem nenhuma desculpa pela demora, e exigindo o mesmo serviço, como se tivesse sido muito pontual. A cabeleireira tem de ficar sem almoço para não prejudicar outros compromissos; sua refeição nunca é tão importante como o penteado da freguesa.

Vêm depois os tiranos das fábricas e das lojas, incarnados na figura dos gerentes, chefes de seção, chefes de turma ou fiscais, que falam alto a respeito das leis e dos direitos trabalhistas, mas descem a perseguições mesquinhas aos seus subordinados. A vida de muito ascensorista torna-se intoleravel pelo império do pequeno tirano que é o seu passageiro; à face dessas miniaturas, ele decerto gostaria de saber que proveito terá a humanidade livrando-se de tiranos maiores. Muito de nossa democracia não passa de «democracia de fachada». São réus desta falsa fraternidade esses cavalheiros que no clube tratam o despenseiro com certa cortesia, mas na rua evitam cumprimentá-lo. Na minha cidade, há mulheres que palestram com o encanador enquanto ele conserta uma torneira, e seriam incapazes de apertar-lhe a mão numa reunião de vigias de ataques aéreos. Certa vez, cumprimentei o meu tintureiro num restaurante, mas o homem não me correspondeu. Mais tarde, desculpou-se dizendo: «A senhora me surpreendeu; nunca pensei que os meus fregueses me reconhecessem em público. Isto me feria tanto, no princípio, que chegava a perguntar a minha mãe se eu era mesmo assim tão exquisito, e ela respondia que não se podia esperar outra coisa; mas estamos num país livre, não é verdade?»

Livre, sim, mas é preciso não ter nenhum senso crítico para chamar-lhe democrático diante de tanta arrogância e pretensão.

Adquirimos cedo o hábito de considerar as pessoas que nos servem pela vida afora, como se fossem máquinas para o fim único de nos suprir as necessidades. «Tem muito freguês que nem sabe que cara eu tenho», confiou-me um garçon, enquanto me servia um bife. «Quando querem pedir mais manteiga, não podem me chamar, por que nem sabem que sou eu que estou servindo... Às vezes, quando vou perguntar o que eles querem, é como se eu nem estivesse ao lado, e continuam a conversar sobre o que aconteceu a João ou Maria. Quando resolvem fazer o pedido exigem toda a pressa, e ficam até parecendo que são Césares.»

A democracia será tanto mais operante quanto maior for a nossa disposição para ver, nos outros, seres humanos como nós, para identificar o nosso próximo e saber-lhe o nome. Certo, somos mais humanos com o porteiro quando sabemos que ele trabalha para sustentar a mãe e a irmã, e o porteiro será mais humano conosco se souber que tambem temos os nossos problemas e dificuldades. Não raro, porem, falhamos na prática do espírito fraternal, mesmo depois de *conhecermos* o porteiro, o verdureiro e o entregador.

O problema de fazer a democracia operar em nossa vida diária não é simples. A menos que nos esforcemos, corremos o risco de perder a própria essência daquilo por que estamos lutando nos mais remotos recantos do globo.

Só teremos verdadeira democracia quando nos unirmos dentro desse espírito de igualdade indivisivel, em que não haja um só homem ignorado, perdido na multidão, ou considerado inferior ao seu semelhante.

O verdadeiro primado da democracia só poderá ser proclamado quando a dignidade humana for reconhecida, e todos praticarem a igualdade no trato com o próximo.

Fatos reais ou crendices?

Por Alan Devoe
Naturalista, autor de "Down to Earth", etc.

¶ Se o leitor puder responder corretamente nove perguntas do seguinte questionário, sua capacidade para distinguir entre fatos reais e crendices, concernentes, à Natureza, é superior à da maioria das pessoas; se puder responder 12 ou mais, seu conhecimento dos fatos naturais é excepcional. Respostas à página 73.

1. É mais provavel que um animal selvagem nos ataque quando temos medo ..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
2. É somente a fêmea do mosquito que nos morde..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
3. O musgo cresce com mais força no lado norte das árvores. *Certo* ☐ *Errado* ☐
4. A neve é simplesmente chuva congelada ..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
5. O camaleão toma a cor das coisas que o rodeiam..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
6. Uma pessoa que não pode ouvir absolutamente nada é tão surda como uma cobra..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
7. O verão é mais quente do que o inverno, porque a Terra se acha no verão mais próxima do sol ..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
8. Os castores usam as caudas como pás, para construir represas. *Certo* ☐ *Errado* ☐
9. As cobras venenosas são imunes ao seu próprio veneno.... *Certo* ☐ *Errado* ☐
10. O sapo-boi esguicha sangue pelos olhos..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
11. Se cortamos uma minhoca em duas partes, cada uma delas dá uma nova minhoca ..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
12. O tubarão se põe de ventre para cima, para atacar a vítima.. *Certo* ☐ *Errado* ☐
13. Os elefantes vivem centenas de anos..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
14. Há um pássaro que pode voar para trás..... *Certo* ☐ *Errado* ☐
15. Os esquilos recordam com grande precisão os lugares onde enterram as nozes..... *Certo* ☐ *Errado* ☐

O incrivel Conde de Suffolk

Não existe em todo o Império Britânico figura mais lendária do que a de «Wild Jack», autêntico bucaneiro do século XX.

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por William D. Bayles

UMA MANHÃ, há cerca de um ano, o «Jornal da Corte» inseria esta breve notícia: «O Rei graciosamente condecorou Charles Henry George Howard, conde de Suffolk e de Berkshire (já falecido), com a *George Cross*, pela sua extraordinária coragem em desmontar bombas de efeito retardado.»

«Wild Jack» Howard, 20.º conde de Suffolk e 13.º de Berkshire, era uma estranha reminiscência da época da pirataria de Drake e Raleigh. Havia um audacioso ar elisabetano no seu sublime desdem pelas convenções sociais, na profunda reverência que fazia ao entrar numa sala, no seu interesse por tudo quanto era novo, na sua habilidade para proferir pragas horrendas com uma brandura tal, que lhes tirava toda a vulgaridade. Quando uma vez um francês, de viagem na Inglaterra, procurou na sua presença desfazer da mostarda inglesa, Suffolk comeu tranquilamente todo o conteudo do pote.

A sua entrada na cena de guerra, em Londres, foi toda em harmonia com a tradição dos Suffolk—improvisada mas espetacular. Teve lugar a 12 de junho de 1940, dia em que foram lidas as condições impostas pelos alemães para a rendição em Compiègne, quando ele entrava no vestíbulo do Ministério dos Abastecimentos com duas maletas meio arrebentadas. Ia sujo, e os olhos, congestionados pela falta de dormir, estavam sumidos no meio de uma barba de quinze dias. Com as calças de flanela enxovalhadas, a «trincheira» esfarrapada, e um chapéu preto de aba larga, mais parecia um bandido da Córsega.

Deram-lhe um impresso para preencher. Depois das palavras «motivo por que pede a entrevista», escreveu apenas «diamantes», e na linha do «nome completo» rabiscou «Suffolk».

«É o nome que lhe pedem e não a direção,» disse-lhe asperamente o contínuo. Mas o sobretudo do corpulento visitante abriu-se, deixando ver os coldres de duas grandes pistolas. Após uma urgente consulta telefônica, foi Suffolk conduzido à presença do Ministro dos Abastecimentos. «Tenho aquí uns diamantes,» disse ele bruscamente. «Que devo fazer com eles?»

O ministro queria saber onde ele os tinha conseguido, e Suffolk apontou vagamente com o cigarro na direção da

França. «Tenho lá fora mais um bocado num taxi,» acrescentou.

Depois do ministro ter voltado a si da surpresa, e remetido os diamantes, sob a escolta de uma companhia da Guarda Escocesa, para a caixa-forte de um banco, Suffolk enfiou cuidadosamente o cigarro numa comprida piteira preta.

«Agora quero ir à presença do Primeiro Lorde do Almirantado, disse.—Preciso um destroier para ir buscar mais umas coisas deste gênero, que deixei escondidas na costa francesa.»

Os oficiais ficaram embaraçadíssimos. Não se chega assim, sem mais nem menos, até junto do Primeiro Lorde. Alem disso, com tropas ainda a evacuar-se de França, e a ameaça da invasão iminente, o Almirantado era um dos lugares de maior efervescência em Londres.

O Primeiro Lorde mostrou-se logo desfavoravelmente impressionado com o exquisito visitante, e ainda mais com a sua estranha história. E declarou abertamente que não podia mandar destróieres à caça de coisas imaginárias, manifestando o seu desejo de dar imediatamente por finda a entrevista.

«A *coisa* encontra-se neste sítio,» disse Suffolk imperturbavel, desenrolando um grande mapa sobre a secretária do Primeiro Lorde.—«Ordene que o seu navio faça um sinal luminoso logo que chegar.» Este mapa continha mais detalhes da costa francesa vizinha de Bordéus do que todos os que até alí tinham aparecido no Almirantado.

Antes de Suffolk ter saido do Almirantado, já o comandante de um destroier ia a caminho. Três dias depois chegava a um porto inglês um dos carregamentos mais valiosos da guerra. Achara-se exatamente no sítio indicado, e guardado apenas por um homem.

O NASCIMENTO tinha dado a Jack Howard, 20.º conde de Suffolk, riqueza, um grande nome e uma tradição fabulosa. Desde 1603 que os condes de Suffolk vinham levando uma vida desordenada e aventurosa. Foram piratas no Mar das Antilhas e exploradores de continentes mal conhecidos. O pai do primeiro conde foi degolado pela Rainha Elisabete.

Com a idade de 17 anos o conde embarcou como tripulante de um navio a vela, sob o nome de Jack Howard, acabando por ir parar à Austrália, onde se fez sócio de uma estância de gado ovino. Os fazendeiros australianos conheciam-no só por «Wild Jack Howard, o inglês doido», mas todos gostavam dele porque era um homem do seu quilate. Nunca lhe descobriram, entretanto, a verdadeira identidade. Uma vez, um redator dum jornal londrino mandou um reporter de Sidnei entrevistá-lo. Suffolk acompanhou o jornalista um dia inteiro, ajudando-o nas suas pesquisas para descobrir o paradeiro do conde, acabando por dizer-lhe: «Você veio num dia péssimo, porque aos sábados S. Ex.ª está sempre a cair de bêbedo, e não é possivel encontrá-lo até que lhe passe a carraspana.»

Seis anos depois, Suffolk regressou à Inglaterra, para administrar a sua propriedade de 5.000 hectares, e em 1934 casou-se com Mimi Crawford, bailarina de *music hall*. Então manifestou-se outro aspecto do seu complexo carater. Decidira tornar-se cientista, e matriculou-se na Universidade de Edimburgo, dedicando-se ao estudo da química e da farmacologia com o mesmo entusiasmo com que se dedicava a atirar, a praguejar ou a jogar. Em 1937, com 31 anos—formou-se em Edimburgo com as mais altas classificações, e entrou como quí-

mico para os Laboratórios Nuffield, de Oxford, concentrando o seu principal interesse no estudo de altos explosivos e venenos.

Em 1939 foi enviado para París como agente de ligação entre o Ministério dos Abastecimentos da Inglaterra e o Ministério dos Armamentos da França. Realizou então uma colaboração mais efetiva entre os laboratórios de investigação científica dos dois paises, do que a que tinha sido possivel conseguir por meio de troca de funcionários diplomáticos durante uma geração. Os seus relatórios eram um amálgama de dados científicos, boatos políticos, bisbilhotice pessoal e irreverência.

Na Primavera de 1940 foi atacado em um jornal pró-fascista, e aconselhado a sair da França. A polícia francesa aconselhou-o mesmo a que aceitasse uma guarda protetora. Mas, em vez disso, preferiu ele comprar as duas maiores pistolas que lhe foi possivel encontrar, e passou a usá-las ostensivamente a tiracolo. Tomou tambem para seu «guarda-costas» um ex-marinheiro com aspecto de gorila e uma fama terrivel de faquista. As entradas e saidas de ambos tinham sempre um ar teatral. O gorila era o primeiro a sair à rua ou a entrar num café. Depois de verificar que não havia perigo, gritava: «*Okay, Monsieur Jacques, allons!*» E Suffolk aparecia.

A derrocada atingiu París com uma velocidade devastadora. Indo uma manhã ao Ministério dos Armamentos para conseguir uns desenhos de máquinas—ferramentas, Suffolk encontrou tudo numa balbúrdia, só se cogitando de evacuação. Teve que retirar-se, conseguindo apenas um cartão do ministro, Raoul Dautry, em que este escrevinhara umas palavras recomendando o conde de Suffolk.

Este sabia que tinham chegado a París grandes quantidades de diamantes, vindos de Antuérpia, Bruxelas e Amsterdã. Quando descobriu que os banqueiros, em cujos cofres estavam depositados, tinham a intenção de os deixar alí, decidiu levá-los para a Inglaterra, para os por em segurança. Com o cartão de Dautry como único documento de autoridade—reforçado às vezes pelas pistolas—Suffolk percorreu a cidade no seu grande carro aberto, recolhendo os sacos de diamantes.

Reuniu tambem especificações e modelos de máquinas, importantes elementos de investigação, que teriam tido um valor imenso nas mãos dos alemães, e uma quantidade de raros produtos químicos, evacuados a tempo de famosos laboratórios dos paises ocupados, para París. Por fim reuniu tambem todos os eminentes sábios franceses, com quem tinha trabalhado, e mandou-os para Bordéus, assegurando-lhes que tinha conseguido autorização para todos eles passarem à Inglaterra. Mas a verdade é que não tinha arranjado nada.

Então, com os despojos na parte de trás do carro, Suffolk partiu tambem para Bordéus. Ao seu lado, no assento dianteiro, ia a sua loira secretária inglesa, enquanto no assento posterior, empoleirado no cimo de uma fabulosa fortuna de jóias raras, o gorila vigiava contra possiveis ataques de patrulhas ou aviões alemães. Todas as estradas para o sul se achavam obstruidas pela aglomeração de refugiados. Frequentemente Suffolk era obrigado a caminhar em frente do carro, abrindo caminho aos berros, de pistola em punho, enquanto a secretária ia guiando.

No consulado britânico de Bordéus, descontou um cheque de mil libras e decidiu subornar um capitão de navio,

para tentar uma viagem à Inglaterra. Não havia tempo a perder, porque se tinha formado novo governo, sob a presidência do Marechal Pétain, que ia transigindo com os alemães, e as tropas nazistas já se achavam a menos de 160 quilômetros. Durante três dias buscou em vão por todas as docas, mas, como o canal da barra estava minado, nenhum marinheiro francês quis se aventurar à viagem.

No quarto dia um vapor carvoeiro, arvorando a bandeira inglesa, subia vagarosamente o estuário, sem saber que a França já se tinha rendido. Suffolk abordou-o logo. Tanto o capitão como a tripulação não tinham agora outro pensamento senão sair dalí. Os diamantes e produtos químicos foram carregados para bordo, enquanto uma remessa de preciosas ferramentas, recentemente chegada da América, e outros objetos de valor, se esconderam num sítio da costa. Suffolk foi então buscar os seus amigos cientistas para os levar a Falmouth e Londres.

Fechado este ciclo de aventura, o conde ofereceu-se como voluntário para estudar as bombas lançadas pelos aviões alemães. Até alí tal estudo era considerado um passatempo para suicidas com espírito cívico. Imaginou Suffolk que o meio mais seguro de descobrir como neutralizar as bombas de retardamento seria que alguns peritos se dispusessem a enfrentar os sérios riscos da empresa. O seu treino científico ajudou-o muito. Arranjou um grande caminhão, equipado com instrumentos delicados. Com o seu desdem habitual pelas classes superiores, escolheu os seus ajudantes (dez homens e uma moça) entre a gente de que ele mais gostava—o trabalhador dos bairros populares de Londres, cujo calão ele falava com perfeição, e cujas atitudes tão bem compreendia. Muitos deles teriam dificuldade em escrever os seus nomes, mas todos tinham a qualidade tão caraterística entre os milhões de habitantes dos bairros pobres de Londres:—a coragem.

As bombas tornaram-se para Suffolk uma obsessão, e, cada vez que aparecia um novo tipo, ele se enchia de febril excitação. Uma vez deixou dois generais petrificados, ao começar a desarmar uma no vestíbulo de um hotel. Notando na cara de um deles uma expressão de terror, sossegou-os, dizendo-lhes: «Não se assustem. Não há perigo algum, a não ser que se aperte um destes parafusos. O que eu quero agora é descobrir qual deles é.»

O processo de Suffolk era sempre o mesmo: examinava a bomba por todos os lados, percutia-a, e escutava, falando-lhe numa linguagem pitoresca. Depois de a ter examinado minuciosamente, ditava à sua secretária o seu plano para lidar com a bomba. Se falhasse, os outros poderiam saber ao menos o que não deviam fazer. Então tirava da boca a sua grande piteira e do bolso a outra igual, entregando-as ao operário da turma que lhe ficasse mais próximo, e dizendo-lhe: «Segura aí um minuto. Elas podem se quebrar.» E este era o sinal para o grupo se afastar para uma distância segura.

Apesar do seu ar extravagante, Suffolk não era temerário. Tomava sempre todas as precauções para se proteger a si e aos companheiros. Nunca foi possivel aos vogais do Conselho de Investigação Científica explicar como ele conseguira sobreviver, nas vezes em que falhou. Aparecia cheio de calma a descrever como, durante uma experiência, uma bomba tinha explodido, mas nunca foi possivel arrancar-lhe uma palavra

sobre a maneira como tinha conseguido escapar de ter sido transformado em migalhas.

Os seus companheiros de trabalho tambem não sabiam nunca o que pensar do chefe. Numa tarde fria em que atravessavam de caminhão os campos desolados, perguntou-lhes ele de repente: «Pessoal, que é que vocês diziam se tomássemos uma chícara de chá quente e uns bolinhos?»

«Nem é bom falar nisso!» responderam eles com ar de troça. Ele parou o caminhão, tirou a pistola e disparou dois tiros para o ar. E quase imediatamente apareceu outro carro, cujo chofer e ajudante serviram um daqueles abundantes chás ingleses. Mas o que os seus companheiros nunca souberam foi que se achavam apenas a umas centenas de metros da propriedade de Suffolk. E daí por diante julgaram-no capaz de fazer, fosse o que fosse que lhe desse na veneta.

Suffolk festejava o feliz êxito de um trabalho com o mesmo entusiasmo com que se dedicava à sua tarefa. Carregava todo o grupo no seu carro e dirigiam-se todos para o Restaurante Kempinski, perto de Piccadilly Circus, onde havia sempre uma mesa reservada para ele. Nem a hora do dia, nem o seu vestuário tinham a menor importância. Os fregueses elegantes ficavam invariavelmente escandalizados, ao ver entrar assim de repente aquele grupo de gente suja, até que alguem dizia baixinho as palavras mágicas: «É o conde de Suffolk!»

Ele deve ter tido o pressentimento da morte. «Felix,—costumava dizer ao *maître d'hotel* ao sair do Kompinski—uma noite destas só um dedo meu, ou talvez uma orelha, aparecerão por aquí para jantar. Trate-os bem, Felix, porque serão tudo o que vai ficar de mim.»

Felix ainda hoje põe a mesa para ele todas as noites. «Isto é como na igreja, —costuma explicar—quando se acende uma vela para comemorar alguem que já alí não está mais.»

O fim de Suffolk foi um destes acidentes que ele mesmo teria criticado como «uma estupidez». O seu grupo tinha estado a trabalhar intensamente, e ele tinha decidido dar-lhes umas férias de quinze dias, levando-os para a sua propriedade, que tinha transformado em hospital e casa de convalescença para os soldados.

Empregaram a sua última tarde de trabalho limpando algumas «relíquias». Uma delas era uma grande bomba rejeitada, que alí existia havia bastantes meses. Alguem tinha pintado nela as palavras «Fiel amiga», e era considerada parte da decoração permanente do lugar. Suffolk decidiu desmantelar a «Fiel amiga». E ninguem lhe prestou atenção.

As janelas, na circunferência de um quarto de milha, foram violentamente sacudidas, e a gente na povoação vizinha sentiu a terra tremer. Oito operários do grupo de Suffolk morreram e os peritos declararam que uma fatia de carne humana era tudo quanto restava dos despojos terrenos do conde. Colocada numa urna de seis polegadas de largura por seis de altura e oito de comprimento, foi sepultada na velha capela do solar dos antepassados de Suffolk.

E assim, com 36 anos de idade entrou «Wild Jack», 20.º conde de Suffolk e 13.º conde de Berkshire, na eterna sociedade da ilustre Casa de Howard, juntando ao seu brazão a mais alta honra que a Inglaterra pode prestar aos seus heróis civís—a *George Cross*.

Os centros industriais e as comunidades podem seguir o sistema de «agrupar-se para combater» as doenças.

Industriais que cuidam da saude do operário

(Condensado do «Forbes»)

Por Henry Morton Robinson

O SERVIÇO MÉDICO custa dinheiro —muito mais do que a maioria das pessoas podem dispender. O espetro das despesas com médicos paira, aterrorizante, sobre a maioria dos lares; mesmo uma doença sem gravidade altera o orçamento de uma família. Sim, o cuidado médico torna-se dispendioso; mas existe o paradoxo de alguns médicos fazerem fortunas enquanto hospitais lutam com déficit. E no entanto, milhões de doentes não estão recebendo o tratamento adequado.

Minorando este quadro, existem vários planos de saude e hospitalização, criados com o fim de dispensar bom serviço médico aos operários que deles precisem. Existe atualmente nos Estados Unidos, pelo menos, uma dúzia de tais sistemas instituidos e mantidos pelas indústrias. Todos eles proporcionam ótimo cuidado médico, mas cada qual dispõe de caraterísticas próprias, variando sempre a contribuição que o operário tem a fazer. E todos se fundam no truismo de que um operário em boa saude é mais eficiente e feliz do que um que se arraste adoentado.

O plano mais antigo, e que nada custa ao operário, é o Serviço Médico da Endicott Johnson Corporation, fabricantes de calçados, da Johnson City, no Estado de Nova York. Esta Companhia mantem às expensas próprias um completo serviço médico, odontológico e hospitalar para 15.000 empregados e suas famílias. Este sistema, que funciona há 25 anos, está à disposição de qualquer empregado regular das fábricas da Endicott Johnson, o qual tem o direito de consultar o médico que quiser dentre os 23 clínicos contratados pela empresa.

Suponhamos que o curtidor Joe Graham foi acometido duma dor no lado direito. Ele chama, para tratá-lo, o médico de sua confiança, o qual, com a solicitude que resulta do longo conhecimento entre o clínico e o doente, submete Joe a completo exame, inclusive pelos raios-X, serviço que na clínica particular custaria preço proibitivo. Suponhamos, ainda, que o diagnóstico de Joe foi de cálculos na vesícula biliar. A operação é realizada por cirurgião competente, numa das três salas de operação do Charles S. Wilson Memorial Hospital,* da Johnson City, N. Y., hospital de 350 leitos.

Depois da operação, Joe fica numa enfermaria, a não ser que o seu médico ache que ele precisa de um quarto semi-particular. A hospitalização, mes-

(*) Este hospital, oferecido em 1926 à comunidade de Johnson City pela Endicott Johnson Corporation, é dirigido por uma junta de personagens da localidade, entre as quais há um representante da Companhia. Qualquer pessoa das cidades vizinhas pode ser tratada aí, pagando o preço regular. No ano passado, 50 por cento dos pacientes do hospital eram empregados da fábrica de calçados; os restantes eram pessoas não empregadas pela Endicott Johnson. Excelente administração mantem o hospital fora do regime déficitário.

mo sendo prolongada, será paga pela Companhia. Nesse ínterim, a sra. Graham pode se encontrar no mesmo hospital, para dar à luz, e as despesas correrão ainda por conta da Companhia. Talvez que os cinco filhos de Joe precisem de operar as amígdalas, ou tratar dos dentes, ou examinar os olhos. Todas as receitas, aliás de módico preço, são despachadas por conta da Companhia.

Se um empregado é acometido de doença de dificil diagnóstico, especialistas de Nova York, Boston ou Baltimore, são consultados ou mesmo chamados à cabeceira do doente. Pessoas que sofrem de moléstias venéreas, ou toxicômanos, recebem os mesmos desvelos. Os doentes de tuberculose e moléstias mentais são colocados nas instituições estaduais ou municipais, e, quando necessário, suas despesas são pagas pela Companhia.

No ano passado, a Companhia gastou cerca de um milhão de dólares em serviço médico para seus empregados, sendo o custo médio anual avaliado aproximadamente em 17 dólares por pessoa e 48 dólares por família.

Existem outros planos médicos práticos, para os quais a companhia e o empregado contribuem. Um exemplo a registrar, neste particular, é o da Consolidated Edison Co. de Nova York. Durante 10 anos esta organização tem fornecido serviço médico e hospitalar aos seus 29.000 empregados, ao custo médio de 20 centavos por semana (cerca de quatro cruzeiros). Essa importância é descontada do salário semanal e a outra parte é paga pela Companhia, assegurando assim aos empregados da mesma o melhor tratamento médico, cirúrgico e hospitalar que se pode obter.

A Companhia Edison mantem um corpo de 64 facultativos, que trabalham em oito consultórios médicos distribuidos inteligentemente pela cidade de Nova York. Alem disso, 175 profissionais dispendem parte do seu trabalho diário visitando pacientes em suas residências ou a examiná-los no consultório. Se é preciso hospitalização, o médico envia o paciente a um dos dez hospitais metropolitanos, ligados por contrato à Companhia. Os pacientes que se não podem locomover, são levados em ambulâncias particulares. Nenhuma restrição é imposta ao doente quanto ao tempo de permanência no hospital. Os casos de tuberculose e moléstias mentais não estão incluidos no serviço; e os empregados portadores de moléstias venéreas recebem tratamento adequado.

O serviço dentário é organizado de modo que um empregado da Companhia pode visitar qualquer dos 46 dentistas particulares e receber o devido tratamento. As extrações são gratuitas, e mesmo as dentaduras postiças não são cobradas. Realizaram-se no último ano 56.000 tratamentos dentários.

A Companhia aconselha os exames periódicos como elemento para a conservação da saude; os empregados podem solicitá-los quando o julgarem necessário. Mas o regulamento tambem estipula que um empregado ausente do serviço durante duas semanas ou mais, *deve* submeter-se a completo exame médico.

Alem disso é mantido um sanatório para empregados convalescentes. O sanatório acomoda 85 doentes, sob os cuidados de um médico e de uma enfermeira. Aves, leite, manteiga, ovos, e a mor parte dos legumes, frutas, e carne, vêm da fazenda de 130 hectares associada ao sanatório. Em 1941, cerca de 1.000 empregados passaram um total de 18.264 dias na fazenda, espécie de dividendo a que tinham direito pelo plano de saude, e que lhes custou, a cada um, menos de 60 centavos diários (cerca de doze cruzeiros).

Que pensam os empregados da Companhia Edison do programa médico da empresa? Várias vezes, as uniões operárias têm pedido, como condição de entendimento do contrato coletivo, que tais vantagens sejam sempre mantidas.

Se bem que nenhum dos planos acima descritos tivesse trazido ainda a suma perfeição na socialização da medicina, mostram no entanto como as companhias podem partilhar da luta contra as doenças. Mas a grande batalha em prol do melhor serviço médico não deve ser travada pela indústria apenas. Cumpre que a sua responsabilidade se distribua entre as indústrias, os operários, a classe médica e o povo.

¶ *A Suécia mantem a sua independência apesar de cercada e ameaçada pelos nazistas*

Nada amedronta os suecos

(Condensado da «New Republic»)

Por Albin Johnson
Telegrama de Estocolmo

A Suécia pode considerar-se hoje isolada como uma ilha, rodeada por todos os lados de um amistoso inimigo de que ela não gosta. Embora não exista na realidade um estado de guerra, sente-se a presença desta por toda parte. Ouve-se um constante zumbir de aviões por cima dos edifícios de Estocolmo; grandes pilhas de lenha desfeiam as suas elegantes avenidas; abrigos contra bombardeamentos aéreos fazem lembrar enormes formigueiros, a desfigurar os seus lindos parques. Os ataques aéreos contra a Dinamarca fazem tremer as janelas das casas das aldeias da beira-mar, viradas para o sul, ao passo que o ribombar do canhão ao largo da costa da Noruega ecoa pelos vales fronteiriços da Suécia.

O ponto de vista do governo é que se há de evitar a guerra; mas têm-se tomado todas as providências necessárias para lhe fazer frente com êxito, se o momento chegar. O povo é altamente

Albin Johnson foi para a Europa em 1924 como correspondente estrangeiro do *World*, de Nova York. Passou sete anos em Genebra; depois viajou cinco pelo Extremo Oriente, fazendo reportagens para os jornais americanos. O ano passado, a International News Service mandou-o de novo para a Europa como reporter «errante». Foi o primeiro correspondente americano a entrar na Finlândia, desde que este país se aliou à Alemanha contra a Rússia. Depois saiu dalí para Estocolmo.

patriota. Cada sueco está arraigadamente convicto de que possue um país digno de ser amado e defendido. É esta a sua pátria individual; as fronteiras atuais foram traçadas há muitos séculos, e os seus antepassados já habitavam há uns dois mil anos aquelas mesmas plagas.

A orientação política da Suécia, como nação neutra, nada oferece de novo. Uma boa amizade com todos os paises, grandes e pequenos, tem sido o seu credo por mais de 125 anos. Hoje, encontra-se preparada para defender com todo o poder das suas armas essa mesma neutralidade. Repetidamente os seus dirigentes vêm manifestando sem reservas a determinação de combater contra qualquer agressor que tente afetar a sua independência ou as diretivas democráticas da sua vida nacional.

E a Suécia está em condições de resistir. Embora me não seja lícito revelar segredos militares, algumas semanas de observação pessoal bastaram para que me convencesse de que o país se encontra preparado para defender de armas nas mãos, e mais do que se imagina, a sua soberania.

Todos os homens válidos, entre os 20 e os 47 anos, estão prontos para o serviço ativo no exército. Mostram as estatísticas que 95% dos recrutas apresentam excelentes aptidões físicas, elevada cifra que reflete uma herança de vida sã e vigorosa. Os suecos, de modo geral, começam a exercitar-se, por assim dizer desde a infância, em esquís, natação, corridas, e demais desportes ao ar livre.

Para obter a insígnia de aptidão em esquís, há que fazer um percurso de *cross country*, de 29 quilômetros, em 3 horas e um quarto, e há milhares de civís capazes de tal proeza.

A resistência do exército sueco fica demonstrada pelo fato de o «exército de inverno» ter passado meses em manobras nas florestas do norte, a temperaturas geralmente abaixo de zero. E nunca houve um só caso de enfermidade por congelação.

As tropas têm sido meticulosamente treinadas para o gênero de combate imposto pela configuração do território pátrio. Aproveitando-se da grande quantidade de lagos, montanhas, e matas densas, os suecos têm desenvolvido táticas que lhes asseguram o dobro da resistência sobre um inimigo menos intimamente familiarizado com a topografia local.

O exército se acha perfeitamente equipado. A Suécia produz atualmente toda a qualidade de material de guerra, em quantidade suficiente para as suas forças. Fabrica aviões, tanques, canhões, submarinos e outros vasos de guerra. Os gastos de defesa este ano atingem cerca de 200 milhões de dólares (4 bilhões de cruzeiros, aproximadamente) o que representa 16 vezes mais do que o dispendido em 1939.

Por trás do exército está a guarda nacional, bem armada e exercitada. As carreiras de tiro subsidiadas pelo governo, e cuja função é formar atiradores, contam mais de 300.000 sócios, que se não limitam a treinar-se com carabinas.

As cidades da Suécia encontram-se tão bem preparadas para um ataque «relâmpago» como a maior parte das da Inglaterra. Existem uns 100.000 vigilantes; cerca de 800.000 mulheres completaram cursos de condução de ambulâncias, enfermagem, pronto-socorro, e outros. A defesa anti-aérea já abateu mais de 100 aviões beligerantes que violaram a neutralidade do país.

A nação está positivamente decidida a não capitular em caso algum. O presidente do conselho de ministros, Per Albin Hanson, impressionou o mundo ao anunciar no parlamento as ordens irrevogaveis que se haviam dado ao exército: oficiais e soldados receberam instruções para, no caso de o país ser invadido, lutarem sem trégua, aconteça o que acontecer. Ordens para cessar fogo, seja qual for a sua proveniência, enquanto houver um inimigo em território sueco, não devem ser tidas por válidas. Quaisquer instruções para se renderem, serão falsas. Foi o meio que encontrou Hansson de prevenir-se contra a quinta-coluna, que poderia apoderar-se das comunicações, prevendo tambem o caso da sua própria morte ou prisão, e consequente aparecimento de um Quisling a serviço do invasor.

Estando o comércio internacional, exceto com os paises dominados pelo Eixo, praticamente paralisado, faltam muitos produtos no país, inclusive hulha e gasolina. Tiveram os suecos que recorrer às florestas para aliviar as suas dificuldades. É com lenha que têm aquecido as suas cidades—aliás de maneira satisfatória. Aos automoveis, estão aplicando unidades gasogênicas, que queimam carvão ou mesmo lenha. Gastam-se apenas uns minutos para atiçar a fornalha, e arrancar, e os carros podem fazer 65 km. por hora. Este aparelho para produzir combustivel fica mais barato do que a gasolina do tempo de paz, e muitos veículos, principalmente caminhões agrícolas, não voltarão ao uso da gasolina, depois de acabada a guerra.

A *aquavit*, uma aguardente que é a bebida nacional da Suécia, obtem-se agora da celulose do açucar e não, como antes, de cereais ou batata. O gado bovino, equino, ovino e caprino parece dar-se bem com as rações de celulose em fios, embora o leite das vacas submetidas a semelhante alimentação se não possa ter como excelente.

A falta de importações redunda em aumento de preços, e os salários não têm acompanhado a carestia da vida. O povo coopera de bom grado com os esforços do governo para evitar a inflação. Está pagando pesadíssimos impostos, e aceitando sem protesto todas as medidas de racionamento.

Os próprios agricultores não se opõem aos abatimentos consideraveis, impostos, como contribuição para o bem comum, aos preços a cobrar pelas batatas, cereais e outros produtos. O governo tem limitado os dividendos, e estabelecido rigoroso controle sobre os preços em geral, como contrapartida aos sacrifícios que se exigem da lavoura.

Embora 70% da alimentação esteja racionada, o povo come ainda o suficiente para obter calorias, alem das indispensaveis. O «alimento de resistência» de todas as refeições é a batata, que tambem entra como parte integral na farinha, para fazer o pão, e não deve ser descascada antes de cozida, ao que prescreve uma lei. O parlamento, dos mais respeitaveis, passa horas a discutir, com toda a seriedade, o problema do tubérculo, a regulamentação do seu preço, a sua distribuição, etc.

Tem sido dificil conseguir fumo; todavia, ultimamente, os suecos lograram receber, procedente da Alemanha, uma grande provisão de cigarros. Os alemães, com o seu clássico otimismo, os haviam feito empacotar com rótulos «Cairo», mas Rommel falhou na ocupação do Egito, e vendeu-se a carga à Suécia. Seria perigoso tentar vender em Berlim cigarros dessa marca...

Ao mesmo tempo que a Suécia se tem esforçado por manter um elevado grau de bem-estar nacional no meio de um

mundo aflito, vai ajudando, quanto lhe é possivel, os seus infelizes vizinhos. Abriu as fronteiras, os corações e os lares a mais de 30.000 crianças finlandesas, mal alimentadas e doentes, e tratou-as até se restabelecerem. O número de refugiados noruegueses não pode ser divulgado, mas é provavel que ande à volta de uns 10.000. A Cruz Vermelha Sueca ofereceu-se para arranjar casas onde recolher número ilimitado de crianças norueguesas, mas os alemães se opuseram à execução do plano. A Suécia tem proporcionado abrigo a muitos lituanos, letões, estonianos e holandeses, que conseguiram escapar às invasões.

A cabeça da Suécia, representada pelo seu governo, é neutra; mas o seu coração pertence ao povo, e, se as pulsações populares pudessem ser observadas ao estetoscópio, verificar-se-ia que pelo menos 95%—a maior parte dos suecos dizem 99%—palpitam mais aceleradamente a cada vitória das Nações Unidas. Muita gente crê que a liberdade—mesmo para os outros—é uma causa pela qual vale a pena combater.

O objetivo imediato do governo resume-se em poupar a pátria a uma invasão estrangeira. É, porem, absolutamente franco na sua atitude para com os seus dois poderosos vizinhos beligerantes, a Alemanha e a Rússia. Ambos têm feito as suas ameaças por causa das atitudes supostamente menos amigaveis da Suécia. A psicologia de todos os beligerantes é a mesma: quem não é por eles, é contra eles.

Apesar disso, a Suécia mantem-se firme na sua simpatia pela Finlândia e pela Noruega, e na sua admiração pelas democracias. Gunther, Ministro dos Negócios Extrangeiros, referindo-se à Finlândia, disse abertamente: «A Suécia tem um interesse incontestavel numa Finlândia livre, ligada com outros paises do norte.» No tocante à Noruega, foi ainda mais explícito: «Toda a Nação sueca tem sido profundamente abalada pelas medidas alí tomadas, que são contrárias a todas as idéias de direito e de justiça, ainda que a Alemanha as tenha atribuido às duras necessidades da guerra.»

Quase se não passa um dia sem que o Ministério dos Negócios Estrangeiros receba protestos do Ministro da Alemanha, alegando que tal ou tal ato não é amistoso. Até a publicação do Reader's Digest em sueco despertou protestos de Berlim. Mas os suecos não fazem caso disso. A imprensa esforça-se por ser correta e imparcial, embora muitas vezes o honesto ponto de vista dos seus artigos de fundo desconcerte o Secretariado da Propaganda de Goebbels. Em Estocolmo não existe censura nem sequer para os correspondentes estrangeiros, que consideram aquela capital o melhor posto de observação da Europa.

Ainda no meio da grave crise presente, a atitude da Suécia é o expoente dum axioma político: «É bom o país onde se permite ao povo dizer que o governo é mau.» E tal direito ainda hoje existe na Suécia; como não falta igualmente, a jornais e homens de Estado, coragem para dizer que o nazismo, o fascismo e o comunismo, e todas as ideologias que estas doutrinas representam, não estão de acordo com os conceitos suecos de retidão e justiça.

¶ Sair do lugar onde sofremos é um recurso facil. É necessário ter carater, para ficar onde estamos e aí sermos felizes. —Elizabeth Dunn

A conversa banal

Abolir a conversa banal seria um verdadeiro desastre. Há horas em que é imprescindivel falar, não para dizer alguma coisa, apenas para dizer qualquer coisa. O silêncio pode ser um perigo: ou porque sentimos que nosso companheiro está friamente a nos aquilatar, ou então porque o silêncio se torna íntimo demais—e é curioso como é pequeno o número de pessoas com quem desejamos ter intimidade! A conversa banal é a couraça e escudo que usamos para poder esconder a verdade e não dizer realmente o que estamos pensando. «Certas pessoas», dizia Arnold Bennett, «vão pelo mundo fora derramando a verdade, como se fosse essência de violetas. Ora a verdade deveria ser guardada em pequenos frascos, com uma etiqueta vermelha e em letras bem claras: *Cuidado! Usar só quando absolutamente necessário.*» Por meio da conversa banal procuramos descobrir o que poderemos ter em comum com nosso interlocutor; e essas trocas de banalidades são as primeiras escaramuças que sondam o terreno para a grande aventura da amizade ou do amor. O menor detalhe da mais frívola das conversas serve para irmos pesando e avaliando nosso adversário, e assim julgar secretamente se seria perigoso, divertido, ou simplesmente delicioso, poder abandonar um dia a couraça e o escudo. —V. H. Friedlander, *Pied Piper's Street*

Na conversa, uma pontinha de ironia é sempre mais estimulante do que a admiração irrestrita.
—Ernest Dimnet

O que é preciso antes de mais nada é interessar-se pelo interlocutor. Se o que ele diz parece cacete, procuremos analisar-lhe a fisionomia. Como procederíamos se quiséssemos fazer-lhe a caricatura? Ou então ouvir-lhe a voz. Como poderíamos imitá-la? Mas se o vizinho está tentando explicar-nos o funcionamento de um motor Diesel, não tenhamos exclamações ocas: «Fascinante! Fantástico! Os cilindros! A caixa de mudança! Como o senhor explica bem!» Em vez deste entusiasmo falso, é melhor compenetrar-se uma vez por todas que qualquer pessoa de inteligência mediana tem a obrigação de saber como funciona um motor Diesel e temos aí uma bela oportunidade para aprender. O principal defeito da maioria das conversas é a falta de curiosidade de parte a parte. As mulheres não querem saber de golfe, de maquinismos e de comissões judiciárias; os homens não têm curiosidade alguma sobre o que pensam as mulheres ou os outros homens. Quando perguntarmos a alguem, «Mora fora da cidade?» não o digamos apenas para encher o silêncio. Olhe-se para a pessoa com interesse e pense-se consigo mesmo: «Porque será que esta criatura mora fora da cidade? É curioso que uma mulher com um nariz destes se tenha casado com um professor de universidade...» E assim por diante. Ela sentirá sua curiosidade, e será levada a lhe dizer talvez alguma coisa sincera e interessante. A atenção interessada pode transformar, como se fosse mágica, o teor de uma conversa.
—Brenda Ueland, *Saturday Evening Post*

Resultado da campanha promovida por um velho de 78 anos, Gifford Pinchot, afim de se equiparem os botes salva-vidas com utensílios de pesca.

Água doce no alto mar

Por J. P. McEvoy

TODA GENTE sabe que o oceano é uma vastidão de água salgada, porem inúmeros náufragos têm morrido de sede por não saberem que no mar tambem existe água doce. Custa crer, hoje em dia, que velhos lobos do mar nunca tivessem suspeitado de que os peixes tanto podem ser comidos como bebidos. Com efeito, parece incrivel que, com o mar abarrotado de peixe, os náufragos tivessem de sofrer fome e sede em suas balsas e botes, simplesmente porque ninguem antes havia pensado em prover esses barcos com pequenos utensílios de pesca.

Foi preciso que um homem, velho especialista em silvicultura, viesse dizer às forças armadas americanas, de terra e mar, como ao pessoal da marinha mercante, alguma coisa sobre a pesca e seus petrechos.

Referimo-nos a Gifford Pinchot, ex-governador da Pensilvânia, que há 40 anos iniciou, com êxito, uma campanha em prol da conservação das riquezas naturais americanas, e hoje, aos 78, leva sozinho até a vitória nova campanha, cujo fim é conservar a mais preciosa das riquezas naturais—a vida humana.

A campanha começou em princípios de 1942, quando Pinchot leu a notícia de três aviadores navais que andaram ao léu das ondas do Pacífico, num bote pneumático, durante 34 dias* e se salvaram de morrer de fome graças a duas aves marinhas e alguns peixes que pegaram.

«Esse fato pôs-me a matutar»—disse Pinchot. «Tenho pescado bastante em alto mar, e sei que peixe miudo procura alimento ou proteção em qualquer objeto flutuante, como um bote, uma ilha de sargaço, ou qualquer destroço de navio. Os peixes grandes perseguem os menores, para os comer. Dispondo de utensílios de pesca, esses náufragos poderiam ter pegado peixe em quantidade. Porque motivo esses botes não são providos de utensílios de pesca?»

Essa idéia ainda o preocupava quando os Pinchot partiram para Lewes, no Delaware, afim de gozarem uma semana de férias. Enquanto lá estavam, Pinchot visitou o hospital da cidade e conversou com sobreviventes de navios torpedeados. As suas histórias variavam, mas todas estavam acordes num ponto: o que mais os torturava não eram as intempéries ou a fome, mas sim a sede.

Naquela noite, Pinchot não pôde conciliar o sono. A sra. Pinchot conta que o marido a não deixou dormir, repetindo sempre: «Deve haver um meio de se obter água doce no oceano.» Levantou-se na manhã seguinte com uma idéia. Ele sabia que o corpo humano, na sua maior parte, é composto de água; não se daria o mesmo com o dos peixes? E se assim fosse, o suco ou água de peixe não seria bom de beber-se?

*Vide «Três homens numa jangada», Seleções, Agosto de 1942.

Mandou então comprar peixe fresco de mar, e meteu mãos à obra. «Cortamos o peixe em postas,» disse Pinchot, «depois picamos bem picadinho, pusemos tudo num pano grosso, e exprememos com força, obtendo um líquido avermelhado. Provamos este caldo e vimos que era adocicado, e só remotamente indicava gosto de peixe. Mesmo por esse meio primitivo de extração, 12% do peso total do peixe era líquido. Usando uma pequena prensa manual, obtivemos o duplo de líquido.»

Pinchot levou o suco de peixe ao capitão (agora almirante) dr. C. S. Stephenson, do Bureau Naval de Medicina e Cirurgia, o qual, embora nunca tivesse ouvido falar de suco de peixe como bebida, se prontificou a aceitar a idéia. Fizeram-se experiências, a cargo do dr. Homer W. Smith, da Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York, afim de determinar se o homem pode viver com suco de peixe, como dieta exclusiva.

Dois marinheiros de um cruzador americano dispuseram-se a não beber água durante dez dias, usando apenas suco de peixe, como se fossem náufragos, e sairam da prova em perfeito estado de saude.

Muito bem, pensou então Pinchot. Mas como poderão náufragos, em botes salva-vidas, espremer peixe para tirar suco? Equipar todos os botes com espremedores de peixe, não era facil tarefa. Outra idéia lhe ocorreu então. Lembrou-se de como havia pescado no Taití, com Charles Nordhoff, um dos autores do romance *Mutiny on the Bounty*. Quem sabe se os taitianos não usavam o suco de peixe como alimento? Escrevendo a Nordhoff sobre o assunto, teve esta resposta: «Dizem os polinésios que uma pessoa pode viver por longo tempo, sem beber água, se mascar carne de peixe crua, engulindo o líquido e pondo fora o tecido.»

Assim, pensou Pinchot, não será preciso nenhum espremedor. Breve, todo marinheiro há-de saber que, num aperto, poderá *beber* e comer peixe cru...

Estava ele então convencido de que todas as pessoas que se atiram ao mar num bote salva-vidas, deviam nele encontrar utensílios de pesca. O Bureau de Aeronáutica Naval ordenou a fabricação de 50.000 jogos de petrechos de pesca, de acordo com a sugestão de Pinchot, afim de os mesmos serem postos nos botes pneumáticos carregados pelos aviões.

Animado com essa vitória, conseguiu ser ouvido pela comissão naval nomeada especialmente para investigar o equipamento dos botes salva-vidas e presidida pelo capitão P. M. Rhea, um veterano de submarino. Ele se impressionou com os argumentos de Pinchot, bem como os demais membros, sendo aconselhado que se encomendassem 33.000 jogos de utensílios de pesca para os botes salva-vidas e balsas de todos os navios da Armada.

Vários pescadores de alto mar ajudaram Pinchot na fabricação desses petrechos, pesando um jogo completo dois quilos ou menos. Os estojos constam de doze artigos—anzóis, linhas e chumbada, iscas de porco imputreciveis, engodo de penas, um fisgador, e um pequeno arpão, que pode ser fixado à ponta de um remo para arpoar tubarões, tartarugas e aves que se aproximem dos botes. Há tambem um puçá que pega peixe miudo para isca ou para comer, e uma faca de pequena folha e grosso cabo de madeira, que permite flutuar.

Em cada estojo há um pequeno folhe-

to, à prova de água, verdadeira obra prima de informações sobre a pesca, tendo um capítulo especial sobre a maneira de viver numa ilha deserta. Observando suas instruções, os náufragos podem apanhar peixe até usando os botões da camisa como isca. Aprendem tambem que a parte fraca de um tubarão é a base do nariz, de maneira que fogem quando recebem uma pancada nesse ponto; aprendem ainda que não se deve pescar quando houver tubarões em derredor, porque a linha pode ser cortada, e que de uma tartaruga só a carapaça não pode ser aproveitada para comer; por último os incautos são prevenidos de que, depois de cortada, a cabeça de uma tartaruga ainda morde, e as patas arranham! O livrinho ensina como comer sargaço, como distinguir enguia de cobras marinhas, e quais os peixes venenosos; aconselha ainda a não comer tubarão sem dispor de água para beber, e informa que todas as aves podem ser comidas, assadas ou cruas, e que as penas devem ser guardadas para engodo de pesca, ou para encher o interior das camisas, como recurso para aquecer o corpo.

Dos primeiros estojos que Pinchot sugeriu, 83.000 foram colocados nos botes pneumáticos dos aviadores, e outros salvavidas e balsas. Dos grandes, vão ser precisos uns 250.000, pois o plano é ter um estojo em cada bote salva-vidas dos navios americanos, e a idéia já foi transmitida a todas as Nações Unidas.

Numa reunião das autoridades da Defesa Costeira, que marcou o completo êxito da inovação, disse o idealizador: «Senhores, estou grandemente satisfeito, pois, se na outra guerra mundial eu já era velho demais para lutar, na presente me foi permitido fazer uma pequena contribuição.»

O bom conversador

O BOM «conversador» deixa-se levar pelo assunto. Não está a se preocupar com a ordem das idéias que expõe: fala pelo gosto de falar. Não se incomoda de ficar em evidência, e como não se prende com a lógica, está sempre pronto a se contradizer e mudar de idéia se necessário. Tambem admite logo não ter pretensões a ser a única fonte de sabedoria do mundo. Talvez no fim da palestra estejamos intimamente convencidos de que somos mais sagazes ou mais profundos que nosso interlocutor mas, na verdade, devemos confessar que ele nos prendeu a atenção, nos divertiu, obrigou-nos a pensar e, o que é mais importante, aumentou nosso conhecimento dos homens revelando-nos uma nova personalidade. E certamente procuraremos de novo a sua companhia.

—Arnold Bennett, *The Savour of Life*

APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

— 17 —

A lição do velho palhaço

Por Vicki Baum

AOS CINCO anos de idade tentei aprender a nadar, mas a corda que segurava para flutuar arrebentou e, paralisada pelo medo, eu afundei. Salvaram-me; mas, por muitos anos, ao tentar de novo, sentia o coração bater, sofria caimbras, e mal podia respirar.

«Relaxe os músculos! Deixe o corpo boiar!» gritavam. Como porem não me ensinavam a fazê-lo, não aprendí a nadar.

Aos nove anos eu tocava harpa, e fazia-o muito bem, até o dia em que tomei parte num concerto. Assim que me vi no palco, tomei-me de pânico, os dedos ficaram duros, os sons que tirava do instrumento eram secos e sem vida. O professor, fazendo sinais dos bastidores, soprava: «Tenha calma, não fique nervosa!» Mas como ter calma, se todos os meus nervos estavam tensos ao pavor daquele momento?

Naquela época, no parque onde brincávamos, costumava vir dar de comer aos passarinhos um velhinho com umas roupas engraçadas e fora da moda. Sentava-se num banco horas a fio a nos observar, dizia graças que nos faziam rir e, quando a bola lhe ia cair aos pés, devolvia-a com espantosa destreza. Pediu que o chamássemos de «Tio Pedro». Quando descobrimos que o velhinho havia sido um famoso palhaço, ficamos fascinados e nos reunimos, curiosos, em torno dele.

Um dia, no meio da brincadeira, tropecei e caí. Quando Tio Pedro me levantou do chão, estava com os joelhos sangrando e o tornozelo torcido.

«Você se feriu porque não sabe cair, disse ele.— Saber cair é a primeira coisa que se deve aprender na vida. Cair sem se machucar. Cair de uma cadeira, de um cavalo, de uma posição social. Quando eu tinha sua idade tinha caido tantas vezes, que já quebrara quase todos os ossos do corpo. Aprendí depois a cair sem me machucar. Vou lhe ensinar.»

Naquele verão, Tio Pedro ensinou-me as primeiras acrobacias que as crianças de circo aprendem: desconjuntar-se, virar cambalhotas e dar saltos mortais. Esses exercícios requerem um relaxamento muscular completo. Tio Pedro, porem, não se limitava a gritar «Relaxem os músculos!» como faziam os outros. Ensinava *como* fazê-lo...

«Você se convença de que é uma meia velha e amolengada, compreende? Meia velha cai e não sente, porque é mole. Não se machuca, nem quebra, nem nada. E é aí que está o segredo. Vamos brincar de meia velha. Não faça resistência: corpo mole, bem mole, nem um músculo contraido...» Dizendo isto, levantou-me do chão e deixou-me cair.

VICKI BAUM já era notavel escritora em Viena quando publicou *Grande Hotel* em 1931. Nas asas desse sucesso ela veio para os Estados Unidos e é agora cidadã americana. Desde 1932 escreve romances, e peças para o cinema e o teatro.

Não sentí nada e depressa aprendí a lição.

Foi uma das mais importantes de minha vida, e que veio a proporcionar-me depois não só uma disciplina física, como tambem mental.

A maioria das pessoas só pensam em relaxar os nervos quando querem descansar; mas descobrí que tambem se trabalha melhor quando se está livre de qualquer tensão nervosa. Se, quando estou escrevendo, as idéias não me vêm ou se me falha a memória de repente, lembro-me do velho palhaço e sua técnica da «meia velha», e no fim de algum tempo tudo se resolve como por encanto. Em horas de provação e dor, quando a tarefa que me é imposta está alem de minhas forças, recorro sempre a este sistema, e sinto que tudo se torna mais facil de suportar.

Contava eu quinze anos quando minha mãe foi internada num hospital para ser operada, e os médicos tinham pouca esperança de salvá-la. Enquanto ela se achava na mesa de operação, eu esperava no seu quarto, pálida, com as mãos geladas e todos os nervos em dolorosa tensão. Lembrei-me então do Tio Pedro; parece que lhe ouvia a voz meiga querendo convencer-me de que eu era a «meia velha»... e comecei a relaxar os nervos, afastei do espírito minhas apreensões, e à proporção que me acalmava, fui sentindo o sangue voltar a minhas mãos geladas, o pavor que me dominava foi desaparecendo, e pouco a pouco comecei a pensar numa história que poderia escrever. Pedí à enfermeira papel e lapis, as idéias agora me vinham aos borbotões e, esquecendo-me de onde estava, comecei a escrever a história.

Finalmente trouxeram minha mãe da sala de operações; estava ainda sob o efeito da anestesia, mas o perigo maior já havia passado. Sentei-me ao seu lado e, calmamente, continuei meu trabalho. Nunca produzí com tanta facilidade quanto naquelas horas de angústia...

A história que escreví mereceu mais tarde o primeiro prêmio num importante concurso, vindo a ser assim o meu primeiro passo na carreira literária.

O completo relaxamento muscular não é apenas um recurso para as horas críticas; dele precisamos diariamente. Quem quiser causar boa impressão aos outros, não tenha apreensões, seja natural. As pessoas que pensam muito em si, raramente têm naturalidade, e com isto, constrangem o próximo. A atitude de espírito da «meia velha» nos torna suscetiveis de compreender as tristezas e alegrias dos demais, e todo o mundo gosta de ser compreendido.

Neste estado de espírito tudo se torna mais facil: conseguir-se um emprego, receber convidados, guiar automovel, ensinar as lições a um filho. É ter sempre presente a «meia velha», não ficar tenso nem apreensivo, porque sem naturalidade não podemos realmente fazer nada bem.

Os dansarinos, cantores, atletas, aviadores, e todas as pessoas que têm atividade criadora em qualquer campo de ação, sabem da importância da distensão dos nervos, e da naturalidade.

Todos podem treinar-se neste sentido. É preciso primeiro ter-se conciência de todos os músculos contraidos e de todos os nervos que estão tensos, e então procurar relaxá-los. Vestir o pijama e deitar-se no chão. Relaxar cada membro, procurar saber qual é o músculo que ainda está contraido. Pouco a pouco a respiração fica mais lenta, não se pensa em mais nada, e sente-se profunda tranquilidade. Com prática pode-se fazer isto em qualquer lugar, adaptando o método às condições do momento.

Creio que a técnica da «meia velha» nos pode tambem facilitar a mais dificil de todas as provas, e me antevejo, na hora de morrer, dizendo tranquilamente de mim para mim: «Sou a meia velha... Senhor, levai-me.»

—18—

Um esquimó curou-me da impaciência

Por Gontran de Poncins

HAVIA trinta dias que estávamos a caminho—eu e a família de esquimós que viajava comigo. O termômetro registava 46°c. abaixo de zero. O vento e o frio, aliados à estranha mentalidade dos esquimós, fizeram dessa viagem a mais penosa que eu jamais empreendera.

Parecia-me que a sorte se empenhava acintosamente em atrasar a nossa marcha. Hoje, uma temperatura de neve nos obrigava a permanecer agachados ao abrigo de um iglú. No outro dia, um capricho qualquer se apoderava de meus companheiros, e, apesar de estar um dia lindo, detinham-se para construir novo abrigo, em vez de seguir caminho.

Repetidas vezes já eu perguntara ao velho chefe da família:

«Quantos dias faltam para chegarmos à Terra do Rei Guilherme?»

Nunca me dera uma resposta direta. Os esquimós não gostam de perguntas—consideram-nas como falta de cortesia. Só mesmo homens brancos são capazes de fazer perguntas dessas, pensam. Alem disso, não gostam de se comprometer. «Como estará o tempo amanhã?» pergunta a gente. O esquimó bem sabe, mas responde com perfeita delicadesa: «Mauna» (Não sei), e começa a fingir que trata dos cachorros, como se dissesse: «Para que responder? Se acertar na predição, não ganho nada com isso; se errar, ficarei com cara de tolo.»

Tínhamos caminhado toda a manhã e toda a tarde por cima do mar gelado, parando só para consertar os tirantes dos cachorros ou acender os cachimbos. Afinal, avistamos terra. Talvez ainda conseguíssemos alcançá-la com dia. Mas justamente quando começava a se me encher de esperança o coração, o vento pôs-se a soprar e os redemoinhos de neve obscureceram a terra, que, para mim, ficou perdida na distância.

Paramos novamente. Com todo o vagar, sem um movimento de impaciência, com aquela perfeita civilidade com que o esquimó aceita a vida e a sorte, Ohudlerk, o velho chefe, conversava com a esposa e a filha. Lá na minha terra, na França, um camponês teria parado, com a mesma calma, em plena chuva, para examinar o seu arado.

Incapaz de me conter por mais tempo, perguntei novamente ao velho, com algo de impaciência:

«Quanto tempo levaremos agora para

GONTRAN DE PONCINS, membro de distinta família francesa, serviu como intérprete na Força Expedicionária Americana durante a 1ª. Guerra Mundial. Tornou-se, mais tarde, notavel jornalista-viajante. Um dos seus livros, *Kabloona*, obteve grande êxito.

chegar à Terra do Rei Guilherme?»

Fosse porque, a esse tempo, já se tivesse esgotado sua paciência, ou porque ele realmente se não interessasse demais pelo assunto—provavelmente nunca o saberei—virou-se para a mulher, e os dois conversaram baixinho um instante.

Depois, veio até junto de mim e olhando-me fixamente, falou-me naquele tom ligeiro e despreocupado que os naturais empregam quando desejam manter certa reserva, mas têm, ao mesmo tempo, algum temor:

«Os cachorros não trabalham a seu gosto?»

Houve um silêncio. Os cachorros viraram a cabeça, como se tivessem recebido uma ordem para puxar, e olharam para mim. A mulher e a criança pareciam ocupadas com outros afazeres, mas sentí que a atenção de todos estava focalizada em mim. Nesse instante o universo inteiro parecia estar imovel. Os esquimós sabem dar essa impressão em tais momentos. Sabem encher de sentido o próprio silêncio. Finalmente, o velho disse, como se ainda não tivesse esclarecido suas dúvidas:

«O trenó não é bom? Não está satisfeito de ver que a neve, cobrindo o mar gelado, vai nos permitir terminar nossa viagem?»

Fitou-me com os olhos cheios de uma profunda perturbação. A idade da pedra, com toda sua simplicidade; o Oriente, com sua sabedoria, me fitavam, procurando compreender—ou antes, procurando fazer-se compreender de mim.

Percebí de repente, o que esses velhos olhos procuravam dizer-me, filosoficamente:

«Para que tanta pressa?—me diziam. —E para onde é que vai, sempre tão ansioso por chegar? Para que se preocupar tanto com o futuro, quando é magnífico o presente?»

O velho esquimó naquele dia me ensinou uma lição que jamais esquecí. Na minha ansiedade febril pelo dia de amanhã, deixava de gozar o dia de hoje. Na presença do velho, lembrei-me do que alguem me dissera uma vez: «Pensar no passado é chorá-lo; pensar no futuro é temê-lo.» Mas o presente! Não é essa a única realidade compreensivel?

O mundo é, afinal de contas, o que a nossa mente faz dele. Para mim, o Ártico tinha sido uma terra de penosas provações; para o esquimó era um império no qual era senhor. Para mim a neve fora enfadonha; para o esquimó era uma benção e uma dádiva de Deus. Das inúmeras facetas que nos oferece a vida podemos livremente escolher a melancolia ou a esperança.

Costumamos percorrer as estradas da vida, em desenfreada correria, sem sequer observar a paisagem. Quem foi que disse: «Só é verdadeiramente rico quem tem tempo de sobra»—isto é, tempo para deter-se um pouco a meditar? Os esquimós param quando lhes apraz, embora o dia de amanhã contenha, para eles, como para nós, a eterna ameaça da fome e da morte. Assim, quando lhes sobrevem a morte, encontra-os satisfeitos com o presente, e se deixam ir sem tristeza.

A silente lição que lera nos olhos de Ohudlerk me permitiu compreender de que falta de espírito eu dera mostras, até então, no Ártico. Aprendí a tirar proveito das experiências de cada dia, como se não contasse com o dia de amanhã. Por mais ingrata que possa ser a minha sorte no futuro, a idéia dela não poderá nunca mais tocar de sombras a felicidade do momento que passa.

Em Vancuver, finda a longa viagem, notei de súbito que corria sofregamente para o hotel como se não tivesse tempo a perder. Parei de repente no meio do tráfego. Buzinas soaram de todos os lados, mas nem as ouví. Era como se Ohudlerk tivesse surgido na minha frente, fitando-me com seus velhos olhos sábios, interrogadores e cheios de íntima perturbação, a perguntar se porventura os cachorros não eram bons e se a neve não era, de fato, um dom divino.

E desatei a rir. «Que loucos somos! pensei.» E continuo a pensá-lo...

Fatos reais ou crendices?

Respostas às perguntas apresentadas à página 53

1. *Certo.* Em geral os animais selvagens se enfurecem particularmente quando as pessoas se atemorizam—possivelmente, como crêem alguns naturalistas, porque as pessoas, quando atemorizadas, como que emanam um «cheiro de medo».
2. *Certo.* Somente a fêmea do mosquito suga sangue; o macho se satisfaz com o nectar e outros sucos das plantas.
3. *Errado.* O crescimento dos musgos depende principalmente do tronco estar mais ou menos exposto ao sol, e da direção em que sopram os ventos.
4. *Errado.* O granizo é que é chuva congelada. A neve, (flocos formados pela condensação de umidade em temperaturas abaixo da congelação) cai diretamente já como neve, procedente de nuvens de neve.
5. *Errado.* A mudança das cores do camaleão depende da temperatura, da emoção, da saude e de outros fatores que não se relacionam com os objetos que circundam o animal.
6. *Certo.* Todas as cobras são surdas.
7. *Errado.* O inverno é mais frio do que o verão porque no inverno os dias são mais curtos, e os raios do sol caem obliquamente sobre a terra, diminuindo assim o aquecimento.
8. *Errado.* Os castores empregam a cauda como leme, quando nadam, ou como apoio, quando estão de pé nas patas trazeiras.
9. *Certo.* As cobras são imunes ao seu próprio veneno e ao veneno das outras cobras da sua espécie, mas não são imunes ao veneno das cobras de outras espécies.
10. *Certo.* O esguicho de sangue do sapo-boi, produzido com o fim de amedrontar os inimigos, é acompanhado de um estalido peculiar.
11. *Errado.* A parte da minhoca em que se acha a cabeça crescerá, produzindo uma nova cauda, mas a outra parte morre.
12. *Errado.* Os tubarões frequentemente se põem de ventre para cima, para atacar a presa com mais vantagem, uma vez que têm a boca situada por baixo; mas podem atacar, do mesmo modo, na posição normal.
13. *Errado.* Os elefantes revelam sinais de senilidade aos 50 anos de idade, e raramente chegam aos 100 anos.
14. *Certo.* O beija-flor voa para trás, ao se retirar das flores onde foi buscar nectar ou insetos.
15. *Errado.* Os esquilos frequentemente se esquecem dos lugares onde escondem os seus achados. Sua fraca memória é um importante fator de fecundação das florestas, graças às sementes que deixam esquecidas.

Quando colidem duas «raças eleitas»

(Condensado do «Collier's»)

Robert Bellaire
Antigo correspondente da United Press em Tóquio

CERTA MANHÃ da primavera de 1942, em Quioto, no Japão, malgrado a chuva miuda que caía, um homem, pequeno e sólido, metido no uniforme de general do Reich, ajoelhava-se diante de uma urna, para prestar culto aos japoneses mortos em guerra. Era o embaixador alemão, general Eugen Ott, que se punha assim genuflexo, em cumprimento de mais uma parte do «programa de boa vontade», que lhe fora ordenado por Berlim, num esforço para aplacar o antinazismo crescente que se vinha notando entre os nipões. Subia, com aquele, ao número de vinte, a série de atos de tal natureza, que o soldado-diplomata praticara em duas semanas. Havia tambem proferido mais de cincoenta discursos, concitando vivamente os japoneses a confiar em Hitler, e a aceitar-lhe a direção. Foi pouca entretanto a gente que se apresentou para o ouvir, e a imprensa, controlada pelo governo, não se dignou publicar nenhuma das suas arengas.

Durante meses, vinha Ott perdendo terreno na luta por levar os japoneses a acompanhar o seu Fuehrer. Tóquio nunca havia subordinado o seu plano particular de conquista do mundo ao horário de guerra de Berlim; e agora, quando Hitler lhes pedia uma segunda frente contra a Rússia, os homens do Sol Nascente se mostravam mais insolentes que nunca. Se não deram publicidade à independência de sua atitude, foi para evitar o regozijo que o fato pudesse causar, não só aos inimigos da Alemanha, mas igualmente aos seus próprios. Todavia, quanto mais Eugen Ott e os seus agentes nazistas procuravam aplicar ao Japão os grilhões com que o Reich conseguira subjugar a Itália, tanto mais os japoneses se enchiam de ódio pelos que assim pretendiam impor-lhes autoridade, falando-lhes de cima para baixo. Os nazistas podiam ser superhomens, mas eles, os japoneses, eram *deuses*, por isso que Filhos do Céu.

Algumas das razões fundamentais da aversão dos nipões ao nazismo são obra do próprio Hitler; outras, porem, se originam da crença fanática, de que o domínio do mundo é a sagrada missão que lhes incumbe.

«Se o Japão entra em conflito com os Estados Unidos e a Inglaterra»—dizia-me, em Tóquio, algumas semanas antes do ataque a Pearl Harbor, um dos membros graduados da embaixada alemã—«os nossos dias aquí estarão tambem contados.» É que tempos atrás, alguem, do gabinete japonês, lhe havia dito, com o clássico sorriso: «Como vocês, alemães, são nossos aliados, nós lhes daremos a honra de serem os últimos brancos a sair do Oriente.»

Desde que a um japonês só é lícito ser pró-Japão, o que implica a impossibilidade de tornar-se favoravel a qualquer outra causa, o governo tem tratado de suprimir tudo o que possa aproximar da Alemanha o sentimento público. À passagem de cada aniversário da adesão do Japão ao Eixo, os agentes da propaganda nazista empregam os

devidos esforços para organizar grandes comícios por todo o país. Mas as autoridades policiais só concedem uma licença, já se vê que para uma só reunião, a qual se realiza portas a dentro, de maneira que a assistencia não possa ser muito grande. É preciso que os oradores não consigam ir inoculando no espírito do povo sentimentos de amizade ou simpatia em favor da Alemanha ou da Itália. Os jornais recebem instruções para pouca publicidade.

Há dois anos, os alemães providenciaram para que, na manhã daquela data, as ruas de Tóquio aparecessem ornadas de bandeiras nazistas. Assim realmente aconteceu; mas, por volta do meio-dia, não se via mais uma bandeira. «Ordens da polícia,» disse-me o diretor de um dos jornais mais importantes.

Menor, contudo, era ainda o êxito dos nazistas, quando tentavam trazer ao Japão a carga de propaganda das estações de rádio de Berlim. O governo de Tóquio firmou-se no ponto de vista de que as estações alemãs de ondas curtas eram tão poderosas, que se não tornaria necessária a retransmissão em onda longa. Tecnicamente era verdade. Mas acontece que, no Japão, quem recebe emissão de onda curta é passivel de prisão, senão até de morte.

O apelido popular, que os japoneses aplicam aos alemães, é nem mais nem menos o de «abutres». Quando os desenhistas de cartazes querem representar a Alemanha, recorrem à figura de um abutre, e eis resolvido o problema. «Toda vez que a nossa embaixada protesta,» disse-me um dia um alemão, «os japoneses alegam que não se trata de abutres, mas de águias.»

A razão de ser do apelido, que tanto molesta os nazistas, está em que no Japão se pressentiu que Hitler planejava restaurar o velho império germânico no Oriente, mas à custa do sangue japonês. Em nome ou a pretexto da «sociedade do Eixo», solicitava a Alemanha: o uso das antigas ilhas alemãs do Pacífico Sul, como «bases de ataque aos Estados Unidos»; maior participação nos proveitos a recolher das fabulosamente ricas Índias Orientais Neerlandesas, uma vez que os nazistas, na Europa, se haviam apossado da Holanda; e concessões econômicas nas áreas da China sob ocupação japonesa.

A resposta do Japão tem sido sempre, invariavelmente, uma polida e firme negativa: «Lamentamos... *Não!*»

Ken Tsurumi, agente do exército japonês a cargo da espionagem em Singapura, antes de Pearl Harbor, falava sobre o caso em termos claros: «O Japão realmente não tem aliados,» observou-me em princípios de 1940. «Nem os pode ter. Na primeira Guerra Mundial, expulsamos a Alemanha do Pacífico. Seria loucura da nossa parte permitir-lhe que voltasse.»

Quando Hitler invadiu a Rússia, como que se sentiu crescer, de súbito, a ameaça nazista. À medida que as legiões do Reich se precipitavam para Leste, em direção a Moscou, os japoneses iam pensando na hipótese de que os seus associados tão ambiciosos de Berlim,—que intimamente lhes inspiravam não menos aversão do que temor,—se viessem a tornar, em breve, seus vizinhos na Sibéria, a uma distância que permitiria o bombardeio de Tóquio. Yosuke Matsuoka, educado, como se sabe, nos Estados Unidos, e então ministro do Exterior do Japão, reconheceu em Hitler «o maior perigo» que se opunha ao desempenho, pelos japoneses, da sua «missão sagrada». Ele tinha aliás razão para estar desa

pontado. Acabava de regressar de uma «triunfal» visita à capital da Alemanha, onde, dizia, «Hitler me prometera que a Inglaterra, em três meses, estaria conquistada,» e, a conselho do *Fuehrer*, negociara com Stáline, em Moscou, um pacto de não-agressão. «Hitler fez de mim um instrumento» confessava na intimidade. «Usou-me como um escudo, para os seus planos de invasão da Rússia. Mas esta lição, não havemos de esquecê-la.»

Assim, quando, meses depois, entraram os alemães na grande crise do primeiro terrivel inverno com que tiveram de defrontar-se, a sensação experimentada em Tóquio foi a de quem desperta de um pesadelo. Os jornais anunciavam jubilosamente, e com destaque, o malogro nazista. Os agentes diplomáticos em Berlim recebiam instruções para auxiliar, como pudessem, os correspondentes de imprensa, a vencer as dificuldades criadas pela censura, de modo que os pormenores do desastre pudessem ser devidamente saboreados pelo público japonês. Quanto mais durasse a luta entre a Alemanha e a Rússia, tanto mais facil se tornaria ao Japão o caminho da conquista mundial!

A Itália é considerada, por todos os japoneses, uma dolorosa lição, e pois, uma advertência contra relações excessivamente íntimas com Hitler. Que este mandou seus agentes infiltrar-se no Japão, como o fizera em relação à Itália, não o ignoram os nipões. Mas estão decididos a impedir que os nazistas venham a ter, no país, qualquer influência. Para acompanhar os passos dos trezentos e tantos funcionários da embaixada alemã, há dois mil agentes.

«Os alemães nos ensinaram a arte da guerra-relâmpago, e deram-nos os desenhos para os aviões Messerchmitt,» disse-me, certa vez, Masayuki Tani, que, na ocasião, se achava à testa da chancelaria japonesa. «Mas onde e quando nos utilizaremos de uma e outros, só ao Japão compete decidí-lo. Não toleraremos jamais nenhuma interferência nos negócios do nosso governo, que tem, para conduzí-lo, a sabedoria dos deuses.»

Os alemães com os quais tive ensejo de estabelecer contacto, depois de Pearl Harbor, queixavam-se amargamente das novas restrições que lhes impunham as autoridades japonesas. Era frequente que os retivessem em casa durante horas, enquanto o exército realizava manobras. Não lhes era mais permitido entrar em fábricas japonesas, onde alguns deles, anteriormente, haviam atuado como consultores. Para ir de uma cidade a outra, tinham que obter licenças especiais. A polícia dava-lhes buscas às residências, e fornecedores se negavam a vender-lhes alimentos.

Acaba agora de anunciar o Japão as seguintes regras, para serem observadas por *todos* os estrangeiros nas áreas do Pacífico recentemente ocupadas.

«Os negócios de propriedade não-japonesa poderão funcionar livremente, contanto que aceitem completa direção japonesa, no que concerne à política. Os que a tal se recusarem serão considerados propriedade inimiga, e consequentemente confiscados. E os responsaveis julgados e punidos.»

É certo que boa parte do ódio dos japoneses tem resultado das tentativas de Hitler no sentido de ter o Japão sob a sua autoridade. Mas o grande motivo básico reside no rancor e no desprezo que lhes merece toda a raça branca, senão tudo que, a seu juizo, será propriamente a raça humana, indigna da sua, que é a dos deuses.

Triângulo da abundância

Por F. G. Crawford
Presidente da Thompson Products, Inc.

Nas nossas relações econômicas, a Gerência está situada no meio de um triângulo. No vértice inferior direito se acha postado o Trabalho, a envolver com uma corda a perna direita da Gerência, clamando por aumentos de salário. No vértice inferior esquerdo veremos o Capital, com uma corda à volta da perna esquerda da Gerência, e a bradar por dividendos. O vértice superior, o do consumidor, ou do Mercado, é o mais perigoso, porque tem a sua corda, não em torno de uma das pernas, mas do pescoço da Gerência, como o nó da forca, exigindo sem cessar preços mais acessiveis.

Neste vértice superior, cada um raciocina como ser humano, e com realismo. Querem mercadorias, as melhores, e preços os mais baixos, tudo em volume cada vez maior. As mulheres, chegam a ser impiedosas, no caso. Poderão fazer negócio com um dado fornecedor, nos mais cordiais e afetuosos termos, durante dez anos; abandoná-lo-ão, todavia, de um momento para outro, em proveito do peor dos seus competidores, se daí lhes resultar a economia de um niquel.

Em última análise, o que se requer da Gerência, é que faça sair do chapéu, não propriamente dois coelhos, porem três —maiores salários, maiores dividendos, e menores preços—em um simples passe-de-mão.

Como será isso possivel? Figuremos uma manufatura de chapéus de chuva. Vamos dar ao elemento mão-de-obra o nome de José. Por amor da simplificação, admitamos que José recebe, em salário, todo o dinheiro que exprime o custo do produto. José ganha um dolar por hora, e faz numa hora um chapéu de chuva. A Gerência corre ao Mercado, e o mais que lhe dão alí pelo objeto é exatamente um dolar; mas assim mesmo com esta advertência: «Não volte amanhã com os seus chapéus de chuva de um dolar, pois já fomos informados de que certo fabricante de Tallahassee está vendendo o mesmo artigo por 90 centavos.»

A Gerência amolada, precipita-se para a fábrica, e entrega o dolar a José. Nem pode ser de outro modo. O Trabalho é a primeira coisa a que a receita da firma se tem que consagrar. Ao Capital, o que toca, é o direito de esperar, ou de confiar nos seus lucros. Assim, na hipótese que figuramos, José ganha o dolar; o Mercado adquire o chapéu de chuva; e fica o Capital a ver navios.

No vértice do triângulo onde está o Capital, entra a haver agitação. A diretoria se reune, para pedir contas ao Presidente. Este e o resto da Gerência vêem-se tontos. Como por mais dólares no triângulo? Afinal uma grande idéia começa a definir-se em termos práticos:

Os dólares são apenas etiquetas apostas à riqueza. Mercadorias são riqueza. Chapéus de chuva são riqueza. *Se queremos ter mais dólares neste triângulo, ponhamos nele mais chapéus de chuva.*

Eis então os diretores a ouvir, meio atordoados, a argumentação da Gerência, que lhes diz, mui simplesmente:

«Os senhores não têm aplicado neste negócio o dinheiro suficiente. A verdade é que José não se acha conveniente-

mente aparelhado para fazer chapéus de chuva. Tem que andar para recolher materiais. As máquinas com que trabalha são antiquadas, e o fatigam desmedidamente, de maneira que a sua produção é extremamente reduzida. Vamos modernizar José. Isso custa dinheiro; mas escutem! A menos que os senhores se disponham a gastar mais com o negócio, podem dá-lo por perdido.»

Os diretores rangem os dentes, mas reconhecem a lógica ou a procedência das alegações, e José, dentro em breve, tem uma grande surpresa. Os materiais chegam à sua banca de trabalho num transportador mecânico, enquanto ele fica tranquilamente sentado no seu lugar. Dispõe, para trabalhar, das máquinas mais modernas. Passa a produzir, em consequência, numa hora, e com menor esforço, dois chapéus de chuva, em vez de um.

A Gerência rejubila! Vai ao Mercado, e apregoa:

«Eis aquí dois chapéus de chuva, a 75 centavos cada um. Não me venham, portanto, mais falar nas velharias de Tallahassee.»

O Mercado não perde tempo. Agarra, quanto antes, os dois chapéus de chuva que lhe são oferecidos a preço convidativo; e a Gerência, não menos contente, embolsa o dólar e meio, e, regressando à fábrica, diz a José:

«Olhe, José! Vendíamos uma hora do seu trabalho por um dolar. Mas agora passamos a vendê-la por um dolar e cincoenta centavos. Você, de qualquer maneira, viria a saber disto; aquí estamos, porem, desde logo, a comunicar-lhe o que há. Não o queremos descontente, nem muito menos em greve, ou esmorecendo no trabalho. O que desejamos, ao contrário, é vê-lo a trabalhar, e a trabalhar satisfeito, pois só assim a mão-de-obra produz. Vamos dar-lhe, portanto, um aumento. Não seria, porem, justo que lhe coubessem, na totalidade, os novos cincoenta centavos que ganhamos. Você faz jus a uma parte, digamos à *sua* parte; mas os que aplicaram os recursos, com que se comprou a nova aparelhagem, de que resultou o novo luvro, merecem tambem a *deles*. Dividamos, então, a fatia. Metade para você, metade para a firma; e o preço da sua hora de trabalho é agora um dolar e um quarto.»

Será isso acaso uma história para adormecer crianças? Não; é o que em verdade tem acontecido, nestas últimas cinco décadas, em toda indústria bem orientada. Nem é outro o regime a que obedece, na grande vida industrial moderna—qual escada rolante que não para—o ritmo dos salários. E é o único meio de ter-se o mecanismo em ordem.

O dr. Carl Snyder expôs claramente o fenômeno no seu livro *Capitalismo, o Criador*, que é uma obra básica. Fundado em estudos e investigações de toda uma existência, provou o dr. Snyder, com a documentação das estatísticas, que *os salários sobem na razão direta do aumento dos novos investimentos de capital, e na instalação de novas máquinas e novas fontes de energia*.

Em termos mais resumidos: *quanto mais dinheiro se investe, mais dinheiro se dá a ganhar*. O dinheiro investido é de fato, em suma, a força que aciona a escada rolante; e esta subirá cada vez mais, se permitirem que funcione o aparelho. Não raro, entretanto, ele se acha em perigo. Há três maneiras de paralisá-lo.

Uma é se, a cada vez que a Gerência volte do Mercado com mais cincoenta centavos, aparecer o governo, e apossar-se de toda a importância, sob a forma de impostos e taxas. Então é claro que José não pode ter aumento de salário. Não os terá, ainda que faça greve um ano inteiro. Onde não há, el-rei perde.

A segunda hipótese é se o próprio José insistir em tomar para si os cincoenta centavos, sem deixar nada para o Capital; porque aí este dirá:

«Nem mais um vintem a gastar em aparelhagens para José! Nenhum novo aumento na sua produção de chapéus de chuva! Não toleramos mais isso! Cessada a possibilidade de novos ganhos, fique sendo esse, para José, o derradeiro aumento de salário!»

O terceiro meio de fazer parar a escada—e com ela todo o progresso econômico—fica sob a responsabilidade do Capital. Se bem que não seja frequente assim acontecer, imaginemos, contudo, que os acionistas da nossa empresa se dirigiam um belo dia à Gerência, e lhe diziam: «Os senhores dão 25 centavos a José. Agora nós desejamos que os outros 25 centavos nos sejam distribuidos, do primeiro ao último, em dividendos.»

Conviria, em tal caso, à Gerência, ter energia para replicar:

«Isto seria falta de visão. Os senhores têm que reinvestir uma parte dos seus lucros. Têm que fazer instalar novo laboratório de pesquisas, para o indispensavel exame dos novos materiais. Têm que comprar novas máquinas, que possam utilizar devidamente estes novos materiais. Não há outro meio de poder contar com a restituição, firme e contínua, do capital. Assim, tenham paciência: mas, por agora, só lhes pagaremos, sob a forma de dividendos, doze centavos e meio. Os outros doze centavos e meio voltarão para o negócio.»

Aliás, de modo geral, é assim que as coisas se passam. Provou o dr. Snyder que a maior parte dos novos capitais, investidos nas empresas, *provêm dos seus próprios lucros*.

A conclusão, a que de tudo chegamos, pode ser condensada nesta fórmula: *Os lucros importam em aumento de investimento. O investimento aumentado implica aumentados salários*. Portanto: *o lucro aumenta o salário*.

Há nisso contradição, fantasia, ou acaso um ponto de vista fundado em preconceito? Apelo para um distinto e compreensivo estudioso dos problemas do Trabalho—o dr. Sumner Slichter, da Universidade de Harvard. Num dos números recentes da *Harvard Business Review*, expõe eloquentemente o dr. Slichter a conexão existente entre «maiores lucros» e «maiores folhas de pagamento».

Diz ele que o trabalho e o capital verificarão, ambos, que as condições que conduzem a maiores folhas de pagamento e tambem a maiores lucros são, com efeito, as mesmas; e considera que a compreensão de que realmente assim é, pelos respectivos interessados, *revolucionará as relações humanas entre o capital e o trabalho. Acrescenta que tal compreensão terá como resultado a cooperação entre os dois fatores, para o fim de melhorar as máquinas e desenvolver a produção. Esta cooperação, diz ainda, «fará parecer debeis todos os esforços, anteriormente empregados, no sentido de elevar o padrão de vida.»*

Porque, então, não admitir que estejamos em caminho de melhores dias para todos? Tudo o que necessitamos, para que se realize, em termos satisfatórios, a referida cooperação, é um melhor entendimento entre os vértices do nosso triângulo. E porque não havemos de chegar a esse entendimento? *Cada vez mais, a gente que se distribue pelos três vértices é, no fundo, a mesma gente. Nem*

todos o saberão, ou têm bem presente o fato. Mas a verdade é essa. Senão, vejamos um dia na vida de José.

Tem ele as suas horas de serviço, digamos na turma das sete às três. Ei-lo então a representar beligerantemente o Trabalho, e a pedir salários mais altos, que de outro modo não poderá prover a sua subsistência.

Mas às três horas, terminada a faina, iremos vê-lo, com a mulher, a fazer compras. É agora parte do Mercado. No carater de comprador, exige menores preços.

Alí pelas quatro e meia, paga o seu prêmio de seguro de vida. Já então é o Capital, e quer saber quanto lucra. Porque não lhe pagam, sobre o seu seguro, maiores dividendos? Esquece-se de que, tendo sido Trabalho pela manhã, foi em seguida Mercado, e é Capital, no momento.

Mas é tambem de notar que, se José tira algum proveito em cada vértice do triângulo, é por força de haver-se expandido a produção de riqueza. Recebeu ele, como Trabalho, um aumento de salário de 25 por cento. Realizou, como Mercado, uma economia de 25 por cento, pela redução de preço. Embolsou, como Capital, maiores dividendos, porque a indústria teve lucros.

José é nada mais nada menos do que o Povo. Cabe-lhe ir, cada dia, ao Triângulo da Abundância; e, desde que aumente a produção de riqueza, haverá de encontrar em cada vértice o quinhão de benefício que lhe toca—em salários aumentados, preços mais baixos, e maiores dividendos.

¶ Pat, soldado irlandês em serviço no Egito, recebeu uma carta da esposa dizendo que, por causa da guerra, ela própria teria que cavar no jardim da casa. «Por favor, Bridget, não cave o jardim,—escreveu-lhe Pat;—é lá que estão escondidas as armas.»

A carta foi censurada e, dentro de pouco tempo, apareceram soldados, que cavaram todo o jardim, de ponta a ponta...

Bridget, preocupada com o caso, escreveu a Pat, perguntando-lhe o que é que devia fazer. A resposta de Pat foi curta e lógica: «Guarde a enxada.»

¶ Um bêbedo viu um homem entrar em uma porta giratória. Quando a porta completou a volta saiu dela uma linda pequena.

«Que truque mais bem feito!—murmurou ele—Mas não sei como aquele sujeito pôde mudar de roupa tão depressa.

—Railway Employees Journal

Se eu tivesse vinte e um anos

(Condensado do «American Magazine»)

Por William S. Knudsen
Presidente da General Motors Corporation

Segundo relato a Beverly Smith

«A educação acadêmica é excelente, mas comece a vida com uma ocupação manual,» aconselha um grande capitão de indústria.

Se eu tivesse hoje 21 anos, tentaria obter emprego em uma oficina mecânica. Falhando esta tentativa, procuraria conseguir serviço em um posto de gasolina, ou como aprendiz de eletricista ou de bombeiro. Em poucas palavras: trabalharia com as mãos.

Hoje em dia a maior parte dos rapazes ambicionam uma educação acadêmica, porque, segundo parece, a consideram um passe para os tão cobiçados empregos de secretaria ou escritório. Eu, provavelmente, desejaria tambem ter uma educação acadêmica; mas, se tivesse a experiência que possuo hoje, não permitiria que a academia bastasse à minha aprendizagem mecânica. Tive, recentemente, oportunidade de conversar com um grupo de bacharelandos, e verifiquei que se achavam todos preocupados com o problema de como iniciar sua carreira. Ficaram perplexos quando lhes lembrei que procurassem ocupação manual. Isto significava, para eles, uma perda de prestígio.

Porque? E porque será que tantos jovens querem começar as suas carreiras sentados a uma secretária? Não são fracos, pois em média são até mais saudaveis do que nós fomos. Não são efeminados nem preguiçosos, pois são capazes de se esfalfar nos campos de futebol. Qual, então, o motivo desta aversão pelo trabalho manual?

Em outros tempos, quando a cultura livresca era rara, o homem que ganhasse a vida sentado a uma secretária era invejado. Mas a legítima aspiração daqueles tempos pela cultura degenerou em uma espécie de snobismo, que considera mais honroso manejar um telefone que uma chave inglesa; mais desejavel, sob o ponto de vista social, ditar a um estenógrafo, do que dirigir um corpo de mecânicos qualificados.

Esta não é a verdadeira tradição americana. George Washington foi um agrimensor que trabalhava arduamente; Thomas Jefferson foi habilidoso desenhista de aparelhos uteis; Benjamin Franklin foi impressor, inventor, e o melhor eletricista do seu tempo; Abraão Lincoln trabalhava rudemente, teve uma loja, construiu barcaças e foi tripulante delas. O fato de que estes homens tiveram ocupações manuais contribuiu, sem dúvida, para robustecer o seu senso prático e diligência.

Não há, na realidade, nada de «humilde» na profissão de mecânico. O mecânico de superior capacidade técnica é ainda o homem mais procurado e independente que se pode encontrar.

Dos 14 aos 20 anos, quando a tendência criadora deve desenvolver-se e florescer, o jovem consagra a maior parte das energias a empanturrar-se de teorias dos

livros. O moço acha-se, então, saturado de conhecimentos teóricos e sem nenhum lugar que ocupar. Não tem profissão, nem preparo de alcance prático, nenhuma arte util. Precisaria consumir vários anos dos mais produtivos de sua existência, afim de adaptar-se à prática.

O treino das aptidões manuais deve merecer maior atenção por parte das escolas. Os rapazes não necessitarão de muito estímulo: já possuem o impulso criador que é congênito. Bastará que se lhes dê a idéia e a oportunidade—e nisto podem colaborar tanto os pais quanto as escolas—e eles farão, espontaneamente, coisas uteis. Verificarão a teoria pela prática. Pode-se explicar a um rapaz o que seja uma bomba de água; mas se ele tiver em suas mãos um tubo e, por meio de uma rolha atada a um cordel, aspirar água pelo tubo, compreenderá o que seja uma bomba.

Ainda que o seu rapaz vá ser sacerdote, médico ou advogado, deixe-o dedicar parte de seu tempo aos trabalhos manuais e à mecânica. O trabalho manual é essencial ao treino cerebral. O seu sacerdote ou professor, médico ou advogado terá maior dose de senso prático se receber esta educação.

Os psiquiatras têm tratado, nestes últimos tempos, o esgotamento nervoso com a terapia da ocupação. O homem de negócios, o professor de universidade, ou a senhora de sociedade que sofram de esgotamento nervoso são postos a tecer cestos, ou a entalhar madeira, ou a fazer peças de mobília. Se estas pessoas tivessem tido uma ocupação paralela que exigisse trabalho manual, talvez o esgotamento nervoso nunca se tivesse declarado.

E a educação cerebral é, da mesma forma, essencial ao treino manual. O homem superior é aquele que combina as lições do livro com os ensinamentos da prática. É aquele que aplica a ciência de fórmulas à ciência de coisas. O jovem que tiver esta combinação de aptidões, não deve preocupar-se com o futuro.

Aqueles que conhecem a indústria através de leituras, parecem pensar que a produção em massa dispensa o preparo técnico. Na verdade, tudo quanto é fabricado pela máquina é, em primeiro lugar, manufacturado, como são, tambem, manufacturadas as poderosas máquinas-ferramentas com que se fabrica a maquinaria. A produção requer hoje, mais do que nunca, maior número de mecânicos de grande preparo técnico.

Grande parte do aparelhamento produtor mundial tornou-se velho ou obsoleto, e aproxima-se a hora em que imporá vasto programa de modernização e reconstrução. Então, a procura de técnicos será ainda maior, especialmente na indústria produtora de maquinas-ferramentas. Com isto virá a necessidade de capatazes, de engenheiros que conheçam tanto o trabalho de oficina quanto as fórmulas; virá a necessidade de homens que saibam lidar com operários. O homem que já foi mecânico tem uma vantagem decisiva na arte de dirigir operários: já trabalhou com eles e sabe do que são capazes.

Não pretendo, de certo, que todos sigam carreiras mecânicas. Mas ataco a falsa tradição de dignidade que impede muitos jovens, dotados de aptidões, de desenvolverem seus pendores naturais. Quero desfazer a idéia de que uma profissão seja mais honrosa que outra. Profissão honesta é toda e qualquer profissão exercida com eficiência.

Eu comecei a vida como trabalhador manual. Pois bem, se hoje tivesse 21 anos, não hesitaria um momento: recomeçaria pela mesma forma.

Este militar passa em revista as qualidades que lhe conquistaram a medalha do Valor.

De que é feita a coragem?

(Condensado da «Yale Review»)

Por C. B. Wall

AGORA que já tenho uma medalha para prova, acho que sou o que aí chamam de bravo,» disse o tenente-coronel Dollard Ménard. «Mas o que eu ainda estou pra saber, é que diabo é que me fez ser valente—ou pelo menos o que eles chamam de valente...

«Tenho matutado muito nisto—de noite, no hospital de Londres, e no regresso ao Canadá. Mas acho que descobrí.» Deteve-se um momento, e ergueu no ar quatro dedos. «Segundo as minhas conclusões, houve quatro elementos no que eles chamam a minha bravura.

«O primeiro eu batizaria de otimismo, ou egoismo, ou—impulsividade.

«O segundo foi a disciplina—o treino do tipo que recebemos no exército.

«O terceiro, pura e simples raiva—sede e fome de vingança.

«Quanto ao quarto e último, a melhor maneira que tenho de o definir, é um profundo sentimento misto de indiferença e despeito, que a gente exprime muitas vezes em frases como: «Que m'importa lá!»

«Passarei agora a tentar mostrar-lhe como funcionaram esses quatro elementos.

«A ação de Diepe foi apenas mais um raide de Comandos, só que em ponto grande. Eu comandava um batalhão de 600 homens, os Fuzileiros de Mont-Royal. Tínhamos por missão desembarcar na praia de Diepe, ajudar a destruir o arame farpado, limpar o terreno de «ninhos» de atiradores e redutos blindados, destruir certos objetivos, e pegar o maior número possivel de prisioneiros para a Inteligência Militar.

«Durante a longa travessia noturna da Mancha, pus-me a pensar nos meus homens, e não pude deixar de perguntar a mim mesmo que era o que eles iriam pensando... A maioria deles eu conhecia-os bem: eram quase todos franco-canadenses, como eu próprio. Tinham-me mostrado fotos das mulheres, dos filhos, das mães, das namoradas. Você conhece o gênero: gente sorrindo, de cara franzida pelo sol que lhe bate de chapa.

«Pus-me a pensar quantos é que voltariam com vida de Diepe, e comecei a rezar—não por mim mesmo em espe-

O TENENTE-CORONEL Dollard Ménard, comandante dos Fuzileiros Mont-Royal, é um dos valentes canadenses—bravos entre os bravos—que tomaram parte no raide a Diepe, em agosto do ano passado. Tendo-se conduzido com bravura, recebeu a *Distinguished Service Order*—ou medalha do Valor Militar.

Ménard nasceu em Notre Dame du Lac (Québec) e tem hoje 29 anos; educou-se na Universidade de Laval e na Real Escola Militar. Serviu durante 5 anos na Índia e no Extremo Oriente, antes de partir para a Inglaterra, em 1941. É um homem alentado, com mais de 1,80 m. de altura e pesando 81 kg. Fala com igual fluência o francês e o inglês, e sabe sorrir com facilidade um largo e sincero sorriso gaulês.

cial, mas por todos nós em geral: «Meu Deus, deixai que se salve o maior número possivel destes homens!» Era uma coisa pouco mais ou menos assim.

«Está vendo, cada um daqueles homens sabia, tão bem quanto eu, que nos ia lá ficar um bocado de mortos e feridos. Mas, com toda a franqueza, nem pensei que *eu* pudesse ficar morto, e não creio que um só soldado, em todas aquelas lanchas, pensasse de modo diferente a seu próprio respeito.

«É por isso que eu lhe disse que o primeiro elemento do que chamam bravura é uma espécie de otimismo, ou egoismo. É esse sentimento que impele a gente até o campo da ação—como quem paga o bilhete de transporte para a batalha...

«Vamos agora ao segundo elemento:

«Quando chegamos à vista de Diepe, pouco antes do alvorecer, sabíamos que ia haver pancadaria grossa em toda a linha. A artilharia disparava a torto e a direito, e de começo ainda era possivel distinguir os vários tipos de tiro—o ribombo surdo, abafado, dos canhões postados para lá de Diepe, o latir danado das metralhadoras, o estoiro dos morteiros, o miar das carabinas... Depois, à medida que nos aproximamos da praia, todo esse inferno de fuzilaria e canhoneio começou a se fundir num fragor contínuo, que parecia meter-nos para dentro os tampos dos ouvidos.

«Aqueles últimos cincoenta metros foram o diabo. Os alemães começavam a regular bem as pontarias. Eu tinha a garganta seca e apertada. Queria fazer alguma coisa—em lugar de estar alí quieto e sentado naquele maldito bote.

«No instante em que a lancha raspou na praia, pulei fora dela e pus-me a seguir no rasto dos sapadores, através do arame farpado. Meu objectivo imediato era um reduto de cimento armado, no cimo de um parapeito de 3 metros e meio de altura, a uns 90 metros da praia...

«Acho que tinha dado três passos quando o primeiro balázio me atingiu. A gente diz sempre que uma bala «atinge», quando a verdade é que uma bala «martela» a gente tal qual um maço de tanoeiro o faria. De começo não tem dor aguda nenhuma. É um safanão tamanho, que a gente fica sem saber exatamente onde foi ferido—e com que.

«Essa bala entrou-me no alto do ombro direito e botou-me no chão. Não perdí os sentidos, mas sentí-me confuso e abalado. Já conhecia esta sensação dos meus tempos de *rugby*, quando apanhava um «pinhão» inesperado pelas costas... Embaçado, assombrado, completamente frustrado!

«Um dos meus homens correu para mim e eu bradei: —«Vá pra diante! Eu estou bem!» Não sei por que razão disse aquilo, porque a verdade é que eu não sabia como estava.

«Mas conseguí por-me em pé, e com a mão esquerda apalpei o ombro direito: estava molhado e pegagento. Olhando para a mão, vi-a coberta de sangue, por onde percebí que estava sangrando seriamente.

«Tinha o saco do material de primeiros socorros à ilharga, do lado esquerdo, e durante um par de segundos remexí dentro dele. Foi quando me acudiu à mente que eu não podia, com a mão esquerda, fazer um penso no ombro direito.

«Todo esse tempo eu estive alí de pé, praticamente ereto num trecho de praia chã, que estava sendo varrida pelo fogo de espingardas, metralhadoras, morteiros e artilharia. No instante em que a bala me alcançara, parecia que tudo o mais se fechava em volta de mim. Meu único pensamento era saber se ainda estava inteiro, ou feito em pedaços. Mas o gesto inutil de rebuscar no saco de farmácia parece que repôs as coisas nos seus lugares.

«Creio que foi então que a disciplina e o treino entraram a agir comigo. O instinto natural de qualquer soldado sem treino, que se visse naquela praia, teria sido cavar na areia um buraco bem fundo, e meter-se lá dentro com os olhos fechados, até que acabasse a pancadaria. Mas a disciplina e o treino se mostraram suficientemente fortes para me fazer seguir por diante. Reparei que o reduto ainda se aguentava, e comecei a envolvê-lo de flanco com parte dos meus homens.»

Aquí, o coronel Ménard levantou a mão e tocou um sulco arroxeado que se lhe via na maçã direita do rosto, a 4 centímetros do olho.

«A segunda—continuou—apanhou-me cerca de minuto e meio mais tarde. Desta vez sentí a dor, porque a bala fez um furo a cautério através da bochecha, e levou-me um bom pedaço de carne.

«Tornei a erguer a mão esquerda ao rosto, e toquei a chaga. (É curioso, como a gente tem esta tendência a tocar no lugar onde foi ferido!) Parecia que alguem me tinha passado um anzol pela cara, deixando-a estraçalhada, em carne viva.

«Agachei-me o mais que pude, e continuei a avançar. Tínhamos feito uns 20 metros quando um de meus homens tombou todo encolhido na areia, mesmo adiante de mim. Era um dos meus melhores amigos, um major. Tínhamos estado juntos na Índia, em Hong-Kong, em Singapura, e eu tinha-o na mais alta conta.

«Apertava o estômago com as duas mãos. Caso sério, porque um ferimento daqueles o menos que reclama imediatamente é a mesa de operação. O meu amigo estava pálido, terroso, e respirava com grande esforço.

«Mais uma vez comecei a remexer no meu saco de farmácia! O camarada estava me espiando, mas nem tentou dizer nada. Acabei por conseguir extrair do saco o pacote de três comprimidos de morfina. O major abriu a boca e botou a língua um pouco de fora, sem tirar os olhos dos meus. Depus-lhe na língua um comprimido, que ele enguliu. Nada mais me era possivel fazer por ele: e ele sabia-o tão bem quanto eu.

«Continuei a marchar contra o reduto. Até aquele momento eu tinha sido mais ou menos valente, digamos, graças à disciplina e ao treino. Não me tinha sentido particularmente irritado por causa de minhas próprias feridas. Mas agora, depois de ter visto cair o meu amigo, com o ventre despedaçado, fiquei tão cego de raiva, que tudo o mais se sumiu para longe do meu pensamento. Tudo quanto eu queria agora era *matar*. Queria tirar a desforra, liquidar contas...

«Mas eu ia alí para dirigir as operações do meu batalhão, e pensei que me era forçoso dominar a raiva. Esta, porem, só parecia ajudar-me a ter as idéias mais claras, a pensar mais intensa e rapidamente.

«Ela atuava tambem, ao que me parece, como uma espécie de anestésico geral. Quando pulamos por cima do parapeito, apanhei o terceiro tiro: desta feita a bala me atravessou de lado a lado o pulso direito. Mal dei por tal. Entretanto, eu iria apostar que em condições ordinárias,—isto é, se não estivesse exaltado, fora desi por causa

da emoção—qualquer homem teria com certeza desmaiado, se uma bala de grosso calibre o atingisse daquele jeito num pulso.

«A raiva continuou me levando por alí fora, até chegar ao reduto; uma vez aquí, verifiquei que os meus homens o tinham limpado muito bem com granadas de mão, explosivas e incendiárias. Daquela posição eu podia fazer uma idéia clara do que se estava passando, e orientar as várias unidades por meio do sem-fio de campanha.

«Dentro de uma hora tínhamos todo aquele setor da praia debaixo do nosso controle. Mas ainda havia bom número de atiradores naquelas redondezas. E um deles, quando eu tentava melhorar minha posição e alcançar um posto de observação mais elevado, fez-me outro furo na pele. Desta vez foi na perna direita, logo acima do joelho. O efeito da martelada foi idêntico ao primeiro, mas sempre conseguí aguentar-me nas pernas.

«Já os nossos homens e tanques tinham conseguido infiltrar-se na cidade, e eu estava desesperado por me ver lá, na companhia deles. Mas comecei a sentir-me enfraquecido, anuviado.

«Quando a quinta bala me atingiu mesmo acima do artelho direito, sentí que a perna me fugia de sob o corpo, e fui-me abaixo segunda vez. Essa bala foi a sentença final. Tentei de novo erguer-me, e não fui capaz. Sentia uma espécie de calor e moleza em todo o lado direito do corpo.

«Foi então que a dor começou a crescer, e eu desatei a rezar, a rezar cada vez com mais fervor. Assim perdí os sentidos.

«Vim a saber depois que dois dos meus homens me tinham carregado pela praia abaixo, e me reembarcaram num dos botes. Quando voltei a mim, andavam os aviões por cima a ver se nos metralhavam, e as baterias anti-aéreas dos barcos faziam um tremendo bereré à minha roda. Uma das peças disparava mesmo a 3 metros da minha cabeça. Olhei em volta de mim, e dei conta de que me tinham deitado em cima de caixas de munição «A-A»! Estava farto de saber que bastaria uma bala para fazer voar tudo aquilo até às nuvens, mas nessa altura já nada me aborrecia: a minha vida não valia um caracol. Veio-me este pensamento: «Co'os diabos, se eles ainda desta vez não me apanharam, nunca mais me pegam!» E neste pensamento, acho eu, se traduz o quarto elemento daquilo que denominam bravura.

«Alí deitado de papo para o ar, em cima daquele inferno potencial, eu via os nossos Spitfires por em fuga os alemães, tal qual se estivesse no cinema. Passado pouco estávamos livres de ataques, e um homem da Real Marinha Inglesa aproximou-se de mim, e deu-me uma golada de rum num caneco de lata. Daí a dois minutos voltou correndo aflito: «Queira perdoar, coronel! O senhor está ferido no estômago?» Abanei a cabeça que não, e o homem mostrou-se muito aliviado: «Ainda bem! Se o senhor estivesse ferido no estômago, sabe?, eu não lhe devia ter dado esse rum...»

«Pareceu-me de momento que era a melhor piada que tinha ouvido em toda a minha vida, e desatei a rir, tanto e tanto, que a dor do meu lado direito se tornou lancinante. Fui assim obrigado a calar-me.

«Você está vendo a situação: naquele momento eu sentí que estava salvo, e escusado será dizer-lhe que não há nada tão consolador na vida...»

A ILHA DE PITCAIRN

CONDENSAÇÃO DO LIVRO
«PITCAIRN'S ISLAND»
POR

Charles Nordhoff
e
James Norman Hall

Esta é a terceira parte da vívida e impressionante trilogia de aventura, tragédia e romance, que Nordhoff e Hall entreteceram em torno de um dos mais curiosos episódios da história marítima. Investigações exhaustivas levadas a efeito na América e na Inglaterra, forneceram os elementos em que se baseiam as narrativas.

Abriu a série o tão lido *Mutiny on the Bounty*, de que se extraiu um filme tambem famoso. Veio em seguida, e com não menor êxito, *Men Against the Sea*. Finalmente, em *Pitcairn's Island* os autores rematam dramaticamente a extraordinária epopéia dos mares do Sul.

Copyright dos autores. Publicado por Little, Brown & Co., 34 Beacon Street, Boston, Mass.

A ILHA DE PITCAIRN

«Reunam-se todos à popa!»

Fletcher Christian parou por um momento, e pôs-se a contemplar maravilhado a paisagem da ilha, perto da qual tinha ancorado o *Bounty*. Cenário de montanha. Picos e penhascos. Mas vastas áreas de terra, vestidas de espessa e luxuriante vegetação, e dois cursos de água a despenhar-se no mar. Que paraiso devia ser aquilo!

«Ouçam vocês,» disse Christian, dirigindo-se aos circunstantes, um estranho aglomerado de homens e mulheres, brancos e índios. «Somos fugitivos da justiça, respondemos pelo crime de insubordinação e motim. Se formos descobertos e presos, nenhum de nós, os homens que aquí estamos, escapará à morte. Encontramos esta ilha, onde tudo faz crer ninguem virá. Parece-me um lugar magnífico. Não haja, entretanto, ilusões. Se aquí ficarmos, será para sempre. Estarão findas as nossas viagens. Não há sequer ancoradouro próprio para o nosso navio. Teremos que desmantelá-lo e por-lhe fogo. Que dizem vocês a isto? Sim ou não?»

Cinco dos presentes manifestaram-se, de pronto, pela afirmativa. A eles, em seguida, se juntaram, embora um tanto hesitantes, Martin e McCoy.

—E você, Mills? perguntou Christian, rispidamente. O velho marinheiro não teve jeito senão romper o silêncio:

—Reconheço que é o melhor. Mas não deixa de ser duro a gente ter de passar o resto da vida num rochedo com este.

—Mais duro ainda é acabar com uma corda no pescoço! respondeu Christian. —Agora, outra coisa. Daquí por diante, toda vez que se tratar de assunto de interesse comum, cada um dará seu voto; mas a decisão da maioria será obedecida. Estão de acordo? Muito bem. Não vão depois se esquecer!—E volveu-se para a ilha: —É de fato uma terra tranquila. Deus permita que assim a mantenhamos!

Dezoito Anos depois, em 1808, o navio amaricano *Topaz* redescobriu a ilha Pitcairn. Ainda alí havia alguem para dar as boas-vindas a Webber, o imediato do *Topaz*, homem grisalho e robusto, vestido à moda dos antigos marujos ingleses, e em cujo olhar havia algo que revelava a um tempo energia e benevolência. Alexander Smith, que assim se chamava o homem, era o único sobrevivente masculino do grupo de rebeldes do *Bounty*.

Foi uma trágica história a que Smith contou ao visitante. Dos quinze homens e doze mulheres taitianas, que se estabeleceram na ilha em 1790, só restavam as mulheres, com os seus filhos, e ele, Smith. Depois de três anos de boa harmonia, numa colônia de habitações rústicas, o ódio que vinha grassando entre brancos e taitianos, por motivo de um plano dos primeiros para dividir entre si as terras, resultara, quando menos se esperava, em luta e morticínio.

Ouçamos o caso, como o referiu o próprio Smith:

Não; nunca mais poderei esquecer aquele dia terrivel — 22 de setembro de 1793. A matança começou pela madrugada. Na noite do dia seguinte, todos os índios e a maioria dos brancos estavam mortos. Alem das mulheres índias, apenas ficaram com vida Quintal, McCoy e Mister Young.

Confesso que fiquei indignado com McCoy e Quintal. Foram eles que mais concorreram para toda aquela desgraça. Entretanto, não sofreram um arranhão. McCoy entendia que os índios não estavam em condições de possuir terra. Mas tudo o que eles pediam era que os tratassem como homens. Quanto às raparigas, não se poderia encontrar coisa melhor—verdadeiras companheiras, tão diferentes de tanta gente ordinária que se vê pelo mundo, lá fora. Aliás nós devíamos ter visto, antes de deixar Taití, que cada homem devia trazer sua mulher, alem das que viessem de sobressalente. Mas, verdade-verdade, a desavença se daria sempre, com mulheres ou sem mulheres.

Mister Christian fez tudo o que estava ao alcance de uma criatura de Deus, para evitar desgostos. Quando, porem, as coisas peoraram, ele estava de cama, já nas últimas, com a mulher, Maimiti, ao seu lado, sem se afastar um momento, nem tirar dele os olhos. Eu juro que nunca um homem esperou pelo fim com o coração mais cheio de tristeza. Tudo o que ele tinha imaginado caía em ruinas. Deus havia feito aquela ilha para ser um Jardim do Paraiso, e nós acabamos por fazer dela um inferno... «Nunca deixem as crianças saber!»—foram estas as últimas palavras que ouví de Mister Christian.

Ah, meu senhor, acredite que foi um grande golpe, para mim, a morte do nosso chefe. Custou-me a por novamente a minha cabeça em ordem. Mister Young, porem, ficou ainda mais sentido do que eu. Nunca mais o vi sorrir.

Naquele dia, ele tinha passado horas sentado, a olhar para o mar. A solidão era de entristecer. Mas ainda bem que McCoy e Quintal não se achavam perto de mim.

McCoy vira-se em apertos, aquela noite, com os índios no seu rasto, e ainda mais amedrontado ficou ao ver que dois deles traziam, penduradas do cinto, as cabeças ensanguentadas de dois dos nossos homens. Quintal tambem se achava transtornado, embora de outra maneira. Ele nunca pareceu regular muito bem; depois da matança, então, a coisa peorou. Começou a falar sozinho, e a comportar-se de modo tão exquisito, que as mulheres, por causa das dúvidas, tratavam de evitá-lo. Quando ele soube que McCoy havia deixado a casa onde moravam juntos, sem se saber para onde tinha ido, saiu à procura dele, e foi encontrá-lo numa pequena palhoça, armada numa vala. «Então é aquí que você vem se esconder! E que aparelhos são estes?» McCoy compreendeu que não se podia furtar a dar uma explicação. Desde muito antes da matança, tinha ele montado uma espécie de alambique, e vinha preparando, em segredo, uma pinga que inventou. Mostrou então a Quintal como fazia a bebida. Fabricara até alí para seu próprio uso. Depois, eles arranjaram uma caldeira que tinha sido do *Bounty*, e ficaram assim habilitados a preparar maiores quantidades de alcool.

Quando o novo alambique ficou pronto, surgiram novos motivos de desordem.

A princípio, os dois iam beber tranquilamente no seu esconderijo; mas, passado certo tempo, começaram a trazer o grogue para casa, e ensinaram cinco das raparigas índias a beber com eles. Foi só naquele momento que eu dei pela coisa.

Digo ao senhor com franqueza. Procurei imediatamente afastar as raparigas daquele mau costume. Nada porem pude conseguir; elas achavam que o grogue tinha uma grande vantagem, que era fazer esquecer as contrariedades da vida. Maimiti, porem, e algumas outras, nunca provaram a bebida, apesar de não saberem que a mesma fazia mal. Uma noite, Mister Young veio ver-me. Não me foi dificil saber onde ele tinha estado, pois trazia uma garrafa que colocou em cima da mesa. «McCoy mandou isto para você,— disse-me. —A coisa é boa, pois alegra a gente, e Deus sabe que um pouco de alegria não nos pode prejudicar.» Confesso que jamais marinheiro gostou mais do seu rum do que eu; de modo que, dentro em breve, entre nós dois, tínhamos despejado inteiramente a garrafa.

É facil imaginar o que se seguiu. Juntei-me ao grupo de McCoy. Primeiramente, cada homem tinha, por dia, um quarto de litro, não mais. Quando, porem, a produção foi crescendo, passamos a beber quanto queríamos, e as raparigas tambem. Três delas estavam solteiras, e o grogue as tornou tão bravas e esquentadas como nós outros, os homens. Já não nos preocupávamos com as nossas companheiras, nem com coisa nenhuma. Maimiti, de vez em quando, nos pedia que fôssemos embora, para não deitar a perder, com o nosso exemplo, as crianças. Nós nos sentíamos envergonhados, e fazíamos promessas. Mas, passados alguns dias, voltávamos à pinga. As mulheres de boa conduta não queriam saber de nós. Correram assim vários meses. Até que um dia aconteceu um fato, a que, por maior que fosse a nossa degradação, não podíamos ficar indiferentes.

Estávamos uns quatro homens em casa de McCoy, e já bebidos, como de costume. A mulher dele e a de Quintal ficaram receosas de alí permanecer, e Maimiti as levou consigo. Por volta da meia-noite, eu fui cambaleando para casa. Minha mulher levou-me para a cama, ajudando-me como pôde. A mulher de Mister Young fez o mesmo com ele. Mas as duas estavam já em termos de perder a paciência, como o senhor vai ver.

Mal eu tinha fechado os olhos, quando minha mulher me sacudiu, acordando-me, a gritar: «Depressa! Quintal foi para a casa de Maimiti! Ele está com más intenções!»

Eu saí a despertar Mister Young e McCoy, e, ao voltar, a meio caminho, já ouvíamos Quintal batendo na porta. Chegamos ainda a tempo. As crianças choravam, e Maimiti gritava, de dentro. «Tenho aquí uma espingarda. Se ele puser os pés dentro de casa, dou-lhe um tiro. Afastem-se todos!»

Só McCoy poderia conter Quintal. Correu então, e segurou-lhe o braço. «Você está doido, compadre?» A resposta de Quintal foi um bruto safanão, que fez McCoy cair redondamente. «Quero minha mulher!» gritou. Eu agarrei-o, e McCoy e Mister Young seguraram-lhe as pernas e os braços. Tivemos que amarrá-lo, pois mais parecia um animal selvagem.

Aquilo representou para as nossas mulheres a última das vergonhas que elas poderiam suportar. Quando acordei no dia seguinte, não encontrei a minha. O dia estava escuro, de mau tempo. Fui, como costumava, até a praia dar uma olhada no mar. Nisto, para o lado do nascente, dou com alguma coisa flutuando, a cerca de uma milha. Esfrego os olhos, ainda por lavar, e que vejo? Um barco virado, com gente agarrada ao costado. Não posso descrever o que sentí ao ver assim, depois de tantos anos, aparecer um barco naquele mar deserto. Corrí para a casa de McCoy à procura do óculo de alcance. Ele e Young ainda estavam dormindo. Vieram comigo às carreiras para vermos o que havia. Pois creia no que lhe digo: a embarcação virada era o nosso batel, e aquela gente, ao redor, era o nosso grupo de mulheres, todas elas, tendo consigo a crianças. Foi um choque danado que tivemos! Lançamos as canoas na água, e não haja a menor dúvida: só não houve gente afogada porque aquelas mulheres e crianças sabiam lidar com o mar. O senhor talvez não acredite, mas é a pura verdade. O que elas tinham em vista era ir, no batel, com as crianças, para alguma das outras ilhas por onde tinham passado na vinda de Taití. Por aí se pode ver como estavam indignadas. Nós tínhamos abusado tanto da sua paciência, que elas acabaram preferindo expor-se a todos os riscos, fosse fome, sede, ou morte, a continuar a privar da nossa triste e degradante companhia.

Naquela noite, nós, homens, nos reunimos, como nos outros dias. Porem ninguem bebeu. Não se fabricaria mais bebida — assim juramos. E pela primeira vez, depois de meses e meses, fomos, todos quatro, para a cama, sem uma gota de alcool.

Durante dois ou três meses cumprimos nossa palavra. Não tocamos em bebidas. Mas fraquejamos, e a história reproduziu-se. Fomos de mal a peor. O resultado foi que, um belo dia, Maimiti nos abandonou, e foi viver no vale, com os seus filhos. Lá as mulheres, sem qualquer auxílio dos homens, construiram uma casa, e acomodaram, longe de nós, as crianças. Minha mulher e a de Young continuaram conosco, mas pouca atenção lhes prestávamos. Quatro das outras mulheres tambem permaneceram, e vivíamos todos de um modo que até me faz vergonha recordar.

Assim correram as coisas até pelos fins de 1797. Uma ocasião, por esse tempo, a bebedeira passou de limite. Dois dias de carraspana, como nunca havíamos tido! Na manhã do terceiro dia, eu já não podia mais. Vi que as coisas iam mal. As mulheres não estavam mais alí, e nada tínhamos em casa para comer. Saí no rumo do vale. Havia já três meses que nenhum de nós quatro, homens, tinha posto lá o pé. A certa altura, parei. Olhando cá do alto, vi na baixada as mulheres a trabalhar na terra, e era tudo como um jardim. Mas o que ainda mais me espantou foi ver uma espécie de palissada, feita de troncos de árvores, bem juntos, e firmes no chão, com mais de três metros de altura. Estava ainda novinha; se fosse trabalho de homens, não teria saido melhor. Depois de uma breve pausa, prosseguí, caminhando devagar. Quando as mulheres me viram, quatro delas vieram ao meu encontro, Maimiti à frente, e cada uma com uma espingarda na mão. Ao aproximar-me, ela bradou: «Alto! Nem mais um passo! Que quer você daquí?» Sentí faltar-me a coragem para encarar Maimiti. Mas um

homem, quando perde o respeito de si mesmo, tem coragem para tudo. «Onde está Balhadí? (era minha mulher). Quero que ela venha para casa.» Maimiti olhou-me direito, e disse, com a maior tranquilidade: «Ela não quer mais saber de você. E tome nota: volte, e fique por lá. De hoje em diante, qualquer de vocês que puser os pés neste vale, poderá arrepender-se. Não nos faltam aquí espingardas, nem pólvora, nem chumbo. E atiramos tão bem como os homens. Suma-se portanto daquí.»

Quintal e McCoy estavam ainda embriagados demais. Porem, de tarde, eu contei o que se havia passado. Young e McCoy levaram o caso em troça, mas Quintal fechou a cara. Ele era um homem grande, forte como um touro, e duro de cabeça. «Comigo elas não se metem. Vou lá buscar duas.» E foi. Eu e McCoy fomos atrás. Quintal havia dias que não tomava banho, e tinha crescida a barba, uma barba fechada, que chegava a cobrir-lhe metade do peito. Com um pau na mão, sujo, esfarrapado, descomposto, parecia peor que um selvagem. Eu, pelo menos, nunca vira nenhum assim. No mesmo minuto em que ele foi visto do vale, alguem, que estava de guarda, deu sinal, soprando num búzio. Umas seis mulheres, que estavam no campo, se espalharam, e puseram-se à espreita. Maimiti se ajoelhou por detrás de uma grande pedra, e descansou nesta a espingarda. A uns 60 metros, mais ou menos, Quintal parou; depois recomeçou a andar, lento mas firme. Ainda deu os primeiros passos, foi a conta: Maimiti mandou-lhe chumbo, ele deu um rugido, e caiu. Fomos encontrá-lo com a mão no ombro, onde a bala tinha penetrado, rasgando os músculos, e o sangue corria. Custou-lhe isto quase dois meses de cama, que passou enfurecido; e notamos que, de dia para dia, regulava menos da cabeça.

Seguiu-se algum tempo de tranquilidade. Nenhuma das mulheres voltou mais a aproximar-se de nós. Pouco víamos Mister Young. Ele não vinha mais beber conosco. Nunca mais tocou em alcool. Mas o seu estado de saude me andava preocupando. A asma, de que sofria, uma asma de mau carater, só fazia peorar. Cada dia era mais preciso que alguem cuidasse dele, mas ele não desejava que as mulheres soubessem da sua doença.

Quando Quintal ficou bom, resolveram, ele e McCoy, tirar uma desforra. Só depois vim a saber o que se deu. Cientes de que as mulheres atiravam, trataram de ir ao vale, sem ser vistos. Depois de passarem, ocultos, duas horas de espera, viram duas delas que traziam, não armas, mas cestos. Saltaram-lhes em cima e agarraram-nas. A primeira ficou tão horrorizada, que não opôs resistência. Mas a outra lutou, a unhas e dentes. Finalmente, foram trazidas, amarradas, para a casa de McCoy. Não queira ouvir o que se passou então, mas os dois abusaram das duas de uma maneira indigna. Durante a noite, quando Quintal e McCoy dormiam, as mulheres fugiram.

Nos três dias seguintes, nada houve. Parecia tudo calmo. No quarto dia, porem, alí pelo meio da tarde, eu acabava de tirar minha costumada soneca, e ia abrindo a janela, quando uma bala passou assoviando a poucos centímetros da minha cabeça, e logo uma outra foi varando a porta. Aquilo despertou Quintal e McCoy. Por uma fresta, vi canos de espingarda, da moita, apontando para a casa. Era claro que estávamos cercados, e procuravam matar-nos. Fui de parecer que devíamos, antes que fosse tarde, tentar romper o cerco. Mas acabamos todos concordando que seria mais acertado esperar que escurecesse. As mulheres, entretanto, queriam fazer-nos sair para caçar-nos à bala. De fato, dentro em pouco, algumas delas, conseguindo chegar mais perto, lançaram fogo à palha. Em dois minutos, o fogo varria tudo. Tivemos que vir para fora. Eu saltei uma janela do lado do mar, e escapulí à roda da cozinha. Veio uma bala em minha direção, mas ainda pude atravessar e esconder-me entre as árvores. Depois, fui para a casa de Young. Não o encontrei. Soube mais tarde que as mulheres o tinham levado, e estavam tratando dele. Nisto ouví a voz de McCoy. Tinha a perna atravessada por uma bala, e perdia muito sangue. Não sabia de Quintal. Estivemos, durante dez dias, sem vir ao lugar onde vivíamos, e ninguem por lá andou. Procurei Quintal por toda parte, mas debalde. Ficamos certos de que ele estava morto. Três semanas passadas, subimos a um pico, para uma última inspeção em torno, e, exatamente onde os penhascos descem quase a pique para o mar, encontramos um cabo de machado que estava na casa no dia em que foi a mesma queimada. McCoy arrastou-se até a beira, e olhou, só vendo em baixo a rebentação das ondas nos rochedos. Conhecendo Quintal como conhecíamos, imaginamos que ele, vendo-se ferido, em más condições, resolveu acabar com a vida, atirando-se no mar. Era, como disse, um homem duro, cara de poucos amigos, com uma força bruta, perigoso e mau quando bebia. Nada mais restava nele do Quintal, tão diferente, dos tempos da chegada a Pitcairn! Isto magoava muito McCoy. Os dois tinham sido sempre muito bons companheiros.

Quando veio a noite, começou a chover, e foram três dias de chuva seguida. Sem nada para fazer, caimos novamente na bebida. Meteu-se na cabeça de McCoy que era ele o responsavel por toda a desgraça da ilha, e não falava de outra coisa. «É verdade,» dizia. «Fui eu o primeiro a querer a divisão das terras, e daí é que veio a matança. Não há um assassinado, branco ou índio, que não deva a mim a sua morte.» E ficava a repetir a mesma história até pela noite a dentro, que já me punha maluco.

Passei então dois dias longe dele. Porem voltei com receio de que lhe acontecesse alguma coisa. Encontrei-o escondido num canto, atrás da mesa. Percebí logo o que havia. Ele tinha visões horrorosas. Estava a tremer da cabeça aos pés, e, de cócoras, com o queixo quase tocando os joelhos, olhou para mim, apavorado. «Não deixe que ele me toque!» suplicou, mas numa voz que me deu agonias. Com a noite, ficou peor. Quando entrava nele o terror, gemia e gritava que não parecia gente. Ao amanhecer, fui logo vendo que continuava naquela aflição; pus as mãos na cabeça, e, despertado por um novo grito, não tinha voltado a mim, quando o vi saindo para o morro de onde se descia para o mar. Corrí atrás, gritando: «Volte! Volte!» Mas ele não fez caso, e foi seguindo, até sumir-se de vista. Não era pequena a queda, daquela altura até os rochedos em baixo. Pude ainda ver o seu corpo quando veio o mar grosso, e o enguliu para sempre.

Fiquei parado, de pé, bem meia hora.

Em seguida, fui direitinho ao lugar onde tínhamos ocultado nossa adega. Peguei todas as garrafas e quebrei-as, uma por uma, batendo com elas nas pedras. Depois, atirei no mar, o mais longe que me foi possivel, a caldeira de cobre; e quando vi a espuma levantada pela sua queda na água, desabafei o peito: «Graças a Deus estamos livres disto!»

Não escondo; deixando de repente de beber, depois de tanta bebida, só eu sei os tormentos que passei nos quinze dias seguintes. Não podia dormir, nem comer, e tinha medo de ter tambem visões. Mas aguentei firme, e pouco a pouco fui suportando melhor a falta de bebida, até conseguir não dar mais por ela.

Comecei então a voltar ao respeito de mim mesmo, e foi coisa interessante. Fiz minha barba, que tinha deixado crescer, e passei a andar limpo e em ordem. Restaurei minha velha casa, e tratei depois das outras, a trabalhar sozinho; se me perguntassem porque, não teria resposta a dar. É que adivinhava talvez que as mulheres algum dia voltariam.

De fato, passado cerca de um mês, estava eu a preparar um canto de jardim, quando vi que alguem chegava, e, olhando logo para ver quem era, dei de frente com a minha mulher. Não dissemos uma palavra. Ela abraçou-me, apoiou a cabeça no meu ombro, e caiu num choro manso, como acontece com as índias. Afinal, perguntei-lhe: «Onde está sua espingarda, Balhadí? Você não teve receio de que eu lhe fizesse algum mal?» Respondeu, apertando-me nos braços. Eu segurei a mão dela, e assim ficamos uns bons dez minutos. Não repetirei o que dissemos. Foi como se nada tivesse havido entre nós. Contei-lhe o que se tinha passado com McCoy, e ela chorou de pena. Mas chorou ainda mais, de alegria, quando eu lhe disse que tinha dado fim ao alambique e às garrafas. Mostrei-me sentido com o fato de Mister Young não ter tambem voltado. Ela explicou que a doença o tinha impedido de vir.

Em seguida saiu sozinha, e voltou três horas depois com todas as mulheres e crianças, e tudo o que puderam transportar. Alguns dos pequenos, eu nunca os tinha visto; outros, fazia três anos que não via. O filho mais velho de Christian estava um rapazinho, de mais de oito anos, seguindo-se o outro, com seis, e a pequena Mary, de cinco, nascida precisamente no dia da matança. Havia, ao todo, dezoito crianças, entre elas duas minhas, e todas tão bonitas e sadias como se poderia desejar. Doeu-me no fundo da alma lembrar-me dos pais mortos e enterrados. As mulheres se dirigiram a mim bondosamente, sem nenhuma alusão ao passado. Vi claramente em tudo aquilo o dedo de Maimiti—mulher como nunca houve outra melhor, corajosa como um homem, e sem malícia no coração. E havia em geral, nas mulheres, uma grande mudança. Algumas, que eram terriveis e capazes de tudo, se mostravam agora corretas, e boas mães de seus filhos.

Em poucos dias, estávamos todos como nos bons tempos. Sentí-me feliz ao ver as casas cheias de mulheres e e crianças, os terrenos limpos, jardins em flor. Mister Young tambem era outro. Não vivia, é bem verdade, a rir e a pilheriar como antigamente; mas recuperara o ânimo, e encontrava um grande consolo em entreter-se com a criançada.

Uma manhã, eu estava para o lado do poente, com cinco crianças que se divertiam à procura de ovos. Um pequeno, filho de Quintal, afastou-se um pouco do grupo, e, quando voltou, foi a arrastar-se no chão, e de tal modo aterrorizado que nem podia falar. Carreguei o menino, e vi que tremia como varas verdes. Afinal pôde explicar que tinha visto um homem muito grande, sentado num rochedo. «Eu lhe digo, rapaz, o que foi que você viu,» fui logo dizendo, para acalmar o garoto. «São pedras que parecem homens feios; mas não fazem mal a ninguem.» «Não, não! Eu vi ele mexer!» insistiu o pequeno.

Eu então disse-lhe que esperasse alí um pouco, enquanto eu ia expulsar o fantasma da ilha. Meu plano era ausentar-me alguns minutos, e depois voltar dizendo que o vulto já tinha ido embora. Foi quando vi, porem, alguma coisa, que me causou espanto: o rasto de uns pés descalços, muito maiores que os meus. Custava-me crer no que via. Andei mais uns cincoenta metros, evitando fazer barulho. Depois, entrei devagarinho no mato. E dei com Quintal de costas para mim, justamente como o pequeno, seu filho, tinha visto. Estava ele agachado, junto de uma espécie de cama que havia feito de relva seca, e a beber ovos, à medida que os quebrava. Ao lado, uma ossada de porco selvagem, e espalhados em torno, outros ossos. O cheiro que vinha dalí, um cão não suportaria.

Se eu tivesse melhor refletido, é possivel que me fosse escapulindo; mas preferí descobrir-me, chamando-o pelo nome. Ele voltou a cabeça lentamente, e encarou-me. Quando lhe vi o rosto, sentí correr-me um frio pela espinha. Nunca se viram tais olhos, a não ser numa casa de loucos; e tinha uma barba que lhe chegava à cintura. Procurei mostrar-me à vontade. «Onde você se escondeu todo esse tempo?» perguntei. «Por Deus, já julgávamos que você tivesse morrido!» Mas só pensei em escapar-me quando o vi pegar no cacete, e precipitar-se para mim, com um uivo como nunca se ouviu, nem de gente, nem de bicho. Corrí a mais não poder, desviando-me e saltando. A certa altura, caí. Pareceu-me que ele devia vir perto, e agora me alcançaria. Mas o avistei, parado, a olhar à roda, sem saber onde eu me achava. Tratei de não me mexer, até que o visse ir embora.

Tínhamos todos pensado que haviam cessado, na ilha, as causas de transtorno. Mas aparecia uma nova. Tornou-se preciso comunicar às mulheres o que se tinha passado, e é claro que elas ficaram amedrontadas. Algumas eram de opinião que devíamos acabar com Quintal, mas a maioria não se conformava com a idéia de matar assim, a sangue-frio, um pobre desequilibrado. Todos os dias, eu subia no morro, com a espingarda e o óculo de alcance, e o via na sua toca. Mas um dia não houve meio de descobrí-lo, e, quando voltei, foi para ter más notícias. Quintal tinha vindo da floresta, e avançado sobre Sara, a sua própria mulher. A infeliz ficou tão horrorizada que, em vez de correr para casa, se afastou, ao contrário, dos pontos onde podia encontrar, mais facilmente, socorro. Sentindo-se cada vez mais perseguida, galgou o morro, e, ao chegar ao topo, vendo o monstro já perto, no seu rasto, julgou preferivel jogar-se lá de cima, a cair nas suas mãos.

Já havia escurecido, e ninguem tinha notado que outra mulher, Suzana, estava tambem faltando. Dei

uma busca em diferentes lugares, mas, de noite, era dificil chegar a resultado. Esperamos então que amanhecesse, e, com a madrugada, saimos, eu e Young, que fazia uma imprudência, pois não tinha saude para tanto. Cada um de nós levava uma espingarda, e eu, alem dela, um machado. Sabíamos bem que íamos matar Quintal, e imagine o que sentíamos. Seguimos para o lado do poente, porque eu calculava que ele tivesse voltado ao que me parecia ser seu pouso. Ao nos aproximarmos do local, vimos Suzana deitada, inteiramente despida e descoberta, e com os pés e braços amarrados com longas tiras de cascas de árvore. Uma vez apurado que Quintal não se achava por alí, em cinco segundos desembaracei-a. Ela se achava em lastimavel estado, cheia de equimoses e arranhões; porem, graças a Deus, com vida. «Onde foi ele?» perguntei baixinho. Ela nos indicou a direção. Fui encontrá-lo a dormir atrás de uma moita. Fiz-lhe uma pontaria com a espingarda. Faltou-me, porem, coragem para dar com o dedo no gatilho Lembrei-me do antigo Quintal que eu havia conhecido a bordo do *Bounty*. Mas ao mesmo tempo me lembrei das mulheres e crianças ameaçadas, e de Sara, já morta, e compreendí que se impunha não adiar mais aquilo. Apanhei umas pedrinhas, e atirei-as nele. Quando ele se levantou, e, agarrando o pau, marchou contra mim, puxei o gatilho, mas a arma negou fogo. Só tive tempo para fugir com o corpo, e empunhar o machado. Livrei-me do golpe que ele tentou desferir-me, e desfechei-lhe sobre a cabeça uma machadada, com toda a força que tive. Foi uma morte misericordiosa, porque ele morreu instantaneamente, sem dar um grito.

Assim, meu senhor, cheguei ao fim dos maus dias. Daquela data em diante, não nos tem faltado paz, e, com a ajuda de Deus, assim continuaremos. Devo contudo explicar que, ainda por muito tempo, se havia paz na ilha, não a havia no meu coração: a cada momento via, diante de mim, a imagem de Quintal: andei perto do desespero. Mister Young percebeu o que se passava comigo, e devo a ele e às crianças ter vencido aquela crise. Não há palavras que bastem para abençoar aqueles pequenos; eles nos deram uma vida nova. Havia então 21, uma escadinha, desde o mais velho, de nove anos, até os recem-nascidos. Foram eles que nos curaram as chagas do coração, e acabaram fazendo desta ilha um canto do céu na terra.

VOU AGORA contar uma felicidade que tive, a maior da minha vida, embora na ocasião não avaliasse, nem de longe, o benefício que ia receber. Uma tarde encontrei Mister Young mais uma vez a escrever, sentado à sua mesa, no velho livro de navegação do *Bounty*. Perguntei-lhe o que era que ele tanto escrevia naquele livro, se era um diário. «Sim,» respondeu ele; «um registro de nascimentos e outros fatos; mas não é somente isto.»

Com efeito, escrevia tambem tudo o que conservava na memória de livros que tinha lido, e não era pouca coisa o que ainda guardava na cabeça. Tinha lido muito em outros tempos. Leu para mim um pedaço de uma história chamada *O progresso do peregrino*, conforme ele mesmo a tinha reproduzido, e conversou comigo sobre o assunto. Imagine o senhor que eu era um ignorante; não sabia mais de livros do que estes porcos que andam por aquí.

—Você nunca aprendeu a ler e escrever? perguntou-me.

—Um pouco, mas isso mesmo já esquecí.

—E você quereria aprender? fez ele, e acrescentou:—Eu vejo que você tem gosto por isto.

Eu não queria outra coisa, até mesmo para tirar Quintal do pensamento. A princípio fui devagar. Mas Young tinha muita paciência; podia ensinar a uma pedra. Começou a ler-me a sua Bíblia. Eu já tinha ouvido, quando menino, leituras semelhantes, mas sem lhes dar a mínima atenção. Agora, porem, escutava com um interesse cada vez maior. Diariamente, ele me explicava alguns capítulos, e eu tinha que meditar, até o dia seguinte, sobre a matéria dos mesmos. Passaram-se assim nove meses, e lentamente, mas com segurança, fui aprendendo a ler.

Já lia correntemente, quando Mister Young peorou da sua antiga doença. A asma reapareceu-lhe peor do que nunca, e as forças lhe foram faltando. Se o senhor já viu um homem ir morrendo pouco a pouco, sem a gente poder fazer nada, sabe bem o que isto é. Cortava a alma ver, quando o mal se agravou, a sua luta para respirar. E foi-se enfraquecendo, mais e mais. Viveu ainda três meses. Um dia, quando acabávamos de acomodá-lo, recostando-o nos travesseiros, vi no seu rosto que chegava a morte. «Alex,» disse-me então, «só você restará de todos nós, para tomar conta das crianças. É uma grande missão, e bem sei que você a cumprirá. Lamento, meu caro, não poder lhe fazer companhia.»

Morreu naquela mesma noite. No dia seguinte levamo-lo a descansar na sepultura. A falta que nos fez, não poderei descrevê-la. Pelas qualidades e virtudes, que o colocavam tão acima de mim, amei-o como se fosse meu irmão.

Triste, tristíssima fase, para mim, a que se seguiu ao desaparecimento de Young. De todos os que, no *Bounty*, deixamos a Inglaterra, só eu sobrevivia. Vinha-me à lembrança o motim, a parte que nele tomei—como ajudei o capitão Bligh e dezoito homens, vogando à toa num pequeno bote, perdido no oceano. Ví-os mortos de fome e de sede; vi os que cairam, para morrer, nas mãos dos selvagens. Ah, se já houve, senhor, um homem que se sentisse perdido, foi este seu criado que lhe fala! . . .

Eu suspendera a leitura, desde que Mister Young peorou. Mas depois voltei à Bíblia, ao ponto em que ele a deixara. Se eu soubesse, teria ido logo ao Novo Testamento, mas andei a tatear, nada menos de três anos, como quem viaja no escuro, por terras desconhecidas. Havia trechos duros de mais para mim; outros, porem, como os Salmos e os Provérbios, aprendí tanto que já os repetia quase todos de cor. Eu tinha ouvido dizer que havia pessoas que eram conduzidas de repente à compreensão de Deus. Comigo não foi assim. Fui indo pouco a pouco, mas, quando cheguei à vida de Jesús, sentí que se me abria o coração, como portas que se abrem de par em par. Não insistirei no caso. Limito-me a dizer-lhe, meu amigo, que uma paz me entrou no espírito, e nunca mais o deixou.

MAS as crianças me preocupavam. Como podia eu saber se o sangue de seus pais, correndo-lhes nas veias, não as conduziria ao mau caminho por onde todos andamos? Quanto mais pensava nisto, mais me parecia que era um crime deixá-las na ignorância da Palavra Sagrada. Convencí-me de que

devia dirigí-las. O senhor há-de perguntar como poderia ousar tanto um pobre marinheiro, sem nenhumas luzes, como eu. O que lhe afirmo, entretanto, é que, com a ajuda de Deus, pude desempenhar minha tarefa de um modo e com resultados que me causaram surpresa. Principiei pelas mães, contando-lhes a história da Bíblia. A história começou a interessá-las, mas, dentro em pouco, elas compreendiam que havia alí alguma coisa mais do que um simples passatempo. E, se foi uma alegria o que se passou com as mães, vai ver o senhor o que se deu com as crianças. Elas se mostravam tão fervorosas que não duvidavam de nada. Isto me levou a pesar muito as palavras que dizia, receoso de ensinar alguma coisa que não estivesse certo. Nada lhes disse acerca do pecado, que elas não sabiam o que era. Ensinei-lhes a amar o próximo, a falar a verdade e proceder de acordo com a mesma, a honrar as suas mães, a não fazer aos outros o que não queriam que se lhes fizesse.

Tudo isto na língua dos índios, que eu já falava quase tão bem como eles. Mas, depois de certo tempo, me pareceu que havia mais a fazer, pois dia viria em que não contariam mais comigo. Como o senhor sabe, a língua deles é unicamente falada, e assim as crianças ficariam sem nenhum meio de ler. Era pois conveniente ensinar-lhes as letras. Uma vez com esta idéia na cabeça, só descansei quando montei uma escola. Alguma coisa que elas sabiam de inglês veio servir de auxílio, e a pequenada foi progredindo, se bem que às vezes eu desanimasse. Mas, depois de vencidas as primeiras dificuldades, houve um progresso espantoso. Não posso esquecer o orgulho que tiveram quando começaram a ler, e em seguida a trocar entre si pequenas mensagens escritas. Havia uma caixa de escrita, que pertencera ao capitão Bligh, contendo papel, tinta e penas. Distribuí entre a meninada folhas de papel, como se fossem de ouro. Quando a tinta acabou, fiz outra com cinza, a mais apropriada que arranjei, e penas não nos faltavam, com tanta ave que temos. Acabado tambem o papel, escrevíamos em lascas de pedra. As mães achavam que a escola era a maravilha do mundo. Há de fato poucas coisas tão admiraveis como a escrita. Eu dou graças a Deus por ter visto como os homens escreveram, ou aprenderam a escrever, pela primeira vez. Mas já é tempo de terminar esta história. Poderia passar outra noite, ou uma semana seguida, a falar destes últimos anos; não quero porem abusar da sua paciência. O senhor verá com os seus olhos. Nossa vida tem corrido tranquila como um dia de verão; nunca mais houve aquí a menor desordem. As mães e eu vivemos para as crianças. Elas são boas mães, apesar de terem sido todas anteriormente, e ainda o serem a certos respeitos, não civilizadas ou bárbaras. Aliás há entre essa gente alguns costumes, que nós outros, homens brancos, muito lucraríamos em aprender.

Sim, é uma calma e boa vida a que vamos aquí vivendo, há nove anos. Duvido muito que o senhor encontre, seja em que lugar for, uma família de criaturas humanas que viva assim reunida, em mais amizade e harmonia. Há paz na vida de cada um de nós, porque há paz nos corações. Direi em poucas palavras o que se apura no fim de tudo isto: a Ilha de Pitcairn é hoje um lar para todos.

SEÇÃO DE LIVROS

Adaptação de
«Man of Glory: Simon Bolívar»

BOLÍVAR

O LIBERTADOR

Por Thomas Rourke
Autor de «Gomez, Tirano dos Andes»

RENUNCIANDO aos esplendores e devaneios próprios da existência de um rico e jovem aristocrata crioulo, Bolívar consagrou-se à causa da liberdade, e jurou derrubar o jugo da Espanha que oprimia metade de um continente. Seus feitos, assim militares como políticos, elevaram-no à altura dos heróis da Antiguidade.

Mais de um século depois de sua morte, Simon Bolívar ainda hoje é uma espécie de divindade para muitos milhões de sul-americanos. Muito mais do que qualquer figura histórica da América anglo-saxônica, o Grande Libertador permanece vivo na conciência dos seus povos, como se presente ainda estivesse entre os homens.

Foi a alma e o corpo de uma revolução que deu a vida a cinco nações; comandou em pessoa os exércitos que lhes conquistaram a liberdade; formulou ele mesmo, igualmente, os princípios sobre que deveria assentar a vida política desses estados recem-nascidos; redigiu as respectivas constituições, e organizou seus primeiros governos.

Copyright 1939, William Morrow and Company, Inc., Nova York

BOLÍVAR, O LIBERTADOR

CERTA TARDE do verão de 1805, dois homens subiam juntos ao Monte Sacro, em Roma, e demoravam-se a olhar lá de cima o majestoso panorama da Cidade Eterna. Um deles, elegante e fino mancebo, contemplava como que fascinado, com seus olhos negros, profundos e brilhantes, o casario da cidade dos Césares e de Deus, que se desdobrava em baixo, entre as colinas impregnadas de história. O outro viajante, homem de mais idade, e mal posto, com o comprido cabelo a flutuar romanticamente na brisa, de pé ao lado do primeiro, falava sem cessar... De vez em quando sacava do bolso um surrado exemplar do *Emílio*, de Rousseau,—ou talvez dos *Direitos do Homem*, de Tom Paine, ou de alguma das obras de Voltaire—e lia em voz alta uma que outra passagem. Perorava sobre as glórias de Roma, e as nobres experiências de governo republicano que alí se haviam tentado.

Por fim, quando já o fulgor do poente os banhava duma tinta rubra, o mais elegante e mais jovem dos dois peregrinos, caindo de joelhos e «com os olhos úmidos e a face acesa de febril animação», pronunciou solene e ardentemente estas palavras: «Pelo Deus de meus avós e a terra que me viu nascer, juro que minhas mãos nunca terão descanso, nem repouso a minha alma, enquanto eu não houver quebrado os grilhões que nos prendem à Espanha!»

Esse moço que assim, como um herói de antanho, jurava diante de Deus criar uma Pátria, e que iria devotar todo o resto da sua vida ao cumprimento de tão solene voto, era Simon Bolívar. Tinha 23 anos.

SIMON JOSÉ Antônio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palácio nascera em Caracas, Venezuela, em 1783, menino mimoso e precoce, derradeiro entre os filhos de uma das mais ricas e nobres famílias da colônia. Aos três anos morria-lhe o pai, deixando uma chorosa viuva de 27. Os mimos e afetos tornaram caprichosa esta criança ardente. Entregaram-no a um tutor que mais tarde descreveria aquele menino como «insuportavel, inquieto, imperioso, audaz, voluntarioso, desatento aos conselhos, intratavel»... O tutor chamara um dia «polvorinho» ao garoto, que ripostou sem tardar: «Não se chegue para mim, que estalo!» Outra vez, passeando de burro por Caracas, dizia-lhe o mestre: «Simon, temo que nunca te faças um bom cavaleiro. —E como quereis que o seja, montando-me num asno!?»

Foi-lhe dado outro tutor, o erudito Andrés Bello. A este sucedeu um tal Simon Rodriguez, figura extravagante de libertário, nutrido de Enciclopedismo e Revolução Francesa. Tornaram-se inseparaveis, e, cavalgando juntos por montes e vales, o moço Bolívar aprendia com ele, a um tempo, os Direitos do Homem e a arte de bem montar—dois instrumentos capitais da sua carreira futura...

A América Espanhola fazia as suas primeiras experiências revolucionárias quando Bolívar, com 17 anos, foi enviado a Madrid, para completar a educação então típica dos mancebos da sua classe: equitação, manejo de armas, galantaria... Durante três anos sua vida foi um turbilhão de luxo e prodigalidade, em Madrid, París, Londres e Lisboa. Seus encantos pessoais e fino espírito o tornaram favorito das cortes, dos salões e dos bulevares. Adestrado esgrimista, soberbo cavaleiro, habil dansante e, para mais, bem fornido de dinheiro, que gastava às mãos cheias, tornou-se conhecido como «Príncipe Bolívar». Os alfaiates de Londres copiavam-lhe o figurino das casacas, e os chapeleiros de París lançaram a moda dos *chapeaux Bolívar!*

Nessa época da mocidade, Bolívar admirava Bonaparte, então a caminho da Glória; mas a política ainda o não empolgava. O amor absorvia-o e iria por um fim inesperado e brusco a essa fase tumultuosa da sua existência. Na Espanha, Simon conheceu e amou fogosamente a Dona Maria Teresa del Toro, adoravel criaturinha que, nas próprias palavras do herói, «não fora criada para este mundo.» Casaram. Mas oito meses decorridos sobre o regresso dos noivos à América, a amada esposa morria vitimada pelas febres... Coração retalhado pela dor, que era profunda e sincera, Bolívar leu na morte da esposa um aviso dos céus: «Isso me elevou para alem do mundo das coisas profanas, e me fez concentrar o pensamento nas dores de minha pátria oprimida.»

Voltou Bolívar à Europa, e, tendo procurado e tornado a encontrar Rodriguez, o mestre errante dos seus primeiros anos, deixou-se imbuir e entusiasmar pelas doutrinas humanitárias e revolucionárias do preceptor. Deram juntos longos passeios filosóficos. Viajaram muito. Em 1803 Bolívar assistia na famosa Notre Dame de París à coroação imperial de Napoleão Bonaparte, que tanto admirara anos antes e em quem via agora apenas a incarnação da tirania. «A coroação do imperador—comentava ele depois—pareceu-me uma fulminação do inferno. A coroa que Bonaparte por suas próprias mãos cingiu, é uma relíquia de épocas tenebrosas...»

Pouco tempo depois, no alto do Monte Sacro, pronunciava as palavras que talharam o curso da sua existência e decidiram do destino de quase meio continente.

A RESOLUÇÃO de Bolívar era, para mais não dizer, eloquentemente pretensiosa: esse rapaz de 23 anos não gozava de nenhum prestígio especial nos paises que se propunha libertar. Sua experiência em coisas de guerra se limitava aos poucos anos que passara na Milícia Venezuelana. Nascera entretanto dotado de confiança em si mesmo, e de uma ilimitada capacidade para altos e grandes sonhos; e, no seu caso, os sonhos não ficavam no mundo da quimera: exigiam sempre esforços de imediata realização. Decidiu pois partir para a Venezuela, via Boston, com parada em Nova York, Filadélfia, Washington e Charleston. Estudou assim de perto as instituições e o funcionamento da democracia norte-americana.

Embora houvesse três séculos que a Espanha vinha explorando e oprimindo as suas colônias do Novo Mundo, nunca alí se produzira qualquer movimento organizado em favor da independência. De fato, quando o general Francisco Miranda, igualmente venezuelano, que servira com glória sob as ordens de Napoleão e participara na Revolução Americana sob o comando

de Washington, tentou libertar a colônia, encontrara-se com a resistência armada dos seus próprios conterrâneos, que pretendia libertar. Seu pequeno exército fora desbaratado, e Miranda forçado a exilar-se para a Inglaterra.

1810 foi na América Espanhola o ano da Liberdade. Em Caracas conspirava-se, e as notícias que chegavam da Europa entusiasmavam os conspiradores patriotas. A crise de Espanha, ocupada pelas hostes «jacobinas» de Napoleão, precipitou as coisas, e pelas ruas de Caracas se ouviam gritos subversivos.

Quando Bolívar desembarcou na Venezuela, disposto a empreender a luta, logo começou a trabalhar secretamente por intermédio de um grupo de jovens aristocratas, difundindo a idéia da Revolução entre as camadas populares. Compreendendo de logo a sua própria falta de experiência militar, Bolívar resolveu ir a Inglaterra persuadir Miranda a regressar à América para assumir o comando das operações de campo.

Em 1811, depois de ter-se avistado em Londres com lorde Wellesley, chanceler da Coroa, na qualidade de «delegado» da Junta de Caracas, Bolívar regressa uma vez mais à América arrastando atrás de si Miranda, e levando consigo, pelo menos, a simpatia da Inglaterra.

Aos três dias de julho de 1811, lançou pela primeira vez em público na sua terra o grito da Liberdade, e reclamou a independência absoluta da Venezuela. Uma tremenda vaga de sentimento nacional avassalou Caracas, e um congresso de patriotas declarou a Venezuela nação livre.

Estava lançada a sorte. Miranda se esforçou por organizar um exército com os bandos amorfos e heterogênios de «peões», e jovens aristocratas elegantes que se tinham na conta de oficiais do exército. Era tarefa para desanimar o mais arrojado, e Miranda, um «estrangeirado» que não se entendia muito bem com a sua própria gente, acabou por desistir. Um dos fatores que mais contribuiram para o seu insucesso, foi um pavoroso tremor de terra que destruiu a maior parte de suas tropas, suprimentos e munições. Num frenesí de exaltação, esforçando-se por levantar o ânimo daquele povo descoroçoado, que via no sismo um «castigo do Senhor», Bolívar esbofava-se a gritar entre a fumaça e o pó que se erguiam das ruinas da capital: «Se a natureza conspira com o despotismo para nos esmagar, lutaremos contra a própria natureza, e acabaremos por subjugá-la!»

Mas as legiões de veteranos espanhóis derrotaram os patriotas venezuelanos. Puerto Cabello caiu por traição de um tal Vinoni. Bolívar escapou dalí por milagre, sangrando de mágua, para logo saber que Miranda, desanimado, capitulara por sua vez em La Victória! A posteridade viria a mostrar-se menos severa para com ele do que Bolívar, que o abandonou aos espanhóis como traidor à causa da Liberdade.

A primeira república estava morta. Miranda foi conduzido a Cádiz num barco espanhol, para morrer obscuramente anos depois, agrilhoado como um vulgar assassino. E Bolívar era agora um exilado sem vintem na ilha de Curaçau, ao tempo colônia inglesa.

Os olhos de pessoa menos inspirada não poderiam ter lobrigado sequer um raio de pálida esperança naquela situação caliginosa. Tudo o que Bolívar possuira—vastas propriedades, inúmeras manadas de gado, quarteirões de casas nas cidades—tudo se fora confiscado pelos implacaveis espanhóis. Bolívar era forçado a viver das esmolas de estranhos, para não morrer de fome.

Poucas semanas passadas, porem, já ele fugia para a colônia de Nova Granada, mais tarde batizada de Colômbia, onde uma reduzida guarnição de patriotas dominava pequeno setor do litoral. Desembarcou em Cartagena e lançou uma proclamação de ardente patriotismo. E alí lhe foi dado o comando de uma força de 200 homens, com que iria lançar-se à segunda campanha de libertação da Venezuela.

Na primeira e inglória fase da luta, Bolívar aprendera muito sobre a maneira de conduzir a guerra contra os espanhóis. Tinha entrado em combates em que soubera distinguir-se. Assim, na noite de 21 de dezembro de 1812, sem uma peça de artilharia, atacou de surpresa a bem fortificada e artilhada guarnição de Tenerife, que aniquilou, tomando-lhe arsenais e paióis. Logo na noite seguinte deu um rápido golpe-de-mão contra Mompox, e dispersou as forças espanholas. Assim continuou seis dias—durante os quais travou seis batalhas, ganhou seis vitórias e libertou seis cidades... Em duas semanas tinha varrido de inimigos toda aquela zona, e abria aos patriotas a navegação do grande rio Madalena.

Por todas as aldeias e cidades o povo recebia Bolívar com aclamações, e os recrutas alistavam-se às centenas sob a sua bandeira. Reanimado, exultante, ele já se propunha marchar sobre Caracas, sua cidade natal. Era uma empresa, aquela, de vastas proporções. Entre o patriota, porem, e o seu objetivo encontravam-se 6.000 soldados espanhóis, e 800 km. de terreno montanhoso e dificil.

Diante das barbaridades cometidas pelos invasores espanhóis, o Libertador a muito custo proclamou então a «guerra de morte», sem quartel. Nos começos de fevereiro de 1813 rompia a marcha à testa de 500 homens. Carregados de armas e bagagens, os soldados abriram caminho, lutando sempre, através de gelados platôs e de profundas gargantas de rocha, debatendo-se em matagais fumegantes de umidade e calor, onde não havia vestígios de caminho, sangrando das feridas que nas carnes lhes rasgavam os espinhos dos arbustos e os ferrões de inexoraveis insetos. E à frente de todos, incansavel, reanimando-os, inspirando-os com a sua palavra fulgurante, com os olhos ardentes e de chiste sempre nos lábios, —Bolívar cantava apimentadas canções francesas.

As ações militares dessa campanha foram todas do mesmo carater heróico. Então, como sempre no curso da sua longa carreira militar, Bolívar usava da audácia, da rapidez, da surpresa—evitando atacar de frente, salteando o inimigo pelos flancos, laminando-o em segmentos que depois aniquilava um por um. Uma após outra, as forças espanholas cairam sob o seu gládio, e a cada vitória suas tropas se avolumavam até se transformarem num verdadeiro exército, com artilharia, cavalaria e corpo de saude. Dentro de noventa dias após o início da marcha, Bolívar tinha travado e ganho seis batalhas de vulto, e conquistado toda a região ocidental da Venezuela. Quando recebeu notícia de que ele avançava sobre Caracas, o pobre comandante espanhol, aterrado, rendeu-se sem opor qualquer resistência.

A demonstração que saudou a sua entrada na cidade de Caracas, parecia uma página arrancada aos anais da

Roma antiga. Às portas da capital, de cabeça descoberta, elegante nas suas botas Wellington e no seu uniforme azul e branco pesadamente bordado a ouro, Bolívar trepou numa carruagem ornamentada de louros e palmas... Doze moças vestidas de branco e coroadas de flores, tomaram de uma corda de seda e lentamente lhe foram puxando o carro pelas ruas. A artilharia retumbava, os sinos das igrejas repicavam alegremente, e a multidão aplaudia num frenesí de entusiasmo, enquanto dos balcões choviam sobre o herói pétalas de rosas e camélias.

Um Congresso reunido a toda a pressa proclamou mais uma vez a república, e conferiu a Bolívar o título de «Libertador»—único que ele iria usar até a morte, preferindo-o sempre ao de ditador que mais de uma vez lhe outorgaram.

MAS NÃO TARDOU que da Espanha começassem a chegar navios carregados de soldados, veteranos da Guerra Peninsular, que desembarcavam e invadiam o país a partir das cidades costeiras. Bolívar, para se lhes opor, dispunha apenas dos meios que era possivel arrancar a uma terra primitiva, empobrecida e mal povoada...

Na rápida campanha que se seguiu, rodeado por todos os lados de inimigos ferozes e implacaveis—os temiveis *llaneros* de Boves cooperavam com os espanhóis para esmagar a república—Bolívar ganhou algumas ásperas vitórias defensivas, Araure, Carabobo, San Mateo; mas foi por fim forçado a retirar para o mar, à frente de um trágico cortejo de refugiados, abandonando Caracas à furia dos espanhóis.

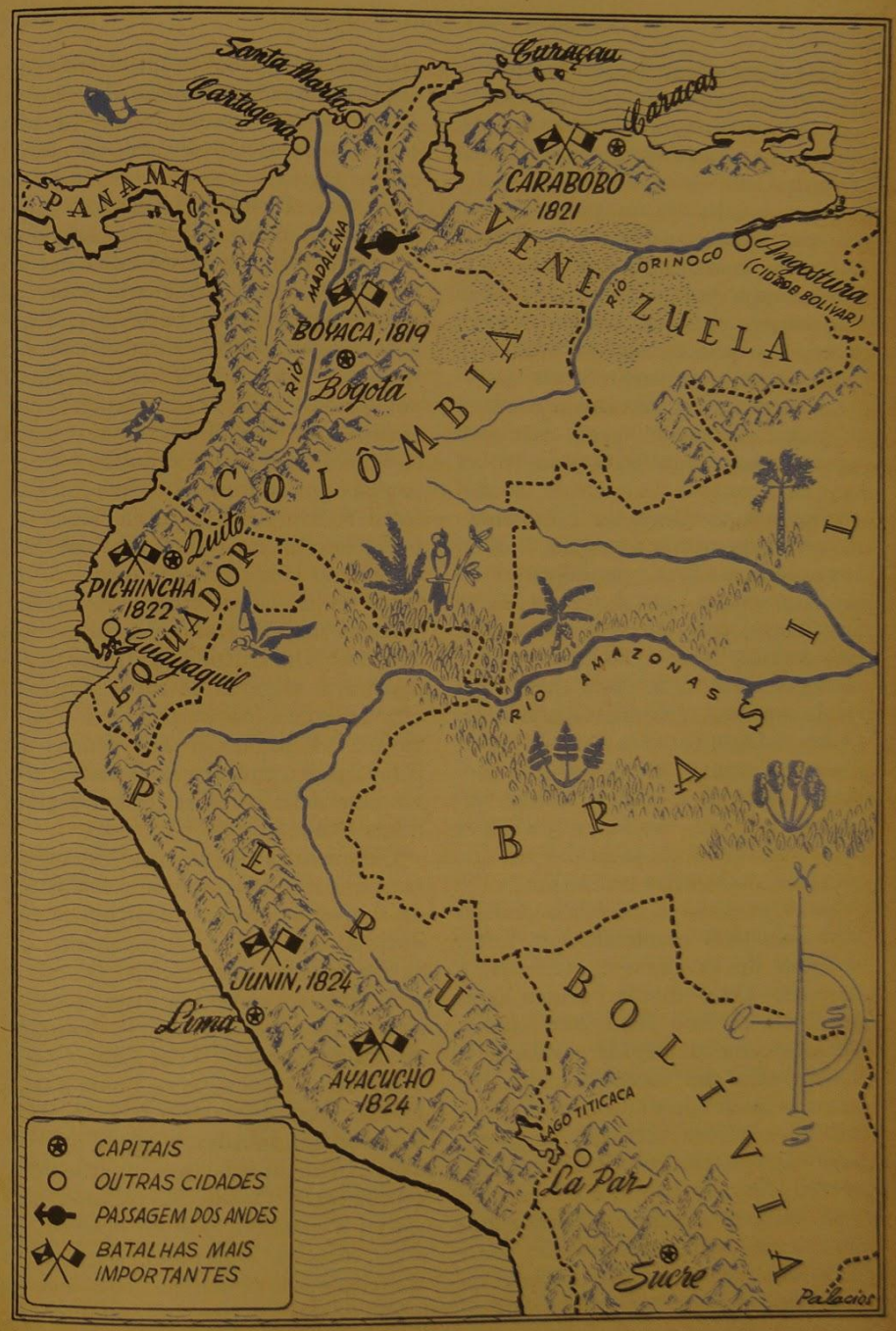
Refugiado em Curaçau, a intriga ferveu em volta dele, e muitos companheiros de ontem voltavam-lhe agora as costas. Mas Bolívar não era homem para desanimar, e depressa regressava a Nova Granada—desta vez sem um soldado!—onde o Congresso Nacional de Tunja o recebeu como herói.

Já avançava, porem, o general Morillo, herói espanhol das campanhas napoleônicas, e Nova Granada teve sorte idêntica à da Venezuela. E de novo Bolívar se exilou, agora em Jamaica.

Aquí, na miséria, reduzido a uma camisa que não podia mandar lavar por falta de dinheiro, e escapando quase por milagre ao punhal de um assassino (que os ingleses fizeram degolar aparatosamente em Kingston), Bolívar lançou um dos seus mais notaveis documentos: a proclamação em que prevê as desgraças políticas da América Espanhola, e esboça o sonho, nunca realizado, do Congresso Americano de Panamá: «Que belo seria—exclama—se o Istmo de Panamá fosse para nós o que foi, para os gregos, o de Corinto!»

Em Jamaica, trabalhou, pensou, escreveu, agitou sem cessar. Esteve alí seis meses, ao fim dos quais, sabendo Cartagena sitiada pelos espanhóis, embarcou numa goleta para ir salvá-la... No mar, porem, soube que a cidade se rendera, e alterando o rumo, dirigiu-se para o Haití, a república negra que sacudira o jugo da França, batendo as tropas de Napoleão. Não lhe faltaram os negros patriotas com auxílio: armas, dinheiro, munições. E de novo Bolívar embarca, desta vez rumo à pequena ilha de Margarita, na Venezuela, de onde passaria ao continente para iniciar sua carreira triunfal de Libertador.

Este mapa permite avaliar a enorme extensão das campanhas de Bolívar. →



Mas desta feita ele teria consigo os ferozes centauros dos Llanos, sob o comando do irrequieto Paez. A batalha decisiva deste período preliminar foi a de Carabobo.

A campanha durou por 14 anos, raivosa, derramando-se por grande parte do continente. Por todo esse vasto campo de luta, Bolívar conduziu seus magros exércitos, sempre numericamente inferiores, mal vestidos, mal alimentados, insuficientemente armados. Entraram muita vez em combate levando cada homem apenas uma salva de cartuchos. Uma feita nem sequer isso: iam armados de canas de bambú, que manejavam como lanças! Quando lhe cortavam aquí a passagem, Bolívar ia atacar alem. Tendo perdido aquí um exército, como que surgia da Terra mais longe, com outro, vindo não se sabe donde. «Nada se pode comparar à infatigavel atividade deste chefe,» escrevia um dos generais espanhóis ao seu rei. «Doze batalhas campais consecutivas, durante as quais os seus melhores soldados e oficiais ficaram no campo da honra, não foram suficientes para quebrar a tenacidade com que vem fazendo a guerra contra V.M.»

Certa ocasião, os espanhóis tinham acampado para pernoitar, com fortes unidades de cavalaria e artilharia, e meteram 3.000 cavalos dentro dum curral ou cercado feito com cordas. Um dos comandantes da cavalaria de Bolívar atou uns couros secos de bezerros às caudas de 50 dos seus próprios cavalos, e atirou com eles a galope contra o acampamento dos espanhóis. Desvairados por aquele ruido, os cavalos inimigos largaram a galopar loucamente por entre os espanhóis adormecidos, e, na escuridão e confusão do momento, os patriotas se atiravam sobre eles de espadas e lanças em riste.

Doutra vez, no coração dos Andes, Bolívar viu-se cercado, com as suas tropas, num estreito abismo. Os rochedos se erguiam a pique por todos os lados, uma torrente tumultuosa espumejava em baixo, no seu flanco, e os espanhóis dirigiam lá de cima das alturas uma terrivel fuzilaria sobre as suas tropas. Como a tarde caía, o nevoeiro se adensou nos desfiladeiros, e o tiroteio cessou. Aquele silêncio durou por mais de duas horas. Depois, subitamente, um último raio de sol rompeu as névoas, cujo véu se ergueu—e os espanhóis voltaram-se assombrados para fazer frente a uma carga louca de baioneta e fuzilaria que vinha em cima deles... do alto das montanhas! A coberto da névoa, as tropas de Bolívar tinham galgado como mosquitos uns 300 metros de altitude, agarrados penosamente à muralha de rocha. Quando esta se erguia na perpendicular, cravavam as baionetas nas fendas da pedra, para continuar a ascensão, servindo-se delas como se fossem degraus duma escada...

Conquanto seus exércitos fossem não poucas vezes derrotados, a confiança de Bolívar no triunfo final nunca fraquejou. Um dia, num banquete organizado pelos seus oficiais, ele saltou para cima da comprida mesa, e caminhou da cabeceira até o extremo oposto declamando: «Do mesmo modo que percorro esta mesa de ponta a ponta, marcharei do Atlântico ao Pacífico, e do Panamá ao cabo de Horn, até que o derradeiro espanhol seja expulso deste continente!» Depois, virando-se, percorreu a mesa em sentido oposto: «E desta maneira regressarei, sem nunca ter feito mal a uma alma cristã, exceto a todos aqueles que se opuserem ao desempenho de minha sagrada missão!»

E essa era tambem a sua intenção: pelo menos isso foi, sem tirar nem por, o que ele realizou.

A MAIOR FAÇANHA guerreira de Bolívar, e uma das maiores da História, no consenso dos militares—foi a sua marcha desde Angostura, (hoje Cidade Bolívar) no baixo Orinoco, através de todo o continente, até atingir o maciço principal dos Andes, que atravessou entre incalculaveis dificuldades. Ainda hoje não existe, ao longo da rota que tomou, nem estrada nem sequer um trilho.

Compreendia o seu exército 1.600 infantes e 800 cavaleiros. Acompanhavam-nos algumas centenas de mulheres. Eram todos gente das planuras, ou *llanos*, que nunca tinham visto uma montanha nem sentido a cruel mordedura do frio. A primeira parte da jornada decorreu na travessia dos *llanos* ardentes, e de juncais onde a umidade era sufocante no pino da estação chuvosa, que é o tempo mais quente do ano. 450 quilômetros de inferno, e logo as planícies de Casanare—intérminas, inundadas, espelho baço de chumbo sob a chuva constante...

Dias e dias sem descanso, durante três semanas, a coluna lá foi patinhando lentamente para a frente. Atascados, com água a dar-lhes pela cintura, os homens erguiam acima das cabeças as trouxas e os mosquetes, enquanto a lama lhes sugava a energia dos pés a cada esforçado passo para diante, e os jacarés rolavam no lodo em volta deles. À noite, homens, mulheres e animais amontoavam-se nos tufos de erva que, aquí e alem, se erguiam acima da morna inundação. O vestuário apodrecia-lhes nos corpos, as feridas rasgavam-se e ulceravam nos membros nus. Muitos deles cairam e se afundaram para sempre naquelas águas lodosas.

E os Andes, por fim... Aqueles *llaneros* exhaustos olharam com assombro para as alturas, lá onde os picos pareciam tocar os céus, deslumbrantes na brancura das neves eternas.

Para manter o inimigo na ignorância do seu paradeiro, Bolívar tomou por um trilho raras vezes usado, ao atravessar um dos mais altos desfiladeiros do maciço. Ardendo em febre, esfaimados, quase nus, os soldados seguiram-no por aquelas gargantas mortais da serrania.

Os muralhões de rocha se erguiam quase a pique. O pequeno exército lá se ia arrastando e trepando conforme podia, por alí acima, agarrando-se às arestas que rasgavam as mãos e os pés dos homens, fazendo-os sangrar. Erguiam-se frios nevoeiros, as ravinas desapareciam engulidas pelo negrume vazio. Homens que alí escorregassem, se caíam lá em baixo, ninguem o sabia, porque o estrondo da queda não chegava a tamanhas alturas...

À medida que galgavam, o ar se tornava mais fino e rarefeito. Os corações dos homens batiam desordenadamente, e a grande e traiçoeira fadiga das altitudes insinuava-se em seus corpos. Ao longo dos desfiladeiros passavam rabanadas de vento, cortando-os de granizo, adormentando-os com chuva gélida, cegando-os em turbilhões de neve.

Durante seis dias subiram a montanha. Depois, subitamente, desembocaram no desolado Páramo de Pisba, a 3.900 metros acima do nivel do mar. Alí passaram uma noite, que foi de todas a peor. Quando, no dia seguinte, o exército começou a descer a vertente

oposta dos Andes, muitos dos seus componentes jaziam inanimados, como molhos de coisas congeladas na neve...

Três mil seres humanos tinham iniciado a marcha sob o comando do Libertador: só 1.200 espetros desceram as ladeiras ocidentais dos Andes. Pois apesar disso, após alguns curtos dias de repouso, ele derrotava um exército de veteranos espanhóis que vitoriosamente se tinham batido sob as ordens de Wellington! E essa batalha foi o momento decisivo de toda a guerra.

CONCLUIDA a sobrehumana travessia dos Andes, o prestígio de Bolívar subiu mais alto que nunca. Cresceram os exércitos e os recursos, ao mesmo passo que se evolavam as forças da Espanha. Compreendendo que a liberdade era impossivel para qualquer país da América do Sul, enquanto a Espanha tivesse uma colônia através da qual pudesse atacar, Bolívar marchou de país em país, ignorando os limites coloniais, combatendo os espanhóis onde quer que os topasse. Seu exército ganhou quatro grandes e retumbantes vitórias —cada uma das quais libertou uma nação, e todas elas tão famosas na América do Sul como qualquer grande batalha da História: Boiacá, Carabobo, Pichincha, e Aiacucho.

Aparte as suas grandes qualidades pessoais de chefe, três fatores contribuiram para o seu êxito final. Em primeiro lugar, os seus emissários em Londres recrutaram alguns milhares de jovens oficiais ingleses e irlandeses, que constituiram uma brilhante «Legião Inglesa». Em seguida, Luiz Brion, mercador judeu de Curaçau, construiu à sua própria custa uma pequena armada, assumiu em pessoa o seu comando, e manteve livres de espanhóis as bocas do Orinoco, apoiando desse modo a retaguarda do Libertador. E finalmente José Antônio Paez, astucioso e temivel guerreiro dos *llanos*, com milhares de ferozes cavaleiros e vastos rebanhos de gado à sua disposição, não só forneceu a cavalaria e mantimentos, mas ele mesmo se manteve constantemente na brecha contra os espanhóis.

APARTE SUL do continente, Chile e Buenos Aires (hoje Argentina) já haviam sacudido o jugo espanhol por obra de outro grande patriota: José de San Martin. Deste modo, quando o comandante espanhol de Calhau (Perú) se rendeu a Bolívar, a 22 de janeiro de 1826, era arriada a derradeira bandeira espanhola do continente. O Brasil era de há muito nação livre. O continente sul-americano, onde quer que lhe pulsasse a conciência nacional, não conhecia mais soberanias estrangeiras.

Os dois heróis da libertação da América Espanhola foram encontrar-se em Guaiaquil, e desse encontro amistoso, de diplomatas, Bolívar saiu tambem vitorioso: a sua irresistivel personalidade, os seus triunfos nos paises andinos tornavam-no a título legítimo libertador do Perú, e San Martin retirou-se discretamente, abandonando-lhe o império dos Incas. Mas a sorte dos dois heróis não seria muito diferente: não tardou que San Martin, monarquista de coração, se retirasse para morrer obscuro na Europa.

Bolívar combatera durante quinze anos. Dirigira cerca de quinhentas batalhas, e libertara uma área imensa que abrange as repúblicas atuais de Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Perú. Apesar disso, não foi só a glória militar, aliás bem merecida, que fez dele uma espécie de ídolo aos olhos do

seu povo; a sua calorosa eloquência, nutrida de ideais, inflamava tambem as massas do Novo Mundo.

Bolívar foi, com efeito, uma das penas mais fecundas de todos os tempos. À data da morte, seus manuscritos enchiam dez baús! Uma pequena parte desse total está representado por uma coleção dos seus trabalhos que enche 32 grossos volumes... Escrevia constantemente—em plena batalha, à noite no acampamento, e nas reuniões sociais. Proclamações, discursos, tratados políticos, cartas a gente por todo o mundo. «Pessoas há — escrevia — que precisam de estar sós e longe do tumulto para poderem pensar. Eu, como melhor penso, é no meio das multidões e entre o fragor das batalhas.» Ditava por vezes a três secretários ao mesmo tempo. «Arranjem-me melhores escrivães!—bradava—Mais rápidos! Não há quem possa seguir meus pensamentos!»

Para cada um dos paises que libertou, escreveu Bolívar uma constituição e organizou um governo até os mínimos detalhes; convocou congressos, administrou finanças, constituiu gabinetes, nomeou representantes diplomáticos, e esboçou políticas internas e externas.

Seu pensamento era clarividente e profético, como a história o veio a provar subsequentemente. Predisse o curso futuro de cada país do mundo ociden-

BOLÍVAR tinha a testa alta, posto que algo estreita, e sulcada de rugas. As sobrancelhas densas e bem desenhadas. Os olhos negros, vivos e penetrantes. Longo e perfeito o nariz. A boca feia e os lábios bastante grossos. A distância do nariz à boca era notavel. Os dentes brancos, uniformes e magníficos. As orelhas grandes mas bem plantadas. O cabelo negro, fino e crespo. De estatura tinha 5 pés e seis polegadas inglesas. Seu peito era estreito; delgado o corpo, e sobretudo as pernas. A pele morena e um pouco áspera. As mãos e os pés, pequenos e bem formados. Era de agradavel presença quando de bom-humor: porem terrivel, quando irritado.

Tinha sempre bom apetite, mas sabia suportar a fome como ninguem, e apesar de conhecer e apreciar a boa cozinha, comia com gosto os singelos manjares do *llanero* ou do índio. Fazia muito exercício. Nunca se viu ninguem tão capaz de suportar a fadiga. Depois de uma jornada que bastaria para render as forças ao mais robusto, vi-o trabalhar cinco e seis horas seguidas—ou dansar outras tantas. Dormia cinco ou seis horas, numa rede, num catre, ou numa pele de couro, ou deitado na terra dura, embrulhado na capa. Nem os *llaneros* lhe levavam a melhor no alcance da vista e na finura do ouvido... Destro no manejo das armas, era um cavaleiro exímio, se bem que não muito garboso na sela. Muito esmerado no vestuário e no asseio do corpo, todos os dias tomava banho, e, nas terras quentes, chegava a banhar-se três vezes por dia.

Falava muito, e bem. Suas proclamações são modelos de eloquência militar. As galas do estilo, a clareza e a precisão brilham de par nos seus escritos. Nas ordens que transmitia a seus oficiais, não esquecia sequer os pormenores mais triviais. Possuia o dom da persuasão, e sabia como inspirar aos outros confiança.

Gênio por excelência criador, de tudo sabia tirar proveito. Grande sempre, foi-o sobretudo na adversidade. «Bolívar derrotado era mais de temer que vencedor,» diziam seus inimigos. Os reveses tornavam-no superior a si mesmo.

—*Memórias* do General O'Leary

tal, para os cem próximos anos de vida. Instou pela construção do canal de Panamá, predisse a formação de uma grande união de repúblicas americanas, que se erguesse como um baluarte contra as filosofias reaccionárias do Velho Mundo. Chegou a tomar a iniciativa de formar essa união, e convidou todas as nações americanas a enviarem representantes a um congresso a reunir em Panamá. O Congresso chegou a reunir-se, mas redundou num fracasso. Bolívar tambem já o previra: «Mas a semente ficará na terra (disse ele) e algum dia rebentará em frutos...»

COMO HOMEM, Bolívar tinha a personalidade, o encanto, e a atração física que tanto significam para o lider popular. Durante as campanhas compartilhava dos sacrifícios dos seus homens; cavaleiro infatigavel, chamavam-lhe «*Rabo de Ferro*», e adoravam-no. Mas era tambem amigo de dansa e de música, e nunca desprezava ocasião de tomar parte numa festa.

Um seu camarada de luta descreveu-o certa vez nestas palavras: «Está em constante movimento. Quando segue as veredas da floresta, vai depressa, corre, tenta deixar para trás os companheiros, propõe-se pular mais e melhor que nenhum deles... Quando deitado na rede, balança-se com rapidez, cantando, falando veementemente, recitando versos franceses. Na intimidade dos amigos é por vezes gritante e irreverente. Tão depressa porem chega um estranho, torna-se discreto, cortês, e domina logo pela dignidade.»

A qualidade que Simon possuía em grau superlativo era a que os espanhóis denominaram *hombría*—o poder de dominar pela virilidade, pela só força do carater. Irradiava esse poder como uma carga elétrica, que induzia a todos que se encontrassem na sua presença. Certa vez, durante um armistício, encontrou-se com o comandante dos espanhóis, o general Morillo. A entrevista foi uma batalha de espírito, um torneio psicológico. E Bolívar facilmente bateu o adversário aos pontos. Morillo resignou o seu comando, e retirou-se para Espanha.

O general Francisco Santander, ele próprio homem fino, culto, e forte, exprimiu-se assim a respeito de Bolívar: «Este homem tem uma presença que cega e fascina. Tendo-me avistado com ele, muitas vezes entrei zangado, para sair da entrevista desarmado e cheio de admiração por ele. Nenhum homem pode afrontar Bolívar cara a cara!»

Mas o Libertador, por isso que humano, tambem tinha as suas fraquezas. Era vaidoso. Era cioso da sua glória. Abstêmio em muitos artigos de prazer, era um verdadeiro «homem fatal». As mulheres o achavam irresistivel, e atiravam-se-lhe literalmente nos braços onde quer que ele se encontrasse. Existe uma coleção de mais de 2.000 cartas de amor que lhe foram dirigidas. Desde a sua primeira juventude, sempre houve uma mulher na sua vida; mas a maioria das suas histórias de amor foram efêmeros episódios, que, segundo ele parece ter sentido, de modo algum afetaram a sua fidelidade à memória de Maria Teresa. O seu único e grande amor, depois desta, foi a sua obra de libertador, e esse amor nunca adormeceu—nem nos encantos de outras mulheres, nem por entre o estrépito das batalhas.

De todas elas, uma porem é digna de registro. Ao entrar em Quito (hoje no Equador) após a batalha de Pichincha, Bolívar foi recebido em triunfo. Aí conheceu, num baile em sua homenagem, a mulher que lhe seria fiel até o fim: Manuelita Sáenz, que ao tempo tinha apenas 22 anos, e era casada com um inglês, o dr. Thorne.

Manuelita se apaixonou perdidamente pelo audaz guerreiro, e transformou-se em amazona, renunciando à serenidade e conforto da vida doméstica. Envergando o uniforme dos dragões, de lança em punho, tomou parte em batalhas ao lado do seu bem-amado, que a tratava de «amavel louca». Mas os soldados, que a admiravam, puseram-lhe o apelido de «Libertadora»... Manuelita viveu com ele no palácio de Lima, acompanhou-o ao Alto Perú, e foi dos seus braços que uma noite, bem trágica e significativa, o Libertador fugiria à morte que os sicários rebeldes pretendiam dar-lhe: acompanhado de um só amigo fiel, Bolívar passou talvez a hora peor da sua vida, oculto sob uma ponte, a ouvir por cima da cabeça os gritos dos seus perseguidores...

TINHA CUMPRIDO tudo o que jurara realizar; mas agora o seu sonho subia e crescia até conceber a união política de todos os novos estados, sob um só e forte governo central, de certo modo semelhante ao dos Estados Unidos. Mas as forças do nacionalismo e a luta das fações políticas, ciosas do seu próprio poder em cada um dos novos estados, levantaram-lhe sérias e amargas dificuldades. Velhos amigos, camaradas de armas, muitos o encaravam agora como inimigo político. As nações que se tinham unido como uma só contra a madre Espanha, estavam agora prontas a entrar em luta armada umas com as outras.

Em desespero de causa, Bolívar recomeçou as suas interminaveis jornadas, na esperança de restabelecer a unidade. Seu velho prestígio se mantinha, e por toda parte o vitoriavam entusiasticamente. Mas nem mesmo um semideus pode pretender possuir o precioso dom da ubiquidade; tão depressa ele deixava um país, já as ondas da dissensão rebentavam de novo nas suas costas. «Levei a vida a lavrar no mar!» costumava ele bradar no fim, cansado e desiludido.

Bolívar não advogou o estabelecimento da «pura» democracia. Sentia que aquelas nações ainda não estavam maduras para o regime na sua máxima expressão. «Seus olhos sairam demasiado recentemente da treva da escravidão, para que possam aguentar essa luz sacrossanta e ofuscante!» O que ele propunha para os diversos estados republicanos, era alguma coisa de mais semelhante ao sistema de governo inglês do que ao norteamericano: uma câmara baixa, eletiva, um senado hereditário, e um presidente vitalício.

É bem verdade que a qualquer altura ele poderia ter-se proclamado ditador, e forçado todos os paises que libertara a aceitar o seu poder. Mas tinha horror à ditadura. Quando uma vez certo grupo propôs que ele se fizesse coroar imperador, Bolívar replicou: «O título de Libertador está acima de qualquer outro que a vaidade humana possa ter concebido; nem quero pensar na possibilidade de o degradar!»

Todos aqueles anos de fadigas e sacrifícios acabaram repercutindo no seu organismo; doente e fatigado, era um velho aos 47 anos. Quando finalmente, estando em Bogotá, lhe anunciaram que a Venezuela e o Perú, a Bolívia e o Equador (já então separado) tinham aceitado governos ditatoriais, Bolívar compreendeu que era chegado

o seu fim. «Estou para morrer,» escreveu. «Completei o meu ciclo. Deus está me chamando.»

Tinha resolvido exilar-se para morrer, pensando que a sua mesma presença nas repúblicas que tinha criado poderia causar maiores dissensões. Os amigos lhe rogaram que ficasse e impusesse a sua vontade pelas armas. Ao seu chamado, diziam, milhares de homens acudiriam a enfileirar ao lado dele. Mas Bolívar recusou fazer uso desses processos contra os seus próprios conterrâneos.

Alguns dos seus aliados das grandes horas da luta eram agora seus rivais ou inimigos: Paez e Santander. O melhor de todos, seu amigo e discípulo dileto, Sucre, fora assassinado pela anarquia. Bolívar via desfeitos seus sonhos de unidade e paz americana. Vivera lutando contra os inimigos exteriores e a desordem das nações que criara, debatendo-se em febres, doente, assoberbado de dificuldades financeiras—ele que dera tudo, fortuna, carreira, amores, ambições e a própria vida, pela liberdade da América.

Quando saiu de Bogotá, a população alinhava-se tristemente ao longo das ruas, chorando à sua passagem. Representantes de nações estrangeiras, membros do governo, e centenas de cidadãos o acompanharam até os arredores da cidade. Chegados alí, desmontaram de seus cavalos e o abraçaram. Bolívar trepou a custo na sela, e desapareceu na estrada que conduz ao litoral.

Na fragata que o levava para a ilha de Jamaica, o Libertador adoeceu; o capitão decidiu arribar à costa da Colômbia, e desembarcá-lo em Santa Marta. Levado para terra numa liteira, Bolívar era a sombra do homem que fora, o maior da América do Sul. Conversando com o médico que o assistiu no fim, o francês Alexandre Révérend, perguntou-lhe: «Que é que o trouxe a estas terras, doutor?—Vim buscar a Liberdade, Excelência. —E a encontrou?—Sim, Excelência. —Pois então, foi mais feliz do que eu...»

Ditou alí seu testamento, de que fazem parte estas palavras: «Se a minha morte contribuir para que cessem as lutas de partidos e se consolide a união, baixarei tranquilo à sepultura...»

Nenhum dos seres que mais amou estavam presentes. Manuelita Sáenz, avisada do seu estado, correu loucamente ao seu encontro, dia e noite, para receber-lhe o derradeiro alento—talvez no sonho de reanimá-lo e restituir-lhe as forças... Tarde demais: pobre, quase só, Simon Bolívar morria no modesto refúgio da Quinta de São Pedro Alexandrino, com 47 anos, no dia 17 de dezembro de 1830—undécimo aniversário da fundação da República. Suspensa de um colar, ao pescoço, tinha a medalha de George Washington, que Lafayette lhe mandara.

Em tempos, quando o povo de Caracas propôs que lhe fosse levantada uma estátua, Bolívar tinha dito: «Esperem que eu morra, para me poderem julgar sem preconceitos. Nunca se devia erguer um monumento a nenhum homem em sua vida; ele pode trair. Nunca terão que acusar-me de traidor: mas esperem, esperem...»

A POSTERIDADE julgou-o plenamente. Doze anos após sua morte, uma grande armada de guerra fundeava na baía de Santa Marta, na Colômbia. Ao lado das bandeiras das nações que ele libertara, pendiam dos mastros, a meia-haste, as bandeiras da Inglaterra, da Holanda e da França. A cidade estava cheia de representantes de nações estrangeiras. Ao som das salvas de artilharia e dos rufos de tambores, as cinzas de Bolívar foram colocadas num escaler, e levadas para bordo dum navio que esperava. Em breve a grande frota levantava ferro, desfraldava os panos e sulcava para leste.

Assim regressou à pátria o corpo do Libertador. Caracas apresentava-se de luto, e por sobre as ruas tinham-se erguido arcos ao triunfador. Sob eles desfilou uma longa procissão de grandes homens de todas as nações, e à cauda do cortejo vinha um enorme carro funerário, cavalos envoltos em panos negros, grinaldas e coroas de flores sobre a seda fúnebre. A multidão silenciosa via passar o cortejo ao som de suave e vagarosa melodia.

Bolívar viera finalmente repousar no cantinho a que sempre aspirara—no coração do seu povo e da História...

Barragem de um comboio britânico

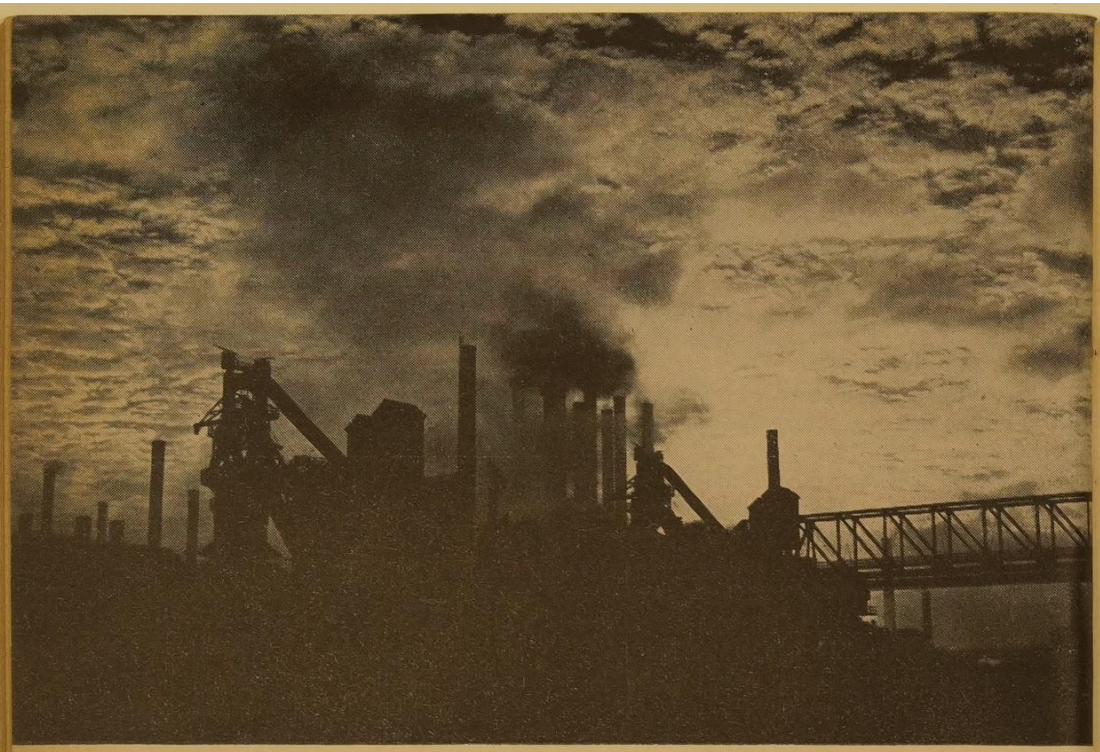
¶ OS GRANDES comboios marítimos, no Mar da Mancha, constituem um dos espetáculos mais singulares da guerra atual. Cada navio de carga leva, preso por um cabo de aço à popa, um balão que se apruma desajeitadamente. Os balões cativos, usados nas travessias marítimas, têm feito pelos navios mercantes ingleses o mesmo que os balões de barragem em terra têm feito pelas cidades da Grã Bretanha. Têm feito com que muitos aviões inimigos caiam no mar, mas o seu principal objetivo é manter os bombardeiros a consideravel altitude. Alem disso, os cabos que prendem os balões, oscilando à popa dos barcos, impedem que os bombardeiros se aproximem segundo a sua maneira preferida, isto é, pela retaguarda do navio.

Mesmo os pequenos barcos solitários obtêm esse gênero de proteção, em vários portos ao longo da costa inglesa, onde há postos de fornecimento de balões, dirigidos por membros da RAF. Aí, os navios que aportam deixam os seus balões usados, para serem reparados, e recebem outros, para seguirem viagem. Há tambem estações flutuantes de balões, e navios-faróis permanentemente ancorados para servir os barcos caça-minas das vizinhanças. Em muitas baías há postos com balões cativos, para manter a distância os aviões inimigos que lançam minas submarinas.

Um comboio foi atacado, no Mar da Mancha, por uma esquadrilha de trinta bombardeiros de mergulho, nazistas, escoltados por aviões de combate. Primeiro, os aviões de combate vieram, destruindo um por um os balões de proteção e, em seguida, os bombardeiros lançaram as suas bombas. Mas a demora, necessária para destruir os balões, salvou o comboio britânico, porque os aviões ingleses de caça tiveram tempo de chegar à cena de combate, abatendo imediatamente três dos Junkers atacantes.

Uma das barragens de balões mais dramáticas foi descrita nos seguintes termos por um observador: «Havia uma nuvem muito baixa, e o velho balão de gás ficou metido nela. Apareceu um Junker, circulando cautelosamente sobre o navio, para atacá-lo. Não vendo nada, mergulhou, com as comportas das bombas abertas. Subitamente, como que o monstro aéreo para no meio do ar, e enforcado seja eu se não se abriu de meio a meio, como se fosse de manteiga. As duas metades tombaram à parte, fazendo os *boches* cair aos trambolhões».

—George Mawson, *Britain*



O dia de amanhã promete ser glorioso

OS imortais fundadores da liberdade americana—Washington, Bolívar, San Martin—e seus êmulos e precursores brasileiros, como Tiradentes, Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa—iniciaram a luta pela independência de seus paises sem exército nem armadas, sem tesouro público, sem poderosos aliados... e a ameaça de morte pendia sobre eles.

Mas eram homens de carater... rijos como o aço... que amavam a liberdade mais que a própria vida.

Os povos do Hemisfério Ocidental se sentem unidos por estas tradições e estes ideais comuns—liberdade, igualdade e direito à felicidade.

Sabemos muito bem onde reside nossa segurança: devemos trabalhar juntos para reconstruir o mundo e tornar possivel melhores condições de vida—esta é a tarefa que nos cabe... que acabará por eliminar as barreiras geográficas, de língua e de fronteiras.

É preciso antes de mais nada que os vastos recursos de produção e fabricação que a técnica moderna nos proporciona, sejam utilizados para elevar o padrão de vida da humanidade.

Estamos certos que um futuro brilhante está reservado ao nosso mundo... Quando a máquina, ao serviço de um mundo em paz, tornar-se uma força benevolente para multiplicar as coisas boas e uteis numa proporção que mal podemos hoje conceber.

Não há dúvida que o dia de amanhã promete ser glorioso.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

MORTE SÚBITA... "made in U. S. A."

Eles mesmos provocaram.

Os bandidos do Eixo utilizaram o milagre da aviação para espalhar a morte e a destruição. Criaram suas aves de rapina e lançaram-nas sobre o mundo—

Agora uma raça mais feroz voa sobre suas cabeças—os Bell Airacobras que lhes trazem a morte súbita... fabricada nos Estados Unidos.

Em três anos—começando do nada—os Estados Unidos criaram a maior indústria aeronáutica do mundo. Já fabricamos em maior quantidade que nossos inimigos... tendo eles começado dez anos mais cedo.

E isto é uma façanha que as Américas contemplam com orgulho e gratidão.

★ ★ ★

Quando as rotas do ar estiverem abertas para o transporte e comércio do tempo de paz, a indústria aeronáutica promete fabricar aviões a tal ponto aperfeiçoados, que nem podemos imaginar.

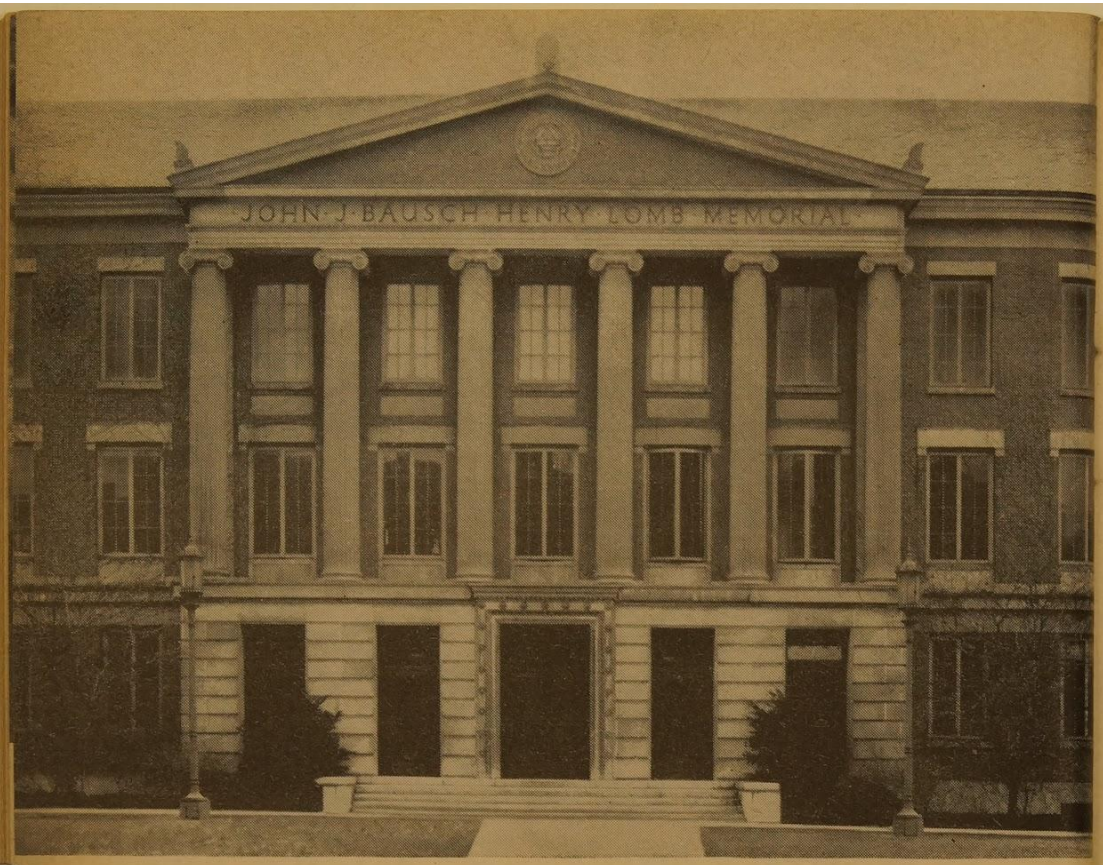
E nós, homens o mulheres que concebemos, projetamos e fabricamos os Airacobras artilheiros, estaremos prontos para executar as novas e palpitantes tarefas. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, Nova York, E. U. A.

Airacobras para a vitória—

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR



Oportunidade para os futuros homens de ciência

NO *campus* da Universidade de Rochester encontra-se o Instituto de Ótica, cujas normas pedagógicas são das mais elevadas no domínio da educação. Apenas a terça parte dos aspirantes à matrícula conseguem ingressar alí; e mesmo desse número, somente duas terças partes terminam o curso.

O edifício, sede do Instituto desde 1929, foi doado à Universidade pelas famílias Bausch e Lomb, e a empresa Bausch & Lomb pagou uma parte consideravel das despesas do Instituto durante os primeiros anos de sua existência. Apesar disso, ele é absolutamente independente da Bausch & Lomb, e constitue parte integral da Universidade de Rochester. É incalculavel a influência que, através de seus diplomados, esse Instituto virá a exercer sobre o futuro bem-estar da humanidade.

Todo estudante que cola grau no Instituto é um engenheiro ótico de primeira ordem, apto a idear novos instrumentos para resolver problemas relacionados com a luz em qualquer de seus aspetos. Os diplomados são muito procurados pelas grandes empresas industriais de renome mundial. Certo número deles ingressam na Bausch & Lomb, onde ajudam a perpetuar as excelentes normas de qualidade desta firma, sem igual em todo o mundo.

A Junta de Admissão da referida Universidade terá prazer em atender a quaisquer consultas relativamente ao curso no Instituto. Oferecem-se várias bolsas de estudo.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

A Singer continua às suas ordens

★ ***Precisa de Agulhas?***
Óleo de máquina? Peças de reparo ou sobressalentes? Procure-nos, pois ainda temos algumas em estoque, se bem que nossa reserva seja limitada.

★ ***Sua Máquina está Cosendo Mal?***
Chame-nos para que enviemos um de nossos mecanicos especializados, que saberá ajustar ou consertar sua máquina, pondo-a, por preço módico, em perfeitas condições de funcionamento.

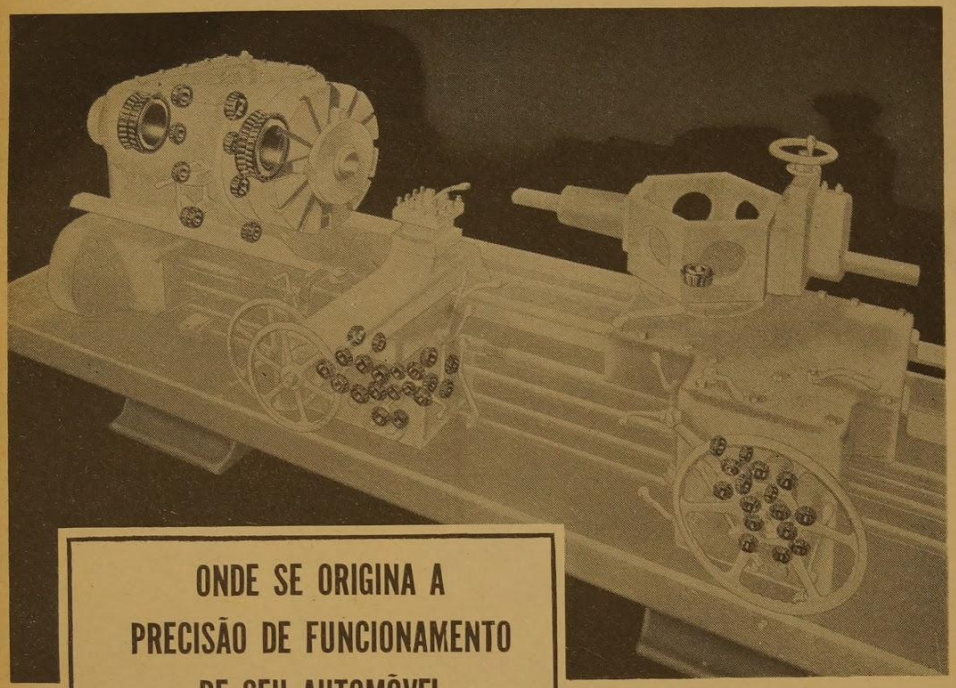
★ ***Quer uma idéia para um vestido novo?***
Recorra à nossa seção de modas e bordados, onde lhe serão dados conselhos e sugestões na confecção de seus vestidos.

O "S" vermelho na vitrine da Casa Singer é a garantia de serviços e apetrechos Singer legítimos.

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A.,1943, by Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.



ONDE SE ORIGINA A PRECISÃO DE FUNCIONAMENTO DE SEU AUTOMÓVEL

Automóveis, caminhões, tratores, aviões, máquinas de costura —enfim todas as máquinas—hão-de ser tão precisas quanto a máquina-ferramenta que fabricou as peças de que elas se compõem. A precisão da máquina-ferramenta que fabrica estas peças depende, por sua vez, das chumaceiras usadas no seu fuso. É portanto significativo o fato de 95 por cento das máquinas-ferramentas de fabricação intensiva terem seus veios montados sobre Chumaceiras Timken.

Logo, pode-se dizer que a precisão de funcionamento dos automóveis, caminhões, tratores e, hoje em dia, armas, aviões e tanques norte-americanos, é em grande parte devida ao rigor sem igual que asseguram as Chumaceiras Timken nos fusos das máquinas-ferramentas. Alem disto milhões incontaveis de Chumaceiras Timken estão em serviço naquelas mesmas máquinas de pacífica utilidade como no próprio material de guerra, permitindo rigorosa precisão e durabilidade onde quer que girem rodas ou eixos. The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E.U.A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS

★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★

"Do Outro Não Sobrou Nada..."

NÃO foi uma luta a socos a origem deste "tapa-olho", mas sim a ocular da mira—o prodigioso engenho Americano que tornou os artilheiros do Tio Sam capazes de atingir o alvo com certeza matemática.

É bem facil calcular a extraordinária atenção que se dispensa ao fabrico destas miras . . . e como é importante produzí-las sempre em maior escala e cada vez *mais depressa!*

Recentemente, um novo óleo para corte de metais—saido das refinarias dos lubrificantes "Gargoyle"—concorreu positivamente para incrementar a produção destas miras.

Eis mais uma prova do quanto vale o patrimônio representado pelos 77 anos de experiência na elaboração dos produtos do petróleo em que se escudam os lubrificantes da marca famosa: "Gargoyle". Dessa inigualavel soma de conhecimentos estão surgindo, cada dia, novos produtos para a guerra...Daquela mesma experiência foi que nasceram os óleos e graxas "Gargoyle", para dar proteção eficiente às máquinas industriais—hoje em dia mais preciosas do que nunca.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

O FILHO VELOZ DA VITÓRIA

AINDA ninguem viu este trem.

Mas havemos de vê-lo. Este filho veloz da Vitória já hoje existe no espírito progressista dos engenheiros do transporte e da metalurgia do aço.

Depois da Vitória, há-de nos conduzir onde quisermos, com maior rapidez, conforto e segurança do que qualquer trem que já tenhamos imaginado. Transportará os produtos que compramos e os que vendemos com maior rapidez e *economia*.

Desta guerra pela liberdade, as Américas terão salvaguardado não somente sua *concepção de vida*, como terão obtido oportunidades quase milagrosas para melhorar suas *condições de vida*. Os famosos aços de guerra que estão hoje lutando contra a agressão e a tirania, depois da Vitória nos ajudarão a vencer o tempo, a distância, o trabalho pesado e a necessidade.

Muitos dos aços da Republic, já famosos em tempo de paz, assim como os novos aços de guerra criados para a luta e provados na batalha, servirão depois para tornar o transporte, a indústria e a agricultura do Novo Mundo os mais eficientes e mais prósperos do mundo.

Nós, nas Américas, temos muito por que lutar. E é por isto que os homens que trabalham para Republic Steel se juntam a todos os que amam a liberdade, para consagrar *todos seus esforços* à Vitória.

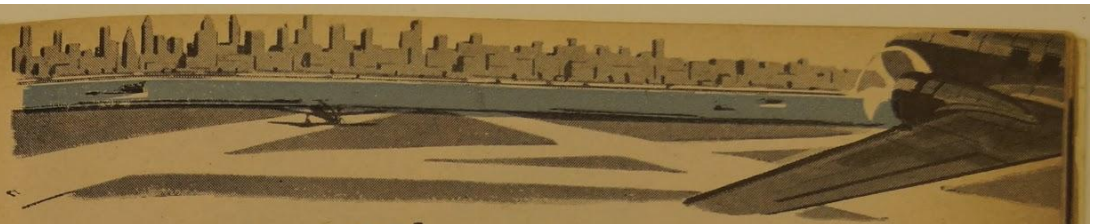
REPUBLIC STEEL — VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave.
New York, N. Y. E.U.A. Endereço telegráfico: "TONCAN"

Escritorios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Côlumbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguay, Venezuela, Ilhas Virgínias.
Tambem estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, India, China, Irán, Portugal, Suecia, Turquia.



"Chegamos a tempo . . . e minha mãe está bem"

Com a permissão do autor publicamos a tradução de uma comovente carta que nos foi enviada recentemente por um médico do Equador . . . Tanto a Panagra quanto a Pan American se alegram de ter podido prestar este serviço.

Nova York

Sr. C. J. Jalil
Panagra
Guayaquil, Equador.

Caro amigo Jalil:

Minha mãe, como V. talvez se recorde, sofria de moléstia que à primeira vista parecia incuravel. Andamos, durante algum tempo, bastante preocupados com seu estado. O caso fora diagnosticado corretamente, mas a cura era dificílima. Reuniram-se em conferência os dez melhores médicos do Equador. Decidiram submetê-la a uma operação delicadíssima, e o especialista capaz de fazê-la encontrava-se nos Estados Unidos!

Em época de paz, uma viagem aos Estados Unidos com uma pessoa doente pode-se considerar coisa normal. Mas numa época de guerra, em que o interesse do indivíduo desaparece diante das necessidades prementes da maioria, eu tinha muito pouca esperança de poder levar minha mãe a Nova York.

No entanto, a Panagra foi muito solícita. E V., sentindo como cristão a importância de salvar uma vida, afastou as tremendas obrigações de guerra de sua companhia, e tomou providências para nossa viagem: A Pan American cooperou por sua vez, permitindo a travessia de Balboa a Miami, e de lá a Nova York. Chegamos em boa hora, a operação foi bem sucedida, e minha mãe salvou-SE!

Espero algum dia poder retribuir tanta bondade e consideração. Não julgo que tal seja possivel. Mas creia que não perderei a oportunidade.

Aquí me despeço com uma saudação afetuosa.

(assinado) Jacinto Loaiza G.

O avião para os povos das Américas, *que o inventaram*, sempre foi um *instrumento criador de vida*. Para os Irmãos Wright e para Santos Dumont era um meio de transporte para homens e mercadorias . . . e não para bombas!

Uma vez derrotado o Eixo, novos e maiores Clippers, voando com mais frequência, trarão aos povos das Américas novas amizades, novas mercadorias, e novas oportunidades para uma vida melhor.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na America Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviacion, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.

Como é que se tomam as "alturas"?

TOMAR as "alturas", em linguagem náutica, é determinar a posição de um navio no mar. O timoneiro olha o cronômetro de bordo, acerta por ele o seu relógio de confronto, até às frações de segundo, e comunica com o piloto, que está na ponte do navio. A dificil determinação da exata posição de um navio depende inteiramente da precisão do cronômetro.

Por aí se vê que o cronômetro tem que ser um aparelho de infinito rigor. Dias e meses seguidos, o seu ritmo raras vezes oscila aquem ou alem de meio segundo.

Antes da guerra, não existia nos Estados Unidos a produção de cronômetros em série. A Hamilton os está produzindo, a par de outros aparelhos essenciais à contagem do tempo—para ajudar a ganhar esta guerra! São instrumentos de uma precisão como nunca se viu, nem mesmo no Velho Mundo. Por tal motivo não podemos hoje fabricar muitos relógios para usos civís. Mas deixe-nos V. S. ganhar esta guerra, e o Hamilton será mais belo e mais preciso que todos os relógios que o sr. já teve! Hamilton Watch Company, 370 Columbia Ave., Lancaster, Pa., E.U.A.

Há 50 Anos que se Fabrica na América

O Delegado mais importante à Conferência da Paz

E' por nossos filhos que, do caos desta guerra, devemos fazer surgir um mundo mais perfeito do que nós, os da velha geração, jamais conhecemos! E' pelo futuro deles que urge alcançar a Vitória, e afeiçoar depois a Paz.

E é para assegurar o mais rápido advento da Paz que a RCA está hoje produzindo tipos de material de rádio às centenas, que se destinam às forças armadas das Nações Unidas nas várias frentes de batalha.

E é para garantir o advento desse mundo novo e melhor, que a RCA, os seus laboratórios, os seus operários qualificados, e os seus homens de ciência, estão planejando fazer do rádio e da eletrônica servos ainda mais obedientes do homem. Da televisão aos rádios via-dupla; do microscópio eletrônico aos discos de grande música; e dos rádio-receptores aos aparelhos de som para teatros, lares e indústrias — a RCA contribuirá para se criarem os meios de uma vida melhor e mais plena, no futuro,...a vida que todos sonhamos deixar em testamento aos nossos filhos!

Ouçam todas as noites "Correspondente Estrangeiro RCA Victor" no Radio Nacional, Rio de Janeiro.

Divisão RCA Victor

RADIO CORPORATION OF AMERICA

Camden, Nova Jersey, E. U. A.

RCA Victor Radio, S. A. • Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

Distintas Damas NAS DUAS AMÉRICAS

SRA. NOÊMIA PRADO RUBIÃO

senhora ilustre da mais fina sociedade brasileira, diz: «Com os dois Cremes Pond's mantenho a minha cutis suave e perfeita».

MRS. JOHN JACOB ASTOR

nome dos mais representativos nos Estados Unidos, declara: «Há anos venho usando o simples método dos dois Cremes Pond's.»

Ambas seguem o mesmo tratamento de beleza dos 2 Cremes Pond's.

TAMBÉM a senhora pode fàcilmente ter uma cutis aveludada e sedutora. Siga, como o fazem os nomes mais destacados das duas Américas, êste facílimo método Pond's de Dois Cremes.

Observe como é simples:— todas as noites sirva-se do Cold Cream Pond's para limpar a pele. Retire-o e aplique mais uma camada. A seguir utilize o Creme Evanescente Pond's. Renove êste tratamento todas as manhãs. Como base para «maquillage» duradoura e uniforme, empregue uma leve camada do Creme Evanescente Pond's.

AMOSTRA GRATIS: Queira enviar-nos o coupon com Cr.$1,00 para despesas de remessa de uma amostra dos Dois Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL, Av. do Estado, 5.537, S. Paulo

3-IIII-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....

MULTIPLICAÇÃO

★ Em Dezembro de 1941 os Estados Unidos foram atacados traiçoeiramente. Prevendo tal acontecimento, o Governo Americano já tinha iniciado um Programa de Defesa. De acordo com este programa, a produção das fábricas da Beech Aircraft Corporation já era a esse tempo 12½ vezes maior que a produção de 1939, ano fatídico em que Hitler desencadeou sobre o mundo a sua fúria.

Tornando-se a guerra uma realidade, em Dezembro de 1942 a produção da Beech Aircraft Corporation atingiu a um nivel surpreendente, que é 100 vezes maior que a produção média de 1939.

Esta história se repete pelos Estados Unidos a fora, para todo gênero de armamento de guerra, e assim prenuncia a derrota dos agressores eixistas.

Produção comparada de Aviões # da Beech

Em 1939 + + +	100%
Em Dezembro de 1941 + + +	1.250%
Em Dezembro de 1942 + + +	**10.000%**

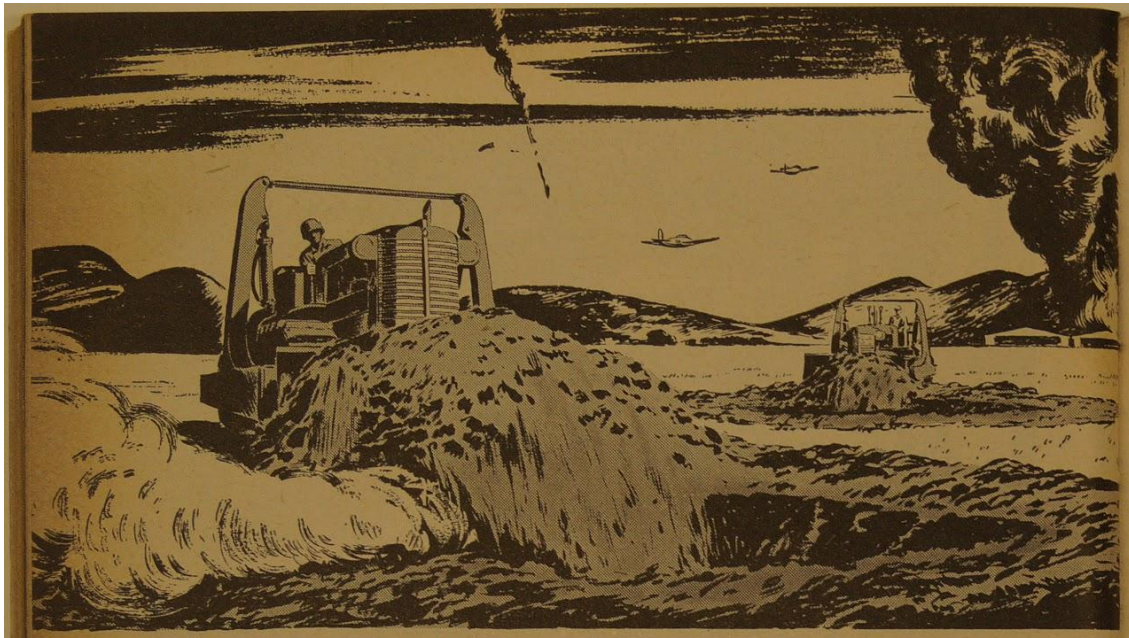
Um Beechcraft AT-11 deixa cair suas bombas

Beech Aircraft

CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM SEU DEVER

WICHITA, KANSAS, E. U. A.



Essenciais Como Aviões e Artilharia

O TERRENO ficou rasgado de crateras hiantes. Os estragos causados nas pistas são tão extensos, que nenhum avião poderia aterrar ou decolar sem grande risco. O inimigo bombardeou o aeródromo!

Porem, ainda mal a brisa desfez a poeira e a fumaça do combate, já uma brigada de enormes tratores, roncando, entrou em ação para reparar com incrivel rapidez os estragos causados pelas bombas.

Tendo-se tornado tão indispensaveis nesta guerra mecanizada quanto os próprios aviões e a artilharia, os tratores estão sendo remetidos para as frentes de combate em quantidades sempre crescentes.

É por essa razão que rareiam os tratores novos, disponiveis para usos civís essenciais. O fazendeiro, o construtor civil, o engenheiro, vêem-se na contingência de se contentar com o material que hoje possuem, e têm que o conservar e manter com o máximo cuidado. Neste sentido, os clientes e amigos da Allis-Chalmers por toda a América podem obter conselho e assistência autorizada junto dos nossos agentes.

Esta é a ocasião propícia para V.S. ir fazendo seus planos para o dia em que os tratores Allis-Chalmers—dotados dos aperfeiçoamentos mecânicos resultantes da experiência da guerra—estiverem novamente disponiveis para o progresso de um mundo em paz. Convidamos V. S. ao debate de idéias sobre o emprego de material motorizado no futuro desenvolvimento da agricultura, da indústria e da construção civil. Consulte-nos diretamente ou aviste-se com o nosso mais próximo representante.

AGENTES NO BRASIL:

Ayres Son & Company
Rua D. Maria Cezar No. 31-41
Recife, Pernambuco, Brasil

Companhia de Propaganda
Administração e Commércio
Rua General Camara No. 62
Rio de Janeiro, Brasil

Sociedade Technica de Materiaes Ltda.
Caixa Postal 1109
São Paulo, Brasil

ARMY E NAVY

ALLIS-CHALMERS

Depto. SP 743, Tractor Division—Milwaukee, Wis., U.S.A.

OS MATERIAIS ROEBLING CRIAM SEGURANÇA!

JR ROEBLING

A famosa Ponte de Golden Gate representa uma grande economia de tempo e distância para os habitantes da Califórnia. Os ônibus e os autos, que dantes se apinhavam a bordo dos *ferryboats*, ou faziam grandes desvios em terra, atravessam hoje a baía a grande altura, sem "engarrafamento" e sem perderem velocidade. E esta ponte reforçou a segurança de todos os norte-americanos, por ser um elo essencial na cadeia das defesas costeiras do Pacífico.

No seu Brasil, quando tivermos ganho a guerra, novas grandes pontes servirão para transportar o sempre crescente volume do trânsito comercial e turístico, que se desenvolverá com o incessante progresso do Brasil. O sr. desfrutará também de novos confortos, conveniências e segurança—e os laços comerciais serão mais sólidos que nunca entre as nações da América Latina.

A Roebling anseia por ajudar a construir esse futuro—tal como ajudou a construir a Ponte de Golden Gate e outras grandes obras nos Estados Unidos—com Cabo de Aço "Blue Center" Roebling, Fios e Cabos Roebling para condução de energia elétrica, material de eletricidade e iluminação; e Rede de Arame Roebling para vedações de toda a espécie.

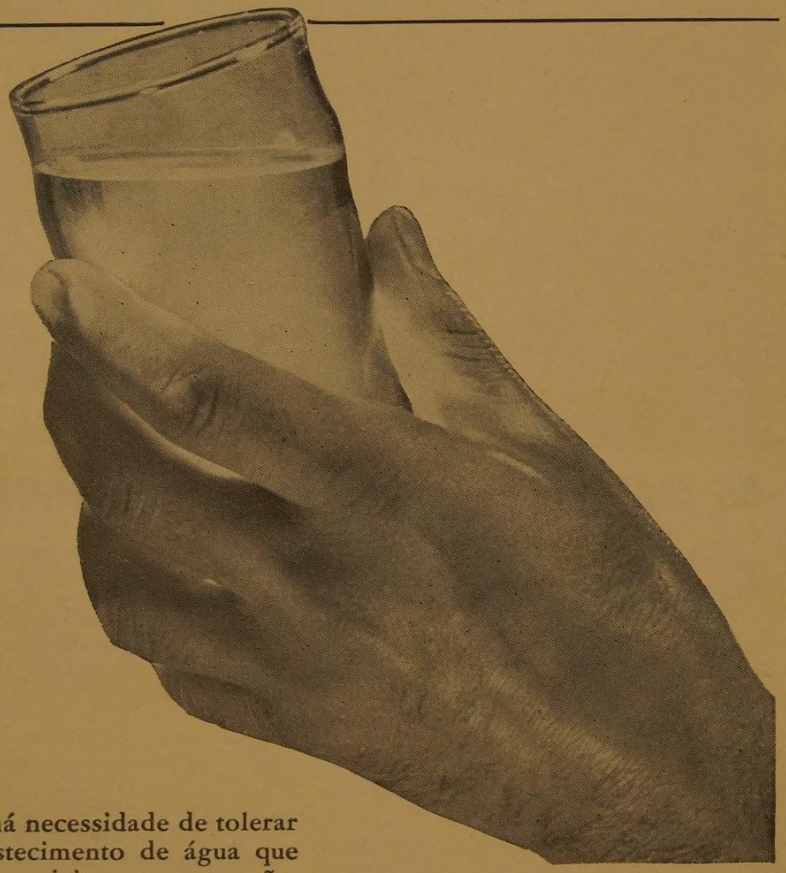
A Roebling gostaria de ajudar V.S. a edificar já hoje esse futuro, com os seus materiais. Mas as exigências militares das Nações Unidas absorvem quanto a indústria americana pode produzir. A encomenda de V.S. é talvez muito modesta: mas essa mesma quantidade pode ser indispensavel a uma operação no deserto africano, que talvez abrevia a guerra de alguns meses.

Continuemos apesar disso a marchar unidos — em defesa do Novo Mundo de hoje, e na expectativa do glorioso dia de amanhã. John A. Roebling's Sons Company, Trenton, New Jersey, E.U.A. Divisão de Exportação, 19 Rector Street, Nova York, E.U.A.

ROEBLING

Quer cooperar na expansão futura do Brasil

Permutit pode fornecer água pura para qualquer cidade!



Já não há necessidade de tolerar um abastecimento de água que contenha sujeira em suspensão, germes vivos, ferro, cor e matérias químicas dissolvidas. Centenas de modernas municipalidades instalaram já o equipamento Permutit* para remover essas impurezas. O sistema Permutit para purificar a água é prático e econômico. Planeje esse melhoramento moderno para a sua cidade. Escreva a The Permutit Company, Depto. RD10, 330 West 42nd Street, Nova York, N. Y., E. U. A.

*Marca Registrada

PERMUTIT

CENTRO MUNDIAL DE CONDICIONAMENTO DE ÁGUA

Inaugurando

A IDADE DO AR

As grandes aeronaves, que estarão ao lado dos transatlânticos nos estaleiros do futuro, cruzarão o ilimitado oceano do espaço — atravessando mares e continentes para transportar sua carga diretamente ao pôrto de destino, com a maior velocidade-por-tonelada já conseguida. Êsses imensos aviões de transporte recorrerão aos motores Wright como fôrça-motriz.

WRIGHT *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

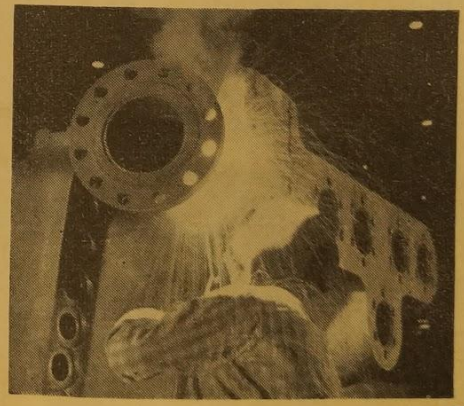
A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

NA GUERRA COMO NA PAZ A GENERAL ELECTRIC SEGUE AVANTE

Maior poder combativo!

LONGE do fragor dos combates e sob a luz ofuscante dos arcos de solda elétrica, mãos adestradas dão ao aço a resistencia e o poder de destruição, tão necessários ás modernas máquinas de guerra.

A aplicação da solda elétrica nas industrias de guerra, alem de permitir uma grande economia de material e mão de obra, tornou possivel a adoção de novos desenhos e métodos de fabricação que têm acelerado a produção e melhorado os tipos de equipamento bélico. Os estaleiros agora constroem navios em semanas, em vez de meses, e milhares de tanques e aeroplanos, de tipos cada vez mais possantes e velozes, saem das fábricas em prazos inacreditaveimente curtos.



A contribuição da General Electric para o esforço de guerra não consiste somente em fabricar material elétrico para as forças aliadas, mas em extender às indústrias bélicas as vantagens dos seus equipamentos de solda elétrica e os ensinamentos derivados do seu uso em suas próprias fábricas e oficinas.

Alcançada a vitória, as múltiplas aplicações da solda elétrica contribuirão para a grande obra da reconstrução mundial, do mesmo modo que estão ajudando o triunfo das nações aliadas.

O VOLUME formidavel da produção da General Electric para a guerra não pode ser divulgado por motivos óbvios de segredo militar. Podemos, entretanto, estar certos de que no futuro, os detalhes da produção bélica constituirão um dos capítulos mais empolgantes de toda a história do progresso industrial.

INTERNATIONAL GENERAL ELECTRIC CO., INC.

GENERAL ELECTRIC

IGE-3-43P

Esta é então a tinta que escreve tão suavemente?

Que brilho admiravel!

Rápida ao escrever, seca sem tardar, e corre suavemente . . . estas são as qualidades que tornaram as tintas Carter famosas nas Américas há 80 anos.

Fabricadas pela Carter's Ink Company, uma das firmas mais antigas da América, estas tintas são o resultado de anos de experiência na preparação de tintas para as canetas-tinteiro.

As Tintas Carter ainda podem ser obtidas em toda a América e, o que é mais importante, há quantidades suficientes que permitem manter os preços da Carter a um nivel razoavel, considerando a sua qualidade.

À venda num completo sortimento de lindas e intensas cores, que não desvanecem nem ferem a vista.

TINTAS CARTER

As mais finas para Canetas-Tinteiro

Obrigado, irmãos!

Obrigado, irmãos das Americas, pela vossa nobre contribuição á causa da Liberdade...

Obrigado pela borracha, tão essencial aos armamentos modernos.

Obrigado pelos minérios que nos forneceis.

Obrigado pelos produtos de vossas terras generosas.

Obrigado pelas lãs, os couros, as peles.

Obrigado pelos produtos de vossas indústrias.

Obrigado pelas ervas e drogas medicinais.

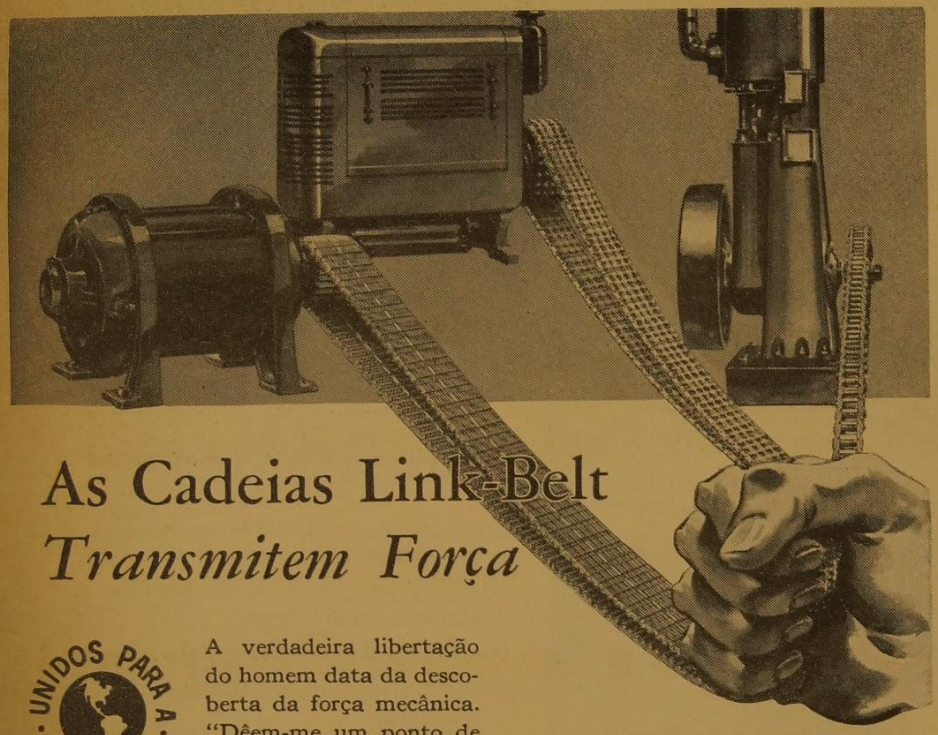
Obrigado pelos navios que, a despeito de todo o perigo, dedicastes ao tráfego marítimo com os Estados Unidos.

Obrigado pela contribuição de vossas maiores inteligências.

Obrigado, pela vossa amizade...pela vossa sincera e abnegada cooperação...na grande luta pelo Direito, a Justiça e os principios democráticos . . . vossos ideais . . . e nossos ideais! OBRIGADO!

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd. 1230 SIXTH AVENUE NOVA YORK, E. U. A.

Fabricantes dos Pneumáticos U. S. Royal



As Cadeias Link-Belt *Transmitem Força*

UNIDOS PARA A LIBERDADE

A verdadeira libertação do homem data da descoberta da força mecânica. "Dêem-me um ponto de apoio e levantarei o mundo", disse Arquimedes quando descobriu o princípio da alavanca.

No entanto, durante muito tempo, a potência da máquina a vapor, da máquina de combustão interna, do motor elétrico, pouco significaram . . . e nenhuma delas chegou ao seu apogeu enquanto não se começou, na ciência e na indústria, a estudar o controle e a transmissão de força-motriz.

Foi o engenho de William Dana Ewart, fundador da Link-Belt Company, e de seus companheiros, que deu ao mundo a primeira cadeia desmontavel, a cadeia "Original Desmontavel Ewart da Link-Belt", que já em 1875 estabelecia a vantagem das cadeias para transmissão de força e transporte de materiais.

Hoje a Link-Belt fabrica um sortimento completo de maquinaria para transmissão de força-motriz—cadeias de transmissão silenciosa e de rolos, redutores de velocidade, chumaceiras, etc., e produz máquinas e cadeias de condução para manipulação de materiais e produtos de todos tipos.

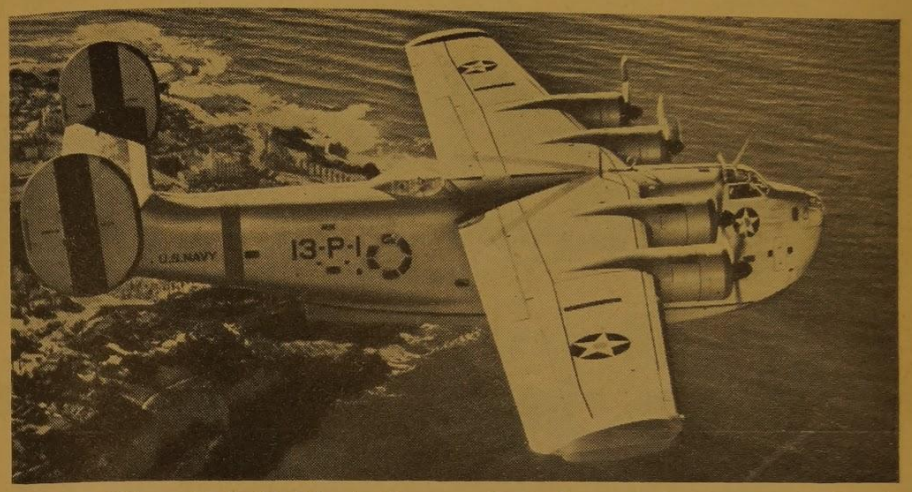
9076

Principais fabricantes de cadeias, maquinaria para manipulação de materiais, transportadoras, equipamento para transmissão de força.

LINK-BELT COMPANY

Escritórios para venda de exportação: 2680 Woolworth Bldg., New York. Endereço telegráfico: "Linkbelt"

Representantes: Cia. Importadora de Máquinas, Rua Visconde Inhauma 65-3º, Rio de Janeiro
Lion e Cia, Ltda. Rua Florencio de Abreu 572, São Paulo.



O MAIOR hidro-avião da Marinha dos Estados Unidos é o Consolidated Coronado, com capacidade para transportar muitas toneladas de carga ou de bombas, e capaz de permanecer no ar durante um dia inteiro de cada vez! Outros dentre os gigantescos aviões Consolidated são o bombardeiro Liberator, o bombardeiro Catalina, do serviço de patrulhamento naval e o Liberator Express, que é o avião transporte do tipo Liberator-bombardeiro.

Os colossos que a Consolidated constróe!

EM 1927, a Consolidated construiu uma série de grandes aviões de 32 passageiros destinados ao serviço das linhas aéreas entre a América do Norte e do Sul.

Desde então, a Consolidated tem se especializado em gigantes dos ares, de grande tonelagem e multi-motores.

Hoje, construimos aviões que se destacam dentre os que dispõem de maior raio de ação no mundo. Mas hoje construimos por meio de modernos métodos de construção em série, em cadeias de montagem. E agora, os construimos para aplicações diferentes — muito graves.

Hoje, todo o conjunto de especialistas da Consolidated devota-se a um objetivo único: *destruir o inimigo sob uma nuvem dos maiores, mais velozes e mais fulminantes bombardeiros do mundo.*

Amanhã, êsses mesmos especialistas em grandes aviões devotarão seus esforços para a construção dos supertransportes que hão-de ligar as nações de um mundo livre.

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT CORPORATION

San Diego, Cal. · Vultee Field, Cal. · Fort Worth, Texas · New Orleans, La. · Nashville, Tenn. · Wayne, Mich. · Allentown, Pa. · Tucson, Ariz. · Elizabeth, City, N. C. · Louisville, · Miami, Fla.

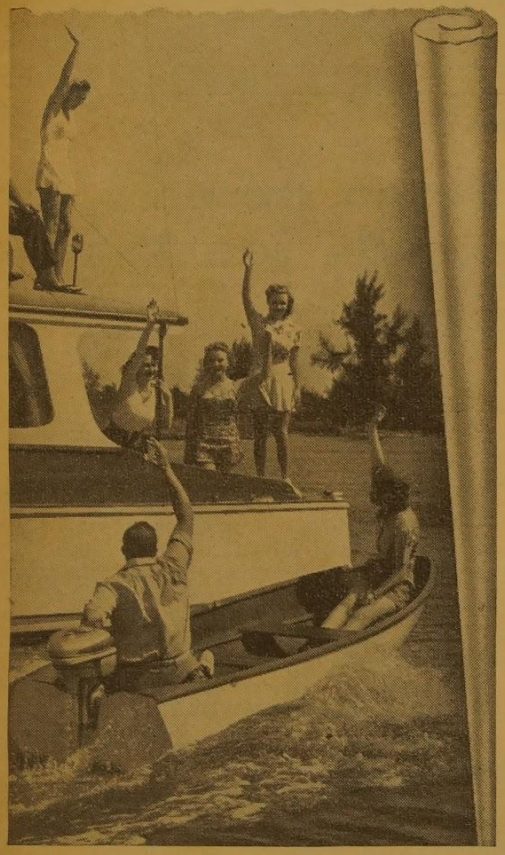
UNIDAS SEMPRE

Member, Aircraft War Production Council

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

LIBERATOR — (bombardeiro quadrimotor) CATALINA, CORONADO, and P4Y — (bombardeiros de patrulha) LIBERATOR — (avião-transporte) VALIANT — (avião-escola) VENGEANCE — (bombardeiro de mergulho) SENTINEL — ("jeep" voador) RELIANT — (avião-escola de navegação)

DEPOIS DA VITÓRIA . . .



voltando às coisas boas da vida!

Nos dias de paz, podíamos ter assistido a uma cena como esta em qualquer lugar do mundo. Pessoas felizes deleitando-se com o mais agradavel dos esportes . . . cortando as águas com um Evinrude! Famílias alegremente a procura de uma praia cheia de sol. Pescadores de anzol dirigindo-se aos seus lugares favoritos. Embarcações de toda espécie em busca de aventuras, graças à força-motriz de Evinrudes silenciosos e suaves.

Esses dias felizes hão-de voltar . . . Pelo *direito de os ter* é que a América combate e trabalha. Veremos então novos e melhores Evinrudes . . . dignos sucessores dos "motores de combate" que Evinrude hoje fabrica para que cheguem mais depressa os dias de paz.

AS AMERICAS EM PRIMEIRO LUGAR

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO • Waukegan, Illinois, E. U. A.

GRATIS! Permita que lhe enviemos, com nossos cumprimentos, o "Selecionador de Barcos e Motores de Evinrude", com informações uteis sobre embarcações, motores, velocidades, etc. É favor enviar-nos o coupon abaixo.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

OUTBOARD, MARINE & MFG. CO.
Divisão de Exportação,
Waukegan, Ill., E.U.A.

Senhores: Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome:.....

Endereço:.....

.....

As pequenas fotos aquí reproduzidas foram tiradas em Kodacolor, o novo processo Kodak de fotografia a cores. Kodacolor vem rasgar janelas sobre um mundo de magia: fotos policromas, reveladas no papel, lembrando os acontecimentos memoraveis da vida familiar, a feeria das festas, cenas radiosas de campo em todo seu pitoresco e colorido esplendor.

Fotografia a cores— Sonho feito realidade!

EM 1928 a Kodak apresentou um filme para fazer cinema familiar a todas as cores. Por esse tempo, era ele o melhor da sua espécie, e veio trazer alegria e satisfação a muita gente.

Depois, em 1935, apresentou-se o Filme Kodachrome, para fazer e projectar fitas domésticas a todas as cores, sem material acessório. Milhões de pessoas começaram a ter as cores da Natureza em mais alta estima do que nunca. No ano seguinte, as transparências Kodachrome, feitas com máquinas miniatura e profissionais, e projectadas na cortina ou usadas para ilustrar revistas, acrescentaram nova alegria à arte de viver. A impressão direta a cores destas transparências, por meio dos procedimentos Minicolor e Kotavachrome, tornou-se possível em 1941.

Depois, em 1942, deu-se mais um passo que veio por a fotografia a cores ao alcance de todos, como as fotos a preto e branco. Foram anunciados o Filme Kodacolor, para fazer negativos a cor com as máquinas fotográficas de rolo, do tipo corrente, e o processo Kodacolor para fazer impressões a todas as cores. O Kodacolor teria sido, noutros tempos a maior sensação duma época em fotografia,—pois o Kodacolor, apresentado após muitas pesquisas e aperfeiçoamentos, transformou em realidade o sonho de muitas gerações. Nas condições atuais o Kodacolor terá que adiar a hora da sua aceitação e distribuição, enquanto a Kodak se consagra de corpo e alma ao esforço da Vitória das Nações Unidas. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK . . . a fotografia ao serviço do progresso humano

Sétimo de uma série de anúncios

Hoje — os transportes alados da Marinha dos Estados Unidos estão desempenhando um trabalho magnífico ao levarem suas valiosas cargas através do oceano aéreo, um oceano que só conhece uma praia — a terra que está por baixo!

Amanhã — os transportes alados do comércio cruzarão esse mesmo oceano num serviço que será cada dia maior. Então, como agora, poderemos confiar na United Aircraft para o fornecimento do que de melhor em aviões, motores e hélices, a ciência aeronáutica pode produzir.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT

Pratt & Whitney Motores
Chance Vought Aeronaves
Sikorsky Helicopters
Hamilton Standard Hélices

PROVE UM "MINT JULEP" À MODA DE KENTUCKY

Há muitas gerações que o Kentucky é terra afamada pela beleza de suas mulheres, as proezas de seus cavalos de corrida . . . e pelo seu *mint julep* (julepo de hortelã).

O *mint julep* é uma bebida bem norte-americana . . . e deve ser feita com whiskey americano pois põe nitidamente em relevo as qualidades de paladar que tornaram o whiskey americano o mais vendido no mundo todo.

É chique servir—e delicioso tomar esta bebida elegante e aristocrática . . . feita com SCHENLEY Royal Reserve, o melhor whiskey da América. Eis a maneira porque é preparado o *mint julep* nas grandes fazendas tradicionais do Kentucky:

1. Ponha uma colherinha de açucar num copo gelado.
2. Deixe pingar 6 gotas de água.
3. Ponha dentro 6 galhinhos de hortelã fresca.
4. Macere ligeiramente a hortelã no açucar, sem a esmagar.
5. Adicione pequenos pedaços de gelo (do tamanho de morangos). Agite o copo para gelar bem.
6. Junte dois ou três cálices de whiskey—como desejar. Mexa bem.
7. Encha o copo de gelo partido, coloque em cima um galhinho de hortelã e sirva.

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O WHISKEY MAIS SUAVE DA AMÉRICA:

SCHENLEY Royal Reserve

Até o alvor de um dia mais alegre...

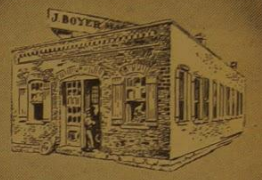
Pegue numa caneta Parker Vacumatic. Veja com que facilidade ela começa a funcionar; como o aparo, sedoso, desliza bem no papel. Repare que esbelta elegância . . . e que perfeição de mão-de-obra! Por aí poderá compreender como é que uma grande parte da perícia técnica da Parker está hoje consagrada a trabalhos de alta precisão na produção de importante material de guerra!

É possivel, por isso, que até alvorecer um dia mais alegre o sr. não encontre na sua loja favorita um sortimento completo de canetas Parker. Não obstante, cada uma das canetas Parker é uma verdadeira jóia! Seja qual for o modelo da sua escolha, ela lhe proporcionará o prazer de escrever por toda a vida. Vá hoje mesmo experimentá-la!

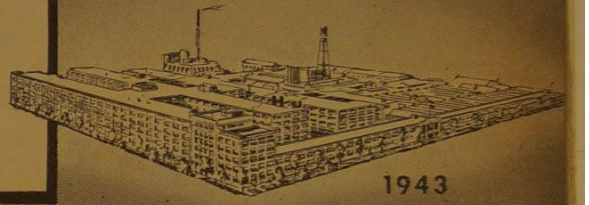
Parker

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1° de Março, 9-1°, Rio de Janeiro

PIONEIROS DE ONTEM • LIDER DE HOJE



1886



1943

Quem primeiro inventou e fabricou uma máquina de somar prática e para uso comercial, foi William Seward Burroughs. E isto foi em 1886.

Esta primeira máquina deu origem à atual companhia, com suas inúmeras ramificações mundiais, que no curso dos anos tem aperfeiçoado e fabricado a maior variedade de máquinas de calcular imaginavel; cada uma delas destinada a satisfazer uma necessidade precisa nos serviços de contabilidade das repartições do governo, das instituições financeiras, ou qualquer ramo de negócio e indústria.

As máquinas Burroughs encontram-se por todo o mundo, executando toda espécie de serviços de cálculo e contabilidade, e fazendo-o melhor, mais depressa e com mais economia. Os representantes da Burroughs estão prontos a oferecer seus conhecimentos técnicos para ajudar V.S. a escolher o tipo de máquina que melhor se adapta a suas condições de trabalho. E para aqueles que já se utilizam das máquinas Burroughs, temos mecânicos perfeitamente habilitados a mantê-las em ótimas condições de funcionamento.

A Burroughs fabrica hoje em dia instrumentos para aviões assim como as máquinas de calcular e de contabilidade, de que precisam com urgência as repartições de govêrno, as indústrias de guerra, e as forças armadas das Nações Unidas.

Amanhã, quando voltarmos aos tempos normais da paz, a companhia poderá de novo fornecer ao comércio e indústria as máquinas de somar, calcular, de contabilidade, estatística, e caixas registradoras, de que precisam.

★ ★ ★

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com seus principais escritórios à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro.

Burroughs

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR,
DE CONTABILIDADE, ESTATISTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

ELEVADORES OTIS

NOSSAS INSTALAÇÕES DE FABRICO
AINDA SE ESTÃO CONSAGRANDO 100% À
PRODUÇÃO DE GUERRA, E AO REPARO E
MANUTENÇÃO DE ELEVADORES.

TRÊS DAS FÁBRICAS OTIS
RECEBERAM ESPECIAL MENÇÃO HONROSA
DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS,
TENDO-LHES SIDO CONCEDIDA A FLÂMULA "E"
DO EXÉRCITO E MARINHA.

A PRODUÇÃO DE ASCENSORES NÃO DESTINADOS
A SERVIÇO DE GUERRA TORNOU-SE LIMITADA
DEVIDO À PRODUÇÃO PARA A GUERRA,
E A DIVERSAS RESTRIÇÕES GOVERNAMENTAIS
QUE INCIDEM SOBRE VÁRIOS PRODUTOS
DAS INDÚSTRIAS.

NOSSOS ESCRITÓRIOS E AGÊNCIAS
CONTINUAM POREM ABERTOS PARA DISPENSAR
SERVIÇOS DE ENGENHARIA,
MANUTENÇÃO E REPAROS.

OTIS ELEVATOR COMPANY

BUENOS AIRES RIO DE JANEIRO MÉXICO, D.F.
MONTEVIDEU HAVANA BOGOTÁ
SAN JUAN CAPITAL DO PANAMÁ

AGENTES EM OUTRAS CIDADES

Qual Será a Nova Era

A humanidade descobrirá uma nova era de progresso, maravilhosa e fascinante — resultado das invenções relacionadas com a guerra. Será a Era da Eletrônica, ou a Era das Matérias Plásticas? Talvez seja uma, talvez a outra . . . ou ambas.

Os homens de ciência da Westinghouse caminham na vanguarda destes progressos; durante a última década, a obra imaginosa e inventiva desses homens tem sido *criar* para o dia em que a paz permita "virar a página" e oferecer ao mundo a colheita de quanto há de novo, já aperfeiçoado.

na Eletrônica: um "sexto sentido" colocará ao nosso alcance as maravilhas da televisão, melhores cinemas, meios de transporte mais seguros, maior proteção para a saúde e mil outros benefícios.

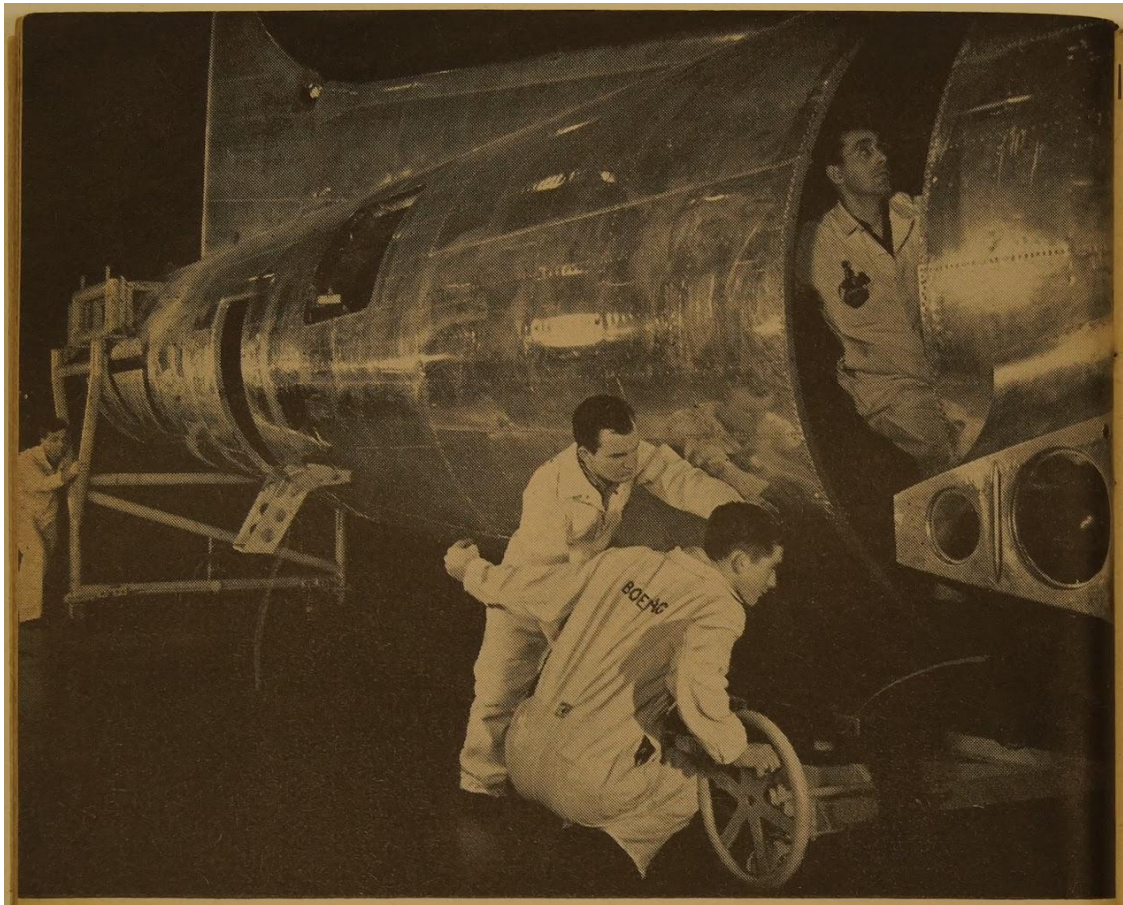
nas Matérias Plásticas: métodos revolucionários na fabricação de automoveis, habitações, móveis e até vestuário. E pensar que a combinação de pedra calcárea, coque e ar possa converter-se em matérias de tamanha utilidade!

Estes progressos são hoje uma realidade, e a Westinghouse está pronta para lhos oferecer . . . agora mesmo. Quando tivermos ganho a guerra, o Distribuidor da Westinghouse lhe oferecerá novamente um sem-fim de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. Entretanto, todos os nossos esforços serão consagrados à tarefa dos homens livres: ganhar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E.U.A.

Westinghouse

Estabelecida em 1886

"PRIMEIRA no Passado — PRIMEIRA no Futuro"



Casamento sem repique de sinos

Na fotografia acima vêem-se as metades traseira e dianteira de uma Fortaleza Voadora* Boeing no instante em que se unem em casamento mecânico . . . Cada seção é fabricada com tanta precisão e perfeição que, juntá-las e ligar cabos, comandos e fios, tudo previamente instalado, é apenas questão de minutos.

Em tempo de guerra o melhor método de fabricação é o mais *compacto, flexivel e rápido.* O sistema Boeing de linhas de montagem curtas e múltiplas satifaz a estas três condições, e daí resulta ter a Boeing o *melhor rendimento de toda a indústria aeronáutica, por homem, máquina e espaço.* O sistema consiste em dividir o avião em seções, completar cada uma delas em linhas de montagem curtas, e finalmente uní-las num todo que é o avião completo e já pronto para voar.

Esta perícia na fabricação—combinado com perícia em projetar e em fazer pesquisas de engenharia é que tornaram famosos no mundo inteiro os aviões da Boeing—a Fortaleza Voadora,* o Stratoliner* e os Clippers Pan Americanos.

Dia virá em que num mundo livre, a frase "fabricado por Boeing" significará melhores produtos para as atividades de paz.

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS

BOEING

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registada da Fábrica Boeing.*

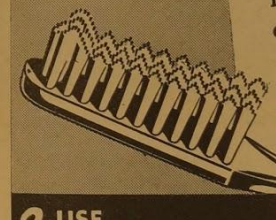
PROTEJA A SUA SAÚDE POR UMA COMPLETA HIGIENE DA BOCA

1. USE ESCÔVAS DE DENTES Pro-phy-lac-tic

QUE LIMPAN TODOS OS DENTES

A deterioração dental começa quási sempre pelo descuido dos dentes detrás. A Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic alcança e limpa êsses dentes—a longa protuberância de pelos, na extremidade, assegura-lhe isso. A superfície curva e resistente intromete-se entre os dentes—completando uma limpeza ideal.

As Escôvas de dentes Pro-phy-lac-tic são da mais alta qualidade. Encontram-se em vários estilos e tamanhos, todos de insuperável valor. Peça sempre Escôvas de Dentes Pro-phy-lac-tic.



2. USE CREME DENTAL LISTERINE

PARA POLIR OS DENTES MELHOR

O Creme Dental Listerine é um dentifrício moderno preparado para conservar os dentes alvos e brilhantes. Limpa e dá polimento, refresca a boca, revigora as gengivas. Faça a experiência de usar Creme Dental Listerine numa Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic.

3. USE O ANTISSÉTICO LISTERINE

PARA PROTEGER-SE CONTRA OS MICRÓBIOS

Fazendo gargarejos diários com êste Antissético de tão agradável gôsto—use-o puro—você estará protegendo-se contra resfriados e inflamações da garganta. O Antissético Listerine destrói ràpidamente milhões de germens orais. Ainda mais, êle faz desaparecer o máu hálito—deixando a sua boca perfumada. E uma decidida vantagem usar o Antissético Listerine.

78W

O SEGREDO DOS SARRACENOS

A fama dos aços damasquinos é eterna. Nunca chegamos a saber como o podiam fazer de tão fina têmpera, mas conta a lenda que a lâmina da espada mais fina possuia resistência incrivel e era afiadíssima. Alem do mais, eram tão flexiveis essas espadas que os guerreiros sarracenos podiam dobrá-las em um circulo completo, em volta de uma cintura de mulher. O segredo dos fabricantes de espadas de Damasco perdeu-se há muito tempo. Assim desapareceu tambem o segredo da têmpera do cobre.

A moderna tecnologia dos metais apresenta esta enorme diferença: procede-se agora cientificamente por etapas. As descobertas em metalurgia não são acidentais, são inevitaveis. Nesta progressão contínua, as ligas vêm aparecendo umas depois das outras, cada qual produzindo um aço diferente e especial.

Como exemplo digno de nota mencionaremos a liga de cromo e niquel, conhecida como Aço Inoxidavel, que é empregada pelas Fábricas Edward G. Budd na construção dos trens aerodinâmicos, hoje em dia tão conhecidos nos Estados Unidos. Devido às suas qualidades de grande tensão, era dificil fabricar o Aço Inoxidavel antes de Budd aperfeiçoar o sistema SHOTWELD* de solda elétrica, graças ao qual o ponto de união torna-se mais resistente que o próprio aço soldado. Hoje em dia é empregado em toda estrutura dos Trens Budd, e nos revestimentos.

Possuindo quatro vezes mais resistência elástica de que o aço comum, o Aço Inoxidavel torna a construção mais leve, sem por isto sacrificar a segurança, o que permite aos trens atingir maiores velocidades com economia de força motriz. O Aço Inoxidavel não se corrói nem se mancha, nem tampouco exige pintura.

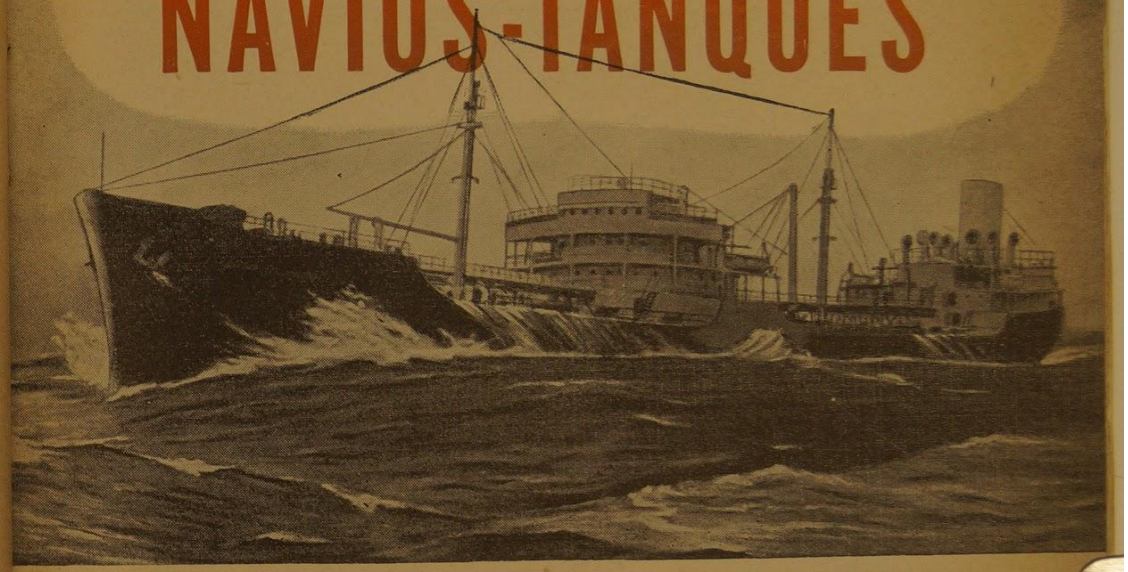
Apesar da aceitação e procura que estavam tendo os trens Budd de Aço Inoxidavel, sua fabricação foi interrompida por causa da guerra, e as fábricas Budd hoje em dia se consagram unicamente à fabricação de peças de aço inoxidavel para navios de guerra, aviões, e outros materiais bélicos. Quando cessar este estado de emergência atual, as estradas de ferro hão-de recorrer de novo aos Trens de Aço Inoxidavel das Fábricas Budd, esta forma moderníssima de transporte por via férrea, que será usada por toda a América.

*Marca de fábrica, registrada.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.

ESTA GUERRA TALVEZ SEJA GANHA PELOS

NAVIOS-TANQUES



Quer a ação decisiva da segunda guerra mundial se desenvolva no mar, na terra ou no ar ... quer a arma que inclina a balança seja o aeroplano, o tanque ou a produção industrial ... a vitoria dependerá do *petroleo,* no qual repousam todos os três... E para levar petroleo do poço à refinaria, da refinaria aos lugares onde é usado, é necessario ter navios-tanques.

Isto não é novidade para ESSO. Já em 1938, quando a "Blitzkrieg" era apenas uma ameaça de Hitler, ESSO previu a vital necessidade de navios-tanques que pudessem acompanhar a frota de guerra. Assim, propôs à Armada dos EE. Unidos o estudo e a construção de navios-tanques de tamanho e velocidade sem precedentes.

Essa proposta foi aceita e, com a ajuda do governo, ESSO principiou imediatamente a construção de 12 desses barcos. Todos estão agora incorporados à Armada, e indubitavelmente alguns tiveram papel importante nas vitorias do mar de Coral e de Midway.

As necessidades militares e civis receberam igual atenção. Desde que se iniciou a guerra, em 1939, ESSO contratou, por sua iniciativa, a construção de outros 22 navios-tanques, e reparou 26 dos antigos. Mesmo antes de Pearl Harbor, os navios-tanques panamenhos de ESSO levavam petroleo a diferentes zonas de guerra. E, durante todo 1941, ESSO inspecionou a reparação de dezenas de navios-tanques britânicos e a construção de quasi uma centena para a Comissão Marítima.

ESSO *está* fazendo tudo que se acha a seu alcance para que o petroleo chegue às velozes rodas, às hélices aereas e navais das Nações Unidas, em quantidade bastante para concretizar a vitoria das Democracias.

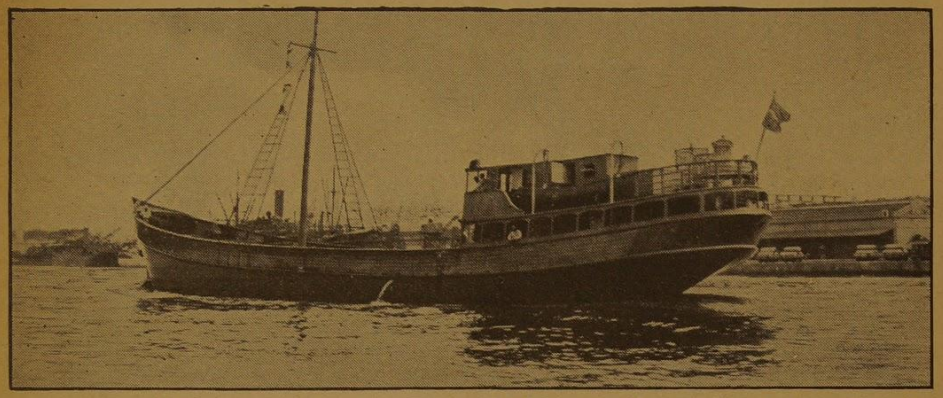
Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidencia de M. Gerais, B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

ESSO

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL e a ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidores de Essolube, Essolene e outros produtos
que encontrara sempre sob o oval ESSO

CONTORNANDO A AMEAÇA DOS SUBMARINOS DE HITLER



BRASIL. *Um barco típico de pequeno calado para cabotagem entre os portos do Brasil. É propelido por dois Diesel D13000 "Caterpillar" e transporta 380 toneladas a 10 milhas por hora.*

COM os submarinos inimigos à espreita, prontos a atacar os navios que saem de seus portos, o Brasil teve que enfrentar um sério problema no transporte de generos alimentícios e outros suprimentos para suas cidades do norte.

Mais uma vez os motores Diesel "Caterpillar" provaram sua versatilidade. Uma flotilha de navios de carga que antes era usada para a navegação fluvial, hoje corta os mares ao longo da costa. Estes navios, propelidos por motores Diesel "Caterpillar," são sólidos e construidos para navegar em águas que não dariam bastante calado aos navios de carga comuns. Vão bem junto á costa, fora do alcance dos submarinos, e assim transportam com segurança os produtos alimenticios e o material estratégico.

A falta de combustivel não conseguiu fazê-los parar, pois o sistema de combustão destes resistentes motores Diesel "Caterpillar" permite a utilização de qualquer óleo, podendo ser utilizado o óleo de caroço de algodão e o óleo de coco que são abundantes no Brasil.

A confiança que inspiram os motores Diesel "Caterpillar," suas excelentes qualidades de construção, o fato de funcionarem perfeitamente a qualquer temperatura ou altitude, tornam-nos os motores ideais para a navegação costeira, fluvial ou para dentro das baías; para a indústria, mineração, perfuração de poços de petróleo, para plantação, irrigação e muitos outros usos.

Recomenda-os a reputação de um fabricante capaz e uma ampla organização para manutenção e reparo.

CATERPILLAR *DIESEL*

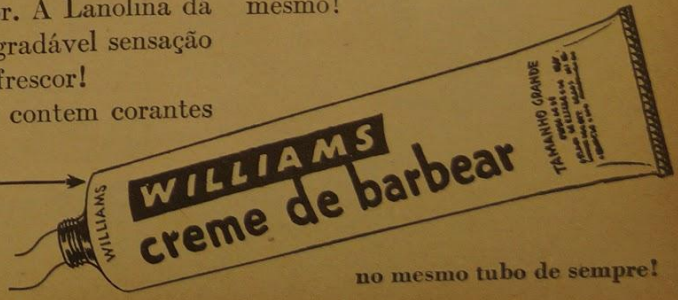
MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

MOTORES E ELETROGERADORES • TRATORES • MAQUINARIA ROLANTE

HÁ muitos anos que a Lanolina é usada para amaciar e suavizar a pele. Assemelha-se muito ao óleo natural da pele. Com este novo Creme Williams pode-se escanhoar sem dor. A Lanolina dá ao rosto uma agradável sensação de suavidade e frescor!

Williams não contem corantes artificiais que possam irritar a epiderme. Feito exclusivamente dos mais finos ingredientes, é alvo, puríssimo . . . ideal para as peles sensíveis. Experimente-o hoje mesmo!



Agora contem a suavizante LANOLINA . . .

no mesmo tubo de sempre!

CURSO GINASIAL...

A Vitória da América está-se tornando cada dia mais iminente, graças às aulas que estão se dando nas nuvens. É lá em cima que milhares dos cadetes do Tio Sam se graduam pilotos de combate . . . pilotos que estão pondo a coisa cada vez mais séria para o "belo" Adolfo!

Uma grande parte desses pássaros de guerra receberam seu treino primário em aviões Boeing PT-17, dotados de motores Lycoming, semelhantes aos que vemos na gravura.

Esses robustos aparelhos são exemplo dos muitos treinadores que confiam na Lycoming. Sim . . . os motores de confiança da Lycoming estão desempenhando papel vital nessa Escola das Nuvens, de onde os estudantes saem para a Vitória!

LYCOMING

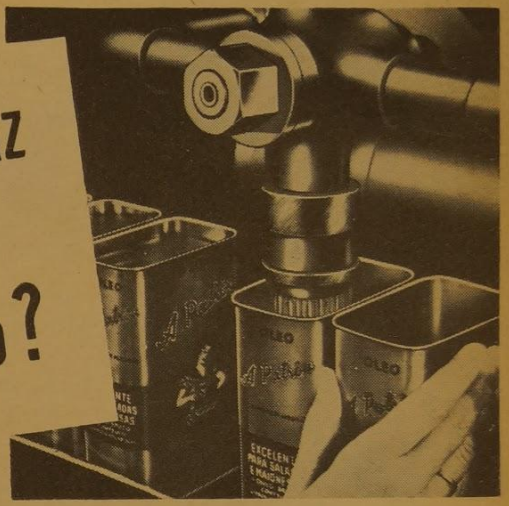
MOTORES DE AVIAÇÃO

O motor dos atuais aviões de treino...
O motor de avião dos futuros amadores

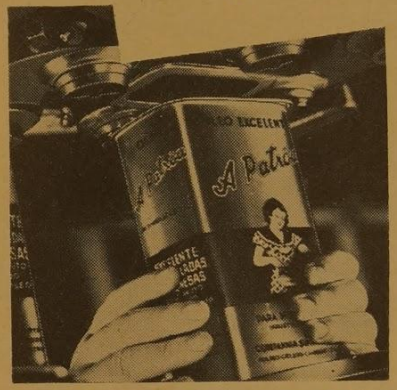
★

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORP.
WILLIAMSPORT, PENNA, U. S. A.

Como se faz uma Reputação?



O ENCHIMENTO automático das latas, bem como as demais fases da fabricação, é isento de qualquer contacto manual.



O PROCESSO de fechamento sanitário das latas garante a absoluta pureza de nossos produtos.

VISTA PARCIAL da secção de embalagem, de onde os produtos seguem para todo o Brasil.

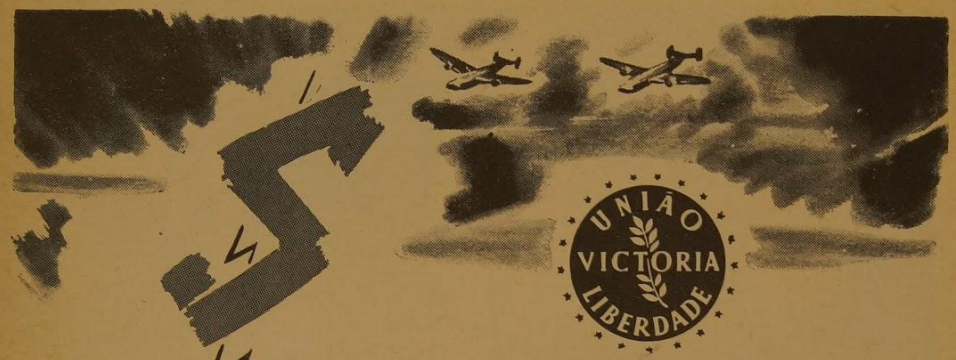
A **REPUTAÇÃO** de um produto representa a opinião conjunta de milhares de consumidores — que experimentaram e julgaram as suas qualidades. É, portanto, legítimo prêmio concedido pelo público ao fabricante progressista e honesto.

Fabricados em modernissimas instalações e por processos exclusivos que asseguram sua absoluta pureza e uniformidade, o óleo "A Patrôa" e o Composto "A Patrôa" vêm, dia a dia, aumentando o seu conceito e popularidade — tornando-se preferidos em todos os lares. Experimente-os para sua satisfação.

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



S. O. S.

O barco afunda vítima dos submarinos assassinos—e o capitão envia um apêlo por socorro: S. O. S. . . . S. O. S. . . . Outros barcos e aviões acodem imediatamente em seu auxílio.

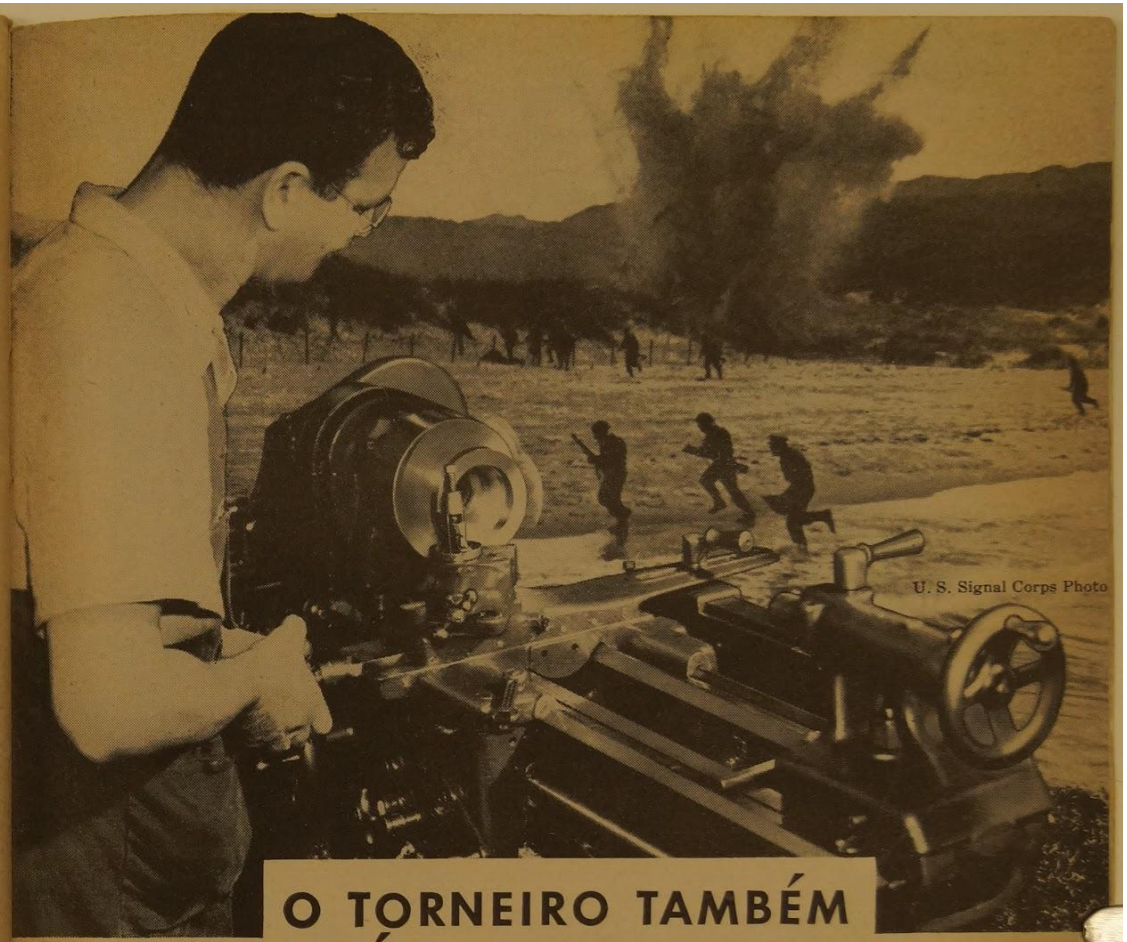
O rádio, permitindo uma comunicação instantânea, tem salvado a vida de um número sem conta de marinheiros que pareciam estar inevitavelmente perdidos.

Nas operações da guerra, o rádio mantem a coordenação entre grupos separados por distâncias enormes. E o rádio leva a tôda a parte . . . mesmo na intimidade do lar . . . as últimas notícias mundiais, assim como as manifestações da arte e da cultura, e boa diversão.

Apesar que a *Zenith* continua fabricando receptores de rádio, é provável que V. Sa. não possa adquirir um . . . devido a que a *Zenith* está hoje dedicando tôda sua produção aos exércitos que defendem a Liberdade. A humanidade lançou um S. O. S. em tôdas as direções, e é necessário contribuir com todos os meios para sua salvação.

Agentes em tôdas as cidades principais.

ZENITH
REG. U.S. PAT. OFF.
LONG DISTANCE **RADIO**
Fabricantes de Equipamento Radiônico Exclusivamente.



U. S. Signal Corps Photo

O TORNEIRO TAMBÉM É COMBATENTE!

. . . e cada rotação da haste, à medida que êle guia a peça em torneamento pelas muitas operações de precisão, ajuda a tornar a Vitória um pouco mais proxima.

Certamente, às horas passadas junto a um tôrno falta a excitação dos perigos dos combates—mas os homens valorosos nos campos de batalha dão graças aos canhões, granadas, aviões e tanques—a todo o magnífico equipamento que os está auxiliando a destruir o Eixo.

Assim, o torneiro também é um soldado, porque êle dedica todos os seus esforços à tarefa de produzir armas em quantidades sempre crescentes. Êle encara a sua tarefa com determinação e orgulho, proclamando, pela enérgica expressão da sua face e pelo brilho dos seus ólhos, que ninguem o superará no serviço ao seu país, pois, êle bem sabe que a produção das Américas é um fator decisivo na guerra.

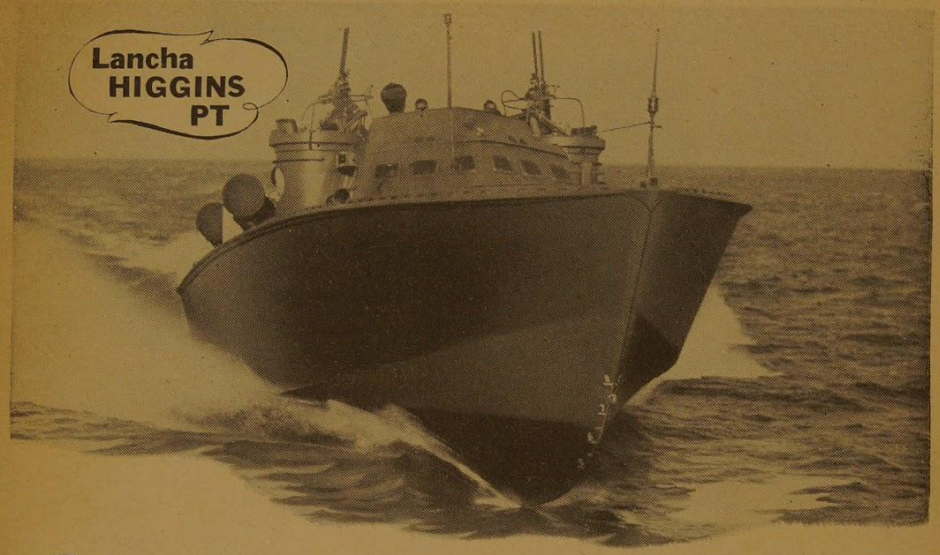
Para auxiliar as Américas nesta grande causa, a produção de tornos South Bend, durante os últimos dezoito meses, foi aumentada consideravelmente (embora, devido a razões militares, não nos seja permitido dizer quanto), dando aos torneiros as armas de produção eficientes e seguras que êles devem ter a-fim-de concorrer para a obtenção da Vitória.

Escreva pedindo o catálogo que ilustra e descreve todos os tornos South Bend.

VISINHOS AMIGOS CAMARADAS

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend, Indiana, E. U. A. *Fabricantes de Tornos Há 36 Anos*



Estrela DOS TEATROS DE GUERRA

Pequena, veloz e esquiva, poucos alvos lhe têm podido escapar. Centenas de milhares de toneladas de navios inimigos postos a pique ou danificados atestam suas proezas! Em Guadalcanal, no mar da Mancha e noutros importantes teatros de guerra, as Lanchas Higgins PT desempenham papel de grande relevo no vasto drama histórico e naval que está desenrolando no mundo. Cem vezes as Lanchas Higgins, desenhadas e construidas para as Nações Unidas, têm recebido citações pelos seus relevantes serviços. A insuperavel beleza, a construção robusta, e as caraterísticas de impecavel funcionamento que têm conquistado louvores unânimes para as Lanchas Higgins, estão rigorosamente protegidas por patentes. O sr. terá toda a vantagem em insistir pelas Lanchas Higgins genuinas, quando chegar o momento de regressar às tarefas mais agradaveis da paz.

Higgins
ARMY NAVY
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS
fulcro das Américas
Os Maiores Fabricantes de Lanchas do Mundo

de POLO a POLO
TODOS AMERICANOS!
SEMPRE UNIDOS

QUANDO OS GASTOS AUMENTAM, O CONTROLE É ESSENCIAL

SE V.S. tem hoje a sorte de estar usando as Caixas Registradoras e Máquinas de Contabilidade National, instamo-lo, no seu próprio interêsse, a conservá-las nas melhores condições possíveis.

Quando os gastos aumentam e se multiplicam os problemas de gerência dos negócios, como se passa atualmente, o tipo de contrôle e salvaguarda fornecidos pelo equipamento da National é agora, mais do que nunca, importante para um negócio cujo objetivo é progredir, a despeito de incertezas. A experiência já tem demonstrado isso mesmo aos que usam as máquinas da National, nos países diretamente afetados pela ascassez e dificuldades comerciais.

Na construção dos produtos da National entram os melhores materiais e mão-de-obra da mais alta qualidade. Não obstante, toda maquinária requer lubrificação apropriada e reparos ocasionais.

Para êsse fim oferecemos um plano especial, o qual inclue, por uma módica quantia, atenção e inspeção mecânica que asseguram o contrôle tanto dos problemas correntes como do aumento nas despesas.

O representante das Caixas Registradoras National na sua localidade fornecer-lhe-á com todo prazer os detalhes desse plano, sem a mínima obrigação da sua parte.

National

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Forteleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

MILAGRES EM EVOLUCAO!

PHILCO, o maior fabricante de radio no mundo, já tomou o seu devido lugar no fornecimento de equipamento electrónico para as nossas forças armadas. Seus laboratórios de pesquisas têm criado milagres da ciencia electrónica; seus laboratórios de engenharia têm desenvolvido maravilhas de engenho em produção.

De todas estas pesquisas e produção têm nascido novo conhecimento, nova pericia, novo progresso . . . *e novas ideias!* Quando a victoria tenha sido ganha, os milagres de guerra serão traduzidos á paz. E Philco, o nome de qualidade em milhões de lares americanos, encontrar-se-á já pronto para elevar-se a novas alturas de realização nos campos de radio, televisão, refrigeração, acondicionamento do ar, e electrónicos.

PHILCO

FABRICANTES, EM TEMPO DE PAZ, DE REFRIGERADORES E APARELHOS DE AR CONDICIONADO

"BOMBARDEIRO MEDIO," DIZ O SR.?

A única coisa que os nossos bombardeiros têm de "mediano" são as dimensões... Por exemplo, o Vega Ventura pode fazer bombardeios de precisão em vôos de altitude—"picar" rapidamente sobre o objectivo para o atingir de mais perto—assaltar concentrações de tropas inimigas—aniquilar tanques—rebocar planadores carregados de tropas e mantimentos—rebocar alvos pelo ar, a grande velocidade, para exercícios de tiro de aviões de caça—combinação de coisas que nenhum outro bombardeiro "médio" pode realizar com o mesmo êxito.

Alem disso, o Ventura patrulha milhares de milhas de oceanos, para lançar bombas de profundidade quando avista um submarino—carrega torpedos para atacar navios—semeia minas para impedir a navegação do adversário. E ainda o sr. diz bombardeiro *médio!*...O Ventura tem as mesmas qualidades fundamentais de todos os aviões Lockheed e Vega, resistência e segurança máxima. É por isso que as Forças Aéreas do Canadá, da Inglaterra, do Exército e Marinha dos E.U.A. usam, todas elas, os aviões Ventura, e em grande número!

Subsidiaria da Lockheed

Vega Aircraft Corp.

Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

A bebida que todos conhecem

"Coca-Cola" significa . . . delícia e qualidade. Proporciona o mérito novo de reunir o saboroso ao saudavel. Que mais pode exigir a sêde? Somente "Coca-Cola" é comparavel a . . . "Coca-Cola".

Tome Coca-Cola Bem fria

MARCA REGISTRADA

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

Continuação da última capa

Um dos grandes mestres de nossa geração

A conclusão a tirar dessa experiência tão frizante é que muito do que se escreve pelo mundo está misturado a uma ganga de palavras mortas, desnecessárias. A condensação põe à visão imediata do leitor aquilo que realmente é essencial. Daí tornar-se o processo da aprendizagem inteiramente util e agradavel, gerando emoções inesqueciveis, e tornando a leitura atraente. E o tempo economizado, que passa habitualmente despercebido, poderá de maneira construtiva ser posto a serviço da enorme variedade de interesses que a leitura inteligente desperta.

O melhor mestre é aquele que não estorva a sua argumentação com migalhas sem importância. O Reader's Digest é um dos grandes mestres de nossa geração. Não deve pois causar espanto que os estudantes consigam melhorar a eficiência do seu trabalho—seja nos cursos regulares, seja na dura escola da vida que penetramos ao deixar os estudos—quando eles apreendem o tipo de condensação discriminatória que o Reader's Digest admiravelmente exemplifica.

Uma coleção de Seleções é como uma deliciosa enciclopédia, onde, quem possue poucas letras, aprende muito e quem tem alguma cultura, a exercita agradavel e proveitosamente.

—Luiz Pires Chaves.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Um dos grandes mestres de nossa geração

Por Howard Y. McClusky

Professor de Psicologia Educacional na Universidade de Míchigan
e diretor da American Youth Commission

A QUANTIDADE sempre crescente de matéria impressa coloca o leitor moderno diante de uma tarefa impossivel de vencer. A não ser que faça um uso judicioso de condensações de artigos originais, jamais ele conseguirá manter-se ao nivel da atual torrente de publicações.

Na minha carreira de professor, tem-me acontecido frequentemente surpreender-me com a eficiência dos estudantes em absorver textos condensados, sem risco de se desprezar qualquer noção básica do original.

No intuito de esclarecer experimentalmente o assunto, dividí os alunos do meu curso propedêutico de psicologia educacional em dois grupos imparcialmente equiparados. O grupo A leria um artigo original de 3.393 palavras, ao passo que ao grupo B seria dada a condensação de 1.110 palavras, publicada no Reader's Digest. Depois os dois grupos seriam submetidos a testes, afim de se apurar qual das versões teria causado maior impressão.

Pois bem, *por minuto gasto, os leitores da condensação absorveram 2,5 vezes mais do que os do original!*

Para comprovar a experiência, dei ao grupo B um texto original de 4.532 palavras, e uma condensação do Reader's Digest de 1.077 palavras ao grupo A.

Desta feita, os leitores da condensação guardaram 3,7 vezes mais por minuto gasto do que os do original!

Continua no verso

T. Sampaio — 1-10-43

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Missão secreta ao Norte de África	*por F. C. Painton*	1
A última página de Schubert	*por Alexander Woollcott*	9
«Olá, seu doutor!»	*Factory Management*	11
«Como só os grandes sabem ser»	*Rotarian*	15
As avezinhas de Nosso Senhor	*Nature*	18
Inferno de bombas e torpedos aéreos	*Naval Affairs*	21
O homem das serpentes	*New Yorker*	25
Foi ele que nos adotou	*Your Life*	27
Garand e o seu fuzil	*New Yorker*	31
Porque não falar com os estranhos?	*Your Life*	35
Eu achava que bebia pouco	*Harper's*	38
Quando a América experimentou o comunismo	*The Progressive*	42
O Missuri tem um padre combativo	*Farm Journal*	45
Estafetas alados da guerra	*Natural History*	49
Passear estimula e distrai	*Coronet*	51
Mulheres em passo de marcha	*This Week*	54
Sua indigestão será nervosa?	*Hygeia*	57
Mortos em gozo de licença	*Atlantic*	61
Máquinas feitas de pó	*Forbes*	64
O náufrago que encontrou a Fé	*por J. C. Whittaker*	67
Ódio	*Liberty*	71
A conta de banco era sagrada	*Toronto Star Weekly*	74
A aviação poderia vencer a Alemanha este ano	*por F. Vivian Drake*	77
Operários e patrões unidos na produção	*Factory Management*	82
A inteligência não envelhece	*por Albert Edward Wiggam*	86
[Seção de Livros] Rainhas até na morte	*por W. L. White*	89

AGOSTO DE 1943

CMDFO-CB
1905

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IV, No. 19 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Agosto de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação,* Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

AGOSTO de 1943

SELEÇÕES do *Reader's Digest*

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO III — No. 19

Pormenores, até hoje secretos, de uma das mais extraordinárias aventuras da história militar.

No seu quartel-general de Londres, o general Eisenhower ficou a olhar demoradamente aquele cabograma que acabava de receber do Departamento da Guerra, com a nota de «extra-confidencial». Era chegado o momento de tomar uma das decisões mais graves de toda a sua carreira. O despacho dizia, na essência: *Alguns oficiais franceses da Argélia, amigos dos Aliados, sugerem que cinco dos oficiais às ordens do general Eisenhower partam imediatamente para uma entrevista secreta perto de Argel, munidos de informação sobre o que as Nações Unidas projetam fazer para lhes prestar ajuda, caso se concretize a ameaça de invasão do Eixo.*

O general refletiu algum tempo. A 8 de novembro de 1942, à uma da madrugada, as tropas inglesas e americanas deviam fazer desembarques «anfíbios» no norte da África. Daquele encontro

FREDERICK C. PAINTON bateu-se e foi ferido na Primeira Guerra Mundial, em França. Fez-se depois jornalista, e colaborou em várias revistas com artigos e trabalhos de ficção. Está atualmente na África, em comissão do Reader's Digest, seguindo as operações dos americanos: o transporte em que seguia, carregado de tropas, foi torpedeado pelos alemães. Felizmente salvaram-se todos os que escaparam à explosão.

em segredo, com um grupo de oficiais franceses simpatizantes, poderiam resultar informações que salvassem muitas vidas entre a juventude que naquele momento já começava a entrar à socapa nos transportes de guerra. Mas, por outro lado, essa missão implicava tremendos riscos. Se o grupo de oficiais fosse descoberto, a sua prisão seria, para os Altos Comandos de Vichy e de Berlim, um aviso do que estava na forja. E em tal caso, a vasta operação terminaria num desastre sem precedentes.

O general Eisenhower virou-se para um homem de alta estatura que estava sentado do outro lado da secretária, o major-general Mark Wayne Clark, seu lugar-tenente, e falou calmamente: em seu entender, Wayne era quem podia encarregar-se da missão...

Chegados a acordo, Eisenhower e Clark encaminharam-se imediatamente para Downing Street no. 10, a famosa residência do Primeiro Ministro de S. M. Britânica. Durante o almoço, o sr. Winston Churchill escutou atentamente o plano e acolheu bem a idéia. Tratava-se de uma aventura de um gênero muito do seu gosto pessoal, e em que ele próprio, cincoenta anos atrás, teria insistido em tomar parte... E concluiu: «Está feito. Podem contar com a nossa absoluta cooperação.»

Clark pôs-se logo em campo, à procura dos quatro homens que deviam acompanhá-lo. Escolheu o capitão Jerauld Wright, da Marinha dos Estados Unidos, e atirador de primeira; o coronel Julius Holmes, que conhece bem a Argélia e fala francês; o coronel Arch Hamblen, perito em questões de embarque naval; e o general de brigada Lyman Lemnitzer, do departamento G-3 (Operações).

Todos eles receberam as seguintes instruções: «Deixe o escritório como se não devesse demorar-se mais de meia hora. Leve apenas o que um bornal possa carregar. Papéis, nem um. Saimos esta noite.» Alem dos bornais levavam carabinas Garand, espingardas metralhadoras (*Tommy guns*), e certa porção de ouro—não os 18.000 dólares de que os jornais erroneamente falaram mais tarde, mas apenas cerca de 600, para um caso de aperto. No dia 18 de outubro, às 7.30 da manhã, dois grandes aviões arrancaram com o grupo. Estava iniciado o desempenho da histórica missão.

Neste meio-tempo, o capitão D. E. Fawkes recebia ordens telegráficas cifradas, para pôr à disposição do grupo, em certa base naval inglesa, um submarino e quatro dos chamados *kayaks*—barquitos feitos de madeira e lona, que serviriam para levar os «passageiros» do submarino para terra. Os «Comandos» contribuiram com os serviços de três oficiais experimentados neste gênero de operações: os capitães Courtney (*Jumbo*) e Livingston, e o tenente Foote.

Pelo fim da tarde, o grupo de Clark chegou à base. Fawkes escutou atentamente o plano que lhe era exposto, e comentou com rude franqueza: «A coisa é muito perigosa. Que podemos levá-los a terra, disso não duvido eu. Mas os *kayaks* são umas casquinhas de noz. Se o mar se põe picado, vocês não poderão lançá-los na água para fugir.»

Clark assentiu: era esse um perigo cuja eventualidade ele já previra e aceitara... Fawkes observou em seguida que tudo aquilo lhe parecia uma novela de aventuras, em que os agentes do Serviço Secreto se dirigem para uma fazenda assombrada onde à meia noite se vê brilhar uma luz...

Clark sorriu: como diabo sabia o outro desses detalhes? Com efeito, uma luz devia aparecer em certa casa de campo, na hipótese de a praia estar desimpedida para o desembarque.

A lua subia quando os cinco ianques e os três ingleses embarcaram a bordo dum pequeno submersivel de 750 toneladas, dirigidos pelo respectivo comandante, o tenente N. L. A. Jewell. Levavam lâmpadas de facho azul, cujos focos são invisiveis dos lados—para fazer sinais em código Morse, logo após terem desembarcado; e um pequeno aparelho de sem-fios, de que poderiam usar para se comunicarem com o submarino, seguros de que os alemães não poderiam interceptar o que fosse transmitido. Os motores Diesel trepidaram, e o submarino pôs-se em marcha.

Às 4 da manhã da segunda noite estavam à vista do lugar onde devia aparecer o sinal luminoso do encontro, na costa da África. Mas a manhã vinha demasiado próxima para se aventurarem a desembarcar. Resolveram tornar a mergulhar, e esperar pelo escuro da noite. Olhando ao periscópio, Clark podia ver a velha casa de campo, de estilo mourisco, empoleirada no alto de uma abrupta falésia. Para alem desenrolava-se a estrada principal que leva a Argel. Em parte alguma se lobrigava sinal de vida.

O coronel Holmes pôs-se a estudar o cenário, num estado de alma feito de indistintas, confusas emoções. A última vez que vira aquela estrada, fora por ocasião da sua lua-de-mel, acompanhado da esposa...

Durante 15 horas o pequeno submarino manteve-se debaixo da água. O ar se tornara tão viciado, que não seria possivel acender alí um fósforo. Tripulantes e passageiros, meio sufocados, arquejavam com falta de ar; tinham uma zoada nos ouvidos, e o mais pequeno esforço lhes produzia uma fadiga terrivel. Mas a noite lá se resolveu a cair por fim, e o submarino subiu à superfície. Os homens treparam na torre de comando, respirando com delícia o ar da noite e do mar que lhes desanuviava a cabeça, e tornaram a esperar que o sinal luzisse.

Deram as oito, depois as nove, e a casa sempre mergulhada em trevas. A bordo do submarino já se ouviam muitas palavras sagradas em frases de sentido bem profano... Seria preciso eles passarem mais 24 horas encafuados naquele cano de esgoto motorizado?... Lemnitzer já regougava:

—Aconteceu qualquer coisa. Não vai haver luz nenhuma.

—Tem que aparecer uma luz,—disse Clark—e eu aposto 10 dólares como aparece!

Holmes foi o único que não aceitou a aposta. Clark desceu para cochilar um bocado, e eram 11.10 quando Holmes o foi sacudir: «Você ganhou. A luz lá está brilhando.»

A tripulação lançou os *kayaks* através das escotilhas dos torpedos, e pô-los a flutuar. Os membros da expedição dirigiram-se para terra, mantendo-se o mais próximo possivel uns dos outros, através de uma carneirada que os cobria de borrifos de gelo. A umas 500 jardas da praia detiveram-se. Se a polícia de Vichy tivesse sido avisada, e entre a vegetação rasteira da praia estivessem escondidas as suas patrulhas, esperando? Seria que iam cair numa armadilha? Era preciso que algum deles fosse adiante dos outros, para se certificar de que o caminho estava desimpedido.

Julius Holmes era, de todos, quem melhor falava o francês, e alem disso conhecia algumas pessoas em terra: as-

sim, ele e o capitão Livingston, dos Comandos, foram à frente. Se tudo estivesse tranquilo, os outros seguiriam logo. Dez minutos depois, o bote de Holmes varava nos seixos da praia. De carabina em punho, atentos às sombras, os dois homens desembarcaram, e puseram-se a caminhar cautelosamente ao longo do areal.

De repente ouviram, entre as plantas rasteiras do litoral, um ruido de passos. Fizeram meia-volta, carabinas erguidas. Uma voz disse em inglês:

—Quem vem lá? Quem é você?

—Ridgeway Knight.

Era um vice-consul americano que tinha tomado parte nos preparativos para aquele encontro. Julius Holmes declinou a sua identidade e perguntou por Bob Murphy. Murphy, Consul Geral dos Estados Unidos na África do Norte, desempenhara papel de relevo nas negociações preparatórias do encontro. Knight informou que o seu superior não tardaria a chegar, e que tudo corria à maravilha. Holmes voltou-se então para Livingston e deu-lhe ordem para que fizesse o sinal.

Livingston apontou a lâmpada azul para o mar, e começou a fazer sinais em código Morse: «Tudo vai bem.» Não tardou que os outros *kayaks* surgissem da escuridão, e seis homens desembarcaram. Então o oficial repetiu o mesmo sinal para o submarino, e o rumor dos motores Diesel foi-se afastando e sumindo ao largo.

Encharcados e batendo o queixo com frio, os homens rebocaram os *kayaks* até a casa de campo, e esconderam-nos na cozinha. Em seguida despiram-se, puseram as roupas a enxugar e, tendo tomado ligeira refeição (a excitação não era de molde a abrir-lhes o apetite), foram dormir até à chegada do grupo francês, pelas 7 da manhã. A essa hora a conferência começou.

A informação que alí obtiveram foi de inestimavel valor. Compreendia a capacidade em toneladas dos portos de Casablanca, Argel, Oran, e Tunis; os planos da Marinha francesa para evitar um desembarque; a lista dos lugares onde a resistência das tropas francesas seria mais rija, e onde ela seria apenas formal. A informação especial sobre pistas de aeródromos, então, veio a provar mais tarde ser de inexcedivel importância.

O sol subiu no céu, atingiu o zénite, baixou—e os homens sempre falando, calculando, marcando cruzes e pontos nos mapas...

Mas a sorte do general Clark tinha sido muita, e estava-se acabando: Jerry Wright ouviu um ruido que o fez correr para fora da casa. O vento assobiava nas telhas do telhado. As ondas, da altura de um homem, rebentavam com estrondo na areia da praia. Wright sabia que nenhum *kayak* poderia sequer ser lançado ao mar com aquele tumulto de espumas furiosas. E voltou cabisbaixo para dentro de casa.

No ínterim, dois empregados muçulmanos, que nessa manhã o dono da fazenda despedira por amor da segurança, tinham seguido para a cidade mais próxima, onde se foram avistar com o comissário de polícia. Narraram que tinham visto alguns homens estranhos carregando «grandes fardos» para dentro da casa. Ora aquele lugar fora em tempos valhacouto de contrabandistas, e pareceu ao comissário que estava sendo novamente usado para esse fim. Não tardou que um carro da polícia saisse roncando ao longo da estrada, a caminho do lugar da histórica e misteriosa entrevista...

Pusera-se o sol, e por trás dos estores das janelas brilhava a luz no quarto da conferência. A discussão estava prestes a findar, e só um ponto restava a esclarecer. Um dos franceses disse:

—Vai ser necessário ter aquí um chefe que todos possamos seguir. Eu proponho o nome do general Henri Honoré Giraud.

—Mas ele está em França, praticamente prisioneiro! objetou Clark.

—É preciso ajudá-lo a evadir-se e trazê-lo para aquí. É o único oficial que pode congraçar as nossas fações dissidentes!

Clark assentiu, e prometeu que se faria tudo para socorrer Giraud e trazê-lo para a África. (A promessa cumpriu-se—mas isso é uma história comprida.) Ouviu-se então, no quarto ao lado, o timbre do telefone. Todos se ergueram, entreolhando-se. O dono da casa finalmente correu a atender ao chamado, para voltar daí a instantes com os olhos esbugalhados de alarme:

—A polícia! Não tarda que estejam aquí!

Os oficiais superiores franceses que estavam presentes puseram-se imediatamente ao fresco. Se fossem agarrados, em semelhantes circunstâncias, seriam seguramente fuzilados por alta-traição. Houve lá fora uma barulheira de motores postos em marcha, de arranques bruscos, de pneus raspando no saibro, e os oficiais partiram.

Quanto a Clark e seus homens, ocultaram rapidamente os mapas e outros papéis, debaixo das camisolas, contra a pele. Estavam entalados entre a polícia de Vichy e o mar alteroso. Onde poderiam esconder-se? Já os faróis do auto da polícia, a distância, banhavam de luz as paredes brancas da casa, e ouvia-se o ronco do motor. Que fazer?

Murphy disse que a casa tinha uma adega vazia, no porão, e aconselhou os outros a que se escondessem alí, que da polícia ele se encarregava. A Clark não lhe agradava nada a idéia de se meter num porão: parecia-lhe uma ratoeira, nem sobrava espaço para manobrar em caso de necessidade. Mas não havia tempo a perder em locubrações, pois já os gendarmes pulavam do carro, quase à porta da casa. Agarrando as carabinas e espingardas automáticas, os oito oficiais esgueiraram-se para dentro da adega. Murphy fechou os alçapões, empurrou umas caixas para cima deles, e foi ao encontro dos policiais.

Tinha em mente um estratagema que podia dar resultado: a mesa da conferência estava coberta de garrafas de vinho, umas vazias e outras encetadas, e pontas de cigarros. Dois tenentes franceses, à paisana, arriscaram a vida simulando que estavam tendo alí uma reunião de borrachos na companhia de Murphy e Knight. Desataram a cantar retalhos de canções, rindo e falando alto. E foi essa a cena que o comissário de polícia encontrou, ao entrar, um momento depois...

Em baixo, no porão,—que tinha apenas 3 metros quadrados de superfície—Clark arrumou a sua gente, uns atrás da escada, outros ao longo da parede, para que alguem que espreitasse de cima os não pudesse ver facilmente. E se os gendarmes se resolvessem a vir alí em baixo dar uma busca? Que sairia daquilo? As ordens que o general Clark deu, em voz baixa, eram breves e claras: *atirar a matar!* Lá em cima, no andar térreo, a situação peorava a olhos vistos. Podiam, do porão, ouvir Bob Murphy discutindo com o comissário. Ele e alguns amigos (teimava Bob) tinham organizado aquela pequena fes-

ta. Desde quando era isso crime? Que pensaria *Monsieur le Commissaire* se a polícia americana violasse a integridade dos lares franceses de Nova York? Mas as vozes iam-se aproximando cada vez mais, até que por fim pareciam soar mesmo junto do alçapão da adega.

Nisto, o silêncio angustioso do porão foi interrompido por um arquejar de asmático em asfixia... Era Courtney que se esforçava por abafar um acesso de tosse. Os sons estrangulados pareceram altos bastante, aos seus companheiros, para se ouvirem em Argel, quanto mais no andar de cima... Courtney fazia desesperados esforços.

—*By George!* gaguejou. —Parece que me afogo!

—Antes fosse! comentou Clark de mau humor. —Pegue lá, chupe este chíclete, pra ver se isso lhe passa.

Courtney estendeu a mão, e pôs-se a chupar desesperadamente a goma. Passado aquele espasmo, o silêncio refez-se no porão, e os homens podiam ouvir bater os seus próprios corações.

Lá em cima Murphy continuava a vociferar. Os bravos tenentes franceses, soltavam retalhos roucos de canções de cabaré. Cada minuto parecia um século.

Pouco a pouco o tom das vozes lá em cima se modificou. O comissário de polícia falava mais brando. Holmes deixou escapar um suspiro, e murmurou: «O Bob já os embrulhou.»

O commissário chegara à conclusão de que não havia alí contrabando. Apesar disso, declarou que teria de fazer um relatório ao seu superior. E não restava dúvida que o superior havia de querer vir alí para observar as coisas minuciosamente.

Foi nesse momento, nem de propósito, que *Jumbo* teve outro acesso de tosse.

—Chupe esse chíclete! sibilou Clark, irritado.

—Estou chupando, general. Mas parece que o açucar já derreteu todo...

—Que admiração, murmurou Clark. —Antes de dar a você, estive eu próprio chupando ele bem uma hora!

Era uma boa piada—mas só muito mais tarde puderam rir dela.

Por fim foram-se afastando as passadas, e ouviu-se rufar o motor do auto que arrancava. Clark e a sua gente subiram do porão, ansiosos por chegar ao submarino o mais depressa possivel. Mas a rebentação continuava a impedir a passagem, e Jerry Wright comentou que nem com uma baleeira gostaria de se meter àquele mar, quanto mais em *kayaks*...

Mas para que a missão resultasse num êxito—só lhes faltava agora sair dalí com a informação.

—Pois vamos tentar, disse Clark.

Remeteram ao submarino esta rádiomensagem: «Pairem o mais perto possivel. Estamos em dificuldades e queremos embarcar já.»

Transportaram os *kayaks* para a praia varrida de ventania. Era preciso ter muita audácia, verdadeira temeridade, para conceber sequer a possibilidade de enfrentar um mar daqueles com uma embarcação pouco maior e mais forte do que um barquinho de brinquedo para criança. Clark pôs-se em roupas menores e, levando a roupa numa trouxa, meteu a andar pelo mar adentro, até onde as ondas quebravam; acompanhado de Livingston, entrou no fragil barquinho, e deram de remos. Logo uma muralha de água rebentou por cima deles, o *kayak* deu uma cambalhota, e Clark e Livingston desapareceram numa fúria de escumas brancas.

Momentos mais tarde, espancados pela água, dando voltas e viravoltas sob o impulso da onda, vieram pela praia acima aos trambolhões, cheios de sal, de areia—um tanto descompostos... Os companheiros conseguiram pescar o *kayak*, mas, quanto aos remos e ao vestuário do general, a corrente os tinha arrastado. Alguem gritou: «Agarrem-lhe as calças!» E Wright respondeu: «O diabo leve as calças! Tratem mas é de agarrar os remos...»

Pescaram-se os remos. Mas as calças, essas ainda hoje andam algures pela costa da África...

O mesmo Clark teve de se curvar e admitir que naquela noite não era possivel lançar um bote ao mar, apesar de ser bem patente que, se o vento continuasse daquela forma, poderiam ficar alí retidos muitos dias. Mas viesse ou não a polícia, o que ele recusou foi ir-se meter de novo na boca do lobo. Haviam de se ir esconder nos bosques, onde ao menos um homem armado teria a possibilidade de abrir caminho à bala.

Sairam então a esconder-se entre as palmeiras, com os *kayaks* e as armas, batendo o queixo de frio, e sempre em trajes menores. No dia seguinte viu-se esta coisa sem precedentes conhecidos: oficiais de patente superior, inclusive um general, fazendo sentinela para trás e para diante... em cuecas! O vento continuava fresco e o mar picado, obstando à fuga.

A polícia reapareceu como previsto, às onze daquela noite. O grupo, escondido no bosque, imovel e calado, de armas aperradas... Murphy tornou a receber os agentes com o seu encantador sorriso, falando depressa e fluentemente, e eles acabaram não percorrendo os palmares. Mas não estavam satisfeitos: prometeram voltar pela manhã. Por agora, estava arredado o perigo.

Pelas 4 da madrugada, o vento parecia ter amainado um tanto, embora as vagas continuassem crespas. «Vamos fazer mais uma tentativa,» disse Clark, e desta vez o seu rádio para o submarino foi imperativo: «Pairem o mais perto que possam.»

Jumbo, Knight e os dois tenentes franceses meteram à agua o primeiro *kayak*, Clark e Wright treparam nele. Cautelosamente, os quatro homens foram avançando pelo mar, segurando o bote, em direção à violenta rebentação, até que Wright viu um trecho de água relativamente calmo... «Larga!» berrou. E os quatro homens ergueram e arremessaram o bote por alí fora, enquanto Wright e Clark desatavam a remar com quanta força tinham. O ligeiro *kayak* galgou o dorso de uma vaga que se avizinhava, pendeu quase na vertical durante um lapso que lhes pareceu eterno—e depois, repentinamente, transpôs a crista recurva da vaga e venceu a barreira da rebentação!

Entretanto, os restantes esforçavam-se por lançar ao mar os seus botes. O general Lemnitzer e o tenente Foote adotaram o mesmo sistema de lançamento—quatro homens a pulso—mas o *kayak* virou-se quase imediatamente. Homens e bote foram atirados à praia. Tentaram de novo, e desta vez, quase por milagre, conseguiram passar...

Holmes e Livingston largaram sem incidente de maior, mas Arch Hamblen e *Jumbo* Courtney foram ao charco logo à primeira tentativa. Foram os últimos a chegar ao submarino, e tão depressa o atingiram, uma vaga gigantesca apanhou-lhes o *kayak*, ergueu-o como uma palha, e atirou-o contra o casco do submersivel. Os homens da tripulação deitaram a unha aos náufragos e aguentaram-nos firme enquanto a água, em tor-

rentes, escorria do dorso do navio. A vaga partiu o caique em dois, e arrastou-o para longe.

O perigo que isso implicava era evidente: um bote partido que desse à costa, com todo o seu conteudo esparzido pelo areal—cartas, uniformes, e o bornal que continha o ouro americano—seria a denúncia mais completa e formal da presença de americanos! Por meio de sinais luminosos, de bordo, preveniram Murphy, para que limpasse a areia de quaisquer destroços.

Assim se fez: logo de manhã cedo, Murphy, Knight e os dois tenentes franceses passaram revista à praia, e destruiram todos os fragmentos do bote e outros destroços comprometedores.

O submarino rumou ao norte vagarosamente, a quatro nós, que era a sua velocidade quando mergulhado, e Clark, ansioso por fazer chegar a Londres a sua preciosa informação, decidiu-se a quebrar o silêncio do rádio... Mandou uma mensagem à mais próxima base inglesa, dando a rota do submarino, a velocidade e a posição, e pedindo que lhe mandassem um hidro.

Às 3.20 da tarde uma aeronave Catalina roncava a pouca altura por cima do submarino. Uma hora e meia depois, Clark e seus homens desembarcavam na base, e davam a notícia do seu grande êxito. Tomaram logo aviões para Inglaterra. O aparelho de Clark atravessou dificuldades de toda sorte, como se o Fado, ao último minuto, relutasse em o deixar cumprir a missão até o fim. Durante horas andaram completamente perdidos no nevoeiro. O avião cobriu-se de tal modo de gelo, que a certa altura mal se podia ter no ar, oscilando como um ébrio. A esse vôo chama o general «a maior sensação da viagem...»

Já reinava a consternação na Inglaterra, onde o primeiro avião chegara mesmo na hora; mas o aparelho de Clark acabou por safar-se, e fez uma aterragem normal. Tudo quanto lhe restava de gasolina não enchia um dedal de costura.

Fui ver o general Clark no quartel-general do 5.° Exército Americano, que ele agora comanda no Norte de África; entreguei-lhe este manuscrito para que o lesse e emendasse, e perguntei-lhe:

—Quais foram, precisamente, os resultados da sua missão?

O general ficou a pensar um momento, e depois:

—Bem, estou convencido de que essa informação salvou milhares de vidas de ingleses e americanos. Não lhe darei números, porque ninguem os conhece com precisão. Por outro lado, as tropas francesas, graças aos planos que fizemos nessa conferência, estão hoje lutando com bravura ao nosso lado, nas primeiras linhas. No que me diz respeito, acho que isso é farta recompensa para a aventura. Valeu arriscarmos a pele...»

¶ A mais simples e mais breve declaração, relativa aos objetivos da guerra, é provavelmente a que devemos a Jan Masaryk, ministro do Exterior do governo da Tchecoslováquia em Londres. Disse ele: «Quero ir para casa.»

—Edward R. Murrow

A última página de Schubert

Por Alexander Woollcott

Esta página sobre Franz Schubert, escrita com carinho e ungida de grande respeito, dá uma impressão de sua vida—uma vida pródiga de melodias imperecíveis, marcadas de sofrimento e ansiedade.

Certo dia de novembro de 1828, Franz Schubert morria de febre tifóide, em casa de um irmão, nos subúrbios de Viena. Apenas um ano antes, empunhando archotes, um grupo de amigos acompanhara o grande Beethoven à sua sepultura em Währing e, na volta, numa taberna, fora Schubert dentre eles quem, erguendo o copo, propusera um brinde «àquele que iria a seguir». Chegara a sua vez, e o inditoso e acanhado rapaz—de corpo cansado e desajeitado, olhos míopes e coração faminto—não daria mais canções ao mundo.

Jamais, até então, havia aparecido alguem dotado de tanto talento para a melodia. Foi uma fonte inexhaurivel de música, e nunca tão fertil como nos últimos anos de sua curta vida. A música brotava dele aos jorros, e com tanta rapidez que, para Schubert, nada era compor um quarteto e lançá-lo ao papel no espaço de tempo que hoje um copiador prático precisa para transcrevê-lo. Considere-se, por exemplo, a «Serenata», que só se tornará insípida quando insípido for o pôr do sol ou o canto dos rouxinóis.

Enquanto arder a chama da nossa civilização, os homens recordarão a «Serenata» de Schubert. Com ela se deu um fato curioso. A canção imortal foi composta em homenagem a uma moça que fazia anos, e o próprio compositor teria de tocar o acompanhamento quando a cantassem em baixo da janela da aniversariante. À noitinha, arrastaram um piano através do jardim; os cantores chegaram, mas Schubert se esqueceu de comparecer.

Apesar de ter morrido com 31 anos apenas, já havia ligado o seu nome a mais de mil produções. No inventário do seu espólio foi fixada, otimistamente, a soma de 8s. 6d. (cerca de 34 cruzeiros) como valor provavel, no mercado, do enorme pacote de manuscritos no qual deviam estar incluidas algumas das grandes obras do seu último ano de vida. Uma geração mais tarde, o jovem Arthur Sullivan, vindo da Inglaterra em companhia do seu amigo Grove, revistou, esperançoso, um armário esquecido, e encontrou as partes extraviadas de «Rosamunde». Passava da meia-noite quando deram com este tesouro, e já era dia quando acabaram de copiá-lo. Por serem jovens e admirarem sinceramente Schubert, só puderam exprimir o que sentiam pulando de alegria até a hora dos cafés abrirem.

Por ironia da sorte, foi a própria fecundidade de Schubert que o manteve na pobreza. Era capaz de compor uma dúzia de canções num só dia, e tentava, ingenuamente, obter bom preço por elas, de um editor que ainda não tinha tido tempo de imprimir as duas dúzias que ele lhe vendera no mês anterior...

E qual foi a última coisa que Schubert escreveu? Uma carta— uma carta ao seu amigo Schober, com quem, no princípio do ano, tinha morado no «Porco-Espinho Azul», até que se mu-

dou por não poder pagar a metade do aluguel que lhe cabia.

11 de novembro de 1828

Caro Schober:

Estou doente, e há 11 dias que não como nem bebo. Estou tão cansado e prostrado, que mal me posso mover da cama para a cadeira e vice-versa. Rinna está cuidando de mim. Qualquer alimento que tome, logo o lanço fora. Nesta situação aflitiva, será que você me poderia mandar alguns livros? De Cooper já li—«O último dos Moicanos», «O espião», «O piloto» e «Os pioneiros». Se você tiver mais algum livro dele, seria favor deixar com a sra. von Gogner no café. Meu irmão, que é a conciência em pessoa, me trará o livro da maneira mais concienciosa. Ou outra coisa.

Do amigo,

SCHUBERT.

Se o leitor achar terna esta carta, é porque muitas vezes uma mensagem casual, encontrada assim ao fim de muitos anos, tem o poder de fazer desaparecer tempo e espaço. Quando pensamos em Franz Schubert, comovido no seu leito de morte ao escutar o ruido de um galho estalando sob o passo de um índio nas florestas à beira do Mohawk—que pena não ter sido ainda escrito o «Caçador de Veados»!—de certo modo os anos entre 1828 e o presente momento ficam como que riscados do calendário. Não somente a distância entre Cooperstown e Viena se encurta: o espaço de permeio tambem desaparece. E de repente, achamo-nos tão perto do jardim de Schubert, que podemos ver o vôo dum pardal, e de tal modo próximo de sua cabeceira, que chegamos a ouvir o pulsar de um nobre coração.

A dádiva sem o doador...

¶ UM MÚSICO americano, fazendo uma turnê na Espanha, foi recebido por um fidalgo em sua mansão, que conservava muito da sua grandeza antiga, apesar da pobreza presente. O artista mostrou a sua admiração por alguns estandartes de seda bordada, troféus de glória dos antepassados do fidalgo. Pouco depois de sua visita, o músico recebeu um dos estandartes, que o fidalgo lhe enviava, pedindo que aceitasse o presente como apreço pela música com que o deliciara durante a sua estada na mansão. O músico, surpreso com tal dádiva, que para ele era somente uma curiosidade mas que para o fidalgo devia ser inestimavel, devolveu-a. Mas o estandarte foi-lhe novamente enviado, com a seguinte nota explicativa: «Senhor: sua arte proporcionou-me um prazer invulgar, e eu quero mostrar-lhe meu apreço de uma maneira tambem invulgar. Sei que admira este estandarte de seda, o qual nada mais é para si. Para mim, como símbolo de bravas ações de um dos meus antepassados, ele significa muito mais—e eu desejo dar-lhe algo cuja perda eu realmente sinta».

—Felix Schelling, *Summer Ghosts and Winter Topics* (Lippincott, ed.)

¶ *O médico industrial, assistente infatigavel de todos os operários.*

«Olá, seu doutor!»

(Condensado de «Factory Management and Maintenance»)

Por Webb Waldron

ENTREI com o dr. Dobbins nas oficinas de fundição, e ele me vinha explicando que, quando começara a prestar serviço naquela fábrica, observou que o metal fundido estava sendo assoprado com areia, o que tinha por consequência grande número de casos de silicose entre os operários. Sugeriu, então, que se substituisse a areia por uma escumilha de aço granulado, finíssimo; a experiência deu resultado, e agora não há mais poeira nem irritações de garganta.

Chegando perto de uma serra mecânica que cortava maços de espesso papelão canelado, Dobbins informou-me que essa tarefa era, anteriormente, executada por meio de uma serra de dentes afiados que, ao cortar o papelão, enchia o ar de um pozinho fino, motivo não só de inflamações de garganta, mas tambem de possiveis explosões. «Eu me lembrei de que se poderia talvez fazer uma serra de gume ondulado, como as facas de cortar pão,» contou-me o médico. «Pois a idéia pegou, experimentou-se, e agora a máquina corta o papel como se fosse queijo, sem poeira nem outras consequências incômodas.»

Em seguida, aproximamo-nos de um recipiente onde se via um líquido negro, de aspecto peçonhento. «Isto produz uma fumaça perigosa,» observou Dobbins. «Mas já não há perigo de envenenamento.» Dizendo isso, pegou o lenço e o colocou junto à boca de um cano que se achava logo acima da superfície do líquido. Verificou-se violenta sucção, que quase lhe arrancou o lenço das mãos. «Está vendo? A aspiração deste cano impede que a sala seja invadida pela fumaça. Há muito ainda quem julgue que basta uma caixa de ventilação perto do teto para proteger os operários. Puro engano!»

Estávamos na fábrica de refrigeradores Servel, na cidade de Evansville, no Indiana, e o meu interlocutor era o dr. Thomas Dobbins, protótipo do médico industrial moderno. Aliás aquela fábrica, que emprega 5 mil operários, é um lugar magnífico para se estudar a medicina industrial contemporânea, porque alí se verificam ou põem a prova todos os perigos inerentes ao trabalho industrial.

À medida que percorríamos as oficinas, Dobbins ia-me apontando números em quadros-negros: *Departamento* 42. *No período de* 1191 *dias, não se perdeu tempo por causa de acidentes.* «Todos os departamentos registram diariamente, nestes quadros, a situação quanto a acidentes», explicou-me Dobbins. «Chega até a haver certa rivalidade entre eles, pois cada um deseja apresentar o melhor índice de segurança. Outro dia acudí a um operário, rapazote ainda, que tinha perdido a ponta de um dedo. Sabe o que ele me disse? Que não se impor-

tava tanto assim com o ferimento; o que mais sentia era que o seu departamento tivesse que perder pontos!»

Como em outras fábricas progressistas, na Servel oferecem-se prêmios aos empregados que apresentem boas sugestões para melhorar o produto, simplificar o serviço, ou aperfeiçoar as condições de salubridade e segurança. «Muitas vezes um operário nos chama a atenção para alguma condição perigosa, que nem eu, nem o gerente, nem os mestres havíamos notado», acrescentou o dr. Dobbins.

Desculpando-se, nesse momento, chamou de parte um homem que passava, e, tendo-lhe dito algumas palavras, voltou para junto de mim, explicando: «Às vezes a gente nota qualquer coisa que pode ser remediada facilmente, como foi agora o caso; basta então falar ao mestre, evitando deste modo os trâmites complicados da administração, e, por outro lado, que ele sofra repreensão por desleixo».

Toda vez que se projeta, seja uma instalação de nova máquina, seja o emprego de novo processo, Dobbins toma antecipadamente conhecimento de todas as circunstâncias. Se ele e os seus assistentes encontram, na inovação, qualquer ponto ou motivo de perigo, introduz-se no plano a alteração que se tornar necessária, e se esta não for possivel, o departamento médico exige que se instalem dispositivos de segurança.

Em certas fábricas, há dois departamentos separados: o de segurança e o de saude. Na Servel, porem, ambos estão sob a responsabilidade do médico industrial, por ter parecido à empresa que segurança e saude são indivisiveis.

A fábrica dispõe de hospital muito bem equipado, de aspecto agradavel, onde pude assistir à entrada de operários para tratamento. O que eu via, era a moderna medicina industrial em plena atividade. Tratava-se em geral de acidentes leves: cortes nos dedos, lascas de madeira na pele, grãos de poeira nos olhos, etc. No entanto, considerando que de um acidente insignificante podem sobrevir complicações sérias, é obrigação de todo empregado apresentar-se imediatamente ao hospital, quando lhe sucede qualquer coisa.

Uma vez, apareceu no hospital um operário que quebrara o pulso jogando beisebol na tarde anterior. Normalmente, um caso desses deveria ser tratado pela Assistência Mútua dos operários, por ter tido lugar fora do horário de serviço, sem qualquer relação com este. Mas na Servel, como aliás em muitas outras fábricas de organização moderna, a assistência mútua está intimamente relacionada com o próprio serviço médico da empresa. Dessa maneira, chegam ao conhecimento de Dobbins todos os casos tratados pela Assistência Mútua, sendo que ele próprio colabora muitas vezes no tratamento. Quem aparecer na segunda-feira, pela manhã, com queimaduras de sol, por ter demorado demais na praia, no domingo, ou coisa semelhante, é logo hospitalizado; do mesmo modo, se aparece algum operário com «ressaca», por haver caido na pândega na noite anterior, Dobbins manda dar-lhe aspirina ou um laxante qualquer. «Há sujeitos que basta olharem da porta, e eu já sei o que têm», diz ele. E porque não há-de ser assim? O que interessa à administração é que os operários estejam em boas condições de trabalhar.

Outro aspecto interessante da medicina industrial, é-nos revelado nos exames médicos periódicos, a que são submetidos os empregados, inclusive do

ponto de vista das pertubações nervosas. Certa vez, por exemplo, Dobbins notou que um operário estava agitado; perguntando-lhe a causa do seu nervosismo, descobriu que o rapaz se achava obcecado pela idéia de que o capataz o perseguia. Pura ilusão, e Dobbins bem o sabia. Assim, foi falar ao capataz, e aconselhou-o a mostrar-se afetuoso para com o dito operário; o resultado foi que, tranquilizado, o homem passou a trabalhar melhor.

Sempre houve, da parte dos médicos em geral e dos operários em particular, certa desconfiança relativamente ao tipo antigo de médico industrial: julgava-se, não raro, que só se dedicavam a essa especialidade os clínicos que haviam falhado em tudo o mais, e que, para agradar à administração das empresas, tais médicos frequentemente procediam contra os interesses dos operários. Entretanto, o médico industrial dos dias atuais é respeitado por todos, sendo mesmo olhado pelos empregados como um conselheiro e amigo; e, assim sendo, se torna utilíssimo à própria administração.

Não é todo médico que se pode especializar no campo de que tratamos. À competência profissional é preciso que se alie certo conhecimento dos processos de manufatura utilizados na hipótese, alem de capacidade administrativa e vivacidade de imaginação. O dr. Phillip Drinker, professor de Higiene Industrial na Universidade de Harvard, observa que o estudante de medicina que passar as férias trabalhando em uma mina ou fábrica, adquirirá uma base inestimavel para a futura carreira de médico industrial, visto que desenvolve em si mesmo o modo de ver do operário, ficando apto a compreender o ponto de vista deste. É tambem essencial que os candidatos a semelhante ofício sejam pessoas agradaveis, de espírito democrático e personalidade simpática. Já ouví ao chefe dos serviços clínicos de uma empresa que tem 80 médicos distribuidos pelas suas numerosas fábricas, uma observação interessante nesse sentido: diz ele que toda vez que visita uma fábrica, na companhia do respectivo médico, vê a maneira mais ou menos cordial por que os operários tratam o «doutor»; e daí deduz se é este competente ou não para o desempenho do cargo.

O departamento médico e de segurança da Servel foi organizado em 1935, já com Dobbins à testa do serviço. Naquele ano houve 94 acidentes, com perda de tempo. Três casos de morte. Já em 1939, só se deram quatro acidentes, com perda de tempo, e nenhum deles de gravidade. E até dezembro de 1940 só houve um caso. Em 1939, o Conselho de Higiene Nacional dos Estados Unidos declarou ter sido a Servel, entre as fábricas de moveis de metal, a que menor número de acidentes havia registado.

Como é natural, o preço do seguro contra acidentes varia de acordo com o número de acidentes verificados na fábrica. Assim foi que, tendo baixado consideravelmente o número dos acidentes na Servel, esta companhia já pôde, só com a economia no seguro, custear todo o seu plano de saude e segurança.

Outro resultado parecido, que no caso se tem verificado, é um forte decréscimo em demissões de empregados. Uma das razões que o explicam é que a Servel faz questão de que seus operários participem imediatamente qualquer sintoma de doença, ou o menor acidente que os atinja; resulta que os

operários se aproveitam de tais oportunidades para queixar-se ao médico de tudo o que para eles seja motivo de aborrecimento, e muita anomalia se corrige, com benifício para a estabilidade dos quadros de pessoal.

Tais são os excelentes frutos da medicina industrial bem dirigida. Aos diretores e gerentes de firmas, que se queixam de não poder comportar um serviço médico de tais proporções, diremos que muito mais custoso será, em última análise, o fato de não dispor de tal serviço.

As estatísticas têm demonstrado que, quanto menores são as fábricas, peor equipadas se revelam no tocante a serviço médico. Isso é mau, é grave mesmo, pois a grande maioria dos operários trabalham em fábricas pequenas.

Entretanto, não há negar que as mais simples providências para a prevenção de acidentes são compensadas pelos resultados mais animadores. Certa fábrica norte-americana, com 115 operários, resolveu instalar um dispensário que custou 600 dólares. O material e a remuneração de um médico, que ia lá de vez em quando, ficaram em 1.660 dólares por ano. Pois bem: com essas medidas tão rudimentares, reduziu-se o número de faltas por doença e de demissões, com economia de 3.420 dólares.

A maioria das pequenas fábricas dispõem de um só médico, que é chamado quando dele se necessita; isso, contudo, não basta. Um clínico que só de quando em vez surge na fábrica, não pode ter interesse no serviço de prevenção de acidentes, nem poderá despertar entusiasmo constante no sentido de um bom nivel de saude e segurança. A Associação Industrial dos Estados Unidos nomeou uma comissão para estudar as condições de salubridade no trabalho, chefiada pelo dr. Victor Heiser, com a tarefa principal de auxiliar as pequenas indústrias a manterem um serviço médico permanente para os seus operários. Em trinta e quatro estados da União, sociedades médicas semelhantes adotaram o sistema de comissões, para estimular a profissão médica a se interessar pelo serviço industrial.

Atualmente—e com o melhor dos êxitos—se formam grupos de pequenas fábricas, os quais admitem um médico, que, entendido em higiene industrial, possa dedicar todo o seu tempo ao serviço dos seus operários.

Visitei vários desses grupos de fábricas, e pelas expressões dos operários ao cumprimentar o médico, pude ver quanto foi acertada aquela iniciativa.

¶ Certo escritor dramático, encarregado de extrair episódios da Bíblia e adaptá-los ao rádio, quase caiu das nuvens, ao ouvir, no fim de um programa, o locutor anunciar:

«Será que Caim mata Abel? Liguem os seus rádios amanhã, à mesma hora, e ficarão sabendo!»

—Albert R. Perkins, *Vogue*

«Como só os grandes sabem ser»

(Condensado do «Rotarian»)

Por Channing Pollock

Conhecido dramaturgo e escritor norte-americano

Minha anedota favorita é a de um recruta que se esmerava em cortar a grama no jardim do quartel-general, e que, vendo passar um homem fardado, o chamou: «Olá, camarada! Quer-me dar fogo?» O transeunte parou e acendeu-lhe o cigarro amavelmente. Assim que este se foi, outro soldado que assistira à cena, espantadíssimo, interpelou o novato: «Você é doido, rapaz? Sabe quem era aquele? O general Pershing!»

Apavorado, o recruta corre atrás do general. «Me perdoe, *seu* general, eu não sabia quem era o senhor. Estou no exército apenas há algumas horas e até agora todos os uniformes me parecem iguais...» Pershing sorriu e batendo-lhe no ombro respondeu: «Desta vez não haverá nada, mas você ouça meu conselho,» e seus olhos brilharam maliciosamente: «Não caia na asneira de fazer o mesmo com um sargento!»

Gosto muito desta história e, quando contemplo os longos anos de minha vida, verifico que a maior parte das tribulações por que passei foram sempre devidas aos «sargentos»... Tennyson, ao referir-se ao Duque de Wellington, dizia ser ele «como só os grandes homens sabem ser, sublime na sua simplicidade». Conhecí na minha vida muitos grandes homens, e muitos que não chegavam a ser grandes: sem exceção, a simplicidade aumentava na medida do valor real destes homens. Aqueles que não têm valor são pretensiosos e ciosos de prerrogativas, de que no fundo não são dignos.

Há muito tempo que minha mulher e eu descobrimos que no comércio é sempre melhor dirigir-se logo ao chefe da firma. Ainda há pouco, tivemos uma reclamação a fazer ao representante local da General Electric, mas nossos protestos foram vãos. Escrevemos então aos escritórios da companhia em Nova York; a carta ficou sem resposta; dirigimo-nos ao chefe do departamento em Cleveland: silêncio. Finalmente, não tanto para reclamar como por curiosidade, resolvemos fazer uma experiência, e eu mandei uma carta a Owen D. Young, diretor da Companhia General Eletric, e um dos homens mais importantes dos Estados Unidos. No dia seguinte veio uma resposta amabilíssima, e logo a seguir começaram a chegar as cartas de seus subordinados, até então inabordaveis. Imediatamente foram tomadas as providências necessárias, e a causa de nossa reclamação foi eliminada.

Alguem descreveu a falsa dignidade como sendo «uma atitude física que procura esconder um defeito de alma». Não se trata da dignidade natural, que esta vem da alma, mas sim dos ares de importância que tomam certas pessoas para melhor esconder alguma fraqueza ou defeito. Certa vez, ao darmos início aos ensaios de uma peça teatral, um dos trabalhadores do teatro pôs-se a chamar-me pelo meu nome de batismo. Um amigo meu que fazia parte da direção do teatro comentou escandalizado: «Não sei como é que você permite esta falta de respeito!»

«Não permitiria,—respondí-lhe—se não tivesse confiança em mim e na minha competência na profissão. Ele em breve saberá respeitar-me.»

É possivel ser modesto e, ao mesmo tempo, ter confiança em si e um prazer íntimo em se sentir capaz. Estar absorvido em seu trabalho não quer dizer que se esteja absorvido em si mesmo. Quando ainda moço, fui agente de publicidade de Lillian Russel, a mais bela atriz de seu tempo. Ouvindo-a um dia referir-se a sua própria beleza, fiquei meio surpreendido. Percebendo isto, ela virou-se para mim e disse sorrindo: «Você acha que é vaidade minha, mas está enganado. Há anos que vejo meus retratos por toda parte, e leio o que se escreve sobre mim—seria impossivel ignorar que Deus me deu uma beleza que é acima do comum. Vaidade seria se fingisse não saber disto.»

Lillian Russel, que era uma mulher de grande bondade e realmente muito simples, sabia de sobra o que dizia; a presunção pode muitas vezes tomar a aparência de modéstia. A Rainha Mary, rainha-mãe da Inglaterra, tem um porte real sem mantos de arminho, e apesar de seus chapéus. Quando Clyde Fitch levou à cena a peça «Um esplêndido casamento», muitos críticos alegaram que o príncipe da peça não era bastante principesco. E Fitch me dizia: «Como é que eles sabem? Vai ver que nunca estiveram em contacto com um príncipe. Eu conheço pelo menos uma dúzia deles, e minha experiência me diz que agem como qualquer de nós, e são às vezes até mais humanos. Os que não valem nada é que gostam de tomar ares que supõem ser de príncipes!»

Viajando uma vez pela Europa, conhecí o dono de uma das grandes casas de comércio do Oeste; não falou mais comigo no dia em que soube que eu tinha um amigo viajando de segunda classe! Naquela mesma semana, em París, conhecí o barão Henrique de Rothschild que estava financiando a produção de uma de minhas peças de teatro. Possuia uma das maiores fortunas da Europa, morava numa casa suntuosa em Passy, e contava entre seus amigos os homens mais ricos do mundo. Mas alem de milionário era tambem humano. Vinha muitas vezes visitar-me no meu hotel, sem pretensões, e da próxima vez que veio aos Estados Unidos passou nove dias no meu modesto bangalô nos arredores de Nova York.

O conselho de Kipling—«saber conviver com os reis sem deixar de ser humano»—é util a qualquer. Um «coração humilde e contrito» não é bastante, precisamos tambem ter humildade, tolerância e curiosidade de espírito. Numa reunião de autores dramáticos em Londres, discutia com meu vizinho uma peça que ambos tínhamos visto, e da qual eu não gostara. Era evidente que meu interlocutor não estava de acordo comigo, mas em vez de defender seu ponto de vista parecia muito mais interessado em conhecer minha opinião. Enquanto eu criticava a peça, ele observava pensativo: «De fato, tem razão...» ou «Realmente eu não encarara por este lado...» Ou então perguntava: «Mas não acha que isto assim-assim se justifica?...» Parecia ansioso em saber minha opinião sincera. No fim da conversa vim a saber que estivera a dogmatizar sobre teatro para o famoso teatrólogo inglês Arthur Wing Pinero!

Tive a fortuna e o prazer de gozar da amizade de um grande cirurgião, o dr. Ross MacPherson. Nunca me disse uma palavra sobre as valiosas contribuições que dera à medicina. Fiquei muito surpreso quando, depois de sua morte, um de seus colegas me disse: «Ross era dos maiores ginecologistas da América—senão do mundo.» Fui uma vez assistir a uma de suas operações. Era o caso de uma mulher que engulira uma agulha que se localizara num lugar dificil e perigoso. Ross mostrou aos estudantes a radiografia, fez ver as dificuldades, o perigo, as precauções que se impunham, os erros possiveis e, fazendo a última incisão, prosseguiu: «E tendo chegado aquí—retiramos finalmente a agulha.» Ao levantar a mão trazia de fato a agulha. Os estudantes no anfiteatro romperam em aplausos.

Comentando o caso mais tarde, disse-lhe: «Ross amigo, que precisão fantástica!»

«Foi sorte,—disse-me ele—tinha nove probabilidades sobre dez de estar errado. Não te digo nada, fiquei até espantado de encontrar o diabo da agulha bem naquele lugar!» Um homem mais vaidoso, embora surpreendido, seria incapaz de confessá-lo.

Há, às vezes, outro fator que tambem entra em jogo: indivíduos de certa nomeada não se podem rebaixar a fazer ações mesquinhas que lhes prejudicariam a reputação. Os atores célebres com os quais tenho trabalhado e convivido, são, quase sem exceção, pessoas muito acessiveis e companheiros agradaveis. Foi uma atriz cujo nome ninguem hoje lembra, quem mandou pregar nos bastidores um aviso para que os outros membros da companhia não lhe dirigissem a palavra sem que ela lhes falasse primeiro! Foi uma ex-corista que saiu do teatro indignada porque, para chegar ao seu camarim, tinha que subir quatro degraus. Mas quando fui pedir desculpas a Sarah Bernhardt das más acomodações que lhe ofereciam num pequeno teatro do interior, respondeu-me: «Ora, *mon enfant*, saiba você que já representei em lugares peores.»

Lembro-me de ver Holmes, o Ministro do Supremo Tribunal, assistindo ao espetáculo de um teatro de variedades. Enquanto os atores cômicos se encontravam no palco, ele lia despreocupadamente, mas assim que entravam as coristas, guardava o livro no bolso. «Graças a Deus sou um homem de gosto vulgar,» dizia às vezes, sem se incomodar com o que poderiam pensar dele.

Não há grandeza nem virtude em viver isolado do mundo. Como o sujeito que usa cabeleira postiça, os pretensiosos só se enganam a si mesmos. Simplicidade e verdadeira humanidade são os atributos da grandeza. De Homero a Mark Twain, os homens que têm influido profundamente sobre sua época e as gerações futuras, são acessiveis, sinceros, sem vaidades tolas, nem preocupação com a opinião que os outros formam deles.

❡

¶ Conhecí em tempos um homem que, segundo dizia, rezava da seguinte maneira: «Senhor, a minha opinião de cada dia me dai hoje, e perdoai-me a opinião que eu tinha ontem.»

—M. R. J. Du Bois, *Hoarded Sunshine* (Tutle, Morehouse & Taylor)

¶ *Como fazer das aves amigos fiéis do homem.*

As avezinhas de Nosso Senhor

(Condensado do «Nature Magazine»)

Por William Byron Mowery

HÁ UNS DOZE anos passados, meus três filhos e eu começamos a domesticar aves silvestres. Como divertimento, não havia melhor. As despesas eram mínimas e aquilo nos forçava a passar longas horas ao ar livre, motivo pelo qual aguardávamos ansiosamente cada nova primavera. Dentro em breve, porem, a coisa se tornou mais do que simples passatempo; pareceu-nos que era, de fato, estimulante, e mesmo proveitosa.

A criação de passarinhos é uma distração acessivel a quem quer que possua um cantinho de terra. Não é preciso aparelhagem alguma, nem tão pouco especiais conhecimentos. Qualquer quintal é quanto basta para umas poucas aves. Poucas embora, é de ver que alegria espalham ao redor de si, no curso de um verão. Lembra-me agora, por exemplo, de uma delas, que chamamos Jo-Dee.

Jo-Dee, um dos nossos favoritos, era um pardal como tantos outros.

Foi-nos trazido por alguem que o vira sair do ovo poucas horas antes. Tratamos de instalá-lo no terraço do fundo, numa espécie de gaiola improvisada em uma lata de café, com um pequenino pintarrocho, um picanço e outro pardal, já crescido, e cantor exímio. Cascas de coco, potes de flores, e caixotes de frutas vazios podem servir tambem como ninhos, postos no chão, para que as avezinhas não se firam ao pretenderem sair para os primeiros vôos. A lata era forrada por dentro com ervas, jornais e folhas. Convem cobrir o chão com um papel fino que possa ser mudado com frequência. É um ótimo sistema, pois absorve a umidade, mantendo uma temperatura agradavel e tépida.

Jo-Dee era alimentado, como os outros pássaros, de hora em hora, com grãos de bico triturados. Costumávamos molhá-lo com um conta-gotas, salpicando-lhe as penas, de quando em vez, com pó de piretro, afim de preservá-lo do ataque de aracnídeos. Aprendeu logo de começo a atender ao chamado de quem lhe viesse trazer as refeições, e o qual poderá ser feito por meio de um assovio, de uma palavra pronunciada claramente, ou do ruido da colher batendo no pires. Uma vez que o pássaro associe estes sons com a idéia de alimento, ou de carícias, responderá ao apelo toda a vida.

Quando Jo-Dee começou a sentar-se na beira do ninho, agitando as asas, vimos que já podia aprender a voar. Levei-o, então, a uma pequena ameixeira onde se pôs a saltitar de um galho para outro, adquirindo equilíbrio e lançando-se até nuns vôos curtos de alguns centímetros. Naquela ameixeira, durante a primavera, via-se às vezes uma dúzia de passarinhos saltitantes e indecisos que—por assim dizer—ensaiavam os primeiros passos, aumentando, pouco a pouco, a extensão dos seus vôos, até lançar-se em direção a um arbusto vizinho.

Mas quando alguem surgia com o pires da comida, e chamava por eles, vinham em chusma de entre os galhos, voando a bom voar. Alguns poisavam no braço de quem trazia o «pitéu», outros poisavam sobre a relva, e todos recebiam a devida recompensa pelos seus esforços.

Durante toda uma semana, depois dos primeiros vôos, Jo-Dee e as outros passarinhos eram presos, à noite, no terraço, por estarem alí mais protegidos e seguros. Costumávamos fazê-los poisar na corda em que secava a roupa —e era um gosto vê-los assim, solenemente enfileirados ao lusco-fusco do poente.

Quando Jo-Dee, por fim, aprendeu a voar, estimulamo-lo a ir em busca do seu próprio alimento. Senhor agora de um forte par de asas, passou a viver a vida comum dos pardais. Podia já manter-se por si próprio, mas, volta e meia, lá surgia de novo, a rondar em torno à casa, como a mais pacata das galinhas. Trepava no segador, se eu deixava de movê-lo alguns minutos. Poisava no meu livro, como que a olhar as letras, intrigado. Lutar por arrancar-me um pedacinho de cordão, era um dos seus passatempos preferidos. Se as crianças brincavam no jardim, com montinhos de terra, lá se encarapitava sobre um deles. Era parte da casa como o seria um gato, ou como o fora um cão.

Ao chegar o outono, quase todas as aves emigravam—algumas porem, como Jo-Dee, alí ficavam permanentemente. Numa tarde fria e chuvosa de dezembro, decidí dar-lhe abrigo aquela noite. Mas Jo-Dee instalou-se para o resto do inverno. Aparecia na janela da cozinha, pelo cair da tarde, e alí ficava saltitando, inquieto, até que lhe dessem entrada. Instalava-se, então, junto à lareira, na sala de jantar.

Chegada a hora da ceia, eu lhe preparava a refeição num prato de madeira. Voando em direção à mesa, Jo-Dee poisava nalgum canto, e se punha a beliscar o que lhe dessem. Comia qualquer coisa, mas seu petisco favorito era alface e pão de milho. Bebia então uns goles de água na minha colher, limpava o bico de encontro à beira do prato, e voltava ao refúgio predileto.

Criar passarinhos é uma tarefa simples. Observei, por experiência, que são eles mais resistentes que os pintos ou os filhotes de perú. Desde pequenos, todavia, se vêem forçados a enfrentar o calor, o frio e a chuva; passam fome, se os seus pais não encontram alimento; são perseguidos pelos gatos, por doninhas, raposas, cobras, corujas. É natural, portanto, que a mortalidade entre as aves implumes atinja proporções consideraveis. Um casal de pássaros produz durante a vida, digamos, 60 ovos. Normalmente, porem, só dois resultarão em pássaros que atinjam a madureza.

Quem visse um passarinho, ainda implume, exposto ao perigo, deveria acudir-lhe incontinenti, ainda que fosse necessário improvisar-lhe um ninho com qualquer lata velha. Todos nós encontraremos, se o quisermos, estas pequenas vítimas da sorte. É dificil por vezes descobrí-las, mas, com um pouco de prática, acharemos bom número delas. Umas, que cairam do ninho, ou foram

abandonadas pelos pais; outras, que um gato, ou qualquer outro animal deixou cair da boca no caminho. A mansidão destas pequenas aves é deveras surpreendente. Ignorando o que o destino lhes guardava, julgam, de fato, natural o gênero de vida que lhes dermos, e a este se afeiçoam para sempre.

Depois de já criados, os passarinhos não precisam mais do que uns simples cuidados. Há que lhes dar água para beber e para o banho. Pouca, aliás, pois só entrarão neste se a água lhes chegar à altura dos joelhos. Quanto à alimentação, convem distribuir os grãos por vários pontos para que alguns dos pássaros maiores não monopolizem a «mesa». Qualquer coisa lhes serve: grãos de várias espécies, migalhas da cozinha, pedacinhos de carne e de legumes. Uma folha de couve durará alguns dias.

O maior serviço que lhes poderemos prestar é salpicá-los, de quando em vez, com um pó qualquer, que os proteja contra os parasitas nocivos. Estes podem enfraquecê-los e até matá-los. As chuvas da primavera causam grande mortalidade entre os pássaros, não devido aos ataques de pneumonia—como se julgou durante alguns tempo—mas porque a lama e a umidade trazem maior número dos mesmos parasitas. Qualquer espécie de pó seco e fino pode ser aplicado para tal fim.

Exceto cerca de cem, as espécies de pássaros existentes nos Estados Unidos, estão, aos poucos, desaparecendo. Algumas já se acham quase extintas, e será dificil fazê-las reviver. No entanto, mesmo do ponto de vista prático, é enorme o valor dos pássaros: um só deles—o cuco—exterminará, no curso de um verão, 500 ninhos de dez lagartas; um picanço marron protege, por si só, cinco macieiras em qualquer pomar. Sem as aves, seríamos vencidos pelos insetos daninhos, na luta pela proteção de sementes e frutos.

Há alguns anos, eu e um francês, homem piedoso e simples, acampamos certa feita junto a um lago situado ao noroeste do Canadá. Ao romper da alvorada, ouvimos, entre o canto de outros pássaros, a voz fina e sonora dos pardais. «*Les petites volailles du bon Dieu!*» sorriu o meu amigo: As avezinhas de Nosso Senhor...

É, de fato, o que são, e como deveríamos julgá-las—as delicadas aves que, pertencendo embora ao domínio do *bon Dieu*, nós podemos domesticar para o nosso e seu próprio benefício.

Comédia dos enganos

¶ Uma mulher, no meio de um processo de divórcio, queixava-se a uma amiga de que eram terrivelmente aborrecidas as visitas que era obrigada a fazer ao advogado. «Oh, minha cara,» disse-lhe a amiga, «nem me fale de advogados! Tenho tido tantas complicações com as minhas propriedades, que às vezes até chego a desejar que meu marido não tivesse morrido!»

—**Walter** Winchell

¶ *O ataque combinado do bombardeiro de mergulho e do avião-torpedeiro é a tática mais eficaz até agora desenvolvida na guerra naval.*

Inferno de bombas e torpedos aéreos

(Condensado do «Naval Affairs»)

Por Frederic Sondern, Jr.

O ataque coordenado de bombardeiros de picada e aviões-torpedeiros é o que alguns oficiais de marinha denominam atualmente «ataque fulminante» (*super-blitz*). O bombardeiro de mergulho pode atingir um destroier que tente escapar-lhe aos ziguezagues, e fazê-lo saltar em estilhaços com a sua bomba de meia tonelada. Alguns destes «ovos» podem partir a espinha a um cruzador pesado. E uma esquadrilha de aviões-torpedeiros é capaz de destruir até a blindagem do couraçado mais resistente. Mas os dois juntos formam a mais terrivel combinação, para ataque aero-naval, que jamais tenha sido posta em prática.

Quem lhe sofreu, pela primeira vez, os terriveis efeitos, foi a esquadra do Japão, há quase um ano. Navegava pelo Mar do Coral uma frota japonesa consideravel, com a missão de cortar a linha de abastecimentos dos Aliados à Austrália. O *Ryukaku*, novo porta-aviões gigantesco, servia de base de operações da respectiva força aérea.

O ataque americano foi instantâneo. Do lado do sol ofuscante precipitaram-se, rugindo, dezoito bombardeiros navais de mergulho. O porta-aviões japonês e a sua escolta dispararam uma saraivada de tiros anti-aéreos, mas estes não atingiram aqueles alvos moveis, tão velozes como enganadores. Lançaram-se um após outro até quase ao nivel do convés do porta-aviões, rebentando-o com suas bombas, e zuniram de novo pelo céu acima, à procura de altitudes mais seguras.

Entretanto a formação de aviões-torpedeiros tomara posição em volta do porta-aviões. Formando em arco de círculo, mergulharam até quase tocar a superfície do mar, e largaram os seus torpedos, que convergiram para o navio de todas as direções. Em poucos minutos tudo estava acabado; 15 bombas e 10 torpedos haviam acertado no alvo, e o *Ryukaku* foi para o fundo com todos os seus aviões ainda a bordo. No dia seguinte, o *Shokaku*, navio irmão do primeiro, teve a mesma sorte. O poder da esquadra japonesa no Mar de Coral fora aniquilado sem a perda de um único avião americano.

Semelhante tática logra aumentar a eficiência de fogo, de cerca de 20 milhas—que é o alcance máximo da artilharia de um navio de guerra—até umas centenas de milhas a mais: fator vital no ataque à esquadra japonesa, que manobra longe das bases americanas, e perto das suas.

Os bombardeiros de mergulho só por si já são uma arma formidavel. Uma esquadrilha de 30 bombardeiros—os célebres *Bombing Fools* (Bombardeiros Malucos) do porta-aviões americano

Hornet—destruiu mais de 125.000 toneladas da força naval inimiga durante os combates de Midway e do Mar de Coral. Perderam só dois pilotos em ataques em que se julga terem sido afundados um couraçado, dois cruzadores pesados, 3 destróieres, 4 transportes de 10.000 toneladas cada um, um submarino, e o grande porta-aviões *Zuikaku*, alem de terem avariado seriamente outro couraçado e mais dois cruzadores.

O bombardeiro de mergulho é um poderoso monoplano de um só motor, manobrado por um piloto e um radiotelegrafista artilheiro. Em formações de seis ou mais, seguem a sua presa a grandes altitudes, ocultando-se nas nuvens sempre que lhes é possivel, até estarem prontos para atacar. Com tempo favoravel, podem escolher o objetivo a 30 ou 40 milhas de distância.

Então começam as manobras, que exigem a precisão de frações de segundo, a firmeza e o «dedo» que deram fama à aviação naval dos Estados Unidos. Uma série de mergulhos e de evoluções trazem a esquadrilha até uma posição a poucas milhas de distância do alvo e a cerca de 800 metros acima deste. O comandante tem que calcular a velocidade e o curso do navio a atacar, assim como a direção exata e a velocidade do vento, de modo que um mergulho quase vertical o ponha no ponto necessário para poder largar a bomba a cerca de 350 metros.

O piloto tem na sua frente uma espécie de telescópio, em cuja mira quadriculada aparece, como num caixilho, o «campo» em que a bomba deve acertar, se lançada da altura para a qual a mira está regulada. Durante todo o percurso do mergulho, deve ele conservar o objetivo dentro da teia de aranha daquelas linhas; para isso precisa ter extraordinária perícia. As variações do vento podem desviá-lo, de modo que lhe cumpre corrigir continuamente a direção do vôo, guiado pelo nivel de mercúrio que se encontra na parte de baixo da alça. O ângulo de mergulho deve ser exato: se for pouco profundo, o piloto perderá em precisão e a bomba cairá aquem do alvo; se for profundo demais, uma rajada de vento poderá fazê-lo recuar e errar a pontaria.

Ao contrário do que se imagina, o bombardeiro de picada não se lança num vôo vertical com toda a força dos motores. Ao começar a descer, o piloto reduz ao mínimo as rotações, sem parar de todo o motor, e abre os «ailerons» para reduzir a cerca de metade a velocidade do avião. É dificil lançar com precisão uma bomba a uma velocidade superior a esta.

O navio de guerra, ao descobrir um grupo de aviões atacantes, começa a zigue-zaguear, tentando uma série de táticas de evasão. Se forem corretos a velocidade e o ângulo de mergulho, o piloto do bombardeiro pode seguir ainda cada movimento do seu alvo com ligeira correção de mira, conservando-a sempre centrada, até alcançar a altitude suficiente para largar a bomba. Este mortífero projetil levará apenas alguns segundos a atingir o alvo, tempo demasiadamente curto para este poder esquivar-se.

Logo que a bomba se desprende, o piloto puxa a barra, endireita o avião, e torna a alcançar altitude e segurança. Tem-se escrito muita tolice a respeito do «remate» dum mergulho, e o consequente desmaio do piloto, conhecido sob o nome de *black-out*. Atualmente a Marinha ensina os seus aviadores a executar esta manobra de tal modo que um homem de saude normal não perde

os sentidos em momento algum. Quanto a mim, achei a sensação de saida dum mergulho, por assim dizer, divertida. É como tentar endireitar-se durante um escorregão.

O próprio mergulho tambem não preocupa muito os aviadores. Apoiam os músculos do estômago contra a larga correia de lona que os prende aos assentos, e ficam comodamente. O aviador não ouve aquele barulho semelhante a um uivo, que tanto aterroriza as pessoas a quem ele ataca; as ondas sonoras afastam-se dele. «Nem sequer se nota o fogo anti-aéreo,» dizia-me um bombardeador. «A gente fica inteiramente ocupado em conservar o objetivo dentro da mira.» Os próprios aviadores parecem surpreendidos do seu total desprendimento no caso.

As forças navais japonesas vão geralmente bem protegidas por aviões de caça. Mas até para o velocíssimo e tão manejavel Zero é dificil interceptar um bombardeiro de picada. O metralhador americano vai numa torre blindada, armada de duas metralhadoras de calibre 0.50 que podem inutilizar o motor do Zero com uma só descarga.Nas grandes batalhas do Pacífico, muitos bombardeiros de mergulho somaram ao seu ativo três e mais Zeros cada um, em cada combate.

Devido à sua muito superior velocidade de mergulho, quando um Zero persegue um bombardeiro em plena descida, tem que «rematar» o mergulho muito antes do bombardeiro, para se não precipitar no oceano, exatamente no momento em que o piloto do bombardeiro acaba de preparar-se para o ataque, e o pode realizar com relativa segurança.

Até há pouco tempo, os aviões-torpedeiros eram considerados a maior ameaça aérea contra os navios de guerra. Os aviões *Swordfish* devastaram a esquadra italiana em Taranto, e ajudaram a afundar o «insubmersivel» *Bismarck*. O mesmo fizeram os aviões-torpedeiros japoneses com o *Repulse* e o *Prince of Wales*. Depois, durante a batalha de Midway, a catástrofe da 8ª esquadrilha torpedeira americana pareceu mudar o aspecto das coisas. Quinze aviões atacaram uma força japonesa: apenas um homem escapou. Os aviões americanos foram literalmente pulverizados pelo fogo anti-aéreo e pelos Zeros. Os jornais decidiram precipitadamente que os aviões-torpedeiros eram perigosamente inferiores.

A verdade é que a 8ª esquadrilha voou ao encontro da própria morte, sabendo que os seus aviões eram antiquados. Os seus TBD (Douglas) eram vagarosos e desajeitados. Alem disso tiveram que atacar antes de tempo: haviam perdido o apoio dos bombardeiros de mergulho e dos aviões de caça, no meio dum nevoeiro, e o limite do seu raio de ação não lhes permitia as reservas de que necessitavam para poder esperar.

A Marinha tem agora um novo tipo de avião-torpedeiro—o Grumman TBF. Uma divisão de 18 aviões TBF pode causar um embate terrivel e afundar seja o que for que hoje flutue sobre a superfície do mar.

Como o bombardeiro de mergulho, o avião-torpedeiro aproxima-se do seu objetivo, vindo de uma altitude consideravel. O piloto tem diante de si um calculador que indica, a um simples toque do dedo, em que direção deve lançar o seu «peixe», para acertar num alvo que viaja em determinado rumo, a uma dada velocidade, e a certa distância. Logo que o comandante descobre o

seu objetivo, ordena que os aviões da sua esquadrilha formem em arco de círculo, em volta do alvo.

Depois, a um sinal, os aviões giram à roda e mergulham, de várias direções, sobre o inimigo. «Rematam» o mergulho abruptamente, a poucos quilômetros do alvo, e a uns 35 metros acima da água.

Ao se precipitarem sobre o sítio exato em que devem lançar os torpedos, voam como que rolando e aos galões, causando com estes movimentos uma confusão enorme, ainda mesmo aos melhores artilheiros anti-aéreos. Chegado o momento preciso, soltam o seu «peixe», e ei-los de novo a zunir pelo céu acima.

Esta é uma das manobras mais complicadas e dificeis. Se o piloto se encontra a uma altura excessiva ao lançar o torpedo, o choque violento quando este tocar na água pode avariar o seu delicado maquinismo. Se estiver demasiadamente baixo, o jacto de água causado pelo torpedo ao cair no mar pode atingir a carlinga, e arrastar o avião a um mergulho fatal. E durante esta corrida decisiva o piloto está extremamente exposto aos ataques dos aviões inimigos, que de cima se atiram sobre ele.

Quando, porem, uma esquadrilha bem treinada, de TBF, devidamente protegida por uma coluna de aviões de caça, executa com perícia esta manobra, o seu ataque é mortal. A estes «peixes», uma vez a desfilarem na água e convergindo na mesma direção, a uma velocidade de 40 milhas por hora e de uma distância de uns 1.000 metros, nem o vapor mais veloz seria capaz de os evitar a todos. E o torpedo é ainda hoje o mais certeiro golpe da marinha. Fere por baixo da parte couraçada do navio de guerra; e ainda não sobreviveu nenhum navio atacado em cheio pelos aviões-torpedeiros.

Para os homens, que sofrem o ataque combinado dos bombardeiros de picada e dos aviões-torpedeiros, a sensação é aterradora. Quando os bombardeiros começam a mergulhar abalam os nervos, mesmo ao artilheiro mais experimentado. Qualquer que seja o lugar em que este se encontre, os aviões parecem despenhar-se diretamente sobre ele. E ele sabe que basta uma bomba para transformar todo o convés em volta num verdadeiro inferno. É por isso que o fogo anti-aéreo se concentra naturalmente contra os bombardeiros de picada. E neste meio tempo os aviões-torpedeiros começam a aparecer furtivamente, para lançar então os seus golpes mortíferos.

Por estas razões a Marinha dos Estados Unidos deposita uma fé renovada nos seus porta-aviões e nos seus aeroplanos. Têm havido atrazos e dificuldades. Os porta-aviões levam muito tempo a ser construidos, e os seus pilotos muito tempo a treinar. Não tardará, contudo, que ouçamos falar de ataques de 200 ou mais aeroplanos, voando de uma base flutuante contra concentrações inimigas. E a Marinha está convencida de que ataques fulminantes de tais proporções resultarão com a destruição final do poderio naval japonês.

¶ *Se esperássemos de Washington instruções para semear e colher, não tardaria que nos faltasse o pão.*

—Thomas Jefferson

¶ *Um tipo estranho que tinha a profissão de encantar cobras a domicílio*

O homem das serpentes

(Condensado do «New Yorker»)

Por Francis Steegmuller

MAL tínhamos mudado para a casa do Cairo quando se nos deparou uma dificuldade: as cobras. Eu não fazia grande caso delas porque não eram venenosas, apenas duas bonitas cobras verdes de jardim, de espécie inofensiva. Mas os pretos da Núbia, que trabalhavam na cozinha, tinham muito medo, e um dia até vieram todos, em comissão, apresentar-me o seu protesto.

Disse-lhes que as pegassem e matassem eles mesmos; mas parece que não é empresa facil pegar uma cobra do Egito, e alem disso é coisa de mau agoiro matar seja o que for, mesmo uma cobra, a não ser que isto seja feito por pessoa de casta muito especial. «O senhor podia telefonar à Repartição de Saude, que eles sabem o que têm a fazer,» sugeriram eles.

A Repartição de Saude sabia realmente o que tinha a fazer, como tive ocasião de verificar. Uma voz muito amavel informou-me que, a qualquer hora que me fosse mais conveniente, mandariam o seu encantador oficial de serpentes, um cavalheiro que sem a menor dificuldade livraria a minha casa e o meu jardim de todas as cobras. «Não julgue que se trata de um ordinário encantador de serpentes, como os que se vêem pelas ruas, atraindo estes reptís ao som do seu instrumento. A maior parte destes são charlatães, que procuram dar espetáculo. O nosso homem limita-se a pegar as cobras; e sabemos que se pode confiar inteiramente nele.» E a mesma voz acrescentou que este serviço municipal me não custaria nada, embora achassem natural que eu quisesse dar alguma coisa ao seu enviado, como gratificação pelo incômodo.

No dia seguinte encontrava-me em ótima disposição de espírito para o receber, quando chegou o encantador de cobras, um homem forte, escuro, em roupas bastante largas, montado num burro notavelmente pequeno. Em torrentes de árabe anunciou-me ser descendente de longa estirpe de encantadores de cobras, porem muito diferente dos que se viam pelas ruas, trabalhando ao som de música com serpentes domesticadas. Quanto a ele, por um poder inato, podia descobrir no seu esconderijo qualquer serpente, e fazer dela o que entendesse. E fazia-o principalmente, explicava, pelo sentido do olfato. As cobras têm o seu cheiro característico, e há pessoas que têm o dom de o localizar, ficando então com as narinas atulhadas de cheiro de cobra. Mas, continuou, depois de se farejar a cobra até o seu esconderijo, é preciso saber que palavras usar que a façam obedecer, e isso foi o que aprendeu dos seus antepassados.

Agora, se estávamos prontos, meteria mãos à obra. Seguido pelo pessoal da

casa, com um dos núbios todo orgulhoso por ser o portador da sua caixa das cobras, o encantador começou com passo pesado a dar a volta ao jardim, aspirando de maneira impressionante, cheio de ritmo e energia.

Eu não notei odor algum especial no jardim; mas era evidente que para o encantador certos sítios acusavam um cheiro a cobra mais pronunciado que outros. Às vezes resfolegava impacientemente, abanava a cabeça e começava a caminhar mais depressa; outras vezes abrandava a marcha, respirava profundamente, arrastava os pés e semi-cerrava os olhos. Três ou quatro vezes, seguido pelo grupo, deu a volta ao jardim, até que parou em frente de um monte de pedras, acenando com a cabeça como tendo encontrado aquilo que procurava. As cobras estavam alí, anunciou por meio de um intérprete visivelmente alvoroçado, e ia tirá-las de lá, num abrir e fechar de olhos.

E passou das palavras à ação. Batendo com a bengala no chão, ia pronunciando em voz alta várias ordens, usando de palavras misteriosas para os próprios conhecedores da língua árabe, segundo me informaram depois; gritava o mais que podia; o rosto ia-se-lhe tornando cor de cobre; a terra tremia sob as pancadas do pesado bordão. Depois de uma ordem especialmente enérgica, baixava-se e espreitava o buraco entre as rochas. A voz então ia-se-lhe tornando mais suave e, uma após outra, vagarosamente, as duas cobras verdes deslizavam para fora. Olhavam em volta, com os seus olhitos brilhantes como contas e a língua sempre em movimento, até que pararam sossegadas, aos pés do encantador. Julgava eu que ele as agarraria com as mãos; nada disso, porem. Poisou a caixa no chão, com a abertura voltada para as cobras; a sua voz tornou-se ainda mais suave, mais acariciadora; então, sem ele lhes tocar, as cobras aproximaram-se lentamente da abertura, as duas a par, hesitaram por um momento e—embora isto pareça inacreditavel—escorregaram para dentro da caixa, e desapareceram. Dum salto o encantador fechou a tampa. Todos gritaram, riram e bateram amigavelmente nas costas uns dos outros. Voltando-se para mim, o homem correspondeu à minha inclinação de cabeça com vários salamaleques.

Declarou, porem, que se não sentia ainda completamente satisfeito. Quem poderia assegurar-nos que não havia alí em volta mais cobras, ainda que não o soubéssemos? Se eu lho permitisse, ele gostaria de percorrer o jardim mais algumas vezes, porem sozinho, para poder ter a certeza. E como eu não opús dificuldade alguma, recomeçou. Não será facil esquecer semelhante espetáculo. Este escuro gigante, de turbante branco e roupas de variegadas cores, corria ligeiramente à volta do jardim, respirando profundamente, e agitando no ar o seu bengalão das cobras. Quando, por fim, parou em frente de nós, para nos anunciar que o jardim estava completamente limpo de cobras, suava copiosamente. Mas nem por isso parou a descansar. Montou no seu minúsculo burro, pôs na sua frente a caixa das cobras e, depois de se despedir de todos, seguiu o seu caminho. Acompanhei-o até o portão, e ele aceitou agradecido o que eu julguei dever dar-lhe. Então, tocando com os calcanhares nas ilhargas do burro, saudou-nos outra vez, e lá foi a trote, provavelmente para a Repartição de Saude.

Foi ele que nos adotou

(Condensado de «Your Life»)

Anônimo

EU ME TINHA habituado a ler histórias de meninos vagabundos, adotados por famílias, e que eram sempre muito bonzinhos e submissos, com muito bons modos, e um jeito mesmo simpático de ciciar coisas engraçadas muito a propósito.

Mas o Johnny é que não tinha nada disso. Garoto das ruas, era tão rude na linguagem e nas ações, que de começo nos inquietou seriamente deixá-lo andar na companhia de nossos três filhos.

Antes de passar a morar conosco, o pequeno vivia na vadiagem com uma turma de malandros mais crescidos do que ele. Um dia, no verão, amontoaram tanta pedra nos trilhos de uma estrada de ferro, que fizeram descarrilar um trem de mercadorias. A polícia agarrou os todos e mandou os mais velhos para o reformatório; mas não sabiam que fazer de Johnny, que tinha só 10 anos, era orfão de mãe, e não podia contar com a ajuda do pai, desempregado crônico.

Ouvimos falar do caso, e oferecemos deixá-lo ficar conosco na praia, por duas semanas, enquanto não se encontrasse a família apropriada para o receber.

Johnny chegou uma tarde em nossa casa, carregando as suas magras posses num saco de papel. Era a hora do jantar, e ele, poisando a «bagagem» no soalho, ficou de olhos esbugalhados para a mesa:

—Hum! até tem carne! exclamou.—E tamos só na quarta-feira! Pai da vida, será que vocêis comem assim todo dia, minha gente?!

Sem perda de tempo, fiz um prato bem coculado de carne e verdura. O nosso hóspede não esperou que lhe dessem garfo nem faca: botou as mãos ambas à comida, e num abrir e fechar de olhos tinha-a no papo! Mas tão depressa como a engoliu, assim a vomitou logo em seguida.

E o peor é que ficou doente. Tive que mandar chamar o médico. «Este pequeno estava morrendo de fome, disse-me. —A senhora deve lhe dar de hora em hora uma colher de pão migado em leite quente, até que o estômago dele possa aceitar a comida.»

Pus o garoto na cama, depois de lhe enfiar o pijama do meu caçula, que tinha seis anos; o pijama pendia, enrugado, daquele cangalho enfezado de 10 anos, como de um cabide! Viam-se-lhe as costelas, que mais pareciam os arames de uma gaiola de pássaro, e as suas omoplatas eram tão salientes, que faziam pensar nessas asas de papelão que os meninos põem, quando se vestem de anjinhos de procissão.

Eram 2 da madrugada, e eu ainda a pé, dando-lhe na boca colheres de leite quente com migalhas de pão, e pensando lugubremente: «Ora quem foi que me mandou meter-me nesta?»

Depressa Johnny estava capaz de comer três refeições por dia. Mas nem assim deixou de ser um garoto bem exquisito: tinha a pele de um branco repulsivo, opaco e sem vida; a boca pendia sempre aberta, o menos atraente possivel. Quando queria firmar bem a vista em qualquer coisa, fazia tal esforço para contrair os olhos, que a testa lhe

ficava toda repuxada em franzidos e pregas. Tinha uma tosse profunda e rouca, de cachorro, que nos alarmava e fazia recear fosse tuberculoso.

O médico que o tratou encontrou-lhe os canais dos ouvidos entupidos por adenoides: o rapaz mal podia ouvir. Mas o torax estava são, e a vista não apresentava defeitos: tanto a tosse como o hábito de franzir os olhos, eram produto do nervosismo.

Sabia o Johnny que o havíamos recolhido apenas por duas semanas. Mas quando se aproximava o dia da partida, começou a ter crises de vômitos. Um dia, quando eu o punha na cama, suplicou-me num verdadeiro frenesí:

—A senhora não podia me deixar ficar aquí, por favor?... Eu lhe prometo fazer o que a senhora quiser, se me deixar ficar vivendo aquí...

—Mas, menino, como é que eu vou agora guardar você na minha casa? Você está sempre brigando com os outros meninos, e fazendo batota nos jogos, que até já nenhum quer mais brincar com você, e dizendo mentiras de fazer cair os dentes da boca...

—Eu não faço mais nada disso, se a senhora me deixar ficar. Por favor, não me mande embora!

Prometí-lhe deixá-lo ficar. Nessa tarde, à hora de meu marido regressar a casa, o rapaz correu pela estrada fora ao encontro dele, para lhe dar a «boa-nova». Fiquei um tanto perplexa: como iria meu marido acolher a notícia? Quando entrou, veio logo me dizendo com muito sossêgo:

—Ouví dizer que nos caiu das nuvens mais um filho...

Tirei nervosamente o pigarro.

—Bom,—prosseguiu ele—não há um cômodo a mais na mansarda? Que tem você guardado por lá?

—Malas velhas, cacarecos...

—Tanto faz ter lá um garoto como mala velha, acho eu!

Poucos dias passados, Johnny perguntava:

—Eu posso chamar a senhora de «mamãe», como os outros meninos?

No dia seguinte, ainda mal amanhecia, já a voz dele bradava no corredor da casa: «Ma-mãe-iii!...»

—Aí tem você! suspirou meu marido ainda meio a dormir.—Agora você responda; ele quer saber se você bateu as asas durante a noite, é só...

Respondí então:—Aquí estou! Que temos?

Não era nada; ele queria era dizer «mãe», e mais nada. Ficou um bocado como quem remexe no bolso à procura de resposta, e gritou:

—Já pus a camisa, mãe!

Ainda o verão não tinha acabado, já o nosso Johnny parecia outro—fisicamente, pelo menos. Extraidas as adenoides, tinha o nariz limpo, respirava bem, e aprendera a andar com a boca fechada. Não tinha mais a testa franzida; e um rubor de saude lhe subira às faces. Via-se agora que tinha a cabeça de bom feitio, o cabelo espesso e negro, e os olhos, pretos, eram vivos.

Muito menos faceis de resolver, porem, eram os problemas do carater de Johnny. Mentia muito, e—com essa prática—não me foi dificil apreender a mecânica de suas mentiras. Mentia, em primeiro lugar, para obter a aprovação dos outros, por um desejo natural de agradar. Mentia, em segundo lugar, por medo ao castigo, como todas as crianças que sofreram maus tratos. E mentia, finalmente, para se fazer importante, gabando-se aos outros meninos das acrobacias que praticava no seu avião, e outras histórias mirabolantes.

Um dia, andávamos lançando a rede de arrasto na ribeira, para apanhar isca, e apanhamos um peixe-bola. Este peixinho tem a particularidade de se encher de vento quando a gente lhe toca, chegando a atingir um volume três vezes maior que o normal; mas se então lhe damos uma pancada—paff—esvazia-se como um balão. Mostrei o peixinho aos meninos, e expliquei-lhes o que ele fazia. Daí em diante, sempre que Johnny começava a contar uma das suas histórias, os outros pequenos desatavam a gritar: «Peixe-bola! Peixe-bola!» E o resultado foi muito mais eficaz do que o de todos os discursos e admoestações que os adultos lhe fizessem.

Mas o grande milagre operou-se apenas quando Johnny foi posto em presença de um piano. Nunca nos tinha passado pela cabeça que o pequeno tivesse qualquer inclinação ou talento musical, até o dia em que, aquele primeiro verão, regressamos de umas férias na praia. Ao entrar em casa, deteve-se à porta da sala:

«E essa!—exclamou.—Um piano! Me dá licença para experimentar?»

E enquanto desfazíamos as malas, começou a ver se tirava uma melodia do piano. Ia de nota em nota, penosamente tateando, errando, recomeçando... Não quis cear, e eu fui pôr uma bandeja com comida ao lado dele, no banco do piano. «Quando você tiver fome, trate de comer,» disse-lhe. Os olhos do pequeno brilhavam. Às dez menos um quarto ainda estava lutando para arrancar ao teclado aquela cantiga. Não houve remédio senão obrigá-lo a ir para a cama—mas no dia seguinte, ainda não tinham dado as seis, já estava ele outra vez agarrado ao instrumento.

—Aí tem você o seu menino-prodígio, esse Mozart! resmungou meu marido, enterrando a cabeça numa almofada. Eram cinco da tarde, nesse mesmo dia, quando o Johnny se pôs a gritar: «Mamãe! Escuta! Já achei!...» Tinha achado mesmo. E o melhor é que tocava com as duas mãos. Não houve remédio senão arranjar-lhe professor, e foi ele o único de nossos filhos a quem tive que dizer: «Pelo amor de Deus, veja se para de estudar hoje!»

A descoberta dessa vocação para a música deu-lhe uma grande confiança interior em si mesmo, e Johnny deixou-se de gabolices. A noção de que era capaz de fazer algo de bom, tornou-o modesto e discreto.

Mas nem a própria música conseguiu remediar a maior das suas dificuldades: o medo físico. O atletismo não fora incluido na sua «educação ao ar livre»... Compramos-lhe bola, cacete e luva de beisebol. Transbordante de alegria, foi para a escola carregando com os apetrechos de esporte. Voltou para casa, essa tarde, lavado em lágrimas.

—Os outros não me deixam jogar com eles! berrou entre o choro.—Dizem que eu tenho medo da bola!...

Levei-o para o quintal e, para o exercitar, arremessei-lhe a bola de longe. O seu gesto espontâneo, imediato, foi erguer ambas mãos acima da cabeça e encolher-se num impulso de terror. Tinha sido espancado tantas vezes, que qualquer movimento dos braços de outrem lhe parecia uma ameaça...

Meu marido passou a trabalhar pacientemente com ele, todas as tardes, exercitando-o no jogo; nos primeiros dias usou uma bola de borracha, leve e mole. Depois, pouco a pouco, o foi convencendo a parar uma bola de beisebol, de começo atirando-lha por baixo. Um dia, nossa filha estava escarranchada no telhado do palheiro, e o pai, cá de

baixo, atirou-lhe uma bola de jogo. A menina agarrou-a e arremessou-a rapidamente ao Johnny. O pequeno achou tão divertido aquilo da menina estar a jogar a bola lá em cima, na cumieira da casa, que desatou a rir e agarrou por sua vez a bola sem saber o que fazia. Meu marido aproveitou, e disse:

—Aí, seu Johnny! Veja só que bem você agarrou uma bola alta, sem piscar os olhos! Hurrá!

Johnny estava curado do medo da bola...

A escuridão era outro dos seus pavores, e até então teimara em dormir toda a noite com luz acesa. Mas nessa noite, quando eram horas de ir deitar, gritou do alto do corrimão, numa voz de júbilo e triunfo:

—Esta noite vou apagar a luz do quarto! Agora já não tenho medo da bola, nem de coisa nenhuma!

Era verdade. Tempos passados, entrava a fazer parte do time escolar de beisebol. Fizeram-no regente da banda de música da escola. Recebeu um prêmio que lhe permitiu frequentar o ginásio por quatro anos, e com essa ajuda lá foi seguindo os estudos, ganhando ao mesmo tempo para as suas necessidades, ora numa loja, ora num restaurante, ora tocando nalguma orquestra de baile. Findo o seu ano de calouro, já tinha obtido brevê de piloto no curso de treino aeronáutico do ginásio. Está agora na aviação naval.

Pouco antes de ser ele admitido à Marinha, eu tive que sofrer uma séria intervenção cirúrgica, e Johnny me deu seu sangue numa transfusão. Já restabelecida, dizia-me, com júbilo, o rapaz: «Veja, mamãe. Agora é que nós podemos dizer que somos parentes consanguíneos!»

Cavalheirismos de Chicago

¶ Uma jovem senhora, ao comprar selos no Correio de Chicago, deixou cair um papel, que foi parar bem em frente de um sujeito que se achava próximo. Com toda polidez, ele levantou o seu chapéu e deu um ponta-pé no papel, para que a jovem pudesse apanhá-lo com mais facilidade.

—June Provines, *Sun* de Chicago

¶ Por ocasião de um assalto havido em um restaurante, os bandidos distribuiram chícletes aos fregueses presentes, aos quais tinham acabado de roubar cerca de 3.000 dólares em dinheiro e jóias. «Masquem isso—disseram os ladrões—assim vocês se acalmarão.»

—Fred Sparks, *Free Press* de Detroit

¶ Correndo para pegar um ônibus, Loretta Stoker, secretária do Centro Social para Soldados, de Chicago, resvalou e caiu. Um homem passou por ela correndo em direção ao ônibus, e disse-lhe: «Eu detenho o ônibus. Levante-se depressa.»

—AP

¶ *Jean C. Garand, o tranquilo franco-canadense a quem se deve o projeto do novo fuzil do Exército Americano*

Garand e o seu fuzil

(Condensado do «New Yorker»)

Por John McCarten

Na sua qualidade de inventor do fuzil semi-automático que o exército e os fuzileiros navais dos Estados Unidos estão usando na atual guerra, em substituição do velho Springfield, de operação manual, Jean C. Garand pode inscrever a seu crédito o maior progresso realizado em armamento de infantaria nas quatro últimas décadas. Nenhuma outra nação dispõe, que saibamos, de carabina que se lhe compare em qualidades de funcionamento. O Garand é capaz de dar mais de 100 tiros por minuto, o que representa o quíntuplo do que permitia o Springfield; e o general MacArthur o louvou como inexcedivel sob condições de combate.

Nos meios militares, é dada ao novo fuzil a denominação de «M1», que quer dizer que é o primeiro modelo aceito no seu gênero. Não é outro o modo, tambem, por que o inventor a ele se refere. Se ouve alguem chamá-lo de «Garand», sente-se incomodado. Homem despretensioso, é singularmente discreto quando faz alusão à arma que o tornou famoso. «É um fuzil bem regular,» diz em tais ocasiões.

Garand é desenhista-chefe do Material Bélico e subdiretor de obras do arsenal do governo em Springfield, Massachusetts. Como empregado civil do Departamento da Guerra, ganha 6 mil dólares por ano, muito menos do que lhe pagaria uma companhia particular. Ele julga, entretanto, este salário suficiente para as suas necessidades, e considera o arsenal um tão agradavel centro de trabalho, que não pensaria em abandoná-lo. Num voluntário gesto patriótico, abriu mão de quaisquer direitos de ordem comercial sobre o fuzil Garand, renunciando desta sorte a fazer verdadeira fortuna.

Não é sem espanto que se vê julgado um personagem célebre, e tem sempre terror de que lhe peçam para fazer um discurso. Sua relutância em dizer seja o que for, em público, tornou-se ainda maior depois que o fizeram figurar, em 1940, na peça radiofônica intitulada «Nós, o povo». Um amigo gravou algumas suas considerações, e ele, ao escutá-

las, descobriu, não sem surpresa, que falava inglês com acento francês. O fato aliás se explica. Franco-canadense, só aprendeu inglês aos doze anos. «Imagine!» comentou recentemente. «Perco meu francês, e o meu inglês é o que se vê.»

Contando atualmente 55 anos, Garand parece consideravelmente mais moço. É baixo e musculoso, com uma sólida face quadrada e espesso cabelo grisalho. Aparenta um ar concentrado que disfarça seu permanente estado de abstração. O que o absorve de modo quase absoluto é precisamente o seu serviço. Quando não está a excogitar os meios de projetar alguma nova arma, estará a ver como acelerar a produção de rifles. Já são de sua autoria uma metralhadora, dois fuzís automáticos e três subautomáticos, sem falar no aperfeiçoamento de nunca menos de 20 das máquinas usadas no arsenal para o fabrico de armas semi-automáticas.

Garand é dotado de curioso tipo de memória. Pode recordarse, por exemplo, de um cálculo que fez quando projetava, há muitos anos, uma mira de espingarda, e todavia esquecer qual foi o congressista que propôs—aliás sem resultado—que lhe fosse concedido um prêmio de 100.000 dólares por haver produzido o M1. Orgulha-se das recompensas que tem ganho por sua obra, mas não se deixa envaidecer por elas. Quando exibe as suas medalhas, provavelmente é para observar: «Ganhei esta em Nova York, dos engenheiros... Não; foi em Chicago, e não foi de engenheiros.» Ser-lhe-á preciso estudar cuidadosamente os seus troféus para que os identifique.

Seu modo de atacar qualquer problema, mecânico ou de outra ordem, é direto e original. Há cerca de vinte anos, entendeu que a patinação sobre gelo seria um derivativo muito util às suas energias, e ia, cada fim de semana, a Nova York, tomar lições na matéria. Desejava treinar-se durante a semana em casa, mas apurou que o gelo, portas a dentro, não ficava bastante liso, como convinha. Resolveu o problema, separando uma seção de uns 4 metros quadrados na sala de palestra, e abrindo um buraco na chaminé de modo a criar um jacto de ar, que escancarava as janelas e varria o chão. O gelo ficava então em boas condições, e ele assim conseguia patinar, num feliz carater privado, durante todo o inverno. Quando porem se casou em 1930, a mulher o persuadiu que seria bem melhor fechar as janelas —e ir patinar ao ar livre.

Teve Garand uma meninice sem atrativos. Ele, contudo, a descreve como um doce período. Nasceu numa modesta fazenda, perto da aldeia de St. Remi, cerca de 20 quilômetros a oeste de Montreal. Havia onze outros filhos na família Garand, mas ninguem, inclusive ele próprio, sabe exatamente quantos já existiam quando o seu nascimento ocorreu. «Eu devo ter sido o sétimo ou o oitavo,» diz o inventor.

Antes que tivesse concluido os seus estudos primários, morreu-lhe a mãe, e o pai mudou-se com a filharada para Jewett City, Connecticut, onde os pequenos se foram empregando nas fábricas locais de tecidos. A casa de Garand não ficou longe de constituir-se uma espécie de clube de tiro, cujos membros guardavam alí as espingardas; e Jean e os irmãos faziam delas bom uso. Não só atiravam em caça, mas faziam práticas mais sérias num pátio que havia ao fundo da morada, tomando afinal por alvo pequenas moedas que um colocava entre os dedos, para outro as atingir à

bala, de seis metros de distância. Um dos irmãos passou a explorar uma galeria de tiro, e Jean trabalhava muitas vezes como seu ajudante, à noite. Quando não apareciam freguezes, ele mesmo dava alguns tiros. O certo é que se tornou atirador exímio.

O primeiro emprego de Jean, teve-o ele aos 14 anos: varredor de chão de uma fábrica. Dentro em pouco obtinha do chefe da oficina de máquinas que lhe ensinasse rudimentos de mecânica, e assim acabou conquistando uma colocação na oficina. Quando chegou aos 21 anos, já se mostrava perito em diferentes serviços, tais como os de forjas, corte de engrenagens e desenho de ferramentas. Uma dada manhã de domingo, o superintendente surpreendeu-o a fazer uma miniatura de roda hidráulica para seu próprio recreio, e observou-lhe que a companhia tinha melhor aplicação a dar ao seu material. Garand mudou de patrão, indo agora trabalhar numa empresa de soldagem, em Providence.

Aí o aguardava um grupo de entusiastas motociclistas, que o concitaram a adotar as mesmas preferências desportivas. Examinando o assunto mais de perto, pareceu-lhe que as motocicletas usuais eram demasiado lentas, e então desenhou um motor, como se lhe afigurou conveniente ao caso. Com a sua motocicleta reformada, entrou em várias corridas, sendo que em 1912 ganhou 19 vezes em 21 concursos. Não contente, esperava nas estradas certo corredor automobilista que, dirigindo possantes Stutzes e Mercers, bateria normalmente, em velocidade, qualquer motociclista. Não, porem, Garand. «Ele fazia mais de 85,» diz este com rejúbilo, «e contudo, eu o deixava para trás. Dava-lhe que fazer.» Desde que começou a lidar com motores de combustão, anseia Garand por idealizar e desenhar um motor leve para automoveis. É sua intenção, depois da guerra, concentrar-se no estudo do problema, e dar-lhe solução.

Em 1916, empregou-se em Nova York numa casa de fabricantes de armamentos. Retomou sua prática de rifle, e, frequentando as salas de tiro de Broadway, nunca teve ocasião de lhes pagar coisa alguma. Era antes solicitado, pelos respectivos proprietários, para que se pusesse a atirar, de preferência, nas horas em que o público saía dos teatros; a perícia do atirador atraía a clientela.

Como distração complementar, dedicava uma noite da semana a exercícios de tiro no 1º de artilharia de campanha. Aí veio a saber que o exército estava necessitando de melhores metralhadoras, e decidiu-se a apresentar um projeto. Este não foi aceito, mas as autoridades competentes ficaram atentas às aptidões de Garand, e ele foi nomeado desenhista da Comissão Nacional de Padrões. Em 1919 transferiram-no para o arsenal de Springfield.

Antes da sua obra de mais vulto, que é exatamente o M1, tinha já Garand visto aprovados uma metralhadora e quatro fuzís, de sua iniciativa, ou, mais propriamente, de seu traço. O exército não espera pelos armeiros para sugerir novas idéias; ele mesmo as apresenta, anunciando que, em certa data, armamentos que obedeçam às especificações que determina serão aceitos para experiência; e, em seguida a cada ensaio, redobra de rigor nas exigências, até conseguir o que de fato deseja. Só depois de 16 anos de continuado esforço, no tocante ao fuzil semi-automático, viu Garand afinal proclamado pelos orgãos próprios do exército que a sua arma

respondia integralmente ao objetivo.

O princípio em que se funda o rifle semi-automático de Garand é que o gás gerado pela explosão da pólvora serve não só para impelir o projetil, mas também para expelir o cartucho usado, e pôr outro novo na câmara de fogo. Foi Garand efetivamente o primeiro a aplicar este princípio, e a aplicá-lo com êxito, às carabinas de guerra. Um Garand é provido de um carregador de oito cartuchos, quando o do Springfield é de cinco, e nele o coice não é violento. Compõe-se de 73 peças—umas 35 menos que o Springfield—e o inventor tem prazer em demonstrar a sua simplicidade, desarmando-o sem auxílio de ferramentas.

O reconhecimento público da importância do seu fuzil não alterou sensivelmente a vida de Garand. Continua ele a morar, com a mulher e os dois filhos, na modesta casa de dois andares, nos arredores de Springfield, onde já residia sozinho, quando solteiro. Ensina a filha, de 11 anos, a patinar com arte, e tem feito do filho, de 10, um atirador de primeira ordem.

Vai para o arsenal antes das oito da manhã, e é raro que de lá saia antes das cinco da tarde. Os jovens oficiais do Material Bélico, que trabalham com ele, se espantam dos seus conhecimentos de engenharia. «Ele não tem preparo em matemática,» observava recentemente um deles; «entretanto nos reduz, todos, a uma expressão secundária.» O seu interesse aliás por engenharia é tão grande, que quase não lê outra coisa senão manuais sobre o assunto.

O exército lhe impõe reserva no que concerne aos trabalhos que vai realizando, mas não lhe cria quaisquer restrições à liberdade de movimentos. Alguma vez acontece que um dos seus amigos ou conhecidos, porventura melodramático, alude à possibilidade de o inimigo tentar raptá-lo. Isso o faz rir: «Que vantagem teriam eles?» pergunta. «Já conhecem bem o M1, e, quanto a qualquer outra arma que eu possa projetar, seriam precisos dois anos afim de preparar a aparelhagem para a produção em massa. Ora, eu quero crer que em dois anos teremos ganho a guerra.»

Historieta

UMA dama de Charleston, na Carolina do Sul, encontra-se com a velha criada negra de uma vizinha. Depois de uma troca de banalidades, diz a senhora: «Fiquei muito pesarosa com a notícia da morte de dona Lúcia. Imagino como você deve ter sentido, uma vez que eram tão amigas.»

«*Sim sinhora, sentí muito ela morrê; mas nóis num era amiga.*»

«Como? Pensei que eram. Quantas vezes vi vocês rindo juntas!»

«*É verdadi, Dona Rute; nóis ria junto, mais nóis era somente cunhecida. Purquê, vancê sabe, nóis nunca repartimu as lágrima. A genti tem que chorá junto, p'ra sê amiga.*»

—C. M. Oliver

Porque não falar com os estranhos?

(Condensado de «Your Life»)

Por Donald Culross Peattie

«ORA VEJAM SÓ! Sentados há duas horas, lado a lado, e ainda ninguem falou com o vizinho!» Assim costumava Harry Lauder provocar alegremente o seu público. E sob sua influência simpática, poucos deixavam de se virar e falar com o estranho sentado ao lado.

É a coisa, entretanto, mais simples do mundo; basta uma palavra, um sorriso, para se descobrir, no desconhecido a nosso lado, um amigo muito interessante. Em vez disto, por excesso de precaução ou timidez, passamos pela vida sem o prazer estimulante de fazer novas amizades.

Por ocasião de uma tempestade de neve em Chicago, que paralisou o tráfego das ruas, nossa casa de apartamentos ficou completamente bloqueada. Não tínhamos aquecimento, pois o carvão se acabara; os armazens não podiam trazer-nos provisões, não havia água nos encanamentos, e finalmente o elevador enguiçou. Vizinhos que nunca se tinham falado, batiam na porta para oferecer mantimentos, leite, discos de vitrola. Uma das famílias deu até uma festa; descobrimos que o porteiro do edifício tocava piano, e dansamos animadamente. Meus pares eram de todas as idades, dos onze aos setenta-e-cinco anos!

Mas o que mais me chamou a atenção, foi o fato de ser precisa uma tempestade de neve para vir à tona esse espírito de camaradagem e solidariedade que, em qualquer dia do ano, poderia tão bem ter contribuido para nosso maior bem-estar naquela moradia comum.

Quando, no verão de 1939, o trem «Cidade de São Francisco» descarrilou em pleno deserto do Nevada, os passageiros que tinham atravessado metade do continente impassiveis, sem dizer palavra, puseram-se imediatamente a falar, no meio da inesperada escuridão. Muitos se achavam presos atrás de portas emperradas e em corredores obstruidos; tiveram que esperar muitas horas até que as paredes fossem demolidas a machado. Uma amiga minha se achava num dos carros Pullman que ficaram suspensos sobre o rio Humboldt; estava ferida, assim como o passageiro do leito vizinho ao seu, mas entraram os dois logo a conversar e a dizer graças, e, com este exemplo de coragem, reanimaram os outros passageiros.

Porque esperar então pela desgraça comum, para deixar transparecer esse espírito de solidariedade? Quem quiser atravessar a vida trancado na sua torre-de-marfim, pode-se isolar com uma couraça de fria reserva: mas acabará por perder todo contacto com seus semelhantes; e não terá realmente vivido neste mundo aquele que não olhar dentro do coração dos homens que o habitam. A vendedora que na casa de modas abre vinte caixas até achar a nuança de cor que exije a freguesa, o polícia à esquina, o chofer de ônibus, o moço de elevador, o engraxate, não são apenas objetos de sua comodidade; se temos alguma curiosidade pela vida, todos eles podem oferecer-nos belas

oportunidades para satisfazê-la. Nossa tendência é sempre para cair na rotina, frequentar as mesmas pessoas, falar sobre assuntos idênticos; no entanto, conversar com estranhos, de meio e ocupação diferentes dos nossos, são caminhos abertos para novas experiências. Tirar um dedo de prosa com o lavrador do outro lado da cerca, fazer perguntas ao vendedor de um posto isolado de gasolina, ou a uma mãe orgulhosa de seu bebê, são acontecimentos que me têm aberto novos horizontes e aumentado em mim a convicção de que este mundo está cheio de gente interessante.

São encontros passageiros, não há dúvida, mas que nos levam a fazer descobertas preciosas sobre a natureza humana.

No Sul dos Estados Unidos, onde o próprio ar que se respira é mais quente, assim como em certos lugares do Oeste, onde os forasteiros são raros, falar-se com um desconhecido é apenas questão de urbanidade. Mas até o pescador lacônico da Nova Inglaterra se torna acessivel, se puxarmos o assunto para coisas do mar; e o lavrador negro do estado de Geórgia terá sempre qualquer comentário a fazer sobre os caprichos das mulas, as pestes do algodão, ou as mulheres. Isto de falar com estranhos é velho costume americano, e uma expressão concreta de nossa convicção íntima de que todos nascemos livres e iguais.

A melhor técnica é ser perfeitamente natural. Abraão Lincoln, Benjamin Franklin e Walt Whitman, tinham uma grande naturalidade que provinha de uma calma confiança em si; facil é compreender-se que a tivessem, uma vez conquistada a fama; mas seus contemporâneos atestam que eles já possuiam esta serenidade mesmo antes de se tornarem famosos. E talvez tenha sido este um dos fatores de sucesso, pois conheciam a língua que fala ao coração dos homens.

Se nos pusermos a lembrar as convenções que pedem que só se fale quando se é apresentado, então nunca teremos jeito nem palavras para nos dirigirmos aos estranhos; mas se formos espontâneos, deixando falar nossos corações, não haverá perigo de sermos indiscretos.

Um dia de chuva, estava eu no saguão do hotel de uma cidade de veraneio, quando notei uma senhora muito bem vestida que lia com visivel prazer um artigo de uma revista; quando acabou, levantou-se e, dirigindo-se a mim, disse: «Isto é uma coisa que todo mundo deve ler. Posso lhe dar para ler?» Aceitei, agradecendo, e li o artigo com muito interesse. Quando lhe devolví a revista era como se tivéssemos sido apresentados, graças ao prazer compartilhado naquela obra literária. E só então disse-me ela seu nome, que era realmente de pessoa de grande influência e prestígio em sua esfera de ação.

É muito facil dirigir-se a palavra a uma pessoa que tem um sorriso simpático nos lábios; mas porque não serei eu o primeiro a sorrir? Veja o sorriso contagioso que corre de rosto em rosto quando passa uma pessoa que deixa transparecer alegria e felicidade! São poucos os que mostram o que sentem; quase sempre usamos máscaras, que o tempo e a idade só tendem a endurecer.

Se porventura achamos que não temos o que oferecer, nada impede que sejamos pelo menos receptivos. Se em vez de fixarmos as pessoas com olhar distante, procurássemos ver-lhes a expressão do olhar, reconheceríamos muitas vezes expressões de dúvida e ansiedade. Às vezes falo com desconhecidos, porque imagino que precisem de mim. Não me perdoaria passar pela mulher que chora na estação, sem lhe dizer uma palavra, ou sem fazer um carinho ao menino de olhos tão infelizes, ou se não tentasse ajudar o forasteiro confuso e perdido em terras alheias.

Às vezes há casos como este: uma senhora que conheço, viajando de trem em direção ao Oeste, desceu à plataforma durante uma parada numa pequena estação do deserto. O trem que seguia para leste tambem tinha parado, e os passageiros de um e de outro se misturaram. Dirigiu-se a ela um senhor de fisionomia simpática e alegre, em quem descobriu logo um espírito semelhante ao seu. Desconhecidos que eram, palestraram amigavelmente enquanto durou a parada. Apitando o trem para partir, diz ele: «É pena saber que nunca mais nos encontraremos...» E com isto se despediram, para descobrir logo após que estavam no mesmo trem!

Corresponderam-se durante anos, e só a morte interrompeu a amizade que assim se estabelecera. Nenhum dos dois estava à procura de aventuras amorosas, mas ambos se mantinham sempre alerta para esta riqueza preciosa que é o sentimento de solidariedade entre os seres humanos.

Pense bem, e veja quantos de seus amigos lhe foram formalmente apresentados. Se bem me lembro encontrei-me com Balder na praia, ele saía e eu entrava na água. Conhecí Alberto num restaurante, em Nova York; estava ele lendo um livro que, no momento, tinha para mim grande interesse. Encontrei Gordon no Grand Canyon, contemplando pela primeira vez aquele magnífico espetáculo, e em absoluta necessidade de falar com alguem.

Cheio de esperança, porem isolado, vive o espírito do homem em milhares de indivíduos, até que numa jornada sombria, ou súbita catástrofe da vida, deixam eles transparecer o desejo que têm de conforto e amizade.

Somos todos estranhos uns aos outros, até o dia em que um de nós oferece a mão num gesto de simpatia, e faz por esse meio um novo amigo.

Cabeças a prêmio

O Serviço Secreto do Exército, em Guadalcanal, ofereceu um prêmio de 100 dólares pela captura de cada soldado nipônico. Dentro de pouco tempo, os soldados ianques estavam trazendo tantos prisioneiros, que a verba para pagar os prêmios estava na iminência de arrebentar; um coronel perguntou a um sargento como era que os japoneses eram tão faceis de capturar. «Ora,—respondeu o sargento—é muito facil. Os fuzileiros, do outro lado da mata, ainda não sabem nada a respeito desse prêmio, de modo que nós lhes compramos os japoneses a 5 dólares por cabeça.»

—Joseph Israels

Eu achava que bebia pouco

(Condensado de «Harper's Magazine»)

Autora anônima

VERIFICOU-SE em mim, recentemente, uma alteração psicológica. Poderei passar sem beber durante meses, quem sabe se durante anos. Não é que dissesse num rasgo de força de vontade: «Vou deixar de beber.» Mas perdí o gosto da bebida. Dir-se-ia que o meu subconciente, revoltado diante de um sem-número de decepções e desgostos, me induziu a reconhecer que a água é preferivel a outros líquidos ardentes.

Figuro aliás entre os bebedores discretos. Fosse eu homem, e seria, sem dúvida, considerado um modelo! Bebo menos do que, em regra, os que me cercam, não bebo todos os dias, e só uma vez me recordo de ter provado bebida alcoólica de manhã. Por outro lado, nunca me ocorre beber quando estou só. Nem minto se declarar que, por estes tempos que correm, a maior parte das moças das minhas relações bebem mais, muito mais do que eu. Há ainda a considerar que sou extremamente cuidadosa; presto a devida atenção aos meus atos e atitudes, de modo a não sair do natural, ou cometer desatinos.

Se um indivíduo não contraiu propriamente o hábito de beber, e guarda o controle da sua própria conduta—eis aí o que se chama um caso de temperança. Essa é a história para uso externo, a história que eu muitas vezes tenho contado a mim mesma. Mas o que de fato se passa é um pouco diferente, e acredito que, narrando-o, terei exposto o fenômeno da média dos bebedores da classe a que pertenço, isto é, dos moderados, ou, como acima disse, dos discretos.

Vejamo-lo em poucas palavras.

Não há, por assim dizer, bebedores moderados. O que haverá são pessoas, na realidade temperantes, que tomam, ao jantar, o seu copo de vinho, ou, mais tarde um de cerveja. Meu pai era assim. Bebia, todas as noites, um copo de cerveja. Mas a coisa é que bebia sem atribuir à bebida quaisquer outros efeitos ou virtudes senão os de alimento. Não pagava nenhum dos preços que de ordinário se pagam pelo prazer que a bebida costuma trazer consigo aos que a desfrutam.

Variam, é claro, as repercussões da bebida, conforme os que dela se servem. Quem não bebe para o fim de estimular-se, excitar-se, ter, em suma, uma sensação, não se pode dizer que *beba*. Eu, por exemplo, bebo para mudar de humor, senão de idéias, desafogar o espírito, esquecer, e tambem como um pretexto para palestra e camaradagem.

Fui, não há muito, a uma reunião em casa de uns jovens amigos. Havia homens demais, e quando cheguei tive logo a impressão de nunca ter visto, reunidos assim, na mesma sala, tantos rapazes, possivelmente distintos, mas tão poucos interessantes. Veja-se, entretanto, a magia de que a bebida é capaz. Ninguem perdeu o prumo. Ninguem se portou inconvenientemente. Mas, graças ao que se bebeu, passamos algumas horas agradaveis, senão até alegres. Encontramos, uns nos outros, pontos

de contacto, não nos faltou o que dizer uns aos outros, ao passo que estou bem certa de que, se houvéssemos observado as leis da sobriedade, teríamos alí permanecido mudos como estátuas. Alguma coisa, a um tempo vívida e amavel, tinha resultado duma reunião, da qual, à primeira vista, nada fora lícito esperar.

Não é que fosse o que se pode chamar uma excelente festa. Mas ainda assim, no dia seguinte sabia eu não ser pequeno o preço que havia a pagar por ela. Sabia que a dona da casa me telefonara para dizer que se achava muito indisposta, e o marido, de alguma forma, em estado de ressaca. Sabia que não poucos dos rapazes experimentavam as consequências de haver bebido um tanto em demasia. Sabia que eu mesma acordara com aquele mal-estar que sinto sempre, quando fumo tarde, ou bebo muito. Tinha um sério trabalho de escritório a fazer naquele dia, um osso duro de roer, e percebia iniludivelmente que estava incapaz de dar conta do mesmo, reduzida a cabeça a uma espécie de esponja. Conservava, talvez, as aparências de uma mulher disposta a trabalhar, mas, desde que me esforçasse por concentrar a atenção, o espírito esquivava-se, com aquela preguiça caraterística do cérebro relutante. Maldizia da minha falta de juizo. Porque bebera tanto? Porque prejudicar dessa maneria os deveres a meu cargo? Que lucrara, afinal, com aquilo? E insistia nas perguntas que invariavelmente se formulam, nas manhãs subsequentes às noites de carraspana.

Conheço homens que bebem como eu, apenas com a diferença de que bebem mais vezes, e mais. Será que eles se iludem a si próprios, supondo, ou fingindo supor que a bebida lhes não faz mal? Será que tomam assento, como eu, à mesa de trabalho, como se fossem mesmo trabalhar, ou dizem, como tantas vezes tenho dito: «Eu nunca bebo a ponto de lesar ou comprometer o serviço que me toque no dia seguinte?» Em que consiste o dano, que se venha a causar a tal serviço? Será que eles ignoram que o alcool tem influência deletéria sobre qualquer ato prolongado de pensamento, concentração de espírito, ou esforço por encontrar soluções adequadas aos problemas que tenhamos a resolver?

Ultimamente, vai-se procurando pôr em voga como que novo estalão, para definir o bebedor que nada perde em beber, digamos—o moderado. Recebe ele esse título, se o fato de haver bebido o não impede de apresentar-se lampeiro no dia imediato, para dar cumprimento, de bom grado, à tarefa cotidiana. Uma teoria se insinua, para usos domésticos, segundo a qual pode beber quem quiser, contanto que amanheça em boa forma.

Estou convencida, entretanto, de que raros são aqueles que não sintam, no dia seguinte ao das libações copiosas, o resultado das mesmas—a fadiga alcoólica, envolvendo o espírito, o cérebro, num denso nevoeiro; com um insopitavel mau-humor, uma depressão nas faculdades de criação, julgamento e decisão; e mesmo um estado de nervos que exija, por desafogo, um pouco mais de alcool. A tese do bebedor moderado é que a sua bebida, discreta, o não leva jamais a praticar, na vida social, qualquer ato impróprio; e, por um lado, proporcionando-lhe uma sensação agradavel, não lhe deixa, por outro, vestígios que lhe redundem em incômodos no dia subsequente.

Se há coisa sobre a qual as pessoas

ordinarimente se enganam, é o seu comportamento quando bebem; e não há talvez matéria sobre a qual tanto se minta, como sejam os efeitos da bebida, contados pelos que os sofrem. Acresce que a bebida produz, nos que dela usam, estranhas modificações psicológicas, de que os mesmos não se lembram. Desde que tomemos alguns copos, as referidas modificações entram a processar-se dentro em nós, por menos que as percebamos.

É o caso de uma senhora das minhas relações, que se torna, em tais momentos, implicante e incômoda. Mulher forte, de ótima aparência, e que, no estado normal, é uma companhia encantadora, ninguem lhe perceberá sinais de embriaguez. Mantem claros os olhos e a fala; mas fica desagradavel, arrogante, e, finalmente, estúpida e agressiva. Tenho outra amiga, que dá para desconfiar de todo o mundo; súbito a envolve a noção de que o espírito humano foi criado para a vida solitária; os próprios filhos, ao que lhe parece, não têm por ela outra estima, senão a do seu dinheiro. Não desconheço o que se passa em mim mesma, quando sou eu uma vítima, tão inconciente quanto as outras, do que me está sucedendo. Sei que, embora não fique grogue, me torno insistente e ranzinza; como sei que não bebo tão bem, ou tão corretamente, como suponho beber.

São estas pequenas curiosidades, devidas à bebida, que seria interessante observar mais de perto. O desaprumo e o riso descomposto dos que vão por água abaixo. O modo como certas personalidades e fisionomias se transformam ou desconcertam; pessoas há que, quando se embriagam, mudam completamente de feições, tornando-se horrorosas. As disputas entre amigos, e sobretudo entre marido e mulher, já que ninguem admite que esteja ou tenha estado no *pifão*. Há um pendor, da parte dos que bebem, a mentir perpetuamente, no que se refere a tais fenômenos, que assinalam a ingestão de bebida, inclusive a moderada.

O mundo enfrenta, neste momento, uma grande experiência de carater social. Quero referir-me ao problema das mulheres que bebem. A teoria naturalmente foi sempre a de que o sexo fragil não costuma beber, ou se bebe, nunca o faz alem de um dado limite, positivamente razoavel. O que tenho notado, contudo, é que as mulheres que bebem não deixam de ficar, como os homens, de quando em quando, «acesas».

Pela primeira vez na história da sociedade, vemos as mulheres a beber tal qual os homens. Só as classes proletárias conservam a boa tradição antiga, que reconhece unicamente ao marido o direito de ir à rua, e tomar o seu pileque, enquanto a mulher o espera em casa lavada em lágrimas, ou a cuidar dos pequenos.

Dessa extensão às mulheres do hábito de beber, têm resultado, na sociedade, manifestações interessantes. Não poucas barreiras desapareceram. Em nove por dez das reuniões a que tenho comparecido, toda a gente se porta bem. Não são muitos os que se excedem. Por outro lado, há certas mulheres encantadoras, porem reservadas, que a bebida decifra e revela, mostrando-as como elas são, e com vantagem. Outras há que procuram no alcool um derivativo benéfico para determinadas restrições. Tenho visto algumas que se tornam de uma desenvoltura lastimavel, senão de todo indecente. Sem dúvida, com as mulheres a beber, se esboça uma nova ordem social, singularmente dificil para a família moderna.

Nos lares modernos, onde velhos e moços vivem juntos, os filhos naturalmente vêem os pais, e os amigos destes, bebendo. Não é raro que vejam bêbedos entre as visitas da casa. Que acontecerá a crianças que testemunham tais cenas, justamente da parte daqueles que lhes deviam merecer respeito?

O que logicamente resulta é que, ao ficarem um pouco maiores, os filhos se sentem aptos a converter-se em censores, acaso incomodativos, dos próprios pais. Mas, a certa altura, tambem eles empunham resolutamente o copo. Uma coisa, entretanto, é certa: filho não há que aceite bem a hipótese de que o alcool tenha subido à respeitavel cabeça do seu anjo materno. Sem embargo, é o que acontece à vasta maioria das mulheres que se dão ao prazer da bebida.

Que haverá a fazer sobre o assunto? Isso, não sei. É uma questão de tal maneira recente, que a sociedade, por enquanto, lhe não deu a devida resposta. Já havia, dir-se-á, muita bebida, há vinte ou vinte e cinco anos passados. É verdade. Mas eram muito poucas as crianças que se educavam vendo os pais na «chuva», e praticamente não havia o caso, relativamente às mães.

Ainda bem que me não cabe a mim discutir ou resolver esses grandes problemas sociais. Regozijo-me, sim, por ter riscado a bebida da minha lista. Gostava de beber. Reconheço que devo à bebida inesperados amigos. Não deixo de ter no merecido apreço as amaveis sensações, a suspensão repentina de responsabilidades, em uma palavra, o descanso, que a todos nos advem de uma mudança de ritmo. Concluí, porem, que o preço é, de qualquer modo, alto demais. De uma coisa hoje estou segura: os meus anos de abstinência têm sido os mais felizes.

¶ No município de St. Clair, no Missuri, vive um velho fazendeiro, dotado de grande inteligência, mas sem instrução alguma. Apesar de inteiramente analfabeto, conseguiu sempre manter sua estância em excelentes condições de prosperidade. Há alguns anos apareceu na escola do distrito um jovem e esforçado professor. Fazendo relações com o velho fazendeiro, logo percebeu sua agudeza de espírito, e ofereceu-se para dar-lhe lições, todas as noites, depois da faina diária. O velhote aceitou a oferta, um tanto ou quanto vacilante, e marcou-se o dia da primeira aula. A lição transcorreu sem novidade, mas, quando o professor ia embora, o fazendeiro agradeceu-lhe muito, ao mesmo tempo dizendo que não seria necessario continuar as aulas. Naturalmente desapontado, o professor indagou a razão.

«Seu moço,—replicou o velho—suas intenções são muito boas, não há dúvida, mas o caso é que você está pondo uma confusão dos diabos na minha cabeça.»

—Fred D. Hays.

O estado de Indiana teve, há um século, a sua efêmera idade-de-ouro.

Quando a América experimentou o comunismo

(Condensado do «Progressive»)

Por Donald Culross Peattie

Os americanos já tentaram o comunismo total. E os que empreenderam a audaz experiência, não eram estrangeiros «suspeitos», mas sim anglo-saxões de boa linhagem e altos princípios... Inspirou-a uma coragem pioneira; muito dinheiro a amparou; nenhuma perseguição a entravou. A despeito disso tudo, a tentativa fracassou completamente.

A época era de paz e abundância, aí por volta de 1825. Chamou-se o lugar da experiência Nova Harmonia, e estava situado às margens do Wabash, no Indiana. O filantropo e reformador inglês Robert Owen foi a alma do movimento.

Nascido em 1771 de uma família pobre de Gales, ao tempo da «escravatura infantil», o próprio Owen havia sido vítima, em criança, da mais abusiva exploração. Depois de uma luta insana, conseguiu juntar fortuna e ganhar influência, e resolveu fazer alguma coisa contra os abusos sociais da época. Nas suas fábricas modelares de fiação e tecidos, em New Lanark, na Escócia, fundou escolas para empregados de menor idade, e creches para os filhos de mães operárias. Substituiu mucambos por moradas decentes, e, quando as suas fábricas pararam devido à falta de algodão, manteve os operários percebendo integralmente os salários.

Suas reformas, entretanto, eram mal vistas. Quando denunciou o trabalho infantil, foi acusado de atentar contra a autoridade paterna. Pelo fato de haver declarado que às mulheres casadas assistia o direito de propriedade, foi censurado como fautor de discórdias entre marido e mulher...

Voltou-se então para a América. Perante um Congresso interessado e tolerante, a Corte Suprema e o presidente Monroe, exibiu o modelo da sua projetada cidade, e esboçou o sistema que pretendia pôr em prática. Seu plano era um misto de bom-senso e de sonhos dourados. Propôs criar uma sociedade em que as mulheres votassem, se abolisse o trabalho de crianças, e a educação fosse obrigatória para todos. Naquele tempo nenhum desses objetivos havia sido ainda atingido na América. Owen, porem, foi mais alem. Planejou «remodelar inteiramente o mundo, e acabar com as dissensões e a guerra».

Julgou poder extirpar todos os males

Donald Culross Peattie goza de reputação nacional como naturalista e escritor. Tem dirigido numerosas investigações científicas da flora americana, e, em vários livros de divulgação, tem levado os seus leitores a partilhar dos encantos que a Natureza lhe proporciona. Suas pesquisas sobre a vida dos primeiros naturalistas americanos o levaram a Nova Harmonia, onde muitos deles se congregaram durante aquela curiosa experiência da vida em comum.

abolindo o dinheiro e toda propriedade privada—experiência que a própria Rússia comunista nunca tentou. Atribuindo preconceitos e egoismo à família tradicionalista, propôs que se tomassem aos pais as crianças, à idade de dois anos, para serem treinadas no serviço do Estado.

A uma seita religiosa conhecida pelo nome de *Rappites*, comprou por 200.000 dólares 15.000 hectares de terra às margens do Wabash, terras conquistadas à selva, e construiu casas, fábricas e usinas. Assim magnificamente instalado, e batizado com o nome de Nova Harmonia, o Reino de Owen no deserto abriu as suas portas a 27 de abril de 1825, e convidou o mundo a entrar. De toda parte do país acudiram pessoas, atraidas por motivos diversos. Alguns, desajustados num mundo como era o de então, julgaram que alí se tornariam cidadãos ideais; outros não passavam de aventureiros. O que é certo, porem, é que havia bom grupo de idealistas honestos, prontos a fazer grandes sacrifícios pelo bem comum.

O primeiro verão correu deliciosamente para os 800 fundadores de uma nova ordem mundial. O gado e as colheitas dos *Rappites*, e um rio repleto de peixe forneceram abundância de víveres. Viviam regaladamente. No outono, julgando que ia tudo muito bem, Owen embarcou para a Inglaterra afim de liquidar os seus negócios. Em janeiro de 1826 voltava triunfantemente, trazendo consigo homens e mulheres dotados das mais altas virtudes e talentos. Dois dos recem-vindos eram seus filhos: Robert Dale Owen, que seria mais tarde um dos legisladores mais progressistas do Indiana, e David Dale Owen, que se tornou geólogo de fama mundial. Vieram tambem homens como William Maclure, presidente da Academia de Ciências Naturais de Filadélfia; Josiah Warren, inventor da máquina rotativa em que se imprimem hoje em dia jornais e revistas; Gerard Troost, notavel químico e geólogo holandês, e outras celebridades intelectuais.

Promulgou-se uma constituição permanente para Nova Harmonia. Todos eram sujeitos ao trabalho, mas os serviços, em vez de remunerados consoante a sua utilidade, recebiam igual remuneração. As habitações eram comuns, assim como o alimento e o vestuário. Comum, a propriedade. Nova Harmonia tinha que ser dirigida como uma grande e feliz família.

Quase em seguida o prodígio começou a dar alarmantes sinais de decomposição. Os preguiçosos protestavam por terem que trabalhar. Os industriosos queixavam-se de que os parasitas devoravam os frutos do seu trabalho, ainda bem não eram acumulados. Numa cidade em que se supunha ter sido abolido o dinheiro, o povo estava disposto a vender a própria alma pelo prazer de apertar nas mãos o vil metal. Os mais tementes a Deus, protestando contra a ausência da religião, constituiram uma comunidade à parte, situada a alguns quilômetros.

O padrão comum de responsabilidade moral desintegrou-se rapidamente. A única ambição dos nova harmonistas era a sobrevivência, sem qualquer esperança de melhor estado, uma vez que não havia estímulo para nenhuma iniciativa. Os talentos natos não se podiam revelar, porque todos eram igualmente obrigados a executar, por turnos, as tarefas mais comezinhas. E o que se via era o espetáculo de músicos mungindo vacas, ou geólogos empe-

nhados em descobrir a misteriosa arte de pregar botões... E se era crime desperdiçar o tempo do brilhante Robert Owen no trabalho ordinário da panificação, tambem não deixava de ser penosa a experiência de comer um dos seus pães! As mulheres, livres da incumbência de lavar para uma família, eram requisitadas para os serviços da lavanderia comum.

Do plano de serem as crianças criadas e treinadas pelo Estado, para o serviço público, surgiu grande descontentamento. Os pais ressentiam-se da ausência do auxílio e do conforto dos filhos mais velhos, enquanto viam os mais novos sofrendo a falta de carinho, arregimentados a cada hora do dia.

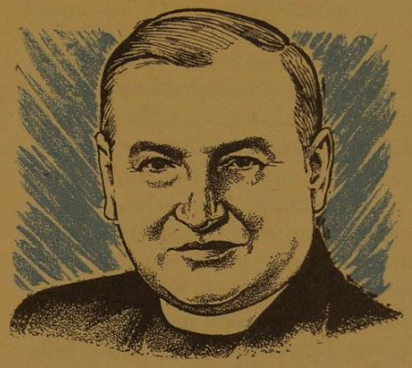
Toda a confusão, desperdício, e sofrimento no Estado Perfeito deu em resultado que o povo reclamasse a concessão de poderes praticamente ditatoriais a Owen, «até que as coisas melhorassem», precisamente como aconteceria na Rússia um século depois. A proposta foi confiantemente feita, e Owen aceitou-a concienciosamente. Se aquilo não resultou em tirania sem limites, deve-se aos elevados princípios de Owen A consequência foi que ele se tornou pessoal e irremissivelmente responsavel por todos os erros e fracassos da administração.

Conspiravam contra Owen as leis econômicas, que ele não reconhecia, e as reações normais do ser humano, que não entendia. Tem-se dito que o comunismo, para vingar, há que ser baseado na graça, como uma ordem religiosa, ou na força, como na Rússia. Owen, livre-pensador e contrário à violência, não podia deixar de repelir ambas as fórmulas.

O comunismo de Nova Harmonia durou pouco mais de dois anos, ao fim dos quais a situação se tornou irremediavel. O gado dos *Rappites* foi prodigamente consumido; com as cercas arruinadas, os porcos invadiram e estragaram as hortas; o joio cresceu, matando o trigo e o linho; o resultado foi que, em vez de se sustentar por si, a comunidade comprava fora o alimento e a roupa. Um editorial da *Gazeta* da cidade confessava o fracasso da experiência, e declarava que Nova Harmonia já não era mais uma comunidade; o povo que alí permanecia tinha agora que ganhar a vida pela competição ordinária. No dia 1 de junho de 1827 Owen pagou todas as dívidas, e retirou-se com a saude, a fortuna e a reputação completamente arruinadas.

Nova Harmonia ainda existe, monumento à falência do absurdo e ao êxito do progresso sensato. É uma Meca para os estudiosos que alí vão colher documentação detalhada da experiência comunista na América. A população de mil habitantes ri-se gostosamente dos erros dos fundadores da cidade, porem orgulha-se de ter tido a primeira biblioteca pública, o primeiro clube de mulheres, e os primeiros jardins de infância do país. Parece-lhes que o bom-senso americano andou bem, adotando os aspectos progressivos e viaveis da Utopia de Owen, e depondo o que nas suas teorias havia de absurdo e impraticavel.

Enxergando mais claramente do que Owen e outros utópicos modernos, o povo compreendeu que se consegue mais felicidade pelo sistema de competição e cooperação natural, combatidas as desigualdades aberrantes, do que em qualquer estrutura artificial da sociedade, baseada na suposição de que os homens são iguais em desejos, capacidade e pontos de vista.



Um padre da roça que sabe tomar a peito os interesses de seus paroquianos.

O Missuri tem um padre combativo

(Condensado do «Farm Journal» e «Farmer's Wife»)

Por Carroll P. Streeter

Ao longo do Mississipi, a uns duzentos quilômetros abaixo e acima de São Luiz, todos o conhecem como «o padre do dique». Mas o apelido que mais lhe vem a calhar é o de «padre combativo».

O Padre Hildner é um homenzarrão jovial e cheio de vida, que pesa pelo menos uns 95 quilos. Tem lutado contra enchentes, secas, ignorância, legisladores,—enfim tudo o que é contra os interesses dos agricultores, seus paroquianos. Até o começo desta guerra nunca lhe acontecera ver um dos rapazes de sua paróquia emigrar para a cidade, pois sempre fizera o possivel para que encontrassem, alí mesmo onde moravam, facilidades para estudar, trabalhar e divertir-se, sem precisar para isto procurar as grandes metrópoles. Tambem ainda não viu divorciar-se nenhum casal a que tenha dado a benção, declarando-os marido e mulher.

No seu tempo de estudante, há quarenta anos, George Hildner era um famoso jogador semi-profissional de beisebol; fizeram-lhe até o oferecimento de bela soma para jogar como profissional num time importante. Foi aí que ele teve que escolher se queria ser padre ou esportista, e optou pela carreira religiosa.

Quando o Arcebispo de sua arquidiocese o mandou para Claryville, lugarejo de cem habitantes à margem do Mississipi, o rev. Hildner nada entendia de agricultura, mas logo compreendeu que um bom padre do interior deve estar ao corrente dos problemas dos fazendeiros, se quer compartilhar da vida destes e ser seu conselheiro. Tomou então assinaturas de várias revistas de agronomia e procurou enfronhar-se nos mais modernos métodos agrícolas. Começou logo fazendo uma experiência; mandou construir um galinheiro modelo, seguindo à risca os desenhos aconselhados pela Escola de Agronomia do Estado de Missuri, que não tardou a contá-lo como um dos seus «colaboradores em assuntos de avicultura».

Adquiriu várias galinhas de raça, sendo que algumas premiadas em exposições avícolas; dentro de pouco tempo estava vendendo ovos de criação por preços fantásticos em todo o estado de Missuri, e mesmo no de Kansas. Não podia haver argumento mais convincente para levar os lavradores a criar galinhas.

A zona de Claryville era muitas vezes alagada durante as enchentes do Mississipi. Em 1922 as águas tumultuosas do rio inundaram todo o vale. De botas altas de borracha e capa de chuva, o Padre Hildner foi, com água até os

joelhos, telefonar do armazem principal para pedir socorro, e depois passou o resto da noite ajudando a transportar em embarcações a criação que os lavradores tinham conseguido pôr a salvo em lugares elevados.

«Se quiser se divertir um dia—disse-me ele—experimente embarcar porcos apavorados em jangadas cobertas de lama escorregadiça, à luz de uma lanterna, com muita chuva e vento forte.»

O consolo dos fazendeiros era que as enchentes lhes traziam boa terra preta, vinda do norte; mas, como dizia o pastor, deve haver um meio mais econômico de fertilizar a terra, plantando trevo e alfafa, por exemplo. Deu início então ele, sozinho, a uma campanha para que o governo federal construisse um dique. Juntou todos os dados necessários, e entrou a assediar os deputados e senadores com cartas e telegramas.

Por fim o governo concordou em construir o dique que deveria custar três milhões de dólares (sessenta milhões de cruzeiros); mas os fazendeiros beneficiados teriam que contribuir com quatrocentos e cincoenta mil dólares (nove milhões de cruzeiros). O rev. Hildner persuadiu os fazendeiros a formarem uma comissão central para representar os interesses do distrito, e depois lançar um empréstimo em forma de apólices. Naturalmente encarregou-se logo de vender apólices... Entre outras coisas, fez três leilões públicos, convidando a tomar parte nestes 40 representantes de instituições de crédito da zona. Estando bem a par dos gostos e costumes dos fazendeiros, começava por oferecer um lauto banquete preparado com esmero pelas senhoras da paróquia, e depois, graças ao seu bom-humor, vendia facilmente as apólices, até acima do valor nominal.

Nos outros distritos onde fora usado este processo de financiamento para a construção de diques, as apólices nunca eram colocadas, e não poucas tiveram que o ser por um quarto do valor. Entretanto, no distrito do Padre, nenhum dos fazendeiros se mostrou em falta no assunto. Todas as apólices foram pagas ao par; este ano, o serão as últimas.

Mas o rev. Hildner não podia parar aí. Passou logo a estudar outros problemas. «Porque vender toda a colheita a intermediários que vão revendê-la aos criadores de gado? Não seria mais lógico que o fazendeiro usasse parte de sua colheita para ele mesmo fazer criação?» Mas os fazendeiros de Missuri precisavam ver para crer. O padre então arrendou uma ilha no Mississipi, lá instalou um agricultor de sua confiança, e começou plantando e colhendo o que era preciso para forragem. Depois levantou um empréstimo que desse para comprar 85 bois e 200 porcos.

«Ter criação é uma empresa arriscada, mesmo para quem lhe conhece bem todos os segredos,—disse-me—mas alguem tinha que ter a coragem de meter a cara, e ser o primeiro.»

Felizmente para ele, quando chegou a ocasião de vender os animais para o talho, o mercado lhe foi favoravel, e conseguiu fazê-lo com lucro enorme.

Desde então, os fazendeiros daquela zona utilizam parte de sua colheita para alimentar a criação, obtendo assim não só lucro apreciavel, mas tambem adubo para suas terras.

Os horizontes do Padre Hildner, porem, não se limitam à sua paróquia: ele se interessa tambem pelos agricultores do resto do país. Foi um dos primeiros a colaborar com o Bispo Edwin V. O'Hara na instituição do Congresso Nacional Católico sobre assuntos de

Vida Rural, que tem sido um dos grandes fatores de progresso e melhoramento das zonas agrícolas do país. Hoje em dia é o tesoureiro da organização.

Há nove anos o Arcebispo o transferiu para uma paróquia maior, São João de Gildehaus, no município de Franklin, que fica a sessenta quilômetros a oeste de São Luiz. Lá chegando notou logo que, embora a lavoura principal fosse de trigo, o terreno era acidentado e muito mais favoravel à criação de gado leiteiro. Não podia, é claro, ver tal coisa sem se pôr logo em ação. «Já se foi o tempo das pequenas leiterias com estábulos para duas vacas. Precisamos estudar a indústria dos lacticínios e fazer alguma coisa de inteligente.» Arranjou então filmes educativos, convidou especialistas para fazer conferências, e por fim tinha estabelecido um verdadeiro curso sobre a indústria de lacticínios. As aulas eram frequentadas tanto por protestantes quanto por católicos. Entendeu-se mais tarde com uma grande cooperativa, os «Produtores de Leite Higiênico», e fundou uma filial desta no seu município. Hoje, graças a seus esforços, o município de Franklin é o quarto dos sessenta que produzem leite para ser vendido em São Luiz.

A mono-cultura do trigo tinha favorecido a erosão do solo, e os morros estavam cheios de barrancos. Quando o Padre Hildner soube que o Departamento da Agricultura reservava certas áreas para nelas fazer experiências sobre os novos métodos de conservação do solo, conseguiu que uma destas áreas fosse localizada no município de Franklin. E os fazendeiros, observando os trabalhos, puderam aprender praticamente como controlar as enxurradas, conservar os terrenos por meio do plantio, e fazer o reflorestamento. Aplicando o que aprendiam, não só melhoravam o rendimento imediato de suas fazendas, mas aumentavam o valor das propriedades que deixariam aos filhos.

Há dois anos houve uma seca no município de Franklin, e os fazendeiros estavam pagando a tonelada de alfafa à razão de 25 a 30 dólares, e isto quando a encontravam para comprar. Devendo comparecer num Congresso Ruralista na cidade de Kansas, o Padre Hildner tomou o trem, mas, a certa altura, viu da janela campos cheios de molhos de belíssima alfafa. Não teve dúvidas, pegou na maleta e saltou na primeira estação, fechando negócio para a compra de 500 toneladas de alfafa. Tomou o primeiro trem de volta para Franklin, onde organizou uma firma para levantar um empréstimo no banco e, tendo alugado uma caravana de caminhões, foi buscar a alfafa, entregue em casa, por 15 dólares.

Devido em parte ao esforço do padre, e tambem graças ao trabalho e economia dos agricultores daquela zona, as cem famílias da paróquia de São João de Gildehaus têm todas as suas próprias fazendas, sendo que nenhuma delas está hipotecada. Levando em conta o fato do município ser situado numa zona montanhosa e de terras pouco ferteis, isto representa alguma coisa.

O reverendo é tão ativo nos seus empreendimentos sociais, quanto nas suas campanhas agrícolas. Como diz o Arcebispo, «da mesma maneira que combate a erosão do solo, tem evitado muita erosão humana.»

Gosta muito de ajudar os jovens que desejam casar-se, procurando fazer com que as uniões sejam felizes e duradouras. Como muitos padres, dá conselhos pré-nupciais aos noivos. Depois da cerimônia do casamento, geralmente ofere-

ce um almoço em sua casa, e à noite organiza uma recepção ou baile em honra dos recem-casados, para o qual são convidados todos os vizinhos e conhecidos. «Desta maneira,—diz ele—tornamos o casamento um acontecimento solene, no qual todos tomam parte, e portanto, muito mais dificil de ser esquecido ou posto de lado.»

Pensa que, alem de conselhos prénupciais, é preciso muitas vezes orientar os jovens casais nos primeiros anos de matrimônio. Não pretende ser nenhuma autoridade em questões matrimoniais, mas acha que um pouco de bomsenso e trinta e sete anos de observação valem de alguma coisa. Aconselha o seguinte: «É preciso casar por amor, senão tudo se torna mais dificil. Não convem deixar que uma briga dure mais de um dia, e não se deve nunca levar as queixas a «mamãe» à procura de consolo. É preciso ter sempre uma aparência limpa e cuidada, e a casa em ordem. Façam o possivel para possuirem bens em comum. Tenham filhos. Esta lista está longe de estar completa, mas já é um bom começo.»

O rev. Hildner exerce pelo menos uma dúzia de cargos voluntários no município, desde presidente da Comissão de Defesa, até as funções de *Papai Noel* oficial nos festejos de Natal. «Um bom padre da roça—diz ele—deve fazer de tudo, no interesse de todos.» E ajunta: «A função do padre é viver para seu rebanho, e não à custa dele. Talvez eu não tenha conseguido realizar perfeitamente este ideal, mas pelo menos fiz para isso o possivel.»

Detalhes da Idade da Máquina

¶ L. K. Ruch, rádio-amador de Bemis, Tennessee, inventou um berço automático para seu filho. Quando o bebê começa a chorar, o som da sua voz, recolhida em um microfone, põe em movimento um aparelho elétrico que balança o berço até que a criança para de chorar.

—*The Country Home Magazine*

¶ Conheço um velho doutor, muito conciencioso, que durante toda sua vida saía da cama, a qualquer hora da noite, para atender a chamados. Ao deixar a clínica, pagou a um guarda noturno da vizinhança para que, de vez em quando, viesse despertá-lo lá pelas cinco da madrugada, de modo que ele pudesse experimentar o luxo requintado de mandar o homem ao diabo e então, com um suspiro de alívio, voltar-se para o canto e encolher-se sob as cobertas.

—Robert Haven Schauffler, *Enjoy Living* (Dodd, Mead)

¶ *Apesar do nosso progresso em matéria de rádio, o pombo-correio é o meio mais rápido de fazer chegar longas mensagens a pontos não muito distantes.*

Estafetas alados da guerra

(Condensado da «Natural History»)

Rory O'Shane

Utilizados aos milhares como mensageiros, na guerra passada, os pombos-correios estão mais uma vez em evidência.

No campo principal de treinamento do Corpo de Sinaleiros no Forte Monmouth, Nova Jersey, a criação científica de tais aves, feita durante anos, tem fornecido produtos que muito se distinguem entre os congêneres até aquí usados na guerra. Tempos atrás, um vôo de 350 quilômetros por dia, e 1,5 km. por minuto nos trechos de máxima velocidade, era considerado excelente. Hoje, o pombo que não voe, sem poisar, 800 quilômetros por dia, não vale o milho que come, e nos do Exército já foram registradas velocidades de 112 quilômetros por hora.

Contrariamente à crença popular, não são todos os pombos que possuem o necessário grau de instinto doméstico e inteligência. Na seleção, os lerdos devem ser postos à margem. O treinamento exige pacientes lições, que devem ter começo quando os pombos mal principiam a voar—cerca de quatro semanas após o nascimento.

São mantidos no pombal por 24 horas, sem comida, e depois levados à distância de alguns metros, e soltos. Um treinador, dentro do pombal, sacoleja então uma vasilha contendo grãos de milho. O processo é repetido até que a associação entre comida e pombal se torne inconfundivel. Os pombais são conservados à vista durante os primeiros vôos, mas a distâncias cada vez maiores, conforme se vai registrando.

Quando chega a época do contacto para a reprodução, é maior o rigor do treino, porque está verificado que a velocidade e a precisão do pombo são mais acentuadas nessa época.

Vôos em grupo, com registro da velocidade de cada pombo, são o exercício a seguir-se. Engradados, contendo de 15 a 30, são transportados a grandes distâncias do Forte, e soltam-se todos os pombos ao mesmo tempo. Os relógios marcam, automaticamente, o momento crítico da chegada, e desta maneira podem ser identificados os melhores voadores.

Um aperfeiçoamento recente é o que se refere a vôos noturnos. Geralmente, um pombo, em retorno de alguma viagem, voa do amanhecer ao anoitecer, e descansa durante a noite, só retomando o vôo com a alvorada. Deixando-os, porem, sem alimentação desde a manhã, e levando-os à noite a certa distância, os treinadores do Exército os têm feito voltar ao pombal, previamente iluminado, à procura de comida, conseguindo assim treinar alguns, aos quais podem ser confiadas mensagens a ser transportadas à noite, o que eles fazem tão bem como de dia.

Os novos pombais-ambulantes do Cor-

po de Sinaleiros são equipados com distintas combinações de luzes de cor, para que sirvam melhor de ponto de referência aos mensageiros noturnos.

A maior realização do Corpo de Sinaleiros é o adestramento de pombos que transportam as mensagens, e voltam em seguida ao ponto de partida. Podem eles ser despachados para as unidades da linha de frente, lá permanecendo uns 10 minutos, e regressando então com a resposta.

Na transmissão de mensagens, o Exército usa geralmente uma pequena cápsula de alumínio presa à perna da ave. A técnica mais recente consiste em compor a mensagem em grande escala, fotografá-la reduzindo-a ao tamanho de um selo postal, a depois ampliá-la novamente, no posto receptor. É possivel colocar de tal maneira fotografias de documentos no peito da ave, que permite liberdade completa ao movimento das asas.

Nada do que até hoje o homem concebeu se assemelha ao inteligente sistema do vôo do pombo. Com um instinto muito agudo das condições mais próprias para o vôo, o pombo evita os nevoeiros, e desvia-se das rotas marítimas para as terrestres. Em regiões montanhosas, procura os vales, onde a resistência do ar é menor, e, encontrando ventos contrários, ou muda de rumo, ou sobe muito alto, para fugir às correntes.

Na primeira Grande Guerra, os «mensageiros de penas» conduziram a seu destino um total de 90 por cento das mensagens que lhes foram confiadas, e hoje, com eficiência ainda maior, continuam a servir para os casos em que os aparelhos mecânicos possam falhar.

¶ Uma idosa dama, admiravelmente conservada, foi interrogada por uma criança, que lhe perguntou se ela era moça ou velha. «Meu filho», replicou ela, «há muito tempo que eu sou jovem.»

—*Star* de Montreal

¶ Quando Jack London se achava na Coréia, como correspondente de imprensa na guerra russo-japonesa, recebeu em seu hotel um dia a visita de um oficial, que lhe disse que toda a população da localidade se achava reunida na praça, junto do hotel, com o propósito de vê-lo. London pensou logo naturalmente que a sua fama tinha chegado mesmo até aqueles confins distantes do globo. Mas, ao subir o estrado, erguido a propósito no meio da praça, o oficial simplesmente lhe pediu que exibisse a sua ponte de dentes postiços! E durante uma boa meia hora ele alí permaneceu, tirando e pondo os dentes postiços, sob os aplausos da multidão.

—F. Barrows Colton, *The National Geographic Magazine*

Passear estimula e distrai

(Condensado do «Coronet»)

Por Alan Devoe

É um fato lamentavel, mas indiscutivel, que em cada cem indivíduos pouquíssimos são os que sabem como dar um passeio. Passear é uma arte, cuja prática, composta de sutís valores espirituais, está hoje quase extinta. O que William Wordsworth entendia por «dar um passeio»—ou, para o caso, o que Lau-tseu, John Burroughs, Henry Wadsworth Longfellow, ou Marco Aurélio escreveram sobre a arte de passear—são coisas hoje quase totalmente desconhecidas. E é pena!

Analisemos rapidamente os fatores que fazem de um passeio, não só um enormíssimo prazer, senão tambem um motivo de enriquecimento do espírito.

Em primeiro lugar, um passeio não deve ter nunca objetivo definido. Se tivermos de antemão fixado a intenção de ir à casa da prima Ella, ou ao armazem da encruzilhada, a presença desse objetivo preestabelecido ficará a roer-nos o subconciente como um gusano metido numa noz. E isto acabará por nos irritar a sensibilidade. O melhor portanto é não ter plano definido; porem passear por passear.

Em segundo lugar, um passeio não deve ter um cerimonial premeditado, como uma partida de bridge, ou uma proposta de empréstimo bancário; o passeio tem que ser tão espontâneo como um espontâneo sorriso. Um dia, está uma pessoa lendo tranquilamente, fazendo um trabalho doméstico qualquer, ou arrumando o porão, quando lhe vem a idéia súbita e imprevista de que lhe seria agradavel dar um passeio. Impõe-se-lhe obedecer logo à intuição. Não se espere por projetos ou razões que determinem o passeio. É abrir a porta imediatamente, e sair para a rua.

O terceiro e mais importante de todos os requisitos para o bom aproveitamento de um passeio, é tambem o mais dificil. É preciso, durante ele, aprender a riscar da mente as preocupações e vexames que nos estejam azucrinando. Enquanto não se conseguir passear dentro destas condições, o passeio será sempre mais nocivo do que util. Se sairmos de casa com o pensamento escravizado pela preocupação, por exemplo, de uma dada hipoteca a pagar, o ritmo do movimento das nossas pernas resultará em um tétrico estribilho a ressoar dentro de nossos ouvidos: «A hipoteca está vencida, a hipoteca está vencida, a hipoteca está vencida...» Não há ninguem que não tenha ouvido alguma vez frases que tais ao escutar o barulho de um trem em marcha, ou o simples tique-taque dum relógio... Se nos metermos a caminho com a mente povoada de semelhantes imagens, esse estado de espírito manter-se-á no regresso a casa, até mais profundamente arraigado, e o benefício tirado do passeio terá sido negativo, ou contraproducente. É portanto, a que expusemos, a regra principal, e que, como tal, tem sido apontada por todos os sábios na arte de passear, arte cujo primeiro passo deve ser a determinação resoluta de arremessar para longe, tal como uma serpente se despe da pele, as amofinações cotidianas. Isto não é tão dificil como

parece à primeira vista, e não custa que a gente o aprenda. Digamos com os nossos botões: «Agora, por alguns minutos deliciosos, vou passear do meu mundo habitual, para outro diferente e admiravel. Em devido tempo, evidentemente, terei que regressar a este meu velho mundo de enxaquecas, hipotecas e tudo o mais que nele se contem —mas, por agora, vou fugir por instantes para outro maravilhoso Universo onde estas coisas não são conhecidas.» Feito este esforço de energia mental, é andar para a frente com passo firme e pensamento livre.

Nem pressa demasiada no lançar dos pés, nem indolência tão vagarosa que não chegue para estimular a circulação. Imponha-se um andar normal, livremente cadenceado, moderado e descuidoso; e mantenha-se. É preciso estabelecer o ritmo da marcha. A nossa vida diária dos tempos modernos sofre horrivelmente de instabilidade e falta de equilíbrio—e a cadência rítmica de um passeio corretamente calculada livra de caimbras os músculos, e faz-nos perder a rigidez e as inibições provocadas por pensamentos sombrios.

Não se deixe que a atenção (e não há regra de passeio mais essencial do que esta) se vá fixar nos *outros*. Na sardinha-em-lata que é a vida dos nossos tempos, temos que defender-nos dia a dia do mal-estar proveniente da contínua promiscuidade com o nosso semelhante. Esqueçamos os outros; ignoremo-los, afastemo-los da lembrança como fizemos com as enredadas preocupações, com a hipoteca e com o resto. Em lugar de tudo isto, abra-se o entendimento ao mundo maravilhoso das coisas que a vida de todos os dias nos não deu nunca tempo de ver. Olhemos para as folhas das árvores no verão, ou para os troncos dos carvalhos, olmeiros e sicômoros que o inverno desnudou. Repare-se nas imagens refletidas nos charcos deixados pela chuva; sigam-se os desenhos e contornos dos cirros e dos cúmulos; abra-se a alma a todas estas sutís percepções, e goze-se a sensação da erva macia, da terra ou das pedras, debaixo dos pés.

Durante as vinte-e-quatro horas de quase todos os dias, os nossos ouvidos fecharam-se, ensurdeceram em defesa própria contra os ruidos do trânsito, das máquinas de escrever, dos telefones. É preciso abrí-los de novo, e conservá-los bem atentos aos delicados sons que existem sob a roncaria da nossa civilização—o murmúrio sibilante das folhas mortas levadas pelo vento, as cantiguinhas dos pardais... Não há cidade, por mais urbanizada, donde se não descortine uma nesga de céu azul, onde não cresça uma folhinha de erva, onde seja impossivel aspirar o perfume da terra que o vento traz. Atentemos nestas coisas! Deixemos que as nossas narinas sorvam a frescura das águas do rio ou do lago; meditemos naquela flor rompendo por entre o empedrado do chão, nas sombras do entardecer, no vento que nos fustiga as carnes, e na Providência de Deus.

O mundo não é tão insuportavel afinal, pois que o homem tem a ventura de poder vê-lo, aspirá-lo, tateá-lo e estar a sós com ele. Esta intimidade com o mundo—este renascimento de deliciosas venturas e assombros que todos sentimos quando crianças—são a essência total de um passeio. Tornar a ver as coisas com clareza—pôr de lado por momentos os ruidos, roucos ou estridentes, e as reflexões penosas que durante a maior parte do tempo nos cegam, ensurdecem e confundem, e entrar em contacto com todas aquelas realidades que o peso e embates da vida nunca poderão extinguir—tal o propósito do Buda ao meter-se a vaguear através dos campos, e tal tem sido desde então o espírito, que perdurará para sempre, da arte de passear.

Neste momento as coisas estão negras na Europa. No nosso próprio país tudo é perplexidade, inquietação e esforço. Mas para abrir a nova porta basta um ligeiro movimento,—há lá fora um mundo que espera. As árvores ainda não deixaram de ter folhas verdes, nem os passarinhos de cantar, nem a terra de oferecer apoio seguro e agradavel aos nossos pés. Feliz passeio!

Casos perdidos

«Doutor, nós desejamos escolher, num Asilo de Orfãos, um casal de meninos que possamos adotar. Não desejamos aqueles que têm melhor aparência e que podem facilmente encontrar pais adotivos; ao contrário, preferimos justamente os casos perdidos. Daremos a essas crianças os benefícios da vida do campo, onde crescerão saudaveis.»

Embora tal consulta parecesse uma das mais estranhas que um médico pudesse jamais receber, eu conhecia perfeitamente a integridade de meus clientes. Eram eles o senhor e senhora Robert Erskine Beall, que, tendo contraido matrimônio já em idade avançada, compreendiam que não poderiam ter filhos mas queriam, ainda assim pagar seu tributo à infância.

Escolhí um menino e uma menina, ambos vesgos, de pernas tortas, raquíticos, e com outros males congênitos. Pensei que os meus generosos clientes, quando vissem os orfãos, desistissem de seu projeto, mas estava enganado. Eles adotaram legalmente as crianças, e chamaram os especialistas: endireitaram-se os olhos, removeram-se adenóides e amígdalas e até o lábio retorcido de um dos órfãos voltou quase ao natural.

Tão satisfeitos ficaram os pais adotivos com os resultados que dois anos mais tarde eu fui novamente incumbido de escolher mais duas crianças; e, mais tarde ainda, duas outras. Acompanhei o crescimento de todas seis, e as transformações que elas experimentaram foram simplesmente incriveis. Quando vi os Bealls pela última vez, perguntei-lhes se iam adotar mais orfãos.

«Muito breve,» replicou-me logo a senhora, «mas desta vez queremos um par de pretinhos».

—Dr. William E. Aughinbaugh, *I Swear by Apollo* (Farrar & Rinehart)

Ao ser instalada a primeira linha telefônica para o rei Ibn Saud, na Arábia, os chefes muçulmanos protestaram contra essa inovação diabólica, procedente da terra dos Infiéis. Ibn Saud ouviu-lhes as queixas e declarou: «Se o telefone é realmente uma invenção diabólica, as sagradas palavras do Alcorão não passarão através dele; se elas passarem, seguramente o telefone não será uma obra do Diabo. Assim, designemos dois *mullahs*, um dos quais ficará aqui no Palácio, e o outro na estação telefônica; eles lerão passagens do Livro Santo, e veremos o que acontece». Desse modo, os líderes religiosos ficaram inteiramente convencidos.

—F. Barrows Colton, *The National Geographic Magazine*

¶ As WAACs são bem femininas, mas nem por isto deixam de ser bons soldados

Mulheres em passo de marcha

(Condensado do «This Week» do «New York Herald Tribune»)

Por Blake Clark

LEVANTANDO os olhos de sobre a mesa apinhada de papéis, o general viu surgir-lhe à frente uma WAAC (*) que se apresentava impecavel no seu uniforme e arvorando na platina a estrela azul, distintivo da divisão que ele mesmo comandava.

—Não imagina, senhorita, o prazer com que a vejo aquí. Espero que tenha vindo tomar meu lugar! exclamou o general.

É possivel que o desejo do general não tarde a realizar-se, pois muitos majores e tenentes-coronéis têm já seguido para as linhas de frente graças às *WAACs* que os substituiram em posições administrativas.

O Corpo Feminino Auxiliar do Exército vai aos poucos alcançando seu objetivo, que é substituir em funções que não sejam de combate o equivalente a 10 divisões de homens aptos a lutar. Os campos de treino para mulheres já enviaram WAACs especializadas para trinta e seis postos do exército, inclusive para o quartel-general no Norte da África.

Uma das primeiras companhias femininas a entrar em serviço ativo foi a 34ª que se acha agora aquartelada em Fort Devens, no estado de Massachusetts. As mulheres são alí treinadas para serem dactilógrafas, arquivistas, ou para manobrar quadros telefônicos, tirar radiografias, fazer exames de sangue, e muitas outras ocupações em que podem tomar o lugar de um homem que ficará assim disponivel para serviço de guerra propriamente dito.

A princípio os oficiais de Fort Devens mantinham algumas reservas quanto à capacidade das WAACs, mas já agora essas dúvidas se acham dissipadas. O tenente James B. Farr, por exemplo, encarregado das garages do serviço de intendência, lida há vinte e sete anos com mecânicos do exército, e diz que gostaria bem que seus 263 carros estivessem nas mãos das WAACs. Cada uma das mecânicas, responsavel pelo seu próprio carro, é obrigada a mantê-lo em boas condições de funcionamento; todas as manhãs, antes de sair com ele, tem que examiná-lo para ver se tudo se acha em ordem, e, dia sim, dia não, deve lavar o carro.

Os pedidos dos oficiais em comando para que lhes mandem mais WAACs fez com que fossem abertas vinte e cinco novas categorias de empregos para as mulheres-soldados. Já podem elas desempenhar, na Aviação Militar, as funções de eletricistas de avião, especialistas em instrumentos ou em hélices, armadoras de paraquedas, mecânicas de rádio, meteorologistas, instrutoras de planador, e mecânicas especializadas em alça de lança-bomba. Das 625 ocupações que existem dentro do exército, as mulheres estão sendo treinadas para mais de cem, e talvez mais tarde se possam candidatar a mais de 400.

Nos campos de treinamento, as WAACs têm mostrado uma capacidade surpreendente para adaptar-se à vida militar, um gênero de existência totalmente diferente de tudo o que conheceram até então. E a nova disciplina é incarnada no comandante—um homem com quem não podem nunca discutir! Nem tão pouco lhes é lícito largar o emprego quando ficam zangadas, ou contar com favores especiais.

«Só lhes fazemos uma concessão, disse-nos um oficial.—Consentimos em mandar pôr estores nas janelas das casernas.»

De todos os exercícios a que se submetem, durante as cinco semanas de treino básico, as WAACs mostram marcada preferência pelos exercícios de parada—uma predileção inteiramente incompreensivel para a maioria dos soldados! No seu entusiasmo, as recrutas chegam a pedir aos sargentos para treiná-las na marcha em horas de folga.

Nos primeiros cinco dias, sentem-se completamente desnorteadas no novo ambiente. Chegam geralmente em grupos de quarenta ou cincoenta, numa grande heterogeneidade de vestimentas civís: capotes de pele cara, calças de esporte, saltos baixos e altos. De começo, é dificil tomarem a sério as exigências rigorosas de detalhe que existem no exército—na inspeção diária da caserna, por exemplo, onde é preciso que todos os cobertores estejam perfeitamente esticados, cada toalha dobrada e no seu lugar, os sapatos aos pares debaixo da cama, com o cordão amarrado em cima e as pontas metidas para dentro. Fazem porem o possivel para cumprir tudo à risca. Uma WAAC a quem havia sido ensinado que devia fazer continência a todo oficial, ao passar por dois deles juntos, no seu excesso de zelo, fez a continência com as duas mãos!

Do toque da alvorada às 6.30, até o toque de recolher às 5 da tarde, cada minuto do dia é ocupado, e tudo tem que ser feito a passo dobrado. Inspeção das casernas, aulas, instrução de marcha, marcha e mais marcha. Depois da refeição da tarde, cumpre reler as notas de aula, estudar o manual do soldado, cerzir meias, lavar roupa, e escrever cartas à família.

As WAACs têm muito orgulho no seu uniforme que é feito sob medida, inclusive as cinco camisas sobressalentes. As luvas são de pele muito fina, e custariam cerca de dez dólares numa boa loja. Tudo o que elas usam é de cores que combinam, até a calça e a combinação de jersei de seda, que são caqui, como o uniforme. «Quando uma WAAC leva um escorregão, só se vê uma cor,» dizem elas.

Depois de submeter-se ao treino básico, a recruta pode tomar uma destas três direções: se já tem alguma especialidade, vai diretamente para algum posto do exército; se não, pode entrar para a Escola de Candidatas a Oficial, ou então tomar um curso de oito semanas, afim de especializar-se em transporte motorizado, administração, rádio ou cozinha.

Em fevereiro deste ano, tivemos a prova definitiva do valor das WAACs,

(*) Pelas iniciais do *Women's Army Auxiliary Corps* —Corpo Feminino Auxiliar do Exército—se conhecem as mulheres que o compõem.

quando foram dezesseis admitidas na Escola do Estado Maior de Exército Americano, em Fort Leavenworth. Pela primeira vez ingressavam mulheres neste estabelecimento, que tem a reputação de ser uma das escolas militares mais severas do país, e geralmente só aceita militares de major para cima, e que tenham pelo menos dezessete anos de serviço.

Uma das razões do sucesso do corpo militar feminino está em ser composto de voluntárias. Muitas delas deixaram empregos bem pagos, ou abandonaram profissões, para servir no Exército. Uma, filha de um general, tendo-se inscrito na Escola de Candidatas a Oficial, e não sendo aprovada nos exames, alistou-se nas fileiras.

O motivo que as leva a entrar para o exército reside em geral no fato de terem alguem, das suas relações afetivas, nas forças armadas. Namoradas, esposas, mães e filhas querem compartilhar dos sacrifícios daqueles que lhes são caros. Nas casernas, onde é permitido às WAACs ter na parede três retratos, são estes, em boa parte, fotografias de homens. Não se vêem retratos, por alí, de estrelas de cinema; os que figuram na galeria têm, em geral, direitos adquiridos, ou de família ou de coração.

E depois da guerra? A maioria das WAACs naturalmente espera casar-se e constituir família. Algumas pensam em trabalhar nas mesmas profissões em que se estão especializando, muitas querem ficar nas forças armadas, e tomar parte na obra de reconstrução, na paz, pois dizem que dar de comer a crianças que têm fome é tarefa que pede o carinho e as mãos de uma mulher.

Nação imaginária

¶ Nos primeiros tempos da Liga das Nações, somente cinco delegados de cada país tinham direito a cadeiras no recinto da Assembléia. Os demais tinham que se contentar com assentos laterais, de onde não podiam ver nem ouvir coisa alguma. Observando que havia lugares vagos, atrás da representação da Venezuela, o secretário da delegação italiana, Daniele Varé, viu uma oportunidade para conseguir mais cinco lugares para a Itália. Penetrou, durante a noite, no recinto da Assembléia e escreveu «Zembla» na placa que designava o nome da nação a que correspondiam os assentos vagos.

Na manhã seguinte, os peritos em assuntos internacionais ocuparam os seus lugares, olhando distraidamente a placa com a denominação «Zembla», como se dissessem: «Zembla, naturalmente.» Durante o resto da sessão, cinco delegados da «República de Zembla» ocuparam tranquilamente os seus assentos nacionais, sem que o fato de serem eles italianos diminuisse em nada o seu conforto.

—*Daily Telegraph* de Londres, e *Fortune*

¶ Medo, preocupações e debilidade hereditária de nervos produzem 50% dos casos de «perturbações do estômago»

Sua indigestão será nervosa?

(Condensado da «Hygeia»)

Pelo dr. Walter C. Alvarez

da Clínica Mayo e famoso especialista em moléstias do estômago

QUANDO UMA PESSOA começa a sofrer de indigestão, qual será a causa mais provavel? Irá um exame médico revelar o mal ou virão os especialistas culpar o nervosismo, as preocupações, ou a pressa no comer? Com efeito, muito depende da idade e do sexo do paciente. Os jovens—principalmente mulheres—são mais suscetiveis de sofrer de indigestão nervosa, do que as pessoas idosas. Entretanto, as pessoas de meia idade que de repente começam a sentir perturbações abdominais, estão provavelmente sofrendo de algum mal orgânico.

Particularmente alarmante é a indigestão que aparece de súbito em pessoas de alguma idade e que sempre propalaram ter «um estômago de ferro». Sem dúvida, houve algo de anormal: talvez seja o começo de um tumor, ou cálculos na vesícula biliar, ou então o coração que principia a baquear. Toda pessoa na idade madura, que depois de anos de boa saude, começa a sofrer de indigestão ou dores abdominais, deve correr ao médico e submeter-se a cuidadoso exame, incluindo radiografia do estômago e dos intestinos.

O aparelho digestivo dispõe de um sistema de nervos que liga as suas várias partes entre si, e estas com o cérebro. Esta ligação, que no estado de saude é um bem, agora é um mal. Quando um homem tem a vida em perigo, e para fugir a um tigre procura trepar a uma árvore, os seus nervos o auxiliam, eliminando toda atividade desnecessária do aparelho digestivo ao mesmo tempo que põem em circulação no sangue enérgicas substâncias—tais como a adrenalina—que o ajudam a correr e lutar. Hoje, quando alguem luta pela vida na complicada trama da existência moderna, o seu antigo sistema nervoso atua ainda sobre a digestão: as ativas substâncias estimulantes ainda lhe correm pelo sangue. Mas, como já não as usa na ação muscular, vão irritar o colo, fazendo que se sinta doente.

E' essa interferência nervosa com o processo normal da digestão que faz que tamanho número de pessoas vivam a se queixar de «perturbações do estômago». E mesmo nos casos de moléstias orgânicas, o médico tem que combater influências psíquicas, se deseja auxiliar o doente.

Um indivíduo, por exemplo, começa a sentir dor na boca do estômago às 11 horas da manhã e às 5 da tarde, dor que se alivia se comer algo ou se tomar uma pastilha alcalina. Provavelmente tem uma úlcera duodenal, que é uma moléstia orgânica. Há porem probabilidades de que os ataques dessa dor estejam ligados a preocupações ou contrariedades. Ao aconselhar o tratamento, o mé-

dico insiste em três pontos: repouso, evitar contrariedades e tomar alimentos de facil digestão, de duas em duas horas. Comumente, a úlcera pode cicatrizar com este tratamento; mas, se voltarem as preocupações, a ulceração reaparece.

A inflamação da vesícula biliar em geral causa indigestão acompanhada de gases e ataques repetidos de dores cruciantes. Embora a moléstia seja orgânica, muitos ataques dolorosos sobrevêm em virtude de acessos de cólera ou contrariedades, os quais provavelmente causam espasmos nos canais que levam a bile ao intestino. Se bem que os portadores de cálculos biliares possam melhorar com uma dieta apropriada, muitos, cedo ou tarde, terão que ser operados. Não há meio de se dissolverem pedras, e a presença destas sempre constitue um perigo.

Outra causa orgânica de indigestão é o *cancer do estômago*. Os sintomas variam, mas desde que uma pessoa, com boa saude durante cincoenta anos, começa a sofrer de indigestão, a perder peso e energia, deve submeter-se imediatamente a um exame médico bem acurado, porque o cancer, no seu início, muitas vezes pode ser curado. Infelizmente, a maioria das pessoas esperam durante um tempo demasiadamente longo.

Muitas vezes, as causas orgânicas de indigestão ficam fora da zona digestiva. Aquí, por exemplo, está um homem nos seus 50 anos e que, depois de copiosa refeição, não pode andar um pouco sem sentir dores, com sensação de aperto debaixo do peito esquerdo. Claro, que a indigestão é a causa desse mal-estar. O paciente vai a um especialista do estômago, mas na verdade deveria procurar um especialista em moléstias do coração, porque essa dor é devida ao estreitamento das artérias coronárias, que alimentam de sangue o músculo cardíaco.

Em 50% de casos de indigestão, o especialista nada descobre de anormal no aparelho digestivo. Em geral, o médico defronta com um caso funcional de indigestão, tudo motivado por um sistema nervoso em más condições. As causas comuns de indigestão nervosa são a fadiga, as preocupações, a hipersensibilidade e a insônia. *A indigestão funcional é comum, nada havendo que explique os sintomas, e o paciente em geral se restabelece.* Os doentes nervosos que conhecem estes fatos, evitam aborrecimentos e poupam despesas. É preciso que acreditem nos conselhos de um bom clínico, quando lhes diz, depois de um exame, que nada de sério existe.

Quando uma doente nervosa recebe a garantia de que não é portadora de cálculos biliares, em geral nega-se a crer que o seu sofrimento não tenha causa orgânica; não procura compreender que só com meses de auto-disciplina pode conter as preocupações e rehaver sua tranquilidade e saude.

Não pretendo de nenhuma forma insinuar que os pacientes nervosos *inventem* os seus males. Não; o sofrimento é real, e provavelmente mais torturante do que a dor causada pela úlcera. Às vezes me recordo de duas moças que vieram um dia, juntas, ao meu consultório. A mãe, senhora bem apessoada e já de idade, tinha um cancer do estômago, mas insistia em que não sofria de nada e não precisava de nenhum tratamento. Estava entretanto muito preocupada com a filha, que há três semanas vomitava o que comia. E por que vomitava? Porque tinha medo. A filha adoecera desde o momento em que

soubera da moléstia de sua genitora. Assim, tínhamos presente uma senhora portadora da peor forma de uma moléstia orgânica, e que não se queixava; e outra, sem nenhum mal orgânico, mas num estado agudo de sofrimento e reclamando imediata hospitalização.

Se é certo que muita gente compreende que o medo agudo prejudica as funções digestivas, há outras pessoas que não percebem que uma ansiedade crônica é muita vez a causa do seu mau estado de saude. Preocupar-se com a saude de um filho, com a inconstância de um marido, ou afligir-se com negócios mal parados, tudo isso pode afetar seriamente a digestão. O grande psiquiatra Maudsley costuma dizer: «Quando a tristeza não se expande em lágrimas, pode fazer outros orgãos sofrer.»

As dificuldades econômicas são a causa mais corrente das indigestões nervosas. Todos os dias vejo doentes que com um pouco de dinheiro se libertariam, como se fosse com remédio, de situações desesperadoras. Que inutil, em tais casos, receitar-lhes sedativos e dietas! A não ser que melhorem de situação econômica, estão condenados a levar toda a vida com dores de cabeça, indigestão, e outras manifestações de nervosismo.

A debilidade nervosa, que causa desarranjos de estômago, pode ser herdada ou adquirida. Muitas vezes, antepassados alcoólatras, instaveis ou mal-adaptados, foram responsaveis por descendentes que sofrem de instabilidade nervosa, causa da maioria dos transtornos em milhares de debilitados dos nervos, enfermiços e desempregados.

Essa herança de baixo quilate é a responsavel por aquilo que nós, médicos, chamamos «inaptidão constitucional» ou incapacidade para aguentar os embates da vida. Essa instabilidade, que é um infortúnio quando atinge pessoas de haveres, torna-se duplamente trágica quando as vítimas são dactilógrafas, professoras ou caixeiras, que precisam trabalhar para viver. Tais pacientes, que levam uma vida de privação e tristezas, costumam no seu desespero implorar que o cirurgião opere isto ou aquilo. Infelizmente, o que desejam é impossivel—uma operação que as transforme em novas personalidades.

Mas as vítimas dessa «inaptidão constitucional» não representam um caso sem remédio. Charles Darwin, por exemplo, era tão fraco que mal podia trabalhar três horas por dia. A menor excitação, como uma visita a amigos, punha-o de cama, com calafrios e vômitos. A sua vida é um exemplo cabal de que, por uma conformação com tais adversidades, e trabalhando à altura de suas forças, esses debeis de natureza podem levar uma existência feliz e fecunda.

Entretanto, muitas das pessoas que sofrem de indigestão funcional conseguiriam rehaver a saude conformando-se estoicamente com o fato de que não podem competir com pessoas mais fortes. Em primeiro lugar, não devem esperar curas rápidas por meio da cirurgia. O que a muitos convem é uma rigorosa auto-disciplina. Se durante anos sacaram em excesso sobre o Banco das Energias, é tempo que comecem a viver com calma e a poupar o restante das forças.

Os indivíduos que se tornam irritados por excesso de trabalho, podem voltar ao normal entregando-se a repouso completo, durante um mês, e depois voltarem ao trabalho em tarefas de meio dia, até que recuperem as antigas energias. Muitas vezes as senhoras podem curar-se de indigestão funcional se

se decidirem a ficar na cama pela manhã, até mais tarde, repetindo essa prática por algumas semanas. Com o descanso e o repouso virá a calma mental e desaparecerão as irritações do nervosismo. Às vezes, quando dou tais conselhos a alguma paciente, recebo como resposta: «Repouso! Há meses que não faço outra coisa, e não me sinto melhor!» Em geral, não é verdade o que diz: talvez não tenha trabalhado, mas tampouco esteve em repouso. Todos os dias e parte das noites, o seu espírito divagava aflitamente, cheio do temor de que a causa da moléstia não tivesse sido encontrada, temor de cancer, ou de que o marido, que chegou atrasado para o jantar, tivesse sofrido um acidente.

A maioria dos temores que ocasionam indigestões nervosas são tolices e o paciente bem o sabe. No começo não é facil combatê-los; podem, porem, ser gradualmente dominados, e a saude restabelecida. Durante o período de rehabilitação, o paciente muito poderá lucrar dos conselhos de um médico paciente e amigo.

Mas a vitória final dependerá, em maior parte seguramente, do próprio indivíduo.

Enganando os animais

¶ Durante anos, milhões de gaivotas esfaimadas, junto à costa da Suécia, costumavam voar para terra, causando sérios prejuizos aos jardins e aos campos. Os peritos, para reduzir o número delas, tentaram primeiro destruir-lhes os ovos, mas descobriram que as prolíferas gaivotas simplesmente punham mais.

Agora, armados de cassarolas e fogões portateis, os peritos fervem os ovos das gaivotas e tornam a colocá-los cuidadosamente nos seus ninhos. As gaivotas, não sabendo de nada, tentam inutilmente chocar os ovos e, quando se desenganam, têm que esperar pela estação vindoura.

—*Sunday Referee*, de Londres

¶ Na Fazenda-Penitenciária do município de Essex, em Nova Jersey, pode ser visto o extraordinário espetáculo de três mil galinhas Leghorn usando óculos de vidro vermelho. Mas o guarda Floyd Hamma explica que as preciosas galinhas usam tais óculos para que não briguem entre si, evitando-se assim grande prejuizo para a Fazenda.

Os guardas observaram que qualquer arranhão fazia com que as galinhas, à vista do sangue, se empenhassem em uma luta de morte. Se as galinhas vissem tudo sempre vermelho, pensaram eles, essa tendência sanguinária poderia ser curada. Assim, fabricaram óculos apropriados, com aros de couro e com vidros vermelhos, presos com arame ao bico das galinhas. Desde então, não tem havido mais brigas fatais.

—*Herald Tribune* de Nova York

Mortos em gozo de licença

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Jon B. Jansen e Stefan Weyl

Quem faz parte do movimento secreto que combate na Alemanha o regime nazista, sabe perfeitamente que tem apenas dois a três anos de vida. «Somos mortos em gozo de licença», dizem, com macabro humorismo, os membros dessas organizações. No entanto há sempre outros homens e mulheres dispostos a substituí-los e a prosseguir na luta desigual.

Ao contrário do que em geral se pensa, os membros deste movimento secreto vivem todos abertamente e do modo mais normal. Sendo impossivel fugir à espionagem sistemática da ditadura nazista, a única maneira de desorientar a polícia é tomar a aparência de um pacato e simples cidadão. Pode-se dizer que a primeira condição para trabalhar na organização é levar exteriormente uma vida que pareça comum: manter em qualquer circunstância a aparência de um emprego, os laços de família, os amigos, os hábitos e divertimentos costumeiros.

Mas isto é apenas o exterior. Na realidade todos os seus atos são pensados e é preciso calcular cuidadosamente as pequenas ocorrências da vida de cada dia, que para os outros são apenas questão de rotina.

As atividades secretas do movimento oferecem raramente lances empolgantes ou gestos de grande coragem, mas requerem completa auto-disciplina e nervos de aço. É preciso não hesitar, por exemplo, em levar duas horas atravessando Berlim de lado a lado para dar um recado a alguem, quando, pelo telefone, isso tomaria apenas alguns minutos. No caso de precisar guardar um objeto suspeito, não ter a fraqueza de deixar de o levar para uma casa mais segura que a sua, ainda que tal obrigue a fazer uma longa viagem de bonde, ao vento frio do inverno. É preciso força de carater para ter incessantemente esse espírito de cautela, sem cair na tentação de dizer: «É só por hoje, não há-de acontecer nada.» Esta constante auto-disciplina é a condição essencial para toda organização clandestina.

Os membros do nosso movimento devem ter sempre uma explicação plausivel para todas as suas ações. Se precisamos reunir-nos em algum lugar, aproveitamos como pretexto uma festa de aniversário ou outra qualquer comemoração. Um de nossos companheiros teve que adiar o casamento por quatro semanas para que caisse no dia em que certo agente de fora deveria vir a Berlim.

Não é possivel passar por cidadão inocente sem ter uma ocupação regular. Um de nossos chefes tornou-se agente de uma companhia de seguros, o que

J. B. Jansen e S. Weyl são os pseudônimos de dois refugiados que se encontram atualmente nos Estados Unidos. São obrigados a usar estes nomes de guerra para proteger os parentes que ficaram na Alemanha. Jansen era um operário metalúrgico quando Hitler subiu ao poder. Weyl havia terminado estudos científicos. Ambos aderiram ao movimento clandestino e trabalharam ativamente durante anos, até que sua permanência na Alemanha se tornou arriscada demais. Escreveram em colaboração o livro *The Silent War*, publicado por Lippincott no ano passado.

lhe dava ótimas razões para percorrer constantemente a cidade; se o pegavam em uma situação perigosa, podia sempre dizer que estava vendendo uma apólice. Outro, que exercia as funções de mensageiro, era chofer de taxi. Um terceiro escolheu a profissão de genealogista, hoje muito comum no Reich, porque todo mundo é obrigado a provar sua ascendência ariana. E um genealogista pode ter motivos de sobra para viajar pelas províncias.

As diversões tambem serviam de disfarce às nossas atividades secretas; fazendo parte de um clube filatélico ou de fotógrafos amadores, podíamos reunir-nos sem causar a menor suspeita.

Mesmo em caso de doença, um membro do partido precisa cercar-se de mil precauções. Um de nossos companheiros precisou ser operado urgentemente de uma apendicite aguda, mas, lembrando-se que da última vez que fora anestesiado falara durante horas quando desacordado, ficou com medo de trair segredos importantes, e não ousou ir para um hospital. Tivemos pois que arranjar um médico de nossa confiança que o operou no próprio consultório.

Chega sempre o dia em que um membro da organização é obrigado a enfrentar uma situação na qual as regras de nada lhe servem. Pode ter que resolver, por exemplo, se deve ou não entrar na casa de um amigo para avisá-lo que a Gestapo está à sua procura, sabendo que corre o risco de encontrar a polícia do outro lado da porta. Para saber de repente se se pode ou não confiar em determinada pessoa, como frequentemente sucede, só há recorrer à intuição, e esperar a sorte.

E muitas vezes realmente somos felizes. Uma vez a Gestapo entrou no apartamento de um homem inocente, e passou horas dando uma busca completa; enquanto isto, nosso companheiro no apartamento vizinho, ouvindo o barulho, compreendeu de que se tratava e fugiu em tempo. Outra feita, uma das moças de nossa organização foi revistada na rua por um soldado das tropas de choque à procura de literatura clandestina. Ela tinha escondido os papéis no cartucho de papel das compras, por baixo de meia dúzia de ovos, e o soldado não achou os papéis, por não querer quebrar os ovos ao revistar o cartucho!

Preferimos, todavia, não contar com a sorte. Em nossas comunicações por escrito há muito que abandonamos as tintas invisiveis: qualquer delas se torna aparente quando tratada com vapores de iodo no vácuo. Preferimos usar a microfotografia. Muitos de nossos companheiros tornaram-se fotógrafos amadores, e, no seu entusiasmo, instalaram câmaras escuras em casa para revelar fotografias. Ultimamente já conseguíamos reproduzir oito páginas datilografadas em um pequeno negativo de dois e meio contímetros por um. Cartas, relatórios e informações são enviados para a Alemanha inteira e para alem fronteiras, por meio destes negativos, colados, cosidos e enrolados em toda espécie de objetos. Mandamo-los, uma vez, dentro de um urso de brinquedo enviado como presente de Natal a uma menina de Praga. Um companheiro nosso costumava levar os filmes dentro de uma esponja de banho.

Graças às informações assim obtidas, nossa agência no estrangeiro pôde fornecer os dados necessários para os relatórios sobre a vida na Alemanha, que vieram a público nos Estados Unidos e em varios paises democráticos da Europa.

Um de nossos grandes problemas era conseguir um código que não tivesse aparência de o ser. Há inúmeros códigos que são indecifraveis para leigos, mas a Gestapo não é uma organização de amadores. Depois de meses de experiência, reduzimos nossas informações à forma de tabelas de algarismo como as que são usadas em certas ciências. Em decimais e frações guardávamos uma lista de nomes e endereços de pessoas dentro e fora da Alemanha, tomávamos notas de lugares e horas de encontros, e muitos outros detalhes indispensaveis à organização.

Invejávamos muito os espiões de romance de aventuras que têm sempre a seu dispor esplêndido equipamento técnico e dinheiro a rodo. Vivíamos constantemente entravados por falta de meios, pois não podíamos lançar mão dos processos usuais para angariar fundos, não somente por serem muito arriscados, mas porque a maioria das pessoas não quer ter relações com organizações clandestinas.

O momento de maior perigo para os membros de uma organização secreta é quando um deles é preso e sob tortura perde o controle, fornecendo à polícia nomes e informações. É impossivel saber de antemão como nos comportaremos sob a ação da Gestapo, e, muitas vezes, a vida de todos depende da maneira por que um se porta em face do suplício. Frequentemente, com seus métodos cruéis, a Gestapo tem conseguido obter os nomes de grupos inteiros.

É facil imaginar uma perfeita organização secreta, mas impossivel realizá-la na prática porque temos que contar com a fragilidade do elemento humano.

Basta que um dos seus membros, julgando-se bem seguro, em vez de gravar na memória, escreva num pedaço de papel um nome e um endereço, para, se for preso, pôr em perigo toda a máquina. Outro, em situação crítica, atira apressadamente num lago uma maleta cheia de documentos comprometedores, sem se lembrar de amarrar um peso à maleta para que esta fique no fundo, e o movimento da água não carregue os papéis até a praia. Um terceiro, ao queimar alguns papéis na lareira, descuida-se e deixa que a tiragem carregue pela chaminé acima um pedaço parcialmente queimado que vai depois cair na rua.

Quase todos já vimos amigos serem presos ou mortos devido a erros cometidos por nós mesmos. Nenhum movimento clandestino pode gabar-se de não ter nunca tido um «acidente», causado por erro ou falha do elemento humano. E por isto todos os que trabalham secretamente pela causa sabem que suas possibilidades de sobrevivência são realmente pequenas.

¶ A ÁRVORE da Liberdade deve ser regada, de tempos a tempos, com o sangue dos tiranos. É o seu adubo natural.

—Thomas Jefferson

Máquinas feitas de pó

(Condensado do «Forbes»)

Robert W. Marks e *Harland Manchester*

É FASCINANTE observar como uma camada de pó—tão fina que um espirro a dispersaria—pode ser trasmudada em sólidas, pesadas engrenagens e mancais.

—Veja esta peça de canhão.

Andrew Langhammer, chefe da divisão de metais pulverizados, da Chrysler, segurava uma complicada peça de metal com uma porção de ângulos e facetas.

—A princípio—prosseguiu ele—dispendiam-se duas horas de engenhoso trabalho para criar este pesadelo mecânico. Hoje, é obra apenas de uns segundos. A prensagem destas peças, feitas de pó de metal, economiza 240 homens-horas por cada carreta de artilharia. Alem de não haver sacrifício de qualidade, obtemos exatidão até o milésimo de polegada. A «metalurgia do pó» não é novidade, mas o seu desenvolvimento, do início da guerra para cá, é um verdadeiro milagre.

São simples os seus princípios: misturam-se dentro de um molde dois ou mais metais, em pó. Depois, rapidamente, cai um martelo-pilão com uma força, talvez de 20 toneladas, e comprime o pó, reduzindo-o a um briquete. Parecendo sólidos, esses «briquetes verdes» são tão frageis que se podem esmigalhar entre os dedos. Quando, porem, levados ao forno a uma temperatura bem abaixo do seu ponto de completa fusão, tornam-se duros. A maneira por que isso se processa é um mistério. Não há dois técnicos que cheguem a acordo sobre o caso. Um sugere que a compressão e a temperatura fazem os átomos superficiais dos grãos de pó ligarem-se com os seus vizinhos. Diz outro que, visto um dos seus componentes secundários normalmente se derreter, se forma uma película que cimenta a mistura. Todos, entretanto, concordam em que os elementos entram alí fracos, e saem fortes.

Antes de Pearl Harbor, as peças de máquina feitas com metal pulverizado eram, em sua maioria, pequenas e de simples desenho—«pílulas», como os engenheiros lhes chamavam. Era crença em alguns setores que o método não seria prático para peças que pesassem mais de quilo a quilo e meio, ou para as de modelos complicados. Mas a guerra mecânica exigiu uma rápida produção de peças de máquinas de numerosas formas e tamanhos.

O processo do metal em pó revelou-se à altura das circunstâncias. Hoje, aeroplanos, navios, tanques, caminhões, armões de artilharia, rádios e locomotivas estão a usar milhares de peças que foram feitas com pó comprimido. A menor pesa um vigésimo de onça; a maior, até agora, é um mancal de tanque, de 30 quilogramas.

Peças de máquina que não podem ser fabricadas de outro modo, fazem-se com pó comprimido. Exemplo flagrante é o mancal auto-lubrificante que chupa óleo, como uma esponja absorve água, e o esparze por um período muitas vezes mais longo que o da duração da máquina. Esses mancais tornam-se porosos se adicionamos qualquer substância volatil aos metais pulverizados; durante a ação do calor essa mesma substância queima-se, deixando uma rede de pequeninos reservatórios que depois absorvem e guardam o óleo, num volume equivalente por vezes a 35% do volume da peça.

Comprimindo um dos mancais em um tornilho, vêem-se sair pequenas gotas de óleo de seus poros. Alivie-se a pressão, e o óleo será, de novo, absorvido. Isto mostra como funciona um mancal auto-lubrificante. A lubrificação é tanto maior quanto o é o esforço que a peça realiza; findo o trabalho, o óleo é de novo absorvido. Mancais auto-lubrificantes permitem à guarnição de atiradores esquecer muitos pontos de lubrificação. Nos climas frígidos, onde o «óleo livre» congela, os mancais a que acabo de referir-me não sofrem o efeito do frio; tampouco o seu óleo «sangra», liquefeito ao calor do deserto. Economiza-se tempo, tanto nas fábricas como nas frentes de combate, onde toda a demora equivale a um maior número de perdas em homens.

O triunfo mais espetacular do pó metalúrgico é a ferramenta de corte de carbureto de tungstênio,criada há alguns anos, e que atravessa o aço mais duro como se fora faca no queijo. O tungstênio, com ser um dos metais mais duros, é tambem dos mais quebradiços. Não se deixa fundir e tornear à maneira dos metais reconhecidamente macios. Pode, no entanto, ser misturado em forma de pó com outros elementos, comprimidos todos num molde, e levados ao forno. Em razão disso, uma ferramenta suportará o aquecimento até à temperatura de 3.000° Fahrenheit sem perder o gume.

O carbureto de tungstênio fornece «dentes» extraordinariamente duros a máquinas para a fabricação de armamentos. Uma das matrizes desse material já modelou narizes para mais de um milhão de obuses de calibre pesado, sem se ressentir seriamente do uso. Um engenheiro informa que em outra operação se gastaram, no transcorrer de seis horas, instrumentos de aço para corte de alta velocidade, enquanto os instrumentos com ponta de carbureto de tungstênio que os substituiram se conservaram perfeitamente por 90 dias.

Metais que não se podem associar por nenhum outro processo, tornam-se irmãos de sangue quando, misturados em pó, são comprimidos e «cozidos» no forno. Isto possibilita a combinação de metais que possuem virtudes especiais e, destarte, cria a «pseudo-liga» que apresenta as melhores caraterísticas de cada um. O cobre, por exemplo, é um bom condutor de eletricidade, mas derrete-se a temperatura relativamente baixa. O tungstênio não é bom condutor, mas resiste ao calor. Evidentemente, uma liga seria da maior conveniência, mas os engenheiros sabem que se tentassem derretê-lo pelo calor, o cobre se evaporaria por completo antes que o tungstênio alcançasse o ponto de fusão. Quando, porem, os metais são reduzidos a pó, e forneados, amalgamam-se rapidamente, e então, a indústria elétrica passa a contar com um metal que é excelente condutor e que ao mesmo tempo suporta a temperatura de um arco elétrico quando se usa em um eletrodo de soldagem.

Novas utilidades se descobrem, cada dia, para os produtos da metalurgia de que se trata. Assim, ocorreu à National Cash Register Company que, se um pedaço de metal poroso pode absorver óleo, absorverá tambem tinta, tendo-se, então, fabricado um tipo experimental

de máquina de escrever sem fita, cujo teclado se fez com bronze super-poroso. Verificou-se que a máquina escreve várias centenas de milhares de palavras antes de ser preciso tornar a carregá-la de tinta.

A Chrysler fabricou tela fina de cobre, com pó de metal, comprimindo-a em matriz apropriada e «cozendo-a» no forno. Isto elimina a tecedura de arame, e, desde que todas as juntas se soldem, os arames não poderão desenrolar-se ou embaraçar-se, ficando as telas mais aptas para o trabalho rigoroso de laboratório.

Alguns engenheiros predizem que toda espécie de objetos de simples metal serão, em estado de pó, comprimidos e assados como biscoitos. Ouro, platina e prata, por exemplo, podem ser trabalhados com metais inferiores para a fabricação em massa de objetos duraveis e ornamentais que mal precisariam de acabamentos após retirados do forno.

As matérias primas empregadas nesse processo custam mais que os metais sólidos por necessitarem inicialmente ser reduzidas a pó. Uns tantos metais faceis de derreter se pulverizam ao atomizar-se uma corrente fundida com um jacto de ar, ao passo que outros são pulverizados eletroliticamente.

Algumas sobras, todavia, ajudam a contrabalançar o custo maior do material em bruto. O métodos de maquinaria padronizada algumas vezes determinam uma perda de 50 a 75% de metal sólido, em forma de limalha e aparas. Quando as peças se fabricam por compressão do pó, nada se perde. De vez que o processo é automático em larga proporção, poucos operadores se exigem, e muitos deles podem não precisar de maiores aptidões.

Vinte e oito diferentes metais agora se fabricam de pó, e se usam em combinações diversas para produzirem dezenas de milhares de outros produtos, adiantando os técnicos que isso é apenas o começo. Já há a promessa de tudo vir a ser torneado, desde as peças de um relógio às rodas de uma locomotiva, com economia e rapidez até hoje inteiramente desconhecidas.

¶ O ILUSIONISTA, Houdini empregava muitos artifícios sutís para manter sempre vivo o espírito romântico do casamento. Diria por exemplo: «Senhora Houdini, sois uma mulher moderna, de idéias liberais. Certo não ficareis zangada, se eu for a uma entrevista esta noite. Espero encontrar-me com a mulher mais linda deste mundo, em tal e qual lugar, às seis da tarde. Voltarei para casa muito tarde.»

Esse discurso servia para indicar à senhora Houdini que se vestisse de acordo e estivesse no lugar indicado. Houdini a receberia com a galanteria de um cavalheiro e se meteria com ela numa carruagem por uma estrada qualquer. Com um grande ar de mistério, pediria um gabinete reservado em restaurante, onde ambos gozariam um régio jantar, regado a champanha. Muitos garçons se enganaram, com os ares ilícitos e pouco conjugais dessas aventuras...

—Harold Kellock, *Houdini* (Harcourt, Brace)

¶ *«Não há ateus em jangadas de borracha», escreve um dos companheiros de Rickenbacker no famoso drama do Pacífico.*

O náufrago que encontrou a Fé

(Condensado de «We Thought We Heard the Angels Sing»)

Pelo tenente James C. Whittaker
Em colaboração com Charles Leavelle

A HISTÓRIA do capitão Eddie Rickenbacker e do coronel Hans C. Adamson, e seus seis companheiros, que passaram 21 dias entre a vida e a morte, em pequenas jangadas de borracha, no sudoeste do Pacífico, não é somente um exemplo de resistência e coragem: é tambem um caso de fé. Quanto esta contribuiu para a firmeza com que se portaram, e graças à qual sobreviveram, por fim, ao tremendo drama, revela-o, nas linhas abaixo, o tenente James C. Whittaker, do Comando de Transportes da Aviação Militar dos Estados Unidos, e piloto adjunto da malfadada Fortaleza Voadora.

PARA MIM, OS NOSSOS terriveis vinte-e-um dias no Pacífico representam o que de mais extraordinário pode acontecer a um homem: *encontrar Deus*.

Antes daquele episódio, eu era um agnóstico, ou, se quiserem, um ateu. Não há, entretanto, ateus, em jangadas de borracha, nem tão pouco os haverá nos fossos e labirintos de Bataan.

Quando vimos sem gasolina a nossa Fortaleza Voadora, e nos preparávamos para cair desastrosamente no mar, o segundo-tenente John J. DeAngelis, navegador do avião, perguntou-nos: «Vocês se importam que eu reze?» Lembro-me bem de que me senti irritado. Quanto, porem, de tal irritação, haveria de envergonhar-me nos dias que se seguiram!

No nosso segundo dia nas jangadas, vi o soldado, John F. Bartek, mecânico de vôo, a ler a sua Bíblia. Nenhum de nós lhe dirigiu, a propósito, alguma palavra de zombaria ou gracejo. É possivel que, àquela hora, já todos tivéssemos a intuição do que aquele pequeno Livro iria representar, para cada um de nós.

No quarto dia, recorreu de novo Bartek à sua leitura sagrada. Nossas três jangadas mantinham-se ligadas por longas cordas. Puxamo-las, reunindo-as, para um momento de prece. Recitamos o Padre Nosso, e o coronel Adamson leu passagens da Bíblia de Bartek. Minha impressão, todavia, era, no íntimo, de ceticismo: aquilo não nos faria bem, nem mal. O capitão William T. Cherry, Jr., piloto da Fortaleza, leu em seguida um texto: «*Portanto, não vos preocupeis, a dizer: Que comeremos? Que beberemos?*» Sim, comentava eu, de mim para comigo, sempre cético. Estarei disposto a admití-lo; mas quando vir, com os meus olhos, o que comer e beber!

Ao sexto dia, tornou-se evidente que nos achávamos fora das rotas dos navios e dos aviões de patrulha, e assim jamais nos poderiam encontrar. Começávamos visivelmente a enfraquecer de fome. Aquela tarde, juntei-me passivamente à orações. Rezamos todos, a pedir comida. Então, Cherry, que sempre se dirigia a Deus, chamando-o de *Velho Pai*,

disse: «Velho Pai, estamos, como sabeis, numa grande aflição. Esperamos seguramente que, pelo menos até depois de amanhã, alguma coisa venha em nosso auxílio. Vede o que podeis fazer por nós, Velho Pai!»

A seguir, e sendo já noite, Cherry disparou nosso aparelho de sinais luminosos, na esperança de que a providência viesse a ter algum efeito benéfico. E o teve efetivamente. Como a carga de propulsão estava fraca, a bola de fogo caiu entre as jangadas. O certo é que não tardou que peixes, dos mais ferozes, surgissem à caça de outros que, em cardume, afluiram ao local, atraidos pelo clarão. Dois destes últimos, de bom tamanho, ansiosos por se salvarem, pularam para dentro das jangadas; e então cada um de nós teve um pedaço de peixe para o primeiro almoço da manhã.

O fato impressionou. Na tarde imediata, tomei parte, de todo coração, no serviço religioso, e já podia dizer, sem gaguejar, metade do Padre Nosso. Nunca mais poderei esquecer o que se passou naquele dia.

Cherry rezou: «Velho Pai, pedimos comida, e nos atendestes. Agora, suplicamos água. Se não vos deliberardes a vir, enquanto for tempo, em nosso auxílio, estaremos perdidos. Tudo está em vossas mãos.»

As orações de Cherry tinham, como depois compreendí, tudo que uma prece deve ter. Eram um pedido a Deus, em que a submissão resignada ao que Ele resolvesse não excluia a confiança implícita na sua misericórdia.

Não tardou que o céu, à nossa esquerda, começasse a escurecer. Uma cortina de nuvens descia, mais e mais. Era chuva—e na nossa direção! «Aí está ela!» gritou Cherry. «Graças, graças, Velho Pai!» Mais um minuto, caíam sobre nós, abundantes, as águas do céu. Aparamo-las nas mãos em concha, levando-as, sôfregos, à boca ressequida. Em seguida, tratamos de fazer, como pudemos, a maior provisão ao nosso alcance, para uso futuro.

No nono dia, o Senhor favoreceu-nos com uma nova, embora pequena, esmola de alimento—um tubarãozinho, de uns sessenta centímetros, que Cherry fisgou com um gancho, sem isca.

Por ocasião do serviço do décimo dia, Cherry rezou alto o Padre Nosso, e depois cada um de nós, individualmente, o repetiu. Houve confissões a descoberto. Não hesito em declarar que tomei resoluções quanto a mim mesmo. E tenho-as cumprido. Antigamente, não me era possivel estar com alguem vinte minutos, sem que entrasse em discussão. Tinha um natural pessimismo, em relação ao próximo. Hoje me inclino invariavelmente, a ver no meu semelhante uma criatura boa e digna, até que tenha provas em contrário.

Rickenbacker dirigia-se sempre a Deus, tratando-o por «Pai Nosso». Nunca se terá ele apresentado como homem religioso, mas tem essa espécie de religião que torna o mundo melhor, ou mais amavel a vida. A um dos nossos companheiros que, ao chegar a sua vez, pediu a Deus que o matasse, pondo-lhe fim aos tormentos, advertiu, veemente: «Não faça isto! Não incomode o Senhor com lamentações. Ele responde às preces dos homens; não, porem, às deste gênero!»

Foi entretanto no décimo-terceiro dia que se declarou propriamente o primeiro dos dois milagres que varreram do meu espírito, e para sempre, o agnosticismo. O sol estava tremendo. Pelo meio da manhã, caiu um pouco de

chuva, porem a certa distância. Pela primeira vez, encontrei-me pessoalmente a conduzir os outros na oração.

«Senhor!» exclamei. «Sabeis o que a água representa para nós. O vento levou-a daquí. Está no vosso poder fazê-la vir outra vez. Isso é nada para vós, mas para nós é a vida. Ordenai que o vento sopre trazendo aquela chuva para cá, pois sem ela morreremos!»

Há coisas que não podem ser explicadas à luz das leis naturais. O vento não mudou, mas a cortina de chuva, recuando, começou a mover-se lentamente para o nosso lado, *contra* o vento, como se a dirigisse o impulso de uma mão onipotente.

Bebemos e armazenamos água. Aquela chuva, mandada, tão claramente, por Deus, ajudou-nos a resistir aos quatro terriveis dias que se seguiram.

Dos sete sobreviventes, era eu o único que não tinha a parte inferior do corpo coberta de úlceras, produzidas pela água salgada. Nossa escassíssima ração diária de água, dir-se-ia só tinha por efeito intensificar mais ainda a sede que nos devorava. A fome ia-nos levando as últimas energias. Rasgadas as roupas, queimava-nos e requeimava-nos, sem dó, o sol equatorial. Já se manifestavam em todos nós certos sinais de delírio. Não tenho dúvida alguma de que exclusivamente a fé em Deus, que em mim se revelara, poderia ter-me sustido, em semelhantes horas.

No décimo-oitavo dia, ao chegar o momento das preces, orei mais ardentemente do que nunca, e agora pela salvação. Ao terminar o serviço, senti-me como que restituido às minhas antigas forças. Era a ajuda que chegava.

Mal havia amanhecido o dia seguinte, vimos aproximar-se um avião. Gritamos e acenamos. O avião passou zumbindo cerca de três milhas adiante, sem nos ver. Teríamos talvez chorado, se houvesse em nós com que formar as lágrimas.

Pela manhã do vigésimo dia, Cherry separou-se de nós, alegando que, se as jangadas se dispersassem sobre uma área maior, haveria certamente maiores probabilidades de alguma delas ser vista. Parecendo-me o argumento muito lógico, tratei de fazer o mesmo. Na minha jangada achavam-se DeAngelis e o sargento Reynolds, que havia sido o radiografista da nossa Fortaleza Voadora.

Pela madrugada do vigésimo-primeiro dia, fui despertado por DeAngelis. «Jim,» disse-me ele, «pode ser que seja uma miragem, mas eu penso que vejo alguma coisa!»

A umas 12 milhas de nós, avistavam-se palmeiras! Não víamos, porem, em parte alguma, as duas outras jangadas. Apelando para os nossos remos de alumínio, demos início ao que viria a ser uma batalha de sete horas e meia, a ser vencida a remadas. Aí vim a render-me à evidência do segundo milagre. O que eu fiz durante a luta pode jamais ter sido feito sem o auxílio divino.

Meus dois companheiros se encontravam nas mais deploraveis condições. DeAngelis ajudava-me no remo; estava, porem, tão fraco, que só podia remar, seguidamente, alguns minutos. Reynolds jazia no fundo da jangada, os olhos a alguns centímetros para dentro das órbitas, a aparência de uma cabeça de morto.

Já quase a atingirmos a ilha, fomos colhidos por uma perversa corrente, que logo entrou a arrastar-nos de novo para o mar. Gritei por Deus, pedindo-lhe dar-me forças; mas gritei mais do que o vento, receando não ser ouvido.

Decorrida meia hora, percebí que

fazia progressos, dominando a corrente. Foi quando nova dificuldade surgiu: uns aguaceiros que estiveram a ponto de tirar-nos a ilha de vista. Volví-me novamente para os céus: «Meu Deus, não me abandoneis agora!»

E Ele não abandonou. No lance final, para chegar aos recifes, eu lançava contra as vagas os remos de alumínio. Não era entretanto eu mesmo, Jim Whittaker, quem realmente os lançava. Eu não teria mais força, sequer para manejar um alfinete. Nem tinha propriamente conciência de estar a exercer esforço algum; era como se os remos se movessem automaticamente, por si próprios, e as minhas mãos se limitassem a seguí-los. Havia outras mãos, que não as minhas, a pôr em atividade aquelas remos.

Hoje, inteiramente revigorado, eu hesitaria em afrontar aquela travessia. Entretanto, exhausto, com três semanas de fome, sede, e exposição ao tempo, pratiquei uma façanha que teria posto a prova qualquer homem robusto.

Chegamos aos rochedos. Arrastamos cuidadosamente a jangada, através dos agudos recifes de coral, até a um lugar de águas tranquilas. Às duas horas daquele vigésimo-primeiro dia, pisamos a terra da ilha. Estávamos salvos.

Ajoelhamo-nos, e elevamos a Deus as nossas graças.

Não tenho perdido ocasião alguma para contar esta história—a construtores de navios, aos que trabalham na construção de aviões, e nas indústrias de aço—a história das jangadas, e de como, no decurso daqueles dias terriveis, fui encontrar o meu Deus. Contá-la-ei sempre e sempre, enquanto vida me reste. Se é a maior aventura que um homem pode ter tido, é tambem a maior história que um homem pode contar.

¶ Eleonora Duse, a grande atriz, ofereceu-se uma vez para cuidar de um bebê de um ano de idade, enquanto seus pais saíam para fazer um passeio.

«Que é que a senhora fará, quando ele chorar?» perguntaram eles.

«Que farei? Cantarei,» respondeu a imaginosa Duse. «Conheço uma porção de truques para entreter crianças.»

Quando os pais voltaram, encontraram o filhinho sentado tranquilamente em seu carro, com os olhos no sofá, como se estivesse hipnotizado. Lá se achava a grande atriz, com a cabeça caida, a boca aberta, os olhos fechados. E roncava regularmente.

Devagarinho ela abriu os olhos e fez: «Psiu! Se eu interrompo por um segundo, ele chora.» E explicou: «Eu cantei, dansei, fiz caretas, representei todo o ato de *Paulo e Francesca*—e nada! Mas quando comecei a roncar—ele gostou logo!

—Mrs. Daniel Chester French, *Memories of a Sculptor's Wife* (Houghton Mifflin)

¶ *Uma fábula terrivel, inspirada pelos sofrimentos que o nazismo impôs à Holanda.*

ÓDIO

(Condensado de «Liberty»)

Por Hendrik Willem van Loon

Há três meses meu amigo estava na Haia a exercer tranquilamente a profissão de médico e a colaborar na ação secreta contra os nazistas. Um dia, chegou-lhe aos ouvidos que a sua prisão fora ordenada. Em tempo, fez uma fuga audaciosa para os Estados Unidos, e agora, ei-lo sentado em meu escritório.

Conversamos noite a dentro, até que, finalmente, a palestra veio cair sobre este assunto: o ódio—tema estranho para homens da Holanda, que nunca primaram por tal sentimento.

Depois da última guerra, os holandeses abriram os seus lares e os seus corações às crianças famintas da Alemanha, e, destas, dezenas de milhares ainda viveram anos na Holanda. Quando, entretanto, as hordas nazistas invadiram essa nação pacífica, a investida foi capitaneada por aquelas mesmas crianças, já no vigor da masculinidade. Metidos em uniformes holandeses que roubaram, confundiam-se com os nossos soldados e os fuzilavam pelas costas.

Grande parte de Roterdã foi arrazada por aviadores nazistas, em seguida à assinatura de um armistício. Middelburgo, a mais encantadora das velhas cidades holandesas, foi incendiada. Eu desejava saber se tão deliberada brutalidade afetara o carater holandês.

Após servir-se de outra chícara de chá, meu amigo ponderou:

—A maioria das pessoas que especulam sobre o que há-de ser o mundo após a guerra, passam inteiramente por alto uma coisa que será então da máxima relevância.

—E que coisa será essa? perguntei-lhe.

—O problema do ódio, e de uma conciência nacional tão profundamente ferida, que só poderá ser apaziguada por um ato de vingança tão horrendo quanto justo. Nas semanas que se sigam à conclusão desta guerra, haverá tal erupção de ódio e fúria na Europa, como o mundo jamais viu.

Mas deixe-me contar-lhe uma história. É mesmo uma espécie de história popular que os holandeses contam quando, à noite, se reunem sob o que ainda resta de suas casas. Ao ouví-la, você avaliará com que êxito os alemães vêm educando no ódio as suas vítimas holandesas.

Aí vai a história como ma contou:

Subitamente a guerra acabou, e Hitler foi preso, e levado para Amsterdã. Condena-o à morte um tribunal militar. Mas de que modo ele deveria morrer? Fuzilá-lo ou enforcá-lo, parecia muito rápido, e tambem muito piedoso. Então, alguem sugeriu o que estava no espírito de todos: o homem que causara tão imensos sofrimentos, cumpriria queimá-lo vivo.

—O inconveniente—objetou o juiz—é que a nossa maior praça pública, em Amsterdã, não comporta senão 10.000 pessoas, e 7.000.000 de holandeses, mulheres e crianças, quererão lá estar, para amaldiçoá-lo até os seus derradeiros instantes.

A essa altura, a outro juiz ocorreu uma idéia. Hitler deveria ser queimado num pelourinho, mas a madeira teria que inflamar-se pela explosão de certa quantidade de pólvora, para o que se faria um longo estopim, aceso em Roterdã, e que, sempre em fogo, iria indo através da estrada principal, rumo de Amsterdã, tomando o caminho de Delft, Haia, Leide e Haarlem. Assim, milhões de pessoas, enchendo as largas avenidas que ligam essas cidades, poderiam ver o estopim a queimar-se e a avançar para o norte, até à pira fúnebre de Herr Hitler.

Organizou-se um plebiscito para que a punição se assentasse com as formalidades devidas. Dentre 4.981.076 votos favoraveis, apenas um «não» apareceu. E esse «não» foi dado por um homem que preferia que Hitler fosse espedaçado por quatro cavalos.

Por fim, chegou o grande dia. A cerimônia começou às 4 horas numa manhã de junho. A mãe de três filhos, fuzilados pelos nazistas por um ato de sabotagem que eles não haviam praticado, acendeu o estopim, enquanto um coro entoava um hino de graças. A seguir, o povo rompeu numa aclamação de triunfo.

O rastilho, crepitante, ia indo lentamente de Roterdã para Delft, e, sempre a avançar para a grande praça de Amsterdã. De todas as partes do país tinha vindo gente. Assentos especiais haviam sido preparados para os velhos, os paralíticos, e ainda para os parentes de refens assassinados.

Hitler, enfiado numa comprida camisola amarela, fora acorrentado ao pelourinho. Guardou um silêncio estóico até o momento em que um meninote, trepando-se à pilha de lenha, nela colocou uma placa com estas palavras: «Este é o maior assassino do mundo.» Isso tanto o encolerizou, que não se conteve e explodiu numa de suas antigas arengas.

A multidão pasmou ante o espetáculo grotesco que era o desse homúnculo a declamar como se estivesse a dirigir-se aos seus asseclas. Sobreveio um tremendo rugido de escárneo que lhe impôs o silêncio.

Aproximava-se, agora, o grande instante do dia. Por volta das três horas da tarde, o estopim já andava pelos arredores de Amsterdã. De repente, ouviu-se um rufar de tambores, e o povo, então, cantou o *Wilhelmus*, que é o hino nacional. Hitler, lívido, retorcia-se inutilmente em suas correntes.

Quando o *Wilhelmus* terminou, o estopim distava apenas uns poucos metros da pólvora. Mais uns cinco minutos, e Hitler morreria da mais terrivel das mortes. A multidão irrompeu num trovejar de ódio. Um minuto passou, e outro mais. Refez-se o silêncio. Agora, a chamazinha, vinda de tão longe, estava só a alguns centímetros para concluir sua tarefa. Foi aí que se deu o inacreditavel.

Um homenzinho mirrado movia-se por entre a linha de soldados que davam guarda. Sabiam todos quem ele era. Dois de seus filhos haviam sido mortos à metralha por tropas paraquedistas; sua mulher e três filhas igualmente pereceram no holocausto de Roterdã. Desde então, o pobre homem parecia haver enlouquecido, vagando sem rumo, mantido pela caridade pública—um caso verdadeiramente triste de compaixão universal.

Mas o que ele fez no momento levou o povo a estremecer de cólera. Pisou o estopim, e apagou-o.

—Mata! Mata!—rugia a turba. O velho calmamente arrostou com a fúria do populacho. Vagarosamente, levantou os braços para o céu, e, com uma voz a transbordar de fúria, assim se pronunciou:

—Agora, vamos repetir isto tudo do começo!

Meu amigo estacou. Eu tremia.

—Sim,—concluiu ele—todas as vezes que conto esta história tambem tremo. Pois um ódio como o que a inspira é a peor coisa do mundo. Aí está o que quatro anos de bestialidade nazista podem fazer na alma de um povo inofensivo e pacífico. Deus nos conceda a graça de podermos viver até o dia em que tudo isso não passe de uma escura e triste lembrança dessa maldição de ódio que os tiranos deixaram atrás de si, ao descerem à ignomínia dos seus túmulos.»

A ponte de Sosnovkin

Os homens do engenheiro Sosnovkin, na frente de Rjev, resmungavam e praguejavam. Tinham que construir uma ponte sobre um rio próximo. Do outro lado, os alemães estavam à espera, vigilantes. Assim, a ponte tinha que ser construida de tal maneira que os nazistas não vissem os homens trabalhando, nem vissem a própria ponte depois de construida. Os operários olharam com assombro para o engenheiro, mas meteram mãos à obra.

Sosnovkin decidiu construir a ponte por partes, a 18 polegadas abaixo do nivel das águas do rio. Durante muitas noites, os seus homens se exercitaram em trabalhar sob a água, do seu lado do rio, fora do alcance das vistas dos alemães. Lançaram os pilares de madeira sobre alicerces de pedra no fundo do rio, e cruzaram vigas entre eles, usando porcas e parafusos untados com óleo. Todo o trabalho, dentro da água gelada e no escuro, foi feito pelo tato. Como a margem do rio em que os russos se achavam era baixa e plana, podendo facilmente ser vista pelo inimigo, Sosnovkin planejou construir a sua ponte de trás para diante, isto é, começando da margem oposta, a qual era formada de altos barrancos. Uma noite, quando as nuvens ocultavam a lua e a neve cobria o rio, os melhores nadadores dentre a turma de trabalhadores atravessaram o rio, levando pedras em padiolas; outros levaram as vigas, e, enregelados de frio, construiram as primeiras seções da ponte. Mergulhados na água até o peito, junto da ribanceira, feriam-se e sangravam, cortados pelos blocos de gelo que desciam pela correnteza; uma vez, os alemães pressentindo algo estranho, atiraram contra a escuridão suspeita, ferindo vários russos—mas na noite seguinte o trabalho foi recomeçado.

Uma manhã, o engenheiro Sosnovkin colocou pranchas sobre a delgada camada de gelo que cobria a sua ponte invisivel, e esperou. A artilharia soviética subitamente abriu um denso fogo de barragem. Sobre as posições germânicas caía uma chuva de projeteis. Os tanques russos, camuflados de branco para o inverno, sairam dentre as árvores e, baixando pelo leve declive da margem, encontraram a ponte. Esquadrão após esquadrão, os tanques carregaram contra os estupefactos alemães, e abriram a ofensiva do Rjev.

—*Time*

A conta de banco era sagrada

(Condensado do «Toronto Star Weekly»)

Por Kathryn Forbes

Todos os sábados Mamãe sentava-se na cozinha, e, franzindo a testa sempre tão serena, contava sobre a mesa muito limpa o dinheiro que Papai trouxera no envelope de pagamento.

Fazia então vários montinhos. «Para o aluguel,» dizia ela empilhando as notas maiores; «Para o armazem» era a outra pilha; «Para botar meia-sola nos sapatos de Karen», e para isto separava algumas moedas.

«A professora disse que esta semana preciso de um caderno novo,» acrescentava invariavelmente um de nós, ora Dagmar, ora Kristin, Nels ou eu.

E Mamãe, muito séria, separava um cinco ou dez centavos para o caderno.

Nós observávamos, com palpitante interesse, a pilha que ia diminuindo. Finalmente Papai perguntava: «É tudo?» e quando Mamãe dizia que sim, nossa atenção enfim relaxava e podíamos pegar nos livros para preparar as lições. Ela, então, levantava a cabeça e murmurava sorrindo: «Está tudo bem, não temos que tirar dinheiro do banco este mês.»

Aquele dinheiro que Mamãe tinha no banco era uma coisa maravilhosa. Sentíamos muito orgulho com aquilo, principalmente pela sensação de apoio e segurança que nos dava. Nenhum de nossos conhecidos tinha dinheiro no banco.

Ainda me lembro quando os Jensens, que moravam na mesma rua, tiveram ordem de despejo porque não podiam pagar o aluguel. Vimos uns homens grandes e estranhos entrar pela casa deles e levar toda a mobília; reparamos discretamente que a senhora Jensen chorava, envergonhada, e de repente isto nos encheu de medo. Então era aquilo o que acontecia às pessoas que não tinham aquele montinho chamado «Aluguel», e será que esta desgraça, esta brutalidade poderia acontecer-nos tambem?

Sentí a mãozinha quente de Dagmar que apertava a minha: «Nós temos dinheiro no Banco,» disse-me ela, e eu pude enfim respirar.

Quando Nels terminou o curso ginasial e quis entrar para uma escola de comércio, Mamãe disse: «Está bem», e Papai concordou em silêncio. Entusiasmados sentamo-nos em volta da mesa, eu fui buscar o cofre pintado de cores alegres que Tia Sigrid nos mandara da Noruega pelo Natal, e coloquei-o solenemente em frente a Mamãe.

Aquilo era a «Caixa» e não tinha nada que ver com o «Banco» da cidade. A «Caixa» era usada para as emergências,—para pagar o médico que tratou de Karen quando ela quebrou o braço, para a farmácia, quando Dagmar estava de crupe e Papai teve que ir comprar um remédio que ferveu na panelinha.

Nels sabia exatamente quanto ia custar o curso que queria fazer, e tinha tudo escrito direitinho num papel: tanto para o curso, tanto para os livros. Mamãe estudou aqueles números durante algum tempo, e depois contou quanto havia na Caixa. Não chegava.

Levantando o queixo firme, disse-nos, com doçura: «Mas nós não queremos mexer no Dinheiro do Banco...» E todos concordamos em silêncio!

Nels imediatamente sugeriu: «Eu posso trabalhar durante estas férias no armazem do sr. Dillon.» Mamãe sorriu satisfeita e, lentamente, escreveu uma quantia; depois somou e subtraiu. Papai, que era bom na aritmética, fez o cálculo de cabeça: «Ainda não chega...» Então, tirando o cachimbo da boca, contemplou-nos um momento, e depois anunciou: «Vou deixar de fumar.» Mamãe pôs a mão sobre a dele, e não disse nada; apenas escreveu outra quantia.

«Eu posso tomar conta dos filhos dos Sonderman nas sextas-feiras à noite», disse eu, e, vendo a expressão do olhar de minhas irmãs mais moças, acrescentei: «Kristin, Dagmar e Karen podem me ajudar.»

«Está bem,» disse Mamãe. E sentimo-nos todos muito satisfeitos, pois tínhamos vencido mais uma etapa dificil sem ter que recorrer ao Dinheiro do Banco. Iríamos nos arrumando com a Caixa.

Lembro-me que naquele ano ainda muita coisa conseguimos graças àquela Caixa. O vestido de Karen para a representação no colégio, a operação de amígdalas de Dagmar, meu uniforme de Escoteira. E sempre, por trás de tudo, tínhamos aquela sensação confortadora de que, se por acaso nossos esforços falhassem, havia o Dinheiro do Banco.

Mesmo quando houve a greve, Mamãe não deixou que ficássemos muito preocupados. Pusemo-nos todos ao trabalho para que a ida fatal ao Banco da cidade pudesse ser adiada. Aquilo já se tornava um desafio, e nós não podíamos dar-nos por vencidos; por isto ninguem reclamou quando tivemos que botar o sofá da sala na cozinha, para podermos alugar a sala da frente.

Nesta época Mamãe ia de vez em quando trabalhar na padaria da esquina, e em pagamento recebia um saco cheio de pão dormido e bolos. E, como ela dizia, pão do dia nunca foi bom para a saude, e bolo aquecido no forno era quase tão bom quanto fresco.

Papai lavava garrafas na leiteria, todas as noites, e pelo serviço recebia três litros de leite fresco e todo o leite talhado que quisesse levar; com este Mamãe fazia queijos ótimos.

No dia em que a greve acabou, e Papai pôde voltar para o trabalho, parece que Mamãe ficou mais erecta, como quem de repente deixasse de carregar um peso...

Contemplou-nos com certo orgulho: «Está tudo bem», disse sorrindo. «Estão vendo? Afinal de contas não tivemos que ir ao Banco.»

Um dia, até parece que foi subitamente, estávamos todos crescidos e trabalhando. Uma por uma fomo-nos casando e deixando o lar. Papai parece que diminuiu um pouco de tamanho e as tranças loiras de Mamãe começaram a ficar prateadas. A última prestação pela compra de um prédio foi paga; tínhamos agora casa própria, e Papai começou a receber a pensão.

O ano passado vendí meu primeiro conto. Quando recebí o cheque, fui correndo para Mamãe, e, pondo-lhe o papel no colo, disse-lhe: «Para você depositar na sua conta do Banco.»

Ela pegou no cheque, e pensou um momento: «Está bem», respondeu, e seus olhos estavam úmidos de orgulho.

—Amanhã, disse-lhe eu, você leva este cheque para o Banco.

—Você vem comigo, Kathryn?

—Não preciso ir, Mamãe. Veja, eu já endossei no seu nome. É só entregar ao caixa do banco, e ele deposita na sua conta.

Enquanto ela me olhava, esboçou-se um sorriso na sua fisionomia:

—Eu não tenho conta nenhuma, minha filha. Nunca entrei num banco na minha vida!

A maravilha das coisas simples

¶ Há uma crença, comum entre os solitários lenhadores, de que todas as cores e todas as nuances de cor às quais uma árvore está exposta, durante a sua existência, aparecem nas chamas do fogo feito com essa árvore. Se olharmos intensamente a chama produzida por um carvão de pedra vegetal, encontraremos os tons róseos e violetas da madrugada, os azues dos céus, o fulgor do sol a pino, a negrura das nuvens tempestuosas, a púrpura do ocaso, a brancura irradiante do luar e a transparência refulgente das estrelas.

—Larry Foster, *Larry* (John Day)

¶ Claude Monet, o grande pintor francês, costumava sair de madrugada, levando as telas, as tintas e uma cesta com comida. Instalava-se diante de um monte de feno—um vulgar monte de feno no campo—e começava a pintar. Passava o dia inteiro pintando, tela apos tela, até que escurecesse. Uma dúzia de pinturas—e todas do mesmo monte de feno! Mas que infinita variedade de tonalidades de cor! À medida que as horas passavam, da manhã ao crepúsculo, a luz ia-se refletindo no monte de feno, tocando-o de todos os ângulos e com os mais variados graus de intensidade. —Guy N. Pocock, *The Little Room* (Dutton)

¶ Na manhã seguinte à minha chegada a casa do Professor Oskar Bredfeld, na Alemanha, onde fui estudar cogumelos, o servente do professor apareceu, marchando: trazia, com toda a solenidade, um prato cheio de fezes de cavalo. Com uma reverência, colocou o prato sobre a minha mesa, cobriu-o com uma campânula de vidro, e assegurou-me que se tratava de um «material» absolutamente fresco e perfeito. Por mais incrivel que pareça, depois de vencer a minha repugnância inicial, passei três semanas, das mais instrutivas e agradaveis de minha vida, estudando as interessantes formas que, uma por uma, vagarosamente iam aparecendo naquela massa que se desintegrava: o rápido crescimento dos esporos, seu desenvolvimento e sua variada formação.

—David Fairchild, *The World Was My Garden* (Scribners)

¶ Meu pai cultivava vegetais como outros homens pintam quadros. Antes mesmo de lançar as sementes, ele planejava, imaginava, previa: tinha em mente a visão da sua horta-jardim, e plantava-a de acordo, como se dispusesse de uma paleta. Os vermelhos, os escarlates e os carmezins vinham com os rabanetes, os tomates e os repolhos; os verdes esmeraldas com as alfaces e as vagens; os amarelos e laranjas com as cenouras, e a cor de oiro com as abóboras; os tons roxos com as beringelas. Comprazia-se com a composição do plantio e com a forma das folhagens: e, tanto quanto sua mão podia governar, a tela reproduzia sua visão. —Della T. Lutes, *The Country Kitchen* (Little, Brown)

A aviação poderia vencer a Alemanha este ano

Algarismos britânicos mostram como isto poderia ser feito, ainda este ano, se desde agora, consagrássemos o número suficiente de aviões a uma grande ofensiva aérea.

Por Francis Vivian Drake

Informações procedentes da Inglaterra dão a conhecer pormenores dos efetivos estragos causados à Alemanha pelo Comando de Bombardeiros da RAF em 1942. Estas informações proporcionam, pela primeira vez, uma impressão completa da força aérea empregada como arma de ofensiva primária contra uma nação em conjunto, e num determinado período.

A punição aplicada à Alemanha em 1942 foi realmente séria. E entretanto executou-a uma força de bombardeio muito reduzida, se posta em confronto com a atual produção dos Estados Unidos.

Em 1942, nem um só bombardeiro da Força Aérea dos Estados Unidos voou sobre a Alemanha. O Comando de Bombardeiros da RAF tomou o serviço a seu cargo—posto que representasse apenas 10 por cento da força total britânica no ar. Afim de levar a cabo um dos seus raros raides de 1.000 aviões, teve o dito Comando que raspar tudo o que encontrou nos seus hangares em condições de voar, chegando a tomar de empréstimo aparelhos e pilotos das esquadrilhas de reserva e escolas de treinamento de bombardeiros. Sem embargo, ao que hoje se sabe, se os bombardeios de mil aparelhos tivessem sido mantidos de junho em diante, não seria de estranhar que a Alemanha se encontrasse, à altura do Natal, industrialmente paralisada. Quer isso dizer que a Alemanha poderia estar subjugada antes do Natal vindouro, se os passos para tal fim fossem agora tomados com acerto.

O plano de destruir a Alemanha pelo ar não promana porventura de estrategistas de fancaria. Tem por si a autoridade de altos oficiais de aviação, e dos profissionais que observaram, noite após noite, o território do Reich, através de suas alças de lança-bomba, analisaram as fotografias depois de cada raide, estudaram os relatórios do Serviço de Informações, e apuraram as exatas proporções da destruição infligida ao inimigo.

O marechal do Ar, Sir Arthur T. Harris, chefe do Comando de Bombardeiros da RAF, teve ocasião de declarar, enquanto os ataques se desenvolviam, em 1942: «Se eu pudesse despachar toda noite mil bombardeiros contra a

Francis Vivian Drake, inglês de nascimento, há trinta anos que é técnico de aviação. Estudou aerodinâmica sob a direção de Handley Page, especialista britânico em projetos de aviões, e, de 1915 a 1917, serviu como piloto de caça no Real Corpo de Aviação. Ferido em 1917, foi mandado para os Estados Unidos afim de servir como instrutor de pilotos americanos e canadenses. Finda a guerra, ficou em Nova York, entregue a negócios. Declarado o atual conflito, escreveu artigos em diversas revistas, pregando a construção imediata da maior quantidade possivel de bombardeiros pesados de grande alcance.

Alemanha, pô-la-íamos fora de ação antes do outono.»

O major-general Ira C. Eaker, comandante da Oitava Força Aérea dos Estados Unidos na Inglaterra, resumiu assim as suas impressões:

> «Há nas Ilhas Britânicas, construidos e em construção, aeródromos suficientes para acomodar as forças aéreas que se tornam necessárias para destruir a Alemanha. Destruindo-se as fábricas de aviões do inimigo, eis acabada a sua força aérea. Destruindo-se as suas vias de comunicação e fábricas de munições, detêm-se praticamente os seus exércitos. Destruindo-se os seus estaleiros, impossivel lhe será construir submarinos. Não há nada que, passivel de ser destruido a tiro de canhão, o não possa ser por bombas.»

Aí estão as conclusões de chefes de força aérea, da Grã Bretanha e dos Estados Unidos. Mas as autoridades militares investidas em postos supremos não lhes têm dado a merecida atenção. Há ainda hoje, na Inglaterra, apenas um punhado de aviões de bombardeio americanos, e o Comando de Bombardeiros da RAF, longe de aumentado este ano, tem-se visto, ao contrário, reduzido, em proveito de operações esparsas por toda parte.

Tanto Harris como Eaker se firmam no novo princípio militar do assalto *vertical*, segundo o qual a vitória, na moderna guerra mecanizada, é melhor assegurada pelo ataque, direto e concentrado, ao gerador industrial que alimenta as linhas de frente do inimigo. Os comandantes do ar acreditam que é mais eficaz—e, ao mesmo tempo, mais rápido e menos dispendioso—eliminar o inimigo, indo-lhe ao coração com bombas, do que seguindo-lhe nos calcanhares, a tiro.

No ataque vertical à Inglaterra, foi um erro de inexperientes que privou a *Luftwaffe* da vitória. Os nazistas começaram por expor, em operações diurnas, bombardeiros lentos, relativamente mal armados e de pequena carga, à plena fúria dos aviões de combate britânicos. Sofreram então, desde logo, perdas de tal vulto, que não puderam mais organizar ataques noturnos em massa, numa escala decisiva. Mas a RAF não tardou a aprender, pela experiência da Luftwaffe, que o ataque vertical *decisivo* depende da capacidade de despejar imensas tonelagens sobre áreas concentradas, sem sofrer baixas tão grandes que impeçam ou comprometam seriamente o prosseguimento da ação. Trataram assim os ingleses de rever devidamente seus aparelhos e técnicas, de acordo com as provas práticas que haviam testemunhado, e o fato é que a ofensiva desencadeada pela RAF em 1942 demonstrou, de modo inequívoco, as tremendas potencialidades do novo sistema.

Quem quiser, entretanto, saber o que representa e custa o ataque *lateral*, terá no conflito russo impressionante exemplo. Sem embargo de orçar por milhões o número de feridos e mortos, as partes em luta se encontram ainda, por assim dizer, no mesmo território em que se achavam dezesseis meses atrás. Uma campanha coroada de êxito, na África do Norte, exprimirá tão somente o primeiro passo no rumo das cidadelas germânicas; e a do sudoeste do Pacífico, se tem sido necessária para preservar a Austrália, há contudo a reconhecer que como ofensiva propriamente, é apenas a primeira de uma série, no longo caminho a vencer passo a passo, até chegarmos a Tóquio.

Nenhuma destas linhas de frente será capaz de ferir ou neutralizar o inimigo, nas suas fontes de produção

essencial à guerra; ao passo que se verá, no quadro que se segue, como a campanha de bombardeio vertical de 1942, infinitamente menor e menos custosa, fez sentir profundamente os seus efeitos sobre o Reich e a sua máquina de aparelhamento militar:

Raides contra a Alemanha	221
Toneladas de bombas despejadas sobre território germânico	37.000
Estimativa do número de fábricas destruidas	2.000
Estimativa do número de casas destruidas ou seriamente danificadas	558.000
Estimativa da população evacuada	750.000
Estimativa da porcentagem de indústria de guerra destruida	7 por cento

Todos esses estragos foram infligidos por uma pequena quantidade de homens—*inferior à dos que participaram no raide de Comandos, lançado contra Diepe*. Usaram eles, em qualquer das fases da luta, menor número de bombardeiros do que o produzido atualmente, por mês, nos Estados Unidos. Se tal força, tão deficiente, destruiu sete por cento da potência industrial germânica, que seria necessário para levar por diante a destruição, até que a Alemanha se visse na impossibilidade absoluta de suprir os seus exércitos?

Ao que revelam os relatórios do Serviço de Informações, a destruição de sete por cento, causada por 37.000 toneladas de bombas, importou em pressão terrivel sobre as fábricas de guerra nazistas, já sobrecarregadas pelo esforço para manter as duas frentes de guerra, na Rússia e na África do Norte. Acreditam os técnicos que, com 40 por cento de destruição—o que se realizaria, na mesma base, com 225.000 toneladas de bombas—a Alemanha provavelmente não poderia continuar a guerra. Algumas autoridades britânicas opinam que 33 por cento de destruição, ou sejam 180.000 toneladas de bombas, seriam suficientes para reduzí-la à impotência.

Os aviadores, propriamente, fazem de outro modo os seus cálculos. Considerando a totalidade da área da indústria de guerra germânica, cerca de 1.000 milhas quadradas, verificam que as partes que interessam, sob o ponto de vista em causa, ocupam apenas, aproximadamente, 400 milhas quadradas. Ora, 600 toneladas, mais ou menos, de bombas, inclusive incendiárias, põem abaixo uma milha quadrada, o que equivale a dizer que 240.000 toneladas esmagarão toda a área industrial da Alemanha, pelo método de raides noturnos posto em prática pela RAF.

O programa americano de bombardeio diurno de precisão, com o seu alto grau de exatidão, é presumivelmente capaz de infligir maior dano industrial com desperdício menor que o dos ataques à noite, da aviação inglesa. Fosse ele aplicavel ao caso, e a quantidade de bombas exigida para destruir a indústria de guerra alemã poderia reduzir-se consideravelmente.

Todavia, desde que o método americano depende de luz do sol e boa visibilidade, teremos que os bombardeiros se verão embaraçados pelos aviões de combate, e não poderão chegar ao coração do inimigo, como, noite após noite, fez a RAF, a menos que sejam empregados em proporções bastantes para levar de vencida as ondas sucessivas daqueles, a que certamente os nazistas recorrerão, na hipótese.

Com o formidavel armamento de que são providos os Liberators e Fortalezas Voadoras dos Estados Unidos, uma força de algumas centenas estaria provavelmente em condições de defender-se com êxito. Mas, pelo menos até agora, não existem na Inglaterra bombardeiros americanos na quantidade precisa para operações de tal porte. As-

sim, o bombardeio de precisão do Reich, em grande escala, não pôde, por enquanto, ser tentado.

É de supor que os dois métodos, o inglês e o americano, possam ser combinados. Em qualquer caso, o ponto essencial é a concentração de bombardeiros em quantidade própria para, de dia ou de noite, lançar sobre a Alemanha a tonelagem de bombas que for de fato precisa para paralisar-lhe a indústria.

A capacidade de carga de bombas, dos bombardeiros americanos e ingleses, varia de duas e meia a oito toneladas. A carga média, a médio raio de ação, é de quatro toneladas. Portanto, para despejar as 240.000 toneladas julgadas suficientes para desmantelar a Alemanha, impõe-se que mil bombardeiros voem sobre os alvos sessenta vezes. Devido a condições atmosféricas, a melhor média com que se pode contar é de dez raides por mês. Uma série de raides de mil aparelhos levaria, por conseguinte, no máximo, seis meses, para vibrar no coração do Reich o golpe decisivo.

Semelhante bombardeio contínuo implica a existência, para cada aparelho no ar, de dois em terra, de modo que funcionem devidamente os serviços de aprovisionamento e reparos. Ter-se-á, pois, que dispor de uma força permanente de três mil bombardeiros, para se poderem manter, de modo conveniente, raides de mil aviões. Os da RAF sobre Colônia, Essen, etc., forneceram algarismos animadores, quanto a despesas com substituições. Antes deles, o coeficiente de perdas infligidas pelo inimigo montava, em média, a cerca de 10 por cento. Neles, entretanto, esta média baixou a 4 por cento, graças à desorganização, em geral, das defesas terrestres do adversário, elevando-se a 6 por cento, se levarmos em conta os prejuizos resultantes de acidentes, de decolagem e aterragem, evidentemente mais frequentes em operações noturnas. Para raides de mil aparelhos, nas condições figuradas, essa porcentagem representa sessenta aviões em cada incursão, ou seiscentos por mês.

Recapitulando e resumindo: Seria preciso um máximo de 240.000 toneladas de bombas, empregadas por uma força total de três mil bombardeiros pesados, com um máximo de substituições de seiscentos bombardeiros por mês, para esmagar, em seis meses, a indústria alemã.

Disporemos de tal força?

A produção americana e inglesa, de bombardeiros médios e pesados, incluindo guarnições, armamentos, e tudo o que lhes é essencial, *excede presentemente a mil por mês*. E tende a aumentar. Todos estes aviões são inteiramente apropriados a bombardear qualquer alvo na Alemanha industrial.

Não se suponha, entretanto, que bombardeiros, nas proporções devidas, serão porventura destinados, este verão, ou seja mesmo este ano, a levar a cabo a empresa. No momento, quer os Estados Unidos, quer o Comando de Bombardeiros Britânico, anseiam por aviões. O general Eaker descreveu o de que dispunha, em março de 1943, como nada mais que «uma força simbólica». A aviação aliada está ainda a ser usada como arma defensiva, para apoio de outras linhas, em vez de o ser como arma decisiva, senhora da sua órbita de ação. Vê-se disseminada por toda parte, em campanhas de pouca envergadura, nenhuma das quais, por si mesma, poderá concebivelmente pôr fim à guerra.

Se assim acontece, é porque as nossas concepções militares são ainda orientadas pela velha tradição das batalhas navais e exércitos em marcha. Só se compreende a vitória obtida por tais meios, de modo que a força aérea continua a ser julgada uma simples arma de apoio para as operações de terra e mar. Modifique-se, de um momento para outro, esse estado de espírito, e uma força de bombardeio pode ser prontamente reunida—nem é outra coisa o que desejam os comandantes e chefes da aviação aliada—para empreender diretamente, decisivamente, a destruição da Alemanha. Sem reduzir o número de bombardeiros de longo alcance efetivamente necessário para *manter* as outras frentes de guerra, é possivel uma ofensiva anglo-americana nas seguintes bases:

Força total	3.000 bombardeiros
Força média, por noite	1.000 bombardeiros
Substituições, por mês	.600 bombardeiros
Porcentagem de produção conjunta no respectivo período	60%
Média de vôos noturnos por mês	10
Tonelagem média de bombas, por noite, a depender da distância do alvo (em Coventry, na peor noite, 210 toneladas)	4.000 toneladas
Tonelagem média de bombas, por mês	40.000 toneladas
Tonelagem de bombas, por ano... (*Blitz* sobre Londres, total para 11 meses, 7.500 toneladas)	480.000 toneladas

De bases de operação já se dispõe nas Ilhas Britânicas. Não falta, por outro lado, combustivel. Equipamentos a ser transportados, seriam, em todo caso, uma fração do serviço correspondente para uma grande ofensiva terrestre, e o percurso—o que leva à Inglaterra—é precisamente o mais curto entre as nossas artérias de suprimento.

A campanha, no conjunto, exigiria menos de metade da produção total de bombardeiros de 1943, e a China, a África do Norte e as outras frentes poderiam contar com muito mais bombardeiros do que têm tido. Não esqueçamos, porem, sobretudo, que, pelo caminho indicado, não estaríamos realizando algum objetivo secundário: poderíamos de fato vencer no teatro de guerra europeu, antes do fim deste ano.

O «*corredor*» *polonês*

¶ Depois da queda da Polônia, muitos marinheiros poloneses foram colocados em destróieres britânicos, antes de lhes serem dados navios próprios. Um desses destróieres encontrou-se com um submarino nazí, que se achava à superfície, abalroou-o e afundou-o. O capitão do destroier deu ordens para que os sobreviventes nazistas, que se achavam à tona, nas vizinhanças do navio, fossem içados para bordo. Disse ele que nunca vira tantos marinheiros alemães. A tripulação do seu navio nunca terminava de tirar os sobreviventes da água. Mas o mistério se aclarou, quando o capitão, por acaso, olhou para o lado oposto do convés do destroier. Tão depressa quanto os marinheiros ingleses iam içando os nazistas, de um lado, os marinheiros polacos, do outro lado, iam atirando todos de novo no mar!

—Bennett Cerf, *Saturday Review of Literature*

¶ *Produto do estado atual de guerra, esta experiência pode frutificar espiritual e materialmente no futuro.*

Operários e patrões unidos na produção

(Condensado da «Factory Management and Maintenance»)

Por Stuart Chase

GERENTES de empresas e operários, por toda parte se estão pondo de acordo, nos Estados Unidos, para intensificar a produção e acelerar o advento da Vitória. Sem querer fazer profecias, limitar-me-ei aquí a registar um acontecimento impressionante, que pode ser o ponto de partida da paz industrial futura—sob a condição de que os hábitos e processos agora em formação se mantenham quando a guerra tiver acabado.

Dê-se o amigo leitor ao trabalho de vir comigo assistir à reunião de um desses novos Conselhos de Produção de Operários e Patrões (*Labor-Management Production Committees*), para ver como eles funcionam.

A cena é o espaçoso salão de reuniões de uma grande companhia de Nova Jersey, que emprega atualmente para cima de 6.000 operários, sob o regime de contrato coletivo de trabalho com o Congresso de Organização Industrial (CIO), a grande federação sindical norte-americana. Em volta de uma vasta mesa estão sentados dez homens. Sou apresentado a todos eles, um por um, e faço esforços por distinguir operários de patrões: não é facil tarefa... Todos envergam bons ternos de passeio, e todos se exprimem bem, com fluência. De repente fere-me a conciência este fato de transcendente alcance: como as fronteiras de classe se estão apagando rapidamente, no mapa social dos Estados Unidos...

À medida que os escuto, vou notando outro traço flagrante que estes homens apresentam em comum: todos eles parecem estar do mesmo lado da causa em discussão—e a causa consiste essencialmente em saber como é que se poderão produzir munições *mais depressa e melhor*.

O Conselho Central de Produção é composto de quatro operários e quatro gerentes. Alem deles, há ainda o membro encarregado de registar as sugestões do pessoal—tarefa que lhe absorve todo o tempo e reclama toda a sua atividade—e o chefe da seção de publicidade, que dá a inspiração para todos os cartazes e demais material de propaganda do conselho.

Cada um desses indivíduos emite sua franca opinião sobre os itens da ordem de trabalhos. Não há conflitos, e as divergências de critério me parecem mais de carater pessoal, do que resultantes do antagonismo capital-trabalho.

O conselho discute neste momento um novo tipo de «caixas de sugestões», e um gênero novo de recompensas. É lido um relatório sobre os resultados do sistema atualmente em vigor, e verifica-se que, em seis meses, se receberam umas 800 sugestões, das quais cerca de 25 por cento foram adotadas. A mim parece-me isso um sinal de excelentes

resultados, mas o conselho é que não se dá por satisfeito.

«Podemos pôr em movimento muito mais gente,» diz o secretário. «Os homens e mulheres que trabalham às máquinas sabem muito bem, por seus olhos e por suas mãos, o que é que está pedindo melhoramento nesta fábrica. Devíamos ter mais de 25% de sugestões aproveitadas.»

A recompensa por uma idéia aprovada era, até à data, uma placa que o trabalhador pregava ao peito ou na lapela. Alguem propõe agora que se ofereçam como prêmio títulos de guerra de 50 dólares. Para a melhor sugestão do mês seria estabelecida uma recompensa especial de 100 dólares em títulos de guerra, cabendo a mesma ao empregado que tivesse apresentado, no decurso do mês, o maior número de idéias aproveitaveis. A discussão torna-se animada.

—Se oferecemos um pequeno título de guerra como prêmio por uma idéia que economiza milhares de dólares à companhia, não poderá o operário considerá-lo ridículo?

—Não se trata de partilhas entre o operário e a empresa! Um e outra só procuram contribuir para ganharmos a guerra.

—Está direito! diz o presidente.—A companhia não vai amontoar lucros provenientes de quaisquer economias a que essas idéias dêem lugar. Esses lucros se aplicam em impostos; ou então os contratos com o governo serão revistos, corrigindo-se os algarismos. Não é esta a altura de pensar em fazer dinheiro. Tudo o que nos cumpre agora fazer são munições!

Os operários pouco ou nada sabem de formalidades contratuais, nem de impostos sobre o excesso de lucros. Como será possivel fazê-los compreender a situação?

—Isso agora é alí com Ed (o chefe da publicidade). Um bom cartaz, tão explícito que até as moças dos ascensores possam perceber à primeira vista...

O presidente volta-se então para um dos representantes do Trabalho:

—A que resultados chegou você com esse teste de absenteismo, Tom?

—Excelentes! Temos os registos deste departamento, e escolhemos os 50 casos peores. Em seguida pusemos em cima da banca de trabalho de cada um deles um exemplar do folheto «Ausente ao Toque de Reunir». O folheto mostra a imagem de um soldado morto nas linhas de fogo, devido a que os suprimentos não chegaram em tempo. Fizemos a coisa de modo que todos os homens vissem bem. Dos 50 retardatários e faltosos, só um tem chegado tarde desde então.

—Não ficaram zangados?

—Zangados? Ficaram danados! Mas não era a gerência que os censurava—éramos nós, os camaradas...

É uma cena, esta reunião, que produz um estranho sentimento. Não se trata aquí de «conflitos de trabalho». Não estamos na presença de delegados das uniões operárias, fazendo reclamações, frente aos empregadores. Estamos, ao contrário, na presença de seres humanos que cooperam para alcançar certos objetivos, e nesse processo de cooperação obliteram-se as linhas que, teoricamente, pareciam antes dividí-los...

Estes Conselhos de Operários e Patrões foram propostos por Donald Nelson, chefe da Comissão Federal de Produção para a Guerra (WPB) nos começos da Primavera de 1942. A sugestão foi bem aceita pelo operariado. Mas os

industriais deixaram escapar lamentos. Parecia-lhes aquilo mais um meio subreptício de entregar a gerência da produção às uniões operárias. Nelson assegurou aos industriais que não se tratava de tal; e mais, o plano não tinha nada que ver com reclamações operárias, nem contratos de trabalho. O seu objetivo exclusivo e bem definido era a produção e o «moral» industrial, nada tendo que ver com salários e horários de trabalho.

Os protestos da Indústria acalmaram consideravelmente graças a essas explicações tranquilizadoras, e os conselhos entraram a constituir-se, havendo hoje cerca de 2.500 nos Estados Unidos.

Visto o escopo principal do plano ser a aceleração da produção, vamos agora visitar o lugar onde têm origem as sugestões para o aumento da mesma.

Entramos numa imensa sala cheia do zumbido dos tornos-revolver. Acolá naquele canto, a uma banca coberta de ferramentas manuais, está sentado um homenzarrão de cabelo ruivo, com olhos azues e uma forte queixada. Tem por função reparar os cunhos. Foi quem recebeu, nesta fábrica, o prêmio da melhor sugestão. Desenhou por sua iniciativa um novo jogo de cunhos que reduziu de 20 por cento as operações de fabrico de uma importante peça do material de combate a incêndios, destinado a navios e aviões.

Aperto-lhe a mão, grande e robusta, felicito-o, e pergunto-lhe se vem pensando em alguns novos melhoramentos.

—Com toda certeza. Estou trabalhando em quinze novas idéias...

E de um escaninho da mesa tira uma lista clara e cuidadosamente manuscrita.

—Em que momento do dia se dedica a pensar nestes assuntos? pergunto.

—É quando venho para a fábrica, guiando o carro. E tambem quando os cunhos partidos vêm dar à minha banca, e tenho que achar a maneira de se partirem menos.

—Diga-me cá: antes de inaugurada a campanha pró-produção, na primavera passada, você apresentou alguma sugestão?

—Não senhor. Trabalho aquí faz muitos anos, mas sempre guardei as idéias pra mim só.

—Porque?

—Porque o contra-mestre podia pensar que eu lhe queria tirar o lugar. Era capaz de ficar zangado comigo...

—E agora?

—Não senhor. Agora cada qual dá o mais que pode. Eu apresento todas as idéias que me venham à cabeça, a não ser que sejam tolas. Isso tambem acontece uma vez por outra, uma idéia parva... Mas hoje em dia são mais as boas que as más. Por exemplo, olhe aquí esta tira de metal...

Se o deixassem, o sujeito podia ter ficado toda a tarde a explicar-me aquelas excelentes idéias técnicas—que antigamente aferrolhava na cabeça, só para ele...

Em três das fábricas que visitei, fui encontrar bem organizados sistemas de transporte em comum, que funcionavam com matemática precisão sob a direção de comitês.

Em certa fábrica produzem-se mangueiras de metal, que são de importância capital para os motores de aviões bombardeiros. O comitê obteve um motor completo de avião, do último modelo, montou-o num pequeno caminhão, e deu com ele uma volta completa por todas as seções, para que todos os empregados pudessem ver exatamente como o seu trabalho ia integrar-se no

motor e, por ele, no esforço de guerra.

Outro comitê pôs em prática um sistema de «monitores», por meio do qual todos os dias, em cada seção, se elege um operário para atuar no carater de «agente da ordem». A sua tarefa consiste em percorrer a oficina para verificar se existem possiveis origens de incêndio, iluminação incapaz, caixotes ou outros tropeços deixados no caminho (causa frequente de acidentes), passagens obstruidas, limalhas ou detritos que se tenham deixado de limpar. A oficina é dele, nesse dia; anda por alí como um polícia. É uma boa idéia, pois desse modo, cada um dos operários da fábrica sentirá, a seu turno, uma espécie de responsabilidade pessoal pelo estado de asseio e a eficiência da sua oficina.

São talvez pequenas coisas, estas que íamos observando, concordo. Mas em duas dúzias de lugares notamos a energia latente, a boa-vontade e a inteligência do operário comum, assim trazidas à luz e estimuladas, e que, uma vez por outra, se revelam capazes de inovações que importam em alguns progressos técnicos verdadeiramente brilhantes.

Desde que se implantou a era industrial, essas energias latentes do operário vinham sendo abafadas, nos «negros engenhos do Diabo» (como os chamou William Blake), com incalculavel prejuizo para a civilização. Hoje, porem, nas fábricas onde os conselhos de produção meteram de verdade ombros ao trabalho, estão-se lentamente reconhecendo e explorando grandes e ricas minas de esforço humano. Que torrentes de riqueza—espiritual e material—não dariam elas à indústria, aos operários, à nação inteira, se fosse possivel libertá-las por completo!

Iremos acaso abandonar essas minas, quando acabar a guerra? Nem um só dos mestres e operários a quem falei pensa que assim deva ser. Acreditam unanimemente que algo de novo se descobriu, demasiado precioso para que se relegue ao abandono: um sistema de cooperação entre operários e empresas, que parece anunciar, como o exprimiu o presidente de uma delas, «a aurora de um novo dia»!

Espertezas de primitivos

Os FUZILEIROS navais ianques, no sudoeste do Pacífico, algumas vezes levam «mantas» vergonhosas dos nativos. Entretanto, certo jovem e ladino fuzileiro fez alguns entalhes estranhos em um cachimbo, que havia comprado por um dolar numa loja do seu bairro, antes de embarcar, e foi ver um chefe nativo dos arredores, a quem, depois de certa conversa «mole», vendeu o cachimbo por 75 dólares.

Alguns dias depois, o fuzileiro ficou grandemente surpreso, vendo que seu comandante estava fumando, visivelmente satisfeito, o mesmo cachimbo. Prudentemente, perguntou-lhe: «Quanto quer por ele?—Não o venderia por uma fortuna, replicou o oficial.—Este cachimbo é um troféu, guardado há séculos por uma tribo, e foi preciso um trabalho dos diabos para que um dos chefes nativos se decidisse a vender-me por 125 dólares.»

—Ray Tucker

A inteligência não envelhece

Por Albert Edward Wiggam

A DESCOBERTA que fez o dr. Irving Lodge deve trazer-nos novo entusiasmo pela vida e maior confiança em nós mesmos, apesar da passagem implacavel dos anos. O jovem psicólogo da Universidade de Colúmbia chegou à conclusão de que, a não ser por doença ou causas acidentais, *nossa capacidade intelectual não decresce com a idade.*

Em outras palavras, isto quer dizer que aos sessenta, setenta anos de idade ou mais, somos capazes do mesmo esforço mental que aos vinte. Esta afirmação vem subverter uma série de idéias preconcebidas.

Pelos testes aplicados nestes últimos anos a milhares de pessoas, ficou demonstrado que os indivíduos normais atingem o poder intelectual máximo entre as idades de 16 e 21 anos. Até a idade de 27 anos o resultado se mantem o mesmo; mas, daí por diante, a eficiência intelectual vai baixando na proporção mais ou menos de um por cento para cada ano. Os resultados destes testes pareciam indicar de modo geral que a inteligência, como máquina pensante, atinge o máximo de seu rendimento aos 20 anos de idade, para depois entrar em lento declínio.

Ora, os testes em que se baseavam essas conclusões eram todos aplicados com *limite de tempo*, pois era opinião corrente entre os psicólogos que a rapidez de compreensão constituia importante medida de inteligência, e aquele que respondia a maior número de questões, em dada unidade de tempo, tinha presumivelmente maior capacidade intelectual.

Mas já durante a guerra de 1914, o psicólogo dr. Robert Yerkes observara que, dando aos soldados o *dobro do tempo*, aumentava de 16% o número dos que respondiam a todas as perguntas. Outros psicólogos já haviam notado a mesma coisa, sempre que se tratava de adultos; no entanto, quando se aumentava o limite do tempo para os adolescentes, os resultados pouco melhoravam; quando eles não respondiam às perguntas imediatamente, era geralmente porque não sabiam responder de todo.

Mas já que, para os mais velhos, os resultados dos testes melhoram nitidamente quando os pacientes têm mais tempo para responder, uma hipótese ocorreu ao dr. Lodge: talvez os psicólogos estivessem confundindo *rapidez* em aprender, com *capacidade* para aprender. «Os testes anteriores», diz ele, «pareciam apenas demonstrar que aos mais velhos faltava, não *capacidade* mental, mas *velocidade* mental. E é fato que, depois de certa idade, não se pode produzir com a mesma rapidez, embora se chegue ao mesmo resultado.»

Para verificar esta hipótese, o dr. Lodge submeteu um grupo de cento e cincoenta pessoas, de 20 a 70 anos de idade, a onze tipos de testes diferentes, todos eles com limite de tempo, a não ser um, o teste de Thorndike para medir a capacidade puramente mental. Ora, em todos os testes em que havia limite de tempo os resultados dos mais velhos mostraram certa inferioridade, o que não aconteceu com os de simples capacidade intelectual. Logo, tornara-se claro que o tempo fixo era uma

desvantagem marcada para os mais velhos.

O dr. Lodge procurou, então, determinar precisamente a medida deste retardamento gradual, que seria somado ao resultado dos testes feitos com limite de tempo, para assim ter-se a verdadeira capacidade intelectual.

Para dar um exemplo, suponhamos que, nos testes com limite de tempo, os indivíduos com 35 anos de idade apresentem resultados 5% inferiores aos de 25 anos de idade, enquanto no teste de pura capacidade intelectual estão em pé de igualdade. Parece lógico que, para compensar a desvantagem do tempo, deveríamos aumentar de 5% os resultados dos testes dos de 35 anos, afim de poder determinar sua verdadeira capacidade intelectual. Ou então, supondo um grupo de indivíduos ainda mais velhos, que tenham a mesma capacidade mental dos jovens de 25 e 35 anos de idade, e que nos testes de tempo fixo hajam apenas conseguido um resultado 15% mais baixo: é evidente que estão pagando tributo por serem menos rápidos, sem com isto provar que são menos inteligentes.

«Procurei então,» diz o dr. Lodge, «fazer uma revisão nos testes de outros pesquisadores, como por exemplo Jones e Conrad, dois psicólogos que submeteram a testes todos os habitantes de uma aldeia da Nova Inglaterra, velhos e moços; e as pesquisas de W. A. Miles, que fez passar por seu teste centenas de pessoas de 10 a 90 anos de idade. Calculei a proporção na qual o fator rapidez parecia prejudicar o resultado dos grupos mais velhos. Somando esta aos demais testes, verificava não haver o *menor declínio devido à idade*. Isto é, em vez de perda em capacidade intelectual, havia um ligeiro aumento! Livres da desvantagem do limite de tempo, os indivíduos de 50 e 60 anos de idade mostravam conseguir resultados ligeiramente superiores aos dos moços de 25. Este aumento na soma dos resultados pode ser atribuido em parte ao fato dos mais vagarosos e os menos inteligentes terem morrido.»

Sabemos que, com a idade, as reações se tornam mais lentas; não se ouve, nem se vê tão bem, e os reflexos são menos vivos. «Mas,» como diz o dr. Lodge, «um ligeiro atrazo na leitura e na coordenação muscular, uma diminuição da percepção visual e auditiva, não são provas de que a inteligência esteja afetada. Quando fazemos uma diferença entre o nivel intelectual máximo a que um indivíduo pode chegar, e a velocidade com que chega lá, o declínio desaparece. Se chamarmos de «altitude mental» o ponto mais alto a que pode chegar a inteligência de um homem, diremos, de acordo com os dados que colhemos, que, pelo menos até a idade de 70 anos, será sempre possivel atingir este mesmo ponto máximo; gastaremos mais tempo para subir a escarpa, mas se formos com tempo, poderemos sempre chegar até o cimo, levando a mesma carga.»

Corroborando estas conclusões do dr. Lodge, temos as pesquisas e estudos de Thorndike, hoje famosos, sobre a capacidade dos mais velhos para aprender. Depois de milhares de testes, as conclusões de Thorndike são as seguintes: até a idade de 45 anos, podemos aprender coisas novas com a mesma facilidade de um moço de menos de 20 anos. Se bem que a capacidade de aprender vá diminuindo gradativamente dos 25 anos em diante, o pequeno declínio é compensado amplamente pelo maior interesse das pessoas mais velhas pelo assunto que

estudam, pela noção que têm do valor dos conhecimentos na vida prática, e muitos outros fatores. Por este motivo, a produção intelectual das pessoas de 50 a 60 anos de idade, vem a ser na realidade maior do que a de indivíduos de 20 ou 25 anos, com o mesmo grau de inteligência e em presença da mesma tarefa intelectual.

Para resumir, usemos as próprias palavras do dr. Lodge: «Quanto à capacidade intelectual, não há, na verdade, uma idade para *aposentar-se*. Há maiores probabilidades de que a pessoa se torne cada vez mais util com a idade e o amadurecimento. Conservando a mesma capacidade mental da mocidade, adquiriu, com a experiência, uma vasta reserva de conhecimentos ligados à atividade profissional. Por este motivo há uma vantagem real na utilização dos «velhos estadistas», tanto na política como na vida de negócios.

«Com o correr dos anos devemos, tranquilos e confiantes, exigir apenas um pouco mais de tempo para pensar, mas sempre certos de que, quanto à nossa capacidade intelectual, não precisamos da indulgência de quem quer que seja.»

Os resultados animadores destas pesquisas psicológicas vêm ajudar-nos a defender-nos de um grande perigo que nos ameaça com o avançar da idade. Influenciados pela idéia de que a idade traz o declínio das faculdades mentais, ficamos a observar-nos, espiando os primeiros sintomas de decadência. Quando, por acaso, temos dificuldades de lembrar-nos de um nome, ou não conseguimos chegar rapidamente a uma decisão importante, dizemos a nós mesmos: «É isto, estou ficando velho...» Esquecemos, porem, que na adolescência e na mocidade sofremos destas mesmas falhas que só agora começamos a notar, para concluir que estamos decaindo. Quando chegamos a este estado de espírito derrotista, deixamos de fazer esforço, e o resultado não se faz esperar. No entanto, temos hoje provas de que a capacidade intelectual é realmente sempre a mesma.

O melhor corretivo para esse modo pernicioso de pensar pode ser encontrado nos estudos de Lodge e Thorndike. Pois se nossa faculdade de aprender é sempre a mesma para qualquer idade, e se nossa capacidade intelectual não diminue, só nos resta convencer-nos disto, e fazermos uso, por toda a vida, destes elementos indispensaveis para a felicidade, mantendo-se, até o fim, a plenitude da existência.

¶ Certo francês meu amigo, o senhor Alain Mellet, mandou uma vez imprimir no cabeçalho de um papel de bloco os seguintes dizeres: «Comitê de Defesa da Poldávia». Usando esse papel de bloco, ele enviou veementes apelos a vários deputados franceses, a favor do povo da Poldávia que, segundo dizia, ainda se achava oprimido. Pela volta do correio, recebeu várias respostas, em que os missivistas se ofereciam para falar, escrever e votar em defesa dos infortunados poldavianos.

Tal país, naturalmente, nunca existiu.

—Sisley Huddleston, *Europe in Zigzags* (*Lippincott*)

Rainhas até na morte

Por William L. White

«Homens para queimar», (Seleções, dezembro de 1942) a epopéia de uma esquadrilha de moto-torpedeiros americanos nas águas das Filipinas, que tanto aplauso mereceu aos nossos prezados leitores, foi talvez o livro de guerra que maior sensação causou em 1942. «*Queens Die Proudly*», «*Rainhas até na morte*», parece destinar-se a um triunfo nada inferior, já que é a saga das Fortalezas Voadoras, essas rainhas dos céus, que se bateram até o último alento sobre as Filipinas, Java e Austrália.

Ambas estas narrativas, foram originalmente escritas em missão especial do Reader's Digest pelo seu «redator itinerante» William L. White.

«Rainhas até na morte» oferece leitura que não poderá ser depressa olvidada; pertence ao gênero de narrativa que se grava a fogo na memória. Nela se encontra a escaldante realidade da guerra, e ao mesmo tempo a bravura e a devoção ao dever, que constituem a mais segura promessa de Vitória para a causa das Nações Unidas.

Publicado em livro por Harcourt, Brace & Co.
383 Madison Avenue, New York City

Rainhas até na morte

A VELHA e enfarruscada Fortaleza Voadora, pousada na pista daquele aeroporto americano, preparava-se para levantar vôo com rumo a outro continente e a outra zona de guerra. Mostrava no trem de aterragem uns arranhões produzidos pelo saibro da ilha de Wake, em pleno Pacífico, no momento em que decolara daquela ilha, a caminho do Extremo Oriente, ainda antes da guerra; e uma amolgadela na asa, que lhe deixara o choque amortecido de um fragmento de bomba, no próprio dia em que rebentou a guerra, e em que os japoneses destruiram quase toda a nossa aviação militar do Extremo Oriente, ao atacarem o Campo Clark, nas Filipinas. Esta Fortaleza foi um dos poucos aparelhos que então escaparam. A pintura da sua camuflagem sofrera depois os efeitos deteriorantes do sol de Java e do deserto australiano... Hoje, desarmada, sem canhões, é como um velho cavalo de guerra que acaba seus dias na quietação de uma pastagem.

Seis homens estão sentados à sombra da sua asa possante: seis homens que têm muito que contar. O piloto é Frank Kurtz, ex-campeão olímpico dos E.U.A. em mergulho de cabeça; há pouco mais de um ano era simples tenente do 19.° Grupo de Bombardeio, e hoje, tenente-coronel aos 31 anos de idade, ostenta as mais altas condecorações. Acompanham-no Margo, sua mulher, morena e graciosa; o capitão Harry Schrieber, navegador—e demais membros da tripulação.

Frank passeia agora de um lado para o outro; não lhe é facil dizer o muito que tem a narrar.

«Quase nem sei onde começa a história, diz ele. —Talvez tenha sido na Velha 99, que foi o meu primeiro avião a sério, e com o Tex, meu primeiro co-piloto, e o resto da minha primeira tripulação, que eu vi estendidos no Campo Clark—os oito, todos em fila... Quando os bombardeiros japoneses se afastaram, saltei na bicicleta e pedalei como doido pela pista em fora, entre a fumaça das outras Fortalezas incendiadas, para ver o que acontecera à Velha 99. Fui dar com esse espetáculo...

«A certa altura a pista subia em ladeira; pedalei com mais força, e de repente o coração deu-me um baque: lá estava à minha frente o estabilizador vertical da Velha 99—a grande curva da cauda, que se erguia bem alto, como a barbatana da cauda de um salmão, cintilando sobre a pista. Aproximei-me a toda a pressa, e meu Deus...foi então...

«Nem sei se caí, se saltei da bicicleta. Só me lembro de ter ido a caminhar

pelo campo adiante, devagar, direito a ela... Com receio de chegar demasiado cedo ao pé dela... de ver o irremediavel. E tudo o que restava intacto da Velha 99 era aquela cauda, que ainda se erguia no ar, faiscando ao sol!

«Com as suas pobres costelas retorcidas e negras do incêndio, e derretida a casca de alumínio, tinha a carcassa toda à mostra e podia-se através desta avistar o compartimento dos pilotos, onde Tex e eu nos sentávamos... Os quatro enormes motores tinham tombado para a frente, afocinhando no chão. E alí estava a nossa Velha 99, sem lhe faltar nada —só que meio derretida e retorcida, com o dorso quebrado e vergando, como um peixe voador de prata, que alguem tivesse pegado entre as mãos para lhe partir a delicada espinha, e atirá-lo no chão para morrer....

«Tudo alí estava, e mais alguma coisa que eu não pude ver logo de começo, mas que decerto pressentí: não tardei a experimentar uma náusea profunda, quando avistei um estranho fardo meio queimado, que jazia sob a asa amolgada; e, aproximando-me dela, logo reconhecí o que era aquilo: um dos homens da minha tripulação, alí caido, reduzido a uma posta de carne. E ao lado dele, outro... Mas só depois de ter dado volta ao aparelho, pela parte da cauda, pude ver os oito restantes, em linha.

«Alí estavam eles, imoveis sob a luz clara e calma do dia, os meus oito rapazes da 99, jazendo numa linha irregular e absurda, em direção ao bosque, para onde provavelmente tinham corrido em busca de abrigo, quando a morte os ceifou todos de uma vez, e os deixou espojados nas atitudes em que tombaram.

«Vejo-me alí de pé, junto dos destroços, e contando—um, dois, três...—os oito rapazes da minha tripulação; e reconhecia todos eles. Via, e o que via não podia convencer-me da verdade—apesar de os conhecer tão bem, de saber quais deles teriam num bolso ou outro o retrato da mulher ou da namorada, todo esfrangalhado. Lembro-me que fui andando ao longo da linha, de um para outro, falando para cada um da maneira que me era habitual, e tocando-lhes com a mão no ombro, pois para mim não estavam mortos. E chorava, não tenho pejo de confessá-lo...

«Falava a cada qual, desde o velho sargento Burgess, que fora o que caira mais perto do aparelho, até o meu caro Tex, meu co-piloto, que estava no extremo da linha, com as roupas desfeitas pela explosão. Reconhecí-lhe os ombros: eram os ombros possantes dum lutador. Falei-lhe. Disse-lhe que eu sabia tão pouco das razões do que acontecera, como ele próprio. Mas fossem quais fossem essas razões, assegurei-lhe que aquilo não ficaria por alí. Não estávamos batidos; aquilo era apenas o começo, e desse momento em diante iríamos todos meter mãos à obra—e ganhar. Disse-lhe que fosse qual fosse o avião que me dessem, a Velha 99 haveria de voar sempre na minha formação, e durante as missões noturnas, eu teria sempre a meu lado as luzes da sua asa, sabendo que ela me protegia com o seu fogo atravessado, abatendo os «Zeros» que tentassem subir para me atacar pela retaguarda. Sim—creio que é nesse momento que esta história começa...»

Aquí, Margo cortou-lhe delicadamente a palavra:

«Mas querido, tudo isto começou muitos e muitos meses antes—pelo menos para as mulheres dos aviadores militares. Mesmo antes da guerra, todos

esses acidentes do treinamento... não se podiam evitar, eu bem sei, na urgência com que era preciso preparar pilotos para os quadrimotores, com a guerra à porta, a guerra que todos sabiam inevitavel...

«Um jovem inexperiente que se perde no nevoeiro e se despedaça contra a encosta de uma montanha, é tão herói aos olhos de sua mulher como se tivesse sido abatido durante um raide de guerra. Desde que esta começou, a morte anda toda sonora de medalhas e garrida de fitas coloridas... Mas nós, mulheres, que conhecíamos a aviação militar já de antes da guerra, estávamos treinadas em fazer face à morte quando ela era muito menos coquete e bizarra...

«Quando nossos maridos partem em missão especial, nós sabemos que eles são os mais bravos, os mais fortes, os mais vivos de corpo e espírito... E o perigoso trabalho que eles andam realizando hoje, está tornando essas vertiginosas avenidas do ar seguras para o resto do mundo nos anos futuros. Ao ver sumir-se na distância o aparelho que nos leva o marido, sabemos que não trocaríamos por nada deste mundo o companheiro que Deus nos deu. Envergonhamo-nos de algum momento de fraqueza que porventura tivemos no passado. Deixamos a outras o privilégio de serem felizes com os seus maridos catitas que saem de casa regularmente às 8 e sempre regressam às 5. Sim, foi como eu me senti quando o Frank recebeu ordem de levar sua Fortaleza para as Filipinas, e eu tive de ficar nos Estados Unidos, na nossa casa...»

«Isso foi em outubro,—disse Frank. —E de fato, depois de ter feito escala em Pearl Harbor e Wake, ficamos a viver em cabanas de *nipa* no Campo Clark, mesmo nos arredores de Manila.

«O 19° Grupo de Bombardeamento era constituido por trinta e cinco lindas Fortalezas Voadoras, novas e reluzentes, entre elas a nossa Velha 99. Eram do modelo «D», nessa altura o melhor e mais recentemente posto em ação. Perto de uma dúzia permaneceram no Campo Del Monte, na ilha de Mindanau, ao sul das Filipinas. As restantes ficaram na base principal de bombardeamento, o Campo Clark, a uns 72 quilômetros de Manila, onde estava então o quartel-general de MacArthur, nosso comandante supremo. O nosso chefe do Corpo de Aviação, general Brereton, fazia visitas constantes ao Campo Clark. «Um dia, eu ia levando a Velha 99 num dos nossos ensaios habituais de grande altitude. Aproei ao norte e subimos lentamente por cima do Campo Iba, que era a base dos nossos aparelhos de caça P-40. Sempre a subir, olhei para baixo e vi, agora debaixo de nós, o litoral. Podia-se ver a brancura da rebentação, como se alguem tivesse espalhado sobre o azul da água um fino rasto de creme... Mas era nos meus instrumentos de governo que eu, sobretudo, levava a atenção inteiramente concentrada.

«Atingimos finalmente o teto de altitude,—e nisto olho para baixo: santo Deus, já não era sobre o mar azul que navegávamos, mas por cima da grande base japonesa da Formosa! Era a figura feia e escura de alguma coisa que seria bom evitar, que não se podia ver... De um instante para outro podiam-nos cair em cima os caças japoneses. Ora eu não queria que a Velha 99 provocasse o primeiro incidente internacional, e pus-me a voltar a toda a pressa. Mas na volta dei para matutar naquilo, e fiquei preocupado: pela primeira vez via claramente que os nossos campos Clark e Iba estavam ao fácil alcance dos aviões japoneses. Estes podiam tomar altitude sobre a Formosa, e daí, quase que em vôo planado, atacar-nos...

«A coisa não me agradava nada, mas até então eu não tinha ouvido dizer que o general Brereton gostava ainda menos do que eu da nossa posição desfavoravel.

«A 27 de novembro, deu-nos ele o sinal de prontidão. Tinha recebido o mesmo aviso do Departamento de Estado que fora transmitido a Pearl Harbor: a guerra poderia estourar de um momento para outro... Nos limites dos meios de que dispúnhamos, a nossa força aérea estava pronta para dar e levar. O general tinha escolhido os seus objetivos na Formosa, donde sabíamos que havia de partir o raio. Tão depressa quanto o permitiam as nossas disponibilidades, as reluzentes rainhas de alumínio iam recebendo a sua pintura baça, de guerra, e eu fui avisado de que a Velha 99 deveria submeter-se à operação da camuflagem no próximo dia 8 de dezembro.

«Essa data, nós, os que estávamos nas Filipinas, nunca a poderemos esquecer. Para os que estavam a leste da linha internacional, era o dia 7 de dezembro: mas era na realidade o mesmo dia para nós. Os japoneses atacaram Pearl Harbor exatamente às 7.35 da manhã, hora de Honolulú. Nesse mesmo instante eram exatamente 4.35 da madrugada do dia 8 de dezembro nas Filipinas. Eu estava a dormir no barracão de nipa do Campo Clark.

«Levantei-me às 7, como de costume, e tropeçando ainda com sono, ao começar a fazer a barba, abrí o meu rádio portatil para ouvir as notícias da manhã na emissora de Don Bell, em Manila. (E a propósito, um dos primeiros cuidados dos japoneses, ao entrarem na cidade duas semanas depois, foi fuzilar o pobre locutor!) Num estilo ainda mais breve e incisivo do que o do costume, deu-nos a tremenda notícia: os japoneses tinham posto Pearl Harbor em pandarecos.

«Reuniu-se um grupo de camaradas em torno do aparelho, e todos ficamos assombrados. Os pormenores da notícia eram bem escassos, mas a impressão que tivemos foi a de que o ataque não deixara pedra sobre pedra. Corremos à cantina, engulimos o café a toda a pressa, e fomos para a reunião de operações, na qual o major Don Gibbs estudou conosco a situação.

«A opinião de Gibbs era que se os japoneses tinham atacado Havaí, não deixariam de nos atacar a nós. Não saberia dizer-nos quando viriam, mas de onde viriam não duvidava; e, apontando para o norte, indicou uma colina para alem da qual, na distância, ficava a Formosa: era *dalí* que eles haviam de vir!

«Ao sairmos, Gibbs disse-nos que ficássemos de prevenção: as ordens começariam a chegar rapidamente durante toda a manhã. Voltei para junto da minha Velha 99. A sua camuflagem estava marcada para aquela manhã. Mas as ordens que chegavam pareciam entrar em conflito umas com outras. Chegou uma, primeiro, contra-ordenando a camuflagem.

«Em vez disso, devíamos começar a munir-nos de bombas: fizemos imediatamente rolar o aparelho para junto do paiol das munições. Chegou a contra-ordem: —Tornem a levá-la para o hangar; acabe-se a camuflagem a todo o custo!

«A certa altura já era outra a ordem: descarregar as bombas e instalar as máquinas fotográficas! Nada mais—mas era claro agora que nos estavam aprontando para vôos de reconhecimento sobre a Formosa.

«Não sabia eu então que o nosso aeródromo apenas refletia o que se estava passando no quartel-general, em Manila, onde o general Brereton estava pedindo autorização para levantar vôo. Sem dúvida é muito facil fazer de perito depois de acontecidas as coisas.

«Embora Pearl Harbor tivesse sido atacada, o Congresso dos Estados Unidos ainda não havia declarado guerra ao Japão. Nestas condições, poderia o nosso comando das Filipinas dar ordem de ataque, quando o estado de guerra não estava ainda formalmente proclamado?... É facil agora rir de semelhantes escrúpulos; mas o general Brereton é que não ria, embora continuasse a insistir em que, se não bombardeássemos imediatamente a Formosa, ficaríamos provavelmente impossibilitados para sempre de atacar.

«Quando viu que lhe recusavam a autorização que pedia, requereu licença para realizar um vôo de reconhecimento, para que ao menos pudéssemos ver se os japoneses estavam fazendo preparativos para nos agredir. Que diacho, fotografar a Formosa seria, quando muito, uma *violação mínima* da neutralidade! O quartel-general respondeu que ia pensar no caso, talvez fosse possivel, esperasse até ver, etc....

«De sentinela junto da Velha 99, não tinha eu, então, maneira de saber que era por essa razão que me tinham mandado desmontar as bombas, carregar a aparelhagem fotográfica, e acelerar a pintura da camuflagem, na esperança de qué não tardaria a autorização para o nosso vôo de observação. Enquanto o pintor, de pistola em punho, acelerava o seu trabalho, fiquei sentado fora do hangar, a escutar meu rádio portatil.

«Os boatos ferviam, alguns deles já confirmados, outros ainda sem fundamento. Dizia-se que os japoneses se estavam concentrando em grande força ao largo da ilha de Luçon; Manila esperava de minuto a minuto o seu raide aéreo, e afirmava-se que as bombas já choviam no nosso Campo Clark.

«Era uma coisa gozada, estar alí sentado a olhar o campo Clark, quieto ao sol bonito da manhã alta, e ouvir o rádio a meu lado dizendo que as bombas choviam onde eu estava! Parecia coisa de loucura, e não obstante deixava-nos apreensivos. Outro piloto, que a meu lado escutava, disse com nervosismo: —Porque diabo a gente não desanda daquí pra fora, pra salvar esses aviões?...

«Respondí-lhe: —Que diacho, seu moço, tenha calma! Afinal a gente está aquí pra cumprir ordens.

«A questão é que eu mesmo começava a ficar nervoso. Até me pus a amolar o rapaz da pintura, para que fizesse a camuflagem mais depressa.

«Logo chegou nova ordem urgente —almoço mais cedo para nós, pilotos e navegadores; às 11 horas. E enquanto comíamos, eu pensava sempre: Ora imaginem que eles atacam a gente—que aspecto terão eles? Nunca eu vira um avião japonês, a não ser nas projeções de diapositivos na Escola.

«Alí sentado, na sala da cantina, sentia-me ansioso, mas nem sonhava que as preciosas semanas e os dias tinham corrido em vão—e que tudo o que nos restava eram apenas minutos, minutos inestimaveis...

«ACABADO o almoço dirigí-me para a tenda de operações, com o meu navegador, que era o Tedd Oliver, e disse ao Tex que fosse para junto da Velha 99, que eu lá iria ter dentro de minutos. E acrescentei:—Olhe aquí, Tex. Se nas Operações nos disserem que vamos ser atacados por aquí, poderemos tirar a Velha 99 do lugar onde ela está no campo, sem as formalidades habituais da pista. Fique espiando, que eu venho ter com você na minha bicicleta, assim que sair da tenda. Se você me vir levantar e baixar o braço quando eu aparecer ao alto da pista, isso quer dizer que os motores devem estar a funcionar quando eu chegar junto do aparelho.

«O Tex disse que sim, muito naturalmente. Entre nós, na Aviação, não há muita continência nem bater de calcanhares. E voltou para a 99.

«Bem uns quarenta pilotos e navegadores estavam reunidos na tenda de Operações, esperando que começasse a distribuição de tarefas. Enquanto esperávamos, abrí o rádio e pusemo-nos a escutar Manila. Desta vez o Don Bell estava realmente passando da medida. Ainda assim não sabíamos que os preciosos minutos se tinham consumido, e só alguns segundos nos restavam. Não sabíamos tampouco que o general Brereton tinha finalmente conseguido autorização do general MacArthur para nós largarmos na nossa expedição fotográfica sobre a Formosa, só com o fim de ver se os japoneses não estariam fazendo preparativos para nos atacar... Nem sequer imaginávamos que nesse momento Brereton estava no telefone, fazendo esforços por nos transmitir as tão desejadas ordens...

«Don Bell dizia agora que as bombas já estavam realmente caindo no Campo Clark—estava falando do topo de um dos edifícios mais altos de Manila, e dalí —afirmava—podia *ver* os altos rolos de fumo que se erguiam do nosso campo.

«Todos sorríamos a ouví-lo. O que não sabíamos nós, era que ele, de onde estava, em Manila, podia avistar para alem do Clark, até o Campo Iba, e que esses penachos de fumaça provinham dos nossos P-40 que alí ardiam! Sim, a essa hora já os japoneses andavam fazendo em migalhas a nossa aviação de combate. E enquanto sorríamos, dando ouvidos a quanta bobagem Don Bell nos dissesse, um dos soldados que estavam por alí, à porta da tenda, esclamou num tom de assombro e admiração:—Eia! Olha aquela formação da Marinha, que linda!

«Fiquei frio. Chegou-me aos ouvidos a roncadeira de muitos aviões. Alguem bradou: «Marinha, o raio que o parta! Aí vêm *eles*!...»

«Na pressa e confusão com que corremos para sair da tenda, derrubamos as mesas; mas não éramos um bando de ratos espavoridos—éramos ainda homens, com um pensamento e uma organização.

«Alí vinham eles, com um zumbido que crescia no ar—por cima da colina, como o Don Gibbs predissera—formando um imenso V feito de VV—talvez uns 70 bombardeiros Mitsubishi, entre 5.000 e 6.000 metros de altitude, direitinhos ao nosso campo.

«Corremos todos a procurar abrigo numa vala de drenagem que ficava perto. Ainda fiquei de pé alguns segundos, porque queria ver que rede de bombas aquela formação nos ia largar em cima, tal qual, tempos atrás, muitas lançara no leito seco do Lago Muroc, na Califórnia, nosso campo de ensaios de bombardeamento no deserto Mojave, para ver que tal era a nossa formação.

«Não tive que esperar muito tempo, porque a ponta do V dianteiro tinha passado a linha de lançamento de bombas, já se fazia ouvir o primeiro inconfundivel assobio, e logo o *cr-r-ramp!* abafado da explosão. A primeira bomba da formação tinha rebentado campo acima a boa distância de nós, quase três quilômetros.

«Mas era tempo, agora, de pôr nossas vidas a salvo, porque a formação já nos vinha por cima da cabeça, como uma imensa nuvem que ao passar velozmente fosse despejando uma gigantesca saraivada.

«Desatei a correr direito ao buraco mais próximo. Era pouco fundo—o máximo de 60 cm—escavado para esconder um só homem, mas fomos dois a saltar pra dentro dele, e só bastante depois reparamos que já lá estava outro refugiado!... Nessa altura tudo em que podíamos pensar era aquele fragor de terremoto, os uivos e o ranger exasperado daquele furacão de ferro e fogo que vinha ceifando tudo pelo campo abaixo. Cada um daqueles aviões japoneses lançaria um trem de umas doze bombas, o que daria provavelmente um total de 500 bombas a semear por todo aquele terreno—em menos tempo do que levo a dizê-lo em palavras. Entretanto, íamo-nos ocultando o melhor que podíamos, fazendo-nos tão pequenos quanto possivel, naquele buraco de nada. Aquí, a coisa começou! A terra dura estremecia e saltava como um caminhão de rodas de aço aos trambolhões num pavimento de calhaus, ou como um cavalo selvagem. E eu sempre a pensar que se pudesse ficar assim, ainda que não fosse senão outro instante, eu escaparia, porque a morte vinha agora muito perto—os rugidos dilacerantes e os uivos, a terra sacudindo-se e pulando—a morte vinha cada vez mais perto, a trovejar por cima de nossas cabeças. E logo, quase de repente, tudo estava acabado—os trens de bombas tinham atravessado o campo, a rede acabou bruscamente a menos de mil metros alem dele, e a formação japonesa ia longe.

«Quando nos pusemos em pé na nossa cova, estava tudo muito quieto, e apenas se ouvia o estralejar do fogo, que aumentava; a fumaça dos nossos aviões incendiados mal começava a subir—as colunas negras ainda não se tinham desdobrado em espessas plumas.

«Mas através dos estalos do incêndio podia-se distinguir outro zumbido. Exploramos o céu com os olhos... lá vinham! Deviam ser os nossos P-40! Ignorávamos que só alguns deles tinham escapado às bombas e às balas dos japoneses, e que o seu aeródromo ficara reduzido a escombros antes de os japoneses nos terem vindo atacar.

«E alí ficamos em pé, sacudindo a terra dos nossos uniformes (uma das bombas explodira apenas a 5 metros do refúgio) e espiando aquela formação que se aproximava numa longa «corda», como patos bravos, e a pouco mais de altura do que estes, talvez 60 a 90 metros.

«Haverá alguem que nos censure por nos sentirmos contentes— de ver enfim alguns dos nossos no ar?... E um tanto indignados tambem, porque, se eles tivessem vindo um nadinha mais cedo que fosse, podiam ter dado pancada de criar bicho naquele V de VV dos nipões! Súbito, alguem berrou: —Olhem! Olhem para a rodela vermelha nas asas, puxa!

«Com efeito: era o emblema do Sol Nascente pintado nas asas! E dos aparelhos—Nakajimas e alguns Zeros—os japoneses debruçavam-se para fora, à medida que descreviam um círculo sobre o campo, para escolher a Fortaleza que haviam de atacar, paralisada no terreno.

«Descreveram três quartos de círculo sobre o nosso campo devastado—como a cobra que se desenrola para desferir com a cauda a vergalhada—e começaram a «despegar-se» da forma para nos metralhar.

«Tínhamos começado a sair das tocas, e tornávamos agora a correr para elas—desta vez na atitude do rato assustado—com a idéia única de fugir da zona do tiro. À minha frente eu podia ver outros homens desaparecendo numa vala. Dei um mergulho, e logo atrás de mim veio um soldado aos tropeções; reparando nele, vi que lhe tinham esfrangalhado completamente a ilharga... O desgraçado morreu alí, à nossa vista.

«A pouca distância da nossa vala estava uma Fortaleza muito bem defendida por um abrigo—um muro curvo, de sacos de areia, para protegê-la dos estilhaços de bomba. Um dos japoneses já a tinha escolhido para alvo...

«E lá veio ele de escantilhão, primeira, segunda, terceira vez, direito ao abrigo, descrevendo uma curva cujo ponto mais baixo chegou a ficar a 5 metros apenas das asas da presa! Tudo isto se passa segundo regras. O avião aproxima-se, as metralhadoras de pequeno calibre das asas abrem fogo com um sinistro rá-tá-tá, enchendo o ar com uma madeixa de balas traçadoras. Em seguida, quando os riscos das balas lhe mostram que ele está bem em cima do alvo, ouvimo-lo abrir fogo com o canhão de 20 mm., que produz um estampido surdo, mas lento e grave.

«A pouca artilharia anti-aérea de que dispúnhamos rugia agora, mas sem grande efeito, infelizmente; em parte devido à fumaça negra dos incêndios, em parte porque nunca fora concebida para disparar a tão curta distância. E alí metidos nequela vala, desatamos a fazer a guerra só por nossa conta. Cada vez que aquele artilheiro japonês chegava-nos por cima, despejávamos contra ele os nossos revólveres! Não é que isso lhe fizesse mossa, mas sempre nos aliviava um pouco a raiva.

«Entretanto, chegavam-nos aos ouvidos duas sequências de sons: primeiro, as rajadas altas das metralhadoras de asa, disparando traçadoras para fixar o alvo, e em seguida o disparar mais lento dos canhões, que levavam o golpe de misericórdia aos aparelhos moribundos. A outra ordem de sons era mais dolorosa para nós: ouvia-se um silvo ou sopro crescente—p-p-pf-fff-OFFF!—que significava que uma traçadora penetrara chiando no tanque de essência de uma das nossas Fortalezas, imediatamente seguido de fragoroso estampido: a explosão das bombas, provocada pelo incêndio da gasolina.

«O ataque terminou bruscamente; Nakajimas e Zeros ergueram-se no ar como corvos que abandonam a carcassa destroçada e, entrando em linha novamente, desapareceram na direção do seu porta-aviões, que devia pairar algures, fora do alcance da vista, ao largo de Luçon.

«Arrastamo-nos para fora da vala e encaminhamo-nos outra vez para a tenda de Operações, para fazer relatório. Primeiro, porem, tivemos que dar uma volta em torno das ruinas da pobre Fortaleza, que ainda ardia no seu abrigo, como um fiel cavalo de guerra aprisionado na cavalariça em chamas. Fizemos um desvio não só por causa do calor abrasador da fogueira, mas porque nos

envergonhava até o âmago da alma olhar aquela deploravel cena.

«Não sei por que milagre é que a tenda de Operações ainda estava de pé. Fomos encontrar na fisionomia do major Gibbs a mesma alteração que ele percebia nas nossas, ao olharmos dalí para todo o aeródromo feito em cacos, coberto dos despojos fumegantes daquilo que fora a mais poderosa armada de quadrimotores do mundo inteiro.

«—Frank, (disse-me o major) acho melhor que você vá ver se, por sorte, o seu avião ainda poderá voar.

«Como já lhes disse, a 99 estava do outro lado da rampa da pista, e portanto invisivel da nossa tenda de Operações. Pulei na bicicleta... Mas o espetáculo que alí fui encontrar, já o descreví.

«Era tempo, agora, de começarmos a computar os prejuizos que tínhamos sofrido. De todo o campo não restava mais do que uma pequena faixa de pista, que era possivel desentulhar para voltar a usar. Como deve estar lembrado, o 19.° Grupo de Bombardeamento constara de 35 orgulhosas Fortalezas Voadoras. Doze delas tinham baixado no Campo Del Monte, na ilha de Mindanau, e graças a isso escaparam a este ataque. De todas as outras, que tinham feito o nosso orgulho alí no Campo Clark, só cinco podiam merecer ainda o nome de aeroplanos. E essas mesmas estavam seriamente danificadas; nenhuma delas podia voar. Juntando e selecionando o que restava, substituindo aquí uma asa, um leme acolá, e aproveitando dois motores em bom estado de uma terceira, o nosso comandante, coronel E. L. Eubank, esperava que pudéssemos salvar, das duas dúzias que ainda na manhã daquele dia estacionavam no Campo, uns três aviões capazes de levantar vôo, desimpedida a pista.

«Era já muito tarde, e nós, os pilotos, nada mais podíamos fazer alí. O coronel foi de parecer que devíamos deixar o campo até pela manhã seguinte. Acompanhado de outro piloto, fui arranjar quarto em casa de uns naturais da região. Enquanto desenrolava no chão a minha cama de campanha, pus-me a pensar em minha mulher, que estava a meio mundo de distância de mim: teria ela ouvido dizer alguma coisa do que acontecera? Quanto tempo iria agora passar, antes que eu lhe pudesse dizer que o Eddie Oliver e eu éramos os únicos sobreviventes da tripulação da Velha 99, a que ela acenara um longo adeus em Albuquerque, seis semanas atrás?...

«NA MANHÃ seguinte, bem cedo, regressei ao campo e fui-me apresentar ao coronel, que me encarregou de ficar de vigia na torre de controle. Por essa altura tinham chegado do Del Monte seis das Fortalezas de Mindanau, que aterraram na faixa de 600 metros de pista que restavam do nosso campo. Haviam-nas dispersado por áreas afastadas, para as reabastecerem de gasolina e carregarem de bombas. O coronel dava instruções aos doze pilotos, cujo grupo era dominado pela alta estatura do meu velho amigo Colin Kelly, ereto e, como sempre, de espáduas unidas. Do meu posto, eu podia avistar-lhe a cabeça coberta de negros caracóis. Sabia eu que aqueles rapazes se iam meter em sérias dificuldades, e não resistí à tentação de me aproximar e escutar as instruções que o chefe estava dando ao Colin. Sentia-me numa disposição particularmente fraternal para com ele, porque tínhamos pilotado juntos, ao tempo em que ambos estávamos no Campo March. E agora ele estava de partida

para a sua primeira missão de batalha! O objetivo do golpe eram os transportes japoneses que deviam estar ao largo e ao norte de Luçon—e por sinal que deviam vir bem defendidos!

«Colin parecia cansado de ter voado toda uma noite sem ter pregado olho—o seu uniforme, de ordinário impecavel, estava coberto de nódoas de graxa, como se ele tivesse andado a fazer trabalho de mecânico,—e mal tivemos tempo para trocar um aceno amistoso, enquanto ele se encaminhava para o avião e eu subia de novo à minha torre.

«A torre parecia uma peneira, tantas eram as balas que lhe tinham esburacado as chapas de ferro ondulado, durante o ataque da véspera. A minha função era, agora, manobrar as suas luzes, fazer sinais aos pilotos dizendo-lhes quando podiam aterrar; mas o coronel é que não se queria arriscar a perder mais algum avião em terra. Deu-me ordem para, sempre que um deles chegasse, fazê-lo pairar em volta do campo, até novas instruções.

«A certa altura veio lá de cima aos trambolhões um daqueles aviõezinhos P-26 da aviação filipina—cangalho velho de arame e bambú, baixinho—verdadeira peça de museu. Abrí a luz verde para ele, porque vinha tão esburacado de balázios, que nem sei como se aguentava no ar. Aterrou, e o seu pequeno piloto de caça, filipino, pulou em terra. Que queria ele? Queria gasolina e queria balas para a sua pequena metralhadora calibre 30. E daí a nada estava outra vez no ar, para dar e levar mais pancada. Esses aviadores das Filipinas fizeram prodígios na defesa das suas ilhas, com o ferro-velho que lhes servia de material.

«Nessa manhã, os quinze aviões de combate, ou coisa assim, que tinham escapado, dos vinte e quatro que havia no Campo Iba, andavam fazendo um trabalho esplêndido. E os pilotos aprendendo,—era esse o seu primeiro dia de combate real, e há coisas levadas dos diabos que as manobras não nos ensinam e só se aprendem na guerra. O Buzz Wagner, que era o melhor de todos eles, lhe diria, se ainda cá estivesse. Morreu, coitado.

«Naquela manhã, o Buzz, só com um P-40, tinha feito um trabalho que normalmente teria cabido a uma esquadrilha de combate inteira—25 aviões! Tinham-no mandado sair de manhã cedo, carregado de munição, e com bombas de quinze quilos debaixo das asas, do tipo que chamam de «fragmentação». Estava pois em condições de se atirar ao que lhe aparecesse.

«Estava ao largo da ilha de Luçon, para o norte, quando avistou quatro caças japoneses a grande altura, por cima. Esteve tentado a aliviar a carga de bombas, o que lhe teria dado mais velocidade e ligeireza de manobra, e a subir para se engalfinhar com eles—mas a ordem que tinha era reservar aquelas bombas para uns aviões que os japoneses acabavam de poisar num campo perto de Lingaien. Visto isso, resolveu manter-se no rumo.

«Mas, de repente, vieram-lhe cantando pelo lado da carlinga umas traçadoras japonesas... Dois dos quatro caças japoneses tinham «picado» para lhe cair em cima!

«Vinham velozes por alí abaixo, o que lhe inspirou uma manobra astuta: cortou a velocidade tão subitamente, que os japoneses lhe passaram à frente como um tufão. Então ele abriu-lhes fogo na cauda. A primeira rajada incendiou logo ambos os aparelhos atacantes. Aquelas ricas metralhadoras calibre 50

—e o P-40 tinha seis delas—quando se põem a cantar, nenhuma lhes leva a palma!

«Todo o tempo que isso durou, o Buzz conservou consigo as bombas—uma carga que facilmente lhe podia ter custado a vida! Mas as ordens eram ir ter ao Campo Lingaien, onde tinha um encontro marcado com o tenente Russell Church.

«Quando se acercava de Lingaien viu o Russ, que picava de asa, e em seguida avistou o seu objetivo—todos aqueles aviões japoneses alinhados em terra, como para uma revista ordinária de tempos de paz. Quero que você saiba isto—que não são só os americanos que se deixam agarrar descalços!

«E lá foram eles por alí abaixo,—primeiro o Buzz, depois o Russ, quase até roçar o campo. Assim que o primeiro alvo lhe caiu na mira, o Buzz largou primeiro uma, depois outra das suas bombas de fragmentação, de 15 quilos, —e olhando para trás, por cima do ombro, viu vir o Russell logo atrás dele. O Buzz atravessou o campo e depois subiu em faisca, de repente, para ver cair as bombas do camarada... A cauda do outro avião estava em chamas, atingida pelos anti-aéreos japoneses, mas o Russ manteve-se inflexivelmente no curso, atingindo em cheio aqueles aviões japoneses rigorosamente alinhados, e logo—com o Buzz sempre a espiá-lo—o Russ atingiu o limite do campo num meio-tonel vagaroso e... foi-se abaixo. Diz o Buzz que é muito possivel que o Russ tenha podido saltar com o paraquedas — mas não podia esperar para certificar-se, porque estava agora dando a sua segunda volta, e sozinho. Deu volta e tornou a atravessar a barragem anti-aérea com as suas metralhadoras de 50, todas vomitando ferro contra aqueles aviões imoveis. Alguns deles já ardiam. Atravessou o campo, e tinha entrado a subir para lhes dar um terceiro banho, quando as traçadoras japonesas começaram a zunir-lhe por trás da carlinga, e, olhando por cima do ombro, viu que o segundo par de Zeros vinha decidido ao seu encontro. Está claro, não havia remédio senão dar todo o gás que o seu motor podia engulir, e tratar de escapulir-se! E conseguiu-o. Foi uma sorte, dizia, ter regressado ao campo.

«Quanto a mim, nesse dia o meu trabalho era vigiar lá do alto da torre, e não sair em missão. Pouco depois do meio-dia, estava eu de nariz no ar, a procurar nas nuvens de onde vinha o zumbido de um dos nossos aparelhos que andava tentando aterrar, quando de repente vi um paraquedas desdobrar-se logo abaixo das nuvens—e outro, e mais outro... ao todo oito! Devia tratar-se de uma Fortaleza. Mas onde estava o nosso paraquedas? Em vez dele, veio lá de cima uma massa escura estampar-se com fragor no solo. Um dos nossos, mas qual deles? Só ao anoitecer fiquei sabendo que se tratava de Colin. Tinha ele andado lá por cima a cumprir as instruções recebidas nessa manhã, e acertara em cheio no melhor e maior alvo que podia esperar atingir. De regresso à base, seguido por dois caças japoneses, teve a pouca sorte de apanhar uma incendiária no aparelho de oxigênio, que ardeu logo como algodão ensopado em gasolina. Mas o Colin não perdeu a linha: deu as ordens do estilo aos oito membros da tripulação, para que saltassem com os paraquedas, e eles assim fizeram.

«É parte do programa, nas Fortalezas, que o piloto seja o último a saltar. Na aviação isto é mais do que um simples gesto de galantaria: é preciso que fique alguem à barra de comando, para manter o aparelho em equilíbrio, com o lado direito para cima enquanto os outros dão o pulo. Esse *alguem* é o piloto, é claro!

«O Colin ficou portanto no seu posto, enquanto o avião se despenhava com o sistema de oxigênio em chamas, e os oito restantes pularam para fora. Quando chegou a vez de Colin, já vinha tão perto do solo que nem tempo teria, de maneira alguma, de abrir o seu paraquedas...

«Quando ouví contar isto, ouví tambem falar do formidavel alvo que

ele tinha atingido e afundado—um grande couraçado japonês. Mas, por essa altura, eu nem sequer atribuí grande importância ao fato; nem talvez o próprio Kelly...

«Pouco depois, durante a tarde, um dos nossos aviões de combate, com um dos *ailerons* despedaçado, veio aos pulos dar no campo, como um pássaro ferido. Quando descia aos bordos, ao longo da estreita faixa de aterragem, esbarrou de asa contra uma das nossas Fortalezas levemente danificadas, despedaçando-a, e dalí foi rodando de encontro a umas árvores—e matou um sargento que estava alí trabalhando na reparação de outro aparelho. O piloto não se machucou, mas ficava-nos assim fora de combate mais uma das poucas e preciosas Fortalezas que restavam à nossa disposição.

«A noite que se seguiu foi verdadeiramente pavorosa; passei a maior parte dela na torre de observação. Tínhamos montado um sistema oculto de luzes de aterragem, que só trabalhava metade das vezes. Quando por fim conseguíamos que um avião aterrasse, dois homens munidos de lâmpadas portateis punham-se a cada extremo das asas, e o avião era empurrado para a zona de dispersão, afim de evitar que afocinhasse numa das numerosas crateras de bomba.

«No dia seguinte tornou-se iniludivel que teríamos de abandonar o Campo Clark. Alí estávamos nós, ao alcance da base japonesa da Formosa, com pista cravejada de buracos, quase sem aviões de combate que nos defendessem, e contando apenas com a indispensavel artilharia anti-aérea.

«Nestas condições, começamos a evacuação na manhã do outro dia. Foi-me entregue um dos aviões que fora possivel remendar, e fiz duas viagens de ida-e-volta ao Del Monte, carregando os membros das brigadas de pista, que iam para alí atender os nossos aviões que chegassem.

«Nunca hei-de esquecer minha última viagem ao Del Monte. Foi de noite, naturalmente, porque já não era seguro *viajar* de dia. Estávamos decolando, seriam umas três da madrugada, quando um dos mecânicos me diz que havia um sério furo no sistema do combustivel.

«Tudo que podíamos fazer era pôr um remendo no tubo furado, e arrancar daquele cemitério pra fora, com o Credo na boca—não fosse a caranguejola pegar fogo em pleno ar, e mais para a noite! Conseguimos chegar ao destino, mas tinha de ser a minha última viagem, porque os japoneses vieram no dia seguinte e deixaram sem conserto o que restava do Campo Clark. Foi nessa ocasião que perdí quanto possuia, incluindo relógios, diários e carteiras que tinham pertencido à tripulação da minha 99.

«E aquí estamos nós agora no Del Monte, ao todo umas quinze Fortalezas, mas todas remendadas e em tão mau estado, que seria grande sorte se pudéssemos fazer decolar meia dúzia delas a qualquer momento.

«Mas era, sob outros pontos de vista, uma deliciosa instalação. Um bonito campo de capim que ia até lá adiante à grande fábrica de conservas de abacaxí; clube campestre com sua piscina de natação, cortes de tenis—e até um punhado de mulheres brancas que deixaram os rapazes de olhos arregalados. Mas nem um canhão anti-aéreo, ou um avião de combate para nos proteger em centenas e centenas de quilômetros ao redor de nós...

«O nosso mal-estar crescia de hora para hora. Neste belo campo onde nos achávamos, havia pessoas que não pareciam compreender que estávamos em guerra. Os únicos elementos militares que por alí se viam eram parte de uma unidade qualquer de transporte. Logo no primeiro dia, agarrei um par de soldados e dei-lhes ordem para mandarem amortecer os faróis de todos os carros—fossem eles quais fossem—que se aproximassem do campo. Mas quando os soldados, cumprindo minhas ordens, mandaram parar um carro com oficiais, o comandante dos transportes resolveu acabar com aquela «besteira».

«Antes de os japoneses aparecerem por alí, como de fato apareceram, o que restava do velho 19° Grupo de Bombardeamento ainda lhes deu alguns maus bocados dignos de lembrar. Houve por exemplo a missão à Baía de Legaspi. O nosso serviço de Informações registou que uma grande concentração de navios japoneses estava em marcha para o Sul, isto é, em nossa direção, ao longo da costa de Luçon. Para nós, aquilo era a sentença de morte, sobretudo se viesse entre eles um porta-aviões carregado de Zeros, que não tardariam a estar a distância que lhes permitisse vir atacar-nos, paralisados em terra. Tenha presente que não possuíamos um só aparelho de combate num raio de 800 quilômetros do Del Monte!

«Cumpria-nos levantar vôo, e fazer o que nos fosse possivel. Tínhamos trabalhado ultimamente como feras, e dispúnhamos de seis aviões considerados em boa forma para levar a cabo a nossa missão. Mas nessa altura eu era um piloto sem asas. De maneira que é aquí o Harry quem vai continuar a história—era ele o navegador do avião de Jack Adams...»

O oficial-navegador tomou então a palavra:

«Devíamos partir os seis por volta das 10 horas. O Jim Connally foi o primeiro a rolar; ainda ia na pista, quando lhe rebentou um pneu. O avião bordejou, meteu uma asa no chão, e ficou com ela arrombada. Mau começo! Ficamos cinco, e a coisa não ia nada bem, porque é no número que está a segurança das Fortalezas—quanto maior for a potência de fogo concentrada sobre os Zeros, mais as Fortalezas serão capazes de regressar à base. Enfim, lá começamos...

«Íamos voando e subindo regularmente em formação—o combinado era atingir 7.500 metros—quando, a cerca de uma hora de Del Monte, um dos aviões sai da formação. Os motores deram prego; não podiam aguentar a subida. Meia hora depois—outro avião. Já nos aproximávamos do objetivo quando o terceiro nos abandonou: via-se perfeitamente que os motores, fracos, não podiam fazer aquela altitude.

«Quando éramos seis, tínhamos planeado dividir-nos em dois grupos de três aviões cada um. Só nos restavam agora dois aviões, de maneira que o Jack decidiu fazer de conta que ele era um dos grupos, enquanto o Vandevanter, que era o outro piloto, desempenharia o papel de segundo grupo. Dois aviões—contra toda uma frota de japoneses!...

«O Jack devia ser o primeiro a entrar na dansa. Mas a névoa era tão densa, que tivemos de baixar a uns 5.400 metros, para podermos ver o alvo—e alí vinha ele, uma fila de transportes e navios de guerra fazendo-lhes escolta. É bom lembrar que íamos a 5.400 metros, altitude demasiado pequena para as Fortalezas do modelo D, cujo funciona-

mento ótimo se verifica a uma altitude quase dupla dessa. Porem 5.000 e tantos metros são precisamente a altitude a que os Zeros fazem o seu melhor trabalhinho.

«Se quer fazer idéia de como a gente trabalha a bordo de uma Fortaleza modelo D, imagine a proa do aparelho como sendo a cabeça de um peixe, feita de matéria plástica transparente. Na mandíbula superior vão sentados os pilotos ao lado um do outro. É a cabina dos pilotos. Podem ambos ver para diante e para os lados, mas não para baixo. Por baixo deles, e acessivel através de um pequeno alçapão, está a mandíbula inferior do peixe, que é o compartimento do navegador, revestido igualmente de matéria transparente. Alí vão sentados o navegador e o bombardeiro. Podem ver para baixo e para diante, mas não para cima.

«Quando chegamos por cima do objetivo, meu papel de navegador acaba temporariamente, e eu vou para trás, para o paiol das bombas, onde elas estão suspensas em bastidores dos dois lados da pequena coxia—e ponho-me a ajudar a tirar-lhes os pinos de percussão. Alí está escuro, a única luz vem de uma pequena lâmpada elétrica.

«A certa altura abrem-se os alçapões, e a luz penetra por entre as bombas. Estas desprendem-se... Antes de fechados os alçapões, avisto de relance um bando de Zeros que sobem para nós.

«Previno o Jack Adams, e ele aproa a uma nuvem que, segundo calculamos, estará a uns 3.000 metros abaixo de nós—e disparamos direitos a ela com o gás todo aberto. Entretanto, os Zeros ganham altura sobre nós, e não tardam a abrir fogo. Sempre a caminho da nuvem os nossos artilheiros respondem com vigor.

«Eram bem uns cinco atrás da gente, procurando tomar altura sobre a nossa cauda. O nosso artilheiro do fundo chumbou o mais próximo mas os outros quatro continuaram em formação cerrada. O Jack Adams começou a voar dando à cauda para cima e para baixo, para dar aos artilheiros de cima uma chance de os agarrar, e dito e feito—lá se foi outro: ficavam três.

«Foi nisto que o Jack susteve de repente o avião, e um Zero passou à nossa esquerda: parecia um pombo de barro no tiro-ao-alvo! Foi como queijo para o artilheiro do lado... Veio mais outro, por baixo do estabilizador da cauda, e o artilheiro de baixo caçou o seu segundo Zero daquele dia—o que somava quatro Zeros em baixo e um no ar—e este continuou, apesar de tudo, a teimar.

«Para nos amolar mais a paciência, aquele diacho da nuvem, em vez de estar a 3.000 metros de altitude, estava só a 1.200! Como as nuvens não têm tamanho estandardizado, nunca se sabe a que distância se encontram; mas sempre conseguimos esconder-nos dentro daquela.

«O bonito foi quando o Jack começou a querer sair da picada para a horizontal, e não pôde! Os Zeros tinham-nos metido chumbo nos motores um e dois, estávamos perdendo velocidade e altitude, e descaindo devagar dentro da nuvem, a despeito de todos os esforços.

«Aquele último Zero tinha-se enfiado pela nuvem, atrás de nós, e de vez em quando largava-nos uma rajada. Nunca hei-de esquecer o barulho daqueles balázios ricocheteando dentro do nosso avião! Furavam o casco de alumínio como se fosse pele de gente, e batiam na chapa de aço, que os obrigava a fazer ricochete—parecia que alguem arremessava uma mancheia de chumbo grosso dentro do avião, cada vez que éramos atravessados por uma descarga.

«Não tardou que um dos pilotos, vendo que a gente continuava a descer, e que já começava a sair pelo fundo da nuvem, gritasse que nos preparássemos para uma aterragem forçada. O Jack à procura duma praia boa para assentar o aparelho, mas quem é que disse que havia praia. Era rocha e mais rocha, tudo envolto na espuma da rebentação. De modo que meteu o aparelho pela terra dentro, e logo, bem à nossa frente, avistamos um grande macisso de árvores, com bem 18 metros de altura. Já não havia tempo nem pra dizer um Padre-nosso, mas o Jack conseguiu dar um pulo por cima daquelas árvores, e foi fazer uma aterragem de «barriga», num campo de arroz, muito melhor do que se podia esperar.

«Ainda se lembra que vínhamos seguidos por aquele último Zero? Pois seguiu a gente todo o caminho até aterrarmos. Deixei-me escorregar para fora do avião, e desatei a correr o mais depressa que podia. O que teve mais graça foi que o nosso copiloto, o Bill Railing, ou porque ficou zonzo, ou porque se sentia alí bem, deixou-se estar no seu posto, enquanto o japonês circulava por cima do aparelho, a disparar por todas as bocas. As balas traçaram uma tatuagem ao longo da asa da Fortaleza, e o Railing alí sentado a sonhar, muito confortavelmente no seu assento, em plena rajada—e nem um arranhão sofreu! Serve isto para mostrar que não faz muita diferença se a gente corre ou fica sentado.

«O outro avião tambem passou o seu mau bocado. O Vandevanter, que voou por cima do objetivo três minutos precisamente depois de nós, viu-se perseguido pelos Zeros, e foi-se meter tambem numa nuvem. Por lá andou um pedaço, com os caças no rasto, atirando nele cada vez que punha de fora a ponta de uma asa... Mas acabou por conseguir regressar.

«Mas ainda tivemos encrencas, no aparelho do Adams.

«Quando me levantei do chão, depois de o Zero nos ter metralhado, fomos dar com um sargento a gemer: tinha uma bala de canhão numa perna. Eu mesmo apanhei uma bala de raspão—coisa de bobagem.

«Nesta altura pode-se dizer que começa a minha licença ilimitada na aviação. Não tornamos a ver o pessoal do 19.° grupo até chegarmos à Austrália, em março, e entretanto o 19.° tinha vindo corrido do Del Monte, e mais tarde, o que dele restava meteu-se na campanha de Java. Nesse meio tempo aconteceram-me coisas a rodo.

«Três minutos depois de termos aterrado à força naquele arrozal, fomos rodeados por um bando de filipinos, todos eles armados de facas compridas e afiadas. Não levamos muito tempo para os convencer de que não éramos japoneses, e fizeram-se nossos amigos. Informaram que estávamos na ilha de Masbate, e prepararam uma maca bastante confortavel para o sargento ferido.

«Querendo mostrar seu apreço pelos oficiais americanos que estavam se batendo pela terra deles, trouxeram-me um burro para eu montar. Recusar seria ofendê-los, mas eu é que nem sonhava em que negócio me estava metendo. O bicho parece que andava mal comido, e tinha um espinhaço que parecia uma serra. Deixava-se ficar para trás quando via um bocado de capim mais apetitoso, e depois desatava a trotar para se juntar ao grupo. Era então que eu via estrelas

—a chocalhar em cima daquele espinhaço!

«Passado um bocado chegamos a uma aldeia, onde havia um médico que se ocupou do sargento. Levou-nos quase uma semana para arrancar daquela ilhota numa guiga. Fomos desembarcar em Panai, e, quando nos apresentamos ao general Chynoweth, soubemos que o velho 19° grupo de bombardeamento partira de Mindanau para a Austrália. Puseram-nos então adidos a um regimento de artilharia filipina, entregando a cada um de nós, o Adams, o Railing e eu, o comando de um batalhão: o que nos pareceu grande honra, visto que éramos apenas tenentes.

«Fomos deitar uma vista de olhos à nossa artilharia. Os soldados eram quase todos rapazotes na idade ginasial, e metade deles não entendiam patavina de inglês. Quanto ao material, consistia apenas no nome, e mais seis alças para peças de campanha, do tipo 75 francês, do tempo da outra guerra. Os canhões propriamente ditos tinham ficado no fundo da baía de Manila, no transporte que os trazia... Mas as alças estavam primorosamente areadas, e brilhavam como jóias.

«Mandaram-nos para junto de um rio, num lúgar chamado Carmen Ferry, onde se juntavam duas estradas vindas de Davau—cidade, no sul, que estava nas mãos dos japoneses. Caso eles atacassem, a nossa missão era não deixá-los atravessar o curso de água.

«A mim aqueles lugares nada me atraíam, especialmente por causa das gibóias. Eu dormia numa trincheira, e aí, pelo amanhecer, lá vinham elas tratando de aconchegar-se à gente na escuridão. Grossas como a perna de um homem! Não me agradava nada aquilo. Note que não estou criticando as serpentes, coitadas, foram sempre muito decentes e respeitosas. Mas não estava habituado; é só.

«De modo que fiquei contente quando veio recado para voltarmos ao campo Del Monte, onde se estavam reunindo os aviadores sem aviões, para serem evacuados para a Austrália. Uma noite chegou o tenente Pease, do nosso grupo de bombardeamento, e levou-me na companhia de mais quinze camaradas, no seu avião.»

«Foi um alegrão—cortou agora o piloto Frank Kurtz—quando vimos aparecer vocês na Austrália, os camaradas do 19°. Já os tínhamos dado como mortos, quando vimos que não regressavam com os outros da missão à baía de Legaspi. O Vandevanter tinha visto vocês correndo para uma nuvem, seguidos por cinco Zeros. Pensamos que nem a tivessem alcançado.

«De maneira que alí estava agora o velho 19, outra vez reunido, no Aeródromo de Batchelor, no porto de Darwin, na Austrália! É uma região desolada e escassa de povoação, com a cidade de Darwin plantada à beira de Coisa Nenhuma! Ruas largas, banda de música no coreto do parque, e jardim zoológico com algumas emas, cangurús e ursos koala. Não tem verdura que se coma, tudo é importado em latas. Aí tem o que é Darwin.

«O Campo Batchelor, a uns 60 quilômetros para o interior, em pleno sertão, constava de um par de pistas desbastadas entre os mesquites, e um hangar que pertencia à Aviação Real Australiana, a RAAF. Era dificil obter máquinas para terraplenar o campo, e dinamite para fazer saltar os tocos das árvores.

«Não era mau a gente sentir-se por

alguns dias fora de perigo, e começar a pôr em forma os nossos aviões, uns doze ao todo. Mas a paz tinha os seus lados desagradaveis. A Austrália ainda não sabia que tinha começado a guerra, e os rapazes da RAAF, apesar de serem muito bons para nós, parecia que falavam uma língua diferente. Como sabe, a gente tinha comido o pão que o diabo amassou, e o diabo já vinha outra vez atrás de nós, sem parar. Ora, os nossos amigos australianos saudaram a gente com o ar mais natural desta vida, como se acabássemos de fazer um vôozinho de *cross country!*

«Nesta primeira manhã, oficiais e praças saimos juntos, e pusemo-nos a cavar uns buracos na terra, para servirem de refúgio, caso os japoneses se resolvessem a aparecer por alí. E os australianos maravilhados! Achavam que era tudo muito *democrático*... Mas nunca pensaram em fazer abrigos para eles próprios.

«Assim que pudemos, começamos a realizar vôos de missão. O Del Monte ainda estava em mãos de americanos, de modo que nos podia servir de base avançada—mas era só chegar e largar logo, como se tivesse brasas. As missões eram porem de uma extensão pavorosa: só de Darwin ao Del Monte, 1.700 milhas! Saíamos de Darwin pela manhã, voávamos todo o dia, e aterrávamos no Del Monte depois do escurecer para não sermos vistos pelos japoneses. Atender ao avião, comer, dormir um pedaço, e meter combustivel para largar de manhã bem cedo, a tempo de carregar em cima da frota de invasão japonesa, ao largo de Luçon. Depois, toca para o Del Monte—mas agora já com luz de dia, um perigo dos diabos. Aterrar, meter gasolina, carregar bombas e cavar a toda pressa para ir alcançar um objetivo pelo meio da tarde; voltar ao Del Monte, já com escuro, dando graças a Deus se não havia algum japonês rondando lá por cima, chegar pela meia noite, outra soneca, tornar a meter gasolina—e voar para a Austrália!

«Imagine o estado dos pilotos e tripulações, metidos nesse vaivem, dias e dias, talvez umas dezoito horas seguidas de cada vez!..

«Com tudo isso, vinha-nos sempre ao espírito o dia de Natal. Já estava à porta—um Natal de derrota, e então naquele sertão desolado, quente, e poeirento, sem uma palavra nem uma lembrança da terra!

«Sabíamos que não havia cartas, de modo que era bem natural que, ao menos naquele dia, fôssemos até à barraca do rádio australiano, na esperança de pescarmos alguma palavra amiga que viesse pelos ares.

«Devo dizer que uma parte do nosso grupo tinha saido em missão às Filipinas: seis Fortalezas, incluindo a do Mueller, que estariam agora na longa e atroz viagem de regresso ao Campo de Batchelor. Era nossa esperança que nenhum deles fosse abatido no dia de Natal.

«Os australianos foram camaradas a valer conosco. Passavam-nos para as mãos os cartões de boas-festas que tinham recebido, e perguntavam de que parte dos Estados Unidos éramos nós. Isso permitia-nos desabafar e falar das nossas mulheres ou namoradas, se nos apetecesse, e quase todos o fizemos. Mas não nos saía da cabeça a lembrança daquela missão, se bem que não dissésemos nem palavra a tal respeito. Está claro que não sabíamos que tinham caido em sérias dificuldades, atingidos pelos Zeros a grande altitude, e que o aparelho do Mueller apanhara uma ra-

jada de metralhadora através do compartimento de rádio. O sargento Killi, rádio-telegrafista, recebera um tiro no alto da cabeça quando ajudava os artilheiros a carregar outra vez as armas, e dois outros homens tinham ficado seriamente feridos. Uma coisa dessas, a grande altitude, era caso sério. Um sujeito pode, ao cair, desprender a máscara de oxigênio. Pouco é possivel fazer por um camarada ferido, durante um combate a grande altitude. Quando muito, aplica-se-lhe bem a máscara na cara, para que ele não se ponha azul com a falta de ar, ou morra asfixiado a 9.000 metros de altitude; e resta esperar que não morra tambem de hemorragia. Não se pode suspender o combate para tratar de um ferido. Quando se têm feridos a bordo, o que se faz é procurar descer pelo menos a 3.000 metros, logo que seja possivel, para que não fiquem eles sob a tortura de respirar pelas máscaras de oxigênio.

«Mas voltando agora ao avião de Mueller: havia Zeros por todos os lados, e o Mueller sabia que, se abandonasse a formação e picasse sozinho, tinha todas as probabilidades de se ver numa grande enrascada. Fez então o que devia: ficou com a sua formação. Mas era uma decisão dura de tomar no dia de Natal, com aqueles pobres feridos a gemer, debatendo-se para respirarem na atmosfera rarefeita das alturas.

«Nada disso nós sabíamos ainda, quando o operador australiano se pôs a mexer nos controles do rádio. Mas alguma coisa ele começava agora a apanhar, através dos seus auscultadores; garatujou umas frases num papel, lançou-me um olhar embaraçado, e estendeu-me a nota.

«Era uma mensagem do Mueller! Tinha esperado até ficar fora da zona de perigo, antes de quebrar o silêncio do rádio. Dizia que estaria de regresso depois do escurecer, com um corpo a bordo, e pedia que tivéssemos a ambulância pronta, no campo. Queria isso dizer que havia mais feridos. Para nós o dia de Natal acabou-se logo alí...

«Quando o avião do Mueller aterrou, vinha tão escangalhado do tiroteio, que decidimos considerá-lo um «salvado». Precisávamos absolutamente de ter alí, no Batchelor, um avião inutilizado que nos servisse de reserva de peças e acessórios, para podermos manter os outros aviões a serviço. Tudo nos faltava, mas aquilo de que mais estávamos precisados eram tanques de gasolina do paiol de bombas.

«Como sabe, a principal reserva de combustivel de Fortaleza do tipo D vai instalada nas asas; mas tambem se podem levar tanques sobressalentes nas prateleiras dos paióis de bombas. Quando nos vemos sob o fogo dos caças, largamos os tanques juntamente com as bombas, para aliviar o avião e ganhar velocidade. Estando eles vazios, mais uma razão para os deitar fora. Uma bala traçadora pode muitas vezes atravessar um tanque cheio de gasolina sem lhe pegar fogo; mas um tanque vazio é na realidade um depósito cheio de uma mistura, altamente explosiva, de ar e fumaça de gasolina, e rebenta como uma bomba; os japoneses sabem-no muito bem. Já tínhamos botado fora, assim, tantos tanques de gasolina, que estes agora valiam para nós o seu peso em ouro.

«Estávamos, nem podia deixar de ser, nas peores condições. O 19°. Grupo de Bombardeamento tinha perdido dois terços dos seus efetivos originais, isto em três semanas, e víamo-nos agora reduzidos a cerca de doze aviões. Uma coisa nos dava esperança: das duas dúzias, aproximadamente, que tínhamos perdido, só dois—o de Colin e o de Adams—haviam sido abatidos em combate. Os outros tinham sido destruidos em terra; ou inutilizados de propósito numa praia,—como foi o caso de um—para salvar a tripulação, quando se viu que não tinha já potência para regressar à base.

«Exatamente quando fazíamos contas dos aviões perdidos e dos salvos, e meditando no que se iria passar em seguida, o general Brereton aterrou no campo e mandou-nos comparecer imediatamente numa reunião de Operações.

«Fez-nos saber que a Aviação Militar dos Estados Unidos no Extremo Oriente, cujo comando lhe fora confiado, ia sem perda de tempo concentrar todas as suas forças na ilha de Java. A sua base principal ficaria num campo situado perto da cidade de Malang. Dalí operaríamos em relação com as bases avançadas que os holandeses já tinham disposto nas ilhas exteriores de Bornéu e Celebes. A partir dessas bases, as nossas primeiras missões teriam todas por fim atacar e desfazer as enormes concentrações de transportes japoneses que se estavam formando na baía de Davau, no extremo sul das Filipinas.

«Enquanto ele falava, a nossa curiosidade não deixou de crescer. Que tamanho teria essa força aérea americana que tinha como tarefa esborrachar os japoneses nas Filipinas, para que eles não pudessem estender-se até alcançar as Índias Neerlandesas? Quando, finalmente, compreendemos que a Força Aérea dos Estados Unidos no Extremo Oriente consistia ao todo nos nossos doze aviões, não sabíamos se devíamos chorar por nós, se pelo general Brereton, por ter às suas ordens uma tão mísera formação.

«Para mim, porem, é que as novidades foram grandes. Desde a perda da minha 99 que eu era um aviador sem avião, uma espécie de fantasma ambulante, ou de cabeça sem corpo... Mas desta feita o Lee Coats fora destacado para acompanhar o general a Brisbane, na qualidade de engenheiro militar, e cabia-me tomar o comando do seu avião e tripulação na campanha de Java. Estava chegando a hora de ajustar contas em nome da Velha 99...

«No curso da semana seguinte, iriam dizer-nos que em breve deixaríamos de lutar sozinhos: não tardava que outras Fortalezas começassem voando através da África, da Ásia e ao longo da península da Malaia, direitos a Java, para virem combater a nosso lado. Tampouco continuaríamos desprovidos de aparelhos de cobertura, porque tambem muitos P-40 de combate já vinham a caminho, a bordo de transportes; ao todo—segundo nos explicavam—naqueles três próximos meses a América ia lançar mais de mil aviões no teatro de guerra do Extremo Oriente, para deter firmemente o avanço nipônico.

«Nestas condições não é de espantar que o nosso moral subisse, e largamos para Java com o ânimo restituido ao estado normal. Imagine-se que éramos apenas uns míseros doze aviões contra todo o peso da ofensiva japonesa.—Ora, seríamos apenas a ponta da lança... Os outros não tardariam em seguir-nos.

«Foi assim que na manhã do último dia daquele ano largamos a caminho de Java, num estado de alma esperançoso: éramos dez. Tínhamos certeza de que todos os erros tinham sido praticados em 1941, e que o 1942 ia ser bem diferente...

«Mesmo para uma Fortaleza, a viagem de Austrália a Java dura um bom dia de vôo, mas o tempo estava excelente, e todos nos sentíamos em ótima disposição. O oceano era de um azul carregado, e a cada momento sobrevoávamos ilhas de um verde luxurioso, de abundante vegetação, que formam uma verdadeira cadeia de cachopos entre a Ásia e a Austrália.

«A última de todas elas era, provavelmente, a mais bela: a famosa ilha de Balí, logo antes de chegarmos a Java. Ao cair da tarde apareceu-nos Java, tão bela quanto jamais alguem a sonhou—um veludo verde, macio e imenso, só interrompido onde o sol poente faiscava ainda nos arrozais, incendiando as manchas de água quieta, de um ouro carregado que contrastava com o negro fuliginoso dos lameiros.

«Voamos sobre o grande porto de Sorabaia, e dirigimo-nos logo para Malang, cidade mais pequena, a uns 106 quilômetros de distância, que seria a nossa base. Tinham-me afirmado que o campo estava bem camuflado, mas, como vinha cuidadosamente marcado nos mapas, não houve a menor dificuldade para o encontrar. O trabalho de camuflagem era alguma coisa de superior a quanto até então tínhamos sonhado nas Filipinas. Olhando lá de cima, parecia mesmo um extenso milharal atravessado por uma estrada de ferro.

«Assim que aterramos, os nossos rapazes estavam ardendo por ir até a cidade; mas primeiro era preciso assistir ao conselho habitual dos pilotos. É sempre o mesmo sujeito, tanto faz capitão, como major ou tenente-coronel, que se levanta muito solene, e nos pespega o mesmo discurso para meninos afim de animar as artes, e os rapazes com vontade de «disparar».

«Só que desta vez a coisa não era tão chã como de costume: porque íamos enfim começar a fazer aquilo que durante anos nos tinham treinado para executar com as Fortalezas. Assim que os reforços começassem a afluir, poderíamos largar em densas formações e despejar uma das nossas redes de bombas, que ficasse de memória aos japoneses. Em vez de ser apenas um aparelho a dar-lhes uma bicada de vez em quando, iríamos largar em cima deles o enorme e denso retângulo de bombas a que nenhum navio pode escapar.

«A conferência acabou, e nos amontoamos no *bus* do aeroporto rumo a Malang, que parecia uma cidade de ouro àqueles rapazes que havia mês e meio faziam a guerra sem pausa. Alí tínhamos nós um lugar que a guerra até agora deixara intacto—lojas onde se podiam comprar coisas, cinemas, restaurantes.

«Entramos no átrio do Palace Hotel, para festejarmos, jantando juntos, o dia de Ano Bom. O gerente era um holandês alto e gordo, de grande cara vermelha, chamado De Vries; mas os rapazes mal tiveram tempo para olhar o cardápio, porque no mesmo instante entravam na sala as duas filhas do gerente, dois amores! Cabelo ondulado e fofo, de bem lavado, e ambas de leite-e-rosas, apesar da soalheira daquelas bandas. Ao atravessarem a sala, as duas beldades pregaram os olhos cinzentos no chão, mal deixando escapar de esguelha um raio de curiosidade pelos aviadores ianques... O pessoal estava fatigado da grande jornada, mas à vista delas, foi como se alguem tivesse dado volta a um comutador: todos os que estavam à mesa levaram a mão à gravata para compor o nó, e o brilho voltou-lhes aos olhos.

«Logo no dia seguinte nos metemos a trabalhar. Devíamos largar daquela base de Malang para ir instalar-nos nas nossas bases avançadas de Samarinda, em Bornéu, e Kendari, nas Celebes. Samarinda fica situada no interior, à margem de um caudaloso rio tropical, mas não deveríamos voar diretamente até lá, porque os aparelhos de reconhecimento dos japoneses podiam avistar-nos, e desse modo localizar o pequeno campo de vanguarda, a despeito da sua camuflagem.

«Era pois preciso não ir diretamente ao Campo de Samarinda. Devíamos tomar um rumo irregular até a costa de Bornéu, subir depois durante alguns minutos o curso do rio, e em seguida descair para baixa altitude; por essa ocasião, estaríamos mesmo por cima do campo, e tão perto dele, que poderíamos lobrigá-lo, com camuflagem e tudo.

«Outra coisa. Se por acaso encontrássemos alguns aviões de combate do tipo Brewster, que são americanos, não devíamos atirar neles: devíamos fazer-lhes o sinal de identificação, com as nossas lâmpadas Aldis, porque se tratava de verdadeiros Brewsters que os holandeses tinham adquirido antes da guerra, e eram pilotados por holandeses. Eram eles, ao todo, uns doze a quinze.

«Nessa manhã saí com a minha nova tripulação para um vôo de ensaio. Não conhecia nenhum daqueles homens, nem eles me conheciam. Tinham recebido nos Estados Unidos, naturalmente, a sua aprendizagem de tiro, mas a missão do dia seguinte seria a estréia em guerra de verdade, o que faz sua diferença... Falei-lhes do que havia a evitar, e em seguida começamos a praticar com as janelas transparentes que ficam em frente de cada boca de fogo, como sempre se faz antes de entrar em ação.

«Levaram tudo com muito bom modo, mas era facil ver que me estavam ao mesmo tempo espiando com muita atenção. Como não se ignora, a aviação é uma família bastante democrática, e logo que decolamos, seja qual for a patente do camarada, ela vale muito pouco enquanto os homens não vêem pelos próprios olhos que o chefe entende do ofício. E assim mesmo é que deve ser.

«Outro fato era que todos tinham consagrado grande estima ao seu antigo piloto, e imagino que este sentia por eles o mesmo que eu pela minha velha companhia da 99. Ó que é certo é que enquanto andávamos lá por cima a guarnecer postos de combate e a disparar umas quantas rajadas de prática, o sargento Schadl, que era o meu novo chefe de pessoal, disse-me, olhando pra mim bem nos olhos:—Sabe o tenente, nós tínhamos um piloto bom como todos os diabos. Não tem melhor em carlinga nenhuma!

«Devia ser a expressão da verdade, mas não me agradou nada ouvir aquilo, nem o sargento tinha falado para me ser agradavel. Mas tenho alegria em dizer que, depois da segunda missão, ele veio ter comigo e confessou que tinha falado um bocado antes de tempo.

«No dia seguinte fizemo-nos de rumo a Bornéu, por cima de Java, e, seguindo as instruções, achamos um rio que condizia com as nossas indicações; pelo cair da tarde estávamos no Campo Samarinda. Era o melhor trabalhinho de camuflagem que já vi: melhor que o de Malang! Nas Filipinas a gente quase nem tinha tido tempo para camuflar nada. À medida que descíamos mais baixo, podíamos ver que o campo estava recoberto com cavaletes de pau, que teriam feito em pedaços qualquer avião que se tivesse atrevido a aterrar por

entre eles. Só depois de termos dado voltas, é que vimos surgir, correndo, um grupo de indígenas, que se puseram a retirar os cavaletes, apenas, daquela pista que teríamos de usar. E tão depressa tínhamos tocado em terra, já eles andavam outra vez a arrumar os obstáculos na pista que tínhamos usado. Não tinham desejo nenhum que os japoneses viessem meter o nariz alí, de surpresa, e ocupar-lhes o campo. Os holandeses eram dignos de elogio pelo que tinham feito na defesa das suas ilhas: quanto é possivel, quando se está de mãos a abanar...

«Quando fazíamos rodar os aparelhos para dentro dos abrigos, apareceu-nos pela frente uma linda enfermeirinha holandesa, de uniforme alvo e engomado, olhando para nós ansiosamente, não fosse o caso que tivéssemos sido atingidos pelos Zeros e algum de nós viesse ferido. Falava admiravelmente o inglês. Tendo ouvido dizer que os aviadores americanos iam fazer uso daquele campo, ofereceu-se voluntariamente para exercer suas funções naquela selva fumegante de umidade e calor. Não tardou que os nossos rapazes se convencessem de que ela não era para brincadeiras, embora fosse terna para todos, e tão competente no seu ofício quanto bonita. Daí em diante foi bom saber que, se algum japonês nos metesse chumbo entre duas costelas, aquela holandesa bonitinha estaria esperando por nós no campo com a sua ambulância de portas escancaradas, para nos tratar.

«Bom, não tardou que tivéssemos a reunião de pilotos para se traçarem os planos da missão à baía de Davau. Sabíamos que era uma enorme tirada, ida e volta, com o nosso objetivo mais bem defendido do que outro qualquer ponto situado ao sul da Formosa. Tambem era coisa para encher a gente de raiva, saber que esse objetivo japonês, pesadamente defendido, ficava situado nas nossas Filipinas, onde os americanos continuavam a combater. Era precisamente naquela mesma ilha de Mindanau, onde se achava o nosso velho campo—o Del Monte! Assim, para que perder mais tempo? Vamos tratar de ir até lá, sem mais demoras, para os deixarmos sem conserto.

«Pouco depois da meia-noite estávamos a caminho. Tinham-nos dito que contássemos com mau tempo ao chegar ao mar largo, e a previsão não falhou. Meu co-piloto, o Colovin, e eu, conduzimos alternadamente, com os olhos a arder e a chorar do esforço de irem fixos, através do para-brisa, naquelas luzes verdes dos aviões que nos precediam. A formação voava através de nuvens dispersas, mas com a escuridão não nos era possivel vê-las. Sabíamos apenas que, de repente, as luzes à nossa frente se sumiam, abafadas pela névoa, para reaparecerem mais tarde exatamente da mesma maneira. Cerca das 4 da manhã, mandei ordem aos rapazes da retaguarda para que apagassem os cigarros; íamos começar a transferir gasolina. O chefe da tripulação abriu as duas válvulas, que despejaram todo o combustivel dos tanques do paiol das bombas, para os tanques das asas, que iam agora parcialmente descarregados. Se os Zeros nos atingissem, teríamos talvez que deixar cair esses tanques do paiol; ora nós agora íamos precisar de cada um daqueles preciosos galões de gasolina, se é que queríamos voltar à base após este vôo enorme...

«O plano consiste em atacar Davau pelo amanhecer, e não se sabe se os nossos navegadores poderão levar-nos

todos juntos, e em tempo, ao objetivo. Se chegarmos tarde, cairemos em plena patrulha da aurora dos caças japoneses, que alí andarão à nossa espera, por cima. Por outro lado, se nos fazem chegar demasiado cedo, teremos que circular no ar até haver luz bastante para avistarmos o alvo. Neste caso, alguns não terão gasolina que lhes chegue até ser dia claro. Terão de dar meia volta, e alguns de nós teremos de cair sobre o alvo, quase sozinhos...

«O tempo parece que vai agora clareando. A nossa formação é um V de VV, em escala ascendente. Eu chefio a retaguarda com o Jim Connolly, o que é, aquí entre nós, um lugar dos diabos, porque nessa altura é sempre de esperar que os japoneses ataquem pela retaguarda. Tambem são os da retaguarda os últimos a largar as bombas...

«Tínhamos subido continuamente—algumas centenas de pés por minuto—e sentia-se baixar bastante a temperatura. Pedí então ao sargento que pusesse o aquecimento a funcionar—rogando a Deus que este não ficasse encrencado precisamente àquela noite. Não há nada peor do que ver-se a gente em ação por cima de um objetivo, com as mãos entrevadas de frio! Os dedos dos bombardeiros deviam estar quentes e sensiveis como os de um violinista—assim tem de ser para que ele possa caçar e conservar o vulto do inimigo nos fios cruzados da sua mira de bombas. Os dedos do meu bombardeiro, conjugados com a rigorosa pilotagem que eu tenho a meu cargo realizar, decidirão se seremos esta noite capazes de dar no alvo—talvez de afundar um transporte japonês com alguns milhares de soldados inimigos a bordo.

«Começa a espalhar-se uma luz acinzentada pelo céu, e as estrelas parecem empalidecer: a aurora não vem longe, e dou para matutar nos aviões de combate dos japoneses. Ninguem diz nada, mas eu sei que os outros tambem pensam no mesmo. Saberão os *japs* que estamos chegando? Eles têm o seu truque, que consiste em mandar grandes aviões à distância sobre o mar. Ficam a flutuar nas ondas como as gaivotas quando repousam, e quando ouvem roncar os nossos motores, lançam um aviso à base, pelo rádio. Quem sabe se já não passamos por cima de algum desses pássaros, e se os caças japoneses não andarão já subindo em espirais em volta do campo de Davau, para onde nos vamos dirigindo!...

«Estamos agora a 9.000 metros de altitude, e apenas a 20 minutos de objetivo. Mando os rapazes tomar posições de combate. Apesar de ser crescente a tensão, há agora como que um sentimento de alívio. Porque chegou enfim a hora de entrarmos na dansa, e graças a Deus o tempo clareou. A manhã começa mesmo a romper, já deixamos o mar e vamos voando sobre a ilha de Mindanau. Se calha sermos derrubados, talvez possamos escapar aos 30.000 japoneses que vivem em volta da cidade de Davau, sobre cujas fazendas voamos agora, e gatinhar ocultos entre o mato que cobre os leitos dos riachos, até o Del Monte, que ainda está em mãos dos americanos.

«Seguindo o chefe, Cecil Combs, vamos agora num inferno de velocidade. Mais de 480 km. por hora. Para que estaremos usando assim os motores? Não seria melhor poupá-los? Mas talvez o Cecil tenha razão: quer passar depressa sobre o objetivo, e poupar homens e aparelhos, ainda que seja à custa dos motores.

«Chegamos agora a um ponto pre-

viamente combinado, onde devemos dar uma volta de 120 graus, e marchar diretamente sobre Davau. No momento em que subo bruscamente, avisto de relance (pela única vez) o nosso alvo, que aliás os pilotos nunca vêem em pormenor. Donde vai sentado, o piloto pode ver apenas o céu e o horizonte; é o navegador quem pode olhar para baixo, quem leva o avião até o ponto, do tamanho da ponta de um alfinete, onde se desencadeia o ataque. Mas desta vez, com a asa virada para o alto, apanho de relance, através da janela lateral empinada, a cidade ainda adormecida, a baía de Davau prateada na luz primeira da manhã, e logo—vista mais que todas maravilhosa!—um grande navio parado, bem ao largo, no meio de uma roda protetora de destróieres, todos imoveis. Nós os apanhamos a dormir, sem pressão nas caldeiras para manobrar rapidamente, os japoneses ressonando—exatamente aquilo que fervorosamente tínhamos desejado.

«Mas dá-se agora uma mudança. Pelos interfones ouço o Stone, bombardeiro do avião da vanguarda, chamando Combs, que é quem nos guia: pede-lhe que mude de rumo, estamos à vista do objetivo. Combs concorda, e mais uma vez ganhamos altura, dirigindo-nos agora, ao que parece, para a zona inferior do porto de Davau. Tiro mais uma olhadela, e percebo a razão da mudança: é a mais colossal concentração de navios que observei em toda a minha vida! Couraçados, cruzadores, transportes, destróieres, submarinos—todos agrupados alí em baixo, e ponteando a água tão próximos e tantos, que não havia maneira de errar! Mas estamos em plena zona de bombardeio, e é tempo de endireitar o aparelho para passar ao controle do PDI—ou seja, o instrumento de direção do piloto. Para o leigo, trata-se apenas de mais uma das muitas agulhas que bailam e estremecem no painel dos instrumentos. Mas esta está ligada com a mira das bombas, no compartimento em baixo do meu. Cada vez que os dedos ultra-sensiveis do bombardeiro movem os controles uma fração de polegada, a agulha do meu PDI registra logo a mudança. Não vejo daquí o alvo, mas, se seguir rigorosamente a agulha, não posso falhar.

«Os nossos nervos vão agora ao máximo da tensão. Relanceio um olhar para a frente, e vejo Cecil Combs passando por cima do alvo. Uma vez que vamos à retaguarda, isso quer dizer que Combs está quase 10 km. à frente, e a sua Fortaleza parece do tamanho de uma carriça. O céu, adiante, vai-se enchendo das bolas negras de fumo dos obuses anti-aéreos, que formam uma camada de nódoas acima do avião. Os japoneses lá de baixo cortaram os seus fusos um quase nada compridos de mais para apanharem o Cecil, mas eu sei que dentro de poucos segundos vou ter uma sensação muito mais real do que são aquelas nódoas negras. Rogo a Deus que não deixe o bombardeiro do Cecil errar o alvo. «Chega-lhes agora, meu Stone. Deixa-os escangalhados». Mas ele não é pessoa para errar, é um dos melhores neste genero de exercícios.

«Está agora a despejar o seu trem de bombas em cima dos japoneses, estilo Pearl Harbor. Mas a mim só me dá uma raiva: aquí estamos nós, com um alvo digno em emparelhar com Pearl Harbor, e somos apenas dez, quando os japoneses que nos atacaram em Havaí eram dúzias e dúzias!

«Os auscultadores estalam nos meus ouvidos, cheios dos gritos entrecruzados dos metralhadores, que espreitam através das suas seteiras, procurando os Zeros pelos céus. O meu trabalho é ficar pegado àquela agulha, corrigindo o meu curso por ela. Tenho de acompanhá-la com o rigor com que o acompanhador ao piano segue o violinista! O bombardeiro, em baixo, manobra o aparelho da mira com uma leveza de violinista nos dedos, e eu, cá em cima, tenho que seguí-lo com pressões igualmente delicadas nos lemes... Se ele se excita e, para corrigir seu erro move demasiado os controles, então, para seguir os movimentos da agulha oscilante, eu carregarei demasiado no pedal e a Fortaleza sairá do bom caminho.

«Quase peço a Deus que tal não suceda. E murmuro: —Anda, rapaz, não se ponha com tantos cuidados!

«Arrisco-me a certa altura a desviar os olhos da agulha numa rápida mirada, para ver como a segunda formação entra na linha de lançamento de bombas. O fogo anti-aéreo, que era demasiado alto para a primeira formação, rebenta agora bastante abaixo da segunda... Quer isso dizer que eles estão regulando o seu tiro, e quando chegar a nossa vez de passar-lhes ao alcance, já terão precisado a nossa posição. Ouço nesse momento um dos nossos atiradores gritar nos auscultadores:—Caças, trepando das 9 horas! (Quer ele dizer que vêm em ângulo reto pela nossa esquerda; se viessem da direita, teria dito 3 horas. Como se o céu fosse o mostrador de um relógio.) Ainda os não posso ver, mas os meus artilheiros tambem falam agora: —Lá vêm, numa espiral comprida, baixa, —subindo tão na vertical que se lhes vê a barriga, até parece que sobem puxados a cabo pela proa!...

«Que os leve o demônio, os meus artilheiros se encarregarão deles. O curso das bombas é o que me interessa agora. Os obuses rebentam já adiante de nós, à altura devida—já nos entalaram—e terei de meter a minha carlinga direito por entre eles, se quiser manter-me no nosso curso... e não ha outra coisa a fazer!

«Nisto, enraiveço-me de novo. Tinham-nos dito, imagine, nos nossos livros de aviação, que o fogo anti-aéreo dos japoneses não atingia acima de 5.400 metros! E alí íamos nós, quase ao dobro dessa altitude—e os obuses a rebentarem por todos os lados!

«Súbito, o nariz do avião encabrita para cima e para a esquerda—e mal consigo reconduzí-lo ao seu lugar, já o aparelho tenta dar outra torcedela. São as explosões da artilharia anti-aérea—vagas invisiveis de ar que as explosões arremessam contra nós, e parece que vamos agora rolando num velho Ford modelo «T» por uma estrada esburacada... Meus olhos pregados naquela agulha, e eu sempre rezando pelo bombardeiro.

«Chega-me então o sinal dele: abrem-se as portas do nosso paiol de bombas—até se sente o avião puxar para trás ligeiramente, devido ao atrito do ar—e então o duplo sinal, trique-trique, que significa:—Ponha o avião na horizontal, Frank!

«A minha resposta é carregar nas barras dos lemes com os pés, firme e suavemente, dando-lhe assim a plataforma de vôo perfeitamente horizontal que ele necessita, pois meio grau de desvio, nestas altitudes, representa um erro de centenas de pés, lá em baixo, à superficie do mar.

«E finalmente brilha no meu painel de instrumentos a preciosa luz cor de ambar—sinal de que as bombas se estão despegando uma por uma, quatro mostrengos azues de 300 quilos, a interva-

los de meio segundo. Carrego tão de leve nos lemes, que os meus pés mal lhes tocam.

«Segue-se o sinal de *bombas em baixo!* e nessa fração de segundo deixamos de trabalhar para o governo, e começamos a fazê-lo para nossas mulheres e famílias. Porque isso quer dizer que a última bomba largou do avião, e o nosso objetivo reduz-se agora a chegar à base com a pele intacta. É verdade que o governo ainda tem interesse na nossa pele, com o dinheirão que gastou para treinar os nove homens que aquí vamos, e neste aparelho que lhe custou mais de 300 mil dólares...

«A nossa missão agora é escapulir daquele sítio mortal. Carrego na velocidade até o limite da nossa potência, e entro numa picada de asa para ganhar distância, e tentar escapar aos Zeros.

«Todos os nossos aviões estão procurando aproximar-se entre si, em formação cerrada, de modo a concentrarmos maior capacidade de fogo sobre qualquer Zero que se avizinhe. A formação da vanguarda está afrouxando, para deixar as outras duas alcançá-la.

«Ainda não sabemos por onde andam os caças japoneses. Serão capazes de nos alcançar, aqueles que vimos por cima de Davau, de nariz para o céu? Andarão outros pelo ar, que nos interceptem a passagem de regresso? E a propósito, eu nem digo regresso à base, porque não vamos rumando nessa direção. Temos certeza de que alguns Zeros receberam ordem de ir voando por baixo de nós, para observar para onde nos dirigimos. Se derem com o nosso pouso, mais dia menos dia a base será bombardeada. Assim enquanto eles puderem ir seguindo sorrateiramente por baixo, seguiremos um rumo louco.

«A certa altura, já vamos tão longe, que qualquer Zero que nos viesse no rasto teria sido forçado a voltar para trás de modo que começamos a descair para menor altitude, onde o pessoal possa retirar as máscaras de oxigênio e acender um cigarro. O cozinheiro começa a distribuir café quente e sanduiches—e palavra, nunca os cigarros e o café nos souberam tão bem em toda a nossa vida! Eu cá não fumo, mas era bem bom aspirar o ar da carlinga e saber que a minha gente se sente aliviada.

«Chamei o bombardeiro e o navegador para que subissem e me contassem o que tínhamos feito aos japoneses. Mastigando sanduiches, e engulindo o seu café, foram me contando o que se passara.

«Foi um espetáculo digno de admirar! Alguns, poucos, dos cruzadores e destróieres japoneses ainda tinham conseguido pôr-se em marcha, sulcando as águas de modo que as esteiras de espuma traçavam espirais e turbilhões, para se esquivarem às nossas bombas. Alem desses poucos, disseram eles, tínhamos apanhado os japoneses absolutamente descalços! Se fôssemos muitos teríamos deixado na esquadra nipônica um vácuo que nunca poderiam preencher.

«Ainda assim, tinham podido observar quatro bombas diretas num couraçado: viram estilhaços e fragmentos voar em todas as direções, e a fumaça começar logo a sair em rolos. Alem disso, nossa esquadrilha tinha afundado três vasos mais pequenos—dois cruzadores e um transporte. Puderam ver um desses virando lentamente, e outro que ficou de proa para o ar quando foi atingido diretamente na popa, que já estava bem debaixo de água antes de o termos perdido de vista.

«A nossa rede de bombas tinha coberto toda a área com rodelas brancas de espuma; milhares de tripulantes, pessoal habilitado, se deviam ter afogado, ou morreram nas explosões, e tínhamos deixado as docas num inferno.

«Aterramos em Samarinda mesmo a hora de almoçar, e lá estava a linda enfermeirinha holandesa à nossa espera... Um dos sons mais agradaveis que tenho ouvido nesta guerra, foi o das portas da ambulância, ao serem fechadas com força, largando a ambulância vazia, porque nenhum de nós tinha vindo ferido.

«Talvez o senhor ache um bocado cacete que não tivesse havido mais complicações, e que ninguem tenha morrido... É, não morreu ninguem mesmo! Tínhamos cumprido a nossa missão, e conseguimos voltar dela vivos. E essa seria a maior de todas as coisas, a grande sensação, se o senhor, em vez de estar a escrever ou a ler a história de um combate aéreo, estivesse realmente a tomar parte nele!»

Armadilha para a luz solar

¶ Há alguns anos atrás, o engenheiro francês Pierre Arthuys vivia em um tristonho andar térreo, em París. Um dia, voando sobre a cidade, observou os vastos telhados banhados de sol, e imaginou a possibilidade de aproveitar a luz natural, refletindo-a por meio de espelhos para iluminar os rincões sombrios dos edifícios. Em consequência de longas experiências feitas nesse sentido, foi criado um aparelho que é uma verdadeira armadilha para a luz solar, permitindo inundar de claridade natural os porões das casas, as estações de trens subterrâneos e até mesmo as galerias das minas, muito abaixo da superfície da terra.

Esse aparelho, o *Heliostato*, de Arthel, consiste em um grande espelho, montado sobre o telhado e movido a motor, que acompanha o movimento do sol e reflete os seus raios em outro espelho fixo, colocado mais abaixo, com a superfície voltada para as áreas inferiores e obscuras. A luz, assim obtida, é transmitida por meio de outros espelhos menores, que levam a claridade de uma habitação para outra, passando através de aberturas apropriadas, junto do forro das casas. Os raios de luz refletidos têm a intensidade de 32.000 velas, suficiente para iluminar um bloco inteiro de andares ou escritórios. Os motores são automáticos e controlados por termo-estática.

Tais heliostatos têm sido usados durante muitos anos na França, na Bélgica, na Holanda e no norte de África. Todos os andares dos grandes armazens, na Haia, são iluminados por esses aparelhos «Arthel», e os distribuidores de cartas, no Correio Central de Amsterdã, têm o seu quinhão especial de luz, de acordo com as necessidades. Muitas residências particulares tambem possuem pequenos heliostatos, de pouco peso. A economia de luz elétrica conseguida desse modo, alcança, em latitudes meridionais, 80 por cento, e, desde que os heliostatos não refletem os raios caloríferos do sol, o sistema é especialmente util aos habitantes dos paises tropicais. Eles podem conservar suas persianas abaixadas, para evitar o calor do sol, ao mesmo tempo iluminando as suas casas com luz natural.

—Oscar E. Millard, *Passing Show*

No. 3
DE UMA SÉRIE.

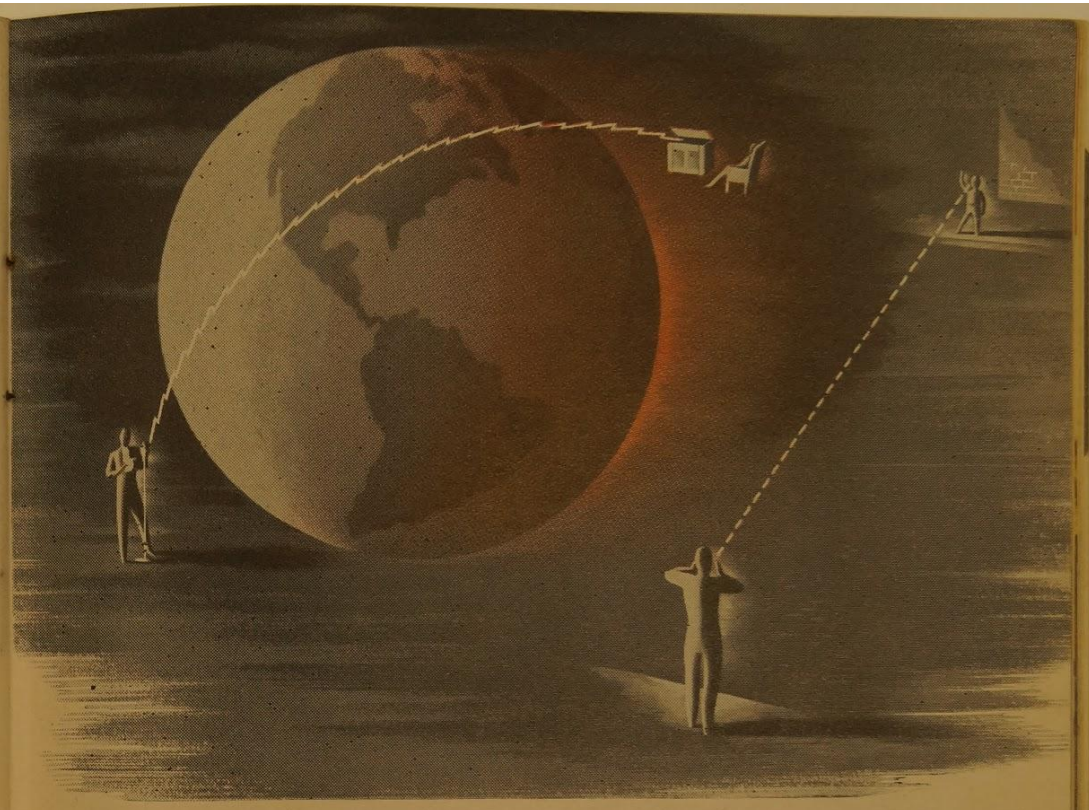
os Beechcraft em ação

O bimotor Beechcraft AT-7 para treino de navegação que se vê na fotografia abaixo, fornece à Marinha e ao Exército um meio de familiarizar pilotos e navegadores com os problemas de vôo a longa distância. Esses aviões são providos de toda aparelhagem necessária para a moderna navegação pelas estrelas, pelo rádio ou em vôo cego; e têm as acomodações necessárias para poder treinar três navegadores ao mesmo tempo.

O AT-7 combina grande velocidade com enorme raio de ação e excelentes caraterísticas de vôo e de aterragem. Permite assim vencer grandes distâncias, de dia ou de noite, sem exigir do piloto perícia fora do comum.

O uso dos AT-7 como Aviões de Treinamento especial para navegadores é um de muitos exemplos de como o Exército e a Marinha Americana estão dando o melhor treino do mundo aos seus futuros navegadores e pilotos de combate.

Beech Aircraft
CORPORATION
OS BEECHCRAFT CUMPREM SEU DEVER.
WICHITA, KANSAS, E.U.A.



DÁ MEIA VOLTA AO MUNDO...

mais depressa do que um grito atravessa a rua!

A velocidade do rádio é a velocidade da própria luz e, no seu ligeiro vôo de 230.000 quilômetros por segundo, o rádio pode dar meia-volta ao mundo mais depressa do que a voz humana atravessa uma rua!

Isto representa a destruição das maiores barreiras que se opunham à comunicação entre os povos, as nações e os continentes . . . É uma avenida aberta a todas as mensagens e todas as idéias, que assim podem irradiar instantaneamente e com perfeita segurança para onde quer que as dirija a vontade do homem.

O rádio tornou possivel a estratégia da guerra moderna, a distante coordenação de planos e manobras, que redundará na Vitória das Nações Unidas.

A RCA orgulha-se de que seus recursos, facilidade de produção e perícia técnica estejam empenhados na fabricação do equipamento necessário para essa tarefa essencial.

Com o restabelecimento da Paz, a experiência desse modo ganha virá contribuir para que nós possamos fazer do rádio um instrumento ainda mais eficaz ao serviço de toda a Humanidade . . . Um mensageiro que venha estabelecer a ligação de todos os paises, e contribuir para associar seus povos na obra comum de edificação de uma existência mais rica e melhor.

RCA

Ouçam todas as noites "Correspondente Estrangeiro RCA Victor" no Radio Nacional, Rio de Janeiro.

RCA Victor Division
RADIO CORPORATION OF AMERICA
Camden, N. J., E. U. A.
RCA Victor Radio, S. A. Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

Nas paredes de uma grande fábrica de automóveis nos Estados Unidos, lê-se a seguinte legenda:

"Segundo as leis da aerodinâmica, a abelha é incapaz de voar; o tamanho de suas asas não é suficiente para suportar seu próprio peso no ar.

"Mas a abelha, que desconhece a ciência aeronáutica, voa assim mesmo, e todos os dias vai recolhendo um pouco do mel para si."

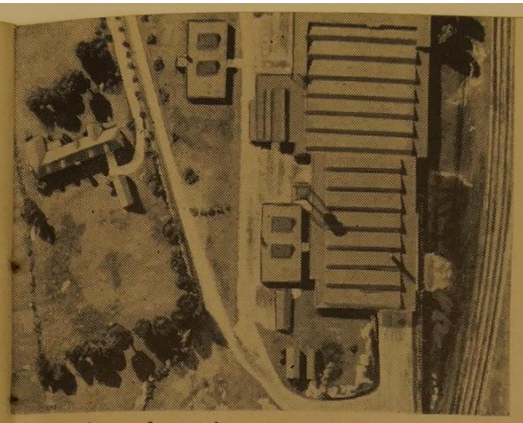
Se bem que saudemos o espírito invencivel da abelha e admiremos seu poder, devemos admitir que a ciência de hoje permite construir máquinas de voar bem melhores.

O transporte aéreo tem-se caracterizado por um constante aumento de potência em relação ao peso. Os motores de avião, de automóvel e de locomotivas, são hoje muito mais eficientes. Os aviões e veículos que estes motores propulsionam, são muito mais leves, graças às novas ligas metálicas que dão a mesma resistência e segurança, com uma estrutura muito menos pesada, obtendo-se assim aumento de velocidade com maior rendimento e economia.

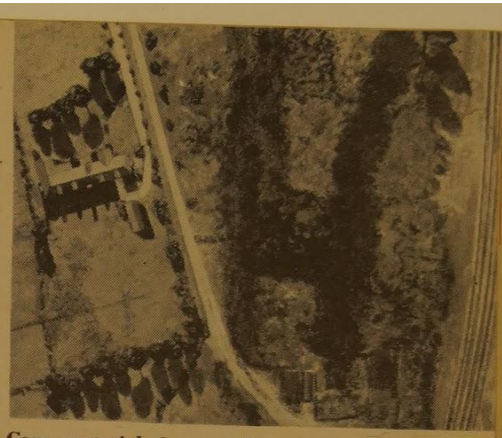
As fábricas da Edward G. Budd Manufacturing Company aplicam este princípio de redução de peso na fabricação de equipamento para transporte pelo ar, terra e mar. Um exemplo notavel é o famoso trem de Aço Inoxidavel construido por Budd, e tão conhecido nas vias-ferreas norte-americanas.

Depois desta guerra, que hoje em dia absorve todos os recursos da Budd, os produtos desta grande companhia estarão ainda mais aperfeiçoados e prontos para servir a todas as Américas.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.



Antes dos peritos em camuflagem iniciarem seu trabalho, esta fábrica foi fotografada do ar com um filme pancromático comum. O olho do bombardeiro veria o que todos vêem, um objetivo ideal para ser destruido.

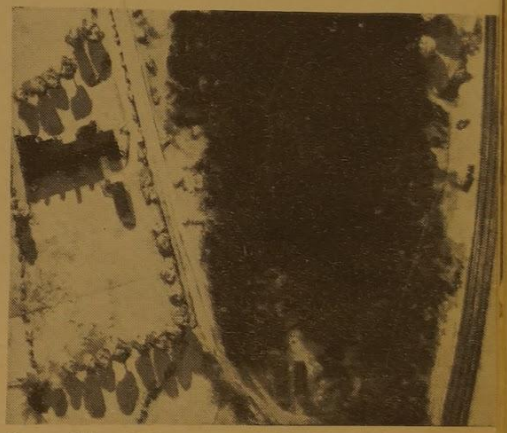


Com material de camuflagem—estruturas falsas, redes, panos, tinta e árvores artificiais—os peritos enganaram a máquina fotográfica com o filme pancromático, e enganaram o bombardeiro.

O Filme Infra-vermelho desmascara a camuflagem do inimigo...

CAMUFLAGEM é a arte já muito aperfeiçoada de dar aos objetivos militares a aparência de inocente paisagem . . . uma arte cujos velhos processos se estão tornando obsoletos nesta guerra. Até certo ponto isto se deve a um novo tipo de filme Kodak cuja penetração visual é muito maior que a do olho humano.

A verdura natural contem a matéria corante da natureza—a clorofila. Os materiais de camuflagem não contem esta substância viva. A clorofila reflete os raios invisiveis, infra-vermelhos—o Filme Infra-vermelho da Kodak acusa esta luz invisivel, fazendo as zonas naturais parecer claras, quase brancas, na fotografia. Em contraste, a zona "morta" da camuflagem, aparece escura, quase preta. Alem disso, num dia de visibilidade má, o Filme Infra-vermelho permite voltar de um vôo de reconhecimento com fotografias nítidas e detalhadas. Colaborando com aviadores e técnicos do Exército e da Marinha Americana, a Kodak aperfeiçoou a um alto grau de eficiência esta arte de desmascarar a camuflagem: e criou uma camuflagem que desafia a perícia do inimigo.

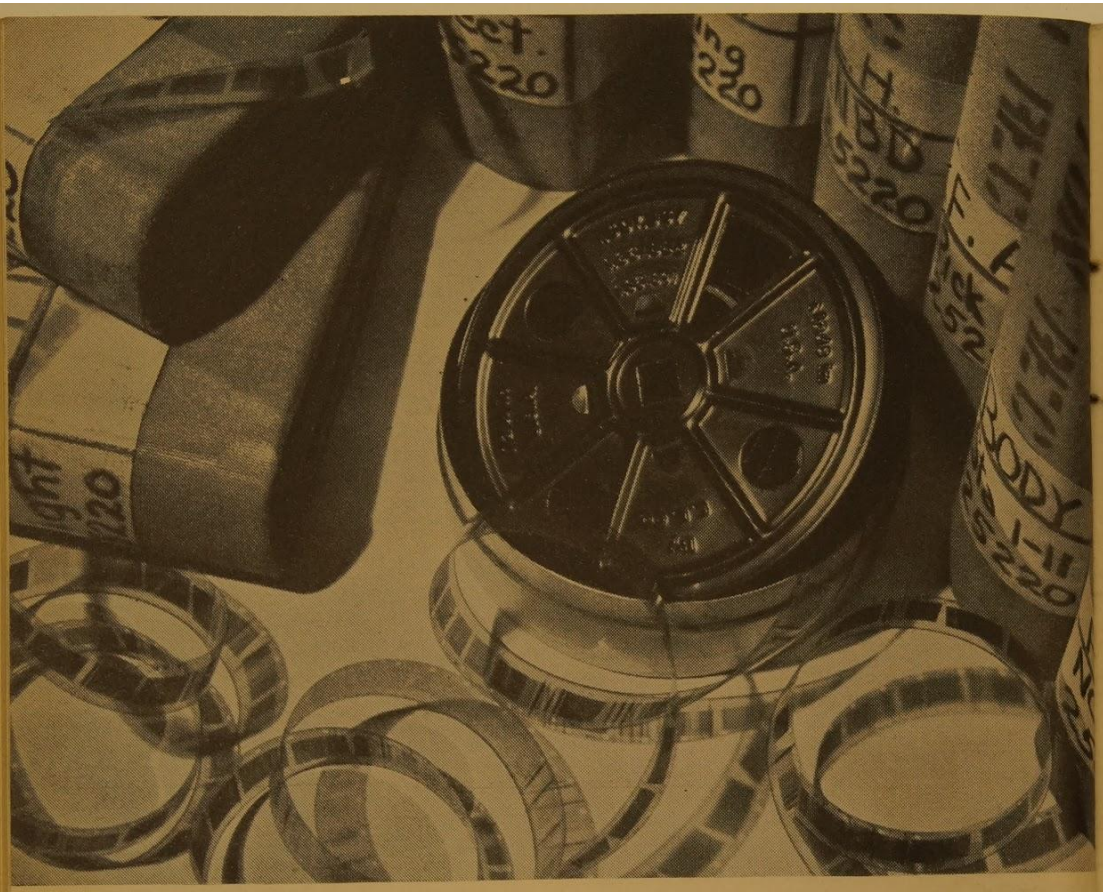


Com o Filme Infra-vermelho Kodak, obtêm-se fotografias como esta, em um vôo de reconhecimento. O material falso, usado na camuflagem, aparece quase preto, marcando bem o lugar onde as bombas devem atingir.

Assim é como a Kodak dedica seus recursos à Vitória das Nações Unidas, para que os benefícios morais e materiais da Democracia sejam acessiveis em maior escala de que nunca, à humanidade inteira. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK ... a fotografia ao serviço do progresso humano

Oitavo de uma série de anúncios



O. K.

V. S. não achará um simples "O. K." estampado numa Fortaleza* Voadora Boeing.

Nove grossos tomos—com centenas de páginas com O.K.s pessoais—se vão acumulando durante a fabricação de uma Fortaleza. Tudo isso forma parte dos dados de inspeção de cada avião.

Cada um dos duzentos e cincoenta mil rebites leva um O.K. Tudo quanto é peça foi inspecionado. Toda peça que tem alguma função de movimento foi submetida a um ensaio de operação.

E quando um gigantesco Bombardeiro Boeing rola para a pista de vôo, pronto a zarpar para as distantes frentes de combate, os nove grossos tomos são reproduzidos em microfilme, para cuidadosa conservação.

O sistema de inspeção posto em prática pela Boeing está organizado de modo escrupuloso, completo, e nunca há um impecilho à sua sempre crescente produção.

Quando a Paz voltar, e as Fortalezas Voadoras, Stratoliners,* e os Clippers transoceânicos tiverem cumprido a sua missão de guerra, então toda a perícia que a Boeing dedica à sua fabricação—alem do talento aplicado ao traçado, à pesquisa e aos vários domínios da engenharia—irá prestar serviços para proporcionar-lhe uma *vida melhor.*

A frase "Fabricado pela Boeing" passará a significar então—maior conveniência, segurança e economia.

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS **BOEING**

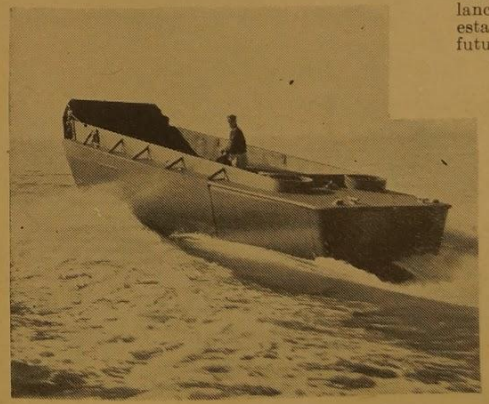
**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registada da Fábrica Boeing.*

As LANCHAS HIGGINS

na VANGUARDA DE TODA INVASÃO

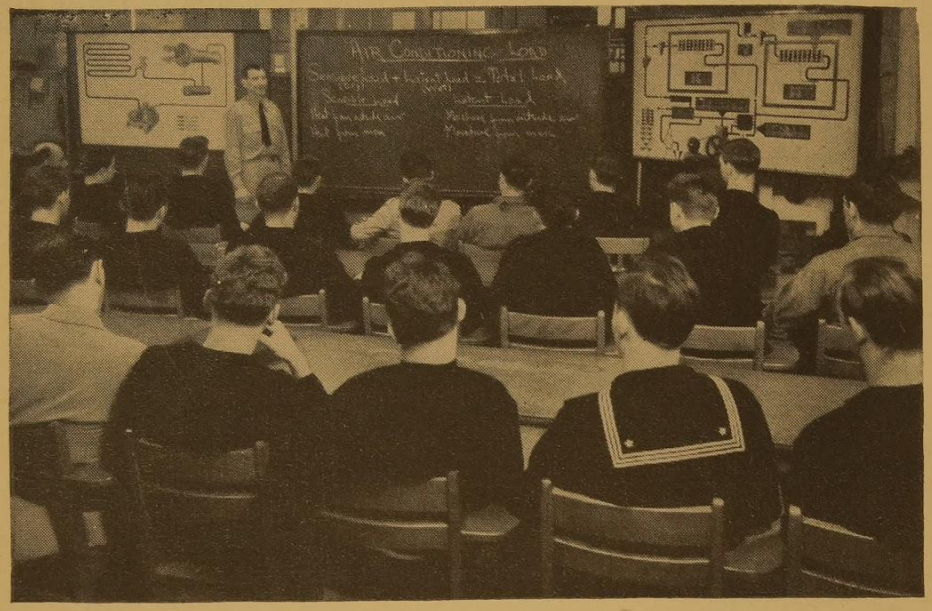
GUADALCANAL! ÁFRICA! MAR DA MANCHA! . . .

As Lanchas Higgins, planejadas e construidas para as Nações Unidas, foram consideradas as melhores do mundo pelos veteranos de Guadalcanal e de África, segundo documentos oficiais. Este elogio vem de homens que as manejaram debaixo do fogo inimigo—de homens cujas vidas dependeram a miude da facilidade de manobra, rijeza, velocidade e segurança tão fora do comum dessas lanchas. Estes encômios, que se multiplicaram muitas vezes nas frentes marítimas de maior perigo, colocam as Lanchas Higgins na dianteira. Esta preferência terá grande significação, em tempos de paz, para os compradores de lanchas com fins comerciais e de recreio. O rendimento e a solidez das Lanchas Higgins estão protegidos por patentes, e a sua capacidade de desempenho e confiança só se encontrarão nas lanchas que levam o nome Higgins. É bom lembrar esta particularidade, quando se tenha em mira, no futuro, a aquisição de lanchas.



Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS
fulcro das Américas
Os Maiores Fabricantes de Lanchas do Mundo



Nem musgo, nem hera, nem hino escolar...
porem, *mais* TRADIÇÃO!

A "universidade do condicionamento naval do ar" da York ainda não conta dois anos de existência . . . mas data de seis meses antes de Pearl Harbor.

Centenares dos seus graduados estão servindo em todos os recantos do globo. E os "calouros" ajudantes de maquinista, que se graduam de seis em seis semanas são todos veteranos, sendo que a maioria deles tem estado em combate, e muito!

Do plano inicial de treinar aspirantes de marinha dos submarinos no condicionamento de ar,—equipamento complexo e que tornou os submersiveis dos Estados Unidos os mais eficientes do mundo—a escola da York foi expandida para abarcar todas as fases da refrigeração e condicionamento de ar navais. De hoje em diante não serão apenas submarinos: todos os novos navios da Marinha Americana, desde o couraçado até o rebocador, terão um ou mais desses ex-alunos da York! Provavelmente nenhuma outra banca de estudo jamais alcançou tanta tradição em tão curto tempo. Talvez mereça um hino!

York Ice Machinery Corporation, York, Pennsylvania. E.U.A.

york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO PARA A GUERRA

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

Vejamos o que oferece o futuro — em ELETRÔNICA

A guerra tem seu lado bom

Das cinzas da guerra começam a surgir maravilhas — coisas que prometem benefícios enormes à humanidade — como a *Eletrônica*, a ciência que virá iluminar no futuro os passos do gênero humano.

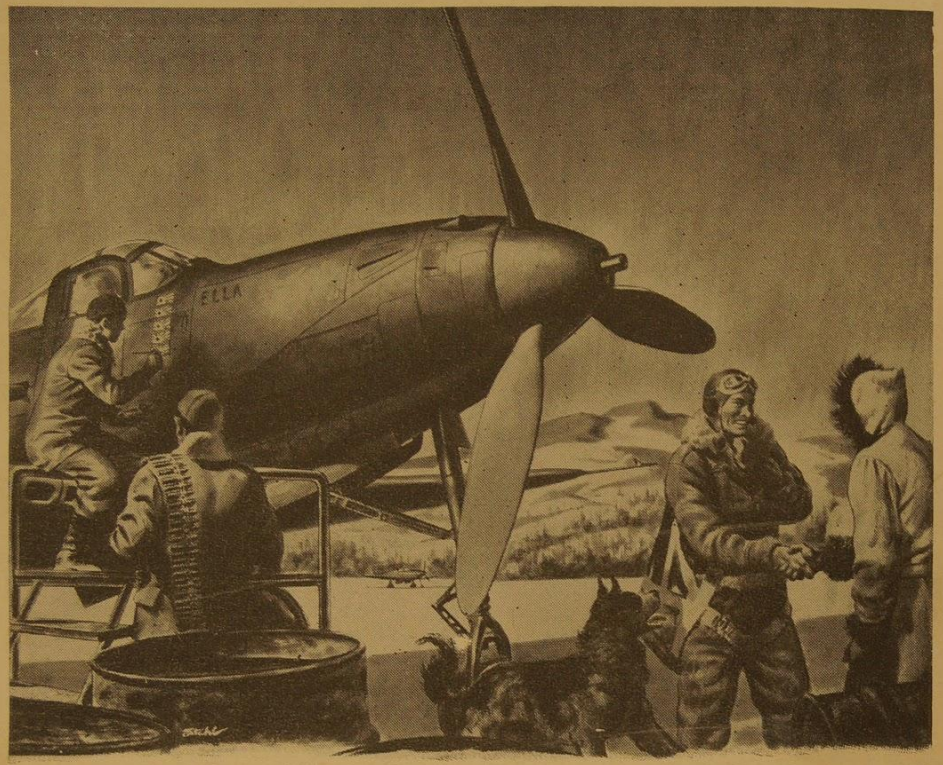
O trabalho será mais facil, e mais agradavel a existência; poderemos disfrutar de inúmeros confortos . . . Novos rádios, geladeiras, e muitos outros utensílios elétricos para o lar — todos simplificados e melhorados graças à *Eletrônica* — farão sobressair o gênio dos técnicos da Westinghouse, cujos triunfos no campo da Eletrônica metamorfosearão as calamidades da guerra em benefícios incontaveis, quando soar a hora da Paz.

A Westinghouse está sempre na vanguarda dos inventos e realizações destinados a transformar nossa vida futura. O labor de nossos cientistas — no domínio da Eletrônica e das Matérias Plásticas — dará ao mundo o fruto de tantas novidades já hoje postas em prática, de tantos progressos que já hoje são realidade. Quando tivermos ganho esta guerra, o distribuidor da Westinghouse oferecerá a V. S. uma infinidade de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. No interim, todos os nossos esforços estarão concentrados na tarefa dos homens livres: alcançar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E. U. A.

Westinghouse
Estabelecida em 1886

WESTINGHOUSE W

"PRIMEIRA no Passado... PRIMEIRA no Futuro"



PIONEIROS...
—que desbravam os céus do futuro

Um piloto de caça da Força Aérea Norte-Americana sai em busca do inimigo —e encontra-o! O avião Bell Airacobra foi projetado segundo uma concepção nova e ousada: um avião de um só motor com canhão na proa—e com ele o piloto americano pode aceitar qualquer espécie de combate.

Esta arma versatil pode metralhar as tropas em terra, destruir tanques e barcaças, derrubar aviões de caça e de bombardeio do inimigo.

Coisas como estas *têm de ser feitas* antes de vermos abrir-se a nova era de comércio e transporte por via aérea.

O piloto de um Airacobra é um pioneiro... desbravando os céus de amanhã ... tornando ilimitados os progressos da aviação e suas promessas para o futuro das Américas, uma realidade cada vez mais próxima.

Estaremos prontos para as novas tarefas. A técnica e proficiência que estamos adquirindo na fabricação de aviões de guerra, nos servirão mais tarde para fabricar melhores aviões de paz. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo, N. Y., E. U. A.

Airacobras para a vitória —

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR

As melhores máquinas de escrever da América acompanham os exércitos das Nações Unidas!

A L C SMITH "EXTRA-RÁPIDA"—MODELO DE ESCRITÓRIO

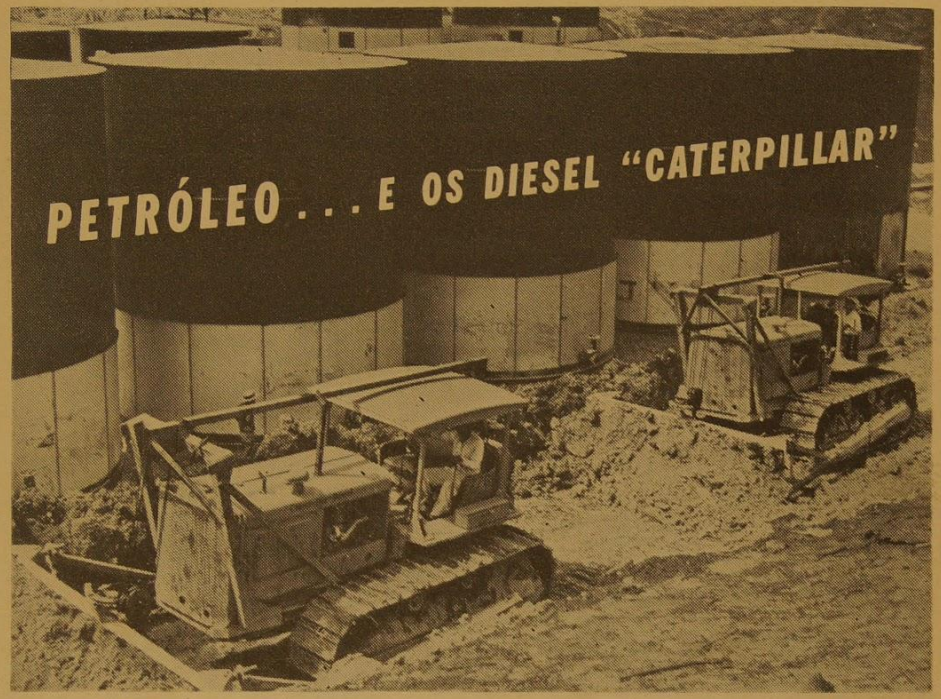
SMITH-CORONA

PARA ESCRITÓRIOS **PORTATEIS**

AS AMERICAS UNIDAS VENCERAO UNIDAS

Máquinas de Escrever

L C SMITH & CORONA TYPEWRITERS, INC., SYRACUSE, NEW YORK, E.U.A.



• *O trator Diesel "Caterpillar" D8 com Angledozers LeTourneau constrói uma base protetora em volta dos reservatórios de petróleo de uma grande propriedade petrolífera.*

•

A GUERRA é uma consumidora insaciavel da reserva de petróleo do mundo. Novos poços tem de ser perfurados, e os antigos melhorados para se lhes aumentar a produção. Em qualquer caso, o trabalho do equipamento Diesel "Caterpillar" é enorme, apressando e aumentando o rendimento dos poços e das refinarias, a construção de oleodutos, de estradas, de reservatórios e de cais para embarque.

Os sólidos e poderosos Tratores Diesel "Caterpillar" estão trabalhando em toda parte — abrindo caminho nas florestas tropicais, desbravando terreno para poços de petróleo, construindo estradas, docas e parques, acionando bombas de óleo e de água, barcos e barcaças. E os Eletrogeradores Diesel "Caterpillar" fornecem iluminação para todo tipo de serviço nos campos petrolíferos.

Trabalham tambem em outros generos de serviço—mineração, construção, agricultura e indústria—servindo valentemente às Nações Unidas. No momento atual toda a produção das imensas fábricas "Caterpillar" dedica-se à produção de material essencial à guerra. Enquanto isto mantemos amplo serviço de conservação e reparo do equipamento "Caterpillar" existente para que continue a prestar bons serviços.

Quando chegar a paz, os novos produtos "Caterpillar" apressarão a nova prosperidade que nos promete o futuro.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

TRATORES • MAQUINARIA ROLANTE • MOTORES E ELETROGERADORES

Mande verificar os seus pneus, interna e externamente, agora e cada 4.000 kms.

Verifique a pressão de ar ao menos uma vez por semana.

Verifique o funcionamento dos freios e mande ajustá-los, hoje e cada 4.000 kms.

Alterne a posição dos pneus, inclusive o sobressalente, cada 4.000 kms.

Mande verificar o alinhamento das rodas, hoje e cada 4.000 kms.

REDUZA

a marcha para ganhar quilometragem

A velocidade causa excessivo aquecimento —o peior inimigo dos pneus. Velocidade nas curvas apressa o desgaste das bandas de rodagem.

Quanto mais devagar conduzir o seu carro, maior quilometragem alcançará. Para máxima economia, siga também estas 5 regras simples e eficientes.

UNIDOS HOJE * UNIDOS SEMPRE

PNEUS GOODYEAR

INDUSTRIA BRASILEIRA

Peça ao seu Revendedor Goodyear o livreto "COMO ECONOMIZAR OS PNEUS"

APLANANDO O CAMINHO DA VITÓRIA!

AS Nações Unidas estão agora produzindo material de guerra numa escala nunca vista. Grande parte do nosso esforço para alcançar êxito depende dos lubrificantes extraídos do petróleo, pois que as máquinas de produção devem estar protegidas contra os estragos do *atrito*.

Nos Laboratórios Esso, novos e admiráveis lubrificantes vêm sendo aperfeiçoados: *óleos de corte* que aceleram a usinagem das peças de metal até *seiscentos* por cento; graxas *não-explosivas* que salvaguardam contra explosões ácidas nas fábricas de pólvora; *graxas de lançamento* que acompanham o ritmo crescente nos estaleiros de construção naval; e um óleo que permite a laminagem a frio de chapas de aço, a grandes velocidades, sob a pressão de *2.250* toneladas!

Estes lubrificantes são apenas alguns entre os muitos recentemente aperfeiçoados pela Organização Esso a um custo elevado, tanto de tempo como de dinheiro. Depois de alcançada a Vitória, eles serão do domínio público, postos a operar, economizando *tempo* e *dinheiro* aos consumidores dos nossos lubrificantes em todo o mundo.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
e a ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidores de Essolube, Essolene e outros produtos que encontrará sempre sob o oval ESSO

Ouça o REPORTER ESSO, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais, Belo Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife.

Esso

Há Mágia nas Palavras!

As palavras mágicas do General Santander, um dos heróicos batalhadores da independência da América do Sul e um dos acreditados lugartenentes do imortal Simon Bolívar, concorreram para trazer a liberdade humana e felicidade às Repúblicas do Sul.

A "Alimentação Mágica" evita que a Caneta Eversharp derrame tinta, quer seja quando voa a grandes alturas, quer seja quando se a usa ao nivel da terra. Escreve maior número de palavras, mais suavemente e sem a necessidade de ser enchida constantemente.

A Lapiseira de Repetição Eversharp dispara uma nova ponta sempre que esta é necessária e com a rapidez de uma metralhadora. Basta uma pressão do dedo sobre o Botão Mágico, para que uma nova ponta apareça do depósito com lapis suficiente para seis meses!

Compare estas lindas canetas Eversharp aerodinâmicas com qualquer outra caneta-tinteiro e lapiseira, de qualquer preço, e V.S. concordará conosco.

Dê uma Eversharp
e dará o melhor

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp — identificadas pela dupla marca no gancho segurador é garantido — não por anos — não por vida — mas GARANTIDO PARA SEMPRE.

EVERSHARP, INC., CHICAGO, E.U.A.N.

EVERSHARP CANETAS "SKYLINE" E LAPISEIRAS DE REPETIÇÃO

Como refresca!

Tome Coca-Cola MARCA REGISTRADA Bem fria

Um bom mergulho . . . uma garrafa de "Coca-Cola" bem fria . . . duas coisas igualmente refrescantes e deliciosas. "Coca-Cola" está sempre ao seu alcance para . . . *a pausa que refresca.*

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

Cavalo-Vapor por Cavalo-Vapor

Têm a mesma potência — a imponente máquina a vapor e o motor de avião . . desenvolvendo cada um 2.000 cavalos. Mas a fôrça aérea depende da leveza compacta de unidades como o Cyclone. Os progressos de engenharia da Wright, baseados em experiências sem igual, estão criando hoje em dia o meio de transporte para a tonelagem do futuro

WRIGHT *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

PERMITA QUE MICHEL DÊ A SEUS LÁBIOS

Um Cálido Encanto

Um conselho de
GEORGETTE
MICHEL
da
Casa Michel

EM toda a parte do mundo a mulher procura dar a seus lábios o encanto mais sedutor. Os Batons Michel contribuem para dar aos seus lábios uma beleza permanente. São um produto de composição científica, e em verdade, indelevel. O creme que forma a sua base protege os lábios contra a secura e evita as gretas da mucosa. Observe quanto o seu emprego tornará os lábios atraentes e encantadores.

Exija o Baton Michel legítimo; fará ressaltar sua beleza do modo o mais sedutor. Para a maquilhagem perfeita do seu rosto, use o Baton para os Lábios. Rouge, Pós e Lápis para os Olhos—tudo de Michel.

8 Belíssimos Tons

AMARANTH	BLONDE
RASPBERRY	VIVID
CHERRY	SCARLET
AMAPOLA	CYCLAMEN

Em Guarda! Para Proteger a Beleza.
Para Proteger Nosso Hemisfério.

Michel BATON PARA OS LÁBIOS

Quando a Calmaria Voltar

AS nações da América do Norte e do Sul estão trabalhando e produzindo em escala nunca vista.

O mundo é testemunha do milagre que este Hemisfério pôde realizar na produção de alimentos, matérias-primas e produtos manufaturados, graças à cooperação amistosa entre as nações que o formam.

Talvez venha a ser este o único benefício real desta guerra . . . termos aprendido a utilizar melhor nossos recursos. Esta é uma lição de que devemos nos lembrar depois de guerra!

Nenhum de nós pode no momento profetizar o que acontecerá no mundo depois da guerra. Mas temos certeza que as águas ficarão calmas de novo. Então as experiências ganhas durante a guerra poderão ser utilizadas em benefício de toda a humanidade.

Não há motivo nenhum para não produzirmos em tempo de paz como o fizemos para o tempo da guerra.

Temos homens de boa-vontade e de visão. Temos matéria-prima em quantidade ilimitada. Temos facilidades incomparaveis de transporte e comunicação. A melhor técnica do mundo.

Com estas coisas e o mesmo trabalho de cooperação que hoje faz milagres na produção de guerra, poderemos satisfazer todas nossas necessidades de tempo de paz, e o homem gozará de um bem-estar e um padrão de vida que nunca se viu até hoje na história.

FORD MOTOR COMPANY

Ford

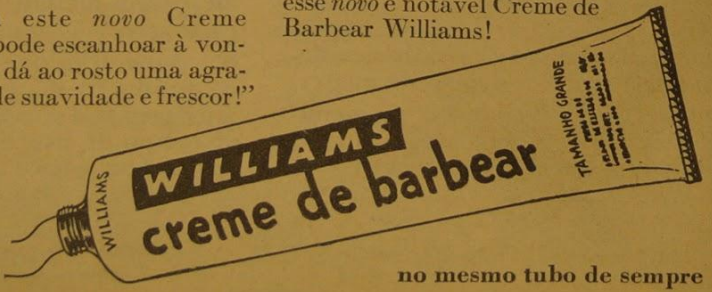
"Lanolina? O que é isso?"

"O farmacêutico disse-me que os médicos sempre receitam Lanolina para amaciar e suavizar a pele. Contou-me que assemelha-se muito aos lubrificantes naturais da pele."

"E o Creme Williams agora contém Lanolina?"

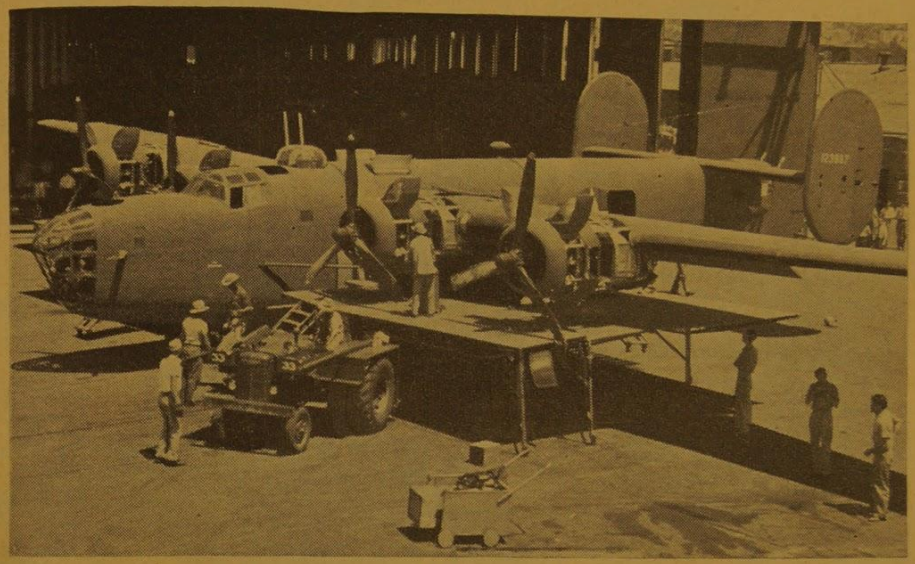
"Sim! Com este *novo* Creme Williams você pode escanhoar à vontade—Lanolina dá ao rosto uma agradavel sensação de suavidade e frescor!"

O Creme Williams não contém corantes artificiais que possam irritar a sua pele. É feito unicamente com inofensivos ingredientes de primeira qualidade—porisso é alvo, puríssimo! E não é só: agora proporciona, também, o delicioso efeito suavizante de Lanolina. Não deixe de experimentar esse *novo* e notável Creme de Barbear Williams!



Agora contém a suavizante LANOLINA . . .

no mesmo tubo de sempre



Como prever para onde vão

QUANDO o grande bombardeiro quadrimotor Liberator sai da linha de montagem nas fábricas da Consolidated Vultee, sua aparência quase não difere da dos demais.

Mas todo bombardeiro, antes de ir para as zonas de combate, passa através de um "Centro de Modificação"—e o que lhe fazem alí dá uma boa idéia do lugar onde eventualmente irá combater.

Por exemplo, se um Liberator for provido de degeladores, para evitar a formação do gelo no exterior das asas e da cauda, V.S. ficará sabendo que *ele* não está destinado à Africa ou à Nova Guiné.

Se V.S. viu a instalação de filtros de areia nos motores de outro Liberator, pode presumir que este bombardeiro não irá para as Aleutas — pois alí não existe o ar impregnado de particulas de pó, o que se nota até a muitos quilômetros de altitude.

Assim, nos nossos "Centros de Modificação", cada avião de guerra é aparelhado para a frente de batalha onde vai combater. Esse método de fazer alterações dá melhores e mais rápidos resultados, pois não faz deter a produção em série na fábrica onde se constroem esses aviões.

A tarefa da fábrica é simplesmente produzir mais aviões — em número cada vez maior. E o que estamos frazendo!

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT CORPORATION

San Diego, Cal. • Vultee Field, Cal. • Fort Worth, Texas • New Orleans, La. • Nashville, Tenn. • Wayne, Mich. • Allentown, Penn. • Tucson, Ariz. • Elizabeth, City, N. C. • Louisville, Ky. • Miami, Fla.

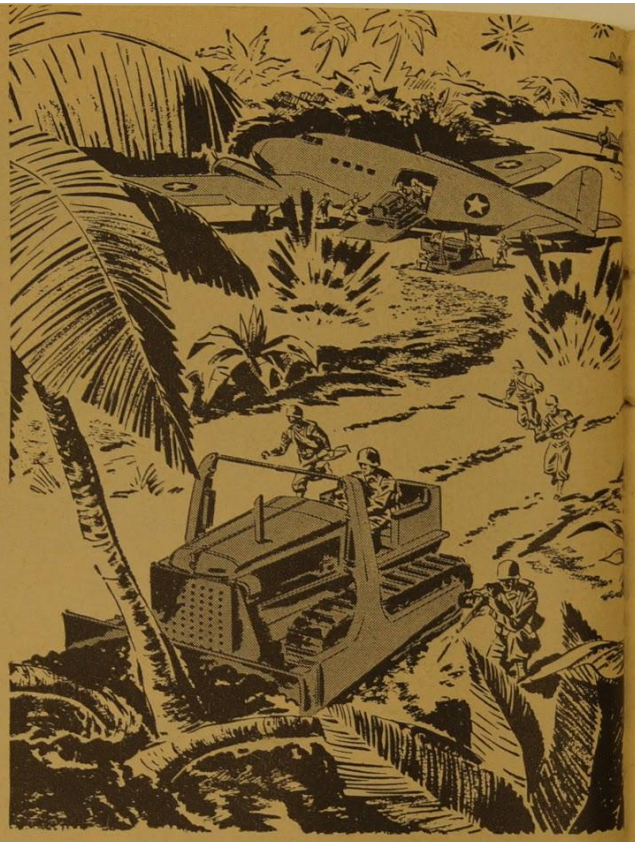
UNIDAS SEMPRE

Member, Aircraft War Production Council

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

LIBERATOR — (bombardeiro quadrimotor) CATALINA, CORONADO, and P4Y — (bombardeiros de patrulha) LIBERATOR — (avião-transporte) VALIANT — (avião-escola) VENGEANCE — (bombardeiro de mergulho) SENTINEL — ("jeep" voador) RELIANT — (avião-escola de navegação)

Os Tratores Agora "Voam"



● Voando sobre oceanos, por cima de montanhas e sertões, os aviões de carga transportam tratores com toda urgência para a zona de batalha. O tempo ganho desta maneira é utilizado na construção e reparo dos campos de aviação, em preparar estradas para o equipamento motorizado, na construção de bases navais, para rebocar a artilharia e preparar o terreno para de sembarques. Tratores velozes e manobraveis são indispensaveis na guerra moderna.

Os tratores que antes só se dedicavam a tarefas de paz, como a lavoura e trabalhos de construção, foram convocados para serviço de guerra, e por isto há poucos tratores disponiveis par a usos não-militares.

Eis a razão por que insistimos com aqueles que possuem tratores para que os poupem, que sejam cuidadosos na manutenção de suas máquinas, afim de que estes mesmos tratores possam continuar a servi-los até terminar a guerra. Os representantes da Allis-Chalmers estão prontos a ajudá-lo a conservar seu trator em boas condições de funcionamento, e assim prolongar-lhe a vida.

Publicamos uma pequena brochura, cheia de sugestões práticas sobre a construção de estradas de fazenda, a maneira mais econômica e vantajosa do fazendeiro levar seu produto ao mercado e assim aumentar o seu lucro. É interessante e util. O representante da Allis-Chalmers lhe oferecerá um exemplar; peça-lho ou escreva-nos diretamente.

Peça ao representante da Allis-Chalmers um exemplar deste guia de facil leitura e impresso em português.

ARMY NAVY

ALLIS-CHALMERS

DEPTO. PD-834—TRACTOR DIVISION
MILWAUKEE, WIS., E.U.A.

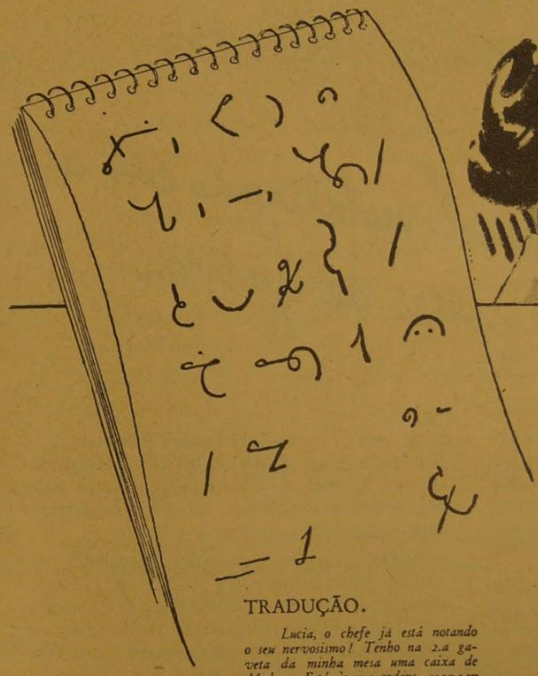
Representantes no Brazil
Companhia de Propaganda
Administracão e Comércio
Rua General Câmara n° 62
Rio de Janeiro

Sociedade Technica de Materiais Ltda.
Caixa Postal 1109
São Paulo

Ayres Son and Company
Rua D. Maria Cezar n° 31-41
Recife, Pernambuco

Representante em Portugal
Fassio Limitada
No. 20 Rua Jardim do Regedor 32
Lisboa

—e agora?



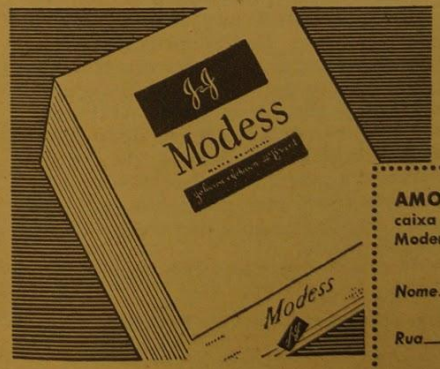
TRADUÇÃO.

Lucia, o chefe já está notando o seu nervosismo! Tenho na 2.a gaveta da minha mesa uma caixa de Modess. Está às sua ordens. IVONE

Todos os dias do mês **podem ser iguais** para a mulher moderna

A MULHER que trabalha não pode estar sujeita a preocupações e temores por falta de proteção adequada nos dias críticos do mês. Modess, a moderna toalha higiênica, é o meio científico que assegura à Sra. a certeza absoluta de estar a salvo dos receios que a atormentam nos dias dificeis de todos os mêses. Mais absorvente que o algodão, Modess tem a camada externa impermeável, não irrita e nunca aparece. Modess é recomendada pelos médicos em tôdas as partes do mundo. Diga, simplesmente — Modess! Em tôdas as farmácias e lojas de artigos para senhoras.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

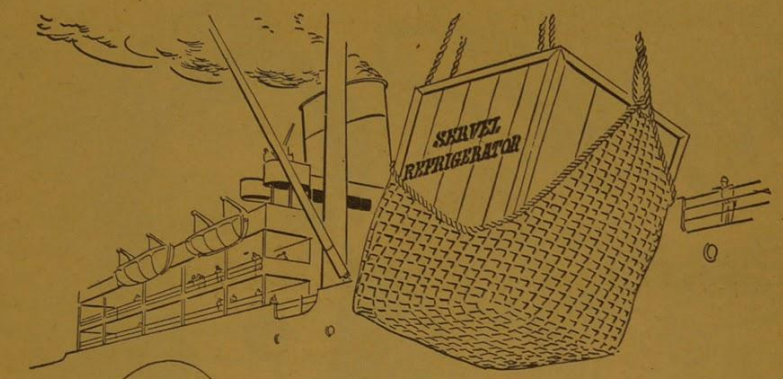


AMOSTRA GRATIS—Envie-nos Cr. $1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber". Caixa 2838, São Paulo. 4-AAAA-25

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____



"Servel" mobilizado em as frentes de guerra

HOJE, quando nossos transportes zarpam com destino às longínquas frentes de batalha das Nações Unidas, nos seus bojos são transportados muitos e novos materiais de guerra.

Um destos materiais . . . . . e dos mais importantes também . . . é o refrigerador Servel. Sim Senhor, Servel tem sido chamado para o serviço militar activo . . . não como arma de combate, mas sim, como meio de proteger e salvar as vidas aos nossos combatentes.

Servel fornece frio constante para guardar êsses estranhos vidros cheios de precioso soro; conserva também os valiosos medicamentos tão necessários para prevenir doenças e mitigar a dor; e protege os mantimentos e bebidas indispensaveis à saude.

O Servel que está em serviço activo com as nossas Forças Armadas, é idêntico aos 2,000,000 de refrigeradores Servel a gás e querosene que estão em serviço em casas e hospitais nas Americas.

Servel, como é sabido, sómente requere um pouco de calor para funcionar; e como o seu sistema frigorífico não tem peças moveis que se desgastem e reclamem reparos, assegura com isso o máximo de confiança e duração.

Naturalmente, nós os da Servel estamos orgulhosos por termos nossos refrigeradores Servel prestando serviços às Forças Armadas em todas as frentes. Porem, maior satisfação é sabermos que, deste modo—tal como na produção de apetrechos de guerra—as facilidades modernas da fábrica Servel e a pericia do seu pessoal estão contribuindo sua parte em apressar o dia da Vitória para os povos amantes da Liberdade.

SERVEL, Inc.

Departamento de Exportação
51 East 42nd St., New York, N.Y., E.U.A.

FABRICANTES DAS GELADEIRAS SERVEL A QUEROSENE E A GÁS

• 100 ANOS • 100 ANOS • 100 ANOS •

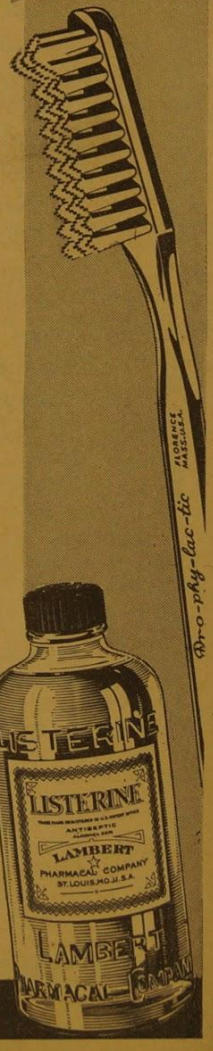
PARA A COMPLETA HIGIENE DA BOCA

CONSERVE OS SEUS DENTES BRANCOS E BRILHANTES

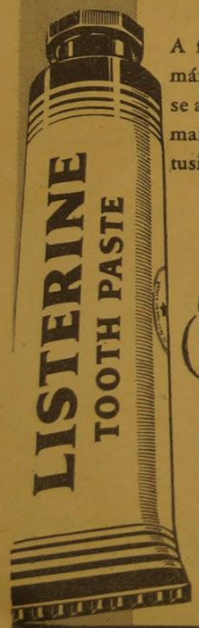
COM A ESCÔVA DE DENTES QUE LIMPA TODOS OS DENTES

A Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic é desenhada cientìficamente para alcançar e limpar *todos* os dentes. A sua superfície curva e resistente intromete-se entre os dentes, removendo as menores partículas de alimento. O topete da escôva, alcança e escôva fácil e detalhadamente os dentes detrás.

As Escôvas de Dentes Pro-phy-lac-tic são encontradas em vários estilos e tamanhos. Compre uma Pro-phy-lac-tic, para usá-la.



COM O CREME DENTAL LISTERINE, E OBTER DENTES ALVOS E CORUSCANTES



A fórmula secreta do Creme Dental Listerine possúe o máximo poder de limpeza e polimento. Os seus dentes tornam-se alvíssimos e de um brilho esplêndido—a sua boca torna-se mais fresca—mais *limpa*...E, o que é mais, você ficará entusiasmado com o agradável gosto do Creme Dental Listerine!

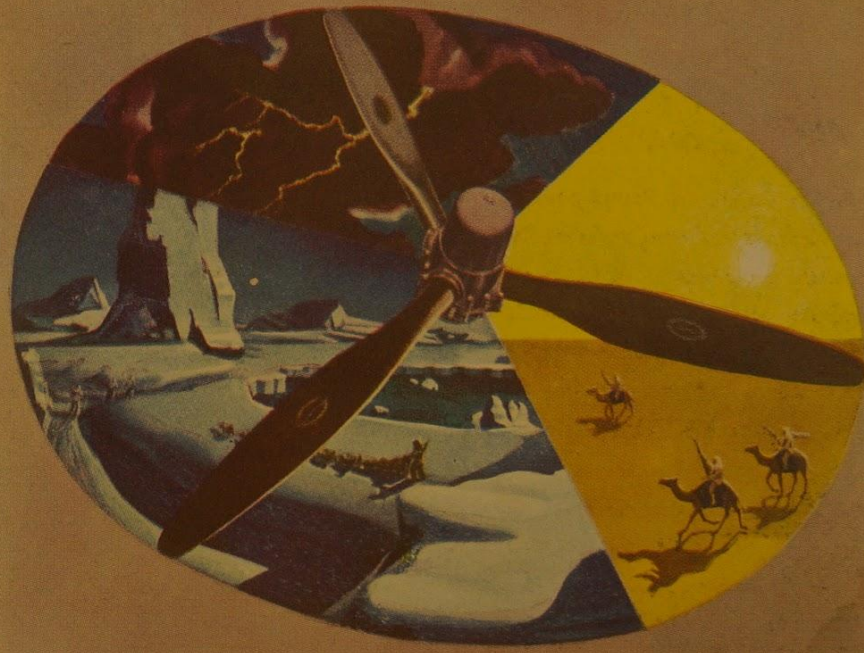
E MANTENHA O SEU HÁLITO SUAVE -DESTRÚA OS GERMENS DA BOCA

COM ...o Antissético Listerine. Um gargarejo diário com o Antissético Listerine—puro—destruirá milhões de germens da boca e da garganta—ajudará a proteger-lhe contra resfriados e inflamações da garganta. Terminará qualquer máu cheiro, também, deixando o seu hálito docemente perfumado.

77W

VOCÊ NECESSITA OS TRÊS

Nem a Neve, nem a Chuva, nem o Calor...



Os frios mais severos, as implacaveis tormentas, e o calor insuportavel não são impecilhos para a Pan American Airways, ao transportar materiais bélicos ao norte, sul, este e oeste nas mais longínquas regiões do orbe.

As acreditadas Hélices Hamilton Standard constituem equipamento normal nos seus aviões de transporte, funcionando perfeitamente em todos esses extremos do tempo.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION
EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. de A.

Motores Pratt & Whitney
Aviones Chance Vought
Helicopters Sikorsky
Hélices Hamilton Standard

USADA SEM PERIGO EM QUALQUER POSIÇÃO

A caneta permanente TUCKAWAY*
A nova caneta garantida por toda a VIDA...
Para um NOVO prazer em escrever

Sheaffer's "Triunfo" Tuckaway—é a ultima creação em canetas permanentes como tambem a unica que até à data fôsse desenhada para V.S. usar SEM PERIGO em qualquer posição tanto na algibeira da camisa, como na das calças, casaco ou do colete—em carteiras de senhoras . . . em qualquer parte! Por conseguinte, não necessita presilha! A mais pratica e conveniente de todas as canetas permanentes tanto para cavalheiro como para senhora! E uma caneta que V. S. pode usar na mais pequenissima algibeira d'uma maneira segura. Esta caneta permite a visibilidade da tinta. A cada momento V. S. sabe exatamente quanta tinta Skrip contem a sua Tuckaway. E—a caneta Tuckaway é garantida por toda a VIDA!

A companheira da Tuckaway é a atrativa lapiseira, sem presilha FINELINE—feita especialmente com uma ponta redonda para evitar de prejudicar o forro da roupa. W. A. SHEAFFER PEN COMPANY, Fort Madison, Iowa, U. S. A.

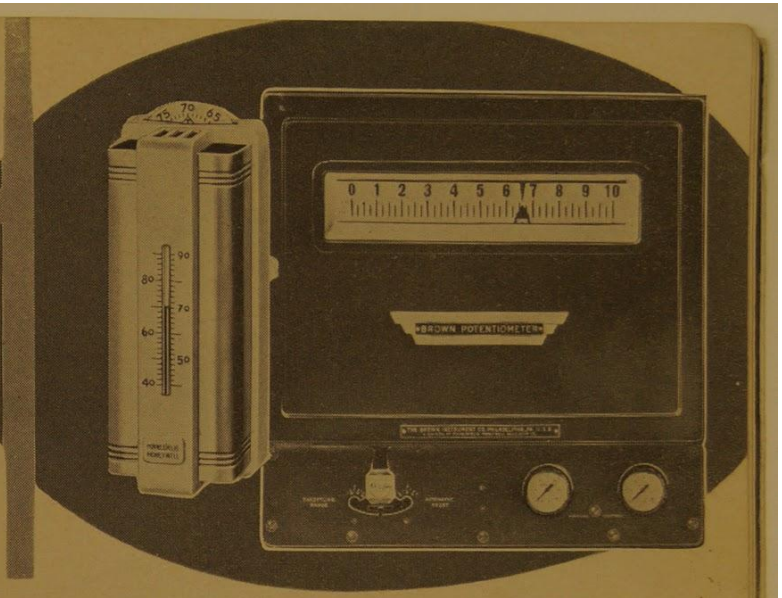
SHEAFFER'S

"TRIUNFO" TUCKAWAY*

Para Cavalheiro ou Senhoras

*Capaz de ser usada em qualquer posição na algibeira ou carteira.

Representantes Gerais Para O Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro



Conforto em casa—eficiência na indústria

Os proprietários e construtores inteligentes estão muito interessados na questão de aquecimento central com Controle Automático—Controles para regular a temperatura assim como para o Ar Acondicionado e que foram aperfeiçoados pela Minneapolis-Honeywell, principal fabricante destes aparelhos desde 1885. Os industriais de espírito empreendedor, estes se interessam pelo aperfeiçoa-

cados pela Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. O estoque de aparelhos para controle é limitado, devido às exigências de guerra, mas estamos prontos a dar qualquer informação sobre Controle de Temperatura e Controle Industrial, assim como sobre a melhor maneira de aperfeiçoar ou completar o sistema de aquecimento e de fabricação em uso.

Já era famoso em 1815, quando pela primeira vez os ianques desembarcaram na Argélia

O whiskey americano tem sido usado para celebrar todas as vitórias na história da América—pois o whiskey americano é mais antigo que os Estados Unidos.

E agora o whiskey americano é preferido em todo o mundo para festejar as vitórias das Nações Unidas. Hoje bebe-se mais whiskey americano que qualquer outro.

Há várias gerações que o SCHENLEY Royal Reserve vêm sendo reconhecido como o mais fino dos whiskeys.

Para apreciar o seu insuperavel aroma, delicioso sabor e riquíssima suavidade, tome-o à americana — num "Old Fashioned" — a bebida tradicional.

Eis a receita desse famoso coquetel: **1:** sobre meio-torrão de açúcar ponha duas gotas de Bitter Angostura e 6 gotas de água; **2:** Dissolva o açúcar; **3:** Adicione dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; **4:** Adorne com uma *fatia* de laranja, outra de limão, e uma cereja; **5:** Encha o copo com pedaços de gelo, mexa um pouco e sirva.

É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

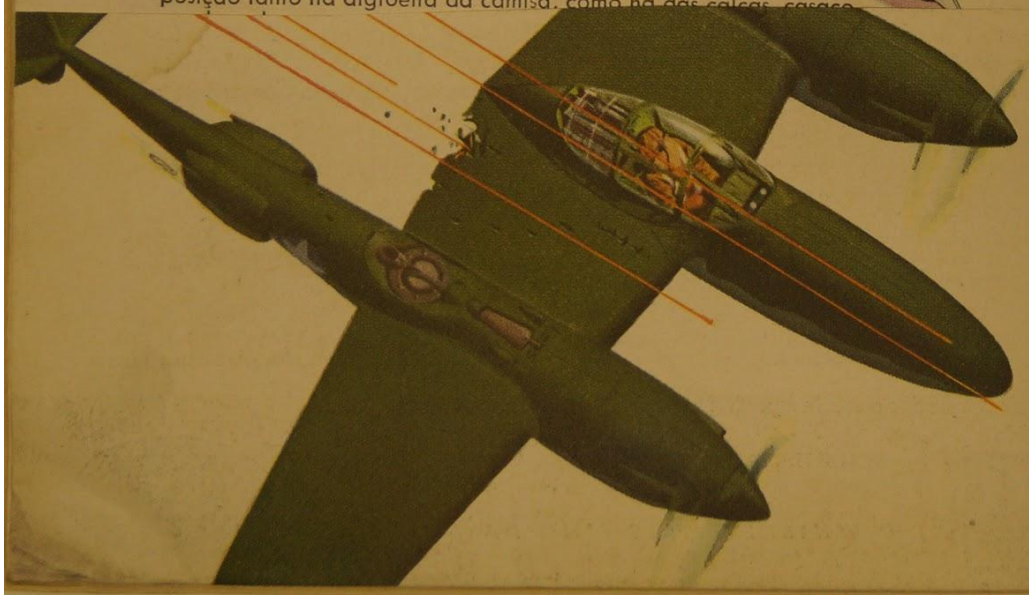
O WHISKEY MAIS FINO DA AMÉRICA

SCHENLEY Royal Reserve

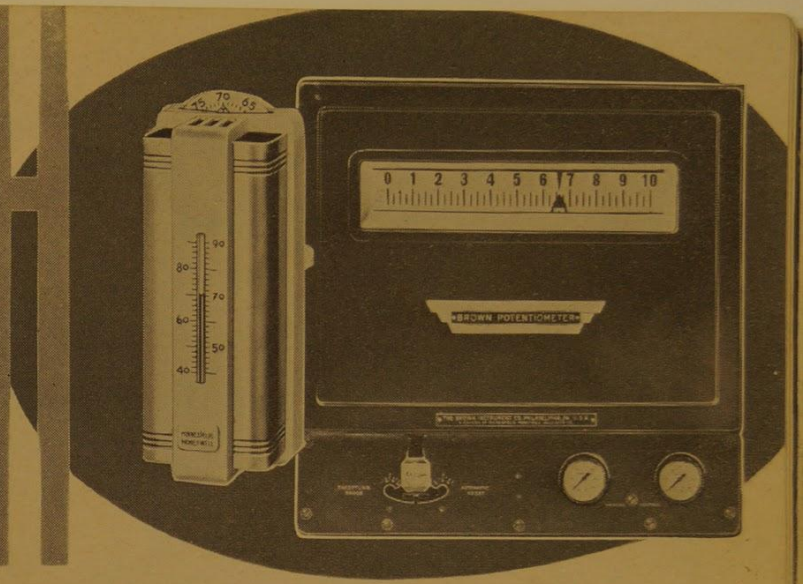
USADA SEM PERIGO EM QUALQUER POSIÇÃO

A caneta permanente TUCKAWAY*
A nova caneta garantida por toda a VIDA...
Para um NOVO prazer em escrever

Sheaffer's "Triunfo" Tuckaway—é a ultima creação em canetas permanentes como tambem a unica que até à data fôsse desenhada para V.S. usar SEM PERIGO em qualquer posição tanto na algibeira da camisa, como na das calças, casaco



MH



Conforto em casa—eficiência na indústria

Os proprietários e construtores inteligentes estão muito interessados na questão de aquecimento central com Controle Automático—Controles para regular a temperatura assim como para o Ar Acondicionado e que foram aperfeiçoados pela Minneapolis-Honeywell, principal fabricante destes aparelhos desde 1885. Os industriais de espírito empreendedor, estes se interessam pelo aperfeiçoamento da fabricação, pelo aumento de produção e economia que podem obter graças aos aparelhos para Registro, Indicação e Controle, fabricados pela Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. O estoque de aparelhos para controle é limitado, devido às exigências de guerra, mas estamos prontos a dar qualquer informação sobre Controle de Temperatura e Controle Industrial, assim como sobre a melhor maneira de aperfeiçoar ou completar o sistema de aquecimento e de fabricação em uso.
Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Depto. de Exportação: 4422 Wayne Avenue, Philadelphia, Pennsylvania.

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

COM UNIDADE LIBERDADE

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

VERSATILIDADE POUPA TEMPO

O tempo é muito valioso nestes dias em que tanto depende da entrega pontual de encomendas urgentes. Qualquer tempo poupado na execução de pedidos, mesmo que sejam alguns minutos, representa uma outra vantagem a nosso favor.

A grande versatilidade dos tornos South Bend reduz ao mínimo o tempo necessário para ajustar cada trabalho. Além disso, essa mesma versatilidade torna possível a substituição rápida de um serviço por outro e, bem assim, facilita as mudanças quando se alteram as especificações de serviço já em produção.

Os tornos South Bend são fabricados em cinco tamanhos: 9″, 10″, 13″, 14.½″ e 16″ de diâmetro torneável, tanto no tipo de Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida como de Oficina de Ferramenteiro. Escreva pedindo o nosso catálogo e declare se o deseja em Português, Espanhol ou Inglês.

"MANUAL DO TORNEIRO"

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sôbre a conservação e o funcionamento de tornos mecânicos. Preço: Cr.$3,00 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês. Escreva claramente o seu nome e endereço.

SOUTH BEND LATHE WORKS

SOUTH BEND, INDIANA, E.U.A.

Fabricantes de Tornos Há 36 Anos

É rica em Vitamina B_1 — fonte de energia!

CONHEÇA ÊSTES OUTROS PRODUTOS SWIFT

- Salsichas
- Pâtés
- Perú
- Línguas
- Presuntos
- Bacon
- Carne de Porco
- Corned Beef
- Carne Cozida
- Extrato de Carne
- Tuco (para massas)
- Banha
- Galantina

É um alimento saboroso e nutritivo! Presuntada, rica em vitamina B_1 — para crescimento, vigor, nervos e apetite — é uma fonte de preciosas energias. Pode ser servida tal como vem acondicionada, poupando tempo e combustível. É de delicado sabor quando servida fria e igualmente apetitosa se desejá-la quente.

No seu preparo, por processo exclusivo da Swift do Brasil, só entram tenros presuntos e suculentas carnes de porco. Não deixe faltar Presuntada em sua despensa. Verá quão fáceis se tornam seus problemas culinários.

Produto da

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Conselhos de costura deste mês

Se V.S. precisa de uma nova máquina de costura, é melhor comprá-la agora. A Singer ainda tem algumas à venda, porem em quantidade limitada por causa da guerra.

Se sua máquina requer algum conserto, não se meta a fazê-lo. As máquinas são hoje muito valiosas para que as submetam a reparos caseiros. Os mecânicos da Singer farão reparações perfeitas a preço módico.

Se V.S. quer uma idéia para um vestido novo, visite uma Loja Singer. Alí encontrará brochuras que tratam de costuras e bordados, e contêm utilíssimas indicações.

Se V.S. precisa de óleo, agulhas, peças de reparação, e acessórios, visite a Loja Singer sem delongas. Esses artigos estão se tornando cada vez mais escassos.

Procure o "S" vermelho na vitrina da Loja Singer. Essa letra garante que V.S. obterá alí os legítimos produtos e serviços da Singer.

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A.,1943, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

RELAÇÕES HUMANAS

O futuro das nações depende das relações entre os governos e o mundo dos negócios; entre este e o povo; entre os indivíduos como tais; entre empregados e patrões; entre os vários governos e povos, nos domínios da economia e da cultura.

Depende da consolidação das liberdades que prezamos, e que só o nosso completo triunfo sobre o inimigo tornará possiveis; e está estreitamente ligado ao futuro dos outros estados e povos, libertos enfim das influências da má propaganda e das imposições políticas, sejam elas de ordem interna ou externa.

Relações Humanas, eis a fórmula que nos habilitará a solucionar todos estes problemas, pois que, com o pensamento da humanidade sempre presente em nosso espírito, daremos a devida consideração ao elemento humano em nossas relações com os outros povos e indivíduos.

Após a Vitória, a primeira coisa a ter presente é a Justiça para com todos os povos e nações que tiverem recebido tratamento deshumano, e experimentado indiziveis sofrimentos e misérias, às mãos daqueles que, em suas ações, houverem ignorado o princípio da dignidade nas Relações Humanas.

Significará isto, necessariamente, uma política de firmeza, de severidade mesmo, para os que a tiverem merecido—medidas que ensinem aos transgressores que a vida é como uma rua de via dupla, e que as Relações Humanas devem ser reconhecidas e acatadas de um lado e outro dessa rua.

Thos J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

A Pan American Airways System recentemente inaugurou um novo serviço de "Strato-Clipper", 3 vezes por semana, entre Balboa, na zona do canal de Panamá, e Nova Orleans. Este é o quinto *pórtico* de entrada para os Clippers que servem a América Latina.

Novo pórtico de entrada para os Clippers que ligam as Américas

1928—A Pan American inaugura o *primeiro pórtico aéreo* dos E.U.A....O serviço de Clipper entre Miami e as Antilhas (mais tarde estendido ao resto da América Latina).

1929—A Pan American estabelece o *segundo* pórtico aéreo em Brownsville, Texas, aberto a toda a América Central e México.

1935—Por intermédio da sua companhia associada, a Cia. Mexicana de Aviación, a Pan American abre o *terceiro* pórtico aéreo dos Estados Unidos, com a inauguração do serviço de Clipper para Los Angeles.

1941—A Pan American, novamente através da C.M.A., inaugura o *quarto* pórtico das comunicações aéreas, da América Latina aos Estados Unidos, em Novo Laredo, no México.

1943—Para satisfazer as necessidades de guerra, quanto a carga e passageiros, entre o imenso vale do Mississipi e toda a América Latina, a Pan American abre em Nova Orleans o *quinto* pórtico de entrada de Clippers para os Estados Unidos.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

Eficiência...

o problema essencial

Na agricultura, na indústria, na mineração, no transporte, na construção e nas instalações domésticas, o essencial é sempre a eficiência.

Onde quer que girem rodas e eixos, em toda espécie de máquinas, milhões de Chumaceiras Cônicas Timken demonstram diariamente sua esplêndida eficiência em termos de velocidade, precisão e durabilidade.

Faça questão de Chumaceiras Timken nas máquinas que fabricar ou que comprar. Terá assim resolvido o grande problema da eficiência. The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E.U.A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS

Fabricantes de Chumaceiras Cônicas Timken, Ligas de Aço Timken, Canos Inteiriços Timken e Brocas Timken.

Recompensa por distinção em serviços de guerra

A 25 de Julho de 1941 a Bausch & Lomb mereceu a honra de ser uma das primeiras companhias a receber, nos Estados Unidos, a flâmula "E" da Marinha, por altos serviços prestados no cumprimento do programa de armamento da América.

Depois da entrada dos Estados Unidos na guerra, a Bausch & Lomb continuou a receber altas honras do Departamento da Marinha Americana, alcançando, em Maio de 1942, o "E" da Marinha. A 6 de Setembro de 1942 a Bausch & Lomb obteve a recompensa "E" do Exército e Marinha, prêmio combinado por serviços a esses dois Departamentos.

Esse recorde de honras por serviços distintos prestados ao Governo dos Estados Unidos teve início na primeira Guerra Mundial, quando a Bausch & Lomb recebeu uma "Recompensa por Altos Serviços" do Departamento da Guerra. No intervalo entre as duas guerras, a Bausch & Lomb tem trabalhado em perfeita colaboração com a Marinha Americana no desenvolvimento de instrumentos óticos de guerra, que hoje estão servindo para trazer a Vitória às Nações Unidas.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos, Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

A COMPANHIA

PHILCO

tem o prazer de anunciar

a formação da

COMPANHIA PHILCO INTERNACIONAL

encarregada da seção de exportação

e venda dos produtos Philco

Um dos resultados benéficos desta guerra deve ser a aproximação maior entre os povos estimulando o intercâmbio comercial, e isto principalmente entre a América do Norte e a do Sul. A Philco está agora assentando bases mais largas que permitam a expansão e consolidação de suas relações com os paises estrangeiros, para que, assim que se fizer a paz e que sua produção não seja mais necessária para ganhar a guerra, a companhia se encontre preparada para tomar parte no trabalho de reconstrução que começará logo após a Vitória.

PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION

LARRY E. GUBB, Diretor **DEMPSTER McINTOSH, Presidente**

JOHN S. HABER, Vice Presidente

ÀS SUAS ORDENS

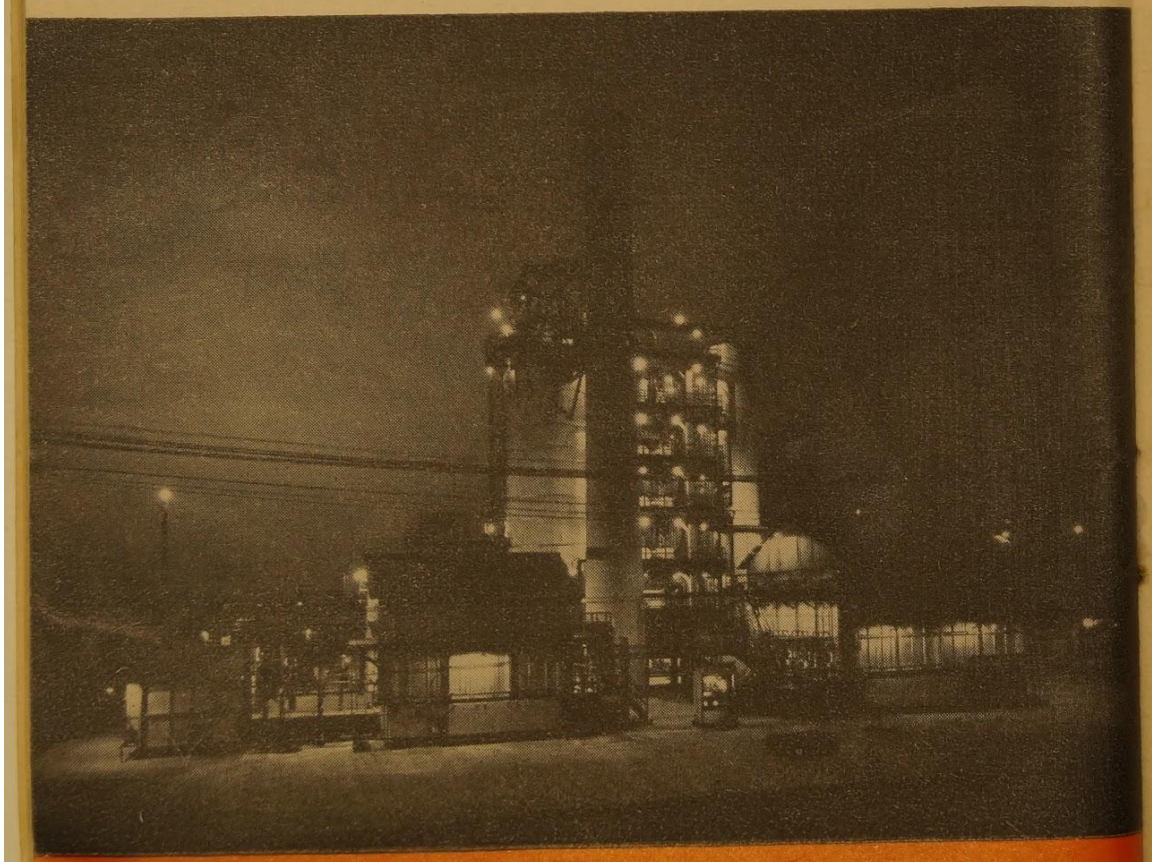
Para o abastecimento de melhores produtos de Petróleo

De noite e de dia — para uso em todo o mundo — a vasta organização Texaco não pára de refinar lubrificantes e combustiveis especializados. Homens e ciência conjugam suas forças para criar estes produtos de petróleo, tão essenciais na guerra, e tão indispensaveis na paz.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

TEXACO
MARCA REG.

UNIDAS HOJE
UNIDAS PARA SEMPRE



TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

• • • *nome dos mais representativos da sociedade brasileira,*

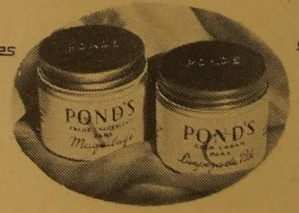
declara: **«Não dispenso o uso dos 2 Cremes Pond's para manter minha cutis sempre macia e suave»**

NÃO adie a satisfação de possuir uma cutis que desperta admiração e elogios! Comece, hoje mesmo, a seguir êste simples método dos 2 Cremes Pond's:

1. Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no colo. Retire-o em seguida. Para amaciar a cutis, aplique mais uma camada.

2. Antes de fazer a «maquillage» use o Creme Evanescente Pond's que, além de proteger a cutis contra o sol e o vento, conserva o pó de arroz horas seguidas.

AMOSTRA GRATIS: - Queiram enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $ 1,00 para as despesas de remessa de uma amostra gratis dos 2 Cremes Pond's.

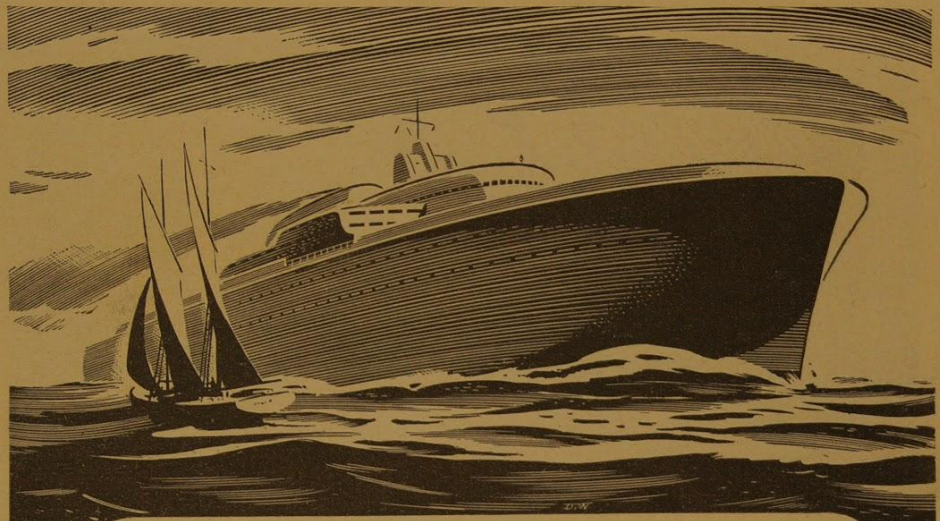


JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5537 — São Paulo 3-0000-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....



O NAVIO DA VITÓRIA

PROCURE este navio no horizonte. Aparecerá *mais cedo do que o senhor pensa!*

Levará no seu bojo novos e extraordinários automoveis, rádios, trens, geladeiras, e muitas outras maravilhas da ciência moderna, para enriquecer sua vida.

Transportará rapidamente, a todos os mercados do mundo, os artigos que V.S. produz.

É o seu Navio da Vitória, é o símbolo das frotas de paz que trarão o mundo até a porta de sua casa, e leva-lo-ão a viajar pelos quatro cantos do mundo—quando a guerra estiver ganha.

Será um navio melhor que outro qualquer já construido, pois será *feito com melhor aço.*

Hoje, a Republic fabrica toneladas de chapa de aço para ajudar a construir os corajosos navios mercantes que alimentam e armam por todo o mundo, os combatentes da liberdade. Dos altos-fornos da Republic sai tambem, num rítmo acelerado, o aço para os armamentos, aviões e tanques que estes navios transportam.

Dedicando toda sua energia e recursos técnicos à severa tarefa da guerra, os Homens de Aço da Republic estão forjando um futuro venturoso para as Américas. As recompensas e benefícios da Vitória são dignos do «sangue, suor e lágrimas» de *todos nós.*

VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave.
New York, N. Y., E. U. A. Endereço telegráfico: "TONCAN"

Escritorios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Côlumbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguay, Venezuela, Ilhas Virgínias.
Tambem estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, India, China, Irán, Portugal, Suecia, Turquia.

Para que a América seja sempre

A TERRA DOS HOMENS LIVRES

Lançar nos ares, em 2 curtos anos, uma nuvem de 150.000 aviões, é façanha que só na América podia se ter praticado — e só graças à cooperação das numerosas nações que a constituem.

Graças à técnica de que dispõem, os E.U.A. tomaram sobre si a manufatura desses aviões. Mas no tocante a materiais, dependemos muito do concurso voluntário que nos dá o resto do hemisfério. E uma vez produzidos os aviões, para os fazer voar, dependemos, em boa parte, do único vizinho nosso latino-americano que tem vasto território a proteger: o Brasil.

É como *continente* que devemos ganhar ou perder esta guerra. Talvez o leitor não tenha que voar, nem combater, nem sequer usar uniforme. Mas um papel decerto lhe cabe: á sua quota-parte de trabalho, de sacrifício, de *vontade de vencer!*

Tais os fatores hoje em dia indispensaveis — para que a América seja sempre A TERRA DOS HOMENS LIVRES!

LYCOMING
MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino . . .
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.
Fabricantes de produtos AVCO

Devo minha vida ao rádio!

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Quando a milhares de metros de altura as balas inimigas destroçaram meu quadro de instrumentos, tudo parecia estar acabado . . . porém o rádio guiou-me a uma aterragem segura. Se não fôsse o rádio, não estaria contando êste episódio. E quantas outras vidas têm sido salvas graças ao rádio!

Se não fôsse o rádio, também não poderiamos seguir instântaneamente a marcha dos grandes acontecimentos que estão moldando os destinos do mundo . . . nem desfrutar a grande variedade de programas de divertimento que alegram o coração . . . ou as grandes manifestações artísticas e culturais que deleitam o espírito e estimulam a mente.

O receptor *Zenith* distingue-se tanto em paz como em guerra . . . e por esta razão as fábricas *Zenith* foram chamadas a dedicar sua produção inteira ao esfôrço bélico das Nações Unidas, e contribuir eficazmente para acelerar o dia da Vitória e da Paz!

Agentes en tôdas as cidades principais.

ZENITH LONG DISTANCE RADIO

FABRICANTES DE EQUIPAMENTO RADIÓNICO, EXCLUSIVAMENTE

★ ★ ★ ★ O ÓLEO É UM SOLDADO DE TODAS AS BATALHAS ★ ★ ★ ★

ESTAS 42 ferramentas estão cortando canaletes — de somente uma quadragesima parte de polegada de largura, necessários para a refrigeração a ar do cilindro de um motor de avião. É uma operação muito delicada e cada ferramenta deve cortar rapida e perfeitamente. Se em alguma parte o metal, ao ser cortado, aquece e funde, todo o trabalho fica arruinado! E é retardada a produção de um motor anciosamente esperado.

Os fabricantes dos lubrificantes Gargoyle produzem óleos especiais para corte de metais, próprios para serviços delicados como este.

A experiência de 77 anos no ramo do petróleo habilitam esses fabricantes a encontrar sempre a solução correta para os problemas de corte de metais e de lubrificação.

GARGOYLE

Esta experiência, representada pela linha dos lubrificantes Gargoyle para indústria, está à sua disposição para auxiliá-lo a prolongar a vida da sua valiosa maquinária.

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Os Motores-De-Popa Johnson Vão Para A Guerra

Johnson aperfeiçoou seus motores-de-popa a um ponto tal de facilidade de manobra, resistência e durabilidade, que hoje em dia eles constituem equipamento indispensavel às forças armadas.

Os "Sea-Horses" que no passado transformavam barcos médios e pequenos em velozes lanchas de passeio, atualmente desempenham com valor o seu papel no esforço de guerra.

Não se fabricam mais "Sea-Horses" para o uso de civís. Mas quando terminar a guerra, esses famosos motores estarão de novo ao alcance do público — em tipos mais aperfeiçoados ainda.

O trabalho de precisão realizado por Johnson relativamente a vários e complexos produtos destinados às forças armadas, há de se refletir mais tarde numa maior perfeição na fabricação dos "Sea-Horses" do futuro.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Seção de Exportação — Waukegan, Ill., U. S. A.

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano de um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

Johnson "Sea-Horses"

É favor mandar-me um exemplar da planta para um barco pequeno.

Nome_____

Endereço_____

_____

"Muitos espadachins temem as penas de pato"

HAMLET—Ato II, Cena II

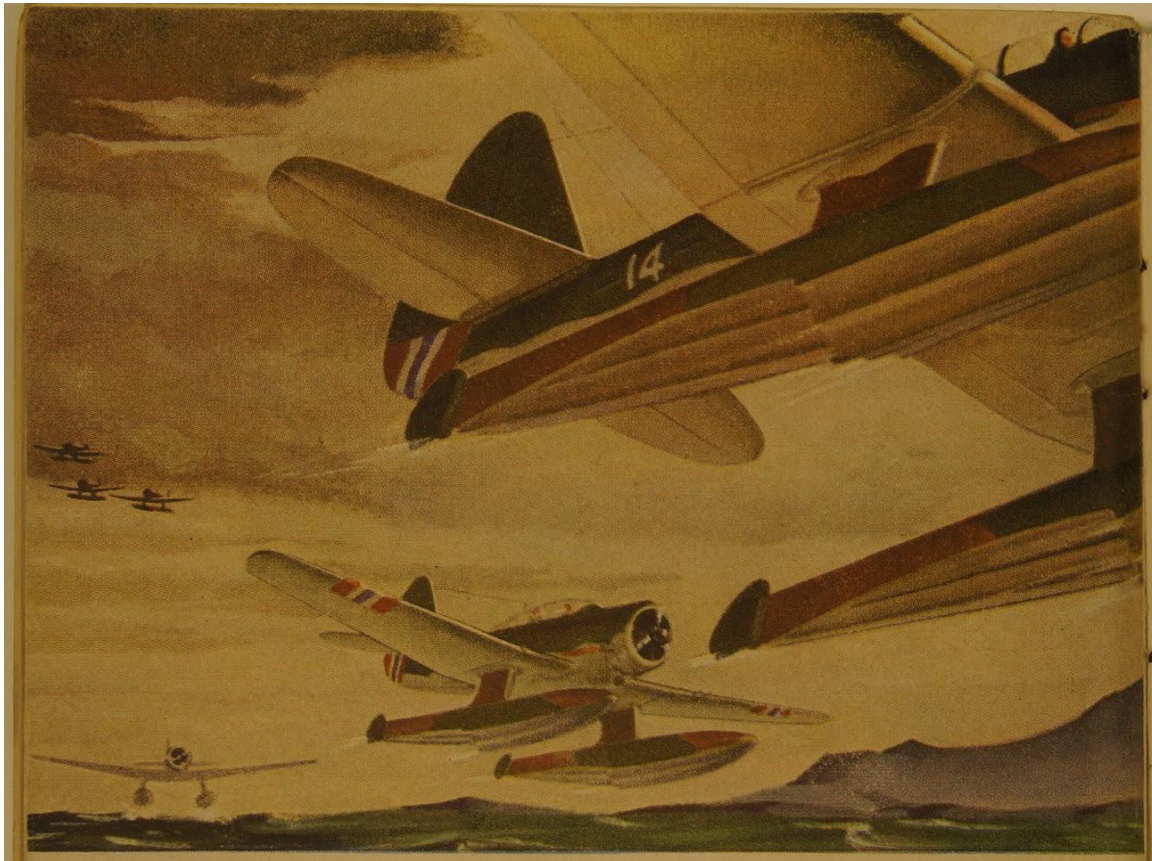
Nos tempos que correm as palavras são como armas! *Palavras escritas* ... desde as vozes de comando até as mais essenciais encomendas à indústria ... estão ajudando a tornar o mundo livre para todos.

E hoje, os líderes em todas as esferas da vida, confiam na nova caneta Parker Vacumatic para escrever com facilidade. Sua ponta de osmirídio conserva-se por toda a vida suave como o setim. A sua brilhante transparência permite ver o nivel da tinta. E o seu enorme depósito para tinta evita o ter que encher a caneta com frequência.

Visite hoje mesmo o seu fornecedor. Após experimentá-la, poderá V. S. cientificar-se de como uma Parker Vacumatic desliza maravilhosamente sobre o papel. O lozango azul no prendedor da caneta é nossa garantia vitalicia para o dono.

PARKER

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA. — Rua 1º de Março, 9-1º Rio de Janeiro



As invenciveis águias norueguesas

São estes os implacaveis Bombardeiros de Patrulha Northrop N3, com os quais a Real Aviação Naval Norueguesa vem ajudando há mais de dois anos a combater os nazís no Atlântico norte.

Os bombardeiros Northrop N3-PB, planejados e construidos há mais de dois anos para a Aviação da Noruega, têm estado desde então em serviço ativo.

Este pugnaz bombardeiro é o hidroavião mais rápido do mundo. Pode carregar uma tonelada de bombas ou um torpedo com igual facilidade, e tem maior potência de fogo que muitos bombardeiros quadrimotores.

Batidos durante dois anos pelos ventos, pelas ondas e tempestades do Atlântico, e percorrendo vastas distâncias diariamente, os Bombardeiros de Patrulha Northrop N3 demonstraram ser tão resistentes como seus pilotos—os descendentes dos "Vikings." Sua resistência nos combates ficou demonstrada. Afundaram uma boa quantidade de submarinos inimigos. Diz-se que tomaram parte na perseguição histórica ao "Bismarck." Repeliram os *gigantescos* bombardeiros alemães.

À medida que a guerra se prolongue, ouviremos falar cada vez mais da potência, da velocidade e da completa segurança dos aviões Northrop. Tudo o que for traçado pelo pessoal da Northrop, está destinado a realizar uma tarefa ingente.

NORTHROP AIRCRAFT, Inc.
NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, U.S.A.
Member Aircraft War Production Council, Inc.

Continuação da última capa

Quatro Pontos Cardeais

depois apagaram do mapa) dois ingleses, pescadores de salmão, tinham abandonado um exemplar do Reader's Digest, todo coberto de escamas de peixe. Lá no norte da Finlândia a luta pela posse do magazine era um tanto menos renhida, porque quando o sol dava o dia por terminado, começava a brilhar o sol da meia-noite: dessa maneira todos tinham tempo de ler a muito dedilhada brochura...

Mas em Guadalaxara (a do México), onde gastei estes dois anos mais recentes, a livraria era positivamente tomada de assalto nos dias em que chegavam as seleções do Reader's Digest. Para conseguir um exemplar, era necessário corromper a caixeira com grande antecipação, oferecendo-lhe a mais linda orquídea do nosso jardim.

Nos tempos que vão correndo, em que as barreiras materiais entre as nações são tão formidaveis, é bom encontrar por toda parte tanto anseio pela troca de idéias, e um logradouro comum do pensamento.

Em 1917, durante a Grande Guerra, Selma Lagerlof escreveu uma novela intitulada «Nevoeiro». Era a história de um homem que se fechou em casa por não querer ouvir falar das misérias e dores de um mundo convulsionado pela guerra. Mas, sequestrado da vida pela covardia, o seu espírito desintegrou-se e afundou na loucura. Tambem nos dias que estamos vivendo a catástrofe será a recompensa de quem tentar assim levar a existência egoista do eremita social.

Não: todos nós devemos manter-nos em íntimo contacto com as forças que estão forjando um mundo novo. Cada um de nós, pelos meios ao seu alcance, deve tomar parte nesta grande transição para um mundo em que, na livre comunidade das nações, os homens e os seus pensamentos serão livres.

Mas, antes que se torne viavel essa comunidade—seja ela de pensamento, de homens, ou de nações—urge que nos entendamos. Por isso é que eu digo ao Reader's Digest do íntimo do coração: «Oxalá possas tu viajar bem longe e bem fundo, levando contigo os melhores pensamentos dos homens, e ajudando-os a lavrar a terra fecunda mas dificil da Liberdade.»

IMPRESSO NOS E.U.A.

Quatro Pontos Cardeais

(Norte, Sul, Este e Oeste)

Pela romancista Edita Morris

Passei há anos um inverno na Tunísia, a escrever histórias, instalada no alto de uma duna já nos confins do Saará; sítio lindo, fantástico, aonde só se podia chegar a lombo de camelo. (Provou-se mais tarde que os tanques americanos tambem lá podiam chegar...) Não havia um livro que ler, as noites eram longas e desoladas, até que um dia o Marabuto, ou «santo» do lugar, me convidou para tomar café com ele no seu oasis, que ficava perto. Mas aquele café não passou de isca: o que o «santo» queria, na realidade, era juntar mais um cartão de visita à sua coleção. O digno e romântico agareno era um ávido colecionador de cartões de visita, e de todo e qualquer material impresso que algum desgarrado visitante fosse induzido a abandonar-lhe. Radiante de orgulho, mostrou-me numerosos cartões de visita que o sol do deserto tornara amarelos, um horário holandês, e—o meu primeiro exemplar do Reader's Digest!... «É o objeto mais bonito de minha coleção, —disse ele.—Mas é claro que não sei ler!» E com a maior delicadeza assoprou a areia do deserto que se insinuara entre as páginas do magazine, muito marcadas pelas moscas. «Ofereço ele à senhora, por ser escritora. Sabe ler...»

Desde esse dia devo ter percorrido centenas de números do Reader's Digest; regularmente se estou em lugar civilizado, esporadicamente quando os caprichos de minha fantasia me afastam das estradas batidas pela civilização. Num velho hotel do Líbano onde outrora suspirou Alfred de Musset, uma dama levantina, de negro buço, tomou um dia a ofensiva contra mim: «Madame,—sibilou ela no seu francês—a senhora já leu três vezes de fio a pavio o nosso Digest. Está disposta a deixar-nos agora olhar pra ele, ou será que o vai ler de trás para diante?...»

No verão de 1939, numa estalagem de Pétsamo (que as bombas

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 7.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Receita: um par de sapatos . *por William C. Casseres* 1
Churchill esboça a paz permanente . . . . . *por H. Hoover e H. Gibson* 6
Seu nome saiu nos jornais? . . . . . *Life* 9
Dois homens e um exército . . . *por Allan A. Michie* 11
E você pensa que é esperto . . . *American Magazine* 19
A arma secreta que salvou a Inglaterra . . . *Collier's* 21
O governo americano explora mil fábricas. *U. S. News* 25
Felicidade profunda como o pranto . *por Gail Carey* 27
Walt Whitman, Poeta da Democracia *por Max Eastman* 31
Xeque-mate! . . . . . *Esquire* 35
Um mestre de duplicidade . *North American Review* 38
Não tem que morrer afogado . *Baltimore Sunday Sun* 42
Catorze dias no inferno dos gelos . . . . *Maclean's* 45
Todos têm graça, seja no que for . . . . . *Rotarian* 51
A esparrela em que Hess caiu . *American Mercury* 54
Um sindicato modelar . . . . . *por William Hard* 59
A guerra chega aos campos de treino. *American Legion* 63
Tributo à grandeza . . . . . *Vogue* 66
Minha profissão de fé *por Madame Chiang Kai-xeque* 67
O riso dos oprimidos 70
Exploradores do Noroeste americano. *American Legion* 72
A ordem é—MATAR . . . . . *Crusader* 80
Saiba tirar partido dos seus reveses . . . . . *Forum* 81
Primeiros frutos da nova ordem japonesa . . . *Asia* 84
Se deixassem os operários trabalhar . *por John Patric* 88
Como as emoções afetam a saude . . . . . *Harper's* 91
Aquele cão feroz . . . . . *J. L. Wolff* 95
[Seção de Livros] Ensaio geral de invasão . . . . . *por Quentin Reynolds* 97

SETEMBRO DE 1943

CMDPU-CA
1907

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IV, No. 20 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Setembro de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação,* Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proíbe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

SETEMBRO de 1943

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO IV No. 20

Receita: um par de sapatos

Por William C. Casseres

EM NOVEMBRO DE 1940 efetuou-se na capital da Costa Rica uma curiosa reunião de personalidades sob a direção do jovem Presidente da República, havia pouco eleito, o dr. Rafael Angel Calderon Guárdia. Assistiam o Secretário de Saude, dr. Mário Lujan Fernandez, o Secretário de Educação Pública, Luiz D. Tinoco Castro, e—os últimos seriam quiçá os primeiros—um grupo de *humildes sapateiros* da cidade... Estavam alí para estudar a melhor forma de resolver um velho problema, que a guerra viera agravar.

«Temos na República mais de 70.000 crianças em idade escolar—disse com efeito o Presidente—das quais apenas 20.000 usam sapatos. Devemos ver a maneira de dar dois pares de sapatos por ano a 50.000 crianças. São cem mil pares de sapatos, que nos custarão meio milhão de *colones*. Vou propor ao Congresso que seja lançado um imposto especial sobre os automoveis particulares, de modo que os ricos que viajam de carro passem a pagar pelos sapatos dos meninos pobres que andam a pé. Quero que os senhores me auxiliem nesta campanha que se destina a dar sapatos às nossas crianças.»

Não era preciso explicar a homens como Lujan, Tinoco, e os sapateiros, por que razão, com guerra ou sem ela, as crianças de Costa Rica deviam passar a andar calçadas: conheciam-na eles tão bem quanto o Presidente. E do mesmo modo o Congresso Nacional, como o demonstrou em julho de 1941, ao aprovar a Lei do Calçado. O próprio dia da Saude Panamericana, 2 de dezembro, passou a designar-se Dia do Sapato...

Esta campanha e esta consagração nacional do sapato tinham uma grave razão de ser: o Presidente Calderon é médico e, como tal, conhecia os estragos que, entre as populações trabalhadoras do seu país e da America Tropical em geral, causam o *ankylostoma duodenale* e o *necator americanus*—duas variedades de ancilóstomos, lombrigas cu-

jo orgão bucal, munido de uma espécie de unha ou gancho, lhes permite viver tenazmente agarradas à parede interior do intestino. Finos como linha de coser, e com 10 a 12 mm. de comprimento, esses parasitas sugam e drenam o sangue da vítima, enfraquecendo-lhe o organismo e pondo ovos em quantidades fabulosas.

Nas condições quase primitivas de sanidade que prevalecem em muitas regiões rurais da América Tropical, esses ovos encontram facil acesso ao terreno, onde se abrem. O minúsculo verme deles saido perfura a pele do pé descalço do camponês desprevenido, rompe lentamente caminho para o meio sanguíneo, e ao longo deste para o coração de onde passa aos pulmões. Aquí, a tosse o expele até à boca, de onde é deglutido—para ir fechar no intestino o ciclo da sua diabólica existência.

O Presidente Calderon sabia tudo isso, e mais: que é possivel curar um homem da ancilostomíase, se se começa no devido tempo, dando-lhe boa comida em quantidade, para o restaurar das perdas que o parasita lhe inflige. Uma vez curado, o homem regressa às condições habituais de vida, e, com os pés em contacto com a terra infestada de ovos, apanha de novo o parasita...

Há muitos anos que as autoridades sanitárias do mundo inteiro compreenderam que tratar os doentes para restituí-los em seguida ao perigo da infecção, é um jogo inutil e demasiado caro. Mais avisado seria ensinar e ajudar o povo a manter limpo o solo, e mais barato mostrar-lhe a maneira de se proteger da «coceira» provocada pelo verme ao penetrar no pé, e educá-lo a comer em quantidade razoavel os alimentos que lhe permitam resistir ao ataque das pequenas «sanguessugas».

A Fundação Rockefeller já em 1912 mandara a Costa Rica o dr. Luiz Schapiro, que, assistido pelos seus colegas costa-riquenses, submeteu milhares de seres humanos a testes, para chegar à conclusão apavorante de que 90 por cento da população rural estava atacada do parasita. Empreendeu-se a execução de um programa de ensino aos rurais, sobre a maneira de construir e usar boas latrinas, drenar a terra, andar calçado, e apresentar-se regularmente ao laboratório sanitário para se submeter a novo teste.

O Serviço de Saude da República de Costa Rica, que levou a cabo esse trabalho, desenhou um novo modelo de fossa-latrina que viria a contribuir para que o terreno se mantivesse isento de ovos do parasita, e seria de construção muito econômica. Instalaram-se em diversos pontos do país oficinas para fabricação dessas privadas sanitárias. Criaram-se brigadas de agentes sanitários rurais, e pouco a pouco foram desaparecendo os focos de infecção, estabelecendo-se uma vasta rede de canalizações de cimento armado, afim de dar vazão às águas de despejo.

Mas tanto não bastava, e em 1941 cerca de 90 por cento das crianças, em certas escolas rurais, ainda se apresentavam atacadas pelo ancilóstomo. O dr. Calderon decidiu então abrir uma «segunda frente»... Em fins de 1941, mais de 4.000 crianças, que até então não sabiam o que eram sapatos, passaram a andar regularmente calçadas.

Quando já o programa estava em marcha, surgiu um obstáculo: os sapateiros pediam preços demasiado altos pelos sapatos. Mais uma vez o Presidente e os seus ministros reuniram com os sapateiros, e ficou assente que o Serviço de Saude superintenderia diretamente no fabrico de calçado. Foi escolhido o sapateiro Efraim Gimenez Guerrero para chefiar o novo Departamento de Calçado Escolar. Fez-se contrato com um grupo de sapateiros, aos quais se abriu um crédito de 1.000 *colones*, para que organizassem uma cooperativa de sapataria. Antes de corrido um ano, o empréstimo estava pago... O Serviço de Saude fornece os materiais e as medidas, e paga o fabrico manual dos sapatos. Os calçados são modestos mas apresentaveis, em parte cosidos e em parte pregados.

Não era apenas a pobreza que fazia andar descalços tantos costa-riquenses: alí como em outros paises, um errado conceito de economia levava milhares de pessoas a considerar o calçado como uma vaidosa exibição de luxo. Esse sentimento só podia ser vencido pela educação, e a educação principia pelas crianças que vão à escola.

Eis o programa, tal como foi posto em prática:

O Serviço de Saude do dr. Lujan tem uns trinta analistas espalhados pela nação. São eles que examinam as crianças e, por meio de seus relatórios, revelam onde grassa mais intensa a endemia.

Chegados que são os relatórios à capital, o dr. Lujan convoca o dr. Nuñez, chefe da Educação Sanitária, e o sapateiro Jimenez Guerrero, e juntos decidem quais são as escolas que mais urgentemente reclamam atenção. Em 1942, por exemplo, escolheram 50 escolas, todas elas rurais. Feita a escolha, Jimenez Guerrero avista-se com os respectivos diretores, três ou quatro por semana, e planeja com eles os pormenores da campanha nas respectivas jurisdições.

Tomemos uma ao acaso: a aldeia de Cinco Esquinas fica a quinze minutos de bonde da capital, San José. Oitenta e cinco por cento das suas 375 crianças estavam atacadas de ancilóstomos, e andavam descalças 328. Foram-lhes tomadas as medidas, e não tardou que Cinco Esquinas recebesse 328 parzinhos de botinas pretas ou amarelas.

Mas todo o mundo deve saber porque é que andar de sapatos é uma coisa assim tão importante. O diretor da escola e os funcionários de Saude discutem o caso. Organizar-se-á uma festa. Haverá primeiro uma assembléia de professores e pais de alunos. E fica marcado o próximo sábado, de manhã, para a «Festa do Sapato»!

Chega a manhã de sábado, e o salão da escola está todo ornamentado com flores. As cadeiras da primeira fila são reservadas ao Secretário de Saude, ao Secretário de Educação, e ao médico escolar. As mães e os pais tomam gravemente lugar à retaguarda dos funcionários. Depois entram as crianças—mas a sua entrada é acompanhada de rumores pouco habituais... Em vez do ruido abafado das solas dos pés descalços, ressoam nos ladrilhos do corredor, lá fora, os passos de 375 crianças que batem com os tacões de sola dura no chão, e o tropear de passos transforma-se num reboar de trovão quando os tacões entram a martelar o assoalho do salão de festas. O arrastar e batucar de solas dura mais alguns instantes, e cada qual toma assento por fim, os meninos com um tímido sorriso de orgulho, remexendo os dedos dos pés nas profundidades dos seus sapatos novos...

O professor de música dá a nota do hino nacional, e o auditório ergue-se, rumorosamente, para cantar. Acabado o hino, 375 vozinhas agudas e juvenís rompem a entoar uma nova melodia—a *Canção do Sapato!*

O diretor, o médico escolar, o Secretário de Educação, pronunciam curtos discursos de circunstância. A cortina levanta-se, e quatro rapazitos dansam um sapateado ao som de nova cantiga (tambem a respeito de calçado) que garganteiam quatro garotas. Segue-se a peça, cujo enredo trata de um gurí doente, que não tinha calçado, e outro gurí saudavel, que tinha sapatos. E acaba tudo em bem, porque o doentinho melhora, depois de ter começado a usar calçado...

Por fim, o diretor de Saude agradece a comparência a todos os presentes, e o assoalho volta a ecoar cavamente sob os passos de 375 crianças de ambos os sexos, e de 200 pais e mães que saem, sabendo agora a história toda do ancilóstomo e a defesa que constitue o uso dos sapatos.

Este ano já se fabricaram 20.000 pares de sapatos para as crianças das escolas de Costa Rica. Cada dia se torna mais dificil custear as despesas dessa excelente obra. Com a redução do orçamento público e a paralisação das importações de automoveis, ambas elas causadas pela guerra, foi-se tornando cada vez mais dificil financiar a campanha contra o ancilóstomo. Verifica-se contudo que é cada vez maior o número dos pais de família que se mostram dispostos a pagar pelo menos parte do calçado de seus filhos, que lhes serve por assim dizer de *blindagem* contra a doença. Em 1942, cerca de 1/5 do custo total dos calçados era pago por contribuições voluntárias dessa ordem. O mais importante, porem, é que as crianças e os pais estão já convencidos da vantagem do calçado, e uma vez saidos das escolas, moços e moças continuarão a usar sapatos pela vida fora, ainda que, para comprá-los, tenham de dispensar outros artigos menos uteis.

Uma família camponesa que fique convencida do valor sanitário do calçado, estará pronta a aceitar a idéia de construir no seu quintal uma sentina higiênica. Há hoje muitos médicos costa-riquenses que *receitam* sapatos, juntamente com os remédios contra os parasitas intestinais. E a «segunda frente» do dr. Calderon continuará em ação até se ter liquidado por completo o perigo do ancilóstomo.

Ainda numa terceira frente reina a atividade: na da nutrição. É necessário que o povo aprenda a comer bem. O dr. Calderon não esquece que as pessoas bem nutridas não sofrem tanto com o parasita, como as subalimentadas.

Costa Rica produz excelente café, mas vê-se obrigada a importar a maior parte do feijão, do arroz e do milho que formam a alimentação dos trabalhadores rurais.

Para educar e orientar a nação no sentido da diversificação das culturas, o Presidente Calderon organizou o seu Conselho Agrícola, e instituiu um Conselho de Alimentação Nacional que tem por função estudar o regime nutritivo do povo, e encontrar a maneira de melhorar os seus hábitos alimentícios.

As crianças aprendem hoje, nos hortos escolares, a cultivar vegetais e frutos que dantes nunca tinham visto. Foi promulgada uma lei que garante a cada criança escolar um dejejum gratuito. Esses pequenos almoços, e as merendas que são servidas nas escolas durante a estação chuvosa, estão habituando o paladar da infância a certas novidades. Os meninos levam frutos, vegetais e sementes para casa, e os quintais domésticos já hoje começam a rivalizar com os das escolas, na variedade de suas plantas comestiveis. Graças à criação de coelhos, que faz parte dos programas de ensino primário, as crianças vão aprendendo os princípios da criação de animais domésticos, uteis ao homem no ponto de vista alimentar.

Luiz Tinoco conhece à perfeição as necessidades do seu povo. Quanto mais depressa Costa Rica souber abastecer-se a si própria de todos os gêneros indispensaveis a uma dieta popular, ao mesmo tempo variada e racional, mais cedo poderão seus habitantes subtrair-se aos maus efeitos da monocultura cafeeira, que é hoje a sua fonte de receita quase exclusiva.

Por toda a Costa Rica se ouvem agora os passos de milhares de crianças, orgulhosas de seus sapatinhos novos, e dos hortos escolares onde aprendem o valor e o gosto de um regime alimentar mais higiênico. E o rumor desses passos é como um eco da marcha da nação na estrada do Progresso—a caminho da saude e da prosperidade, a par das nações irmãs do Novo Mundo.

Os japoneses vistos de palanque

Os amantes de esportes conhecem a capacidade dos japoneses em aguentar tudo para conseguir resultados. Durante as Olimpíadas de 1932 no Lago Plácido, era piada comum dizer que os nipões quando nos esquís andavam mais sentados que em pé. Uma semana antes dos jogos, um deles perdeu o equilíbrio no meio de um salto e se espatifou de encontro ao palanque. Mas saiu do hospital a tempo para tomar parte nas competições, e conseguindo fazer o melhor salto de toda a sua vida, terminou em oitavo lugar. O intenso orgulho nacionalista, inerente a todo japonês, fez com que ele se superasse a si mesmo.

Os japoneses participaram pela primeira vez numa competição aquática olímpica em 1920, em Antuérpia. Enquanto os nadadores americanos exibiam um desembaraçado estilo livre, os japoneses—acredite-se ou não—ainda nadavam de lado, como o faziam as titias solteironas da geração passada. Mas os japoneses foram a Antuérpia simplesmente para aprender. Quatro anos mais tarde, em París, já tendo abandonado o estilo antiquado, conseguiram duas colocações em quinto lugar. Em Amsterdã, quatro anos mais tarde, obtiveram um primeiro, um segundo, um terceiro e um quarto lugar.

Vieram, então, as Olimpíadas de 1932, em Los Angeles. Clarence (Buster) Crable venceu os 400 metros, em estilo livre, para os Estados Unidos, mas os nipões sairam vencedores em todas as demais competições.

Com o completo despreso pelo indivíduo, tão caraterístico dos japoneses, conseguiram isto treinando intensivamente uma equipe de rapazolas de 15 e 16 anos que se esgotaram de tal maneira que ficaram inutilizados para o resto da vida.

Arthur Daley no *New York Times*

Uma análise das sugestões de Winston Churchill sobre a organização mundial para a preservação da paz.

Churchill esboça a paz permanente

(Condensado do «New York Times Magazine»)

Por Herbert Hoover e *Hugh Gibson*

O PRIMEIRO Ministro Churchill, no seu discurso de 21 de março, de 1943, emitiu o primeiro pronunciamento britânico sobre a organização mundial para a preservação da paz. Admitiu que, em princípio, ou como base, é lícito imaginar que, «sob uma instituição mundial agremiando ou representando as Nações Unidas, e, eventualmente, algum dia, todas as nações, venham a existir em atividade um *Conselho da Europa* e um *Conselho da Ásia*. A criação do Conselho da Europa e a organização da Europa serão necessariamente a primeira tarefa prática a ser considerada, para solução conveniente. Na Europa reside a maior parte das causas que conduziram o mundo a duas guerras, tão próximas, relativamente, uma da outra.»

Guardando as conveniências, não fez o sr. Churchill sugestões quanto ao «Conselho do Hemisfério Ocidental». Mas a sua proposta, para a Europa, implica qualquer coisa do mesmo gênero para o nosso hemisfério. Aliás temos já as fundações para a ação cooperativa, em garantia da paz, na União Panamericana, que representa um ativo de realizações nesse sentido, e vem, de década em década, crescendo de prestígio e autoridade.

Churchill dá a perceber que a responsabilidade primária pela manutenção da paz deve caber aos conselhos regionais, aos quais incumbirá promover o funcionamento da máquina que resolva as controvérsias, e dispor mesmo sobre a força armada que evite as agressões. Ele é muito claro, na matéria:

«Confio que não poremos, sem mais nem menos, de lado, toda a imensa obra resultante da criação da Liga das Nações. Devemos tomar por base a alta concepção de liberdade, moralidade e justiça, que outro não foi o espírito da Liga. Devemos tentar fazer do Conselho da Europa, qualquer que seja o seu nome, uma liga real, efetiva, com uma alta corte para resolver os litígios, e forças armadas, nacionais, internacionais, ou de ambas as naturezas, prontas para tornar obrigatória a obediência aos julgados, impedindo as agressões e a preparação de novas guerras.

«Este conselho, eventualmente, deve abranger toda a Europa; todos os ramos principais da família européia devem algum dia a ele pertencer. Que acontecerá entretanto ao grande número de pequenos estados cujos interesses e direitos devem ser salvaguardados? A mim me parece que, ao lado das grandes potências, cumpriria haver certo número de confederações ou agrupamentos de estados, que se fariam exprimir pelos representantes que escolhessem, sendo pois o conselho um conjunto, formado de grandes estados e grupos de pequenas potências.»

O princípio de responsabilidade regional, que Winston Churchill propugna, deriva de longa experiência britânica, e do seu conhecimento dos negócios europeus. Suas ideías são apresentadas, não como propostas firmes, senão antes como problemas dignos de estudo e reflexão. Indicam o justo caminho, se queremos chegar a soluções, capazes de produzir os desejados efeitos.

A experiência da Liga das Nações mostrou os grandes inconvenientes de ter uns trinta paises, não europeus, que dela faziam parte, a debater os assuntos particulares da Europa, ou as suas questões políticas. Na Assembléia da Liga, cada uma destas nações, por menos familiarizada que fosse, até pela sua situação geográfica, com os problemas do Velho Mundo, tinha o mesmo voto, sobre eles, que qualquer dos paises-membros europeus. Os que tivemos ensejo de ver de perto a maneira por que a Liga funcionava, não tardamos a compreender que a decantada universalidade da organização mundial, em vez de constituir um benefício, importava, ao contrário, em estorvo ao ajuste de questões estritamente européias, que absorviam quase integralmente a atividade da instituição.

Basta ler o que a Liga publicou sobre a marcha dos seus trabalhos, para que se tenha disso a prova. Tome-se, por exemplo, um debate, sobre qualquer dos problemas, puramente locais, europeus, que alí se discutiram. Ver-se-á que os poucos paises, diretamente interessados no caso, ficam muitas vezes na penumbra durante as discussões, ao passo que delegados da América Central ou do Sul, ou do Oriente, Próximo e Extremo, enchem páginas e páginas. Não será dificil observar que tais delegados tinham em vista, menos a solução do caso em foco, sobre o qual se pronunciavam, do que a criação de um precedente que pudesse, mais tarde, ser util aos seus próprios paises. Não raro, tambem, o que lhes estava no espírito, eram antes de tudo os jornais que, na terra de cada um, saberiam honrar a eloquência do respectivo representante nos conselhos mundiais. Muitas vezes aconteceu que estes paises, de todo estranhos ao assunto, se apresentaram em bloco, sustentando uma das partes, a pretextos ou por motivos alheios à controvérsia.

O resultado inevitavel foi a atitude assumida por nações européias—particularmente as principais—preferindo discutir, fora da Liga, as suas divergências a compor, se queriam solução pronta.

Durante 18 anos de vida ativa da Liga, celebraram-se na Europa, sem o seu concurso ou participação, 19 conferências diplomáticas internacionais, e 36 alianças militares e pactos de não agressão. Houve no mesmo período 20 casos de ação violenta entre nações européias, para cuja solução lhe não foi permitido exercer a mínima influência. Um exemplo impressionante, sobre a espécie, foi precisamente a conclusão dos ajustes de Locarno, sem observância dos planos, ou da estrutura da Liga. Tratava-se de um problema regional. Deu-se-lhe solução por meios regionais.

Não é por conseguinte de estranhar que o sr. Churchill sugira, para lidar com as questões européias, um Conselho da Europa.

Numa análise, feita há um ano, dos pontos fracos da Liga, os autores deste artigo, assinalando a inhabilidade do instituto de Genebra para formular as políticas em que se firmasse a paz da Europa, tiveram oportunidade de dizer:

«É na Europa que tem estado sempre o maior perigo de guerra. Nunca, entretanto, a Liga teve uma política européia, nem mesmo no momento em que todas as nações da Europa faziam parte dela. Tudo indica, por exemplo, que jamais alí se tomou em séria consideração a crise gerada pela ascensão do Eixo. Assim, a maior ameaça para o mundo, não deu a Liga sinal de havê-la percebido.

«A experiência, em conjunto, parece revelar que *uma das primeiras coisas a fazer, na ação preventiva contra a guerra, é o desenvolvimento de políticas regionais nas diversas grandes zonas da Europa, da Ásia e do Hemisfério Ocidental.*»

Não se manifesta o sr. Churchill sobre as funções ou poderes da «instituição mundial» propriamente dita. Depreende-se que a maquinaria para resolver as controvérsias, e fazer cumprir as decisões, ficará, pelo menos inicialmente, com as organizações regionais. A «instituição mundial» se reservará, ao que parece, para os casos de emergência, de carater propriamente mundial, ou interregional. A organização regional dispensaria a Europa de envolver-se nos problemas domésticos da América ou da Ásia, a menos que estes, de qualquer maneira, viessem a ameaçar a paz do mundo. Não se trata pois, aquí, de isolacionismo, senão de um regionalismo cooperativo.

O plano regional do sr. Churchill, por outro lado, simplifica sensivelmente o problema, que seria o de organizar, em todas as suas peças, a «instituição mundial» para preservar a paz.

Como quer que seja, porem, a experiência humana mostra e ensina que, seja qual for o sistema, regional ou mundial, que se adote, será sempre vão e esteril, se não tiver por si as outras bases em que se funda a paz. Foi aí que o tratado de Versalhes, independentemente, é bem de ver, da Liga de Nações, faltou ao seu destino.

É evidente que aquele pacto não soube deter as forças destrutivas do nacionalismo extremado, do imperialismo, do militarismo, do receio, do ódio, do espírito de represália ou de vingança. Estimulou mesmo algumas delas. Essas fundações de areia, que tanto inutilizaram a Liga das Nações, inutilizarão do mesmo modo qualquer outra superestrutura de ligas, conselhos regionais, parlamentos, congressos, instituições mundiais, que voltem a admití-las, e os quais só poderão prevalecer, realizando os seus fins, se erigidos sobre melhores e mais apropriados alicerces.

Lógica feminina

Em Newark, no estado de Nova Jersey, a senhora Belle Bearison perdeu uma bolsa com 25 dólares. Mais tarde, contendo somente 17, a bolsa foi-lhe devolvida com um bilhete da pessoa que achara explicando que ela tambem, uma vez, perdera uma bolsa com 8 dólares dentro.

Time

Seu nome saiu nos jornais?

(Condensado da «Life»)

Por James H. Holden

Em 1870 Henry Romeike era um polonês sem eira nem beira, que vivia em París e mal tinha o que comer. Um dia viu um artista comprando braçadas de jornais à procura de uma única notícia a seu respeito. Henry ficou impressionado com tanto desperdício e, pensando sobre o assunto, e no prazer que todo o mundo tem em ver seu nome nos jornais, teve a idéia de organizar um serviço para fazer recortes de jornal. A empresa teve grande êxito, e dois anos mais tarde estava ele ajudando a organização de outro escritório em Londres, que até hoje é um dos mais ativos da Europa. Em 1881 fundou mais um em Nova York que, ainda hoje, com mais três que abrangem todo o país e trinta e três serviços locais, satisfazem as vaidades, fraquezas e interesses legítimos dos americanos.

Os pedidos de recortes se referem a toda sorte de assuntos, desde os sérios, de negócio, até os mais banais ou exóticos, tais como a memória dos elefantes, acidentes provocados por garrafas atiradas durante jogos de beisebol, ou então o maior crocodilo empalhado do mundo. Há um assinante que vende veneno de rato, e que está sempre interessado nos estragos causados por estes animais. Um especialista em pararaios coleciona todas as notícias sobre casas destruidas pelas trovoadas. Há um fabricante de barras de aço para quem são muito interessantes as notícias de ladrões que fogem pelas janelas das prisões. Anúncios de concursos de charadas, com prêmios de mais de quinhentos dólares, são caros aos grupos de decifradores profissionais. Certa companhia de publicidade coleciona todas as referências possiveis a cabelos crespos, e há outra firma que quer saber tudo o que se escreve sobre salchichas. Noivados e casamentos na alta sociedade são notícias que interessam aos joalheiros, peleiros e floristas.

A leitura dos jornais é feita por um grupo de moças, e, se for habil, uma moça pode ler, num dia, trinta jornais, inclusive os anúncios e «a pedidos». Cada leitora tem um livro com uma lista de 2.500 assuntos. Sobre a mesa recoberta de celulóide estão os assuntos e nomes incluidos recentemente. A moça percorre cuidadosamente o jornal, marcando com lapis de cor todos os trechos a serem recortados. É muito dificil saber de cor todos os nomes e assuntos. O período de iniciação de uma leitora dura dois ou três meses, e só com seis meses se tornará eficiente; mas tambem, depois de um ano, pode contar com emprego fixo para toda a vida. As edições dominicais dos jornais de Nova York dão uma média de setecentos recortes.

Os jornais, depois de marcados, são encaminhados para os cortadores que os recortam em cima de placas de zinco com umas navalhas afiadas. Um bom cortador tira dois mil recortes por dia.

Os mais assíduos fregueses dos serviços de recorte são as emissoras de rádio, as companhias de aviação e as sociedades comerciais. Os escritores se interessam pelas críticas de livros, os

atores de teatro por toda crítica ou referência a sua pessoa.

Os serviços de recorte estão sempre procurando novos assinantes e, para se fazerem lembrados, mandam a seguinte carta: «Têm aparecido ultimamente, nos jornais, vários artigos com referências à sua pessoa. Teríamos muito prazer em recortá-los e enviar-lhos. Cobramos módica quantia por cem recortes.»

Infelizmente esta idéia foi imediatamente aproveitada por uns espertalhões que, comprando em Chicago o jornal de uma cidade pequena do interior, faziam uma lista de alguns dos nomes que apareciam, impressos e mandavam uma carta aos seus proprietários: «Temos um recorte de jornal com referência a sua pessoa que talvez tenha algum valor para o senhor. Se quiser recebê-lo envie-nos um dolar em selos com a indicação Ficha G.» O endereçado pensando que seu nome aparecera num dos jornais de Chicago mandava prontamente o dinheiro. O Departamento dos Correios foi obrigado a agir contra tais burlões.

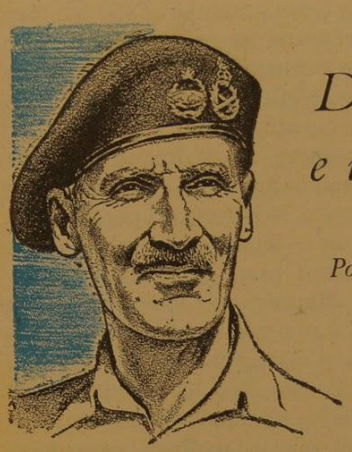
Às vezes um assinante pode ter desagradaveis surpresas. Se contrata, por exemplo, que lhe mandem recortes ilimitados,—isto é, todas as notícias sobre certo assunto—de repente pode ver sua conta subir a mais de mil dólares devido a qualquer acontecimento inesperado. Lindbergh era assinante do serviço de recortes quando resolveu voar sozinho para a França. Poderia ser obrigado a pagar três mil dólares se o seu contrato não mostrasse claramente que só pedira recortes até o valor de trinta e cinco dólares.

Apareceu recentemente num jornal de Washington a notícia de ter sido organizado um serviço para tomar nota de tudo que se dizia no rádio sobre abacates, colchões e cultura de bichos de batata. As companhias de serviço de recorte leram esta notícia com apreensão: para ouvir tudo o que se diz nas emissoras dos Estados Unidos, seriam necessários quatrocentos rádios e pelo menos mil pessoas. Seria horrivel e eles nem gostam de pensar em tal possibilidade.

¶ Durante muitos anos, ensinando filosofia na Universidade de Harvard, George Santayana manteve sempre seus alunos fascinados pela beleza da sua palavra. Era um verdadeiro peripatético, errando pela classe enquanto falava, aproveitando-se das pausas em suas passadas para pontuar as suas sentenças. Joseph Auslander, então tambem em Harvard, contou-me que, uma bela manhã de primavera, Santayana, durante a aula, ia frequentemente até a janela e olhava para fora, onde se achava uma sebe toda florida; finalmente, parou junto à janela, fazendo uma pausa muito mais longa do que as outras, enquanto os alunos, com os lapis suspensos, esperavam pelas palavras seguintes. Por fim, voltando-se para a classe, disse: «Senhores, temo muito que esta frase fique por terminar. É que tenho uma entrevista com a primavera». E saiu da sala. Desde então, ele vem mantendo em dia a sua entrevista com a primavera, porque nunca mais voltou a dar aulas regulares.

—Louis K. Anspacher

¶ *Montgomery, Alexander e o 8º Exército—a equipe que levou Rommel de vencida.*



Dois homens e um exército

Por Allan A. Michie

No sufocante verão de 1942, não podiam ser mais precárias as condições do Cairo. Os exércitos teuto-italianos do marechal Erwin Rommel estavam apenas a uma manhã de distância da capital do Egito. A grande ofensiva da Líbia, que o 8º Exército britânico tão promissoramente iniciara no inverno anterior, tinha sido mal sucedida, e as tropas inglesas haviam recuado para o Nilo, destruido ou capturado seu equipamento blindado.

O general sir Claude Auchinleck, comandante-chefe no Médio Oriente, assumira o comando pessoal do dito 8º Exército, e tratara de reunir as forças, a um tempo desanimadas e em estado de confusão, concentrando-as em El Alamein, numa improvisada linha de defesa que corria do azul Mediterrâneo, uns setenta quilômetros para o interior, até às traiçoeiras areias movediças da Depressão Quattara. O Eixo vinha sendo detido, mas até quando o poderia ser, ninguem era capaz de prevê-lo.

A menos de 120 quilômetros de Rommel, estava a grande base naval britânica de Alexandria, e logo adiante a ambicionada presa, pela qual as armas do Eixo lutavam desde três anos—o Canal de Suez, porta aberta para a Índia e traço de junção com os japoneses. Rommel, sem dúvida, arriscaria tudo, por um prêmio de tal porte.

Os egípcios, indiferentes, preparavam-se para aceitar o jugo dos invasores. Estudantes antibritânicos aclamavam, pelas ruas, o nome de Rommel. As mulheres de funcionários ingleses, e abastados homens de negócio, ingleses e americanos, partiam apressadamente, caminho da Palestina e da África do Sul.

Seis meses entretanto não eram decorridos, e o até então orgulhoso *Afrika Korps* de Rommel via-se reduzido à humilhação. Não há notícia, na história, de um exército rechassado a ponto de recuar, como ele o fez, nada menos de uns 2.500 quilômetros. Encurralado numa estreita faixa entre Bizerta e Tunis, estava lavrada a sentença de sua condenação.

Muitas coisas ajudaram a bater Rommel: a excelência e a quantidade do equipamento anglo-americano, a superioridade aérea aliada, a perfeita cooperação entre as forças de ar e de terra.

Mas a história daqueles seis meses que mudaram o curso da guerra, e portanto o destino do mundo, é, antes de tudo, em grande parte, a história de dois homens e um exército.

Poucos dos tomadores de coquetel do Hotel Shepeard, do Cairo, se terão dado ao trabalho de notar, naquele quente dia de verão de 1942, certo general inglês, magro, ossudo, e de nariz comprido, que chegou, lhes derramou, de relance, um olhar de censura, e atravessou, a passo largo, o terraço. Poucos o teriam identificado; porque em verdade o tenente-general sir Bernard Law Montgomery, a quem acabava de ser confiado o comando do 8º Exército, só não era desconhecido nos círculos militares.

O exército considerava-o de alguma forma um excêntrico porem competente oficial, austero, pouco expansivo, inflexivel em religião, não tocando em fumo ou bebida, nem se excedendo de qualquer modo em linguagem. Distinguira-se ainda jovem, na primeira guerra mundial, e ganhara a partir dalí boa reputação de comandante.

A lembrança que dele guardavam as forças que comandara na Inglaterra era a de um rijo disciplinador, que as educara na escola dos mais rigorosos testes de resistência. Com uma espécie de fanatismo pela perfeita preparação física, obrigava os seus comandados, inclusive oficiais superiores a correr uma vez por semana dez quilômetros, e mais; e em geral os acompanhava na prova. Em face, porem, à queixa dos mais velhos, reduziu um pouco a extensão da corrida.

Os veteranos do 8º Exército, endurecidos na luta, já tinham ouvido falar naquele «general espartano», e não se sentiam muito certos de que se dariam bem com o seu comando. Não foi preciso, entretanto, longo tempo, para que passassem a chamar-lhe, afetuosamente, «Monty», e afluissem para vê-lo, onde quer que ele aparecia.

Montgomery foi realmente um número 2 quanto à escolha para comandar o 8º Exército, só designado para o posto depois que o tenente-general William Gott morreu num desastre de avião, quando a caminho do Cairo. Mas estava indicado, havia muito, para algum alto comando. Pela primavera de 1942, o embaixador dos Estados Unidos, John Winant, foi convidado a entrar em contacto com oficiais ingleses, para deles colher uma impressão, e recomendar um que servisse para o comando de forças anglo-americanas. Durante uma visita a Monty, perguntou-lhe o embaixador: «General, suponha que lhe ordenassem um ataque, esta noite, a Calais. Que prazo lhe seria necessário para planejar uma ofensiva, e pôr o plano em ação?» Esperava Winant uma resposta, em termos de semanas. Monty, porem, imediatamente comunicou-se pelo telefone com o seu estado-maior, e pela madrugada, suas divisões punham em prática um ataque simulado, em que empregava contra o adversário todos os recursos disponiveis. Winant impressionou-se de tal modo que recomendou Montgomery para dirigir a ofensiva anglo-americana da África do Norte, que então se achava na fase dos delineamentos preliminares.

O general sir Harold R. L. G. Alexander, que havia sido nomeado para substituir Auchinleck no comando supremo do Médio Oriente, era amigo íntimo de Montgomery. Ambos tinham a experiência de situações dificeis. Alexander, um temperamento de ofensiva, cuja divisa é «Atacar, atacar, e

reatacar, ainda quando se esteja em defensiva,» teve, por ironia do destino, que conduzir, não só uma, senão duas, das grandes retiradas britânicas—a de Dunquerque e a de Burma.

Coube-lhe, em Dunquerque, organizar a evacuação final. Quando um dos seus ajudantes ponderou, num tom de lástima, que a situação era «catastrófica», Alexander retorquiu-lhe asperamente: «Lamento não compreender palavras assim compridas.» Sua calculada frieza comunicava-se à tropa, e esta esperava pacientemente pelas embarcações, enquanto por cima rugiam os bombardeiros nazistas de mergulho. Quando nada havia a fazer, senão sofrer e esperar, ele agachava-se, como despreocupado, na praia, e ficava a construir um castelo de areia. Ao cair da noite do último dia, andou a verificar por toda parte se ainda havia soldado vivo a ser transportado. Ele e um oficial de marinha foram os derradeiros a partir.

Quando Alexander voou a assumir o comando em Burma, já a situação era perdida. As instruções que recebeu foram para deter os japoneses o tempo necessário afim de que Wavell pudesse organizar a defesa da Índia. Com o seu minúsculo e mal equipado exército de 25 mil homens, opôs uma resistência de quatro meses a 100 mil, e bem providos, com que contava o inimigo, escapando-se em seguida para a Índia, através de uma estrada de montanha que era a só de que dispunha, e poucos dias antes que esta própria se tivesse tornado intransitavel, por efeito das chuvas que desabam na estação das monções. Nos círculos militares britânicos, tal feito foi reputado como somente excedido pela obra magistral da evacuação de Dunquerque.

Truque de Alexander na Tunísia

O General Eisenhower louvou o General Alexander pelo «maravilhoso trabalho de despistamento do Alto Comando Alemão», ao realizar o ataque final na Tunísia com o 1º Exército Inglês em lugar do 8º Exército.

«Por causa da sua eficiência na guerra no deserto,» disse Eisenhower, «o 8º Exército conquistou enorme reputação. Os alemães esperavam dele a arremetida para pôr termo à luta na África. Alexander levou-o em conta, e rapidamente transferiu três divisões da frente sul para o 1º Exército, a oeste de Tunis, afim de forçar a penetração.»

Assim, estas forças atingiram a retaguarda das linhas alemãs entre Tunis e Enfidaville «antes que o inimigo soubesse quem o atacava, e as linhas do Eixo foram feitas em pedaços».

—United Press

Montgomery esteve tambem em Dunquerque, e lá, certa vez, assim falou aos seus homens: «Se vocês se apanharem sem munições, façam o inimigo, em pedaços com as próprias mãos.» Depois de Dunquerque, foram servir, um e outro, em postos de comando, na mesma região, do sul e do sudeste da Inglaterra, justamente a faixa de costa por onde viria o grosso da rajada, se se desse a invasão alemã.

Eis os dois homens que Churchill trouxe juntos, para resolver a grande crise do Médio Oriente. As ordens do Primeiro Ministro foram simples: «Rommel deve ser destruido.» Não menos simples se apresentou a estratégia: a linha do Alamein teria que ser mantida a todo custo, até que chegassem ao deserto as reservas e equipamento com que atacar o inimigo, obrigando-o a recuar. A missão estratégica de coordenar o avanço do 8º Exército com a invasão anglo-americana da África do

Norte, então em preparativos, foi confiada a Alexander, tocando a Montgomery a ação propriamente tática de bater Rommel e o seu *Afrika Korps*.

Sem perder tempo na atmosfera enervante do Cairo, Montgomery, logo às primeiras horas da manhã do dia imediato ao da chegada, seguiu para o deserto, e alí galgou o Outeiro de Jesús, o mais avançado posto do Alamein, de onde esquadrinhou, a binóculo, as linhas inimigas, a menos de 2 mil metros, através do deserto adusto.

Atrás das linhas de frente de Rommel, ocultavam-se, e em grande número, canhões de 88-mm., que eram o flagelo dos tanques ingleses e americanos. Contava Rommel com 160 mil soldados, diariamente chegando novos contingentes, e melhoravam as suas rotas de abastecimento.

A linha do Alamein, qualquer que fosse nela a posição do observador, dava idéia de um gargalo. As tropas inglesas impediam Rommel de expandir os seus tentáculos pelo vale do Nilo. Mas Rommel, por outro lado, era uma rolha, que os ingleses teriam que arrancar, para que pudessem prosseguir em qualquer direção.

Os que, naquele dia, viram Monty no Outeiro de Jesús, inclinam-se a acreditar que ele decidiu, alí mesmo, e naquela ocasião, como e quando Rommel poderia ser derrotado, pois horas depois, à noite, no seu quartel-general ambulante, composto de quatro caminhões tomados ao general italiano Bergonzoli, veterano da África, começava ele a traçar o plano tático que o levaria longe, na perseguição a Rommel.

Num relance, compreendeu Montgomery que o carater da guerra no deserto se havia alterado temporariamente. A campanha de tanque contra tanque, ou de combates, segundo o estilo naval, nos vastos areais a descoberto, transmudava-se, no momento, na de trincheiras estáticas da primeira guerra mundial. Assim, para a batalha do Alamein, a arma ofensiva tornaria a ser a «pobre e sanguinolenta infantaria» da última guerra, com a artilharia e a aviação abrindo-lhe o caminho. Os tanques ficariam a esperar, até que a rolha fosse arrancada ao gargalo.

Pelo menos sobre o papel, teve Monty a impressão nítida da praticabilidade de operações que conduziriam ao êxito: e, destruidos, após a primeira fase, os tanques de Rommel, a este só restaria pôr-se em fuga, visto que no deserto não se logra permanecer e lutar, se não se dispõe de força blindada.

Tinha já, na linha, o 8º Exército, uma boa meia dúzia de divisões de infantaria de primeira ordem, entre as quais figuravam australianos e neozelandeses, veteranos da Grécia e de Creta, sem rivais no combate à baioneta, e a 4ª Divisão Indú, que tomara de assalto, aos italianos, os rochedos de Keren, na Abissínia, e repetira a façanha, contra os alemães, no Egito, no Passo de Hellfire. Churchill, porem, havia prometido duas divisões adicionais, uma quantidade suficiente dos novos canhões ingleses antitanques para projeteis de cerca de três quilos, uma grande concentração de aviões, novos tanques pesados britânicos, e—o que era preciosíssimo—várias centenas dos novos tanques americanos Sherman, com canhões de 75 mm., de alta velocidade, e que exatamente por aquele tempo vinham chegando a Suez.

Monty pedira dois meses para preparar-se de maneira a poder lançar a ofensiva. Até lá, cumprir-lhe-ia repelir os ataques de Rommel. Por três vezes,

fez este cair a plena carga de 300 tanques sobre o centro e o sul da linha inglesa, à procura de um ponto fraco por onde pudesse entrar, conforme a sua costumada tática, para flanquear, dominando-as, as posições do inimigo. Monty, economizando cuidadosamente seu material blindado, preferiu permitir, com habilidade, que Rommel penetrasse, com os seus tanques, por certas brechas abertas nas linhas de defesa, indo, em seguida, ao seu encontro, com canhões antitanque, e os de 75 mm. dos tanques americanos General Grant, que jaziam ocultos nas dunas. Quando o comandante nazista se viu obrigado a retirar-se, tinha perdido 140 tanques, quase a metade da sua força blindada de vanguarda. Os ingleses perderam apenas 37 tanques.

«O Egito está salvo», anunciou confiantemente Montgomery. A Wendell Willkie, que o visitou, por essa ocasião, no seu quartel-general, estabelecido no deserto, falou em termos ainda mais categóricos: «Com a superioridade em tanques e aviões que me resultou desta batalha, é agora matematicamente certo que, mais dia menos dia, destruirei Rommel.»

Monty parece jactancioso. Sê-lo-á talvez. Registe-se, em todo caso, que, até aquí, essas suas jactâncias não têm ficado em palavras. É que este general confia na sabedoria dos planos meticulosos. Insiste em saber, até a última bala, quais os recursos de que realmente dispõe. Nas suas inspeções diárias às linhas de frente, surpreende os comandantes locais, mostrando-lhes estar mais a par, do que eles próprios, das disposições de sua tropa. Cada divisão, regimento, batalhão, bateria, pelotão, responde por uma tarefa bem precisa. Monty não deixa de verificar se esta é cumprida rigorosamente. É sua fórmula, para que as previsões se realizem.

Sua ofensiva contra Rommel foi calculada em todas as minúcias, até à última lata de carne de conserva. A 23 de outubro de 1942, à luz de uma lua que clareava o deserto a noite inteira, ei-lo pronto para o ataque.

Durante duas semanas, os aviões aliados tinham estado a bombardear os alvos estratégicos na retaguarda de Rommel, enquanto aviões de combate, ingleses e americanos, procuravam, quanto possivel, varrer dos céus a *Luftwaffe*. Ao aproximar-se a hora H, cresceu de intensidade o ataque aéreo. Bombardeiros percorriam os aeródromos e as rotas de abastecimento de Rommel, e aviões de combate castigavam-lhe as linhas de frente e os postos de canhão. Montgomery considera que a sua tropa em combate, desde os generais mais graduados ao derradeiro recruta, deve saber o que se está passando, e o que dele se tem a esperar. Assim, enquanto se desenvolvia o ataque aéreo, convocou seus oficiais, comunicou-lhes seus planos, e mandou-os reunir-se às respectivas unidades.

Trinta minutos antes da hora H, verificou-se uma barragem de fogo como nunca se tinha visto depois da primeira guerra mundial. Os canhões ingleses estrugiam, como se estivessem postados, numa fila ininterrupta, ao longo dos 70 quilômetros da linha do Alamein. Monty foi sempre de opinião que semelhantes barragens devem ser de ordem a abalar o ânimo do inimigo. Às 10 horas, sob o estrondo da barragem que se deslocava para a frente, sapadores começaram a abrir caminho por entre os campos de mina, para dar passagem à infantaria, que entrou a acometer, com força as posições do Eixo.

Por toda aquela noite, e no dia imediato, e ainda durante muitos dias mais, ferveu tremenda a batalha, para trás e para diante, sobre aquela versão, no deserto, dos campos de Flandres. Rommel contra-atacou furiosamente. Cada metro de terreno, que se ganhava ou perdia, não se perdia ou ganhava senão à custa de vidas. Até que, a 2 de novembro, pareceu a Montgomery que era chegado o momento de vibrar o seu golpe de surpresa. Os tanques Sherman emergiram da sua camuflagem de pano alcatroado, e rolaram para a frente. Encontrando em El Acaquir os remanescentes das 15ª e 21ª divisões *panzer* de Rommel, puseram fora de ação dois terços dos tanques que lhe restavam. Monty rejubilou. Numa ordem do dia, escreveu: «Há boa caça, um pouco mais longe, a oeste. Mãos à obra, e tenham todos uma excelente caçada!»

Rommel empilhou, apressadamente, em caminhões, o seu derrotado *Afrika Korps*, e deixando atrás a maior parte dos seus italianos, por não ter como transportá-los, escapou-se pela estrada que corre ao longo da costa. Opondo, aquí e alí, ações de retaguarda, para ganhar tempo, retirou-se para lá de Matruh, acima do Passo de Hellfire, alem de Derna, e, por Tobruque e Bengazi, fazendo a volta de Tripoli, foi parar na Tunísia. No seu encalço, infatigavelmente, semana após semana, ia Montgomery, com o seu punitivo 8º Exército, que recolheu, no trajeto, 80 mil prisioneiros italianos, e 20 mil alemães. Monty cantava de galo: «Nada nos deteve; nada nos deterá!»

Duas vezes, no curso da sua longa retirada, tentou Rommel fazer uma pausa: em El Agheila e na linha Mareth. Montgomery destruiu em ambos os casos as defesas do Eixo.

«Rommel é um habil general,» disse Monty a Willkie; «mas tem um ponto fraco, que é o de repetir as suas táticas. É por aí que o pego.»

Montgomery, entretanto, tem revelado grande ductilidade de espírito. Se para uma dada batalha recorria aos ensinamentos do mais recente compêndio alemão, já na imediata se guiava por alguma página da história. Na linha do Alamein, por exemplo, adotou o modelo de combate da primeira guerra mundial. Já em Mareth, combinou um ataque frontal com uma ousada incursão pelo deserto, contornando o flanco direito do inimigo. Em outros pontos, surpreendeu o adversário, rompendo-lhe a tanque as defesas.

Monty era de opinião que os primeiros reveses britânicos haviam sido produto de cooperação inadequada entre as forças de ar e de terra; firmou-se, pois, no propósito de não repetir o erro. Tinha assim permanentemente no seu quartel-general o Vice-Marechal do Ar sir Arthur Coningham, e os dois tomaram a peito realizar uma coordenação das referidas forças que, não só batesse Rommel, mas viesse a servir de padrão para as operações de ofensiva em que, daí por diante, houvessem de empenhar-se os Aliados.

À medida que o 8º Exército punha os nazistas em fuga ao longo da costa do Mediterrâneo, projetavam-se, é bem de ver, sobre Montgomery, todas as luzes da publicidade. Alexander, nos seus redutos no Cairo, estava quase esquecido. É entretanto a ambos que se deve, e mais ou menos em igualdade de méritos, a derrota de Rommel. Os dois completaram-se perfeitamente. Alexander, com descortino para ver as coisas em amplas perspectivas, era o homem ideal para lidar com os problemas diplomáticos e

militares de um comando no Médio Oriente. O explosivo Montgomery forneceria a centelha que fez o 8º Exército irresistivel.

Quer um, quer outro, foram, toda a vida, soldados profissionais. Montgomery saiu da escola militar de Sandhurst, em 1908, para entrar a servir, em ato contínuo, no Regimento Real de Warwickshire. Na primeira guerra mundial, foi ferido duas vezes, e ganhou a DSO e a *Croix de guerre*. No intervalo entre as duas guerras, desempenhou as comissões usuais como oficial de estado-maior, na Irlanda, na Inglaterra, e na Índia, ensinou em colégios de estado-maior, em Camberley, na Inglaterra, e em Queta, no Beluchistão, e comandou uma divisão, durante os conflitos da Palestina, em 1938.

Alexander, aos 24 anos, comandou, na última guerra, um batalhão dos Guardas Irlandeses, aliás tão afamados, distinguiu-se por vezes inúmeras, até que foi ferido gravemente, e fez jus à DSO e à MC. Depois da paz de 1918, colaborou na reorganização do exército letão, combateu na fronteira noroeste da Índia, e auxiliou comandos em Gibraltar e na Inglaterra. Aos 45 anos, era major-general, o mais jovem, àquele tempo, dos generais ingleses. De acordo com as normas britânicas, são ambos ainda relativamente moços para o alto comando. Alexander tem 51, e Montgomery, 55 anos.

Mas os dois homens se assemelham apenas em coeficientes militares. Vestindo-se irrepreensivelmente, sempre com os bigodes bem aparados, Alexander, terceiro filho do quarto Conde de Caledon, é um polido produto de Harrow. Fala correntemente francês, alemão, italiano, russo, e um dos dialetos do Hindustaní. Serviu algum tempo como ajudante de ordens do rei Eduardo VIII. É um dos poucos generais ingleses que têm renda particular de certo vulto.

O pai de Montgomery era bispo da Igreja Anglicana, e levou a família para Tasmânia, quando Bernard era apenas recem-nascido de um mês. Destinava-se o jovem Montgomery à vida eclesiástica, mas, garoto de 12 anos, viu os australianos que marchavam para a Guerra dos Boers, e decidiu-se pela carreira das armas.

Alexander, suave de maneiras, viajado, impõe-se pelo encanto pessoal. Não é que seja um homem de facil acesso; leva, porem, a polidez a ponto de parecer que se apaga, deixando a cômodo o interlocutor. Montgomery é brusco, e fala destacando marcadamente as palavras. Não emprega nenhum esforço para disfarçar seu egotismo, dispondo-se sempre a ocupar na palestra o papel preponderante. Possue um alto senso teatral, e não perde ocasião para dramatizar as cenas. Quando as suas tropas capturaram o general nazista Wilhelm Ritter von Thoma, deu-se pressa em o convidar para jantar. Traz pregado na sua cama um retrato de Rommel, e lamenta não conhecê-lo. «Se eu já me tivesse avistado com ele, saberia que tipo de homem é, e assim poderia adjuizar melhor de quais seriam os seus passos, em cada situação.»

Não sente o menor constrangimento para afastar do posto um oficial que lhe pareça impróprio. Certa vez, recusou um que mal acabava de chegar, não tendo ainda sequer desarrumado a maleta: «Você é um bom oficial; não porem bastante para mim.» Costumava abrir suas preleções, dizendo, em tom rude: «Não admito fumo, nem tosse. Fumo, não haverá. Dou-lhes 2 minutos para tossirem; depois, cessarão as tosses

durante 20 minutos, quando voltarei a permití-las por 60 segundos.»

Casando-se aos 40 anos, levou Montgomery para a vida doméstica os hábitos da disciplina militar, a que subordinou a educação do seu único filho. Quando alguem lhe perguntava se queria ter mais filhos, respondia: «Certo que não. Há excessivo serviço de estado-maior envolvido no caso.»

A combinação Alexander-Montgomery teve a fortuna de entrar em ação justamente no momento em que o 8º Exército começava a receber equipamento de primeira ordem, tanto inglês como americano; ao passo que os seus antecessores manobraram, sem dispor dos devidos instrumentos. Mas forçoso é reconhecer que, ainda com todos os tanques, e canhões, e aeroplanos, com que se contou na emergência, não se teria, de qualquer maneira, dado a Rommel a sorte que se deu, se não influisse, na hipótese, como fator capital, o espírito combativo, de que deram tantas provas os homens do 8º Exército.

No decurso de quase três anos, tinham eles pelejado, em extenuantes campanhas de avanços e recuos, e isso em regiões das mais inhóspitas da superfície da terra—onde os canos de espingarda se aquecem, sob o calor, como atiçadores na fornalha; os ventos que vêm do Saará queimam a areia que levantam, numa atmosfera, a um só tempo, abrazadora e agressiva; as moscas não dão trégua; e tudo ressumbra doença, desapontamento, privações. Sofreram grandes perdas. A quarta divisão, por exemplo, foi totalmente substituida, devido a baixas, por moléstia ou morte, desde o início da guerra no deserto. Ingleses, sul-africanos, neozelandeses, australianos, franceses livres, gregos, poloneses, muitos alí ficaram repousando, em rasas, abandonadas sepulturas, sobre as quais se deixou esta inscrição: «Esta é uma terra sagrada. Eles morreram ao serviço de sua pátria.»

Sem dúvida, aconteceu por vezes serem mal dirigidos, como naquele terrivel dia de junho de 1942, em que a maior parte dos seus tanques foi cair numa emboscada dos mortíferos canhões 88, de Rommel. Guardavam a dolorosa experiência de erros imperdoaveis: uma feita, 90 tanques pesados Valentine penetraram um campo de mina nazista, de onde só voltaram 18, por ter alguem fornecido uma indicação de agulha de bússola errada. Nunca tiveram equipamento próprio. Nos primeiros dias, contra os italianos, sustentaram o Egito com um efetivo de pouco mais de 15 mil, algumas dezenas de tanques antiquados, e 87 aviões.

Mas, através de tudo, os homens do 8º Exército recusaram-se sempre a admitir que fossem derrotados, e portanto nunca o foram. Nunca perderam a esperança de, recebendo o equipamento próprio, dar a devida lição aos exércitos de Rommel. Esperaram longo tempo para provar que, homem a homem, eram melhores soldados que os nazistas.

Gerado na adversidade, criado na retirada e na derrota, educado no sangue e no deserto, o 8º Exército retemperou-se na luta, para ser a mais bem equipada, coordenada e experiente máquina de combate isolada, com que hoje contam os Aliados. Coube a Winston Churchill pagar-lhe o singelo tributo do mundo livre, na hora em que, entrando com orgulho em Tripoli, o saudou com estas palavras: «Quando, terminada a guerra, alguem perguntar a um homem o que fez, será a este bastante que responda: *Eu marchei com o 8º Exército.*»

E você pensa que é esperto

(Condensado do «American Magazine»)

Pelo John Henry Cutler

Eis aí um questionário que o obrigará a fazer pelo menos uma hora de ginástica mental. Quando terminar estará provavelmente com raiva de nós, mas procure consolar seu amor-próprio submetendo seus amigos à mesma prova.

Quem responder a todas as perguntas pode sem dúvida considerar-se um gênio. Com menos de cinco erros está à altura de conversar com Einstein; mas qualquer criatura com uma dose normal de massa cinzenta deve poder responder certo a umas nove ou doze perguntas.

Muitas das perguntas são traiçoeiras e devem ser lidas palavra por palavra, com cuidado. Tome nota de suas respostas num papel e depois procure a página 53 para a decepção.

1—Se 3 gatos matam 3 ratos em 3 minutos, quanto tempo levarão 100 gatos para matar 100 ratos?

2—Se um whisky com soda custa 5 cruzeiros e 50 centavos, e o whisky custa 5 cruzeiros mais que a soda, quanto custa a soda?

3—Qual é que está certo: 7 x 8 *são* 53 ou 7 x 8 *é* 53?

4—Permite a lei que um homem se case com a irmã de sua viuva?

5—Um macaco caiu no fundo de um poço com 30 pés de profundidade. Todos os dias ele sobe 3 pés e escorrega 2. Nesta progressão quando chegará em cima?

6—Dentro de uma gaveta estão 10 meias pretas e 10 meias brancas. Procurando no escuro tirar duas meias da mesma cor, quantas meias terei que tirar até ter certeza de ter um par que combine?

7—Tirando duas maçãs de três maçãs, quantas maçãs terei?

8—Tenho 2 minutos para pegar um trem, e a estação fica a 2 km. de minha casa. Se percorrer o primeiro quilômetro com uma velocidade de 30 km. por hora, a que velocidade terei que andar no segundo para chegar a tempo?

9—O número de ovos numa cesta duplica de minuto em minuto. Em 1 hora a cesta está cheia. Quando estava pela metade?

10—Um pastor tinha 17 ovelhas. Morreram-lhe todas menos 9. Com quantas ficou?

11—Na amurada de um navio está pendurada uma escada de corda de 5 metros de comprimento. Os degraus têm 30 centímetros de intervalo e o último toca na água do mar. A maré sobe à razão de 25 centímetros por hora. Quando estarão os primeiros dois degraus cobertos pela água?

12—Dois pais e dois filhos estão caçando. Cada um deles matou uma perdiz e só três perdizes foram mortas. Porque?

13—Um homem entra numa tabacaria e compra 2 dólares de charutos. Ele dá uma nota de 5 dólares para pagar a compra, mas o dono da loja não tem troco e vai ao vizinho, que lhe troca os 5 dólares por 5 notas de 1 dolar. O freguês sai levando os charutos e 3 dólares de troco. Uma hora mais tarde vem o vizinho correndo dizer que a nota de 5 dólares era falsa. O dono da tabacaria dá-lhe imediatamente outra nota de 5 dólares. Quanto perdeu ele em dinheiro e em mercadoria?

14—Qual é o menor número de patos que podem nadar arrumados na seguinte ordem: dois patos na frente de um pato, dois patos atrás de um pato, e um pato entre dois outros?

15—Sabemos que há doze selos de um centavo numa dúzia, mas quantos selos de 2 centavos haverá numa dúzia?

16—Um homem pesando 100 quilos e seus dois filhos, cada um deles pesando 50 quilos, precisavam atravessar um rio; mas o único barco que havia só podia carregar 100 quilos. Que fizeram eles?

17—Uma coleção de livros está arrumada em ordem numa estante. Cada livro tem 100 páginas, perfazendo um total de 1.000 páginas. Um bicho-de-livro põe-se a comer os livros, e começando na primeira página do primeiro livro vai até a última página do último livro. Quantas páginas comeu ele?

18—O arqueólogo que disse ter encontrado uma moeda datada de 647 A.C., estava mentindo ou fazendo troça Porque?

19—Certo rei, querendo ver-se livre de seu primeiro ministro, resolveu usar de um estratagema. Pôs dois pedaços de papel num chapéu e chamou um juiz para dar a sentença: o ministro estaria despedido se tirasse o papel onde estava escrito «Sai» e ficaria se tirasse o papel escrito «Fica». Ora o rei, de esperto, escrevera «Sai» nos dois papéis; mas o ministro foi mais esperto e, mostrando um dos papéis ao juiz, fez com que este se decidisse a seu favor. O que fez ele?

20—Em que livro da Bíblia se lê a história de Abel que mata Cain?

¶ Ser civilizado é ser incapaz de ofender inutilmente os outros, concedendo sempre alguma consideração àqueles que atravessam nosso caminho. Uma dama inglesa disse uma vez ao pintor norte-americano James McNeill Whistler que a polidez dos franceses estava toda «na superfície», ao que o artista respondeu: «Pois é um excelente lugar para ela estar». É essa doce polidez superficial, tão pouco dispendiosa mas tão valiosa, que suaviza as asperezas da vida.

—Agnes Repplier, *Americans and Others* (Houghton Mifflin)

¶ *Depois do avião, eis o invento que mais revolucionou a moderna arte militar*

A arma secreta que salvou a Inglaterra

(Condensado do «Collier's»)

Por Donald Wilhelm

Em 1940, apesar de dez vezes menos numerosos que os seus adversários, os pilotos da RAF deram aos alemães o primeiro antegosto amargo da derrota. Frustrado o intento de aniquilar a RAF e os seus aeródromos por meio de ataques diurnos, recorreram os nazistas ao bombardeio noturno das cidades. Que se viu então? Viu-se que os «Raros»—ou seja, os da RAF—mesmo de cara virada para a terra, eram capazes de localizar na escuridão as grandes aeronaves negras do Fuehrer, fosse qual fosse a altitude a que elas voassem. Uma vez que dispunha de um sistema de alarme que lhe dava, com suficiente antecipação, sinais da aproximação do inimigo, a RAF, com um número relativamente reduzido de aparelhos de caça dispersos por vários campos, estava em condições de interceptar os atacantes, qualquer que fosse a orientação ou o objetivo do seu raide. Foram tantos os aviões alemães assim destruidos, que o Fuehrer se viu forçado a reconhecer a derrota.

Os agentes secretos da Alemanha esforçavam-se exasperadamente por descobrir o mistério da precisão de manobra da RAF. Entretanto, se em 1935 (quando tinham toda a liberdade para vasculhar a Inglaterra de alto a baixo) houvessem feito uma visita a certo atalho silencioso que cortava entre os campos vizinhos de Daventry, poderiam ter desvendado o segredo.

Certo dia de março, manhã cedo, no terreno endurecido pelo frio, à margem da estrada, estacionava um velho caminhão derrancado pelo muito uso. Um avião da RAF aparecia e desaparecia de vez em quando no céu nublado... Dentro do caminhão, encontravam-se dois jovens assistentes de laboratório, capazes de guardar um bom segredo, e certo escocês robusto, de olhos pretos e grandes óculos, que devia orçar pelos 43 anos: Robert Alexander Watson Watt (hoje Sir Robert, *tout court*) homem de ciência, inventor e meteorologista. Vários outros físicos e técnicos estavam presentes no reduzido espaço do caminhão, observando com intensa curiosidade alguns instrumentos improvisados a toda a pressa. A certa altura, quebrando o silêncio e a tensão em que estavam mergulhados, começaram a trocar comentários com grande vivacidade. Nem era para admirar: a experiência fora bem sucedida! Aqueles instrumentos, novos e ainda quase rudimentares, podiam denunciar a aproximação de um avião e, como um dedo que o seguisse apontando no céu, acompanhá-lo para onde quer que ele se dirigisse!

Assim surgiu na Grã Bretanha o «radar»—a maior das armas secretas de guerra, aquela que verdadeiramente ganhou a batalha da Inglaterra... Os Estados Unidos já então possuiam um aparelho rádio-detector de razoavel efi-

cácia, mas a essa data americanos e ingleses ainda não estavam comunicando, uns aos outros, os respectivos segredos militares... Decorridos não eram dois anos, e o aparelho inglês estava a ser produzido noite e dia, ao abrigo das portas bem trancadas de uma fábrica. Os poucos que sabiam do fim a que se destinava o misterioso instrumento, nunca dele falavam que não fosse por meio de cifra. Foi esse um dos segredos mais bem guardados da guerra—até 17 de julho de 1941.

Nesse dia, com efeito, Lorde Beaverbrook lançou pelo rádio um apelo veemente aos mecânicos de que o governo necessitava desesperadamente para atender ao radar. Não era mais possivel ocultar aos nazistas a existência da arma secreta, pois eles já tinham por sua parte criado um sistema semelhante —conquanto inferior—copiando-o de alguns aparelhos capturados. Os ingleses estavam certos disso, pois tinham observado a construção, pelo inimigo, de uma estação de radar em Bruneval, do outro lado da Mancha. Quando ela ficou pronta a funcionar, despediram um raide de «comandos», que a foi tomar de assalto, com todos seus pertences e acessórios...

Que vem a ser, porem, essa arma secreta? E como funciona?

No estado em que atualmente se apresenta, o radar emite continuamente ondas curtas de rádio, enchendo delas o ar num raio de 160 quilômetros, para cima e para todos os lados. Essas ondas deslocam-se com a velocidade da luz—300 quilômetros por segundo—ou seja, quase um milhão de vezes mais depressa do que as ondas de som utilizadas pelos antigos detectores, que tinham um alcance muitíssimo mais restrito. As ondas do radar são alem disso imunes ao nevoeiro, à fumaça, à chuva e à neve...

Assim que encontram um obstáculo —seja ele navio ou avião—fazem «ricochete» e produzem o respectivo sinal de alarme no quadro em volta do qual se congregam os táticos da defesa aérea. O radar determina a altitude, a velocidade e o curso dos aviões que se aproximam.

Perpetuamente alerta por toda a Grã Bretanha, no ar e em terra, os radares—insones, infatigaveis, onividentes—são na verdade infaliveis. Nenhum navio que sulque as águas ou avião que corte os ares, desde que esteja dentro do seu raio de alcance, poderá escapar à detecção. E quando o radar «vê» um objeto, ou vários objetos, torna-se instantaneamente possivel apontar com toda a precisão os holofotes e os canhões, embora os alvos ainda estejam fora do alcance da vista.

Entre 1940 e 1941, quando de vários lados pretendiam fazer-nos crer que alguns pilotos da RAF tinham «olhos de gato», e que outros eram alimentados com cenouras para poderem ver bem no escuro,—não eram eles mas sim o radar, empregado pelos aviadores de combate noturno, que andava fazendo o servicinho de limpeza de bombardeiros inimigos... Há cerca de cinco anos teria parecido fantástico supor que um avião ou um navio pudesse determinar nas trevas a posição de um alvo inimigo, dirigir-se a ele, e fazê-lo saltar em pedaços—tudo por meio do rádio! Veio o radar, e tornou isso possivel.

A nova arma secreta salvou da morte por completa exhaustão os pilotos, máquinas e brigadas de pista da Inglaterra e de Malta, que não tinham mãos a medir sob os ataques inimigos. O que o radar tem economizado em aviões, gasolina, óleos e manutenção em geral,

pelo simples fato de restringir ou poupar o serviço de patrulhas aéreas, é coisa que ultrapassa o nosso poder de cálculo.

Funciona milhares de vezes mais depressa do que os sentidos humanos, em milionésimos de segundo. Com o radar à sua disposição, os tripulantes de um navio de guerra podem «ver» um vaso de guerra inimigo e atirar contra ele, com infalivel precisão, uma esquadrilha de aviões ou uma salva de obuses gigantes—e isso talvez sem que ninguem, a bordo do navio alvejado, chegue a ouvir o estampido dos canhões ou saber donde vêm os projecteis...

O radar está por toda parte ajudando a tornar cada vez mais eficaz a defesa anti-aérea. Quando os aviões da Luftwaffe vieram em grande força atacar Londres, na noite do domingo 17 de janeiro de 1943, como represália ao bombardeio que a RAF infligira a Berlim, foram recebidos com desastrosa eficácia pelos ingleses. Com rádio-localizadores, as novas peças anti-aéreas já agora não procuravam às cegas *saturar os céus* com a metralha das suas granadas: desta vez, quando atiravam, era a matar.

Poder-se-ia, com o radar, ter evitado o desastre de Pearl Harbor. Na manhã tristemente memoravel de 7 de dezembro de 1941, domingo, estava um soldado fazendo experiências com o radar, numa hora de folga; alarmado, deu sinal de que muitos aviões se estavam aproximando a 132 milhas de distância; mas os seus superiores, sabendo que estavam para chegar muitos aviões dos Estados Unidos, resolveram não ordenar medidas imediatas de defesa. E daí o imenso desastre!

O radar foi utilizado pelos defensores da ilha de Midway, no Pacífico, para ganhar a batalha que o presidente Roosevelt classificou como a maior vitória dos Estados Unidos em 1942. Ajudou igualmente a salvar Moscou, Leningrado e Stalingrado.

Após a guerra, muitos operadores e mecânicos encontrarão no radar o seu meio de vida e uma ocupação absorvente, contribuindo assim para melhorar a segurança dos que navegam no ar e no mar. Graças a esse «olho mágico», as brigadas de terra podem seguir um avião em trânsito. No caso de ele se desviar da sua rota fixa, é avisado pelo radiofone. Podem igualmente prevenílo da aproximação de montanhas ou outros obstáculos invisiveis que tenha pela frente, ou de outros aviões e navios que lhe estejam vizinhos. E na hipótese de ter de fazer uma aterragem forçada debaixo de temporal, poderá ser informado com rigor sobre qual a sua posição relativamente ao campo de aterragem mais próximo e conveniente. Tambem de futuro, quando os grandes transatlânticos voltarem a cruzar os mares, não lhes será necessário tatear o caminho através do nevoeiro, com o pavor de abalroar *icebergs* ou outros navios: poderão saber precisamente onde se encontram a dada altura, relativamente a uma ilha ou a qualquer outro obstáculo da superfície.

Já em 1922 alguns homens de ciência tinham verificado, nos Estados Unidos, que qualquer corpo sólido—como seja um navio—ao passar entre o transmissor e o receptor de rádio, produz interferências na recepção. Verificaram em seguida que, para ser descoberto, não era necessário que um objeto passasse entre o transmissor e o receptor; qualquer corpo sólido refletia ou fazia ricochetear as ondas de rádio de alta frequência que o atingissem. Tornava-se desse modo possivel instalar o transmis-

sor e o receptor no mesmo lugar, e este tanto podia ser em um navio, por exemplo, como em um avião.

Pelas alturas de 1930, os Estados Unidos já possuiam aparelhos que podiam determinar a presença de um avião no ar; em 1934 era possivel medir a distância entre o detector e o avião, e a Marinha dos E.U.A. mandou instalar o radar a bordo de diversos navios de guerra e em estações e bases costeiras.

Os princípios deste sistema eram familiares a infinito número de amadores de rádio, e até a estudantes de curso ginasial. As repartições de registo de patentes da Inglaterra e dos Estados Unidos receberam centenas de requerimentos relativos à aplicação comercial de tais princípios, e concederam dúzias de patentes (cujos pormenores foram largamente divulgados), incluindo uma patente, em 1936, para o altímetro de «rádio-eco», destinado a aviões e posto em prática nos Laboratórios Bell de Nova York.

O radar é hoje de tal complexidade, apresenta-se tão adiantado, e sob tantos tipos diversos, que pouco é o lugar que deixa, se algum deixa, para as idéias de qualquer inventor bem informado. Por essa razão, os governos inglês e norte-americano, por intermédio dos seus serviços especiais, vêm pedindo ao respeitavel público de curiosos e inventores (que em tempos de guerra atinge as proporções catastróficas de verdadeira praga!) que se abstenha de pedir informes e apresentar «sugestões»...

A Alemanha, de par com a Itália e o Japão, está hoje usando extensivamente o radar. Processa-se neste momento uma verdadeira corrida para alcançar a supremacia nesse domínio. Os jornais ingleses anunciam de quando em vez sensacionais inovações neste novo campo da ciência. Os Estados Unidos, que em tempo de paz eram mais do que outra qualquer nação o lar do rádio, puseram todos os seus recursos científicos em conjunto com os da Inglaterra e demais Nações Unidas. Se lhes for possivel manter a vantagem consideravel de que gozam nessa «corrida» para a supremacia no emprego do radar—ela poderá muito razoavelmente vir a ser a margem que dê a vitória aos aliados.

¶ Um simpático senhor, já com mais de 75 anos, foi consultar um médico, pedindo-lhe que fizesse um exame geral das suas condições físicas.

Depois de completa e cuidadosa inspeção, o doutor assegurou, sorrindo, a seu cliente que tudo estava bem e em ordem. Ao receber o pagamento, perguntou o médico: «Seguiu, por acaso, qualquer regime regular que contribuisse para as excelentes condições físicas em que se encontra?

«Acho que foi por isto, doutor, replicou o idoso cliente:—Quando me casei, há 50 anos, entrei em um acordo com minha mulher: quando eu me exaltasse, ela se calaria; quando ela se exaltasse, eu sairia de casa. Pois bem, durante 50 anos gozei de uma bela vida ao ar livre, o que certamente contribuiu muito para que esteja tão saudavel como estou.»

—Senhora Patrick Henry Adams

O governo americano explora mil fábricas

(Condensado da «United States News»)

O Governo tem hoje uma participação direta na indústria americana igual a cerca de um quinto do capital particular empregado em todas as fábricas e minas existentes nos Estados Unidos em 1939. Estamos em face a uma das mais extraordinárias fases da nossa história, de que resultará depois da guerra um ingente problema, para cuja solução é indispensavel que a opinião pública seja concienciosamente orientada.

Novas indústrias de guerra têm pululado por toda parte como cogumelos, e, em regiões onde havia apenas um descampado ou uma vasta planície, há hoje uma possante fábrica com a sua vasta comunidade operária, transformando dia a dia o mapa industrial da América. E estas transformações trouxeram consigo mudanças na administração das indústrias—porque o governo está hoje de posse de quase todas as novas fábricas. Até a presente data, o governo comprometeu-se a empregar, ou já empregou fundos no valor de 14 bilhões de dólares, na construção de novas indústrias. Isto representa quase a quinta parte de todo o capital empregado por particulares em fábricas e minas americanas, no ano de 1939, e quatro vezes o valor da participação do capital individual em fábricas desenvolvidas para a produção de material de guerra.

Por exemplo, as organizações que o governo controla produzem atualmente mais alumínio do que todas as companhias particulares reunidas. A participação de subsídio federal na indústria aeronáutica é dez vezes superior ao capital das respectivas indústrias particulares antes da guerra. Estes são duros fatos industriais, com que terão de lutar qualquer dia aqueles que estudam planos econômicos para depois da conflagração.

A Corporação das Fábricas de Defesa (Defense Plant Corporation) é a repartição do governo que dispõe de mais vastos fundos. Até agora já construiu e aparelhou 1.022 fábricas em 43 Estados, e está construindo 457 mais. A sua participação cobre toda a gama industrial, desde as fundições de aço até as escolas de pilotos de aviação. Possue 395 fábricas de aviões, 70 fábricas de armas, 54 de peças e utensílios de rádios e comunicações, 161 de máquinas-ferramentas e centenas de outras incluindo estaleiros, fundições de ferro, e indústrias de alumínio, magnésio e borracha artificial.

A caraterística das operações desta organização consiste na participação do governo como sócio. É uma espécie de banco gigantesco, que funciona sob a presidência do Ministro do Comércio, sr. Jesse Jones. Muitas das fábricas são dirigidas por gerentes particulares, mas a repartição vigia de perto todos os seus projetos, por meio de pessoal seu, e procura sempre obter lucros, porque não deseja que em seus livros figurem perdas.

Há duas espécies de contratos para proteger os interesses do governo na fábrica e nos lucros. A maior parte das vezes usam-se arrendamentos. A Corporação edifica ou provê uma nova fábrica, depois arrenda-a a uma direção particular. As rendas são geralmente baseadas sobre uma porcentagem de ven-

das, e a repartição deve ganhar uns 10 ou 20 por cento logo que a fábrica comece a produzir em cheio.

Algumas vezes, porem, a Corporação reserva para si todos os lucros, empregando um gerente contratado. Este processo foi seguido em 22 casos, principalmente de indústrias de magnésio, alumínio e produtos químicos. A Dow Chemical Company por exemplo, contratada para administrar uma fábrica de magnésio no Estado de Texas, recebe 1% por quilo que se venda, revertendo os lucros propriamente para a repartição federal.

Só o governo que vier depois da guerra poderá decidir se as modificações determinadas por esta inovação serão de carater permanente ou transitório. A Corporação tomou a seu cargo proteger os interesses do governo, embora deixe uma porta aberta, na maior parte das empresas, para tornar possivel às companhias, que atualmente as administram, comprá-las depois da guerra.

Mas o Conselho da Corporação deixou tambem outra porta aberta ao governo para este poder decidir sobre o futuro das fábricas de alumínio, magnésio, borracha artificial, de extração do estanho no Texas, e do novo sistema de canalizações da gasolina. Não se darão opções de compra aos grupos que no momento administram estas últimas já tão desenvolvidas indústrias, a não ser que apareça a ameaça de monopólios particulares.

Há quem tenha aconselhado o governo a adquirir obrigações e ações preferenciais em novas companhias particulares, formadas para dirigir estas fábricas depois da guerra. Mas já foi estabelecido um precedente, ao se inverter capital em bancos e estradas de ferro, durante a crise de 1929. Em qualquer caso, o futuro das regiões industriais formadas durante a guerra dependerá de uma decisão coordenada, progressista e inteligente entre o governo e a indústria.

Boa saida

UM jovem oficial britânico tomou um quarto em um famoso hotel de Park Avenue, esquecendo-se de perguntar preço. Ao deixar o hotel, foi-lhe apresentada a conta. Depois de olhar o papel por um momento, dirigiu-se ao caixa.

—Suponho, disse ele,—que as sugestões de seus fregueses são bem recebidas, não é verdade?

—Sem dúvida alguma, respondeu-lhe o caixa.—Tem alguma reclamação a fazer sobre o serviço?

—Não; ao contrário, é excelente, replicou o oficial.—Mas eu notei que nos quartos deste hotel há um cartaz que diz: «O sr. deixou alguma coisa?» Pois o cartaz devia dizer: «Deixaram-lhe alguma coisa?»

Bennett Cerf, *The Pocket Book of War Humor.*

Felicidade profunda como o pranto

Por Gail Carey

«SEU FILHINHO nunca poderá ser normal. O mal dele chama-se mongolismo.»*

«Nunca poderá ser normal!... Mongolismo!... Idiotia incuravel... Isso eu não poderei nunca, nunca, suportar.»

Entretanto, a isso fizemos frente, meu marido e eu, tão honesta e tão sãmente como nos foi possivel, e, da amargura profunda e sem esperança, conseguimos alcançar a felicidade. Felicidade, não daquela que é isenta de cuidados, mas sim da que sobrevem quando se suporta uma tristeza com dignidade e se resolve um problema de maneira mais sensata.

Casamo-nos com toda a confiança de que nossa união produziria unicamente filhos perfeitos. Nenhum de nossos parentes tinha filhos mentalmente subnormais, e daí concluimos que todo aquele que possue algum dessa natureza, tem «mancha» na família, ou recebeu a certa altura, com o sangue, uma influência perniciosa.

Nossa filha Helena veio ao mundo, quando já havia dois anos que estávamos casados, e contávamos mais ou menos 25 anos. Era perfeita, exatamente como sabíamos que seria. Cresceu, e portou-se como devia, e nós éramos, sem dúvida alguma, pais desvanecidos.

Quando Helena tinha cinco anos, decidimos que precisava de um companheiro—e, por isso, um ano mais tarde, veio nosso filhinho, Daví. Era um pedacinho de gente divertido, mais parecido com uma boneca chinesa do que com uma criança americana, pois seus olhos eram rasgados à maneira mongol, e um ligeiro ataque de icterícia deu-lhe aspecto ainda mais oriental. Mas vivíamos satisfeitos e felizes, e por nada deste mundo suspeitávamos que ele não fosse uma criança perfeita. A idiotia mongólica pode diagnosticar-se ao nascimento, mas, se ela era reconhecivel ou não, em nosso filhinho, não sabemos. Seja como for, não no-lo disseram—e quando, passados poucos meses, nosso bebê não deu sinais de fazer as coisas que as crianças de sua idade costumam fazer, nossos amigos tranquilizavam-nos, constantemente, dizendo: «Oh, meu filhinho não começou a ficar de pé, senão quando tinha já um ano de idade.» Ou: «O meu não andou antes dos dois anos, e vejam agora como está!»

Ó bondosos e queridos amigos, vós nos ajudastes durante esses dois primeiros anos, e aquilo que dizíeis enchia-nos de esperança. Mas, se tivéssemos conhecido a verdade desde o começo, ter-nos-ia sido poupada uma agonia de esperança, alternada com desânimo. Se, ao menos, os médicos soubessem que, visto a punhalada ter de vir mais cedo ou mais tarde, quanto mais cedo viesse mais rápida e melhor seria a nossa resignação!

Antes de sabermos qual era o verdadeiro mal, um médico havia recomendado o tratamento das tireóides. Os comprimidos que administramos aumentaram tremendamente a energia de Daví, mas em nada favoreceram a

*O MONGOLISMO é uma degenerescência congênita, geralmente acompanhada de idiotia, na qual a criança tem olhos oblíquos como os mongóis. A não ser esta semelhança, a enfermidade não tem absolutamente qualquer ligação com a raça mongólica.

inteligência. «Façam-lhe o exame do metabolismo,» disse outro médico. «Então se saberá ao certo de quanta tireóide necessita; talvez lhe estejam administrando demais.»

Chegamos ao hospital, afim de proceder ao exame, cheios de esperança e confiando em que tudo agora iria correr bem. Como é admiravel viver-se nestes tempos modernos, em que tanto se sabe a respeito das secreções internas! Mas o médico do hospital relanceou um rápido olhar para o pequeno, e veio então o golpe.

Clara, simples e compassivamente, esclareceu-se a situação. Disseram-nos que Daví, segundo todas as probabilidades, nunca atingiria senão a idade mental de sete anos; que nunca, portanto, seria capaz de olhar por si mesmo, nem fazer vida normal.

Por muitos anos que eu possa viver ainda, e por maiores tormentos que possa encontrar em meu caminho, sei que nunca terei dia mais negro do que aquele. Durante três longas horas permanecí no laboratório, enquanto se procedia ao exame de metabolismo. Entretanto, o pensamento de Helena atravessava o nevoeiro de meu cérebro. Que seria do seu futuro? Ter um irmão idiota! Ninguem a quereria ter por amiga, homem algum a desejaria para esposa. Oh, se ao menos houvesse um meio de que nunca se soubesse!

Finalmente, fez-se o exame e empreendemos a longa viagem de volta a nossa casa, o meu bebê mongolóide e eu. O meu cérebro era um caos. Guiei o automovel cada vez mais depressa. E, então, ocorreu-me a mais insensata de todas as idéias—uma solução imediata. Lembrei-me de uma ponte que atravessava a estrada de ferro, bastante acima dos trilhos, não muito longe de nossa casa. Era ao alto de uma encosta rápida, justamente depois de uma curva fechada e perigosa. À velocidade em que eu ia, era praticamente morte certa para nós ambos, o que seria considerado desastre não premeditado. Não seria um meio de resolver-se tudo bem? Certamente, para o meu bebê melhor seria morrer e, naquele momento, nem eu, tampouco, tinha grande desejo de viver. O meu segredo ir-se-ia comigo. Nunca haveria necessidade de dizer qualquer cousa a Helena. Faria isso... Deveria...

Comecei a galgar a encosta, o pé comprimindo com força o acelerador. Demos a volta, e que surge? Bem em frente de nós achava-se um pequeno auto, parado exatamente no meio da ponte, e na grade, espreitando para os trilhos, em baixo, três criancinhas com a mãe, esperavam assistir ao espetáculo da passagem do trem!

Toda a idéia de destruição me fugiu imediatamente do pensamento. Prestei toda a atenção ao dirigir o carro, conseguindo passar, a salvo, por aquele grupo na ponte. A passagem era terrivelmente estreita, mas conseguí fazê-la. Parei o carro uns trinta metros adiante, e voltei atrás, para verificar se as crianças estavam salvas. Permaneciam ainda a olhar do alto da ponte, sem atentar no perigo a que tinham escapado, inconcientes, tambem, de terem salvo duas vidas.

Nos primeiros dias que se seguiram, meu marido e eu formávamos um casal patético. Cada um de nós procurava aparentar coragem diante do outro, consolando, animando, tentando continuar nossa vida, como se nada houvesse acontecido. Quando sobrevem a morte, todos nós temos pelo menos alguns dias para nos ajustarmos à tragédia. No

nosso caso, porem, um dos horrores que mais nos atormentavam o espírito, era que as outras pessoas soubessem, e que talvez deixassem de consentir que seus filhos viessem brincar com Helena. Nada havíamos feito que merecesse censura; entretanto, havia um sentimento peculiar de vergonha em nossos corações, como se fôssemos socialmente leprosos.

Há gente que mostra com orgulho suas enfermidades físicas; mas, em face de uma doença mental, faz-se um silêncio tremendo e misterioso. Talvez isso seja resíduo das idades tenebrosas, em que as pessoas, assim afetadas, eram como possuidas de algum demônio. Nós fomos disso culpados tambem, durante alguns dias, até começarmos a pensar por nós mesmos.

Consultamos um médico notavel por seus trabalhos na formação de hábitos das criancinhas, e veio mais um golpe: «Aconselho-os insistentemente a pôr seu filho numa instituição especial, o mais depressa possivel». Durante duas horas, ficou a falar conosco, e para benefício de outros pais que se encontrem em situação igual à nossa, vou dar um resumo do que nos disse.

Primeiro que tudo, conseguiu convencer-nos de que não tínhamos culpa de qualquer espécie. «Isto pode acontecer em qualquer parte, em qualquer família,» disse. «Quase nunca há mais de um caso na mesma família, e os pais com saude podem continuar a ter filhos, com toda a confiança de que os outros serão perfeitamente normais. Não é moléstia hereditária. É um acidente, qualquer cousa que acontece antes da criança nascer, e que faz parar o seu desenvolvimento. Presentemente, não há tratamento que sirva para grande coisa.

«Se não tivessem outro filho, poderiam arranjar-se para conservar em casa o menino, e tratar da sua educação—mas, ainda assim, não o aconselharia. Na situação presente, porem, a menina viria a sofrer, porque seria privada de um lar normal, sem mãe a proporcionar-lhe a atenção de que ela necessita e tendo que suportar motejos das outras crianças. Depois, no final, quando estivessem cansados de gastar energias e dinheiro, sem resultado, chegaria o momento em que nem mãe, nem pai poderiam ocupar-se do pequeno por mais tempo. Todos nós temos que morrer, e ele deveria normalmente sobreviver a ambos. Então, seria a vez de a irmã sacrificar a vida pelo enfermo! Pode ser que o fizesse de bom grado, mas isso não lhe deveria ser imposto.»

«Mas não dispomos de muito dinheiro,—dissemos nós—e escolas especializadas acarretam grandes despesas. Onde nos será possivel encontrar escola de acordo com os nossos meios?»

A resposta veio prontamente: «Coloquem-no numa instituição do Estado.»

«Isso nunca—exclamamos.—Não precisamos de esmolas e nosso filho deverá estar onde encontre o melhor cuidado e carinho.»

«Nesse caso, uma de nossas escolas estaduais é o lugar onde poderão encontrar a satisfação de seus desejos. Não estarão a receber esmola, pois pagarão de acordo com suas posses. Os cuidados que lhe forem prodigalizados serão os melhores, porque uma instituição desta natureza se acha sob constante observação de muitos. Ele receberá a educação mais adapatada às suas necessidades, e estará no meio de crianças de que deve gostar bastante. E suceda a vocês o que suceder, aí será

guardado enquanto viva. Nunca terão de viver em sobressalto, pensando que podem morrer e deixá-lo ao abandono.»

Nossa primeira visita à instituição de Estado, que se tornara lar, escola e vida completa para nosso filho, foi para nós uma revelação. O médico não nos havia enganado. Em todas as minhas visitas—e agora o seu número sobe a centenas—nunca soube que um único empregado mostrasse menos risonha acolhida e boa-vontade, fosse qual fosse o trabalho que houvesse a fazer para conforto dos pacientes.

«Como fazem para arranjar instrutores tão moços, tão simpáticos e tão inteligentes?» perguntamos ao superintendente.

«Bem,—disse ele—nem sempre é facil encontrar bons instrutores; mas, em geral, quando eles vêm, ficam. Para os senhores, estas crianças não possuem qualquer atrativo, talvez sejam mesmo repulsivas; mas, após as terem visitado algumas vezes, acabarão por amá-las, como nós as amamos; porque são ternas, nada egoistas, e apreciam a atenção e o carinho. Ao contrário do que ocorre quanto a crianças normais, quase não há entre elas altercações, e mesmo quando brincam em um grupo, cada uma está pronta a aguardar a sua vez, repartir seu brinquedo e auxiliar seu vizinho. Por isso talvez é que o corpo de educadores aquí vive contente; à medida que se conhece melhor cada criança, se esquece a falta de beleza externa, para se contemplar unicamente a beleza e inocência interior.»

Foi isso o que verificamos. Como podíamos nós deixar de achar beleza na maneira como cada criança se esforça por auxiliar o pequeno ceguinho que faz parte do grupo, mostrando-lhe seu lugar à mesa, atando-lhe ao pescoço o seu avental, colocando-lhe na mão a faca, o garfo, etc., e prestando-lhe todas as pequenas atenções de que uma criança normal nem se lembraria?

Entretanto foi-nos terrivelmente duro deixar Daví no estabelecimento; mas procuramos alegrar-nos, convencendo-nos de que isso era para seu bem. Visitávamo-lo todas as semanas, e víamos que ele era feliz, gozava de saude e estava sempre ocupado. Ficava sempre contente de ver-nos, mas, de perfeita boa-vontade, nos deixava partir, vindo na janela acenar-nos adeus com um sorriso de felicidade.

Naturalmente, às vezes, sentíamo-nos desesperadamente sós. Mas esses dias passaram, e verificamos que a melhor solução para tudo é o trabalho. Tambem não desprezamos as diversões, e cada um de nós tem seus passatempos prediletos.

Afinal—o sofrimento foi feito para contar por alguma coisa. Aprendemos que nossas pequenas contrariedades na vida podem ser facilmente postas de parte; são nada em comparação com a grande dor que tivemos de suportar.

E, assim, a felicidade que não esperávamos tornar a encontrar, veio, apesar de tudo, porque gozamos a paz, que é felicidade maior, mais cheia de conteudo do que jamais havíamos conhecido, felicidade «tão profunda como o pranto.»

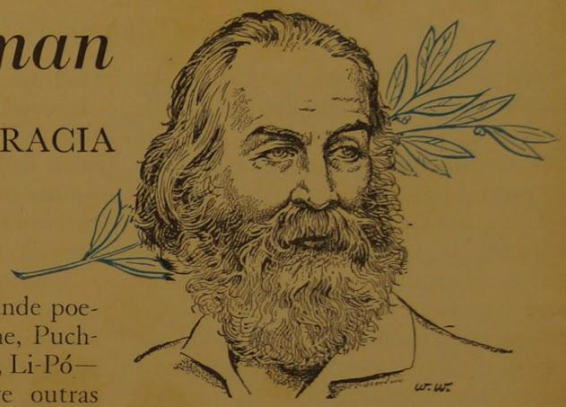
¶ Para lutar contra a Realidade, só dispomos de uma arma: a Imaginação.

—Jules de Gaultier

Walt Whitman

POETA DA DEMOCRACIA

Por Max Eastman



A América aprendeu enfim a amar o seu grande bardo nacional, que cantou as virtudes do homem comum.

Cada povo tem o seu grande poeta: Shakespeare, Goethe, Puchkin, Dante, Vitor Hugo, Li-Pó—são nomes que pairam sobre outras tantas nações tão majestosamente como o símbolo da própria nacionalidade. Pouco há hoje quem duvide, nos Estados Unidos, de que o nome de Walt Whitman está em vias de ascender a essa elevada posição espiritual.

Nasceu Whitman em 1819 perto de Huntington, Long Island, às portas de Nova York, numa modesta cabana revestida de ardósias cinzentas. Passou a maior parte da infância em Brooklyn, que é um dos grandes burgos do empório ianque. À idade de 20 anos tinha aprendido a arte de impressor, ensinava numa escola de meninos, e fundava um jornal—que ele mesmo escrevia de fio a pavio, imprimia, e distribuia finalmente, montado num rocinante. Nos nove anos seguintes ganhou a vida ora na tipografia, ora na redação, ora na direção de diversos jornais. Nos dois últimos anos desse primeiro período da sua vida ativa, foi diretor de um diário de Brooklyn, o *Eagle*.

Enquanto trabalhava nesses periódicos, escreveu um ou dois poemetos sentimentais. Mas até a idade de 29 anos, nunca lhe ocorreu a idéia (nem provavelmente a mais ninguem) de que dentro dele dormitava o germe do gênio...

Todo o mundo na cidade conhecia Walt Whitman, e todos gostavam dele. Era alto e forte, de admiravel compleição, e tinha a cabeça e a face de uma beleza viril, como poucas vezes se terá visto. O que porem o tornou mais famoso foi a sua atitude olimpicamente desdenhosa no que diz respeito ao trabalho! Se, por acaso, uma tarde não saía da oficina ou da redação para ir nadar, era porque tinha levado toda a manhã passeando a cavalo para trás e para diante em Fulton Ferry, ou correndo Manhattan de ponta a ponta no carro de Broadway. Um de seus primeiros patrões observou certa feita: «Esse rapaz é tão preguiçoso, que se um dia cai doente com sezões, nem se dará ao trabalho de bater o queixo!» Essa reputação cresceu com a fama do Poeta, e nunca o abandonou.

O acontecimento decisivo na existência de Whitman foi a viagem que fez a Nova Orleãs, onde lhe tinham oferecido a direção de um jornal, o *Crescent*. Essa extensa jornada despertou o gigante imaginoso e emotivo que cochilava em seu íntimo. Seus olhos ficaram

deslumbrados com os panoramas dos Apalaches e o curso dos grandes rios da América. Vira desenrolar-se na sua frente a incalculavel riqueza e vastidão da juvenil república. Em Nova Orleãs, a livre e um tanto langorosa atmosfera francesa da cidade fê-lo derivar um pouco da atitude algo severa do reformador puritano, e o Poeta se apaixonou alí por uma moça que não pôde, ou não quis talvez, desposar. Desses amores nada se conhece, alem do retrato, aliás próprio para enternecer os corações, que o Poeta deixou da bem-amada, colado em um dos seus canhenhos de notas. A reserva de Whitman a respeito deste caso parecia feita de granito. Mas pouca dúvida parece restar hoje (a mim pelo menos) que foi ao toque mágico do amor que, finalmente, romperam as fontes da imortal poesia que esse moço estranho, indolente, majestoso e ardente, mas apesar disso bisonho, escondia no íntimo.

Walt regressou de Nova Orleãs à grande metrópole como Saul voltara da estrada de Damasco: outro homem, ungido... Tivera uma visão—a visão da República Americana, que se ia despojando dos últimos farrapos apodrecidos do feudalismo do Velho Mundo, e abrindo uma era nova de vida espiritual e material, de liberdade e igualdade sem medo, audaciosamente científica e apesar disso rica de conteudo poético, que alegremente se expandia. Regressou a Nova York feito o poeta e o profeta desse acontecimento sublime.

Começou por introduzir transformações radicais na sua indumentária: poeta da democracia, desfez-se da gravata, desabotoou o peitilho da camisa até se lhe ver a camiseta interior, e envergou para sempre e todas as circunstâncias o trajo cotidiano do operário comum. A mudança não era tão artificial como pode parecer à primeira vista, pois Walt trabalhava agora de carpinteiro para seu próprio pai, e era nessas roupas que ganhava o pão de cada dia. Interiormente, porem, isso encerrava para ele a mais alta significação.

Sentia que se processava no seu íntimo, no tocante à Poesia, uma transformação idêntica à do seu exterior. Em vez de cinzelar versos preciosos à maneira dos poetas ingleses, passou a dizer o que tinha a dizer do modo mais direto, deixando que as palavras cantassem de sua própria música...

Por seis anos trabalhou Walt nesse volume de exaltados versos, rabiscando notas a bordo dos *ferry-botes* do Hudson, ou ao longo dos cais, nos ônibus, ou deitado a olhar o céu nalguma praia solitária. De tudo isso trazia imagens e notas para casa, na Myrtle Avenue, e com elas trabalhava à sua banca de pinho, no quartinho acanhado do andar de cima, com uma só janela, um catre estreito e um lavatório de mesa. Para simbolizar a democracia e a sagrada dignidade das simples e pequenas coisas, intitulou seu livro *Leaves of Grass*—folhas de erva.

Quando Walt se expressava nesse livro, era a voz de todos os trabalhadores da América que através dele falava. Algumas expressões de prodigiosa insolência que inseriu nos poemas, equivaliam quanto a ele a dizer: «É desta forma que o homem comum deveria exprimir-se!»

> E eu ou tu, sem um tostão no bolso,
> podemos comprar este mundo e o outro,
> E com um olho fechado, e apontando um feijão na sua vagem,
> confundir os sábios de todos os tempos
> Nem há mister ou arte em que tu, jovem, não possas tornar-te herói,
> Nem objeto tão macio que não possa servir de eixo à roda do Universo,
> E eu vos direi, mulheres e homens, conservai a frescura e compostura de alma ante os milhões de universos que passam . . .

Walt imprimiu oitocentos exemplares do seu livro numa pequena tipografia, atendendo em pessoa a máquina de impressão, do começo ao fim da tarefa. Em seguida inseriu um pequeno anúncio no *Tribune* de Nova York, remeteu exemplares de imprensa a críticos e editores, e fez presente de muitos outros a diversos americanos eminentes. Por fim, ele próprio carregou num grande saco de lona os exemplares destinados às livrarias de Nova York e Brooklyn. Até onde a história pôde investigar—nem um só exemplar se vendeu!

Um jornalista mercenário, amigo dele, escreveu no *Tribune* uma pequena crítica moderadamente favoravel. O resto dos críticos, ou o ignoraram, ou o lançaram às feras. «Massa heterogênea de frases bombásticas, vulgaridades e disparates...» «Sabe tanto da arte como um suino de matemática...» «A melhor recompensa que lhe cabe, a meu ver, é o chicote...»

Pouco melhor era o veredicto dos americanos de categoria intelectual: Wendell Phillips declarou que encontrara no livro muitas folhas, folhas de toda a espécie—menos a folha de parra! John Greenleaf limitou-se a arremessar o livro pela janela fora... Tal o acolhimento que a América, sua musa, dispensou ao que viria a ser o grande poeta nacional dos Estados Unidos!

Mas quando menos se esperava, como a chuva fresca que caisse de um céu implacavel e sem nuvens, do silêncio da Nova Inglaterra chegou uma carta que é hoje quase tão famosa quanto o próprio livro de versos de Whitman: «Meu caro senhor, meus olhos não foram insensiveis às admiraveis belezas de *Leaves of Grass:* encontro nelas a obra de humor e sabedoria mais extraordinária que a América até hoje tem produzido. Quero pois saudá-lo no início de uma carreira que antevejo grande.» Assinava estas palavras um dos nomes mais eminentes e respeitados do tempo: Ralph Waldo Emerson...

A guerra civil veio refrear a marcha veloz de Walt para a Glória. O poeta, com mais de 40 anos, não era um soldado. Mas possuia uma reserva de simpatia e piedade digna de uma alma de mãe. À medida que se deslocava pelo mundo, a tudo ia dispensando instintivamente o seu amor, sem distinguir entre o bom e o mau. Àqueles que possuem o gênio do amor é dificil tomar partido numa luta. Quanto mais Walt, que se consagrara à tarefa de tornar-se o Poeta apaixonado de toda uma nação.

Resolveu o conflito que lhe dividia o coração, de uma maneira que lhe conquistou um lugar não só na história da Poesia, mas do amor tambem. Foi quando se transferiu para Washington, onde se encontravam os grandes hospitais militares, abandonando a literatura e entregando-se de corpo e alma à tarefa de cuidar dos soldados feridos. Trabalhava a troco de um magro salário no escritório de um pagador, vivia num quartinho exíguo de último andar, e passava o tempo visitando os hospitais desde o meio-dia até as quatro da tarde, e depois, das seis às nove.

Andava sempre carregado com um grande saco de presentes para os feridos

e mutilados—fumos, papel de cartas e envelopes, laranjas, bolinhos de gengibre... Mas de todos os presentes por ele dispensados, o maior era sem dúvida a maternal ternura que distilava aquele corpanzil robusto e possante!

Nessa obra de assistência sacrificou Walt a saude, que fora prodigiosa. Acabada a guerra, ele próprio parecia uma das vítimas dela. Voltou para Brooklyn, e alí, junto de sua mãe, durante a convalescença de um ataque (já era o segundo) de «malária hospitalar», o foi surpreender a notícia do assassínio de Lincoln.

Era na primavera, e os lilazes floriam no quintalzinho do casebre onde viviam. O poeta não precisava de caminhar muito para ouvir cantar uma toutinegra, à hora em que espreitava no céu a estrela da tarde. Alí compôs o seu mais nobre poema, entretecendo os lilazes, estrelas, gorgeios da ave e o seu próprio sofrimento, num tributo ao herói—e à morte e à vida tambem—tão sublime quanto já se escreveu.

Após a guerra Whitman conseguiu emprego como escriturário na Repartição dos Índios. Andava trabalhando em uma nova edição das *Leaves of Grass*, e costumava guardar as provas de impressão, todas cobertas de correções, na gaveta da sua secretária. Uma noite, o então secretário do Interior, Harlan—misto de político e pregador, vindo do distante Iowa—tomado de indiscreta curiosidade, foi à sala onde estava a escrevaninha do poeta, abriu-lhe a gaveta e percorreu as páginas do livro. Foi, à luz do candieiro, um choque tremendo para o digno e pudico ministro, que logo alí ganhou foros à imortalidade como tipo de indiscreta vestal, pondo na rua sem mais aquelas o imortal burocrata!

Em 1873 o possante organismo de Whitman abateu: o poeta despertou uma noite com os membros do lado esquerdo paralisados... Calmo e estóico, voltou a adormecer, e no dia seguinte esperou com paciência a chegada dos amigos. Iam seguir-se vinte anos de declínio e progressivo isolamento, durante os quais nunca perdeu a serenidade, nem o humor paciente e cordial que o caraterizavam. E respondeu com tanta fortaleza ao inevitavel estreitamento dos seus horizontes de vida, quanto outrora pusera de arrogância em afirmar orgulhosamente a sua indefinida expansão.

Os amigos e admiradores, poucos no começo, mas cujo número foi sempre aumentando, nunca deixaram de mandar-lhe socorro: imobilizado, o poeta seguia a fama lentamente crescente do seu livro, com a mesma ansiosa alegria da mãe ao acompanhar jubilosamente a carreira do filho que muito lhe custou a criar. Vez por outra vinham as homenagens—ou a visita—de personalidades eminentes, o que bastava para o robustecer na crença de que os seus poemas haviam de sobreviver-lhe.

Qual não seria a satisfação e orgulho de Walt Whitman—e quem sabe quão pouco, na sua serena profundidade, isso o teria surpreendido!—se tivesse vivido mais cincoenta anos para ouvir um primeiro ministro da Inglaterra citar na Câmara dos Comuns, ao anunciar uma grande vitória, esta nobre admonição do Poeta, como se da Bíblia mesma se tratasse:

«Façam por entender-me agora... Está escrito na natureza das coisas que do gozo ou fruição de todo êxito, seja ele qual for, há-de surgir sempre alguma coisa que virá tornar necessária uma luta maior.»

Xeque-mate!

(Condensado do «Esquire»)

Por Travis Hoke

Que idéia faria o leitor de um jogo que os próprios parceiros chamam de cacete, de um jogo sem as emoções da ação, do perigo, do esforço físico, sem qualquer característica de diversão? Que não contivesse qualquer elemento de chance, nenhuma convenção da ética esportiva, que fosse extremamente insociavel, nunca sendo apontado como um fator da construção do carater ou da saude? Pois bem, tal jogo existe, e chama-se —*xadrez!*

O número possivel de cálculos que podem ser feitos mentalmente durante uma partida de xadrez é infinito. O jogo de damas é feito por comparação. Todas as *pedras* têm o mesmo valor. Mas das 16 figuras do xadrez existem seis espécies de peças com seis espécies de movimento, e, com uma única exceção, podem ocupar qualquer quadrado do tabuleiro. Nas primeiras seis mudanças existem mais de quatro bilhões de movimentos possiveis. Ninguem já fez ainda, um cálculo do número possivel de movimentos durante um jogo de xadrez inteiro. Por tudo isto, um jogo assim exige a mais intensa e martirizante concentração mental.

Apesar de tudo, porem, este mesmo xadrez é o mais antigo dos jogos de salão, e atualmente o mais disseminado. É jogado em todo o Ocidente, da Islândia à Patagônia. Existem centenas de clubes de xadrez nos Estados Unidos. Os russos são quase tão loucos pelo xadrez como o são por saltos com paraquedas. Na Ásia é, sem dúvida alguma, o jogo preferido. Nas selvas de Sumatra, Bob Davis encontrou uma tribo cujas mulheres faziam todos os trabalhos, e cujos homens não faziam outra coisa senão . . . jogar xadrez. Os rapazes da tribo eram capazes de tomar parte em dezesseis jogos ao mesmo tempo. O dr. Emanuel Lasker, um dos grandes mestres do xadrez em todos os tempos, viu mandarins chineses jogando, em tabuleiros de 100 quadrados, um jogo tão complicado que ele o não pôde entender...

O início do jogo de xadrez deve remontar a Ceilão, 3.000 anos antes de Cristo. Foram encontradas peças de xadrez no túmulo de Tutancamon. No quinto século antes de Cristo, Gautama Buda pregou contra o xadrez, na Índia, porque os «jogadores de golfe» daquela época, domingueiros, esqueciam as obrigações religiosas do *sabath* jogando xadrez; mas os folgazões procuravam enganar Buda escondendo-se sob as banianas, para jogarem partidas mesmo sem tabuleiros que poderiam constituir um corpo de delito. Aqueles primeiros indús não apostavam apenas suas camisas em tais jogos, mas até partes do próprio corpo. Ao lado de cada tabuleiro havia um pote com unguento fervente, de modo que um parceiro que apostasse um dedo, e perdesse, pudesse cauterizar a ferida. Um historiador árabe que narra tais coisas, diz que a perda dos dois braços até os cotovelos era o limite costumeiro.

Conhecidos como mestres, existem cerca de 20 a 30 peritos modernos em

xadrez, de fama universal. Talvez oito deles possam ser chamados de grandes mestres. Todos quase sem exceção, são profissionais. Capablanca tinha uma renda habitual de vinte e cinco mil dólares por ano, jogando xadrez. Os Estados Unidos nunca tiveram um campeão mundial. No último torneio internacional realizado em Nova York, no ano de 1927, os prêmios foram de 2 mil dólares para baixo e o torneio custou 15 mil dolares para reunir. As entradas vendidas a dois dolares não podiam cobrir todas as despesas, mas muitos fãs do xadrez, homens ricos, logo se prontificaram a cobrir a diferença. Custava dois dólares para ver o mais intrincado dos jogos, disputado pelos homens que podiam fazê-lo ainda mais intrincado. Quase todo espectador acompanhava o jogo com um tabuleiro de bolso. Os jogadores sentavam-se em absoluto silêncio, imoveis durante minutos de cada vez. Então, um deles fazia um movimento e toda a multidão ficava tão excitada... que quase sussurrava! Os contendores jogaram cinco horas por dia durante cinco semanas—175 horas do mais exhaustivo esforço mental. Não admira que os nervos de um jogador de xadrez, como as pernas de um jogador de futebol, sejam os primeiros a ceder quando ele está fraquejando.

Durante quase todo o século XIX uma partida podia ter qualquer duração de tempo. Paulsen, jogando com Morphy, ficou sentado durante catorze horas sem fazer um movimento, até que Morphy se foi abaixo e rompeu a chorar. Em nossos dias, o xadrez de qualquer espécie é jogado com dois relógios de construção especial sobre a mesa. Quando um jogador mexe uma pedra, aperta um botão que para o seu cronômetro e põe em ação o do seu adversário. No torneio de Nova York um contendor tem duas horas e meia para fazer o mínimo de 40 jogadas, ou está derrotado automaticamente; é claro tambem que o jogador que fizer movimentos mais rápidos dá ao adversário menos tempo para calcular a resposta. Desta maneira a «forma» de um mestre do xadrez pode ser vista na facilidade com que sabe aproveitar o tempo que lhe é concedido.

Alguns jogadores são famosos pelos jogos simultâneos e até por jogarem com os olhos vendados. Alekhine, o advogado russo, ficou detentor do recorde do xadrez às cegas; guardava mentalmente as posições e executava os movimentos de todas as peças de 32 taboleiros ao mesmo tempo. Chegou a jogar 150 partidas ao mesmo tempo,

Um dia, na Havana, dois senhores de idade estavam jogando xadrez, ao ar livre, e um garoto de cinco anos, curioso, os observava. No fim da partida o menino disse: —Você venceu, papai, mas fez uma mudança errada com seu cavalo.

—Quem lhe ensinou a jogar? perguntou o pai.

—Ninguem, respondeu com toda calma o pequeno José Capablanca. —Vi você jogar muitas vezes e agora já sei jogar.

—Sente-se aquí, meu fedelho, disse o pai embaraçado.—E vejamos!

E o garoto sentou-se e derrotou o pai com toda facilidade, apesar daquele pai ser o homem mais orgulhoso da Havana. Levou o jovem ao Clube de Xadrez da cidade, para enfrentar jogadores de verdade. Todos riram dele, mas cedo o riso se dissipava. Apenas os melhores jogadores foram capazes de derrotá-lo. E assim foi descoberto um gênio. Capablanca chegou a ser um dos maiores mestres entre os mestres do xadrez.

—Quentin Reynolds—*Collier's*

sem venda nos olhos. Uma «combinação» é uma armadilha com uma isca que parece uma vantagem para o adversário, mas não o é. Se ele cai na armadilha, a vitória está assegurada. Capablanca conseguiu a maior «combinação» que já se fez num campeonato; quando realizou o seu 21º movimento, anunciou que com mais outras 26 jogadas teria ganho a partida. E, uma hora e meia depois, o seu oponente capitulou. Capablanca previu 2.600 movimentos possiveis naquela combinação.

Alekhine é capaz de descrever cada um dos movimentos que fez durante cada uma das grandes partidas em que tomou parte nos últimos 30 anos. De quantos jogos de futebol o leitor será capaz de se lembrar, fase por fase? Hoje o estilo de xadrez mais em uso é o de posição. Em vez de manobras de Napoleão, com lutas corpo a corpo, cargas de cavalaria, terriveis carnificinas, tem lugar uma cautelosa guerra de trincheiras. Uma partida perfeita seria um empate, e é nisto que redundam quase todos os encontros entre mestres.

As mulheres nunca contaram com uma grande representante no campo do xadrez; bem poucas apreciam jogá-lo. E isto porque, não resta a menor dúvida, se trata do mais insociavel esporte até agora tolerado. O silêncio só é quebrado por um pigarro acidental.

Em todos os tempos este jogo foi a mesma coisa. Os juristas eclesiásticos da Idade Média estabeleceram que o assassínio ocasionado por uma partida de xadrez não era homicídio voluntário, mas apenas homícidio... com culpa. Evidentemente a provocação foi reconhecida como irresistivel! Em 1559, Ruy Lopez, padre confessor de Filipe II, da Espanha, escreveu um livro em que aconselhava, nos jogos realizados durante o dia, a escolha do lugar em que os raios do sol incidissem sobre os olhos do adversário, e, nos jogos noturnos, a colocação de uma vela à direita do contendor. Os sistemas de iluminação de Lopez não estão em uso hoje, mas o seu espírito devia andar vagando há alguns anos, quando o dr. Lasker levantou a suspeita de que, com malicioso engenho, seu relógio fora feito para andar mais ligeiro, e o de Capablanca mais devagar! Lederer, promotor do encontro, por sua vez, contraditou o acusador e disse que o doutor estava empregando a guerra química: fumava cigarros de uma qualidade que, praticamente, envenenava o adversário! Tal tempestade nos jogos de xadrez não é coisa esporádica. No último grande torneio de Nova York, seis jogadores, no início, já não se falavam, e, no final, todos onze estavam «políticos» entre si...

O dr. Lasker diz que xadrez é guerra, e ele deve ter ouvido o que Sherman disse sobre guerra. O xadrez não é com certeza um esporte. É e foi sempre um frio e deliberado preparo de sepulturas para o inimigo. E' por excelência o velho jogo do militar, e o mais intrincado de todos os jogos.

❡ O HOMEM pode suportar muita coisa, enquanto se suportar a si mesmo Pode viver sem esperanças, sem amigos, sem livros ou mesmo sem música enquanto for capaz de ouvir os seus próprios pensamentos.

—Axel Munthe, *A história de San Michele*

Um mestre de duplicidade

(Condensado do «North American Review»)

Por William C. White

Autor de «These Russians»

Esta é verdadeiramente a história do general Yablonsky, o velhote que todas as noites se senta a um canto daquele pequeno café russo da Nollendorplatz, em Berlim. As filas de medalhas que decoram a sua blusa atraem logo as atenções. O general é o típico emigrado russo, empobrecido, vivendo apenas de recordações que têm as suas fundas raizes num passado longínquo.

Às vezes, quando tinha bebido vodca em excesso, contava a seguinte história do capitão Tanama: «A um único homem, e só a ele se deve a revolução russa e toda a consequente vergonha dos bolcheviques,» começava então, preparando-nos. «Esse homem é um japonês, o capitão Tanama. Ainda hoje existiria o Czar na Santa Rússia, se não fosse aquele facínora, compreende o senhor? Os japoneses derrotaram-nos em 1905, e essa derrota produziu o movimento revolucionário na Rússia. E os japoneses não teriam vencido se não fosse esse traidor Tanama. Nunca ouviu falar nele?»

Eu nunca tinha ouvido.

Segue a narrativa do velho general, que havia pertencido ao Serviço Secreto do Czar.

O capitão Tanama veio para São Petersburgo, como adido militar da Embaixada Japonesa, em 1901. Era duma raça especial, creio eu; não como a maior parte da sua gente, mas duma estatura de quase 1 m. 98. Tinha uma tez bronzeada e feia como uma máscara diabólica do Tibé. Feio, sim senhor, mas com uma aparência tão impressionante no seu uniforme, que as mulheres se sentiam atraidas para ele.

Eu era então capitão, servindo como ajudante do chefe do Serviço Secreto do Exército. Naturalmente o capitão Tanama merecia-nos o maior interesse. Era um adido militar estrangeiro, maneira delicada de dizer «espião». Descendia de uma das famílias mais antigas do seu país, e seu pai era um dos conselheiros mais escutados pelo Micado. Uma educação cuidada e a longa residência em cortes estrangeiras, deram-lhe uma graça altiva e uma cortesia, que o tornavam distinto em qualquer reunião social.

E, na verdade, estávamos mais que ordinariamente interessados nele. Sabíamos que—era apenas questão de tempo—seríamos forçados a combater com os japoneses no Oriente. Alem disso, recebíamos continuamente informações dos nossos próprios agentes em Tóquio, de que os japoneses não cessavam de conseguir apossar-se dos nossos segredos militares. Certamente que Tanama não seria estranho ao caso.

Ele tinha uma maneira especial de estreitar relações de amizade com oficiais, atrizes, funcionários, fosse com quem fosse. E, de fazer amigos a servir-se deles, não vai grande distância. Tinha Tanama muito dinheiro e era um jogador incorrigivel. Perdia sempre, e sempre com um sorriso, e saldava dívi-

das de quantias tais, que a outro na sua posição teria sido dificil sorrir. Alguns oficiais meus camaradas compraram brilhantes para as suas amantes com dinheiro ganho no jogo ao capitão japonês.

Durante um ano submetêmo-lo à mais rigorosa vigilância, mas sem o menor resultado. Observamos cada um dos oficiais russos da sua roda, sem nada descobrir de suspeito. Tanama andava metido com várias moças da cidade, mas isto não passava do gênero de ligações usuais. Sabêmo-lo, porque elas estavam ao nosso serviço.

No entanto, cada relatório dos nossos agentes em Tóquio ia-nos avisando de que a tal «fuga» de segredos militares continuava a existir, e se tornava cada vez mais grave.

Poderíamos tentar uma coisa, que era forçar Tanama a sair do país, na esperança de que o seu sucessor não fosse, nem tão esperto, nem tão atraente, nem tão habil. Planeamos provocar a sua deshonra, de modo que ele fosse forçado a partir, ou a suicidar-se. Para nós era indiferente o resultado, desde que nos víssemos livres dele.

Era facil comprometê-lo. Ele mantinha grande amizade com a atriz Ilyinskaya. Procuramo-la e contamos-lhe o que desejávamos da sua cooperação; mas tivemos que ameaçá-la para lhe arrancar a promessa de que nos ajudaria. Eu creio que ela amava realmente aquele facínora, mas acabou por prometer.

Uma noite, ela foi ter com o capitão e disse-lhe que era necessário que ele casasse com ela imediatamente. Ele recusou-se duma maneira muito delicada, é claro, declarando-lhe que, quando um oficial japonês se casa com uma senhora não japonesa, é obrigado a demitir-se do serviço do seu país. Alem disso, —acrescentou, como para completar as suas razões—tinha sua esposa no Japão. Ofereceu dinheiro à Ilyinskaya, mas ela não quis aceitá-lo. Ou casava, ou fazia escândalo: «Pense nisto até amanhã à noite, disse-lhe ela.—Eu voltarei então para saber a sua resposta.»

No dia seguinte fui chamado ao telefone pelo capitão, que desejava ver-me imediatamente «para um assunto muito urgente». Procurei-o no seu apartamento. Devo dizer que ele foi franco, porque me perguntou abertamente: «Você sabe alguma coisa deste caso da Ilyinskaya?» Como eu não podia falar com igual franqueza respondí-lhe nada saber.

Então ele explicou-me rapidamente a situação, e disse: «Você compreende o dilema em que me encontro, se ela leva avante a sua ameaça? Mas não me julgue um covarde: eu não tenho medo nem da deshonra nem do suicídio. O caso é que minha família é muito orgulhosa e antiga, e meu pai membro do Conselho Privado do Imperador, é um homem de avançada idade. Custar-me-ia muito que ele soubesse da minha deshonra no fim da sua vida. Julgar-se-ia no dever de acompanhar-me numa morte deshonrosa. E meu tio tambem. Você não sabe como somos nós, os japoneses.»

Então, de repente, disse-me cara a cara: «*Monsieur le capitaine*, o senhor pode ajudar-me se quiser. Quais são as suas condições?»

No meu íntimo eu estava gozando a idéia de que tivesse sido tão facil, afinal, conseguir o que desejara. Mas; com fingida hesitação, respondí-lhe: «Não tenho a certeza de poder ajudá-lo. Em qualquer caso o senhor terá que sair da Rússia.»

«Certamente. E que mais exige de mim?»

Eu fiquei embaraçado com a pergunta, sem poder compreender claramente o seu alcance; mas fui-lhe dizendo que teria que consultar os meus superiores sobre o caso. Voltei, e contei aos meus colegas a conversa que tivéramos e a sua pergunta. Eles riram muito da idéia de um oficial japonês, principalmente de alta casta, prestar-se a ajudar o serviço secreto dum possivel inimigo, para se salvar do escândalo com uma atriz qualquer.

«Ele avalia em muito pouco a nossa inteligência,» disse o major Oblómov, meu superior. «O Japão deve estar muito ansioso por dar-nos falsas informações. Mas seria uma pena não fingirmos que nos prestamos a fazer o seu jogo. Devemos pedir-lhe que nos forneça copias dos planos de movimentos de tropas em volta de Porto-Artur e no sul da Manchúria. Será interessante conhecer o que os Magnatas Militares do Japão serão capazes de inventar para nosso consumo. Podíamos então ficar seguros de que o verdadeiro plano seria exatamente o contrário daquilo que nos quisessem fazer crer.»

A idéia pareceu-nos excelente; depois de a termos discutido, decidimos fazer o jogo de Tanama. Ele partiu de São Petersburgo no dia seguinte. Estávamos no fim do verão de 1902, e muito ocupados com os preparativos para uma guerra que parecia inevitavel. Tínhamo-nos esquecido já de Tanama quando um dia, em dezembro de 1902, recebemos um pacote por via diplomática, enviado pelo nosso agente em Tóquio. Continha os planos japoneses de ação em volta de Porto-Artur, nos mínimos detalhes, indicando onde desembarcariam as tropas, como seriam distribuidas, e quais os diversos objetivos de cada ataque.

Examinamos cuidadosamente esses planos, em que havia novidades de tática que nos surpreenderam. Tudo tinha sido elaborado com o mais meticuloso cuidado. «Os japoneses são minuciosos, mesmo ao imitarem uma obra de arte como esta,» disse o major Oblómov.

«Talvez isto seja autêntico,» arriscou um oficial.

«Tolice! É claro que um trabalho destes tem que apresentar o aspecto da maior autenticidade.» Esta era a opinião comum. E os planos foram encafuados num arquivo, e esquecidos...

Seis meses mais tarde, no verão de 1903, chegou-nos outro pacote de planos, pela mesma via, com os mesmos pormenores e a mesma meticulosidade. Estes eram planos de ação no sul da península da Manchúria, tendo como centro Mucdem. O cuidado com que tinham sido preparados aumentou o número de desconfiados da nossa repartição. Dois ou três oficiais achavam até que, para a hipótese de que os projetos pudessem ser verdadeiros, devíamos estudá-los cuidadosamente, e rever os nossos contra-planos correspondentes. Mas semelhante trabalho exigia uma revisão completa de toda a nossa tática de defesa.

Em fins de dezembro do mesmo ano, recebemos um terceiro pacote de planos, sobre a ação em volta do rio Ialú. Não houve, porem, ocasião, dessa vez, de termos as discussões habituais. Um dia ou dois após a chegada do pacote, veio a surpreendente notícia de Tóquio, informação quase incrivel—mas completamente confirmada pelo nosso adido militar alí: Tanama tinha sido apanhado a subtrair uns planos do Ministério da Guerra, e fora fuzilado como espião!

De princípio estávamos tentados a duvidar, suspeitando um engano dos japoneses. Mas todas as nossas fontes de informação nos garantiam a autenticidade do fato. E as últimas dúvidas desapareceram ao lermos, poucos dias depois, na imprensa de todo o mundo a notícia de que o príncipe Tanama, do Conselho Privado, se suicidara ao conhecer a morte deshonrosa de seu filho.

E nós guardávamos nos nossos arquivos três jogos de planos do exército japonês! Analizamo-los com toda a urgência, trabalhamos noite e dia a corrigir as nossas táticas, aproveitando-nos daquelas ordens de mobilização. E aí rebentou a guerra, em fevereiro de 1904 —a guerra de que resultaria a revolução de 1905, precursora da de 1917.

Em abril recuamos nas posições de Chiuliencheng, no rio Ialú. A batalha de 30 de abril de 1904 foi uma das mais importantes de que o mundo até então tivera notícia. Foi alí que, pela primeira vez na história moderna, um exército de raça amarela derrotou outro, de raça branca. Ao pensar agora nos japoneses, fazendo o que querem no Extremo Oriente, lembro-me do combate sobre o Ialú há quase trinta anos.

Tínhamos em nosso poder os planos dos japoneses; mas onde púnhamos um regimento para lhes fazer frente, havia dois regimentos à nossa espera. Onde instalávamos uma bateria de artilharia, eles tinham duas. E a batalha terminou com o nosso exército em fuga, com a retaguarda totalmente aniquilada, porque o seu flanco esquerdo, ao retirar, seguiu uma direção errada. E porque é que seguiu a direção errada? Só então eu soube, e o fantasma do capitão Tanama—se ele realmente foi fuzilado—sabê-lo-ia tambem.

Mas agora era tarde demais para uma revisão geral das nossas táticas, que tinham sido baseadas nos planos de Tanama. Fomos derrotados em Nasham, em Mucdem, em Porto-Artur. A história diz-nos que perdemos a guerra porque a estrada de ferro transiberiana não podia transportar homens e munições com a rapidez necessária. Não foi nada disso! Possuíamos homens em quantidade bastante, mais do que os japoneses; mas estavam sempre nos lugares onde não deviam estar.

Em dezembro de 1904, achando-me na frente, ouví o resto do caso, a um oficial japonês prisioneiro, a quem perguntei por Tanama.

«É um grande herói nacional,» respondeu-me o prisioneiro. «O Imperador condecorou-o e à sua família com a ordem do Sol Nascente.»

«Então ele não foi executado?»

«Foi sim senhor. Foi degradado e fuzilado como espião. Mas há poucos meses veio a público a sua verdadeira história, como ele abnegadamente preferiu ser degradado e fuzilado, para poder mais eficazmente enganar os russos. Isso para ele era grande honra.»

«E o pai?»

«Suicidou-se, é claro. Foi tambem uma grande honra.»

E assim perdemos a guerra russo-japonesa. Mas que é possivel fazer-se contra gente capaz de pôr-se diante do pelotão de execução ou suicidar-se, só para atraiçoar o adversário?

Escreve o autor, a propósito desta narrativa: «Quando ouví pela primeira vez o oficial russo, julguei tratar-se de uma invenção inacreditavel. Mais tarde conheci outros russos, que tinham pertencido ao Exército Imperial, e que me disseram ter ouvido tambem a história, havendo muita gente que a tinha por verdadeira.»

Um banhista de posto de salvamento chama a atenção sobre certos perigos que causam a morte de 7.000 pessoas por ano.

Não tem que morrer afogado

(Condensado do «Baltimore Sunday Sun»)

Por James W. Danner

«UM... DOIS... TRÊS...» O único recurso é a respiração artificial: «Um... dois... três... quatro.» Enquanto conto pausadamente os movimentos, sinto a morte que ronda em volta e parece que a vejo no rosto entumecido da criança e nos seus olhos apagados.

No silêncio da sala ouço os soluços contidos da mãe, e a voz do pai que procura acalmá-la. Finalmente levam-na embora. Os outros tambem já se foram, ficou só o pai que se agarra a um último fio de esperança, e com uma expressão vazia espera, olhando para o filho.

Meus músculos estão doídos, sinto-me entorpecido pelo cansaço, mas como posso eu parar—se aquele pai está alí envelhecendo a olhos vistos a cada minuto que passa! Tenho que continuar...

Já estamos usando o segundo tanque de oxigênio. Só há uma probabilidade contra mil de que este menino se salve, mas continuo a fazer os movimentos. Os minutos tornam-se horas, e sinto que o corpo está enrijecendo imperceptivelmente sob minhas mãos.

Finalmente acentua-se o *rigor mortis*; não adianta lutar contra isto, e me levanto trôpego de cansaço. Levam embora o homem, envelhecido e de cabeça baixa, sem ver nada na sua frente. Quero dizer-lhe uma palavra, mas não posso; minha garganta está seca e ardendo, sinto-me como se estivesse doente. Ajudo automaticamente a enrolar a criança num lençol e, quando levam o corpo, parece que se dilacera qualquer coisa dentro de mim.

E este é apenas mais um de muitos afogamentos. Sete mil pessoas, nos Estados Unidos, terão este triste fim ainda este ano, e muitos outros chegarão perto, perto demais, do desenlace fatal. Sete mil este ano, mais sete mil o ano que vem, e assim todos os anos, *quando se podia perfeitamente evitar isto!*

Faço parte do posto de salvamento de uma praia onde foram salvas 305 pessoas nos últimos três anos, e sei como é facil, mesmo aos melhores nadadores, se verem de repente em perigo de vida; mas tambem sei como se pode diminuir tal risco.

Quase todos os afogamentos são devidos à imprudência e à falta de bom senso: por isto, de acordo com outros *banhistas* profissionais, fiz uma lista de algumas das coisas que *não se devem fazer*:

Não se deve nadar para longe da praia, a não ser acompanhado de um barco. O primeiro choque da água fria estimula a circulação e dá uma sensação de força e energia; mas, cessado o estímulo, o nadador se sente de repente exhausto, e aí vê que já está muito longe da praia.

Teria sido muito mais prudente se houvesse nadado esta mesma distância *ao longo* da praia. Isto parece ser destas coisas que todo o mundo sabe; no entanto, a história sempre se repete, e vemos nadadores que mergulham cheios de entusiasmo e cortam a água em direção ao largo como se fossem atravessar o mar da Mancha! Nunca se ouviu dizer que alguem se afogasse tentando a travessia da Mancha, pois os que a tentam sabem muito bem o que fazem, e vão acompanhados de um barco. São os nadadores que querem fazer proezas sozinhos que se vêem subitamente em situações perigosas.

Por sinal que uma precaução muito aconselhavel é nunca nadar sozinho, ainda em águas pouco fundas: o nadador solitário corre sempre mais perigo que aquele que nada com um companheiro que, num momento de apuro, lhe possa prestar auxílio.

Não se deve nadar depois das refeições. Esperem-se pelo menos duas horas. Com o estômago cheio está-se sempre mais sujeito às terriveis caimbras de estômago, que contraem os músculos abdominais, dobrando a pessoa em dois. Muitas vezes elas podem causar paralisia de todos os músculos, e a pessoa vai para o fundo sem poder mexer um dedo para se salvar. Pode estar rodeado de amigos, e desaparecer tão subitamente que estes nem percebam. Este perigo é muito conhecido; no entanto todos os anos há os afoitos que se jogam na água de estômago cheio—e pagam com a vida a sua afoiteza.

Não se permaneça na água quando se começa a sentir frio. Ao fazer esforços com músculos cansados e frios, provocamos muitas vezes as caimbras do pé, da barriga da perna, e da coxa; as caimbras musculares são mais comuns, se bem que menos perigosas que as de estômago. Podem ser muito dolorosas e paralisar por completo os movimentos do membro afetado; mas o verdadeiro perigo destas caimbras está no estado de pânico cego e irrefletido em que ficam as pessoas, quando acometidas. Se não perdessem a calma poderiam provavelmente nadar até a praia, sem precisar usar o músculo que está em espasmo. Uma pessoa com bastante sangue-frio, pode mergulhar e fazer massagens com a mão na parte afetada. A dor de lado que se sente ao andar muito depressa não é caimbra.

Não se deve cair na água quando muito cansado ou com muito calor—principalmente depois de exercícios violentos. Isto exige do coração um esforço demasiado, que pode provocar a caimbra de estômago. Na verdade a maneira mais razoavel de se entrar na água é gradativamente, molhando o corpo aos poucos para diminuir o choque.

Não se atire na água para salvar alguem, não possuindo treino de salvamento. Na praia onde fica o meu posto, quarenta pessoas tiveram que ser socorridas o ano passado, quando tentavam salvar outras. Não conhecendo a técnica, deixaram-se agarrar pelo pescoço, e quase se afogavam tambem. Os banhistas mais experientes procuram, sempre que podem, não fazer o salvamento a nado, mas sim por meio de barcos, bóias, cordas, tábuas ou remos, e como a maioria das pessoas se afogam a dois passos da salvação, às vezes basta estender-lhes uma toalha do barco.

Não se deve lutar contra a corrente. Centenas de pessoas que sabem nadar muito bem, afogam-se todos os anos simplesmente porque não compreendem que não devem nadar contra a corrente, mas tentar sair em diagonal

Não perder a cabeça quando se sente que a correnteza puxa para fora. A correnteza que nos leva para fora é devida ao refluxo da água trazida pela ação das ondas até a praia. Não há o menor perigo de ser «puxado para o fundo». A correnteza poderá arrastar-nos para fora, para águas mais fundas, mas a próxima onda há-de trazer-nos de volta em direção à praia. É preciso nadar junto com a onda e descansar no refluxo, deixando-se levar pela corrente. Um pouco antes de cada onda, empurrem-se os pés para cima e ponha-se o corpo bem paralelo à superfície da água; depois «dê-se tudo», nadando com toda energia. Faça-se isto repetidamente, e ver-se-á que se chega cada vez mais perto da praia. Mas para isto é preciso, antes de mais nada, conservar a calma.

Alguns perigos são tão evidentes, que parece inutil mencioná-los; no entanto, todos os anos há pessoas que desafiam as regras mais elementares de prudência. Perguntamos a nós mesmos porque haverá sempre uns insensatos que pulam na água sem saber se vão ter pé, que nadam ao longo de cais ou de molhes onde as correntes são traiçoeiras e há muitos sorvedoiros; e outros que, sem saberem nadar, se arriscam longe da praia em bóias de ar; e finalmente, porque não obedecem às ordens dos banhistas sem discutir. Quase todos os pedidos de socorro, em dias de mar bravo, são exclusivamente devidos ao fato de não terem prestado atenção às recomendações dos banhistas.

Não se sinta por demais seguro só porque vê o banhista alí perto, na praia. Pode afogar-se sem que este tenha tido tempo de chegar em seu auxílio. O medo pode paralisar-lhe o coração, e a água, entrando pela boca, sufocar seus gritos de socorro; e quando o banhista chegar, seu corpo terá sido levado pela corrente; ele mergulhará à sua procura, mas quando o encontrar já será demasiado tarde.

Tenha-se isto sempre presente: a morte espreita-nos dentro da água, e morrer afogado é das peores maneiras de morrer—não se creia em quem disser o contrário! Convem portanto seguir estas regras tão simples de prudência e bom senso.

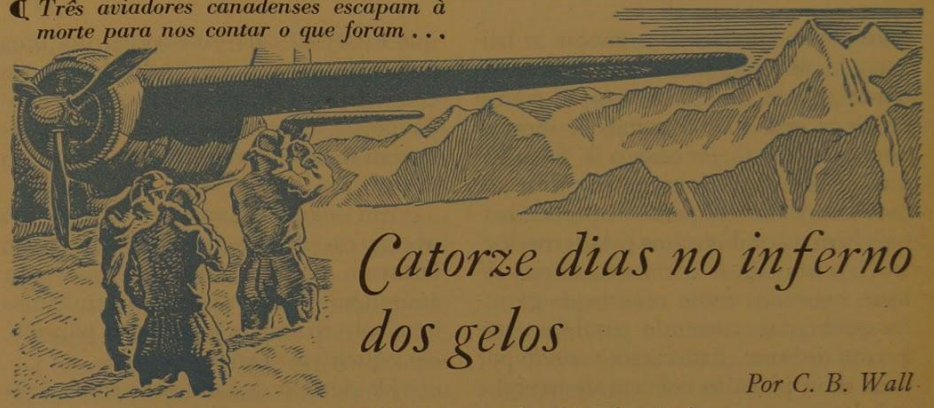
Fugir da chuva e cair no molhado

¶No começo da primavera, num dia ainda frio, uma das jovens dactilógrafas da Comissão de Munições do Exército e da Marinha foi trabalhar, vestindo calças de lã. O aquecimento da sala não ficou limitado aos costumeiros 18° e, ao elevar-se a temperatura, o ambiente tornou-se intoleravel para a moça. Finalmente, não podendo suportar mais o calor, apanhou um grande envelope oficial, e foi à saleta das senhoras, onde tirou as calças, colocando-as dentro do envelope. Voltando ao escritório, deixou-o sobre a mesa, de onde logo desapareceu.

Horas depois, as calças reapareceram, mas quando já haviam circulado por todo o Departamento. O envelope não somente tinha sido endereçado ao chefe da jovem secretária, mas tinha alem do mais a seguinte nota escrita em grandes letras vermelhas: «A todos os oficiais de marinha: Rubrique e passe adiante.»

Jerry Kluttz no *Post* de Washington

¶ *Três aviadores canadenses escapam à morte para nos contar o que foram . . .*



Catorze dias no inferno dos gelos

Por C. B. Wall

(Condensado do «Maclean's»)

«SE QUER SABER o que foram aqueles sete primeiros dias,» disse o oficial piloto David Goodlet, «convide dois dos seus melhores amigos a meter-se com você num cilindro de aço, e faça baixar a temperatura a uns 40° abaixo de zero. Para se alimentar enquanto lá estiver, coma metade de um biscoito de cachorro por dia, e para matar a sede chupe o gelo que a respiração condensada formar nas paredes do cilindro...»

Do seu assento junto ao radiador da sala, o sargento-mecânico Arthur Weaver ajuntou: «E alem disso não há-de saber onde está, nem se terá meio de sair dalí! Isso ainda foi o peor de tudo!»

Vamos, porem, aos fatos: dois meses atrás, quando conduziam um bombardeiro para Inglaterra, Goodlet, Weaver, e um terceiro membro da tripulação, o navegador Al Nash, todos canadenses, viram-se forçados a aterrar numa geleira da costa da Groenlândia. E alí conseguiram manter-se vivos, durante catorze dias, a uma temperatura de 40 graus abaixo de zero.

Estávamos agora conversando, Goodlet, Weaver e eu, no confortavel salão de um hotel de Toronto. Ambos pareciam muito jovens, mas estavam muito magros. Weaver contava apenas 21 anos, e Goodlet 22. Quanto ao terceiro, Nash, estava gozando uma licença no Winnipeg. Mas era como se alí estivesse conosco, sentado a conversar da sua aventura. Quando três homens sofrem juntos o que aqueles sofreram, nada mais os pode separar na vida.

A sala do hotel estava bem aquecida, mas Weaver não despira o seu pesado capote de serviço, e de vez em quando ia-se apoiar no radiador de aquecimento. «Há bem dois meses que nos tiraram daquela geleira,—comentou ele, como a desculpar-se—e parece que ainda não conseguí aquecer!»

Havia duas horas que tinham deixado para trás a Terra-Nova, quando se viram envolvidos num espesso nevoeiro. Depois, foi o rádio que deixou de funcionar. Goodlet esforçou-se para arrancar o avião ao mau tempo, fazendo-o elevar-se mais, mas o gelo começou a cobrir o aparelho, e este, sobrecarregado, recusou-se a subir. E durante as dezesseis horas seguintes, os três homens voaram às cegas, a uma altitude de 4.500 metros...

"Quando vi que só nos restava gasolina para mais meia hora de vôo, não

houve remédio senão começar a baixar,» disse Goodlet. «Fomos atravessando grossas nuvens, e sempre com o credo na boca, não fôssemos de repente estampar-nos de encontro à falda de uma montanha. Quando, por fim, saimos do nevoeiro, percebí que estávamos bem 24 quilômetros pela terra dentro! Avistavam-se serranias, cheias de bicos aguçados como montes de garrafas quebradas, correndo paralelamente à costa distante. Estávamos voando por cima dum planalto coberto de neves, e que baixava suavemente daquelas serras até o mar.

«A cerca de 150 metros de altura andei de um lado para outro à procura de um sítio para aterrar, porque o diacho do platô era todo cheio de fendas. Conseguí por fim assentar o aparelho em cima da barriga, como se diz cá na aviação...»

«Mas a coisa não foi assim tão simples como ele conta,» interrompeu Weaver, tomando nas mãos o fio da narrativa. «Aterrar num leito de neve profunda não é obra para qualquer piloto... Nem sequer deu um solavanco! O Al e eu gritamos de entusiasmo, e quando o Dave desceu da sua cabina de pilotagem, demos-lhe uma carga de pancada, pra lhe mostrar a nossa admiração, já se vê!

«O Dave saiu para olhar as coisas lá por fora, e enterrou-se na neve até a barriga. Puxamos ele para dentro, e fechamos a porta. Estava-se pondo o sol, e percebia-se que o vento, aumentando, começava a acumular neve contra o nosso aparelho. Dei um olhar ao termômetro: marcava 34 abaixo de zero...

«Resolvemos comer os sanduiches e beber o café, que nos tinham dado quando largamos da base. Mas quem foi que disse? O café estava que era uma pedra de gelo, e os sanduiches duros como tijolos! E alí ficamos nós, chupando pacientemente neles, até que ficassem moles o bastante pra se meter o dente.

«Em seguida fumamos, acendendo os cigarros uns nos outros. Cigarros não faltavam, porque levávamos 5.000 para amigos na Inglaterra—mas só tínhamos uma carteirinha de fósforos de papelão, e o isqueiro do Dave.

«De dez em dez minutos começávamos a dar murros uns nos outros, e a bater com os pés no chão e nos lados da carlinga, para aquecer: mas parecia que o frio nos ia penetrando a pouco e pouco. O Dave tornou a subir na cabina para ler o indicador de velocidade do vento: marcava 99 quilômetros à hora! O tufão era tal, que até dava a impressão de que a gente o sentia através da parede metálica do avião...

«Acho que não teríamos escapado àquelas primeiras vinte e quatro horas, se o Al não tivesse tido a inspiração de cortar em tiras os nossos paraquedas, para com elas enrolarmos o corpo e os pés. Cerca da meia-noite, o termômetro tinha baixado para 41 negativos, e nós batendo o queixo de frio! Resolvemos então ir de gatas para a cauda do aparelho, e deitar-nos alí uns em cima dos outros. O Al espichou-se primeiro no chão; eu deitei-me em cima dele e o Dave em cima de mim, e procuramos cobrir-nos o melhor possivel com a seda dos paraquedas. O calor acumulado pelos corpos reconfortou-nos um pedaço, mas nem assim deixamos de tremer de frio! Desta maneira ficamos a noite toda, revezando-nos no lugar do meio, porque o homem ensanduichado era o que gozava mais calor.

«Falamos a noite inteira, de tudo

quanto nos podia vir à cabeça. Decidimos racionar a caixa de biscoitos de ferro—era toda a comida que possuíamos—de modo a comermos um biscoito cada 24 horas. Mas os biscoitos não tinham mais de uma polegada quadrada de superfície e, apesar de serem um concentrado de vitaminas, sabiam a serradura que era um horror.

«Foi então que nos lembramos do Gandhi: desatamos a falar dele, e a deitar contas ao tempo que um sujeito poderia viver sem comer. Isso contribuiu para nos sentirmos mais dispostos, porque se o Gandhi, que é um velhote só pele e osso, pode viver 50 ou 60 dias sem comer, nós tambem podíamos! Ou assim quisemos convencer-nos. Mas da vantagem que Gandhi nos levava em questão de temperaturas, isso ninguem falou...

«Às oito da manhã entreabrimos a portinhola e olhamos para fora. O temporal de neve continuava, mas felizmente o termômetro tinha de novo subido para 32 negativos.

«Ainda estou a crer que a fome que passamos nessa segunda noite foi peor que a de todos os dias seguintes. Só nos lembrávamos dos jantares de Natal que tínhamos comido em meninos, e da quantidade de comida que então deixávamos no prato, desperdiçada! Ah, se fosse agora... E a dada altura, levantamos a mão direita e juramos solenemente que dalí em diante nunca mais deixaríamos comida nenhuma no prato!

«Enquanto falávamos, não parávamos de fumar, e íamos sempre nos revezando no lugar quente. Sentíamos os pés dormentes, e aterrava-nos pensar que eles podiam congelar e abrir caminho à gangrena.

«Assim continuaram as coisas por três dias. Na terceira noite, por volta das 11, o avião parou de vibrar, e percebemos que o vento tinha caido. A porta estava soterrada na neve, mas conseguimos desembaraçá-la, e saimos para o ar livre. O Al tomou logo as alturas com o sextante, com muito vagar e cuidado, e concluiu que estávamos um quase nada adentro do Círculo Polar Ártico, a uns 24 quilômetros do Atlântico e a 177 quilômetros do mais próximo lugar habitado que o nosso mapa indicava!

«Nessa altura não eram só os pés que tínhamos dormentes: o cérebro tambem estava um tanto anuviado; talvez por isso não nos sentimos grandemente alarmados, e pusemo-nos a falar sobre a maneira melhor de chegar ao tal lugar. Resolvemos encher o bote de borracha, arrastá-lo sobre a neve até o mar, e remar depois os 177 quilômetros de percurso. Mas como podíamos nós agora caminhar 24 quilômetros sobre a neve profunda e mole, se não tínhamos sapatos apropriados?... Entre a carga do avião encontramos algumas caixas com tampas de madeira laminada mesmo próprias para o que queríamos; metemos mãos ao trabalho, de canivete em punho, e pela manhã tínhamos cinco pares de sapatos de neve, bastante bons. Com a almofada que havia na cabina do piloto fizemos o sexto par.

«Ajuntamos então o material indispensavel—a bússola, a pistola Very, três sinais de socorro da Marinha, e a caixa de biscoitos. Mas ainda mal nos tínhamos aprontado para partir, quando o vento se levantou outra vez, e a neve em turbilhões nos envolveu numa cortina cinzenta. Ficamos tão abatidos que até perdemos a vontade de bater o papo...

«Na tarde desse dia, estando eu a dar voltas ao rádio, conseguí não sei como pô-lo a funcionar, e apanhei um aero-

porto canadense, mas muito fraco e sumido. Comecei logo a emitir sinais de SOS e as coordenadas da nossa posição, e quase no instante em que as minhas baterias davam o derradeiro suspiro, ainda pude apanhar o sinal de *ouvido*...

«Tinha ambas as mãos tão geladas, que por fim já batia na tecla com o punho! Mas o fato de termos conseguido transmitir aquela mensagem foi o bastante para nos dar novo ânimo, e passamos mais dois dias e duas noites falando, fumando, e, de longe em longe, beliscando uma migalha—porque a ração diária era agora de ¼ de biscoito por dia...

«O vento e o frio não amainavam, e o interior da carlinga foi-se a pouco e pouco cobrindo de gelo, que chegou quase a atingir oito centímetros de espessura. Dava a impressão de que o gelo ia apertando o cerco em cima da gente, e a única coisa que podíamos fazer, para evitar que ele se formasse, era parar de respirar.

«Já tínhamos a boca toda dorida e ensanguentada, de chuparmos neve e gelo; mas por mais que o fizéssemos não havia maneira de acalmar aquela sede. Nenhum de nós tinha dormido desde a saida da Terra-Nova; entretanto, já nem nos parecia que estivéssemos cansados, nem sequer esfaimados.

«Na manhã do sexto dia o tempo levantou, e pusemo-nos a encher o bote de borracha com o tubo de anidrido carbônico comprimido. Destruimos a alça de bombas, queimamos todos os papéis,—a chama serviu-nos para «derreter» uma chícara de café—e metemos a caminho. Mas o bote de borracha custava a arrastar, e não podíamos fazer 50 metros sem perder o fôlego. Em duas horas conseguimos cobrir apenas 400 metros! E a neve recomeçou a cair... Sabendo que, naquelas condições, não nos seria possivel durar muito tempo, demos meia-volta, encaminhamos-nos outra vez para o avião, e alí nos encafuamos de mau-humor.

«Na tarde seguinte o tempo tomou uma feição pândega: a temperatura disparou uns 30 graus para cima, e desatou a chover. Quando saíamos da carlinga, só parecia que era para entrar nos trópicos. A neve virou lamacenta, e caminhar tornou-se ainda mais dificil do que na véspera; mas apesar disso, recomeçamos a marcha até o escurecer.

«Nessa noite as vestimentas de vôo e as botas gelaram-nos no corpo, que pareciam de ferro. Levantamos o bote à maneira de biombo, apoiando-o nos remos de alumínio, e deitamo-nos ao abrigo do vento durante as dezessete horas seguintes de escuridão.

«Assim que clareou a manhã, partimos de novo direitos à costa. Para contornarmos o primeiro despenhadeiro, tivemos que desviar-nos do curso bem um quilômetro e meio! Ouvimos então o rumor de um avião. Precipitamo-nos para fazer funcionar os sinais de socorro. Só um funcionou, mas foi o bastante. O avião começou a circular por cima de nós, muito baixo, e largou uns paraquedas pequenos, com comida, roupas, camas-sacos, uma garrafa de whiskey, sapatos de neve, 30 metros de corda, e uma nota com instruções.

«Envergamos logo roupas secas, e abrimos as rações que foram divididas em refeições separadas. Começamos por comer o pequeno-almoço, e só paramos de comer quando tínhamos papado o jantar! A nota aconselhava-nos a amarrar-nos uns aos outros com a corda, e a marchar para a costa em linha tão reta quanto possivel. Chegados alí, um barco de patrulha nos recolheria. Tendo

acabado de comer, metemo-nos nos sacos e dormimos—pela primeira vez em nove dias! Acordamos uma hora depois estremunhados. Nessa noite a chuva e o granizo encharcaram-nos o vestuário, e as camas-sacos, que depois congelaram. Dava um frio horroroso estar deitado naquele atoleiro, de modo que ficamos de pé pelas 17 horas seguintes, segurando os sacos por cima da cabeça para nos abrigar da chuva. Não ousávamos dar um passo nas trevas, por causa daquelas malditas feridas abertas na geleira.

«Na manhã seguinte caiu-nos em cima um espesso nevoeiro, que nos obrigou a ficar no mesmo lugar. Passamos o dia dando massagens nos pés, todos inchados. Doiam como o diabo, e era uma tortura caminhar com eles metidos naqueles sapatões de neve. Fizemos fricções com umas gotas de whiskey, o que nos aliviou bastante. Na tarde seguinte, pelas duas e meia, o nevoeiro dissipou-se, e continuamos a arrastar-nos por sobre a neve. Sentíamo-nos agora enfraquecidos, e vimo-nos forçados a abandonar os sacos de dormir.

«A temperatura tornou a cair muito essa noite, e abraçamo-nos uns nos outros para dormir. Foi um erro, porque daí a uma hora estávamos os três reduzidos a um sólido bloco de gelo. Parecíamos as Três Graças. Mas o bonito foi quando a gente se quis separar! Custou-nos o melhor da nossa energia, quebrar aquele amplexo.

«Acho que foi nessa noite que começamos pela primeira vez a duvidar da possibilidade de ir até o fim. A massa de gelo debaixo de nós estava-se abalando, e de hora em hora, aproximadamente, ouvia-se um rumor como de trovão rolando entre as serranias...

«O Al disse então que devíamos cantar um hino. Nenhum de nós conhecia hino algum, excepto o *God Save the King* e o *Praise the Lord and Pass the Amunition**. Foi o que cantamos! Fez-nos sangrar os beiços e a boca, mas a verdade é que nos sentimos bastante melhor.

«O dia seguinte amanheceu claro, e fizemos uma boa etapa, se bem que o número das fendas na geleira aumentasse à medida que nos acercávamos da costa. A essa altura já caminhávamos e pensávamos como verdadeiros autômatos. Nem já medo sentíamos quando chegávamos à beira de uma delas—e havia algumas com bem 300 metros de profundidade! Muito sossegadamente, recuávamos e íamos dar a volta ao abismo.

«Deviam ser 3 e meia, na tarde do dia seguinte, quando avistamos qualquer coisa que nos pareceu um barco a remos em pleno campo de neve, longe. Um navio! Esquecemos as dores de pés, a sede, o cansaço, e empenhamos tudo o que restava de nossa energia nos últimos três quilômetros que nos separavam do litoral.

«Atingimos a aresta da geleira mesmo antes do anoitecer, e encontramo-nos à borda de uma falésia vertical de gelo, a bons 75 metros de altura acima da costa. Com o isqueiro de Dave tentamos incendiar os nossos capotes, mas estavam muito úmidos, e não arderam.

«Aí pelas sete o navio lançou uns foguetões e começou a varrer a costa com os seus possantes holofotes. Começamos todos três a dar pulos e a berrar com quanta força tínhamos, cada vez que os projetores passavam por nós como a cauda de um cometa. Entretan-

**Deus guarde o rei*, que é o hino inglês, e a canção de guerra *Louva a Deus e passa a munição*.

to, os raios das luzes nunca paravam em cima da gente! Pareciam cegos. Ao amanhecer vimos um avião largar do pé do navio. Gritamos e agitamos no ar os nossos capotes. Mas qual, o piloto não nos avistou! Não tardou muito que virasse de rumo e voltasse ao navio.

«Ao escurecer, o barco fez-se ao largo. Nem dissemos palavra. Alí ficamos, mudos, no alto daquele morro de gelo, seguindo-o com os olhos até que a noite o enguliu de todo.

«Então julgamos de verdade que éramos três homens liquidados. Não nos restavam sombras de força para regressar ao avião, e entretanto sabíamos que não poderíamos aguentar ao ar livre nem mais uma noite com 40 graus abaixo de zero.

«Tinha anoitecido havia uma hora quando o Dave falou: achava ele que os capotes deveriam estar a essa altura secos o bastante para poderem arder. Reduzimos parte deles a tiras. O combustivel já ia faltando no isqueiro do Dave, e foi precisa muita faisca para ele se acender. Mas quando finalmente se acendeu, a chama pegou no capote, e uma grande labareda fulgurante subiu!

«Tão depressa as chamas brilharam, o navio lançou uma girândola de foguetões, e a lâmpada de sinais de bordo começou a piscar. Eu li os sinais Morse: *Desviem-se da borda da geleira e marchem para o sul ao encontro do grupo de socorro.*

«Berramos de entusiasmo e começamos a dar murros uns nos outros. Que sensação formidavel! Essa noite, nem de propósito, havia um luar lindo, e foi-nos mais facil arrepiar caminho entre as depressões, para seguirmos o declive da geleira.

«Uma brigada de socorro veio recolher-nos seis horas depois, e conduzir-nos ao vapor. Era um guarda-costas da Marinha Americana, e a tripulação nos tratou como se fôssemos recem-nascidos. O capitão confessou que já nos tinha dado como perdidos quando viu a chama que fizemos.

«A mim parecia-me que tínhamos gozado de quase perfeita saude durante todo aquele tempo; mas o médico de bordo disse-nos mais tarde que nós chegamos numa espécie de crepúsculo entre a razão e a loucura, e que não teríamos provavelmente resistido a outra noite e um dia.

«A coisa que mais pareceu interessar-lhe foi o fato de não termos dormido senão cerca de duas horas durante aqueles catorze dias. Deu-nos uns remédios para nos fazer dormir, mas nem na cama-enfermaria eu conseguia dormir mais de uma hora seguida. Acordava, achava o Dave e o Al já acordados, fumando e falando, tal qual quando estávamos ainda no avião.

«E assim tem continuado desde então. Nem o Dave nem eu conseguimos ainda dormir mais de uma hora de cada vez. Não sei como será com o Al, mas sou capaz de apostar que ele acorda tambem no meio da noite, batendo o queixo de frio, e com um medo danado de ainda estar em cima daquela geleira ..»

Perguntei-lhes por último a que atribuiam a energia que lhes tinha permitido suportar tudo aquilo. Nem o Weaver nem o Goodlet responderam logo. Até que o primeiro disse vagarosamente:

«O Dave tem mulher e uma filhinha. O Al estava muito preocupado com a mãe, uma velhinha que vive só, lá para o Winnipeg. E eu, sou casado. Percebe o que eu quero dizer? Tínhamos alguma coisa que nos prendia à vida...»

Modestas sugestões para travar novos conhecimentos.

Todos têm graça, seja no que for

(Condensado do «Rotarian»)

Por Gellet Burgess

NADA MAIS interessante nesta vida do que fazermos novas relações. Não quer isso dizer que vivamos a ser apresentados a astros ou estrelas do cinema. Qualquer João Ninguem pode proporcionar-nos o mesmo interesse, se soubernos apreciar como a gente comum é divertida.

Certa noite, em um melancólico restaurante, perguntei a uma garçonete se ela não se cansava de estar alí sempre a olhar as pessoas, comendo e comendo...

—Qual nada! disse ela.—Nunca se sabe quem vai ser o próximo freguês. E todos são diferentes. Nada mais divertido do que ver como eles são.

—Mesmo quando são grosseiros ou impertinentes?

—Sim, disse ela, rindo.—Para mim é como se todos fossem artistas de cinema, representando aquí os seus papéis. Hoje mesmo apareceu por aquí um sujeito que era um verdadeiro Mickey Rooney. Acredite-me, são uns *números!*

Aquela pequena tinha um dom raro e precioso. Podia pensar objetivamente. Sabia achar interesse nas pessoas e divertir-se com elas, quer lhe fossem simpáticas ou antipáticas. Quando conseguimos tal objetividade, em nossa observação, é como se todos estivessem simplesmente tomando parte em uma representação, com o único fim de nos divertir. Assim as excentricidades e o modo de ser das pessoas que vemos todos os dias podem distrair-nos tanto ou mais que uma boa representação teatral.

Nada mais instrutivo do que observar, sem *parti-pris*, as nossas novas relações ou mesmo ocasionalmente os nossos amigos. Porque, se os situarmos mentalmente dentro de uma moldura imaginária, eliminando o fundo social ou material em que se projetam, poderemos vê-los sem preconceitos e notar muita coisa em que nunca havíamos reparado. Podemos conhecer uma pessoa durante anos sem que, entretanto, tenhamos muita informação pessoal a seu respeito. A familiaridade faz muitas vezes com que nos acostumemos ao pensamento de que alguem é bom ou mau, inteligente ou estúpido, simpático ou não a nós, sem realmente sabermos porque.

Os escritores, sempre à procura de tipos pinturescos, analisam os seus caracteres objetivamente. Não se vá supor que Dickens, quando pela primeira vez deparou com o original de Uriah Heep, logo se impressionou pela sua hipocrisia. Nada disso; provavelmente estava muito interessado em observar a falta de sobrancelhas de Uriah, ou a maneira humilde como esfregava as mãos.

Experimentemos o método com uma velha parenta, quando tivermos que lhe fazer uma visita obrigatória. Ela é cacete? Não importa. Estudemos suas expressões, seus gestos, as intonações de sua voz, como se fôssemos descrevê-

la num romance. Não ficaremos com sono como dantes, pois agora ela de fato nos está despertando interesse.

Embora seja divertido simplesmente olhar os outros, o fato de que toda peculiaridade observada tem uma significação faz com que as nossas observações sejam não somente divertidas como valiosas. Interpretando os caraterísticos humanos, nosso prazer passivo se torna ativo, estimulando a nossa imaginação.

Nada mais interessante do que fazer a alguem um elogio merecido, mas não esperado: o resultado é fascinante como uma reação química. Vejamos, tambem, na próxima ocasião, como é que uma pessoa recebe o dinheiro que lhe entregamos: o modo de tomá-lo, com ou sem cuidado, logo revela se se trata de um mão-aberta ou de um cauira. Se é uma criança, a quem damos uma quantia, é provavel que saia aos saltos, com o dinheiro na mão já antecipando o prazer de gastá-lo. Se é um amigo a quem pagamos uma dívida, ele aceitará o dinheiro quase obrigado—a não ser que jamais esperasse recebê-lo, e, nesse caso, tratará de guardá-lo logo, em segurança.

Não podemos realmente conhecer alguem senão depois de certo trato. Ninguem, geralmente, se revela à primeira vista tal como é no íntimo. Fazer conhecimento é um processo que se assemelha muito a desembrulhar uma múmia. Tudo o que se diz é revelação do carater. Se soubermos como, poderemos penetrar uma por uma as «camadas» que formam uma conversação, até atingir o verdadeiro «eu» de outrem—seja rei, escravo, ou um respeitavel salafrário. E somente num caso, entre mil, descobrimos essa coisa mais rara do mundo, que é um amigo.

Para que um novo conhecimento se torne realmente uma aventura, entretanto, é necessário não deixar a natureza seguir o seu curso. Há nisso verdadeira arte, que exige o seu método próprio. Com uma espécie de conversação de reconhecimento, descobre-se o que mais interessa aos outros, deixando que continuem a falar sobre os assuntos preferidos.

Basta estarmos de olhos e ouvidos abertos para desvendarmos os motivos que podem despertar o interesse de alguem. Suponha-se que estamos num trem. Observemos então o que o nosso vizinho está lendo: o gênero de leitura geralmente identifica um indivíduo. O modo de vestir pode sugerir o seu grau de refinamento ou as suas possibilidades nos negócios. Conseguir entabolar conversação, procurando ver de onde ele é, não será dificil. Depois, é deixá-lo falar,—enquanto ouvimos. É quase certo que obteremos informações curiosas.

O que torna valiosos esses novos conhecimentos é o fato de que toda pessoa que encontramos usualmente sabe algo que ignoramos. Todos são especialistas em qualquer assunto. Recentemente, em uma viagem de trem, consegui, de um homem que ia ao meu lado, uma lição completa sobre isolantes: de que fibras são feitos, há quanto tempo estão em uso, os benefícios que trazem a uma casa. E certo cavalheiro que encontrei num jantar forneceu-me os mais fascinantes detalhes a respeito do comércio de joalheria, coisa de que eu nada conhecia.

Certa feita, o falecido John M. Siddall, editor do *American Magazine*, escreveu o seguinte:

«Para acumular conhecimentos, é necessário ler, estudar, olhar à volta, fazer perguntas. Uns fazem-nos, outros não. Perguntar requer humildade. Todavia, os homens mais notaveis são eternos indagadores de fatos.»

Depois da publicação do *Captain Courageous*, de Rudyard Kipling, alguem perguntou ao capitão, em cujo barco Kipling viajara até Banks, como era o escritor inglês.

«Tipo curioso», disse o capitão. «Grandes bigodes e olhos microscópicos. Tinha seis orelhas e me fazia um milhão de perguntas.»

Kipling era um homem que encontrava aventura e proveito em travar conhecimentos. Sabia que há algo de divertido em toda a gente.

Respostas ao questionário E VOCÊ PENSA QUE É ESPERTO

(**Vide Pág. 19.**)

1—Três minutos. Cada gato leva 3 minutos para matar um rato.
2—Vinte e cinco centavos.
3—Nem um nem outro, pois 7 x 8 = 56.
4—Só depois de estar no outro mundo é que um homem *tem* viuva...
5—No vigésimo oitavo. No fim de 27 dias ele subiu 27 pés, e só no 28º chegou em cima.
6—Três. A segunda meia talvez combine com a primeira, e a terceira certamente será de mesma cor que a primeira ou a segunda.
7—Terá as duas que tirou, naturalmente.
8—Não adianta mais correr. Já terá perdido o trem no primeiro quilômetro.
9—No fim de 59 minutos. Se a cesta estava cheia no fim de 1 hora é porque estava meio cheia no fim de 59 minutos.
10—Com nove.
11—Nunca. O navio e a escada tambem subirão com a maré.
12—Era um avô um pai e um neto. Um deles era pai e filho ao mesmo tempo.
13—Cinco dólares. 2 em mercadoria e 3 em dinheiro.
14—Três patos, um atrás do outro.
15—Doze.
16—Os dois filhos vão juntos, um fica na margem oposta e o outro traz o barco de volta. O pai vai então sozinho para o outro lado. O filho que está lá vem com o barco buscar o irmão.
17—O bicho comeu 802 folhas. Olhe para uma coleção de livros e veja porque o bicho não comeu 99 folhas do primeiro e 99 folhas do último.
18—Como era possivel saber que Cristo apareceria 647 anos depois?
19—O ministro tirou um papel e rasgou, depois mostrou ao juiz o papel que restara no chapéu, o juiz lendo «Sai» concluiu que no papel que o ministro tirara devia estar escrito «Fique».
20—Em nenhum: porque foi Caim que matou Abel.

A esparrela em que Hess caiu

(Condensado do «American Mercury»)

Autor Anônimo

Com um golpe de mestre, o Serviço Secreto Inglês embrulhou Hitler, num momento para ele decisivo da guerra . . .

As razões por que Rudolf Hess, que foi a mão-direita do Fuehrer e um dos líderes mais categorizados do nacional-socialismo, se decidiu um dia a tomar o caminho da Escócia pelo ar, constituiram até hoje um mistério que as esferas oficiais se não deram ao trabalho de desvendar. Decorridos porem dois anos, há muitos cidadãos ingleses e alguns americanos que sabem hoje exatamente por que motivo o lugar-tenente de Adolfo Hitler caiu um dia das nuvens sobre a Inglaterra. Naturalmente, alguns pormenores do estranho caso são conhecidos apenas do Intelligence Service e de certos funcionários de categoria superior; outros, por motivos de alta política, estão envoltos num espesso véu de segredo. Mas os fatos essenciais podem ser agora divulgados sem perigo.

O caso de Rudolf Hess é uma das mais absorventes intrigas que ilustram os anais secretos das relações entre os estados.

E diga-se desde já: Rudolf Hess *não fugiu* da Alemanha. Mensageiro precoce de paz, foi sob as ordens de Hitler que partiu para a Inglaterra, onde era esperado por um reduzido número de individualidades inglesas. Para tudo dizer, o delegado nazí teve até, na última fase da sua aventurosa viagem, a honra de ser escoltado por alguns aparelhos da RAF...

Pelos começos de 1941 o Fuehrer chegara à conclusão de que lhe era impossivel adiar por mais tempo a sua «guerra santa» contra a Rússia Soviética. Tinha falhado lamentavelmente (para ele) a tentativa de reduzir a Inglaterra à impotência, antes de despedir o *blitzkrieg* contra o Leste europeu. A alternativa que lhe restava era chegar a um entendimento com a Inglaterra, e ficar desse modo com as costas quentes no ocidente, para poder concentrar toda a sua fúria destrutiva em cima da Rússia.

Em janeiro desse ano Hitler saiu-se com uma manobra de sondagem diplomática: procurou indagar qual seria a atitude dos ingleses quanto à entabolação direta de possiveis negociações de paz. Essa sondagem teria sido levada a cabo não junto do governo inglês, mas de um grupo de pessoas influentes na Inglaterra, entre outras o duque de Hamilton, membro da «Sociedade de Camaradagem Anglo-Alemã», que desde então se despretigiou por completo. Serviu-lhe de «correio» um famoso diplomata, e os alemães douraram a pílula da sua proposta com palavras de paz e amizade «nórdica»... Prudentemente, sem nenhuma das partes se arriscar demasiado, foi-se elaborando um plano. Quando os alemães viram repudiada a sua proposta de negociações em território neutro, ofereceram mandar um emissário à Inglaterra.

Decidiu o Fuehrer que o seu delegado seria um nazista de alto coturno, homem de prol,—alguem cujo nome estivesse diretamente associado ao seu próprio, e cuja presença não pudesse deixar de prender as atenções e impor respeito. Teria de ser um homem capaz de falar oficialmente pelo governo do Reich, e de assumir responsabilidades em nome do próprio Fuehrer. A escolha tinha, como é óbvio, de recair sobre Walter Richard Rudolf Hess, número 3 do partido, lugar-tenente de Hitler e seu mais íntimo amigo, que fora educado nos meios ingleses de Alexandria (Hess nasceu no Egipto), falava perfeitamente o inglês, e «compreendia a mentalidade britânica».

Levaram tempo os ingleses a replicar à proposta de Hitler; mas esta foi, ao cabo de contas, aceita. De maneira que a 10 de maio, após quatro meses de intrincadas negociações, Hess empreendeu seu vôo crepuscular.

Uma coisa ignoravam os alemães, e era que vinham lidando com agentes do Serviço Secreto Inglês, os quais se serviam dos nomes—e até chegaram a imitar a letra—do duque de Hamilton e de outros eminentes cavalheiros da Sociedade de Camaradagem Anglo-Alemã... A mensagem que servira de ponto de partida às negociações, trazida em janeiro da Alemanha pelo tal diplomata eminente, nunca chegara ao destino que lhe tinham marcado; fora interceptada pelo Serviço Secreto! E daí em diante, toda a correspondência foi obra exclusiva dos astutos agentes ingleses. Eram assim remetidas para Berlim respostas intencionalmente cozinhadas para fazer crescer a água na boca dos ingênuos alemães, e temperadas de modo a levá-los a crer que a Inglaterra estava em ânsias por se desenrascar das suas dificuldades militares.

Na mesma noite em que Hess o egípcio empreendia seu vôo de «paz e amizade nórdica», a Alemanha atirava sobre Londres a maior força de bombardeiros que a capital já vira. Súbito, uma estação avançada de escuta, da costa escocesa, anunciou a aproximação de um aeroplano cujo piloto não se identificara convenientemente. Pela velocidade do vôo, tratava-se com certeza de um avião de combate. . . . Como sempre, sua posição foi logo marcada no imenso mapa da Sala de Operações Aéreas—muito para o norte, ao largo da costa da Escócia, com uma seta indicando que voava para Oeste.

Consultado sobre o caso, o oficial chefe do Comando de Combate explodiu: «Co'os diabos, dêem-lhes ordem para o não abaterem!»—assim se diz que ele bradou. Foram imediatamente despachados dois Hurricanes ao encontro do misterioso avião, com instruções para o forçar a descer, sim, mas não para o derribar a tiro. E enquanto as pequenas setas vermelhas, na mesa de operações aéreas, se iam deslocando através da Escócia, os oficiais superiores do Comando de Combate seguiam-nas com absorvente interesse. . .

Perto da aldeola de Paisley, quase na costa ocidental, as setas se detiveram. «Já está!—parece ter murmurado entre dentes o oficial comandante. —Graças a Deus!»

Entretanto, um pequeno lavrador de Lanarkshire, na Escócia, ao ver cair dos ares um paraquedas «ocupado», correu direito ao sítio da aterragem empunhando a sua bem aguçada forquilha: «Diga já se é um inimigo, ou se é um dos nossos!» bradou o corajoso soldado

da defesa civil. E a resposta, conquanto em excelente inglês de Oxford, veio com certa dificuldade, porque o viajante tinha luxado um pé, e a dor fazia-o suar e gemer: «Inimigo, não. Amigo dos ingleses. . .»

O lavrador amparou-o até a cozinha da sua casa, e alí, rodeado imediatamente pela brigada de defesa civil, o homem caido do céu confessou que vinha da Alemanha e se dirigia para o aeródromo particular do senhor duque de Hamilton, seu amigo, a uns quinze quilômetros do sítio. «Queiram mandar dizer ao duque que chegou o seu amigo Alfredo Horn,» rogou ele.

A essa hora, com efeito, já uma espécie de «comissão de recepção oficial», composta de oficiais da Inteligência Militar e agentes do Serviço Secreto, estava esperando no aeródromo do nobre duque de Hamilton. A única falha nos planos de Hess fora aquela aterragem forçada, quando a gasolina se lhe acabou. E essa falha foi, pela certa, a causa de ter-se logo espalhado a notícia da viagem aérea de Rudolf Hess.

Quando a «comissão de recepção» ouviu dizer que o visitante sofrera um leve acidente, correu logo ao seu encontro para o conduzir sem demora, e com todas as deferências, ao quartel de Maryhill, perto de Glasgow. O diplomata-aviador ofereceu nessa altura uma nova versão do seu vôo: «Estou aquí—disse ele—para salvar a humanidade. Meu nome é Rudolf Hess.» Deu a entender que a sua visita era esperada por alguns ingleses de categoria,—declaração muito mais próxima da verdade do que o pseudo-foragido podia imaginar!

Hess vinha preparado para estabelecer contacto indireto com o governo inglês. Mas na realidade, o contacto que o sr. Winston Churchill lhe preparara era muito mais *direto* do que poderiam prevê-lo as suas expectativas! Um tal Ivone Kirkpatrick, que fora um dos super-espias ingleses durante a Primeira Guerra Mundial, e passara nos anos seguintes à posição de conselheiro da Embaixada Britânica em Berlim, partiu de avião para a Escócia, com o fim de receber das mãos de Hess o plano de «paz», que depois transmitiria diretamente ao governo inglês. Nem o próprio Herr Hitler teria ousado esperar tanta solicitude e cooperação. A despeito da inexplicavel ausência do duque de Hamilton, Hess ainda estava convencido de que se encontrava em contacto com intermediários da Sociedade de Camaradagem Anglo-Alemã. . .

O amigo íntimo de Hitler passou pois para as mãos de Kirkpatrick todos os pormenores da proposta de armistício e paz do seu Fuehrer. Mostrava-se entusiasmado e loquaz. O texto estenográfico do que ele então disse, encheu muitos cadernos de apontamentos. . . E uma vez que o aeronauta vinha convencido de que a Inglaterra estava batida e conciente disso, o tom da sua linguagem era o de um vencedor magnânimo que vem oferecer a tábua de salvação ao adversário perdido.

Os pontos essenciais da proposta eram, em resumo, os seguintes: Hitler oferecia a cessação total de hostilidades no Oeste. A Alemanha evacuaria toda a França, com excepção da Alsácia-Lorena. Continuaria a ocupar o Luxemburgo, mas deixaria a Holanda, a Bélgica, a Noruega e a Dinamarca. Alem disso, o Fuehrer estava pronto a evacuar a Iugoslávia, a Grécia, e de modo geral a bacia do Mediterrâneo, prometendo mesmo intervir com seus bons ofícios para conciliar a Inglaterra e a Itália. Em retribuição dessas concessões, a Inglaterra anuiria a assumir uma atitude de neutralidade benévola para com a Alemanha nas questões da Europa oriental.

Hess explicou com eloquência o alcance histórico da missão hitlerista no oriente, cujo objetivo era «salvar a humanidade», e mostrou de que maneira a Inglaterra e a França se tornariam os arsenais do livre capitalismo em luta contra o comunismo asiático. A Alemanha, segundo ele teve o cuidado de acentuar, tomaria toda a produção das indústrias de guerra dos aliados, até o momento em que elas pudessem ser re-convertidas à estrutura industrial da paz, evitando-se dessa maneira nova crise econômica. Informações sobre os planos militares de Hitler no Leste europeu, não as deu ele. Isso, segundo fez notar, era problema para a Alemanha resolver por si só.

O emissário-voador do Fuehrer levou dois dias a desembrulhar a meada das propostas. Acentuou que o seu chefe não se prenderia demasiado com ninharias, pequenos detalhes,—a verdade, a verdadinha franca era esta: a Inglaterra ditava praticamente as suas condições de paz! Queriam nada mais generoso? Hitler, esse verdadeiro filantropo, estava ansioso por pôr termo a esta «guerra insensata" com uma nação irmã—e, escusado é dizê-lo, ansioso por ter garantida a retaguarda enquanto andasse na sua Cruzada pelos orientes.

Com o plano alemão convenientemente anotado nos seus canhenhos, Kirkpatrick voltou a Londres e encaminhou-se para o célebre número 10 de Downing Street. O plano foi comunicado para Washington. Queria-se a opinião dos Estados Unidos. O presidente Roosevelt confirmou a decisão de Churchill. A resposta seria redondamente: NÃO! Londres e Washington fizeram repetidos esforços para prevenir a Rússia do temporal que se avizinhava. Os chefes russos ou não acreditaram, ou fizeram que não acreditavam.*

A decisão dos Aliados não foi logo transmitida a Rudolf Hess; deu-se-lhe a entender apenas que a proposta estava sendo minuciosamente estudada. Tão depressa o pé torcido lhe permitiu andar, foi levado a Londres para conversar com Lorde Beaverbrook, Alfred Duff Cooper e outros membros do gabinete. Mas o sr. Churchill indeferiu sempre as suas repetidas instâncias para se avistar com ele.

Só depois de ter despejado completamente o «saco», e quando já não se podia espremer dele mais nenhuma informação, é que Hess foi informado de que o seu plano fora rejeitado, e de que a Inglaterra já tinha feito uma aliança com a Rússia. O lider nazí ficou tambem sabendo que o Serviço Secreto Inglês se tinha intrometido nas suas negociações com a gente da Camaradagem, e que tanto o duque de Hamilton como qualquer dos seus «camaradas» só tiveram notícia da esperada visita quando toda a gente na Inglaterra ficou sabendo dela publicamente. O choque e a desilusão foram tremendos, mesmo para um nazista de tão alto calibre, e o pobre Rudolf atravessou uma crise de nervos, embora sem carater grave; durante algum tempo o boato, espalhado pelo nazismo, da «loucura» de Hess, não andou muito longe da verdade. O seu estado de alma era tal, que quando lhe levaram a notícia do afun-

*Hess aterrou na Inglaterra a 10 de maio. A Alemanha invadiu a Rússia a 22 de junho seguinte.

damento do super-couraçado *Bismarck*, o Fuehrer número 3 chorou um dia inteiro.

Hess reclamou então que o deixassem regressar à Alemanha: viera, em seu parecer, no carater de emissário, e tinha direito à passagem de regresso e ao salvo-conduto. Mas o governo inglês é que laborava noutra ordem de idéias: o sr. Hess tinha vindo como emissário, é certo,—mas endereçado a cidadãos particulares, e não ao governo. E nessas condições não podia deixar de ficar prisioneiro de guerra, embora de natureza muito especial.

Ficou pois detido na casa senhorial de uma vasta propriedade na Inglaterra, gozando de consideravel liberdade de circulação nos bem guardados domínios. Ao que parece, leva a maior parte do tempo lendo.

Quando a guerra tiver chegado ao termo, e for possivel narrar esta história em todos os seus pormenores, o incisdente Hess ficará como um dos maialtos feitos do Serviço Secreto Inglês.

Instantâneos Pessoais

¶ Num dia de verão de céu ameaçador, achava-me sentado no meu automovel, num parque de estacionamento em Mineola, em Long Island, quando vejo um senhor alto, de certa idade, e vestido com distinção, que se encaminha para o carro ao meu lado. Começaram a cair grossos pingos de chuva e ele apressou o passo; ao vê-lo, o chofer pulou fora do carro e abriu-lhe a porta, desabando o aguaceiro logo depois que ele se tinha sentado no automovel.

«Que sorte!» disse ele com alívio.

Mas logo após vi que procurava alguma coisa nos bolsos. «Deixei um molho de chaves no escritório do juiz municipal. Tenho que ir buscá-las.»

«Não se incomode, eu vou lá,» disse o chofer.

«Não, muito obrigado. Não vejo por que você há-de se molhar na chuva, se o esquecimento foi meu.»

E levantando a gola do paletó foi pela rua em plena chuvarada. E este homem não era senão J. P. Morgan.

John E. Bierck

¶ Há um ano atrás, o general Spaatz, que depois tomou parte na campanha da Tunísia, achava-se no terraço de um edifício em Londres, observando um ataque aéreo. A pontaria dos nazistas era louca, as bombas caiam indiscriminadamente por toda parte. Spaatz começou a ficar irritado e por fim não se conteve e pôs-se a discompô-los: «Esses idiotas», exclamava ele, «estão fazendo a força aérea regredir de uns vinte anos!»

Time

¶ Quando Frampton deu por terminada a estátua em bronze de Peter Pan, para ser instalada nos Jardins de Kensington, em Londres, sir James Barrie, criador do personagem, arranjou para que, com um grande número de operários, a estátua fosse instalada da noite para o dia. Assim, no dia seguinte, os amigos de Peter Pan, as criancinhas, poderiam ficar pensando que as fadas a tinham posto lá.

Robert Haven Schauffler,
Peter Pantheism (MacMillan)

¶ O melhor artigo do ano na sua especialidade.

Um sindicato modelar

Por William Hard

Em muitos dos artigos que tenho escrito, reclamei sempre que as uniões operárias fossem obrigadas por lei a realizar eleições periódicas, a apresentar regularmente relatórios de contas a seus membros, e a submeter a declaração de qualquer greve ou boicote ao voto prévio dos seus membros ordinários,—numa palavra, a funcionar segundo os princípios democráticos.

Há quem alegue que tal lei viria paralisar as uniões operárias. Vejamos então o caso da União dos Tipógrafos. Ele nos servirá de testemunho.

A União dos Tipógrafos é a mais antiga entre as instituições do gênero nos Estados Unidos. A sua seção local de Washington, capital federal, foi fundada em 1815. Atualmente a união possue quase 900 seções ou capítulos locais, abrangendo um total superior a 80.000 membros. Mais de 85 por cento de toda a composição de jornais, livros, etc., nas cidades de mais de 7.000 habitantes, é efetuada por membros da união. Esta tem sido, manifestamente, um êxito no ponto de vista da organização mesma, como no dos serviços prestados a seus membros.

Antigamente as tipografias eram sujas, escuras e doentias; o ar nelas era impróprio à respiração; a jornada de trabalho estendia-se por 12 horas; a tuberculose era a companheira quase inseparavel do compositor tipográfico; e a média geral da duração de sua vida não excedia a 28 anos...

A união tomou a resolução de elevar a duração média da vida do tipógrafo. Todas as seções locais constituiram «Comitês de Salubridade» que entraram a negociar e a litigar com os empregadores e as autoridades de saude pública, e acabaram por elevar as tipografias à primeira linha do progresso sanitário entre as classes trabalhadoras. Depois, em 1892, a união estabeleceu o Lar dos Tipógrafos, em Colorado Springs—sanatório para aqueles dos seus membros atacados pela tuberculose, e ao mesmo tempo albergue para os idosos e reformados. Só nessa obra tem gasto o sindicato tipográfico mais de 9 milhões de dólares.

A união conseguiu, acima de tudo, a redução da jornada de trabalho. O trabalho numa oficina tipográfica moderna é veloz, intenso e extenuante. A união soube reduzir gradualmente o dia de trabalho, de 12 horas que dantes era, para o máximo de 40 horas semanais—excetuados os casos de guerra e outras situações acidentais.

A repercussão dessas medidas na vida média dos «unionistas» não poderia ser pura e simples coincidência. A duração média da vida do tipógrafo subiu de 28 anos para os seguintes niveis consecutivos: em 1900, para 41; em 1910, para 46; em 1920, para 53; em 1930, para 59; em 1942, para 64...

A União dos Tipógrafos tem sido, portanto, util à vida humana. Seu êxito é indiscutivel. Será então o caso de perguntar: Tem ela conseguido esses triunfos por meio de uma ditadura imposta a seus membros, ou porventura terçando a arma da guerra de classes?

De modo algum. Têm-se dado, é certo, entre as suas 900 seções locais, muitos casos de exaltação injustificada, e até de falta de tato. O ponto é, porem, que a União dos Tipógrafos, tão antiga, tão bem sucedida, é resolutamente avessa aos métodos ditatoriais e à chamada guerra de classes. Passemos em rápida revista os seus processos, da base ao cimo.

O indivíduo que pretende tornar-se membro da união começa por se fazer aprendiz. Não se pode começar o aprendizado antes dos 16 anos. Durante seis anos o candidato estuda a sua arte, praticando na oficina e seguindo as 149 lições impressas que lhe são remetidas pelo Comitê de Educação da união. Essas lições, diga-se de passagem, são tão completas e bem feitas, que têm sido adotadas por muitas entidades escolares como texto oficial do ensino!

Boa parte desse curso é consagrada aos problemas de unionismo. Um dos fatos que alí se recordam, é o dos dezenove tipógrafos do *Times* de Londres, que nos começos do século XIX foram dar com os ossos na cadeia por haverem tentado formar uma união. Aprende-se que os membros da união devem fazer sacrifícios mútuos de maneira a sustentá-la, e tambem que é dever de todos eles assistir às assembléias e votar em todas as questões de interesse para o grêmio.

Mas o curso não passa por alto o problema das relações com o patronato: ensina que «o trabalho não deve ser hostil ao capital»; que «tanto o capital como o trabalho são indispensaveis a uma produção econômica e eficiente»; que a união deve «fornecer mão-de-obra de elevada qualidade»; que deve esforçar-se no sentido de «reduzir o custo por unidade»; que os patrões dos membros da União dos Tipógrafos nunca faltaram a um contrato com a união, e que nenhuma seção local deve jamais quebrar a letra de um contrato com qualquer industrial; que cada seção se deve considerar como um «sócio» do patrão no processo de produção, etc.

O aprendiz é submetido a exames sobre todos estes pontos do ensino. Aprovado, passa a tipógrafo, torna-se membro da união, e adquire o direito de votar. Aliás o exercício do direito de voto ocupa bastante do seu tempo.

Cada seção local da União dos Tipógrafos *deve* realizar uma assembléia mensal ordinária, no dia fixado pelos estatutos. Tem por *dever* eleger um comitê de contabilidade, ou empregar um contabilista público para proceder ao exame dos livros da união de três em três meses. *Deve* votar sobre os termos do contrato com cada industrial; e esse contrato obriga a todos os membros coletiva e individualmente. A união *deve* submeter as propostas que impliquem aumento das quotas ao referendo de todos os seus membros, e obter para as mesmas um voto de maioria. *Deve* pôr a votos qualquer proposta de greve, e obter voto favoravel de três quartos da totalidade dos membros, antes de declarar uma greve.

Em tais circunstâncias, torna-se de todo impossivel o controle de um só homem sobre a união. E se esta pôde escapar aos «autócratas» sindicais, claro é que todas as outras o poderão.

Os membros da União dos Tipógrafos propõem e elegem eles próprios os seus gerentes federais, numa espécie de referendo nacional. As eleições têm lugar de dois em dois anos, e constituem um dos espectáculos mais edificantes a que é possivel assistir sob o céu democrático dos Estados Unidos.

Os unionistas que aspiram a apresentar-se como candidatos ao eleitorado, devem fazer-se anunciar nos números de dezembro e janeiro do orgão da união, o *Typographical Journal*, que é regularmente remetido a todos os membros; o anúncio mede exatamente quatro linhas de corpo 6 (portanto de caracteres miudos) à largura de uma coluna.

O *Journal* tem a obrigação de inserir os anúncios de todos os aspirantes a postos de direção na união, sejam ou não da simpatia dos dirigentes do momento. E muitas vezes não são...

A união governa-se politicamente, como a própria nação, pelo regime do rotativismo, isto é, dos dois «partidos». Um dos partidos chama-se «Independente», o outro «Progressivo». Cada qual deles exerce uma vigilância ativa sobre o outro, criticando-o sempre em nome do bem-estar geral, tal qual «Republicanos» e «Democratas» quando se trata do governo da Nação. E do mesmo modo que existem homens conhecidos como chefes nacionais do Partido Democrático e do Partido Republicano, assim tambem há líderes *Independentes* e *Progressivos* no seio da união.

Em fevereiro as seções locais escolhem os candidatos. Cada uma pode indicar um candidato para cada cargo da gerência nacional da união. Uma seção onde os Independentes possuam a maioria, votará por um independente nacionalmente conhecido. Outra votará por um lider progressivo. Os cinco indicados pelo maior número de seções apresentam-se como os candidatos nacionais da união. Acontece porem, com frequência, que todas as seções progressivas votam no conjunto por um só aspirante a um dado cargo, e todas as independentes por outro; nestas condições (como nas eleições nacionais para a Presidência) o eleitorado só tem que pronunciar-se por um ou outro, na eleição final.

Na terceira quarta-feira de maio as seções procedem ao voto secreto. As urnas, devidamente seladas, são remetidas de todos os pontos do país para a sede nacional da União, em Indianápolis, onde se procede, a 31 de maio, à respectiva abertura, na presença de fiscais de ambos partidos. Faz-se a apuração dos votos, e proclamam-se os vencedores. O processo leva ao todo seis meses, mas é absolutamente isento de trapaças e escamoteações.

Ora, se esta união pode realizar eleições sem trapaças, não há porque todas as outras o não façam. As coações e fraudes que tantas vezes ocorrem nos atos eleitorais de uniões, não são absolutamente necessárias a um forte e enérgico movimento operário.

Vejamos agora o aspecto financeiro. É frequente ouvirmos atacar as uniões nestes termos: «Olhem quanto dinheiro eles têm e gastam, tirando-o ao suor de quem trabalha!» Observação essa absolutamente sem base, antes de se saber como, e em que, foi gasto esse dinheiro. A organização nacional da União Tipográfica, durante o seu último ano fiscal, cobrou mais de 4 milhões de dólares dos seus membros, o que equivale a cerca de 1 dolar por semana para cada membro. É forte. Mas a união gastou mais de 400.000 dólares só com o Lar dos Tipógrafos, e quase 3 milhões em pensões para os seus membros aposentados. Despendeu 500.000 dólares em serviços funerários, e pôde continuar dizendo que nunca os restos mortais de um tipógrafo associado ajudaram a encher a vala comum. Gastou 100.000 dólares com o *Typographical*

Journal. As despesas com os funcionários eleitos e os por ela nomeados, custeio de viagens, e outros muitos encargos a atender, montaram a menos de 200.000 dólares—o que representa menos de 5 centavos por semana para cada membro. Não haverá sociedade anônima que mantenha uma economia mais estrita.

Como é porem que se há de saber se as contas da união são honestas? Sabe-se, porque elas são verificadas duas vezes ao ano por um comitê de três auditores fiscais, devidamente eleitos; e porque são verificadas outras duas vezes no ano por contabilistas públicos autorizados; e tambem porque são estampadas todos os meses em páginas e páginas do orgão da união.

Uma união democraticamente organizada tem duas vantagens para o país. A primeira é que ela tende a estabelecer entre operários e patrões um sistema de relações mais humano, inteligente e estavel; mas a segunda é talvez mais importante ainda.

Para fazer face à competição do mundo totalitário, o sistema democrático vê-se forçado a aperfeiçoar suas próprias instituições. É levado a democratizar os processos cotidianos da vida dos negócios, e a sua vida cotidiana de trabalho. Não é possivel viver alheio à democracia 364 dias por ano, e de repente realizá-la só com ir às urnas no 365º dia!

Se o leitor visitasse uma sala de composição tipográfica, poderia ver, durante um curto intervalo no trabalho, os tipógrafos reunirem-se numa rápida sessão. É o que se chama uma assembléia de «capela»—que é a subdivisão da seção local. Estão alí resolvendo rapidamente alguma questão da técnica do trabalho, ou da disciplina na oficina.

Essas pequenas células representam uma experiência de todos os dias, de todas as horas, em democracia ativa. Simbolizam a participação do povo na gerência da economia. Simbolizam a gerência econômica com consentimento do povo. Treinam os homens no desprezo da autocracia, e estimulam-nos a desejar a democracia em todas as coisas e sob todas as formas.

A liberdade precisa de tais homens. O mundo dos interesses, se quiser manter-se democrático e livre, deve aprender que, para sobreviver na concorrência do mundo totalitário, precisa de possuir homens dessa marca. O mérito final da União de Tipógrafos é que as suas instituições são tais, que delas resulta a produção de homens desse tipo.

¶ É POSSIVEL que a sequóia gigante da Califórnia venha a ser árvore muito comum por todos os Estados Unidos, graças ao passatempo favorito de um comerciante de São Francisco, que tem enviado mudas dessas árvores para quase todos os Estados da União. Colhe ele próprio os brotos aos domingos e planta-os em pequenas latas em seu jardim. Nas suas viagens de negócio leva dúzias delas para distribuir. A qualquer pessoa que peça ele envia mudas pelo correio à sua própria custa, pedindo apenas que se comprometam a plantar e cuidar delas. A única condição estipulada é que sejam plantadas com bastante espaço em volta porque dentro de cinco mil anos cada uma delas poderá ter um tronco com vinte metros de diâmetros, pelo menos!

The Christian Science Monitor

¶ *Novos métodos realistas de treino preparam tropas para a luta.*

A Guerra chega aos campos de treino

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Don Wharton

OS SOLDADOS americanos não irão mais para a frente de combate completamente inexperientes; antes de enfrentar o inimigo cada um deles terá provado condições tão semelhantes quanto possivel às de uma batalha real.

Nos campos de instrução, os soldados são obrigados, por exemplo, a rastejar numa extensão de cem metros debaixo da metralha; as balas que passam zunindo a noventa centímetros do solo, são de calibre .30, e balas de verdade. Eles se arrastam por valetas e fossas e sobem pequenas elevações que às vezes os põem a uns quarenta e cinco centímetros das rajadas. De repente há uma detonação violenta: é uma carga de dinamite que explode a alguns metros dalí. Os soldados estremecem e ficam cobertos de terra e lama. Durante todo o tempo a metralhadora está fazendo chover bala por cima de suas cabeças.

Depois disso têm que atravessar o arame farpado que fica a quinze centímetros acima do chão: deitados de costas, arrastam-se por baixo dos fios de arame. Estão agora tão perto da boca das metralhadoras que chegam a lhes sentir o calor. Se algum deles ficar paralisado de terror no meio desses interminaveis cem metros, nem por isso a metralhadora para de atirar. Há alguns que apavorados levam quase duas horas para conseguir fazer a travessia, enquanto outros, mais calmos, transpõem todos os obstáculos em seis minutos. Que levem horas ou minutos, não importa; mas o soldado que ficar atarantado e levantar a cabeça, está morto.

Esses exercícios de infiltração fazem parte do novo programa de treino do exército americano, para habituar o soldado ao fragor da batalha. Há anos que o exército via a necessidade de semelhante tipo de exercício, mas ficava tolhido com receio da reação da opinião pública. Agora porem, obrigados a enfrentar a cruel contingência de uma guerra, cada soldado terá que experimentar, durante o período de treino, as condições reais de uma batalha, com estampidos, explosões e todo o concerto de perigos que envolve. A idéia fundamental desses exercícios é que, arriscando-se hoje algumas vidas, salvar-se-ão milhares de outras nos campos de luta. No Forte Bragg, no estado da Carolina do Norte, um soldado paraquedista fazendo exercício de rastejamento foi atingido por uma bala que ricocheteou; ele deu um grito lancinante, mas o resto do pelotão, já habituado, em vez de se levantar em pânico, ficou firme, colado ao chão. O ferimento leve desse soldado talvez venha a salvar dez por cento do pelotão num campo de batalha real.

As tropas que estão de manobra pelos matos e pelos campos ouvem constantemente tiros de artilharia e o silvo das

balas que passam por cima de suas cabeças para destruir posições «inimigas». Cavam trincheiras, jogam-se dentro e os tanques passam por cima; imediatamente pulam fora e atiram sobre estes granadas de mão e «coquetéis» Molotov. De vez em quando um avião de mergulho lança-lhes em cima bombas de gaz lacrimogênio.

Há uma «corrida blitz» em que os soldados devem atravessar um riacho pendurando-se numa corda, enquanto dinamite explode por baixo; a todo instante é preciso atirar sobre alvos que surgem de surpresa—usando sempre balas verdadeiras. Aprendem por experiência própria o que é uma armadilha: vi um soldado de infantaria fazer explodir quatro delas em menos de um minuto por falta de perícia. Nos mesmos campos de instrução onde, há dois anos atrás, os soldados eram obrigados a treinar com armas simuladas, os recrutas de hoje saem à procura de atiradores emboscados na floresta, enquanto balas de verdade zunem à sua volta, atiradas por soldados de pontaria segura.

Em todos os centros de treinamento há o clássico exercício de assalto à «aldeia inimiga». No Forte Benning, na Geórgia, há uma «aldeia alemã» perfeita com lojas, casas, escolas e até o edifício da prefeitura. São duas avenidas com uma extensão de uns quatrocentos metros, ligadas por algumas ruas transversais. Os candidatos a oficial procuram tomar de assalto a aldeia que outros colegas ocupam, entrincheirados nos edifícios. O ataque é feito sob a proteção do fogo de uma metralhadora, que varre as ruas, e enquanto um pelotão procura tomar um grupo de edifícios, as rajadas obrigam o «inimigo» a ficar coberto. A um sinal do oficial atacante a metralhadora cessa fogo e os soldados invadem o edifício do outro lado da rua. Mas a manobra tem que ser bem feita, pois se a guarnição da metralhadora não vê o sinal do oficial, metade do pelotão será atingido pelas balas.

Quando as tropas treinadas de paraquedistas atacam a «aldeia inimiga», têm que saltar de aviões, procurar e recolher suas metralhadoras, morteiros e munição, para depois percorrer quinze quilômetros de um caminho traçado num mapa, o qual atravessa pântanos e campos de arame farpado, obrigando-os a rastejar sob fogo de metralhadora; por fim, tomam de assalto a aldeia com tiros reais.

Os soldados paraquedistas são adestrados para as tarefas mais árduas. Ao ter que atravessar arame farpado, rastejam até bem perto, com dinamite explodindo por todos os lados; dois paraquedistas se levantam e correm agachados para se jogarem com todo o peso do corpo sobre os postes em que se fixa o arame; segundos depois, vêm outros dois que, protegendo o rosto com as mãos, se atiram sobre o arame propriamente formando uma ponte, que os seguintes poderão utilizar.

Para dar mais realismo às manobras, os oficiais procuram imitar cenas e até odores caraterísticos das batalhas. Nos próximos exercícios de assalto à «aldeia inimiga» serão adicionados cheiros de corpos em decomposição para diminuir a sensação de choque que tem o soldado ao encontrar verdadeiros cadáveres à sua frente. Bonecos com feridas horriveis serão encontrados. Um comandante de divisão utiliza bolsas com uma tinta vermelha, para dar a imagem do sangue, as quais se arrebentam quando o soldado está sob fogo.

Sem avisar nada aos soldados, um oficial paraquedista trouxe entranhas de porco de um matadouro e espalhou-as por cima do arame farpado; depois mandou que passassem por baixo. Outro oficial comprou dois burros, mortos há dois dias, para que os soldados treinassem o uso da baioneta. Sacos de pele tambem são usados, cheios de um líquido vermelho.

Há uma divisão que tem sua «sala de horrores» para treinar os oficiais de estado maior. Reunindo-se de noite no meio do mato, os oficiais metem-se numa trincheira para resolver um problema de estratégia. Enquanto trabalham são assediados por tiros de fuzil, ruido de demolição, o ronco incessante de motores, odores fétidos, os gritos de um ferido agonizando, o relampejar de luzes de diversas cores e um vento constante que os cobre de terra. Quando um deles procura pegar o telefone sente que está coberto de uma substância gomosa e vermelha. À luz de lanternas elétricas descobrem um homem morto,—que não passa aliás de um manequim—com o rosto coberto de sangue e o estômago estraçalhado por uma granada.

Os veteranos que chegam das frentes de batalha dizem que tudo o que se fizer neste sentido ainda será pouco para efeito de preparar o soldado para as condições verdadeiras de uma batalha. Contam como viram soldados morrer à falta de experiência no rastejar sob fogo de metralha. Um oficial de paraquedistas referiu como é dificil no começo fazer as tropas avançarem com determinação porque os homens ficam completamente desnorteados ante os sons e aspectos estranhos da verdadeira batalha. Vira uma vez um grupo de carregadores de munição inteiramente paralisado, devido apenas ao barulho horrivel da artilharia. Em vez de levarem a carga para a guarnição da metralhadora, um pouco adiante, eles ficaram tremendo, grudados ao chão, inteiramente incapazes de perceber uma elevação que protegia o seu caminho. Esses métodos, brutais evidentemente, trazem certo perigo e fazem algumas vítimas, mas é preciso contar com isto, como já se calcula com os acidentes fatais que se dão durante o treinamento de aviadores ou mesmo de choferes de caminhão do exército. Dos milhares que já passaram pelos exercícios de rastejar sob fogo de metralhadora, só uns poucos sofreram ferimentos e desses só dois fatais. Três homens morreram afogados num exercício especial, que é tão duro que só veteranos podem tentá-lo. Uma vez ou outra alguem se queima com explosão de dinamite. Recentemente um paraquedista, de tão cansado, ferrou no sono quando cavava trincheiras. Seu destacamento foi-se embora e ele ficou lá esquecido. Quando acordou granadas explodiam por todo lado em volta dele. Saiu então correndo e por sorte não foi atingido; tendo ainda tido o seu momento de glória, ao descrever ao general de sua divisão a sensação que tivera debaixo do fogo de granada.

Depois de ter conversado com muitos oficiais e soldados, ainda estou por encontrar um que não concordasse com esse treino rigoroso e realista. O ponto de vista geral é muito simples: quanto mais duro for o treino, mais probabilidades terão os que o fazem de sobreviver ao enfrentar o inimigo.

Pouca gente se conforma com a prosperidade. Isto é, com a dos outros.
—Mark Twain

Tributo à grandeza

(Condensado da «Vogue»)

Por Allene Talmey

A PERSONALIDADE de Madame Chiang Kai-xeque irradia e transmite grandeza; e mais do que isso: uma vibração de corda tensa, um vívido domínio de si mesma. De pé na plataforma, ao lado de políticos maduros e traquejados, lembra ela uma espada de aço, bela e delgada, decidida e firme. Suas frases são sempre exatas, seus discursos repassados de disciplina e clareza. Essa inteligência, toda feminina, fixa o seu objetivo, concebe a estratégia—e dá o ataque. Se não está pronta para este, e ao contrário se vê atacada, apara todos os golpes com provérbios e *charme*, servindo-se da beleza como de uma cortina protetora, ou expediente dilatório...

Quando a ouví discursar no *Madison Square Garden* de Nova York, perante um auditório de mais de 20.000 pessoas, ela cortou agilmente, através de uma nuvem de pomposos adjetivos, todos eles batidos, que lhe atiravam nada menos de nove governadores de estados, para brandir frases destas: «Não poderá haver amargura ou despeito no mundo que se erguer desta guerra.» E acrescentou: «Por muito que tenhamos suportado e sofrido, devemos tentar perdoar àqueles que nos injuriaram e agrediram, e ter sempre e só presente a lição que assim recebemos.»

Falando no Wellesley College, com a profunda e tocante emoção que lhe é própria, referiu-se ao que ela, melhor que todas as mulheres, conhece: a necessidade de cooperação mundial, a responsabilidade das mulheres de cultura. E disse então: «A cooperação vem em primeiro lugar... Em seguida a humildade... E por fim, embora não menos importante, a probidade de pensamentos e ações. O que diferencia o homem da fera é esse pensamento transcendente, e a transmutação desse pensamento em atos dignos do nome de Progresso humano.»

Ao discursar no Congresso dos Estados Unidos, toda a sua eloquência girou em volta deste fulcro: o Japão é a nossa preocupação primordial. «Não esqueçamos que o Japão tem hoje ao seu dispor, nas áreas que ocupa, recursos mais vastos do que a própria Alemanha. Não esqueçamos que o Japão se tornará tanto mais forte, quanto mais tempo for deixado na posse incontestada de tais recursos. Cada dia que passa arrebata consigo maior número de vidas, tanto de americanos como de chineses.»

Tão veemente se tornou por momentos o culto prestado a esta heroina; tão importante era a sua missão, e tão estarrecedor o apelo da sua inteligência e da sua feminilidade,—que por vezes se tornou necessário chamar os americanos à conciência do programa de guerra que ela preconizava nas suas expressões tão diretas e vibrantes: «É imperativo—dizia ela—empurrar o inimigo para o mar!»

Minha profissão de fé

(Condensado da «United States News»)

Por Madame Chiang Kai-xeque

A Primeira Dama da China, que soube conquistar o respeito e a afeição do mundo, revela aquí de onde lhe vem a energia moral de que tem dado mostras.

MINHA MÃE viveu sempre muito perto de Deus, e o seu exemplo tem exercido sobre mim grande influência nestes últimos anos. Ao lhe pedirmos um conselho sobre o que quer que fosse, costumava dizer: «Vou perguntar primeiro a Deus.» Era inutil dar-lhe pressa. Consultar Deus não consistia para ela numa curta oração, pedindo ao Todo Poderoso que abençoasse seus filhos e lhes atendesse os pedidos. Era uma longa meditação, em que se deixava estar como à espera daquele que lhe viria guiar os passos. Quando ela orava assim, confiando cegamente nas decisões que o criador lhe inspirasse, acabavam sempre estas por dar bons resultados.

Não sou por natureza uma pessoa religiosa no sentido comum da expressão. Tenho um espírito prático e algo cético. Pareceu-me sempre que a fé, as crenças e a imortalidade outra coisa não eram que meras criações da fantasia. Acreditava no que vemos, e não num mundo invisivel. Recusava-me a aceitar certos dogmas pelo simples fato de que haviam sido sempre aceitos. Em resumo—uma religião que meus pais professavam, e lhes satisfazia o espírito, não devia, por este simples fato, satisfazer tambem o meu.

Durante toda a minha infância, fui obrigada a frequentar a igreja, e detestava os sermões que me pareciam demasiado longos. Ainda hoje não acredito na religião puramente convencional, administrada em doses regulares. Tenho a impressão, contudo, de que o hábito de frequentar a igreja determina certo equilíbiro espiritual, pelo que sou grata aos meus pais.

Enquanto minha mãe viveu, tive a firme convicção de que, fizesse lá o que fizesse, ela viria em meu auxílio com suas orações. Mamãe, no entanto, protestava às vezes, dizendo que não queria servir de intercessora aos seus filhos, e eles próprios deviam rezar, tal como ela o fazia. Sei bem, no entanto, que passava longas horas orando por nós.

Certa feita, como estivéssemos discutindo sobre a iminência de um ataque japonês, exclamei, de repente:

«Mamãe—suas orações são tão poderosas—porque não pede a Deus que aniquile o Japão por meio de um terremoto, ou coisa parecida?»

Olhando-me gravemente, ela respondeu:

«Quando você rezar, ou me pedir que reze, não insulte a inteligência de Deus, pedindo-lhe alguma coisa que está abaixo até de você própria—mísera criatura humana!»

Aquilo impressionou-me fortemente. Agora, chego às vezes a rezar pelo povo japonês, sabendo quanto muitos deles sofrem devido ao que o Japão tem feito à China.

Já depois de casada, passei por três fases distintas relativamente à religião.

Primeiro, vi-me tomada de uma crise de entusiasmo e intenso patriotismo—um desejo irresistivel de fazer algo por meu país. Com meu esposo, trabalhei sem descanso, sem pausa, pela união da China, que assim tentávamos tornar mais forte. Animada embora das melhores intenções, alguma coisa me faltava: a força inabalavel sobre a qual me apoiasse, em vez de o fazer sobre mim mesma.

Sobreveiu então a segunda fase, que atravessei ao ter início a invasão japonesa. Vi o inimigo invadindo e dominando as mais ricas províncias do país; nosso povo morrendo nas batalhas, ou vítima da peste e da fome. Perdí tambem, àquela altura, minha mãe. Esta série de acontecimentos levou-me a perceber melhor minha própria miséria, e, o que mais é, abriu-me os olhos sobre a fragilidade humana. Pareceu-me que tudo o que eu tentava para a salvação da minha pátria, nada mais era, em verdade, que um esforço irrisório—como se alguem tentasse apagar um vulcão com um copo de água. Mergulhei no desespero espiritual, numa desolação completa e absoluta.

Percebí, contudo, que estava assim faltando ao meu dever para com o meu marido. A influência de minha mãe sobre o General fora notavel. Minha sogra era budista, e extremamente devotada à religião dos seus maiores. Foi pelo exemplo e influência pessoal de minha mãe que ele se tornou cristão.

Sendo honesto demais para professar uma fé que não sentisse, com o só objetivo de obter o seu consentimento ao nosso matrimônio, prometeu-lhe estudar o Cristianismo, e ler, frequentemente, a Bíblia. Percebí, dentro em pouco, que, mesmo depois da sua morte, ele mantinha rigorosamente a promessa que lhe fizera, embora não pudesse penetrar certos aspectos da doutrina evangélica.

Comecei a compreender que tudo o que eu vinha fazendo com o fito de ajudá-lo, e contribuir, assim, para a salvação da nossa pátria, nada mais era do que um sucedâneo do auxílio mais precioso que lhe poderia prestar. Estava-lhe permitindo que avançasse em direção a uma simples miragem, quando bem sabia onde se achava o verdadeiro oasis. Ao percebê-lo finalmente, reconhecendo ao mesmo tempo minha fraqueza humana, fui em busca outra vez do Deus de minha mãe. Ela me havia revelado a existência de um Poder inifitamente superior às minhas próprias forças. Uma vez que se fora, já não podia interceder por mim. Cabia-me portanto, agora, trazer ao meu marido o apoio espiritual que ela me dera. A minha própria fé adquiriu, com isto, novo e dobrado vigor.

Até então, nas minhas orações, costumava pedir a Deus uma coisa e outra. Já agora, ao rezar, o que pedia era que o Todo Poderoso me indicasse sua própria vontade. Entrei assim numa terceira fase, desejando seguir, não a minha, mas a vontade de Deus. Desde então desconheço totalmente o desespero e o desalento.

A vida é simples; nós é que a complicamos. Nos antigos objetos de arte chinesa, há sempre um motivo predominante. Uma flor, por exemplo, pousada sobre um pergaminho. Tudo o mais, em redor, se acha subordinado de algum modo àquele traço.

Numa vida integral o mesmo se verifica. A flor é, neste caso, a vontade de Deus. Para que esta se destaque, nitidamente, deve existir, porem, uma sinceridade absoluta e uma honestidade total, para o que devemos fazer uso de todas as nossas forças espirituais.

A oração é mais do que a meditação. Nesta, a fonte de energia espiritual estará em nós mesmos. Entretanto, ao orarmos, recorremos a uma força infinitamente maior que a nossa. Sinto-me às vezes indecisa, sem saber se deva confiar no meu próprio julgamento. Procuro orientar-me então, pedindo a Deus que me esclareça o espírito. Feito isto, cumpro a risca a decisão tomada, deixando o resto aos Seus misericordiosos cuidados.

Tentarei exprimí-lo melhor na seguinte imagem: vou andando, digamos, por um caminho ladeado por uma cadeia de colinas, tão estreitamente ligadas entre si que, de onde estou, me é impossivel dizer onde começa uma, e acaba a outra. Mas, ao dirigir-me a Deus, sinto-me erguida a um ponto de onde posso avistar claramente os mínimos detalhes de tudo o que me cerca.

Não será facil de compreender, a quem não haja ainda passado pela mesma experiência. Quero deixar, em todo caso, bem clara a minha convicção de que todos podemos recorrer, de iguamodo à Divina Providência, para orienl tação e guia. Basta, para tanto, que nos aproximemos de Deus, aprendendo, pela comunhão espiritual, a revigorar as nossas almas naquela fonte viva de energia e alento. Ninguem espere ter conciência da presença do criador, só por lhe fazer, de quando em vez, algumas rápidas visitas.

Minha religião é tudo o que há de mais simples. Procuro apenas, quanto esteja em minhas forças, cumprir inteiramente a vontade de Deus.

Historieta

¶O FALECIDO juiz Holmes da Corte Suprema, afirmou uma ocasião que as criaturas podem sempre chegar a um acordo, se o tentarem com persistência. Como exemplo, citava esta conversa entre fazendeiros do Minesota, que há muito tempo não se viam:

—Alô, Axel! Que é que você tem feito?
—Estive no hospital.
—Que azar!
—Que nada, foi uma sorte. Me casei com a enfermeira.
—Que sorte!
—Não, foi um azar; ela tinha nove filhos.
—Que azar!
—Não, foi uma sorte; ela tinha uma grande casa.
—Que sorte!
—Não, foi um azar; a casa queimou.
—Que azar!
—Não, foi uma sorte; ela morreu no incêndio.
—Que sorte!
—Isso sim, é que foi uma sorte!

Colaboração de Fulton Cursler

O riso dos oprimidos

¶ A IMPRENSA dinamarquesa em vez de encher as colunas de seus jornais, como desejariam os nazistas, só com notícias a estes referentes, consagram suas páginas a reportagens sobre a inauguração de um estabelecimento de banhos na Praça Copenhague, ou sobre a morte de um alce, com editoriais, cartas à redação e discussão pública quanto à melhor maneira de dispor do corpo; ou então abrem grandes polêmicas em torno ao futuro da gramática dinamarquesa ou às corridas de cavalo. Quando a Força Aérea Britânica lança bombas sobre alguma cidade da Dinamarca, os jornais publicam fotografias de dinamarqueses sorridentes nos seus abrigos antí-aéreos e descrevem os incêndios e destruições nos termos mais poéticos.

Peter Edson no *World Telegram* de Nova York

¶ NUM CINEMA da cidade do Porto em Portugal mostrava-se um dia um cinejornal em que se viam as forças motorizadas alemães; a assistência manteve-se em silêncio impassivel. Veio em seguida um filme mostrando a marinha inglesa em ação; o auditório agitava-se incerto: Portugal é obrigado a manter-se neutro. De repente alguem se lembrou de gritar: «Viva o Clube de Futebol do Porto!» A sala inteira prorrompeu em aplausos que só cessaram ao acabar o filme. *The Christian Science Monitor*

¶ A voz de Hitler é a que mais se irradia de Londres. Há muitos meses que a BBC irradia os discursos de guerra de Hitler, todos os dias, durante horas seguidas, para que os alemães não se esqueçam de suas afirmações arrogantes e fantásticas promessas.

Freling Foster no *Collier's*

¶ SOB o jugo nazista os holandeses têm dado provas de uma finura de espírito, de cuja existência pouco se sabia no estrangeiro. Quando Hitler e Mussolini se encontram, os holandeses enchem as páginas de seus jornais com retratos de cachorros.

A emissora holandesa em Londres, irradiando para os trezentos mil holandeses em trabalhos forçados na Alemanha, lembrava-lhes o seguinte: «Um quarto de minuto é o tempo que se leva para assoar o nariz; mas para assoar bem pode-se demorar pelo menos um minuto. Ora, se os trezentos mil holandeses que trabalham para Hitler fizerem isto com frequência, serão perdidas milhares de horas de trabalhos para o inimigo, simplesmente para assoar o nariz...»

World Telegram e *Herald Tribune* de Nova York

¶ OS TCHECOS usam incompreensão e obediência ao pé da letra como arma principal contra os invasores. Tendo os aviões britânicos jogado panfletos na Boêmia e na Morávia, os nazistas deram ordem para que fossem todos recolhidos e entregues às autoridades sob pena de severas represálias. Docilmente os tchecos pregaram exemplares dos referidos panfletos bem à mostra nos edifícios públicos, avisando que, todos os outros iguais àquele que fossem encontrados, deveriam ser entregues às autoridades. Os nazistas nada tinham a dizer de obediência tão pronta e assim todos os tchecos tiveram oportunidade de ler a mensagem de Londres.

Post de Nova York

¶ UM DOS homens mais odiados na Noruega é Hendrik Rogstad, o nazista que em Trondheim mandou matar trinta e quatro pessoas em três dias. Logo após este fato Rogstad começou a ser chamado a todas as horas da noite ao telefone.

«Fala aquí Henry Gleditsch, dizia a voz. Estava dormindo bem?»

As palavras eram sempre as mesmas só o nome mudava para ser de cada vez o de outra de suas trinta e quatro vítimas. Rogstad foi finalmente obrigado a mandar fechar à noite todos os telefones públicos. *This Week*

Canção do Rouxinol

¶ NUM DIA de calor, uma coluna de soldados alemães, exhaustos e suarentos, fez alto para descansar, junto às ruinas de uma vila arrazada, na Lituânia. Subitamente, vibrou no ar o canto de um rouxinol. Os alemães observaram com seus binóculos a mata vizinha, mas não puderam descobrir o pássaro. Viram, entretanto, sentado perto de uma vala, um menino que assobiava. Ao se aproximarem os alemães, o menino olhou-os como se tivesse medo, ao mesmo tempo que movia alguma coisa dentro da boca. Um dos oficiais quis ver o que era, e o rapaz mostrou-lhe um silvo, feito à mão, com que ele imitava o canto do rouxinol. Os alemães admiraram o silvo, elogiaram o engenho do menino, persuadindo-o a assobiar mais. «Eu tambem sei imitar o cuco,» disse ele, o que provou logo com grande orgulho.

Interrogado, o rapazinho declarou que vivia alí, sozinho entre as ruinas, da melhor maneira possivel. Sim, ele conhecia a estrada para a vila próxima: «É a estrada que eu usava, para ir pescar no moinho.»

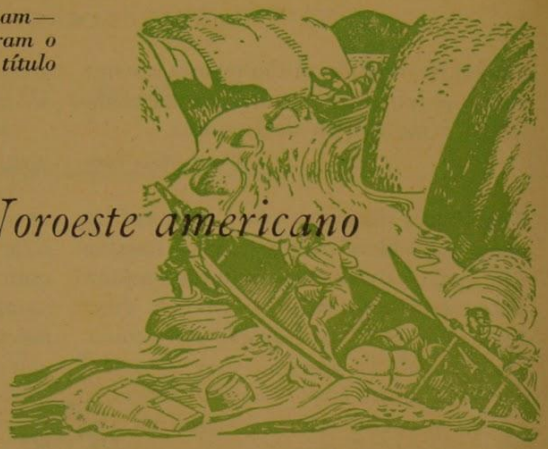
O comandante da coluna nazista prometeu ao menino um bonito isqueiro de metal, se ele servisse de guia. «Mas se você me enganar, torço-lhe o pescoço,» advertiu o oficial.

Já a caminho, o oficial apontou para o bosque que ficava adiante. «Há guerrilhas por alí?» indagou ele. «Cogumelos, quer o senhor dizer?» foi a inocente resposta do rapaz, o qual começou logo a enumerar todos os gêneros de plantas que cresciam nos arredores. O oficial não fez mais perguntas.

De bom humor, o menino começou a assobiar de novo—trinta e duas vezes como um rouxinol, e duas vezes como um cuco. Os alemães, bastante agradados com a jovialidade do guia, iam marchando. Mas, de tocaia no bosque, os guerrilheiros sabiam muito bem a significação dos gorgeios que ouviam—trinta e dois soldados alemães iam pela estrada com duas metralhadoras.

Uma vez chegados ao bosque, o rapaz, ligeiro como uma lebre, meteu-se por entre as árvores. Das ramagens da mata, veio uma chuva de balas. Não ficou um só alemão, para contar a história. Maurice Hindus, *Herald Tribune*

¶ *Lewis e Clark não sabiam aonde iam— mas alcançaram a meta e firmaram o direito dos Estados Unidos ao título de império continental.*



Exploradores do Noroeste americano

(Condensado do
«American Legion Magazine»)

Richard L. Neuberger

De são luiz, ponto extremo da civilização norte-americana, o Sargento John Ordway, do Exército dos E.U.A., escreveu o seguinte ao pai e à mãe, residentes no Novo Hampshire: «Queridos pais: Partirei numa expedição para o oeste juntamente com o capitão Lewis e o tenente Clark, que foram incumbidos pelo Presidente Jefferson de atravessar o interior da América do Norte. Deveremos subir o rio Missuri e, em seguida, prosseguir por terra até o grande oceano ocidental.»

Um estafeta percorreu o acampamento, recolhendo mensagens como esta, de homens, sobre os quais talvez nunca mais se recebessem notícias. Alguns dias depois, na tarde chuvosa de 14 de maio de 1804, os 29 componentes da expedição embarcaram em duas compridas e resistentes canoas a remo e numa chata de 16 metros; começara a viagem rumo ao desconhecido.

Em São Luiz a geografia acabava, e começava o mito. Falava-se, entre os índios, nas Montanhas Fulgentes ou Rochosas, que tocavam o céu. Seria isto uma simples lenda? Jefferson, quando ministro na França, tinha ouvido marinheiros, que haviam navegado sob o comando do capitão Cook nas suas viagens pelo Pacífico, referirem-se a florestas sempre verdes, imensas como o oceano, e a picos tão altos como os Alpes, visíveis do lado ocidental da costa americana. Seriam tais histórias verdadeiras? A viva imaginação de Jefferson se exaltou, e logo sonhou em enviar uma expedição de homens intrépidos para desvendar «as grandes regiões desertas alem do Mississipi, e estabelecer assim uma linha de comunicação de costa a costa.»

Logo que seus enviados adquiriram de Napoleão, pela soma de 15 milhões de dólares, um milhão de milhas quadradas a oeste do Mississipi, a Luiziana, (*Louisiana Purchase*, incluindo o território que se vê a cor no mapa anexo) que a França alegava ser seu domínio,

---

Richard L. Neuberger é um homem do Noroeste que ama a sua terra. Descreveu-a em seu livro—*Our Promised Land*. Escala as suas montanhas nativas, acampa à beira dos seus rios, e percorreu já a maior parte da rota seguida por Lewis e Clark a caminho do Pacífico. Nascido em Portland, fez-se reporter e escritor desde os 16 anos. Agora é correspondente do *New York Times*, cronista do *Portland Oregonian* e colabora em várias revistas de renome. Em novembro de 1940 foi eleito membro da Assembléia Legislativa do Estado de Oregon.

Jefferson pediu ao Congresso uma verba de 2.500 dólares para o financiamento da expedição. «E não nos contentemos em lá chegar; procuremos descobrir o que fica alem!» recomendou ele aos seus emissários.

Para chefiar a expedição, o presidente escolheu o seu secretário particular, Meriwether Lewis, de 29 anos, sabendo que este jovem capitão do exército possuia uma força de vondade que não desanimava facilmente. Precisava-se de um homem de fibra para enfrentar, não só os perigos da selva, mas as tentações de retroceder, que poderiam tornar-se violentas.

Antecipava-se um conflito de domínio, pois os ingleses falavam em enviar gente para içar o seu pavilhão na embocadura do rio Colúmbia.

Jefferson sugeriu que Lewis escolhesse um comandante substituto, e ele então nomeou o seu melhor amigo, William Clark, tenente de artilharia, com 34 anos.

Os dois formavam um curioso contraste. O rosto magro de Lewis, queixo firme e olhos cinzentos, tinha qualquer coisa de águia; era tristonho, quase taciturno. Clark, ruivo e de rosto vermelho, nunca estava sério nem calado. Mais de uma vez, foi a sua animada conversa que levantou o moral das tropas extenuadas da marcha. Preferia comer com os seus homens a fazê-lo na mesa dos oficiais; chamava tanto os coronéis como os cabos pelo primeiro nome. Dava-se bem com os índios, melhor do que qualquer outro, possivelmente porque os tratava como se foram iguais.

Clark visitou as guarnições militares ao longo da «fronteira», perguntando a homens que escolhia se queriam levar a bandeira do seu país ao oceano ocidental. Lewis se encarregou das provisões, entre as quais figuravam presentes para os índios—espelhos, fazendas vermelhas, agulhas, contas, e camisas de algodão, toda sorte de bugigangas.

Os membros da expedição foram incorporados no exército, com o soldo de 10 dólares por mês para as praças, 15 para os três sargentos, 80 para Lewis e Clark, e, como gratificação especial, lhes foram prometidos lotes de terra. Era duvidoso alguem sobrevivesse para vir a colher os benefícios de semelhante promessa.

O grupo que subia as águas mansas do Missuri, sob a bandeira de quinze estrelas, era uma imagem viva da jovem nação crescente. O mais velho era Patrick Gass, de 33 anos de idade; o mais novo John Colter, de 16. A par de homens do Kentucky, escolhidos pelos seus conhecimentos das florestas, havia caçadores da Virgínia, lavradores do Vermont, e carpinteiros da Pensilvânia. Havia ainda irlandeses, escoceses, holandeses e franceses. No primeiro barco, ao lado do tenente Clark, um musculoso negro, o seu criado York.

Não foi preciso os exploradores irem longe para compreenderem que o mapa fornecido pelo presidente de nada servia; nem ao menos indicava o rumo certo do rio. O que lhes restava fazer era subir o Missuri até a sua origem. Daí para diante, o caminho que os levaria ao mar teria de ser baseado em conjeturas.

Durante os primeiros meses a viagem foi amena. Eram agradaveis os lugares onde acampavam à noite, e os dias se passavam sem maiores emoções que as oferecidas pelas lindas paisagens. À luz das fogueiras, os dois chefes trabalhavam minuciosamente nos seus relató-

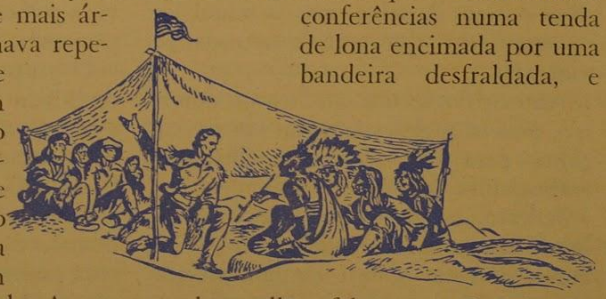
rios, pois o presidente e o Congresso queriam descrições detalhadas das plantas, árvores, animais, pássaros e índios. Uma noite, Lewis escreveu: «Alem de grande quantidade de veados comuns, vimos cabras, alces, búfalos, antílopes, veados de cauda negra, e grandes lobos.» Num só dia contaram 52 manadas de bisões.

Três meses depois da partida de São Luiz, os expedicionários tinham percorrido 1.360 km. e não estavam longe do lugar chamado hoje Sioux City, no Iowa. A viagem tornava-se mais árdua. A pesada chata encalhava repetidamente nos bancos de areia. Um homem sofreu um ataque de insolação, e o sargento Charles Floyd morreu de cólica numa tarde sufocante de agosto. Foi o primeiro soldado a morrer a oeste do Mississipi, e um rochedo serviu-lhe de túmulo. As embarcações seguiam o seu caminho, os homens continuavam taciturnos, e Lewis ia embebido em profundos pensamentos. Um morto, vários doentes—e os verdadeiros perigos mal tinham começado!

Naquela noite, em vez de nomear um novo sargento, disse aos companheiros que elegessem um sucessor de Floyd. Após animada discussão, três soldados foram indicados; foi escolhido Patrick Gass, homem já de cabelos grisalhos. Na manhã seguinte, o grupo prosseguiu com renovado vigor. Lewis tinha afastado o pensamento dos seus homens da perda do companheiro.

Os infortúnios multiplicavam-se. George Shannon, de 19 anos, quando em serviço de reconhecimento, perdeu-se, e quase morreu de fome. Uma ribanceira desmoronou-se, e por pouco teria destruido os preciosos abastecimentos. Lewis, que geralmente ia à frente inspecionando o terreno, escapou várias vezes de ser pisado e morto pelos búfalos lançados em louca debandada.

A maioria dos índios, encontrados no caminho, mostraram-se acessiveis, gritando de prazer à vista dos adornos, e encantados com o whisky que lhes era dado em pequenas doses. Sempre que possivel, os chefes das tribos vizinhas eram convidados para cerimoniosas conferências numa tenda de lona encimada por uma bandeira desfraldada, e



onde se lhes falava no Grande Pai Branco em Washington a quem doravante deviam obediência.

Toussaint Charbonneau, um mestiço que a comitiva tinha encontrado no caminho, servia de intérprete. Acompanhava-o sua mulher, Sacajawea, uma jovem e delgada índia de 19 anos, de compridas tranças e olhos negros. Fora roubada seis anos antes à tribo dos Shoshones por ousados salteadores, e Charbonneau a tinha ganho num lance de jogo. Uma mulher na expedição? Lewis e Clark hesitaram, mas precisavam desesperadamente de Charbonneau. Alem disso, dizia-se que a tribo de Sacajawea vivia para alem das altas montanhas. Talvez esta índia lhes pudesse indicar o caminho.

A prados e várzeas seguiam-se colinas suaves que por sua vez se transformavam em planaltos. Mas da linha do

horizonte surgia continuamente terra. Onde acabaria ela? Onde ficaria o oceano ocidental?

As primeiras fortes nevadas cairam em novembro, bloqueando o grupo num lugar perto do qual fica hoje a povoação de Bismarck, no Dakota do Norte. Em seis meses tinham percorrido 2.500 km., todo o percurso rio acima. Alguns mercadores já tinham chegado até alí, mas nenhum homem branco jamais ultrapassara aquele ponto. Construiram uma defesa cercada de palissada, e denominaram-na Forte Mandan em homenagem aos bons índios Mandan. Aí, durante o longo e triste inverno, Sacajawea deu à luz um menino.

A 7 de abril de 1805, tendo sido os últimos gelos desfeitos pela corrente, Forte Mandan foi deixado para trás. O mesmo aconteceu à chata, demasiado grande para o rio que se estreitava, e já desnecessária para as reduzidas provisões. Substituiram-na seis canoas, feitas de couro de búfalo e galhos de salgueiro.

A região tornava-se cada vez mais agreste, e a paisagem menos hospitaleira. Os mosquitos e outros insetos constituiam uma praga. Os búfalos eram raros, e, sem couro para remendos, o vestuário e os mocassins começaram a cair em pedaços.

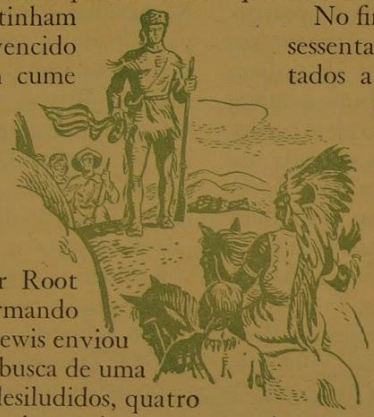
Mas os rudes homens da fronteira, com as roupas esfarrapadas, estavam agora desvelando os segredos do continente. Encontraram enormes e ferozes ursos pardos, que só meia dúzia de balas de fuzil conseguiam abater. Gastaram semanas a fio em extenuantes trabalhos de transporte dos gêneros e dos barcos, ao contornarem as estrondosas quedas de água que denominaram Grandes Cataratas do Missuri. Finalmente, a 26 de maio, domingo, Lewis, que como sempre sondava o terreno na dianteira, voltou agitado ao acampamento dizendo ter avistado majestosas montanhas.

O dia da Independência do ano de 1805 foi comemorado no sopé das Montanhas Rochosas, depois de terem palmilhado 4.000 km. em 14 meses, desde São Luiz. Pensativamente beberam as últimas gotas de aguardente. Os outros abastecimentos tambem se iam acabando. Lewis escreveu no seu diário: «Todos pensamos que a fase mais perigosa da nossa viagem está por começar.»

Somente a moça índia, com o filhinho amarrado às costas, tinha uma noção muito vaga da posição onde se achavam. Sacajawea, à vista de um riacho onde os guerreiros do seu povo costumavam apanhar argila para se pintarem, recordou-se dos seus tempos de infância. No ponto em que o Missuri, cujas águas diminuiam, se divide bruscamente em três braços, a sua memória a ajudou novamente; indicou aos homens a corrente mais rápida, à qual deram eles o nome de rio Jefferson.

O curso de água serpenteava por entre um labirinto de paredes vulcânicas, espadanando sua branca espuma de encontro às rochas. Mais de uma vez os barcos viraram, lançando à água as cargas que a correnteza levava. Os homens passavam a vau as águas glaciais, rebocando com longas cordas as embarcações, algumas já fazendo água, pois se tornava impossivel caminhar nas ribanceiras escarpadas. O capitão escreveu no seu diário: «Os homens estão enfraquecendo devido a estarem constantemente molhados.» Pedras pontudas e afiadas cortavam o que restava dos mocassins e gotas de sangue

salpicavam o rio. Tinham-se aproximado tanto da crista do continente quanto o permitiam as comunicações fluviais. Para onde quer que olhassem, a linha do horizonte era sempre uma cadeia eriçada de pináculos, «montanhas atulhadas sobre montanhas», picos como os americanos nunca tinham visto. Todo cume vencido deixava entrever um cume ainda mais alto. Chegaram, por fim, à região onde hoje confinam os estados de Montana e Idaho, e as Montanhas Rochosas e as Bitter Root correm paralelas formando um vasto labirinto. Lewis enviou os seus batedores em busca de uma passagem: voltaram desiludidos, quatro deles com ferimentos de quedas.



Compreendeu Lewis que, ou achavam a tribo dos Shoshones, ou teriam que desistir da expedição. Seus homens, fatigados, não podiam transpor aquelas cumiadas, e muito menos transportar cargas; precisavam de cavalos. As rações eram insuficientes, e eles não sobreviveriam a um inverno nas Montanhas Rochosas. Dentro em pouco começariam a cair as primeiras neves, e então seria demasiado tarde, mesmo para regressar. Não tinham encontrado nem um índio durante os últimos quatro meses, apesar de Sacajawea insistir ter visto, por duas vezes, sinais da sua gente.

Lewis escolheu três homens, e prosseguiu na vanguarda. Todas as manhãs, ao levantarem acampamento, deixavam contas de cores e espelhos, em sinal de amizade para com os índios que porventura passassem pelos fogos apagados. Afinal, esfarrapados e exhaustos, arrastaram-se ao pico de uma alta montanha, de onde descortinaram a vertente ocidental das Montanhas Rochosas. Alí, na Divisa Continental, desfraldaram a bandeira dos Estados Unidos. Tinham consigo apenas um quilo de farinha.

No fim da tarde de 13 de agosto, sessenta valentes Shoshones, montados a cavalo, com o seu chefe Cameahwait à frente, atravessavam o ponto mais alto do Passo Lemhi, quando defrontaram com um estrangeiro alto, de rosto pálido, em trapos, que avançava para eles cambaleando. Na mão direita segurava um pano vermelho, branco e azul. Meia centena de passos atrás estavam mais três forasteiros com compridos paus pretos.

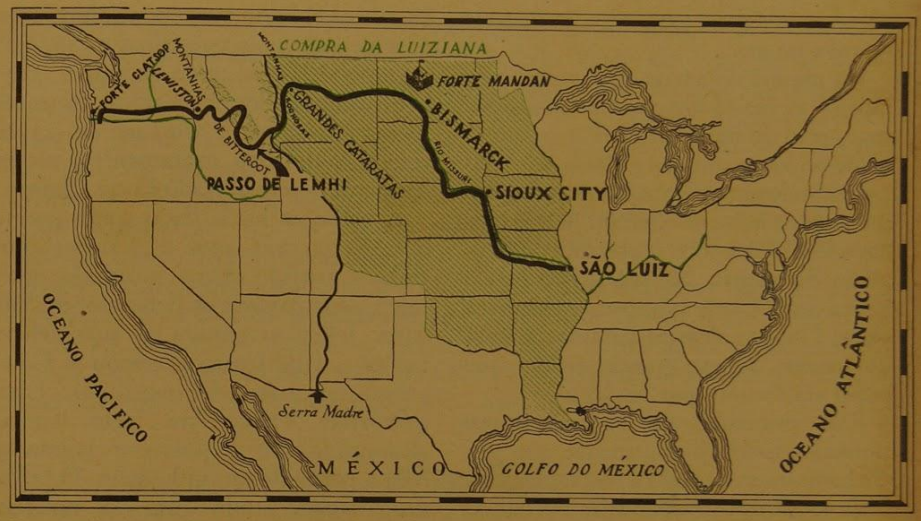
—Tabba bone, (homem branco) disse o estranho de olhos encovados.

—Ah hi e! (Muito prazer) respondeu o jovem chefe gravemente.

E alí, no ápice do continente, o selvagem ornado de penas e o cavalheiro da Virgínia abraçaram-se cordialmente.

A caça naquele ano tinha sido pouco abundante, e os Shoshones andavam com fome; contudo, partilharam a sua comida com os homens brancos. O coração do capitão bateu apressadamente quando o chefe lhe ofereceu salmão assado. Salmão do mar!

Lewis permutou ornamentos, casacos, cobertores e facas por 38 cavalos, que foram enviados para trazer o grosso da expedição. Um incidente emocionante marcou o encontro dos dois grupos. Sacajawea ao ver Cameahwait saudou-o afetuosamente com gritos de alegria. Eram irmãos! Contudo, no



momento de continuar a marcha, preferiu ficar com o marido, a voltar para o seu povo.

Um velho e encanecido Shoshone, que Clark batizou com o nome de Toby, ofereceu-se para servir de guia. Não chegou a ser de muito auxílio. Erravam pelas montanhas Bitter Root como homens presos numa fortaleza de pedra, enquanto as primeiras nevadas começavam a obstruir os desfiladeiros. Os alimentos iam-se acabando. Foram obrigados a sacrificar alguns cavalos que, por sua vez, estavam esfomeados, pois o solo se mostrava despido de qualquer forragem. Chegou o dia em que 32 bocas tiveram que se contentar com dois faisões. Escavaram o leito de um riacho em busca de caranguejos, e a terra à procura de raizes. Numa noite horrivel comeram um lobo que Lewis abateu a tiro. Este cedeu a sua montada a um dos homens, e continuou na dianteira a pé. Um cavalo, carregado com os agasalhos de inverno, escorregou e, com um rincho de pavor, desapareceu no abismo.

Afinal chegaram às regiões planas. Pareciam esqueletos, e agora, até o inexoravel chefe, Lewis, sofreu um colapso. Enquanto jazia doente à beira do rio Clearwater, os companheiros prepararam troncos de pinheiro e, queimando os núcleos, modelaram toscas canoas. Era uma tarefa penosa para homens exhaustos; o trabalho progredia lentamente.

As canoas deslisaram enfim pelo Clearwater e entraram no Snake, no lugar onde é hoje Lewingston, Idaho. Desceram o Snake e nos meados de outubro chegaram a um majestoso curso de água que, surgindo do norte, formava um cotovelo para poente. Era o Colúmbia, o «Grande Rio Oregon», que espíritos aventureiros de duas gerações haviam sonhado explorar!

Durante mais três semanas as canoas navegaram por entre montanhas, prados e pinheirais. Numa noite calmosa, um soldado ouviu um mugir distante. Logo após, ondas sucessivas, subindo a corrente, agitaram o rio. Gaivotas apareceram no ar. Cardumes de salmão

enchiam as águas, e o cheiro da maresia pairava no ar.

Na manhã de 11 de agosto de 1805, espesso nevoeiro envolvia o Colúmbia, mas perto do meio-dia clareou, e viu-se então ao longe uma larga faixa de vagas rebentando em espuma. Durante alguns minutos os homens olharam para o mar em silêncio. Depois, prorromperam em gritos de alegria. No seu diário pouco gramatical, Clark rabiscou: «*Ociano* à vista! Oh que alegria! Estamos à vista do *ociano*, aquele grande *ociano* que tanto ansiávamos por ver!»

Pela primeira vez os americanos tinham cruzado o continente que um dia habitariam de costa a costa. Naquela praia solitária, sob a bandeira flutuando ao vento, o capitão Lewis agradeceu aos seus soldados em nome do presidente Jefferson. Tinham alcançado a meta, antecipando-se a qualquer outra nação com iguais ambições, percorrendo em ano e meio 6.600 km. cheios de aventuras. Exatamente 125 anos depois seria possivel embarcar num avião em São Luiz logo ao raiar do dia, e chegar a Portland antes do cair da noite.

Próximo ao lugar onde é hoje Astória, construiram uma estacada a que chamaram Forte Clatsop. Ela os abrigou durante o segundo inverno e, no tronco de um alto pinheiro sobranceiro ao mar, o tenente Clark talhou estes dizeres:

WM. CLARK 3 DE DEZEMBRO DE 1805
DOS ESTADOS UNIDOS POR
TERRA EM 1804 & 5

Em fins de março de 1806 a expedição deu início à longa viagem de regresso, que consumiu somente um terço do tempo gasto na ida, pois possuiam agora pontos de referência. Novamente Sacajawea foi de valor inestimavel, indo à testa da coluna com Lewis e indicando sem falhar o caminho seguro. «Ela tem tanta energia e coragem como qualquer de nós,» escreveu Lewis. Chegaram a São Luiz em 23 de setembro de 1806, exatamente 6 meses depois de terem deixado Forte Clatsop.

A nação os havia dado como perdidos. Fazia dois anos e 4 meses que tinham partido. Uma multidão delirante acompanhou-os pelas ruas de São Luiz. Jefferson enviou as suas felicitações e, triunfante, informou o Congresso do êxito da expedição. Esta percorrera 12.000 km. pelo sertão, alcançando seu objetivo e voltando com a perda de um só homem. O povo ficou surpreendido com as notícias trazidas: ursos ferozes que pesavam 500 quilos, serras três vezes mais altas do que os Apalaches, manadas de búfalos tão grandes que se perdiam no horizonte, carneiros selvagens de chifres em forma de cornucópia, cabras que pulavam de rocha em rocha. A *Gazette*, de Nova York, predisse que provavelmente aquela região nunca mais seria atravessada de novo, mas o presidente Jefferson vislumbrava «um grande império, livre e independente, às margens do Colúmbia».

A Expedição de Lewis e Clark ainda hoje é considerada a mais importante jamais empreendida pelos E.U.A., assegurando o seu direito não somente ao vasto território da Luiziana, mas tambem, mais tarde, sobre a região do Oregon.

Lewis foi nomeado governador da Luiziana, e Clark designado agente do governo junto aos índios, e promovido ao posto de general de brigada. Lewis, sempre de feitio retraido, foi infeliz na carreira política. No outono de 1809, quando a caminho de Washington, para responder às críticas feitas aos seus métodos administrativos, pernoitou numa estalagem perto de Nashville, Tennessee. Logo após a meia-noite, um tiro de pistola acordou os moradores e o hoteleiro encontrou o explorador caido no chão com uma vasta ferida no lado. Expirou ao raiar do dia, aos 35 anos de idade. O fato abalou profundamente Jefferson, que sempre manifestou a opinião que ele se tinha suicidado. O povo de Tennessee afirmava, entretanto, que fora vítima de um crime. O mistério nunca ficou esclarecido de maneira satisfatória.

Não longe do lugar onde morreu, ergue-se um obelisco de granito, no qual se gravaram estas palavras do presidente que o despachou para oeste:

> A sua coragem foi inquebrantavel.
> A sua firmeza e perseverança a nada cederam, exceto ao impossivel.

Árvores frondosas inclinam-se sobre o seu túmulo, e, em noites de tempestade, o vento muge, tal qual as enormes vagas rebentando nas longínquas praias do Pacífico.

Momentos à parte

¶O SOLDADO era jovem e certamente estava encabulado e sem jeito, quando apareceu na Cantina da Cruz Vermelha, em Los Angeles. Perguntaram-lhe se queria café e biscoitos. «Não, obrigado.» «Cigarros?» Tambem não. «Papel de carta?» Ainda não. E lá estava ele, atrapalhado e cada vez mais vermelho. «O que eu queria...» gaguejou finalmente. «Minha mulher teve um bebê há quatro semanas, e eu ainda o não pude ver... então eu pensei... talvez vocês aquí pudessem dar um jeito... Eu queria poder segurar uma criança pequena no colo só para saber como é!»

Dentro de uma hora, o soldado, muito satisfeito, segurava nos braços uma criança que tinha exatamente quatro semanas.

—*The Red Cross Courier*

¶NUMA manhã de domingo, quando eu estava encarregado de um vagão cheio de recrutas de aviação, num trem militar, assisti ao mais extraordinário incidente de todos os meus cinco anos de serviço. Os rapazes haviam passado toda a manhã pilheriando ruidosamente, mas, de súbito, uma seção do carro caiu em silêncio. Observei meia dúzia de soldados agrupados à volta de qualquer coisa, e, como não queria que os rapazes chegassem «quebrados» ao seu primeiro posto de serviço, decidí interromper o que me parecia ser um jogo de cartas.

Mas o que vi foi um deles lendo em voz alta um livro de missa. Os demais, católicos, protestantes, judeus, de cabeça baixa, ouviam em silêncio. Em breve, dos outros vagões, vieram outros soldados. Durante quarenta minutos, homens de credos diferentes ou sem nenhum credo, que não conheciam o rapaz que lia a missa nem tinham sido avisados, encheram aos poucos o carro. Suas fisionomias compenetradas, eram algo digno de ser visto. Ao ser pronunciado o último «Amen», eles voltaram aos seus lugares tranquilamente como tinham vindo, e, durante pelo menos uma hora, continuaram, ainda, muito quietos.»

—Sargento John J. Leonard

A ordem é — MATAR

(Reproduzido do «Crusader», Semanário do 8º Exército Britânico)

Esta é uma das provas mais simples e aterradoras da maneira por que a Nova Ordem de Hitler é imposta àqueles que caem em seu poder. Trata-se de uma ordem baixada pelo quartel-general do 125º Regimento alemão de Infantaria, no dia 28 de outubro de 1941, quando estacionado na Iugoslávia. Cópias desta ordem foram capturadas pelo 8º Exército Britânico no Egito.

Os regulamentos suplementares expedidos pelo Comandante-chefe das Forças Alemãs na Sérvia sobre a maneira de como proceder às execuções, tornaram necessárias as seguintes emendas à Ordem Regimental de 16-10-1941:

(a) Quando for preciso executar grande número de pessoas, devem ser estas distribuidas por diversas unidades de fuzilamento.

(b) Os corpos devem ser enterrados em covas bastante fundas. Não se queimarão mais os cadáveres. É preciso impedir que a população venha depor flores nos túmulos.

(c) Para evitar contacto desnecessário com cadáveres, os condenados devem ser conduzidos até à beira da cova. Quando forem em grande número será permitido fazer com que os mesmos se ajoelhem com a face voltada para a sepultura.

(d) Nos fuzilamentos em massa deve-se proceder por grupos sucessivos de 5 ou 6. Devem-se amarrar as pernas aos condenados.

(e) Antes da execução, os condenados devem entregar todos os papéis em seu poder. Será feito um curto relatório, do qual constará: 1) o nome dos mortos; 2) o motivo do fuzilamento; 3) o nome do oficial em comando; 4) lugar, hora; 5) nome da autoridade que ordenou a execução.

(f) O fuzilamento deve ser executado à maneira militar normal, sob a responsabilidade de um oficial. Dois a quatro soldados são destacados para cada homem a ser morto. A pontaria é feita à cabeça e ao coração. Depois da descarga o oficial em comando dará um tiro de pistola em cada corpo, se assim ordenar o médico militar presente. O médico militar atestará a morte.

(g) A vestimenta, inclusive sapatos e objetos pessoais, dos que forem fuzilados, não devem de maneira alguma ser entregues à população do lugar, mas sim às autoridades militares locais que fornecerão o devido recibo. Até terminar o sepultamento deve-se achar presente um oficial responsavel.

Acha-se pois cancelada a ordem baixada a 16-10-1941 pelo Comando do 15º regimento de Infantaria.

Saiba tirar partido dos seus reveses

(Condensado do «Forum»)

Por William Moulton Marston

Se existe fator que possa concorrer só por si para o triunfo na vida, esse é por certo a habilidade para saber aproveitar as lições que a adversidade nos dá. Todas as pessoas minhas conhecidas que alcançaram algum sucesso, devem-no ao facto de terem sido capazes de analisar o verdadeiro motivo dum fracasso anterior, e deduzirem dele uma orientação mais cautelosa, ao encetar nova empresa. Confundir com o fracasso uma simples contingência, é provocar o fracasso definitivo. Porque não é um infortúnio que nos arruina, mas a nossa relutância em ver nesse infortúnio a inspiração e guia para o nosso êxito.

Não são os reveses coisa de que deva alguem envergonhar-se. Não passam de contratempos naturais na vida de cada homem que luta para levar a cabo a realização do seu plano. Mas podem transformar-se em perdas irremediaveis, se os não encararmos sem humilhação, se não aprendermos e não analisarmos a razão por que não conseguimos alcançar o objetivo proposto.

Se se considerar, porem, o revés como um aviso amigavel, deixará este de ser mortificante para quem o sofreu, e a tarefa de examinar intimamente as suas causas tornar-se-á trabalho tão interessante quanto proveitoso.

Por outras palavras, um revés pode ajudar-nos a curar as suas próprias causas. Temos o exemplo de Hiram Kimball, homem já meio idoso, da Nova Inglaterra, que herdou dum tio uma livraria, a qual por mais de 20 anos tinha gozado de modesta prosperidade. Cheio de entusiasmo por modernizar e desenvolver o seu novo negócio, Hiram arrendou outro estabelecimento a uma esquina, aumentou os seus depósitos de livros, publicou anúncios em vários jornais, e aumentou o número de empregados. Anos depois teve que abrir falência.

Este contratempo deixou Kimball com uma série de conhecimentos práticos de primeira mão, que lhe faltavam antes, e uma quantidade de livros de segunda mão, que os liquidatários não tinham conseguido vender. E com estes elementos começou a aproveitar a lição do seu revés. Por suas próprias mãos construiu um barracão numa estrada de muito movimento, e espalhou os seus velhos livros por toda a loja, numa disposição atraente. Num espaço de tempo extremamente curto os resultados foram surpreendentes. Hiram sabia muito bem que livros em segunda mão oferecem uma atração irresistivel, uma espécie de convite para a aventura mental, e que muito poucos transeuntes tentariam escapar à nobre tentação de explorar um «sebo». E assim, em três estações, fez duas vezes o dinheiro que tinha perdido. O seu contratempo anterior deu-lhe elementos para um êxito satisfatório e original.

Os reveses não só nos preparam para vencer, mas tambem nada existe tão capaz como eles de despertar dentro de nós essa ânsia de vencer. O desejo de dominar é a primeira de quatro emoções a despertar. Se deixarmos uma

criança agarrar um pau, e tentarmos depois tirar-lho, mais ela se agarrará, mais o apertará nas suas mãozitas. A mesma tenacidade deveria dar-nos nova e maior força, cada vez que sofremos um revés. Aproveitando a energia que um revés pode despertar no nosso íntimo, será possivel conseguir muito mais do que nos é permitido quando tudo deslisa com calma.

É sabido como, durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos, o americano John Paul Jones permaneceu a bordo da *Bon Homme Richard*, no convés desfeito pelos tiros. O *Alliance* tinha-o abandonado. Varrida de popa à proa pelo intenso fogo de artilharia dos navios de guerra britânicos, a *Richard* começava a afundar-se, e John Paul Jones era um homem vencido. Mas quando o comandante inglês o intimou a entregar-se, uma devastadora fúria de combate abalou todo o ser do americano, que respondeu: «Render-me? Se eu nem sequer ainda comecei a combater!» E atirou-se com o seu barco, a fazer água por todos os lados, contra o navio britânico mais próximo, abordou-o, deu-lhe combate e, em menos tempo do que isto leva a contar, estava tudo acabado. A amargura da derrota iminente foi como uma chicotada, que deu a John Paul Jones o espírito heróico que o levou à vitória.

Analisando os motivos do nosso insucesso, descobrimos um obstáculo determinado que é indispensavel vencer, em vez de sermos ameaçados por uma vaga impressão aterradora de imaginária inferioridade, que poderá precipitar-se sobre nós como avalanche esmagadora, a cada fase de um nosso próximo esforço.

Conheço o caso de um homem que sofreu consequências muito desagradaveis, por via de um namoro mal sucedido. Tal aventura moldou-lhe toda a vida; incutiu-lhe receio das mulheres, que ele manifestava fugindo-lhes, ou fechando-se dentro de si mesmo na presença delas. Essa hostilidade era um divertimento para toda a gente, menos para a vítima, que com ela sofria deveras. Em vez de encarar a sua desilusão e estudar-lhe as causas, de modo a tirar vantagem delas em suas futuras relações, confessou-se vencido logo ao primeiro revés.

Vale sempre a pena examinar bem a nossa atitude perante desacertos desta natureza, e vermo-nos livres deles. Há pessoas que perderam o seu emprego e receiam pedir trabalho; outras que foram repreendidas ao pedirem um aumento de salário, e têm agora medo de falar ao patrão; mães cujos filhos estiveram uma vez quase a afogar-se, e que os não deixam agora entrar na água para aprenderem a nadar. Parecer-nos-á ridículo o receio de qualquer revés que não nos afete. Mas é muito provavel que cada um de nós traga dentro de si um receio imaginário, de que pretende fugir com igual falta de senso.

Geralmente procuramos ocultar de vários modos estas fugas. Os processo mais simples é contar a nós mesmos que não estamos vencidos, que vamos até fazendo progressos,—quando a verdade é que nos encontramos num beco sem saida. Conheço um homem que se esforça por manter a confiança em si próprio, dizendo continuamente aos seus amigos (e a si mesmo) que vai ser promovido a cargo mais elevado. Não tenta enganar a sua «sub-conciência», pois sabe bem que alcançou há bastante tempo o limite máximo a que podia chegar na posição que atualmente ocupa. Mas, ao tentar encobrir assim o seu descontentamento, não faz mais do que perder confiança em si...

Outras pessoas há que se esforçam por «esquecer» os seus reveses. Haveria certo mérito neste método se fosse psicologicamente possivel eliminar recordações desagradaveis. Mas não é. Quando muito poderão reprimir-se. Emoções assim sepultadas transformar-se-ão em pensamentos venenosos, receios, ódios, depressões, sentimentos de vária ordem contra a sociedade. Causarão não só desequilíbrios mentais, mas até doenças físicas. E esta complexidade de contrastes, em vez de aumentar a auto-confiança, acabará por destruí-la completamente.

Se o choque causado por um revés imaginário o afetou momentaneamente, a ponto de o não deixar raciocinar claramente, saia com os amigos, vá rachar lenha, dê socos contra um saco cheio de serradura,—enfim faça alguma coisa com violência e que esteja fora do usual. Depois durma durante algum tempo. Ao despertar, notará que o seu cérebro está apto para pensar mais rápida e seguramente. É então o momento de considerar o partido a tirar, e de tratar de recuperar o perdido. Observe especialmente os falsos valores, os desejos banais e inuteis que uma contrariedade temporária afastou de si. Determine depois o seu desejo firme de trabalhar, livre de todos os embaraços que o seu revés lhe tenha revelado. Só para obter um benefício de tal natureza, valia a pena ter passado por essa contrariedade. Use todo o seu ressentimento como motor para alcançar o seu fim. Se um revés fizer desprender-se do seu ser uma atitude invencivel, nada poderá obstar ao seu êxito na sua próxima tentativa.

Sobrancelhas raspadas

¶ Algum dia, talvez não muito longe, as mulheres se contemplarão ao espelho e perderão a mania infantil de querer parecer-se com outras mulheres tidas e havidas como modelos de fascinação, encanto e suprema graça. A primeira coisa que têm a faxer é deixar que as sobrancelhas cresçam novamente. Descobrirão, surpreendidas e agradadas, que o seu aspecto é muito mais o de verdadeiras criaturas, com personalidade própria, e não o de cômicas imitações das estrelas de Hollywood. As sobrancelhas fazem com que os olhos pareçam mais negros e profundos, os narizes grossos menos preeminentes, as bocas largas mais proporcionadas, as maçãs do rosto menos evidentes—e toda a fisionomia readquire, com elas, seu equilíbrio perdido. Porque as sobrancelhas são parte integrante do desenho natural da face, e, quando as sobrancelhas se alteram, tambem se altera o desenho—o desenho individual do rosto.

As sobrancelhas são, em primeiro lugar e sempre, um traço de carater, e sua ausência elimina o carater de toda a face, dando-lhe um aspecto de máscara que lhe diminue o vigor. Arrancar as sobrancelhas, raspá-las ou dar-lhes outro desenho, não são coisas novas. Cleópatra fazia-o, e na China é uma moda tão antiga quanto a própria China. Mas tal costume devia ser evitado. A mulher moderna necessita de toda a expressão facial de que puder dispor, e nada melhor, para isso, do que a ajuda de um par de verdadeiras sobrancelhas. Alem disso, como poderá haver o sobrolho inquisitivo, ou elegante, ou alegre ou triste se todos eles forem plasmados segundo a moda e o gosto de Hollywood?

—Sophie Kerr, na *Liberty*

A pilhagem do velho Reino Eremita desmascarou as ambições de conquista nutridas pelo Império do Sol Nascente.

Primeiros frutos da nova ordem japonesa

(Condensado de «Asia»)

Por George Kent

Vendo aproximar-se o soldado japonês, o menino coreano escondeu-se no estábulo. O soldado entrou, e, enxotando do ninho uma galinha que cacarejou seu protesto, apoderou-se de um ovo. Fez na casca deste um orifício, com o alfinete de seu distintivo, e sorveu por alí a gema e a clara. Depois colocou a casca vazia na palha do ninho, e saiu.

Esse mesmo menino (que é hoje homem e trabalha numa sociedade organizada para a libertação da Coréia) contou-me outro dia, em Washington, essa história, e acrescentou: «O Japão tem feito com o meu país justamente o que aquele soldado fez com o ovo». O saque lento, e cuidadosamente preparado, levado a efeito na Coréia serve para mostrar aquilo que a população de qualquer país conquistado tem a esperar da vitória japonesa.

A Coréia é uma península montanhosa que se projeta da Manchúria em direção ao Japão, distando apenas umas duas centenas de quilômetros da principal ilha nipônica. Os japoneses vinham-se interessando havia muito tempo pela península, que nada mais significava, para eles, do que uma base para a dominação da Ásia. Conquistaram-na à traição. Em 1904, quando o Japão atacou a Rússia, o rei da Coréia permitiu que as tropas japonesas atravessassem o seu país, mediante um tratado pelo qual o Japão se comprometia a assegurar à Coréia a sua independência. Quando, porem, a guerra terminou, o exército nipônico foi ficando, e mais tarde, em 1910, Tóquio mandou rasgar o tratado, e anexou a península.

Antes da conquista, era a Coréia um país sonolento, sem grandes ambições, cujos habitantes se dedicavam à agricultura em pequena escala. Embora os fazendeiros usassem métodos primitivos de cultivo, todos tinham o que comer, e ainda sobrava alguma coisa. Nas cidades havia bancos, boas casas comerciais e algumas pequenas indústrias bastante prósperas.

Hoje, após 32 anos de domínio japonês, a Coréia oferece outro aspecto: seu povo, sem ânimo e cheio de amargura, está mais pobre e mais faminto que em qualquer outro período da história nacional. O país é dirigido por um Governador Geral militar, nomeado em Tóquio, cuja palavra é a decisão suprema sobre a vida e a morte dos cidadãos. Em apoio de sua autoridade, conta ele com 400.000 soldados e policiais japoneses.

Sob esse regime, os coreanos se viram privados dos mais elementares direitos do homem. Não lhes é permitido falar sua língua. Os nomes de lugares e de pessoa foram mudados da língua coreana para equivalentes japoneses. A própria língua coreana mudou de nome.

Antes do domínio japonês, a prostituição era virtualmente desconhecida; hoje ela existe na Coréia mais do que em qualquer outro país do mundo, exceto o Japão. Mais condenavel ainda é o tráfico que os japoneses empreenderam de mulheres coreanas. O dr. Horace H. Underwood, antigo presidente da Universidade Cristã da Coréia, relata que ele e seus auxiliares contaram uma média de mil coreanas por mês, passando pelo pequeno porto de Antung a caminho dos bordéis militares do Japão na Manchúria e na China. Ainda maior, porem, era o tráfico por outros portos.

Toda a riqueza do país foi levada, pelo mar, ao Japão, sem a menor consideração pelo bem-estar do povo dominado. Nas ruas de Seul, a capital da Coréia, vêem-se apenas lojas japonesas, onde se vendem mercadorias tambem japonesas. Os caixeiros dessas lojas são nipônicos, como o são, igualmente, os indivíduos bem vestidos que se encontram caminhando pelos passeios. Enquanto isso, os coreanos vão apregoando verduras, puxando riquexás (carrinhos individuais de passageiros), trabalhando como carregadores... Os japoneses apossaram-se dos bancos, das minas e de quatro quintos da terra aravel.

Para os fazendeiros, que compreendem, afinal de contas, 80 por cento da população, essa conquista significou nada menos que uma pilhagem sistemática, casa por casa. Iniciando-se sob a forma de uma busca para verificar a existência de armas, tornou-se logo um confisco integral de todos os objetos de valor. Essa situação, que já dura há mais de três décadas, redundou na perda, por parte dos habitantes do país escravizado, de tudo o que possuiam.

Quando o Japão anexou a Coréia, deliberou transformá-la convenientemente em vasta panela de arroz... Os cidadãos nipônicos tomaram posse da terra por «meios legais»: impostos pesadíssimos, aumento exorbitante no preço da água de irrigação, e empréstimos a taxas até de 70 por cento! A população da Coréia conta aproximadamente 23 milhões de almas; desses, 18 milhões são hoje meros arrendatários, ou colonos sem título algum de propriedade. A parte da colheita que cabe ao arrendatário, após ajustadas todas as contas, importa-lhe numa renda anual de cerca de dez dólares (duzentos cruzeiros). E, no caso de que sua terra chegue a produzir o que as autoridades consideram uma boa safra, ele pode ser mandado à força para colonizar a Manchúria.

Os agrônomos vindos do Japão conseguiram duplicar as colheitas desde 1910. Entretanto, as estatísticas oficiais mostram que os próprios coreanos apenas dispõem hoje da metade dos gêneros alimentícios que tinham antes da anexação. Produzem o melhor arroz do mundo, mas têm que vendê-lo aos comerciantes japoneses. Os coreanos só podem comer esse cereal uma vez por semana, e assim mesmo apenas dois punhados para cada pessoa, de mistura com cevada. Nos outros seis dias da semana, alimentam-se eles de milho de má qualidade, importado da Manchúria.

Quando chega a primavera, vêem-se milhões de famílias de fazendeiros pelas colinas nuas, cavando a terra à procura de raizes, plantas silvestres, e até cascas de árvores, para não morrerem de fome. «Esta é a terra da míngua por ocasião da primavera»,—assim escreve o próprio governador japonês, em seu relatório anual, sem no entanto oferecer qualquer proposta para remediar a situação. O único alívio para essa miséria deve-se aos botânicos imperiais, que fornecem listas de plantas silvestres comestiveis!

Hoje, apesar de tudo isso, um simples «coolie» japonês pode esbofetear impu-

nemente um aristocrata coreano. Em lugares públicos, como sejam as agências postais ou as estações de estrada-de-ferro, os japoneses são sempre atendidos antes dos filhos da terra, independentemente de haver uma fila de pessoas esperando.

Há escolas especiais para os membros da raça «inferior». A maioria dos professores são japoneses, que permanecem em classe de cinturão e espada, e não deixam dúvida quanto a que a finalidade da educação é produzir «bons e leais súditos do Imperador».

Mesmo a liberdade religiosa foi negada aos coreanos. Em todas as escolas e casas particulares, a lei obriga a haver ao menos um santuário do Xintoismo, sempre bem velado. A religião de Xintó exalta a personalidade do Imperador japonês, transformando-o até num ser divino. Os sacerdotes cristãos coreanos são asperamente tratados. Certa vez, no curso de um sermão, um deles declarou: «Deus é o único criador do Universo.» Interpretando esta frase como sediciosa, a polícia o pôs na cadeia por quatro anos. Centenas de outros ministros coreanos cristãos têm sido aprisionados por causa de suas crenças.

Entretanto, o desejo de liberdade não amorteceu. Em 1919 o povo sublevou-se, dando lugar à revolução mais estranha e mais sem esperança de que o mundo ainda teve notícia: reuniram-se dois milhões de pessoas (homens, mulheres e crianças) nas praças públicas de várias cidades e arraiais, desarmados e com o compromisso, espontaneamente assumido, de não atirar paus nem pedras: nesses locais públicos, ouviram a leitura de uma declaração de independência, mandada divulgar pelo Governo Provisório Coreano no Exílio. A multidão clamava: «Dez mil anos de vida para a Coréia!»

Tóquio revelou sua incapacidade essencial para governar, pela maneira brutal como pôs fim a essa demonstração inofensiva: compareceu a polícia montada, brandindo lanças de ferro, e precipitou-se sobre os manifestantes, que nem sequer ofereceram resistência. Os policiais atiraram contra grupos de crianças das escolas, que acenavam bandeiras coreanas. Um dos sobreviventes contou-me que viu os japoneses incendiarem duas igrejas cristãs, e perseguirem à bala os fiéis que tentavam escapar. Cerca de 300.000 pessoas foram presas; e calcula-se que o número de mortos tenha atingido cinco a sete milhares.

Em 1923, após o terremoto de Iocoama, correu o boato de que os coreanos estavam planejando aproveitar o período de desordem causado pela catástrofe, para organizar sua emancipação. Seguiu-se então um massacre.

Segundo a *Enciclopédia Britânica*, calcula-se que 9.000 pessoas foram mortas nessa hecatombe, que constituiu, assim, um dos peores massacres na história das nações modernas.

Apesar de tudo, o povo da península não se deixou conquistar e assimilar. A

prova está no fracasso do Japão, na presente emergência, em recrutar coreanos para o serviço militar. A experiência foi tentada, pela primeira vez, em 1937, quando cerca de 400 jovens coreanos foram incorporados ao exército e enviados para a China. Mas uma noite, um grupo deles matou seus oficias japoneses, e a experiência não foi repetida.

Centenas de milhares de coreanos organizaram-se em sociedades secretas. «Os coreanos são, por natureza, pacíficos e tolerantes», diz Kim San, um lider rebelde coreano, «mas não existe maior cólera do que a de um homem pacífico que sofreu demasiado. Cuidado com o pacífico búfalo aquático!»

O Japão tornou-se dependente da Coréia por muitos produtos, tais como arroz, peixe, algodão, ferro, carvão, grafite, magnésio e alumínio. Construiu lá fábricas de aviões e de produtos químicos, nas quais são empregados cerca de 500.000 nativos. Há fundadas razões para acreditar que esforços têm sido empregados no sentido de organizar estes e outros coreanos para o dia em que a sabotagem entrar em ação. Aliás, já tem havido um significativo aumento do número de desastres de trens e «acidentes industriais». O bombardeio de Tóquio pelos americanos foi imediatamente seguido na Coréia da destruição de uma fábrica de pólvora e de numerosos tanques de petróleo.

A nova Ordem do Japão iniciou-se na Coréia, e os habitantes desta península podem ter muito que ver com a sua liquidação.

Plantando ao acaso

¶ Anos atrás, viajando de trem através das campinas do Iowa, no mês de julho, fiquei encantado com os canteiros de malva branca que floriam à beira da estrada. Explicoume o condutor que, da janela do trem, um viajante havia lançado as sementes daquelas flores, numa estensão de trezentos quilômetros e aquele era o maravilhoso resultado. Tornei-me desde então um semeador inveterado. Levo sempre nos bolsos, nozes, caroços de fruta e um ou dois pacotes de sementes de toda estação em geral tambem colhidas ao acaso, nos meus passeios a pé, durante o outono. Tenho hoje em dia, ao longo da costa da Nova Inglaterra, ameixeiras e pinheiros, na Florida videiras e pecegueiros e flores por toda parte. Nada mais interessante e divertido—como qualquer pessoa poderá compreender se quiser experimentar.

—Louis Banigan

¶ «A Liberdade é sempre perigosa, mas é a coisa mais segura que nós temos.»

—Harry Emerson Fosdick

Se deixassem os operários trabalhar . . .

Por John Patric

«Se não fossem os entraves que os sindicatos põem ao andamento do serviço, poderíamos, com a mesma mão de obra, aumentar de um terço o número de navios lançados ao mar,» foi o que me declarou o superintendente de um estaleiro na costa Este dos Estados Unidos. E disse-me outro, na costa do Pacífico: «Se os sindicatos não estivessem sempre a me conter, se eles me deixassem dar tudo o que pudesse, garanto que dobraria a produção deste estaleiro!» Na investigação que fiz para o Reader's Digest, tanto na costa do Atlântico quanto na do Pacífico e à margem dos Grandes Lagos, tive, em trinta e dois estaleiros que visitei, revelações surpreendentes na matéria.

Entrevistei líderes trabalhistas, oficiais de marinha, membros da Comissão Marítima, empregados e empregadores. Como tinha passes especiais que me permitiam andar sozinho pelos estaleiros, metia-me nos porões dos navios e nas casas de máquinas; ficava às vezes tão sujo e suado que me tomavam por um dos operários. Por toda parte vi homens em franca ociosidade. Procurei conversar com estes homens, viajei com eles nos ônibus, trens e barcas; visitei-os em suas casas; sempre a fazer-lhes a mesma pergunta: «Porque isto?»

A resposta não variava: os regulamentos arbitrários dos sindicatos limitam a produção de cada homem. Por trás disto está a idéia de que é preciso dar trabalho ao maior número possivel; o operário que trabalha depressa demais é ameaçado de multa e da perda de sua carteira de membro do sindicato, o que implica na perda tambem do emprego.*

Assim, os estaleiros são obrigados a manter na folha de pagamento um número de empregados muito maior do que o necessário. Os chefes dos sindicatos, que são os únicos a ter qualquer autoridade disciplinar sobre os operários, fingem não ver, e às vezes até os estimulam a «fazer cera», pois, quanto maior o número de homens empregados na construção de um navio, mais mensalidades os sindicatos cobrarão.

Durante todo o tempo que durou a minha viagem de inquérito tinha o hábito de escrever à noite o que vira e ouvira naquele dia. Das 553 páginas dactilografadas a um espaço, escolhí os seguintes incidentes típicos:

Vejamos primeiro o caso de um tender de hidro-avião, já lançado ao mar e quase aparelhado. A tripulação estava reunida em terra e pronta para embarcar, mas os operários-encanadores haviam encontrado, já instalados nos porões do tender, vários tubos de cuproniquel. Imediatamente o capataz destes deu ordem para que se arrancasse tudo aquilo: «Estes diabos de caldeireiros não têm nada que se meter no nosso serviço.» Os encanadores cortaram os tubos atirando-os na pilha de ferro-velho, para em seguida instalar outros exatamente iguais aos que acabavam de retirar.

O capataz dos caldeireiros, assim que teve conhecimento do fato, apanhou um tubo cortado, e furioso foi mostrá-lo ao superintendente geral, que mandou chamar à sua presença para explicações, o chefe dos encanadores.

—Isto é serviço de encanador, explicou este.

—Uma história! exclamou o caldeireiro. —Este cano é de cobre e niquel, logo é trabalho para caldeireiro.

—Façam de novo este serviço, e vejam se eu não mando arrancar! ameaçou o chefe dos encanadores.

—Isto é sabotagem! exclamou indignado o superintendente. Se você desmanchar outro serviço destes, denuncio-o à polícia federal!

Noutro estaleiro, o sindicato dos operários de construção e o dos operários de aparelhamento julgavam-se ambos com o direito exclusivo de instalar as escadas de um destroier em construção. Enquanto os dois sindicatos disputavam, atrazava-se a construção do destroier. «Nós assistimos a isto de braços cruzados, sem poder fazer nada,» dizia-me um oficial de marinha.

Fui testemunha de outro caso típico, quando em companhia do encarregado da construção do casco de um navio, o qual fora chamado pelo encarregado do aparelhamento para resolver um caso que, dizia este, «punha em perigo a vida de seus homens». Era uma placa de ferro que se equilibrava perigosamente sobre a escotilha; quem pisasse em cima, certamente cairia dentro do porão. Bastaria firmar a placa com uma tábua para eliminar o risco. Feito isto, o chefe da construção perguntou, com certa estranheza, porque fora o outro chamá-lo para uma coisa tão banal que qualquer podia fazer.

—Eu não quero saber de encrenca, disse o aparelhador. —Se o inspetor de sindicato me visse fazendo serviço de construção, multava-me na certa.

Os operários concienciosos deploram tanto quanto os superintendentes estas restrições ridículas, e gostariam de poder ver o seu dia de trabalho render; mas os regulamentos dos sindicatos são severos. Cito como exemplo o que ouví de um vigia num dos estaleiros da baía de São Francisco.

«Eu sou mecânico por profissão, disse-me ele, e empreguei-me aquí primeiro como ajudante de maquinista; mas depois verifiquei que o ajudante não tem licença de usar ferramenta alguma, nem para apertar um parafuso. Ganhava noventa e cinco centavos por hora para ficar olhando sem fazer nada. Pedí então que me transferissem para este serviço de vigia; pelo menos aquí não tenho vergonha de estar ganhando sem usar este revolver!»

Se bem que não esteja especificado nos contratos, muitas agências locais de sindicatos exigem que cada operário tenha seu ajudante. «Estes ajudantes nos dão os maiores aborrecimentos,» reclamava um encarregado; «temos 900 deles aquí e pode-se dizer que só dez por cento são necessários. Há sindicatos que nem ao menos nos permitem ensinar alguma coisa a estes homens; os operários do ofício não querem saber de concorrência depois da guerra.»

Numa oficina de máquinas havia uma poça de óleo. O maquinista chamou a atenção de seu ajudante que não fazia nada no momento, mas este não podia limpar o óleo porque os regulamentos de sindicato não permitem. Foi preciso chamarem um operário não especializado para fazer o serviço enquanto os dois o contemplavam.

Incidentes desta ordem, decorrentes do carater sagrado das prerrogativas sindicais, surgem a cada momento atrazando as construções navais.

Em alguns lugares da costa do Pacífi-

*Nos Estados Unidos os contratos de operários são feitos, geralmente, através dos sindicatos.

co os operários-cravadores ganham por dia. Os sindicatos estabeleceram como média de dia de trabalho trezentos e vinte rebites. «Se fizermos mais do que isto agora, quem nos diz que depois da guerra não vamos ser obrigados a manter a mesma quota? Com isto estaremos depois tirando o emprego de outros», foi a explicação que me deu um ardente apologista dos regulamentos sindicais. Acontece, porem, que na costa do Atlântico os rebitadores são pagos pelo serviço feito, e vemos então operários cravando 700 rebites ou mais em dez horas de trabalho.

No Atlântico, onde são pagos pelo que produzem, soldadores, talhadores, calafates, perfuradores e outros operários de construção naval, trabalham quase o duplo do que os do Pacífico e do Golfo do México, onde são pagos por dia. Em certos estaleiros, os operários que trabalham com muito entusiasmo são «riscados». Um rapaz do Texas explicou-me este estranho costume: «Eu aprendí a soldar numa escola profissional, e vim para o Golfo do México trabalhar em construção naval. Conseguia soldar o dobro do que fazia qualquer outro; mas agora o fiscal do sindicato vem todos os dias até onde trabalho e faz uma marca de giz na placa de aço: pelo regulamento do sindicato só posso soldar até aquele ponto.»

As restrições dos sindicatos variam muito de estaleiro para estaleiro. Agências do mesmo sindicato podem ter regulamentos totalmente diversos. Cada sindicato tem seus fiscais na obra para não deixar que operários de outro ofício usurpem seus direitos. Os fiscais devem teoricamente trabalhar como qualquer outro operário, mas passam a maior parte do tempo a resolver disputas e fazer reclamações, raramente trabalhando um dia inteiro. São tantos os regulamentos e exigências dos sindicatos que um superintendente de produção em Nova Jersey me disse há pouco: «Se conseguimos que um operário trabalhe seis horas em cada oito de serviço, já nos consideramos muito felizes.»

A melhor síntese da situação foi-me feita por certo dirigente: «Imagine que as restrições dos sindicatos se aplicassem a um serviço a ser feito no seu carro. Para ter o seu motor examinado e limpo, terá que chamar um encanador para desligar a tubulação de gasolina, um eletricista para desligar os fios elétricos, e um maquinista para retirar o carburador. Mas nenhum deles poderá limpar as peças; para isto necessitará chamar um operário não especializado.»

Como permitir este estado de coisas nos nossos estaleiros quando o país se acha empenhado numa luta de vida e morte? A isto retrucam os líderes dos sindicatos: «Lutamos muito por nossos direitos, e se abrimos mão deles durante a guerra nunca mais os teremos de volta. O que abandonarmos agora, será impossivel recuperar na paz.»

Os operários ingleses tambem lutaram muito por seus direitos e no entanto estão trabalhando muito mais que os norte-americanos. Se estes últimos, em estaleiros de aparelhagem modernissima, trabalhassem com o mesmo afinco que os britânicos em seus estaleiros apertados, antiquados, e frequentemente sob bombardeio, teríamos tido uma produção de 10 a 11 milhões de toneladas em vez de 8 milhões.

O maior problema para a vitória é ter navios em quantidade bastante para fazer o transporte de homens e material. Este problema seria resolvido mais depressa se fosse permitido aos nossos operários trabalharem livremente.

Preocupações—causa principal de muitos estados mórbidos

Como as emoções afetam a saude

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por George W. Gray

Ele apareceu no hospital numa segunda-feira. Tinha nos braços uma curiosa moléstia de pele, constituida por bolhas:

—Quase todas as semanas fico com os braços nestas condições, disse o homem.

—Que faz o senhor aos domingos? perguntou-lhe o médico.

Em geral, explicou o paciente, costumava ir visitar uma moça de suas relações. E acrescentou—que havia alguns anos tinham noivado, mas a jovem evitava sempre marcar uma data para o casamento. Todos os domingos pedia ele uma decisão; e quase todas as segunda-feiras, dia seguinte ao seu desengano, a pele reagia daquela forma, em erupção eczematosa.

No mesmo hospital havia outro paciente, gravemente atacado de asma. Depois de semanas de tratamento, melhorou, e o dia da alta foi marcado. Repentinamente, na noite anterior à saida, todos os antigos sintomas reapareceram. Repetiu-se o tratamento, e de novo se lhe restabeleceu a respiração... Nova alta foi marcada, e outra vez ressurgiram as manifestações asmáticas.

O histórico do paciente revelava ser ele professor de uma universidade; havia brigado na escola, e temia perder o emprego. A situação de incerteza resumia-se em que era melhor permanecer no hospital, do que voltar e ser talvez despedido.

Claro que nesse caso havia mais do que as condições físicas: havia uma perturbação mental e emotiva, que encontrava uma válvula de escapamento na manifestação física.

Há muitos anos que os médicos designam como «funcionais» certas moléstias mal-compreendidas, separando-as assim das chamadas doenças «orgânicas», em que os orgãos atacados revelam defeitos histológicos. Uma dor de cabeça que se relacione com um tumor cerebral, é uma perturbação orgânica, ao passo que uma dor de cabeça que tortura o indivíduo, mas não acusa relação estrutural, é simplesmente «funcional». Muitos médicos, sem outra saida, dizem dos casos «funcionais»: «O senhor apenas imagina que está doente. Deixe-se de vexame; vá para casa e esqueça isso.»

Conselhos desse jaez raramente produzem efeito benéfico. E rotularem-se esses casos como «psico-neuroses» tão pouco soluciona o problema do paciente, que passa de um médico a outro, indo até a curandeiros, podendo mesmo ser exibido por estes como... *curado!*

Por outro lado, o neurótico pode consultar um médico que o examine completamente, não este ou aquele orgão. O antigo médico de família era um exemplo desse modo de pensar; o dr. S. Weir Mitchell foi um expoente dessa clínica, no século passado. Médicos experimentados ainda seguem essa prática, embora o seu número seja cada

vez menor. Só recentemente é que as emoções vêm sendo estudadas como base de doenças, e é assunto devidamente considerado nos cursos de medicina e nos centros de pesquisas. Graças a isso, tem-se descoberto que, numa larga escala de moléstias, os fatores emocionais têm marcada influência, às vezes decisiva.

Em 1934, o dr. Flandres Dunbar e seus colaboradores deram início no Hospital Presbiteriano de Nova York à série de estudos sobre os possiveis fatores emocionais em duas longas classes de enfermidades. Ambas relacionadas com perturbações orgânicas: diabete e moléstias do coração. Em cada grupo se descobriram fatores emocionais, que atacavam a mais de metade dos doentes. Nos períodos de distúrbios funcionais, o diabete era peor e os sintomas cardíacos mais intensos.

Há provas bastantes de que as preocupações e ansiedades reprimidas, que não encontram meios de expansão, se transformam em enfermidades. Em muitos casos de hipertensão arterial, não há vestígio de causa orgânica. E mesmo quando existe alguma, o paciente dá mostras imediatamente de melhoria, quando o seu estado emotivo se reequilibra.

O dr. Erwin Moos relata o caso de um paciente que tinha pressão sistólica de 28, sofria de afecção pulmonar, e a urina acusava perda de albumina. O repouso e o tratamento deram algum resultado, mas um dia, havendo ele confessado ter sido injusto para com a esposa, de quem estava separado, o seu médico arranjou-lhe um encontro com esta, e após haverem discutido os dois amistosamente o assunto, a pressão arterial do doente baixou para 15, o pulmão melhorou, e a albumina voltou à normalidade. Há anos que o paciente se encontra em excelentes condições de saude, com a pressão arterial marcando 13 apenas.

No Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, o dr. Stanley Cobb e um grupo de médicos vêm estudando casos de pacientes atacados de várias moléstias, como asma, artrite e colite membranosa. Em cada qual desses grupos, havia uma grande porcentagem sofrendo de um estado crônico de tensão nervosa. Conversando com cada um dos pacientes do grupo que sofria de colite, puderam os médicos verificar que 96% deles padeciam de ressentimentos; 75% tinham depressão mental, e 68% alimentavam um sentimento de culpa. Odiavam, ora os patrões, ora os professores e pais, e esses antagonismos lhes afetavam, até os intestinos.

O Instituto de Psicanálise de Chicago fez um estudo exhaustivo sobre a asma. Nos próprios casos de pessoas extremamente alérgicas para com certas substâncias, notou-se que os ataques asmáticos ocorriam regularmente como reações de estados emotivos.

Certa moça, empregada numa casa comercial, onde desempenhava o lugar de assistente do chefe de departamento, viu-se de súbito elevada ao cargo de chefe. Três meses depois estava sofrendo de asma. O médico para logo concluiu que as responsabilidades do novo posto eram fonte de apreensões, e daí a anormalidade. Quando a persuadiram a deixá-lo, e voltar à antiga posição, a asma diminuiu, e não tardou a desaparecer. O aspecto fisiológico da ansiedade está ligado à idéia de proteção, cujas origens se perdem nas profundezas da história humana. Os problemas de defesa do «eu» eram os mais sérios para o homem da caverna, que todos os dias

tinha que sustentar lutas, ou fugir. Esse estado de coisas gradualmente desenvolveu no seu organismo essa faculdade de rapidamente entrar em ação.

Quando temos medo ou raiva, grandes transformações se verificam no nosso organismo: o coração é estimulado a bater com maior velocidade; a circulação é desviada do estômago e dos intestinos para o coração, cérebro, pulmões e músculos da vida de relação, e todas as energias são mobilizadas da maneira mais eficaz, afim de que melhor lutemos, ou fujamos! Os mecanismos dessas reações automáticas, na sua maioria são químicos, e agem assim em virtude de ativas substâncias segregadas pelas glândulas e terminações dos nervos. E qualquer impressão do mundo exterior, que ameace a segurança do indíviduo, causando-lhe raiva ou medo, automaticamente põe em prática esse complicado mecanismo bioquímico, que prepara o organismo para a ação.

O homem de hoje, que perde sua fortuna numa falência bancária, sofre uma sensação de medo em tudo idêntica à do homem da caverna quando via diante de si um inimigo feroz. Entretanto, se o homem primitivo decidisse correr ou lutar, precisaria de pulsações cardíacas mais fortes, e súbita mudança na circulação. Mas, para a vítima da falência, essas transformações são supérfluas. Elas o preparam para uma ação *que se não realiza*. O seu organismo vê-se carregado de substâncias desnecessárias, e que só perturbações lhe vêm causar. Tais perturbações podem ser eliminadas, mas o fato de serem inconcientes não quer dizer que sejam inócuas. Ao contrário, o efeito tóxico proveniente duma preocupação parece crescer na razão inversa da conciência que a vítima tem da causa da inquietação.

Parece que essas manifestações variam de indivíduo para indivíduo, segundo a constituição de cada um e de acordo com a fraqueza de certos orgãos, cedendo uns antes que outros, e tambem são um tanto condicionadas pela experiência da vida infantil. O dr. Leon J. Saul, do Instituto de Psicanálise de Chicago, observa que se a uma criança se permite completa liberdade para manifestar a sua raiva, negando-se a outra, mais tarde, quando a primeira criança se fizer homem, se dará ao luxo de zangar-se sem peias, ao passo que a outra terá uma dor de cabeça. Da mesma maneira, a pessoa que em criança foi muito mimada sofre de uma forma mais rude os embates da vida, numa sociedade de alta competição e agressividade, e é normal que, mais dia menos dia, esteja com os nervos desequilibrados.

O ativo capitão de indústrias, que tanto reprimiu, pelo seu modo de vida, os sentimentos de amor e a serenidade do lar, pode vir dar expansão a esses recalques, sob a forma de uma úlcera gástrica. Uma pessoa de aparência calma, bondosa e gentil, pode às vezes ter oculto um estado crônico de raiva—uma represa psíquica, capaz de manifestar-se num estado hipertensivo. O médico experimentado não perde de vista essas circunstâncias. Usará remédios, cirurgia, adaptação social, sugestões, tudo que possa ir de um modo ou outro à origem da preocupação. Não lhe cabe tratar apenas corações, intestinos ou rins, mas todos os orgãos—o doente todo. O dr. Stanley Cobb diz, com muito acerto, que o método pelo qual se procura classificar uma doença como orgânica, e outra como funcional, é mera ficção, como o é a linha divisória entre o físico e o mental.

Não se ignora que as mudanças opera-

das na ação do sangue são produzidas por substâncias que se lhe aplicam em pequeníssimas doses—adrenalina, por exemplo. O sangue pode ser considerado como um orgão fluido. Logo que este orgão circulante sofre a menor alteração química, idêntica transformação sofrem os orgãos que alimenta.

A preocupação transforma-se então num fator bioquímico. Sob a ação de estímulos de secreção, certos orgãos, condicionados por esse fator, podem lançar na circulação substâncias tão nocivas ao corpo como as bactérias.

As próprias infeções por bactérias podem ser veiculadas pelas preocupações. Não foi por mera coincidência que a epidemia de influenza espanhola de 1918 surgiu no período de maior ansiedade para os aliados na primeira guerra mundial. Até o resfriado comum, parece atacar com mais força quando a pessoa está preocupada.

Ao fazer a psicanálise de nove pacientes, o dr. Saul notou, em muitos meses de tratamento, que os doentes apanhavam mais defluxos quando sob a ação de certos estados emotivos, ficando bons quando dominados os referidos estados.

Assim como o século XIX nos trouxe a chave do conhecimento das moléstias contagiosas e nos pôs em mão as poderosas armas da antissepsia e da imunização, da mesma forma é possivel que o século XX nos traga o completo conhecimento das relações existentes entre as preocupações e as doenças, e os meios técnicos de prevenir e controlar os seus maléficos efeitos.

Se ficaram corados!

¶ Quando presidente da Sociedade de Debates, em Oxford, Philip Guedalla pediu a um amigo que lhe fizesse duas perguntas—havia sempre perguntas antes de começaram os debates—para as quais ele havia cuidadosamente preparado as respostas. O amigo concordou e feita a primeira pergunta, a réplica pronta e espirituosa de Guedalla arrancou uma onda de gargalhadas do auditório. A segunda resposta, igualmente brilhante, pôs a casa abaixo. Então, o amigo achou que era chegada a sua vez e, levantando-se solenemente, inquiriu: «Qual foi mesmo a terceira pergunta que v. me pediu que fizesse?»

Hesketh Pearson, *Ventilations* (Lippincott)

¶ A senhora Lauritz Melchior, esposa do conhecido cantor lírico, é muito má fisionomista. Resolveu, porem, um dia, que devia se corrigir deste defeito e ser mais sociavel. Logo no dia seguinte, quando esperava um taxi, na Avenida Madison, um senhor bem parecido, se aproximou e lhe disse: «Boa tarde, como está a sra.?»

«Oh, boa tarde, e o sr., como está?» replicou cordialmente ela, tentando lembrar-se quem era o cavalheiro. Ao ser convidada por ele para tomar um coquetel, em um restaurante próximo, a senhora Melchior aceitou, mas ainda sem ter a mínima idéia de quem era o moço tão amavel. Finalmente, não se contendo, disse:

«Perdoe-me, mas eu tenho péssima memória para fisionomias e nomes—diga-me, quando é que me foi apresentado?»

«Nunca, minha senhora» respondeu calmamente o galante cavalheiro.

Katharine Brush

Aquele cão feroz

Por J. L. Wolff

O carro ia rolando, aos solavancos, sobre a terra barrenta de uma estrada do Kansas, quando avistei, já próxima de nós, uma fazenda solitária. Como chegássemos à entrada do caminho que conduzia à casa, os cavalos, dando a volta, enveredaram por alí. Vinham cansados e sedentos.

Afrouxei as rédeas. Pareciam, porem, ter esquecido a sede. Mostravam-se nervosos em extremo, como que amedrontados.

Tive, tambem eu, a sensação de que perto, por alí, algum perigo nos ameaçava, e, voltando a cabeça bruscamente, olhei para o celeiro: todas as portas permaneciam fechadas—não se via o menor sinal de vida. De cada janela da casa pendia uma cortina desbotada. Dir-se-ia um lugar mal-assombrado. Tive ímpetos de fugir.

Eis senão quando, avisto, finalmente, um tremendo mastim que, logo à entrada do portão, agitava com força a pesada corrente que o prendia, a ver se se desvencilhava para atacar os intrusos. Seus olhos, injetados, se fixavam nos meus. Tinha sede de sangue.

Durante alguns minutos, fiquei a contemplar o feroz espécime, que assente nas quatro patas, tinha bem 90 centímetros de altura. A corrente parecia segura. Dirigí-me lentamente para ele, falando-lhe em voz baixa. Ele nem latiu nem rosnou: empinou-se, a pôr à prova cada músculo do seu vigoroso organismo, tentando libertar-se da correia.

Ao aproximar-me do portão e daquela tremenda incarnação do ódio, correu-me um frio pela espinha.

Falando sempre, abrí o trinco, e, cada vez mais devagar, fui avançando ao encontro do temível cérbero. Este nem sequer estremeceu: contentou-se em seguir-me os movimentos com seus olhos acesos e vermelhos. Falei-lhe do tempo, da sua pequena casa, da pesada corrente em que o tinham preso, da pressão que ele fazia na coleira. Aliás esta última, eu havia tido o cuidado de examinar anteriormente, com a máxima atenção, a pequena distância do mastim.

Decorreram assim uns dez minutos, durante os quais não parei de falar um só instante. Comecei a perguntar a mim mesmo se o que faltava àquele bruto não seria, afinal de contas, um pouco de carinho. Os minutos seguiam-se aos minutos. Sem que se percebesse quase, a corrente começou a ceder. Eu insistia em falar. «É lamentavel que se deixe um animal assim sozinho neste deserto, onde a casa mais próxima dista milhas; deve ser de tristeza e solidão a sorte de um cão selvagem que mete medo a todo o mundo, e de que ninguem se aproxima para dizer-lhe uma palavra boa. «Magnífico animal! Teu coração, se é proporcional ao corpo, deve ser gigantesco. Há quanto tempo já não vês sequer uma criança, a brincar contigo, a acariciar-te o pelo, a fazer-te o mais leve agrado!»

Como eu continuasse a lhe falar assim, ele abrandou-se um pouco, afrouxando a tração que estivera a fazer sobre a corrente. Não deixamos de olhar para o outro um só instante. Nenhum de nós se moveu até que, aos poucos, levantando a mão, tentei, gradualmente, alcançar-lhe o focinho. Eis-me a três palmos, a dois palmos, a uns poucos

dedos, afinal! Nem um tremor, sequer, percorreu-lhe as narinas revelando o mínimo interesse.

«Porque não lambe a minha mão? Pois não quer que sejamos amigos?»

Meu braço, já então, pôs-se a doer, e comecei a recear que fossem tudo tentativas baldadas. O cão, porem, movendo aos poucos a cabeça em direção aos meus dedos, procurou alcançá-los, agitando a cadeia levemente. Fiz-lhe carícias no focinho. Já agora nos seus olhos, de onde toda a expressão de maldade havia desaparecido, não se lia mais que o espanto, quiçá interrogativo. Deixei que os meus dedos lhe fossem deslizando pelo focinho, a ponto que as suas presas poderiam ter-me atingido o pulso.

Sentí que as pernas me iam ficando dormentes. Então, batendo-lhe de leve na cabeça, me levantei cautelosamente. O robusto animal procurou acercar-se mais de mim, e eu lhe alisei o pescoço. Por longo tempo assim permanecemos, sem que cessasse minha conversa em voz baixa—nem descansassem os meus dedos. Nem por isso deixava entretanto de conservar-me de guarda para escapar, se necessário fosse, a um ataque imprevisto.

Não obstante, imperceptivelmente, fomos ficando cada vez mais perto um do outro. Toda a idéia de perigo desapareceu, e o que veio crescendo em lugar dela foi um vago sentimento de compaixão por aquele soberbo quadrúpede. Ele não levantou o olhar uma só vez, nem abanou a cauda—contentava-se em se encostar a mim, receber minhas carícias, e ouvir a voz que lhe falava com doçura.

Mas havia que pôr termo àquilo. Já se ia fazendo tarde, e milhas nos restavam por vencer. Todavia, custava-me deixá-lo, depois que, com tanto esforço, lhe conquistara a amizade, e ele se rendera totalmente à surpresa do carinho com que se viu tratado.

Quando fiz menção de afastar-me, vi que me olhou como tomado de espanto. Ao ver-me abrir o portão, soltou um breve gemido, lançando sobre mim um olhar súplice. Era impossivel abandoná-lo assim. Voltei rapidamente e, sem hesitação, abaixando-me, lhe envolví o pescoço com meu braço. Ele esfregou suavemente o focinho no meu rosto. Já então não falei mais—limitava-me a afagá-lo.

Cortou-me o coração tomar de novo o rumo da partida, desta vez resoluto, e sem sequer voltar-me para olhá-lo. Subí no carro, e fustiguei os cavalos. Ao passarmos pelo cão, estava ele a ganir perdidamente. Não; não podia deixá-lo assim, sem mais nem menos. Descí de novo, e voltei.

A sua imensa cauda agitava-se lentamente, de lado para lado, enquanto ele encostava a cabeça avidamente a mim, e me olhava nos olhos. Era triste pensar na sua solidão—a solidão total de um cão selvagem, desprezado e amaldiçoado, e cujo anseio por um gesto amigo ninguem soubera avaliar, talvez.

Nos seus profundos olhos castanhos que me fitavam compreensivamente, lobriguei a viva imagem de uma lealdade que nascia. Sólida. Eterna.

As lágrimas correram-me pelo rosto quando tive de deixá-lo, a lutar por seguir-me, com os ganidos embargados pela pressão da coleira. Quando ecoou pela estrada o trote dos meus cavalos, já o cão não gania—uivava.

Lá se vão quase trinta anos. Não conservo a lembrança do lugar. Porem tudo o que se prende ao episódio daquela amizade, se me gravou na memória de maneira indelevel.

SEÇÃO DE LIVROS

Ensaio geral DE INVASÃO

A Epopéia de Diepe

(CONDENSAÇÃO DO LIVRO «DRESS REHEARSAL»)

POR QUENTIN REYNOLDS

IMPRESSIONOU profundamente a Quentin Reynolds a maravilhosa eficiência com que foi realizado o raide de Diepe. Mas ainda maior impressão lhe causaram os exemplares humanos que nele participaram. Daí o relato vivo e pessoal do episódio de bravura, tragédia e humorismo que testemunhou, enquanto o navio em que estava embarcado sofria o ataque severo e prolongado da aviação e da artilharia.

O autor foi durante dez anos co-redator do *Collier's*, e desde 1940 tem sido correspondente de guerra dessa revista. Presenciou o colapso da França e o *blitz* sobre Londres. Durante uma batalha na Líbia, ele estava com um grupo de soldados ingleses cercados por tanques do Eixo e submetidos a bombardeio aéreo. Com a sua experiência da guerra, já publicou quatro livros todos de grande êxito.

Copyright 1943, Random House, Inc., Nova York

ENSAIO GERAL DE INVASÃO

Eu moro, aquí em Londres, no Hotel Savóia, e a comida aí não é melhor do que deveria ser. Mas, de vez em quando, o Savóia nos faz uma surpresa. Foi assim aquela manhã em que o *maître d'hotel*, Santarelli, me telefonou, alvoroçado, para dar-me a agradavel notícia de que tinha descoberto seis costeletas de porco, e as estava «salvando» para mim. Nunca poderei esquecer aquelas costeletas de porco! Foi precisamente graças a elas que logrei pôr-me em contacto com o vice-almirante, Lorde Louis Mountbatten, e manobrar de maneira a acabar tomando parte no raide de Diepe.

Dois amigos meus, o major Jock Lawrence e o tenente Douglas Fairbanks Júnior, estavam a servir no seu quartel-general. Quando Santarelli me falou nas costeletas de porco, dei-me pressa em telefonar a Jock e a Douglas, convidando-os para jantar. Ambos tinham compromisso para aquela noite. Ao saberem, porem, que se tratava de costeletas de porco, dispuseram-se a rompê-lo, e dois dias depois fui levado à presença do vice-almirante.

Mountbatten, diferentemente de tantos heróis, põe à vontade o interlocutor. O filme de Noel Coward, sob o título *In Which We Serve*, é mais do que um episódio da vida de um capitão de marinha: é a própria história de Mountbatten; e o «capitão D», da película, reflete precisamente o seu espírito, a sua bravura, os seus métodos. Mountbatten figurará, de modo proeminente, nas futuras operações de ofensiva das Nações Unidas.

Na primeira fase da guerra, como comandante de um destroier, coube-lhe trazer, por três vezes, o seu navio à base, depois de torpedeado, e atingido por mina. Mais tarde, ao largo de Creta, um bombardeiro de mergulho nazista meteu-lhe o barco a pique. Mountbatten e alguns sobreviventes lançaram-se ao mar numa jangada de borracha. «É curioso», disse, ao ser içado para bordo do navio que o salvou, e enquanto limpava o óleo que lhe queimava os olhos. «É curioso notar como a gente fica certo de sobreviver a si mesmo.»

Lorde Louis veio a Norfolk, Virgínia, para tomar o comando do porta-aviões *Illustrious*, que acabava de passar pelos devidos reparos. Não deixa de ser singular que dalí tenha levado a única cicatriz que lhe ficou de combate. A boa gente da terra ofereceu um bode à guarnição do *Illustrious*, para servir-lhe de mascote. Como era natural, o animal foi apresentado ao comandante, mas, ao ver-lhe os dourados da farda, sentiu-se desconfiado. Soube todavia dominar-se. Quando porem Mountbatten lhe voltou as costas—o que foi um erro estratégico—não teve dúvida; aproveitou a ocasião, e aplicou-lhe uma carga. Contrariamente à regra geral, não era um bode que dava marradas; era um bode que mordia! Deu-lhe uma

boa dentada, e saiu a trotar vitorioso, com um pedaço das calças na boca.

Dia veio afinal em que Churchill confiou a Mountbatten o grupo suicida, que tornou popular o nome de Comandos. Entrou ele a estudar seriamente a guerra de guerrilhas e a melhor técnica de desembarque naval. Depois, foi viver e treinar-se em companhia dos homens que tinha de dirigir, participando, com eles, de todos os onus da situação, e conduzindo-os em mais de um raide.

Referiu-me Mountbatten o grande receio que tinha, nas suas incursões, da captura de alguem que pudesse prestar ao inimigo informações valiosas. Com efeito, pilotos da RAF, escapos de mãos nazistas, têm dado a conhecer a arte destes para arrancar a verdade aos seus prisioneiros. As torturas físicas, de que tanto se serviram, para tais fins, contra os polacos, os noruegueses e os tchecos, vão sendo, até certo ponto, abandonadas pelos alemães, simplesmente porque descobriram, como sucedâneo da tortura, alguma coisa ainda mais eficaz.

Disporiam eles de uma droga que, aplicada a um prisioneiro, lhe não permite mentir, nem deixar, por outro lado, de responder às perguntas. Era uma espécie de soro, para dizer a verdade, que levava o paciente a um estado de semi-sono, durante o qual o subconciente dominava por completo. Nem havia força de vontade que resistisse ao fenômeno. Cientistas ingleses apuraram a real existência de tal droga.

Assim, o princípio dominante entre os homens de Mountbatten era matar ou ser morto, em caso algum se deixando prender. Quando, por conseguinte, se alistavam voluntariamente nos Comandos, já conheciam a regra.

A 17 de agosto, à noite, Jock Lawrence telefonou-me. «Esteja no meu gabinete às 10 horas da manhã, em trajes civís. Traga o seu uniforme num saco. Tenha sonhos agradaveis.»

Tratei de arrumar-me. Porem sonhos agradaveis, confesso que os não tive.

No quartel-general das Operações Combinadas, reinava completa calma. Nenhum sinal de açodamento. A julgar pela gente que alí estava, ninguem seria capaz de perceber que qualquer coisa de mais importante estivesse em preparativos, ou a pique de pôr-se em prática. O segredo, quanto aos raides, era tão bem guardado, que muito poucos no próprio quartel-general deles tinham notícia de antemão.

Jock levou-me à presença do coronel Bobby Parks-Smith, que devia dar-me instruções. «Vá ao apartamento de Jock», disse-me este, «e vista o seu uniforme. Um carro o tomará às duas horas, e o levará ao porto. Lá você embarcará no destroier *Calpe*. O tenente Boyle estará à sua espera. Quando o destroier deixar a doca, ele lhe dirá para onde vão. Você vai ser o único correspondente neste navio, de onde será dirigida toda a ação.»

No apartamento de Lawrence, encontrei seu companheiro de morada, coronel Loren B. Hillsinger, oficial americano. Hillsinger preparava-se a toda pressa. Saiu, e Jock, sorrindo, disse-me: «Ele tambem vai. Vão muitos observadores americanos, mas apenas um pouco de tropa, nada mais que uma força simbólica.»

Quando vestí o uniforme, Jock foi-me logo dizendo: —Tire fora estes distintivos de correspondente de guerra.

—Porque? perguntei-lhe, estranhando.

—Você vai para um porto, respon-

deu-me.—Pode ser que as condições de tempo obriguem a uma demora de alguns dias. Se virem as suas insígnias de correspondente de guerra, depreenderão naturalmente que se trata de grande novidade. Ponha antes as fitas de prata de tenente-coronel; toda gente o tomará por um oficial americano.

—Porque então não fazer de general?

—Você não tem o tipo. Ia ficar muito forçado.

Em seguida, disse-me adeus, gravemente.—Espero em Deus que nada lhe aconteça. Você é um cabra de sorte.

—Seguramente que sou, disse, mas só por dizer, não me sentindo tanto assim, no íntimo.

Não tardou que um automovel marron-escuro parasse à porta. Saí, e tomei-o, de um pulo, sentando-me atrás. Vinham nele dois oficiais—um Comandante de Ala e um major inglês. Depois de trocarmos cumprimentos e apresentações, o primeiro ordenou ao chofer: «Direito a Portsmouth.»

Era uma boa corrida—uns 120 quilômetros, mas fazia um dia esplêndido, o sol a banhar os verdes campos de Devon, e agosto a cobrí-los de mil flores, de variegado colorido.

—Mau tempo para viajar, queixou-se o comandante.

—Como assim? indaguei.

—Não se encontra, por todo o caminho, uma taverna aberta, respondeu ele, sombrio.—Muito aborrecido.

O CHOFER parou à testa de um cais de cimento. Esperava-nos um sargento, que nos pediu polidamente mostrássemos as cartas de identidade, e que aguardássemos alguns minutos. Sentamo-nos a um extremo da doca, conversando sobre tudo, menos sobre o raide. Nem eu, nem meus companheiros, uma só vez que fosse, proferimos palavra a respeito, com o que fazíamos honra ao dogma do segredo, tão do gosto de Mountbatten.

O comandante despiu a blusa, porque alí, ao sol, estava quente, e então eu vi mais de perto a D.F.C. e a D.S.O., ambas com barras, que ele trazia ao lado esquerdo do peito.

—O senhor ganhou belas condecorações! disse; e apressei-me em acrescentar, antes que ele tomasse a palavra:—Sei que no seu esquadrão se ganha uma delas sempre que se compra uma lata de sardinhas.

É como todos se exprimem. Ele sorriu.

—É assim mesmo, rapaz.

Juntou-se em seguida a nós um capitão canadense do serviço de Imprensa. Perguntou-nos quais os navios para que havíamos sido designados, e o comandante e o major disseram que iriam, os dois, no destroier *Berkeley*. (Decorridas algumas horas, morriam ambos, atingido que foi, o *Berkeley*, por uma bomba direta.)

—Como se explica que um oficial de Imprensa canadense tome parte numa ação destas? perguntei ao capitão.

Ele sorriu: —Nossos homens estão horrivelmente fatigados destes dois anos de missões insípidas. Querem combater de verdade. Eu queria que você os tivesse ouvido esta manhã, quando Ham Roberts lhes falou.

Eu já ouvira falar no general James Roberts. Um general combatente, diziam. Revelei-o ao canadense.

—E é de fato, acudiu este a confirmá-lo. —Esta manhã, ele comunicou aos seus soldados que iam ter que atravessar o Canal. Esclareceu que o mais duro da travessia consistiria em transpor, em cerca de três quartos do caminho, um campo de mina alemão, de mais de dez milhas. «Mas quero que vocês saibam», acrescentou Roberts, «que o seu general irá na frente, e, se transpuser com vida o campo de minas, vocês todos o transporão.»

—Deve ser homem de têmpera.

—Sem dúvida, voltou a confirmar o canadense, abanando a cabeça, num gesto de admiração. —Seu destroier vai na vanguarda, e só por milagre escapará. Agora, vamos nós.

O *Calpe* dava a impressão de muito pequeno e cansado. Aliás todos os destróieres, com a sua pintura de guerra, parecem usados ou velhos. Subí ao passadiço, e dei com um jovem simpático, que veio amavelmente ao meu encontro, e declarou-me quem era: tenente Boyle.

«Vamos à praça de armas?» sugeriu-me. Assim fizemos. Tem quase força de rito, nos navios de guerra ingleses, que a primeira coisa a fazer, quando se recebe um visitante, é oferecer-lhe uma bebida, como ato de cortesia. Boyle ordenou que me servissem um *drink*, e a ele, chá.

A uma sacudidela do navio, disse Boyle, calmamente: «Partimos. Agora, antes de mais nada, quero apresentá-lo aos companheiros.»

Galgamos dois lances de escadas de ferro, e penetramos numa grande sala, de agradavel aspecto. Três homens estavam a manobrar com fones e instrumentos de rádio. Mas a minha atenção se fixou sobre um, corpulento e sorridente, que se levantou quando entrei.

—Tenho muito prazer em vê-lo a bordo, disse-me, em tom jovial. —Eu sou Roberts.

—Muita honra em conhecê-lo, general, respondí-lhe, sem grande animação. Qual foi mesmo aquela frase que o capitão canadense esteve a repetir-me? «Quero que vocês saibam que o seu general irá na frente... rompendo o campo de minas.»

AFINAL, Boyle revelou-me que íamos caminho de Diepe. Caça-minas seguiam adiante, procurando abrir uma passagem através da defesa alemã. —Diepe, acrescentou o tenente, de modo um tanto imprevisto,—costumava ser ponto para luas de mel.

Eu sabia disto. Diepe era um espécie de Monte Carlo dos pobres.

—Já esteve lá? inquiriu-me, com curiosidade.

—Já; há duas semanas, com os aviões de combate noturno, disse-lhe, com displiscência, e ele arregalou os olhos.

—Você realmente voou em combate com eles? voltou a inquirir, visivelmente excitado. —Eu tenho desejado ir muitas vezes. Aqueles pilotos são maravilhosos. E quase ainda uns garotos—a maior parte deles.

—Que idade você tem? perguntei-lhe, achando graça naquilo.

Boyle corou ligeiramente. —Dentro de umas três horas mais, estarei com 21. Faço anos amanhã.

Um marinheiro chegou, e disse-lhe que o capitão Hughes-Hallet desejava vê-lo na ponte. Fomos os dois até lá.

O capitão J. Hughes-Hallet era um homem de feições duras, fisionomia severa. Tinha a seu cargo as operações navais. Seria totalmente o chefe, até que chegássemos a Diepe. Aí o general Roberts assumiria o comando, em conjunto com o Comodoro do Ar «Jones».* As Operações Combinadas importam exatamente em que o exér-

*O Comodoro do Ar «Jones» foi mais tarde gravemente ferido, e, ainda assim, as Operações Combinadas não divulgaram o seu nome.

cito, a aviação e a marinha atuam como um time, na mais perfeita harmonia.

Achávamo-nos então mais ou menos a duas milhas da praia, evidentemente no ponto que fora designado para nele nos reunirmos. Nem porque estivesse muito escuro, deixávamos de ver os navios que se iam agrupando em torno. Eram grandes, bojudos transportes, que traziam nas cobertas embarcações de invasão. Era o comprido aparelho de desembarque de tanque. Era, de vez em quando, o vulto lépido de um destroier, a deslisar em busca do seu posto.

—Há tambem alguns cruzadores ou couraçados? perguntei a Hughes-Hallet.

Ele abanou a cabeça, negativamente.

—Temos 8 destróieres. Nada maior.

Súbito percebí que estávamos em marcha, e que longa linha de contornos, que mal se distinguiam, pois eram mais escuros do que a água, nos vinha acompanhando. Boyle e eu descemos novamente à praça de armas, e ele estendeu sobre a mesa fotografias, várias e grandes, e um mapa.

—Eis aquí uma vista geral de Diepe, disse, apontando o mapa. —Note que existem diversas indicações, como sejam «possivel canhão ligeiro», «obstáculo na estrada», «antitanque», «casa reforçada», e uma centena de outras do mesmo gênero. Todas elas são resultantes de fotografias tiradas pela RAF. Há semanas que as vinham tirando. As últimas são de ontem. E mostrou-mas.

Pareciam ter sido tiradas de uns trinta metros de altura. Realmente, as admiraveis lentes telescópicas, usadas pela seção fotográfica da RAF, estava provado que podiam «ver» de alturas imensas. Casas, quarteirões, interseções de estradas, quaisquer construções que despertassem atenção—tudo se via alí, nitidamente, nas fotografias.

—E aquí, acrescentou Boyle,—é o nosso horário.

Deu-me então a ler três páginas datilografadas. À medida que as lia, pensava eu nas semanas de trabalho que deviam ter tido Mountbatten, Hughes-Hallet e Roberts, para planejar aquele raide. Tudo o que teria de ocorrer, de dez em dez minutos, estava discriminado. Para dar um exemplo, a hora H seria às 5 e 20. A esta hora, os desembarques se estariam fazendo nas praias. Mas, das 5 e 10 às 5 e 20, cumpriria aos destróieres bombardeá-las. Cada um deles tinha o seu alvo particular. Deveriam ser lançadas, exatamente, 1.780 granadas, e as três praias, a ser bombardeadas, mediam precisamente 1.780 jardas (cerca de 1.626 metros). Isso dá bem uma idéia da meticulosidade do programa.

—Vamos entrando no campo de minas, disse laconicamente o pequeno criado do rancho. —É melhor pôr os *Mae Wests*, e ir para a coberta.

As jaquetas salva-vidas são hoje denominadas *Mae Wests*, até mesmo em linguagem oficial. Quando elas se entumecem, torna-se óbvia a razão do nome. Metemo-nos nas jaquetas, e subimos para o convés. À nossa frente, e um pouco para bombordo, vislumbrei uma luz.

—Os caça-minas vão lançando bóias iluminadas nos lugares que desimpedem, explicou Boyle. —Uma, de meia em meia milha, mais ou menos.

Passáramos a uns 20 metros de uma pequena luz verde, e estávamos agora francamente no campo de minas. Íamos a marcha um tanto rápida.

—Estaremos realmente com muita pressa? perguntei a Boyle. —Porque é que não se levam menos a sério estas minas?

Boyle riu-se. —Se você bater numa

delas, não importa a velocidade em que navegue. O efeito é o mesmo.

Vi de novo à frente, mas bem longe, outra das pequenas luzes. Quanto mais longe, melhor. Apesar da brisa que soprava, notei que estava suando. Apurei a vista, à procura da bóia imediata, mas tudo era escuridão, e alem estava o inimigo. O navio inclinou-se levemente para estibordo, e eu perguntei a mim mesmo, não sem certo pânico, se teríamos acaso deixado a rota aberta pelos caça-minas. Aquilo até parecia uma brincadeira esportiva, embora não fosse das mais divertidas. A um dado momento o navio começou a virar para bombordo, e já aí me não restava dúvida de que nos havíamos desviado do verdadeiro caminho. É quando, porem, a uns cem metros, apareceu novamente uma pequena luz.

Na guerra, a incerteza, a expectativa, é sempre mais alarmante, ou mais assustadora do que o próprio combate. Porque atormenta gradativamente, aos poucos; é uma tortura da peor espécie, que perturba e deprime o ânimo.

Prosseguimos, atingindo, uma após outra, as pequenas luzes verdes. Em seguida, ouviu-se um sino, e, durante ainda quase uma hora, tornou ele a fazer-se escutar, de alguma parte; como que o navio soltava um suspiro de alívio. Estava transposto o campo minado. Agora, naturalmente, cada um encolhia os ombros, a dizer consigo mesmo que a coisa afinal não havia sido das peores.

Roberts desceu à praça de armas, e foi comigo ao mapa.

—Suponha-se que tudo corra de acordo com o plano, interroguei;—haverá alguma idéia de estabelecer uma cabeça de ponte permanente?

—Não, respondeu ele, a sorrir. —Temos comida, material médico, e munições, apenas para um dia. Pretendemos, se possivel, destruir os navios que estiverem no ancoradouro, apreender um rádio-detector, e reduzir a ruina as fábricas de torpedos. Mas—o que é mais importante—o raide mostrará ao inimigo que ele não pode relaxar a sua vigilância, em nenhum ponto da linha de costa, devendo, ao contrário, reforçar suas defesas. Só poderá conseguir isto com a retirada de tropa, aviões e canhões, da frente russa.

—Era melhor, é claro, que pudéssemos fazer um movimento em grande escala, e estabelecer o que se chama impropriamente uma «segunda frente»; mas você sabe tão bem quanto eu as dificuldades que uma empresa dessas encerra.

Batí com a cabeça, concordando. Eu havia assistido, na Inglaterra, a comícios sobre o assunto. A sinceridade e a honestidade de propósitos, quer dos oradores, quer das assistências, eram deveras impressionantes. Fazia, por outro lado, apenas alguns meses, que regressara da Rússia, cheio de admiração pelo seu povo, e tão ansioso pela segunda frente como quem mais o estivesse. Chegou mesmo a parecer-me que deveria escrever um artigo atacando os líderes políticos e militares, ingleses e americanos, pela sua tática, visivelmente frouxa ou negligente.

Percorrí, em Londres, todos os círculos, a fazer por toda parte a mesma pergunta: «Porque não se abriu uma segunda frente?» Só me dirigia aliás a homens que me conheciam suficientemente, para não guardar para comigo possiveis reservas. Conversei com personagens como Averell Harriman, o embaixador Anthony Biddle, e alguns dos

generais americanos, jovens, vigorosos, combativos, que estão sob o comando de Eisenhower. Conversei com figuras eminentes do Almirantado e do Ministério do Ar. Quando terminei as palestras, tinha uma clara impressão dos motivos por que a segunda frente não podia ser, com efeito, imediatamente aberta. Exibiram-me, não palavras, porem fatos e algarismos. A segunda frente, para aqueles a quem ouví, nos termos e circunstâncias que acabo de explicar, não era acaso questão de mero patriotismo, de multidões agitadas, ou explosões sentimentais. Era um frio problema militar, envolvendo nada mais do que homens e máquinas.

Lícito me não seria, é bem de ver, ao tempo, divulgá-lo; mas as tropas paraquedistas, que se tornariam necessárias para uma grande ofensiva, estavam por enquanto a ser treinadas. Tão pouco poderia revelar que havia então menos de cem mil soldados americanos a terminar o seu treinamento no Nordeste da Irlanda, e nem um só na Inglaterra. A força aérea americana não tinha ainda sequer principiado a chegar, nem existiam aeródromos, onde fosse recebida. Certamente, alguns meses depois, enormes, excelentes aeródromos estavam construidos; não podiam entretanto surgir da noite para o dia, sobretudo os projetados, com as caraterísticas devidas, para uso por grandes bombardeiros.

Os críticos civís dos líderes militares ingleses e americanos estavam a pronunciar-se sem conhecimento de causa.

Subí à ponte, e fiquei surpreendido ao verificar que nos achávamos, por assim dizer, parados. Estávamos, pois, evidentemente, a chegar. Uma luz cintilou à frente, ao longe.

—É um farol, disse-me, de cara fechada, um dos oficiais. —Bom sinal. Quer dizer que eles não nos esperam.

—Onde estamos agora? perguntei.

—Cerca de dez milhas de Diepe.

O grosso da força, que tinha por objetivo a própria Diepe, deveria desembarcar à direita do porto. A Unidade No. 4 de Comando desceria seis milhas adiante, igualmente para a direita, e poria fora de ação uma bateria de canhões de seis polegadas, alí postada. Isso se impunha como indispensavel, e, na noite anterior, o comandante da unidade, o jovem e brilhante tenente-coronel Lovatt, dissera mui simplesmente aos seus soldados: «Cumpram a ordem, qualquer que seja o perigo.»

Lovatt não tinha a aparência do que era em realidade. Antes da guerra, sua preocupação dominante haviam sido as corridas, e nenhuma delas, em Ascot, se julgaria completa, sem a presença do amavel, um tanto vago, moço querido da sociedade. Mas o belo e nobre escossês tinha já dado provas de si no comando de muitos raides. Duvido que ele tenha vida longa, mas não se deixará gastar aos poucos, como tantos pares da Inglaterra. Há de partir envolvido numa onda de fogo e fumo, e sua carabina ou sua faca será, em torno dele, a última coisa que parará de luzir, de flamejar.

A cerca de meio caminho entre Diepe e o ponto de desembarque de Lovatt, os fotógrafos da RAF assinalaram a existência de um rádio-detector. Havia que destruí-lo, ou, se possivel, desmontá-lo, e trazê-lo, o que tudo ficava a cargo do Regimento do Sul de Saskatchewan. Um civil acompanharia os rapazes do regimento—um civil de grande importância. Era o professor «Wendell», cujo verdadeiro nome, são poucos os que o conhecem na Inglaterra. É a ele que se devem os novos e grandes progressos em rádio-locação. Foi ele quem fez dos detectores ingleses os melhores do mundo, e a ele agradecem a RAF e os grupos anti-aéreos britânicos o privilégio de reconhecer os alemães, antes que estes se aproximem dos seus objetivos.

Não era das mais agradaveis a missão, que ia desta vez desempenhar o Professor «Wendell». Destacaram-se quatro soldados, que não fariam outra coisa senão montar-lhe guarda pessoal, defendendo-o de todos os modos. Os alemães, para estes, deviam ser como se não existissem. O que existia, para a sua atenção e cuidados, e tambem para a ação de suas armas, era exclusivamente o Professor. A «Wendell» cumpriria examinar a instalação alemã, afim de verificar se nela havia alguma coisa de novo. Com sua imensa experiência técnica, bastar-lhe-iam alguns minutos para fazer a inspeção. Admita-se porem que os alemães, dominando a situação, colhessem de surpresa o Professor e os seus quatro guardas de corpo. Que se passaria em tal hipótese? A resposta era simples. Os quatro soldados tinham ordem para matar imediatamente «Wendell». A Inglaterra não podia permitir que aquele gênio da rádio-locação caisse, em cheio, nas mãos do inimigo. A famosa droga que a outros pode parecer de comédia, Mountbatten e os seus auxiliares não a subestimam.

«Wendell» não ignorava o risco, o grande risco, que corria. Maior, não obstante, era o seu patriotismo.

À esquerda de Diepe, havia outra bateria de canhões, tambem de seis polegadas, instalada numa altura que dominava a praia, em frente da cidade. Dela se deveria encarregar a Unidade No. 3 de Comando.

Evidentemente, até alí, não havíamos sido pressentidos. E a nossa flotilha, esgueirando-se, se ia aproximando, mais e mais. Passavam justamente 10 minutos das 4 da madrugada. Então...

A noite, que vinha dormindo, acordou brilhantemente numa orgia de raios de luz, verde e vermelha, que riscavam, em arco, o céu, cortando como relâmpagos o veludo negro que as trevas estendiam nas alturas. Assistíamos, atônitos, ao espetáculo. Eram balas «traçadoras», às centenas, e vinham da nossa esquerda. Depois, ouvimos o rugir de canhões.

Boyle voltou da cabina do general Roberts. «Um navio-tanque alemão vinha vindo a poucas milhas à esquerda de Diepe, escoltado por quatro ou cinco lanchas torpedeiras. Viram as nossas embarcações de Comandos, e abriram fogo. Isto, —concluiu ele, desapontado—esbandalhará nosso horário.»

Dirigí-me para a cabina de Roberts, e sentei-me no chão, perto da porta. Roberts e «Jones» falaram-me calmamente. Homens, munidos de fones e porta-vozes, recebiam comunicados, e os transmitiam a Roberts.

«As lanchas torpedeiras haviam sido dispersadas, e três delas postas a pique. O navio-tanque, destruido. O Comando No. 3 e o Real Regimento procuravam encontrar-se, e prosseguir.»

Mas o fogo das lanchas tinha por seu turno separado umas das outras as embarcações de invasão, cheias de Comandos, afundando mesmo algumas. Muitos dos Comandos morreram, antes de chegar a terra. Outros recuaram. Contudo, uma das referidas embarcações conseguira flanquear as lanchas torpedeiras, e alcançar a praia. Os homens que nela iam não eram propria-

mente Comandos de combate. Haviam sido treinados em ligações e comunicações. Mas levavam armas consigo. Depois de esperarem alguns momentos, o único oficial do grupo perguntou:

—A ordem é pôr aquela bateria de seis polegadas fora de combate, não é?

Alguem respondeu: —É verdade.

—Então que diabo é que estamos esperando?

E cada um tratou de entrar em ação.

Eram apenas vinte. Andaram uns 500 metros, sem ser percebidos, e encontraram a bateria. Espalharam-se, à moda indiana, e fizeram fogo com os seus pequenos rifles automáticos. Não podiam, já se vê, silenciar a bateria, mas a incomodaram de tal modo que nós outros, ao largo da praia, nunca chegamos a ser objeto da sua inteira atenção.

Fui ao convés, e, já agora, a manhã se ia fazendo clara. Consultei meu relógio e o nosso horário. No preciso minuto marcado, o fogo de barragem fez-se ouvir. Dir-se-ia que o próprio ar vibrava e tremia com o estrépito.

Nosso *Calpe* era o único navio que não atirava. Só em caso de emergência deveríamos fazê-lo. É que a vibração poderia prejudicar o delicado aparelho de rádio, e, entretanto, era por ele que dalí por diante Roberts iria controlar e dirigir cada uma das unidades que haviam desembarcado.

Por cerca de dez minutos, ribombaram os canhões, rompendo o que era ainda a meia luz com lampejos dourados. Em seguida, como se tudo houvera sido disposto por mão de artista, a cortina da noite subiu, o sol espancou uns restos de sombra e nevoeiro, e eis em frente a cidade de Diepe.

Do flanco esquerdo, vieram rajadas tremendas de canhões de seis polegadas. Depois, o ruido clássico, por que se anunciam as metralhadoras. Mas, acima de tudo, um alto canto me consolava os ouvidos—a voz dos Spitfires.

Havia 24 deles—duas esquadrilhas, e era belo vê-los. Não há mais elegante aeronave. Seus motores nunca rugem: zumbem e cantam. Voavam em grupos de quatro, funcionando em diferentes niveis, de maneira a ficar protegidos de todos os lados.

Roberts continuava no seu posto, a receber comunicados, alguns deles bons. Cada praia, cada objetivo, tinha o seu nome particular.

«Comunicado da Praia Amarela. O Comando No. 4 cumpriu a sua missão. Está de volta.»

Roberts sorriu. «Que terá havido na Praia Cor de Laranja?" O ajudante abanou a cabeça, e repetiu monotonamente: «Chamo a Praia Cor de Laranja. Chamo a Praia Cor de Laranja.» Era onde o Comando No. 3 devia ter desembarcado.

«Fala a Praia Cor de Púrpura. Pede mais fumaça a oeste (direita) dos rochedos. Está sendo muito castigada.»

«Henderson, diga a Alfred,» ordenou Roberts.

O coronel Henderson, um dos ajudantes de Roberts, chamou no seu microfone: «Chamo Alfred. Chamo Alfred. Ponham fumaça, imediatamente, nos rochedos de oeste. Estão me ouvindo? Terminado.»

«Alfred», àquela hora, estava no quartel general da RAF, na Inglaterra. Em alguma parte, aí por cerca de 300 milhas, ouvidos armados de aparelhos próprios recebiam o recado. Ordens foram dadas. Tínhamos, a pairar sobre nós, Douglas Bostons, providos de instalações radiográficas. Fiquei a olhar, do convés, para os rochedos. Dois Bostons pareciam mergulhar, sem se ver bem de onde vinham; mas traziam atrás de si uma onda de fumo branco, em que envolveram os penhascos. Inclinaram-se fortemente, antes de atingir a cidade, e, retomando o vôo, ocultaram, desta vez, o topo dos rochedos, com a mesma nuvem artificial. Os que dalí manejavam as suas metralhadoras ficaram privados de ver os nossos homens, em atividade na praia.

Naquilo estava o segredo das Operações Combinadas. Dois minutos não eram decorridos que Roberts dera a ordem, e já a cortina de fumaça encobria os rochedos.

Nesse ínterim, havíamo-nos aproximado da praia. A cena era alguma coisa que excedia aos recursos de Hollywood. Granadas vinham das baterias da costa. Uma caiu a poucos metros de nós, levantando um jorro de água que, de encontro aos raios do sol, se desfez como em centelhas de ouro e rubí. Até onde a vista alcançava, eram embarcações de todo gênero. Pequenas lanchas a motor corriam de um navio para outro. Torpedeiros motorizados emitiam sons guturais, e grandes barcaças, cheias até a amurada de homens e armas, moviam-se rumo a terra.

Uma das embarcações de invasão aproximou-se de nós, e dela homens pularam para bordo do *Calpe*. Vinham sujíssimos, com a cara mais preta do que branca, e todavia a rir-se, de dentes arreganhados. Faziam parte do grupo No. 4 de Lovatt. Não tinham conseguido encontrar o seu próprio navio, e apelaram para o nosso.

—Como foi isto? perguntei a um deles, um Comando alto e espadaudo, enquanto o via subir para o convés.

—Um pedaço de bolo, respondeu, de bom humor. —Nós chegamos perto deles, sem que fôssemos percebidos. Uma das nossas granadas caiu sobre o paiol, e foi aquela beleza. Voou tudo pelos ares. Aí entramos com força, e demos cabo do resto. Eles ainda quiseram fazer frente, mas não arranjaram nada.

Os companheiros bateram com a cabeça, concordando. —Conte a ele o caso de Coronel, disse um.

Soltou então uma risada. —Aquele Coronel Lovatt é um bicho! Foi o último a deixar a praia. Com ele é sempre assim. Bem; as embarcações estavam a uns cinco metros de terra, para serem movimentadas com facilidade, não correndo o risco de enterrar-se na areia. As granadas caiam perto, e as metralhadoras, dos rochedos, não perdiam tempo. Bala que não era brinquedo, e por toda parte. O coronel entrou andando na água, e, quando esta lhe deu pelos joelhos, ainda faltavam cerca de três metros para o lugar onde estava o nosso barco. Foi quando ouvimos o coronel a berrar: «Por que diabo eu vou me molhar desta maneira? Vocês são uns gajos preguiçosos que ficam aí olhando em vez de trazer a embarcação mais pra perto. Andem, venham.»

A risada generalizou-se.—A «mecha» caindo em torno, que não era graça, e ele só se sentia aborrecido porque estava se molhando, observou um do grupo.

Depois, chegou a vez da *Luftwaffe*. Daí por diante, era constante a pressão da aviação inimiga. Para onde quer que olhássemos, víamos Focke-Wulfs e Dorniers, a tentar de todo modo romper o pálio, que nos protegia, de Spitfires. De vez em quando, um conseguia entrar por uma brecha, e descia para agredir um dos nossos navios. Uma embarcação encostou no nosso des-

troier, e entregou os primeiros feridos. O médico estava à espera numa pequena sala, duas cobertas abaixo. Determinou ele que os que vinham caminhando tomassem assento no corredor, enquanto se cuidava de dois, que se achavam em estado grave. Ambos mantinham os olhos muito abertos, mas não diziam palavra. Dirigiu-se o médico a uma das macas. Apurou que o ferido havia recebido uma bala no estômago. Sem mudar de expressão apanhou uma agulha, e, abaixando-se, enterrou-a no braço do paciente. Depois levantou-se, olhou para mim, e encolheu os ombros.

O outro acusava ferimento numa das pernas. Aplicou-lhe o médico uma injeção de qualquer coisa, e dois enfermeiros cortaram a toda pressa as calças do homem, descobrindo a ferida. Viu-se então que abaixo do joelho a perna estava sustida apenas por um fragmento.

«Como foi que eu escapei?» A voz com que o homem falava era de uma monotonia mortal. «Quando a gente chegou à praia, as metralhadoras atiravam de ambos os lados... Todos foram feridos—menos eu... Eles continuaram a atirar... Mas não acertaram em mim... Morreram todos, menos eu... Nunca fui ferido...»

A voz foi-se extinguindo. O médico, apertando os lábios, murmurou em seguida: «Tarde demais, uma pena!»

Compreendí que o ferido, estendido sobre a mesa, já era agora um cadaver.

Nossos canhões Oerlikon não cessavam de rugir, o que implicava a insistência dos aviões inimigos. Vi que estava cheia a praça de armas. Lá se achava nada menos de uma dúzia de homens, com os uniformes encharcados, e o pequeno criado do rancho, Joe Crowther, ajudava-os a tirar as roupas molhadas, metendo-os em cobertores reconfortantes.

O dr. Martin examinou-os, de um por um. Quase todos os ferimentos eram produzidos por metralha e estes em regra só se tornam graves quando atingem o estômago. Martin não dispunha de tempo para extrair os fragmentos de projetil. Desinfetou as feridas, e aplicou-lhes uma atadura.

De longe em longe, uma bomba caía tão perto, que não ficávamos muito seguros se o navio tinha sido ou não tocado abaixo da linha de água. A um dado momento, ouviu-se uma explosão, e o destroier sacudiu, e adernou um pouco. Mantivemo-nos quietos, na expectativa. Até que Joe Crowther disse, a rir: «Com os diabos, foi bem a meia milha.» Joe Crowther, havia pouco tão insignificante, se ia fazendo uma personalidade. Tinha uma cara de lua cheia, grandes olhos sem brilho, e falava muito lentamente.

«Isto é um navio de sorte,» comentou ele, enquanto envolvia um recemvindo em cobertores. «Tem sido atingido uma porção de vezes, mas é sempre negócio leve. É resistente, não prega peça a ninguem, e—o melhor de tudo—tem sorte. Tome um *brandy*, companheiro. Por Sua Magestade, o Rei. Não há contas de rancho hoje.»

Alguem veiu, aos cambaleios, pela escada de ferro, do lado de fora da porta que dava na sala de armas, e notei que nesta entrava um vulto que me era familiar. Tratava-se de Wallace Reyburn, do *Standard*, de Montreal. Vinha muito pálido. Mal entrou, foi caindo no chão, em colapso. Levantei-o, e despejei-lhe garganta a dentro um pouco de *brandy*. Ele engasgou-se um pouco, sacudiu a cabeça, e reconheceu-me.

—Isto é infernal, não lhe parece? disse, num sorriso, em voz fraca. Depois, acrescentou: —Não estou bem certo, mas parece que fui ferido várias vezes.

Joe e eu examinamo-lo. Estava de fato ferido, no ombro e em algum outro lugar.

—Há um ferimento, disse, num tom de gracejo; —você nunca poderia vê-lo, a menos que fosse contorcionista. Não é nada de maior—um estilhaço de granada. Foi na praia?

—Terrivel, disse ele, a tiritar. —Eu estava com os Saskatchewans. Havia na praia um parapeito de uns seis metros, e em cima arame farpado. Nossos rapazes tanto lutaram, que afinal um deles rompeu a barreira, e por aí entramos. Foi quando nos descobriram. Corremos por entre o fogo das metralhadoras, e chegamos a uma casa onde não havia ninguem. Mas eles conheciam aquele alvo, e morteiros começaram a chover, o que não foi nada interessante. Dirigimo-nos então para a cidade.

«Tivemos que atravessar o rio, e havia que passar por uma ponte. Os primeiros que o tentaram, foram varridos pelas metralhadoras. Aí Merrit passou à frente—o coronel C. C. I. Merrit, e que homem! Um rapagão de 33 anos, que ainda parece mais moço. Voltou-se para o pessoal e disse calmamente: «Nada de ir em grupos. Vamos por aquí.» E, com o chapéu de estanho na mão, foi seguindo pela ponte, como se estivesse passeando. A última vez que o vi, ele tinha em cada mão uma carabina, e estava chegando a Diepe. Tomara que volte.»

Não pôde prosseguir na narrativa, porque, tanto os Oerlikons, como os canhões de 4 polegadas estavam a fazer fogo, e o barulho e a vibração se faziam sentir fortemente na pequena sala. A lâmpada sobre a mesa começou a mexer-se loucamente de um lado para outro. Nós mesmos entramos a ziguezaguear, de bombordo para estibordo, e viceversa. Tudo indicava que os aviões alemães estavam a perseguir-nos.

Desconfio que primeiro houve a guinada, e um segundo depois a explosão. Porque vi o navio subir, e inclinar-se para bombordo. Em seguida, o estampido, que nos ensurdeceu por minutos. Foi como se alguem ferisse um vidro gigantesco com um diapasão de igual porte, e o som deste se mantivesse até muito após vibrado o golpe. Da copa, que ficava vizinha à sala de armas, corria água impetuosamente. Subimos todos em mesas e cadeiras. Mas, dominando aquela barulheira, ouviu-se um riso gostoso, uma barrigada de riso. Era Joe Crowther.

«Ouviram o nosso canhão?» disse, com a voz descansada, acento de Yorkshire. «É o novo, de oito polegadas. É direitinho como se uma bomba tivesse alcançado a gente, não é? Ah demônio de canhão, este grande de oito polegadas! Sacode o navio que não é brinquedo. Chegou a afrouxar uma ou duas chapas na copa, e lá se foram todos os meus copos.»

Olhei para a grande cara de lua cheia, tão inocente, de Joe, e confesso que o abençoei. Não tínhamos canhão algum de oito polegadas. Mas as expansões do criado, de alguma forma tranquilizadoras, não deixaram de ter bom efeito no ânimo dos feridos. Tão abaixo da linha de água, como estávamos, haveria pouca probabilidade de podermos galgar a escada de ferro, se o navio, com efeito, começasse a afundar.

«Vocês todos merecem um copo por isto», voltou Joe a expandir-se, sempre

alegre. Havia na roda alguns oficiais, mas aquele criado do rancho assumia as proporções de figura principal. «Tome aquí um bom, hoje é tudo pelo Rei.»

Homens entravam apressados na copa, munidos de ferramentas. O navio se havia equilibrado. Mas agora eis-nos de novo em ziguezagues. Não nos tínhamos libertado dos aviões nazistas.

«É uma cortina de fumaça que estamos lançando», disse Crowther calmamente. «Nessas ocasiões, há sempre ziguezague.»

Subí ao convés. Todos os navios se conservavam em movimento, de modo a não oferecer um alvo fixo. Pequenas embarcações, conduzindo unicamente canhões anti-aéreos, lançavam chumbo a valer. Aquí, acolá, por toda parte, passavam, cortando o espaço como setas, os Spitfires. Mas, algumas vezes, deixavam aberturas, e por estas entravam os Focke-Wulfs.

Chegou um novo barco, do qual passaram para o destroier uns trinta homens, quase todos feridos. Estes se espalhavam, em macas, pelas cobertas, recostando-se na amurada, ou em caixas de munição, os atingidos mais ligeiramente. Dois dos que acabavam de chegar, eram «rangers» (batedores de florestas) americanos. Pareciam jovens.

—Com quem estava você? perguntei a um deles, um rapaz alto e louro.

—Comando No. 4, respondeu. Chamava-se Kenneth Kenyon, de Mineápolis, e era sargento. —As coisas em terra estiveram pretas, mas, meu Deus, como estes Comandos podem combater! A gente estava na frente de uma bateria de seis polegadas, e tinha adiante no caminho um pomar. Sabe o que os Comandos fizeram? Abaixaram-se, e abriram fogo; depois levantavam-se, estendiam a mão à macieira, para tirar uma maçã, e voltavam a atirar.

O outro americano era o sargento Matchel Swank, tambem de Mineápolis. Tinha um ferimento de granada no braço, mas ria-se disso.

—Eu sabia que nada me podia acontecer, disse, a sorrir. —Tenho comigo uma excelente mascote—uma Bíblia. É uma pequena Bíblia. Deu uma busca na roupa encharcada, e tirou de um dos bolsos um livrinho, tambem ensopado em água.

—Meu pai levou-o com ele durante a última guerra, e nunca foi ferido. Assim, quando eu partí, ele me deu, e fique certo que eu não o largo nunca.

—Mas que tal foi em terra?

Ele sorriu ligeiramente. —Uma verdade eu vou lhe dizer. No nosso treinamento, costumamos fazer uma porção de coisas que pareciam bobas. Agora estou convencido de que são muito acertadas. Tudo o que a gente pratica e aprende está sendo hoje de utilidade.

Fui à popa, e vi onde a bomba tinha caido. Os destroços já haviam sido removidos, mas ainda permaneciam no local poças de sangue. Perto, várias macas, coberto o rosto dos ocupantes.

Justamente por essa ocasião, o *Berkeley* foi atingido. Uma grande bomba caiu-lhe a meia-nau, e escangalhou-lhe o costado. Não ouvimos o estampido, embora o *Berkeley* estivesse apenas a uma distância de uns 400 metros. É que o ruido dos nossos canhões, misturado ao das bombas que caíam na água, tinha crescido num som que se diria tudo confundir numa sinfonia terrivel, dentro da qual nenhuma nota mais longa poderia ser distinguida.

Corremos em auxílio do companheiro ferido. Moto-torpedeiros e embarcações de invasão incontinenti o cercaram, e belo serviço o que a marinha britânica desenvolveu, na emergência! Duvido que nenhum homem tenha permanecido na água mais de três minutos. Muitos foram mortos quando a bomba explodiu, mas não houve um só ferido que não fosse retirado do destroier perdido.

Alguns dos sobreviventes vieram para o nosso. Um deles era um capitão do exército inglês. Perguntei-lhe se tinha visto o coronel Hillsinger, o companheiro de quarto de Jock Lawrence.

O capitão abanou a cabeça, e disse concisamente: —Foi retirado. Eu estava com ele no convés quando a bomba caiu. Não fui atingido. Ele foi, e gravemente. Estava gracejando a propósito de uns sapatos novos que tinha posto, quando veio a bomba. O navio adernou muito para o lado de bombordo, onde nos achávamos. Eu fiquei ileso, e fui em auxílio de Hillsinger, de quem ouví um grito. O convés estava ao nivel da água, e, valha-me Deus, a três metros, flutuava um dos seus sapatos novos. Ele estava como louco, tirou o outro sapato, e atirou para junto do primeiro.

—Será que o choque da bomba lhe arrancou um dos sapatos? indaguei, perplexo.

—Foi, disse ele, respirando profundamente. —Arrancou sapato, e tudo. O sapato flutava, tendo dentro o pé de Hillsinger. Ele deve estar muito ruim, mas é homem muito bravo.

—Perdeu a perna?

—Perdeu, disse o capitão, tristemente.

O jovem Boyle entrou na sala de armas. «O raide está terminado,» informou tranquilamente. «Já estão todos de regresso. Todos, menos nós. O general Roberts vai agora em direção às praias, afim de verificar se há ainda alguem a ser recolhido. Temos que fazer isto sozinhos, e não haja dúvida de que será um inferno,» acrescentou animadamente.

Do convés, podíamos ver os navios que partiam. Nosso destroier volveu-se para terra, a fumegar tão perto, que as metralhadoras alemãs não tiveram dificuldade em varrê-lo de balas. Procurávamos ficar sob a proteção dos canhões, atrás dos anteparos, e os projeteis aí vinham bater, com o seu ruido caraterístico. De vez em quando, vislumbrávamos homens em jangadas, ou agarrados a paus, e seguíamos lentamente ao seu encontro, içando-os para bordo.

Achando-nos, como nos achávamos, sós, é claro que recebíamos o fogo concentrado do inimigo. As granadas caíam perto, levantando jorros de água, mas a essa altura tudo aquilo já se nos tornara familiar, de modo que mal notávamos o perigo que corríamos.

Estava eu de pé, numa passagem externa, a meia-nau, quando súbito, e acima do som dos nossos canhões, se ouviu um novo estrépito—alguma coisa que, uma vez ouvida, nunca se poderá esquecer. Olhei para cima e para a retaguarda. Um Focke-Wulf 190 tinha passado através da cortina de Spitfires, e precipitava-se sobre nós. Ficamos gelados, eu e os quatro homens que alí se achavam em torno, entre eles Boyle e o comodoro do Ar «Jones». O avião desceu de 1.500 a menos de 100 metros, em poucos segundos, e em seguida lançou uma bomba. O ar encheu-se de um estrondo horrivel, e eu fui projetado para trás, e através da passagem. Lá fiquei estendido sobre as costas, a ouvir desabar o mundo.

Sentia-me atordoado. Não sabia se estava, ou não, ferido. Em seguida, mordí alguma coisa, e tirei da boca um pedacinho de ouro. Peguei-o, e metí-o no bolso. Evidentemente a concussão o tinha afrouxado.

Levantei-me meio tonto, e subí os dois degraus para a coberta. Os dois homens que, pouco havia, tinha eu junto de mim, um de cada lado, encontrei-os ambos mortos, estirados no chão. Um marinheiro ajudou-me a acudir ao comodoro «Jones». Estava ele com o rosto coberto de sangue. O jovem Boyle passou cambaleando, as mãos agarrando o pescoço. Tinha sido ferido no pescoço e na cabeça.

Apalpei, no bolso, o pequeno pedaço de ouro. Achavam-se comigo, havia apenas minutos, quatro homens. Dois deles, já agora, estavam mortos, e os outros dois gravemente feridos. Eu tinha apenas perdido a obturação de um dente. Para que estaria eu guardado?

QUASE nove horas eram decorridas, e todos se sentiam fatigados. Já não havia gritos espontâneos entre as guarnições de canhão quando descobriam um avião nazista sobre o qual abrir fogo. Carregavam e descarregavam as peças, por assim dizer automaticamente. A praça de armas estava repleta de homens silenciosos, muitos deles feridos, e todos exhaustos.

Um corpo, propriamente dito, pode resistir a grandes embates. Mas os nervos resistem menos. Quando o esforço que deles se exige se vai tornando excessivo, no tempo a que se prolonga, alguns homens se mostram irasciveis, quando não mesmo estúpidos, e outros, ligeiramente histéricos. Isso nada tem que ver com a vitalidade ou a bravura que lhes seja inerente. A reação, na matéria, é inteiramente involuntária.

—Vamos embora, pelo amor de Deus, vamos pra casa! Um tenente ferido levantou-se de repente. —Já estou farto; vamos embora!

—Tome um *drink*, tenente, acudiu, com brandura, Joe Crowther. —Todos nós estamos fartos, mas o chefe sabe o que está fazendo.

O tenente aceitou a garrafa, e tomou um gole profundo. Os demais procuravam dar a entender que não tinham reparado naquele desabafo, e claro que fora de regra.

Matchel Swank, o jovem «ranger» americano, veiu, a certa hora, à praça de armas. Tinha a manga do casaco enrolada para cima, e o antebraço ensanguentado. Joe Crowther prestou-lhe algum primeiro auxílio, e eu lhe apresentei, como remédio de confiança, uma garrafa de *brandy*.

—Tome um pouco, que faz bem.

Ele olhou, com um ar de curiosidade, para a garrafa. —Que é isto?

—*Brandy*, respondí-lhe; um bom *brandy*. Serve para tudo: torna os cabelos cacheados, cura dores de dente, e até ameniza a gravidez.

Suas suspeitas antes aumentaram. Virou um trago, teve um engasgo, cuspiu, e depois indagou num tom plangente: —Vocês têm aí Coca-Cola?

O maquinista-chefe apareceu, neste momento, à porta. —Estamos caminho de casa, foi dizendo, sem mais preâmbulos; e quase podia ouvir-se uma espécie de fluido de alívio que se evolava, a um só tempo, daqueles 40 homens que então se achavam na sala. Corrí ao convés, para ver se era verdade. Era.

Os Dorniers e Focke-Wulfs tinham ficado para trás. Alcançamos a nossa flotilha, e passamos à frente. Esplêndido, imaginávamos. Íamos diretamente para casa, e o nosso veloz destroier poderia fazer aquilo em pouco tempo. Outra, porem, era a intenção de Roberts. O que ele tinha em vista, era ser outra vez o primeiro a desafiar os perigos da zona minada.

Passaram horas, e agora o sol, que já muito vira naquele dia, começava a descambar no horizonte. Descortinamos, ao longe, uma faixa estreita de costa, e eis às nossas vistas a Inglaterra. Não havia entretanto regozijo ou contentamento a bordo. O que a todos dominava era, por um lado, a fadiga, por outro a lembrança dos que não tinham voltado.

O general Roberts subiu ao convés. Estava, tambem ele, fatigadíssimo. Encostou-se na amurada, e ficou a olhar para as águas.

—Foi mais duro do que o senhor imaginava, não foi? perguntei.

—Foi, disse ele, depois de tomar uma respiração profunda. —Foi mais duro do que supúnhamos.

NO DIA seguinte, Mountbatten recebeu os correspondentes de jornais, ansiosos por notícias.

«Não realizamos tudo que pretendíamos,» disse ele. «Fez-se, todavia, o principal. Mandamos a Diepe uma grande força naval, e a mantivemos por lá durante mais de nove horas. A RAF perdeu 98 aparelhos, mas pôs abaixo, no mínimo, 150 aviões alemães, e provavelmente 200 outros. Só perdemos um destroier. O raide ensinou-nos muita coisa, que será de valor inestimavel para as operações subsequentes.»

Tomaram parte na ação cerca de 12 mil homens, incluindo o pessoal naval e os pilotos da RAF. O número de mortos e feridos montou a mais de um terço. Mas o raide incomodou os alemães e representou ajuda aos russos. O fato de ter sido lançado contra o ponto mais bem fortificado da costa demonstrou que toda ela é acessivel a ataque. Muitos lugares tiveram que ser, e foram imediatamente reforçados. Os nazistas se viram obrigados a renunciar à esperança de mandar para a frente oriental diversas divisões da França.

A *Luftwaffe*, naquele dia de agosto, sofreu um golpe tremendo. Poucos reais ataques aéreos foram praticados, desde então, contra a Inglaterra, se é que houve de fato algum; ao passo que os nossos aviões têm podido atacar de dia objetivos na França, com oposição muito menor do que a de tempos anteriores. Os magníficos Focke-Wulfs, destruidos naquele dia, não podiam perdê-los os nazistas, que tampouco se despojaram impunemente dos pilotos que perderam.

O general Eisenhower estudou, passo por passo, a operação de Diepe, ao elaborar os seus planos para a campanha da África do Norte. Não lhe faltava a elevação bastante para pedir a Mountbatten e seu estado-maior que o auxiliassem na empresa. Mountbatten tinha já considerado um raide em larga escala contra os lugares do continente africano, finalmente atacados. Preparou um plano, e o entregou ao general Eisenhower. Três dias depois as tropas americanas desembarcavam no nordeste da África, e Eisenhower enviava a Mountbatten um telegrama de agradecimentos pela colaboração que prestara. Por inferência, o agradecimento se estendia aos que morreram em Diepe. Eles tinham tambem colaborado.

UMA IMPORTANTE TAREFA PARA O FUTURO

Os serviços prestados pelos tratores durante esta guerra, são uma inspiração e sugestão para o futuro.

Os tratores que cortam caminho através de florestas espessas . . . que puxam na neve pesados canhões para a linha de frente . . . que do dia para a noite limpam e nivelam campos de aterragem no deserto ou em plena mata virgem, mostram o que estas máquinas poderão fazer quando for preciso reconstruir um mundo em paz. Os homens que olham para o futuro prevêem a influência profunda destes tratores possantes—quando se puserem a desbravar terras virgens para a agricultura mecanizada, a abrir estradas permitindo o acesso a zonas ricas em minerais até então inacessiveis.

As necessidades de guerra que estão estimulando esta nova era de progresso, deixam, no entanto, poucos tratores para uso dos civís. Até terminar a guerra os que possuem tratores devem procurar conservá-los em boas condições para que dêem o rendimento máximo. Para isto os representantes da Allis-Chalmers podem ser de grande auxílio. A experiência que têm das muitas utilizações do trator e do equipamento de tratores pode lhe ser proveitosa quando for fazer seus planos para o futuro. Verá que não terá perdido tempo se consultar um de nossos agentes—ou, se preferir, escrever-nos diretamente.

AGENTES NO BRASIL

Ayres Son and Company
Rua D. Maria Cezar N° 31-41
Recife, Pernambuco

Companhia de Propaganda
Administração e Comércio
Rua Gen. Camara No. 62
Rio de Janeiro

Sociedade Technica de Materiais Ltda.
Caixa Postal 1109
São Paulo

AGENTE EM PORTUGAL

Fassio Limitada
No. 20 Rua Jardim do Regedor 32
Lisboa

O motor Diesel de 2 ciclos é econômico e regular . . .

O motor Diesel de 2 ciclos dos Tratores Allis-Chalmers é pronto, econômico e funciona com regularidade. Cada golpe do pistão gera força. Há outros modelos da Allis-Chalmers que queimam gasolina e outros derivados.

ARMY E NAVY

ALLIS-CHALMERS

Dept. PD943, Tractor Division, Milwaukee, Wis., E.U.A.

★ ★ ★ ★ FABRICANTES DE MAQUINARIA DESDE 1846 ★ ★ ★ ★

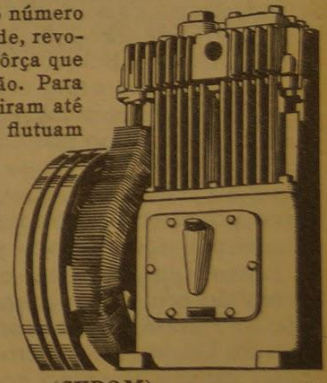
Aquí está o novo e original

SELETOR DE COMPRESSORES DE AR

GRATIS! Êste seletor indica em **UM MINUTO** o tamanho e tipo exatos de compressor de que V.S. precisa.

Basta graduar êste simples aparelho para ver claramente o número do modêlo de compressor de ar que necessita—a capacidade, revoluções por minuto, deslocamento dos pistões e cavalos de fôrça que o motor deve ter. Seleciona ràpidamente e com exatidão. Para aplicações de compressão a frio por água ou ar que requeiram até 2,3 metros cúbicos de deslocamento. As pressões de ar flutuam entre 21.000 e 175.000 quilos por metro quadrado. A Quincy Compressor Company fabrica *exclusivamente* compressores de ar. Esta especialização permite à Quincy fornecer compressores de ar de tipos e tamanhos exatos para qualquer uso.

Temos êste seletor de compressores de ar em português, espanhol e inglês. Mande-nos o cupom abaixo e lhe remeteremos o que V.S. indicar, GRATUITAMENTE.



Quincy
COMPRESSORS
SERVIÇO COMPLETO PARA QUALQUER RAMO INDUSTRIAL E DE LOCOMOÇÃO

(CUPOM)

Quincy Compressor Co., Export Dept. No. P-5 P.O. Box, 183 Springfield, Ill., E.U.A.—End. Tel. "FABEX" Queiram enviar-me, sem despesa para mim, um Seletor de compressores de ar impresso em português □; espanhol □; inglês □.

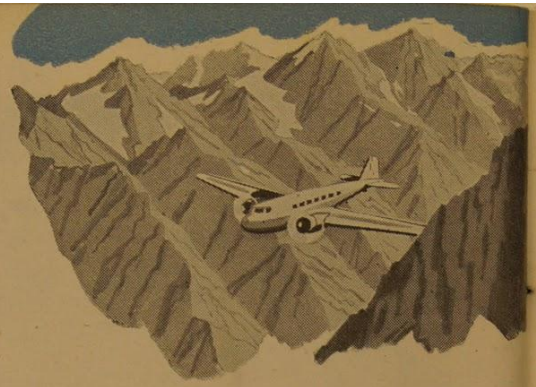
Nome.....

Firma.....

Endereço.....

Cidade ..... País.....

Com permissão do autor, publicamos a tradução de uma carta recentemente recebida de um reputado perito em minérios e proeminente homem de negócios boliviano.



Acabou-se a solidão terrestre da Bolívia!

Nova York

Sr. Ernesto Aranibar
Pan American-Grace Airways
La Paz, Bolívia

Prezado amigo:

Hoje Churchill chegou aquí!

Aos senhores, com sua vasta experiência em aviação comercial, talvez não surpreenda. Mas quanto a mim, acostumado sobretudo a viajar por terra e mar, sua imprevista chegada por avião despertou-me idéias que espero sejam compartilhadas por todos os meus compatriotas.

A Inglaterra é nação circundada pelo mar, a Bolívia, circundada pela terra. Sem embargo a Bolívia—não assim a Inglaterra—atualmente depende por completo dos portos dos seus vizinhos para o seu comércio marítimo. Se esta situação tivesse sido imposta pela natureza e se perpetuara, podia conceber-se tanto a Inglaterra como a Bolívia totalmente confinadas pelo resto do mundo.

Porem aquí intervem a ciência . . . como tão bem o demonstra o último vôo do Primeiro Ministro britânico aos Estados Unidos. Nem guerras nem barreiras naturais impedem agora a uma nação o intercâmbio indispensavel com os outros paises. Eis aí a obra recente da aviação, assim como há séculos foi a navegação marítima que interveio para libertar as ilhas britânicas.

Breve regressarei à minha pátria no meu oitavo vôo entre os dois bons vizinhos—Bolívia e Estados Unidos. No meu rápido vôo nos aviões da Pan American e sua companhia associada, a Panagra, transpondo as tradicionais barreiras terrestres, abrigarei a esperança de que todos os meus compatriotas vejam, como eu vi, que a completa independência econômica da Bolívia está indiscutivelmente ligada ao contínuo desenvolvimento e crescente uso da aviação comercial.

A liberdade do espaço, assim como a dos mares, garante a liberdade de todas as nações.

Cordialmente, seu

Miguel Etchenique

O amplo ponto de vista expressado pelo Sr. Etchenique inspira o objetivo primordial de todas as operações da Pan American World Airways e suas companhias associadas, isto é, proporcionar o intercâmbio rápido, seguro e ininterrupto de idéias e serviços em todo o mundo.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na America Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellin & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.

Os olhos cansados podem retardar seu raciocínio

Os espíritos naturalmente brilhantes podem achar as discussões comerciais enfadonhas se o raciocínio é demorado pela fadiga ocular. Em tais casos, enquanto uma decisão errada custa caro, a adaptação exata dos óculos pode evitar erros dispendiosos.

É por isso que muitas senhoras, belas por naturesa perdem parte de seus encantos, devido a que seus nervos estão fatigados por falta de bôa visão. E, segundo constatado, muitas creanças de inteligência lúcida obtêm péssima classificação na escola por não poderem ver bem.

Tanto em casa como no trabalho. a acuidade visual de um par de lentes compensa sobejamente. Os empregados que veem bem, produzem mais e melhor; estragam menos material e sofrem menos acidentes. Consulte seu médico oculista. Quando se precisa de óculos, lembre-se de que só os mais finos são os mais valiosos para a vista e portanto esteja certo de que as lentes são da marca BAUSCH & LOMB.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

A Aranha — ARQUITETO FUNCIONAL

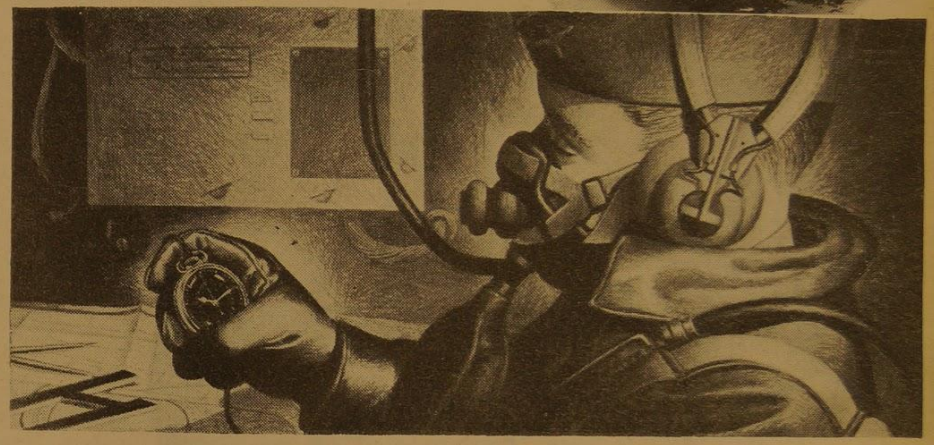
A resistência desacompanhada de peso não é uma idéia nova. Desde os tempos mais remotos a astuta aranha vem apanhando a presa na sua finíssima teia, cuja estrutura se antecipou a muitos princípios da moderna engenharia. E os fios delgadíssimos de que é tecida, oferecem, proporcionalmente ao seu peso e volume, maior resistência à tensão que qualquer dos outros materiais que conhecemos.

Por meio de aproximações sucessivas —os aperfeiçoamentos introduzidos na metalurgia dos aços—o homem tem aproximado imitar o que a natureza fêz pela teia de aranha. Passo a passo, em liga após liga, a resistência tem aumentado em relação ao peso. O peso do automovel foi reduzido a metade, enquanto sua potência e velocidade foram enormemente aumentadas. O moderno motor de avião foi criado com um cavalo de força para cada libra de peso. E os vagões de aço inoxidavel, para passageiros, construidos pela Budd e hoje tão populares nas estradas férreas dos Estados Unidos, oferecem outro exemplo notavel.

Possuindo a liga de aço inoxidavel quatro vezes mais resistência elástica que o aço ordinário, seu emprego permite à Budd construir vagões ferroviários mais leves e mais resistentes que os vagões de estilo antigo. Isso resulta em economia de funcionamento e em serviço mais rápido para esses trens modernos, que atualmente servem milhões de pessoas e, no porvir, estenderão sua atividade a todo o continente americano.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.

O minuto mais longo na vida de Jimmy



EM UM MINUTO Jimmy ficará sabendo se tem mérito para alcançar o emblema de navegador. A tarefa de Jimmy é levar seu bombardeiro ao alvo num determinado minuto—de outro modo os cuidadosos planos do raide irão por terra.

No seu relógio os segundos rastejam. Desde que levantou vôo, a incrivel precisão desse primoroso relógio de navegação tem servido para que Jimmy mantenha o seu avião num curso de rigoroso zigue-zague.

Porem, e se estivessem errados os seus cálculos? O minuto está quase vencido. De repente, as nuvens desfazem-se. Em baixo, muito distante, ele vê um rubro tapete de fogo. No seu ouvido uma voz buzina: "Bonito trabalho, Jimmy, estamos bem acima do fogo."

Os operários da Hamilton orgulham-se da sua habilidade na fabricação desses primorosos relógios. Isso significa menos relógios Hamilton para usos civís. Mas tenha presente que os Hamilton de após-guerra serão ainda mais finos que qualquer dos relógios que fabricamos anteriormente! Hamilton Watch Company, 390 Columbia Ave., Lancaster, Penna., E.U.A.

HAMILTON

Relojoeiros há 50 anos na América do Norte

EMPENHADOS AGORA NO FABRICO DE RELÓGIOS PARA A GUERRA

TRAQUÉIA DE UMA LARVA DE MOSQUITO

Vista pelo Microscópio Eletrônico RCA

Nesta gravura vê-se o aparelho respiratório de uma larva de mosquito . . . ampliada 55.000 vezes com o admiravel Microscópio Eletrônico RCA. Este maravilhoso instrumento, capaz de ampliar os objetos 100.000 vezes, já permitiu fotografar moléculas.

UTILIZANDO a ação dos eletrons em vez das ondas mais "compactas" de luz, o Microscópio Eletrônico RCA permite ao homem penetrar um mundo de organismos de indizivel pequenez.

Aplicavel às indústrias de guerra, está contribuindo ao aperfeiçoamento de ligas metálicas e outros materiais. Contribui tambem a extirpar os males que causam danos aos homens, animais e plantas. No que se refere ao futuro, a imaginação não chega a conceber até que ponto ele poderá enriquecer a vida humana.

O Microscópio Eletrônico RCA é um dos numerosos aparelhos criados e aperfeiçoados para o bem da humanidade nos famosos Laboratórios RCA.

• • •

Ouçam todas as noites "Correspondente Estrangeiro RCA Victor" no Radio Nacional, Rio de Janeiro.

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA Victor Division · Camden, N. J., E. U. A.

RCA Victor Radio, S.A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

Vejamos o que oferece o futuro – em ELETRÔNICA

Alô, Clippers!

TODOS nós, americanos, podemos orgulhar-nos dos "Pan American Clippers", cujo trabalho é atualmente muito mais intenso do que antes, mas nunca superior à sua capacidade para fazer jus a tamanha tarefa. Quando for permitido descrever ao mundo esta proeza no campo dos Transportes, as iniciais "P.A.A." adquirirão um sentido ainda mais glorioso que têm hoje.

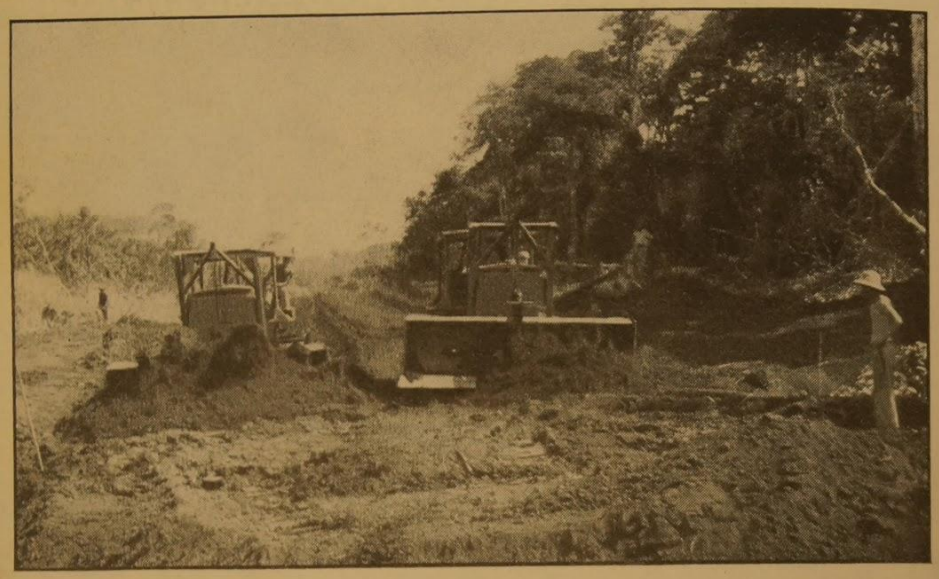
Os produtos Westinghouse são empregados com grande êxito nesta importantíssima obra . . . Nos aviões, nos aeroportos, nas oficinas e nas torres de contrôle. As últimas invenções dos engenheiros da Westinghouse permitem efetuar vôos mais rápidos e mais seguros, graças à *Eletrônica* – nova ciência cujo desenvolvimento tem sido acelerado nos laboratórios da Westinghouse – e que é utilizada dia após dia num sem-fim de aplicações.

E essa ciência maravilhosa – a *Eletrônica* – quando a paz voltar, há-de contribuir de mil maneiras para nossa felicidade: dar-nos-á a televisão, melhor cinema, maior proteção para a saude, melhores alimentos, água mais pura. Quando tivermos ganho esta guerra, o Distribuidor da Westinghouse oferecerá a V.S. uma infinidade de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. No ínterim, todos os nossos esforços estarão concentrados na tarefa dos homens livres: alcançar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E.U.A.

Westinghouse

Estabelecida em 1886

"PRIMEIRA no Passado... PRIMEIRA no Futuro"



O CAMINHO DA RIQUEZA

Em lugares remotos na América do Sul e Central, há reservas incalculaveis de minerais, até hoje inexploradas. A dificuldade de acesso tem sido um dos principais obstáculos para o desenvolvimento destas riquezas. Mas hoje, graças aos possantes e engenhosos Tratores «Caterpillar» Diesel e outras máquinas, é possivel cortar estradas por florestas e montanhas com uma rapidez e economia nunca sonhada no tempo em que todo trabalho era feito pela mão do homem.

O equipamento «Caterpillar» está realizando atualmente «milagres» desta ordem. O trator que se vê na figura equipado com Angledozers, por exemplo, construiu na Venezuela 75 quilômetros de estrada, das margens do Rio Orinoco a uma mina de ferro, recentemente inaugurada. Em outros trechos é usada tambem a «Raspadeira Carryall» acionada por Tratores Diesel. A margem do rio são utilizados os «Caterpillar» Diesel para movimentar guindastes que desembarcam Eletrogeradores Diesel e outras máquinas para mineração. Mais tarde este mesmo equipamento «Caterpillar» será usado para construir uma estrada de ferro de 100 quilômetros que transportará o minério da mina ao porto fluvial.

Pode-se ver hoje na América Latina a marcha do progresso. Depois da guerra veremos os Tratores, Niveladores, os Motores e Eletrogeradores «Caterpillar» Diesel contribuindo para trazer prosperidade a um dos continentes mais ricos do mundo.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

TRATORES • MAQUINARIA ROLANTE • MOTORES E ELETROGERADORES

NUNCA VAI SÓ QUANDO VOA

Todos os dias este aviador das Nações Unidas enfrenta a morte. Mas nunca a enfrenta só e sem apoio.

Na construção e armamento de seu avião, no seu treinamento e na maneira por que é planejada sua missão de guerra, tudo é feito para aumentar, tanto quanto é humanamente possivel, as suas probabilidades de voltar são e salvo à base.

Ele sabe que aqueles que deixou à retaguarda, na batalha da produção, estão cumprindo a parte da tarefa que lhes cabe.

E todos nos sentimos na obrigação de justificar a confiança que ele deposita em nós. Um esforço maior no trabalho, bom-humor para aceitar racionamento e medidas de economia —esta é a *única* maneira como nós, na frente civil, podemos cooperar na luta.

Nós, no Hemisfério Ocidental, prezamos nossos aviadores não só como combatentes, mas tambem como cidadãos e seres humanos. E eles sabem disto, eles sabem que quando voam nunca voam sozinhos.

LYCOMING

MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino... O motor de avião dos futuros amadores

DIVISAÕ LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

Fabricantes de produtos AVCO

Água límpida e pura em cada torneira da sua cidade

Permutit torna isso uma realidade

Centenas de modernas municipalidades já descobriram as vantagens da instalação do aparelho Permutit* para o condicionamento de água. Isso quer dizer boa água em todas as torneiras—água livre de sujeira em suspensão, germes vivos, ferro, cor e matérias químicas dissolvidas. Toda fábrica, todo lar, todo hotel, restaurante, lavanderia, e escritório se beneficia com um bom reservatório de água.

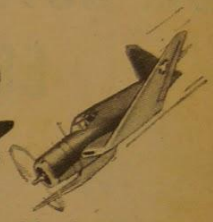
Agora que o aparelhamento Permutit é mais prático e econômico do que nunca, tambem a sua comunidade pode gozar suas vantagens. Escreva pedindo informações à The Permutit Co., Depto. RD 11, 330 West 42nd Street, Nova York, N. Y.

*Marca Registrada

PERMUTIT

Centro Mundial de Condicionamento de Água

Na Guerra ou na Paz Pode-se contar com



AUTO-LITE

Na guerra mecanizada moderna é preciso poder contar com bom funcionamento. Especialmente em material que toma parte nos transportes ou que entra em combate—caminhões, aviões de transporte, tanques, bombardeiros, aviões de caça, navios.

Quando veio o perigo de guerra, o Governo Americano dirigiu-se logo aos fabricantes de nomes afamados como garantia de funcionamento seguro—mobilizou os seus recursos industriais. Entre as primeiras emprezas elegidas encontrava-se a Auto-Lite com os seus 22 grandes estabelecimentos conhecidos no mundo inteiro pelo volume da sua produção de aparelhos eletricos de primeira ordem para carros, caminhões, aviões e embarcações.

Hoje ha ainda uma produção limitada de material Auto-Lite para a manutenção de transportes essenciaes, porém estas fábricas dedicam-se principalmente a entregar enormes quantidades de material de guerra—dando apoio aos exercitos das Nações Unidas.

THE ELECTRIC AUTO-LITE COMPANY
(*Export Division*)
Chrysler Building, New York, N. Y., U. S. A.

VELAS DE AUTOMÓVEIS · ACUMULADORES · FIOS E CABOS
APARELHOS DE ARRANQUE, IGNIÇÃO E ILUMINAÇÃO

UM NOVO SERVIÇO ESSO:

a Verdade!

Hoje em dia tudo se passa rapidamente. Os exércitos avançam quilômetros, em vez de metros. As batalhas navais estalam sem aviso prévio. Um avião brasileiro põe a pique um submarino do Eixo em poucos segundos.

E logo após realizarem-se tais acontecimentos, o seu REPORTER ESSO ocupa o eter para informá-lo. E o que é mais importante, ele lhe diz a *verdade* sobre os casos, mesmo que esta seja desfavoravel.

Sim, por toda a América Latina, agora, como desde há anos nos Estados Unidos, o povo já verificou que pode confiar implicitamente tanto no REPORTER ESSO como nos produtos e serviços ESSO.

Una-se aos milhões de pessoas que ad quiriram o hábito de ouvir regularmente o REPORTER ESSO. Tome um assento de primeira fila na platéia da história. *Nada lhe custa!*

ESSO

STANDARD OIL COMPANY OF BRASIL E A ORGANIZAÇÃO ESSO

Distribuidores de Essolube, Essolene e outros produtos que encontrará sempre sob o oval ESSO

OUÇA O *REPORTER* ESSO NA ESTAÇÃO QUE *LHE* FICA MAIS PERTO

Rio de Janeiro— Radio Nacional; dias de semana, as 8, 12.55, 19.55 e 22.55; domingos, as 12.55 e 21 horas.

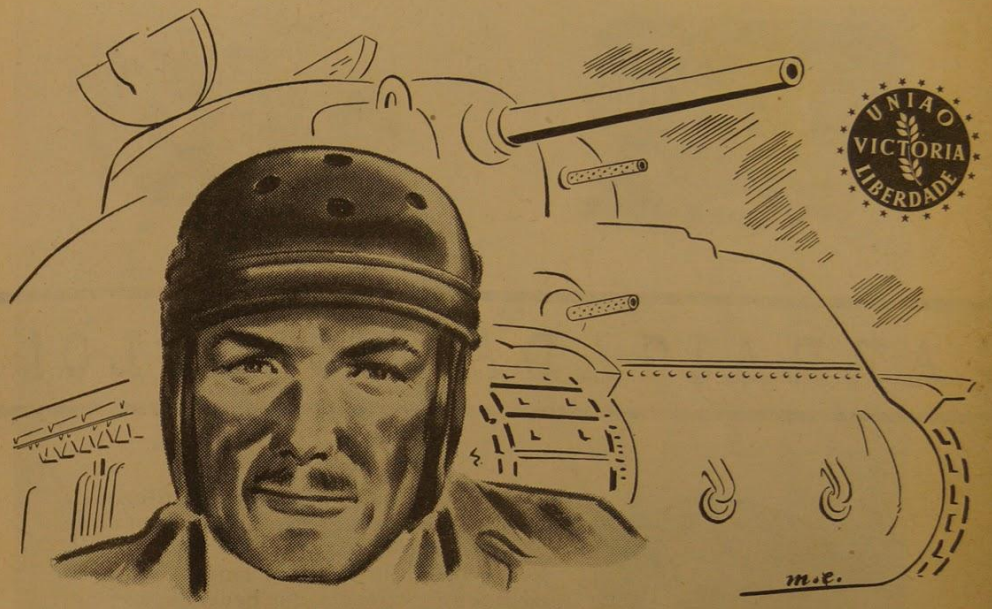
São Paulo— Radio Record; dias de semana, as 8, 12.55, 19.55 e 21 horas; domingos, as 12.55 e 19.50.

Porto Alegre— Radio Farroupilha; dias de semana, as 13.30, 18.30 e 22.30; domingos, as 13.30 e 20 horas.

Recife— Radio Clube de Pernambuco; dias de semana, as 9.30, 12.55, 19.55 e 22.55; domingos, as 12.55 e 22.30.

Belo Horizonte— Radio Inconfidência; dias de semana, as 8, 13, 19 e 22; domingos, as 13 e 21 horas.

Pode-se tambem ouvir REPORTER ESSO através de 34 estações na Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Rep. Dominicana, El Salvador, Nicarágua, Panamá, Perú, Puerto Rico, Uruguay e Venezuela, e em 35 estações dos Estados Unidos da América.



O Rádio faz da Derrota uma Vitória

«Nossos tanques estavam dispersos — cada um lutando por sua conta — e sendo faceis vítimas do inimigo. Então a ordem: 'Assaltem em linha cerrada' foi recebida pelo rádio . . . e em poucos momentos apresentávamos ao inimigo uma muralha sólida de aço! Pudemos concentrar nosso fogo, e ao mesmo tempo servir de escudo ao avanço de nossa infantaria» . . .

O que parecia uma derrota certa, tornou-se uma deslumbrante vitória, graças á intervenção do rádio. Todos os dias—na terra, no ar e nos mares—o rádio cumpre uma missão decisiva. Na verdade, o rádio é um dos maiores benefícios que a humanidade tem recebido da ciência!

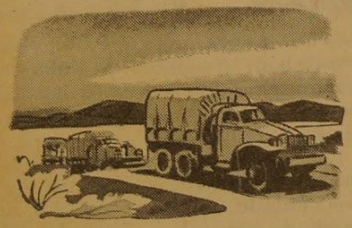
Com as exigências da guerra, os Laboratórios Zenith têm introduzido melhoramentos de grande importância nos aparelhos de rádio. Quando a Vitória das Nações Unidas lhe permitir terminar sua tarefa de fornecer materiais para usos bélicos, a Zenith surpreenderá seus muitos amigos com êsses melhoramentos, aplicados aos aparelhos para uso civil. Tanto na paz como na guerra, Zenith continuará simbolizando a mais alta qualidade em rádio!

Agentes en tôdas as cidades principais.

ZENITH LONG DISTANCE RADIO

FABRICANTES DE EQUIPAMENTO RADIÓNICO, EXCLUSIVAMENTE

ARRAIGADA NO SOLO!



UNIDOS PARA A LIBERDADE

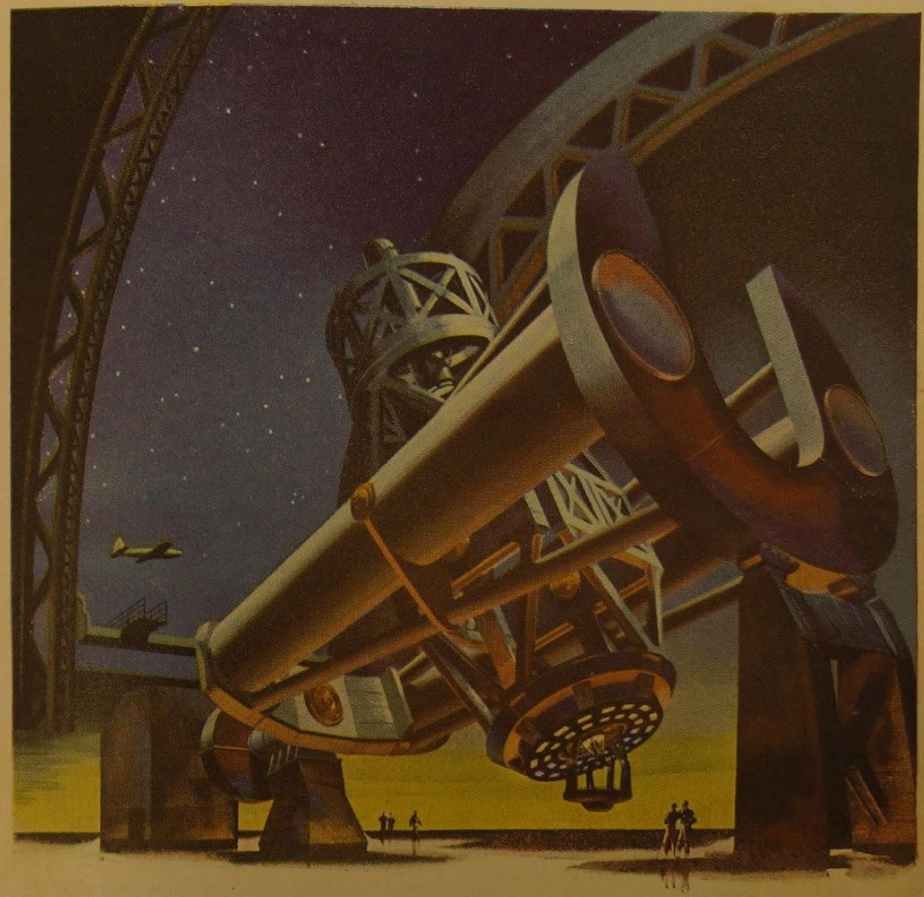
As trilhas da guerra conduzem a maiores progressos. Do aumento de produção para fins de guerra resultará a aquisição de mais amplos conhecimentos e experiência, que beneficiarão tanto ao homem como as suas máquinas.

Melhoramentos mecânicos em certos produtos... importantes pesquizas na produção de alimentos, na nutrição e na medicina... a energia dispendida hoje para equipar e manter milhões de soldados — tudo isso trará maiores benefícios, elevando o nível moral e físico da humanidade. O homem terá melhores ferramentas para trabalhar e estará mais apto a manejá-las.

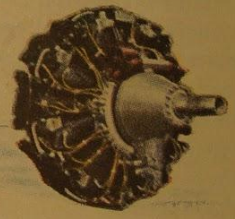
Quando chegar a ocasião da ciência e da indústria voltarem aos trabalhos da paz, a International Harvester convergirá suas energias para os canais construtivos do futuro. Sua experiência de 112 anos é básica—*está arraigada no sólo.* Essa experiência, que fez as máquinas agrícolas, os caminhões, os tratores e os motores industriais International Harvester mundialmente conhecidos, oferecerá mais uma vez produtos superiores para a agricultura e para a indústria.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building Chicago, U. S. A.
Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO SAO PAULO PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER



Telescópio para o tempo



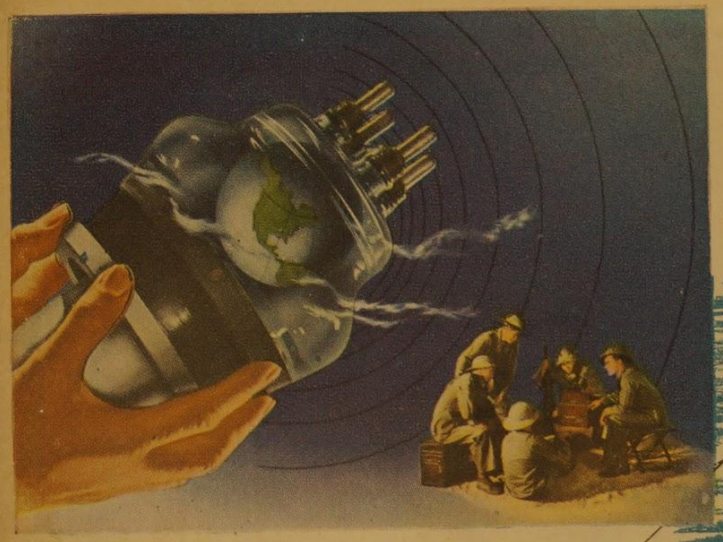
O telescópio gigante e o motor de avião são, ambos êles, instrumentos de precisão aplicados à conquista do espaço. Mas ao passo que o telescópio se limita a encurtar a distância visual, o motor aeronáutico tem o duplo poder de reduzir o tempo e a distância material, de modo a ampliar a esfera de ação do homem. É a Wright que fornece a potência aos grandes transportes que aceleram a sempre crescente tonelagem do ar.

WRIGHT *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind



RÁDIO • *Eletrônica* • TELEVISÃO

A ELETRÔNICA— Ciência do Futuro

MAIS uma vez estamos em vésperas de um novo acontecimento na história do progresso científico: o advento da Era da Eletrônica, cheia de promessas e possibilidades para um futuro imediato. Nesse período, cujo limiar apenas acabámos de transpor, coisas maravilhosas estão acontecendo. Válvulas eletrônicas, semelhantes as usadas em nossos aparelhos de rádio, estão revolucionando a indústria, a radio-comunicação e a medicina, de maneira tão espantosa, que as invenções da luz elétrica e do telefone parecem meros incidentes na história. A General Electric, no seu afã incansavel de progresso, tem descoberto novas aplicações das válvulas eletrônicas que depois da Vitória virão transformar inteiramente o aspecto da nossa existência. Assim, quando no futuro virmos, em nosso próprio lar, as inúmeras maravilhas realisadas pelos mágicos aparelhos eletrônicos, compreenderemos as ilimitadas possibilidades dessa ciência do futuro.

•

TODO RÁDIO G-E É UM APARELHO ELETRÔNICO

O rádio é um produto da investigação eletrônica. A grande experiência da General Electric está dedicada hoje exclusivamente à produção de aparelhos eletrônicos para fins bélicos. Depois da Vitória, esta experiência habilitará a General Electric a construir receptores de alta qualidade Mais tarde, permitirá novos adiantamentos eletrônicos, tais como a radio-difusão sem estática, pelo sistema de modulação de frequência, e a televisão.

•

Um interessante libreto de 32 páginas, grande formato, impresso em lindas cores, descreve a história da válvula eletrônica e suas múltiplas aplicações. Peça-o a International General Electric Co., Inc., Electronics Department, Schenectady, N. Y., E.U.A., ou ao distribuidor local da General Electric.

GENERAL ELECTRIC

EL-1-43DP

ELEVADORES OTIS

A MANUTENÇÃO OTIS CONSERVA OS ELEVADORES JÁ INSTALADOS LIVRES DE PERIGO

TEMOS DISPONIVEIS
PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA REPARAÇÕES.

NOSSO CORPO DE TÉCNICOS
ESTÁ À DISPOSIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS,
ARQUITETOS E ENGENHEIROS
PARA CONSULTA
SOBRE PEDIDOS DE INSTALAÇÃO DE ELEVADORES
EM EDIFÍCIOS A SEREM CONSTRUIDOS
APÓS A GUERRA.

ATUALMENTE TODAS AS NOSSAS FACILIDADES
DE MANUFATURA ESTÃO INTEIRAMENTE
DEDICADAS À PRODUÇÃO DE GUERRA.

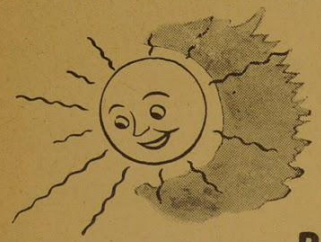
OTIS ELEVATOR COMPANY

BUENOS AIRES
MONTEVIDÉU
SAN JUAN

RIO DE JANEIRO
HAVANA

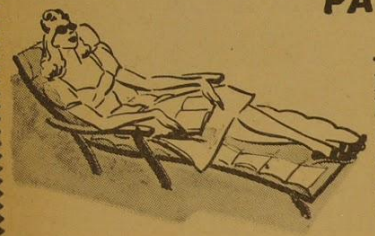
MÉXICO, D.F.
BOGOTÁ
PANAMÁ

AGENTES EM OUTRAS CIDADES DA AMÉRICA LATINA



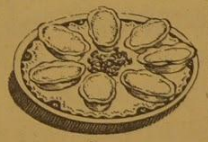
Receitas

PARA DIAS DE CALOR —



— com os 4 saborosos Pâtés SWIFT!
Não se submeta ao castigo de passar horas e horas na cosinha em dias de calor — chame em seu auxilio os 4 gostosos Pâtés Swift! Deliciosos e finíssimos, oferecem, com pouco preparo, ótimos pratos que agradarão aos paladares mais exigentes.

Barquinhas de Pâté de Foie



Forrar as forminhas com massa de empadas e levá-las ao forno quente por 10 minutos. Tirar a massa da forminha, deixa-la esfriar e enchê-la com Pâté de Foie misturado com maionese.

Canapés de Pâté de Carne

Desfazer o conteudo de uma lata de Pâté de carne Swift e adicionar-lhe uma colher de chá de manteiga. Estender a mistura sôbre rodelas de pão preto e branco e decorar os canapés com tiras de pimentões, azeitonas e pepinos.

Sanduiches de Pâté de Presunto

Untar fatias finas de pão com maionese. Colocar sôbre elas folhas de alface e uma camada do delicioso Pâté de Presunto Swift. Cortar os sanduiches em forma de triângulo.

Empadas de Pâté de Galinha

1 lata de Pâté de Galinha Swift. Massa. Desmancha-se o Pâté de Galinha, colocando-se em seguida sôbre a massa cortada em rodelas. Dobram-se as rodelas, apertando-se as pontas e levam-se ao forno durante 15 minutos.

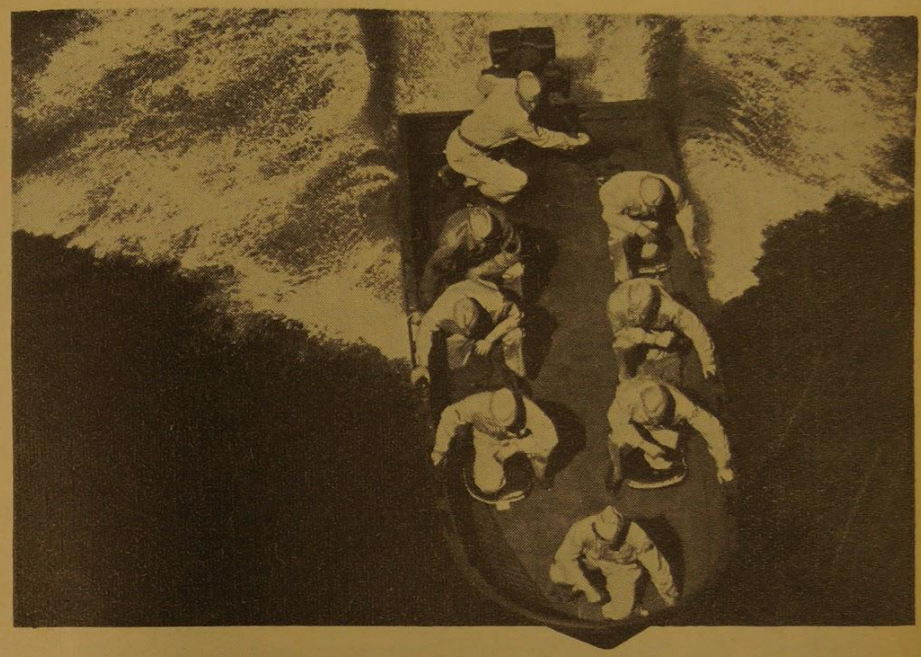
VEJA ESTA LISTA DE OUTROS ÓTIMOS PRODUTOS SWIFT

Salsichas • Línguas • Presuntos • Bacon • Presuntada • Carne de Porco • Corned Beef • Extrato de Carne • Tuco (para massas) • Perú • Carne Cosida • Banha etc.

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



A CAMINHO DA VITÓRIA . . . COM UM MOTOR EVINRUDE

Há meses que as fábricas Evinrude suspenderam a fabricação de produtos para usos pacíficos para que a perícia de cada operário — o rendimento de cada máquina — se dedicassem exclusivamente ao esforço de guerra das Democracias.

Muitos produtos de importância vital estão hoje incluidos no "Livro da Vitória" da Evinrude — e não é segredo que o motor-de-popa Evinrude faz parte da lista.

Com 33 anos de experiência, a fabricação desses possantes motores é a contribuição lógica da Evinrude para as forças armadas.

Sim, contribuimos tambem com constantes pesquisas técnicas, e, quando chegar a Vitória, teremos um Evinrude aperfeiçoado — em todas as caraterísticas — em todos os detalhes — dignos descendentes dos motores-de-popa que hoje combatem na linha de frente.

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO • Waukegan, Illinois, E. U. A.

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

GRATIS! Permita que lhe enviemos, com nossos cumprimentos, o "Selecionador de Barcos e Motores de Evinrude", com informações uteis sobre embarcações, motores, velocidades, etc. É favor enviar-nos o coupon abaixo.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

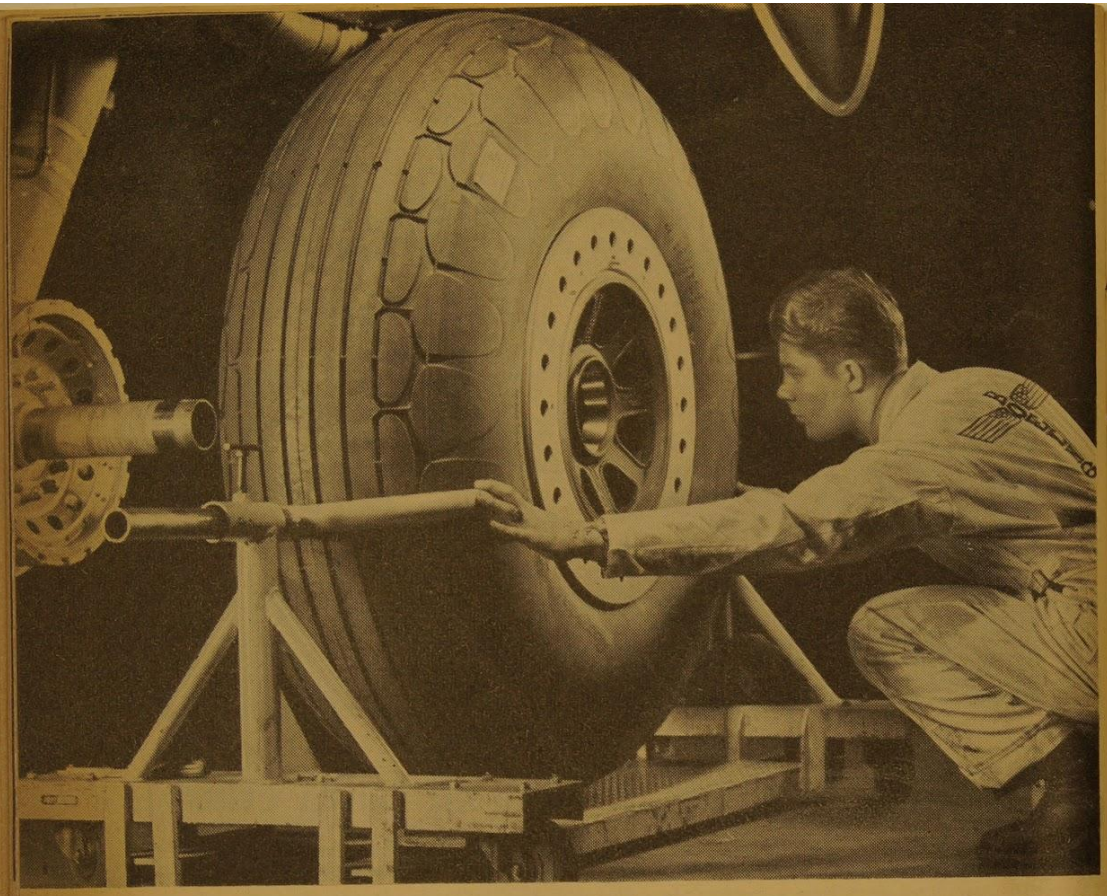
OUTBOARD, MARINE & MFG. CO.
Divisão de Exportação,
Waukegan, Ill., E.U.A.

Senhores: Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome:.....

Endereço:.....

.....



Como facilitamos nossas tarefas

Uma das tarefas mais importantes da Boeing é a simplificação dos sistemas de trabalho, para que a produção continue progredindo, não obstante a falta de bons mecânicos.

Na gravura supra estampamos um exemplo dessa nossa filosofia da simplificação — um simples mecanismo: pequeno carro criado pela Boeing para a instalação de rodas, por meio do qual *um* operário engata uma roda de 250 quilos de peso no eixo duma Fortaleza* Voadora Boeing.

Destacamos este exemplo entre centenas de outros, para demonstrar o constante esforço que prevalece nas fábricas Boeing (em Seattle, Renton, Washington, Wichita, Kansas, e Vancouver, B. C.) com o fito de alcançar a máxima eficiência de produção com o mínimo de sacrifício de energia humana, e empregando ferramentas e material de trabalho melhorados . . . esforço que lhe tem valido *um rendimento mais elevado por operário, máquina, e unidade de superfície industrial, entre todos os fabricantes de aviões.*

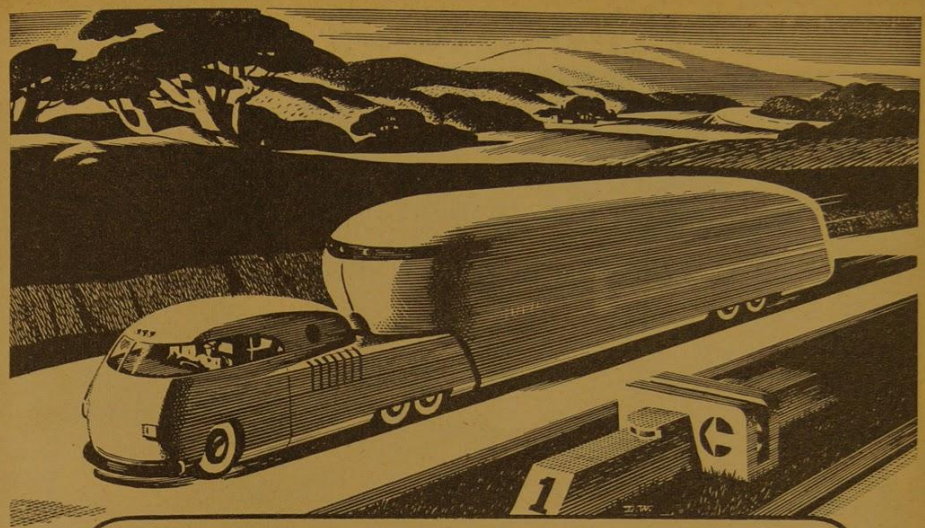
• • •

Na Paz que há-de vir, a pesquisa, a técnica e a perícia de fabrico da Boeing continuarão a fazer da frase "Construido pela Boeing" uma autêntica marca de qualidade.

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS

BOEING

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registada da Fábrica Boeing.*



PELAS ESTRADAS DA VITÓRIA

Depois de ganha a guerra, novas estradas galgarão as montanhas e atravessarão florestas virgens, abrindo um mundo novo e melhor para o futuro.

Viajaremos então pelas Estradas da Vitória, como a grande Estrada Pan-Americana que brevemente ligará as Américas. Imensos caminhões de transporte trarão à sua porta as coisas de que necessita, levando de volta, para os mercados que os esperam, os produtos de seu trabalho. Viajaremos por preço módico, em luxuosos ônibus aerocondicionados, a negócio e por prazer.

E assim veremos mais coisas e *gozaremos* mais a vida. Esplêndidas estradas e esplêndidos veículos são apenas alguns aspetos da vida melhor que nos espera—*uma vez ganha a guerra.*

Já podemos ver esboçado este futuro nos planos dos engenheiros e metalurgistas do aço, para depois da guerra. Os excelentes Aços Republic que no momento combatem para proteger a liberdade das Américas, estão destinados a ajudar a produzir as máquinas e instrumentos que nos permitirão gozar melhor da liberdade . . . melhores estradas, caminhões, ônibus, automóveis, trens, aeroplanos, navios, fábricas, escritórios, casas e fazendas.

Numa paz vitoriosa está a garantia de uma vida de liberdade e prosperidade para *todos nós*—uma vida pela qual vale a pena trabalharmos e combatermos *todos juntos.*

VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave.
New York, N. Y., E. U. A. Endereço telegrafico: "TONCAN"

Escritorios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguay, Venezuela, Ilhas Virgínias. Tambem estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, India, China, Iran, Portugal, Suecia, Turquia.

POR QUE LUTAMOS?

Lutamos para que haja liberdade no mundo . . .
Para que os homens sejam e se sintam LIVRES . . .
LIVRES para a prática de sua religião . . .
LIVRES para expressar suas idéias e opiniões . . .
LIVRES da miséria econômica . . .
LIVRES de todo temor de opressão . . .
Lutamos para preservar a dignidade humana . . . para abater a prepotência bestial que se ergue contra todos! Lutamos para favorecer o verdadeiro progresso, para estabelecer a igualdade de direitos . . . concórdia e fraternidade entre os povos!

UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., LTD.
Fabricantes dos pneumáticos Royal
1230 SIXTH AVENUE, NOVA YORK, E.U.A.

Para isso, os operários, cientistas, empregados, todos os que fazem parte da United States Rubber Company, dedicam seus melhores esforços, todas as suas energias à produção de equipamento para as Nações Unidas. Se hoje faltam pneumáticos e outros artigos de borracha para uso civil, é porque o material básico está sendo utilizado para forjar a Vitória!

No Canadá: Dominion Rubber Co., Ltd.

ECONOMIZE TEMPO PARA APRESSAR A VITÓRIA

"MANUAL DO TORNEIRO"
Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sôbre a conservação e o funcionamento de tornos mecânicos. Preço: Cr.$3,00 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês. Escreva claramente o seu nome e endereço.

Agora, mais do que nunca, é preciso economizar tempo na fábrica e na oficina porque cada segundo que se poupa ajuda a aproximar a hora da Vitória.

Com o uso dos Tornos South Bend será possivel economizar tempo em muitas operações de trabalhos de metais ao torno. Girando em muitas velocidades permitem o máximo rendimento e eficiência às ferramentas de corte. Sua versatilidade permite reduzir ao mínimo o tempo indispensavel para adaptação a novos tipos de obra, e assim ganhar tempo quando se torna necessário fazer diversas obras em quantidades limitadas. A posição cômoda dos controles e a facilidade de manobra contribuem muito para aumentar a eficiência do torneiro.

A maior economia de tempo proporcionada pelos Tornos South Bend é devida a sua precisão, que permite produção máxima, mesmo quando a tolerância para erro é mínima.

Os Tornos South Bend são fabricados em cinco tamanhos: 9", 10", 13", 14.½" e 16" de diâmetro torneável, tanto no tipo de Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida como de Oficina de Ferramenteiro. Escreva pedindo o nosso catálogo e declare se o deseja em Português, Espanhol ou Inglês.

VISINHOS AMIGOS CAMARADAS

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend, Indiana, E.U.A. — *Fabricantes de Tornos há 36 Anos*

FOTO DO CORPO DE SINALEIROS DO EXÉRCITO DOS E.U.A.

para a segurança do hemisfério amanhã . . .

PRODUTOS DA ROEBLING

Estendendo-se numa longitude de 2.900 quilômetros, de Dawson Creek, na Colúmbia Inglesa, a Fairbanks, no Este do Alasca, a rodovia "Alcan" constitue nova garantia contra a ameaça do inimigo ao Noroeste Americano. Servirá ao transporte de homens, abastecimentos e equipamento, para assegurar o controle das águas do Pacífico Norte pelas Nações Unidas, desviando a atenção do Japão dos mares Central e Sul, protegendo o nosso inteiro hemisfério . . .

No nosso país, muitas e importantes rodovias serão construidas depois da Vitória. Por elas irá locomover-se parte do comércio que a Vitória e a Paz trarão a este hemisfério. Graças a elas V.S. gozará maior proteção econômica, mais vantagens a confortos. E assim toda a família de Nações do Hemisfério Americano poderá viver mais unida.

A Roebling quer tomar parte nessa edificação do vosso futuro, com produtos tais como: Corda de Arame de Aço "Blue Center" Roebling, Cabos e Arames Elétricos Roebling, e Materiais de Rede de Arame Roebling. Hoje porem todo material de que as Nações Unidas precisam requer a produção global da Indústria Americana. Ainda que os seus requisitos sejam pequenos, esses materiais podem vir a ser exatamente os que farão falta para ajudar a vencer alguma ação decisiva numa frente de batalha.

Unamo-nos então—para defender hoje o nosso hemisfério e consumar um brilhante futuro que nos será possivel alcançar amanhã.

A ROEBLING—Quer ajudar na Expansão Futura da América Latina. John A. Roebling's Sons Company, Trenton, Nova Jersey, E.U.A. Divisão de Exportação, 19 Rector Street, Nova York.

ROEBLING

Quer cooperar na expansão futura do Brasil

A Noite não Interrompe os Duelos Aéreos

O "GRUPO NORTHROP" de engenheiros, desenhistas e fabricantes de avião, trabalha noite e dia para entregar aos aviadores das Nações Unidas aparelhos mais rápidos, mais seguros e mais possantes. E no entanto, o trabalho da Northrop é apenas uma parte do estupendo programa aéreo para o qual os Estados Unidos têm contribuido tão prodigiosamente.

Que tipos de avião são fabricados hoje nos Estados Unidos? Hoje em dia o tipo de avião de combate "para todo serviço" não basta. Para manter a supremacia aérea tanto rente à terra quanto às grandes alturas, são necessários vários tipos de avião de caça. E é isto que a Northrop e outros fabricantes norte-americanos estão criando noite e dia—aviões de *todos* os tipos.

A mesma coisa se dá com os aviões de bombardeio. Em certas zonas as Nações Unidas precisam de aviões capazes de transportar explosivos devastadores a milhares de quilômetros de distância. Em outras, os aviões devem carregar pesos ainda maiores requerendo porem, menor autonomia de vôo. E para isto muitos tipos de avião de bombardeio são fabricados—com uma velocidade de produção nunca sonhada.

Nós que fazemos parte da fábrica Northrop da Califórnia, temos orgulho em contribuir para este plano gigantesco de produção que está expulsando o inimigo dos céus e em ver o papel cada dia mais importante dos aviões Northrop na realização deste plano.

NORTHROP AIRCRAFT, Inc.

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A.

Membros do Aircraft War Production Council, Inc.

Para que todos possam escrever o que sentem

Para transmitir o pensamento dos povos livres por meio da palavra escrita, a Parker, nos últimos 55 anos, tem feito verdadeiras criações de beleza e precisão em canetas-tinteiro.

A mais popular dessas finas canetas é a Parker Vacumatic. Sua ponta de custoso osmirídio, suave como o setim, nunca arranha o papel! O seu corpo transparente permite ver o conteudo de tinta, e o seu grande depósito evita o ter que enchê-la com frequência.

Peça ao seu vendedor para demonstrar-lhe o suave colorido da escrita de uma Parker Vacumatic. É como se esta formosa caneta tivesse asas para escrever. O Lozango Azul no prendedor da caneta denota a nossa garantia vitalícia.

PARKER

Unicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA. Rua 1º de Março 9-1º Rio de Janeiro

Sua qualidade é digna de confiança

Quando tenha sêde, lembre-se que "Coca-Cola" é deliciosa . . . e refrescante. "Coca-Cola" possúe a qualidade que inspira confiança. Desfrute dum momento refrescante com "Coca-Cola" bem fria. A sêde não exige outra coisa. O unico igual a "Coca-Cola" é . . . "Coca-Cola".

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

Wasp — o Motor do Piloto

Os cadetes de aviação de 20 países conquistaram suas asas em treinadores avançados "Texan", construidos pela North American Aviation, Inc. Hora após hora de rigidos vôos eles reconheceram por que os motores de confiança Pratt & Whitney, de diversas potências de H.P. mereceram o nome afetuoso de "Wasp — o Motor do Piloto".

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

Motores Pratt & Whitney — Aviões Chance Vought — Helicopters Sikorsky — Hélices Hamilton Standard

VISTA RADIOGRÁFICA DE UMA LAMINADORA MODERNA

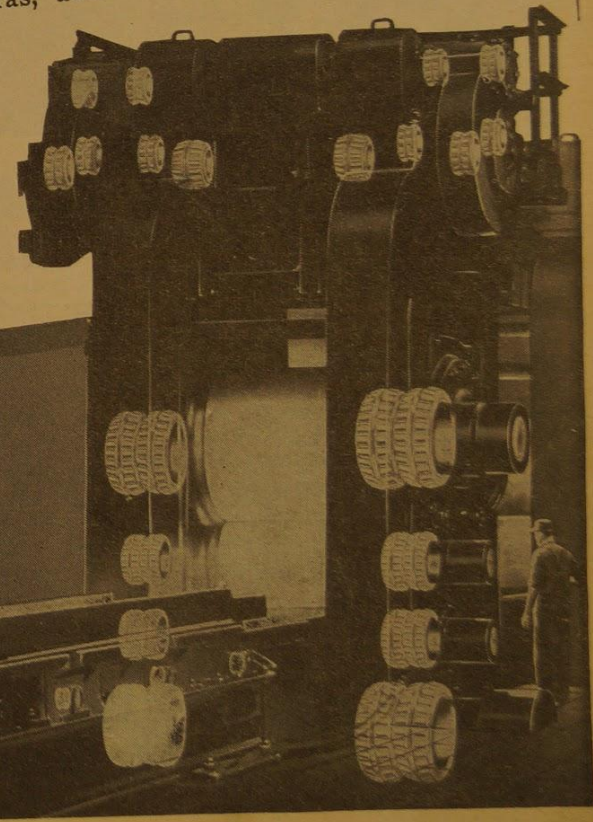
A grande laminação prestes a ser inaugurada em Volta Redonda, Brasil, vai ser aparelhada com Chumaceiras Cônicas de Rolamento Timken. A gravura mostra uma armação típica munida dessas chumaceiras nos pontos essenciais de funcionamento.

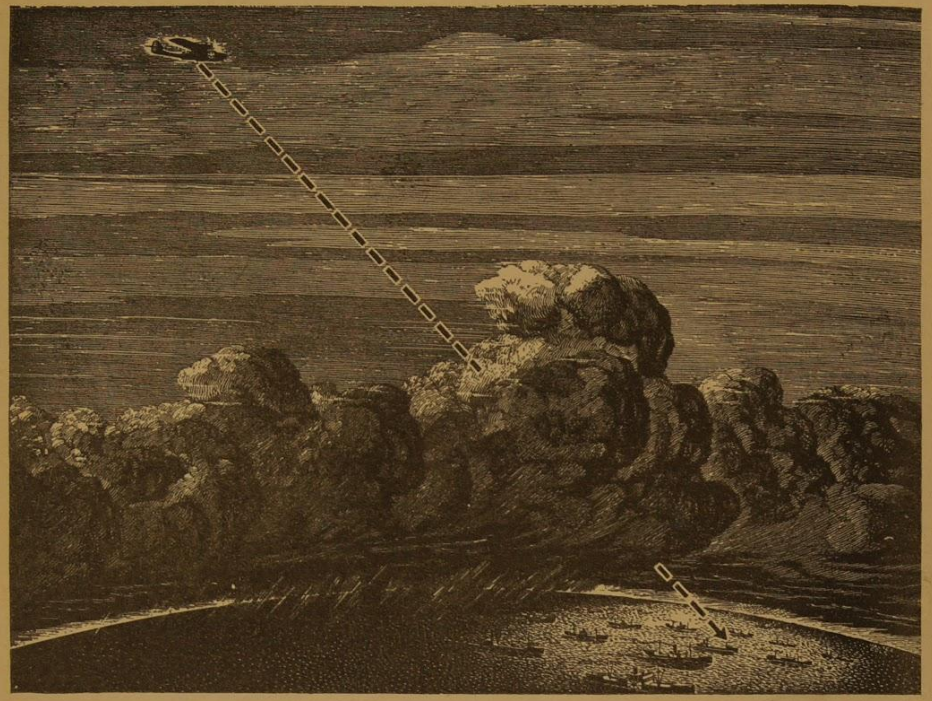
Onde quer que girem rodas e eixos—nas laminadoras, automoveis, tratores, locomotivas e vagões de trens, instalações de minas e construções—o emprego em larga escala das Chumaceiras Timken dá em resultado melhor atuação das máquinas, expressa em maior precisão, resistência e mais baixo custo.

The Timken Roller Bearing Co., Canton, Ohio, E.U.A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS





UMA ARMA SECRETA

divulga a história da Philco na guerra!

RADAR—a fabulosa arma que já foi um segredo e que dá busca ao inimigo por entre a neblina, as nuvens, os temporais ou a escuridão —constituiu uma das maiores realizações de guerra da Philco!

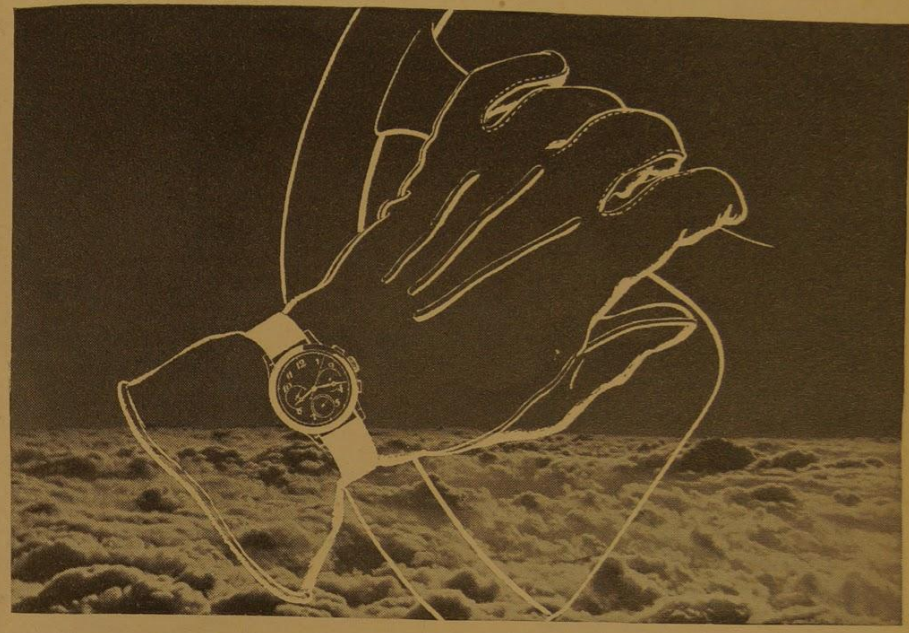
A maior fabricante de rádio do mundo... a pioneira no terreno das ondas de rádio de frequência ultraelevada—a Philco tomou parte importante no desenvolvimento e na produção desse sensacional aparelho.

Mas alem desta essencial contribuição para a Vitória através dos mandatos de guerra da Philco, existe a sequência pacífica. No futuro, quando a Paz se tornar estavel, a Philco revelará sob seu nome famoso enormes progressos em rádio, televisão, refrigeração e condicionamento de ar!

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

PHILCO

A MAIOR FABRICANTE DE RÁDIOS DO MUNDO



A 12 MINUTOS DO CÉU

Podemos em 12 minutos exatos chegar à estratosfera . . . sem sair da terra.

Ao entrar neste novo tipo de câmara-estratosférica da York não se esqueça de usar sua roupa aquecida eletricamente e o capacete ou máscara de oxigênio.

Logo ao sentar-se a temperatura será confortavel: 15° acima de zero com pressão atmosférica normal. Mas 12 minutos mais tarde estará fazendo um frio de 55° abaixo de zero e a pressão será baixíssima . . . e assim teremos chegado ao ambiente estratosférico com a mesma rapidez que um avião gigante.

Nas oficinas da York uma Câmara Estratosférica ainda mais complicada está sendo construida . . . uma que poderá reproduzir não só as condições de uma subida rápida como as de uma descida brusca . . . mais rápida que a de qualquer avião de mergulho moderno!

Ninguem pode avaliar as vitórias que têm sua origem na câmara estratosférica. Graças às pesquisas rigorosas sobre as condições estratosféricas que se fazem nestas câmaras, surgem aperfeiçoamentos para os instrumentos, materiais e equipamento que permita a vida humana a 12 quilômetros de altura . . . As tripulações destes aviões podem tambem ser experimentadas várias vezes e assim estará garantida sua resistência.

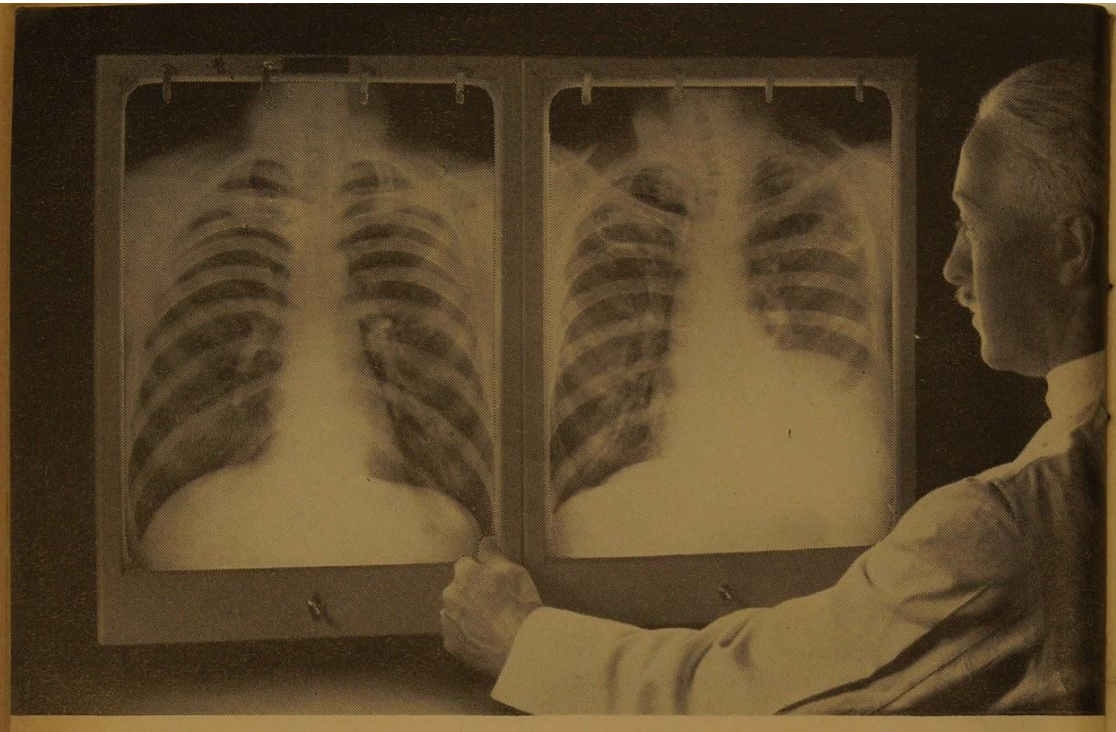
York Ice Machinery Corporation, York, Pennsylvania, E.U.A.

york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO PARA A GUERRA

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON E CIA. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO



UM SOLDADO SADIO VISTO POR DENTRO . . . Esta radiografia mostra minuciosamente ao médico militar que os pulmões deste soldado estão perfeitos—sem o menor sinal de infecção tuberculosa. A radiografia foi feita com Filme Kodak de raio X.

REJEITADO . . . Infecção séria de origem tuberculosa. Este homem não se acha em condições de entrar para o exército, mas graças a este exame teve a oportunidade de saber o perigo que o ameaça, e assim poderá combater este inimigo que tambem pode ser vencido.

★

O filme radiográfico colabora na maior campanha empreendida contra a tuberculose

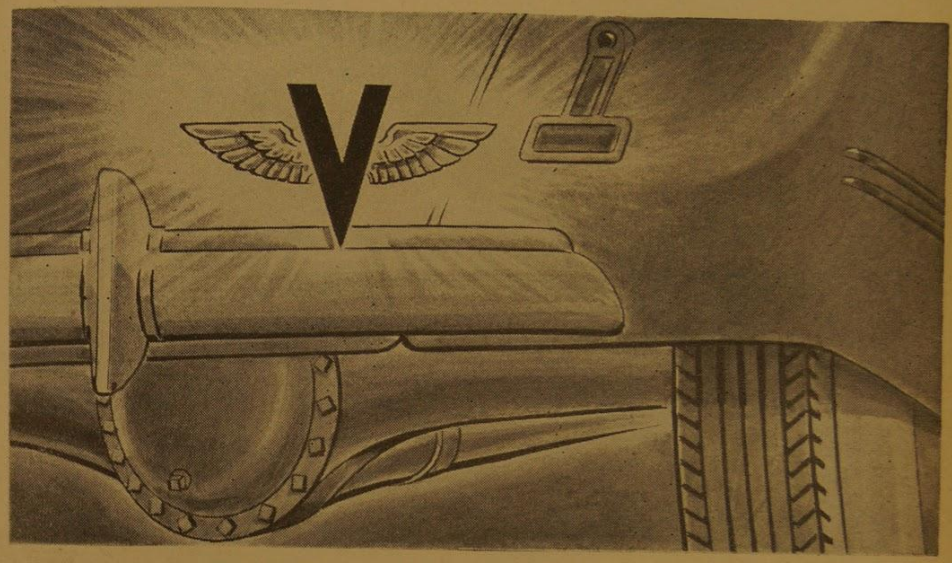
ATÉ A GUERRA pode ter seu lado bom—mesmo esta guerra de horrores. Devido à guerra milhares de moços das forças armadas das Américas são obrigados a passar severos exames que determinam se estão livres da tuberculose. A prática é radiografar os pulmões de todos os recrutas—e para tal usam filmes de raio X.

Este é o maior serviço no gênero desde que a Kodak introduziu em 1914 o filme radiográfico para substituir as chapas, menos práticas. É uma amostra do que poderá fazer um dia—e que já se faz com milhares de empregados de indústria—isto é, tornar o exame dos pulmões pela radiografia uma medida geral e obrigatória.

Apesar das necessidades de guerra terem prioridade sobre qualquer outra exportação dos Estados Unidos, a Kodak tem mantido sua distribuição de Filme Radiográfico para uso de civís numa proporção quase igual à de tempos normais—levando em consideração as dificuldades de transporte—já que é considerado indispensavel à manutenção da saude pública. Eastman Kodak Company, Rochester, N.Y., E.U.A.

KODAK . . . a fotografia ao serviço do progresso humano

Nono de uma série de anúncios



Símbolo de proteção

O automovel lubrificado com VEEDOL dura mais e requer muito poucas substituições de peças quando se segue a regra de segurança de mudar o óleo cada 1.500 quilômetros. Esta medida de economia vai ajudar o senhor, concorrendo ao mesmo tempo para a defesa do hemisfério. Conserve seu carro em bom funcionamento, no caminho da Vitória. Insista em ter VEEDOL, o lubrificante de automovel com o famoso "filme de proteção" que resiste ao uso e ao desgaste.

ÓLEO PARA MOTORES

VEEDOL

VITÓRIA DAS AMÉRICAS

...Tão irresistivel quanto a enchente da maré!

O PODER de guerra das Nações Unidas está crescendo como uma irresistivel maré que invadisse o mundo.

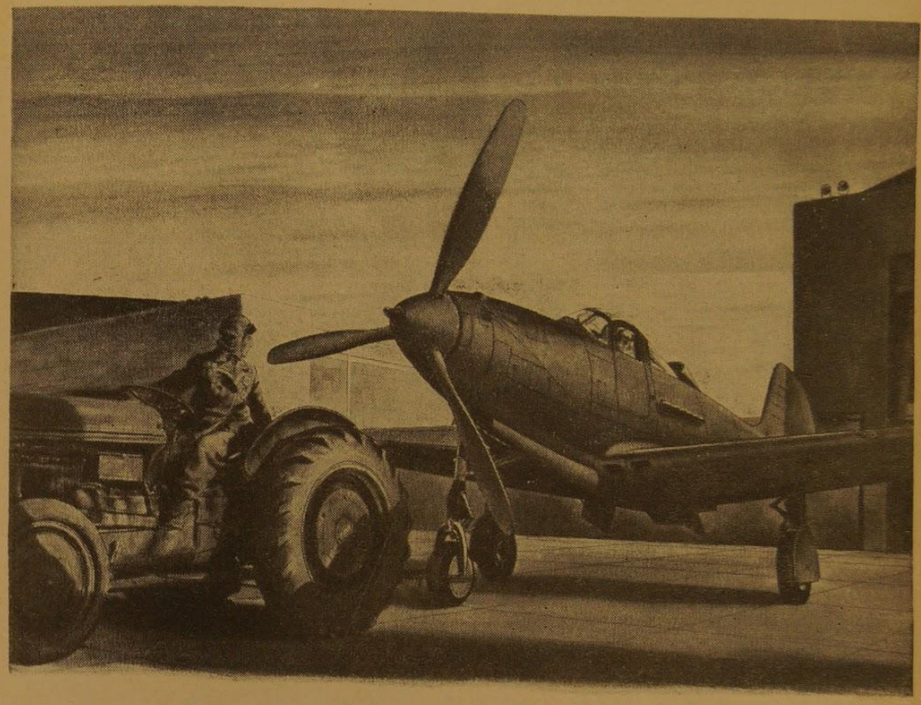
As fábricas de produção em série estão cobrindo o Arsenal da Democracia com uma onda crescente de armas e munições. Sacrificamo-nos para poder dar a nossos filhos o direito de viver, de ser livres e de construir a própria felicidade.

Das cinzas desta guerra surgirá uma industria mais viril, mais poderosa, graças às novas descobertas, em métodos e materiais, mais rica em oportunidades para o progresso em todos os ramos.

Isto não é um sonho de idealista: são fatos comprovados. A experiência ganha durante a guerra trará grande prosperidade no tempo de paz. O dia de amanhã será glorioso para os homens e mulheres livres de todo o mundo. E isto é tão irresistivel quanto a enchente da maré.

FORD MOTOR COMPANY

Ford



ENQUANTO SE LÊ ESTA REVISTA

construiremos OUTRO AIRACOBRA

Durante o começo da guerra tivemos de enfrentar alguns meses longos, dificultosos, amargos, quando o poder aéreo dos E. U. consistia mais de planos que de aeroplanos.

Hoje?

O tempo que se leva a ler esta revista é o bastante para lançarmos outro Airacobra pelo céu.

Outro avião para a frente de combate. Outro "canhão sobre asas".

O leitor compreenderá porque não podemos indicar quantas centenas de Airacobras construiremos este mês; quantos mil construiremos este ano. Mas quando V. S. acabar de ler esta revista, pense nisto um momento. Outra arma mortal no céu — depois outra, e outra e outra. De manhã, de tarde, de noite. Sete dias duma semana. Verão, outono, inverno, primavera.

Pense nisto, e una-se conosco na expressão de uma palavra de sincero agradecimento pelas mãos habeis e espontâneas dos artífices americanos. Após a guerra, teremos esses homens e mulheres, a fábrica, suas facilidades, e a perícia deles para construirmos ainda superiores aviões de paz. © Bell Aircraft Corporation, Buffalo e Niagara Falls, Nova York.

Airacobras para a vitória —

AVIÕES PARA A PAZ FUTURA

BELL *Aircraft*

BANDEIRANTES DO AR

Impera a Beleza

na América do Sul!

Graciosas figuras do Brasil, da Argentina e do Chile — simbolizando a beleza da mulher sul-americana!

DONA Noêmia Prado Rubião, nome dos mais distintos da sociedade brasileira; Señorita Ana Rosa Martinez Guerrero, destacada figura dos meios sociais da Argentina e Señora Pila Subercaseaux, formosa dama da elite chilena, tôdas observam o mesmo tratamento de beleza dos 2 Cremes Pond's. Ei-lo:

1. *Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no pescoço. Retire-o. Para amaciar a cútis, aplique mais uma camada.*
2. *Antes de fazer a «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que, além de proteger a cútis contra a ação do sol e do vento, conserva o pó de arroz horas seguidas.*

AMOSTRA GRÁTIS: Queira enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $1,00 para as despesas de remessa de uma amostra grátis dos 2 Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL,
Avenida do Estado, 5.537 — São Paulo 2-JJJJ-25

Nome.....

Rua.....

Cidade..... *Estado*.....

Um Novo Mundo..

. . . está surgindo dos laboratórios Americanos de petróleo!

GASOLINA de potência tão alta que já não pode ser enquadrada nos antigos padrões . . .

Lubrificantes e óleos para corte de metais, que em certos casos ajudaram a duplicar a produção de guerra . . .

Materiais plásticos e explosivos . . . e, para proteção de alimentos, ceras micro-cristalinas . . .

Esses são apenas alguns dos prodígios elaborados pelos laboratórios da Companhia que fabrica lubrificantes Gargoyle para as máquinas indústriais.

Em dias de hoje estas descobertas ajudam a ganhar a guerra. Amanhã, porem, significarão, para as exigências da vida, alimentos, vestimentas e medicamentos melhorados, máquinas novas e safras mais abundantes.

Cada gota de óleo crú é um tesouro de riquezas ocultas e as pesquizas do petróleo são a chave que tornará accessivel a todos o aproveitamento deste manancial de preciosidades.

GARGOYLE

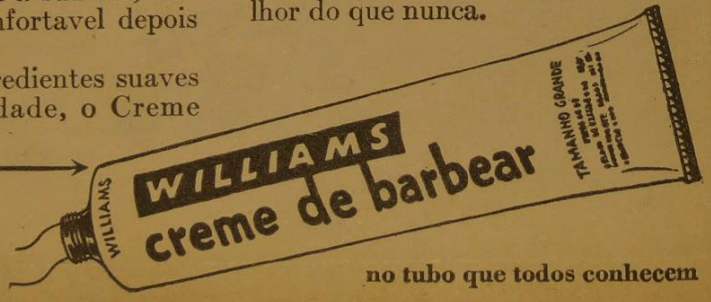
REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

"O que é a Lanolina? Ela é util?"

"A Lanolina assemelha-se ao óleo natural da pele. Os médicos com frequência a prescrevem para suavizar e amolecer a pele. A Lanolina do Creme de Barbear Williams abranda a sua tez, tornando-a mais confortavel depois de barbear-se."

Feito com ingredientes suaves e de alta qualidade, o Creme Williams é branco, puríssimo—benigno ao rosto. Não contem corantes artificiais que irritem a epiderme. E agora o sr. tem no Williams o efeito confortante da Lanolina. Prove amanhã o *novo* Creme Williams, que é agora melhor do que nunca.

Agora contem a suavizante LANOLINA . . .



no tubo que todos conhecem

Um Melhor Copo de Leite

● Leite puro e são!

Essa deve ser a divisa da industria leiteira, porque da qualidade do leite dependem em grande parte a saude e o bem-estar da presente e futura juventude.

O leite depois de ordenhado e pasteurizado, deve manter-se puro e são por intermedio da refrigeração científica que assegura o seu estado higiênico, mantendo-o a baixa temperatura.

Hoje, em muitas das modernas industrias leiteiras Brasileiras, a Refrigeração Carrier — de funcionamento eficiente e econômico — contribue diariamente na produção de leite mais limpo e puro, graças ao qual essas importantes gerações vindouras darão ao mundo cidadãos mais fortes e mais saudaveis.

Quando as Nações Unidas tiverem alcançado a Vitoria, a Carrier uma vez mais fornecerá o melhor e mais moderno equipamento de condicionamento de ar e refrigeração que é possivel idear. Entretanto, seu representante Carrier está pronto para auxiliá-lo a manter em funcionamento econômico e eficiente, sua atual instalação de condicionamento de ar e refrigeração.

●

CARRIER CORPORATION
SYRACUSE, NEW YORK, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRASIL

ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL, S. A.
Rua da Alfandega, 107, Rio de Janeiro
Rua Marconi, 124, São Paulo
Rua Voluntarios da Patria, 916
Porto Alegre

ARMCO

Carrier

CONDICIONAMENTO DE AR E REFRIGERAÇÃO

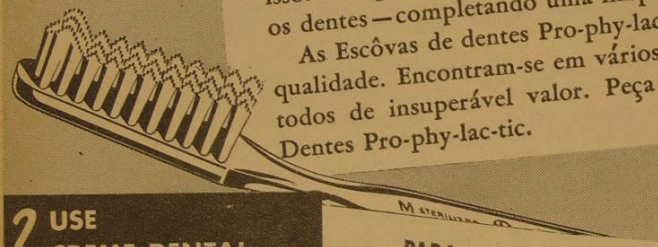
PROTEJA A SUA SAÚDE POR UMA COMPLETA HIGIENE DA BOCA

1. USE ESCÔVAS DE DENTES Pro-phy-lac-tic

QUE LIMPAN TODOS OS DENTES

A deterioração dental começa quási sempre pelo descuido dos dentes detrás. A Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic alcança e limpa êsses dentes—a longa protuberância de pelos, na extremidade, assegura-lhe isso. A superfície curva e resistente intromete-se entre os dentes—completando uma limpeza ideal.

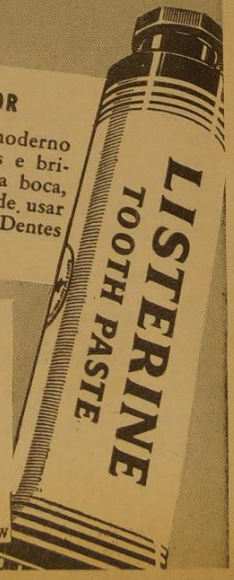
As Escôvas de dentes Pro-phy-lac-tic são da mais alta qualidade. Encontram-se em vários estilos e tamanhos, todos de insuperável valor. Peça sempre Escôvas de Dentes Pro-phy-lac-tic.



2. USE CREME DENTAL LISTERINE

PARA POLIR OS DENTES MELHOR

O Creme Dental Listerine é um dentifrício moderno preparado para conservar os dentes alvos e brilhantes. Limpa e dá polimento, refresca a boca, revigora as gengivas. Faça a experiência de usar Creme Dental Listerine numa Escôva de Dentes Pro-phy-lac-tic.

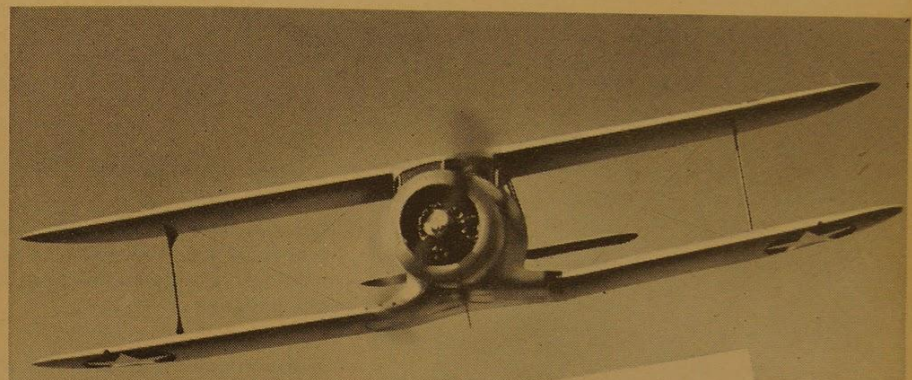


3. USE O ANTISSÉTICO LISTERINE

PARA PROTEGER-SE CONTRA OS MICRÓBIOS

Fazendo gargarejos diários com êste Antissético de tão agradável gôsto—use-o puro—você estará protegendo-se contra resfriados e inflamações da garganta. O Antissético Listerine destrói ràpidamente milhões de germens orais. Ainda mais, êle faz desaparecer o máu hálito—deixando a sua boca perfumada. E uma decidida vantagem usar o Antissético Listerine.

78W



os Beechcraft em ação

No. 4 DE UMA SÉRIE.

Os aviões bi-planos Beechcraft já eram usados antes desta guerra em todos os Estados Unidos e em vinte e três países estrangeiros. De Atlavik, ao norte do círculo Ártico, à Pequena América, no Continente Antártico, eram utilizados para toda especie de tarefas, em grande variedade de climas e terrenos. Ora eram equipados com rodas, ora com flutuadores de hidro-avião ou esquís. Os que os possuiam só tinham palavras de louvor pela sua eficiência em qualquer circunstância.

Com a guerra a maior parte dos Beechcraft de propriedade civil foi requisitada pelos Serviços do Governo, e toda a produção de suas fábricas é hoje encaminhada diretamente para o Exército e a Marinha. Os Beechcraft hoje em dia servem de "pau para toda obra" servindo nossas Forças Aéreas, tanto na retaguarda quanto nas inúmeras linhas de frente. Sua grande velocidade de cruzeiro pode atingir 300 quilômetros por hora, e a facilidade que têm em aterrar com pequena velocidade em qualquer campo improvisado, os tornam um meio de transporte prático e util. Sua resistência e durabilidade reduzem ao mínimo a necessidade de peças sobressalentes; o consumo reduzido de combustivel torná-o de valor inestimavel onde é dificil obter-se combustivel.

Quando mais tarde forem de novo utilizados por civís, estes verificarão que a experiência ganha durante a guerra fê-los mais eficientes que nunca. E com pesar que avisamos não nos ser possivel satisfazer às encomendas de nossos muitos amigos, senão depois da guerra.

Beech Aircraft
CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM SEU DEVER — *WICHITA, KANSAS, E.U.A.*

A Singer continua às suas ordens

★ **Precisa de Agulhas?**

Óleo de máquina? Peças de reparo ou sobressalentes? Procure-nos, pois ainda temos algumas em estoque, se bem que nossa reserva seja limitada.

★ **Sua Máquina está Cosendo Mal?**

Chame-nos para que enviemos um de nossos mecanicos especializados, que saberá ajustar ou consertar sua máquina, pondo-a, por preço módico, em perfeitas condições de funcionamento.

★ **Quer uma idéia para um vestido novo?**

Recorra à nossa seção de modas e bordados, onde lhe serão dados conselhos e sugestões na confecção de seus vestidos.

O "S" vermelho na vitrine da Casa Singer é a garantia de serviços e apetrechos Singer legítimos.

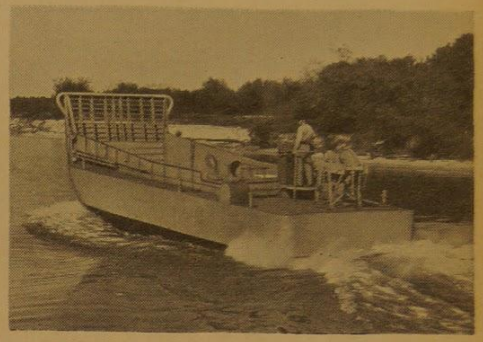
SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

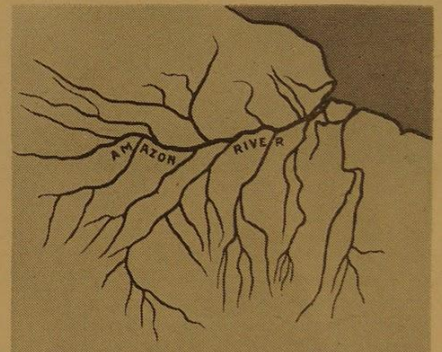
Copyright U.S.A.,1943, by Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

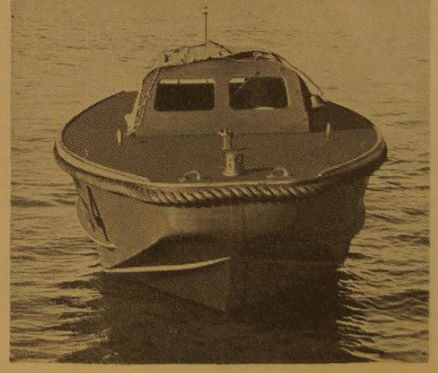
BORRACHA

das florestas do Amazonas graças às lanchas



Higgins





A América do Sul está entusiasmada com o programa de produção de borracha que as Indústrias Higgins iniciaram muito antes dos japoneses invadirem a Malaia e mesmo antes do governo norte-americano começar a se interessar pelo assunto. A zona da borracha, que se estende pelo vale do Amazonas e seus afluentes—e que será intensamente explorada no futuro — compreende uma área quase tão grande quanto os Estados Unidos inteiros. As lanchas Higgins trabalham lá como resistentes caminhões-aquáticos, fazendo o gênero de serviço para o qual foram originalmente construidas. Um serviço que lhes dá o direito de se vangloriar. Lanchas que são tão sólidas que passam ilesas por cima de troncos submersos e outros obstáculos. Lanchas tão manejaveis que atracam diretamente nas margens e podem dar a volta nos rios mais estreitos. Lanchas patenteadas com qualidades que as recomendam a todos os compradores de lanchas do futuro.

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS

O fulcro das Américas

Os maiores fabricantes de lanchas do mundo

O TEMPO É HOJE

essencial nos negócios

Não há muito, nós que habitamos as Américas, estávamos vastamente separados — no tempo. Hoje, graças à ciência moderna, estamos apenas separados de algumas horas... Não há muito, podia-se determinar a situação dos negócios somente uma vez por ano. Hoje, com as modernissimas Caixas Registradoras e Máquinas de Contabilidade National, pode-se fazer diariamente as contas e o contrôle dos negócios.

Neste mundo bem moderno, o tempo é essencial! As decisões, baseadas em fatos, em conhecimentos, devem ser tomadas rapidamente. Quanto mais fatos — e quanto mais depressa verificados — tanto melhores essas decisões.

Para os possuidores das «National» que queiram estar certos de que continuarão a usufruir, sem interrupção, vantagens imediatas e seguras nas suas transações, sugerimos que mantenham essas máquinas sob competente cuidado. Peça ao representante da «National» para examinar o seu sistema comercial e indicar os melhoramentos que possam ser-lhe mais vantajosos. Embora V. S. não tenha ainda máquinas da «National», talvez possamos fazer-lhe valiosas recomendações. Não hesite em perguntar.

National

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Forteleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

QUANDO V. S. PEDE WHISKEY

QUANDO V. S. PEDE WHISKEY AMERICANO

QUANDO V. S. INSISTE NO THREE FEATHERS

OLD FASHIONED:

Esta bebida originada em Kentucky é a favorita de todos: 1. Ponha num copo uma colherinha de açucar, duas gotas de Amargo Angostura e seis gotas de água; 2. Misture bem; 3. Junte dois cálices de *Three Feathers*; 4. Ponha tambem uma rodela de laranja, uma de limão, e uma cereja; 5. Adicione gelo, mexa um pouco, e sirva.

Hoje em dia o whiskey americano está em voga

Quando V. S. pede *whiskey*, demonstra ser uma pessoa resoluta . . . Quando V. S. pede whiskey *americano*, demonstra que não é um "noviço" em matéria de whiskey . . . Mas quando V. S. solicita THREE FEATHERS, revela-se um homem perspicaz e conhecedor do que de excelente existe em whiskey. Por que hoje os whiskies americanos são os mais finos no mundo...e cresce o número de pessoas que os consomem, preferindo-os a qualquer outro. E quando V. S. pede THREE FEATHERS, obtem um whiskey suave, de maturação lenta, de um paladar que se destaca mesmo entre os whiskies americanos.

LIBERDADE NA UNIDADE

O WHISKEY AMERICANO POR EXCELÊNCIA . . . .

THREE FEATHERS

Oldetyme Distillers Corporation, Empire State Building, Nova York

6000 PERITOS MANTÊM OS LOCKHEED EM BOA FORMA

SEJA onde for que se encontre um avião Lockheed, civil ou militar, encontra-se tambem um especialista preparado para conservá-lo em impecavel estado de funcionamento. 6000 peritos, treinados e a soldo da Lockheed, estão espalhados pelo mundo inteiro, examinando, inspecionando, reparando, e atá reconstruindo milhares de aviões Lockheed, hoje em grande atividade no comércio e na guerra.

Enormes bases para reparações estão agora distribuidas em três continentes, completamente equipadas e capacitadas para toda espécie de trabalhos. Centenas de peritos representantes da companhia estão nas frentes de batalha, ajudando aos mecânicos do Exército, da Marinha e da R.A.F., reparando aviões para que estes possam entrar de novo em combate...e quanto antes. Outros estudam problemas técnicos de operação e de manutenção que possam resultar em melhores projetos ou métodos de trabalho mais simples.

A Lockheed está empregando tempo, esforços e energia afim de criar um sistema de serviço inegualavel no mundo. E se mantivermos os bons aviões em boa forma para voar, apressaremos a Vitória e assim prepararemos o campo para o dia em que todo possuidor de um avião Lockheed possa voar onde quer que lhe agrade sobre as rotas aéreas de amanhã. Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E.U.A.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

Continuação da última capa

Uma revista de higiene mental

Posteriormente, meditei sobre o sucesso dessa interessante coletânea. Em minha casa fora obrigado a tomar duas assinaturas dessa revista para satisfazer aos meus filhos, que disputavam os números recebidos. Agora eram os meus doentes que a reclamavam.

Aí estava um fenômeno digno de ser investigado. Eu já era um apreciador de Seleções. Mas dei-me ao trabalho de reler alguns números recentes, procurando descobrir o segredo da sua universalidade, e verificar se acertara ao facultar a sua leitura em ambos os casos.

Em poucos exemplares, sentí-me de logo absorvido por artigos que lançavam nova luz sobre a crise mundial, sobre novas aquisições no campo da ciência e da medicina, sobre realizações técnicas e comerciais—artigos que me alargaram a visão mental, ao tempo em que me despertaram prazer e estímulo. Sobreleva notar, porem, que esses artigos—selecionados de livros e revistas—eram inspirados por um sadio e prático otimismo, deixando o espírito aliviado e reanimado. Não tardei, pois, em me convencer de que as Seleções prestam indiscutiveis serviços à saude do espírito, de vez que se trata de uma verdadeira revista de higiene mental, que renova a fé na bondade e no destino humano, proporcionando assim inestimavel orientação aos jovens e aos doentes. Mas eu, que não sou doente, e, infelizmente já deixei de ser jovem, encontro nela as mesmas qualidades valiosas. Não surpreende, portanto, que Seleções tenha despertado tal interesse entre os brasileiros, jovens e velhos, ricos e pobres, intelectuais e trabalhadores!

IMPRESSO NOS E.U.A.

Uma revista de higiene mental

Por A. C. Pacheco e Silva

Professor de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo

UM DOS PROBLEMAS mais árduos, dentre os muitos que se deparam aos psiquiatras, está na escolha de jornais e revistas cujo ingresso deva ser permitido nos hospitais destinados ao tratamento de doentes nervosos e mentais. A maioria das publicações editadas contem notícias prejudiciais à saude mental e exige censura prévia, afim de se evitar o desencadeamento de reações emocionais em doentes de sistema nervoso sensivel. Os médicos, sempre muito atarefados, nunca encontram tempo para proceder a uma seleção de tudo quanto se publica, razão por que os doentes ficam frequentemente privados do prazer de uma boa leitura.

Há dias, um doente sob as minhas vistas reclamava contra a falta de distrações e insistia em obter jornais e revistas, acrescentando a certa altura:—Dr., basta que me seja concedida permissão para ler as Seleções do Reader's Digest, pois me satisfaço só com essa publicação. O sr. bem conhece o rigoroso critério adotado na sua confecção. É uma revista que pode ser lida, sem prejuizo, por crianças, velhos e adultos de ambos os sexos, despertando sempre o maior interesse, pois instrue o espírito e alegra a alma, sem cansar a mente.

Pensei rapidamente sobre o caso e não tive dúvidas em atender ao pedido do paciente, convencido de que nenhum inconveniente poderia resultar para ele dessa leitura.

Continua no verso

TIRAGEM MUNDIAL DE 8.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Mãos finas em trabalhos rudes	*Your Life*	1
A Cirurgia entra na idade do gelo	*Hygeia*	5
Que faremos da Alemanha vencida?	*American Mercury*	8
Aquiles, o meu cágado divertido	*Atlantic*	13
Os sindicatos suecos não abusam do poder	*por R. Clapper*	16
Para o rol das atrocidades japonesas	*Baltimore Sun*	17
O missionário da Porta do Céu	*«Men of Maryknoll»*	19
A catástrofe nunca vista	*por James Thurber*	23
Há bom humor na Dinamarca	*New Republic*	26
Dê voz aos seus encantos	*You*	29
Precursor da boa vizinhança	*Future*	31
O bom menino	*por Henry Morton Robinson*	35
À Coragem e ao Mérito		38
Pele nova para as queimaduras	*Hygeia*	40
Solta o índio o seu grito de guerra	*American Legion*	43
Bing Crosby gostou de me ouvir	*American Magazine*	46
Como as cores influem em nosso ânimo	*Harper's Bazaar*	47
O paraiso feudal do Havaí	*por Stanley High*	50
Eldorado do Rádio	*por Edgar Latha*	55
Artistas ao serviço dos soldados	*Rotarian*	60
Vida e morte numa gota de água	*N. Y. Times Magazine*	63
A voz que falou na hora H	*This Week*	65
Como evitar o desemprego após a paz	*Barron's*	66
Pioneiro e martir do Oregon	*por Donald Culross Peattie*	69
Sabotagem na cozinha	*por Paul de Kruif*	73
O Japão já ganhou a *sua* guerra	*Collier's*	75
Os animais tambem gostam de esporte		79
Seção de Livros — Refens	*por Stefan Heym*	81

OUTUBRO DE 1943

Circulação mais de duas vezes superior à de qualquer outra revista americana

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IV, No. 21 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Outubro de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr. *Gerente de Circulação*, Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

CMDPU-CR 1908

OUTUBRO de 1943

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO IV No. 21

Mãos finas em trabalhos rudes

(Condensado de «Your Life»)

Por Clifford Roberts

ATÉ a idade de 32 anos, eu fui pianista, e contava no meu ativo com um número bem regular de concertos e boa quantidade de alunos.

No entanto, vieram os anos de crise —sete anos de vacas magras—e perdí meu estúdio, meus alunos e até o meu piano. A situação foi peorando tanto, que no fim já não conseguia ganhar a vida, nem tocando num piano aguitarrado para uma cervejaria de terceira classe. Resolví então fazer das tripas coração, e usar nalgum trabalho duro, concreto, as minhas mãos acostumadas a atividade mais delicada; assim ao menos poderia viver decentemente. Aos 39 anos vestí macacão, e comecei a trabalhar numa fábrica de acessórios para automoveis.

Se bem que com isso estivesse renunciando às ambições e hábitos de toda a minha vida, a experiência que adquirí foi uma verdadeira revelação, alem de constituir revigorante tônico. E hoje o que sinto é quase júbilo por ter tido a oportunidade de trocar uma carreira das chamadas «superiores» por alguns anos de trabalho manual. Estou tambem profundamente convencido de que há milhares de outras pessoas que lucrariam em renunciar a um falso orgulho, iniciando uma vida nova.

Certa madrugada do princípio do inverno, entrei na fila de rapazes e moças que esperavam trabalho à porta de uma fábrica. Seus rostos eram simpáticos, risonhos, cheios de confiança, e inspiravam interesse. Onde estavam os homens-máquinas, os autômatos sem alma que eu esperava encontrar? Nessa primeira hora de trabalho, vi mais alegria, bom-humor e otimismo natural, do que em três anos de convívio com granfinos, metidos a elite, supostamente inteligentes, cultos e preparados para desfrutar bem a vida.

Já ouvira falar da monotonia do trabalho em uma fábrica, mas o que de fato sucedeu foi que logo comecei a interessar-me pela concorrência com os outros operários, e percebí que não há dois dias iguais num serviço desses. Haviam-me dito que nas fábricas não se tolerava ineficiência, e não se concedia a menor indulgência a um empregado que cometesse qualquer engano. Isso nunca se confirmou, no meu caso. Certo dia, durante minha primeira semana, eu ia empurrando um carrinho de mão cheio de chapas de bronze finíssimas, imaculadamente polidas. De repente uma das rodas da frente do carrinho empacou, e o resultado foi que as chapas todas deslisaram para o chão, e ficaram irremediavelmente arranhadas. Não tive dúvida de que a minha falta de cuidado iria custar-me o emprego. Entretanto, o contra-mestre aproximou-se e, sem dar sinais de irritação, me ajudou a levantar as chapas, e a botá-las na caixa do refugo. Fez votos por que eu tivesse melhor sorte de outra vez, e aconselhou-me a usar um carrinho que tivesse resguardos à frente. Com esse desleixo, eu dera à companhia um prejuizo de cerca de 75 dólares; mas o incidente nunca chegou aos ouvidos da administração, e nem sequer fui multado. Ao contrário, aquele fato marcou o meu batismo, a minha passagem de calouro a veterano. Na troça em que me meteram os camaradas sentí que era, já agora, um deles.

Outra idéia falsa que eu tinha, era a de que os contra-mestres fechavam a cara quando viam os operários conversando durante o horário de serviço. Entretanto, dentro de um mês eu já sabia as biografias de uma dúzia dos meus novos amigos (inclusive alguns contra-mestres)—com quem nunca me encontrava fora da fábrica. O contra-mestre da seção em que eu trabalhava era engenheiro, formado na Universidade de Colúmbia. Era muito jovem ainda, e chamava-se Bob. Quando ouviu dizer que eu era músico, veio consultar-me: «Escute, você quer me explicar qual é a diferença entre tom *maior* e tom *menor?*» Dei-lhe a explicação. Depois, quis saber tambem o que era exatamente uma sonata. Dei todos os pormenores, interrompendo de vez em quando para trabalhar... O rapaz vinha sempre com novas perguntas; afinal, chegou minha vez. Pedí-lhe que me informasse do que era, precisamente, um motor Diesel. Ficou satisfeitíssimo, explicou bem o assunto, e assim tivemos, ambos, um inverno bem instrutivo...

A notícia de que eu era pianista correu logo de boca em boca, e à hora do almoço eu era cumprimentado por homens que nem conhecia, e que me diziam: «Alô, Paderewski!» Cinco ou seis vieram perguntar-me quanto tempo levariam para aprender a tocar um pouco. Dei-lhes algumas aulas, e tiveram grande surpresa quando viram que, com seis meses apenas, já podiam tocar alguma coisinha... Tive muito mais satisfação em ensinar alguns colegas a tocar música popular, do que jamais sentí enfiando peças de Schubert ou sonatinas de Clementi nas cabeças indiferentes de meninas pouco musicais.

Afinal, os outros operários exigiram que eu desse um recital.

A Guilhermina mostrou ser esplêndida organizadora; dentro de duas semanas, conseguiu vender quase 200 entradas a bom preço. Alugamos um piano, obtivemos por empréstimo o auditório dum clube local, e Guilhermina exigiu que todos fossem muito bem vestidos; dizia que aquilo ia ser um concerto a sério. Que foi que eu

toquei? A melhor música de concerto: Bach, Mozart, Chopin, e algumas peças espanholas modernas, no fim. Nunca havia tido uma platéia mais atenta e generosa!

Era inevitavel que os meus ex-amigos granfinos me acusassem de hereje, e com certeza havia quem dissesse: «Mas as suas *mãos!* E aquele barulho todo há-de prejudicar seu ouvido?»

Ora, afinal de contas, um corte num dedo ou uma equimose na mão desaparecem numa semana. O que se costuma chamar «força dos dedos» está realmente nas mãos, nos braços e nos ombros. Os trabalhos manuais são um tônico para os nervos e para os músculos, cansados daquela rotina cotidiana, das horas infindaveis diante do teclado. Para fortalecer as mãos, o próprio Paderewski fatigava-as primeiro, fazendo trabalhos de hortelão. O grande pianista Josef Hofmann tem uma oficina em casa, que lhe toma mais tempo, talvez, do que o piano...

«Mas um artista, obrigado a entrar e sair a horas!»—diriam os outros, os meus amigos da primeira fase, os que pareciam pensar que uma brusca descida dos píncaros wagnerianos à contingência de meter a ficha no relógio de ponto, significava nada menos que o meu suicídio social. Imagine-se que falta de brio!...

Uma das operárias da fábrica, cuja função era pintar chapas de metal com pulverizador, seria perfeitamente capaz de mostrar a esses janotas qual é a diferença entre *dignidade* profissional e essa noção errônea de *superioridade* de profissão. O trabalho dela consistia em aplicar uma levíssima camada de laca às chapas destinadas aos registros de instrumentos. Certa manhã, encontrei-a em estado de fúria contra a nova inspetora. «Que é isso—perguntei.—Ela criticou o seu serviço?»

«Quem, ela?» rosnou a minha colega. «Criticar nada! Ela nem sabe o que é um pulverizador! Veja só a porcaria que ela aprovou. Se aquilo é uma inspetora, minha avó é bicicleta!»

A inspetora havia ficado satisfeita com o trabalho; os compradores o aprovariam tambem, com certeza. Mas a menina tinha ambição, queria melhorar, era briosa no seu serviço.

Um dia, pedí para trabalhar nas guilhotinas para chapas metálicas, que constituiam um aparelho imenso. Toda semana havia acidente alí: os operários perdiam um dedo, ou mais, esquecido sob o gume da lâmina. E era de notar que não se tratava de novatos. Intrigado com o fato, estudei as condições desse serviço, e cheguei a uma conclusão quanto à causa da frequência de tais acidentes. Para cortar as chapas, o operário coloca-as sob a guilhotina, e em seguida retira a mão e aciona o pedal para soltar a lâmina, que desce com violência. Tive logo a impressão de que, no momento em que essa operação se tornasse mecânica para o operador, o pé e a mão agiriam independentemente.

Daí a mais ou menos uma semana, pude verificar se estava certa a minha impressão: tendo colocado a chapa, ia retirar a mão, quando a minha manga prendeu numa farpa do metal; apesar disso, meu pé soltou a lâmina... Felizmente, conseguí soltar a manga, rasgando-a; mas foi por um triz! Com isso certifiquei-me de que minha idéia era correta: meu pé e minha mão haviam agido automática e independentemente. Aos novatos, que não haviam chegado ainda a esse automatismo, sucediam raros acidentes. Sugerí então ao engenheiro meu amigo que se fizesse o rodízio

do pessoal, isto é, que os operários passassem da guilhotina a outro serviço qualquer, antes de haverem alcançado esse automatismo motor. Pode ser que tenha sido obra do acaso, mas o fato foi que se passou um mês sem um acidente sequer.

Percebí que os patrões não se opunham a que eu me transferisse de uma seção para outra. Assim, fui para a sala de polimento, com máscara protetora e tudo. É verdade que fiquei com gosto de metal na boca durante muito tempo, mas era um trabalho muito bem pago! Os operários dessa seção mascavam fumo para disfarçar o gosto do metal, e eu tambem adquirí logo esse hábito.

Depois passei para o serviço noturno, como contra-mestre da seção de chapeamento. Quem já viu uma chapa de prata saindo do tanque de líquido incolor, sabe que maravilha e que mistério cercam essa operação, na aparência insignificante.

Aprendí a fazer certas coisas com uns nomes pitorescos, como seja «enrolamento do induzido», e a montar diafragmas nas buzinas de automovel. Não, a vida na fábrica nada tinha de monótona ou rotineira; lá encontrei grande variedade de novos interesses, chegando ao fim de cada dia com a sensação boa de ter terminado e completado uma tarefa. E, o que é mais importante, dominei o *snobismo*.

O trabalho industrial vai-se tornando cada vez menos exhaustivo, melhor pago, mais facil em todos os sentidos. É possivel que haja outros profissionais deslocados à procura de ocupação; espero que possam aproveitar minha experiência.

Corrida de morte

Um homem, tão desesperado que pensava em acabar com a vida, foi consultar o psicólogo dr. Henry C. Link. Não podendo nem dormir, o homem tinha quase perdido toda vontade de viver. O dr. Link concordou que não havia outro meio senão o suicídio, e sugeriu ao seu cliente que corresse até morrer. «Depois do jantar», aconselhou-lhe o médico, diga à família que vai fazer um passeio a pé; mas, em vez de simplesmente caminhar, corra tanto quanto puder. O sr. é um homem de meia idade e provavelmente seu coração não resistirá. O sr. cairá morto e ninguem saberá o motivo nem haverá escândalo.»

O homem achou a sugestão perfeita. Na mesma noite, depois do jantar, saiu a correr, mas o instinto de conservação foi mais forte e ele parou a corrida muito antes de estar no ponto de cair morto. Voltou para casa e, pela primeira vez, durante meses, dormiu como uma pedra. Na noite seguinte, tentou novamente a corrida de morte—mas o resultado foi o mesmo: uma noite bem dormida. Na terceira noite ele já se sentia tão bem que desejava viver para sempre.

Paul Speicher no *R. & R. Magazine*

Capaz de reduzir o ritmo dos processos vitais, o frio é uma nova arma contra a dor e o traumatismo.

A Cirurgia entra na idade do gelo

(Condensado da «Hygeia»)

Por Barclay Moon Newman

O MAIS ANTIGO INIMIGO do homem, o frio, é hoje, para a ciência, um instrumento capital, em várias novas e notaveis técnicas, entre as quais a da cirurgia a realizar-se sem dor, sem droga, e sem choque operatório. Um jornal médico considera o frio «um dos campos mais ferteis que se abrem à medicina moderna».

Se os médicos, em verdade, não se tivessem tornado tão amigos do gelo, James W., provavelmente, não teria escapado. Contava James 83 anos, e tinha o sistema circulatório em mau estado. Eis que, dando uma topada, ficou com um dedo do pé muito ferido, e sobreveio a gangrena. Recolhido ao City Hospital, de Nova York, aí decidiram amputar-lhe a perna.

James, porem, teve sorte, porque era precisamente naquele hospital que o dr. Lyman Weeks Crossman e seus colaboradores vinham desenvolvendo a aplicação de um processo de cirurgia, sem choque, pelo gelo, e exatamente para casos daquela natureza. Prenderam-lhe a perna com um torniquete, e mantiveram-na imersa durante uma hora em gelo pilado. Em seguida puseram-lhe em frente uma cortina, e algodão nos ouvidos, de modo que ele não pudesse ver nem ouvir qualquer coisa da operação que ia sofrer, com a amputação de pé e tornozelo. Nada de anestésicos; bastava o efeito entorpecente do gelo. De fato, James suportou a intervenção em bom estado de espírito, e pouco depois se dispunha a um lanche reconfortante. Não houve náuseas, e—o mais importante de tudo—não se notou sinal de traumatismo. O restabelecimento deu-se rápido, e sem acidentes.

Em Oak Park, o dr. Robert T. McElvenny foi chamado em socorro de um homem a quem um trem cortara as pernas, à altura do joelho. Encontrou a vítima a esvair-se em sangue, e em profundo estado de choque. A despeito do emprego imediato de sulfanilamida e das transfusões de sangue, as feridas, expostas como ficaram às impurezas, entraram a ulcerar em vinte e quatro horas. Declarou-se, a seguir, pneumonia. O pobre homem parecia às portas, mais do armador que do médico.

O dr. McElvenny meteu a carne dilacerada num invólucro de gelo. Dentro de uma hora, cessavam os fenômenos de dor. Logo depois, deixavam de fazer-se sentir as exalações fétidas; o ferido voltava a si do seu delírio; normalizava-se a pressão sanguínea. Passados três dias foi possivel operá-lo; e, com cinco dias mais, já se sentava na cama, fumando o seu cachimbo.

A «anestesia pela refrigeração» vai-se tornando de prática rotineira nas operações de amputação, em casos de gangrena diabética. Como as vítimas dessa doença são, em regra, pessoas idosas, os

riscos operatórios naturalmente se agravam. Todavia, ao que regista o dr. Harry E. Mock, de Chicago, a mortalidade consequente a amputações, e ainda em casos bem graves, tem-se reduzido de modo espantoso com a aplicação do novo método, baseado no frio.

A razão da eficácia do gelo, para os fins de que se trata, é que o frio atenua ou reduz o ritmo de todos os processos da vida orgânica. (Um homem que tenha todo o corpo artificialmente resfriado, precisa de quatro dias para que a barba lhe cresça na mesma proporção em que cresceria, à temperatura normal, em vinte e quatro horas.) Em qualquer operação, o «choque» produzido pelas toxinas do próprio organismo é um dos maiores perigos a ser considerados. Ora, quando uma parte do corpo fica inteiramente resfriada, reduz-se, em consequência, a produção de substâncias tóxicas. O frio, por outro lado, impede a propagação de bactérias através de feridas infectadas.

À semelhança de muitos outros assuntos, de que rezam os anais da medicina, veio à tona muitas vezes, em épocas pretéritas. Um dos cirurgiões de Napoleão observou, durante a retirada de Moscou, que o frio intenso tornava as amputações quase indolores. Uma geração mais tarde, um médico inglês, dr. James Arnott, obteve tamanho êxito aplicando o frio como anestésico, que escreveu um livro em louvor das virtudes médicas do «frio entorpecente».

Em 1938, o dr. Temple Fay, da Universidade Temple, em Filadélfia, reconheceu que as suas tentativas para reprimir o crescimento das células de cancer, por aplicações locais de gelo, eram suficientemente promissoras para autorizar a experiência da refrigeração do corpo inteiro. Tal experiência, já se vê, era extremamente perigosa. Assim, os seus pacientes teriam que ser voluntários, e já condenados a morrer de cancer dentro de poucos meses.

Um desses heróis anônimos foi metido em gelo até o queixo; sua temperatura baixou rapidamente a 32 graus centígrados, e assim se manteve por dezoito horas. O tratamento pareceu-lhe incômodo nas fases iniciais, quando ele tremia violentamente; porem não doloroso. Um segundo voluntário conservou-se àquela mesma temperatura durante quatro dias. Com o aperfeiçoamento gradual da técnica, fez-se descer mais ainda a temperatura dos novos pacientes que se prestavam espontaneamente à prova. Muitos deles se sentiram aliviados dos seus sofrimentos físicos ao longo de semanas, e até de meses, mas, quanto à cura propriamente do cancer, foram nulos os resultados.

Ao mesmo tempo, em centenas de experiências com animais de laboratório o dr. Frederick M. Allen, de Nova York, verificara como um torniquete, depois de mantido firme durante um prazo demasiadamente longo, põe em liberdade, quando se afrouxa, tóxicos que produzem choque e morte. Aplicou o dr. Allen um dos ditos aparelhos a uma perna traseira de um rato, e em seguida pôs esta no gelo, fazendo-a resfriar até quase a congelação. Apurou que, em tais condições, o torniquete poderia ser deixado na perna resfriada, sem fazer mal ao rato, por um período dez vezes mais longo do que à temperatura normal. Experiências posteriores do dr. Allen conduziram possivelmente o dr. Crossman e seus assistentes à ação pioneira que exerceram no City Hospital de Nova York.

É possivel anestesiar peixes, rãs e cobras o bastante para uma operação, mediante o simples recurso de metê-los em gelo pilado por um prazo de quinze minutos. Quando o dr. Carroll A. Pfeiffer, trabalhando no laboratório zoológico da Universidade de Iowa, usou eter na operação de transplantação das glândulas sexuais de ratos recem-nascidos, morreram três em cada grupo de quatro. Experimentou ele então pôr os ratinhos num prato de vidro, e fechá-los num refrigerador elétrico. Não tardou que os pequenos animais se revelassem insensiveis, e pudessem ser operados, com toda facilidade. Depois de uma breve estada em lugar aquecido, 94 por cento despertaram ativos.

A cirurgia e a anestesia pela refrigeração constituem práticas tão recentes, que não sabemos se ainda poderão ser usadas na guerra atual. Uma coisa, todavia, parece fora de dúvida: em casos de choque—e o há quase sempre nos ferimentos de guerra—o uso, tão consagrado, do calor, não deixa de ser um erro. Escreve o *Journal of the American Medical Association:* «O calor externo faz o paciente em estado de choque parecer que apresenta melhoras, mas possivelmente diminue as probabilidades de cura.»

Os médicos ingleses vêm estudando o uso do gelo no caso do tratamento das vítimas civís de bombardeios aéreos. Por ocasião dos grandes raides sobre Londres, muita gente foi encontrada por entre os escombros, na aparência ilesa, morrendo entretanto inexplicavelmente algumas horas depois. Acredita-se que os tóxicos acumulados num pulmão oprimido, se postos subitamente em liberdade, podem causar um traumatismo fatal. Para semelhantes hipóteses, a revista *Lancet* sugeriu que o remédio pode ser aplicação do frio e de um torniquete, ainda que não haja ferimento ou efusão de sangue, de modo que as toxinas do pulmão afetado possam entrar mais paulatinamente no resto do corpo.

Em princípios de 1941, um famoso navio de guerra inglês foi posto a pique, ao largo da costa de Noruega. Durante dias os sobreviventes flutuaram em jangadas salva-vidas, com os pés pendurados a mergulhar na água gelada. Recolhidos afinal por uns barcos de arrasto, aí trataram logo de aquecer-lhes, pondo-os diante do fogão, os pés inchados e entorpecidos. A intenção foi boa, mas o resultado desastroso, pois havia naquilo um erro. Alguns tiveram gangrena, de que só os salvou a amputação.

O verdadeiro caminho para tratar «pés imersos» foi estabelecido, há pouco ainda, por três oficiais médicos da Marinha Real Canadense—o cirurgião-comandante D. R. Webster e os tenentes-cirurgiões F. M. Woolhouse e J. J. Johnston. Quando um pé, resfriado muitos dias, é aquecido com excessiva rapidez, as células semimortas da superfície despertam ávidas do oxigênio de origem sanguínea. Não podem entretanto obtê-lo, porque os pequenos vasos, afetados pelo frio, se mostram inaptos para a circulação do sangue que retorna. Daí, inflamação, borbulhas, dor intensa e penetrante.

Agora, quando um homem com o «pé imerso» é apanhado por um barco salva-vidas, já a ciência médica sabe o que há a fazer no caso: é pô-lo na cama, e aquecer-lhe o corpo, aplicando-lhe, porem, *frio* aos pés, seja com sacos de gelo, seja com o ar de um ventilador elétrico, e isso durante dias, senão até semanas. Esse novo tratamento, quando estiver mais generalizada a sua compreensão e aplicação, evitará inumeraveis tragédias que se passam no mar.

¶ Minucioso registo da resposta que os Estados Unidos propõem à pergunta: «Que fazer com a Alemanha após a guerra?»

Que faremos da Alemanha vencida?

(Condensado do «American Mercury»)

Por Kingsbury Smith

Se prevalecer o ponto de vista dos que atualmente elaboram, nos Estados Unidos, os planos oficiais sobre o assunto, o povo alemão terá oportunidade, ainda uma vez, depois do atual conflito, de mostrar que é suscetivel de cooperar na qualidade de membro, já se vê que orientado por sentimentos pacíficos, de uma sã sociedade de nações. Tendo em vista, porem, os exemplos ou a experiência do passado, os alemães serão solicitados um tanto duramente a aprender o bom caminho. Um rigoroso controle, pelo número de anos que os fatos revelarem necessário, e sob uma política de severo, se bem que justo e humano tratamento, é o que está no pensamento dos altos funcionários de Washington, incumbidos de estudar o problema.

Os planos, naturalmente, acham-se ainda em elaboração. Algumas das providências expostas neste artigo representam mais propriamente idéias do que conclusões assentes. Novas considerações e novos estudos poderão modificá-las. Contudo, com estas reservas, pode-se ter o seguinte como sendo o programa americano para o tratamento a ser dado à Alemanha, após a guerra.

Ocupado o país pelas forças aliadas, em termos de rendição incondicional, o primeiro passo a dar será o estabelecimento de um governo militar, pelo comandante das forças de ocupação. Terá este como propósito: primeiro, salvaguardar as tropas ocupantes, assegurando situação militar absolutamente favoravel; e segundo, manter a lei e a ordem entre a população civil.

Uma vez que a Alemanha esteja inteiramente ocupada, o poder será entregue a um supremo governo aliado, civil e militar. Cumprirá a este governo: controlar a administração, promover o desarmamento total das forças de terra, mar e ar, e dirigir a descentralização das indústrias e o reajustamento da vida econômica.

Conquanto já se antecipe que o governo militar preliminar será propriamente aliado, o governo americano se prepara para organizá-lo sozinho, se o impuserem as circunstâncias. Oficiais do exército e técnicos civís, com larga experiência administrativa, falando bem alemão, e conhecedores da Alemanha, estão sendo treinados para funcionar como «encarregados de negócios civís». Só o Departamento da Guerra tem em vista preparar mais de mil administradores de alta categoria para colaborar no governo da Alemanha ocupada.

Os *Gauleiters* americanos fazem a sua preparação na Escola de Governo Militar do Exército dos Estados Unidos, em Charlottesville, Virgínia, a qual foi criada em maio de 1942. Já duas classes,

de 150 alunos cada uma, foram alí graduadas, após um curso de quatro meses.

O curso compreende, não só o estudo de leis, costumes, economia e psicologia do povo alemão, mas tambem a confecção de planos para o domínio de áreas específicas. Se, por exemplo, um general americano houver de ocupar Hamburgo, haverá um plano já composto para o estabelecimento, alí, do governo militar, e entrarão em atividade os administradores treinados que vão colaborando desde agora na sua organização.

A doutrina preponderante é a de que se obterão melhores resultados «por uma política de justiça, respeito e humanidade», ao passo que uma ocupação militar «marcada por aspereza, iniquidade e opressão», criará «ressentimento duradouro» no coração do povo, o que equivale a «plantar as sementes de uma futura guerra».

A polícia militar especial, a estabelecer-se na Alemanha, vai sendo igualmente treinada pelo Departamento da Guerra, em Fort Custer, Míchigan. A Marinha, por seu lado, prepara devidamente os contingentes navais que devam lá servir. Mais ainda: funcionários de grande responsabilidade dos Departamentos de Estado e do Tesouro, como do Conselho do Serviço Econômico de Guerra e várias outras agências governamentais, estão a ser cuidadosamente selecionados para particular treinamento como técnicos especializados.

Está subentendido que tais administradores e técnicos continuarão a servir com o supremo governo Aliado que suceda ao governo militar.

Ao que entendem os autores dos planos, a primeira coisa que o governo militar terá a fazer é prender, processar e punir os responsaveis da guerra. De outro modo, seria de temer que o povo dos paises libertados, onde os Quislings e nazistas locais andaram a colaborar com os alemães, tomasse o caso a si. Um porta-voz dos Combatentes Franceses estimou em um milhão os que podem ser mortos, só na França, se medidas preventivas não forem adotadas em tempo.

Outra razão que aconselha ação rápida e implacavel contra os criminosos de que se trata, é que cumpre convencer, de modo definitivo, o povo alemão, de que não mais os seus líderes podem praticar impunemente o monstruoso delito de lançar o mundo em guerras friamente premeditadas.

Projetos se acham em estudos para a instituição de uma comissão das Nações Unidas, destinada a investigar os crimes de guerra. Seus membros poderão tambem servir na Corte de Justiça que procederá ao julgamento dos altos funcionários ou autoridades alemãs, inclusive líderes do partido nazista, responsaveis pela bárbara matança de judeus na Europa. Escusado será dizer que todos os nazistas graduados, a começar por Hitler, Goering e Goebbels, serão processados imediatamente.

Quanto a Hitler, tem-se por muito provavel que, uma vez que se sinta perdido, resolva o seu caso pelo suicídio. Mas, se for capturado, o governo americano opinará que um tribunal das Nações Unidas o julgue sem demora, como réu de morticínio, e, caso declarado criminoso, será fuzilado.

Os generais do exército alemão que tiverem permitido crimes de guerra, em territórios ocupados sob o seu comando, não deixarão tambem de ser punidos. E o governo americano tem feito e está fazendo levantar uma «lista de atrocidades» dos homens da Gestapo e das Tropas de Assalto, e de outros agentes

do Reich, acusados de crimes de toda sorte contra as inermes populações dos paises conquistados. Outros governos vão fazendo o mesmo.

Não se perderá tempo com os nazistas; todos os seus elementos de responsabilidade serão afastados, ato contínuo, de qualquer serviço público. Sendo certo, porem, que muitos funcionários se viram na contingência de associar-se ao nazismo, para que pudessem viver, é de presumir que boa parte do pessoal civil e das forças de polícia venha a ser aproveitada, para que continue em função, embora sob severa vigilância.

PARALELAMENTE com estas primeiras medidas de ocupação, outras tantas se irão pondo em prática, no sentido de desarmar completamente a Alemanha, deixando-se-lhe apenas as armas ligeiras que forem necessárias à polícia, para o fim de manter a ordem pública. Só a um pequeno número de pilotos de aviação civil será permitido o treinamento. O número de aeródromos será limitado, todos submetidos, ainda assim, a rígida inspeção dos Aliados, que terão forças aéreas estacionadas em alguns deles, os de maior importância.

Como os soldados desmobilizados de uma nação vencida constituem, por via de regra, matéria prima para revoluções, muitos serão conservados temporariamente nas fileiras, mas formando batalhões a ser usados nos grandes trabalhos de reconstrução das áreas devastadas, já do seu próprio país, já de outros que a Alemanha bombardeou ou invadiu.

Como parte do programa de desarmamento da Alemanha e drástica redução das suas indústrias de guerra, desmedidamente desenvolvidas, julga-se necessário remover uma grande quantidade de maquinaria, destinando boa porção aos paises conquistados, em substituição das suas máquinas, destruidas ou tomadas pelos alemães. As indústrias germânicas que forem deixadas intactas ficarão proibidas de fabricar munições ou implementos de guerra de qualquer natureza.

A Alemanha, por um prazo muito longo, não se poderá rearmar, secretamente ou de qualquer outro modo. Não terá mesmo exército «simbólico» que possa servir de núcleo para a preparação de uma classe de oficiais, nem tão pouco lhes será dado realizar manobras com tanques e canhões simulados—um dos erros dos Aliados, após a primeira guerra mundial.

Conquanto haja o firme propósito de não deixar qualquer margem a que possa a Alemanha, em caso algum, tornar a ser potência militar preponderante na Europa, não se pretende, contudo, privar para sempre os alemães de tomar parte na obra de uma força de polícia internacional. Desde quando eles tenham provado que renunciaram, de modo permanente, à fé no militarismo como instrumento de política nacional, nada impedirá que desempenhem o papel que lhes corresponda no sistema de segurança coletiva que for estabelecido para preservar a paz do mundo. Não devem, aliás, esperar que tais direitos se lhes reconheçam, antes que dêem às demais nações testemunhos de boa conduta, durante pelo menos uma geração.

AS MEDIDAS de auxílio à Alemanha, consoante o que se planeja, deverão limitar-se ao mínimo estritamente indispensavel para evitar revolução e caos. Não há o menor desejo de fazer, para com ela, de Papai Noel. Demais, a

prioridade, no que entenda com o socorro que os Estados Unidos possam prestar, cabe de direito, não aos alemães, mas às populações dos territórios que os nazistas assolaram. Todavia, no interesse da paz duradoura e da ordem mundial estavel, reconhece-se que os Aliados devem impedir, de todo modo, que caiam sobre a Alemanha, já então entregue ao seu controle, a fome, a doença e o descalabro econômico.

Há que cuidar do problema de alimentação e medicamentos, no período de emergência seguinte à ocupação; e tambem, possivelmente, no de sementes e fertilizantes, que ajudem a ter boas safras. Quanto mais a terra for produzindo, mais haverá com que manter o socorro a outras regiões, onde as lavouras foram destruidas pela máquina militar hitlerista. No que toca a provisão de gêneros alimentícios para a Alemanha, ter-se-ão em conta, principalmente, as crianças, e o auxílio correrá provavelmente sob a direção ou os auspícios da própria Cruz Vermelha Americana.

É ENTRETANTO nos assuntos básicos da organização, propriamente dita, do estado, que o povo alemão terá que responder, de modo mais profundo, pelo crime de haver seguido Hitler no seu louco movimento pela conquista do mundo. É opinião dominante, entre os que se ocupam em Washington com os planos para após-guerra, que a Alemanha deve ser drasticamente descentralizada como unidade política e econômica, *ainda que se torne indispensavel dividir o país em regiões ou estados separados.*

Esta idéia não é ditada por espírito de vingança, senão pelo mais sincero e legítimo desejo de encontrar uma solução para o militarismo germânico. Considera-se, a propósito, que a maior parte do que de melhor tem vindo da Alemanha, como seja a sua cultura literária e musical, se desenvolveu precisamente nas fases em que o país não praticava o nacionalismo. Resulta que a Alemanha não deve permanecer como uma só e poderosa unidade industrial e política.

Durante o período de experiência, os partidos políticos que propugnarem o nacionalismo a todo transe, serão proibidos de funcionar. Manter-se-á rigorosa vigilância afim de que tais movimentos políticos não possam desenvolver-se clandestinamente. A desobediência implicará imediatas e severas sanções econômicas, acompanhadas, se for preciso, de ação militar, para inutilizar as campanhas e reprimir os seus chefes.

No campo econômico, tratar-se-á desde logo de reduzir e descentralizar as indústrias alemãs. Os cartéis industriais germânicos serão desfeitos, e as indústrias sobreviventes colocadas sob estrito controle. De começo, os benefícios a colher da agricultura e outras fontes econômicas serão limitados, para a Alemanha, a um ponto que lhe assegure a própria subsistência e permita a restauração das áreas devastadas. Posteriormente, à medida que o povo alemão for demonstrando a sua boa-fé na colaboração que prestar à reconstrução pacífica da Europa, passará a gozar, mais e mais, dos ditos benefícios, até chegar à plena igualdade de oportunidade comercial.

Admite-se a conveniência de conceder à Alemanha um limitado quinhão no comércio exterior, que a habilite a obter matérias primas, tais como algodão e petróleo, de que precisa para fins pacíficos. A Alemanha é considerada uma oficina da Europa, e não há nenhum propósito de eliminar a oficina,

senão apenas pô-la em atividade de serviço da paz, que não da guerra.

Alguns entendem que se deve empreender na Alemanha uma campanha educacional, com a intenção de apagar no país todo e qualquer vestígio de hitlerismo. Será então o caso de estabelecer uma comissão internacional de educação, na qual figurem membros alemães responsaveis, para organizar um programa de ensino objetivo da história universal, assim para adultos como para crianças. O rádio e a imprensa, e as organizações religiosas, protestantes e católicas, crê-se não deixariam de ser uteis à obra de converter o povo alemão a uma política de cooperação pacífica com o resto do mundo.

Os que têm a seu cargo a elaboração dos planos americanos não se resignam a admitir que o povo alemão seja insuscetivel de tornar-se um elemento pacífico e satisfeito, a contribuir com o seu concurso como parte componente de uma sociedade das nações que viva cordialmente em paz e para a paz. Mas, para que os programas de Washington se tornem realidade, e produzam os devidos efeitos, é imprescindivel que o governo conte com o apoio, sem reservas, da opinião pública. A menos que os Estados Unidos aceitem integralmente a sua parte de responsabilidade na execução dos planos, estes não poderão ir por diante. Será certo, ao contrário, o seu fracasso. A Alemanha se tornará uma presa nas mãos dos povos da Europa, sequiosos de vingança, e estarão semeados os germes da terceira guerra mundial. Não poderemos ter paz perduravel se o povo de qualquer grande nação, especialmente a Alemanha, receber o tratamento que se reserva aos párias.

No próximo número, Seleções publicará o ponto de vista da escritora Dorothy Thompson sobre este palpitante assunto.

O desejo de viver

¶ Depois de um combate, durante a primeira guerra mundial, um cirurgião das Forças Expedicionárias Americanas mostrou ao capelão das tropas um soldado ferido, dizendo que era um caso perdido. O capelão inclinou-se sobre o soldado: —Meu amigo, V. está seriamente ferido; tem alguma coisa a dizer ou uma mensagem que enviar à sua familia?

—Dentro do bolso de meu capote, disse o soldado, respirando com grande dificuldade.

O capelão encontrou uma carteira, tirou-a. —É isto que V. quer?

—Sim. Abra.

—Há uma nota de dez dólares. É o que V. quer?

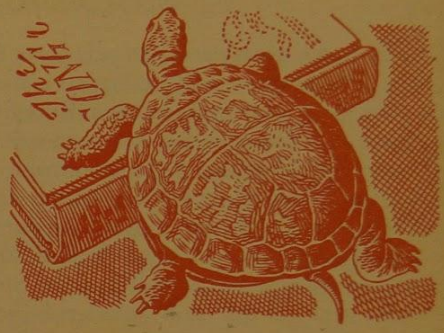
—Sim, disse o soldado, num murmúrio. —Aposto *isso* como eu não morro.

E não morreu. —Frank H. Cheley, *The Will to Win* (Wilde)

Aquiles, o meu cágado divertido

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Wallace Stegner



Nunca conseguí explicar satisfatoriamente a minha afeição especial por Aquiles. Geralmente não se pensa num reptil para companheiro favorito de quem quer que seja. Tive uma vez um cágado do deserto, que era em parte um bobo bem intencionado, em parte um filósofo, e no todo um ser completamente inofensivo, que levava uma existência ruminativa e afavel.

Aquiles era de limpeza modelar, pois nem germe nem pulga podiam encontrar refúgio na sua carapaça. Para lavá-lo bastava a mangueira do jardim e era possivel mantê-lo tão asséptico como uma sala de operações. Alem disto era completamente indestrutivel. Andava pela rua, sem destino; mas ao ouvir aproximar-se o troar de qualquer desgraça, a que não era possivel escapar, fazia de conta que era um daqueles marcos que, nas ruas de grande trânsito, mostram o lugar por onde se pode atravessar sem perigo: deixava rolar o cataclismo, e se algum veículo lhe passava por cima, certo arranjava maneira de o sacudir para o lado. Mas assim que a terra cessava de tremer, deitava ele a cabeça de fora, e começava a encaminhar-se para o passeio, como se nada houvesse sucedido.

Em casa acomodava-se sempre em lugares onde não estivesse muito à vista. Nunca vinha pedir coisa alguma quando se estava à mesa, nem tinha que ser levado para fora a intervalos regulares. Durante o tempo em que viveu comigo, jamais tive que pôr os pés no chão frio porque ele me tivesse arrastado os chinelos do seu devido lugar.

E de novembro até fevereiro escondia-se tranquilamente em qualquer armário, entregando-se a profunda meditação. Toda vez que eu abria a porta do armário lá estava ele, e eu sentia-me socegado ao sabê-lo alí.

O cágado é um hóspede curioso, sem ser indiscreto. Aquiles passeava com toda a solenidade em volta da franja do tapete, admirando as cores que tinha em frente do nariz, empurrando-se a si mesmo com surpreendente deliberação. Se se lhe pusesse um livro no caminho, ele bufava, depois recolhia a cabeça à carapaça e esperava até ver se o livro o provocava. Ao ver que o livro não se movia, passava por cima dele, continuando a viagem. Mas não se desviava por coisa alguma deste mundo. Se um obstáculo era grande demais para que pudesse transpô-lo, deixar-se-ia adormecer comodamente em frente.

Há certas vantagens em se ter um sangue-frio assim. Qualquer pessoa se exaltaria e acabaria por dar um pontapé no livro, para o tirar do caminho. Não Aquiles que fizesse isto. Ao passo que o nosso temperamento nos faz correr para a morte em poucos anos, de

modo que a nossa passagem pela terra é uma lamentação e um desespero constantes, o cágado encara as coisas filosoficamente, e consegue por isso uma existência normal de uns cem anos. Problemas insoluveis têm a virtude apenas de fazê-lo dormir. O mau tempo o faz dormir. Qualquer coisa desagradavel o faz dormir, invariavelmente Em compensação, tudo o que seja agradavel lhe proporciona uma alegria pura e indissoluvel, que só aos inocentes e aos sábios é dado conhecer. Nos meses em que não hibernava, de fevereiro a novembro, Aquiles vivia a vida de Riley, gozando plenamente cada minuto da existência.

Por volta de fevereiro ouviam-se uns barulhos dentro do armário: era Aquiles que começava a agitar-se. E quando eu abria a porta, ele saía, no seu passo cadenciado de pessoa importante. Depois de tão longa hibernação a sua pele estava toda enrugada, mas ele é que não se importava com o seu cômico aspecto. Fazendo esforços inauditos, erguia-se no chão com indizivel satisfação. E quando eu o agarrava, para lhe afagar o pescoço ou fazer cócegas debaixo dos braços, esperneava e torcia-se com verdadeiro deleite. A sua maior alegria na primavera era a comida. Comia erva como um cavalo, enchendo a boca à medida que a ia cortando, com certo jeito de lado, erguendo o pescoço encarquilhado, e mastigando, com os olhos cheios de um prazer beatífico. Numa tarde podia ceifar alguns metros de erva. Bebia água como uma galinha, baixando a cabeça e levantando o pescoço, para deixá-la escorregar para baixo, olhando de soslaio para os espectadores.

Gostava de ervilhas, couves e vagens cruas, que comia com dentadas regulares, como se os queixos trabalhassem por meio de molas. Três mordedelas para cada feijão verde: nem mais nem menos. Os morangos lançavam-no num frenesí de felicidade. Hei-de sempre lembrar-me de Aquiles comendo morangos, com o sumo a escorrer-lhe pelos cantos dos rítmicos queixos, e tendo na fisionomia uma expressão mística de prazer.

Dois solteirões, vivemos três anos em perfeita harmonia. Mas eis que um dia a dona da casa em que me hospedava, tendo ido visitar uns amigos, descobriu outro cágado—um peralta da cidade, com carapaça azul e ouro, e a borda dourada. Pediu-o emprestado, julgando que Aquiles precisava ter companhia, e trouxe-o para casa. Mal sabia ela o que ia fazer!

Assim que pousou o desconhecido em frente de Aquiles, a atmosfera tornou-se tensa. O meu cágado, calado como um frade de pedra, perante este janota cortesão, bufou como uma válvula de vapor, e recolheu-se à sua casca. O outro fez o mesmo. E assim ficaram os dois como duas fortalezas, imoveis e desconfiados. Ficamos em observação, aguardando os acontecimentos. Passado pouco tempo o visitante deitou a cabeça de fora, estendeu o rabo, alçou-se com esforço e ficou na ponta das patinhas, bufando. Aquiles respondeu-lhe no mesmo tom. Eu queria que Aquiles aniquilasse o peralta. Tinha-o visto sacudir caminhões das costas, e estava certo de que não iria agora deixar-se subjugar por um cágado qualquer da cidade, com unhas dos pés pintadas.

O cágado de visita recuava de lado, sempre bufando. Olhei para Aquiles e fiquei surpreendido por não descobrir no seu aspecto o menor sinal de beligerância, mostrando apenas o mesmo ar malicioso de quando eu lhe fazia cócegas. Então o outro ensaiou uns largos passos de valsa em volta de Aquiles, sempre com os olhos nele. Aquiles voltou-se para ver a dansa, e a sua cara ponteaguda era toda sorrisos.

Só então a dona da casa e eu descobrimos, ao mesmo tempo, a verdade: Aquiles, aquele filósofo solteirão, era uma fêmea, e não havia dúvida alguma de que estava enamorada! A dona da casa, boquiaberta e corando, lançou-me um daqueles olhares que se sentem ficar suspensos por mais de um quarto de hora... Apanhou à pressa o cágado sarapintado e saiu.

Aquiles fazia dó. Durante horas, depois que lhe levaram embora o sedutor, andou às voltas pelo tapete, bufando, como que à procura de alguma coisa. Já não era filósofa. Perante o novo problema não podia dormir. Fez largas explorações por debaixo dos moveis. Finalmente, voltando para o centro do tapete, onde a aparição tinha tido lugar, deitou-se à espera de que tornasse a acontecer. Levei-a para baixo e prendí-a no gramado; mas ela não quis comer. Quando, duas horas mais tarde alí voltei, lá estava o cordel partido, e Aquiles havia desaparecido. Se conseguiu ou não descobrir o seu dourado galã, não sei dizê-lo. Mas é muito possivel. *Amor omnia vincit...*

Homem Branco — Grande Farsa

¶As tribos indígenas do sudoeste dos Estados Unidos comemoram com um festejo anual a vinda dos homens brancos. Os índios personificam os «caras pálidas» pondo barbichas de bode, metendo-se em velhos capotões cujos bolsos transbordam de jornais e revistas, e carregam pastas debaixo do braço com um ar muito solene. Os turistas são representados com roupas mais modernas, e latas penduradas por todo o corpo, enquanto as mulheres índias imitam os culotes de montaria das mulheres brancas, enrolando os seus chales à volta das pernas. Os espectadores brancos perdem grande parte das pilhérias por não entenderem o idioma dos nativos. Mas, uma vez ou outra, um comediante indígena solta uma «piada» em inglês. Por exemplo, desabotoa sucessivamente capa de chuva, depois capotão, paletó, e finalmente tira do bolso do colete um grande relógio, observando: «Preciso ver se é hora de estar com fome.»

—Margretta S. Dietrich no *New Mexico*

¶Uma firma de Manhattan, que negocia em artigos indígenas, encomendou ao Grande «Sopra Cobra», Chefe dos índios Winnebago, do estado de Wisconsin, 2.000 «novidades», para serem usadas por uma agência de publicidade. Na primeira semana receberam 500 objetos variados—amuletos e talismãs contra doenças, contas e flexas; na semana seguinte chegaram somente 200. A firma de Manhattan, que julgava já estar habituada com o descaso jovial dos índios pelas idéias dos homens brancos, teve, todavia, uma supresa quando, na terceira semana, recebeu apenas 50 artigos, acompanhados da seguinte nota do Chefe Sopra-Cobra: «Chega. Vocês têm bastante».

—Adaptado de Harry T. Paxton no *Saturday Evening Post*

Os sindicatos suecos não abusam do poder

(Condensado do «New York World Telegram»)

Por Raymond Clapper

ESTOCOLMO (por telegrama). —Há muitos anos que na Suécia se não produzem grandes greves. A gente aquí pergunta-me se as greves dos mineiros da hulha, nos Estados Unidos, não seriam obra do inimigo: crêem os suecos que só dessa maneira se pode explicar o conflito.

As classes operárias estão altamente organizadas na Suécia, e o mesmo pode-se dizer do patronato. Durante um jantar há pouco oferecido conjuntamente pela Federação dos Sindicatos Suecos e a Federação Patronal, a que assistí com vários outros jornalistas americanos, tive ocasião de fazer interessantes observações. Todo o jantar os convivas levaram fazendo brindes uns aos outros. A certa altura, deu-se a palavra aos jornalistas para fazerem as perguntas que quisessem. Cada pergunta era jogada como uma pela de comensal para comensal, e estes umas vezes divergiam, outras concordavam nas respostas, mas sempre no tom amigavel de pessoas que se entendem mutuamente, e estão satisfeitas com a maneira como as coisas correm de parte a parte.

Fiquei sentado entre dois grandes capitães de indústria, um dono de minas de ferro e um industrial textil. Ambos concordaram em que nenhum industrial sueco desejaria hoje voltar aos contratos individuais de trabalho; que as negociações coletivas correm sempre à maravilha, e que os dirigentes operários são homens equânimes e de bom-senso.

Estou convencido de que a atitude dos patrões, na Suécia, tem sido um fator de paz nas relações entre Trabalho e Capital. Mas indubitavelmente mais importante ainda tem sido a atitude conciliatória que sustentam os dirigentes operários.

E não hesito em afirmar que estes dirigentes são muito poderosos na Suécia. Controlam e manejam o Partido Social-Democrático, que há alguns anos ocupa as cadeiras do poder. E se bem que tenha havido grande deslocação nos empregos devido à guerra, pois a produção caiu progressivamente em indústrias que dantes viviam da importação de matérias primas, até agora não tem havido greves.

A Federação dos Sindicatos operários da Suécia tomou a iniciativa, logo ao começo da guerra, de pôr um dique à inflação pela subida de preços. Há 18 meses que está em vigor um acordo entre patrões e operários, pelo qual se suspenderam todos os aumentos de salário. Procede-se periodicamente ao reajustamento dos salários aos índices do custo de vida, mas presentemente o operário recebe apenas o equivalente a um ajuste de 50 por cento.

A orientação geral do operariado tem sido esta: manter o governo alheio aos acordos entre o Capital e o Trabalho. Não existem na Suécia leis contra as greves, nem são precisas: tudo se resolve alí por acordo voluntário entre as partes interessadas. A minha impressão é que o Trabalhismo é tão poderoso na Suécia—porque nunca abusou do seu poder.

Para o rol das atrocidades japonesas

(Extraido do «Sunday Sun» de Baltimore)

Por Gwen Dew

GWEN DEW era a correspondente do *News* de Detroit em Hong Kong quando os japoneses invadiram aquela cidade em 1941. Este incidente demonstrativo da barbárie japonesa foi-lhe contado pelas enfermeiras que sobreviveram às atrocidades, e depois foram suas companheiras no campo de concentração, em que ela esteve retida até ser repatriada em 1942. Desde o seu regresso aos E.U.A., Miss Dew tem feito conferências por todo o país, contando as suas aventuras, e escreveu um livro, *Prisoner of the Japs* que Alfred Knopf editou.

O COMBATE na vizinhança do Colégio de Santo Estevão, entre soldados japoneses e britânicos, durava já havia várias horas. E antes dos ingleses, sob a esmagadora superioridade numérica do inimigo, terem decidido finalmente retirar para o Forte Stanley, a 800 metros de distância, mais de três mil cadáveres de japoneses juncavam aquela área.

O Colégio tinha sido transformado em hospital de urgência, e estava cheio de feridos, dos regimentos do Canadá, da Escócia, da Inglaterra e da Índia. Uma grande bandeira com a Cruz Vermelha indicava inequivocamente que o edifício era uma zona não beligerante.

Súbito, um grupo de jovens canadenses, irrompeu pelo hospital dentro, meios mortos de fadiga, avisando do rápido avanço dos japoneses. «Será melhor evacuarem o lugar,» gritaram eles.

Mas o coronel médico Black, que dirigia o hospital, permaneceu calmo. Não podemos fazer uma coisa assim,» disse. «Temos aquí muitos feridos graves. Alem do mais, isto é um hospital da Cruz Vermelha, e tudo se passará na melhor ordem. Mas vocês devem partir. Se fossem aquí encontrados soldados que não estivessem feridos, o caso seria outro. Por isso, tenho muita pena, rapazes, porem não os posso recolher.»

Os soldados fizeram a continência, respondendo: «Tem razão, coronel. Nós seguiremos o nosso destino.» E trataram de partir. A notícia da aproximação dos japoneses se espalhou por todo o hospital como uma maré enchente.

Fora, a aurora polvilhava o céu de coral e ouro. Era o dia de Natal que amanhecia. E os japoneses vinham chegando, ébrios de vitória.

O coronel Black postou-se à porta, abriu os braços, e alí permaneceu até que o inimigo parou, apenas alguns passos de distância:

«Isto é um hospital da Cruz Vermelha,» disse, apontando para a grande bandeira que tremulava com o seu símbolo de caridade. Mas um soldado japonês atravessou com um golpe de baioneta o corpo do idoso médico.

Avançou a seguir o médico-assistente, capitão Whitney, que insistiu: «Isto é um hospital. Não vêem a Cruz...» Mas não acabou a frase. O braço com que apontava descaiu, ao ser-lhe o corpo varado por outra baioneta. E ainda outras o espetaram, apesar de já morto.

As enfermeiras, que se tinham mantido calmas nos seus postos, presenciaram então a revoltante matança dos soldados feridos e indefesos. Os japoneses, no meio de gritarias e risadas, arrancavam as ligaduras dos peitos lacerados,

dos cotos sangrentos de braços e pernas amputadas, e em seguida acabavam com as suas vítimas a golpes de baioneta. Só o que restava às enfermeiras era aproximarem-se dos homens, depois que os japoneses os deixavam, moribundos, ou já cadáveres. Foram assim assassinados 52 feridos.

Voltaram então os bárbaros sua atenção para as enfermeiras. O oficial em comando gritou-lhes:

«Formem em linha, todas. Marchem!» E as enfermeiras, com os seus uniformes brancos machados de sangue, foram empurradas brutalmente para dentro de uma sala à ponta de baionetas reluzentes.

«Venham cá, vocês três.» Os soldados que estavam mais à frente, com o riso forçado nos lábios, agarraram-nas pelos uniformes, e as conduziram a um pequeno quarto. Uma delas, depois de violentada, foi morta à baioneta, atirado o seu corpo numa moita.

A cena de bestialidade continuou ininterruptamente por todo o dia e noite. As enfermeiras, paralisadas de horror, foram violadas por um sem-número de japoneses, que, só depois de terem dado pasto ao seu canibalismo, prosseguiram na sua marcha.

Histórias do nosso tempo

¶ No Centro de Treino de Guerra no Deserto, na Califórnia, o capitão Francis E. Rogan, depois de proceder a uma inspeção, teve este comentário: «A camuflagem podia estar muito melhor. Corrijam isso.» E ditas estas palavras, estourou com o automovel de encontro à sede do comando, que estava camuflada, e foi enterrar as rodas numa cova camuflada de abrigo...

¶ Um homem de negócios, esperando pelo café num carro-restaurante, ficou impaciente ao observar que o garçon contemplava o cenário, em lugar de o atender.

«Que é isso?» disse ele, «nunca trabalhou como garçon, antes?»

Com um sorriso, o garçon respondeu:

«Naum sinhô, num trabaiei nunca cumu garçon. Tambeim nunca viajei antis num treim, naum sinhô. Cúmu é baum, num é?»

—*The L & N Employes Magazine*

¶ Um recruta estava caminhando por uma calçada, em Atlantic City, carregando com a mão esquerda um embrulho e comendo, com a mão direita, uma maçã. Em direção contrária, vinha andando um major com cara de poucos amigos. O recruta sabia que devia fazer continência—mas que fazer com a maçã? Não há dúvida que o recruta agiu com grande presteza de espírito, porque, ao chegar a uma distância de seis passos do major, atirou a maçã para o ar, fez a continência e apanhou a maçã, quando o oficial já havia passado. Pela fisionomia do major perpassou um leve sorriso.

—Harry F. Crane, Jr.

¶ Qual outro Padre Damião, «Big Joe» Sweeney dedicou sua existência aos gafados da China.

O missionário da Porta do Céu

(Condensado de «Men of Maryknoll»)

Por James Keller e Meyer Berger

Existe no Sul da China uma pequena comunidade de que os ocupantes japoneses fogem como o diabo da Cruz. Por vezes, da banda de lá do rio Kongmoon, um forte japonês dispara um tiro, que vai matar um pastor de cabras ou alguma pobre velha que, de joelhos, trata um canteiro do seu jardim... Outras vezes o inimigo dispara uma girândola de granadas, e os moradores de Porta do Céu (que assim se chama o lugar) são forçados a abandonar suas choupanas de adobe, e, pastoreados por um homem gigantesco, se arrastam penosamente em busca de refúgio nas cavernas da montanha vizinha.

O mais certo é que os japoneses nunca cheguem sequer a tentar apoderar-se de Porta do Céu, porque o lugar que ostenta este nome de enlevo é uma terra de infernais horrores, refúgio de *ma fung*, uma gafaria para os tristes leprosos do Sul da China. (*Ma fung* é o equivalente, em chinês, a *trôpegos*.) Porta do Céu é administrada pelo gigantesco Padre Sweeney, natural de New Britain, no Connecticut,—um autêntico «ianque,» pois a rigor, só os naturais do Connecticut se intitulam ianques. Foi destacado para a China pela Sociedade das Missões Maryknoll. Os «trôpegos» alcunharam-no de *Big Joe*—Zé Grande. É ele o Padre Damião* do Sul da China. Tem 48 anos de idade, e vive há dez entre os leprosos; foi ele quem, desde os velhos cemitérios do Sul da China, onde dantes viviam encurralados como feras, na mais negra miséria e abandono, os conduziu até o seu refúgio atual.

Big Joe é um gigante de 1,91 m. (sem sapatos), pesa 110 quilos, tem um riso estentóreo, e vota ao mais completo desprezo os perigos físicos. E manda a verdade que se diga, não são poucos os riscos que tem afrontado para acudir aos seus leprosos!

O padre Sweeney, nas noites escuras, rompe através do bloqueio japonês do mar da China para ir buscar remédios e alimentos para o seu rebanho. E quando os canhões japoneses estilhaçam o silêncio e quietação de Porta do Céu, Big Joe põe-se a cantar alegremente para robustecer e levantar o espírito dos seus *ma fung*, e muitas vezes consegue fazê-los cantar tambem. Segundo os cálculos de Padre Sweeney, há na China bem um milhão de leprosos, aos quais a população dispensa poucos ou nenhuns cuidados e ternura, porque a maioria das pessoas acreditam que os leprosos são vítimas da perseguição dos espíritos maus. Quando em 1933, a Sociedade Maryknoll mandou o Padre Sweeney cuidar dos leprosos da China, diz ele que os foi encontrar «em lugares que eram, à vista e ao olfato, peores que chiquei-

*V. Seleções de abril de 1942—A Bandeira de Frei Joseph.

ros de porcos. Esfaimados e comidos de vermina, os tristes dormiam por terra durante a noite, e de dia sentavam-se a apodrecer ao sol. Se se aproximavam de alguma aldeia, eram corridos à pedrada. De humano, neles, só restava o desespero...»

O padre passara alguns anos a preparar-se para a sua perigosa missão entre os leprosos: estudara na colônia do Padre Damião, em Molocai (ilhas Havaí) no asilo Chinês de Xeclung, e trabalhara no Leprosário Federal da Luiziana. Tal como ao Padre Damião, de começo, a fétida atmosfera das choças de leprosos o sufocava, e ele era forçado a correr lá fora de vez em quando, para respirar um pouco de ar fresco. Sabia perfeitamente que o padre Damião, como tantos outros missionários da caridade entre os leprosos, fora vitimado pela inexoravel enfermidade. E preparou-se para lhes seguir o caminho e exemplo.

O primeiro grupo de leprosos ao qual o padre *Big Joe* ministrou o sacramento da missa, vivia num escuro bosque de bambús, não longe da cidade de Toi Xaan. A imagem desses dias nunca se lhe apagou da alma: «Sentadas por alí, na obscuridade da selva de bambús, essas pobres criaturas deformadas apresentavam cotos onde haviam tido mãos ou pés. Muitos deles tinham as faces corroidas e desfiguradas. Vi alí uma pobre chinesa, horrorosa de olhar, com um bebezinho encantador, uma menina de oito meses, nos braços... A menina, como tantas vezes acontece entre os leprosos, não tinha uma mancha, um sinal de doença na pele»!

A princípio, os leprosos olhavam com desconfiança o sacerdote. Porque é que aquele «nariz comprido» (todos os brancos são «nariz comprido» entre os chineses iletrados) havia de se ir meter entre eles, quando a sua própria gente os segregava e apedrejava?... E *Big Joe* falando na língua deles, se esforçava por tranquilizá-los: tinha vindo alí só para lhes prestar socorro. Distribuiu-lhes roupas limpas, enviadas pelos amigos da Maryknoll nos Estados Unidos. A obra inicial custou meses de labor, mas o padre conseguiu que se abrisse um poço, e se construissem banheiros, cozinha, um dispensário. «Os pobres estropiados cooperaram comigo na medida das suas forças. Animei-os a plantarem flores, quando os seus membros lhes não permitiam fazer mais nada. Em suma, transformamos aquele averno sombrio num pequeno jardim...»

Em seguida o Padre Sweeney penetrou mais longe, até os cemitérios abandonados de Sun Wui, nas colinas que se erguem ao norte de Toi Xaan. Foi encontrar alí cincoenta «trôpegos», abrigados em telheiros feitos de velhos caixões de defuntos... Viviam os desgraçados dos parcos vegetais que podiam cultivar na terra mefítica entre as sepulturas! E ninguem que os ajudasse.

Big Joe ergueu então cabanas limpas de bambú, e cobriu-as de palmas. Queimou todos os mucambos feitos de tábuas de caixões podres, as camas sórdidas, as enxergas abominaveis. Saneou quanto possivel o sítio com desinfetantes, e destruiu a rataria com veneno. E ergueu alí igualmente um dispensário e uma cozinha de tijolos de barro cru.

Ajudavam-no, entre os leprosos, alguns que na vida tinham tido seu ofício. Esses pobres tratavam as serras, os martelos, os formões, com tanto carinho como se fossem tesouros preciosos; as ferramentas, que nunca tinham esperado tornar a apertar nas suas mãos doentes, arrancavam-lhes lágrimas de comovida alegria.

Big Joe organizou programas e horários para aproveitar e encher os dias dos leprosos. Dizia missa todas as manhãs, embora os não-cristãos que havia entre os leprosos não tivessem que assistir. Após o serviço, os leprosos coziam o seu arroz sobre fogueiras de erva seca, recebiam o tratamento médico das mãos do sacerdote, e iam trabalhar na horta e nos canteiros de flores. Passaram a achar na vida um novo interesse, e dentro de um ano a colônia estava transfigurada. Reluziam ao sol quente as cabanas limpinhas. O ar do antigo cemitério estava agora embalsamado pelo aroma das bananeiras, dos mamoeiros, e das laranjeiras para alí transplantadas. Canteiros cobertos de azáleas, de peônias, de hibiscos e campainhas, deleitavam agora os tristes olhos dos lázaros, que nunca tinham esperado tornar a gozar semelhantes prazeres na vida.

Graças às contribuições que recebia da Maryknoll, *Big Joe* comprava compressas, ésteres etílicos de óleo de hidnocarpo e de óleo de chaulmoogra, que vinham das Filipinas. O tratamento pelos óleos não cura os casos avançados de lepra—a cura específica ainda é desconhecida—mas, ao que parece, detem a doença na fase incipiente.

Durante os anos que passou em Sun Wui, *Big Joe* sentiu-se muita vez levado ao extremo limite das forças. O calor tropical era opressivo; nuvens de moscas e mosquitos eram para ele uma tortura constante; a umidade cobria de bolor as camas, os instrumentos e as roupas. Mas Padre Sweeney tudo aguentou, e a sua obra acabou por ser universalmente reconhecida. Foi alvo de elogios numa reunião da Sociedade Americana para o Avanço das Ciências. E em 1936 o governo chinês fez-lhe a concessão de 150 hectares de terreno para o estabelecimento de um lazareto nas margens do Rio Kongmoon.

Durante o verão tórrido de 1937, *Big Joe*, com a ajuda dos seus artífices leprosos e de uns tantos operários assalariados, talhou uma clareira naquela selva. Abriram os caboucos para um hospital, capela, habitações para os leprosos, e cozinhas. Preparou-se a terra para plantar pomar e horta. O trabalho era de arrazar, mas *Big Joe* suou e labutou ao lado dos cavadores, lutando com eles contra os elementos, as cobras e os insetos.

No dia 2 de setembro, pela meia-noite, desencadeou-se um tufão. Antes do amanhecer a ventania tinha atingido a velocidade de 260 quilômetros por hora, e tornava-se o peor de quantos tufões regista a história da região. Todas as instalações do estabelecimento, já a meio caminho da construção, ficaram arrazadas. Pela manhã, *Big Joe* foi encontrar os seus operários e artífices leprosos debaixo dos telheiros demolidos; estavam apavorados com a fúria dos «maus espíritos» do vento, mas fisicamente incólumes. Pôs-se a restaurar-lhes o ânimo, e recomeçou a obra com firme decisão.

Pelos meados do verão de 1938 já as obras estavam concluidas. Voltou então a Sun Wui, que os japoneses andavam agora bombardeando, e levou dalí os leprosos para a sua Porta do Céu, onde até hoje se tem mantido a trabalhar entre eles.

A mais velha das ovelhas leprosas de Padre Sweeney é Lo Mo, nome que quer dizer «Mãe Veneravel». Tem hoje 80 anos, e na face devastada pelo horror da lepra ainda se percebem sinais da passada beleza. Padre Sweeney não sabe o verdadeiro nome dela: a velhinha não o diz a ninguem. Uma noite,

já lá vão muitos anos, ela escapuliu-se de casa para livrar o marido e os filhinhos do estigma de *ma fung*... E orgulha-se de que, até hoje, nenhum deles sabe para onde ela foi, nem porque foi...

«Só uma vez em tantos anos—contou ela a *Big Joe*, num momento de confidências—eu me senti fraquejar: uma noite arrastei-me até minha velha aldeia, numa saudade, e fui-me sentar à beira da estrada entre outros mendigos, para ver aquele que tinha sido meu esposo. Vi-o. E vi meu filho, que era agora um alto e bonito rapaz; mas minha filha não pude vê-la...»

O marido tinha olhado na direção dela, de passagem, mas não a reconheceu. Lo Mo disse a Padre Sweeney: «Nesse instante, meu coração quase me atraiçoou. Julguei que me ia saltar da garganta para fora, e que o seu nome me sairia dos lábios. Mas não. Não dei um grito!» rematou ela, erguendo a mão com orgulho.

Uma noite, foi isto no outono passado, quando *Big Joe* e a sua tripulação de chineses andavam rompendo o bloqueio nipônico para obter alimentos e óleos para o leprosário, veio um bote japonês interceptar-lhes o caminho. Trocaram-se tiros de metralhadora, e os japoneses abalroaram o barco de contrabando, que começou logo a fazer água. *Big Joe*, quando viu perdidos os seus suprimentos, pensou que devia ao menos salvar a própria pele, para que os pobres leprosos não ficassem doravante abandonados.

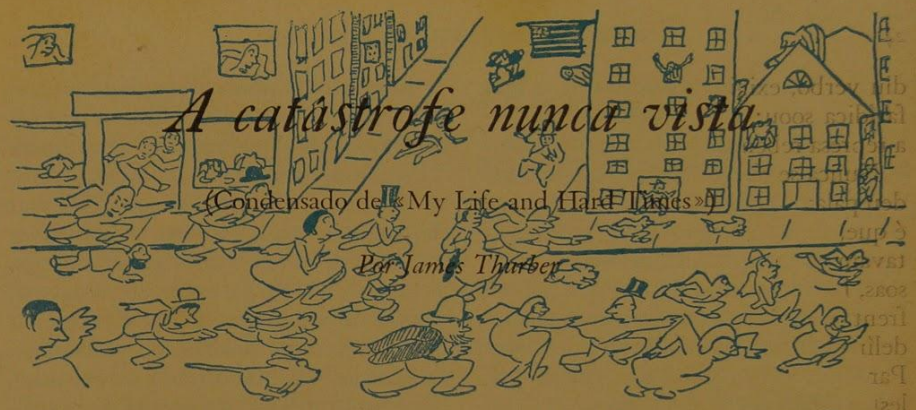
Despiu-se, e deixou-se escorregar pela borda do barco até cair nas águas tépidas e negras do Mar da China. Durante muito tempo os projetores japoneses varreram as ondas em busca dele: mas cada vez que a cauda de luz se aproximava, ele metia-se todo debaixo da água, e assim conseguiu escapar. Nadou e flutuou durante seis horas e, ao amanhecer, trôpego e exhausto, deu na praia de uma ilhota deshabitada.

Duas semanas correram, e os leprosos de Porta do Céu estavam desolados. Rezavam a Deus pelo regresso de *Big Joe*, mas já sem grande esperança. Foi então que, certa manhã, os japoneses da banda de lá do rio ouviram com espanto os agudos gritos de alegria que lançavam os moradores da colônia de horror: um pescador chinês tinha encontrado o Padre Sweeney, e *Big Joe* estava de regresso, são e salvo, aos seus leprosos.

De homem para homem

¶ Mestre da prosa colorida, Winston Churchill combate continuadamente a linguagem pomposa e obscura dos funcionários de Whitehall. Depois de ler o esboço de um dos muitos discursos de Anthony Eden, escrito em uma forma vaga, sobre os problemas do após-guerra, ele o enviou novamente para o seu Ministro do Exterior, com a seguinte nota: «Li o seu discurso, e acho que V. usou todos os clichês conhecidos no idioma inglês, exceto o «Queira abotoar-se antes de sair».

—Allan A. Michie



A catástrofe nunca vista

(Condensado de «My Life and Hard Times»)

Por James Thurber

De boa-vontade eu teria esquecido para sempre o que passei com a minha família, naquela tarde pavorosa de 1913, quando, por todo o Bairro Leste da populosa cidade de Columbus, no Ohio, se propagou como fogo no mato este grito de alarme e terror: «A represa rebentou!»

No momento em que se produziu o pânico, o Bairro Oeste de Columbus, a julgar pelo que se apregoou, já estava submerso em nove metros de água das grandes inundações da primavera!

O boato da ruptura da represa, se bem me lembro, começou a correr por volta do meio-dia, aos 12 de março. High Street, centro e artéria principal do comércio da terra, zumbia na costumada atividade. De repente alguem desatou a correr. Pode ter sido um sujeito que se lembrou subitamente de que prometera estar em casa para o almoço àquela hora; fosse lá o que fosse, o homem correu *para leste* . . . Logo outra pessoa—seria talvez um moço jornaleiro com disposições esportivas—largou a correr atrás dele. Em seguida foi um portentoso negociante que passou, não se sabe como, do passo ordinário ao trote. Em suma, dentro de dez minutos, desde a Estação Central da E. F. até o Tribunal—toda a gente corria na High Street, com um desespero que tinha tanto de trágico como de cômico.

É sabido que das multidões em marcha sai sempre uma voz ululante e confusa. Desta vez a voz cresceu, subiu, e por fim cristalizou na surda e sinistra palavra *dam* — a represa! Associada à inexplicavel correria, a palavra *dam* pe-

diu verbo, exigiu predicado—e a frase fatídica soou: «*The dam is broken!*»—a represa rebentou!

Nunca se chegou a saber quem é que deu palavras e pernas ao terror. O certo é que, de um instante para o outro, estavam em fuga desabalada duas mil pessoas, havia pouco serenas. Passavam em frente da nossa porta, às centenas, num delírio pânico, berrando: «Para leste! Para leste!»—quer dizer, fujam para leste, fujam do rio, ponham-se a salvo...

A gente saía das casas correndo, deixando fogões acesos, comida fervendo na panela, as portas escancaradas. Minha mãe, lembro-me como se fosse ontem, agarrou dois pães e uma dúzia de ovos; a idéia dela, coitada, era ir refugiar-se conosco na torre do Palácio da Memória, que ficava a dois quarteirões de distância de nossa casa. Mas as irresistiveis multidões, com o seu berro «para leste!» arrastaram-na sem ela querer, rua acima. E com ela fomos todos nós. Vovô, cujas reações eram todas ditadas pela idéia, reconhecidamente falsa, de que vinha por alí fora de freio nos dentes, à carga, a cavalaria dos Confederados (ele era do tempo da Guerra Civil!) virou-se para o populacho com os modos irados de um profeta bíblico, e exortou os homens a cerrar fileiras, e a opor a barreira dos seus corpos à torrente da «cavalaria rebelde». Creio que ele estava um pouco caduco—mas apesar disso acabou por perceber que era a represa que tinha rebentado, e então, bradando «Para leste!» com a sua voz estentórea de veterano da Secessão, ergueu num braço um gurí e no outro um pobre escriturário enfezado, de seus 42 anos, e assim, qual outro quadro de tragédia antiga, fomos ganhando velocidade para juntar-nos aos que nos precediam.

Bombeiros e policiais, oficiais do exército em grande uniforme (nessa manhã, precisamente, realizara-se em Forte Hayes uma grande parada militar!) emprestavam o colorido bizarro das suas fardas às vagas crescentes do povoléu. «Para leste! Para leste!» gania uma garota com voz de gaitinha, ao passar em frente de uma varanda onde cochilava majestosamente um pesado coronel de infantaria. Habituado às grandes decisões instantâneas, o coronel pulou da varanda para a calçada, e correndo às de vila-diogo, não tardou a passar à frente da gurizinha, berrando por sua vez «Para leste!» numa voz de baixo profundo, acostumada ao comando. O baixo profundo e a voz de gaitinha fizeram esvaziar rapidamente todas as casas daquela rua. «Que é que há? Que se passa?...» perguntou um sujeito gordo e ansioso, que patinhava ao longo da rua com dificuldade, interceptando o passo ao coronel. O militar afrouxou o acelerado, e perguntou por sua vez à menina o que é que havia... «A represa rebentou!» respondeu ela quase sem voz. «A represa rebentou!» disse o coronel com voz de trovão. «Para leste! Para leste!» E daí a pouco, levando ao colo a exhausta menina, o brioso militar marchava à cabeça de uns trezentos retirantes espavoridos.

«Eu tomei pela Town Street, correndo para leste,» contava depois minha titia Edite. «Uma sujeita seca e alta, de olhos severos e queixada voluntariosa, corria rua abaixo em meio da calçada. A muito custo conseguí chegar junto dela, e perguntei-lhe, a deitar os bofes pela boca:—Que é que há?...

«A sujeita atirou-me um rápido olhar, acelerou mais a corrida e exclamou:—Não me pergunte a mim, pergunte a Deus!

«À esquina das ruas Grant e Town, passou-me adiante o dr. Mállory, gritando:—Estamos apanhados! Estamos apanhados!

«Dada a convicção e a autoridade que sempre caracterizaram as afirmações do dr. Mállory, fiquei certa de que, qualquer que fosse a calamidade que se avizinhava, estávamos fritos. Um rapaz veio correndo atrás de nós, em patins, e o bom do dr. Mállory tomou o guinchar dos rodízios no asfalto pelo som da água jorrando na calçada!»

NINGUEM jamais computou nem de perto nem de longe, quantas pessoas tomaram parte no memoravel pânico de 1913, porque o medo e a fuga terminaram tão bruscamente como se tinham desencadeado. A gritaria, a choradeira, a confusa evacuação da cidade, não chegaram a durar mais de duas horas. Poucas foram as pessoas que lograram alcançar Reynoldsburg, a uns 20 quilômetros; pouco mais de 50 atingiram o Country Club, a 14 quilômetros; mas a grande maioria delas desistiram pelo caminho, exhaustas, ou limitaram-se a subir nas árvores do Parque Franklin, a uma légua e pico da cidade. A ordem foi rapidamente restabelecida e o medo dissipou-se finalmente, graças aos corajosos milicianos estaduais, que se lançaram a correr por toda parte, em caminhões, berrando nos megafones: «A represa NÃO rebentou!»

O sol brilhou serenamente toda aquela tarde, e em parte alguma as águas deram sinais de ameaçar subir. Mais tarde, desfeito o pânico, e quando o pessoal todo, um tanto vexado, regressou a penates e aos seus afazeres, cada qual procurava a seu modo reduzir à insignificância os quilômetros que tinha percorrido, e todos ofereciam as mais imaginosas explicações para a sua própria fuga. Foi então que os engenheiros municipais informaram a laboriosa população de que, mesmo no caso de ter rebentado a represa, o nivel das águas nunca teria chegado a subir mais de 5 centímetros... no Bairro Oeste! E para que as águas tivessem podido engolfar as ruas do Bairro Leste, teria sido preciso que elas subissem do outro lado de Columbus uns 28 metros!...

No dia seguinte a cidade regressava às suas ocupações normais, como se nada houvesse acontecido. Ninguem aventurava uma piada sobre o caso. E só ao fim de mais de dois anos é que os mais animosos e gracejadores se atreveram a falar no caso em tom menos grave!

Já lá vão trinta anos, e ainda hoje há pessoas em Columbus, Ohio, que se fecham na concha como tímidas amêijoas, se alguem, na presença delas, menciona aquela Tarde do Grande Pânico!

¶ AS CRIANÇAS da Polônia têm hoje nova maneira de brincar. Onde quer que não haja alemães à vista—nas ruas, nos quintais ou nos terrenos baldios—elas se dividem em dois grupos. Um deles, empunhando varas à guisa de rifles, é o pelotão de fuzilamento. O outro grupo—e as crianças geralmente preferem a ele pertencer—se alinha de encontro a uma parede, para ser fuzilado. O «oficial» dá ordem de fogo, e as crianças junto da parede gritam «Viva a Polônia!» e caem. —*Poland Fights*

¶Os nazís foram buscar lã à Dinamarca—e saíram tosquiados!

Há bom humor na Dinamarca

(Condensado da «New Republic»)

Por C. H. W. Hasselriis
Diretor da National America Denmark Association

Vêm-se esforçando os nazistas por fazer da Dinamarca a montra de exposição das belezas duma Alemanha-Maior. Assim, os invasores se têm mostrado o mais amaveis que é possivel, fazendo tudo ao seu alcance para cativar, para agradar, chegando a anunciar, duma maneira bem ingênua, que hão-de fazer-se estimar sistematicamente. Mas é alí, tambem, que têm chegado ao mais desastroso dos fracassos...

A Dinamarca não ofereceu resistência às hordas invasoras da Alemanha porque se encontrava fisicamente impossibilitada de fazê-lo. Ao país, que outro não há mais educado e instruido, faltavam-lhe os armamentos de guerra. Vira-se obrigado a ter que confiar na garantia de não-agressão, dada pela Alemanha em 1939. Mas, desde a ocupação militar de 9 de abril de 1940, a sua resistência tem sido notavel.

A oposição dinamarquesa atravessou primeiro uma fase em que se manifestava por amargo e frio sarcasmo, que enfurecia os nazís, por não lhes dar pretexto à retaliação. Recentemente transformou-se em antagonismo aberto e sabotagem.

Pouco depois da ocupação, um vendedor de jornais expôs no seu quiosque um cartaz anunciando um livrinho para se aprender a língua inglesa: «Aprendam inglês antes que cheguem os nossos amigos ingleses.»

Quando o ameaçaram por tal atrevimento, imediatamente substituiu o seu cartaz por este outro: «Aprendam alemão antes dos nossos amigos alemães partirem.»

Nos escritórios do maior jornal de Copenhague há um grande retrato de Churchill, emoldurado, que muito arrelia os nazís. Mas nada podem fazer para remediar a situação, visto que a gravura foi cortada duma revista de Berlim, e tem por baixo a legenda seguinte: «A expressão de desespero de Churchill, ao ter conhecimento da derrota da França.» E a frase «desesperado como Churchill» tornou-se o estribilho irônico dos dinamarqueses, principalmente entre os membros dos clubes Churchill, fundados pelos estudantes.

Aos nazistas com os seus uniformes verdes, puseram a alcunha de «gafanhotos». O epíteto tornou-se especialmente significativo depois dos dinamarqueses terem escolhido uma das histórias de Hans Christian Andersen para ser representada no palco do Teatro Real da Ópera. A história trata de uns pequenos insetos verdes, do tamanho de piolhos, que nunca poderiam compreender porque eram tão detestados. Os nazís proibiram o espetáculo; mas, pelo simples fato de o fazerem retirar da cena, admitiram publicamente ter reconhecido a alusão da fábula, e toda a Dinamarca se fartou de rir à custa deles.

Quando os nazistas pediram ao rei Cristiano que estabelecesse legislação especial contra os judeus, o avisado soberano respondeu: «Mas, como os senhores vêem, nós não temos problema judaico! Nós não nos consideramos inferiores a eles...» A intenção que da resposta se inferia deixou os alemães irritados, mas sem poderem fazer nada mais sobre o caso. Pouco depois o rei assistia aos serviços religiosos da Sinagoga, com todo o cerimonial.

Quando Hitler enviou ao rei um comprido telegrama de parabens pelo seu aniversário natalício, a sua lacônica resposta deixou os nazís de boca aberta, dizia apenas: «Muito obrigado.»

O chefe da polícia secreta alemã na Dinamarca, Werner Best (a cujo trabalho os dinamarqueses se referem sempre como «bestial»), pediu que lhe fossem entregues dez torpedeiros, o que seria uma parte consideravel da esquadra dinamarquesa. Ao evocarem os dinamarqueses a promessa alemã de que a esquadra deveria ficar intacta e nas mãos do governo dinamarquês, os nazistas protestaram logo que havia um mal-entendido: o que eles desejavam era apenas alugar os navios mencionados. «A Marinha dinamarquesa não é para alugar,» respondeu o rei com toda a seriedade.

«Pois então vamos tomar posse dela de qualquer maneira,» disse o chefe alemão. «Queira dar ordem para prepararem os navios, afim de nos serem entregues.»

Os dinamarqueses desarmaram os navios, desmontaram todas as peças de artilharia e apetrechos de bordo, que arrumaram em armazens. A seguir declarou-se um violento incêndio nesses armazens, que arderam até os alicerces. Os nazistas ordenaram então aos jornais que não fizessem a menor referência ao que se passara com os torpedeiros; mas o rei mandou que se içassem todas as bandeiras a meia-haste, e passou em revista oitocentos membros das tripulações respectivas, apertando-lhes as mãos, um por um.

Quando os alemães anunciaram que se iriam pedir pelas portas todos os metais velhos que se pudessem conseguir, por toda a parte surgiram cartazes recomendando: «Escondam toda a sucata.» Sempre que algum avião britânico tem sido abatido em território dinamarquês e os seus tripulantes aprisionados, estes são literalmente cobertos de presentes e de flores, que vêm de toda parte. Os dinamarqueses residentes em Inglaterra pediram à R.A.F. para bombardear os grandes estaleiros Burmeister & Wain, fabricantes dos maiores Diesel do mundo. E quando as bombas alí cairam, toda a Dinamarca exultou.

Durante algum tempo os alemães fingiram ignorar que se produziam atos de sabotagem na Dinamarca. Mas não se passava uma noite sem que o céu não fosse iluminado pelo clarão de algum fogo devastador, o que raras vezes acontecera nos tempos em que a paz reinava.

Grandes explosões danificavam estradas de ferro, e pontes. Na manteiga destinada à Alemanha descobria-se limalha de ferro. O peixe embarcado para lá verificava-se estar putrefacto.

São hoje tão numerosos os atos de sabotagem, que os alemães se viram forçados a consentir que a imprensa, à qual já tinham proibido fazer alusões ao assunto, relate agora até os mínimos incidentes, como aviso e ameaça ao povo dinamarquês. Mas casos de mais séria destruição, como quando os operários, de dentro, com a ajuda das bombas dos ingleses conseguiram paralisar o traba-

lho por mais de seis meses no maior estaleiro da Dinamarca,—esses não podem tornar-se públicos.

O trânsito é constante entre a Inglaterra e a Dinamarca. Os dinamarqueses fogem pela Suécia, e, ajudados pela R.A.F., regressam por paraquedas, viajando livremente por toda a Dinamarca, sendo recebidos e ajudados pelos seus compatriotas. Repetidas vezes têm sido oferecidos prêmios consideraveis, em dinheiro, pela denúncia de qualquer dinamarquês de sentimentos anti-teutônicos. Mas até hoje ainda ninguem se apresentou afim de receber a prometida recompensa.

«Surpreende-nos que os dinamarqueses esperem tudo o que é bom da Inglaterra, ao passo que da Alemanha só esperam que lhes venha o mau,» confessava-me uma vez um jornalista alemão, com aquela ingenuidade, que é tão típica nos alemães.

É claro que os alemães suprimiram romances como *For Whom the Bell Tolls*, *The Moon Is Down*, *This Above All*, e *The Keys of the Kingdom*; mas as organizações secretas se encarregam de os fazer circular no país. Há vinte-e-quatro jornais clandestinos, um com uma tiragem de 50.000 exemplares. Se os redatores deste jornal fossem presos esta noite, novo corpo de redação o faria sair, secretamente, amanhã à mesma hora.

A razão principal por que os nazís se abstêm de praticar abertamente violências, é que sempre vão conseguindo tudo quanto querem; se recorressem a represálias, isso só serviria para tornar-lhes a vida mais dificil alí, sem lhes proporcionar vantagem alguma.

Os alemães têm *requisitado* mais de metade das esplêndidas manadas de gado dinamarquês, três quartas partes dos seus porcos, cinco sextos da sua criação de galinhas, toda a produção de cimento, e o uso dos estabelecimentos de construções navais. E *pagam* tudo isso com marcos da ocupação alemã.

Os nazistas pediram 150.000 operários para as fábricas da Alemanha, com a promessa de que os operários dinamarqueses — diferentemente dos trabalhadores dos outros paises—teriam os mesmos direitos que os alemães. Mas até agora, apesar de toda a pressão usada por meio de agências de beneficência, ainda não conseguiram contratar mais de 35.000 dinamarqueses.

Ao cabo de três anos de promessas e desilusões dos alemães, a Dinamarca conseguiu finalmente realizar uma eleição popular livre.

«Isto prova a nossa tolerância e generosidade,» disseram os invasores. Mas a votação surpreendeu os alemães; foi a maior que jamais se registou na Dinamarca. Os dois milhões de votos entrados nas urnas representavam 90% do eleitorado, e 55% da população. E o partido nazista da Dinamarca recebeu menos de 2% destes votos...

Nos Estados Unidos, o ministro da Dinamarca, Henrik de Kauffmann, cortou relações com o governo de Copenhague, agora regido pelos nazistas, e negociou o tratado que coloca a Groenlândia sob a proteção americana, o que causou grande júbilo na Dinamarca. Mantem igualmente em dia os pagamentos de títulos de empréstimos dinamarqueses de que sejam portadores os cidadãos dos Estados Unidos.

«As nossas aspirações de paz são simples,» disse recentemente o dr. de Kauffmann, que é muito estimado. «Nós não temos ambições territoriais; de fato, a nossa única ambição é viver em liberdade».

Dê voz aos seus encantos

(Condensado da revista «You»)

Hoje em dia, graças ao rádio e ao cinema, começamos a perceber melhor a importância que tem a nossa voz para a impressão que causamos aos outros. Surgem então, por toda parte, escolas para a educação da voz; alem das mantidas pelas companhias de cinema, há em Hollywood mais vinte e quatro escolas independentes e centenas de professores.

Quem sabe usar bem a voz, pode ser ouvido a grande distância, mesmo sussurrando. Perguntaram um dia a Walter Houston como fazia para que um simples murmúrio seu fosse ouvido distintamente do alto das galerias. «Ora,—respondeu ele muito simplesmente,—eu murmuro para me fazer ouvir!»

Se os tendões do pescoço ficam salientes quando a senhora chama a cozinheira, e se chega em casa completamente rouca depois de uma reunião social, pode estar certa de que não sabe usar a voz. Para melhorar-lhe a ressonância, coloque a mão sobre o peito, e fale com diferentes tons até achar o de maior vibração. Faça isto diversas vezes por dia, sempre que falar no telefone, por exemplo.

Muitas vezes temos coisas interessantes para dizer, e no entanto não conseguimos fazer-nos ouvidos; o defeito em geral está no tom de voz, e não na escolha de palavras. Segundo Lisa Sergio, a «locutora da voz de ouro», «a maioria das pessoas procuram exprimir os pensamentos unicamente pelo sentido das palavras, sem que lhes ocorra a idéia de controlar a voz, para pôr em relevo o que querem dizer.»

Ler poesia em voz alta, ensina a fazer com que a intonação da voz esteja de acordo com o sentido das palavras, o que, no fundo, é o grande segredo de uma conversa interessante.

Quem entrar de improviso na sala de aula de uma escola dramática de Hollywood, pode dar com o espetáculo surpreendente de um rapaz, abraçado a uma moça, a murmurar-lhe apaixonadamente: «Um-dois-três-quatro-cinco!» Ele está aprendendo a usar a voz de maneira tão expressiva, que, ainda dizendo um-dois-três-quatro-cinco, dá a entender perfeitamente que quer dizer: «Querida, eu te amo!» Faça uma experiência pensando «Que pena! Tenho que me ir embora!» e diga «Um-dois-três-quatro-cinco» até sentir que sua voz exprime perfeitamente a pouca vontade que tem de se ir. É um exercício básico e, com certeza, de grande utilidade.

Ouvir boas vozes, apreciando-lhes a qualidade, ajuda muito a melhorar sua própria maneira de falar. Os funcionários da parte administrativa de uma grande emissora norte-americana descobriram que, embora nunca tivessem que falar para irradiação, no fim de algum tempo, o timbre de suas vozes melhorara consideravelmente—resultado inconciente de prestar atenção e discutir constantemente a maneira de falar dos outros. Alguns professores aconselham educarmos o ouvido, procurando classificar as pessoas pelo timbre da voz, pois acabaremos por ter maior conciência de nossa própria maneira de falar. São citados como bons exemplos de vozes do cinema Greta Garbo, Lio-

nel Barrymore, Paul Muni, Rosalind Russel e Greer Garson. Mas não é aconselhavel procurar imitar a voz de ninguem, e os entendidos dizem que é sempre preferivel uma voz ruim a uma voz afetada.

Já que nem seu melhor amigo terá coragem de dizer-lhe que sua voz é feia, eis uma maneira de verificá-lo. Fique em pé num canto, de cara para a parede, e declame com sentimento os versos de um grande poeta; terá ouvido sua voz com o máximo de musicalidade. Agora procure ouvir a si próprio, falando irritado com alguem, e terá ouvido sua voz nas suas peores intonações. Refletida pela parede, a voz ressoará mais ou menos como a ouvem os outros. Assim verificará quais os sons que deve procurar cultivar, e quais os que deve evitar; mas a maneira verdadeiramente rigorosa de saber o som que ela tem, é gravá-la num disco.

Os atletas têm geralmente vozes de timbre alto devido à contração muscular. Tensão nervosa e emotiva podem tornar as vozes agudas e desagradaveis. A maioria das mulheres americanas tem voz estridente, por causa da tensão nervosa em que mantêm os músculos da garganta e dos maxilares. Uma maneira de relaxar esta tensão é bocejar e espreguiçar-se.

Madame Barbereux Parry, que dirige várias escolas de voz, baseia seu método no princípio da «libertação da voz». As crianças pequenas, diz ela, usam a voz na perfeição; somente quando crescem e são obrigadas pelos adultos a falar mais baixo, é que ficam com as vozes forçadas e sem graça. Para reduzir a tensão muscular, pede às alunas que imitem a postura da Venus de Milo.

Quase todos os professores chamam a atenção sobre a importância dos exercícios respiratórios. Uma das professoras de Hollywood obriga seus alunos a quinze minutos de exercícios respiratórios todos os dias; alguns chegam a desmaiar à primeira vez, de tão deshabituados que estão de respirar com todo o pulmão.

Tambem são recomendados exercícios para língua, lábios e cordas vocais do tipo de certas frases dificeis de pronunciar como estas: «Pinga a pipa, pia o pinto; quanto mais a pipa pinga mais o pinto pia!» Ou então, «Eis um ninho de magafagafos com sete magafagafinhos, quem os magafagafizer, bom magafagafizador será.» Outro exercício é procurar dizer todas as vogais claramente mantendo a boca fechada; ou melhor ainda, mordendo uma rolha com os dentes, procurar falar de maneira que todas as palavras sejam compreensiveis.

Para saber se sua voz é fanhosa, tape o nariz e diga o alfabeto inteiro; se estiver falando como deve, somente os «m» e «n» mudam de som. A voz nasalada é devida a certa inércia do véu palatino e da campainha—aquela parte que fica fria quando se come hortelã-pimenta—que está encarregada de fechar, exceto para os sons nasais, a comunicação entre a garganta e o nariz, quando se fala.

Para conseguir absoluto controle da voz é preciso tempo. Robert Taylor levou dois anos para libertar-se de certos tons nasalados peculiares à região onde nascera. Katharine Hepburn levou um ano adquirindo sua maneira de falar. Vale a pena, porem, fazer esforços para ter uma voz melodiosa e interessante, pois inconcientemente os outros nos julgam mais pelo som de nossas vozes de que por outra qualquer característica pessoal.

Precursor da boa vizinhança

(Condensado do «Future»)

Por J. P. McEvoy

Precisam-se: milhares de moços capazes de seguir na pegada de um pioneiro da Boa Vizinhança.

A UNS 40 quilômetros do rum—e da rumba—da Havana, iremos encontrar o amigo Dayton Hedges, ianque de nascimento, que há bons vinte anos apareceu por Cuba a vender um carregamento de cimento, e por lá se deixou ficar para constituir família, uma indústria, acumular uma fortuna, e erigir-se enfim em expoente máximo do que realmente se entende, nos Estados Unidos, por Política da Boa-Vizinhança.

Hedges era, antes da primeira guerra mundial, empreiteiro-construtor de pavimentos em Nova York. Ganhava bom dinheiro. Mas quando, por causa da conflagração, salários e preços dispararam em carreira louca para as nuvens, Hedges viu-se com um milhão de dólares em contratos entre mãos, mas sem um centavo de lucro. A gestação do desastre durou nove meses: falido, o empreiteiro tomou o rumo do Sul.

Mas a fortuna bafejou-o: é hoje proprietário de uma fábrica de fiação e tecidos de algodão, a mais moderna do mundo—não lhe faltando sequer acondicionamento de ar nem iluminação a tubos fluorescentes!—onde se empregam dois mil operários cubanos, na sua maioria antigos agricultores que viviam fazendo prodígios para não morrer de fome. Das famílias desses tecelões, quatrocentas moram hoje em casa própria; e todos os sábados à tarde, de verão e de inverno, entram 25.000 dólares de salários na vila de Bauta, situada na fronteira dos domínios de Hedges, o ianque. O salário médio anual do operário cubano, na indústria do açucar, é de 92 dólares. Os tecelões de Hedges ganham 900. O operário do açucar, em Cuba, trabalha apenas dez semanas, que é quanto dura a safra. Os tecelões de Hedges trabalham 48 semanas no ano, e recebem salário inteiro pelas quatro semanas restantes, durante as quais gozam de férias. Em cima disto, boa parte dos lucros da fábrica são canalizados para a construção de casas de família, parques, jardins, clubes e outros benefícios, que os operários têm tempo e dinheiro para desfrutar, pois que só trabalham seis horas por dia, sendo-lhes apesar disso pago o salário mínimo legal pela jornada de oito horas.

Hedges orgulha-se de que a sua fábrica é a única usina algodoeira do mundo que trabalha dia e noite, no verão e no inverno, a quatro turnos por dia, sem uma greve, suspensão de serviço, ou qualquer sério conflito com os operários.

Dayton Hedges é destes homens que subiram na vida à força de pulso, como sói dizer-se. Seu pai foi capitão de baleeira, em Long Island, depois fazendeiro; e Dayton, em garoto, cavou batatas e trabalhou numa fábrica de algodão. Hoje, com quase 60 anos, é um homem pesado e espadaudo, que se pode ver na sua confortavel cadeira de balanço, na varanda de uma casa baixa e vasta, situada num maravilhoso parque de pal-

meiras reais gigantes... A poucas centenas de metros dalí avista-se a enorme fábrica, que atravanca a paisagem tipicamente cubana, sua complexa maquinaria rugindo de dia e de noite como uma cachoeira distante, e que só para às 6 da manhã dos domingos, produzindo então um silêncio tão súbito, que desperta toda a gente nas vizinhanças.

A varanda faz frente ao parque que Hedges mandou construir para os seus empregados—campo de beisebol, arquibancadas, flores, palmeiras, e um coreto para a banda de cem executantes, todos eles operários.

Este patrão raras vezes põe os pés no seu escritório da fábrica; dalí dirige todo o negócio, sentado naquela cadeira de balanço. Os operários, que entre si, quando falam dele, o tratam de *el viejo* ou *el toro*, vêm ter com ele alí para discutir seus problemas financeiros e domésticos, para tomar dinheiro emprestado, ou pedir emprego para os parentes e amigos.

«Com a experiência dos vinte anos que levo neste país—é Hedges quem fala—posso lhe assegurar que o operário cubano é industrioso e aprende depressa. Todo meu pessoal é cubano, com exceção de meu filho Jimmy, que é o presidente da companhia, de outro filho meu, o Burke, que é o vice-presidente encarregado da produção, e de dois superintendentes americanos. Todos os outros que aquí desempenham funções de responsabilidade, frequentaram escolas com o fim de aprender o necessário aos seus cargos, e começaram a trabalhar na base. A rotação do nosso pessoal é tão insignificante, que nem a tomamos em consideração. Todos os operários com quem começamos ainda estão por aquí, e aquí criaram os filhos, que hoje trabalham conosco. Há aí uma família de dez membros que, entre todos, ganham cerca de uns 1.000 dólares por mês. Olhe que numa aldeia cubana, uma família com essa receita pode levar vida regalada!

«Minha mulher, meus filhos e eu, temos vivido e trabalhado aquí no campo, entre os cubanos, nossos vizinhos e amigos: acho que podemos dizer que os conhecemos bem... E se, como vizinhos, os temos ajudado, é mais para que eles se ajudem a si próprios. Não se trata de filantropia—o benefício é mútuo, para a empresa e para os empregados. Assim é que eu entendo a política da Boa Vizinhança.

«Por exemplo: temos dentro da propriedade uma clínica gratuita, com dois médicos, um dentista, um técnico de laboratório, e três enfermeiros. A obra não tem qualquer carater filantrópico. O povo desta região sempre foi vítima dos parasitas intestinais; quando o pessoal entra aquí para trabalhar, a gente trata-lhe logo da saude, e conserva-o daí em diante em boa forma. É uma coisa boa para eles, e boa para a empresa. Todo o trabalho odontológico é gratuito, menos os materiais, que são pagos pelo custo. Se querem um dente de ouro pagam pelo metal—mas uma obturação a prata custa-lhes apenas 50 centavos (10 cruzeiros), e uma dentadura postiça, completa, capaz de rilhar pedras, custa-lhes apenas 9 dólares e meio!

«Já vai em alguns anos que eu pus em prática a idéia de dar às operárias dez semanas de férias com paga, quando estão para ser mães. Alem disso, pago as despesas do parto, e ofereço um prêmio de 20 dólares por cada bebê, e 50 por cada par de gêmeos, na presunção de que, quanto mais bebês vierem, mais trabalhadores haverá. Atualmente a lei cubana impõe o seguro da maternidade, e todo patrão é obrigado a pagar à parturiente quatro semanas antes e quatro semanas depois de dar à luz. Mas foi aquí que isso teve começo.»

Hedges organizou uma vila de operários por assim dizer no seu quintal: armazem, açougue, restaurante, clube, escola, e mais de cem casas de família, mobiladas e dotadas de jardins privativos, gratuitas para os empregados com melhor folha de serviços.

Dayton Hedges crê que se Horace Greeley ainda estivesse vivo, diria hoje «*Para o Sul, meu rapaz*» em vez de «Para o Oeste!» Diz ele que há hoje na América Latina mais e melhores condições para vencer, do que vinte anos atrás, quando ele arribou alí. E é sua opinião que depois desta guerra, dadas as infinitas reservas naturais da América Latina, a sua capacidade industrial ainda em grande parte inexplorada, e a perspectiva de subida do nivel da existência dos seus 145 milhões de habitantes, se há-de nela verificar uma intensa procura de capitais, de técnicos experientes e de gerentes capazes.

Eric Johnston, presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, após uma viagem que fez recentemente pela América Latina, expressava nestes termos o seu ponto de vista: Dada a necessidade de explorar as matérias-primas de cada nação, transformando-as em bens de consumo para os respectivos habitantes, a industrialização da América Latina vai custar muitos bilhões de dólares e consumir o esforço intensivo de algumas gerações.» Essa obra imensa oferece vasto campo de atividade a milhares de norte-americanos. Nem sequer se põe a hipótese de que esses norte-americanos vão tirar o emprego ou o pão aos naturais da América Latina. Muito ao contrário, a sua presença contribuirá para criar muitos milhares de novos empregos para a gente desses paises. Se nos mostrarmos dispostos, nós os americanos do Norte, a ir para a América Latina, não com o fim de explorá-la, mas para cooperar na obra da prosperidade geral,—nossos vizinhos do Sul preferirão que certas atividades corram por nossas mãos, de preferência a outras quaisquer. Ouçamos, mais uma vez, Hedges:

«Aquí mesmo em Cuba, por exemplo, a fortuna está à espera dos moços engenheiros que se disponham a explorar os imensos depósitos naturais de asfalto. Cuba importa ainda praticamente todo o arroz que consome, e pode-se dizer que não há um cubano que não coma arroz três vezes ao dia. O país é riquíssimo em madeiras duras e em minerais, pela maior parte ainda inexplorados.

«Veja o que foi o meu caso. Até há uns dez anos, todos os nossos artigos baratos de algodão eram importados. Havia pois um domínio, ainda virgem, na indústria, e ninguem curava de se meter a explorá-lo. Para construir esta fábrica, andei de chapéu na mão, a pedir emprestado, e custou-me muito convencer os nossos fabricantes de maquinaria dos Estados Unidos a fornecer-nos equipamento a crédito.

«Naqueles primeiros anos a coisa esteve difícil para nós. Mas hoje estamos fabricando quase todo o pano barato de algodão que se consome em Cuba—e os cubanos compram até o último fio as 270.000 jardas de panos que tecemos diariamente. Não se exporta uma peça! Quando estiver pronto o nosso pavilhão anexo, agora em construção, teremos invertido aquí cerca de 7 milhões de dólares—ganhos aquí mesmo, do pri-

meiro ao último, e aquí despendidos—se excetuarmos a importação de maquinaria.»

Hedges é dos que não acreditam no «absenteismo» do proprietário. Alí sentado na sua cadeira de balanço, espiando da varanda com paternal cuidado a sua empresa, gosta de citar o velhíssimo provérbio, segundo o qual «o olho do dono engorda o cavalo». Nem crê que a América Latina volte jamais a acolher com simpatia o capital estrangeiro que alí pretenda entrar sob o antigo regime do capitalista ausente. As empresas estrangeiras que se lancem a novas iniciativas industriais ou comerciais na América Latina, devem admitir à sociedade os capitais nacionais, compartilhar com homens do país a gerência e os lucros; de outra forma, não faltarão meios de lhes anular os esforços.

«Ao jovem americano que, depois desta guerra, se orientar para o Sul,—opina Hedges—não faltarão ocasiões de começar como empregado de alguma filial de qualquer empresa norte-americana, até ter aprendido a língua e os costumes do país, e possuir o conhecimento direto das oportunidades que o novo ambiente lhe oferece. O mais depende da sua própria iniciativa, imaginação, indústria, e carater, que é, este último, o que inspira o crédito bancário.

«Acima de tudo, ser-lhe-á imprescindivel o talento para criar amigos entre gente de língua, cultura e tradições estranhas—e a fibra de alma necessária para constituir família e erguer um lar em terra alheia. Não deve ele ser apenas mais um desses norte-americanos que recusam aprender a língua do país, falam sem cessar em «voltar para a terra», e estão sempre com um pé no chão e outro na prancha de embarque. Deve vir preparado para se integrar na vida da sociedade que elegeu sua, gastar o seu dinheiro alí onde o ganha, e por todos os meios esforçar-se para ser um Bom Vizinho!»

«Capitalização» nazista

UM INDUSTRIAL sueco, que visitou Berlim, trouxe da Alemanha a seguinte história sobre o moral do povo germânico:

Certo cidadão foi consultar o diretor do banco de que era freguês. —Economizei 1.000 marcos. Qual é a melhor maneira de empregá-los?

O diretor sugeriu apólices de guerra. —*Der Führer* garante a inversão do seu dinheiro.»

—Mas *Der Führer* tambem é mortal. E se ele morre?

—Então Goering garantirá o seu dinheiro.

—Mas Goering é aviador, protestou o cliente.—Ele pode sofrer um acidente.

—Então, gritou o diretor do banco, o sr. terá todo o Partido Nazista para garantir o seu dinheiro!

O cliente não estava convencido. —Se o exército for derrotado, o partido tambem cairá.

Desta vez, o diretor, em vez de gritar, curvou-se para o seu cliente e murmurou-lhe: —Homem de Deus, então isso não valeria o sacrifício de 1.000 marcos?»

—Hans A. Illing

Retalhos do drama cotidiano

O bom menino

—II—

Por Henry Morton Robinson

O PEQUENINO RAFE movia-se no seu berço enfeitado de fitas, com os olhos fixos nas nuvens que rolavam no céu, e tentando por vezes apanhá-las nos dedinhos rechonchudos e mimosos. Era o nosso primeiro encontro, e ninguem poderia então prever, vendo-o assim tão risonho e sadio, quanto a sorte lhe ia ser madrasta.

«Vocês dois devem travar conhecimento», disse-me a mãe do garoto, com um sorriso a iluminar-lhe o lindo rosto. «Rafe prefere sempre gente grande. Olhe—já se tomou de amores por você.» Respondí ao interesse do pequeno como costumam fazê-lo as pessoas que são loucas por bebês, e desse modo teve começo entre nós uma amizade inesquecivel que duraria alguns anos.

A felicidade, porem, não havia de pairar muito tempo sobre a infância de Rafe. Seus pais se haviam divorciado, e, embora a mãe se dedicasse a ele de corpo e alma, procurando saciar-lhe a sede intensa de carinho, não conseguiu, ainda assim, evitar a tragédia que o aguardava.

Jenny, a ama seca de Rafe, tinha um namorado. Este insistiu com ela, certa noite, por que o acompanhasse a uma festa. Rafe, geralmente custava muito a conciliar o sono, mas a rapariga conseguiu fazê-lo adormecer. Receando, porem, que ele acordasse mais tarde, fez, na sua ignorância, qualquer coisa de monstruoso. Ouvira dizer a alguem que o clorofórmio provocava um sono longo e profundo. Aplicou à criança uma dose da droga, e ausentou-se tranquilamente.

Quando a mãe de Rafe veio beijar o filhinho, aproximando-se do berço nas pontas dos pés, teve a impressão de que ele estava morto. Apavorada, acordou toda a casa, averiguando, então, que a ama seca estivera ausente a noite inteira, e ainda não tinha voltado. O médico, chamado às pressas, levou mais de uma hora para reanimar o corpo inerte do pequeno. Só depois de vê-lo salvo, declarou que a criancinha havia sido cloroformizada.

Dentro de poucos dias, começou Rafe a sofrer violentas convulsões que lhe contorciam o corpinho em horriveis espasmos. O médico não podia precisar se o clorofórmio havia atingido os tecidos cerebrais, ou apenas provocara uma crise passageira. Os maiores especialistas foram consultados, sem que pudessem chegar a conclusão alguma.

Quando o pequeno era acometido por novo ataque, a mãe o tomava nos braços—e era este o só recurso que parecia aliviá-lo um pouco. Essa comunhão na dor fez que os laços que uniam aqueles dois seres se tornassem ainda mais fortes. Por vezes, quando a pobre senhora se achava à mesa com seus convidados, a enfermeira entrava na sala, e, a um aceno seu, a mãe corria ao pé do filho a confortá-lo, até que a convulsão cedesse. Ao regressar, porem, à

sala, nada no seu aspecto sereno indicava a angústia, a aflição, por que acabara de passar.

Àquela altura, contraiu ela segundas núpcias com um homem egoista e autoritário, que lhe votava entretanto verdadeira adoração. O filho dele, Paul, tinha a idade de Rafe. Imaginaram os recem-casados, que as duas crianças seriam como gêmeos. A realidade, porem, veio desfazer-lhes os sonhos. A energia e a saude de Paul faziam ressaltar ainda mais a fraqueza de Rafe; o primeiro tomou-se aos poucos de indiferença e, depois, de desprezo pelo segundo.

O padrasto, por seu turno, mostrava-se invejoso da dedicação da mulher ao pequeno enfermo. Por mais que fizesse, não conseguia dominar o seu ressentimento. Certa feita, como estivesse ensinando Rafe a brincar com uma bola de borracha, começou o doentinho a tremer violentamente. «Pare com isto!» gritou-lhe o padrasto, irritado. Rafe entrou pela casa a correr, sacudido de soluços. Desde então, nunca mais jogou bola. Não podia tomar parte em nenhum dos jogos que fazem as delícias das outras crianças. Muitas vezes o vi, contudo, a seguir atentamente com os olhos as brincadeiras organizadas por Paul e os companheiros, o rostinho pálido colado ao vidro da janela. Meu amiguinho já tinha aceito o destino que o mantinha distanciado das crianças robustas e sadias.

Rafe, por outro lado, percebera instintivamente que a sua enfermidade aguilhoava os ciumes do padrasto, e não lhe passava despercebido a irritação deste para com ele. Então, ao sentir que o acesso se aproximava, ia fechar-se no quarto, e, ao despertar de cada ataque, exhausto, e sacudido ainda por terriveis tremores, perguntava sempre timidamente, numa vozinha mansa: «Papai me viu?»

Uma noite, achando-se os quatro reunidos à mesa para jantar, entrou Rafe a agitar-se na cadeira. «Fique quieto», ordenou-lhe o padrasto. O pobrezinho não conseguia, porem, controlar os músculos doentes. Exasperado, deu-lhe aquele um tapa no rosto. Surpreso e aflito, o garoto conteve as lágrimas até que a mãe lhe permitisse retirar-se. Ao dar boa-noite ao padrasto, que lhe estendeu a mão, Rafe, tomando-a entre as suas, disse apenas: «Se eu tivesse a sua mão, e você fosse pequeno, eu não lhe bateria nunca!»

Essa constante tensão emotiva agravou de tal modo a enfermidade que o médico aconselhou isolamento e repouso. Decidiu-se então que Rafe iria com a mãe para uma pequena ilha, um recanto tranquilo e pitoresco, onde lhe seria possivel viver em solidão. Era de fato um isolamento completo. Ninguem jamais atravessa a ponte que ligava a ilha a uma das margens do rio onde estava situada. A mãe de Rafe apanhava a correspondência e as encomendas no armazem logo à entrada da ponte. Ficavam a pescar no rio, horas a fio, na esperança de que aquele doce passatempo fizesse bem aos nervos do pequeno. Outras vezes, saltavam de uma pedra para outra, mas nisto Rafe não revelava —nem podia revelar—grande habilidade. À noite, a mãe lia-lhe histórias, até que ele adormecesse. Os meses alí passados foram provavelmente os mais felizes da existência de Rafe.

Este, no entanto, não apresentava melhoras, e era inutil, portanto, prolongar aquela experiência. Os especialistas lembraram finalmente que o levassem para um hospital de crianças enfermas e aleijadas, dirigido por freiras —a única esperança que restava.

Antes de partir para o hospital, o pequenino pediu: «Por favor, mamãe, vamos tirar um retrato juntos.» Foram a um fotógrafo, e ele, num dado momento, pensando na próxima separação, enlaçou com os braços o pescoço da mãe. O fotógrafo bateu a chapa naquele instante, gravando assim para sempre um momento feliz. Ao ver a primeira prova, Rafe pediu «Tirem uma cópia grande. Bem grande!» A mãe pôs a fotografia à cabeceira do seu leito, no hospital.

Por esse tempo, meu amiguinho reunira todas as suas forças para a fase final da tragédia que lhe sacrificara a vida. Prevendo o quanto amarga era a taça que lhe traziam aos lábios, cerrou-os num silêncio estóico. Parecia compreender que o hospital era a única esperança de cura que lhe restava. Ao despedir-se da mãe procurou suster as lágrimas. «Prometo ser bonzinho, mamãe, e, quando eu ficar bom, voltaremos juntos à ilha. Saltarei então de pedra em pedra como ninguem!»

Felizmente, a Irmã Verônica, Superiora do hospital, tinha um coração tão grande que havia nele abrigo para todas as pequenas almas que alí se achavam sob seus cuidados. Tomou-se de especial afeto pelo seu novo hóspede, e a amizade que unia a freira compassiva e o pequenino enfermo aumentou à medida que a doença se ia agravando. Ele emagrecera muito; os ataques se tornavam cada vez mais frequentes, e já mal podia dormir durante a noite. Por vezes, a Irmã Verônica o vinha encontrar insone, procurando alcançar o retrato da mãe, preso à parede, e a seguir-lhe com os dedos os traços adorados. Permitiu-lhe então que, se não conseguisse conciliar o sono, fosse bater à sua porta a qualquer hora da noite. Alí, encontrava Rafe conforto e carinho até o raiar da manhã.

Mas a chama da vida se lhe ia apagando aos poucos. A doença que lhe devastava o corpo não conseguia, no entanto, atingir-lhe a alma. Nunca ninguem lhe ouviu uma palavra de queixa; algumas lágrimas apenas—derramadas, ainda assim, em segredo—mostravam que bem sabia como a sorte lhe fora ingrata.

A mãe vinha vê-lo diariamente. Certa feita, porem, a altas horas, percebendo que a agonia se aproximava, a Irmã Verônica telefonou chamando os pais da criança. Ao vê-los, no limiar da porta, Rafe estendeu os bracinhos magros, e, como a mãe se curvasse sobre ele, passando os dedos pelo seu rostinho querido, perguntou pela última vez: «Eu fui um bom menino, não fui mamãe?» «Foi Rafe, foi sim», soluçou ela, apertando-o nos braços. Levantou os olhos para o retrato, à cabeceira da cama, e vendo nele os traços dos dedos e dos lábios da criança, sentiu-se tomada de uma terrivel angústia. Percebendo talvez o que lhe ia na alma, e tentando consolá-la, Rafe estreitou-a ainda mais nos braços.

A ilha, para os dois, já não estaria tão distante. Saltar de pedra em pedra, era agora um problema que já não mais o preocupava. Voltando-se para o pai, disse ainda com voz clara: «Obrigado por tudo o que fez por mim. Deixo-lhe minha mãe. Tome conta dela.»

O rio junto ao qual Rafe passara as melhores horas da sua vida corria cristalino, inundado de sol, e o marulho das suas águas embalou as derradeiras pancadas do seu pequenino e debil coração de martir.

À Coragem e ao Mérito

Casos típicos de heroismo na guerra atual

HAVIA SETE DIAS, sob o intenso frio do inverno, que aqueles marinheiros ingleses se achavam num barco salva-vidas, à mercê das ondas do Atlântico. Ao anoitecer do sétimo dia, avistaram um comboio que passava a umas três milhas de distância. Um deles ainda teve forças bastantes para romper em exclamações de alegria: dentro de uma hora estariam sãos e salvos.

Com as mãos geladas e trêmulas, um dos marinheiros procurou acender um foguete luminoso, mas deteve-se hesitante, e olhou para os companheiros, que lhe adivinharam o pensamento: se houvesse um submarino na redondeza, o foguete, visivel a muitas milhas, iluminaria o comboio, traindo-lhe a presença.

«É um tanto arriscado...» disse o marujo, e os outros baixaram a cabeça, concordando.

Lentamente guardou ele o foguete, e tirou a lanterna elétrica do bolso. Os demais imitaram-no. Perdidos na imensidade das águas, procuraram todos fazer sinais com as suas lâmpadas. Os navios não responderam, e, ao desaparecer no horizonte a silhueta indistinta do último, houve um silêncio de alguns minutos.

«É bom irmo-nos aconchegando para passar a noite», disse com lábios ressequidos o primeiro piloto.

E não se ouviu mais nem uma palavra, embora todos compreendessem perfeitamente que tinham sacrificado talvez a única oportunidade de salvamento. Caiu a noite, e mais uma hora interminavel se passou.

De repente, o marinheiro de vigia dá um berro; os homens, encolhidos no fundo do barco, levantam a cabeça devagar, e dão com uma luz a brilhar no meio da escuridão. Era um navio de guerra inglês que percebera os sinais das lanternas elétricas.

Boletins da Inglaterra

¶ QUANDO for escrita a história da segunda guerra mundial, haverá um capítulo dedicado aos indomaveis holandeses de Java, os quais, munidos de armas deploravelmente inadequadas, souberam escrever páginas verdadeiramente heróicas. Sabiam que acabariam morrendo; não se dispuseram entretanto a perder todo ensejo que tinham de matar primeiro alguns japoneses.

O bombardeiro de uma Fortaleza Voadora contou-nos o seguinte episódio: «Havendo saido de Java, acabávamos de aterrar num aeroporto da Austrália, quando ouvimos, à meia-noite, o ruido de um avião que se aproximava sozinho. Logo após ouviu-se a barulheira tremenda de outro avião que se esmigalhava contra o solo. Corremos para ver o que era, e deparamos com uma caranguejola, um biplano Curtiss antiquado, que se espatifara. Por baixo do aparelho estava o piloto que

soluçava batendo no chão com punhos cerrados. Era um holandês de uns quarenta anos de idade, e chorava, não por estar ferido, mas por ver que não tinha mais armas para prosseguir na luta.

«Ora, nós éramos poucos aviadores, e tínhamos de sobra um avião de mergulho; dissemos então ao holandês que poderia usá-lo. Ele nunca tinha voado neste tipo de aparelho, mas sua fisionomia iluminou-se. Com vinte minutos de instrução, considerou-se pronto, e pediu que lhe déssemos gasolina e bombas, porque estava ficando tarde, e tinha um encontro marcado pela madrugada com uns navios japoneses de transporte de tropas. Levantou vôo, rumando para o norte, e o último sinal que dele tivemos foi, no céu estrelado, um pouco de fumaça saindo de um cano de descarga. Sei que não estará mais vivo hoje, mas tenho certeza de que terá feito muito estrago antes de ser derrubado. Morreu satisfeito; que Deus o tenha consigo.»

—Robert Sherrod, num telegrama de Melburne para o *Time*.

¶ NO PONTO FINAL e culminante de sua existência material, Milorad Stosich tinha vinte e oito anos, e era guarda noturno na pequena cidade de Kranj, na Eslovênia, a bela região montanhosa ao noroeste da Iugoslávia. Era um rapaz modesto e tímido, ao qual ninguem prestava atenção; o fato de não ter passado despercebido aos nazistas, só se explica por certas circunstâncias que provocaram nele um sentimento superior a tudo quanto o nazismo simboliza.

Kranj é um dos centros de ocupação alemã. As montanhas que lhe ficam em volta, abrigam nas suas florestas inúmeros guerrilheiros, e Hitler é pois forçado a manter tropas naquela localidade. Uma manhã apareceu morto um alemão, numa viela escura. As autoridades militares arrebanharam dez refens, e anunciaram que os enforcariam se o culpado não se entregasse dentro de vinte e quatro horas. Uma hora antes de terminar o prazo, Milorad Stosich apresentou-se, confessou ter morto o alemão, e foi imediatamente enforcado. Tenho comigo uma fotografia que o mostra pendurado numa corda, na praça pública, com um letreiro que diz: «Este esloveno canalha agiu contra o Reich.»

Os habitantes de Kranj que conheciam Milorad Stosich, e sabiam ser ele um rapaz pouco dado a violências, fizeram uma investigação secreta do caso. A conclusão a que chegaram foi que ele se sacrificou voluntariamente, pois sabia que o verdadeiro responsavel se juntara aos guerrilheiros. E porque o fez Stosich? É que, na sua humildade, terá julgado talvez que os dez refens valiam mais para a causa do que ele.

Os alemães, posteriormente, vieram a saber que não fora ele o culpado, e procuraram prender de novo os refens que a sua abnegação pusera a salvo; mas já todos estavam nas guerrilhas. Nas escarpadas e lindas montanhas da Alta-Eslovênia há hoje um numeroso bando de guerrilheiros, originários, na maioria, de Kranj, e que tomou o nome de «Brigada Milorad Stosich».

Louis Adamic, *This Week*

¶ ATÉ os 18 anos, uma jovem necessita de bons pais. Dos 18 aos 35, de boa aparência. Dos 35 aos 55, uma mulher necessita de personalidade. Dos 55 em diante, de dinheiro à vista!

—*Kathleen Norris*

Pele nova para as queimaduras

(Condensado da «Hygeia»)

Por Lois Mattox Miller

Descobertas médicas recentes revolucionam o tratamento de queimaduras, que anteriormente causavam a morte ou desfiguravam horrorosamente as feições.

UMA CRIANÇA cai numa banheira de água escaldante; um bombeiro queima-se, horrivelmente, na explosão de uma fábrica de tintas; um piloto arrasta-se para fora de um avião espatifado, com as roupas envoltas em chamas. Todos eles constituem casos desesperados—ou tê-lo-iam sido, não há muito tempo. Hoje em dia são curaveis.

No ano de 1940, 7.900 norte-americanos, sendo quase metade crianças de menos de 5 anos, morreram de queimaduras. E, por cada vida perdida, pelo menos 12 pessoas ficaram marcadas com horriveis cicatrizes—pele repuxada ou enrugada, membros endurecidos, dedos imprestaveis. Mas nos últimos anos, pode-se mesmo dizer nos últimos meses, têm-se desenvolvido novos e notaveis métodos de tratamento de queimaduras. À medida que se espalhar o conhecimento destas novas técnicas, muitos casos de queimaduras, anteriormente fatais, serão curados, e, como que milagrosamente, não deixarão cicatrizes desfigurantes.

O recurso clássico, entre os remédios aplicados em queimaduras sérias, era o tratamento pelo ácido tânico. Durante 5.000 anos empregaram-se folhas de chá úmidas no tratamento de queimaduras. Em 1925, o dr. Edward C. Davidson, de Detroit, aplicou o ingrediente ativo do chá—o ácido tânico—e deu uma base científica ao remédio caseiro. O ácido tânico «cresta» literalmente os tecidos. Uma crosta espessa e dura cobre as extremidades expostas dos nervos. Isto alivia a dor, estanca os fluidos que se escapam do corpo, e age como uma cobertura sob a qual pode crescer uma nova pele.

Porem o ácido tânico não somente «cresta» os tecidos queimados, mas tambem os sãos que os circundam, destruindo células que deveriam estar produzindo pele nova. Daí resultam cicatrizes desfigurantes. Alem disso, o ácido tânico não destrói as bactérias; se os germes estão de emboscada na superfície queimada, é provavel que se desenvolva uma infecção por baixo da suposta crosta protetora.

Já em 1933, o dr. Robert Henry Aldrich, da Escola de Medicina de Harvard, começara a procurar um remédio para queimaduras que formasse crosta, não desfigurasse, e fosse, ao mesmo tempo, um potente germicida. Fez experiências com grande número de antissépticos, chegando finalmente às anilinas. Por fim, produziu uma eficaz combinação de três diferentes tinturas: violeta cristal, verde brilhante, e acriflavina neutra. Aplicando esta composição às chagas dos seus pacientes, no Hospital Municipal de Boston, conseguiu reduzir a mortalidade, em casos de queimaduras graves, de 34 por cento.

O método anti-infeccioso usual consistia numa forte fricção com sabão e antisséptico, mas o dr. Aldrich não o pratica, e toca na área queimada o menos possivel. Apara os pedaços de pele não aderentes, e em seguida, servindo-se de um pulverizador, espalha diretamente a sua tríplice mistura sobre a superfície queimada. Assim que uma camada seca, espalha-se outra, até a pele adquirir a aparência de um couro marron arroxeado. Os micróbios que escapam aos borrifos da tintura, logo apresentam um inconfundivel sinal de perigo: a área torna-se mole e úmida. O médico corta simplesmente esta pele e aplica nova camada de tintura. Os perigos comuns de infecção e toxemia são grandemente reduzidos.

Hoje em dia os médicos ingleses adotam o tratamento da tintura tríplice nas queimaduras de guerra. É especialmente valiosa no tratamento dos pilotos dos aviões de combate, os quais, quando atingidos pelo fogo dos aparelhos incendiados, ficam severamente queimados no rosto, mãos e pernas.

A tintura tríplice foi usada com ótimos resultados em queimaduras abrangendo até dois terços do corpo—outrora quase sempre fatais. A suavidade deste processo de cura é surpreendente. Gradualmente aparecem na «cresta» purpúrea umas pequenas ilhas de pele nova, rosada e normal, que se espalham pela superfície medicada. A pele não mais se enruga nem se contraem os tecidos. Qualquer operação de enxerto, se necessária, é feita nesta época. Sob o ponto de vista da estética, os resultados são bem mais favoraveis do que os obtidos pelo antigo tratamento.

E agora, a mais recente das sulfanilamidas promete ser ainda superior à tintura tríplice. Em cerca de dez meses, o dr. Kenneth L. Pickrell, do Hospital Johns Hopkins, tratou de 115 pacientes de queimaduras com sulfadiazina, e perdeu somente um. Os resultados são tão extraordinários, que o método é agora usado no tratamento de todas as queimaduras no referido hospital. Enquanto o paciente está sendo tratado do choque primário, já as enfermeiras começam a borrifar a área queimada. Frequentemente os pacientes com queimaduras superficiais ficam em condições de voltar para casa ao fim de duas horas. Em casos mais sérios a pulverização é repetida durante dias, a intervalos certos.

A sulfadiazina impede a infecção e forma por cima das lesões graves uma película fina, resistente, transparente e maleavel. Pode ser usada perto dos olhos com segurança. Os médicos acreditam que os novos produtos de sulfanilamida dispensarão o enxerto de pele e a cirurgia plástica em todos os casos, exceto os mais graves.

O tratamento das queimaduras em si, contudo, constitue somente a *segunda* fase do problema do médico. Durante os três primeiros dias, os pacientes gravemente queimados estão mais sujeitos a morrer do «choque» do que da própria queimadura. O plasma sanguíneo, tão necessário à coagulação do sangue e ao funcionamento do sistema circulatório, poreja dos vasos sanguíneos, espalhando-se pelos tecidos que envolvem a queimadura; este fato abaixa a pressão arterial, as pulsações e a temperatura. Outrora, eram administrados, à força, fluidos em grandes quantidades para compensar a perda do plasma. Recentemente, contudo, o dr. H. M. Trusler e seus colaboradores do Centro Médico da Universidade de Indiana descobriram que a enorme quantidade de fluidos assim administrada dilue perigosamente o sangue, impedindo a coagulação. Os estudos do dr. Trusler levaram

à aplicação da transfusão de sangue ou injeções de plasma. Evita-se assim o temido «choque», e pode-se passar ao tratamento das queimaduras propriamente ditas.

Todas as queimaduras extensas requerem tratamento médico. O tratamento caseiro, para não constituir perigo, deve ser limitado a pequenas queimaduras de primeiro grau—queimaduras sem formação de bolhas. O fato de mergulhar a mão, levemente queimada, em água quente, alivia o efeito do calor e faz cessar a dor. Pode-se misturar ácido bórico ao amido, e polvilhar com eles a queimadura; tambem se pode aplicar uma camada grossa de bicarbonato de sódio ou chá forte.

As queimaduras de segundo grau, ou seja, aquelas que empolam, devem ser tratadas mais cuidadosamente, de preferência por um médico, pois as bolhas arrebentadas representam um terreno ideal para infecções.

Para todas as queimaduras profundas ou extensas, o tratamento de emergência deveria limitar-se a manter a vítima quente—envolta em cobertores ou posta na cama—e tão confortavel quanto possivel. Podem-se aplicar sem risco compressas úmidas de bicarbonato de sódio (cerca de 90 gramas por litro de água fervida), nas queimaduras nas partes expostas do corpo. *Nunca se devem aplicar pomadas gordurosas e unguentos*: a sua remoção, ao chegar o médico, é penosa e dificil. As roupas aderentes a uma área queimada do corpo não devem ser retiradas, afim de não irritar ainda mais a carne viva. A vítima deve ser posta, com roupa e tudo, numa banheira de água quente.

Os tratamentos ulteriores devem ser deixados ao médico. E vale saber que ele tem novas armas na mão; que a medicina conseguiu mais uma vitória na eterna luta contra o sofrimento e as desgraças da humanidade.

Sistema militar de pôr água na fervura

¶ Os oficiais norte-americanos na Grã Bretanha estão pondo em prática medidas burocráticas para cortar as asas de Cupido. Milhares de soldados ianques têm encontrado namoradas inglesas e irlandesas, e os comandantes das bases americanas nas Ilhas Britânicas têm recebido um verdadeiro dilúvio de pedidos de casamento, os quais aumentam de número a cada nova primavera. Os regulamentos do exército não proibem os casamentos no estrangeiro—mas desanimam os candidatos, complicando os trâmites legais. Os soldados têm que encher requerimentos preliminares que vão para a «geladeira» dos arquivos, onde permanecem durante várias semanas. Outros requerimentos têm que ser feitos. Nesse ínterim, os soldados devem apresentar cartas dos parentes da noiva, dando permissão para o matrimônio. A última etapa da via-sacra consiste em uma entrevista pessoal com o comandante.

Resultado: em geral, os soldados tiram proveito do aforismo: «Quem pensa não casa»...

—AP

¶ *O pele-vermelha, cuja sombra punha outrora arrepios na carne do americano, é hoje o seu melhor irmão-de-armas.*

Solta o índio o seu grito de guerra

(Condensado do «American Legion Magazine»)

Por Donald Culross Peattie

O MAIS TENAZ de quantos inimigos os americanos já tiveram, foi esse outro americano, o índio ou pele-vermelha, que o conquistador europeu veio encontrar no continente. A guerra entre uns e outros durou trezentos anos, e a terra dos Estados Unidos foi palmo a palmo disputada, não tendo faltado as ocasiões em que os índios levaram a melhor aos ianques. Em Blue Licks o índio derrotou Dan Boone e os mais habeis atiradores do Kentucky; em Adobe Walls bateu Kit Carson e um regimento organizado; com um bando de trinta e oito bravos e oito rapazotes, o famoso apache Geronimo manteve o Sudoeste sob o terror durante muito tempo, e fez andar 5.000 cavaleiros do exército federal a galopar às cegas pelo deserto, em busca dele.

Para se apoderarem do território que é hoje o da nação, os norte-americanos quase tiveram de exterminar os peles-vermelhas. E apesar de tudo, os Índios Americanos que durante muito tempo (e até há quarenta anos) foram considerados uma raça em via de extinção, recomeçaram a crescer, e são hoje 400.000 cidadãos, no pleno gozo dos seus direitos desde 1924; atualmente, os netos dos ferozes guerreiros pintados e emplumados que fizeram a lenda e a poesia do Oeste da nossa infância, pisam de novo o trilho de guerra—marchando ombro a ombro com os guerreiros brancos.

Os Ameríndios forneceram 15.000 bravos às forças armadas dos Estados Unidos—quer dizer, uma capitação superior à de outro qualquer grupo racial da nação, branco, negro ou amarelo.

Tendo trocado os seus toucados de plumas pelo moderno capacete de aço, esses bravos guerreiros estão dando boa conta de si em todos as armas e ramos de serviço. São tripulantes de bombardeiros, andam pelas selvas do Pacífico, com a blusa da infantaria de Marinha, ou nos submarinos que torpedeiam navios japoneses, e aos trancos e barrancos pelos areais do deserto, em tanques de guerra que cospem ferro e fogo.

E as mesmas qualidades que outrora fizeram do índio o mais temivel inimigo do americano, são precisamente as que hoje fazem dele o melhor irmão-de-armas que o soldado ianque podia desejar. O soldado vermelho é rijo. No geral dos casos viveu ao ar livre toda a sua vida, usando e apurando os sentidos: é por natureza um batedor de bosques. Dedica-se com entusiasmo ao tipo de combate dos Comandos. E porque não, se foram os seus antepassados que o inventaram?

Dizia um sargento «rosto-pálido» de Fort Benning, na Geórgia: «Estes índios são o nosso melhor tônico moral. Entrega-se-lhes uma tarefa dura, e para eles é um brinquedo. Seria bem bom haver mais gente assim na tropa...»

Em questão de emboscadas, esculcas, sinalização, tiro franco, não têm rival. Há índio capaz de cheirar uma cobra a metros de distância, e perceber de longe um movimento quase imperceptivel; e todos eles aguentam a fome e a sede muito melhor do que o comum dos brancos.

Uma das grandes dores de cabeça dos americanos, na guerra das selvas do Pacífico, é a transmissão de sinais aos postos avançados; os japoneses, muitos deles, entendem o inglês, o que lhes permite escutar as mensagens de rádio do inimigo e insinuar-se por vezes habilidosamente nas emissões, com ordens que desorientam as tropas. Não há cifra, por muito embrulhada, que resista aos peritos decifradores japoneses... Mas não há nipões que falem ou entendam Winnebago ou Navajo! É por isso que os soldados ameríndios são escolhidos para as funções de sinalização a batedores. Podem telefonar para os seus postos as informações militares mais secretas— mas é tudo em língua choctaw, e o japonês fica de cara à banda!

O guerreiro índio anda ganhando pelos seus feitos o antigo e glorioso título de «bravo». O primeiro homem vermelho que deu a vida pelo Tio Sam nesta guerra foi Henry Nolatubby, da tribo Chickasaw que era marinheiro a bordo do couraçado *Arizona*: caiu combatendo em Pearl Harbor. Outro camarada pele-vermelha, o cabo Hermann Boyd, recebeu a ordem do Coração Roxo, por atos de heroismo naquela manhã negra e memoravel. O soldado Charley Ball, índio da tribo Assiniboine, recebeu a Cruz dos Serviços Distintos por se ter mantido ao lado dos seus camaradas e, apesar de mortalmente ferido, haver ajudado a cobrir a retirada das forças de MacArthur em Bataan. Outro Assiniboine, Joe Longknife, esteve em Bataan, onde, com dezesseis tiros, abateu dez japoneses. Kenneth Scissons, Sioux do Dakota-Sul, gravou dez marcas na coronha da sua Garand, depois de ter morto outros tantos nazís, em quatro minutos de luta durante uma escaramuça de Comandos nos arredores de Bizerta.

Entre os aviadores, tornou-se notado o sargento Ralph Sam, índio Paiute, artilheiro a bordo de um avião de mergulho que bombardeou um comboio japonês ao largo da Nova Guiné. Uma granada decepou-lhe o braço direito; Sam puxou da pistola com a mão esquerda, e continuou a atirar contra um caça japonês até se lhe acabar a munição. Só então o piloto reparou que o seu valente artilheiro estava gravemente ferido. Apesar de imediatamente transportado para o hospital da base, Sam morreu de hemorragia, sendo-lhe concedida postumamente a Estrela de Prata.

Os americanos de raça branca orgulham-se, e com razão, de combater ao lado dos seus inimigos de outrora, os temerários guerreiros peles-vermelhas que hoje arriscam denodadamente a vida para salvar um camarada branco, com a mesma facilidade com que outrora lhe teriam arrancado o escalpo... No *Memorial Airport* de Spartanburg, na Carolina do Sul, o major Barney B. Russell declarou há tempo que nada poderia ultrapassar, nos anais gloriosos da Aviação Militar Americana, a ação alí praticada pelo soldado Lester Reymus, da 77° Esquadrilha de Caça. Um avião P-37 caira em chamas no campo de aviação, e esse jovem paiute, sem sequer envergar um fato de amianto, precipitou-se através de chamas com 18 metros de altura, que já lambiam as latas de gasolina de um depósito, para arrancar o piloto inconciente aos escombros a que estava reduzido o seu aparelho.

Mas os heróis vermelhos encontram-se tambem entre oficiais de patente elevada. Por exemplo, o antigo *cowboy* da Reserva dos Índios Osages, Clarence L. Tinker, subiu ao posto de major-general da Aviação Militar. Este veterano da Primeira Grande Guerra e comandante da aviação do Havaí tornou-se, por ato espontâneo, comandante de uma esquadrilha de combate; quando a esquadra japonesa se apresentou à vista de Midway, a 7 de junho de 1942, Tinker decolou para logo ao seu encontro; a flor e orgulho da esquadra japonesa foi alí metida a pique, mas o general Tinker já não pôde assistir à vitória: o Pacífico engulira-o com o seu avião. O Departamento da Guerra aprovou uma proposta para que o novo aeroporto de Oklahoma-City passe a chamar-se Campo Tinker.

Assim, desde os majores-generais às *squaws* (ler *skuós*), as tribos índias estão respaldando em toda a linha o esforço nacional de guerra. O índio americano adora a sua liberdade, e nunca hesita em pagar por ela o preço necessário. Todas as segundas-feiras, os Apaches Jicarilhas compram um título de 100 dólares ao governo: e isto apesar de que todos os homens da tribo, em condições de servir, partiram para o exército! Alem de milhões de dólares norte-americanos já emprestaram ao Tio Sam, através da Repartição dos Índios, a bonita soma de 5 milhões de dólares! A maioria dos índios são pobres, mas uma velha *squaw* Kiowa, que nem o nome sabe escrever, assinou com a impressão digital do polegar um cheque de mil dólares para a Marinha de Guerra...

A mulher índia foi sempre uma trabalhadora infatigavel, humilde e silenciosa: a espinha dorsal, a bem dizer, da vida da tribo. Sua irmã de hoje está dando mostras do mesmo animoso estoicismo e da mesma habilidade, nos trabalhos do campo e das fábricas, guiando tratores e caminhões, rebitando chapas de aço, cavalgando nas estâncias de gado que os vaqueiros vermelhos desertaram pela guerra, e até fazendo exercícios militares, uniformizadas... Todas as grandes escolas dos índios estão procedendo ao treino de guerra em trabalhos especializados, tanto de moças como de rapazes. Cerca de 4.000 mulheres índias estão hoje nas indústrias de guerra, e mais de 5.000 cultivam «hortas da Vitória» nos territórios de suas «reservas». A jovem *Laughing Eyes* (Olhos Ridentes, que lindo nome!), da tribo Creek, diplomada pelo Instituto Haskell, foi a primeira a registar-se à cabeça de uma longa fila de mulheres, quando abriu em Nova York o escritório de inscrição das WAACs.*

Os Yakomas trabalham nos estaleiros navais; os famosos Seminolas, nas fábricas de aviões; e por toda parte o índio, artífice infatigavel, paciente e habilidoso, está sendo procurado para as indústrias, como para o serviço de guerra propriamente dito.

Aos olhos do inimigo, que fez do ódio de raça e da perseguição das minorias o emblema de seu combate, ver de mãos dadas o americano de cor vermelha e o branco, deve ser um mistério impenetravel. Mas para o índio é que isso não encerra mistério algum: nenhum pele-vermelha precisou jamais que o convencessem a lutar pela liberdade. O índio conheceu-a antes de nós; durante milênios ele respirou a liberdade com o ar da América!

*Vide «Mulheres em passo de marcha», Seleções de agosto de 1943.

Bing Crosby gostou de me ouvir

(Reproduzido do «American Magazine»)

Por Mary Martin

Sei que não estou sendo muito original se disser que Hollywood é um lugar curioso. Mas vejam o que me aconteceu lá.

Anos atrás eu era em Hollywood uma jovem desconhecida que cantava num cabaré, enquanto procurava por todos os meios conseguir uma oportunidade de entrar para o cinema. A sala do cabaré era mal iluminada, enfumaçada, e o ambiente não primava pela distinção. Não era muito provavel que as celebridades do cinema fossem alí ouvir-me. Uma noite, porem, pouco antes da hora de fechar, entrou na sala um homem cuja fisionomia me era muito familiar.

Estava eu cantando no momento uma canção. Assim que terminei, pediu-me o tal sujeito que cantasse de novo, e tive que repetí-la umas duas ou três vezes; quando achou que ouvira bastante, já eram três horas da manhã. Sentia-me muito cansada, mas radiante; ele era um astro famoso, e talvez—quem sabe—alguma coisa de bom poderia acontecer.

Agradeceu-me muito, foi-se embora, e ficou nisto, pois pouco tempo depois eu deixava Hollywood.

Fui conseguir por fim minha oportunidade de entrar para o cinema quando cantava num teatro em Broadway, a muitos milhares de quilômetros dos estúdios cinematográficos. E foi como triunfante que voltei a Hollywood, com um contrato debaixo do braço.

Um dia, nos estúdios da Paramount, tive que trabalhar ao lado daquele mesmo noctívago para quem cantara nos meus tempos de penúria. Reconhecí-o logo, naturalmente, mas vi que se esquecera completamente de mim.

Foi quando, entre dois ensaios, me ocorreu provocá-lo: pus-me ao piano, e comecei a cantar a mesma canção da outra vez. Olhando-o de soslaio vi que ele erguia os olhos do jornal que estava lendo.

—Mary, toque outra coisa.

—Porque? Você não gosta desta?

—Não é bem isto; é que esta música me traz uma lembrança triste. E rindo prosseguiu: —Fiquei uma vez até altas horas da madrugada ouvindo uma linda criatura cantar esta canção. Voltei ao mesmo lugar no dia seguinte afim de dizer-lhe que tinha arranjado que lhe fizessem um teste para o cinema, e não a encontrei mais; sumira-se ninguem sabia para onde.

Era agora minha vez de ficar surpresa.

—E você quer saber porque ela desapareceu? Porque a mãe a fez sair do emprego no dia seguinte. Achou que não era próprio para uma moça de família ficar na rua até três horas da manhã—mesmo que fosse a cantar para Bing Crosby...

—E como você sabe de tudo isto?

—É simples, disse eu então,—sou a moça que cantou para você naquele cabaré.

O efeito curioso das cores sobre o espírito do homem.

Como as cores influem em nosso ânimo

(Condensado do «Harper's Bazaar»)

Por Howard Ketcham

—Vou oferecer um jantar um dia desses, disse-me uma amiga. Queria torná-lo interessante. Que é que você me sugere?

—Experimente uma iluminação de cor avermelhada, (fucsina) lembrei. Compre duas ou três lâmpadas de 1.000 vóltios coloque-as em abajures de metal com vidro dessa cor, ponha-os no chão por baixo dos moveis, e, apague as outras luzes. Depois venha me contar o que aconteceu.

A senhora olhou-me desconfiada, mas parece que admitiu que eu devia saber o que dizia.

No dia seguinte ao jantar, telefonou-me entusiasmada: fora um verdadeiro milagre. A luz suave e indireta tornara as mulheres pelo menos dez anos mais moças, e os homens mais galanteadores; a conversa correra animada, espirituosa, e o jantar estivera adoravel. Isso não era surpresa para mim, pois há muito tempo que uso aquela cor quando tenho de dar alguma festa, e calculo que para estimular a cordialidade é equivalente a pelo menos dois coquetéis...

A influência da cor sobre o espírito humano é muito profunda, e a luz fucsina, um vermelho arroxeado, é repousante, e relaxa os nervos; o roxo puro leva à melancolia, enquanto o amarelo estimula o sistema nervoso.

Usando de boa psicologia, o treinador de um time de futebol de Chicago já em 1928, mandara fazer dois vestiários diferentes para seu time: num, havia em tudo um tom azul, e era onde descansavam; no outro, predominava o vermelho, e era onde se reuniam antes de entrar no campo. A idéia fora acertada, pois o azul é repousante, ao passo que o vermelho, que é a cor de maior vibração, acelera o pulso e estimula a inteligência.

No princípio do século dezoito, usavam-se muito vidros azul e roxo nas janelas porque se dizia que a luz se tornava assim mais saudavel. Não deixa de haver uma explicação para o fato, visto que o roxo, quando usado corretamente, é um ótimo soporífico, e o azul acalma os nervos, e restaura as energias. Procure fazer uma experiência.

Desde os tempos mais remotos os homens têm usado cores como símbolos para certas emoções e pensamentos. O vermelho exprime coragem e atividade, e tambem anarquia e carnificina. O amarelo puro sugere glória, otimismo, prosperidade; mas outros tons de amarelo traduzirão covardia, mesquinhez e doença. Roxo é a cor do heroismo, da magnificência, da paixão, ou então do sofrimento e do mistério.

Essas associações de idéias estão de tal modo arraigadas no nosso espírito que explicam em grande parte o efeito que certas cores exercem sobre nós. Um exemplo eloquente e dramático, vimo-lo há anos em Londres. Procurando diminuir o número de suicidas que se

jogavam da ponte Black Friar, as autoridades municipais resolveram pintar aquela estrutura, lúgubre e vetusta, de um verde brilhante. O número de pessoas que se atiravam no Tamisa diminuiu de um terço. O verde terá trazido talvez um pouco mais de otimismo a alguns desesperados, mas o mais importante fora o fato de haver-se eliminado a cor preta, ligada tradicionalmente à tragédia e à morte.

É curioso que se saiba tão pouco sobre as cores, quando se considera a influência que evidentemente elas exercem. Ainda não foi possivel descrever de modo claro e preciso uma determinada cor. Querendo mandar vir de Londres um papel de parede de especial tonalidade rosa, Robert Louis Stevenson procurou explicar a cor de que se tratava no caso, mas acabou desistindo. Não seria possivel continuar em tal imprecisão, numa época industrializada como a nossa, e cada vez mais sensivel às cores. Há hoje um método exato—o «Colorcable»—que é usado pela indústria para medir as cores, e identificá-las. Graças a este processo, pode-se transmitir por telegrama a fórmula precisa para mais de trezentas mil cores. Para reproduzir a tonalidade, representada por uma fórmula, o colorista sobrepõe dois ou mais discos de papel de cores diferentes que coloca sobre um prato giratório como o de uma vitrola. Os discos têm uma fenda que vai do centro à periferia sendo que a parte visivel pode mudar de acordo com a fórmula especificada; e, ao girarem, se produz uma mistura de cores, dando a tonalidade exata expressa na fórmula. Quando os costureiros de París ditavam a moda ao mundo, certas firmas de Nova York providenciavam no sentido de que, no começo de cada nova estação, seus agentes lhes transmitissem, por telegrama, as cores exatas introduzidas pela costura parisiense, e assim podiam exibir em seus mostruários vestidos na cor da moda, sete ou oito dias mais cedo que os seus competidores.

É preciso, no entanto, levar sempre em conta as preferências ou prevenções individuais ou raciais, relativamente a certas cores. Na Inglaterra por exemplo, é raro ver-se um automovel verde, por terem os ingleses a superstição de que esta cor dá azar. Analogamente, seria um erro querer vender um carro vermelho no Japão, onde o vermelho é reservado para carros de incêndio. Na China, e geralmente por todo o oriente, o branco é um sinal de luto. Uma firma distribuidora de gasolina, que, ignorando este preconceito, pintou seus postos de branco, teve a surpresa de ver que os motoristas sistematicamente os evitavam.

Uma inovação no uso da cor foi em tempos introduzida nas ilhas inglesas do Mar da Mancha. Depois de testes exhaustivos, ficou provado que os acidentes são muito mais raros nas estradas de cor amarela ou alaranjada, e que nestas os pedestres se tornam muito mais visiveis à noite. A estrada amarelada reflete a luz do sol e dos faróis, quarenta por cento menos intensamente do que as estradas comuns de cor esbranquiçada. As estradas coloridas são tambem mais faceis de seguir, sem precisar estar a ler indicações e letreiros. O custo para adicionar cor ao cimento é mínimo, e hoje em dia já há um processo para tornar a cor firme.

As casas editoras contribuiriam utilmente para poupar-nos a vista, se imprimissem livros sobre papel cinza ou amarelo, em vez do clássico branco e preto. Preto e amarelo é a combinação

de cores que proporciona maior visibilidade; o contraste, porem, é forte demais para se poder ter sob os olhos por muito tempo. Uma tinta de um preto acinzentado, sobre papel amarelo, seria o ideal para reduzir o cansaço ocular, e tornar as letras miudas de imprensa bem visiveis. Os colégios deveriam experimentar o uso de giz preto sobre um quadro amarelo. Vários donos de iates estão usando cordame de várias cores para permitir a tripulação reconhecer os diversos cabos rapidamente. Há uma tendência para pintar a parte submersa do casco dos barcos de cores claras e brilhantes, pois os mariscos e outros animais preferem cores escuras. Quanto aos novos aviões de transporte, têm-se estudado muito as cores a serem empregadas na sua decoração interna, para dar a ilusão de espaço; certos azues e verdes são usados pelo seu efeito calmante, que tende a combater o enjôo. O amarelo, cor emética, é evitado rigorosamente.

Os especialistas em cor sabem muito bem que uma escova de dentes barata deve ter um cabo vermelho para se vender melhor, mas sendo cara, será mais vendivel se for cor de ambar; que anúncios impressos em papel vermelho, verde ou amarelo, dão mais resultado que os que são apenas em branco e preto: que as cores que contêm vermelho ou amarelo são quentes, e as de fundo azul são frias. O dono de uma grande fábrica mandou redecorar a sala de restaurante das moças em tons de azul. As moças começaram logo a reclamar que a sala era mal aquecida, e tinham que almoçar de capote. Ora, o engenheiro encarregado do aquecimento sabia que isto não tinha fundamento, pois, a temperatura, controlada termostaticamente, era a mesma para toda a fábrica. Como as reclamações continuassem, resolveram chamar um especialista em cores, o qual recomendou que pintassem a sala até meia altura de uma cor alaranjada, e cobrissem os assentos das cadeiras da mesma cor: Feito isto ninguem mais se queixou do frio.

Tenhamos ou não conciência do fenômeno, o fato é que a cor exerce grande influência no nosso desejo de adquirir os objetos que vemos, e podem trazer-nos sugestões tristes ou alegres, ou fazer-nos sentir frio ou calor. Pode afetar o humor de uma pessoa tão marcadamente quanto um defluxo, uma noite em claro, ou um bom almoço.

E, como disse Grant Allen no seu ensaio de psicologia comparada: «A percepção da cor é dentre todas, a que dá prazer mais intenso e variado.»

O Exército incumbiu um grupo de eminentes psiquiatras de determinar a melhor maneira de selecionar soldados para suas missões nas diversas frentes de combate. Depois de muitas experiências, os professores apresentaram o seu relatório. A maneira mais segura para saber se um soldado é mais eficiente no deserto ou no norte, é perguntar-lhe: «Qual é o clima que prefere: frio ou quente?

—Journal of the American Medical Association

O paraiso feudal do Havaí

Por Stanley High

Os cinco grandes senhores do Havaí exercem verdadeiro domínio feudal sobre um reino luxuriante, ainda cobrando direitos de peagem a quem entra nas ilhas ou sai delas.

O HAVAÍ é o grande bastião das defesas americanas no Pacífico. Em tempo de paz, é um dos lugares mais agradaveis e interessantes do mundo. Mas dir-se-ia propriedade privada, destinada a uso e gozo de um pequeno punhado de famílias, cujo regime feudal, através dos seus cinco monopólios, é tão rígido e completo, que às vezes faz ouvidos de mercador aos próprios apelos ou necessidades do exército.

Trata-se de um espantoso anacronismo, uma sobrevivência de eras idas, em que o interesse particular não chegava a tomar conhecimento do que tocasse ao público. O fato de as famílias feudais serem, em geral, amaveis, acolhedoras, cultivadas e filantrópicas, não altera o excesso a que levam a exploração das ilhas. Não são apenas os habitantes destas que pagam, no caso, o tributo; a nação, toda ela, participa dos inconvenientes que resultam de tal situação.

É de cinco pesados edifícios, situados, a pequena distância uns dos outros, na parte baixa de Honolulú, que se governa o Havaí. Dos homens que alí funcionam, há uns 15 provavelmente entre os quais se divide o bolo da influência local. Estão aparentemente separados, cada um no seu posto, porem atuam conjuntamente, de acordo. Ligados intimamente por laços de herança e família, afora toda uma rede de cargos, articulados entre si, na direção de empresas e negócios, nunca procederiam de outro modo. Os *big five*, vale dizer os cinco magnatas, são: Castle & Cooke, Ltd; Alexander & Baldwin, Ltd; American Factors, Ltd; C. Brewer & Co., Ltd; e Theo. H. Davies & Co., Ltd.

A história do Grande Quinteto mergulha profundamente no século XIX. Cresceu ele à sua atual estatura, de «companhias industriais», fundadas para explorar as plantações de cana de açucar do Havaí. Em 1876, um tratado de reciprocidade, negociado e assinado com os Estados Unidos, abriu largos horizontes à produção açucareira havaiana. Havia então, nas ilhas, noventa plantações. Independentes, por via de regra, umas das outras, e algumas rudimentarmente dirigidas, viviam todas a braços com problemas de financiamento, expedição, vendas, compras, mão de obra. Mediante a remuneração de 2 e meio por cento da renda bruta do plantador, as novas companhias assumiram a administração das lavouras; e, graças a habil gerência, e à estabilidade e sistematização que puseram na indústria do açucar, conseguiram elevá-la às proporções de um movimento anual de 55 milhões de dólares. A cultura do abacaxí, com o mesmo zelo a impulsioná-la, transformou-a o quinteto num negócio de 50 milhões de dólares por ano.

De quando em quando, porem, as cinco companhias passavam da administração à propriedade, realizando compras vantajosas, assim na indústria do açucar como na do abacaxí. As 90 plantações de cana foram sendo consolidadas, até se converterem em 38, como

são atualmente, das quais 35 controladas pelos homens do quinteto, que têm do mesmo modo sob as asas cinco das sete empresas empenhadas na lavoura e comércio do abacaxí.

Negócios de outros gêneros não tardaram a ser incorporados. Os controladores das plantações passaram, por exemplo, a controlar igualmente as atividades bancárias. Há hoje em Honolulú apenas dois bancos de certo vulto. Ambos pertencem ao quinteto.

Analogamente, do domínio na indústria do açucar derivou a propriedade das maiores empresas de seguros existentes nas ilhas.

O movimento de compras para as plantações resultou no maior volume de vendas a grosso e a retalho que jamais alí se viu. A maior loja ou casa de comércio de Honolulú foi montada pelas Cinco Companhias, a quem toca a melhor fatia nos lucros da atividade, propriamente comercial, do Havaí.

É tambem ele, o quinteto, quem fornece a Honolulú água, gás, eletricidade, telefones. Veículos urbanos, cinemas, estações de rádio, tudo pertence ao quinteto.

Não está menos em suas mãos o maior volume no serviço de comunicações entre as ilhas, pois só há de fato a ligá-las dois meios de transporte—o marítimo e o aéreo—e ambos trazem a sua marca.

Em 1937, houve uma investigação sobre os preços que estavam a ser cobrados pela navegação a vapor. Apurou-se que uma viagem, de 194 milhas, de Honolulú, na ilha de Oahu, a Hilo, na de Havaí, custa mais do que se paga para viajar 500 milhas, de S. Francisco a Los Angeles.

Uma vez que as Cinco Companhias têm nas mãos todo o controle das principais exportações do lugar—açucar e abacaxí—trataram naturalmente de dominar, por seu turno, o serviço de transportes entre o Havaí e o continente dos Estados Unidos. Situadas, como são, as ilhas, a 2 mil milhas de distância dos seus grandes mercados, o referido serviço é, na hipótese, matéria de vida e morte econômica. O quinteto serviu-se dele para uma coisa e outra.

Enquanto a Comissão Marítima dos Estados Unidos e a guerra não alteraram de algum modo a cena, somente uma companhia de navegação — a Matson Navigation Co., Ltd. — dispunha de franco acesso ao comércio havaiano. Será escusado dizer quem dela era, em grande parte, o dono, e lhe exercia a gerência.

Todos os esforços empregados, em diferentes épocas, e por vários elementos, para intervir no assunto, explorando o mesmo serviço, resultaram infrutíferos. A única mosca de certa importância que andou a saltitar no unguento Matson foi a Dollar Steamship Company, outra companhia de navegação, que, pelas alturas de 1929, adotando o Havaí como porto de escala na sua linha transpacífica, fez alguns negócios na ilha. Os negócios aliás foram menos graves que a ameaça.

Em consequência, Matson entrou com dois navios no tráfico transpacífico, em competição com a Dollar. Custou-lhe isso 164 mil dólares, mas produziu o desejado efeito, pois não tardou a celebrar-se um acordo, segundo o qual, uma vez desistindo Matson da navegação para o Oriente, se compremetia Dollar a adotar, para cargas e passagens, entre o continente e Honolulú, a mesma tabela de preços estabelecida por Matson, eliminada, pois, a concorrência. Obrigava-se ainda Dollar a contribuir para Matson com 50 por cento da renda bru-

ta que lhe adviesse do tráfico no trecho. Era a consagração do monopólio.

Depois de 1930, ficou reservado à Dollar o transporte de passageiros de terceira classe, porque Matson, para aumentar as suas rendas, suprimiu nos seus navios as respectivas acomodações. Ainda assim, cabia a Matson a metade da importância de cada bilhete de terceira classe que a Dollar vendia. Era frequente que Matson não tivesse nos seus barcos praça bastante para toda a carga que recebia para transportar. Recorriam então seus agentes aos serviços da Dollar, dividida, em partes iguais, entre as duas companhias, a renda correspondente.

Usando de tais táticas, disse em 1940 a Comissão Marítima, afastou Matson a competição, estorvando o comércio americano, e retardando o desenvolvimento de uma marinha mercante que seria tão util na guerra. Concorreu, por outro lado, de modo muito direto, para levar gradualmente Dollar à beira da falência.

Se bem que seja inteiramente agrícola, o Havaí importa cerca de 85 por cento da sua alimentação. A cana de açucar e o abacaxí ocupam, por assim dizer, a totalidade—97 por cento—das terras cultivadas nas ilhas. Maior produção de alimentos significaria menos espaço para a bi-cultura em que se firma a opulência do quinteto; menos dinheiro a provir dos cargueiros de Matson, que transportam para o continente abacaxí e açucar; menores rendas, analogamente, pelo transporte, a altos fretes, de produtos alimentícios, do continente para as ilhas; mais reduzida probabilidade quanto a poderem as Cinco Companhias manter em vigor nas ilhas os preços dos alimentos, com uma alta, em média, de 25 por cento, relativamente ao continente.

Quando um agricultor experiente veio a Honolulú, com o plano de alí exercer atividades agrícolas por métodos modernos, não pôde obter lotes de terra adequada aos fins a que se propunha. Há muitos anos, lavradores e fazendeiros da ilha de Havaí tomaram a iniciativa da produção de legumes, de alguma forma em grande. A tabela de fretes, para o transporte entre as ilhas, foi logo estabelecida em niveis tais que os ditos legumes em Honolulú acabaram custando tanto quanto os importados de Los Angeles.

A despeito dos 100 mil dólares despendidos pelo governo para estimular no Havaí a lavoura de produção para o mercado, produziu-se, nos 12 meses seguintes a Pearl Harbor, menor quantidade de legumes que no ano anterior.

Recentemente, o Departamento da Guerra dos Estados Unidos propôs determinadas providências para forçar a redução nos preços dos gêneros alimentícios. Os magnatas de Honolulu não gostaram. E o certo é que o exército—propenso, por via de regra, a usar de energia em toda parte—parece alí hesitante. O transporte de alimentos, importados do continente, ocupa grande espaço nos navios, numa fase em que a nação tanto precisa destes.

Não é, porem, apenas a alimentação que custa no Havaí os olhos da cara. Quem quiser construir uma casa, tem que ir ao comércio de madeira, do qual mais de 90 por cento está em poder do quinteto. Uma companhia do continente fez, antes de Pearl Harbor, alguns inquéritos, e registou que o truste madeireiro de Honolulú, comprando, por exemplo, nos Estados Unidos, 15 dólares de madeira, calcula em 13 dólares e meio as despesas de transporte, e os vende no Havaí por 78 dólares, com uma margem, por conseguinte, de 49 dólares e meio, para outros encargos, e sobretudo lucros. O resultado é que um prédio modesto, que seria construido na Califórnia por 3 mil, importará no Havaí em 5 a 6 mil dólares.

Comerciantes independentes do ramo, ao tentar vender madeira em condições razoaveis, tiveram que desistir: nem os navios, pertencentes, como vimos, às Cinco Companhias, lhes transportavam as cargas, nem tão pouco os estivadores de Honolulú, delas, por seu turno, dependentes, se prestavam a movimentá-las.

Ainda em outros setores, que não dão tanto na vista, encontra o quinteto como sugar o público. Investigações revelaram que os suprimentos de material médico, para a cidade e o condado, dele tambem provinham, a preços, já se vê, superiores aos do comércio comum. Até o dia em que uma autoridade inspetora pôs o dedo na ferida, foi praxe no seu armazem a elevação nos preços dos artigos que o governo local lhe comprava.

Dir-se-á que se torna tambem caro o custeio das plantações. Mas aí o quinteto encontra meio de fazer face à questão com certa equanimidade. Os seus dois e meio por cento, pela administração industrial, não são calculados sobre a renda líquida, senão sobre a bruta. É pois do seu interesse que esta suba o mais possivel, donde não raro acontece que as plantações são levadas a uma superprodução, porventura antieconômica, que reduz a renda líquida. O prejuizo dos acionistas redundará em tais casos em lucro para o quinteto.

Algumas plantações de cana de açucar pertencem a grande número de acionistas, de maneira que os lucros respectivos têm que ser extensamente divididos. Mas, carregando a mão devidamente nas despesas de transporte, adubagem, maquinaria, etc., os lucros se canalizam, em boa parte, para um grupo, bem mais reduzido, de apenas cinco beneficiários.

Se alguem, não podendo mais conter-se diante de tais fatos, ensaia uma reação, será bem aconselhado a refrear o impulso. Protegidos por uma lei que dificulta as greves, e mestres na arte de neutralizar as uniões proletárias, os grandes empregadores do Havaí têm impedido o desenvolvimento de qualquer movimento trabalhista, convenientemente organizado. Só em 1936 se assinou o primeiro contrato entre um patrão e uma união trabalhista. Presentemente as uniões locais arrolam provavelmente uns 6 mil membros, cerca de 1 por 25 dos trabalhadores alistaveis.

A Assembléia Legislativa Territorial, se é interessada pelos votos dos cidadãos em geral, ainda o é mais pelas ordens que recebe dos magnatas. A legislação envolvendo interesses do quinteto encheu de tal modo a sessão de 1941, que tempo não houve para a aprovação de projetos que o exército e a marinha recomendavam como de importância para a defesa.

Os próprios tribunais de justiça não têm chegado a representar, na verdade, uma garantia de direitos. Em 1939, por exemplo, o Grande Juri de Honolulú, como era aliás do seu direito e dever, manifestou a intenção de tomar conhecimento de muitos casos suspeitos, relacionados com interesses das Cinco Companhias. Logo o juiz presidente foi pondo os pontos nos ii. «Dada a verdadeira situação vigente no Havaí,» disse ele ao tribunal, «o Grande Juri não tem o direito de inquirir ou instau-

rar processos, a pretexto ou na expectativa da descoberta de possiveis crimes.»

Que semelhante reinado, efetivamente espantoso, possa manter-se intacto, com os potentados imperturbaveis no trono, ainda em presença das necessidades e imposições da guerra, parece pouco provavel. Já algumas brechas têm aparecido nos muros da poderosa cidadela.

A Comissão Marítima já fez derrogar o ajuste Matson-Dollar. As autoridades da Aeronáutica Civil cancelaram outro arranjo, da mesma natureza, que Matson havia feito com a Pan American Airways. Um novo governador—Ingram M. Stainback—em condições de exercer com independência o seu cargo, tomou as rédeas da administração.

Já um bom pedaço das terras, de que o quinteto dispunha na ilha de Ohau, foi ocupado para fins militares. Mais cedo ou mais tarde, as necessidades do exército podem impor que se entrem a pôr em prática planos tendentes à produção de alimentos.

Ao mesmo tempo, muitos milhares de trabalhadores na execução de projetos, conexos com a guerra, têm ido para o Havaí. Milhares deles, necessariamente, alí permanecerão. Nenhuma outra circunstância concorre, mais do que essa, para turvar a placidez das águas em que têm navegado as Cinco Companhias. Os recem-vindos não se submetem aos métodos da ilha, ignoram a magestade dos seus deuses, mostram-se pouco dispostos a rezar pela velha cartilha que os magnatas estabeleceram, e ainda menos a guardar silêncio enquanto no lombo lhes vai cantando o chicote. Que a perspectiva é sombria para os exploradores do Havaí, tornou-se bem evidente no último outono, quando foi eleito um dos candidatos à assembléia local, notório adversário do quinteto, e em segundo lugar na lista dos votados.

Nos seus aspectos exteriores, lá se acham as ilhas, naquela amavel periferia dos trópicos, raramente muito quentes, nunca frias demais, e sempre belas, belíssimas. É na sua vida interna que o abalo se manifesta. Os grandes senhores do antiquado domínio do Havaí revelaram tão pouco pendor, e por tão longo período, para a adaptação a novos tempos, que não é de supor se sintam bem ao ver que a onda lhes vai chegando aos pés, e possam atinar, claramente, com a conduta que lhes cumpre em semelhante emergência.

Orgulho profissional

¶ Um servente de um banco de Nova York estava falando da sua habilidade em limpar e lustrar pavimentos. «Quando eu comecei a trabalhar aquí,» disse ele com humilde orgulho, «o chão estava em péssimas condições; mas, depois que o encerei, já houve três senhoras que levaram tombos.»

—*Treasury of Modern Humor*, Martha Lupton (Maxwell Droke)

Eldorado do rádio

(Condensado de «North Again for Gold»)

Por Edgar Laytha

Em 1930, somente havia em todo o mundo 300 gramas de rádio. Vinte anos foram necessários para produzir essa quantidade. Avaliado o grama em 70.000 dólares, representava, portanto, o estoque existente 21 milhões. Relativamente poucos hospitais se podiam dar ao luxo de adquirir rádio e, contudo, a produção—35 gramas por ano—não era suficiente para satisfazer a procura.

O estoque mundial é, hoje, de 800 gramas, e o preço 25.000 dólares o grama. Muito mais hospitais possuem rádio, e a quantidade, embora ainda insuficiente para satisfazer os pedidos, aumenta de 150 gramas por ano.

A um homem se deve, em grande parte, esta benéfica mudança: Gilbert La Bine, explorador e empresário, cuja visão e tenacidade abriu nova fonte de riqueza nas regiões desertas e subárticas do Canadá. Gilbert tem atualmente 50 anos. Filho de um médico de aldeia, saiu de casa aos 15 anos, e internou-se pelas florestas acompanhado de seu irmão Charles, um ano mais moço do que ele. Trabalharam primeiro no campo, mas logo se deixaram seduzir pelos atrativos da grande descoberta, em 1905, das minas de prata de Cobalto. Jovens demais para obterem a autorização necessária à prática de pesquisas, fizeram economias, e compraram a dois malogrados exploradores canadenses o privilégio que tinham obtido para o referido fim. Gilbert La Bine descobriu o seu primeiro filão de prata antes dos 16 anos, e vendeu-o por 5.000 dólares. Descobriu outro 10 meses depois, e rejeitou uma oferta de 25.00 dólares, verificando depois, ao tentar desenvolver a propriedade, que ela não era rica bastante para pagar as despesas.

Entraram os irmãos La Bine a empregar os maiores esforços por desenvolver a sua empresa. Gilbert era o explorador, e Charles o homem de negócios, que levantava capitais em Toronto ou Montreal. Durante vinte anos, as minas descobertas por Gilbert, e financiadas por Charles, enriqueceram outros, enquanto os dois irmãos iam empregando tudo em novas pesquisas.

Em 1913, o dr. W. G. Miller, geólogo do governo, realizou uma série de conferências, dedicadas especialmente aos exploradores canadenses, sobre o novo minério, a pechblenda, do qual Mme. Curie extraira o rádio. Entendia o conferencista que existindo aquele minério ordinariamente nas proximidades de depósitos de cobalto, era muito de presumir que pudesse ser encontrado no Ontário. Insistiu especialmente com os seus jovens amigos La Bine para que o procurassem. Gilbert La Bine importou amostras da Boêmia e, confiante, meteu mãos à obra. Em 1916, ouvindo falar da descoberta de uma mina da natureza da que procurava, a 400 km. a leste de Toronto, lá foi ter incontinenti, mas apurou que o minério não continha rádio em quantidade suficiente para uma mineração lucrativa.

Em 1926, descobriu uma mina de ouro excepcional em Manitoba. O povo de Toronto perdeu a cabeça. As ações

da sua companhia «Minas de Ouro do Eldorado Lda.» venderam-se do dia para a noite. As primeiras extrações da mina foram deveras sensacionais. Gilbert não mais dormiu à luz das estrelas. Construiu uma grande casa em Toronto. Mas ao fim de um ano, a mina começou subitamente a produzir minério de baixo teor. Os irmãos propuseram que se suspendesse a exploração, preservando os 200.000 dólares de que se dispunha. Gilbert iria pesquisar por conta própria, e, quando encontrasse nova e melhor mina, aquela quantia serviria para começar a explorá-la.

Sentava-se Gilbert horas a fio no seu escritório, em frente de um mapa geológico do Canadá que cobria quase toda a parede. Já tinha explorado toda a região da Baía do Hudson, a Colúmbia Britânica, Manitoba e Ontário. Aonde iria agora? Certa ocasião, seu filhinho, trepando-lhe no ombro, tocou com a mão o ponto mais alto que podia alcançar no mapa. «O que fica aquí, papai?» Apontara o Grande Lago do Urso.

La Bine entrou a estudar todos os relatórios científicos, todas as exposições de comissões de geólogos, todas as histórias de aventuras sobre o Território do Noroeste. Uma noite, iam os estudos pela terceira semana, a sra. La Bine acordou aos gritos do marido: «Hei-de encontrá-lo!»

Ouviu ela depois a leitura que ele fazia excitadamente do relatório de uma missão de reconhecimento que, em 1900, tinha avistado, nos rochedos do Grande Lago do Urso, manchas cor-de-rosa que pareciam indícios de cobalto. «Onde existe cobalto, existe prata.»

Procurou Gilbert o único homem que o podia ajudar—Leigh Brintnell, o aviador canadense que melhor conhecia as regiões desertas, e o único piloto que já tinha sobrevoado as 12.000 milhas quadradas do Grande Lago do Urso. Brintnell havia abandonado os vôos sobre regiões virgens, e era agora o importante gerente de uma companhia de navegação aérea. Mas conhecia La Bine havia anos, e não se negou a acompanhá-lo. Contudo, seriam precisos dois meses para encontrar índios que transportassem em trenós a gasolina para pontos adequados da rota.

Em agosto de 1929, Brintnell deixou La Bine na margem ocidental do lago gelado. Três semanas depois, quando um avião veio buscá-lo, o explorador mostrava-se desanimado. «Existe cobre aquí,» disse ele, «mas de teor demasiado baixo para compensar o transporte.»

Ao decolarem, La Bine pediu ao piloto que percorresse mais uma vez a praia, enquanto ele observava as rochas com o binóculo. De repente, exclamou, alvoroçado: «Alí—olhe!»

Até o piloto pôde ver uma rocha salpicada de todas as cores imaginaveis.

«Penso que encontrei o que procurava,» disse La Bine. «Alí há certamente prata, cobalto e ouro. Mas um homem sozinho não pode, de maneira alguma, percorrer terreno tão dificil. Havemos de voltar...»

Em Toronto, La Bine encontrou dificuldades. Todo o mundo considerava impossivel a mineração no Extremo Norte. Mas por fim achou um sócio—Charles St. Paul, um velho amigo e explorador veterano. Em abril de 1930, os dois regressaram ao Grande Urso com 1.600 libras de provisões e equipamento. Pesquisaram sistematicamente a costa, rebocando o próprio tobogã, pois era impossivel conseguir cachorros. Houve dias em que a tempestade e o frio os retiveram na tenda. A adversidade acompanhava-os. St. Paul

perdeu momentaneamente a vista devido à neve, e permaneceu semanas no leito de campanha com os olhos doloridos e inflamados. Gilbert prosseguia sozinho. Passou-se maio e, em junho, equipado de sacola e martelo, Gilbert marchou para o norte em direção a um amontoado de rochas dentro do círculo ártico. Foi então que algo fantástico lhe surgiu aos olhos: um caminho de prata —uma ampla faixa de metal tão larga como uma estrada de rodagem e quase sem impurezas. Com o martelo, destacou La Bine pedaços pesando 40 e 50 quilos. Mais longe descobriu outras jazidas igualmente puras. Os veios espalhavam-se indefinidamente.

Esta descoberta rivalizou com as maiores dos últimos 800 anos. Radiante de alegria, Gilbert iniciou o regresso à tenda com a sacola cheia de prata. A cerca de quilômetro e meio do acampamento, a deslumbrante luz solar acendeu, num promontório rochoso, centelhas de cores brilhantes—amarelo, verde, azul, rosa, preto. Era o pico que ele tinha avistado do avião. Contou os metais existentes na rocha; cobalto, prata, ouro, cobre, bismuto... Era pechblenda, o minério que em vão procurava havia 10 anos. Alí por perto encontrou um segundo veio, um terceiro, um quarto—todos aparentemente do melhor teor.

Aquela assombrosa estrada de prata nada era comparada a esta preciosa pechblenda. Embora não fosse tão rica como a de Mme. Curie, que em 8 toneladas de minério rendeu um grama de rádio no valor de 70.000 dólares, ainda assim valia a pena a exploração e transporte. Tais eram as reflexões de la Bine.

«Belo dia, não acha?»

La Bine voltou-se surpreendido. Um homenzinho vestido com um capote branco, de couro de rena, armado de fuzil, tinha aparecido como por encanto. «Quase o confundia com um urso,» explicou ele. «Por pouco não lhe dava um tiro.»

Nere Roberts, o pequeno caçador da região, regressou com La Bine ao acampamento. St. Paul, tendo já recuperado a vista, saiu-lhes ao encontro. Passou-se muito tempo antes de se deitarem. É que tinham rádio nas mãos.

La Bine e St. Paul traçaram um plano. Esperava-se para breve a chegada de Charles La Bine. Assim que ele chegasse, com provisões e uma turma de homens, iriam todos trabalhar de picareta e batear minério durante oito semanas. Roberts iria ao forte mais próximo e telegrafaria pedindo um avião de carga para levar as amostras aos laboratórios. Neste meio tempo, marcariam as áreas mais promissoras.

Estavam no verão de 1930. Até à próxima primavera teriam uma boa idéia das instalações que havia a construir. Por volta do mês de agosto de 1931 poderiam abrir uma galeria e mandar vir maquinaria pelo rio Mackenzie. A mina poderia estar produzindo nos fins de 1932.

Tudo correu segundo os planos traçados. As análises do laboratório ultrapassaram as expectativas.

No outono, antes da congelação, os irmãos partiram de avião para obter o financiamento. Toronto os acolheu festivamente; a imprensa publicou histórias fantásticas de rádio e prata no Grande Lago do Urso. Mas os financistas recusavam-se a deixar-se levar pela corrente, e só a muito custo 200 mil dólares foram obtidos. Faltavam 300 mil.

Os capitalistas canadenses compram poucas ações de minas sem um relatório,

sobre o assunto, do Departamento da Produção Mineral. Quando, meses depois, foi publicado tal relatório, as conclusões a que chegava eram bastante desanimadoras. Os irmãos não desistiram. Dividiram o continente entre si. Charles tentaria obter dinheiro no Canadá, e Gilbert nos Estados Unidos. Por fim os capitalistas deram ouvidos.

Quando La Bine desceu no Lago do Urso na primavera de 1931, não havia tempo a perder, porque em semelhante obra 500.000 dólares poderiam evaporar-se num instante. Gilbert lançava ousadamente centenas de milhares na balança. Os cargueiros em serviço no rio Mackenzie eram demasiado vagarosos. La Bine embarcou então a maior parte do minério por via aérea. Os trabalhadores, máquinas e provisões chegavam pelo ar. Para pagar os salários, Gilbert trocava prata por dinheiro.

Naquele verão o funcionário do governo que tinha sido tão cauteloso no seu primeiro relatório, seguiu de avião para o Lago do Urso. O seu segundo parecer, cheio de entusiasmo, deu motivo a uma forte afluência ao local. Na primavera seguinte, os aviões fizeram carreiras regulares, ajoujados de homens e materiais. No fim do verão de 1932, mais de 100 toneladas de pechblenda, contendo rádio no valor de 700.000 dólares, se empilhavam nos depósitos da Cia. Eldorado. Gilbert esperara conduzir nas próprias mãos o primeiro grama de rádio, mas aprendeu que para extrair um grama, de 10 toneladas da sua pechblenda, eram necessárias 60 toneladas de substâncias químicas! Saía-lhe muito menos dispendioso o embarque do minério, do que tentar refiná-lo no local. Enviou-o pelo lago em barcos de carga; nas cataratas do rio do Grande Urso cincoenta índios, alimentados durante todo o inverno precedente à custa de La Bine e assim fortalecidos, fizeram 12 quilômetros carregando os preciosos sacos, para ir empilhá-los em chatas no rio Mackenzie. Dalí para diante os 5.600 km. por água e estrada de ferro eram faceis de transpor.

Terminara o período experimental. Todo o minério que podia ser retirado dos veios com picareta já o tinha sido, e agora La Bine precisava fazer excavações. Apenas exprimiu o seu desejo, logo os instrumentos necessários foram enviados pelo rio em chatas e vapores. Nos fins de 1932, a mina no «Campo La Bine» estava produzindo.

De maneira geral, o processo de extração era acessivel a qualquer. Mas como os belgas tivessem aperfeiçoado o seu uso numa base industrial, a Companhia pediu-lhes auxílio urgente. Os belgas desinteressaram-se.

A situação tornava-se crítica. A mina do «Campo La Bine» trabalhava 24 horas por dia. Mais de um milhão de dólares jaziam empilhados em sacos grosseiros numa fábrica de tintas, vazia, em Porto Esperança; encomendas que se elevavam a centenas de milhares de dólares tinham sido recebidas de todas as partes do Império Britânico e dos Estados Unidos. Os compradores se prontificavam a pagar 70.000 dólares por grama. E La Bine não podia satisfazer os pedidos!

Foi então que alem-mar surgiu alguem oferecendo ajuda.

Marcel Pochon, proprietário de uma pequena refinaria de rádio na França, tinha ouvido falar das dificuldades com que lutavam os canadenses. Discípulo dos Curies, era de opinião que todos os que trabalhavam em rádio deviam unir os seus esforços em benefício do mundo. Ele mesmo tinha inventado um processo novo e mais barato de refinar rádio. Liquidou, pois, a sua fábrica, e transportou-se ao Canadá com todo o equipamento, começando imediatamente a transformar a velha fábrica de Porto Esperança numa moderna usina de rádio. Ensinou os canadenses como extrair rádio da pechblenda por meio de 33 operações químicas em vez de 45.

Naquele mesmo ano os belgas abaixaram o preço do grama de 70.000 para 50.000 dólares. Sem perda de tempo, Pochon tomou o avião para o «Campo La Bine», e certificou-se que a mina poderia operar ao novo preço.

No ano de 1933, o Canadá produziu três gramas de rádio. Em 1935 oito e meio. Em 1936, quinze e meio...

Então os belgas abaixaram novamente o preço para 25.000 dólares.

Esta notícia foi tão esmagadora quanto animadora, pois Gilbert La Bine, um simples pesquisador canadense, fez cair precipitadamente o preço do rádio. Esta queda foi esplêndida do ponto de vista humanitário. Mas como poderia ele produzir rádio a 25.000 dólares a grama, quando 50.000 eram o mínimo necessário para manter a exploração?

Sentiu-se tranquilo quando dois outros veios na mina indicaram a existência de novo depósito do minério no valor de 10 milhões de dólares. Era extraordinário. Mas este minério estava longe de conter o alto teor do dos primeiros anos. Seriam necessárias novas máquinas, novos meios de transporte e uma refinaria de grande capacidade, completamente nova. Para isto eram precisos pelo menos 3 milhões de dólares—e sem demora. Nesta hora negra o dinâmico Harry Snyder, magnata do petróleo, de Chicago, entrou no cenário da guerra belgo-canadense de rádio. Snyder, que tinha seguido passo a passo todos os empreendimentos de La Bine, comprou um grande número de ações e arrastou consigo outros clientes.

A Companhia Eldorado, reanimada com os novos capitais, comprou dois novos navios com motores Diesel, destinados ao transporte de grandes carregamentos de minério. Aumentou de 60 para 100 o número dos operários do «Campo La Bine», e excavou mais 400 pés na mina. O dispendioso transporte de minério por via aérea, abandonado anos atrás, foi reiniciado com o próprio avião da companhia, de cinco toneladas de capacidade, que fazia chegar, o mais depressa possivel, grandes quantidades de minério concentrado à grande refinaria de Porto Esperança.

Em 1937 a produção canadense atingiu 24 gramas, e em 1938 alcançou a elevada quantidade de 70 gramas, duas vezes mais do que o resto do mundo produzia. Agora, a Companhia Eldorado está trabalhando numa base anual de 108 gramas.

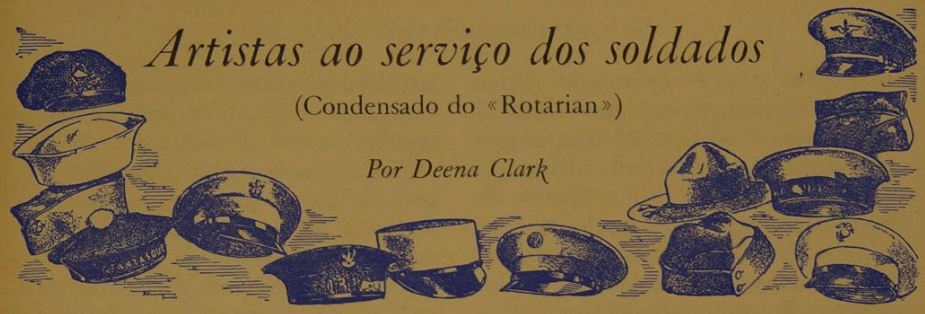
Em 1937 o Canadá deixou de satisfazer encomendas na importância de 500.000 dólares. Em 1938, entregas avaliadas em 800.000 dólares tiveram de ser adiadas para o ano seguinte. No fim de 1939 encomendas urgentes, calculadas em mais de um milhão de dólares, tiveram de esperar a sua vez. O Canadá é senhor do mercado de rádio. Mas o preço ainda se mantem a 25.000 dólares. Os irmãos La Bine não acreditam que se possa produzir por menos.

Os médicos e radiologistas sonham com o dia em que o precioso metal possa ser distribuido de maneira a satisfazer as necessidades do mundo inteiro. Isto, naturalmente, ainda é um sonho, mas é um sonho que, devido à coragem e perseverança de um explorador canadense, se aproxima da realidade.

Artistas ao serviço dos soldados

(Condensado do «Rotarian»)

Por Deena Clark



«QUE SORTE!» exclamou o jovem marinheiro ao sentar-se embevecido ao lado da famosa estrela. «Eu sempre sonhei encontrar-me com Loretta Young, mas só mesmo uma segunda guerra mundial podia tornar isto possivel.»

Na Cantina dos Artistas, marinheiros e soldados têm a oportunidade de conhecer pessoalmente artistas famosos como Boris Karloff, Cary Grant, Bing Crosby, Adolphe Menjou, o violinista Yehudi Menuhin, e personalidades de relevo, como a senhora Roosevelt e tantas outras. Rita Hayworth prontificou-se a beijar todos os rapazes que estivessem festejando aniversário naquele dia, e evidentemente não houve na sala um que se não apresentasse como tal. A duquesa de Windsor assinou «Wallis Windsor» em milhares de albuns de autógrafos.

O vice-presidente Wallace, como bom fazendeiro que é, subiu ao palco, e desafiou qualquer marinheiro ou soldado presente para uma luta *queda de braço*. Um vasto latagão de uns noventa quilos de peso aceitou o desafio. Deram-se as mãos e em dois tempos o soldado estava derrotado. De tanto colherem espigas de milho, os fazendeiros do estado de Iowa têm um pulso de aço.)

Essa espécie de divertimento, que seria impossivel financiar sem uma doação de milhões por parte do governo, é coisa corriqueira na Cantina dos Artistas. Tanto aquelas como outras pessoas de renome fazem isto gratuitamente, pela causa comum, e os rapazes lhes são profundamente gratos.

As cantinas são organizadas pelo «American Theater Wing», e o trabalho é todo feito por voluntários. Proporciona-se a simples soldados e marinheiros um gênero de serviço que, nem a peso de ouro, um general ou almirante poderia comprar. O soldado João Ninguem senta-se numa mesa arrumada, talvez, por Jimmy Durante; come sanduiches e bebe café preparados por Ina Claire; os pratos sujos são em seguida retirados por Frederic March. Enquanto isto os melhores artistas de *vaudeville* cantam e representam para ele, que, por fim, pode convidar para dansar qualquer das lindas moças que estão presentes—e tudo sem gastar um vintem!

Não há, porem, a menor dúvida sobre qual seja para os rapazes a maior atração. A senhora do General McNair, recebendo na cantina de Washington um marinheiro bronzeado pelo sol, perguntou-lhe o que desejava antes de mais nada: «Mulheres!» disse ele rindo, «tragam-me as mulheres!»

Este marinheiro se referia, com a sutileza própria do homem do mar, às quatro mil moças cuidadosamente escolhidas para dansar com os rapazes e lhes fazer companhia nas diversas cantinas. Elas vêm de todos os estados da União.

Numa noite um soldado pode vir a dansar com uma atriz, com a filha de um almirante, com uma estenógrafa da marinha, uma operária da fábrica de motores Diesel, ou uma modelo da «Vogue».

Para serem escolhidas as moças devem ter simpatia, tato e um conjunto agradavel de personalidade. A porcentagem de moças bonitas «é teto ilimitado» como dizia um piloto da Força Aérea. «Para arranjar uma pequena alinhada, nem é preciso abrir os olhos», contava um radio-telegrafista da marinha.

Cada uma das moças está de serviço uma noite por semana, revesando de três em três horas. Dansam com uma média de uns cem pares por noite, o que equivale a percorrer uns seis quilômetros a pé. As cantinas estão em geral tão cheias que, chegar até o tablado de dansa, constitue em si um treinamento de tática de invasão. Um marinheiro que acabara de dansar com uma jovem artista, pedia-lhe suplicante, ao parar a música: «Não vá-se embora, não! Sua influência sobre meu moral é tão grande que já se pode gabar de ter encurtado a guerra de uns dois anos pelo menos!»

Há porem um regulamento rigoroso nas cantinas que proibe às moças dar seu número de telefone aos rapazes; mas rapazes e moças acabam dando um jeito para se encontrar, e já há vários casamentos originados nas Cantinas dos Artistas.

Nem sempre a maior atração é o que se passa no palco. Os rapazes não podem deixar de sentir-se importantes ao ver um alto funcionário do governo, como Paul V. McNutt, lavando louça para eles; ou então o ator Alfred Lunt a despejar a lata de lixo. Um marinheiro perguntou a um senhor que esvaziava os cinzeiros: «O senhor será mesmo Donald Nelson?» «Desculpe, moço,» respondeu o diretor da produção de guerra, «mas nós, garçons, não temos licença de dar nossos nomes nem número de telefone!»

A famosa Marlene Dietrich estava um dia varrendo o chão quando um jovem marinheiro veio correndo ajudá-la: «Deixe que eu faço isso», disse ele, «a senhora deve estar farta de varrer casa todo dia.»

Soldados e marinheiros acabam sempre por se encontrar na Cantina dos Artistas. Amigos que não se viam desde os tempos de colégio, revêem-se lá com surpresa. Certa vez, conversava um soldado com uma das moças quando de repente para, apontando para alguem atrás dela; os olhos se lhe encheram de lágrimas: lá estava seu irmão, fuzileiro naval, que fora dado como desaparecido em combate, havia um ano!

As cantinas são custeadas por doações particulares. Em Washington um benemérito doador compromete-se a dar seiscentos dólares por noite, o que paga comida e divertimento para dois mil rapazes mais ou menos. Outros, apelidados «anjos», pagam cem dólares para ter o privilégio de se sentarem numa mesa especial. Em cada cidade há pessoas que auxiliam as cantinas fornecendo louça, moveis, panelas e toneladas de mantimentos.

Será que as Cantinas tornam os rapazes melhores soldados? Haverá justificativa para o «American Theater Wing» abrir novas cantinas em Boston, Dallas e mesmo em Alexandria, no Egito? A correspondência dos fãs é a resposta.

«Vocês não sabem o que significa para nós, podermos passar os últimos

momentos, antes de embarcar, nas Cantinas; em vez de ficar fazendo hora, trocando pernas a esmo pelas ruas da cidade.»

«É como se estivéssemos em casa», diz outro, «apenas não é preciso enrolar o tapete para poder dansar.»

Na opinião de um fuzileiro «quem disser que a guerra é um inferno, é porque de certo nunca esteve na Cantina dos Artistas!»

Em Filadélfia, um marinheiro, com dezesseis anos de serviço ativo, indagou se seria permitido modificar seu seguro de vida para que o dinheiro revertesse para as cantinas.

Em Nova York um soldado preto estava sentado, muito quieto, numa mesa; tinha acabado de comer seu sanduiche e de beber o copo de leite. Jane Cowl aproximou-se dele: «Quer mais alguma coisa?» perguntou. «Um sanduiche ou um cafezinho?»

O rapaz não respondeu; apenas abanou a cabeça negativamente.

«Que pena. Sente alguma coisa?»

«Não», explicou o soldado, «apenas um nó na garganta.»

Somar e subtrair

¶ Certo indivíduo recebeu, de um oficial aviador inglês, uma carta que tinha sido recortada na Censura, segundo parece, porque continha algumas referências às operações aéreas. Com o recorte feito, ficou inutilizada uma engraçada anedota, que se achava no outro lado da folha recortada. O censor, entretanto, teve o cuidado de escrever, com sua letra, firme e clara, acima da parte cortada, todo o trecho da anetoda que ficara faltando.

—*The New Yorker*

¶ Um homem de Nova York recebeu recentemente uma carta de um amigo que dirige uma ambulância no Médio Oriente. A missiva procedia do Líbano, que, dizia o missivista, tem hoje um aspecto triste, porque os cedros bíblicos já não existem—postos abaixo pelos crassos propósitos militares e industriais dos homens contemporâneos. A essa altura da carta, o censor, homem de cultura histórica, acrescentou a seguinte nota: «Postos abaixo tambem pelos Fenícios, pelos Turcos e pelos Romanos».

—*The New Yorker*

¶ Vários soldados, prestes a tomar um trem, estavam na estação recebendo beijos de despedida de bonitas pequenas. Não eram casais que se beijavam: cada soldado estava sendo beijado por tantas garotas quantas podia. Já dentro do trem havia outro grupo de soldados. Um deles estudou a situação, por um ou dois minutos, e em seguida saiu calmamente do carro, para entrar no teatro de ação. Recebeu uma meia dúzia de beijos e entrou novamente no trem, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

—Soldado Thomas, J. Brand

¶ *Segredos da vida dos infinitamente pequenos mostrados em um palco microscópico*

Vida e morte numa gota de água

(Condensado do «New York Times Magazine»)

Por Waldemar Kaempffert

O primeiro «Jardim zoológico» de animais microscópicos foi organizado pelo Museu de História Natural de Nova York. O «microvivarium», como se chama, foi criado pelo dr. George Roemmert. Durante a feira mundial de Chicago, quatro mil pessoas por hora enchiam a sala para observar como vivem e lutam aquelas criaturas infinitesimais, cujo mundo é uma gota de água. Graças a um aparelho óptico especial, que permite aumentar a imagem alguns milhões de vezes, vê-se em escala muito maior, exatamente o mesmo que o biologista vê através do seu microscópio, isto é, a eterna luta pela existência.

O microvivarium é uma sala em forma de ferradura; nas paredes, fazendo lembrar vigias de navio, há várias telas de cinema com um metro de diâmetro. As luzes se apagam e um letreiro luminoso onde se lê «Paramécio» aparece em baixo de uma das telas. Vemos então uns animálculos em forma de chinelo que se agitam e se contorcem à procura da suculenta bactéria com que se alimentam; mas não são os únicos atores na cena, há tambem os protozoários semelhantes a moluscos, trepando agilmente por um filete de alga para depois lançarem-se num pulo à caça de qualquer coisa; animais curiosos com braços em forma de estrelas, outros que lembram cisnes; há enxames deles rodando à volta; de repente um sai qual uma flexa, e fica parado, vibrando, num só lugar.

«Vejamos agora como se alimentam», diz uma voz. Ilumina-se uma segunda tela onde vemos as *didínias* que parecem pequeninos barrís, e rolam como se fossem bolas de gude. Na plataforma de onde é projetada a imagem, o dr. Roemmert junta alguns paramécios àquelas barricas-vivas. Há um momento de quietude, o silêncio tenso que precede a batalha; logo após as barricas microscópicas mostram o que são: os assassinos deste mundo infinitesimal. Ferozes como tigres que atacassem um rebanho, investem contra os paramécios fisgando-os com seu focinho em forma de lança; estes últimos lutam um pouco, mas por fim morrem envenenados. Vemos o focinho que se abre, e uma goela enorme e cavernosa engole o paramécio que desaparece. Observemos agora de perto uma dessas didínias que apresentam uma ligeira depressão a meio do corpo. Forma-se aí uma cintura que se afina cada vez mais como se qualquer coisa estivesse cortando o animal ao meio. Mais uma contração, e vemos agora duas didínias onde antes só havia uma. Divisão celular ou cissiparidade é como o biologista chama este método de reprodução.

Mas essas ferozes didínias tambem têm seus inimigos. O dr. Roemmert deixa cair sobre elas alguns «trombeteiros»; são belas criaturas de um azul esverdeado que, com bocas abertas, se agarram aos fios ondulantes de vegetação. Uma didínia fica presa num dos filamentos que se balançam, e o pequeno organismo que acabara de devorar um paramécio será agora por sua vez tragado pelo trombeteiro. As paredes do corpo deste são tão transparentes, que se pode ver a vítima a agitar-se dentro dele; mas os pulos e contorsões vão diminuindo até cessarem com uma debil contração final; começou a digestão, e o trombeteiro, largando a vegetação onde se agarrava, sai nadando graciosamente em meio àquela verdadeira floresta aquática.

A variedade de organismos é enorme: o corpo transparente da «pulga de água» deixa ver o coração que bate como um relógio e os filhos são claramente visiveis dentro da bolsa de gestação; as hidras de água doce lançam braços como trepadeiras que se quebram e se transformam em novas hidras; enxames de parasitas nadam em volta como pulgas sobre um cachorro; os ageis espiroquetas, parentes do germe da sífilis, pulam à roda enquanto os flagelados, primos-irmãos dos micróbios causadores da moléstia do sono, açoitam a água com seus pedúnculos cuja forma lembra um chicote.

O dr. Roemmert levou quinze anos para resolver todos os problemas técnicos ocorrentes na hipótese, e assim tornar possivel a apresentação desse teatro microscópico. Os espécimes são projetados na posição horizontal que têm na lâmina do microscópio e, graças a um jogo de espelhos, a imagem aparece verticalmente na tela. O calor de uma lâmpada de projeção secaria rapidamente a gota de água onde se movem os pequenos organismos, e por isto foi preciso fazer passar a luz por certos líquidos em condensadores transparentes que eliminam todos os raios térmicos. Este aparelho complicado já se acha tão aperfeiçoado que podem ser projetadas umas doze gotas de água ao mesmo tempo, contendo cada uma delas um pequeno mundo.

O trabalho de colher material é o mais simples de todos: é só apanhar um pouco de água no lago de um jardim qualquer; embora pareça limpa, nela pulula a vida microscópica. A gota de água poderia ser projetada exatamente como é colhida, mas a complexidade do quadro seria demasiada; ver-se-iam um matagal de vegetações entrelaçadas e enxames de animálculos agitando-se por todo lado.

O dr. Roemmert, por isto, distila primeiro a água que vai usar para depois juntar as plantas vivas, algas, por exemplo; ou então utiliza uma infusão de feno para fornecer o elemento nutritivo indispensavel à vida. Cada um desses organismos infinitamente pequenos requer uma dieta especial, e é preciso controlar constantemente a qualidade e quantidade de alimento: como todos os animais, eles se tornam preguiçosos e lerdos quando estão fartos, e, se não comem, perdem toda a vitalidade. A temperatura tambem deve ser regulada; se for alta ou baixa demais, os espectadores verão apenas cadáveres boiando. Uma vez obtido o «habitat» sintético perfeito, o dr. Roemmert introduz, os animálculos um por um, na lâmina que coloca ao microscópio—e assim abre-se a cortina para o drama mais absorvente do mundo: a luta primordial pela existência.

¶ *Devia ter ganho uma medalha*

A voz que falou na hora H

(Condensado do «This Week Magazine»)

Robert Ormond Case

Isto se deu durante a última guerra. Um navio transporte de tropas singrava os mares ao cair da noite, a quinhentas milhas de Liverpool. A zona estava infestada de submarinos, e mesmo no interior do navio não era permitido acender luz alguma. Éramos oitocentos homens, metidos em volumosos salva-vidas, sem espaço para nos mover, em completa escuridão. O navio ia a todo vapor, e sentíamos nos nossos próprios ossos o pulsar de seus motores naquele esforço imenso; batíamos o queixo, embora fizesse um calor sufocante.

Estávamos a quatro metros e meio abaixo do nivel do mar que roncava bravio. Para quem sofresse um pouco de claustrofobia, era a tortura máxima. Caso um torpedo atingisse o navio a meia nau, os que se achavam apinhados no tombadilho de cima tinham pelo menos alguma probabilidade de salvar-se; mas para os que enchiam o porão, não havia esperança.

Por fim chegou a hora—sentimos vibrar e troar o canhão da proa; fora avistado um submarino e estavam a canhoneá-lo. Isto queria dizer que ele havia subido à tona e portanto já lançara seu torpedo. Os destróieres convergiriam sobre ele para destruí-lo, mas o trabalho de morte já estava feito, e o torpedo neste momento cortava a água em nossa direção.

Ficamos alí de dentes cerrados e os nervos à flor da pele. Saberíamos dentro de trinta segundos... Não sei o que nos mantinha tão quietos, se disciplina, se amor-próprio; mas, a cada segundo que se passava, diminuia nosso auto-controle. Um grito na escuridão, um gemido involuntário no terror daquela prisão, e seria o pânico!

Neste momento falou uma voz meio rouca, penetrante como o coaxar de um sapo, e que se fez ouvir em todos os recantos: «Quem quer comprar um relógio em boas condições?»

Rompemos numa gargalhada que ecoou por todo o navio. E não era apenas uma reação nervosa: era uma vitória. Deixando de ser uma multidão que tremia, quase histérica, éramos agora homens que, juntos, enfrentávamos *rindo* o perigo! Acontece que o torpedo não nos atingiu, e foi se perder pelo mar em fora. Mas isto não vem ao caso.

Damos medalhas àqueles que são bravos no campo de batalha, onde a bravura é de regra. Penso que deveríamos dar tambem uma prova de reconhecimento àqueles que no momento preciso sabem incutir nos outros a calma e a coragem.

¶ *Ser derrotado e não se render—é uma vitória.* —*Pilsudski*

¶ *Porque os empréstimos públicos abrem caminho à ruina, ao passo que operações de crédito privado suscitam prosperidade?*

Como evitar o desemprego após a paz

(Condensado de «Barron's»)

Por John W. Hanes

Muitos departamentos de Washington estão a fazer planos grandiosos para que não falte, após a guerra, emprego aos americanos. Ninguem, por certo, porá em dúvida a importância do problema, ou a necessidade de resolvê-lo. Mas os planejadores de Washington pretendem fazer surgir os desejados empregos através de projetos de obras públicas em que se terão de gastar milhões de dólares.

Cumpre, entretanto, que se estabeleça desde logo uma distinção fundamental—a que existe entre um governo e uma empresa particular, quando tomam dinheiro por empréstimo. A diferença pode ser tão grande quanto a que haja entre a prosperidade e a ruina do país.

Quando uma sociedade privada toma emprestado um milhão de dólares, e com este monta uma fábrica, passa a produzir mercadorias. Em seguida, vende-as, com um lucro. Estabelece, pois, uma receita, da qual tira o com que pagar os juros da sua dívida, e por fim a própria dívida. O governo, porem, salvo circunstâncias ou casos de todo em todo excepcionais, não constrói fábricas, nem abre armazens. Não produz mercadorias, e são poucos os seus serviços que expõe a venda. Assim, portanto, o dinheiro que ficou a dever não cria renda com que possa ser pago.

Para realizar o pagamento, só resta ao governo o recurso de taxar as empresas ou indivíduos, que já vêm pagando a seu modo. À medida que as taxas aumentam, e é claro que sobem na razão direta do crescimento da dívida pública, mais dificil se vai tornando a tais indivíduos ou empresas fazer face aos seus compromissos. Resulta que o governo, endividado, tende não só, a tornar-se em si mesmo esteril, mas destrutivo da capacidade de compra, isto é da fecundidade da iniciativa privada.

Há contudo outra diferença, mais importante ainda. Se eu, como simples particular, tomo um milhão emprestado, e o aplico em obras de caridade—inventando empregos—faço certa quantidade de benefícios. Mas, acabado o milhão, está finda a minha obra. Se eu quiser conservar os empregados, terei que fazer novo empréstimo, e empregar novo milhão. Suponha-se porem que, em lugar de usar o milhão para fins de caridade, eu me decido a aplicá-lo na instalação de uma fábrica. Contrato então empregados para os respectivos trabalhos. Compro matérias primas, manufaturo produtos, promovo-lhes a venda no mercado. Com o dinheiro que recebo, eis-me habilitado a conservar o pessoal em serviço, e a voltar a adquirir matérias primas. Criei, em suma, *um organismo, que é um instrumento de contínua produção de riqueza, e fonte contínua de emprego.*

Do governo, entretanto, não provem esse gênero de empresa. Ele toma dinheiro emprestado, e o emprega talvez em muitas coisas uteis. Mas destas coisas não lhe resulta renda. Uma vez despendido o milhão, ou há que dispensar os empregados, ou que contrair, para mantê-los, sucessivos empréstimos. Os dólares aplicados em empresa particular conservam o trabalho indefinidamente; os de que se utiliza o governo, estes só dão trabalho temporário.

Sob outro aspecto: a questão de juros, quando a dívida do governo é moderada, não tem maior gravidade; pode, todavia, converter-se em perpétua enxaqueca nacional, se a verba correspondente acaba preponderando no orçamento da despesa. Ao fim da presente guerra, os juros da dívida pública dos Estados Unidos, a taxa de 3 por cento, não montarão a menos de 9 bilhões de dólares. Quer isto dizer que o povo americano terá que pagar em taxas, para serviço *unicamente de juros* (sem reduzir de um só dolar o total da dívida) mais do que o maior total de taxas que já se arrecadou, no país, e para todos os serviços públicos, antes de Pearl Harbor!

No fundo da questão que se debate, há o fato central de que o governo «gasta» o dinheiro, enquanto a empresa particular o «aplica». Quando empregamos determinada soma, que não esperamos rehaver, no principal ou sob a forma de lucro, tê-la-emos de fato «despendido». Bem ou mal, pouco importa ao caso; o certo é que o cobre se foi. Alguns chamados «economistas novos» dizem que a construção de um parque, ou de uma estrada, ou de um campo de esportes, é uma «aplicação de capital». Pura sofisticaria. O dinheiro público, empregado em obras desse gênero, pode produzir «dividendos», expressos no bem feito ao povo, melhorando-lhe o estado de espírito; não há, porem, aí, o que se chama emprego de capital, em linguagem econômica. Empregamos capital, economicamente falando, quando o nosso dinheiro ou trabalho cria um organismo que produz renda e riqueza. Assim procede a iniciativa privada; não o governo.

Há ainda outra, maior—e triste—diferença, entre as duas situações que examinamos. Quando uma sociedade particular se deixa esmagar pelas dívidas, vai à falência, e estas desaparecem. Os credores privados sofrem o prejuizo. Mas a sociedade pode prosseguir, aliviada da carga, para uma vida nova, quiçá próspera.

Entretanto, a dívida pública é fixa e irrevogavel. Se o seu peso se torna intoleravel, nem por isto ao governo é lícito declarar-se em bancarrota. Apela então para o método, violento e nefasto, da inflação. É o que acontece quando o governo, precisando de somas astronômicas, e não tendo mais como pedir dinheiro à população, sob a forma de taxas e empréstimos, entra a tomar emprestado, desordenadamente, aos bancos. A inflação resultante põe em ordem a escrita do tesouro, mas arruina o povo. Não há mais salários que acompanhem a subida a galope dos preços. Quanto mais dinheiro, já agora, recebe o trabalhador, menos pode comprar com ele. Milhões de pessoas, que vivam de salários ou rendas fixas, vêem-se, para logo, reduzidas a verdadeira penúria, já que o custo das próprias coisas essenciais à vida se torna mais e mais inacessivel às suas algibeiras.

Tal é a inevitavel consequência a que nos conduzirá a «nova economia» dos nossos planejadores do após-guerra. Na-

da há aliás de novo nos seus planos. A Europa, durante o último século, aplicou-os, por assim dizer, país por país. A Itália, por exemplo, antes de Mussolini: o velho governo, flutuando perigosamente nas águas da dívida pública, terminou por abrir caminho à instituição do fascismo. Depois, sob Mussolini, a dívida pública, servindo de apoio aos negócios, tem sido elemento essencial do regime. A França, desde 1820 até às vésperas da atual guerra, aumentou continuamente a sua dívida pública, buscando, por duas vezes, na inflação, uma porta de saida. O governo alemão, depois da primeira guerra mundial, usou dos mesmos recursos, e os economistas da Alemanha começaram em seguida a pregar a «nova economia». Hitler adotou-lhes as teorias. Já o Reich se escapou desastrosamente por uma inflação, e não se livrará de outra.

A despeito de tantos precedentes, todos eles funestos, os «economistas novos» de Washington sugerem que se tomem emprestados bilhões de dólares para a execução, depois da guerra, de projetos de obras públicas, tudo isso com o carater de *plano nacional permanente*.

Estamos no entanto fartos de saber que obras feitas pelo governo, com dinheiro obtido por empréstimo, não produzem prosperidade, que a indústria, em tais casos, realiza, mas conduzem, ao contrário, à catástrofe.

Não é claro por conseguinte que o grande problema, na hipótese, para os Estados Unidos, sob o ponto de vista material, é animar o processo criador da produção privada, para que recomece e prossiga a distribuição da riqueza?

Os líderes industriais não ignoram hoje que as possibilidades para a expansão após a guerra são maiores do que nunca. Poderão surgir novos produtos, novas invenções, novos serviços, que o espírito burocrático jamais conceberia, mas a que o sistema de iniciativa privada, de competição industrial, invariavelmente dá origem.

Tirem as suas próprias confusões...

¶ Um correspondente de imprensa em Washington recebeu este apelo telegráfico do seu jornal:

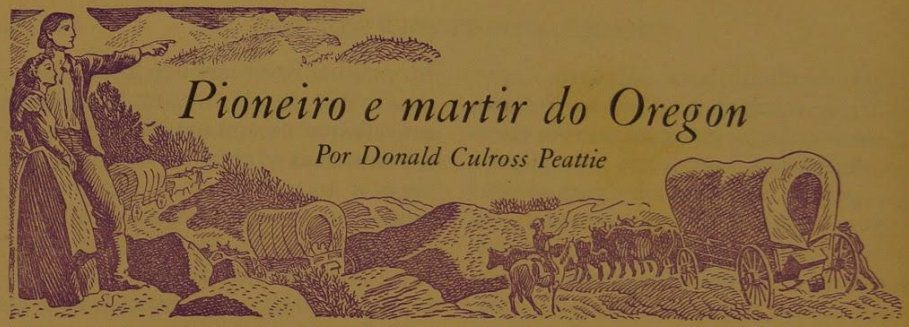
«O escritório local do Departamento de Registro Federal de Lares de Família, serviço da Administração Nacional da Habitação, não sabe se o Escritório de Washington ainda existe. Contacto perdido. Por favor, investigue».

—Mary Hornaday, *The Christian Science Monitor*

¶ A sala de informações da Biblioteca Pública de Toledo, Ohio, recebeu um chamado telefônico pedindo informações sobre os preços de venda por grosso na área de Toledo. Depois de fornecer as informações disponiveis, o funcionário da Biblioteca sugeriu ao solicitante que consultasse o escritório da OPA, ao qual está afeta a regulamentação dos preços, durante a guerra.

«Mas quem fala aquí,» replicou o desconsolado consultante telefônico, «é do escritório da OPA».

—*Wall Street Journal*



Pioneiro e martir do Oregon

Por Donald Culross Peattie

O jovem médico, de alta estatura, limpou da face a lama que a populaça lhe arremessara. Lábios cerrados, olhos azues faiscando, desarmado, abriu caminho por entre caçadores e corredores de bosques, que empunhavam suas armas, em sinal de aviso. Estava-se em 1835 e Marcus Whitman fazia a sua incursão inicial no asselvajado Oeste americano para salvar as almas dos índios—e os corpos, se possivel—mas ainda não vencera 2.500 quilômetros, e já se via forçado a recuar, porque os mercadores de peles do rio Missurí não gostavam de missionários.

Mas não tardaria duas semanas que estes mesmos homens, rudes fronteiriços, estivessem gemendo súplicas ao dr. Whitman, agarrados à mão dele como à ultima esperança: a cólera asiática irrompera, e só ele ousava caminhar por entre os enfermos, levando-lhes o remédio aos lábios, e enxugando-lhes o envenenado suor do rosto. Foi ele quem os salvou.

Com os ventos das Montanhas Rochosas correu, assim, a notícia de que havia chegado um grande médico. De todas as regiões do Oeste, índios e mercadores começavam a reunir-se para o seu encontro anual num vale do Wyoming. Havia entre eles uma delegação de chefes das tribos do Noroeste, que vinham fazer a Whitman um apelo premente no sentido de levar sua «magia branca» ao vasto ermo selvagem chamado Oregon, e que abrangia os hoje estados de Oregon, Washington, e parte do Idaho. Esse rico império era ainda terra-de-ninguem, reclamada tanto pelo Canadá como pelos Estados Unidos, embora estes ainda pouco interessados no assunto. Não havia estrada até lá, e poucos homens lhe sabiam o caminho.

Whitman aceitou o convite e, entusiasmado com a perspectiva de estabelecer uma missão médica na inexplorada região do Noroeste, rumou outra vez para o Leste, na esperança de conseguir a ajuda necessária à empresa. Visto de Boston, que era a sede da Junta de Missões, o Oregon parecia campo pouco praticavel para a obra do Senhor: só era acessivel por mar, após viagem de seis meses, dobrando o Cabo Horn, até as Ilhas Havaí, das quais se cruzava o Pacífico até a foz do rio Colúmbia, num navio que largava de raro em raro, prosseguindo-se dalí em canoa para o interior do continente... «De maneira nenhuma!» resmungou Whitman. Conduziria o seu grupo por terra, através das Rochosas. Solicitou dinheiro para suprimentos médicos, gado, cavalos, arados e sementes. O Deus do homem branco, a medicina do homem branco, e a mulher do homem branco, levá-los-ia ele para aquelas selvas longínquas, e lá os fixaria.

A mulher que Whitman elegera já

havia escolhido para si própria a carreira de missionária. Narcissa Prentiss, com o encanto dos seus cabelos claros e olhos azues, encontrara seguramente numerosas oportunidades para abraçar um destino tão tranquilo quanto feliz. Ao revés disso, porem, optou pelo áspero caminho que, antes, nenhuma mulher branca palmilhara—o do Oregon, e na primeira viagem que o desbravou.

A neve daquela tardia primavera de 1836 ainda branqueava as suaves colinas em torno da cidade de Angélica, no estado de Nova York, quando o «marido», como sempre ela lhe chamava, a acomodou no trenó—a ela, sua noiva, cujo nome lembrava uma flor—para levá-la da casa que nunca mais veria.

Dupla foi a lua de mel, tão doce e amarga, porque o companheiro de Whitman, um moço missionário de nome Spalding, tambem trouxera consigo a noiva. Acompanhava-os W. H. Gray, um leigo. Dos três, apenas Whitman tinha alguma experiência da vida dos bosques. Era ele quem sabia achar lenha, e descobria água fresca para beber em lugares onde não se cuidava que a houvesse. Quando, aquecidos pelo esforço da tração os eixos das rodas fumegavam, para lubrificá-los ele ia raspar a resina que escorria dos pinheiros; e se, por acaso, as patas dos cavalos sangravam, tratava-as tambem com resina. Reparava as rodas dos carros com tiras de couro dos bois que morriam pelo caminho. Conseguia que os quadrúpedes amedrontados atravessassem a nado os rios que iam encontrando ao longo da viagem, e sabia fazer sorrir as boas mulheres, que iam extenuadas pela dureza da longa jornada, no curso da qual se tinham tornado mães.

Era o primeiro comboio de carros que havia de transpor aos solavancos as Montanhas Rochosas. Chegados à grande Divisão do Continente, lá embaixo, no vale que no ano anterior havia sido o ponto mais avançado a que Whitman chegara a caminho do Oeste, ajoelharam todos, jubilosamente. Spalding tinha em mãos a Bíblia, Whitman a bandeira americana, e, nas suas próprias palavras, em nome da Cristandade e das mães dos Estados-Unidos, tomaram posse daquela terra.

Continuaram esses desbravadores ainda por algumas semanas a penosa viagem, até que avistaram o vale do rio Colúmbia, cuja fertilidade se escondia então sob as espessas moitas cor de ouro e vinho, e que os índios denominavam *Waiilatpu*—«sítio do centeio bravo». Onde cresce capim, adiantou Whitman, tambem há-de crescer trigo. Foi alí, pois, que fundou sua missão.

Os Spalding foram mais adiante, nas regiões povoadas pelos índios Nez Percé (nariz furado) que eram mais trataveis. Esses índios avisaram Whitman de que os Cayuses—tribo das cercanias de Waiilatpu—eram gente bravia. Ingratos e traiçoeiros, um dia haviam de dar-lhe dores de cabeça. Esperasse e visse. Mas Whitman limitou-se a responder: «Quanto mais longe estiverem de Deus, mais de nós precisarão.»

À medida que Waiilatpu prosperava, bastando-se com as suas plantações, os Cayuses pressurosamente se aproximavam para adquirir legumes, leite, manteiga, maçãs, carne de carneiro, presuntos e aves. Divertiam-se, do mesmo modo, cantando hinos e escutando histórias da Bíblia. Secretamente, entretanto, os chefes não encaravam com bons olhos aquela democracia cristã. Se realmente os brancos possuiam tão grandes conhecimentos de medicina, só a eles, Cayuses, deveria caber conhecê-la; e estranhavam a maneira bondosa por que eram tratadas as mulheres, e certas outras coisas. Quando, então, Whitman lhes pregou os Dez Mandamentos, foi como se uma luz os atordoasse, obrigando-os a fugir para os escuros valhacoutos que lhes eram familiares.

Afora o zelo de um homem de Deus, Whitman atinha-se aos preceitos de um médico profissional. Atendia a qualquer chamado, e, ainda quando na volta de longa jornada, exhausto, não hesitava em montar de novo, e empreender outra viagem, para trepanar um crânio ou tratar de doentes ao abandono. Segundo a lei dos Cayuses, quando o doente morria, era dever sagrado dos seus parentes matar quem o medicara. Embora prevenido de que não se abriria exceção para ele, Whitman arrostou com o risco. Alguns dos primeiros colonos iam realizando o que podiam na senda aberta pelo doutor. Waiilatpu, o lar inicial dos americanos na estrada do Oregon, tornou-se de fato «uma casa à beira do caminho». Alí os imigrantes, umas tantas centenas por ano, apareciam cansados e famintos, permaneciam o tempo necessário para um completo restabelecimento, partindo depois enroupados, equipados, carros e utensílios reparados; e se ainda surgisse algum ferido à bala ou com perna quebrada, alí teria quem o tratasse. Ao lado de seu marido, a senhora Whitman era o anjo do Oregon. Ensinava na escola, que tinha já uma frequência de 50 a 80 alunos das vizinhanças, superintendia na cozinha, preparava conservas, lavava, cosia e cuidava do jardim. Se dela precisava qualquer mulher prestes a dar à luz, Narcissa viajava ao lado do esposo 300 quilômetros a cavalo, para levar-lhe o possivel conforto.

Boston, porem, estava muito distante para que a sede das missões lograsse ver os milagres que Whitman operava. Julgava-se demasiado oneroso o custeio de Waiilatpu—espécie de hotel sempre superlotado, fazenda-modelo que possuia dois moinhos, uma serraria, escola, hospital, armazem, oficina de reparos, selaria e orfanato. Assim, em meio ao seu labor, em 1842 Whitman recebia carta de Boston, ordenando-lhe que fechasse aquela missão destinada aos Cayuses, que tão pouco prometiam.

Marcus Whitman desde muito deixara de ser simplesmente um missionário e um médico. Com sua larga visão profetizara a expansão para Oeste e, junto dele, Narcissa pensava de igual maneira. Por letra do tratado, tanto ao inglês como ao americano era permitido residir no Oregon. A cadeia de estações da Companhia da Baía de Hudson facilitava o acesso aos súditos britânicos e, quase sem competição, eles encheram aquele território. Waiilatpu, a única porta a que o americano poderia bater para ser bem acolhido, ia cerrar-se, tornando-se o Oregon, em consequência, terra inglesa.

Marcus Whitman resolveu então fazer uma viagem até o Leste, para salvar a sua missão e pôr o Governo de sobreaviso quanto à possibilidade de perder aquela vasta província dos Estados Unidos. Nessa viagem abriu novos trilhos através das montanhas, de tal modo, que os próprios guias o abandonaram. Solitário, o doutor prosseguiu. Ainda que fatigadíssimo, foi perseverante — puxava o seu cavalo tão firmemente quanto o podia, e a si próprio ainda com maior tenacidade. O seu casaco de pele de búfalo já se esfarrapara, e aquelas grandes mãos que trouxeram ao mundo tanta criança, que tantos selvagens batizaram, que derribaram tantas árvores

quantas plantaram, agora instigavam o animal a caminhar mais depressa. Sem acreditá-lo, aqueles que viviam nos lugares mais afastados viam aparecer em meio à nevada um viandante que jovialmente os saudava.

Os recursos do viageiro eram escassos, e isto determinou que mais rápido vencesse a distância através do continente até o gabinete do Secretário da Guerra em Washington. Penetrou-o esse homem que usava um barrete de peles tão velho e surrado, que já se lhe via o couro. A barba ficara grisalha. O que narrou às autoridades abriu, de certo, os olhos do governo quanto ao perigo que corria o Oregon. O que disse a Horace Greeley, do *New York Tribune*, divulgou-se depressa por todo o país. O que obteve na sede das missões em Boston, foi a decisão de Waiilatpu conservar-se aberta, de vez que os fundos arranjados lhe cobririam perfeitamente as despesas de manutenção.

Whitman retornou ao Oeste, onde já se ia concretizando agora aquilo que antevira: uma grande torrente de colonos, que prometia desfazer as pretensões britânicas do Oregon, se todos até lá chegassem. Deveriam vencer o caminho a todo custo, e foi o próprio Whitman quem assumiu o comando da caravana. Mais uma vez, foi ele quem soube encontrar a água, o pasto e a estrada, suportar as intempéries, e praticar os reparos. Dentre os que o seguiam, teve que enterrar alguns, muitos foram até o fim, não poucos lhe ficaram devendo o salvamento. Mas onde estava o dr. Whitman, a senda não era tão dura e os corações encontravam sempre o conforto de que careciam.

Assim, esse poderoso comboio rumo ao Oregon atravessou as Rochosas, e alcançou Waiilatpu, exhausto e faminto. Alí foram alimentados até que a missão esgotou as provisões acumuladas, e nada mais restou senão batatas que ainda estavam sob a terra, verdes. Dessa maneira, Whitman guiou a destino e à salvação a mais decisiva corrente de colonos que percorreu a estrada deserta e cheia de perigos do Oregon.

Em face da irresistivel invasão de americanos, os Cayuses previram a sua sorte, e passaram a votar a Whitman um ódio terrivel. Quando o sarampo, provavelmente trazido pelos brancos, começou a grassar com violência na tribo, atribuiram o mal a qualquer feitiço engendrado pelo doutor. Na missão, do mesmo modo, numerosas crianças enfermaram gravemente, e ainda muitas guardavam o leito, quando em 29 de novembro de 1847 os Cayuses, à traição, puseram o cerco a Waiilatpu, e a atacaram pelas armas.

Whitman foi o primeiro a cair, abatido por um elemento da tribo que dele se aproximou a fingir amizade. Narcissa tentava salvar as crianças no instante em que uma bala lhe atravessou o seio. Catorze homens e meninos tombaram mortos, levando ainda os índios para o cativeiro oito mulheres e quarenta e cinco crianças. A resposta do governo americano foi a remessa de tropas para o restabelecimento da lei e da ordem nas terras que os Whitman consagraram com o seu próprio sangue.

Sem nenhuma dúvida, daí por diante essa terra foi e será sempre inteiramente americana, e assim, pelas armas, o afirmaram as forças do Exército. Marcus Whitman morreu três vezes martir— por Deus, por sua Pátria e pela ciência médica. Ao seu lado tombou a mais nobre das pioneiras do Oeste. Na morte como na vida foram os dois os salvadores do Oregon.

¶ Em tempo de calor, há uma constante ameaça de intoxicação causada por alimentos guardados.

Sabotagem na cozinha

Por Paul de Kruif

AGORA que os gêneros alimentícios se vão tornando escassos, um velho perigo nos ameaça de novo, em cada casa. O presunto, a galinha, o perú, a língua, que guardamos para uma segunda refeição, e do mesmo modo o queijo fresco, os cremes, os bolos, os pastéis, podem converter-se, em poucas horas, num tóxico violento, *a menos que sejam tratados de maneira adequada nas nossas cozinhas.*

No último inverno, suspeitou-se tratar-se de um caso de sabotagem, quando 90 membros do pessoal de uma linha aérea em Chicago se sentiram subitamente tão mal, que foram obrigados a recolher-se a toda pressa a hospitais. Verificou-se, entretanto, que o verdadeiro sabotador não fora senão uma tijela de creme que haviam deixado da véspera numa cozinha quente, e o qual foi utilizado na confecção de umas tortas.

Numa área restrita, como seja a da parte alta do estado de Nova York, registaram-se, nestes últimos anos, nada menos de 19 acidentes de vulto—um deles envolvendo mais de 700 pessoas— em matéria de intoxicação alimentar, determinada por doces feitos com creme nas mesmas circunstâncias. A cada um de tais casos, de maiores proporções, correspondem centenas de outros que, por sua menor importância, não tiveram qualquer divulgação. Posto que não haja, sobre o assunto, suficientes dados estatísticos, acreditam as autoridades médicas (na base de notícias de jornais e da experiência local) que a intoxicação alimentar se está desenvolvendo atualmente de modo assustador, como consequência do uso, em maior escala, de restos de alimentos, devido precisamente às restrições em produtos alimentícios, que o tempo de guerra impõe.

É comum dar-se ao mal de que se trata o nome de «intoxicação por ptomaina», termo oriundo da palavra grega para cadaver; mas o veneno em questão não é propriamente mortífero, e a designação é inadequada. Com efeito, a ciência já apurou que as chamadas ptomainas não existem; o elemento em ação, na hipótese, é aquele micróbio muito conhecido que se chama estafilococo, e é encontrado na pele de todo ser humano, como na garganta e no nariz, a tal ponto familiar ao nosso organismo que muito se custou a admitir pudesse ser responsavel por intoxicações esporádicas, de natureza alimentar.

Foi em 1930 que o dr. G. M. Dack, da Universidade de Chicago, surpreendeu o estafilococo, de aparência tão inocente, em flagrante delito. Dois festivos bolos haviam desmanchado, para onze pessoas que os comeram, naquela cidade, os prazeres de um bom Natal. Os microscópios do dr. Dack mostraram que ambos os bolos estavam cheios de estafilococo. Experiências subsequentes deixaram pequena dúvida sobre ser o estafilococo, por inofensivo

que pareça, o preparador do veneno de que se origina a maior parte das intoxicações alimentares. Não é que todos os estafilococos, segundo as conclusões a que chegaram o dr. Dack e os seus assistentes, tenham essa capacidade preparadora de tóxico. Mas, se estafilococos *tóxicos* invadem o presunto, a galinha, a língua, o perú, o queijo, os cremes, podem estes tornar-se, em cinco horas, impiedosos venenos, *quando deixados à temperatura da cozinha comum.* Não se nota pelo cheiro o mais remoto sinal da presença da toxina. Por outro lado, poderá esta formar-se, ainda em alimentos que se tenham completamente cozido; e, uma vez formado o veneno, a cozedura posterior não o altera, muito menos o destrói.

Entre 150 mestre-escolas de Los Angeles, que se sentiram intoxicados ao regressar de um jantar, verificou-se que o único prato, de que todos, sem exceção, se tinham servido, fora certo creme. Descobriram as autoridades sanitárias que o doce tinha ficado algumas horas numa cozinha quente, e a manteiga, nele usada, permanecera algum tempo, não na geladeira, mas na referida cozinha.

Em Indianápolis, 206 trabalhadores de obras públicas, tendo comido, às onze e meia da manhã, sanduiches de língua, adoeceram por volta de duas horas da tarde. Foi isso num dia em que a temperatura tinha subido repentinamente. Apurou-se que os que puseram os seus sanduiches à sombra não foram atingidos pela intoxicação—tão importante, no caso, é a diferença, ainda que de poucos graus, na temperatura, para impedir o estafilococo de fabricar seu veneno.

Têm havido muitos casos de intoxicação produzida por língua e presunto, comprados já preparados. Verifica-se depois que vieram em boas condições, mas se contaminaram nas cozinhas.

Util, pois, é que as donas de casa tenham em vista o seguinte:

> Não deixem nenhum alimento, descuidadamente, na cozinha; guardem-no à temperatura de uns 15 graus da geladeira. Assim o estafilococo fica impossibilitado de crescer e multiplicar-se, e não haverá, por conseguinte, produção de toxina.
>
> Não esqueçam que a galinha, ou em geral as aves, o presunto, a língua, o queijo fresco, o molho holandês, os doces feitos com creme, são particularmente suspeitos. Procurem certificar-se de que foram refrigerados, antes da compra; e, se deles guardarem sobras, façam-nos refrigerar de novo.
>
> Quando o gênero alimentício estiver aquecido, ou, depois de refrigerado, passou a temperatura mais elevada, perdendo assim a refrigeração, não o embrulhem em papel encerado, ao pô-lo na geladeira, pois o papel pode reter o calor o tempo suficiente para que o veneno se produza.

Armados de tão simples conhecimentos, não há razão para que as donas de casa e os cozinheiros deixem de evitar os perigos e as dispendiosas consequências que poderão provir das intoxicações alimentares.

¶ Billy N. Schuelen, de Dallas, Texas, soldado estacionado no norte da Africa, enviou uma carta à sua esposa, dizendo que junto remetia uma nota de 5 francos, como recordação. Ele se esqueceu de colocar a nota na carta, a qual, todavia, chegou ao seu destino com os cinco francos, que levavam a seguinte inscrição: «Lembrança do censor».

—*N. Y. Times*

¶ *A alarmante situação no Pacífico tornar-se-á grave—a menos que andemos depressa!*

O Japão já ganhou a sua guerra

(Condensado do «Collier's»)

Por Clark Lee

Correspondente da Associated Press no Pacífico

Alguns meses antes de Pearl Harbor, o contra-almirante Kanazawa, da marinha imperial japonesa, recebeu-me no seu gabinete em Xangai. «Eis aquí a situação no Pacífico,» disse-me, apontando para um imenso mapa na parede. «Os Estados Unidos têm um plano triangular de defesa, baseado nas linhas do Alasca ao Havaí e ao Panamá. Mas em geral se leva pouco em conta que o Japão se apoia numa análoga defesa triangular que se estende de Iocoama até aquí»— e apontou para o local a que se referia —«e aquí.»

Os dois pontos indicados como «aquí e aquí», no mapa, vi que eram Singapura e Nova Caledônia, territórios então pertencentes, o primeiro ao Império Britânico, e o segundo à França, coisa a que Kazanawa parecia de todo indiferente. «Na desgraçada eventualidade de uma guerra no Pacífico,» prosseguiu ele, «ocuparemos os objetivos de que necessitamos para ter devidamente garantida a nossa defesa triangular. Fixar-nos-emos alí por toda parte, e se vocês conseguirem fazer um desembarque em qualquer ponto, lutaremos, palmo a palmo, por tudo o de que nos houvermos apossado. Tornaremos o custo da desocupação tão terrivelmente pesado, que o povo americano acabará vencido pelo desânimo, o que o levará a reconhecer

«Nós estamos preparados para perder 10 milhões de japoneses. Quantos americanos estarão os Estados Unidos dispostos a perder?»

que é realmente ao Japão que toca, logicamente, o governo do Oriente.»

Os japoneses não tomaram ainda a Nova Caledônia, mas já têm em seu poder os demais territórios e recursos de que efetivamente necessitam. Governam presentemente 300 milhões de habitantes, e um império de nada menos de 3 milhões e 250 mil milhas quadradas.

A dolorosa verdade é que o Japão, a esta hora, já ganhou a *sua* guerra. Para que seja, na realidade, *a maior potência do mundo*, precisa agora unicamente do tempo suficiente para explorar e desenvolver seu império, e unir o povo asiático sob a sua direção.

Esse tempo, o Japão o vai ganhando. Por trás de uma rede de defesas, que por enquanto não começamos sequer a investir ou penetrar, não perde ele um minuto para levar a cabo, a todo transe, a consolidação da sua força militar, econômica e política, no Oriente. A menos que o enfrentemos, desde já, com todas as armas de que disponhamos, e demos à China o auxílio indispensavel para que se mantenha na luta, poderemos

chegar à conclusão da impossibilidade material de retomar ao Japão as grandes áreas de que se apossou.

Nas atuais circunstâncias, é o Japão altamente vulneravel aos ataques aéreos. A maior parte da sua indústria pesada se acha ainda concentrada em quatro zonas que se distribuem ao longo de uma faixa litorânea de uns 600 quilômetros, ao sul e a oeste de Tóquio. Mais de 30 milhões de habitantes vivem e trabalham nas grandes cidades, portos marítimos, de Tóquio, Iocoama, Nagóia, Cobe, Osaca, Ximonosequi e Mogi. Se se sujeitassem hoje estas cidades a rijos bombardeios, os efeitos sobre o Japão haviam de ser tremendos.

Entretanto, daquí a seis meses, pode não mais ser assim. Porque os japoneses deram início à execução de um programa que consiste em dispersar as suas indústrias básicas. Já se fala no Manchucuo como «o arsenal do império». Alguns elementos da indústria pesada têm sido estabelecidos no Norte da China, na Coréia, em Xangai, em Manila, em Singapura. O que se tem em vista é separá-los por uma área tão vasta, que se tornem afinal precisos milhares de aviões para produzir dano vital.

Os recursos econômicos dos territórios conquistados já estão sendo, por outro lado, convenientemente utilizados, de modo a tirar de tudo o máximo proveito.

Das Filipinas, recolhe o Japão cromo e cobre; a Malásia contribue com estanho e borracha; as minas de Selangor fornecem carvão. Noticiam os japoneses que todas as grandes plantações de borracha, exceto uma, foram restauradas; que os campos de petróleo de Sumatra estão produzindo óleo apropriado à gasolina de aviação; que vastos suprimentos de carvão, de petróleo de alta porcentagem, e ouro, cobre, mercúrio, cinábrio, têm sido encontrados em Bornéu. A Indochina Francesa produz arroz e carvão; Java, borracha, quinina, petróleo. Na China do Norte, há todo o carvão e minério de ferro de que possa o Japão necessitar.

Valiosas matérias primas, das áreas ocupadas, são mandadas aos seus aliados do Eixo. Unidades navais australianas capturaram um cargueiro italiano carregado de borracha, quinina e óleo de baleia, com destino à Alemanha. Membros da tripulação esclareceram que o navio já tinha feito três viagens redondas entre Cobe e Bordéus, e que, desde o último outono, 26 navios, pelo menos, haviam rompido o bloqueio, conduzindo mercadorias do Oriente para a Europa, e levando, de regresso, maquinaria alemã, inclusive materiais de aviação, para o Japão. Aliás os japoneses tambem divulgaram, não há muito, que estavam fabricando no Oriente bombardeiros de mergulho do tipo Stuka, alemão.

As perdas infligidas ao transporte marítimo japonês pelos nossos aviões e submarinos são, é verdade, sérias, mas têm sido em parte compensadas por navios capturados na primeira fase da guerra; e acresce que a atual dependência do Japão, no tocante a transporte por água, pode ser apenas temporária. Madame Chiang Kai-xeque revelou que, dentro de mais um ano, é possivel que consigam os japoneses estender até Singapura os serviços de estrada de ferro. Terá em tal caso o Japão uma rede de comunicações interiores, inacessivel a ataque por mar, ainda que a maior parte da sua poderosa força naval se visse destruida.

Não é só, porem. O Japão desenvolve dia a dia a sua força aérea, de modo a manter unido todo o seu vasto império.

Suas linhas de aviação comercial funcionam atualmente ao longo de quase 40 mil milhas, que vão do nordeste do Manchucuo à Tailândia.

Tão importante quanto o seu programa econômico, senão até mais ameaçador para o futuro dos Estados Unidos, é o esforço do Japão por se impor aos povos da Ásia no terreno da luta racial. Os birmanes, malaios, siameses e javaneses foram todos suscetiveis à voz da propaganda japonesa, a reiterar-lhes insistentemente: «Esta é a guerra de todos os povos do nosso Grande Oriente Asiático, em luta com a exploração anglo-americana.»

Quando a crise se declarou, os povos coloniais da Ásia não se dispuseram a pelejar, para manter o predomínio europeu. Só os filipinos combateram; e presentemente, aos filipinos, como aos demais povos do Oriente, não resta na verdade outro recurso senão viver em paz com os japoneses, se não quiserem morrer.

As grandes vitórias do Japão foram comemoradas, no primeiro aniversário do ataque a Pearl Harbor, em todos os paises ocupados, sem dúvida com certa dose de coação, mas é possivel tambem que entre demonstrações muito espontâneas. Na própria Manila, o prefeito Jorge Vargas, outrora íntimo amigo do presidente Quezon e do general Mac-Arthur, disse a uma multidão que festejava a referida data: «É grato dever, para nós, partilhar o regozijo de milhões de libertados. A vitória do Japão é a vitória das Filipinas.»

Na Birmânia foi convocado um comício nacional, para agradecer ao Japão ter «emancipado» aquela terra do controle britânico. O prefeito japonês em Singapura recebeu testemunhos solenes de lealdade e cooperação, que lhe foram apresentados por dirigentes da comunidade. Residentes chineses de Saigão, na Indochina, doaram aos japoneses 100 mil iens, para compra de aviões. O Primeiro Pibul da Tailândia bebeu «à vitória final dos asiáticos,» sob a liderança japonesa.

Não seria realístico desprezar, sem mais aquela, homens como o prefeito das Filipinas, considerando-os outros tantos Quislings. Pode ser que eles estejam sinceramente convictos de que têm o seu destino ligado inelutavelmente ao do Japão.

Os paises ocupados estão sendo completamente japanizados. Estima-se que 25 por cento do pessoal dos ministérios de Tóquio, do comércio e indústria, das estradas de ferro, do bem estar público, da agricultura e da educação, juntamente com outros especialistas treinados, têm sido despachados para aquelas regiões. Língua, religião, costumes japoneses, são ensinados às populações. Milhares de fámilias japonesas estão indo para os territórios conquistados, estabelecendo-se alí em carater permanente. Em compensação, jovens de ambos os sexos, de Java, China, Tailândia, Indochina, Filipinas, são levados para Tóquio, afim de lá receberem o devido treinamento, que os habilite a ocupar oportunamente os seus lugares na «Esfera de Co-prosperidade do Maior Oriente Asiático».

Pretende o Japão manter seu vasto império à sombra da força aérea. Ao que se diz, estão os japoneses produzindo nunca menos de 800 a 1.000 aviões por mês, e estendendo seus centros de defesa, numa cadeia de aeródromos, para aviões com base em terra, de um a outro extremo do império.

Nos nossos futuros avanços, teremos que mandar forças de invasão, por via

marítima, contra aviação com base em terra. Mas os japoneses reconhecem que os Estados Unidos, acumulando suficiente força aérea numa determinada área, podem efetuar desembarques. Tratam então de fortificar seriamente os pontos estratégicos. Um correspondente alemão, que visitou recentemente Corregidor, escreveu que os japoneses estão fazendo a antiga cidadela americana sem dúvida alguma «mais forte do que Gibraltar».

Baseado na opinião dos próprios técnicos militares japoneses, acredito que a sua estratégia consiste em infligir, quando atacados, perdas de tais proporções, que resultam num empate, induzindo a opinião americana a aquiescer numa fórmula de paz negociada que permita ao Japão ficar dono de tudo o que tomou. Depois, dentro de uma ou duas décadas, completaria ele a sua obra de congregar as raças asiáticas, construindo uma máquina de guerra bastante poderosa para que pudesse tentar o passo imediato, rumo à conquista do mundo.

Em Tientsin, em 1939, o tenente-general Homma — posteriormente comandante das operações nas Filipinas — teve ocasião de dizer-me: «Nós estamos preparados para perder 10 milhões de japoneses. Quantos americanos estarão os Estados Unidos dispostos a perder»?

Nossa presente política de uma simples «guerra de detenção» no Pacífico importa em ir «detendo» em linhas estabelecidas pelo Japão, que não por nós mesmos. Só fizemos «parar» os japoneses depois que eles haviam posto a mão sobre tudo o de que necessitavam. A despeito das nossas vitórias, e das severas perdas que infligimos à navegação japonesa, não passamos, até agora, dos postos avançados do Japão. Reservada ao Pacífico uma posição secundária na estratégia aliada, a que só em segundo lugar se vai destinando a nossa produção, fica de fato estabelecido um impasse, conveniente para os japoneses.

Tempo virá, não há dúvida, em que homens, navios e aviões, em suficientes quantidades, serão disponiveis para habilitar-nos a tomar a ofensiva.

Qualquer que seja, porem, o método de ataque de que usemos — seja ele a praticar-se de ilha por ilha, ou diretamente sobre o próprio Japão, desencadeando-se do Alasca, do Havaí, ou da China — a tarefa a realizar é de gigantescas proporções. E até lá os japoneses estão fazendo bom uso do tempo que lhes damos.

Nosso plano de guerra no Pacífico foi baseado na presunção de que a China possa manter-se indefinidamente na estacada, com o auxílio, tão diminuto, que lhe tem ido da Índia, a título do chamado «arrendamento e empréstimo», depois que as tropas nipônicas se apoderaram da Birmânia. Mas a verdade é que a China vem manifestando sem reservas o seu descontentamento com o fato de não reconhecermos no Japão o Inimigo No. 1, e agirmos em consequência. Nossa atitude, no caso, induziu o dr. Lin Yutang a fazer comentários amargos. «O só resultado certo de semelhante política (de auxílios deficientes, mais de palavras do que de fatos, à China) é, um belo dia, o súbito colapso do exército chinês.»

Cumpre-nos dar, quanto antes, todos os passos possiveis para fortalecer, cada vez mais, o exército chinês, mantendo a China plenamente na guerra. Se a perdêssemos como aliada, isso representaria para nós um imenso desastre, de consequências imprevisiveis.

Os animais tambem gostam de esporte

O banho de mar dos pinguins

QUANDO estive no Polo Sul com a Expedição Britânica, ficava horas esquecidas a observar os esportes aquáticos dos pinguins. Eles se juntavam em pequenos grupos à beira do gelo, e no meio de grandes folguedos perseguiam-se uns aos outros até forçar um deles a ser o primeiro a cair na água. Às vezes um grupo era empurrado até a beira e, se conseguia escapulir, corriam todos para trás e punham-se por sua vez a empurrar os outros. Finalmente um deles dava o sinal, e, tomando impulso numa corrida, jogava-se na água com um mergulho de cabeça; uns atrás dos outros, sempre do mesmo lugar, os outros pulavam tambem. Quando voltavam à tona, com gritos alegres, debatendo-se e respingando, davam-me a perfeita ilusão de estar ouvindo um grupo de crianças brincando dentro da água.

Se um pequeno bloco de gelo passava, levado pela corrente, imediatamente um grupo de pinguins pulava em cima, e deixava-se levar; se cruzavam com outro grupo, gritavam e os outros respondiam. Quando já se encontravam a alguma distância, lançavam-se na água e vinham nadando de volta, para logo depois embarcarem noutro bloco de gelo. E nessas passeatas levavam o dia inteiro. Era dificil convencer-me de que aquelas criaturas alegres e brincalhonas não eram seres humanos!

—Dr. G. Murray Levick,
Social Habits of Antarctic Penguins

A festa dos coelhos

Numa clareira perto de minha cabana assisti, numa noite de luar, a uma dansa de coelhos. O primeiro que abriu o baile entrou pulando por cima de um tronco de árvore e pôs-se a dar voltinhas sobre si-mesmo, como um cachorro que quer morder o rabo; variava o passo pulando para o alto e depois dando dois ou três saltos para o lado, sobre as pernas traseiras. Daí a pouco outros começaram a chegar, e a dansa foi-se tornando mais animada. Os novos figurantes entravam sempre com um salto e uma pirueta sobre si mesmo. Cada um procurava pular mais alto, saltando por cima uns dos outros e de tudo mais que houvesse no caminho. Havia uns que, solenemente em pé, davam passos lentos de minueto. De uma feita vi dois que pareciam estar jogando boxe: de pé sobre as patas traseiras, enfrentavam-se e davam pulinhos à roda; com as patas dianteiras davam socos que eu não via por serem muito rápidos, mas ouvia perfeitamente o barulho surdo dos murros nas costelas forradas de pelo felpudo. Os outros coelhos às vezes paravam para observar os boxeadores, e depois retornavam aos seus pinotes e piruetas.

—William J. Long
Beasts of the Field

As lontras brincam de tobogã

Quando passeava no meu barco canadense pelos remansos isolados de um rio, vi uma coisa que muito me intrigou: era uma pista de tobogã que, come-

çando no alto de um barranco de uns três metros de altura, ia até dentro da água. Quem andaria de tobogã num lugar tão ermo? Resolví desvendar o mistério, e à tardinha me pus de atalaia no alto de uma árvore que ficava à beira do rio. Enquanto a lua não saiu o sossego foi completo, mas assim que esta despontou, vi surgir de uma toca, alí perto, um focinho preto e barbado; era uma lontra acinzentada, de mais de meio metro de comprimento, com uma vasta cauda peluda—um macho. Pouco depois deu um assobio rouco e surdo que trouxe correndo para fora da toca a mãe e três ou quatro filhotes.

Mergulharam e brincaram por algum tempo na água, quando num dado momento, com gritinhos de alegria, um dos filhotes saiu correndo em direção ao barranco; os outros vieram logo atrás, empurrando e correndo para chegar em cima primeiro. O pai venceu facilmente e, dobrando as patas dianteiras, jogou-se escorregando de barriga pela pista abaixo até dentro da água; a lontra mãe veio logo atrás, e os filhotes brigavam e se arranhavam na pressa de descer. Um deles saltou fora da pista e rolou vergonhosamente pelo barranco abaixo caindo na água com um barulhão. Ficaram nesta brincadeira durante horas até que finalmente descendo de meu posto de observação na árvore, assustei-os, e eles se esconderam na toca.

H. W. Shepheard-Walwyn
The Spirit of the Wild

Estratégias bestiais

¶ ANIBAL, o grande general cartaginês, descobriu que, ao cair da noite, o inimigo estava acampado em um profundo vale, à volta de grandes fogueiras flamejantes. Ele sabia que o inimigo não temia um assalto noturno, porque mesmo o audacioso Anibal não tentaria atacar na escuridão uma posição desconhecida.

Deu então ordem aos seus homens para que reunissem 200 bois na cabeça do vale, colocando grandes tochas de madeira resinosa nos seus chifres. A um dado sinal, as tochas foram acendidas e o gado despencou morro abaixo. Os animais, com suas 400 tochas a arder, romperam desabaladamente pelo acampamento adentro, causando pânico e destruindo tudo, incendiando a área inteira. Então, Anibal carregou com as suas tropas, desbaratando um inimigo já completamente desmoralizado.

—Harold B. Rusten, *Saturday Evening Post*

¶ A PROCRIAÇÃO artificiosa foi uma arma de guerra no século XIV, quando os Árabes penetravam sorrateiramente nos campos dos inimigos e fecundavam as éguas dos seus rebanhos com garanhões de má qualidade. Como a sobrevivência no deserto depende absolutamente dos cavalos, tal método era uma sabotagem e uma maldição. Condenada a depender de uma geração de animais de pouca resistência, a tribo se tornava presa facil de seus inimigos.

—*Journal of the American Medical Association*

SECÃO DE LIVROS

REFENS

(CONDENSAÇÃO DO ROMANCE «HOSTAGES»)

POR **STEFAN HEYM**

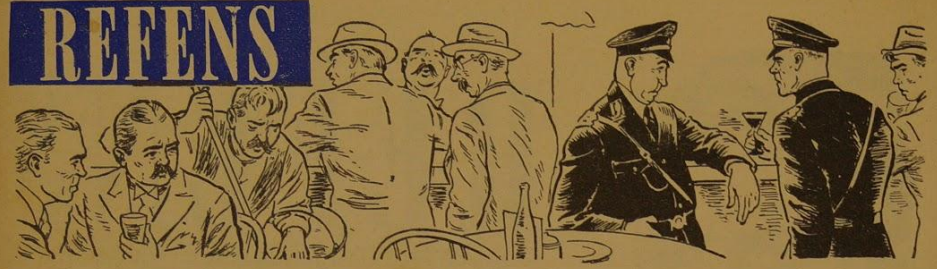
«VERDADEIRA BOMBA INCENDIÁRIA...»
—Charles Lee, "Philadelphia Record"

***Hostages*, um dos livros de maior êxito no momento, é a história dos acontecimentos que se desenrolaram em Praga após o misterioso desaparecimento de certo oficial das tropas alemãs de ocupação. Drama intenso e brutal, parece iluminá-lo interiormente a fé—a ardente fé do povo na resistência à opressão estrangeira.**

O pai de Stefan Heym foi ele próprio vítima da Gestapo, e passou algum tempo no cárcere; posto em liberdade, regressou a sua casa para cometer suicídio... Foi essa tragédia familiar que inspirou ao autor a significativa legenda que acompanha o livro: "Porque meu pai foi tambem refem."

Copyright 1942, Stefan Heym. G. P. Putnam's Sons, Ed., Nova York. Preço $2.50

REFENS



«JANOSHIK! Jano-o-o-oshik!» A voz aguda do *bartender* ecoou pela estreita escada que levava do bar ao porão. Janoshik, que era o encarregado da limpeza, resmungou em resposta:

—Que diabo de gritaria é essa?...

—Venha depressa! traga um balde de água e o esfregão...

Janoshik murmurou qualquer coisa. Era um sujeito comedido, algum tanto vagaroso de pensamentos, e recusava-se a correr. Com toda a pachorra, tirou a escova e o esfregão do armário, encheu o balde debaixo da torneira, e começou a subir para o andar térreo, sem pressa, com passos medidos que ecoavam pesadamente nos degraus.

Bom era que Janoshik tivesse o hábito de assentar os pés firmemente no chão; pois, de outro modo, teria rolado escada abaixo, sob o choque de um corpo que veio lá de cima aos tropeções: era um oficial alemão, lívido e rameloso. Agarrou-se ao ombro do empregado.

—Vá, meu velho, tenha-se nas pernas! disse Janoshik. —Vá direitinho, sempre em frente. Lá encontrará as sentinas...

Mas o ébrio foi-se abaixo alí mesmo. Enterrando a cabeça entre as mãos, começou a soluçar e a gemer alto, esganiçado e ridículo. Metia dó, mas Janoshik não se apiedava facilmente: encolheu os ombros e continuou a subir compassadamente a escada.

O bêbedo com quem esbarrara tinha vomitado no chão, junto do bar, e os homens que alí se encontravam afastaram-se um pouco para que Janoshik pudesse limpar o soalho. O velhote, vendo aquela sujeira que empestava, abanou a cabeça, em ar de censura. Uma voz áspera bradou logo em alemão:

—Limpe essa coisa, vamos!

Janoshik meteu mãos à obra. O oficial nazí voltou-se para um colega e disse:

—Corja de mandriões, estes tchecos, indisciplinados, sórdidos! Olhe só para aquele criado!

O segundo oficial pareceu não se interessar pelo comentário.

—A gente não devia ter trazido Glasenapp, disse ele entre dentes. —Não se aguenta com um par de copos, e é isso que se está vendo; dá para sentimental e vomita por todos os cantos...

—Deixe-o vomitar à vontade! retrucou o primeiro oficial. —Estes tchecos não se atrevem a protestar. Nem mesmo a sair da sala. Têm medo, você não vê? Medo que a gente se ofenda se eles forem embora...

Os fregueses, todos tchecos, tinham-se calado. O Café Manes era frequentado pelos melhores cidadãos de Praga, e quase todos os presentes entendiam alemão.

Um rapaz bem vestido, que se encontrava a uma mesa do canto, levantou-se:

—Garçon, a minha conta! —E prosseguiu, voltando-se para um companheiro: —Acho melhor a gente ir embora. O ar aquí está se turvando.

O oficial nazí encaminhou-se para o jovem, cambaleando um pouco sob a ação da bebida, e ao chegar junto da mesa endireitou-se, deitou o peito para frente, e disse:

—Capitão Patzer, do 431 de Infantaria. O seu nome?

—Chamo-me Peter Lobkowitz.

—Bem, *Herr* Lobkowitz, suponho que você não vai embora daquí porque embirra comigo, ou com o tenente Marschmann, ou com o pobre tenente Glasenapp que não pôde aturar no estômago os sórdidos *schnapps* que aquí servem, não é assim?

—Tenho um encontro marcado, respondeu Lobkowitz.

Patzer mostrou os dentes num sorriso mau:

—Mas você disse agora mesmo que a atmosfera está ficando «turva». Se o ar aquí é bom para mim e para o tenente Marschmann, acrescentou, deixando de sorrir e chegando-se para Lobkowitz —tambem há-de ser para vocês, tchecos! Faço-me entender?

—Perfeitamente.

—Ora bem, ora ainda bem! Nesse caso (disse o oficial, já em tom amigavel) quero que você beba um copo comigo. Bem vê... (e, então, fez um gesto circular, que parecia abranger todos os presentes) se vocês, tchecos, quisessem ao menos cooperar, podíamos entender-nos muito bem, às mil maravilhas!...

E agarrando Lobkowitz pelo braço, o capitão arrastou-o, cambaleando, até o bar.

Enquanto lavava o chão, Janoshik observava aquela cena com desconfiança. Ninguem podia prever o que se iria passar, quando os oficiais alemães, nas suas horas de embriaguez, se metiam a «educar» a população tcheca.

E alí, entre os circunstantes, estava Breda, com quem ele tinha que falar, e que precisava sair com toda a discreção. Se este capitão Patzer lhe desse para se ofender, cada vez que um freguês quisesse sair do café?... Breda estava sentado ao outro extremo do bar, tomando sossegadamente a sua cerveja.

Acabado o serviço, quando Janoshik levantou o balde para se retirar, seus olhos encontraram-se com os de Breda. O velho acenou-lhe com a cabeça na direção da escada—sinal apenas perceptivel, que ninguem mais podia ter notado. Mas ao descer, Janoshik lembrou-se de súbito que o oficial ébrio ainda estaria provavelmente nas sentinas, e largou uma praga entre dentes. Agora, quando Breda fosse lá em baixo, não poderiam conversar! Parecia que tudo lhe andava às avessas naquele dia...

Mas, para sua grande surpresa, Janoshik foi encontrar a escada deserta. O bêbedo—como diacho se chamava ele? ah sim, Glasenapp—tinha positivamente levado sumiço! O destino do beberrão não era coisa que interessasse a Janoshik; mas o caso dava para matutar. Não teria ele saido pela portinha do lado, que abria para o cais? Talvez fosse melhor dar uma espreitadela, para tirar dúvidas... O cais não era lá tão largo, e não tinha balaustrada a que uma pessoa se amparasse, para não dar um mergulho involuntário no rio Moldau.

Janoshik tinha aceitado o humilde emprego de encarregado das sentinas do Café Manes, porque precisava de ter um lugar onde pudesse receber visitas e falar sem obstáculos. Quantos planos era assim possivel discutir, enquanto engraxava os sapatos de um visitante! Até quando se escova respeitosamente a gola de um sobretudo, há ocasião de segredar algumas palavras ao ouvido do freguês—um endereço que urge trans-

mitir, um aviso que é preciso pôr a circular...

E quando Janoshik estava de folga, havia sempre como se lhe deixar um bilhete, metendo-o no armário da parede, onde se guardavam alguns artigos de pronto-socorro médico.

ABRIU-SE a porta das sentinas, e Breda entrou.

—Dê-me sabão, disse ele.

—Podemos falar, —começou Janoshik—mas você precisa sair daquí o mais depressa possivel. Aqueles oficiais que estão lá em cima...

—Estão armando uma encrenca, bem sei. Mas não faz mal, aquilo é farromba e bebida. Hoje é quinta. Na terça-feira que vem—na quarta o mais tardar—vão chegar por aquí os batelões com a munição. O meu grupo já cumpriu a tarefa; as trouxas estão prontas. Os carregadores do cais têm que acabar de fazer a sua parte antes que as munições sejam transferidas dos batelões para o armazem de mercadorias. Tome nota deste endereço: Watzlik, Rua Smichovská, 64. Repita lá...

Janoshik repetiu lentamente, e prometeu que não esqueceria. Voltou costas, pôs-se a ensaboar a bacia do lavatório, e Breda saiu sem rumor.

Daí a pouco ouviram-se passos apressados na escada. O *bartender* meteu a cabeça entre portas e disse:

—Janoshik, onde se meteu o tenente? Diga-lhe que suba depressa, —e que não se esqueça de abotoar as calças!

—Eu não posso agora mandar um oficial alemão abotoar a braguilha! retorquiu o velho secamente. —É contra a dignidade dele—e a minha...

—Diga a ele que são ordens do capitão Patzer, rematou o *bartender*. —Ele quer ir embora. É um alívio para mim que estes tipos se sintam fartos de estar por aquí!

Janoshik queria ter tempo para pensar, e dar tempo a que Breda fugisse.

—Conhece o sr., —perguntou ele ao *bartender*—um tal Otto Krupatschka, que em tempos foi dono da Taverna do Anjo de Ouro, em Jijkov?

—Que me importa a mim o teu Krupatschka! respondeu o *barman*. —Tenho que voltar lá pra cima a toda a pressa, e você não se esqueça de dar o recado ao tenente!...

Janoshik agarrou o *bartender* pelo braço:

—Mas é muito importante o que eu lhe quero contar de Krupatschka, —percebe o senhor?

O outro retraiu-se:

—Ora me deixe ir embora!

Inabalavel, Janoshik prosseguiu:

—Este Krupatschka era casado com uma mulher ainda nova, que sabia preparar umas almôndegas divinas, com um molho especial. Aquele molho tinha lá qualquer coisa... De toda a maneira, o Krupatschka não era homem pra aquela mulher, não sei se me entende...

O *bartender* estava dividido entre o sentimento do dever e o desejo de ouvir a história até o fim.

—Tenho de ir embora! disse. —Diga depressa, pelo amor de Deus!

—Ora, (continuou Janoshik, imperturbavel) um belo dia o nosso Krupatschka, acabado o trabalho, chega em casa com a água na boca, só de pensar no petisco que o devia esperar... Cadê a patroa? Tinha batido as asas com um tal Ludwig Polatschek, bonito rapaz, que é estudante de medicina...

—Pra que é que você está me amolando com essa história sem pés nem cabeça?! perguntou o outro, furioso, sacudindo a mão de Janoshik.

—Porque tem certa semelhança, explicou Janoshik pacientemente. —O oficial fez uma coisa parecida com o que fez a mulher do Otto: deve ter fugido. Não está mais aquí. Desapareceu...

—É impossivel! bradou o *bartender*, e na sua voz vibrava o terror.

—Então procure-o você mesmo...

O *bartender* procurou. Abriu a porta de todas as sentinas; espiou para dentro do negrume da noite, pela porta do lado do cais, —mas do tenente Glasenapp nem a sombra!

—Virgem Santíssima! disse em voz baixa.—Isto é pavoroso! Isto é uma catástrofe! (E berrou para o empregado):—Você sabe o que é que isto representa?!

—Não, respondeu o velhote inocentemente.—Não sei.

(Se ao menos o Breda tivesse conseguido escapar!)

O *bartender* empalidecera de morte. Antes de subir, voltou-se e disse:

—Você é tão estúpido, que às vezes me dá vontade de o estraçalhar!...

E desapareceu. A porta ficou aberta, e Janoshik pôde ouvir o barulho que se produziu lá em cima. Reboou na escada o rumor de pesadas botas, e Janoshik viu surgir o oficial nazí, mas dos pés para a cabeça: primeiro as botas, depois os calções, a farda, o corpo todo. Não era agradavel de ver: os olhos estavam esgazeados de medo, excitação, e uma raiva brutal. Na mão direita a pistola...

—Onde está o tenente Glasenapp? bradou.

Janoshik ergueu as duas mãos num gesto de desalento e ignorância:

—Não sei, palavra de honra! Não posso tomar conta de toda a gente que entra nesta sala. Fui lá em cima...

E começou a tirar toalhas lavadas do armário.

—Venha daí comigo! berrou o capitão Patzer, enraivecido.

—Para que? para onde?

O alemão meteu-lhe a boca da pistola às costelas e rosnou um «Venha!» que não admitia réplica... Janoshik sorriu o sorriso bom da inocência ultrajada:

—Senhor capitão, eu só fiz essa pergunta porque o patrão não gosta que eu deixe aquí o meu posto. O senhor honra-me muito com o seu convite. Tenho muito prazer na sua companhia. Quer que eu ajude a procurar o tenente..., o tenente Glasen...?

E enquanto subia a escada para o bar, atrás do capitão, continuou a palrar, com a candura feliz de quem tem a conciência tranquila.

O GRILL-ROOM zumbia de excitação, e Patzer ordenou silêncio, com a voz mais autoritária que conseguiu tirar da garganta.

—Aconteceu uma coisa, começou vagarosamente o capitão, para poder governar a língua que se lhe embrulhava na boca.—Aconteceu uma coisa que me força a tomar enérgicas medidas. O tenente Glasenapp desapareceu. Desapareceu misteriosamente! Ora, os tempos estão dificeis. Nós, alemães, estamo-nos esforçando para estabelecer a ordem neste país, e os nossos esforços não são apreciados como devem ser. De vez em quando, desaparece um oficial alemão. Notem bem, eu não estou acusando nenhum dos presentes. Pelo menos, por enquanto...

—Não será que o tenente resolveu regressar ao quartel? perguntou alguem.

—Quem foi que falou?

—Fui eu, esclareceu um cavalheiro idoso e gordo.—Chamo-me Lev Preissinger, e sou diretor-gerente do Sindicato Hulheiro da Boêmia e Morávia.

—Muito bem, disse Patzer agressivamente, e apontou para a porta da rua.—Talvez o senhor nos possa dizer se viu sair o tenente Glasenapp por aquela porta, e em que altura o viu sair.

—Lamento, replicou Preissinger.—Eu estava entretido a conversar aquí com este meu amigo, o dr. Wallerstein...

—Ah, então estavam todos entretidos! continuou Patzer, satisfeito com a maneira por que se desembaraçara do industrial.—Vamos tratar de averiguar em que é que estavam tão entretidos. Por agora, tenham paciência, mas não sai daquí ninguem até que chegue a polícia. É dos regulamentos.

Patzer agitou o braço empunhando a pistola, para que o brilho do aço batido de luz fosse visivel a todos os presentes. Houve um silêncio apreensivo, interrompido apenas pelo tilintar dos copos que o *bartender*, no seu nervosismo, lavava e tornava a lavar, sem saber o que fazia.

Janoshik sentia-se perfeitamente à vontade, porque verificara que Breda já tinha saido do bar, e a seu próprio respeito não tinha a mais leve apreensão. A polícia, que aqueles beberrões já tinham chamado, limitar-se-ia provavelmente a tomar o endereço de cada um dos presentes, e a coisa ficaria por alí. Não iriam por certo ocupar-se de Janoshik, humilde guarda das sentinas, que não parecia lá muito esperto, e tinha uma maneira de se exprimir que poria as cabeças dos respeitaveis policiais a andar à roda.

A PAUSA que precedeu a chegada da polícia durou um tempo insuportavelmente longo. Os presentes foram ficando cada vez mais nervosos, enquanto, pelo seu lado, o capitão Patzer e o tenente Marschmann começavam a sentir-se bastante grotescos, postados alí, e de pistola na mão. O tenente segredou ao seu superior: «E se na verdade o Glasenapp foi para o quartel, e está agora a ressonar como um porco?»

Os silvos estridentes da polícia, que se aproximava, abafaram a resposta de Patzer. Soaram na calçada passos de botas ferradas, e a porta do estabelecimento abriu-se com violência, de par em par. A brigada dos SS, fardados de negro, entrou em massa, comandada por um moço de faces rosadas que mais parecia um aprendiz de escola de boxe. Relanceou rapidamente o olhar ao *grill-room*, e dirigiu-se para o capitão Patzer:

—Gruber, capitão. Sou ajudante de campo do Comissário Reinhardt, da Polícia Secreta do Estado. Que se passa?

—Capitão Patzer, do 431 de Infantaria! respondeu vivamente o outro.—Deu-se aquí um caso dos mais tristes, receio muito. Um dos nossos camaradas, o tenente Glasenapp, parece ter sido raptado, quem sabe se assassinado. Detive toda a gente que estava no café. Qualquer dos presentes pode estar implicado no incidente, se não todos...

Gruber acenou afirmativamente com a cabeça.

—Muito bem, capitão. Como e quando desapareceu o tenente Glassenapp?

—Deviam ser umas onze horas. Sentiu-se enjoado, foi lá em baixo aos lavatórios, e nunca mais voltou.

—Não estava algum empregado lá com ele?

Janoshik estivera até alí de pé no seu canto, observando o desenrolar dos acontecimentos. Era agora a sua «deixa»; deu um passo em frente.

—À disposição do senhor, disse respeitosamente.—É o meu serviço. Ah, já conhecí melhores dias, isso eu lhe asseguro! Puh!, tempos houve em que eu

teria desprezo por um guarda-sentinas que...

—Cale-se! berrou Gruber, que se deixara colher de surpresa por aquela cachoeira de palavras. Janoshik calou-se, mas a impressão que deixava era a de uma alma sensivel, honesta, sobre cuja boa-fé não podia haver dúvida.

—Você viu o tenente Glasenapp entrar nas sentinas? Responda sim ou não! acrescentou o policial, vendo que o tcheco tomara uma funda inspiração, como a preparar-se para botar outra fala comprida.

—Isso depende! foi a resposta.—Vi, e não vi...

—Este homem está doido? perguntou Gruber numa fúria. Respondeu-lhe a vozinha aguda e trêmula do *bartender:*

—Com sua licença, capitão, ele é um bocado fraco da bola...

—Que é que você quer dizer? continuou Gruber voltando-se para Janoshik.—A gente ou vê um homem ou não vê!

O tcheco sorriu com beatitude:

—Está claro! Se o senhor quer encarar assim a coisa, então é muito simples. Eu vi ele,—mas não o vi entrar nas sentinas dos cavalheiros. (Aquí, Gruber semicerrou os olhos: estaria aquele patife a embrulhá-lo?) Estava muito agoniado. Dava tristeza! Tenho visto muito bêbedo nos dias da minha vida, mas este foi um dos peores, com sua licença. Quase que me caía nos braços, pobre moço. E chorando! Corriam-lhes as lágrimas pela cara abaixo...

Desta vez foi o capitão Patzer que explodiu:

—*Herr* Gruber! Este tcheco safado está falando de um oficial alemão! Eu exijo...

Janoshik sabia qual ia ser o movimento seguinte do SS: uma pancada no alto da cabeça. Mas Janoshik não queria apanhar,—queria apenas consolidar sua reputação de imbecil inofensivo, e isso já o conseguira. O que pretendia em seguida era deduzir seu alibi.

—Se V. Exa. me dá licença,—continuou—a última vez que eu vi o tenente, ele estava sentado nos degraus da escada, chorando que partia o coração. Mas o que eu não sei é se ele chegou a entrar nos lavatórios... Chamaram-me aquí de cima, porque ele, na agonia que lhe deu, fez para aí uma sujeira e...

—Está bom, está bom! Deixe lá os pormenores...

Gruber percebera que o caso não podia ficar esclarecido logo e alí.—Agarrem as suas coisas e venham daí comigo para a delegacia! berrou para todos os presentes.

Empurrados, e até aos sopapos dos agentes da Gestapo, os fregueses apanharam os chapéus e sairam. Dois deles, porem, ficaram sentados à sua mesa: Lev Preissinger e o dr. Wallerstein. Preissinger tirava baforadas do charuto, tranquilamente, e Wallerstein examinava as estólidas feições do companheiro. Gruber, de mãos na ilharga, avançou para eles. Preissinger, sem tirar o charuto dos dentes, observou:

—Presumo que o senhor não me vai incluir nesta farsa?

Por única resposta, Gruber levantou a mão direita, e deu-lhe uma tamanha bofetada, que o charuto saiu voando e chispando pela sala em fora.

—Vai-se arrepender disto! disse Preissinger, com a voz alterada pela cólera.—Fique sabendo que eu sou amigo de *Herr* Goering!...

Gruber voltou-se para chamar um dos seus homens, que já saía do café, e voltou a toda a pressa:

—Enzinger! Aquí este cavalheiro

afirma ser um dos amigos de Sua Excelência o Marechal Goering. Acho que o não devemos forçar a marchar ao lado dos outros. Prenda-o, ponha-lhe as algemas, e leve-o no automovel. Se ele fizer um movimento inesperado, V. já sabe o que tem a fazer...

O COMISSÁRIO Reinhardt estava só, sentado à sua enorme secretária, que gostava de conservar impecavelmente limpa, sem vestígios da mais leve poeira. «Este é o meu campo de batalha,» costumava dizer com os seus botões. «O meu setor deve apresentar-se numa ordem verdadeiramente exemplar.»

Recomeçou a folhear mecanicamente o *dossier* marcado «Glasenapp (Erich), primeiro-tenente.» Os dados de ordem pessoal eram escassos. Lugar do nascimento: Mogúncia. Universidade: Colônia, estudos filológicos. Mobilizado desde 1939. Serviu na Tchecoslováquia, na Polônia, na Noruega e na França. Nunca porem na frente de combate. Vista fraca, pés chatos.

E seria casado? Não. Nem tinha filhos ilegítimos. Bem; poucos são os homens que se atrevem a confessar uma coisa dessas, ainda que a gente se esfalfe a convencê-los de que honra haverá em gerar um futuro soldado do Reich...

Vejamos agora que mais há. A caderneta militar. E a carta que lhe encontraram num bolso. Carta inacabada, nunca remetida... Talvez a única chave para a solução do caso.

«Querida Milada:—É preciso que eu tenha chegado ao extremo do desespero, como você bem pode imaginar, para lhe escrever depois de tudo o que entre nós se passou. Sei perfeitamente como se deve sentir, mas asseguro-lhe que agí na melhor das intenções. Que outra coisa podia eu fazer? Como poderia eu restituí-lo à vida?...

Ajudar você a ter esperança, eis a única justificação que eu encontrava para tentar vê-la de novo. E você tinha-se tornado na minha vida alguma coisa cuja importância é dificil definir. Minha vida já me não parecia tão vazia...

E agora, tudo se acabou! Não tenho direito algum a pedir-lhe...»

Esta carta tinha estado de molho, com o cadaver de Glasenapp, para mais de doze horas. O laboratório tinha feito um esplêndido trabalho de decifração e retoque... Reinhardt tamborilou impacientemente com os dedos sobre a mesa. Aquela carta não lhe agradava absolutamente nada; tinha um cheiro de suicídio...

Agarrou o retrato do tenente Glasenapp. Não apresentava nada de extraordinário. A cara vulgar de um homem vulgar. Faces magras e cavadas, salpicadas de sinais de borbulhas. Lábios exangues, de um carater indefinido, mas um queixo bem formado. Que diabo é que poderia acontecer na vida dum homem assim?... Quem é que podia ter interesse em desembaraçar-se dele? E porque?...

Reinhardt puxou uma folha de papel e começou a escrever distraidamente:

1. Quem é Milada?—Investigar entre os oficiais.
2. Que se passou entre ela e Glasenapp?—Milada, nome evidentemente tcheco. Relações contrárias aos regulamentos militares—fosse qual fosse a sua natureza.
3. «Como podia eu restituí-lo à vida...» Quem é *ele?*
4. O resto da história, bastante claro. G. arma-se das suas melhores intenções para tornar a ver M. A vida dele adquire novo sentido...

Reinhardt empurrou o papel para longe. Tudo aquilo lhe parecia de repente estúpido. O que havia a fazer era simplesmente descobrir a tal Milada, e fazê-la «cantar» até que a meada estivesse completamente esclarecida e desembrulhada.

O que, porem, mais indispunha o chefe da polícia, era o fato de tudo estar alí indicando que Glasenapp se suicidara. Talvez que, embriagado e deprimido, ele tivesse muito simplesmente caido ao rio, e, cansado como estaria de viver, não se houvesse disposto a lutar para salvar-se... Simples, duma simplicidade repugnante, tudo isto!

Mas se assim foi,—pensou Reinhardt—a população de Praga é que nunca o devia vir a saber! O oficial do exército alemão, em princípio, morre sempre com bravura. Era agora preciso, portanto, transfigurar Glasenapp em herói. Que nem uma suspeita sequer transparecesse do seu ato de fraqueza! O caso devia necessariamente revestir todas as aparências de um *homicídio*.

Não faltava felizmente material para dar foros de realidade à hipótese. Nenhuma das pessoas que Gruber prendera no Café Manes, sem olhar a posições sociais nem a consequências, podia voltar a circular em liberdade. Era indispensavel tapar-lhes a boca, mantê-las presas por suspeitas—como refens. E se o «assassino» não aparecesse,—dar cabo delas.

Nada de reserva, no caso. Cartazes por todas as esquinas da cidade—«50 mil coroas de recompensa a quem indicar o paradeiro ou os sinais dos nefandos assassinos do tenente Glasenapp! Se, dentro de uma semana, não forem descobertos os autores do crime, serão fuzilados vinte indivíduos que se encontram detidos como refens!»

REINHARDT até já parecia outro homem. Todos os sinais de inércia se tinham nele apagado. Passeava agora de extremo a extremo do gabinete, fazendo estalar as articulações dos dedos, e falando em voz alta.

Depois, puxando nova folha de papel, inclinou-se sobre a secretária e rabiscou rapidamente o esboço da proclamação. Tocou a campainha. Gruber entrou. Era facil ver, nas suas maneiras juvenís e deferentes, a razão por que o tinham alcunhado de «Gurí».

—Mande já imprimir esta proclamação! disse Reinhardt.

O «Gurí» leu vagarosamente as garatujas do chefe.

—Isto é uma coisa altamente engenhosa, comentou o jovem com uma expressão de respeito.—Como foi que o senhor soube que Glasenapp foi assassinado? Quando acabamos de decifrar a carta dele, eu estava pronto a apostar o meu melhor par de sapatos que ele se tinha suicidado...

Reinhardt sorriu com afabilidade:

—Você ainda tem muito que aprender, Gruber! Nas nossas funções, é sobretudo o «efeito» que importa. Medite nisso. E traga-me a lista dos tipos que prendeu no Café Manes.

—Sim, chefe!

Gruber saiu do gabinete, para voltar tão depressa, que Reinhardt comentou:

—Você parece que tinha estes papéis muito à mão. Esperava que eu pedisse?

O «Gurí» não respondeu logo. A sua face traduzia inquietação.

—Bem, que temos nós? inquiriu Reinhardt.

—Acabo de ser informado que um dos presos é homem de importância neste país, explicou o jovem, trocando os pés.—Tem cooperado lealmente conosco desde o começo. Mas como falou

demais, os nossos homens foram-lhe ao couro... Como é que eu podia adivinhar uma coisa destas?

Reinhardt respirou fundo:

—E quem é ele?

Ansiosamente, o ajudante apontou um dos nomes da lista: *Lev Preissinger, diretor-gerente do Sindicato Hulheiro da Boêmia-Morávia.*

—Santo Deus! murmurou o chefe.—Seria melhor que você não fizesse as coisas sem me consultar. Não lhe tenho já dito que não se deve prender gente sem mais aquela? Que é que você tem dentro dessa caveira? Areia? Tudo, ficou estragado pela sua imprudência!

Conteve-se. O rapazote tremia dos pés à cabeça.

—Depois eu vejo o que fazer com você. Retire-se!

O «Gurí» esgueirou-se do gabinete, arrazado. Não era mau deixá-lo ficar um pedaço apoquentado, pensou Reinhardt. Isso o tornaria mais sensato e docil. E o chefe esfregou as mãos. Nada lhe agradava tanto como exercer autoridade sobre outras pessoas. Em todo caso, esta nova complicação era bastante lamentavel. Pôr Preissinger em liberdade seria fazer perigar todo o arranjinho. Por outro lado, se o homem tinha «amigos» em Berlim, era o diabo mantê-lo a ferros. Que encrenca aquela!

O melhor, já agora, seria ir expor miudamente o caso ao Protetor da Boêmia, o poderoso *Herr* Heydrich, que tinha autoridade para fazer dansar, conforme lhe aprouvesse, todos os Preissingers que aparecessem. Reinhardt consultou o relógio: se fosse depressa, ainda acharia o Protetor no seu gabinete. E se ele tivesse saido, sabia onde ir encontrá-lo: no camarim ou no apartamento da atriz que o Protetor distinguia no momento com a sua preferência...

Reinhardt entrou meditando no palácio do Protetor, e subiu vagarosamente a escadaria. Ia ser dificil expor o assunto a Heydrich, cuja irritabilidade se tornara ultimamente notória. O Protetor era homem de decisões rápidas. Punia implacavelmente os erros dos subordinados, e não gostava de ter em conta opiniões que divergissem da sua. Afortunadamente, Reinhardt ainda não tivera ocasião de incorrer no desagrado de Sua Excelência.

Um ajudante-de-campo fez-lhe respeitosa continência, e introduziu-o sem demora à presença do onipotente delegado do Reich. Heydrich estivera contemplando por uma das vastas janelas do seu gabinete o maravilhoso panorama da cidade, que dalí se descortinava, com as suas numerosas torres e telhados reluzentes. Voltou-se, ao notar a entrada de Reinhardt, e apontou-lhe uma cadeira:

—Então que me conta, comissário? Suponho que não veio até cá para admirar o panorama...

—Trata-se do caso Glasenapp. Desejava consultá-lo...

—Já ouví falar.

—O caso está sério, continuou Reinhardt.—No fim de contas, o assassínio friamente premeditado de um oficial alemão não pode ficar impune!

Heydrich abanou a cabeça:

—E o senhor está certo de que ele foi assassinado?

Reinhardt hesitou um instante e disse lentamente:

—Estou procedendo nesse pressuposto.

—Em que consiste, então, o problema? A coisa me parece clara: se não pode descobrir o assassino, dê um exemplo que sirva de lição a esta canalha!

—Alegra-me verificar que estamos de acordo, disse Reinhardt, como se lhe tirassem um peso de cima do peito.—Mas há um pequeno óbice... (O Protetor tornou-se mais atento.) Um dos meus subordinados prendeu todo mundo que se encontrava no local do crime. Ainda está tudo na cadeia. São gente fina, refens de qualidade. Pode ser que esteja entre eles o criminoso... Mas um deles chama-se Lev Preissinger, e é diretor-gerente do Sindicato Hulheiro da Boêmia-Morávia.

Reinhardt, à medida que falava, procurava ler no pensamento do Protetor. Mas este ouvia-o com uma cara de pau, onde nem as pestanas se moviam...

—Ora, se abrimos mão deste sujeito —parece que ele tem certa influência em Berlim—e deixamos que ele saia em liberdade, ele pode dar com a língua nos dentes, e escangalhar todo o trabalho da acusação...

—Efetivamente,—disse o Protetor abanando a cabeça—já recebí uma carta do Sindicato Hulheiro, perguntando-me o que era feito de Preissinger...

—A minha idéia era trazer aquí o homem, ao seu gabinete. O senhor falava com ele. Impressionava-o com toda a autoridade da sua elevada posição. Dizer-lhe que seria uma vez um homem, se abrisse o bico...

Heydrich ficou sentado e silencioso durante alguns minutos, que a Reinhardt pareceram terrivelmente longos, e no fim perguntou:

—Por que é que você quer pôr o Preissinger em liberdade? Que sabe da história dele?

—Francamente, não sei grande coisa, murmurou Reinhardt. (Teve a intuição de que caira numa armadilha.)—Acho que a certa altura foi ministro num dos governos da Tchecoslováquia, não?

—Já vê,—disse Heydrich com ar verdadeiramente protetor—o senhor devia sempre consultar-me antes de tomar qualquer medida decisiva. Se o tivesse posto em liberdade, teria feito uma coisa muito, mas muito penosa, para mim e para *outros*... acrescentou com prudência.—O nosso amigo Preissinger era um dos altos funcionários do Sindicato Tcheco do Carvão, antes de nós havermos ocupado este país. A essa data o Sindicato estava nas mãos de uns quantos judeus ricos. Nós entramos, os judeus sairam, e *Herr* Preissinger achou maneira de adquirir um lote de ações que lhe dava a maioria absoluta de votos na empressa...

Reinhardt começava a ver luz! O Protetor continuou:

—Está claro que nunca lhe perguntamos como foi que ele o conseguiu. Não nos interessam pormenores dessa ordem. Sabíamos porem que era homem de confiança: por exemplo, quando o governo tcheco discutiu em conselho se a Tchecoslováquia devia ou não aceitar o pacto de Munique, foi ele quem deu o voto decisivo. Fez por essa ocasião um pequeno discurso, dizendo: «Quem os senhores preferem ver a governar neste país: o nazismo ou o Exército Vermelho?» Como vê por estas palavras, *Herr* Preissinger é homem cauteloso...

—Bem vejo,—replicou Reinhardt—mas não compreendo por que motivo, tendo em vista o passado dele, o senhor o quer ver preso... e fuzilado.

—Tenha paciência, meu velho! fez o Protetor transpirando benevolência.—O Sindicato Hulheiro da Boêmia-Morávia está satisfazendo vastas encomendas do governo do Reich, que lhe deixam apeteciveis lucros. Há no nosso país alguns homens de grande influência, na opinião dos quais esse dinheiro não devia ir para os bolsos de Preissin-

ger. Seria bom ter em consideração os interesses de pessoas de melhor carater, e sobretudo alemães, não acha?

—Acho, acho... concordou o comissário.

—É portanto uma questão de interesse nacional que *Herr* Preissinger seja removido, da maneira mais prática possivel, dos seus pesados encargos financeiros... Quero pois felicitá-lo, meu caro Comissário, pela sua boa fortuna! Hei de arranjar-lhe uma justa recompensa, se o senhor conduzir o caso com o necessário rigor, e sem quaisquer transigências.

Reinhardt sentiu-se aliviado e contente. Tudo ia correndo muito bem. Estava sendo util ao Protetor e aos seus anônimos amigos do Reich. O caso Glasenapp seria pois liquidado sem a menor dificuldade. Via-se, alem de promovido, rico; sentiu mesmo vontade de apertar com efusão a mão do Protetor. A entrevista findara; o comissário bateu os calcanhares, em sentido:

«Heil Hitler!» bradou, quase num frenesí de júbilo. O seu grito ecoou no vasto gabinete, e foi perder-se lá em cima, nos painéis do teto.

NOVO DIA começava no setor celular da prisão. Numa das celas encontravam-se cinco dos refens, que podiam ouvir, apesar de ser grossa a porta, o eco abafado de um reboliço, no corredor. A voz de um homem bradava: «Não! não! Pelo amor de Deus... Isso não!» E desapareceu numa espécie de gorgolejo.

—Exercícios matinais... observou Lobkowitz, que era um dos refens. Ergueu-se do catre, que compartilhava com Wallerstein, e tentou pôr-se em pé. Da janela até a porta iam, quando muito, quatro passos e meio; os cinco companheiros depressa tinham aprendido a evitar, quanto possivel, meter-se no caminho uns dos outros, deixando-se ficar nos catres. Apenas um ou dois se punham de pé ou passeavam ao mesmo tempo. O ar pesava, das emanações de cinco criaturas que havia dois dias não sabiam o que era água.

Lobkowitz passeava de um lado para outro.

—Vocês acham que este homem que ouvimos gritar é o mesmo que eles ontem levaram? perguntou.

—Como é que a gente há-de saber? resmungou Janoshik.

—Essas perguntas mórbidas, meu caro Lobkowitz,—declarou solenemente Prokosh—não nos ajudam nada! Tenho a certeza de que todos nós sentimos o mesmo arrepio correr-nos a espinha. Vamos antes tentar esquecer isso...

—Em que diabo quer o senhor que a gente pense aquí? disse Lobkowitz a meia-voz. E continuou o passeio.

—Quero é ir embora deste inferno! gritou Lev Preissinger.—Estou com uma dor de cabeça horrivel!

Ouviu-se lá fora chocalhar um molho de chaves, e todos os presos se puseram de pé.

Tinham-lhes ensinado que, à entrada dos guardas, se deviam alinhar em frente dos catres, na posição de sentido rigoroso—disciplina irrisória numa cela superlotada que o carcereiro podia abranger num simples golpe de vista. Para os nazistas porem, os atos disciplinares decorriam dos próprios princípios; e era preciso dar-lhes cumprimento, ainda que a sua inanidade se metesse pelos olhos da cara.

Rígido, entre portas, um soldado de farda negra inspecionava friamente os prisioneiros. Era, na aparência, uma inspeção de pura formalidade, e a tensão

daqueles homens aliviou-se um pouco.

Em seguida apareceu um guarda, que colocou um balde na cela. Trazia tambem cinco pedaços de uma substância pegajosa e cinzenta: era o pão. Tornou a sair a toda a pressa, para logo regressar com um jarro cheio de líquido quente, e cinco canecos de folha de Flandres. Repetiu então as instruções do dia anterior:

—Têm quinze minutos para tomar o almoço e servir-se do balde. Um de vocês carregará o balde quando nós aquí voltarmos.

O soldado nada disse, parecia aborrecido. Preissinger, aproveitando a oportunidade, aproximou-se dele e perguntou com brandura:

—Queira desculpar. Seria possivel saber se alguem do Sindicato Hulheiro da Boêmia-Morávia pediu notícias a meu respeito?...

Janoshik reparou na maneira reverente com que Preissinger se dirigira ao nazista, e decidiu intervir com certo apoio moral:

—Este cavalheiro—explicou—é o diretor-gerente do Sindicato Hulheiro, e deseja estar informado sobre a marcha dos seus negócios; quanto carvão foi despachado nestes dois últimos dias para o Reich, se o governo alemão está contente com as entregas, etc.! Como tudo isso é essencial ao esforço militar, este senhor gostaria de fazer todo o possivel, ainda mesmo nas atuais circunstâncias...

A ironia que Janoshik deixara transparecer nas suas palavras fez subir um rubor de cólera à face do soldado, que berrou:

—Calem-se, todos! Atenção!

E bateu a porta violentamente...

Preissinger virou-se para Janoshik, pronto a saltar-lhe ao pescoço:

—Que tem você que se meter nos meus negócios?! Então eu não posso governar minha vida? Você está tratando de me fazer ficar aquí, pra que eu fique maluco, não é!

—Vá se servir do balde, vá! aconselhou Janoshik.—Isso deve-lhe aliviar a dor de cabeça. Só lhe faltam três minutos. Ouviu o que o guarda disse?

A FÁBRICA Kolbenka vibrava dia e noite de atividade, produzindo armamento para o governo alemão—armamento e ódio... Vistas as coisas por fora, tudo corria à maravilha. Mas o observador atento não teria dificuldade em distinguir entre as caras dos operários e as dos espiões nazistas. Milada Markova trabalhava havia pouco tempo na Kolbenka, mas já aprendera a distinguí-los. Breda, o mecânico, era homem de confiança. Mas Seliger não passava de um «tira».

Quando, às 6 da tarde, largou a turma do dia, Milada deteve-se a ler, com um grupo de operários, o novo cartaz branco e preto afixado no quadro da parede: era a proclamação de Reinhardt sobre o caso Glasenapp.

Um dos homens do grupo era Breda. Leu o papel de cabo a rabo, e nem uma fibra da cara lhe estremeceu; mas a garganta secou-se-lhe completamente. «Saí do Bar Manes mesmo a tempo,» pensou. «Mas Janoshik! Janoshik é com certeza um dos refens condenados!» Sendo assim, não havia ninguem que pudesse passar o endereço de Watzlik aos descarregadores do cais, e os batelões de munição iam escapar indenes!

Uma voz esganiçada fez-se ouvir por sobre as cabeças do grupo:

—Represálias e mais represálias! gemeu Seliger, o agente provocador.—Sempre a mesma coisa! E nunca tomamos juizo. Estes homens que assassina-

ram o tenente o que merecem é a morte. Só fazem é criar dificuldades pra gente!...

Milada volveu para ele um olhar irritado:

—Quem lhe disse que o oficial foi assassinado? perguntou ela.—Que é que você sabe desse Erich Glasenapp?

Mal acabava de proferir tais palavras, ela sentiu que um braço robusto a tomava pelos ombros, e a arrastava através da multidão, dalí para fora. Depois agarraram-lhe a mão com a força duma tenaz, e obrigaram-na a correr... Um bonde que vinha pelos trilhos em fora, chocalhando ferragem, parou súbito. «Suba já!» ordenou uma voz que não admitia réplica. O bonde já tinha largado com um solavanco, quando Milada percebeu o que sucedera. De pé na plataforma, ao lado dela, estava Breda, sorrindo abertamente.

—Foi tudo bem depressinha, não? fez ele com agrado.—Acho que lhe preguei um susto. Desculpe!

—Você se chama Breda, não é? perguntou Milada, um tanto contrafeita. —Porque foi que...?

—Fiz isto para lhe tirar de dificuldades. Mas aquí não se pode falar. Quer dar uma volta comigo perto do rio? As árvores estão exibindo os seus matizes de outono, uma combinação prodigiosa de vermelhos, verdes e amarelos, em todos os tons...

Milada não pôde conter um sorriso ante aquele entusiasmo:

—Você é sempre tão lírico e arrebatado, quando convida uma moça para admirar a natureza?...

Saltaram do carro na Ponte Moldau e entraram no parque. Pouca gente circulava. Alguns soldados alemães, com caras aborrecidas, marchavam como sempre em grupos, nunca isolados. Aproximou-se uma velha metida num casacão surrado, levando no braço o distintivo amarelo dos judeus. Espetava com um pauzinho os farrapos de papel das áleas do parque, e metia-os num saco de serapilheira que arrastava por alí fora. Pousou em Milada e Breda um olhar inexpressivo.

—O ferrete! murmurou Milada.—Todos nós levamos hoje um ferrete assim...

Continuaram a andar.

—Você deve aprender a dominar os seus sentimentos, a controlar essa língua! disse Breda.—Veja o Seliger, por exemplo: cada ganido que ele solta é concebido de antemão para levar você a trair-se—e você quase se traía ainda agora! Foi por isso que eu a arrastei a toda pressa para fora da fábrica.

—Porque é que você se interessa tanto por mim?

Breda olhou-a bem direito nos olhos:

—Vi você lendo o cartaz. A cara de você era como um espelho onde se refletiam seus pensamentos. Você ficou agitada, mais alterada do que o caso justificava...

—Em quem a gente pode confiar hoje? perguntou Milada com azedume. —Você me dá bons conselhos; mas se eu os seguisse, você seria o primeiro de quem eu teria de me afastar...

—Claro! aprovou ele.—Se você quiser, paramos aquí já. Vai cada qual para seu lado, e é como se nunca tivéssemos trocado uma palavra!

Seguiram em silêncio. O sol descaía para o poente, tingindo o céu do seu clarão vermelho. O ar estava cheio da penetrante exalação das folhas mortas. Por fim, Milada inquiriu:

—Mas afinal, que é que você queria de mim?

—Oh, limitei-me a evitar que você

dissesse ao Seliger tudo o que sabe sobre o caso Glasenapp. Quero que diga antes a mim...

—Porque?

—Porque suponho que o meu amigo Janoshik, um dos homens mais corajosos que eu conheço, está em perigo. E o que você sabe pode ser-lhe util.

—Ele é um dos refens?

Breda hesitou:

—Não tenho certeza, mas desconfio que sim. A Gestapo só publica os nomes das vítimas depois de elas estarem na cova. E nem sempre...

Milada pesou por alguns momentos a proposta do companheiro, e no fim disse:

—Glasenapp não foi assassinado; suicidou-se.

Breda continuou a caminhar a passos firmes e bem ritmados. Milada esperava ter-lhe causado grande surpresa, e perguntou-lhe se não ficara admirado. Breda sorriu:

—Não... Bem vê, se tivesse havido qualquer plano para matar o Glasenapp, o meu amigo ter-me-ia avisado para não comparecer aquela noite no Café Manes. Mas eu estava alí.

—Viu então Glasenapp?

—Vi. Pareceu-me deprimido e amarfanhado. Estava bastante embriagado, aliás.

—Pobre moço...

Escurecia. Breda tentou ler no rosto dela, agora cheio de sombras.

—Em todo caso, disse ele, o que me surpreende é a segurança com que você afirma que Glasenapp se suicidou...

—Ele mesmo me declarou que se mataria. No começo eu tive pena porque me tinha salvo a vida. Mas só comecei a compreender quem era ele no dia em que ele morreu; e então, tive ódio dele!

Breda não quis fustigá-la de perguntas; esperou que ela lhe dissesse tudo, pois sentia que fora bem sucedido em criar entre eles uma invisivel corrente de confiança mútua.

—Você se lembra da ocupação da Universidade? perguntou Milada. Breda acenou que sim: como não havia de se lembrar! Os nazistas tinham mandado tropas para encerrar as aulas pela força, os estudantes resistiram, e muitos deles foram mortos.

—Pois bem, Glasenapp comandava um pelotão—e eu era um dos estudantes. Nós ficamos cercados pelas baionetas nazistas, e o Pavel, meu amigo, reuniu um grupo de moços, formando com eles uma espécie de ariete para abrir passagem através das baionetas, de modo que pela brecha pudéssemos escapar, eles e nós. Começou o tiroteio, fui atingida e perdí os sentidos. Não tornei mais a ver o Pavel.

Breda percebeu uma intensa emoção na voz da jovem e disse, com certo embaraço:

—Valente moço!

—Meu namorado... respondeu Milada com simplicidade.

—E depois?

—Glasenapp era um homem cheio de exquisitices, continuou Milada após longa pausa.—Gostava de me contar de que maneira me tinha salvo, parece que isso tinha para ele grande valor. Mas sempre falava de mim na terceira pessoa, como se eu estivesse ausente—dizia «a pequena», em vez de dizer «você»... Como se não pudesse aturar a idéia de que eu era uma das suas vítimas!

—Isso eu entendo muito bem, murmurou Breda.

—Glasenapp dizia que tinha visto a «pequena»—eu própria—por terra, inconciente, com o sangue a escorrer-lhe de um ombro, manchando o vestido...

Levantou-a do chão, levou-a nos braços ao longo das ruas desertas, até que encontrou um taxi.

—Porque é que o Glasenapp se desviou do seu caminho para socorrer você? Segundo as regras do nazismo, a piedade é desprezivel, até proibida...

—Porque? Acho que Glasenapp não se conhecia a si mesmo. Tinha necessidade de camaradagem,—não a de soldados nazistas, mas a de pessoas humanas. No ponto de vista do nazismo, ele era um triste fracassado... Bom. Voltei a mim quando já no taxi, continuou Milada.—Conseguí balbuciar o meu endereço, e ele conduziu-me pra casa. Estive doente e muito fraca, por mais de um mês, e ele dava dinheiro à dona da casa para que ela me comprasse comida e remédios, e vinha me ver regularmente.

—Apaixonado por você, escusado será dizer...

—Não há nada peor do que estar doente e só, reatou Milada inexpressivamente, e sem responder ao aparte do companheiro.—Parece que a dor se torna independente de nós, e se põe a dansar em volta como louca. Falta quem permita à gente aparentar ao menos a bravura de que precisa,—já que não pode mentir a si própria. A gente sabe que tem medo, e não consegue iludir-se. Eu precisava de alguem que viesse sentar-se à minha cabeceira. É tudo quanto os meus sentimentos implicavam, em relação a Glasenapp. Deixava que segurasse minhas mãos, é verdade: mas isso o fazia feliz...

—Você não tinha amigos?

—Nenhum deles veio visitar-me. Soube mais tarde que, vendo entrar e sair de minha casa um oficial alemão, pensaram que eu estava vigiada pelas autoridades de ocupação.

«Nos meus sonhos, ou delirando, eu chamava por Pavel,—disse-me o alemão. E tão depressa recuperei a lucidez de espírito, mandei a dona da casa procurá-lo: mas não teve sorte; outra pessoa morava agora no quarto dele. Fiquei convencida que ele fugira ou tinha sido preso.

—Pavel trabalhava entre os estudantes?

—Era um dos chefes deles,—parecia que nascera para comandar. Era forte, cheio de vida, radioso, por isso eu não podia acreditar que tivesse morrido. Glasenapp me dava esperanças: Pavel estava vivo, dizia-me ele, prisioneiro da Gestapo.

Breda escutava em silêncio.

—Talvez Glasenapp tivesse razão em mentir-me, continuou Milada, sombriamente.—Eu podia ter morrido então, fraca como estava, se ele não tivesse mantido minhas esperanças. Quem sabe? Mas um dia recebí recado de um amigo, e figuei conhecendo a horrivel verdade. Pavel tinha de fato morrido na escaramuça da Universidade.

«Aquela noite, Glasenapp voltou, como de costume, ao meu quarto. Nem sei como tive coragem para o ver, para falar com ele. Pouco lhe disse,—só isto: «Pavel morreu. Você mentiu. Depois de o ter assassinado!» O alemão perdeu a cor do rosto e limitou-se a dizer: «Milada!» Mas eu continuei: «Você matou Pavel. E depois, para brincar comigo, veio me dizer que ele estava vivo. E' o instrumento habitual de tortura de vocês! Primeiro fazem-nos perder os sentidos com pancada; depois, acordam-nos com um balde de água fria, para gozarem o espetáculo do nosso sofrimento! Porque não nos deixam morrer em paz?...»

«Ele ainda tentou explicar-se: Sim, bem sabia que Pavel tinha morrido; mas mentira-me na melhor das intenções, para não me maguar, para não me perder... Até o dia em que me conheceu, dizia, a vida para ele não tinha sentido algum. Eu me tornara entretanto o centro da sua existência; sem mim, ele não podia continuar vivendo.

«Babando-se, dizia: «Sinto-me tão só, tão abandonado! O que eu fiz, foi, como disse, na melhor das intenções. Eu amo-a!» Alí estava ele, diante de mim, com as lágrimas correndo pelas borbulhas da cara: metia nojo! Nem como símbolo do inimigo ele prestava...

—E foi-se embora? perguntou Breda. Já agora podia este imaginar o triste fim de Glasenapp; via-o sair cambaleando até à borda do cais, cheio de alcool e de mórbida fraqueza. Milada abanou a cabeça e continuou:

—Saiu. Nunca mais tornei a ter notícias dele,—até há bocado, quando vi o cartaz. E agora, quantas pessoas irão morrer por causa desse Glasenapp!... Acha que poderia salvá-las, se fosse procurar o tal Reinhardt, e lhe dissesse tudo o que sei?

Breda respondeu vivamente:

—A verdade não lhes interessa nada. O que eles querem é apenas garantir a sua segurança, impondo-nos o terror.

—Mas se estão oferecendo um prêmio a quem indicar o criminoso!

—Eles podem fazer isso, porque já sabem que não há assassino algum, replicou Breda.—Não, você não ajuda nada os refens, se for dizer à Gestapo que Glasenapp se suicidou. Apenas arriscava a sua vida. Era presa, engaiolada para sempre, e eles continuavam do mesmo modo a representar a sua farsa de assassinato.

Breda calou-se um momento, pensativo. Em seguida insistiu:

—Em todo caso, é preciso que os nazistas sejam informados do suicídio. Aí é que você tem razão. E não só eles, como toda a gente. Mas como, se temos tão pouco tempo?

Milada estava fascinada pela maneira como trabalhava o espírito de Breda. Que bem treinado ele estava, que claro era o seu pensamento! Absorvido nas suas reflexões, parecia até ter esquecido a presença dela.

—E eu não podia ajudar de algum jeito?

—Você já fez bastante, disse Breda, voltando-se para ela a sorrir.—Fez-me a sua confidência, deu-me o material que me vai permitir trabalhar. Se ao menos a gente pudesse escrever isso no céu, para que todos o vissem, do mesmo modo como os nazistas espalham o seu boato de crime...

Calou-se bruscamente.

—Que foi? perguntou Milada.

—Tive agora uma idéia! respondeu ele, apressando o passo.—Talvez se possa pôr em prática. Você se importa muito se eu não a acompanhar até em casa?

—Nada, não! Pode ir embora. Eu moro pertinho daquí...

Mas Milada sentiu-se desapontada, a sua voz traiu ligeiro despeito—que Breda não notou, porque o seu espírito já estava longe dalí. O companheiro atento, paciente e respeitoso, transformara-se em homem de ação, todo concentrado no plano que estava elaborando. Passar-lhe-ia, pois, despercebida a reação de Milada. E, levado por força do hábito, começou a dar-lhe instruções:

—Tenha cautela. Não fale a respeito disto. Com ninguem! E se por acaso os nazistas a interrogarem...

—Obrigado pelo seu interesse! Mas eu sei o que tenho a fazer...

Breda então compreendeu; tomou-

lhe as mãos e segurou-as nas suas, robustas e grandes:

—Oh, Milada... você ficou ofendida? Diga que me desculpa! Vou lhe dar meu endereço: procure decorá-lo, e nunca o escreva em parte alguma... Será benvinda sempre que aparecer—mas, por favor, só venha em caso de absoluta necessidade!

Deu-lhe o endereço, e ela respondeu:

—Boa noite, amigo!

Breda afastou-se com passo rápido, que se foi afundando na noite. Milada viu-lhe o vulto dissolver-se nas sombras, e sentiu-se muito só, muito mais só que dantes, que o não conhecia.

As águas mansas e negras do rio quebravam-se em minúsculas ondulações contra os pilares da ponte, com um rumor de coisa viva e atenta. O corpo de Glasenapp fora pescado alí mesmo, junto a um daqueles pilares...

O comissário Reinhardt sentia que a discreta conversa que tivera com o Protetor Heydrich fora altamente satisfatória. Mas ainda lhe faltava esclarecer um ponto obscuro deste caso Glasenapp: *quem era a tal Milada?* Se essa mulher sabia o quer que fosse do suicídio do tenente, era preciso encontrá-la—e fazê-la calar. Ocorreu-lhe que talvez o oficial imediatamente superior a Glasenapp, o capitão Patzer, pudesse fornecer-lhe indícios uteis.

Quando o capitão Patzer foi introduzido no gabinete do comissário, este engrolou qualquer coisa que parecia *Heil Hitler,* ao mesmo tempo que com o olhar o media de alto a baixo.

—Chegou ao meu conhecimento que o senhor nos pode fornecer preciosa ajuda, rompeu Reinhardt.

Patzer fez uma vênia rígida. O suor escorria-lhe pela cara abaixo, mas não ousou enxugá-lo. O capitão bem sabia quanto são poderosos estes cavalheiros da Gestapo! Não era nada agradavel, aquela conversa...

—Conhecia bem o tenente Glasenapp?

—Tão bem quanto o conheciam outros. Belo rapaz...

—Deixemos agora as generalidades. Aquí não há tempo para essas coisas. Diga-me cá: que sabe o senhor de mulheres?

—Que quer dizer com isso?

Reinhardt esperou um instante, e tornou à carga:

—Ora, deixe-se de modéstias! Isto aquí não é um clube de anjos, não! Frequenta regularmente alguma casa?

Patzer pôs-se a rir cortêsmente:

—Claro! E uma casa bem boa, só para oficiais... Todas as terças e sextas-feiras...

—O seu horário não nos interessa! Glasenapp acompanhava-o a essa casa?

Patzer coçou pensativamente a ponta duma orelha:

—Foi conosco uma vez, nos primeiros dias que passamos em Praga... Depois disso, parece que se retraiu.

—Ah, bom, isso bate certo. Agora vou lhe dizer um segredo. Havia uma mulher na vida de Glasenapp, e custa-me crer que ele o escondesse a um amigo como o senhor...

—Aquí em Praga? fez Patzer.—Quem o havia de dizer? *Stille Wasser sind tief!*

Na sua voz soava um acorde de inveja e espanto.

—Ficar-lhe-ia muito grato se tentasse recordar quaisquer pormenores que nos ajudassem a identificar esta mulher. Pequenos incidentes, referências de acaso...

Patzer sentiu-se imensamente lisonjeado com chamarem-no para prestar auxílio à Gestapo, e fez um grande esforço para se lembrar, a testa franzida, a boca torcida... De repente deu uma palmada num joelho:

—Há uma igreja... Numa das ruas que desembocam na praça Venceslau... Passamos lá um dia. Paramos, Glasenapp e eu, a ver sair um funeral... E nisto, ele virou costas e foi-se. Chameio, e ele respondeu-me de longe que ia visitar «uma pessoa» que conhecia por alí...

Reinhardt sacou da gaveta da secretária um mapa de Praga. Com um dedo escrupulosamente tratado por manicura, pôs-se a percorrer delicadamente as linhas das ruas, até que parou sobre uma pequena cruz.

—Igreja de Santo Estevão? perguntou.

—É isso mesmo! disse Patzer, aliviado como o estudantinho que acaba de ser bem-sucedido no exame dificil. Reinhardt se ergueu:

—Bom, isto pode ter ou não ter qualquer valor... Veremos. Obrigado, capitão.

Grasnou alguma coisa que poderia significar «*Heil Hitler*», e era em todo o caso o fim da entrevista. Assim que Patzer saiu, tocou uma campainha, e um homenzinho franzino, com um chapéu cinzento muito machucado e velho, entrou no gabinete, pronunciando um «Excelência!» cheio de veneração.

—Pan Kratochvil,—disse o comissário—tenho aquí um trabalhinho para você.

Tornou a poisar o dedo na cruz, entre o dédalo de ruas, e traçou em volta dela um círculo que abrangeu um quarteirão; depois explicou o assunto. Pan Kratochvil abanou melancolicamente a cabeça, gemendo:

—Jesús, Maria, José! Porque é que as missões complicadas hão-de ser sempre pra o velho? Vai levar tempo, vai custar dinheiro, terei de percorrer as lojas e as tavernas, vou ter de comprar, de beber, de falar...

Com uma grande faca de cortar papel, Reinhardt deu na mesa uma pancada seca, que soou como um tiro de pistola; foi o bastante para que Kratochvil se despachasse:

—Vou já! Por Vossa Excelência, senhor Comissário, não há nada que eu não faça!...

—Tem duas horas. Nem mais um minuto.

—Sim, Excelência!

O homenzinho inclinou-se e desapareceu quase voando, tão sorrateiro e silencioso que bem justificava o apelido de «homem invisivel» que lhe tinham posto.

Ao fim da tarde, o comissário Reinhardt, só e à paisana, descia uma pequena rua nas imediações da igreja de Santo Estevão, perguntando a si mesmo que tal seria aquela Milada... Não devia ser grande coisa, se um trinca-espinhas como o Glasenapp tinha conseguido... E uma idéia maléfica começou a fermentar-lhe no fundo da conciência.

Foi olhando os números das portas, até que encontrou o velho edifício com o número seis, e aí entrou. A escada era escura e fria. Subiu, e em cima, no patamar, encontrou uma velha, junto à porta de um apartamento.

—A senhorita Milada Markova vive aquí?

—Que quer dela?

—Serviço oficial, polícia! respondeu ele, empurrando a velha para o lado.—Ela não está em casa? Então espero.

—Mas...

—Vá, vá, tiazinha! Você ouviu o que

eu lhe disse! Vocemecê chama-se Klein, e vive duma aposentadoria. Eu sei tudo, viu?

Entrou no quarto de Milada, seguido da velha que tremia de terror.

—Tenha calma e feche essa porta, disse ele olhando em volta.—Seu marido era soldado?

—Era...

—Morreu na Galícia, han? Lamento muito, devia ser bom sujeito. Mas a guerra é a guerra... Quando é que o tenente Glasenapp esteve aquí a última vez? perguntou, mudando bruscamente de tom.

—Ai, eu bem dizia que isto ainda havia de acabar mal! gemeu a velhota, rendendo-se.—Era um bom rapaz, não se parecia nada com...

—Com os nazistas, hein? disse Reinhardt concluindo a frase dela e sorrindo.—Diga-me que sabe mais dele, vá. Ele teve uma altercação com Milada, não foi?

—Altercação? Talvez, respondeu a patroa, recuperando lentamente a compostura.—Disso não sei. Não tenho por costume escutar às portas...

—Você quer que eu a mande meter na masmorra? disse Reinhardt com dureza.—Não seja estúpida! Porque foi que eles se zangaram?

O interrogatório foi interrompido pelo rumor de uma chave na fechadura: Milada apareceu. Vendo aquele estranho, seu primeiro impulso foi soltar um grito. Mas dominou-se a tempo, e ergueu a cabeça para fitar bem nos olhos o desconhecido.

—Olá, disse por fim.—Temos visitas?

A velhota, vendo-a entrar, perdeu outra vez a cabeça:

—Oh, menina! Que coisa terrivel... A polícia!

Reinhardt ergueu-se e pronunciou:

—Tomo a liberdade de me apresentar: Comissário Reinhardt, da Polícia Secreta do Reich. É Milada Markova?

«Estoirou a bomba», pensou a moça. «Eis o inimigo. A minha batalha começa agora...»

O comissário não esperava que a amiga de Glasenapp fosse uma moça daquele jeito: lia-se a inteligência na cara dela, e sua beleza o intrigou. O caso Glasenapp estava-se tornando bem «interessante»...

—Há-de perdoar que eu tenha vindo sem me fazer anunciar, começou ele.—Mas nesta profissão, infelizmente, não há tempo para todas as formalidades!

A sra. Klein, que tremia, chegou-se para Milada, mas não se percebia bem se a oferecer, se a pedir proteção.

—Ora, parecem ambas assustadas! lamentou Reinhardt.—Mas porque? Eu sou algum animal feroz? Ninguem precisa ter medo de mim... Estou aquí só para fazer umas perguntinhas. A sra. Klein pode ir embora.

A velha esgueirou-se para fora do quarto:

—Nosso Senhor a proteja, menina, mais todos os Santos da corte do céu! murmurou ao sair.

REINHARDT sentou-se confortavelmente.

—Falemos agora com sossego, disse ele.—Na quinta-feira passada recebeu a visita do tenente Glasenapp?

—Sim, respondeu Milada em voz calma, repetindo mentalmente as palavras de Breda: «A verdade não lhes interessa nada. O que eles querem é apenas garantir a sua própria segurança, impondo-nos o terror.»

—Você é uma pessoa adoravel. Essa não foi a primeira visita dele, ao que suponho?

Enquanto a resposta não vinha, o comissário acariciava o queixo.

—Vá, vá! Ele devia conhecê-la há bastante tempo!

De que servia negá-lo? Já tinha conversado com a sra. Klein... Milada decidiu arriscar um pouco, e disse:

—Sim. Foi muito bom para mim, muito meu amigo...

—Nenhum homem podia deixar de o ser, só um cego! E isso foi tudo? Pura amizade, e nada mais?

—Decerto.

—Oh, senhorita Markova! (O comissário falava agora como um professor benévolo que apanhou o aluno numa visivel mentira.) Os oficiais do exército alemão não gostam nada dessas maneiras platônicas...! Diga-me, como a conheceu ele?

—Na rua, disse ela com inteira verdade.

—E depois?

—Víamo-nos de vez em quando.

—E ele nunca tentou... passar do platonismo aos *fatos?*

—Nunca.

—Devia ser muito bobo! Eu teria tentado, no lugar dele... E o mesmo teriam feito todos os oficiais alemães da Guarnição de Praga. Já vê que não posso crer no que você me diz!

—Seja como entender.

—Senhorita Markova, a senhora deve compreender que a sua vida corre menor ou maior risco, conforme *eu* a acredite ou não...

Milada sentiu a garganta um pouco seca, mas conservou a face inalteravel. «Por quanto mais tempo será ela capaz de se dominar tão perfeitamente?» pensou Reinhardt, e logo perguntou em voz alta:

—Por que meios é que ele se mostrava bom para você?

—Emprestou-me dinheiro enquanto eu estive doente. Eu queria lhe restituir... Foi um choque, saber que ele tinha morrido.

—Claro, disse Reinhardt insinuantemente. —E morreu logo depois de uma discussão que não lhe é estranha. Coincidências da vida...

Tendo lançado a isca, esperou que o peixe mordesse. Mas Milada não notou o maldoso alcance da pergunta. O fato de ele saber da cena entre ela e Glasenapp, ocupava-lhe agora completamente o espírito. Que sabia, e quanto sabia ele? E devia ela referir-se à ameaça que Glasenapp fizera, de atentar contra a própria vida?

Reinhardt viu-a hesitante, e martelou no mesmo ponto, onde se sentia com vantagem:

—O tenente esteve aquí, onde já tinha vindo muitas vezes; tiveram uma cena, uma cena violenta...

E aventurou-se a acrescentar: —A senhorita na realidade não gostava dele. Uma mulher do seu tipo não cai com um sujeito daqueles, um João-Ninguem! Tiveram uma altercação: a que propósito?

A pergunta inesperada, calculada para colhê-la de surpresa, teve o efeito exatamente oposto: ao espírito de Milada ocorreu a idéia de que o comissário poderia estar tambem a sondar nas trevas...

—Ora,— disse ela sorrindo pela primeira vez para Reinhardt —não há amizade sem o seu «senão»...

—Faça favor de se deixar de teorias! disse ele para desviar o golpe.— Qualquer que fosse a exigência de Glasenapp, a senhora sabia que, na qualidade de oficial alemão, ele podia se tornar extremamente incômodo. Vamos lá pôr as coisas a claro: a sua discussão com o

tenente. O asco que lhe tinha. E no fim, o assassínio dele... Há-de concordar que as coisas dão mesmo certas!

«Ele está a ver se consegue culpar-me do homicídio!» pensou a moça, sentindo-se como envolta numa grande labareda. Pareceu-lhe que as paredes do quarto dansavam à roda.

—O senhor está doido! exclamou. —Bem sabe que eu não matei!...

—Porque não?

Porque não?! disse ela intimamente. Mas porque Glasenapp se suicidara! Tinha as palavras nos lábios, prontas a soltar-se... Reinhardt esperava, num estado, tambem, de tremenda excitação. É agora, pensou ele, é agora que ela vai-se abaixo... E inclinou-se ansioso, para receber-lhe a resposta.

Nos momentos de perigo supremo, o espírito humano atinge graus de inesperada lucidez. A moça *viu* de repente a cilada: se deixasse de pé a acusação, a polícia poderia acusá-la do assassínio; se, por outro lado, tentasse defender-se provando o suicídio, iria da mesma forma para a cadeia, pois o comissário não consentiria que ela continuasse a circular, como uma ameaça viva aos seus planos!

De uma ou de outra maneira, sentia-se agarrada. Tudo quanto podia fazer era escolher entre duas modalidades de infortúnio. Duro dilema! Cumpria-lhe, porem, resguardar Breda, Breda que *sabia* e tinha planos. Talvez esses planos viessem a vingá-la do que lhe estava agora sucedendo, e da morte de Pavel, e de tudo o mais. A voz de Reinhardt chegava-lhe agora como através de uma névoa.

—A morte do tenente ocorreu no momento oportuno, não é assim? dizia ele.

Que importava agora o que ele dissesse? «Seja qual for a minha resposta, ele me levará presa para a masmorra...» pensava Milada.

—Glasenapp nunca me interessou, disse ela com calma, e sentando-se. —Nada tenho que ver com a morte dele.

Reinhardt sorriu para esconder o seu desapontamento.

—Senhorita Markova, — obtemperou com um suspiro—receio termos que voltar de novo ao princípio. Como bem pode imaginar, eu não vim aquí sem primeiro me ter informado...

—Porque é que o senhor não me prende já? perguntou ela com indiferença. —Era melhor acabar com isto.

—Vamos, vamos, eu ando neste negócio há muitos anos! retrucou ele. —A senhorita não agiu só, tem amigos, tem cúmplices.

O comissário procedia agora como o pugilista que quebranta o adversário por meio de curtos e rápidos golpes ao coração:

—Quem é Pavel?

A resposta veio-lhe na mesma voz de indiferença:

—O senhor já não pode tocar-lhe: está enterrado tão fundo, que não o alcançaria com as mãos...

—Bem sei. Glasenapp era um dos oficiais comandantes das tropas que atacaram a Universidade, quando Pavel foi morto. E quis depois tomar o lugar dele no seu amor. Sintoma de alarmante e aguda perversão... Pagou-o com a vida! A senhorita o matou.

—Não.

—Mandou alguem matá-lo?

—Não.

O sorriso de Reinhardt começou a fazer-se amarelo, e as suas maneiras bonacheironas foram dando lugar a uma insistência mais e mais premente:

—Se o tivesse feito, eu a compreenderia muito bem. Mulher com sangue na guelra, vinha aquele nazista lazarento meter-se a fazer-lhe a vida negra!

O comissário, tendo recorrido a todas as suas artimanhas para arrancar a confissão à moça, já começava a perder a paciência e a serenidade. Porque é que ela não falava? Porque não dizia o que sabia? Mas Milada, obstinadamente, contentava-se em responder: «Eu não matei Glasenapp!»

O comissário fungou com desdem. Que efetivamente não matara, ele bem o sabia. Mas se ela estava a par do suicídio, e se tinha falado com outras pessoas a respeito, isso é que continuava sendo para ele uma charada tão grande como quando alí entrara. Era a primeira sombra no caso Glasenapp—aliás uma perfeição sob outros pontos de vista. Sentia que não poderia ser senhor da situação enquanto o problema não estivesse esclarecido. A esse pensamento sentiu-se irritado.

Milada farejou a alteração que se produzia no pensamento do comissário, e esperou, sentada e curvando a cabeça, pelo golpe—que não veio. Que iria ele fazer? A que outros meios iria recorrer contra ela, senão à força bruta?

Sem erguer a cabeça, começou a espiá-lo: nos olhos baços de Reinhardt boiava a indecisão. Como é que se havia deixado amedrontar por aquele policial medíocre?

Devia contar tudo ao Breda. Percebeu de repente que se tinha conduzido com muito tato; guardara o seu segredo, e seria capaz de enfrentar todos os riscos futuros...

O comissário ergueu-se, enfurecido; olhando para a moça e vendo-lhe a graciosa curva da nuca, imaginou por um momento o relâmpago da guilhotina caindo sobre ela, para separar aquela bonita cabeça dos ombros suavemente arredondados... E essa imagem deu-lhe uma espécie de consolação; porque (pensou) esse era o gênero de espetáculo sensacional que sempre se podia arranjar!

—Esta conversa fez muita luz! disse afinal abotoando o casaco. E poisou levemente a mão no pescoço de Milada. —Você é bem bonitinha! Espero que nossas relações não fiquem por aquí...

Encolhendo-se, ela empurrou a mão que a tocara: a excitação nervosa e a repugnância por aquele homem deram-lhe uma súbita náusea, que Reinhardt pareceu não ter notado:

—Como é que o idiota do Glasenapp foi capaz de apreciá-la, hein? Não, minha querida, eu não vou prender você —por enquanto... Vamos ficar em contacto um com o outro, em *íntimo* contacto!

O comissário saiu, e quando a patroa da casa entrou no quarto, foi encontrar Milada tremendo de febre, sentada e de cabeça descaida, como ele a deixara. Meteu-a na cama como a uma criança obediente e passiva. Dir-se-ia que Milada tomara algum narcótico.

NA CELA da prisão, Janoshik sentia-se perseguido por uma idéia. A menos que lhe fosse possivel fazer chegar a destino a indicação de endereço que Breda lhe tinha dado, os carregadores do cais não poderiam executar o plano de destruição das barcaças de munições. O estivador careca, seu agente de ligação, ficaria espremendo o cérebro para descobrir a maneira de receber uma mensagem de Janoshik. Pobre homem! O trabalho cerebral não era a sua especialidade... Passaria grande parte do domingo pelo Bar Manes, no seu

terno de passeio, gastando o salário em cerveja, correndo de vez em quando aos gabinetes higiênicos a pretexto de dores de cabeça ou cólicas de estômago, abrindo o armário dos remédios e engolindo pílulas e comprimidos de toda a ordem—sem poder encontrar nada do que lhe interessava.

Só havia uma solução: ele, Janoshik, teria de encontrar a maneira de ir ao Bar, para meter o recado no armário dos remédios! Essa era a idéia que o perseguia—e Janoshik resfolegou... Conclusões lógicas e claras eram essas—mas absurdas! Estava-se mesmo a ver a cara do soldado da Gestapo quando ele lhe fosse dizer assim: «Queira desculpar, meu senhor, mas eu precisava de sair daquí só por um instantinho, para correr à sentina do Café Manes...»

Entretanto, isso era precisamente o que ele devia fazer, de qualquer maneira! Mas que pretexto poderia servir-lhe para o conseguir?

Acudiu-lhe um alvitre, afinal, após muitas horas de reflexão. Eram bem misteriosas as circunstâncias em que se verificara a morte de Glasenapp. Talvez ele, Janoshik, pudesse aspirar a produzir alguma espécie de prova de que Glasenapp planeara suicidar-se. Talvez lhe fosse possivel dizer que o tenente falara em se matar... Não, palavras não prestavam; isso era pouco. Devia existir uma prova, um documento—uma *carta* seria o ideal!

Uma carta de Glasenapp: mas dirigida a quem? Ora, a ninguem! Uma carta que anda lá por fora, fugida à Gestapo, fazendo estragos, e que é preciso agarrar, seja como for. Aquí está: uma carta que Glasenapp lhe dera para ele botar no correio,—e que ele, Janoshik, deixara no Café Manes, ao ser engaiolado antes de a remeter a seu destino... E essa carta, para a rehaver, seria preciso que a Gestapo o mandasse de passeio ao Café Manes!...

E assim se foi precisando o plano no espírito de Janoshik.

De regresso ao Comissariado, *Herr* Reinhardt resolveu concluir as formalidades do interrogatório aos indivíduos presos como refens. Ordenou a Moenkeberg que pusesse a funcionar o «sistema de iluminação»—isto é, o poderoso projetor focado sobre o ponto onde o preso ficaria de pé—e mandou entrar Janoshik. De todos os presos do grupo, parecia-lhe que este devia ser quem mais sabia do fim de Glasenapp.

Dois guardas empurraram Janoshik para dentro do gabinete. Ele ficou alí de pé, piscando os olhos, a roupa amarfanhada, o cabelo num confuso torvelinho fugindo em todas as direções. Reinhardt achou divertida a aparição do pobre diabo, estonteado na luz violenta do projetor. Pelo seu lado, Janoshik sentiu o alívio do veterano que entra na batalha. Embora caido na ratoeira e em situação desesperada, sentia-se cheio de vigor e trazia em mente um plano secreto que talvez apanhasse o inimigo de surpresa. Receara seriamente que a oportunidade nunca chegasse, e que Reinhardt o mandasse para a morte sem sequer o chamar a perguntas. Dera voltas ao miolo para achar a maneira de obter uma entrevista, e eis que, nem de propósito, abençoado seja Deus!, Reinhardt o mandava comparecer no gabinete!

O comissário, entretanto, estudava atentamente a sua vítima; encontrava nesta todos os traços de carater que identificara com os tchecos, para os desprezar: o homenzinho era amolengado, de inteligência inferior à normal, rústico como árvore mal podada.

—Que chimpanzé! disse Reinhardt para o seu fiel Moenkeberg. Mas o preso, sem esperar que lhe dirigissem a palavra, marchou em frente e rompeu a falar...

—Excelência!, começou ele.—Estou tão contente de falar com V. Exa.! (Era realmente sincero, e havia tal acento de honestidade nas suas palavras, que o comissário ficou de boca aberta.) Devo lhe fazer uma confissão! Tenho-me sentido terrivelmente mal, mas a verdade é pra se dizer...

—Moenkeberg! disse o comissário.—Ensine a este gorila como se conduzir!

O subordinado agarrou Janoshik e deu-lhe alguns safanões, dizendo devagar e em voz bem alta, para que o outro nada perdesse:

—Você só fala quando lhe fizerem perguntas!

Janoshik arregalou os olhos o mais que pôde, simulando um espanto infantil, idiota, e insistiu, cabeçudo:

—Mas Excelência, isto é importante! Quando a gente tem qualquer coisa a confessar, é preciso falar! Meu grande amigo, o inspetor Potjporek da 20ª delegacia...

—Cale-se! trovejou Reinhardt.—Sua besta! Quer que lhe metam uma mordaça pela goela abaixo?

—Não senhor, respondeu o preso com modo conciliador.

—Mais logo ouviremos a sua estúpida confissão, disse Reinhardt, severo.—Você é o encarregado das latrinas no Café Manes?

—Sim, Excelência: latrinas, despensa, e a tia Paula Potovskova, que é a esfregadeira...

—Encontrou o tenente na escada, quando ele desceu às sentinas?

—Um bom sujeito, mas ia aos trancos! No começo não conseguí perceber patavina do que se pôs a dizer...

—Ele falou pra você? perguntou Reinhardt, cujo interesse aumentava.—É capaz de se lembrar do que ele disse? Diga a verdade, quando não...!

—A verdade inteirinha, sim senhor! Pois claro, não faltava mais nada! prometeu Janoshik, com todos os sinais da boa-fé e honestidade pintando-se-lhe no rosto. Estava realmente fazendo um grande esforço de pensamento: sabia que tudo ia depender da história que estava prestes a contar.

—Saiba Vossa Excelência que eu devo dinheiro a ele, começou o porteiro em tom de penitência. (O que queria evitar agora era dar à sua história qualquer aparência lógica...)

Reinhardt começava a desesperar da possibilidade de aquele cretino vir a responder direito a qualquer pergunta.

—Que foi que ele disse a você? berrou.—Responda!

—Eu devo dinheiro a ele, insistiu Janoshik.—Quatro coroas e quarenta *heller*. Mas não lho posso pagar, tiraram-me todo o dinheiro. Quando aquele simpático rapaz me meteu no cárcere, tirou-me primeiro todo o dinheiro. E duas coroas que eram minhas, e o canivete...

—Para que é que ele deu dinheiro a você?

—Porque eu sou um homem honrado, e ele tinha confiança em mim, respondeu Janoshik que parecia a verdadeira incarnação da Virtude. Reinhardt tinha que dominar-se, para não agarrar aquele imbecil pelo cachaço e dar-lhe com a cabeça numa parede.—E também porque ele queria que eu botasse uma carta dele no correio..., acrescentou o tcheco, como se o fato fosse um

incidente sem a mínima importância.

—Ah!... fez Reinhardt aliviado, parecendo-lhe que conseguira enfim arrancar um fato tangivel ao confuso Janoshik.—Que carta era essa? acrescentou cautelosamente.

—Uma carta expressa! Recheada, pesava que só eu sei! Carta importante, sim senhor. Foi por isso que o tenente me deu as dez coroas,—Deus o tenha em descanso. Estava tonto, muito tonto mesmo. «Vá ao raio da agência,»—Vossa Excelência queira desculpar, mas foi assim mesmo que ele disse—«e bote essa carta no correio!» Depois deram-lhe os soluços, e começou a choramingar.

—Qual era o endereço da carta?

—«Arrebento a sua cachola, se você se esquece de botar na caixa!» disse-me o tenente, enquanto chorava. «Você é uma autêntica cavalgadura,»—com sua licença, Excelência, foram as palavras dele—«mas não está bêbedo, e eu estou. Vá à agência...»

Janoshik estava lançado, em plena marcha. E teria continuado assim, se Reinhardt o não houvesse interrompido com um berro:

—Responda! Que endereço tinha a carta?

—Como é que eu hei-de saber, Excelência! Eu sou um homem honrado. Recebí dez coroas para mandar a carta, e não pra ler a direção... Quando a gente lê o endereço duma carta, já pouco falta para abrir o envelope e ler a carta! E a mim, Excelência, não há ninguem que seja capaz de me arrastar a uma coisa dessas... Ninguem!

Reinhardt decidiu rodear pelo momento o delicado problema de ordem ética:

—Bom, quando foi então que você botou a carta no correio?

—Aí, com sua licença, é que a porca torce o rabo! disse Janoshik sombriamente, como se a conciência o estivesse roendo.

—Botou a carta, ou não botou a carta?

—A culpa não foi minha, suplicou Janoshik.—Aquele bonito rapaz prendeu-me sem me dar tempo para ir ao correio...

—Ótimo! disse Reinhardt.

Mas Janoshik abanou as orelhas:

—Não, Excelência, é uma desgraça! Pesa-me no coração...

—Onde está a carta?

—Isso agora é que eu não sei, confessou Janoshik.—Perdí-a! Naquela confusão, devo-a ter arrumado em qualquer parte, talvez na despensa... «Janoshik,» disse eu com os meus botões, «não perca esta carta. O pobre tenente confiou em você, veja agora o que faz...»

Reinhardt não era, de ordinário, homem para deixar transparecer as emoções; mas desta vez não se conteve, e assentou uma formidavel punhada na secretária:

—Moenkeberg! rouquejou.—Diga-me cá: como é que a gente aquí costuma fazer lembrar os esquecidos?

Moenkeberg recitou com a voz monótona do guia:

—Pomos eles no caixão vertical. Ou lhes damos com correias de borracha. Ou com vergalhos de aço. Ou arrancamos os dentes deles um por um... Ou penduramos eles do teto, pelos dedos das mãos. Ou...

A expressão de Janoshik manteve-se tão indolente e cordial como estivera desde o começo do interrogatório. Quando Moenkeberg se calou, ele limitou-se a dizer:

—Vossemecê faz-me lembrar o meu

mestre de instrução primária, chamava-se ele Pan Burian. Eu fiquei no segundo grau durante uns quatro anos, e o bom do mestre acabou se amolando comigo. Em dias certos dava-me uma surra com um vergalho, feito de um ramo de salgueiro. Ora, como a cabeça não tem nada que ver com o sítio onde eu levava, a minha memória ficava tão boa depois das surras, como antes...

Fez-se uma curta pausa, durante a qual Janoshik deixou que os circunstantes se compenetrassem bem da sua incuravel e precoce imbecilidade. Reinhardt começava até a compadecer-se do desgraçado mestre-escola Burian. E repetia consigo: «Paciência! Tenhamos paciência!»

—Vá, faça um bom esforço! avisou ele.—Quero que você se recorde de onde foi que deixou a carta.

Janoshik ficou em frente do seu carrasco, imagem real do cavalo estúpido, mas bem-intencionado, que se sente chicoteado para arrancar uma pesada carroça que nem três cavalos poderiam mover, e apesar disso teima em fazer o impossivel. Por fim, ergueu ao céu as mãos enormes, num gesto de desespero:

—Não, não, não posso! Desta maneira, não posso...

Reinhardt chegara ao extremo limite da paciência, e preparava-se para explodir em novo acesso de ameaças, quando viu que a face de Janoshik se iluminava.

—Eu arrumei a vassoura e o balde... Depois botei toalhas limpas no lavatório... Depois me abaixei para atar o laço dos sapatos... Depois fui... Para onde fui eu? Para onde é que eu fui?... Oh, se a gente estivesse lá em baixo no Café, se eu pudesse ver o lugar, aposto que era capaz de me lembrar! Quer uma aposta? O inspetor Potjporek costumava dizer assim: «Janoshik, nunca faça apostas com a polícia, porque ela, ainda que perca, não paga.» Agora, se eu achar a carta, o senhor faz-me o favor de mandar botar no Correio?

A idéia de ir ao Café Manes, cautelosamente plantada por Janoshik, lançou raizes no espírito do Comissário... Sim, pensava ele, a melhor maneira de despertar a memória do imbecil seria talvez colocá-lo no seu ambiente habitual.

Quanto a Janoshik, só receava agora que a sua cara traduzisse o entusiasmo que lhe ia no íntimo. Seria que Reinhardt morderia na isca? Na realidade, Reinhardt suspeitava apenas de uma possivel tentativa de fuga, e avisou:

—Se você está planejando fugir, deixe-me avisar-lhe que vai dar o passeio algemado a dois dos meus homens mais robustos. E se você não encontrar a tal carta do tenente Glasenapp, eu tratarei de conseguir que não lhe fique um osso inteiro no corpo, antes de você morrer. Estamos entendidos?

Janoshik entendia, ora se entendia! Nunca se iludira sobre a sorte que o esperava. Mesmo assim, era tanta a sua alegria, que tinha de fazer enorme esforço para não rir, nem chorar, nem cantar. A vida era bela, grande e lógica —e a morte igualmente!

—Agora dê o fora! bradou o comissário.—O tenente Gruber vai acompanhá-lo.

Janoshik inclinou-se profundamente e disse:

—Muito e muito obrigado, Excelentíssimo Senhor!...

Foi só perto da meia-noite que Milada despertou de um sono inquieto e entrecortado de pesadelos. Sentou-se de um pulo na cama, com a

impressão de que deviam ter passado muitas horas desde que Reinhardt a deixara, e urgia informar Breda de que a Gestapo já a envolvera na sua rede. Vestiu-se então rapidamente, lembrando as palavras que ele lhe dissera—«Só venha se for absolutamente indispensavel.» E o era, bem mais depressa do que ela imaginara! A despeito da sua inquietação, sentiu-se reconfortada ao pensamento de tornar a vê-lo.

Receando que a tivessem sob vigilância, esgueirou-se para fora da casa por uma porta dos fundos, e afastou-se cautelosamente, cosida com a sombra das casas de um beco. Mas apesar de todas as precauções, não fez reparo numa sombra que se destacou dum portal, e lhe seguiu no rasto, marchando sem rumor...

O endereço de Breda levou-a a uma velha casa de apartamentos. Confiante de que escapara ao bloqueio da vigilância, tocou a campainha e esperou. Depois ouviu passos na escada e viu uma luz. Uma velha chave rangeu asperamente na fechadura, e Breda apareceu, vestido como se àquela hora ainda estivesse trabalhando.

—Milada! exclamou ele.—Entre, não fique aí na porta como uma menina assustada!

Tomou-lhe da mão e conduziu-a pela escada acima, na escuridão.—Eu não estava preparado para receber visitas, disse ele rindo.—Mas posso pôr no fogo um caneco disso que chamam agora café. Ao menos estará quente! Você vem toda a tremer...

O apartamento de Breda compunha-se na realidade de um só cômodo, ao fim de um longo e sombrio corredor. Ele convidou Milada a sentar-se na cama, que era «o único assento fofo» que havia, explicou, desculpando-se.

—Eu dantes vivia melhor, tinha uma porção de livros. Mas... você sabe...

—Gosto disto aqui, disse ela esforçando-se por sorrir:—É certo que falta o arranjo que só mãos de mulher podiam dar...

—Sério? Breda pareceu embaraçado, e pôs-se a preparar a cafeteira. Milada ficou sentada, sem saber como principiar.—Estou contente por você ter vindo. Estava-me sentindo muito só...

—Receei que você se zangasse por eu vir aqui, replicou ela.—Você disse que eu não viesse sem ter algum pretexto sério...

—Bom,—disse ele—é possivel que a minha companhia não lhe seja muito util... Como vê, eu estou vestido para sair: daquí a duas horas tenho que estar na rua para tratar de uns assuntos. Antes de entrar em ação sempre me sinto um bocado agitado. Estava aquí a fazer hora, tentando ler para me acalmar. Não podia dormir. E que é que lhe aconteceu? rematou Breda pondo o café-*ersatz* na água fervente.

—Vim a correr todo o caminho, com receio de ser seguida. Mas acho que escapei...

Breda foi apagar a luz; em seguida, aproximando-se da janela, ergueu um canto da cortina, exatamente o bastante para poder espiar a rua sem ser visto...

—Está alí alguem escondido num portal, disse ele.—Parece que tem um chapéu cinzento. Calma! Agarre bem a chícara...

Ela bebeu um pouco, e o seu tremor diminuiu.

—Agora, sem o querer, arrastei-o para as minhas complicações! murmurou Milada.—Que estúpida que eu sou! Que idéia a minha de correr para aquí, depois de ter tido o comissário lá em casa...

—Oh! o comissário Reinhardt em pessoa, hein?...

Breda sentou-se ao lado dela, na cama, e tomou-lhe a mão que pendia livre.

—Não se importa se ficamos às escuras um pedaço, não? A esta hora são poucas as luzes que estão acesas no prédio, e eu não quero que aquele camarada alí de baixo adivinhe onde você está escondida...

—Que é que eles vão fazer a você?

—Escute, Milada. Vivem nesta casa umas cincoenta pessoas, algumas em apartamentos com janela para a rua, outras nos fundos. O chapéu cinzento não sabe qual das campainhas você tocou: está alí à espera que você saia.

—Mas são capazes de seguir você tambem!

—Talvez. Mas eu já aprendí a iludir os espiões.

—Vão ficar de vigilância à casa...

—Ouça: de acordo com o meu plano, eu nem devia aquí voltar. Você espera até de manhã. E quando eu sair, daquí por duas horas, encarrego-me do chapéu cinzento. Pode ser que eu ache a maneira de me desembaraçar dele... Brrr!, acrescentou, engolindo o café com uma careta.—Até se sente o gosto de... Mas que é que queria o Reinhardt?

A atitude natural do companheiro fê-la sentir-se protegida e segura. Disse-lhe então tudo: o seu choque ao entrar em casa para dar de cara com o comissário; como este sabia da zanga dela com Glasenapp, e tentara acusá-la do assassínio dele; como ela, para se defender, quase tinha atirado à cara de Reinhardt com a afirmação do suicídio do tenente, mas se contivera a tempo; e como, enfim, ele a deixara, descontente, prevenindo que ficaria em contacto constante com ela.

Falando, a recordação desses momentos lançou-a de novo em agitação. Ergueu-se e pôs-se a passear no quarto, enquanto Breda seguia com os olhos a sombra dela que o lume do fogão projetava nas paredes, deformada e desmedida...

—Sinto-me apanhada na ratoeira! concluiu ela com desânimo.—Nas garras deles, sem remédio nem esperança!

Breda, que a estivera escutando atentamente, cobriu o rosto com as mãos:

—Não, Milada, não! Eu vou tentar ajudar você...

Pensou: «Amo-a, e não a posso proteger! O homem quer proteger a sua amada, erguer em torno dela uma muralha de conforto e calor, um lar... Mas eles bombardeiam e incendeiam nossas casas, arrombam-nos as portas a coronhadas, e profanam as nossas mulheres. Ah, não podermos rasgar-lhes a garganta com as unhas! E estamos amordaçados, agrilhoados, inermes, numa expectativa de agonia...»

—Quero dizer a você o trabalho que esta noite vou fazer,—continuou—porque ele lhe interessa tambem, e pode até agravar a sua situação... Venha, sente-se aquí ao meu lado!

Ela obedeceu, como se a voz de Breda tivesse mãos para atraí-la...

—Tenho um amigo que trabalha comigo, um técnico da Estação de Rádio de Praga. Graças a ele, se as coisas realmente o justificarem, eu poderei fazer uma emissão clandestina. E acho que o momento está chegando. Vamos denunciar pelo rádio o plano infame da Gestapo. Não podemos evitar a matança dos refens, mas ao menos faremos com que a mentira dos nazistas lhes rebente na boca... O país inteiro ficará sabendo a verdade! E dessa maneira vingaremos Janoshik. E você. E todos!

Milada sentia-se ao mesmo tempo fascinada por ele e apavorada: era um lutador, e isso a atraía. Mas tremia de apreensões. Já ficara sem Pavel, e não queria perder Breda tambem...

—E você? murmurou ela.—Porque não pensa em você mesmo? Eu penso...

Breda sentiu-se humilde. Milada podia abstrair do perigo terrivel em que ela mesma se encontrava, para pensar nele! Que podia ele oferecer-lhe? Nada, —se nem a própria vida lhe pertencia! Que podia ele dizer-lhe? Falar-lhe de um futuro que era uma noite de incertezas? Dos sentimentos que nutria por ela, e que os não levariam a parte alguma, beco sem saida?...

—Milada, disse ele.—Eu amo-a...

A moça ficou silenciosa. Quanto ansiara o seu coração por ouvir essas palavras! Mas agora que ele as dissera, tudo o que ela sentia era medo, medo de que ele partisse e a deixasse só... Agarrou-lhe as mãos com ansiedade. Pelo seu lado, Breda ficara apavorado com a confissão que fizera.

—Amo-a,—repetiu ele—mas não devia ter dito a você. Isto não nos ajuda nada, não é assim?

Ergueu-se e foi até à janela: o chapéu cinzento ainda lá estava, de guarda. Milada disse num sopro:

—Já não tenho medo... Sinto confiança em você.

—Esta noite,—prosseguiu ele, mais calmo—o rádio-telefonista e eu vamos preparar um disco com o meu discurso. Amanhã começaremos por nos desembaraçar de certo locutor nazista, que por sorte se parece um tanto comigo... Apresentar-me-ei na estação em vez dele, entrarei no estúdio para pôr o disco a funcionar—e sairei. É tudo! Imagine a cara deles,—acrescentou rindo—quando se virem logrados assim!

A moça riu-se com ele, aliviada, numa alegria quase infantil. Mas voltou-lhe o receio:

—E se não deixam você sair? A estação de rádio deve estar bem guardada. Meu Deus, o seu plano tem tantas probabilidades de falhar! O mais leve descuido pode equivaler à morte...

Breda esforçou-se por tranquilizá-la: até então tivera sempre sorte. E bastaria um pensamento de morte para suspender todo o trabalho? Que arriscavam eles? Era aquilo, porventura, *viver?*...

—Eu amo você mais do que as palavras podem dizer. E terei de ficar quieto, inativo, vendo você entregue nas mãos deste Reinhardt!... Veja quanto mal eu lhe estou fazendo: no instante em que a rádio-emissão for por esses ares, será de todos conhecido o segredo que Reinhardt tem guardado ciosamente. Milhões de pessoas ficarão sabendo que Glasenapp se matou—coisa que o comissário julga que só você sabe. Minha boa Milada, eu corro muito menos perigos do que você!...

«É certo,» pensou ela. «E apesar disso eu não sinto medo!» Rindo, parafraseou as palavras do próprio Breda:

—É isto, porventura, *viver?* Chapéu Cinzento está me esperando, um comissário da Gestapo vem me perseguindo porque quer informações ou porque deseja o meu corpo,—e eu recuso deixar-me intimidar!

Uma vaga de ardente compaixão transbordou do coração de Breda, quebrando a sua reserva, e ele apertou a companheira nos braços.

O corpo trêmulo de Milada apoiou-se contra ele, como se fosse o seu único abrigo neste mundo... Em volta deles tudo era escuro, caliginoso: a única luz brilhava nos olhos de Breda. A única força, era a força dos seus braços; toda a ternura, a ternura das suas mãos; e por único consolo, os lábios dele...

—Meu querido,—murmurou ela—quando você se for daquí, o mundo ficará parado...

—E tenho de ir mesmo! disse ele.

No porão do Café Manes, Janoshik e os seus dois guardas percorriam com o olhar a confusão que se desdobrava diante deles, enquanto Gruber, de revolver na mão, espiava. O armazem, que era parte dos domínios de Janoshik, estava tibiamente iluminado por uma pequena lâmpada empoeirada. Alí se arrumavam todas as caixas velhas e caixotes que o patrão lhe mandava conservar, moveis carcomidos, garrafas vazias, antigos cardápios aos montes, trapos, baldes, escovas, vassouras... Todo o ferro-velho e o rebotalho que se acumula nos bastidores de um restaurante! Procurar o quer que fosse alí, especialmente uma carta, era como procurar agulha em palheiro.

Janoshik abanou a cabeça com tristeza:

—Nada disto está como eu deixei. Oxalá a carta do tenente não se tenha perdido no meio desta lixarada!

—Bom, deixe de lamúria e procure a carta! disse Gruber.

Janoshik meteu mãos à obra com vingativo afinco. Com os dois soldados a reboque, desarrumou caixões, tropeçou em garrafas, mudou moveis dum lado para outro... E a poeira, em nuvens, turvava os ares. Gruber fugiu para a porta e pôs o nariz de fora, para respirar o ar puro. Mas os soldados é que não tinham direito a imitá-lo, e não houve remédio senão ficarem alí, a encher os pulmões de poeira, os olhos irritados até às lágrimas, a cara de poucos amigos... Janoshik, na sua pesquisa tão furiosa quanto infrutífera, não lhes mostrou mercê.

«Tenho que encontrar,» murmurava obstinadamente. «Tenho que encontrar! Que havia de dizer o bom do sr. comissário, se a gente lhe aparecesse sem este importante documento? Deixa ver este cantinho... Talvez aquí esteja!»

E lá veio de cambulhada a pilha dos cardápios, para que os soldados se vissem forçados a patinhar na papelada! Janoshik pôs-se de joelhos: «Tenho que a encontrar!...» E as folhas de papel voavam pelos ares, entre a poeira, para a direita e para a esquerda, enquanto ele escavava cada vez mais fundo no lixo...

E assim, na sua obra de demolição, Janoshik rompera caminho até o armário dos remédios. Ao mesmo tempo que o abria para o vasculhar, conseguiu extrair de um bolso um papelinho, e deixou-o cair na prateleira inferior. Esse papelinho levava o endereço, que ele escrevera em segredo, na cela da prisão. Teriam notado alguma coisa os guardas?...

O «Gurí» se aproximava dele:

—A carta está aí, ou esta busca toda é uma embromação?

Janoshik virou-se para a sua caixa de engraxador; sentia-se prestes a perder os sentidos. Neste momento supremo, a sorte das barcaças de munição dependia da perspicácia de Gruber; e foi então, precisamente, que ele, relanceando o olhar pelos frascos de remédios, os pacotes de algodão e esparadrapo, deu com o papelinho. Tirou-o do armário, e ficou com ele desdobrado entre os dedos, uma eternidade, ao que pareceu a Janoshik, com o sobrecenho carregado.

—Que diabo vem a ser isto? disse ele, numa voz que denunciava mais curiosidade do que suspeita. Mas as suas palavras cairam sobre Janoshik como outros tantos raios.

—Você aí, acrescentou o oficial, chamando por ele.—Venha cá. Que quer isto dizer?

—Isto? fez Janoshik em voz rouca.—Oh, *isto?*... Nada, não é nada de importância!

Gruber deu-lhe tremendo bofetão, que lhe deixou um ouvido a zunir.

—Quando eu lhe pergunto alguma coisa, é porque acho importante, ouviu?

—Sim senhor.

—E então?

—É um endereço.

—Isso tambem eu vejo. Endereço de quem?

Janoshik hesitou.

—É a morada dum médico, que só trata de doenças secretas... A gente tem isso aquí para um caso de necessidade... O senhor está precisando?

A ingenuidade era forte, e Janoshik viu vir o punho do policial, pela segunda vez, direito à mesma orelha... A dor e o zumbido se agravaram.

—Tcheco patife! berrou Gruber, amarrotando o papel e atirando-o para o chão.—Acabe já esta farsa! Revistamos tudo isto e não tem carta nenhuma. Levem este idiota para o Comissariado! Já lhe ensinaremos quanto custa brincar conosco!...

Janoshik, radiante, fechou os olhos e respirou fundo. O papelinho amarrotado ficou esquecido no chão das sentinas do Café Manes, a coisa mais inocente deste mundo, e ninguem jamais poderia dizer quantos projetos e esperanças—e quanto sangue e fatalidade tambem—nele se continham.

Os soldados, a instâncias de Gruber, levaram o preso aos empurrões para dentro do carro. E numa fração de tempo, Janoshik pôde ver uma sombra despegar-se de uma porta, no lado oposto da rua—uma sombra vagamente familiar... O estivador com que ele contava era assim, um grandalhão, magro e careca...

O MAGNATA do carvão, Lev Preissinger, estava de pé no gabinete do comissário, em frente da grande secretária impecavelmente limpa. Sentia, quase sem sombra de dúvida, que aquela entrevista era o prelúdio à sua libertação. E quando viu que Reinhardt se erguia para o cumprimentar afavelmente,—«Como está o sr. Preissinger?» —concluiu imediatamente que este cordial funcionário estava prestes a apresentar-lhe as mais prolixas desculpas em nome do governo do III Reich.

Reinhardt ordenou a Moenkeberg que aproximasse uma cadeira para Preissinger. Nisto, inesperadamente, a luz jorrou do possante projetor, e Preissinger, encandeado, sentiu-se como o acusado que comparece perante o juiz de instrução criminal... Logo, porem, procurou justificar o comissário: é assim a polícia,—pensou ele um pouco forçadamente, pestanejando e tentando proteger os olhos, que lhe ardiam.

—Eu me chamo Reinhardt! declarou o comissário, inclinando-se sobre a secretária para olhar Preissinger de mais perto. Nunca tinha visto o homem que era, afinal, o pilar em que assentava a sua cabala; a chave-mestra daquele negócio, mercê do qual um suicídio teria de passar por assassínio, e fora ou seria preciso inventar e chacinar refens, e perseguir estudantinhas inocentes, e gastar noites inteiras em interrogatórios exhaustivos...

Contemplando a face apoplética de Preissinger, o comissário viu realmente um taboleiro de xadrez no qual ele próprio estava travando—e ganhando—uma partida em que as jogadas eram de uma transcendente dificuldade.

Preissinger tossiu discretamente para atrair a atenção de Reinhardt:

—*Herr* Reinhardt, a minha prisão e o tratamento que eu recebí dos seus agentes, não foram das coisas mais agradaveis... Espero que...

—Eu sei, eu sei! cortou Reinhardt.—Tudo é suscetivel de melhoramento... A Gestapo tem tantos deveres, que se torna dificil prestar a cada pessoa toda a atenção que lhe é devida!

—Compreendo perfeitamente, assentiu Preissinger com um sorriso conciliatório, e ficou à espera da palavra milagrosa que, saindo dos lábios de Reinhardt, viria pô-lo em liberdade. Mas em vez disso, sentiu-se bruscamente alvejado com a mais inesperada das perguntas:

—Quando é que o sr. viu pela última vez o tenente Glasenapp?

Apanhado de surpresa, Preissinger gaguejou:

—O que? Que quer dizer... a *última* vez?

—Queira responder a verdade, concisamente!

—O sr. não vai supor agora que eu tivesse qualquer interferência nesta história?... protestou o milionário.

—Quando viu ele pela última vez?

—Mas eu nunca o vi! Quer dizer... talvez o tenha visto... Mas como vou eu saber? Fiquei desagradavelmente surpreendido, e até incomodado, quando os seus homens tiveram a peregrina idéia de me prender. E devo mesmo rogar-lhe que...

—Meu caro sr. Preissinger! disse Reinhardt erguendo a mão num gesto de apaziguamento.—O senhor parece, realmente estar laborando num erro lamentavel... Neste lugar quem faz perguntas sou eu!

—Mas... mas... tenho a certeza de que os meus sócios da Companhia devem já ter procurado se informar do meu paradeiro... Um homem como eu não desaparece assim, sem mais nem menos!

Reinhardt assentiu:

—Com efeito, os seus consócios deram provas da mais tocante lealdade. Recebemos um rosário de pedidos...

—Ah, apraz-me sabê-lo! suspirou Preissinger. Não estava esquecido, não estava perdido! Este oficialeco da Gestapo era apenas um desses sujeitinhos que perdem um tempo precioso em rodeios inuteis.—Naturalmente,—apressou-se ele a acrescentar—terei o maior prazer em lhe auxiliar na solução deste bárbaro assassínio! E agora... poderia o sr. fornecer-me os papéis necessários para...?

Reinhardt ergueu as sobrancelhas numa expressão de ingênuo assombro:

—Que papéis?

—O mandado de soltura! Então não é preciso passar certos documentos, para que os guardas me deixem sair daquí? O sr. sabe...

A voz de Preissinger baixou, caiu, sumida quase num sopro de desespero, e Reinhardt soltou uma risada estrondosa e prolongada. Divertia-o ver aquele milionário a debater-se, aflito, baixando a cabeça como um touro que não sabe onde marrar, e agitando convulsivamente os dedos nodosos, cabeludos...

—Então o sr. pensava realmente que nós o iríamos pôr em liberdade? disse o comissário fazendo alarde do seu espanto.—Só porque o sr. é Lev Preis-

singer, diretor-gerente do Sindicato Hulheiro da Boêmia-Morávia?...

Fulminado, imovel na cadeira das vítimas, Preissinger rouquejou num tom de abjeta súplica:

—Mas eu colaborei com os senhores! Aumentei a produção de hulha nas minas, para satisfazer as encomendas de guerra do seu governo! Fiz quanto podia para lhes dar apoio, a minha ajuda!...

—Eu sei, eu sei! disse Reinhardt sorrindo como a desculpar-se.—Mas o senhor é que não avalia a situação terrivel em que *nós* estamos! Se o pomos em liberdade, os seus compatriotas vão dizer: «Ora, refens! Cantiga... Os nazistas não estão levando a coisa a sério. Vejam vocês o Preissinger, como eles o soltaram!» Meu caro amigo, isto para nós é uma questão de princípios!

Quando Reinhardt pronunciou a palavra *princípios*, Preissinger teve a sensação de que deixara de cair desamparadamente no espaço, e sentiu-se regressar ao mundo da razão soberana. Leu claro na palma daquela mão que se estendia para ele, como se esperasse que nela depusessem alguma coisa...

—Princípios... murmurou.—Pois claro, claríssimo!... Senhor Reinhardt, se o seu secretário saisse deste gabinete por alguns momentos, eu ficava muito mais à vontade... Trata-se de assunto muito pessoal!

—Ah, bem vejo! sorriu Reinhardt.—Moenkeberg, deixe-nos sós, faça favor.

Preissinger inclinou-se confiantemente para Reinhardt:

—Comissário, eu compreendo perfeitamente que o senhor está na berlinda; seria um mau golpe de publicidade, se eu agora fosse posto à solta. Mas acho que tudo se pode arranjar. Se o sr. me pusesse em liberdade, seria conveniente que eu desaparecesse por algum tempo. Não há nada mais facil! Eu podia ir para a Suiça sob um nome suposto, levar por lá algum tempo, até chegar a minha vez de regressar. Que deseja o sr. que eu faça, Comissário, em troca deste pequeno obséquio?...

Reinhardt não respondeu. Tinha curiosidade de saber em quanto Preissinger avaliava a sua própria vida e liberdade.

—Um milhão de coroas? ofereceu este, tentadoramente.

Reinhardt sorriu...

—Cinco milhões?

O comissário pegou num pequeno punhal que estava em cima da mesa, e fê-lo girar entre os dedos, de modo pensativo.

—Talvez que, devido à incerteza da presente situação monetária, o sr. não esteja interessado em dinheiro, tornou Preissinger, como sondando o interlocutor.—Mas eu tenho aí uma mina de carvão que lhe posso transferir...

O punhal ficou imovel nas mãos do comissário.

—O senhor Preissinger avalia a sua vida em muito pouco, não é verdade? Parece ter em mente sacrificar apenas *uma parte* do que possue. Ridículo! Se estivesse morto não possuiria coisa alguma!

—Querem-me roubar! gritou Preissinger.—Então não há gratidão? O mérito não é recompensado?...

—Não. E aconselho-o a baixar a voz. É contra a lei tentar peitar um funcionário alemão!

—Quanto quer o senhor? grunhiu Preissinger, ultrajado com tanta sem-vergonhice.

—*Tudo.*

—Tudo...!? exclamou o industrial, de boca aberta.—Mas eu tenho compromissos, mulher, família, casa a sustentar! O sr. não tem coração? Quererá tambem o ouro dos meus dentes, ou uma libra da minha carne?...

—Quero apenas que o sr. pense, meu caro Preissinger. *Pense!* Ora veja: estará o sr. em situação de discutir seja o que for? Pois não vê que, uma vez morto, nós podemos apoderar-nos de tudo quanto quisermos?

Lev Preissinger teve a impressão de que a mão dum fantasma lhe esprêmia o encéfalo, enterrando-lhe os dedos na massa cinzenta. Viver! pensou. Eu quero viver! Reinhardt era a morte, a morte negra com botões prateados na farda. Na sua desgraça, Lev Preissinger debatia-se por conservar ao menos a vida. Agarra-te à vida, com todas as unhas, com todos os dentes, com todos os nervos! Que era o que queriam aqueles nazistas: um bode expiatório? Ah, essa era a coisa! E o financeiro acalmou de repente, ferido pela luz desse pensamento.

—Janoshik! murmurou ele, fitando o comissário.—Foi Janoshik quem matou o tenente Glasenapp! Ele próprio declarou na cela. Para falar com franqueza, eu teria preferido sair em liberdade sem lhe ter dado esta informação, *Herr* Reinhardt. Todavia, como o sr. me fechou todas as outras portas, vejo-me forçado a lhe dizer a verdade. Está aí o assassino que procura. A partir deste momento eu deixo de ser seu refem, e espero que o sr. cumpra o seu dever.

O comissário sorriu: apreciava realmente um pirata que se obstinava em combater até o último cartucho!

—De morte é melhor nem falar, hein, *Herr* Preissinger? E como vai o sr. provar a sua acusação?

—Ouví-lhe a confissão. Se ele negar, tem a minha palavra contra a dele. Mas considere só: homens como Janoshik odeiam toda autoridade: a sua como a minha. São inimigos da ordem estabelecida, e procuram subvertê-la. Só Janoshik teve a oportunidade de matar o tenente. E alem disso...

O rumor de passos no corredor interrompeu-lhe a frase, e Moenkeberg enfiou a cabeça entre portas:

—Meu comissário, o tenente Gruber está de volta.

—Bom, mande-o entrar imediatamente.

Abriu-se a porta, e Janoshik, todo escabelado, foi empurrado para dentro do gabinete. Gruber avançou até à mesa, e saudou o chefe em posição de sentido.

—Peço licença para dar meu relatório, disse ele.—Acabamos de fazer a busca.

—Dê-me a carta.

—Não se encontrou carta nenhuma. Se me dá licença, eu acho que tudo isto não passou duma burla. Nunca houve tal carta de Glasenapp.

—Ah, ah! fez Reinhardt entre dentes, numa fúria.—Temos outro intrujão! O que é que vocês pensam que isto é, seus tchecos duma figa? Jardim-de-infância? Ah, vocês ainda não viram nada, não sabem como elas mordem!... Moenkeberg! Gruber! Levem estes dois —já—para os caixões! E apertem-nos bem! Apertem-nos! A ordem é—*apertar!*

OUTRO DIA correu. Menos um dia de vida para os refens, pensou Reinhardt com satisfação, imaginando voluptuosamente a cena final do drama, o pelotão de execução...

Esperava agora que trouxessem Milada à sua presença, da cela onde ela se encontrava. Tinham-na ido buscar aquela manhã mesmo à Usina Kolbenka;

fora presa ao pé da sua máquina. E a moça entrou no gabinete secreto do comissário, pálida e trêmula. A solidão de cela úmida havia acrescentado uma nuança nova, translúcida, à sua beleza, que exercia sobre Reinhardt uma atração irresistivel.

Tinham umas contas que ajustar... A morte violenta do seu sabujo Kratochvil, por exemplo, que ficara com o corpo em tal estado, que mal se podia reconhecer. Dificilmente ela podia ser explicada pelo «acidente de rua» que a polícia se limitara a ver no caso... Entretanto, era impossivel admitir que Milada tivesse morto o agente por suas próprias mãos... Ela teria tido cúmplices, que com certeza sabiam mais do que deviam a respeito do suicídio de Glasenapp.

—Olhe para isto! começou ele, empurrando uma fotografia através da mesa. Milada obedeceu, mas não conseguiu identificar o morto.—Isto são os restos mortais do meu agente Kratochvil, explicou com exagerada emoção.

A moça compreendia agora a significação daquela fotografia. Era uma coisa cruel e horrivel. Tornou a colocá-la em cima da secretária, tão longe quanto pôde.

—Você treme! exclamou o comissário.—Você tem culpas no cartório. Você e os outros, que havemos de arrancar das suas tocas para os esborrachar!...

—Está enganado, disse Milada friamente.—Eu não tremo. Já não sei o que é sentir horror de nada. No momento em que o sr. entrou em minha casa, fiquei sabendo que estava perdida. Desde então que vivo por empréstimo. Sei que estou nas suas mãos, que o senhor pode acabar-me com a vida assim que quiser!

Seu ânimo impressionou bem o comissário, que estava farto de vítimas acobardadas. Mas, ao mesmo tempo, como homem, os encantos da moça exerciam sobre ele forte sedução. E o fato de a mulher que ele cobiçava ser ao mesmo tempo sua inimiga—e de ambos o saberem—tornava aquela conquista muito mais atraente. Possuí-la significava tambem vencê-la... O comissário ergueu-se e acercou-se da moça, sorrindo:

—Ainda bem que nos entendemos, disse.—Claro está, é meu dever tomar medidas quanto a você, porque você pertence à espécie mais perigosa de adversários, os idealistas. Mas como e quando, cumpre-me só a mim determiná-lo...

Mediu-a com um olhar duro, que o sorriso, enrugando-lhe a pele à volta dos olhos, não conseguiu tornar mais suave. E acrescentou:—Agora, o limite de tempo da sua vida, depende só de você...

Milada recuava à medida que ele avançava para ela, mas isso não era coisa que molestasse o comissário.

—Podíamos até elaborar uma tabela, a partir da unidade mais pequena... Um sorriso simpático, por exemplo, valeria uma hora de vida. Um sinal de boa-vontade em corresponder aos meus apelos,—um dia. E assim por diante.

Milada abanou violentamente a cabeça.

—Não? Lembre-se que eu posso garantir-lhe muito conforto: bom tratamento, casa agradavel...

O comissário leu terror nos olhos dilatados da sua vítima, e veio-lhe uma brusca impaciência:

—Deixe de andar fingindo! gritou.

O brado do comissário despertou Milada da espécie de hipnose em que caira, para ver agora claramente o seu perseguidor, como a mosca apanhada na teia vê a aranha que a vai devorar... Reinhardt conseguira encurralar a moça contra uma parede, e, à medida que se aproximava dela, respirava mais depressa, soltando grunhidos bestiais.

Milada ainda tentou repelí-lo, mas sentiu os braços imobilizados. Quis mordê-lo—mas os seus dentes encontraram apenas o pano forte e macio da farda. Sentiu que a cabeça lhe andava à roda, enquanto o monstro, suando e arfando, parecia crescer e avolumar-se sobre ela... Os braços dele eram como cadeias infrangiveis, cada vez mais fortes, que lhe esmagavam as carnes, sufocando-a...

Fez um esforço supremo para desembaraçar-se, retesando músculos e nervos até sentir que o sangue lhe subia todo à cabeça, e que as veias lhe rebentavam. De repente, ele torceu-lhe maldosamente os braços, unindo-os atrás, pelas omoplatas. Milada gritou de dor, e perdeu a conciência.

O comissário ergueu-se finalmente do divã, lamentando que a moça tivesse ficado todo aquele tempo inconciente. Ah, ela era na verdade bela! E ele a dominara e vencera... Não havia nada que resistisse ao poder de sua vontade.

Pouco a pouco, Milada voltou a si, enquanto o comissário ia ao quarto próximo preparar copos e uma garrafa. Quando voltou, ela estava de olhos abertos, e tinha composto o vestido despedaçado. Reinhardt serviu a bebida e ofereceu-lhe um copo, que ela recusou com um movimento da cabeça, soluçando. Milada não queria chorar, e os soluços subiam-lhe secos e duros, de ódio e vergonha. Num grande esforço conseguiu finalmente dominar-se, e os soluços deixaram de estrangular-lhe a garganta.

—Beba, beba! insistiu ele.—E talvez não lhe fizesse mal aos nervos ouvir um bocadinho de música...

Deu volta ao botão do rádio, e os acordes da *Hohenfriedberger Marsch* encheram a sala.

—Vai ser preciso comprar-lhe um vestido novo. Que cor é que você prefere?

A música parou e ouviu-se um anúncio. Era a hora das notícias. Com boas maneiras, Reinhardt perguntou a Milada se queria ouvir notícias.

—Não precisa me perguntar! respondeu ela com raiva.

—Tem toda a razão! disse ele, rindo. —Mas um bocadinho de delícadeza não faz mal a ninguem...

Foi então que o milagre se produziu. A voz de Breda vibrou pelos ares, e parecia só que ele estava alí presente. Aquela voz clara, quente, apaixonada! Era ele, não podia haver dúvida. Dizia:

«Cidadãos de Praga! Amanhã, a Gestapo vai fuzilar vinte refens, para vingar o assassínio de um nazista, um tal tenente Glasenapp. Mas Glasenapp não foi assassinado! Glasenapp suicidou-se!»

Reinhardt empalideceu, e perdeu instantaneamente a serenidade: correu como louco à secretária, ergueu os auscultadores de meia dúzia de telefones e, na confusão dos fios emaranhados, começou a praguejar e berrar...

«Já não há lei, nem sequer a lei nazista! O opressor mata pelo prazer de matar, tortura pelo prazer de torturar!»

Milada erguera-se, excitada e jubilante. Aquelas palavras eram dirigidas a toda a gente, mas era para ela que falava a voz de Breda. A vingança soava precisamente na hora da sua hu-

milhação suprema! «Meu amado,» parecia responder dentro dela uma voz, «aquí estou eu! Contigo!»

«*Não haverá mais pretextos para tentarmos viver em harmonia com os invasores. Devemos lutar contra eles! Devemos sabotar o trabalho que eles querem que façamos, descarrilar os trens que nos obrigam a conduzir, incendiar depósitos e armazens, os automoveis que eles conduzem, as casas em que eles moram!*»

—Acabem com isso! berrava Reinhardt aos telefones.—Façam-no calar!

—Não podem! exclamou Milada, no cume da exaltação.—Nós estamos por toda a parte!

«*Esmagai-os como eles nos esmagam! Espancai-os como eles nos espancam! Matai-os como eles nos matam!*»

Reinhardt, doido de raiva, dava punhadas na secretária. Parecia que os olhos, injetados, lhe iam saltar das órbitas, e as palavras saíam-lhe da boca em gritos confusos, emaranhadas, ininteligiveis.

Ouviu-se então no alto-falante do rádio um estalido seco, e uma voz trêmula e entrecortada começou a tartamudear desculpas: fora um acidente, um erro de transmissão...

Furioso, Reinhardt fechou o rádio. Bem sabia o que aquilo representava para ele: o seu segredo, tão cuidadosamente guardado, divulgara-se largamente pelo rádio... Milhões de pessoas o conheciam agora: toda a gente! O seu plano, tão habilmente congeminado, todo o seu trabalho—perdidos! Ia-se tornar o alvo da risota de Praga. E ao lembrar-se do Protetor Heydrich, sentiu um frio arripiar-lhe a espinha. O Protetor era implacavel com os subordinados que cometiam erro ou gafe!

Ouviu uma risada,—era Milada que ria... E, como ela, todos iam rir dele. Ergueu a cabeça e olhou-a: quase tinha esquecido a sua presença no gabinete. E vendo-a triunfante, dominou-se e afivelou um sorriso.

—Um lamentavel acidente! exclamou.—Mas deixe-me dizer-lhe que, apesar desta gracinha, os refens serão fuzilados amanhã de manhã, segundo o nosso plano. E espero que, se eu a convidar para assistir à execução, isso não lhe azede o bom-humor em que está... Faço questão de que esteja presente à execução.

Milada deixou pender a cabeça: sentia-se mais uma vez vencida.

O COMISSÁRIO passara a noite inquieta, e a sua agitação agravou-se quando, pelas duas horas, lhe chegou um memorandum do Protetor Heydrich. Nas palavras sarcásticas e mordentes transparecia a cólera do chefe:

> «Entreguei-lhe uma tarefa confidencial e de importância. E o senhor não só deixou escapar o segredo do caso, mas consentin que ele fosse irradiado por todo o Protetorado. Quero apresentar-lhe mais tarde, pessoalmente, minhas felicitações...»

E continuava nesse tom.

O comissário era forçado a admitir que tinha cometido gafe, um erro palmar de estratégia policial: não estimar o adversário à altura do seu mérito real! Que diabo se passava com ele? Estaria decadente? Seria que esta cidade antiga, com seus recantos obscuros e seus mistérios, lhe tinha afetado o juizo? Ou seria, enfim, que ele tinha que se haver com uma potência subterrânea mais forte do que a Gestapo,—uma conspiração indefinida, ilimitada?...

Bom,—pensou—depois de fuzilados os refens havia de sentir-se melhor, com toda a certeza. Era preciso enterrá-los bem fundo e afogar-lhes os espetros! Essa era agora a sua primeira tarefa essencial. E depois, regresso à normalidade. Que importava lá que Heydrich se enfurecesse! Ele, Reinhardt, saberia manter-se quieto, e ouvir, e responder *sim* a tudo; a ira do Protetor alguma vez se havia de esgotar...

Milada foi introduzida no gabinete, envergando o vestido novo que o comissário mandara requisitar para ela. Era azul, muito simples, com uma gola branca por único adorno. A moça batizara logo o presente: «É a minha mortalha!»

Reinhardt ficou agradavelmente surpreendido. Nada reanima tanto uma mulher, quanto um vestido novo,—refletiu ele—seja qual for a crise por que ela esteja passando. Sentiu-se novamente atraido pela sua graça, e o seu humor, carregado de maus presságios, desanuviou-se prontamente.

—Está deslumbrante! exclamou.

—Vestí-me assim em honra dos homens que o sr. vai hoje matar, replicou ela...

Reinhardt sorriu e tomou-lhe do braço:

—Bem, vamos lá. Eles estão esperando por nós.

O PÁTIO do Palácio Petschek, que abrigava o Comissariado Central da Gestapo, em Praga, não fora traçado para servir os propósitos da Polícia Secreta do Estado Alemão. Os antigos proprietários do edifício costumavam, no verão, dar alí grandiosas festas ao ar livre, na relva, sob as árvores. Agora, porem, muitas destas tinham sido cortadas para deixar um grande espaço aberto em frente do alto muro do jardim.

Rangendo, abriu-se pesada porta, e dois guardas da SS, uniformizados, apareceram à cabeça de uma fila de cinco refens que eram conduzidos ao lugar de execução.

Vinha entre eles Janoshik, coxeando, arrastando com dor o corpo maltratado, abafando os gemidos. Apesar do que sofrera nos «caixões», o seu espírito se conservava alerta e na expectativa. Teria a sua mensagem chegado ao destino? Iria morrer sem o saber? Com uma das mãos sustinha a outra, cujos dedos pendiam, fraturados, inertes. Mas erguia a cabeça e apurava o ouvido, para não perder o mais ligeiro som que até alí chegasse, do mundo exterior. Tão pouco era já o tempo que restava para que o troar da explosão ansiosamente esperado, lhe chegasse aos ouvidos!...

Os refens tinham quase alcançado a linha rígida do pelotão de fuzilamento.

No sopé do muro havia poças de sangue ainda fresco. A terra estava lamacenta, e as pisadas da leva anterior de refens, bem como os sinais deixados pelos cadáveres ao serem arrastados para fora dalí, eram duma eloquência trágica e desesperadora.

A fila dos refens deteve-se, suspensa de horror; só Janoshik pareceu não dar por coisa alguma do que o rodeava... Quando avançou para o seu último lugar entre os vivos, junto ao muro, levava ainda a cabeça erguida, e escutava, escutava ardentemente...

Reinhardt estava de pé a uma janela com Milada a seu lado. Já três vezes, sob os olhos apavorados da moça, o pelotão de execução fizera a sua obra. Três vezes uma voz aguda bradara «*Feuer!*»—e três vezes cinco refens tinham caido por terra em posições que a morte fazia grotescas.

Reinhardt gozara o espetáculo num silêncio de pedra. Milada, ao pé dele,

não pudera despregar a vista do terrivel cenário. A cada descarga, o seu corpo se sacudira até o mais íntimo; tinha os lábios tão descorados como as faces, e rasgava com as unhas a palma das mãos.

Ao ver surgir no jardim o terceiro grupo de condenados, voltou-se para o comissário e disse numa voz sem expressão:

—Não posso continuar...

—Mas agora, precisamente, é que vem o melhor! Quero que você veja Janoshik, o tipo mais cabeçudo que eu já encontrei: e como nós subjugamos e quebramos a teimosia de uma vez para sempre.

Aquele nome despertou um eco na memória de Milada. Ouvira Breda dizer: «*De quantos homens eu conheço, há um só que não tem medo: chama-se Janoshik...*»

—Qual deles é Janoshik? perguntou.

—Alí o tem! Aquele que parece um bocado machucado.

Milada podia ver aquela cabeça a que mal tinham deixado a forma humana. Viam-se-lhe à distância, na blusa, nódoas do sangue que derramara das feridas abertas pelos espancamentos; percebia-se que segurava a pobre mão, esmigalhada pela crueldade dos carcereiros, e que lhe restava apenas um dos olhos.

«Não devo chorar,» repetia Milada consigo. «Não hei-de chorar! Devo assistir até o fim disto, por duro que seja. Tal é a minha sorte e o meu dever!»

Reinhardt deitou fora o cigarro, e observou que os refens se estavam aprontando para morrer. O sabre do comandante reluziu no ar: «*Achtung!—Legt an!*» Os doze soldados moveram-se como um só homem...

Nisto uma voz gritou, uma voz quebrada, trágica e terrivel: «*Pravda Vitezi!*»—a verdade vencerá!... Era o grito com que, séculos antes, morrera João Huss, o precursor da liberdade tcheca...

—*Feuer!*

—*Pravda Vitezi!*

As espingardas responderam, e com os outros refens caiu Janoshik, o homem simples, o filho do povo.

Mas dir-se-ia que o crepitar uníssono das armas deixara um eco tremendo... Das bandas do rio ergueu-se um rugido de trovoada, e rolos de fumo negro e veloz não tardaram a obscurecer o quadrado de céu por cima do jardim... As explosões sucediam-se, abalando o palácio da Gestapo até os alicerces.

O pânico apoderou-se de soldados e oficiais. Tropeçando uns nos outros, empurrando-se, correram tresloucados para o edifício, em busca de proteção contra os elementos que pareciam ter-se desencadeado. As sirenas uivavam sobre a cidade e, algures, a artilharia antiaérea começou a estralejar contra o invisivel inimigo.

No meio da confusão, só os refens ficaram imoveis, jazendo por terra, cada um na posição em que caira. Mas a cabeça de Janoshik parecia manter-se erguida, como se, ainda depois de morto, o herói obscuro procurasse ouvir as explosões por que esperara em vão, como prêmio e consolo ao sacrifício daquelas vidas.

Lá em cima, no gabinete, Reinhardt arremessara-se ao chão, para escapar às bombas, aos fragmentos, a tudo que pudesse ferir ou contundir a preciosa pessoa de um comissário da Gestapo.

Quanto a Milada, a trágica beleza da catástrofe deixou-a num êxtase! Abriu a janela de par em par, afim de poder respirar a plenos pulmões aquele ar carregado do cheiro acre da fumaça. A verdade, não lhe foi dificil adivinhá-la: o povo, o seu povo oprimido, tinha reagido com um golpe formidavel e triunfante. E o destino elegera-a para testemunha daquela atroadora réplica da vontade popular, ao crepitar seco das espingardas.

—Escute, comissário! gritou ela, sobrepondo a voz ao troar das explosões consecutivas.—Onde está o seu poder? Alí fora—os seus refens estão mortos. Mas há milhões de outros Janoshikes, que a sua mão não pode alcançar! Isto foi apenas o prenúncio dum terremoto medonho, que há-de abrir a terra debaixo dos seus pés!

O comissário estava demasiado concentrado nos seus próprios pensamentos de segurança pessoal, para poder prestar atenção a Milada.

Por fim, o estrondo lá fora cessou, e Reinhardt levantou-se embaraçado, com um sorriso tolo de excusa na face. Sacudiu o pó da farda e ergueu o quepi que rolara no tapete.

—O que é que você estava dizendo, minha cara?

A resposta não veio. Olhou em volta, assombrado: Milada havia desaparecido...

Moenkeberg conduzia o auto com extraordinária velocidade. Ao aproximar-se da Ponte Karl, pôs as buzinas a funcionar com toda a força.

—Pare lá com essa guinchadeira infernal! berrou Reinhardt, cujos nervos estavam na iminência de uma crise.

—Não posso, respondeu Moenkeberg de má catadura.—Toda esta zona dos cais está bloqueada, e nós temos que passar, para chegar ao palácio do Protetor.

Reinhardt encostou-se às almofadas do assento, tapando as orelhas com as mãos. Como, em semelhantes condições, lhe seria possivel pensar? Tudo e todos contra ele. Na confusão que se seguira às explosões, Milada se escapulira, desaparecendo da sede da Gestapo. E antes que ele tivesse podido prestar atenção a esse pequeno incidente, começaram a chegar os relatórios preliminares sobre a explosão, que absorviam todo o seu tempo e atenção.

As três barcaças de munições ancoradas no rio tinham ido pelos ares. Dos soldados que as guardavam, nem vestigios se encontraram... Muitos milhões de marcos desfeitos em fumo. E toda a cidade sussurrando maliciosamente de prazer...

Reinhardt bem podia imaginar qual o estado de espírito em que iria encontrar o grande Heydrich. E nada podia dizer-lhe, exceto que os seus homens investigavam, e até agora nenhuma pista fora descoberta que pudesse conduzí-los até os autores do crime.

O enorme automovel chegou ao palácio do Protetor e deteve-se. Reinhardt, de pasta na mão, apeou-se sem responder à continência da guarda, e subiu lentamente a escadaria.

Mais uma vez o Protetor estava de pé junto à janela; assim que a porta se fechou atrás do comissário, Heydrich voltou-se para este, e rompeu:

—Tenho aquí dois documentos, um dos quais requer a sua assinatura. O senhor vai assinar o seu pedido de exoneração. O outro documento é a sua transferência para o Regimento «Deutschland», dos Guardas de Assalto, atualmente na frente russa. «Assine, e já!»

E Heydrich arremessou-lhe o papel por cima da secretária. Reinhardt pegou-o com as pontas dos dedos, e leu:

«Tendo falhado miseravelmente nas

minhas funções de defesa dos interesses do Reich e do Fuehrer em Praga...»

O comissário sentiu que tinha as mãos geladas. O papel escorregou-lhe dos dedos e flutuou no ar, até cair no tapete que cobria o chão. «Transferido para a frente!» Ele, Reinhardt, sujeito de meia-idade, e nunca decerto um bom soldado, teria que abandonar a sua secretária, e partir solitário para o Leste, ao encontro desses monstros, os tanques!

—Porque?! gritou ele torcido de angústia.—Eu tenho servido o senhor fielmente! Fiz o melhor que podia. Não é minha culpa se aquí e alem falhei... Os outros tambem são fortes, Vossa Excelência bem o sabe...

Heydrich respondeu friamente:

—Pretende discutir minhas decisões?

—Oh, não! não! Como ousaria eu... Mas para o *front*, não! Eu não mereço tamanho castigo!...

—Você é um cobarde, disse Heydrich.—Isso já eu esperava. Tenho boas razões para o mandar para a Rússia. Não me posso permitir o luxo de contar inimigos entre os vivos. E, meu caro comissário, eu não tenho ilusões sobre o fato de que, a partir deste instante, você é um deles.

Reinhardt compreendeu. Era o seu fim. Viu tudo com calma e horrivel nitidez. Perfilou-se:

—Excelência!

Em seguida apanhou o pedido de exoneração, e assinou-o em letra firme e vertical. Bateu os calcanhares e levantou a mão para saudar. Mas antes que pudesse bradar o «*Heil Hitler*!» do estilo, o Protetor deu-lhe um berro tremendo:

—Retire-se já, seu...

Reinhardt deu meia-volta e saiu voando. O suor encharcava-lhe o corpo.

O lobo e a menina do bosque

Por James Thurber

¶ Um grande lobo encontrou na floresta, certa tarde, uma menina que carregava um cesto de quitutes. «São para sua avó, esses quitutes?» perguntou o lobo. A garota disse que eram. Então, o lobo indagou onde era que a vovó morava e, sendo informado pela menina, desapareceu no mato.

Ao chegar ao seu destino, a menina viu que alguem se achava na cama da avó, com uma touca e uma camisola de dormir.

Mal tinha fechado a porta, quando percebeu que era o lobo e não a sua avó que estava na cama, porque, mesmo de touca, um lobo não se parece mais com qualquer avó do que o leão da Metro-Goldwyn se parece com Mussolini. Sem dizer água vai, a menina do chapeuzinho vermelho sacou uma automática da sacola, e passou fogo no lobo.

Moral: Hoje não é tão facil enganar as garotas como outrora.

The New Yorker e *Fables for Our Times* (Harper)

De São Paulo Ao Mar

A NOVA rodovia que ligará a cidade de São Paulo ao porto de Santos, a uns setenta quilômetros de distância, está quase pronta para receber o fluxo constante de automoveis, ônibus e caminhões.

A produção de guerra tornou S. Paulo o centro industrial mais importante da América Latina. Ligando S. Paulo à costa havia uma única estrada de rodagem que, estreita e sinuosa, galgava a montanha escarpada em curvas perigosas. Engenheiros brasileiros, utilizando-se de tratores Diesel "Caterpillar", com bulldozers e raspadeiras, cortaram recentemente uma esplêndida rodovia através da região montanhosa. Este é mais um exemplo dos serviços valiosos prestados por essas máquinas poderosas para dar à América do Sul os melhores e mais modernos meios de transporte.

Hoje em dia os tratores, niveladores, motores e eletrogeradores Diesel "Caterpillar" que saem da fábrica, seguem todos para as frentes de batalha, a colaborar na luta pela liberdade. Voltando a paz, o equipamento Diesel "Caterpillar" terá uma parte cada vez mais preponderante no desenvolvimento e progresso das estradas de rodagem, exploração da madeira, na agricultura e indústria que trarão nova prosperidade para os povos das Américas.

CATERPILLAR DIESEL

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

PONHA A SUA FÉ NO FUTURO DAS AMÉRICAS!

Do Matadouro ao Açougueiro, e do Açougueiro ao Cozinheiro

A higiene e proteção da carne exige refrigeração científica com ar condicionado. As Américas são famosas por sua carne de alta qualidade e a Carrier suleministra a maquinaria necessaria para produzir a refrigeração requerida desde o matadouro ao cozinheiro.

As instalações Carrier prestam serviço a toda a industria de carnes. No matadouro ou frigorífico, a regulação da umidade e a circulação de ar controlado que as instalações Carrier proporcionam, mantêm a carne em condições de primeira classe protegendo seu sabor delicioso e sua cor natural.

A refrigeração Carrier está hoje protegendo, na terra e no mar, os abastecimentos de carne para as valentes forças armadas das Nações Unidas, nas frentes mundiais de combate.

Entretanto, o distribuidor Carrier oferece a V.S. a sua cooperação e serviço técnico, para auxiliá-lo a manter em funcionamento eficiente e econômico a sua atual instalação de condicionamento de ar e refrigeração.

CARRIER CORPORATION
SYRACUSE, NEW YORK, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRASIL

ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL, S.A.
Rua da Alfandega, 107, Rio de Janeiro
Rua Marconi, 124, São Paulo
Rua Voluntarios da Patria, 916
Porto Alegre

Carrier

CONDICIONAMENTO DE AR E REFRIGERAÇÃO

"CARTER'S"—o símbolo de qualidade em toda a América

Experimente os diferentes tipos de Papel Carbono Carter's para máquinas de escrever e para a escrita a lapis O sr. verificará que dão excelentes resultados.

Fitas Carter's para máquinas de escrever e de calcular, tambem para outros fins.

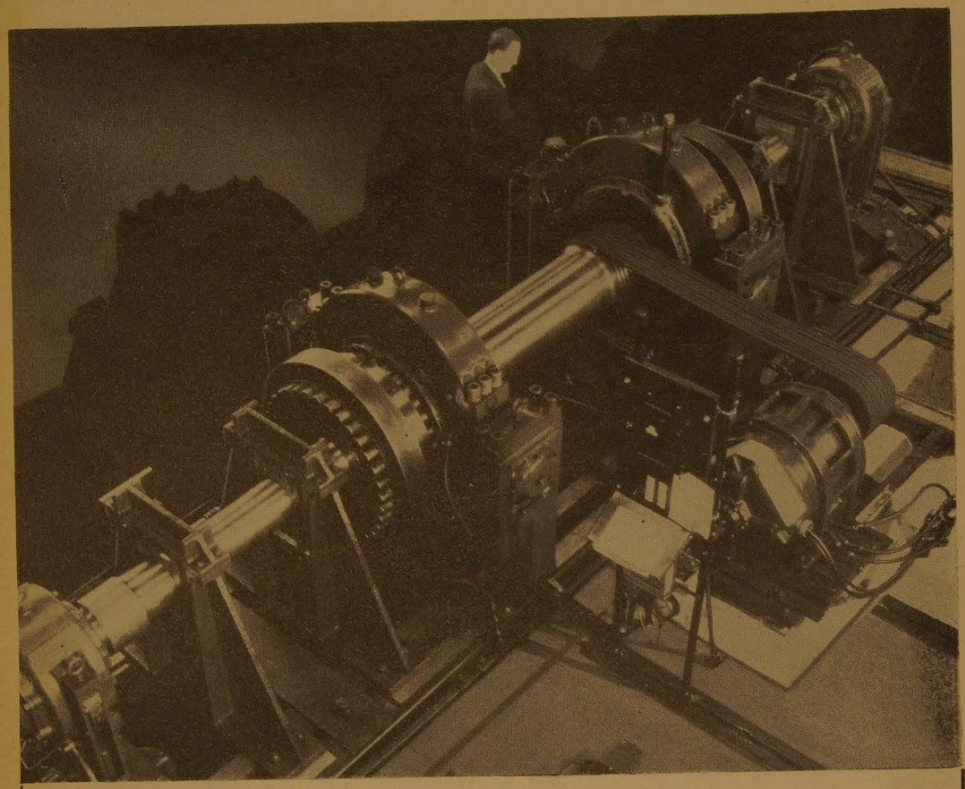
Obtêm-se os melhores resultados ao usar-se o Papel Carbono Carter's em combinação com as Fitas Carter's. As principais papelarias e lojas do ramo em todo o Brasil têm à venda os produtos Carter's.

Os produtos Carter's fabricam-se sempre da melhor matéria prima. Por isso são famosos há mais de 80 anos!

Para adquirir qualidade a preços razoaveis—peça Papel Carbono e Fitas para Máquinas da famosa marca "Carter's."

CARTER'S

THE CARTER'S INK COMPANY • Boston, Mass., E.U.A.



A maior máquina do mundo para ensaio de eixos

Esta máquina para ensaiar eixos motores de locomotiva, é apenas um dos custosos e raros aparelhos que se encontram às centenas nos laboratórios da The Timken Roller Bearing Company—os maiores fabricantes mundiais de chumaceiras cônicas de rolamento.

Esta máquina funciona com cargas tão pesadas e a tão altas velocidades, que é capaz de fazer tremer o solo e retinir janelas a cem metros de distância! Sem dificuldade esse aparelho ensaiará um eixo regular de locomotiva até o seu limite de resistência—permitindo assim determinar qual o melhor aço, o melhor termo-tratamento, ou traçado, ou indicando a melhor aplicação das Chumaceiras Timken para alcançar a capacidade máxima de serviço.

Em máquinas semelhantes a esta têm sido ensaiados eixos para automoveis, tratores, caminhões, vagões de transporte nas minas, e tudo quanto tenha rodas para girar.

O ensaio de eixos é apenas um dos aspectos da pesquisa da Timken. As facilidades com que a Timken conta para pesquisas em geral, são um dos fatores que redundam na inigualavel precisão e duração das Chumaceiras Timken.

The Timken Roller Bearing Company, Canton, Ohio, E. U. A.

TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS

As estatísticas da Repartição de Informações sobre Transportes Aéreos, do Departamento de Comércio dos Estados Unidos, demonstram que na América Latina as rotas aéreas comerciais percorrem mais de 1.240.000 quilômetros semanais.

As rotas da Pan American Airways na América Latina, comparadas com todas as rotas aéreas nos Estados Unidos.

As rotas aéreas da América Latina têm já duas vezes e meia a extensão das dos E.U.A.

APESAR das demoras e dificuldades causadas pela guerra—que não podem ser evitadas—a Pan American e outras cinco companhias do Sistema da Pan American Airways unem agora as repúblicas da América Latina, por via aérea, mediante vôos de 764.300 quilômetros semanais.

Eis a análise desta cifra, que reproduzimos do Informe do Departamento de Comércio:

Pan American Airways	380,200 km. semanais
Pan American-Grace Airways . . .	105,400 km. semanais
Cia. Mexicana de Aviação	97,200 km. semanais
Panair do Brasil	84,900 km. semanais
Avianca	66,700 km. semanais
Cia. Nacional Cubana de Aviação .	29,900 km. semanais

O que precede indica que, do vôo total de 1.240.000 quilômetros semanais na América Latina, a Pan American Airways ou as companhias do Sistema da Pan American, perfazem 764.300 quilômetros semanais!

Quando vier a Paz, Clíperes novos, maiores e mais rápidos sulcarão os ares em serviço. As passagens custarão menos nesses aviões modernos e mais eficientes. As Asas da Democracia farão jus a confiança depositada nelas pelos povos americanos.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

O rádio abre o caminho à vitória

Tão longe que não pode ser visto nem mesmo com binóculos, o inimigo organiza um avanço. Porém, ainda de mais longe, os artilheiros dos aliados recebem uma ordem por rádio . . . Êstes abrem fogo, e o avanço do inimigo foi frustrado.

Assim, o rádio de día para día representa um papel cada vez mais importante na direção das operações bélicas. Seja nas linhas da frente ou nos lugares mais remotos e reconditos na retaguarda, as ordens são recebidas com precisão, clareza e continuidade . . . da mesma forma que V. Sa. recebe em sua casa as notícias e os programas que mais lhe interessam.

A Zenith está aplicando aperfeiçoamentos notáveis na construção de aparelhos destinados presentemente aos exércitos das Nações Unidas . . . Amanhã, porém, depois da vitória, êsses aperfeiçoamentos serão incorporados nos aparelhos para usos civis. Na guerra ou na paz, o nome "ZENITH" seguirá sendo o símbolo da mais alta qualidade em aparelhos de rádio.

Agentes en tôdas as cidadas principais

FABRICANTES DE EQUIPAMENTO RADIÓNICO, EXCLUSIVAMENTE

ZENITH
LONG DISTANCE RADIO

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

Uma Distinta Dama

. . . que cuida da sua cutis pelo simples método dos 2 Cremes Pond's

A cutis suave e linda como pétalas de rosa é um dos grandes encantos da mulher formosa. Conserve a Sra. também a sua epiderme fresca como as flores, tratando-a todo dia, fielmente, com os 2 Cremes de Pond's.

1. Espalhe por tôda a face e pescoço o Cold Cream Pond's—macio como a sêda. Limpe-o bem. Aplique mais Creme, para completar a limpeza e deixar a pele suavizada.

2. Em seguida, tendo a epiderme assim fresca e limpa, aplique o Creme Evanescente Pond's por tôda a face. Ele proteje a pele contra a secura e outros efeitos da exposição ao ar, desfaz as pequenas asperezas, e dá um brando verniz mate que retém o pó de arroz por muitas horas.

Dê *glamour* à sua cutis pelo método fácil e simples dos 2 Cremes Pond's, seguindo as instruções impressas em cada pote. Assim fazem hoje tôdas as senhoras elegantes! **POND'S**

Dona Noêmia Prado Rubião
senhora ilustre da sociedade brasileira, e grande amadora de esportes, diz: "Com os 2 Cremes Pond's mantenho minha cutis suave e perfeita."

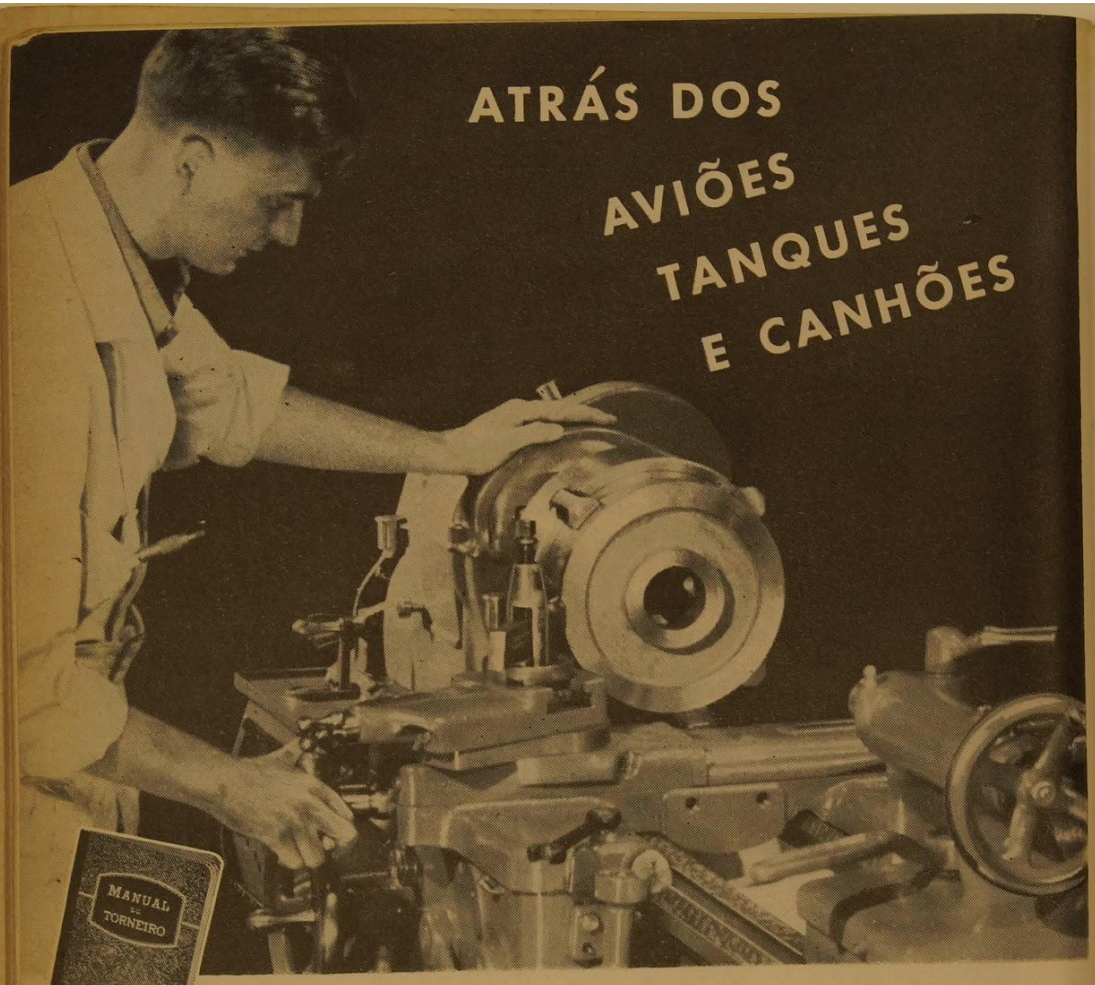
AMOSTRA GRÁTIS! **Queiram enviar-nos o cupom com 1$000 para despesas de remessa de uma amostra dos dois cremes Pond's.**

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL,
Av. do Estado, 5537, São Paulo **3—HHHH—25.**

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ **Estado**_____



"MANUAL DO TORNEIRO"

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sôbre a conservação e o funcionamento de tornos mecânicos. Preço: Cr. $3,00 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês.

Escreva claramente o seu nome e endereço.

Atrás dos aviões, tanques e canhões, que estão seguindo em quantidades sempre crescentes para as nossas fôrças combatentes, encontra-se um plano habilmente coordenado de homens e máquinas. É esta combinação de habilidade, espírito inventivo e superioridade mecânica que vai ganhar a guerra.

A exatidão é a chave dêste grande plano e os tornos South Bend são capazes de satisfazer êste requisito para produção bélica urgente. Êles funcionam com o esmêro e a velocidade indispensáveis às operações que requerem a máxima precisão, sendo, além disso, de robusta construção e tendo a potência necessária para serviço eficiente. Os tornos South Bend são fabricados com 9", 10", 13", 14.½" e 16" de diâmetro torneável, tanto no modêlo Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida como Oficina de Ferramenteiro. Escreva pedindo um dos nossos catálogos e indique o idioma desejado; Português, Espanhol ou Inglês.

VISINHOS
AMIGOS
CAMARADAS

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend, Indiana, E.U.A. *Fabricantes de Tornos Há 36 Anos*

A Singer continua às suas ordens!

• As Lojas Singer continuarão servindo ao público, ainda que só possam dispor de limitada quantidade de máquinas novas, até que termine a guerra. Procure uma Loja Singer quando tenha algum problema de costura. Por exemplo:

A sua máquina salta pontos ou está emperrada?

Dispomos de serviço mecânico para manter a sua máquina em bom estado. O custo é módico.

Precisa Ajuda na Costura?

Oferecemos instrução em diversos ramos da costura moderna. Dispomos tambem de uteis brochuras sobre a arte da costura e do bordado a máquina. Peça informações!

Precisa de agulhas e acessórios?

V. Exa. pode obtê-los sempre, nas Lojas Singer, assim como óleo, correias, e outras peças. Para assegurar-se da aquisição de produtos e serviços Singer legítimos, procure na vitrina da loja o famoso "S" vermelho.

★ *Um vestido elegante e facil de fazer—de crepe com pintas pretas e rosadas, e a saia de roda, tufada.*

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright 1943 by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.

Cena típica das centenas de escritórios onde pelo mundo a fora as máquinas Burroughs permitem rapidez, precisão e economia nos serviços de contabilidade.

A CONFIANÇA
que vem da experiência

A confiança que os homens de negócio depositam nas máquinas Burroughs para executar qualquer espécie de cálculo ou serviço de contabilidade, provem exclusivamente da experiência que têm destas máquinas.

Desde 1886, quando William Seward Burroughs inventou e fabricou a primeira máquina prática para somar, a experiência tem provado a precisão, durabilidade e simplicidade de manobra das máquinas Burroughs para qualquer operação de cálculo ou contabilidade.

A experiência mostra tambem que Burroughs sabe se adaptar às necessidades crescentes e cada vez mais complexas dos negócios de hoje, e Burroughs tem sempre uma nova máquina para resolver o novo problema—muitas vezes antes dos interessados se darem conta de que a necessidade de uma máquina se fazia sentir.

A experiência tem provado que quando os representantes da Burroughs recomendam o uso de uma máquina, a sugestão é invariavelmente de grande vantagem prática, resultando em economia consideravel para a firma que a emprega.

A experiência tambem tem mostrado que o serviço de mecânicos da Burroughs para manutenção e reparo de suas máquinas, é sem rival, podendo ser obtido em qualquer parte do mundo.

Depois da guerra, quando a fabricação e exportação das máquinas Burroughs se fizer normalmente para todo mundo, maior será ainda a confiança depositada nestas máquinas, aperfeiçoadas com a experiência ganha na fabricação de instrumentos de guerra, na solução dos complexos problemas de contabilidade das forças armadas das Nações Unidas, na necessidade de prolongar a vida das máquinas em uso, conservando-as nas melhores condições possiveis de funcionamento.

* * * *

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com seus principais escritórios à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro.

Burroughs

MAQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATISTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

Para Alem Do Horizonte

QUANDO cessa o troar da artilharia, e reina o silêncio na noite, a mente do soldado transpõe o horizonte, deixando atrás de si a macabra visão do campo de batalha, e chega ao seu lar longínquo. A voz da mãe, da esposa, o riso das criancinhas, como recordações angélicas, tangem no coração do homem, fortalecendo-o para seguir na luta que lhes garantirá a felicidade futura.

Por isso é que, para lograr, com a liberdade, essa felicidade, a Ford Motor Company dedica todos os seus recursos à fabricação de bombardeiros, tanques e armas de combate, em lugar dos novos e ansiosamente esperados modelos de automoveis.

E dessa nova atividade industrial nascerão, quando sorrir a aurora de paz, melhores produtos para os milhões de habitantes do Hemisfério Ocidental. Com os novos recursos da ciência, e os nossos esforços, toda a América desfrutará de felicidade sem precedentes.

Para alem do horizonte de hoje, veremos uma era grandiosa para a Humanidade!

FORD MOTOR COMPANY

Ford

Quanto custa cada tonelada-milha?

"Perfazendo 15 milhas hoje—tudo vai bem," escreveu Brigham Young na caveira de um boi, enquanto a caravana dos Mormons enveredava fatigante através da América do Norte. Custoso meio de transporte—alto custo em vidas, esforços, e tempo.

Quinze milhas—num dia, e agora são *três minutos* de vôo. Todo aumento de volume, de velocidade, e de eficiência dos aviões de transporte reduzem ainda mais o custo das tonelagens despachadas pelo ar.

WRIGHT *Aircraft Engines*

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

Gostará imensamente do seu delicioso sabor

Uma "Coca-Cola" bem fria não só aplaca a sêde, como tambem . . . é deliciosamente refrescante. O seu sabor incomparavel, a sua qualidade e o seu dom de refrescar, fazem com que todos digam: "O unico igual a 'Coca-Cola' é . . . 'Coca-Cola'"

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

Palavras mágicas de amor

desta caneta mágica

Suaves e rápidas, as Canetas Eversharp Skyline resvalam sôbre o papel. Até as idéias vêm ao pensamento com mais rapidez quando se escreve com uma Eversharp! A "Alimentação Mágica" evita derrame de tinta das Canetas Eversharp—a grandes altitudes ou ao nível da terra. Escrevem mais palavras sem necessidade de serem cheias repetidas vezes.

As Lapiseiras de Repetição Eversharp disparam bicos novos como uma metralhadora. Basta oprimir o "Botão Mágico" com o polegar, e um bico sai do depósito da caneta, com abastecimento para seis mezes.

Compare a Caneta ou a Lapiseira Eversharp com qualquer outra no mercado não importa o preço, e concordará com as palavras de nossa divisa: "Dê Eversharp e Dará o Mais Fino."

EVERSHARP INC., CHICAGO, E. U. A.

O Serviço de Consêrtos nas Canetas e Lapiseiras Eversharp —identificadas pela dupla marca ⇆ no gancho segurador é garantido—não por anos—não por vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE.

Dê **EVERSHARP** ... *e dará o mais fino*

COM O RADAR O INIMIGO NÃO PODE SE ESCONDER

Não é mais possivel ao inimigo acobertar-se a favor da escuridão noturna, ou esquivar-se a um ataque inesperado atrás da cortina do nevoeiro ou das nuvens. *Radar, o milagroso instrumento radiônico, está de guarda, vigilante!*

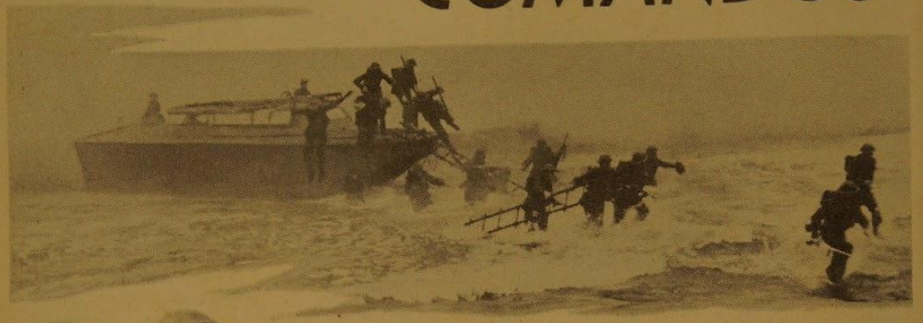
No carater de maior fabricante mundial de rádios, pioneira no campo das ondas de frequência ultra-elevadas, a Philco, estava já preparada quando houve necessidade imediata, e em quantidade, do Radar, para obstruir a marcha das conquistas do Eixo. *E a Philco tornou isso uma realidade!*

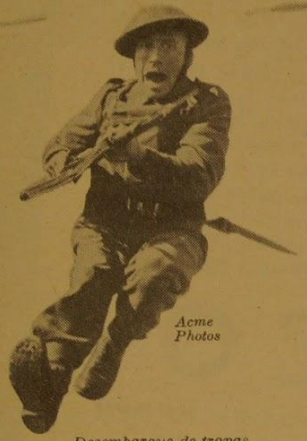
Quando a Vitória for alcançada, as pesquisas realizadas pela Philco, e a sua atual produção de guerra, se traduzirão em novos milagres para entretenimento pelo rádio, a fonografia e a televisão, em aparelhos com o nome Philco.

PHILCO

A MAIOR FABRICANTE DE RÁDIOS DO MUNDO

Aplausos dos COMANDOS





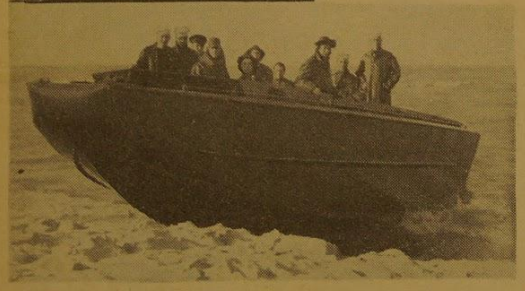
Acme Photos

Desembarque de tropas a pé enxuto numa praia

«Sem as Lanchas Higgins a tática das operações dos Comandos não poderia ser realizada.»

—LORDE MOUNTBATTEN

Quando vier a paz, as Lanchas Higgins e outros produtos patenteados dessa marca, hoje fabricados com o fim exclusivo de servir às Nações Unidas, afluirão ininterruptamente para os nossos estimados clientes de toda a América, para promover ainda mais as possibilidades comerciais.



Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS
O fulcro das Américas
Os maiores fabricantes de lanchas do mundo

V. EXA. PODE SER AINDA MAIS BONITA...HOJE MESMO!

Diz
GEORGETTE MICHEL
da Casa Michel

É claro que a senhora quer ter a irresistivel formosura que dão uns lábios cheios de encanto. E pode conseguí-la com facilidade. Lábios macios, sedutores, com todos os atrativos da beleza: assim serão os seus, se empregar o Baton Michel. Michel, e só Michel, lhe garante uma maquilhagem nova e refinada, mais suave e mais luminosa, que não estala nem destinge. As cores Michel conservam-se horas inteiras com toda a sua beleza. Os Batons Michel têm por base um creme que é uma garantia de beleza para os seus lábios.

Hoje, mais do que nunca, é importante que a senhora escolha um baton para os lábios. Um dos 8 tons de Michel corresponderá exatamente ao matiz da sua tez, e acentuará a sua formosura.

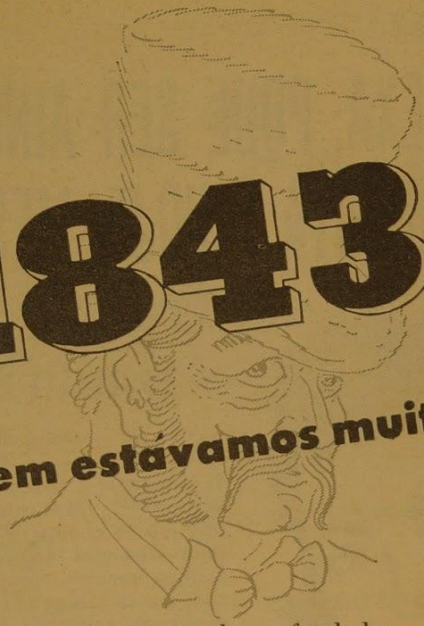
8 TONS SEDUTORES AMARANTH · RASPBERRY · CHERRY · AMAPOLA BLONDE · VIVID · SCARLET · CYCLAMEN

Três Tamanhos: De Luxo—Grande—Popular

Em Guarda! Para Proteger a Beleza. Para Proteger Nosso Hemisfério.

BATON PARA OS LÁBIOS *Michel*

Em 1843...



tambem estávamos muito ocupados!

Em 1843, solenes e de cartola, os fundadores da companhia Eagle-Picher estavam muito ocupados começando um novo ramo de negócio... com uma utilidade tremenda para o futuro das Américas.

Hoje, em 1943, a Eagle-Picher completa cem anos de existência. Há muitos anos que é uma das principais companhias que fabricam produtos de chumbo, zinco e lã mineral para isolamento industrial ou doméstico. Hoje em dia está a serviço dos paises democráticos, fabricando estes produtos numa quantidade sempre crescente e assim contribuindo para esmagar o Eixo.

Com toda sua capacidade produtiva rendendo o máximo, a Eagle-Picher, ainda assim, acha tempo para preparar um futuro ainda mais ativo a serviço do Hemisfério Ocidental no período de reconstrução que deve vir depois da guerra.

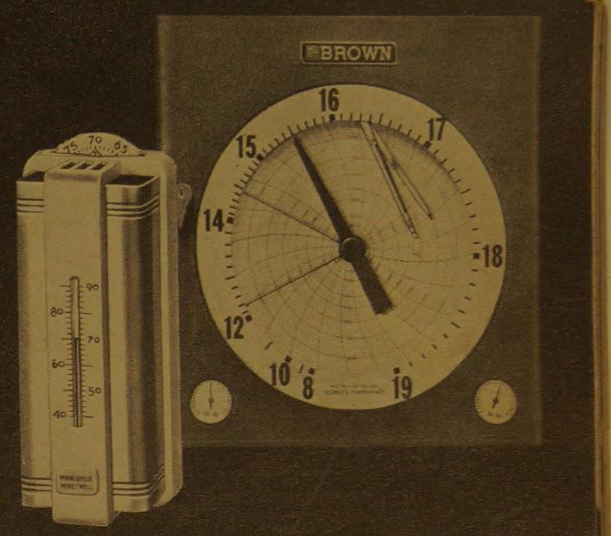
EAGLE 1843 EP 1943 PICHER

EAGLE-PICHER

Chumbo... Zinco... Isolamento

THE EAGLE PICHER LEAD COMPANY
Dep. de Exportação: 420 Lexington Ave. Nova York, N. Y. E. U. A.
Escritórios gerais: Cincinnati, Ohio
Endereço telegráfico: EAGLEPICH

MH



"O CONTROLE É ESSENCIAL!"

ATRAVÉS da rápida expansão industrial que está-se verificando no grande continente sul-americano, é crescente o interesse que desperta o problema do "Controle"—controle da moderna aparelhagem de aquecimento e condicionamento do ar, em edifícios públicos, casas de apartamentos e outras;—controle para melhoramento da produção em todos tipos de indústrias—conservação de carnes, energia, destilação, cervejaria, mineração, cimentos, produtos químicos e farmacêuticos, artigos de toalete, para citarmos alguns apenas. A Minneapolis-Honeywell é conhecida há mais de 50 anos como a empresa fabricante de controles de temperatura mais importante do mundo. Sua subsidiária, The Brown Instrument Company, é de há muito reputada pela sua manufatura de instrumentos de registo, indicação e controle, para todos os ramos industriais. Exponha-nos V.S. o seu problema, e o nosso mais próximo distribuidor irá visitá-lo para uma consulta, à sua inteira conveniência.
Minneapolis-Honeywell Regulator Company, Export Department, 4422 Wayne Ave., Philadelphia, Pa.

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

COM UNIDADE LIBERDADE

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

...talvez você mesma não saiba!....

— não é preciso perder a sua gentileza em certos dias do mês!

É INDISPENSÁVEL a maneira amável e cortês da empregada atender às freguêsas! Mas, a incerteza, pela ausência de proteção adequada, nos dias dificeis do mês, contribue para a sua falta de disposição. Já não há mais razão para isso. Adote o método moderno e científico — use Modess — a toalha higiênica que traz todo o confôrto à mulher moderna. Modess não irrita, nunca perde a sua flexibilidade e não é notada. Tem um enchimento mais absorvente do que o algodão e o lado externo protegido por uma camada impermeável, qualidades que asseguram a sua tranquilidade. Modess é recomendada pelos médicos. Peça simplesmente Modess — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.

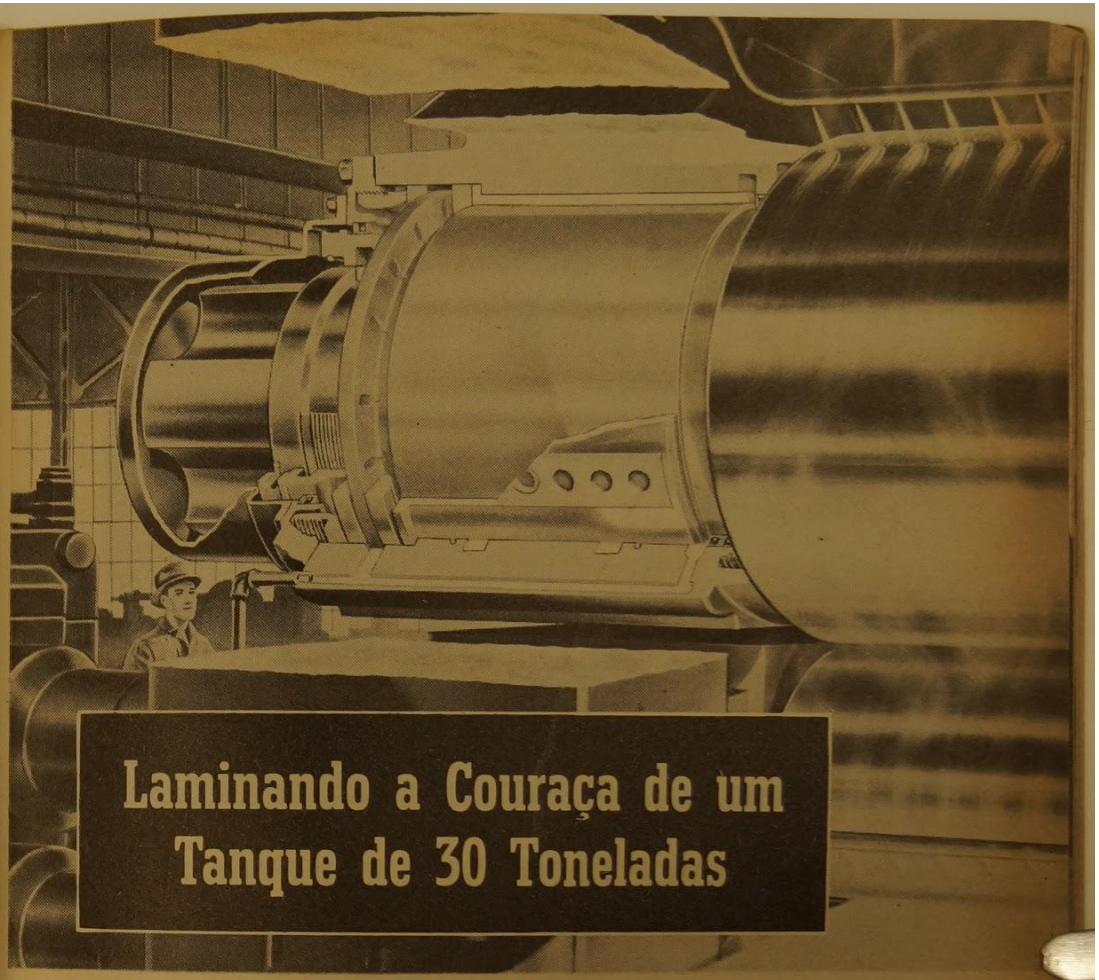
JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

AMOSTRA GRATIS — Envie-nos Cr. $1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber". Caixa 2838, São Paulo. 4-CCCC-25

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____



Laminando a Couraça de um Tanque de 30 Toneladas

SÃO 35 quilómetros de aço quente laminados por hora com o auxilio desta máquina gigantesca. Fizémos um corte na coluna de suporte e na carcassa desta laminadora para mostrar o seu imenso mancal.

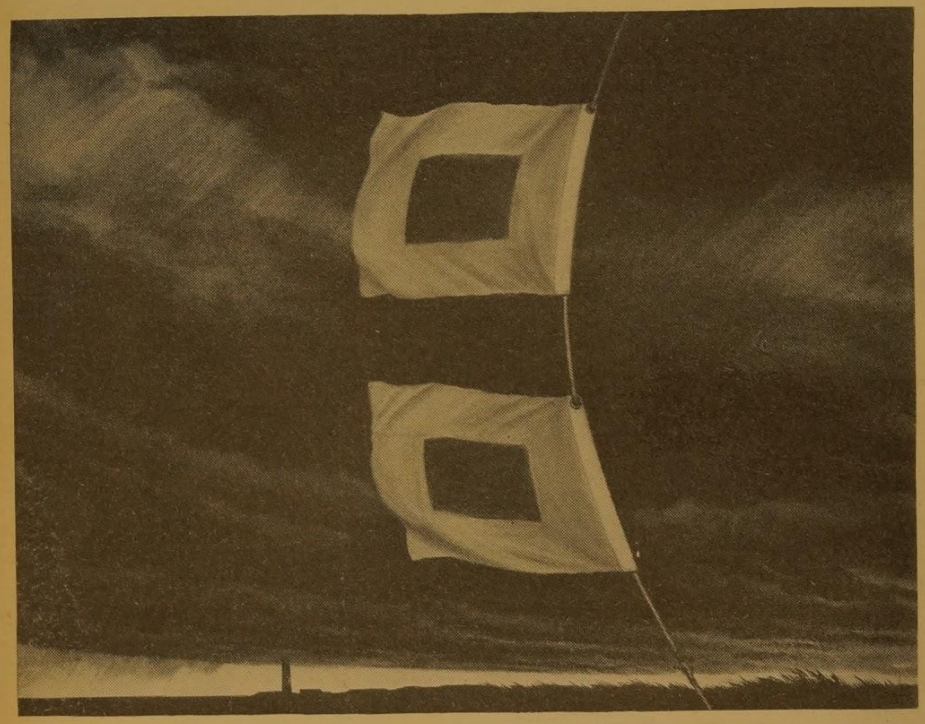
Este mancal suporta um peso de 2500 — ou mais toneladas. Uma película de óleo, extremamente fina, faz "flutuar" o eixo. *Esta película não pode sofrer rupturas.* Deve sustentar o peso esmagador durante longos períodos de funcionamento ininterrupto. Paradas forçadas causarão prejuizos de milhares de dólares por minuto.

Os produtores dos lubrificantes Gargoyle criaram novos óleos que fazem mancais como este prestarem serviço contínuo. Estes novos óleos são outro testemunho de como a Socony soluciona constantemente dificeis problemas de lubrificação.

77 anos de experiências e inigualaveis facilidades para pesquizas tornaram estes óleos Gargoyle — de qualidade mundialmente reconhecida — os melhores lubrificantes que se pode obter para máquinas industriais e automotivas.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** **PARA TODAS AS INDÚSTRIAS**



Ao pé disto, o furacão é vaporoso!

Quando uma rajada ultrapassa cento e sessenta quilômetros de velocidade e vai num crescendo até transformar-se em furacão, o anemômetro (instrumento para medir a força e velocidade do vento) começa a fixar desorientado.

Imagine-se uma rajada que tenha o sêxtuplo da força de um furacão, capaz de derrocar uma parede de tijolos! Imagine-se igualmente essa brisa alançar a frígida temperatura de 55° C. abaixo de zero!

Pois bem, a York assumiu essa tarefa na instalação do imenso tunel de ar condicionado que está sendo construido para o Exército no Campo Wright. Quando o tunel ficar completo, 2.250 H.P. funcionarão durante 20 horas seguidas, com o fim de armazenar frio bastante para injetar esse sopro sub-ártico no espaço de um milhão, duzentos e vinte mil metros cúbicos de ar, por minuto, durante uma hora de duração da prova!

Os aviões capazes de suportar uma prova desta sorte, transmitirão depois esse sopro de frio regelante as nações do Eixo.

York Corporation, York, Pennsylvania. E.U.A.

york refrigeration air conditioning

YORK REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO PARA A GUERRA

Centro de Refrigeração Mecânica desde 1885

REPRESENTANTES NO BRASIL: BYINGTON & CO. SEDE PRINCIPAL NO RIO DE JANEIRO

PV-1...O PRIMEIRO BOMBARDEIRO NAVAL DE BASE TERRESTRE

PV-1—é o nome dado pela Marinha dos E.U. ao Vega Ventura. É a versão náutica do novo e devastador bombardeiro bimotor. Os PV-1 da Marinha atacam no mar—descendo velozmente do céu para lançar toneladas de explosivos mortíferos—torpedos contra navios corsários, bombas de profundidade para estraçalhar submarinos.

Operando de bases terrestres, o PV-1 é o primeiro bombardeiro da Marinha de seu tipo, cuja tarefa é limpar as rotas dos Aliados.

Maior, mais rápido e capaz de levar mais carga que o Hudson Lockheed, ao qual se assemelha, o PV-1 e o Vega Ventura têm as mesmas qualidades de segurança. Cada asa é construida de uma só viga, todas as suas peças de apoio são completamente radiografadas para garantia da sua solidez, e seu forte traçado, constituem as qualidades de resistência que permitem a este avião fazer tanto—e ainda trazer a sua tripulação a salvo.

Subsidiária da Lockheed

Vega Aircraft Corp.

Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

Esta é uma Guerra "Ótica"

PEDRO Garcia, inspetor de vidro em Bausch & Lomb, sabe que esta é uma guerra ótica. Sabe também que o controle preciso do tiro de artilharia depende do vidro ótico—sem falhas e cristalino.

O vidro que Pedro Garcia inspeciona foi fabricado de acordo com uma fórmula especial. Será desbastado e polido para fazer parte de um telêmetro anti-aéreo. Quando o artilheiro focalizar êste instrumento, os canhões serão automaticamente disparados com exatidão mortal contra os aviões inimigos.

A fundição de vidro ótico de Bausch & Lomb nasceu em combate—desenvolvida com temerária velocidade, durante a Primeira Guerra Mundial—libertando as nações do mundo, das fontes europeias para o precioso vidro ótico. Hoje, o vidro ótico de Bausch & Lomb está batendo todos os records mundiais de precisão nos instrumentos vitais para a guerra, como: binóculos, telêmetros, visores para bombardeio, microscópios, equipamentos metalográficos e espectrográficos e muitos outros. Os recursos de Bausch & Lomb são devotados, *em primeiro lugar*, à luta para a Vitória.

BAUSCH & LOMB

DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

Até que voem livres...
em missão de **PAZ**

PARA ACELERAR a liberdade da palavra entre os povos livres, a Parker criou, através de várias gerações, canetas-tinteiro de rara beleza e perfeição.

Em toda a América e em todo o mundo, a mais popular destas excelentes canetas-tinteiro é a Parker Vacumatic. Seu corpo resplandecente e transparente permite *ver* o seu grande depósito de tinta. Não há motivo para que esta caneta-tinteiro jamais esteja vazia!

Peça hoje mesmo numa loja que lhe mostrem a atraente Caneta Parker Vacumatic. Observe como o seu bico de custoso osmirídio escreve suavemente. E lembre-se . . . o Lozango Azul no segurador indica, ao seu possuidor, nossa garantia vitalícia.

PARKER

Unicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA.—Rua 1º de Março, 9-1º, Rio de Janeiro

As batalhas aéreas de amanhã já estão parcialmente ganhas...

▲ O resultado das ofensivas futuras pode depender de fórmulas matemáticas como a que damos abaixo. Pois é assim que se inicia o projeto de um avião de guerra norte-americano.

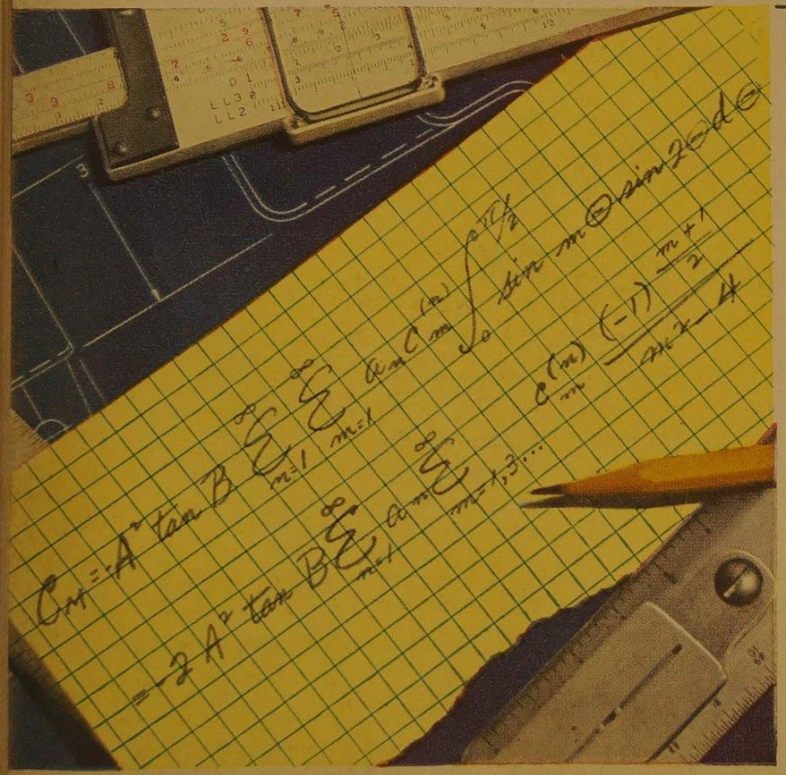
Uma vez encaminhados os planos de trabalho, constroem-se e ensaiam-se modelos, repetidas vezes e sob vários aspectos. Os modelos vão sendo alterados, até que o novo avião tenha todos os predicados para superar qualquer outro do seu tipo.

Só então se constrói o primeiro avião "experimental." De cada peça fazem-se duplicados. Cada um desses duplicados passa por ensaios de limite de resistência, para que os técnicos se assegurem de que as peças suportarão qualquer esforço extremo.

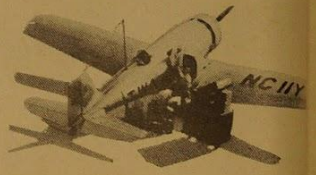
Sob o incentivo da guerra, estes projetos, o ensaio no tunel aerodinâmico, a fabricação das peças, a montagem dos aviões experimentais, e os vôos de prova, prosseguem ininterruptamente nas fábricas dos Estados Unidos!

• • •

E os resultados são hoje evidentes. Grandes bombardeiros aperfeiçoados. Aviões de caça e de combate radicalmente desenhados. Novos bombardeiros de picada, torpedeiros e transportes.



Uma "primícia" da Northrop em 1930



O primeiro monoplano todo de metal estirado, com estrutura de asa multicelular, foi este "Alpha" Northrop. Voou mais de 8.700.000 quilômetros sobre os E.U.A., a serviço da Transcontinental & Western Air Transport. Suas linhas singelas, bom funcionamento e segurança, são caraterísticas especiais do grupo de técnicos da Northrop.

NORTHROP AIRCRAFT, Inc.

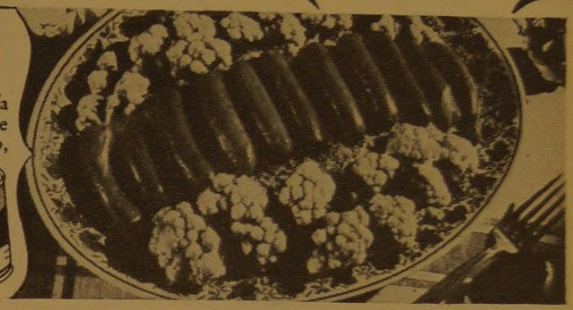
NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A. • MEMBRO DO AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL

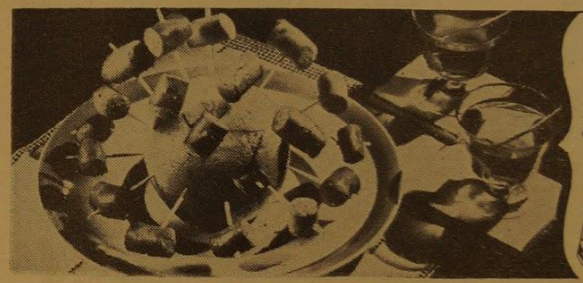
Salsichas

Alimento ideal para estes dias atarefados!

SALSICHAS TIPO VIENA
com farofa e couve-flor!

Fazem-se 3 ou 4 chícaras de farofa de farinha de mandioca. Cozinha-se uma couve-flor, das maiores. Isso feito, deita-se a farofa numa travessa e colocam-se sôbre a mesma as salsichas fritas. Juntam-se algumas azeitonas e pedaços de couve-flor em redor das bordas do prato.





SALSICHAS PARA COCKTAIL

Atravessa-se cada salsicha num palito, cuja ponta é enfiada numa laranja ou maçã, formando um conjunto original e pitoresco. Deliciosas e tenras, estas salsichas são excelentes para acompanhar qualquer aperitivo.

SALSICHAS TIPO OXFORD

Deixam-se corar algumas salsichas na sua própria banha, em fogo lento. Servem-se com purê de batatas (duas ou três chícaras). E' um prato leve e saboroso, que agradará a todos os paladares.

Ganhe Novas Energias com VITAMINA B1

Este é o alimento que nos dá proteínas e minerais imprecindíveis ao organismo. Sobretudo é rico em preciosa Vitamina B1 — fonte de novas energias, apetite e vitalidade!

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

Eis outros dos nossos produtos de qualidade:

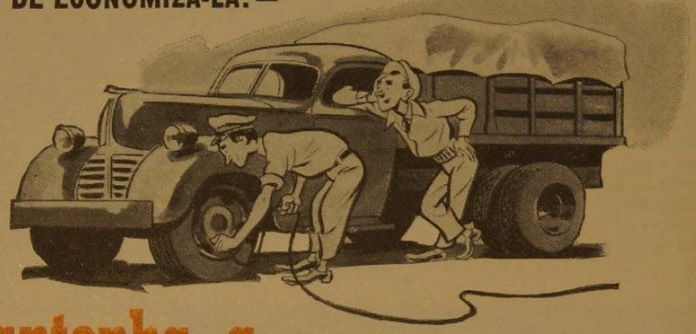
PRESUNTOS • PÁTÉS • PERÚ • LÍNGUAS • PRESUNTADA • BACON • CARNE DE PORCO • CORNED BEEF • CARNE COZIDA • EXTRATO DE CARNE • TUCO (PARA MASSAS) • GALANTINA • BANHA

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

PELA VITÓRIA DO BRASIL E SEUS ALIADOS

NÃO DESPERDICE BORRACHA!

EIS UM MEIO DE ECONOMIZÁ-LA:—



Mantenha a Devida Pressão de Ar nos pneus do seu caminhão!

V.S. poderá economizar bastante, observando certos cuidados com os pneus do seu caminhão. A falta de pressão de ar adequada nos pneus produz desgaste rápido e, além disso, facilita os estouros, porque a falta de pressão causa flexão excessiva, aumentando o calor nos pneus. Outras maneiras de economizar são as seguintes: usar pneus Goodyear adequados ao seu gênero de serviço; manter nos mesmos a pressão necessária; não os sobrecarregar e não abusar da velocidade. Assim fazendo, estará V.S. contribuindo para a vitória!

PNEUS GOODYEAR
INDUSTRIA BRASILEIRA

Desejando informações sobre outros meios de economizar os pneumáticos do seu caminhão, peça ao seu revendedor Goodyear ou á Companhia Goodyear o interessante livreto "Como economizar os pneus".

"Eu nunca ouví falar em Lanolina!"

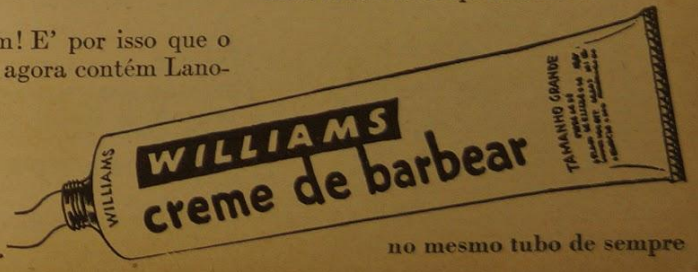
"Pergunte a um farmacêutico o que é Lanolina. Ele lhe dirá que se assemelha muito aos lubrificantes naturais da epiderme. Os médicos há muito receitam Lanolina para amaciar e suavizar a pele."

"E é possível conseguir esse benéfico efeito por meio de um creme de barbear?"

"Claro que sim! E' por isso que o Creme Williams agora contém Lanolina, afim de proporcionar confôrto àqueles que precisam se barbear diariamente."

O Creme Williams não contém corantes artificiais que possam irritar a pele. Sua côr alva, imaculada, prova que é feito exclusivamente dos mais finos ingredientes. Agora, com Lanolina, o Creme Williams tornou-se muito mais eficiente. Experimente-o.

Agora contém a suavizante LANOLINA . . .



no mesmo tubo de sempre

Há quase dois anos que estes e outros aviões Beechcraft, tipo C-45A, se foram juntar aos de tipo C-45, então usados pelos oficiais graduados do Exército em missões de Defesa Nacional

os Beechcraft em ação

No. 5
DE UMA SÉRIE.

O avião Beechcraft, tipo C-45, para transporte de pessoal, foi um dos primeiros bi-motores Beechcraft que entraram ao serviço das Forças Aéreas do Exército, em princípio de 1940. Equipado e guarnecido à maneira dos aviões de tráfico comercial e dos transportes do pessoal diretivo então construidos pela Beech, e de desenho quase idêntico, a sua finalidade foi a de prover transporte seguro e rápido para o pessoal em funções de comando, entre os vários centros de atividade respeitante a defesa. Uma versão posterior do C-45A já incluia camuflagem de guerra e equipamento especial, o que torna ainda mais vasto o campo da sua utilização.

Os aviões Beechcraft C-45 e C-45A estão-se tornando de utilidade geral, quer nos Estados Unidos da America do Norte, quer nos teatros de operações. Elevada velocidade de cruzeiro, reduzida velocidade de aterragem, grande estabilidade natural, robustez e pequeno consumo de combustivel demonstrado em protótipos para uso civil, são qualidades apreciaveis para o gênero de serviço em que estes Beechcraft são, presentemente, empregados. Eles estão desempenhando plenamente o seu papel, como unidades das forças aéreas mais bem equipadas do mundo.

Beech Aircraft
CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER — *WICHITA, KANSAS, E.U.A.*

O OK FINAL DADO NO RIO DE JANEIRO!

Muito longe daquí, nas terras irmãs de Tio Sam, milhares de poços de petroleo jorram dia e noite para suprir as necessidades de muitas nações, entre as quais o Brasil. Lá tambem, do *nascimento* à evolução dos produtos petrolíferos, milhares de técnicos trabalham—os cientistas nos laboratorios e os refinadores nas refinarias—afim de obter o lubrificante ou o combustivel adequado para a finalidade a que se destinam.

Em cada fase do tratamento, o oleo primitivo se submete ao policiamento incessante da ciencia. Os olhos dos cientistas e os "olhos" de aparelhos os mais sensiveis vão opinando se tudo se está processando de acordo com os planos pre-estabelecidos.

Depois de tudo pronto, vem o passeio no bojo de um tambor, ou nos imensos tanques do petroleiro, rumo aos quatro cantos do mundo, à América do Sul, ao Brasil.

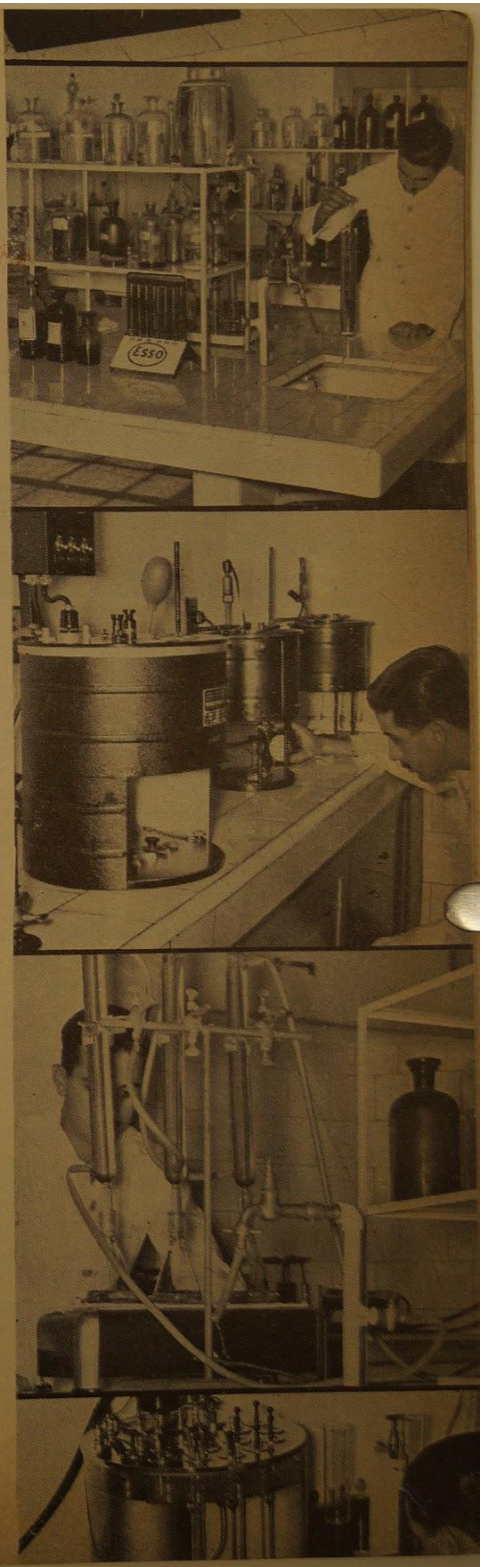
Mas ainda aquí, minutos antes de ser entregue ao público, o oleo—qualquer que seja, desde o destinado aos mais delicados aparelhos, como às máquinas mais poderosas—sofre mais um exame completo, isto é, uma serie de pequenos exames. Assim fazemos para que seja mais eficiente o nosso auxilio às máquinas de sua industria, agora de dificil substituição, e que têm a seu encargo a tarefa imensa de suprir as necessidades civis e militares do país em tempo de guerra. Somente quando os químicos dos laboratorios Esso do Rio de Janeiro dizem *OK*, é que o lubrificante sae para as mãos do consumidor.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de M.Gerais, B.Horizonte; Farroupilha, de P.Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
e a ORGANIZAÇÃO ESSO

ESSO

Distribuidores dos afamados produtos ESSO que se encontram sempre sob o oval ESSO.



PARA SEU *LAR DA VITÓRIA*, MINHA SENHORA

Veja aí a "cozinha de amanhã".

Observe bem, pois é um símbolo da beleza, conforto e conveniência que devem caracterizar *sua* casa, depois de ganha a guerra. Prevêem-se aí algumas das inovações que tornarão o Lar da Vitória de uma comodidade e encanto como nem se sonhava ser possivel. Os Aços Republic ajudarão a tornar isto uma realidade.

Os mesmos aços finos que hoje ajudam a ganhar a guerra contra os agressores, ajudarão, depois da guerra, a vencer as tarefas penosas, o tempo, a distância e a necessidade. Melhor aço para geladeiras, fogões, máquinas de lavar roupa, ar acondicionado para as casas particulares, melhor equipamento de aço para escritórios, fábricas, agricultura, transporte: estes são os produtos que contribuirão para tornar mais rica e abundante a liberdade pela qual lutamos juntos.

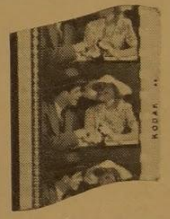
Mas esta vida melhor só poderá ser uma realidade depois de termos derrubado as forças da escravidão, com um golpe final e vitorioso.

VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave.
New York, N. Y.,E. U. A. Endereço telegrafico: "TONCAN"

Escritorios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.
Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguay, Venezuela, Ilhas Virgínias. Tambem estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, India, China, Irán, Portugal, Suecia, Turquia.



Seção de um filme de cinema profissional mostrando-se à esquerda o delicado registro do som. Com os filmes Kodak especiais, de fino grão, o som é fielmente registrado ao mesmo tempo que as imagens. Quando sentados no salão, assistimos à operação em sentido inverso—as "imagens luminosas" do registro do som revertem à sua origem sonora, vozes e ruidos sincronizados com as cenas.

FUGA à monotonia cotidiana

MILHÕES de espectadores, em todos os cinemas da América, olham e escutam o drama que brota de um rolo de filme fotográfico, no qual estão registradas as cenas vivas e comoventes, e os sons. O cinema é em todo o mundo a forma mais popular de divertimento. E para quem se sente perseguido de tristeza ou preocupação, é a avenida de escapamento total . . .

Desde o tempo em que Thomas A. Edison e George Eastman, fundador da Casa Kodak, se meteram a trabalhar nos primeiros filmes, ainda trêmulos e saltitantes, o aperfeiçoamento do material de cinema tem sido um dos principais objetivos dos Laboratórios Kodak. A produção de filmes de cinema . . . A produção de materiais pancromáticos de alta velocidade . . . A fase moderna do colorido, agora em plena expansão . . . Nestes e outros avanços importantes para o êxito das fitas silenciosas e sonorizadas, a Kodak foi quem abriu os trilhos. E a maior parte das fitas saídas de Hollywood, são de filme Kodak...

A Kodak se esforça por servir toda a humanidade nos seus ideais construtivos. Em tempos normais, seus produtos são acessiveis a toda a gente. A atual dificuldade de transportes e a conversão de nossas fabricas em usinas de guerra, impossibilitam-nos de oferecer nossos serviços normais. Porem, tão depressa as facilidades de navegação melhoram, logo os produtos, que ainda temos disponiveis, podem ser e são de fato equitativamente distribuídos entre os nossos estimados clientes da América Latina. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK ... a fotografia ao serviço do progresso humano

BANDEIRANTES... ESTILO 1943

Isto era uma clareira no coração da selva africana. Hoje é um aeroporto onde aviões de carga e de bombardeio fazem escala na sua jornada do Hemisfério Ocidental para os campos de batalha.

Aeroportos como este surgiram quase que da noite para o dia, no meio da floresta, dos desertos, e até no gelo dos polos. Graças a isto as Nações Unidas podem transportar com urgência homens e materiais onde são necessários.

Não se pode saber hoje quantos destes aeroportos existem, porque isso é segredo militar; mas podemos já felicitar as companhias de aviação comercial pelo esplêndido serviço que fizeram criando estes aeroportos. Largaram, sem hesitar, suas ocupações de paz, para se dedicarem de corpo e alma a esta tarefa premente de guerra.

O espírito destes homens desbravou mais um caminho para a vitória. Devemos seguir este exemplo, procurando ajudar de toda maneira possivel ao grande esforço de guerra.

LYCOMING

MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino... O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

Fabricantes de produtos AVCO

ESTA CHAMA NÃO SE APAGA A TIROS!

Esta é a chama da Liberdade . . . a que permite ao homem expressar-se . . . cumprir sua missão . . . viver!

Por isto, quando a astúcia ou a prepotência tratam de sufocar a liberdade de um homem ou de um povo, a conciência humana desperta em cada indivíduo energias, recursos e vontade invenciveis, para defender e garantir esse dom de Deus!

Eis o motivo por que estamos em guerra. E é para contribuir a ganhar esta gigantesca luta, que a United States Rubber Company, abrindo um parênteses na sua missão de paz, pôs-se inteiramente ao serviço das Nações Unidas. Servimos hoje a causa da Liberdade para continuar servindo ao bem-estar da Humanidade após a Vitória!

United States Rubber Export Co., Ltd.

Fabricantes dos Pneumáticos ROYAL
1230 Sixth Avenue, Nova York, E.U.A.

No Canadá:
Dominion Rubber Co., Ltd.

Vejamos o que oferece o futuro – em ELETRÔNICA

Nova Beleza para Deleitar seus Olhos e Ouvidos

A televisão atingiu a maioridade. As investigações no domínio da *Eletrônica* abriram o caminho para que o público possa disfrutar de perfeita televisão, tão clara como o cinema profissional, e tão interessante como a própria vida.

Não há dúvida: a *Eletrônica* virá enriquecer de mil maneiras a nossa vida... os aviões e trens atravessarão continentes e mares a toda velocidade e sem perigo; navios sulcarão os mares sem receio da noite nem do nevoeiro. A *Eletrônica* tornou possiveis progressos notaveis no combate às bactérias, na cirurgia e na alimentação. Evitar-se-á a contaminação dos alimentos; a carne será mais tenra. Todas estas vantagens serão nossas com os maravilhosos tubos eletrônicos, "primos co-irmãos" dos tubos de rádio.

A Westinghouse está sempre na vanguarda dos inventos e realizações destinados a transformar nossa vida futura. O labor de nossos cientistas – nos domínios da Eletrônica e das Matérias Plásticas – dará ao mundo o fruto de tantas novidades já hoje postas em prática, de tantos progressos que já hoje são realidade. Quando tivermos ganho esta guerra, o distribuidor da Westinghouse oferecerá a V.S. uma infinidade de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. No ínterim, todos os nossos esforços estarão concentrados na tarefa dos homens livres: alcançar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E.U.A.

Westinghouse

Estabelecida em 1886

"PRIMEIRA no Passado... PRIMEIRA no Futuro"

A MEDIDA DO PROGRESSO

Viajantes que contemplam as pirâmides do Egito têm procurado avaliar o imenso trabalho humano gasto na sua construção. Ignora-se quem teria sido o gênio que dirigiu esta magnífica obra de engenharia. As tumbas dos reis que se encontram debaixo delas já foram há muito violadas. Mas as pirâmides lá estão; um monumento à persistência humana, um marco na história para nos dar a medida do progresso.

À distância de um tiro de canhão das pirâmides, há hoje uma esbelta torre de aço que foi eregida em pouco tempo por um grupo de homens capazes e com o auxílio de maquinaria moderna. É mais alta que a Grande Pirâmide, bastante sólida para resistir às tempestades do deserto, e, ao contrário das pirâmides, foi construida com uma finalidade prática. Das suas antenas, semelhantes a teias de aranha, propaga-se pelo mundo a voz do rádio, que é ouvida por milhões.

Esta é a medida do progresso; o fato do homem poder realizar com seu trabalho muito mais para o bem-estar de todos. Vemos isto no avião, no automovel, no sistema de estradas de ferro que formam a base de todo transporte moderno—em mil produtos da ciência e da invenção.

Como engenheiros e fabricantes que somos de veículos para transporte por terra, mar e ar, a Companhia Edward G. Budd contempla com confiança o futuro, esperando um desenvolvimento ainda mais rápido dessas indústrias que servem aos povos e nações.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.

QUANDO GANHARMOS A GUERRA

As fábricas Johnson estão hoje empregando toda sua energia na manufatura de produtos necessários às forças armadas das Nações Unidas. Trabalhando com afinco, durante vinte e quatro horas por dia, sobrepujaremos o inimigo no seu próprio terreno, e assim protegeremos as costas das Américas contra qualquer agressão.

Não serão fabricados motores-de-popa Johnson "Sea-Horses" para uso de civís enquanto não tivermos ganho a guerra. Mas quando este dia chegar, o mundo pode esperar um dos melhores motores-de-popa "Sea-Horse" que jamais foram fabricados — motores aos quais adicionaremos todos os aperfeiçoamentos do fabrico de precisão que temos introduzido na complexa manufatura de produtos de guerra que nos foi confiada.

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano para um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
Seção de Exportação
Waukegan, Ill., U. S. A.

JOHNSON "SEA-HORSES"

É favor mandar-me um exemplar da planta para um barco pequeno.

Nome_____

Endereço_____

_____

ÀS SUAS ORDENS

para o abastecimento de melhores produtos de petróleo

Procedentes de milhares de poços de petróleo da Texaco, passando por uma enorme rêde de canos condutores, os preciosos óleos crus veem se transformar por refinação em combustiveis e lubrificantes de primeira qualidade... preferidos em tantas industrias de importancia bélica.

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores

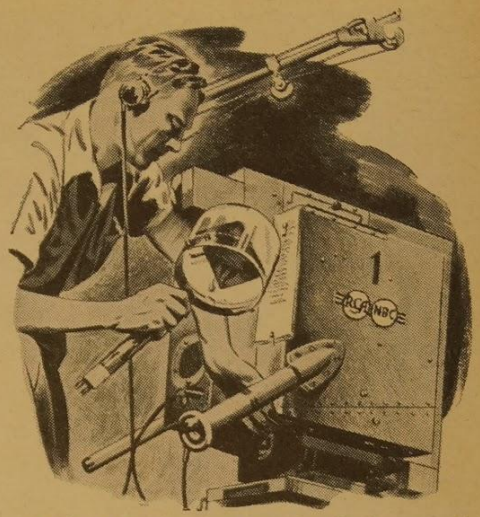
TEXACO
MARCA REG.

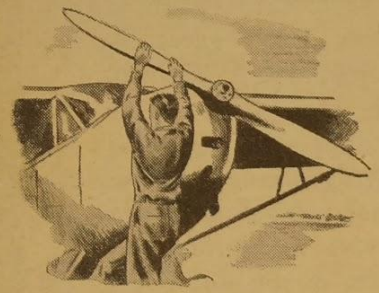
UNIDAS HOJE PARA SEMPRE UNIDAS

TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

A RCA APRESENTA

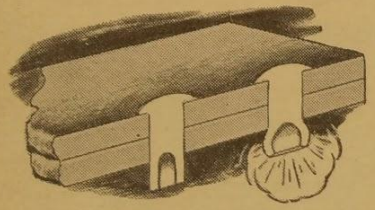
O Que Há De Mais Novo



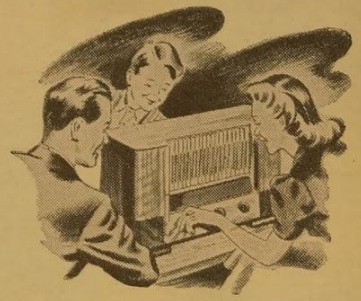


Hélices produzidas pelo calor do rádio! Os métodos anteriores, muito lentos, de secagem e ensamblagem das hélices de madeira laminada, são agora substituidos pelo sistema instantâneo das ondas radiônicas de frequência RCA!

O Olho Mágico da Televisão! O "Iconoscópio" é uma invenção da RCA que torna possivel a Televisão Eletrônica. Por meio de centenas de milhares de células foto-elétricas, esse instrumento "recolhe" as imagens — transmitindo-as pelo eter em ondas de rádio. Enquanto toda a produção atual da RCA está sendo encaminhada para as Nações Unidas, a experiência ganha na guerra promete ainda melhores produtos para o leitor quando vier a Paz!



Rebites "Detonantes"! Rebites com cargas explosivas nas extremidades, fazem-se agora explodir por meio da energia de frequências radiônicas. Este novo método da RCA pode acelerar e simplificar enormemente as construções industriais.



Seu receptor de rádio é um produto da mesma perícia técnica que se aplica à televisão RCA e a outros melhoramentos da RCA. Ouçam todas as noites ao "Correspondente Estrangeiro RCA" — que diz o que há de novo em notícias. Verifique pelo jornal as horas de irradiações e as estações.

RADIO CORPORATION OF AMERICA

RCA Victor Division, Camden, N. J., E.U.A.

RCA Victor Radio, S.A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

Fruto de um mundo misterioso

O leitor está vendo alguns homens que formam parte do grupo dos que passaram mais tempo a distância da Terra do que provavelmente quaisquer outros mortais!

São eles os técnicos de aviação da Boeing, fotografando e observando os registros num labirinto de equipamento para ensaios de altitude. Vastas pesquisas realizadas a 11.000 metros e mais, constituem as razões que capacitam a Fortaleza* Voadora Boeing a operar a maiores altitudes, sob condições de combate, que qualquer dos demais bombardeiros.

A potência do motor diminui na estratosfera. O óleo transforma-se num angú. Não obstante, estes e outros problemas têm sido resolvidos tão satisfatoriamente pelos pesquisadores da Boeing, que a Fortaleza Voadora funciona hoje, a certos respeitos, melhor a 11 quilômetros de altitude do que ao nivel do mar!

• • •

Esta é a verdade sobre a Fortaleza Voadora hoje, e será verdade sobre muitos e novos produtos amanhã. . . . Se é "Fabricado pela Boeing" está fadado para ser bom!

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS **BOEING**

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registada da Fábrica Boeing.*

RELAÇÕES HUMANAS

O futuro das nações depende das relações entre os governos e o mundo dos negócios; entre este e o povo; entre os indivíduos como tais; entre empregados e patrões; entre os vários governos e povos, nos domínios da economia e da cultura.

Depende da consolidação das liberdades que prezamos, e que só o nosso completo triunfo sobre o inimigo tornará possiveis; e está estreitamente ligado ao futuro dos outros estados e povos, libertos enfim das influências da má propaganda e das imposições políticas, sejam elas de ordem interna ou externa.

Relações Humanas, eis a fórmula que nos habilitará a solucionar todos estes problemas, pois que, com o pensamento da humanidade sempre presente em nosso espírito, daremos a devida consideração ao elemento humano em nossas relações com os outros povos e indivíduos.

Após a Vitória, a primeira coisa a ter presente é a Justiça para com todos os povos e nações que tiverem recebido tratamento deshumano, e experimentado indiziveis sofrimentos e misérias, às mãos daqueles que, em suas ações, houverem ignorado o princípio da dignidade nas Relações Humanas.

Significará isto, necessariamente, uma política de firmeza, de severidade mesmo, para os que a tiverem merecido—medidas que ensinem aos transgressores que a vida é como uma rua de via dupla, e que as Relações Humanas devem ser reconhecidas e acatadas de um lado e outro dessa rua.

Thos. J. Watson
Presidente

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION

"TRIUNFO"

NOVÍSSIMA CANETA SHEAFFER GARANTIDA POR VIDA!

Para Gozo Na Escrita Através dos Anos!

V. S. terá brio em possuir, brio em oferecer esta famosa caneta de Ponto Branco, garantida pela vida do primeiro possuidor! A sua pena estupenda "Feathertouch" de ouro de 14 quilates e o ótimo regulador de fluido "Flo-Rite" proporcionam facilidade à escrita até agora desconhecida—o sucesso mais sensacional em canetas-tinteiro nêste século! A Lapiseira Sheaffer "Fineline" para aparelhar. W. A. SHEAFFER PEN COMPANY, Fort Madison, Iowa, E.U.A.

SHEAFFER'S

Representantes Gerais Para O Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais Para Portugal—Messrs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

Imagine alguem não saber quão elegante é pedir whiskey "Golden Wedding!"

NÃO É OBRA DO ACASO a popularidade que os whiskies americanos gozam hoje . . .

Seu sabor, aroma e deliciosa consistência lhes vêm conquistando adeptos há mais de 200 anos. (O whiskey americano é mais antigo que os E.U.A.!) Por isso, em todo o mundo hoje se toma mais whiskey americano do que qualquer outro.

"Golden Wedding" é um dos whiskies mais distintos da América. Durante gerações seu paladar e aroma têm sido os prediletos de milhões de pessoas. Prove, para satisfação própria, quão generoso e suave é esse whiskey. Esta noite . . .

MANHATTAN:

1: dois cálices de *"Golden Wedding"*; **2:** um cálice de Vermouth; **3:** umas gotas de Amargo Angostura; **4:** agite bem com gelo quebrado, passe pelo coador para dentro dum copo, e junte uma cereja; **5:** esprema um pedaço de limão na bebida e sirva.

Schenley International Corporation
Empire State Building, Nova York

LIBERDADE NA UNIDADE

FESTEJE COM **Golden Wedding**

NÃO HÁ WHISKIES MAIS FINOS DO QUE OS WHISKIES AMERICANOS

Ensaio de vibração G-E

Uma Prova Decisiva para um Rádio

● Cada desigualdade de terreno produz um violento choque no equipamento de rádio do "destroyer" de tanques. *Mas não importa*, porque, prèviamente, a General Electric submete todas as peças de seus rádios às mais rigorosas provas de fabricação: ensaios de vibração, semelhantes às trepidações de marcha; provas de temperatura e umidade, mais altas do que as das selvas tropicais, e outras duras provas.

Depois da guerra, êsses altos padrões e novos processos de precisão, contribuirão para que o rádio General Electric seja um melhor e mais fino instrumento.

TODO RÁDIO G-E É UM APARELHO ELETRÔNICO

Todas as facilidades da General Electric, no campo do rádio, estão dedicadas hoje à produção de aparelhos eletrônicos para fins bélicos. Depois da Vitória, esta experiência redundará em benefício da qualidade de seus futuros receptores, e, mais tarde, trará novos adiantamentos eletrônicos, tais como a radio-difusão sem estática, pelo sistema de frequência modulada, a televisão, etc.

●

Um interessante livreto de 32 páginas, em português, impresso em lindas cores, descreve a história da válvula eletrônica e suas múltiplas aplicações. Peça-o a International General Electric Co., Inc., Electronics Department, Schenectady, N. Y., E.U.A., ou ao distribuidor local da General Electric.

GENERAL ELECTRIC

EL-2-43DP

EIS O *Corsair* !

Depois de ter entrado várias vezes em ação no Pacífico, um comunicado oficial da Marinha dos Estados Unidos informa que o Vought Corsair F4U leva vantagem aos seus adversários em todas as categorias—velocidade, ascensão, intercepção, manobrabilidade, blindagem e potência de fogo.

O núcleo de toda a construção do Corsair é o motor Duplo Wasp—Pratt & Whitney, de 2.000 H.P. que aciona uma hélice Hamilton Standard Hydromatic.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E.U.de A.

Motores Pratt & Whitney Aviões Chance Vought Helicópters Sikorsky Hélices Hamilton Standard

O mal que contem todos os males

a avareza e o ódio, a opulência, que tambem é um mal, a ambição, que é um mal, quando não é justa... Não faltava mal nenhum.

«Entre os pacotes estava um pequeno, com um pó branco, que era o desalento.

«O pessoal comprava ao Diabo o que lhe dava na gana, doença, miséria, vício. Os mais sabidos, compravam opulência, e tambem avareza e ambição. Afinal de contas, o Diabo vendeu todos os males, menos o desalento. Ninguem fazia caso dele, pois diziam que aquele pacote pequenino era muito caro e não era um mal muito importante.

«Então o Diabo, rindo-se com um riso simples de Diabo, disse: *Todos com este, ou nenhum sem este!* E atirou ao vento o pozinho branco para que se espalhasse pelo mundo. Assim, os diversos males se tornaram possiveis, porque o desalento contem todos os outros. Cristãos de Calemar: não deixemos que o desalento domine nosso coração!»

Anos depois, pus a epopéia do Maranhão em um romance, e naturalmente nele houve lugar para Matias Romero e sua história. Os comentários dos leitores mostraram-me que era uma das passagens que, graças às suas qualidades estimulantes, os havia impressionado mais profundamente. Dei-me a pensar então na necessidade de uma literatura que, alem de expor os problemas, provê os homens das armas necessárias para enfrentá-los e vencê-los.

A leitura das Seleções do Reader's Digest faz-me ver que tal objetivo foi conseguido, de maneira brilhante. Na realidade, esta revista é notavel, não somente por apresentar em suas páginas as melhores manifestações de cultura e progresso, e todos os acontecimentos que resultam das peripécias humanas, mas especialmente pelo ambiente de estímulo que se respira em suas páginas. A seu modo, ela ajuda os homens a passar pela vida sem desanimar, vida que, desde os tempos de Heráclito, tem sido comparada a um rio.

IMPRESSO NOS E. U. A.

O mal que contem todos os males

Por Ciro Alegría

Todos os invernos, por entre as brenhas andinas do norte do Perú, o rio Maranhão cresce de volume e acelera a torrente de suas águas escuras. Debatendo-se furiosamente contra os rochedos dos estreitos, transbordando do leito com selvagem avidez, mudando subitamente de curso, leva de roldão as plantações de cana, coca e cacau, bem como o gado e até homens.

Os balseiros que moram pelos vales, enfrentam a torrente sem outras armas que um remo curto e um coração valoroso. Ao atravessar o rio, terão que fugir os redemoinhos, os traiçoeiros bancos de areia, e desviar-se dos montões de troncos, ramos, chamiços e pedras que aprisionam e arrastam o que estiver ao seu alcance. Ao contrário, viajando ao sabor da corrente, terão que salvar-se da vertigem das corredeiras, da ruidosa efervescência dos estreitos, da voracidade das cascatas envoltas sempre em névoa, do fio aguçado das rochas que a corrente destacou num esforço de séculos.

No entanto, apesar do risco que constantemente os espreita, esses homens costumam cantar e rir, aceitando seu destino, com uma simplicidade que é a verdadeira marca da coragem.

A explicação da tão invencivel tenacidade deu-ma uma noite um velho balseiro, o Matias Romero, que vivia num lugarejo ribeirinho chamado Calemar. Debaixo de uma mangueira frondosa que se elevava à porta de sua palhoça, rodeado de um grupo de balseiros, falou-me ele desta maneira:

«Aquí corre para sempre o nosso rio, e nós não fugimos dele, porque somos homens e temos que viver a vida como ela é; e para nós a vida quer dizer o rio. Para a peleja, portanto, e que nunca nos pegue o terrivel mal do desalento.

«Vocês sabem como foi que o diabo espalhou os males no mundo? Eu conto. Um dia ele saiu para vendê-los pelos caminhos. Tinha convertido todos em diversos pós, um para cada mal, e levava-os em pequenos pacotes, dentro de um saco. Aí estavam a miséria e a doença,

(*Continua no verso*)

TIRAGEM MUNDIAL DE 8.000.000

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Cirurgia improvisada num submarino	*Chicago Daily News*	1
Eu vi o Rei dos Infernos	*Harper's*	4
Os meninos podem ensinar-nos a viver	*Your Life*	9
O homem sob o influxo dos ions	*This Week*	13
É preciso salvar a Alemanha	*American Mercury*	15
Vovó triunfa em Hollywood	*Independent Woman*	21
A magia amarela da penicilina	*por J. D. Ratcliff*	24
Glória pelo hara-kiri	*pelo ten.-cor. Warren J. Clear*	29
Falam verdade os anúncios de dentifrícios?	*por Blake Clark*	31
O juizo dos loucos	*Scientific American*	36
Os últimos dias de Sebastopol	*por Boris Voyetekhov*	37
Dona Formiga, a fraudulenta	*por Mark Twain*	45
Sperry e o seu pião maravilhoso	*Scientific American*	48
Detectives de acidentes de automovel	*Collier's*	52
O gago que fez falar os gagos	*por William Seabrook*	55
Heróis do mar em escafandro	*por Edwin Muller*	59
Dívida saldada	*Toronto Star Weekly*	63
Uma clínica de correção do pensamento	*Mental Hygiene*	65
Aviadores civís em serviço de guerra	*Saturday Evening Post*	69
«Deixe o índio correr!»	*American Mercury*	72
Para vender bem ao balcão	*Forbes*	75
Caiu-nos uma gralha em casa	*por Frederic F. Van de Water*	78
Não contemos demasiado com a China	*por H. W. Baldwin*	81
Temas de conversa		85
Seção de Livros — A Política Externa dos Estados Unidos	*por Walter Lippmann*	87

NOVEMBRO DE 1943

Circulação mais de duas vezes superior à de qualquer outra revista americana

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.
AMAZONAS: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.
BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.
ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.
GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.
MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.
MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.
MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.
PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.
PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.
PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.
PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.
RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.
RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.
RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.
SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.
SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.
SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.
TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IV, No. 22 — [*Marca Registrada* / *Reg. U.S. Pat. Off.*] — Novembro de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace
Redator Gerente: Eduardo Cárdenas
Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator:* J. Rodrigues Miguéis
Administração: *Gerente Geral,* A. L. Cole. *Subgerente:* Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez
Chefe de Publicidade, Willard R. Espy
Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson
Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

C/MOPO.03
1905

NOVEMBRO de 1943

SELEÇÕES do Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO IV — No. 22

Eis o artigo que conquistou o Prêmio Pulitzer da reportagem (1942)

Cirurgia improvisada num submarino

(Condensado do «Chicago Daily News»)

Por George Weller

«JÁ LHE estão a dar eter,» murmurou alguem, metendo a cabeça pela porta da câmara de torpedos da ré. «Caiu a dormir e vão-lhe agora abrir a barriga...»

Um dos homens dirigiu-se para vante, e disse ao marinheiro encarregado de manobrar os estabilizadores da proa: «Jake, veja se conserva ele direito. Eles deram-lhe agora a primeira facada, e andam à procura da coisa lá por dentro.»

«Eles» eram um reduzido grupo de homens, com os braços enfiados em pijamas postos de trás para diante. As faixas de gaze cobriam-lhe o rosto, ocultando todas as expressões exceto a tensão do olhar... A «coisa» era simplesmente uma apendicite aguda que se declarara em súbitas dores esfaqueantes no ventre do marujo Dean Rector, filho de Chautauqua, no Kansas. As dores tinham-se tornado insuportaveis na véspera que, nem de propósito, fora o 19º aniversário natalício do rapaz.

O submarino onde ocorria esta cena encontrava-se mergulhado, como o mostrava o registo de profundidade. Por cima, à superfície marulhavam as águas do Pacífico, e zumbiam as hélices dos destróieres japoneses que iam e vinham sem descanso, policiando aquela zona...

Era preciso, era imperioso operar o moço; mas o mais próximo cirurgião da Marinha achava-se à brincadeira de milhares de milhas de distâncias! Só havia uma maneira de evitar que o apêndice infectado rebentasse, provocando a fatal peritonite: era que algum membro mais audacioso da tripulação se metesse a abrir o abdome do camarada. Foi o que se fez...

O «cirurgião-chefe» era um ajudante de farmácia de 23 anos de idade, chamado Wheeler B. Lipes, que durante três anos prestava serviço no hospital naval de Filadélfia. Toda a sua especialidade consistia em manipular um aparelho registrador das pulsações do coração humano; mas tinha visto os cirurgiões de marinha praticarem uma ou duas apendicectomias.

O problema do eter é que se mostrava difícil: abaixo do nível do mar, a pressão no interior de um submarino está acima da pressão atmosférica normal ao ar livre, e sob essa pressão, o paciente absorve mais eter. Ora os marujos não sabiam quanto tempo iria durar a intervenção, nem se haveria eter suficiente para manter adormecido e indolor o paciente.

Decidiram operar na mesa da câmara dos oficiais que, num submarino, não é maior do que uma pequena cabine de vapor. Essa mesa ocupa todo o quarto, e está rodeada de um banco contínuo, pregado à parede, de tal maneira que, quem entra, é obrigado a andar de lado, e de pernas dobradas como se fosse sentar-se. Além disso a mesa tinha apenas o compartimento necessário para permitir que os pés do enfermo não ficassem pendentes.

Foi esta, talvez, a mais *democrática* de quantas intervenções cirúrgicas já se realizaram no mundo. Todos os homens da tripulação, desde o manipulador dos lemes de imersão, ao cozinheiro agarrado ao seu fogão sabiam o que tinham a fazer. O cozinheiro forneceu a máscara de anestesia: era um coador de chá, invertido e forrado de gaze. O jovem cirurgião rodeou-se de auxiliares que, alem de mais velhos do que ele, eram seus superiores hierárquicos. Serviu de anestesiador o tenente Franz Hoskins, oficial a cargo das comunicações.

Antes de conduzirem o doente para a câmara, o comandante da unidade, 1.º tenente W. B. Ferrall, de Pitsburgo, pediu a Lipes que falasse com Rector: —olhe aquí, Dean,—disse o ajudante de farmácia—eu nunca fiz nada parecido com isso na minha vida. Você tem poucas probabilidades, no fim de contas, de escapar de uma apendicite desse jeito. Que me diz?

—Eu bem sei como são as coisas, *Doc*, fez o paciente. —Mas vamos pra diante, não?

O Lipes nunca na sua vida fora tratado por doutor!

Os «operadores» ajustaram as suas máscaras de gaze, e os membros do pessoal da casa das máquinas abotoaram o melhor que puderam os casacos invertidos dos seus pijamas. As «ferramentas» dispostas ao lado deles, alem de serem escassas, não eram positivamente a última palavra em material cirúrgico, para uma operação daquele vulto. O escalpelo, por exemplo, nem cabo tinha! Mas os submarinistas têm o hábito de improvisar as coisas mais inesperadas e diversas. Como havia no armário de pronto-socorro hemostatos em abundância (pequenas pinças que se aplicam aos vasos sanguíneos para impedir a hemorragia), o maquinista fez um cabo do punho de um deles.

Reduziram a pó uns comprimidos de sulfanilamida para servir de antisséptico. Mas, uma vez dado o corte na barriga do rapaz, o que não havia era maneira de manter abertos os lábios da incisão. Chamam-se «retratores musculares» os instrumentos empregados em cirurgia para esse efeito. Como no armário do pronto-socorro nada havia que respondesse às exigências do caso, os marujos foram buscar à cozinha umas poucas de colheres de metal movel, dobraram-nas em ângulo reto—e alí estavam os retratores!

E os esterilizadores? Foram-se a um daqueles torpedos engordurados, cor de cobre, que esperavam ao lado dos respectivos tubos de lançamento, abriram a válvula do mecanismo propulsor e extrairam-lhe o alcool que iam usar a par com água fervente.

Era chegado o momento de iniciar a intervenção. Muito pálido, o paciente estendeu-se ao comprido na mesa. Alguem enfiou nas mãos do «doutor» um par de luvas de borracha, previamente banhadas no «suco de torpedo». Mas tinham os dedos compridos demais, e as pontas destes pendiam, moles, entorpecendo os movimentos do operador. «Parecem as mãos do camondongo Mickey!» observou um dos marujos presentes.

Lipes sorriu por trás de sua máscara de gaze. Olhou os ajudantes nos olhos, acenou com a cabeça, e o Hoskins assentou a máscara na cara de Rector.

Seguindo a velha prática empírica, o improvisado cirurgião pôs o dedo mindinho no umbigo do paciente, o polegar na espinha ilíaca direita, e, deixando cair o indicador, determinou o ponto onde devia cortar.

A seu lado estava o cirurgião-ajudante, que era o tenente Norvell Ward, de colheres em punho, pronto a segurar com elas os lábios do rasgão que se ia abrir nas sucessivas camadas musculares do ventre do paciente. O tenente maquinista Charles S. Manning desempenhava as funções do que se conhece nas salas de operação pelo nome de «enfermeira circulante». Cumpria-lhe fazer com que os rolos de pensos esterilizados não faltassem na mesa, e que o alcool do torpedo e a água a ferver chegassem com regularidade da cozinha. O comandante Ferrall fazia o registo da operação, consistindo suas funções em tomar nota de todas as esponjas e colheres que entravam na barriga de Rector.

Lipes levou uns bons 20 minutos para dar com o apêndice do enfermo. «Já tentei dum lado do ceco, agora vou tentar do outro,» murmurou ele passados os primeiros minutos da operação.

Os «boletins» orais eram murmurados de boca em boca, chegavam à casa das máquinas e às camaratas da marujada. «O *doc* já tentou dum lado não sei de que, e agora vai tentar do outro...»

Após novas sondagens abdominais, o Lipes murmurou: «Acho que dei com ele. Está encaracolado aquí no fundo do ceco...»

A vida do marujo pendia agora completamente das suas mãos.

«Mais duas esponjas!»

«Duas esponjas às 14.45 horas,» escreveu o capitão no seu bloco de apontamentos.

«Mais luz e outra lanterna de batalha,» reclamou Lipes. A cara do operado começava a contrair-se em sinais de dor. «Tragam mais eter,» comandou o «Doc».

Hoskins teve uma expressão de dúvida. O eter estava-se acabando—mas ainda desta vez foi possivel encharcar

a gaze da máscara. Os vapores subiram, invadiram o ar confinado da sala, dando vertigens aos operadores.

Chegou finalmente o momento em que Doc apontou para a agulha, já enfiada com o seu categute. Uma por uma, as esponjas e as colheres foram saindo do rasgão das carnes. O comandante acotovelou Lipes e apontou para o rol: faltava-lhe uma colher! Lipes meteu pela última vez os dedos no corte, retirou a colher e fechou a incisão. Cortou o categute com uma tesoura de unhas—e nesse mesmo instante a última lata de eter mostrou o fundo—seco.

Levaram Rector para um beliche. Meia hora depois ele abria os olhos e dizia: «Ainda alí estou de arqueiro...»

Numa operação que de ordinário dura 45 minutos, tinham levado aqueles amadores cerca de 2 horas e meia. À maneira de explicação, Lipes disse modestamente: «Não era um desses apêndices de abrir e fechar...»

Treze dias depois, Rector estava de novo em serviço, nos telefones de combate. E, metido num boião de vidro, numa das prateleiras do submarino, oscilava o primeiro apêndice que, segundo reza a história, já foi extraido abaixo do nivel das águas do mar—e sob a ameaça das bombas de profundidade japonesas...

Eu vi o Rei dos Infernos

(Condensado do «Harper's Magazine»)

Por Harrison Forman

As histórias de magia na Terra Proibida do Tibete fascinaram-me durante anos. E quando as minhas atividades como vendedor de aviões militares ao governo chinês tiveram termo, resolví fazer uma investigação. Organizei uma expedição cinematográfica ao Turquestão Oriental Chinês, e de lá penetrei no reduto sagrado do Tibete. Os dois jovens que me acompanhavam foram mortos por bandidos; mas encontrei um companheiro e guia no Velho Sherap, feiticeiro tibetano. Considerando-me colega na feitiçaria, graças à minha habilidade em fazer exorcismos contra os demônios interiores, com a poderosa mágica dos sais de Epsom, óleo de rícino, unguentos e pós, iniciou me ele nos segredos da magia tibetana.

QUANDO, disfarçado de feiticeiro tibetano, penetrei na Floresta Sagrada de Radja Gomba com o Velho Sherap, ele estava francamente amedrontado. Fosse descoberta a minha presença, e seus irmãos feiticeiros talvez nos matassem a ambos.

«Se houver qualquer complicação—prometí—garanto-te jurar que nunca te vi antes.»

O sol estava-se pondo quando chegamos a uma clareira onde uma dezena de feiticeiros se encontravam sentados em círculo, inteiramente silenciosos, trocando apenas, de quando em vez, um sussurro. Procurando chamar o mínimo de atenção, tomamos lugar no círculo, despertando apenas uma furtiva olhadela dos demais. Não me escapou o suspiro de alívio do meu velho amigo. Pus-me a estudar o feiticeiro que estava mais próximo de mim, à esquerda. Seu rosto era horrendo e sujo. As guedelhas compridas, enrodilhadas como cobras, bem pretas, davam a impressão de servir de ninho a toda a espécie de coisas rastejantes. Os olhos negros como carvão estavam intencionalmente fixados no vácuo, enquanto ele permanecia sentado na clareira como alguem que se acha em transe.

Eram todos religionários do Bonismo, uma forma de paganismo que precedeu o Budismo no Tibete. A hierarquia sagrada da religião de Buda é intermediária do leigo junto às divindades benignas; os *Nukhwas* do Bonismo propiciam os deuses do Mal. Era à materialização desses espíritos maus que eu alí vinha assistir.

O sussurro que fazia a bafagem do crepúsculo através das árvores, como que anunciava as aparições terriveis que estávamos aguardando, e que eu, o cético, tinha certeza que não viriam.

Então, por uma aberta entre as árvores, um homem alto, de impressionante fisionomia, entrou na clareira e subiu num alto bloco de pedra. Era Drukh Shim, o Grande Feiticeiro. Agachado no topo do seu trono, com as pernas cruzadas, encarou-nos em silêncio, com os olhos penetrantes a que nada parecia escapar dentro do seu raio de alcance. Observei que um femur humano estava pousado na rocha, junto à sua mão direita, e a calota de um crânio humano à esquerda. Durante alguns minutos reinou completo silêncio, até que se foi fazendo escuro. Então, como que obedientes a um sinal, embora eu não visse ninguem dar a ordem, os feiticeiros começaram a oscilar para a frente e para trás, e, em tons muito profundos, pronunciaram três vezes uma mesma palavra:

«*Yamantaka! Yamantaka! Yamantaka!*»

Dessa maneira convidavam eles o Rei dos Infernos, o próprio Yama, a aparecer em pessoa!

Depois do terceiro chamado, o Grande Feiticeiro ergueu o femur, levando-o até os lábios: era uma trompa, e suas baixas notas ecoaram lugubremente pela floresta. A seguir ergueu o vaso de libação que era a calota do crânio. O Velho Sherap preparara-me para a cena e eu sabia o significado daquele ato solene. Em tempos remotos tinham-se realizado sacrifícios humanos—e o que o Grande Feiticeiro bebia agora era precisamente sangue humano...

O Grande Feiticeiro colocou a calota no seu lugar, e o coro retomou a cantoria:

«*Yamantaka! Yamantaka! Yamantaka!*»

As cabeças inclinaram-se reverentemente. Inclinei tambem a minha, mas, pelo canto do olho, observava-os alerta para ver os truques, perguntando a mim mesmo como a coisa começaria. Não acreditava em duendes e demônios, e muito menos que eles pudessem tornar-se visiveis aos olhos humanos. Era minha firme intenção permanecer tanto quanto possivel no papel de observador científico, objetivo, durante toda a cerimônia.

De novo a trompa de femur fez-se ouvir, e Drukh Shim bebeu pela segunda vez. E os feiticeiros intensificaram o ritmo dos movimentos:

«*Yamantaka! Yamantaka! Yamantaka!*»

Mais ligeiro, cada vez mais ligeiro... Eu oscilava e cantava com eles. E alguma coisa foi tomando conta de mim—entrando no meu sangue. Não sei o que foi essa *alguma coisa;* mas que houve, houve mesmo. Comecei a tornar-me menos cético, virando mais realmente o feiticeiro tibetano que fingia ser. Reconheci a modificação, e comecei a rebelar-me contra ela. Não ia permitir que me hipnotizassem para ver coisas que a razão me dizia não poderem estar alí.

Eu estava certo que podia ser hipnotizado. E acreditei que o hipnotismo seria a resposta cabivel a tudo o que acontecesse na Floresta Sagrada. Mas que forma de hipnotismo? O hipnotismo da multidão? Poderíamos todos nós ver as coisas oriundas da mente de outra pessoa? Ou seríamos vítimas da auto-sugestão, criando fora de nós as imagens do que, em nossos pensamentos, desejávamos ver?

Começou então um murmúrio de vozes tristes, toada monótona e tecida com os tons mais soturnos. Perguntei a mim mesmo: «Como poderiam eles começar melhor, se desejassem hipnotizar alguem? Como saber se toda a relutância do Velho Sherap não era um truque, ou se os feiticeiros não tencionam hipnotizar-me, para que eu possa levar a narrativa de suas maravilhas para o mundo lá de fora?»

A monótona cantilena prosseguia. As cabeças continuavam baixas. Sentia-se uma sonolência que tomava conta do corpo da gente. Mas eu não queria deixar-me enganar. Até agora tinha sido hipnotismo. E bem simples por sinal.

Compreendí, nessa altura, que talvez não estivesse jogando a partida com lealdade. Como poderia esperar descobrir algo sobre aquele ritual encantado, se me recusava a vê-lo, ouví-lo e sentí-lo? Demônios, se é que existiam, talvez fosse possivel trazê-los para a luz! Quem era eu, para dizer que os tibetanos não sabiam do que estavam falando?

Sentí um arrepio, olhei em volta de mim—fiquei intrigado: algo que eu nunca experimentara antes estava, sem dúvida alguma, entrando naquela Floresta Sagrada do Tibete. Algo começava a impor-se à minha pessoa, como mãos invisiveis tomando conta de mim, contra a minha própria vontade. Tentei desvencilhar-me dessa sensação. E a minha conciência científica olhou em torno, buscando explicação.

Fitei o Grande Feiticeiro lá no seu trono: um homem muito temido e muito santo. Ocorreu-me súbito que ele estava procurando controlar-me, a mim e a todos os outros. Lutei contra ele. Tinha a sensação clara da luta, como se nossos espíritos tivessem deixado os corpos para o centro da clareira, afim de lutar pelo equilíbrio do poder entre nós. Concentrei-me buscando repelir a vontade da Cabeça Suprema. Batalhei renhidamente, mas meus pensamentos continuavam se esbatendo de modo estranho. O murmúrio monótono dos Nukhwas em torno a mim estava tomando vulto, num crescendo ensurdecedor que entrava pelo sangue, pelo cérebro, pela alma.

«*Yamantaka! Yamantaka! Yamantaka!*»

O círculo de feiticeiros começou a balançar-se devagarinho de um lado para o outro. O cântico subia. Comecei a pensar em tudo o que o Velho Sherap me dissera que eu devia ver alí. Yama, Rei dos Infernos, e seus satélites. Observava o local onde os demônios deviam aparecer, tentando ver algo onde a razão me segredava não haver nada.

Não sei o que minha máquina fotográfica poderia ter apanhado. Sei apenas o que penso ter visto. Yama, Rei dos Infernos, estava aparecendo pouco a pouco! Não surgiu de entre as árvores. Não era um tibetano disfarçado. Havia pouco ele não se achava lá, e o espaço estava vazio. Depois, começou a formar-se diante dos meus olhos!

Todo o círculo de feiticeiros o viu a um só tempo. Frenético, cada vez mais frenético se tornou o cântico. Alem do Grande Feiticeiro, ao redor de onde estávamos, distinguia eu os álamos e pinheiros. Via os feiticeiros, examinava deliberadamente as suas fisionomias. Observei especialmente o Velho Sherap ao meu lado, com os seus quatro metros de cabelo enrodilhado como uma cobra no cucuruto da cabeça. Mas Yama vinha atender ao nosso chamado. Tão ardentemente como outro qualquer Nukhwa, eu entoava com a voz mais profunda: «*Yamantaka!*»

Foram os olhos esbugalhados e incandescentes que vi em primeiro lugar. À altura de um homem de estatura mediana, fitaram-nos, cheios de maldade. À esquerda e à direita havia uma espécie de névoa estranha, que se transmudava e começava a tomar forma, até que, como uma flor do mal brotando repentinamente, se transformou nos trinta e quatro braços de Yama, com trinta e quatro mãos, cada qual segurando um instrumento de destruição.

A cabeça principal formou-se e definiu-se em torno dos olhos. Então, apareceram outras cabeças, até completarem nove, todas envoltas em chamas azues, translúcidas, que dansavam e palpitavam incessantemente. Depois os ombros, pendentes dos quais se viam outras tantas coleiras formadas de crânios humanos, que se entrechocavam com sinistro barulho ao menor movimento.

Sentí um arrepio e desviei a vista. Quando voltei a olhar, não mais esperava encontrar Yama. Mas lá estava ele, olhando-me com os seus olhos esbugalhados. Já eram visiveis agora os lábios, grossos e libidinosos, e os dentes, presas como nenhum animal possue!

Mas Yama era apenas o início. Depois dele, e é isso o mais duro de evocar, os demônios menores vieram bem prazerosamente. Reconheci o demônio da Luxúria, a quem o Velho Sherap chamava Nguh Nukh—um diabo contorsionado, que se retorcia em espasmos idênticos aos dos homens e mulheres sob o domínio lúbrico da carne. Dansou diante de nós, e o amor tornou-se alguma coisa de obceno, lascivo, horrivel! O demônio da Fome veio em seguida, com as costelas aparecendo debaixo da pele. O demônio da Raiva surgiu depois, informe, com a face contraida pela paixão e um corpo que parecia enrodilhado como os cabelos de alguns Nukhwas, arrepanhado, sem controle. Outros apareceram ainda, e então, como se fosse o final de uma grande cerimônia, o próprio Yama começou a sua *dansa macabra*, espetáculo o mais horrivel de todos, seus movimentos ridicularizando as misérias da humanidade com o chocalhar de seus colares de crânios. Parecia-me sentir o próprio cheiro da morte...

Que sucederia agora, se aqueles feiticeiros não pudessem controlar os diabos que eles mesmos tinham desencadeado? O simples pensamento disso fazia-me suar frio da cabeça aos pés—pois Yama e seus acólitos se tornaram tão reais para mim como eu próprio. Eu *sabia* que, se ele escapasse, o país inteiro estava condenado.

Repentinamente senti que a mesma tensão dominava os meus irmãos feiticeiros. Os demônios procuravam fugir dos laços invisíveis que os retinham, e os Nukhwas concentravam suas vontades contra eles. Embora eu estivesse repetindo a mim mesmo que aquilo era um truque qualquer de hipnotismo em massa ou de auto-hipnotismo, dei comigo mesmo esforçando-me por aplicar a vontade, juntando a minha à dos outros, para evitar a libertação daqueles demônios. Lutava e debatia-me contra eles. Quase usei as mãos para empurrá-los, até que compreendí que minhas mãos nada poderiam contra eles. Apenas meu espírito—minha alma, se o preferem—podia valer de alguma coisa contra Yama e seus satélites.

Apesar de tudo o que havia pretendido antes, agora eu era um Nukhwa no meio de Nukhwas, combatendo demônios. Venceríamos? Pareceu-me que decorriam séculos até que a resposta veio. Então, experimentei uma onda de exultação febril.

Yama começou a desaparecer. Parece que levou um século para se sumir inteiramente. Nguh Nukh foi-se, os demônios da Fome e da Raiva tambem, e depois, relutantemente, todos os outros demônios, até que por fim éramos apenas duas dezenas de feiticeiros diante de Drukh Shim lá no seu trono de pedra. E tive a sensação de que, se fôssemos um de menos, Yama nos teria vencido.

Não olhei para os outros. Estava tremendo. Sentei-me lá, atordoado pelo que vira, até que o último dos feiticeiros se sumiu na Floresta Sagrada, cada qual sozinho, como viera, na escuridão cerrada. Apenas o Velho Sherap ficou.

—E agora que acreditas tu? perguntou-me numa voz estranha.

—Meu amigo,—disse eu—não sei. Penso que vi Yama e seus demônios. No momento tenho a certeza que os vi, e eles eram como os descreveste. Do que pensarei, de que acreditarei amanhã, não tenho a menor idéia.

Até hoje as coisas espectrais que vi naquela Floresta Sagrada, as coisas em que não creio—mas que vi, pelo menos com estes olhos que a terra há de comer, enquanto o grupo entregue ao seu embalo rítmico me conteve—torturam-me constantemente. Houve *alguma coisa* naquele crepúsculo da alta floresta tibetana, que não pude nem posso ainda hoje explicar.

¶ Um sujeito entrou no armazem de seu Finkelstein para comprar um frasco de molho de tomate, e viu que as prateleiras da loja estavam literalmente atulhadas de sacos de sal, às centenas. O patrão teve de ir ao porão para buscar o molho, e o freguês desceu com ele. Com grande espanto, encontrou o porão tambem atestado de sal. «Olhe aquí,—disse o freguês—você sempre deve vender muito sal!»—«Ná!—respondeu o lojista—sal é coisa que eu não sei vender! Agora o tipo que mo impinge... Aquilo é que ele sabe vender sal!»

—Bennett Cerf no *The Saturday Review of Literature*

Os meninos podem ensinar-nos a viver

(Condensado de «Your Life»)

Por George Kent

Porque não procuramos reconquistar, em nosso próprio proveito, aquela capacidade da infância para encontrar gosto e colorido de aventura nas pequenas coisas da vida?

Muito se tem dito e escrito sobre a maneira mais conveniente de educar os nossos filhos. Vamos, porem, ser sinceros. Que temos nós a ensinar-lhes, alem da velha e bolorenta cartilha das conveniências sociais—boas maneiras, pontualidade, asseio, e até mesmo futilidades, em maior ou menor grau? Bem ponderados os fatos, as crianças, especialmente as pequeninas, têm mais a mostrar-nos do que nós a elas.

Se, abandonando a noção de que constituimos, os adultos, uma raça superior, observamos tranquilamente as crianças, com o respeito que não recusaríamos a qualquer outro mestre, muita coisa aprenderemos, pela simples razão de que elas sabem de instinto como viver. Nascem armadas contra as inquietações, e preparadas para a felicidade.

Considere-se, antes de tudo, o fato de que são, as crianças, pequenos seres, a viver num mundo de titãs, inteiramente sob a dependência dessa estranha gente grande que lhes dá cama e comida, e da qual recebem ordens, para tudo o que tenham que fazer, ou castigo, por faltas que cometam, adotando-lhe as normas e regras, que em geral consideram absurdas. Sem embargo, não abrem mão da sua própria individualidade. Tanta coisa encontram no mundo, com que se entreter e divertir, que podem aceitar, sem protesto, o que lhes é exigido. A vida se lhes apresenta com uma grande riqueza de impressões, que lhes aguçam a curiosidade, e lhes povoam, e agitam o espírito.

Semelhantes sensações, todos nós as tivemos um dia; mas, em geral, perdemo-las. Há muitas explicações para essa perda. Queixamo-nos da falta de dinheiro, da falta de tempo, da falta de liberdade. As crianças, entretanto, dispõem de menos tempo, não têm dinheiro, e são virtualmente prisioneiras. Mas todos os seus momentos estão cheios da alegria de viver.

Minha filha derramou tinta na mesa. Eu a fiz buscar um pano, e limpá-la. Foi um castigo. Todavia, enquanto ia limpando, fazia ela um comentário e outro sobre o rude pano úmido, a que não teríamos prestado sequer a mínima atenção.

Grande erro dos adultos é o pendor que todos temos para só pensar nos resultados, em vez de gozar o processo pelo qual chegaremos a eles. As crianças, ao contrário, esquecem o resultado por amor do processo—o que aliás, e paradoxalmente, é um recurso de pri-

meira ordem para alcançar o êxito, porque elimina hesitações e dúvidas de efeito paralisante. Cientistas, artistas, educadores, todos enfim que triunfaram na vida, conhecem por experiência própria o segredo de encontrar no trabalho, em si mesmo, um objeto de gozo. Ford, na sua pequena oficina mecânica, pode ter sonhado com a riqueza, mas era primariamente um homem a lidar com pinos, e porcas, e transmissões, que encontrava em tudo aquilo indizivel motivo de prazer.

Veja-se, por exemplo, uma criança com um lapis na mão. Ela risca o papel firmemente, e não hesita no que vai traçando. Nós outros nem percebemos o que possa sair dalí, ou que graça haja naquilo. Para ela, entretanto, é divertido ver como surge e se desdobra, com o traço, a linha colorida.

A vida compele os adultos a pensar num dado fim, e trabalhar por ele; mas, a menos que encontremos alegria no modo por que o façamos, haveremos perdido alguma coisa de valor inestimavel—alguma coisa que nos será dado aprender, observando as crianças.

Perguntareis, todavia: como aplicar o conceito aos afazeres comuns da vida cotidiana? Responderei que está ao vosso alcance fazer do vosso trabalho—seja este o de cozinhar, o de manobrar um torno, ou qualquer outro—uma causa, não de pena, porem de contentamento. (Não será porventura a cozinha um campo de atividades atraentes, a exercer por entre aromas que nos agradam o olfato?) Damos corda aos nossos relógios, sem ligar ao que estamos fazendo a mínima importância, tão corriqueiro e banal é para nós o ato. Veja-se, porem, o interesse com que a criancinha, aí ao lado, acompanha o pequeno ruido da roda em movimento. O giz, a deslizar sobre a pedra, o creme que vem com o bolo, o sabão que lhe foge das mãos quando procura pegá-lo durante o banho—mil coisas que não merecem dos adultos a mais ligeira atenção, por serem de nonada, constituem para as crianças fenômenos curiosos, que as entretêm e deleitam. Saibamos notá-las e saboreá-las como elas o fazem, e passaremos a achar menos insípida a nossa faina diária.

Um pequeno de quatro anos fez-me um dia esta pergunta: «As mangas não ficam, às vezes, cansadas dos braços?» Engraçado, mas tambem significativo. Estejamos atentos a nós mesmos, ao modo como abotoamos o casaco, à maneira como os pés se adaptam ao calçado, ou vice-versa. Quando os ovos, para o almoço, estão a ser fritos, escutemos. Se fecharmos os olhos, havemos de notar que o que nos vem aos ouvidos é um som que lembra o da chuva a bater na vidraça.

Passamos, diariamente, por uma porta, para o lugar de trabalho. A criança notaria os mínimos pormenores, a madeira da porta, a sua forma e cor, o processo de abrir e fechar. Perceberia mesmo que as abas do bolso de determinado cidadão, que por ela entrava ou saía, estavam metade para dentro, metade para fora, e certo o não notaria por espírito de crítica, mas porque as ditas abas lhe lembravam as orelhas de algum animal.

Joseph Conrad tinha um temperamento que o induzia a exclamar, com frequência, falando consigo mesmo, diante dos fatos da vida: «Que coisa extraordinária! Que aventura!» Pois é precisamente assim. Tudo pode ser interessante, se fizermos o esforço necessário para observar cada coisa pelo devido prisma.

Uma das qualidades mais apreciaveis nas crianças é a sua recusa a guardar ressentimento ou rancor. Observe-se, por exemplo, o caso tão comum do castigo imposto a uma criança, e como se portam, na espécie, ela e o adulto, que a tenha castigado. Este fica, muitas vezes, incomodado com o fato, e corre, na manhã seguinte, a ver se compensa com um agrado a punição infligida. A criança se surpreende, e não raro tira partido da situação, para conseguir alguma coisa que lhe vinha sendo negada. Que importa o que se passou ontem? Está-se tratando de *hoje*, com o que há de novo a fazer.

Disse um filósofo que, se um homem e uma mulher quiserem viver juntos e felizes, não devem deixar que as suas diferenças persistam por mais de 24 horas. As crianças, mestras, por intuição, de relações sociais, sabem disso desde o berço.

Maria, menina de nove anos, perguntou à mãe: «Posso trazer Carlota para jantar esta noite?»

A mãe respondeu: «Mas você me disse ontem que não gostava nada de Carlota?»

«Ah, isto foi ontem», resmungou Maria, contrariada com a incapacidade da mãe para compreender o que, entretanto, se lhe afigurava tão simples.

A não ser que sofram a ação de influências estranhas a si mesmas, não têm as crianças, espontaneamente, nenhum preconceito de raça, de classe, ou de posição. Qualquer delas trará para casa companheiros de todos os tipos. São essencialmente democratas; professam a igualdade humana. Apontarão com respeito para algum indivíduo, miseravel que seja, que tenha ganho a sua admiração pela maneira por que conta histórias, ou pelo dom de compreensão que revela. Quantas vezes, porem, os nossos filhos não tomam em qualquer apreço nossos hóspedes de honra! Submeter-se-ão afinal à nossa autoridade superior; não, contudo, ao nosso juizo, ou ao nosso modo de julgar um homem melhor que outro.

As crianças sentem-se raramente entediadas, porque sabem vencer o tédio com a magia de que é capaz a sua imaginação. Percamos esta, e teremos perdido uma riqueza, sobre a qual nos cumpre, a todos, receber a lição das crianças. É graças a tal faculdade, verdadeiramente prodigiosa, que podem elas encontrar em tudo um motivo de encanto—num ramo de árvore, numa pedra colorida, numa pequena elevação num campo.

A imaginação é a mola real da conduta da criança. Se esta faz a ceifa num terreno, será apenas pelo prazer de ver a grama a voar como uma espuma verde, e sentir-lhe, nos pés descalços, o contacto. Levará as folhas mortas para cobrir alguma construção a que se ligam outros tantos planos de entretenimento do espírito.

Aprendamos com as crianças a ver com propriedade as coisas familiares. Quantas vezes nos temos deleitado, a ler descrições infantís de cenas da natureza—o mar agitado, a chuva a cair na relva—cheias de tantas observações poéticas, originais, reveladoras. São elas um produto da visão, bem mais do que das palavras, resultam de um modo de olhar para as coisas que nós, os adultos, perdemos, na apatia com que nos votamos ao culto da rotina, e assim do lugar comum.

Não se deduza, do que tenho dito, que julgo as crianças uns anjos. Seria essa uma conclusão profundamente errônea. Há em cada uma delas um artista

improvisado, uma espécie de espertalhão, lépido e pronto como um gato do mato, a tirar algum proveito, sempre que vislumbra nos adultos um momento de fraqueza. Mas, ainda aí, têm muito que ensinar, dados o seu supremo conhecimento instintivo da natureza humana, e a habilidade com que o aplica.

Se pudéssemos despojar-nos dos hábitos de pensamento que adquirimos, das regras estritas de encarar a vida que recebemos de livros, mestres, e pais, e voltássemos, porventura, a um nivel de criança, veríamos de repente um mundo novo e rico de atrativos. Para aprender nas lições que as crianças nos podem dar, devemos antes de tudo afrouxar a rigidez dos hábitos, renunciando ao papel dos animais de mina, que se movem, meio às cegas, sobre os mesmos caminhos já batidos. Não importa que nos entreguemos, de corpo e alma, a um serviço; podemos dar a cada minuto uma expressão que o diferencie do outro.

Bastará que adquiramos a capacidade, que tem a infância, de usar todos os sentidos, não permitindo jamais que os aborrecimentos de ontem ou as ameaças de amanhã perturbem de qualquer modo a beleza empolgante do dia de hoje.

Maus Quartos-de-Hora

CERTA atriz comprou um chapéu que era uma destas criações estapafúrdias da Moda feminina: um favo de abelhas, com muitas obreiras oscilando laboriosamente na ponta de outros tantos arames invisiveis! A atriz achou o «quico» um bocado maluco, mas a idéia de que mais ninguem naquela cidade ousaria pôr um favo na cabeça, decidiu-a a comprá-lo. Nessa mesma noite foi cear a um café elegante, e ficou horrorizada ao ver entrar outra mulher com um chapéu exatamente igual ao seu!

«Ora esta, duas mulheres com o mesmo chapéu numa salinha tão pequena!» contava mais tarde a atriz. «Decidí levar a coisa em ar de graça. Quando apanhei a moça a olhar para mim, sorrí para ela, apontei com o dedo o meu chapéu, depois o dela, e levantei meu coquetel como se lhe fizesse uma saude. A moça pareceu ficar embaraçada, mas correspondeu erguendo o copo. Quando saí acenei-lhe um adeus, abanei a cabeça para que as minhas abelhas se mexessem todas, e tornei a apontar para os nossos chapéus...

«Imagine agora a minha cara quando, ao passar em frente do espelho do vestíbulo, reparei que eu não estava usando o meu favo de abelhas!...»

—*PM*

O ATOR de cinema Otto Kruger, que na mocidade fora telegrafista, ensinou o alfabeto Morse à esposa. Há-de haver semanas, tinham alguns amigos a jantar, e Kruger a certa altura perguntou à esposa, em alfabeto Morse, batendo com a faca: «Você tem mais carne na copa?» Com grande surpresa sua, o convidado de honra bateu na mesa esta resposta... em ponto-traço: «Não se incomode, comemos muito bem!»

—*Silver Screen*

O homem sob o influxo dos ions

(Condensado do «This Week»)

Por Harlan T. Stetson

O LEITOR já procurou alguma vez averiguar porque em certos dias se sente cheio de energia, alegre e feliz de viver, enquanto noutros só tem desânimo e sente preguiça, e, por mais que faça, o trabalho não rende? O mais certo é ter dado a culpa ao tempo, e talvez seja o ar efetivamente o responsavel.

De há muito sabem os cientistas que cada golfada de ar que respiramos contem partículas chamadas ions, positiva ou negativamente carregadas de eletricidade, e que se encontram seja na poeira, seja em pequenas gotas de água ou no polen. Só agora porem começamos a avaliar a importância desses ions elétricos na biologia. Somente há pouco tempo foi possivel verificar no laboratório os estados elétricos do ar. Os ions podem ser produzidos artificialmente, por centelhas elétricas no ar, pelos raios X e pelas emanações do rádio. Até mesmo a chama de uma lareira ioniza o ar. E, com aparelhagem adequada, pode-se extrair a carga, negativa ou positiva, e assim controlar a espécie de ions que permanecem dentro de um quarto fechado. Isso foi demonstrado satisfatoriamente em experiências realizadas nos laboratórios da General Electric.

O professor Dessauer, da Universidade de Francfort, na Alemanha, verificou que, expostos os pacientes a ions positivos, resultava para eles, uma sensação de fadiga, com vertigens e dores de cabeça; mas assim que estes ions eram substituidos por outros com cargas elétricas negativas, a fadiga e a cefaléia desapareciam, dando lugar a um grande bem estar.

Tomando-se a pressão arterial, verificou-se o fato espantoso de que os ions positivos tendem a causar hipertensão e mal-estar geral, ao passo que os ions negativos baixam a pressão e dão sensação agradavel de repouso. A inhalação frequente de ions negativos, durante algumas semanas, produziu sensiveis melhoras em cerca de 80 por cento dos que sofriam de hipertensão.

O leitor já deve ter ouvido reumáticos que anunciam a aproximação de uma mudança de tempo. Haverá base científica para tais predições? O professor Dessauer verificou que pessoas reumáticas acusam aumento de dores, inchação das articulações e ligeira febre, quando respiram o ar artificialmente ionizado. Com a aproximação da tempestade, uma área de baixa pressão barométrica a precede, e a queda do barômetro é acompanhada por uma retirada do ar depositado no solo. Já se teve ocasião de verificar que o ar que sai da terra se acha carregado de ions positivos. Talvez seja isso que produza as mudanças fisiológicas nos reumáticos, ao avizinhar-se uma tempestade.

Será uma mudança nos ions atmosféricos a causa do assobio dos melros, e do comportamento de vários animais justamente quando o tempo está para mudar? Ninguem sabe. Mas aí estará talvez um novo e fascinante campo de investigação. Qualquer coisa que altere a ionização do ar que respiramos, pode

evidentemente produzir alterações fisiológicas. Chegaremos dentro em breve, mui provavelmente, à conclusão de que é quase tão necessária a medição dos ions que há no ar quanto a da temperatura ou da pressão barométrica.

O ar contem ions grandes e pequenos, e no Instituto Carnegie, em Washington, verificou-se que o número dos ions grandes aumenta depois do pôr do sol, ao passo que os pequenos ions são mais numerosos às primeiras horas da manhã. Talvez seja essa uma diferença qualitativa mais importante do que a umidade, entre o ar do dia e o da noite. Pode ser tambem a razão de algumas distinções na reação fisiológica do ar do dia e do da noite sobre os que sofram de perturbações nas vias respiratórias.

Observou-se recentemente que as pessoas atacadas de febre do feno, que apresentam sensivel melhora quando habitando casas com ar acondicionado, têm contraido uma recaida ao sobrevir uma trovoada. Sabendo, como se sabe agora, que as tempestades são acompanhadas de intensa ionização da atmosfera, podemos concluir que, devido ao acúmulo de ions, estes penetram mesmo nas casas com ar acondicionado, e é isso que irrita as mucosas do nariz e da garganta das vítimas daquela afecção.

Nas casas com ar acondicionado do futuro, estará tudo sob controle; o ar será não só filtrado e seco ou umedecido, mas tambem poderá ser suprido com a quantidade necessária de ions positivos e negativos, segundo prescrição médica, e de acordo com o organismo de cada indivíduo.

As últimas

¶ Ann Sheridan foi eleita pelos soldados canadenses como sendo «a pequena de quem eles mais gostariam de receber uma transfusão de sangue».

Coronet

¶ Os estrategistas de café têm agora à sua disposição um globo mundial portatil: um balão de borracha, onde aparecem as zonas de guerra em detalhe. Com três ou quatro sopros fortes, o balão se infla. Terminada a discussão, esvazia-se o balão, metendo-se novamente o mundo dentro do bolso...

William F. McDermott, *Coronet*

¶ Um homem, que tinha um violoncelo com uma corda única, costumava passar horas curvado sobre o instrumento, tocando, com o dedo sempre no mesmo lugar. Durante meses, sua esposa suportou a amolação. Finalmente, não aguentando mais, disse: «Sempre notei que os outros, quando tocam esse instrumento, usam quatro cordas e movem os dedos continuamente sobre elas.»

O homem parou de tocar por um momento, olhou para a mulher com um ar de grande inteligência e disse-lhe: «Mas, sem dúvida! Eu bem sei que os outros tocam com quatro cordas e movem os dedos constantemente. Eles procuram o lugar exato. Eu já o encontrei!»

William Saroyan, *Fables* (Harcourt Brace)

É preciso salvar a Alemanha

(Condensado do «American Mercury»)

Por Dorothy Thompson

Esta análise clara, e a um tempo vigorosa e combativa, dos planos do governo americano quanto à Alemanha de após-guerra, contribuirá para esclarecer a opinião pública sobre tão relevante problema.

I

As guerras, em geral, se desenvolvem numa atmosfera de paixão. Poucos líderes têm havido, grandes na guerra, e grandes na paz que se lhe seguisse. A paz não é a vitória; é, antes, a reconstrução a que a vitória abre ensejo. Para essa reconstrução, não é de paixão que se precisa, senão de inteligência. Haverá que ter olhos para ver, não 1943, mas 1963, pelo menos.

Os planos que, ao que se informa em boas fontes, se vão cristalizando atualmente nas chancelarias aliadas, quanto ao modo de tratar a Alemanha vencida, não se baseiam numa atenta leitura da história ou da psicologia das gentes. A mim se me afigura que tais planos não acenam com a esperança da paz duravel a que aspira o mundo.

Foi recentemente exposto por Kingsbury Smith um plano americano para a Alemanha de após guerra.* Se bem que não haja no caso uma política oficial imutavel, inclino-me a acreditar que o que diz o sr. Smith representa efetivamente os pontos de vista em voga nos nossos círculos oficiais.

Segundo o que se projeta, as forças aliadas estabelecerão, antes de tudo, um governo militar, «para preservar a lei e a ordem». Depois, «um supremo governo aliado, civil e militar, passará a exercer a autoridade». Os *Gauleiters* americanos vão sendo já treinados, num curso de quatro meses, «em matéria de leis, costumes, economia e psicologia do povo alemão».

A nação alemã será desarmada, e os criminosos de guerra submetidos a um processo rápido, para a necessária punição. Todos os funcionários nazistas serão afastados dos seus cargos. A liberdade de imprensa e de palavra será aos poucos restabelecida, mas, durante certo período, «todos os meios de expressão serão estritamente controlados». Uma Comissão Internacional de Educação elaborará um programa de História Universal para uso nas escolas alemãs, «afim de evitar que as crianças aprendam uma versão adulterada dos acontecimentos do mundo».

As indústrias, que forem deixadas intactas, funcionarão sob rigoroso controle das Nações Unidas. A Alemanha terá que ser drasticamente descentralizada, esfacelado o país em regiões ou estados separados, «de modo a dar-se solução ao caso do militarismo germânico».

*Vd. Seleções, outubro de 1943.

Dorothy Thompson, cronista política, comentadora de rádio, conferencista, antiga correspondente, no estrangeiro, de jornais americanos constituiu-se, desde o primeiro momento, decidida inimiga do nazismo. Deu alarme do perigo que o hitlerismo implicava, para a América e para o mundo, quando as opiniões, em geral, se mantinham ainda indiferentes ao desenvolvimento da ameaça.

II

O que os planos têm em mira é destruir o programa nazista, com exércitos aliados a exercer, na Alemanha, a posição que hoje cabe, nos paises ocupados, às forças hitleristas. Cumprir-nos-á anular a nação alemã, desintegrando-a; desmobilizar as indústrias alemãs, ou tomar-lhes o controle; desarmar totalmente o país; introduzir nas escolas a ideologia americana; destituir os atuais funcionários, pondo em seu lugar gente de confiança; e, finalmente, quando os alemães, no conjunto, houverem dado suficientes provas da sua docilidade ao novo estado de coisas, restituir-lhes a liberdade.

Não se trata, pois, em última análise, de um plano de paz, mas de um plano para manter a guerra contra a Alemanha, depois que ela se tiver incondicionalmente rendido. Se o dr. Goebbels anda por acaso à procura de novo material de propaganda, para induzir os seus compatriotas a não poupar sacrifícios, sejam quais forem, no seu esforço de guerra, não poderia encontrar melhor que o que aí lhe fornecemos.

Tentássemos pôr em prática semelhantes idéias, e o malogro seria inevitavel, pelas mesmas razões por que fracassa, e não pode deixar de fracassar, o sonho nazista de ocupação da Europa. Mobilizar-se-iam contra nós os elementos vitais, sem exceção, da Alemanha, e um novo nacionalismo germânico, de extrema virulência, não tardaria a irromper.

A bolchevização da Alemanha poderia surgir facilmente do caos estabelecido, porque a ausência de autoridade central oferece oportunidades a grupos de minoria, pequenos, porem sólidos. Mais dia, menos dia, estariam as nossas tropas diante deste dilema: ou a retirada, com ignomínia, ou nova guerra.

Não era só, porem. Ao metermos mãos à obra, tenderíamos a aparecer como inimigos, não somente da Alemanha, mas de toda a Europa. Porque a estrutura econômica do continente europeu tremeria nos alicerces; e todo ele se sentiria indefeso, cortado no coração, balcanizado desastrosamente. Nem seria de estranhar que uma revolução continental, tipicamente européia, viesse a ser o desfecho.

III

O que, por outro lado, se revela, nas fórmulas preconizadas, e a que nos estamos referindo, é certa incompreensão ou falsa compreensão da psicologia das gentes. Por que motivo a Alemanha acabou por mergulhar, depois da última guerra, em novo militarismo? Terá sido porque a deixaram com um vigoroso exército, ou antes porque se viu unilateralmente desarmada, num continente de nações armadas?

O exército alemão foi reduzido a uma força de polícia de 100 mil homens. O partido político dominante, o Social-Democrático, era de tal modo pacifista, que desanimou, entre os seus membros, a ida para as fileiras. Assim, o novo exército da República teve que recrutar seus elementos nos meios nacionalistas e antidemocráticos. Não queria aliás outra coisa o Estado Maior, que com o tempo veio a tirar de tal núcleo a mais moderna força de agressão, de que há notícia no século.

Quer o militarismo, quer o nacionalismo extremado, encontraram o ambiente próprio ao seu desenvolvimento no repetido insucesso das forças democráticas alemãs no esforço por obter para a Alemanha uma posição de igualdade nos conselhos da Europa. Excluiram-na, até 1925, da Liga das Nações. Foi desarmada, sem que a Europa o fosse. Se o brado de Hitler, conclamando, num período de economia caótica, pelo rearmamento do país, mereceu o favor público, isso se deve muito às circunstâncias que acabamos de referir.

Quando a atual guerra terminar, todo o resto da Europa terá sido desarmado pela Alemanha. O desarmamento da Alemanha completará o desarmamento da Europa. Sobre que, então, o continente europeu baseará a sua segurança? Sobre a simples fé em que a Rússia, os Estados Unidos e a Inglaterra não têm no coração outra coisa senão os interesses europeus? Sobre a certeza de que nenhum deles será jamais um agressor?

Nada existe, no curso da história, que justifique a possibilidade de inspirarmos tal confiança, seja ao povo alemão, seja, eventualmente, aos demais povos da Europa. O resultado psicológico de deixar a Alemanha, ou qualquer parte da Europa, sem outra defesa a não ser a das tropas aliadas, seria, estou certa, a irrupção virulenta de nova onda de nacionalismo, ainda que clandestino.

Não nos esqueçamos de que um exército é nada mais que um instrumento, para uma ou outra política. O problema é converter o exército alemão, de instrumento a serviço da política de submissão da Europa ao domínio germânico, em instrumento que sirva, precisamente ao contrário, para proteger uma Europa livre, com justiça e liberdade para todos.

O sr. Churchill sugeriu a criação de um Conselho da Europa, como parte regional de uma organização mundial, a constituir-se gradualmente. Este conselho, no devido tempo, se associaria à Grã Bretanha, à Rússia, à China e às Américas. Ora, um orgão desse gênero não preencherá suas funções, sem que nele figure a Alemanha. A Alemanha, tal como era em 1933, quando Hitler subiu ao poder, constituia cerca da quinta parte da população da Europa, excluida a Rússia, e representava quase 50 por cento do que na Europa, em tecnologia, comércio, indústria, educação, cultura popular, tinha de fato chegado a alto grau de desenvolvimento.

Nenhuma nova geração, não importa em que país, se dispõe a responder pelo crime de seus maiores. A criança alemã de hoje não se resignará a compreender que uma condição política inferior lhe seja, com justiça, imposta, porque seu pai matou refens pela Europa. Uma Alemanha que não faça parte do Conselho da Europa, é intuitivo que se tornará uma constante ameaça potencial. Sua compenetração de inferioridade tenderia a conduzir, numa só geração, a novo Hitler. O Conselho, por seu turno, viria a ser inevitavelmente uma como aliança permanente, para conjurar esta ameaça, não faltando, quiçá, entre os seus membros, descontentes ou ambiciosos, que em dados momentos levassem lenha ao fogo.

O objetivo dos nossos homens de estado deverá ser o de contribuir para a criação de uma nova Alemanha, que tome no Conselho o seu lugar, e desempenhe a parte que lhe cabe na obra geral de defesa e de reconstrução da nova Europa. O atual exército alemão não pode, é claro, deixar de ser dissolvido. Uma nova força, porem, cumpriria organizar, como instrumento a figurar entre aqueles a que se confiasse a proteção da Europa reconstruida. O perigo de que tal força viesse a formar o núcleo de uma nova agressão nacionalista, facil fora removê-lo. O Conselho da Europa

estabeleceria seu próprio exército, para sua própria defesa, e o Alto Comando Europeu não permitiria a qualquer nação dispor de força preponderante.

A obediência à autoridade é entre os alemães um traço histórico, e se torna ainda mais acentuada nas suas forças armadas. Soldados alemães, vindos do povo, poderiam ser usados para defender a nova Europa; e a sua mesma existência seria uma prova eloquente de que o hitlerismo fora derrotado, e derrotado, inclusive, pela criação da vida nova. A Alemanha renunciaria ao seu militarismo nacionalista, em favor de um novo papel, que se honraria em exercer.

Isso, contudo, nunca seria possivel, se não se criasse na Alemanha um legítimo governo do povo, excluidos e punidos o nazismo e as forças reacionárias. Um governo desse tipo só poderá ser criado pelo próprio povo alemão, e só se criará a si mesmo se tiver diante de si uma perspectiva de igualdade, efetiva, que não fictícia.

IV

O conceito de que uma força de ocupação aliada poderá controlar a administração interna da Alemanha, dirigir a descentralização de suas indústrias e o reajustamento de sua vida econômica, processar os seus criminosos de guerra, neutralizar tentativas de revolução, restaurar—durante a própria vigência de sua autoridade—a liberdade de palavra, desmembrar o estado germânico, e reeducar o seu povo, tudo através de *gauleiters* treinados em poucos meses, é francamente absurdo.

Esta força de ocupação compor-se-á, ao que é de presumir, de tropas russas, inglesas e americanas, sob alguma forma de comando conjunto. Não haverá, desde logo, divergências no seio deste, quanto aos administradores alemães a serem conservados em função, ou às personalidades a escolher para substituí-los nos postos?

O único setor em que, na realidade, tal força poderia estar de acordo, seria em suma o da manutenção «da lei e da ordem»: ver que os trens corressem a tempo, que as populações estivessem alimentadas, que saques, pilhagens, ou desordens locais fossem evitados, e que a economia não se desintegrasse em legiões de famintos e sem trabalho.

Esta última questão será aliás um ponto particularmente melindroso da situação econômica européia. Porque a economia germânica é hoje a força integrante da economia, em geral, do continente europeu. A descentralização da indústria já se tem praticado em grande escala. A Alemanha transferiu muitas das suas indústrias para paises ocupados, e para zonas agrícolas orientais do Reich. Apossou-se da maioria das ações ou títulos de propriedade, por assim dizer, de quase toda a indústria pesada da Europa. Evidentemente, o domínio deste vasto parque industrial europeu será transmitido aos estados onde estão situadas tais indústrias, e aos quais cumprirá deliberar sobre o assunto, com a equidade que porventura couber, nas circunstâncias que se apresentarem.

Temos dado como assente, segundo a exposição do sr. Smith, que não haverá revolução na Alemanha. As massas alemãs, como os soldados desmobilizados, não se poderão sublevar contra Hitler e o seu bando. Nós mesmos nos incumbiremos de dar proteção a estes, suprimindo a um só tempo o nazismo e quantos, contra o nazismo, se dispuserem a levantar-se em fúria.

Seria um meio facil de criar, para as futuras gerações germânicas, a lenda de uma Joana d'Arc alemã, de patriota-martir, vítima do estrangeiro; ou entraríamos no folclore do país como aqueles que «liquidaram» uma revolução popular, unicamente para tomar a si o papel de Hitler.

O destino dos criminosos nazistas nos paises ocupados é assunto que, logicamente, cumprirá ser examinado, para o respectivo julgamento, por estes mesmos paises, isto é, pelos seus governos e tribunais. Porque foram eles as vítimas. Quanto à sorte dos nazistas na Alemanha, deliberem sobre ela os próprios alemães, com ou sem revolução. De bom aviso é que haja, da parte dos aliados, nos negócios internos da Alemanha, a mínima interferência que for possivel, até mesmo para evitar que lhes atribuam a culpa de todo malogro que ocorra, e os alemães lavem as mãos de quaisquer responsabilidades. Plena participação numa nova ordem européia e mundial, fundada na liberdade, deve ser oferecida a todo estado alemão que se estabelecer sobre as bases de um sistema representativo e uma legislação imparcial, e que, tendo banido inteiramente, por si mesmo, o nazismo, esteja realmente preparado para entrar numa tal ordem, com as garantias devidas.

A idéia da desindustrialização da Alemanha põe-nos sob os olhos o problema do que se há-de fazer com os trabalhadores industriais do Reich. Serão eles a espinha dorsal do anti-hitlerismo germânico. Não poderão todavia, por outro lado, apoiar nenhuma ordem democrática, se esta importar para eles na declaração da fome. Três quartas partes das populações alemãs são ligadas diretamente à vida industrial. Lançaremos no desemprego 20 milhões de pessoas? Terão estas que emigrar? Para onde? Para as Américas?

A indústria alemã deve ser posta imediatamente a serviço da reconstrução da Europa e da Rússia, para o fim de refazer-se o que foi destruido. Deve ser adaptada de modo a tornar-se util à própria Alemanha e à Europa. Se assim não acontecer, então o regime de Hitler passará a sobreviver, na memória dos alemães, como uma idade de ouro; verão eles na ocupação um período de vandalismo; e a Europa, toda ela, sofrerá.

Propõe-se que destruamos o estado alemão, desmembrando-o em numerosas autoridades políticas, para que volte o relógio aos dias anteriores a Bismarck, quando a Alemanha era um *Bund* de principados independentes. Mas o estabelecimento da Alemanha como estado nacional brotou do sentimento público que alí, desde 1800, se vinha desenvolvendo nesse sentido. Aliás o pendor na história, senão na vida moderna, se manifesta no rumo das grandes unidades. No antigo *Bund*, os interesses dinásticos mantinham os alemães separados. Será que pretendemos restaurar as velhas casas reais, que seriam as únicas a bendizer semelhante regresso ao passado? Quem tomará a seu cargo o desmembramento da Alemanha? Claro é que os novos estados teriam que ter governos, como lhes seriam indispensaveis certas bases de apoio popular. Existirão tais bases?

Não seria dificil, é certo, encontrar quem tomasse o poder, nos estados recem-criados, com o apoio das baionetas americanas. Teríamos então que conservar-nos de baionetas caladas. Os governantes de que se trata, reacionários, ou possivelmente comunistas, seriam, de qualquer modo, olhados pelas massas como traidores ou Quislings. De vez em quando, nalgum lugar escuro, eis um deles atingido por tiros ou punhais misteriosos. E, a nós, cumpriria encon-

trar meios e modos de manter a todo transe os nossos títeres, depositários de uma autoridade impopular.

O primeiro uso que se haveria de fazer na Alemanha da liberdade de palavra, quando esta lhe fosse restituida, seria para clamar pela reunificação germânica. A oposição ao desmembramento surgiria, sobretudo, dos círculos progressistas, liberais. Procurariam eles conquistar o poder nos vários estados, para o fim de reagregá-los. Poderíamos, naturalmente, chegar a uma União de Repúblicas Socialistas Soviéticas Alemãs, sob uma autoridade central do partido. Os nossos semeadores de ódio parecem diabolicamente apostados em provocar isso, precisamente...

V

No que concerne à reeducação do povo alemão, que é que constitue exatamente a educação de um povo?

Uma nação é educada pela sua história e experiência. Se a derrota implicar de fato a ruina da Alemanha, o povo alemão não amaldiçoará propriamente a guerra nazista, mas a nossa vitória.

A única situação que poderá comportar uma reorientação do povo alemão é aquela em que lhe for dada certa segurança social e política. A única coisa que há-de fazer «bons» os alemães, é a sua integração numa nova e «boa» sociedade européia. Se a Alemanha for desmembrada, desindustrializada, submetida a regras «estrangeiras» e a educação «estrangeira», os alemães não ficarão melhores, mas peores. Se entretanto as boas tendências, de inspiração democrática, oriundas deles próprios, encontrarem apoio e estímulo; se eles se sentirem acolhidos numa comunidade empenhada em reconstruir para o bem da Europa e da humanidade; se as suas energias, em tal caso, se volverem para os domínios do desenvolvimento cultural; se um programa, assim concebido, lhes acenar com as possibilidades de felicidade e garantia a que todos temos direito, não haja dúvida que eles virão conosco para essa direção.

Em todas as nações, há gente boa e má. Podemos ter como certo que um plano da natureza do que o sr. Smith nos expõe, apenas atrairá mais um bando de maus alemães—aqueles, realmente detestaveis, que se prestassem a colaborar na destruição de sua pátria, por amor de ambições pessoais.

Não é possivel punir uma nação como se ela fosse uma pessoa. Uma nação é uma *continuidade no tempo e no espaço*; o castigo, hoje imposto a uma nação, se estende aos que nela ainda estão por nascer; a nação vítima contamina as outras; a nação tratada iniquamente é um foco de iniquidades.

Precisamos que alguns filósofos da história sejam convidados a tomar parte nas nossas discussões sobre a paz; homens que tenham aprendido, na meditação e no estudo, a ter compaixão do martirológio sem fim da criatura humana, e possam pois evitar alguns dos atos de inconciência e loucura que tanto têm concorrido, através das idades, para aquele martirológio.

Vitória não é paz. Paz é a construção de uma ordem social que satisfaça às necessidades humanas, proporcione às energias uteis uma expansão construtiva, use os meios de que o homem dispõe, a serviço do seu bem estar, protejao, por meio de instituições políticas, contra aqueles que queiram imolá-lo às suas ambições, e lhe assegure ambiente saudavel de vida e de liberdade.

Paz é harmonia orgânica. Os que a fazem chamam-se Filhos de Deus.

Esta animosa velhinha teve a coragem de começar vida nova aos 70 anos

Vovó triunfa em Hollywood

(Condensado da «Independent Woman»)

Por Frank J. Taylor

UM NOVO «ASTRO», embora de secundária grandeza, surgiu há pouco no já recamado céu de Hollywood: tenho a honra de apresentar dona Adelina de Walt Reynolds, velhinha de olhos vivos e azues, cabelo fofo de prata, que aos 80 anos viu baixar diante dela as pontes levadiças do castelo roqueiro do cinema. Vovozinha, que hoje vai nos 83, é o «ai-Jesús» da metrópole do celulóide animado. Nunca adoece, e chega sempre a horas no estúdio; decora os seus papéis mais depressa do que muita atriz jovem, é tão vivaz e jovial como um melro, e ganha um ordenadão. O cheque dos honorários chega-lhe, como é de lei, com um corte: é o desconto que lhe fazem para a pensão de reforma na velhice. E ela de comentar: «Reforma? Nem me falem! Idéia boba. A gente devia sempre reservar os melhores anos da vida para fazer o que sempre sonhou!»

Vovó Reynolds fez precisamente isso. «Para mim—diz-me ela—a vida recomeçou aos 70 anos.» Com efeito, nessa idade respeitavel ela se diplomava com altas honras pela Universidade da Califórnia.

Nascida e criada numa fazenda do Iowa, segou o feno dos campos, mungiu vacas, guiou cavalos de lavoura, fez em suma trabalhos de homem. Conseguiu finalmente convencer o pai a deixá-la frequentar uma escola preparatória, na próxima vila de Blairstown. Por sorte, conheceu alí um Frank Reynolds, por quem se apaixonou; e em breve os dois pombinhos batiam as asas...

Poucos anos passados, quando o jovem casal, já então com dois filhos, se mudou para Boston, a sra. Reynolds estudou arte dramática no Conservatório de Música e Eloquência da Nova Inglaterra. Alí produziu um dia uma leitura tão impressionante da *Twelfth Night*, que os seus mestres a remeteram a Bram Stoker, agente do famoso ator inglês Sir Henry Irving. Stoker lhe ofereceu um papel dramático, mas insistiu em que, se ela queria ser bem sucedida no palco, devia dar entrada numa companhia regular. E aconselhou mais a jovem atriz a confiar seus filhos a alguem que olhasse por eles.

Com essa enorme perspectiva ao alcance da mão, a sra. Reynolds resolveu criar primeiro os filhos—tarefa que, como se iria ver, havia de levar-lhe o melhor da vida. Em 1900, residindo então na Califórnia, a senhora Reynolds enviuvou, ficando a braços com a criação de quatro filhos, e sem recursos.

Para sustentar a família, aprendeu então estenografia e procurou emprego. Mas a resposta foi desconcertante: consideravam-na demasiado velha, aos 40 anos, para lhe dar trabalho!

Furiosa de se ver assim julgada, associou-se com uma amiga e abriu um escritório de estenografia pública em São Francisco. A freguesia acorreu, cresceu, e em 1906 a viuva Reynolds papava a derradeira prestação de uma casinha nova que comprara. Era o teto, o abrigo seguro. No dia seguinte, o tristemente célebre sismo e incêndio de São Francisco destruiu-lhe o escritório e a casa... Passou as duas semanas seguintes, acompanhada dos filhos, numa tenda do exército, nas faldas dos Twin Peaks. Tempos depois transferia os penates para Berkeley, onde abriu uma escola para secretárias, e dentro de poucos anos, à custa de trabalho, estava apta a comprar nova casa.

A vida correu, e a viuva Reynolds tinha 66 anos quando sua filha mais nova recebeu o diploma universitário. A boa senhora anunciou que era agora a sua vez de entrar para o *College!* E assim fez. Pagou todas as despesas dos seus próprios estudos fazendo cópias à máquina para os colegas, e em 1930 obteve o grau: era nessa altura meia dúzia de vezes avó... Mas não tardou a se inscrever num curso de arte dramática para post-graduados, e à custa de muito falar abriu caminho até as provas de admissão às classes do Professor Charles von Newmayer.

A prova consistia numa leitura de Shakespeare: leu *Twelfth Night*, como lera em Boston 40 anos antes—e foi um dos vinte candidatos aprovados para o curso de Newmayer. Para pagar as respectivas despesas, trabalhou durante dois anos como monitora de estudantes de francês. Aos 72 obtinha o seu *Master's Degree*. Para adquirir experiência representou com as companhias populares de teatro ambulante, os *Community Players* de São Francisco e de Berkeley, e por volta de 1940 sentiu-se com forças para tomar de assalto Hollywood. Por alí andou de escritório em escritório, esperando que a incluissem no elenco de alguma fita: «Ninguem tomava a sério a velhota!» diz ela entre risos.

Acabou por se dirigir à *Hollywood Assistance League Theater*, que já revelara muitos dos artistas de cinema mais apreciados. O «diretor» precisava de uma velha para tomar o papel de Hephzibah no drama *Landslide* e a vovó Reynolds fez tal barulho, que um «caçador de talentos» da M.G.M. foi dar parte da descoberta aos estúdios da sua companhia. E não tardou que ela fosse incluida no cartaz de *Come Live With Me* (Pede-se um Marido), no papel de avó, ao lado do James Stewart.

«Vovó, você nasceu pra isto!» exclamou o diretor, quando ela concluiu as primeiras cenas. Em breve estava encarnando nova personagem noutro filme *Shadow of the Thin Man* (A Sombra dos Acusados), com William Powell e Myrna Loy. Desde então a viuva Reynolds ainda não esteve desocupada mais de três semanas a fio. Terminada a filmagem de *Tuttles of Tahiti* (Os Tuttles de Taití) em que desempenhou o papel de mãe de Charles Laughton, este deu-lhe um abraço e segredou-lhe ao ouvido: «Vovó, tu és uma grande atriz!»

A sra. Reynolds confessa modestamente que tudo o que faz é ser sincera, ser ela própria. Sendo a menos «temperamental» das estrelas de Hollywood, só a uma coisa se opõe: as fitas pouco saudaveis. Repudiou um papel que lhe ofereciam em *Tobacco Road*, sob o pretexto de que seus netos não poderiam ver tal filme e dizer com orgulho: «Aquela é vovó!»

Vive num apartamento que mais parece um escritório, atravancado de arquivos, livros e papéis. Sentada em frente de uma máquina de escrever—no que é ainda um primor!—bate todos os dias pelo menos cinco cartas para os soldados com os quais sustenta uma animada correspondência.

Para se manter em boa forma física, Vovó exercita-se regularmente no Clube Atlético de Hollywood, para homens, que por concessão especial a considerou sócia, de modo a permitir-lhe ser assistida por seus mestres de esgrima.

Estava ela num cenário do estúdio, certa manhã, quando viu quatro homens deitados por terra, a empurrar penosamente as rodas de um automovel a cujo volante ia sentado um velho ator que não sabia conduzir. Voltando-se para o diretor, Vovó disse: «Agora é que se vai ver como a velhota aprende a guiar automovel!» No dia seguinte começava as lições...

Vovó Reynolds recebe montanhas de correspondência dos seus admiradores, e o que mais a surpreende é que a maioria das cartas são de gente moça, que quer saber o segredo do vigor juvenil da que depois de ser velha foi atriz. A resposta dela é esta: «O que você precisa é de ter entusiasmo pelo que está fazendo no presente; desse modo se estará preparando para fazer algo de melhor no futuro. E isso não é filosofia que eu tenha surripiado de algum livro: cheguei a ela por minha própria experiência, e sei que esse é o segredo da perene juventude. Desde que fiz 50 anos que venho rejuvenescendo...»

Ao gosto do freguês

¶ Uma senhora que conduzia um auto parou a certa esquina diante de uma luz vermelha. Quando a luz verde abriu, ela continuou parada. Acendeu segunda vez o vermelho e depois o verde, e como a dama se não mexesse do lugar, o agente do trânsito chegou-se para o carro e disse com toda a delicadeza: «E então, minha senhora, não lhe agradam as cores que nós usamos?»

—Sid Ascher, na *Caravan*

*

¶ As pessoas que hoje vivem nas grandes casas de apartamentos da América estão tão habituadas à falta de pessoal de serviço, que já nem reparam nela. Um amigo cá de casa, precisando de subir ao 15.º andar, tomou um elevador pilotado por um velhote de grandes bigodes, que devia ter muito pouca experiência daquele serviço. A certa altura, depois de várias tentativas infrutíferas para deter o ascensor no desejado andar, o velhote largou mão dos comandos, e disse ao passageiro boquiaberto: «Vá, cavalheiro; agora o senhor experimenta!»

—*New Yorker*

A magia amarela da penicilina

Por J. D. Ratcliff

Aquí se dá notícia de um novo medicamento que surge, e é possivel constitua uma das descobertas mais notaveis da ciência médica. Infelizmente, a «penicilina» *não é por enquanto acessivel ao público em geral.* A produção é ainda tão pequena, que as próprias forças armadas não podem dispor da droga em quantidade suficiente. Vale dizer que aos civís, ainda por longo tempo, não será permitido adquirí-la. *Pedimos aos que nos lerem que não corram a fazer, sobre o assunto, perguntas aos seus médicos, ou ao Conselho Nacional de Pesquisas e outras fontes referidas no artigo.*

Um dos episódios mais impressionantes de toda a história médica é o do aparecimento desta nova droga—a «penicilina». Há um ano, era ela apenas uma curiosidade de laboratório, do conhecimento exclusivo de alguns pesquisadores. Hoje, os cientistas acreditam que têm, na penicilina, a mais poderosa das armas de que ainda se dispõe no combate a diversas moléstias, entre as quais a pneumonia, a blenorragia e o envenenamento do sangue. É tão eficaz quanto as «sulfas» no ataque às infecções estreptocócicas; e não conhece rival na reação contra o estafilococo, o infeccionador das feridas, tão daninho à vida humana na paz como na guerra.

A história da penicilina começa em 1929, quando o dr. Alexander Fleming, trabalhando no seu laboratório da Universidade de Londres, examinava uma lâmina de cultura, com milhões de bactérias. Sua visão aguda surpreendeu alguma coisa de estranho—uma espécie de pinta verde, cercada de um fluido claro. *Havia um corpo qualquer que estava destruindo as bactérias!* Um bolor, vindo do ar sobre a lâmina, lhes estava causando a morte súbita, numa escala sem precedentes. Foi assim, a um golpe de sorte, mas, ao mesmo tempo, de observação atilada, que surgiu a penicilina.

Um bolor é uma forma inferior da vida vegetal, uma planta primitiva. O que vinha produzindo a matança, na lâmina de cultura, era o *Penicillium notatum*, parente do bolor verde do queijo Roquefort. Alguma substância, por ele segregada, seria, naturalmente o destruidor do micróbio.

O dr. Fleming isolou o bolor; mas as investigações respectivas não fizeram qualquer progresso durante dez anos. Porque essa longa pausa? Não deixará de haver uma razão. A quimioterapia, isto é, a cura das doenças pelo uso de agentes químicos, não despertava, na época, maior interesse. Muita gente havia lutado à procura de tais projeteis mágicos com que matar os micróbios, sem que se chegasse a resultados. Os produtos químicos, porventura postos à prova, matavam, por via de regra, antes os doentes que os micróbios. Até que surgiram as sulfas, para reanimar as hostes.

As sulfas fizeram prodígios contra algumas enfermidades causadas por bactérias, mas fracassaram no combate a outras. Urgia encontrar alguma coisa própria para enfrentar as terriveis infecções de feridas que se verificaram na guerra. O dr. Howard Florey, de Oxford, lembrou-se então de Fleming. Aquele bolor verde era um veneno para as bactérias nas lâminas de cultura. Não

o seria tambem no corpo humano?

Nem Florey nem seus colegas tinham a mais leve idéia sobre o assunto. Mas deliberaram investigar—e hoje temos todos a agradecer-lhes que hajam assim procedido. Entregaram-se à tarefa, certamente fastidiosa, de fazer desenvolver-se o bolor verde em frascos de louça de barro. Quando o bolor se apresentou sob a forma de um duro tecido esponjoso, chegou a vez dos químicos. Oculto em alguma parte, no bolor, havia um matador de bactérias.

Por um lento processo de eliminação, foram os químicos pondo de parte, um por um, os vários corpos que, entrando na formação do composto que estudavam, não tinham evidentemente ação bactericida. Por fim, eis que recolhem, da análise, uma porção insignificante de um pó amarelo-pardo, que, aquele sim, podia ser o herói de que se andava à busca.

As primeiras experiências sobre o pó amarelo foram feitas em provetes. Apurou-se que bastava uma parte em 160 milhões, para fazer sentir os seus efeitos no sentido de retardar o desenvolvimento das bactérias! Era deveras extraordinário, pois se tratava de uma substância centenas, milhares de vezes mais poderosa do que as sulfas.

À luz dos testes de laboratório, ia tudo às mil maravilhas. Havia, entretanto, ainda, um grande problema em causa. O pó, de qualquer maneira, envenenava os micróbios. Não seria então possivel que tivesse tambem no homem efeitos tóxicos? Tal havia acontecido em casos anteriores, ou em experiências análogas. Não restava senão um meio certo de agir com segurança.

Florey e os seus auxiliares prepararam um filtro mágico para as suas vítimas, que eram os estreptococos piogênicos, um infeccionador comum das feridas. Aplicaram em 50 ratos doses maciças, mortais, de estreptococo, separando-os em seguida em dois grupos, cada um de 25. Um dos grupos recebeu penicilina, o outro, não.

Dezessete horas decorridas, todos os 25 deste último estavam mortos, ao passo que os do primeiro se mantinham em atividade, indiferentes ao drama de que ia sendo teatro o seu pequeno organismo. Dias e semanas se passaram, e, dos ratos protegidos, só um veio a morrer. O prodigioso pó amarelo saía assim vencedor, do seu primeiro encontro com a morte, numa proporção de 24 em 25 casos! Seguiram-se centenas de outras experiências com ratos, e os resultados foram sempre os mesmos, absolutamente favoraveis.

Julgou-se Florey então habilitado a passar do rato para o homem. No verão de 1941, escolheu os pacientes aos quais aplicaria a nova droga, a que já se dera o nome de penicilina. Eram vítimas, quase todos, de impiedosas doenças, e sem esperança de cura, tão inutil se havia revelado, no respectivo tratamento, a ação dos recursos médicos até alí empregados—gente, por conseguinte, que se achava na antecâmara da morte.

Poderíamos a esta altura desenrolar, num capítulo, a maravilhosa narrativa do salvamento de vidas que se seguiu: a história de três enfermos, já nas últimas, por envenenamento do sangue; ou de um bebê de dois meses, com uma infecção estafilocócica das vértebras, que se estendia aos ossos dos dedos, pescoço, e pernas; ou de um homem com meningite estreptocócica, e em desesperadoras condições. A estes e outros doentes, considerados perdidos, ministrou-se, dissolvido em água, e por meio de injecção na corrente sanguínea, o mágico pó

amarelo. Quase todos eles se salvaram.

Tornou-se desde logo indiscutivel que a penicilina era uma arma tremenda contra os estafilococos. São estes, como se sabe, os formadores do pus, os principais micróbios que respondem pela infecção das feridas. Atacam o osso, determinando a osteomielite, que tanto aleija ou mata as suas vítimas. Invadem o sangue, para produzir a septicemia estafilocócica, sobre a qual registavam as estatísticas, para cada grupo de dez casos, nada menos de nove fatais. Abrem enormes feridas, que resistem, por meses e anos, a todo tratamento.

A penicilina fez prodígios no combate a estes malfeitores. Não determinava, como as sulfas, um declínio dramático da febre. Mas os pacientes se sentiam melhorar rapidamente. Voltava-lhes o apetite; o regresso da vida e do vigor se lhes revelava na voz, que chegara quase a sumir-se; e, o que é mais importante, gente que, segundo todas as regras, já deveria estar morta, permanecia com vida.

Demais, o medicamento oferecia preciosas vantagens. Pessoas que não podiam tolerar as sulfas, suportavam-no, entretanto, sem quaisquer reações desagradaveis. Não tinha, sobre as células do organismo, nenhum efeito tóxico, e as bactérias eram de fato incapazes de opor-lhe resistência.

Havia, porem, no caso, uma grave circunstância desfavoravel: a produção de penicilina era incrivelmente dificil. Os bolores, muitas vezes, recusavam-se a segregar qualquer porção do seu utilíssimo produto; e, ainda quando o forneciam, nunca deixava de ser em quantidades lastimavelmente diminutas. Se as coisas corriam bem, um centímetro cúbico de fluido, nos vasos que o recolhiam, não dava mais que duas unidades de penicilina, sendo a unidade, na hipótese, uma medida arbitrária de potência. Ora, em alguns casos complicados, se tornavam precisos dois a três milhões de unidades para definir a diferença entre a vida e a morte!

Os suprimentos eram tão escassos, que o dr. Florey tinha que recuperar a penicilina da urina dos pacientes, tanto mais quanto a excreção da droga se fazia com rapidez. Uma ocasião, pelo menos, o medicamento faltou, em meio de um tratamento. O enfermo, cuja cura se afigurava certa, morreu antes que nova dose pudesse ser obtida.

Em tais condições, não passaria a droga de uma veleidade de pesquisadores. Era, sem dúvida, a mais poderosa arma contra as bactérias que jamais se havia encontrado. Mas, a menos que fosse produzida nas proporções devidas, nunca transporia francamente as portas dos hospitais. A Inglaterra, tão assoberbada de dificuldades por todos os lados, não tinha meios de resolver o problema. Volveu-se então Florey para os Estados Unidos.

Formulou sua proposta ao Comitê de Pesquisas Médicas da Repartição de Aperfeiçoamentos e Pesquisas Científicas, ao Conselho Nacional de Pesquisas, e ao Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Poderia incumbir-se, cada um, de uma parte da questão? Seguiu-se uma pronta mobilização de competências especializadas.

No seu laboratório de Peoria, no Ilinóis, empreendeu o Departamento de Agricultura o ataque, de frente e decidido, ao problema, sob um dos seus aspectos. Trataram, alí, os pesquisadores, de encontrar meios e modos de estimular o bolor. Verificaram que o licor que se obtem saturando de milho a água—aliás um sub-produto da indústria do amido—era uma dieta excelente para conduzir o bolor a maior produção. O fato é que acabaram conseguindo um rendimento do pó muitas centenas de vezes maior do que o obtido na Inglaterra, transformando desse modo uma curiosidade de laboratório em alguma coisa passivel de utilização comercial.

Três grandes empresas farmacêuticas —Merky & Company, E. R. Squibb & Sons, e Charles A. Pfizer & Company— dispuseram-se a promover o desenvolvimento do bolor, para extração da droga.

Outro problema surgia, a ser considerado. A penicilina era o medicamento ideal para os ferimentos de guerra, onde as infecções são tão frequentes. Poderia salvar a vida a muitos soldados gravemente feridos, quando qualquer outro meio se revelava improficuo. Tornava-se porem indispensavel que os médicos militares aprendessem a dirigir-lhe o respectivo uso.

O emprego da droga tinha que ser cuidadosamente ensaiado em hospitais civís. Precisavam saber, os médicos, em que circunstâncias ministrá-la, qual a dose, e por que via—oral, muscular, endo-venosa, ou por aplicação local.

Essa parte da questão ficou a cargo do Comitê de Quimioterapia do Conselho Nacional de Pesquisas, de que é presidente o dr. Chester S. Keefer, diretor do Hospital Evans, de Boston. Fixou-se o plano. Todo grama de penicilina seria encaminhado ao dr. Keefer, e este faria proceder ao ensaio através dos 22 hospitais selecionados para experiências clínicas.

De modo geral, o precioso medicamento seria apenas usado em casos nos quais não restasse a mínima esperança, e sobretudo para combater infecções estafilocócicas.

Completou-se agora um ano que as provas tiveram início. Centenas de pacientes já por elas passaram. No que concerne a envenenamento de sangue, de origem estafilocócica, foram salvos na média de dois para cada grupo de três. Muitos deles aliás receberam tarde o tratamento, e com doses inadequadas, devido à escassez da droga.

Mas o registo foi mais expressivo ainda, com relação aos doentes de osteomielite. Anteriormente o tratamento dessa terrivel moléstia era serviço de cirurgião. Abria-se a ferida, raspavam-se as porções infeccionadas do osso, e inseriam-se tubos de drenagem. O paciente, não raro, ficava meses ou anos no hospital, arriscado a aleijões definitivos, quando não ocorria, a certa altura, o desenvolvimento da infecção, com o efeito de morte rápida. Quase todos, entretanto, que tomaram penicilina, se restabeleceram prontamente. O medicamento injetado de três em três horas no músculo ou na veia, precisou apenas de alguns dias para matar os micróbios destruidores do osso, e os pacientes, dentro de semanas, iam deixando o hospital.

No Hospital Geral Bushnell, em Brigham, estado de Utah, aplicou-se a penicilina a um grupo de soldados, portadores de grandes feridas infeccionadas que em vão, havia meses, se tinha tentado curar. Ficaram bons em semanas.

Na Clínica Mayo, empregou-se a penicilina em três casos de blenorragia, para os quais o uso das sulfas se revelara improficuo. Dezessete horas apenas depois de iniciado o novo tratamento, já os pacientes acusavam, segundo exames de laboratório, a ausência do micróbio. As sulfas curarão essa doença, em 10 dias a duas semanas, em 80 por cento dos casos. A penicilina é

um medicamento de aplicação muito facil que parece dará solução aos 20 por cento restantes. Vale portanto dizer que, se o cálculo se confirma, estará dominada a praga.

Como atua a penicilina? Ninguem o sabe ao certo. Todavia alguns fatos são claros. No provete, a droga não destrói diretamente as bactérias, mas detem a reprodução. É o que fazem precisamente as sulfas. Uma vez que a reprodução das bactérias é retardada ou detida, as células brancas do sangue têm pouca dificuldade na destruição total dos invasores.

A penicilina não produz efeito contra a endocardite bactérica, hipótese em que as bactérias invadem o coração. É igualmente inócua contra a tuberculose e a artrite, havendo pouca probabilidade de que dê resultado em moléstias como a paralisia infantil ou a febre amarela. Nem se sabe, por enquanto, se será de utilidade no tratamento da febre tifóide, ou da sífilis, pois nenhuma experiência foi ainda feita a respeito de qualquer destas enfermidades.

Tem tido entretanto ação rápida, verdadeiramente dramática, na cura de alguns casos de peneumonia, que resistiram às sulfas, e muito promete contra a meningite. Eficaz contra furúnculos, antrazes, e algumas infecções incômodas da vista, tem sido usada com êxito, para debelar a infecção da cavidade mastóide, e tudo faz crer será util contra a gangrena gasosa, que tanto ameaça os soldados. Ainda recentemente, por ocasião do grande incêndio num cabaré de Boston, em que tantas vidas se perderam, ficou provada a sua indiscutivel eficácia no tratamento das infecções que acompanham as queimaduras.

Os suprimentos de penicilina são ainda pequenos. O exército dos Estados Unidos reclama uma quantidade muitas vezes maior que a que se vem produzindo. Treze empresas farmacêuticas, em aditamento às três primeiras a que nos referimos, se estão preparando para trazer seu concurso no sentido de que esse pedido das forças armadas seja, o mais possivel, satisfeito. Por muito que se aumente a produção, é pouco provavel que o medicamento possa existir à disposição dos civís antes do fim da guerra.

A única esperança de melhoria na situação, está na síntese. Se os químicos pudessem produzir artificialmente a droga, é evidente que largos suprimentos ficariam imediatamente disponiveis. Mas essa esperança é mais do que remota. A experiência mostra que a penicilina é um complexo químico dificil, senão impossivel, de ser sintetizado.

Como quer que seja, porem, não há mais dúvida de que ela é uma arma incomparavel contra a morte, e vai figurar definitivamente entre as maiores realizações de que rezam, através dos tempos, os anais das pesquisas médicas.

¶ Eis a inscrição gravada a cinzel na lage de uma sepultura que se encontra no cemitério de Niagara Falls, entre duas outras sepulturas:

«Aquí repouso em paz entre duas das melhores mulheres do mundo, que ambas em vida foram minhas esposas. Mas à cautela, pedí aos parentes que me chegassem um pouquinho para o lado da Tillie.»

—*Tribune*, Oakland

¶ *A auto-destruição faz parte da tradição do guerreiro japonês*

Glória pelo hara-kiri

(Adaptado de «Close-Up of the Jap Fighting Man»)

Pelo tenente-coronel Warren J. Clear

Várias têm sido as explicações sugeridas para a recente morte do maior estrategista militar japonês, o almirante Yamamoto, mas Robert Bellaire, que por muitos anos foi chefe dos escritórios da United Press no Japão, nos assegura ter Yamamoto dito mais de uma vez que preferia dar cabo da vida a ter de abrir mão, algum dia, de território que se achasse em poder dos japoneses.

Já temos visto nesta guerra vários casos de «suicídios de honra» por parte de oficiais e soldados japoneses. Segundo um comunicado de Tóquio, antes do último assalto americano a Atú, os soldados que estavam doentes ou feridos se suicidaram—provavelmente em obediência a ordem de seus superiores. No Pacífico tem acontecido mais de uma vez a tripulação de um avião japonês, derrubado pelos americanos, recusar a corda de salvamento que lhes oferece o vencedor. Só porque as esquadrilhas de aviões do general Doolittle profanaram com sua sombra o sagrado recinto do Palácio Imperial, praticaram o hara-kiri vários dos oficiais encarregados da defesa anti-aérea de Tóquio.

A prática do hara-kiri é uma tradição da classe governante do Japão. Desde a mais tenra infância o jovem samurai é adestrado no impressionante ritual da trágica ceremônia, e tão vivamente se grava na imaginação infantil a técnica da auto-destruição, que, ao se deparar ao oficial japonês a obrigação de praticá-la, pode enfrentar a tremenda prova com perfeito sangue frio.

O ato foi-me descrito um dia, com todas as minúcias, por um homem que tivera ocasião de assistir-lhe pessoalmente à prática. O leitor poderá, pelo que se segue, fazer melhor idéia do especial inimigo que ora estamos a enfrentar.

O narrador a quem me refiro é o general Ogawa, cujo pai praticara o hara-kiri algumas horas depois de tê-lo feito o seu superior, o general Nogi. E era com orgulho que o filho me contava a ação do progenitor.

«Chamando-me para o seu lado, disse-me meu pai sentir-se no dever de acompanhar o espírito do general Nogi, e que desejava que eu o assistisse no ato do hara-kiri—isto é, caso falhasse ele na execução do mesmo, se tornaria precisa minha intervenção. Deveria eu ficar de pé, um pouco atrás, tendo levantada com ambas as mãos a sua grande espada, e estar assim pronto a dar-lhe o golpe final, se as coisas porventura não corressem como cumpria.

Procurei dissuadí-lo daquele propósito, pois meu pai era relativamente moço, tendo apenas cincoenta e um anos. Respondeu-me ele, porem, que, havendo acompanhado o general Nogi durante muitos anos de lutas sangrentas, estava resolvido a seguí-lo na morte. E em minha presença banhou-se, vestiu o

quimono branco, e preparou o lugar onde tencionava sacrificar a própria vida. Foi então buscar a espada curta de pinho de ouro, a *wahazashi*, cuja parte superior enrolou num pano alvíssimo. Enterrou depois lentamente a lâmina no lado esquerdo do abdome, e, fazendo uma incisão transversal, trouxe-a para a direita, virou o gume, e completou o corte com um talho para cima. Ao enterrar a lâmina no corpo, seus olhos se fecharam e o rosto tornou-se lívido e tenso. Eu observava-o atentamente, pois era meu dever decapitá-lo ao primeiro sinal de fraqueza—mas não foi preciso: era um grande guerreiro e um verdadeiro samurai!»

Durante toda a narrativa não tirei os olhos do rosto do general Ogawa, pois tinha a impressão de estar naquele momento percebendo qualquer coisa por trás da fisionomia indecifravel do japonês. Alí estava, na minha frente, um general com posto de comando, em pleno século XX, a contar-me com orgulho e frieza os detalhes sangrentos do ato de auto-destruição praticado por seu próprio pai...

Para a mentalidade lógica de um ocidental, era aquilo incompreensivel; mas na própria estranheza do fato residia talvez a medida da força tremenda de uma nação que se tem mostrado até hoje um insondavel enigma.

Matrimônios duradoiros

¶ Conhecemos um casal, já de idade madura, que atribue sua felicidade a um sistema que lhe ocorreu há muitos anos. Se o esposo se sente irritado depois de um dia de duro trabalho no escritório, entra em casa com o chapéu derrubado para a esquerda; desse modo previne a mulher de que haverá encrenca, se ela não for tolerante com o seu mau-humor. Pela sua parte, a mulher, quando o dia lhe correu mal, cumprimenta o esposo com um sorriso, à chegada deste, mas com o avental posto do avesso... Alem de prevenir discussões, o sistema cria uma expectativa que já por si contribue para atenuar o azedume do dia.

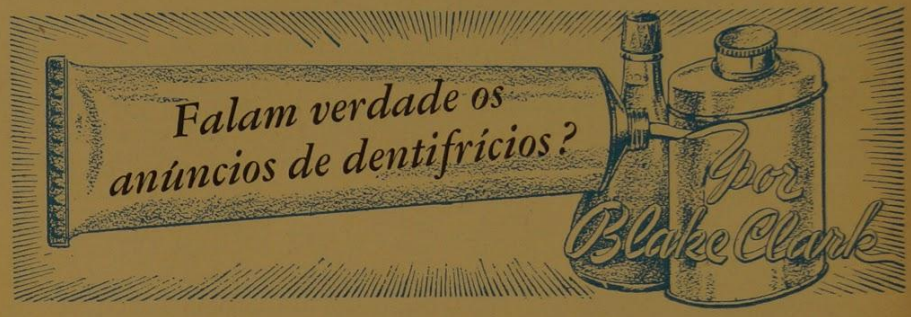
—Mildred Graves Ryan, *Cues for You* (Appleton-Century)

¶ Sempre que eu me zangava—conta a viuva do famoso ilusionista Houdini—meu marido saía de casa, dava uma volta lenta à roda do quarteirão, depois abria a porta e atirava o chapéu para dentro da sala. Se o chapéu lhe não fosse logo devolvido pela mesma via, era sinal de que podia entrar. Certa vez, meu mau gênio levou-me a resistir à sua proposta de paz. Ele tinha partido duas lâmpadas elétricas, e, perante a minha cólera, saira de casa. Quando arremessou o chapéu pela porta dentro, eu recambiei-lho logo... A cena repetiu-se a intervalos, até que por fim Houdini desapareceu por uma hora seguida. Surgiu então um mensageiro com um recado por escrito. No envelope liam-se estas palavras: «Para ser entregue à sra. Houdini muito depressa, e Sair Muito Depressa!» O recado dizia:

«Mr. Houdini deseja informar Mrs. Houdini que ele deixou cair a primeira lâmpada, mas que a segunda lhe escorregou das mãos. Vem por este meio exprimir seu pesar, e prometer que a lâmpada que caiu não tornará a cair.—Esposo Amigo.»

Com um marido assim, nenhuma mulher poderia ficar muito tempo zangada!

Harold Kellock, *Houdini, His Life-Story* (Harcourt Brace)



As empresas de reclamos e anúncios fizeram tão bom serviço em matéria de propaganda de dentifrícios, que milhões de armários de medicamentos das famílias norte-americanas estão cheios de tubos, e latas, e frascos, comprados na crença de que o respectivo conteudo fará benefícios prodigiosos aos dentes; mas afinal os reclamos se tornaram tão extravagantes, que a Comissão Federal de Comércio, cuja função é proteger o público contra a falsificação na publicidade de produtos a venda, se viu compelida, nestes últimos anos, a intervir muitas vezes, para pôr freio aos abusos.

Foram, assim, apresentadas queixas contra os fabricantes de Ipana, Dr. Lyon's, Calox, Teel, Kolynos, Squibb's, e outros muitos dentifrícios. Em alguns casos, as companhias, em lugar de opor-se às queixas, preferiram abandonar, de motu-próprio, os meios de propaganda de que se vinham servindo; em outros, foram coagidas a fazê-lo, havendo ainda agora casos pendentes de decisão.

Na sua reclamação, em outubro do ano próximo passado, contra a Bristol-Myers Company, fabricantes de Ipana, a Comissão Federal de Comércio (*Federal Trade Commission*, ou FTC) denunciou como falsas, e destinadas a iludir os incautos, palavras de propaganda como estas: «Conserve seus dentes limpos e alvos; usando Ipana—a amarelidão dos seus dentes desaparecerá.» Ora, acrescentou a FTC, nunca a Ipana fará desaparecer a coloração dos dentes naturalmente amarelos, ou amarelecidos pelo fumo. O «brilho», o «lustro», a «cintilação» dos dentes, ou como quer que lhe chamem os anunciantes, resulta de qualidades naturais do respectivo esmalte. Os dentes de algumas pessoas possuem tais qualidades, os de outras, não; e certamente estas últimas jamais as poderão adquirir pelo uso de Ipana. Pastas e pós de dentes, quaisquer que sejam, não vão alem da lavagem de manchas superficiais.

A FTC ligou sobretudo importância ao fato de haver Ipana recorrido à técnica, muito em voga, de anunciar o produto, conferindo-lhe o carater de «medicamento registrado», o que importa em chamar os fregueses ao balcão das farmácias, pelo recurso da intimidação. A «artilharia pesada», na campanha de propaganda que Ipana desenvolveu sob esse aspecto, é o que foi posto em circulação sob o nome de *Pink Tooth Brush* (sangue na escova de dentes, quando se escovam estes). Os peritos da FTC puseram-se no encalço da nova e terrivel doença, e não tardaram a verificar que isso tudo não passava de invenção dos incumbidos da publicidade do «agente curativo». Os dentistas acharam, por seu turno, que aquilo era demais. «A não ser mesmo para fins de

anúncio, a designação *Pink Tooth Brush* é ridícula», disse o *Jornal da Associação Dentária Americana*. «Não há entidade clínica reconhecivel em odontologia sob o nome de *Pink Tooth Brush*. Ao escovar os dentes, pode aparecer sangue na escova, o que, sério em certos casos, não tem todavia em outros nenhuma gravidade.»

Como quer que seja, declarou a FTC, nada haveria a lucrar com o uso de Ipana, porque, na hipótese, a cura é tão fictícia quanto a doença. Ipana, ao que asseveraram os peritos da Comissão, não tem propriedades terapêuticas, porventura valiosas, preventivas ou curativas, nas doenças da gengiva.

Imaginaram os anunciantes de Ipana que as gengivas precisam de «exercício». «Quando você aplica a massagem com Ipana, sente o seu efeito estimulante sobre os tecidos da gengiva, por isso que as gengivas preguiçosas começam a despertar, e a circulação se acelera.» A FTC, entretanto, acentuou que o «exercício» das gengivas é tão impraticavel quanto o será, por exemplo, o da unha do dedo do pé. As gengivas são tecido não-muscular, e a sua saude e firmeza não dependem absolutamente de nada do que Ipana possa dar-lhes. O «travo» a que se referem os anunciantes de Ipana, como sendo o que «nos diz que a circulação se acelera dentro das gengivas», é uma pura reação sensória, causada pelos óleos excitantes, que dão ao produto o seu aroma ou sabor.

A R. L. Watkins Company, fabricante do Pó de Dentes Dr. Lyon's, gastou nada menos de 4 milhões de dólares (uns 80 milhões de cruzeiros), durante um período de sete anos, numa campanha intensiva para tornar proverbial a expressão—«Faça o que faz seu dentista: use pó». Os dentistas protestaram veementemente contra a insinuação de que o pó que eles usavam era o Dr. Lyon's, ou similar, e a FTC promoveu uma investigação que revelou nada existir de comum entre este e o dentifrício em uso, de ordinário, entre os dentistas. O Dr. Lyon's é um pó de giz, ao passo que os dentistas empregam usualmente uma pasta de sílica ou pedra-pomes—mais abrasiva e, pois, mais eficaz na limpeza dos dentes, se bem que não deva ser usada com frequência.

Apurou tambem a FTC que o Pó Dr. Lyon's é muito do gênero das pastas dentifrícias que a sua propaganda, todavia, procurava depreciar. A principal diferença entre as pastas e os pós, segundo a FTC, é que, enquanto aquelas, em geral, são inofensivas, alguns destes não deixam de conter partículas arenosas.

Em vista de tais fatos, e outros, a FTC declarou que a afirmação pública, pela respectiva companhia, de que o Pó de Dentes Dr. Lyon's «é isento de areia», «não podendo prejudicar ou arranhar o esmalte dentário», era exagerada, e tendente a atrair compradores por meios ilusórios. Assim, em outubro último, a R. L. Watkins Company foi intimada a não prosseguir com os anúncios em semelhantes termos.

McKesson & Robbins trouxeram ao mercado o Pó de Dentes Calox num momento propício ao êxito da sua propaganda. Milhões de leitores de anúncios se haviam convencido de que os pós eram diferentes das pastas dentifrícias, e melhores do que estas. Os anunciantes de Calox foram mais longe, apregoando as vantagens do seu pó como ainda mais específicas. Calox, ao que eles diziam, era *diferente*, devido ao perborato de sódio, e *bom*, porque preferido pelas estrelas de cinema. «Hollywood não tem privilégio de beleza de dentes. Você tambem pode ter dentes que «brilhem como as estrelas!»

Partindo precisamente do exemplo de Hollywood, a FTC considerou que dificilmente o Calox poderia transmitir aos dentes o brilho das cápsulas alvas de celulóide polido com que as estrelas de cinema fazem, não raro, encobrir os seus dentes, quando imperfeitos. A Comissão, por outro lado, destruiu a teoria de que o perborato de sódio, «em combinação com outros ingredientes», permitia a Calox pôr em liberdade oxigênio espumante que penetrava nas «60 esquecidas» superfícies, ocultas entre os dentes. Nunca houve dentifrício, capaz de limpar alem do alcance da escova. A maravilhosa espuma, de que tanto se jactavam os anunciantes de Calox, foi reduzida pela Comissão às suas verdadeiras proporções: nada tinha a ver com oxigênio; provinha unicamente do sabão. Demais, o perborato de sódio é droga que se não deve usar na boca senão sob as instruções de um médico ou dentista. A publicação editada, para guia dos próprios dentistas, pela Associação Dentária Americana sob o título de *Medicamentos Dentários Aceitos*, recusa-se a recomendar Calox, porque este contem aquele ingrediente potencialmente nocivo. Acabou a FTC por intimar os fabricantes de Calox a desistir de todo e qualquer anúncio em que se atribuissem àquele pó efeitos e resultados, não suscetiveis de ser obtidos com o uso de quaisquer outros dentifrícios.

No meio das controvérsias entre as pastas e os pós, apareceu a firma Procter & Gamble a fazer propaganda de Teel, que não era pó nem pasta, mas um dentifrício líquido. A campanha orientou-se no sentido de meter medo ao público, procurando convencê-lo de que as pastas e pós, tão largamente usados, prejudicavam os dentes de modo irreparavel. Uma vez que «os dentifrícios comuns» nunca deixam de conter matérias abrasivas, acrescentavam os anunciantes de Teel, tenderão naturalmente a destruir os dentes, abrindo cavidades na mole estrutura dentária, exposta pelas gengivas, por sua vez deslocadas.

A FTC denunciou, em abril último, a propaganda de Teel, não só como falsa e enganosa, senão tambem como desleal para com os competidores. Suaves, como são por via de regra, os abrasivos contidos em pastas e pós dentifrícios, não produzem cavidades nem prejudicam os dentes. Acentuou mesmo a Comissão que, desde que o Teel não tivesse qualidades abrasivas, não podia limpar os dentes com a eficácia com que o fazem muitas das pastas e pós. Por outro lado, o Conselho da Associação Dentária Americana, sobre Terapêutica Dentária, havia sido inteirado por dentistas, em exercício da profissão, de que o próprio Teel podia até descorar os dentes, conforme ficou registado no Jornal da Associação, no seu número de outubro de 1941. Eles mesmos, aliás, os anunciantes de Teel, admitem que os que usem o seu líquido dentifrício possam julgar necessário um ligeiro abrasivo: «Uma vez por semana, escove os dentes com bicarbonato de sódio...»

Um carneiro, preto e perdido, que a FTC tornou branco, e trouxe para o curral, é Kolynos. Sobre esta pasta de dentes, em dada época os seus propagandistas avançaram exagerados conceitos, entre os quais o de que ela, em três dias, daria aos dentes três tonali-

dades de alvura progressiva. Os membros da Sociedade Dentária de South Bend, Indiana, submeteram o caso a uma prova científica, medindo a graduação de cor dos dentes de 73 pessoas. Estas usaram Kolynos durante três dias, apresentando-se em seguida ao exame. Notou-se que uma trazia «os dentes talvez um pouco mais alvos». Setenta e duas, porem, não revelavam diferença alguma.

A companhia Kolynos vangloriou-se, depois, da sua pasta de dentes efervescente, uma grande descoberta a que atribuia a virtude de matar, em 15 segundos, 190 milhões de germes. «Um ingrediente antisséptico no qual uma rica espuma entra pelas menores fendas, e destrói os germes responsaveis pelo enfraquecimento dos dentes.»

Afirmações como estas, nada científicas, diz o dr. J. J. Durrett, chefe da Divisão Consultiva Médica da FTC, «são baseadas, à vontade, em experiências de provete; basta usar um tubo maior, mais germes, e mais antisséptico, e chega-se a algarismos do vulto que se queira.»

Se fosse verdade o que se dizia no anúncio, a pasta importaria, com efeito, numa autêntica descoberta, pois, ao que assegura a FTC, não se conhece agente germicida, em condições de poder ser levado, sem nenhum perigo, à boca, e, ao mesmo tempo, capaz de dar cabo de toda bactéria na cavidade oral. Kolynos submeteu-se às advertências da Comissão, modificou os seus métodos de publicidade, e se acha agora na lista dos *Medicamentos Dentários Aceitos*.

Havia muito os dentistas se sentiam aborrecidos ao dar, em toda parte, com um anúncio em que aparecia a figura de um belo tipo de homem, metido num avental branco, ao lado de uma cadeira de gabinete dentário, e com a seguinte legenda: «Milhares de dentistas reconhecem que *um* tipo de dentifrício é o mais eficaz...» (Creme Dentário Squibb's). «Os dentistas previnem contra dentifrícios arenosos. Se você está usando algum para combater manchas de fumo, suspenda o uso imediatamente, e experimente este novo e seguro método...» (Pasta de Dentes Listerine). «Os dentistas insistem em que se use o dentifrício especial conhecido pelo nome de Pepsodent.»

Numa reunião do Conselho sobre Terapêutica Dentária, realizada, há alguns anos, em Chicago, um grupo de dentistas deixou lavrado um protesto contra os seus colegas anônimos, fruto da imaginação dos redatores de anúncios. Nenhum dos anunciantes teria, no caso, a aboná-lo, «a mais leve sombra de autoridade de qualquer dentista ou sociedade dentária idônea», afirmaram-no membros do Conselho.

O dentifrício favorito de muitos espremedores de tubo acabou incluido entre aqueles sobre cujo modo de propaganda fez sentir a FTC a sua ação repressora. Por acordo com a Comissão, E. R. Squibb & Sons não podem mais propalar que o uso do Pó de Dentes ou do Creme Dentário Squibb contribue materialmente para evitar o enfraquecimento dos dentes, da mesma maneira que aos fabricantes da Pasta de Dentes Bost não é permitido anunciar que esta remove manchas de fumo já absorvido no esmalte dentário. Por motivos análogos, ou outros, os produtores do Creme Dentário Dr. Sach's, do Creme Dentário *Royal Blue*, do Creme Dentário *Royal Crown*, de Hyral, da Pasta de Dentes *Hi-Ho*, e dos Alvejadores de Dentes Fórmula A e Fórmula B, têm sido chamados à ordem pela Comissão, por infringirem as regras por ela estabelecidas.

Procedendo contra estas várias companhias, não opôs, é claro, a FTC, embargo de espécie alguma à legítima propaganda de seus produtos. Tomou apenas a decisão de impedir que a falsa publicidade continue, em detrimento dos desprevenidos que por ela se deixem iludir.

O melhor meio de limpar os dentes é escová-los bem, esfregando a escova de modo que todas as superfícies expostas sejam de fato atingidas. Ao que informa o Conselho sobre Terapêutica Dentária, um processo doméstico e barato, para a limpeza dos dentes, é o que consiste no emprego de uma mistura de uma parte de sal de mesa e três de bicarbonato de sódio. Não há aliás objeção ao uso da maior parte dos dentifrícios, para quem prefira o seu sabor aos dos aludidos sais; ninguem, contudo, acredite que eles tenham quaisquer poderes mágicos. A verdade, no tocante a dentifrícios, é que, pasta, pó, ou creme, não passam de um auxílio à escova na limpeza dos dentes. Nenhum tem valor terapêutico de qualquer natureza substancial, e, no fundo, se equivalem, nenhum sendo melhor do que os outros de modo considerável.

Retalhos do drama cotidiano

—III—

Como todos os sábados, nesse dia os passeios da nossa quieta vila do Sul estavam pejados de gente do campo, que viera à terra fazer suas compras para a semana seguinte. De pé a uma das esquinas mais movimentadas, encontrava-se um mocinho de fazenda, andrajoso e coberto de pó, cantando para a turba que passava uma balada lá de cima das serras, ao mesmo tempo que se acompanhava com um velho violão quase do seu tamanho.

Ao pé dele, sentado e batendo com a cauda no pó do chão, estava um viralata insignificante e mal cuidado, de olhos postos no dono com uma expressão transbordante de admiração e amor. É quase certo que Toscanini nunca teve um auditor mais extasiado e fiel . . .

Tornei a passar por alí meia hora depois, e deparei com um ajuntamento à beira do passeio. Abrindo caminho por entre os basbaques, fui dar com o cachorrinho caido por terra: fora atropelado por um carro. Com a cabeça poisada nos joelhos do dono, arquejava aflitivamente nos últimos arrancos da agonia. O pobre cantador, curvando-se sobre o estropiado corpinho do animal, cantava-lhe a meia-voz uma canção, como uma mãe que, para reconfortar o filho doente, suavemente lhe cantasse um embalo... E cantando, acompanhava-se ao violão.

Quando se acabou a agonia do bicho, o rapaz ergueu-se devagar, e pela primeira vez pareceu reparar na assistência, que a comoção reduzira ao silêncio. Então, como se lhe parecesse necessário dar uma explicação, em voz trêmula e titubeante do esforço para reprimir as lágrimas e os soluços, o moço disse: «*Ele gostava de música!*»

—John H. Lay, Capt., A.C.

O juizo dos loucos

(Condensado do «Scientific American»)

Por G. H. Estabrooks
Professor de Psicologia na Universidade de Colgate

PARA COMPREENDER a loucura, devemos partir do princípio de que os homens vivem sempre a perseguir um objetivo—a realização da felicidade. O indivíduo normal concebe um sonho de felicidade, para a sua presente situação, e os seus passos daí por diante sofrem a influência de tal estado de espírito. É o que chamamos em psicologia o «princípio do prazer».

Por estranho que pareça, os loucos revelam-se sãos entre os sãos, a julgar pelos êxitos deste inquérito. Encarados como um grupo, são eles de fato extremamente felizes. Considere-se o caso típico dos «Napoleões» de manicômio: Qualquer deles emitirá, com a maior facilidade, um cheque de mil dólares, ou dará de presente ao interlocutor um ducado na França, tão convencido se acha de que é muito rico e muito poderoso. «Pobre diabo,—dir-se-á,—é louco!»

O espírito do doido trabalha tal qual o nosso; apenas mais num sentido, ou *menos* noutro. Temos todos um forte pendor a pensar no que é agradavel, e evitar o que é penoso. Não será dificil verificar que até mesmo dos pensamentos menos gratos procuramos tirar motivo, e quase sempre o tiramos, para alguma satisfação. A família em necessidade dá, não há dúvida, preocupações ao seu chefe; mas afinal este se consola com a idéia de que é uma espécie de herói em luta. Esse «princípio do prazer» é a chave que abre aos sãos o mistério da loucura. O que ocorre, em última análise, é que o louco aprendeu melhor a evitar o que punge, e a encontrar o que deleita. Na esquizofrenia, por exemplo, que é a forma de insanidade mais comum, ver-se-á com frequência um paciente que passa o dia sentado, como a palestrar consigo mesmo, sorrindo de vez em quando, e satisfeito com o mundo. Pode ser até que explique de modo maravilhoso como tem as entranhas de ouro sólido, ou se mantem pelo rádio em contacto com Marte.

Mas em suma ele é feliz. Vive num mundo de sonhos, mas estes sonhos, ele os sente e vê em plena realidade. É por essa razão que é incuravel. Encontrando prazer em ser louco, quer assim permanecer. Os loucos resolveram o problema da vida. Aspiramos à riqueza; eles a têm. Pretendemos o poder; eis aquí temos um deles, que é nada menos que Napoleão! A gente ri-se, e o taxa de demente. Que é, entretanto, o que todo a mundo procura? A felicidade! E a encontra? Só em parte, na melhor das hipóteses, podendo tambem suceder que se seja muito infeliz: ao passo que ele se julga tão contente consigo mesmo, que em muitos casos nem sequer se dá ao trabalho de sacrificar parte do seu preciosíssimo tempo dirigindo-nos a palavra, a seu ver, cheia de verdade.

É incuravel, porque não deseja ser curado. E daí pode bem ser que proceda com acerto. Você luta, se aborrece, extenua-se, e vai terminar a vida, sem dela ter tirado grandes resultados. Ele não exerce esforço algum, é bem alimentado, e nunca tem com que preocupar-se. Morre, não raro, multimilionário. Quem sabe, pois, se não dirá, ao vê-lo tão convencido: «Pobre diabo, é são de espírito.»

Os últimos dias de Sebastopol

(Condensação do livro do mesmo título)

Por Boris Voyetekhov

DURANTE mais de oito meses, Sebastopol resistiu aos ataques de um formidavel exército alemão, que tinha esperado tomar a cidade em uma ou duas semanas. O heroismo dos seus defensores, tendo impedido os alemães de atingir Stalingrado e os campos petrolíferos do Cáucaso no verão de 1942, foi o maior obstaculo aos planos militares de Hitler, e um poderoso fator do desastre nazista de Stalingrado, em fins desse mesmo ano.

Boris Voyetekhov, jovem e brilhante escritor russo, chegou a bordo de um destróier à cidade sitiada, já nas últimas horas, que foram as supremas da histórica defesa. E o seu livro é um depoimento inestimavel sobre um dos episódios mais sangrentos—e de maior repercussão—da segunda guerra mundial.

A fotografia da estátua de Lênine, tombada entre as ruinas de Sebastopol, tem sido muito usada pelos alemães para fins de propaganda simbólica.

A NOITE caía rapidamente quando o nosso destróier, luzes apagadas, se aproximou subrepticiamente de Sebastopol, cidade em ruinas. O farol do Quersoneso começou a lançar seu clarão—única luz que não estava permanentemente sujeita ao rigor do blacaute. Tão depressa entrou, com grande risco, a mostrar-nos o caminho de entrada no porto, vimos de um lado e outro da torre o fogacho das granadas inimigas que explodiam...

A marinhagem sabia que aquele lampejo de luz familiar lhes não dava desta vez as boas-vindas a um repouso bem ganho e a um lar tranquilo; mas fulgurava, parecendo dizer: «Em breve cruzareis os umbrais de vossos lares em ruinas. Em breve sabereis a que os alemães reduziram a vossa cidade!»

Afrouxamos a marcha, e começamos a ziguezaguear ao longo dos canais de navegação do complicado campo de minas que os nazistas, ao começo do cerco, tinham espalhado em grande número à entrada do porto pejado de embarcações, ameaçando destruir um bom número destas. Muitos marinheiros russos tinham pulado por cima da borda dos seus barcos, para, nadando, empurrar as minas até junto das praias. Nessa arriscada operação de limpeza, muitas explodiram, pulverizando os corpos dos que, heroicamente, se tinham oferecido para abrir caminho aos navios que saíam, em busca de munições destinadas aos defensores de Sebastopol.

Quando por fim chegamos ao porto interior, diante de nós desenrolou-se o

panorama da cidade envolta em chamas e fumaça dos numerosos fogos provocados pelas bombas incendiárias alemãs. A faca dos fascistas ameaçava a garganta da infeliz cidade, enquanto nos céus se cruzavam os focos de centenas de projetores russos e alemães, como finas espadas de prata num duelo dos ares. As balas traçadoras teciam a mortífera rede da sua pirotécnica, e na calma superfície da baía refletia-se o inferno que raiava ao longo do litoral. Para a esquerda do molhe onde desembarcamos, as casernas e os armazens eram um grande braseiro. Vi um pano de parede, imenso, único resto isolado de um edifício, derrocar lentamente para dentro da água.

—Andamos com sorte, disse o capitão. —A noite está calma...

—Como será então isto quando a noite não está «calma»?... perguntei.

—Amanhã durante o dia você verá, replicou ele.

Efetuaram-se com incrivel prontidão as operações de desembarque de nossos homens e munições, e embarque de feridos e evacuados da cidade. Pela minha parte eu tinha que ir em terra para me entender com o Almirantado, até onde me guiou um comissário político.

Para se entrar no Quartel-General da Marinha, o centro neurônico da defesa de Sebastopol, era preciso penetrar num tunel, que ia dar na empinada muralha de uma falésia. Lá dentro, um labirinto de estreitos corredores conduzia às entranhas profundas da rocha. A luz frouxa das raras lâmpadas elétricas permitia-nos tatear o caminho naquela escuridão. Sobre os sinuosos corredores abriam-se as portas de numerosos e exíguos compartimentos, onde trabalhava, vivia e lutava uma multidão enérgica e tensa. Colhiam-se à passagem retalhos de conversas telefônicas, o crepitar das máquinas de escrever, um que outro gemido dos feridos, as ordens breves dos comandantes, e o ressonar dos que dormiam...

Os rádio-telegrafistas ditavam mensagens urgentes. Apanhei no ar retalhos de frases deste gênero: «Guarnição do projetor O-24: iluminar a entrada da baía para um transporte que chega... As mulheres e crianças que seguiam num transporte torpedeado estão sendo recolhidas por navios de guerra... Os alemães estão bombardeando a baía. Instruções à 35ª bateria para atirar sobre eles...»

Essas câmaras subterrâneas tinham água encanada, rede de esgotos, restaurante, barbearia e muitos outros serviços, tudo escavado no âmago da rocha. Mas sentia-se a falta de ar. Quando os ventiladores emperravam, tornava-se dificil respirar. A maioria dos trabalhadores eram mulheres, e confrangia ver como labutavam sem descanso: pálidas, de olhos inflamados e encovados, assim as via, inclinadas sobre as máquinas de escrever ou agarradas aos telefones, arquejando com falta de ar. Quando, ocasionalmente, outras vinham substituí-las na tarefa, tomavam nos braços os filhos que dormiam alagados em suor, e iam pôr-se de pé nas trincheiras, lá fora, para respirar em fundas inalações o ar cortante do mar. Eram raros esses momentos de alívio, e ainda assim com frequência interrompidos pela explosão de bombas e obuses.

A concussão pavorosa das explosões chegava ao seio da rocha, abafando todas as vozes e sons; o bombardeio recomeçava todos os dias regularmente um pouco antes do amanhecer, e era tão pesado que aquí e alem a rocha fendera, e parecia que, de um momento para outro, corredores, abrigos, salas de trabalho, derrocariam, enterrando viva toda aquela gente infatigavelmente entregue à sua faina.

Durante as quatro horas seguintes não saí do quartel-general subterrâneo, e nada tive ocasião de ver do que se estava passando no exterior. Mas um oficial que andara lá por fora em serviço descreveu-me o estado da cidade.

«Não resta nada de Sebastopol. As casas estão todas destelhadas, e as ruas praticamente intransitaveis, devido às avalanches de entulho.»

Não havia setor da cidade, onde os instrumentos de morte não fossem senhores absolutos do terreno. Um só lugar não restava, imune às bombas, às minas terrestres, aos obuses. Tudo quanto desse sinais de vida ou movimento—canoas, automoveis, motocicletas—era seguido por olhos invisiveis, e atacado. As formações aéreas do inimigo esquadrinhavam palmo a palmo o solo, a descobrir mulheres e crianças que por acaso se houvessem refugiado entre as rochas, esperando a sua vez de serem evacuadas. E se as lobrigavam, os explosivos de alta potência logo as inhumavam entre as ruinas à beira-mar.

Todos os dias os mergulhadores informavam um comissario especial do Almirantado sobre os materiais recuperados do fundo das águas do porto. Esses peritos em mistérios subaquáticos mergulhavam todas as noites e, lá em baixo, entre carcassas de navios e esqueletos de náufragos, carregavam as suas cestas com bombas e obuses que não tivessem explodido.

Aquele comissário era, ao que parece, insaciavel! Passava cuidadosamente em revista os conhecimentos de carga que fora possivel recolher, e teimava:

—Onde diacho estão estes seis motores de avião? Onde estão as compressas, o algodão, a lã, as drogas? Que demônio é que vocês estão fazendo lá em baixo? A jogar xadrês com os mortos?...

—É isso mesmo! replicava o mergulhador chefe. —E o camarada, o melhor que tem a fazer é dar um mergulho até lá em baixo, e verificar pelos seus próprios olhos e mãos: logo verá que é impossivel arrancar dalí aqueles motores. Estão no porão, debaixo de pilhas que metem medo, de cavalos e soldados mortos! Bolas... Não, não posso chegar lá, concluiu o homem após uma curta hesitação.

—E porque não?

—Há trinta anos que ando neste ofício de mergulhador. Tenho visto lá por baixo coisas que deram cabo do juizo de tipos que trabalhavam ao meu lado. Mas entrar nessa cabine, de onde eu sei que, se abrir a porta, vem uma nuvem de cadáveres de crianças de encontro a mim... Não, não, isso eu não posso!

—Nesse caso,—disse o comissário—você vai fazer com que muitas crianças que ainda estão vivas morram à míngua de alimento e de remédios...

A discussão acabava sempre nessa aquiescência do mergulhador em ir cumprir as ordens. E na manhã seguinte os motores de avião eram transportados para o aeródromo, e as compressas e ligaduras estavam secando ao sol, e as granadas arrancadas ao fundo do porto se achavam a caminho das linhas inimigas—através dos ares de Sebastopol.

Todas as noites entravam no porto,

às escondidas, os navios que nos traziam reforços e abastecimentos, e que mais tarde saíam evacuando mulheres e crianças. Os alemães iluminavam as cenas de desembarque com foguetões de paraquedas, e holofotes, e logo abriam implacavel bombardeio. O espetáculo era em geral indescritivel: tanques de óleo em chamas, caixas de munição explodindo, choferes conduzindo caminhões sobrecarregados através de labaredas e fumaça, bombeiros a bater-se como leões para extinguir os incêndios.

E sempre o esforço incessante para manter o ritmo tremendo da carga e descarga. Mais depressa, sempre mais depressa! Ao amanhecer é preciso que todos os navios estejam longe dos cais! —Estavam em jogo vidas, interesses decisivos, e os processos empregados tinham que ser dos mais rudes... Entre os carregadores e estivadores havia certo número de presidiários. Um destes havia organizado um grupo de descontentes, que atrazavam o trabalho. Um oficial de ligações dirigiu-se um dia a ele, e disse-lhe: «Abra a boca e diga *ah!*» O homem abriu a boca, e apanhou um tiro que lhe espalhou os dentes por terra, de mistura com o cérebro e o sangue... Depois o oficial virou-se para o grupo, e exclamou: «Aquí eu quero que não se perca tempo!»

Quando, por fim, reuní a dose de coragem suficiente para sair de dia do abrigo subterrâneo do Almirantado, os nervos se me vergaram ante o pavor daquele panorama gigantesco. Os navios meio afundados, com a proa ou a popa emergindo e apontando para o ar, aprisionavam ainda a sua triste carga de foragidos da cidade. Uma escuna, completamente carregada, jazia adernada com os mastros estendidos por sobre a água, em direção ao porto, como os braços de um afogado, cujo derradeiro impulso tivesse sido pedir socorro.

Os habitantes das casas mais chegadas ao mar, durante os raides aéreos, costumavam ir procurar refúgio na água, entre esses cascos de navios naufragados. Pareciam acreditar ingenuamente que as bombas, como o raio, não costumavam cair duas vezes no mesmo local... E os alemães, como para fazer-lhes sentir que aquilo era pura ilusão, bombardeavam os destroços.

Na cidade nem tempo havia para se fazerem funerais: os mortos eram enterrados sob uma leve camada de terra. No cimo de uma pequena elevação de terreno, li estas palavras, escritas sobre um pedaço de hélice de um avião estropiado: «Abram lugar, nessas covas, ó gente. Arredem-se vocês, veteranos da morte. Um recem-chegado vem juntar-se-lhes, para provar o amor que tem à guerra. Recebam-no em seus túmulos: ele bem o merece.»

Na sua furiosa pesquisa de reservatórios ocultos de combustivel, os alemães tinham revolvido completamente um cemitério. Os restos mortais dos soldados da Guerra da Criméia andavam por alí espalhados, e muito sangue fresco viera misturar-se-lhes às cinzas, refrescá-las... Logo para trás do cemitério estava uma zona tão rigorosamente bombardeada, que era impossivel dizer agora onde tinham sido as ruas e onde as casas. Aquí e alí viam-se crateras de bombas cheias de água ensanguentada, na qual flutuavam mãos, membros destroçados, restos de crianças...

Tive a surpresa de ver, nessa mesma zona de horror e devastação, uma mulher ainda jovem e modestamente vestida, que procurava o seu caminho entre as ruinas, levando um braçado de flores colhidas de fresco. Descia por onde tinham sido as ruas, hoje montes de ruinas, erguendo, intrépida, a cabeça. Todos os dias (assim me disseram) ela atravessava as ruinas de Sebastopol, para ir levar flores ao cemitério onde jazia o marido, homem venerado entre os defensores da cidade pelo seu heroismo. Todos os conselhos e admoestações para que se afastasse com os demais refugiados a encontravam inabalavel: «Ficarei aquí onde jaz meu marido.» Os combatentes orgulhavam-se dela, da sua decisão—lisonjeava-os o fato de que, ao lado deles, se erguia essa mulher russa, modesta e silenciosa, cujo amor era tão fervente e digno de respeitar.

As fotografias de reconhecimento aéreo provavam conclusivamente ao comando alemão que Sebastopol, como cidade, tinha deixado de existir. Os nazistas prometeram aos seus soldados que daí a dois dias eles se estariam banhando nas águas azues da baía, e depois disso lhes seria concedida licença prolongada.

Sem embargo, a cidade sobreviveu. Ardendo em energia e ódio, agarrava-se à terra com as gengivas sangrando. Privada de vida acima do nivel do chão, Sebastopol continuou a sua existência de luta em porões, pedreiras abandonadas, e abrigos escavados no solo.

Visitei um dia uma fábrica de minas explosivas que era bem um exemplo desse espírito. Lá dentro, o ruido era inacreditavel. A vasta cava estava dividida por pesados biombos de metal, por trás dos quais zumbiam e rangiam centenares de tornos. Um motor de trator, trovejante, soprava e fumegava como um velho samovar desarranjado, gerando eletricidade. Quando parava, as luzes se apagavam; imediatamente cada um dos operários acendia um cigarro, e a caverna luzia em centenas de clarões vermelhos, abafados. O acordo entre eles era que só fumariam quando o trabalho fosse suspenso devido à falta de força-motriz...

As máquinas funcionavam dia e noite, sem descanso. Toda a gente trabalhava. Na minha frente estava uma velhota, trabalhando numa máquina de cunhagem. Faltava-lhe a mão direita, que uma bomba lhe arrebatara... Saida do hospital, recusara deixar-se evacuar com os civís. Ao seu lado uma bela mulher, jovem, amamentava ao peito um bebê, enquanto dirigia uma broca mecânica. De vez em quando entoava um embalo, que a todos encantava.

Os operários dos outros turnos dormiam em tarimbas construidas em três renques ao longo das paredes, enterrados entre os seus objetos de uso pessoal e bagagens para as quais não havia lugar em mais parte alguma. Nas tarimbas inferiores, as crianças, pálidas e emaciadas, faziam jogos de guerra. As meninas embrulhavam granadas em retalhos de panos de cor, fazendo bonecas.

Mensageiros, chefes de seção, jornalistas, operadores de cine-jornal, todos passavam correndo pelos corredores abertos ao longo das tarimbas alinhadas. Ajoelhado em frente de uma pequena mesa, um engenheiro barbeava-se. O caixa pagava salários. A operadora de um quadro telefônico descansava tocando guitarra. Essa gente, e muita mais, alí vivia e trabalhava assim...

Da frente de combate propriamente dita chegavam narrativas pavorosas e estranhas. Um dia um navio de

passageiros estava-se afundando no porto. Uma explosão no porão barrara a saida da sala do rancho, onde havia feridos gemendo por socorro. Da casa das máquinas escorria o óleo combustivel, a arder, e ia-se infiltrar por sob a porta de entrada da referida sala... Não era possivel estancá-lo! Vendo-se inundados por aquele mar de óleo em chamas, os feridos esforçavam-se por escapar através de vigias, que eram demasiado estreitas para a largura dos seus ombros. Desarmados, os infelizes nem sequer podiam pôr termo à vida com um tiro! Do lado de fora, veio correndo aos trambolhões um marinheiro: viu através da vigia a cabeça de um camarada ferido, num desespero de sofrimento; o ferido suplicou-lhe que lhe acabasse com a vida, e o marinheiro fez-lhe a vontade—uma bala... Em seguida correu dalí; já tinha feito quanto podia.

Da boca de um comandante dos fuzileiros navais ouví esta história das linhas de batalha: «Em dezembro passado, quando capturaram a cota 615, os alemães pegaram os nossos fuzileiros navais que encontraram feridos, e dispuseram-nos em forma de cruz suástica. Em seguida regaram-nos com gasolina e largaram-lhes fogo... Durante toda aquela noite a chamejante astéria iluminou o vale!»

Ao DEALBAR do décimo-primeiro dia da quarta ofensiva alemã, os altofalantes de rádio, dispostos frente a frente, através da terra de ninguem, cairam no silêncio. Ambos os lados vinham usando aquele instrumento de propaganda, exprimindo-se cada um dêles na língua do inimigo. Os locutores acabaram por se conhecer mutuamente bem, e verberavam em voz alta os deslizes do oponente, erros de técnica ou de gramática, piadas sem graça, sinais de vinho a mais na voz...

As emissões de propaganda dos alemães dirigiam-se principalmente aos nossos fuzileiros navais, de quem o atacante tinha mais receio que de ninguem. Fechavam em geral as parlengas com uma frase deste gênero: «Acordem desse sonho de ópio da propaganda bolchevista. Fala-lhes um marinheiro alemão, que tem muito em comum com vocês. Se vocês amam o seu Mar Negro, venham para o nosso lado, e o Mar Negro continuará a pertencer-lhes. O nosso Fuehrer apreciará esse ato, e dará a cada um de vocês uma lancha a motor!» A resposta era sempre uma imensa e sonora gargalhada. Misturando-se ao ribombar da artilharia, ao crepitar da fuzilaria, esta risota ecoava por sobre as colinas e vales, enchendo a noite de sons espetrais.

Mas, nessa manhã do undécimo dia de ofensiva, qualquer coisa de notavel se produziu nas trincheiras inimigas. Quando a emissão começou, ouvimos um solene cântico religioso, um coro imenso que se erguia de alem do terreno pedregoso e amargo,—a voz dos romenos rezando, num desespero, pela vitória, de face virada para o sol que se erguia sobre as colinas da Criméia...

«Não deixa de ser engraçada a religião deles, camarada Comissário!» disse um soldado que, para o que desse e viesse, arrumava cuidadosamente as suas preciosas caixas de munição de reserva.

TORNOU-SE claro que o assalto já não podia tardar. Ao entrar num posto de observação, ouví a voz de um chefe: «Hora *zero*... Aprontem-se para o fogo de vista!» Nesse mesmo instante vi os tanques inimigos a surdirem dos seus

esconderijos, para a esquerda do vale que se desenrolava em nossa frente, seguidos de soldados que corriam. Através do binóculo podia eu ver que estes vinham semi-nus, com as coronhas das carabinas automáticas apoiadas no tronco alagado em suor. Traziam as ventas atulhadas de algodão para não sentirem o fedor atrós a cadaver que pairava nos campos... Outros, via-se claramente, conduziam aparelhos de filmagem para documentar a batalha.

Mas de repente ficou tudo envolto em densa fumaça, e não me foi possivel distinguir mais nada. Começamos a atirar às cegas sobre aquele terreno poeirento. As horas passaram. A batalha rugia. A percussão das explosões machucava-nos a cabeça, comprimia-nos os olhos e os tímpanos dos ouvidos, parecia espremer-nos o cérebro.

Os tanques da vanguarda inimiga atingiram a certa altura as primeiras linhas de trincheiras; mas alguma coisa os forçou alí a parar, e de repente deram meia volta brusca, esborrachando na marcha de recuo os corpos dos alemães e romenos que acabavam de cair mortos e feridos no assalto. Já então algumas das nossas baterias estavam reduzidas ao silêncio...

Senão quando os alemães desencadearam pelo ar um ataque decisivo. Nossos aviões eram um contra dez. O ataque de aviões de mergulho não é uma batalha, mas uma execução, um massacre, a supressão completa da terra em baixo, e dos homens que nela se encontram. Quando os aviões acabaram de devastar o terreno surgiram os tanques em nova avançada. Os homens que defendiam nossa segunda linha viram quanto acontecera: os seus camaradas da frente pulverizados, e diversas baterias dominadas; mas aguentaram firme. Ninguem bateu em retirada, muito embora todos soubessem que bastariam mais dois ou três assaltos daquela ordem, e o inimigo penetraria nossas defesas.

O FINAL pertence à história, mas eu não estava presente para assistir, porque recebera ordem de evacuação a bordo do derradeiro submarino que largou de Sebastopol. Quando os alemães chegaram ao quarto setor de defesas, não encontraram por assim dizer resistência nenhuma. Tãopouco houve rendição; da divisão que estivera a cargo da defesa daquela parte das linhas, só restavam vivos 130 homens...

Os alemães avançavam, porem com medo até dos próprios cadáveres, que crivavam a golpes de baioneta, ou sobre os quais despejavam as cargas dos seus revólveres... E iam deslizando para a frente, ao abrigo de tanques ligeiros, em direção à Bateria Konstantinóvsky, cuja captura lhes daria o domínio completo do porto e do canal de acesso ao mar.

Os 130 sobreviventes tinham de há muito recebido ordem para abandonar suas posições: mas fizeram ouvidos de mercador. Escolheram então o seu setor mais estreito para resistir até à última, e defenderam-no tão resolutamente, que o inimigo foi forçado a fazer alto até que lhe chegassem reforços. Esses 130 homens lutaram pela vida dos seus camaradas feridos, que estavam sendo transportados em botes através da baía.

Os feridos, muitos deles num estado horroroso de mutilação, jaziam ao longo das praias, sofrendo, sem que fosse possivel prestar-lhes os mais elementares socorros: estavam esgotadas as reservas de remédios, e até a água faltava... Nada se podia fazer para minorar-lhes as dores. E isso toda a gente e

sabia: tanto os médicos como eles próprios. E nem queixumes nem protesto havia! Sofriam e morriam sossegadamente. Eram as mulheres, jovens russas que vinham servindo no exército desde o começo da guerra, quem os transportava para bordo dos barcos; e quando estes eram atingidos pelo bombardeio incessante, ou nadavam arrastando-os consigo, ou se afogavam com eles...

Aqueles 130 homens que se batiam para que aquele cortejo de heroismo e dor continuasse, sabiam bem o que as mulheres andavam realizando. Nem quando chegaram reforços, foram os alemães capazes de quebrar aquela derradeira linha de defesa, encarniçadamente disputada de parte a parte. Mas as fileiras de nossos fuzileiros navais foram rareando rapidamente, e quando chegou o minuto supremo do combate, restavam apenas 40 homens na defesa da Bateria Konstantinóvsky.

Durante três dias e três noites, esses quarenta homens aguentaram-se na posição, e no curso desses dias e dessas noites o ataque dos alemães não cessou por um momento sequer. Durante três dias e três noites esses soldados de marinha mantiveram fechadas as portas de Sebastopol, e só quando tinham queimado as munições até o último cartucho e a última granada, é que a resistência chegou ao termo no quarto setor de trincheiras. Nem uma só bateria caiu nas mãos do assaltante; uma a uma, à medida que se lhes esgotavam as munições ou que os canhões se inutilizavam, os homens faziam-nas voar pelos ares, e desapareciam com elas. Tudo quanto pudesse ser de utilidade para o inimigo foi reduzido a estilhas.

Por oito meses, essa praça, que não era vasta, e fora fortificada apenas em vista de possiveis ataques pelo mar, detivera e afrouxara o avanço de todo o exército alemão e romeno da Criméia em direção ao Cáucaso. Mas agora, sob o implacavel e incessante avanço do rolo compressor do inimigo, a própria Sebastopol, ou o que dela restava: a sua alma—porque a cidade cessara de existir como tal, e se tornara uma lenda que já voava aos quatro cantos da Rússia—Sebastopol recuava com esses torturados, suarentos, ensanguentados e praguejantes marinheiros que, passo a passo, de peito voltado contra o inimigo, retiravam a caminho do último reduto da Criméia, o farol do Quersoneso.

Num porto da costa oriental do Mar Negro, observei a chegada de um dos últimos navios a deixar Sebastopol. Vinha desarvorado, a sua ponte fora arrancada pelas explosões de bombas, o seu costado era um crivo de granadas; mas nem assim os alemães tinham conseguido metê-lo no fundo. As primeiras palavras dos marinheiros feridos, ao chegarem a terra, foram estas: «Havemos de voltar a Sebastopol! Nós vimos apagarem-se as luzes do Farol do Quersoneso, mas iremos acendê-las de novo por nossas mãos!»...

¶ A junta de Educação Pública de Harrison, Nova Jersey, para economizar papel, que está escasseando, tomou a importante decisão de abolir os exames finais de ano.

—W. E. Farbstein, *The New Yorker*

¶ *Um escritor amado e célebre diz quatro verdades duras à formiga...*

Dona Formiga, a fraudulenta

(Condensado de «A Tramp Abroad»)

Por Mark Twain

Nessa história da inteligência das formigas, quer-me parecer que correm por aí juizos bastante exagerados. Tenho passado muito estio a observar formigueiros (à falta de melhor e mais rendosa ocupação) e, com franqueza, até hoje ainda me não caiu debaixo da lupa uma formiga viva que me parecesse mais esperta do que qualquer outra em estado de cadaver. Refiro-me, bem entendido, à formiguinha vulgar; porque, no que respeita às decantadas formigas suiças, africanas e outras, que exercem o sagrado direito do voto, organizam aguerridos exércitos, praticam a escravatura e travam debates teológicos, a minha experiência é francamente nula. Admito que essas formigas sejam tudo quanto delas nos referem os naturalistas amigos dos animais nossos inimigos: mas a formiga tal qual nós, tristes mortais, a conhecemos, a formiga banal, essa é uma autêntica poçoca! Não lhe nego o carater industrioso: é por excelência o bicho laborioso... quando sabe que alguem a está espiando; mas é precisamente da sua teimosia, da sua obstinação, que eu faço meu cavalo-de-batalha contra o inseto querido dos fabulistas e dos moralistas.

Sai a formiga por esse mundo em busca do sustento, encontra a sua presa, e que faz ela? Volta para casa? Não senhor. Pois se nem sequer sabe onde mora! Pode ser que o formigueiro fique logo alí ao voltar da esquina, a três pés (humanos) de distância: nem assim ela consegue dar com ele. A sua presa é em geral qualquer coisa que não tem préstimo nenhum, nem para a formiga nem para mais ninguem; é quase sempre sete vezes maior do que seria razoavel; a formiga procura o sítio mais absurdo para se apoderar dela; ergue-a no ar à força de braço, e rompe a marcha—não para casa, mas em sentido exatamente oposto; não com calma e prudência, mas com pressa e frenesí: se esbarra com um calhau, em vez de o rodear põe-se a trepá-lo, e aos trancos, arrastando o botim, até se despenhar do lado oposto; aí, ergue-se de repelão, limpa-se da poeira, cospe nas mãos, deita a unha raivosa à sua posse, dá-lhe safanão para a direita e para a esquerda, e lá vai, ora empurrando o fardo à sua frente, ora rebocando-o com desespero, até que, na sua fúria crescente, acaba por perder a cabeça, ergue a presa no ar, e desata a correr perdidamente, numa direção completamente diferente.

Ao cabo de meia hora deste corpo-a-corpo insano, dá consigo outra vez a seis polegadas do ponto por onde começou, e depõe, gemendo, o fardo. Detem-se, limpa o suor da fronte, lambe-se e alisa os membros, e desata outra vez a correr sem destino, com tanta pressa e veemência como há pouco. Percorre assim um vasto território, aos ziguezagues, e mais tarde ou mais cedo

volta a dar de cara com o botim que abandonara. E quando a gente julga que ela o reconhece e lhe vai voltar costas,—não senhor: olha em volta como se procurasse ter bem a certeza de qual *não* é o caminho de casa, deita mão da carga, e aí vai largada, a repetir os mesmos passos que já deu, as mesmas cegas aventuras.

Até que, por fim, se detem, e lá aparece uma colega marchando ao encontro dela. Ainda bem! Torna-se logo evidente que, na opinião da recem-chegada, uma perna de gafanhoto do ano passado é uma presa de transcendente importância: e a segunda formiga mete-se resolutamente a ajudar a primeira, para carregarem o presunto até casa. Agarram cada qual numa extremidade da coisa, e desatam a puxar com todas as forças... em sentidos opostos!

Ao fim de alguns minutos de improfícuos esforços, decidem repousar e conferenciar. Decididamente, há alí qualquer coisa que não marcha. Mas não conseguem saber o que seja, e rompem a acusar-se mutuamente de obstrucionismo. A discussão azeda-se e acaba nas vias-de-facto: atiram-se uma à outra, e durante alguns instantes ferve a dentada e o soco, rolam e esperneiam no chão; até que uma delas morde o pó, com uma perna partida ou uma antena arrancada, e deserta a liça para se ir curar das feridas... Mas não tarda que estejam reconciliadas, e voltam à estacada, aos mesmos esforços insanos e vãos; é evidente, porem, que a formiga estropiada sofre desvantagem: por muito que ela puxe, fincando as garras no chão, a outra arrasta vitoriosamente a presa—e a companheira agarrada a ela.

O tempo corre, e depois de muito arrastar e empurrar (sempre sem sair do mesmo terreno) o presunto é finalmente abandonado, coisa curiosa, sensivelmente no mesmo ponto onde fora encontrado. As duas formigas, alagadas em suor e anelantes, inspecionam-na minuciosamente, e acabam decidindo que perna seca de gafanhoto, no fim de contas, é coisa de pouca monta, e cada uma delas se aparta dalí em sentidos opostos,—a ver se não poderiam encontrar qualquer outra coisa, bastante pesada e suficientemente insignificante para que uma formiga a possa considerar bom entretenimento e deseje possuí-la com todas as veras do seu coração...

Hoje mesmo vi eu uma formiga executar todos os passos acima descritos; só que, em vez de presunto seco de gafanhoto, o que carregava era uma aranha morta, bem sete vezes mais pesada que ela própria; acabou naturalmente por abandonar a carga em pleno pó da estrada, para que outra formiga, não menos cabeçuda, pudesse ser tentada a apresá-la. Tive a paciência de medir o terreno que a asna (com perdão dos asnos) percorreu, e cheguei à conclusão de que o esforço que ela realizara durante vinte minutos, equivalia pouco mais ou menos ao seguinte por parte de um homem, a saber: amarrar juntamente dois cavalos de uns 400 quilos cada um, arrastá-los meio quilômetro pelo chão, galgando obstáculos (em vez de rodeá-los) tais como diques com a altura média de 1,80 m., e no decurso da tarefa trepar um precipício da altura do Niágara, e saltar lá de cima; repetir esta façanha com três altos campanários de igreja; e finalmente abandonar os dois cavalos por terra, num lugar descoberto, sem ninguem a olhar por eles.

A ciência verificou já que a formiga, tal qual a cigarra, não armazena coisíssima nenhuma para seu sustento durante o inverno; é uma impostora que não trabalha senão quando se sente observada, e o será provavelmente por algum entomologista crédulo, isto é, um sujeito ingênuo, pasmado e cheio de boas intenções, que se arrasta de joelhos e toma notas num caderninho... A formiga, se encontra um toco na sua frente, não sabe evitá-lo; não é capaz de encontrar o caminho de casa; o que, bem ponderado, equivale ao mais completo cretinismo. Sua tão decantada indústria não passa de vã palavra, já que a formiga nunca consegue chegar a casa levando consigo aquilo que laboriosamente se esforçou por arrastar. Este fato derruba a última coluna da que lhe sustentava a lendária reputação, e arruina por completo o seu mérito e utilidade como exemplo favorito de moralistas.

Como é que a formiga, essa grande peta dos fabulistas e entomologistas, conseguiu por tantos séculos burlar tantas nações, sem que ninguem tivesse jamais ousado ou sabido desmascará-la, eis um enigma que, por mais voltas que eu lhe dê, não consigo esclarecer: ultrapassa com toda certeza o meu poder de compreensão.

Humor do Rádio

¶ Liguei o telefone para um amigo meu, em Washington, e perguntei:
—Onde é que eu posso arranjar um quarto para passar esta noite?
—Donde é que você está me chamando?
—Estou aquí numa cabine telefônica...
—Pois então, feche-se por dentro, durma bem e tenha bons sonhos! E o meu amigo pendurou o fone.

—Henry Youngman, *Kate Smith Hour* (CBS)

¶ Você lembra-se quando a Dorothy Lamour apareceu no ecrã, só com a tanga? Um silêncio que até se podia ouvir um alfinete caindo no chão?
—Se me lembro! Os soldados todos à espera de ouvir cair o alfinete *dela* no chão...

—Bob Hope (NBC)

¶ O ar da Tunísia estava tão carregado de areia, que os alemães nem sequer podiam ver as próprias mãos, quando as erguiam acima da cabeça para se renderem!

—*Matinee* (Mutual)

¶ Porque é você assina sempre de cruz o boletim escolar de Albertinho, em vez de escrever o seu nome?
—Porque não quero que o professor sonhe sequer que um pai que sabe ler e escrever pode ter um filho tão cábula!

—*Tommy Riggs Show* (NBC)

O que aconteceu com um pião nas mãos de um gênio norteamericano

SPERRY

e o seu pião maravilhoso

(Condensado do «Scientific American»)

Por Francis Sill Wickware

NUM DIA de verão, em Cleveland, há trinta e nove anos, um homem franzino de olhos azues, chamado Elmer Ambrose Sperry, comprou um pião para os filhos. Ao pôr o brinquedo a girar no chão da sala de estar, um dos pequenos fez-lhe esta pergunta: «Papai, porque é que o pião fica de pé quando roda?»

Era um velho, velhíssimo problema! Os matemáticos haviam escrito volumes sobre a «inércia giroscópica». Ninguem, entretanto, encontrara jamais o meio de tirar algum proveito dessa curiosa força física.

Sperry, que então contava 44 anos, e já se tornara notavel como inventor de uma luz de arco, de um novo sistema de propulsão elétrica para veículos, e de várias outras coisas—pôs-se a pensar sobre o caso. Foi o seu primeiro passo no longo caminho que o conduziu à invenção da agulha giroscópica, que revolucionou a navegação marítima, e tornou possivel a aviação como hoje a conhecemos. O bombardeio de precisão, os vôos transatlânticos, os saltos de 2 mil milhas entre minúsculas ilhas no Pacífico, tudo isso seria impraticavel, se se não houvesse contado com aquele novo elemento. A agulha giroscópica serviu de precursora ao giroscópio de rumo, ao horizonte artificial (que mostra se o avião está voando com a estabilidade devida), e ao indicador de volta e inclinação (que revela se o avião segue um curso direito ou se descreve curvas, e em que proporção o faz). Os giroscópios são parte integrante das alças de lança-bombas Sperry e Norden, enquanto o piloto automático Sperry—que pode só por si conduzir um avião, em quaisquer condições atmosféricas—é essencial na manutenção do rumo conveniente durante os momentos críticos que precedem, de ordinário, o lançamento das bombas.

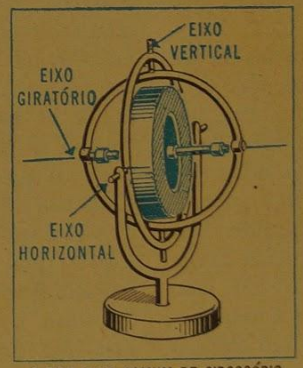
Mas naquele dia, em Cleveland, Sperry certamente, não previu nenhuma dessas realizações; o que o preocupava era o só embaraço em que o deixara a pergunta da criança.

Depois de andar vagueando pelos domínios da literatura técnica, tomou ele emprestado a uma escola de ciências um giroscópio de acionamento elétrico. Era um instrumento muito simples—uma roda de aço maciço, com o seu eixo montado dentro de anéis de suspensão cardan, de modo a ser possivel fazê-la girar em qualquer sentido. Quando, porem, o motor imprimia ao eixo um movimento à velocidade de 3.000 revoluções por minuto, era dificil afastar a roda do seu plano de rotação; como quer que girasse a estrutura, a roda

mantinha-se firme. Sperry assestou o eixo giratório no rumo do sol, e observou como ele conservava obstinadamente a sua direção. A roda *parecia* dar uma volta completa, dentro da sua armação, em 24 horas, mas o eixo indiferente à rotação da Terra, realmente apontava sempre para o sol.

Durante meses, Elmer Sperry viu-se totalmente absorvido pelo fenômeno da roda, com as peculiaridades que notara no seu movimento giratório. Preciso era lhe lembrassem as horas das refeições, e, quando saía de casa, esquecia-se até de levar dinheiro consigo.

Empreendeu, posteriormente, uma viagem à Europa, e, ocorrendo um temporal a certa altura da travessia, foi atirado do beliche ao piso do camarote, luxando o joelho. O caso encheu-o de indignação: porque havia de estar o homem à mercê do oceano? Decidiu-se a fazer alguma coisa que pusesse termo à anomalia. Não seria possivel empregar o giroscópio para estabilizar um navio, evitando-lhe o balanço? Não podia, por outro lado, um estabilizador giroscópico melhorar sensivelmente a artilharia naval mantendo firmes os navios?



O TIPO MAIS COMUM DE GIROSCÓPIO ELEMENTAR PARA ESTUDO GERAL. PODE GIRAR EM QUALQUER SENTIDO SOBRE OS VÁRIOS EIXOS.

Decorridos três anos de experiências e discussões, a Marinha dos Estados Unidos autorizou Sperry a construir um estabilizador, em grande escala, para o destróier *Worden*. Os resultados foram excelentes, e tanto mais por se tratar de um navio que balançava muito. Mas logo em seguida o sistema de pontaria no mar mudou, todo ele, de orientação, passando-se a utilizar o balanço do navio para aumentar a elevação dos canhões, e portanto o seu alcance. Desapareceu, em consequência, o interesse pelos estabilizadores.

Todavia, os giro-estabilizadores Sperry foram instalados em muitos e grandes iates de propriedade particular. Anos mais tarde, houve tanta publicidade em torno da instalação de três giro-estabilizadores de 80 toneladas no transatlântico italiano *Conte di Savoia*, ao custo de mais de 1 milhão de dólares, que é aquele aparelho, ainda hoje, a mais popular e conhecida das invenções de Sperry.

O estabilizador, entretanto, está longe de ter a importância da agulha giroscópica, por ele apresentada em 1908. Muito havia que o vapor substituira a vela, e o aço varrera do mar os navios de madeira. Nada, porem, se fizera para aperfeiçoar a bússola, uma antiga in-

venção chinesa que nunca mereceu propriamente a reputação de que gozava em matéria de exatidão. Sua agulha não apontava para o norte verdadeiro, senão para o «norte magnético», uma vasta área incerta no norte do Canadá. Cascos de aço, ou cargas metálicas, produziam-lhe desvios. Em algumas regiões—especialmente a dos Grandes Lagos—os depósitos de minério de ferro tornavam a bússola particularmente duvidosa. Nos submarinos, era ela inteiramente inutil.

Elmer Sperry tinha nítida a impressão de que a solução do problema estava no seu giroscópio, o qual, uma vez fixado sobre o norte verdadeiro, assim permaneceria, sem que as influências magnéticas pudessem desviá-lo. Tudo estava em conjugar a roda giratória com uma rosa náutica, e montá-la de modo a evitar que viesse a ser deslocada pelo movimento do navio.

Que as suas previsões estavam certas, ficou provado ao experimentar-se a agulha giratória no novo couraçado americano *Delaware*. Os canhões deste romperam uma salva que sacudiu tremendamente o navio, pondo a guarnição aos trambolhões, e quebrando lâmpadas e louça. Um marinheiro tinha colocado cuidadosamente o seu saco numa plataforma que ficava a meio caminho da torre de comando, em cima: o saco veio abaixo, sobre a bússola, espalhando-se o seu conteudo entre os oficiais indignados. Elmer Sperry desfaleceu. Mas, quando tornou a si, viu que a bússola apontava para o norte verdadeiro como se nada houvera acontecido!

A Marinha, imediatamente, começou a equipar todos os seus navios com a agulha giratória, e encomendas entraram a chegar dos departamentos navais da Grã Bretanha, da França, da Rússia, da Itália e do Japão. Hoje, de modo geral, todo navio transoceânico de primeira classe é provido da bússola Sperry. Os submarinos, por sua vez, não podem dispensá-la, já para navegar por baixo da água, já para lançar os torpedos, que são dirigidos, tambem eles, por meio de giroscópios. Os navios mais modernos levam igualmente o Piloto Automático Sperry, que pode guiar um navio através do oceano, sem necessidade de timoneiro.

O giroscópio transformou a artilharia naval. A pontaria, no caso, costumava ser feita a olho. Agora um oficial, na plataforma superior, vislumbrando no horizonte um alvo distante, pode dar a direção numa agulha giratória, e transmití-la instantaneamente às estações do navio, por bússolas repetidoras.

Ainda antes da primeira guerra mundial, deu Sperry início aos trabalhos de adaptação aos aviões da agulha giratória em uso na Marinha. Quando o filho, um destemido piloto, morreu num acidente de aviação, mais incisivo se lhe tornou o propósito de fazer para os aviões o que havia feito para os navios. Cada um dos seus instrumentos básicos de vôo é uma maravilha de precisão, ao lado da qual um relógio parece grosseiro e tosco. A matéria prima, no giroscópio de rumo, por exemplo, não representa mais que um par de dólares, mas a delicada obra respectiva faz elevar-se o seu custo a mais de 300 dólares.

Um dos grandes prodígios da ciência moderna é o piloto automático. Enormes bombardeiros e aviões de transporte cortam o espaço à marcha rápida de centenas de milhas por hora, coberta a vista de terra pelas nuvens ou pela escuridão; seguem, porem, o seu curso, com os movimentos automaticamente controlados por giroscópios.

O giroscópio se aplica tambem em terra. Anteriormente, os engenheiros, na abertura de poços de petróleo, não tinham meios de controlar a direção de uma broca, a imensas profundidades. O resultado é que os orifícios se desviavam por centenas de quilômetros. Hoje, com um giroscópio Sperry especial, armado como um rádio-goniômetro subterrâneo, fazem-se com exatidão.

A Sperry Gyroscope Company é atualmente no mundo, uma das fábricas que mais se conservam sob as precauções de segredo e vigilância. Atrás das portas cerradas, há alí uma terra encantada de tecnologia, a produzir, alem de equipamento giroscópico, uma série de instrumentos que são os nervos, ouvidos e olhos da guerra moderna.

Engenheiros e cientistas reputam Sperry um inventor, só excedido até agora por Edison. Ao morrer, tinha ele, em seu próprio nome, cerca de 400 patentes. Uma das suas invenções de maior vulto foi um projetor de metro e meio, que produz a luz contínua mais brilhante que ainda se conseguiu, e hoje faz parte do equipamento normal de todas as baterias anti-aéreas dos Estados Unidos. O facho luminoso, de uma potência de 800 milhões de velas, excede, em claridade, a luz do sol. Tem um alcance de 200 milhas, e na sua direção, ainda a muitas milhas de distância, lê-se facilmente um jornal. Um modelo, em pequeno, dessa lâmpada, é usado nos projetores de cinema.

Quem quer que viaje num trem, é devedor a Sperry de uma contribuição inestimavel para a segurança das estradas de ferro. Durante longo tempo, uma das causas mais frequentes de desastres ferroviários era a queda imprevista de trilhos que, aparentemente em ótimo estado, cediam entretanto de repente sob o peso de um comboio. Debalde tentavam as administrações encontrar algum meio de descobrir as fendas ocultas a que se devia a surpresa.

A solução de Sperry, caraterìsticamente simples, foi um carro de ensaio especial que lançava uma corrente elétrica através dos trilhos, e imediatamente registava qualquer variação na circulação, produzida por falhas internas. A nota culminante era dada por uma bomba que fazia cair tinta branca sobre as seções de trilho, com defeito. Só a contar do começo da presente guerra, os Carros Detectores Sperry têm inspecionado mais de 200 mil quilômetros de via férrea, encontrando a pedir reparo 113 mil trilhos.

Para realizar tão vasta obra, Elmer Sperry usou e abusou de si mesmo, impiedosamente. Era infatigavel no trabalho. Os seus engenheiros, na Gyroscope Company, escondiam-se algumas vezes, atrás de paredes ou armários, quando o viam surgir, ao fim do dia, com uns ares que já eram conhecidos como indicativos da intenção de propor que se prosseguisse a trabalhar de noite.

A carreira de Sperry teve início aos seis anos de idade, quando inventou, para uma tia, um ralo para legumes; de então nunca mais o abandonou o espírito inventivo, mesmo no leito de morte. Naquele dia, 16 de junho de 1930, estava em Nova York um calor insuportavel, e a sala do hospital onde se achava Sperry já nas últimas, era como se fosse uma fornalha. Trouxeram um bloco de gelo, e o colocaram numa bacia, pondo-se a soprar, através dele, um ventilador elétrico. A temperatura baixou um ou dois graus, e ouviu-se que o agonizante murmurava: «Ponham um pouco de água na bacia. Assim ficará maior a superfície refrigerante.»

Os métodos modernos de investigação tornam difícil ao motorista delinquente escapar à justiça

Detectives de acidentes de automovel

(Condensado do «Collier's»)

Por Myron M. Stearns

EM CLEVELAND, um automovel a toda a velocidade investiu contra um grupo de escolares, colheu um menino e continuou em disparada. O único indício que as crianças puderam fornecer às autoridades foi a cor cinzenta do carro. A Polícia Central ordenou às patrulhas de acidentes que dessem uma batida às garages. Numa delas foi encontrado um carro cinzento, que tinha o radiador e o motor frios, mas cujo tubo de escape ainda se conservava quente. E, agarrados na parte inferior do chassís, encontraram fios de tecido idênticos à roupa do menor acidentado. Diante disto, o gerente da garage confessou que um dos seus empregados tinha atropelado a criança, e que o radiador tinha sido regado com água fresca para arrefecer o motor.

Em Waterbury, Connecticut, os policiais, ao investigarem a propósito de um atropelamento mortal, com a consequente fuga do motorista, calcularam que o culpado devia morar num determinado subúrbio, porquanto era improvavel que um estranho imprimisse velocidade ao carro ao longo daquele trecho da estrada, àquela hora tardia da noite. Na suposição de que o culpado fizera até então as suas compras diárias na cidade, e, privado agora do uso do carro, houvesse passado a fazê-las no local onde morava, a polícia indagou dos donos dos armazens se tinham novos fregueses.

Quase duas semanas após o acidente, um merceeiro informou as autoridades de que um empregado dos Correios, residente há muitos anos na vizinhança, tinha começado a comprar na sua loja. A polícia dirigiu-se à casa do homem, e verificou que a garage estava vazia. Durante dois dias aguardaram, mas o automovel não apareceu. Então dirigiram-se ao homem e perguntaram-lhe pelo paradeiro do carro.

«Está na garage,» disse ele. «Porque?»

Quando lhe disseram que a garage estava vazia, exclamou: «Mas como, se eu o deixei alí há coisa de uns momentos!»

O homem e sua mulher foram conduzidos à delegacia policial, onde, interrogados separadamente, acabaram confessando. Tinham escondido o carro, que mostrava sinais evidentes do acidente, nos bosques perto da casa.

Os detectives especializados em atropelamento seguidos de fuga, ficam por tal forma absorvidos nas diligências, que trabalham dia e noite até resolverem um caso. Nas proximidades de Indianápolis, numa noite chuvosa, um motorista por pouco não foi de encontro aos destroços de um carro atravessado na estrada. Três pessoas jaziam inconcientes, seriamente feridas. Não havia

testemunhas visuais e o aguaceiro tinha apagado as pistas. Mas a polícia estadual encontrou palha e lascas de madeira espalhadas ao redor, e no automovel destroçado havia sinais de tinta azul proveniente da pintura do veículo causador do acidente. A palha e as lascas indicavam que o veículo fugitivo era um caminhão usado no transporte de troncos de madeira. Um exame minucioso da palha revelou a presença de urtigas que cresciam em determinadas terras negras na região do Indiana. Dando uma busca nos depósitos de madeira, celeiros e garages nessas áreas, os investigadores encontraram um auto de carga, azul, cujo dono se provou ser o condutor criminoso.

A rapidez com que se inicia a caça ao motorista fugitivo—antes que este se afaste demasiado, ou as testemunhas se retirem, ou os indícios se desvaneçam—é muitíssimo importante. Em Trenton, Nova Jersey, quando todos os carros-patrulhas foram equipados com aparelhos de rádio receptores e transmissores, a proporção de prisões por infrações desta natureza aumentou de menos de três casos em cinco, para nove casos em dez!

Ao chegarem ao local do acidente, os olhos penetrantes dos habeis oficiais perscrutam os espectadores curiosos. Frequentemente um motorista culpado, deixando o carro algumas quadras adiante, volta para se certificar do que realmente aconteceu, e decidir se será ou não melhor entregar-se.

O lugar de um acidente deve ser minuciosamente revistado à procura de indícios. Até pela estilha das lentes dos faróis se pode geralmente determinar o seu tamanho e fabricante. Os catálogos de acessórios dão desenhos detalhados de qualquer parafuso, suporte ou dobradiça de quase todos os carros jamais construidos. Do Gabinete da Inspetoria de Veículos a polícia pode obter uma lista de todos os carros do respectivo Estado, da marca e do ano indicado. Um a um, são investigados até ser localizado o carro envolvido no acidente.

Perto de Manchester, Novo Hampshire, o ajudante duma leiteria, de volta do serviço, foi morto por um motorista que se pôs em fuga logo após o acidente. Perto da vítima os detectives do tráfego apanharam dezenas de fragmentos de vidros que foram identificados como provientes do farol duma caminhonete modelo de 1936. Pouco depois um fazendeiro comprava lentes idênticas numa agência local. Os investigadores esmiuçaram palmo a palmo o terreno do seu quintal. Encontraram dois pedacinhos triangulares de vidro, que se ajustavam exatamente aos fragmentos colhidos no local do acidente, desta maneira identificando irrefutavelmente o condutor criminoso.

Quando não há testemunhas oculares, ou pistas a seguir, a polícia visita o local do acidente durante vários dias à mesma hora. Este procedimento deu solução ao caso de duas moças que foram mortas quando, certa manhã muito cedo, caminhavam numa estrada de rodagem no campo. No dia seguinte, à mesma hora, a polícia voltou. Passou um carro de entrega de uma padaria, cujo condutor tinha lido acerca do acidente. Lembrava-se que, alguns minutos depois do desastre, passara por ele um automovel a toda a velocidade. A descrição que deu do carro permitiu aos policiais localizá-lo.

O espetroscópio é um dos instrumentos interessantes do equipamento do detective especializado em casos de atropelamento e fuga. As partículas

quase infinitesimais de tinta, pó ou lama, deixadas pelo carro na sua vítima, apresentam no espetroscópio imagens bem definidas. Os resíduos de tinta ou pó de um carro suspeito podem permitir aos agentes uma absoluta identificação. Da mesma maneira é possivel identificar traços de sangue ou fios da roupa da vítima, que permanecem algumas vezes, mesmo depois de ter sido lavado o carro.

Uma vez localizado o carro atropelador, os inspetores devem apresentar provas concludentes de que a pessoa de que suspeitam é culpada. Um motorista matou um rapaz que seguia de bicicleta por uma estrada deserta. A bicicleta ficou amassada sob o eixo dianteiro e foi arrastada ao longo da estrada. O chofer teve de arrancá-la de sob o carro, para prosseguir viagem. Um bom trabalho de detective permitiu aos oficiais localizar o carro suspeito, do qual havia sido removido todo e qualquer vestígio do acidente. O motorista negava ter atropelado quem quer que fosse, e não havia testemunhas. Mas os agentes tiraram as impressões digitais do suspeito, e indiciaram-no, pois as mesmas tinham sido encontradas no quadro da bicicleta.

Por meio deste trabalho, exhaustivo, conseguem-se indiciar os culpados em 9 dos 10 casos que apresentam.

O número de casos resolvidos de maneira satisfatória aumenta continuamente. O sistema de investigação de acidentes de Detroit, organizado por Franklin Kreml, chefe da Divisão de Segurança da Associação Internacional de Chefes de Polícia, foi inaugurado em setembro de 1937; nos três anos seguintes, Detroit prendeu 9.031 de 12.018 condutores que provocaram acidentes e fugiram. Considerando em conjunto Dayton, Knoxville, Miami, Louisville, Detroit e Greenwich, a polícia descobriu 4.186 motoristas, dos 5.400 responsaveis por acidentes graves ocorridos só *no ano de 1940*. Dallas (Texas) pegou 89 por cento dos seus transgressores, South Bend 91 por cento e Evanston 94 por cento. Dayton (Ohio) resolveu 134 de 135 casos.

Os funcionários e cidadãos de outras comunidades começam a abrir os olhos e a tomar conhecimento de tais recordes. Com o grande número, sempre crescente, de condenações, os motoristas estão aprendendo a pensar duas vezes antes de fugirem do local do acidente.

¶ JANE WYMAN (Mrs. Ronald Reagan) esperava em sua casa alguns convidados de grande cerimônia. Depois de ter verificado escrupulosamente todos os preparativos da festa, pôs um papelinho com esta nota nas toalhas destinadas aos hóspedes: «Se V. toca nestas, eu lhe mato!» Na excitação da chegada das visitas, Jane esqueceu completamente a nota, que (ocioso é dizer) se destinava exclusivamente ao marido...

Quando os convidados se retiraram, Jane foi dar com as toalhas — e a nota! — intactas e arrumadas: todos tinham respeitado o aviso! «Foi o momento mais embaraçoso de minha vida...» comenta Jane.

—*The Woman's Home Companion*

¶ *Um tratamento para as vítimas da gaguez, há tanto descuradas*

O gago que fez falar os gagos

Por William Seabrook

É UM HOMEM de pequena estatura, cabelo ruivo, aspecto comum em todo o sentido, se excetuarmos um lobo no meio da testa — como se Deus o tivesse assinalado com o ridículo, e lhe tivesse dito: «Tu és o predestinado.»

Seu pai tentou fazer dele um violinista, mas James nunca sentiu grande entusiasmo pela rabeca. Entusiasmou-se porem, mais tarde, por outra coisa, e há mais de vinte anos se vem dedicando fervorosamente a uma tarefa extraordinária, que a si mesmo se impôs: a de curar os gagos e outros defeituosos da palavra. Trata-se do dr. James Sonnett Greene, do Hospital Nacional para Defeitos da Palavra, em Nova York, a quem fui entrevistar quando Lucius N. Littauer lhe deu 250.000 dólares para alargar a sua clínica.

Como ele estava ocupado na ocasião, entrei no vestíbulo da cava, onde brincavam duas crianças. O «gordo,» de calções de golfe e camisa esportiva, era o que pode chamar-se um gago «explosivo», pois falava aos repelões; ao passo que o «magro», vestido com um «macacão», gaguejava mais pontuado, como uma metralhadora. Pouco depois apareceu o dr. Greene, meteu as mãos nos bolsos, e ficou a olhar para os dois.

«Olá, doutor» disse o magro, como a dar-lhe os bons dias, e levou consigo o gordo, para irem jogar ambos uma partida de damas.

Eu nunca tinha visto o dr. Greene, mas ele tratou-me como se eu estivesse apenas dando um passeio pela redondeza. É um homem cheio de energia, com uma vontade de ferro e um coração de ouro. Toma tudo muito a sério, o que não quer dizer que não ria mil vezes por dia. Duma individualidade fortemente marcada, tem, apesar disso, um ar de grande naturalidade.

—Como é que decidiu, doutor, especializar-se no tratamento dos gagos? — perguntei. E ele contou-mo: o pai, próspero comerciante chegou à conclusão de que ele, James, não tinha vocação para a música, e mandou-o para Cornell estudar medicina.

—E assim, há cerca de trinta anos — continuou ele — mais um jovem doutor botou a sua placa num consultório em Nova York. Começava já a pensar em como seria possivel pagar o aluguel da sala, quando finalmente me apareceu o meu primeiro doente, um pobre rapaz que queria ser curado da gagueira. Eu nunca tinha ouvido dizer que um médico pudesse tratar a gaguez. Um gago, ou tinha que continuar a gaguejar toda a vida, ou acabar com esta...

O rapaz, no seu desespero, queria por força ser operado, mas o dr. Greene mandou-o embora, e começou a ler tudo quanto foi capaz de descobrir, que se referisse ao assunto, o que, valha a verdade, não era muito. Escreveu ao paciente e, dias depois, apareceu-lhe uma velhinha vestida de luto, que vinha dizer-lhe que já agora era tarde de mais: seu filho tinha caido do telhado, e morrera...

—Este foi o meu primeiro doente, disse-me o dr. Greene—e você pode imaginar como isto me ficou a roer cá por dentro! Desanimei, afligí-me, estudei, meditei. Aprendí então que havia milhões de gagos, muitos deles infelizes, porque tal desvantagem obstava a que pudessem conservar os seus empregos. E foi assim que comecei a pensar: «Alguem deveria tomar a seu cargo fazer alguma coisa a esse respeito!»

«O que nunca me passou pela cabeça foi que esse «alguem» havia de ser eu mesmo. Mas quando fui seguir cursos de especialização em Iena e Berlim, trabalhei com o dr. Gutzmann, que tinha uma clínica de ortofonia. E aprendí que a gaguez não era basicamente um defeito da fala, mas sim um desarranjo nervoso da personalidade toda. O gago não tem realmente um defeito na língua, mas apenas uma preocupação—talvez inconciente—a respeito de qualquer coisa. Sofre de uma neurose de ansiedade.

«Pois bem; regressei à América pensando sempre que alguem tinha que fazer alguma coisa a favor dos gagos. E, um belo dia, veio-me a idéia de que eu podia ser esse «alguem». Não dispunha porem de capital para semelhante empresa, e meu pai já me tinha dado quanto lhe era possivel; foi assim que resolví procurar um velho amigo—o dr. George Parker...»

O dr. Parker deu-lhe um cheque de mil dólares, e com aqueles magros fundos arriscou-se Greene a abrir a primeira clínica especializada, gratis, para o tratamento de defeitos da fala, em Nova York. Era uma pequena instalação, e os doentes todos pobres. Teve transtornos, contrariedades, dificuldades—mas tinha começado, enfim, a tratar gente afetada pela gagueira.

Em 1920 curou Albert Bigelow Paine, o falecido biógrafo de Mark Twain, o qual gaguejava tanto, que teve que mudar de residência, por lhe não ser possivel pronunciar o nome do lugar em que morava, quando tinha que comprar o bilhete do trem! O sr. Paine, já então escritor famoso, começou a revelar-se como orador, e contou ao público e a várias organizações a sua experiência com o milagroso homenzinho. Nesse mesmo ano ele e o dr. Greene fundaram «TALK» (A Fala), a primeira revista para gagos, e conseguiram por meio dela atrair sobre si a atenção pública.

O dr. Greene tem tido clientes famosos. Mas, ainda hoje, o seu maior prazer é curar os que tenham perdido o emprego devido à gaguez, e que nada lhe podem pagar. Ajuda-os a arranjar colocação, trata-os ao mesmo tempo, até que, finalmente, os entrega aos seus próprios destinos. Na grande—mas ainda tão pequena—clínica, conta uns 200 doentes por dia, e uns 1.000 por semana requerendo admissão.

Visitei uma classe de uns doze gagos adultos, entre os quais havia três moças. Na parede lia-se o moto «DE VAGAR E COM CUIDADO», e o professor recomendava-lhes sempre que falassem lentamente, com calma e com ritmo. «Agora vamos ouvir o *Kingfish*,» disse ele; e um risonho camponês da Carolina do Norte, vestido com o seu macacão, balbuciou: «Parece-me que vou falar esta manhã sobre os porcos marinhos.» O professor e toda a classe do dr. Greene deram uma gargalhada. Mas o *Kingfish*, sorridente, sem se perturbar, contou-nos quanto sabia acerca de porcos marinhos.

Uma vez por outra gaguejou, mas não demasiado; e quando começaram a

inchar-lhe as bochechas ao esforçar-se para dizer «porcos», o dr. Greene advertiu: «Olha lá, *Kingfish*, estás a soprar um cornetim»? O rapaz riu-se, descansou e acabou o seu discurso.

—Porque escolheria ele palavras tão dificeis como esta, *porpoise?* cochichei ao doutor.

—A sua dificuldade consiste na pronúncia dos pp. Nós não os forçamos a achar dificuldades; mas deixamo-los praticar nelas, se quiserem.

O dr. Greene escreve artigos solenes para os jornais de medicina, nos quais declara que a balbúcie é uma angústia, e que ninguem se ri de pessoas aleijadas; mas uma notavel caraterística da clínica, e do próprio dr. Greene, é o aspecto alegre e uma permanente boa-disposição. Uma das maneiras de aliviar a tensão nervosa é desfazê-la com alguma coisa que provoque um sorriso.

Apesar de a individualidade do dr. Greene fazer com que isso pareça muito natural, a verdade é que nada deixa de fazer parte dum método terapêutico, que tem por si a experiência de vinte anos de tratamento de milhares de gagos. Começa-se por fazer um disco fonográfico da fala do novo doente. (Mais tarde, ao dar-se-lhe alta, grava-se a sua nova fala no lado oposto.) Um médico examina o doente e submete-o a quanto julgue que possa trazer a melhora da base física indispensavel à fala clara.

Raramente é necessário recorrer a meios cirúrgicos. Usam-se fricções, massagens e tratamento elétrico,—haja vista, por exemplo, na correção das vozes em falsete. Na maior parte dos casos, porem, os defeitos da fala são tratados como sintomas que desaparecem logo que se elimine o estado de ansiedade que os causa. A obstrução física da fala reduz-se principalmente ensinando o estudante a sossegar e a coordenar-se, de modo a submeter suas emoções ao controle completo da inteligência. Reorganiza-se assim toda a personalidade do gago.

Podem obter-se consultas individuais, mas a maior parte do trabalho é feito em grupos. Os gagos estão mais à vontade, e portanto aprendem melhor quando se encontram num grupo de pessoas que sofram do mesmo mal, do que a sós com o professor, num ambiente de certa tensão. Numa sala, uma classe de adultos lê ao mesmo tempo que o mestre, em voz alta; noutras salas formam grupos de conversação, improvisam récitas e coros. Há aulas de exercícios de ginástica com música, porque as hesitações dos gagos se manifestam em muitas outras coisas, alem da fala.

Em outra parte do edifício há uma espécie de jardim de infância da fala—uma sala com decorações feéricas pelas paredes, cheia de brinquedos, e onde se entretêm lindas carinhas, alegres umas, sisudas outras. Tanto o mestre como os doentes estão contentes, e os bebês divertem-se muito enquanto se submetem ao tratamento.

Assistí tambem à assembléia geral daquela noite, no Auditório. O salão estava à cunha. Um piano tocou as primeiras notas e a assistência rompeu a cantar. O gago que presidia convidou outros gagos presentes a subir ao palco e a executar os seus números do programa. Um doente, que fora forçado a deixar a Escola Superior por não poder expor as lições, nas aulas, e que frequentava agora de novo a escola, contou-nos um passeio de barco à Montanha do Urso. Quando descreveu a luz que se filtrava através das árvores, «aquecendo-me na sua sedutora tremulação», o público aplaudiu-o com entusiasmo. Estava co-

nosco nesse tumulto um psiquiatra de Yale, o dr. Ernest G. Lion, que estudava métodos a usar numa clínica que a sua faculdade planeava abrir. Ao sair, perguntei-lhe o que pensava do que acabávamos de ver. Respondeu-me: «Achei maravilhoso.»

Tenho inquirido a mim mesmo qual será o efeito de tudo aquilo à luz das conclusões modernas, para as quais a gaguez é uma manifestação de desarranjos emocionais, em que o medo entra em boa parte. (O uso da mão direita por uma pessoa naturalmente canhota, pode explicar certos casos individuais, mas a idéia de que possa ser uma solução de todo o problema, está hoje posta de parte.)

As objeções a qualquer cura, que não elimine completamente a neurose, são que a gaguez pode reaparecer mais tarde, ou que a neurose pode localizar-se em qualquer campo de ação, ainda mais prejudicial. Mas parece que o dr. Greene crê que balbuciante que tenha deixado de gaguejar tem mais probabilidades de vencer sua neurose, do que se continuasse a falar por entre dentes até que algum psicanalista lhe dissesse que era melhor parar.

O dr. Greene tem tanto orgulho dos seus estudantes, como um missionário dos selvagens que tem convertido. E os doentes expressam-se como se tivessem passado por uma prova profundamente religiosa. Um deles, maquinista, gago havia 15 anos, não só estava curado, mas decidiu fazer-se sacerdote. E diz: «Isso mudou completamente a minha vida.»

Alem de ser um precursor, o dr. Greene tem corrigido mais gagos do que qualquer outro médico ou hospital a que os doentes recorram para tratamento gratuito. No ano findo tratou mais de 2.200 casos de defeitos da fala, e diz que rehabilitou já para cima de 24.000 pacientes. Socorre as pessoas, e disso tira para si próprio um indefinivel prazer.

Pássaro... bisnau

¶ O POPULAR humorista e ator Robert Benchley, sentindo-se indisposto, foi consultar um médico. Este, que sabia cuidar dos seus interesses, durante duas horas auscultou, percutiu, apalpou e sondou o paciente, e acabou por confessar que não via motivos para preocupação. Mas como o humorista largasse um suspiro de alívio, o esculápio apressou-se a acrescentar: «Mas não nos fiemos na primeira impressão. Tome estas pílulas. Eu irei amanhã a sua casa, para ver se surgiu qualquer coisa.»

Benchley arrastou-se até casa. No dia seguinte, o médico foi achá-lo de cama, com a língua de fora, gemendo: «Doutor, eu me sinto muito exquisito! Tem certeza que aquelas pílulas estavam boas?»

O apavorado médico destapou o doente, e ficou de boca aberta: Benchley tinha colado penas de galináceo por todo o corpo, do pescoço para baixo, e parecia um passarão gigantesco metido no ninho!

—E. E. Edgar

¶ *Façanhas dos homens que trabalham debaixo de água para porem de novo a flutuar os navios afundados*

Heróis do mar em escafandro

(Condensado de «Ships») *Por Edwin Muller*

FOI UMA grande vitória naval, equivalente a meter no fundo toda uma esquadra inimiga, ter-se conseguido fazer flutuar de novo os navios afundados em Pearl Harbor. E esta batalha foi ganha pelos Serviços de Salvamento da Armada.

Este ramo da Marinha—sem a menor publicidade—vem vencendo diariamente outras batalhas, por todos os mares do mundo. Ao largo das costas da América tem trazido à superficie e restituido ao serviço maior tonelagem de navios de carga e barcos-tanques do que a de navios de guerra salvos em Pearl Harbor.

Quando, em janeiro último, uma força de ocupação desembarcou numa ilha distante das Aleutas, um vendaval de 40 milhas à hora fez encalhar um dos vapores, que se encheu de água por um rombo aberto no casco. Lançou-se uma chamada de socorro aos Serviços de Salvamento, e dentro em breve aparecia um pequeno barco, feio e atarracado, a lutar contra um mar agitado. Fazia lembrar um daqueles caminhões de guindastes, usados para dar reboque a automoveis avariados.

O oficial de salvamento examinou o navio naufragado. Os passos essenciais são sempre os mesmos: encontrar os rombos, tapá-los, esgotar a água por meio de bombas, e finalmente rebocá-lo dalí. Mas cada caso apresenta um problema diferente. Desta vez o rombo era perto da quilha, que estava profundamente enterrada no lodo. Os mergulhadores, para avançar, tinham que abrir um tunel no fundo de lama. Instalaram-se no convés as bombas de ar, e dois mergulhadores, Martin e Tinsley, foram ajudados a meter-se dentro dos seus escafandros e a atarraxar os enormes capacetes. O tunel abrir-se-ia por meio de um jacto do tubo de ar comprimido. Tinha que ter apenas largura suficiente para um homem se arrastar através dele, e havia sempre o perigo de desmoronar-se, sepultando o mergulhador.

Os dois faziam turnos de duas horas cada um. Depois de vários dias a furarem o tunel, chegaram ao rombo, que se apresentava irregular, e começaram a cavilhar nele um remendo de madeira. O mergulhador que fazia este trabalho tinha que estar deitado de costas, sem espaço para se voltar. Era como estar dentro de um caixão debaixo de água.

Neste momento aeroplanos japoneses descobriram o navio. Tinley encontrava-se lá em baixo, sob o casco, quando o sinal de alarme tocou. Não é preciso que uma bomba caia muito perto, para matar um mergulhador colhido sob a água. Mesmo uma bomba de tamanho médio, caindo dentro de uns mil metros, é bastante para atirar o mergulhador à superfície, feito cadaver.

Avisaram Tinley, pelo telefone, de que tinha quatro minutos para escapar. Naquele curto espaço de tempo ele devia achar o seu caminho na escuridão, e arrastar-se, com os pés para diante, pelo tunel fora. Seria perigoso desviar-se, ou dobrar os tubos de ar por um momento que fosse. Dentro dos quatro minutos ele tinha conseguido safar-se, e viu as bombas caindo na água, suficientemente perto para fazerem estremecer a coberta debaixo dos seus pés.

Os raides continuaram. Mas o trabalho não se interrompeu. Martin e Tinsley tinham que arrastar-se por aquele tunel, cada vez que se lançava o alarme dum novo raide. Mas no fim de seis semanas o navio estava a flutuar.

A Marinha prepara os seus próprios mergulhadores de salvamento. A maior parte recebe o treino em Nova York, à sombra enorme do *Normandie* sossobrado.

O praticante de mergulhador tem que começar por aprender a regular as válvulas de ar. Desde que a entrada e saida do ar se compensem, de modo que este se conserve bem equilibrado, o mergulhador nem vai ao fundo nem vem à superficie. É como se a lei da gravidade, para ele, tivesse cessado de funcionar. Podia até saltar por cima duma casa, num salto comprido e vagaroso, como os que vemos no cinema, nos filmes em câmara lenta.

Deixando entrar demasiado ar, o mergulhador corre o risco de «explodir». O escafandro começa a inchar, as pernas e braços começam a alargar-se e a endurecer devido à pressão do ar, de modo que ele já não pode chegar às torneiras ou válvulas, e assim é «disparado» para a superfície. E, pela repentina diminuição de pressão, fica exposto ao perigo de embolias.

Em trabalhos de salvamento, um mergulhador muitas vezes tem que penetrar bem fundo dentro do navio náufrago. Na escuridão cerrada da água lodosa, cumpre-lhe romper caminho através de emaranhadas passagens cheias de detritos flutuantes. E deve conhecer exatamente a posição de cada polegada do seu tubo de ar a cada movimento que faça. Suponhamos que ele desce por uma passagem em que há um objeto fixo, como uma escora. Se no regresso ele passar pelo outro lado deste objeto, o tubo do ar dobra-se, e ele nem pode continuar para a frente, nem ser içado: tem que retroceder e desembaraçar o tubo.

Quando, para trabalhar lá em baixo, os mergulhadores são obrigados a virar várias esquinas, a Marinha manda-os dispor em escala. O 1º mergulhador desce, e toma o seu posto num sítio em que se deve voltar uma esquina. O 2º desce, passa o 1º, e segue até à esquina seguinte. E o 1º tem que vigiar o tubo do 2º; o 3º desce e passa o 2º, que fica, por sua vez, responsavel por aquele. Assim serão necessários três mergulhadores, para pôr um a trabalhar. Por um engenhoso aparelho, os mergulhadores se conservam em contacto telefônico não só entre si, mas tambem com o barco que se encontra à superfície.

Os aspirantes a mergulhadores, depois de terem aprendido a técnica de execução de certos trabalhos debaixo da água, como soldar, cortar metal com o maçarico, vedar furos, escorar compartimentos, são postos a trabalhar no *Normandie*. O navio, reclinado sobre um dos lados, parece ainda maior do que quando flutuava. Colocando-se uma pessoa numa plataforma ao nivel da água, onde antes estavam as chaminés, ao olhar para cima, para a metade

de estibordo do convés, esta parece-lhe tão elevada como um arranha-céu. A metade de bombordo, debaixo do observador, assenta lá no fundo, no lodo do porto. Dentro do casco do paquete há 100.000 toneladas de água, 10.000 metros cúbicos de lama, centos e centos de toneladas de detritos. É o maior trabalho de salvamento jamais empreendido.

A teoria é simples: desembaraça-se o caminho de todos os detritos; escoram-se e reforçam-se os compartimentos interiores; calafetam-se todas as aberturas; esgota-se todo o lodo e água por meio de bombas; mete-se lastro na quilha: e ele vem à superfície.

Dúzias de mergulhadores, tanto navais como civís, vêm trabalhando há mais dum ano no *Normandie*, num cenário de conto de fadas. Há o salão de fumar, grande como uma catedral, a sala de jantar com quase meio hectare de mesas, ou o salão em meia-lua, que antes estava cheio de gaiolas de aves tropicais. Há piscinas de natação, bares, lojas e escritórios, centenas de quartos, quilômetros de corredores, todos com seus tetos e soalhos na posição em que deveriam estar as paredes, e todos obstruidos por massas compactas de tapeçarias, roupas de cama, moveis destruidos, espelhos esmigalhados...

Um jovem mergulhador estava trabalhando em baixo, no que costumava ser um camarote de luxo. O barco de apoio, lá em cima, recebeu um chamado de socorro pelo telefone. Desceu um mergulhador experimentado, que descobriu que o rapaz tinha aberto demais a válvula de entrada do ar, e flutuava agora contra o teto, como se fosse um brinquedo de borracha. Mas eles conseguiram salvá-lo daquela dificil posição.

Em dezembro último um navio-tanque encalhou em frente da costa do Delaware, e partiu-se pelo meio. Ora um navio-tanque parece-se com uma minhoca, pelo fato de poderem as duas metades viver independentemente uma da outra. Os seus tanques são compartimentos flutuantes, impermeaveis. O Serviço de Salvamentos calafetou as duas extremidades por onde o barco se partira, esvaziou de água e encheu de ar os tanques, como de costume, e rebocou as duas metades para uma doca seca, onde foram soldadas de novo.

Uma vez, este mesmo Serviço apanhou a metade da proa de um barco a que faltava toda a popa. Pois tem-na guardada, para o caso em que algum dia possa aparecer a ré!

Muitas vezes é possivel salvar-se a carga, ainda que se não possa repor o barco a flutuar. Rasgam o convés, descem mergulhadores aos porões, atam a carga aos guinchos, e os possantes guindastes do navio de salvamento içam os salvados para lugar seguro. Assim se livrou, de um vapor de carga naufragado, um carregamento de minério de zinco concentrado, no valor de seis milhões de dólares. De outro foi possivel salvar-se um carregamento de tanques e trilhos.

O Serviço de Salvamentos da Marinha coopera tambem com os Engenheiros do Exército na demolição de navios naufragados que põem a navegação em perigo. Para destruir um barco ligam-se cargas de dinamite aos pontos principais de resistência ou tensão. Então o navio vai-se afundando por seções.

A demolição ou salvamento de navios de munições é especialmente perigosa. Os explosivos são tão cuidadosamente acondicionados, que, muitas vezes, mesmo depois de terem estado debaixo

de água por muito tempo, conservam ainda toda a sua potência. Um mergulhador tem que trabalhar com toda a delicadeza ao cortar ou escorar um compartimento atrás do qual estão empilhadas caixas de explosivos. Durante a última guerra um vapor americano, o *Florence H.* afundou-se num baixio, em frente da costa de França, com uns milhares de toneladas de dinamite. Treze anos mais tarde, uma firma italiana de salvamentos aceitou o contrato para demolir esta ameaça constante aos outros navios. Durante três meses a tripulação do vapor de salvamentos *Artiglio* trabalhou cuidadosamente no casco do navio naufragado, cortando-o quase até onde ele assentava no lodo. O trabalho estava em via de conclusão, e parecia certo que a dinamite se tinha tornado inofensiva. Decidiu-se por isso acabar o resto da empreitada com uma carga de dinamite.

Uma formidavel erupção vulcânica irrompeu do fundo do oceano. O troar da explosão ouviu-se por toda a costa, e quando os socorros chegaram já o *Artiglio* tinha desaparecido. Da sua tripulação apenas um ou outro sobrevivente, atordoado, boiava agarrado a algum destroço disperso.

Depois da guerra haverá muitos tabalhos como esse. Os Salvamentos da Marinha são um serviço para o qual a guerra não terminará logo que toque a cessar fogo. Vai ter que esquadrinhar os mares durante anos, procurando os cascos e cavernames de navios naufragados ou abandonados, que ameacem a navegação, fazendo todos esses trabalhos de salvamento, que são demasiadamente demorados, agora que se anda a fazer face a uma guerra de tão vasta envergadura.

De que outro modo V. diria?

¶ Estávamos todos sentados à roda da mesa, naquela pequena estalagem do Cabo Cod, à espera da ceia de sábado, quando o hospedeiro chegou à porta e anunciou: «Pra quem não gosta de feijão, a hora da ceia já passou.»

—George W. Walsh

¶ Durante um casamento, um ancião muito digno dirigiu-se a um preto elegantissimamente trajado, e perguntou se ele é que era o noivo. Resposta do elegante moço (em tom muitíssimo menor): «Não siô... Eu fui eliminado nas meias-finais...»

—*The Franklin News*

¶ O novelista Clarence Budington Kelland viu um cowboy sentado à porta de um rancho, a tomar uma chícara de café, e perguntou-lhe se tambem se podia arranjar uma para ele. O cowboy estendeu-lhe a sua chícara e disse: «Pegue! Este eu já assoprei e provei.»

—*The American Magazine*

Dívida saldada

(Condensado de «Toronto Star Weekly»)

Por Kathryn Forbes

Na janela tínhamos colocado um letreiro: «Aluga-se; quarto». Quando o sr. Hyde bateu na porta, Mamãe e eu o fizemos entrar, e mostramos-lhe o aposento. Era a primeira vez que Mamãe tentava alugar um quarto, e talvez por isto esqueceu-se de pedir referências ao pretendente ou exigir aluguel adiantado.

—Os alojamentos são eminentemente satisfatórios, disse o sr. Hyde, que falava sempre assim, num estilo elevado.—Mandarei minhas malas hoje mesmo, à noitinha, e com elas virão meus livros.

O sr. Hyde adaptou-se rapidamente ao ambiente de nossa casa. Não parecia ter nenhum trabalho regular, mas falava agradavelmente com as crianças e, quando se encontrava com Mamãe no corredor, fazia-lhe um rasgado cumprimento. Papai tambem se dava bem com ele. O sr. Hyde viajara por toda a Noruega, e tinha conversas sem fim com Papai sobre as pescarias maravilhosas que lá se fazem. Só Tia Jenny, que era dona de uma pensão, cismava com ele:

—Quando é que ele vai-lhe pagar o aluguel? perguntava.

—Não tenho jeito de perguntar,—dizia Mamãe—mas ele há-de pagar um dia desses.

Tia Jenny, então, com um ar sinistro dizia que conhecia aquela espécie de gente, que Mamãe desistisse de comprar o casaco novo com o dinheiro daquele sujeitinho, um senhor distinto... hum! E nós, garotos, ficávamos preocupados, pois sabíamos que Mamãe alugara o quarto para poder comprar um casaco mais quente para o inverno, mas ela ria-se de nossas caras sérias. «Conversa fiada...» dizia, e ia preparar um cafezinho, para que Tia Jenny mudasse de assunto.

Quando a época das chuvas chegou, Mamãe lembrou-se que o quarto do sr. Hyde era muito frio à noite, e então pediu a Papai que o convidasse para se sentar conosco na cozinha, onde era mais quente. Dagmar, Kristin, Nels e eu preparávamos nossas lições na mesa do centro, enquanto Papai e o sr. Hyde fumavam seus cachimbos à beira do fogão. Mamãe, em silêncio, fazia massa de pão e queijo de coalho sobre o mármore da pia.

O sr. Hyde dava conselhos a Nels quanto a seu curso ginasial, e às vezes ajudava-o no estudo das lições de latim; pouco a pouco Nels começou a se interessar pelos estudos, suas notas melhoraram, e não pedia mais a Papai para sair do colégio e ir trabalhar.

Quando concluíamos o estudo e Mamãe já se tinha sentado na cadeira de balanço com a costura, o sr. Hyde começava então a conversar, e contava suas viagens e aventuras. Sabia tanta coisa! A história e a geografia começaram a fazer parte de nossa vida real—era como se aqueles lugares distantes de repente estivessem alí em volta de nós. O sr. Hyde estudara na Universidade de Oxford e depois viajara por todo o mundo.

Uma noite ele começou a nos ler Dickens, e passado algum tempo isso

tornou-se um hábito estabelecido; à hora própria, o sr. Hyde trazia um de seus livros e lia em voz alta para nós. Mundos novos e estranhos surgiram para nossas imaginações.

—São tão bonitos quanto as sagas da Noruega! dizia Mamãe cheia de admiração.

Depois de *David Copperfield* e *Old Curiosity Shop*, o sr. Hyde passou a Shakespeare e, com sua bela voz de barítono, era para nós como se um grande ator estivesse representando a peça.

Quando voltou a primavera nenhum de nós pediu para ir para a rua brincar. Acho que Mamãe ficou bem contente com isto. Nels tambem agora ficava em casa, em vez de ir para a esquina conversar com os rapazes do bairro. E no dia em que um bando deles assaltou a loja do sr. Dillon, Nels estava em casa conosco. Tinha ficado para ouvir o último capítulo de *Dombey and Son*.

Quando o sr. Hyde recebeu a tal carta, estava nos lendo *Ivanhoe*.

—Tenho que me ir embora, disse ele a Mamãe.—Deixo meus livros de presente para Nels e os meninos. Aquí está um cheque pelo que lhe devo, e fique certa que lhe serei eternamente grato pela hospitalidade.

Ficamos com pena de nos despedir do sr. Hyde, mas foi com entusiasmo e curiosidade que trouxemos para a cozinha os livros que estavam no quarto dele. Lemos alguns dos títulos: *Tale of Two Cities*, *Nicholas Nickleby*, *Vanity Fair*, *Alice in Wonderland*, *Oliver Twist*, *Midsummer Night's Dream*... Mamãe espanejou-os com todo respeito:

—Há tanta coisa para se aprender! disse ela,—Nels podia bem nos ler todas as noites em voz alta, como fazia o sr. Hyde. Acho que ele tem uma voz bem bonita.

Isto visivelmente fez prazer a Nels!

Mamãe mostrou o cheque a Tia Jenny:

—Você está vendo, vou ter meu casaco novo para o inverno, afinal de contas.

—Foi pena que Tia Jenny ainda estivesse lá em casa quando um pouco mais tarde surgiu o sr. Kruper, o dono do restaurante e da padaria da esquina. Estava furioso:

—Vocês sabem que aquele bandido do Hyde era um escroque? O cheque que ele me deu estava sem fundos, e o pessoal do banco me disse que ele espalhou cheques sem valor por toda a redondeza!

O ar triunfante de Tia Jenny era como se estivesse exclamando: «Eu já sabia...»

—E a vocês? indagou sr. Kruper.—Aposto que ficou devendo um dinheirão!

Mamãe olhou para os filhos em volta dela, fitou Nels mais demoradamente.

—Leia, disse-lhe ela carinhosamente. —Queremos ouvir o resto da história de Ivanhoe.

E encaminhando-se para o fogão, diminuiu-lhe a chama e respondeu ao sr. Kruper:

—Não, a nós não ficou devendo nada.

¶ Há dez probabilidades contra uma de que a pessoa que nos dá palmadas nas costas está tentando fazer com que a gente lance para fora alguma coisa.
—Olin Miller

Uma clínica de correção do pensamento

(Condensado da «Mental Hygiene»)

Por Winfred Rhoades

Há mais de cinco anos, no Dispensário Público de Boston se vem ensinando as pessoas inadaptadas a transformar os erros e desastres da existência em proveitosa lição de êxito pessoal, graças à arte de pensar corretamente sobre a vida e sobre si próprias, realizando uma conjugação satisfatória entre a personalidade e a existência.

Ora, a observação direta havia demonstrado que aproximadamente um terço dos indivíduos que compareciam à clínica não eram realmente portadores de lesões orgânicas. Seus sofrimentos eram reais; suas desordens gástricas tambem o eram, como existiam de fato as náuseas, palpitações, tremor e a paralisia de que se queixavam. Mas tudo isso era funcional e não orgânico. A causa desses males residia no estado emotivo dos doentes, não vinha de tecidos ou células combalidas. Esses pacientes estavam a carecer, não de remédios ou intervenções cirúrgicas, mas de reeducação intelectual e emotiva.

Esses tipos de doentes, homens e mulheres, provocam sintomas físicos de grave efeito, sentindo-se então como que aliviados das condições que os afligem. Esse desejo de fugir aos fatos da vida real (uma neurose) funciona subconcientemente e acaba criando sintomas de males físicos incapacitantes. Se bem que o tratamento psicológico de tais casos vem tendo grande importância na medicina, nestes últimos quarenta anos, a maioria das vezes, porem, só as pessoas que dispõem de recursos é que podem receber horas e horas do socorro médico adequado. No Dispensário de Boston viam-se pacientes que precisavam urgentemente de readaptação mental e emotiva, porem que não podiam custear os respectivos tratamentos individuais. Querendo auxiliar essa classe de doentes, o médico encarregado da clínica viu que talvez fosse possivel dar instrução de higiene mental e moral, todas as semanas, a esses pacientes em grupo.

Daí surgiu o Curso de Correção do Pensamento. Todas as quintas-feiras, cerca de quarenta pacientes, alem dos médicos e visitantes, vindos de todas as partes da cidade, reunem-se na sala das interessantes preleções. Uma senhora já havia comparecido noventa e três vezes, e tanto tinha aproveitado, que não queria perder nenhuma das reuniões. Outra fora a sessenta e cinco destas conferências, uma terceira a cincoenta e uma, e ainda outra a quarenta e oito. Tinha-se aí o exemplo frizante do poder que a mente exerce sobre o corpo. Nas últimas filas viam-se pacientes que tinham entrado fazia uma semana. À medida que comparecem a um maior número de aulas, vão tomando assento gradativamente mais à frente.

Ouve-se na sala o rumor de conversa amistosa; vêem-se faces alegres e risonhas, pois todos aguardam com prazer estas reuniões semanais, interessando-se uns pelos outros como legítimas personalidades, e como amigos, que muitos são realmente.

«Sei que os presentes estão admira-

dos de que os seus respectivos médicos os tenham enviado para aqui, em vez de lhes ministrar drogas,» diz um dos diretores da clínica, saudando a classe, e irradiando saude e alegria da sua fácies cheia de vida. «É que os seus médicos, não encontrando nada de anormal nos seus organismos, concluiram acertadamente que os sintomas de seus padecimentos vinham do *eu* de cada um. Aprenderão aqui a estabelecer o necessário equilíbrio na vida e a desenvolver uma personalidade normal. Não tentaremos tratar aqui de doenças orgânicas; curaremos da respiração curta, do enfraquecimento da espinha, das dores torácicas e abdominais, perturbações gástricas, náuseas, palpitações, desmaios, fadiga constante, dores de cabeça—pois estes e muitos outros estados incômodos podem ser o resultado de uma mente agitada, e encontrar alívio com o sistema que aqui praticamos.

«Não pensem que eu estou a insinuar não serem reais os sintomas que sentem. Não digo tal. Sei que as dores de origem emotiva são às vezes mais severas que as relacionadas com doenças orgânicas. A fadiga nervosa é mais incômoda do que a que provem do trabalho pesado. Mas, se os seus sintomas têm origem psíquica, poderão dominá-los tão bem quanto os companheiros que aqui comparecem há já alguns meses. O único meio de se curarem é tratando de se transformarem interiormente, substituindo maus hábitos mentais por hábitos saudaveis.

«Se se encherem de apreensões sobre a função de qualquer dos seus orgãos, acabarão sofrendo deles. Todos nós dispomos de grandes reservas de força de vontade com que podemos dirigir e controlar as nossas idéias.»

Os comentários e lições são muito simples. Vem, em seguida, o período de descanso, parte importante das aulas. «Adquirimos paz de espírito e uma sensação de força nova quando aprendemos a descansar física e mentalmente,» diz o médico. «Sentem-se bem a cômodo; ponham os pés juntos no soalho, deixando que este os suporte. Não queiram empurrar o soalho com os pés. Cerrem as pálpebras, sem as apertar; deixem que elas se fechem lentamente, e mantenham os olhos fechados. Agora, deixem a cabeça cair para a frente. Afrouxem os músculos do pescoço. Desenruguem a testa. Deixem que as mãos repousem nas pernas. Mantenham os dedos em completo descanso.

«Enquanto descansam assim, vamos pensar numa paisagem. Suponham que estão sentados em chão quente, à margem de um lago, na floresta—floresta fechada por todos os lados—ar quente de verão, e que são quase duas horas da tarde. Não há sinal de brisa; o lago não se move... Vejam como a água está parada. Lisa como um espelho! Contemplem este quadro. Contemplem-no durante meio minuto.»

Depois disto, com os olhos ainda fechados, contam-se as mãos, para ver quantos se mantiveram em descanso e quantos obtiveram serenidade mental. Talvez que alguns dos presentes se ofereçam para continuar com os exercícios em casa, com o mesmo quadro mental, enquanto se entregam aos variados trabalhos do dia.

O médico dirige-se agora aos novos pacientes. «Espero que observem o quanto têm aproveitado os membros mais antigos desta aula. Eles vêm cá, não porque precisem, mas para auxiliá-los com sua presença. Sra. Shallahan, conte-nos o seu caso.»

Uma senhora, enérgica e vivaz, levanta-se: «Durante três anos estive com artrite; não podia mover os braços ou as pernas. Dependia de outras pessoas, que me levavam a comida à boca, me vestiam, e me auxiliavam a meter-me na cama. Para descer a escada, fazia-o com esforço enorme, agarrando-me a tudo. Tinha que me servir de um martelo para abrir a torneira e não podia levantar uma chaleira, a não ser que fosse segura pelo braço. Pensava que ia morrer.

«Finalmente, vim ter a este Dispensário. Fui examinada e os médicos me disseram que eu não tinha artrite, e que todos os meus sintomas eram devidos ao meu nervosismo. Mandaram-me então para cá.

«Da primeira vez, não aproveitei muito, e não pude compreender que utilidade havia em estar sentada aqui, ouvindo um longo discurso... Agora, acho que estas aulas são a coisa mais extraordinária do mundo, pois me restabeleceram—fizeram de mim outra mulher. Eu esperava compaixão, mas achei algo mais importante: encorajamento! Sem coragem, nada se pode fazer. Chorei durante três anos; de agora em diante posso rir-me! Hoje não sinto dor alguma!»

A classe, naturalmente se impressionou com o caso da sra. Shallahan.

«As preocupações diz o médico—são geralmente atribuidas ao ambiente. Mas mudar de ambiente não resolve por si só a dificuldade, cuja causa real está no íntimo do paciente. É necessário substituir hábitos maus por bons hábitos. Não podemos evitar que pensamentos aborrecidos nos venham à mente; mas podemos varrê-los da mente para fora. Sra. Raice, queira explicar aos novos companheiros de classe os resultados que obteve...

«Passei sete anos doente,» começou ela. «Não conseguia dormir. Tinha um gênio tremendo e ninguem podia viver em minha companhia. Exagerava os meus pequenos males. Vivia com quatro pedras nas mãos, contra todos. Tinha a mania da perfeição pessoal, e queria corrigir todo mundo—e com isso me irritava. Hoje não me queixo, tenho calma. Deixo que os outros vivam sua vida, enquanto eu vivo a minha.

«Desde que assistí à primeira aula, compreendí o fim do curso, mas tive que me disciplinar por mim mesma. Se os outros melhoram—pensei então—por que não hei-de conseguir o mesmo? Não sou diferente deles. Comecei a ver que não era o mundo que estava errado, mas eu própria. Hoje sinto-me mais feliz e sadia do que nunca. Outrora, eu não descansava nem quando dormia. Agora já não me fatigo como antigamente; e produzo a mesma porção de trabalho, sem cansaço. As preocupações desapareceram; meu marido e meus filhos mudaram de atitude, desde que comecei a vir aqui.»

«E a senhora, aplica em casa os conselhos que lhe damos?» perguntou-lhe o médico.

«Procuro esquecer as dores, se as tenho. Agora compreendo o meu *eu*, e estou apta a controlar os meus sintomas. Antes de cá vir, beirava pelo suicídio. Julgava ter perturbações cardíacas—uma lesão sistólica!—pois isso me disse um médico. Sei, hoje, que possuo um coração normal; meus nervos é que me punham daquele jeito.»

O objeto do curso é curar *aquilo que os pacientes julgam ter*. E se realmente houver alguma desordem física fundamental, é da máxima importância que o paciente desenvolva o entusiasmo necessário para vencer o assalto desse

mal, e aprenda a jogar sempre com essa força. O fim do Curso de Correção do Pensamento não é só remover sintomas, senão tambem tornar o paciente *senhor de si próprio*.

E, se algumas vezes se faz preciso dar-se desconto àquilo que se ouve na sala, há sempre o valor dos testemunhos pessoais. O ouvinte reconhece que *alguma coisa* se realiza alí, que de feito transforma a vida dessas pessoas, e estas se sentem mais firmes na sua nova atitude para consigo e para com o mundo. Falando de suas emoções mórbidas de medo, de revolta ou de auto-compaixão (tendo presentes «imaginosos ouvintes»), cedo começa a se livrar dessas meléficas emoções.

Grande número de pacientes ainda mantem contacto com a clínica. Quando precisam de tratamento físico, isso lhes é recomendado e fornecido. Mas os médicos, alem dos auxílios físicos que ministram, usam tambem a psicoterapia individual, sempre que é possivel e aconselhavel.

Exemplo patente das vantagens reais desse curso foi oferecido pela sra. Raice, cujo caso já ficou citado. «Voltei cá,—confessou ela—por ser o lugar aonde gosto de vir.»

Na classe ela encontra alimento para a fome do seu espírito—coisas que se não encontram com facilidade em casa. Encontra tambem contacto social com pessoas cujos interesses são diferentes dos daquelas pessoas com quem vivo diariamente. Sua vida é ampliada por aquela hora de aula semanal. Alem do mais, sente que se lhe dá atenção. Ouve o caso dos companheiros, que têm passado por idênticas dificuldades, e que lhe confessam ter recebido ânimo ouvindo as palavras dela... E assim, em grupo, todos obtêm resultados que não conseguiriam com tratamento psicoterápico particular.

O empobrecimento da mente e da alma—é a mais negra das espécies de pobreza. É uma imperiosa necessidade da vida, para os homens de todas as condições, que a sua mente ou espírito receba todas as luzes e ensinamentos que possa absorver. O fim da Clínica da Correção do Pensamento é fornecer a certas almas desharmoniosas, almas em luta consigo mesmas, os meios de criarem um novo mundo de desejo, imaginação e pensamento.

A pessoa que aprende a ver sua neurose como uma «negação à vida», e que resolve contemplar o horizonte de uma nova *afirmação de vida*, e impregnar-se de mais vida pura e verdadeira,—essa pessoa começa a dominar os seus males. Está a caminho de libertar-se das reações mórbidas—e breve será o piloto de sua própria vida e destino.

¶ Um grupo de operárias dos estaleiros de Vancouver, na Colúmbia Britânica, declarou uma greve de protesto contra o fato de uma camarada ter sido demitida por usar roupas «demasiado justas». No manifesto que dirigiram aos empregadores, declaravam as operárias: «Sejam quais forem as consequências, não podemos deixar passar sem protesto um ato destes. A mulher deve preservar acima de tudo o seu sagrado direito de armar o laço ao homem.» E a gerência, um tanto encabulada, readmitiu a operária despedida.

—*UP*

Aviadores civís em serviço de guerra

(Condensado do «Saturday Evening Post»)

Por John Kobler

O heroismo e o espírito de aventura na Patrulha Aérea Civil, o mais duro e o mais arriscado de todos os serviços civís.

Às primeiras horas de uma cinzenta manhã do inverno passado, um submarino nazí que navegava à flor-da-água, a pequena distância da costa da Florida, teve uma grande surpresa: um minúsculo avião, dir-se-ia do tamanho de uma pulga, surgiu e desceu de entre nuvens, mas tão insignificante que o comandante do submarino deve tê-lo olhado com um sorriso. Debaixo, entretanto, do seu pequeno bojo, luzia um porta-bombas, aliás tosco. Foi, porem, a última coisa que ao capitão nazista seria permitido vislumbrar. Porque uma bomba de demolição não tardou a atingir-lhe a torre de comando, dando-lhe cabo do submarino.

O avião era um *Voyager Stinson* de 90 cavalos, com uma velocidade máxima de 160 km. por hora; o piloto, homem de negócios já afastado da atividade, teria cerca de 60 anos. Estava no serviço da Patrulha Aérea Civil—a *Civil Air Patrol*, ou, como vulgarmente se diz, resumindo nas três iniciais: CAP.

Muita gente nutre uma vaga noção de que a aviação civil dos Estados Unidos, desde Pearl Harbor, nunca mais levantou vôo, como se tivesse grudado ao chão. A força aérea privada mais importante do mundo—que reunia, antes da guerra, 100 mil pilotos, 25 mil aparelhos, e 2 mil aeroportos e campos de aterragem—é dada assim como extinta! A verdade, no entanto, é muito outra. Nunca ela esteve em atividade mais árdua. Hoje é raro encontrar um dos seus homens—incapacitados pela idade, ou por motivos de saude, para o serviço regular das forças armadas—que não seja um voluntário da CAP.

A CAP mantem patrulhas em vigilância desde o amenhecer ao anoitecer, reine bom ou mau tempo no Atlântico. Seu pessoal combóia a navegação costeira, conserva-se em constante contacto, pelo rádio, com o exército, a marinha e a guarda da costa, e em geral afugenta os submarinos. Os aparelhos em serviço são quase sempre aviões de um só motor, para vôo sobre terra, originariamente projetados com o fim de se utilizarem em pequenas excursões de recreio, poupando-se assim para uso em ações de maior envergadura os pesados aeroplanos militares. Se o motor se desarranja, pode dar-se uma queda no mar. Tais acidentes já custaram, até hoje, a vida, a catorze pilotos da CAP.

Nunca se imaginou converter os pequenos aviões em portadores de bombas. Eram apenas destinados a realizar o patrulhamento numa dada área de comboio, solicitando auxílio pelo rádio, sempre que se tornasse necessário. Mas certo dia um deles encontrou um submarino em águas pouco fundas. O submarino, mergulhando, bateu com a proa na lama, e gastou 40 minutos para voltar a funcionar livremente. O piloto, no ínterim, apelava freneticamente pelo rádio, para os bombardeiros, que não

chegaram todavia a tempo. Inteirado do contratempo, não se conteve o general Arnold que não esbravejasse: «De agora em diante, eles carregarão as suas próprias bombas, ainda que tenham de atirá-las pelas janelas!»

De acordo com as sugestões de um engenhoso oficial do exército, o major Lester B. Orcutt, desenhou-se um dispositivo de metal, sustendo duas bombas de demolição, de 45 a 50 quilos cada uma, e duas outras, fumígenas. Aviões leves não ousam lançar bomba de uma altura inferior a 300 metros, para que se não arrisquem a vir a ser, eles próprios, as suas primeiras vítimas. Então Orcutt, com uns 20 centavos (quatro cruzeiros) de material de refugo, inclusive ganchos de cabelo, latas de folha de Flandres, e vidro, inventou uma alça de lança-bombas constante de dois anéis metálicos ajustaveis, e suspenso do lado de fora da porta da cabina do piloto. De 900 a 1.000 metros de altitude, o dispositivo de Orcutt revelou-se tão preciso na sua exatidão, que hoje está sendo fabricado em série, e os próprios aviões do exército lhe reconhecem as vantagens para uso no ataque a certos objetivos.

Os aviões da Patrulha Aérea Civil, não só têm despachado para o inferno alguns submarinos, mas tambem, pondo-os em fuga pela sua simples presença, antes que eles lancem os seus torpedos, já inscrevem no seu ativo o salvamento de mais de 50 navios mercantes. Deve-se-lhes, por outro lado, o encontro de 250 sobreviventes de navios torpedeados, que puderam assim ser salvos pela guarda da costa.

O serviço de patrulha do litoral é uma das funções da CAP. Mas há outras, alem desta. Como guardas aéreos metropolitanos, os seus membros vigiam as zonas florestais, atentos quanto a incêndios; rebocam alvos cilíndricos, para os atiradores do exército; inspecionam blacautes, camuflagens, linhas de transmissão de força; cooperam na procura de aviões, obrigados a aterrar em regiões desertas; dirigem turmas de salvamento, durante inundações; e lançam do ar, por paraquedas, roupa, alimentos, remédios, a vítimas em situação de só assim, no momento, poderem ser socorridas.

Cada estado tem agora uma ala da CAP, dividida em esquadrões de 50 a 200 membros, dos quais 10 por cento são mulheres. As unidades custeiam as suas próprias despesas com o produto de subscrições locais, e dos que nela se alistam. Os pilotos civís não fazem jus a remuneração, afora a simples manutenção nominal, enquanto em serviço ativo. Sem embargo, muitos recrutas (inclusive todo o pessoal de uma base, 128 homens) têm abandonado os seus negócios, para votar-se, até o fim da guerra, a atividades na Patrulha Aérea.

Numa das patrulhas figura um mecânico de aviação, de 74 anos de idade, que em tempo trabalhou para os irmãos Wright. O oficial de administração da ala de Ohio já está na altura dos 88 janeiros. George Bradley, técnico de rádio da esquadrilha de Oakland, Califórnia, perdeu a vista, há dez anos. Um dos voadores mais peritos da ala do Texas não tem pernas.

O comandante nacional da Patrulha Aérea Civil é o major Earle L. Johnson, belo gigante de 48 anos, e quase dois metros de altura. Lavrador no Ohio, que exercia atividade em negócios de bens imoveis, e voava nas horas vagas, um tanto estouvadamente, Johnson pôs em ação a ala do seu estado, muito antes de organizada oficialmente a CAP, no dia 1º de dezembro de 1941. Sustentou ele que aviões de pouca marcha e baixo vôo patrulhariam melhor que os de alta potência.

«É a mesma coisa que um carro puxado a cavalo e um automovel de corrida: o carro descobrirá uma moedinha na calçada, que o automovel jamais perceberia.»

Por ocasião da última contagem, o efetivo da Patrulha Aérea Civil montava a 70 mil homens. Para poder ser incumbido de missões, deve ter o piloto no seu ativo 150 horas de vôo solitário, das quais 50 por sobre terras e campos. Pilotos e não pilotos, uns e outros, igualmente, se submetem a trinta duras provas, que vão desde o modo de proceder em caso de acidente, até a navegação aérea. Nos fins de semana, fazem exercícios de tiro no aeroporto mais próximo. Nos intervalos assistem a aulas, e permanecem na base, em serviços.

O heroismo é o pão nosso de cada dia da CAP. Ainda há pouco, em dia de tempestade, um dos seus aviões caiu no mar, afundando-se imediatamente. O piloto, tenente Cross, não obstante achar-se ferido, tratou de desvencilhar-se. Flutuava no salva-vidas, quando o tenente Edmund I. Edwards e o capitão Hugh Sharp Jr., da ala de Delaware, o viram, de bordo do seu aparelho anfíbio, e desceram a socorrê-lo. Mas, vítimas, por seu turno, de acidente, ao bater na água, mantiveram-se durante cinco horas, a evitar, por todo modo, que o aparelho virasse, até que um navio guarda-costas os recolheu, rebocando o avião para a praia. Sharp e Edwards foram distinguidos com a Medalha de Aviação Militar.

Cine-Jornal da Guerra

¶ *O Governo pensa em tudo!*—Em face da escassez de carne, os produtores de filmes do Far West, em Hollywood, foram convidados a omitir as cenas de gado correndo em manadas.

—*The New Yorker*

¶ O sono dos burocratas.—Na capital, Washington, D. C., foi registada a patente de uma cama dobradiça, em forma de acessório para secretárias e escrevaninhas.

—*Time*

¶ Flores-Expresso.—Devido às dificuldades de transporte originadas pela guerra, os jardineiros ingleses já não podem expedir flores por estrada-de-ferro. Mas os bons fregueses de Londres continuam a receber flores, se bem que em reduzida quantidade, expedidas por velocípede-expresso. Os ciclistas de Cornwall, por exemplo, pedalam 193 quilômetros, entregam as flores a outro «time» que pedala os 200 quilômetros seguintes, e um terceiro «time» puxa os restantes 104 quilômetros até Londres. Os elevados preços tornam vantajosa a viagem.

—*Time*

¶ *Jim Thorpe, «o maior atleta do mundo», apesar de incomparavel, nunca teve o reconhecimento que merece*

«Deixe o índio correr!»

(Condensado do «American Mercury»)

Por Frank Scully e *Norman Sper*

O GUARDIÃO da Porta n. 4, da fábrica Ford, em Detroit, é Jim Thorpe, o homem que, com 55 anos de idade, é ainda o maior atleta natural que existe. Se pusermos qualquer jovem novato contra ele, em uma semana de competição, em todos os gêneros de esporte, Jim na certa sairá vencedor. Ainda há pouco tempo, fazendo uma demonstração de rugbi, colocou-se no meio do campo e fez um gol em cada lado do gramado, com chutes diretos e perfeitos. Em beisebol, golfe, rugbi, basquetebol, tenis, salto em distância, lançamento de disco, boxe—em qualquer esporte, enfim—seus músculos até hoje ainda não deram mostras de fraquejar.

Há de haver cinco anos, Jim estava trabalhando em uma fita de cinema, num estúdio de Hollywood, vestido de pele-vermelha, com toucado de penas e «mócassins», pomposo como os índios de madeira que dantes se viam, na América, às portas dos estancos. Outros atores, atletas e colegiais, andavam, nos intervalos das filmagens, dando saltos em distância, sem balanço, e fazendo apostas sobre os resultados. O mais longe que conseguiram saltar foi 3 metros e pico. Bill Frawley, ator do mesmo estúdio, sabia que o «índio» da trupe era Jim Thorpe, e anunciou que conhecia um homem de 50 anos que poderia bater os jovens atletas presentes. As apostas choveram contra Frawley, que teve de fazer uma aposta de 100 dólares. Jim se desembaraçou das plumas, ficando com os seus sapatos de índio, ou mócassins. Fez algumas flexões—e saltou: 3 metros e 25 cm! O recorde mundial é somente de mais 15,24 cm.

James Francis Thorpe nasceu em Prague, no Oklahoma, em 1888. Seu pai era meio irlandês e meio índio. Sua mãe tinha um quarto de sangue francês e três quartos de sangue índio, e, por parte dela, Jim descende do chefe «Falcão Negro», famoso guerreiro da tribo Sauk.

Aos três anos de idade, já podia correr a cavalo, veloz como o vento. Quando chegou aos 12 anos, tinha a força de um homem, podendo domar qualquer cavalo bravo, tão bem como o mais experiente. Sua gente chamava-o então chefe «Caminho Brilhante,» mas quando, aos quinze anos de idade, foi para o Instituto Carlisle, na Pensilvânia, passou a ser simplesmente—Jim.

A história da carreira de Jim, como atleta, no Instituto Carlisle, foi contada pelo famoso treinador «Pop» Warner. Em um dia de primavera, Thorpe estava de serviço no campo, limpando a

pista, depois dos atletas terem terminado o seu exercício. A barra, entre os postes de salto em altura, tinha ficado no lugar, a 1,75m. acima do solo—o máximo conseguido pelo melhor saltador do time. Jim olhou para a barra, e o seu olhar devia ter algo de superioridade, porque um dos rapazes lhe perguntou o que era que ele estava olhando daquele jeito.

—Aquela barra, disse Jim, não parece muito alta.

—Você já saltou alguma vez?

—Nunca a barra, admitiu Jim.

—É capaz de saltar?

—Se um cavalo pode saltar, eu tambem posso, respondeu Jim, com seu modo vagaroso e peculiar.

Jim tirou os seus pesados sapatos. Do outro lado do campo, «*Pop*» Warner viu a figura do varredor passar, como um pássaro, bem 10 cm. acima da barra—num salto limpo de 1.85 de altura! Desde aquele momento, Jim passou a ser um membro do time do Carlisle.

Em sua primeira competição, contra o time do Lafayette, Jim não somente venceu a prova em altura, mas ainda quatro outras provas. Mais tarde, contra os times da Harvard e da Penn State, saiu em primeiro lugar em *oito* competições...

Jim não era nenhum gigante: tinha 1,70m. de altura, e pesava 82 quilos. Mas era perfeitamente bem proporcionado e possuia uma extraordinária coordenação natural. Descansado e tranquilo, quase indolente, nunca se treinava, nunca praticava—mas vencia sempre.

Era inevitavel que ele tivesse um lugar na equipe olímpica norte-americana que foi a Estocolmo em 1912. Aí, Jim ganhou o pentatlo e o decatlo. As cinco provas que constituiam o primeiro (como o nome diz) eram o salto em distância, o lançamento do dardo, a corrida de 300 metros, o lançamento do disco, e a corrida de 1.500 metros. O decatlo era mais difícil: consistia nas provas de 100 metros, salto em distância, salto em altura, lançamento de peso, corrida de 400 metros, lançamento de disco, corrida de obstáculos de 110 metros, salto de vara, lançamento de dardo, e corrida de 1.500 metros. Nenhum atleta, em toda a história dos jogos atléticos, conseguira jamais vencer o pentatlo e o decatlo ao mesmo tempo. O Rei da Suécia, ao apresentar a Thorpe um busto de bronze, disse-lhe»: «O sr. é o maior atleta do mundo.»

Thorpe regressou à América e meteu-se num uniforme de futebol. O Carlisle estava jogando contra o West Point, o Cornell, o Penn State e outros times igualmente importantes. Quando o Carlisle bateu West Point, pelo score de 27 a 6, todos os pontos do Carlisle foram marcados por Jim. Entretanto, o seu maior triunfo pessoal foi o jogo contra a Harvard, em 1911, que tambem redundou em derrota e em desfavor, da famosa universidade. Os apostadores profissionais calcularam que a vitória desta era certa. Despeitados porque perderam, trataram de estigmatizar Jim, descobrindo que numa temporada esportiva, quando ainda se achava no Colégio, ele tinha jogado beisebol por dinheiro, o que é proibido aos amadores. Um jornal de Boston publicou a história, no dia 7 de fevereiro de 1913, levantando-se, em consequência, o maior escândalo de muitos anos no mundo esportivo. Jim foi acusado de não ser amador, quando venceu os jogos olímpicos. A União de Atletas Amadores, ciosa dos seus regulamentos esportivos, solicitou a Jim que se justi-

ficasse. Jim procurou defender-se, mas estava lidando em um terreno de competição em que não podia correr sem prática. Sua resposta foi tão ingênua, que ele bem podia ter sido absolvido, por ela, da acusação de ser profissional. Escreveu:

«Não joguei por dinheiro, mas sim porque gosto de jogar. Sem maldade alguma, não pensei que tal jogo me classificaria como um profissional, nas competições esportivas. Espero que o meu engano seja desculpavel, pois eu era um simples estudante índio, ignorando que estava agindo erradamente.»

A união de Atletas Amadores ordenou a Thorpe que restituisse todos os seus troféus e medalhas, eliminou-o daí em diante de todas as competições atléticas de amadores, e enviou todos os seus prêmios olímpicos, com as desculpas da América, aos atletas que obtiveram os segundos lugares em Estocolmo. Nem T. R. Bie, norueguês, classificado em segundo lugar no pentatlo, nem H. K. Wieslander, sueco, colocado em segundo no decatlo, aceitaram as medalhas arrancadas a Thorpe. Wieslander devolveu a caixa de troféus com a seguinte nota: «Eu não vencí o decatlo olímpico. Quem venceu foi James Thorpe. Não estou a par dos vossos regulamentos sobre amadorismo; o que sei é que Thorpe é o maior de todos os atletas mundiais.»

Despojado de todas as honras, desenganado e abatido, Thorpe tornou-se então um verdadeiro profissional. John McGraw empregou-o para jogar beisebol com os *Giants* de Nova York, julgando que Thorpe seria o ás do seu time. Mas, dois ou três dias depois, ficou com receio de usá-lo, como jogador regular, porque Jim se tornara o tipo do jogador «desmoralizado» na opinião de todos os outros jogadores. Os jogadores de McGraw tinham que exercitar-se como verdadeiros «comandos», e até mesmo o melhor deles devia praticar três horas por dia. Jim gostava de beber e de descansar; não se exercitava, simplesmente porque não necessitava de exercício.

Mais tarde, Jim entrou no rugbi profissional. Causou assombro no mundo esportivo, pela sua velocidade e pelos seus recursos. Nesse esporte, o mais violento de todos, jogou até a idade de 43 anos. Jim podia «trancar» um oponente como uma massa de uma tonelada de força. Uma vez, Knute Rockne jogava contra Thorpe. Rock, de estatura relativamente pequena, mas um oponente de peso, estava ansioso para mostrar o que ele podia fazer contra o maior atleta que jamais existiu. Conseguiu deter a Thorpe, duas ou três vezes, quando Thorpe corria com a bola.

«Deixe o índio correr, homem», Thorpe explicou gentilmente ao homenzinho, visivelmente relutante em empregar toda a sua força contra um oponente menor do que ele. Rock não deu ouvidos ao singelo conselho de Jim. No jogo seguinte, avançou novamente contra Jim, mas, desta vez, teve que se haver com o mais poderoso braço de toda a história do rugbi, e durante todo o resto da partida foi arredado por ele como um obstáculo sem importância.

Em 1929, Jim tentou Hollywood, mas a sua maneira vagarosa de falar não se prestava ao cinema falado. Conseguiu algumas «pontas» em fitas do Far-West, mas ao sobrevir a era da depressão, estava ganhando a vida como trabalhador braçal.

Foi nessa época que um reporter o descobriu. Agora, Jim tem um emprego permanente, e o mundo lhe parece de novo mais risonho. O governo de Oklahoma está apelando para a União de Atletas Amadores no sentido de que rehabilite o seu nome na história esportiva, ao mesmo tempo que tem em vista um decreto, nomeando-o diretor atlético do estado. É possivel que a América venha a dar a Jim Thorpe uma consagração justa, ainda que tardia. Ele merece passar à história como um filho nativo da América digno do orgulho dos seus compatriotas.

Para vender bem ao balcão

(Condensado do «Forbes»)

Por Myron Stearns

Unidentificados pelos caixeiros, os compradores de Willmark puseram a prova os métodos de venda e as maneiras de atender fregueses em 20.000 casas através do país.

DOS MILHÕES de vendas realizadas esta semana—ou em outra qualquer—pelos caixeiros de 20.000 lojas a retalho, largamente sortidas, através de 2.700 cidades dos Estados Unidos, alguns milhares se revestem de significação especial: foram feitas a quinhentas compradoras que pouco despenderam, e que, ainda por cima, devolveram os artigos adquiridos.

Ao deixarem porem as lojas, essas compradoras apressavam-se em escrever um informe sobre a transação, de modo a não esquecerem nenhum pormenor. Fora atenciosa a vendedora, ou fizera o freguês esperar, enquanto ela se empoava? Era asseada? Agradavel? Esforçara-se por vender à freguesa mais do que esta desejava? E assim por diante, sobre uma centena de pontos.

As compradoras eram do Willmark Service System. Trabalhando fora dos escritórios em 28 cidades, elas visitam cada um dos seus clientes—desde as cadeias de armazens aos hotéis de luxo, dos serviços de fretes em estações de estrada de ferro às agências encarregadas dos apartamentos caros—a intervalos irregulares, chegando a aparecer duas vezes por semana. Procuram fazer-se passar por freguesas normais, trajando bem para as casas elegantes, e com certo desleixo para os armarinhos de artigos baratos.

Como freguesas, são afaveis, embora um pouco fatigantes. Depois do pente azul já estar embrulhado e pago, mudam de idéia, e preferem o cor de rosa. Efetuada a transação inicial, lembram-se de uma segunda mercadoria que desejam. Por mais irritada que se mostre a caixeira, nunca criticam sua conduta, nem pessoalmente, nem no relatório que depois fazem. Respondem apenas

às cem perguntas do boletim Willmark. Os casos que nele referem são, porem, de alta relevância.

Por várias semanas andei a viajar com uma turma especializada no serviço. Compramos em drogarias, restaurantes e lojas de roupas. Em cada lugar, deixamos o carro a alguma distância, para entrarmos na casa cada um por sua vez, e sem dar mostras de nos conhecermos mutuamente. As aquisições foram as mais variadas, desde cigarros a vestidos de preço. Em um dia, uma turma de Willmark pode gastar até trezentos dólares, mas a média comum anda por uma décima parte dessa soma. As transações anuais vão alem de seis milhões de dólares, incluindo mercadorias que variam do retrós aos pianos. O dinheiro empregado, mesmo em niqueis, é marcado, por isso que um dos objetivos maiores da investigação é a honestidade.

Em seguida à visita a cada uma das lojas, voltamos para o carro, e as compradoras iam preencher os seus complicados formulários. Registara o vendedor o dinheiro antes de entregar a mercadoria? Essa determinação é do máximo interesse, não porque a loja queira garantir-se com o pagamento antes da entrega da mercadoria, mas para afastar a tentação do empregado que, no caso do freguês tomar o embrulho e sair, poderia não registar a venda.

Estava o vendedor familiarizado com o artigo? Foi cortês e prestimoso? Antes, nunca eu avaliara o quanto cortesia e eficiência no balcão significam para o êxito da loja, ou o quanto isso varia de loja em loja. A proporção de vendedores verdadeiramente eficientes é pequena—cerca de 10 por cento, segundo a estimativa do Willmark. Em sua maioria mostram pouca iniciativa. Os compradores do Willmark, certa vez, receberam instruções para efetuar uma compra adicional sempre que o caixeiro, em qualquer filial da loja, o sugerisse. A média dessas compras adicionais limitou-se a sete centavos por loja! Depois de treinados os caixeiros, nova averiguação apontou dois dólares e meio por loja.

Em suas informações ou relatórios aos clientes, o Serviço Willmark indica a maneira de melhorar a arte de vender no balcão.

«Aquí está ótimo baton,»—explicam eles—é uma frase que tem menores probabilidades de convencer um freguês do que esta: «Deixe que lhe lembre este baton; assenta melhor em sua pele.»

«Deseja alguma sobremesa»? sugere menos do que: «Esta torta de framboesa é especial, hoje.»

«Se não lhe é possivel adquirir uma sueter deste preço, temos outra mais barata,» é bem mais provavel de fazer fracassar uma venda do que: «Temos tambem um preço muito conveniente para uma sueter de menor valor.»

Mostram ainda como a aquisição de certos artigos sugere a de outros: as cortinas requerem varões, esteios e pregos. Uma lata de biscoitos pede um pote de marmelada. Esmalte de unhas reclama removedor. Um abajur exige lâmpadas. E assim por diante.

Os analistas do Willmark passam vários dias num hotel experimentando todos os pormenores do serviço.

O porteiro cuida de malas ou embrulhos esquecidos nos taxis? O criado revistou todas as luzes da sala? A sala está limpa? Cheio o tinteiro? Bons os bicos das penas? Aos empregados pode ser dada uma pequena gorgeta, ou não se lhes dá nenhuma, para que daí se conclua se qualquer das ações afeta o

serviço. Num hotel dispendioso um garçon rejeitou a gorgeta de 25 centavos com um sarcástico: «Você provavelmente precisará mais disto do que eu.» A frase custou-lhe o emprego.

Willmark foi fundado em 1917 por William e Mark Bernstein, gerentes, respectivamente, da «United Cigar Stores» e das drogarias «Liggetts.» Os irmãos estabeleceram-se no comércio com duplo objetivo: ensinar melhores métodos de venda e, para as lojas, encontrar meios de evitar oportunidades de furto.

Nenhum homem—insiste William Bernstein—tem o direito de pôr tentações desnecessárias no caminho de seus empregados. Não é justo nem para estes nem para si próprio. Ele acredita, e os relatórios o comprovam, que a maioria dos vendedores é honesta. Da minoria deshonesta, apenas um terço é de má formação moral; os dois restantes, presa das contingências, seriam honestos se não fossem postos frequentemente diante de fortes tentações. Assim, o núcleo das sugestões Willmark às lojas consiste em processos para facilitar a honestidade e dificultar a deshonestidade.

Os compradores do Serviço Willmark consideram-se descobridores de fatos. São instruidos de modo a nunca julgarem da honestidade ou deshonestidade dos vendedores. Observam apenas as infrações de regras e as relatam. Apesar das transgressões não indicarem deshonestidade, quase sempre denotam oportunidades para roubo. (Furtos insignificantes, cometidos simplesmente em razão de facilidades momentâneas, aumentam muitas vezes em proporções surpreendentes. Descobriu-se que um caixeiro, no Minesota, roubara aos poucos 28 mil dólares, no espaço de 26 anos.)

A maioria dos clientes de lojas e hotéis acham que vale a pena expor uma taboleta em que se assegure disporem do Serviço Willmark. Isto manteria alerta os empregados. Em Baltimore, por exemplo, um gerente de loja ponderou que seus empregados poderiam reconhecer um averiguador quando ocasionalmente aparecesse. O escritório Willmark sugeriu, então, que os caixeiros escrevessem «Willmark» nas cópias dos talões sempre que detivessem um. Haveria um prêmio de 25 dólares oferecido pela loja ao vendedor que lograsse apanhar o maior número. No termo do mês o gerente recebera várias centenas de talões. Só um caixeiro anotara 74.

«Dê-lhe o prêmio»—Willmark concordou. «Mas para seu conhecimento privado, informamos que nenhum dos nossos agentes entrou, este mês, na sua casa.»

❡ Um agente de compras pedira o catálogo monumental de uma conhecida empresa de vendas, e dois dias depois recebeu a seguinte resposta:

«A única seção do nosso catálogo por cuja exatidão nós responsabilizamos é a linha da capa onde se lê: *Fundada em* 1885. Todas as demais informações e preços sujeitos a retificação.»

—*The Business Education World*

Como Silas, um pássaro implume, viria a transformar-se num verdadeiro abutre

Caiu-nos uma gralha em casa

(Condensado de «Home in the Country»)

Por Frederic F. Van de Water

Quando Silas veio para nossa casa, no começo do verão, era um filhote de gralha quase implume. Com olhos muito azues, tinha do bico à ponta da cauda um desajeitamento de criança que ensaia os primeiros passos. Amedrontava-se diante de qualquer coisa, e mais tarde foi quase consolador para nós lembrar os tempos em que nos era possivel enchê-lo assim de susto. Esta fase, porem, não durou mais de 48 horas, durante as quais fomos gratos ao homem que arrancou Silas ao ninho, e dele nos fez presente. Mais tarde, entretanto, ficamos a ponderar sobre se aquilo fora um gesto de generosidade instintiva, ou antes uma espécie de vingança por alguma ofensa que lhe tivéssemos feito involuntariamente.

A princípio resolvemos instalar o recem-vindo na garage. Mal se punha ele a grasnar eu corria a por-lhe no bico migalhas de pão, leite ou carne picada. De começo, mostrou-se arisco. Depois, como as rações fossem melhores que as do ninho, resolveu esquecer que meus traços em nada lhe lembravam os da mãe.

Perdeu a timidez para comigo. Seus olhinhos azues tinham um quê de interrogativo, como se andasse por acaso perguntando a si mesmo: «Quanto tempo durará esta história? Quanto mais barulho faço, mais me dão de comer. Parece-me bom negócio.» Desde então deixou de ocultar-se quando eu me aproximava, vindo, pelo contrário, ao meu encontro, com as asas despregadas e o bico entreaberto.

Nenhum gato ou cachorro, com gerações e gerações de vida doméstica atrás de si, ter-se-ia adaptado tão facilmente à nova vida. Dentro de dois dias, Silas se tinha tornado—aos seus próprios olhos—um ser pensante, e muito bem pensante. Ao cabo de umas duas semanas, já nem aquilo lhe bastava. A igualdade de condições ainda era pouco. Passou de igual a superior—de amigo, a crítico. Nunca fazia nada que valesse a pena, mas procurava mostrar-nos, a todos, como fazê-lo. Tornava patentes suas opiniões sobre a melhor maneira de ceifar o capim, de lançar as sementes, de plantar o milho e de erguer as cercas. Por vezes dignava-se mesmo fazer algumas demonstrações, como, por exemplo, sobre a arte de colher e comer framboesas. Falava pelos cotovelos o dia inteiro, e sete dias por semana. Falava, claro está, lá na linguagem das gralhas, mas com uma variedade infinita de sons e timbres de voz. Certas vezes, dir-se-ia um debate animado de um grupo de sofistas. Admirava aliás, visivelmente, sua própria eloquência. Se ninguem risse das graças que fazia, ela mesmo se encarregava de fazê-lo.

Assim que dois ou três de nós se reunissem no jardim, Silas vinha logo ao encontro, afim de animar a reunião com a sua presença. Tomava, geralmente, atitudes teatrais.

Um nosso amigo, homem de idade algum tanto avançada, veio visitar-nos certa feita, e sentou-se ao terraço. Com a calva à mostra, gozava a brisa de verão, quando ouví de repente um som já familiar num dos arbustos vizinhos. Interrompí-o bruscamente: «Se uma gralha...» comecei. Mas já era tarde!

Silas lançou-se como um raio sobre a cabeça do homem, e voltou para o galho onde estivera pousada. Tudo isto num abrir e fechar de olhos. Não há nervos que resistam a um ataque inesperado como aquele. A vítima tentou erguer-se da cadeira, e caiu sem sentidos. Confessou-nos depois que não andava bem de saude, e que viera ao Vermont para refazer-se um pouco. Tenho certeza, porem, de que a estada na nossa fazenda não lhe fez bem nenhum.

As cadeiras do jardim tinham o assento de palha. Silas sentia um mórbido prazer em esgueirar-se sob elas, principalmente quando ocupadas por mulheres, e lançar de repente uma bicada que apanhava de surpresa a incauta vítima.

Geralmente, depois de lançar um grito agudo, as senhoras fitavam-me indignadas, convencidas talvez de que eu havia ensinado a um pássaro inocente aquela pilhéria de mau gosto. Muitas delas chegavam a sugerir que era necessário puní-lo, mas sem me dizer como. É dificil, afinal, castigar um pássaro. Visto a sua formação anatômica, nem há como espancá-los. Era igualmente inutil fazer apelo aos altos sentimentos de Silas, pois que os não tinha. Se eu ralhasse com ela, ela ralharia comigo. Quando às vezes, fora de mim, me acontecia pegá-la, sacudindo-a violentamente, punha-se a gritar perdidamente, e mordia-me a mão. Outras vezes, atirava-a para longe como se fosse uma bola. Silas porem, ao que parece, achava aquilo divertido. Ia por alí fora aos trambolhões, mas depois abria as asas, e voltava ao meu encontro, sem mostrar arrependimento; pelo contrário—protestando violentamente.

Cobiçava todos os objetos da casa menos o espelho, que lhe metia medo, pois, ao ver refletida a sua própria imagem, fugia espavorida. Tinha a mania de colecionar tudo o que lhe caisse nas garras. Roubava sem o menor constrangimento. Qualquer objeto de tamanho conveniente que lhe fosse possivel carregar, ia juntar-se à coleção que estava reunindo, não sei para que fim: restos de comida, bichos mortos, lâminas de estanho, papéis de cores vivas, alfinetes, agulhas e dedais. Escondia-os às vezes num lugar seguro. Outras vezes, porem, depositava-os na dobra de um par de calças, ou no colarinho de uma camisa. Mas nunca se esquecia do lugar em que os tinha posto. Vi-o certa feita seguindo de perto Harry, o ajudante do jardineiro. Ia a toda a pressa atrás do homem, lançando de caminho enérgicos protestos.

«Sei do que ela anda à procura,» disse-me Harry. «É que ontem pespegou umas lagartas no meu macacão.» Ao dizê-lo, parou. Silas aproximou-se dele, retirou-lhe o «depósito» do canhão das calças, e lá se foi voando a colocá-lo num lugar mais seguro, sem faculdades ambulatórias.

Apesar da aparente indiferença, era louca por agrados e carícias. Deixava-se estar nos joelhos de minha mulher, quando esta se punha a acariciá-la. Se acaso interrompesse as carícias, antes

que estas começassem a aborrecê-la, mordia-lhe a mão, indignado. Mal porem se sentisse satisfeito, abria as asas, e partia incontinenti, com um grasnido a um só tempo zombeteiro e sarcástico.

O corvo domesticado e lacônico de Edgar Poe afligia terrivelmente o poeta com seu agourento laconismo. Mas, segundo a história regista, o pássaro de Poe deixava-se estar pousado, pronunciando apenas três sílabas inofensivas, de quando em vez. Não passava os dias a crocitar em altas vozes coisas sem nexo. Não recebia os estranhos com palavrões. Os visitantes de Poe—amigos que vinham compartilhar da sua desgraça—não viam de repente um verdadeiro abutre abater sobre eles para lhes morder as orelhas ou os tornozelos, ou desfazer-lhes o laço dos sapatos.

Poe nem sabe que sorte teve. Não conheceu Silas.

Pelos fins do verão, passou esta a revelar certo desinteresse pela família e pela casa em cujo seio vivia. Cansara-se de nós, ao que me parece. Ou talvez tivesse descoberto entre os seus amigos quem lhe admirasse mais as proezas.

Vi-a certa feita pousada nos galhos de uma árvore vizinha, com dois dos seus satélites. Chamei-a, mas respondeu num tom de escárneo. Desde, então nunca mais a vimos. Talvez tenha ido para o sul à procura de um inverno mais ameno. Onde quer que se encontre, espero que se dê bem, e que fique por lá.

Em certos momentos, sentiremos talvez a sua falta, como quem sente a falta de um dente que foi arrancado por nos estar doendo. Teremos porem a consolar-nos a certeza de que Silas não sentirá em nada a nossa falta.

Deixou-nos porque lhe convinha deixar-nos.

Nem nunca foi outro o motivo das suas ações.

Atualidades norte-americanas

¶ Cuidado com os cadetes!—Para evitar complicações, no dormitório das moças da Universidade Batista do Oklahoma, foi afixado um rol, sempre em dia, de todos os cadetes casados que se encontram na vizinha escola de aviação.

—*Time*

¶ Falta de braços.—Por estes tempos de guerra, os hóspedes de certo hotel de Seattle são obrigados a fazer a sua própria cama. Ao lado desta vê-se um letreiro que reza: «A empregada está em gozo de férias por um ano.»

—Fred Sparks na *Parade*

¶ Presa sob a acusação de furtar artigos numa loja de modas da Florida, aquela mulher explicou-se assim: «Eu já estava cansada de esperar! Não há empregados que cheguem, nessas lojas.»

—*Bordentown Bulletin*

¶ *Sejam poupados!* No famoso restaurante de Omar Khayyam, em São Francisco, os fregueses que deixarem os pratos limpos de comida, são reembolsados à saida de 10% do valor da sua conta, em selos de empréstimo de guerra.

—*Newsweek*

Não contemos demasiado com a China

Por Hanson W. Baldwin

«Ora, nós mandaremos aviões e mais aviões para a China, e o Japão será bombardeado até que o leve o diabo...»

Para a média dos norte-americanos, não é outra, em resumo, a estratégia que nos há-de conduzir à vitória no Pacífico.

Acreditam eles que, uma vez derrotada a Alemanha, será fácil converter a China numa formidavel base aérea, de onde atacar o Japão, forçando-o a submeter-se. Consideram o exército chinês uma força de combate organizada, e imaginam que, desde quando se reconquiste a Birmânia, nada mais simples do que enviar provisões, habilitando os chineses a tomar e manter os aeródromos de que necessitarmos. Estão certos de que os chineses têm alcançado grandes vitórias contra os japoneses, e até mesmo vão ganhando, embora aos poucos, a guerra que o Japão lhes impôs.

Infelizmente, a China de tais sonhos está muito longe da realidade. Missionários, campanhas de socorro de guerra, habeis embaixadores, e o cinema, têm dado sobre o assunto uma impressão que não corresponde aos fatos. A China passou a ser tida como a estrada real para a vitória, quanto ao Pacífico.

Não é que a China precise que lhe exagerem os títulos. É notória a bravura do seu povo; sua paciente energia e filosófica resignação desafiam rivais. O fato, porem, de lhe enumerarmos as virtudes, não nos deve levar à cegueira no que concerne às suas fraquezas, nem sobretudo a uma concepção, errônea e infundada, da estratégia do Pacífico.

A China não é propriamente uma nação, no sentido que ligamos à palavra, mas uma expressão geográfica. Não ganhou, nem está ganhando a guerra com o Japão; tãopouco—a julgar pela nossa maneira de examinar o problema—estará a vencer batalhas, mas ao contrário a perdê-las. Por outro lado, a menos que possamos abrir novas e grandes linhas de abastecimento, não é, nem pode tornar-se uma poderosa base aérea, da qual se desfira contra o Japão o golpe decisivo. Nem basta abastecer a China; porque ela não tem efetivamente um exército, segundo a nossa concepção. Suas tropas são, em geral, deficientemente dirigidas, e incapazes de usar, com eficácia, os armamentos modernos. Necessitam, por conseguinte, de longo e intensivo treinamento, e de chefes competentes que se achem ligados entre si por uma comum lealdade a uma causa comum. Mas, dos que por lá se encontram, são poucos os que reunem tais requisitos, não escasseando, entretanto, velhos guerreiros à antiga, em nova indumentária, para os quais a guerra é um meio de prosperar e enriquecer.

A verdade sobre a China—conhecida de alguns, porem não de milhões de pessoas—é que a situação militar nada tem de boa atualmente, foi má nos dois últimos anos, e má continuará durante alguns outros por virem. O Japão mantem em seu poder todas as regiões do país que valia a pena ocupar, ou cuja

Hanson W. Baldwin, brilhante redator militar do *New York Times*, ganhou o Prêmio Pulitzer deste ano por uma série de artigos que escreveu sobre a estratégia americana no Pacífico, depois de ter visitado detidamente as várias linhas de frente da região.

posse estava nos seus cálculos. Não incidiram os japoneses no erro que a Alemanha cometeu na Rússia—nunca procuraram alcançar vitórias ilimitadas.

O Japão dominou virtualmente a vida econômica da China, lançando mão de todos os seus portos e vias de comunicação mais importantes, e—no Norte—sobre os seus mais ricos depósitos minerais. Nos dois anos próximos passados ocupou vastas áreas, sem grande dificuldade e sem emprego de maiores efetivos. Essa ocupação, é bem de ver, foi-lhe economicamente proveitosa, e a China, sob o ponto de vista militar, só tendeu a enfraquecer.

Não é exato que os japoneses tenham perdido batalhas. Estão eles a manter uma ativa defesa, ao mesmo tempo que utilizam a China como campo de treinamento. Sempre que se afigura conveniente, uma guarnição japonesa se lança, em incursão punitiva, sobre determinado território da China desocupada. Algumas vezes paga caro a investida, mas, ordinariamente, realiza o seu objetivo: dispersar as forças chinesas, perdendo alguns homens e certa quantidade de material, e regressar ao ponto de partida depois de ter posto em prática, beneficiando a tropa, ótimo exercício.

Os comunicados chineses não podem servir de base a um julgamento da situação. Houvessem sofrido os japoneses, ainda que fosse a metade das perdas que lhes atribuem os ditos comunicados, e, sem dúvida, a esta hora, já se lhes deveria estar notando escassez de pessoal. Não raro dão os chineses notícia de batalhas que realmente não houve; e muitas vezes elevam simples escaramuças ou lutas de guerrilha à categoria de campanhas. No recente episódio, por exemplo, do Lago Tungting e Ichang, é quase certo que os japoneses nunca tiveram a intenção de tomar Chunquim, como foi divulgado por informes oriundos da China. O que eles tinham evidentemente em mira, na referida ação, era o arroz da região que circunda o lago Tungting; tomaram uma parte deste, e, uma vez feito o saque, retiraram-se. Entretanto, os comunicados chineses registaram a retirada como uma grande vitória.

Não se tirem, todavia, do que vimos referindo, conclusões desesperadas. O espírito chinês tem-se conservado irredutivel. Enquanto os Estados Unidos conduzam ou desenvolvam, com vigor, a guerra no Pacífico, haverá pouca probabilidade de que o Japão consiga pôr a China inteiramente fora de combate. Nem podem as forças japonesas de ocupação ser sensivelmente reduzidas, enquanto as guerrilhas chinesas continuem em atividade, e Chiang Kai-xeque e o governo de Chunquim retenham alguma influência na China ocupada. No simples fato de que cerca de 15 a 22 divisões japonesas, talvez uma quarta parte das forças de terra do Japão, não possam dalí mover-se, estará a grande e contínua contribuição da China para a vitória final. É essa em verdade uma contribuição que deve sempre ser tida no apreço que merece; se a China fosse obrigada a depor as armas, o Japão ficaria em condições de concentrar a sua força total contra os nossos ataques anfíbios.

Nunca, entretanto, os japoneses serão expulsos da China por exércitos chineses da ordem dos atuais. São eles, por centenas de milhares, forças irregulares, subordinadas, por uma leve obediência apenas, ao governo de Chunquim, ou guerrilheiros, frouxamente organizados, de algum general provincial, que luta, antes de mais nada, pelas vantagens

materiais a colher, digamos pelos despojos de que se venham a apossar. Constituem, decerto, quando estão em atividade, um espinho que rasga a carne dos japoneses; não mais do que isso.

Na Índia, duas ou três divisões chinesas, remanescentes, em parte, dos exércitos a quem se confiou a defesa da Birmânia, foram bem treinadas e equipadas por oficiais americanos sob o comando do tenente-general Stilwell. Há algumas outras excelentes tropas chinesas na província de Iunão, perto da fronteira da Birmânia, em torno de Chunquim e ao longo do Iantsé.

Contudo, mesmo nestas unidades (com a possivel exceção das divisões indús) há graves deficiências. A disciplina é frouxa. Os princípios táticos são, muitas vezes, letra morta. As armas e equipamentos, escassos; pouca artilharia, alguns tanques, diminuto material motorizado. O abastecimento de munições, sempre baixo. Não é possivel, como tantos americanos admitem, expulsar os japoneses, por meio de uma grande força aérea que alí se estabeleça. Não há base, na história, para crer que a força aérea, somente, possa expelir um inimigo de uma área da vastidão da China ocupada. Imagine-se a hipótese de a Alemanha, sem o apoio de forças de terra, esmagar, tão só pelo ar, o exército russo, ou vice-versa!

Nossa própria experiência tem demonstrado exuberantemente que não é com meias medidas que conseguiremos bater os japoneses. O plano de impor o recuo às vinte e tantas divisões japonesas, atualmente na China, até um ponto onde pudéssemos utilizar bases aéreas que abrangessem facilmente no seu raio de ação a cidade de Tóquio, exigiria a criação, na China, assim de uma grande força aérea, como de um grande exército. Para que as bases pudessem ser mantidas, haveria que equipar e revigorar tal exército com o concurso, não só de técnicos, mas de tropas de combate americanas. A prova de que assim é, temo-la na campanha japonesa do ano passado, seguinte ao raide Doolittle sobre Tóquio. Doolittle e seus homens deviam aterrar em aeroportos preparados pelos chineses em território desocupado. Houve de fato um momento em que os japoneses acreditaram que os bombardeiros americanos tinham vindo de aeródromos chineses. Organizaram então, sem mais demora, uma expedição de vindicta, e penetrando sem dificuldade o território chinês, destruiram os campos de aviação suspeitos, abrindo, através deles, pequenos canais, e depois se retiraram para as primitivas posições. Se se houvesse de dar início, agora, ao bombardeio regular de Tóquio, ou se a força aérea americana do general Chennault se tornasse uma ameaça às linhas de abastecimento do Japão, seria de ter por certa a ação imediata do inimigo, no sentido de capturar as bases aéreas; e não há tropas chinesas que pudessem com ele medir-se, à altura de detê-lo.

Mas o verdadeiro problema, quase insuperavel, está no aprovisionamento. A China se encontra virtualmente isolada do resto do mundo. A única via prática de abastecimento é a que vem da Índia, pelo ar, sobre o Himalaia, e facil não é imaginar sequer as suas dificuldades. Os vôos devem ser feitos, muitas vezes, a altitudes de 16 a 24 mil metros, o que reduz o rendimento de carga. As condições atmosféricas, principalmente pela estação das monções, costumam ser terriveis, com espessas nuvens, fortes ventos, chuvas, e baixa visibilidade. E os aviões japoneses, com bases nos aeródromos da Birmânia,

em constante ameaça aos transportes.

Sem embargo, mercê de grande coragem e hercúleos esforços, o Comando de Transporte Aéreo e a Corporação de Aviação Nacional da China têm conseguido levar ao território chinês uma linha aérea, que está a transportar, provavelmente, um terço da carga—era esta, em média, de 200 toneladas por dia—a que anteriormente se dava saida pela Estrada da Birmânia. É certo que a tonelagem transportada vai crescendo a passo firme; mas, ainda que as linhas aéreas eventualmente elevassem a sua capacidade ao triplo da que indicamos. baseados nas estatísticas, como sendo a daquela estrada, não bastaria para sustentar um exército de terra, do qual uma divisão—apenas uma—em combate, deve consumir em munições cerca de 700 toneladas diárias.

O próprio restabelecimento da estrada da Birmânia, aliás, em si mesmo, um grande problema, não resolverá a questão. Poderíamos contar, na melhor das hipóteses, com a duplicação ou triplicação da anterior capacidade da estrada. Mas outras 600 toneladas por dia seriam, ainda assim, insuficientes, no todo, para expulsar os japoneses da China. Acresce que, nem pelo ar, nem pela estrada da Birmânia, podem ser transportados tanques médios, ou artilharia média e pesada.

Para que a China venha a tornar-se uma base para um ataque vitorioso ao Japão, há que encontrar novos caminhos de entrada. Os portos da costa oriental, como seja o de Cantão, onde entravam usualmente mil a duas mil toneladas de provisões por dia, estão todos em poder dos japoneses. A não ser por uma tremenda campanha anfíbia, não há esperança de recapturá-los. Inúmeras vias férreas têm sido planejadas; antes, porem, de pôr em execução qualquer de tais projetos, indispensavel fora a reconquista da Birmânia, ou da Malaca, ou do Sião, ou da Indochina Francesa. E naquelas vastidões, de natureza hostil, o inimigo encontraria como se ir mantendo anos a fio. Há muitos caminhos para Tóquio, mas o mais duro talvez é o que vai, às voltas e viravoltas, através da China.

A verdade é que o Japão, sendo uma grande potência continental, não deixa de ser, ao mesmo tempo, uma grande potência marítima. Terá, pois, que ser batido em terra e *no mar*. Só no caso de a Rússia entrar na guerra do Pacífico, opor-se-á facilmente uma força continental à força continental japonesa. Se no mar é certamente aos Estados Unidos que incumbe a grande tarefa, em terra se estão impondo medidas adequadas à gravidade da situação.

Os territórios de que o Japão se apossou estão hoje quase cercados por posições das Nações Unidas. O que nos cumpre é apertar o cerco. O reduto japonês deve ser atacado de muitas direções—da Austrália e das Solomão, das Aleutas, possivelmente da Rússia, tal seja a marcha dos acontecimentos, da Índia e da China. Mas o esforço principal pode desenvolver-se rumo oeste, do Havaí e de Midway, num ataque direto ao coração do Japão.

A China desempenhará seu nobre papel nessa estratégia de envolvimento. Mas seria calamitoso que o povo americano esperasse dos chineses, na cena a desenrolar-se, um papel porventura decisivo—o de figura central.

Melhor será que enfrentemos tranquilamente o fato de que é sobre os próprios Estados Unidos que repousa o grosso da carga da vitória aliada no Pacífico.

TEMAS DE CONVERSA

Os desportes sofrem a influência dos tempos

(Do «Harper's Magazine»)

Por John R. Tunis

¶Os GRÊMIOS esportivos das universidades americanas sofreram grandes transformações com o advento da guerra. Devido ao esforço efetuado nesse sentido pelo exército e pela marinha—que dirigem, por assim dizer, atualmente, a educação americana,—as universidades foram forçadas a organizar programas de atletismo para todos os estudantes, em vez das sessões semi-profissionais para estudantes graduados que se costumavam realizar aos sábados de tarde. Isso em relação a todos os jogos: futebol, tenis, etc. Por outro lado, os rapazes não serão forçados a contribuir para a receita da caixa. A importância exagerada que se vinha dando às atividades atléticas, foi por completo abolida.

Todos nós teremos que transformar tambem os nossos hábitos desportivos—transformação, seja dito, menos dolorosa e mais benéfica que tantas outras, resultantes da guerra. Faremos exercícios nos jardins e quintais de nossas próprias casas—cróquete, tenis, voleibol, etc. Jogaremos com os membros da família, amigos e vizinhos. Muitos se tornarão adeptos de exercícios e jogos que até então desconheciam.

Ao terminar a guerra, teremos uma soberba oportunidade de fazer com que certos esportes, reservados anteriormente a um pequeno grupo, possam ser colocados ao alcance de todos, como é justo que o sejam, sob um regime democrático. É já tempo, aliás, de tomar providências a respeito, de maneira a tornar accessiveis os vários jogos que exigem toda uma jerarquia atlética.

Carne de gralha à falta de outra

(Do «American Magazine»)

Por Clarence Birdseye

Explorador, cientista, iniciador do processo de congelação rápida

¶As restrições impostas à venda de carne são já tão grandes, que em certos estados da América se iniciou o consumo de carne de cavalo, e no Oklahoma um funcionário estadual vem procurando persuadir o público a comer carne de gralha, que, segundo afirmam, tem um sabor de pato assado. Quanto a mim, posso afirmar que certos animais, cuja carne nos repugna e que nunca até agora provamos, podem de fato fornecer alguns pratos deliciosos, tais como: esquilos, cães de pradaria, marmotas, e porcos-espinhos. Os melros americanos tambem dão ótima carne quando novos, ou alimentados com grãos e sementes durante os fins do verão e o outono. Faz-se com eles um empadão que é um manjar digno dos deuses! Em Gloucester, Massachusetts, minha família descobriu que os estorninhos são deliciosos.

Durante as excursões que realizei, por incumbência do Instituto Smith-

sonian, ao Novo México e ao Arizona, como nos faltasse carne, comemos muitas vezes cascavéis cozidas com farinha em banha de porco. O sabor era mais ou menos o mesmo que o de pernas de rã. Fiz certa feita uma sopa de esquilos e tatús cozidos em água e sal, que achamos deliciosa.

Os americanos são notaveis pela quantidade de alimentos que se não dispõem a experimentar. Como se fosse possivel julgar os alimentos segundo certos preconceitos, em vez de julgá-los simplesmente através do paladar. Nos meus tempos de criança, o espadarte era tão pouco apreciado quanto a carne de tubarão. Há uma variedade infinita de peixes, como arraia, tubarão e outros, que nós não comemos, e são muito apreciados na Grã Bretanha.

Em certas regiões, não se comem folhas de taráxaco, ou dente de leão. São plantas, contudo, altamente nutritivas e de sabor delicioso. Certas plantas, como os fetos, são tambem deliciosas cozidas ou mesmo crúas, em salada.

Se afastarmos portanto certos preconceitos dietéticos aumentaremos a despensa nacional com toneladas de produtos comestiveis.

Como se sentirão agora os alemães?

(Do «Saturday Evening Post»)

Por Werner Knop

Um jornalista inglês que teve ocasião de visitar um campo de internamento, descreve as visíveis transformações verificadas no moral dos prisioneiros alemães.

Os prisioneiros alemães de 1943 não são em nada semelhantes aos que foram capturados em 1940 e 1941.

Estes se mostravam arrogantes, desdenhosos, altivos. «O mundo inteiro sabe que já ganhamos a guerra,» costumavam declarar. Quando os Estados Unidos entraram em guerra, um jovem piloto nazista comentou: «Os E.U.A. não estarão preparados para uma ação em larga escala antes do verão de 1943. Nem a Rússia nem a Grã Bretanha serão capazes de resistir até lá.»

A grande ofensiva aérea dos aliados no verão de 1942 modificou, subitamente, essa atitude. A altivez cedeu lugar, naqueles homens, a uma expressão de ansiedade e inquietação. Ao tornar-se evidente que os russos haviam rompido as linhas da ofensiva alemã, o choque foi tremendo. Foi preciso Stalingrado para que o povo alemão compreendesse que a guerra tinha tomado outro rumo. Os soldados, esses, sabiam-no desde agosto de 1942.

Os prisioneiros recentemente capturados falam com maior franqueza. Tornou-se já possivel palestrar com eles, e até criticar o regime nazista, sem que se retirem incontinenti. Há uma exceção apenas: qualquer referência desairosa ao Fuehrer é uma ofensa que não perdoam.

Há três anos passados, nem pela mente lhes passava a possibilidade da derrota. A maioria ainda crê numa vitória parcial, baseando-se para tanto, no argumento de que os Aliados não têm força bastante para tomar o Baluarte da Europa. Quando os exércitos Aliados puserem pé no continente, sofrerão os alemães um tremendo abalo moral, e o colapso total virá então, provavelmente, com maior rapidez do que se pode agora prever.

★ ★ ★ ★ ★ SECÃO DE LIVROS ★ ★ ★ ★ ★

A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DE

WALTER LIPPMANN

Os que porventura imaginam que a política exterior é, por sua natureza, um assunto árduo, sentir-se-ão fascinados pela clareza do autor, ao traçar uma linha de conduta que a seu ver preservará, ao mesmo tempo, o interesse nacional e a futura segurança dos Estados Unidos da América.

Walter Lippmann, aliás o escritor político de maior projeção nos Estados Unidos, escreve brilhantemente, com fé apaixonada, baseado em grande conhecimento do problema e amadurecida experiência. Estejam ou não de acordo com os pontos de vista expendidos pelo autor neste livro, americanos e estrangeiros não poderão deixar de reconhecer que eles encerram um interesse vital.

A Política Externa dos Estados Unidos foi consagrada pelo voto do Clube do Livro do Mês.

Copyright 1943, Walter Lippmann. Ed., Little, Brown & Co., Boston. Preço $1.50

A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS

JÁ QUE este momento culminante, a que vai chegando a guerra, coincide com a circunstância de estar-se aproximando, para o povo dos Estados Unidos, uma nova eleição nacional, em que lhe cumpre fazer a escolha do seu governo, é oportuno considerarmos o fato de que, durante quase meio século, não tem contado a nação cum uma política externa devidamente assentada, e geralmente aceita. Isso, todavia, representa, seja dito desde logo, um perigo para a República. Porque, toda vez que um povo se divide internamente sobre a conduta a guardar nas suas relações exteriores, se inhabilita para preparar-se, em boa e devida forma, tanto para a ação na guerra, como para a feliz salvaguarda dos seus interesses na paz.

A partir da década que se seguiu à guerra de 1812, e até encerrar-se o conflito hispano-americano, em 1898, teve de fato o país, para com as grandes potências, uma firme política externa. Mas, em torno das consequências da guerra com a Espanha, voltou a nação a dividir-se, e nunca mais foi possivel a nenhum presidente da República trazê-la unida em apoio a uma dada orientação no campo dos negócios estrangeiros.

Deploraveis têm sido os resultados de tal estado de coisas. A guerra com a Espanha deixou os Estados Unidos com problemas a resolver nas 7 mil milhas do Pacífico a oeste da Califórnia. A falta de uma política externa, clara e definida, impossibilitou o governo americano de dar solução ao caso, fosse com a retirada, pura e simples, do Pacífico Ocidental, fosse promovendo e assegurando, uma vez que lá se mantivesse, a defesa das Filipinas. A explosão da primeira guerra mundial suscitou ou precipitou uma controvérsia interna sobre quais eram, na realidade, os direitos e interesses dos Estados Unidos, e as suas obrigações, os seus deveres. O país, em consequência, não só não se preparou convenientemente para a guerra, mesmo depois que se tornou provavel sua participação no conflito, senão tambem se revelou inapto a consolidar a vitória que ajudou a ganhar.

Durante os 20 anos que se seguiram, interminaveis discórdias domésticas sobre a política externa incapacitaram, em última análise, o governo americano, quer para contribuir eficazmente no sentido de evitar a reprodução da catástrofe, quer para promover, em tempo próprio, a preparação do país, à altura das circunstâncias. Agora, eis-nos de novo sem base para pensar claramente e decidir com firmeza quanto à política a ser adotada na liquidação da guerra.

Entretanto, se não conseguirmos fixar as nossas diretrizes, ficaremos sem dúvida expostos, não obstante a vitória, a tremendos conflitos internos, e inimaginaveis perigos do exterior.

O nosso insucesso no estabelecimento de uma política externa tem aliás a sua explicação, por isso que se filia a uma

circunstância histórica. Por cerca de 80 anos—desde a promulgação da Doutrina de Monroe até o fim da guerra com a Espanha—não houve necessidade, para o povo americano, de formular uma política externa. Quando vieram os acontecimentos, e nos compeliram de novo a volver as nossas vistas para as relações exteriores, tínhamos perdido toda a arte para modelar uma política, e sentíamos até dificuldade em encontrá-la, porque nem mais sabíamos ao certo o de que necessitávamos.

No domínio das relações exteriores, como no das outras relações, só se estabelece uma política quando os objetivos colimados, ou os compromissos assumidos, e a força de que se dispõe, são postos em equilíbrio; quando os homens admitem que devem pagar por aquilo que pretendem, e só devem pretender o que possam ou estejam dispostos a pagar.

Agora que nos vemos atacados por uma combinação de inimigos, iniludivelmente perigosos, estamos a desmanchar-nos em suor, sangue e lágrimas, e, sob riscos mortais, consignamos o fato de que tomamos compromissos, afirmamos direitos, proclamamos ideais, ao mesmo tempo que deixávamos as nossas fronteiras desprotegidas, despreparadas as nossas forças armadas, e sem base segura as nossas alianças.

Nossos compromissos externos

Antes que entremos particularmente na história das nossas relações exteriores, assim lançadas em crise, convem esclarecer o que entendemos por um compromisso externo, e pela força que a ele corresponda, estabelecendo o equilíbrio.

O que tenho em vista quando falo em compromisso externo, é *uma obrigação, fora dos limites continentais dos Estados Unidos, que possa num dado momento impor-nos a contingência de pegar em armas.*

O que tenho em mira quando falo em força, é a força necessária para impedir essa guerra, ou ganhá-la, se for inevitavel. Levo em conta, no caso, tanto a força militar dos Estados Unidos, como os reforços que venham a ser obtidos de aliados que inspirem confiança.

A tese deste livro é que uma política externa consiste em manter em equilíbrio, e ainda assim com uma sobra conveniente de forças em reserva, os compromissos da nação e a sua força.

Os Estados Unidos abriram um novo capítulo na sua história, assumindo o seu primeiro grande compromisso no campo das relações exteriores, quando, em 1823, o presidente Monroe declarou que, a partir daquela data, e ainda ao preço de uma guerra, se oporia o país à criação de novos impérios europeus no Hemisfério Ocidental. O veto era dirigido, como se sabe, à Santa Aliança (Espanha, França, Rússia e Áustria). Aquela grave atitude, não a tomou o presidente Monroe sem prévia consulta a Madison e a Jefferson, os quais somente a aprovaram depois que Canning, então Ministro do Exterior da Inglaterra, assegurou ao ministro americano em Londres, Richard Rush, que a Inglaterra e a sua esquadra apoiariam, na hipótese, os Estados Unidos. Após o devido exame do relatório de Rush, convenceram-se Madison e Jefferson de que realmente os ingleses, no seu próprio interesse comercial e político, jamais permitiriam qualquer sorte de intervenção da dita Santa Aliança na América do Sul.

Tinham os Pais da Pátria, como se vê, exata compreensão das realidades da po-

lítica exterior, para que só tomassem compromissos depois de estarem bem certos de que dispunham dos meios para honrá-los na hora precisa. Sabiam eles, como acentuou John Quincy Adams, que a força naval dos Estados Unidos estava, àquela época, para a da Inglaterra, «como um barquinho na esteira de um navio de guerra britânico».

Não ignoravam, por outro lado, conforme Jefferson respondeu a Monroe, que «a Grã Bretanha é a nação que maior mal nos pode fazer na terra; e, com ela ao nosso lado, não teremos por que temer todo o resto do mundo».

Infelizmente, entretanto, para o que diz respeito à educação do povo americano em matéria de fatos básicos de política externa, o entendimento com a Inglaterra, que precedeu a mensagem de Monroe, jamais foi trazido a público. Muitos americanos, até hoje, nunca ouviram falar naquilo, quando, em realidade, os dois governos estiveram quase a entrar em acordo para uma declaração conjunta.

Acabamos por acreditar que a imensa obrigação de proteger o Hemisfério Ocidental, e, em consequência, por assim dizer, qualquer outra obrigação que nos dispuséssemos a assumir, não deixaria de estar na natureza das coisas que tivessem por si, tão só e exclusivamente, a garantia das forças americanas. Como a aliança, sem formalidades, com a potência naval inglesa, ficou mantida em reserva, e até certo ponto lhe seria menos agradavel ao amor próprio, perdeu o povo americano a prudência, tão consistentemente posta em prática pelos fundadores da República, de não fazer vista grossa aos riscos, em que importam, por via de regra, as obrigações assumidas, nem ver com vidros de aumento a sua própria força.

Entramos no Pacífico

Com essa incompreensão, ou falsa compreensão da natureza da política externa, estenderam os Estados Unidos as suas obrigações para alem dos limites, já tão largos, da Doutrina de Monroe, entrando a expandir-se no Pacífico. Em 1867, Seward comprou o Alasca à Rússia. Em 1878, um posto de abastecimento de carvão foi estabelecido em Pago Pago, Samoa. De 1893-1898, anexaram-se as ilhas Havaí. A guerra com a Espanha deu-nos Guão e as Filipinas.

Com a aquisição das Filipinas, eis os Estados Unidos colocados no centro geográfico dos impérios da Ásia Oriental, e nos cruzamentos estratégicos de suas linhas de comunicação. Foi, como disse o capitão Mahan, «uma abertura de perspectivas, inteiramente nova e inesperada». Era o «domínio asiático».

Poucos meses depois, o secretário de Estado, John Hay, dirigia as suas notas sobre a Porta Aberta na China, e a circular declarando que «a política do governo dos Estados Unidos é buscar uma solução que possa»—entre outras coisas —«preservar a entidade administrativa e territorial da China».

Desde o dia em que o almirante Dewey entrou na Baía de Manila, até o dia em que o general Wainwright se rendeu em Corregedor, nunca os Estados Unidos fizeram um esforço firme e prudente, nem mesmo remotamente adequado, para equilibrar devidamente os enormes compromissos que assumiram naquela região, com a força necessária à sua sustentação.

O presidente Teodoro Roosevelt, que, com o senador Lodge e o capitão Mahan, tão ativamente promoveu a expansão americana de que se trata, compreendeu muito bem que a nova iniciativa clamava por novas medidas. Foi assim que insistiu em que se abrisse o Canal do Panamá, de modo que, sendo preciso, a esquadra se pudesse concentrar com rapidez num ou noutro dos dois oceanos, e persuadiu povo e Congresso a apoiar a construção de uma marinha moderna.

Não lhe escapou tambem a necessidade que tínhamos de amigos e aliados virtuais—contra o surto, porventura, do imperialismo germânico, e, mais tarde, do japonês. Daí nunca ter permitido disputas acerca da China, que viessem a afastar os Estados Unidos da Inglaterra. Pela mesma razão, interveio prontamente no caso de Marrocos, em 1895, afim de evitar uma guerra européia que deixaria os Estados Unidos a braços, sozinhos, com os compromissos tão vastos por que se haviam tornado, internacionalmente, responsaveis.

Não faltou, pois, a Teodoro Roosevelt, a compreensão dos elementos de uma genuina política externa. Mas os rudimentos que lançou, não lhes deram os seus sucessores o necessário desenvolvimento.

Woodrow Wilson

Os hábitos mentais dos imediatos sucessores de Teodoro Roosevelt—Taft e Wilson — formaram-se no período da ilusão isolacionista, que perdurou de 1823 a 1898. Em ambos, o idealismo, que dispõe os americanos a grandes e retumbantes empreendimentos, se aliava ao pacifismo, que os leva, por outro lado, a retrair-se quanto às medidas de força, a que aqueles obrigam, tantas vezes. Nenhum dos dois promoveu a preparação militar em tempo de paz. Ambos aceitaram com relutância, e já tarde, a necessidade do armamento.

Quando a guerra, há tanto esperada, deflagrou na Europa, em 1914, o presidente Wilson não tinha uma política externa, aceita pela nação, que lhe facultasse os meios de julgar se, porque, quando, onde, como, e com que fim, deviam os Estados Unidos tomar posição no conflito.

De 1914 a 1916, vacilou Wilson entre a proclamação dos direitos americanos e o ter que fazer face às consequências que podiam provir de proclamá-los; entre o receio de uma vitória germânica e o de uma guerra para impedir tal vitória. Assim, tomou um rumo em ziguezague, ora numa direção, porque o bloqueio britânico infringia a doutrina americana sobre a liberdade dos mares, ora noutra, porque os processos da brutalidade alemã ofendiam e escandalizavam a sensibilidade americana. A nação não tinha bases em que firmasse o caminho dos seus verdadeiros interesses. A batalha verbal dos propagandistas, a que tanto vulto se deu em anos posteriores, travou-se nesse vazio do espírito americano.

Não é por conseguinte de estranhar que os Estados Unidos tenham entrado na guerra, em 1917, por motivos que nunca foram convenientemente revelados. O presidente Wilson justificou a intervenção no conflito alegando objeções legais à guerra submarina irrestrita, e morais à agressão deshumana. Mas essas razões superficiais para a declaração de guerra nunca teriam prevalecido, se a maioria do povo não tivesse lobrigado, até por intuição, que uma vitória germânica nos lançaria irremissivelmente em estados de perpétua preparação militar e vigilância contínua. Os Estados Unidos não foram à guerra com o fim de salvar o mundo para todas as democracias; de pôr abaixo o *kaiser*, para transformar a Alemanha em república

democrática, ou de fundar uma Liga das Nações—porem, de fato, *para preservar a sua segurança.*

E quando a paz se restabeleceu, a nação, mui provavelmente, teria aceitado a Liga das Nações, sob uma ou outra forma, se o presidente Wilson lhe tivesse podido demonstrar que a Liga acarretaria a perpetuação da segurança que a vitória militar havia conquistado. Wilson não foi apto a fazer a demonstração que se impunha, porque, ao levar a nação para o conflito, apto, por igual, não tinha sido para expor-lhe as razões irrecorriveis que determinavam o grave passo.

Não se tendo tornado explícito, no caso, o interesse americano, nunca chegou a nação a compreender claramente porque tinha entrado na guerra. Com o curso do tempo, ficou o país aberto a toda insinuação de que combatera sem motivo, de que a vitória obtida não tinha nunhum alcance, de que fora manobrado, para se envolver numa guerra não-americana, pelos diplomatas ingleses e banqueiros internacionais.

Só vinte anos mais tarde, quando a França caiu, a Inglaterra se viu rodeada de perigos mortais, e os japoneses cercaram as Filipinas, só então a nação começou a perceber a estrutura encoberta, porem real, da posição estratégica dos Estados Unidos no mundo.

Para as nações, como para os indivíduos, que respondem por compromissos não cobertos pelos recursos da força, pode surgir, de uma hora para outra, a contingência de algum ajuste de contas. Entre 1931 e 1937, foi-se tornando cada vez mais evidente que era precisamente o que ocorria para com os Estados Unidos. A Alemanha, o Japão e a Itália estavam em marcha, e acabariam dominando o mundo, se não encontrassem resistência à altura de detê-los. A situação americana, exigia de modo imperioso, uma expansão intensa e imediata das nossas forças armadas, a fortificação das nossas posições estratégicas no Alasca, Guão, Filipinas, Panamá, e um tratado de mútuo auxílio com a Grã Bretanha, a França e a China—nossos aliados naturais num ataque que se tramava, contra eles e contra nós. Mas essas diretrizes de prudência foram evitadas, porque seriam politicamente imprudentes.

A política de pré-guerra do presidente Roosevelt

Assim, de 1937 a 1940, o presidente Roosevelt moveu-se, ansiosa e hesitantemente, entre o seu conhecimento do que deveria ser feito, e a sua estimativa do grau em que o povo compreendia o que se tinha a fazer. Não conseguiu persuadir a nação a corresponder eficazmente ao interesse americano. Embora ele próprio reconhecesse o perigo, tendo deste uma exata noção, o fato é que não insistiu por maiores armamentos, ainda depois de o Japão ter conquistado o norte da China, envolvido as Filipinas, e tomado posição para o ataque. Nem porque tivesse ocorrido o colapso francês, ou a invasão ameaçasse a Inglaterra, se sentiu o governo americano em condições de executar qualquer movimento.

Porque não fez o presidente Roosevelt o que sabia que era necessário? A resposta não é dificil. Foi que, entre 1937 e 1941, a nação revelou-se dividida por grandes e furiosas controvérsias. Nenhuma, contudo, destas controvérsias teria tomado vulto, se o governo falasse a um povo que compreendesse quão sérios eram os seus compromissos,

e tivesse adquirido o hábito de cobrí-los com as garantias de efetivação.

Agora mesmo, quando nos aproximamos da culminância da luta, não é ainda de nenhum modo seguro que uma política americana possa ser estipulada contra as ilusões de mais de um século de inexperiência em matéria de política externa, e suas realidades.

Miragens

Os meios elementares pelos quais deve ser conduzida qualquer política externa são: as forças armadas da nação, a disposição ou o arranjo das suas posições estratégicas, e a escolha de suas alianças. Para a ideologia americana, essas coisas vieram a ser olhadas como militaristas, imperialistas, reacionárias e arcaicas. Os próprios espíritos de orientação direitista não queriam ouvir falar senão em paz, desarmamento, e uma escolha entre não-intervenção e segurança coletiva.

Os Fundadores da República não entretiveram, seja dito, nenhuma de tais ilusões. Não consideraram a paz mais importante do que a segurança. Com efeito, na Mensagem de Despedida, disse Washington: «*Podemos escolher a paz ou a guerra*, conforme o nosso interesse, guiado pela justiça, aconselhar.» Nunca pensaram eles em fazer da despreparação para a guerra um ideal nacional. E posto que se houvessem manifestado contra as alianças «envolventes», nunca hesitaram em buscar o apoio de outras potências, como no caso da declaração da Doutrina de Monroe, sempre que viram que direta ou indiretamente o auxílio de um aliado podia favorecer o interesse do país.

Na centena de anos que se seguiu à declaração de Monroe, o ideal de paz desviou nossa atenção da idéia de segurança nacional. As objeções aos armamentos e às alianças encontraram clima para florescer, vindo afinal a tornar-se uma ideologia nacional, devido tambem ao acidente histórico de que, naquele período, a Ásia ressonava, a Europa se encontrava dividida, e o domínio naval da Inglaterra se mantinha incontestado. Resultava que nunca tínhamos por que preocupar-nos com obrigações a cumprir neste nosso hemisfério e no Pacífico, e podíamos contar com uma segurança que pouco de nós exigia.

Esta segurança, não mantida à custa do nosso esforço, durante um longo século, produziu no país, e nos seus hábitos de raciocinar sobre a espécie, o efeito que tantas vezes a renda conseguida sem trabalho produz nos descendentes de um avô que nele enriqueceu. Levou-nos a esquecer que o homem tem que ganhar a sua segurança e a sua liberdade como ganha a sua vida. Passamos a admitir que a nossa posição privilegiada era um direito natural, senão mesmo a acreditar que a nossa segurança, um tanto de mão beijada, representava em suma a recompensa da nossa superioridade moral.

A Miragem da Paz.—Examinando os nossos preconceitos nacionais, poderemos começar por perguntar a nós mesmos se a paz, como tantos dizem, é o supremo escopo da política externa. Só o formular a questão, pareceria, até bem pouco, chocante. Hoje, contudo, é óbvio que a sobrevivência da nação e sua segurança e independência são mais relevantes do que a paz.

O ponto fraco do ideal pacifista é que ele oculta o verdadeiro destino da política externa, que outro não pode ser senão o de promover a segurança da nação, seja com a paz *ou* com a guerra. Uma nação está em segurança quando

não é forçada ao sacrifício dos seus interesses legítimos para evitar a guerra, e dispõe de condições para, se desafiada, garantí-los pelas armas. O resultado funesto do ideal pacifista é tornar a nação negligente quanto às suas próprias defesas, ao tempo que desatenta ou displicente, quanto aos seus inimigos.

O curso dos acontecimentos, desde a captura da Manchúria em 1931, até a invasão da Polônia em 1939, mostrou quanto o ideal pacifista, na Grã Bretanha, na França e nos Estados Unidos, permitiu e até mesmo encorajou a desenfreada ambição dos estados agressores. A pregação, seguida de atos e fatos, dos pacifistas, na Grã Bretanha e entre nós, foi a causa de não se ter acompanhado, nas proporções devidas, a marcha dos armamentos alemães e japoneses. A eles se deve a política do chamado «apaziguamento», que determinou a rendição da Renânia e da Tchecoslováquia. O que os nossos aliados entregaram, em nome da paz, converteu-se na base estratégica sobre a qual assentou Hitler o desenvolvimento da guerra.

É o que seria lícito chamar o círculo vicioso do pacifismo. Em nome da paz, enfraquece-se a nação, e não só material, senão tambem moralmente, inhabilitando-a para a defesa dos seus interesses vitais; e quando se positivam as ameaças de força superior, há que sacrificar tais interesses, lançando carga ao mar, ou carne às feras. Os estadistas do pacifismo justificam a sua renúncia no terreno, primeiro, de que a paz é sempre melhor que a guerra, e segundo, de que a nação deseja muito aquela, e não está preparada para esta. Mas, afinal, quando levada à parede, não resta à nação pacifista senão, de qualquer modo, combater. Dá-se apenas que encontra o inimigo, estrategicamente, mais forte, e vê-se na contingência de lutar com armamentos insuficientes, e sem alianças em ordem.

Foi assim que o ideal pacifista conduziu, pouco a pouco, as nações amantes da paz até de fato à beira da catástrofe, da qual procuram presentemente salvar-se a um custo prodigioso. A geração que mais sinceramente, e com maior esforço, declarou que a paz é o supremo escopo da política externa, chegou, como se vê, não à paz, porem à mais devastadora das guerras.

A Miragem do Desarmamento.—No intervalo entre as duas grandes guerras, os Estados Unidos procuraram estabilizar a paz, denunciando a guerra e promovendo o desarmamento. O movimento pelo desarmamento foi tragicamente bem sucedido em desarmar as nações que neste confiavam, em dissolver a aliança entre os que haviam vencido a primeira guerra mundial, e em os reduzir a uma situação desastrosa, por assim dizer de impotência, às próprias vésperas da segunda guerra.

A campanha pela paz, por via do desarmamento, foi iniciada pelo presidente Harding, que convocou os nossos aliados para a Conferência de Washington. Insistimos pela ruptura da aliança anglo-japonesa, o que importou em isolar o Japão, proporcionando-lhe o ensejo de encontrar, entre os vencidos, novos aliados. Aliou-se ele, então, como é sabido, à Alemanha. «Impusemos» em seguida (ou imaginamos impor), uma razoavel proporção de forças navais, especialmente de navios de ofensiva, de grande alcance, que veio a redundar em uma garantia ao Japão contra qualquer intervenção naval pronta e eficaz, americana ou inglesa, na área do Extremo Oriente, tão cara, como é notório, às ambições japonesas. Finalmente, depois de nos desarmarmos estrategicamente, em face do Japão, trabalhamos com os ingleses no projeto de redução do valor da sua e da nossa esquadra.

O efeito de tudo isso foi comprometer radicalmente o controle anglo-americano das estradas marítimas no mundo. Claro que a intenção fora outra. O que se havia previsto, era que, mantida lealmente a proporção das esquadras, o equilíbrio de potência naval seria o mesmo, posto que reduzidas aquelas, no número e capacidade ofensiva de suas unidades. Semelhante cálculo, entretanto, pecava pela base. Contraidas as duas esquadras, a inglesa e a americana, contraía-se, é evidente, para ambas, a área de operações. A inglesa, já agora, teria que ficar concentrada nas Ilhas Britânicas. A americana, entre a Califórnia e o Havaí. Estava assegurada, em consequência, a superioridade do Japão em todas as águas que a ele interessavam. Os aliados numa grande guerra, de que sairam aliás vencedores, desarmavam-se, um e outro, no curto período que ia decorrer, antes que de novo se aliassem noutra guerra ainda maior.

A Miragem de Evitar Alianças Comprometedoras.—O duro núcleo de resistência à formação de uma política externa tem sido a objeção às alianças. Este preconceito permanece, tanto mais quanto se firmou a crença de que ele brota dos ensinamentos dos que fundaram a República.

A verdade, todavia, é que estes revelaram, e não só por palavras, mas por atos, que só tinham o maior prazer em contar com aliados, toda vez que lhes parecia que assim convinha ao país. Na guerra da Independência, Washington rejubilou-se quando Franklin conseguiu a aliança da França. Por ocasião do grande caso da Compra da Luiziana, Jefferson não hesitou em aceitar o estímulo diplomático da Inglaterra. Longe de participar do preconceito popular contra as alianças, fizeram-na, um e outro, com a França e a Grã Bretanha, que eram aliás, ao tempo, as maiores potências estrangeiras.

A 18 de abril de 1802, treze meses depois de proferida sua célebre advertência contra as alianças comprometedoras, vamos encontrar o presidente Jefferson a escrever a propósito da ameaça de cessão da Luiziana pela Espanha à França: «O dia em que a França entrar na posse de Nova Orleãs... sela a união dos dois paises que, juntos, podem manter o domínio exclusivo do oceano. A partir daquele momento, devemos conjugar-nos com a nação inglesa e a sua esquadra.»

E numa frase que o faz até certo ponto precursor da fórmula das «Nações Unidas», do presidente Roosevelt, falou Jafferson em «consagrar os dois continentes da América aos propósitos comuns da união entre a Inglaterra e as nações americanas».

Por fim, como já se viu, ao ter de ser declarada a Doutrina de Monroe, tomaram os Fundadores da República sua grande decisão, após negociações em Londres, pelas quais se certificaram de que contariam com o apoio diplomático, armado, da Grã Bretanha.

Como, então, se formou o juizo de que as alianças infringiam as regras ou os conselhos formulados pelos Fundadores da República, sendo, portanto, estranhas à mais pura tradição americana? Creio que a razão é simples. Durante os 75 anos subsequentes à adoção da Doutrina de Monroe, a não publicada, mas nem por isso menos existente

comunidade de interesses anglo-americana, que lhe deu o seu amparo, funcionou tão bem no seu conjunto, que, à semelhança do que acontece com a nossa saude quando a temos em boa ordem, não tínhamos sequer conciência da aliança em que os fatos repousavam.

Mas, depois de 1899, quando o Senado ratificou o tratado de paz com a Espanha, a estrutura política, erguida por Jefferson, Madison e Monroe, deixou de ter cabimento, uma vez que as responsabilidades americanas se estenderam, através do pacífico, até à costa da China. Aumentadas as obrigações, diminuia, entretanto, na outra concha da balança, a carga que devia contrabalançá-las. Em 1900, a Alemanha começou a construir uma grande esquadra, no que foi, logo depois, seguida pelo Japão.

A velha ordem das nossas relações exteriores estava radicalmente deslocada. Sem embargo, os estadistas americanos não mais se mostraram à altura da tarefa de guardar a devida proporção entre compromissos e força, obrigações e recursos, riscos e precauções. A nação continuou embalada por ilusões que tinham bastado sob a antiga ordem. O preconceito contra as alianças arraigou-se de tal modo que nos recusamos a distinguir entre aquelas nações cujos interesses vitais as constituiam naturalmente nossos potenciais aliados, e aquelas que eram, por interesses opostos, nossos inimigos potenciais. É assim que fomos zelosos em procurar desarmar tanto a Inglaterra como o Japão, e, de 1914 a 1916, e novamente, de 1939 a 1940, a política americana professou não ver nenhum interesse vital americano envolvido na questão de saber quem ganharia a guerra, se a Inglaterra, se a Alemanha.

Política externa e dissenção doméstica

Eis que chegamos agora ao objeto do nosso inquérito, ou seja descobrir e elucidar a política externa que convem, no nosso tempo, aos Estados Unidos, e encontrar o terreno comum sobre o qual possa o povo americano reunir-se novamente.

Nossa experiência, desde a fundação da República, tem mostrado que a divisão doméstica, em torno das relações exteriores, é a consequência—e não a causa—de uma política externa insolvente. E desde 1899 não tem sido ela outra coisa. A nação, em correspondência, mostrou-se profundamente dividida, através de meio século, sobre questões de imperialismo, sobre a intervenção na primeira guerra mundial, a participação naquela guerra, e a reconstrução depois dela, sobre as medidas para impedir um segundo conflito, a preparação para o enfrentar, no caso que irrompesse, a interferência a ter nele, o rumo a adotar quando de novo a paz se houvesse de restaurar.

A insolvência na política exterior quer dizer que guerras evitaveis não são evitadas, guerras inevitaveis não encontram o país preparado, e se fazem tratados de paz que outra coisa não são que o prelúdio de um novo ciclo de guerras não evitadas, de despreparação para as guerras, e de ajustes inexequiveis.

Temos vivido nesse triste ciclo por quase meio século. O único meio de sairmos dele está na elaboração de uma política suscetivel de impor-se de tal modo, que as dissenções se desfaçam.

O exemplo de Monroe, Jefferson e Madison aí está a ensinar-nos que uma verdadeira política não pode ser formulada, se os estadistas evitam chamar a si a responsabilidade de uma decisão inicial. Monroe anunciou ao Congresso a política de que ele, Madison e Jefferson se faziam autores responsaveis. Fez o que lhe pareceu que seria acertado e preciso. A correspondência dos três presidentes não se interessava em saber o que a consulta, por quaisquer meios e modos, à opinião pública, poderia revelar sobre o modo de ver de um país reconhecidamente dividido; o que eles procuravam fixar era o que o interesse da República estava a reclamar na situação, de conformidade com os termos em que esta se apresentava. Formularam então uma política, fundada em base legítima, e que, justamente por causa da sua virtude intrínseca, uniu, a apoiá-la, o povo.

Certamente, na nossa época, não pode ser adotada uma política de certo vulto por simples entendimento, mais ou menos privado, entre alguns líderes. Mas o princípio essencial não mudou: a política deve ser examinada *no seu mérito*, e não do ponto de vista da sua imediata popularidade. O que dá a medida a uma política é a sua sanidade e solidez; se é ela sólida e sã, unirá em torno a si o bom senso da nação, visto ser evidente por si mesma a sua conveniência.

A área defensiva dos Estados Unidos

Nossas disputas internas têm versado sobre a questão: Quais são, em suma, os interesses vitais dos Estados Unidos?

A compra, por Jefferson, do território da Luiziana, sofreu consideravel oposição. A guerra com o México (1846) foi impugnada pelos liberais: Abraão Lincoln, membro do Congresso, acusou o president Folk de «pôr em marcha um exército, de território provadamente americano, para o fim de entrar em solo não estabelecido como tal».

Mas, uma vez que a região em dúvida se tornou *território americano*, sua defesa, contra potências externas, passou a constituir-se interesse vital americano, geralmente reconhecido. Acontece, todavia, que os nossos limites continentais não coincidem com o que chamaremos as fronteiras defensivas dos Estados Unidos. As terras que a nação americana se comprometeu a defender, ainda que pela guerra, abrangem, desde que foi proclamada a Doutrina de Monroe, e nos termos em que o foi, todo o Hemisfério Ocidental.

Inamistosos críticos estrangeiros da Doutrina de Monroe têm-na julgado um artifício destinado a encobrir o imperialismo dos Estados Unidos. Críticos domésticos a arguiram de levar longe demais a sua esfera de ação, a qual se deveria contrair, de maneira a não passar da linha do rio Amazonas e da saliência nordeste do Brasil. Mas, em 1940, o povo americano pôde ver que, se tivéssemos aquiescido no estabelecimento da Alemanha ou do Japão ao sul do Amazonas, estaríamos hoje diante de uma direta ameaça, ao norte. A presença de uma força aérea hostil, com base em terra, na América do Sul, e a situação das comunicações, aéreas e marítimas, entre a Europa e a África, através do Atlântico Sul, teriam colocado os Estados Unidos permanente e perigosamente na defensiva.

Verifica-se, pois, que a verdadeira região defensiva da segurança, para os Estados Unidos, é toda a massa de terra das Américas, do Norte e do Sul. É essa a região a defender, contra inva-

são, intrusão, ou absorção por efeito de manobras internas.

Durante o século XIX, a potência naval britânica exerceu o domínio indiscutido dos acessos às Américas. Foi portanto possivel aos Estados Unidos presumir que a Inglaterra se incumbiria da primária defesa estratégica, restringindo a atividade das potências transoceânicas, e assim nos tocava apenas a obrigação secundária de guardar os territórios do Hemisfério Ocidental.

Desde, porem, que a Inglaterra deixou de ter o controle de todos os oceanos—o que se deu a partir, mais ou menos, de 1900—a nossa própria doutrina estratégica se tornou inadequada. A imensa linha costeira das duas Américas não pode ser defendida montando guarda às margens, ou por meio de uma esquadra baseada nas Américas, e portanto compelida a deixar ao inimigo a decisão sobre onde e quando mover o seu ataque.

As defesas estratégicas dos Estados Unidos não estão no limite de três milhas em águas americanas, mas se dilatam através de ambos os oceanos, estendendo-se a todas as terras transoceânicas, de onde um ataque possa ser lançado, seja por ar, ou por mar. A segurança americana no mar desenvolvia-se até o litoral da Europa. Da África e da Ásia. Na nova época da força aérea, tem que ir mais longe ainda, alem da linha de costa, para ter em vista os aeródromos de onde possam partir aviões.

Os nítidos elementos da nossa posição

Podemos então emitir a concepção fundamental, sobre a qual a política externa dos Estados Unidos deve ser estabelecida.

Entre o Novo Mundo e o Velho, há um oceano de mar e de ar.

As duas Américas, relativamente ao resto do mundo, são ilhas neste oceano.

A maior parte da porção habitada da América do Sul, abaixo da saliência nordeste do Brasil, é presentemente mais acessivel por mar, e, a alguns respeitos, por ar, quanto à Europa e quanto à África, que quanto aos Estados Unidos. Entre as grandes potências, os vizinhos mais próximos dos Estados Unidos são a Inglaterra, a Rússia e o Japão, aliás, com a Alemanha, as principais potências militares do mundo moderno.

As relações da Inglaterra, da Rússia e do Japão com os Estados Unidos têm regulado, desde cerca de 1900, e ainda regularão pelo futuro, possivel de prever-se, os assuntos de paz e guerra para o Novo Mundo. A Alemanha importa, na matéria, ao Novo Mundo, como inimiga ou aliada em relação às referidas potências, nossos vizinhos mais próximos. Em ambas as grandes guerras, a neutralidade americana tornou-se impossivel quando a ameaça se positivou de a Alemanha vir a ser um dos nossos vizinhos mais próximos, pela vitória sobre a Grã Bretanha, e sua conquista.

É indispensavel pôr a nu, para que todos os vejam, estes elementos primários da nossa posição no mundo.

Não existindo, como não existe, na América do Sul, nenhuma grande potência militar que possa defendê-la, temos necessariamente que encarar a defesa daquela região como coisa, para nós, de vital interesse. Só uma das grandes potências do Hemisfério Norte poderá, no caso, ameaçar-nos, e daí a importância de saber se, entre elas, os nossos amigos sobrepujam os nossos inimigos.

Nossas outras relações são tambem controladas pelo alinhamento das grandes potências dentro do sistema. Como os fatos têm mostrado, uma guerra nipo-americana, isolada, não é admissivel. O curso da guerra entre o Japão e os Estados Unidos é regulado pela situação das relações entre todas as grandes potências.

Não passa de uma ilusão, gerada ou nutrida pela falsa leitura da história, o que tem levado tanta gente a pensar que os Estados Unidos sempre estiveram em condições de manter-se ausentes de qualquer grande conflito em que tenha corrido perigo a ordem de poder nos oceanos que cercam as Américas. O povo que vive neste continente tem sido envolvido, desde o alvorecer de sua história, nas relações de guerra e paz entre as grandes potências que disputam, interessadas no mesmo oceano. Foi apenas por acidente que, durante mais de 100 anos, após Monroe, a ordem de poder permaneceu tão estavel que os americanos se esqueceram de que ela de fato existia.

A Ordem de Poder

O estado das relações entre a sua própria nação e as grandes potências, é assunto preponderante para um país que tenha de traçar sua política externa. A menos que a situação seja tal que a combinação que lhe é oposta não se apresente mais forte que aquela a que ele pertence, os seus encargos excederão os recursos, e o seu povo está sendo conduzido a graves perturbações.

Por conseguinte, nenhuma grande potência pode ser indiferente a qualquer das outras grandes potências. Se o seu objetivo é ganhar uma guerra que decidiu promover, ou não perder uma guerra que lhe foi imposta, uma grande potência deve ter sempre aliados entre as grandes potências. E, se o seu pensamento é, como deve ser o nosso, preservar a paz, então lhe cumpre formar uma combinação, de força preponderante indisputavel, com outros grandes estados que tenham os mesmos propósitos.

No decurso de todo um século, que é a distância que vai de Waterloo à primeira invasão da Bélgica, houve no mundo uma ordem de poder que foi bastante eficaz para que tivesse evitado a irrupção de qualquer grande guerra. Ocorreram guerras curtas, localizadas, restritas; nunca, porem, guerra geral e total. Sob essa ordem, presidida pela Inglaterra, por meio do seu domínio incontrastavel dos mares, a Alemanha, o Japão e os Estados Unidos fizeram-se grandes potências.

Pelas alturas da transição de um século para outro, a velha ordem não encontrava mais correspondência na verdadeira distribuição do poder no mundo, e aí começou o ciclo das guerras do século XX. Nenhum dos grandes estados pôde assentar uma política externa seguramente viavel. Todos, e cada um de todos eles, julgaram mal as suas próprias forças, e as opostas.

Em 1914, a Alemanha, sem nenhum aliado, a não ser o império austro-húngaro, rapidamente em decomposição, entrou em guerra contra uma combinação que reuniu afinal todas as demais grandes potências. Não podia deixar de ser vencida. Compreendeu o seu erro, e em 1939 supôs tê-lo corrigido. Fez aliança com a Itália e o Japão, dois dos seus antigos inimigos, e um pacto com um terceiro destes, a Rússia, ao tempo em que cultivava cuidadosamente o isolamento do quarto, que eram os Estados Unidos.

Iniciou, nestes termos, a sua segunda guerra, sob os melhores auspícios, e obteve, a pouco preço, vitórias rápidas e estrepitosas. Caiu todavia no erro que procurara evitar. Em vez de tratar de conquistar a tolerância dos vencidos, enfureceu-os. Em vez de aplacar os neutros, ameaçou-os, invadindo a Rússia, volvendo vistas suspeitas para a América do Sul, e ampliando a aliança com o Japão. Suscitou pois o estabelecimento da grande coalisão que deverá derrotá-la, destruindo-lhe a força.

A política externa do Japão, durante o mesmo período, consistiu em se pôr em antagonismo com todos os seus vizinhos, fazendo unicamente um aliado—a Alemanha, que não é uma potência do Extremo Oriente.

A Inglaterra, a França e os Estados Unidos fizeram, por sua vez, uma política externa, que só é de lamentar. À época do armistício de 1918, constituiam os três uma combinação tão forte que estava nas suas mãos construir uma nova ordem de poder. Não a construiram, entretanto. Ao contrário: dissolveram a combinação. Em primeiro lugar, lançaram a Rússia no ostracismo, revelando-se mais preocupados com o perigo passageiro de uma ideologia que propriamente com o fato, bem mais profundo em significação, da permanente ordem de poder. Em seguida, isolaram o Japão. E por fim, se isolaram entre si. A nova combinação dos estados agressores formou-se sem oposição. Em Munique, Hitler compeliu a Grã Bretanha e a França a separar-se da Rússia. Os Estados Unidos, nesse ínterim, se mostravam convencidos, com a votação da Lei de Neutralidade, de que não deviam unir-se à Grã Bretanha e à França, enquanto por outro lado se iam indispondo cada vez mais com o Japão.

Isolar-se é, para qualquer estado, a peor das situações. Fazer parte de uma combinação que atue conjuntamente, inclusive pelas armas, se as circunstâncias o impõem, é alcançar praticamente o mais alto grau de segurança realizavel num mundo onde há muitos estados nacionais soberanos.

A área dos nossos compromissos no Novo Mundo é quase a metade da superfície do globo; mas a força militar potencial do Velho Mundo é imensamente maior do que a do Novo. A força total de combate, suscetivel de ser mobilizada pela Inglaterra, a Rússia, a Alemanha, o Japão, a China, a França, a Itália, a Polônia, a Europa Central e os paises balcânicos, excede, de maneira esmagadora, a que nos seja dado reunir, ainda com o máximo esforço.

O fato da nossa inferioridade militar como estado isolado, cresce de relevância ao considerarmos a vulnerabilidade de nossa posição estratégica. De nossa base continental na América do Norte cumpre-nos defender dois terços da superfície do globo. A América do Norte é uma ilha. Ilhas são a América do Sul, as Filipinas, a Austrália, a Groenlândia. Todas estas ilhas jazem num imenso lago oceânico, cujas margens são controladas pelas outras grandes potências. De sorte que, se ficarmos isolados, sem aliados entre as grandes potências, teremos que defender a maior parte do lago sem qualquer ponto de apoio estratégico no continente, do qual um ataque poderia ser lançado. Se soubéssemos que o ataque estaria sendo preparado, não teríamos meios de desencadear um golpe preventivo. Seríamos obrigados a deixar às forças combinadas do inimigo toda a liberdade no preparo e toda a iniciativa, quanto ao momento e ao lugar do ataque. Ficaríamos então diante deste dilema: deixar o nosso vasto e disperso domínio sem defesa contra um ataque de surpresa, ou ficar num estado de permanente mobilização, que teria os inconvenientes de ser puramente defensiva e de dispersar as nossas forças.

Cumpre-nos, pois, salvaguardar o futuro, tomando por base da nossa política externa a necessidade irrecusavel de firmar no Velho Mundo alianças idôneas.

A Comunidade Atlântica

Que alianças devem os Estados Unidos procurar estabelecer? Respondida satisfatoriamente esta pergunta, ou resolvida com acerto esta questão, estaremos aptos a determinar o grau ou as proporções da nossa preparação militar, e a escolher, fixando-os, os postos estratégicos, avançados, que nos são essenciais. E evidente que a nação americana não pode permanecer indefinidamente no nivel de armamento estabelecido para o ano de 1943. Não é menos óbvio que a nação, até onde no futuro se pode prever ou considerar por enquanto, não desarmará. É pois entre os dois extremos que a nossa situação de após guerra, sob o ponto de vista militar, terá que ser situada.

Mas impossivel será fixá-la, a não ser em relação à força dos outros estados, e na base de um seguro conhecimento de como devemos julgar cada um deles, se aliado, se inimigo potencial, se neutro incerto. Se não organizarmos convenientemente a nossa posição, e fizermos as nossas alianças, na ordem de após guerra, não poderemos ter, é evidente, política militar. Nem há possibilidade de preparação eficiente contra todas as combinações que se possam conceber. Incumbe à diplomacia reduzir as incertezas pela constituição de alianças que inspirem confiança, de maneira a restringir-se o número de adversários potenciais contra os quais seja preciso preparar-nos.

Ao fim desta guerra, se conseguirmos destruir a força militar da Alemanha e do Japão, haverá apenas no mundo três grandes potências armadas—a Inglaterra, a Rússia e os Estados Unidos.

À Alemanha e ao Japão, como temos declarado, não será permitido, durante um longo período, voltar a ser grandes potências; e se tal declaração tiver que se tornar efetiva por meio da força, as três grandes potências sobreviventes—Inglaterra, Rússia e Estados Unidos—saberão fazê-la efetiva. Para tanto, é indispensavel que se unam como aliados. Se não formarem aliança, serão então antagonistas provaveis. Declarado o antagonismo pela cessação da aliança em que estiveram na guerra, um ou mais dos vencedores se moverão inevitavelmente no sentido de arranjos com os vencidos.

Foi o que aconteceu depois de 1919: quando a aliança vitoriosa se dissolveu, a Alemanha, vencida, fez uma aliança com a Itália e o Japão, vencedores. Se os Estados Unidos caminharem para a rejeição das alianças, as outras potências entrarão em convênios entre si—é o que devemos esperar—para a sua própria segurança.

O Entendimento Anglo-Americano

O problema, pois, de que se trata, é o de uma aliança americana com a Inglaterra e a União Soviética.

Examinemos primeiro o projeto de uma aliança anglo-americana.

Quando consideramos a região que os Estados Unidos têm a obrigação de defender, verificamos que a Inglaterra se

acha estabelecida tanto dentro como fora daquela região. O Canadá é o centro geográfico dos territórios em causa. A única via terrestre para o Alasca atravessa o Canadá. Todas as curtas rotas aéreas para a Europa e para a Ásia passam sobre terra canadense. Assim a geografia da força aérea liga inseparavelmente aos Estados Unidos o mais importante domínio da Comunidade de Nações Britânicas.

Mas o avião que levanta vôo da América do Norte deve poder aterrar noutros continentes—em algum ponto da Europa, da África, da Ásia; de modo que, sem o uso de bases aéreas apropriadas do outro lado dos oceanos, a potência aérea americana não se poderá desenvolver.

Em suma, a potência aérea americana, tendo apenas assegurado o uso de bases na América do Norte, estaria condenada a esperar que o inimigo se decidisse a atacá-la, quando e onde lhe fosse preferivel. E isto nos levaria à defesa passiva, a que já nos referimos. Relembremos, no entanto, que todas as posições que nos cumpre defender são saliências expostas—a Groenlândia, o bojo do Brasil, o Alasca e as Filipinas. Todas elas são mais próximas, por via aérea e marítima, de algumas grandes potências do Velho Mundo do que dos arsenais, campos de treino e centros de recrutamento dos Estados Unidos.

Por outro lado, a potência aérea não pode ser eficaz sem a potência naval. Não é praticavel, só pelos meios do ar, estabelecer, construir, abastecer, e defender bases aéreas ultramarinas.

Para o Alasca, destinado a ser, no futuro, um dos maiores centros aéreos do mundo, o uso da estrada de rodagem através do Canadá, e o comando dos mares, a ser exercido da nossa costa pacífica, são de todo indispensaveis.

Com relação à Groenlândia, ou a uma base aérea mais avançada na Islândia, o apoio à força aérea americana está dependente das comunicações marítimas. De um lado da rota a vencer, está o Domínio do Canadá e a colônia inglesa da Terra Nova; do outro se encontram as Ilhas Britânicas. A segurança dos acessos setentrionais ao continente americano está em conexão iniludivel com a força aérea e naval da Grã Bretanha.

Em 1940, quando as Ilhas Britânicas estavam em perigo mortal, tornou-se patente que aos Estados Unidos não seria possivel sustentar a sua posição na Groenlândia contra ataque de submarinos e aviões com base numa Inglaterra conquistada. Em 1941, ficou igualmente evidente que a Islândia não poderia ser mantida contra um ataque alemão partido da Noruega, sem o apoio decidido das forças marítimas e aéreas da Grã Bretanha. E se a Islândia, e depois a Groenlândia, tivessem caido em mãos inimigas, o continente americano teria sido seriamente ameaçado.

No Atlântico sul, nas vias de acesso à América do Sul, é essencial a manutenção de fortes bases marítimas e aéreas no bojo do Brasil. Tais bases não podem ser mantidas pelo Brasil sozinho. Não sendo um arsenal, o Brasil deve ser apoiado pelos Estados Unidos. Mas não há comunicações terrestres com o Brasil. Assim, a defesa estratégica de todo o continente sul-americano, do lado do Atlântico, depende das comunicações aéreas e marítimas. Relativamente ao arsenal e aos centros industriais mais importantes do mundo, o Brasil é uma ilha, tanto para a guerra como para o comércio. Alem disso, é uma ilha mais próxima do Velho do que do Novo

Mundo. De Nova York a Belem há 2.975 milhas marítimas. De Nova York a Pernambuco, 3.698. Ao contrário, as distâncias não são maiores da América do Sul a todos os pontos importantes dos territórios europeus sob domínio alemão, e muito mais curtas dos postos estratégicos avançados das potências européias na África. Assim, a distância de Pernambuco a Dacar, de Belem a Gibraltar, ou Bathhurst ou Freetown, é, na peor hipótese, umas mil milhas mais curta do que para qualquer outra posição comparavel dos Estados Unidos, não chegando mesmo, em alguns casos, aos dois terços destas. E se examinarmos as sentinelas ou postos avançados que a Europa mantem nas ilhas do Atlântico sul—as espanholas Canárias, as portuguesas Cabo Verde, e a inglesa da Ascenção—torna-se evidente que os estados europeus estão bem dentro das linhas de acesso à América do Sul. Entre os Estados Unidos e a América do Sul o ponto mais próximo é Trinidad, uma base de grande utilidade na defesa do Canal do Panamá e das Antilhas, mas de uma situação muito imprópria e muito distante, para ser usada na defesa das vastas e populosas regiões da América do Sul. Trinidad é uma ilha inglesa, cuja utilização foi concedida à América, porque se chegou à compreensão de que a defesa da Inglaterra e da América é uma operação conjunta.

Ainda que as nossas comunicações marítimas com o bojo do Brasil fossem asseguradas, estaríamos apenas um pouco mais bem preparados para uma defesa passiva. Nossas bases, incluindo-se as cedidas pela Inglaterra em 1940, são boas apenas para nossa defesa passiva, não podendo ser usadas para uma defesa ativa da América do Sul. Os trampolins de invasão da América do Sul ainda seriam numerosos, e situados tão longe do nosso alcance que não poderíamos desconfiar do ataque antes que ele se tivesse desencadeado. Aquí encontramos a força britânica a projetar-se para Bathhurst e Freetown, na África Ocidental; Gibraltar domina a entrada do Mediterrâneo; Capetown, a entrada meridional do Oceano Índico; as Malvinas, a entrada do Oceano Pacífico, em torno do Cabo Horn. Quer dizer que a região, cuja defesa nos cabe, só pode ser atacada de lugares cujos acessos por mar têm nas mãos da Inglaterra o seu destino.

Sob outro aspecto: como a defesa do Canadá, que é o maior dos domínios britânicos, está ligada intimamente à defesa do Hemisfério Ocidental, os interesses vitais, americanos e ingleses, são entre si complementares, e portanto inseparaveis. A Inglaterra tem que vir em defesa das Américas, sob pena de dissolver-se a Comunidade das Nações Britânicas. Os Estados Unidos têm que ir em defesa do Reino Unido, sob pena do risco mortal de ver estabelecer-se uma potência hostil, perto do Hemisfério Ocidental.

A realidade destes laços entre a Inglaterra e os Estados Unidos tem sido posta a prova, e demonstrada, vai já por mais de um século. Foi ela que impeliu a Inglaterra, em seu próprio interesse, e, ao mesmo tempo, os três Presidentes saidos da Virgínia, após terem estado duas vezes em guerra com a Inglaterra, a formar aquele acordo sobre o qual a Doutrina de Monroe sempre existiu. Foi ela ainda que compeliu o Canadá e os Estados Unidos a participar nas duas grandes guerras do século XX, porque em ambas estava em jogo a sobrevivência da potência britânica, e consequentemente a segurança estratégica das Américas.

Clara, como é, a indispensabilidade de uma aliança anglo-americana no Atlântico, onde se acham os nossos interesses mais fundamentais, claro igualmente será que a aliança é necessária no que toca à defesa do Pacífico. Nossa cadeia de bases para as Filipinas não pode ser seguramente mantida, se não dispusermos de uma âncora na outra extremidade. Essa âncora, somente a China está em condições de fornecê-la.

Os exércitos chineses e as forças aéreas americanas na China só puderam ser criados e mantidos, porque a Índia é uma nossa aliada. É da Índia que as provisões atingem a China por ar. É unicamente da Índia que se poderá promover a reconquista de Burma, e reabrir-lhe a estrada. Nada, entretanto, se teria feito, ou será possivel fazer de território indiano, se os ingleses, no Reino Unido, não mantivessem abertas as comunicações marítimas através do Oceano Índico.

Não é então inegavel que os compromissos americanos, no Atlântico e no Pacífico, ditam a necessidade de uma aliança com o Império Britânico e a sua Comunidade de Nações? Não é melhor proclamar francamente que a aliança é necessária, e então demonstrar que assim é ao senso comum dos povos, inglês, canadense e americano? Não será isso uma relação mais saudavel do que uma conexão que se oculte ou denegue em tempo de paz, funcionando entretanto de modo imperativo, sob a pressão do perigo em tempo de guerra?

Sem dúvida, haverá entre os ingleses e americanos interesses em conflito, fricções, antagonismos. Mas, quanto mais confessarmos abertamente o laço que existe entre os nossos vitais interesses, tanto mais claramente veremos os pontos de dissídio. Somente quando for certo que os dois grandes sistemas de estados—a Comunidade Britânica de Nações e as Repúblicas Americanas—não irão à guerra, um contra o outro, nem permitirão, reciprocamente, a destruição de um ou outro, haverá a segurança dentro da qual um e outro poderão resolver tranquilamente os seus diferendos.

Os membros da Comunidade Atlântica

A caraterística especial das relações anglo-americanas está em que há nações da Comunidade Britânica dentro e fora da área de defesa da América. O Canadá fica bem no seu centro; a Austrália e a Nova Zelândia, dentro dela. Assim a ruina da posição americana no mundo corresponderia ao colapso da Comunidade Britânica de Nações. Ao mesmo tempo a cidadela do poder inglês é o Reino Unido, e os pontos fortificados ao longo da linha de Gibraltar a Singapura estão situados nas fronteiras estratégicas das Américas. Dessa maneira, a destruição da posição inglesa no mundo significaria uma transformação revolucionária no sistema de defesa, no seio do qual as repúblicas americanas têm vivido por mais de um século.

Dentro dessa comunidade há vinte repúblicas americanas e, contando o Eire e a África do Sul, seis nações britânicas. Todos estes vinte e seis estados têm governo autônomo. Sem dúvida há diversidade de poder entre eles; mas a soberania de sua independência é atestada pelo fato de que o Eire, dentro da Comunidade Britânica, e a Argentina, dentro do sistema Panamericano, tiveram liberdade de ficar neutros. Embora a guerra presente vise preservar o sistema de segurança que lhes torna possivel esta escolha soberana, eles tiveram liberdade de permanecer fora da guerra. Isto é a prova de que na realidade a Comunidade Britânica é uma comunidade e não um império, do mesmo modo que a associação das repúblicas americanas não é uma fachada do imperialismo ianque.

Tanto Londres não tinha possibilidade de dar ordens aos domínios para entrar na guerra, que esta ordem nem mesmo foi considerada, e, como se pode ver a respeito do Eire, em caso nenhum foi dada. Do mesmo modo, Washington não dá ordens às repúblicas vizinhas, e a prova está em que elas decidiram livremente, por si mesmas, do tempo, grau e modos de sua neutralidade, não beligerância, ou adesão à aliança.

É um fato evidente que Londres não pode dominar, nem domina, um estado tão pequeno, tão próximo, tão fraco, e estrategicamente tão importante quanto o Eire, devendo, ao contrário, tratá-lo como um país soberanamente independente. Ficou demonstrado tambem que os Estados Unidos não podem dominar, nem dominam, no desenvolvimento crucial da guerra e da paz, nenhuma república americana. Haverá, pois, nada mais inconsistente do que o receio de que a Inglaterra venha a dominar uma poderosa nação como os Estados Unidos, ou vir a ser por ela dominada? Poderá negar-se que o entendimento anglo-americano seja, através dos fatos da geografia e os resultados da experiência histórica, uma comunidade de interesses, e não um plano de domínio ou um esquema de império?

Não é tãopouco, nem poderá ser, um plano para o domínio combinado do mundo pelas nações de língua inglesa. Veremos isto quando tratarmos da China e da Rússia. Tambem podemos vê-lo ao fixar a atenção sobre outras nações que, como a Inglaterra, têm interesses vitais tanto dentro quanto fora do Novo Mundo. A primeira delas é a França. Por cem anos o único inimigo da França foi a Alemanha, e a única fronteira que a França tinha que defender era a que a separava da Alemanha. Mas com a França incapaz de defender aquela fronteira, como pareceu possivel em 1917 e se tornou um fato em 1940, fica imediatamente evidente no Novo Mundo que a sua segurança é indispensavel à segurança do Novo Mundo.

A queda da França em 1940 foi uma demonstração concludente de que este país é um membro do grande sistema defensivo no qual vivem as repúblicas americanas. A queda da França deixou, alem disso, Espanha e Portugal abertos à possibilidade de invasão e domínio, o que, por sua vez, abriu a questão da segurança das ilhas espanholas e portuguesas, alpondras do Atlântico. A queda da França proporcionou à Alemanha bases aéreas e navais, das quais a Inglaterra foi sitiada, e das quais a navegação americana no Atlântico e nas Antilhas foi submetida a raides devastadores. A queda da França descobriu a costa oeste da África, desde acima de Casablanca até Dacar, e evidenciou a ameaça no caso de vitória alemã na Europa, de uma invasão da América do Sul por ar e mar. Teve ainda a queda da França não menos importantes consequências no Pacífico, pois, caindo a Indochina em poder do Japão, ficou completo o envolvimento das Filipinas, tornou disponivel a base de onde o Japão conquistaria a Birmânia, e resultou no fechamento da estrada da Birmânia, separando assim a China dos seus aliados.

Deduz-se daí que, embora um estado da Europa continental, a França é acima de tudo um membro da mesma comunidade à qual pertencem os Estados Unidos. A segurança da França é do interesse americano, bem como a segurança da posição americana é do interesse da França. O mesmo se pode dizer no tocante a Espanha e Portugal. Os interesses vitais das nações britânicas, das nações americanas, e das nações latinas, em ambos os lados do Atlântico, e pelo Pacífico, são de tal modo enredados pela geografia, pelas necessidades estratégicas, e pela formação histórica, que seus interesses primordiais, quando postos a prova numa guerra total, são inseparaveis. Qualquer dessas potências pode cair separadamente. Nenhuma delas, nem mesmo a mais poderosa, nem mesmo as duas mais poderosas dentre elas combinadas—haja vista o Reino Unido e os Estados Unidos—pode permanecer confortavelmente, e em segurança, sem as outras. Disto fornece testemunho o fato de que as nações britânicas e americanas estão sendo levadas, para a sua própria sobrevivência, a libertar a França e a fomentar a restauração do poderio da França.

Ainda outras nações são envolvidas no sistema de segurança ao qual pertence a América. A Holanda é um pequeno país da Europa, com um grande império no Pacífico e importantes colônias no Novo Mundo. A Holanda é tambem um dos baluartes externos de defesa da França e da Inglaterra. O mesmo se pode dizer da Bélgica, que possue um império no Atlântico e é tambem um baluarte externo. Outro membro da Comunidade do Atlântico é a Dinamarca, que só recentemente se retirou de suas possessões nas Índias Ocidentais; que, nas vias setentrionais de acesso ao continente americano, detem a Groenlândia como uma colônia, e que, até há pouco, estava ligada à Islândia, ambas tendo o mesmo rei. Tambem a Noruega é um membro, pois em relação à Europa, ela é estrategicamente uma ilha situada nos limites externos do mundo atlântico.

Dessa maneira, a violação da Dinamarca e da Noruega, da Holanda e da Bélgica, foi instantaneamente reconhecida nas Américas e na Inglaterra como uma brecha nas suas defesas, e em todos estes paises foi, por outro lado, imediatamente reconhecido que a libertação e a restauração dependiam da vitória das nações britânicas e americanas. Ao asseverar, pois, que elas são membros da mesma comunidade de interesses, fazemos uma confissão que foi testificada pela experiência, não sendo uma generalização gratuita.

O Mar Interior

Se reconsiderarmos a lista de nações em cujo sistema de segurança estamos tambem envolvidos, encontrar-nos-emos diante de um fato muito interessante e, segundo acredito, mui significativo. É que as nações do Novo Mundo estão ainda vitalmente ligadas precisamente às do Velho Mundo, das quais se originaram. O estabelecimento do Novo Mundo após 1492 seguiu um fluxo de leste para oeste. Ingleses, franceses, holandeses e dinamarqueses, a que se podem acrescentar os suecos, passaram-se da parte setentrional do Velho para a mesma do Novo Mundo. No curso desse movimento, pelejaram entre si numerosas lutas imperialistas. O resultado foi que a parte superior da América do Norte ficou marcada pelos franceses e ingleses, e contem em Nova York importantes vestígios da instalação dos holandeses. O resto das Américas foi colonizado pelos povos da península Ibérica, e as duas línguas da América do Sul são o espanhol e o português.

Pelos fins do século XVIII e alvorecer do XIX, a maioria das nações do Novo Mundo conseguiram libertar-se da tutela da nação européia original. Todavia, sendo absoluta no terreno do auto-governo, tal separação nunca existiu no campo da segurança estratégica. As conexões geográficas e históricas originais através do Atlântico persistiram. O Atlântico não é uma fronteira entre a Europa e as Américas. É o mar interior de uma comunidade de nações aliadas entre si pela geografia, história e necessidades vitais.

Os membros de tal comunidade podem nem sempre amar-se uns aos outros, e têm muitos interesses divergentes. Isto porem é verdade em todas as comunidades, excetuada talvez a comunidade dos santos. O teste sobre se uma comunidade existe não é saber se os seus membros aprenderam a amar-se como vizinhos, mas observar se, postos a prova, eles agem como vizinhos. Todos os séculos de experiência, desde o descobrimento da América, mostram que há ordem e paz aquem Atlântico sempre que há paz e ordem entre os povos vizinhos de alem Atlântico. Toda grande guerra que os envolveu, arrastou o Novo Mundo. Quando eles entraram em paz após uma grande guerra, tal como aconteceu em Waterloo e após a primeira invasão da Bélgica, não houve grandes guerras internacionais que envolvessem as Américas.

O teste da comunidade não está no que os homens dizem, nem tãopouco nos sentimentos que eles pensam alimentar, mas realmente no que eles fazem quando a oportunidade se oferece para agir. Segundo este critério, há na terra uma grande comunidade, da qual nenhum membro pode ser excluido, nem por si mesmo afastar-se. Ela tem como centro geográfico a grande bacia do Atlântico.

A segurança desta comunidade gira em torno das relações das duas grandes potências—a Inglaterra e os Estados Unidos. Nessa área e na atual fase histórica, elas detêm os arsenais e as formações militares necessárias ao sustento da guerra. Alem disto sua aliança é o núcleo de força sobre que a segurança de toda a região deve necessariamente ser organizada, e, quando a aliança é firme, é a ela que os demais membros da comunidade aderirão livremente, em seu próprio interesse.

A Rússia e os Estados Unidos

A história das relações russo-americanas é uma impressionante demonstração de que o que importa, na determinação de uma política exterior, não é a questão de ideologia, mas a do interesse nacional. Num clássico documento, mostrou o sr. DeWitt Clinton Poole que os americanos nunca simpatizaram com os «regimes por que os russos se têm deixado governar». Não gostavam da autocracia czarista; não gostam da ditadura soviética. Os czares retribuiram o cumprimento julgando a democracia americana um mau exemplo revolucionário.

Hoje *somos* o estado conservador. Os Sovietes nos têm encarado como um estado capitalista, imperialista, e por conseguinte antagônico à sua ordem social.

Sem embargo, a Rússia e os Estados Unidos, cada qual no seu próprio interesse, são paises que sempre contaram, um com o auxílio do outro, nos mo-

mentos críticos da sua história. Nunca tiveram um atrito que os tornasse inimigos. Cada um tem olhado para o outro como um amigo potencial, à retaguarda dos seus potenciais inimigos.

Devemos esperar que continue esse mesmo estado de coisas, sem nenhuma alteração? A resposta é que, seja qual for o desdobramento dos acontecimentos, ou seja o que for que nos reserve o futuro, estamos num grande ponto decisivo, no curso das nossas relações com a Rússia.

O que no momento se presume é que, em resultado de sua derrota, a Alemanha nunca mais se achará em condições de pretender o domínio da Europa, ou ameaçar a esfera transatlântica da segurança americana. Tãopouco o Japão poderá lançar-se outra vez à conquista da China e das Índias.

Se tais cálculos estão certos, então as relações russo-americanas não poderão mais orientar-se pela circunstância histórica de ser cada qual dos dois povos um amigo potencial do outro, à retaguarda dos seus potenciais inimigos. A Rússia será, ao contrário, a maior potência à retaguarda dos nossos amigos indispensaveis, a saber, a Grã Bretanha, a Escandinávia, os Paises Baixos, a Bélgica, e os membros latinos da Comunidade Atlântica; enquanto, na Ásia, a teremos como o nosso vizinho mais próximo do outro lado do Pacífico Norte, e pelo ar sobre as regiões polares. Será a Rússia tambem o mais próximo vizinho da China.

Assim o problema na Europa consistirá em saber se a Rússia pretende estender o seu raio de ação para oeste, no continente, de modo a ameaçar a segurança dos estados atlânticos; e, no Pacífico, se, como vizinhos mais próximos, por terra, por mar e por ar, os Estados Unidos e a Rússia propenderão para rivalidades, ou antes para encontrar um terreno comum de entendimento. Como os dois problemas são inseparaveis, a questão central da era em que vamos entrando está situada nas relações entre a Rússia e aquela Comunidade Atlântica em que a Inglaterra e os Estados Unidos são as grandes potências militares.

Claro é que o nosso objetivo, na matéria, deve ser o estabelecimento de uma situação estavel, que não exija, para se manter, uma permanente intervenção militar na Europa. Não me refiro à força necessária para tornar efetiva, nos resultados que dela se esperam, a derrota da Alemanha, mas da força que se destine a manter a ordem européia contra a Rússia, depois de a Alemanha ter deixado de ser a potência dominante da Europa continental.

Uma situação que só pudesse subsistir à sombra da força militar anglo-americana, em guarda contra a Rússia, seria apenas o inexoravel prelúdio de uma terceira guerra mundial, na Europa como na Asia. A Rússia e a Comunidade Atlântica têm, portanto, um profundo interesse comum na criação de um equilíbrio europeu que possa funcionar sem o risco de pô-las em conflito. O teste objetivo, para o fim de saber se a direção é a da paz ou a da guerra, consistirá em indagar se a divisória entre a Rússia e os estados atlânticos está fixada por assentimento recíproco, ou se, ao contrário, resulta de pressão, imposição, ou violência diplomática.

Não podemos insistir na concepção de Versalhes, que tratou a aludida região como uma barreira militar, uma espécie de *cordão sanitário* entre a Rússia e o resto da Europa. Provado ficou que a barreira não tem valor militar. A Alemanha rompeu-a facilmente. A Rússia, do mesmo modo, a romperia.

Animar as nações da Europa, Oriental e Central, a estender-se em barreira contra a Rússia, implicaria, para os Estados Unidos, assumir um compromisso, a que não teria como dar o desempenho devido. Colocar-nos-íamos na posição de prometer àqueles paises um auxílio que de fato lhes não poderíamos prestar. Segue-se daí que a existência dos estados fronteiriços, de que se trata, depende muito da sua boa vontade em mudar de rumos políticos, buscando, de preferência, um papel de neutralidade, como o da Escandinávia e da Suiça.

Na Ásia, depois da destruição da potência japonesa, as nossas relações com a Rússia se tornarão diretas, e do maior alcance. De fato, a Rússia é alí, fisicamente, a grande potência mais próxima de nós, exceção do Canadá no seu carater de membro da Comunidade Britânica. Os mais curtos caminhos aéreos, entre a China e os Estados Unidos, passam sobre território russo. O Alasca é mais perto da Sibéria que dos Estados Unidos. Se, como pensam aliás muitos técnicos de aviação, o Oceano Ártico tende a ser uma das principais vias aéreas, então os Estados Unidos, o Canadá, o Reino Unido e a Rússia serão as nações que controlarão aqueles ares.

Nossas relações com a Rússia não poderão mais, portanto, subordinar-se àquela velha regra de ser cada um de nós um amigo potencial do outro, à retaguarda dos seus potenciais inimigos.

Haverá entre os dois paises algum conflito de interesses vitais, suscetivel de gerar inimizade? Uma coisa pode ser dita, e de uma vez por todas: não temos questões de fronteiras um com o outro; não há território americano cobiçado pelos russos, nem território russo sobre o qual tenham os Estados Unidos feito jamais qualquer reclamação. Se há algum conflito potencial de interesses, não poderá ele brotar diretamente.

Essa consideração nos conduz a trazer à baila a China. Todas as guerras internacionais no Pacífico, sem exclusão da atual, têm girado em torno da China; e é, por bem ou por mal, o futuro da China que determinará o futuro de toda a grande bacia do Pacífico.

A China de amanhã

No Ocidente, conquanto possa ser dificil realizar a segurança geral, há pelo menos, visivel, a forma que se possa dar às coisas. No Pacífico, porem, não há perspectiva de uma ordem internacional estabilizada: a situação, no seu conjunto, é dinâmica e própria a transformações, daquelas que fazem época, e de que não podemos, por enquanto, prever sequer os limites. Porque em suma o objetivo da guerra no Pacífico, ou sua principal consequência, é o soerguimento da China como uma nova grande potência no mundo moderno.

Os Estados Unidos, desde 1899, têm animado a evolução chinesa e oposto embargos ao desmembramento da China, sob influência imperialista. O que precipitou a guerra, em 1941, foi a recusa, pelos Estados Unidos, a deixar livre ao Japão a conquista da China.

À primeira vista, como acentua Nathaniel Peffer, é quase inexplicavel que «um povo, que veio da Europa para a margem oriental de um novo e deshabitado continente, de 3 mil milhas de largura, encontre comprometidas dentro de algumas gerações, a sua vida e fortuna, nos negócios de um país a quase 6 mil milhas da margem ocidental do mesmo continente, depois de haver

concientemente evitado, através de toda a sua história, quaisquer interferências nos negócios do continente de que brotou. Com a Europa, nada de complicações; com a Asia, ativa participação em toda a sua remota e exótica política.»

O sr. Peffer pergunta: «Qual a razão do contraste?» E responde que a atitude americana resultou de interesses de comércio. Isso porem não esclarece, em si mesmo, por que motivo os Estados Unidos têm sido tão côncios, e há tão longo tempo, das conveniências ligadas à sua expansão comercial na Ásia, e ao mesmo passo tão desatentos à sua segurança quanto à Europa. Explicá-lo-emos reportando-nos ao acordo de Monroe com a Inglaterra, que nos dispensou, durante um lapso de, pelo menos, 75 anos, de preocupar-nos no tocante ao continente europeu. Os Estados Unidos puderam expandir-se, através do Pacífico, para a Ásia, porque estavam seguros no Atlântico.

Daí termos sido levados, com o curso dos acontecimentos, à adoção do princípio de que a China devia deixar de ser uma colônia, para tornar-se um país independente e íntegro, uma grande potência militar.

Haverá pois na Ásia Oriental a Rússia, nosso mais próximo vizinho, e a China, em cujo proveito nos envolvemos numa grande guerra, que lhe dará a oportunidade de converter-se na grande potência que a sua população, os seus recursos, a sua velha cultura, lhe dão o direito de ser, na comunhão dos povos. Não podemos ver mais longe, por agora, tão certo é que a China, a Rússia na Sibéria, e a América do Norte no seu desdobramento rumo à Ásia, se acham todos nos alvores de uma nova e histórica fase de industrialização, e do desenvolvimento das mais modernas manifestações da força militar, marítima e aérea.

Acresce que o advento da grande China modificará, no seu conjunto, a ordem de poder sob a qual funcionam as Filipinas, as Índias, a Australásia, a Malaca, e o imenso subcontinente da Índia, já em efervescência. Não podemos saber com precisão o que representará, para aquela região do mundo, uma grande potência chinesa. Tudo o que podemos, por enquanto, é agir na presunção de que as mesmas condições que por meio século fizeram da segurança da China um interesse vital dos Estados Unidos, farão da segurança dos Estados Unidos, quando a China se tornar uma grande potência, um seu vital interesse.

Se a estabilização de ao menos metade do mundo é impossivel na nossa época, segue-se então que apenas pelo meio de participar na organização de suficiente poder legítimo haverá esperança de manter dentro de moldes pacíficos as transformações, hoje pendentes, e sobre as quais não há como tecer predições ou prognósticos.

A Aliança Nuclear

Vimos como, durante mais de um século, sempre que estiveram em perigo os nossos interesses vitais, foi com a Grã Bretanha, a Rússia e a China que primariamente se firmaram as nossas relações exteriores. No que toca à política externa dos Estados Unidos, a nossa posição tem sido solvente, isto é, a nossa força tem estado em correspondência com os nossos compromissos, na medida em que temos estado essencialmente em entendimento com aqueles três paises.

Nenhum deles é um estado europeu.

Isso, de alguma forma, lança luz sobre a famosa declaração de Washington na Mensagem de Despedida: «A Europa tem um quadro de interesses fundamentais, com o qual não temos nenhuma relação, ou, se temos, é muito remota. Daí resulta que deve ela envolver-se em frequentes controvérsias, cujas causas são essencialmente estranhas aos nossos problemas.»

Se não temos, contudo, interferido em negócios *europeus*, temo-nos sempre interessado, entretanto, nos negócios *mundiais*. Nossas relações primárias têm sido, e ainda são, com as potências extra-européias, e, com a Europa propriamente, só no caso em que potências européias ameacem destruir a ordem de coisas estabelecida fora da Europa. Assim, se pensarmos sobre os interesses americanos com a mesma clareza com que os via Jefferson, concluiremos que a política tradicional americana, quanto a não interferência em negócios europeus, não é incompativel com a consolidação dos interesses vitais dos Estados Unidos no mundo.

Nosso interesse primário na Europa, como se evidenciou durante as guerras napoleônicas e as duas alemãs, é que nenhuma potência européia surja capaz de agressão a paises não pertencentes ao continente europeu. Nossos dois naturais aliados têm sido portanto, e são, a Inglaterra e a Rússia. Porque têm ambos o mesmo fundamental interesse—matéria de vida e morte para ambos—em evitar o surto de uma potência conquistadora na Europa. Nem outra será a razão por que a Inglaterra e a Rússia, embora tenham estado em divergências no Oriente Próximo, no Médio Oriente e na Asia, foram, todavia, aliadas contra Napoleão, como mais tarde contra Guilherme II, e agora contra Hitler.

Funda-se pois sobre vital interesse, posto a prova através de gerações, a aliança nuclear de que depende a vigência da ordem mundial em que temos vivido. A ação combinada dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e da Rússia é a mínima garantia irredutivel da segurança dos três, e a só condição sob a qual será possivel dar sequer início ao estabelecimento de qualquer mais ampla ordem de segurança.

Apenas pela formação dessa aliança nuclear poderá a política externa dos Estados Unidos estabelecer equilíbrio entre os seus encargos e recursos, com uma segura margem de reserva. E antes que possamos emitir quaisquer novas notas promissórias, precisamos estar seguros da nossa solvência.

Daremos prova de nada ter aprendido na lição dos insucessos que já registamos no passado, sobretudo o da Liga das Nações, se, nos nossos projetos para a organização da paz no mundo, não levarmos em conta, antes de tudo, as forças capazes de efetivação dos planos adotados. Esboços, pactos, contratos, cartas, declarações, não criam organismos ou associações em plena vida. Não é, por exemplo, a lei do casamento que faz a família; quem a faz é a união de um homem e uma mulher que, de acordo com a dita lei, a estabelecem. Não foi a Constituição que fez a união americana; esta foi feita pelos estados constituintes, que a adotaram para instituir uma união mais perfeita.

A disposição dos estados mais poderosos a permanecer aliados é a única força criadora de uma ordem internacional em condições de generalizar-se.

Haverá muita gente—eu o compreendo muito bem—que verá nessa insistência relativamente à segurança dos interesses vitais dos estados mais po-

derosos um esquecimento, nada liberal, senão até brutal, dos direitos dos mais fracos. Invoco, porem, a sua indulgência, até que dê conclusão ao meu arrazoado. Veremos por que a aliança nuclear precisa ser liberal, se quiser subsistir.

Porque devemos insistir no caso

Para que o deixemos demonstrado de modo convincente, dúvida não deve haver no nosso espírito sobre a razão pela qual, na nossa qualidade de americanos, devemos promover, antes de tudo, a segurança dos nossos vitais interesses. É que por cerca de meio século têm os Estados Unidos negligenciado de tal forma quanto aos seus interesses vitais, que se tornaram incapazes de defendê-los de modo conveniente, ou de pôr em ação quaisquer medidas para preservar a paz do mundo. Durante 50 anos, nenhuma nação foi mais liberal em palavras do que os Estados Unidos; e nenhuma contribuiu menos para a realização dos ideais que tão assiduamente pregou.

Não vejo meio de nos tornarmos aptos a contribuir com qualquer coisa em benefício de alguem, antes de adquirirmos novamente a conciência perfeita dos nossos interesses, e nos sintamos preparados para salvaguardá-los. Nem tenho nenhuma dúvida de que os nossos aliados e os vizinhos nossos amigos preferirão, incomparavelmente, uma política americana fundada numa concepção esclarecida do nosso interesse nacional às inócuas ambiguidades com que os temos regalado nesses últimos 50 anos.

Nem precisamos deixar de insistir em que a condição preliminar de uma melhor ordem mundial é a aliança nuclear dos três poderosos estados militares que vão sair vencedores da presente guerra. São eles os estados de que depende a emancipação da Europa do despotismo nazista, como a eles se deverá a libertação do Extremo Oriente das garras japonesas. Nenhum deles, isolado, nem mesmo dois entre eles, poderiam realizá-lo. Porque então hesitar em dizer que tudo o que não for a combinação das três grandes potências será insuficiente para assegurar a ordem contra a agressão no planeta? É unicamente em torno dessa forte aliança nuclear que uma associação mais larga, abrangendo muitas nações, poderá constituir-se.

Acredito, por outro lado, poder-se demonstrar, tanto quanto seja possivel em negócios humanos, que a Inglaterra, a Rússia, os Estados Unidos, e a China, quando convertida em grande potência, não permanecerão aliados, a menos que respeitem as liberdades dos outros povos, e usem da sua força, separadamente e em combinação, para garantir o primado da liberdade sob a lei.

Devemos começar por lembrar que a Inglaterra, a Rússia e os Estados Unidos são aliados, não por escolha espontânea, senão sob compulsão dos seus inimigos comuns. Quando não houver tais inimigos, a necessidade de sua aliança desaparece. Seus interesses, separados e divergentes, ficarão livres para defender-se a si mesmos. Quanto maior o perigo externo, mais íntima a união; quanto maior a segurança reinante, maior, para os três, a probabilidade de virem à superfície os diferendos.

A rendição incondicional da Alemanha e do Japão é capaz, por conseguinte, de deixar os aliados com uma impressão de que o perigo mortal se acha afastado; e isso pode abrir ensejo a disputas de ordem secundária, porem que produzam o efeito de separar os

membros da aliança. É o que tem sempre acontecido na paz que se segue à vitória de coalisões de potências. Foi precisamente o que ocorreu na Conferência de Versalhes de 1919, quando a aliança vitoriosa se revelou dissolvida, antes mesmo de assinada a paz. É o que pode acontecer outra vez, como vimos aliás no inverno de 1943, quando as primeiras perspectivas de vitória já abriam fendas entre os aliados.

Essas fendas tendem a tornar-se mais largas à medida que qualquer das grandes potências procure crescer de vulto, seja à custa de uma das outras, seja a expensas dos menores aliados.

Quer dizer que uma política americana de engrandecimento imperialista, em prejuizo do Império Britânico, prejudicaria gravemente, se é que de todo a não destruiria, a Comunidade Atlântica. A Inglaterra seria obrigada a fazer repousar a sua segurança sobre alguma outra combinação, e esta se incumbiria de estorvar o dito engrandecimento, condenado afinal ao malogro.

Pelas mesmas razões, uma política inglesa que se imobilizasse na recusa a reconhecer as alterações que se impõem no sistema imperial e colonial do século dezenove, levantaria contra a Inglaterra forças insurretas na Ásia, no Médio Oriente e na África. A Inglaterra não poderia contar com os Estados Unidos para apoiá-la na resistência a tais forças, enquanto estas, mui provavelmente, contariam com certo estímulo dos russos e dos chineses. Na Ásia, uma política russa de engrandecimento comprometeria as relações russo-americanas. Por outro lado, uma política anti-russa em que a Inglaterra, os Estados Unidos e os paises europeus procurassem, como ocorreu em 1919, bloquear, senão abater a Rússia, provocaria a intervenção comunista russa para contrabalançar-lhe os efeitos.

Pelas mesmas razões, igualmente, uma política chinesa de engrandecimento na Índia, na Malaca, na Indochina, nas Índias Neerlandesas, encontraria oposição da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Austrália, da Nova Zelândia, da França, dos holandeses.

As fendas abertas por qualquer dessas veleidades de engrandecimento não tardariam a constituir uma brecha. Seguir-se-ia imediatamente a competição entre os Aliados para conquistar, em seu favor, as nações vencidas. Entrar-se-ia a cortejar, na Europa, a Alemanha, e na Ásia, o Japão. Assim, porque a ambição de engrandecimento os havia tornado rivais, iam os vencedores restaurar as potências agressoras que os haviam posto em perigo. A era do após-guerra estaria transformada, como observava Frank Simonds nos primeiros anos da década 1930-1940, numa era de pré-guerra.

A condição imperiosa da unidade

De tudo resulta evidente que uma aliança nuclear entre a Inglaterra, a Rússia, os Estados Unidos, e, se possivel, a China, não é suscetivel de prevalecer, se não funcionar dentro de uma ordem internacional que preserve as liberdades nacionais dos demais povos.

Nem poderiam os aliados nucleares, como alguns receiam, entrar num acordo para oprimir e explorar o resto da humanidade. Porque, em última análise, a própria resistência do resto da humanidade destruiria a aliança: uma ou outra das grandes potências apuraria, em determinado momento, que os seus interesses e simpatias estavam ao lado dos povos que resistiam à opressão.

Tãopouco poderiam os aliados nu-

cleares dividir o globo em esferas de influência que cada um, respectivamente, explorasse e dominasse, a seu inteiro alvedrio. Porque esferas de influência não podem ser definidas, que não sejam passiveis de abrir margem a choques de interesses, e pois a conflito entre os associados.

A ordem que as potências aliadas estabelecerem como imposta pela sua própria segurança vital, essa ordem, não haja dúvida, só se poderá perpetuar, se elas procederem de maneira a ganhar e conservar a boa vontade das demais nações. O fato de liberar os estados mais fracos da conquista nazista e japonesa não basta para ter deles uma estima duradoura. Porque a lembrança da liberação pode ser obscurecida pelo que ocorra depois. Seu próprio juizo sobre o seu próprio interesse, bem mais do que a gratidão, é, para todas as massas de povos, o motivo determinante dos seus atos. O reconhecimento dos libertados, para com as potências vencedoras, só continuará a existir, se elas se conservarem suficientemente unidas para que possam preservar a paz, tornando-se, ao mesmo tempo, suficientemente liberais, de modo a não haver boa razão para movimentos de revolta contra a ordem que tenham fundado.

A experiência da história autoriza a conclusão de que o poder só perdura, quando estabelece e mantem leis, dentro das quais os homens desfrutem as liberdades que importam mais, para eles, do que a vida.

Uma ordem desse gênero é capaz de subsistir, não para sempre num mundo que é mutavel, mas por um largo e benéfico período de tempo. A segurança e a liberdade são os inestimaveis benefícios que pode tal ordem proporcionar—aliás benefícios tão grandes que, onde quer que na verdade os tenham os homens gozado, tenderam eles a manter-se unidos em torno da autoridade que os exprimia, ou de que emanavam. Foi porque as legiões romanas trouxeram consigo o direito romano que o Império Romano viveu tanto, e, ainda caindo, permaneceu um milênio na memória das gentes. Sua devoção à lei, é o segredo em virtude do qual a Inglaterra tem mantido o seu regime a despeito de todas as rebeliões, e tantas nações têm acudido a salvá-la, sempre que ela esteve ameaçada.

E eu penso que nós, os norte-americanos, podemos, sem falso orgulho, admitir que é a nossa própria preferência pela liberdade sob a lei, e não apenas porventura a nossa força material, que tem levado as repúblicas vizinhas deste hemisfério a acreditar que são os mesmos os seus e os nossos vitais interesses.

A estrutura da ordem que os aliados nucleares devem instituir, não cabe nos limites deste inquérito. Mas os seus princípios são claros. Guiados por estes, e determinados a aplicá-los, não mais ficaremos, como temos estado por quase 50 anos, sem uma política externa que responda pelos nossos interesses. Não mais precisaremos estar divididos, porque o interesse nacional, que nos deve reunir, se tornou a todos evidente. Não mais exortaremos o gênero humano a construir castelos no ar, enquanto construimos na areia as próprias defesas.

Então, quando assim soubermos o de que necessitamos, e como realizá-lo, não seremos apenas uma grande potência. Ter-nos-emos afinal constituido uma potência amadurecida. Conheceremos os nossos interesses, e o que eles de nós reclamam. Saberemos quais são nossos limites, e qual é nosso lugar, na sistematização impressa às coisas.

POR MUITO LONGE QUE ESTEJAM ZENITH

lhes trás notícias da Pátria!

UNIÃO VICTORIA LIBERDADE

O soldado E. R. Rouse, do Segundo Corpo Expedicionário da Nova Zelândia escreve da Ásia: "Meu Zenith de bolso que uso constantemente foi comprado em segunda mão há 18 mêses. Com êle toda a companhia tem bons momentos de diversão".

Reproduzida da revista "Life"

"Recebí o Rádio-Receptor e estou muito satisfeito com êle. Tem melhor recepção, dia e noite, que qualquer outro". Assim exprime sua satisfação o Primeiro-Sargento R. D. Burns, da Infantaria de Marinha dos E.U.A. destacado no Pacífico.

Numa carta entusiástica, Major Wilber E. Bradt, do exército dos E.U.A., diz: "No meu posto no Pacífico ouvimos claramente transmissões da Austrália e da América com meu Zenith de bolso".

O mesmo que em tempo de paz, nos tempos de guerra os aparelhos de rádio Zenith dão gratos momentos a milhões de pessoas. Nas remotas posições avançadas dos exércitos das Nações Unidas, um Zenith constitue para o soldado o único elo com seu país natal, que conserva vivo no coração.

Há muitas e interessantes inovações que Zenith tem introduzido nos aparelhos para usos militares, que, uma vez a Victória alcançada, serão incorporadas nos de uso civil. A Zenith manterá sempre a vanguarda com "Qualidade Suprema em Rádio".

ZENITH RADIO LONG DISTANCE

Agentes em tôdas as cidades principais

FABRICANTES DE EQUIPAMENTO RADIÓNICO, EXCLUSIVAMENTE

PODEROSA CONTRIBUIÇÃO AO PROGRESSO BRASILEIRO...

Hoje, mais do que nunca, o transporte é um ponto vital para o desenvolvimento da vida econômica e mesmo para a propria defesa da Nação.

Cada estrada mantida em perfeitas condições de tráfego constitue uma ponderavel arteria para impulsionar e renovar o nosso surto econômico e garantir o nosso potencial defensivo.

Colaborando com as mais importantes empresas ferroviarias do país, nos serviços de lubrificação de suas locomotivas e vagões, a Standard Oil Company of Brazil ufana-se justamente de estar contribuindo para a grande causa do progresso brasileiro. Brasil afora, nossos produtos facilitam o trabalho de milhares de locomotivas e vagões, em numerosas das ferrovias que servem o país.

Destaca-se, entre esses produtos, a graxa DRIVING JOURNAL COMPOUND. Exemplificando, podemos dizer que somente em um Estado—o de São Paulo—essa graxa vem sendo usada pelas seguintes Estradas de Ferro: Sorocabana, Paulista, São Paulo Railway, Araraquara e outras. Essas ferrovias representam uma aparelhagem de 1.276 locomotivas, 24.806 carros e vagões e 9.459 quilômetros de linhas em tráfego, onde a DRIVING JOURNAL COMPOUND, produto da Oganização Esso, está sendo aplicada, com excepcionais resultados, na lubrificação das rodas motoras e braçagens de locomotivas, em substituição ao oleo para movimento.

Sempre vigilantes para dar aos nossos clientes o melhor serviço, é com justo orgulho que mencionamos esses fatos, enquanto os nossos técnicos cooperam para assegurar o surto de progresso da civilização brasileira.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, de B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
e a ORGANIZAÇÃO ESSO

ESSO

Distribuidores dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO

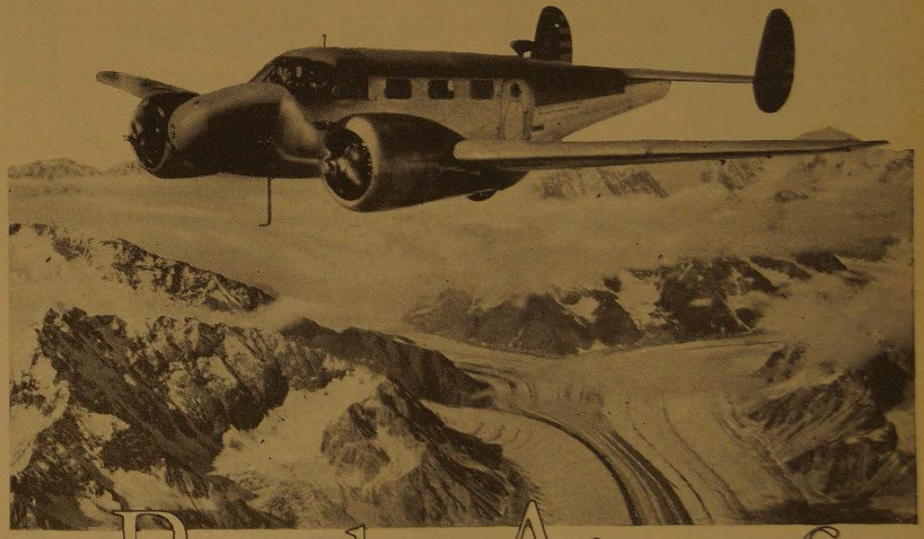
os Beechcraft em ação

No. 6
DE UMA SÉRIE.

Em 1939, a Aviação Militar dos E.U.A., preparando-se para qualquer eventualidade, encomendou uma certa quantidade de monoplanos bi-motores F-2 Beechcraft, de construção metálica, especialmente equipados para rápido e preciso levantamento topográfico de grandes áreas. Obtidos por adaptação do Modelo 18 Beechcraft (avião de carreira e transporte de pessoal dirigente) estes aviões possuiam duas máquinas fotográficas multi-lentes, de topografia tática, montadas em tandem.

A sua principal função (alem de treino fotográfico e outros trabalhos congéneres) era topografar grandes porções dos Estados Unidos e suas possessões, cujos levantamentos, até então, nunca tinham sido completamente feitos. Operando com grande velocidade a grandes altitudes, os Beechcrafts F-2 cumpriram esta tarefa essencial, muito antes de 7 de Dezembro de 1941, quando se tornou óbvia a sua importância... Este é um dos muitos exemplos da previsão e eficiência das Forças Aéreas, às quais os Beechcrafts tiveram o privilégio de dar a sua colaboração.

O Beechcraft F-2 sobrevoando as mais altas massas de terra do Cóntinente Norte Americano
Foto oficial da Aviação Militar dos E.U.A.



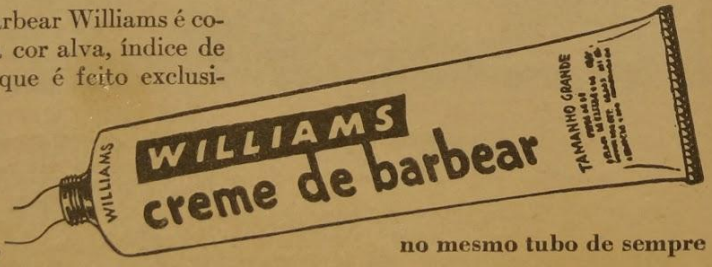
Beech Aircraft
CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER — *WICHITA, KANSAS, E.U.A.*

"Lanolina? É alguma novidade?

"Há muito que os médicos receitam Lanolina para amaciar e suavizar a pele. Lanolina assemelha-se muito aos lubrificantes naturais da pele. Agora, foi adicionada ao Creme de Barbear Williams, afim-de prevenir irritações advindas do escanhoar diário.

O Creme de Barbear Williams é conhecido pela sua cor alva, índice de pureza. Isso porque é feito exclusivamente de ingredientes de primeira qualidade—não contendo corantes artificiais que possam irritar a sua pele. Agora, a adição de Lanolina ao Creme de Barbear Williams, torna-o imprecindível às pessoas que desejam se barbear com confôrto. Experimente o novo Creme Williams, ainda hoje!



Agora contém a suavizante LANOLINA...

no mesmo tubo de sempre

Vejamos o que oferece o futuro – em ELETRÔNICA

Locomotivas que correm mais velozes e sem perigo

"Aumente-se a velocidade!" . . . "Diminua-se o perigo!" Tais são as ordens que desafiam as modernas empresas ferroviárias. Como cumprí-las? A resposta encontramo-la na maravilhosa e nova ciência — a *Eletrônica*—com novos mecanismos de controle e de sinais, proteção nas encruzilhadas, novos "olhos" que penetram o nevoeiro . . .

Poder efetuar viagens mais rápidas e mais seguras, é apenas uma das formas pelas quais a *Eletrônica* há-de contribuir para a nossa felicidade; poderemos deleitar-nos com a televisão e disfrutar de novos e aperfeiçoados aparelhos rádio-receptores; os micrôbios serão destruidos; nossos lares serão mais limpos, mais saudaveis, mais cômodos e, por conseguinte, mais agradaveis. Tudo isto será nosso, graças aos novos e surpreendentes tubos eletrônicos, "primos co-irmãos" dos tubos de rádio.

A Westinghouse está sempre na vanguarda dos inventos e realizações destinados a transformar nossa vida futura. O labor de nossos cientistas — nos domínios da Eletrônica e das Matérias Plásticas — dará ao mundo o fruto de tantas novidades já hoje postas em prática, de tantos progressos que já hoje são realidade. Quando tivermos ganho esta guerra, o distribuidor da Westinghouse oferecerá a V.S. uma infinidade de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. No ínterim, todos os nossos esforços estarão concentrados na tarefa dos homens livres: alcançar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E.U.A.

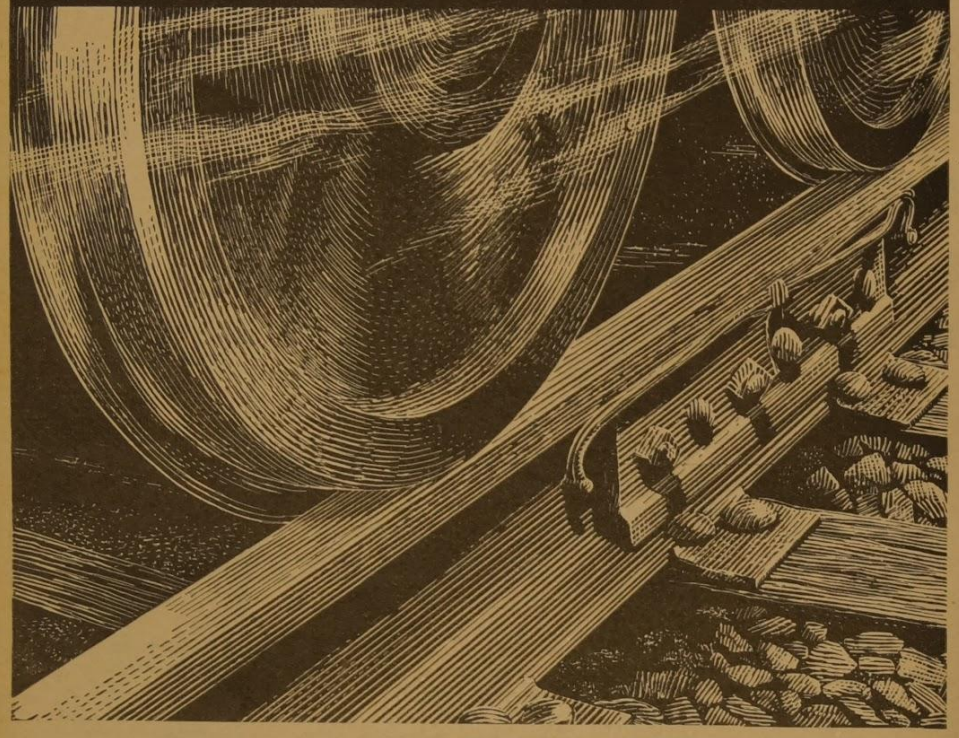
Westinghouse

Estabelecida em 1886

WESTINGHOUSE

"PRIMEIRA no Passado... PRIMEIRA no Futuro"

A PROSPERIDADE CHEGA PELA ESTRADA DE FERRO

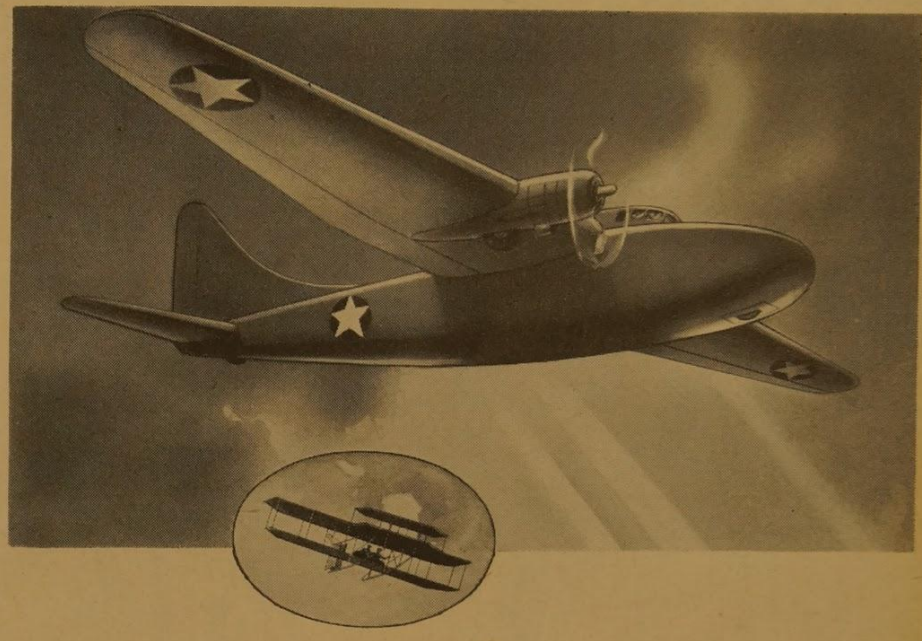


Esta tem sido a história de todos os paises: onde chega a estrada de ferro, aumenta o comércio, a indústria e a população. O mundo moderno tem assistido ao progresso rápido de vários métodos de transporte—por terra, por mar e pelo ar—mas nenhum deles poderá jamais ser comparado ao trilho de aço e à roda do trem, quanto ao benefício permanente que trazem à comunidade.

Quando estiver terminada a crise por que passa atualmente o mundo, veremos enorme progresso no transporte por via-férrea; as estradas que hoje existem serão modernizadas, e muitas outras serão construidas. Os passageiros serão transportados rápida e comodamente e em número nunca visto. Novas regiões ver-se-ão estimuladas a produzir mais, na agricultura e na indústria, graças ao transporte ràpido e econômico de seus produtos para o mercado.

A Companhia Edward G. Budd, conhecida há muitos anos pelos seus trens modernos de aço leve e inoxidavel, continua a fazer pesquisas e estudos para estar preparada ao terminar a guerra para suprir com novo material as estradas de ferro tanto da América do Norte quanto do Sul.

EDWARD G. **BUDD** MANUFACTURING COMPANY • PHILADELPHIA, PA., E. U. A.



A AVIAÇÃO NASCEU HÁ

40 ANOS

A 17 DE DEZEMBRO DE 1903

Nós, os homens das Indústrias Higgins, começamos agora a dedicar-nos a esta juvenil e predestinada indústria, sem temores e receios das tarefas que sobre nós impendem, mas profundamente emocionados e honrados. Não fazemos idéia se conhecemos todas as respostas ou se iremos revolucionar a indústria. Mas o que nós certamente temos, é coragem e decisão; e cremos que possuimos imaginação.

Trazemos para este campo muitos anos de experiência e ensinamentos colhidos no traçado e construção de barcos. Em virtude do acelerado ritmo agora requerido pelas exigências da guerra, esperamos alcançar os segredos de uma arte tão nova e tão embrionária, que ainda hoje está vivo um dos dois homens que provaram ser possivel o vôo do "mais pesado que o ar". Esse homem é Orville Wright, que com seu irmão Wilbur eletrizou o Mundo com a sua experiência de Kitty Hawk, North Carolina, em 17 de Dezembro de 1903. Saudamos um e honramos a memória do outro.

E consagramos a organização Higgins a um máximo esforço na fabricação de aeronaves, como temos fabricado navios e barcos que sulcam as águas do mundo.

Higgins
INDUSTRIES INCORPORATED

NEW ORLEANS

Detentores do emblema "E" do Exercito e Marinha por excelência de produção.

O fulcro das Américas

Os maiores fabricantes de lanchas do mundo

BARCOS, MOTORES, AVIÕES, LIGAS DE MADEIRA

A Intimidade de um Motor

DO TAMANHO DE UM HOMEM

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE

GARGOYLE

Lubrificantes

PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

SUA EXISTÊNCIA depende do lubrificante *apropriado!*

Não é um verdadeiro gigante? É um grande motor Diesel e pode-se observar o que se passa dentro dele.

Imagine-se que calores e que pressões se desenvolvem quando esse colosso se põe a funcionar. A única coisa que fica entre tais fatores e a sua própria destruição, é uma tênue película de óleo — um lubrificante Gargoyle especialmente elaborado para este fim.

Os fabricantes dos óleos e graxas Gargoyle lubrificaram com sucesso o primeiro motor construido pelo Dr. Diesel. A experiência de 77 anos da Socony na lubrificação de *todos os tipos* de maquinária industrial e automotiva significa atualmente para V.S. que os melhores lubrificantes estão ao seu dispor para proteger as suas máquinas.

PRESUNTO COZIDO
(em latas) Nos tamanhos médio e grande.

Latas de 1 quilo, para pequenas famílias

PRESUNTO COZIDO
(embrulhado)

PRESUNTO DEFUMADO
(embrulhado)

PALETA DEFUMADA
(embrulhado)

— Já vem pronto para servir!

PRIMEIRO, escolhemos as melhores pernas de porco. Isso feito, submetemo-las ao processo de fabricação exclusivo da Swift. Depois, cozinhamos o presunto para você, de maneira que possa ir ter a sua mesa com todo seu sabor e deliciosamente macio — constituindo um irresistível convite ao seu paladar!

Igualmente saboroso quando servido quente ou frio, o Presunto Swift, é realmente prático e econômico, pois vem pronto para servir, poupando tempo e combustível!

Exija o Presunto Swift para obter um alimento substancioso e nutritivo, preparado por métodos que garantem a excelência e a absoluta pureza de um produto!

• • •

Eis um alimento do mais alto valor nutritivo — fonte de preciosas Vitaminas B1. Não deixe faltar Presunto Swift em sua despensa! Experimente-o hoje mesmo!

PRODUTOS DA **Swift do Brasil**

COMPANHIA SWIFT DO BRASIL S. A.

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Experimente também estes produtos Swift:-

SALSICHAS • PATÉS • PERÚ • LÍNGUAS • PRESUNTADA • BACON • CARNE DE PORCO • CORNED BEEF • CARNE COZIDA • EXTRATO DE CARNE • TUCO (PARA MASSAS) • GALANTINA • BANHA

Belonave dos céus

O leitor vê na gravura a janela do artilheiro de uma Fortaleza Voadora* . . . está vendo outra Fortaleza no seu vôo de ensaio perto de uma fábrica Boeing em Seattle. Não obstante o sossego que se nota, isto representa 32 toneladas do mais mortífero mecanismo de combate jamais inventado.

A Fortaleza Boeing pode agora carregar até o máximo de 10 toneladas de bombas . . . capacidade que iguala ou mesmo excede a de qualquer outro bombardeiro, Aliado ou do Eixo, atualmente em ação.

Suas caraterísticas de estabilidade e de vôo tornam-na uma "plataforma" elevada para bombardeiro de altitude e da mais devastadora eficácia.

Possui grande potência de fogo defensivo, e se lhe atribui uma média muito alta de missões bélicas levadas a cabo com pleno êxito.

Todas essas vantagens emanaram há nove anos da decisão que a companhia Boeing tomou, de construir aviões diferentes dos demais então existentes, um avião destinado a ser realmente uma "Fortaleza dos Ares."

• • •

No porvir V. S. poderá procurar produtos de paz da Boeing com iguais qualidades de desempenho. Dizer "Fabricado pela Boeing" equivale a dizer que é bom.

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS **BOEING**

**As denominações "Flying Fortress" e "Stratoliner" são marca registada da Fábrica Boeing.*

Reparação tão Rápida que parece milagre com a ajuda do sistema RECORDAK

FOTOS DA MARINHA AMERICANA

À direita—EFEITO FANTÁSTICO DE CHAMAS E FUMAÇA, no instante em que explodiam os paióis do destroier "Shaw," bombardeado em Pearl Harbor.

À esquerda — O MESMO "SHAW," reparado, regressa ao serviço ativo.

Depois de Pearl Harbor, a Marinha Norte-Americana refez-se para travar algumas das maiores batalhas navais da História. Navios seriamente avariados foram consertados rapidamente, e voltaram à liça. Era necessário que voltassem!

Os planos de um destroier cobrem 1000 metros quadrados, e estão em geral arquivados em Washington. Ora, a rápida consulta desses planos e especificações pode tornar-se essencial a um trabalho de reparação.

Graças ao *Sistema Microarquivo Recordak*, da Kodak, a Marinha Norte-Americana condensa esses imensos planos em minúsculos rolos de microfilme de 35 mm. Esses duplicados miniaturais podem dar volta ao mundo em poucas horas, poupando-se assim um tempo precioso na reparação urgente de um navio avariado que deve voltar à ação.

* * *

Isto é apenas um dos muitos casos em que o Sistema Microarquivo Recordak da Kodak está efetivando o esforço de guerra das Nações Unidas.

Quanto aos Estados Unidos, estão-se fazendo duplicados Recordak de mapas e fotografias das regiões que interessam às Forças Armadas; de desenhos de engenheiros e ordens de produção nas gigantescas indústrias; dos Censos, desde 1790; e dos arquivos do Seguro Social, das compras de Apólices de Guerra, e das transações bancárias relativas a racionamento e cheques—tudo que interessa à vida de 135 milhões de americanos!

Por meio do Sistema Recordak, a Kodak está servindo a Civilização na hora da sua crise suprema, fornecendo-lhe a maneira de conservar em pouco espaço os documentos de muitas obras capitais . . . e assegurando-lhe a maneira de as reproduzir largamente em facsímile . . . A Kodak responde assim às enormes exigências da guerra. A produção disponivel para o consumo civil se distribue equitativamente, segundo o permitam as condições marítimas, entre nossa estimada clientela das 21 nações americanas. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

KODAK . . . a fotografia ao serviço do progresso humano

Undecimo de uma série de anúncios

Um Negócio Íntegro Promove Íntegras Amizades

DE POLO A POLO
TODOS AMERICANOS!
SEMPRE UNIDOS

SUAS amizades sinceras são alcançadas numa base íntegra, honesta. Assim tambem as suas melhores transações comerciais.

As incontaveis transações comerciais íntegras, honestas, entre os 200 milhões de habitantes da América do Sul, Central e do Norte, constituem os elevados motivos que diariamente estão promovendo laços de amizade duradoura.

Não só as transações mas os artigos comprados e vendidos contribuem para a amizade—por causa do bem que fazem. Tome-se como um exemplo as Caixas Registradoras e Máquinas de Contabilidade National. Os que usam as *National* lhe dirão: "Essas máquinas são verdadeiras amigas—pois lhe auxiliarão a conquistar amigos e a conservá-los."

E têm razão! Porque as *National* fazem muito e por muito pouco. Protegem o seu capital, seus lucros, seus empregados, seus fregueses, sua mercadoria, seu negócio. Fornecem-lhe os dados indispensaveis, conveniência e controle. Peça-nos detalhes sobre essas máquinas.

National

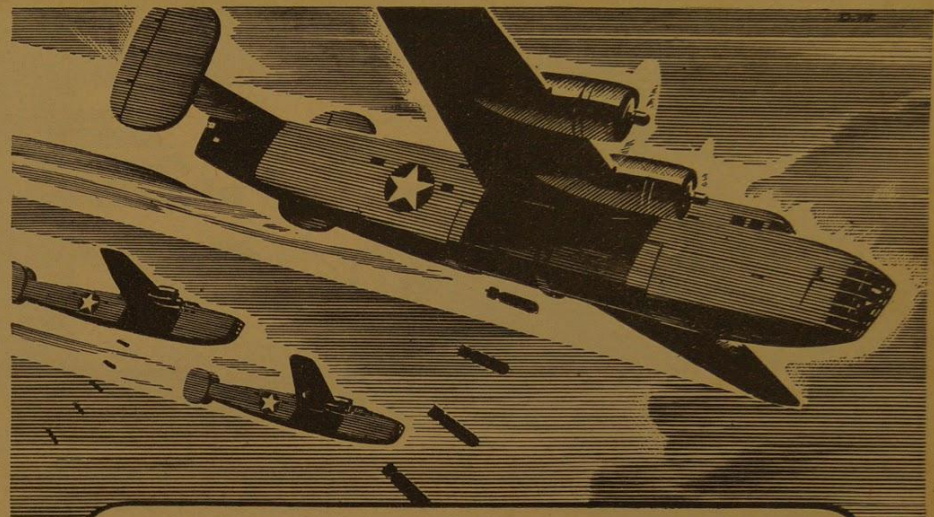
CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

RUA CHILE No. 31 • RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS FILIAIS

Belém, Pará
Belo Horizonte, Minas Gerais
Campos, Rio de Janeiro
Curitiba, Paraná
Fortaleza, Ceará
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Recife, Pernambuco
Santos, São Paulo
São Paulo
São Salvador, Baia

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY



QUANDO AS ÁGUIAS DE GUERRA ESTIVEREM DE VOLTA

Como águias bravias e vingadoras, os aviões de guerra levantam o vôo para destruir a tirania no seu antro.

Nas suas asas incansaveis está a certeza da Vitória—e uma promessa para o dia de amanhã. Estas valentes águias de guerra são as precursoras de outras mais amenas, as águias do comércio.

Quando as virmos nos céus, depois da Vitória, não pensaremos mais em bombas e em destruição, mas na vida melhor que será então possivel às Américas. Gigantescos aviões de carga transportarão o produto de nosso trabalho para os mercados que os compram, trazendo de volta aquilo de que necessitamos. Aviões de passageiros permitirão viajar com velocidade, conforto e segurança, por cima de oceanos, montanhas, florestas e tempestades.

Hoje os «Aços para a Aviação» assim como outras ligas famosas da Republic, estão tornando os aviões da liberdade mais seguros para suas corajosas tripulações e mais mortíferos para o inimigo. Amanhã estes esplêndidos aços da Republic, já provados em batalha, tornarão as águias do comércio mais uteis para toda a América.

Mas é preciso primeiro que as águias da guerra retornem vitoriosas. E para apressar esta Vitória, devemos todos trabalhar juntos—*ombro a ombro*.

REPUBLIC STEEL

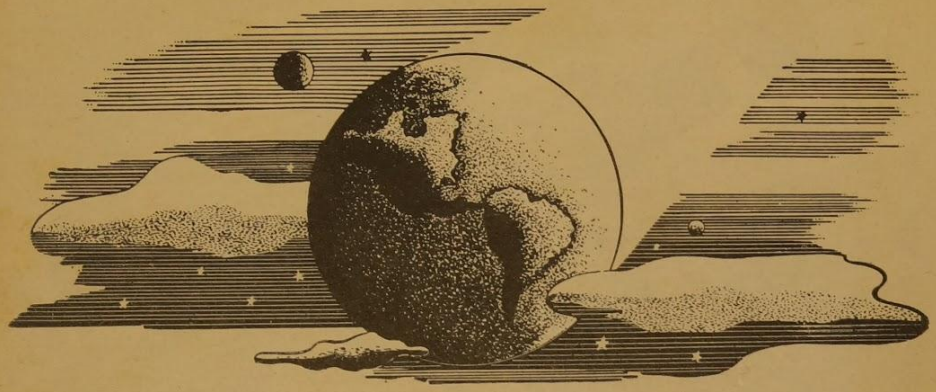
VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Bldg., 405 Lexington Ave. New York, N. Y.,E.U.A. Endereço telegrafico: "TONCAN"

Escritorios Centrais: Cleveland, Ohio, E.U.A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguay, Venezuela, Ilhas Virgínias. Tambem estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, India, China, Irán, Portugal, Suecia, Turquia.



O DIA COMEÇA À MEIA-NOITE

A TRANSFORMAÇÃO da noite em dia é feita por processo gradual, não à semelhança do acender duma luz. Do mesmo modo, a mudança da guerra em paz requer uma longa transição. Neste momento, no auge das atividades de guerra, a estrutura do mundo industrial do post-guerra está a ser determinada pelos acontecimentos de cada dia que passa. É, portanto, imperativo que os organismos diretivos observem e utilizem as lições colhidas da acelerada produção de guerra, — como, por exemplo, o já demonstrado poder da maquinaria em prol dum desenvolvimento econômico mundial, que venha a colocar muitas mais coisas ao alcance de muitas mais pessoas.

Sistemas engenhosos de transporte, provados de maneira irrefutavel na operação das fábricas de guerra, vieram inevitavelmente demonstrar a sua importância vital dentro dos planos de produção do post-guerra. Eles regulam a torrente de materiais, peças e acessórios; asseguram uma mais eficiente ligação entre processos e operações; poupam espaço, eliminam esforços inuteis, e multiplicam o rendimento da mão-de-obra. Asseguram portanto, aos dirigentes industriais, os meios para mais dilatadas atividades . . . para mais vastos mercados . . . para desenvolvimento acelerado de novos produtos . . . em suma, para um progresso sólido e construtivo!

Como especialista no desenho e construção de todos os tipos de transportadoras, cadeias e maquinismos transmissores de energia, a Link-Belt pode ser de incalculavel serviço na recomendação do tipo, forma, velocidade e propulsão mais capazes de ajudar V.S. a alcançar a mais eficiente produção. Permita que os engenheiros da Link-Belt analisem as suas exigências e lhe forneçam conselhos imparciais e construtivos.

LINK-BELT COMPANY
Escritórios de Venda para Exportação:
2680 Woolworth Bldg., Nova York 7, N.Y., E.U.A.
Endereço Telegráfico: "LINKBELT"

"A COLUNA VERTEBRAL DA PRODUÇÃO EM MASSA"

LINK-BELT
TRANSPORTADORAS . . . CADEIAS
E EQUIPAMENTO TRANSMISSOR DE ENERGIA

REPRESENTANTES:
Cia. Importadora de Máquinas, Rua Visconde Inhauma 65-3°., Rio de Janeiro.

Lion & Cia. Ltda., Rua Boa Vista, 82, São Paulo

9185-B

UNIDOS HOJE-UNIDOS SEMPRE

teto sem limites

O homem olhou sempre para o espaço infinito em busca de auxílio e inspiração, e dos céus, igualmente, surgirá a sua vitória e o seu porvir.

Lockheed está hoje construindo aviões de guerra, poderosos e de dimensões vastas . . . que simbolizam o bem que é apanágio de toda a América, e a liberdade, para manter a qual estamos todos combatendo nesta guerra. Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E.U.A.

COM *Lockheed*

SEMPRE NA VANGUARDA

Estabelecida pelos Padres Somero e Cambon, missionários franciscanos que, em 1768, foram a pé do México à Califórnia, esta missão foi o berço da indústria vinícola na América do Norte. Pouco a pouco, esplêndidos vinhedos, nutridos pela rica terra californiana, floresceram en torno de mais vinte missões.

CRESTA BLANCA

Há mais de cincoenta anos o mais fino dos vinhos norte-americanos.

UM PRODUTO *Schenley*

Desta rica terra cultivada pelos padres franciscanos em 1771, são oriundos os mais finos vinhos da América do Norte: *Cresta Blanca.*

Agradar-lhe-ia ter uma novidade na sua mesa? . . . um regalo para os seus convidados? . . . um estimulante para o apetite? . . . *um novo gosto em matéria de vinhos?*

Então, saboreie a leveza e paladar do *Cresta Blanca*, fruto dos bem assoalhados vinhedos da Califórnia, onde a indústria vinícola, longe de ser uma criação recente, se orgulha de uma linhagem que data do estabelecimento da missão de San Gabriel Arcángel, *anterior à formação dos Estados Unidos.*

Fruto dum solo rico e sazonado por um sol esplendoroso, *Cresta Blanca* conserva um sabor tão requintado e caraterístico, que alguns dos principais vinicultores europeus procuram atingí-lo. V. S. por certo não deixará de gostar daquilo que eles tanto apreciam. Lembre este nome: *Cresta Blanca.*

CRESTA BLANCA WINE COMPANY, INC.

Livermore, California, E. U. A.

LIBERDADE NA UNIDADE

ELEVADORES OTIS

E

MANUTENÇÃO DE ELEVADORES

OS ELEVADORES ATUALMENTE FUNCIONANDO DEVEM SER CONSERVADOS EM PERFEITAS CONDIÇÕES POIS QUE A FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTO NOVO ESTÁ SENDO RESTRINGIDA

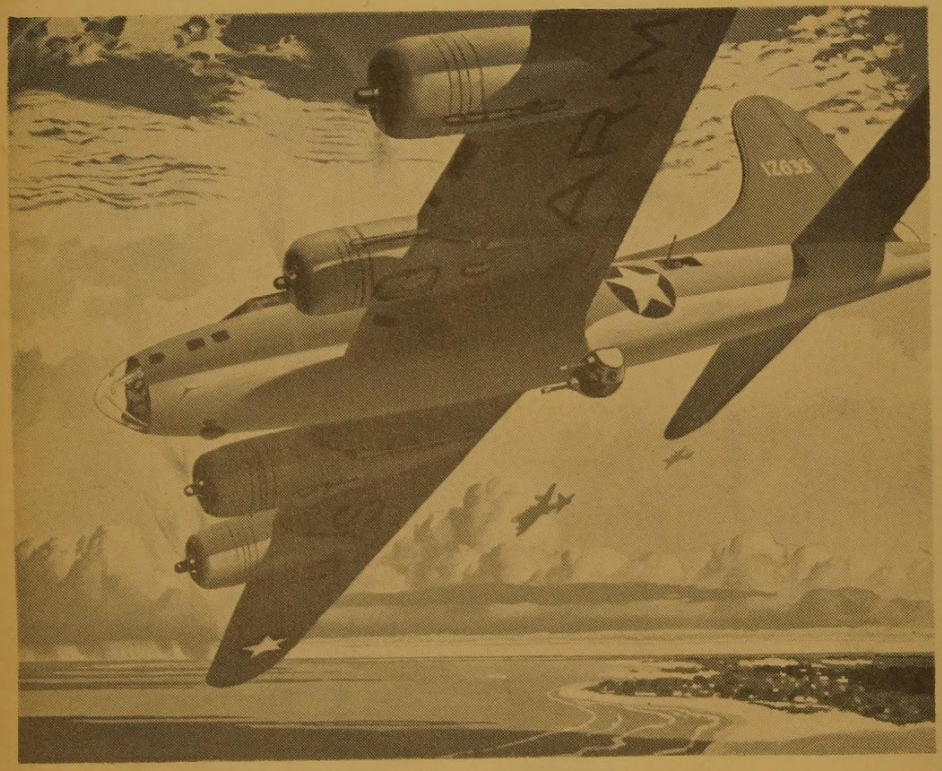
A OTIS AINDA DISPÕE DE SERVIÇO DE REPAROS E PEÇAS PARA CONSERTOS

NOSSO CORPO DE TÉCNICOS ESTÁ À DISPOSIÇÃO DOS INTERESSADOS PARA CONSULTAS SOBRE PROBLEMAS DE ELEVADORES

OTIS ELEVATOR COMPANY

BUENOS AIRES
MONTEVIDÉU
SAN JUAN
RIO DE JANEIRO
HAVANA
MÉXICO, D. F.
BOGOTÁ
PANAMÁ

AGENTES EM OUTRAS CIDADES DA AMÉRICA LATINA



Enxames De Fortalezas Voadoras Equipadas Com Motores Cyclones, Fabricados Pela Studebaker

AS façanhas da Aviação Militar Norte-Americana, com este devastador bombardeiro Boeing, são quase lendárias, e qualquer fabricante gostaria de concorrer, ainda que ligeiramente, para as Vitórias que ela está ganhando. Nós, os da Studebaker, somos responsaveis pela produção de enormes quantidades de motores Wright Cyclone, que equipam as Fortalezas Voadoras, tornando-as aptas a voar tão depressa, tão longe e tão alto.

Ao equipamento Studebaker das frentes de batalha, suceder-se-ão, num futuro próximo, novos e melhores automóveis e caminhões para uso civil.

Até esse dia, a nossa primeira e única missão será ajudar a armar as Nações Unidas.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend, Ind., E. U. A.

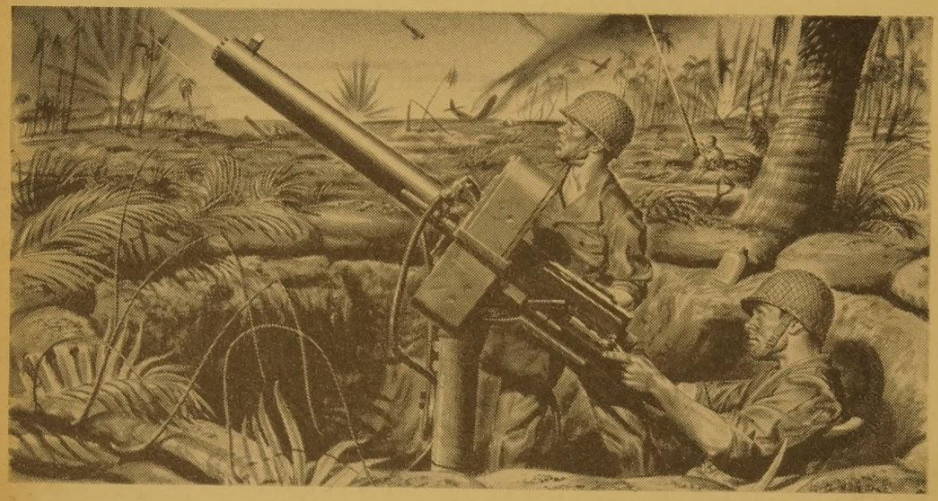
STUDEBAKER *FAZ OS MOTORS WRIGHT CYCLONE PARA O BOEING* **FORTALEZA VOADORA**

NOITE E DIA

Para satisfazer a enorme procura atual de materiais de guerra essenciais, a UNITED STATES STEEL vem trabalhando sob o regime de produção de 24 horas por dia. A pesquisa prossegue infatigavelmente, dia e noite, nos (mais de 180) laboratórios da United States Steel. Novas idéias e novos processos de fabricação do aço são constantemente estudados e submetidos a ensaios. Uma vez alcançada a Vitória, os resultados desta intensiva pesquisa — produtos novos e melhorados da U·S·S — estarão disponiveis, por intermédio da United States Steel Export Company, para ajudar a construir um novo e melhor mundo de paz.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.
30 CHURCH ST., NOVA YORK, E. U. A.
FORNECEMOS AO MUNDO

Nosso modelo de exportação para 1943

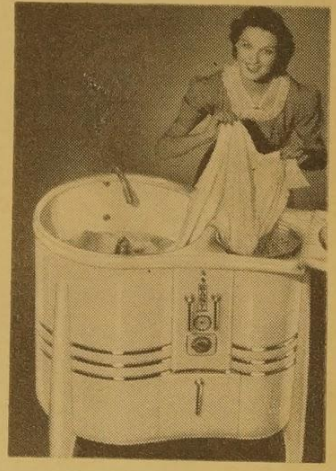


HÁ 65 anos que nossas fábricas se dedicam exclusivamente à fabricação das melhores lavadoras elétricas da América. Mas hoje nos dedicamos, como todas as grandes companhias americanas, à produção de material bélico, tal como montagem de canhões antiaéreos, contribuindo assim para a Vitória.

Quando terminar a guerra estaremos de novo fabricando Lavadoras Elétricas Easy. E, já que durante o atual período dobramos nossa capacidade produtiva, poderemos ter bastantes máquinas para oferecer à América Latina.

A lavadora elétrica é o meio moderno de lavagem da roupa. Sua ação mecânica torna as roupas mais claras do que a lavagem manual, sem ser preciso produtos químicos para branqueá-la! Evita o desgaste da roupa causado pela excessiva fricção à beira do tanque. Evita tambem o perigo de contaminação, pois, lavada em casa sob sua própria direção não se mistura com a de estranhos. E a Lavadora Easy é tão econômica quanto uma lâmpada elétrica.

Lembre-se da Lavadora Easy—uma das boas coisas que a Paz nos trará. Easy Washing Machine Corp., Syracuse, N. Y., E.U.A.



Sres. Comerciantes! Se estão interessados em ser agentes das Lavadoras Easy depois da guerra, escrevam-nos agora.

EASY A primeira Lavadora da América

Hoje Produção Militar
•
Lavadoras Amanhã

Seja qual for a forma dos futuros aviões

É possivel que o avião particular do post-guerra venha a ser uma sublimação dos modelos de hoje, ou quem sabe? talvez um dos novos tipos: o helicóptero, a asa voadora, ou um avião rolante, de asa dobbradiça. Mas, qualquer que seja a forma dos aviões que hão-de vir, muitos deles serão equipados, exclusivamente, com motores de aviação Franklin. Já, atualmente, os mais importantes construtores de aviões têm a noção de que a construção econômica, conjugada com satisfatórias caraterísticas de vôo, melhor se pode obter por meio da estandardização de um modelo de motor já em uso. Os motores Franklin são a escolha lógica para tal estandardização, devido à sua provada economia, aos seus méritos de confiança, e à facilidade de tal escolha poder incidir sobre uma tão vasta gama de modelos, desde 65 até 500 H.P. Os Franklins de hoje são a culminância de 43 anos de experiência na produção de motores de arrefecimento pelo ar.

AIRCOOLED MOTORS CORP., SYRACUSE, N. Y.

Franklin
EXCELENTES MOTORES DE AVIAÇÃO

Atualmente, todos os esforços da Aircooled Motors Corporation são dedicados ao desenho e produção dos motores de avião de guerra Franklin, para uso militar e naval.

MESBLA S/A
RUA DO PASSEIO 48-54 RIO DE JANEIRO, BRASIL

A ESTRADA "ALCAN"

Outra pista de provas para a resistência dos International

A Estrada "Alcan", que penetra e atravessa as solidões do noroeste distante—cortando matas virgens e atravessando torrentes nas montanhas—é uma prova da habilidade do homem em "conquistar o impossível".

O término dessa estrada é uma vitória em si! E, ainda, um prelúdio da vitória sôbre o Império Japonês, pois é uma rota terrestre inexpugnável para os postos avançados do Artico, onde foi contida a onda da avidez. A "Alcan" é uma estrada para exércitos, armas e munições. Uma estrada para o tráfego de caminhões, que os próprios caminhões ajudaram a construir. Mais tarde, depois de conquistada a Paz, será um elo de ligação no grande sistema de estradas para viagens e transportes que se estenderá da extremidade da América do Sul até ao Círculo Artico.

Noite e dia, na azáfama da construção, possantes caminhões International suportaram cargas gigantescas, transportando carregamentos completos de pedras e cascalho para a estrada que avançava. Eles ajudaram a movimentar provisões de importância vital através de regiões inhabitadas. Transportaram combustível, peças sobressalentes, água, enormes quantidades de equipamento mecânico e de alimentos para o exército de homens empenhado nessa construção.

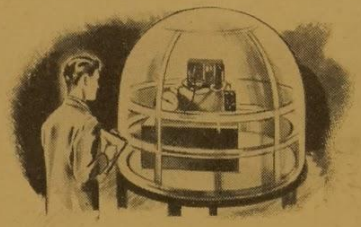
Numa obra como a construção da estrado "Alcan", forçosamente a manutenção do equipamento fica reduzida ao mínimo, e sòmente os caminhões mais fortes podem resistir. Aqui, os caminhões International provaram sua resistência, do mesmo modo como o vêm fazendo dia após dia nas estradas e nas frentes de batalha em todo o mundo.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building — Chicago, U. S. A.
Filiais no Brasil:
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

INTERNATIONAL HARVESTER

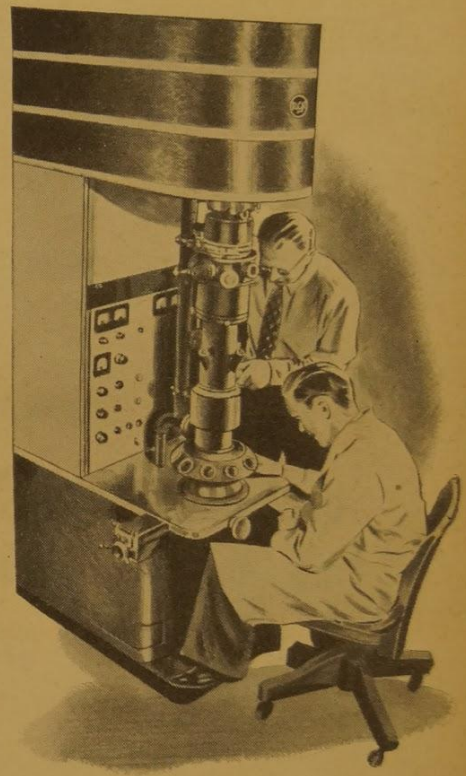
A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo



Quase três mil metros acima do nivel do mar! Para o estudo do rádio na aviação a diferentes altitudes, a RCA aperfeiçoou esta Câmara Altimétrica, que reproduz pressões atmosféricas correspondentes a altitudes que chegam a 12.875 metros.

A válvula do rádio-receptor no seu lar é produto da mesma perícia técnica que a RCA vem consagrando à televisão e à rádio na aviação.



Explorando o mundo invisivel! O Microscópio Eletrônico RCA, 50 vezes mais poderoso do que o melhor dos microscópios ópticos, amplia a imagem dos objetos 100.000 vezes, ou mais . . . promete resultados incalculaveis na luta contra as doenças. Embora a presente esteja ao serviço das exigências da guerra das Nações Unidas, a RCA aspira a criar melhores produtos para um mundo melhor . . . quando soar a hora da Paz!

Ouçam todas as noites o "Correspondente Estrangeiro RCA"—que diz o que há de novo em notícias. Verifique no seu jornal as horas de irradiação e as estações.

RADIO CORPORATION OF AMERICA
RCA Victor Division, Camden, N.J., E.U.A.
RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

Onde Houver Calado Para Um Bote Pode-se Usar Um Evinrude

Serpenteando facilmente por canais sinuosos . . . passando sem perigo sobre rochedos e baixios . . . onde houver calado para um bote, o motor Evinrude é o meio ideal e infalivel de propulsão! Leve e portatil, o Evinrude adapta-se rapidamente a qualquer embarcação . . . transformando-a instantaneamente num barco a motor de grande utilidade . . . veloz, silencioso e econômico! Para todo tipo de embarcação, tanto de passeio como comercial, é, de há muito, o mais popular dos motores no mundo inteiro. Hoje em dia os Evinrude são fabricados com um fito apenas . . . *ajudar a ganhar a guerra.* De muitas maneiras e em muitas frentes servem à causa das Nações Unidas. Mas, depois da Vitória, haverá de novo Evinrude para as agradaveis ocupações da paz . . . Evinrudes ainda muito mais aperfeiçoados em todos os aspectos de seu funcionamento . . . Evinrude trará, em todo mundo, novos prazeres e maior satisfação para todos os que andam de barco.

AS AMÉRICAS EM PRIMEIRO LUGAR

OUTBOARD, MARINE & MANUFACTURING CO.
DIVISÃO DE EXPORTAÇÃO • Waukegan, Illinois, E. U. A.

GRATIS! Permita que lhe enviemos, com nossos cumprimentos, o "Selecionador de Barcos e Motores de Evinrude", com informações uteis sobre embarcações, motores, velocidades, etc. É favor enviar-nos o coupon abaixo.

EVINRUDE
MOTORES AMOVIVEIS

OUTBOARD, MARINE & MFG. CO.
Divisão de Exportação,
Waukegan, Ill., E.U.A.

Senhores: Gostaria de receber o "Selecionador de Barcos e Motores Evinrude".

Nome:.....

Endereço:.....

.....

Alem da Última Tule...

QUANDO os antigos acreditavam que a Terra era um planalto, a *Ultima Tule* era a ilha inexplorada—desconhecida, no canto mais remoto, onde o mar caía em catarata no espaço vazio. Até o começo da era do avião, uma Ultima Tule territorial inexplorada e um comércio inanimado existiam detrás das barreiras econômicas do tempo e da distância. As aeronaves de hoje rasgaram aquelas fronteiras . . . os transportes aéreos de amanhã chegarão mais alem, tornando o mundo inteiro acessivel a todos.

LIGHT · COMPACT · POWERFUL
Wright
ENGINES

FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR

REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO

A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright Whirlwind

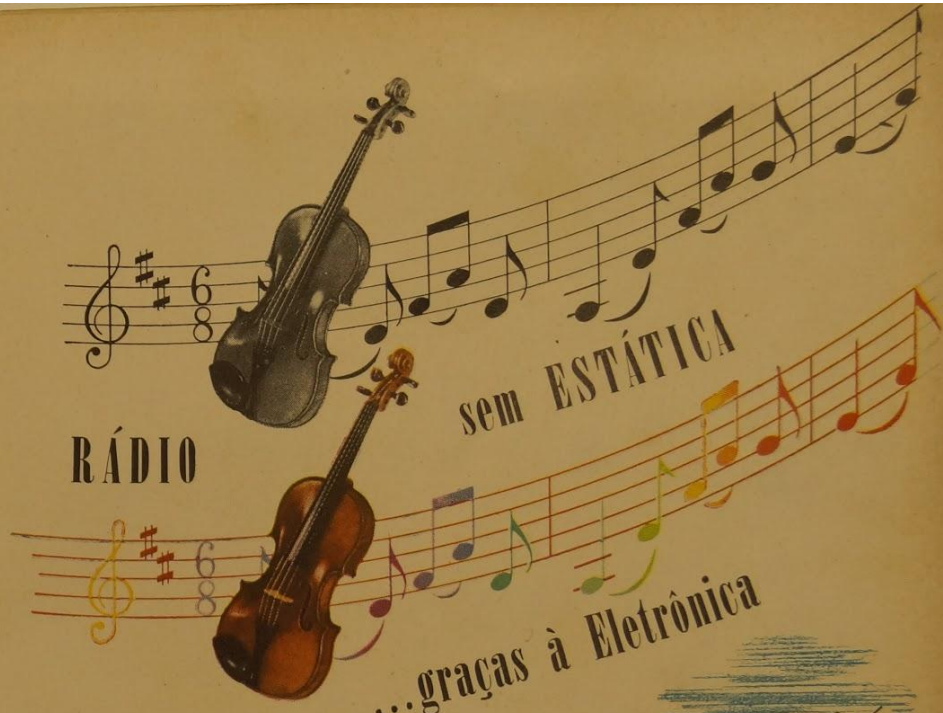
Tão deliciosa... tão refrescante!

O sabor da "Coca-Cola" bem gelada é original. Assim o é tambem o seu nome . . . que distingue "Coca-Cola" como uma bebida aparte. Beber uma "Coca-Cola" bem gelada é saborear a diferença entre um verdadeiro refresco . . . e simplesmente algo para beber.

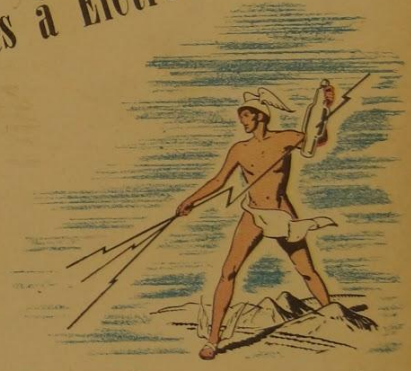
Tome Coca-Cola MARCA REGISTRADA Bien fría

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

RÁDIO sem ESTÁTICA ...graças à Eletrônica

Por muito maravilhosa que achemos a radiotelefonia de hoje, o sistema de rádio-difusão de após guerra oferecerá novas maravilhas. Um novo sistema, denominado "FM" (frequência modulada), já vem revolucionando a técnica da rádio-transmissão do som. O sistema de rádio-transmissão FM é inteiramente distinto de tudo quanto temos visto até agora em matéria de rádio. Além de eliminar a enfadonha estática, a modulação de frequência reproduz com fidelidade os harmônicos, que dão vida à música e permitem distinguir as delicadas nuanças de tom e timbre de cada instrumento musical e da voz humana. Além disso, com o sistema FM, a interferência de estações de frequência próxima, e o "fading" (desaparecimento do sinal) ficam duma vez eliminados. A recepção é clara e bem definida. Os engenheiros e técnicos da General Electric têm aplicado o sistema FM na rádio-difusão comercial e nos sistemas de rádio-comunicação da polícia e do exército. Depois da Vitória, quando a rádio-difusão FM estiver definitivamente implantada em seu país, os receptores General Electric permitirão V. S. gozar de todas vantagens dêsse novo sistema.



RÁDIO • *Eletrônica* • TELEVISÃO

Um interessante livro de 32 páginas, em português, impresso em lindas côres, descreve a história da "frequência modulada" e outras invenções eletrônicas. Peça-o à International General Electric Co., Inc., Electronics Dept., Schenectady, N. Y., E.U.A., ou ao distribuidor local da General Electric.

•

GENERAL ELECTRIC

EL-3-43DP

PRÁTICA DE BOMBARDEIO COMBINADO

É neste Beech AT-11 para Treino Militar, que milhares de pilotos, bombardeiros e atiradores são iniciados nos dificeis segredos das operações de combate rigorosamente combinadas.

Seus motores Pratt & Whitney Wasp Junior e as hélices Hamilton Standard de Velocidade Constante, asseguram-lhes o funcionamento inalteravel e de confiança que o mundo inteiro reconhece e aplaude nos produtos da United Aircraft Corporation.

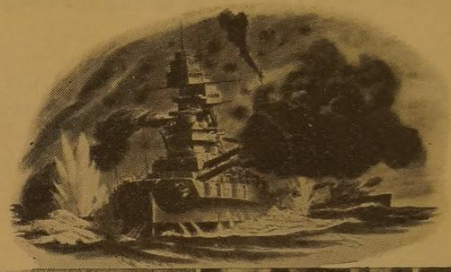
UNITED AIRCRAFT CORPORATION

East Hartford, Connecticut, E. U. de A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICOPTERS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

Antes de começar a batalha

. . . mete-se o Tempo na cama!



ESTA caixa quadrangular que V. vê na gravura é tão importante e delicada, que se torna indispensavel metê-la na cama antes de começar a batalha . . . almofadando-a contra os choques produzidos pelos disparos da artilharia do navio!

A caixa contem um cronômetro . . . um instrumento de medição de tempo, de tal precisão, que a média das suas variações diárias, durante meses e meses, não chega a ser de meio segundo! O cálculo da posição do navio no mar depende da sua precisão. Por ele se regulam todos os atos e acontecimentos da vida a bordo.

Atualmente, há poucos relógios Hamilton disponiveis para uso civil, porque a casa Hamilton está fabricando, para fins militares, instrumentos precisos de medição de tempo, como o cronômetro acima referido. Mas esta experiência garante o advento, após a guerra, de um relógio Hamilton ainda melhor. Hamilton Watch Co., 3106 Columbia Ave., Lancaster, Pa., E.U.A.

HAMILTON *Fabricantes do* Aristocrata dos Relógios

Fabricam hoje relógios de precisão para a guerra

A Singer continua às suas ordens!

• As Lojas Singer continuarão servindo ao público, ainda que por enquanto só possam dispor de limitada quantidade de máquinas novas. Procure uma Loja Singer quando tenha algum problema de costura

★ *Um vestido elegante e facil de fazer—de tafetá com renda preta.*

A sua máquina salta pontos ou está emperrada?

Dispomos de serviço mecânico para manter a sua máquina em bom estado. O custo é módico.

Precisa Ajuda na Costura?

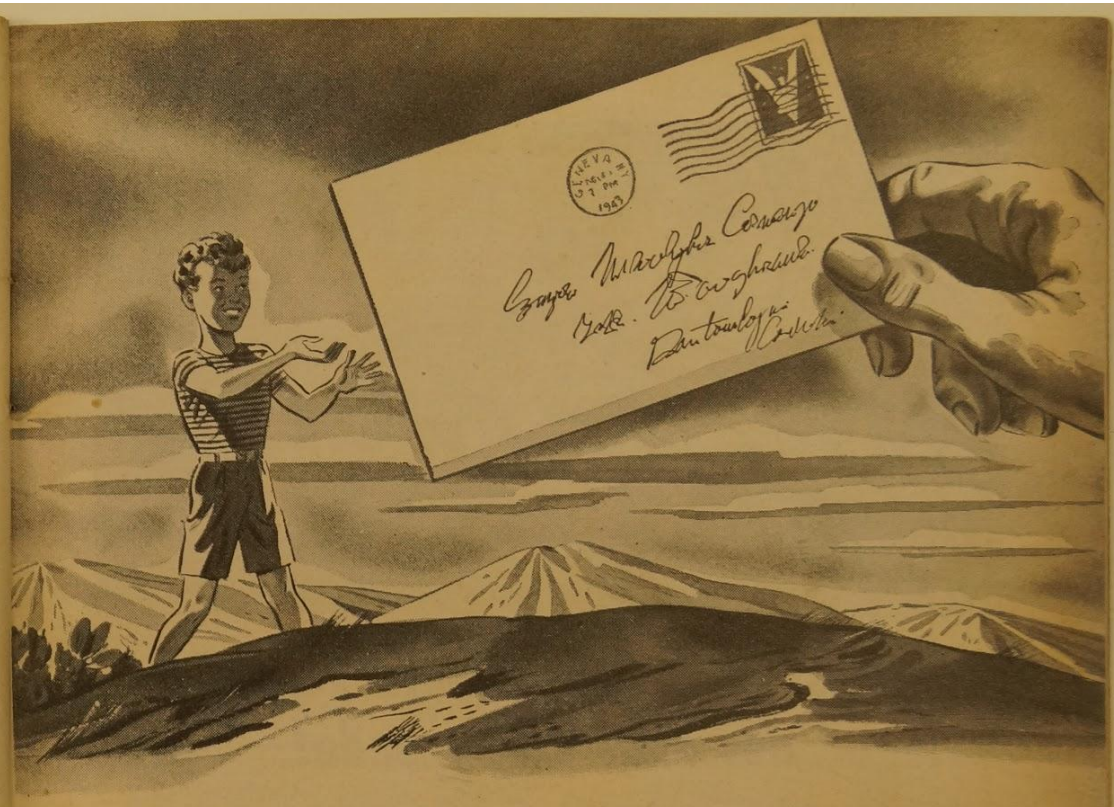
Oferecemos instrução em diversos ramos da costura moderna. Dispomos tambem de uteis brochuras sobre a costura e bordado a máquina.

Precisa de agulhas e acessórios?

V. Exa. pode obtê-los sempre, nas Lojas Singer. Para assegurar-se de produtos e serviços Singer legítimos, procure na vitrina da loja o famoso "S" vermelho.

SINGER
SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A., 1943, by Singer Sewing Machine Co. All rights reserved for All Countries. Todos os direitos devidamente protegidos por tratado internacional.



Carta a um menino de dez anos

O MUNDO em que tu vives, meu jovem amigo, estremece até os alicerces, sacudido pelas convulsões de uma guerra como nunca houve outra.

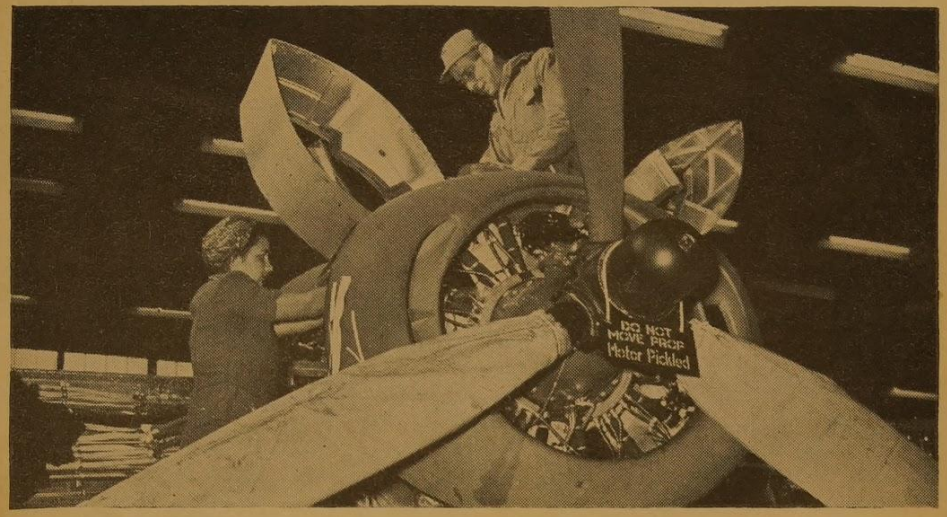
Mas antes que sejas homem feito, verás que a capacidade produtiva do mundo, os progressos técnicos e científicos determinados pela própria guerra, terão feito desaparecer as cicatrizes do conflito e trazido uma abundância de produtos que tornarão maior o bem-estar, a abundância e a felicidade dos homens.

Trabalhamos agora, na Ford, para concluir vitoriosamente a guerra, e podermos tambem olhar para a paz do futuro, na qual tu virás a disfrutar conosco dos benefícios que os novos progressos de hoje nos estão prometendo.

Temos fé em que o mundo que te espera amanhã será um mundo melhor—um mundo no qual nossos sonhos de coisas uteis e boas para a vida virão todos a se realizar.

FORD MOTOR COMPANY

Ford



Eles estão tirando a tinta vermelha dos mapas do mundo!

ELES viram aquele vil borrão vermelho começar a crescer no outono de 1939.

Mas à medida que a mancha se estendia nos mapas dos suplementos publicados aos domingos tambem aumentava a sua determinação de pôr fim à sua expansão.

Assim vieram milhares de homens e mulheres para a Consolidated Vultee e aprenderam a fazer aeroplanos militares. Talvez ineptos ao principio e tiveram de ir tateando. Porêm não tardaram a desempenhar os seus deveres com a facilidade e destreza de peritos . . . *eram* peritos!

Então começaram a chegar noticias pouco a pouco . . . um "Liberator" destruiu um aeroporto inimigo . . . um "Catalina" apanhou um submarino . . . um "Coronado" transportou vinte caixas de plasma sanguíneo de suma urgencia para as nossas tropas.

O volume das noticias tomou proporções dum grito de Vitoria-em-progresso.

E com cada relato a mancha vermelha nos mapas tem recuado um pouco mais—em direcção às Capitais do inimigo.

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT CORPORATION

San Diego, Cal. · Vultee Field, Cal. · Fort Worth, Texas · New Orleans, La. · Nashville, Tenn. · Wayne, Mich. · Allentown, Penn. · Tucson, Ariz. · Elizabeth City, N. C. · Louisville, Ky. · Miami, Fla.

UNIDAS SEMPRE

Member, Aircraft War Production Council

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

LIBERATOR (bombardeiro quadrimotor) — CATALINA, CORONADO, (bombardeiros de patrulha) — P4Y (avião anti-submarino) — LIBERATOR (avião-transporte) — VALIANT (avião-escola) — VENGEANCE (bombardeiro de mergulho)—SENTINEL ("jeep" voador)—RELIANT (avião-escola de navegação)

NOVO SERVIÇO APERFEIÇOADO DAS "EMISSORAS DOS ESTADOS UNIDOS"

para os

OUVINTES DE ONDA CURTA

TRÊS estações irradiarão simultaneamente

HORA DO BRASIL

18 às 20:45	18 às 00:30	18 às 00:30	21 às 00:30
WCBX	**WRCA**	**WGEA**	**WCBX**
17.83 MGS:	15.15 MGS:	11.847 MGS:	9.49 MGS:
Metros 16M:	19M:	25M:	31M:

Das frequências acima discriminadas escolha a que fôr ouvida com maior nitidez

Como serão utilizadas agora mais frequências, ao mesmo tempo, uma das três estações poderá sempre ser captada em boas condições de recepção. Assim, os programas de onda curta dos E.U.A.—noticiários, comentários, música e sketches—poderão ser ouvidos com maior clareza.

Se V. S. é ouvinte de onda curta, observe esse novo sistema de irradiação e escreva mandando impressões à sua estação predileta.

Sintonize hoje

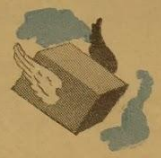
"AS EMISSORAS DOS ESTADOS UNIDOS"

"Se V.S. quiser receber, todos os meses, a lista dos programas de onda curta dos Estados Unidos, escreva para o Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, Caixa Postal 860, Rio de Janeiro, ou Caixa Postal 205B—São Paulo."

Com a devida vênia, publicamos a tradução de uma carta, do presidente de uma grande empresa farmacêutica da América Latina—o "Instituto Sanitas Sociedad Peruana". É um exemplo interessante daquilo que as "Asas da Democracia" podem fazer—mesmo em tempo de guerra.

"Serviços—de Grande Utilidade Social"

3 de Junho de 1943



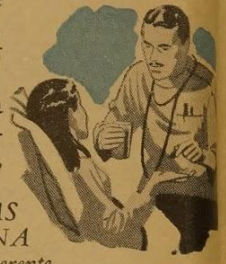
Snr. Moises Woll
Gerente de Tráfico
da Pan American-Grace
Airways, Lima, Perú

Exmo. Senhor:

Não queremos deixar passar esta oportunidade, sem salientar os serviços que essa linha aérea nos prestou, transportando dos Estados Unidos até aos nossos Laboratórios desta cidade, um carregamento de 50 quilos de *sulfatiazol*, dentro dum prazo extraordinariamente curto, dadas as dificuldades criadas pela guerra atual. Na posse desta droga, pudemos imediatamente produzir os nossos preparados "Sulfatiazil", sob a forma de comprimidos e ampolas para injecções.

O carregamento chegou poucos dias depois de termos cabografado o nosso pedido. Chegou, quando já nada havia no mercado local, e quando nos assediavam de um lado com os pedidos mais aflitivos dos hospitais do Ministério da Saude Pública e Beneficência, e do outro com as requisições constantes do corpo médico.

O rápido e seguro "Expresso Aéreo" da Panagra e a sua associada Pan-American—as quais, juntas, há vários anos vêm transportando materiais básicos para a nossa indústria farmacêutica—permitiu mais uma vez beneficiar de modo tão oportuno, não só a nossa firma, mas tambem a comunidade. Os serviços da vossa Companhia são, portanto, de grande utilidade social. Deixam prever o enorme desenvolvimento que alcançará o transporte aéreo de tais produtos, quando a guerra tiver acabado.



Expressando mais uma vez os nossos agradecimentos, somos de V. Exa., Atenciosamente,

INSTITUTO SANITAS
SOCIEDAD PERUANA
Francisco Grana G., *Gerente*

• As carreiras aéreas do Sistema da Pan American orgulham-se de ter contribuido para elevar o nivel da vida na América Latina, *a despeito das exigências da guerra.*

Se hoje, por acaso, V., quer como passageiro, quer como exportador, estiver sujeito a atrazos ou dificuldades em qualquer das nossas linhas, não nos leve a mal. A maior parte desses atrazos é devida às circunstâncias de guerra, contra as quais nada podemos fazer. Com o advento da Paz, não só estas circunstâncias mudarão, como entrarão ao serviço novos e mais rápidos aviões, com serviço mais frequente e barato para toda a América Latina.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovías Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cía Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

O SR.

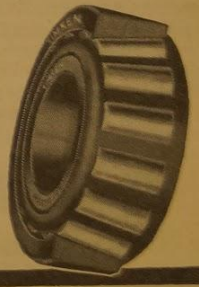
E MAIS DOIS HOMENS

PODEM PUXAR UMA LOCOMOTIVA DOTADA DE CHUMACEIRAS TIMKEN!

Esta demonstração tem sido feita inúmeras vezes. Praticava-se, com mais frequência do que hoje, há uns 15 anos, quando a novidade das chumaceiras de rolamento estava sendo lançada no mercado pela Timken. As eminentes vantagens das Chumaceiras Timken, demonstradas nessas provas, deram em resultado vermo-las hoje empregadas em bem mais de 1.000 locomotivas, e em muitos trens "aerodinâmicos" de alta velocidade.

De fato, a maior parte das novas locomotivas construidas na América do Norte são providas de chumaceiras de rolamento, e cada uma dessas locomotivas, em termos de serviço e utilidade, vale quase por *duas* locomotivas com chumaceiras de atrito!

Os Brasileiros que estejam interessados no desenvolvimento futuro dos transportes ferroviários, teriam muito proveito em estudar os benefícios que as Chumaceiras Timken têm prestado aos serviços ferroviários na América do Norte. THE TIMKEN ROLLER BEARING COMPANY, Canton, Ohio, E. U. A.

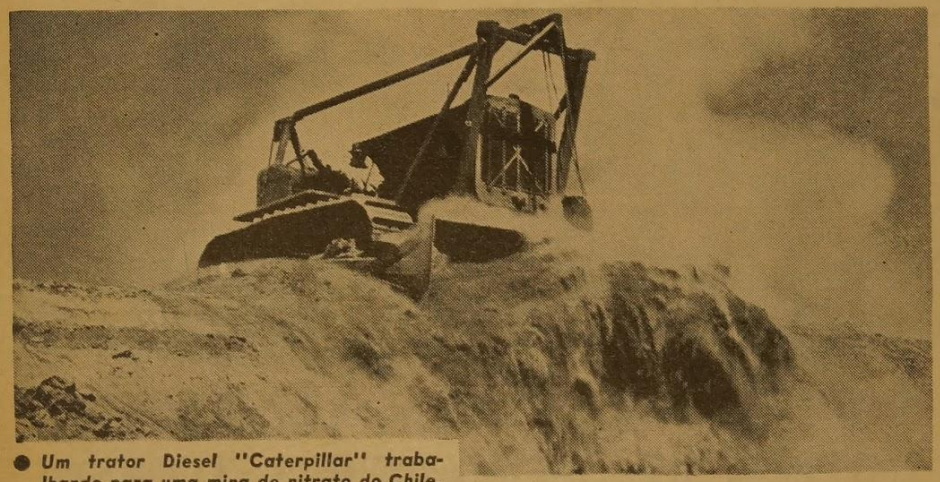


TIMKEN

Chumaceiras de rolos cônicos

MOTORES DIESEL

para a Grande Indústria de Nitrato do Chile



● *Um trator Diesel "Caterpillar" trabalhando para uma mina de nitrato do Chile.*

AS MINAS de nitrato do Chile estão sendo exploradas com uma intensidade extraordinária, pois os nitratos são essenciais não só na fabricação de explosivos para a guerra, mas tambem na composição de adubos que contribuem para aumentar a produção de alimento para um mundo faminto.

Para escavar as vastas jazidas de nitrato, são necessários motores resistentes e duraveis. E nisto, como em centenas de outras tarefas dificeis, os tratores Diesel "Caterpillar" mostram sua capacidade para trabalho pesado e resistência.

Uma das razões por que o equipamento Diesel "Caterpillar" é preferido pelos engenheiros é a economia de combustivel que só é possivel graças ao sistema especial "Caterpillar" de injetar carburante. Essas máquinas são fabricadas para poderem funcionar eficientemente queimando pequenas quantidades de óleo cru, e se for necessário, óleo de caroço de algodão ou de coco babassú.

São máquinas sólidas e resistentes em todos os detalhes; protegidas contra a lama, a água e a poeira corrosiva graças a isolamentos engenhosos que não deixam entrar pó nem umidade. Os motores são igualmente protegidos por filtros de ar e de óleo.

Os vendedores dos "Caterpillar" fornecem em todos os paises das Américas os serviços de manutenção necessários para que todos os Diesel "Caterpillar" continuem em estado de funcionar. Na época de hoje em que todas as máquinas novas são requisitadas para as forças armadas das nações livres, os tratores, niveladores, motores e eletrogeradores "Caterpillar" já usados, estão funcionando dia e noite na frente da produção.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

Caterpillar Tractor Co., Peoria, Illinois, E. U. A.

PONHA A SUA FÉ NO FUTURO DAS AMÉRICAS!

ENGENHO — eis a verdadeira "arma secreta" das Nações Unidas!

A mais poderosa "arma secreta" desta guerra tem sido o engenho da indústria das Nações Unidas. A gravura desta pagina, por exemplo, mostra-nos um porta-aviões que nasceu... *navio de carga.* Sim! dúzias destes navios têm sido convertidos em esplêndidos porta-aviões de novo tipo, para prover os comboios das Nações Unidas de proteção aérea própria e constante durante as travessias oceânicas.

E isto não é tudo. Os aviões que estão decolando do convés não são de Marinha, mas sim "caças" do *Exército!* De raio de ação demasiado curto para voarem até às frentes de batalha onde são urgentemente necessários, têm sido transportados aos milhares por esses porta-aviões, até ao alcance de costas distantes, e dali lançados diretamente na batalha.

Sim! o engenho por parte das Nações Unidas tem rapidamente sobrelevado todos os obstáculos de tempo e de espaço, precipitando o desenlace vitorioso a cada dia que passa.

LYCOMING

MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino...
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

AVCO

Fabricantes de produtos AVCO

A SRA. MARIA JOSÉ DUPRÉ — nome ilustre da sociedade e representação honrosa da inteligência brasileira, diz: «Sigo, há muitos anos, o método Pond's de dois cremes, com resultados esplêndidos!»

Bela e Talentosa

...e segue o famoso tratamento dos 2 Cremes Pond's!

BELEZA E CULTURA constituem atributos peculiares à dama brasileira. Ela encanta, pela desenvoltura de seu talento... E conquista, pela suave beleza de sua cutis! Para manter a cutis sempre macia e suave, ela observa, *diàriamente*, o famoso ritual de beleza dos dois Cremes Pond's. Ei-lo:

1. *Aplique Cold Cream Pond's no rosto e no pescoço. Retire-o. Para amaciar a cutis, aplique mais uma camada.*
2. *Antes da «maquillage», use o Creme Evanescente Pond's, que protege a cutis contra a ação do sol e do vento e conserva o pó de arroz horas seguidas.*

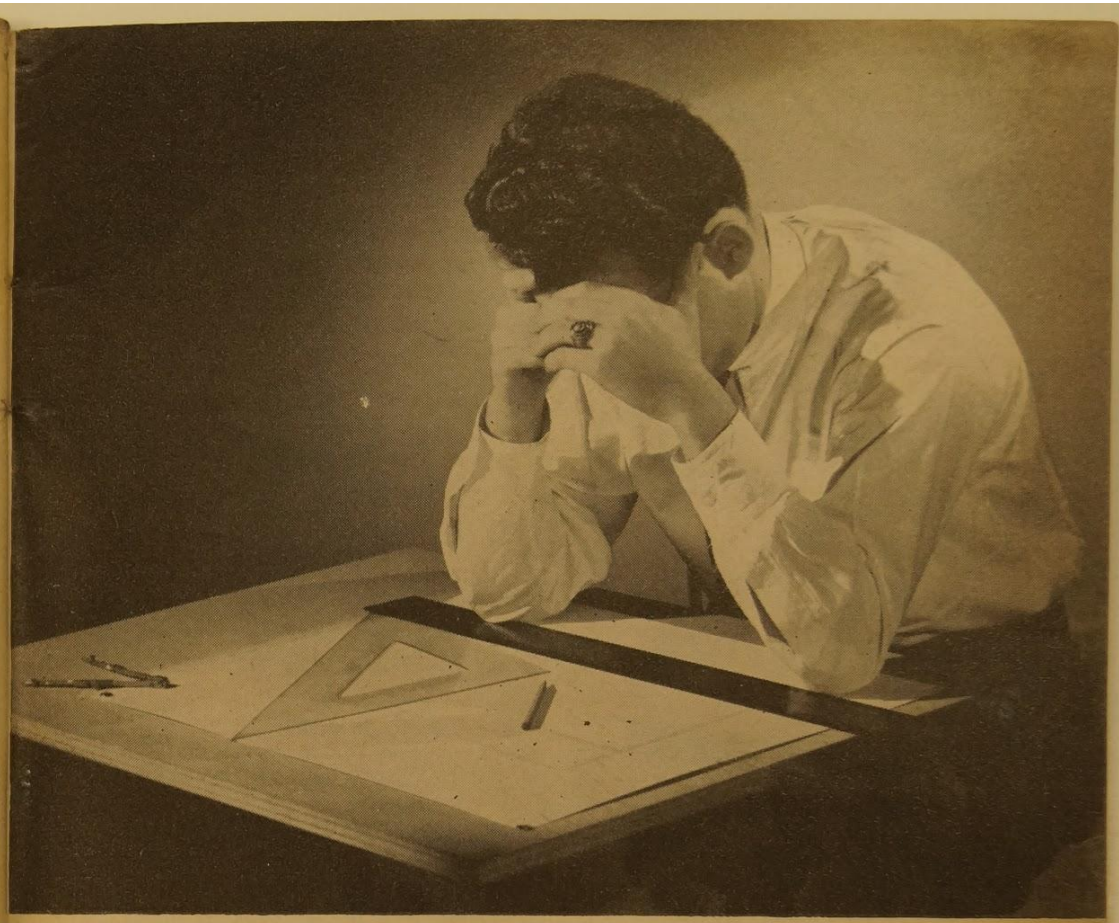
AMOSTRA GRATIS — Queiram enviar-nos o coupon acompanhado de Cr. $ 1,00 para as despesas de remessa de uma amostra gratis dos 2 Cremes Pond's.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL
Avenida do Estado, 5537 — São Paulo
3 - KKKK - 25

Nome .....

Rua .....

Cidade ..... *Estado* .....



Quando seus Olhos Param V. S. Para Tambem

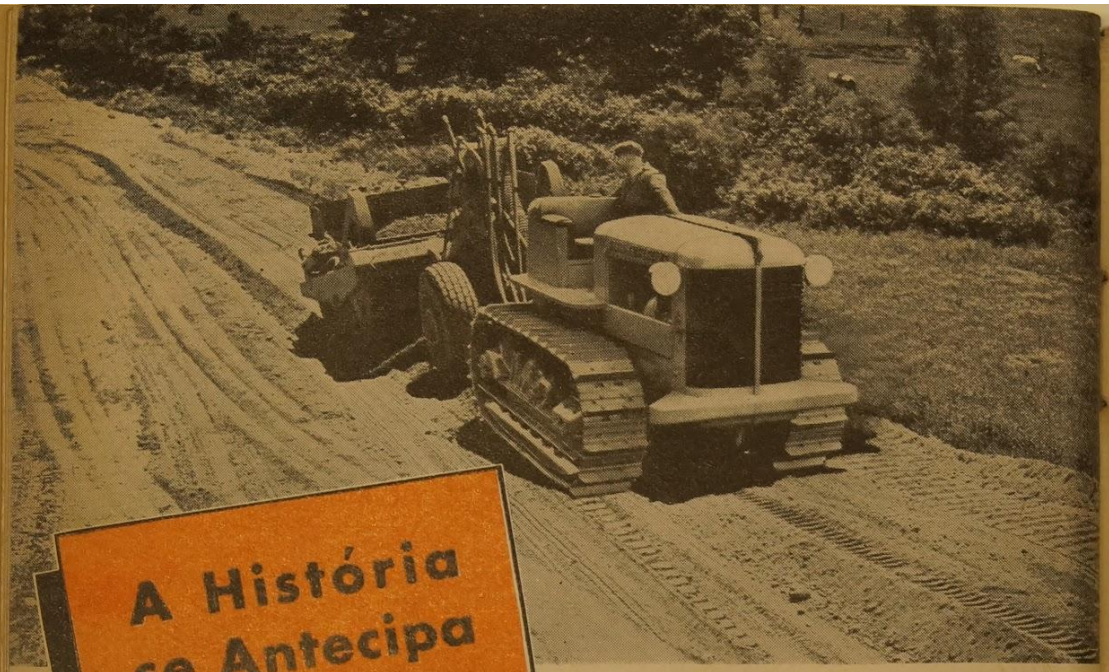
A VISTA cansada, demora todo o trabalho que exige visão próxima; os olhos fatigados podem com facilidade chegar ao ponto onde simplesmente sentem que precisamos parar para descansar. Muitos homens de capacidade não demonstram sua esperteza mental, tanto na sociedade como nos negócios, devido à necessidade de melhor vista. Muitas senhoras inteligentes estão em idênticas condições pela mesma razão. As crianças naturalmente vivas, atrazam-se na escola por que não vêem claramente.

Os olhos que precisam de óculos deverão tê-los sem demora. V.S. precisa certamente conservar a vista de' sua família. A boa visão dos empregados garante maior produção, melhor qualidade, menos estragos e menor número de acidentes. Consulte, portanto o seu especialista. Lembre-se de que os olhos que precisam de óculos merecem lentes de BAUSCH & LOMB.

BAUSCH & LOMB DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

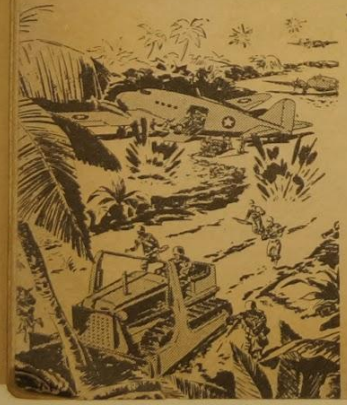


A História se Antecipa

Ao arquivar a emocionante narrativa da enorme tarefa desempenhada pela força-motriz dos tratores nas presentes operações militares, a História revelará ainda uma façanha maior: a pacífica contribuição para o melhoramento das condições da vida, que resultará do uso crescente dos tratores de equipamento acionado a tractores.

O tractor acelerará a construção de novas estradas e toda a especie de vias de comunicação e comércio. É o instrumento pelo qual uma agricultura mais vasta será desenvolvida. Devido às suas características de mobilidade e adaptabilidade aos serviços inerentes às minas, e aos que se ligam com o aproveitamento de madeiras, o tractor creará mais caudalosas fontes de riqueza para uso do homem, tanto em minerais como em madeiras.

Como um dos principais fabricantes mundiais de tratores, a Allis-Chalmers está interessada em fornecer o tipo de equipamento mais apropriado para as suas necessidades. Conquanto hoje quase todos os novos tratores sejam reservados para trabalhos diretamente relacionados com a condução da guerra, ou para uso militar propriamente dito, sugerimos que nos submeta os seus planos de desenvolvimento industrial e agrícola. Qualquer agente da Allis-Chalmers lhe poderá fornecer valiosa assistência no projecto de futuras compras, e facultará auxílio técnico na manutenção do equipamento que já possua. Veja a lista que em baixo se inclue.



ALLIS-CHALMERS

Departamento PD1143, Divisão de Tratores
Milwaukee, Wis., E.U.A.
Construtores de Maquinaria desde 1846

REPRESENTANTES NO BRASIL

Sociedade Técnica de Materiaes Ltda.
Caixa Postal 1109
São Paulo

Companhia de Propaganda,
Administração e Comércio
Rua General Camara no. 62
Rio de Janeiro

Ayres, Son & Co.
Rua D. Maria Cezar, 31-41
Recife, Pernambuco

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

Fassio Limitada No. 20 Rua Jardim do Regedor 32 Lisboa

Como se Começa uma Revolução

Ninguem diria que esses homens são revolucionários! Não envergam longos casacos negros, nem usam misteriosas palavras de passe . . . Mas estão-se preparando para lançar uma bomba em plena indústria americana . . . dando início à maior revolução que houve desde 1776.

Quem são esses homens? São pesquisadores especializados da indústria aeronáutica. O fato é que hoje, para construir bombardeiros, é preciso alguma coisa mais do que engenheiros aeronáuticos. Nas fábricas da Martin, por exemplo, há peritos em metalurgia, plásticos, borracha sintética, hidráulica, eletrônica, e muitos outros assuntos,—todos eles unidos numa causa comum: dar à América a supremacia nos ares.

Dos esforços desses investigadores da Martin resultaram já mais do que grandes aviões. Esses homens criaram materiais novos, descobriram novas aplicações para materiais já conhecidos, e revelaram novos processos de fabricação que prometem revolucionar a existência da América.

Os frutos de suas pesquisas andam agora por todo o mundo dinamitando os caminhos que levam à Vitória das Nações Unidas. A marca deixada por esses homens no mundo, aparecerá após a Vitória não só nos aviões, mas nos nossos lares, nos nossos carros, nas próprias roupas que vestirmos. O futuro está hoje... num tubo de ensaio!

Mas há mais: os produtos americanos de após-guerra, e a perícia técnica americana irão rapidamente atingir os mercados de todo o mundo. Já a Martin completou o traçado de gigantescos aviões de transporte com 125 e mais toneladas, prontos a construir tão depressa soe a trombeta da Vitória. Essas aeronaves tornarão vizinhas todas as nações da Terra . . . virão pôr o mundo a poucas horas de nossa porta.

A América, e o Mundo com ela, terão um glorioso futuro após a guerra. Por isso dizemos—trabalhai hoje pela Vitória, que após ela nos espera um mundo novo!

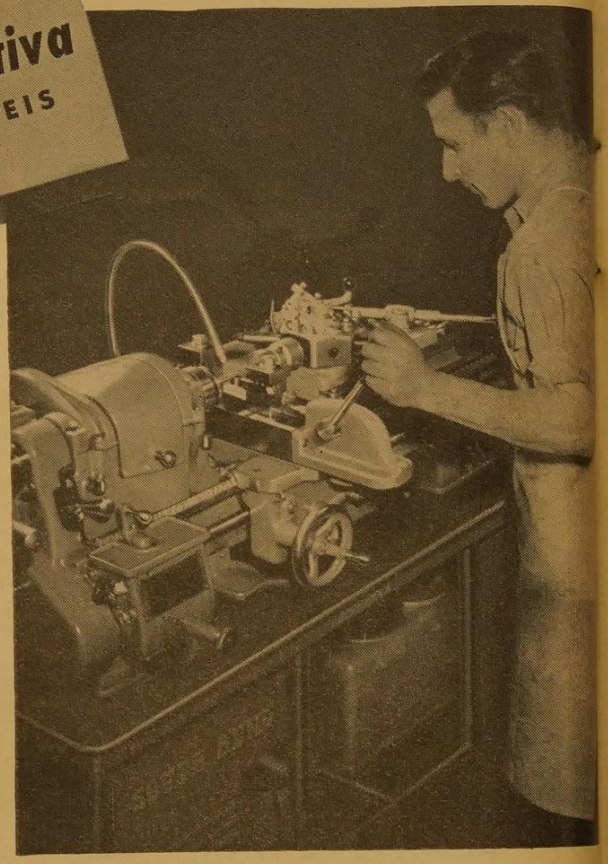
THE GLENN L. MARTIN CO.
BALTIMORE, MD., E. U. A.

AVIÕES Martin

Marca Registrada

Fabricantes de Aviões de Confiança Desde 1909.

AUMENTANDO A Capacidade Produtiva DE TORNEIROS HÁBEIS



Torneiros hábeis são tão essenciais como qualquer dos nossos recursos estratégicos. Para aumentar o poder ofensivo dos nossos combatentes com armas melhores e em maior quantidade, os nossos operários hábeis precisam da capacidade produtiva de ferramentas mais eficientes.

Máquinas operatrizes que são ineficientes devido à dificuldade em manejá-las, porque não teem a necessária precisão ou não podem funcionar às velocidades exigidas pelo serviço, limitam a eficiência de operários hábeis. Eficiência desperdiçada é produção perdida — e o retardamento da Vitória!

Os tornos South Bend aumentam a capacidade produtiva de torneiros experientes. Estes tornos são projetados e construidos para proporcionar produção máxima com esforço mínimo. São altamente eficientes numa grande variedade de serviços mecânicos de precisão. A sua facilidade de operação reduz a fadiga do operário, dando-lhe a impressão de que encurta por diversas horas o dia de trabalho. Consegue-se isto mediante controles de operação suave colocados em lugares convenientes—graduações de fácil leitura—modêlo inteiramente fechado, sem quaisquer polias, correias ou engrenagens expostas—e absoluta precisão que permite produção às mais altas velocidades, mesmo quando as tolerâncias devam ser mantidas dentro de limites mínimos.

VISINHOS AMIGOS CAMARADAS

SOUTH BEND LATHE WORKS SOUTH BEND, INDIANA, E.U.A.

Fabricantes de Tornos Há 37 Anos

Hoje — os Tecidos São Armas de Combate

Sim, tambem os tecidos foram para a guerra. A Carrier, pioneira no condicionamento de ar nas fábricas de fiação e tecidos, está provendo o controle infalivel de umidade e temperatura, fatores indispensaveis na maioria dos processos de fabricação e exame dos tecidos.

A adaptação dos métodos melhorados para o controle de umidade e temperatura, aprendidos na atual produção para a guerra, permitirá às fábricas de fiação e tecidos em qualquer clima produzir tecidos melhores e em maior quantidade—fios e tecidos mais finos, de qualidade mais duravel.

Hoje, do mesmo modo como a industria textil está engrenada para a produção de guerra, tambem a Carrier está dedicando todos seus esforços à produção bélica. Lograda a vitoria, o material Carrier se encontrará novamente disponivel para ajudar na obra de reconstrução de um melhor mundo de amanhã. Entretanto, o representante da Carrier lhe prestará auxilio em tudo o que V.S. possa necessitar relativamente ao condicionamento de ar e refrigeração industrial.

CARRIER CORPORATION
SYRACUSE, NEW YORK, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRASIL

ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S. A.
Rua Alfândega, 107, Rio de Janeiro

ARMCO

Rua Marconi, 124, São Paulo

Rua Voluntarios da Patria, 916
Porto Alegre

Carrier

CONDICIONAMENTO DE AR E REFRIGERAÇÃO

Não Há Fuga Possivel!

RADAR, o fabuloso invento do rádio que "vê através" o nevoeiro, as nuvens, e a escuridão, consegue descobrir objetivos inimigos e dá sinal da aproximação de forças hostís. Sendo o maior fabricante do mundo em aparelhos de rádio, e com vasta experiência em pesquisas na ciência de ondas de ultra-alta frequência, a Philco ao produzir o Radar prestou um serviço vital às forças armadas. Amanhã, o progresso científico obtido nos laboratórios da Philco, aparecerá como milagre dos tempos de paz, em realizações de rádio, televisão, refrigeração, ar acondicionado e eletrônica, sob o famoso nome da Philco.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

PHILCO

A MAIOR FABRICANTE DE RÁDIOS DO MUNDO

Foi neste "Gamma" Northrop que os E.U.A. aprenderam a voar a 10.000 m. de altura

Em 1936, uma importante empresa de aviação desejou saber se um transporte aéreo fugiria às tempestades, se subisse para alem das tormentosas camadas atmosféricas.

O "Gamma" Northrop era então o avião monomotor de correio mais rápido que se conhecia, e foi escolhido para fazer o primeiro vôo estratosférico da História. Em vôos através as tempestades, alguns deles realizados a mais de 11.278 metros de altura, aprenderam os peritos da América a voar em aviões estratosféricos.

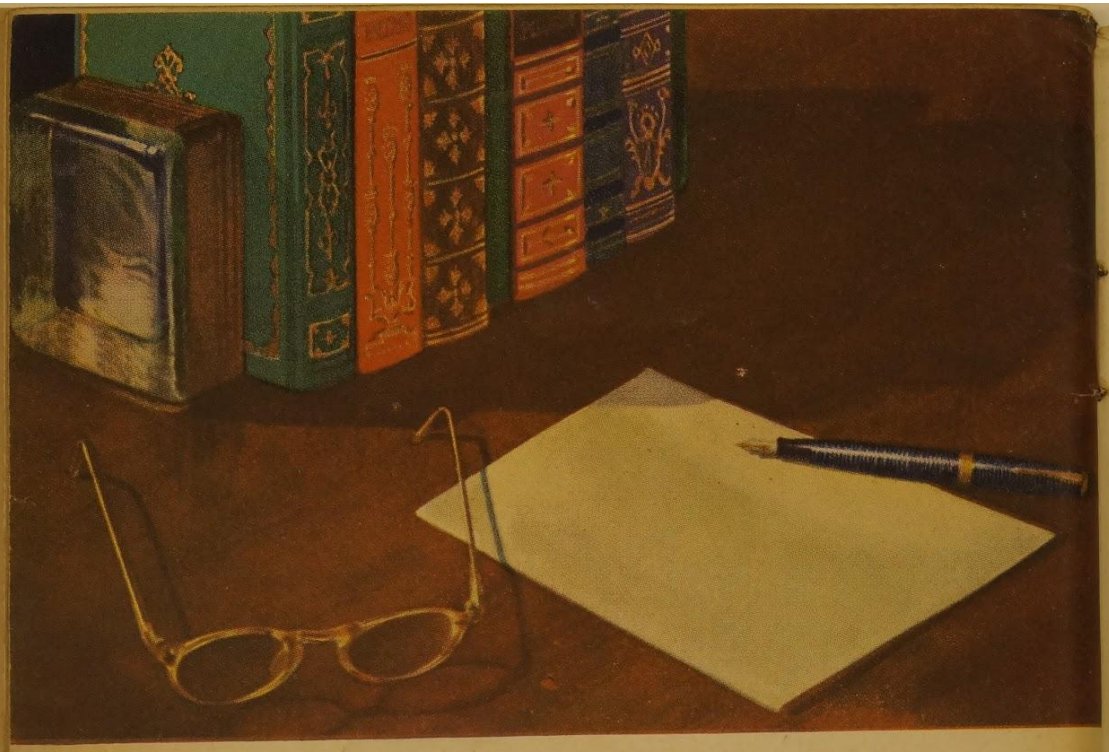
Os descobrimentos feitos pelo avião "Gamma", nas elevadas camadas atmosféricas, serviram de base para estabelecer a segurança e os triunfos militares de cada um dos jovens pilotos dos E.U.A. que hoje voam a 10.000 metros de altura para ir bombardear as cidades do Eixo . . . e regressar.

Hoje, o grupo Northrop segue na sua tarefa de desenhar e construir aviões ainda mais aperfeiçoados do que os presentes . . . os aviões de combate mais temiveis que o homem podia imaginar.

NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA

MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.



"Escrever o que se pensa
...eis a **LIBERDADE!**"

Ser livre para falar e escrever segundo os ditames do seu coração—eis uma prova do melhor conceito de liberdade.

E a criação de belas canetas, de magnífica mão-de-obra, que permitam a escrita afluir suave e delicadamente ao papel—eis a finalidade da Parker.

A mais popular entre as canetas Parker é a mundialmente famosa Vacumatic. O seu acabamento brilhante e transparente permite V.S. *ver* o seu enorme bojo-tinteiro. O bico de custoso osmirídio, suave como o setim, jamais se tornará rombudo.

Peça ao seu fornecedor que lhe mostre a resplandecente e harmoniosa Caneta-tinteiro Parker Vacumatic. O Lozango Azul no segurador significa nossa garantia vitalícia!

PARKER

Únicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos:
COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1° de Março 9, 1°, Rio de Janeiro

Bolsas Médicas levam o tratamento Kenny a seis povos amigos

CHEGOU recentemente ao Centro Médico da Universidade de Minesota um grupo de médicos e enfermeiras, vindos de seis nações da América Latina aos quais foram concedidas as bolsas de estudo, criadas pelo Reader's Digest, para especialização no tratamento Kenny da poliomielite, ou paralisia infantil, sob a direção pessoal da Irmã Kenny.

Foi num artigo de Lois Mattox Miller, no Reader's Digest e suas edições em línguas estrangeiras, que o notavel tratamento Kenny obteve pela primeira vez vasta publicidade internacional. Esse artigo provocou grande afluxo de cartas, pedindo informações, inclusive da América Central e do Sul.

O Reader's Digest concluiu que a poliomielite era um sério problema no Brasil e outros paises da América Latina. Todos esses paises responderam com vivo interesse ao convite que lhes foi feito, de enviarem, cada um deles, aos Estados Unidos médicos eminentes e enfermeiras diplomadas e treinadas, para estudarem a nova técnica, e regressarem depois, aos respectivos paises, aptos a divulgá-la pelo ensino e a demonstração. Os candidatos foram escolhidos por entidades locais desses paises, de colaboração com o Instituto Internacional de Educação, e começaram a chegar a Mineápolis em agosto do ano corrente, para seguir os cursos prescritos, de três meses para os médicos, e seis para as enfermeiras, às quais cumpre aprender a prática real do tratamento.

Todas as despesas, incluindo as de viagem, correm por conta do Reader's Digest, que assim realiza uma prova de reconhecimento para com os povos que tão hospitaleiramente acolheram as edições de língua portuguesa e castelhana.

IMPRESSO NOS E. U. A.

Pensa ou Perece

Por Hendrik Willem van Loon

PRESENTEMENTE, em meio à maior revolução que ainda o mundo presenciou, só um pecado é imperdoavel—a INDIFERENÇA. Quase tão imperdoavel, porem, quanto este, outro pecado não é menos comum, o da IGNORÂNCIA.

Perante o Julgamento Final, de nada nos servirá dizer «Eu não compreendí isto», ou «Ora, tanta coisa aconteceu, que não pude prestar atenção». Teremos pois de descer ao limbo daqueles que não mereceram sobreviver—e que, tendo ouvidos de ouvir, não ouviram, e, olhos de ver, não viram.

Em dias de antanho, antes que a máquina se tornasse o nosso Braço-de-Ferro, o povo obedecia à lei: «Trabalha ou morre de fome». Hoje em dia é diverso o *slogan*: «Pensa ou Perece». E posto que ninguem existe sozinho neste planeta e todos são influenciados pelas idéias dos vizinhos, «Pensa ou Perece» significa realmente «Lê ou Perece».

Os que dentre nós são gente de quatro livros por dia, trabalhando quinze ou dezesseis horas diárias, talvez possam alimentar a pretensão de estar sempre a par das leituras mais significativas e à altura dos acontecimentos. Mas os 99 por cento dos cidadãos vivem muito presos às suas ocupações de ganha-pão, pouco lazer lhes sobrando para tal. É a estes que eu digo: leiam o Reader's Digest.

Não sou acionista desta publicação, como não conheço os seus editores. Nem mesmo sabia da sua existência, antes de tê-la encontrado na sala de espera de um dentista. O dentista ficou com o meu dente, mas eu lhe filei o exemplar do Reader's Digest. E desde então nunca mais deixei de recomendá-lo a meus amigos.

É para ser lido com espírito aberto, sem preconceito e animosidade. Dentro de menos de mil anos, Bolchevismo, Fascismo, Tecnocracia estarão esquecidos. Mas não estamos vivendo a mil anos de agora; estamos vivendo *hoje*. E um amanhã nos espera que está a depender da sabedoria que acumularmos nesse momento.

Nem todos nós seremos líderes nas próximas refregas. Muitos não passaremos de meros contemporâneos. Mas, ao menos, devemos fazer jus a um epitáfio que diga de nós termos sido «contemporâneos inteligentes que combateram o bom combate com as armas de que dispunham».

Esta já seria uma glória bastante para muitos.

EDIÇÃO MUNDIAL DE 8.000.000 EM CINCO IDIOMAS

Cr. $2,00

SELEÇÕES do Reader's Digest

ARTIGOS DE INTERÊSSE PERMANENTE

Carlos Finlay, o esquecido Pasteur das Américas	*Catholic World*	1
Antes que o dia acabe	*Atlantic*	6
A fuga audaciosa de Giraud	*por Frederick C. Painton*	8
Qual é ao certo a sua vocação?	*Nation's Business*	12
Jangada com sala e quarto	*Coronet*	15
No capitalismo do povo está a solução	*por Eric Johnston*	16
Mamãe ficou viva na nossa memória	*por Edwin Balmer*	21
Tratando o operário como gente	*por Stuart Chase*	25
Terá você poderes psíquicos?	*Scribner's*	30
Cenas da vida das focas	*por Edison Marshall*	33
Perfil de um cabo de guerra	*por Frederick C. Painton*	38
Flagrantes da vida americana		42
Escassez de maridos	*Collier's*	43
Tambem há lucro na aventura	*por William LaVarre*	46
Vida e amores dos Irmãos Siameses	*Kiwanis*	51
Perdem por seis a um	*Air Facts*	55
Sobre os segredos da maternidade	*Vogue*	57
Um convite à reflexão		60
O diabo em Mineápolis	*Rotarian*	61
Sabendo para que, produz-se melhor	*Survey Graphic*	63
Haverá raciocínio nos irracionais?	*Baltimore Sunday Sun*	66
Um pedaço de cordão	*por Guy de Maupassant*	69
A maravilha do feijão de soja	*American Miller*	73
O que os homens práticos vêem no futuro	*Cosmopolitan*	76
Pontos de vista	*Afrânio Peixoto e outros*	79
Não têm pernas e andam	*Hygeia*	81
As Filipinas sob o tacão dos samurais	*Nation*	85
A primeira dama de Hollywood	*por Donald C. Peattie*	89
Retalhos do drama cotidiano		93
Seção de Livros — Lafayette, Apóstolo da Liberdade	*por Andreas Latzko*	95
Índice		111

DEZEMBRO DE 1943

CMDPU_CIP
1910

SELEÇÕES *está a venda*

nas principais livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço de Cr. $2,00. Os nossos agentes da relação abaixo estão aptos a suprir qualquer encomenda, bem como a receber pedidos de assinaturas, ao preço de Cr. $20,00 anuais.

Agente Geral para o Brasil

FERNANDO CHINAGLIA, Rua do Rosário, 55, Rio de Janeiro

ALAGOAS: Manuel Espindola, Praça Pedro II, 49, Maceió.

AMAZONAS—Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem, Pará.

BAÍA: Livraria Souza, Rua do Colégio, 8, Salvador.

CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, Fortaleza.

ESPÍRITO SANTO: Viuva Copolilo & Filhos, Rua Jerônimo Monteiro, 361, Vitória.

GOIAZ: João Manarino, Rua Setenta A, Goiânia.

MARANHÃO: Livraria Universal, Rua João Lisboa, 114, São Luiz.

MATO GROSSO: Agência Compos, Rua Antônio Maria, 18, Cuiabá.

MINAS GERAIS: Joaquim Moss Velloso, Avenida dos Andradas, 330, Belo Horizonte.

PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Travessa Campos Sales, 85/89, Belem.

PARAIBA: Orlando Pedrosa, Rua São José, 162, João Pessoa.

PARANÁ: J. Ghignone, Rua 15 de Novembro, 423, Curitiba.

PERNAMBUCO: Anita Maddalena Caruso, Rua Nova, 223, Recife.

PIAUÍ: Claudio M. Tote, Teresina.

RIO DE JANEIRO: Fernando Chinaglia, Rua do Rosário, 55.

RIO GRANDE DO NORTE: Luis Romão, Avenida Tavares Lira, 48, Natal.

RIO GRANDE DO SUL: Somente para Porto Alegre: Octavio Sagebin, Rua 7 de Setembro, 789, Porto Alegre. Para locais fora de Porto Alegre: Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro.

SANTA CATARINA: Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8, Florianópolis.

SÃO PAULO: Pellegrini & La Selva, Viaduto Santa Efigênia, 281, São Paulo.

SERGIPE: Livraria Regina Ltda, Rua João Pessoa, 137, Aracajú.

TERRITÓRIO DO ACRE: Diogenes de Oliveira, Rio Branco.

Agentes Gerais para Portugal

LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa

Preço do exemplar em Portugal: 3$50

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Tomo IV, No. 23 — [*Marca Registrada Reg. U.S. Pat. Off.*] — Dezembro de 1943

Publicada mensalmente por The Reader's Digest Association, Inc., em Pleasantville, Nova York, E.U.A.

Diretores: DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace

Redator Gerente: Eduardo Cárdenas

Redator Secretário: Afrânio Coutinho. *Co-redator*: J. Rodrigues Miguéis

Administração: *Gerente Geral*, A. L. Cole. *Subgerente*: Fred D. Thompson, Jr.
Gerente de Circulação, Roberto C. Sánchez

Chefe de Publicidade, Willard R. Espy

Diretor das edições internacionais: Barclay Acheson

Subdiretor: Marvin McCord Lowes

Copyright 1943 by The Reader's Digest Association, Inc. Os editores reservam-se todos os direitos, inclusive os de tradução, nos Estados Unidos, Grã Bretanha, Brasil e todos os paises signatários da Convenção Panamericana e da Convenção Internacional sobre Direitos Autorais. Fez-se o depósito de que trata a lei em todos os paises que o exigem. Proibe-se a reimpressão parcial ou total dos artigos contidos neste número.

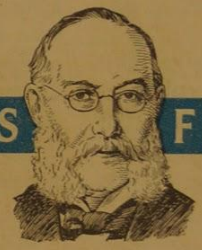
Entered as second-class matter at the Post Office at Pleasantville, N. Y., under act of March 3, 1879. Additional entry at Post Office, Chicago, Ill., U.S.A.

DEZEMBRO de 1943

SELEÇÕES *do* Reader's Digest

Artigos de interesse permanente condensados em formato de livro

TOMO IV No. 23



CARLOS FINLAY

O esquecido Pasteur das Américas

(Condensado do «Catholic World») ☆ *Por Lois Mattox Miller*

Embora muitas vezes recontada, a história da luta contra a febre amarela tem omitido o seu mais impressionante episódio.

A FEBRE amarela, flagelo do Novo Mundo desde tempos imemoriais, era ainda um grande mistério em 1900, como terrivel ceifadora de vidas, tal qual o fora séculos antes, quando os espanhóis caíam vítimas do «vômito negro». O pavor que este inspirava impedia o desenvolvimento das regiões tropicais americanas, e até cidades tão longe ao Norte, como por exemplo Quebec, tinham conhecido os horrores dos surtos epidêmicos, e o pânico por eles produzido. Precisamente àquele verão, Havana pagara ao morbo o mais pesado tributo que este lhe havia custado nos últimos 20 anos.

Indivíduos, em plena saude, apresentavam-se em vinte-e-quatro horas dominados pela febre, com a cor amarelecida, transidos de sofrimento. Vinham em seguida uma tremenda náusea e o vômito de sangue negro. A morte lavrava em grande, e a medicina se revelava sem forças para reagir devidamente.

Mas houve brilhantes médicos. Em junho de 1900, o exército dos Estados Unidos despachou uma comissão especial, sob a chefia do major Walter Reed, para fazer investigações sobre a causa

de tão perigosa enfermidade. Após alguns meses de atividade infrutífera, decidida a não poupar esforços, a apelar para todos os recursos possiveis e imaginaveis, a comissão foi ter com certo médico cubano que passava a maior parte do seu tempo, não no consultório, mas a agitar-se num pavilhãozinho que tinha aos fundos da casa—um homem já idoso, com umas respeitaveis suiças, lembrando costeletas de carneiro, e gago de verdade. Nos círculos científicos, seria talvez assunto para riso; mas, ao que constava, ele possuia sobre o problema uma determinada teoria.

O velho e bondoso esculápio recebeu o distinto major Reed e seus colaboradores com grave cortesia, e entregou-lhes uma pequena saboeira de porcelana contendo um diminuto aglomerado de insignificantes partículas negras, dir-se-iam de borracha.

«São ovos de mosquito comum,» disse o dr. Carlos Finlay. «Ponhamos água no vaso, e teremos os mosquitos. Façamo-los morder doentes de febre amarela, e picar, um pouco mais tarde, pessoas sãs e fortes. O mistério da febre amarela ficará então revelado.»

O que resultou daí, pertence hoje à história. Dentro de dois meses, as ousadas experiências do major Reed davam razão a Finlay; e, mais três meses passados, as recomendações de Finlay, prescrevendo o controle do mosquito, expulsavam de Havana o inimigo que tanto mal lhe fizera. Firmou-se assim o padrão para a obra que, a partir daquela data, libertou para sempre as Américas de semelhante praga.

O pai, um jovem médico inglês, a mãe, bela dama francesa, nasceu Carlos Finlay em Cuba em 1833. Em criança, sofreu de várias doenças, entre as quais uma profunda perturbação de nervos, de onde lhe proveio a gaguez, que nunca mais o deixou. Aos dezoito anos, matriculou-se na Escola Médica Jefferson, em Filadélfia. Aí recebeu lições dos grandes médicos e professores, que foram o dr. John Kearsley Mitchell e seu filho, dr. S. Weir Mitchell. Foi com estes que aprendeu a filosofia da pesquisa científica—a persistência, a infatigabilidade na investigação dos fatos.

Recebido, em 1855, o seu grau de doutor em medicina, exerceu por algum tempo a profissão em Havana, fez estudos em Lima e em París, e casou-se com Adela Shine, uma moça de Port-of-Spain, formosa, romântica, profundamente religiosa. Em 1865, renunciou quase por completo à clínica, para votar-se de preferência aos trabalhos da sua verdadeira vocação: a pesquisa médica.

Não faltavam aliás em Havana intrincados problemas sanitários a desafiar-lhe os talentos: a cólera e a febre tifóide, que tinham como veículo a água de beber contaminada; o tétano infantil, a que ele pôs termo denunciando o perigo que havia em colocar teia de aranha no umbigo das crianças recem-nascidas; o mormo, que igualmente eliminou advertindo contra a estabulação de cavalos e vacas, ao pé das próprias casas de residência. Sobrelevava em gravidade, porem, a questão da febre amarela, que condenava à morte, pelo menos, 50 por cento das suas vítimas.

Abandonando, em absoluto, as teorias correntes, que pouco passavam de superstições, enveredou Carlos Finlay por um caminho novo. Observou que a moléstia grassava principalmente nas terras baixas e portos marítimos de Cuba, México e Brasil. Havia nisso talvez uma indicação preciosa. Ocasionalmente, ocorriam tambem epidemias em cidades muito para o norte ou para o sul da zona tropical; Nova York já as tinha sofrido por nada menos de 23 vezes, e Filadélfia, 25.

Datava de 1879 a nomeação, pelo governo dos Estados Unidos, da primeira comissão que foi a Havana, em serviço de combate à febre amarela. Finlay, para isso designado pelo governador geral espanhol, colaborou nos trabalhos. A comissão pouco fez, mas, ao regressar, deixou com ele uma coleção de microfotografias de espécimes de sangue colhidos em amarílicos. Foi esse, ao que está provado, um ponto decisivo, na ação ingente a que se consagrou o pesquisador cubano.

Refletindo e voltando a refletir em torno do que lhe indicavam ou sugeriam as microfotografias, chegou Finlay à conclusão de que a febre amarela *podia* ser transmitida por inoculação, retirando-se material infectado das veias de um doente, e injetando-o nas de uma pessoa sã. Mas que instrumento haveria bastante delicado para fazer tal serviço, sem ser sequer percebido, nem pelos médicos, nem tãopouco pelos próprios pacientes sobre os quais se aplicasse?

Foi então que as suspeitas de Finlay começaram a recair sobre os mosquitos. Era certo que estes voavam de pessoa a pessoa, e ninguem, por via de regra, lhes prestava atenção à picada. Eis portanto uma furtiva e alada agulha hipodérmica, inigualavel em delicadeza a qualquer fabricada pelos homens. Estaria entretanto aí, de fato, o criminoso?

Instalou o dr. Finlay um laboratório nos fundos de sua casa, e começou a criar e classificar mosquitos: até que, ao fim de pesquisas e meditações incansaveis, reuniu uma série de provas circunstanciais contra o mosquito comum, por assim dizer doméstico.

Estudando as passadas epidemias, verificou que a doença predominava em Havana quando a temperatura se mantinha entre 25 e 30 graus, e era a tais temperaturas que os mosquitos se mostravam mais ativos. Por outro lado, epidemias em Nova Orleãs e no Rio de Janeiro haviam cessado misteriosamente ao declinar o termômetro para temperaturas sob as quais o mosquito entorpece, tornando-se inofensivo. A febre amarela era rara, ou inteiramente desconhecida, em regiões a altitudes superiores a 1.200 metros. A tais alturas, observou Finlay, tambem é raro o mosquito.

Reunida a 18 de fevereiro de 1881 a Conferência Sanitária Internacional de Washington, anunciou Carlos Finlay a sua teoria. O fato causou sensação, mas logo se fez sentir o riso irônico do mundo científico. Passou Finlay a ser chamado o «doutor dos mosquitos»; faziam-lhe tão somente a concessão de não lhe julgar a mania da classe das perigosas. Voltou ele a Cuba entristecido, conquanto ileso na sua fé, e prosseguiu obstinadamente na investigação.

Não se limitou a fazer estudos sobre mosquitos como ninguem até então fizera; delineou planos para conjurar, em grandes áreas, a ameaça do mal. Sabendo que as vítimas da febre amarela, quando conseguiam curar-se, ficavam imunes, preparou um soro experimental; e, durante o ano de 1893, inoculou-o em treze soldados espanhóis adidos à guarnição de Havana. Posto que a doença irrompesse depois, várias vezes, no seio do regimento, nenhum dos ditos soldados a contraiu até 1895, quando as experiências sobre imunização foram

interrompidas ou encerradas pela Revolução Cubana.

No decurso da guerra hispano-americana, soldados americanos morriam em Havana, de febre amarela, como moscas. No posto de comando do general Leonard Wood, punham-se velas de enxofre a arder sobre as mesas: mas em vão. Às refeições dos oficiais, erguia-se um brinde amargo: «Aos que se foram; aos que vão partir em seguida.»

Daí exatamente resultou a ida, a toda a pressa, para Havana, da comissão chefiada por Walter Reed, que tinha como seus auxiliares os drs. James Carroll, Aristides Agramonte e Jesse Lazear.

Decorridos quase 20 anos, a teoria de Finlay ia passar por um teste, como jamais a ele próprio tinha sido possivel pôr em prática. Mosquitos, fartos de sangue de doentes de febre amarela, seriam levados a picar voluntários, em bom estado de saude, que se dispusessem a enfrentar uma dose da doença, possivelmente fatal! Enquanto Reed se achava ausente em Washington, por motivo de serviço, sete soldados americanos, inclusive o dr. Jesse Lazear e um certo dr. Pinto, se deixaram morder por mosquitos presumivelmente infeccionados. Dias passaram sem que qualquer deles fosse acometido pela febre.

O dr. Lazear insistiu em que se prosseguisse na pesquisa. O dr. Carroll, levando aliás em pilhéria todo o caso, fez questão de prestar-se à experiência. Adoeceu dentro de poucos dias, e esteve a pique de sucumbir. Em seguida, afinal, um dos soldados enfermava de febre amarela. No laboratório, um mosquito desgarrado pousou na mão do dr. Lazear. Este pensou em sacudí-lo fora, mas alguma coisa o induziu a desistir de fazê-lo. O mosquito aplicou-lhe a picada. A 25 de setembro de 1900 morria o dr. Lazear de febre amarela.

Reed, de volta de Washington, deu novo impulso às investigações, com redobrada energia. Como explicar que, de uma turma de nove homens, que receberam propositadamente a picada de mosquitos infectados, só dois contraissem a moléstia, nada tendo sofrido os sete restantes? Por que razão escapara Lazear durante a experiência, vindo a sucumbir, entretanto, ao segundo encontro com o inseto?

No bolso da velha blusa de serviço de Jesse Lazear, encontrou Reed a resposta a dar a estas perguntas; estava ela num maço de notas em que o bravo médico lavrara um minucioso registo das peculiaridades de cada caso. Marcando as experiências passo a passo, Lazear consignara expressamente: (1) que o mosquito só se infeccionava quando mordia o doente dentro dos primeiros três ou quatro dias de atacado este pela febre; (2) que o mosquito só podia transmitir a febre amarela depois de sete a dez dias de incubação do morbo no seu organismo.

Veio então a realizar-se a brilhante experiência que representa o ponto culminante da longa batalha.

No Acampamento Lazear, estabelecido nas imediações de Havana em honra do primeiro martir da benemérita empresa, preparou-se uma sala especial, com uma divisão de fina tela, do meio para baixo. Soldados-voluntários acomodaram-se uns de um lado, outros de outro, para alí permanecer durante o prazo dos testes. Em seguida foram soltos, num dos lados, mosquitos portadores da infecção. Não tardou que os respectivos ocupantes fossem picados por estes, e a febre os atingisse; ao passo que os que se achavam do outro lado, respirando o mesmo ar, foram protegidos pela tela, nada sofrendo.

A febre amarela experimental era assim produzida à vontade. Cada novo ensaio redundava na demonstração irrefutavel da procedência integral da tese de Carlos Finlay. A febre amarela era transmitida, de pessoa a pessoa, tão só e exclusivamente, por via da picada do mosquito!

Diante de tais circunstâncias, o programa sanitário delineado por Finlay foi posto em prática, rigidamente, em Havana. Tornou-se ele presidente da Comissão de Higiene de Cuba, membro do Comitê Nacional de Saude Pública, e posteriormente um dos chefes dos serviços sanitários. Suas idéias foram adotadas por autoridades sanitárias em toda parte, sobretudo na América tropical. O perigo da febre amarela foi afinal expelido dos seus antigos redutos.

Finda a campanha a que se consagrara, renunciou Finlay em 1909 à atividade das funções públicas, e recolheu-se à vida privada. A saude declinava, e a gaguez mais e mais o constrangia. Em agosto de 1915, depois de seis anos de depauperação, rendeu a alma.

A dominação da febre amarela ecoou, entre aplausos, pelo mundo inteiro. Os nomes de Walter Reed, William Gorgas e Jesse Lazear foram já coroados pela glória que tanto mereceram. Carlos Finlay, porem, tem ficado num inexplicavel quão injusto olvido—o esquecido Pasteur das Américas.

Cine-Jornal de guerra

¶ JOGO DE EMPURRA.—As restrições do racionamento da gasolina, não impedem os Índios da Reserva de Rocky Boy, no estado de Montana, de «deitar» até a cidade no sábado. Um auto carregado até o teto empurra até a cidade, a 35 quilômetros, outro cangalho cheio como lata de sardinha. Passam o dia em grande animação, e no regresso o segundo carro empurra o primeiro todo o caminho.

—Ruth A. Eismann

¶ EMPREGO sobre medida.—O Escritório de Emprego dos E.U.A. em Sacramento, Califórnia, recebeu de um empreiteiro de obras públicas o pedido de seis jornaleiros a quem pudessem servir outros tantos pares de botas de borracha (número 9) que o empreiteiro tinha disponiveis...

—*Time*

¶ A BOLSA... OU O SANGUE!—O Juiz Franklin, de Honolulú, inventou uma multa levada da breca para os violadores do blacaute: 25 dólares... e meio litro de sangue! Sujeito que não tenha sangue em condições para transfusão, aguenta com mais 25 dólares de multa para compra de sangue.

—*This Week*

¶ *As orações da noite unem a família de modo muito humano.*

Antes que o dia acabe

(Condensado do «Atlantic Monthly»)

Por Richardson Wright

FOI QUANDO o pároco, pelo último verão, nos visitava, que a cozinheira nos pôs a idéia dentro da cabeça.

—Não adianta ter padre em casa, se ele não faz algumas orações.

—Quem sabe? Talvez ele reze por nós. E naturalmente é assim...

—O que eu quero dizer é rezar «com a gente», acentuou a cozinheira.

Eu referí ao Padre a idéia da nossa cozinheira.

—Está muito bem, respondeu o sacerdote.

—Podemos, então, começar esta noite?

—E porque não? Você é que é o dono da casa, meu amigo, e é mesmo sua obrigação dirigir tais orações. Mas vou dar começo a elas.

Desse modo teve início a nossa devoção familiar, ao fim de cada dia.

Nas primeiras duas ou três noites, depois que o Padre partiu, não me foi possivel dar ao ato a necessária naturalidade. Em seguida à lavagem dos pratos, acomodávamo-nos todos na sala de visitas. Qualquer que fosse a razão, sentí que não devíamos entrar propriamente na oração, antes de um momento de silêncio. É admiravel como em tão curto espaço conseguimos transportar-nos daquí para «Lá»...

Depois daquela semana inicial, fomo-nos sentindo mais à vontade. E assim chegamos aos próprios acontecimentos que diretamente nos tocavam. Em vez de lembrar simplesmente os homens e as mulheres que estão nas forças armadas, em conjunto pronunciávamos nomes—Gordon e Thomas, John e Jim. Estando para casar a filha da empregada, orávamos por sua felicidade.

À medida que a família se ia concentrando na órbita dessas orações noturnas, comecei a transformar-me numa espécie de assistente espiritual. As preces eram recitadas, não só por um, mas por todos. Uma voz diria: «O Governador pediu-me para rezar pelos judeus perseguidos.» Isso me levava a percorrer o livro de orações até encontrar a prece apropriada à ânsia de justiça social—para que «não façamos paz com a opressão, para que usemos humildemente de nossa liberdade». Algumas vezes tive que lembrar-me de pessoas enfermas e de outras que se encontram em aflição.

Quando os dois peraltas que abrigamos sob o nosso teto se apuravam na turbulência, pronunciávamos a oração das crianças. «Dai-nos a luz e a força para ensinar-lhes a amar todas as coisas verdadeiras, puras, afaveis, e que falem bem de nós.» A medida surtiu efeito, sobretudo nas notas de escola, que melhoraram.

Se as nossas preces vespertinas uniram a família sob uma feição muito humana, não nos tornaram tambem, em nada, menos humanos. Temos raivas e proferimos inadvertidamente palavras

de cólera. Ofendemos e somos ofendidos. Contudo, estamos cada vez mais unidos.

As orações de família, parece, fortaleceram os nossos músculos espirituais, e aguçaram a nossa visão interior. Deixamos de considerar a prática da devoção como uma espécie de geléia que se espalha pelo pão da vida quando se está disposto; ela é parte do próprio pão.

Ou muito me engano, ou estas orações ensinaram-nos a deixar de pensar tanto em nós mesmos, para pensarmos um pouco mais nos outros. Reaprendemos ainda algumas coisas que nos foram ensinadas na adolescência—que não é a queda que é prejudicial, mas a recusa a levantar-se.

Esse desdobramento interior de uma família bastante normal não foi determinado por nenhum súbito milagre. Insinuou-se em nós como a noite que cresce dentro da noite.

Conquanto o começo e o fim das preces de família obedeçam a uma norma, há no meio o que o dia produziu. Foi aí que adquirí dois hábitos singulares: dou comigo a preparar-me para as assembléias vespertinas, mergulhado solitariamente no meu gabinete de trabalho por alguns momentos, antes dos outros aparecerem, e coleciono orações. De acordo com a minha absoluta pobreza de luzes teológicas e pastorais, aquí está como as orações devem ou não ser ditas:

Não precisam ser demasiado longas ou muito floreadas. Devem ser feitas com palavras simples e comezinhas, e próprias para enfrentar problemas e adaptar-se às circunstâncias das nossas caminhadas diárias, assim como aos choques do mundo exterior. Precisam ter uma sequência lógica de louvor e intercessão, e cadência de palavras, para que, depois de repetí-las umas tantas vezes, não se necessite olhar o livro.

Assim, elas se tornam parte do nosso vocabulário. Ao relembrar aqueles que amamos, logo se sabe que é «para esta vida e a outra». E quando se chega à oração final da noite, vai-se transitando, sem se carecer de ponto, através da familiar e encantadora sucessão do Cardeal Newman: «Até as sombras se estenderem e a noite cair, e o mundo agitado voltar à paz e a febre da vida passar, com o nosso trabalho realizado.»

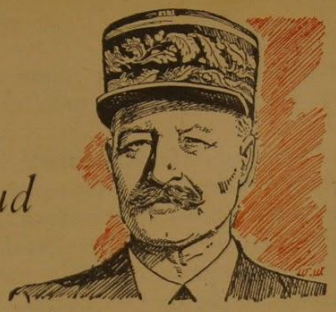
Onde chega a política

¶ CONSTA que a Representante Clare Luce, intransigente adversária da possivel reeleição de Roosevelt para um *quarto termo* presidencial, ao regressar um dia a casa, encontrou sobre a sua mesa de trabalho uma carta que, segundo se apurou mais tarde, era dirigida a uma certa Miss Luce, dos Serviços de Saneamento. A carta dizia: «A piscina do presidente está atacada de termitas. Queira tomar as medidas necessárias imediatamente».

«Termitas, heim!? —comentou a representante republicana. —Sem dúvida, *quarto-termitas!*»

—Mary Margaret McBride

O General Giraud foi feito prisioneiro pelos alemães na última guerra e na atual, tendo conseguido escapar ambas as vezes



A fuga audaciosa de Giraud

Por Frederick C. Painton

EM 10 DE MAIO DE 1940 a infantaria alemã, surgindo dum bosque perto de Le Catelet, em França, cercou um reduto francês de metralhadoras. Depois de ter reduzido a pó a posição, por meio de fogo de morteiros, o oficial alemão intimou os sobreviventes a render-se. Com grande surpresa da sua parte, viu aparecer entre estes um homem de 1,83 m. de altura e grande bigode, com as cinco estrelas de general no quepi. Pela segunda vez em 25 anos, Henri Honoré Giraud era feito prisioneiro de guerra dos alemães.

Foi uma humilhação amarga para um velho soldado que havia atingido o cume da carreira. Giraud tinha sido um oficial distinto desde 1898, quando terminou brilhantemente o seu curso na Escola Militar de St. Cyr. Mas a pouca sorte perseguia-o em combate. Na 1ª Grande Guerra, então capitão, foi ferido ao conduzir uma carga de baioneta dos zuavos, em Charleroi, e abandonado como morto num campo de prisioneiros, na Bélgica, de onde conseguiu evadir-se mesmo antes das suas feridas estarem saradas. Fingindo-se belga, arranjou emprego num circo ambulante como moço-ajudante.

Quando o circo chegou a Bruxelas, obteve o auxílio da enfermeira Edith Cavell, que conseguiu fazê-lo passar para a Holanda, de onde foi ter à Inglaterra. Embora permanentemente coxo devido aos seus ferimentos, reuniu-se finalmente ao seu regimento em França.

Durante os anos de paz prestou serviços distintos na África, e foi governador de Metz. Tambem ensinou na Escola de Guerra, onde teve como aluno certo capitão chamado Charles de Gaulle. Ao rebentar a 2ª Grande Guerra, fizeram-no comandante-chefe das forças aliadas na frente de Laon. Quando os alemães irromperam das florestas das Ardenas, ele correu para as primeiras linhas, a ver como deter a maré, e, durante um reconhecimento, foi surpreendido no reduto avançado de metralhadoras.

Sim, Giraud já tinha fugido uma vez; mas agora contava 61 anos, e a condição essencial para fugir é ser jovem. Apesar disso recusou-se a dar a sua palavra de que não tentaria evadir-se. Foi conduzido à sombria fortaleza de Koenigstein, empoleirada numa escarpada elevação de uns 400 metros de altura, com cada entrada duplamente guardada e sentinelas rondando cada 10 minutos.

Giraud começou imediatamente a formular os seus planos. Exercitou-se na língua alemã até ser capaz de exprimir-se sem o menor sotaque estrangeiro. Obteve um mapa dos arredores, e decorou todos os detalhes. Com os cordéis de pacotes que lhe mandavam, foi pacientemente tecendo uma corda, que aguentasse o seu peso de 90 quilos. Não

tendo conseguido fazê-la suficientemente forte, alguns amigos de França enviaram-lhe uns quatrocentos metros de arame de cobre, habilmente ocultos num presunto. Tinham-lhe permitido escrever cartas, naturalmente; mas o que os seus carcereiros não sabiam era que um prisioneiro inválido, ao ser repatriado, havia levado uma cifra para a esposa do general. Usando-a sob a forma de cartas inocentes na aparência, comunicou-lhe Giraud nos menores detalhes todo o plano. Nesse trabalho decorreu o resto de 1940 e 1941.

Tudo quanto possuia para vestir era o uniforme azul de general francês; mas o seu impermeavel podia passar por vestuário civil. No meio dos presentes que lhe chegaram, veio outro apetitoso presunto. Se os alemães o houvessem cortado, teriam descoberto dentro dele um chapéu tirolês!

Na manhã de 17 de abril de 1943, estava Giraud na varanda, vigiando a ronda das sentinelas. Tinha atado em volta do cinto um pacote de chocolate, biscoitos, o chapéu tirolês e a capa de borracha. Logo que a sentinela passou, ele atou a corda à grade da varanda e começou a descida dos 400 metros. Apesar de usar luvas, caiu-lhe a pele das mãos. Tinha guardado o anel de casamento no bolso do relógio: mas a corda tanto roçou que desfez o pano, e o anel foi perder-se para sempre nos rochedos ao fundo da ribanceira. As feridas antigas causavam-lhe dores agudas, mas lá conseguiu pôr pé em terra.

Manquejando, procurou o abrigo de umas árvores, raspou o bigode, pôs o chapéu tirolês e a capa de borracha. Duas horas depois chegou a uma ponte em Schandau, a uns 8 quilômetros dalí. Debruçou-se no parapeito e comeu tranquilamente o seu farnel. À uma hora, tal como havia sido planeado, um rapazinho magro, levando na mão uma maleta e o chapéu, dirigiu-se para onde estava Giraud. Era o sinal combinado, pois o moço tinha sido enviado por um amigo.

Na companhia do rapaz, Giraud dirigiu-se para a estação da estrada de ferro, e aí tomou o primeiro trem; trancado no lavatório, Giraud abriu a maleta, encontrando nela o seu terno civil de París, e papéis de identidade com o nome de um industrial e de um fotógrafo que se pareciam com ele sem o bigode, e algum dinheiro. Poucos minutos depois aparecia como um grave negociante, de aspecto distinto.

A seguir, tratou de pôr em execução a segunda parte do seu plano. Tinha sido lançado o alarme e os guardas da fronteira estavam alerta. Só poderia Giraud evitar ser preso se continuasse a viajar nos trens, até que cessasse o ruido causado pela sua fuga. Assim começou um ciclo ininterrupto de viagens através da Alemanha, durante uma semana.

Uma vez, perto de Stuttgart, os agentes da Gestapo começaram a verificar a estatura dos passageiros pelas suas cartas de identidade. Giraud não podia disfarçar o seu tamanho. Acontece, porem, que, viajando à sua frente um oficial do *Afrika Korps*, sorriu para este, e mencionou que tambem tinha passado muito tempo na África. O alemão pôs de lado a sua revista, deliciado por encontrar alguem que conhecia o deserto, e começaram a conversar animadamente.

Quando o homem da Gestapo se aproximou de Giraud, estava este explicando graficamente com as mãos a sua idéia de como Rommel podia bater os ingleses. O agente tocou no ombro de Giraud, intimando: «Cavalheiros, façam favor de mostrar-me os seus papéis.»

O oficial, ansioso por manifestar também o seu ponto de vista, olhou enfurecido para o agente, e gritou-lhe: «Vá-se embora. Como se atreve a interromper-nos?», e continuou a repreendê-lo. Como Giraud tinha previsto, o homenzinho desfez-se em desculpas e saiu.

Doutra vez, ao tomar um trem, o general notou que os agentes passavam uma busca a todos os passageiros. Demorou-se na plataforma até o último momento. Então, fazendo um esforço supremo de vontade, correu sem coxear. Com os óculos a tremer, as bochechas afogueadas, tinha todo o aspecto de um negociante alemão atrapalhado, esforçando-se por pegar o trem. Chegou a mencionar a importância vital que significava para ele aquela viagem. E a sua própria audácia o favoreceu, porque um dos agentes ainda ajudou o ofegante ancião a subir para a carruagem.

Atravessou finalmente a fronteira francesa. Esperava conseguir passar a linha de demarcação para a parte não ocupada, quando notou que os alemães faziam parar todas as pessoas cuja altura excedia 1,80 m. Regressou então, no mesmo trem, e atravessou o sul da Alemanha para a fronteira da Suiça. Mas tambem esta lhe apareceu hermeticamente fechada. Havia, porem, várias passagens pelas montanhas, e nem todas estariam sempre vigiadas. Uma noite pôs-se em marcha por um caminho menos frequentado. Subindo e zigue-zagueando por entre cumes e despenhadeiros, veio a dar inesperadamente com 3 soldados. Três baionetas caladas fecharam-lhe a passagem.

Então falou a um soldado, em dialecto suiço: estava salvo! Os guardas conduziram-no para Basiléia, onde deu a conhecer a sua identidade.

Os alemães ficaram furiosos, mas os suiços recusaram-se a entregá-lo. Giraud tentou finalmente passar para a França não ocupada, usando o velho logro de mudar de carro diversas vezes, nas solitárias estradas da Suiça.

Em 1914, quando escapou a primeira vez aos alemães, Giraud expediu um telegrama a sua mulher, logo que chegou salvo à Holanda: «Negócio concluido saude excelente afetuosamente Henri.» Agora mandou-lhe outro: «Negócio concluido saude excelente afetuosamente Henri.»

Com tudo isso, o general Henri Giraud não era um homem livre. A sua evasão espetacular apoderou-se da imaginação do entristecido povo francês, e ele tornou-se assim um ídolo nacional. Os alemães haviam perdido prestígio. Quando o marechal Pétain se recusou a entregar-lhes Giraud prisioneiro, os nazistas tentaram assassiná-lo. Foi então forçado a esconder-se, e compreendeu que tinha apenas trocado uma prisão por outra maior.

Mas a história ia arrancar Henri Giraud da obscuridade. A 24 de outubro de 1942, numa fazenda árabe da Argélia, conferenciava secretamente o general Clark com oficiais franceses favoraveis aos aliados, sobre a possibilidade de ocupação da África Francesa do Norte pelas tropas aliadas. Durante a entrevista, os oficiais franceses levantaram a questão da escolha de um chefe em volta do qual se reunissem as várias fações. O general Mast disse:

—Eu só posso indicar um homem— é o general Giraud.

O general Clark objetou:

—Mas ele é praticamente um prisioneiro em França.

—Deve ser trazido de lá em submarino.

Tal foi o atrevido plano posto em prática poucas noites depois, quando um submarino chegou à costa do Sul da França. O Serviço Secreto Britânico se havia comunicado com Giraud, e ele declarou-se pronto. Chegou à África a tempo de assumir o comando do exército francês, que com denodo combateu ao lado dos americanos na Tunísia. Hoje, aos 64 anos, o general Henri Honoré Giraud encontra-se mais uma vez lutando contra o seu velho inimigo.

Dinheiro em cima da chaminé

¶ Éramos crianças quando um dia recebemos um estranho presente, que ainda hoje nos serve. Numa tarde de inverno Mamãe encontrou-se sem cidrão para fazer o bolo de fruta, e mandou-nos ao armazem. «Vou dar a vocês uma nota de 5 dólares. Agora cuidado com o troco!» recomendou ela. Ouvimos distraidamente essas palavras.

O caixeiro talhou uma fatia de cidrão em meia-lua, e nós regressamos a casa, correndo e pulando sobre a neve. De repente eu me lembrei de que o caixeiro só me dera moedas, em troco, e nem uma nota! Voltamos a correr ao armazem: «Oh, não, minha menina! você me deu só uma nota de um dolar!» disse o caixeiro, com bom modo mas muita convicção. E continuou a pesar o seu chá e a sua pimenta... Magoadíssimos, agrupamo-nos à esquina, chorando. Um homem alto que passava, com uns grandes bigodes brancos, parou perguntou porque chorávamos.

«Esperem aquí por mim,» disse ele; e daí a pouco aparecia com quatro notas de um dolar. Ficamos loucos de contentes, com tanta sorte, mas lembramo-nos a tempo de lhe agradecer e dizer que Mamãe ficaria zangada se não lhe disséssemos quem dera o dinheiro. O sujeito rabiscou qualquer coisa num papelinho, que nós, chegados a casa entregamos a Mamãe.

«Mas filhos, aquí tem dinheiro a mais!» exclamou ela. «Eu falei que lhes ia dar uma nota de 5 dólares, mas afinal achei uma de um...» E acrescentou que, depois de cearmos, iríamos restituir o dinheiro àquele cavalheiro tão bom. O endereço era bem claro: 439 Rua Quatro. Mas quando lá chegamos não havia tal número: a numeração acabava no 325! E ninguem naquela rua se lembrava de tal sujeito.

Papai colocou o dinheiro sobre o mármore da chaminé, e Mamãe disse: «Havemos de o empregar em fazer bem a alguem.» Os anos passaram e o dinheiro foi ficando. Praticamos com ele muitos atos bons, mas sem nunca o gastar. Propunhamo-nos empregá-lo nisto ou naquilo, mas uma vez feita a despesa, nunca nos deu para ir à chaminé tirar o dinheiro que lá estava...

E sempre que olhava para aquelas notas, Mamãe suspirava: «E dizer que ainda há gente com tão bom coração neste mundo!» E quando Ana, a criadinha, limpava a sala aos sábados, levantava as notas e espanejava o mármore: «Ah, boa gente que há nesse mundo!» Quando as visitas perguntavam que dinheiro era aquele, nós contávamos para elas a história. E aquele dinheiro ajudou assim muita gente...

—Margaret Lee Runbeck, na *Good Housekeeping*

¶ Como averiguar que aptidões possuimos, por um novo sistema de «engenharia psicológica».

Qual é ao certo a sua vocação?

(Condensado de «Nation's Business»)

Por Edwin Muller

HÁ VINTE ANOS passados, ocorreu a um jovem engenheiro da General Electric que há um número excessivo de pessoas trabalhando em serviços ou tarefas que não condizem com as suas aptidões pessoais. Sentiu-se abismado pelo desperdício de material humano que tal fato representava. Não seria possivel analisar os homens — como certas substâncias — por meio de laboratórios especializados? Passou a estudar a questão, tomando como campo de experiência e observação os próprios empregados da companhia, e submetendo-os várias vezes a uma série de testes.

Organizou, então, o Laboratório de Mecânica Humana, dirigido por Johnson O'Connor. Sob a sua orientação, mais de 70.000 pessoas foram examinadas em laboratórios de Nova York, Boston, Chicago e Filadélfia, sob o ponto de vista das suas inclinações naturais. Os técnicos desta organização são convidados com frequência a examinar alunos e empregados em colégios e firmas comerciais, o que fazem à razão de dez dólares por teste, com despesas pagas.

Vejamos em que consiste o método. Ao ter início o teste, o examinado senta-se em frente a uma jovem, munida de um relógio despertador. Entrega-lhe esta um pequeno bloco formado por pedacinhos de madeira de várias dimensões, encaixados um no outro, e permite-lhe examiná-lo atentamente durante alguns segundos. Separa a seguir as peças, e pede que as ponha de novo encaixadas, o mais depressa possivel.

Desde logo ficará pertencendo o paciente a uma de duas classes de seres humanos. Ou bem coloca as peças no lugar acertado em pouco mais de 30 segundos, ou começa a hesitar, errando aquí e alí, levando às vezes meia hora para encaixá-las.

O'Connor denominou este primeiro teste: visualização estrutural. É a qualidade essencial aos engenheiros, arquitetos, e todos os que lidam com assuntos de mecânica. Os engenheiros cuja carreira foi coroada de êxito, executam sempre o teste com maior perfeição do que a média geral. Uma turma de estudantes de engenharia do Instituto de Tecnologia Stevens foi submetida à experiência em questão. Dez anos depois, verificou-se que os mais habeis no teste ocupavam, como engenheiros, posições que lhes garantiam largos vencimentos. Entre os que tinham fracassado no exame, só aqueles que haviam abandonado a carreira conseguiram vencer... em outros ramos de atividade.

Para a segunda classe de aptidões — imaginação criadora — faz-se o teste seguinte: a jovem entrega ao paciente um pedaço de papel e um lapis, e pergunta de chofre: «Se a terra de repente deixasse de girar em torno do seu eixo,

que sucederia? Quais as idéias que lhe ocorrem? Escreva-as o mais depressa que puder.»

Ou bem o sujeito desanda a escrever furiosamente, ou fica a olhar o papel até que o despertador dê o sinal decisivo, o que sucede ao cabo de cinco minutos.

A imaginação criadora, segundo O'Connor, é essencial, não só aos escritores, mas aos agentes de vendas, aos professores, aos gerentes de casas comerciais, aos que trabalham em pesquisas de toda natureza, e a muitas outras profissões. É dispensavel — e pode mesmo ser prejudicial — para chefes de serviço e contabilistas.

Outros testes ainda determinam se temos ou não aptidões para cálculos e números. A habilidade dos dedos é avaliada por meio de pequenas cavilhas que devem ser apanhadas de três em três, e colocadas tão depressa quanto possivel em pequenos orifícios do tamanho estritamente necessário para contê-las. A aptidão para o manejo de instrumentos é calculada por meio do mesmo teste, sendo que, desta vez, as cavilhas são apanhadas com pinças. Embora pareça estranho, estas duas aptidões nada têm de comum uma com a outra.

Ao cabo de três horas, a jovem examinadora dá o teste por acabado até o dia seguinte, sendo o examinando então submetido a outra sessão, que dura exatamente o mesmo tempo. Já foi então classificado quanto a treze aptidões.

São essas qualidades inerentes, e não adquiridas. Após três meses de prática com as cavilhas, por exemplo, a destreza dos dedos terá aumentado de uns dez por cento. Mas, feito um teste equivalente, verificar-se-á que não houve progresso algum. Do mesmo modo, se o indivíduo não possue, de natureza, aptidões musicais, como «bom ouvido», etc., não há educação nem treinamento que possam fazer com que ele as adquira.

O principal é descobrirmos quais são as nossas inclinações naturais, e como tirar proveito delas. Todas as tarefas, a não ser as mais chãs, requerem o uso de diversas aptidões. Não há vantagem todavia em ter-se um número excessivo destas. Em cada dez pessoas, nove terão pelo menos quatro aptidões diferentes, o bastante para vencer na vida, se bem orientadas. O Laboratório averiguou que há poucas tarefas — talvez mesmo nenhuma — que as mulheres não possam executar tão bem quanto os homens.

Uma inclinação natural que não seja aproveitada pode, segundo O'Connor, prejudicar a natureza do indivíduo. Um operário, por exemplo, empregado numa tarefa para a qual apresenta as aptidões necessárias, sentir-se-á insatisfeito, se uma das habilidades que possue não estiver sendo aproveitada no trabalho em questão.

Há que considerar tal fato, hoje mais do que nunca, quando os empregadores estão perdendo, devido às circunstâncias, tão grande número de operários. A melhor solução é estabelecer um sistema em que os operários de cada fábrica trabalhem em várias sessões sucessivamente, afim de que assim se descubra quais as habilidades que cada um deles possue. Em vez de despedir um guarda-livros que não estava desempenhando bem as suas funções, o gerente de uma fábrica de ferramentas enviou-o ao Laboratório. O homem saiu-se bem do teste sobre cálculo, mas obteve um resultado igual no teste de «estrutura». Alí estava, portanto, uma nova aptidão que não havia sido utilizada. A conselho do Laboratório, transferiram-no para

um departamento de contabilidade em que entrava em contacto direto com as ferramentas. Desde então, passou a ser um ótimo empregado.

O'Connor só costuma dar conselhos decisivos sobre a vocação do indivíduo em certos casos definidos que não deixam lugar a dúvidas. Geralmente, a pessoa é informada das aptidões que possue, fazendo, então, a sua própria escolha. Terá muito maiores probabilidades de êxito na carreira escolhida, se souber quais as habilidades que possue, e procurar utilizá-las devidamente.

O Laboratório aconselha os pais a submeterem seus filhos à experiência. O'Connor considera um erro o fato de que em geral se costuma retardar a escolha da carreira. Submeteu seu próprio filho aos testes, quando este completou onze anos de idade. Como o pequeno se saisse muito bem do teste de «estrutura», O'Connor procurou encorajá-lo ao estudo da engenharia. Forneceu-lhe entre outras coisas uma boa biblioteca sobre a especialidade. Atualmente o jovem O'Connor tem a seu cargo o desenho de instrumentos para uma fábrica de aparelhagem aeronáutica, com cerca de seiscentos operários e técnicos sob a sua direção.

Claro está que o êxito, em qualquer terreno, não depende apenas de qualidades inatas. Dispondo de energia e força de vontade, qualquer indivíduo é capaz de vencer suas próprias deficiências. É um engano tambem presumir que, tendo as necessárias aptidões, o triunfo é certo. Não há que exagerar o valor das mesmas, descuidando-se, por isso, o saber e a perícia—isto é, em outras palavras, as qualidades que podem ser adquiridas, em contraste com as que nos são inatas. Um rapaz que entra para a escola de medicina poderá possuir as aptidões indicadas—destreza no manejo de instrumentos, visualização estrutural, e subjetividade—todos os requisitos necessários a um cirurgião. Mas se não tiver o estímulo e o interesse necessários para estudar a fundo tudo o que a cirurgia acumulou em teorias e fatos, e se não aplicar devidamente as qualidades que possue, fracassará completamente na sua profissão.

A fórmula do êxito será, segundo O'Connor: procurar averiguar no começo da vida quais são as suas aptidões, e qual o trabalho que melhor lhe convem. Depois, trabalhar sem descanso afim de adquirir os conhecimentos e habilitações necessárias na carreira que escolher.

¶ Um operário, visivelmente cansado, com um capacete de soldador na cabeça, entrou em um trem subterrâneo apinhado de gente e, com consideravel agilidade, conseguiu um lugar para sentar. Em seguida, colocou um despertador entre os joelhos e adormeu imediatamente. Dez minutos depois, os passageiros se sobressaltaram ao ouvir tocar inesperadamente o relógio. Sem um olhar sequer aos seus companheiros de viagem, que sorriam admirados, o operário travou o alarme, esticou as pernas, olhou pela janela do trem—sim, era a sua estação—e saiu...

—Alan H. Kane

História verdadeira de um náufrago feliz

Jangada com sala e quarto

(Condensado do «Coronet») · *Por Beril Becker*

«Dê o sinal de socorro. Fomos torpedeados!» O rádio-telegrafista Harley A. Olson salta da cama. Manipula desesperadamente o rádio, mas o aparelho não funciona. Toda a gente a bordo se mete em salva-vidas. Finalmente, abandonando o seu posto, ele tambem salta nas águas turvas, e começa a nadar.

De repente, na escuridão, seus dedos tocam um objeto sólido. É uma das jangadas salva-vidas do navio. Subindo nela, pensa no que terá acontecido ao resto da tripulação, mas os seus chamados não são respondidos. (Os demais tripulantes foram recolhidos mais tarde por um navio.) Seu primeiro sentimento de pânico desaparece, ao recordar que a jangada em que se acha tem provisões para quinze homens, durante várias semanas.

Vendo agora melhor nas trevas, observa alguns pacotes pequenos, flutuando nas visinhanças, e apanha um deles. Cigarros! Recolhe 50 pacotes. Pouco depois, outra balsa surge nas sombras, e ele não perde tempo em amarrá-la à primeira. Um sofá tambem aparece entre os destroços, e é içado. E qual não é o seu espanto, quando depara com uma terceira jangada! Olson quase não acredita em seus próprios olhos. Não somente se tornou o almirante de uma pequena frota, mas já está de posse de um quarto de dormir. Com o sofá e várias caixas, arranja uma cama, sobre a qual põe um dossel de lençóis.

Na manhã seguinte, Olson fez uma refeição real, com suco de tomate, sardinhas e biscoitos. Seu jantar foi uma festa, com feijão e peixes de lata. No dia seguinte, com uma rede feita de ataduras, apanhou alguns peixes. Construiu tambem uma espécie de habitação com caixas de alimentos, e improvisou uma vela com um jogo de bandeiras usadas para fazer sinais de socorro.

O mar estava calmo. Quando fazia calor, Olson tomava um banho de mar e gozava uma sesta ao sol, com todo conforto. Pela tarde, fazia uma marca no «mastro», para contar um dia a mais, fumava um cigarro depois do jantar, e dava um passeio pelas duas outras balsas amarradas à sua «casa». Nem um príncipe viveria tão descuidada e confortavelmente.

O «turismo» de Olson durou 28 dias. Então, apareceu um comboio, e um caça-submarinos recolheu-o a bordo. E pela primeira vez, Olson entrou em complicações. O capitão do navio não podia acreditar na sua história. Certamente ninguem poderia ter aparência tão saudavel, depois de passar quatro semanas em uma jangada perdida no alto mar. Onde as faces chupadas, os olhos fundos, que os náufragos sempre têm? Sem dúvida, era um suspeito, vindo de um submarino inimigo, fazendo-se passar por náufrago, para

ser levado para os Estados Unidos, em serviço de sabotagem.

Assim, quando Olson desembarcou em Key West, os agentes da polícia secreta estavam no cais, à sua espera. Ficou incomunicavel, até que as suas impressões digitais foram verificadas nos arquivos da Marinha Mercante, e só então foi posto em liberdade. Olson era, provadamente, um cidadão norte-americano. Um homem do mar, sim senhor, natural de Portland, Oregon.

Três tipos de capitalismo. Qual deles oferece a um moço pobre melhores possibilidades?

No capitalismo do povo está a solução

Por Eric Johnston
Presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos

Num artigo recente, defendí sem ambages o capitalismo. Não foram poucas as cartas que me vieram às mãos, aprovando os meus pontos de vista. Alguns leitores, contudo, perguntaram-me: «Qual capitalismo? Dirigido por quem?»

São perguntas que têm cabimento. Sob o aspecto estritamente econômico, existe capitalismo em toda parte. A própria Rússia tem o seu capitalismo. Lá, como aquí, o dinheiro é reunido em *fundos de capital*, e depois utilizado em *aplicações de capital*, como sejam a aquisição de novas máquinas, ou a instalação de novas fábricas. Isso é feito pelo Estado, e à força; mas é feito, e em escala gigantesca.

Há os capitalismos da Itália, da Alemanha, da Espanha. São todos «fascistas», mas diferem quanto à soma de poder que o Estado exerce no caso.

Os capitalismos das democracias tambem variam. O inglês é diferente do americano, e dentro do americano há diferenças, pois, se tem um forte pendor no sentido de abrir a todos as oportunidades devidas, não deixa de propender, por outro lado, para a dominação por alguns. Não podemos dizer propriamente: escolhamos entre capitalismo e totalitarismo. Os termos devem ser outros: *escolhamos entre os vários capitalismos.*

Vejo no mundo três formas principais de capitalismo.

Há um capitalismo burocrático. Sou contra ele, no seu supremo florescimento em Moscou, e nos rebentos com que se esboça em Washington.

Há um capitalismo de monopólio e especiais privilégios. Sou contra ele, onde quer que se apresente a pretender o comando, seja na Europa ou na América.

Mas há por fim um capitalismo *do povo*. Dele venho. Quero vê-lo sobreviver para todos os jovens americanos,

de ambos os sexos e condição humilde, que vierem depois de mim. E não só sobreviver, mas *triunfar*. Inclino-me a crer que só os Estados Unidos poderão conduzir o mundo para uma forma final de capitalismo a que se poderia dar o nome de *capitalismo de toda a gente*.

A essência do capitalismo burocrático é que a burocracia se apossa do dinheiro do povo, e converte-se praticamente nos únicos capitalistas do país, a aplicar e gerir capitais.

Tal justamente a hipótese da Rússia. Toda empresa ou negócio russo, de vital importância, é propriedade do Estado, mas tambem paga taxas ao Estado. Os impostos são tão altos que não raro chegam ao dobro, se não até ao quádruplo dos preços das próprias coisas indispensaveis à vida dos consumidores em geral. Com o seu produto se pagam as despesas ordinárias do governo, restando somas imensas que, transformadas em *capital*, passam a ser empregadas em novos desenvolvimentos industriais, *a inteiro arbítrio da burocracia*.

Em seguida, levanta-se mais capital por meio de empréstimos. Muitos russos dispõem de economias. Um operário russo, sem maior aptidão, pode ganhar apenas cem rublos por mês, mas em média um dos que trabalham nas linhas de montagem receberá o dobro, e um realmente de primeira ordem fará jus mensalmente ao salário de 600 rublos, ou mais. Um superintendente, por exemplo, que descubra algum sistema para acelerar a produção, não será de estranhar que ganhe 10 mil, ou receba prêmios especiais de 50 mil ou 100 mil rublos. São pois numerosos os russos que têm bastante dinheiro para lançar por conta própria um negócio. Só lhes restam, porem, dois caminhos: ou gastar o que vão ganhando, ou adquirir títulos do governo, emprestando portanto à burocracia.

Suponhamos que ocorra a um deles estabelecer uma fábrica de helicópteros. Os burocratas poderão dizer-lhe: «Não. Você vai fazer tubos eletrônicos para fornos elétricos de ignição. É o de que a Rússia está necessitando. Nós pensamos assim. Vamos então tomar o seu dinheiro, sob a forma de impostos e empréstimo, e aplicá-lo no serviço que, a nosso juizo, é o que melhor lhe convem.»

Agora, enquanto Moscou por um momento se cala, vai tendo a palavra Washington. Tereis ouvido, sem dúvida, os «aplicadores oficiais de dinheiro». Dizem eles:

«A empresa privada americana vai-se revelando impotente. Nela não há mais espaço bastante onde empregar convenientemente as vossas economias. Entraremos na posse destas por via de tributos, e daremos a bilhões de dólares a aplicação que *nos* parecer oportuna. Não sabeis o que fazer com o dinheiro que tendes de sobra. Nós sabemos.»

Em Moscou e em certos altos círculos de Washington, esse programa é distinguido com o nome de «democracia econômica». Trata-se, não há negá-lo, de um mecanismo capaz de funcionar, e a Rússia o demonstrou. Nada, porem, tem a ver com *democracia* econômica. É apenas mais uma forma da *dominação* econômica por alguns. Sou contra, porque concordo com o velho Samuel Adams, da nossa Revolução Americana: «Creio mais na sabedoria de muitos que na de poucos.»

Pela mesma razão revolucionária americana, oponho-me ao capitalismo que permite monopólios, ou concede privilégios especiais. A essência de tal capitalismo é que visa à dominação por firmas particulares, já estabelecidas.

Observa-se o fenômeno em sua plenitude na Inglaterra.

No período anterior à guerra, muitas indústrias fundamentais britânicas, através das suas associações de comércio, manobravam os mercados, regulavam os preços, e erguiam obstáculos a qualquer estranho que tentasse penetrar-lhes os redutos. É o que se pode chamar o capitalismo monopolista. O *Economist*, de Londres, uma das grandes publicações do mundo no seu gênero, denominou-o «uma conspiração do ineficaz».

Este capitalismo foi declarado proscrito nos Estados Unidos, desde que entrou em vigor, em 1890, a Lei Sherman contra os trustes. Mas o esforço por manter algumas de suas práticas continua a fazer-se sentir, embora subterrâneo. Periodicamente, o assunto vem à tona, trazido aos tribunais. Nossos arquivos judiciários guardam provas das tentativas de carater monopolista, no sentido de suprimir a livre empresa neste livre país.

De ordinário, os homens envolvidos em tais planos não têm intenções criminosas. Tãopouco me insurjo contra a imensa expansão de suas atividades. Alguns dos nossos negócios de mais vulto figuram entre os mais democráticos. Praticam a livre competição, e deixam a competição aberta a todos. Quero apenas referir-me à supressão da competição. E pergunto:

Como pode um homem de negócios americano atrair a opinião em favor da livre empresa contra a dominação oficial, quando pratica ou tenta praticar uma política de dominação em sua própria indústria? Como não lhe acudir, desde logo, que o povo preferirá em todo caso o domínio de um governo oriundo de seu voto ao de indivíduos privados não eleitos por ele? Como não compreender que o capitalismo monopolista não conduzirá a outra coisa senão, e diretamente, ao capitalismo burocrático?

É aliás, e como grande lição, o que os homens de negócios britânicos estão sendo compelidos a reconhecer no momento. Virtualmente, cada plano que surge na Grã Bretanha, para uma «Inglaterra melhor» após a guerra, vem cheio de propostas consagrando o princípio do controle e exploração governamental, em matéria econômica.

A Rússia é governada por uma burocracia metida numa blusa de operário. A Inglaterra, a menos que mude de rumo, caminha para entregar-se à direção de uma burocracia de gravata, à velha moda.

Só há um capitalismo que está a prova de fogo contra o que chamamos burocrático: é o *capitalismo do povo*.

Um capitalismo do povo exige, para que exista, certas condições preliminares:

Um povo que tenha no bolso economias, isto é, capital.

As portas dos negócios abertas cada vez mais a todos que por elas queiram entrar, com o seu capital, ou as suas economias, ainda que seja na menor escala.

Honesta competição nos negócios, de modo a tornar os preços mais e mais reduzidos, aumentando em consequência a capacidade de compra, as economias e o capital do povo.

Um capitalismo do povo coloca no primeiro plano o povo, no seu conjunto. Vai alem daquele ditado: «O que é bom para o negócio, é bom para você.» Adota outro, melhor: «O que é bom para o povo, é bom para o negócio.»

Por conseguinte, um capitalismo do povo recebe de braços abertos as sociedades cooperativas, não subsidiadas, que lutam legitimamente por assegurar aos lavradores lucros adequados, ou as uniões trabalhistas que fazem o mesmo em defesa de justos salários para os trabalhadores. É que ele está convencido de que tanto mais se enriquecerá quanto mais próspero o povo estiver. Um povo em prosperidade importa em maior mercado, permitindo maior expansão às atividades do negócio, com o afluxo de novos capitais—e um capitalismo do povo reclama sempre o concurso de novos capitais e novos capitalistas.

Um capitalismo do povo considera que, quanto maior for o número de *criadores* de emprego, mais empregos haverá. Não rejeita, nesse sentido, o auxílio do governo. Tenho ouvido dizer algumas vezes: dêem-nos um governo «neutro», que se não meta no assunto. Mas governo assim nunca houve! Nenhum governo pode manter-se neutro para com a vida econômica do seu país; todo governo ajuda, sem cessar, *algum* capitalismo. O próprio governo dos Estados Unidos tem auxiliado ora o capitalismo monopolista, ora o burocrático.

Quando, porem, evitou que as planícies do Oeste se convertesse numa área de grandes feudos, delas fazendo, ao contrário, por meio da Lei do Homestead, uma zona de pequenas propriedades agrícolas, promoveu, nem mais nem menos, um capitalismo do povo.

O governo devia estimular, tão só e exclusivamente, o capitalismo do povo. Pode fazê-lo de diferentes modos—mas basicamente o fará, encorajando o mais que for possivel quantos façam surgir novas empresas, aplicando ou angariando a seu serviço novos capitais.

Especificamente, pode o governo reformar o sistema tributário, para ajudar as novas pequenas firmas a dar os primeiros passos, e as velhas a melhor desenvolver-se. Presentemente, é raro que, tendo alguem dinheiro disponivel, o empregue fundando negócios que vão competir com outros, já porventura estabelecidos. Os impostos que teria de pagar, são de fato proibitivos. O dr. Summer Slichter, da Universidade de Harvard, estimou em bilhões de dólares a soma de economias e capital, que assim se tem desviado de aplicação, nos Estados Unidos, em novas empresas industriais. O governo americano, que se julga progressista, é, nesse particular, extremamente reacionário. Repelindo o novo, fortifica o antigo. Cumprir-lhe-ia, de preferência, dizer a cada dolar por aplicar:

Se você fica ocioso, paga impostos *integrais*. Mas, se você promover um novo negócio, ou a expansão de um dos já existentes, expondo-se pois ao risco de uma perda total, enquanto procura dar ao país as vantagens de um novo benefício, ser-lhe-á concedido um período de ensaio de impostos *atenuados*. Tratar-se-ia, no caso, de uma tributação de *incentivo*—tributação que promove o progresso e um capitalismo do povo.

A oportunidade para pôr em prática tais coisas é *justamente agora*. Em todos os setores, os cientistas industriais vão rasgando novos horizontes. Estamos a vê-los extrair do petróleo novos ingredientes para novas borrachas sintéticas, novas drogas, novas tintas, e novos materiais plásticos em combinações nunca dantes imaginadas. Centenas de novos negócios poderão surgir, tão somente, de subprodutos do carvão, ou das granjas e florestas.

Nossas publicações industriais acenam, alvoroçadas, com a promessa de novos empreendimentos eletrônicos, metalúrgicos e químicos. Tudo isso é em grande parte resultado de esforços e experiências de empresas veteranas. Mas os novos produtos muito esperam da colaboração dos recem-vindos. Eu tenho a maior estima por meus colegas, homens de negócios, já há muito estabelecidos. Penso, porem, que eles mesmos prosperarão mais ainda, se os novos vierem vindo—em multidões.

Sei aliás que estes últimos se vão dispondo a responder ao apelo. Outro dia, tive ocasião de conversar com um jovem que ocupa certa posição oficial nos meios do trabalhismo. Estava em uniforme, de partida para alem-mar. A dada altura, eu lhe disse: «Quando você regressar, imagino que espera ser um destacado lider trabalhista.»

Mas ele surpreendeu-me:

«Não, não,—foi logo dizendo. —Quando eu voltar, vou ver o meio de estabelecer um negócio que seja meu!»

Esse espírito ainda vive, aquí, nos Estados Unidos, como em nenhuma outra parte. Ao retornarem à normalidade, os nossos jovens, agora nas fileiras, espalhados por todo o mundo, quererão encontrar na sua pátria um país *aberto:* aberto a eles, para que possam conseguir empregos; aberto a eles, para que sejam, se assim desejarem, líderes trabalhistas; mas tambem aberto a eles, para que possam conseguir empregos; para que venham a ser, se preferirem, patrões ou empregadores; aberto a eles, para que lhes abra livremente o campo da exploração do novo e ilimitado território da ciência industrial; *aberto em suma a eles, para que tenham uma oportunidade de experimentar a sua sorte.*

Sem esse espírito, os Estados Unidos, com o tempo, viriam aumentar o número dos modernos paises mendigos, onde os cidadãos se reduzem a suplicar empregos a uma meia dúzia de poderosos, instalados em postos culminantes, do governo, ou dos negócios. Haveria excesso em cima e em baixo; nunca, porem, no *meio*.

O essencial, entretanto, num capitalismo do povo é justamente a expansão da parte média. Conduz o povo a ter dinheiro, e arriscá-lo; e tem convicção absoluta de que produzirá colocações, melhor que qualquer outro capitalismo, porque produz gente—e gente empreendedora—como nenhum outro o fará.

Discordo completamente dos que dizem que o nosso sistema econômico americano deve acompanhar o que se donomina a «maturidade» dos sistemas econômicos europeus. Sustento que o de que necesitamos é um americanismo renovado que nos dê um novo surto de liberdade econômica; é o aparecimento de outro Lincoln, para darmos aos paises europeus, que estão a escolher somente entre a plutocracia e a burocracia, o exemplo de uma grande economia, *do* povo, *pelo* povo, *para* o povo.

É essa a maior contribução com que aos Estados Unidos será permitido concorrer para a construção de um mundo livre.

¶ A TRISTEZA é a ferrugem da alma. A atividade limpa-a e torna-a brilhante.

—Samuel Johnson

¶ *Meu tipo inesquecivel*

Mamãe ficou na nossa memória

Por Edwin Balmer

Redator do «Redbook Magazine»

MAMÃE tinha o cabelo claro e os olhos azues — grandes olhos pensativos, demorados. Sendo eu apenas um gurí de palmo e meio, lembro-me bem que ela, tão jovem ainda, costumava estudar-me com o seu olhar sereno e azul pousado em mim. Sei hoje, adulto, o que queria dizer aquele límpido e pensativo olhar.

«Que é que eu poderei dizer ao meu filhinho—perguntava ela a si própria—para o ajudar a entender e a apreciar este mundo em que o lancei?»

Andava eu nos meus sete anos, quando um dia mamãe, tendo saido, deixou a casa entregue ao meu cuidado por bem uma hora. Vendo-me senhor de tudo, concebí e executei um plano ambicioso: erguí uma pirâmide de mesas e cadeiras, tão alta que quase tocava o teto, e marinhei até ao cimo dela. Mas a pirâmide desabou—eu apanhei um quedaço, e duas das nossas melhores cadeiras ficaram em cacos.

Quando chegou a casa, mamãe procurou antes de mais nada verificar se eu não estaria contuso ou ferido, e em seguida sentou-se ao meu lado, sossegadamente. Seus lábios não soltaram uma palavra de censura. Tomou-me uma das mãos nas suas mãos firmes e delicadas, e disse:

«Uma cadeira é uma coisa bem engraçada. Houve tempo em que não havia nem uma só cadeira no mundo! A gente se sentava em cima duma pedra, ou dum toco, ou até mesmo no chão. Correram talvez milhares de anos, quem sabe, antes que a ninguem ocorresse a idéia de pôr pernas por baixo de um assento para fazer uma cadeira. Durante muito, muito tempo, só os chefes das tribos tinham cadeira; passaram centenas de anos antes que houvesse cadeiras para toda a gente...

«Foi então que alguns homens se meteram a trabalhar para fazer cadeiras que fossem, alem de confortaveis, bonitas tambem... No século XVIII viveram uns homens que desenharam umas cadeirinhas tão graciosas, que desde então ninguem conseguiu talvez ainda melhorá-las muito; de modo que a maioria das cadeiras que hoje vemos, são copiadas dessas que foram feitas há mais de cem anos...»

«E as nossas cadeiras tambem são?» perguntei. Ela tão tinha dito palavra a respeito das cadeiras que eu tinha escangalhado.

«Certo. A maior parte são cópias das cadeiras feitas por esses homens do século XVIII...»

Foi passado pouco tempo que eu tive de enfrentar pela primeira vez a morte. Meu amigo Albertinho, robusto e ativo garoto de minha idade, tinha falecido quase de repente. Mamãe compreendeu logo que eu ia atravessar um sério momento da minha vida, talvez até aterrador para mim. Alberto e eu tínhamos cantado juntos no coro da igreja: e agora eu tinha que ir cantar no seu funeral. Alberto marchara sempre a meu lado nas procissões...

Estava eu no meu quarto, engraxan-

do com todo vagar os meus sapatos pretos de gala, quando mamãe abriu a porta e entrou. Sem dizer uma palavra sequer a respeito de Alberto, limitou-se a ajudar-me a pôr o meu colarinho branco, engomado; depois, com aquele seu modo tão quieto, beijou-me, teve-me apertado um momento em seus braços, e saiu.

Na igreja, quando começamos a cantar, senti a falta da voz de Alberto. Eu bem via o caixão dele, mas não podia crer que Alberto estivesse alí encerrado, sob a montanha de flores que o cobria. Olhei para mamãe: estava mesmo lá na frente, e enquanto durou o serviço religioso ela ficou sentada, muito direita, sem tirar os olhos de mim. Finda a cerimônia, deixou-me voltar só para casa, como de costume. Quando eu estava no meu quarto, tentando desatar os sapatos, ela entrou novamente.

—Você nunca há-de esquecer Alberto, não é verdade? disse ela, ajoelhando para me ajudar a desfazer um nó cego.

—Nunca, respondí.

—Veja, meu filho, afinal a morte não é o fim de tudo. Nem mesmo na Terra ela é o fim das coisas...

—Mas eu nunca mais torno a ver Alberto!

—Sim, porem te lembrarás dele. Todos aqueles que o conheceram se lembrarão de Alberto, que era um bom rapaz, corajoso e afavel. Merecia viver, e por isso ficará vivo na nossa memória. E você viverá tanto quanto merecer viver, mesmo depois de ninguem mais poder vê-lo.

E com essas palavras tão simples ela modificou por completo a minha maneira de encarar a morte: de medo que era, ela passou a desafio—sentimento que, até hoje, me não abandonou mais.

Mamãe era franzina, mas muito enérgica. Trabalhou em obras de assistência social e comitês de caridade em Chicago; escrevia histórias para revistas, cantava, e jogava muito bem o *whist*. Era um dos firmes pilares da sua igreja; e, sobre tudo isso, tinha quatro filhos.

Numa época em que, em toda a América, só umas escassas centenas de moças frequentavam o ensino superior, mamãe tinha entrado no Vassar College com 16 anos incompletos. Mas a sua sede de saber não se aplacou com o diploma. Repetia-nos frequentemente: «Meditem nas coisas que vêem! Nunca se contentem só em olhar para elas. Meditem nelas! Meditem em quem as teria feito, e de que modo. E acima de tudo, meditem como é que seria possivel melhorá-las. Nunca deixem de meditar!»

«O saber pode dar-nos o poder e outras vantagens práticas,—repetia com frequência—mas pode-nos dar ainda alguma coisa de muito mais agradavel e duradouro: o apreço dos outros!»

Estava sempre disposta a privar-se de quanto fosse necessário para ajudar a gente nova a receber alguma educação. Ouví uma tarde, por acaso, uma discussão entre papai e mamãe, a respeito de roupas, e papai, sabendo que eu tinha ouvido e, provavelmente, interpretado mal, explicava-me mais tarde o caso, nestes termos: «Mamãe não vem gastando com ela mesma o dinheiro que devia. Está auxiliando duas meninas a estudar. Já lhe disse que lhe daria o dinheiro que fosse necessário para isso, e a resposta déla foi que, nesse caso, não seria *ela* quem estaria ajudando as meninas... Aí tem você o que é mamãe.»

Nossa casa não ficava longe de Evanston, no Ilinóis, e minha irmã mais velha entrou comigo para a Universidade Northwestern. Meu irmão ainda estava então tirando os preparatórios, e uma

irmãzinha muito mais nova que tínhamos, andava no jardim de infância vizinho da nossa casa.

Foi num domingo de manhã, à mesa, que mamãe, casada havia então precisamente vinte anos, anunciou que ia entrar de novo no College! «Vou ficar ausente de casa só durante as manhãs, e um bocado da tarde,—disse—e ninguem me venha para cá dizer que estou deixando meus filhos ao Deus-dará, quando vou ficar todos os dias com metade deles na Northwestern...»

Bem que o não quisesse, de começo eu não pude deixar de experimentar ressentimento por isso. Pois se ela até se tinha matriculado em um dos cursos que eu estava tirando! Mas a justiça manda que se diga que ela nem de longe se conduziu nunca como minha mãe, na classe, e nem sequer o aparentava. Todos gostavam dela e mamãe se portou de tal maneira, que eu não podia deixar de me sentir orgulhoso. Ela colou o seu grau no mesmo período em que recebí o meu.

Uma das suas melhores amigas, que não tinha papas na língua, disse-lhe ao dar-lhe os parabens pelo grau: «Helen, já que você não faz tenção de se dedicar ao ensino, eu com franqueza não percebo que utilidade têm esses dois anos que você passou no College!»

Sim, de princípio não era facil vê-lo. Mas não tardou muito tempo que três de nós, os filhos mais velhos, nos casássemos, e nossa irmãzinha mais nova foi para o colégio interno. Mamãe estava então nessa idade em que muitas mulheres, à falta de alguma coisa que fazer, preenchem seus dias com coisas as mais triviais. Mas mamãe é que nunca se encontrou com as mãos a abanar, nem foi nada de trivial o que ela empreendeu fazer: um estudo, nada menos, das origens da religião e das idéias morais!

Foi aquela uma década de descobertas e deciframento de importantes inscrições egípcias e assírio-caldaicas: andavam os eruditos a desenterrar e a publicar os veneraveis textos das primeiras tentativas de comunicação verbal entre os homens e Deus... Esse trabalho fascinava mamãe, e ela o acompanhava através de publicações, tão de perto quanto lhe era permitido. Conseguiu mesmo interessar nisso a papai, e quando este liquidou seu negócio, para se retirar à vida privada, fizeram juntos uma jornada ao Egito.

Tivemos a alegria de saber que um dos maiores arqueólogos da época dissera a papai que, depois da satisfação de escavar e revolver o Vale dos Reis, o maior prazer dele era encontrar uma pessoa tão apta a compreender quanto mamãe...

Não poderia ela ter achado melhor ocupação, nem interesse mais absorvente para papai, que levaria nisso todos os anos de vida que lhe restavam. Pouco depois da morte dele, mamãe teve que se aguentar sob outro golpe tremendo: a morte de meu irmão. Não correra muito tempo, já mamãe empreendia sozinha uma viagem ao estrangeiro. Não que eu me preocupasse com ela: bem sabia que, onde quer que fosse, ela andaria estudando alguma coisa.

Escreveu-me da Universidade de Oxford, contando-me que estava procedendo a certas leituras especiais na biblioteca. Quando, um ano depois, regressou a penates, fiquei sabendo que ela estivera estudando as raizes babilônicas e sumerianas da Bíblia Sagrada, como já antes tinha estudado as origens egípcias da mesma... Quanto ela progredira em tão curto lapso, eu só viria a sabê-lo por um dos maiores eru-

ditos da Inglaterra, quando ele lhe remeteu as provas de um livro que estava preparando, e veio visitá-la algum tempo depois, ao encontrar-se nos Estados Unidos.

Mamãe andava então nos setenta, e seus dias nunca lhe pareciam bastante compridos... E era um espetáculo tocante e animador, assim para os filhos como para os netos e pessoas de amizade, vê-la sustida e inspirada a vida inteira pela sua paixão do significado profundo das coisas e da sua íntima compreensão.

Faz pouco tempo, percorrendo a estante que se encontrava ao lado da cama onde ela faleceu, tirei e abrí um livro e pus-me a folheá-lo ao acaso. Encontrei uma passagem marcada, trecho da inscrição de uma pirâmide, referente ao rei Unis, que reinou vinte e sete séculos antes de Jesús Cristo. Rezava assim:

«Ó Rei Unis! Tu não partiste morto deste mundo. Tu deixaste-nos vivo!»

E dir-se-ia que essas palavras estavam alí, diante de meus olhos, para exprimir o que eu sentia a respeito de mamãe...

Frases PITORESCAS E POÉTICAS

Uma face tão meiga como a luz de uma vela.

Ritchie Calder

Fragil como uma coluna de fumaça.

Time

Seu riso de fagote

Reginald Pound

Um *geyser* de conversa.

Hilda Mauck

Erguendo-se em toda a sua largura.

Fibber McGee and Molly

Deixando o gato dos seus instintos com o rabo de fora.

Helena Wright

Um homem que está sempre nas vistas do público, como um argueiro.

Uma mulher envolta em arminhos e olhares masculinos.

Dorothy Kilgallen

Convites para jantar, em tempo de guerra: Venha para o jantar e traga-o com você! — Arnold H. Glascow Venha comer conosco o que os cupons deixarem.

Mrs. Lester F. Gilbert

Hitler não vai bombardear Washington: ele não quer acabar com aquela confusão.

Newsweek

Os novos jeeps do exército têm quatro velocidades: primeira, segunda, terceira, e depois não se queixe.

Bob Hope

Fecho *de uma carta de um soldado*: «Eu te amo 24 horas mais do que ontem.»

Tratando o operário como gente

Por Stuart Chase

O método pelo qual os contra-mestres aprendem a arte essencial de conquistar a boa vontade do operário, encerra vantagens incalculaveis para o futuro.

OBSERVAVA recentemente um dos mais inteligentes industriais americanos que o que mais escasseia hoje em dia, não é gasolina, borracha, vapores ou ferro; nem é, sequer, mão de obra. O que falta mais do que tudo, comentava ele, é «o tato e a maneira de tratar bem o operariado».

A falta de noções sobre como tratar os trabalhadores foi sempre um dos grandes fracos da indústria americana. Só as grandes empresas mais progressistas se compenetraram de que a forma de obter o máximo rendimento e colaboração de qualquer grupo de operários, não é a imposição, mas a que os trata como criaturas humanas e lhes faz compreender a importância da sua colaboração. A guerra deu enorme impulso a esta maneira de agir. Através do programa de Treino da Indústria, executado pela Comissão da Mão de Obra para a Guerra, os contra-mestres estão sendo devidamente ensinados. Permití que vos conduza a uma sala de conferências em uma das fábricas típicas ora em amplo funcionamento para a guerra, e que vos mostre o que, acerca de relações humanas, estão eles aprendendo.

Em torno a uma grande mesa redonda acham-se sentados uns doze mestres e contra-mestres de fábrica, de mangas arregaçadas, tendo em frente papel para notas, lapis e um pequeno cartão azul, impresso. À cabeceira acha-se sentado um presidente ou lider, e atrás dele um quadro negro, contendo, sublinhadas, perguntas como esta:

Que resultados procura neste problema?

Procure os fatos
Pondere e pese as consequências
Cada indivíduo tem a sua personalidade

«Agora Jim,» diz o chefe, «vejamos um dos seus problemas.»

Jim, um homenzarrão de semblante sério, aproxima-se do quadro. «Com efeito,» diz ele, «tenho um problema e é complicado.» Os demais assistentes prestam atenção.

«Tenho um operário, Sam Fuller, que trabalha numa máquina especial. Êle maneja a máquina como ninguem. Há oito anos que trabalha na nossa fábrica, e reputo-o insubstituivel. É casado e tem dois filhos a estudar.

«Há dois meses que o rendimento do trabalho de Jim vem diminuindo. Começou por chegar tarde ao trabalho. Agora meteu-se a beber demasiado. Ou eu corrijo esta situação, ou perco um operário precioso.»

Nesta altura o chefe aproxima-se de Jim e do quadro. «Comecemos pelo princípio e averiguemos detalhes do problema de Jim. *Qual é o resultado que Jim quer obter?*»

Vários dos operários estudantes apresentam seus alvitres, que ele vai apontando no quadro. «Recuperar o rendimento usual do trabalho de Sam.» «Fazer com que ele deixe de beber.» «Fazer com que ele recupere o interesse que tinha pelo seu trabalho.»

«E agora,» continua, «qual é o primeiro passo a dar?»

Alguns dos assistentes reportam-se ao cartão azul que descreve aquilo que os outros já sabem de cor: *Apure os fatos.*

«Está bem, Jim,» diz o lider, com o giz na mão, «venham os fatos.»

Assim começa a descrição do caso de Sam Fuller no quadro. Um dos motivos principais parece o fato de ter a esposa de Sam Fuller aceitado um emprego dois meses antes—datando daí o declínio de Sam Fuller. Os conferentes opinam que a primeira coisa a fazer é que Jim promova o regresso da esposa de Sam Fuller às ocupações domésticas, largando o emprego que a afastou de casa.

Talvez que esta providência dê solução ao caso de Sam Fuller, e talvez não. Mas, ao pensarmos nos processos do que designaríamos como escola prussiana de administração,—cujos princípios eram a ordem à má cara, sem explicações e sem deixar margem a resmungos—o contraste oferecido pelo sistema moderno é impressionante.

Em tempos idos, qualquer contra-mestre teria demitido o empregado sem preocupações. O resultado teria sido o desemprego para Sam e consequentes privações para sua família, enquanto na fábrica nenhum outro operário teria sabido obter da máquina o mesmo rendimento que ele.

O contra-mestre à antiga, promovido da condição de operário devido ao rendimento do seu trabalho, vê-se de repente obrigado a desviar a atenção das ferramentas afim de aprender a dirigir homens e mulheres—o que é tarefa bem diferente. Poderá formular qualquer sistema seu. Um deles, cita-nos a revista *Fortune*, explicava como geralmente acolhia pela primeira vez um operário novo: «Encaro-o de pé e fito-o demoradamente para lhe mostrar quão tapado ele é.» E depois? «Depois, cuspo no chão.»

São incalculaveis o ressentimento e má vontade que os capatazes e patrões tiranos têm engendrado nas fábricas pelo mundo afora. Contudo a maior parte deles não trata o pessoal com acinte, mas sim unicamente sem o necessário jeito de chefe.

Considerem-se os problemas com que defrontam os contra-mestres de hoje: trabalhadores inexperientes, operários vagarosos, mulheres e jovens. É evidente que se torna imprescindivel um aprendizado.

É a quatro peritos na administração do pessoal que se deve o programa de Treino da Indústria—C. R. Dooley, da Companhia Socony Vacuum, Walter Dietz, da Western Electric, M. J. Kane, da Companhia dos Telephones Bell, e William Conover, da U. S. Steel. A longa experiência destes homens demonstrou-lhes que o operariado americano jamais trabalhará sob o processo do látego ou da descompostura. Ele dará o seu maior rendimento quando tratado como uma criatura humana.

O programa de Treino da Indústria é dividido em três cursos: Relações do operário com o ofício, Instrução no ofício, e Métodos do ofício. Estes cursos estão sendo dados em fábricas por toda a América. Já em agosto tinham cerca de 65 mil contra-mestres aprendido o primeiro curso de Relações, concluindo-o cerca de 6.000 toda semana.

Entre um chefe e qualquer dos que ele dirige, existe um laço de carater humano. Tal elo é como uma linha de telefone. Quando a linha se acha livre e desimpedida, operário e patrão entendem-se às maravilhas. Se a linha se acha

enrascada, cessa o entendimento mútuo. Se se quebra, terminam as relações humanas e com estas a colaboração, cuja falta produz a greve.

O curso inicial proporciona o meio para se conservarem as linhas desimpedidas. O contra-mestre adquire o treino apresentando as suas próprias observações e problemas na sala de aulas, onde se lhes procura dar solução racional. Depois de tão calmo estudo, já ele regressa à fábrica com conhecimentos que procura aplicar. O único livro de ensino é um pequeno cartão azul. Em um dos lados acham-se descritos os princípios para se conservar a linha desimpedida:

Bases Para Boas Relações

Que cada operário saiba como vai progredindo.
Reconheça-se o mérito onde quer que se encontre.
Avise-se o operário com antecedência toda vez que se vai proceder a qualquer alteração que lhe diga respeito.
Aproveite-se a aptidão especial de cada operário.
Os operários devem ser tratados como indivíduos humanos.

No verso do cartão descreve-se o processo a seguir num dado problema:

Como Resolver Um Problema

1. *Apure os fatos. Certifique-se de que apurou todos os aspectos do problema.*
2. *Pondere e decida. Não tome resoluções precipitadas.*
3. *Atue. Não esqueça problemas.*
4. *Verifique os resultados. Observe mudanças na produção, na atitude e nas disposições do operário. As suas providências farão aumentar a produção.*

Analisemos alguns dos fundamentos em que assentam as indicações do cartão azul, para a promoção de boas relações com o pessoal.

Que cada operário saiba como vai progredindo. Um operário novo, ao regressar a casa, é interpelado pela mulher: «E então como vais no novo trabalho?» Responde ele: «Não sei; ninguem parece importar-se com o pessoal.»

Recomenda-se aos contra-mestres que se interessem pelos operários novos, principalmente no início. Se fulano se atrapalha, nada de esbravejar com ele, principalmente diante dos companheiros. Há sempre oportunidade de lhe dizer calmamente que «talvez haja maneira melhor de executar a obra». E a seguir demonstrar como deve proceder.

Reconheça-se o mérito onde quer que se encontre.

Quando um operário adoece mas persiste em trabalhar para acabar uma obra de importância, nem sempre é possivel aumentar-lhe o salário. Isto não impede, porem, que se lhe faça sentir o apreço em que se tem o seu esforço. Com efeito, o chefe pode até elogiá-lo para que toda a turma o saiba. E quanto mais cedo, melhor. A maior parte dos homens aprendem mais com o estímulo do apreço do que com a censura.

Aproveite-se a aptidão especial de cada operário. Pergunta-se aos contra-mestres na sala de conferências: «Já aconteceu com algum de vocês um operário se agastar ao sentir que lhe foi distribuido trabalho inferior às suas aptidões?» Alguns dos capatazes afirmam que sim. «Pois devem evitar o desperdício de aptidões entre o pessoal,

menosprezando a capacidade de um homem com trabalho inferior às suas aptidões. O seu progresso não deve jamais ser estorvado.»

Os operários devem ser tratados como indivíduos. Todo ser humano tem personalidade própria. Aconselha-se aos contra-mestres evitar o agrupamento de operários sob a classificação de «bom sujeito», «resmungão crônico», «tapado» ou «brutamontes». Não há ninguem que seja precisamente igual a qualquer outra pessoa.

Observando-o apenas durante poucos minutos, não é possivel determinar se um operário se desobrigará bem ou não de qualquer trabalho. Há indivíduos que levam tempo a familiarizar-se com determinadas obras; outros precisam de apoio moral para darem conta do recado. Ninguem é categoricamente «isto ou aquilo»; geralmente encontram-se a meio termo. E compete ao chefe averiguar precisamente a que nivel o operário pertence. Entre os contra-mestres reina sempre o maior interesse por todas as fórmulas que possam melhorar as relações operárias. Ao investigar os fatos concernentes a qualquer problema, não se deve impedir a discussão, ao contrário, devem-se animar as pessoas a falar sobre os assuntos que lhes interessam, não as interrompendo nem chegando a conclusões bruscas. Cumpre ouvir.

Todos os pormenores dos problemas devem ser apurados, e provavelmente neles estarão os motivos das dificuldades. O emprego é apenas parte da vida de cada indivíduo. Às vezes, não é na oficina que se encontram as razões do que se procura corrigir, acontecendo tratar-se de questões domésticas, arrufos com as namoradas ou embaraços de dinheiro, uma dívida por pagar.

Um bom princípio a seguir é a divisa antiga: —*Ponha-se no lugar dos outros. Como se sentiria V. se estivesse no lugar deles?* Ao abordarem qualquer problema, os contra-mestres são educados a se perguntarem a si próprios o que desejam conseguir.

O simples fato de que uma pessoa faça tal pergunta, contribue bastante para a resolução do problema.

Três são os objetivos principais do contra-mestre numa fábrica que produz para a guerra:

Manter a produção ininterrupta
Manter o operário satisfeito
Manter a confiança da turma na sua chefia.

Toda ação que vise salvar as aparências, fazer demonstração de força ou deixar que os descontentamentos se curem com o tempo, só contribue para agravar a situação. E é justamente o que o pequeno cartão azul procura evitar. Fulano era um bom operário e ganhava bons salários. A fábrica funcionava seis dias por semana, mas como em cinco dias de trabalho ele ganhava bastante, resolveu não trabalhar nas segundas-feiras. Nesse ínterim resolveu casar-se e recomeçou a trabalhar a semana inteira. Assim se passaram meses.

Certo dia houve um aumento de salário. O operário não veio ao trabalho. Harry, o contra-mestre, compreendeu o caso num momento. O aumento de salário produzira o mesmo efeito anterior: o operário fizera o bastante para dispensar o salário de um dia, não trabalhando mais do que cinco por semana. Nessa altura o contra-mestre ainda não tinha o programa no cartão azul.

E em vez de atacar o problema pela forma agora preceituada, resolveu dar uma lição ao operário. Quando este

se apresentou ao serviço na manhã seguinte, Harry esperava-o no vestiário. «Não mude de roupa, Joe; não precisaremos de você durante uma semana. Este intervalo lhe dará tempo para meditar sobre o valor do salário perdido.» Joe não respondeu. Perplexo, voltou as costas e saiu.

Alguns dias depois, durante o almoço, outro mestre perguntou a Harry por que motivo tinha sido tão ríspido com Joe.

«Você não acha que ele mereceu?»

«A meu ver, não. Nem o merece nenhum dos operários nesta fábrica. Por acaso você ignora que o pai de Joe sofreu um desastre de automovel na manhã do dia seguinte àquele em que os salários foram aumentados? Ficou muito contuso, tendo Joe sido obrigado a ficar com ele. E Joe nunca teve ensejo de lhe explicar...»

Este caso—que é verdadeiro—oferece um contraste doloroso com o sistema antigo, quando o patrão acentuava, o seu egoismo, chegando a conclusões impensadas e agindo rispidamente. O resultado é uma quebra enorme da produção, um operário bom humilhado injustamente, e toda a oficina perturbada. Sob o sistema moderno, o contra-mestre pondera cada problema, determina o que mais convem, apura os fatos, esmiuçando-os cuidadosamente. Quando se decide a agir, tudo favorece a perspectiva de uma solução justa e acertada.

Esses programas não assentam em paternalismo ou filantropia. O objetivo é conseguir a maior quantidade de material para bater os nossos inimigos na guerra. Ao mesmo tempo oferecem-nos incalculaveis possibilidades de benefícios futuros.

Eis a súmula do que mais me impressionou em tudo isto. Está provado que em milhares de fábricas ora em produção de guerra, *o aspecto humano dos problemas é o que oferece a solução para se obter o máximo rendimento.*

Terminada a guerra, prestar-se-á a mesma consideração a este importante assunto? Não me proponho afirmá-lo. Parece-me porem bem claro que um homem que aprendeu o valor de um lubrificante para o bom funcionamento da sua máquina, não irá substituir o óleo por areia...

Foi buscar lã . . .

¶ Um mexicano, que pouco falava inglês, entrou num edifício escolar da Califórnia, onde se achavam a Cruz Vermelha e várias repartições oficiais, inclusive a dos racionamentos. Uma enfermeira tomou o seu nome, a sua residência e outros dados, e o enviou para uma sala onde os respectivos empregados lhe extraíram a costumeira contribuição de sangue.

Então, o assombrado doador perguntou:

«É agora que eu vou conseguir a minha gasolina?» —AP

Terá você poderes psíquicos?

(Condensado do «Scribner's Magazine»)

Por Arthur Train

Conhecido advogado, autor de «Tutt and Mr. Tutt»

Poucas pessoas haverá que não tenham tido aventuras banais ou extraordinárias, semelhantes às que enchem os arquivos das sociedades de investigação «metapsíquica». Eu tive algumas, que me produziram uma impressão consideravel na ocasião em que se deram, e que induziram muitos dos meus amigos a considerar-me um tipo «psíquico». Todavia, como advogado enérgico, habituado a investigação e análise meticulosa das provas, ainda não me deixei convencer, por tais sucessos, de que tenho poderes psíquicos.

Na minha infância, conhecí vagamente em Boston um pequeno chamado Tyler Morse. Não voltei a vê-lo nem a pensar nele, concientemente, até que me aconteceu ter lido, uns 40 anos depois, que ele se tinha mudado para Nova York e era agora árbitro de uma exposição canina que se estava realizando num sítio qualquer, em Long Island. E de novo Tyler Morse tornou a desaparecer do meu pensamento conciente. Cinco anos depois, ao subir um dia a Quinta Avenida, em Nova York, comecei de repente a pensar em Tyler Morse. No transcurso de vários quarteirões foi aumentando em mim a impressão de que ele estaria por alí perto. E, ao aproximar-me da rua 59, apareceu-me Tyler Morse pela frente, a voltar a esquina com dois cães à trela.

Há 22 anos estreitei amizade com o falecido Lorde Montagu de Beaulieu, e visitei-o na Beaulieu Abbey, em Hants; depois disso mantivemos uma correspondência irregular, até por ocasião do seu segundo casamento, quando ele me enviou uma fotografia da nova Lady Montagu. Desde então não soube mais do seu paradeiro, até a notícia da sua morte, em 1929. Na primavera de 1932, passeando pelo Parque Central de Nova York com minha mulher, falávamos dos nossos planos de viagem à Inglaterra. Eu não tinha pensado em Montagu havia pelo menos 4 anos, e, embora nunca tivesse conhecido pessoalmente a nova Lady Montagu, as minhas relações com o marido tinham sido tão agradaveis, que eu disse: «A maior parte das pessoas que conhecí na Inglaterra já não são vivas; mas, se fizermos essa viagem, não devemos deixar de ir a Beaulieu visitar Lady Montagu.»

Ao chegarmos a casa, poucos minutos depois, encontramos uma carta daquela senhora, recordando a minha amizade com seu marido, e anunciando-me que se encontrava no nosso país, fato que eu ignorava completamente.

Não me sinto inclinado a atribuir tais casos, nem a telepatia nem a clarividência, mas a pura e simples coincidência. Devemos compreender que, quando os pensamentos passam através do cérebro com a velocidade da luz, seria para admirar que, uma vez por outra, não acertassem. E não é lógico contarmos só as vezes que acertamos, e omitirmos as em que falhamos. Afinal de contas, não é muito acertar-se um par de vezes no decurso de uns 60 anos de existência.

Haverá uns seis anos, tive um sonho muito intenso. Parece que eu estava numa reunião em que havia bastante gente, e com a mão direita apoiada no braço de uma cadeira. De repente, uma ave do tamanho dum papagaio voou por cima da cabeça dos convidados; tinha cara de mulher, lívida, e com os lábios muito vermelhos. Pairou por cima de mim e finalmente pousou no meu pulso. Inclinando a cabeça para um lado, e fixando-me o olhar, disse: «Chamo-me Guilhermina.»

Ao pequeno almoço no dia seguinte, contei o sonho a minha mulher.

—Conheces alguma Guilhermina? perguntou-me ela.

—Só a Rainha da Holanda! respondí.

Pouco mais tarde, nesse mesmo dia, pediu-me para irmos ver Houdini, o grande ilusionista. Eu nunca o tinha visto representar, e tive prazer em que se me proporcionasse aquela ocasião. Logo que subiu o pano, Houdini apresentou-se no palco vazio e, a um gesto seu, surgiu dos bastidores um bando de pombos. Depois de terem voado em círculo por sobre as cabeças dos espectadores, regressaram todos aos poleiros menos um, que era um pombo maior, de cara esbranquiçada, e voava cada vez mais baixo. O ilusionista estendeu o braço direito e, com o pombo alí pousado, encaminhou-se para a ribalta. Levantando a ave ao alto, de modo que parecia olhar diretamente para mim, disse:

«Chama-se Guilhermina.»

Sentí calafrios percorrer-me a espinha. Minha mulher perguntou-me:

—Já viste alguma vez Houdini neste número?

Nunca vi nem ouví nada de semelhante número, respondí com toda a sinceridade.

Meu pai, advogado muito conhecido, faleceu há mais de 50 anos, quando eu tinha apenas uns 8 de idade. Estávamos passando as férias no campo, num hotel construido de madeira, já bastante escalavrado, onde ele, minha mãe e eu ocupávamos dois quartos contíguos. Havia várias semanas que o velho estava de cama, mas eu não pensava que se encontrasse gravemente doente. Depois de algumas horas de sono profundo, numa noite calma e sem vento, fui despertado por três fortes pancadas à porta do quarto de meu pai. Estremunhado, gritei através da porta de comunicação entre os nossos dois quartos, que estava aberta: «Está alguem batendo na sua porta, mamãe.»

Minha mãe, que ouvira bater, assim como a enfermeira, abriu imediatamente a porta para o vestíbulo, mas não havia lá ninguem. Mal tinha acabado de me acomodar para voltar a dormir, quando bateram de novo três pancadas, mas agora à minha própria porta. Minha mãe tornou a ir ver quem era; o vestíbulo estava deserto.

Depois de ter fechado a porta, ela veio para junto de mim. Quase imediatamente, e pela terceira vez, mais três pancadas soaram à porta do quarto de meu pai. Saltei da cama aterrado, e fui espreitar ao corredor iluminado. Ninguem! Ao voltar, nas pontas dos pés, ouví a enfermeira, inclinada sobre meu pai, dizer em voz muito baixa:

«O senhor Train está morto.»

Deixo aquí expostos com toda a simplicidade estes fatos, sujeitos à minha falibilidade humana como testemunha, mas escrupulosamente narrados, tais como se passaram. Depois disso, estou convencido de que facilmente me perdoariam se me julgasse «psíquico», ou, pelo menos, que o meu subconciente

estivera nessas ocasiões em comunicação com qualquer outro espírito, deste ou do outro mundo. E, apesar disso, não creio que—*se tudo nos fosse conhecido*—isso pudesse escapar à explicação científica, que nos dispensaria de recorrer a hipóteses de telepatia ou de clarividência. Estou pronto a atribuir as pancadas na porta, por ocasião da morte de meu pai, a um estado de exaltação ou de hipersensibilidade aos sons físicos normais e acidentais. O caso de «Guilhermina» intriga-me realmente, mas não me arrasta a concluir que eu possua o sentido de uma quarta dimensão, a «espiritual». Estou mesmo mais disposto a duvidar da minha exatidão, do que aceitar uma explicação contrária ao sentido geral do saber humano. Prefiro deixar essas coisas inexplicadas, a aceitá-las como prova de clarividência.

Tais acontecimentos são extremamente pouco conclusivos e merecedores de confiança, para ser prudente usá-los como premissas que sirvam de base a interpretações definitivas.

Verdade Médica—ou Patranha?

¶ Muitas noções correntes de higiene e medicina, embora sejam simples patranhas, tornaram-se com o andar do tempo verdadeiros artigos de fé, e como tais irrefutaveis para muito boa gente. Damos abaixo catorze regras de higiene, do tipo geralmente aceito. Queira o leitor marcar as que julgar corretas. Procure depois a nossa resposta a páginas 68

1. O pão de centeio é melhor para a saude do que o pão branco. ☐
2. Comer a horas irregulares é frequentemente a causa de doenças do estômago. ☐
3. As «pernas de alicate» são a consequência de se permitir que os bebês comecem a andar demasiado cedo. ☐
4. A comida deixada na lata de conserva, depois de aberta, estraga-se devido ao contacto com o metal. ☐
5. A mastigação de alimentos duros fortalece o esmalte dos dentes. ☐
6. A batata frita faz mal ao aparelho digestivo. ☐
7. Os esportistas devem-se abster de comer doces e gelados durante o período de treino. ☐
8. Uma hora de sono antes da meia-noite é mais proveitosa do que uma hora de sono depois da meia-noite. ☐
9. O consumo excessivo de açucar é a causa mais frequente da diabetes. ☐
10. O exercício é uma das melhores maneiras de abater a gordura. ☐
11. A apendicite é muitas vezes causada pelas grainhas de uva e outras partículas indigestas que as pessoas engolem. ☐
12. Faz bem à saude apanhar uma soalheira que toste a pele. ☐
13. O hábito do fumo atraza o desenvolvimento dos adolescentes. ☐
14. Não se devem palitar os dentes com um alfinete, mas sim com uma agulha. ☐

—Arthur H. Steinhaus, *Coronet*

Cenas da vida das focas

Por Edison Marshall

A 29 de junho de 1786, quando andava cruzando pelas nevoentas solidões do mar de Behring, o navegador russo Gerasim Pribilof ouviu um misterioso e prolongado estrondo que lhe despertou a curiosidade. Cento e quarenta e um anos depois, esse mesmo estrondo deu-me a impressão do bramido monstruoso de entusiasmo dos espectadores de um estádio moderno, quando o time da terra faz um gol.

O audacioso capitão mandou aproar em direção ao rumor que o intrigava. Após uma hora, talvez mais, de pesquisas, vislumbrou, através de uma aberta na névoa, quatro ilhas, duas das quais eram apenas grandes massas de rocha. E viu então o que causava aquele ruido de ensurdecer: formando como um negro formigueiro nas praias, bem dois milhões de otárias rugiam, fungavam e bramiam todas ao mesmo tempo!

Tendo procedido a uma matança exemplar, e carregado de peles de «foca» o seu navio, Pribilof fez-se à vela de volta à Sibéria, para depois ir vender a sua colheita aos mandarins da China por um preço que ainda hoje seria considerado invejavel. Mas quando o seu agente voltou pelas ilhas, em outubro, para arranjar novo carregamento de peles, as ilhas estavam caladas como um cemitério, as praias vazias e desoladas...

O persistente capitão fez no estio seguinte nova tentativa: e de novo agora as águas fervilhavam, negras de otárias—as fêmeas—que nadavam em volta; as praias eram uma sólida massa de machos que se batiam entre si furiosamente, e as dunas de areia, mais terra adentro, pareciam mexer, cobertas que estavam de outros machos, estes mais novos e ainda não acasalados. E ao fundo, por trás de tudo isso, os machos ociosos pululavam: eram os que, não tendo podido pescar companheira, iriam depois rondar em volta dos harens, na esperança de deitar a barbatana a alguma esposa descuidada... E toda aquela bicharia rugindo e latindo, com o tremendo fragor que tanta surpresa causara ao capitão.

Desde essa época as ilhas Pribilof entraram na história. Em 1866, quando Seward, então Secretário de Estado, quis persuadir o Congresso dos Estados Unidos a alargar os cordões à bolsa para adquirir o Alasca à Rússia, o argumento com que conseguiu desemperrar os pais da Pátria foi o do grande valor das ilhas como viveiro de otárias ou focas de peles (chamadas erradamente «lontras do mar»), que por essa época rendia umas cem mil peles por ano. Não fora esse tesouro fabuloso, e a histórica transação talvez se não houvesse nunca realizado!

De começo, os norte-americanos causaram uma devastação verdadeiramente escandalosa naquele tesouro natural. A matança correu livremente e sem peias oficiais, até terem perecido três quartas

partes da manada. Nessa altura, para que a produção não diminuisse, os caçadores foram autorizados a levar a sua faca até ao largo das ilhas, onde passaram a abater apenas as *matkas* (focas mães) que saíam para pescar. Devido a esta prática absurda, por cada pele que se obtinha, eram sacrificadas três otárias: a mãe, o nascituro que ela levava no seio, e a otária bebê que ficava na praia, privada do leite materno. Quando por fim a gigantesca manada ficou reduzida à sombra do que fora—cerca de 150.000 cabeças apenas—e as praias se mostravam juncadas de ossadas de pequeninas otárias, só então o governo dos Estados Unidos tomou severas medidas, proibindo a caça à foca no mar largo, e prescrevendo o número de machos excedentes que poderiam ser abatidos no curso de cada estação. A manada tornou a crescer, e quase voltou a atingir de novo a cifra de dois milhões.

Claro está que outros povos cobiçavam aquele tesouro de brandas peles luzidias. Desde a época do presidente Teodoro Roosevelt até os nossos dias de intrigas, os caçadores furtivos do Japão desembarcavam naquelas praias, e eram sem cerimônia baleados pelos guarda-costas americanos. Por esses atos de rude decisão, nunca o presidente se dispôs a apresentar quaisquer desculpas, e os homenzinhos do Sol Nascente juraram tirar vingança. O espetáculo dos nossos navios guarda-costas a patrulharem as ilhas enevoadas, contra as quais ruge o mar dia e noite, remordia-lhes as entranhas, e o ódio e ciumeira dos nipões só poderiam satisfazer-se com a conquista das ilhas. O exército e a marinha dos Estados Unidos bem se podem preparar para acolher o ataque japonês no curso deste ano, quanto mais não seja por mero despeito do inimigo irreconciliavel.

Mas o que aquí mais nos interessa, ao tratar dessas ilhas fabulosas, não são as cincoenta mil peles de alta qualidade que o nosso Departamento de Pescarias recolhe anualmente—peles macias, admiraveis, e ainda hoje consideradas aristocráticas—mas sim a organização social das próprias otárias, que data certamente de mais de um milhão de anos antes que o primeiro ser humano tivesse desfraldado o pano de uma vela nos mares da névoa.

Antes de mais, não devemos confundir a foca das peles, a otária, com o leão-do-mar, que é a foca que vemos pelos circos e feiras executando habilidades; nem com a foca cabeluda que se encontra ao largo da Terra Nova. A otária, de que aquí tratamos, é nitidamente aparentada com o urso, e os seus próprios movimentos são muito semelhantes ao deste. Distingue-se das demais pelo fato de poder correr em terra quase tão depressa como o homem. As otárias, apesar de excelentes nadadoras, não o são de nascença: é preciso que as mães as ensinem, e a aprendizagem é dura, custando-lhes muitas vezes a vida. Uma vez ensinadas, porem, tornam-se nadadores dos mais elegantes e habilidosos, e em questão de velocidade não ficam a dever nada aos golfinhos.

É durante o mês de maio, quando o trigo silvestre começa a brotar nas ilhas Pribilof, e as chuvas de primavera encharcam o tapete de líquenes que reveste as rochas, que os machos se reunem por centenas de milhares nas extensas praias até alí desertas. Pesam eles de 200 a 300 quilos, e a excelente pescaria que fazem por todos os mares do mundo torna-os luzidios de gordos.

Bom é que o sejam, porque muitos meses de atividade passarão antes que possam voltar ao mar, ou sequer provar comida ou bebida.

Começa então, sem demora, uma das lutas livres mais fantásticas de todo o reino animal. Os gigantescos garanhões atiram-se numa fúria uns aos outros, disputando cada qual uma pequena área da praia que, por motivos que são para nós um mistério, captou as suas simpatias. Não tarda, assim, que os melhores machos (isto é, os mais robustos) tenham estabelecido os seus «lares», mas só pelo direito de unhas-e-dentes... E ai daquele que por um instante sequer afrouxar a sua vigilância, na treva da noite que seja: os machos sem lar que rondam pelo ervaçal, espiando, tomarão de assalto o terreno disputado...

Entretanto, os machos não usurpam a praia inteira: por algum sutil acordo entre si, deixam desocupados certos trechos, entre os terreiros de jogo e o mar, para assim dar passagem aos mais novos, demasiado jovens e fracos ainda para conquistar e dominar harens.

É em junho que chega o grosso da manada, aproximadamente um milhão de fêmeas e um vasto enxame de machos, solteiros e jovens. Estes últimos encaminham-se pelas faixas de terreno desimpedido para as dunas de areia e o capim, onde ficarão vadiando e folgando à larga até vir o fim do verão, com uma visita uma vez por outra ao mar, onde vão para encher a barriga de peixe. Mas as pobrezinhas das fêmeas, que têm quando muito um quinto apenas do peso dos imponentes machos, é que se vão ver agora em dificuldades: com efeito, o «namoro» que se vai seguir fará parecer o tão cantado rapto das Sabinas uma brincadeira de meninos.

Os machos se precipitam até a orla do mar, entre a rebentação, e agarram as fêmeas pela pele do cachaço, arrastando-as assim, sem cerimônia alguma, até os tálamos matrimoniais. É frequente o caso de dois ou três machos deitarem a unha à mesma fêmea, e o que eu nunca conseguí perceber é como ela consegue sair do sururú sem ser cortada em postas! Cada um dos machos está resolvido a agarrar tantas fêmeas quantas lhe passem ao alcance; porem o preço que ele paga pela sua indiscreta voracidade, durante um verão de intensa atividade, é mais do que pesado. As esposas são desmedidamente amorais, e aceitam com perfeita calma o mandato da natureza, segundo o qual os despojos pertencem ao vencedor. O espetáculo de um velho macho que incessantemente ronda o seu harem, rugindo ameaças aos possiveis ladrões de esposas, sem comer, nem beber, nem repousar durante semanas a fio—e ainda por cima rasgado de inúmeras feridas que sangram—é uma coisa que bem nos permite compreender porque é que a poligamia nunca foi universalmente aceita pela nossa espécie.

Quando aportam às ilhas, as fêmeas vêm pejadas, e poucos dias depois dão à luz; quase imediatamente após isso, as recem-paridas ficam de novo grávidas, fato cuja autenticidade muitos homens de ciência puseram em dúvida, porque em nenhum outro grupo de mamíferos se declara a gravidez logo às primeiras semanas da lactação de um filho anterior. Entre outros animais que todos os anos produzem crias, a gestação dura nove meses ou menos, deixando à natureza o tempo bastante de preparar o útero para o novo hóspede, e para que este tenha probabilidades de vingar. A gestação, para a otária, dura de

ordinário um pouco menos de um ano. A explicação do mistério reside em que a *matka* possue dois úteros, de que a natureza lhe concede servir-se alternadamente.

O velho macho compreende perfeitamente que as suas fêmeas necessitam deixá-lo de dias a dias, para irem ao mar em busca de peixe, sem o qual não poderiam produzir o leite necessário à alimentação dos filhotes. Assim, a todo momento do dia se vêem milhares de fêmeas descendo as praias a caminho do mar, ou rastejando para fora dele. E como, desde meados de julho, andam algumas centenas de milhares de bebês patinhando pelas praias, ou dormindo ao pálido sol daquelas elevadas latitudes, ou aprendendo a nadar nos remansos da costa,—como é que aquelas mães podem encontrar e reconhecer os respectivos rebentos?

Não se sabe como o conseguem, mas o fato é que os reconhecem. A mãe otária parece caminhar direita ao filho, com tremenda pressa e estardalhaço, se assim posso dizer «acotovelando» para a direita e para a esquerda os bebês estranhos que se lhe atravessam no caminho. Sucede por vezes que um filhote alheio, desgarrado da mãe, tenta de passagem meter a boca para pegar um jantar; mas dona foca é que se não deixa tapear com cantigas: o que alí vai é para o filho, e só para ele...

Entretanto, os «rapazes solteiros» vão subindo e descendo às centenas pelas coxias que lhes foram deixadas como corredores de acesso ao mar. Quando não andam na pesca, reunem-se em bandos sobre o capim, brincando: às vezes trepam em grupos as dunas de areia, sem outro propósito visivel que não seja o de escorregar por elas abaixo, em grande pagodeira. São precisamente esses alegres e descuidosos «rapazes» que abastecem de peles de «foca» o insaciavel mercado das nossas Dulcinéias... Os caçadores de otárias desembarcam, põem-se a espantar os animais em direção aos terrenos de matança, onde os acabam à paulada e depois lhes tiram a pele. Os pobres bichos, que nas suas longas viagens oceânicas nunca aprenderam a temer o «rei da criação», nem sequer tentam escapar à sanha dos seus algozes.

São porem escrupulosos quando se trata de respeitar os limites dos harens, o que não é o caso dos machos maduros que rondam desocupados pela beira das praias. Ocasionalmente, um destes perde a cabeça, e carrega com fúria sobre os tálamos matrimoniais, num exasperado e dramático tentame de raptar uma daqueles fleumáticas sabinas... Algumas vezes é bem sucedido; na maioria dos casos, porem, cai-lhe em cima um esposo indignado que, com inacreditavel força, à dentada e ao safanão, o expulsa do seu harem para os domínios himeneicos do macho vizinho. Aquí, o já maltratado don-juan é de novo acometido, e assim vai sendo espancado e empurrado de harem em harem, o pobre, numa espécie de erupção colectiva de indignação moral, por parte de todos aqueles maridos confortavelmente instalados na vida e nos corações de suas otárias. O que em geral chega ao fim daquela via dolorosa, não é um macho, são os seus restos mortais!

A grande maioria desses machos ociosos aprendem contudo a conservar prudentemente a pele do lombo, e lá pelos fins do verão é que eles tiram o ventre de misérias—num episódio que constitue, na verdade, uma das grandes maravilhas da prodigiosa vida destas focas. Lá vêm com efeito surgindo agora do

mar, como Anfitrite, as virgens fêmeas,—cem mil ou mais! Nessa altura do ano os pachás de harem já se encontram exhaustos, e as virgens ardorosas e gentís se tornam facil presa dos «leões» que as esperam na praia, ardendo de impaciência.

Estas recem-chegadas vêm a ter seus bebês no verão seguinte, pela mesma altura das mamães veteranas, com a diferença que, no caso das primeiras, a gestação dura apenas nove meses, em lugar dos quase doze das segundas. Como se explica que o primeiro filho de uma otária tenha, assim, uma gestação mais curta que o segundo? A única explicação aceitavel parece ser que o feto se desenvolve mais rapidamente quando a mãe não está amamentando o filho anterior; e afigura-se-nos realmente um prodígio de carinho da natureza pelos seus filhos, o fato de ela fazer variar a duração do período de cria de modo a que os recem-nascidos tenham pais em condições.

Pouco depois, em setembro, começa a grande migração para o mar. Os meninotes, por essa altura, já aprenderam a nadar e, entre as *matkas* de novo pejadas e os jovens celibatários, eles largam das praias e rumam para o sul, por entre as ilhas Aleutas, em direção à vastidão ilimitada do Pacífico. Os machos velhos ainda por alí se arrastam algum tempo, só Deus sabe porque—talvez demasiado fatigados para empreender a longa viagem—mas tambem acabam por se encaminhar pesadamente para a rebentação do mar, e aí desaparecem.

É tempo de os caçadores, que vieram das Aleutas, se recolherem às suas cabanas enfumaradas; chegam agora as raposas azues, que vêm devorar as carcassas das otárias abatidas, e o vento uiva solitário ao longo das praias abandonadas. Só as ossadas e as rochas, polidas como vidro pelo ir e vir das focas que há milênios alí se reunem, lembrarão em breve que a vida pululou nas ilhas, entregues agora ao escuro inverno polar... Mas tão certo quanto o reverdecer da primavera, as focas voltarão a animar a soturna paisagem com o prodigioso espetáculo da sua perene vitalidade.

¶ Meu pai era uma espécie de visitador da Igreja Metodista. Foi numa fazendinha do Iowa que, segundo depois contava a minha mãe, ele deu com o espetáculo que o convenceu de serem os Estados Unidos a nação mais extraordinária do mundo.

Ao entrar na cozinha da casa, avistou uma mulher sentada numa cadeira de balanço. A mulherzinha tinha uns poucos de jornais no regaço, e estava lendo. Tinha o rádio a funcionar à máxima potência, e ao mesmo tempo ainda segurava contra a orelha o receptor de um telefone, destes que servem em comum várias famílias do lugar.

Vendo meu pai como pregado entre portas a olhar para ela, a tiazinha sorriu com a maior naturalidade, e comentou: «Meu reverendo, a gente cá por estes sítios gosta de saber o que vai por esse mundo de Cristo...»

—James A. Sanaker

Perfil de um cabo de guerra

Por Frederick C. Painton

QUANDO os americanos desembarcaram na Sicília, encontraram a cidade de Gela ocupada por dois regimentos de tanques alemães. Por duas vezes os alemães foram lançados fora da cidade, e por duas vezes os americanos tiveram que recuar para as praias, no curso das 24 horas de intensa luta que durou o desembarque.

Durante o segundo recuo dos americanos, um oficial alto, de cabelo grisalho, usando nas platinas as estrelas de tenente-general, saltou duma lancha no meio da arrebentação, e vadeou praia adentro, afim de pessoalmente tomar o comando do combate.

Os alemães foram repelidos palmo a palmo, e, ao pôr do sol de domingo, ficava estabelecida uma sólida testa de ponte.

O oficial era o tenente-general George S. Patton, comandante do 7º Exército dos Estados Unidos, e o seu ato era bem típico. A sua teoria de que os chefes devem dirigir de fato, foi uma verdadeira inspiração para as tropas durante toda a campanha da África do Norte, que precedeu a invasão da Sicília.

Logo que as forças americanas chegaram a Marrocos, o general Patton foi a terra e encontrou os seus homens procurando abrigar-se do fogo da artilharia. Era o momento crítico em que os minutos e segundos se tornavam preciosos no desembarque de abastecimentos necessários para a captura de Casablanca. Com toda a calma, indiferente ao fogo, percorreu a praia. As balas de franco-atiradores zuniam em volta da sua cabeça, enquanto as das metralhadoras lhe levantavam a areia junto aos pés. Mas ele limitava-se a sorrir, animando os seus homens a empregar-se a fundo. Estes aplaudiam, dizendo que se o «velho» podia aguentar aquilo, tambem eles o poderiam: e assim foram descarregando a tempo as munições.

O general Patton fez 57 anos em 11 de novembro de 1942, dia em que capturou Casablanca. Muitos desses anos foram gastos a aprender os métodos de dirigir homens no combate. Ele os tem elogiado, repreendido, ensinado e estimado. Pela sua irresistivel energia e insaciavel sede de perfeição, consegue infundir ardor novo a homens já extenuados, tornando-os capazes de outros esforços.

Em 1936 já dissera: «A noção do dever defende uma posição, mas o desejo de glória e a lealdade para com o chefe podem derrubar até as portas do Inferno.» Patton tem provado esta afirmativa mais de uma vez, no momento mais dificil de uma batalha, com o seu magnetismo pessoal. A sua face austera,

perfeita e dura, assume um aspecto terrivel quando se zanga; mas o seu sorriso contagioso e acolhedor é capaz de dar-lhe benignas expressões paternais. A sua voz de tom elevado pode ser suave e agradavel, ou forte e assustadora, como uma serra circular ao cortar o nó dum pinheiro.

Patton é grande disciplinador. Acredita que uma obediência bem treinada poupa muitas vidas. «Aqueles dentre nós que falhem em produzir tropas disciplinadas, são a um tempo assassinos e suicidas,» afirma ele.

Sabe-o por experiência própria da última guerra. Na investida do Meuse-Argonne em 1918, avançando num tanque perto de Cheppy, reagrupou alguns soldados de infantaria que encontrou dispersos, e levou-os para a frente com os seus tanques, até que ele mesmo foi gravemente ferido. Conservou, contudo, o sangue-frio bastante para distribuir patrulhas, que evitaram que os seus homens fossem cercados e aprisionados. Por este ato de bravura recebeu a Cruz dos Serviços Distintos. Mas afirma: «Com a excitação e o perigo cessei de pensar. Ainda hoje não sou capaz de lembrar-me de ter distribuido aquelas patrulhas, para proteger os nossos flancos. Aquilo foi a reação automática dos meus anos de treino.»

Tem um entusiasmo enorme pelo bom soldado. Mas tem tambem uma grande antipatia pelo que é desmazelado. Recentemente, ao inspecionar uma força de «destruidores de tanques», parou em frente de um soldado e disse-lhe em voz baixa: «Deixe-me ver a sua espingarda.» Este entregou-lha, e Patton, abrindo a culatra, examinou o cano. Ainda na sua amavel voz paternal disse: «Você não poderia atirar com esta espingarda. Você está completamente desarmado, indefeso, perto do inimigo. Se tentasse disparar, ela lhe rebentaria no rosto.» De repente levantou a voz, até parecer o zunir paralisante da serra circular: «E ninguem se importaria, se isso acontecesse!» A voz baixou, tornou-se branda: «Limpe-a, soldado. Dê a si mesmo uma arma com que possa combater.»

A chegada de Patton para tomar o comando da frente de Tunis, foi assinalada pela ordem imediata de que todos os soldados deviam usar constantemente polainas e capacetes de aço. Uma pesada multa de 45 dólares, sem distinção de patente, fez a desobediência dificil. Os soldados referiam-se a ele como «o velho intrépido», mas na área sob o seu comando notou-se de logo uma nova garbosidade no porte militar.

Nenhum oficial, servindo debaixo das ordens de Patton, ignora que deve empregar o máximo esforço. Patton não aceita desculpas. Uma vez um oficial tentava apresentar-lhe uma série de explicações, quando ele o interrompeu, dizendo-lhe: «Eu tambem sou capaz de arranjar mais umas cinco desculpas. Mas leve o diabo as desculpas: o que eu quero é isto feito.»

Patton foi efetivamente o primeiro homem designado para o Corpo de Tanques do Exército dos Estados Unidos, em 1917. Hoje é o mais antigo e um dos mais competentes especialistas naquela arma, motivo esse talvez por que tivesse sido escolhido para o comando do teatro de operações da África do Norte. Criou na Segunda Divisão Mecanizada um *esprit de corps* digno de nota, mas que tambem atraiu alguma notoriedade infeliz. Na sua opinião o *esprit de corps* é sempre ajudado por uma farda aparatosa—crença esta confirmada pelos vistosos uniformes dos regi-

mentos de assalto britânicos. Queria um uniforme especial para as suas tropas de tanques, por duas razões: para as fazer parecer audazes, bem disciplinadas e dum corpo à parte; e para protegê-las ao serem atiradas contra as paredes de aço dum tanque que marcha aos trancos.

Como esgrimista, pensou no uniforme branco, acolchoado, que usam os jogadores de florete. Fê-lo tingir de verde. Depois pensou num elmo de jogador de rugbi, e fê-lo dourar. Finalmente, fez-se fotografar em tal traje, de pé na torre dum tanque. Em vez do apoio do público, com que contava, este alcunhou-o de «Besouro Verde» (*Green Hornet*) e «Gordon-Relâmpago» (*Flash Gordon*), dois personagens fantásticos dos programas de rádio e dos jornais cômicos para crianças. E assim, do uniforme-modelo só sobreviveu o capacete.

Pela sua linguagem profana e intempestiva, e pelo modo de vestir-se, às vezes um tanto excêntrico, Patton adquiriu a reputação de «figura enérgica e cheia de vida». A verdade, porem, é que, visto de perto, se descobre que é muito instruido e um brilhante soldado, agindo sempre com bons motivos. Na sua primeira recepção à imprensa, depois de ter assumido o comando, muitos correspondentes, lembrando-se do que a seu respeito havia sido escrito, aproximaram-se dele com intenções de crítica. Ao se retirarem, porem, todos levavam a convicção de terem estado diante de um chefe militar de primeira classe.

Com 1,86 m. de altura e 90 quilos de músculo e osso, marcha direito como um pinheiro novo. Gosta de usar um cinturão cheio de balas reluzentes, e um coldre em que leva o seu revólver de seis tiros, um Colt de calibre .45, com coronha de madrepérola. Apesar do Colt não ser a arma regulamentar, gosta de trazê-la porque, como bom filho da Califórnia, cresceu com um Colt de seis tiros na mão e um garrano de laço entre os joelhos. Tornou-se bom atirador e prefere uma arma que lhe seja familiar.

Ainda hoje, sempre que se lhe depara uma oportunidade, gosta de atirar do carro em marcha aos coelhos bravos para exercitar a mão e conservar a pontaria em perfeita forma.

Ao lado da disciplina, Patton prega sempre o evangelho do ataque. «Avante,» diz ele. «Vão sempre avante até terem disparado o último tiro, até terem esgotado a última gota de gasolina; e então continuem a pé.» E explica a sua fé nestes termos: «Grant dizia que em cada batalha chega sempre o momento em que os dois chefes se consideram vencidos. Vencerá aquele que continuar a combater.» E acrescenta: «Um comandante deve ir sempre à frente, dirigindo, mesmo se tiver que ser morto tambem.» E Deus se compadeça do oficial sob as suas ordens que não esteja na frente fazendo tudo quanto possa! A este respeito, corre como sendo dele a frase: «Se nos pusermos a empurrar por detrás um pedaço de aletria cozida, é sabido que ele nunca sairá do seu lugar; mas se o *puxarmos* para a frente pela outra ponta, ele irá para onde o quisermos levar.»

O general encontra-se na frente de combate sempre que tem ocasião, algumas vezes nas linhas avançadas, debaixo de fogo, enquanto os soldados sorriem com admiração pelo «velhote». Uma das responsabilidades mais incômodas do alto comando, para ele, é ficar no quartel-general quando um combate vigoroso se está desencadeando.

Em El Guettar usou toda a sua extraordinária habilidade em calcular o que faria o inimigo, para armar uma cilada aos tanques do general Rommel. Esperou impacientemente no quartel-general pelas primeiras notícias sobre o desenrolar da batalha. Finalmente os detalhes chegaram: Rommel tinha atacado com 60 tanques, dos quais 30 haviam sido destruidos ou severamente danificados na emboscada. A derrota foi tão atordoadora que impossibilitou Rommel de outro contra-ataque. Patton ficou radiante: tinha realizado uma secreta ambição: encontrara Rommel, a «raposa do deserto», e mostrara-se mais esperto do que ele.

Imediatamente foi felicitar os soldados que se bateram. No hospital visitou cada um dos feridos que podiam falar. Estavam todos sujos, ensanguentados, pálidos de cansaço e perda de sangue. E ele, como um bom pai, apertava-lhes a mão e dizia: «Foram vocês, rapazes, que venceram. Vocês detiveram a 10ª Divisão Panzer, que nunca tinha sido detida antes!»

Apesar de ser conhecido como especialista em tanques, não se tem descuidado das outras armas. «O primeiro aspecto de uma nova arma,» diz ele, «é o ponto mais elevado na sua realização e o mais baixo da sua eficiência.»

Não é de opinião que toda a glória se atribua aos generais, preferindo sempre que o justo elogio caiba aos soldados que tomaram parte no combate. «Tudo o que um general pode fazer é traçar o mais simples plano de batalha, e não mudar de idéia.» Depende da execução 99% do resultado final.

Uma das suas aspirações permanentes é escrever uma ordem de combate numa só página, clara, simples e impossivel de causar qualquer mal-entendido. «Se uma ordem não puder ser mal interpretada, já é meio caminho andado para a vitória.» Cada soldado, segundo Patton, está apto a ser sacrificado, se o resultado o justifica. Não hesitaria em ir ele mesmo para a morte certa, se isso trouxesse a vitória mais rapidamente. Ele faria substituir um oficial, mesmo que fosse o seu melhor amigo, se este não demonstrasse a habilidade precisa. Tais impulsos de linguagem e de ação têm-lhe acarretado diversos inimigos, mas ele continua, sem embargo, a dizer o que pensa.

Resume nas seguintes palavras o seu amor pelo combate e pelo bom soldado:

«Eu rezo todas as noites para que me seja permitido cumprir o meu dever. Assim ficarei com a conciência tranquila.»

Epitáfio

¶ Há no adro de uma velha igreja do Vermont um curioso grupo de cinco sepulturas: quatro delas formam quadrado, e a quinta está no meio. Cada uma das sepulturas dos cantos tem um pedestal de mármore encimado por uma mão esculpida, cujo dedo indicador aponta para a sepultura do meio. Em cada uma das mãos estão gravadas estas palavras: «Nosso Marido».

—Milton Bacon (CBS)

Flagrantes da vida americana

O AMERICANO dos estados do Norte sente-se sempre embaraçado quando tenta explicar por que razão o negro do Sul, onde imperou a escravidão, prefere muitas vezes ficar por lá, trabalhando para a mesma família com que trabalharam seus pais e os pais de seus pais. Mas creio que, quando da minha última visita ao Sul, surpreendí a chave do mistério.

Estava eu hospedado numa esplêndida mansão de construção anterior à Guerra Civil, em Mobile, Alabama. Todos os cômodos da casa estavam mobilados a gosto e na mais perfeita ordem, exceto o vasto salão de visitas. Os moveis deste tinham sido empurrados contra as paredes, e sobre o tapete que cobria toda a extensão do soalho desenrolava-se uma tela imensa, na qual o filho da família, artista de muito mérito, estava pintando uma cena da plantação, cheia de vida e colorido. A tela destinava-se a servir de pano de fundo para o palco da sala onde ia realizar-se o baile anual da gente de cor.

Os criados da vizinhança vinham a toda hora do dia espiar a marcha da pintura, e nem eles nem o jovem «Mister Williams», coberto de suor, pareciam pensar que, ao doar seu tempo, habilidade, tintas ou tela, ele estivesse fazendo alguma coisa de extraordinário pelo pessoal da cidade.

Tudo aquilo era, muito simplesmente, parte da vida do Sul...

—Leon Ware

ENTRE os passageiros que foram à sala da alfândega daquele porto de entrada no México, para submeterem sua bagagem a exame, contava-se uma moça americana, bonita, de cabelo arruivado, que ia ter com a família de seu noivo, um jovem mexicano, e bem assim visitar uns amigos americanos que viviam no México com um numeroso rebanho de filhos pequenos. Os calçados americanos são caros no México, de sorte que os amigos lhe tinham pedido que trouxesse consigo, de viagem, uma coleção de sapatos para a meninada.

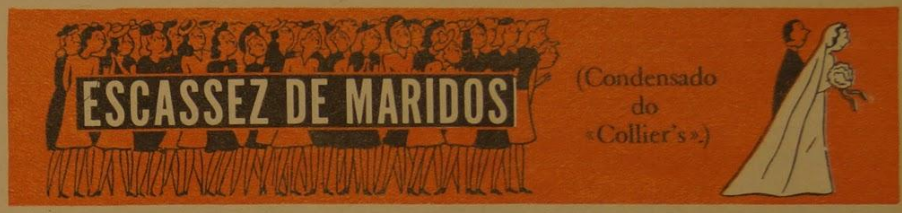
O funcionário da alfândega mexicana alinhara os sapatinhos na tampa da mala, e estava preenchendo uma nota sobre as taxas a pagar. A moça protestava, em inglês dizendo que antes queria botar os calçados todos à água do mar, do que pagar qualquer imposto. E o funcionário, delicadamente, explicava-lhe a lei, em espanhol. Mas nem um nem outro entendiam palavra do que dizia o antagonista.

Como visse que toda a política da Boa Vizinhança estava em jogo naquele pequeno incidente aduaneiro, decidí intervir, e oferecí meus bons-ofícios de intérprete, que foram logo aceitos de parte a parte. O inspetor da alfândega explicou-me gravemente que lamentava ter de incomodar a encantadora senhorita, mas como os papéis dela a davam por solteira, ele não podia aceitar a explicação de que os sapatinhos eram parte do seu patrimônio. Apressei-me a explicar-lhe que com efeito a senhorita era solteira,—mas ia ao México para se casar.

Sorrindo abertamente para ela, e sem um instante de hesitação, o inspetor rasgou a nota, inclinou-se e disse: «Não há dúvida, não há dúvida que os senhores, americanos, são uma gente muito prática!»

—Carlton Beals

¶ Ao aumento do número de mulheres solteiras, sobrevirá um colapso do padrão moral nos Estados Unidos?



Por Amram Scheinfeld

PELA PRIMEIRA VEZ na história dos Estados Unidos temos que enfrentar o problema da escassez de futuros maridos. É tão séria a situação, que os entendidos calculam que «em cada sete moças, uma está destinada a ficar solteirona.» Se a estas acrescentarmos o número de jovens viuvas e divorciadas que se não poderão casar de novo, veremos elevar-se a milhões o total de mulheres solitárias na América.

Não se pode atribuir tal estado de coisas exclusivamente à guerra, mas não há dúvida que nesta reside uma agravante. Há, na verdade, duas causas fundamentais para a carência de homens nos Estados Unidos; uma delas é o fato de já termos esgotado o excesso trazido pela imigração; a outra é de ordem biológica, pois é sabido que os homens são organicamente menos resistentes a moléstias que as mulheres. A natureza procura compensar isto, pois para cada 105 ou 106 meninos nascem apenas 100 meninas; mas entre as crianças que, nos Estados Unidos, morrem antes de completar um ano, vinte e cinco por cento são do sexo masculino. Aos vinte e poucos anos de idade, época normal para o matrimônio, o excedente masculino já desapareceu, e daí por diante as mulheres estarão cada vez mais em superioridade numérica. É duas vezes mais provavel uma mulher chegar aos noventa anos de idade que um homem.

Para tornar a situação ainda mais dificil para as mulheres, acontece que um grande número de homens, por gosto ou por força das circunstâncias, permanecem solteiros. Calculava-se antes da guerra que, em cada cem rapazes americanos, dezessete nunca se casariam.

Esta escassez de homens que nos ameaça pode vir a ser verdadeira dinamite social; modificando nossa atitude em relação à vida sexual e provocando um decréscimo na população, ela poderia abalar profundamente nossa estrutura social.

Poucos fatores tiveram tão decisiva influência na nossa atitude social, quanto o confortavel excedente de homens casadouros que sempre tivemos. Se a mulher americana é mais independente que a européia, se não se vê obrigada a atrair o homem com dotes e a aceitar um conjunto de convenções favoraveis ao marido, é em grande parte por se achar em posição muito mais vantajosa.

É impossivel prever exatamente as consequências que terá para a vida americana uma alteração na proporção dos sexos. Podemos, porem, fazer uma idéia, se observarmos o que se deu em vários

paises europeus que sofrem há anos de excesso de mulheres. Vejamos, por exemplo, a Suécia, considerada geralmente um dos paises mais bem organizados e adiantados do mundo.

Embora não tenha tido a Suécia, há muitos anos, guerras que lhe dizimem a população masculina, sofre todavia de escassez de homens, devido, por um lado, à alta mortalidade das crianças de sexo masculino, e por outro à emigração de seus homens válidos. Acrescente-se a isto o fato de os suecos se casarem tarde (aos trinta anos, em média) sendo que muitos ficam solteiros.

Eis alguns dos resultados compilados pela doutora Alva Myrdal, conhecida especialista sueca em assuntos demográficos:

Vinte e cinco por cento das mulheres suecas se acham solteiras aos quarenta anos.

Vinte e sete anos é em média a idade em que se casam as mulheres.

A natalidade decresceu de tal maneira na Suécia, que é hoje a mais baixa do mundo: 0,756, isto é, vinte e cinco por cento menos que o necessário para manter a mesma população.

Para cada sete ou oito nascimentos, há um ilegítimo. E a proporção seria muito maior se não fosse generalizado entre os moços o uso de medidas anticoncepcionais.

O fato de grande número de mulheres não terem oportunidade de se casar é reconhecido francamente, e há grande tolerância quanto a relações sexuais fora do casamento. A mãe solteira tem os mesmos direitos e privilégios diante da lei que a mãe casada.

«Se tomamos esta atitude,» disse-me um sueco de renome, «é porque na situação crítica em que nos encontramos, somos gratos por todas as crianças que nascem; alem disto reconhecemos que por não ter tido uma mulher a sorte de se casar, não nos cabe negar-lhe o direito de ter filhos.»

Estamos longe, nos Estados Unidos, de enfrentar tão grave situação; mas é inegavel que onde houver grande maioria de mulheres e pouca probabilidade de casamento, haverá ao mesmo tempo maior liberdade quanto à vida sexual.

Verificou-se depois da Primeira Guerra Mundial, em consequência da grande mortandade e por outros motivos, grande aumento na proporção das mulheres. Na Polônia havia 38% mais mulheres que homens; na Rússia 32%; na Grã-Bretanha 23%; na França, Alemanha e Itália, de 22 a 21%. «A situação era tão séria,» referem os especialistas, «que se pensou em reconhecer legalmente a poligamia.» O projeto não foi adiante, mas a poligamia tornou-se um fato reconhecido pelos usos.

Declarou recentemente uma cientista francesa: «É sabido que na França para cada dez casais há um polígamo, embora, claro está, isto não seja reconhecido pela lei; mantêm esses homens outras mulheres alem da esposa legítima, sustentando muitas vezes dois lares e duas famílias.»

Em outros paises da Europa, mesmo na Inglaterra, era grande o número de mulheres que, por não se terem podido casar, recorriam aos maridos de outras.

Estes exemplos vêm demonstrar que o sistema de um marido para cada mulher só existe realmente quando o número de homens é suficiente para torná-lo possivel. O maior freio à poligamia tem sido sempre uma população com proporção equilibrada de ambos os sexos.

Um excedente de mulheres pode trazer-nos ainda outros perigos. Ficaríamos diante da alternativa de aceitar maior número de filhos ilegítimos, ou então de ver decrescer a população do país. A falta de maridos aumentaria o número de mulheres que trabalham, o que traria novas complicações para o problema da falta de emprego. Assim ocorreu na Europa.

Que poderemos fazer para evitar esses perigos?

Generalizando o tratamento pré-natal aumentaríamos as probabilidades de nascerem crianças do sexo masculino. Entre as mães moças e em boas condições de saude, a proporção de meninos é superior ao normal. Se, em tempo de guerra e após a guerra, nascem mais meninos, pensam os especialistas que é por serem as mães mais jovens.

Outra medida indicada seria procurar diminuir a mortalidade dos meninos nos primeiros anos de vida. Nas classes mais abastadas a mortalidade das crianças do sexo masculino é menos da metade do que é para o total do país. Cuidando melhor de todas as crianças, aumentaríamos consideravelmente a probabilidade de sobreviverem os meninos na primeira infância.

A desigual distribuição geográfica dos sexos é outro obstáculo para o casamento. Ainda no princípio desta guerra tinham os estados do Oeste seis por cento mais homens que mulheres. Na Nova Inglaterra, e outras regiões da costa do Atlântico, para uma população que é apenas um quarto da população total do país, encontram-se três quartos do excedente de mulheres brancas de toda a nação.

Qualquer medida que favorecesse a melhor distribuição dos sexos, daria mais oportunidades de casamento às mulheres. As necessidades de guerra encaminharam as mulheres para muitos campos de atividade onde outrora só havia homens. Se for permitido às mulheres continuarem nestes empregos depois da guerra, teremos aí um meio de favorecer maior número de casamentos. Muito se poderia fazer neste sentido, facilitando o contacto social entre moças e rapazes em idade de se casarem.

Se não começarmos desde já a tomar providências para remediar esta situação, talvez venhamos a verificar termos perdido na frente interna a mais importante de nossas batalhas sociais. Desta vez as vítimas seriam nossas filhas, e não nossos filhos.

O inabalavel pessimista

¶ «Bonita seara!» disse um turista, à laia de cumprimento, a um fazendeiro do Vermont. «Este ano você não tem razão de queixa, hein!»

O fazendeiro ficou a pensar um minuto, e depois replicou:

«Olhe, não sei, não. Uma seara desse jeito come aí na terra que é um louvar a Deus...»

—*Family Herald and Weekly Star*

Um jovem que soube associar o espírito do negócio ao amor da aventura

Tambem há lucro na aventura

(Condensado de «Gold, Diamonds, and Orchids»)

Por William LaVarre

«EXPEDIÇÃO a Bornéu...» —«Famoso explorador parte para a África...» Como o mundo era grande! Eu era então um rapazola a caçar doninhas numa fazenda da Virgínia, vendendo as peles a três dólares e setenta e dois centavos, quando de qualidade e tamanho aceitaveis. Pudera eu tomar parte numa daquelas expedições!...

«Como foi que o senhor chegou a ser explorador?» indaguei um dia a meu avô. «Penso que antes de tudo se deve saber o que se vai explorar, —retorquiu ele piscando um olho, —e tratar de aprender tudo o que há sobre o assunto!» Percebí logo que o velho estava pregando uma lição de moral em relação à escola, ainda que não tivesse pronunciado tal palavra. Não era possivel sair disso.

Para atenuar os rigores da prisão de quatro paredes de minha sala de aula, eu me inscrevia em matérias de maior relação com o ar livre, tais como: geografia, geologia, mineralogia. Aprendí a magia de poder olhar para uma paisagem, e ler sua história através de suas montanhas, rios e vales. E comecei a inteirar-me de que sob a superfície terrestre existia tambem um mundo cheio de tesouros ocultos, de ferro, cobre, prata, ouro e diamantes.

Nos anos seguintes, o mesmo rapaz que outrora nutria tamanha aversão ao estudo, iniciava-se em pesquisas bibliográficas, percorrendo avidamente páginas de livros e esgotando assuntos. Um professor da universidade, de olhar penetrante, me dizia: «O mundo ainda está cheio de minerais por descobrir.» E continuava: «Porque não se dedica mais ao estudo? Com suficiente conhecimento de mineralogia, um homem que ambiciona viajar pode muitas vezes combinar o prazer com os negócios. Encontre alguma coisa de que se precise para comer, beber, trajar, ou usar, e logo os banqueiros se interessam em entabolar negócios a respeito...»

Um professor a falar de negócios! Isso era extraordinário! Deve haver um mundo de coisas a ser descobertas por quem afronte as selvas, coisas necessárias aos consumidores. Mas que oportunidades poderia encontrar um pobre diabo para se tornar explorador?

Essa oportunidade, porem, apareceu de repente.

«Que pretende você fazer este verão? escrevia-me um amigo da América do Sul. —Quanto a mim vou organizar uma entrada pelos sertões à procura das pepitas de ouro dos terrenos de aluvião. Você não quer tomar parte na expedição?» E assim foi que zarpei para o sul num vaporzinho cargueiro, imundo.

A selva misteriosa, dominando altaneira por cima de nossa canoa, parecia uma palissada estendida à direita e à

esquerda. Durante quarenta dias lutamos contra a correnteza furiosa da um rio. A floresta, levantando-se como parede atapetada, estendia uma cortina sobre tudo. Contra minha expectativa, não aparecia um jaguar, nem grandes serpentes, nem sequer um macaco...

«É por isso que ainda há ouro por aquí! considerava meu companheiro. Se a selva não fosse tão densa, teriam já passado por ela milhares de homens. A brenha está cheia de caça como de ouro, mas, para descobrí-los, temos que procurar atentamente.»

Descobrimos ouro. Eu encontrei diamantes. Diamantes pequenos, em pedrinhas, mas de grande brilho e pureza. Pouco a pouco fui aprendendo a identificar outros objetos de mais procura nos mercados, que tinham mais consumidores. Descemos o rio com uma batelada dos mais variados produtos, como fossem: plantas, resinas, espécimes raros de minerais, orquídeas e peles, cada um dos quais nos deixou algum lucro. Uma companhia londrina para a qual embarcamos as orquídeas enviou-nos um cabograma urgente encomendando outras na maior quantidade possivel. Uma firma de produtos farmacêuticos à qual mandei amostras de nova planta medicinal, telegrafou-me pedindo informações sobre quantas «toneladas» de folhas poderia eu remeter-lhes anualmente. Verifiquei então ser real a existência da oportunidade de explorações com finalidades comerciais.

Voltei logo depois à universidade, e absorví com afã o novo semestre. Inscreví-me em novos cursos e abandonei outros. Mantive minuciosa correspondência com firmas comerciais, classificando os meus informes de acordo com os recursos de importância comercial da região setentrional da América do Sul.

Verifiquei então que a idéia de explorações com propósitos comerciais não tinha tanta originalidade. Quase todas as firmas com as quais me correspondí, tinham direta ou indiretamente alguns agentes à procura de novos produtos e novas fontes dos mesmos. Até as próprias fábricas de chícletes mantinham expedições nas selvas da América Central e da América do Sul a ver se arranjavam novas concessões de terras com árvores das de que necessitavam, ainda não sangradas. Um explorador de goma de mascar!... E porque não? Procurei um desses incógnitos exploradores comerciais:

—Não sou muito romântico, dizia o velho Thorpe. —Fiz dez viagens através dos Andes, e ninguem as classificou de expedições.

—Mas o senhor não deixa de ser um explorador, insistí eu, considerando que ele tinha atravessado milhares de quilômetros de terras inexploradas nos anos em que andava à procura da casca da quina. —Se o senhor não é explorador não sei quem o será...

—Pergunte aos jornalistas, meu filho. Tive uma única entrevista em minha vida, e nela fui chamado de aventureiro!

Entrei tambem em contacto com um entomologista comercial. Um «caçador de insetos», conforme me disseram. De qualquer maneira, a idéia de um homem passando a vida inteira debruçado sobre um microscópio, a estudar bichinhos insignificantes, causava-me arrepios. Mas o homem que encontrei estava bem trajado, direi quase elegante.

—Traga-me uma caixa de insetos venezuelanos, pediu ele à sua secretária. —Eles lhe darão uma idéia dos espécimes mais valiosos. O azul que está no centro é uma...

—Meus conhecimentos de entomologia são por demais escassos retorquí, —Estou planejando fazer uma viagem à Venezuela. Tenho em mira primeiramente a cata do ouro, mas apanharei tudo o que possa ter valor.

—Exatamente, disse ele, esta espécie de pulgão que o senhor vê no centro vale dez mil dólares, contanto que possa trazer vivas umas dez larvas.

—Que tem ele de tão maravilhoso? perguntei estupefato.

—Nossas pesquisas levam-nos a crer que seja o único destruidor eficaz da broca da cana. E como o senhor sabe, esta broca está arruinando centenas de plantações de cana de açucar nas Antilhas.

Tomei cuidadosamente a amostra do inseto, e retirei-me calado, entregue às minhas próprias meditações. A entomologia, assunto que nunca me despertou o menor interesse, parecia-me de repente sobremodo tentadora.

—O diretor já o chamou duas vezes, ele quer falar-lhe pessoalmente, foram as palavras com que fui recebido por meu companheiro de quarto da universidade.

Nosso querido diretor estava olhando pensativo para minha ficha de estudos, quando entrei. Dirigiu-se para mim nestes termos:

—Tenho visto inúmeras tentativas para se livrarem dos cursos regulamentares, meu rapaz, mas nunca vi semelhante coisa! O senhor, a fazer estudos adiantados de mineralogia, sem ter tido sequer noções de química! Está terminando o terceiro ano de astronomia, sem nunca ter posto o nariz numa classe de francês ou de alemão. Como pode aprender algo de astronomia, quando todos os melhores livros na matéria são em língua que o senhor desconhece?

—Não tenho pretensões a tornar-me astrônomo... quero apenas saber o suficiente sobre os astros e seus movimentos para poder orientar-me com um teodolito em qualquer parte da superfície da terra... gaguejei desconcertado.

O diretor tirou os óculos, limpando-os cuidadosamente, e foi dizendo: —Suponho que tudo o que o senhor deseja saber da mineralogia será como distinguir o ouro das pirites.

Achava-me evidentemente em apuros. Sob o ponto de vista acadêmico, eu não teria escapatória, a menos que conseguisse inculcar no espírito do meu interlocutor algumas das minhas idéias que não se encontravam nos livros didáticos.

—Peço perdão, —comecei a falar — mas estou tentando escolher no programa as matérias que podem me dar melhor proveito. Há muitos assuntos de muitas cadeiras que estou ansioso por aprender. Estava mesmo para vir aquí pedir-lhe que me permitisse a matrícula na quarta série de entomologia.

—Santo Deus! exclamou o diretor bruscamente. Quarta série de entomologia?! Será que o senhor pretende tambem saltar sobre as três primeiras séries?

—Quero aprender alguma coisa sobre os pulgões, tentei explicar.

—Pulgões! gritou ele furioso. —O senhor está louco?

Terriveis momentos aqueles! Continuei defendendo-me como podia. Minha defesa parecia-me simples de fazer, mas era extremamente dificil contornar o regulamento... Eu desejava estudar tudo o que me pudesse ser de alguma utilidade.

—O que o senhor precisa, meu amigo, é uma universidade especial, exclusiva para si!

—Não senhor,—redarguí, tudo está aquí. Só o que preciso é que me deixem escolher por mim mesmo. E, caso o senhor não se oponha, em mais quatro meses saberei tudo quanto necessito.

—Pois bem,—disse o diretor—se isso chegar ao conhecimento do presidente... e deixou a frase incompleta.

—Obrigado! respondí eu, e precipitei-me para a porta.

Alguns meses depois, um vapor cargueiro era outra vez o meu navio encantado, e mais tarde, com uma canoa de loureiro vermelho da Guiana eis-me a penetrar as selvas. Vinte e dois remadores nús, cinco mil quilos de gêneros alimentícios, laboratório portatil, caixas de ensaio, instrumentos, máquinas fotográficas, filmes, e um único e assustado jovem branco... Tudo quanto eu possuia no mundo estava naquele barco, rumo ao desconhecido.

Durante sessenta dias entramos cada vez mais pelo interior. Minhas repetidas ordens de alto, e minhas investigações geológicas e mineralógicas das rochas, isso diariamente, não podiam deixar de causar admiração a meus companheiros. Estavam desejosos de ajudar-me, mas apareciam-me sempre com um pedaço de quartzo ou com amostras de mica. Enfim, completamente exhaustos, chegamos ao aldeamento dos caraibas no centro da região montanhosa. Organizei um acampamento definitivo numa extremidade da povoação, e atirei-me ao trabalho.

Permanecí na selva por sete meses até que se esgotassem minhas provisões. E quando descemos o rio, o barco estava mais carregado que ao subirmos. Atravessamos temerosas corredeiras, e muitas vezes tive a sensação de ver a nau em pedaços antes do término da aventura. Conseguimos porem dominar o rio perigoso, e chegamos à metrópole no litoral, extenuados e famintos. Apesar de tudo, sentíamo-nos felizes. A lista que se segue mostra o que pagou o consumidor pela carga que trouxemos:

3 fardos de orquídeas sortidas	5.720 dólares
4 fardos de casca de salsaparrilha	520 dólares
1 concessão para exploração de salsaparrilha (depois vendida)	5.000 dólares
15.030 gramas de ouro a 2/3 de dolar por grama	10.020 dólares
250 quilos de borracha (em balatas)	300 dólares
1 concessão para exploração de borracha (vendida mais tarde)	7.000 dólares
317 quilates de diamante bruto	15.875 dólares
5 fardos de material etnológico vendido ao museu	3.100 dólares

Não conseguí obter o tal pulgão senão numa expedição posterior; todos os casulos encontrados estavam vazios. Mas minha renda total, inclusive 570 dólares recebidos por três fardos de resina de incenso de Hiawa, e 750 dólares por 15 cabaças de veneno «Urali», vendido a laboratórios britânicos, foi de 48.855 dólares. Despesas com a expedição, 17.910,74 dólares. Lucro líquido, 30.944,26 dólares.

Tenho em mãos inúmeras cartas perguntando-me como se pode ser um explorador e onde fazer a exploração.

Ainda que se deseje ser um explorador independente, é de grande utilidade conhecer o lado prático de uma expedição. As grandes expedições levam físicos, mineralogistas, botânicos, químicos e zoologistas, e às vezes mesmo mecânicos e aviadores. Em todas elas é in-

dispensavel um bom fotógrafo, não propriamente um artista, mas que possa obter boas fotografias em qualquer circunstância, e revelá-las no próprio local. Em outras palavras, necessita-se de homens práticos.

Escreve-me um jovem: «Para onde ir? Tenho bastante experiência, mas tudo já foi explorado.»

Tudo foi explorado... cientificamente. Existem porem imensas regiões nunca exploradas comercialmente. Canadá, Alasca, e América Central são regiões não desenvolvidas sob esse ponto de vista. Praticamente todo o coração da América está, comercialmente, inexplorado. Nunhuma idéia exata pôde até o presente ser feita da África, da Ásia e dos Mares do Sul. Até que as fontes de riqueza do mundo estejam totalmente descobertas, as portas da oportunidade poderão ser forçadas e abertas pelos homens de espírito aventureiro que saibam o que procuram, e sobretudo possam identificá-lo quando tiverem a sorte de encontrar.

O bom-humor do General MacArthur

¶ Os comunicados do general MacArthur, no Pacífico, sempre se referem a perdas dos Estados Unidos, mesmo quando não haja nenhuma. As razões que o levam a fazer tal, segundo ele explicou ao tenente-general George C. Kenney, remontam a um episódio passado com seu pai, o general MacArthur, que foi um grande lidador, combatendo os Índios. O velho MacArthur certa vez capturou um grupo de peles-vermelhas, e queria impressionar os bravos guerreiros com a grande força dos brancos, de modo que esses compreendessem a futilidade das suas periódicas incursões. «Como intérprete, —disse MacArthur—meu pai se utilizou do famoso batedor índio «Wild» Bill Hickok, falando aos chefes índios sobre as então recentes locomotivas, movidas a carvão e lançando chamas, as quais podiam carregar um milhar de guerreiros brancos com seus cavalos, de uma só vez. Os índios falaram entre si e depois a Hickok. «General, —disse este—eles simplesmente não acreditam». Meu pai, então, pediu a Hickok que falasse aos peles-vermelhas sobre o barco a vapor, que podia navegar mais rapidamente do que qualquer canoa indígena, e que era grande como uma montanha. Outra vez Hickok falou aos índios, que mantinham suas fisionomias rígidas como pedras. «General, —informou ele—eles tambem não acreditam nisso.» Meu pai fez uma derradeira tentativa: «Bill, os índios podem não entender o que seja uma locomotiva ou um barco a vapor, mas eles fazem sinais com os seus tambores de guerra; portanto, podem entender a invenção do telégrafo de Morse. Diga-lhes que um soldado nosso pode transmitir instantaneamente uma mensagem a outro soldado, a 80 quilômetros de distância.» Wild Bill pisou com força um buraco de formigas e cuspiu ruidosamente para um lado. «General, —disse ele—não posso dizer isso, porque, por Deus, isso nem eu acredito!»

O general Kenny tinha protestado, dizendo que o comunicado de MacArthur do dia anterior estava errado, porque os seus pilotos tinham arrazado os nipões sem sofrer uma só perda. MacArthur contou-lhe então essa história, e acrescentou: «O que eu quero é que alguem nos acredite!»

—Ed Sullivan

Vida e amores dos Irmãos Siameses

(Condensado do «Kiwanis Magazine»)

Por J. P. McEvoy

Todos temos ouvido falar no caso extraordinário dos Irmãos Siameses; quantos porem entre nós estarão em condições de dar segura resposta a perguntas como estas: Eram eles juridicamente dois indivíduos distintos, ou uma sociedade? Se um cometesse um crime, caberia tambem ao outro responsabilidade no delito? Tinham os dois fome e sono ao mesmo tempo? Qual deles morreu primeiro, e como se explica o fato? Quantas viuvas deixaram? Quantos filhos?

Lembremos, para começar, que Chang e Eng, posteriormente conhecidos como Chang-Eng Bunker (sobrenome de uma senhora de Nova York que lhes dispensou muitos cuidados) nasceram em 1811 numa pequena aldeia de pescadores à margem do rio Mekong, e não distante de Bangkok, Sião. Pai, chinês. Mãe, cincoenta por cento chinesa. Tinham os gêmeos por conseguinte apenas um quarto de siameses, ou, digamos gracejando, um oitavo cada um.

Cresceram até à altura—Chang, de 1 metro e 55, Eng, de 1 metro e 57, mais ou menos (Chang usava sapatos especiais, para bem ajustar-se ao companheiro), e procuraram tornar-se uteis, criando patos e vendendo ovos, sem que passasse despercebida a ninguem a habilidade com que negociavam. Punham-se a falar juntos, os dois, um terminando a frase do outro, e, de ordinário, o regateador que imaginava poder explorá-los não lhes levava vantagem.

Um dia—tinham então Chang e Eng 18 anos de idade—um capitão de navio americano lançou âncora no porto, e acidentalmente os encontrou. Conseguiu atraí-los para bordo, e os trouxe para Boston. O caso tornou-se sensacional, inclusive na Europa, onde com eles o seu protetor fez, logo em seguida, uma excursão. Somente nas Ilhas Britânicas, prolongou-se esta, ao que se diz, por cerca de 4 mil quilômetros, sendo os gêmeos exibidos a 300.000 súditos britânicos. Os próprios membros do augusto Colégio Real de Cirurgiões convidaram Chang e Eng para um chá, e, depois de os examinarem discretamente, reconheceram neles «um extraordinário *Lusus Naturae*».

Com efeito. Ligados um ao outro como eram, «podiam correr, nadar, fazer excursões a pé, de dez a quinze quilômetros, e mais, jogar raqueta e pela, e não raro saíam a caçar». Só podiam andar lado a lado. Dormiam, cara a cara, mudando de posição mediante o simples expediente de rolar sobre si mesmos, o que aprenderam a fazer automaticamente, sem acordar um ao outro. Eram em tudo normais, exceto quanto a uma faixa, pequena e flexivel, de oito a nove centímetros de comprimento, e uns vinte em circunferência, que os ligava a partir da extremidade do esterno de cada um, estendendo-se para baixo até o abdome.

Houve uma grande divergência de opiniões entre os médicos do tempo, com relação ao que iria por dentro

desta faixa, e só se veio a apurá-lo por ocasião da autópsia, que foi, como seria de prever, um acontecimento mundial; todos, porem, concordavam em que a intervenção cirúrgica, no sentido de separá-los, não teria outro resultado senão causar-lhes a morte. Havia contudo um fato que intrigava: uma alfinetada, no exato centro da faixa, era sentida por ambos; se, entretanto, se aplicava uma punção, fosse à direita ou à esquerda, só quem a sentia era aquele que recebia mais de perto o golpe. Quando crianças, contrairam os gêmeos, ao mesmo tempo, varíola e sarampo, e ao mesmo tempo se restabeleceram; mas, depois de adultos, enquanto um se dava periodicamente a excessos de bebida, era o outro um completo abstêmio—e a exaltação alcoólica do primeiro não atingia de maneira alguma a pia sobriedade do segundo.

Ao regressarem aos Estados Unidos da sua terceira viagem, só vieram mais ricos em experiência, pois o capitão do navio entendeu de «arribar» a certa altura, levando consigo o cofre. Mas os Siameses, já em idade de dirigir-se por si, estabeleceram outros contactos, entre os quais o do famoso Circo Barnum, e acabaram acumulando um patrimônio de 60 mil dólares.

Quem quer que se ponha no caso de um dos dois célebres gêmeos, poderá fazer idéia das complicações com que arcar, e não poucas tiveram eles, a proporcionar-lhes aliás as mais curiosas das experiências. Assim, por exemplo, em Londres, uma jovem, «de família respeitavel», a senhorita Sofia, enamorou-se violentamente dos gêmeos, tanto de um como de outro, igualmente consternados. Infelizmente ela achou, na cândida prosa da época, «impedimentos intransponiveis a embaraçar-lhe o caminho—porque os gêmeos tinham sido considerados, por eminentes médicos ingleses, como indivíduos distintos, e, caso a sua paixão fosse plenamente retribuida, lhe seria dificil expor-se a uma ação por bigamia que um casamento naquelas circunstâncias necessariamente acarretava». Tolhida, atormentada pela inexorabilidade dos preceitos e tricas legais, apelou ela para os poetas, e despediu-se dos gêmeos enviando-lhes dois versos, escolhidos a propósito na poesia amorosa.

Não foram poucas as dificuldades de ordem jurídica suscitadas pelos gêmeos aos advogados americanos, a respeito por exemplo do modo como exercer o seu direito de propriedade. Não seriam eles, inevitavelmente, associados nesta, como o eram na vida? Decidiu-se finalmente que os dois poderiam possuir bens, e celebrar contratos, individualmente ou como sócios, assinando um pelo outro; mas deviam casar como indivíduos à parte, de modo que os seus filhos herdariam separadamente.

E se um cometesse um crime? Seria tambem o outro processado, como cúmplice? E se um fosse inocente, ficaria obrigado a participar da punição do culpado? Ninguem poderia alegar que um ignorava o ato do outro, porque os dois adormeciam sempre ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo acordavam, sentiam fome simultaneamente, nutriam-se dos mesmos alimentos, nas mesmas quantidades, cada um fumava ou mascava fumo quando o outro o fazia, e, por muito que se tentasse, foi verificado impossivel entreter, a um tempo, os dois, em conversas em separado, sobre assuntos distintos. Conquanto discordassem veementemente acerca de muitas coisas, só lhes era possivel falar, sobre o mesmo assunto, ao mesmo tempo, rematando cada um, como nos tempos da infância, a frase iniciada pelo outro.

Era raro, todavia, que palestrassem entre si. Como o fato causasse estranheza, explicaram-no uma vez dizendo que viam ambos as mesmas coisas, ao mesmo tempo, e sentiam de igual modo sobre elas, nada havendo pois a comentar. Por idêntica razão, não gostavam de jogo que envolvesse qualquer disputa entre os dois, como seria o caso do xadrez, em que eram aliás peritos. Alegavam não ter maior prazer em jogar, competindo um com o outro, do que o teria porventura alguem que pusesse «a mão direita a jogar contra a esquerda». Divergiam entretanto em política, e até com violência. Foi assim, por exemplo, na eleição para o Congresso, em 1847, quando chegaram a votar, cada um no seu candidato.

Com três quartos de sangue chinês, já eram então os dois irmãos siameses cidadãos americanos, por força de uma lei especial votada pela assembléia da Carolina do Norte. Tinham aprendido a falar inglês muito bem, e igualmente a ler e escrever. Adaptaram-se, por outro lado, à moda americana, salvo no fato de usarem, à velha moda chinesa, um rabicho de mais de metro, que enrolavam firmemente em torno da cabeça. E chegaram a prosperar na lavoura.

Algures, numa de suas viagens, tiveram os gêmeos outra aventura romântica. Desta vez, foram duas irmãs que se mostraram enfeitiçadas por eles. Não faltaram más línguas, na época, para ligar de alguma sorte o fato à situação de abastança em que se encontravam os siameses. Como quer que seja, o que é certo é que, no dia 1 de abril de 1843, se casavam, na Carolina do Norte, Chang, com Adelaide Yeats, e Eng, com a irmã desta, Sarah Ann. Teríamos prazer em acrescentar que passaram a viver, os quatro, juntos e felizes, tempo em fora. Mas seria faltar à verdade. As duas irmãs não se entenderam bem, e os dois não se sentiram de acordo em relação às cunhadas. Para resolver a crise, construiram os gêmeos casas separadas, a alguns quilômetros uma da outra, nas imediações de Mount Airy, Carolina do Norte, e aí instalaram as mulheres, cada uma na sua morada. Passavam então, ora numa ora noutra das casas, três dias sucessivos, o que a gente do lugar não deixava de achar curioso como regime de vida.

Assim viveram casados durante mais de trinta anos, havendo tido um total de 22 filhos, todos eles, seja dito, excepcionalmente vivos. Eng foi o campeão, com doze filhos, sete homens e cinco mulheres, todos normais. Chang teve dez, sete mulheres e três homens, tambem normais, com exceção de dois, um pequeno e uma pequena, que nasceram surdos-mudos.

Veio a Guerra Civil, e os Siameses, simpatizantes da Confederação, sofreram as consequências da derrota. Empobrecidos, vieram a Nova York, a ver se ainda conseguiam restaurar as finanças, e exibiram-se no Museu Wood. Já não despertavam, porem, nenhum interesse ao público. Desanimados, esquecidos, recolheram-se à penumbra, e passaram os seus últimos dias nas modestas propriedades agrícolas que puderam conservar—indo fielmente às duas casas, chovesse ou fizesse sol, naquele mesmo e invariavel regime dos três dias em cada uma.

Rezam aliás algumas das velhas crônicas que daí lhes proveio a morte, pois foi numa dessas idas, debaixo de chuva,

que apanhou Chang um resfriamento fatal. Outros dão Chang como vítima de excessos alcoólicos. O certo é que, numa tarde de sexta-feira, 23 de janeiro de 1874, sexagésimo-terceiro ano da singular existência que vinham, tão longo tempo, atravessando, retiraram-se os dois, por si mesmos, para um pequeno quarto, e se acomodaram na cama. Chang, porem, estava inquieto. Entre a meia-noite e o amanhecer, levantaram-se, tomando assento, perto da chaminé, numa cadeira especial que havia sido feita para eles. Eng sentiu-se com sono, e quis voltar para o leito. Chang, entretanto, se opôs, queixando-se de uma dor no peito, que o afligia, quando deitado. Discutiram um pouco sobre o caso, enquanto Eng fumava o seu cachimbo. Acabaram por se deitar, e Eng adormeceu profundamente.

Agora, a cena final, impressionante, macabra, nem coisa igual jamais se imaginou:

Eng, acordando, perguntou ao filho: «Como está seu tio Chang?» O rapaz respondeu: «Tio Chang está frio. Está morto.» O que então se passou, é indescritivel. Começou Eng a chorar, dizendo à mulher, a quem haviam chamado: «Minha última hora chegou.» Ao voltar-se, sobreexcitado, para o companheiro já sem vida, foi acometido de violentos paroxismos nervosos. Dentro de duas horas, era cadaver, embora tivesse ido para a cama em perfeito estado de saude.»

A autópsia, realizada em reunião especial do Colégio de Médicos de Filadélfia, proporcionou várias respostas ao mundo médico, em termos como teratologia, «omphalopagus Xiphodidymus» e bilateralidade dupla. Evidenciou tambem que qualquer tentativa que se houvesse feito, para separar os gêmeos, teria sido fatal. Apurou-se que Chang morrera de embolia cerebral. A morte de Eng, porem, dado o modo como ocorreu, e não se tendo encontrado a causa determinante, foi geralmente atribuida ao medo que o avassalou ao ver o outro morto.

Humor do rádio

¶ *O Juiz*:—Quer me parecer que nestes últimos vinte anos você não tem feito outra coisa senão vir responder no meu tribunal!

O réu:—Mas seu juiz, eu não tenho culpa que eles não promovam o senhor...

—*Can you top this?* (NBC)

¶ O AUTOMOVEL vinha devagar e esbarrou comigo. Protestei:

—Que diabo é isso? A rua é larga! Porque é que você não se desviou?

—O senhor me desculpe, disse o chofer. —Mas a minha ração de gasolina não dá para tanto...

—Kate Smith Hour (CBS)

¶ «PERDÍ mesmo o gosto pelo cinema. Minha senhora volta todo dia tão cansada da fábrica! Alem disso, eles agora só mostram filme de aviação, e eu fico vexado, porque ela desata logo a criticar em voz alta a soldagem das asas!

—Groucho Marx (CBS)

Perdem por seis a um

(Condensado do «Air Facts»)

Pelo Capitão Thomas G. Lanphier, Jr.

SEMPRE que enfrentamos os japoneses no ar, vencemos, levando grande vantagem. Há pouco tempo, em quatro combates nas ilhas Salomão, destruimos 165 aviões japoneses, perdendo apenas 25, o que representa uma média de mais de seis aviões inimigos derrubados, para cada um dos nossos. A contagem é sempre tão favoravel, que pode parecer exagero.

Não há, porem, exagero algum.

Se houver engano há-de ser antes no sentido contrário. O piloto só assegura haver derrubado um avião inimigo quando o vê estraçalhar-se no ar, explodir, ou incendiar-se por completo. Ver o aparelho inimigo descer em mergulho, largando fumaça, não é prova suficiente, pois o estratagema é conhecido, e qualquer avião pode fazer fumaça, e simular incêndio, regulando a entrada de combustivel. Procuramos, sempre que nos é possivel, confrontar a afirmação de um piloto com o testemunho de outros, ou de observadores em terra, sendo que estes últimos geralmente vêem cair mais aviões do que o número alegado pelos pilotos. Na verdade, num combate de certas proporções, o piloto está muito atarefado para saber que fim levam os aparelhos que ele perde de vista. Dá-se, às vezes, ter sido atingido e morto o piloto inimigo, e se bem que o avião vá mais tarde despedaçar-se contra o solo, será impossivel prevê-lo durante o combate.

Nos primeiros meses de guerra, nossos pilotos eram obrigados a combater em aviões velhos que mal podiam chegar à altura onde voavam os nipões. Mas as coisas mudaram muito, e temos hoje aviões de combate para diversas altitudes, podendo sobrepujar o japonês em qualquer delas. Os *Lightning* da Lockheed, e os Vought *Corsair*, têm mais velocidade, sobem mais depressa, atiram mais longe, e podem voar mais alto que o caça Zero dos japoneses. O Curtiss P-40 ainda é um bom avião na altitude para que foi destinado.

Nossos aparelhos são tambem muitissimo mais sólidos e resistentes que os japoneses. O *Lightning* que atacou e pôs a pique um destróier, esbarrou durante o combate no mastro do navio, perdendo cerca de um metro de asa; ainda assim voou 480 quilômetros, até chegar à sua base em Guadalcanal, onde aterrou normalmente. Um *Corsair*, que perdera mais de um metro da asa esquerda numa escaramuça, regressou salvo à base.

Chego a suar frio quando penso no que deve ser voar num avião inflamavel, e sem proteção alguma como o Zero. É impressionante ver o estrago que podem fazer as balas incendiárias e traçadoras de calibre .50 ao atingir um desses lindos e frageis aparelhos.

O CAPITÃO THOMAS G. LANPHIER JR., fazendo parte de uma esquadrilha que já destruiu sessenta aviões japoneses nas Ilhas Salomão, derrubou ele próprio sete desses aviões nas suas 175 horas de vôo em combate.

Já foi condecorado com a *Distinguished Flying Cross* (Cruz da Aviação), a *Silver Star* (Estrela de Prata), *Oak Leave Cluster* (Ramo de Carvalho), e a *Navy Cross* (Cruz da Marinha).

Outro ponto fraco dos japoneses é a tendência que têm os pilotos a fazer somente aquilo que aprenderam, sendo que durante a aprendizagem pouco lhes ensinam sobre trabalho de conjunto. Isto redunda em séria desvantagem, uma vez que lhes falta tambem a imaginação e engenho necessários para o trabalho individual. Os bombardeiros japoneses costumam voar em formações fechadas e bem disciplinadas, enquanto os caças, como um enxame de abelhas, voam por todos os lados, seguindo apenas em linhas gerais a direção de seu comandante. Na verdade os caças combatem cada um por conta própria, sem se incomodar com a sorte dos companheiros. Os nossos, pelo contrário, voam sempre em grupo, como se fizessem parte de um time. Ao ver meu vizinho atacado, meu primeiro dever é socorrê-lo, e só depois posso procurar combater por conta própria. «Auxilie seu vizinho, que este, por sua vez, virá em seu auxílio»—é o nosso princípio básico, e que tem provado mais de uma vez ser grande fator de êxito. A maior parte dos pilotos acrobatas que conheci, os individualistas sensacionais, já estão a esta hora mais que mortos. Procuramos ter imaginação, e recorrer a manobras originais e audaciosas, mas não nos esquecemos de proteger-nos uns aos outros.

De volta de uma missão, e já sem munições, quatro Grummans da Marinha foram certa vez atacados por doze Zeros. Os pilotos dos Grumman procuraram conservar-se bem juntos, e, manobrando incessantemente em volta uns dos outros, desafiaram o inimigo, que não ousou aproximar-se; os americanos puderam por fim aterrar intactos na sua base. Se, pelo contrário, houvessem quatro Zeros sido atacados por doze Grummans, ter-se-iam eles imediatamente dispersado, oferecendo dessa maneira presa facil para os Grumman.

Outro ponto a considerar é o tipo de piloto que enfrentamos hoje em dia; ainda os mais habeis não se comparam com os veteranos bem treinados contra quem lutávamos no princípio da guerra. Em média, os pilotos de Zeros que encontramos agora são rapazes que não completaram a instrução secundária, revelam pouca experiência de vôo, e ainda menos de combate; não têm a astúcia nem a competência dos outros.

O piloto japonês é bastante corajoso e temivel, se está com a vantagem; mas, se o pusermos a prova, voando diretamente contra ele, dispostos a «tirar a teima», e ver quem desvia primeiro, verificamos que é sempre o japonês. Já tomei parte em cerca de cem incursões contra estes, e não acredito nessa história do fanatismo do piloto japonês, que estaria sempre pronto a sacrificar-se em troca da vida de um inimigo; isso não passa de lenda.

Os japoneses acreditam em tudo que lhes dizem seus superiores, e estes asseguram que os americanos não têm bossa para a guerra, que são uma raça decadente. De modo que, quando atacamos inesperadamente, ou surpreendemos o piloto japonês com manobras audaciosas, ele hesita. No ar, não há perdão para quem hesita; morre-se, antes de ter tempo de pensar. Na verdade só há duas espécies de pilotos de caça—os espertos e os mortos.

É uma grande felicidade para nós que os americanos sejam da classe dos espertos que ficam vivos, e os japoneses dos que hesitam, e são mortos.

Em resumo, a guerra veio provar que o rapaz americano sabe ser mais rijo e valente que qualquer súdito do Imperador, atarracado e dentuço.

Sobre os segredos da maternidade

(Excertos da «Vogue»)

Por Gretta Palmer

QUE SABERÁ você a respeito das mais recentes conclusões científicas em matéria de parto? Você provavelmente se rirá daquelas velhas histórias, como a de pôr em baixo da cama uma faca bem amolada, para que o trabalho da parturição se faça mais facilmente; entretanto, merecem-lhe crédito várias lendas sobre o assunto que não são menos absurdas.

Se lhe for possivel, no que em seguida vai ler, estabelecer a diferença entre a superstição e o fato, desembaraçando este daquela, terá recolhido sobre o caso informações preciosas.

1. ***Num período de guerra, nasce maior número de crianças do sexo masculino do que em tempos normais.***

É verdade. A relação de nascimentos, entre meninos e meninas, sobe a cerca de 115 para 100, e isso em todas as guerras.

2. ***Se a mãe é o carater forte no casal, o filho será provavelmente um menino.***

É falso. A personalidade dos pais não tem efeito visivel no sexo do nascituro.

3. ***Há um método seguro para determinar, dentro dos primeiros dez dias da gestação, se a mulher de fato está grávida.***

É verdade. O teste Aschheim-Zondek é julgado quase infalivel. Baseia-se ele no fato de que, durante a gravidez, certos hormônios da glândula pituitária se apresentam em grandes quantidades nos líquidos excretados pelo organismo; injetados numa rata, eles provocam o rápido amadurecimento das suas células de reprodução. Alguns dias depois da injeção, abre-se cirurgicamente o animal, e examinam-se-lhe os ovários. Basta que a mulher esteja grávida apenas de uma semana, para que a experiência já se possa pôr em prática.

4. ***É perigoso para a mulher ter o seu primeiro filho após a idade de 25 anos.***

É falso. A maior cifra de mortalidade, infantil e materna, ocorre no caso de parturientes abaixo dos 20, e acima dos 35. Entre estas idades, o parto é quase sempre feliz.

5. ***Nos últimos meses da gravidez, pode um médico anunciar, com toda segurança, pelos batimentos de coração do feto, o sexo do nascituro.***

É falso. Predições seguras quanto a sexo, ninguem as pode fazer.

GRETTA PALMER, que foi por cinco anos a redatora da página feminina do *World-Telegram*, de Nova-York, especializa-se agora em assuntos médicos. A Associação Médica Americana abona os fatos expressos neste artigo.

6. *A criança do sexo masculino é usualmente mais fragil, ao vir ao mundo, que a do sexo feminino, e assim mais dificil de sobreviver nos seus primeiros meses.*

É verdade. Morrem mais meninos que meninas, no primeiro ano de existência. Vinte por cento mais.

7. *O tamanho da criança pode ser reduzido, mediante regulação do regime alimentar materno durante a gravidez.*

É falso. A opinião mais moderna é que a dieta da progenitora não exerce ordinariamente nenhum efeito sobre o tamanho com que a criança nasce.

8. *É peor, para a criança, que a mãe use bebidas alcoólicas durante a gravidez, do que depois, ao criá-la.*

É falso. O uso de alcool, pela mãe, enquanto amamenta o filho, prejudica a saude deste. Os médicos não estão de inteiro acordo é sobre se a bebida moderada, durante a gravidez, exerce qualquer influência sobre o feto.

9. *Uma criança nascida de sete meses tem mais probabilidades de sobreviver que uma de oito.*

É falso. Quanto mais a criança se houver aproximado do pleno período normal da gestação, vale dizer de desenvolvimento, maior será, para ela, a probabilidade de sobrevivência.

10. *O primeiro filho vem mais provavelmente antes do tempo, do que os outros.*

É falso. Não há diferença entre estes e aquele, a esse respeito.

11. *A mãe tem mais dificuldade em dar à luz um filho que uma filha.*

É verdade. O filho, ordinariamente maior, é mais dificil de ser expelido. A questão é de tamanho, não de sexo.

12. *As mulheres grávidas devem comer por duas.*

É falso. A comida em demasia pode determinar peso excessivo, e deste resultar toxemia.

13. *A mulher está mais exposta à gravidez por ocasião da menopausa que em qualquer outro período anterior da vida.*

É falso. São poucos os casos registados de senhoras que, inaptas até então à gravidez, ficaram entretanto grávidas ao aproximar-se o fim da menopausa.

14. *Cerca de 50 por cento dos casos de esterilidade no casamento são curaveis.*

É verdade. Grandes progressos, nesse particular, têm sido alcançados de certo tempo a esta parte.

15. *Nos casos de esterilidade, esta resulta mais da mulher que do homem.*

É verdade. A esterilidade masculina varia entre 30 e 50 por cento dos casos trazidos a inspeção.

16. *O parto sem dor está hoje ao alcance de todas as parturientes, e em sua própria casa, graças a aperfeiçoamentos realizados nestes últimos meses.*

É falso. Os novos métodos de parturição indolor só se praticam em hospitais modernos, e sob as vistas de profissionais com a necessária experiência obstétrica.

17. *Se uma mulher grávida revela «estranho desejo» por algum alimento, há que empregar todo esforço para dar-lhe satisfação, visto que tal desejo é o reflexo de uma profunda necessidade física.*

É falso. Raramente os «desejos» se referem a substâncias que efetivamente sejam indispensaveis à dieta; trata-se às vezes de simples caprichos histéricos. Como quer que seja, não há pressa: se não puderem ser atendidos hoje, sê-lo-ão amanhã, sem prejuizo.

18. *Se bem que o aborto seja ilegal, é, em todo caso, para a mulher, muito menos perigoso do que dar à luz.*

É falso. O número de mortes por aborto é, em proporção, dez vezes maior que o resultante de partos, em condições normais.

19. *As mulheres mais idosas têm mais probabilidade de gerar gêmeos.*

É verdade. Os gêmeos, por alguma razão, nascem mais geralmente de mulheres alem dos 35. As alvas produzem-nos mais que as morenas.

20. *O sexo da criança é determinado no próprio momento da concepção.*

E' verdade. Ha dois gêneros de germe, no homem, produtores dos dois sexos. De qual seja deles o que se une, por ocasião da concepção, à célula feminina, depende o sexo que logo alí se fixa.

21. *Enquanto a mãe amamenta o filho, não poderá ficar de novo grávida.*

É falso. Casos de gravidez em tais circunstâncias, muitos se têm registado.

22. *O prolongado uso de preventivos contra a gravidez pode incapacitar a mulher para ter filhos.*

É falso. A menos que a mulher use meios químicos ou mecânicos que lhe avariem os tecidos, nenhum efeito haverá sobre a sua fertilidade.

23. *As crianças nascidas a intervalos anuais têm tanta probabilidade de viver como se houvesse entre elas muitos anos de interregno.*

É falso. Quando o intervalo entre duas crianças é menor de dois anos, a mortalidade infantil é mais alta, de uma a uma vez e meia, do que se apura na hipótese de maior espaçamento.

24. *As crianças nascidas de pais iá em idade madura são mais inteligentes que aquelas cujos pais são muito jovens.*

É falso. Qualquer vantagem que possam tirar os filhos do fato da madureza dos seus pais, virá depois do nascimento, e não antes.

25. *Um grande choque sofrido pela mulher, quando grávida, pode deixar no filho a sua marca.*

É falso. A teoria da influência prenatal, deixando sinais no corpo da criança, tem sido desautorizada.

26. *O leite materno não é melhor para a criança que o de uma boa preparação.*

E' falso. Os médicos consideram que uma criança amamentada tem melhor garantia de saude que outra nutrida artificialmente.

27. *A fertilidade da mulher dura menos de 48 horas por mês.*

É verdade. Alguns médicos pensam até que não chega a durar 12 horas.

Um convite à reflexão

☆ Um economista britânico de renome dizia-me no outro dia em Nova York:

—Façam vocês o que fizerem depois desta guerra—tarifas proibitivas ou não, pouco ou muito comércio exterior—não importa; contanto que consigam uma coisa.

—E que é esta coisa? perguntei cheio de curiosidade.

—Continuem ricos e prósperos; do contrário, não só vocês passarão dificuldades, como arrastarão o resto do mundo.

—Stuart Chase, *Post-Dispatch* de São Luiz

☆ A filosofia do «vamos-acabar-com-isto-depressa» é muito boa enquanto dura a guerra; finda esta, porem, teremos liquidado apenas os mais urgentes de nossos problemas. Se me perguntam quando estará a guerra ganha, digo que o não saberei nunca. Não me será possivel sabê-lo porque só depois de termos tido paz por duas gerações, terá o mundo então a certeza de haver conseguido realizar os objetivos desta guerra.

—A. R. Sulzberger, diretor do *Times* de Nova York

☆ A luta por Bataan ensinou à nação norte-americana a vantagem de cumprir as promessas feitas a outrem. Três quartas partes dos soldados que lutaram contra os japoneses em Bataan eram filipinos. A razão disto, como disse mais tarde o Presidente Manuel Quezon, era que os filipinos lutavam pelo que era seu.

—W. P. Simms, *World-Telegram* de N.Y.

☆ Ainda haverá alguem que se lembre de como foram criticados há alguns anos os professores que, com o cepticismo destruidor dos intelectuais, corrompiam a nova geração, tirando-lhe a fé e a coragem de viver? Que diremos nós agora desses moços, assim displicentes, depois de vê-los lutar em Bataan, Guadalcanal, no Mar de Coral e na Ilha de Midway? A nova geração *era* céptica, friamente analítica e dificil de inflamar. *E ainda o é.*

Querem saber qual a moral da história? Esta geração de moços cépticos sabe cumprir seu dever no momento de provação, e talvez esteja mais bem preparada para enfrentar o mundo de após-guerra; dificilmente se deixará arrebatar por ilusões puerís, e provavelmente saberá construir o futuro sobre bases mais sólidas que aquela que acreditou em tudo que lhe ensinavam.

—Nathaniel Peffer, *Harpers'*

☆ Acho que é um erro querer basear as relações anglo-americanas apenas numa questão de sentimento. Nós nem sempre nos olhamos com muita simpatia. Tambem considero pouco seguro procurar baseá-las no fato de termos a mesma origem, os mesmos avós e até a mesma língua, pois ocasiões haverá em que não estaremos de acordo; é portanto conveniente baseá-las na sua única e verdadeira razão de ser, isto é, no interesse mútuo que temos em criar uma paz duradoura, para que se não repitam de vinte em vinte anos os mesmos conflitos catastróficos.

—Anthony Eden

O diabo em Mineápolis

(Condensado do «Rotarian»)

Por Fulton Oursler

Harry Blackstone era um ilusionista. Estando uma vez em Mineápolis, ficou sem ajudante, e teve que se contentar com o substituto que lhe foi possivel descobrir: um robusto e rude moço de lavoura. É sabido que nenhum prestidigitador que se preze aparece no palco sem seu assistente!

As funções deste, no caso, eram o que há de mais simples: bastava que se vestisse de diabo e se deixasse trancar num armário. A grande sensação da noite era quando Blackstone disparava a pistola, e corria a abrir a porta do armário, para verificar que o diabo levara sumiço! E depois de Blackstone, num estado de desolação admiravelmente simulado, o ter chamado por três vezes, o diabo reaparecia, correndo aos pulos pela coxia da platéia, a caminho do palco e a gritar: «Aquí estou! aquí estou!» O truque, está claro, era o do costume: alçapões, e espelhos que habilmente escondiam aos olhos da assistência o espaço, aparentemente aberto e vazio, por baixo do armário.

Toda aquela manhã o ilusionista e o campônio, seu assistente, suando de honrado esforço ensaiaram e tornaram a ensaiar os pormenores da cena, sem, naturalmente, esquecer a rápida passagem do porão do teatro para o corredor lateral de entrada, deste para a rua, daquí para o átrio do edifício, e finalmente a entrada inesperada e espectacular do tinhoso através da platéia! Ficou tudo ensaiado.

Quando, essa noite, chegou a hora do grande e emocionante quadro, que os cartazes em grossas letras anunciavam sob o nome de «Fuga de Satã!», o campônio, metido num maiô que estalava pelas costuras, pequeno demais para o seu corpanzil, e envolto em ampla capa rubra, mefistofélica, com um par de chavelhos a enfeitar-lhe o barrete, sapatos de pé caprino, e rabo, lá se encaixou conforme pôde no estreito armário. Fechou-se a porta, e Blackstone disparou o tiro fatal... Depois, escancarou o armário e deixou escapar um suspiro de alívio: o ajudante sumira-se pelo alçapão, deixando-o devidamente cerrado. Então, o ilusionista clamou dramaticamente:

«Satã, onde estás tu?...»

Silêncio.

«Onde diabo se meteu Satã?»

Silêncio...

«Diabos o carreguem pró inferno—Diabo!» bradou Blackstone, em voz estentórea, atirando um olhar de expectativa pela coxia afora.

E mais uma vez—silêncio!!

Nesse ínterim, o labroste em traje de Mefistófeles tinha saido do teatro, conforme as intruções, chegara ao passeio, mas alí fora detido por um policial, que só o deixou continuar depois de laboriosa e demorada explicação. O busilis foi quando o porteiro do teatro se recusou obstinadamente a deixá-lo entrar! Vendo-se em situação desesperada, com o tempo a correr, o *diabo* não teve mais

remédio senão dar um murro nos queixos do porteiro, enfiando logo a correr pelo teatro adentro. Vindo com todo aquele atrazo, já nem esperou pela «deixa», e foi aos pulos, vermelho e medonho, com a capa a adejar, pela coxia abaixo, e gritando: «Aquí estou! Aquí estou!»

Lá em baixo no palco, um delicioso grupo de anjinhos, todos de branco e ouro, preparava-se para erguer vôo para o céu levando a pequena Eva!...

O infeliz satã tinha-se enganado, e dera entrada noutro teatro.

...Ainda hoje, em Mineápolis, se fala daquele diabo!

Meu pai treina um cão

¶MEU pai gosta muito de cães. Gosta de ensinar-lhes à sua moda. «Jackie», diz a um novo cão, e o cão abana o rabo. «Venha cá,» diz meu pai, «venha cá, seu coisa.» O cão olha para meu pai, em dúvida. Meu pai, que não é dotado de muita paciência, levanta a voz: «Venha cá, seu cachorro dos diabos!» O cão começa a se alarmar e trata de dar o fora. Meu pai avança sobre o cão, repetindo: «Venha cá!» cada vez mais aborrecido e irritado. Minha mãe procura intervir:

—Era melhor que você deixasse o Jackie em paz. Ele não sabe o que você quer.

—Qual nada, ele bem que sabe, declara meu pai.—Sabe muitíssimo bem. «Vem *cá!*»

E lá vai ele puxar o cão que se metera debaixo do sofá.

«De pé!» ordena-lhe meu pai. O cão está absolutamente mole, estirado no chão. Meu pai aponta-lhe um dedo ameaçador: «Vamos, fique em pé, senhor!»

—Deixe-o em paz, por favor, interfere minha mãe. —Como é que o pobre vai se levantar, se ele não entende uma só palavra do que você está dizendo?

—E você, porque não me deixa em paz? grita meu pai. «De pé, estúpido! De pé!» diz ele para o cão.

Minha mãe vai para a porta.

—Não posso ficar aquí, vendo esse cão desse jeito, morto de medo.

—Medo! replica meu pai, irritado. —Que tolice! Conheço os cães. Eles todos gostam de mim.

O animal vê a porta aberta e embarafusta por ela afora. Meu pai procura agarrá-lo, mas em vão.

—Maldição! diz ele. —Veja o que você fez! Estragou todo o meu plano!

—Ora, você não podia... começa minha mãe a dizer.

—EU PODIA, sim senhora! grita o meu pai.—Mas não posso fazer nada, se interferem comigo. Onde é que está esse cão? JACKIE! Aquí, Jackie! Venha cá!

USEI uma vez esse trecho de minhas memórias de infância em um artigo que escrevi para o *Evening Post* de Nova York. Minha mãe triunfante mostrou a meu pai o recorte de jornal. Ele leu cuidadosamente e, em seguida, sorriu com satisfação e bonomia.

—Espero que você agora se emende, murmurou ela.

—Foi justamente assim que você fez, interferindo todo o tempo, enquanto eu procurava ensinar aquele cão.

—Clarence Day, *Life With Mother* (Knopf, ed.)

¶*Um princípio de imenso alcance, quando aplicado de modo geral na indústria*

Sabendo para que, produz-me melhor

(Condensado do «Survey Graphic»)

Por Alfred H. Sinks

RECENTEMENTE, uma grande fábrica de Bloomfield, Nova Jersey, que fabrica peças de avião, fechou as suas portas, e os empregados, como se fossem um só homem, partiram numa excursão que devia durar o dia inteiro. Num momento como o atual, em que todo homem-hora perdido nas linhas de produção significa vidas que se perdem nas linhas de batalha, aquilo se afigurou profundamente estranho. Mas o fato é que se tratava de um novo gênero de piquenique.

Em ônibus alugados, dirigiram-se os operários para a fábrica Linden, igualmente no estado de Nova Jersey, e onde se faz a montagem dos aviões de combate Grumman. Todos eles, homens e mulheres, haviam trabalhado na manufatura de peças para os aludidos aviões; poucos entretanto tinham visto um Grumman pronto a voar. Entraram pois a conversar vivamente com o pessoal das linhas de montagem, examinando com animação e interesse os conjuntos de cauda e asas, ou procurando ver como seriam por dentro as fuselagens. Nunca tamanho alvoroço alí se verificara.

«Alí está uma peça que eu fiz!» gritou uma operária. «Nunca me passou pela cabeça que com aquilo eles iam fazer isto!»

Um instrutor fazia a um grupo de moças algumas demonstrações a respeito de uma e outra das partes componentes do avião. «Estão vendo agora porque é que se exige tanta precisão naquelas peças que vocês fabricam?»

Depois, num campo alí perto, foram os visitantes apresentados aos pilotos a cargo dos testes, a cuja aprovação se submetem os novos aviões vindos das fábricas. Explicaram eles os perigos, as consequências terriveis que podem resultar de peças defeituosas. Fizeram em seguida uma exibição aérea. Nunca uma prova de aviação terá empolgado mais uma assistência. «Então é isto o que nós vimos fazendo!» diziam, um ao outro, à mesa do almoço, os fazedores de peças de Bloomfield. «Olhem que já é alguma coisa!»

A perda, em produção, naquele dia, foi coberta muitas vezes pelo que a fábrica de Bloomfield ganhou com a providência. Ao mesmo tempo que o rendimento aumentou, passou a haver muito menos disperdício, o não comparecimento reduziu-se, a desatenção ao trabalho foi-se tornando mais rara, o interesse pelo serviço mostrou-se muito maior.

O incidente ilustra e focaliza a nova orientação que vai ganhando terreno em algumas das indústrias de guerra dos Estados Unidos, onde o pessoal, em boa parte, é estreante no ofício. Hoje, ao operário que se vai exercitar, se mostra como é que a obra, tão simples, de que está ele incumbido, se adapta à cadeia de produção. *Saber porque*, descobriram

os instrutores, é o caminho mais curto e mais seguro para que se chegue ao *saber como*, que faz mais rápida a manufatura.

Na fábrica da Bendix Aviation Corporation, em Teterboro, ainda Nova Jersey, os instrutores acompanham as suas turmas de treino em visitas regulares às instalações; cada mestre ou chefe de serviço explica as atividades do seu departamento, e os aprendizes assim se vão inteirando de qual o papel do seu futuro encargo no quadro geral dos trabalhos.

Aquí está, por exemplo, uma classe de futuros operadores de máquina. O instrutor mostra-lhes um regulador de oxigênio, que assegura às guarnições de bombardeiros a possibilidade de respirar, quando em atmosferas rarefeitas. O regulador fora rejeitado porque uma pequena peça de certa válvula estava mal feita. Prestam todos a máxima atenção, cada um a considerar que poderá dentro em breve ter que fazer a referida peça.

«Agora vamos ver o que este pequeno defeito poderá representar,» diz o instrutor. «Um dos nossos pilotos, voando sobre a Alemanha, procura escapar ao alcance dos canhões anti-aéreos do inimigo. Mas a 5 mil metros de altura, eis aquela válvula emperrada. Não há mais como obter oxigênio. Fica portanto o piloto diante deste dilema: ou sobe, e morrerá sufocado, ou se mantem a voar no mesmo nivel, e...»

Jack Iredell, a cargo do treino na fábrica Bendix, de Filadélfia, dirigiu-se ao chefe de uma das turmas noturnas: «Bill, seu departamento está desperdiçando material demais. Seria conveniente que você mandasse cada um dos seus trabalhadores diariamente à escola, para lá permanecer durante umas duas horas.» Só em um mês, a escola de Jack desvia do serviço treze mil horas-homem, para preparar os operários com o «saber porque». Os resultados têm sido espantosos. Sem aumento de pessoal, a produção de acessórios para aviões cresceu enormemente.

Numa fábrica, em Baltimore, da Bendix Radio Division, trezentas operárias cortam, conformam e polem peças para instrumentos de rádio supersensiveis. O cristal de quartzo, de que se fazem tais peças, é mais fragil do que o vidro, devendo entretanto ser trabalhado até descer à espessura de doze milésimos de polegada. Perdia-se muito cristal, a produção não correspondia aos pedidos, e os custos iam ficando alarmantemente elevados.

A essa altura o superintendente da fábrica fez cinco preleções ao respectivo pessoal. Explicou que aquela obra, tão delicada, era feita com um dado quartzo que só se podia encontrar em certa afastada zona do Brasil. Mostrou como os cristais são extraidos, trazidos em costas de burro, e expedidos sob segredo militar. Ainda depois que chegam a Baltimore, só uma pequena porcentagem pode realmente ser usada—aqueles de tamanho próprio, sem defeito, e de uma particular estrutura atômica.

Os operários ouviam aquilo encantados, como a perceber que o seu trabalho constituia, de alguma forma, um capítulo de uma história fascinante. Acelerou-se imediatamente o ritmo de produção, e a perda de cristal diminuiu de modo consideravel.

Algumas vezes o método, de que nos ocupamos, resulta numa espécie de passatempo entre os próprios operários. Trabalhadores mais velhos excogitam meios e modos de transmitir aos neófitos os seus conhecimentos. Seis membros, operários, do comitê de cartazes, em outra fábrica da Bendix Radio, prepararam nas horas vagas um grande relevo representando a figura do esquadrão de bombardeio de Jimmy Doolittle, levantando vôo de um porta-aviões, para o seu raide histórico sobre Tóquio. Vem então indicada, em dísticos, a parte que teve no caso o equipamento de rádio manufaturado na fábrica. O pessoal aglomerado em torno, nos momentos de folga, não deixava é claro de expandir-se com o devido entusiasmo sobre o papel desempenhado no raide pelo material que lhe saiu das mãos.

Outras exibições apresentam um instrumento completo, e espalhadas em redor as peças que o compõem. Sobre uma fita, ligando cada uma destas peças ao lugar que lhe cabe no instrumento, lê-se o nome do operário que a tenha produzido. Em baixo, esta explicação: «Quando os submarinos italianos andavam a atacar no Mediterrâneo os navios aliados, instrumentos como este expediam os avisos que traziam em socorro os nossos aviões das bases da África.»

Nesse sistema do «saber porque», há mais que uma simples técnica, para ensinar ou inspirar, de pronto, novas aptidões. O tempo que perdem, expondo a razão das coisas, ganham-no, e com grandes vantagens, os instrutores da Bendix, suprimindo causas de atrito entre empregadores e empregados. Operários que *compreendem* o seu serviço, não se sentem nele entediados, mas ao contrário só se afastam dele quando são obrigados a fazê-lo.

Para muitos recem-vindos, a fábrica é um novo mundo, estranho, inquietador. Mas, à medida que vão «sabendo porque», o meio já lhes parece mais familiar e acolhedor, e a oportunidade de aprender, ora uma ora outra particularidade, começa a encher aquele novo mundo de variedade e animação. O operário reconhece, nas explicações pacientes do seu instrutor, a prova de que a gerência se interessa por suas dificuldades no trabalho, e retribue então esse interesse com a dedicação que redunda em maior e mais rápida produção de materiais de guerra.

Incapacitados

¶ Apesar de a capacidade física ser um fator decisivo para o serviço militar, não é, todavia, o que mais se necessita para ganhar a guerra. A segurança nacional precisa muito mais de gênios militares e navais. E, embora não se possam selecionar os talentos estratégicos por meio de nenhuma fórmula, a capacidade física não constitue um padrão necessariamente essencial. Muitas das grandes figuras militares da história seriam rejeitadas segundo as disposições vigentes das Comissões de Recrutamento, pelos seguintes motivos: George Washington, *dentes postiços;* Bismarck, *excesso de peso;* Napoleão, *úlceras no estômago;* U.S. Grant, *alcoolismo;* Júlio Cesar, *epilepsia;* Horatio Nelson, *caolho e maneta;* Kaiser Guilherme, *braço raquítico;* Duque de Wellington, *falta de peso.*

—Dr. Logan Clendening, *Nation's Business.*

¶ *Se os animais não podem «pensar», como se explicam estes fatos, extraordinários—e autênticos?*

Haverá raciocínio nos irracionais?

(Condensado do «Baltimore Sunday Sun») · *Por Alan Devoe*

DA JANELA do meu estúdio, numa tarde de primavera, vi uma cotia que vagarosamente subia pelo tronco de uma árvore, um bordo melífero, a muitos metros de altura. Esfreguei os olhos, porque, segundo os livros, a cotia não é um animal trepador. A Natureza, entretanto, confunde muitas vezes os sábios.

Laboriosamente, a cotia arrastou o seu pesado corpo até o topo da árvore, fazendo um grande esforço, porque as suas patas são apropriadas para cavar a terra e não para marinhar aos troncos. Depois, como um urso desajeitado, muito devagar, começou a descer. De espaço a espaço, parava, e, com o meu binóculo, eu podia ver que ela atacava vigorosamente a casca da árvore com os seus dentes afiados. E assim continuou, até chegar ao solo, onde voltou à sua ocupação habitual — arruinar o meu jardim.

Qual seria o significado dessa façanha fora do comum? Seguramente, eu estava sendo testemunha de mais uma manifestação dessa coisa assombrosa que é a inteligência dos animais. Mas que seria? Três horas depois descobrí a razão. Principiava a escurecer, quando a cotia apareceu de novo, e tornou a subir pela árvore. Em cada ponto, onde havia feito uma incisão, a seiva tinha brotado, o doce mel de bordo, como uma fonte de nectar; e ela ia, metodicamente, lambendo aqueles favos um após outro, até se encher!

Os cientistas que submetem os animais a experiências de laboratório, concluem geralmente que eles não pensam. Estarão certos? Não haverá, pelo menos, uma espécie mais primitiva de inteligência-intuição, conhecimento subconciente, aquilo que os índios chamam «íntima sabedoria»? Minha cotia despista, certamente, os homens de ciência.

Os ninhos em que os faisões depositam os ovos são usualmente depressões pouco fundas no terreno, forradas com folhas secas. Quando a ave está no ninho, os ovos ficam naturalmente ocultos; mas, na ausência dela, com sua brancura, tornam-se facilmente visiveis aos inimigos. Então, ao deixar o ninho, a faisoa astutamente espalha folhas e grama sobre os ovos, para ocultá-los. Isso já constitue uma demonstração bastante de sabedoria, mas há uma faisoa nas minhas propriedades que deu uma prova ainda mais notavel. Sempre que eu me aproximava do seu ninho, ela saía rapidamente, mas deixava os ovos tão completamente cobertos com folhas, como se houvesse tido uma hora para cobrí-los, e não apenas uma fração de segundo, antes de abandoná-los. Aquilo causava-me espanto, mas, depois de ficar muitas horas observando,

conseguí a explicação do mistério. A faisoa, enquanto se achava sobre o ninho, apanhava com o bico as folhas próximas, cobrindo-se com elas. Ao primeiro sinal de perigo—uma pedra que eu atirava alí perto, ou coisa que o valha—ela saía, mas fazendo um movimento imperceptivel e rápido para diante, de modo que as folhas que se achavam sobre as suas costas caíam em cima dos ovos, ocultando-os assim inteiramente. Seria esse um ato instintivo, ou um caso de verdadeiro raciocínio, planejado com antecipação?

O instinto não explica facilmente os casos de inteligência muitas vezes revelados pelos próprios insetos, os quais, segundo os cientistas, não podem pensar. Consideremos, por exemplo, o extraordinário caso contado pelo famoso entomologista inglês major R. W. G. Hingston, sobre a conduta das formigas. Achava-se ele estudando, em Bagdá, uma colônia de formigas, entre figueiras, e divertia-se em lançar-lhes migalhas, quando observou que uma formiga erradia, não podendo carregar uma migalha maior, foi em busca de companheiras, que a ajudassem, afim de levar a carga para o ninho.

O fato em si mesmo era notavel, mas, subitamente, o major percebeu outra circunstância mais notavel ainda: *o número das formigas, que vinham do ninho, era proporcional ao tamanho da migalha a ser carregada.* Repetidas experiências confirmaram a observação. «Cortei um gafanhoto em três partes,» disse ele. «A segunda parte tinha o dobro do tamanho da primeira, e a terceira o dobro do da segunda. Dei cada parte a uma formiga, e cada uma delas foi ao formigueiro buscar companheiras para transportar a parte que lhe tocava. Contei o número das que vieram: 28 para a parte menor, 44 para a segunda, e 89 para a terceira!»

Há muitos exemplos da astúcia de animais que enganam os seus inimigos, pondo em cheque a nossa crença de que somente o homem é capaz de pensar. A raposa, perseguida pelos perdigueiros, ziguezagueia, volta sobre os seus rastros, salta de represa em represa nos riachos pouco fundos, e corre sobre cercas de pedra, para iludir os cães. O coelho salta de um lado para outro, sob uma cerca de arame farpado, para fugir ao gavião. A própria sariguéia, geralmente considerada como pouco esperta, tem dado provas análogas de sagacidade.

O falecido naturalista Dallas Lore Sharp, que gostava de apanhar sariguéias, tinha sempre uma matilha de cães nos arredores da sua casa de campo, motivo pelo qual as sariguéias dificilmente podiam aproximar-se. Todavia, encontrou um dia, dentro de uma meda de milho, bem junto da casa, uma bela e nédia sariguéia, a repousar calmamente. O animal, evidentemente, se achava alí havia muitas semanas. Os cães deviam ter passado ao lado do monte de milho inúmeras vezes, farejando os arredores, sem descobrir rastro algum.

Qual seria a explicação deste fato? Sharp, finalmente, encontrou-a. A meda de milho se achava, ao contrário das outras, junto a uma cerca de traves, que corria até os confins do sítio do naturalista. A sariguéia, durante a noite, caminhava sobre as traves da cêrca até junto da meda de milho, para a qual saltava, entrando por cima e regalando-se de milho, sem deixar vestígios no terreno, desse modo ludibriando os cães.

Os cientistas podem ter razão, ao dizer que os irracionais não pensam. Mas

ainda está por explicar a perspicácia de certos animais, que escapa às investigações dos laboratórios, e desafia as explicações. É algo que faz parte da sabedoria indefinivel que há em toda a Criação, seja numa flor ou numa estrela.

Verdade Médica—ou Patranha?

(Resposta V. Pág. 32)

¶ Se o leitor marcou *qualquer* dos tópicos, errou. Porque todas as noções incluidas na lista são medicamente falsas.

1. A moagem do grão de centeio elimina os minerais e as vitaminas, tanto quanto a moagem da farinha alva de trigo.

2. A irregularidade nas refeições é de regra entre os primitivos e na vida selvagem. O nervosismo ou a vida sob alta tensão podem produzir tanto distúrbios gástricos quanto irregularidade nas horas de comer; daí a confusão entre causa e efeito.

3. As pernas cambadas devem-se à deficiente nutrição dos ossos em período de crescimento. As pernas da criança podem se deformar ainda no berço, mas os ossos que se desenvolvem normalmente nunca podem sofrer pelo fato de a criança começar a andar «demasiado» cedo.

4. A decomposição da cômida, na lata aberta, deve-se à proliferação de bactérias e não ao contacto com o metal.

5. O esmalte dos dentes forma-se antes de eles nascerem; sua qualidade é influenciada pelo estado geral da saude e da nutrição durante o período da sua formação, e não pelo uso depois de nascidos.

6. Todos os alimentos gordurosos são de lenta digestão, porque a gordura retarda a atividade gástrica; mas isso não quer dizer que eles danifiquem o aparelho digestivo.

7. Os açúcares e os amidos fornecem o combustivel mais rapidamente disponivel para o trabalho muscular. Claro que o esportista precisa de outros alimentos para ter um regime equilibrado.

8. O valor do sono pode ser maior ou menor, consoante a regularidade dos hábitos e a calma do ambiente; mas não tem nada que ver com o relógio.

9. A diabete resulta de desordens do sistema glandular endócrino; não está provado que o consumo de açucar a determine.

10. Para perder meio quilo de peso, seria preciso que a pessoa comum serrasse madeira durante 10 horas e meia, ou fizesse 5.714 flexões das pernas até abaixo. O melhor exercício para reduzir peso é o seguinte: quando a travessa passa *pela segunda vez* à roda da mesa, o paciente deve fechar os olhos, agarrar a borda da mesa firmemente com ambas mãos, e levantar os cotovelos bem alto. Tambem pode contar até vinte.

11. Nenhuma partícula indigesta dá entrada no apêndice.

12. A pele fortemente tostada pelo sol retarda a absorção ulterior dos raios ultra-violetas, tão uteis à saude.

13. Conquanto o fumo tenha diversos efeitos deletérios sobre o organismo humano, não se conta entre eles o atraso do crescimento.

14. Tanto faz usar uma agulha de aço como um alfinete de latão: o que importa é que o «palito» esteja bem esterilizado.

Um pedaço de cordão

Por Guy de Maupassant

Por todas as estradas que cercam Goderville, os camponeses e suas mulheres vinham vindo em direção à cidade, pois era dia de feira. Na praça pública, os chifres do gado, os chapéus altos de pelo luzidio dos aldeões mais ricos, e os toucados das suas companheiras destacavam-se claramente sobre a bulhenta multidão que se agitava em torno. As vozes cruzavam-se num contínuo clamor sobre o qual se elevava, aquí e alí, uma sonora gargalhada saida dos robustos pulmões de algum campônio, ou o mugido de um boi.

Maître Hauchecorne, de Bréauté, caminhava em direção à praça, quando viu no caminho um pedaço de cordão. Poupado, como todo bom normando, era seu aviso que tudo o que tivesse qualquer utilidade devia ser guardado. Abaixou-se, portanto, embora o reumatismo lhe tornasse penoso fazê-lo. Começara a enrolar cuidadosamente o cordão, quando notou que Maître Malandain, o seleiro, parado à porta da loja, estava a contemplá-lo. Tinham tido uma desavença, certa feita, por conta de um cabresto, e, como fossem ambos rancorosos, o ambiente entre os dois era sempre carregado. Maître Hauchecorne sentiu-se um tanto envergonhado de ter sido visto, assim, pelo seu tradicional inimigo, apanhando do pó da estrada um pedacinho de cordão. Ocultou depressa o referido achado sob a blusa, de onde o passou, depois, para o bolso da calça. Fingiu, então, que estava ainda a procurar, no chão, alguma coisa que perdera, e lá se foi, rumo à feira, a cabeça pendida para a frente, vergado, como andava, devido ao reumatismo.

Dentro em pouco o seu vulto desapareceu em meio à multidão, que avançava ruidosa e lentamente, ocupada com os infindaveis regateios e ajustes do costume. Os camponeses examinavam as vacas, e seguiam caminho, voltando, logo após, perplexos, receosos de fazer mau negócio, sem ousar decidir coisa alguma, e procurando descobrir se o dono do animal lhes estava a mentir, ou se este, por acaso, apresentava algum defeito. As mulheres, tendo deposto no chão os largos cestos que traziam, foram tirando destes, e arrumando, as galinhas, atadas pelos pés, com as penas em desordem, e nos olhos uma vaga expressão de terror. Faziam os compradores toda sorte de ofertas. Elas ouviam impassiveis, sem arredar o preço fixado. Outras vezes, decidindo aceitar a redução proposta, gritavam de repente ao freguês que se ia afastando devagar: «Está bem, Maître Anthime. Vá lá por este preço.»

Pouco a pouco, porem, a praça começou a esvaziar-se; e, como já soassem Ave Marias, os que viviam em lugares mais afastados, foram ter às tavernas da aldeia.

Na de Jourdain, a vasta sala de jantar já se achava repleta, e o pátio atravancado de veículos de toda espécie, amarelos de pó, consertados aquí e remendados acolá, varais erguidos para o céu como dois braços, quando não apoiados na terra.

Junto aos que jantavam, a lareira, de chamas rubras, envolvia no seu calor amigo os fregueses mais próximos. Três espetos rodavam sobre o fogo, com galinhas, pombos, e pernas de carneiro; subia do forno um cheiro de carne mal assada, e do molho que lhe punham em cima, fazendo vir água à boca dos que alí se reuniam, e aumentando a alegria que reinava. Todos aqueles que constituiam a aristocracia do arado, vinham ter ao restaurante do Maître Jourdain. Os pratos iam passando e sendo devastados, bem como os garrafões de cidra. Todos falavam de seus negócios, das suas vendas e compras.

Súbito, o rufo de um tambor fez-se ouvir no pátio. Exceto alguns mais indolentes, todos correram para a porta, ou foram ter às janelas, ainda de boca cheia, e levando na mão os guardanapos.

O pregoeiro público, interrompendo o tambor, leu então o seguinte aviso: «Saibam todos que uma carteira de couro preto, contendo quinhentos francos, e vários papeis comerciais, foi perdida esta manhã, na estrada de Beuzeville, entre nove e dez horas. Pede-se a quem a tiver encontrado que a devolva sem demora à prefeitura, ou a Maître Houlbrèque, de Manneville. Receberá, em recompensa, vinte francos.» E o homem lá se foi. Soou distante o rufo do tambor, cuja voz se sumiu aos poucos.

Começaram todos então a discutir o acontecimento, e as possibilidades que teria Maître Houlbrèque de encontrar a carteira. Terminavam o café, quando o chefe dos *gendarmes* surgiu à porta, e perguntou:

«Está por aquí o Maître Hauchecorne, de Bréauté?»

Maître Hauchecorne, que se achava sentado a uma cabeceira da mesa, respondeu: «Aquí estou».

O agente de polícia pediu-lhe: «Queira ter a bondade de me acompanhar. O prefeito quer ver o senhor.»

O camponês, surpreso e perturbado, bebeu de um só trago o seu cálice de aguardente, e levantou-se, mais curvado do que nunca, pois lhe era dificil erguer-se, depois de estar sentado por algum tempo. E repetiu: «Aquí estou —aquí estou.»

O prefeito aguardava-o, sentado numa cadeira de balanço. Era, alem de prefeito, o notário do lugar—homem sisudo e corpulento, amigo de frases elaboradas e pomposas.

«Maître Hauchecorne,» disse então, «o senhor foi visto esta manhã apanhando na estrada de Beuzeville a carteira perdida por Maître Houlbrèque de Manneville.»

Hauchecorne, estupefacto, olhou para o prefeito, sem ocultar o terror que a suspeita lhe causava, e incapaz de explicá-lo.

«Eu? Eu? Apanhei a carteira?»

«Sim—o senhor mesmo.»

«Dou a minha palavra de honra que não tenho nada a ver com isto.»

«Mas alguem o viu.»

«Alguem me viu?! Quem assim?»

«Monsieur Malandain, o seleiro.»

Lembrou-se, aí, o velho, do incidente ocorrido àquela manhã, e compreendendo, num relance, o que se passava, gritou, rubro de raiva: «Ah, então foi ele quem viu—aquele canalha! Viu-me apanhando este cordão . . . Olhe, senhor prefeito . . . » e, remexendo no bolso, mostrou-lhe o que apanhara.

Mas o prefeito, incrédulo, abanava a cabeça.

«O senhor não vai me fazer crer que Monsieur Malandain, tido e havido em toda a comunidade como um homem respeitavel, confundiu um pedaço de cordão com uma carteira.»

Furioso o camponês ergueu a mão, cuspindo, ao mesmo tempo, para o lado, afim de confirmar o juramento: «Pois não deixa de ser a pura verdade, sr. prefeito. Juro pela minha salvação!»

O prefeito acrescentou: «Depois de apanhar a carteira, o senhor ficou ainda a ver se por acaso alguma das moedas não caira na lama.»

A essa altura, o velho já tremia de cólera e pavor.

«Como é possivel que alguem seja capaz de inventar tanta mentira, para destruir a reputação de um homem honesto! Como é possivel»...

Todos os protestos foram em vão; ninguem lhe dava crédito. Numa acareação com Monsieur Malandain, repetiu este, ponto por ponto, o que havia declarado à polícia, e os dois homens levaram uma hora inteira a trocar insultos. Segundo ele próprio exigiu, Maître Hauchecorne foi revistado, sem que nada encontrassem em seu poder.

Finalmente, o prefeito, indeciso, deu-lhe licença para retirar-se, prevenindo-o porem de que ia consultar o promotor de justiça sobre as medidas a ser tomadas no caso.

A história se espalhara. Ao deixar o gabinete da prefeitura, viu-se o camponês cercado de curiosos que lhe faziam toda sorte de perguntas. Respondia ele contando o caso do cordão. Mas ninguem acreditava. Riam-se até.

Parava o pobre do homem aquí e alí, para narrar, a um conhecido e outro, a história tantas vezes repetida; e mostrava o fundo dos bolsos, afim de dar a prova de que não apanhara coisa alguma. Respondiam, porem, num ar de mofa: «Deixe-se disto, seu velhaco.»

Cada vez mais irritado, por lhe não darem crédito, e sem saber que providência tomar, cingia-se a ir repetindo a sua ladainha.

Anoiteceu. Tinha que voltar para casa. Partiu com três vizinhos aos quais mostrou o lugar onde apanhara o cordão, e durante todo o percurso não tratou de outro assunto.

No dia seguinte, andou de casa em casa, na aldeia de Bréauté, contando a todo mundo o sucedido. Só encontrava, porem, desconfiança e descrença. À noite, adoeceu.

Na tarde do outro dia, por volta de uma hora, Marius Paumelle, um empregado de Maître Breton, lavrador de Ymauville, devolveu a carteira e o seu conteudo a Maître Houlbrèque, de Manneville. Alegou o rapaz que encontrara a carteira na estrada, mas, como não soubesse ler, levou-a para casa, entregando-a ao patrão.

A notícia propalou-se por toda a redondeza. Maître Hauchecorne teve conhecimento do fato. Lá se foi, novamente, de casa em casa, a repetir sua história, satisfeito pelo modo por que o caso acabara. Estava radiante.

«O que mais me feriu,» explicava ele a todos, «não foi tanto o fato, em si, mas a questão da mentira. Não há nada peor do que se ser acusado de estar mentindo!»

Falou na sua aventura o dia inteiro. E não se cansava de contá-la. Referiu-a aos que passavam pela estrada, aos que bebiam na taverna, e aos que saíam da igreja, no domingo seguinte. Chegava a dirigir-se a estranhos. Sentia-se tranquilo, finalmente, mas qualquer coisa de estranho ainda o perturbava que nem sabia como definir. Tinha a impressão de que as pessoas sorriam zombeteiramente, mal começava a falar.

Dir-se-ia não se achavam bem persuadidas da verdade. Parecia-lhe que, mal dava as costas, começavam a fazer a seu respeito comentários desairosos.

Na terça-feira da semana seguinte, foi ao mercado de Goderville, a prosseguir na discussão do caso. Malandain, à porta da loja, pôs-se a rir quando o viu passar.

Aproximou-se de um fazendeiro de Criquetot que, mal lhe ouviu as primeiras palavras, lhe deu uma pancadinha na barriga, exclamando: «Seu velhaco!» e voltou-lhe as costas.

Maître Hauchecorne, perturbado, ficou a excogitar: «Mas velhaco, porque?»

Na taverna do Jourdain, onde foi ter mais tarde, entrou a falar sobre o incidente. Um negociante de cavalos gritou-lhe, em tom escarninho: «Vamos, deixe-se disso, maroto! Esta história do cordão é um truque muito gasto!»

Hauchecorne protestou: «Mas encontraram a carteira.»

Ao que o outro respondeu, no mesmo tom galhofeiro: «Ora, vamos, vovô! Um achou e outro devolveu. Não foi?»

O camponês pôs-se a tremer de raiva. Compreendera, finalmente. Acusavam-no de ter devolvido a carteira por meio de um terceiro. Procurou protestar. As gargalhadas redobraram.

Nem pôde terminar o jantar, retirando-se entre motejos e galhofas. Foi para casa a tremer de indignação e vergonha, e tanto mais desalentado quanto, astuto, como todo bom normando, seria na verdade perfeitamente capaz de inventar um ardil daqueles. Como todos o tinham por esperto e manhoso, seria por isso mesmo mais dificil convencê-los de que era efetivamente inocente. A injustiça de tudo aquilo feria-o a mais não poder.

Recomeçou a narrativa da aventura, tornando-a cada vez mais longa, acrescentando novos pormenores, fazendo juramentos, cada qual mais solene, e sempre com o mesmo assunto a obcecar-lhe o espírito: a história do cordão. Quanto mais se defendia, menos crédito lhe davam.

«Alegações de mentiroso,» diziam-lhe nas costas.

Mas Maître Hauchecorne sentia tudo aquilo, tomado de uma angústia surda. Gastava toda a energia em esforços inuteis. E extenuava-se aos poucos.

Já agora, faziam-no contar o caso do cordão, afim de divertir-se às custas dele, como pedem a um velho soldado que conte as eternas histórias das batalhas em que tomou parte. O camponês não pôde resistir a tantas provações. Foi declinando. Pelos fins de dezembro teve que recolher-se ao leito.

Morreu nos primeiros dias de janeiro e, no delírio da agonia, tentava ainda comprovar sua inocência, a repetir, a repetir sem trégua:

«Um pedaço de cordão, —olhe aquí, senhor prefeito . . . um pedacinho de cordão.»

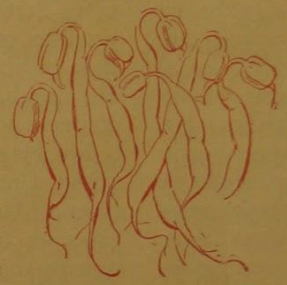
❡ Certo soldado estava uma noite, pela primeira vez, de sentinela. De repente ouviu um ruido estranho, ficou nervoso e disparou a espingarda. Depois, lembrando-se da praxe, bradou rijo: «Quem *foi* lá?» —Ernie Pyle

❡ *O feijão de soja é um dos alimentos mais completos que ainda se conheceram*

A maravilha do feijão de soja

(Condensado da «American Miller»)

Por Leigh Mitchell Hodges



NÃO HÁ muito ainda, sentei-me para almoçar na cozinha de dieta da Escola de Nutrição, em Cornell. Tratava-se de uma refeição de experiência, e, amigo como sou da boa mesa, confesso que me senti um tanto em dúvida. Mas, ao saborear o primeiro pedaço de pão com manteiga, fui ficando mais tranquilo.

—Excelente pão! exclamei.

—Em parte, é farinha de soja, disse o dr. Clive McCay, químico de Cornell, especializado em produtos alimentícios. —E o que você está usando como manteiga é margarina feita com óleo de soja. Agora experimente estes grelos, também de soja, acrescentou, passando-me um prato com os ditos grelos fritos, e metidos em arroz cozido.

—Ótimo! É alguma coisa de novo?

—Para nós, sim. Mas, há mais de 5 mil anos, não é outro para os chineses o prato de resistência. Estes grelos são interessantes—um vegetal fresco, que pode medrar em qualquer clima, e em qualquer estação do ano, sem adubo nem luz solar, desenvolvendo-se para ser colhido em três a cinco dias. Altamente nutritivo. Cerca de quinhentos gramas de feijão é quase a ração completa para um dia de um adulto em atividade. Acrescente-se-lhe um pouco de amido, e algum ingrediente que lhe dê mais vitamina A, e a ração estará completa. Prove agora a salada.

Era soja em mistura com alface, cebola picada, pimentão, e molho de azeite e vinagre. Para sobremesa, bolo feito com farinha de soja. A refeição, em conjunto, realmente deliciosa.

—E vocês estão tão bem alimentados (ajuntou McCay) como se tivessem almoçado suco de tomate, um bife, batatas, e sobremesa. Ingeriram os mesmos elementos essenciais, e alguns deles até em maior grau, por um quinto do custo.

Considerando a crescente gravidade do problema da alimentação, aquele fato inspirou-me algumas reflexões. Alí estava de fato um vegetal, suscetivel de ser cultivado por assim dizer em qualquer parte, até na própria cozinha, pois tudo o de que precisa é um pequeno vaso, um pouco de cal cloretada, como se usa para purificar a água de beber, e um retalho quadrado de tela de arame ou linhagem barata, e algumas vagens secas para semente.

Dissolva-se uma colher de chá da cal nuns três a quatro litros de água, e embeba-se, durante uma noite, meio litro de feijão de soja num litro desta solução. Em seguida, banhando-as duas vezes em água simples, coloquem-se os feijões num vaso, da capacidade de um litro. Amarre-se então em cima a tela ou pano, e mantenha-se o vaso de boca

para baixo, sobre dois pequenos pedaços de madeira, de modo a ser completa a drenagem, instalando o mesmo, em seguida, num lugar escuro, ou em baixo de uma caixa de papelão.

Pela manhã e ao meio-dia, encha-se o vaso de água simples, e, à noite, de água cloretada, para evitar o bolor. A cada vez, repita-se a drenagem imediatamente. A menos que os feijões sejam muito velhos, ou de inferior qualidade, chegarão, inchando, ao quádruplo do tamanho original, e apresentarão grelos esbranquiçados, de dois a três centímetros de comprimento, e às vezes mais, no lapso de três a cinco dias. Os grelos devem ser conservados, até uso, numa geladeira, ou em lugar frio.

A variedade de aplicações culinárias a que se presta a soja, faz com que seja ela adaptavel a quase todos os paladares. Podem os grelos ser cozidos, e servidos, quentes, com um molho apropiado, usando-se tambem frios, com saladas verdes ou de frutas. Comem-se igualmente ensopados, como legume à parte; assados numa caçarola, com um pouco de porco salgado, leite, rodas de cebola, pimentões, e pedacinhos de pão; reunidos a qualquer tipo de guisado, ou em combinação, de qualquer maneira, com carne, inclusive picadinhos. Servem-se sempre os dois, o feijão e o grelo. A casca pode ser retirada, porem só por amor da aparência, pois em nada prejudica o cheiro ou o gosto, e é mais util que nociva.

A soja é o alimento natural mais completo que ainda se conheceu. Quinhentos gramas de farinha de soja contêm tanta proteina quanta haverá em 36 ovos, seis litros de leite, ou novecentos gramas de carne sem osso. Com a crescente escassez de gêneros alimentícios de origem animal, os grelos de soja aumentarão de importância, quer para irmos ao encontro das nossas necessidades alimentares após a guerra, quer para o auxílio que devemos a milhões de esfomeados nos paises que o Eixo arruinou. Trata-se, alem do mais, de um produto que pode ser expedido para toda parte sob a forma de feijão seco, já naturalmente deshidratado, e que se conserva admiravelmente.

Em Hagerstown, Maryland, onde a «Soya Corporation of America» está moendo farinha de soja por um novo processo, tive ocasião de experimentar o respectivo produto, cor de creme. É delicado e sabe muito a nozes, sem o amargor ou sabor desagradavel que justificou certas prevenções contra alguns produtos de soja apressadamente preparados, que surgiram de começo no mercado americano.

A farinha de soja que vai sendo produzida em muitas regiões do país aumenta o poder nutritivo do pão branco e de outros alimentos—bombons, chocolate, sopas deshidratadas, gêneros alimentícios para crianças, sorvetes, bolos, biscoitos.

Comí doces feitos em parte de soja, e achei-os bons. Os padeiros estão misturando farinha de soja em alguns de seus produtos, e os fabricantes de salchichas a aplicam de mistura com a carne picada, para produzir uma salchicha que encolhe menos ao ser cozida. Favas de soja em lata encontram-se já a venda.

O feijão de soja é rico em muitas das vitaminas, notavelmente a B1 e a B2. É tambem uma boa fonte da vitamina E, que favorece a reprodução, da K, que opera a coagulação do sangue, e da niacina, preventiva da pelagra. Conquanto a soja seca se ressinta da falta da C, anti-escorbútica, em compensação esta existe de sobra nos rebentos dos feijões grelados, que podem a esse respeito rivalizar com o tomate.

Quando McCay divulgou esta última circunstância, um oficial do exército canadense veio, a toda a pressa, a Cornell. Graças aos grelos de soja, as tropas canadenses estacionadas na região ártica dispõem agora, o ano inteiro, de um vegetal fresco, que é um grande preservativo contra o escorbuto.

São tambem os feijões de soja ricos em muitos dos minerais que diariamente ingerimos. Contêm o duplo do cálcio, tão necessário aos ossos, que se encontra no leite, e grandes quantidades de fósforo, ferro, cobre, magnésio, potássio e sódio.

O cientista alemão Furstenberg revelou o dom de profecia quando, em 1917, previu no feijão de soja «o vegetal que vai revolucionar a nutrição da humanidade». A Alemanha, àquela época, era o maior importador do produto, que fazia vir principalmente da Manchúria.

Um dos primeiros atos de Hitler, após subir ao poder, foi o plano de uma reserva de 2 milhões de toneladas de feijão de soja. Providenciou, por outro lado, no sentido de vastas culturas do vegetal na Rumânia e em outros paises balcânicos. Uma parte da imensa provisão, assim adquirida, tem sido usada na fabricação de explosivos e outros produtos químicos indispensaveis à guerra. A parte maior, porem, ficou destinada aos moinhos, para converter-se em farinha, que se revelou inestimavel no preenchimento das deficiências dos produtos alimentícios de origem animal.

«Por enquanto não se tem feito senão arranhar a casca da soja», diz o dr. Artemy Alexis Havorth, que, sob uma concessão da Rockefeller, passou oito anos numa escola de medicina de Pequim, onde estudou mais de 5 mil variedades de soja que se têm cultivado na China. «Temos sido negligentes quanto a um gênero alimentício de importância capital.»

Mas agora procuramos compensar, e com rapidez, a negligência. Em 1941, empregaram-se nos Estados Unidos mais de vinte milhões de quilogramas de produtos de soja. Para 1943, o governo reclamou a produção de *30 vezes aquela quantidade*. Quase todo o vasto aumento será consignado às forças armadas nossas e das Nações Unidas, mas é de profetizar com segurança que, por todas as zonas do país, em próximo futuro, pratos feitos com soja, e variados, se encontrarão muito em moda.

¶ Viajava um caixeiro de praça pelas serras do Arkansas, quando um dia deparou com um velhote, típico da região, que se aquecia ao sol, sentado num banco à porta do armazem da aldeia. Depois das costumeiras saudações, o viajante inquiriu:

—Gente, vocemecês aquí nestas terras do cabo do mundo não terão dificuldade em encontrar as coisas mais necessárias à vida?

—Se temos, compadre! replicou o indígena. —E vai-se a ver, metade delas, quando a gente as agarra por cá, nem sequer prestam pra beber!

—R. M. White

¶ *Há muita coisa tranquilizadora nas perspectivas do após-guerra*

O que os homens práticos vêem no futuro

(Condensado da «Cosmopolitan»)

Por W. M. Kiplinger

Como será, mais ou menos, a vida após a guerra? Dir-se-á que é inutil tentar prever o futuro, e pensar ou fazer projetos a respeito do dia de amanhã. A verdade, entretanto, é que muitos homens práticos estão precisamente no momento a elaborar sobre o assunto planos tambem práticos. Não se trata de sonhadores, mas de homens de negócio ou de governo, líderes trabalhistas, pensadores profissionais. Conheço-os, e sei que não andam na lua, mas na terra, e consideram possivel planejar para os dias futuros.

A mim me cumpre saber o que vão pensando estes homens, auscultar a opinião na complexidade dos elementos por que ela se representam, e registar os pendores que se forem acentuando, para guia da gente prática. A perspectiva, de modo geral, é que os delineamentos do após-guerra não são desanimadores.

A propensão dominante revela-se no sentido das formas conservadoras de pensamento e realização. Quer isso dizer que, nos Estados Unidos, a corrente se afirma no rumo da iniciativa individual, da empresa privada, da manutenção dos pontos essenciais do que denominamos «capitalismo», evitado o crescente domínio governamental ou político no que tange à economia, seja qual for a torre de comando de onde esse domínio se exerça. Nestes últimos dez anos, a tendência tem sido para a esquerda. Agora, porem, se percebe que a orientação vai mudando. O espírito popular gosta de modas, e a nova moda dá grande apreço ao *incentivo*. Como que o povo tornou a descobrir que o lucro privado é um bem, não unicamente por si mesmo, mas sobretudo porque constitue efetivamente um estímulo para que o homem se esforce, pondo em ação as suas faculdades, o seu poder inventivo, assim produzindo mais—e não só para si próprio, senão tambem para os outros.

Quem quiser ter uma prova da modificação a que me refiro, basta-lhe observar o que se passa por ocasião de eleições. Ouvirá «liberais» a tratarem da desejabilidade de «cultivar os negócios privados». Fazem eles referência a uma lição que a produção de guerra já nos deu, e é que, se quisermos produzir em grande escala, e depressa, temos que confiar a execução a empresas particulares. Aludem ao insucesso a que chegaram os organismos oficiais de controle econômico, desde os mais elevados aos mais modestos, e reconhecem que nenhum simples ajuste de pontos de vista na alta administração pública pode atender a todos os pormenores de ope-

Autor de um boletim de informações (*Newsletter*), que se publica semanalmente em Washington há mais de 20 anos, analisando os pendores dos negócios nacionais, W. M. Kiplinger goza de enorme prestígio entre os homens de negócio.

rações que se espalham por toda a economia, e igualmente por todo o país. Mas o mesmo se ouve entre o povo. É uma onda que se avoluma, e terá fatalmente que influir, após a guerra, na orientação de qualquer governo, seja qual for a sua côr partidária.

Não se deduza que estamos caminhando para alguma reação conservadora, porventura desmedida. Muitas das reformas do *New Deal* serão mantidas e aperfeiçoadas. A mentalidade do após-guerra não será um recuo, mas uma pausa, e dispõe-se a trazer o progresso por meio de atos e fatos a velocidade reduzida, que não no ritmo de confusão em que o promoveram no passado.

O governo continuará a ter grande ação regulamentadora dos negócios privados, e, durante os primeiros períodos de transição para a paz, muito há-de influir em finanças. Mas o espírito será diferente. Haverá certo meio-termo, com acentuado relevo para o esforço privado e local.

A guerra findará provavelmente em 1945. É aproximadamente o que se pensa. Acredita-se que a derrota da Alemanha se verificará no decurso de 1944, e a do Japão no ano imediato. Diferentemente do que ocorreu em 1918, haverá uma conversão *gradual* da nossa economia e dos nossos hábitos de vida e de trabalho, ao regressarem da anomalia da guerra à normalidade da paz. A aurora virá vindo lentamente, sobretudo sem precipitações.

A desmobilização nos diferentes serviços—a realizar-se por etapas—tomará pelo menos um ano, talvez mais. Sairão primeiro aqueles que já tenham colocações à sua espera. O exército e a marinha, muito maiores do que antes da guerra, conservarão muitos homens, desejosos de alí permanecer. Outros voltarão de bom grado às suas antigas atividades. Mas haverá tambem os que criaram novas ambições, ou novos pontos de vista, devido inclusive ao fato de novas aptidões que adquiriram. Não se espera que haja emprego, desde logo, «para todos», mas prevê-se a existência de emprego «em altas proporções».

É muito de presumir um retraimento temporário dos negócios nos seis meses que se seguirem ao termo das hostilidades, visto que terão de praticar-se reajustamentos aos milhares. Nada haverá, todavia, de grave no fenômeno. Certa quantidade de gente ficará, por algum tempo, sem emprego, mas se por um lado o desemprego terá compensação, por outro o governo fará acordos especiais com empregadores para o fim de conservar nas folhas de pagamento um dado número de empregados, enquanto se for promovendo a sua transferência para outras situações. Os negócios privados, uma vez feitas as necessárias adaptações da produção de guerra à de paz, estarão é claro ansiosos por entrar em atividade, o que fará com que a crise se encontre resolvida, ainda dentro do primeiro ano após o encerramento do conflito.

Em seguida, e por cinco a dez anos, terão os Estados Unidos um período de imensa atividade. Verificar-se-á naturalmente uma grande procura de tudo o que, em virtude da guerra, se vinha tornando dificil, senão impossivel, obter: automoveis, geladeiras, material elétrico, mobiliários, equipamentos mais modernos para estradas de ferro, artigos de todo gênero.

As casas surgirão, provavelmente, na média de um milhão por ano, durante muitos anos. Os serviços de construção terão muito em que aplicar-se. Novas

estradas de rodagem serão abertas. A indústria de eletricidade terá que desenvolver-se, porque muito maior quantidade de energia se tornará necessária para uso do público e dos particulares.

Novos aperfeiçoamentos científicos, provocados pela guerra, hão-de fazer coisas prodigiosas—gradualmente, não tudo de uma vez; novos usos do vidro e dos materiais plásticos, borracha sintética; melhoramentos em rádio, modulação de frequência; gasolina de alto teor de octana, para dar maior potência aos pequenos motores; metais leves, que darão menor peso aos automoveis, e a muitos outros produtos industriais; casas pre-construidas; instalações frigoríficas, criando uma nova indústria a propagar-se de localidade em localidade; alimentos deshidratados, a fazer competência aos de lata; seda artificial, competindo com a natural; transporte aéreo, em desenvolvimento incalculavel; muito maior o número de possuidores de aviões particulares. Nos primeiros dois a três anos, os novos automoveis não apresentarão grande diferença; virão, porem, em seguida, radicais melhoramentos.

A lavoura, por seu lado, vai ter muito em que empregar a sua atividade, pois aos Estados Unidos caberá a pesada tarefa de alimentar o mundo nos dois anos de colheita que já decorrerem sob a paz. O uso industrial de produtos agrícolas tenderá a desenvolver-se. É seguramente previsivel um movimento, rumo aos trabalhos do campo.

Como resultado da inflação, de alguma forma generalizada, todos os preços deverão crescer de 40 a 50 por cento, em confronto com os de antes da guerra. Mas a inflação, nos Estados Unidos, não se expandirá à vontade; será provavelmente controlada.

Os salários subirão, e as uniões recrutarão novos membros, sem perder o seu prestígio em assuntos políticos, porem modificando ou reformando muitas de suas práticas, ora voluntariamente, ora por força ou efeito de regulamentação oficial. As trocas coletivas aumentarão, e as indústrias, no seu todo, se empenharão em maior escala nestas operações.

Os serviços sanitários tenderão a expandir-se e melhorar. A assistência hospitalar será muito mais satisfatória, e maior o número de pessoas voluntariamente consagradas a obras de solidariedade e assistência social.

O comércio do mundo, em boa parte, funcionará sob o controle e financiamento dos governos, isso por longo tempo. Grandes reservas de matérias primas, que a guerra prejudicou em diferentes paises, terão saida de qualquer maneira, para evitar a depressão dos mercados. Haverá que apelar intensamente para os transportes marítimos.

O desejo de fazer coisas de que resulte dinheiro desenvolver-se-á entre os homens, inspirando de mil modos a fabricação de artigos para uso do povo. Já começam os industriais a volver as suas vistas para maior produção, com pequena margem de lucro em cada unidade, mas resultado total compensador, a tirar de grandes vendagens. Melhor distribuição; mais empregos, mais empregados; maior massa de renda nas mãos dos consumidores; mais altos niveis de vida.

Não haja dúvida que, materialmente, será um mundo melhor o que deverá vir depois da guerra. Espiritualmente, *poderá* tambem ser melhor... *se* pensarmos e agirmos no sentido de que de fato o seja.

Pontos de Vista

O êxito é de todos

Quando, ainda há pouco mais de um ano, os alemães tinham, na África, superioridade de forças, de aviões, de tanques, de canhões, e, por isso, obtinham vitórias—o rádio de Berlim repetia todas as noites: *Nós queremos «rommelizar» o mundo.*

Rommelizein era então vencer, desbaratar, aniquilar. Rommel foi feito marechal, e lhe foi concedido o gênio.

Mas as coisas mudaram. Os Aliados conseguiram mais tropas, mais aviões, mais tanques, mais canhões. Rommel perdeu o gênio. Correu, abandonando as suas tropas a uma rendição vergonhosa. Rommel foi «rommelizado»...

O gênio... Vale mais pensar nisto, um instante. O gênio é o êxito. Mas que é o sucesso, o êxito? É o resultado *social* de uma ação *coletiva*. O êxito é de todos, mas, por uma perversão da lógica individualista, um só recolhe os louros. O sucesso é do gênio... Não que este «açambarcador» não tenha mérito. Mas é injusto que se lhe atribua o que é de todos. Não deve ser a ponta do para-raio só o que conta, na proteção contra a tempestade. Não é a ponta de pedra do Himalaia só a imensa montanha. Um general, um político, são determinados por imensa colaboração, anônima às vezes, mas inegavel.

O próprio gênio literário é só «ele»? Para um grande homem não concorre a sua nação, sua família, seus pais, sua educação, seu ambiente social, alem dele próprio? O chamado gênio militar, como o gênio inventivo. Um grande cirurgião decide, no campo operatório, como num campo de batalha, da vida e da morte do seu cliente. Para isso será preciso saber, ter técnica, experiência anterior, mestres, discípulos, instrumentos, assistentes, enfermeiros... nem a sua quota pessoal é dele só: é do seu passado e de sua origem.

O gênio atribuido a um indivíduo é uma desapropriação, indevida, da coletividade. No mundo, o indivíduo é uma abstração, pois que tudo, até ele, é parcela da sociedade. A vitória, o sucesso, é uma longa dignidade... de todos!

O gênio de Rommel, estamos vendo agora, era mais soldados, mais munições, mais engenhos de guerra. O gênio, isto é, o sucesso, passou para o adversário, com mais tropas, mais canhões, mais tanques, mais aviões. Pobre Rommel... Nem honras excessivas, nem tanta degradação.

O gênio atribuido a um indivíduo é uma desapropriação, indevida, da coletividade. No mundo, o indivíduo é uma abstração, pois que tudo, até ele, é parcela da sociedade. A vitória, o sucesso, é uma longa dignidade... de todos!

—Afrânio Peixoto

Aos jovens que vivem a sonhar com a aposentadoria, eu tenho um conselho a dar: afastem da mente semelhante idéia.

Sabem com que se parece a situação de quem está na ociosidade? É como se alguem, à tardinha, nos últimos dias do outono, passeasse por um bosque, e, subitamente, ao levantar os olhos, visse que todas as folhas haviam caido, ao mesmo tempo que a terra tinha sido inundada pelas trevas, e um vento frio começava a soprar através da desolada paisagem. É isso a aposentação.

—Stephen Leacock, *Too Much College* (Dodd, Mead)

O melhor que pode suceder a uma jovem é ter o primeiro desengano amoroso em plena mocidade, quando o sofrimento só fará realçar-lhe a beleza. O olhar ganhará uma límpida e cativante expressão, e a personalidade toda adquirirá um estranho e penetrante feitiço.

—Norma Patterson, *Give Them Their Dream* (Farrar & Rinehart)

Já reparou como um homem casado tem um ar de repouso e autoconfiança, olhando para uma mulher como a querer dar-lhe a entender que nenhum interesse ela lhe desperta?

O solteiro, ao contrário, oferece o aspecto instavel e ridículo de quem anda sempre picado pela curiosidade ou é presa de qualquer inquietação interior. Encara as mulheres com ousadia, depois afasta o olhar, para voltar a fitá-las novamente, fazendo-lhes ver que ocupam o seu pensamento, ao mesmo tempo que estão loucos por saber que pensam deles as suas ninfas. Os solteiros são sempre estranhos e desconcertantes, daí precisamente gostarem deles as mulheres.

—James Stephens, *The Crock of Gold* (MacMillan)

Há demasiados discursos por esse mundo e o peor é que são sempre longos. O Padre-Nosso, o Salmo 23, e o discurso de Lincoln em Guetisburgo, são três peças mestras da literatura universal que perdurarão até a consumação dos tempos, e nenhuma chega a ter sequer 300 palavras. A despeito dessa convincente ilustração do poder da concisão, é espantoso que ainda haja na terra oradores que persistam em não ser breves.

—Bruce Barton, no *Collier's*

Conversamos para fugir a nós mesmos e dos nossos interlocutores. A conversa é um mundo em si próprio, no qual nos sentimos perfeitamente protegidos até contra as coisas de que estamos falando.

—Edwin Muir

Os «amputados» estão aprendendo a fazer milagres graças a membros artificiais aperfeiçoados—e a muita coragem.

Não têm pernas e andam

(Condensado da «Hygeia»)

Por J. P. McEvoy

Em dezembro do ano passado, Richard Frederick Wood, filho de Lorde Halifax, e tenente do 8° Exército Britânico, foi atingido por uma bomba, em Trípoli, e os médicos amputaram-lhe ambas as pernas acima do joelho. Assim que teve alta do hospital, foi trazido para a companhia de seus pais, na embaixada britânica em Washington.

Lady Halifax havia ouvido falar num negociante de Pitsburgo que, apesar de haver perdido ambos os membros inferiores, andava sem muletas, com pernas artificiais, e parece que havia ensinado a andar várias pessoas nas mesmas condições. Poderia ele fazer o favor de vir um dia conversar com o seu filho? Com muito prazer, responderam-lhe. E foi. Em maio deste ano, apenas algumas semanas depois, o tenente Wood se mantinha de pé sobre suas novas pernas, e atravessava o quarto de um lado ao outro, sem auxílio algum!

Poucos são os que já ouviram pronunciar o nome de E. A. Kerschbaumer, de Pitsburgo; no entanto há muito tempo que ele circula pelos Estados Unidos, a fazer verdadeiros milagres. «A maior parte das pessoas,—diz Kerschbaumer—quando perdem uma perna ou um braço, acham que estão liquidadas: já se vêem sentadas na calçada a vender lapis e cordão de sapato, inspirando pena a todo mundo, e tendo mesmo pena de si próprias. Não sabem que, graças à ciência, e com um bocado de força de vontade de sua parte, podem tornar a viver uma vida perfeitamente normal.

«Vejam o meu caso, por exemplo!» e Kerschbaumer, que se parece um pouco com o Clark Gable, levanta-se da cadeira, atravessa a sala, volta, senta-se de novo, e cruza as pernas. Usa bengala, e caminha como um homem que tivesse torcido o tornozelo—*mas anda!*

«O melhor médico do mundo não pode convencer um soldado, que perdeu uma perna, de que ele não é um aleijado inutil, e o mais habil psicólogo é incapaz de restaurar-lhe a confiança em si mesmo; mas quando eu afirmo que se pode andar sem perna, ele me acredita porque provo o que digo. Há nos Estados Unidos centenas de pessoas como eu, que ficariam satisfeitíssimas de poder ser uteis a esses soldados, ensinando-lhes a usar os membros artificiais.»

Kerschbaumer perdeu a perna esquerda quando contava seis anos de idade. Depois de submeter-se a várias operações, nada lhe restava da perna. Disseram-lhe que seria impossivel ajustar uma perna artificial sem haver pelo menos um coto. Inventou ele então aos quinze anos uma perna artificial, mercê da qual podia andar com o auxílio apenas da mão esquerda, que por um buraco no bolso da calça lhe ajudava o

movimento. Perguntavam-lhe às vezes porque tinha aqueles calos na mão esquerda: «É de muito andar...» respondia ele, com excelente humor.

Kerschbaumer, que tem agora trinta e oito anos, dirige um próspero negócio de mineração, é figura marcante no seu meio social, e tem mulher e dois filhos. Há cerca de ano e meio, perdeu a outra perna—em consequência de uma queda banalíssima: tropeçou, e rolou por um lanço da escada de um hotel em Washington. Foi obrigado a aprender de novo a andar, agora não somente sem a perna esquerda, mas tendo a direita cortada abaixo do joelho. A força de vontade que mostrou nessa ocasião, aliada a muito engenho e perícia, chamou a atenção de Lorde e Lady Halifax, que ficaram radiantes quando ele se ofereceu para ensinar seu filho a andar de novo.

«O rapaz foi uma surpresa para todos,—conta Kerschbaumer,—até para mim que não me espanto facilmente, pois mais de uma vez tenho visto os milagres de que o espírito humano é capaz. A princípio se mostrava acabrunhado e descrente, como era de esperar. Expliquei-lhe então o que conseguia fazer com meu aparelho, e ponderei que, se aquilo estava ao meu alcance, estaria tambem ao dele. Expús-lhe o princípio básico do movimento e equilíbrio, e o resultado foi que, em quatro dias, ele fazia o que eu levara quatro semanas para aprender.»

As engenhosas e temidas minas terrestres, usadas nesta guerra, têm mutilado grande quantidade de soldados, e o número de pernas estraçalhadas é três vezes superior ao dos braços. Compreende-se que um soldado que perde um dos membros se julgue um desgraçado, mas a verdade é que só na outra guerra tivemos 4.403 casos de amputações, e mesmo em tempos normais há uma média de dez mil pessoas por ano que ficam sem uma perna ou sem um braço, devido a acidentes de automovel, ou trem, ou a moléstia infecciosa. Só nos Estados Unidos há nada menos de trezentas e cincoenta mil pessoas mutiladas dos membros inferiores ou superiores.

Grandes aperfeiçoamentos têm surgido ultimamente na estrutura mecânica dos aparelhos ortopédicos, e igualmente na técnica do respectivo uso—tanto nos Estados Unidos, como na Inglaterra, onde, não somente soldados vindos das frentes de guerra, senão tambem civís, vítimas do *blitzkrieg* alemão, necessitam membros artificiais, e precisam ser treinados na maneira de usá-los.

Os fichários da Associação de Fabricantes de Membros Artificiais da América estão cheios de exemplos que parecem milagres. Joe Spivak, ex-presidente da Associação, perdeu ambas pernas aos dezessete anos, quando guarda-freios de estrada-de-ferro. Tem hoje cincoenta anos, e é tão agil que pode chutar uma bola de futebol. Uma das grandes firmas que comerciam em aparelhos ortopédicos, organizou um time de beisebol composto exclusivamente de fregueses seus, isto é, de jogadores a quem falta perna ou braço! No entanto, todos os anos se apresentam eles normalmente em jogos de benefício, nas redondezas de Nova York. Este ano não foi possivel organizar a temporada, porque os membros do time, ocupados nas indústrias de guerra, não tinham horas vagas para o treinamento.

Há uma organização, «A Fraternidade dos Pernas-de-Pau», unicamente aberta àqueles que usam pernas artificiais. Na sua revista mensal, *Coragem*, publica-se a história de várias pessoas famosas, como Sarah Bernhardt, que na última temporada em que representou nos Estados Unidos usava uma perna artificial; Alexandre P. de Seversky, grande autoridade em aeronáutica e aviador famoso, que perdeu uma das pernas, durante a última guerra, na Rússia; Herbert Marshall, que representa os papéis mais românticos, atravessando muitas vezes a cena, ou andando em frente à câmara fotográfica, sem que suas inúmeras admiradoras consigam descobrir qual das suas duas pernas é a de carne e osso; Monty Stratton, o grande jogador de beisebol, que perdeu uma perna em um acidente de caça e ainda hoje toma parte em jogos num time de 2ª categoria.

Há tambem o caso de Billy Gibson, conhecido dansarino e ator de teatro de variedades da Broadway: perdeu uma das pernas no Argonne, na guerra passada, e foi mandado voltar à América. No hospital, estava um dia deitado, pensando no que poderia fazer na vida um dansarino perneta, quando entra o médico na enfermaria com um visitante, e pergunta se algum dos doentes era capaz de adivinhar qual das duas pernas deste era a artificial. «O sujeito andava tão bem quanto o médico, até melhor»—conta Billy—«e eu fui logo dizendo que achava aquilo uma pilhéria de muito mau gosto.» Mas o visitante, aproximando-se da cama de Billy, levantou a calça, e perguntou: «Que lhe parece isto?» e bateu na perna que fez um ruido de madeira oca.

«Era uma perna-de-pau! Pura e legítima garage de cupim! Arregalamos os olhos; o camarada nem ao menos capengava! Nunca tínhamos ouvido falar naquilo; pensávamos até então que perder uma perna era andar de muletas o resto da vida, ou então ser empurrado de cadeirinha.»

No dia seguinte vieram tomar as medidas de Billy para uma perna nova. No fim de algumas semanas o Exército convidava-o para ensinar os outros soldados a andar com aparelhos. Não lhe foi preciso muito tempo para estar de novo dansando como antes, e assim voltar ao teatro. Quem estivesse na platéia não podia sequer suspeitar que Billy tivesse uma perna de pau.

Correram os anos, aquele gênero de dansa passou de moda, e Billy Gibson desapareceu. Visitando um dia destes um hospital nas redondezas de Nova York, quem havia eu de ver dansando e cantando numa enfermaria: Billy Gibson! Mas dessa vez seu público era outro, era uma enfermaria cheia de «amputados» repatriados da África do Norte. E uma nova esperança renascia nos olhos dos rapazes que acompanhavam atentamente seus ageis movimentos coregráficos.

Conversei ultimamente com alguns dos soldados a quem haviam sido aplicadas pernas artificiais, e que já se tinham tornado bastante proficientes para poderem acompanhar Billy numa excursão pelos cabarés de Nova York. Um deles, um rapagão alto do estado do Alabama, teve mesmo esta expressão: «Estivemos no Stork Club ontem à noite, disse ele, e imagine você, daí a pouco estava eu dansando com uma pequena... Eu! Dansando! Quando me arrebentaram com a perna na África, juro que pensei nunca mais poder ficar de pé, muito menos dansar.»

«O que mais preocupa os rapazes—diz Kerschbaumer—é estarem convencidos de que mulher nenhuma pode interessar-se por eles, a não ser por compaixão; e eu lhes digo:—Pois olhem,

desde menino que só tenho uma perna, e isso não impediu que me casasse com uma moça muito bonita, tivesse filhos, e me divertisse bastante.

«Conto então a história do veterano cujas pernas foram amputadas acima do joelho. Mandaram chamar-me para ver se podia fazer alguma coisa em seu benefício. Tinha ele um aspecto de abandono, a barba por fazer, e era evidente que se sentia perdido.—Porque você não arranja um par de pernas artificiais, e começa a viver de novo? perguntei-lhe.—Para que? resmungou de mau-humor.—Quem é que vai olhar para mim! Mulher nenhuma há de querer saber de um homem inutil como eu. —Pudera! retruquei—Se eu fosse mulher tambem não haveria de olhar para um sujeito que nem ao menos tem bastante amor-próprio para mudar de camisa e fazer a barba!

«O homem começou a ficar irritado comigo:—É muito facil dar conselhos, porque você não sabe o que é não se ter as duas pernas!—Sim, disse-lhe eu, mas uma das minhas é de pau... E mostrei-lhe o aparelho.—O seu mal é querer passar o tempo a lastimar-se; gente como você não serve mesmo para nada, e eu não vou perder meu tempo.

«A essa voz, ele reagiu com vigor: —Deixe-me arranjar um par de pernas, e você vai ver se não aprendo a andar tão bem quanto qualquer. E hei-de chegar até onde você estiver para lhe arrebentar a cara!

«A última vez que tive notícias dele, estava casado, com família, bom emprego, e muito satisfeito da vida.

«Esse homem não é nenhum caso excepcional. Depois de vários anos de experiência, cheguei à conclusão de que, de cinco que se vêem sem perna ou sem braço, pelo menos quatro têm bastante energia para se não furtarem a exercer o esforço indispensavel, e adaptar-se ao uso, em boa forma, de aparelhos ortopédicos; só necessitam de auxílio até certo ponto, daí por diante fazem questão de se ajeitar sozinhos, tornando-se independentes.»

Pronto a atuar

¶ Durante uma visita que fez a um hospital de feridos de guerra, em Londres, a conhecida atriz Merle Oberon perguntou a um soldado:

—Você matou algum nazí?

O soldado disse que tinha morto um.

—Com qual das mãos? volveu Merle. E, à resposta do soldado, ela premiou-lhe a mão direita com um beijo.

Passando ao soldado seguinte, a atriz repetiu a pergunta:

—E você, matou algum nazí?

—Se matei! fez o soldado pulando na cama.—E foi à dentada!...

—Walter Winchell

AS FILIPINAS

sob o tacão dos samurais

(Condensado da «Nation»)

Por Carl Crow

Tóquio divulgou recentemente, pelo rádio, por todo o Extremo Oriente, e numa dúzia de línguas, que muitos filipinos estavam abandonando o costume americano do aperto de mão. Agora, quando apresentados em sociedade, faziam a curvatura habitual entre os japoneses bem educados.

Os comentadores nipônicos saudavam o fato como sinal evidente de que a japonização das Filipinas ia fazendo progresso. Ao mesmo tempo, o governo filipino em exílio diz ser verdade, infortunadamente, que a dominação japonesa vai alí ganhando prosélitos. É possivel, porem, que influa no ânimo dos exilados a sua ânsia por que os Estados Unidos se lancem desde logo, quanto antes, numa campanha de reconquista das ilhas.

Como quer que seja, não é facil saber a exata verdade. Filipinos preeminentes têm falado igualmente pelo rádio, exaltando os japoneses, mas em frases de tal modo extravagantes que fora lícito interpretá-las como ironia. Não são poucos, por outro lado, os filipinos a trabalhar para os invasores. Há porem a considerar que, se o não fizerem, não terão o que comer. Assim, só o tempo e a reconquista poderão esclarecer quantos realmente, no país, faltaram à lealdade.

O programa de ocupação tinha sido, é claro, organizado com grande antecedência, e nos mínimos pormenores. O exército japonês trazia, inclusive, consigo, somas inesgotaveis de papel moeda —excelentes imitações do dinheiro filipino. Está verificado que as notas se achavam preparadas havia muitos anos. O só defeito que tinham era a ausência de indicação sobre como ou por quem seriam resgatadas. Apoiadas todavia pelas baionetas dominantes, não teriam qualquer dificuldade para entrar em circulação.

Toda propriedade foi julgada como pertencente ao inimigo — americanos, ingleses ou chineses — e, portanto, sujeita a confisco. A rapina, é bem de ver, não se faria esperar. A maioria dos grandes negócios funcionavam de acordo com a legislação filipina, e pois sob a bandeira americana. Algumas das mais velhas companhias de navegação e comércio eram britânicas, e os chineses possuiam a maior parte das casas retalhistas.

Mitsubishi e outras importantes empresas nipônicas se apossaram das indústrias mineiras, como tambem das de

Carl Crow manteve, durante 30 anos, o mais íntimo contacto com as Filipinas; um dos seus primeiros livros foi precisamente o que teve por título *America and the Philippines*. Residente 26 anos em Xangai, onde organizou e dirigiu a sua agência de publicidade, visitava Manila com frequência. É hoje muito relacionado com filipinos exilados nos Estados Unidos, e vive de ouvido atento às irradiações japonesas, fonte de preciosa informação para os que sabem como interpretar o fraseado de Tóquio, tantas vezes oblíquo.

navegação e refinação de açucar. O exército japonês tomou a si a fábrica de cerveja San Miguel, da qual fazia parte a agência local de engarrafamento de Coca-Cola, e que se acha ainda em atividade. Os bancos e companhias de seguros passaram a mãos japonesas, ficando estabelecido que aqueles não pagariam pecúlio por motivo de morte, se ficasse provado que o segurado perdeu a vida ao opor-se à entrada benemérita do exército invasor. É facil imaginar o que isso poupou, em dinheiro, às ditas companhias.

Os dísticos de posto de gasolina *Texaco* e *Socony* foram cobertos, a tinta, com o nome de uma empresa japonesa. Os especuladores japoneses, da raça dos abutres que, nas guerras, saem a explorar os vencidos, viajavam com o exército. Muitos deles antigos residentes nas ilhas, tinham já desde muito feito a escolha do lote que desejavam.

Não passou despercebido aos japoneses que os trabalhadores filipinos vinham ganhando aproximadamente o duplo do que vigorava no Japão em matéria de salários. O exército resolveu o problema de modo muito simples: todos os ordenados e salários foram reduzidos de 50 por cento, havendo corte ainda maior nos dos altos funcionários, para que descessem ao plano dos funcionários japoneses, tão escassamente remunerados. Foi aquela a primeira experiência, que tiveram os filipinos, das realizações práticas da chamada «Esfera de Co-Prosperidade do Maior Oriente Asiático». Sob semelhante regime, o nivel de vida dos filipinos, que era o mais elevado no Oriente, baixou ao do próprio Japão.

Novos impostos surgiram. Uma gradual tributação sobre vendas varia de 20 por cento, para artigos de primeira necessidade, a 60 por cento, para os considerados de luxo.

A estação de rádio de Tóquio fez ver que os filipinos, em vez de seguirem o exemplo de frugalidade austera dos japoneses, se vinham deixando levar pelo amor extravagante de superfluidades e regalias, a gastar dinheiro com sorvetes e discos de vitrola. O exército organizou um programa de preleções, em que se censuravam os filipinos pelo seu modo de vida, enquanto os jornais publicavam artigos ilustrados, mostrando como viviam os japoneses. Que os filipinos hajam, com efeito, renunciado aos excessos, parece fora de dúvida. Hoje são tão frugais que passam fome.

O exército procurou submeter a lavoura filipina a regulamentação rigorosa. Ordens foram expedidas, no sentido de destruir canaviais, para que as terras fossem utilizadas em plantações de algodão, de que o Japão necessita desesperadamente. O governo japonês despachou então para as ilhas uma quantidade imensa de técnicos em agricultura, com o fim de levar o plano, de qualquer modo, a efeito. Os filipinos, que nada conheciam de algodão, não viram com bons olhos o caso.

Milhões de filipinos se encontram reduzidos à mais extrema penúria, por isso que os japoneses não dão saida às safras, sobretudo ao açucar e ao óleo de côco, de que eram os Estados Unidos os naturais compradores. Os mercados asiáticos não absorveriam estes produtos, ainda mesmo que os japoneses pudessem abrir mão de alguns navios para o respectivo transporte. A realidade, entretanto, é que vinte e cinco por cento dos filipinos dependem diretamente de tais mercadorias, cujo valor desapareceu de súbito.

Tãopouco é permitido aos japoneses

abastecer as ilhas de certos artigos manufaturados, dos quais há grande procura, como sejam, por exemplo, os texteis de algodão. Importavam os filipinos pano de algodão, na quantia, anualmente, de 10 milhões de dólares (200 milhões de cruzeiros). O Japão não dispõe de produtos de algodão, sequer para si próprio. O exército japonês foi logo requisitando tudo o que havia de algodão nas ilhas, em condições de prestar-se a usos militares. Os filipinos ficaram pois aos farrapos.

Uma das primeiras medidas, tomadas pelos invasores, foi a proibição de uso do inglês ou de quaisquer outras línguas, a não serem tagalog, falado por menos da quarta parte da população—4 milhões em 17 milhões—e japonês. (Mais tarde, o espanhol foi permitido.) A polícia via com suspeita, e não raro tratava duramente, quem quer que falasse inglês.

Se um negociante não punha em japonês o letreiro da sua loja, vagabundos destruiam o dístico ou a tabuleta, sob as vistas complacentes da polícia. Mudaram-se os nomes das ruas. Ninguem do lugar poderia ler as novas designações mas lograva-se o desejado efeito de dar a Manila um aspecto de cidade japonesa.

Nas novas placas de licença para automovel, os números são gravados em símbolos japoneses. Escrevem-se tambem em japonês as indicações de tráfego, e ninguem pode alegar que lhes ignora o significado.

Provavelmente é verdade, como se irradia de Tóquio, que, nas casas de negócio, só se fala japonês. Os traficantes japoneses que usurparam o comércio retalhista, quase todo chinês até então, não podiam falar outra língua senão a sua própria, de maneira que os fregueses, a menos que se exprimissem em japonês, não seriam atendidos. Daí não vinha entretanto maior dificuldade, pois a linguagem coloquial japonesa é o que pode haver de mais facil. Em poucos dias, qualquer pessoa aprenderá o bastante para fazer compras no comércio.

Não deixa contudo de ser divertido que a maior parte das irradiações, dirigidas aos filipinos, façam-na os japoneses em inglês, o idioma proscrito.

Aliás essa proscrição importou em destruir o belo sistema educacional que, graças aos esforços conjugados de filipinos e americanos, se construira nas ilhas através de mais de quatro décadas. As 12 mil escolas, foram todas fechadas. Abriram-se depois umas 600, mas para dar tão somente, e em japonês, um curso de dois anos. Não convinha aos japoneses o funcionamento, alí, de um sistema de educação. Apagaram, portanto, a luz, deliberadamente, para dar início a um período de treva e ignorância, durante o qual a influência americana seja totalmente eliminada.

Revelaram-se, porem, de grande solicitude, quanto à Igreja Católica Romana. Logo no primeiro domingo que se seguiu ao desembarque em Manila, soldados japoneses afluiram à missa, enchendo todas as igrejas e capelas. Guardas de honra postavam-se à porta.

Ora, no Japão, os católicos, estão na proporção de 1 por 2 mil. Não haveria presumivelmente muito mais que uns 10 católicos em cada divisão do exército. Entretanto a impressão, em Manila, era de que quase todos os soldados iam à missa. E guardavam no templo uma conduta meticulosamente correta, como se tivessem sido minuciosamente exercitados para o ato.

As agências de propaganda não tardaram em divulgar, por todo o mundo

católico, essa prova de devoção dos japoneses à Igreja, sendo muitas fotografias enviadas, para a devida exibição em jornais da América Latina. Eram todavia, tais soldados, veteranos da guerra da China, onde durante anos estiveram a pilhar e incendiar edifícios religiosos e sedes de missões, assim católicos como protestantes. Figuravam entre aquelas forças algumas divisões que haviam tomado parte no saque de Nanquim, com toda a série de barbaridades que lá se praticaram. Seria um milagre da graça que se houvesse operado nessa gente, e com tanta rapidez, uma transformação do carater.

Tóquio, nas suas irradiações, apressou-se em atribuir semelhante benevolência para com a Igreja à curiosa organização intitulada «Departamento Religioso» do exército japonês. Trata-se de um grupo de peritos em várias religiões. Há homens nas suas fileiras que seriam de fato capazes de apresentar-se como sacerdotes de diferentes cultos, em perfeita simulação. O objetivo final é trazer todos os credos ao controle japonês.

O espetáculo mais vistoso, arranjado pelo Departamento a que nos referimos, foi uma «peregrinação» de padres e freiras católicos japoneses, do Japão às Filipinas. Igual, no gênero, nunca se vira nas ilhas. As monjas apareciam em toda parte, com a mesma publicidade que teria uma turma de dansarinas, em excursão teatral.

A despeito dos seus improvisados sentimentos piedosos, os soldados japoneses continuavam a achar deleite em matar. Quando um civil deixava de curvar-se diante de um deles, era lícito ao guerreiro afrontado punir o insulto como bem quisesse. Chineses e filipinos de relevo foram, em grande número, assassinados, por essa e outras razões de igual jaez, entre eles o juiz José Abad Santos, da Suprema Corte das Filipinas. Algumas das vítimas foram mortas, humanamente, a tiro; muitas, porem, se viram penduradas pelos pés, para assim se manterem até morrer. Serviram de teatro a tais cenas de pleno barbarismo as zonas mais povoadas de Manila.

Não há pontos claros com que realçar o negro quadro da vida dos filipinos sob o tacão japonês. Estagnado o comércio, as prateleiras das lojas começam a ficar vazias. Os pequenos navios a vapor e lanchas motorizadas, que animavam anteriormente os rios do interior, foram requisitados pelo exército. Milhares de lavradores têm abandonado os seus lares, para reunir-se, nas colinas, a bandos de patriotas que dão caça aos japoneses.

Sim, renunciaram os filipinos, e necessariamente com prazer, ao costume do aperto de mão. Isso os poupa ao sacrifício de um falso gesto de cordialidade para com os seus opressores. A curvatura, à moda japonesa, tornou-se para eles um símbolo, antes de tudo irônico, de aversão permanente e profunda.

¶ Devia ser um santo bispo, aquele que uma noite, há anos, dando voltas na cama sem poder conciliar o sono, porque o amofinavam os males deste mundo sem conserto, lhe pareceu de repente ouvir a voz do Senhor, que dizia: «Dorme, Bispo. Eu ficarei de vela o resto da noite...»

—*The Arkansas Methodist*

¶*Como e porque em três anos Ingrid Bergman se tornou...*

A Primeira Dama de Hollywood

Por Donald Culross Peattie

Tinha Ingrid doze anos quando seu pai, o fotógrafo Justus Bergman, levou-a pela primeira vez a um teatro de Estocolmo. Nunca fora sequer ao cinema. Ao levantar-se a cortina teve ela a impressão de estarem no palco os personagens de seus sonhos. Via alí, em carne e osso, os companheiros imaginários de seus brinquedos; passavam eles por aventuras semelhantes, e faziam discursos como os que ela costumava inventar. A menina pulava na cadeira e, apontando para o palco sem cerimônia, exclamou entusiasmada: «Papai, é isto que eu quero fazer quando for grande!»

Naquele momento mais uma artista surgira—Ingrid Bergman que acaba de fazer o papel de Maria, ao lado de Gary Cooper, na versão cinematográfica do livro *Por quem os sinos dobram*. Maria é, a meu ver, um dos papéis femininos mais dificeis e mais interessantes até hoje interpretados no cinema americano; e Ingrid Bergman desempenhou-o tão bem, que imediatamente se guindou ao lugar de Primeira Dama de Hollywood.

Há quem ponha mais ênfase na palavra «primeira»; outros põem-na na palavra «dama». Na verdade, ambas lhe ficam bem, pois Ingrid Bergman não é só uma grande artista, mas uma mulher admiravel.

Em Hollywood, ter talento nem sempre é o melhor caminho para a glória. Dizem os entendidos que para uma «estrela» alcançar êxito de bilheteria, é preciso ser uma «pequena» de formas provocadoras, ter pernas «alucinantes», ser do tipo «de abafar» ou então de uma beleza de «interromper o tráfico». Qualquer outra artista de Hollywood se sentiria tolhida, e perderia parte do seu encanto, no papel ingrato de Maria. No entanto, ao encarnar uma pobre vítima de guerra, de cabelo cortado curto, o rosto sem pintura, metida numa calças de homem e numa camisa velha, Ingrid consegue comover e empolgar toda a platéia, durante as três horas que dura o drama de Hemingway. Não se trata, porem, de divertimento, nem é tãopouco o prestígio de um nome que o atrai; o que prende o público é o trabalho magnífico da artista, que nunca mais lhe sairá da memória.

O próprio autor do livro, Ernest Hemingway, escolheu a senhorita Bergman como a única possivel candidata para o papel de Maria; Gary Cooper era da mesma opinião. Mas Hollywood então ainda não sabia bem o que pensar sobre Ingrid, e por isto o papel foi confiado a Vera Zorina, a linda bailarina a quem mandaram cortar os cabelos. A companhia já se achava instalada em High Sierras para começar a filmar,

quando por fim os diretores perceberam o erro em que haviam caido, e mandaram chamar imediatamente a artista que se impunha para o papel.

Ingrid Bergman nunca assiste à estréia dos filmes em que toma parte, as famosas *premiéres* de Hollywood; prefere que o estúdio passe a fita numa sala particular onde, sozinha, ela tenha oportunidade de estudar-se. Quando acabou de ver *Por quem os sinos dobram* saiu da sala com lágrimas nos olhos: «Que escritor maravilhoso é Hemingway!» esclamou.

A moça é tão simples e sensata, que desnorteia todos os peritos de Hollywood. Os produtores quase desmaiam quando ela lhes vem chamar a atenção sobre excessos de despesa em roupas, repetição de cenas, ou perda de tempo. É tão sincera e natural que só mesmo o grande público poderia compreendê-la. No princípio deste ano, as rainhas do cinema tiveram a portunidade de ser apresentadas a Madame Chiang Kai-xeque diante de uma multidão que se apinhava no maior estádio de Hollywood. Compreendendo a rara oportunidade que isso representava para elas, subiram ao palco vestidas com a máxima elegância possivel. Ingrid Bergman, porem, apresentou-se como sempre, sem chapéu, as unhas sem verniz, e sem jóias; de sapatos de salto baixo e um vestido cinza muito simples, atravessou o palco, sorriu, e apertou a mão da senhora Chiang com sincera simpatia.

Bergman tem tal avidez pelo trabalho, que esgota os mais resistentes de seus companheiros. Consta nos estúdios ter ela batido todos os recordes ao trabalhar duzentos dias consecutivos, o que, em situações dificeis e sob o calor intenso das lâmpadas, representa um esforço tremendo. Terminada a filmagem de *Casablanca*, começou imediatamente *Por quem os sinos dobram*, sem um só dia de folga. Este último foi todo filmado em High Sierras, a 2.600 metros de altitude, e Ingrid foi a única pessoa a não sentir o cansaço das alturas. No inverno passado, em Minesota, fez um filme, *Suecos na América*, para o departamento de propaganda do governo americano. Enquanto os outros se queixavam do rigor do clima, a sadia filha do Norte deleitava-se em ir de esquís do local de uma cena para o de outra.

Em Hollywood, esta nova Gata Borralheira sai pontualmente dos estúdios às seis horas da tarde, e toma sua baratinha, que ela mesma descreve como sendo «de uma côr de rato tão discreta, que ninguem pensa em olhar quem vai dentro». Dirige-se então para seu modesto apartamento de cinco quartos (que não figura na lista das casas dos artistas famosos de Hollywood), onde se transforma na senhora Peter Lindstrom, esposa de um jovem médico sueco, e mãe de Pia, uma menina de quatro anos. A senhora Lindstrom mantem sua vida de família tão reservada que, até há bem pouco tempo, Pia não tinha a menor idéia de que sua progenitora fosse artista de cinema.

No dia seguinte de manhã, a senhora Lindstrom deixa Pia brincando no jardim de infância e, entrando de novo no «coche da Gata Borralheira» volta a ser a Ingrid Bergman para quem os portões dos estúdios se abrem respeitosamente. «Ao chegar em cima do morro,— diz ela exultante — contemplo os enormes estúdios banhados pela luz da manhã. Como sou feliz! Como tenho sorte! penso comigo mesma. Mal posso acreditar que todos os meus sonhos se tenham realizado.»

Durante sua adolescência estes sonhos

estiveram a pique de ser sufocados. Tendo ficado orfã, fora morar com parentes que estavam sempre a fazer pouco da menina tímida e desajeitada que queria ser atriz. Para poder declamar peças de teatro sem que os outros a ouvissem, era obrigada ao mesmo tempo a tocar a vitrola bem alto. «Ter que recitar no meio daquela barulheira ensinou-me a concentrar a atenção,» diz ela hoje. Possue de fato uma memória espantosa, e aprende rapidamente qualquel papel.

Aos dezessete anos Ingrid anunciou à família que se ia inscrever no concurso para a bolsa de estudos anualmente oferecida pela Escola Dramática de Estocolmo. O tio não fez objeção, pois pensou ser esta a melhor maneira de fazer a menina desistir de suas pretensões. O concurso constava de mais de uma prova, tendo os candidatos que representar várias cenas na presença de atores do Teatro Real da Suécia. Terminada a primeira prova, receberiam um envelope com uma chamada para a prova seguinte ou uma comunicação de que estavam eliminados.

A jovem Ingrid mal tinha entrado em cena e começado a recitar o seu papel, quando os juizes exclamaram: «Basta! Não é preciso continuar. Venha o candidato seguinte.»

«Foi o momento mais triste de minha vida, conta ela. Sem esperar pelo envelope, saí do teatro correndo e fui para casa. Chegando lá tranquei-me no quarto e chorei amargamente.»

No dia seguinte telefonaram da escola para saber porque Ingrid não comparecera à segunda prova; e só então ela compreendeu que bastara aos juizes vê-la representar por alguns minutos para lhe reconhecerem o talento.

Só depois de longo período de estudos costumam os alunos do Teatro Real receber papéis de responsabilidade. Ingrid, porem, mostrava-se tão boa artista, que dentro de pouco tempo era convidada para trabalhar no cinema. Nem por isso abandonou a escola; continuou a seguir as aulas até receber o diploma final.

Sua única distração nessa época era ir ao teatro. Acompanhava-a quase sempre um rapaz bem parecido, chamado Peter Lindstrom; era estudante de medicina. Casaram-se em 1937, tendo ela então vinte e um anos.

Pouco depois, em Londres, David Selznick viu-a trabalhar na versão original sueca do filme *Intermezzo*. Despachou imediatamente um emissário para a Suécia, e em 1939 Ingrid Bergman embarcava para Nova York. «Apaixonei-me pela América assim que vi pela primeira vez a Estátua da Liberdade.» O tamanho dos edifícios, a velocidade dos elevadores, a iluminação feérica, os *sundaes*, os maquinismos engenhosos, tudo a encantava. Sentia-se como uma criança que de repente se visse no País dos Brinquedos.

Hollywood, o país do Mágico de Oz, deleitou-a, sem no entanto lhe fazer perder a cabeça. Selznick, a princípio, quis convencê-la de que devia mudar de nome e escolher outro mais sugestivo. «Gosto de meu nome e não quero outro, protestou ela. —Se fracassar aquí poderei sempre voltar para a Suécia, sem deixar de ser Ingrid Bergman.»

Teve em seguida que lutar com os homens da caracterização. A senhorita Bergman, que tem a cutis naturalmente perfeita, «como um pêssego maduro», expulsou-os do camarim. Quando precisa de «maquillage» especial para uma cena, ela mesma a faz, como aprendera na Suécia. Teve que enfrentar tambem

os fotógrafos encarregados da publicidade, que queriam efeitos artísticos de pernas. Sugeriram então que posasse com vestidos de baile de decotes dramáticos. Não, ela só vestiria seus próprios vestidos. Nunca permitiu que seu nome ou seu retrato figurassem em anúncio algum.

Raramente aparece nas famosas festas de Hollywood, e em sua casa só recebe os íntimos. Gosta de falar com estranhos que não saibam quem ela é, e mantem correspondência com certas pessoas que a interessam; um de seus mais assíduos correspondentes é um chofer de taxi em Mineápolis.

Eis a mulher tal como é—afetuosa, simples, muito humana e sincera. Mas a atriz recusa deixar-se estereotipar sob essa imagem: o registro das suas interpretações é já o mais extenso de Hollywood, e espera alargá-lo ainda mais. No teatro já foi criada seduzida em *Liliom*, e a prostituta de *Anna Christie*. Vê-la-emos dentro em breve no papel da frágil aventureira de *Saratoga Trunk*. Prefere não escolher entre o teatro e o cinema, e vai ter êxito num e noutro. O ideal de sua vida é representar o papel de Joana d'Arc. Ingrid, que se parece extraordinariamente com a Donzela de Orleãs, fará por certo este papel como ninguem desde Sarah Bernhardt. Se bem que o público dos cinemas esteja sempre a querer novas estrelas, a artista de vinte e seis anos, que Estocolmo nos deu, veio aquí para ter um longo reino, que se há-de prolongar por mais tempo que sua própria beleza e mocidade. É ela mesma que, inconcientemente, nos faz adivinhar isto, quando nos diz com os olhos brinlhantes e aquele entusiasmo que tem para com tudo que é novo e diferente: «Já estou ansiosa por envelhecer; há tantos papéis que só então poderei desempenhar!»

Santa simplicidade!

¶ Um operário honesto e trabalhador acabava de ser admitido numa fábrica de aviões do Ohio, e foi prevenido que alí se estava trabalhando no regime de 24 horas por dia. O moço começou logo a trabalhar, e quando o contra-mestre chegou, no dia seguinte pela manhã, encontrou-o ainda agarrado à máquina. Estava abatido e inquieto:

«Bom, patrão—disse o operário—as primeiras vinte e quatro horas foram O.K.! Mas aquí entre nós, o que está me apoquentando é se eu poderei aguentar mais vinte e quatro horas disto...»

—Marian B. Gaffin

¶ Um forasteiro andava correndo Nova York, quando entrou em conversa com um preto que se prontificou, com grande entusiasmo e orgulho cívico, a lhe mostrar os pontos de maior interesse da cidade. Chegados próximo do novo Tribunal de Justiça, o voluntário cicerone exclamou: «Aquí tem o lugar onde *se dispensa* a justiça!»

—Albert J. Pyle

Retalhos do drama cotidiano

—IV—

Encolhida no seu canto, no trem que vinha da Califórnia para o Este, uma menina de uns doze anos escrevia qualquer coisa no cartucho em que trazia o farnel. Um soldado que perambulava pelo corredor do carro, tendo notado aquilo, inclinou-se para ela e perguntou:

«Que é que você está escrevendo, menina?»

Com certa dignidade no porte dos ombrinhos muito retos, a menina olhou para o soldado, e sem sorrir respondeu: «Estou escrevendo um poema sobre minha mãe. Ela morreu na sexta-feira passada, e os homens puseram ela no carro de bagagem, lá na frente.»

Rasgando o cartucho, a menina entregou ao soldado o pedaço onde escrevera os versos. E o soldado leu:

Minha mãe era tão boa
De noite rezava comigo
De manhã me ajudava a vestir
E penteava meu cabelo.

Quando eu vinha do colégio
Ela me esperava no portão
E depois de meu almoço
Eu ajudava varrendo o chão

Um dia ela morreu
E me deixou sem ninguem
Vou agora para Michigan
Onde me leva este trem

O soldado, sentindo a voz embargada, devolveu os versinhos à menina, e voltou depois para seu carro onde se achavam cerca de cem soldados e marinheiros. «Escuta aquí, pessoal...» começou ele.

Em Chicago, rodeada de rapazes em uniforme, a menina foi levada para o balcão onde se vendem títulos de guerra; lá seus admiradores lhe compraram uma apólice de cem dólares e lhe deram vinte em dinheiro.

—Que é que você vai fazer com estes vinte dólares, Kathleen? perguntou um deles.

—Vou comprar umas galochas, respondeu ela com a voz firme. —Antes de ir para o hospital, minha mãe me disse que a primeira coisa que faria quando voltasse seria comprar umas galochas para mim. Agora eu mesmo tenho que cuidar dessas coisas.»

—Rita Fitzpatrick, *Daily News* de Nova York

O Leilão de sábado de manhã, naquela pequena cidade do estado de Novo Hampshire, atraira, como de costume, certo número de pessoas do lugar, várias crianças metediças, veranistas de olhar cobiçoso, e discretos negociantes de antiguidades à procura de alguma pechincha. No meio do grupo que se juntara, notei naquele dia uma família de aspecto tão pobre, que era de fazer pena. Embora fizesse calor, a mulher estava metida num casaco pesado e fora de moda; o marido, alto e magricela, com seu macacão azul desbotado, parecia meio sem jeito ao lado dela; nas roupas esfarrapadas das cinco crianças quase só se viam remendos. O casal só estava interessado num artigo do leilão: uma máquina de costura antiga, mas bem cuidada, que alí se achava.

Quando chegou a hora de se fazerem os lances para a máquina de costura, o resto do grupo percebeu logo o interesse do casal, e bastou a mulher dizer num tímido murmúrio «dois dólares», para ninguem mais ter coragem de fazer

outro lance. Ansiosa, ela fitava o leiloeiro; este num relance percebera a situação, e me parece que disse com um pouco mais de pressa: «Quem dá mais? Vendido!» Valia a pena ver a expressão de felicidade na fisionomia da pobre mulher quando compreendeu que a máquina era sua!

Amarraram bem a máquina ao velho «fordeco», empilharam as crianças no banco de trás, e ao sentar-se a mulher ao lado do marido, eu a ouví que dizia: «Que sorte a nossa, que ninguem estivesse querendo esta máquina hoje!»

Aquela conspiração tácita mostrou-me a natureza humana num de seus aspectos mais louvaveis.

—Gertrude Hynes

O «JOE» ERA um moleque endiabrado a quem o Juiz de Menores concedera liberdade condicional para entregá-lo aos cuidados de um clube juvenil. Roubara dinheiro de caixas, de lojas, e tendo-se apossado de um revolver, atirara em direção a um policial; para rematar, insultara o juiz que lhe dera a sentença. No clube juvenil onde vim a conhecê-lo, Joe estava sempre provocando brigas e dizendo que queria «quebrar a cara daqueles maricas».

Tendo sido chamado ao telefone enquanto arbitrava um jogo de bola ao cesto, o diretor de esportes virou-se para Joe, que assistia ao jogo, e disse: «Joe, você quer me fazer um favor e servir de juiz enquanto eu vou ao telefone?»

«Pode deixar por minha conta. Isso é *canja!*» disse. E era mesmo—para ele.

Joe tinha uma perna aleijada que não lhe permitia tomar parte em jogos esportivos. O médico do clube, depois de examiná-lo longamente disse-lhe um dia:—Acho que vamos poder dar um jeito nesta perna, rapaz!

Com a voz meio engasgada Joe perguntou:

—Sério mesmo, doutor?

A enfermeira do clube encarregada de investigar o passado de Joe, soubera pela mãe deste que Joe só entrara no «mau caminho» depois de ter quebrado a perna, pulando de um caminhão. Antes disto ele fora o campeão do bairro em todos os jogos e esportes. Para recuperar o prestígio perdido, ele roubava dinheiro que gastava depois com a «turma», e se metera a fazer proezas de gangster para reconquistar-lhes a admiração. Agora que está de novo com a perna perfeita, Joe voltou ao que era dantes; é capitão de seu time de bola ao cesto, e regenerou-se completamente.

—Elizabeth Frazer

Como se pensa no Maine

¶ UM CAMPÔNIO de Maine, ao ouvir dizer que Andrew Carnegie chegou a este país somente com 25 centavos na algibeira e deixou, ao morrer, 250 milhões de dólares, tudo o que disse foi: «Ele deve ter tido mesmo uma mulher muito econômica!»

—Keith Warren Jennison, *The Maine Idea* (Harcourt, Brace)

SEÇÃO DE LIVROS

Lafayette

Apóstolo da Liberdade

Condensado do livro «Lafayette: A Life»

por Andreas Latzko

Copyright 1936, Andreas Latzko; Ed. de Doubleday, Doran & Co., Inc., Garden City, Nova York

LAFAYETTE: APÓSTOLO DA LIBERDADE

Quando o marquês de Lafayette estava com treze anos de idade, os padres do colégio católico que ele cursava ordenaram-lhe que escrevesse uma composição em latim sobre «A superioridade do espírito do homem sobre a força bruta, exemplificada pelo cavalo e seu cavaleiro». Com as idéias revolucionárias, nele inatas, o jovem marquês trabalhou o tema de tal forma, que a composição se transformou numa perfeita apologia do espírito de rebelião pela liberdade: no fim, o orgulhoso corcel atirava por terra o cavaleiro, e alcançava, a galope, *la liberté*...

Filho mais velho de grande família de guerreiros, e herdeiro dum nome glorioso e de imensa fortuna, desde a mais tenra infância Lafayette sentiu em si a conciência dos conflitos de classe, a qual se exprimia no desejo, que tinha, de proteger os fracos contra os opressores; e assim foi que, já aos 13 anos, fixou os olhos vivos no vulto fugaz da Liberdade, simbolizada pelo animal com a expressão que lhe dera naquele ensaio em latim.

Nos anos que se seguiram a 1770, foram chegando a París, acossados pela miséria, quais lobos fugindo à neve, vários forasteiros pobres. Houve diversos conflitos, e certo dia a multidão, dominando os guardas, saqueou o palácio do principal magistrado — um prenúncio do dilúvio que vinte anos mais tarde sobreviria.

Os mais prudentes começaram a ficar de ouvidos atentos. E até mesmo no palácio feudal de seu avô, o jovem Lafayette ouvia falar de fome e do preço exorbitante do pão. Cedo tornou-se esse o assunto da moda, e nos salões as conversas giravam em torno da crise; nas reuniões sociais, era considerado de bom tom discutir teorias econômicas e políticas.

Lafayette ouvia tudo isso com o maior interesse. E, ao ver nas ruas, à plena luz do dia, a polícia a correr miseráveis e famintos, e ao lembrar-se dos primeiros onze anos de sua vida, passados no Auvergne, onde os camponeses viviam em humildade e pobreza degradantes, em habitações imundas e sem ar, firmou seu ponto de vista: decidiu que na luta desigual entre fortes e fracos, tomaria posição, decididamente, ao lado destes.

Aos 14 anos, Lafayette recebeu sua herança, aliás em circunstâncias trágicas. Àquela época, com a falta de higiene que reinava e a consequente abundância de vermes e peste, era comum sucumbirem diversos membros de uma só família, vítimas de insidiosas epidemias. Assim foi que o jovem marquês perdeu mãe e avô no espaço de uma semana: vivos e bem dispostos no domingo, faleceram antes da sexta-feira. Ficou o rapaz sozinho, no enorme palácio que fora do avô, e dono de propriedades que valiam três milhões e meio de francos.

Orfão, sem laços que o prendessem, portador de respeitavel nome de família, e, ainda mais, milionário, foi logo

considerado como «um bom partido» por todos os que desejassem bem casar as suas filhas. Quem primeiro deu o bote foi o duque D'Ayen-Noailles, que obteve sem dificuldade um posto de porta-bandeira para Lafayette no seu regimento, conseguindo tambem que lhe fossem dadas aulas de equitação, nas quais era seu colega o conde d'Artois, irmão mais moço do rei. Daí a dois anos, quando Lafayette tinha 16, casaram-no com a segunda filha do duque, menina de apenas 14 primaveras.

No ambiente da Côrte, onde lhe deram um cargo de brilho e responsabilidade teve Lafayette a tristeza e o espanto de verificar que o único assunto de todas as conversas era o dinheiro. Desiludido e enojado, não quis ficar alí; convocaram-no, então, novamente, para o seu regimento, que, nessa ocasião, guarnecia o posto de Metz; e foi aí que, durante um banquete em homenagem ao duque de Gloucester, o destino lhe alterou o curso da existência. O duque, invejoso do irmão, que era o rei Jorge III da Inglaterra, serviu-se em excesso de bebidas, e pôs-se a ridicularizar, sem dó nem piedade, os atos desajuizados e pouco inteligentes do monarca.

Ora, dizia o duque, no episódio de Boston, por exemplo, se o rei tivesse agido com o mais elementar bom-senso, não teria sido necessário dar um tiro sequer. Jorge III negara aos súditos britânicos um seu lídimo direito,—o de só pagar impostos depois que estes houvessem sido aprovados pelos delegados do povo, os deputados. Sem dúvida, os colonos americanos ficariam satisfeitos se lhes fosse dado manter representantes no Parlamento da Metrópole, não havendo pois motivo para tentar liquidar o caso a bala e pela força.

Ouvindo assim o duque a impugnar tão ardorosamente a «arrogância tirânica» do monarca seu irmão, Lafayette inflamou-se ainda uma vez de fogoso entusiasmo pela causa da liberdade. Encheu-se de indignação ante a imagem que as palavras do duque lhe traziam à mente; enfureceu-se com a notícia do abominavel tráfico de recrutas, francamente estabelecido entre os príncipes ingleses e alemães, os quais vendiam os seus súditos como se fossem gado, a tanto por cabeça! Para um jovem de nobre estirpe, que quisesse desembainhar a espada ao serviço de uma causa justa, nada mais natural do que o desejo de apoiar corajosamente esses fazendeiros americanos, que defendiam com heroismo a sua liberdade contra semelhantes abusos.

Quando o duque de Gloucester se achava a inspecionar as fortificações de Metz, em companhia de todos os oficiais da guarnição, veio ao seu encontro um correio expresso, trazendo cartas da Inglaterra. E, mal havia ele rompido os selos, começou a ler, com expressão triunfante, e o ar de quem acertara em suas profecias, a declaração da independência, na America do Norte, promulgada pelo Congresso do novo governo constituido. Dez anos mais tarde, Lafayette descrevia minuciosamente o episódio em suas memórias, dizendo que «às primeiras palavras do duque, o meu coração se alistou na luta...»

No entanto, a esse «alistamento» não se seguiu logo a sua participação na campanha pela liberdade, que se ia desenvolvendo do outro lado do oceano. O marquês de Lafayette teve que vencer muitos obstáculos, antes de poder lutar de fato por essa liberdade que, em seu país, era considerada como «alta traição», e punida com enforcamento.

O DUQUE de Broglie, oficial hierarquicamente superior a Lafayette, estava disposto a mandá-lo combater contra os ingleses. Entretanto, caso sucedesse algum mal ao marquês, o duque de Noailles iria responsabilizá-lo, a ele, de Broglie, pela viuvez da filha. Transferiu, pois, o jovem capitão para a circunscrição de um amigo, o barão Kalb, o qual tambem tencionava aderir à campanha contra a Inglaterra.

Kalb tinha o título de general em comissão, embora sua patente fosse apenas de tenente-coronel; seu desejo era reformar-se em general de brigada. E, segundo os regulamentos do exército francês, os oficiais, designados para servir em corpos estrangeiros, mantinham os postos aí alcançados. Foi por essa razão, apenas, que Kalb decidiu partir para a América naquela época, já com a idade de 60 anos. Quanto ao jovem inexperiente que lhe impingiram, não lhe fazia diferença, e até regozijava-se pelo fato de Lafayette custear-lhe as despesas.

Para o duque de Broglie foi motivo de imenso alívio vê-los partir rumo a París, ponto inicial da cruzada.

Nos meios intelectuais franceses era moda ser-se solidário com a causa americana; essa simpatia, porem, extinguiu-se rapidamente ao chegarem as notícias da derrota esmagadora de Washington, que então contava apenas com um miseravel exército de 3.000 homens. Correram os ministros a apresentar a lorde Stormont as felicitações de Luiz XVI pelo êxito das tropas inglesas. Enquanto isso, em París, Benjamin Franklin, que na véspera era entusiasticamente festejado na sociedade, viu-se de um momento para outro forçado a pagar a dinheiro todas as modestas despesas da manutenção de sua casa, a tal ponto descera o crédito que tinham antes os americanos.

Quando Lafayette anunciou que ia comprar um navio para transportar abastecimentos e oficiais, Franklin sentiu-se na obrigação de dissuadir seu jovem amigo de fazer tal sacrifício. Explicou-lhe concienciosamente a gravidade da situação no seu país; suas explicações, porem, serviram apenas para ainda mais estimular o jovem marquês, que replicou:

«Pois se a vossa causa está na verdade em tão grave perigo, ainda mais justificada se torna a minha intervenção. Se oferecí meus préstimos quando os vossos compatriotas se encontravam em melhor situação, com muito mais forte razão os ofereço agora de novo.»

O governo francês agia nesses dias com grande cautela, receoso que estava de desagradar a Inglaterra; por isso Lafayette teve que cercar-se de todas as precauções em seus preparativos de partida. Tendo fornecido o dinheiro, esperou que os outros fizessem o resto. Kalb mandaria chamá-lo quando o navio estivesse pronto para zarpar; e nesse ínterim era preciso a todo custo evitar suspeitas e desconfianças.

A primeira providência tomada por Lafayette foi fingir-se doente, afim de que, obtendo licença médica para se ausentar da tropa, não pudesse ser considerado desertor. Assinou, então alacremente, um contrato com o agente americano em París, Silas Deane, precisamente nos mesmos termos do acordo celebrado com Kalb, com uma ressalva apenas: a de que «o major-general marquês de Lafayette oferece seus serviços ao Exército do Congresso, *sem remuneração alguma*».

O recado de Kalb veio ter às mãos de Lafayette quando este se achava em visita ao irmão do duque de Noailles, embaixador da França junto à corte inglesa, o qual, sem a menor desconfiança em relação ao sobrinho, apresentara-o aos mais altos personagens, chegando mesmo a conseguir para ele uma audiência com o rei, durante uma reunião de gala em homenagem ao lorde Cornwallis. Logo que recebeu a notícia de que o navio estava pronto, Lafayette saiu apressadamente, explicando ao tio que acabara de ter más notícias do estado de saude de sua senhora. Afim de dar uma impressão mais nítida de que tencionava regressar, partiu sem levar o criado e a bagagem. Chegando a París, entrou como um furacão pelo quarto do seu amigo de Segur, acordando-o com um grito triunfante: «Já estou de partida!»

Em vão tentou o conde de Segur convencê-lo de que devia ir despedir-se da esposa, que esperava, na ocasião, o segundo filho. Lafayette replicou que, justamente por estar ela em tais condições, seria mais aconselhavel evitar uma palestra apressada de última hora que iria fatalmente perturbá-la; e, dizendo isso, precipitou-se para fora do quarto, excitadíssimo, no auge do entusiasmo, embarcando sem demora na diligência.

Em Bordéus, já ao serem içadas as primeiras velas no navio (ao qual haviam dado, em sinal de confiança no futuro, o nome de *Victoire*), surge no cais, gesticulando nervosamente, um correio, portador duma carta expressa. Trazia notícias amargas: tanto lorde Stormont como o duque de Noailles estavam furiosos; o rei assinara um mandato de prisão contra Lafayette, mandato este que já havia sido expedido, e devia estar a chegar em Bordéus. Lafayette decidiu então aguardar os acontecimentos em Los Pasajes, na Espanha, onde estaria afastado da possibilidade de prisão; mal, porem, havia a *Victoire* lançado âncora no porto espanhol, vieram ao encontro do navio dois oficiais tendo em mãos uma carta oficial na qual se proibia terminantemente, em nome de Sua Majestade, que a viagem prosseguisse.

Dez anos mais tarde lembrava-se ainda Lafayette, nitidamente, da tempestade que fez cair sobre seus próprios ombros. Escreveu então em suas memórias: «As cartas de minha família foram terriveis!» Entretanto sua esposa, que mais sofrera com o sucedido, e de quem nem sequer se despedira, não teve palavra de repreensão. Em vez disso, escreveu prometendo que dominaria a tristeza, por amor ao ser inocente que ia dar à luz, e pedindo encarecidamente ao seu infiel fugitivo que ao menos não fosse propositadamente ao encontro do perigo.

Diante da proibição governamental, Lafayette sentiu-se tentado fortemente a atirar de vez a luva contra a «tirania»; temia, no entanto, que isso viesse a significar para ele o degredo perpétuo, e assim resolveu entregar-se aos dois oficiais, seguindo de volta para Bordéus. Aí chegado, porem, recebeu da corte ordens de tal severidade, que percebeu ser inutil voltar a París; alugou, pois, ostensivamente, uma carruagem, anunciando que partia para Marselha. Em caminho, passou para a diligência do visconde de Maurois, tambem recrutado por Silas Deane, e verificou, para seu júbilo, que ainda haveria tempo de embarcar na *Victoire*.

Nos últimos instantes, estando na hospedaria, na fronteira da Espanha, viu mais uma vez a aproximação de uma ameaça: como fizesse a viagem disfarçado de «correio» do visconde, passara a

noite no estábulo, entre os cavalos. Pela manhã veio uma empregada trazer-lhe o café, e ele estendeu preguiçosamente o braço para o receber, não reparando que, durante a noite, sua cabeleira postiça se desarranjara, deixando-lhe à mostra a ruiva cabeça... A rapariga, arregalando os olhos, exclamou: «*Juste ciel!* Mas este é o mesmo oficial francês que há dias...»

Felizmente Lafayette tinha à mão uma bolsa cheia de luizes de ouro, e pôde desse modo comprar a discreção da camponesa basca. E assim, afinal, quando Kalb já começava a perder as esperanças, embarcou na *Victoire* o legítimo dono do navio, e este zarpou naquela mesma noite—17 de abril de 1777—para longe das terras de Europa.

DOIS MESES depois, após uma travessia difícil e tempestuosa, a *Victoire* lançava ferro numa pequena baía no estado da Carolina do Sul, não muito distante da aldeota que se chamava Charleston. Nessa época, há século e meio, quase todo o território da Carolina do Sul não passava de floresta virgem, sendo que os marinheiros, ao desembarcar de seus navios em escaleres, remavam corrente acima sem encontrar uma única habitação. Completamente desprevenidos, os oficiais franceses tentaram, com suas espadas, abrir caminho na selva. Mas toparam finalmente com alguns escravos negros, que alí se achavam a pescar ostras, e que os levaram, então, à residência de verão do senhor.

Este, que era, por sinal, major no exército do Congresso, recebeu os recem-chegados com toda cordialidade. No dia seguinte providenciou para que fossem enviados cavalos a Lafayette e Kalb, que se dirigiam para Charleston, e aí tiveram uma recepção inesperada.

O próprio governador da Carolina do Sul apressou-se em chegar, para presidir o banquete organizado em honra do jovem herói de Versalhes. Realmente, no Novo Mundo como no Velho, não deixava de ser uma «avis rara» quem se dispusesse a atravessar o oceano para defender os direitos de uma nação estrangeira, tanto mais quanto o governador encontrava, de parte de seus próprios milicianos, consideravel resistência à idéia de lutar ou de fazer sacrifícios materiais em favor de sua pátria.

Correndo a notícia de que Lafayette era homem de fortuna, e já preparava o equipamento para sua *expedição* a Filadélfia, puseram-se todos a dar-lhe conselhos quanto ao que devia levar; e assim o marquês foi comprando cavalos, carruagens e barracas de vários vendedores e de diversas qualidades, tornando-se desse modo alvo da gratidão eterna dos tais conselheiros... Mal havia passado meia semana desde a chegada, já iniciava a longa viagem por terra, equipado agora com tal abundância de material, que mais parecia um proprietário de circo ambulante do que um futuro comandante de milícias. À frente da caravana seguia o criado particular do marquês, vestido com a farda dos hussardos franceses; num pequeno carro de duas rodas, iam os dois «generais», Kalb e Lafayette; apenas uma das carruagens era realmente de construção sólida, e nela viajavam quatro oficiais, seguidos de outros cinco a cavalo. Levaram ao todo um mês, tendo que passar várias noites ao relento, perseguidos pelos mosquitos e deprimidos pelo calor, e pelo fim da jornada já se viam forçados a caminhar, à medida que iam baqueando pela exhaustão os cavalos de montada e os da bagagem. À sua chegada em Filadélfia, estava reservado ao amor-próprio de Lafayette um golpe realmente duro de suportar; e só o seu fanatismo o terá impedido, então, de desistir da luta, pois a recepção que lhe deram, se a isso se pode chamar recepção, equivaleu a uma ducha fria, capaz de extinguir o mais ardoroso dos entusiasmos. Para recebê-los fora designado um tal sr. Lovell, presidente do Comitê de Negócios Estrangeiros do Congresso, o qual desceu ao saguão do palácio, e aí, sem quaisquer demonstrações da mais comezinha gentileza, examinou-lhes rapidamente os papéis—contratos e cartas de recomendação,—tal como um chefe de seção aflito por se ver livre de peticionários aborrecidos. Mandou-os embora, pedindo-lhes que voltassem no dia seguinte, e prometendo que, nesse interregno, o Congresso estudaria os «requerimentos».

Em seguida, afastou-se tranquilamente, abandonando no «hall» o pequeno grupo de homens, que não podiam esconder o seu espanto. Depois de atravessarem o oceano, era assim que os tratavam—como se fossem lacaios?

O peor, no entanto, ainda estava para vir. No dia seguinte, voltando eles ao Congresso em obediência às instruções de Lovell, este lhes disse sem mais aquela, que sentia muito, mas não via probabilidades de ser deferida a petição; aconselhava-os, pois, a que regressassem, sem mais demora, à Europa.

Felizmente, porem, diante de uma resposta de tamanha e tão inacreditavel grosseria, Lafayette desconfiou, e com razão, de que as suas credenciais não haviam sido sequer examinadas no Congresso. Pediu então modestamente a Lovell que lesse, ele próprio, as cartas assinadas por Silas Deane e Benjamin Franklin.

Voltando à hospedaria, em companhia dos seus camaradas já desesperançados, decidiu enviar ao Congresso, por escrito, uma breve mensagem nestes termos: «Em vista dos sacrifícios que já fiz pela causa, julgo-me no direito de pedir a Vossas Senhorias dois favores: o primeiro é que me permitais servir convosco sem receber remuneração, à minha própria custa; e o segundo, que me seja dado servir, a princípio, como voluntário em vossas fileiras.»

Havia na simplicidade destas palavras um contraste tão absoluto com as cartas pretensiosas, tresandando a ambição, chegadas todos os dias ao Congresso, da parte de candidatos europeus, que os congressistas atentaram bem na mensagem, e se surpreenderam com ela. Impressionou-os tambem, fortemente, a informação de Franklin com referência ao prestígio e à influência da casa de Noailles na corte de França, e por tudo isso o Congresso decidiu estudar o caso com mais vagar e mais cuidado.

O GOVERNO americano, aliás, tinha boas razões para receber com fria desconfiança os que assim o procuravam. Desde o início da campanha, as Colônias procuravam obter de França o apoio de que necessitavam para a Guerra da Independência, e, afim de conseguir a simpatia do público francês para a grande causa, Silas Deane havia recrutado vários oficiais entre a nobreza da corte de París. Justamente por ocasião da chegada de Lafayette, manifestavam-se em Filadélfia grandes prevenções contra esses aventureiros cobiçosos, que jamais esconderam o desprezo que nutriam pelos oficiais americanos, a quem chamavam «paisanos fantasiados»... Eram todos militares por profissão, e, para eles, Washington não pas-

sava de um filho de fazendeiro, «eleito» para o alto cargo de comandante-chefe por camponeses e negociantes. O Congresso, cansado de receber queixas contra esses estrangeiros arrogantes, resolvera anular-lhes os contratos.

Não obstante, foi enfim Lafayette comissionado no posto de «major-general», em carater de exceção, pelo fato de pertencer a «uma ilustre família», com «importantes relações sociais»,— concessão, seja dito, bem longe do que se poderia esperar de uma assembléia democrática...

Aprovada foi tambem a comissão do barão Kalb, que morreu pouco depois, aliás heroicamente, nas florestas da Carolina do Sul; quanto aos outros oficiais do grupo de Lafayette, foram sumariamente rejeitados, tendo sido preciso que o jovem marquês lhes pagasse as despesas da viagem de volta para a Europa.

Washington protestou ao ter notícia do novo general que, tão jovem, não deveria passar do posto de tenente. Já tantas vezes pedira ao Congresso que acabasse com tais alistamentos de oficiais profissionais recrutados na Europa! Os membros da Casa, no entanto, apressaram-se em lhe mostrar as excelentes cartas de recomendação assinadas por Franklin e Silas Deane, e afirmaram que a comissão importava em suma num título meramente honorário.

Dificilmente se encontrariam dois tipos tão dissemelhantes quanto aqueles — Washington, o puritano taciturno, controlado e autoritário, e o seu hóspede francês, quase 25 anos mais jovem. O moço e exuberante fidalgo, declamando as idéias filosóficas e abstratas de Rousseau, no estilo dos salões literários de París, devia ter parecido ao comandante das forças libertadoras ainda mais cru e inexperiente do que de fato o era. No entanto, pouco tardou que a perspicácia de Washington reconhecesse no jovem colega os traços da legítima nobreza; e para os próprios oficiais do quartel-general foi facil perdoar a Lafayette o absurdo do seu posto, porque a sua modéstia contrastava com a arrogância dos seus antecessores. Antes de inspecionarem, juntos, o acampamento, Washington procurou desculpar-se, dizendo-se envergonhado de mostrar os seus soldados, tão pobres e maltrapilhos, a um oficial do exército francês. Lafayette limitou-se a responder-lhe: «Mas, senhor general, eu estou aquí para aprender, e não para ensinar.»

Tornou-se logo evidente que Lafayette esperava que lhe confiassem desde logo o comando de alguma força, e Washington sentiu-se, com isso, em compreensivel embaraço. Impaciente por ter uma oportunidade de justificar os seus galões, não se resignava Lafayette a um generalato nominal...

Teria sido em todo caso obrigado a refrear os seus ímpetos, não fosse o fato de o indolente general Howe ter sido substituido por outro realista, lorde Cornwallis, a quem ele, Lafayette, fora apresentado em Londres. Cornwallis decidira que havia de capturar Filadélfia, custasse o que custasse; e a essa enérgica resolução veio a dever o marquês o seu batismo de fogo. No quartel-general, coube-lhe tomar parte, pela primeira vez, num conselho de guerra. Fardado, para não dizer «fantasiado» de major-general, sentou-se à mesa do Conselho mas, compenetrado da sua situação, guardou silêncio. Seguiu-se no entanto a resolução, sugerida por Washington, e logo aprovada por unanimidade, segundo a qual o Congresso não se renderia sem resistência. Lançada assim a sorte, Lafayette, já agora indiferente a questões de hierarquia, pediu apenas que o designassem para as primeiras linhas de combate.

Durante a batalha do pequeno ribeiro de Brandywine, estando Filadélfia em mãos do inimigo, procurou Lafayette impedir que as tropas de milícia se pusessem em fuga. Atraidos pelos dourados de sua farda nova em folha, as guardas avançadas do inimigo atiraram contra ele, e uma bala veio atingí-lo na parte superior da coxa. Empolgado pelo ardor da luta, não se importou com a ferida, e só quando o sangue já lhe escorria até as botas, conseguiram os camaradas persuadí-lo a apear. Os homens da ambulância transportaram-no então, em maca, para a aldeia próxima. A bala atravessara-lhe a carne sem tocar no osso, mas a perna inchou de tal maneira que o obrigou a ficar várias semanas de cama.

Foi para ele angustioso ter que permanecer inativo; entretanto, nas várias cartas, cheias de amor conjugal, que escrevia à esposa, caçoava de si mesmo e do «ferimento» dizendo que só lhe dava esse nome pomposo para se tornar mais interessante...

Em relação a Washington, escreveu então: «Este homem honrado, que me fez a distinção de considerar-me amigo íntimo, enviou-me o seu assistente médico, a quem recomendou que me tratasse como se eu fosse seu próprio filho».

SEM ESPERAR que a ferida cicatrizasse por completo, manquejando ainda e apoiando-se numa bengala, Lafayette chegou, inesperadamente, a Valley Forge, local inhóspito onde as tropas americanas, após nova derrota em Germantown, tiveram que passar o peor inverno de toda a guerra. Washington sofria com os seus homens as mesmas privações, para manter dentro de certos limites o descontentamento que já se fazia sentir entre os soldados. Mas aquele estrangeiro sentir-se-ia no mesmo dever? Quando o jovem marquês apareceu, a mancar no campo coberto de neve, pronto a arriscar mais uma vez a vida pela causa americana, foi-se o último vestígio de restrição ou despeito, cedendo lugar francamente à mais irrestrita admiração. As cartas que chegavam dos oficiais e milicianos de Valley Forge, todas elas faziam referência a Lafayette e sua história; e assim, menos de seis meses após seu desembarque da *Victoire*, esse rapaz de vinte anos, «amigo de Washington», dava que fazer, nas Colônias, à imaginação popular. Nunca um estrangeiro soubera impor-se tão rapidamente à estima de todo um povo.

Washington votava-lhe sincero afeto, reforçado, aliás, cada vez mais, pela admiração que sentia pela bravura do jovem sonhador. Dada a sua qualidade de voluntário não-remunerado, tinha Lafayette o direito de escolher a tarefa ou missão a desempenhar na campanha. Logo que soube que a brigada do general Greene iria avançar contra o inimigo, pediu a Washington que lhe permitisse figurar na expedição. Foi-lhe então confiado o comando de uma guarda avançada. Mal haviam passado dez semanas após ter sido ferido, o jovem marquês, com seus 300 homens, entrava já em contacto com 350 «hessianos», mercenários do exército inglês. Possuido de «autêntica fúria francesa», como diziam os comunicados americanos da época, lançou-se contra o inimigo na escuridão da noite; tomada de surpresa,

na floresta sem atalhos, foi a tropa realista em parte destruida e em parte capturada.

Essa escaramuça revestiu-se ainda de maior significação, devido à vitória conseguida pouco depois pelo general Greene, ao qual se renderam 6.000 soldados do reforço inglês. Daí em diante não havia mais americano que pusesse em dúvida o valor do moço fidalgo... Consequentemente, segundo pedido expresso de Washington, resolveu o Congresso entregar ao marquês de Lafayette o comando de toda uma brigada, «em reconhecimento do talento militar de que deu recentemente brilhante demonstração».

Convidado a escolher o seu contingente, Lafayette preferiu o que fora organizado no estado da Virgínia, visto que esses soldados sulinos mostravam maiores afinidades de temperamento com os franceses do que os puritanos do norte, tenazes sem dúvida, mas um tanto desprovidos de imaginação. Pagou do seu próprio bolso até mesmo o fardamento dos seus homens, pois os governos estaduais não se mostravam dispostos a empregar mais dinheiro a serviço de uma causa que lhes parecia virtualmente perdida; e o certo é que dentro em pouco os 1.200 «virginianos» se tornavam a tropa mais bem equipada de toda a milícia. Não é de admirar que Lafayette gozasse de quase tanta popularidade quanto o comandante-chefe!

Ao voltar de uma expedição, aliás mal sucedida, à fronteira do Canadá, recebeu o marquês a notícia que tomou no seu espírito as proporções de mensagem vinda direta do céu: celebrara-se, a 6 de fevereiro (o ano era 1778), o tratado franco-americano, mediante o qual a França entrava a colaborar materialmente na Guerra da Independência.

Poucos dias depois, Washington, que não queria entregar-se à inatividade enquanto esperava os franceses, decidiu tirar uma prova das intenções do inimigo, e para isso ordenou ao major-general Lafayette que fosse efetuar um reconhecimento na direção das avançadas nos arredores de Filadélfia, precavendo-se porem contra ataques de surpresa, e tratando ao mesmo tempo de desorientar o adversário com arremetidas inesperadas e súbitas. Auxiliado pelo próprio Washington, Lafayette escolheu os soldados que deveriam formar a sua divisão de 2.500 homens, e com eles marchou para Valley Forge a 18 de maio de 1778. Da tropa faziam parte dois generais americanos, adidos, mas sob as ordens daquele comandante de 20 anos.

Os generais ingleses, entretanto, por intermédio dos seus espias, souberam que o terrivel «calouro» francês, introduzido aliás à corte inglesa como sobrinho do ministro da França, achava-se num dado momento em pleno avanço, e resolveram capturar o imprudente... A coisa chegou a tal ponto que até mesmo o general sir William Howe adiou a partida para a Inglaterra, afim de poder auxiliar os seus homens a realizar o serviço. Aliás todos os generais ingleses tomaram parte na «caçada», sendo que o novo comandante-chefe, sir Henry Clinton, dirigiu pessoalmente a manobra, que deveria consistir no envolvimento das tropas de Lafayette.

Mas foi em vão que tais estrategistas lançaram sua rede. Lafayette já aprendera com Washington que, para bem comandar um exército, não bastava a coragem: era tambem necessário ser prudente, e, lembrando-se dessa lição recebida do mestre, retirou-se a tempo de escapar à armadilha que lhe prepararam. Ah, como teria sido sensacional, para os jornais da França, a notícia da captura do canário que partira como uma águia através do oceano! Os ingleses falharam dessa vez, e com isso contribuiram para aumentar, de muito, a fama do noviço, que assim zombara dos estratagemas dos melhores generais da Inglaterra.

Na França, todavia, a entrada do país na guerra justificou logo, sem mais dúvidas, a conduta do «desertor». O duque d'Ayen-Noailles, que a princípio esteve até disposto a mandar encarcerar na Bastilha o genro pródigo, achava-se agora satisfeitíssimo com o espírito previdente e os poderes divinatórios do rapaz, que tão bem compreendera, e com tanta antecedência, as intenções de Sua Majestade. O próprio Lafayette, entretanto, que já havia comandado divisões até de 5.000 homens, começou a indagar de si mesmo se a reputação e o elevado posto que alcançara na América lhe não seriam mais uteis na velha pátria. Começou então a escrever cartas a diversas pessoas, receoso, que estava, de que outros lhe viessem a roubar a oportunidade de comandar o ataque direto à Inglaterra.

Por outro lado, sua ambição indomavel compelia-o a ficar na América, temendo que, ausente por um período longo, perdesse boas ocasiões de alcançar novas honras militares. Entretanto, viu passar o outono de 1778 sem que tivesse havido batalha alguma, e, atingindo a maioridade, partiu para Boston, disposto a tomar, aí, o navio que o levaria de volta à França; mas a caminho, em consêquencia talvez da exhaustão, depois de tantas campanhas, caiu vítima de febre alta que o manteve preso à cama, entre a vida e a morte, durante várias semanas.

Assim que teve conhecimento da moléstia que o atingira, Washington deixou sua residência em Mount Vernon, e correu à cabeceira do jovem amigo, assistindo-o fielmente em toda a fase grave da doença. Essas longas horas de ansiedade foram quiçá a fonte de onde se originou o terno afeto, quase paternal, que uniu o general a Lafayette, para o resto da vida. Lafayette passou toda a convalescença na pitoresca propriedade de Washington, e, uma vez restabelecido por completo, voltou a Filadélfia, e aí requereu ao Congresso uma licença para ir à Europa.

Na corte, foi recebido de maneira que ultrapassou todas as suas expectativas mais audazes. O próprio Luiz XVI, com um sorriso amigo, ofereceu as boas-vindas ao oficial insubordinado; e até a rainha, que já acusara Lafayette de péssimo dansarino, fez questão de reservar a primeira contradansa, no baile do palácio, para o «Héros des deux mondes». Alvo de geral admiração, disputado, mimado pelas damas da corte, chegou um dia a receber discreto conselho, provindo dos mais altos círculos: que se abstivesse de aparecer tanto em público, pois a enorme estima de que gozava por parte de todos acabaria fazendo com que o povo se esquecesse dos príncipes de sangue real!

Entretanto, apesar de toda a sua popularidade, não conseguia que o encarregassem de qualquer tarefa à altura da sua situação, e durante o ano que passou em França jamais pôde ter ensejo de tomar parte sequer em simples escaramuças à frente de tropas francesas. A primeira expedição enviada pela França à América resultou em redondo fracasso. Diante disso, passou Lafayette a uti-

lizar seu prestígio no sentido de conseguir que Luiz XVI mandasse organizar nova remessa de tropas; mas, tendo o rei concordado afinal, ninguem se dispunha a entregar o comando da nova expedição a um oficial que ainda nem fizera os seus 22 anos... Certo, isso fora possivel no exército improvisado de um país novo, que o formara com lavradores, comerciantes, etc... porem na França, nunca! Assim, Lafayette nada conseguiu alem do posto de coronel num regimento de Dragões do Rei. Mas, evidentemente, o herói das hostes de Washington não desejara ter voltado à pátria para dirigir paradas!

Todavia, para a sua família, não fora aquele ano de todo perdido. A 24 de dezembro de 1779, Mme. de Lafayette ofereceu ao marido um presente de Natal que ele de há muito desejava: um filho, que lhe seria o herdeiro; e, no próprio dia de Natal, batizaram o menino, dando-lhe o nome de George Washington. (Anos depois, o afilhado foi ter aos Estados Unidos, à residência do padrinho Washington, onde aliás nunca houvera outras crianças; e ao regressar mais tarde à França, trouxe consigo uma caraterística bem americana: a absoluta indiferença pelas honrarias meramente formais. Era simplesmente George Washington de Lafayette.)

Na primavera de 1780 ficou pronta a segunda expedição militar francesa, e a 13 de março, a bordo da fragata *Hermione*, da Marinha Real, fez-se de viagem Lafayette, levando a boa notícia aos amigos de alem-mar.

O verdadeiro motivo de sua ida, só o revelou a Washington, depois de haver feito a distribuição dos presentes que trouxera: espadas, plumas e esporas. Estando afinal os dois amigos a sós, à luz debil de uma vela, leu para Washington a carta, assinada por Luiz XVI, em que este generosamente colocava sob as ordens supremas do generalíssimo americano todas as forças auxiliares da França, tanto de terra como de mar.

Já nessa ocasião descera de tal modo o valor da moeda americana, que o soldo mensal de um capitão lhe não daria para um par de botas. E, após um inverno em que a fome se fizera sentir, até os melhores soldados começaram a dar mostras de desânimo. Em tais circunstâncias, que se afiguravam realmente trágicas, o auxílio anunciado por Lafayette era de valor inestimavel, mas exigia, por outro lado, que a América correspondesse com esforço equivalente. Lafayette, com menos de 23 anos de idade, viu-se a braços com uma tarefa que poria em dificuldades ainda o mais sagaz dos diplomatas; se transmitisse a Versalhes toda a verdade sobre a situação, estaria automaticamente pedindo que ordenassem o repatriamento imediato das tropas francesas; mas tambem, se guardasse reserva, nem por isso se ocultaria à metrópole a gravidade do momento, pois estava a chegar Rochambeau, comandante francês, cujos oficiais denunciariam claramente, em suas primeiras cartas à França, quais na verdade as condições reinantes.

A solução encontrada por Lafayette foi simples: evitou, com muita perícia, tanto a menção quanto a omissão da verdade, relatando apenas, singelamente, os seus apuros, e indicando os melhores remédios. Esclareceu que o exército de Washington decrescera bastante devido ao depreciamento da moeda, fato aliás que ninguem na Europa ignorava, e observou que os pagamentos em dinheiro, pelas tropas francesas, aos abastecedores viriam suprir essa deficiência.

Não bastavam porem esses relatórios intencionalmente otimistas; era necessário que a América soubesse tirar da assistência prestada pela França o devido partido. Enquanto os comerciantes se sentiam atraidos pela perspectiva de pagamento em bom dinheiro francês, aqueles que já iam perdendo a confiança na vitória foram sendo reanimados com os louvores e elogios ao poderoso aliado. Washington escrevia cartas sobre cartas ao Congresso, procurando incentivar nos seus membros o zelo e a ambição patriótica; e, por sua vez, Lafayette se dirigia, por escrito, ao povo, metendo-o em brios, e pedindo-lhe evitasse que os soldados americanos fossem ridicularizados pelas tropas estrangeiras. Ele próprio comprava roupas e alimentos, quando não fornecia, muitas vezes, mesadas aos seus soldados—o que aliás não era de estranhar num homem que fora sempre indiferente ao dinheiro; e conseguiu que as damas de Filadélfia e outras cidades aderissem à sua campanha no sentido de angariar fundos, pondo sempre o nome de sua esposa a encabeçar as listas. Inspiradas tambem por ele, as senhoras da sociedade puseram-se em campo, tratando de tornar mais confortavel a vida dos soldados, e pouco tardou que, em toda a América, as maiores figuras sociais porfiassem em vestir e agasalhar melhor os soldados combatentes semi-nus.

Foi aceita com prazer pelos oficiais franceses a ordem do rei, segundo a qual deveria tocar a Washington o comando supremo. Mas quanto a receber ordens do seu compatriota de 23 anos, transformado quase em comandante-chefe, isso já era outra história...Os rapazes do exército de Luiz XVI nada sabiam de inglês; por outro lado, Washington e os membros do seu quartel-general ignoravam por completo o francês; assim, a solução mais razoavel seria utilizar os serviços de Lafayette como intérprete, entre os dois elementos, e foi o que fez Washington. Isso não agradou a Rochambeau, comandante francês, e a oficialidade recem-vinda de París passou a mostrar-se irritada, o que tudo impediu o bom êxito dos primeiros conselhos de guerra.

Entretanto, quando voltou à Europa, a 23 de dezembro de 1781, afastando-se pela última vez do cenário da campanha americana, Lafayette levava consigo consideravel bagagem de feitos militares, inclusive a derrota de lorde Cornwallis em Yorktown, ocasião em que os 6.000 homens do comandante inglês marcharam para fora da cidade, companhia após companhia, afim de depor as armas. É claro que tal rendição constituiu golpe duríssimo para o prestigio dos britânicos, e a ela se seguiu uma lista de condecorações concedidas por Luiz XVI. Por decreto real, deixou Lafayette o seu regimento de dragões, e foi promovido a marechal-de-campo a partir da data da captura de Yorktown, 19 de outubro de 1781.

Quando chegou a París a notícia do regresso do herói, a marquesa de Lafayette estava no *Hôtel de Ville* (Palácio da Municipalidade), onde, em suntuosa recepção, era comemorado o nascimento do Delfim há tanto esperado. Maria Antonieta achava-se tambem presente e assim que soube da chegada do marquês, levou Mme de Lafayette até casa. Nesse ínterim já se espalhara pela cidade a boa nova, e às portas da velha mansão aglomeravam-se as vendedoras do famoso mercado de Les Halles, trazendo consigo uma coroa de louros. Coroaram o recem-vindo, e o abraçaram, antes

que ele pudesse falar à esposa; e esta, ao ouvir afinal a voz do marido, desmaiou nos braços da rainha...

Seguiram-se vários meses de triunfos e homenagens. Todos os jornais da Europa davam aos seus leitores reportagens minuciosas sobre o marquês, a quem chamavam «Libertador da América» e «Salvador de Washington». Lisonjeava-se assim o orgulho patriótico dos franceses, e todos sentiam que a França fora vingada afinal das humilhações que sofrera com os tratados de paz impostos ao Rei-Sol e a Luiz XVI.

A 20 de janeiro de 1783, os delegados franceses, americanos e ingleses assinavam em París as cláusulas preliminares da paz. Terminara finalmente a guerra.

Lafayette pediu à Marinha que lhe cedesse um navio, para que pudesse enviar sem demora a primeira comunicação a Washington e ao Congresso. Levado por sua grande simpatia pelos nomes simbólicos, deu à fragata o nome de *Triomphe*. Era uma embarcação rápida, que pôde chegar à América antes de aí recebida a comunicação oficial.

Em vez de ter vindo pessoalmente à América, preferiu Lafayette permanecer na Europa, a serviço da organização do governo americano, que desejava assentado em fundamentos sólidos. A recepção triunfal com que o acolheram as cortes européias foi como uma alavanca que muito contribuiu para erguer o prestígio do estado que surgia; facil não seria, entretanto, que os governos conservadores da velha Europa se dispusessem a reconhecer sem hesitação a nova República Americana, cuja origem era, afinal de contas, um tanto duvidosa... Logo de início, Lafayette percebeu quanto lhe faltava ainda fazer no velho continente. O rei de Espanha temia que a vitória dos revolucionários constituisse perigoso exemplo para as suas ricas colônias da América, e por isso recusou-se a dar audiência aos representantes «plebeus» do governo organizado pelo Congresso. Lafayette, porem, não se deixou vencer tão facilmente; festejado e querido por todos, cognominado já «herói dos dois mundos», anunciou que só compareceria na côrte envergando seu uniforme do Exército Americano, e acompanhado pelo embaixador da nova «República». Diante disso, a côrte espanhola teve que ceder, e chegou mesmo a assinar um tratado de comércio com o «país sem governante».

Lafayette viu-se em certa dificuldade para debater várias questões de grande importância, tais como as que se referiam a pagamento de dívidas e a tarifas de importação e privilégios comerciais. Teve mesmo que pedir a Washington que lhe explicasse o significado da expressão «porto aberto», afim de discutir com base um caso que no momento lhe ocupava a atenção. Não lhe custou, porem, aprender tudo isso; e nem bem se havia tornado senhor do assunto, obteve sem demora que se abrissem quatro portos franceses à navegação americana, alegando que, quanto mais se facilitasse o comércio com a América, tanto mais depressa seria saldada a dívida do novo estado para com a França. O jovem aristocrata soube regatear em prol dos interesses americanos, coisa que nunca faria em benefício próprio...

Permaneceu sempre intacto o seu entusiasmo pela causa da liberdade. Rico e famoso, cercado de amigos e auxiliares que lhe não deixavam ver o que se passava no mundo exterior, dir-se-ia que estava inteiramente alheio ao martírio dos escravos africanos; no entanto, assim que se viu menos assoberbado pelo trabalho, enviou a Washington uma proposta nos seguintes termos:

> «Neste momento, meu caro General, em que ireis afinal gozar um pouco de repouso, permití que vos sugira um plano que poderá talvez ser posto em execução em proveito da população negra do mundo. Unamo-nos e compremos uma propriedade de proporções modestas, onde se poderá tentar uma experiência, que consistiria em libertar os negros, e entregar-lhes essa terra para que a cultivassem. Se concordardes, o vosso exemplo será bastante para que todos adotem tal plano, e se na América tivermos bom êxito, dedicar-me-ei de bom grado a levar a cabo a mesma experiência nas Índias Ocidentais. Será talvez um projeto de louco... Mas antes queria enlouquecer assim, do que agir de maneira diversa, para que me considerassem sensato.»

E não se tratava, em absoluto, de simples entusiasmo de momento—fogo de palha, rapidamente extinto. Não: anos depois, muito embora Washington não estivesse de acordo com o plano, Lafayette tentou executá-lo sozinho; e durante os anos sombrios da Revolução Francesa, enterrado no túmulo vivo de uma prisão militar na Áustria, lembrou-se ainda de escrever à esposa, recomendando-lhe que só vendesse a propriedade que possuiam em Caiena, depois de ter emancipado os negros.

NO DIA 1º de julho de 1784, quando deu por terminada sua tarefa diplomática na Europa, Lafayette pôde afinal partir de novo para a América,—viagem essa já excessivamente adiada, contra a sua vontade.

Nem o mais poderoso dos monarcas teria sido recebido com maior efusão e calor. Em todos os estados, desde a fronteira do Canadá até a Carolina do Sul, das maiores cidades às mais humildes aldeias, esperavam-no solenes procissões cívicas. Nos campanários tangiam os sinos em sua honra. Por todo o trajeto, Lafayette, que então contava apenas 27 anos, ia sendo alvo de manifestações estrondosas. Em cada aldeia dava-se a uma rua o seu nome; cidades e estados concediam-lhe os direitos naturais da terra; e, finalmente, o próprio Congresso, em nome da nação inteira, outorgou-lhe e a todos os seus descendentes do sexo masculino o título hereditário de cidadãos da nova República.

Quando ia encerrar-se a triunfal excursão, Lafayette foi recebido no Congresso, durante uma sessão extraordinária realizada em sua honra. Lá estavam os representantes dos 13 Estados Federados, os quais, de pé, cabeça descoberta, ouviram o discurso em que o presidente exprimiu a gratidão imorredoura da nova nação, de 10 milhões de almas, aos serviços a ela prestados pelo jovem herói, que dera fortuna e sangue por sua liberdade. Em resposta e agradecimento, Lafayette pronunciou uma oração, concluindo assim:

> «Que este imenso Templo da Liberdade seja sempre um símbolo e uma lição para os opressores, um exemplo para os oprimidos, um santuário para os direitos humanos! E que estes felizes Estados Unidos atinjam um dia pleno esplendor e prosperidade, como justo resultado dos esforços do seu governo, e em homenagem à memória dos seus fundadores desaparecidos.»

A GRATIDÃO irrestrita e o afeto sem limite que por ele nutria o povo americano foram sempre, em toda a sua longa e agitada vida, um dos fatores que persistiram imutaveis num mundo

perenemente transformado. Se na França se lhe tornava perigoso, às vezes, o ardor inesgotavel com que defendia a liberdade política, o prestígio, cada vez maior, da diplomacia americana muito contribuiu para o proteger. Sua atividade era de fato incessante: ora envidava esforços no sentido de ser revogado o sistema das prisões arbitrárias, ora lutava pela tolerância religiosa, ou pedia que o povo tivesse voz no governo do país, que se estabelecesse juri para julgar os homens, que se emancipassem os escravos, e se abolissem, de uma vez por todas, os títulos nobiliárquicos... Durante a Revolução Francesa, emigrando do país, foi preso e atirado a uma prisão militar na Áustria, de onde Washington tudo fez para o remover, mas sem nenhum resultado. Foi apenas com promessa de gratificações em bom dinheiro americano que se conseguiu organizar um plano de fuga para o prisioneiro, plano esse, aliás, que por um triz deixou de surtir efeito.

Estando París em pleno reinado do Terror, Mme de Lafayette perdeu, em um dia apenas, sua irmã, mãe e avó, mortas na guilhotina, sendo que ela mesma só não teve destino idêntico porque a Comissão de Segurança Nacional temia a tremenda reação do povo americano, diante de tal ato. Assim, muito embora a mantivessem na prisão durante todo o período do Terror, a coisa foi preparada de maneira que a folha de acusações contra a cidadã Lafayette fosse sempre colocada por baixo de todos os outros processos. Salvou-se, desse modo, a ilustre dama, tão moça ainda, e a quem o marido, obcecado pela causa da Liberdade, deixara sozinha quando ela deu à luz o seu primeiro rebento.

Aos 68 anos, foi Lafayette convidado pelos ex-presidentes Adams e Jefferson, e em nome de todo o povo americano, para que viesse ver, em plena florescência, a grande nação que ajudara a fundar. Aceitou o convite, e, como hóspede oficial, percorreu, de carruagem todo o território americano. Nessa ocasião, em 1824, os Estados Unidos haviam realizado um verdadeiro milagre de desenvolvimento, contando já 20 milhões de habitantes; George Washington passara a ser um símbolo glorioso, e o próprio Lafayette parecia uma figura lendária, erguida, por assim dizer, do passado, como parte e testemunha de acontecimentos gloriosos do país que tanto amava. Demorou-se 380 dias nessa peregrinação, durante a qual recebeu, por onde quer que passou, as aclamações de todo um povo a vibrar de entusiasmo, de um povo que, reconhecido àquele que meio século antes derramara o seu sangue pela independência nacional, lhe dispensava de todo o coração as mais elevadas honras. Em reunião do Congresso, Henry Clay declarou a Lafayette que o via, naquele momento, de pé, no seio da própria posteridade; e que tudo se alterara, exceto a gratidão que enchia a alma de todos os filhos dos Estados Unidos. Em sinal dessa gratidão, e, na linguagem oficial, «para compensá-lo pelos importantes serviços e pesadas despesas pelas quais se responsabilizou durante a guerra da Independência», o Congresso ordenou que se lhe fizessem a entrega de 200.000 dólares, e a doação de extensas terras.

Quando voltou à França, trazia na bagagem uma arca tão pesada, que os estivadores, ao carregá-la para o cais, gemeram... Vinha cheia de terra, que Lafayette trouxera consigo, para que os seus restos mortais pudessem repousar no humus do «país sagrado da Liberdade!»

SELEÇÕES
do
Reader's Digest
Índice por Autores, Títulos e Matérias

Tomo IV — Julho a Dezembro de 1943 — Números 18 a 23

Em frente a cada título lê-se o nome do mês a que corresponde o artigo, e a página em que o mesmo começa

A

À Coragem e ao Mérito.....*outubro* 38
ADIVINHAÇÃO
E você pensa que é esperto...*setembro* 19
AFOGAMENTO
Não tem que morrer afogado..*setembro* 42
ÁFRICA (GUERRA NA)
Dois homens e um exército....*setembro* 11
Missão secreta ao Norte da África.*agosto* 1
Água doce no alto mar.....*julho* 66
ALCOOLISMO
Eu achava que bebia pouco.....*agosto* 38
ALEMANHA
É preciso salvar a Alemanha..*novembro* 15
Ordem é—Matar, A.....*setembro* 80
Que faremos da Alemanha vencida.....*outubro* 8
ALEXANDER
Dois homens e um exército....*setembro* 11
ALIMENTO
Sabotagem na cozinha.....*outubro* 73
Alvarez, Dr. Walter C.
Sua indigestão será nervosa?.....*agosto* 57
ANIMAIS
Animais tambem gostam de esporte, Os.....*outubro* 79
Aquele cão feroz.....*setembro* 95
Aquiles, o meu cágado divertido.*outubro* 13
Avezinhas de Nosso Senhor, As..*agosto* 18
Caiu-nos uma gralha em casa..*novembro* 78
Enganando os animais.....*agosto* 60
Homem das serpentes, O.....*agosto* 25
Meu cachorro inesquecivel.....*julho* 14
Animais tambem gostam de esporte, Os.....*outubro* 79
Anspacher, Louis K.
George Santayana.....*setembro* 10
Antes que o dia acabe.....*dezembro* 6
Aquele cão feroz.....*setembro* 95
Aquiles, o meu cágado divertido..*outubro* 13
Armadilha para a luz solar.....*agosto* 117
Arma secreta que salvou a Inglaterra, A.....*setembro* 21
ARTE DE VIVER
Clínica de correção do pensamento, Uma.....*novembro* 65
«Como só os grandes sabem ser»..*agosto* 15
Democracia começa em casa, A..*julho* 51
Dê voz aos seus encantos.....*outubro* 29
Dívida saldada.....*novembro* 63
Esquimó curou-me da impaciência, Um.....*julho* 71
Felicidade profunda como o pranto.....*setembro* 27
Isso é viver ou vegetar?.....*julho* 1
Juizo dos loucos, O.....*novembro* 36
Lição do velho palhaço, A.....*julho* 69
Mãos finas em trabalhos rudes..*outubro* 1
Meninos podem ensinar-nos a viver, Os.....*novembro* 9
Passear estimula e distrai.....*agosto* 51
Porque não falar com os estranhos.*agosto* 35
Saiba tirar partido dos seus reveses.....*setembro* 81
Se eu tivesse vinte e um anos....*julho* 81
Sociedade das Almas Tímidas, A..*julho* 29
Todos têm graça, seja no que for.....*setembro* 51
Artistas ao serviço dos soldados...*outubro* 60
AUTOMOBILISMO
Detectives de acidentes de automovel.....*novembro* 52
AVENTURA
Eu vi o Rei dos Infernos.....*novembro* 4

Tambem há lucro na aventura..*dezembro* 46
Avezinhas de Nosso Senhor, As....*agosto* 18
Aviação
Catorze dias no inferno dos gelos.....*setembro* 45
Aviação poderia vencer a Alemanha este ano, A.....*agosto* 77
Herói por amor do negócio.....*julho* 33
Perdem por seis a um.....*dezembro* 55
Pioneiros aéreos do Ártico.....*julho* 19
Rainhas até na morte.....*agosto* 89
Aviação poderia vencer a Alemanha este ano, A.....*agosto* 77
Aviadores civís em serviço de guerra.....*novembro* 69

B

Baldwin, Hanson W.
Não contemos demasiado com a China.....*novembro* 43
Balmer, Edwin
Mamãe ficou na nossa memória.....*dezembro* 21
Barragem de um comboio britânico.*julho* 113
Baum, Vicki
Lição do velho palhaço, A.....*julho* 69
Bayles, William D.
Incrivel Conde de Suffolk, O....*julho* 55
Becker, Beril
Jangada com sala e quarto....*dezembro* 15
Bear, Robert M.
Leia mais, lendo mais depressa.....*julho* 23
Bellaire, Robert
Quando colidem duas «raças eleitas».....*julho* 74
Bennett, Arnold
Bom conversador, O.....*julho* 68
Berger, Meyer
Missionário da Porta do Céu, O.....*outubro* 19
Bierck, John E.
Instantâneos Pessoais.....*setembro* 58
Bing Crosby gostou de me ouvir..*outubro* 46
Biografia
Bolívar, o Libertador.....*julho* 99
Dois homens e um exército....*setembro* 11
Fuga audaciosa de Giraud, A..*dezembro* 8
Herói por amor do negócio.....*julho* 33
Incrivel Conde de Suffolk, O.....*julho* 55
Lafayette, Apóstolo da Liberdade.....*dezembro* 95
Perfil de um cabo de guerra..*dezembro* 38
Pioneiro e martir do Oregon...*outubro* 69
Precursor da boa vizinhança...*outubro* 31
Biografia (*cont.*)
Tributo à grandeza.....*setembro* 66
Walt Whitman: Poeta da Democracia.....*setembro* 31
Biologia
Homem sob o influxo dos ions, O.....*novembro* 13
Bliven, Bruce
Longevidade pela saude, A.....*julho* 7
Bolívar, o Libertador.....*julho* 99
Bom conversador, O.....*julho* 68
Bom menino, O.....*outubro* 35
Burgess, Gellet
Todos têm graça, seja no que for.....*setembro* 51

C

Cães de gado da Marinha Canadense..*julho* 45
Caiu-nos uma gralha em casa...*novembro* 78
Canadá
Cães de gado da Marinha Canadense.....*julho* 45
Eldorado do rádio.....*outubro* 55
Pioneiros aéreos do Ártico.....*julho* 19
Canção do Rouxinol.....*setembro* 71
Capitalismo do povo está a solução, No.....*dezembro* 16
Carey, Gail
Felicidade profunda como o pranto.....*setembro* 27
Carlos Finlay, o esquecido Pasteur das Américas.....*dezembro* 1
Case, Robert Ormond
Voz que falou na hora H, A....*outubro* 65
Casseres, William C.
Receita: um par de sapatos....*setembro* 1
Catástrofe nunca vista, A.....*outubro* 23
Catorze dias no inferno dos gelos.....*setembro* 45
Cenas da vida das focas.....*dezembro* 33
Chase, Stuart
Isso é viver ou vegetar?.....*julho* 1
Operários e patrões unidos na produção.....*agosto* 82
Tratando o operário como gente.....*dezembro* 25
Chiang Kai-xeque, Madame
Minha profissão de fé.....*setembro* 67
Chiang kai-xeque, Madame
Tributo à grandeza.....*setembro* 66
China
Não contemos demasiado com a China.....*novembro* 81
Churchill esboça a paz permanente.....*setembro* 43

Cinema
Vovó triunfa em Hollywood..*novembro* 21
Bing Crosby gostou de me ouvir.*outubro* 46
Primeira dama de Hollywood, A.....*dezembro* 89
Cirurgia
Cirurgia entra na idade do gelo, A..*outubro* 43
Cirurgia improvisada num submarino.....*novembro* 1
Clark, Blake
Falam verdade os anúncios de dentifrícios?.....*novembro* 31
Mulheres em passo de marcha...*agosto* 54
Clark, Deena
Artistas ao serviço dos soldados.*outubro* 60
Clapper, Raymond
Sindicatos suecos não abusam do poder, Os.....*outubro* 16
Clear, Tenente-coronel Warren
Glória pelo hara-kiri.....*novembro* 29
Clifford, Roberts
Mãos finas em trabalhos rudes..*outubro* 1
Clínica de correção do pensamento, Uma.....*novembro* 65
Conversa
Bom conversador, O.....*julho* 68
Coragem
De que é feita a coragem?.....*julho* 83
Comércio
Para vender bem ao balcão...*novembro* 75
Como as cores influem em nosso ânimo.....*outubro* 47
Como as emoções afetam a saude.*setembro* 91
Como evitar o desemprego após a paz.....*outubro* 66
«Como só os grandes sabem ser»...*agosto* 15
Conta de banco era sagrada, A.....*agosto* 74
Conversa Banal, A.....*julho* 65
Convite à reflexão, Um.....*dezembro* 60
Coréia
Primeiros frutos da nova ordem japonesa.....*setembro* 84
Cores
Como as cores influem em nosso ânimo.....*outubro* 47
Crawford, F. C.
Triângulo da abundância.....*julho* 77
Cronin, A. J.
Sermão entre as neves.....*julho* 11
Crow, Carl
Filipinas sob o tacão dos samurais, As.....*dezembro* 85
Cuba
Precursor da boa vizinhança...*outubro* 31
Cutler, John Henry
E você pensa que é esperto....*setembro* 19

D

Daley, Arthur
Japoneses vistos de palanque, Os.....*setembro* 5
Danner, James W.
Não tem que morrer afogado..*setembro* 42
«Deixe o índio correr!».....*novembro* 72
Democracia começa em casa, A....*julho* 51
Dentifrícios
Falam verdade os anúncios de dentifrícios?.....*novembro* 31
De que é feita a coragem?.....*julho* 83
De que nos rimos—e porque.....*julho* 17
Detectives de acidentes de automovel.....*novembro* 52
Devoe, Alan
Fatos reais ou crendices?.....*julho* 53
Haverá raciocínio nos irracionais?.....*dezembro* 66
Passear estimula e distrai.....*agosto* 51
Dê voz aos seus encantos.....*outubro* 29
Dew, Owen
Para o rol das atrocidades japonesas.....*outubro* 17
Diabo em Mineápolis, O.....*dezembro* 61
Dimnet, Ernest
Conversa banal, A.....*julho* 65
Dinamarca
Há bom humor na Dinamarca..*outubro* 43
Dívida saldada.....*novembro* 63
Dois homens e um exército.....*setembro* 11
Dona formiga, a fraudulenta....*novembro* 45
Drake, Francis Vivian
Aviação poderia vencer a Alemanha este ano, A.....*agosto* 77

E

Eastman, Max
De que nos rimos—e porque....*julho* 17
Walt Whitman: Poeta da Democracia.....*setembro* 31
Economia
Triângulo da abundância.....*julho* 77
Eldorado do rádio.....*outubro* 55
Empregados com voz na gerência..*julho* 41
Enganando os animais.....*agosto* 60
Ensaio geral de Invasão: A Epopéia de Diepe.....*setembro* 97
É preciso salvar a Alemanha....*novembro* 15
Escassez de maridos.....*dezembro* 43
Esparrela em que Hess caiu, A...*setembro* 54
Esporte
«Deixe o índio correr!».....*novembro* 72
Esquimó curou-me da impaciência, Um.....*julho* 71

Estabrooks, G. H.
Juizo dos loucos, O ... *novembro* 36
Estafetas alados da guerra ... *agosto* 49
Eu achava que bebia pouco ... *agosto* 38
Eu vi o Rei dos Infernos ... *novembro* 4
E você pensa que é esperto ... *setembro* 19
EXPERIÊNCIA ALHEIA
Esquimó curou-me da impaciência, Um ... *julho* 71
Lição do velho palhaço, A ... *julho* 69
Exploradores do Noroeste americano ... *setembro* 72

F

Falam verdade os anúncios de dentifrícios? ... *novembro* 43
Fatos reais ou crendices? ... *julho* 53
Felicidade profunda como o pranto ... *setembro* 27
Filipinas sob o tacão dos samurais, As ... *dezembro* 85
Flagrantes da vida americana ... *dezembro* 42
Foi ele que nos adotou ... *agosto* 27
Forbes, Kathryn
Conta de banco era sagrada, A ... *agosto* 74
Dívida saldada ... *novembro* 63
Forman, Harrison
Eu vi o Rei dos Infernos ... *novembro* 4
França resiste na sombra, A ... *julho* 38
Friedlander, V. H.
Conversa banal, A ... *julho* 65
Fuga audaciosa de Giraud, A ... *dezembro* 8
Furnas, J. C.
Cães de gado da Marinha Canadense ... *julho* 45

G

Gago que fez falar os gagos, O ... *novembro* 55
Garand e o seu fuzil ... *agosto* 31
Gibson, Hugh
Churchill esboça a paz permanente ... *setembro* 6
Glória pelo hara-kiri ... *novembro* 29
George Santayana ... *setembro* 10
Governo americano explora mil fábricas, O ... *setembro* 25
Gray, George W.
Como as emoções afetam a saude ... *setembro* 91
GUERRA
À Coragem e ao Mérito ... *outubro* 38
Água doce no alto mar ... *julho* 66
Arma secreta que salvou a Inglaterra, A ... *setembro* 21
Artistas ao serviço dos soldados ... *outubro* 60
GUERRA (*cont.*)
Aviação poderia vencer a Alemanha este ano, A ... *agosto* 77
Aviadores civís em serviço de guerra ... *novembro* 69
Barragem de um comboio britânico ... *julho* 113
Cães de gado da Marinha Canadense ... *julho* 45
Canção do Rouxinol ... *setembro* 71
Catorze dias no inferno dos gelos ... *setembro* 45
Churchill esboça a paz permanente ... *setembro* 6
Cirurgia improvisada num submarino ... *novembro* 1
Dois homens e um exército ... *setembro* 11
Ensaio geral de Invasão: A Epopéia de Diepe ... *setembro* 97
É preciso salvar a Alemanha ... *novembro* 15
Esparrela em que Hess caiu, A ... *setembro* 54
Estafetas alados da guerra ... *agosto* 49
Filipinas sob o tacão dos samurais, As ... *dezembro* 85
França resiste na sombra, A ... *julho* 38
Fuga audaciosa de Giraud, A ... *dezembro* 8
Garand e o seu fuzil ... *agosto* 31
Guerra chega aos campos de treino, A ... *setembro* 63
Há bom humor na Dinamarca ... *outubro* 26
Heróis do mar em escafandro ... *novembro* 59
Incrivel Conde de Suffolk, O ... *julho* 55
Inferno de bombas e torpedos aéreos ... *agosto* 21
Japão já ganhou a *sua* guerra, O ... *outubro* 75
Japoneses vistos de palanque, Os ... *setembro* 5
Missão secreta ao Norte de África ... *agosto* 1
Mortos em gozo de licença ... *agosto* 61
Mulheres em passo de marcha ... *agosto* 54
Nada amedronta os suecos ... *julho* 61
Não contemos demasiado com a China ... *novembro* 81
Ódio ... *agosto* 71
Ordem é—Matar, A ... *setembro* 80
Para o rol das atrocidades japonesas ... *outubro* 17
Perdem por seis a um ... *dezembro* 55
Perfil de um cabo de guerra ... *dezembro* 38
Pioneiros aéreos do Ártico ... *julho* 19
Política externa dos Estados Unidos, A ... *novembro* 87
Primeiros frutos da nova ordem japonesa ... *setembro* 84
Que faremos da Alemanha vencida? ... *outubro* 8

GUERRA (*cont.*)
Rainhas até na morte ... *agosto* 89
Refens ... *outubro* 81
Riso dos oprimidos, O ... *setembro* 70
Sabendo para que, produz-se melhor ... *dezembro* 63
Solta o índio o seu grito de guerra ... *outubro* 43
T N T ... *julho* 4
Últimos dias de Sebastopol, Os ... *novembro* 37
Voz que falou na hora H, A ... *outubro* 65
Guerra chega aos campos de treino, A ... *setembro* 63

H

Há bom humor na Dinamarca ... *outubro* 26
Hall, James Norman
Ilha de Pitcairn, A ... *julho* 87
Hanes, John W.
Como evitar o desemprego após a paz ... *outubro* 66
HARA-KIRI
Glória pelo hara-kiri ... *novembro* 29
Hard, William
Sindicato modelar, Um ... *setembro* 59
Hasselriis, C. H.
Há bom humor na Dinamarca ... *outubro* 26
HAVAÍ
Paraiso feudal do Havaí, O ... *outubro* 50
Haverá raciocínio nos irracionais? ... *dezembro* 66
HELIOSTATO
Armadilha para a luz solar ... *agosto* 117
Herói por amor do negócio ... *julho* 33
HESS
Esparrela em que Hess caiu, A ... *setembro* 54
Heym, Stefan
Refens ... *outubro* 81
High, Stanley
Paraiso feudal do Havaí, O ... *outubro* 50
HILDNER
Missuri tem um padre combativo, O ... *agosto* 45
Hindus, Maurice
Canção do Rouxinol ... *setembro* 71
HISTÓRIA
Bolívar, o Libertador ... *julho* 99
Catástrofe nunca vista, A ... *outubro* 23
Exploradores do Noroeste americano ... *setembro* 72
Quando a América experimentou o comunismo ... *agosto* 42
Hodges, Leigh Mitchell
A maravilha do feijão de soja ... *dezembro* 73
Hoke, Travis
Xeque-mate! ... *setembro* 35
Holden, James H.
Seu nome saiu nos jornais? ... *setembro* 9
Homem das serpentes, O ... *agosto* 25
Homem sob o influxo dos ions, O ... *novembro* 13
Hoover, Herbert
Churchill esboça a paz permanente ... *setembro* 6
HUMOR
De que nos rimos—e porque ... *julho* 17
Riso dos oprimidos, O ... *setembro* 70

I

Ilha de Pitcairn, A ... *julho* 87
Incrivel Conde de Suffolk, O ... *julho* 55
ÍNDIO
Solta o índio o seu grito de guerra ... *outubro* 43
Inferno de bombas e torpedos aéreos ... *agosto* 21
INFLAÇÃO
Que é inflação, O ... *julho* 42
INDÚSTRIA
Garand e o seu fuzil ... *agosto* 31
Governo americano explora mil fábricas, O ... *setembro* 25
Máquinas feitas de pó ... *agosto* 64
«Olá, seu doutor!» ... *agosto* 11
Operários e patrões unidos na produção ... *agosto* 82
Sabendo para que, produz-se melhor ... *dezembro* 63
T N T ... *julho* 4
Industriais que cuidam da saude do operário ... *julho* 59
Instantâneos Pessoais ... *setembro* 58
Inteligência não envelhece, A ... *agosto* 86
INVENÇÃO
Sperry e o seu pião maravilhoso ... *novembro* 48
IONS
Homem sob o influxo dos ions, O ... *novembro* 13
Isso é viver ou vegetar? ... *julho* 1

J

Jangada com sala e quarto ... *dezembro* 15
Jansen, Jon B.
Mortos em gozo de licença ... *agosto* 61
JAPÃO
Glória pelo hara-kiri ... *novembro* 29
Japão já ganhou a *sua* guerra, O ... *outubro* 75
Mestre de duplicidade, Um ... *setembro* 38
Para o rol das atrocidades japonesas ... *outubro* 17

JAPÃO (*cont.*)
Primeiros frutos da nova ordem japonesa ... *setembro* 84
Quando colidem duas «raças eleitas» ... *julho* 74
Japão já ganhou a *sua* guerra, O .. *outubro* 75
Japoneses vistos de palanque, Os .. *setembro* 5
Johnson, Alvin
Nada amedronta os suecos ... *julho* 61
Johnson, Gerald W.
Woodrow Wilson volta à cena ... *julho* 26
Johnston, Alva
Herói por amor do negócio ... *julho* 33
Johnston, Eric
Capitalismo do povo está a solução, No ... *dezembro* 16
JORNALISMO
Seu nome saiu nos jornais? ... *setembro* 9
Juizo dos loucos, O ... *novembro* 43

K

Kaempffert, Waldemar
Vida e morte numa gota de água. *outubro* 63
Keller, James
Missionário da Porta do Céu, O. *outubro* 19
Kellock, Harold
Matrimônios Duradouros ... *novembro* 30
Kent, George
Meninos podem ensinar-nos a viver, Os ... *novembro* 9
Ketcham, Howard
Como as cores influem em nosso ânimo ... *outubro* 47
Kiplinger, W. M.
Que os homens práticos vêem no futuro, O ... *dezembro* 76
Knudsen, William S.
Se eu tivesse vinte e um anos ... *julho* 81
Kobler, John
Aviadores civís em serviço de guerra ... *novembro* 69
Kruif, Paul de
Sabotagem na cozinha ... *outubro* 73

L

Lafayette, Apóstolo da Liberdade ... *dezembro* 95
Lanphier, Jr., Captain Thomas G.
Perdem por seis a um ... *dezembro* 55
Latzko, Andreas
Lafayette, Apóstolo da Liberdade ... *dezembro* 95
LaVarre, William
Tambem há lucro na aventura ... *dezembro* 46
Laytha, Edgar
Eldorado do rádio ... *outubro* 55
Lay, John H. (Capt., A.C.)
Retalhos do drama cotidiano. *novembro* 35
Leavelle, Charles
Náufrago que encontrou a Fé, O. *agosto* 67
Lee, Clark
Japão já ganhou a *sua* guerra, O. *outubro* 75
Leia mais, lendo mais depressa ... *julho* 23
LEPRA
Missionário da Porta do Céu, O. *outubro* 19
Lição do velho palhaço, A ... *julho* 69
Lippmann, Walter
Política externa dos Estados Unidos, A ... *novembro* 87
Lobo e a menina do bosque, O .. *outubro* 122
Longevidade pela saude, A ... *julho* 7
Loomis, Frederic
Operação inesperada, Uma ... *julho* 48

M

Magia amarela da penicilina, A. *novembro* 24
Mamãe ficou na nossa memória. *dezembro* 21
Manchester, Harland
Máquinas feitas de pó ... *agosto* 64
Mãos finas em trabalhos rudes ... *outubro* 43
Máquinas feitas de pó ... *agosto* 64
Maravilha do feijão de soja, A. *dezembro* 73
MARINHA
Heróis do mar em escafandro. *novembro* 59
Marks, Robert W.
Máquinas feitas de pó ... *agosto* 64
Marshall, Edison
Cenas da vida das focas ... *dezembro* 33
Marston, William Moulton
Saiba tirar partido dos seus reveses ... *setembro* 81
MARTIN
Herói por amor do negócio ... *julho* 33
Martin, Mary
Bing Crosby gostou de me ouvir. *outubro* 46
MATERNIDADE
Sobre os segredos da maternidade ... *dezembro* 57
Matrimônios Duradouros ... *novembro* 30
Maupassant, Guy de
Pedaço de cordão, Um ... *dezembro* 69
Maus quartos-de-hora ... *novembro* 12
Mawson, George
Barragem de um comboio britânico ... *julho* 113
McCarten, John
Garând e o seu fuzil ... *agosto* 31
McEvoy, J. P.
Água doce no alto mar ... *julho* 66

Não têm pernas e andam ... *dezembro* 81
Precursor da boa vizinhança ... *outubro* 31
Sociedade das Almas Tímidas, A. *julho* 29
Vida e amores dos Irmãos Siameses ... *dezembro* 51
Miller, Lois Mattox
Carlos Finlay, o esquecido Pasteur das Américas ... *dezembro* 1
MEDICINA
Carlos Finlay, o esquecido Pasteur das Américas ... *dezembro* 1
Cirurgia entra na idade do gelo, A ... *outubro* 5
Cirurgia improvisada num submarino ... *novembro* 1
Clínica de correção do pensamento, Uma ... *novembro* 65
Gago que fez falar os gagos, O. *novembro* 55
Longevidade pela saude, A ... *julho* 7
Magia amarela da penicilina, A ... *novembro* 43
Não têm pernas e andam ... *dezembro* 81
«Olá, seu doutor!» ... *agosto* 11
Pele nova para as queimaduras. *outubro* 40
Receita: um par de sapatos. ... *setembro* 1
Sobre os segredos da maternidade ... *dezembro* 57
Sua indigestão será nervosa ... *agosto* 57
Verdade médica our patranha?. *dezembro* 32
MEDICINA INDUSTRIAL
Industriais que cuidam da saude do operário ... *julho* 59
Meninos podem ensinar-nos a viver, Os ... *novembro* 9
Mestre de duplicidade, Um ... *setembro* 38
Meu cachorro inesquecivel ... *julho* 14
Michie, Allan A.
Dois homens e um exército. ... *setembro* 11
MICROVIVARIUM
Vida e morte numa gota de água ... *outubro* 63
Millard, Oscar E.
Armadilha para a luz solar ... *agosto* 117
Miller, Lois Mattox
Pele nova para as queimaduras. *outubro* 40
Minha profissão de fé ... *setembro* 67
Missão secreta ao Norte de África. *agosto* 1
Missionário da Porta do Céu, O. *outubro* 43
Missuri tem um padre combativo, O ... *agosto* 45
MONTGOMERY
Dois homens e um exército. ... *setembro* 11
Mortos em gozo de licença ... *agosto* 61
Mowery, Byron
Avezinhas de Nosso Senhor, As. *agosto* 18
Mulheres em passo de marcha ... *agosto* 54
Muller, Edwin
Heróis do mar em escafandro. *novembro* 59
Pioneiros aéreos do Ártico ... *julho* 19
Qual é ao certo a sua vocação? *dezembro* 12
MÚSICA
Última página de Schubert, A ... *agosto* 9

N

Nada amedronta os suecos ... *julho* 61
Não contemos demasiado com a China ... *novembro* 81
Não têm pernas e andam ... *dezembro* 81
Não tem que morrer afogado ... *setembro* 42
Náufrago que encontrou a Fé, O. *agosto* 67
Neuberger, Richard L.
Exploradores do Noroeste americano ... *setembro* 72
Newman, Barclay Moon
Cirurgia entra na idade do gelo, A ... *outubro* 5
Nordhoff, Charles
Ilha de Pitcairn, A ... *julho* 87

O

Ódio ... *agosto* 71
«Olá, seu doutor!» ... *agosto* 11
Operação inesperada, Uma ... *julho* 48
Operários e patrões unidos na produção ... *agosto* 82
Ordem é—Matar, A ... *setembro* 80
O'Shane, Rory
Estafetas alados da guerra ... *agosto* 49
Oursler, Fulton
Diabo em Mineápolis, O. ... *dezembro* 61

P

Painton, Frederick C.
Fuga audaciosa de Giraud, A. *dezembro* 8
Missão secreta ao Norte de África. *agosto* 1
Perfil de um cabo de guerra. *dezembro* 38
T N T ... *julho* 4
Palmer, Greta
Sobre os segredos da maternidade ... *dezembro* 57
Paraiso feudal do Havaí, O ... *outubro* 50
Para o rol das atrocidades japonesas ... *outubro* 17
Para vender bem ao balcão ... *novembro* 75
Passear estimula e distrai ... *agosto* 51
Perfil de um cabo de guerra ... *dezembro* 38
PAZ
Churchill esboça a paz permanente ... *setembro* 6
Como evitar o desemprego após a paz ... *outubro* 66

Paz (*cont.*)
Política externa dos Estados Unidos, A.....*novembro* 87
É preciso salvar a Alemanha..*novembro* 15
Que faremos da Alemanha vencida?.....*outubro* 43
Sermão entre as neves, O.....*julho* 11
Peattie, Donald Culross
Pioneiro e martir do Oregon...*outubro* 69
Porque não falar com os estranhos?.....*agosto* 35
Primeira dama de Hollywood, A ..*dez.* 89
Quando a América experimentou o comunismo.....*agosto* 42
Solta o índio o seu grito de guerra.....*outubro* 43
Pedaço de cordão, Um.....*dezembro* 69
Pele nova para as queimaduras...*outubro* 40
Penicilina
Magia amarela da penicilina, A.*novembro* 43
Peixoto, Afrânio
Êxito é de todos, O.....*dezembro* 79
Perdem por seis a um.....*dezembro* 55
Pe.feita epistolografia, A.....*julho* 16
Pioneiro e martir do Oregon.....*outubro* 69
Pioneiros aéreos do Ártico.....*julho* 19
Poesia
Walt Whitman: Poeta da Democracia.....*setembro* 31
Política externa dos Estados Unidos, A.....*novembro* 87
Pollock, Channing
«Como só os grandes sabem ser».*agosto* 15
Poncins, Gontran de
Esquimó curou-me da impaciência, Um.....*julho* 71
Ponte de Sosnovkin, A.....*agosto* 73
Pontos de vista.....*dezembro* 79
Porque não falar com os estranhos?.*agosto* 35
Precursor da boa vizinhança.....*outubro* 31
Primeira dama de Hollywood, A.*dezembro* 89
Psicologia
Clínica de correção do pensamento, Uma.....*novembro* 65
Como as cores influem em nosso ânimo.....*outubro* 47
Como as emoções afetam a saude.....*setembro* 91
Inteligência não envelhece, A....*agosto* 86
Juizo dos loucos, O.....*novembro* 36
Sociedade das Almas Tímidas.....*julho* 29

Q

Qual é ao certo a sua vocação?..*dezembro* 12
Quando a América experimentou o comunismo.....*agosto* 42
Quando colidem duas «raças eleitas».*julho* 74
Que é inflação, O.....*julho* 42
Que faremos da Alemanha vencida?.....*outubro* 8
Queimaduras
Pele nova para as queimaduras..*outubro* 40
Quentin Reynolds
Ensaio geral de Invasão: A Epopéia de Diepe.....*setembro* 97
Que os homens práticos vêem no futuro, O.....*dezembro* 76

R

Radar
Arma secreta que salvou a Inglaterra, A.....*setembro* 21
Rainhas até na morte.....*agosto* 89
Ratcliff, J. D.
Magia amarela da penicilina, A.....*novembro* 24
Receita: um par de sapatos.....*setembro* 1
Reféns.....*outubro* 81
Religião
Náufrago que encontrou a Fé, O.*agosto* 67
Retalhos do Drama Cotidiano
O filho estranho.....*junho* 74
O bom menino.....*outubro* 35
III.....*novembro* 35
IV.....*dezembro* 93
Rhoades, Winfred
Clínica de correção do pensamento, Uma.....*novembro* 65
Riso dos oprimidos, O.....*setembro* 70
Robinson, Henry Morton
Bom menino, O.....*outubro* 35
Industriais que cuidam da saude do operário.....*julho* 59
Rochemont, Richard de
França resiste na sombra, A.....*julho* 38
Rourke, Thomas
Bolívar, o Libertador.....*julho* 99
Rússia
Últimos dias de Sebastopol, Os.*novembro* 37
Ryan, Mildred Graves
Matrimônios duradouros.....*novembro* 30

S

Sabendo para que, produz-se melhor.....*dezembro* 63
Sabotagem na cozinha.....*outubro* 73
Saiba tirar partido dos seus reveses.....*setembro* 81
Schauffler, Robert Haven
Instantâneos Pessoais.....*setembro* 58
Scheinfeld, Amram
Escassez de maridos.....*dezembro* 43

Scully, Frank
«Deixe o índio correr!».....*novembro* 72
Seabrook, William
Gago que fez falar os gagos, O.*novembro* 55
Se eu tivesse vinte e um anos.....*julho* 81
Sermão entre as neves, O.....*julho* 11
Seu nome saiu nos jornais?.....*setembro* 9
Sindicato modelar, Um.....*setembro* 59
Sindicatos suecos não abusam do poder, Os.....*outubro* 16
Sinks, Alfred H.
Sabendo para que, produz-se melhor.....*dezembro* 63
Smith, Kingsbury
Que faremos da Alemanha vencida?.....*outubro* 8
Sobre os segredos da maternidade.....*dezembro* 57
Sociedade das Almas Tímidas, A...*julho* 29
Solta o índio o seu grito de guerra.....*outubro* 43
Sondern, Jr., Frederic
Inferno de bombas e torpedos aéreos.....*agosto* 21
Sper, Norman
«Deixe o índio correr!».....*novembro* 72
Sperry e o seu pião maravilhoso.*novembro* 48
Stearns, Myron M.
Detectives de acidentes de automovel.....*novembro* 52
Para vender bem ao balcão...*novembro* 75
Steegmuller, Francis
Homem das serpentes, O.....*agosto* 25
Stegner, Wallace
Aquiles, o meu cágado divertido.*outubro* 13
Stetson, Harlan T.
Homem sob o influxo dos ions, O.....*novembro* 13
Streeter, Carroll P.
Missuri tem um padre combativo, O.....*agosto* 45
Sua indigestão será nervosa?.....
Suécia
Nada amedronta os suecos.....*julho* 61
Suffolk
Incrivel Conde de Suffolk, O.....*julho* 55

T

Tambem há lucro na aventura..*dezembro* 46
Talmey, Allene
Tributo à grandeza.....*setembro* 66
Taylor, Frank J.
Empregados com voz na gerência.*julho* 41
Vovó triunfa em Hollywood..*novembro* 21
Temas de conversa.....*novembro* 85
Terá você poderes psíquicos....*dezembro* 30
Terhune, Albert Payson
Meu cachorro inesquecivel.....*julho* 14
Thompson, Dorothy
É preciso salvar a Alemanha..*novembro* 15
Thurber, James
Catástrofe nunca vista, A.....*outubro* 23
Todos têm graça, seja no que for.*setembro* 51
T N T.....*julho* 4
Trabalho
Como evitar o desemprego após a paz.....*outubro* 66
Empregados com voz na gerência.*julho* 41
Industriais que cuidam da saude do operário.....*julho* 59
Mãos finas em trabalhos rudes..*outubro* 43
Sindicato modelar, Um.....*setembro* 59
Sindicatos suecos não abusam do poder, Os.....*outubro* 16
Tratando o operário como gente..*dezembro* 25
Train, Arthur
Terá você poderes psíquicos...*dezembro* 30
Triângulo da abundância.....*julho* 77
Tributo à grandeza.....*setembro* 66
Twain, Mark
Dona Formiga, a fraudulenta.*novembro* 45
Perfeita epistolografia, A.....*julho* 16

U

Ueland, Brenda
Conversa banal, A.....*julho* 65
Última página de Schubert, A.....*agosto* 9
Últimos dias de Sebastopol, Os..*novembro* 37

V

Van de Water, Frederick F.
Caiu-nos uma gralha em casa..*novembro* 78
Van Loon, Hendrik Willem
Ódio.....*agosto* 71
Vida e amores dos Irmãos Siameses.....*dezembro* 51
Vida e morte numa gota de água.*outubro* 63
Vovó triunfa em Hollywood....*novembro* 21
Voyetekhov, Boris
Últimos dias de Sebastopol, Os.*novembro* 37
Voz (Educação da)
Dê voz aos seus encantos.....*outubro* 29
Voz que falou na hora H, A.....*outubro* 65

W

Wall, C. B.
Catorze dias no inferno dos gelos.....*setembro* 45
De que é feita a coragem?.....*julho* 83
Walt Whitman: Poeta da Democracia.....*setembro* 31

Walworth, Dorothy
Democracia começa em casa, A . . . *julho* 51
Weller, George
Cirurgia improvisada num submarino . . . . . *novembro* 1
Weyl, Stefan
Mortos em gozo de licença . . . . . *agosto* 61
Wharton, Don
Guerra chega aos campos de treino, A . . . . . *setembro* 63
White, William C.
Mestre de duplicidade, Um . . . *setembro* 38
Rainhas até na morte . . . . . *agosto* 89
Whittaker, Tenente James C.
Náufrago que encontrou a Fé, O *agosto* 67
Wickware, Francis Sill
Sperry e o seu pão maravilhoso . . . . . *novembro* 48
Wiggam, Albert Edward
Inteligência não envelhece, A . . . *agosto* 86
Wilhelm, Donald
Arma secreta que salvou a Inglaterra, A . . . . . *setembro* 21
Wolff, J. L.
Aquele cão feroz . . . . . *setembro* 95
Woodrow Wilson volta à cena . . . . . *julho* 26
Woollcott, Alexander
Última página de Schubert, A . . . *agosto* 9
Wright, Richardson
Antes que o dia acabe . . . . . *dezembro* 6

X

XADREZ
Xeque-mate! . . . . . *setembro* 35

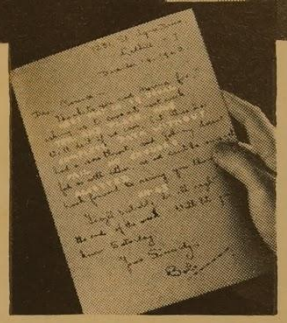
Statement of the Ownership, Management, Circulation, etc., required by the Acts of Congress of August 24, 1912, and March 3, 1933

of Seleções do Reader's Digest, published monthly at Pleasantville, N. Y., for October 1st, 1943.

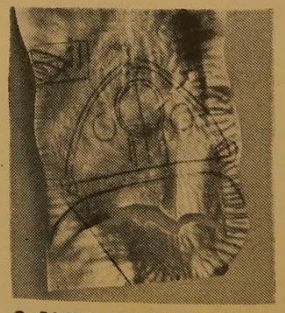
State of New York } ss.
County of Westchester }

Before me, a Notary Public in and for the State and county aforesaid, personally appeared Albert L. Cole, who, having been duly sworn according to law, deposes and says that he is the Business Manager of The Reader's Digest and that the following is, to the best of his knowledge and belief, a true statement of the ownership, management, etc., of the aforesaid publication for the date shown in the above caption, required by the Act of August 24, 1912, as amended by the Act of March 3, 1933, embodied in Section 537, Postal Laws and Regulations, to wit: 1. That the names and addresses of the publishers, editors, managing editor, and business manager are: Publisher, The Reader's Digest Association, Inc., Pleasantville, N. Y.; Editors, DeWitt Wallace, Lila Acheson Wallace, each of Pleasantville, N. Y.; Managing Editor, Eduardo Cárdenas, Pleasantville, N. Y.; Business Manager, Albert L. Cole, Pleasantville, N. Y. 2. That the owners are: The Reader's Digest Association, Inc., DeWitt Wallace, Lila Acheson Wallace, Pleasantville, N. Y. 3. That the known bondholders, mortgagees, and other security holders owning or holding 1 percent or more of total amount of bonds, mortgages, or other securities are: none. 4. That the two paragraphs next above, giving the names of the owners, stockholders, and security holders, if any, contain not only the list of stockholders and security holders as they appear upon the books of the company but also, in cases where the stockholder or security holder appears upon the books of the company as trustee or in any other fiduciary relation, the name of the person or corporation for whom such trustee is acting, is given; also that the said two paragraphs contain statements embracing affiant's full knowledge and belief as to the circumstances and conditions under which stockholders and security holders who do not appear upon the books of the company as trustees, hold stock and securities in a capacity other than that of a bona fide owner; and this affiant has no reason to believe that any other person, association, or corporation has any interest direct or indirect in the said stock, bonds, or other securities than as so stated by him. Signed, Albert L. Cole, Business Manager. Sworn to and subscribed before me this 23rd day of September, 1943. (Seal) Bertha F. Lee, Notary Public.

(Estas fotografias ilustram os métodos usados e não as atividades reais.)



UMA CARTA "QUALQUER" perde a sua "inocência" quando o filme Kodak, com o auxílio dos raios ultravioletas, revela a verdadeira mensagem, escondida no texto e escrita com tinta invisivel.



O FACTO DE QUEIMAR um documento comprometedor, não representa, de modo algum, proteção para o inimigo . . . O filme infravermelho Kodak torna legiveis os fragmentos de papel queimado.

Para os aparelhos e filmes Kodak não há "Agentes Secretos"!

PARA obter irrefutaveis elementos de culpabilidade contra os agentes secretos do inimigo, os investigadores podem dissimular uma Ciné-Kodak num quarto contíguo, fazer filmes com milhares de metros, de "conferências" como a que acima se mostra. O modo como a Ciné-Kodak se torna completamente "muda" e se dispõe para "ver" através de uma pseudo-inocente parede; a maneira como outro equipamento Kodak é usado para provar a existência de lugares de reunião e métodos empregados por estes inimigos, são coisas que não podemos por ora revelar.

O que, todavia, pode dizer-se é que os filmes Kodak para fins especiais, encontram impressões digitais invisiveis; mostram imperceptiveis rasuras químicas ou manchas de sangue em tecidos, quando focadas por radiações infravermelhas ou ultravioletas; revelam diferenças de traços e de tinta em documentos viciados, e podem mesmo fotografar uma pessoa imersa em absoluta escuridão, com auxílio da invisivel "luz" infravermelha.

Deste modo se consegue a prova de que nenhum juiz ou juri pode duvidar . . . Assim é como as atividades de contra-espionagem são uma ciência exata, com a ajuda da fotografia.

As exigências da guerra continuam demorando a distribuição adequada dos produtos Kodak. No entretanto, o progresso da fotografia se acumula, e nos permitirá servir os nossos clientes melhor do que até agora pudemos fazer. Eastman Kodak Company, Rochester, N. Y., E. U. A.

A fotografia ao serviço do progresso humano

Duodecimo de uma série de anúncios

ÀS SUAS ORDENS

para o abastecimento de melhores produtos de petróleo

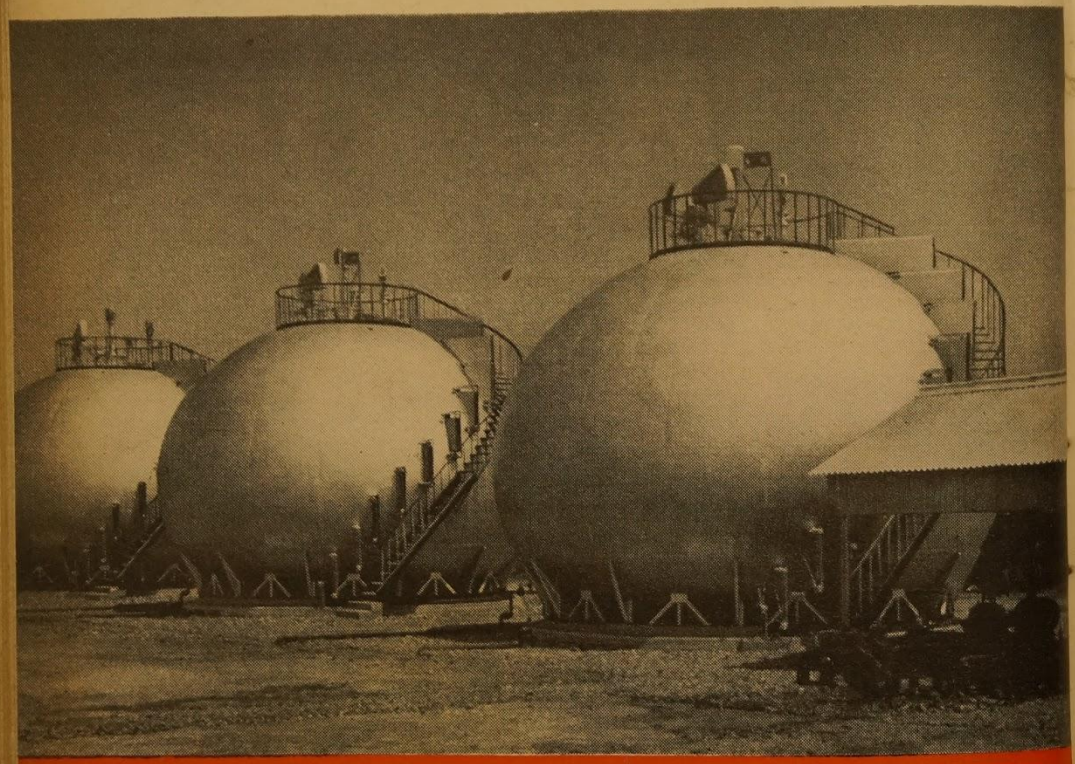
TEXACO

MARCA REG.

A Companhia Texas ao superintender *todas* as fases das suas operações, tais como perfuração dos poços, armazenagem, refinação, acondicionamento, etc., garante aos consumidores a uniformidade e alta qualidade dos combustiveis e lubrificantes Texaco—tão necessários na paz e indispensaveis na guerra.

UNIDAS HOJE UNIDAS PARA SEMPRE

THE TEXAS COMPANY
e seus distribuidores



TEXACO PRODUTOS DE PETROLEO

Linhas aerodinâmicas e perfeição de detalhe caracterizam os motores-de-popa Johnson "Sea-Horse."

Estes motores-de-popa portáteis transformam barcos de tamanho pequeno ou médio em possantes lanchas de velocidade e isto *por pouco dinheiro*. Seu fino acabamento e durabilidade a toda prova o tornam tambem valioso para pequenas embarcações de carater comercial.

Estarão à sua disposição quando a paz voltar ao mundo.

GRATIS! Se está interessado em barcos a motor, enviar-lhe-emos com prazer o plano de um pequeno barco; para isto basta que nos mande o coupon abaixo, devidamente preenchido.

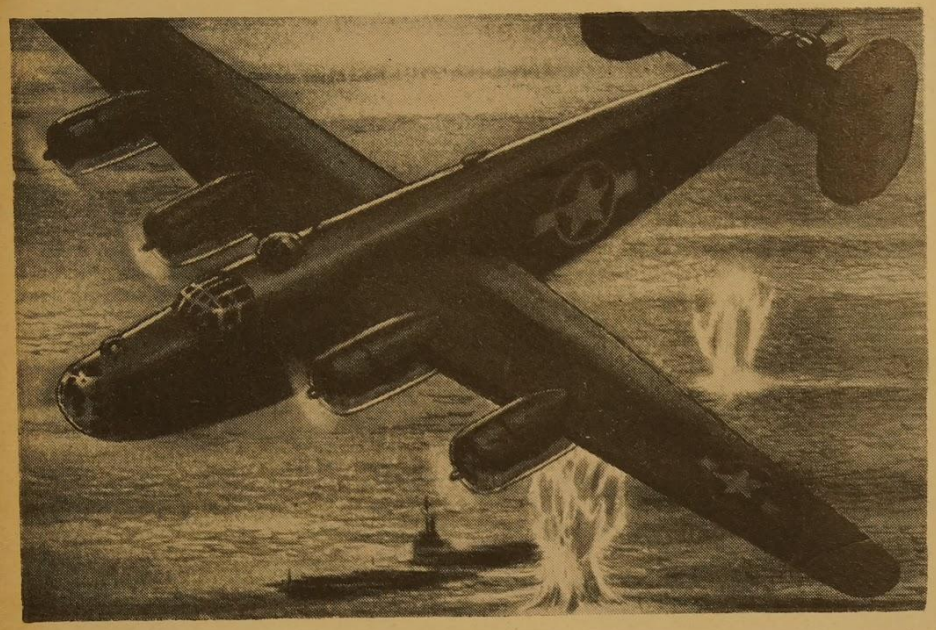
Marine, Outboard & Manufacturing Co., Seção de Exportação, Waukegan, Ill., U.S.A.

É favor mandar-me um exemplar da planta para um barco pequeno.

Nome_____

Endereço_____

_____



"V. L. R."

A EFICACIA das operações aéreas "V.L.R." (de muito longo curso) contra a ameaça dos submarinos deve-se, em grande parte, ao emprego de aviões de bombardeio "Liberator" de 4 motores.

Com um carregamento enorme de bombas de profundidade contra submarinos, e atacando a 1000 ou mais milhas das suas bases nos E.U. de A., Islandia e na Irlanda, os Liberators "V.L.R." têm reduzido muitíssimo a lacuna em pleno Atlántico onde os submarinos inimigos tinham estado obtendo o maior êxito contra a navegação aliada. Por conseguinte, o Liberator tem mais este triunfo a seu favor.

Quando fôr ganha a Vitoria, os aviões "V.L.R." continuarão a sair das oficinas de montagem da Consolidated Vultee. Mas então serão aviões de paz, unindo os bons vizinhos — ainda que em continentes separados — em maior entendimento.

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT CORPORATION

San Diego, Cal. · Vultee Field, Cal. · Fort Worth, Texas · New Orleans, La. · Nashville, Tenn. · Wayne, Mich. · Allentown, Penn. · Tucson, Ariz. · Elizabeth City, N. C. · Dearborn, Mich. Louisville, Ky. · Miami, Fla.

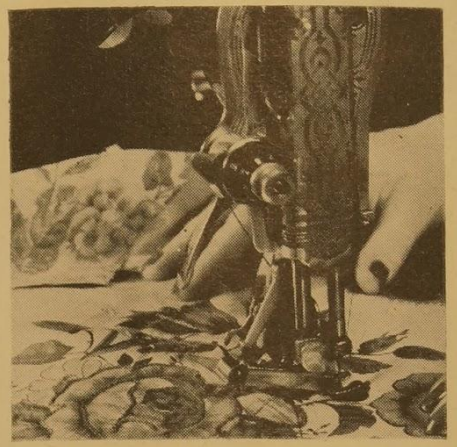
UNIDAS SEMPRE

Member, Aircraft War Production Council

CONSOLIDATED VULTEE AIRCRAFT

LIBERATOR (bombardeiro quadrimotor) — CATALINA, CORONADO, (bombardeiros de patrulha) — P4Y (avião anti-submarino) — LIBERATOR (avião-transporte) — VALIANT (avião-escola) — VENGEANCE (bombardeiro de mergulho) — SENTINEL ("jeep" voador) — RELIANT (avião-escola de navegação)

Recursos para a costura elegante



Faça novos franzidos pelo método da Singer — na sua máquina de costura. Temos acessórios para aplicações, enfeites, pregas e babados. Mas lembre-se, temos um estoque reduzido.

Dar-lhe-emos idéias e conselhos sobre os problemas de costura. A Singer oferece-lhe toda a espécie de serviço e ajuda-lhe em trabalhos de corte e feitio, dando-lhe idéias para fazer franjas. Visite-nos.

Rejuvenesça a sua máquina chamando a sua casa o agente da Singer, para que ponha óleo na máquina e faça os necessários ajustamentos, tornando assim mais facil e perfeita a sua costura.

Use só agulhas, óleo e peças Singer legítimas na sua máquina Singer de coser. Procure sempre o "S" vermelho na vitrina da loja, para se certificar de que é o serviço Singer legítimo que vai ordenar.

SINGER

SEWING MACHINE COMPANY

Copyright U.S.A., 1940, 1942, by Singer Sewing Machine Co.
All rights reserved for All Countries.
Todos os direitos devidamente protegidos
por tratado internacional.

Com "Olhos" Inigualáveis

"OLHOS" de vidro ótico, fixos nas estrelas ou no sol, conduzem esta tripulação diretamente para o seu objetivo de bombardeio. Outros "olhos" óticos localizam o alvo e toneladas após toneladas de TNT americano despedaçam um sonho de Tóquio.

Sem instrumentos óticos, tais como os que Bausch & Lomb produz, os golpes ofensivos destas esquadrilhas de bombardeio seriam impossíveis.

Das fornalhas incandescentes de vidro e das oficinas de Bausch & Lomb saem ainda as lentes e prismas para os instrumentos óticos industriais e de pesquisas, os quais, ajudarão a fazer com que estes aviões sejam mais dificeis de serem abatidos—mais fortes contra o fogo inimigo.

É por isto que as fábricas Bausch & Lomb foram enormemente aumentadas—trabalhando dia e noite para satisfazer as necessidades, desta guerra "ótica." Quando a paz reinar, estas mesmas instalações estarão prontas para oferecer a V.S. instrumentos aperfeiçoados e lentes para suas necessidades.

BAUSCH & LOMB

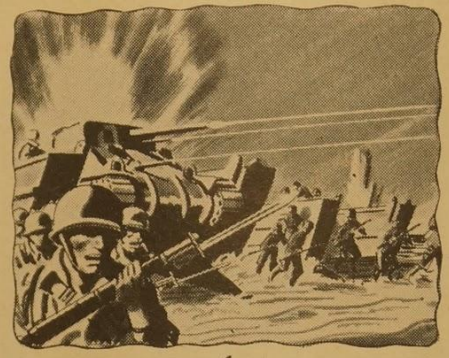
DO BRASIL, LTD.

Rua Assembléa 104-8 • Rio de Janeiro
Rua D. José de Barros 152-8 • São Paulo

Instituição Científica Norte-Americana Produtora de Vidros Óticos e Instrumentos de Ótica para Fins Científicos Educativos, de Investigação, de Indústrias, e para Correção de Defeitos Visuais.

ATENÇÃO! RÁDIO-OUVINTES DE ONDAS CURTAS!

As estações de rádio de ondas curtas dos Estados Unidos estão combinadas, com o fim de apresentar diariamente os melhores programas norte-americanos de rádio, anunciados em português.



NOTÍCIAS!

MÚSICA!

COMENTÁRIOS!

HOLLYWOOD!

Todos os programas serão transmitidos simultaneamente pelas três poderosas emissoras: WCBX—WRCA—WGEA. Agora os rádio-ouvintes poderão ouvir, em qualquer dessas três potentes estações, os melhores programas de ondas curtas dos Estados Unidos.

ESTAÇÕES DE RÁDIO DOS ESTADOS UNIDOS

Os que desejarem receber a lista dos programas irradiados por essas estações de ondas curtas, escrevam para o Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, Caixa Postal 860, Rio de Janeiro, ou Caixa Postal 205B, São Paulo.

"PRONTOS SOCORROS" *na manutenção e melhoramento das estradas de ferro*

BRASIL (Minas Gerais) — O Trator Diesel "Caterpillar" D6 e Angledozer LeTourneau diminuindo o declive das estradas férreas. Reconstrução feita sem alteração de horário de trens. Desobstruiram-se 2400 metros lineares ao longo da linha, nivelaram-se declives, e mudaram-se trilhos para o novo leito, tudo em 6 horas.

Como em tudo o que está sujeito a um longo e violento uso, os trilhos e os leitos das estradas de ferro necessitam reparações e beneficiações constantes. É tambem do conhecimento geral que os melhoramentos são essenciais ao progresso. Para acorrer às exigências dum tráfico mais frequente e mais pesado, devem-se reduzir os declives, atenuar as curvas apertadas, e reforçar as pontes.

Para trabalhos de reconstrução e serviço fora dos trilhos, nunca na história das estradas de ferro houve equipamento tão util como os Tratores e Moto-Niveladoras Diesel «Caterpillar.» Abrir caminhos; desaterros, aterros, e terraplanagens; mudança de trilhos—remoção de terras, de maquinaria, materiais e abastecimentos de toda a espécie—são serviços economicamente executados numa fração do tempo requerido pelos antigos processos, sem interferir com o horário dos trens, ou congestionar as vias com material de obras.

As estradas de ferro e as auto-estradas são as chaves que abrirão novas fontes de riqueza: facilitam o trânsito de passageiros e o movimento dos produtos das minas, fábricas e campos; são os elos que fazem uma nação forte! À medida que a guerra se for aproximando do fim, mais e mais destes rijos e poderosos Diesels «Caterpillar» estarão disponiveis para expandir a indústria Pan-Americana, e promover a prosperidade do hemisfério.

CATERPILLAR *DIESEL*

MARCA REGISTADA

CATERPILLAR TRACTOR CO., PEORIA, ILLINOIS, E. U. A.

TRATORES • MAQUINARIA PARA ESTRADAS • MOTORES E ELETROGERADORES

"TODOS OS NOSSOS AVIÕES REGRESSARAM INDENES"...

E o homem—em tempos o rapaz que a fotografia acima mostra—e milhares de outros como ele, que tanto fazem para que os nossos aviões regressem intactos. São os membros das guarnições de terra aas Nações Unidas, cujo superior conhecimento de máquinas se desenvolveu, desde o tempo em que, quando crianças, engendravam, com ninharias, coisas que «corriam».

Dia após dia—e noite após noite—estas apagadas guarnições de terra esfalfam-se a trabalhar para conservar as nossas armadas aéreas em condições de continuar a vencer batalhas, e dar aos nossos pilotos a maior margem possivel de segurança.

Nós, os da frente civil, devíamos seguir o exemplo destes heróis silenciosos, e empregar todos os nossos esforços, conhecimentos e entusiasmo num único fito: *A contribuição da nossa parte para ajudar a vencer a guerra!*

LYCOMING

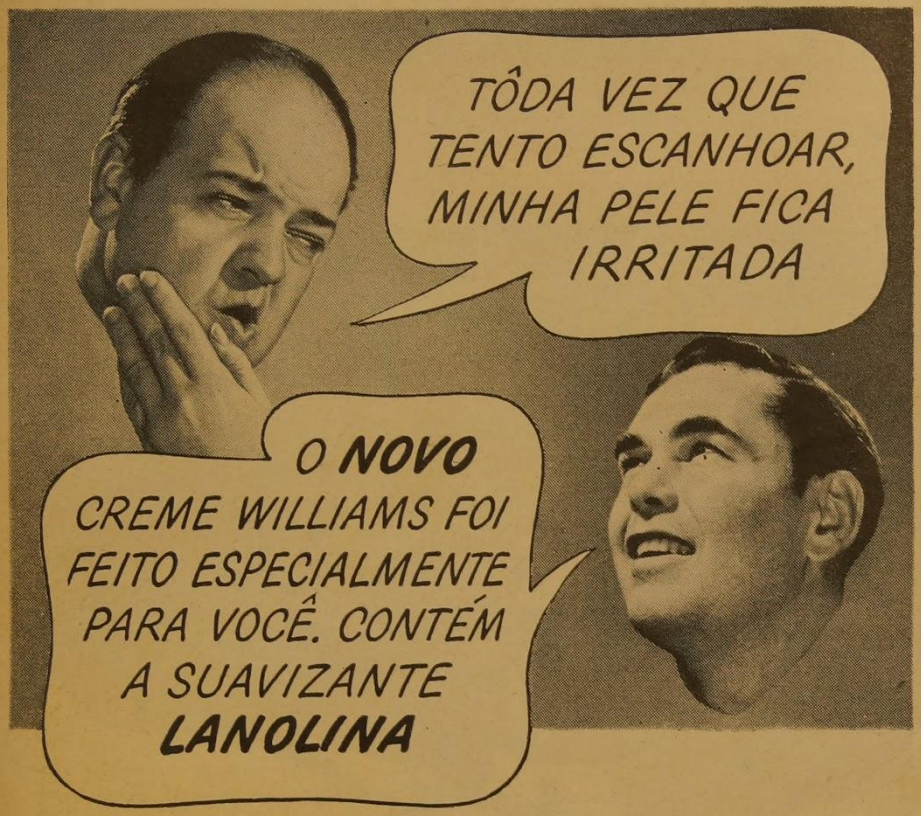
MOTORES DE AVIÃO

O motor dos atuais aviões de treino . . .
O motor de avião dos futuros amadores

DIVISÃO LYCOMING, THE AVIATION CORPORATION, WILLIAMSPORT, PENNA., E. U. A.

AVCO

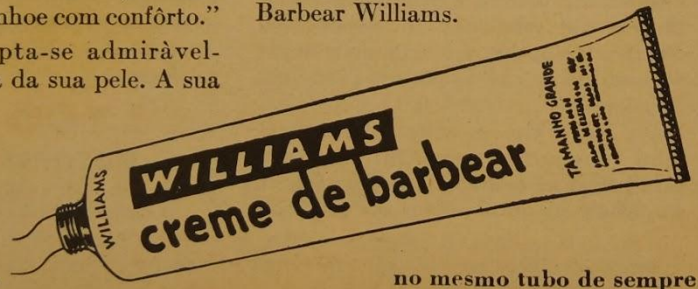
Fabricantes dos produtos AVCO



"Lanolina? Não é isso que os médicos recomendam para amaciar e suavizar a pele?"

"É verdade! Assemelha-se muito aos lubrificantes naturais da pele. E agora a Lanolina foi adicionada ao Creme de Barbear Williams, afim-de permitir que escanhoe com confôrto."

Williams adapta-se admiràvelmente à natureza da sua pele. A sua côr alva prova que é feito unicamente com os mais finos ingredientes . . . não contém corantes artificiais que possam irritar a pele. E agora Williams proporciona o suavizante efeito da Lanolina. Experimente essa nova vantagem que lhe oferece o Creme de Barbear Williams.



Agora contém a suavizante LANOLINA . . .

no mesmo tubo de sempre

TORNOS SOUTH BEND

A produção de guerra exige uma exatidão uniforme. Não há lugar para máquinas que desperdiçam tempo ou material devido à sua falta de exatidão. Pode-se contar com a precisão dos Tornos South Bend, porque êles são devidamente projetados e fabricados cuidadosamente, o que assegura uma exatidão uniforme e apressa a produção mesmo nas operações mais rigorosas.

Os Tornos South Bend são fabricados em cinco tamanhos: 9", 10", 13", 14.½" e 16" de diâmetro torneável, nos tipos de Caixa de Engrenagens de Mudança Rápida e de Oficina de Ferramenteiro. Escreva pedindo um dos nossos catálogos e indique o idioma desejado: Português, Espanhol ou Inglês.

"MANUAL DO TORNEIRO"

Um livro de 128 páginas, de 13 cms. x 20 cms., sôbre a conservação e o funcionamento de tornos mecânicos. Preço: Cr. $3,00 em selos do Correio. Queira indicar o idioma desejado: Português, Espanhol, Inglês ou Francês. Escreva claramente o seu nome e endereço.

SOUTH BEND LATHE WORKS

South Bend 22, Indiana, E.U.A. *Fabricantes de Tornos Há 37 Anos*

Um Novo Mundo..

. . . está surgindo dos laboratórios Americanos de petróleo!

GASOLINA de potência tão alta que já não pode ser enquadrada nos antigos padrões . . .

Lubrificantes e óleos para corte de metais, que em certos casos ajudaram a duplicar a produção de guerra...

Materiais plásticos e explosivos . . . e, para proteção de alimentos, ceras micro-cristalinas . . .

Esses são apenas alguns dos prodígios elaborados pelos laboratórios da Companhia que fabrica lubrificantes Gargoyle para as máquinas industriais.

Em dias de hoje estas descobertas ajudam a ganhar a guerra. Amanhã, porem, significarão, para as exigências da vida, alimentos, vestimentas e medicamentos melhorados, máquinas novas e safras mais abundantes.

Cada gota de óleo crú é um tesouro de riquezas ocultas e as pesquizas do petróleo são a chave que tornará accessivel a todos o aproveitamento deste manancial de preciosidades.

GARGOYLE

REDUZA AO MÍNIMO O DESGASTE **Lubrificantes** PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Constantes Melhoramentos

Os grandes "Liberators" Consolidated e as "Fortalezas Voadoras" Boeing transportam hoje toneladas e mais toneladas de bombas a velocidades e altitudes que ontem eram um sonho. Isso se deve ao engenho técnico dos homens que desenham e constroem aviões, motores e hélices. Ambos esses bombardeiros são equipados com hélices hidromáticas Hamilton Standard; o "Liberator" é acionado por motores "Twin Wasp" Pratt & Whitney.

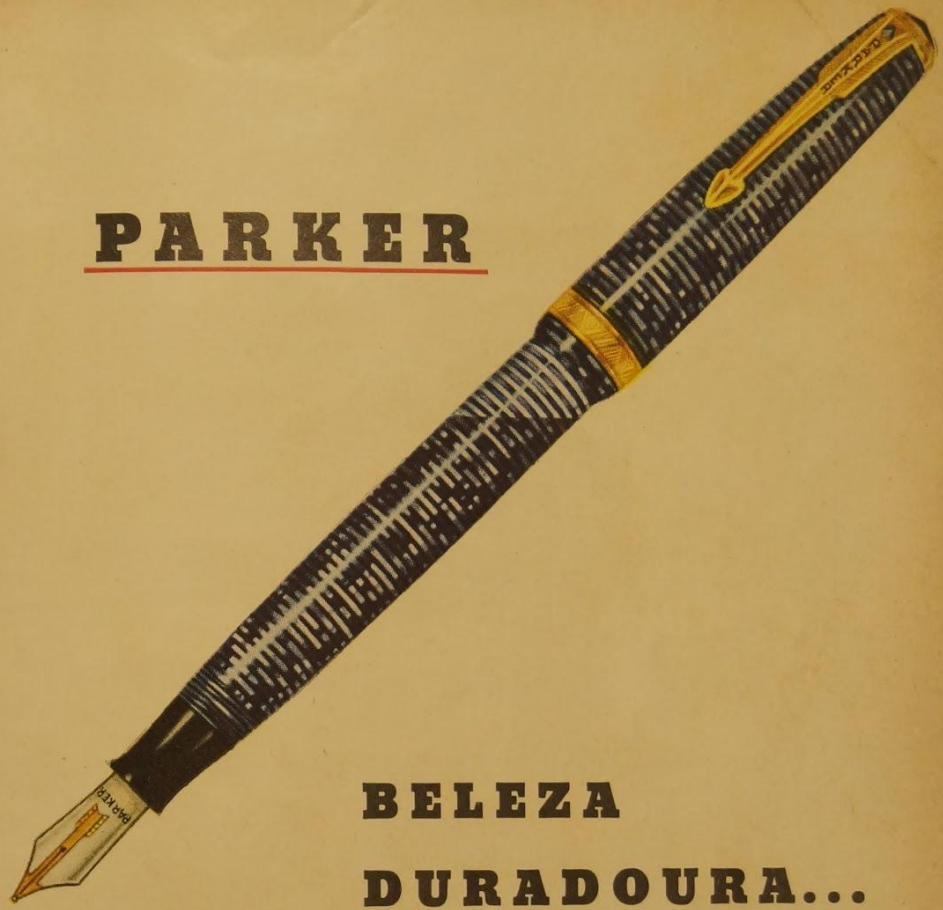
UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE VOUGHT • HELICÓPTERS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

"Sob o império dos grandes homens, a pena é mais forte do que a espada."

PARKER



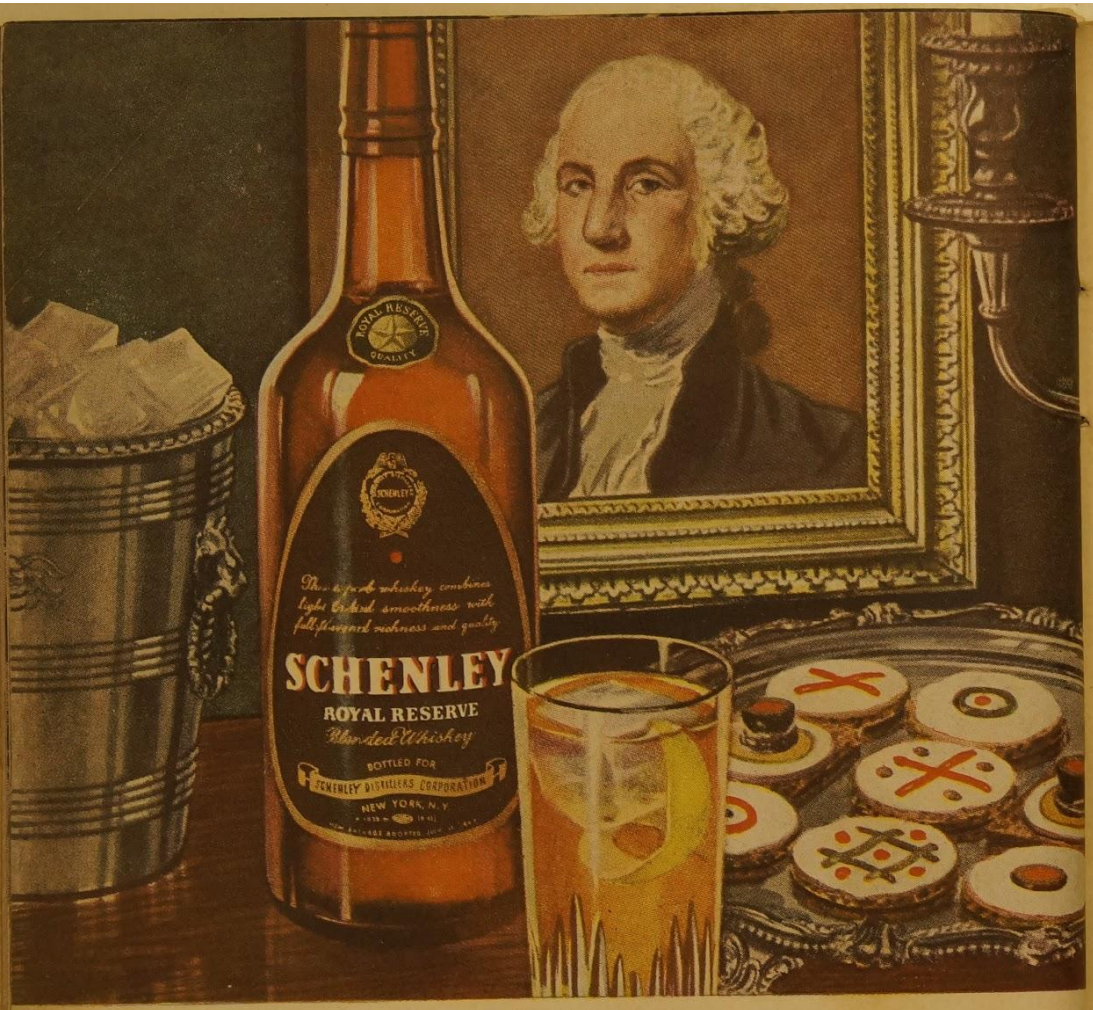
BELEZA DURADOURA...

Só o trabalho dos melhores artífices pode assegurar a beleza e precisão incomparaveis da Caneta Parker Vacumatic. Tome-a entre os seus dedos . . . examine o seu brilhante acabamento onde haja luz . . . V. S. concordará ser esta a caneta-tinteiro que tão ardentemente tem anelado.

Sim, os meticulosos artífices da Parker criaram na Vacumatic a caneta por excelência, que escreve suavemente e sem dificuldade. Os pensamentos *derramam-se* no papel. Seu bico assetinado de custoso osmirídio desliza com assombrosa facilidade.

Examine esta formosa Caneta Parker Vacumatic hoje mesmo. Há de uma grande variedade de cores brilhantes. Através do seu corpo transparente está bem visivel o enorme depósito de tinta . O Lozango Azul no segurador significa nossa garantia vitalícia.

Ùnicos distribuidores para todo Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1º de Março 9, 1º, Rio de Janeiro



Prove um "Whiskey Sling" como o fazia George Washington!

Esta é uma das bebidas mistas mais antigas dos Estados Unidos . . . e que bebida límpida, simples e saborosa ela é!

Puro, ressalta a perfeita maturação, o rico aroma, e o sedoso gosto que só o whiskey SCHENLEY Royal Reserve possue.

O SCHENLEY Royal Reserve está endossado por 68 anos de tradição e perícia na destilação. Eis uma das razões por que há mais gente que bebe whiskey americano que qualquer outro.

Convidamo-lo a provar o SCHENLEY Royal Reserve . . . e apreciar o valor de uma consagrada arte americana!

Assim se prepara um "Whiskey Sling" de SCHENLEY Royal Reserve: Ponha num copo uma colherinha de açucar, um cálice de água, e um pedacinho de limão; adicionem-se dois cálices de SCHENLEY Royal Reserve; junte a tudo um pedaço de gelo, agite-se . . . e depois . . . sorva a bebida e . . . sonhe!

É uma revelação!

LIBERDADE NA UNIDADE

SCHENLEY INTERNATIONAL CORPORATION
Empire State Building, New York

O MAIS FINO WHISKEY AMERICANO:

SCHENLEY Royal Reserve

Snra. Franklin D. Roosevelt, Jr., que alem de ser encantadora faz parte da família mais importante dos Estados-Unidos, diz "Desde meu tempo de colégio, uso Pond's pelo menos duas vezes por dia."

Dê *Frescôr* a cutis nos dias de calor

com este simples método dos 2 cremes Pond's!

Faça com que sua pele fique agradavelmente fresca, macia e suave com o encanto de uma flor, mesmo nos dias mais quentes de verão, fazendo *todos os dias* o tratamento de beleza aconselhado por Pond's.

1. O Cold Cream Pond's—para limpar e amaciar a cutis. Espalhe este delicioso creme sobre seu rosto e pescoço, fazendo uma ligeira massagem com a ponta dos dedos. Retire depois o creme e faça uma nova aplicação com outra camada de Cold Cream para obter aquela limpeza e macieza extra que deseja. A seguir, torne a limpar.

2. O Creme Evanescente Pond's— é uma esplendida base para pó de arroz! Aplique uma camada fina sobre seu rosto antes de fazer a "maquillage." Protegerá sua pele contra o sol e o vento, retendo o pó de arroz durante muitas horas.

AMOSTRA GRATIS! Queira enviar-nos o coupon com Cr. $1.00 para as despesas de remessa de uma amostra dos 2 Cremes **POND'S.**

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL, **3-DDDD-25X**
Avenida do Estado, 5.537—São Paulo

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____

Vejamos o que oferece o futuro – em ELETRÔNICA

O NEVOEIRO JÁ NÃO OFERECE PERIGO

Onde está a proa do navio? Há algumas horas que o Capitão não a vê, e, não obstante, o navio continua a sua marcha ininterrupta, sem perigo de abalroação. A *Eletrônica,* a maravilhosa ciência moderna, produz o raio de luz que permite tamanho milagre.

O combate ao nevoeiro é apenas uma das formas em que a *Eletrônica* há-de afetar nossa existência . . . Novos aparelhos rádio-receptores nos deleitarão com sua rara clareza e assombroso alcance, a televisão nos revelará novos mundos da imagem; o ar acondicionado, o combate às doenças, a elaboração dos alimentos — tudo isto, e muito mais, contribuirá para a realização de uma vida mais agradavel, graças aos maravilhosos tubos eletrônicos, "primos coirmãos" dos tubos da rádio-telefonia.

A Westinghouse está sempre na vanguarda dos inventos e realizações destinados a transformar nossa vida futura. O labor de nossos cientistas — nos domínios da Eletrônica e das Matérias Plásticas — dará ao mundo o fruto de tantas novidades já hoje postas em prática, de tantos progressos que já hoje são realidade. Quando tivermos ganho esta guerra, o distribuidor da Westinghouse oferecerá a V.S. uma infinidade de produtos que constituirão o melhor da vida moderna. No ínterim, todos os nossos esforços estarão concentrados na tarefa dos homens livres: alcançar a Vitória. Westinghouse Electric International Company, 40 Wall Street, Nova York, E.U.A.

Westinghouse
Estabelecida em 1886

"PRIMEIRA no Passado... PRIMEIRA no Futuro"

COORDENAÇÃO

O PRESIDENTE Franklin Delano Roosevelt e o Primeiro-Ministro Winston Churchill conquistaram a admiração dos povos não só dos Estados Unidos e do Império Britânico, mas de todas as Nações Unidas.

Esses dois homens de larga visão e coragem, sem jamais um pensamento de conforto ou segurança pessoal, têm-se dado mutuamente a mais honesta cooperação no interesse da comunidade e da identidade de planos e diretrizes na prossecução da guerra.

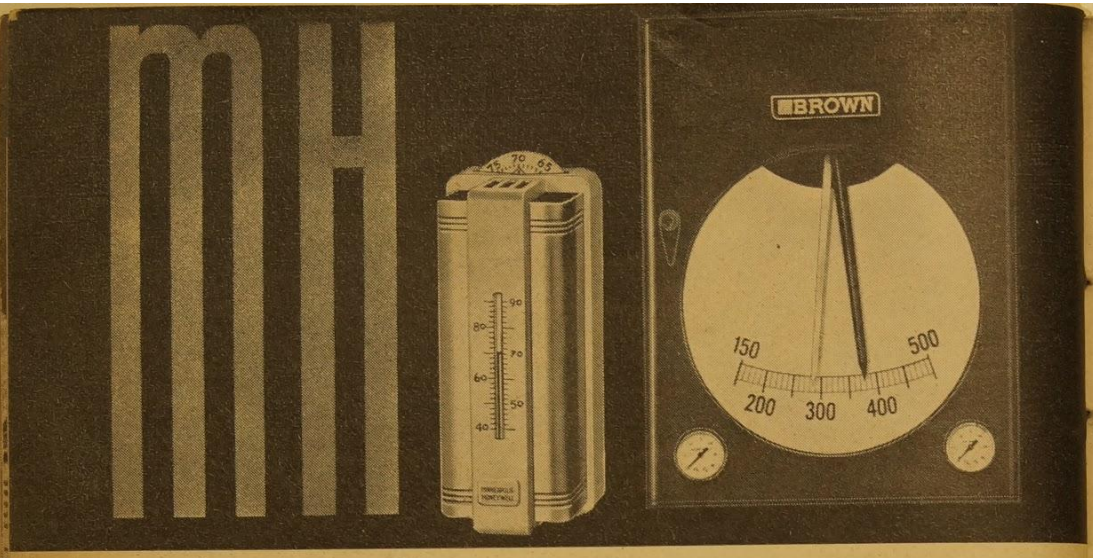
A coragem sem mancha e o raro poder de decisão e ação desses dois homens públicos, estão tendo resultados memoraveis para as nações do Eixo. Sua quinta e histórica conferência, e a inspiração que recebemos dos francos e primorosos discursos desses distintos condutores de povos, são acontecimentos que os povos norte-americano e inglês lembrarão longo tempo, e a história registrará em letras de ouro.

A "logística" do comando supremo—aptidão de prever, planejar, executar, e coordenar tudo quanto é essencial ao êxito de qualquer grande empresa—não podia encontrar melhores expoentes do que o Presidente Roosevelt e o Primeiro-Ministro Winston Churchill. Com a ajuda dos seus Aliados, esses dois chefes erigiram a mais poderosa máquina de guerra de que reza a História.

Sob a sua incomparavel direção recebemos coragem, esperança e confiança nos resultados da guerra, que estamos promovendo contra os inimigos das coisas que nos são queridas.

Dá-nos esperança e confiança no futuro do mundo, um mundo em que será feita justica às nações e aos povos que sofreram às mãos das Potências do Eixo, e em que, com a Carta Atlântica servindo de "pedra angular" de todos os planos, será assegurada uma vida material e espiritual mais plena a todos os povos que a mereçam.

INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION



Marchando a par do Progresso

Correndo parelhas com o sempre crescente interesse pelo lar moderno, que se nota em toda a América do Sul, está a grande procura pela aparelhagem de Controle Automático de Aquecimento e Acondicionamento de Ar, da Minneapolis-Honeywell, fabricante de vanguarda desde 1885. No sentido de acompanhar a procura de equipamento industrial, em constante aumento no grande continente do Sul, estão sendo hoje considerados absolutamente necessários os Controles para melhorar a produção, evitar desperdícios, e assegurar a segurança dos trabalhadores. Muitos Instrumentos de Registo Industrial, de Indicação e Control para as Indústrias, são produto da Brown Instrument Company, subsidiária da Minneapolis-Honeywell. Sendo certo que, devido à guerra, muitos tipos de mecanismo de controle, não se podem hoje obter, convidamos os interessados a informar-se sobre qualquer assunto relativo a controle industrial e técnico. Minneapolis-Honeywell Regulator Company. Departamento de Exportação, 4422 Wayne Ave., Philadelphia, Pa.

COM UNIDADE LIBERDADE

DISTRIBUIDORES

Argentina e Uruguai: E. C. Knight e Hijo, Buenos Aires—Brasil: Oscar Taves and Company, Rio de Janeiro—Colômbia: P. Porta, Bogotá—Perú: Custer and Thommen, S.A., Lima—Chile: Thermic Ltda., Santiago—Panamá: The Electric Service Co., Panamá—México: Armando Vaquie, Cidade do México—Cuba: William P. Bryant, Havana—Porto Rico: Sucessores de Abarca, San Juan—Trinidad: Industrial Agencies Ltd., San Fernando.

★ ★ ★ ★ CONTROLES AUTOMÁTICOS ★ ★ ★ ★

MINNEAPOLIS-HONEYWELL

INSTRUMENTOS DA **BROWN** PARA AS INDÚSTRIAS

Os grandes caminhões militares da Studebaker sobresaem nas principais zonas de guerra

De modo geral, os potentes caminhões produzidos pela Studebaker estão transportando homens e abastecimentos das Nações Unidas, em todos os teatros de operações desta guerra global.

Desde a autoestrada Alcan até a Frente Russa, desde a África até a China, dezenas de milhares de grandes e potentes Studebakers estão escrevendo novas e brilhantes páginas na história dos transportes.

A notavel resistência pela qual estes vigorosos caminhões Studebaker ganharam fama mundial, não é matéria nova: é tão velha como as indústrias Studebaker. Data de há 91 anos atrás, desde os dias em que os irmãos Studebaker lançaram a frase "dá mais do que prometes"—que é a divisa de todas as atividades da Studebaker.

A Studebaker está tambem a produzir grandes quantidades de motores Wright Cyclone para as Fortalezas Voadoras Boeing, bem como muito outro material de guerra de importância essencial.

Como é óbvio, não estão sendo atualmente fabricados pela Studebaker nenhuns automoveis nem caminhões novos para uso civil. Mas melhores automoveis e caminhões virão a estar novamente à disposição do público, é positivo que eles serão exemplos de engenharia brilhante e de fabricação de confiança.

THE STUDEBAKER EXPORT CORPORATION
South Bend, Ind., E. U. A.

Há mais de um Quarto de Século...

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

CARNES CONGELADAS
•
CARNES EM CONSERVA
•
XARQUE
•
CARNE DESIDRATADA
•
COUROS
•
ALIMENTOS PARA ANIMAIS
•
DEFUMADOS
•
SALGADOS
•
SEBOS
•
BANHA
•
COMPOSTO E OLEO VEGETAL «A PATRÔA»

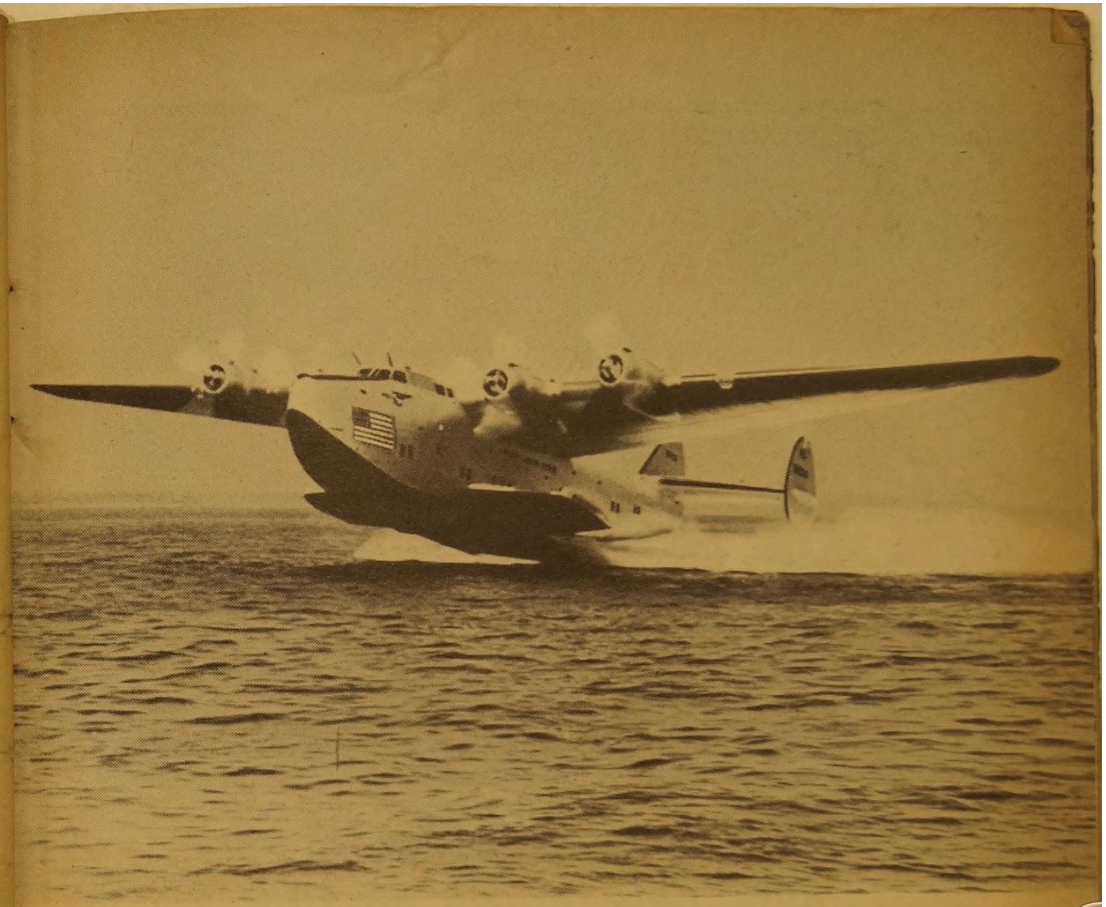
☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

...A Swift do Brasil distribúe aos mercados de todo o mundo seus excelentes produtos brasileiros. Esta aceitação mundial dos produtos nacionais, se deve à perfeita seleção que a Cia. faz de matérias primas, criteriosa escolha das melhores carnes e, sobretudo, pelo extremo rigor sanitário com que são conduzidos os processos de fabricação da Cia. Swift do Brasil.

Honrando com a qualidade de seus produtos a etiqueta «Product of Brazil», a Swift contribúe para divulgar, nos quatro cantos do Globo, o alto valor da indústria nacional.

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



"Lançadeira" Intercontinental

• Há poucas semanas, um dos Clippers Boeing da Pan American Airways atravessou *duas vezes* o Atlântico no curto prazo de 24 horas. Pouco tempo antes, essas mesmas aeronaves Clipper sobrevoaram DOZE vezes o Atlântico em TREZE dias e quinze horas.

No seu memoravel vôo a Casablanca, o Presidente Roosevelt atravessou o oceano, à ida e à volta, nos Clippers Boeing. O Primeiro Ministro Winston Churchill, em cada uma das suas viagens aéreas à America do Norte, tem-se sempre servido de aviões construidos pela Boeing para a British Overseas Airways.

Mas esses são apenas os casos sensacionais. A coisa talvez mais digna de nota a respeito destas aeronaves Boeing, que são os maiores aviões mercantes do mundo inteiro, é a maneira como elas acabaram se tornando o "pão nosso de cada dia"! Já cruzaram o Atlântico mais de 1400 vezes, fazendo a travessia do oceano com a regularidade e a monotonia de autênticas "lançadeiras" ou *ferry-botes*. O seu serviço de confiança apoia-se na pesquisa, no alto grau de habilidade e aptidão de engenheiros e fabricantes da Boeing—as mesmas capacidades que resultaram no Stratoliner* Boeing e na Fortaleza Voadora* Boeing.

No futuro, como hoje, poder-se-á confiar na integridade de todo e qualquer produto da Boeing. . . . Se é obra de Boeing, não pode deixar de ser bom!

CRIADORES DAS FORTALEZAS VOADORAS • DO STRATOLINER • DOS CLIPERES AMERICANOS

BOEING

**Os nomes "Fortaleza Voadora" e "Stratoliner" são propriedade registada da Boeing.*

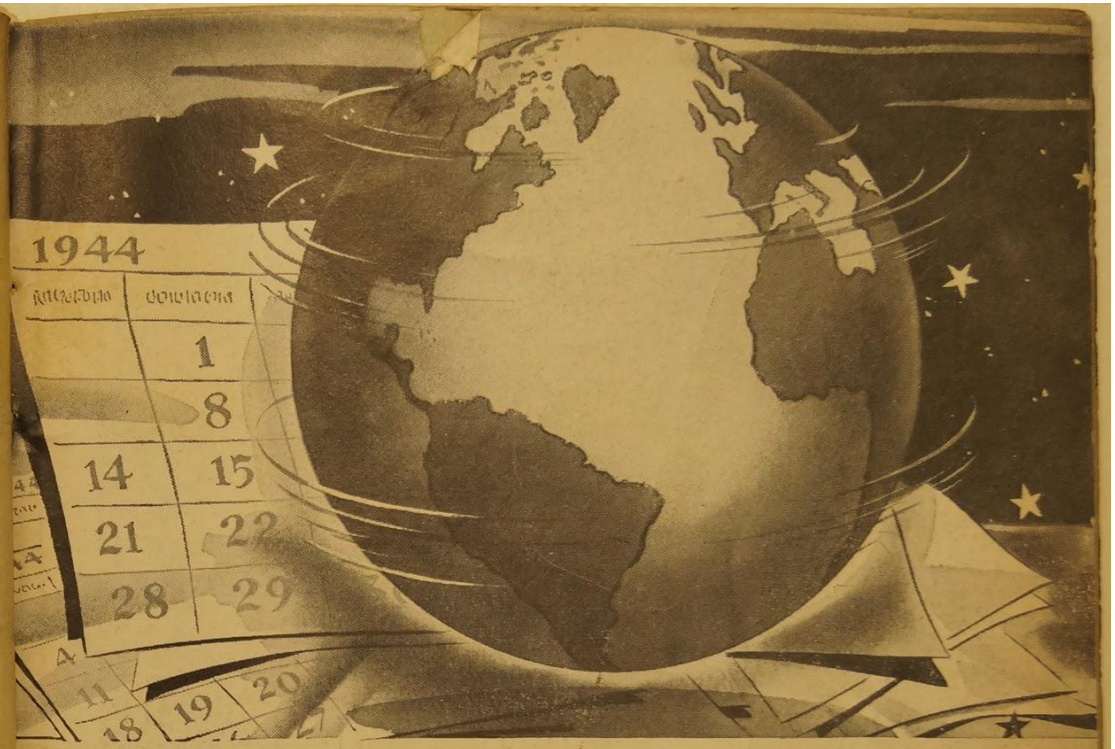
"21 Quilômetros" Acima do Solo . . . num Laboratório da Philco

OS engenheiros da Philco inventaram uma câmara para a qual trouxeram a estratosfera, introduzindo—a assim em um laboratório. Graças a esses engenheiros, o equipamento de rádio construido pela Philco para os aviões pode ser experimentado em condições atmosféricas idênticas às do vôo—em temperaturas tão baixas como 54° C. abaixo de zero . . . e numa pressão de ar equivalente a altitudes de 21.000 metros. Uma vez alcançada a Vitória, esse engenho—alem do progresso técnico criado na guerra—proporcionará estupendos e novos milagres em rádio, televisão, refrigeração e ar condicionado subordinados ao famoso nome Philco.

AS AMERICAS UNIDAS VENCERÃO

PHILCO

A MAIOR FABRICANTE DE RÁDIOS DO MUNDO



Condensando anos em semanas

AS necessidades prementes da guerra forçaram-nos a realizar em curto espaço de tempo as tarefas que, embora em escala um tanto menor, levaram anos às potências inimigas. Pode-se dizer que nunca se produziu tanto material em tão pouco tempo como na atualidade. Os que fabricam e trabalham para as Nações Unidas já desempenharam as tarefas que, segundo lhes diziam os cépticos, não poderiam ser cumpridas.

A indústria do automovel, por exemplo, está realizando milagres na produção em massa de material de guerra. Anos e anos de trabalho normal estão sendo condensados em semanas de febril atividade!

Enquanto os engenheiros e outros técnicos da Ford se dedicam a fazer instrumentos bélicos, pondo em prática os vastos planos de guerra, eles vão simultaneamente descobrindo novos métodos e processos para fabricar produtos mais finos que os de outro tempo, quando vier a paz.

Dia virá em que essa grande máquina de produção, expandida sob a pressão das exigências da guerra, será consagrada à multiplicação das coisas boas e uteis da vida, a um ponto de que a humanidade hoje ainda não faz idéia!

FORD MOTOR COMPANY

Ford

UMA CANETA "TRIUNFO" TUCKAWAY
É UM PRESENTE PARA TÔDA A VIDA

USADA SEM PERIGO EM QUALQUER POSIÇÃO

Esta última caneta Sheaffer-*Lifetime*—garantida para tôda a vida—é própria para damas e cavalheiros, pois pode levar-se em qualquer posição no bolso ou na bolsa de mão. Dá orgulho a quem a usa e satisfação a quem a oferece. A sua companheira indispensável é a lapiseira "Triunfo" Tuckaway. W. A. SHEAFFER PEN COMPANY, Fort Madison, Iowa, E.U.A.

A fonte de SKRIP utiliza até a última gota.

Peça V. S. SKRIP em vez de tinta. É melhor para *tôdas* as canetas—seca tão rápidamente que não necessita mata-borrão e conserva a caneta limpa.

SHEAFFER'S

Representantes Gerais Para o Brasil—M. Agostini & Cia. Ltda., Caixa Postal 843—Rio de Janeiro
Representantes Gerais Para Portugal—Messrs. Azevedo & Duarte, Ltda., Rua do Crucifixo 76—Lisboa, Portugal

Beba Coca-Cola MARCA REGISTRADA Bem gelada

Refresco sem igual . . . pureza incomparavel!

Uma bebida precisa ser bôa para se tornar o refresco preferido no mundo inteiro. A sua qualidade é o resultado de 57 anos de experiencia em sua elaboração. Experimente e verá que o unico comparavel á "Coca-Cola" é . . . "Coca-Cola".

QUALIDADE DIGNA DE CONFIANÇA

COPYRIGHT 1943 BY THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTISTICA RESERVADA

UNIDOS HOJE UNIDOS SEMPRE

Prognóstico: As cargas de após-guerra voarão a menos de 3 Cruzeiros por tonelada-milha!

VISLUMBRA-SE um fato após a Vitória: graças às pesquisas aceleradas desta guerra, sairão das fábricas norteamericanas novos e diferentes aviões para um mundo em paz. Aviões capazes de transportar cargas mais volumosas, a maiores distâncias, mais economicamente do que os enormes transportes que hoje cruzam os céus.

O conhecimento já adquirido por desenhistas de aeroplanos nos Estados Unidos garantem essa profecia. Os aviões da paz atualmente já projetados poderão transportar com lucro as cargas aéreas a menos de 3 Cruzeiros por tonelada-milha. Antes da guerra o custo dessas cargas era de 16 a 18 Cruzeiros!

Chegada a Vitória, a Northrop contribuirá com as suas realizações para um mundo novo cheio de oportunidades.

No ínterim, todos os recursos da Northrop estão sendo dedicados exclusivamente a projetos e construções de aviões de guerra—aviões que estão precipitando o dia da Vitória.

NORTHROP *Aircraft, Inc.*

NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA

MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

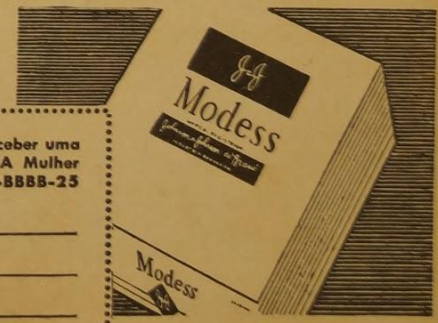
Não seja Desmancha-Prazeres!

— mantenha, **todos os dias do mês,** o bom humor que a despreocupação traz.

NADA a impede que ponha o seu vestido de baile e acompanhe os seus amigos nas diversões. Não se compreende que a Sra., sendo tão moderna, ainda se escravise a métodos antiquados de higiene íntima. Use Modess — a toalha higiênica cientificamente perfeita. Macia, flexível e confortável, Modess não irrita e não é notada. Ela, sendo mais absorvente que o algodão e tendo a camada externa impermeável, garante o seu bom humor pela despreocupação que proporciona.

Recomendada pelos médicos como a proteção científica da saúde, Modess é indispensável à mulher moderna. Peça simplesmente — Modess — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras!

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



AMOSTRA GRATIS — Envie-nos Cr. $1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber". Caixa 2838, São Paulo. 4-BBBB-25

Nome_____

Rua_____

Cidade_____ Estado_____

ASSUMIMOS A RESPONSABILIDADE

De que, quando retornarmos à paz, a UNITED STATES STEEL EXPORT COMPANY, como nos passados 40 anos, voltará a fornecer aço de primeira qualidade, reconhecido pela famosa marca registrada U·S·S que se destina aos mais diversos usos industriais em toda a parte do mundo.

UNITED STATES STEEL EXPORT CO.

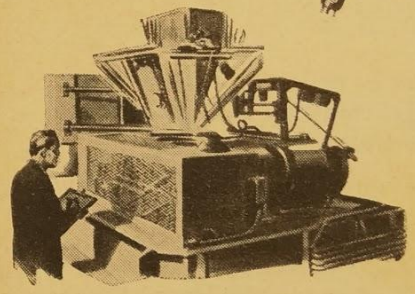
30 CHURCH STREET, NOVA YORK, E. U. A.

FORNECEMOS AO MUNDO

A RCA APRESENTA

O Que Há De Mais Novo

A Futura Lâmpada de Aladim . . . As válvulas eletrônicas RCA desempenham milagres admiraveis na indústria e na ciência . . . podem literalmente "ver, sentir, cheirar, saborear, enumerar, ouvir, lembrar, e falar"! Para cada finalidade há uma válvula eletrônica RCA. Tendo hoje a tarefa de aprestar a causa das Nações Unidas, essas válvulas ajudarão a edificar um mundo melhor de paz amanhã.



Podia derruir-lhe a casa! Essa poderosa máquina vibratória produzida pela RCA impede os defeitos de estrutura dos rádios para aviação—permite à RCA aperfeiçoar o equipmento de rádio para os aviões antes de serem postos em serviço. O rádio RCA de aviação está tomando parte importante na expansão das comunicações.

O encanto feminino cativa sempre—e o da bela Dinah Shore, artista que grava suas canções para os discos Victor, e estrela da Warner Brothers, assim como o de outras personalidades do cinema, é impresso em Hollywood e reproduzido no seu cinema favorito, por meio do equipamento RCA Photophone. E' produto do mesmo engenho técnico que aperfeiçoou as outras modernas inovações da RCA.

RADIO CORPORATION OF AMERICA

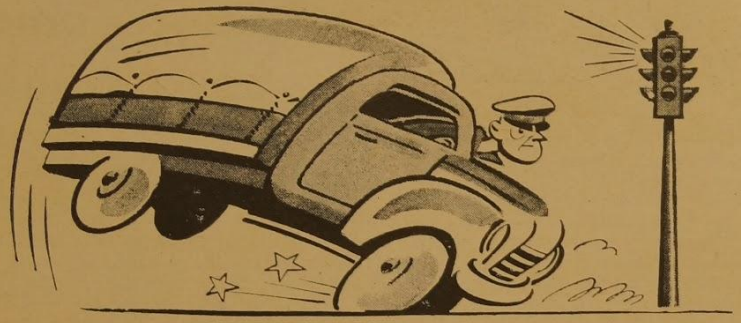
RCA Victor Division, Camden, N. J., E.U.A.

RCA Victor Radio, S. A., Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro, Brasil

PELA VITÓRIA DO BRASIL E SEUS ALIADOS

NÃO DESPERDICE BORRACHA!

EIS UM MEIO DE ECONOMIZÁ - LA: —



Dê Paradas E Saidas Devagar!

Sempre que o Sr. dá uma "arrancada" e tôda a vez que pára o caminhão repentinamente, a banda dos pneus é esmerilhada. E esmerilhar os pneus quer dizer—desperdiçar borracha, o material tão importante para a vitória das Nações Unidas nesta cruenta guerra!

Dando as partidas suavemente e freiando o caminhão aos poucos, o Sr. poderá fazer os pneus durarem muito mais! Outras maneiras de economizar são as seguintes:

1—Manter a pressão de ar exata nos pneus
2—Evitar abuso de velocidade
3—Não sobrecarregar o caminhão
4—Usar pneus Goodyear adequados ao seu gênero de serviço

Desejando informações sobre outros meios de economizar os pneumáticos do seu caminhão, peça ao seu revendedor Goodyear ou à Companhia Goodyear o interessante livreto "Como economizar os pneus".

PNEUS GOODYEAR INDUSTRIA BRASILEIRA

Como se Começa uma Revolução

Ninguem diria que esses homens são revolucionários! Não envergam longos casacos negros, nem usam misteriosas palavras de passe . . . Mas estão-se preparando para lançar uma bomba em plena indústria americana . . . dando início à maior revolução que houve desde 1776.

Quem são esses homens? São pesquisadores especializados da indústria aeronáutica. O fato é que hoje, para construir bombardeiros, é preciso alguma coisa mais do que engenheiros aeronáuticos. Nas fábricas da Martin, por exemplo, há peritos em metalurgia, plásticos, borracha sintética, hidráulica, eletrônica, e muitos outros assuntos,—todos eles unidos numa causa comum: dar à América a supremacia nos ares.

Dos esforços desses investigadores da Martin resultaram já mais do que grandes aviões. Esses homens criaram materiais novos, descobriram novas aplicações para materiais já conhecidos, e revelaram novos processos de fabricação que prometem revolucionar a existência da América.

Os frutos de suas pesquisas andam agora por todo o mundo dinamitando os caminhos que levam à Vitória das Nações Unidas. A marca deixada por esses homens no mundo, aparecerá após a Vitória não só nos aviões, mas nos nossos lares, nos nossos carros, nas próprias roupas que vestirmos. O futuro está hoje... num tubo de ensaio!

Mas há mais: os produtos americanos de após-guerra, e a perícia técnica americana irão rapidamente atingir os mercados de todo o mundo. Já a Martin completou o traçado de gigantescos aviões de transporte com 125 e mais toneladas, prontos a construir tão depressa soe a trombeta da Vitória. Essas aeronaves tornarão vizinhas todas as nações da Terra . . . virão pôr o mundo a poucas horas de nossa porta.

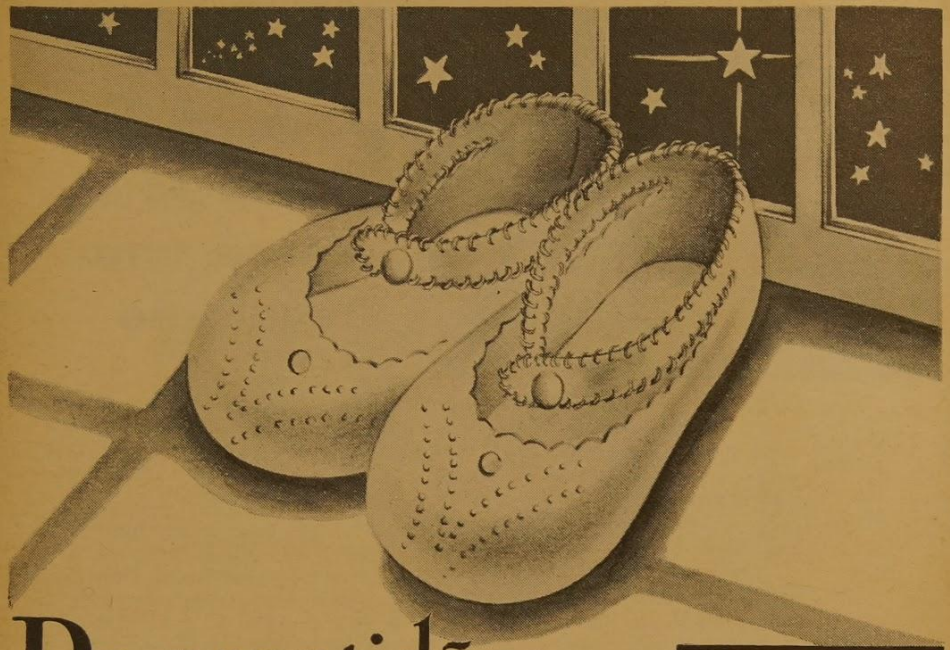
A América, e o Mundo com ela, terão um glorioso futuro após a guerra. Por isso dizemos—trabalhai hoje pela Vitória, que após ela nos espera um mundo novo!

THE GLENN L. MARTIN CO.
BALTIMORE, MD., E. U. A.

AVIÕES Martin

Marca MARTIN U.S.A. Registrada

Fabricantes de Aviões de Confiança Desde 1909.



De prontidão em todos os lares!

As crianças, em geral, são loucas por guloseimas e, principalmente nesta época, elas se regalam e quasi sempre se excedem! O LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS, poderoso antiácido e laxante suave, facilita a digestão e limpa os intestinos, evitando assim as perturbações digestivas.

A senhora, que é mãe, tenha sempre em casa um vidro do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS para qualquer emergência.

Para o mais delicado organismo, mesmo o dos bebês, os médicos recomendam: LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS.

● *Também sob a forma de comprimidos. Fáceis de se tomar—fáceis de se levar!*

Ação tríplice

1. **NEUTRALIZA** a hiperacidez.
2. **LIMPA** os intestinos.
3. **REGULARIZA** a digestão.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS
ANTIÁCIDO E LAXANTE IDEAL

ROTAS MUNDIAIS DA PAN-AMERICAN AIRWAYS A 7 DE DEZEMBRO DE 1941

Frescos Oasis Nas Rotas Dos Clippers

Percorrendo cerca de 100,000 milhas de rotas aéreas, os Clippers Mundiais da Pan American Airways estão transportando cargas cada vez maiores de homens e materiais de guerra: para a Africa, através da América Latina e do Atlântico do Sul . . . ao Oriente, à Russia, aos confins do Oceano Pacífico. Esta gigantesca tarefa exige a mais elevada eficiencia em pessoal e aparelhagem.

A Carrier, pioneira no ar condicionado e refrigeração, sente-se orgulhosa de assim servir a Pan American Airways, «bandeirante» da aviação transoceânica.

Depois da guerra, a aparelhagem Carrier—que será então melhor que nunca—contribuirá uma vez maispara construir um mundo melhor. Entretanto V.S. encontrará o representante da Carrier sempre pronto a prestar-lhe auxilio para manter a sua aparelhagem de condicionamento de ar e refrigeração em condições de eficiencia máxima.

CARRIER CORPORATION
Divisão Internacional
SYRACUSE, NEW YORK, E. U. A.

DISTRIBUIDORES DA CARRIER NO BRASIL

ARMCO INDUSTRIAL E COMERCIAL, S.A.
Rua da Alfândega, 107, Rio de Janeiro

Rua Marconi, 124, São Paulo

Rua Voluntarios da Patria, 916
Porto Alegre

Carrier

CONDICIONAMENTO DE AR E REFRIGERAÇÃO

V. EXA. JÁ DESCOBRIU QUE OS BATONS MICHEL TÊM UMA CONSISTÊNCIA AVELUDADA?

Anúncio de
GEORGETTE MICHEL
da Casa Michel

Este baton para os lábios lhe oferece tudo o que poderia desejar: suaviza, protege e embeleza. Não se surpreenda se, depois de algumas aplicações do Baton Michel, seus lábios adquirirem repentinamente a suavidade e a brandura dos lábios de uma menina. Porque a consistência aveludada do Baton Michel se deve ao emprego de óleos mais caros, misturados segundo uma fórmula de qualidade superior. E com esse fator, os Batons Michel aderem melhor que qualquer outro que V. Exa. já tenha usado.

Comece hoje mesmo a dar proteção e beleza aos seus lábios, com o Baton Michel. Deve escolher, dentre uma ampla série de tons, o que maior realce der a seus lábios.

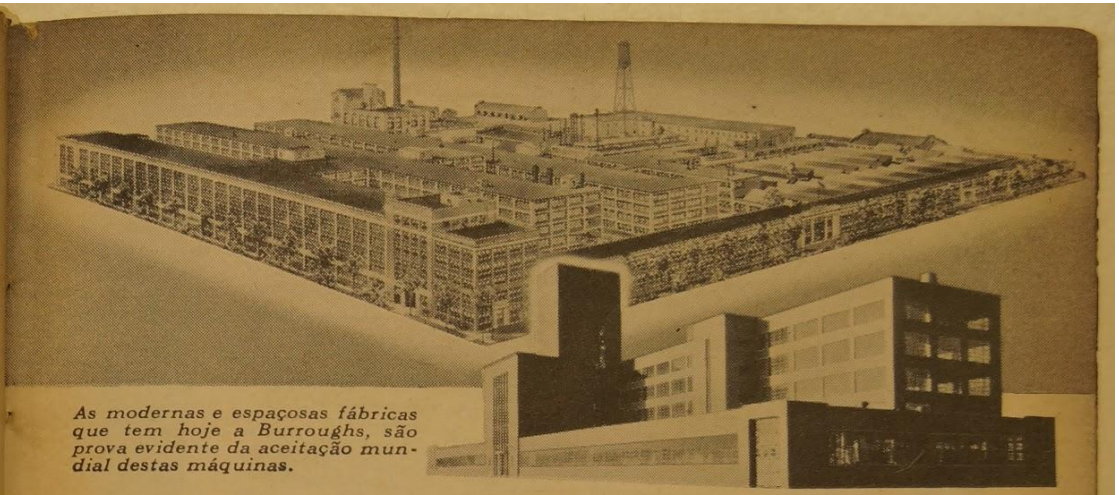
8 TONS SEDUTORES

AMARANTH · CHERRY · BLONDE
RASPBERRY · SCARLET · VIVID
AMAPOLA · CYCLAMEN

Três Tamanhos:
DeLuxo—Grande—Popular

Em Guarda! Para Proteger a Beleza.
Para Proteger Nosso Hemisfério.

Michel BATON PARA OS LÁBIOS



As modernas e espaçosas fábricas que tem hoje a Burroughs, são prova evidente da aceitação mundial destas máquinas.

CRESCENDO

E CADA VEZ MAIS UTIL NO COMÉRCIO

Em consequência de William Seward Burroughs ter inventado a primeira máquina de somar, prática, para uso comercial, centenas e milhares de casas de negócio do mundo inteiro usam hoje em dia as máquinas Burroughs para somar, calcular, para contabilidade e estatística.

Estas casas de negócio só têm a ganhar com o crescimento da companhia que melhora assim cada dia seus processos de fabricação, seus serviços de pesquisa e de manutenção. Novas máquinas e aperfeiçoamentos surgem constantemente, permitindo aos interessados escolher exatamente a máquina de que precisam para simplificar qualquer espécie de cálculo ou serviço de contabilidade—e reduzir-lhes o custo.

Os engenheiros de Burroughs têm ao mesmo tempo mantido um alto padrão quanto à qualidade do material, à perícia da mão-de-obra, e processos de fabricação, que são a garantia do serviço uniformemente satisfatório que as máquinas Burroughs podem fornecer durante muitos anos.

A guerra interrompeu apenas a fabricação normal das máquinas Burroughs para escritórios. Mas Burroughs continua a progredir, e a experiência adquirida fabricando máquinas de calcular para os serviços de contabilidade de guerra das Nações Unidas, assim como a fabricação de instrumentos para as forças armadas, hão-de se refletir depois da guerra em novos aperfeiçoamentos para as máquinas Burroughs.

★ ★ ★ ★

Há representantes da Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante da Burroughs no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., com seus principais escritórios à rua da Alfandega 81A-1º, Rio de Janeiro.

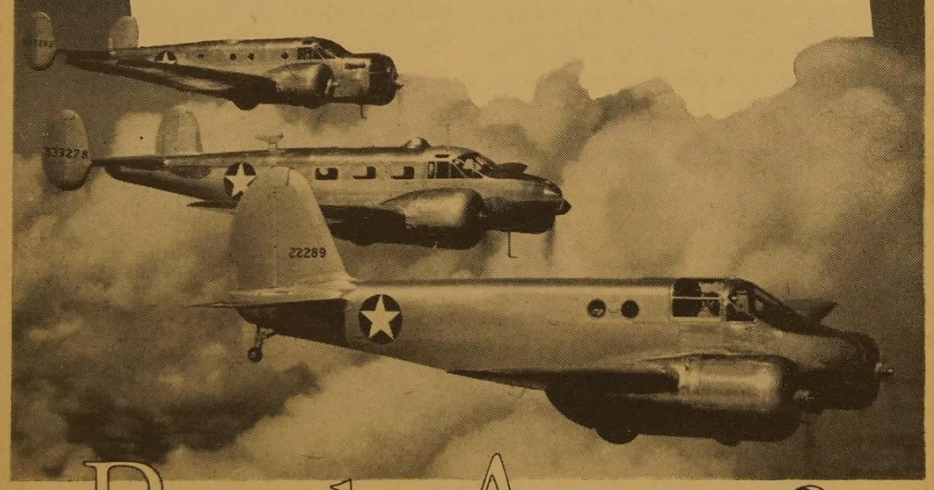
Burroughs

MAQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FATURAR, DE CONTABILIDADE, ESTATISTICA, E CAIXAS REGISTRADORAS

os Beechcraft em ação

No. 7
DE UMA SÉRIE

Nos três tipos de aviões Beechcraft especializados que se vêem na gravura abaixo, uma grande porção dos tripulantes da Força Aérea adquire a perícia que tão util lhes será nos seus vôos sobre os objetivos do Eixo. ★ À frente da formação vê-se o Beechcraft AT-10, construido de madeira laminada, bombardeiro esse pesado e veloz, para treino, e no qual os pilotos aprendem toda a técnica da manobra. ★ Ao centro vê-se o Beechcraft todo metálico AT-7 de treino (o SNB-2 da Marinha) no qual os navegadores adquirem mestria na sua arte tão complexa. ★ Em treceiro lugar na formação está o Bombardeiro Beechcraft AT-11 tambem de treino (o SNB-1 da Marinha) de construção toda metálica; nele os bombardeadores aprendem a lançar suas bombas sobre os alvos nos momentos precisos. Esse avião adapta-se tambem para a instrução em artilharia aérea flexivel. ★ Semelhantemente aos Beechcraft comerciais, os protótipos do AT-7 e AT-11, esses aviões de treino combinam, na tática, alta velocidade em altitude com marcha excecionalmente vagarosa para aterragem, alem de facilidade de manobra e grande resistência. ★ Como os homens que neles recebem instrução, esses Beechcraft atuam resoluta e eficientemente nas tarefas que competem ao Serviço Aéreo mais perfeito do mundo.



Beech Aircraft
CORPORATION

OS BEECHCRAFT CUMPREM O SEU DEVER — *WICHITA, KANSAS, E.U.A.*

ESTAÇÃO INICIAL DE UMA NOVA ERA!

Essa estaçãozinha modesta irá abaixo dentro em pouco. Pois tudo que é pequeno ou velho em Volta Redonda está cedendo lugar ao grandioso e moderno. Enorme gare já foi erguida pela E. F. Central do Brasil. E alí, dia e noite, chegam trens carregados, enquanto nas ruas da futura "Cidade do Aço" do Brasil, movimenta-se incessantemente uma frota numerosa de caminhões, caminhonetes, tratores e betoneiras, num crescendo de empolgante dinamismo.

Sob a direção de brasileiros esclarecidos e patriotas—auxiliados por notaveis técnicos enviados pelos EE. Unidos—o exército de construtores de Volta Redonda não dorme nem para. Trabalha-se alí quasi as 24 horas do dia. Por isso, Volta Redonda cresce de hora em hora.

A Companhia Siderúrgica Nacional é um empreendimento formidavel e de repercussão verdadeiramente histórica na vida deste grande Brasil. Congratulando-se com o povo amigo do Brasil, e com seus capitães de industria, pelo que é e pelo que será Volta Redonda, a Organização Esso agradece a honra que tem tido de colaborar em tão arrojado cometimento, fornecendo os combustiveis e lubrificantes alí consumidos.

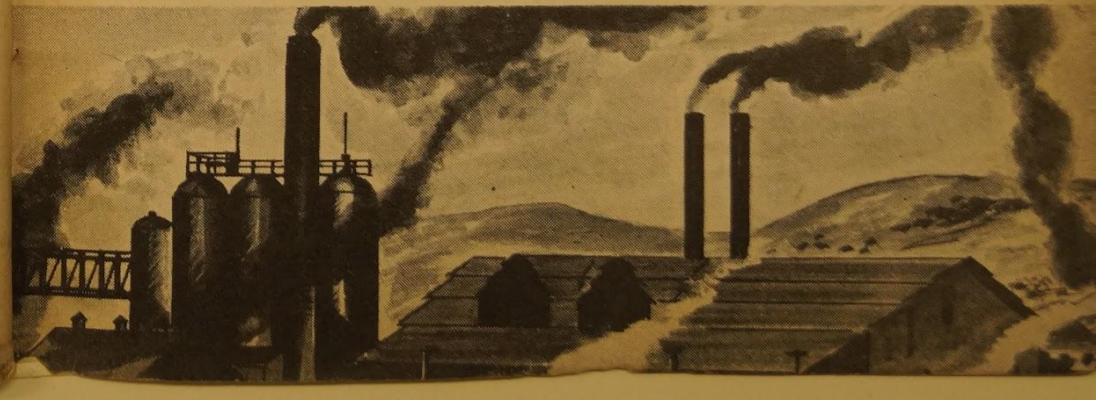
. . .

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, de B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife.

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL
e a ORGANIZAÇÃO ESSO

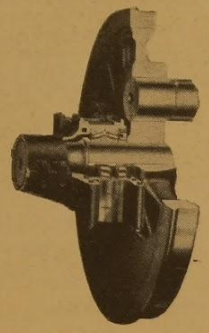
Esso

Distribuidores dos afamados produtos Esso que se encontram sempre sob o oval ESSO



As Chumaceiras Timken

OFERECEM VANTAGENS DE GRANDE SIGNIFICAÇÃO PARA O EQUIPAMENTO FERROVIÁRIO DA AMÉRICA DO SUL

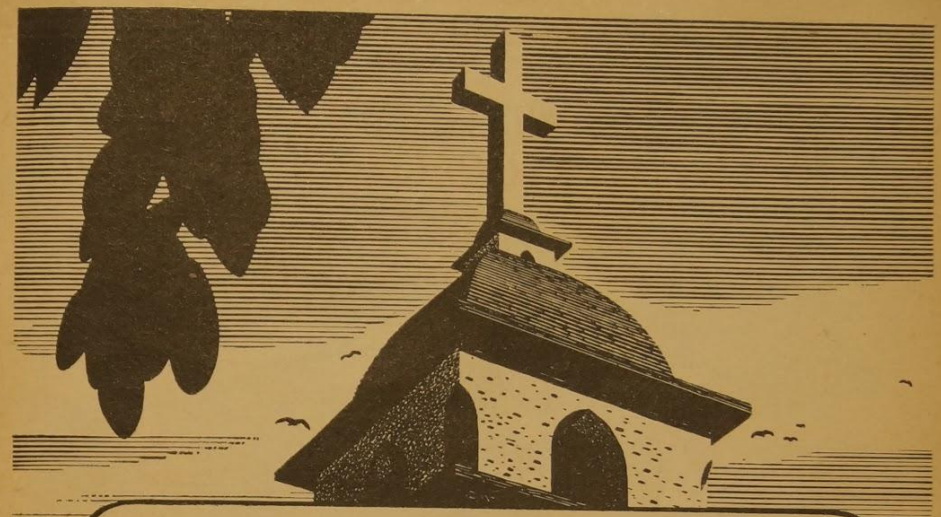


Os sul-americanos, interessados no desenvolvimento dos meios de transporte ferroviários, podem observar com proveito os benefícios e préstimos que as Chumaceiras Timken proporcionam, quando aplicadas nas locomotivas, tênderes, e vagões ferroviários dos Estados Unidos. Isso é uma realidade, por causa da similitude do material ferroviário usado em todo o continente americano. As distâncias são vastas. As velocidades têm que ser mantidas por longos percursos, para se obter um horário satisfatório. Durante a travessia, o trem é forçado a transpor os mais variados climas e temperaturas.

As Chumaceiras Timken solucionam um número consideravel de problemas que se apresentam constantemente nas estradas de ferro. As caixas esquentadas são um pesadelo do passado. A resistência ao arranque que se observava em cada carro foi reduzida de 88%. Diariamente se conseguem velocidades que ultrapassam 160 quilômetros por hora. Todas as locomotivas disponiveis estão sempre prontas para o serviço.

Isso apenas representa algumas das vantagens das Chumaceiras Timken. Há ainda muitas e muitas outras, que serão descritas a V.S., se quiser ter a fineza de escrever-nos solicitando maiores detalhes.

THE TIMKEN ROLLER BEARING CO., CANTON, OHIO, U. S. A.



A SUÁSTICA NUNCA SUBSTITUIRÁ A CRUZ CRISTÃ

Querem certos homens derrubar a Cruz.

Seria substituida pela suástica, símbolo sangrento da crueldade dos homens para com seus semelhantes. Fariam de um tirano um deus—e de Deus um fantoche; poriam em nossos lábios—e nos lábios de nossos filhos—as blasfêmias amargas do hitlerismo. E nos forçariam a sofrer as provações a que já submeteram outros.

Só há uma resposta para isto: «*Nas Américas os homens serão sempre livres, e a suástica nunca substituirá a Cruz.*»

Os homens e mulheres da Republic forjam esta resposta com aço—«aços de guerra», para canhões, aviões, tanques e navios da liberdade. Trabalham e lutam para que chegue mais depressa o momento em que lhes seja permitido dedicar-se à tarefa mais feliz de produzir «aços de trabalho» para ajudar à realização de uma vida de paz, liberdade e abundância, compartilhada por todos.

Nesta luta titânica terão a colaboração de *todos* os homens que amam a liberdade... de todos os homens que estão decididos a não permitir que as legiões do obscurantismo venham a dominar o mundo.

VITÓRIA PELA UNIÃO

REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Building, 405 Lexington Ave. New York, N.Y., E.U.A. Endereço Telegráfico: «TONCAN» . . .

Escritórios Centrais: Cleveland, Ohio, E. U. A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haití, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguaí, Venezuela, Ilhas Virgínias.

Tambem estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, India, China, Irán, Portugal, Suecia, Turquia

Zenith—o predileto das Fôrças Armadas

Reproduzido do magazine LIFE

Para satisfazer às exigências da guerra, os aparelhos de rádio têm que ser de construção sólida e resistente. O Zenith tem satisfeito essa condição. Sacudido en auto-caminhões em péssimas estradas e a bordo de navio em mares revoltos—a sua performance tem continuado a mesma, isto é, excelente. Esta é a razão por que as Fôrças Armadas o preferem, conforme se verifica numa carta recebida da distante Honolúlú.

"Frequentemente, entra na loja um soldado ou um marinheiro e, apontando para um rádio Zenith, exclama: "Quero êsse modêlo!" De certo, êle deve ter ouvido um dêsses modêlos em algum posto avançado no Pacífico."

24 horas por dia—até aos domingos e feriados—nas intermináveis linhas de produção do Zenith é constante a vasta variedade de material radiônico que está sendo fabricado para as Fôrças Armadas—para apressar o fim das hostilidades e restaurar a paz e a felicidade.

Enquanto isso, nos laboratórios das fábricas Zenith estão se elaborando os planos para a produção de depois da guerra. A incalculável experiência desta guerra servirá para produzir superexcelentes rádios Zenith, dotados de muitos melhoramentos—exclusivos e notáveis.

ZENITH RADIO
LONG DISTANCE

FABRICANTES EXCLUSIVOS DE EQUIPAMENTO RADIÔNICO

Eis uma interessante missiva que demonstra como, apesar da guerra, o transporte aéreo tem auxiliado uma grande indústria chilena.

Rosas de Bússolas, Rolamentos e Correias de Transmissão—por Avião!

Valparaíso, 8 de Julho de 1943

Sr. Vicente Salsilli
Representante da Panagra
Santiago, Chile

Prezado senhor:

É frequente ultimamente vermo-nos em sérias dificuldades ante a falta de peças de reparo para a maquinaria do nosso estabelecimento de minas de carvão de pedra de Coronel, Província de Concepción. Isso pode ocasionar a paralisação de outras indústrias.

A falta de fretes marítimos a princípio deu à situação uma aparência desesperadora. Apelamos então para o transporte aéreo, e pudemos contornar a ameaça graças ao serviço aéreo da Panagra e a sua companhia associada, a Pan American Airways.

Conseguimos fazer chegar ao nosso poder, valendo-nos desse serviço, acessórios indispensaveis, tais como rolamentos para motores elétricos e correias de transmissão.

Mesmo assim, tivemos necessidade quase imediata de substituir o nosso estoque de rosas líquidas para as bússolas dos navios que compõem a nossa frota. O mercado do país estava em falta absoluta delas, porem graças a este serviço aéreo, nossos vapores puderam continuar normalmente a sua navegação.

Tomando em consideração a situação que atravessamos e seus efeitos quanto ao transporte aéreo, é-nos grato fazer constar os apreciaveis serviços que as suas companhias prestam à indústria e ao comércio do nosso país.

Expressando-lhe o nosso agradecimento, somos de V. S.

Atenciosamente
Cia. Carbonífera e de Fundição Schwager
Renato del Río, *Diretor-Gerente*

As "rosas líquidas" a que se refere o sr. del Río destinam-se a bússolas de quadro magnético flutuante do tipo que se utiliza nos grandes navios. De modo que, mesmo em tempo de guerra, a forma nova de transporte—por Cliper—auxilia a antiga!

Quando a paz voltar, estes serviços à indústria e aos passageiros serão enormemente ampliados com Cliperes novos, maiores e mais rápidos. Entretanto, solicitamos a sua indulgência pelas demoras e dificuldades causadas pela guerra e que não podemos evitar.

Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovias Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación, S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urabá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aereo Boliviano.

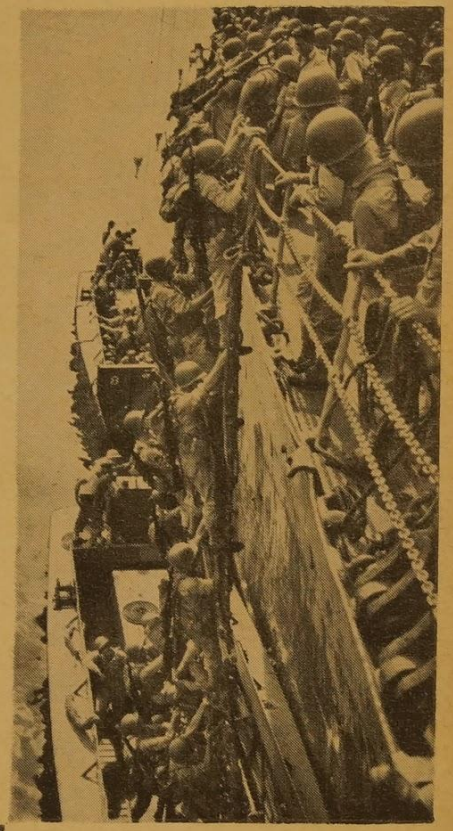
. . . Do navio à praia

as

Lanchas *Higgins*

Transportam

Sobre as águas do inimigo correm velozes as lanchas até junto dos navios-transportes, e recebem as preciosas cargas humanas para depositá-las a pé enxuto na praia. Tanques, munições e abastecimentos são desembarcados do mesmo modo. Quase todas essas lanchas de invasão foram projetadas e construidas pela Higgins, ou sob patentes de propriedade da Higgins, exclusivamente para as Nações Unidas. Resistentes, velozes, de um traçado preciso e completamente isentas de defeitos, essas lanchas são indispensaveis numa invasão. As mesmas caraterísticas que demonstram a primazia das Lanchas Higgins na guerra de hoje recomendam-nas para cumprir bem as tarefas comerciais de amanhã. A marca Higgins nas lanchas e noutros produtos deve ser preferida quando a Vitória trouxer a paz.



ARMY (E) NAVY

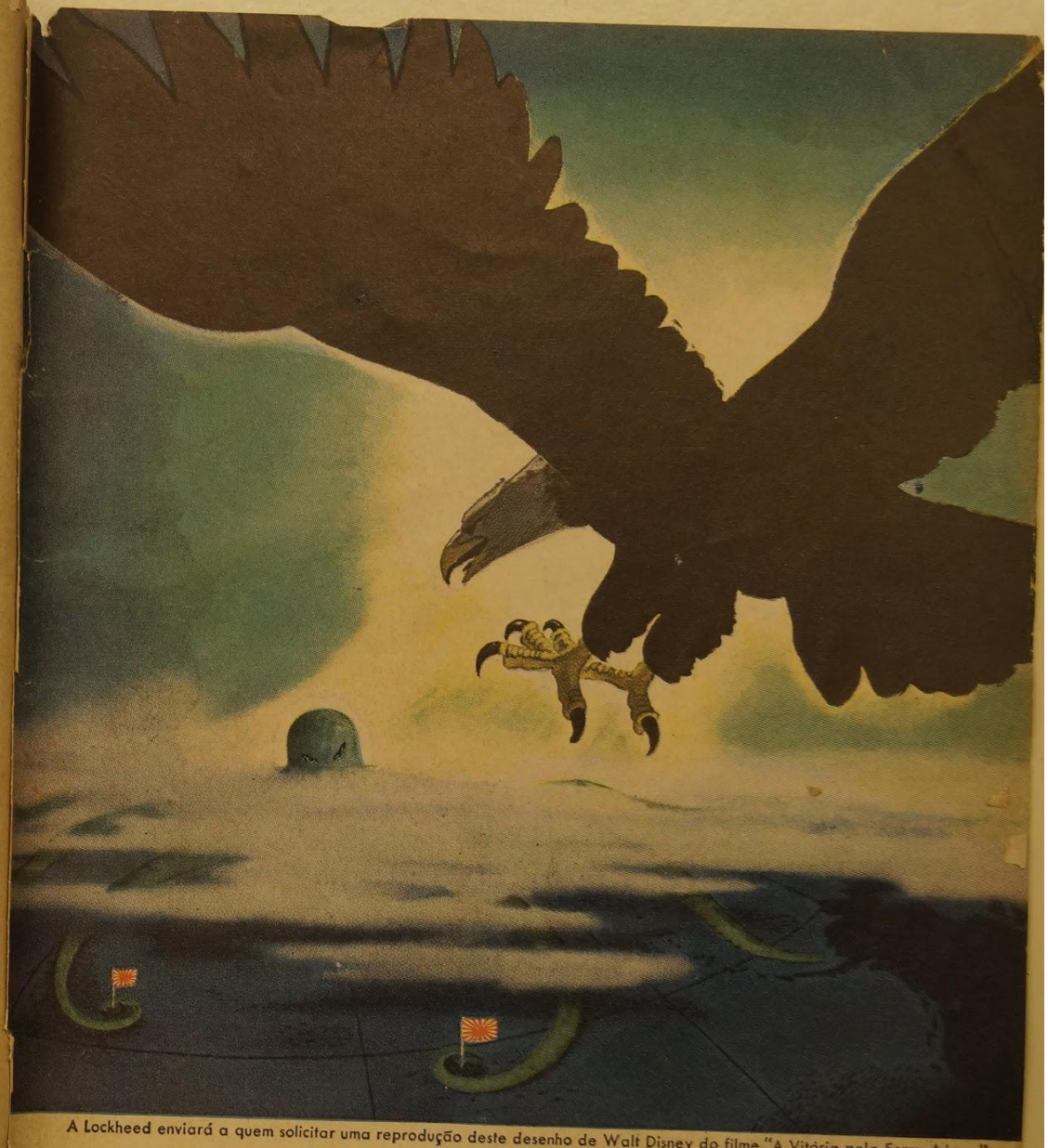
Higgins

INDUSTRIES INCORPORATED

NOVA ORLEANS

O fulcro das Américas

OS MAIORES FABRICANTES DE LANCHAS DO MUNDO



A Lockheed enviará a quem solicitar uma reprodução deste desenho de Walt Disney do filme "A Vitória pela Força Aérea."

A Vitória pela Força Aérea
A Paz pela Força Aérea

COM *Lockheed* SEMPRE NA VANGUARDA

Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E. U. A.

O mimo ideal

. . para tôdas as ocasiões

"Dê Eversharp e Dará o Mais Fino." Adquira o Jôgo de Apresentação Eversharp—de ouro de 14 quilates artísticamente cinzelado sôbre base de prata que vem até ao meio da caneta e da lapiseira, para harmonizar lindamente com os elegantes matizes de plásticos modernos.

"Alimentação Mágica" evita derrames de tinta—num avião a grandes altitudes ou ao nível do mar. Oprima com o polegar o "Botão Mágico" da Lapiseira de Repetição Eversharp, e um bico novo é alimentado com a rapidez de uma metralhadora.

O Serviço de Consérto em todas as Canetas e Lapiseiras de Repetição Eversharp, identificadas pela marca dupla ⚞⚟ no gancho, é garantido—não por Anos—não por Vida—mas GARANTIDO PARA SEMPRE.

EVERSHARP INC., CHICAGO, E. U. A.

Dê

EVERSHARP ... e dará o mais fino